Nei Lopes

Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana

Selo Negro Edições

Nei Lopes

Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana

Selo Negro Edições

Nei Lopes

Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana

“A África não deixa em paz o negro, de qualquer país que seja, qualquer que seja o lugar de onde venha e para onde vá.”

(Jacques-Stephen Aléxis – Haiti)

“Os únicos homens realmente grandes entre os ‘não livres’ e os oprimidos são aqueles que lutam para destruir a opressão.”

(Walter Rodney – Guiana)

Aos meus netos, Neinho e Larissa (Ibêji oró!), que chegaram, em dose dupla, no limiar do novo milênio, ofereço a lição da saga de nossos ancestrais africanos.

Agradecimentos

A Regina Domingues, Kelly Adriano de Oliveira e Flávia Castro, mulheres da Diáspora, cujos incentivo, colaboração e amizade foram a velocidade inicial deste trabalho.
Ao Neizinho e ao Augusto Duarte, pela informática preliminar.
A Sonia, pelo companheirismo.
A Zeca Ligiero e Daniel Dawson, pelo fundamental *African America*.
Aos demais amigos que, desinteressadamente, trouxeram achegas para esta obra.

Nota à presente edição

A presente edição não só corrige como atualiza e aprofunda alguns dados das edições anteriores desta obra, trazendo, também, novos verbetes. E as correções, além das meramente formais, foram motivadas pela reformulação de alguns conceitos, reelaborados por aquisição de novas informações. Para tanto, foi fundamental o contato mais estreito com a obra de pensadores como Molefi K. Asante, Cheikh Anta Diop e, sobretudo, Elisa Larkin Nascimento, continuadora da obra do imortal Abdias Nascimento, a quem esta edição é dedicada.

O Autor

Apresentação

Uma enciclopédia, por sua natureza, é algo vasto. Requer acúmulo, densidade e sentido de completitude. Trata-se, assim, de um tipo de obra apta ao talento de Nei Lopes. Ao produzir esta *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, o autor chamou para si uma tarefa árdua que é fundamental para o país.

Nei Lopes nos presenteia com uma obra de referência há muito reivindicada por aqueles que se dedicam de fato a aprofundar a nossa brasilidade imensamente negra. Trata-se de uma produção brasileira cujo alcance transcende o Brasil, pois cuida da farta e diversa contribuição dos negros fora da África. A enciclopédia vai ajudar de forma especial a aprofundar a ideia tão cara da identidade nacional, bem como a consolidar uma autoestima positiva para o segmento negro – cerca de 45% da população do país.

Num momento em que se implementam na educação brasileira, por determinação legal, disciplinas que versam sobre a história da África e do povo negro no Brasil, não poderia haver iniciativa mais importante do que a edição desta obra.

O mundo tem uma dívida colossal para com o continente africano. Esse passivo moral é particularmente contundente no que diz respeito às Américas. O autor, ao escapar dos cacoetes que muitas vezes amarram as obras de referência, desenvolve conceitos sociológicos e religiosos que iluminam a ignorância e o preconceito que ainda incidem sobre a negritude.

Escrever um livro é também um ato de doação. Nei Lopes, com prazer, se empenha de forma generosa para nos proporcionar uma importante fonte de luz ancestral – seu trabalho tem o aconchegante colo da mãe África como pano de fundo.

Na Diáspora Africana, negras e negros reinventam áfricas – presos em camisas de força representadas por idiomas, culturas e climas diversos –, irradiando uma singular energia pelo resto do planeta. A matriz dessa luminosidade, todavia, é um veio uno e permanente de inspiração e energia. A magia dessa intensa produção humana é magistralmente decifrada por Nei Lopes ao longo da *Enciclopédia*.

A um simples ativista da luta do negro no Brasil, cabe agradecer pelo privilégio de poder opinar sobre este trabalho pioneiro. Cabe-me também louvar – sim – a paciência e a dedicação de um autor em produzir uma enciclopédia que pode inspirar o Brasil, tão machucado socialmente, a se tornar melhor.

Helio Santos
(Ativista do movimento negro brasileiro, professor
e autor de *A busca de um caminho para o Brasil –
a trilha do círculo vicioso*, Editora Senac, 2001.)

Prefácio

Nos idos de 1909, encontraram-se dois importantes nomes do mundo africano em torno de um projeto grandioso. O sociólogo e pan-africanista William E. Burghardt Du Bois propunha a seu colega Edward Wilmot Blyden, radicado em Serra Leoa, construir uma obra de referência séria e abrangente sobre a história, experiência e situação de vida do negro em todo o planeta. O empreendimento teve um início promissor, mas os apoios prometidos não se concretizaram. Na década de 1930, Du Bois retomou a ideia e mais uma vez se viu frustrado. Somente com o processo anticolonialista africano e a ascensão de um intelectual pan-africanista à chefia de Estado do primeiro país independente da África tornou-se possível prosseguir a realização dessa obra. Du Bois foi morar em Gana, onde morreu em 1963, aos 95 anos, em plena fase de pesquisa e compilação de sua *Enciclopédia Africana*, patrocinada pelo governo do grande estadista Kwame Nkrumah.

Mesmo que Du Bois tivesse conseguido terminar e ver publicada a sua *Enciclopédia*, a época e o contexto histórico se encarregariam de determinar-lhe algumas características. Naquele tempo, o pan-africanismo se articulava em torno do que se concebia como o triângulo clássico da rota escravista, composto de três pontos: primeiro, a África; segundo, os Estados Unidos e o Caribe de fala inglesa e francesa; terceiro, a Europa. Essa imagem se traçava com referência aos principais poderes colonialistas, a Inglaterra e a França, e praticamente excluía a América Central e do Sul e o Caribe de fala

espanhola. Sobre essa região prevalecia o senso comum de que a experiência do negro seria qualitativamente distinta à do restante da América, em particular à dos Estados Unidos. A miscigenação e a influência benigna da Igreja Católica teriam sido fatores de abrandamento do sistema escravista; os negros não teriam sofrido tantos horrores e teriam se beneficiado com o processo de mistura racial, frequentemente retratado como tendo ocorrido na forma de casamentos mistos.

A inteligência de Du Bois e a sua experiência do racismo não o deixariam cair na armadilha de reproduzir o discurso eufórico da "democracia racial". Mas a falta de informações disponíveis sobre o assunto tornava impossível uma análise mais precisa, fato que emerge na leitura das pouquíssimas referências à região que povoam sua vastíssima obra. Insistia ele, nessas parcas ocasiões, que a importância demográfica da enorme população de negros habitantes da América do Sul a tornava uma parte integrante do mundo africano. Entretanto, o peso esmagador do discurso da "cordialidade latina" e a ausência de um sistema formal e jurídico de segregação racial chegaram a exercer considerável influência sobre intelectuais africanos e afrodescendentes, levando muitos deles a admitir a possibilidade de um sistema colonial escravista e uma sociedade moderna menos racistas e mais amenos para o negro na América Latina. Muitos outros, talvez a maioria, simplesmente ignoravam essa enorme massa populacional negra.

Somente em 1973, com a participação de Abdias do Nascimento na Conferência Preparatória do 6º Congresso Pan-Africano, realizada na Jamaica, a comunidade pan-africana ouviria um afrodescendente sul-americano relatar de viva voz a sua própria experiência do racismo. A denúncia do racismo no Brasil ecoou forte naquele certame, como também em outros eventos posteriores. A partir desse momento, a atenção dos africanos da Diáspora e do continente começou, lentamente, a voltar-se para a América Central e do Sul. Ao mesmo tempo ampliou-se ao longo dessas décadas a organização coletiva dos afrodescendentes da região, articulando suas análises do racismo, suas estratégias de luta e suas reivindicações políticas, e assim assistimos ao processo de mobilização para a Conferência Regional das Américas, em Santiago do Chile, em 2000, e à 3ª

Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, África do Sul, em 2001.

Nada mais saudável e conveniente, portanto, que a compilação de uma *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, que vem complementar o parco elenco de obras de referência já existentes, em inglês e de difícil acesso ao público brasileiro. O mais destacado exemplo é o volume *Africana: The encyclopedia of the African and African American experience*, organizado por Henry Louis Gates Jr. e Kwame Anthony Appiah e publicado nos Estados Unidos em 1999. Sobre ele, o autor do presente volume observa que, "com uma equipe de centenas de colaboradores da área acadêmica, responsável pela elaboração de longos e bem fundamentados artigos distribuídos por mais de 2 mil páginas, trata-se da maior obra já publicada sobre a África, suas civilizações e seu impacto na cultura mundial".

Concebida como uma coleção de verbetes curtos e resumidos, esta enciclopédia brasileira dá um panorama mais geral da Diáspora Negra, notadamente no que se refere ao Brasil e principalmente com base numa perspectiva construída na própria experiência de vida do autor como afrodescendente, músico, religioso praticante do candomblé e militante do movimento social antirracista no país. A óptica desenvolvida dedica bastante ênfase às biografias de anônimos que fizeram ou fazem coisas importantes, como revolucionários, líderes religiosos, educadores e assim por diante. No que diz respeito à religião de origem africana, aspecto importantíssimo, o autor procura fechar um círculo de informações apoiado no tripé Brasil-Cuba-África.

É de esperar que outras obras semelhantes, no futuro, possam trazer a ênfase nicaraguense, peruana, boliviana ou uruguaia, e assim por diante, revelando os diferentes elencos de fatos, informações e tradições reunidos nas conjunturas locais das nações que compõem a região. Cada uma terá sua vital contribuição a fazer, seguindo o exemplo brasileiro, no intuito de enriquecer com novas ópticas e percepções as fontes de informações já existentes sobre a experiência africana nas Américas.

Esta *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* é o resultado de longos anos de minuciosa pesquisa sustentada pela paixão e pelo engajamento de um só autor e concretizada numa ação independente dos vínculos

acadêmicos e dos financiamentos institucionais. O critério rigorosíssimo de pesquisa e erudição, bem como a solidez e a seriedade do compromisso com o registro fiel e exato das informações coletadas, evidencia a grandeza do empreendimento.

Estamos diante de um trabalho inédito e pioneiro, não apenas pelo conteúdo reunido como também pela metodologia empregada. Nada mais apropriado que o engajamento nesse trabalho de um pesquisador como Nei Lopes, cujas realizações criativas e de pesquisa vêm enriquecendo o panorama da cultura nacional com sua singular capacidade de elaborar e interpretar a dimensão mais densa e profunda da africanidade no país. Para além daquela cultura lúdica e frequentemente estereotipada associada ao negro brasileiro – restrita, de forma geral, às tradicionais áreas do folclore, da música, da dança e da culinária –, temos aqui um compêndio de informações complexas, aprofundadas e não divorciadas de seu contexto mais amplo, a matriz cultural do mundo africano.

Como observa Nei em sua “Nota do autor”, trata-se de um conjunto de informações mantidas invisíveis pelas estruturas de dominação que regem a sociedade brasileira e promovem as desigualdades raciais comprovadas por órgãos oficiais de pesquisa. Somente nos últimos meses essas desigualdades vêm sendo alvo da articulação de políticas públicas voltadas à sua diminuição. Parte integral e indispensável desse processo é tornar visível a herança africana da sociedade brasileira, em prol da autoestima não apenas dos afrodescendentes, mas de toda a população, que ganha um referencial digno e dinâmico dos fundamentos de sua cultura e civilização.

Mas esta obra tem um alcance maior. Tendo em vista a evolução recente do panorama pan-africano, não deixa de ser sinal dos tempos que, passado quase um século, testemunhemos o ressurgimento, a partir do Brasil, do projeto pan-africano de Blyden e Du Bois. O trabalho de Nei Lopes se ergue como fiel expressão do espírito intelectual, do sentido político e do impulso inovador que infundiam o sonho da *Enciclopédia Africana*. Oxalá permita que esse Ogum afro-brasileiro desfrute de uma vida longa e produtiva, para que possa nos brindar com outros frutos desse seu imponderável dinamismo intelectual e poder criativo.

Elisa Larkin Nascimento
(Mestre em Direito e Ciências Sociais,
doutora em Psicologia, autora de *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*, Selo Negro, 2003.)

Nota do autor

Chegado o século XXI, mais de 116 anos após a abolição legal da escravatura, a questão do Negro permanece, no Brasil, praticamente inalterada, tendo, em alguns aspectos, até retrocedido em relação ao início do século XX. Por culpa de um processo abolicionista que não adotou medidas posteriores que assegurassem aos ex-escravos e seus descendentes, como um todo, o direito pleno à cidadania, a sociedade brasileira engendrou o seu maior problema.

Chegado o novo século, a fraca autoestima da massa afrodescendente, que constitui cerca de metade da população brasileira, é uma triste realidade. E essa circunstância é agravada pela completa alienação dessa massa em relação à sua verdade histórica, à de seus ancestrais africanos e à de seus irmãos nas Américas e no mundo.

A produção escrita que, até o presente, se ocupou do assunto, primeiro, viu o indivíduo negro como objeto de ciência e, principalmente, da criminologia e da psiquiatria forense, ramos da medicina legal. Depois, o tratou como estatística, num grande esforço acadêmico que, salvo honrosas exceções, nenhum benefício somou à busca da solução do problema, só trazendo láureas aos cientistas, raramente negros ou mestiços, que estudaram a questão e a materializaram em suas massudas teses universitárias.

Essa realidade já tinha, inclusive, no Brasil e nas Américas, moldado o desenvolvimento de uma figura curiosa que é a do especialista na chamada

“cultura popular”. Filho de família abastada, de origem patriarcal, ele teve uma babá negra, assim como foram negros, também, outros serviçais de sua casa. Inteligente e curioso, ele assimilou histórias narradas pela babá e apreciou, com admiração e inveja, as malandragens dos seus domésticos. Por intermédio destes, e escondido dos pais, foi ao candomblé ou à *santería* e aprendeu alguns golpes de capoeira ou do *juego de mani*, ensaiou alguns passos de samba ou de rumba, provou e aprovou a cachaça, rum, acarajé, *mazamorra*, caruru, *nyonyó*, aprendeu a usar ervas para abortar etc. Na universidade, valeu-se desses conhecimentos para fascinar os colegas com seu saber mundano. E aprofundou esse saber com pesquisas livrescas e de campo, não raro levando os colegas para conhecer seus amigos negros, no morro, nos solares, nos bairros afastados da periferia. Formado, doutorou-se em “Cultura Popular”, pós-graduou-se na França e virou folclorista respeitado, publicou livros, deu conferências, inclusive no estrangeiro, tornou-se alto funcionário do governo. Vez por outra ainda vai visitar os “seus” pretos, no morro, nos bairros da periferia. Mas essas visitas estão escasseando cada vez mais, porque a vida dele é uma roda-viva de livros para escrever, conferências, viagens, missões diplomáticas. Sempre em nome da “Cultura Popular”.

Felizmente, entretanto, o novo século já vê a antítese dessa figura. Trata-se do intelectual negro militante, que, tendo também tido acesso aos bancos acadêmicos, combate o racismo com números, fundamentando sua luta em pesquisas quantitativas sobre a desigualdade de fundo etnorracial. Por meio desse novo perfil, os negros começam a falar em seu próprio nome, dispensando intermediários, sejam eles os “especialistas” como os do perfil antes visto, sejam os sociólogos e antropólogos do poder hegemônico.

Esta obra, então, nasceu da vivência pessoal de um afrodescendente, a partir da constatação da carência, no Brasil, de uma obra de cunho enciclopédico na qual se enfatize a origem africana de grandes personalidades, como ocorre, mas com personalidades de ascendência judaica, tais como Benjamin Disraeli, Henry Kissinger, Jay Lerner ou George Gershwin, na *Enciclopédia Larousse*, por exemplo. Nas publicações disponíveis o Negro parece só despertar interesse etnográfico, nelas raramente figurando heróis, sábios, grandes homens realçados em sua

circunstância étnica. Para essas publicações, em geral, o vocábulo "negro" define, no Brasil, mais uma categoria social, já que os "grandes homens", quando afrodescendentes, são apenas "nascidos em lar humilde" e quase nunca efetivamente "negros".

Essa contumaz invisibilização da afrodescendência no seio da sociedade brasileira tem a seu favor, também, outros fatores. Observe-se que um filho de negro nem sempre é, na aparência fenotípica, um "negro", como o termo é entendido no Brasil: aqui, um pai de forte aparência negroide pode, por meio de um casamento misto e em razão de mestiçagens sucessivas ocorridas na mesma família, gerar filhos "brancos". A consequência desse fato, embora vista como meramente estatística, é também psicológica, pois minimiza a presença da descendência africana e reforça a falácia estatística que enquadra o Negro, no Brasil, como minoria.

Em outra linha de raciocínio, é possível dizer que as afinidades entre o Brasil e a África Negra vão infinitamente além daquelas esquemáticas e reducionistas "influências africanas" reproduzidas pelos livros didáticos. Condições ecológicas, históricas, sociais e antropológicas semelhantes são fatores que aproximam essas duas grandes porções da superfície terrestre que, um dia, há milhões e milhões de anos, a natureza caprichosamente separou.

Ironicamente, entretanto, foi o aviltante comércio humano que começou a tornar próximos esses pedaços apartados. Com a importação ininterrupta de milhões de trabalhadores africanos num período de quase quatro séculos, o Brasil moldou o seu *ethos*. E, mais ironicamente ainda, foi a colonização portuguesa – brutal como toda e qualquer colonização – que deu ao Brasil a unidade linguística que hoje apresenta e o religa, ainda uma vez, a uma enorme comunidade de africanos.

A africanidade brasileira, por outro lado, insere o país em outra enorme comunidade, que é a dos povos afro-americanos, dos Estados Unidos à Bacia do Prata, passando pelas ilhas do Caribe. Aparência física e traços culturais absolutamente semelhantes – desde o gosto pelas cores (pelos ritmos quentes e pelos temperos não menos) até as especificidades que põem no mesmo barco todo esse complexo, alvo maior de uma globalização

colonizante – fazem que africanos, lá e cá, constituam uma macrocomunidade à qual convém se integrar e autopreservar.

Obra de referência no sentido estrito e tentativa de abarcar o maior número possível de realizações e realizadores da Diáspora Africana em todo o mundo, mediante uma visão brasileira, esta *Enciclopédia* toma para si, então, uma parte da tarefa: tornando visíveis (ou apenas registrando, para pesquisas mais aprofundadas) acontecimentos, pessoas, sítios históricos etc., ela busca criar referenciais aos quais o leitor negro recorra para localizar-se e estruturar-se, construindo, assim, a tão procurada e quase nunca atingida autoestima. Desse modo, ela focaliza, também, figuras e eventos que não são necessariamente da Diáspora, mas podem ser vistos como referenciais históricos e de vida.

Mas saiba-se que este não é apenas um livro de bons exemplos: nele, ao lado dos mestres e benfeitores, estão relacionados o africano traficante de escravos, o bandoleiro do sertão nordestino, o bufão da corte, o bandido urbano, o cantor que sucumbiu às drogas, o nobre escravagista, o político que negou suas origens – todos mosaicos de um grande painel.

Entretanto, como está dito no corpo desta obra, a classificação étnica das pessoas no Brasil dá margem a desencontros e divergências. O poder público, por intermédio do IBGE, usa as categorias "branco", "preto", "pardo" e "amarelo"; os movimentos negros usam as categorias "branco" e "negro"; e o senso comum usa um leque de expressões que vai do "branco" ao "preto", as quais, contabilizadas no Censo de 1980, somaram 137 termos. Essas divergências, de certa forma, reproduzem os critérios "raciais" de há muito vigentes no Brasil. E por força delas os adeptos da "teoria do branqueamento" tendem a minimizar a participação do negro na composição da população brasileira, enquanto a militância negra valoriza o lado africano dos mestiços, pleiteando o reconhecimento dos descendentes de africanos, em todos os graus, como a maioria da população brasileira.

Assim, para esta *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, que tem como principal objetivo tornar visível a participação da matriz africana na formação da sociedade brasileira e na civilização universal, Negro é, no contexto da Diáspora – embora utilizemos, ocasionalmente, em favor do melhor entendimento, as denominações "preto", "mulato", "afromestiço"

etc. –, todo descendente de negro-africanos, com qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada historicamente e, no caso de personalidades vivas, desde que seja reconhecida pelo focalizado.

Este é, então, um registro da presença africana no mundo, desde sempre. Em todos os seus matizes.

Nei Lopes – 1995-2004

"Essa brutalidade [o tráfico de escravos] foi uma forma de universalização, uma vez que o comércio escravo criou uma presença africana permanente em locais como os Estados Unidos, Brasil, ilhas do Caribe, Península Árabe e, mais recentemente, na Europa. Por causa do comércio escravo, tem havido uma africanização parcial do mundo ocidental, em especial nas Américas. Os filhos e filhas exportados da África têm sido, em parte, um elo de transmissão da cultura e dos mitos africanos, da música e da dança africana. Jazz, reggae, rumba, calipso e mesmo o rock-'n'-roll são ritmos provenientes, em parte, da experiência africana, transmitida à cultura mundial pela Diáspora Africana."

(Ali A. Mazrui, 1986)

"Aliás, parece-me que já é tempo de sairmos desse excesso de sabedoria limitado às carreiras intelectuais e às especializações que colocam o indivíduo dentro de pequeno território, inacessível aos demais. O que se torna necessário é cogitar mais do homem comum, esse que constitui a grande massa da população do globo e que precisa dar-se conta das realidades que o cercam, do papel que ele próprio representa dentro do grande panorama."

(A. da Silva Melo, 1958)

Sumário

W
X
Y
Z

A

AARON, Hank. Nome pelo qual se tornou conhecido Henry Louis Aaron, jogador americano de beisebol nascido em Mobile, Alabama, em 1934. Em 1966 foi alvo de ameaças de morte por parte de torcedores racistas que não admitiam vê-lo tentando bater o recorde do branco Babe Ruth, o que, afinal, conseguiu em 1974, tornando-se o maior batedor de *home runs* (jogadas que garantem o ponto máximo) da história do beisebol.

ABÁ. Para os antigos nagôs da Bahia, esperança de paz espiritual e dias melhores. Do iorubá *àbá*, "esperança".

ABÁ KOSO. Em Trinidad, divindade masculina relacionada a Xangô. Em iorubá, a expressão correlata é parte de um oriqui* desse orixá.

ABABÁ. Alguidar. Provavelmente, do iorubá *agbada* (talvez com erro de grafia), vasilha de barro sem tampa, usada para cozinhar alimentos e para outras finalidades.

ABACA (séculos XIX-XX). Nome ou alcunha de um alufá pertencente à comunidade baiana do Rio de Janeiro no princípio do século XX. Parece ser

corruptela de *Abubakar*.

ABAÇÁ. Local dos terreiros de umbanda onde se realizam as festas públicas; o próprio terreiro. Do fon *agbasa*, "sala", "salão". No Reino de Abomé, *fagbasa* era o salão onde se consultava o oráculo Fa.

ABACAXI. *Ver PIÑA BLANCA.*

ABADÁ [1]. Tambor usado no babaçuê*. Provável corruptela de batá*.

ABADÁ [2]. Espécie de túnica masculina de mangas largas, compridas ou chegando até o antebraço, e com cortes laterais até a altura da cintura, outrora usada no Brasil sobretudo pelos negros malês. Modernamente, o vocábulo dá nome aos uniformes dos foliões que integram os blocos de trios elétricos do carnaval de Salvador e outras cidades, e são vendidos principalmente a turistas. Do iorubá *agbádá*.

ABADINÃ. Qualidade de Omolu cultuada em terreiros pernambucanos, sincretizada com são Sebastião e dita Omolum Abadinã.

ABADÔ. Prato da cozinha ritual dos orixás preparado com milho vermelho torrado e às vezes esfarelado. Em Pernambuco, o abadô de Iemanjá é feito com arroz no lugar do milho. Do iorubá *àgbàdo*, "milho". *Ver AGUARDÓ.*

ABAETÉ, Lagoa do. Ponto de atração turística em Salvador, BA, localizado próximo à praia de Itapuã. Celebrizada numa canção de Dorival Caymmi*, por suas águas escuras e misteriosas, é local de oferendas a Oxum* e Iemanjá*.

Lagoa do Abaeté, Salvador, BA

ABAGUERI. Festa de Xangô em terreiros do Nordeste brasileiro. *Ver BEGUIRI.*

ABAIMAHANI. Canto para apaziguar os espíritos, entoado pelas mulheres *garífunas** de Honduras, Guatemala e Belize.

ABAIUHANI. Cerimônia das crianças no culto aos ancestrais dos *garífunas** de Honduras.

ABAKUÁ. Em Cuba, sociedade secreta masculina, pertencente ao complexo cultural *carabalí**. Financiada por contribuições de seus integrantes, é dotada de complexa hierarquia de dignitários e assistentes,

com cerimônia de iniciação, renovação, purificação e morte; linguagem (falada e escrita) esotérica e hermética; e rituais de invocação de seres sobrenaturais. Ao membro da sociedade *abakuá* se chama, em Cuba, *ñáñigo*; ao tambor que simboliza o segredo da sociedade, *ekwé* ou *ecué*. *Abakuá* (ou *abakwa*) é também um gentílico que designa pessoas originárias da costa do Calabar*, situada ao sul da Nigéria. **Música abakuá:** A sociedade *abakuá*, além de se estruturar como entidade de socorro mútuo, apresenta uma faceta lúdico-religiosa em que a música representa importante papel. Suas danças são executadas nos ritos e festas do *ñáñigos*, principalmente pelo ireme* ou *diablito*, ao som dos *enkómo* (tambores), *bonkóenchemiyá*, *biankomé*, *obí-apá* e *kuchi-yeremá*; de sineta (*ekón*); bastões (*itón*); chocalhos (*erikundi*) etc. As manifestações festivas (*plantes*) se realizam na sede do grupo ou nas procissões em que o ireme dança ao som do coro dos demais participantes.

ABALÁ [1]. Na tradição iorubana do Brasil, parte do traje dos eguns, grandes ancestrais, e também de Xangô*. Consiste em tiras de pano, que caem da cintura, formando uma espécie de saiote, nas cores do ancestral ou orixá. Do iorubá *abala aso*, “peça de roupa”. *Ver EGUNGUM*.

ABALÁ [2]. Tipo de abará* recheado com um camarão seco inteiro.

ABALÔ. Uma das formas ou qualidades de Oxum. Do iorubá *Osun Abalu*, a Oxum mais velha.

ABALUAIÊ. Variante de Obaluaiê*.

ABALUCHÊ. Em Pernambuco, orixá associado a são Sebastião.

ABANDONO DE ESCRAVOS. *Ver ESCRAVOS IMPRESTÁVEIS*.

ABANTO. Em alguns terreiros do Maranhão, um dos nomes do inquice Tempo.

ABAÔ. Na umbanda, médium em fase de desenvolvimento. Provavelmente, do iorubá *agbawó*, “camareiro”, “serviçal”.

ABARÁ. Bolinho salgado da culinária afro-baiana, preparado com massa obtida de feijão-fradinho ralado, temperos e camarões secos. É cozinhado no vapor, embrulhado em folha de bananeira e servido frio, na própria folha. Do iorubá *àbalá*, “bolo de arroz”.

ABARÉM. O mesmo que aberém*.

ABATÁ. Tambor com cavalete usado nos rituais da mina* maranhense. *Ver BATÁ.*

ABAYA. Denominação cubana de povo africano natural da região do Calabar*.

ABAYOMI. Tipo de boneca preta, de pano, sem cola ou costura, com turbante vistoso e roupas coloridas, criado no Rio de Janeiro, em 1988, pela artesã maranhense Lena Martins (1951-). O nome da criação, de inspiração iorubana, estendeu-se ao da criadora, mais conhecida como Lena Abayomi.

ABBOT, Diane. Parlamentar inglesa nascida em Londres, em 1953, filha de pais jamaicanos. Graduada pela Universidade de Cambridge, tornou-se em 1987 a primeira mulher negra a ser eleita como membro do Parlamento britânico, onde se destacou na defesa antirracista dos imigrantes pobres e das minorias étnicas.

ABC ISLANDS. Expressão comumente usada para designar o conjunto formado pelas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçau, antigas colônias holandesas próximas à costa da Venezuela.

ABDALAH-EL-KRATIF. *Ver FIGUEIREDO, Antônio Pedro de.*

ABDIAS, Mestre (1910-90). Nome artístico de Abdias do Sacramento Nobre, artesão brasileiro nascido em Salvador, BA, onde também faleceu. Nos anos de 1980 era, no Brasil, o último representante de uma linhagem de tecelões de pano da costa* ou alaká, adereço do traje típico das mulheres afro-baianas desde o século XVIII. Alguns de seus trabalhos encontram-se expostos no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

ABDUL-JABAR, Kareem. Nome islâmico adotado por Ferdinand Lewis Alcindor, jogador de basquetebol americano nascido em Nova York, NY, em 1947. Atuando profissionalmente entre 1969 e 1989, quando encerrou a carreira, foi um dos mais precisos arremessadores da história da National Basketball Association (NBA) e o maior jogador de basquete de seu tempo.

ABÉ. Vodum feminino da família de Quevioçô*, na Casa das Minas, no Maranhão. Do fongbé *Agbe*.

ABEBÉ. Do iorubá, leque metálico de Oxum (em latão) e Iemanjá (metal prateado).

ABEDÉ, Cipriano (1832-1933). Nome pelo qual foi conhecido Cipriano Manuel, babalorixá e babalaô radicado no Rio de Janeiro, no princípio do

século XX. Em 1913 organizou, na Pequena África*, o Terreiro de Culto Africano (conforme José Beniste, 2001). Essa casa, primeiro na rua do Propósito e depois na rua João Caetano, 69, próximo à Central do Brasil, recebia, segundo o cronista Vagalume*, membros da classe dominante, como o senador Irineu Machado e o filho do presidente Washington Luís. As atividades não eram objeto de repressão, supostamente por ser sua comunidade religiosa organizada e registrada como uma sociedade civil. O nome Abedé (redução de Alabedé*) designa uma das manifestações ou qualidades do orixá Ogum.

ABEILARD, Joseph (século XIX). Arquiteto americano responsável, em 1870, pelo projeto do French Market's Bazaar, notável obra de arte arquitetônica em Nova Orleans, Louisiana.

ABEILEBOJÁ (século XX). Nome iniciático do babalaô recifense Tio Lino, citado pelos antropólogos Roger Bastide e Pierre Verger.

ABEJU. Vodum masculino, jovem, do panteão da Casa das Minas, no Maranhão.

ABELHA. Denominação genérica de várias espécies de insetos himenópteros, em geral produtores de mel. Segundo a tradição dos orixás, a abelha é mensageira de Oxóssi e o mel que produz é nutriente nobre, alimento de orixás, ancestrais e reis.

ABENG. Espécie de berrante de chifre de vaca, soprado pelos *maroons* jamaicanos.

ABEOKUTÁ. Cidade do Sudoeste da Nigéria, à margem do rio Ogun, no estado de Ogun e na fronteira com o Benin, 77 quilômetros ao norte de Lagos. Principal núcleo do povo egbá e centro irradiador do culto a Yemoja (Iemanjá).

ABERDEEN, Bill. *Ver BILL ABERDEEN.*

ABERÉM. Bolinho adocicado da culinária afro-baiana feito tradicionalmente com milho branco ou vermelho pilado e moído, envolto em folha de bananeira e cozinhado no vapor.

ABERNATHY, Ralph David (1926-90). Líder religioso e político americano nascido em Linden, Alabama, e falecido em Atlanta, Geórgia. Formado pela atual Universidade do Estado do Alabama e pós-graduado pela Universidade de Atlanta, foi, desde meados da década de 1950, o

colaborador mais próximo de Martin Luther King, a quem sucedeu na presidência da Southern Christian Leadership Conference (Congresso das Lideranças Cristãs do Sul).

ABERRÊ (séculos XIX-XX). Nome de guerra de Antônio Raimundo ou Antônio Rufino dos Santos, capoeirista baiano nascido em Santo Amaro da Purificação. Foi mestre de Canjiquinha* e, segundo algumas versões, também do legendário Vicente Pastinha*.

ABEXILÉ. Alimento da culinária dos orixás afro-brasileiros à base de mostarda e bertalha cozidas e temperadas.

ABIÃ. Indivíduo em estágio de pré-iniciação no culto dos orixás. Do iorubá *abéyò*, "seguidor", "adepto".

ABICÔ. Indivíduo que não pode "raspar o santo", pois já nasce iniciado, com o orixá "feito". O significado do termo é comumente confundido com o conceito de abicu*.

ABICU. Em Cuba, espírito viajante que encarna nas crianças para que morram prematuramente, voltando depois para levar outra criança da mesma família. Por extensão, o termo é usado no Brasil para indicar a criança que possui esse espírito. Em iorubá, o vocábulo *àbikú* designa a criança que se supõe ter voltado, depois da morte, para a mãe, ao nascer de novo.

ABIÉ! Interjeição usada na Casa das Minas como pedido de perdão.

ABINA. Ancestral feminino reverenciado pelos *bush negroes** surinameses. O nome parece ter origem no antropônimo Abena, da cultura acã*.

ABISSÍNIA. Antigo nome da Etiópia.

ABÔ [1]. *Ver ABÔ DOS AXÉS.*

ABÔ [2]. No Maranhão, bengala usada por alguns voduns. O termo se origina provavelmente do fongbé, de um vocábulo relacionado com o iorubá *ààbò*, "proteção", "defesa".

ABÔ DOS AXÉS. Líquido usado em banhos de purificação e energização, resultado da maceração de folhas sagradas em água das quartinhas dos orixás e ao qual se adiciona um pouco de sangue de animais sacrificados. Diz-se também "abô", principalmente na expressão "banho de abô". Do iorubá *àgbo*.

ABOBÔ. Iguaria da culinária ritual afro-maranhense preparada com feijão-fradinho, dendê, quiabo e pimenta.
ABÓBORA. *Ver CALABAZA.*
ABOBORAL. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Juquiá, SP.
ABOLICIONISMO. Movimento político do fim do século XVIII, surgido com o propósito de abolir a escravatura nas Américas, como resultado das reações das próprias vítimas, expressas, desde o século XVI, em fugas, revoltas, aquilombamentos etc. Quase sempre as ações abolicionistas foram capitalizadas por políticos e intelectuais; contudo, sem a base e a mobilização populares, elas certamente não teriam eficácia. No Brasil, em 1758, o padre Manuel Ribeiro da Rocha, por meio da obra *Etíope resgatado**, publicada em Lisboa, pugnava pelo fim do tráfico e pela liberdade das crianças nascidas de mãe escrava. Depois dele, vários outros escritos, inclusive projetos legislativos, propuseram formas de extinção gradativa da escravidão e sua substituição pelo trabalho livre. Entretanto, de um lado havia o interesse daqueles que não queriam prescindir da mão de obra escrava e, de outro, interesses econômicos internacionais, como o dos capitais ingleses, que, entre outras razões, desejavam a extinção da escravatura nas Américas para introduzir nesse mercado as máquinas que fabricavam. Daí, inclusive, a promulgação do Bill Aberdeen*, decreto inglês contra o tráfico negreiro, que continha, por exemplo, disposições violadoras de normas do direito internacional. No Brasil, negociados e superados os principais impasses, foram sucessivamente promulgadas as leis Eusébio de Queirós, a do Ventre Livre, a dos Sexagenários e, finalmente, a Lei Áurea, que semeou o descontentamento entre boa parte dos conservadores, precipitando a queda da monarquia. Outra crítica feita à Lei Áurea é que sua promulgação só teria ocorrido por imitação e para que a oligarquia dominante não parecesse retrógrada diante das nações europeias. **Abolição nas Américas (cronologia oficial):** 1793, Saint-Domingue (Haiti); 1794, colônias francesas (o tráfico e a escravatura são restabelecidos por Napoleão em 1802); 1822, Santo Domingo (atual República Dominicana); 1823, Chile; 1826, Bolívia; 1829, México; 1833-38, colônias britânicas; 1846-48: Ilhas Virgens dinamarquesas; 1847, Saint-Barthélemy (então colônia sueca);

1848, colônias francesas; 1851, Colômbia e Equador; 1853, Argentina atual; 1854, Venezuela; 1855, Peru; 1863, colônias holandesas; 1865, Estados Unidos; 1873, Porto Rico; 1880-86, Cuba; 1888, Brasil. **Haiti:** O primeiro país americano a abolir a escravidão, no único caso em que a abolição resultou de uma revolução social envolvendo todo o país. Com a Revolução Francesa, a burguesia branca local aderiu ao movimento metropolitano e formou uma assembleia objetivando a emancipação política. Mas em 1790 o governo colonial a dissolveu com o apoio dos mulatos livres. A estes, o que realmente interessava era a igualdade de direitos que a Assembleia Constituinte francesa declarara e não a simples independência, que só atendia aos interesses dos grandes proprietários e comerciantes. Em 1791 teve início a grande revolta dos escravos, que contou com a adesão dos quilombolas; os mulatos, por sua vez, muitos dos quais ricos e educados na França, permaneceram divididos entre a burguesia branca e os pretos, com quem não desejavam compartilhar o poder. Toussaint L'Ouverture*, entretanto, no poder e por meio de uma série de alianças, aboliu a escravidão. Para os escravos, contudo, a simples emancipação não foi satisfatória e motivou rebeliões e levantes nas plantations, logo esmagados. Em 1802, Napoleão, que resolvera restabelecer o tráfico e a escravidão, enviou ao Haiti uma expedição de reconquista. Após Toussaint L'Ouverture ser ludibriado e preso, os mulatos, liderados por Pétion, e os pretos, comandados por Dessalines e Christophe, finalmente se uniram e proclamaram, em 1804, a independência do país, reconhecida pela França somente onze anos depois. **Caribe:** Em todas as colônias francesas (à exceção do Haiti), britânicas e holandesas no Caribe, o processo abolicionista desenvolveu-se de modo semelhante, sempre mediante compensação monetária aos proprietários de escravos. Assim, nas Antilhas Britânicas e na Guiana, embora a emancipação tenha sido assinada em 1833, perdurou até 1838 o sistema de treinamento de ex-escravos (*ver APPRENTICESHIP SYSTEM*). Segundo Eugene Genovese, citado por Ciro Flamarion Cardoso (1982), esses processos abolicionistas foram facilitados pela não existência, nas colônias envolvidas, de uma burguesia local, como havia no Haiti. **Estados Unidos:** País em que a abolição foi consequência direta da Guerra Civil. O Norte vitorioso submeteu o Sul, ocupando-o e

saqueando-o; a população negra foi libertada não por força de sentimentos humanitários, mas sim para que o processo de desorganização da economia local se completasse e os ex-escravos lutassem do lado da União. **Cuba:** A abolição da escravatura em Cuba teve sua causa mais imediata na Guerra dos Dez Anos (1868-78). Antes, a população escrava cubana representava 77% da força de trabalho no país. Ao fim da guerra, após um longo e complexo processo, em que avultaram as pressões exercidas pela Grã-Bretanha e as ações violentas desencadeadas pelos próprios escravos, a porcentagem de mão de obra cativa caiu para 37%. O governo espanhol aboliu a escravidão em 1880, mas instituiu o regime de patronato, segundo o qual os ex-escravos ainda trabalhariam sem remuneração para os ex-proprietários, a título de indenização, até 1888, disposição revogada por lei de 8 de outubro de 1886. **Europa:** Portugal aboliu a escravatura em 1879 e, em 1885, na Conferência de Berlim, as potências coloniais interessadas na partilha da África decidiram "contribuir para a supressão da escravatura", sem contudo tomar medidas contra o tráfico negreiro, certamente enxergando a abolição não como ato humanitário ou construtivo, e sim como a remoção de um obstáculo (conforme Delso Renault, 1982). **Abolicionistas negros:** Em todo o processo abolicionista na Diáspora Africana, é importante ressaltar a atuação de militantes negros, muitos deles escravos, libertos ou filhos de escravos, como Richard Allen, Frederick Douglass, Martin R. Delany, Box Brown, Henry W. Bibb e Paul Cuffe, nos Estados Unidos; Luiz Gama, André Rebouças, José do Patrocínio e Ferreira de Menezes, no Brasil; ou mesmo como os africanos Ottobah Cugoano e Edward Wilmot Blyden. *Ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO.*

ABOMÉ. Cidade-estado, capital do Reino de Daomé. Foi fundada pelo povo fon* e atingiu seu apogeu entre o fim do século XVII e o início do XVIII, sob o rei Agajá. A unificação do povo com o intuito de resistir ao poderoso Estado de Oyó* e também aos caçadores de escravos vindos da costa fortaleceu o reino, que se expandiu até o litoral, barrando a influência dos traficantes europeus de escravos. O exército fon, incluindo mulheres guerreiras, era poderoso e eficiente, assim como a organização administrativa do reino.

ABOMI. Qualidade de Xangô cultuada em Pernambuco.

ABOPANGA. Antiga dança de negros em Cuba.

ABORÉ. Antigo título sacerdotal, na tradição brasileira dos orixás. Do iorubá *aborè*, sacerdote do culto de Ore, um orixá de Ifé.

ABORÓ. Designação genérica de qualquer orixá masculino, em contraposição a aiabá*. O termo provém do iorubá *aborò*, que indica cada um dos seguidores do culto ao orixá Orò, os quais formam uma confraria chamada Osùgbó, rigorosamente proibida às mulheres.

ABORÔ. Porção de alimento que o babalorixá, paternalmente, tira, com a mão, de seu próprio prato e põe na boca da iaô.

ABORTO. Ação ou efeito de abortar; abortamento; impedir o desenvolvimento. Durante a época escravista, o aborto provocado tornou-se instrumento de negação da ordem vigente por parte das mulheres escravas. Por meio da autoministração de beberagens e outros agentes abortivos, elas procuravam não só poupar à prole nascitura os dissabores de sua condição como também frustrar os proprietários do incremento do seu "rebanho" humano.

ABOTÔ. Uma das qualidades de Oxum.

ABOYEVI ZAHWENU. *Ver ANTOINE, Robert.*

ABOZAO. Gênero de dança dos negros de Chocó, Venezuela.

ABRAÃO ANÍBAL (1670-*c.* 1762). Nascido na Eritreia, era bisavô materno de Pushkin*, o "Pai da Literatura Russa". Escravo de Pedro, o Grande, foi enviado a esse czar como um presente pelo embaixador russo em Constantinopla. Estudou na escola militar de Paris, foi promovido a capitão de artilharia e destacou-se na Guerra da Espanha (1701-13), na qual foi ferido em combate. Na corte francesa, manteve um relacionamento amoroso com uma condessa, nascendo daí a genealogia de Pushkin. Orgulhoso de sua ancestralidade, Pushkin narrou a vida de Abraão Aníbal no romance inacabado *O negro de Pedro, o Grande*, publicado no Brasil em 1962 pela Difusão Europeia do Livro.

ABRAJÁS. O mesmo que barajás*.

ABRANTES, *Mara* (século XX). Atriz e vedete brasileira atuante no Rio de Janeiro na década de 1950, às vezes fazendo dupla com Grande Otelo*.

No cinema, participou das produções cariocas *A dupla do barulho* e *Malandros em quarta dimensão*, de 1953 e 1954, respectivamente.

ABRAZÔ. Bolinho feito com farinha de milho ou mandioca, azeite de dendê, pimenta e outros temperos.

ABRE-CAMINHO. Nome usado, no Brasil e em Cuba (na forma *abrecamiño*), para designar diferentes plantas ligadas ao culto dos orixás Exu* ou Eleguá* e Ogum*, considerados guerreiros desbravadores.

ABREU, Luciana [Teixeira] **de** (1847-80). Escritora brasileira nascida em Porto Alegre, RS, onde também faleceu. Filha de pais desconhecidos e criada no asilo da Santa Casa de Misericórdia, tornou-se dedicada professora e renomada conferencista. Integrante do Partenon Literário, sociedade que congregava a elite intelectual porto-alegrense da época, foi, no fim do século XIX, a primeira mulher brasileira a discursar em público em defesa dos direitos femininos. Suas conferências, reunidas em volume, permaneceram inéditas.

ABREU, Romão de (?-1798). Mestre-carpinteiro que viveu em Mariana, MG. Autor de obras artísticas das igrejas do Carmo, da Sé, de São Francisco de Assis e das Mercês, em sua cidade natal.

ABRÓTANO (*Artemisia abrotanum*). Na umbanda, planta usada em defumações propiciatórias do desenvolvimento espiritual dos médiuns.

ABUBAKAR II (século XIV). Soberano do antigo Mali, antecessor de Kanku Mussá*. Segundo historiadores árabes, teria desaparecido em uma expedição marítima próximo à foz do rio Amazonas (conforme M. Hamidullah, 1958).

ABU-JAMAL, Mumia. Nome islâmico adotado por Wesley Cook, jornalista e ativista político americano nascido na Filadélfia, em 1954. Membro fundador em 1968 do Black Panther Party* em sua cidade, foi condenado à morte pelo suposto assassinato de um policial, ocorrido em dezembro de 1981. Pelas conotações raciais de que se revestiu, o caso, sem solução até a edição desta obra, alcançou repercussão internacional.

ABUNÃ. Em alguns terreiros de umbanda e candomblé, alimento ritual, à base de feijão-fradinho (conforme Lody, 2003).

ABUNCARE (século XIX). Nome com o qual passou à história o líder de uma comunidade malê em Recife, PE. Em 1853 foi preso, acusado de formar

uma nova seita religiosa. Era liberto e alufá*; a sonoridade de seu nome remete a "Abubacar", antropônimo de origem árabe.

ABUREMI. Fórmula de tratamento usada, entre os iniciados, em algumas casas de culto brasileiras. Tem origem provável no iorubá *aborè mi*, "meu sacerdote". *Ver ABORÉ*.

ACÃ. Forma abrasileirada para akan*.

AÇABÁ. Qualidade de Iemanjá que anda mancando e está sempre fiando algodão; também conhecida como Sobá.

ACAÇÁ. Bolinho agridoce da culinária afro-baiana feito tradicionalmente com milho branco e, às vezes, vermelho. O milho, depois de moído, é posto de molho para fermentar. Em seguida, é cozinhado como angu ou mingau e embrulhado em folha de bananeira, onde é servido frio. Do fongbé *akansan*, "pasta de farinha de mandioca" (*ver ACANSAN*), relacionado ao hauçá *akaza*, espécie de creme.

ACACAB. Sigla da Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira, entidade do movimento negro* fundada em São Paulo, em 1997.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Instituição literária fundada em 1896 no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras contou, entre seus dezesseis membros fundadores, com alguns escritores de comprovada ou suposta afrodescendência, como José do Patrocínio*, Olavo Bilac*, Pedro Rabelo* e Machado de Assis*, que foi aclamado seu primeiro presidente. Entre falecidos à época da fundação e escolhidos como patronos das quarenta cadeiras de sócios efetivos, contam-se, entre os considerados de longínqua ou próxima descendência africana, Antônio Joaquim (A. J.) Pereira da Silva*, Castro Alves*, Evaristo da Veiga*, Francisco Otaviano*, Gonçalves Dias*, Franklin Dória*, Laurindo Rabelo* e Tobias Barreto*. Até meados da década de 1980, na mesma condição, integravam ou haviam integrado os quadros da Academia os seguintes escritores: Pedro Lessa*, Dom Silvério Gomes Pimenta*, Paulo Barreto (o João do Rio*), João Ribeiro*, Cassiano Ricardo* e Viriato Correia*. Em 2006 era eleito Domício Proença Filho*, intelectual autorreferido como afromestiço.

ACADEMIA DE HOMENS PARDOS. Expressão usada por Domingos Carvalho da Silva (1988) para denominar a associação literária que se reuniu em Recife, em 1745, para celebrar a beatificação de Gonçalo Garcia,

nascido em Goa e martirizado em 1597, sendo considerado, então, o primeiro santo católico “de cor parda”. A Academia reuniu-se na igreja de Nossa Senhora do Livramento, na vila de Santo Antônio do Recife, sob a presidência do padre doutor José Correia de Melo, e os versos compostos por seus membros constam de uma *Suma triunfal* organizada e impressa por iniciativa do frei Manuel da Madre de Deus. Segundo Domingos Carvalho da Silva (1988), trata-se do marco inicial do arcadismo no Brasil.

ACADÊMICOS DO SALGUEIRO. Escola de samba carioca fundada na comunidade do Salgueiro* em abril de 1953. Fruto da fusão de três antigas escolas locais, entre seus fundadores contam-se os compositores Noel Rosa de Oliveira* e Geraldo Babão*.

ACAGARUNI. Entre os *garífunas** de Honduras, rito de oferenda de alimentos no mar.

ACAIABE, João. Ator brasileiro nascido em 1944, atuante em São Paulo. Destacou-se na televisão e no cinema, participando de produções de sucesso como *Dona Flor e seus dois maridos* e *Eles não usam black tie*.

ACAIENE (século XVII). Um dos líderes dos quilombos de Palmares*, filho de Ganga Zumba*; também dito Acainene.

ACAIUBA (século XVII). Dirigente palmarino aprisionado no Quilombo de Amaro em 1677.

ACANSAN. Iguaria da culinária ritual haitiana, semelhante, em ingredientes e no preparo, ao acaçá* brasileiro.

ACANZALÊ. Na nação angola, barracão de candomblé.

AÇÃO AFIRMATIVA. Política pública voltada à promoção da mobilidade social ascendente de membros de um grupo historicamente em desvantagem ou discriminado. Em relação aos afrodescendentes, especificamente, expressa-se, por exemplo, na disponibilização de vagas em universidades, em empresas ou em órgãos públicos, bem como de bolsas de estudo, treinamentos especiais e outras formas propiciatórias de ascensão social, como compensação pelas dificuldades encontradas em um contexto social notoriamente adverso. Também chamada ação compensatória*, na Índia essa prática assegura, por meio da Constituição, vagas no Parlamento e nas casas legislativas estaduais, assim como no serviço público, para as castas

e tribos em desvantagem histórica. Nos Estados Unidos, seus princípios começaram a ser implantados em 1964. *Ver REPARAÇÕES*.

AÇÃO COMPENSATÓRIA. O mesmo que ação afirmativa*.

ACAPÔ. Cargo da hierarquia de um afoxé* fundado pela comunidade baiana no Rio de Janeiro, na primeira década do século XX. Do iorubá *akápò*, "tesoureiro".

ACARÁ. O mesmo que acarajé*. Correspondente ao afro-cubano *akará*, espécie de bolo. *Ver ACARAJÉ*.

ACARAJÉ. Espécie de pão ou bolinho da culinária afro-baiana preparado tradicionalmente com a massa obtida de feijão-fradinho ralado. É frito no azeite de dendê e servido, em geral, com recheio de vatapá* e molho à base de camarões secos. Na cozinha dos orixás, é alimento votivo de Iansã, mas seu consumo extrapolou o âmbito dos terreiros, para ganhar as ruas e provocar significativo impacto na economia baiana. Já a partir da década de 1930, a venda de acarajé nas ruas de Salvador tornou-se a base de sustento de inúmeras famílias, principalmente por intermédio das "baianas de tabuleiro", mulheres que celebrizaram o traje de "baiana*" – daí ter o governo brasileiro, em agosto de 2005, tombado o ofício de "baiana do acarajé" como bem imaterial do patrimônio histórico e artístico nacional. O nome "acarajé" provém do iorubá, provavelmente da aglutinação dos vocábulos *àkarà*, "pão", e *onje*, "alimento". Castro (2001) consigna um *àkarà je*, que diz ser corrente entre os ijexás, e também o ewe-fon *àklàje*.

ACARAPE. Município da província do Ceará em cujo solo, e no de mais dezesseis municípios, ocorreu, em 1º de janeiro de 1883, a primeira libertação coletiva de escravos no Brasil.

ACCOMPONG, Capitão (século XVIII). Líder *maroon* da Jamaica, lugar-tenente de Cudjoe*. O antigo reduto fortificado desse líder compõe hoje a aldeia Accompong Town, próxima a Cudjoe Town. Seu nome parece relacionado ao de Nyan Kompon*, divindade suprema entre o povo twi. *Ver JAMAICA*.

ACEA, Isidro (?-1912). Revolucionário cubano, herói da Guerra da Independência, auxiliar dos generais Maximo Gomez e António Maceo*. Morreu assassinado em Güira de Melena.

ACENDEDORES DE LAMPIÕES. Em 1808, o serviço de iluminação pública das ruas da cidade do Rio de Janeiro tornou-se responsabilidade da Intendência Geral de Polícia, passando, dois anos depois, a um concessionário, até o advento da iluminação a gás, em 1854. Escravos fiscalizados por capatazes executavam o trabalho, sendo obrigados a dormir ao relento, com o corpo encharcado de óleo de baleia, que era o combustível utilizado na iluminação (A. Rocha, 2006).

ACHERÉ. Cabaça musical pintada nas cores do orixá a que pertence, empregada nas cerimônias da *santería* cubana. *Ver XERÉ*.

ACIBÓ. O mesmo que aquirijebó*. Do iorubá *asígbó*, "aquele que vai e vem de um lugar para outro", por exemplo, o caçador, o pescador etc.

ACIQUI. Breve, patuá, talismã. Do iorubá *àsiki*, "prosperidade".

ACKEE. O mesmo que akee*.

AÇOBÁ. Nos terreiros tradicionais da Bahia, sacerdote que prepara as cabaças rituais.

ACOÇAPATÁ. Vodum masculino do panteão da Casa das Minas. *Ver SAKPATA*.

ACOCI. Vodum masculino, velho, chefe da família de Dambirá. Cientista e curador, é aleijado e recebe oferendas ao pé de um pinhão-branco existente no quintal da Casa das Minas. Também conhecido como Acossi, Acossi Sapatá, Acoçapatá*, Odam*.

ACOICINACABA. Vodum masculino do panteão da Casa das Minas.

AÇOITA-CAVALO. Denominação brasileira de duas árvores da família das tiliáceas. Uma delas (*Luehea grandiflora*), também conhecida como mutamba-preta, é alta, com grandes folhas ovaladas, flores brancas ou rajadas e frutos arredondados, sendo, na tradição dos orixás, planta votiva de Ogum.

ACOIVODUM. O conjunto dos voduns da Casa das Minas.

ACONCONE. Na Casa das Minas, folhas de cajazeira, que são utilizadas em rituais. Ainda, é o nome de um vodum a quem essas folhas são consagradas. Também, Agongone e Agongono*.

AÇONVODUNQUE. Um dos nomes do vodum Zomadônu* ou Zomadone.

ACOSTA, Leonardo. Músico e escritor cubano nascido em Havana, em 1933. Saxofonista, integrou diversos grupos de música popular em seu país, entre os quais a Banda Gigante, do legendário Benny Moré*. Incursionou por diversos campos literários, da musicologia ao conto; é autor de *Paisajes del hombre*, *Música y descolonización*, *El barroco de Índias y otros ensayos*, *Novela policial y medios masivos*, *El sueño del samurai*, entre outras obras.

ACOTIRENE (século XVII). Líder do quilombo de mesmo nome, situado em Palmares*, a trinta quilômetros do reduto de Zumbi.

ACOTUNDÁ. Ritual de origem africana registrado no arraial de Paracatu, na região de Minas Gerais, em meados do século XVIII, e tido como praticado em "língua de Courá", provavelmente da nação courana*.

ACOVILÉ. Tratamento usado entre os voduns no Maranhão, significando algo como "companheiro", "colega".

ACRA. Prato da culinária de Trinidad à base de peixe frito e leite de coco.

ACU. *Ver CANDOMBLÉ DO ACU*.

AÇUBÁ. Primeira oração diária dos malês. Do hauçá *asuba*, "alvorada".

ACUBABÁ! Corruptela de Ocu babá!*.

AÇÚCAR. Até o final da Idade Média, o cultivo da cana e os conhecimentos sobre a produção do açúcar da cana eram, ao que tudo indica, restritos a árabes ou a outros povos asiáticos. Como alimento adoçante, embora soubessem das vantagens do açúcar, os europeus de então utilizavam o mel de abelha. Com os descobrimentos, veio a oportunidade do cultivo da cana e, consequentemente, da produção de açúcar nas Américas. No Brasil, a cana-de-açúcar chega oficialmente em 1532 a São Vicente, no atual território paulista, e depois a Pernambuco, que logo ultrapassa o núcleo produtor inicial. Após 1600, outros europeus, atraídos pelo açúcar, que então já havia se tornado o produto mais valioso na Europa, estabelecem colônias nas ilhas do Caribe e iniciam o cultivo da cana, utilizando o braço escravo, numa demanda sempre crescente. Foi assim que o comércio humano passou a ser grande negócio: os negociantes de açúcar da Inglaterra e França tornaram-se os mais ricos do mundo, fazendo dessas nações as mais poderosas da Europa. Foi o açúcar o gerador da grande acumulação de capital, possibilitadora do avanço revolucionário nos métodos de produção com máquinas, a partir de 1750, que se chamou

Revolução Industrial. **O Ciclo do Açúcar:** No Brasil, o assentamento da economia nacional no plantio e extração da cana para a produção açucareira, e cujos reflexos se fazem sentir até hoje na vida social e na política brasileira, chamou-se Ciclo do Açúcar. Sua vigência, da metade do século XVI à metade do XVII, fez surgirem e crescerem grandes propriedades rurais, sobretudo no Recôncavo Baiano e em Pernambuco. Ao redor dessas propriedades desenvolveu-se uma sociedade centrada na casa-grande e na senzala, no senhor de engenho e no escravo. E enquanto durou a escravidão a cana-de-açúcar foi a base da economia do Brasil. Durante o período colonial, os números mais expressivos dessa produção couberam a engenhos pernambucanos, baianos e fluminenses. Com mão de obra essencialmente escrava, cada engenho empregava entre 150 e 200 trabalhadores em todo o processo. Assim, a presença decisiva do braço negro nas fazendas e engenhos de açúcar de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro determinou a feição cultural desses lugares, no que ela tem de mais acentuadamente africano. *Ver PERNAMBUCO*.

ACUEVI. Vodum feminino do panteão da Casa das Minas. O termo parece derivar do fongbé *acovi*, “filho ou parente do rei”.

ACUFA. Espírito errante, nos cultos afro-pernambucanos. Do quimbundo *kufua*, “morte”.

ACUJELÊ! Corruptela de Ocu jelê!*. O termo, outrora de uso corrente, tem também o significado pejorativo de “algaravia”, “caçanje”, “língua de pretos”.

ACULTURAÇÃO. Modificação dos padrões culturais de um indivíduo ou grupo, pelo contato direto e contínuo com padrões diferentes. A massa dos escravos africanos não foi totalmente aculturada em sua experiência nas Américas. De modo geral, esses imigrantes forçados vivenciaram experiências que lhes permitiram cooperar para a formação de novos costumes e tradições, com base em sua herança africana e nela enraizados. Esse processo, como acentuam Franklin e Moss Jr., variou muito: em alguns lugares, eles tiveram de aceitar a cultura ocidental, reinterpretando-a, como no caso das *black churches**, nos Estados Unidos; em outros, eles puderam transplantar seu modo de vida africano, quase sem adaptações, tal qual

ocorreu nos quilombos, em comunidades de *maroons* ou em sociedades secretas como o *abakuá** cubano.

AÇUMI. Jejum anual dos malês. O termo, originário do hauçá *azumi*, "jejum", liga-se ao afro-cubano *asú*, "vazio" (*ilumí su* = estômago vazio).

ACUÑA, Ignacio Cárdenas. Escritor cubano nascido em Agramonte, Matanzas, em 1924. Com o livro *Enigma para um domingo* (1971), tornou-se o primeiro novelista a abordar o gênero policial na moderna narrativa cubana. Em 1981 publicou *Con el rostro en la sombra*.

ACUNDA. Personagem de certas congadas paulistas.

ADAGEBE. Uma das toboces da Casa das Minas. Também, Dagebe.

ADAHOOZAN. Na Casa de Fânti-Axânti*, bonsu* hóspede da família de Tap-Beicile.

ADAIL José de Paula. Cartunista brasileiro nascido em Registro, SP, em 1930. Radicado no Rio de Janeiro desde 1955, iniciou carreira na revista mensal *Maquis*, ao lado de Millôr Fernandes, Borjalo, Hilde Weber e outros artistas do traço. De 1957 em diante, colaborou no *Diário de Notícias*, *Manchete*, *Pasquim*, *Última Hora*, *O Dia* e outras publicações.

ADAJIBÉ. Cânticos iniciais nos rituais públicos dos candomblés de nação jeje. Também, dangibé.

ADALU. Comida de Ogum. Do iorubá *àdàlu*, "mistura comestível de feijão e milho". O termo também é corrente em Cuba.

ADAMACHENO. Denominação do oxê*, machado duplo de Xangô, em alguns candomblés jejes.

ADAMACHIÔ. Palavra de chamamento, contida num cântico dos voduns, no Maranhão, conclamando os músicos rituais a tocarem seus instrumentos.

ADAMASTOR, Maria (*c.* 1890-1963). Nome pelo qual ficou conhecida Maria da Conceição César, personagem do carnaval carioca. Celebrizou-se como diretora e mestre-sala*, travestida, de famosos ranchos carnavalescos, como Reinado de Siva e Papoula do Japão, nas décadas de 1910 e 1920. Equede* feita na nação jeje, foi também destaque no seio do povo de santo.

ADAMAUÁ. Região da África entre as atuais repúblicas dos Camarões e da Nigéria. O nome designa, também, um antigo Estado constituído pelo povo peúle ou fula.

ADAMORIXÀ. Antiga festa brasileira da tradição dos orixás, hoje desaparecida. Do iorubá *adímóòrìsà* (*adímún-òrìsà*), festival realizado em Lagos após o enterro de um chefe ou de um homem proeminente.

ADAMS, Salvador (1894-1971). Compositor e guitarrista nascido e falecido em Santiago de Cuba. Autor e instrumentista consagrado, além de grande incentivador da música tradicional, dirigiu em 1962 os trovadores de Santiago no Festival de Música Popular realizado no teatro Amadeo Roldán.

ADANDOZAN (?-1818). Rei de Abomé* entre 1797 e 1818. Também referido como Adarunzá.

ADÃO, Escravo (século XIX). Líder rebelde na cidade do Serro, atual município de Diamantina, MG. Chefiou uma insurreição abortada de escravos urbanos e quilombolas em 1864. Denunciado, foi preso e condenado a vinte anos de galés.

ADÃO, Odo. Médico brasileiro nascido em Uberaba, MG, em 1935. Órfão de pai aos 4 anos, foi guia de carro de boi, sapateiro, mascate, engraxate e faxineiro do hospital da Beneficência Portuguesa, em sua cidade natal. No início dos anos de 1960 formou-se em Medicina, especializando-se em cirurgia plástica, ramo no qual é um dos mais conceituados profissionais em todo o mundo. Fora da especialidade que o consagrou, preside, em Uberaba, obra social no hospital Hélio Angotti, instituição de referência no combate ao câncer no país. Por seu trabalho como mentor e coordenador de iniciativas de intercâmbio entre médicos brasileiros e africanos, mereceu o título de cônsul honorário do Senegal em Minas Gerais.

ADÃO, Pai (1877-1936). Nome pelo qual foi conhecido Filipe Sabino da Costa (nome iniciático: Opa Uatanan), babalorixá do terreiro do Sítio da Água Fria*, tradicional comunidade religiosa em Recife, PE. Filho de Sabino da Costa, africano de Lagos, em 1906, viajando em navios cargueiros, foi à Nigéria aperfeiçoar-se nos preceitos da religião dos orixás. Em 1934, embora amigo de Gilberto Freyre, recusou-se a participar do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro (*ver CONGRESSOS AFRO-BRASILEIROS*), pois preocupava-o a possibilidade de revelar fundamentos do culto. Segundo Albino Gonçalves Fernandes (1937), seu porte era "o de um grande chefe, arrogante", que lidava em pé de igualdade com os cientistas e pesquisadores que o procuravam. Respeitado e estimado, a seu enterro estiveram presentes

mais de 2 mil pessoas. Por seus grandes conhecimentos dos fundamentos rituais e seu domínio da língua iorubá, é unanimemente considerado a maior personalidade da história do Xangô* pernambucano. No início dos anos de 1930, ao receber em Recife a visita do célebre babalaô Martiniano do Bonfim (Ojé Ladê), adaptou, em sua honra, uma cantiga de saudação na língua iorubá, a qual, incorporada ao repertório de cânticos rituais dos xangôs recifenses, era ainda bastante cantada na década de 1980.

ADÃOZINHO (1923-91). Apelido do jogador brasileiro de futebol Adão Nunes Dornelles, nascido em Porto Alegre, RS. Centroavante egresso do Sport Club Internacional, integrou a seleção brasileira no final dos anos de 1940 e foi convocado para a Copa do Mundo de 1950.

ADARRUM. Toque rápido dos atabaques e outros instrumentos rituais com a finalidade de apressar a chegada dos orixás durante o xirê*.

ADARUNZÁ. *Ver ADANDOZAN.*

ADDERLEY, [Julian Edwin, dito] **Cannonball** (1928-75). Músico americano nascido em Tampa, Flórida, e falecido em Gary, Indiana. Executante de sax-alto desde os 14 anos, em 1955 mudou-se para Nova York, onde integrou o grupo de Oscar Pettiford e mais tarde o de Miles Davis. Em 1959 formou o seu próprio grupo, tornando-se famoso como um dos mais inovadores intérpretes de sax-alto e soprano, no estilo *bebop** e na fusão de vários outros estilos.

ADDIMÚ. Na *santería* cubana, oferenda simples de comida ao orixá, composta de "um pouquinho de cada coisa".

ADÊ. Espécie de coroa que compõe a vestimenta de diversos orixás, especialmente os de natureza feminina.

ADE, King Sunny. Nome artístico de Chief Sunday Adeniyi, músico nigeriano nascido em Oshogbo, em 1946, e radicado na Europa. Lançado na Inglaterra nos anos de 1970, vindo do seio da comunidade nigeriana em Londres, tornou-se, a partir da década seguinte e sem se afastar de suas raízes iorubanas, um dos grandes astros da música pop internacional, na modalidade world music.

ADEDÉ, Mãe (séculos XIX-XX). Nome pelo qual foi conhecida famosa ialorixá atuante no Rio de Janeiro na década de 1930. *Ver ZÉ ESPINGUELA.*

ADELANTÀ. No espanhol cubano, forma apocopada de *adelantado(a)*, qualificação do mulato ou mulata de cor clara e possuidor(a) de outras características que os aproximem do fenótipo branco.

ADELINA CHARUTEIRA (século XIX). Abolicionista brasileira nascida no Maranhão. Filha e escrava de um rico proprietário que, falido, se dedicou à fabricação caseira de charutos, tornou-se ganhadeira, vendendo o produto fabricado pelo pai e senhor a estudantes e intelectuais da capital maranhense, entre os quais circulava com desenvoltura. Conhecedora dos meandros da cidade de São Luís, foi peça importante nos esquemas de fuga de escravos arquitetados pelas lideranças abolicionistas.

ADEME! Exclamação de uso semelhante ao do banto *Maleme!*, empregada em terreiros maranhenses como pedido de perdão.

ADEMIR DA GUIA. Futebolista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1942, filho de Domingos da Guia*. Meio-campista virtuoso, celebrizou-se por suas atuações na Sociedade Esportiva Palmeiras, time pelo qual foi cinco vezes campeão paulista e seis vezes campeão brasileiro. Encerrou a carreira em 1977, não sem antes ter integrado a seleção brasileira.

ADESHINÁ. Nome africano. Cubanização do antropônimo masculino iorubano *Adé-siinòn*, significando "a coroa remove as barreiras do caminho" (conforme Carvalho, 1993). Foi, provavelmente, comum a dois sacerdotes *lucumís* em Cuba. Um deles, Remígio Herrera, era um babalaô africano chegado a Cuba no início da década de 1820 e falecido em 1901. Vivendo longos anos na província de Matanzas, em 1866 mudou-se para Regla, próximo a Havana, onde, juntamente com os também africanos Atandá e Añabí, destacou-se como um dos fixadores do culto de Ifá* no Caribe.

ADETÁ [1]. Nome iorubano atribuído a uma das supostas fundadoras do candomblé do Engenho Velho*. A primeira hipótese para estabelecimento do significado desse termo e identificação de sua possuidora levou ao conjunto de nomes iorubás ligados à ideia de realeza, como Adébólá, Adéléké, Adétólá etc. (de *adé*, "coroa"). Entretanto, nada que lembrasse "Adetá" foi localizado. Aventamos, em fon, as possibilidades seguintes: *détá*, "ponta da língua"; *gbeta*, "resposta firme", "ordem". Seria, então, "Adetá" ou "Iyá Detá" o título de uma dama de corte encarregada de função ligada a essas palavras? Para identificação da possuidora, levantou-se alhures a

possibilidade de "Adetá" ser outro nome ou título da Iyá Nassô Akalá Magbô Olodumarê, formando-se, assim, a hipótese de os nomes das três supostas fundadoras do terreiro (Iyá Nassô, Iyá Akalá e Iyá Adetá) referirem-se, na realidade, a uma única pessoa. *Ver ADETÁ [2].*

ADETÁ [2]. Na tradição de Queto*, na Bahia, qualidade de Exu que guarda o lado de fora da casa (conforme F. A. Omidire, citado por Silveira, 2006).

ADI. Óleo extraído das amêndoas do coco-de-dendê (conforme Lody, 2003). Em terreiros maranhenses, igual nome designa o mel de abelha.

ADICISSA. Nas casas de culto de tradição banta, denominação da esteira, de palha ou fibra vegetal, usada, principalmente, para repouso dos fiéis ou com finalidades decorativas. Do quimbundo *dixisa*, "esteira". Também, "decisa".

ADIÉ. Em Cuba e no Brasil, denominação da galinha nos terreiros de origem *lucumí* e nagô. Termo proveniente do iorubá.

ADINKRA. Cada um dos símbolos ou ideogramas da cultura dos povos akan*. Impressos por meio de desenhos entalhados em pedaços de cabaça, são usados principalmente na estamparia de tecidos.

ADIRI. Na Casa das Minas, termo de tratamento usado pelas toboces* ao se dirigirem às pessoas mais respeitáveis.

ADIVINHAÇÃO. Predição de eventos futuros por meios considerados não científicos. A África e sua Diáspora Negra conhecem várias formas de adivinhação: algumas simples, como o jogo da alubaça*, e outras extremamente complexas, como o jogo de Ifá*. Os diversos processos e técnicas de adivinhação recebem o nome genérico de práticas divinatórias*. *Ver ADJIKONI*; *BÚZIO*.

ADIXÁ. Última oração diária dos malês, feita à noite. Do hauçá *lisha*, "hora por volta das sete da noite".

ADJÁ. Sineta de metal com cabo e duas ou mais campânulas usada principalmente para apressar o transe de orixá. Em Cuba, chama-se de *adyá* a sineta especial de Oxalá, prateada e de cabo curvo. Do iorubá *ààjà*, espécie de chocalho usado em cerimônias rituais. *Ver* AGOGÔ.

ADJI-BOTO. Entre o povo djuka do Suriname, tipo de jogo de tabuleiro; o mesmo que o *warri* de Barbados e o aiú* do Brasil.

ADJIDO. Antigo povoado, hoje bairro, em Aneho, Togo. Foi fundado em 1800 pelo brasileiro Francisco Félix de Souza, o primeiro Xaxá de Ajudá, vindo do antigo Daomé. Seu nome, pronunciado "adjidô", deriva, segundo a tradição, da expressão em português "Deus nos ajudou", pronunciada quando da chegada do Xaxá ao porto, depois de uma viagem acidentada.

ADJIKONI. Pedrinha usada em processos divinatórios simples feitos na base do sim ou não. Se encontrada na mão do consulente a qual o adivinho manda abrir, ela indica resposta negativa.

ADÔ [1]. Nos terreiros tradicionais, uma das designações do mel de abelha. Do iorubá *àdò*.

ADÔ [2]. Cabacinha fechada que em geral se usa como terminação dos barajás*. Do iorubá *àdó*.

ADOÇÃO. Ato pelo qual alguém estabelece vínculo fictício de paternidade com filho de outra pessoa. No Brasil, a questão da adoção de crianças negras por famílias brancas, oficialmente ou como "filhos de criação", numa prática que remonta à época escravista, é extremamente importante. Se, por um lado, o perfilhamento proporciona ao adotado ou protegido oportunidades de vida que ele não teria junto aos pais biológicos, por outro, pode criar graves problemas psicológicos e de comportamento, por exemplo, a anulação da identidade como reflexo de baixa autoestima. Muitas vezes, crianças negras adotadas ou criadas por padrinho ou madrinha tornam-se adultos que não se veem como negros e, ao se descobrirem, rejeitam sua circunstância étnica. No Rio de Janeiro, estatísticas dão conta de que a preferência, nos casos de adoção, recai sobre crianças brancas, vindo depois as "pardas" e, finalmente, as "negras"(conforme *Dicionário de ciências sociais*, 1986).

ADOE (século XVIII). Chefe dos *bush negroes* da aldeia de Matawarie, na antiga Guiana Holandesa.

ADOGAN. Nos candomblés jejes, auxiliar masculino encarregado de cuidar da plantação de ervas e árvores de uso ritual. Do fongbé *azogan*, "patrão", ou *azo wagan*, "feitor".

ADONQUE. Entre os congos cubanos, o mesmo que Centella Endoqui*.

ADÔXU. Espécie de cone minúsculo que tapa a incisão feita, ritualisticamente, no alto da cabeça da iaô. Por extensão, pessoa feita no

santo; aquele que tem o oxu*. Do iorubá.

ADRIANO (século XIX). Mestre sufi, asceta muçulmano, residente no Rio de Janeiro na década de 1880. Escravo alforriado, procedente da África ocidental, estabeleceu-se com uma quitanda no campo do Rosário, atrás da igreja de mesmo nome, no centro da cidade. Famoso por sua sabedoria e humildade, foi professor de árabe, direito e filosofia islâmicos do político Gaspar da Silveira Martins. Segundo Adolfo Morales de Los Ríos, Adriano foi, no seu tempo, o maior arabista do Brasil (conforme Luiz Carlos Lisboa, 1986).

ADROBO. Na Casa das Minas, denominação da bengala usada pelos voduns mais velhos.

ADUÁ. Cerimônia fúnebre dos negros malês. Do iorubá *àdúrà*, "prece", "súplica".

ADUFE. Espécie de pandeiro de armação poligonal, geralmente sem soalhas, outrora usado no samba carioca.

ADUFO. Antigo nome com que se designava a cuíca em Alagoas. Provavelmente, ligado ao quioco* *ndufu*, vocábulo que remete a "pancada" ou "choque cavo, pouco soante".

ADULENJU (séculos XIX-XX). Nome iniciático do famoso babalaô recifense Cassiano da Costa, referido pelos antropólogos Roger Bastide e Pierre Verger. O nome parece estar ligado aos vocábulos iorubás *adun*, "mel", "doçura", e *lajú*, "ser civilizado, refinado".

ADUM. Comida votiva de Oxum feita à base de milho torrado, mel de abelha e azeite de dendê. Do iorubá *àádùn*.

ADUNKE. Dança dos *maroons* do Suriname.

ADUNOBLE. Um dos nomes privados do vodum Averequete. Também, Adonobrê.

AERÓSTATOS. *Ver SOUZA, Júlio César Ribeiro de.*

AFAMBAM. Em terreiros de mina*, prato ritual à base de abóbora-moranga (conforme Lody, 2003).

AFASIA. No Caribe, espécie de inhame selvagem, de pouco valor, antigamente empregado na alimentação dos escravos.

AFEFÉ. Vento de tempestade que, segundo a tradição dos orixás, acompanha Iansã. Do iorubá *afééfé*.

AFEXU. Em alguns cultos maranhenses, prática para a abolição de quizila*, proibição ritual.

AFFRANCHIS. Denominação dada, nas Antilhas Francesas, aos negros emancipados. *Ver REVOLUÇÃO HAITIANA*.

AFILHADO. Condição de uma pessoa em relação a seus padrinhos ou protetores. Na vigência da ordem escravista no Brasil, muitos foram os escravos que usufruíram a condição de afilhados de seus senhores, prerrogativa que lhes conferia alguma proteção. Mas essa situação sempre foi excepcional, já que a regra básica da escravidão era dar ao escravo apenas o suficiente para sua manutenção como máquina e instrumento de trabalho (*ver ADOÇÃO*). No Brasil contemporâneo, no que diz respeito aos cultos religiosos importados de Cuba a partir da década de 1990, a palavra "afilhado" voltou a ser usada, como no Nordeste, décadas atrás, em substituição a "filho de santo".

AFLAMU. Entre os djukas* do Suriname, espírito benfazejo, protetor da comunidade. Sua representação antropomórfica tem dois olhos, um voltado para a frente, outro para trás, como símbolo de sua total e ininterrupta vigilância.

AFO COYERE. Em Cuba, um dos caminhos ou qualidades do orixá Inlê*.

AFOCHÉ. Em Cuba, pós mágicos para encantar ou provocar malefícios. *Ver AFOXÉ*.

AFOFIÊ. Pequena flauta de taquara, com bocal de madeira, da tradição afro-baiana.

AFOFÔ. Termo pejorativo usado nas antigas comunidades negras cariocas para designar pessoa maledicente. Corresponde ao afro-cubano *afofó eleyo* e provém do iorubá *òfófó*, "tagarelice", "ato de espalhar boatos".

AFOJU. Em terreiros maranhenses, termo que designa a pessoa cega. Do iorubá *afóju*.

AFOMÃ. Uma das manifestações ou qualidades do orixá Omolu.

AFONJÁ. Uma das manifestações ou qualidades do orixá Xangô. Na história do povo iorubá, Afonjá foi um oficial palaciano que, por volta de 1817, se rebelou e tomou o poder em Oyó*.

AFONSO I (?-1543). Nome cristão de Nzinga Mbemba, rei do Congo, entronizado em 1506. Foi o primeiro soberano africano a converter-se ao

catolicismo e a estabelecer relações comerciais com a Europa. Seus esforços visando à boa convivência e à modernização de seu reino foram em vão, diante do colonialismo e principalmente dos interesses portugueses em São Tomé*.

AFOPÁ. Chinelo usado pelas noviches* na Casa das Minas. Do fongbé *afokpa*, "calçado".

AFOVIVE. Uma das toboces da Casa das Minas. Também Afrovive. Provavelmente da expressão fongbé *afo vi*, "pé pequeno", "pezinho".

AFOXÉ. Cortejo carnavalesco de adeptos da tradição dos orixás, outrora também chamado "candomblé de rua". O termo se origina no iorubá *àfose* ("encantação"; "palavra eficaz, operante") e corresponde ao afro-cubano *afoché*, cujo significado seria "pó mágico" ou "enfeitiçar com pó", "jogar um atim*". E assim se explica a origem histórica do termo: os antigos afoxés procuravam "encantar" os concorrentes. Surgidos em Salvador, BA, em 1895, os afoxés experimentaram um período de vitalidade até o final da década e entraram em declínio no término dos anos de 1920. O mais famoso foi o Pândegos d'África, que só perdeu em popularidade para o Filhos de Gandhy*, surgido na década de 1940, e aos poucos perdeu o caráter de "pândega", farra de rapazes, para adotar uma postura quase solene. No Rio de Janeiro, a história do carnaval registra a existência de um afoxé de cunho satírico, fundado em 1900 na Pedra do Sal* pelos baianos João Câncio, Romão e Salu. O séquito era encabeçado por um obá, seguido por dignitários com títulos de origem iorubana como acapô*, baxorum* e ibiquejiobá*, e cantavam-se toadas em língua africana. O símbolo do grupo e do "poder" do obá era um garrafão de vinho gigantesco, o que remete ao babalotim*, boneco que até hoje é levado à frente do afoxé e cujo nome consiste no abrasileiramento de uma expressão em iorubá que significa "pai, dono da cachaça". Entre os afoxés baianos da década de 1940, conta-se, curiosamente, um, fotografado por Pierre Verger, denominado Filhos do Congo, sinal banto* numa manifestação tipicamente iorubana.

AFOXÊ. Nome usado para designar, em São Paulo, uma espécie de chocalho com cabo da tradição afro-brasileira semelhante ao xequeré*. O termo parece ser corruptela de afoxé*, o cortejo em cuja orquestra o xequeré tem papel fundamental.

AFREJÁ. O mesmo que Avrejó*.

AFREQUETÊ. Vodum masculino da Casa das Minas. O mesmo que Afrequete, Aniflaquete ou Averequete. Do fongbé *Afrekete*, vodum jovem, do panteão das divindades marinhas. O nome Afreketê (grafado com *k*) batizou um bloco afro fundado no bairro de Pero Vaz, Salvador, BA, em 9 de março de 1986.

ÁFRICA. O segundo maior entre os seis continentes, com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, é o berço da humanidade e das primeiras civilizações. **O meio e o homem:** Cortada quase ao centro pela linha do equador, ligada à Ásia pelo istmo de Suez e separada da Europa apenas pelo estreito de Gibraltar, seu aspecto físico alterna regiões desérticas (Saara, Líbia, Núbia e Kalahari) com florestas densas, rios de águas abundantes e regiões de grande altitude, principalmente em sua porção oriental. Por essas vastidões de territórios, distribui-se uma população não homogênea, com características biológicas diversificadas mas agrupada em torno de traços culturais específicos. É sobretudo em face desses traços que, de modo geral, se subdivide o continente em cinco partes principais, a saber: 1) **África setentrional**, abrigando predominantemente indivíduos de origem árabe, mouros, tuaregues e aparentados, e compreendendo os territórios de Egito, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, Saara Ocidental e partes de Mauritânia, Mali, Níger, Chade e Sudão; 2) **África ocidental**, berço de povos falantes de línguas do grupo sudanês*, que reúne Senegal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Burkina Fasso, Gana, Benin, Nigéria e partes de Mauritânia, Mali, Níger e Chade; 3) **África central e centro-ocidental**, habitat, principalmente, de povos do grupo etnolinguístico banto*, compreendendo as atuais áreas políticas de Angola, Congo (Brazzaville), República Democrática do Congo (ex-Zaire), Gabão, Camarões, República Centro-Africana e Zâmbia; 4) **África oriental**, que abriga notadamente o entrecruzamento de povos bantos e de cultura arabizada, englobando os atuais territórios de Quênia, Uganda, Eritreia, Djibuti, Etiópia, Somália, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Comores, Moçambique e Madagáscar; 5) **África austral**, compreendendo Namíbia, Botsuana, Zimbábue, Malaui, Suazilândia, Lesoto e África do Sul. Dessas regiões, sobretudo da porção do continente localizada abaixo do Saara,

saíram os agricultores, caçadores, camponeses, pastores, artesãos, portadores de diferentes graus de civilização, que constituíram o contingente de trabalhadores escravizados na Diáspora. Expresso por meio de mais de mil línguas e dialetos e de três vertentes religiosas principais (a autoctonia, o islamismo e o cristianismo), o pensamento desses africanos é resultado de muitos séculos de caminhada histórica. **A África subsaariana antes dos europeus:** As mais recentes descobertas paleontológicas em regiões da Etiópia, Tanzânia, Quênia e Chade confirmam a origem africana da humanidade. O primeiro momento da aventura humana teria ocorrido há 2,5 milhões de anos, e a arqueologia permite estabelecer a caminhada de nossa espécie na antiguidade africana, consoante a seguinte cronologia sinóptica: 5000 a 2000 a.C., desenvolvimento da agricultura e da pecuária no Egito; 1000 a 600 a.C., origens da metalurgia na Nigéria, ascensão do poder de Cuxe*, fundação de uma dinastia etíope (cuxita) no Egito; 300 a 100 a.C., povos bantos fabricam utensílios de ferro na África central e atingem a África oriental; 700 a 800 d.C., povos bantos estabelecem-se nas regiões setentrionais da atual África do Sul. A seguir, resumidamente, descreve-se o desenvolvimento da história da África ao sul do Saara, antes da chegada dos europeus. **África oriental:** Mencionada na Bíblia como a terra de origem da mirra e do incenso e também da nuvem de gafanhotos que assolou o Egito no tempo de José, a Somália é, depois do Egito e da Etiópia, o país africano de referência mais remota. Na Antiguidade, o litoral do atual Quênia era bem conhecido dos mercadores, notadamente dos marinheiros fenícios, egípcios e gregos. Do século VIII ao X de nossa era, as colônias árabes lá se estabelecem por meio da instalação de entrepostos comerciais que, gradativamente, nascem em Mogadíscio (na atual Somália), Quíloa* (Tanzânia) e Sofala (Moçambique), ao mesmo tempo que os povos das margens do lago Tanganica se deslocam para o sul, a fim de povoar o atual Moçambique. No século XI, o Reino do Monomotapa*, no atual Zimbábue, já comercia com os árabes da costa, e no século seguinte Quíloa conquista o comércio de ouro aos árabes de Mogadíscio. Nesse contexto situam-se a civilização zandj*, no litoral, e o suaíle, uma língua de base banta permeada de elementos árabes, falada da costa leste do continente até o interior. O século XIV encontra chineses comerciando no litoral, o que

motiva, em 1415, a ida de uma embaixada da África oriental à China. Nessa época, o Reino do Monomotapa, em virtude de sua ligação com as cidades costeiras, experimenta notável desenvolvimento. **África ocidental:** Alguns séculos antes da hégira muçulmana, no Saara, o camelo desempenhou papel decisivo na ocupação de todo o espaço oeste-saariano pelos berberes. Nômades, percorrendo o deserto em grandes caravanas, esses povos criaram rotas de comércio entre a África do Norte e os reinos saelianos de Audagost, Tekrur e Gana. E, no século X, por intermédio da dinastia dos almorávidas, fundaram um império no norte da atual Mauritânia, expandindo seu domínio até o sul, a partir de Kumbi Saleh, depois de vencerem Gana e Audagost. No século XIV, as rotas entre o Níger e o Magreb viabilizaram a exploração comercial das salinas de Teghaza e o desenvolvimento de cidades vizinhas, como Ualata. No século XV deram-se os primeiros contatos com os portugueses, em Arguim e no estuário do rio Senegal; quase ao mesmo tempo, os hassanes, nômades árabes vindos do alto Egito, ocuparam o Saara Ocidental e o norte da Mauritânia, dominando as tribos berberes. Segundo a tradição, toda a região do Níger foi civilizada graças a migrações de povos não autóctones. Assim, por exemplo, o Reino de Djolof, no atual Senegal, teria sido fundado por migrantes oriundos do antigo Egito; o Kanem-Bornu*, no norte da Nigéria, pelos canúris do lago Chade; e os reinos iorubás, por povos vindos do Egito ou da Etiópia. Do século VIII até o XIX, o Kanem-Bornu cria e consolida uma eficiente estrutura política e econômica. Certamente, deve-se a ele a introdução do islã* na região do lago Tchad, bem como a utilização, nas construções, da pedra e do tijolo de barro cozido. Da chegada do islã, no século VII, até o século XV, quando sobrevêm os portugueses, os fatos mais significativos da história da África ocidental são, em resumo, descritos a seguir. *Por volta de 790*: Al-Fazari, geógrafo árabe, menciona Gana, "o país do ouro"; *800*: fundação do Reino do Kanem; *833*: Al-Khwarizmi, geógrafo árabe, assinala num mapa as cidades-estados de Gana e Gao, do povo sonrai*; *c. 990*: início do processo de islamização dos sonrais; *1035*: os iorubás instalam-se em Ifé, no sul da atual Nigéria; *1054*: os berberes almorávidas tomam a capital de Gana; *1240*: Sundiata* Keita torna-se imperador do antigo Mali; *1255*: Oduduwa unifica os iorubás; *1324*: Mansa Kanku Mussá*, imperador do Mali, faz sua

célebre peregrinação a Meca, deslumbrando o mundo islâmico com sua riqueza; *1350*: apogeu dos reinos hauçás do norte da atual Nigéria; *1400*: expansão do Benin, que, com Ifé, se destaca por sua arte em bronze; apogeu do Mali; ascensão do Kanem-Bornu; *1400-1500*: incremento da exportação de ouro pelos axântis; *1442*: o português Antão Gonçalves sequestra, na atual Mauritânia, um casal de nativos e leva-o para a Europa, num preâmbulo do que seria o tráfico negreiro; *1468*: Sunni Ali, imperador songai de Gao, conquista Tombuctu, anexando o Mali; *1482*: os portugueses fundam a feitoria fortificada de São Jorge da Mina; *1484*: o português João de Aveiro chega à corte do antigo Benin; fundação, pelo povo mossi, do Reino de Uagadugu; *1487*: portugueses chegam em embaixada ao Mali; *1490*: início da colonização do arquipélago de Cabo Verde, com os primeiros escravos negros trazidos do continente; *c. 1500*: Portugal já tem fortes em Arguim, Santiago (Cabo Verde), São Jorge da Mina (atual Gana) e São Tomé. **África central e austral:** No verdadeiro "coração da África", formado pela floresta tropical congolesa, distinguiram-se os impérios do Congo, da Lunda e dos Bacubas. Na África austral, entre 500 a.C. e o início da era cristã, ancestrais dos povos bantos partiram das selvas localizadas nos atuais Camarões e Nigéria e, empreendendo a maior migração já verificada na história, numa marcha pontilhada por dispersões, atravessaram a selva equatorial e chegaram ao sul da floresta congolesa. Vigorosos, organizados e bem armados, subjugaram e assimilaram povos da floresta – como os pigmeus –, atravessaram o equador e atingiram o oeste da Tanzânia, onde um grupo se fixou e outro se dividiu, partindo em duas rotas principais, para o sul e para o leste. Nessa nova caminhada, o grupo que seguiu rumo ao sul atravessou os atuais Congo-Zaire – onde, no século IV, os luenas e lubas fundaram as primeiras dinastias – e Angola, chegando ao Atlântico. O segundo grupo atingiu os Grandes Lagos nos séculos VI e VII e rapidamente se espalhou pela África oriental – onde os zindjs estavam presentes desde o sexto século de nossa era –, lá encontrando povos pastores de origem camítica, como os massais atuais. A grande migração por fim se completa no extremo sul do continente, por volta do século XV. Para estabelecer uma cronologia dessa gigantesca caminhada, em face da carência de fatos datados, sirvamo-nos da cronologia básica, apresentada a seguir. *Por volta de*

1200: florescimento de reinos costeiros no Congo; *século XIV*: fundação de Mbanza Kongo, capital do Reino do Congo; *c. 1380*: florescimento notável do Zimbábue, em contato com as cidades da costa leste; *1470-71*: os portugueses chegam a Camarões e ao Gabão; *1484*: o português Diogo Cão chega ao Congo; *1501*: Vasco da Gama impõe o pagamento de tributo a Quíloa; *1517*: início do tráfico negreiro para a América. Com a chegada e o estabelecimento dos europeus, a história da África subsaariana passa a ter registros escritos, tarefa previamente restrita aos árabes, que, entretanto, só se ocuparam da África ao redor do Níger, produzindo, principalmente, relatórios para futuras colonizações. Essa porém é uma crônica permeada de interpretações dúbias que, somente nos dias de hoje, com estudos que partem da própria África, como os de Ki-Zerbo e outros historiadores, começa a ser reescrita, com o propósito mesmo de explicar as razões do subdesenvolvimento africano* e o descompasso do continente em relação à Europa. **Partilha da África:** Depois de mais de trezentos anos de tráfico negreiro*, o território africano passou a ser também a arena para a resolução das rivalidades existentes entre as potências europeias. Assim, os mais comezinhos incidentes entre comerciantes europeus concorrentes transformavam-se em crises internacionais, as quais não raro apenas mascaravam a intenção dos agentes europeus de, em nome de seus interesses comerciais, abocanhar porções cada vez maiores do bolo territorial africano. Até 1880, as regiões dominadas por europeus eram poucas: ao norte, a França se empenhava na conquista da Argélia; a oeste, distribuíam-se, esparsamente, pequenos estabelecimentos franceses e britânicos, do Senegal ao Gabão; no centro, o rei belga Leopoldo II, em empreendimento particular, explorava a bacia do rio Congo desde a década de 1870; por sua vez, as antigas colônias portuguesas de Angola e Moçambique, datadas da época dos descobrimentos, experimentavam completa decadência. Penetração real havia na atual África do Sul, onde ingleses e bôeres se digladiavam. A partilha da África foi, portanto, fruto do respaldo que as metrópoles davam às atividades descoordenadas de seus representantes locais. O auge da industrialização europeia criou a necessidade da instituição de novos mercados, e a colonização oferecia uma grande oportunidade para tal. Em 1885, a Conferência de Berlim* legitimou a

instalação das potências europeias no continente e a constituição dos impérios coloniais francês, inglês, italiano e belga, ao lado do que restava dos antigos domínios português e espanhol, permanecendo apenas a Etiópia e a Libéria como Estados independentes. Como consequência dessa criação arbitrária de fronteiras, em muitos casos, reuniram-se em uma mesma unidade política nações antagônicas e separaram-se nações inteiras, espalhadas por dois ou mais países. *Ver COLONIALISMO*; *HISTÓRIA DA ÁFRICA*; *SUBDESENVOLVIMENTO AFRICANO*; *TRÁFICO NEGREIRO*.

ÁFRICA DO SUL, República da. País situado no extremo sul do continente africano, limitado por Botsuana e Zimbábue (norte), Moçambique e Suazilândia (nordeste), oceano Índico (leste e sul), oceano Atlântico (oeste) e Namíbia (noroeste). Suas cidades principais são Pretória, capital administrativa; Cidade do Cabo, sede do poder legislativo; e Bloemfontein, sede do poder judiciário. Os negros compõem cerca de 70% da população sul-africana e pertencem, principalmente, aos grupos étnicos xoza e zulu.

ÁFRICA ÍNDICA. *Ver CONTRACOSTA*.

ÁFRICA NEGRA. Denominação arbitrária usada para designar a parte do continente africano localizada abaixo do deserto do Saara, em oposição à porção setentrional, formada por Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito. Segundo Moore (2008) e outros autores, essa denominação serve apenas para estigmatizar a África subsaariana como habitat de povos incivilizados, em contraposição à parte arabizada do continente, o que traduziria mais uma estratégia racista. *Ver AFROCENTRISMO*; *CIVILIZAÇÕES AFRICANAS*.

AFRICAN AMERICAN SHAKESPEARE COMPANY, The. Companhia de teatro americana criada em São Francisco, Califórnia, sob a liderança da atriz Sherri Young. Especializado no repertório clássico, o grupo estreou em 1996 com a montagem de *Édipo rei*, de Sófocles, mas dedica-se basicamente a textos shakespearianos, trazendo-os para a contemporaneidade, como, por exemplo, em *Júlio César*, espetáculo em que contrapôs a Nação do Islã* aos Panteras Negras* na disputa pelo poder.

AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD. Organização de autodefesa contra o racismo fundada em 1919, em Nova York, por Cyril Valentine Briggs. Apresentando-se como uma fraternidade, embora atuasse como organização armada, chegou a contar com 50 mil membros divididos em 150 seções. Foi dissolvida em 1925.

AFRICAN BURIAL GROUND. Antigo cemitério de africanos existente em Nova York durante os séculos XVII e XVIII. Em escavações realizadas no local, entre 1991 e 1992, foram encontrados 390 esqueletos humanos, os quais servem de base para pesquisas sobre hábitos culturais da população escrava. Projeção realizada sobre as dimensões do cemitério aponta a existência de cerca de 10 mil túmulos em toda a extensão do sítio arqueológico.

AFRICAN DIASPORA RESEARCH PROJECT. Programa de pesquisa sobre a Diáspora Africana desenvolvido, na década de 1990, pela Universidade de Michigan, EUA, sob a direção de Ruth Hamilton. Um de seus elos com o Brasil foi a jornalista e militante negra Vera Lúcia Benedito, a qual, pós-graduando-se em Sociologia Urbana naquela universidade, trabalhou como assistente de pesquisa durante o desenvolvimento do importante projeto, documentado no periódico *Conexões* e em outras publicações.

AFRICAN FREE SCHOOL. Estabelecimento de ensino fundamental para negros fundado na cidade de Nova York, EUA, em 1787 por uma organização da Igreja Anglicana. O primeiro no gênero, passou para o controle do Estado em 1834.

AFRICAN GLORY: The story of vanished negro civilizations. Livro sobre grandes civilizações africanas desaparecidas, de autoria do historiador ganense J. C. Graft-Johnson e publicado em Londres, em 1954. Trata-se provavelmente do primeiro livro moderno sobre história da África escrito por um africano.

AFRICAN GROVE THEATRE. Casa de espetáculos e companhia teatral fundada por negros livres em Nova York, em 1821. Criada e mantida por artistas amadores, encenou seguidamente montagens importantes, como *Ricardo III*, *Otelo* e *Hamlet*, de William Shakespeare. Em junho de 1823, a companhia levou à cena *The drama of king Sothaway*, de Henry Brown, a

primeira peça escrita, produzida e interpretada por negros em um palco americano.

AFRICAN MEETING HOUSE. Salão de oração e reuniões da comunidade negra inaugurado em 1806 em Boston, Massachusetts, EUA. Construído com o apoio da Free African Society*, serviu de palco para pregações abolicionistas como as de Frederick Douglass* e outros expoentes.

AFRICAN METHODIST EPISCOPAL CHURCH. *Ver BLACK CHURCH, The*.

AFRICAN ORTHODOX CHURCH. *Ver BLACK CHURCH, The*.

AFRICAN PERSONALITY. Expressão criada em 1893 por Edward Wilmot Blyden* para denominar, de certa forma, os mesmos conteúdos encerrados no conceito de *négritude**.

AFRICAN POP. Nome com o qual se denominou, a partir dos anos de 1970, a moderna música urbana da África, divulgada na Europa por artistas como Youssou N'Dour, Fela Kuti, Ebenezer Obey. *Ver AFROBEAT*.

AFRICANA, A. Ópera do compositor alemão Giacomo Meyerbeer, vista pela primeira vez em Paris em 1865. Com libreto de Eugène Scribe, relata supostos amores entre o navegador Vasco da Gama e uma certa Selika, sua prisioneira, rainha na África oriental, mas às vezes dada como "indiana", apesar do título da obra. É referida no romance A *capital*, de Eça de Queirós.

AFRICANA: The encyclopedia of the African and African American experience. Enciclopédia organizada por Kwame Anthony Appiah* e Henry Louis Gates Jr.*, publicada nos Estados Unidos em 1999. Com uma equipe de centenas de colaboradores da área acadêmica, responsável pela elaboração de longos e bem fundamentados artigos, distribuídos por mais de 2 mil páginas, trata-se da maior obra já publicada sobre a África, suas civilizações e seu impacto na cultura mundial.

AFRICAN-AMERICAN **(afro-americano).** Autodenominação criada, nos Estados Unidos, para designar o descendente de africanos nascido no país.

AFRICANISMO. Recriação de um elemento cultural africano em outra cultura. No domínio linguístico, o termo designa o vocábulo nascido de étimo africano em línguas de outros continentes, principalmente em decorrência do tráfico de escravos. No português do Brasil, os africanismos

são, em sua grande maioria, oriundos das línguas do grupo banto, embora o iorubá, língua litúrgica da tradição dos orixás, seja responsável por interferências altamente significativas. *Ver BANTUÍSMO.*

AFRICANOS DE VILA ISABEL. Sociedade musical dançante existente no bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro, na década de 1920, integrada basicamente por negros. Seu principal fundador e incentivador foi Eurico Batista, músico amador, executante de violão e cavaquinho. Da sociedade, que no carnaval saía às ruas com o nome de Choro de Vila Isabel, participou também o trombonista Candinho Silva, o famoso Candinho Trombone*.

AFRICANOS LIVRES. Expressão que, no Brasil, identificou os negros que comprovadamente entraram no país após a proibição do tráfico, em 1831. Considerados emancipados porém mantidos em servidão, trabalhavam "debaixo da tutela do governo" em projetos públicos urbanos, principalmente os mais árduos, enquanto aguardavam o seu reenvio para a África, a expensas dos traficantes, o que nunca acontecia, já que eram misturados à população escrava e, assim, ardilosamente escravizados. Em 1864, um decreto imperial concedeu a efetiva emancipação a todos os africanos livres existentes no Império. *Ver EMANCIPADO.*

AFRICANOS NO BRASIL, Os. Livro escrito pelo etnógrafo e patologista Nina Rodrigues* no início do século XX e publicado postumamente em 1932. Apesar da visão eurocêntrica e focada apenas na Bahia, é a primeira grande obra sobre as culturas africanas em terra brasileira.

AFRICKY TOWN. Comunidade de negros do Alabama, descendentes dos últimos escravos desembarcados no Sul dos Estados Unidos depois da proibição do tráfico em 1807, durante a Guerra de Secessão. Chegaram à América no navio Clothilde, proveniente da costa da Guiné.

AFRIKETE. Entre os *bush negroes** da Guiana, divindade que tem como seus domínios as encruzilhadas. *Ver AFREQUETÊ.*

AFRO. Elemento vocabular que, na composição de palavras, lhes dá o sentido de origem africana (*ver AFRO-BRASILEIRO*). Como vocábulo autônomo, desde os anos de 1970, inicialmente nos Estados Unidos, passou a adjetivar diversas expressões da cultura africana na Diáspora, desde um

estilo de penteado com cabeleira cheia até, no Brasil, uma nova modalidade de bloco carnavalesco.

AFRO-AMÉRICA. Expressão usada para designar, no continente americano, o conjunto descontínuo de regiões mais diretamente atingidas pelo impacto econômico e cultural da escravidão africana, a saber: grande parte do Brasil; as Antilhas; as Guianas; o litoral do Peru; partes de Venezuela e Colômbia; e o Sul dos Estados Unidos.

AFROBEAT. Termo criado pelo músico nigeriano Fela Kuti para designar seu estilo, que funde a música da África ocidental com a dos negros norte-americanos. Na execução característica desse estilo, bateria, baixo e percussões repetem uma fórmula rítmica, enquanto teclados e guitarras sustentam a melodia, à qual se sobrepõem o coro feminino e a seção de metais.

AFRO-BRASILEIRO. Qualificativo do indivíduo brasileiro de origem africana e de tudo que lhe diga respeito.

AFROCENTRICIDADE. Teoria filosófica que serve de base ao moderno afrocentrismo*. Formulada pelo cientista social Molefi Kete Asante*, ela não impõe um pensamento único, como faz o eurocentrismo*, admitindo e exaltando, segundo Larkin Nascimento (2009), o diálogo, com linhas de pensamento contrárias, "com respeito mútuo e sem pretensão à hegemonia".

AFROCENTRISMO. Movimento que usa a pesquisa científica para construir uma visão de mundo contrária à sedimentada pelo eurocentrismo*, com foco também na contribuição das civilizações clássicas africanas – egípcia, núbia e cuxita – e no saber produzido pela África pré-colonial. Segundo essa visão, a ideia de superioridade da civilização ocidental, imposta violentamente aos povos de todo o mundo, baseia-se na falsa premissa de que ela representaria o estágio mais avançado do desenvolvimento humano, enquanto as culturas africanas seriam "primitivas" e "arcaicas". E a falsidade da premissa estaria no fato de que, já na primeira metade do século XIX, com a decifração dos hieróglifos egípcios gravados na famosa pedra de Rosetta*, comprovava-se a precedência do conhecimento científico, religioso e filosófico no continente africano em áreas como astronomia, arquitetura, engenharia, matemática, medicina e na própria filosofia. George G. M. James, em *Stolen legacy* (Nova York,

Philosophical Library, 1954), documenta o fato de que boa parte desse conhecimento foi levada para a Grécia de modo fraudulento, quando escritores gregos se apresentaram como autores de teorias e conceitos aprendidos com seus mestres africanos. O saque da biblioteca de Alexandria foi também uma forma, mediante o uso de violência, de apropriação do saber africano pelos europeus. Segundo Cheikh Anta Diop* (1979), a matemática de Pitágoras, a teoria dos quatro elementos de Tales de Mileto, o materialismo de Epicuro, o idealismo de Platão, bem como o judaísmo e o islamismo, todos têm suas raízes na cosmogonia e na ciência africana do Egito. Assim como Diop, seu discípulo, o historiador e linguista Théophile Obenga, nascido no Congo-Brazzaville, em 1936, também se colocou na vanguarda do movimento, em mais de vinte livros. E, em 1980, Molefi K. Asante*, com a publicação do livro *Afrocentricity*, assumia posição destacada na divulgação do afrocentrismo. *Ver NÉGRITUDE*; *PAN-AFRICANISMO*.

AFRO-CUBANISMO. Movimento artístico e literário que vigorou em Cuba entre 1928 e 1940, com o sentido de criação e difusão de uma estética baseada nas matrizes africanas da cultura local. *Ver NÉGROPHILIE*.

AFRO-CUBAN-JAZZ. *Ver LATIN-JAZZ*.

AFRODESCENDENTE. Termo modernamente usado no Brasil para designar o indivíduo descendente de africanos, com qualquer grau de mestiçagem, correspondendo ao *African-American** dos estadunidenses. De feição principalmente ideológica, já que sua adoção se insere no âmbito das reparações reivindicadas pelos movimentos negros, o termo só é aplicável aos descendentes das vítimas diretas ou indiretas do escravismo dos séculos XVI a XIX. Assim, não tem sentido sua extensão a descendentes brasileiros de imigrantes norte-africanos chegados ao Brasil já durante a República, conforme reivindicado alhures.

AFRODIÁSPORA. Publicação editada a partir de janeiro de 1983 pelo Instituto de Pesquisas Afro-Brasileiras (Ipeafro) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a direção de Elisa Larkin e Abdias Nascimento. Definiu-se como "revista quadrimestral do mundo negro".

AFRO-INDIANOS. Indianos de origem africana. Heródoto, o célebre historiador grego, afirmou a existência de duas grandes "nações etíopes": uma na África, outra em Sind, região correspondente aos atuais territórios

da Índia e do Paquistão. Corrobora essa informação o célebre relato do viajante veneziano Marco Polo (1254- 1324), que já noticiava que os indianos de determinada região representavam suas divindades como negras e os demônios com uma alvura de neve, afirmando que seus deuses e santos eram pretos. Além disso, em *O livro das maravilhas*, atribuído ao lendário viajante (Porto Alegre, L&PM, 2006, p. 236), lê-se que os habitantes do "reino de Coilum", atual cidade de Quilon, na província de Kerala, eram "todos de raça negra". Esses negros indianos teriam partido da África, levados como escravos, primeiro por mercadores árabes e depois por navegadores portugueses, perfazendo uma rota litorânea que passaria pelos atuais Iêmen, Omã, Irã e Paquistão. Cativos, eles desempenhavam várias tarefas, com maior destaque para aquelas relativas à função de soldado nos exércitos dos chefes muçulmanos, a partir do século XIII. Por volta de 1459, o rei muçulmano de Bengala mantinha um exército de 8 mil escravos africanos. Em 1500 os portugueses anexaram os territórios indianos de Goa, Damão e Diu e transformaram drasticamente a escravidão na Índia: restringiram o desempenho de seus escravos a tarefas menores em seus negócios, casas e fazendas; e as mulheres escravas passaram a ser mais utilizadas como concubinas ou prostitutas. Com os ingleses no poder, a maioria foi repatriada para a África e seus descendentes foram deixados em bolsões obscuros ao longo da costa ocidental, em particular nas regiões central e sul. Na Índia atual, além dos povos afro-indianos que lá chegaram mais recentemente, os drávidas constituem uma das provas dessa presença africana. Localizados no sul do país, e contando cerca de 100 milhões de indivíduos, os drávidas têm pele bem escura e feições negroides, além de costumes, língua e herança cultural que evidenciam laços com as civilizações egípcia, cuxita e etíope. Construtores de importantes complexos urbanos como os de Harappa e Mohenjo-Daro, mais tarde foram reduzidos à condição de escravos e colocados no mais baixo patamar do sistema de castas instituído pelos arianos. Até 1951, o *nizam* (soberano) de Haiderabad manteve um corpo de guardas denominado "cavalaria africana". E nessa região, a zona de Siddi Risala conserva, na música, na dança e no uso de palavras da língua suaíle, fortes traços culturais africanos. Ademais, pesquisas recentes descobriram a existência de comunidades afro-indianas

em Karnakata, Gujarat e Anhara Pradesh, e seus membros se autodenominam “africanos” (conforme Kohli e Hamilton, 1989). *Ver SIDDIS*.

AFRO-MEXICANOS. Mexicanos de origem africana. Convencionalmente vista como surgida apenas da contribuição indígena miscigenada à dos conquistadores espanhóis, a nação dos Estados Unidos Mexicanos também é receptora da Diáspora Africana. Durante os três séculos de seu período colonial, o território mexicano recebeu escravos negros, num total estimado em aproximadamente 200 mil indivíduos. Embora concentrados nas áreas de trabalho intensivo das usinas de açúcar, minas de prata, indústria pesada e de trabalhos domésticos urbanos, esses africanos foram espalhados por todo o México. Em 1570, a população negra da então Nueva España era de cerca de 22.500 indivíduos, evoluindo para 6.100 africanos e 369.700 afromestiços em 1793, segundo cifras de Gonzalo Aguirre Beltrán (1946). Em 1994 as estatísticas apontavam a presença, na população mexicana, de apenas 0,5% de negros e 55% de mestiços, sem especificação de origens. *Ver CIRUELO, El*.

AFRONEGRO. Qualificativo do indivíduo negro originário da África ou descendente de africanos e de tudo que lhe diga respeito. A expressão distingue essa origem daquela dos negros de outras procedências, como os aborígines melanésios, da Austrália e da Nova Guiné. *Ver ÁFRICA NEGRA*.

AFRO-SEMINOLE. Falar crioulo dos Estados Unidos, corrente no Texas, na fronteira com o México e provavelmente, no passado, na Flórida e nas Bahamas. *Ver SEMINOLES*.

AFROSSAMBA. Estilo de samba* surgido no âmbito da bossa nova a partir, ao que consta, de ideia do poeta e letrista Vinicius de Moraes, e concretizada em parceria com Baden Powell*, violonista e compositor afrodescendente. A denominação abrangeu, de início, um conjunto homogêneo de onze canções inspiradas em cantigas rituais, sambas de roda e outros gêneros tradicionais. As letras são, em geral, sobre temas afro-brasileiros, e as melodias, segundo alguns teóricos, encerrariam certo tom lamentoso, supostamente característico da música africana, o que carece de fundamento. A denominação, assim, parece redundante, ou questionadora

das origens africanas do principal gênero da música popular brasileira; ou, ainda, denunciadora da desafricanização* sofrida pelo samba a partir de sua exploração comercial. *Ver SAMBA*.

AFRU-FRU. Vodum velha da Casa das Minas, de culto quase totalmente extinto.

AFU. Espécie de inhame (*Dioscorea aculeata*) da Jamaica.

AFUÃ. Título da hierarquia malê.

AFUGURU. Entre os *garífunas**, um dos três componentes do indivíduo humano. É o duplo etéreo, que reproduz sua forma física no plano espiritual durante o tempo de sua vida (conforme Nuñez, 1980).

AFURÁ. Bolo de arroz fermentado, da tradição culinária afro-brasileira. Do iorubá *fúrá*, "bolas de farinha cozidas no leite".

AGABI. Ritmo ritual de atabaques para uma dança de Ogum, que o baila de forma trôpega, vacilante.

AGADÁ. Espada-emblema, símbolo do orixá Ogum. Do iorubá *agada*.

AGADJÁ (1679-1740). Rei do antigo Daomé, expandiu seu reino tornando-o um dos mais prósperos da África ocidental. Lutou contra o reino de Oyó, do qual se tornou tributário em 1730. Também referido como Agajá Trudô, é tido por alguns historiadores como contrário ao tráfico transatlântico de escravos. *Ver TRÁFICO NEGREIRO [Resistência africana]*.

AGAIUMAU. Entre os *garífunas** de Honduras, um dos espíritos do rio.

AGAJÁ MAÇON. Um dos nomes privados do vodum Doçu.

AGAMAVI. Uma das toboces da Casa das Minas. Do fongbé *agama vi*, "pequeno camaleão", "camaleãozinho".

AGANIAME. Invocação de Deus em certas congadas paulistas. Do quimbundo *Ngana ia mi*, "Meu Deus!".

AGANJU. Uma das qualidades de Xangô*. No Haiti recebe os nomes de Agassou, Agaou, Adjasou ou Linglessou, nome pelo qual é também conhecido na República Dominicana. Em Trinidad e Tobago, segundo Natalia Aróstegui (1990), seu correspondente seria o Ossãim* brasileiro. Na tradição histórica iorubana, Agonjú foi o filho do rei Àjàka.

AGANKOI. Dança dos *maroons* do Suriname, imitando os movimentos de um peixe.

AGANMAN. No vodu haitiano, entidade masculina caracterizada como um camaleão, que muda de cor e, por vezes, sobe em postes e árvores. Do fongbé *agama*, "camaleão".
AGAÚ. No vodu cubano, divindade da tempestade e do trovão.
AGAYÚ. Forma cubana para Aganju*. Também, Agallú e Argayú.
AGBARA DUDU. Primeiro bloco afro* carioca, fundado no subúrbio de Madureira, em 1982. Entidade do movimento negro*, de orientação feminista, estendeu sua atuação às áreas de saúde, educação e direitos humanos, contra o racismo e a violência policial. Seu nome, tirado do iorubá, pretende traduzir em português a expressão "força negra" ou "poder negro".
AGBÊ. O mesmo que xequeré*. Alguns autores referem-se a ele como "piano de cuia", o que parece incorreto, pois os instrumentos que, pela aparência, merecem essa denominação são uma antiga espécie de quissanje, em que uma meia cabaça funciona como caixa de ressonância, e mesmo a marimba, por ter cabaças e teclas. Dito também agê e aguê, talvez devido à confusão na origem: em iorubá, *agè* é um tambor feito de pequena cabaça, enquanto *agbè* é a própria cabaça. Em Cuba diz-se *agbé* (pronunciado "agüê").
AGBOULÁ. Nome de um egungum* da ilha de Itaparica, em Salvador, BA. Também chamado Babá Agboulá.
AGÊ. *Ver AGBÊ.*
AGENOR, Professor (ou Pai). *Ver MIRANDA* [*Rocha*], *Agenor*.
AGENTES DE PASTORAL NEGROS. Entidade do movimento negro fundada no Rio de Janeiro em 1987. Destacou-se por confrontar o racismo na atuação de alguns setores da Igreja Católica. *Ver MOVIMENTO NEGRO.*
AGGREY, James [Imamm Kwegyr] (1875-1927). Educador ganense nascido em Anamabu e falecido em Nova York. Um dos africanos mais influentes de seu tempo, foi pioneiro no estabelecimento de padrões modernos de educação para a juventude, incutindo em seus alunos o orgulho de suas origens. Com apenas 23 anos de idade, foi diretor da Cape Coast School e um dos primeiros a usar a simbologia das teclas brancas e pretas do piano para ilustrar a indispensável colaboração humana,

independente de diferenças biológicas e culturais. Mais tarde, passou cerca de duas décadas estudando e trabalhando nos Estados Unidos, onde exerceu, também, grande influência sobre a comunidade rural da Carolina do Norte na qual viveu, pregando o evangelho. Em 1927, regressando ao país para concluir seu doutorado na Universidade de Colúmbia, faleceu vítima de meningite.

AGIDA. Variante de *aguidá**.

AGIDI. Espécie de bolo da culinária jamaicana feito de fubá de milho e cozinhado em folha de bananeira.

AGÔ! Interjeição usada na tradição dos orixás como pedido de licença ou desculpas. Do iorubá *àgò*.

AGODÔ. Variante de Ogodô*.

AGODOME. Na Casa das Minas, denominação da toalha de mesa.

AGOGÔ. Instrumento musical da tradição afro-brasileira composto de duas campânulas metálicas unidas por um cabo comum e tocadas com uma vareta. Historicamente um instrumento ritual do candomblé jeje-nagô, popularizou-se com as baterias das escolas de samba cariocas, na passagem dos anos de 1940 para os de 1950. Em Cuba, o que se conhece como *agógo* é o adjá* brasileiro. O de Oxalá é prateado; o de Oxum, de bronze; o de *Babalú Ayé*, de madeira etc. A sineta de duas ou mais campânulas, sem badalo e percutida com uma vareta de ferro, lá é um *agógo* específico de *Égun* (Egum). Do iorubá *agogo*, “sino”.

AGOGUÊ. O mesmo que agogô*, segundo Mário de Andrade (1989). O termo parece resultar da fusão híbrida dos vocábulos “agogô” e “gonguê”, ou, ainda, de erro de transcrição.

AGÔ-IÊ! Interjeição usada em resposta positiva ao pedido de “Agô!*”.

AGOÍNOS (século XIX). Líder revolucionário brasileiro. Foi o chefe da revolta de negros ocorrida em Vila Rica (1821), em defesa da liberdade e da Constituição. *Ver OURO PRETO, Levante de*.

AGOJÊ. Na Casa das Minas, banho de purificação.

AGOLEQUE. Na Casa das Minas, uma das denominações da bengala usada por alguns voduns mais velhos. *Ver ABÔ [2]*; também compõe o termo fongbé *leke*, “cana-de-açúcar”.

AGÖ-LONÃ! Interjeição em geral dirigida a Exu, como pedido de licença para atravessar determinado caminho. Do iorubá *l'òna*, “caminho”, “estrada”, “rua”.

AGOM. Uma das toboces da Casa das Minas. Do fongbé *agon*, “pomba-rola”, “rolinha”.

AGOMÉ. Antigo qualificativo dos habitantes do Daomé. Do topônimo Agbômê, aportuguesado para Abomé*.

AGONÇO. O mesmo que Azonce*.

AGONGLO (?-1797). Rei do antigo Daomé, entronizado em 1789 e detentor do poder até a morte.

AGONGONO. Vodum velho da família Savaluno*.

AGOTIMÉ (séculos XVIII-XIX). Rainha do antigo Daomé, mulher de Agonglo e mãe de Ghezo*. Teria vindo para o Brasil como escrava e para cá trazido o culto do vodum Zomadônu, primeiro implantado na Bahia para, depois, dar origem à Casa das Minas*, no Maranhão. *Ver AZAODONU*.

AGOZEM. Quartinha para água purificadora usada nos candomblés jejes; o mesmo que gozim*.

AGRALÁ. Comida ritual à base de farinha, dendê e sal.

AGREGADOS. Nome dado no Brasil aos ex-escravos que, depois da abolição, permaneceram ligados a seus antigos senhores, adotando seu sobrenome, morando sob o mesmo teto, integrados à rotina da família e submetidos à autoridade do patriarca.

AGRIPINA, Mãe (1890-1966). Nome pelo qual foi conhecida Agripina Souza, ialorixá nascida e falecida em Salvador, BA. Foi líder do ramo fluminense do Ilê Axé Opô Afonjá*, em Coelho da Rocha, município de São João de Meriti, RJ. As primeiras instalações da comunidade matriz, em Salvador, BA, foram inauguradas com sua iniciação sacerdotal, por Mãe Aninha*, em 1910.

ÁGUA. Óxido de hidrogênio, essencial à vida. Na tradição brasileira dos orixás, a água, elemento ligado primordialmente a Oxalá* e, em decorrência, à criação, à fecundidade e à calma, está presente em todas as situações, em geral em uma quartinha, junto a cada um dos assentamentos das divindades.

ÁGUA FRIA, Sítio da. Comunidade-terreiro em Recife, PE. Uma das matrizes da tradição nagô da cidade, foi fundada por volta de 1893 pelos africanos Inês Joaquina da Costa (Ifá Tinuké) e João Otolu. A filha deste, Vicência (Fádáyiiró), viveu no sítio até 1984, quando faleceu com cerca de 90 anos de idade. *Ver ADÃO, Pai*.
AGUABELLA, Francisco. *Ver DUNHAM, Katherine*.
AGUADEIROS. Negros ou negras de ganho, intermediários no comércio de água potável no Brasil pré-republicano e em outros países das Américas. A crônica histórica baiana registra uma greve de aguadeiras africanas, provavelmente nagôs, deflagrada em Salvador em 1871, contra a guarda do chafariz do Terreiro de Jesus, que as impedia, entre outras coisas, de fazer abluções no local. **Aguadeiros de Lima:** Em 1650 construiu-se na Plaza Mayor, em Lima, capital peruana, um chafariz monumental para fornecer água à cidade. Cerca de vinte negros libertos organizaram uma sociedade de carregadores de água, cobrando determinada quantia para abastecer as casas. Segundo os cronistas da época, esses aguadeiros singularizaram-se por seu vocabulário chulo e hábitos pouco educados, generalizando-se, em decorrência, a expressão "Parecem aguadeiros", com que as mães limenhas repreendiam os destemperos verbais de seus filhos. Aos poucos, essa sociedade tornou-se uma confraria, com regras e ritos. Os aguadeiros celebravam, anualmente, na Igreja de São Francisco, o patrono são Benito, num dia festivo e concorrido; também obrigavam os que ingressavam no grupo a uma contribuição monetária que integrava o fundo social. Aos sábados, todos tinham de regar os jardins das principais praças da cidade e, de quinze em quinze dias, dar cabo dos cães sem dono encontrados vagando pelas ruas. Com o fim da monarquia, a confraria dos aguadeiros de Lima passou a atuar como força política, com seus membros ganhando foros de cabos eleitorais e capangas de caudilhos, até se extinguir naturalmente, com os novos tempos. *Ver GUARDA NEGRA*; *PERU [Confrarias de negros]*.
AGUARÁ. Em antigos terreiros, orixá sincretizado com Nossa Senhora da Penha.
AGUARDÓ. Nome que os antigos afro-cubanos davam ao grão de milho. Também *aguado*. Do iorubá *àgbàdo*, que deu origem ao afro-brasileiro abadô*. Observe-se que no Brasil o grupo consonantal *gb*, do iorubá,

pronuncia-se “bê”; em Cuba soa como “güê”, o que aponta uma origem diversa dos iorubanos de lá em relação aos do Brasil, estes vindos basicamente do Reino de Ketu*, na fronteira com o antigo Daomé.

ÁGUAS DE OXALÁ. Nos candomblés tradicionais, cerimônia de purificação e abertura do tempo sagrado, realizada na última sexta-feira de agosto ou setembro, marcando o início do ciclo anual de festas da comunidade. Nela, a água das quartinhas do ilê-axé é substituída por outra, trazida em procissão, pela madrugada, da fonte que abastece a comunidade-terreiro, e na qual são lavadas as pedras e os símbolos de Oxalá e Oxalufã.

AGUDÁ. No Benin, designação que se dá ao portador de sobrenome de origem portuguesa, em geral descendente de retornados* do Brasil. O vocábulo, presente no fongbé* e no iorubá, parece originar-se no substantivo “ajuda”, do nome do forte português de São João Batista da Ajuda, pronunciado como oxítono. Os agudás formam uma comunidade distinta do restante da população beninense, assim como os amarôs da Nigéria e os *tabons** de Gana.

AGUÊ. Vodum da caça e da mata nos terreiros jejes do Brasil. Entre os nagôs, o nome identifica também o orixá Arôni*.

AGUERÊ. Um dos ritmos tocados pelos atabaques nos rituais da tradição dos orixás. É consagrado a Oxóssi, nos candomblés de nação queto. Do iorubá *àgèrè*, “tambor de caçador”.

AGUÉ-TAROYO. Loá do vodu haitiano, dono do mar e das ilhas.

AGUIAR, Andrés. Militar uruguaio que ficou conhecido como “o mouro de Garibaldi”. Levado para a Europa durante o cerco de Montevidéu pelas tropas de Buenos Aires, entre 1843 e 1851, foi tenente da República Romana de Giuseppe Garibaldi e morreu combatendo na Itália. Referido como um negro gigantesco, atlético, sempre a cavalo, trajando blusa vermelha e chapéu com plumas brancas.

***AGUIDÁ* (*AGIDA*).** Pequeno tambor dos djuka* do Suriname. *Ver AGUIDAVI.*

AGUIDA-APONG. O mesmo que abatá* (conforme Lody, 2003).

AGUIDAVI. Cada uma das baquetas com que se percutem os atabaques nos candomblés jejes-nagôs. O termo parece derivar de *agida** (*ageedah*) ou *ogidan*, nome de um tambor do antigo Daomé, acrescido, talvez, da partícula

vi, que significa "criança", "filho". A baqueta, na condição de complemento, seria vista como "filha" do tambor.

AGUIDI. Alimento votivo de Obaluaiê, espécie de bolinho feito com milho vermelho amolecido, ralado, cozinhado com rapadura e servido envolto em folhas de bananeira. Do iorubá *àgìdí*, o mesmo que *èko*, "alimento sólido feito de milho".

AGUIRRE, Severo (século XX). Líder comunista cubano. Em 1948, no texto "El PRC no defiende a los negros", publicado em Havana, na edição de 5 de maio do jornal *Hoy*, fez sérias e bem fundamentadas acusações quanto à exclusão dos negros na Cuba pré-revolucionária.

AGUTÃ. No Brasil e em Cuba (*agután*), nome ritual do carneiro, animal oferecido em sacrifícios. Do iorubá *àgutan*.

AGUXÓ. Variante de oguxó*.

AHIJADO. Afilhado*. Termo que, em Cuba, corresponde à expressão "filho de santo".

AHOLÉ. O mesmo que Omulu*.

AHOSUJI. O mesmo que Aholé*.

AHUNÁ (séculos XVIII-XIX). Líder revoltoso malê na Bahia. Escravo doméstico, de suposta origem nagô, que, pelo respeito e admiração com que o cercavam, era provavelmente o limane* dos malês baianos quando do grande levante de 1835. Por não ter sido preso, sua identidade e o grau de sua participação na insurreição permanecem obscuros. Seu nome é confundido com o de Aluná, outro participante do movimento.

AIABÁ. Na tradição jeje-nagô brasileira, nome genérico dos orixás femininos. *Ver IABÁS*.

AIAIA. Brinquedo infantil da tradição brasileira. Por extensão, espécie de vestimenta de criança. Provavelmente do iorubá *ayàya*, "comportamento alegre, jovial, divertido".

AÍDA. Ópera do compositor italiano Giuseppe Verdi, com libreto de Antonio Ghislanzoni. A personagem-título é uma princesa núbia, escravizada no Egito faraônico. Filha do rei da Etiópia, é inquestionavelmente uma mulher negra, embora esse aspecto quase nunca seja ressaltado nas encenações da obra.

AÏDA WÉDO. No vodu cubano, esposa de Damballah Wédo.

AIDO-VEDŎ. Um dos nomes de Dan, a "serpente arco-íris" dos jejes. Do fongbé *ahidôhouedô*, "arco-íris".

AIDS. Sigla internacional de Acquired Immune Deficiency Syndrome, síndrome da imunodeficiência adquirida, afecção fatal e contagiosa, considerada o grande flagelo da humanidade desde o século XX. Embora descrita pela primeira vez em 1981, a mais antiga infecção pelo vírus HIV, seu agente causador, foi detectada na África, em 1959. Segundo o jornalista inglês Edward Hooper, no livro *The river: a journey to the source of HIV and Aids* (Boston, Little, Brown and Co., 1999), o vírus teria surgido de um experimento com uma vacina antipólio, no antigo Congo Belga, no início da década de 1950, passando, provavelmente, de um chimpanzé para um ser humano. Quase meio século depois, mais da metade dos casos da doença em todo o mundo era registrada na África (mais de 1 milhão de casos em Uganda, em 1991).

AIÊ. Festa de ano-novo outrora celebrada pelos negros nagôs na Bahia. Também designa o mundo visível, dos vivos, em oposição a orum*. Do iorubá *àiyé*.

AIJÉ. O mesmo que ejé*.

AI-LÁ. Segunda oração diária dos malês, rezada ao meio-dia.

AILEY, Alvin (1931-89). Bailarino e coreógrafo americano nascido em Roger, Texas, e falecido em Nova York. Um dos criadores da modalidade de balé contemporâneo conhecida como *jazz dance*, destacou-se em seu trabalho como porta-voz do povo negro. Ao fazê-lo, mostrando que a arte também pode ser instrumento de transformação social, renovou a dança americana. Em 1958, fundou a Alvin Ailey American Dance Theater, companhia formada, inicialmente, só por bailarinos negros.

AINHUM. Doença frequente entre os negros, à época da escravidão, que se caracteriza pelo surgimento de uma espécie de anel fibroso no dedo mínimo do pé, o qual, estrangulando o dedo, o aperta até a amputação.

AINU. *Ver ÁSIA, Negros africanos na*.

AIOCÁ. Termo usado em referência ao fundo do mar, à sua vastidão. O reino do mar. Parece derivar do iorubá *Àyòká*, nome oriqui feminino que significa "aquela que provoca alegria ao seu redor", sendo, provavelmente,

um dos nomes de Iemanjá*. Daí a extensão do significado e o título "Princesa do Aiocá", dado no Brasil a esse poderoso orixá feminino.

AIRÁ. Uma das qualidades de Xangô. Segundo a tradição, antes de ser divinizado, era escravo de Xangô, tendo depois se ligado a Obatalá*. Por isso, usa as insígnias do rei de Oyó mas veste-se de branco e recebe oferendas de alimentos e sacrifícios junto com o Grande Orixá ao qual se ligou.

AIÚ. Espécie de xadrez jogado no Brasil pelos antigos africanos, com pequenos frutos ou sementes em tabuleiro com doze orifícios.

AIZAN. Divindade jeje ligada à morte; em alguns candomblés, a própria morte. No vodu cubano (grafado *Ayisán*), é a esposa de Papá Leguá. Do fongbé *Ayizan*, vodum muito antigo que representa a crosta terrestre.

AJÁ. Entidade benfazeja dos antigos nagôs do Brasil, um dos orixás da medicina. Do iorubá *Ààjà*.

AJABÓ. Prato da culinária dos orixás à base de quiabo picado e mel, também chamado "caruru-branco". Comida específica de Iroco*, é oferecida indistintamente, a qualquer orixá, como pedido de misericórdia.

AJAGUNÃ. Um dos títulos de Oxaguiã*.

AJAJA. Divindade masculina dos cultos africanos de Trinidad. Vive no mar, veste-se de vermelho e branco, come galo, cágado e galinha-d'angola e bebe rum. É caracterizado como um rei ou um "grande homem" (conforme Nuñez, 1980).

AJALÁ. Uma das qualidades de Oxalá, considerado o moldador das cabeças humanas, feitas com elementos tirados do orum*.

AJANUTÓI. Vodum surdo-mudo da família de Quevioçô. O nome deriva do fongbé *adjanou*, "habitante de Adjá", acrescido do vocábulo *toi*, "pai", originando, talvez, uma expressão com o sentido de "pai dos habitantes de Adjá".

AJAPÁ. Na tradição dos orixás, denominação do cágado, animal votivo de Xangô. Do iorubá *àjapá*.

AJAUTÓ. Vodum da Casa das Minas, protetor dos advogados, dito também Ajautó de Aladá ou de Aladanu.

AJAYI. Nome iorubano que se atribui à criança do sexo masculino que nasce com o rosto voltado para baixo. Era o nome nagô de Jorge da Cruz

Barbosa*, um dos condenados à morte e executados após a Revolta dos Malês*.

AJELU. Exu servidor de Oxalá.

AJERÊ. Alguidar onde repousa o otá* de Omolu, coberto com uma cuscuzeira.

AJEUM. Refeição comunal da tradição dos orixás. Por extensão, designação genérica de qualquer comida. Do iorubá *jeun*, "comer".

AJÊ-XALUGÁ. Orixá da riqueza, da saúde e da sorte.

AJÍ GUAGUAO. Nome cubano da pimenta-malagueta. *Ver MALAGUETA.*

AJIBONÃ. Auxiliar feminina da ialorixá ou do babalorixá, encarregada de acompanhar a iaô durante a iniciação. Do fongbé *ajigbonã*, segundo Yeda Pessoa de Castro (1976); entretanto, Abraham (1981) consigna o iorubá *ajigbónón*.

AJIMUDÁ. Título da hierarquia dos candomblés de Queto, na Bahia, inicialmente conferido ao babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim*.

AJÓ. Oração coletiva rezada durante a preparação do ebó. Do iorubá *àjo*, "reunião", "assembleia".

AJÔ. Dança ritual dos xangôs de Alagoas.

AJOBÓ. Assentamento coletivo de todos os orixás cultuados num terreiro. Do iorubá *àjobo*, "culto comunitário".

AJOCÔ! Interjeição usada durante as cerimônias da tradição dos orixás para mandar que alguém se sente. Do iorubá *jókò*, "sentar".

AJOJI. O mesmo que Omolu*.

AJOJÓ. Espécie de bolinho de arroz servido com o amalá* (conforme Lody, 2003).

AJONJOLÍ. Nome cubano do gergelim (*Sesamum indicum*), planta herbácea da família das pedaliáceas. Na tradição religiosa, planta de Babalú Ayé; constitui um grande tabu para os filhos desse orixá, os quais não podem nem olhá-lo nem comê-lo, sob risco de vida.

AJOPOME. Bengala dos voduns, na Casa das Minas.

AJOTIM. O mesmo que Jotim*.

AJUDÁ, Fortaleza de. Estabelecimento português construído em 1698 na baía de Benin – recebendo o nome de Forte de São João Batista da Ajuda – com o fim específico de incrementar o tráfico de escravos para as Américas. Integrante do Reino de Allada (ou Ardra), o apogeu de suas atividades deu-se entre 1728 e 1748. Os topônimos Ouidah e Whydah são, respectivamente, as formas francesa e inglesa do nome Ajudá.

AJUÊ MARICA! Expressão interjetiva usada em refrões de antigos cânticos dos fumadores de maconha* e em antigos xangôs alagoanos. A expressão origina-se, certamente, no quimbundo, dos vocábulos *aiuê!*, "ai!", e *dika* (plural *madika*), "taça", "cálice" – em alusão ao recipiente usado pelos antigos diambistas. *Ver MARICA.*

AJUNTÓ. Na umbanda e em outras vertentes religiosas afro-brasileiras, divindade secundária de cada iniciado. O termo remete ao fongbé *to*, "pai", com provável interferência do português "junto".

AKABA. Vodum do panteão da Casa das Minas. O nome parece remeter a Akaba, rei entronizado em Abomé por volta de 1680.

AKAN. Denominação sob a qual se agrupam vários grupos étnicos localizados nas atuais repúblicas de Gana, Togo, Costa do Marfim e Guiné-Conacri. Unidos pela cultura e pela língua, os povos acãs, dos quais fazem parte axântis, fântis e twis, ocupam, principalmente, as florestas do centro e as regiões mais temperadas do litoral ganense. Esses povos, agricultores e pescadores, falam línguas do grupo kwa e dividem-se em dois ramos: o oriental, que compreende sobretudo axântis e fântis; e o ocidental, que reúne agnis e baúles, entre outros. Possuidores de rica tradição oral, expressa em canções, poemas e contos, compartilham as mesmas crenças no deus supremo Nyame e nas divindades intermediárias conhecidas como *obosom*. Alguns desses traços culturais estão presentes hoje, principalmente, na Guiana, nas Antilhas e nos Estados Unidos. Entre 1680 e 1730 esses povos constituíram, abrangendo a antiga Costa do Ouro e parte da Costa dos Escravos, um pujante império, mais tarde absorvido pelos axântis. Na Jamaica, muitos dos líderes *maroons* tinham origem acã. *Ver AXÂNTI.*

AKANTAMASU. Divindade dos negros do Suriname originária da Costa do Ouro.

AKARÁ. *Ver ACARÁ.*

AKEE. Fruto da árvore cientificamente classificada como *Blighia sapida*. Introduzido na Jamaica por volta de 1778, foi, ao lado da fruta-pão, largamente utilizado pelos donos das plantations locais como alimento nutritivo e barato para os escravos (conforme Nuñez, 1980). Seu nome deriva do kru *akee*, correspondente ao twi *ankye*.

AKETE. Tambor do buru* jamaicano.

AKETTA. Espécie de corneta dos negros da Jamaica (conforme Nuñez, 1980).

AKOKÔ (*Newbouldia laevis*). Planta africana da família das bignoniáceas, aparentada às brasileiras arraia-do-mato, caroba e cinco-folhas. Uma das principais folhas de Ossãim, é altamente propiciatória.

AKOUEO. Búzio usado no processo divinatório, o qual o consulente segura em uma das mãos para obter a resposta afirmativa ou negativa da divindade.

AKPWÓN. Solista dos cânticos da tradição *lucumí** em Cuba. Sua voz, quase sempre em registro agudo, entoa o solo da canção, que é respondido por um coro, segundo o padrão tradicional africano, de modo também verificado na tradição jeje-nagô no Brasil. *Ver IÁ-TEBEXÊ*.

AKRA. Entre os *bush negroes* da Guiana e do Suriname, o sopro vital, a vida em si, que todo indivíduo recebe do Ser Supremo e o acompanha do nascimento à morte. Algumas pessoas chegam a ter dois: um *nan-akra*, que viria da ascendência paterna, e um *uman-akra*, herdado da mãe. Trata-se do mesmo *kra* das culturas acãs.

AKSUM. Antiga forma do nome Axum*.

ALÁ [1]. Nome do Ser Supremo, entre os malês.

ALÁ [2]. Espécie de pálio, de tecido inteiramente branco, sob o qual são realizadas certas cerimônias da tradição dos orixás. Também, manto que protege Oxalá.

ALABÁ [1]. Sacerdote-chefe da sociedade secreta Egungum. Também, título de honra conferido a certas autoridades do candomblé. Do iorubá *alagba*, "chefe do culto de Egungum"; "pessoa mais velha, de respeito, veneranda".

ALABÁ [2]. Espírito infantil feminino, companheiro de Ibêji* e Doum*. Do iorubá *Alàbá*, antropônimo que se dá à filha nascida após o filho (*Idòwu*)

que veio à luz depois de irmãos gêmeos.

ALABÁ, João. *Ver JOÃO ALABÁ.*

ALABAMA. Um dos estados integrantes da federação dos Estados Unidos. Sua política de segregação racial, prevista inclusive em sua Constituição, desde 1819, negava aos proprietários o direito de concederem liberdade aos seus próprios escravos. De 1861 a 1865, juntamente com outros estados sulistas produtores de algodão, lutou contra os estados do Norte na Guerra da Secessão*, pela separação e pela manutenção da escravidão negra, sendo, entretanto, derrotado. Mesmo assim, após a emancipação, o Alabama continuou negando aos negros libertos os mínimos direitos civis, celebrizando-se como um dos mais encarniçados redutos do racismo no país. Em março de 1965, Martin Luther King* conduziu, da cidade de Selma à capital Montgomery, sua famosa marcha de protesto. Dois anos depois, recusando-se a cumprir o Civil Rights Act (Lei dos Direitos Civis), promulgado em 1964, o estado foi ameaçado de intervenção federal.

ALABÊ. Músico ritual da orquestra do candomblé. É necessariamente um ogã*, submetido aos rituais de iniciação. O nome designou, originalmente, e em especial na mina maranhense, o tocador de agbê (*alagbe*, "o dono da cabaça"), tendo seu sentido ampliado.

ALABEDÉ. Uma das qualidades de Ogum. Em Cuba, sob o nome *alagwedé* ou *chiririkí*, identifica-se o objeto-símbolo dos orixás guerreiros, constante de um caldeirão de ferro no qual se soldaram ferramentas de trabalho e outras peças desse metal. Do iorubá *alágbède*, "ferreiro".

ALABÊ-RUNTÓ. Termo jeje-nagô usado para designar, na orquestra do candomblé, o tocador do tambor rum*. De alabê* mais o fongbé *houn hô tô*, "tocador de tambor".

ALABÚDIGA. Prato da culinária dos *garífunas** de Honduras à base de peixe, leite de coco e bananas-verdes.

ALADÁ. O mesmo que Ardra*, Arda ou Allada.

ALADANU. Nome privado do vodum Ajautó. Do fongbé *alladanou*, "habitante de Allada ou Arda", cidade do antigo Daomé.

ALAFIÁ! Votos de paz, saúde e prosperidade proferidos em exclamação ao final de certos rituais. Em processos divinatórios simplificados, o termo dá nome à jogada em que os quatro búzios ou pedaços de coco caem com a

abertura ou concavidade para cima, significando positividade total. Do árabe *al-âfiya*, pelo iorubá *aláfià*.

ALAFIM. Uma das qualidades ou manifestações de Xangô. Do iorubá *aláàáfin*, título do rei de Oyó*, significando "senhor do palácio".

ALAFREQUETE. O mesmo que Aniflaquete*.

ALAGOAS. Estado do Nordeste brasileiro, limita-se ao norte com Pernambuco, ao sul com Sergipe e a oeste com a Bahia. Litorâneo, tem sua história marcada pelo ciclo do açúcar*, pelas lutas contra franceses e holandeses e por abrigar, em seu território, a confederação quilombola de Palmares*. Estado rico em tradições de origem africana (bumba meu boi, reisado*, guerreiros, taieiras, coco etc.), em 2000 o governo federal havia identificado, em Alagoas, onze comunidades remanescentes de quilombos*, como as de Cajá dos Negros, no município de Batalha; Palmeira dos Negros, entre Igreja Nova e Frexeiras; Tabuleiro dos Negros, em Penedo; e Serra das Morenas, em Limoeiro de Anadia. *Ver CABANOS, Guerra dos*.

ALAGWEDÉ. *Ver ALABEDÉ*.

ALAKÁ. *Ver PANO DA COSTA*.

ALAKETO, Candomblé do. Nome pelo qual é conhecida uma das mais antigas comunidades religiosas da Bahia. Segundo a tradição, sua fundação deu-se no fim do século XIX por Otampê Ojarô, uma africana de Ketu, no atual Benin, que teria vindo para o Brasil como escrava, aos 9 anos de idade. Consoante uma das versões correntes, Otampê teria sido comprada, juntamente com sua irmã gêmea, pelo orixá Oxumarê, na forma de um homem alto e simpático que logo as alforriou. Na idade adulta, Otampê, cujo nome cristão era Maria do Rosário, casou-se com Porfírio Régis (Babá Laji) e comprou um terreno na rua Luís Anselmo, em Matatu de Brotas, onde instalou sua casa de culto, chamada Ilê Marô Iá Laji. O nome Alaketo deriva, provavelmente, da expressão *ara Ketu*, que significa "gente, povo de Ketu"; ou de Aláketu, título do rei de Ketu e, por extensão, nome do reino. O sobrenome da fundadora, Ojarô, é aglutinação de Ojá Arô, nome de uma das cinco famílias reais de Ketu. A chefe da comunidade à época da elaboração desta obra era a famosa ialorixá Olga do Alaketo*, descendente em linha direta da fundadora.

ALAMANDA (*Allamanda cathartica*; *Orelia grandiflora*). Arbusto sarmentoso, da família das apocináceas, cujas flores amarelas são dedicadas a Oxum.

ALAMIM. Santuário ou peji dos Ibêjis*.

ALANIS, Santos Zapata (?-1937). Poeta uruguaio falecido em Montevidéu. Militante da ação cultural de origem africana em seu país, foi colaborador da revista *Nuestra Raza* (*ver URUGUAI [Imprensa negra]*) e fez parte do Partido Autónomo Negro. É focalizado na antologia de A. B. Serrat (1996).

ALAPATÁ. Alimento feito com a massa do acarajé. Do iorubá *lápàtà*, "bolo de milho frito".

ALAPINI. Sacerdote supremo do culto dos egunguns. Do iorubá *aláàpin ni*, "o mais alto grau hierárquico da sociedade Egungum".

ALAPOSSI. Denominação do tocador de atabaque em alguns terreiros do Maranhão.

ALAQUETO. Forma abrasileirada para Alaketo*.

ALATÉ-ORUM. Sacerdote auxiliar do culto dos egunguns, responsável pela gamela ou cuia ritual. Do iorubá *aláàte*, "dono ou dona da cuia" (*àte*), acrescido de orum*.

ALAXÉ. Denominação do pai de santo em alguns terreiros do Maranhão. Do iorubá *álase*, "comandante", "chefe".

ALBERTO, Carlos (1849-1905). Engenheiro e educador brasileiro nascido em Niterói, RJ. Filho do professor Filipe Alberto*, aos 20 anos fundou o Instituto Filológico Niteroiense, que mantinha uma escola noturna gratuita no centro da antiga capital do estado do Rio de Janeiro. Com a República, foi nomeado engenheiro da Câmara Municipal, cargo equivalente ao de secretário de Obras nos dias atuais.

ALBERTO, Filipe [José] (1824-87). Educador brasileiro nascido na Bahia e falecido em Niterói, RJ. Abolicionista, lutou por escolas profissionalizantes para os libertos e alforriados. Por essa posição, foi afastado da Escola Normal de Niterói, da qual era diretor. Em 1873, fundou o primeiro sindicato de professores da província, o Instituto Pedagógico, e mais tarde vários clubes abolicionistas. Entretanto, faleceu sem ver extinta a escravidão no Brasil.

Deixou publicadas uma *Gramática portuguesa* e a tese *Arcaísmos e neologismos na língua portuguesa*, de 1879.

ALBINISMO. *Ver NEGRO-AÇO.*

ALBIZU CAMPOS, Pedro. *Ver CAMPOS, Pedro Albizu.*

ALBUQUERQUE, Visconde de. *Ver BARÕES DE CHOCOLATE.*

ALCAHUETE. Tambor congo da República Dominicana. O nome traduz-se, em português, como "alcoviteiro".

ALCÂNTARA, Família. *Ver FAMÍLIA ALCÂNTARA CORAL.*

ALCÂNTARA, Laélia [Contreiras Agra] **de** (1923-2005). Médica e parlamentar brasileira. Formada no Rio de Janeiro em 1949, transferiu-se para o Acre, onde chegou a ser presidente do Conselho Regional de Medicina. Em 1974 era eleita suplente de senador, assumindo a cadeira provisoriamente em 1981 e definitivamente em 1982, sendo, assim, a primeira mulher afro-brasileira a exercer um mandato de senadora. Em 1987 comandou a Secretaria Estadual de Saúde do Acre.

ALCIONE [Nazaré Fabre]. Cantora brasileira nascida em São Luís, MA, em 1947. Dona de timbre e extensão de voz invulgares, iniciou trajetória profissional em 1967 e, a partir de 1972, uma bem-sucedida carreira fonográfica, tornando-se uma das principais intérpretes do samba. Com diversas passagens por palcos internacionais, costuma incluir em suas apresentações ligeiras performances ao trompete, instrumento que aprendeu a tocar graças a seu pai, mestre de banda em sua cidade natal. Destacou-se, também, pela participação em projetos sociais na comunidade carioca de Mangueira*.

ALCOOLISMO. Vício em álcool. Durante a escravidão, o álcool, em forma de bebidas espirituosas como a aguardente de cana, muitas vezes foi empregado para amortecer os escravos e iludir sua fome. Resulta daí, talvez, uma das muitas características negativas atribuídas aos africanos no Brasil e seus descendentes – a de que seriam, em geral, negligentes, preguiçosos e dados ao vício da embriaguez. Em algumas sociedades africanas, o uso ritual de bebidas alcoólicas é tradicional, uma vez que, por afetar os sentidos, o álcool revestir-se-ia de uma aura de espiritualidade. Na maioria dessas comunidades, acredita-se que ele facilita a comunicação dos vivos com os ancestrais e divindades. No ritual da libação (*ver DAR PRO SANTO*), a

bebida alcoólica desempenha papel-chave nos ritos de passagem e em todas as celebrações, constituindo-se entretanto em privilégio dos homens e dos mais velhos. Por seu elevado status, a aguardente acabou se tornando um item de destaque nas relações comerciais entre a África, a Europa e as Américas durante a época escravista. *Ver ESTEREÓTIPO.*

ALCORÃO. Livro sagrado dos muçulmanos revelado gradualmente, segundo a tradição, ao profeta árabe Maomé, entre os anos de 610 e 632, e ditado por este a seus discípulos. Fonte de normas jurídicas e de moral, seu texto final foi escrito, em árabe, no ano de 652, em 114 capítulos, chamados suratas, e contendo princípios teológicos e rituais, bem como regras para a vida cotidiana. *Ver ISLÃ NEGRO.*

ALDRIDGE, Ira (1807-67). Ator afro-americano nascido livre na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, filho de ex-escravo, e falecido em Lodz, Polônia. Emigrando para a Europa em 1824, para estudar teatro na Universidade de Glasgow, Escócia, no ano seguinte subia ao palco do Royal Coburg de Londres, personificando Otelo, famoso personagem de Shakespeare. Um dos maiores atores shakespearianos do século XIX e um dos mais aclamados do seu tempo, tornou-se o primeiro entre os grandes artistas afro-americanos impedidos, pelo racismo, de brilhar em seu próprio país. Não obstante, sua memória e seus feitos estão perpetuados com uma placa no New Memorial Theatre em Stratford-upon-Avon, cidade natal do maior dramaturgo da Inglaterra.

ALECRIM (*Rosmarinus officinalis*; *Rosmarinus hortensis*; *Rosmarinus latifolius*). Subarbusto da família das labiadas, também conhecido como alecrim-de-jardim e alecrim-romarinho. Planta de Oxalá, é um dos elementos de calma do omi-eró* nos rituais de iniciação. *Ver ROMERO.*

ALECRIM-DE-ANGOLA. Erva usada na preparação de banhos e defumações. O mesmo que pimenteiro.

ALEIJADINHO (1730-1814). Alcunha de Antônio Francisco Lisboa, escultor, entalhador e arquiteto brasileiro que viveu em Vila Rica, atual Ouro Preto, MG. Filho de um português com uma escrava, aos 20 anos já desenhava e entalhava em madeira. Por volta dos 40 anos foi vitimado por uma doença degenerativa que acabou por privá-lo dos dedos dos pés e das mãos. Mas, apesar da deficiência, conseguiu criar uma obra que, em sua

época, o credenciou como o maior artista brasileiro de sua especialidade. Seus mais importantes trabalhos, como os doze profetas esculpidos em pedra-sabão e as 66 figuras em cedro que reproduzem os passos da Paixão de Cristo, estão na igreja de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, MG. *Ver BARROCO MINEIRO.*

ALEKE. Dança dos *maroons* do Suriname e da Guiana.

ALELICUM. Planta usada como defumador em rituais afro-brasileiros. Provavelmente do fongbé *lelenkoun*, "pimenta", "cubeba", arbusto da família das piperáceas.

ALEMANHA. País do norte da Europa. Embora já houvesse negros no território da atual Alemanha à época do Império Romano, foi a partir da Idade Média e da Renascença que a presença africana na região se tornou mais visível, principalmente por meio de obras de artes plásticas e de literatura em que o elemento negro era focalizado. O século XVIII registra o caso de Anton Wilhelm Amo*, negro africano que foi figura proeminente na sociedade alemã. A Alemanha também se envolveu no tráfico de escravos e manteve colônias na África, fatos que justificam, apesar da perseguição nazista empreendida entre 1930 e 1949, a visível presença negra hoje no país. Em 1986 foi publicado o livro *Farbe bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte* [Mostrando nossas cores: mulheres afro-germânicas se manifestando], escrito por May Opitz, Katharina Oguntoye e Dagmar Schultz (Berlim, Orlanda Frauenverlag, 1986). No mesmo ano, deu-se a fundação do Initiative Schwarze Deutsche* [Ação Negro-Alemã], movimento destinado a quebrar o isolamento de africanos e afrodescendentes no país. Em 1999 as estatísticas registravam uma comunidade de cerca de 300 mil negros na Alemanha, entre nativos, africanos e descendentes vindos de outras partes do mundo.

ALEMANHA, Movimento Negro na. *Ver INITIATIVE SCHWARZE DEUTSCHE.*

ALENCAR, Cristóvão de (1910-83). Pseudônimo de Armando de Lima Reis, compositor e radialista nascido em São Paulo e radicado no Rio de Janeiro desde criança. Importante dirigente autoral, tendo sido presidente da União Brasileira de Compositores, é coautor de composições famosas como *Arrependimento* (1935) e *Malmequer* (1940). Locutor e apresentador

de programas, destacou-se entre os melhores do rádio carioca, sendo, em seu tempo, provavelmente, o único negro a exercer essa função no Rio de Janeiro.

ALEVANTE. O mesmo que bradamundo*.

ALEXANDER, Clifford. Jurista americano nascido em Nova York, em 1933. Foi assessor especial do presidente Lyndon Johnson e secretário do departamento de Exército no governo Jimmy Carter, tendo sido o primeiro afro-americano a ocupar essa posição. Posteriormente exerceu o magistério na Howard University.

ALEXANDER, Sadie Tanner Mossell (1898-1989). Advogada americana nascida e falecida na Filadélfia. Em 1927, tornou-se a primeira mulher negra a conquistar o grau de Ph.D. nos Estados Unidos. A partir de 1935, engajou-se na luta pelos direitos civis, evidenciando-se como grande advogada.

ALEXANDRE TROVADOR (?-1886). Cantor, violonista e cabeleireiro famoso no Rio de Janeiro oitocentista. Conhecia teoria musical e cantava modinhas e trechos de ópera ao violão, com timbre de soprano. Foi cabeleireiro da imperatriz Teresa Cristina e da princesa Isabel, mas morreu abandonado, na Santa Casa de Misericórdia.

ALEXIS, Jacques-Stephen (1922-61). Escritor e médico haitiano nascido em Gonaïves. Com outros intelectuais de seu país, opôs a ideologia da negritude à tradicional visão do Haiti como uma colônia francesa, propondo-a como um denominador comum a todos os intelectuais negros. Escreveu romances de grande penetração psicológica, nos quais retrata, poeticamente, paisagens de seu país natal. A partir de 1955, publicou *Compère Général Soleil*, *Les Arbres musiciens*, *L'Espace d'un cillement* e *Romancero aux étoiles*. Morreu em circunstâncias obscuras, após desaparecer da cena literária, tudo levando a crer que tenha sido assassinado por motivos políticos.

ALF, Johnny. *Ver JOHNNY ALF.*

ALFACE (*Lactuca sativa*). Erva da família das compostas. Na tradição ritual afro-cubana, sendo folha que refresca Oxum e Iemanjá, é usada para tapar as sopeiras que guardam os otás* dessas iabás*.

ALFAIATES, Revolução dos. *Ver REVOLUÇÃO DOS ALFAIATES.*

ALFAVACA (*Ocimum basilicum*; *Ocimum guineensis*). Erva da família das labiadas, também conhecida, entre outros nomes, como quioiô, manjericão-de-molho, manjericão-dos-cozinheiros e manjericão-grande. Compõe os banhos de iniciação e purificação dos filhos de Oxalá e Xangô, sendo igualmente usada em defumações e amuletos para afastar maus espíritos e atrair bons fluidos. Em Cuba, sob o nome de *albahaca*, é usada em defumações e banhos, com as mesmas finalidades.

ALFAVACA-DO-CAMPO (*Ocimum incanescens*). Erva da família das labiadas, também conhecida como segurelha e alfavaca-de-vaqueiro. É planta votiva de Oxóssi.

ALFAVAQUINHA-DE-COBRA (*Peperomia pellucida*). Vegetal da família das piperáceas, também conhecido como oriri. Planta de Oxum, suas folhas, usadas nos rituais de iniciação, são parte importante do omi-eró*, constituindo elemento de calma, suavizador do transe.

ALFAZEMA (*Lavandula vera*; *Lavandula officinalis*). Erva europeia, aclimatada ao Brasil, onde é empregada, em rituais de origem africana, para limpar espiritualmente pessoas e ambientes, de modo a prevenir influências nocivas.

ALFONSO, Juan de Diós (1825-77). Clarinetista, compositor e diretor de orquestra cubano nascido em San José de las Lajas e falecido em Guanabacoa. Por volta de 1845, formou a famosa orquestra de danças La Flor de Cuba. Em 1869, quando se deu o célebre ataque das tropas colonialistas espanholas ao Teatro Villanueva, em Havana, era sua orquestra que animava a função.

ALFOR. Saco de viagem (alforje) dos camponeses do Haiti. Os ricos bordados de cada uma dessas peças, com flores e padrões geométricos, constituem apreciadas obras de arte.

ALFORRIA. Ato de cessação do estado de escravidão. No Brasil, os tipos possíveis de alforria, conseguida por compra, doação ou imposição legal, eram: **por carta**, no caso do escravo adulto que comprava ou recebia gratuitamente a liberdade; **por testamento**, na circunstância de o escravo ser declarado manumisso no testamento do proprietário falecido; **de pia**, quando a libertação ocorria no ato do batismo católico, mediante o pagamento, ao dono do escravo, de uma quantia previamente estipulada.

Outra forma de concessão da alforria era a carta de **liberdade condicional**, na qual o outorgante estipulava a libertação do escravo em data determinada; por exemplo, depois do falecimento do proprietário.

ALFREDINHO FLAUTIM (1884-1958). Nome artístico do músico brasileiro Alfredo José Rodrigues, nascido em Juiz de Fora, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Radicado na cidade do Rio de Janeiro desde os 12 anos de idade, integrou o círculo de Pixinguinha*, mas só em 1954 tornou-se mais conhecido, ao atuar, como executante de flautim, no grupo da Velha-Guarda, organizado pelo radialista Almirante.

ALFREDO SEGUNDO. Nome pelo qual se tornou conhecido Alfredo dos Santos, jogador brasileiro de futebol nascido no Rio de Janeiro, em 1928. Espécie de curinga no Clube de Regatas Vasco da Gama, no qual atuou em várias posições, integrou em diversas ocasiões a seleção brasileira de futebol, nos anos de 1940 e 1950.

ALGARÍN, Miguel. Educador e escritor nascido em Santurce, Porto Rico, em 1941. Emigrando com a família para a cidade de Nova York, EUA, aos 9 anos de idade, bacharelou-se e pós-graduou-se em Literatura. Professor universitário, foi um dos fundadores, em 1975, do movimento literário "nuyorican" (*New York + Puerto Rican*), de exaltação dos valores nacionais de seu país de origem. A partir de 1978, publicou vários livros, de diversos gêneros, além de organizar antologias de escritores identificados com a corrente que fundou.

ALGODÃO. Matéria fibrosa que reveste as sementes do algodoeiro, produzida por várias espécies vegetais e utilizada no fabrico de linhas e tecidos. **Algodão e abolicionismo:** Com a invenção do descaroçador de algodão, em 1793, o cultivo da planta envolveu 60% de todo o trabalho escravo nos Estados Unidos. Como o solo e o clima sulinos eram mais propícios ao plantio, desenvolveram-se grandes plantations no Alabama, no Texas, no Mississippi e em Louisiana, estados que, formando o que se denominou *Deep South*, estabeleceram, graças ao braço negro, política econômica e organização sociopolítica completamente diferentes das adotadas nos demais estados da federação americana. Por sua importância econômica, o algodão cultivado nos Estados Unidos desempenhou papel fundamental na abolição da escravatura em todo o continente. Conforme

assinala Osny Duarte Pereira (1962), ao disputar a hegemonia do mercado com os americanos produtores de tecidos, os ingleses perceberam que, mantida a escravidão, a indústria americana obteria matéria-prima em melhores condições, ao passo que, com o trabalho livre, o algodão utilizado em seus teares custaria mais caro que o produzido nas colônias britânicas na África e na Ásia. Com base nesse raciocínio puramente econômico, e não por razões humanitárias, a Inglaterra assumiu a vanguarda da luta contra o tráfico de escravos.

ALGODOEIRO (*Gossypium herbaceum*). Planta herbácea da família das malváceas, dedicada a Oxalá, o orixá da cor branca, em cujo assentamento por vezes se colocam flocos de algodão. Em Cuba, seus donos são Obatalá Babbadé, Ochanlá e Babá Lubbó Alámoréré, todos representações *lucumís* do Deus supremo.

ALGUIDAR. Vasilha de barro usada nos terreiros principalmente como recipiente de alimentos votivos, em especial para Exu.

ALHO (*Allium sativum*). Planta da família das aliáceas. As cascas de seu bulbo ou cabeça são muito usadas, na tradição afro-brasileira, em defumações, com o fito de afastar maus espíritos. Em Cuba, contra o mau-olhado, recomenda-se levar um dente na cabeça, entre os cabelos, preso por um alfinete.

ALI, Muhammad. Pugilista americano nascido em Louisville, Kentucky, em 1942, chamado Cassius Marcellus Clay antes de seu ingresso, em 1964, na Nação do Islã*. Em 1960, na Olimpíada de Roma, conquistou a medalha de ouro na categoria meio-pesado. Tempos depois, ao ser impedido, em seu país, de entrar em um restaurante só para brancos, num emocionado gesto de protesto, jogou a medalha no rio Ohio. Em 1964 conquistou pela primeira vez o título mundial dos pesos-pesados, que lhe foi cassado em 1967, quando se recusou a lutar na Guerra do Vietnã. Mas conseguiu recuperar esse título por mais duas vezes, até que, em 1981, abandonou os ringues, consagrado como o maior pugilista de seu tempo. Na Olimpíada de Atlanta, em 1996, numa justa homenagem, foi o encarregado de acender a pira olímpica.

ALI, Noble Drew (1886-1929). Líder religioso americano nascido na Carolina do Norte. No início do século XX, viajando pelo mundo como

artista circense, adquiriu convicções político-religiosas que o levaram ao islamismo e a renegar seu nome cristão, Timothy Drew. Em 1913 fundou em Newark, Nova Jersey, o Moorish Science Temple of America [Templo da Ciência Moura da América], seita cuja prática se baseava na afirmação de que os negros americanos eram de origem moura e muçulmana, devendo por isso abraçar o islamismo. Acusado da morte do administrador financeiro de sua organização, talvez injustamente, Ali morreu na prisão. No ano seguinte, um de seus seguidores, Wallace Fard, fundava a Nation of Islam. *Ver NAÇÃO DO ISLÃ*.

ALÍ, Pablo (?-1844). Líder militar dominicano. Escravo em Saint Domingue, atual Haiti, durante a Revolução Haitiana (1791-1804) cruzou a fronteira para alistar-se no Exército espanhol e, assim, conquistar a liberdade. Em 1811 foi promovido a coronel e distinguido com uma medalha de ouro pelos serviços prestados à Espanha. Integrando as forças militares do Haiti Espanhol*, é mencionado por Appiah e Gates Jr. (1999) como comandante nos episódios que se seguiram à queda de Jean-Pierre Boyer* e culminaram na criação da República Dominicana, em 1844.

ALIAXÉ. Corruptela de ilê-axé*.

ALICALI. Diretor espiritual, espécie de juiz ou conselheiro-mor, entre os antigos malês da Bahia.

ALIGATOR APPLE. Nome jamaicano do araticum-do-brejo (*Annona palustris*), planta anonácea cujo fruto, vermífugo e emoliente, é tido como poderoso narcótico, outrora usado pelos escravos. No Brasil, é também conhecido como maçã-de-cobra.

ALIJENUM. Cada um dos espíritos diabólicos do culto malê. Do hauçá *aljinnu*, correspondente ao iorubá *àlùjanun*.

ALIMANGARIBA. Quarta e penúltima oração dos malês, rezada ao anoitecer. Do hauçá *al mangariba*, "período do dia antes do crepúsculo"; "à tardinha".

ALIMENTAÇÃO DE ESCRAVOS. *Ver ESCRAVOS RURAIS, Regime alimentar*.

ALIZABÁ. Paramento do culto malê, constituído de uma espécie de hábito com mangas largas e capuz. Do hauçá, provavelmente de *al saba*, "a pele retirada de uma serpente".

ALLADA. Variação de *aradá**.

ALLEN, Richard (1760-1831). Líder abolicionista e religioso americano. Nascido escravo na Filadélfia e vendido a um proprietário de Maryland, converteu-se ao cristianismo, comprou sua alforria e fundou, em 1794, no estado natal, a Igreja Episcopal Metodista Africana. Foi também um dos fundadores da Free African Society, entidade abolicionista. Sobre seu talento como pregador, conta-se que converteu ao evangelho seu próprio ex-senhor. *Ver AFRICAN METHODIST EPISCOPAL CHURCH*.

ALMA EN BOCA Y HUESOS EN COSTAL. Expressão contratual usada na Cuba colonial em referência aos negros recém-chegados da África, para indicar que o vendedor não se responsabilizaria por eventuais enfermidades de que fossem portadores ou por taxas ou ônus de qualquer natureza que sobre eles recaíssem.

ALMADIA. Espécie de embarcação africana, estreita e comprida.

ALMAYZAR. Espécie de tecido fabricado na África ocidental. Em 1498, Cristóvão Colombo, em sua terceira viagem à América, recebeu de indígenas, conforme relata em seu diário, amostras desse tipo de tecido, o que reforça a tese da presença de navegadores africanos no continente americano antes dele (conforme Ivan Van Sertima*, 1977).

ALMEIDA, Araci [Teles] **de** (1914-88). Cantora brasileira nascida e falecida no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira em 1933, notabilizando-se, na juventude, como grande intérprete da obra do compositor Noel Rosa, da qual fez vários registros. Na fase final de sua vida, ficou mais conhecida por sua atuação como jurada em programas de auditório na televisão.

ALMEIDA, Clarindo de (século XIX). Militante abolicionista brasileiro. Em 1889, autodenominando-se "chefe-geral da Guarda Negra", fez publicar, no jornal *Cidade do Rio*, nota negando finalidades de confronto racial nas ações da organização e apresentando como seu objetivo "restituir ao homem de cor o direito, que lhe foi roubado, de intervir nos negócios públicos" (conforme Flávio Santos Gomes, 1991).

ALMEIDA, Fernando (1974-2004). Ator brasileiro nascido e falecido, vítima de assassinato, no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira aos 5 anos de idade e, em 1997, já havia participado de oito telenovelas, metade delas na Rede Globo, e de um filme, além de interpretar importante papel (o do

escritor quando jovem) na montagem teatral de *Lima Barreto ao terceiro dia*, ao lado de Milton Gonçalves*.

ALMEIDA, Irineu de. *Ver IRINEU BATINA*.

ALMEIDA, Ivan de. Ator brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1938. Com carreira teatral iniciada nos anos de 1960, na década seguinte estreou na telenovela *Irmãos Coragem*. A partir de então, participou de mais de vinte produções, nos núcleos de teledramaturgia da Rede Globo e da Rede Manchete, na qual integrou os elencos de *Dona Beija* e *Pantanal*, entre outras.

ALMEIDA, José Custódio Joaquim de (1832-1936). Líder religioso gaúcho nascido no antigo Daomé e falecido em Porto Alegre, RS. Segundo A. Costa e Silva (2003), veio para o Brasil em 1864, cumprindo exílio político, talvez por envolvimento na disputa entre Inglaterra e França pelo controle da região do golfo de Benin. Pensionista do governo britânico, fixou-se em Rio Grande, depois em Bajé e, finalmente, na atual capital gaúcha, onde levou vida abastada e bem relacionada com as elites. Admirado e respeitado entre os fiéis do batuque porto-alegrense, era, segundo a tradição, membro da nobreza em sua terra natal, pelo que foi também conhecido como o "Príncipe de Ajudá". Segundo a tradição, teria assentado, no mercado municipal da cidade, uma espécie de bará*, até hoje guia e protetor da capital gaúcha. *Ver AJUDÁ, Fortaleza de*; *D'ALMEIDA, Joaquim*.

ALMEIDA [Bosque]**, Juan** (1927-2009). Comandante da Revolução e vice-presidente do Conselho de Estado de Cuba. Escritor e compositor nascido em Havana, é autor de *Presidio* (Havana, 1988), livro que narra a fase de preparação e o assalto aos quartéis Moncada e Carlos Manuel de Céspedes, etapa inicial do movimento revolucionário cubano, nos anos de 1950.

ALMEIDA, Manuel Villa. Poeta cabo-verdiano nascido em 1915 e radicado no Uruguai ainda menino. Foi o fundador, com Mary Kagan, sua mulher, da revista *Bahia*, tribuna aberta de denúncia do racismo e de exaltação dos valores intelectuais do negro e de toda forma de humanismo. Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

ALMEIDA, Mauro de (1882-1956). Nome abreviado de João Mauro de Almeida, jornalista e autor teatral brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Cronista carnavalesco, assinava seus textos com o pseudônimo "Peru dos Pés Frios". Tornado célebre como autor da letra do pioneiro samba *Pelo telefone*, admitia ter sido, no caso, apenas adaptador de versos da tradição popular. Obra publicada: a) comédias – *Os chapéus vermelhos* (com Luís Rocha, 1906); *Presidente antes de nascer*, *Adeus, não lhe pague*, *A família cinema* (1913); *Cozinheira grã-fina*, *Decadência*, *Desarvorada do amor* (com Luís Rocha), *Amores e moda* (1931); b) revistas: *Com a corda no pescoço* e *Sempre chorando* (com Frederico Cardoso de Menezes, 1913); *No país dos níqueis*, *Do cruzado ao cruzeiro* e *Fala um pouco, Etelvina* (com Luís Rocha, 1927). Publicou, ainda, *Ondas teatrais* (esquetes para radioteatro, 1938) e *O capacho* (tradução).

ALMEIDA, Pires de [Joaquim Garcia] (1844-73). Jornalista e dramaturgo nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos signatários do Manifesto Republicano de 1870, escreveu, entre outras obras, os dramas *Anjos de fogo* e *A República dos pobres*, e a comédia *As mulheres do palco*, de 1863.

ALMENARES, Angel. Guitarrista e compositor cubano nascido em Santiago de Cuba em 1902. Foi um dos fundadores, em sua cidade natal, do Café de Virgilio, centro da trova cubana e importante expressão da música de seu país.

AL-MIN. Entre os antigos malês baianos, nome com que se designava o seguidor da fé islâmica.

ALMIRANTE NEGRO. Antonomásia dada ao marinheiro João Cândido*, líder da Revolta da Chibata*.

ALMOJARIFAZGO. Na América colonial espanhola, imposto devido pelos traficantes de escravos à Fazenda Real, pela venda de cada cativo.

ALMORÁVIDAS. Dinastia berbere do Marrocos, condutora do processo de islamização da África ocidental durante o século XI. A partir de 1042, liderados inicialmente por Ibn Yasin e depois por Abu Bacar, seus membros empreenderam um bem-sucedido jihad*, que redundou na tomada de Audaghost e Kumbi Saleh e na conversão dos soberanos dos futuros grandes

impérios muçulmanos de Gana, Mali e Songai. O poder dos almorávidas começou a declinar com a morte de Yusuf, em 1106.

ALÔ. Antiga narrativa popular dos nagôs no Brasil. Do iorubá *àló*, "fábula".

ALOBAÇA. Corruptela de alubaça*.

ALODÊ. Termo pejorativo outrora aplicado aos negros, significando, segundo Aurélio Buarque de Holanda (1986), "homem de cor escura e carregada". *Ver BONECA DE ALODÊ*.

ALOGUE. Vodum masculino da Casa das Minas.

ALOIÁ. Em Pernambuco, orixá feminino sincretizado com santa Bárbara.

ALOJÁ. Entre os antigos malês da Bahia, título de um dos assumânios* da organização denominada Mesa dos Nove.

ALONZO NIÑO, Pedro (*c*. 1468-1505). Navegador europeu de provável origem africana, foi o capitão da caravela Niña, da primeira expedição de Cristóvão Colombo às Américas, em 1492, tendo acompanhado o descobridor genovês em suas outras viagens americanas. Em 1499, comandou expedição à atual Venezuela, retornando com grande carregamento de pérolas e pau-de-tinta, após a realização da mais proveitosa viagem espanhola de seu tempo. Também chamado Alonzo Pedro ou Alonzo Pietro e conhecido como "El Negro", é referido nos textos históricos como "um homem de cor" (conforme M. Morsbach, 1969).

ALOUMANDIA. Loá* feminino do vodu haitiano.

ALOVI. Loá* do vodu haitiano, pregador de peças e arranjador de confusões.

ALTAIR Gomes de Figueiredo. Jogador brasileiro de futebol nascido em Niterói, RJ, em 1938. Lateral-esquerdo do Fluminense Futebol Clube, fez parte da seleção nacional na Copa do Mundo de 1966.

ALTAMIRANDA, Clelia Nuñez. Escritora e pintora uruguaia nascida em Montevidéu, em 1906, e radicada em Buenos Aires, Argentina. Publicou seus poemas na imprensa uruguaia a partir de 1960. Está incluída na antologia de A. B. Serrat (1996).

ALTO VOLTA. Antigo nome da República de Burkina Fasso*.

ALUÁ. Bebida refrescante à base de farinha de arroz, milho torrado ou cascas de abacaxi. Em seu preparo, o milho de pipoca é torrado, moído e posto para fermentar com água e açúcar mascavo, por cerca de sete dias.

Depois de fermentado, coa-se e adicionam-se gengibre moído e açúcar a gosto. Do quimbundo *uálua*, "cerveja". A *Enciclopédia Delta-Larousse* (1970) consigna outra acepção, que é a de "doce de farinha de arroz, manteiga e jagra, feito no Oriente e semelhante ao manjar-branco". Nessa acepção, o étimo é árabe, chegando à língua hauçá nas formas *eléwa* e *allewa*. No hauçá, existe o termo *ruwa*, "água", no qual Câmara Cascudo julgava estar a origem do vocábulo *aluá*. Em abono ao étimo banto que propomos, vemos em Obenga (1985) a notícia da existência de uma cerveja de milho fabricada no Reino do Congo no século XVIII, conhecida pelos nomes de *vuallo* e *ovallo*.

ALUABÁ. Entre os malês, banho aromático de ervas sagradas. *Ver ALULÁ.*

ALUBAÇA. Denominação da cebola* nos terreiros nagôs. Por extensão, método binário de adivinhação que consiste na utilização das duas metades de uma cebola. Também chamado "jogo da alubaça". Do iorubá *alubósà*.

ALUFÁ. Sacerdote do culto malê; nome pelo qual era conhecido, no Rio de Janeiro, cada um dos adeptos desse culto. Do árabe *alfa*, "sábio", "sagaz", pelo iorubá *alufa*. Na hierarquia sacerdotal do culto malê, cada grupo de alufás era chefiado por um limane*, sendo todos, porém, aconselhados por um mais idoso e sábio, denominado "xerife", cuja palavra, segundo Manuel Querino (1955), era respeitada como a de um oráculo.

ALUGUEL DE ESCRAVOS. Prática comum durante a escravidão; no Brasil da década de 1860, o aluguel de escravos para todo tipo de serviço era negócio rendoso. No Rio de Janeiro, segundo Delso Renault (1982), enquanto o aluguel de um sobrado numa chácara chegava a 18 mil réis mensais e o de uma casa para homem solteiro, na rua do Livramento, a 8 mil, o aluguel de uma escrava cozinheira, lavadeira e engomadeira custava 30 mil réis, sendo também bastante valorizados os serviços das amas de leite e mucamas.

ALUÍSIO DO VIOLÃO (1911-91). Nome artístico de Aluísio Dias, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Emérito violonista, foi um dos fundadores da ala de compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, parceiro de Cartola* e professor de violão de compositores como Geraldo Pereira* e Nelson Sargento*.

ALUJÁ. Ritmo e dança de Xangô.
ALUKU. Falar crioulo de base inglesa do Suriname.
ALUKU NENGRE. Expressão usada por grupos de *bush negroes** das Guianas para designar um membro do grupo boni.
ALULÁ. Ablução feita pelos malês antes da oração. Do hauçá *alwalla*, correspondente ao iorubá *àluwala*.
ALUMÃ (*Vernonia bahiensis*). Planta da família das compostas usada em rituais da tradição religiosa afro-brasileira, consagrada a Ogum.
ALUVAIÁ. Inquice* dos candomblés bantos correspondente ao Exu nagô.
ALVAIADE (1913-81). Nome artístico de Osvaldo dos Santos, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Ligado à escola de samba Portela*, na qual integrou o conjunto da velha-guarda, é autor de sambas de sucesso como *O que vier eu traço* (1945) e *Marinheiro de primeira viagem* (1961). Como diretor de harmonia, procurou dar continuidade ao trabalho de Paulo da Portela*, buscando o reconhecimento para a cultura dos negros e para o samba em particular.
ALVARENGA, Hernâni (1911-92). Sambista nascido em São Paulo e falecido no Rio de Janeiro. Radicado na capital fluminense desde os 4 anos de idade, foi um dos fundadores da escola de samba Portela*. Conhecido como "O Samba Falado", por seu estilo de cantar, foi resgatado como autor nos anos de 1970 pela cantora Beth Carvalho, que registrou em disco algumas de suas obras.
ALVARENGA, [Manuel Inácio da] **Silva** (1749-1814). Poeta nascido em Vila Rica, hoje Ouro Preto, MG. De 1773 a 1776, estudou na Universidade de Coimbra, Portugal, onde era protegido do marquês de Pombal. De volta ao Brasil, distinguiu-se como poeta e funcionário público. Escrevia sobre temas brasileiros, mas raramente sobre a África ou questões próprias dos negros. Em sua obra destacam-se: *O desertor: poema herói-cômico* (Coimbra, 1774); *O templo de Neptuno* (Lisboa, 1777); *Glaura, poemas eróticos* (Lisboa, 1798); *Obras poéticas* (Rio de Janeiro, 1864); *Poemas eróticos* (Lisboa, 1889), sendo as duas últimas publicações póstumas.
ÁLVARES, Afonso (?-1650). Dramaturgo português de origem negro-africana. Nascido e criado no palácio de dom Afonso, bispo de Évora, foi, ao que consta, o primeiro autor afrodescendente a escrever em língua europeia.

Criou, por encomenda de religiosos franciscanos, peças teatrais sobre a vida de santos católicos, tais como: *Auto de santo Antônio* (publicada em 1613), *Auto de santa Bárbara virgem e mártir* (1613), *Auto de são Tiago apóstolo* (1639) e *Auto de são Vicente* (1658, póstumo).

ALVAREZ, Adalberto. Compositor, pianista e chefe de orquestra cubano nascido em Havana, em 1948. Ex-professor da Escola Provincial de Música de Camagüey, é autor e intérprete de composições de sucesso no gênero *son*, destacando-se, com seu grupo, em apresentações por vários países.

ALVAREZ, Juan (1790-1867). Militar e político mexicano nascido em Guerrero e falecido em Acapulco. Herói da Guerra da Independência de seu país, na primeira metade do século XIX, mais tarde, foi governador do estado de Guerrero.

ALVAREZ, Paulina (1912-65). Cantora cubana nascida em Cienfuegos e falecida em Havana. Em 1929, foi a primeira mulher a dar interpretação vocal ao *danzonete*, importante expressão da música popular cubana. Em 1939, com sua própria orquestra, realizou um concerto no antigo teatro Auditorium, depois Amadeo Roldán, então um templo da música das elites.

ÁLVARO I, Dom (?-1587). Nome cristão do soberano do Congo, pertencente ao clã Mpanzu, sob cujo reinado (1568-87) se intensificou o tráfico português de escravos para o Brasil. Foi também durante seu reinado que ocorreu, em 1568, a célebre invasão dos jagas*.

ALVES [de Souza]**, Ataulfo** (1909-69). Compositor e cantor brasileiro nascido em Miraí, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Filho de lavradores e auxiliar de farmácia, em 1934, já no Rio de Janeiro, teve sua composição *Tempo perdido* gravada por Carmen Miranda. Sete anos depois estreava como cantor, interpretando *Leva meu samba*, e, no ano seguinte, 1942, faria grande sucesso com *Ai, que saudades da Amélia*, em parceria com Mário Lago. A partir de então, teve sua obra gravada por grandes intérpretes como Sílvio Caldas, Orlando Silva, Dalva de Oliveira, Carmen Costa etc. Letrista de elaboração filosófica e melodista inspirado, seu vasto repertório é um dos pilares sobre os quais se sustenta a música popular brasileira. Grande intérprete de sua obra, apresentava-se acompanhado de um gracioso

quarteto feminino, as suas “pastoras” (*ver PASTORA*). Em 1966 participou do primeiro Festival Mundial de Arte Negra*, em Dacar, Senegal.

ALVES, Dom José Pereira (séculos XIX-XX). Prelado brasileiro, foi bispo de Niterói, RJ. Professor do seminário de Olinda na década de 1910, é citado como “mulato ilustre” por Gilberto Freyre.

ALVES, Dulce [Saraiva] (1939-92). Radiojornalista brasileira nascida no Rio de Janeiro. Repórter setorista do Palácio da Guanabara e comentarista de carnaval, ligada à escola de samba Unidos de Vila Isabel e fundadora do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo*, foi uma das figuras mais queridas do radiojornalismo carioca.

ALVES [Martins]**, Gilberto** (1915-92). Cantor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Um dos maiores nomes da música popular brasileira nos anos de 1930-50, foi um criador de sucessos em vários gêneros, da valsa ao samba.

ALVES [Filho]**, João.** Político brasileiro nascido em Aracaju, SE, em 1941. Formado em Engenharia pela Universidade Federal da Bahia e empresário no ramo da construção civil, foi prefeito de sua cidade natal (1975-79); governador do estado de Sergipe (1983-87 e 1991-95); ministro do Interior no governo José Sarney (1987- 90); e, em 2002, assumiu novamente o governo de seu estado. Autor de obras técnicas, como *Transposição das águas do rio São Francisco: agressão ambiental × solução ecológica*, tornou-se membro da Academia Sergipana de Letras.

ALVES [da Silva]**, José.** Músico e professor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1942. Violinista, atuou na Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, na Sinfônica Nacional e na Sinfônica Brasileira. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi professor, chefe do Departamento de Cordas e diretor da Escola de Música, até 1998. Exerceu, igualmente, o cargo de conselheiro da Ordem dos Músicos, além de outras representações de classe. Em 1999, foi eleito membro honorário da Academia Nacional de Música.

ALVES, Luís (1910-2003). Personagem do carnaval carioca. Nascido em Pernambuco, comandou, no Rio de Janeiro, a partir de 1945, a versão carioca do Clube de Frevo Lenhadores. Conhecido como “O Rei do Frevo”, foi operário da Fábrica de Tecidos Confiança, no bairro carioca de Vila

Isabel, sendo, nela, responsável pelo sinal de entrada e saída dos trabalhadores, celebrizado no samba *Três apitos*, de Noel Rosa.

ALVES, Manuel (século XIX). Diplomata brasileiro. Foi embaixador de dom João VI e de dom Pedro I e cavaleiro da Ordem de Cristo. Em 1837 tomou parte na Sabinada*. Morreu na prisão, no Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

ALVES, [Francisco de Paula] **Rodrigues** (1848-1919). Estadista brasileiro nascido em Guaratinguetá, SP, e falecido no Rio de Janeiro. Presidente da República de 1902 a 1906 e, reeleito em 1918, não pôde assumir o cargo por motivo de doença, vindo a falecer no ano seguinte. Era, segundo o primeiro discurso de Abdias do Nascimento* no Senado, em 1991, filho da afro-brasileira Isabel Perpétua, conhecida como "Nhá Bela".

Rodrigues Alves

ALVES, Sebastião Rodrigues (1913-85). Assistente social e ativista político brasileiro, nascido em Guaçuí, ES, e falecido no Rio de Janeiro. Excluído do Exército brasileiro em 1936 por ter participado de movimentos antirracistas, atuou em irmandades religiosas, associações populares etc. Publicou, entre outros livros, *A ecologia do grupo afro-brasileiro*. Foi cofundador da Secretaria do Movimento Negro do Partido Democrático Trabalhista (PDT).

ALVORADA. Jornal da Associação dos Negros Brasileiros, entidade do movimento negro fundada em São Paulo, capital, em 1945. Dirigido por José Correia Leite, Raul Joviano Amaral e Fernando Góis, circulou de 1945 a 1948.

AMÃ. Entre os antigos malês baianos, rito de perdão celebrado em geral na Semana Santa e em funerais de altos dignitários do culto.

AMA DE LEITE. No Brasil antigo, mulher em geral negra e escrava que, em seu benefício ou no de seu senhor, emprestava ou alugava o seio para alimentar criança branca necessitada de melhor nutrição. Seu reverso era a

"ama-seca", quase sempre idosa, que apenas tomava conta das crianças. *Ver MÃE PRETA*.

AMACI. Líquido preparado com folhas rituais maceradas em água e usado em banhos de purificação. O mesmo que omi-eró*. Do fongbé *amasin*, "remédio".

AMACI-NI-ORI. Banho de folhas sagradas aplicado na cabeça do iniciado ou iniciando. *Ver ORI [1]*.

AMALÁ. No Brasil e em Cuba, pirão ou papa de farinha de arroz, mandioca ou inhame que serve como conduto do caruru de Xangô ou de Iansã. No Brasil, por extensão, o vocábulo passou a designar o próprio caruru – em Cuba denominado *amalá ilá*, em referência ao quiabo, *ilá*. Do iorubá *àmala*, "pirão de inhame".

AMALEJÁ. Cântico para despedida dos orixás em candomblés do Recife.

AMANI-XAQUETE (século I a.C.). Rainha de Cuxe. Governando de 41 a 12 a.C., resistiu firmemente, à frente de suas tropas, ao exército romano do imperador Augusto. Mesmo perdendo um olho em combate, não desistiu de lutar em defesa de seu reino contra o invasor estrangeiro.

AMANSA-SINHÔ. Veneno que escravos ministravam a senhores cruéis, neles provocando sonolência e abulia, numa intoxicação lenta e gradual que quase sempre os levava à morte. *Ver GUINÉ [2]*.

AMANSI. Na Casa das Minas, o mesmo que amaci*.

AMAPÁ. Estado da federação brasileira localizado na região Norte, tendo o Pará ao sul e a oeste, a Guiana Francesa ao norte e o oceano Atlântico a leste. A história de seu povoamento registra a formação de núcleos quilombolas e de imigrantes afro-guianenses. Em agosto de 1998, o governo federal reconhecia como remanescente de quilombo a comunidade de Curiaú, no município de Macapá. *Ver AMAZÔNIA, Quilombos na*; *LANC-PATUÁ*.

AMAPÁ, Crioulos do. Expressão popularmente usada para designar a comunidade de imigrantes negros, originários principalmente do Suriname e das Antilhas e falantes do lanc-patuá*, que se formou no Amapá, entre as décadas de 1930 e 1940. *Ver MUNCHÊ*.

AMARAL, Amaro do (1875-1922). Caricaturista brasileiro nascido em Olinda, PE, e falecido no Rio de Janeiro. Chargista da *Revista da Semana* e

do *Jornal do Brasil* na primeira década do século XX, teve seus melhores trabalhos reunidos em *Figuras & figurões*, álbum publicado em 1913.

AMARAL, Crispim do (1858-1911). Caricaturista, pintor e cenógrafo brasileiro nascido em Olinda, PE, e falecido no Rio de Janeiro. Ex-aluno de Leon Chapellin, em 1876 transfere-se de Recife para Belém do Pará, integrando, como cenógrafo, uma companhia teatral e trabalhando também como músico e ator, além de caricaturista na imprensa local. Tempos depois, está em Manaus, de onde se traslada, em 1888, para a capital francesa, na qual viveu cinco anos, alternando-se entre Paris, Belém e Manaus. Por essa época cria o jornalzinho *O Estafeta* e pinta o pano de boca do Teatro Amazonas. De volta ao Brasil, avalizado como cenógrafo da Comédie Française, fixa-se no Rio, sendo um dos fundadores e o primeiro diretor da revista *O Malho*, na sequência da qual lança *A Avenida*, *O Pau* e *O Século*.

AMARAL, Francisco Pedro do (?-1830). Pintor, cenógrafo e arquiteto brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Aluno de Manuel Dias de Oliveira e de Jean-Baptiste Debret, foi chefe de decoração da Casa Imperial. De sua autoria, entre outras obras, são as pinturas decorativas da casa da marquesa de Santos, em São Cristóvão, e o retrato a óleo da marquesa existente no Museu Histórico Nacional.

AMARAL, Odete (1917-84). Cantora brasileira nascida em Niterói, RJ, e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Com carreira iniciada em 1933, inclui-se no grupo de intérpretes cujo timbre de voz estava entre os melhores do rádio brasileiro nos anos de 1930-50.

AMARAL, Raul Joviano do (1914-88). Jornalista, advogado e militante negro nascido em Campinas, SP. Foi presidente da União Negra Brasileira, redator de *Alvorada*, *A Voz da Raça*, *Novo Horizonte* e *Senzala*. Publicou *Vozes e lamentos* (poemas, 1938); *Tradições populares* (1943); e *Os pretos do Rosário, história da irmandade dos homens pretos em São Paulo* (1954), entre outras obras.

AMARAL, Virgínia do (1909-95). Líder católica brasileira nascida em Itapira, SP. Auxiliar de enfermagem e pertencente à Juventude Operária Católica, realizou importante trabalho assistencial em Vila Leopoldina, subúrbio da capital paulista. Sua biografia é contada no livro *Virgínia do Amaral* (1996), de Inez Mariza Sanchez.

AMARILDO Tavares da Silva. Jogador de futebol brasileiro nascido em Campos, RJ, em 1940. Atacante do Botafogo carioca nos anos de 1960, foi, como substituto de Pelé, um dos grandes destaques da seleção brasileira bicampeã mundial em 1962. Pela sua garra, recebeu do cronista Nelson Rodrigues o cognome de "O Possesso".

AMARILIS (século XVII). Nome pelo qual foi conhecida Maria de Córdoba y de la Vega, atriz espanhola, uma das mais festejadas de sua época, elogiada por Quevedo e Lope de Vega e cortejada pelo duque de Osuna. Era mulata e vivia na Calle de los Negros. *Ver ESPANHA*.

AMARÔ. Em Lagos, Nigéria, nome correspondente ao beninense *agudá**, designando cada um dos libertos e seus descendentes retornados* do Brasil e de Cuba.

AMAZI. Em algumas comunidades religiosas afro-brasileiras, água purificadora, da fonte sagrada do terreiro. Do nhungue *madzi*, "água".

AMAZONAS DO DAOMÉ. Nome pelo qual se tornaram conhecidas as mulheres-soldado a serviço do Reino do Daomé* nos séculos XVIII e XIX. Muito bem adestradas, suas integrantes eram encarregadas do policiamento do palácio real e da guarda pessoal do soberano, além de participarem das guerras em que o reino se envolvia. Já em 1792, o negreiro inglês Archibald Dalzel assinalava, na sua *História do Daomé*, a presença de várias centenas de mulheres guerreiras entre os milhares de integrantes do harém do palácio de Abomé. E, cem anos depois, essas guerreiras tornavam-se o foco das atenções das tropas coloniais francesas. O corpo de mulheres-soldado fora criado como força de defesa do harém e para auxiliar os 3 mil membros da Guarda Real. As mulheres eram escolhidas entre escravas não daomeanas, que não tinham nenhuma ligação com o rei. Esse processo de seleção sofreu alterações por volta de 1850, quando o rei Ghezo* concedeu às mulheres status igual ao dos homens e estabeleceu processo de recrutamento, seleção e prestação de serviços por três anos. Na década de 1880, as comandantes eram escolhidas em meio às melhores famílias da nobreza, o que fazia delas uma força tanto militar como política. Pelos relatos dos contemporâneos, as mulheres-soldado daomeanas, testadas na campanha ofensiva de 1840, demonstraram qualidades excepcionais na guerra. Na época, contava-se que, enquanto um guerreiro levava cinquenta segundos para carregar um

mosquetão, uma amazona podia executar a mesma tarefa em trinta. Aquelas mulheres que, além de guerreiras, fossem hábeis caçadoras de elefantes eram autorizadas a usar um penteado especial, consistindo em um par de chifres de antílope. Segundo R. Cornevin, feito prisioneiro à época do rei Béhanzin*, os soldados daomeanos do sexo masculino, sempre portando um rifle e um facão, eram musculosos, silenciosos e austeros; e as mulheres, que portavam as mesmas armas, eram tão intimidadoras quanto eles. Essas impressões se refletem nos relatos de guerra, nos quais os observadores destacam sempre a valentia e o furor, às vezes sanguinário, das mulheres-soldado. Essa força de guerra, aliada à utilização de armas europeias, fez do exército do Daomé um dos mais temidos adversários dos franceses no século XIX. Entretanto, em 1892, as balas francesas e a varíola escreveriam a última página da legenda das "amazonas do Daomé".

AMAZÔNIA, Quilombos na. Em 1790, um relatório militar dava conta da presença de negros aquilombados na Amazônia brasileira. Os negros somavam, àquela época, 15% da população da capitania do Grão-Pará, sendo que os quilombos articulavam-se com a sociedade local por meio do comércio e de alianças políticas, e, com os indígenas, por meio de uniões militares e maritais. No atual estado do Pará, a história registra quilombos em Alcobaça (hoje Tucuruí), Alenquer, Anajás (na ilha de Marajó), Cametá, Caxiú, Gurupi, Mocajuba e Óbidos. No antigo território do Amapá, registram-se os quilombos de Mazagão e Calçoene, no rio Oiapoque. Em 2000, o governo federal identificou nesse estado, como comunidade remanescente de quilombo*, a de Rio da Perdição.

AMBAR, Malik (*c.* 1547-1626). Governante indiano. Ex-escravo etíope, usurpou o poder na Índia central, governando de 1602 a 1606, período em que expandiu o comércio, abriu estradas e canais de irrigação, além de construir mesquitas e edifícios públicos. Para a consecução de seus objetivos, recrutou guerreiros africanos para seus exércitos e estabeleceu relações comerciais com persas, árabes, portugueses e ingleses. *Ver AFRO-INDIANOS.*

AMBRIZ. Porto localizado ao norte de Luanda, na atual República de Angola. Nos anos de 1830, como principal saída do interior do país para o

litoral, foi um dos mais importantes centros exportadores de escravos para o Brasil.

AMBRÓSIO, Quilombo do. No século XVIII, reduto localizado entre os atuais municípios mineiros de São Gotardo e Ibiá. Também chamado "Quilombo Grande", chegou a reunir de 10 a 20 mil quilombolas, constituindo um modelo de organização e trabalho comunitário. Ambrósio, seu líder e chefe supremo, tinha, segundo a crônica da época, "todas as qualidades de um general". O reduto, no entanto, foi violentamente destruído em 1746, erguendo-se, mais tarde, no mesmo local, o Quilombo do Campo Grande.

AMBROZÔ. Iguaria da culinária afro-brasileira. O mesmo que abrazô*. Do fongbé *ablozô* (*ablô*, "pão de milho", e *zô*, "fogo").

AMBUNDO. Indivíduo dos ambundos ou bundos, grupo étnico de Angola, falante do quimbundo. Localizado em Angola, ao norte do rio Cuanza, é o segundo maior grupo étnico angolano e compreende 21 subgrupos principais: ambundos propriamente ditos, bamberos, bangalas, bondos, cáris, dembos, hacos, holos, hungos, libolos, luandas, luangos, minungos, mutemos, ngolas ou jingas, punas, quibalas, quissamas, sendes, songos e xinjes. A presença dos ambundos na história angolana é marcante, e sua língua, com suas várias formas dialetais, contribuiu imensamente para a formação do léxico do português falado no Brasil.

AMELÊ. Nome que outrora se dava, na Bahia, ao ganzá (conforme Mário de Andrade, 1989); cabaça. *Ver OMELÊ*.

AMELIORATION ACT OF 1788. Lei aprovada pela Assembleia Geral das ilhas Leeward, antiga possessão britânica nas Antilhas, com o fito de assegurar mais proteção e melhores condições de trabalho e saúde aos cativos. Por trás da fachada humanitária, entretanto, essa lei objetivava apenas o aumento do "rebanho" escravo.

AMENDOEIRA (*Amygdalus vulgaris*). Árvore da família das rosáceas dedicada, na tradição religiosa afro-brasileira, aos espíritos dos antepassados.

AMENO RESEDÁ. Rancho carnavalesco brasileiro fundado em 1907 e extinto em 1943. Destacou-se como uma das mais importantes agremiações do carnaval carioca. Intitulando-se "rancho-escola", forneceu o modelo no qual se inspiraram as primitivas escolas de samba. Seus fundadores e

impulsionadores foram majoritariamente negros, muitos ligados à comunidade baiana no Rio de Janeiro.

AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA, Negros na. *Ver SERTIMA, Ivan Van*; *OLMECAS*.

AMERICAN COLONIZATION SOCIETY. Organização fundada em Washington, capital dos Estados Unidos, em 1916. Teve por objetivo promover a emigração, para a costa ocidental africana, de negros livres, na condição de colonizadores, em países como Serra Leoa* e a futura Libéria*, república nascida exatamente por força desse projeto.

AMERICAN NEGRO ACADEMY. Organização de autores, pesquisadores e artistas afro-americanos fundada em Washington, em 1897. Seu fundador e primeiro presidente foi Alexander Crummel*. Apesar de seu criticado elitismo e de se espelhar na cultura dominante, constituiu, até o encerramento de suas atividades, na década de 1920, um marco de excelência na história do conhecimento afro-americano e na luta pela igualdade de direitos.

AMÉRICO, Mário (1913-90). Fisioterapeuta brasileiro nascido em Monte Santo, MG, e falecido em São Paulo. Massagista desportivo, ficou conhecido por seu trabalho no clube Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Integrou os quadros da seleção brasileira de futebol, com a qual participou de sete campeonatos mundiais, a partir de 1950, inclusive o de 1970, em que o Brasil se sagrou tricampeão. Atuava como "pombo-correio", pois, além de socorrer os jogadores contundidos, levava instruções da comissão técnica. Fora do cenário esportivo, foi vereador na Câmara Municipal de São Paulo.

AMÉRICO [de Figueiredo e Mello]**, Pedro** (1843-1905). Pintor brasileiro nascido em Areia, PB, e falecido em Florença, Itália. Doutor em Ciências Físicas pela Universidade de Paris, no Brasil foi catedrático da Academia Imperial de Belas-Artes e um dos mais célebres pintores de seu tempo, consagrado por telas como *Batalha do Avaí* e *Grito do Ipiranga*. É referido por Arthur Ramos (1956), em *O negro na civilização brasileira*, como "pintor mulato natural da Paraíba".

AMIM. Entre os malês baianos, título de um dos assumânios* da organização denominada "Mesa dos Nove".

AMIÒ. Na Casa das Minas, pirão de farinha de mandioca com caldo de galinha. Do fongbé *ami wo*, "pirão vermelho".

Pedro Américo

AMISTAD, La. Navio negreiro no qual se desenrolou um célebre e inusitado episódio da história das rebeliões escravas. Em 27 de junho de 1839, a escuna La Amistad saiu de Havana rumo à cidade cubana de Puerto Príncipe com um carregamento de negros recém-chegados da África. Porém, antes de atingir o destino, os escravos, liderados por Joseph Cinque*, natural de Serra Leoa, colônia britânica onde a escravidão já tinha sido abolida, insurgiram-se, mataram o capitão e três tripulantes e ordenaram aos marinheiros a volta à África. Em agosto, entretanto, fora da rota, sendo enganados pelos marinheiros, chegaram a Long Island, nos Estados Unidos, onde a embarcação foi aprisionada pelo navio Washington, da Marinha americana, e sua carga humana levada para Connecticut, estado em que a escravidão ainda estava em vigor. Em 1841, depois de um rumoroso julgamento, Cinque finalmente conseguiu a liberdade e retornou a seu país.

AMO, Anton Wilhelm (*c.* 1703-*c.* 1754). Intelectual e conselheiro de Estado da Alemanha nascido e falecido na antiga Costa do Ouro, atual Gana. Filho de escravos, foi mandado para a Alemanha aos 4 anos de idade como presente da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais a dois filhos da nobreza alemã. Educado para ser um nobre, ao contrário da prática usual, cursou a universidade e em 1729 publicava seu primeiro trabalho, a respeito dos direitos africanos na Europa, sendo depois nomeado conselheiro do governo prussiano em Berlim. Em 1747, aparentemente desencantado com o racismo europeu, retornou ao seu país natal, onde trabalhou como ourives até a morte. Em 1965, a Universidade de Halle, na ex-Alemanha Oriental, ergueu uma estátua em sua honra.

AMODA. Espécie de pirão de rapadura, farinha e gengibre da antiga tradição culinária baiana.

AMOR (1889-1964). Nome pelo qual ficou conhecido Getúlio Marinho da Silva, compositor e dançarino nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro, onde viveu desde os 6 anos de idade. Exímio bailarino, foi mestre-sala de vários ranchos carnavalescos. De 1940 a 1946 foi o cidadão-samba* do carnaval carioca. Compositor, é de sua autoria a marcha junina *Pula a fogueira*, em parceria com João Dornas Filho. Registrou em disco várias cantigas rituais da tradição afro-brasileira.

AMOR-CRESCIDO. O mesmo que beldroega* e ora-pro-nóbis.

AMOR-DE-NEGRO (*Acanthospermum hispidum*). Carrapicho-rasteiro; retirante. Erva da família das compostas. A denominação parece encerrar uma metáfora racista: seus espinhos aderem fortemente às roupas das pessoas e aos pelos dos animais, mas provocam picadas dolorosas.

AMORENKÓ. Ato de dar o nome, protagonizado pelo orixá incorporado, durante a iniciação. Certamente originado em uma expressão iorubá composta dos vocábulos *àmoran*, “aviso”, e *orunkó*, “nome”.

AMORI. Prato da cozinha afro-baiana feito com folhas de mostarda fervidas, temperadas e fritas em azeite de dendê. O mesmo que latipá*.

AMORÔ. Corruptela de iá-morô*.

AMPARO. Chicote de Ibualama e Logun-Edé. Do iorubá *aparun*, “chibata”.

AMU. Uma das divindades principais do povo djuka* do Suriname.

AMUCUTUCUMUCARIÁ. O mesmo que cariapemba*. Dos termos quicongos *mukúutu*, “pessoa muito velha”, e *nkadiá*, “diabo”, significando “um diabo muito velho”.

AMUIXAN. Sacerdote do culto dos eguns encarregado de, com o ixã*, mantê-los afastados do público assistente. Do iorubá *amúsan*.

AMULETO. Objeto natural ou artefato usado como proteção sobrenatural contra malefícios, calamidades e doenças. A tradição africana conhece várias espécies de amuletos. *Ver GRIS-GRIS*; *NGANGA*; *PATUÁ* [2].

AMURÊ. Casamento malê. Do hauçá *amre*, *aure*.

AÑÁ. Denominação genérica dos tambores da tradição religiosa ijexá em Cuba. *Ver SOCARRAS, Fermin Naní*.

ANA DAS CARRANCAS (1924-2008). Nome pelo qual se tornou conhecida Ana Leopoldina dos Santos, artesã brasileira nascida em

Ouricuri, PE, e falecida em Petrolina, PE. Dedicando-se ao artesanato em barro para sobreviver à fome no árido sertão nordestino, tornou-se internacionalmente conhecida pelas esculturas reproduzindo as apreciadas carrancas dos barcos do rio São Francisco. Em 2004, o conjunto constituído por sua residência e sua oficina de trabalho, em Recife, ganhou as características de um museu vivo, com o nome de Centro de Arte e Cultura Ana das Carrancas. No ano seguinte, foi agraciada com a Ordem do Mérito Cultural pelo Ministério da Cultura do governo Lula da Silva.

ANA Maria de Jesus (século XIX). Personagem da história do Brasil. Escrava, incorporou-se às tropas brasileiras na Guerra do Paraguai e notabilizou-se como enfermeira, especialmente pelo atendimento prestado aos soldados feridos no episódio conhecido como Retirada da Laguna.

AÑABÍ. *Ver JUAN "EL COJO", Ño.*

ANADOPÉ. O mesmo que nadopé*.

ANAFORUANA. Escrita secreta da sociedade *abakuá**; o mesmo que firma*, grafismo equivalente ao ponto riscado* da umbanda brasileira.

ANAITÉ. Vodum feminino da Casa das Minas. A história do antigo Daomé* registra uma personagem feminina chamada Naité Sedume.

ANAKUÉ. Espécie de chocalho metálico da tradição afro-cubana semelhante ao ganzá* brasileiro.

ANAMABÚ. Nome étnico de um grupamento de escravos africanos, procedente da Costa do Ouro e introduzido no México por volta de 1673, quando do estabelecimento de uma feitoria inglesa naquele país.

ANAMBURUCU. Entidade sincretizada com Nossa Senhora Sant'Ana. O nome parece ser uma contaminação de Nanã Burucu* pelo antropônimo "Ana".

ANAMÚ. Denominação caribenha da *Petiveria alliacea*, no Brasil conhecida como guiné-pipi. Em Cuba, é folha proibida nas casas de culto *lucumís* e constitui tabu absoluto para os filhos de Obatalá e Iemanjá. *Ver GUINÉ [2].*

ANANIM. Vodum feminino da Casa das Minas.

ANANSI. Personagem da tradição dos axântis* trazida, com a escravidão, para as Antilhas e os Estados Unidos. Reveste a forma de uma aranha e simboliza a inteligência e a esperteza diante de situações adversas. Na

Jamaica, é representado como um homenzinho careca, choramingas e com voz de falsete. Exímio violinista e às vezes mágico, está em todos os lugares nos quais pode, prepotentemente, impor seus conhecimentos superiores.

ANASTÁCIA, Escrava. Santa da devoção popular brasileira. Segundo a tradição, foi uma princesa angolana que vivia livre em Abaeté, BA. Presa e supliciada por suspeita de mentir sobre sua condição civil, teria sido vendida para o Rio de Janeiro, onde faleceu. O ícone usado como sua representação física tem por base uma litografia do século XIX, feita pelo artista francês Jacques Etienne Arago, quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro, em 1817, e reproduzida em vários livros estrangeiros. Nessa estampa, vê-se uma escrava amordaçada por um instrumento de castigo. Mas a idealização popular de sua figura, romantizada, inclusive, por meio de uma suposta história de amor, a retrata como uma bela negra de olhos incrivelmente azuis. Não obstante a exploração comercial de seu mito, o culto à Escrava Anastácia, a quem se atribuem inúmeros milagres, vem crescendo significativamente, sobretudo no Rio de Janeiro, desde a década de 1960.

ANASTÁCIA, Mãe (1868-1971). Nome pelo qual foi conhecida Anastácia Lúcia dos Santos, mãe de santo maranhense nascida em Codó. Em 1889, fundou o Terreiro da Turquia Nifé Olorum, da nação tapa-nupê, tradicional comunidade religiosa de São Luís do Maranhão.

ANCESTRAIS, Culto aos. *Ver ANTEPASSADOS, Culto aos*.

ANCESTRAL. Antepassado; ascendente, do bisavô para trás. Para o africano, o ancestral é importante e venerado porque deixa uma herança espiritual sobre a Terra, contribuindo assim para a evolução da comunidade ao longo da sua existência. Ele atesta o poder do indivíduo e é tomado como exemplo não apenas para que suas ações sejam imitadas, mas para que cada um de seus descendentes assuma com igual consciência suas responsabilidades. Por força da herança espiritual, o ancestral assegura tanto a estabilidade e a solidariedade do grupo no tempo como sua coesão no espaço. O culto aos ancestrais (míticos, reais e familiares) tem uma repercussão inestimável na estatuária e na escultura da tradição negro-africana, manifestações mais características da arte negra e em especial da arte dos povos bantos. A figura do ancestral é um símbolo que evoca seus

atos; e a máscara ou estátua é o signo que manifesta sua presença espiritual entre os vivos.

ANDALAQUITUXE (século XVII). Líder de Palmares* morto por Fernão Carrilho na investida contra o Quilombo de Garanhuns. *Ver QUILOMBO [1] [Denominações]*.

ANDALUZIA. Região do Sul da Espanha que abrange as províncias de Almería, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga e Sevilha. Entre os anos 711 e 1492, invasores muçulmanos, oriundos do Marrocos, erigiram nessa região pujante civilização, utilizando, em cidades como Córdoba, grandes contingentes de mão de obra negro-africana, depois exportada para o Novo Mundo. Data já desses anos a presença dos negros na Espanha. *Ver CURRO*; *ESPANHA*; *MOUROS*.

ANDAMBE. Espécie de angu de milho da tradição afro-mineira (conforme Lody, 2003). Do quicongo *ndambi*, “não ter fome”.

ANDERÉ. Espécie de vatapá de feijão-fradinho, comida votiva de Nanã.

ANDEREZA. Pirão da culinária afro-brasileira feito com farinha de guerra, caldo de galinha e sal.

ANDERSON, Marian (1902-93). Cantora lírica americana nascida na Filadélfia, Pensilvânia. Contralto renomada, em 1939, depois de ser proibida de cantar no Constitution Hall, em Washington, cantou no Lincoln Memorial diante de 75 mil pessoas. Mais tarde, procurada pelo governo para cantar em um concerto em benefício do Exército, só o fez quando conseguiu a garantia de que a plateia seria integrada, sem segregação racial. Em 1950, no Brasil, alvo de discriminação racial em um hotel da cidade de São Paulo, juntamente com a coreógrafa Katherine Dunham*, motivou involuntariamente a criação da Lei Afonso Arinos* (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*). Quatro anos depois, tornou-se a primeira artista, entre os negros, a se apresentar na Casa Branca, e também a primeira a desempenhar papel principal no New York Metropolitan Opera. Em 1965 deixou a cena, dedicando-se à revelação de novos valores no canto lírico. Observe-se que, em algumas fontes, seu nascimento é mencionado como provavelmente ocorrido em 1897.

ANDERSON, Michael (1959-2003). Astronauta americano nascido em Nova York. Mestre em Física pela Universidade de Creighton, trabalhou na

Nasa a partir de 1994. Em 1998, participou da missão do ônibus espacial Endeavour e, em 1º de fevereiro de 2003, faleceu na explosão da nave Colúmbia.

ANDONGO. O mesmo que ambundo*.

ANDRADE, Benedito de (1913-76). Educador e político brasileiro nascido em São José do Rio Pardo, SP. Fundador, em sua cidade natal, da Escola de Comércio Pedro II, lecionou no Ginásio Estadual Euclides da Cunha, no Ginásio Estadual e Escola Normal da cidade paulista de Lins e no Instituto de Educação Sud Menucci, de Piracicaba, onde foi o primeiro professor negro. Militante da Frente Negra Brasileira*, foi suplente de deputado federal (1958) e vereador na cidade de Piracicaba de 1969 a 1972.

ANDRADE, Benedito José de (1906-79). Pintor brasileiro nascido em Cabreúva, SP, e falecido em São Paulo. É referido em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Escritora e militante negra brasileira nascida no Rio Grande do Norte, em 1946. É autora de *Cinco cantigas pra você contar*, *Pai Adão era nagô* e *Palavras de mulher*.

ANDRADE, José Leandro (1901-57). Futebolista uruguaio nascido na cidade de Salto. Foi o primeiro jogador negro a integrar a seleção nacional de seu país e o primeiro atleta de origem africana a conquistar uma medalha de ouro olímpica, nos Jogos de Paris, em 1924. Em 1928 foi novamente campeão olímpico e em 1930 colaborou decisivamente para a conquista, pela seleção uruguaia, de seu primeiro título mundial.

ANDRADE [Lima]**, Leny** [de]. Cantora brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1943. Com carreira profissional iniciada em 1961 e dona de um estilo bossa-novista personalíssimo, com forte influência do bebop*, possui em seu currículo inúmeras apresentações internacionais. Em 1983, cantando músicas brasileiras, fez sua primeira apresentação no Blue Note de Nova York, cidade onde se radicou em 1994, voltando, porém, ao Brasil periodicamente para shows e gravações de discos como o *Bossas novas*, de 1998, em que interpreta clássicos de Tom Jobim, Baden Powell*, Carlos Lyra e outros. Por sua notável capacidade de improvisação, destacou-se como a maior cantora brasileira de jazz de seu tempo, incursionando, entretanto, pelo samba, com igual desenvoltura.

ANDRADE, Mário [Raul] **de** [Morais] (1893- 1945). Escritor brasileiro nascido e falecido em São Paulo. Diplomado pelo Conservatório Dramático Musical de São Paulo, nele foi, mais tarde, catedrático de história da música e estética. Ficcionista, poeta e ensaísta, foi um dos maiores impulsionadores e renovadores da vida cultural e do pensamento brasileiros na primeira metade do século XX. Homem público, criou o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, dirigiu o Instituto de Artes da antiga Universidade do Distrito Federal e orientou a organização do que hoje constitui o Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Um dos formuladores do modernismo brasileiro, escreveu *Amar, verbo intransitivo* (romance, 1927), *Macunaíma* (romance, 1928) e *Música do Brasil* (ensaios, 1941), entre inúmeros outros títulos. Entretanto, sua postura intelectual e pessoal diante de suas origens africanas mereceu algumas críticas da militância negra.

ANDRÉ LOPES. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Juquiá, SP.

ANDRÉ, Mestre. *Ver MOCIDADE INDEPENDENTE de Padre Miguel.*

ANDRESOTE (século XVIII). Líder do Quilombo de Coro, organizado por volta de 1732 na Venezuela. Também referido como Andresoto.

ANDREZA, Mãe (*c.* 1855-1954). Nome pelo qual foi conhecida Andreza Maria de Souza Ramos, nochê* da Casa das Minas*, nascida em Caxias, MA, e falecida em São Luís, onde liderou sua comunidade religiosa de 1914 até seu falecimento.

ANDUYO. No espanhol cubano, "fumo de rolo", "masca de fumo". Corruptela de *andullo*.

ANEMIA FALCIFORME. Tipo de anemia, de condição hereditária, em que um gene recessivo produz uma alteração nas hemácias, tornando-as falciformes (em forma de foice); essas hemácias são muito fracas, sendo, por isso, destruídas rapidamente. Anomalia genética típica do povo negro, originou-se em quatro regiões africanas distintas, como reação hematológica à patologia da malária. Sua sintomatologia apresenta episódios de dor e eventual morte. Em países que receberam africanos de procedências variadas e com alto índice de miscigenação, como o Brasil, o mal tende a adquirir formas complexas e de difícil controle. Em 2002, órgãos de governo

e pesquisadores brasileiros implantaram programas de identificação, conscientização e melhora da qualidade de vida dos enfermos, buscando caracterizar a anemia falciforme como um problema de saúde pública. Nos Estados Unidos, onde é conhecida como *sickle cell anemia*, a doença é objeto de políticas públicas e leis, como o National Sickle Cell Anemia Control Act, em vigor desde a década de 1970. *Ver OHENE-FREMPONG, Kwaku.*

ANESCARZINHO. *Ver NESCARZINHO DO SALGUEIRO.*

ANGAJAN. No vodu, transação entre uma pessoa e um loá* para a obtenção de um favor. Do francês *engagement*, “empenho”, “cautela de penhor”.

ANGANA. Forma brasileira para o termo *ngana* (“senhor”, “senhora”) do quimbundo.

ANGANA-ZÂMBI. Divindade suprema dos candomblés angolo-congueses. Do quimbundo *Ngana-Nzambi*, “Senhor Deus”.

ÂNGELA MARIA. Nome artístico de Abelim Maria da Cunha, cantora brasileira nascida em Macaé, RJ, em 1928. Com carreira profissional iniciada em 1948, tornou-se, nos anos de 1950, a cantora mais popular do Brasil, recebendo do presidente Getúlio Vargas o cognome “Sapoti”, alusão à cor de sua pele e à doçura de sua voz. Nos anos de 1990, ainda exercia forte influência sobre grande parte das cantoras da música popular brasileira.

ANGELITOS NEGROS. Bolero de autoria do compositor, violonista e cantor mexicano Manuel Alvarez, o Maciste (1892-1960), sobre letra do poeta venezuelano Andrés Eloy Blanco*. Obra de grande sucesso internacional, registrada na década de 1930 por Antonio Machín* e Toña La Negra*, entre outros intérpretes, talvez seja a primeira canção gravada a abordar poeticamente a exclusão dos negros. No poema, Blanco dirige-se a um hipotético pintor sacro, que simbolizaria todos os clássicos, perguntando-lhe: “Se existem tantos negrinhos que morrem como ‘anjos’, por que você nunca se lembrou de pintar um anjo negro?”.

ANGELOU, Maya. Nome artístico de Marguerite Johnson, escritora, atriz e produtora americana nascida em Saint Louis, Arkansas, em 1928. Foi a primeira diretora negra de Hollywood. Na posse do presidente americano Bill Clinton, declamou um poema de sua autoria em que expressava os anseios do povo negro.

ANGICO. Denominação dada no Brasil ao indivíduo dos *ba-tekes* ou *anzicos*, grupo étnico localizado nos atuais territórios do Congo-Kinshasa e do Congo-Brazzaville.

ANGOLA. Termo usado no Brasil para designar o escravo embarcado no porto de Luanda; a modalidade mais tradicional do jogo da capoeira; a galinha-d'angola*. Designa, também, uma das nações do candomblé, com a menção do nome ora no masculino ora no feminino, pela elipse dos termos "candomblé" e "nação". Por exemplo: "F. é feito na [nação] angola"; "No [candomblé] angola os atabaques são batidos sem baqueta".

ANGOLA MUNJOLA. Uma das subdivisões do candomblé angola.

ANGOLA, Francisco (século XVII). Líder quilombola mexicano. Juntamente com o legendário Yanga*, fundou, em 1608, no atual estado de Veracruz, um reduto de escravos fugidos, destruído três anos depois pelas autoridades coloniais espanholas.

ANGOLA, República de. País situado no sudoeste do continente africano. Limita-se com Congo-Kinshasa, ex-Zaire (norte), Zâmbia (leste), Namíbia (sul), oceano Atlântico (oeste), com capital em Luanda. Os mais numerosos grupos étnicos que o compõem são os ovimbundos, ambundos e bacongos. Antes da descoberta portuguesa, o território abrigava parte do antigo Reino do Congo, cuja capital se localizava na atual província do Zaire, onde ainda hoje se ergue a cidade histórica de Mbanza Kongo. **O Ndongo:** A origem da atual Angola está no antigo reino ambundo do Ndongo, entre os rios Cuanza e Dande, governado por soberanos que ostentavam o título de *ngola*. No século XVII, depois de fracassarem no Congo, os conquistadores portugueses voltaram-se para a bacia do rio Cuanza, gerando uma sucessão de guerras que se estenderam por quase cem anos. Nos anos de 1620, o Ndongo foi destruído, ressurgindo mais tarde para ser novamente arrasado cinquenta anos depois. Coligações de reinos locais opuseram resistência, como a da legendária Nzinga Mbandi*, a rainha Jinga ou Ginga, entre 1618 e 1657. Entre 1641 e 1648, Luanda esteve sob o domínio dos holandeses, os quais, aliados à rainha, mantiveram os portugueses confinados na região de Massangano, datando dessa época a opção forçada dos portugueses pelo tráfico da contracosta. Durante as guerras angolanas, um volumoso contingente de escravos foi embarcado

para as Américas. Finalmente, em 1671, o Ndongo reconheceu o poder dos portugueses e seu antigo Estado recebeu o nome de Reino Português de Angola. Berço da futura Angola e núcleo da resistência mais aguerrida, o antigo Reino dos Ngolas jaz em frangalhos. Contudo, aqui e ali surgem focos de insubordinação, numa reação que perdura até a independência, em 1975. **Angola e Brasil:** Durante os séculos XVII e XVIII, a política portuguesa em Angola era dirigida no Brasil, e as ligações políticas e econômicas entre os dois países eram tão estreitas, com tantos personagens e fatos históricos comuns, que o historiador Jaime Cortesão não hesitou em considerá-la "uma província portuguesa do Brasil". **Os retornados:** Mais ou menos como Benin, Togo e Nigéria, Angola também recebeu africanos e descendentes retornados do Brasil. Fixados notadamente em Moçâmedes, atual Namibe, eram sobretudo ambundos e chegaram portando uma cultura própria, cristianizada, eivada de hábitos brasileiros. Tanto que, na língua dos cuanhamas, o termo que os define é *bali* (também *lwimbali* ou *vimbali*), que significa, literalmente, "aqueles que andam com os brancos". Inicialmente, os retornados eram escravos acompanhando seus patrões portugueses, que haviam saído de Pernambuco, em face das hostilidades nativistas, em maio de 1849, a bordo do brigue Douro e da barca Tentativa Feliz, chegando à recém-fundada Moçâmedes em 4 de agosto. Em novembro do ano seguinte, mais uma leva chegava a Angola, a bordo do mesmo Douro e da barca Bracarense. Depois desses, outros chegaram, vindos do Rio de Janeiro e da Bahia. Mesmo antes da abolição da escravatura no Brasil, começaram a emigrar, voluntariamente, para o Sul de Angola, africanos e descendentes que, orgulhosamente, procuravam se conservar "brasileiros", não se deixando integrar de todo no ambiente cultural africano. Assim como portugueses já abrasileirados, os retornados tornaram-se vetores de um significativo abrasileiramento de populações, paisagens e culturas. Desse modo, a construção de casas-grandes e suas senzalas, o cultivo de algodão e de cana-de-açúcar, pinturas de baús, ex-votos, tabuletas comerciais, bandeiras de santos, estandartes de clubes de carnaval e, principalmente, os cemitérios afrocristãos constituem marcas definidoras dessa presença. Nos cemitérios, é nítida a diferença entre os túmulos dos brasileiros brancos e os de afro-brasileiros. Os primeiros são graves, solenes, neoclássicos, enquanto

os segundos ostentam esculturas rústicas, coloridas, como as encontradas no Nordeste e em outros pontos do Brasil tocados pelo influxo africano; contam, ainda, com ex-votos e vasos para oferendas, símbolos alusivos aos ofícios e às profissões dos ali sepultados. *Ver RIO DE JANEIRO [Imigrantes angolanos]*.

ANGOLA-JANGA. Nome supostamente utilizado pelos habitantes da confederação de quilombos de Palmares* para se referir a ela. A expressão teria o sentido de "minha Angola" ou "Angola pequena", o que parece viável como criação literária, partida de algum escritor que teria se ocupado do tema, visto que *ngola* era o título do soberano do Ndongo* e o nome "Angola" só era usado como topônimo pelos portugueses: Reino do Ngola > Reino de Angola. Veja-se, entretanto, que *dja-nga* é, na língua ronga, de Moçambique, pronome possessivo ("meu", "minha").

ANGOLARES. Comunidade descendente de escravos localizada no litoral oeste da ilha de São Tomé. Sua origem remonta a 1539, quando um navio negreiro proveniente da atual Angola naufragou no Atlântico, e os escravos sobreviventes viveram aquilombados na ilha. Lá, organizaram-se e impuseram sérios reveses aos colonizadores até 1884, quando a comunidade somava cerca de 2 mil pessoas. Os descendentes dos primitivos quilombolas, apelidados "angolares", são hoje maioria na população são-tomense, e, segundo os especialistas, sua língua é uma variante dialetal do quimbundo.

ANGOLEIRO. Jogador da capoeira angola; adepto do candomblé angola.

ANGOLINHA. Um dos toques de berimbau no jogo da capoeira.

ANGOLO-CONGUÊS. Adjetivo relativo à região onde se situam Angola e Congo.

ANGOMA. Nome genérico, no Brasil, dos tambores da área banta; o mesmo que jongo*. Do termo multilinguístico *ngoma*, "tambor", pelo quimbundo ou quicongo.

ANGOMBA. Variante de angoma*.

ANGONA-PUÍTA. Espécie de grande cuíca; tambor-onça.

ANGORÔ. Nos terreiros de origem banta, entidade correspondente ao Oxumarê nagô. Do quimbundo *hongolo*, "arco-íris".

ANGOROMEIA. No culto omolocô*, parte feminina de Angorô. Provavelmente, de Angorô* mais o quimbundo *menha*, "água". Na Angola

colonial, Ngolomen era o nome de uma lagoa.

ANGU. Pirão ou papa de farinha de milho, arroz, mandioca ou banana, da culinária afro-brasileira.

ANGUARA. Uma das denominações da cachaça na ondaca do Cafundó*.

ANGUILLA. Dependência do Reino Unido situada no mar do Caribe. Colônia britânica desde 1650 e ligada, durante algum tempo, a São Cristóvão, tem expressiva população negra.

ANGUNGA. Chocalho de vime que os bailadores usam atado a uma das pernas em algumas danças afro-brasileiras. Do umbundo *ongunga*, "cabaça que serve de chocalho nas adivinhações".

ANGUNGA-XIQUE. O mesmo que angunga*.

ANGURUCEMANVULA. Inquice da nação angola correspondente à Iansã nagô.

ANGUZÔ. Angu com caruru.

ANIABA (século XVII). Personagem da história da escravidão nascido na Costa do Marfim. Em 1687, apresentou-se em Paris como herdeiro do trono de uma importante nação africana. Recebido com honras na corte francesa, tornou-se afilhado do rei Luís XIV, tendo sido batizado na catedral de Notre Dame, em 1692, em cerimônia presidida pelo célebre orador Bossuet. Em 1750, com a morte do chefe da nação da qual se dizia herdeiro real, Aniaba foi finalmente desmascarado como impostor.

ANICETO DO IMPÉRIO (1912-93). Nome pelo qual ficou conhecido o sambista Aniceto de Menezes e Silva Jr., nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Ligado à escola de samba Império Serrano, da qual foi o orador oficial, destacou-se como exímio partideiro* pela facilidade com que improvisava versos nas rodas de samba. Líder portuário, em 1944 comandou uma grande paralisação dos serviços no porto do Rio. Deixou registrados dois LPs com suas interpretações.

ANI-EUÔ. Nos candomblés jejes, vodum correspondente a Oxumarê.

ANIFLAQUETE. Em Pernambuco, divindade jeje associada a santo Antônio.

ÁNIMA GURFIA. Denominação do corvo entre os antigos negros peruanos.

ANIMAIS VOTIVOS. A tradição religiosa africana na Diáspora conhece a predileção das entidades espirituais por determinados animais, que simbolizam algumas características ou lhes são oferecidos em sacrifício. Assim, temos, na tradição iorubana: cachorro – Ogum; cágado – Xangô; camaleão – Logun-Edé; caracol – Oxalá; carneiro – Xangô; cobra – Oxumarê; galinha – Oxum; galinha-d'angola – todos; galo – orixás masculinos; peixes – Iemanjá; pinto – Ibêji; rato – Exu; tatu – Oxóssi, entre outros.

ANIMISMO. Na antiga antropologia, primeiro estágio da evolução religiosa da humanidade, baseado na crença de que todos os seres da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente. Tidas equivocadamente como animistas, as religiões negro-africanas acreditam, sim, na existência de uma força vital que integra os seres dos diversos reinos no universo, mas entendem que cabe à ação humana promover a harmonia entre eles.

ANINHA, *Mãe* (1869-1938). Nome pelo qual foi conhecida Eugênia Anna dos Santos (Oba Biyi), ialorixá nascida e falecida em Salvador, BA. Mulher brilhante e de inteligência invulgar, procurou fortalecer o culto e garantir condições para seu livre exercício. Consta que, por intermédio de Osvaldo Aranha, que seria seu filho de santo, provocou a promulgação do decreto presidencial n. 1.202, do primeiro governo de Getúlio Vargas. Além disso, reorganizou os nagôs na Bahia e no Rio de Janeiro, fundando, após seu desligamento do Engenho Velho*, os dois Axé Opô Afonjá*, o da Bahia e o do Rio de Janeiro. Instituidora do corpo de obás, ou doze ministros de Xangô, do Axé Opô Afonjá (cargos para os quais até hoje são escolhidas pessoas de grande prestígio social), contribuiu decisivamente, com essa e outras iniciativas, para o início da desestigmatização da religião e da cultura dos negros no Brasil. Em 1936, foi um dos esteios do Segundo Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Salvador.

ANIXANGÔ. Em Recife, orixá sincretizado com são João. O termo parece originar-se na locução "oni [rei] Xangô". Em Cuba, *oni Shango* é expressão que designa um cargo sacerdotal.

ANJONU. Ente diabólico da mitologia dos negros oeste-africanos no Brasil. *Ver ELEGUÁ*.

ANJOS, Jorge dos. Escultor brasileiro nascido em Ouro Preto, MG, em 1957. Sua obra, que inclui luminárias, totens etc., realizados com base em signos africanos, está presente em significativos espaços da capital mineira.

ANJOS [Figueiroa]**, Vitoriano dos** (1765- 1871). Escultor brasileiro nascido na Bahia e falecido em Campinas, SP. Entre 1834 e 1841, executou talhas em jacarandá para as igrejas da Conceição da Praia e de São Francisco da Penitência, em Salvador. Nos anos de 1850, já octogenário, transferiu-se para Campinas, passando a trabalhar nas talhas do altar-mor da igreja matriz, em cujo cemitério foi enterrado.

ANNA DAVIES. Pseudônimo de Maria das Graças Jovita Correia da Silva, jornalista nascida em Caratinga, MG, em 1951. Em 1972, destacava-se como a primeira repórter e apresentadora negra da televisão brasileira. Com imagem sutilmente associada à modernidade da estética *black power**, apresentou os principais telejornais da TV Globo, na qual permaneceu até 1977. À época deste texto, era líder da Capa, Casa do Artista Plástico Afro-Brasileiro.

ANNAMABOE, Príncipe de. *Ver PRÍNCIPE DE ANNAMABOE.*

ANNAN, Kofi. Diplomata nascido em Gana, em 1938, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Formado em Economia pelo Instituto Universitário de Genebra e em Administração pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), ingressou na ONU em 1962, ocupando vários cargos importantes até ser, em 1997, o primeiro negro a tomar posse como secretário-geral da organização, cargo em que permaneceu até janeiro de 2007.

Kofi Annan

ANNE MARIE. Nome pelo qual se fez conhecida Ana Maria de Loyola Cunha, enfermeira e musicista brasileira nascida em 1911 em Serro, MG, e radicada no Rio de Janeiro. Criada em sua cidade natal pelas freiras do Colégio Imaculada Conceição, com elas aprendeu música e francês, daí seu

apelido. Formada em Enfermagem pela Associação de Voluntárias Ana Néri, trabalhou em vários hospitais cariocas e, paralelamente, foi organista e regente do coro da Igreja de Nossa Senhora da Cabeça, no subúrbio da Penha, com importante atuação na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, da qual ainda participava em 1998.

ANSAMBIA. Entre os congos cubanos, divindade correspondente ao brasileiro Zâmbi*.

ANSINA (*c.* 1792-1887). Nome pelo qual foi conhecido Manuel Antonio Ledesma, militar uruguaio, herói da independência de seu país. Ainda jovem, participou de várias batalhas, sempre ao lado do general Artigas, acompanhando-o em seu exílio no Paraguai. Terminou a vida em Guarambaré, como respeitada autoridade, inclusive religiosa (era adivinho e curandeiro), ao lado da mulher e filhos, dois dos quais mortos na Guerra do Paraguai, em luta contra seu país de origem. Seu nome batizou um famoso bairro de negros em Montevidéu. É também referido como Encina e Lenzina.

ANTENOR GARGALHADA (1909-41). Apelido de Antenor Santíssimo de Araújo, um dos maiores líderes do mundo do samba, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Nome legendário do morro do Salgueiro, onde fundou e foi diretor de harmonia da escola de samba Azul e Branco, uma das matrizes da Acadêmicos do Salgueiro*. Em 1934, sua intercessão evitou o despejo dos moradores do morro, numa ação judicial impetrada por um pretenso dono das terras. Batuqueiro* e compositor, foi cidadão-samba* em 1938 e parceiro do celebrado compositor Noel Rosa em pelo menos um samba gravado: *Eu agora fiquei mal*, de 1931.

ANTEPASSADOS, Culto aos. Veneração ritual dos espíritos dos ancestrais, em busca da energia deles emanada. O pensamento tradicional negro-africano baseia-se na sobrevivência da alma após a morte: servindo-se aos espíritos familiares com o devido respeito, asseguram-se suas bênçãos nas atividades diárias e sua interferência diante da ameaça de forças malévolas. Na tradição africana, essa crença foi sempre garantia de estabilidade social interna e unidade familiar. Na Diáspora, o culto aos antepassados, de existência real ou mítica, é o fundamento de boa parte das religiões. *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*; *RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*.

ANTIGO TESTAMENTO, Presença africana no. O Antigo Testamento é a parte da Bíblia que compreende um conjunto de livros da tradição hebraico-judaica, em oposição ao Novo Testamento, que enfeixa o advento e os ensinamentos de Jesus Cristo. Nesses livros, principalmente em *Reis* e *crônicas*, são muitas vezes mencionados personagens, povos e sítios africanos, como a Somália*, sobre a qual se diz ser a terra de origem da mirra, do incenso e também da nuvem de gafanhotos que assolou o Egito no tempo de José; ou como o faraó egípcio-núbio Taharka* (ou Tiraca). Considerando a absoluta inserção do antigo Egito no continente africano e admitindo a descrição de Heródoto, o proto-historiador grego, segundo a qual os egípcios de seu tempo eram negros de cabelos crespos, também é possível supor, com base no longo período de escravidão do povo de Israel no Egito, a negro-africanidade de muitos personagens do Velho Testamento. Entre estes, incluir-se-iam, principalmente, os descendentes do patriarca José com Asenate, filha do sacerdote da cidade de Heliópolis, progênie que teria constituído uma população masculina de mais de 85 mil pessoas. *Ver AFROCENTRISMO*; *CIVILIZAÇÕES AFRICANAS*.

ANTÍGONO, Leandro Paulo (século XIX). Magistrado brasileiro nascido na Bahia. Faleceu como juiz de direito no estado do Amazonas.

ANTÍGUA E BARBUDA. País integrado por duas ilhas situadas no mar das Antilhas, no extremo sul das ilhas de Sotavento. Os africanos lá chegaram com os ingleses por volta de 1660 e hoje seus descendentes somam 99% da população.

ANTILHAS. Grupo de ilhas da América Central, entre o mar do Caribe ou das Antilhas e o oceano Atlântico. Estendendo-se da foz do rio Orenoco, na Venezuela, até o golfo do México e o canal da Flórida, o conjunto serve de barreira entre o oceano Atlântico e o mar do Caribe. Divide-se em três arquipélagos: as Bahamas, as Grandes Antilhas (Cuba, Haiti, Jamaica e Porto Rico) e as Pequenas Antilhas. Estas, por sua vez, dividem-se em ilhas de Barlavento (Trinidad e Tobago, Barbados, Granada, Granadinas, São Vicente, Santa Lúcia, Martinica e as chamadas ilhas do ABC – Aruba, Bonaire e Curaçau) e ilhas de Sotavento (Dominica, Guadalupe, Montserrat, Antígua, Barbuda, Anguilla, São Cristóvão, Ilhas Virgens etc.). O tráfico de escravos levou para as Antilhas grandes contingentes de

africanos, o que hoje faz da região um dos mais importantes núcleos concentradores e irradiadores da cultura africana na Diáspora. **Revoltas de escravos:** A história antilhana registra inúmeros movimentos de resistência à escravidão, entre os quais os ocorridos nos seguintes locais, anos e períodos: Cuba: 1533, 1538, 1727; Barbados: 1649, 1676, 1693, 1702 e 1816; Jamaica: 1734 a 1738, 1760, 1831; Antígua: 1736; Guadalupe: 1792 a 1793; Saint Domingue (Haiti): 1791; Demerara: 1823. **Línguas e religiões negras:** As línguas e as tradições religiosas seguem, nas Antilhas, os padrões ditados pela colonização. Assim, entre as massas, falam-se, além das línguas oficiais, formas crioulizadas (*ver CRIOULO*) destas, como o papiamento*. O mesmo ocorre no campo religioso, em que cultos sincréticos, misturando elementos cristãos a elementos dos cultos tradicionais africanos, coexistem com a religião oficial, notadamente no Haiti (vodu*), na Jamaica (kumina* e myalismo*), em Trinidad e Tobago, Cuba, Porto Rico e Pequenas Antilhas. *Ver RELIGIÕES AFRO-CUBANAS.*

ANTILHAS HOLANDESAS. Parte autônoma do Reino dos Países Baixos (Holanda) localizada no mar do Caribe. Compreendem, entre as ilhas de Barlavento, Curaçau, Aruba e Bonaire, e, entre as de Sotavento, Saint Maarten, Saba e Saint Eustatius. Sua capital é Willemstad, em Curaçau. Descobertas pela Espanha no século XV e colonizadas pela Holanda a partir do século XVII, sua população é predominantemente negra.

ANTOINE, Robert (*c.* 1800-?). Nome francês de Aboyevi Zahwenu, líder religioso em Trinidad. A partir de 1868, cerca de quinze anos depois de sua chegada ao país, chefiou uma comunidade dedicada ao culto de voduns daomeanos da nação *aradá** (conforme Mintz e Price, 2003).

ANTON (século XVI). Líder escravo no Equador. Em 1553, com outros 22 escravos embarcados em Cartagena das Índias, na atual Colômbia, com destino ao porto de Callao, no Peru, liderou, ao chegar, um motim vitorioso. Com seus companheiros de fuga, fundou a primeira comunidade de zambos* nas matas da atual província de Esmeraldas, no litoral equatoriano.

ANTONINI, [Ernesto] **Ramos** (1898-1963). Líder sindical e político porto-riquenho nascido em Mayaguez e falecido em Santurce. Entre 1948 e 1963 foi presidente do Parlamento de seu país, integrando, também, a

assembleia que redigiu a Constituição de 1959. Foi, igualmente, músico e fundador do primeiro conservatório de Porto Rico, bem como da orquestra sinfônica nacional.

ANTÔNIO CARLOS [da Costa]. Radialista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1940. Com carreira profissional iniciada em 1958, foi locutor e apresentador de programas nas rádios Tupi e Continental e nas tevês Tupi e Globo cariocas. Um dos comunicadores de maior destaque na radiofonia brasileira, à época desta obra era titular, no poderoso Sistema Globo de Rádio, do *Show do Antônio Carlos*, programa diário de informação e variedades, líder de audiência em seu horário.

ANTÔNIO CRIOULO (1841-76). Personagem da história da escravidão nascido em Areais, SP, e falecido em Piracicaba, no mesmo estado. Escravo do vigário de São João da Boa Vista, em 1861 feriu-o intencional e gravemente, sendo transferido para outra localidade e separado de sua mulher. Sete anos depois, matou com uma foice uma escrava com quem se relacionara amorosamente e que o havia desprezado. No ano seguinte, de volta a Boa Vista, cumpriu pena de açoitamento, fugindo em seguida, mesmo agrilhoado. Preso mais uma vez, foi chicoteado em praça pública, nessa ocasião pelo assassinato da escrava. Fugiu novamente e assassinou seu captor, tendo sido condenado a galés perpétuas, com o que se deu por satisfeito, por considerar o castigo mais brando do que a escravidão. Entretanto, como a pena foi convertida em castigo de duzentas chibatadas e grilhões no pescoço, envenenou-se na prisão, morrendo em lenta agonia, pois recusou categoricamente atendimento médico e alimentação.

ANTÔNIO DE NOTO (*c.* 1490-1550). Santo católico negro venerado no Brasil com o nome de santo Antônio de Categeró. Nascido em Barca, na Cirenaica, região da atual Líbia, foi vendido como escravo para a Sicília*, onde, convertido ao catolicismo, viveu seguidamente como escravo, pastor e eremita, vida dedicada à caridade, até morrer, doente, com cerca de 60 anos. Sua devoção se irradia da matriz de Nossa Senhora do Ó, em São Paulo (conforme S. Guastella, 1986). Categeró ou Categiró é forma brasileira para Caltagirone, cidade da Sicília.

ANTÔNIO, Negro (século XVII). Escravo negro brasileiro, herói na guerra contra os holandeses, em 1625. Segundo a tradição, teria combatido

os invasores atirando-lhes pedras do alto de um jenipapeiro. O rei Filipe III, informado pelo governador da colônia sobre a coragem e bravura de Negro Antônio, concedeu-lhe a liberdade a expensas dos cofres públicos. Sua majestade ordenou que se construísse um forte no local onde havia o jenipapeiro, no qual o herói havia resistido às forças holandesas, homenageando-o depois com a nomeação para comandante do mesmo forte, batizado como Fortaleza de Santo Antônio.

ANTUNES, José Paulo (século XIX). Médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Exerceu a clínica no Rio Grande do Norte, onde granjeou fama e fortuna.

ANÚNCIOS DE ESCRAVOS. Publicados na imprensa diária, os anúncios de escravos são importante fonte de estudos sobre diversos aspectos da escravidão africana nas Américas. Divulgando oferta e procura para transações de compra e venda, leilões e aluguéis, além de fugas, eles ressaltavam, em descrições às vezes minuciosas, qualidades ou defeitos, habilidades e profissões, hábitos e características físicas, caráter ou temperamento, idade, aleijões etc., fornecendo verdadeiros perfis da população de determinados centros.

ANU-SETI. Antigo povo negro da Núbia que exerceu influência na formação da cultura do Egito antigo*.

ANZURES (século XVII). Personagem da história peruana. Negro livre, residente em Arica, distinguiu-se por seu porte elegante, religiosidade, riqueza e inteligência. Em 1619 foi eleito *alcalde* (espécie de oficial de justiça ou juiz provincial) da cidade e, segundo Ricardo Palma (1968), exerceu o cargo com equidade e sabedoria.

APACHES DO TORORÓ. Bloco de índios fundado em Salvador, BA, em 28 de outubro de 1968. Representou um novo modelo de bloco carnavalesco e importante espaço de agregação dos negros da capital baiana antes do processo de reafricanização do carnaval, ocorrido nos anos de 1970.

APALENCADO. Em Cuba, designativo do negro que vivia em *palenques**, isto é, aquilombado.

APANHA O BAGO. Um dos três passos fundamentais do samba rural baiano. Os outros são o “corta a jaca” e o “separa o visgo”.

APAOCÁ. Orixá assemelhado a Iroco*, objeto de culto fitolátrico no terreiro do Engenho Velho*.

APARÁ. Qualidade de Oxum, jovem e de gênio guerreiro. Pierre Verger (1981) registra a presença, entre os iorubás, de dezesseis representações desse orixá, entre elas *Òsun Àpara*, a mais jovem de todas.

APARACÁ. Egungum em estágio inicial de desenvolvimento; espírito novo de morto ilustre cujos ritos de sacralização ainda não foram completados. Do iorubá *pààràka*, cada um dos egunguns menos importantes, que seguem os mais prestigiados.

APARECIDA (1939-85). Nome artístico de Maria Aparecida Martins, compositora e cantora brasileira nascida em Caxambu, MG, e falecida no Rio de Janeiro. Autora de canções de forte acento africano, com as quais foi premiada em vários concursos e festivais, consagrou-se, em 1968, na escola de samba Caprichosos de Pilares, como uma das primeiras mulheres a vencer um concurso de samba-enredo. Em 1974 participou, como autora e intérprete, do LP *Roda de samba*.

APARECIDA Conceição Ferreira. Filantropa e médium espírita brasileira nascida em Igarapava, SP, em 1915. Na década de 1950, trabalhando como auxiliar de enfermagem na Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, MG, iniciou obra de assistência a portadores de pênfigo foliáceo, dermatose grave popularmente conhecida como "fogo selvagem". Em 1960, depois de árdua campanha para arrecadação de donativos, liderou a criação, na mesma cidade, do Hospital do Pênfigo Foliáceo, o qual, mais tarde, ampliou sua área de atuação, desenvolvendo, também, atividade assistencial e educacional. Ligada ao médium Chico Xavier*, nos anos de 1970 a instituição passou a agregar, ainda, um centro espírita.

APARTHEID. Política de segregação racial instituída oficialmente pelo governo da África do Sul, em 1948, com o objetivo de criar condições diferenciadas de desenvolvimento aos vários grupos étnicos que compõem a nação sul-africana, e com evidente vantagem para as minorias brancas dominantes. Em 1994, depois da eleição de Nelson Mandela* para a presidência da República, essa política foi finalmente abolida.

APELIDOS RACISTAS. O racismo antinegro no Brasil cunhou alguns termos de zombaria em que se ressaltam as características étnicas daqueles a

quem são dirigidos. Alguns desses apelidos acabaram por tornar-se pseudônimos de famosos artistas, esportistas etc. Vejam-se, por exemplo, nesta *Enciclopédia*, Alvaiade, Azulão, Blecaute, Cafu, Cafuringa, Chocolate, Escurinho, Jamelão, Macalé, Mussum, Rosa Branca, Sabará, Veludo etc. Numa listagem superficial, podemos incluir outros apelidos relacionados a supostas características "raciais", como Gorila, Timbó, Lamparina, Meia-Noite, Sabu, Feijoada, Neguinho, Fumaça, Macumba, Marrom, Beiçola, Índio, Cuscuz, Roxinho, Azeitona, Jaburu, Cipó, Pai Tomás, Miquimba, Tiziu, Bom-Cabelo etc.

APENTI. Tambor grande dos djuka* do Suriname decorado com entalhes artísticos no corpo de madeira.

APERÊ. No Maranhão, tigela de barro usada em rituais dos terreiros de mina. Do iorubá *apèrè*, "cesto".

APESTEVI. Em Cuba, sacerdotisa do culto de Orula; o mesmo que apetebi* no Brasil.

APETEBI. Na Bahia antiga, sacerdotisa auxiliar do babalaô*. Do fongbé *akpetevi*, segundo Pessoa de Castro (1976).

APINTI. Variante de *apenti**.

APOBANGA. Nome de uma antiga dança cubana.

APODAN. Sigla da Asociación de Profesionales, Obreros o Dirigentes de Ascendencia Negra, entidade fundada no Panamá em 4 de janeiro de 1979.

APOJEVÓ. Vodum masculino da Casa das Minas*.

APOJI. Vodum masculino da Casa das Minas*.

APOLINÁRIA, *Mãe* (1912-57). Mãe de santo nascida em Tubarão, SC, e radicada em Porto Alegre, RS. Sacerdotisa da Sociedade Caboclos Amigos, de umbanda e batuque*, foi uma das mais queridas e prestigiosas chefes de terreiro na capital gaúcha. Seu funeral teve a participação solene de motociclistas da Polícia Militar estadual à frente do cortejo.

APOLLO THEATER. Casa de espetáculos na 125th Street, no Harlem nova-iorquino. Entre as décadas de 1930 e 1970 foi o mais importante palco da arte negra dos Estados Unidos.

APONOM. Doce da culinária afro-baiana, espécie de cocada de coco verde misturada com farinha de trigo.

APONTE, José Antonio (?-1812). Líder revolucionário cubano nascido livre em Havana. Segundo Valtério Carbonell*, foi o primeiro grande combatente cubano por uma nação sem escravidão nem colonialismo. Marceneiro e chefe máximo (*oni Shango*) do *cabildo* lucumí* Shango Tedun, em 1812, na localidade de Jaruco, a poucos quilômetros da capital, organizou uma conspiração antiescravista e independentista; o movimento envolveu as províncias de Puerto Príncipe, Holguín, Bayamo e Trinidad, além de Havana, mas foi derrotado. Preso e executado, juntamente com oito seguidores, teve seu corpo esquartejado e espalhado pela cidade de Havana, consoante o uso colonial. E tal foi o processo de destruição de sua imagem pública que, na Cuba antiga, sempre que se queria figurar um indivíduo mau ou maldito, costumava-se usar a expressão "*Más malo* [mau] *que Aponte*".

APOTI. Pequeno banco usado em cerimônias do candomblé. Do iorubá *àpóti*, "caixa", "baú".

APPIAH, Kwame Anthony. Filósofo e professor nascido em Londres, Inglaterra (com ascendência ganesa), em 1954. Depois de estudos elementares concluídos em Gana, voltou para a Grã-Bretanha, onde, sem deixar de retornar periodicamente ao país de seus ancestrais, inclusive como professor, tornou-se o primeiro afrodescendente a receber um Ph.D. na Universidade de Cambridge. Autor de vasta obra, na qual se inclui a organização da enciclopédia *Africana**, sua obra mais conhecida no Brasil é a coleção de ensaios *Na casa de meu pai* [*In my father's house*] (Contraponto, 1997).

APPRENTICESHIP SYSTEM. Sistema de treinamento de ex-escravos desenvolvido ao longo de quatro anos, a partir de 1834, na Jamaica e em outras colônias inglesas para, segundo seus instituidores, adaptá-los ao trabalho livre após a emancipação. Segundo os críticos do sistema, ele representava, na verdade, uma forma de prolongar o cativeiro.

APUKU. Divindade da floresta, entre os djuka do Suriname.

AQUALTUNE. Personagem da história colonial de Pernambuco. Seu nome, envolto em aura de lenda, designou um dos núcleos quilombolas de Palmares*. Segundo algumas versões, seria uma princesa africana, mãe de Ganga Zumba*; segundo outras, seria avó de Zumbi*. Em quicongo, língua da qual parece originar-se grande parte da nomenclatura palmarina, *akwa* é

preposição indicativa de lugar de origem (por exemplo, *nkento akwa Nsundi*, "mulher de Nsundi"). Entretanto, pode-se buscar também a origem do nome na possível expressão *nkwa ntumi*, "comandante" (o elemento *nkwa* é usado anteposto a um substantivo para designar uma profissão, um modo de ser, uma qualidade).

AQUÉ. Termo de gíria originário de candomblés jejes para significar "dinheiro". Do fongbé *akoué*, "dinheiro", "moeda".

AQUEÇÃ. Um dos nomes de Exu*. Resulta de abrasileiramento e redução de *Èsù Akesan* – entre os iorubás, nome do exu que supervisiona as atividades do mercado do rei de Oyó*.

AQUILANGRILO. Mito zoomorfo, grilo da tradição folclórica do Recôncavo Baiano. Do quimbundo *kilangidilu*, "vigia", "guarda".

AQUINO [Monteiro]**, João de.** Violonista e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1945. Tornou-se conhecido com a canção *Viagem*, de 1964, composta em parceria com Paulo César Pinheiro. Nos anos de 1970 iniciou brilhante carreira como produtor artístico, tendo sido responsável por significativos lançamentos, como discos de Roberto Ribeiro*, Elza Soares* e Candeia*, entre outros. Intérprete virtuoso, consciente de sua africanidade e dela extraindo sonoridades violonísticas muito peculiares, tem vários registros gravados.

AQUIRIJEBÓ. Termo depreciativo que nomeia o frequentador contumaz de várias casas de candomblé, sendo, portanto, infiel ao seu grupo de culto. Do iorubá *akiri + ji + ebó* ("aquele que percorre os caminhos para presentear os orixás com oferendas"), "transportador de ebó".

ÁRABES. Povos falantes da língua árabe e identificados com a cultura arábica. Entre estes, contam-se povos islamizados no Norte africano, habitantes de Argélia, Egito, Iraque, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Sudão, Síria e Tunísia. **Árabes e tráfico de escravos:** O islã, assim como o cristianismo, não condenou a escravidão mas procurou amenizá-la. Maomé, por exemplo, escolheu Bilal* como seu muezim*, e Othman, o terceiro califa, segundo a tradição, comprou, ao longo de sua vida, a liberdade de 2.400 cativos. Contudo, ao lado de atitudes como essas, a imagem que se tem do árabe diante do tráfico de escravos africanos é a do mercador impiedoso, como os legendários Tippo-Tip, que dominou esse comércio no

Congo do século XIX, e Rabih Ibn Abdallah, líder na região do Chade no final do século XIX. Talvez a única diferença entre o tráfico realizado por árabes em relação ao tráfico atlântico esteja no menor volume e nas consequências. Porém, apesar de sua relativa integração no seio das comunidades muçulmanas, o negro africano não deixou, também nelas, de ser um cidadão de segunda classe. *Ver TRÁFICO NEGREIRO [O tráfico índico], [O tráfico atlântico].*

ARABI (século XVIII). Líder dos *bush negroes** da aldeia de Meli Mi, no atual Suriname, que sucedeu a Sam-Sam* na resistência aos holandeses.

ARÁBIA SAUDITA, Presença negra na. Localizado na Península Arábica, entre o mar Vermelho, o golfo de Áden e o golfo Pérsico, o reino da Arábia Saudita é também um dos centros receptores da Diáspora Africana. Sua população declarada incluía, à época deste texto, 7% de africanos (conforme *Almanaque Abril*, 2009, p. 394), grupo composto tanto de descendentes de antigos escravos quanto, possivelmente, de contingentes resultantes das invasões etíopes ocorridas nos séculos V e VI da Era Cristã. Mazrui (1986) destaca a importância dessa população no contexto árabe. *Ver ÁSIA, Negros africanos na*; *BILAL IBN RABAH.*

ARADÁ. Nome antilhano dos africanos provenientes do Reino de Ardra* ou Allada, correspondente, no Brasil, ao etnônimo jeje*. O nome designa, também, uma das danças do culto conhecido como *big drum**. *Ver ARARÁ.*

ARAGÃO [da Cruz]**, Jorge.** Cantor, compositor e instrumentista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1949. Participante da primeira formação do Grupo Fundo de Quintal*, ainda na década de 1980 iniciou carreira solo. No final dos anos de 1990, ingressando na gravadora Indie Records, começou a fazer grande sucesso, tornando-se um dos principais vendedores de discos no segmento “samba”, modernizando o gênero sem, porém, diluí-lo ou descaracterizá-lo. Excelente melodista e cantor de grandes recursos vocais, em 2003 lançava o CD *Da noite pro dia*, com letras críticas e bem construídas, tematizando inclusive a violência urbana. *Ver PAGODE.*

ARAGÃO, José de Souza (1819-1904). Compositor sacro e popular, violinista e professor de piano, nascido em Cachoeira, BA.

ARAGÃO, Maria [José Camargo] (1910-91). Líder comunista no Maranhão. Médica, enfrentou as oligarquias políticas de seu estado, sofrendo forte perseguição por parte da ditadura militar de 1964. Sua vida serviu de inspiração para o texto teatral *A besta-fera*, monólogo de Gisele Vasconcelos levado à cena em São Luís, MA, em 2009.

ARAGUAIA, Guerrilha do. Movimento de reação armada ao regime militar instaurado no Brasil em 1964. Organizado pelo Partido Comunista do Brasil, então na ilegalidade, desenvolveu-se na primeira metade da década de 1970, na bacia do rio Araguaia, na fronteira dos estados de Goiás, Pará e Maranhão. No movimento, destacaram-se guerrilheiros afrodescendentes, como Osvaldão*, Dina* e Helenira Resende*, focalizados em verbetes específicos na presente obra.

ARAKETU. Bloco afro criado em Piripiri, Salvador, BA, em 3 de fevereiro de 1980. A partir da segunda metade da década de 1990, tornou-se mais conhecido pela exploração comercial de seu nome, graças ao grupo musical de feição world music, à base de metais e percussão, dele surgido.

ARAMEFÁ. No Axé Opô Afonjá*, corpo sacerdotal da casa de Oxóssi, composto de seis membros.

ARANGO, Secundino (*c.* 1795-1870). Músico cubano nascido em Havana. Compositor e instrumentista, hábil executante de violino, violoncelo e piano, foi organista da igreja de La Merced e do convento de San Francisco, em Guanabacoa. Autor de *danzas* (*ver DANZÓN*) e *guarachas*, além de música religiosa, sua composição mais conhecida é *La viuda de Plácido*.

ARANHA, Felipa Maria. *Ver FELIPA MARIA*.

ARAOJÉ. Título sacerdotal na hierarquia do Ilê Agboulá, na ilha de Itaparica, BA. O mesmo que babaojé*.

***ARARÁ*.** Denominação cubana dos negros ardas, do antigo Daomé, e de todos os produtos de sua cultura. **Tambores arará:** A tradição da música ritual *arará* em Cuba consagrou o uso de três tambores, aos quais se acrescenta uma espécie de agogô, como na tradição jeje-nagô do Brasil. Tocam-se os tambores reclinando-os em um banco ou sobre uma forquilha de madeira, como na mina* maranhense. Esses tambores são decorados com desenhos geométricos em todo o seu corpo. *Ver ARADÁ*.

ARAÚJO FIGUEIREDO (1864-1927). Nome literário de Juvêncio Araújo Figueiredo, poeta nascido em Desterro, SC, atual Florianópolis, e falecido na mesma cidade. Amigo e discípulo de Cruz e Souza*, tendo somente instrução fundamental, publicou, ao estilo do mestre, *Madrigais* (1880) e *Ascetério* (1906). Em 1966 teve publicada sua obra completa, num volume intitulado *Poesias*.

ARAÚJO, Cândido José de (séculos XIX-XX). Dirigente esportivo brasileiro. Eleito presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama em 1905, foi o primeiro afrodescendente a presidir um grande clube de futebol no Rio de Janeiro e, certamente, no Brasil.

ARAÚJO, Damião Barbosa de (1778- 1856). Músico brasileiro nascido em Itaparica, BA, e falecido em Salvador, no mesmo estado. Filho de pai sapateiro, foi autodidata até iniciar carreira, na capital baiana, como violinista no Teatro Guadalupe, onde se destacou como autor de músicas para os espetáculos ali encenados. Em 1813, após a mudança da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, transferiu-se também para a cidade, onde, por intermédio de sua amizade com o padre José Maurício* e com o renomado músico Marcos Portugal, obteve o lugar de "adido à música da Brigada do Príncipe", tendo sido, mais tarde, admitido na Capela Imperial como violinista e mestre de uma banda de menores. Em 1828, retornou a Salvador. Além de missas, credos, novenas e outros gêneros de música litúrgica, para coro e orquestra, escreveu uma ópera-bufa, valsas, modinhas e quadrilhas. É dele, também, a melodia do *Hino ao Dois de Julho*, ícone da cultura baiana, apresentado em 1829. Sua obra o coloca entre os grandes mestres de seu tempo.

ARAÚJO, Emanoel. Artista plástico brasileiro nascido em Santo Amaro, BA, em 1940, e radicado em São Paulo. Requintado criador de uma gravura marcada pelas tradições do povo afro-baiano, em 1988 foi o organizador do livro *A mão afro-brasileira* (1988), significante inventário da participação do negro na cultura nacional. No final da década de 1990, diretor e revitalizador da Pinacoteca de São Paulo, era considerado o administrador cultural mais importante do país e montava, com base em seu acervo pessoal, um instituto de preservação da iconografia do povo negro.

ARAÚJO, Frei Antônio do Patrocínio (1818-76). Monge beneditino nascido na Bahia, foi organista e compositor sacro renomado.

ARAÚJO, Joel Zito [de]. Cineasta e escritor brasileiro nascido em Nanuque, MG, em 1954. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), é autor de *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, com livro e filme (documentário) lançados em 2000, nos quais analisa e denuncia o pouco espaço dado aos atores negros na relevante teledramaturgia nacional, o que caracteriza uma forma de segregação. Em 2004, depois de destacar-se como criador de mais de vinte documentários, teve seu longa de ficção *As filhas do vento* premiado em seis categorias no importante Festival de Gramado. *Ver ATORES NEGROS no Brasil*.

ARAÚJO, Juarez [Assis de] (1930-2003). Músico brasileiro nascido em Surubim, PE, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Saxofonista, clarinetista, arranjador e chefe de orquestra egresso de banda militar, atuou nas orquestras de Sílvio Mazzuca, Osvaldo Borba e outras do eixo Rio-São Paulo. Nos anos de 1960, participou de festivais de jazz em Punta del Este, Uruguai, e em Mar del Plata, Argentina; na década seguinte, excursionou à Ásia e à Europa. Deixou vários registros em LPs, solo ou com seus grupos Juarez e Seu Conjunto e Brazilian Jazz Sexteto, além de participar, como músico acompanhante, de inúmeras gravações de outros intérpretes. Destacando-se entre os grandes nomes do jazz no Brasil, era considerado, segundo seu necrológio, publicado na edição de 7 de outubro de 2003 do *Jornal do Brasil*, um dos cinco maiores saxofonistas do mundo.

ARAÚJO, Luciana Lealdina de (1870- 1930). Fundadora de obras filantrópicas nascida em Porto Alegre, RS, e falecida em Bajé, no mesmo estado. Embora pobre, em 1901 fundou, com a ajuda de donativos, o Asilo São Benedito, no município de Pelotas. Em 1908, transferiu-se para Bajé, onde, mais uma vez com o apoio de terceiros, fundou o Orfanato São Benedito, outra importante obra social. Também conhecida como "Mãe Preta", tem sua memória reverenciada na cidade onde faleceu, por meio dos nomes de uma escola, de uma praça e de uma rua.

ARAÚJO, Maria [Madalena do Espírito Santo] (1863-1914). Mística brasileira nascida em Juazeiro, CE, também referida como Beata Maria do Egito. Pobre e analfabeta, tornou-se conhecida em 1889 por conta da

notícia de que várias hóstias que lhe foram dadas em comunhão, pelo legendário padre Cícero Romão Batista, teriam sangrado em sua boca. A partir daí, passou a ser assediada, revelando ter visões místicas desde a infância. Seu caso tornou-se rumoroso, merecendo a intervenção e a condenação das autoridades eclesiásticas, que o julgaram invencionice popular. Sua saga, entretanto, foi eternizada na literatura: os textos teatrais *Beata Maria do Egito*, de Rachel de Queiroz, e *Corpo místico*, de Osvaldo Barroso, além de vários poemas de cordel, têm-na como protagonista.

ARAÚJO, Maurino. Escultor brasileiro nascido em Rio Casca, MG, em 1949, e radicado em Belo Horizonte, no mesmo estado. Suas esculturas em madeira policromada, representando anjos e figuras humanas que evocam o barroco, têm alta cotação no mercado de arte. Participou, com destaque, da mostra brasileira no II Festival Mundial de Artes e Cultura Negra e Africana (Festac), realizado em 1977, em Lagos, Nigéria.

ARAÚJO, Nair [Theodora de] (1931-84). Livreira, militante negra e atriz brasileira nascida em Dores do Indaiá, MG, e falecida em São Paulo. Integrou o elenco paulista do Teatro Experimental do Negro, atuou na Associação Cultural do Negro e, como proprietária da livraria Contexto, na capital do estado em que vivia, tornou-se a primeira mulher afrodescendente brasileira nesse ramo de negócio.

ARAÚJO, Otávio. Pintor brasileiro nascido em Terra Roxa, SP, em 1926. Mudou-se, aos 7 anos de idade, para a capital paulista, onde, apesar de pobre, conseguiu estudar, além de matérias convencionais, pintura e desenho. Aos 20 anos realizou, no Rio de Janeiro, sua primeira exposição. Depois, fez algumas viagens à Europa e foi assistente de Cândido Portinari entre 1952 e 1957. Após uma viagem à então União Soviética, onde viveu oito anos, abandonou o estilo expressionista para mostrar-se, embora rejeitasse rótulos, fortemente influenciado por Van Eyck e Hieronymus Bosch. A partir daí, construiu uma apreciada obra de características surrealistas.

ARAÚJO, Taís. Nome artístico de Taís Bianca Gama de Araújo, atriz brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1978. Ficou nacionalmente conhecida em 1996, ao tornar-se, após o papel em *Xica da Silva*, na Rede Manchete de Televisão, a primeira atriz afro-brasileira a viver um papel-

título em telenovela. Logo depois, foi contratada para o elenco de teledramaturgia da Rede Globo, na qual, em 2004, também de forma pioneira, deu vida a uma personagem principal.

ARAÚJO, Tibúrcio Suzano de (século XIX). Médico e farmacêutico baiano, foi comendador da Santa Sé.

ARCADISMO. Corrente literária de feição neoclássica em voga no Brasil no século XVIII. Entre seus seguidores contaram-se alguns afrodescendentes, como Caldas Barbosa* e Silva Alvarenga*. Seu marco inicial, em nosso país, foi a chamada Academia de Homens Pardos*.

ARCAIN, Janeth. *Ver JANETH dos Santos Arcain.*

ARCANJO GABRIEL (século XIX). Nome pelo qual foi conhecido John Sayers Orr, pregador revivalista radical em Demerara, na antiga Guiana Inglesa. Seu apelido se deve ao fato de que anunciava seus sermões tocando uma trombeta. Em 1856 liderou uma revolta popular.

ARDOIN, Amedé (1900-34). Músico americano nascido em Basile, Louisiana, e falecido em Nova Orleans. Acordeonista e cantor inovador e personalíssimo, foi um dos expoentes do estilo musical *cajun*, tido tradicionalmente como música de brancos. Precursor do zydeco*, morreu de forma trágica e em circunstâncias misteriosas, talvez envenenado por um rival enciumado, depois de ter participado de disputas musicais em forma de desafio.

ARDOUIN, Coriolan (1812-35). Poeta haitiano. Nome destacado da escola romântica em seu país, morreu aos 22 anos, e sua obra publicada – *Reliques d'un poète haïtien* (1837), *Poésies de C. Ardouin* (1881) e *Poésies complétes* (1916) – é toda póstuma.

ARDRA (Allada). Reino localizado na região litorânea Daomé-Togo. Sua capital, Porto Novo, sediou, principalmente no século XVIII, um dos mais ativos e movimentados pontos de embarque de escravos para as Américas. *Ver ARARÁ.*

AREÇUN. Ritual funerário do batuque gaúcho.

ARENA CONTA ZUMBI. Espetáculo musical inspirado na saga de Zumbi dos Palmares. Foi encenado pela primeira vez em 1965, no Teatro de Arena de São Paulo, durante o período da ditadura militar, com texto de

Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri e música de Edu Lobo, autores não negros mas identificados com a questão afro-brasileira.

ARÉZIO [da Fonseca]**, Arthur** (1873-1940). Jornalista e artista gráfico brasileiro nascido em Salvador, BA, bisneto de escravos. Criador da revista *Artes & Artistas*, dedicada ao cinema, publicou, entre outros livros, *Serões tipográficos* (1905), *Máquinas de compor* (1916) e *Dicionário de termos gráficos*. Sua vida foi intimamente ligada ao Largo do Pelourinho, centro de difusão da cultura afro-baiana.

ARGEMIRO Patrocínio (1922-2003). Sambista nascido no Rio de Janeiro e falecido em São João de Meriti, RJ. Integrante do conjunto musical da Velha-Guarda da Portela*, escola em que ingressou como pandeirista, conseguiu reconhecimento como compositor a partir de 1980, com a gravação de seu samba *A chuva cai*, pela cantora Beth Carvalho. Em 2000, registrava, em sua própria voz, parte de sua obra, num CD muito bem recebido pela crítica.

ARGEMIRO Pinheiro da Silva. Jogador brasileiro de futebol nascido em Vila Bonfim, SP, em 1915. Egresso do Clube de Regatas Vasco da Gama, integrou a linha média da seleção nacional na Copa do Mundo de 1938.

ARGENTINA, República. País localizado na porção mais austral da América do Sul. Sua população constitui-se, em maioria, de descendentes de imigrantes europeus, principalmente italianos e espanhóis, e compreende a maior comunidade judaica na América Latina. Entretanto, entre os cerca de 36 milhões de habitantes do país, conta-se, segundo dados da organização África Viva (conforme *Jornal do Brasil* de 18 de novembro de 2002), um contingente aproximado de 2 milhões de descendentes de africanos. **Da colônia ao governo de Rosas:** O país que hoje se conhece como Argentina foi colonizado pela Espanha a partir de 1516. Seu povoamento deu-se pelo Vice-Reinado do Peru e em 1776 integrou, juntamente com os atuais Uruguai, Paraguai e o Sul da Bolívia, o Vice-Reinado do Rio da Prata. Em 1806, a província portuária de Buenos Aires, às margens do Prata, foi ocupada pelos ingleses, logo expulsos pelas milícias locais. Fortalecida com a vitória, a burguesia portenha, por intermédio do seu *cabildo*, depôs o vice-rei e proclamou uma independência de fato. Em 1815 a Espanha reconquista o Vice-Reinado, sem entretanto conseguir tomar Buenos Aires, dona do

comércio e da alfândega, a qual proclama a independência do que seriam as Províncias Unidas da América do Sul. Nesse contexto, aliás, é que se tornam célebres heróis militares negros como Falucho* e Lorenzo Barcala*. Entretanto, as outras províncias, cada uma dominada por um caudilho, revoltam-se, preferindo uma federação a um governo unitário, dirigido por Buenos Aires. Então, Juan Manuel Rosas, rico proprietário do interior, impõe-se como governador de Buenos Aires e, com o apoio dos chefes locais, administra todo o país, de 1829 a 1852, conciliando interesses do porto e do interior e sofrendo agressões por parte de ingleses e franceses. Guerreado em várias frentes, Rosas apoia-se principalmente na ameaça que os negros representavam após a Revolução Haitiana* e lhes concede uma visibilidade nunca antes experimentada na América do Sul, em especial como combatentes (*ver NEGROS FEDERALES*). Após a queda de Rosas, o ideal unitário triunfa; os negros sobreviventes de inúmeros conflitos, como a Guerra Grande (1839- 52) e a Guerra do Paraguai (1865-70), vão desaparecendo, os índios são despojados de suas terras (1876-79) e o país, agora já unificado como República Argentina (1880), repovoa-se principalmente pela imigração europeia. **O tráfico negreiro:** A introdução do elemento africano na atual Argentina remonta ao final do século XVI. Logo após a fundação de Porto do Rio da Prata, região que deu origem à cidade de Buenos Aires, em 1580, o tráfico de escravos africanos foi atividade econômica de destaque, do litoral até os Andes. País de economia pobre e população reduzida, além de muito distante dos maiores centros urbanos da América espanhola, como Lima, no Peru, foi no comércio de escravos que a futura República Argentina encontrou a sua tábua de salvação. Mesmo com a proibição do comércio negreiro, o que ocorreu durante o período filipino, de hegemonia espanhola na Península Ibérica (1580-1640), a região do Prata foi palco de intenso tráfico clandestino. E, apesar do fechamento do porto, o contrabando se acirrou a partir de 1640, com grande movimento de navios provenientes de Angola e do Brasil, por iniciativa, inclusive, de traficantes locais. O negócio de compra e venda de negros, então, se converteu numa atividade altamente lucrativa para os portugueses, que monopolizavam o "mercado", como para seus sócios espanhóis. Tanto que, na Buenos Aires do século XVII, um casal de escravos

custava mais caro que uma boa casa nos arredores do centro da cidade. **Africanos e afrodescendentes:** Em 1780, calculava-se a proporção entre negros e brancos na atual Argentina em 1 para 5. Nas províncias ao pé dos Andes essa proporção era mínima, assim como em Córdoba, onde se estimava em um décimo do total a participação populacional dos africanos e seus descendentes. Mas em Buenos Aires, em meio a uma população geral calculada em 22 mil habitantes, existiam 4.500 negros e mulatos. Segundo cronistas da época, esses escravos, se comparados aos da América inglesa, tinham vida bem menos dura. Residiam nos subúrbios e em determinados bairros conhecidos como *barrios del tambor*, notadamente os de Concepción, Mondongo, Montserrat e San Telmo. Nesses locais, eles se organizavam por "nações": congos, moçambiques, minas, mandingas, benguelas etc. Cada nação tinha um "rei", uma "rainha" e toda uma organização administrativa, com presidente, tesoureiro e empregados subalternos. Essas nações constituíam verdadeiras sociedades de auxílio mútuo, socorrendo seus membros nas emergências, procurando colocá-los no mercado de trabalho etc. Observe-se que a abolição da escravatura ocorre no país em 1853, quando os negros livres são, em geral, cozinheiros, empregados domésticos, cocheiros, ajudantes de pedreiro, alfaiates, barbeiros e carregadores. Também, segundo J. H. Rube (1975), a profissão de professor de piano, na Buenos Aires da época, é atributo quase exclusivo de negros e mulatos (*ver ESPINOSA, Maestro*). Por conta da proverbial musicalidade africana, o traço mais aparente da presença negra na Argentina do século XIX foi o candombe*, manifestação musical-coreográfica de grande prestígio, semelhante às congadas, maracatus e outras danças dramáticas afro-brasileiras. Em 25 de maio de 1836 (conforme *O Correio da Unesco*, dezembro de 1994) – antes, portanto, da abolição da escravatura, ocorrida em 1853 –, o "restaurador" dom Juan Manuel Rosas convocou todos os *tambos** a se reunirem na Plaza de la Victoria num colossal candombe comemorativo. Segundo Rubén Carámbula (1995), esse evento congregou mais de 6 mil negros das diversas nações, numa reunião de indescritível colorido (*ver BAILE DEL SANTO*). A miscigenação entre brancos e negros na Argentina ocorreu normalmente, tanto quanto a dos europeus com os indígenas, permitindo, como acentua Robert Levillier (1912), a formação do

embrião de uma nova raça. Mas, tentando explicar o desaparecimento dos afrodescendentes, o mesmo Levillier afirma que o clima não teria sido propício aos negros e mulatos, levados, pelo calor úmido, à tuberculose e à morte. Assim, a mestiçagem progressiva teria, em algumas gerações, feito que praticamente desaparecessem da população argentina os traços característicos do elemento africano, embora fortes expressões culturais, principalmente no vocabulário portenho, atestem essa presença. **Situação atual:** Em 1997 era dado a público o resultado de estudos arqueológicos contestando os números oficiais que negam a presença de negros no país. Realizados pelo antropólogo Daniel Schávelzon, diretor do Centro de Arqueologia Urbana de Buenos Aires, os estudos concluíram que a população negra, atualmente concentrada nas províncias de Corrientes, Entre Ríos e Misiones, próximas do Brasil e do Uruguai, tinha se deslocado para lá por ser violentamente discriminada na capital. E que um dos motivos de seu baixo índice demográfico se devia ao fato de os negros terem sido sempre colocados na linha de frente durante os conflitos armados de que o país participou. Ainda segundo os mencionados estudos, a entrada de africanos na atual Argentina deixou de se verificar já em 1807. **A Diáspora Cabo-Verdiana:** Nos primeiros anos do século XX, centenas de trabalhadores marítimos de Cabo Verde emigraram para o território argentino, em busca de melhores condições de sobrevivência. Os primeiros estabeleceram-se nas zonas portuárias de La Boca e Ensenada, nos arredores de Buenos Aires. Entre 1910 e 1932, produziu-se outra onda migratória, desta vez concentrando mais de mil indivíduos. Organizados em comunidades, esses imigrantes e seus descendentes diversificaram suas atividades e buscaram preservar sua cultura e seus vínculos com a terra de origem, inclusive fundando entidades como a Asociación Cultural y Deportiva Caboverdiana (1927), em Ensenada, e a Sociedad de Socorros Mutuos Unión Caboverdiana (1932), em Dock Sud. Mas sua inserção na sociedade argentina ainda é problemática, o que os confina em bairros pobres e não lhes permite acesso a melhores oportunidades de emprego (conforme Luciana L. Contarino Sparta, 1997). *Ver BAILE DEL SANTO*; *BARCALA, Lorenzo*; *CANDOMBE*; *CIDADES NEGRAS*; *EZEIZA, Gabino*; *FALUCHO*; *MENDIZÁBAL, Horacio*; *MILONGA*; *MURGA*;

NARBONA; *SARMIENTO, Domingo Faustino*; *SOSA, Domingo*; *TANGO*; *VIDELA, Antonio*; *VIEIRA, Mulato*.

ARGUIM, Fortaleza de. Estabelecimento fundado entre 1448 e 1452 pelos portugueses na ilha de mesmo nome, ao sul do cabo Branco, na costa da Guiné, próximo ao litoral da Mauritânia, para facilitar as relações mercantis entre Portugal e os países da África ocidental. Um dos primeiros estabelecimentos europeus no continente negro, tornou-se um dos principais entrepostos de escravos da costa ocidental africana no século XV.

ARIANIZAÇÃO. Ato ou efeito de tornar, supostamente, semelhante a ariano; embranquecer. No Brasil, a política imigratória que sucedeu à abolição da escravatura obedeceu, quase toda ela, a um projeto de arianização da população, por meio da facilitação da entrada no país de imigrantes europeus e da criação de obstáculos ao ingresso de negros e amarelos no mercado de trabalho. *Ver BRASIL, República Federativa do [População negra], [O ideal do branqueamento]*.

ARIAXÉ. Nos cultos afroindígenas da Amazônia brasileira, o mesmo que amaci*.

ARICUNGO. Variação vocabular de urucungo*.

ARIDÃ. Forma abrasileirada para o iorubá *àrìdon* ou *àìdon*; nome de uma planta (*Tetrapleura tetraptera*, *Mimosaceae*) cujos frutos são usados em banhos e defumações. Diz-se também fava-de-aridã.

ARIFOMÃ. Variante de Afomã*.

ARIGOFE. Nos antigos ranchos de Reis da Bahia, dançarino que carregava o santo; boneco preto que simbolizava cada um dos ternos de Reis baianos. Por extensão, designação pejorativa de indivíduo negro. De 1910 a 1924 foi famoso, em Salvador, o "Terno do Arigofe", o qual, segundo um de seus fundadores, o portuário Eulálio Sodré de Matos, não era "batucada nem sociedade de carnaval". O símbolo do grupo era um boneco, chamado *arigofe*, vocábulo que, em gíria da época, de acordo com ele, qualificava o homem simpático, boêmio e folgazão (conforme Odorico Tavares, 1964). *Ver DIA DE REIS*.

ARIPÁ. Substância venenosa extraída da cobra cascavel e, segundo a tradição, usada, no Brasil, por escravos africanos para vitimar inimigos. Do fongbé *arikpá*, segundo Pessoa de Castro (1976).

ARISTIDE, Jean Bertrand. Sacerdote católico e político haitiano nascido em Port-Salut, em 1953. Um dos ativistas da teologia da libertação, foi eleito presidente do Haiti em 1990 e deposto no ano seguinte. Em 1994, com ajuda norte-americana, retomou o poder e logo depois abandonou a Igreja. Em 2004 foi novamente deposto.

ARISTOCRATA CLUBE. Sociedade recreativa fundada na cidade de São Paulo em 6 de março de 1961. Seus associados foram recrutados entre a pequena burguesia negra paulistana, motivo pelo qual foi muitas vezes criticada, como outras sociedades congêneres, por sua orientação supostamente elitista. Entre seus fundadores, contam-se Adalberto Camargo* e Theodosina Ribeiro*, mais tarde eleitos deputados. No auge de sua existência, o clube possuía uma sede campestre, com piscina e parque desportivo, ocupando uma área de 60 mil metros quadrados, encontrando-se em ruínas na década de 2000. Parte de sua história está contada no curta-metragem *Aristocrata Clube*, de 2006, dirigido por Jasmin e Aza Pinho.

ARLINDO CACHIMBO. Nome artístico de Arlindo Ferreira, violonista brasileiro nascido em Sete Lagoas, MG, em 1914, e radicado no Rio de Janeiro. Integrante dos famosos conjuntos regionais de Claudionor Cruz e Rogério Guimarães, foi, entre as décadas de 1940 e 1970, um dos mais importantes músicos acompanhantes do rádio brasileiro.

ARMAÇÃO DOS BÚZIOS. *Ver BÚZIOS, Armação dos*.

ARMAS DE FOGO e tráfico negreiro. Durante a vigência do tráfico atlântico (*ver TRÁFICO NEGREIRO [O tráfico atlântico]*), na África, a venda de escravos foi fundamental para a obtenção, pelos detentores do poder, das armas de fogo com que defendiam seus territórios e atacavam inimigos e adversários ocasionais. Essas armas, fabricadas principalmente na Inglaterra, uma vez destinadas especificamente ao mercado africano, ou eram de má qualidade, para durar pouco, ou eram já obsoletas. Na segunda metade do século XIX, segundo A. Costa e Silva (2003), quando a indústria bélica europeia já exibia um importante avanço tecnológico, os exércitos africanos só tinham acesso a espingardas que eram carregadas pela boca. E algumas delas eram tão propositalmente malfeitas que explodiam no momento do disparo, ferindo o atirador. Com o tempo, e manifestas as intenções imperialistas europeias, o fornecimento legal de

armas aos africanos vai sendo cada vez mais dificultado, até a supressão absoluta, na mesma proporção em que se começa a reprimir o tráfico negreiro.

ARMENTEROS, Alfredo. Músico cubano nascido em Ranchuelo, em 1926, também conhecido como "Chocolate". Virtuose do trompete, além de compositor e arranjador, integrou os grupos de Arsenio Rodríguez*, Benny Moré* e a Sonora Matancera. Na década de 1960 radicou-se em Nova York e, a partir daí, ao lado de Mongo Santamaría*, Johnny Pacheco e Eddie Palmieri, entre outros, firmou reputação como um dos consolidadores do *latin-jazz**.

ARMSTRONG, Henry (1912-88). Pugilista americano nascido no Mississippi e criado em Saint Louis, Missouri. Também conhecido como Melody Jackson, foi o único lutador em toda a história do boxe a deter, como peso-pena, leve e meio-médio, três títulos mundiais simultaneamente.

ARMSTRONG, Louis [Daniel] (1900-71). Trompetista, cantor e compositor americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, e falecido em Nova York. Iniciou-se na música aos 13 anos de idade, num estabelecimento para menores infratores; atuou na zona boêmia de Storyville* e em barcas no rio Mississippi. Em 1922 chegou a Chicago, chamado por Joe "King" Oliver, e dois anos depois já estava em Nova York, tocando na orquestra de Fletcher Henderson*, na qual consolidou o conceito de solo no jazz, permitindo aos músicos acompanhantes desenvolver o estilo de riffs* e contrarriffs, mais tarde característicos das big bands. Em 1925, de volta a Chicago e saudoso das pequenas formações orquestrais do tipo *combo**, formou o Hot Five, seu primeiro grupo, e, logo depois, na orquestra Symphonic Syncopators, assumiria também o papel de cantor, com a característica voz áspera e grave que, segundo Rudi Blesh (1974), acabaria por constituir a própria definição da voz no jazz. Na década de 1930, constrói uma sólida carreira, participando de grandes orquestras, filmes, gravações e turnês internacionais – Armstrong atuou em mais palcos que qualquer outro artista de seu tempo e certamente gravou mais discos que qualquer outro, vários deles ultrapassando a marca de 1 milhão de cópias vendidas, do primordial *Hebbie Jeebies* ao *Hello, Dolly* do final da carreira. Foi astro de festivais e viajou por todos os continentes, sendo credenciado pelo

Departamento de Estado como "embaixador número 1" da cultura americana. Na África, alvo de calorosíssima recepção, tocou e cantou para uma plateia de 100 mil pessoas (número nunca reunido até o célebre festival de Woodstock), regressando ao seu país extremamente motivado contra o racismo. Em 1959 manifestou-se publicamente contra os episódios segregacionistas de Little Rock* e chegou a cancelar a viagem relacionada à missão diplomática que desenvolvia com destino à então União Soviética. Artisticamente, ao perceber a decadência física, simplificou seu estilo, aprofundando o sentimento e as nuanças de suas execuções. Revolucionário quanto à utilização do trompete como instrumento solista, exercendo influência decisiva sobre todos os músicos que o sucederam, e cantor de jazz por excelência, viveu o fim de seus dias amado por todos, gentil e suavemente, reconhecido como uma das maiores figuras da música mundial em todos os tempos, responsável por tornar universal um gênero antes local e quase folclórico.

AROCÁ. Variante de Aiocá*.

AROEIRA (*Schinus terebinthifolius*; *Schinus antarthritica*; *Schinus aroeira*). Árvore pequena da família das anacardiáceas, também conhecida como aroeira-vermelha, aroeira-roxa e aroeira-mansa. É planta votiva de Oxóssi e Ogum.

AROEIRA-BRANCA. Denominação comum a diversas árvores da família das anacardiáceas, de folhas extremamente cáusticas, entre as quais se destaca a espécie classificada como *Lithraea molleoides*, planta votiva de Ogum e parte integrante do omi-eró*, nos rituais de iniciação, em que representa um dos elementos de incitamento ao transe.

ARÔNI. Orixá dos antigos nagôs da Bahia e *lucumís* cubanos, da família de Ossãim. É o mesmo *Àrònì*, duende iorubano das matas, com apenas uma perna, cabeça e cauda de cachorro e corpo humano.

AROZARENA, *Marcelino* (1912-96). Poeta e jornalista cubano nascido e falecido em Havana. Militante da imprensa comunista, trabalhou nos jornais *Hoy* e *La Gaceta de Cuba* e no Instituto Cubano de Rádio e Televisão. Um dos fundadores da escola poética afro-cubana, seus poemas, dispersos em publicações periódicas, só foram reunidos em livro em 1966,

sob o título *Canción negra sin color y otros poemas*. Em 1983 publicou *Habrá que esperar*.

ARQUÉTIPO. Figura que serve de padrão ou modelo para os seres criados. Algumas divindades e ideias das religiões africanas representam arquétipos como os do herói (Xangô, Ogum), da grande mãe (Iemanjá, Oxum), do velho sábio (Oxalá), do paraíso perdido (Aruanda, Ilu-Aiê) etc.

ARQUIMEDES [Pacheco da Cruz]**, Sérgio.** Personagem da história contemporânea do negro brasileiro. Nascido no Rio de Janeiro, em 1955, capitão reformado da Aeronáutica e piloto da aviação comercial, protagonizou, em 31 de janeiro de 1999, um episódio histórico de racismo. A bordo de uma aeronave da empresa Transbrasil, da qual era copiloto, foi vítima de violento ato de discriminação praticado pelo deputado federal Remi Trinta. Solicitando a interferência da Polícia Federal, fez que o deputado fosse autuado em flagrante por crime de racismo e ficasse sob custódia da Câmara dos Deputados de 2 de fevereiro a 12 de março daquele ano. Apesar de o caso ter sido arquivado, adquiriu um caráter inédito e inimaginável tempos atrás. *Ver RACISMO*.

ARRAMBAM. Festa dos terreiros jejes correspondente à quitanda de iaô dos candomblés nagôs. Na Casa das Minas* o nome designa o banquete comunal anual que precede o recesso da quaresma e expressa um pedido de fartura e bênçãos em relação aos alimentos.

ARRASCAETA, Beatriz Santos. Cantora e radialista uruguaia nascida em Montevidéu, em 1947. Atuante em televisão e rádio, como diretora e produtora de programas sobre a cultura africana em seu país, no final dos anos de 1980 dirigiu *Negritud*, no Canal 5 da capital, e, no rádio, produziu *Sangre, sudor y tumba*. Em 1994 publicou, em colaboração com Teresa Porzecanski, o livro *Negros en el Uruguay*, e em 1995, em Buenos Aires, *África en el río de la Plata*, em parceria com Nené Loriaga.

ARRASCAETA, Juan Julio (1899-1988). Poeta uruguaio nascido e falecido em Montevidéu. Seus primeiros versos foram publicados em Buenos Aires, na revista *Luz y Sombra*, dirigida pelo poeta negro Eusébio Cardozo. Mais tarde colaborou nas revistas *La Razon*, *La Revista Municipal* e *Bahia*. Embora sem livros publicados, figura em importantes antologias internacionais de poetas negros, sendo considerado a voz maior da poesia

afro-uruguaia e um dos maiores conhecedores da cultura africana em seu país, sobre a qual compilou um vocabulário de quase 3 mil palavras. Alguns de seus poemas, de forte apelo rítmico, foram também musicados e gravados. Seu filho, também Juan Julio Arrascaeta, nascido em Montevidéu em 1923 e igualmente poeta, está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

ARREBENTA-CAVALO (*Solanum arrebenta*; *Solanum aculeatissimum*; *Solanum agrarium*). Erva espinhosa da família das solanáceas pertencente, na tradição religiosa afro-brasileira, a Exu.

ARRIADA. Na umbanda, o mesmo que despacho*.

ARRÔ-BOBOI! Interjeição de saudação ao orixá Oxumarê.

ARRONOVIÇAVÁ. Vodum masculino da Casa das Minas*, o qual, segundo a tradição, teria origem cabinda.

ARRORRÓ. Antigo acalanto dos negros uruguaios.

ARROYO, Martina. Cantora lírica afro-americana nascida na cidade de Nova York, em 1939 (conforme Estell, 1994). Soprano, bacharelou-se em Artes pelo Hunter College e doutorou-se pela Universidade de Nova York. Estreando no Metropolitan Opera em 1965, destacou-se em palcos como os do Opéra de Paris, Covent Garden, Scala de Milão, Ópera Estatal de Viena e Teatro Colón de Buenos Aires, celebrizando-se por suas interpretações de Verdi, Puccini, Strauss e Mozart. Gravou mais de cinquenta álbuns, com orquestras conduzidas por maestros como Leonard Bernstein, Karl Böhm, Rafael Kubelik, Zubin Mehta, Thomas Schippers, Ricardo Muti, Claudio Abbado, James Levine e Colin Davis. Em 2002, passou a integrar a Academia Americana de Artes e Ciências. No ano seguinte, criou uma fundação que leva seu nome para incentivar e apoiar novos talentos do canto lírico.

ARROZ (*Oryza sativa*). Erva da família das gramíneas. Na tradição religiosa afro-cubana, é planta de Obatalá, e a água em que seus grãos são lavados neutraliza bruxarias. Com esses grãos moídos, é feito o *kamanakú*, manjar que se oferece, com leite, a Obatalá.

ARROZ DE HAUÇÁ. Na culinária afro-baiana, prato preparado supostamente à moda dos negros hauçás, sem sal mas com um molho acentuadamente apimentado e carne-seca frita, em pedacinhos e quase torrada, despejada sobre o arroz quase em ponto de papa. Para alguns

autores, a origem do nome não estaria no etnônimo "hauçá", e sim em "auçá" (do iorubá *awúsà*, "fruto semelhante à noz"), termo com que os nagôs baianos designavam a pimenta-malagueta, em oposição à pimenta da costa africana, chamada "atarê".

ARROZ DE CUXÁ. *Ver CUXÁ.*

ARROZINHO (*Zornia diphylla*). Planta da família das leguminosas pertencente, na tradição brasileira dos orixás, a Euá*.

ARRUDA (*Ruta graveolens*; *Ruta montana*; *Ruta hortensis*; *Ruta latifolia*). Subarbusto da família das rutáceas. De larga utilização na tradição afro-brasileira, principalmente na umbanda, é poderoso agente neutralizador de mau-olhado e maus fluidos. Em Cuba (*ruda*), é planta votiva de Xangô.

ARRUMÁ. O mesmo que arrambam*.

ARRUMADORES, Sindicato dos. *Ver RESISTÊNCIA.*

ARRUMBAMBAYA. Em Cuba, nome que se dava, pejorativamente, à dançarina de rumba*.

ARTCHO DANSE. *Ver AYIKODANS.*

ARTE NEGRA. Designação genérica do conjunto das manifestações artísticas negro-africanas, no continente de origem e na Diáspora, entre as quais se incluem, principalmente, a escultura, a música e a dança. **Fundamentos estéticos:** A arte tradicional negro-africana é eminentemente utilitária, estando sempre associada aos variados eventos e atividades da vida cotidiana, do nascimento à morte, em ritos de celebração, purificação, propiciação etc. Nas sociedades em que nasce essa arte, pelo menos naquelas pouco tocadas por influências externas, o criador, ao conceber e executar uma obra, não pretende realizar, com ela, uma imitação da natureza, e sim dizer o que pensa a respeito dela; ele não quer reproduzir as coisas, e sim dar sua opinião, emitir seu conceito sobre o que representam, seja na dança, seja na escultura – como teoriza o senegalês Alioune Sène (1969). Usando a assimetria e a desproporção, o escultor tradicional africano procura indicar que nada no universo é fixo ou estático, já que cada objeto, mesmo inerte, é animado por um movimento cósmico. Por meio da desproporção, ele mostra que a arte, uma linguagem que cria seus próprios signos e símbolos, é conhecimento e não imitação da natureza, e que a forma do objeto varia segundo as exigências do espírito. O artista africano

tradicional procura, em seu trabalho, simbolizar, expressar um ponto de vista; ele não deseja copiar o que vê, e sim captar o que vai por dentro daquilo que está vendo – observa Sène. Assim, ele vai se preocupar mais com o detalhe do que com o conjunto; vai criar figuras humanas com cabeças sempre maiores em relação ao corpo, porque a cabeça é a sede da inteligência, da personalidade, da vida, enfim; vai realçar órgãos genitais e seios, porque associados à fertilidade e à sobrevivência etc. **Arte moderna e arte africana:** A contribuição da escultura tradicional negro-africana para a consolidação da arte moderna na Europa e nas Américas é hoje amplamente reconhecida. Picasso, apreciador de objetos de artesanato étnico, traduziu em seu cubismo a busca de uma nova estética figurativa, claramente influenciado por esse tipo de expressão artística. E, assim como sensibilizou e influenciou o trabalho de Picasso, Paul Klee, Modigliani, Matisse e outros – a ponto de, no início do século XX, surgir o ambíguo termo *négrophilie** –, a arte negro-africana continua sendo uma forte referência para artistas europeus e americanos. **As artes negras no Brasil Colônia:** No Brasil colonial, havia leis proibindo terminantemente que "negros, mulatos e índios", mesmo livres, trabalhassem em ourivesaria, tecelagem, imprensa e na indústria em geral. Mas apesar disso, do século XVIII ao XIX, pretos e mulatos, mesmo expressando-se por meio de formas europeias, destacaram-se como grandes criadores, nas diversas formas de arte, nos principais centros do país. *Ver BARROCO MINEIRO*.

ARTEL, Jorge (1909-94). Pseudônimo de Agapito de Arcos, escritor, advogado e diplomata colombiano nascido em Cartagena das Índias e falecido em Barranquilla. Autor dos livros de poemas *Tambores en la noche* (1940), *Poemas con botas y banderas* (1972) e *Sinú, riberas de asombro jubiloso* (1987), entre outros, destacou-se como um dos mais representativos poetas da *négritude** na América do Sul.

ARTESANATO. Manufatura de objetos executados segundo critérios artísticos. As civilizações da Diáspora Negra conhecem vários tipos de artesanato, em madeira, palha, cerâmica, metais etc., em geral recriados com base em uma estética africana.

ARTIGAS, Joaquín (século XIX). Militar uruguaio. Escravo, integrou o famoso "Grupo dos Trinta e Três", constituído por aqueles que,

acompanhando o capitão Lavalleja, deram início ao processo que culminou com a independência uruguaia.

ARTIGAS-CUÉ. Nome dado no Paraguai aos negros uruguaios seguidores do general Artigas no exílio. Formaram uma espécie de colônia no distrito de San Lorenzo del Campo Grande, atual localidade de Campamento Loma, conservando tradições como a devoção a san Baltasar, além de danças e folguedos de origem africana. *Ver CAMBACUAN*.

ARTUROS, Comunidade dos. Núcleo familiar de descendentes de africanos em Contagem, MG, cujo patriarca era Artur Camilo Silvério, nascido na vigência da Lei do Ventre Livre (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*). Pela integridade de seus costumes e tradições, foi objeto de pesquisas que resultaram em uma tese acadêmica publicada em livro (Gomes e Pereira, 1988).

ARUAJÉ. Um dos designativos de Omulu. O nome parece originar-se da contração de Aruaru* e *àjé*, "feiticeiro".

ARUANDA. Morada mítica dos orixás e entidades superiores da umbanda. Segundo Édison Carneiro (*ver Bibliografia*), é a forma pela qual parte da memória coletiva do negro brasileiro teria conservado a reminiscência de São Paulo de Luanda, capital de Angola, cidade que, de forma utópica, simbólica e abrangente, ganhou o significado de "pátria distante, paraíso da liberdade perdida, terra da promissão". *Ver DAROMAIN*.

ARUARU. Um dos títulos de Xapanã, orixá da rubéola, sarampão e sarampo. Do iorubá *Warìwarùn*, orixá feminino da varíola.

ARUBA. Pequena ilha integrante das Antilhas Holandesas*, próxima à costa da Venezuela.

ARUENDA. Folguedo semelhante ao maracatu, brincado no carnaval de Goiana, PE.

ARUMAHANI. Entre os *garífunas** de Honduras, versão masculina do *abaimahani**.

ÁRUN. Entre os *lucumís* cubanos, a Doença, divindade superior que atua desarmonizando o perispírito do indivíduo.

ARUNGELÊ. Peça característica do vestuário das toboces*; espécie de gola, também conhecida como "manta de toboce" (conforme Lody, 2003).

ARVELOS FILHO, Januário [da Silva] (1836-*c.* 1895). Músico brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Pianista e professor do Conservatório de Música, em 1859 publicou *Novo método repentino dos primeiros elementos musicais*. Compositor de músicas de salão, é um dos principais autores dos lundus e modinhas que fundamentaram a música popular brasileira. Foi também editor de músicas, atividade que exerceu, estabelecido na rua da Assembleia, no centro do Rio, por quase toda a década de 1860.

ÁRVORE DO ESQUECIMENTO. Sítio histórico no Benin. Em seu centro situa-se uma árvore em torno da qual os escravos que embarcavam para a travessia do Atlântico eram obrigados a dar voltas (nove, os homens; sete, as mulheres), num ritual tendente a provocar-lhes uma espécie de amnésia sobre o momento que vivenciavam. Segundo algumas interpretações, esse ritual era uma defesa dos traficantes africanos contra possíveis feitiços ou pragas mandados de volta pelos infelizes traficados.

ÁRVORES SAGRADAS. Segundo a tradição negro-africana e suas recriações nas Américas, as entidades espirituais podem estabelecer sua morada em qualquer objeto natural – em uma árvore, por exemplo. Isso se dá porque um espírito ou entidade pode tomar-se de afeição especial por determinada árvore, que, assim, se sacraliza, e suas cascas, folhas e resinas adquirem poder e eficácia rituais. O pensamento tradicional iorubano associa as árvores aos primórdios da existência, tanto que muitos relatos míticos dessa tradição, segundo J. Elbein dos Santos (1976), começam com a fórmula "No tempo em que os homens adoravam as árvores...". Algumas delas, entretanto, extrapolam o simples papel de morada dos deuses e se configuram como divindades, sendo humanizadas e relacionadas a santos católicos. É o caso, sobretudo, de Iroco*, árvore e orixá, na África e nas Américas. Entre os mitos iorubanos da criação do mundo, um deles diz que Orixalá*, ao criar o universo, moldava, contínua e simultaneamente, um ser humano e um ser vegetal, e seus duplos espirituais. Assim, a cada pessoa existente no mundo corresponderia uma árvore, algumas delas sagradas. Na tradição dos iorubás, por representarem emanação direta de Orixalá, que é o orixá por excelência da cor branca, as árvores sagradas devem estar sempre adornadas com ojá* dessa cor, atado em volta de seu tronco. Além do Iroco,

as religiões afro-brasileiras conhecem outras espécies de árvores sagradas: o cajapricu, árvore fossilizada que protege a comunidade-terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá*; a cajazeira, árvore sagrada da Casa Grande das Minas*, comunidade maranhense que se destaca como a única, nas Américas, em que se cultuam espíritos da longeva família real daomeana; a figueira, que pertence a Exu* e Obaluaiê*; a árvore da fruta-pão, que em alguns candomblés jejes é consagrada a Dã*; a jaqueira, que pertence a Oxumarê* e Apaocá* etc. Essas árvores – tanto as importadas da África, como os pés de *aridan*, obi, orobô etc., como as nativas e aqui sacralizadas, numa substituição simbólica de espécies exclusivamente africanas – podem ser a morada de forças sobrenaturais, mas, ao contrário de Iroco e, talvez, de Apaocá, não se confundem com tais forças, ou seja, com os orixás, inquices ou voduns que as elegem. *Ver CEIBA*; *IROCO*; *PLANTAS VOTIVAS*.

ASADOLEBE. Toboce da Casa das Minas*.

ASAGUÊ (*ASAGWE*). Dança do vodu haitiano, referida por Mário de Andrade.

ASANTE. Variante de Ashanti*.

ASANTE KOGBWA. Tambor do Suriname, de origem axânti, referido por Mário de Andrade. O nome relaciona-se, provavelmente, ao verbo *bua*, que na língua twi* significa "responder".

ASANTE, Molefi Kete. Nome adotado por Arthur Lee Smith Jr., cientista social americano nascido em Valdosta, Geórgia, em 1942. Um dos criadores da filosofia do afrocentrismo*, é autor, entre outros livros, de *Afrocentricity: the theory of social change* (1980); *African culture: the rhythms of unity* (1985) e *The historical and cultural atlas of African-Americans* (1991).

ASANTEWA, Yaa (*c*. 1850-1921). Heroína do povo axânti, nascida em Gana e falecida nas ilhas Seychelles. Em 1900, quando o governador britânico ultrajou seu povo ao usurpar seu trono de ouro, símbolo da nacionalidade axânti, Yaa Asantewa, na qualidade de rainha-mãe, comandou a resistência de seu povo. Derrotada, foi mandada para o exílio, onde faleceu.

ASENTADO. Na América colonial espanhola, o mesmo que "ganhador"*, "escravo de ganho".

ASHAM. Na Jamaica, alimento preparado com sorgo pilado e açúcar. É também chamado *black george*, *brown george*, *coction*, *kak sham* e *sham-sham*.

ASHANTI. *Ver AXÂNTI.*

ASHANTIHENE. Forma inglesa para o título do líder do povo axânti*.

ASHAROKO. Divindade masculina dos negros de Trinidad. Come cágado e galinha-d'angola, bebe rum, é cultuado às quartas-feiras e suas cores são marrom e branco.

ASHE, Arthur (1943-93). Nome abreviado de Arthur Robert Ashe Jr., tenista americano nascido em Richmond, Virgínia. Em 1975 sagrou-se campeão mundial de tênis, passando a ser reconhecido como um dos maiores desportistas do mundo em sua especialidade. Além disso, destacou-se como historiador do esporte em seu país e crítico ferrenho da intolerância racial. Mas a Aids, contraída em uma transfusão de sangue em 1981, quando se submeteu a uma cirurgia no coração, ceifou prematuramente sua vida. Deixou publicado, entre outros livros, *A hard road to glory: a history of the African-American athlete*, de 1988.

ASHMUN INSTITUTE. Escola presbiteriana para negros fundada na Pensilvânia, nos Estados Unidos, em 1854. Dez anos após sua fundação, transformou-se na Lincoln University.

ÁSIA, Negros africanos na. Os fluxos migratórios e o tráfico de escravos, primeiro na Antiguidade, pelo Mediterrâneo e, mais tarde, pelo oceano Índico, levaram a presença e a contribuição negro-africana aos vales dos rios Tigre e Eufrates, à Suméria, à Arábia, à Índia e, também, à China, ao Japão e ao Sudeste Asiático. Elisa Larkin Nascimento (1994a) documenta amplamente essa presença, baseando-se, principalmente, em textos de John Baldwin, Runoko Rashidi, James E. Brunson e Ivan Van Sertima. O primeiro, já no século XIX, afirmava que os povos de Cuxe* foram, na mais remota Antiguidade, os civilizadores originais do sudoeste da Ásia, estendendo sua influência até o sudeste do continente. Segundo a autora, a primeira cultura avançada da Pérsia, chamada Elam, tem sua história ligada ao legendário faraó Mêmnon*, dito "o etíope". Dos remanescentes de Elam originou-se o antigo nome do Beluquistão (região hoje dividida entre o Irã e o Paquistão), Gedrósia, significando "o país dos escuros". Além disso, no século X, segundo Costa e Silva (1996), as

tamareiras de Bahrain e os canaviais de Khuzistan, na Pérsia, eram cuidados por mão de obra escrava, certamente africana. Quanto à Península Arábica, foi ela habitada originalmente por negros, chamados *veddois*, cujos descendentes formam, hoje, parte importante da população da Arábia meridional, onde Makeda, a legendária rainha de Sabá, exerceu seu poder sobre um extenso e próspero reino. Além da Índia (*ver AFRO-INDIANOS*), a presença negro-africana teria chegado, nos tempos antigos, até o Japão, a China e países vizinhos. Na China, essa presença refletir-se-ia, entre outras marcas, nas referências mitológicas a um povo original, chamado ainu, cujos indivíduos teriam nariz largo e chato e cabelos lanosos. Esse povo, referido também na história japonesa, teria migrado da China para o Camboja, onde teria estabelecido a chamada "cultura funan", florescida por volta do ano 300 da Era Cristã, com desenvolvimento tecnológico muito avançado, absorvido pelo povo khmer, cujos indivíduos teriam, também, segundo James E. Brunson, citado por Larkin Nascimento (1994a), pele escura e cabelos encarapinhados. Moore (2008) mostra que, até a chegada dos portugueses à África, no século XV, "dezenas de milhões" de africanos tinham sido levados como escravos para o Oriente Médio e a Ásia meridional, e espalhados por Turquia, Irã, Paquistão, Afeganistão, Índia e o atual Sri Lanka. *Ver TRÁFICO NEGREIRO* [*O tráfico Índico*].

ASIENTO. Espécie de contrato frequentemente firmado entre a coroa espanhola e particulares, de 1517 até as primeiras décadas do século XVIII, para a concessão de privilégios comerciais, em especial quanto ao tráfico negreiro para as Américas.

ASODOVI. Nome de uma das toboces da Casa das Minas*.

ASON. O mesmo que *asson**.

ASONE. Sigla da Asociación de Negros Ecuatorianos, entidade fundada no Equador em 1988, congregando afrodescendentes das cidades de Quito, Guaiaquil e Ibarra, bem como das regiões de Loja, Chota-Mira e Esmeraldas, para "resgatar a dignidade nacional" e lutar contra o racismo.

ASSA-FÉTIDA (*Ferula assafoetida*). Planta que exala forte mau cheiro. Em algumas comunidades da Diáspora, a folha, esfregada pelo corpo, é usada para afastar e neutralizar forças espirituais negativas.

ASSANSU. O mesmo que Azunsu*.

ASSA-PEIXE. Denominação comum a duas plantas brasileiras: o arbusto da família das urticáceas (*Boehmeria arbolescens*; *Boehmeria petrolaris*; *Urtica caudata*) e o arbusto da família das compostas (*Eupatorium altissimum*; *Vernonia grandiflora*). Ambas são usadas, na tradição afro-brasileira, em banhos e defumações neutralizadores de fluidos negativos.

ASSENTAMENTO. Conjunto de objetos simbólicos que, reunidos e convenientemente tratados, concentram o axé do orixá de determinada pessoa ou coletividade. Seu principal elemento é o otá*. *Ver NGANGA*.

ASSESSU. Entre os antigos baianos, qualidade de Iemanjá muito voluntariosa e respeitável.

ASSIMILAÇÃO. Processo pelo qual um indivíduo ou grupo torna-se similar ao grupo majoritário ou dominante na sociedade em que se insere, podendo ter como consequência extrema o desaparecimento do grupo original, pela perda das características físicas e socioculturais que o identificavam. O tipo mais comum de assimilação, entretanto, caracteriza-se pela absorção, espontânea ou forçada, de costumes e estilo de vida dos dominantes pelos dominados, como ocorrido com nativos dos antigos territórios coloniais, na África e nas Américas, em relação aos colonizadores europeus. Em Cashmore (2000), é citado o caso de localidades, na Inglaterra, onde expressões culturais de imigrantes jamaicanos são adotadas por jovens brancos e asiáticos; além da adoção, por crianças negras filhas de imigrantes de outros países, do inglês falado na Jamaica.

ASSIS, Altair Souza de. Educador brasileiro nascido em Duque de Caxias, RJ, em 1953. Formado em Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-graduado nos Estados Unidos, na Suíça e na Áustria, em 1994 criou, em Niterói, RJ, para oferecer reforço escolar a crianças e adolescentes carentes, o Centro de Cooperação para o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (CCDIA), o qual, em 1998, estava atendendo mais de quinhentos alunos.

ASSIS [da Silva]**, Benedito.** *Ver CASAL VINTE*.

ASSIS, Isaura de. *Ver NEGREIROS, Carlos*.

ASSIS REPUBLICANO, Antônio de (1897- 1960). Maestro e compositor erudito brasileiro nascido em Porto Alegre, RS, e falecido no Rio de Janeiro. De sua obra, em que se destacam o poema sinfônico *Ubirajara* e

a ópera *Bandeirante*, constam óperas, sinfonias e música vocal e instrumental. Como arranjador, é autor da orquestração do *Hino nacional brasileiro*, oficializada em 1942.

Assis Republicano

ASSIS VALENTE, José de (1911-58). Compositor brasileiro nascido em Santo Amaro, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Autor de grandes sucessos, a maior parte na voz de Carmen Miranda (*Camisa listrada*, *Brasil pandeiro*, *Recenseamento* etc.), legou à posteridade vastíssima obra, que inclui *Boas festas* e *Cai, cai, balão*, clássicos, respectivamente, do cancioneiro natalino e das antigas festas juninas.

ASSISSI. Tratamento usado entre toboces ou entre noviches filhas do mesmo vodum, significando "irmão, irmã".

ASSIVAJIU. Variante de axuaju*.

ASSOBIO. Som agudo, produzido por sopro entre os lábios comprimidos ou entre os dentes. Em muitas culturas africanas, inclusive na Diáspora, o assobio é um tabu, por considerar-se que é a forma de comunicação dos espíritos perigosos, principalmente dos gênios das florestas.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO. Entidade fundada na capital de São Paulo na década de 1950, tendo como figura de destaque o militante José Correia Leite*. Durante sua existência, publicou uma revista, organizou palestras, acolheu grande parte da biblioteca da Frente Negra Brasileira* e lançou o primeiro livro do poeta Oswaldo de Camargo*.

ASSOCIAÇÃO DOS BRASILEIROS DE COR. Entidade organizada em São Paulo, por volta de 1889, com o objetivo de proporcionar aos negros acesso à educação e à cidadania (conforme Nuñez, 1980).

ASSOGUÊ. Chocalho de cabaça, da mina maranhense. *Ver ASSONGUÉ*.

ASSON. Chocalho feito de uma cabaça com sementes e ossos, usado como símbolo de autoridade pelos sacerdotes do vodu haitiano. Também *ason*.

ASSONGUÊ. Em Cuba, espécie de chocalho metálico, formado por um cilindro com cabo, fechado por dois cones.

ASSÔTOR. Tambor maior do vodu haitiano. Alcança, às vezes, tal altura que o tocador tem de subir num banco para tocá-lo. Seu nome também intitula a dança executada ao seu redor.

ASSUÃ. Cidade do Egito, capital da província de mesmo nome, às margens do rio Nilo, a novecentos quilômetros do Cairo. A região onde se situa concentra, hoje, a maior parte da população negra do Egito, herdeira da grande civilização da antiga Núbia*.

ASSUMÂNIOS, Conselho dos. Espécie de organização maçônica dos antigos malês em Salvador, BA, também conhecida como "Mesa dos Nove". De finalidade político-religiosa, combinava práticas islâmicas com outras do catolicismo popular, inclusive o culto a santo Antônio de Categeró*. Seus membros ostentavam títulos em línguas oeste-africanas, como o iorubá e o hauçá. Segundo alguns autores, a organização teria tido participação ativa na chamada Revolta dos Malês*.

ASSUMANO (*c.* 1880-1933). Nome pelo qual foi conhecido Henrique Assumano Mina do Brasil, famoso alufá* atuante no Rio de Janeiro. Morando na rua Visconde de Itaúna, 191, no reduto da comunidade baiana do Rio, tinha como frequentadores de sua casa Zeca Patrocínio*, o sambista Sinhô*, o jornalista Vagalume* e outras personalidades da vida carioca no início do século XX. Em 1927, submetido a investigação policial por prática de curandeirismo, declarou ter 47 anos de idade e ser nascido na cidade do Rio de Janeiro, filho de Mohamad Salim e Fátima Faustina Mina Brasil (conforme Juliana Barreto Farias, em Porto, 2007). O nome "Assumano" é abrasileiramento do antropônimo Ansumane (ou Ussumane) – do árabe Othman ou Utmân –, usual entre muçulmanos da antiga Guiné Portuguesa. Segundo Turner (1995), Asumano foi o nome de um rei do povo gallina, de Serra Leoa, falante da língua vai.

ASSUMPÇÃO, Carlos [de]. Poeta nascido em Tietê, SP, em 1927. É autor de pelo menos dois clássicos da poesia de militância negra no Brasil: *Protesto* ("Mesmo que voltem as costas/ às minhas palavras de fogo/ não pararei de gritar..."), de 1958, que deu título ao seu primeiro volume de poemas, publicado em 1982; e *Atrás do muro da noite* ("Senhores! Atrás do

muro da noite/ sem que ninguém o perceba/ muitos dos meus ancestrais/ já mortos há muito tempo/ reúnem-se em minha casa/ e nos pomos a conversar/ sobre coisas amargas...”). Ator e declamador espontâneo e expressivo, em 1997 lançou, em parceria com Cuti*, o CD *Quilombo de palavras*, com 24 poemas.

ASSUMPÇÃO, Itamar (1949-2003). Cantor e compositor brasileiro nascido em Tietê, SP, e falecido em São Paulo, SP. Em 1980 surgia como revelação do movimento de música popular conhecido como “vanguarda paulista”. Com vários discos lançados, inclusive no exterior, apelidado “Neto Dito” e rotulado como “maldito”, seu trabalho, marcado por seu grande apelo popular, granjeou admiradores principalmente entre representantes da intelectualidade.

ASSUMPÇÃO, Maxwell Porphírio (séculos XIX-XX). Advogado e professor de inglês em Salvador, Bahia. Membro da família Alakija, de origem iorubana, na década de 1920, orgulhoso de sua condição africana, manifestou-se veementemente, por meio da imprensa, contra o projeto de lei dos deputados Andrade Bezerra e Cincinato Braga que visava proibir a imigração de negros para o Brasil (*ver BRASIL, República Federativa do [O ideal do branqueamento]*). Colocou-se, também, contra o racismo na seleção de aprendizes pela Marinha de Guerra, pleiteando sempre a integração dos não brancos na sociedade. Em 1933, no dia 13 de maio, em romaria a seu túmulo, militantes da Frente Negra Brasileira*, celebrando a abolição da escravatura, reverenciaram sua memória, depositando flores naturais sobre a lápide.

ASSUNÇÃO, Joaquim Soares de. *Ver BONFIM, Joaquim Soares do.*

ASTOR Silva (1922-68). Instrumentista, arranjador, compositor e regente brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Trombonista de técnica apurada, foi um dos fixadores da moderna linguagem instrumental brasileira. Integrou orquestras importantes, tendo viajado várias vezes ao exterior, e foi diretor musical de gravadoras multinacionais estabelecidas no Brasil. Na década de 1960, criou o grupo instrumental e vocal Os Ipanemas, com uma proposta de música afro-brasileira moderna, com raízes no jazz*. *Ver NECO; NEVES, Wilson das.*

ASTRONAUTA. *Ver BLUFORD JR., Guy.*

ASUANO. Entre os congos cubanos, divindade correspondente ao brasileiro Azoani*.

ATABAL. Tambor congo da República Dominicana.

ATABAQUE. Designação geral dos vários tipos de tambor usados nos cultos afro-brasileiros. No sentido estrito, é um instrumento de percussão que consiste em um corpo de madeira cilíndrico e afunilado revestido, na extremidade mais larga, por uma pele de animal.

ATACÃ. O mesmo que ojá*.

ATAÍDE, Manuel da Costa (1762-1837). Pintor nascido e falecido em Mariana, MG. Considerado o principal pintor do barroco mineiro, colaborou na criação das imagens dos Passos da Paixão, na Igreja do Bom Jesus de Matosinhos, e pintou o teto da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, MG, entre outras obras.

ATANÁSIO CRIOULO (*c.* 1840). Personagem da história da prostituição no Rio de Janeiro, RJ. Na década de 1860, residindo na rua dos Ciganos, atual rua da Constituição, e habitualmente ocupado vendendo doces e roletes de cana, era um dos mais conhecidos homossexuais da cidade. Descrito como um negro alto, "sodomita ativo e passivo", recebia em sua intimidade, segundo tese do médico J. R. Pires de Almeida, "desde o caixeiro até o senador do Império" (conforme L. C. Soares, 1992).

ATANDÁ. *Ver GARCÍA, Ño Filomeno.*

ATARÊ. Pimenta-da-costa ou pimenta-malagueta. Do iorubá *ataare*.

ATCHERÉ. Chocalho usado em Cuba para chamar os orixás nas cerimônias rituais. É uma espécie de pequeno xequeré* com cabo, da tradição *lucumí*. Toca-se golpeando o corpo do instrumento contra a palma de uma das mãos. Há *atcherés* especiais, um para cada orixá. Semelhante ao brasileiro xeré*, aqui atributo específico de Xangô, no Haiti é conhecido como *osái*.

ATÊ. O mesmo que opanifá*.

ATÉ [1]. Na mina maranhense, esteira em que o fiel se senta durante o bori [2]*.

***ATÉ* [2].** Em Cuba, o mesmo que opanifá*. Do iorubá *àte*, "tabuleiro".

ATEFÁ. O mesmo que até [2]*.

ATEGUN. No Maranhão, qualidade de Iansã ligada ao vento. Do iorubá *atégun*, "brisa", "viragem".

ATIM. Conjunto de folhas e ervas sagradas de cada orixá; por extensão, a raspa ou pó delas extraídos e usados como proteção ou defesa contra malefícios. Do fongbé *atin*, “árvore”, “madeira”.

ATIMI. Nos candomblés maranhenses, perfume ou pó que se põe no perfume com a finalidade de obter proteção. *Ver ATIM*.

ATIN-BAMI. Em batuques gaúchos, em que Nanã* é entidade masculina, forma ou manifestação jovem desse orixá.

ATITSOGBI (século XIX). Personagem da história da escravidão no antigo Daomé. Em 1862, com a morte de seu senhor, o mercador de escravos brasileiro César Cerqueira Lima, herdou dele mulheres, bens, negócios e o sobrenome, passando a chamar-se Geraldo de Lima. Expandindo os negócios que herdou e fornecendo armas de fogo e munição aos axântis, tornou-se mais rico e poderoso que seu antigo dono (conforme Costa e Silva, 2004).

ATKINS, Cholly (1913-2003). Coreógrafo e bailarino americano nascido em Birmingham, Alabama, radicado em Buffalo, Nova York, e falecido em Las Vegas. Famoso pelo grupo de sapateadores de *tap dance** que liderou, foi professor na escola de Katherine Dunham* e formou, com Pearl Bailey*, uma dupla de grande sucesso na década de 1940, depois de ter atuado, em 1939, ao lado de Bill “Bojangles” Robinson*, outro mestre da mesma arte. De 1965 a 1971, foi responsável por coreografias premiadas apresentadas por diversos grupos vocais contratados pela Motown Records*.

ATLÂNTICO NEGRO. Expressão modernamente usada para designar a intensa rede de comunicação estabelecida entre as comunidades da Diáspora e o continente africano, atravessando o Atlântico (essa rede também permite que as comunidades comuniquem-se entre si). A expressão procura enfatizar que o movimento entre África e América realizou-se em ambas as direções, num fluxo e refluxo, como acentuou Pierre Verger, fazendo do oceano não apenas um elemento de separação traumática mas, também, de união. Isso se deveu aos importantes aportes culturais levados das Américas até as civilizações africanas, os quais acabaram por formar, nas duas margens do Atlântico, uma cultura singular, com instituições europeias sendo afetadas, em diversos graus, por tradições africanas e vice-versa. *Ver CIDADES NEGRAS*; *RETORNADOS*; *TRÁFICO NEGREIRO*.

ATLÂNTIDA. Hipotético continente perdido que desde a Antiguidade Clássica tem mobilizado escritores e pesquisadores. Sua versão africana está no livro *Mythologie de l'Atlantide* (Paris, 1949), tradução francesa de um texto do etnólogo alemão Leo Frobenius, que apresenta dados bastante fundamentados sobre as ligações entre a civilização dos antigos iorubás e as do Mediterrâneo. Com base em pesquisas arqueológicas feitas em sítios de Ifé, em 1910, Frobenius localiza nessa região supostos vestígios do que poderia ter sido a mitológica civilização da Atlântida.

ATÔ. Oração malê composta com frases do Corão. Por extensão, pequena tábua na qual os malês escreviam suas orações.

ATOCUM. Ojé que toma conta de um egungum. Do iorubá *atokun*. Variante: atokê*.

ATOKÊ. O mesmo que atocum*.

ATORES NEGROS no Brasil. Desde os tempos coloniais, no Brasil, atores e atrizes negros têm mostrado sua arte em palcos e arenas os mais diversos. Da mesma forma, o universo teatral brasileiro tem visto, embora sempre com grandes dificuldades, diante das peculiaridades da sociedade nacional, o surgimento de autores, atores e companhias negras. A história do negro no teatro brasileiro conta-se depois de uma pré-história em que despontam performances de rua, desempenhadas por artistas solitários, como o liberto Vitoriano, no século XVIII, ou por elencos de autos populares como os cucumbis, as congadas etc. Na segunda metade do século seguinte, já em palcos convencionais, destacam-se as atuações dos mulatos Xisto Bahia (1842-94), ator, cantor e compositor, e Francisco Vasques (1839-92), este considerado o maior ator cômico de seu tempo. Destes, chegamos aos atores da Companhia Bataclan Negra, da Companhia Negra de Revistas (Rio de Janeiro, 1926) e da Companhia Mulata Brasileira (São Paulo, 1930). Antes, porém, assistimos ao apogeu de Eduardo das Neves (1874-1919), ator circense que, já em 1909, tornava-se um dos pioneiros do cinema brasileiro interpretando o monólogo *Sangue espanhol*; e de Benjamin de Oliveira* (1870-1954), filho de escravos que se tornaria o "rei dos palhaços brasileiros" e ator pioneiro na introdução de dramas teatrais nos espetáculos circenses, a tal ponto que chegou a encenar o *Otelo* de Shakespeare, além dos muitos textos de sua própria autoria que encenou.

Entretanto, apesar das antigas e singulares contribuições dos intérpretes negros à arte de representar no Brasil, a dramaturgia nacional pouco se interessou pela criação de personagens negros mais densos, fixando-se apenas nos estereótipos*, como os do criado fiel, da criadinha espevitada, do moleque de recados etc., sempre representados por atores brancos pintados de preto. Para reverter esse quadro surge, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944 e ativo até 1968, com sucursais em outras capitais brasileiras. Com o TEN, que realizou espetáculos inclusive no palco brasileiro de maior prestígio, o do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, atores negros representaram autores negros e, principalmente, denunciaram a óptica alienada pela qual a alma nacional focalizava os afrodescendentes, vistos à luz do pitoresco ou do puramente histórico, como elementos estáticos, peças de museu. Contudo, fora do TEN, e apesar dos talentosos atores que a iniciativa revelou, o problema continuava. No final dos anos de 1950, por exemplo, o Pedro Mico de Antônio Callado e o Gimba de Gianfrancesco Guarnieri, personagens marcadamente negros em sua construção, foram interpretados por atores brancos de rosto "amorenado" pela maquiagem. Em 1968, depois de Ruth de Souza* ter brilhado no filme *Sinhá Moça* (1953) e de Grande Otelo* ter mostrado o seu talento e versatilidade, o cinema novo revelava Antônio Pitanga*, Luiza Maranhão* e outros. Mas foi só a partir de 1976, com Milton Gonçalves* atuando na telenovela *Pecado capital* da Rede Globo, num momento em que esse veículo já capitalizara todo o antigo potencial do teatro e do cinema, que se ofereceu ao consumo do grande público brasileiro o espetáculo de um ator negro de grande densidade dramática representando um personagem à altura do seu talento. De lá para cá, uma nova geração de atores negros, entre os quais Camila Pitanga*, Isabel Fillardis*, Lui Mendes*, Taís Araújo* e Norton Nascimento* (precocemente falecido), formou-se, mas não no cinema e no teatro, como antes, e sim na televisão. Em 2000, todavia, o cineasta Joel Zito Araújo* publicava livro denunciando a exclusão do ator negro na televisão brasileira; e, na mesma época, a preferência pela produção de filmes sobre o universo das favelas e a violência urbana começava, por vias transversas, a revelar jovens atores e atrizes afro-brasileiros. Alguns desses profissionais, como

Lázaro Ramos*, conseguiram superar a estereotipagem. *Ver BANDO DE TEATRO OLODUM*; *COMPANHIA DOS COMUNS*; *TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO*; *TEATRO NEGRO*; *TELEVISÃO BRASILEIRA, Negros na*.

ATORI. Varinha com que, nos antigos candomblés, se açoitavam simbolicamente os fiéis, num rito de expiação e purificação. Do iorubá *àtori*, árvore cujos galhos, muito flexíveis, são usados para fabricar açoites.

ATOTÔ! Interjeição de saudação a Obaluaiê-Omolu. Do iorubá *Atóto!*, interjeição usada para pedir silêncio.

ATTUCKS, Crispus (*c.* 1723-70). Patriota americano. Escravo fugido, passou a ganhar a vida como marinheiro em Boston, envolvendo-se em uma manifestação contra tropas coloniais inglesas, sendo morto à bala em uma das principais ruas da cidade. O episódio, em que sucumbiram vários outros manifestantes, ficou conhecido como o "Massacre de Boston", e foi um dos estopins da guerra americana pela independência.

AÚ. Na capoeira, movimento que consiste num salto lateral com as pernas abertas para o ar.

***AUÁN* (*Awan*).** Em Cuba, grande cesto contendo a sopeira com as pedras sagradas de Obaluaiê ou Olokum em torno da qual se dispõe a enorme variedade de alimentos que se lhes oferecem. A denominação estendeu-se à cerimônia em que os fiéis, andando em roda, passam os alimentos pelo corpo, em ritual de purificação, e os recolocam no cesto, que depois será entregue na mata ou no mar, no caso de Olokum. Do iorubá *àwo*, "prato"; *àwo kòto*, "bacia".

AUCANERS. Comunidade étnica dos *bush negroes** da Guiana.

AUGUSTO, Manuel (século XX). Músico brasileiro nascido na Bahia. Virtuose do piano, segundo Arthur Ramos (1956), era professor do Conservatório Musical de Recife na década de 1950.

AÚKA. O mesmo que djuka*.

AUNLÓ, Cantigas de. Cânticos para provocar o fim do transe do orixá. Do iorubá *ayún*, "ida", "partida", acrescido de *lo*, "partir", "ir", "deixar".

AUNT GEMMIMA. Personagem de contos tradicionais afro-americanos. É o estereótipo da negra velha doméstica, excelente cozinheira, portadora

de uma sabedoria ancestral, mas eternamente usando avental e pano na cabeça. No Brasil, a Tia Anastácia dos contos infantis de Monteiro Lobato é uma das representações do estereótipo.

AUÔ. Na tradição de Ifá*, corpo de conhecimentos destinado a preservar os rituais que propiciam a comunicação direta com as forças da natureza. A palavra é comumente traduzida como "segredo", mas, na verdade, não tem correspondente em nenhuma língua ocidental, uma vez que envolve fortes associações culturais e esotéricas, presentes somente na tradição de onde provém. Na cultura tradicional iorubana, é o conjunto de princípios recônditos que explica o mistério da Criação e da evolução; é o conhecimento esotérico das forças invisíveis que interagem na natureza e sustentam sua dinâmica.

AURA POKA (século XVIII). Rainha africana. Segundo a tradição do povo baúle, era axânti, e em 1730, vendo seu irmão barrado em sua pretensão de assumir o trono, emigrou com seu povo para o oeste e fundou um novo Estado no território da atual Costa do Marfim. Ameaçados por esse reino, em 1843 os reinos do litoral e do interior solicitaram ajuda militar francesa, o que facilitou o domínio gaulês na região, por fim concretizado em 1898, com a derrota de Samori Touré*.

AURA TIÑOSA. Denominação cubana do urubu (*Cathartes aura*). Nas religiões de origem africana, por voar alto e ser dotado de visão e olfato prodigiosos, é considerado ave sagrada, mensageira dos inquices e orixás mais altos. Entre os *paleros*, é também conhecido como *mayimbe*. O elemento "aura", segundo Ortiz (1991), deriva do fongbé *awa*, "asa".

AURINO Ferreira [de Oliveira]. Músico brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1925. Por volta de 1952, já músico profissional, depois de ter abandonado a faculdade de odontologia, radicou-se no Rio de Janeiro. Durante muito tempo foi um dos poucos executantes de saxofone barítono em atividade na cena carioca, sendo, portanto, intensamente requisitado para gravações e atuação em importantes formações orquestrais, como as lideradas por Napoleão Tavares, Cipó* e no grupo acompanhante do cantor Roberto Carlos. Integrou também uma das formações do sexteto Bossa Rio, liderado pelo pianista Sérgio Mendes, com o qual fez várias turnês internacionais.

AURORE PRADÈRE. Personagem feminina, provavelmente real, de Nova Orleans, Louisiana, no século XIX. Seu nome intitula e inicia uma antiga canção do gênero *counjaille*.

AUTOESTIMA. Sentimento de amor-próprio, dignidade; moral elevado; ânimo forte; disposição para enfrentar as adversidades da vida. A atuação dos movimentos negros em todo o mundo tem se dirigido para o fortalecimento da autoestima de africanos e de seus descendentes, seriamente abalada pela escravidão e pelo racismo.

AVAMUNA. Forma registrada por Pessoa de Castro (1976) para "avaninha" e dada como originária do fongbé *aválunõ*, "digno de homenagem". Variante de avania*.

AVAMUNHA. Variante de avania*.

AVANIA. Toque rápido dos atabaques, espécie de marcha para a entrada das iaôs ou a saída dos orixás do barracão das festas do candomblé. Também avamunha e avaninha.

AVANINHA. Variante de avania*.

AVENCA (*Veneris capillus*; *Avenca brasiliensis*; *Adiantum risophorum*). Planta ornamental da família das pteridáceas. De uso medicinal, na tradição religiosa afro-brasileira é uma das plantas votivas de Nanã Buruquê*.

AVEREQUÊ. O mesmo que Averequete*.

AVEREQUETE. O mesmo que Afrequetê*.

AVIEVODUM. Na Casa das Minas*, denominação do Deus Supremo.

AVILÉS, Bartolo (séculos XVIII-XIX). Músico cubano. Violoncelista, em 1811 integrava o trio clássico de Joaquín Gavira. Compositor, escrevia músicas sacras.

AVIMAJÉ. Uma das manifestações ou qualidades de Obaluaiê*.

AVREJÓ. Vodum masculino da Casa das Minas.

AVREQUETÉ. No vodu cubano, loá que preside os fenômenos celestes. *Ver AFREQUETÊ*.

AVRIKITI. O mesmo que Aniflaquete*.

***AWASA*.** Dança dos negros do Suriname. *Ver AWOUHSA*.

AWKA. Variante de aúka*.

AWÒ FAKA. Em Cuba, iniciado de primeiro grau, na *regla de Ifá*; por extensão, o mesmo que *idefá*, pulseira de miçangas verdes e amarelas consagrada a Orula*, que se entrega ao iniciado que recebeu os fundamentos desse orixá.

AWOUHSA. Dança de origem hauçá do culto conhecido como *big drum**.

AXÁ. Mistura de fumo triturado com sal, também chamado tabaco-de-cão, outrora usado para mascar. Do iorubá *àsà*, "tabaco".

AXÂNTI. Aportuguesamento do nome *Asante*, pelo qual são conhecidos uma região da República de Gana, na África ocidental, e o povo que a habita. **O povo:** Procedentes do Norte, os axântis chegaram ao seu atual território por volta de 1300. Povo originalmente litorâneo, estabeleceu-se no interior da floresta densa, já que o litoral era ocupado pelo poderoso Reino de Denkiera. Na selva, os axântis fundaram vários pequenos reinos tributários do forte Estado litorâneo, e no século XV sua força já se fazia notar: integrados na vida comercial subsaariana, trocavam ouro de aluvião e escravos pelos artigos de que necessitavam. No século seguinte, hordas invasoras viriam quebrar a paz dos axântis, os quais, embora vitoriosos no embate decisivo, tiveram sua economia debilitada diante do colapso experimentado por todo o Oeste Africano após a tomada do Sonrai* pelos almorávidas e pelo expansionismo fulâni. **O Império Axânti:** Chegado o século XVII, povos originários provavelmente das atuais fronteiras de Gana e Costa do Marfim formavam vários pequenos Estados na região entre o rio Volta e a bacia do Pra. Entre esses Estados, o de Denkiera, rico e poderoso, era respeitado e temido por todos os povos vizinhos. Também por essa época, os fântis expandiam-se, por meio de guerras de conquista, até a costa. Em 1670 assumia a chefia dos axântis, em Kumasi, o rei Osei Tutu, o qual convenceu os reinos vizinhos a se unirem aos axântis e guerrearem Denkiera, em vez de lhe pagarem tributo. Segundo a tradição, durante o encontro em que se propôs a união, um trono de ouro desceu do céu e pousou suavemente no colo de Osei Tutu. Desde esse momento, o trono tornou-se o símbolo da unidade dos axântis e Tutu, o primeiro *ashantihene**. Formando, a partir da cidade de Kumasi, uma união de Estados acãs; promovendo o *odwira*, um festival anual para congraçamento desses Estados; proclamando uma Constituição; e introduzindo uma nova e

eficiente organização militar, Osei Tutu colocou-se frontalmente contra Denkiera, enfim derrotado e anexado em 1701. Vitoriosos na guerra, os axântis organizaram um Estado centralizado, defendido por um poderoso exército. Em 1717, Osei Tutu, que sucedera a seu tio Obiri Yeboa, é morto em combate e sucedido na liderança dos axântis por seu sobrinho-neto Opoku Ware, que governou até 1750. Bravo guerreiro, brilhante constitucionalista e hábil administrador, durante seu governo o Império Axânti atingiu seu apogeu, com a pujante cultura acã fulgurando na corte e entre o povo. Esse apogeu durou até o governo de Osei Bonsu (1801-24), que aboliu o critério exclusivo da hereditariedade na ocupação das chefias provinciais. A partir de então, entretanto, rebeliões e sedições começaram a minar o poder central. E, de 1811 a 1874, os axântis, atacados por forças imperialistas inglesas, resistiram, com base em Kumasi, no momento em que Estados da costa, entre eles o dos fântis, tornavam-se parte do Império Britânico. Finalmente, em 1901, os axântis, que figuraram entre os africanos mais avançados e progressistas de seu tempo, viam seu reino, derrotado e saqueado, tornar-se parte da colônia inglesa da Costa do Ouro.

AXÉ. Termo de origem iorubá que, em sua acepção filosófica, significa a força que permite a realização da vida, que assegura a existência dinâmica, que possibilita os acontecimentos e as transformações. Entre os iorubanos (*àse*), significa lei, comando, ordem – o poder como capacidade de realizar algo ou de agir sobre uma coisa ou pessoa –, e é usado em contraposição a *agbara*, poder físico, subordinação de um indivíduo a outro por meios legítimos ou ilegítimos.

AXÉ ILÊ IÁ NASSÔ OKÁ. *Ver ILÊ AXÉ IÁ NASSÔ OKÁ.*

AXÉ-MUSIC. Denominação mercadológica de uma variada gama de estilos musicais que surgiram na década de 1980, na Bahia, da fusão de ritmos tradicionais – como o samba de roda, o afoxé e o frevo – com ritmos caribenhos nos blocos afro.

AXÉ OPÔ AFONJÁ. *Ver ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ.*

AXEXÊ. Conjunto de rituais funerários da tradição dos orixás celebrados por ocasião do falecimento de pessoas importantes da comunidade-terreiro. Do iorubá *àjèjè*, cerimônia ritual celebrada por ocasião da morte de um caçador.

AXINAGU. Personagem que ia à frente dos antigos cordões do carnaval carioca.
AXIRÊ. Momento do fim do transe de orixá.
AXOGUM. Sacrificador ritual dos candomblés jejes-nagôs. É obrigatoriamente um ogã*, que passou pelos competentes rituais de iniciação. Do iorubá *asògun*, "adepto", "devoto de Ogum".
AXOTE. Em alguns terreiros, denominação da saia que compõe a vestimenta das filhas de santo. Do iorubá *aso*, "roupa", "tecido".
AXOXÓ. Alimento votivo de Oxóssi e Logun-Edé feito com milho cozido e fatias de coco.
AXUAJU. Entre os antigos malês cariocas, mestre de cerimônias. Na tradição dos orixás, um dos títulos de Exu, o primeiro a ser cultuado em qualquer ritual. Do iorubá *siwaju*, "preceder", "vir na frente".
AXUÍ, Quilombo do. Aldeamento de escravos, no Maranhão setecentista, na região então conhecida como Campos da Lagarteira. Disseminada a lenda de ser o local habitado por negros ricos, donos de imensas reservas de ouro, em 1794 o quilombo foi objeto de espalhafatosa expedição, agrupando cerca de 2 mil pessoas. Seu guia foi o escravo fugido Nicolau Toé, que, proclamando-se profundo conhecedor da região e das riquezas, foi nomeado capitão das milícias, com direito a fardamento. Descoberto, entretanto, o embuste e frustrada a expedição, Toé, africano de origem, foi condenado a prisão perpétua, cumprida na casa de seu senhor. O episódio serviu de base para o romance *A expedição do Axuí*, de Júlio José Chiavenato (Melhoramentos, 1988).
AXUM. Cidade da Etiópia, situada na província de Tigre. Foi capital do antigo Reino de Axum, florescido nos primeiros tempos do cristianismo.
AY-A-SARI. Terceira oração diária dos malês.
AYERRABA. Dança de origem iorubá do culto *big drum**.
AYIKODANS. Companhia de dança fundada em 1987 em Porto Príncipe, Haiti, com o nome de Artcho Dance, depois mudado para a forma em crioulo*. Definindo-se como um grupo de "dança contemporânea haitiana", a companhia exibiu-se nos Estados Unidos, na Europa, na Ásia e na América Latina, evocando, em seu trabalho, a riqueza espiritual e o grande background histórico do povo haitiano. Com esse trabalho, destacou-se pelo

esforço de levar ao mundo uma imagem mais positiva de seu país, um dos mais pobres do planeta.

AYIZAN. *Ver AIZAN.*

AYMORÉ, Jandyra (1898-1972). Nome artístico de Albertina da Rocha Viana (nascida Nunes Pereira), atriz brasileira natural de Belém, PA, e falecida no Rio de Janeiro. Estrela da Companhia Negra de Revistas*, em 1927 casou-se com o músico Pixinguinha*, de quem foi companheira até a morte. Era intimamente conhecida como Beti.

AZACÁ. Vodum masculino, caçador, da Casa das Minas*. O nome parece derivar de *Àjakà*, antropônimo na área cultural iorubá-fon.

AZAGAIA. Espécie de lança de arremesso usada por certos povos africanos. Do berbere *zagaya*.

AZAN. Espécie de saiote de folhas de palmeira usado pelo vodum Gu.

AZANG PAU. Entre o povo djuka*, barreira protetora contra os maus espíritos feita de folhas de palmeira desfiadas, como o mariuô* dos terreiros brasileiros.

AZANK. Nas Antilhas Holandesas, franja de folha de palmeira usada como barreira contra os maus espíritos. *Ver AZANG PAU.*

AZAODONU. Vodum jeje cultuado no Candomblé do Bogum* e simbolicamente representado por uma árvore trazida da África por volta de 1830 e existente no terreiro até os dias atuais. *Ver AGOTIMÉ.*

AZÊ. Denominação do longo capuz de palha de Obaluaiê, nos candomblés angola.

AZEDINHA (*Begonia bahiensis*; *Begonia saxifraga*). Erva da família das begoniáceas, também conhecida como azedinha-do-brejo, pertencente, na tradição dos orixás, a Nanã Buruquê.

AZEITE DE CHEIRO. O mesmo que azeite de dendê*.

AZEITE DE DENDÊ. Óleo extraído da noz do dendezeiro, de larga aplicação na culinária e nos cultos afro-brasileiros. Na religião dos orixás, é substância fortemente portadora de axé*, excitante e perigosa quando não convenientemente usada. No simbolismo iorubá, representa o poder dinâmico dos descendentes de Odudua*.

AZEREDO, Albuíno [Cunha de]. Político brasileiro nascido em Vila Velha, ES, em 1945. De família humilde, exerceu várias atividades

subalternas antes de tornar-se engenheiro ferroviário e empresário. Em 1990, depois de ter sido secretário de Planejamento, elegeu-se governador de seu estado natal com mais de 580 mil votos.

AZEVEDO CRUZ, João Antônio (1870- 1905). Político e escritor brasileiro nascido em Campos, RJ, e falecido em Nova Friburgo, no mesmo estado. Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi deputado estadual e chefe de polícia no antigo estado do Rio de Janeiro. Poeta simbolista, é autor da seleta póstuma *Sonhos*, de 1943, além de outros escritos.

AZEVEDO, Luiz Ignácio (?-1824). Militar brasileiro, envolvido no movimento revolucionário de 1824 em Recife. Conhecido como Major Bolão, foi executado barbaramente no Ceará, tendo, segundo relatos da época, "os miolos da cabeça atirados aos cães". Está incluído na nominata de "ilustres homens de cor" elaborada por Nelson de Senna (1938).

AZEVEDO, Tales [Olímpio Góes] **de.** Antropólogo brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1904. Organizador e primeiro diretor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, é autor de vasta obra publicada em sua especialidade, na qual se inclui *Cultura e situação racial no Brasil*, de 1966. É mencionado como afro-brasileiro por Dorothy Porter em *Afro-Brazilian, a working bibliography*, conforme Abdias Nascimento (1980).

AZILA. Vodum masculino, velho e doente, da Casa das Minas*.

AZILE. O mesmo que Azila*.

AZILI. Variante de Aziri*.

AZILU. O mesmo que Azila*.

AZIRI. Manifestação ou qualidade de Iemanjá ou Oxum em alguns candomblés de origem jeje.

AZIRITOBOCE. Divindade dos cultos mina-jejes correspondente à Oxum nagô. *Ver AZIRI.*

AZIZAN. Entre os negros de Trinidad, cada um dos gênios das florestas, temidos pelos caçadores.

AZOANI. Um dos nomes de Omolu-Obaluaiê.

AZOGRI. Alimento à base de farinha de milho torrado servido no arrambam* da Casa das Minas*.

AZOGRIM. Variante de azogri*.

AZONCE. Vodum masculino da Casa das Minas*, o qual, segundo a tradição, seria de origem nagô.
AZONÇO. O mesmo que Azonce*.
AZOUACE SACOREBABOI (século XIX). Nome iniciático de Mãe Luiza de Zomadônu*, nochê da Casa das Minas no final do século XIX.
AZULÃO. Pseudônimo do violeiro e repentista pernambucano Sebastião Cândido dos Santos, nascido por volta de 1880. A tônica de seus versos era o alarde de bravuras fantásticas, sendo por isso considerado o mais jactancioso dos cantadores dos sertões nordestinos.
AZUNSU. Vodum jeje correspondente a Omulu.

B

B'RABBY. Personagem da literatura popular das Bahamas, correspondente ao Br'er Rabbit* americano.

BA. O mesmo que *Gros bon ange**.

BÂ, Amadou Hampâté (1899-1991). Escritor, historiador, filósofo e diplomata nascido em Bandiagara, na atual República do Mali, e falecido em Abidjan, Costa do Marfim. Trabalhando para que as culturas orais africanas fossem reconhecidas mundialmente, publicou inúmeras obras, levando a público alguns dos mais belos textos dessas culturas. Legou à posteridade monumental acervo, fruto de mais de cinquenta anos de pesquisas sobre a tradição oral africana, reunido no Fundo Amadou Hampâté Bâ, em Paris, França.

BAAKINI. Na Jamaica, jogo do anel, que integra a parte profana dos costumes funerários de origem africana. No Brasil, um "jogo do anel" também é jogado nos gurufins*.

BAARTAMN, Saartjie. *Ver VÊNUS HOTENTOTE.*

BABÁ. Elemento que compõe várias palavras da linguagem ritual da tradição dos orixás, quase sempre com o sentido de "pai", "dono", "patrão", "autoridade". Como vocábulo autônomo, designa os ancestrais ilustres cultuados pelos nagôs da Bahia. Do iorubá *baba*, "pai". *Ver EGUNGUM.*

BABÁ ELEMESSÔ. Na Bahia, um dos nomes de Oxaguiã*.

BABÁ EPÊ. Uma das dezesseis manifestações de Oxalá registradas por Pierre Verger na Bahia.

BABÁ IGBÔ. Outra dentre as dezesseis manifestações de Oxalá registradas por Verger, no mesmo estado.

BABÁ LEJUBÊ. Mais uma qualidade de Oxalá registrada por Verger na Bahia. Provavelmente, relacionado a Ijugbe, orixá seguidor de Obatalá* em sua disputa contra Odudua.

BABÁ OKÊ. Um dos nomes pelos quais é referido, na Bahia, o Senhor do Bonfim. Do iorubá, a expressão se traduz literalmente como "pai (senhor) da colina", em alusão à localização do templo católico existente na cidade de Salvador.

BABAÇUÊ. Forma religiosa afro-brasileira, com influência da pajelança amazônica e do catimbó*, praticada principalmente no Pará e no Maranhão.

BABALAÔ. Sacerdote de Ifá, aquele que tem conhecimento e autoridade para praticar a adivinhação pelo jogo de Ifá*. O título tem origem no iorubá *babaláwo*, "sacerdote de Ifá"; literalmente, "pai do segredo". *Ver AUÔ.* **Tradição retomada:** No Brasil, além dos legendários Martiniano Eliseu do Bonfim* e Benzinho* e do contemporâneo Pai Agenor*, destacaram-se como babalaôs, segundo Bastide e Verger (1981): Vicente Braga, de nome iniciático Atere Kanyi; seu filho Joaquim (Aro Mosegbilema); Cassiano da Costa (Adulendju); João de Almeida (Gogosara); seu filho Cláudio (Oya-di-pe); João da Costa (Ewe-turo); Oso Odubaladge; Tio Lino (Abeileboja); José Bagatinha (Ogunbii); Alanderobe. A partir da década de 1980, principalmente com o estabelecimento, no Rio de Janeiro, do cubano Rafael Zamora* (Ogundá Kete), a tradição dos babalaôs, então ameaçada de extinção no Brasil, experimenta importante renascimento.

BABALAU. No batuque gaúcho, o mesmo que babalorixá. *Ver BABALAWO.*

BABALAWO. Forma afro-cubana correspondente ao português babalaô*. Pronuncia-se "babaláo".
BABALAXÉ. Zelador do axé*, pai de santo*.
BABALOA. No batuque gaúcho, o mesmo que ialorixá*.
BABALOCHA. Em Cuba, o mesmo que babalorixá*. Também *babalosha*.
BABALORIXÁ. Designação que, no Brasil, se dá ao sacerdote-chefe de um candomblé. O mesmo que pai de santo*. Do iorubá *babalóòrisá*, "sacerdote do culto dos orixás".
BABALOSSÃIM. Sacerdote do culto de Ossãim, encarregado das folhas e plantas rituais.
BABALOTIM. Boneco ou boneca de cor preta levados à frente dos afoxés, à semelhança da calunga* do maracatu. Em Cuba, conforme F. Ortiz (2001), também se costumam levar, nas danças processionais de origem africana, certos bonecos representativos de santos ou objetos de simbolismo desconhecido, provavelmente relacionados com episódios ou antepassados locais. O nome deriva, segundo a tradição, do iorubá *baba* + *oti* (otim), significando literalmente "pai, dono da cachaça". Observe-se que o afoxé, embora saído dos terreiros, é pândega, é folguedo carnavalesco. *Ver AFOXÉ*.
BABALOXÁ. Forma contrata de babalorixá.
BABALÚ AYÉ. Forma pela qual Obaluaiê* é invocado entre os *lucumís* cubanos.
BABANATÔ. Um dos nomes privados do vodum Zomadônu*.
BABAOJÉ. Sacerdote do culto dos egunguns.
BABAROBÔ. Em cultos afro-brasileiros de Alagoas e Pernambuco, uma das designações da Entidade Suprema.
BABAÚ (1914-93). Apelido de Valdemiro José da Rocha, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Mangueirense ilustre, nascido no morro, foi também fundador das escolas de samba Paraíso do Tuiuti e Unidos do Cabuçu. Compositor, teve sambas gravados por Jorginho do Império e Neguinho da Beija-Flor*, entre outros intérpretes. Sua composição mais conhecida, *Tenha pena de mim*, sucesso na voz de Araci de Almeida*, tornou-se um clássico da música popular brasileira.
BABOUILLE. Antiga dança dos negros da Louisiana, no Sul dos Estados Unidos. *Ver BAMBOULA*.

BABOULA. O menor dos tambores dos djukas* do Suriname. *Ver BAMBOULA.*

BABUL. Antigo instrumento musical cubano, referido por Mário de Andrade. Provavelmente o mesmo que *bamboula**.

BABUNUCO. Em Cuba, nome que se dá à rodilha (espécie de pequena almofada em forma de roda) usada para aliviar o peso de cargas transportadas sobre a cabeça. Também dito *abonuco*, *abunuco* e *babonuco*.

BABURU. Curvatura reverente dos participantes do padê*. Do iorubá *búrubúru*, "humildemente", "reverentemente".

BABY DOC. Cognome de Jean-Claude Duvalier, nascido em 1951, ditador do Haiti de 1971 a 1986, em alusão ao nome pelo qual foi conhecido seu pai, François Duvalier*, o Papa Doc.

BACA, Susana. Etnomusicóloga, cantora e compositora peruana nascida em Lima, em 1954, é a continuadora do trabalho de Nicomedes Santa Cruz*. Já na adolescência dedicava-se à pesquisa e à divulgação das tradições musicais dos negros em seu país. Em 1995 gravou o álbum *El alma del Perú negro* e, em 1997, publicou *Del fuego y del agua: el aporte del negro a la formación de la música popular peruana*.

BACALHAU. Açoite de couro com que se supliciavam escravos no Brasil. *Ver TORTURA, Instrumentos de*.

BACCHANAL. Farra, festa desenfreada do carnaval de Trinidad e Tobago.

BACCINE. Antigo instrumento musical afro-haitiano usado em Cuba pelas *bandé rará**. Era uma espécie de trompa feita com um pedaço de bambu, grosso e comprido. Também *basín*.

BACHATA. Festa com música e dança dos negros cubanos. Nos anos de 1960, o termo passou a designar, também, um gênero de música popular criado na República Dominicana.

BACONGO. Forma portuguesa para *ba-Kongo*, grupo etnolinguístico banto. *Ver CONGO*; *KONGO [1]*.

BACUBA. Forma em português para *ba-Kuba*, grupo etnolinguístico banto. O Império Bacuba, ainda poderoso no início do século XX, era vizinho do Reino do Congo e possuía organização semelhante. Seu povo, permanecendo isolado, como defesa contra a escravidão e o colonialismo, e vivendo, para os padrões locais, em alto grau de desenvolvimento, destacou-

se por meio de uma arte escultórica refinada. *Ver SHEPPARD, William Henry*.

BACURO. Nos antigos cultos bantos brasileiros, espírito da natureza que jamais encarnou. Do quicongo *mbakulu*, "ancião", "antepassado". Entre os bacongos, os velhos do começo da criação do mundo são chamados *Ba-kulu Mpangu*.

BADAROU, Wally. Músico de origem beninense nascido em Paris, em 1955. Tecladista, compositor e arranjador, lançou seu primeiro álbum solo em 1980. Trabalhou com artistas como Grace Jones*, Fela Kuti* e Manu Dibango* e, em 1989, foi o diretor musical das comemorações oficiais do bicentenário da Revolução Francesa.

BADAUÊ. Afoxé fundado na localidade de Brotas, Salvador, BA, em 13 de maio de 1978.

BADÉ. Vodum masculino da Casa das Minas*.

BADJI. Gênero de canção do Oeste do Suriname.

BADOFE. Espécie de guisado da culinária afro-brasileira preparado com legumes, principalmente taioba e quiabo, e carne bovina.

BADR, Sidi (século XV). Governante afro-indiano. Por volta de 1490 ocupou brevemente o trono de Bengala. *Ver AFRO-INDIANOS*.

BÁEZ [Méndez]**, Buenaventura** (1812-84). Político e militar nascido em Azua de Compostela, República Dominicana, e falecido no exílio, em Porto Rico. Filho de uma ex-escrava com um rico proprietário, herdou a fortuna paterna e, depois de estudar na Europa, onde se tornou fluente em várias línguas, tornou-se comerciante, com empreendimentos no Haiti. Foi presidente de seu país em cinco mandatos, entre 1849 e 1878, sendo, entretanto, partidário da entrega da nação à França, inicialmente, e, depois, à Espanha.

BAGÁ. Nome cubano do araticum-do-brejo, cortiça, maçã-de-cobra ou mulolo (*Annona glabra*); árvore da família das anonáceas conhecida na Guiana Francesa como *corossol sauvage* e na Jamaica como *alligator apple*. É planta importante na feitura de *ngangas** e encantamentos da *regla de palo mayombe*, sendo usada tanto para o bem como para o mal.

BAGHIO'O, Jean-Louis. Escritor nascido em Saint Anne, Guadalupe, em 1910. Autor da coletânea de poemas *Les jeux du soleil* (1960) e dos

romances *Le flamboyant à fleurs bleues* (1973), *Le colibri blanc* (1980) e *Choutoumounou* (1995), enfatiza em sua obra o preconceito racial e o legado do colonialismo francês no Caribe.

BAGI. No vodu, denominação do compartimento onde fica o altar dedicado a um ou a vários loás. *Ver SABAJI*.

BAGOION. Em algumas tradições afro-brasileiras, denominação do praticante de rituais maléficos (conforme Cacciatore, 1988).

BAGONO. Vodum masculino da Casa das Minas*. Também, Bagolo e Bagone.

BAGUICAN. Denominação do papa-loá* na região Noroeste do Haiti.

BAHA. Trompa de bambu de São Cristóvão e Névis.

BAHAMAS, Comunidade das. País situado no mar das Antilhas, num arquipélago de mais de setecentas ilhas e 2 mil ilhotas e atóis que se espalham nas proximidades da Flórida, Estados Unidos, até o norte de Cuba e do Haiti. Os africanos chegaram, com os ingleses, por volta de 1629 e seus descendentes somam cerca de 70% da população. A capital é Nassau.

Pelourinho, Salvador, BA

BAHIA. Estado da federação brasileira localizado na parte sul da região Nordeste, concentrando, segundo o Censo de 2000, o maior contingente de afrodescendentes no país: cerca de 73% da população total. Ponto de chegada dos portugueses ao Brasil, a capitania abrigou a primeira sede do governo colonial de 1549, ano de sua fundação, até o fim do século XVIII, época em que manteve intenso comércio com o continente africano. Sua cultura, altamente prestigiada, é toda calcada em heranças africanas, notadamente a da região do golfo de Benin (mais presente na capital Salvador, outrora conhecida como "cidade da Bahia") e a de Angola (nas cidades do chamado Recôncavo Baiano*). Observe-se que, até o século XVII, o fluxo maciço de africanos importados era de negros bantos, e que só depois, no século XVIII, o tráfico se deslocou para a Costa dos Escravos, marcando a influência sudanesa. **O século XIX:**

Durante a primeira metade do século XIX a cidade de Salvador recebeu uma média anual de 8 mil escravos, vindos principalmente da região do golfo da Guiné. Em 1808, ano da chegada da família real ao Brasil, o contingente de negros e mulatos em Salvador e no Recôncavo representava cerca de 78% da população geral – em números aproximados, 35% eram escravos e 43% eram livres. Assim, em 1811, os nagôs, jejes, tapas, hauçás e vizinhos já se constituíam em metade da comunidade africana na capital da Bahia. Nas lutas pela independência, a participação de escravos e libertos foi extremamente significativa, tendo esse contingente se tornado um verdadeiro "partido negro", como enfatizam alguns historiadores, à frente dos quais João José Reis. Posicionados contra os portugueses, certamente por enxergarem a libertação do domínio lusitano como real possibilidade do fim do escravismo e do rompimento das barreiras raciais, eles entretanto tiveram, na Bahia assim como em todo o Brasil, suas expectativas frustradas. Por volta de 1835, para uma população de 65.500 habitantes, Salvador tinha cerca de 36 mil escravos (mais da metade africanos), dos quais 60%, isto é, mais de 20 mil indivíduos, pertenciam às etnias mencionadas. Essa grande concentração de nagôs e jejes (principalmente), aliada à sua disposição de luta, foi o que deu à cultura dessas nações sudanesas a grande representatividade até hoje refletida nas expressões culturais afro-baianas. Em 1872, no segundo recenseamento geral do século XIX, depois da extinção do tráfico legal e do morticínio ocorrido na Guerra do Paraguai (as tropas brasileiras eram compostas basicamente de pretos e mulatos), os números sobre a presença de negros e afromestiços em Salvador e no Recôncavo caem para cerca de 72% no total, sendo 60% emancipados. Entre estes, duas categorias se apresentavam: a dos que tinham nascido livres e a dos beneficiados por uma das várias espécies de alforria. E, mesmo entre os primeiros, apenas cerca de 10% constituíam família legalmente, o que ensejava o nascimento de uma vasta prole de filhos ilegítimos. **Mestiçagem e direitos:** No conjunto das mulheres negras da Bahia no século XIX, segundo Kátia M. Q. Mattoso (1992), 30% das brasileiras tinham filhos mestiços, enquanto as africanas eram percentualmente menos dadas a relacionamento sexual com homens de pele mais clara. É óbvio que essa resistência pouco adiantava diante do arbítrio dos senhores. E, nesse

particular, a ordem escravista certamente gerou, também, uma considerável prole concebida pela violência, real ou presumida, do estupro. Já no que toca aos direitos mais gerais, constatamos que, nessa Bahia do século XIX, como no resto do Brasil, negros e mulatos livres e alforriados não desfrutavam do mesmo estatuto jurídico: os alforriados, ao contrário dos nascidos livres, que gozavam de cidadania plena, não podiam votar nem exercer funções públicas. Mas, independentemente de sua condição, muitos desses negros e mulatos baianos, mesmo filhos ilegítimos ou gerados à força, conseguiram subir os degraus da escala social, para tornar-se, por exemplo, artífices, artesãos, professores e (quando nascidos livres) empregados do aparelho administrativo estatal. Veja-se, também, conforme Kátia Mattoso, que, até 1873, quando se começou a empreender um grande esforço em prol da instrução pública, as crianças baianas, em geral, não aprendiam a ler e escrever. E, nos primeiros dez anos de funcionamento das classes noturnas de alfabetização de adultos, criadas naquele ano, a evasão escolar atingiu tais níveis que, de um total de 648 alunos inicialmente matriculados, chegou-se ao irrisório número de 64 no ano de 1883. Entretanto, em termos de ensino universitário, a Bahia saiu na frente. Já em 1808, dom João VI funda em Salvador a Escola de Cirurgia, primeiro estabelecimento de ensino superior leigo no Brasil, à qual se segue, a partir de 1874, a criação das primeiras escolas de ensino superior no Rio de Janeiro e em São Paulo (conforme Kátia M. Q. Mattoso). **Quilombos:** Formas mais organizadas de contestação da ordem escravista, os quilombos registrados pela história no território do atual estado da Bahia são os seguintes: de Andaraí, do Buraco do Tatu, do Cabula, de Cachoeira, dos Campos de Cachoeira, de Jacuípe, de Jaguaripe, de Maragogipe, de Muritiba, de Nossa Senhora dos Mares, de Orobó, de Tupim, do Urubu e de Xiquexique. Em 2000, o governo federal havia identificado, em todo o estado, 242 comunidades remanescentes de quilombos*, das quais seis foram reconhecidas a partir de 1995 e duas, Mangal e Rio das Rãs, no município de Bom Jesus da Lapa, contavam com títulos de domínio concedidos naquele ano. **Levantes de escravos:** A mais estudada das sedições de negros ocorridas na Bahia é a chamada Revolta dos Malês* (*ver ISLÃ NEGRO*). Contudo, outro movimento sedicioso, pelo número de envolvidos, está a merecer estudos mais aprofundados. Trata-se

do chamado "Levante dos Nagôs", ocorrido em Salvador em 8 de março de 1828. Nele, uma multidão de cativos abandonou os engenhos onde trabalhava para reunir-se, com intenções belicosas, na localidade de Pirajá. A sedição foi repelida pelo governo provincial, deixando como saldo, segundo o historiador Damasceno Vieira (1903), mais de 600 revoltosos mortos a tiro e espada, 350 presos e cerca de 200 foragidos, que se dirigiram às matas vizinhas à cidade. **Cultura afro-baiana:** No texto *Esperanças de boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910)*, publicado no volume 24, número 2, da revista *Estudos Afro-Asiáticos* (Rio de Janeiro, Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA), a historiadora Wlamyra Ribeiro de Albuquerque evidencia um fato interessante. Seu estudo mostra que, no pós-abolição, a comunidade afrodescendente de Salvador recriou, especialmente no carnaval, uma imagem da África e dos africanos como uma forma de delimitar aspectos sociorraciais e construir uma identidade. Segundo o texto, "fantasiar-se de africano" era o jeito mais divertido de a população de cor participar do carnaval. Daí a proliferação de agremiações carnavalescas nomeadas como Congos da África, Nagôs em Folia, Chegados da África, Filhos d'África, Lembranças da África, Guerreiros da África, além da Embaixada Africana* e dos Pândegos d'África*. No momento da edição desta *Enciclopédia*, a Bahia, principalmente por meio de sua capital, é internacionalmente conhecida pela riqueza de suas tradições africanas, apropriadas como verdadeiros símbolos nacionais brasileiros. Segundo algumas interpretações, esse precioso acervo cultural ter-se-ia tornado visível pela presença histórica, em Salvador e no Recôncavo Baiano*, de diversas "nações" africanas organizadas, e muitas vezes adversárias, cada uma ciosa de sua identidade étnica. E isso teria feito que, em se tratando do combate ao racismo, os afrodescendentes se destacassem mais fortemente pela afirmação de suas expressões culturais específicas do que pela luta política, como em São Paulo*. *Ver ALFAIATES, Revolução dos*; *CANDOMBLÉ*; *CAPOEIRA*; *CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA*.

BAHIA, Alcides (?-1934). Escritor e jornalista brasileiro nascido no Pará e falecido no Amazonas. Membro da Academia Amazonense de Letras, foi estudante da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, época em que, numa

festa cívica no Largo da Carioca, segundo Velho Sobrinho (1937), fez um discurso tão eloquente que recebeu, na testa, um emocionado beijo dado por José do Patrocínio*. Dirigiu vários jornais em Manaus e deixou publicado o livro *A imprensa no Amazonas (1851-1908)*, de 1908. É referido por Nelson de Senna (1938) como um dos "ilustres homens de cor" brasileiros.

BAHIA, Juarez (1931-98). Jornalista brasileiro nascido na Bahia, iniciou-se profissionalmente na cidade de Santos, SP, como linotipista, tornando-se, depois, diagramador. Formou-se em Jornalismo em 1957 e, dez anos mais tarde, em Direito. De 1962 a 1977, ganhou seis vezes o Prêmio Esso, a láurea máxima do jornalismo brasileiro. Foi professor de comunicação na Universidade de São Paulo e na Faculdade Cásper Líbero, além de correspondente do *Jornal do Brasil* em Portugal, entre 1978 e 1982. Deixou inédito um dicionário enciclopédico de jornalismo.

BAHIA [de Paula]**, Xisto** (1841-94). Ator, comediógrafo, compositor, cantor e instrumentista brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em Caxambu, MG. Célebre pela composição de tipos genuinamente nacionais num contexto ainda colonizado pelo teatro português, foi também autor de modinhas imortais, como *Quis debalde varrer-te da memória* e lundus antológicos como *A preta mina* e *Isto é bom*, entre outros.

BAHIENSE, Alfredo de Freitas (1883- 1959). Advogado e político brasileiro nascido em Niterói, RJ. Formou-se em Farmácia pela Faculdade Nacional de Medicina em 1906, custeando os estudos com o salário de operário da Estrada de Ferro Leopoldina. No entanto, descobrindo sua verdadeira vocação profissional, sete anos depois graduava-se em Direito. Atuou como promotor adjunto de São Gonçalo até 1919, foi juiz do Tribunal Regional Eleitoral e, na década de 1930, ocupou, por breve período, a prefeitura de Niterói. Por essa época, foi o grande protetor e incentivador do jovem Roberto Silveira, menino pobre que se tornaria governador do antigo Rio de Janeiro, cargo em cujo exercício faleceu em 1961.

BAIA. O mesmo que terecô*.

BAIACO (1913-35). Alcunha de Oswaldo Caetano Vasques, sambista do Estácio*. Assina, juntamente com Aurélio Gomes, a autoria do samba *Arrasta a sandália*, um dos maiores clássicos da música popular brasileira.

BAIANA. Denominação da indumentária usada tradicionalmente pelas mulheres negras da Bahia, sobretudo as vendedoras de iguarias em tabuleiros. Compõe-se principalmente de bata rendada, saia comprida e armada, turbante, pano da costa* e chinelinhas. As mulheres de posses adicionam a essa indumentária ricos adornos como colares, pulseiras, braceletes e balangandãs de ouro ou prata. O traje, que vestia as negras de ganho na época colonial, estilizado e difundido pela cantora Carmen Miranda a partir dos anos de 1940, tornou-se a representação simbólica da imagem da mulher brasileira. **Alas de baianas:** A denominação do traje estendeu-se às mulheres que o usam, como aquelas que desfilam nas alas de baianas das escolas de samba. Segundo o regulamento dos desfiles, essas alas – cuja presença é obrigatória – representam uma das expressões mais tradicionais dentro das escolas, pois remontam ao início do século XIX, como se vê na minuciosa descrição feita por Manuel Antônio de Almeida, no romance *Memórias de um sargento de milícias*, dos "ranchos de baianas" dançando nos intervalos dos *Deo gratias*, nas procissões católicas do Rio de Janeiro colonial.

Baiana

BAIANA DE BECA. Denominação do traje típico das integrantes da Irmandade da Boa Morte* no qual a saia e o xale são pretos e confeccionados em tecido semelhante ao das becas dos magistrados e doutores.

BAIANA DO PINA. Nome pelo qual foi conhecida Fortunata Maria da Conceição, ialorixá pernambucana que se acredita ter nascido na África em 1822. Depois de morar no morro da Favela, no Rio de Janeiro, na Bahia e em Alagoas, em 1932, quando dizia ter 110 anos de idade, era chefe de um terreiro no bairro do Pina, em Recife, tendo iniciado vários filhos de santo.

BAIÂNI. Orixá da família de Xangô, segundo alguns mitos seria o irmão ou a irmã que o ajudou a conquistar o trono de Oyó* e se suicidou ao saber de

sua morte. O nome, do iorubá *bàyànnì*, designa também uma espécie de coroa de búzios usada, na África, pelos sacerdotes de Xangô, e que, no Brasil, complementa o traje desse orixá. Designa, ainda, a festa afro-baiana que encerrava o ano religioso dos nagôs.

BAIANINHO. Nome artístico do sambista Eládio Gomes dos Santos, nascido em Salvador, BA, em 1936. Compositor e cantor, foi um dos fundadores da escola de samba carioca Em Cima da Hora, para a qual compôs diversos sambas-enredo, principalmente nas décadas de 1960 e 1970.

BAIANO [1] (1887-1944). Nome artístico de Manuel Pedro dos Santos, cantor brasileiro nascido em Santo Amaro da Purificação, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Integrou o primeiro grupo de cantores profissionais do disco no Brasil e, em 1917, foi o intérprete da histórica versão de *Pelo telefone**.

BAIANO [2]. *Ver BAIÃO.*

BAIÃO. Espécie de música e dança popular nordestina relacionada com o samba. O termo é corrupção de “baiano” ou “chorado baiano”, denominação de uma antiga forma de lundu rural. A espécie urbanizada difundiu-se por todo o Brasil a partir dos anos de 1950, principalmente por intermédio do trabalho dos músicos Luiz Gonzaga* e João do Vale*.

BAIÃO DE PRINCESAS. Celebração da tradição ritual da mina* maranhense. Realiza-se em 13 de dezembro, dia de santa Luzia, com cânticos em louvor a entidades femininas que, em geral, manifestam-se para dançar em clima festivo. O termo “baião”, aqui, parece derivar de “bailão”, aumentativo de “baile”.

BAILE DE BUEY. Dança originária das Antilhas Britânicas executada na República Dominicana.

BAILE DE COCOLOS. O mesmo que *baile de buey**.

BAILE DE CONGO. O mesmo que ticumbi*.

BAILE DEL SANTO **(Dança de Santo).** Denominação de cada uma das reuniões domingueiras dos *tambos* e *cabildos* de Buenos Aires, na Plaza de la Victoria, no século XIX. O nome se deve ao fato de que as reuniões culminavam com grande número de participantes entrando em transe espiritual (conforme Nuñez, 1980). Em Lanuza (1946, pp. 205-6), lê-se que o sociólogo e psiquiatra argentino José Ingenieros teria assistido em sua

adolescência a uma dessas reuniões, sobre a qual escreveu o seguinte: "Devemos esse favor a uma cozinheira negra que serviu alguns anos em nossa casa [...]. Pouco antes da Revolução de 1893, ofereceu-se a nos levar para vermos 'algo que nenhum branco havia visto'. Fomos a um edifício baixo que ainda existe (avenida Alvear, esquina...), onde os negros costumavam reunir-se para dançar, e nos meteu desde a tarde em uma habitação contígua à que serviu, à noite, para *bailar el santo*. Dali ouvimos tudo e vimos um pouco da cerimônia que descrevemos, a qual tinha por objetivo curar um negro louco, perseguido pelos *mandingas* [demônios] [...]. Ao som de tambores e outros instrumentos africanos faziam-se oferendas de espécies ante um altar afrocatólico, no qual se misturavam estampas, santos, utensílios de cozinha, colares de contas de vidro, búzios, comidas, bebidas etc. O sacerdote ou bruxo fazia invocações na sua língua africana, as quais, às vezes, eram repetidas em coro pelos presentes até que alguma das velhas presentes se punha a dançar, agitando-se cada vez mais, até cair presa de um ataque histérico, como que epilético. Seguido de um estupor cataléptico, esse ataque, conforme a protagonista, podia durar alguns minutos ou várias horas" [tradução do autor].

BAILES NEGROS. Herdeiros das antigas gafieiras*, como espaços de eventos socializadores do povo afro-brasileiro pela dança, os "bailes negros" são um fenômeno brasileiro da década de 1970. E aqui não nos referimos às programações dançantes, com música orquestral ao vivo, em clubes como o Aristocrata* paulistano ou o carioca Renascença*, e, sim, àqueles de música "mecânica", influenciados pela soul music* afro-americana. Surgidos no rastro do Black Power*, esses bailes, frequentados por jovens supostamente portadores de consciência etnorracial, ditaram moda. Eles foram os principais difusores, mormente no eixo Rio-São Paulo, dos penteados *black* ou afro, das calças boca de sino, dos coloridos sapatos com salto plataforma. Seus principais polos de difusão foram eventos como o Chic Show, em São Paulo, e a Noite do Shaft, no Rio, realizados, em geral, com gravações importadas. A partir da década seguinte, os bailes soul ganharam duas vertentes opostas: a do funk, refletindo a violência das favelas; e a do *charm*, de jovens de baixa classe média, pretensamente refinados e bem vestidos.

Ver BLACK POWER; *BLACK RIO*; *CHARM*; *FILÓ*; *FUNK*; *REGGAE NIGHTS*; *SOUL*.

BAILEY, Pearl (1918-90). Cantora e atriz americana nascida em Newport News, Virgínia, e falecida na Filadélfia. Iniciou sua carreira nos anos de 1930 em casas noturnas de sua cidade natal; em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, viajou pelo país exibindo-se para as tropas militares. Cinco anos depois estreava na Broadway e, a partir de então, construiu sólida carreira como cantora e comediante, o que lhe rendeu diversas honrarias, sendo a última a Medalha da Liberdade, concedida pelo presidente Reagan, em 1988.

BAILIQUE. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município paraense de Baião, na região do rio Tocantins. *Ver AMAZÔNIA, Quilombos na*.

BAILO. Gênero de cânticos do *kumina** jamaicano.

BAILUNDO. Antigo Estado no planalto do Huambo, na atual Angola*, surgido por volta de 1700. Como os outros reinos da região, foi profundamente marcado pelo tráfico de escravos* (*ver TRÁFICO NEGREIRO*).

BAIRAM. Celebração dos antigos malês baianos feita após o assumi ou açumi* pelos fiéis impossibilitados de cumprir a obrigação da viagem a Meca. O ponto alto da cerimônia, que se encerrava com uma salá* pública, era o sacrifício de um carneiro.

BAIXADA FLUMINENSE. Região do estado do Rio de Janeiro dominada ao norte pela serra do Mar e integrada principalmente pelos municípios de Nova Iguaçu, Nilópolis, Duque de Caxias e São João de Meriti. **Quilombos:** Ao longo do século XIX, a região abrigou diversas comunidades de escravos fugidos, notadamente nas vilas de Guia, Guapimirim, Inhomirim, Magé e Suruí. Sua história registra os quilombos de Iguaçu, do Pilar, da Barra do Rio Sarapuí, do Bomba, do Gabriel e da Estrela, bem como o nome de líderes quilombolas como Joaquim Congo, João Mofumbe e José Benguela (conforme Flávio dos Santos Gomes*, 2005). **Terreiros:** As primeiras casas de candomblé do Rio de Janeiro localizaram-se no âmbito da Pequena África*, ainda no século XIX. Com as obras de reurbanização dos anos de 1910, essas comunidades começam a se

deslocar para a periferia. É assim que, em 1938, Mãe Agripina* transfere o axé recebido de Mãe Aninha* para Coelho da Rocha, São João de Meriti, fundando lá a sucursal fluminense do Ilê Axé Opô Afonjá*. A partir de então, por razões não só econômicas como também ambientais, dezenas de importantes comunidades-terreiro, de candomblé e de umbanda, plantam seu axé em roças na Baixada e adjacências, entre elas as de Joãozinho da Gomeia*, a do Bate-Folha*, a de Mãe Davina* etc., dando origem a centenas de comunidades subsidiárias, constituídas pelos novos sacerdotes e sacerdotisas iniciados. **Movimento negro:** A partir da segunda metade do século XX, a região destacou-se também como forte reduto do movimento negro. *Ver FREI DAVI*; *PASTORAL DO NEGRO*.

BAJAN BEAT. Ritmo barbadiano semelhante ao calipso*.

BAJUBÁ. No Brasil, moderno linguajar originário do vocabulário dos candomblés. Praticado inicialmente como linguagem cifrada do universo gay*, estrutura-se sobre base gramatical da língua portuguesa, utilizando elementos oriundos de línguas africanas, como quimbundo, quicongo, iorubá e ewe-fon. O livro *Aurélia, a dicionária da língua afiada* (2007), de Ângelo Vip e Fred Lib, contempla boa parte do repertório dessa forma de comunicação, em geral carregada de ironia.

BAKA. Cada um dos espíritos que, na crença dos praticantes do vodu, perambulam nas noites, causando malefícios. Em geral, são descritos como pequeninas criaturas de aparência humana, com olhos muito vermelhos, braços e pernas cobertos de pele mas descarnados, sendo, além disso, capazes de tomar outras formas. O nome designa, igualmente, um tambor do rito *petro**.

BAKAÁ. Nome com que o povo saramaca* designa os brancos ou estrangeiros. *Ver BAKKRA*.

BAKE. Em algumas ilhas do Caribe, o mesmo que *johnnycake**.

BAKER, Anita. Cantora americana nascida em Detroit, Michigan, em 1958. Estreou na década de 1970, logo se tornando uma das mais aplaudidas cantoras dos segmentos soul e rhythm-and-blues. Considerada uma autêntica diva, por seus dotes, sofisticação e apuro técnico, que lhe valeram vários Grammys, é também engajada politicamente, tendo sido premiada, mais de uma vez, pela NAACP*.

BAKER, Josephine (1906-75). Nome artístico de Freda Josephine McDonald, cantora e bailarina nascida em Saint Louis, Missouri, EUA, e falecida em Paris. Com carreira iniciada aos 15 anos de idade, depois de algum sucesso em Nova York transferiu-se para a Europa. A partir da *Revue Nègre*, encenada no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, em 1925, tornou-se um grande fenômeno mercadológico, pela associação de seu nome ou de sua antonomásia, "Vênus de Ébano", a diversos produtos de beleza feminina; em 1937, adquiriu cidadania francesa. Estrela de fulgurante carreira no cinema e no teatro, teve amigos influentes como Ernest Hemingway e George Simenon. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou em prol da resistência contra o nazismo, sendo laureada com a Medalha da Resistência e a Legião de Honra. Em 1950, depois de passagem pelo Brasil, onde atuou ao lado de Grande Otelo*, no Cassino da Urca, comprou um castelo no Sul da França, nele abrigando doze órfãos de nacionalidades diferentes, adotados como filhos. Um dos maiores nomes do show business internacional em todos os tempos, teve também atuação destacada na defesa dos direitos civis do povo negro. Em 1952, depois de ter sido eleita a "mulher do ano" pela NAACP*, inaugurou, no Rio de Janeiro, um ramo da Associação Mundial contra a Discriminação Racial e Religiosa, criada sob sua inspiração.

BAKER, Moses (século XVIII). Líder religioso na Jamaica. Ex-escravo nos Estados Unidos e ex-integrante da igreja de George Liele*, após a Guerra de Secessão radicou-se em território jamaicano, onde, a partir de 1784, converteu e encaminhou para a fé cristã incontáveis seguidores.

BAKHITA (1869-1947). Beata africana nascida no território que corresponde à atual República do Sudão* e falecida em Vicenza, Itália. Escrava, foi vendida a um diplomata italiano, tornando-se livre na Europa, por força de lei. Em Veneza, descobriu sua vocação religiosa e ingressou na congregação das Irmãs Canossianas, revelando seus dons espirituais. Foi beatificada pelo papa João Paulo II em 17 de maio de 1992.

BAKKRA. Em Antígua, nome usado pelos negros para designar os donos das plantations e, por extensão, qualquer homem branco. O termo deriva do ibo ou efik *mbakára*, "aquele que governa", e corresponde ao *buckra* do Sul dos Estados Unidos e ao jamaicano *backra*. *Ver BAKAÁ*; *BÉKÉ*.

BAKOULOU-BAKA. Espírito maligno da mitologia afro-haitiana. *Ver BACURO*; *BAKA*.

BAKRU. Entre os djuka* do Suriname, nome de uma das entidades espirituais malfazejas. *Ver BAKA, BAKKRA, BAKOULOU-BAKA*.

BALA. Apelido de João Nicolau Carneiro Firmo, sambista nascido em Ubá, MG, em 1925, e radicado na cidade do Rio de Janeiro. Fundador, cantor e compositor da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro*, é coautor dos sambas-enredo salgueirenses de 1955, 1961, 1966, 1969 (*Bahia de todos os deuses*), 1979, 1984, 1985, 1992 e de outros na década de 1990.

BALAFO. Antiga forma portuguesa para *balafon**.

BALAFON. Nome oeste-africano da marimba, corrente também nas Antilhas Francesas. Entre os bambaras da República do Mali*, o instrumento é designado por *bala*: *balafo* é o músico que o toca.

BALAGUER, Joaquín. Político dominicano nascido em Villa Bisono, em 1907. Presidente da República de seu país em três mandatos, é focalizado pela enciclopédia *Africana* como um afromestiço alinhado com o pensamento das elites dominicanas, no seu tradicional menosprezo aos negros e sobretudo aos haitianos. Em 1992 promoveu ostensiva comemoração da conquista espanhola das Américas, inclusive inaugurando um suntuoso monumento a Cristóvão Colombo.

BALAIADA. Sedição ocorrida no Maranhão em 1838 e só dominada em 1841. Movimento de contestação às autoridades constituídas, representou a reação da população humilde contra os desmandos e privilégios da aristocracia rural na região. O estopim foi o episódio protagonizado pelo vaqueiro Raimundo Gomes, que, liderando uma coluna que marchava em direção à capital maranhense num ato de protesto, conseguiu a adesão de outros líderes descontentes, como o quilombola Cosme Bento das Chagas*, o Preto Cosme, com seus 3 mil seguidores, e Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, cujo apelido acabou associado ao nome popular do movimento, no qual se envolveram basicamente negros e mestiços. *Ver GOMES [Jutaí], Raimundo*.

BALAINHO-DE-VELHO (*Centratherum punctatum*). Planta da família das compostas, também conhecida como botão-de-santo-antônio. Na tradição religiosa afro-brasileira é consagrada a Oyá-Iansã.

BALANGANDÃS. Conjunto de objetos finamente lavrados, em geral em prata, presos a uma corrente e usados como ornamento e adereço do traje de baiana em ocasiões especiais. Apresentados em forma de pencas ou pulseiras, compõem-se de miniaturas, de caráter religioso (meias-luas, figas etc.) ou alegórico, relacionadas a temas e situações da vida cotidiana dos negros de ganho (frutas, peixes, moedas, utensílios), tendo origem provável no artesanato em metal desenvolvido em sociedades tradicionais da África ocidental.
BALBINO [de Carvalho Filho]**, Antônio** (1912-92). Político brasileiro nascido em Barreiras, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Foi governador da Bahia, ministro de Estado e senador da República em vários mandatos. Foi citado no primeiro pronunciamento de Abdias do Nascimento* no Senado, em 1991, como um afrodescendente.
BALDEMOA, Trinidad (século XIX). Líder insurgente cubano. Mulato livre, foi um dos combatentes da Conspiração de La Escalera*. Abortado o levante, refugiou-se em Demerara, na Jamaica, onde promoveu outra rebelião de escravos. Retornando a Havana, foi preso, julgado por um tribunal militar e executado.
BALDWIN, James [Arthur] (1924-87). Escritor e teatrólogo americano nascido em Nova York e falecido na França. Neto de escravos e criado no Harlem*, foi garçom e operário fabril até tornar-se romancista, dramaturgo e ensaísta consagrado, dedicando toda a sua obra à luta contra a discriminação racial e homossexual. Em 1948, autoexilou-se na França, de onde regressou em 1957, depois de ter recebido, no ano anterior, o prêmio literário do Instituto Nacional de Letras e Artes, um dos principais do país. A partir de então, tornou-se, ao lado de personalidades como Martin Luther King* e Malcolm X*, um dos principais lutadores pelos direitos civis. Como escritor, foi refinado estilista, qualidade já demonstrada em seu primeiro romance, *Go tell it on the mountain*, de 1953, sobre sua juventude no Harlem. Publicou, ainda, entre outros sucessos de público e crítica, *Another country* (1962), sobre as questões racial e sexual; *The fire next time* (1963), brilhante ensaio sobre o protesto negro, lançado no Brasil com o título *Da próxima vez, o fogo* (Biblioteca Universal Popular, 1967); *Blues for mister Charlie* (1965), teatro; *Just above my head* (1979); *A story of childhood* (1977) e *The evidence*

of things not seen (1985). Tendo vivido a maior parte de sua vida na França, em 1986 o governo desse país o fez comendador da Legião de Honra, a mais alta condecoração francesa.

BALÉ. Nos candomblés jejes-nagôs, casinhola afastada onde se cultuam os mortos. Do iorubá *igbàlè*, "quarto secreto".

BALÉ AFRO. *Ver DANÇA AFRO.*

BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA. Companhia de dança criada em Salvador, BA, em 1988, pelos bailarinos Walson Botelho e Ninho Reis, com a proposta de trabalhar com temas voltados para a tradição afro-brasileira. Em 1994, depois de merecer quatro páginas de reportagem na edição dominical do *New York Times*, o grupo foi convidado para participar da Bienal de Dança de Lyon, dedicada, naquele ano, à Diáspora Africana; em 1996 consagrou-se, no mesmo evento, na edição dedicada ao Brasil. Impropriamente rotulada como praticante de "balé folclórico", a companhia tem mais de cem integrantes, divididos em dois elencos e trabalhando em horário integral, em aulas de dança afro*, contemporânea e clássica.

***BALI* [1].** Vocábulo que, na língua dos cuanhamas*, designa os africanos e descendentes retornados do Brasil para o Sul de Angola. *Ver ANGOLA, República de [Os retornados].*

BALI [2]. Denominação local de uma comunidade de ex-escravos cristianizados retornados* do Brasil e fixados principalmente na região de Moçâmedes, atual Namibe, no Sul de Angola*.

BALJAAREN. Reunião festiva anual dos negros na antiga Guiana Holandesa. Por volta de 1728 foi proibida pelas autoridades coloniais, mas, após a abolição da escravatura, tornou-se evento notável em Paramaribo, onde era realizada durante o mês de janeiro.

BALLA (século XVIII). Líder *maroon* de Dominica, nas Antilhas. O nome remete ao antropônimo mandinga Balla, que significa "corpo". Na tradição mandinga, Balla Fassekê foi o griô e amigo inseparável de Sundiata*, o príncipe-leão.

BALLAGAS [Palácio]**, Patrício** (1879-1920). Compositor e guitarrista cubano nascido em Camagüey e falecido em Havana. Autor criativo, distinguiu-se por introduzir na música cubana canções escritas em compasso quatro por quatro, eminentemente rítmicas. Foi também o criador, na

canção trovadoresca, do tipo hoje conhecido como contracanto. Sua criação mais celebrada é *Timidez*, de 1914.

BALLANO. *Ver BAYANO.*

BALM-MAN. Termo que, na Jamaica, designa o sacerdote da *pocomanía** encarregado, principalmente, das ervas e folhas rituais, correspondendo ao babalossãim* brasileiro e ao *osainista* cubano.

BALMYARD. Na Jamaica, templo ou terreiro onde se realizam os rituais da *pocomanía**.

BALOGUM. Na comunidade dos malês baianos, o "cabeça-da-mesa", eleito entre os alufás. Do iorubá *balógun*, "general", "capitão".

BALTAZAR. Nome de um dos lendários reis magos da tradição católica, ligados ao nascimento de Jesus Cristo. Consta que passou a ser representado como negro após a Europa ter tomado conhecimento do reino cristão da Etiópia (conforme João Carlos Rodrigues, 1988).

BALTAZAR (1926-97). Pseudônimo de Oswaldo da Silva, jogador brasileiro de futebol nascido em Santos, SP, e falecido em São Paulo. Centroavante, graças ao surpreendente número de gols de cabeça que marcou em sua carreira, ficou conhecido como "o Cabecinha de Ouro". Só no Corinthians, time paulista em que atuou de 1946 a 1958, marcou 267 gols, 157 de cabeça. Nas 31 partidas que disputou pela seleção brasileira, marcou dezoito tentos. Embora convocado para as duas primeiras Copas do Mundo da década de 1950, não estava em campo nas célebres derrotas de 1950 e 1954.

BALUANDE. O mesmo que Siete Sayas*.

BALUARTE. No jargão das escolas de samba, sambista valoroso, em geral veterano, considerado esteio da agremiação e mantenedor de suas tradições. O termo, originário da linguagem militar, surgiu à época da Segunda Guerra Mundial.

BALUBA. Forma portuguesa para *ba-Luba*, grupo etnolinguístico banto. *Ver LUBA.*

BALUÉ. Cercado feito de palmas de dendezeiro em que, durante os sete dias das "águas de Oxalá", são colocados os assentamentos desse orixá e onde se realizam os banhos de purificação dos participantes das cerimônias. Do iorubá *balúwè*, "quarto de banho".

BAMBA. Qualificativo do sambista virtuoso e, outrora, destemido. Do quimbundo *mbamba*, “proeminente”.

BAMBÁ. Dança afro-brasileira em que os participantes cantam, em círculo, ao som de palmas cadenciadas. O termo é usado, também, na acepção de sedimento ou borra do azeite de dendê (nesse caso, relacionado ao quicongo *mba*, “coco-de-dendê”), e, no Rio Grande do Sul, designa um jogo em que são usadas quatro metades de caroços de pêssego ou duas rodelas de laranja.

BAMBAATA, Afrika. Nome artístico de B. Aasim, DJ americano nascido em Nova York, em 1960. Líder de uma geração de rappers, é o fundador da Zulu Nation, organização criada nos anos de 1970 para assistir a juventude dos guetos negros americanos. É um dos pioneiros do hip-hop*.

BAMBALA (séculos XIX-XX). Sambista baiana radicada no Rio de Janeiro. Integrante do núcleo cultural da Pequena África*, foi “baiana festeira”, famosa nas primeiras décadas do século XX pelos pagodes que organizava em sua casa, na Cidade Nova. Foi homenageada num antigo refrão, de autor desconhecido, que dizia: “Eu vi Bambala/ na Ponta da Areia”.

BAMBAMBÃ. Forma aumentativa de bamba*. Do quimbundo *mbambamba*.

BAMBAQUERÉ. Tratamento carinhoso, entre os negros do Uruguai, correspondente a “benzinho” no Brasil. No Rio Grande do Sul, o nome “bambaquerê” designa uma das danças do fandango gaúcho.

BAMBELÔ. Variedade de samba norte-rio-grandense; coco-de-praia.

BAMBOCHE. Dança haitiana, também chamada *bamboula*, de caráter privado, executada fora das festas e do carnaval.

BAMBOCHÉ. Em Cuba, um dos títulos de Xangô e, por conseguinte, nome que designa os filhos desse orixá. Segundo a tradição *lucumí*, os *bambochés* têm o axé de todos os santos e, por isso, nascem com uma cruz na língua. Dotados de grande clarividência, seus cabelos só devem ser cortados aos 12 anos de idade, para que não percam esse dom. *Ver BAMBOXÊ OBITIKÔ.*

BAMBOO BASS. O mesmo que *boom pipe**.

BAMBOO VIOLIN. Espécie de cítara de bambu da Jamaica.

BAMBOOLA. Nas Antilhas Britânicas, espécie de panqueca feita com pasta de mandioca.

BAMBOULA. No Sul dos Estados Unidos e nas Antilhas, dança de origem africana conduzida, segundo alguns autores, pelo tambor de mesmo nome. Para outros, a "bambula" (forma aportuguesada) seria uma espécie de viola. *Ver BÁMBULA*.

BAMBOXÊ OBITIKÔ (*c.* 1830-*c.* 1890). Babalaô* africano nascido provavelmente na atual Nigéria, talvez em Oyó. Segundo a tradição, trazido de sua terra natal para a Bahia pela ialorixá Marcelina da Silva (Obá Tossi*), adotou no Brasil o nome Rodolfo Martins de Andrade e foi um dos líderes da comunidade religiosa iorubana no eixo Bahia-Rio de Janeiro. Segundo Silveira (2006), teria vindo para o Brasil ainda adolescente, para aqui residir e completar sua formação; na década de 1850, em meio à grande repressão que se seguiu à Revolta dos Malês*, ao lado da sacerdotisa Iá Nassô*, liderou os nagôs da comunidade da Barroquinha*, plantando o axé do terreiro da Casa Branca do Engenho Velho*, na luta para manter coeso seu grupo. Evocado nos terreiros de nação Queto* sob o nome iniciático Eçá Obitikô, sua linhagem familiar e sacerdotal permanecia viva e atuante à época da elaboração desta obra. Em Cuba, a tradição *lucumí** registra um personagem dos primórdios da organização dos cultos iorubanos no país, mencionado como Gbangboshé Awapitikó.

BAMBU (*Bambusa vulgaris*). Planta da família das gramíneas de grande importância na tradição religiosa afro-brasileira, sendo também referida pelo nome iorubá *dankò*. Espécie frequente em terreiros de várias vertentes de culto, sua presença está sempre associada a Oyá-Iansã, ao culto dos ancestrais ou aos espíritos dos mortos comuns. Na umbanda, é usado em banhos e defumações para afastar espíritos obsessores; em cultos afro-ameríndios, a variedade conhecida como taboca ora é morada das almas, ora do Caboclo Flecheiro Gentil de Aruanda. Em Cuba, é conhecido como *caña brava* e pertence a Nanã e *Babalú Ayé*.

BAMBUCO. Gênero de canto e dança dos negros colombianos. Geralmente cantado com o acompanhamento de violão, combina elementos africanos, andaluzes e indígenas.

BAMBULA. No Brasil, antiga espécie de viola de origem africana.

BÀMBULA. Antiga dança guerreira, com bastões, dos negros do Uruguai. *Ver BAMBOULA.*

BAMBURUCEMA. Nos candomblés de origem angolo-conguesa, inquice correspondente à Iansã dos nagôs.

BAMMY. Prato da culinária afro-jamaicana, espécie de panqueca feita com farinha de mandioca.

BANANA BOAT SONG. Canção do repertório de Harry Belafonte* de grande sucesso internacional na década de 1950. Trata-se da adaptação de um canto de trabalho das Antilhas que revelou ao mundo a beleza desse gênero de canção. *Ver CANTOS DE TRABALHO.*

BANANA ENGLISH. Uma das denominações do falar crioulo de Trinidad.

BANANAL PEQUENO. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Eldorado, SP.

BANANEIRA (*Musa sapientium*). Árvore da família das musáceas. Na tradição religiosa afro-brasileira, é planta de Exu, notadamente a espécie que dá o fruto conhecido como banana-d'água. Já na tradição afro-cubana, é árvore de Xangô e domina os ventos, porque em seu tronco se encerram todos os segredos dos orixás. Seu fruto, embora admirado por todos os orixás, é da preferência de Xangô e Iansã.

BANDA [1]. Na capoeira, golpe em que o lutador encaixa a perna atrás do adversário, calçando-o, para, então, derrubá-lo com o auxílio do braço ou da cabeça. Do quimbundo *dibanda*, "pernada".

BANDA [2]. Dança do vodu e do *big drum**, às vezes marcadamente erótica.

BANDA BLACK RIO. Grupo instrumental liderado pelo saxofonista Oberdan Magalhães*, formado no Rio de Janeiro na década de 1970. Incorporando ao samba carioca alguns elementos do funk* e do soul*, o grupo alcançou grande destaque.

BANDA DA CHAPADA. Nome pelo qual foi conhecido o grupo musical de escravos formado no interior baiano, no século XIX, pela fazendeira Raimunda Porcina Maria de Jesus, falecida em 1887. Seus integrantes eram escravos de ganho (*ver GANHADORES*), que realizavam apresentações musicais remuneradas, e o nome do conjunto deve-se à origem da

proprietária, conhecida como “A Chapadista”, por ser oriunda da Chapada Diamantina. *Ver MÚSICA NEGRA no Brasil.*

BANDA DE MILICIAS DE COLOR. Banda de música composta exclusivamente de negros e mulatos, criada no princípio do século XIX, em Santiago de Cuba, por um francês chamado Dubois. Dela fez parte Juan, El Pandero, figura legendária da música cubana, tido como um dos seus primeiros trovadores; acusado de assassinato, foi condenado à forca em 1814. *Ver BANDAS MILITARES.*

BANDAGUAIME (1901-66). Nome iniciático de Antônio José da Silva, pai de santo nascido e falecido em Salvador, BA. Foi o sucessor de Bernardino do Bate-Folha* na direção de sua prestigiosa comunidade-terreiro.

BANDAMBA. Dança do povo djuka do Suriname.

BANDAS MILITARES. Entendida como a formação orquestral criada para marchar à frente dos regimentos militares ou dos cortejos festivos, a banda militar tem sua origem na Antiguidade. E, ao longo da história, em todo o mundo ocidental, esse tipo de formação tem servido tanto à guerra como a festividades. À época da escravidão, muitas bandas militares de negros foram constituídas. Em Buenos Aires, dezesseis escravos cedidos por um proprietário de Mendoza ao regimento Cazadores de Los Andes formaram a primeira banda de música do Exército argentino. No Brasil do século XIX, ficaram famosas as bandas do Corpo de Marinheiros, do Corpo Policial da Província do Rio de Janeiro, da Guarda Nacional, do Batalhão Municipal, da Escola Militar etc. Tradicional veículo de aceitação social para as massas negras, a música sempre serviu de ocupação para amplo número de afro-brasileiros. E as bandas militares, até hoje, em todo o Brasil, revelam e aprimoram músicos executantes, compositores e regentes valorosos. A mais famosa delas é a Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, fundada em 1896, cujo primeiro regente foi Anacleto de Medeiros*, extraordinário artista de origem africana. Primeira banda brasileira a registrar fonograficamente suas interpretações, ela figura no catálogo de 1902 da Casa Edison, ainda na época dos cilindros, tendo gravado nos anos de 1910 uma série de LPs de grande aceitação comercial. Entre os inúmeros músicos afro-brasileiros oriundos de bandas militares ou de filosofia

semelhante, como as bandas escolares, muito prestigiadas no Brasil da era getuliana (1930-54), está a maior parte daqueles que se tornaram responsáveis pela linguagem que dominou a vida musical brasileira dos anos de 1930 a 1960, no disco, no rádio, no cinema, nos bailes, nos shows e na nascente televisão. *Ver MÚSICA NEGRA no Brasil*.

BANDÉ RARÁ. Em Santiago de Cuba, antigas *comparsas** de haitianos que saíam às ruas na Semana Santa.

BANDEIRA, Antônio (1922-67). Pintor nascido em Fortaleza, CE, e falecido em Paris, França. Formou-se na capital francesa, onde se radicou em 1954. Abstracionista de intensa produção, participou das primeiras Bienais de São Paulo e da Bienal de Veneza de 1953. É de sua autoria o mural do Instituto dos Arquitetos do Brasil, estando suas obras distribuídas por diversos museus e coleções internacionais. É mencionado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

BANDEIRA, Antônio Rafael Pinto (1863-96). Pintor brasileiro. Professor do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e ativo também no Rio de Janeiro, foi um dos primeiros afrodescendentes a integrar o seleto grupo de alunos da Academia Imperial de Belas-Artes. Paisagista e retratista festejado, é autor de telas pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Belas-Artes.

BANDEIRA, José Joaquim (1863-1923). Espírita e filantropo brasileiro atuante em Niterói, RJ. Modesto comerciante, foi o criador da Associação Irmãos dos Pobres, de proteção à infância, da Federação Espírita Fluminense, e manteve, com o auxílio de terceiros, a escola gratuita Santo Agostinho.

BANDEIRA, Levantamento da. Ritual de festas votivas das irmandades católicas no Brasil imperial. Em Recife, em 1856, o jornal *Diário de Pernambuco*, segundo Gilberto Freyre (1951), verberava contra esse tipo de manifestação, levado a efeito por "bandos de meninas cantando à moda da Guiné".

BANDEIRA, Roland (1906-70). Cantor e professor de música nascido em Niterói, RJ. Criador, em 1936, do Serviço de Música e Canto Orfeônico da Secretaria de Educação de Niterói, no ano seguinte foi cedido ao governo

do Piauí para criar e consolidar a cadeira de música na Escola Normal de Teresina. Faleceu em acidente em sua cidade natal.

BANDEIRAS. Expedições exploradoras promovidas por particulares que percorreram o interior do Brasil nos séculos XVII e XVIII. Contrapunham-se às entradas, que eram organizadas pelas autoridades coloniais. Cercada por densa aura de discutível heroísmo, a saga dos bandeirantes marca o nascimento de conceituados troncos familiares da nobiliarquia paulista e do Centro-Oeste brasileiro. Talvez por isso a antiga historiografia dominante tentasse negar a participação do negro nesse episódio. Entretanto, no livro *Marcha para oeste*, de Cassiano Ricardo (1942), a presença dos "tapanhunos", como se tornaram conhecidos os negros nas bandeiras, é confirmada. Salientando que em 1590 já havia, na atual cidade de São Paulo, africanos da Guiné e de Angola, importados por Afonso Sardinha, o escritor afirma: "Nem pode o africano estar ausente das bandeiras quando sua presença é assinalada em Piratininga desde o século XVI. Negro em Piratininga é negro na bandeira". A fim de reforçar esse argumento, Cassiano Ricardo buscou, nos inventários de bens dos bandeirantes Raposo Tavares, Bartolomeu Bueno Cacunda e outros, extensas relações de escravos negros, lembrando que estes não apenas acompanhavam seus amos nas "correrias do século" como também participavam intensamente nas expedições. Foi esse o caso, por exemplo, da bandeira de Sebastião Raposo, integrada por amplo número de "mucambas", e, mais ainda, da organizada pelo padre João Álvares, na primeira metade do século XVII, da qual participaram exclusivamente índios e negros e que foi chefiada por um mulato "de olho torto". Evocando a expedição de Fernão Dias Falcão que, em 1719, partia de Sorocaba com quarenta africanos para juntar-se à bandeira de Pascoal Moreira, descobridor das minas de Cuiabá, Cassiano Ricardo acentua: "É a bandeira que descobre o ouro e leva o negro, em grandes grupos, para trabalhar nas minas". Em algumas ocasiões, o ouro foi descoberto pelo próprio negro: o mulato Duarte Lopes, integrante da bandeira de Antônio Rodrigues Arzão, encontrou ouro nas Gerais. Muitas vezes, o negro lutou heroicamente, como fizeram os quase anônimos "Sebastião, de nação benguela", "Maria Mulata" e "Manduaçu" (junto com sua mulher), que se destacaram na luta contra os índios paiaguás, em Mato

Grosso, na primeira metade do século XVIII. Inúmeros troncos familiares se originaram de bandeirantes negros, muitos dos quais se uniram a índias e radicaram-se, por toda a vida, nos sertões principalmente de Goiás e Mato Grosso.

BANDELLE, Osmony. *Ver OSMONY BANDELLE.*

BANDERAS, Quintín (1837-1906). Militar afro-cubano, nascido em Santiago e falecido em Havana. A partir de 1851 dedicou-se inteiramente à causa da libertação de seu país do domínio espanhol. Embora de físico pouco avantajado e baixa estatura, participou, com destaque, das guerras pela independência de seu país contra o domínio espanhol, no século XIX. Seu batalhão era, segundo relatos da época, integrado por negros semidesnudos, de aparência vista como selvagem, os quais aterrorizavam as forças espanholas, não só por seu aspecto mas porque lutavam fazendo grande alarido. *Ver MACEO, António.*

BANDEREGIR. Entidade que integra o sistema de cultos afro-ameríndios da Amazônia.

BANDO DE TEATRO OLODUM. Companhia teatral integrada por atores e atrizes afrodescendentes, organizada em 1990 no âmbito de atuação do grupo cultural Olodum*, por iniciativa de Marcio Meirelles e Chica Carelli. À época desta edição, contabilizava cerca de vinte espetáculos em palco, além de atuações em cinema e televisão, mantendo um elenco de mais de trinta componentes, todos selecionados entre frequentadores de oficinas organizadas pelo grupo. Com forte e positiva imagem em todo o Brasil, o Bando teve como seu primeiro grande sucesso em palco a montagem de *Cabaré da RRRRRaça*, em 1997, seguindo-se a montagem de *Sonho de uma noite de verão*, em 2006, com a qual ganhou o Prêmio Braskem de melhor espetáculo, e, no ano seguinte, o também premiado espetáculo infanto-juvenil *Áfricas*. Destaque, também, nas apresentações do Bando foi a montagem do texto *Ó paí, ó*, que saiu dos palcos para o cinema, num filme de longa-metragem, e depois foi transformado em série exibida pela Rede Globo de Televisão.

BÁNGALA. Festa profana dos Congos cubanos.

BANGALÊS. Nome genericamente aplicado, no passado, em Santa Catarina, aos cultos de origem africana.

BANGÔ. Grafismo mágico riscado no chão pelos *paleros** cubanos. O mesmo que ponto riscado entre os umbandistas brasileiros.

BANGU ATLÉTICO CLUBE. Associação esportiva fundada na atual Zona Oeste carioca em abril de 1904 por empregados da Companhia Progresso Industrial do Brasil, ingleses em sua grande maioria. Em 1906, no primeiro campeonato de futebol disputado no Rio, tinha em sua equipe um jogador afrodescendente, o goleiro Manoel Maia, fato que causou reação da Liga Metropolitana, a qual, logo depois, proibiu o registro de atletas negros. Abandonando a Liga e mantendo em seus quadros jogadores como Luís Antonio e Ladislau, irmãos do futuro grande craque Domingos da Guia*, o Bangu firmou posição contra o racismo. Em novembro de 2001, durante a Semana da Consciência Negra, o clube recebeu, por isso, a Medalha Tiradentes, concedida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. *Ver FUTEBOL.*

BANGUÊ. Termo que no Nordeste designava, à época da escravidão, uma espécie de padiola empregada para conduzir cadáveres ou cargas diversas; uma canaleta por onde escorria, nos engenhos de açúcar, a espuma que transbordava da fervura; e, finalmente, o engenho de açúcar dotado desse tipo de equipamento.

BANGUELA. No Brasil, qualificativo de pessoa que não possui os dentes incisivos. O termo é corrupção do topônimo e etnônimo Benguela*, com interferência de "ganguelas" (*ngangela*), povo da África austral que cultiva o hábito de limar os dentes incisivos superiores em triângulo.

BANGULÊ. Espécie de jongo executado ao som de cuícas, palmas e sapateado.

BANJÁ. Obi* de apenas duas bandas, que se diferencia do obi-abatá, de quatro. Do iorubá *gbànja*.

BANJO. Instrumento musical de cordas, típico do jazz tradicional, cuja caixa de ressonância é recoberta por uma pele tensionada, como um pandeiro sem soalhas. Um dos instrumentos mais conhecidos da música negra americana, o banjo primitivo, herdeiro ou sucedâneo do *kora* oeste-africano, do *kakoxe* banto e de outros semelhantes, tinha, em geral, como caixa de ressonância uma cabaça revestida com couro de cobra e cordas feitas de crina de cavalo. Utilizado desde muito cedo para acompanhar os

cantos e as danças dos negros, popularizou-se de tal forma que a figura do *banjo picker* (tocador de banjo) tornou-se quase um símbolo, criando-se, ao redor dela, vasta literatura. Consolidado pelos *minstrel shows**, converteu-se em instrumento obrigatório das orquestras de jazz, até ser destronado pela guitarra amplificada. O nome deriva do quimbundo *mbanza*, espécie de viola.

BANJOLINE. Variedade de banjo usada nas Guianas na década de 1930.

BANNEKER, Benjamin (1731-1806). Inventor, matemático e astrônomo americano nascido em Maryland. Por volta de 1790, teria reconstituído, de memória, todo o planejamento urbano de Washington, elaborado pelo francês L'Enfant. Tal fato teria possibilitado a construção da cidade, já que L'Enfant, em desacordo com o presidente George Washington, retirou-se para a França levando consigo todos os projetos e plantas.

BANNISTER, Edward Mitchell (1826-1901). Artista plástico nascido no Canadá e falecido na cidade americana de Providence, Rhode Island. Foi um dos primeiros negros, ou talvez o primeiro, a ser nacionalmente reconhecido como pintor nos Estados Unidos e, lá, o único, entre os grandes artistas do século XIX, que não estudou na Europa. Fundou o Providence Art Club e obteve medalha na Centennial Exposition, em 1876, na Filadélfia.

BAÑON, Manuel. Músico militar peruano nascido em Lima, em 1810. Aos 25 anos de idade, consagrado como autor da marcha *La Salaverrina*, tida como marcialmente empolgante, foi alçado, pelo ditador Felipe Salaverry, ao posto de diretor das bandas do Exército, com soldo de capitão. Em 1832, a marcha, cuja força teria sido decisiva na vitória peruana contra o exército do presidente boliviano Andrés Santa Cruz, teve seu nome mudado para *El ataque de Huchumayo*, como evocação da batalha decisiva, tornando-se peça obrigatória no repertório marcial peruano.

BANTÊ. Espécie de avental que integra a indumentária dos egunguns mais velhos. Em Cuba (*banté*), sempre na cor vermelha, é parte do traje de Xangô. Do iorubá *bàntẹ́*, "avental".

BANTO. Vocábulo que pode ser usado nas formas flexionadas – "banto", "banta", "bantos", "bantas" – ou sem flexões – "bantu" –, forma que designa cada um dos membros da grande família etnolinguística à qual pertenciam,

entre outros, os escravos no Brasil chamados angolas, congos, cabindas, benguelas, moçambiques etc. **Migrações e dispersão dos povos bantos:** O habitat inicial dos mais remotos ancestrais dos atuais povos bantos teria sido o centro do continente africano, entre os atuais Chade e República Centro-Africana. De lá, teriam se deslocado para a região do lago Chade e do médio Benuê, na atual Nigéria, onde, tempos depois, teria florescido a legendária civilização de Nok*. Ali, teriam promovido um salto na qualidade de vida local, graças à implantação de técnicas agrícolas e de pastoreio, já que, ferreiros e agricultores que eram, foram, entre os povos negro-africanos, um dos primeiros a dominar a metalurgia do ferro. Contudo, forçados por grandes ondas populacionais vindas do norte, impelidas pela dessecação cada vez mais rápida do Saara, teriam migrado para a região do monte Cameroon, a partir da qual, pela primeira vez, se dispersaram. Parte deles teria atravessado a floresta equatorial para instalar-se nas savanas a oeste do lago Tanganica, e dessa região teriam, posteriormente, em diferentes ciclos migratórios, seguido em três direções: Atlântico, África austral e África oriental. Essas migrações tiveram como resultado o surgimento de importantes civilizações, como os reinos bantos da bacia do Congo, o Império do Monomotapa* etc. **As línguas dos povos bantos:** O termo português "banto" designa o amplo grupo de línguas e dialetos negro-africanos falados na África central, centro-ocidental, austral e em parte da África oriental, e corresponde àquele utilizado pela primeira vez, em 1862, pelo filólogo alemão Wilhelm Bleek. O termo foi usado por Bleek para caracterizar os falares nos quais a palavra que nomeia os seres humanos é sempre, com pouquíssimas variações, *ba-ntu* (singular: *mu-ntu*), sendo *ntu* o radical e *ba*, o prefixo indicativo de plural. Depois de Bleek, Meinhof e outros demonstraram o parentesco e a homogeneidade existentes entre as cerca de quinhentas línguas pertencentes a esse grupo faladas na África negra, as quais teriam se formado a partir de uma língua ancestral. Reconstituída cientificamente e denominada protobanto, essa língua fundamenta-se em cerca de 3 mil raízes que se encontram em todas as línguas bantas, cujas principais características em linhas gerais são: a) as palavras agrupam-se por classes; b) as classes identificam-se por prefixos; c) esses prefixos acompanham o substantivo e todas as palavras subordinadas a

ele ou ao pronome. Os numerosos estudos que comprovaram o parentesco entre as línguas bantas levaram a uma extensão de sentido que se traduz hoje no emprego do termo “banto” como substantivo e adjetivo. Os povos que falam línguas bantas são chamados “bantos”, e tudo que diga respeito a eles é “banto” (o mundo banto, as culturas bantas), chegando-se mesmo a conceituações como as de uma arte contemporânea e uma medicina tradicional banta. Em Cuba, os traços da cultura banta são genericamente referidos como “congos”. *Ver LÍNGUAS AFRICANAS*; *RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS [A matriz bantu]*.

BANTO-AMERÍNDIO. Modalidade de culto religioso paraense.

BANTU. O mesmo que banto*.

BANTUÍSMO. Africanismo originário de uma das línguas do grupo banto ou bantu. A primeira grande tentativa de inventário dos bantuísmos na fala brasileira foi o *Dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, publicado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro em 1996.

BANTUSTÃO. Porção de território imposta pelo antigo governo racista da África do Sul a cada etnia que compunha a nação, obrigando-as, até 1994, a uma espécie de confinamento político, sob a tutela do poder central.

BANYA. Dança dos *maroons* do Suriname.

BANZA. Antigo instrumento composto de cordas que eram dedilhadas, de origem africana, conhecido em Portugal no século XIX. O nome designa também, no Haiti, uma espécie de quiçanje*. *Ver BANJO*.

BANZARA. Em Portugal, termo outrora usado para indicar qualquer instrumento de corda e, mais especificamente, a viola. *Ver BANZA*.

BANZÉ. Dança de negros conhecida em Portugal na metade do século XIX (conforme Mário de Andrade, 1989).

BANZO. Estado psicopatológico, espécie de nostalgia com depressão profunda, quase sempre fatal, em que caíam alguns africanos escravizados nas Américas. O termo tem origem ou no quicongo *mbanzu*, “pensamento”, “lembrança”, ou no quimbundo *mbonzo*, “saudade”, “paixão”, “mágoa”.

BAOBÁ (*Adansonia digitata*). Grande árvore da família das bombacáceas, nativa da África tropical. De fruto comestível e caule com múltiplas aplicações industriais, é um dos símbolos africanos. Em Angola, conhecida como “embondeiro”, é árvore envolta em forte aura mística.

BAOBAB, Antônio (1858-1907). Líder operário e ativista político em Pelotas, RS, onde faleceu. Ex-escravo, alforriado por volta de 1880, cerca de quinze anos mais tarde mudou o sobrenome que carregava ("Oliveira"), da família de seus senhores, e dedicou-se à profissão de chapeleiro, além de estudar no curso de instrução primária mantido pela Biblioteca Pública Pelotense. Militando pelas causas operárias e dos direitos dos negros, foi cofundador do jornal *A Alvorada*, o primeiro com esse nome na cidade; do Centro Ethiópico Monteiro Lopes; e da Sociedade de Socorros Mútuos, União e Fraternidade dos Operários de Chapelaria. Era irmão de Rodolpho Xavier*, também líder operário, que o considerava seu mestre.
BAPTIST CHURCH, First African. *Ver BLACK CHURCH, The*; *LIELE, George*; *PROTESTANTISMO NEGRO.*
BAPTIST WAR (Guerra dos Batistas). Nome dado à rebelião de escravos ocorrida na Jamaica em 1831, sob a liderança do pastor escravo Samuel Sharpe*. A denominação se deve ao fato de o movimento ter sido fomentado e encorajado pela seção negra da Igreja Batista jamaicana.
BAPTISTA, Mercedes. Nome artístico de Mercedes Ignácia da Silva Krieger, bailarina e coreógrafa brasileira nascida em Campos, RJ, em 1921. No ano de 1945, ingressou na escola de balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro; ao entrar para o corpo de baile três anos depois, constituiu-se na primeira bailarina negra a conseguir tal feito. Nesse mesmo ano de 1948, Katherine Dunham* lhe concede uma bolsa de estudos e Mercedes segue para os Estados Unidos. De volta ao Brasil, forma seu próprio grupo, com o qual excursiona por várias capitais brasileiras e sul-americanas. Nos anos de 1960, viaja várias vezes à Europa e, na década de 1970, dedica-se especialmente ao ensino, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e nos Estados Unidos, no Connecticut College, no Harlem Dance Theater e

Mercedes Baptista

no Clark Center de Nova York. Precursora da dança afro no Brasil, participou de espetáculos teatrais, desfiles de escola de samba e de outros eventos artísticos no país e no exterior; ainda, fundou a Academia de Danças Étnicas Mercedes Baptista, sempre na condição de maior autoridade mundial em danças afro-brasileiras.

BAQUAQUA, Mahommah Gardo. Aventureiro e viajante nascido em 1824 no atual Benin, na África ocidental. Escravizado em 1844, veio para o Brasil como cativo. Daqui foi para Nova York, integrando, ainda como escravo, a tripulação de um navio mercante. Mais tarde, já livre, viajou para o Haiti, onde se converteu ao cristianismo, e, em seguida, transferiu-se para o Canadá. Em 1854, narrou ao abolicionista Samuel Moore sua história, publicada no Brasil, em 1988, pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), sob o título *Biografia e narrativa do ex-escravo afro-brasileiro Mahommah Gardo Baquaqua*. Trata-se de texto particularmente valioso pelo que informa, na primeira pessoa, sobre as condições de vida dos escravos no Brasil, entre 1840 e 1850.

BAQUE. Denominação do maracatu* no interior nordestino.

BAQUERO, Gastón (1918-2000). Poeta cubano nascido em Banes, Oriente, e falecido em Madri, Espanha. Exilado nesse país desde 1959, integrou, com Lezama Lima, Eliseo Diego e outros, o grupo Orígenes, de grande destaque na literatura de seu país nas décadas de 1930 e 1940. Sua obra publicada inclui, entre outros, os livros *Poemas* (1942), *Saúl sobre la espada* (1942), *Magias e invenciones* (1984) e *Poemas invisibles* (1991).

BAQUINÉ. Velório de criança entre os negros de Porto Rico.

BARÁ. Exu individual ligado ao destino de cada um e cultuado privadamente. Em Porto Alegre, o nome designa uma entidade sincretizada com o são Pedro católico. Do iorubá *Bara*. *Ver ELEGBARA*.

BARÁ ABELU. Em alguns terreiros gaúchos, forma jovem de Exu.

BARÁ LODÉ. No batuque gaúcho, manifestação jovem de Ogum.

BARABÔ. Uma das denominações de Exu. O nome tem origem na seguinte frase inicial de um dos cânticos a ele dedicados, no Brasil e em Cuba: "*Ìbà r'abò mo júba Elegbara*" ("Eu reverencio, consigo a proteção de e tomo a bênção a Elegbara*").

BARACOA. Cidade cubana da província de Santiago. Seu nome foi incorporado ao de uma importante família afro-cubana nela nascida, os Baracoas, dirigentes, no final do século XIX, do *cabildo* Izuama, de origem *carabalí**.

BARAJÁS. Colares duplos, feitos de búzios, que Nanã, Omulu-Obaluaiê, Oxumarê e Euá usam cruzados sobre o peito.

BARAKA. Entre os malês, força vital, poder de transformação e realização, axé*. Em suaíle, o mesmo vocábulo significa "bênção", "prosperidade", "abundância".

BARAKA, Imamu Amiri. Escritor e militante negro norte-americano nascido Everett LeRoi Jones em Newark, Nova Jersey, em 1934. Poeta, dramaturgo, novelista e ensaísta, adotou o nome atual depois de converter-se ao Temple of Kawaida, facção islâmica da qual se tornou líder – daí seu título, *Imamu*, do árabe *imam*, equivalente ao afro-brasileiro limane*. Com vasta obra publicada, entre livros de poesia (a partir de 1961, com *Preface to a twenty volume suicide note*) e romances, bem como peças teatrais encenadas com sucesso (por exemplo, *The Dutchman* e *The slave*, ambas de 1964), é autor do relevante ensaio *Blues people: negro music in white America* (1963), que no Brasil recebeu o equivocado título *O jazz e sua influência na cultura americana* (Record, 1967).

BARÃO NEGRO. *Ver GUARACIABA, Barão de.*

BARAÚNA, Elpídio Joaquim (século XIX). Médico militar brasileiro nascido na Bahia. Ainda acadêmico de Medicina, participou da Guerra do Paraguai como segundo cirurgião do Corpo de Saúde do Exército.

BARBA, Doroteo (século XVIII). Educador cubano. Por volta de 1795, fundou a primeira escola inteiramente aberta a estudantes negros em seu país. Antes dela, apenas a escola Belén, em Havana, admitia alunos de origem africana, embora só após rigorosa seleção, baseada em critérios sociais.

BARBADA, A. Personagem da história da prostituição no Rio de Janeiro nascida por volta de 1820. Na década de 1870, era dona de alguns dos mais luxuosos e frequentados bordéis da cidade, onde mantinha, em sua maioria, escravas mulatas, bem-apessoadas e recém-saídas da puberdade. É descrita como uma mulher negra, contando entre 55 e 60 anos de idade em 1878,

possuidora de buço e "quase um cavanhaque", daí sua alcunha, que, amealhando larga fortuna, teria gozado de velhice economicamente tranquila (conforme L. C. Soares, 1992).

BARBA-DE-SÃO-PEDRO (*Polygala paniculata*). Planta da família das poligaláceas usada em rituais da tradição brasileira dos orixás.

BARBA-DE-VELHO (*Usnea barbata*). Planta da família das usneáceas. Pertencente a Oxalá, suas folhas entram na feitura do omi-eró* empregado nos ritos de iniciação.

BARBADIANOS. Nome pelo qual são conhecidos em Rondônia, na Amazônia brasileira, imigrantes antilhanos e seus descendentes. A construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré (1907-12) motivou a vinda para o Brasil de cerca de 5 mil trabalhadores antilhanos. Na Amazônia, em razão da falsa ideia de que eram todos provenientes de Barbados, passou-se então a chamar de "barbadiano" qualquer negro oriundo das Índias Ocidentais. Responsáveis pela introdução da indústria da construção civil em Porto Velho, eles imprimiram à arquitetura local seu estilo, principalmente no Alto do Bode ou "Bajan Hill", morro que deu origem à capital de Rondônia e foi o núcleo da comunidade antilhana no antigo território até os anos de 1970, quando foi demolido para dar lugar a uma área militar.

BARBADOS. País situado no Caribe, no extremo sul do arco das Pequenas Antilhas, com capital em Bridgetown. Os africanos lá chegaram com os ingleses em 1627, e, hoje, negros e mulatos somam 96% da população.

BARBALHO [Bezerra]**, Luís.** *Ver BEZERRA, Luís Barbalho*.

BARBARIN, Paul (1899-1969). Músico norte-americano nascido e falecido em Nova Orleans, Louisiana. Iniciou-se como percussionista em bandas de rua de sua cidade natal e, após alcançar fama, transferiu-se para Chicago, retornando mais tarde a Nova Orleans, onde construiu sua legenda. Atuou com King Oliver*, Louis Armstrong* e Jelly Roll Morton*, celebrizando-se como um dos maiores bateristas de seu tempo. Era reconhecido também como um dos mais polidos e gentis músicos da comunidade jazzística.

BARBEIROS, Música de. Nas grandes cidades coloniais brasileiras, nome dado aos conjuntos musicais integrados por escravos de ganho que

exerciam como atividade principal o ofício de barbeiro, também chamados de “bandas de barbeiros” ou, na Bahia, “ternos de barbeiros”. O fenômeno foi observado igualmente em Buenos Aires, Argentina, onde, na primeira metade do século XIX, segundo S. Wilde (citado por J. L. Lanuza, 1942), todos os negros barbeiros eram guitarristas. Organizados pelos próprios negros, esses grupos representavam, de certa forma, uma antítese das bandas das fazendas, criadas verticalmente para satisfazer à vaidade ou à ambição dos senhores. Daí, talvez, por significarem um exercício de liberdade, adviria a força das “músicas de barbeiros”, que, muito requisitadas pelos organizadores de festas populares, enchiam as ruas com o som ruidoso de seus dobrados, quadrilhas e fandangos. Sobre a figura do barbeiro do Rio de Janeiro colonial, escreveu J. B. Debret (s/d): “Dono de mil talentos, ele tanto é capaz de consertar a malha escapada de uma meia de seda como de executar, no violão ou na clarineta, valsas e contradanças francesas, em verdade arranjadas a seu jeito. Saindo do baile e colocando-se a serviço de alguma irmandade religiosa na época de uma festa, vemo-lo sentado, com cinco ou seis camaradas, num banco colocado fora da porta da igreja, a executar o mesmo repertório, mas desta feita para estimular a fé dos fiéis que são esperados no templo, onde se acha preparada uma orquestra mais adequada ao culto divino”. No Rio de Janeiro, onde eram requisitados com frequência, o mais famoso desses conjuntos foi o do mestre Dutra*, no qual os músicos, caminhando descalços, trajavam jaqueta de brim branco, calça preta, chapéu branco alto. As partituras eram lidas nas costas do companheiro da fila anterior, à guisa de estantes. As bandas de música, ainda existentes em muitas cidades brasileiras, cujos integrantes exercem outras profissões além da de músico são certamente herdeiras da tradição da música de barbeiros.

BARBER, Francis (*c.* 1745-1801). Personagem da história inglesa, nasceu na Jamaica e faleceu na Inglaterra. Escravo de um certo coronel Bathurst, foi levado para a Europa e alforriado pouco antes da morte de seu patrão. Foi trabalhar para o escritor abolicionista Samuel Johnson, tendo sido por ele tratado como filho. Circulando no meio social de seu protetor, casou-se em 1762 com uma mulher branca, o que provocou grande escândalo. Com a morte de Johnson, vinte anos depois, Barber tornou-se seu herdeiro, mas

morreu empobrecido. Após sua morte, sua mulher, Elizabeth, e sua filha fundaram uma escola para sustentar a família e seu filho tornou-se ministro da Igreja Metodista.

BARBOSA (1921-2000). Nome pelo qual se tornou conhecido Moacyr Barbosa Nascimento, jogador brasileiro de futebol nascido em Campinas, SP, e falecido em Santos, no mesmo estado. Nos anos de 1940, defendendo o Vasco da Gama carioca, consagrou-se como um dos maiores goleiros do futebol sul-americano de todos os tempos. Entretanto, por força do fracasso da seleção de 1950, da qual foi titular absoluto, amargou relativo descrédito. Considerado um dos principais responsáveis pelo mau resultado daquela campanha, Barbosa lutou contra esse estigma até o final da carreira. No meio futebolístico da época, cultivava-se a ideia racista de que o goleiro, pela constância, segurança e frieza que a posição exigia, deveria ser sempre branco, já que os negros sofreriam de uma instabilidade emocional congênita. Prova disso é que, após Barbosa, até o fim do século XX, raros foram os goleiros negros na seleção brasileira (conforme Gordon Jr., 1996).

BARBOSA, Airton [Lima] (1942-80). Fagotista e compositor brasileiro nascido em Bom Jardim, PE, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos maiores músicos eruditos brasileiros, fundou, em 1962, o Quinteto Villa-Lobos, especializado na interpretação de autores brasileiros contemporâneos. Paralelamente, participou de inúmeras gravações, inclusive de música popular, em discos como os de Cartola* e Candeia*, por exemplo.

BARBOSA, Chica. Nome pelo qual foi conhecida Francisca Maria da Conceição, cantadora repentista brasileira nascida por volta de 1910 na Paraíba. Celebrizou-se por participar, com sucesso, de pelejas em que ressaltava sua condição de mulher e descendente de africanos. É também referida como Chica Barrosa, com "o" fechado, ou Chica Barroso.

BARBOSA, Domingos Caldas. *Ver CALDAS BARBOSA, Domingos*.

BARBOSA, Felipe Benício. Harpista e professor de música nascido em Recife, PE, em 1722.

BARBOSA, Haroldo (1915-79). Radialista, jornalista e compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Talento multifacetado, atuou como redator e produtor de programas, especialmente humorísticos, para o

rádio e a televisão. Criou, entre outros, os programas radiofônicos *Um milhão de melodias*, *Vai da valsa* e *A cidade se diverte*. No final dos anos de 1950, na televisão, participou com destaque da criação dos programas *Chico Anysio show*, *Faça humor, não faça a guerra* e *Planeta dos homens*. Autor de letras de canções como *Nossos momentos*, *Tudo é magnífico* e *Palhaçada*, além de versões de músicas estrangeiras, prestou colaboração diária a diversos jornais e foi, ainda, locutor, produtor, discotecário e contrarregra na poderosa e influente Rádio Nacional. Era pai de Maria Carmem Barbosa*.

Haroldo Barbosa (centro)

BARBOSA, Joaquim. Nome abreviado de Joaquim Benedito Barbosa Gomes, magistrado nascido em Paracatu, MG, em 1954. Filho de pai pedreiro e mãe doméstica, indo morar em Brasília, DF, foi faxineiro do Tribunal Regional Eleitoral e contínuo do Senado Federal. Estudando em meio a diversas dificuldades, bacharelou-se em Direito pela Universidade de Brasília (UnB) e doutorou-se pela Universidade de Paris II, sendo, mais tarde, professor visitante da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e professor de Direito Público da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Em 2003, depois de curta passagem pela diplomacia como oficial de chancelaria na Finlândia, tornava-se o primeiro negro ministro do Supremo Tribunal Federal, a mais alta corte brasileira, criada 174 anos antes. Quatro anos depois de empossado, ganhava projeção nacional ao ser relator do

Joaquim Barbosa

processo que colocou no banco dos réus importantes figuras da política brasileira acusadas de corrupção, em combate ferrenho ao abuso de poder econômico e ao corporativismo.

BARBOSA, Jorge da Cruz (?-1835). Nome brasileiro de Ajayi*, liberto nagô, carregador de profissão, que foi um dos quatro executados por envolvimento na grande revolta baiana de 1835. Os outros foram os escravos Pedro, Gonçalo e Joaquim, sobre os quais pouco se conseguiu apurar até hoje.

BARBOSA, José Carlos Santos (1917-95). Poeta uruguaio nascido no departamento de Cerro Largo. Autor do famoso poema *Mundelera* (termo pejorativo que designa a mulher negra que se entrega a um homem branco por interesse), está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

BARBOSA, José Celso (1857-1921). Médico e político porto-riquenho nascido em Bayamón e falecido em Santurce. Em 1882, depois de formar-se em Medicina nos Estados Unidos, retorna a seu país para exercer a profissão e organiza o Partido Liberal Reformista. Após a guerra contra a Espanha, em 1898, com Porto Rico já sob a jurisdição norte-americana, fundou o Partido Republicano e, no ano seguinte, tornou-se membro do Conselho Executivo da ilha, por nomeação do presidente americano W. McKinley.

BARBOSA, José do Ó (?-1817). Militar brasileiro nascido e falecido em Pernambuco. Capitão do Regimento Miliciano dos Homens Pardos e também alfaiate, instalado o governo republicano em Recife em 1817, foi encarregado de confeccionar as três bandeiras revolucionárias e os uniformes dos embaixadores. Segundo Pereira da Costa (1982), foi um dos mártires da revolução chefiada por Domingos José Martins.

BARBOSA, Júlio. Músico brasileiro nascido em Nova Friburgo, RJ, em 1926, e radicado em Munique, Alemanha, desde 1969. Trompetista festejado, também conhecido como Julinho do Pistom, destacou-se nas décadas de 1950 e 1960 como integrante da orquestra Tabajara, e daquelas lideradas por Cipó*, Peruzzi* e Moacir Silva*, além de atuar com seu próprio grupo. Estilista identificado com Miles Davis*, integrou na Europa a orquestra do alemão Max Greger e fez vários registros em disco.

BARBOSA, Márcio. Escritor brasileiro nascido na cidade de São Paulo, em 1959. Poeta e ensaísta integrado no movimento Quilombhoje Literatura,

publicou, entre outros textos, *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira* (1982) e organizou *Frente Negra Brasileira* (1998), coletânea de depoimentos dos militantes Francisco Lucrécio*, José Correia Leite*, Aristides Barbosa (1920-), Marcello Orlando Ribeiro, o coronel Marcello (1914-), e Placidino Damaceno Motta (1917-95).

BARBOSA, Maria Carmem. Escritora nascida no Rio de Janeiro, RJ, em 1946. Filha do radialista e compositor Haroldo Barbosa*, tendo ingressado no rádio e na televisão na década de 1970, duas décadas depois começava a destacar-se como autora no ambiente das telenovelas da Rede Globo. Escreveu, em parceria com Miguel Falabella, os textos de *Salsa e merengue* (1996) e *A Lua me disse* (2005). Chegou também ao teatro musical, área em que, com a montagem de *South American way*, sobre a vida da cantora Carmen Miranda, fez jus ao Prêmio Shell de melhor texto no ano de 2001. Em livro, tem publicados, na época deste texto, *Antes que me esqueçam*, sobre a vida do ator e diretor Daniel Filho (Guanabara, 1988); *Querido mundo e outras peças* (Lacerda, 2003), com Miguel Falabella; e *A louca de louça* (Rocco, 2005), compilação de crônicas antes publicadas em jornal.

BARBOSA, Milton. Militante negro brasileiro nascido em Ribeirão Preto, SP, em 1948, e criado na capital do estado. Depois de ter atuado na política estudantil na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), participou em 1978 da fundação do Movimento Negro Unificado* (MNU), do qual é um dos membros mais atuantes.

BARBOSA, Osmar (1915-98). Professor e escritor nascido no Espírito Santo e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Exerceu o magistério na cidade de Vitória, ES. Obra publicada: *Poesia sem idade* (1942); *Palmares* (1947); *Coração, bazar do amor* (1948); *Jardim de Noé* (1953); *Rosas do rei Salomão* (1954); *Colheita matinal* (1955); *Ânfora de argila* (1956); *Poema dos séculos* (1958); *Ainda os sonetos* (1959); *Para as mãos do meu amor* (1959); *Eis aqui meu coração* (1962); *Beautés de la poésie brésilienne* (antologia). É também autor de um *Grande dicionário de sinônimos e antônimos* e de uma *História da literatura de língua portuguesa*, publicados pelas Edições de Ouro, sem informação de data.

BARBOSA [Silva]**, Oswaldo.** Advogado brasileiro nascido em Santana do Livramento, RS, em 1939. Especialista em direito internacional e integrante de diversas entidades de defesa dos direitos humanos, é membro do Instituto dos Advogados Brasileiros e ex-conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

BARBOSA, Rogério Andrade. Escritor e professor nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1947, filho de Osmar Barbosa*. Ex-voluntário das Nações Unidas na Guiné-Bissau e pós-graduado em Literatura Infantil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criou, talvez, a mais vasta obra publicada no Brasil sobre tradições africanas voltada para o público infanto-juvenil. Vários de seus livros, publicados a partir de 1988, foram traduzidos e lançados em países como México, Alemanha, Argentina e Estados Unidos. Obra publicada: *La-le-li-lo-luta* (um professor brasileiro na Guiné-Bissau, 1984); *Bichos da África* (lendas e fábulas, quatro volumes, 1987); *Contos ao redor da fogueira* (1990); *No ritmo dos tantã*s (antologia poética dos países africanos de língua portuguesa, 1991); *O anel de Tutancâmon* (1991); *Na terra dos gorilas* (1992); *Dingono, o pigmeu* (1994); *Sundjata, o príncipe-leão* (1995); *Duula, a mulher canibal* (2000); *Histórias africanas para contar e recontar* (2001); *O filho do vento* (2001); *Como as histórias se espalharam pelo mundo* (2002); *Contos africanos para crianças brasileiras* (2004); *Os irmãos zulus* (2006); *Nyangara Chena* (2006); *Os gêmeos do tambor* (2006); *Nas asas da liberdade* (2006); *O senhor dos pássaros* (2006); *Outros contos africanos* (2006).

BARBOSA, Zequinha. Nome pelo qual é conhecido o atleta brasileiro José Luís Barbosa, nascido em Guarulhos, SP, em 1962. Meio-fundista, ostenta, entre outros títulos e troféus internacionais, a medalha de prata conquistada no Mundial de Atletismo de Tóquio, em 1991.

BARBOT, Rubens. Bailarino brasileiro nascido no Rio Grande do Sul, em 1950. É o criador da Rubens & Barbot Companhia de Dança Contemporânea.

BARBOZA [da Silva]**, Marília Trindade.** Escritora brasileira nascida no Rio de Janeiro, RJ, em 1947, afrodescendente pela linhagem materna. Formada em Letras e Direito, e com mestrado em Linguística, atuou no magistério em todos os níveis. Dedicando-se à história da música popular

brasileira, publicou inúmeros livros consagrados pela crítica especializada, como, entre outros, as biografias de Pixinguinha*, Cartola*, Paulo da Portela* e Silas de Oliveira*, vencedoras de concursos na Fundação Nacional de Arte e publicadas originalmente pela mesma instituição. Na presidência da Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, que ocupou de 1999 a 2003, desenvolveu, principalmente por intermédio da publicação de livros e discos, importante trabalho de difusão da cultura negra.

BARBUDA. Uma das ilhas de Sotavento, nas Antilhas. Subordinada a Antígua*, sua única povoação é Codrington.

BARCALA, Lorenzo (1795-1835). Herói da independência argentina, nascido e falecido em Mendoza. Escravo do escrivão Cristóbal de Barcala, de quem recebeu o sobrenome, emancipou-se pela lei de 1813. Em 1815, alistou-se no exército de San Martín; dois anos depois, já era instrutor de recrutas e, em 1821, tornou-se capitão do regimento de pardos. Em 1825 casou-se com Petronila Videla. Lutou contra os espanhóis, com liderança, bravura e habilidade, atingindo o posto de coronel. Conhecido como o "Caballero Negro", participou da Guerra da Cisplatina contra o Brasil (1825-28) e, ao lado dos unionistas, contra os federalistas de Juan Manuel Rosas, quando foi capturado, submetido a corte marcial e executado em sua cidade natal, aos 40 anos de idade. Segundo J. L. Lanuza (1942), sua trajetória conheceu alturas e abismos: foi escravo e coronel do Exército; sufocou revoltas, derrubou governantes e morreu fuzilado. Para Sarmento, que cunhou o epíteto pelo qual se tornou conhecido, foi nobre, virtuoso e um autêntico herói civilizado. Há relatos que o caracterizam como grande estrategista militar e bravo soldado. Samuel Haigh, num texto publicado em Londres, em 1825, assim se refere a um negro que, em Mendoza, comandava as tropas militares após a deposição do governador: "Era um africano alto, vigoroso, beiçudo, de cabelo duro, da estatura de um Molineux. Vestia-se de general com uma linda jaqueta de pano azul, bordada com folhas de roble douradas, faixa branca e vermelha de seda e duas enormes jarreteiras de ouro; usava também esporas do mesmo metal, com bombacha branca galonada, à moda turca". Essa descrição, segundo J. L. Lanuza (*op. cit.*),

corresponderia a um retrato fiel de Barcala, que, além disso, usava uma argola de ouro em uma das orelhas.

BARCINO. Na América oitocentista, mestiço de índio com negro ou branco.

BARCO. No candomblé, grupo de pessoas (iaôs ou olorixás) submetidas ao processo de iniciação ritual na mesma clausura e ao mesmo tempo. Nesse grupo, depois de iniciado, cada um será assim classificado, pela ordem cronológica de sua saída: dofona(o); dofonitinha(o); domo; domutinha(o); fomo; fomutinha(o); gamo; gamutinha(o); vito; e vitoti. A esses termos, de provável origem jeje*, são atribuídos significados controversos.

BARIBA. Indivíduo dos baribas, grupo étnico oeste-africano, localizado principalmente ao sul dos gurmas e ao norte do território dos iorubás, no atual Benin.

BARICA-DA-SUBÁ. Fórmula de cumprimento entre os antigos malês. Do hauçá *Barka da zuwa!*, "Seja bem-vindo!".

BARLAVENTO. Grupo de ilhas das Pequenas Antilhas situadas a leste do mar do Caribe, entre a Martinica e Trinidad. O nome designa também, na forma "Barlovento", uma região do território venezuelano, de forte concentração negra.

BARNES, John. Jogador de futebol inglês nascido na Jamaica, em 1963. Eleito nos anos de 1980, por duas vezes seguidas, o jogador do ano, foi o primeiro negro a se tornar ídolo no futebol britânico.

BARÓ, Família. Família afro-cubana radicada em Jovellanos, província de Matamoros, em Cuba, herdeira e detentora de uma rica tradição musical de origem *arará**. Seus membros descendem de Ma Carlota Baró e de outros africanos dos engenhos Santa Rita e Luísa, de propriedade de *don* José Baró.

BARÕES DE CHOCOLATE. Expressão de ironia e escárnio pela qual eram veladamente referidos alguns mestiços abastados de origem africana agraciados com títulos de nobreza por dom Pedro II no decênio de 1840. Sua origem está no apelido *Baron de Chocolat*, que recebeu um barão do Império brasileiro, quando residia em Paris, em face de sua aparência negroide, mencionado por Gilberto Freyre em *Ordem e progresso* (1974). Segundo Mauro Mota (*apud* Freyre, *op. cit.*, p. 349), da Academia Brasileira de Letras, a alcunha foi aplicada ao visconde de Albuquerque, Antônio Francisco de

Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque (1796-1863), político e militar brasileiro nascido em Pernambuco e falecido no Rio de Janeiro.

BARON (século XVIII). Líder dos *bush negroes** do Suriname, por volta de 1763.

BARON SAMEDI. Entidade do vodu haitiano. Associado à morte mas também arrogante e por vezes cômico, usa chapéu de copa alta e bengala e gosta de canções atrevidas, piadas obscenas e danças sensuais.

BAROTSE. *Ver LOZI*.

BARQUICE. Designação do santuário em cultos afro-brasileiros de origem banta; gongá*. Do banto, provavelmente relacionado ao iaca *bakixi*, plural de *mukixi*, "ídolo", "fetiche".

BARRACÃO. Denominação da maior e mais pública das edificações de um terreiro de candomblé. É o salão onde se realizam os rituais e festas abertos à comunidade.

BARRACÓN. Nas plantations da América colonial espanhola, casa de habitação de trabalhadores negros.

BARRAVENTO. Nos candomblés baianos, espécie de tonteira que precede o transe de orixá; toque de atabaques provocador do transe e relacionado a Iansã*.

BARRERA, Miguel (século XVIII). Escravo rebelde cubano. Em 1736, em Guanabacoa, foi condenado à morte por haver incendiado o canavial do engenho San Hipólito, de seu patrão, Juan de La Barrera. No ato da execução, recebeu quatro tiros mas não morreu, tendo sido então perdoado, por julgar-se que a Virgem do Rosário intercedera a seu favor.

BARRETO, Dionísio de Faria (século XVII). Sacerdote católico enviado pelo governador português de Luanda ao Dongo-Matamba, por volta de 1622, em missão de catequese, a pedido da rainha Nzinga*, que o recusou. Segundo Roy Glasgow (1982), o fato de ser ele negro foi tomado pela soberana como desprestígio e afronta.

BARRETO, [Emílio, dito] **Don.** Músico cubano nascido em 1909. Violonista clássico em Havana, vai a Paris em 1926 com um irmão pianista e integra o espetáculo *Revue nègre*. Em 1932, grava seu primeiro disco e, a partir daí, torna-se conhecido na França como intérprete da música

antilhana, sendo considerado um dos grandes divulgadores do *biguine** na Europa.

BARRETO, Lima. *Ver LIMA BARRETO, Afonso Henriques de*.

BARRETO, Paulo. *Ver JOÃO DO RIO*.

BARRETO [de Menezes]**, Tobias** (1839-89). Filósofo, crítico, jurisconsulto e poeta brasileiro nascido na vila de Campos, SE, e falecido em Recife, PE. Iniciador do condoreirismo na poesia brasileira, mestre do alemanismo na crítica e doutrinador do naturalismo no direito, foi um dos grandes vultos da inteligência brasileira no século XIX. Entretanto, apesar da extrema erudição, era pobre, compositor de canções populares e tocador de violão nos círculos boêmios do Recife (conforme David Brookshaw, 1983). Segundo Sílvio Romero (1953), seu pai era “mestiço acentuado”.

BARRIGA, Serra da. Elevação no município de União dos Palmares, no estado de Alagoas, no Nordeste brasileiro. Local onde se situava o principal reduto dos quilombos de Palmares*, é sítio histórico tombado como monumento nacional desde 1988.

BARRIOS DEL TAMBOR. Nome pelo qual foram conhecidos, em Buenos Aires, os bairros de população negra. *Ver ARGENTINA, República [Africanos e afrodescendentes]*.

BARRIOS, Pilar (1889-1974). Poeta uruguaio nascido em Garzón, Rocha, e falecido em Montevidéu. Seus primeiros escritos foram publicados em *Nuestra Raza*, revista fundada por sua irmã, María Esperanza y Ventura Barrios (*ver URUGUAI, República Oriental do [Imprensa negra]*). Mais tarde, publicou *Piel negra* (1947), *Mis cantos* (1949), *Campo afuera* (1958), além de folhetos e ensaios. Sua obra está incluída em importantes antologias de poesia afro-americana. Incansável batalhador da causa negra, teve participação destacada em eventos realizados em seu país e no exterior.

BARRI-SETON. Na Casa das Minas*, nome iniciático de dom Celeste de Averequete.

BARROCO MINEIRO. Estilo predominante na arquitetura, na escultura, na música e na literatura do atual estado de Minas Gerais durante o ciclo do ouro*. Os principais representantes desse estilo são artistas e literatos afrodescendentes, como Aleijadinho*, Lobo de Mesquita*, Silva Alvarenga* etc. *Ver MULATISMO*.

BARROQUINHA, Candomblé da. Comunidade de culto fundada em Salvador, BA, no bairro central que lhe empresta o nome, por volta de 1789. Semente do candomblé da Casa Branca*, foi o protótipo da espécie hoje conhecida como “candomblé*”. Sua fundação coincidiria com os primeiros ataques daomeanos ao Reino de Ketu*, em 1789 (quando foram feitos cerca de 2 mil cativos), e com os primeiros desembarques maciços, na Bahia, de escravos do golfo de Benin. *Ver ILÊ AXÉ IÁ NASSÔ OKÁ*.

BARROS, Antonieta de (1901-52). Educadora e parlamentar brasileira nascida em Florianópolis, SC. Foi professora de português e literatura e depois diretora do Instituto de Educação na capital catarinense. Eleita deputada estadual em 1934 e 1947 e constituinte em 1935, foi um dos nomes mais expressivos e queridos de seu estado e a primeira mulher negra na Assembleia Legislativa catarinense. Militando na imprensa, às vezes sob o pseudônimo de Maria da Ilha, em 1937 uma coletânea de seus artigos, muitos deles sobre as questões racial e sexual, foi empreendida no volume intitulado *Farrapos de ideias*.

BARROS, Domingos Borges de (1779-1855). Político e poeta brasileiro nascido em Santo Amaro da Purificação, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Bacharelou-se em Filosofia em Portugal e lá se dedicou à literatura. De volta ao Brasil, elegeu-se deputado e, mais tarde, foi nomeado encarregado de negócios em Paris, onde trabalhou pelo reconhecimento da independência brasileira. Foi também senador e, em 1825 e 1826, recebeu respectivamente os títulos de visconde e barão da Pedra Branca, honrarias ridicularizadas por José Bonifácio, que costumava referir-se a ele como “pedra parda”. Suas origens africanas viriam, ao que parece, do lado materno, filho que era de Luísa Clara de Santa Rita, cujo sobrenome é típico daqueles com que se batizavam escravos ou descendentes, como lembra a historiadora Kátia Mattoso (1992). Publicou, entre outros livros, um *Dicionário francês-português*, em 1812.

BARROS, Hermenegildo [Rodrigues] **de** (1866-1955). Magistrado brasileiro nascido em Januária, MG, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi promotor, juiz e desembargador em Minas. Nomeado para o Supremo Tribunal Federal em 1919, foi vice-presidente daquela corte de 1931 a 1937, além de ter

presidido o Tribunal Superior Eleitoral de 1932 a 1937, ano em que se aposentou. É referido como "mulato escuro" em reportagem de Policarpo Júnior para a revista *Veja*, em 2003.

BARROS, Lulu de (1893-1982). Cineasta brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Diretor, montador, roteirista, fotógrafo e ator, iniciou carreira em 1914, dirigindo a película *A viuvinha*. A partir de então, tornou-se o cineasta de carreira mais longa na história do cinema brasileiro, realizando, entre longas e curtas-metragens, mais de cem títulos, até 1977, ano em que lançou seu último filme: *Ele, ela, quem?*. Seu nome civil, segundo a *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* (1970), era Luís Guilherme Teixeira de Barros. Entretanto, a *Enciclopédia do Cinema Brasileiro* (2000) consigna o de "Luiz Moretzhon da Cunha e Figueiredo da Fonseca de Almeida e Barros Castelo Branco Teixeira de Barros", dando-o como descendente do visconde de Bom Conselho, José Bento da Cunha e Figueiredo, falecido no Rio de Janeiro em 1891.

BARROS, Raul [Machado] **de** (1915-2009). Instrumentista, compositor e líder de orquestra brasileiro nascido no Rio de Janeiro e falecido em Itaboraí, RJ. Com carreira iniciada em 1935, tornou-se um dos maiores trombonistas brasileiros, além de autor de peças imortais do repertório popular do instrumento, como diversos choros e os sambas *Na glória* e *Pororó-pororó*.

BARROSINHO (1943-2009). Nome artístico de José Carlos Barroso, trompetista brasileiro nascido em Campos dos Goitacazes, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Filho de músico, começou a estudar teoria musical aos 6 anos de idade e aos 8 a tocar trompete. No início dos anos de 1960, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu suas primeiras experiências profissionais em orquestras de baile, com Severino Araújo, Cipó* e Paulo Moura*. No início dos anos de 1970, integrou o Grupo Abolição, liderado por Dom Salvador*. Depois formou, com Oberdan Magalhães* e outros, a legendária Banda Black Rio*. Criador do "maracatamba", fusão dos ritmos do maracatu e do samba, Barrosinho destacou-se também por experimentos bem-sucedidos no sentido da combinação do samba com outros ritmos negros, inclusive os do jazz.

BARTHOLOMEW, Dave. Compositor, trompetista e chefe de orquestra americano nascido em Edgard, Louisiana, em 1940. Combinando as sonoridades do jazz tradicional e do blues eletrificado, foi, com seu parceiro Fats Domino*, um dos precursores do rhythm-and-blues em Nova Orleans e, consequentemente, um dos pais do rock-and-roll.

BARU. Qualidade de Xangô cultuada na Bahia.

BARUANHINHA. Entidade integrante do sistema de cultos da Amazônia.

BAS. Trompa de bambu de Carriacou e Santa Lúcia.

BASIE, Count (1904-84). Nome artístico de William James Basie, pianista, compositor e chefe de orquestra americano nascido em Kansas City e falecido em Miami. Expoente da era do swing* e pianista de estilo fortemente marcado pelo blues* e pelo boogie-woogie*, foi o líder de uma das melhores orquestras de jazz dos Estados Unidos e um dos mais influentes músicos de seu tempo. Seu apelido, "Count" (conde), coloca-o na alta nobreza da música afro-americana, ao lado de aristocráticas figuras como Duke (duque) Ellington* e Nat King (rei) Cole*.

BASÍLIA SOFIA (?-1911). Nome pelo qual foi conhecida, no Brasil, Massinoko Alapong, africana de Kumasi, Gana, que, segundo a tradição, teria fundado, em 1864, no lugar denominado Egito, próximo ao porto de Itaqui, em São Luís do Maranhão, a casa de culto conhecida como Ilê Niame, de nação fânti-axânti.

BASIN STREET. Zona boêmia de Nova Orleans, Louisiana, berço do jazz no início do século XX. Em sua homenagem, Spencer Williams (nascido em 1889) compôs *Basin street blues*, espécie de hino da tradição jazzística.

BASORA, Santiago (século XIX). Líder militar dominicano nascido na África. Capitão do batalhão africano em Santo Domingo, atual República Dominicana, liderou em 1844 um movimento contra o retorno da escravidão. Graças a essa iniciativa, o governo declarou ilegais todas as formas de tráfico de escravos e proclamou a libertação de todos os escravizados que ingressassem no país. Cinco anos depois, com a queda do presidente Manuel Jimenez, Basora foi forçado a exilar-se, provavelmente no Haiti, onde teria morrido.

BASQUIAT, Jean-Michel (1960-88). Pintor americano nascido e falecido em Nova York. De vida curta e intensa, emergiu da condição marginal de grafiteiro das ruas nova-iorquinas para a de mito dos anos de 1990. Morto por overdose de drogas antes de completar 28 anos, deixou em murais e telas sua visão do universo afro-americano contraponteada pelas impressões de suas viagens à Ásia e à Europa. Foi o único expoente negro entre os pintores de sua geração.
BASSE. No vodu haitiano, tambor do rito *petro**.
BASSETT, Angela. Atriz cinematográfica americana nascida na cidade de Nova York, em 1958, e criada em Saint Petersburg, Flórida. Com carreira iniciada na década de 1980, destacou-se em 1992, no filme *Malcolm X**, vivendo a mulher do líder, Betty Shabazz. Em 1994 foi indicada para o Oscar* de melhor atriz, pela personificação de Tina Turner* no filme *Tina* (*What's love got to do with it*), sobre a vida da cantora.
BASSEY, Shirley. Cantora britânica nascida em Cardiff, País de Gales, em 1937, filha de um marinheiro jamaicano. Em 1965, com dez anos de carreira profissional, tornou-se mundialmente conhecida pela interpretação da canção *Goldfinger*, tema de um dos filmes da série *James Bond*, repetindo o sucesso em 1972, com *Diamonds are forever*, da trilha de uma película da mesma série.
BASSOROXANJI DI GOROFI. Orixá masculino cultuado na Casa de Nagô, no Maranhão.
BASSULA. Denominação, em Luanda, da dança-luta *n'golo**.
BASSUTOLÂNDIA. Antigo nome do Reino de Lesoto*.
BASTOS, Geraldo Leite. *Ver MÃE-BENTA*.
BASTOS, Nilton (1899-1931). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Um dos bambas* do Estácio*, foi parceiro de Ismael Silva*, com quem compôs sambas imortais.
BASTOS, [Manuel] **Tranquilino.** Regente e compositor brasileiro nascido em Cachoeira, BA, em 1850. Um dos maiores e mais completos artistas de seu tempo, deixou para a posteridade 295 dobrados e obras de vários outros gêneros, totalizando mais de quinhentas composições. Aguerrido abolicionista, na noite de 13 de maio de 1888 exibiu-se com a

Lyra Ceciliana, de sua criação, pelas ruas de sua cidade, tendo merecido o epíteto de "Maestro da Abolição".

BASTRINGUES. Nas Antilhas e na Guiana, denominação de certo tipo de formação orquestral em voga nos anos de 1930.

BASURCO, Joseph (século XVIII). Músico afro-platense. Mulato livre, na década de 1780 destacou-se como violinista da orquestra da catedral de Buenos Aires.

BA-SUTO. O mesmo que sotho*. Também, bassuto.

BATÁ. Família de tambores iorubanos, em forma de ampulheta e de pele dupla, usados a tiracolo e percutidos ao mesmo tempo dos dois lados, próprios dos cultos afro-cubanos e de Trinidad. Na Bahia, eram empregados nas cerimônias externas, como as do presente das águas, e seu nome hoje designa, também, um dos toques da nação ijexá, utilizado em louvor a Xangô. Em Cuba, um conjunto de batás consiste sempre em três tambores, cujas superfícies encouradas apresentam tamanhos diferentes – a menor produz um som seco e agudo; a maior, um som mais aberto e cheio –, e os músicos tocam sentados, com o instrumento deitado horizontalmente sobre as pernas. Os tambores possuem nomes individuais e funções diferentes: o menor chama-se *okónkolo* ou *omele* e geralmente marca o compasso, num ritmo constante, como um metrônomo. O segundo, de tonalidade média, é chamado *itótele* e "responde" às chamadas do tambor maior e mais grave, o *iyá*, que comanda o conjunto. De acordo com Fernando Ortiz (1994), os três batás "trocam língua", ou seja, expressam-se em sons bastante próximos daqueles presentes no idioma iorubá, o que torna sua execução complexa e sua audição extremamente fascinante. Na África, *bàtá* designa um tambor empregado nos cultos de Xangô e de Egungum. *Ver INSTRUMENTOS MUSICAIS*; *JUAN EL COJO*; *OLUBATÁ*; *ROCHE, Pablo*.

BATACOTÔ. Tambor de guerra usado na Bahia do século XIX pelos africanos revoltados. Tido como elemento fortemente incitador das massas rebeladas, sua importação foi proibida depois da insurreição de 1835. Em 1991, o nome batizou, no Rio de Janeiro, um grupo vocal e instrumental de música popular, de estética afrocêntrica, liderado pelo baterista Téo Lima*. Do iorubá *bàtákoto*.

BATACUPÊ. Antiga denominação do tambor em candomblés baianos (conforme Mário de Andrade, 1989). *Ver BATÁ.*
BATAIÃO-DO-CONGO. Uma das denominações da congada goiana.
BATALHÃO DOS LIBERTOS DO IMPERADOR. Unidade militar brasileira criada pelo general Labatut em Salvador, BA, no ano de 1823. Integrado por 327 praças, todos ex-escravos, teve atuação destacada na Guerra da Independência, nome que se deu ao conjunto de operações militares que sucederam à proclamação da República e à coroação de dom Pedro I e acarretaram a retirada das tropas e guarnições portuguesas do território brasileiro.
BATALHÕES DE NEGROS. *Ver UNIDADES MILITARES ÉTNICAS.*
BATATA-DOCE (*Ipomea batatas*; *Convolvulus batatas*). Planta da família das convolvuláceas, votiva de Oxumarê* na tradição religiosa afro-brasileira. Em Cuba, onde é chamada *boniato*, pertence a Orishaoko e Oxum, mas é de gosto de todos os orixás, à exceção de Obatalá e Oyá. Lá, quando alguém deseja pedir algo a Ossãim*, leva ao mato uma batata-doce untada com *manteca de corojo* e faz o pedido.
BATATAS FRITAS INDUSTRIALIZADAS. *Ver THOMAS, Hiram S.*
BATATINHA (1924-97). Nome artístico de Oscar da Penha, compositor brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Um dos mais festejados autores baianos, suas canções, principalmente sambas dolentes e de letras tristes, foram gravadas por cantores como Maria Bethânia, Caetano Veloso e Jamelão*.
BATE-BAÚ. Variante do samba de roda baiano.
BATE-FOLHA, Candomblé do. *Ver MANSU-BANDUNQUENQUE.*
BATER CABEÇA. Expressão usada para designar, nos cultos afro-brasileiros, o ato de prosternação de um fiel diante de seu orixá ou guia protetor. Por extensão, a expressão entrou para a linguagem popular com o sentido de prestar homenagem, render obediência, ou ainda de cometer atos tresloucados, desatinos.
BATERIA. Num de seus sentidos genéricos, termo que designa o conjunto dos instrumentos de percussão de uma orquestra, como, por exemplo, o das escolas de samba*. A extensão desse sentido conferiu também ao vocábulo o significado de "conjunto articulado de bombo, caixa, pratos etc.", que

nomeia, no Brasil, um instrumento musical que surgiu nos Estados Unidos graças à criatividade do músico afro-americano. Com efeito, a traquitana que hoje se conhece como bateria (*drum set*, em inglês) foi inventada por volta de 1890, quando algum percussionista, por razões estéticas e econômicas, resolveu tocar vários instrumentos ao mesmo tempo. A base veio com as caixas e bombos das bandas de Nova Orleans, e, entre 1900 e 1930, vários outros acessórios sonoros – pratos, sinos etc. – foram incorporados ao conjunto. A conquista da diversificação de sonoridades ampliou o mercado de trabalho dos percussionistas, que, assim aparelhados, podiam participar da trilha sonora de filmes, de peças teatrais, espetáculos de dança, entre outros eventos. A busca de novos timbres levou à incorporação de instrumentos de origens variadas, como idiofones chineses, e a aprimoramentos – caso dos pedais de bombo e dos *high-hats* (pratos de contratempo, tocados com pedais). Nos anos de 1940, quando se deu a revolução do bebop*, a bateria assumiu seu formato básico atual: caixa, tontons, *high-hat* e dois pratos. A genialidade de músicos afro-americanos como Black Benny, Baby Dodds, Kenny Clarke*, Max Roach*, entre outros, foi o elemento responsável pela difusão da bateria como um dos instrumentos indispensáveis na música de todo o mundo, em todos os tempos.

BATETÊ. Comida votiva de Ogum preparada com inhame cru, azeite e sal.

BATISMO DE ESCRAVOS. Uma das justificativas para a escravização do africano foi a "salvação" da sua alma "pagã" pelo cristianismo. Assim, e principalmente sob o domínio dos portugueses, os batizados católicos eram realizados em grupo, no porto de embarque, ao mesmo tempo que, com um ferro em brasa, uma pequena cruz era gravada em cada lado do peito do escravo (Conrad, 1985). No cais de Luanda, o bispo mitrado, de sua cadeira de mármore, fixa no local, lançava sua "bênção" aos cativos enquanto um intérprete repetia a seguinte fórmula: "Considerai-vos agora filhos de Deus. Ides partir para o país dos portugueses, onde aprendereis as coisas da fé. Deixai de pensar na vossa terra de origem. Não comais nem cães nem ratos, nem cavalos. Sede felizes!" (Almeida, 1978).

BATISTA, Aída. Cantora lírica brasileira nascida em Nilópolis, RJ, em 1961. Dona de uma raríssima voz de soprano *spinto*, em 1988 foi a segunda

colocada no Segundo Concurso Nacional de Canto Lírico, em São Paulo, e a vencedora do Concurso Jovens Concertistas na Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro. Com essa vitória, fez jus a um prêmio: uma viagem, que não pode usufruir por problemas financeiros. Em 1999, radicada na Áustria, veio ao Brasil para interpretar um dos principais papéis na montagem de *O escravo*, de Carlos Gomes, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

BATISTA [y Zaldívar]**, Fulgencio** (1901-73). Militar e político cubano. Presidente de Cuba em dois períodos, de 1940 a 1944 e de 1952, quando assumiu o poder por meio de um golpe de Estado, a 1959, ocasião em que foi deposto pela revolução socialista de Fidel Castro e obrigado a deixar o país. De origem humilde, foi operário e soldado; segundo G. Cabrera Infante (1996), era mulato. Na enciclopédia *Africana*, é mencionado como "ditador afro-cubano".

BATISTA, Igreja. *Ver BAPTIST CHURCH, First African.*

BATISTA, Jurema. Parlamentar brasileira nascida no Rio de Janeiro. Uma das fundadoras da entidade Nzinga, Coletivo de Mulheres Negras, foi, em 1999, no seu segundo mandato, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), a única vereadora negra na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Em 2002, elegeu-se deputada estadual.

BATISTA, Mercedes. *Ver BAPTISTA, Mercedes.*

BATISTA, Pedro João. Explorador africano. Escravo de Francisco Honorato da Costa, diretor da feira de Cassengue (posto fortificado a leste de Luanda onde se centralizava o comércio com o interior de Angola). Em 1811, após ter partido, há três anos, juntamente com seu companheiro Amaro José, Anastásio José ou Atanásio José, em expedição de Luanda ao Cazembe, a noroeste do lago Niassa, completava a "abertura do caminho" entre Angola e Moçambique, depois de malogradas tentativas feitas por portugueses desde o final da década de 1790.

BATISTA, Tarlis (1940-2002). Jornalista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Ex-favelado, desde 1968 era funcionário do grupo de comunicação Bloch, tendo ocupado importantes cargos, como o de chefe de reportagem e diretor executivo, em publicações como *Sétimo Céu*, *Manchete Esportiva* e *Fatos & Fotos*, editadas pelo grupo.

BATISTA [de Oliveira]**, Wilson** (1913-68). Compositor brasileiro nascido em Campos, RJ, e falecido na capital desse estado. Dono de densa e personalíssima obra, foi o cantor por excelência da marginalidade afro-carioca dos anos de 1930 a 1950. Em seu trabalho reflete-se a dificuldade dos negros pobres da antiga capital da República em se adaptar à nova ordem capitalista gerada pela Revolução de 1930. Entre suas obras imortais, contam-se *O bonde São Januário*, *Acertei no milhar*, *Emília*, *Mundo de zinco* etc. Mas é em outras, às vezes menos conhecidas, que se destaca o viés social. Por exemplo: "ateou fogo às vestes, por causa do namorado" (*Mãe solteira*); "faz tanta casa e não tem casa pra morar" (*Pedreiro Valdemar*); "dizem que fuma uma erva do Norte" (*Chico Brito*); "a nega recebeu um Nero, queria botar fogo no morro" (*Nega Luzia*).
BATISTINHA. Nome pelo qual foi conhecido Demistóclides Batista, político brasileiro nascido em Cachoeiro do Itapemirim, ES, em 1925. Formado em Direito, foi sindicalista de grande atuação no início da década de 1960. Líder ferroviário e membro da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), elegeu-se deputado federal pelo Rio de Janeiro em 1962, sendo, entretanto, cassado e enquadrado na Lei de Segurança Nacional pelo movimento militar que depôs o presidente João Goulart. Mais tarde, dedicou-se ao exercício da advocacia.
BATRAVILLE, Benoti (?-1920). Líder guerrilheiro haitiano. Um dos chefes do movimento camponês dos cacos*, morreu em combate contra as forças americanas de ocupação em seu país.
BATSON, Flora (1864-1906). Cantora lírica americana nascida em Washington, DC, e falecida na Filadélfia. Com carreira iniciada em 1878, tornou-se internacionalmente famosa pela inusitada extensão de sua doce e bem timbrada voz, que atingia os registros de soprano a barítono, pelo que mereceu o epíteto de "The Double-Voiced Queen of Song" ("A Rainha de Voz Dupla da Canção"). Em 1887, após seu casamento, incorporou o sobrenome "Bergen" ao nome civil.
BATTLE, Kathleen. Cantora lírica americana nascida em Portsmouth, Ohio, em 1948. Soprano, com carreira iniciada em 1977, logo se tornou um dos maiores nomes do canto lírico em seu país. Na década de 1990 registrou,

ao lado do trompetista Wynton Marsalis*, uma série de árias do repertório barroco.

BATUCADA. Uma das denominações do jogo de pernada* carioca.

BATUCAJÉ. Macumba com cânticos e soar de tambores; festa de negros, com música e comida farta.

BATUQUE. Designação comum a certas danças afro-brasileiras; denominação genérica dos cultos afro-gaúchos (*ver PARÁ [2]*). Trata-se do termo genericamente aplicado pelos portugueses aos ritmos e danças dos africanos. Do batuque dos povos bantos de Angola e Congo originaram-se os principais ritmos e danças da Diáspora Africana nas Américas, como o samba*, o jongo*, o mambo*, a rumba* etc.

BATUQUE-BOI. Jogo de pernada.

BATUQUE-DO-JARÊ. Dança popular brasileira típica da região de Lençóis, BA. *Ver JARÊ.*

BATUQUEIRO. Frequentador, praticante ou dançarino de batuques* ou batucadas*.

BAUER, José Carlos (1925-2007). Jogador brasileiro de futebol nascido e falecido em São Paulo, SP. Médio-apoiador, lembrado como um dos jogadores mais técnicos de seu tempo, integrou várias vezes a seleção nacional, sagrando-se vice-campeão mundial em 1950.

BAÚLE. Indivíduo dos baúles, ou bauleses, povo do grupo acã* localizado na Costa do Marfim, entre os rios Komoé e Bandana. Separados dos axântis no século XVIII, os baúles são famosos como grandes escultores em madeira.

BAUNILHA (*Epidendrum vanilla*). Subarbusto da família das orquidáceas de uso na tradição brasileira dos orixás, sendo planta votiva de Oxum*. Em Cuba, a *vainilla amarilla*, para as mulheres, e a *vainilla rosada*, para os homens, são utilizadas para alimentar o axé* desse orixá. No Brasil, a subespécie conhecida como baunilha-de-nicuri (*Vanilla palmarum*) é também empregada ritualisticamente na tradição dos orixás.

BAUZÁ, Mario (1911-93). Trompetista, saxofonista, compositor, arranjador e chefe de orquestra nascido em Havana e falecido em Nova York. Radicado na cidade desde 1930, integrou as bandas de Chick Webb*, Cab Calloway* e Machito*. É tido como um dos criadores do *latin-jazz** ou *afro-cuban-jazz**.

BAXORUM. Cargo da hierarquia de um afoxé fundado pela comunidade baiana no Rio de Janeiro na primeira década do século XX. Do iorubá *basorun*, "primeiro-ministro".

BAYANO (?-1553). Líder quilombola do Panamá, por vezes referido como "Ballano" ou "King Ballano". Em 1552, depois de seis anos de cimarronagem*, expropriações e aliciamento de seguidores, nas cercanias das cidades de Panamá e de Porto Belo, organizou seu quilombo nas montanhas de San Blas, chegando a liderar uma comunidade de cerca de 2 mil pessoas. Entretanto, no ano seguinte, foi derrotado, preso, castrado e executado. Há ainda outra versão, segundo a qual teria sido levado, preso, para o Peru e, de lá, para a Espanha, onde teria morrido no cárcere.

BAYONETA. *Ver PEREGUM.*

BAYOU. No Sul dos Estados Unidos, braço pantanoso de rio e seu entorno. Outrora refúgio e esconderijo de escravos, os *bayous* são hoje, muitas vezes, local de moradia de comunidades de negros pobres.

BEAMON, [Robert, dito] **Bob.** Atleta americano nascido em Jamaica, no estado de Nova York, em 1946. Em 1968, nos Jogos Olímpicos do México, bateu o recorde mundial de salto em distância, com a surpreendente marca de 8,9 metros, 54 centímetros a mais do que o recorde anterior.

BEATA DE IEMANJÁ, Mãe. Nome pelo qual ficou conhecida Beatriz Moreira Costa, ialorixá nascida em Salvador, BA, em 1931, e radicada em Miguel Couto, Nova Iguaçu, RJ. Filha do candomblé do Alaqueto*, a partir dos anos de 1980 tornou-se uma das mais festejadas personalidades do candomblé no Rio de Janeiro, tendo lançado, em 1997, pela editora Pallas, o livro *Caroço de dendê*, de contos tradicionais.

BEATO, Joaquim [José]. Líder religioso e político nascido em Alegre, ES, em 1924. Pastor presbiteriano e licenciado em Filosofia, foi secretário do Bem-Estar Social (1983) e secretário de Educação e Cultura (1990) no seu estado, além de senador da República. No Congresso Nacional, foi um dos artífices da chamada Lei Caó (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*), que enquadra o racismo como crime.

BEATRIZ, Dona (*c.* 1682-1706). Nome cristão de Kimpa Vita, líder religiosa nascida e falecida no atual Congo-Kinshasa. No século XVII, no período em que se acentuavam a instabilidade e a fragmentação do Reino do

Congo, liderou o movimento messiânico denominado “antonianismo”, que, sob a alegada inspiração de santo Antônio, combinava uma espécie de cristianismo não católico com propósitos políticos de reunificação do outrora poderoso reino. Em julho de 1706 morreu queimada, depois de ter sido condenada à morte por um tribunal católico.

BEAUVOIS, Louis (século XVIII). Líder rebelde haitiano. Mulato livre e de família abastada, foi educado na França, tendo participado, nos Estados Unidos, da Guerra da Independência. Em 1791, foi um dos comandantes do movimento que deflagrou a Revolução Haitiana*.

BEAVERS, Louise (1902-62). Atriz americana nascida e falecida em Cincinnati, Ohio. Com carreira iniciada em 1927, no filme *A cabana do pai Tomás* (*Uncle Tom's cabin*), tornou-se mais conhecida por sua interpretação da mãe negra do filme *Imitação da vida* (*Imitation of life*), de 1934.

BÉBÉLÉ. Prato tradicional da culinária de Marie-Galante*. É uma espécie de guisado de carne e tripas de porco com ervilhas, bananas etc.

BEBEY, Francis. Músico, etnomusicólogo e escritor camaronês nascido em Duala, em 1929, e radicado na França. Publicou, entre outras obras, *Le fils d'Agatha Moudio* (romance, 1967) e *Musiques de l'Áfrique* (1969). De 1968 a 1974 foi diretor da seção de música da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

BEBOP. Estilo de jazz, de grande complexidade rítmica e harmônica, baseado na improvisação em frases longas e incorporando experiências da música erudita. Surgiu nos Estados Unidos, nos primeiros anos da década de 1940, nas jam sessions do Minton's Playhouse, no Harlem, onde tocavam Charlie Parker* (sax-alto), Dizzy Gillespie* (trompete), Thelonious Monk* (piano) e Kenny Clarke* (bateria). O marco inicial do bebop, segundo os especialistas, seria o disco *Now's the time*, lançado em 1945 por Charlie Parker; sua influência alcançou, inclusive, o samba carioca, por intermédio das orquestras dos clubes de danças e gafieiras.

BECHET, Sidney [Joseph] (1897-1959). Saxofonista e clarinetista americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, e falecido na França, país onde se radicou em 1950. Foi o primeiro músico de jazz dos Estados Unidos a se apresentar na Europa, impondo esse estilo, o que culminou com a aceitação e o reconhecimento dos círculos eruditos. Foi, também, o primeiro

grande intérprete mundial de sax-soprano, instrumento até então considerado problemático, cuja sonoridade redefiniu. De vida novelesca e temperamento ardente, em 1920 e 1925 foi expulso e deportado, respectivamente, da Inglaterra e da França, onde cumpriu pena de onze meses por agressão a mão armada. Na idade madura, entretanto, já aquietado, voltou definitivamente à pátria de sua meia-ancestralidade (era um *créole du couleur**), onde se casou com uma mulher que conhecera na Argélia; escreveu um balé, *The night is a witch*, e adquiriu um castelo em Antibes, na Côte d'Azur, onde hoje se ergue, em praça pública, um busto de bronze evocando sua presença e honrando sua genialidade.

BECHUANALÂNDIA. Antigo nome da República de Botsuana*.

BECKWOURTH, James Pierson (1798-1866). Aventureiro e explorador americano nascido em Fredericksburg, Virgínia, de pai branco e mãe negra. Caçador, guia, batedor, combatente e contador de histórias, foi figura destacada entre os pioneiros da conquista do Oeste. Fugindo da Virgínia para o Oeste, em 1824 foi adotado pelos índios crow e casou-se com a filha do chefe, mais tarde elevando-se também à condição de chefe. Participou da terceira guerra contra os seminoles* e, nas montanhas de Sierra Nevada, na Califórnia, descobriu um caminho que levou seu nome: a passagem Beckwourth. *Ver ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças*.

BECU-MUSINGA. *Ver MUSINGA*.

BEDOYA, [Antonio] **Preciado.** Poeta equatoriano nascido em Esmeraldas em 1941. Filho de uma lavadeira, é autor de poemas centrados na tradição africana de seu país, na linha de Nicolás Guillén* e Adalberto Ortiz*.

BEDWARD, Alexander. Líder religioso jamaicano nascido em Kingston, em 1859. Em 1894, depois de dezoito anos de pregações em que prometia salvação aos negros e advogava o extermínio dos brancos, fundou a seita denominada Jamaican Baptist Free Church. As práticas de sua seita, conhecida como *bedwardism*, eram permeadas de encenações dramáticas, nas quais Bedward se proclamou, sucessivamente, a reencarnação do profeta Jonas, de Moisés, de são João Batista e, finalmente, de Jesus Cristo. Apesar das propostas delirantes, o movimento conquistou grande número de adeptos e mobilizou a população jamaicana.

BEG PARDON DANCE. Dança ritual de Carriacou destinada a pedir o perdão dos ancestrais.

BEGUE. Em Alagoas, o mesmo que Ibêji*.

BEGUIM. O mesmo que beguimim*.

BEGUIMIM. Denominação de cada um dos Ibêjis* nos xangôs pernambucanos.

BEGUIRI. Nos terreiros pernambucanos, o mesmo que caruru*, comida votiva de Xangô. Em Cuba, o vocábulo *guegüiri* dá nome a um prato preparado com feijão-fradinho e camarões. Do iorubá *gbègìrì*, "sopa" ou "caldo grosso".

BÉHANZIN (?-1906). Rei do Daomé* que, a partir de 1892, opôs forte resistência às tropas colonialistas francesas comandadas pelo general mestiço A. A. Dodds*, tendo sido derrotado em 1894 (*ver BENIN*). No fim da vida, exilado pelos franceses em Fort-de-France, Martinica, lá conservou todo o aparato de sua corte africana, inclusive o guarda-sol real, cumprindo os rituais religiosos de sua tradição. Em contrapartida, seu filho Danilo aceitou os valores e costumes europeus e alistou-se no Exército francês, morrendo em combate na Guerra de 1914.

BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS. Escola de samba fluminense fundada no município de Nilópolis, RJ, em 1948. Embora reduto de grandes sambistas, sua afirmação no grupo das superescolas só se deu a partir de 1976, quando os desfiles do samba já perdiam representatividade como expressão da arte negra. Em 1978 foi tricampeã com o enredo "A criação do mundo segundo a tradição nagô", suntuosamente apresentado. *Ver ESCOLA DE SAMBA*.

BEINHAM. Em Pernambuco, alimento votivo de Xangô à base de inhame (conforme Lody, 2003).

BEJADA. O mesmo que ibeijada*.

BEJERECUM. Fava empregada como tempero na culinária baiana.

BÊJI ORÓ! Interjeição de saudação a Ibêji*, encerrando um pedido de prosperidade. Do iorubá *orò*, "riqueza", "opulência".

BEJUCO. No espanhol cubano, o mesmo que cipó. O termo entra na composição dos nomes de inúmeras espécies vegetais usadas nos rituais da *santería**, como *bejuco alcanfor*. No Brasil é conhecida como jarrinha* e, em Cuba, consagrada a Oyá*.

BÈKÈ. Na Martinica, nome com que os negros se referem aos brancos, principalmente os nascidos no país. *Ver BAKAÁ.*

BELAFONTE, [Harold George, dito] **Harry.** Cantor e ator cinematográfico americano, de origens jamaicanas, nascido no Harlem, Nova York, em 1927. Nos anos de 1950, com suas estilizações do calipso*, introduziu um toque caribenho na música dos Estados Unidos. Paralelamente ao seu trabalho na música e no cinema, destacou-se na luta pelos direitos dos negros em todo o mundo, contra o apartheid sul-africano e contra a fome africana na célebre campanha We Are the World*.

BELDROEGA (*Portulaca oleracea*; *Portulaca pilosa*). Erva da família das portulacáceas, também conhecida como amor-crescido e ora-pro-nóbis, de vários usos nas tradições religiosas e culinárias da Diáspora Africana. Planta votiva de Ogum, seu nome iorubano é *ségun sétè*. Em Cuba (*verdolaga*) é folha de Iemanjá, usada para cobrir e refrescar os assentamentos desse orixá e em banhos, tanto de limpeza como propiciatórios.

BÉLÉ. Gênero de canção e dança de Martinica, Santa Lúcia, Dominica, Trinidad e Carriacou. O nome designa também um tambor do etu* jamaicano.

BELÉ KAWÉ. Dança do culto *big drum**.

BELÉN. Bairro da antiga Havana, reduto de negros *curros**.

BELEZA, Concursos de. Durante muito tempo, os concursos de beleza feminina foram um veículo para a afirmação das mulheres afrodescendentes. Colocando em julgamento seus dotes físicos dentro de uma escala de valores estéticos que os negava, elas mostravam que havia outros tipos de beleza física além daquela representada pelo padrão europeu. Os movimentos feministas, entretanto, condenaram duramente tais concursos, os quais, com relação às afrodescendentes, foram historicamente incentivados por entidades respeitáveis como o Teatro Experimental do Negro* e divulgaram o nome de associações como o carioca Renascença Clube*. Nos anos de 1970, entidades do movimento negro brasileiro realizaram festividades como A Noite da Beleza Negra e escolheram representantes em eventos politizados como o da Deusa de Ébano. Porém, os concursos de miss, em seu formato antigo, ainda servem para revelar, no plano internacional, a beleza de mulheres negras como: **Vanessa Williams** (1963-), norte-americana de

Milwood, Nova York, primeira negra a ser eleita *Miss America*, tendo perdido contudo o título em 1984, por ter posado nua para uma revista masculina; **Chelsi Smith** (1973-), americana do Texas que em 1995 se tornou a primeira negra eleita Miss Universo; **Wendy Fitzwilliam** (1972-), nascida em Diego Martin, Trinidad e Tobago, e eleita a Miss Universo de 1998; **Iony Vecchi** (1978-), afro-brasileira nascida em Goiânia, GO, e adotada por uma família italiana, finalista do concurso *Miss Italia* de 1995; e, além dessas, **Denny Mendez** (1978-), nascida na República Dominicana e naturalizada italiana, eleita a *Miss Italia* de 1996 – fato que despertou o descontentamento da maior parte da mídia e do povo italianos, que não se conformavam em ter uma negra como representante da beleza do país. Em 1986, a gaúcha **Deise Nunes de Souza** (1968-) tornava-se a primeira negra a ser coroada Miss Brasil. *Ver RENASCENÇA CLUBE*; *MODELOS NEGRAS*.

BELGRAVE, Valerie (século XX). Escritora e artista plástica nascida em Trinidad. Tornou-se conhecida após a publicação da novela *Ti Marie* (1988) e de sua participação no Primeiro Congresso Internacional de Mulheres Escritoras do Caribe, naquele mesmo ano.

BELIZE. País situado no Centro-Oeste da América Central, limitado ao norte com o México, a oeste com a Guatemala, a leste com o mar das Antilhas e ao sul com Honduras. Sua capital é Belmopan e sua população, segundo o *Almanaque Abril* (2009), conta com cerca de 44% de afro-americanos e 7% de *garífunas**.

BELKIS. Nome pelo qual a rainha de Sabá* é referida no Alcorão. Também, Balkis.

BELLEGARDE, Dantès (1877-1966). Escritor e político haitiano nascido em Porto Príncipe. Escreveu os ensaios *Haiti et les États-Unis devant la justice internationale* (1924), *Pour un Haiti heureuse* (1927-29), *L'occupation américaine d'Haiti* (1929), *La résistence haïtienne* (1937), *Histoire du peuple haïtien* (1953). Como ministro da Educação do presidente Dartiguenave, implantou um eficiente sistema de ensino.

BELLEY, Jean-Baptiste. Revolucionário haitiano nascido na África por volta de 1746. Chegado ao atual Haiti* e escravizado ainda na primeira infância, mais tarde conseguiu alforria, segundo consta, por sua atuação no

exército francês durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos. Um dos líderes das insurreições que culminaram com a Revolução Haitiana*, em 1794 assumiu a cadeira de deputado na Assembleia Nacional Francesa, na condição de representante de Saint Domingue. Causando sensação com sua presença, teria sido um dos motivadores da primeira abolição do escravismo decretada pela Assembleia, na qual permaneceu até 1799. Preso durante a Revolução, faleceu, provavelmente encarcerado, após 1806. Sua figura foi perpetuada num célebre quadro a óleo, de autoria de Anne-Louis Girodet, intitulado *Retrato do cidadão Jean-Baptiste Belley*.

BELMONTE (1896-1947). Pseudônimo de Benedito Carneiro Bastos Barreto, caricaturista brasileiro nascido e falecido em São Paulo. Colaborador de importantes publicações nacionais, como as revistas *Kosmos*, *Cigarra* e *O Cruzeiro*, além das estrangeiras *Judge*, de Nova York, *Caras y Caretas*, de Buenos Aires, *ABC*, de Lisboa, e *Le Rire*, de Paris, é o criador do famoso personagem Juca Pato, uma espécie de símbolo do brasileiro humilde entre as décadas de 1920 e 1940, que, por sua força de comunicação, tornou-se marca de café, cigarros, graxa para sapatos, sabonete, nome de cavalo de corrida e título de música (*Coitado do Juca Pato*). Durante a Segunda Guerra Mundial, publicou, no jornal *Folha da Noite*, uma série de charges ridicularizando o Terceiro Reich, o que provocou a irritação de Hitler e acusações do ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels. Também historiador, são de sua autoria *No tempo dos bandeirantes* (1939) e *História do bandeirismo paulista*.

Belmonte

BELSILVA (1911-76). Poeta brasileiro nascido em Aparecida do Norte, SP, e falecido na capital do estado. É autor de *Lamentos, só lamentos*, livro publicado em 1973.

BELTRÁN, Juan. Militar chileno nascido em 1550. Filho de uma negra escrava, segundo alguns, e de negro e índia, segundo outros, destacou-se, em

1579, como comandante de soldados indígenas em um forte nas proximidades de Villa Rica e, mais tarde, por volta de 1587, em outro, nas cercanias de Valdivia. *Ver ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças*.

BEMBA. Povo do Nordeste da Zâmbia; a língua desse povo. Segundo a tradição, os bembas, que teriam migrado de Katanga, no Congo (ex-Zaire), descendem dos mesmos ancestrais dos lubas* e lundas*.

BEMBÉ. O mesmo que *güemilere*. Em Cuba, festa profana das casas de santo em que os presentes comem, bebem e dançam, mas sem o toque dos tambores batá*, e sim de outros, específicos, em número de três e tensionados a fogo. Provavelmente, do iorubá *bembe*, nome de um tambor de origem hauçá.

BEMBÉ DO MERCADO. Festa da tradição religiosa afro-brasileira realizada em Santo Amaro da Purificação, BA, no mês de maio. *Ver BEMBÉ*.

BEMBÓN. Em Cuba, qualificação depreciativa do negro ou mulato de lábios (*bemba*) muito grossos.

BEN JONSON DAY. Expressão que, nas Antilhas, designa qualquer dia de má sorte, escassez ou dificuldade financeira. Trata-se de referência a um certo Ben Jonson, personagem do populário jamaicano mencionado em um rocambolesco relato da época escravista. Mercador de escravos na África ocidental, um dia, tendo sequestrado e vendido uma jovem a traficantes europeus, Jonson foi, em seguida, ele próprio sequestrado pelo irmão da moça, que o entregou aos traficantes em troca da irmã.

BENCOMO. Variante de *biankomé**.

BÊNÇÃO. No jogo da capoeira, golpe desferido com a sola do pé em qualquer parte do corpo do adversário, preferencialmente no peito.

BENDÈ. Língua crioula de base inglesa falada nas ilhas colombianas de San Andrés e Providéncia.

BENDENGUÊ. Dança afro-brasileira, espécie de caxambu; jongo*.

BENÉ (1922-2003). Apelido de Benedito da Silva, desportista brasileiro radicado no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em Itaboraí, RJ. Trabalhando no Fluminense Futebol Clube, destacou-se como descobridor e formador de várias gerações de famosos jogadores de voleibol, como Badá, Fernandão e também Bernardo Rajzman, por ele descoberto em 1968. Em abril de 2002,

Bernardinho, técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, homenageado pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, estendeu ao mestre, presente à solenidade, as homenagens recebidas, manifestando seu reconhecimento.

BENEDITO José dos Santos. Escultor brasileiro nascido em Maceió, AL, em 1937, e radicado em Recife, PE. Trabalhando primeiro em raízes e, depois, em toras de cedro, vinhático, cerejeira e imburana, criou belas imagens de santos católicos, entusiasticamente aplaudidas pela crítica e altamente valorizadas no mercado de arte.

BENEDITO MEIA LÉGUA (*c.* 1805-85). Nome pelo qual foi conhecido Benedito Caravelas, líder antiescravista da região brasileira de São Mateus, ES. Sua história, envolta em aura de lenda e misticismo, associada ao culto de são Benedito, apresenta várias "mortes" e "ressurreições". Mas é, também, a crônica real de mais de sessenta anos de contestação violenta à ordem escravista, até sua execução, sufocado e calcinado no oco de uma árvore gigantesca, onde, em fuga, se abrigara.

BENEDITO, São (1524-89). Santo católico, também mencionado como "são Benedito, o Preto". Nascido em Massina, na região italiana da Sicília, era filho dos etíopes Vicente Manasseri e Diana Larcan, ex-escravos de poderosas famílias sicilianas das quais receberam, como era usual, nomes e sobrenomes cristãos. De início pastor de ovelhas, depois lavrador e mais tarde eremita, ingressou no convento de Palermo, onde, trabalhando como cozinheiro, distinguiu-se por suas virtudes cristãs, chegando, em 1578, apesar de leigo e analfabeto, a superior de sua comunidade religiosa e mestre dos noviços. A especial devoção dos negros a são Benedito tem origem em Luanda, Angola, onde, na igreja do Rosário, sua imagem era venerada bem antes de sua canonização, em 1807. O culto apoiava-se, segundo o historiador Cadornega, citado por João Pereira Bastos (1964), na crença de que o santo, além de ser negro, seria filho de uma angolana da região da Quissama. Durante a escravidão, sua história de vida, depois de tentativas frustradas de embranquecer sua imagem, foi mostrada aos negros como um exemplo e usada pela Igreja Católica como afirmação de igualdade. Daí a grande devoção pelo santo entre o povo negro de todo o Brasil.

BENEDITO, Vera Lúcia. *Ver AFRICAN DIASPORA RESEARCH PROJECT.*

BENEVENUTO BAIANO (?-1916). Líder rebelde brasileiro. Desertor da Marinha e tido como participante da Revolta da Chibata*, ao lado de João Cândido*, foi um dos lugares-tenentes do fazendeiro Elias de Moraes na Guerra do Contestado, conflito de graves proporções que se desenrolou no norte do estado de Santa Catarina, de 1912 a 1916, vencido por tropas federais.

BENGA. Forma brasileira para o etnônimo *Mbenga*, que nomeia o subgrupo dos fangs ou pahuins do litoral do Gabão e dos Camarões, que também teve indivíduos escravizados no Brasil.

BENGALA (BANGLADESH), Negros em. Em meados do século XV deu-se a chegada maciça de escravos africanos à Índia e países vizinhos. Boa parte deles, com o tempo, passa a ocupar altos cargos na administração pública. Em Bengala, atual Bangladesh, o rei Fath Shah, tentando eliminar tal influência, é assassinado. Em consequência, entre 1486 e 1493, o país teve como soberanos, seguidamente, dois ex-soldados de origem africana. *Ver AFRO-INDIANOS.*

BENGUE. Um dos nomes da maconha*.

BENGUÊ. Em cultos bantos do Brasil, o mesmo que fundamento, axé*.

BENGUELA. Cidade litorânea da República de Angola, capital da província de mesmo nome. Fundada em 1617 sob a denominação de São Filipe de Benguela, foi um dos maiores portos exportadores de escravos para o Brasil. Também, nome genérico pelo qual eram conhecidos, no Brasil, os escravos embarcados na região de Benguela, na África austral. O vocábulo designa, ainda, um dos toques do berimbau na capoeira.

BENGUELAS, Os. Rancho de reis, inteiramente formado por negros, ativo em Porto Alegre, RS, em 1885.

BENGUELA SUSTENIDA. Um dos toques do berimbau na capoeira.

BENIN. Cidade do Sul da República da Nigéria, capital do estado de Edo. Sua história é a do antigo Reino do Benin, cujo território não se confundia com o da atual República Popular de Benin*, assim batizada apenas como homenagem. No Brasil, o nome designou também o indivíduo dos binis, subgrupo étnico dos edos. **O Reino do Benin:** Situado a sudoeste de Ifé*, o

Benin foi fundado, conforme a tradição, por Oraniã*, também fundador daquele Estado dos iorubás*. A primeira dinastia a reinar teve, segundo os mitos, doze *oba* (reis) e terminou em virtude de uma revolta da qual surgiu um Estado republicano, que mais tarde se constituiu em reino, talvez no século XII. O apogeu ocorreu no século XIV, com o *oba* Eware, que replanejou e reconstruiu a capital, dando-lhe o nome de Edo. De acordo com a tradição, o sexto *oba* teria pedido ao *oni* (rei) de Ifé, por volta de 1280, que lhe mandasse um mestre fundidor. Esse mestre teria ensinado aos artistas do reino a fundição do bronze, lançando os fundamentos de uma arte na qual Ifé e Benin foram imbatíveis. Em 1896, um grupo de mercadores europeus, aventurando-se, sem permissão, pelo interior do país, foi chacinado por guerreiros nativos. Em represália, no ano seguinte, o governo britânico enviou uma expedição militar que, no episódio conhecido como "Massacre de Benin", pôs em prática uma das maiores obras de destruição e pilhagem de que se tem notícia. Como resultado desse butim, obras da arte originárias do Benin integram, até hoje, os acervos de vários museus da Europa, notadamente o do Museu Britânico. *Ver ESTATUÁRIA*; *OYÓ*.

BENIN, Baía de. Zona litorânea entre os rios Volta e Benin, na África ocidental, compreendendo os atuais territórios das repúblicas de Benin e Togo. Algumas vezes referida como golfo de Benin, constitui parte do golfo da Guiné.

BENIN, República de. País da África ocidental limítrofe com Burkina Fasso e Níger (norte), o golfo da Guiné (sul), Nigéria (leste) e Togo (oeste). Sua capital é Porto Novo, e os principais grupos étnicos que habitam seu território são os fons, iorubás, adjás, baribas, aizos e peúles. No passado, o país compreendia vários reinos, como os de Daomé, Borgu, Allada e Porto Novo. A hegemonia do antigo Daomé sobre seus vizinhos durou do século XVII ao XIX, quando o Benin foi ocupado pela França. Uma das razões do declínio e da queda de todos esses reinos foi o comércio escravista de que a região, então chamada "Costa dos Escravos", foi um dos principais centros.

BENJAMIM, Maria (séculos XIX-XX). Personagem da história da cidade do Rio de Janeiro. Referida como "mulata" por Brasil Gerson (1965), foi dona de vasta extensão de terras na antiga localidade de Terra Nova, na

zona suburbana carioca. Seu nome batiza, ainda ao tempo desta obra, uma rua da região, com início na avenida João Ribeiro, no bairro de Pilares.

BENJAMIN, Lewis (século XIX). Pioneiro na luta trabalhista no estado da Louisiana, nos Estados Unidos, durante a Reconstrução*, período de transição entre o escravismo e o trabalho livre. De origem afro-indígena, chefiou uma organização de trabalhadores negros na localidade de Lafourche, Nova Orleans, por volta de 1874.

BENJOIM. Bálsamo, goma ou resina do benjoeiro, estoraqueiro ou estoraque (*Styrax aurea*; *Pamphilia aurea*) com emprego, na tradição religiosa afro-brasileira, em banhos e defumações para limpeza espiritual.

BENJOR, Jorge. Nome artístico do compositor e cantor brasileiro Jorge Duílio Lima Menezes, nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1942. Surgido, como "Jorge Ben", no contexto da bossa nova, criou um estilo que lhe permitiu trafegar por várias vertentes da música popular brasileira. De autoproclamada ascendência etíope, foi dos primeiros autores brasileiros a usar, na segunda metade do século XX, referências africanas nas letras das canções. Fundindo elementos do samba ao pop internacional, conseguiu penetrar com sucesso no mercado externo.

BENKO, Rei (séculos XVI-XVII). Título autoassumido por Domingo (ou Dionísio) Bioho, líder quilombola nas montanhas de Cartagena, Colômbia. Nascido na África ocidental (*bioho* é etnônimo referente a habitantes da atual Guiné-Bissau; o mesmo que bijagó*), por volta de 1599 fundou o *palenque* da Matuna, objeto de investidas das tropas coloniais em 1603. Em 1713 o *palenque* de San Basilio, continuador do de Matuna, foi reconhecido como território livre.

BENNETT, Louise. Atriz e escritora jamaicana nascida em 1919. Também conhecida como "Miss Lou", nome da personagem cômica que interpretou durante muitos anos em dupla com o ator Rannie Williams, foi uma das maiores estrelas da cena teatral em seu país. É autora de *Jamaica labrish*, livro de poemas publicado em 1966.

BENSON, George. Guitarrista e cantor americano nascido em Pittsburgh, Pensilvânia, em 1943. Mudou-se para Nova York em 1963 e gravou seu primeiro disco no ano seguinte, firmando-se, desde então, como

um artista de grande versatilidade, que transita, com talento e brilhantismo, do jazz ao pop e do soul ao funk.

BENTA. Instrumento musical da Jamaica, com corda percutida, semelhante ao berimbau.

BENTON, Brook (1931-88). Nome artístico de Benjamin Franklin Peay, cantor americano nascido em Camden, Carolina do Sul, e falecido em Nova York. Barítono de voz cálida e aveludada, obteve grande êxito a partir de 1959, ano de lançamento da balada *It's just a matter of time*, que viria a ser seu maior sucesso. Notabilizou-se também cantando em dupla com Dinah Washington*.

BENUÊ. Rio da África ocidental. Nasce no Norte da República dos Camarões, na região de Adamauá, e corre pela Nigéria, onde encontra o Níger, do qual é o principal tributário.

BENZINHO (séculos XIX-XX). Nome pelo qual foi conhecido Felisberto Américo Sowzer, babalaô baiano. Era filho de um africano de Abeokutá* (nascido por volta de 1833 e retornado à Nigéria) e neto do célebre Bamboxê Obitikô*. Residiu no Rio de Janeiro, na rua Marquês de Sapucaí, e em março de 1905 concedia entrevista sobre o carnaval ao jornalista João do Rio*.

BERBERES. Comunidade de povos pastores e agricultores do norte da África*, entre os quais se incluem os tuaregues* e cabilas. De culturas diversificadas mas dotados de unidade linguística, falam o berbere e suas variantes dialetais. Alguns de seus indivíduos, como os berberes da Líbia, apresentam fortes características físicas negroides. São algumas vezes confundidos com beduínos, denominação aplicada, sem distinção étnica nem linguística, a quaisquer grupos nômades dos desertos árabes e norte-africanos.

BERBICE. Região da Guiana banhada pelo rio de mesmo nome. Em 1763 foi palco de uma revolta, envolvendo mais de 2.500 escravos de duas plantations, liderada pelo africano Cuffy (ou Koffi*), hoje herói nacional.

BERBICE CREOLE DUTCH. Denominação inglesa da língua crioula de base holandesa de Berbice*.

BERIMBAU. Instrumento musical da tradição africana composto de um arco de madeira com um fio de arame retesado e de uma cabaça de

ressonância presa ao dorso da extremidade inferior. No Brasil, o instrumento é conhecido também como **berimbau de barriga** (para enfatizar sua diferença em relação ao homônimo de origem europeia), que tem como variantes o **berimbau de bacia**, em que a caixa de ressonância é improvisada com uma bacia, e o **berimbau de boca**, de formato menor, do qual, outrora, os tocadores obtinham, com a boca e uma faca, variados efeitos de som. *Ver CAPOEIRA*.

Berimbau

BERLIM, Conferência de. Evento diplomático realizado entre as grandes potências mundiais de 1884 a 1885, no qual se deliberou a partilha do continente africano, com o estabelecimento de fronteiras quase sempre artificiais. Separando grupos étnicos coesos ou reunindo sob o mesmo território colonial etnias tradicionalmente rivais, essa divisão arbitrária foi a grande causa dos problemas políticos enfrentados pelo continente desde o início do processo de descolonização, na década de 1960. *Ver ÁFRICA [Partilha da África]*.

BERMUDAS. Dependência do Reino Unido com sede em Hamilton, situada no Atlântico ocidental, cerca de 950 quilômetros a leste da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Descoberto por espanhóis e ocupado por súditos britânicos desde 1609, o país, situado em um arquipélago, tem população predominantemente negra, na ordem de 60%.

BERNADOTTE, Charles Jean-Baptiste (1763-1844). Militar francês. Depois de tornar-se um dos marechais de Napoleão, foi eleito príncipe-herdeiro da Suécia, subindo ao trono em 1818 como Carlos XIV e fundando uma dinastia. Segundo J. A. Rodgers, colaborador de Marcus Garvey* e autor de um livreto intitulado *Your history*, era um homem de cor (conforme Roi Ottley, 1943).

BERNARDINO DO BATE-FOLHA (?-1946). Nome pelo qual foi conhecido Manuel Bernardino da Paixão, pai de santo do candomblé do

Bate-Folha*, casa de nação congo com sede em Salvador, BA, e sucursal no subúrbio de Anchieta, no Rio de Janeiro. Referido como discípulo do legendário Jubiabá, e como amigo e protegido de Juraci Magalhães, governador da Bahia na década de 1930, apresentou, no Segundo Congresso Afro-Brasileiro*, comunicação intitulada "Ligeira explicação sobre a nação congo". *Ver MANSU-BANDUNQUENQUE*.

BERNARDINO, Negro (século XIX). Personagem da história da escravidão na província de São Paulo. Líder do Quilombo da Rocinha, formado nas décadas finais do escravismo, próximo à Fazenda Sete Quedas, na atual divisa entre Campinas e Indaiatuba, criou fama como matador remunerado, tendo sido, em diversas ocasiões, contratado por escravos para exercer vingança, assassinando feitores cruéis. Sua comunidade, considerada uma das mais importantes da resistência à escravidão na província, ganhou destaque por ser um quilombo itinerante; duramente perseguido, deslocou-se por diversas localidades da região.

BERNARDO [da Silva]**, José** (1883-1963). Escritor espírita e político brasileiro nascido em Palmeira dos Índios, AL. Ex-estivador, guindasteiro e moço de bordo, em 1926 fundou em Niterói, RJ, o Centro Espírita Jesus no Himalaia, em cujo anexo criou, em 1940, a primeira escola de ensino supletivo para adultos do Brasil. Eleito deputado estadual em 1954, foi reeleito para mais dois mandatos, o último interrompido por sua morte. Alinhou-se aos militantes pelos direitos da população negra.

BERNARDO, Mulato (século XVIII). Secretário brasileiro do frei José de Santa Rita Durão (1720-84). Em Portugal, onde se radicou com seu amo, foi o encarregado de anotar, gradativa e diariamente, os versos do célebre poema épico *Caramuru*, à medida que a obra ia sendo composta.

BERRY, Chuck. Nome artístico de Charles Edward Anderson Berry, guitarrista e cantor americano, nascido em Saint Louis, Missouri, em 1926. Foi um dos principais artistas da geração de cantores negros que deflagrou a revolução do rock-and-roll*, abrindo caminho para o sucesso de Elvis Presley, Rolling Stones, Beatles etc.

BERRY, Halle [Maria]. Atriz cinematográfica americana nascida em Ohio, em 1966. Em 2002, com *A última ceia*, tornava-se a primeira atriz negra a conquistar um Oscar* de melhor atriz. A partir daí e com sua

participação no milionário filme *X-Men 2*, no ano seguinte, entrava definitivamente para o primeiro escalão dos astros de Hollywood*.

BERRY, James. Escritor inglês nascido na Jamaica, por volta de 1924, e radicado em Londres desde os 24 anos de idade. Autor de poemas e contos em que reabilita as tradições e as peculiaridades linguísticas de seu país, escreveu *Fractured circles* (1979), *A thief in the village* (1987), *When I dance* (1988) e *Anancy-Spiderman* (1988), entre outras obras.

BERVILLE, André (século XIX). Político nascido na Guiana Francesa. Mulato livre, engajou-se na luta pela derrubada das discriminações legais que separaram as *gens de couleur* da classe dos brancos até 1830.

BESOURO CORDÃO DE OURO (séculos XIX-XX). Nome pelo qual foi conhecido o legendário capoeirista baiano Manuel Henrique, nascido em Santo Amaro da Purificação e assassinado em Maracangalha, na década de 1920, aos 27 anos de idade; é também referido como Besouro Mangangá ou, simplesmente, Mangangá. Sua história deu origem ao filme *Besouro*, produção nacional de 2009.

BESSA, Reginaldo [de Souza]. Publicitário e músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1937. A partir de 1958, depois de trabalhar, como cantor, compositor e violonista, na gravação de um LP pela CBS argentina, e de atuar como redator de propaganda, estabeleceu-se como criador e produtor de jingles publicitários, tornando-se, no eixo Rio-São Paulo, o primeiro afrodescendente a conseguir destaque nessa área. Em 1976, licenciou-se em Música pela Universidade do Rio de Janeiro (Unirio).

BESSANHA. Alteração de Bessém*.

BESSÉM. Nos candomblés jejes da Bahia, denominação mais usada para Dã, o vodum-serpente, que habita o céu e aparece sob a forma do arco-íris (Aidô-Ruedô). O nome origina-se no fongbé, provavelmente dos elementos *gbé*, “língua”, e *sin* (pronunciado “sem”), “água”: “língua da água”. Observe-se que o fenômeno do arco-íris se dá a partir de gotas de água suspensas na atmosfera.

BETA. Na Casa das Minas*, termo usado para designar qualquer terreiro de outra nação que não a jeje ou nagô.

BETANCES, Ramón Emeterio (1827-98). Líder nacionalista porto-riquenho, militante pela libertação de seu povo do domínio espanhol e pela

abolição da escravatura. Filho de família abastada, estudou na França desde os 10 anos de idade, formando-se em Medicina em 1855. Voltando ao seu país, no auge de uma epidemia de cólera que assolava Porto Rico, conseguiu fazer que as autoridades coloniais espanholas adotassem medidas sanitárias em favor da população escrava. Em 1867, por suas atividades políticas, que envolviam um amplo projeto de libertação com a criação, entre Porto Rico, Cuba e Saint Domingue, de uma Confederação das Antilhas, Betances foi forçado a deixar a ilha. Não obstante, no ano seguinte, liderou um grupo de patriotas que, na cidade de Lares, proclamou a independência de Porto Rico. O episódio, conhecido como o "Grito de Lares", deflagrou a luta armada pela libertação e marcou, segundo os historiadores, o nascimento da nação porto-riquenha. Todavia, os rebeldes foram derrotados e o líder regressou à França, falecendo em Paris meses depois da anexação de Porto Rico pelos Estados Unidos. Segundo seus biógrafos, Betances, embora oficialmente fosse considerado branco, tinha orgulho de suas origens africanas, fazendo sempre alarde de sua condição étnica.

BETANCOURT, José Mercedes (1836-66). Músico cubano nascido e falecido em Camagüey. Violinista, professor e diretor de orquestra, publicou uma coleção de peças musicais intitulada *Ecos del Tínima*.

BETANCOURT, Rómulo (1904-81). Político venezuelano nascido no estado de Miranda. Presidente do governo provisório de 1945 a 1953, foi deposto por um golpe militar; exilou-se e voltou ao poder para ser presidente da República de 1958 a 1963. Segundo Winthrop Wright (1995), autodefinia-se etnicamente como "café con leche".

BETANGÓ, Juego de. Nome de uma antiga facção dos *ñáñigos* cubanos. O termo *juego* aqui tem o sentido de "grupamento", "partido".

BETERVIDE, Salvador (século XX). Advogado uruguaio. Nos anos de 1930 destacou-se como o único causídico negro militando no foro de Montevidéu (*ver URUGUAI [Imprensa negra]*).

BETHUNE, Leber. Poeta jamaicano nascido em Kingston, em 1937. Após concluir os estudos secundários em sua cidade natal, mudou-se para os Estados Unidos, graduando-se pela Universidade de Nova York. Mais tarde, viajou pela África, vivendo algum tempo na Tanzânia. Seu primeiro livro, *Juju of my own*, foi publicado em Paris em 1965. Trata-se de uma coletânea

de vinte poemas, entre os quais alguns antes publicados na revista *Présence Africaine*.

BETHUNE, Mary McLeod (1875-1955). Educadora americana nascida na Carolina do Sul. Filha de um agricultor meeiro, em 1904 fundou a Escola Normal e Industrial de Daytona, exclusivamente para jovens negras, hoje o Colégio Bethune-Cookman. De 1936 a 1944 foi diretora da Divisão de Assuntos dos Negros da Secretaria da Juventude Nacional, além de mentora de toda uma geração de estudantes, bem como conselheira do presidente Truman e também do presidente Roosevelt e de sua mulher, Eleanor.

BÉTIS CHEIROSO (*Piper aromaticum*; *Piper eucalyptifolium*). Subarbusto da família das piperáceas. Na tradição religiosa afro-brasileira, é planta de Oxalá.

BETO SEM BRAÇO (1941-93). Nome pelo qual foi conhecido o sambista Laudenir Casemiro, falecido no Rio de Janeiro. Compositor ligado à escola de samba Império Serrano*, para a qual compôs, em parceria com Aluísio Machado, entre outros, o antológico samba-enredo *Bumbum, paticumbum, prugurundum*, de 1982, foi também parceiro de Zeca Pagodinho*, Arlindo Cruz* e Almir Guineto*.

BEULAH. Personagem de ficção popular no rádio e na televisão americanos de 1940 a 1953. Representava uma empregada doméstica negra tanto leal a seus patrões brancos como capaz de tiradas supostamente humorísticas. Considerada disseminadora de um estereótipo, a personagem foi tirada do ar por pressão da NAACP*.

BEYONCÉ [Giselle] **Knowles.** Cantora, compositora, atriz e modelo americana nascida em Houston, Texas, em 1981. Com trajetória iniciada em 1990 no grupo Girl's Tyme (que mais tarde se tornou o Destiny's Child), logo se destacou no universo do rythm-and-blues*. A partir da década seguinte, atuando individualmente e utilizando em suas apresentações recursos tecnológicos avançados, conquistou premiações importantes, como diversos troféus Grammy. Apontada pela revista *Forbes* como uma das jovens celebridades mais bem pagas do mundo, conquistou admiração também por sua tranquila vida pessoal e seu firme posicionamento em relação as questões como, por exemplo, a condição feminina.

BEZERRA DA SILVA. Nome artístico de José Bezerra da Silva, músico brasileiro nascido em 1927 em Recife, PE, e radicado desde 1964 no Rio de Janeiro, onde faleceu em 2005. Percussionista na extinta orquestra da Rede Globo de Televisão, iniciou carreira como cantor em 1973. Grande vendedor de discos, tornou-se nacionalmente conhecido como cantor de sambas satíricos a partir de 1978, com base em um repertório em que aborda principalmente o banditismo dos morros cariocas.

BEZERRA, Agostinho. *Ver CAVALCANTE E SOUZA, Agostinho Bezerra.*

BEZERRA, Dom Jorge Alves. Prelado católico brasileiro nascido em Éden, São João de Meriti, RJ, em 1956. De origem humilde, filho de migrantes nordestinos, em agosto de 2008 era ordenado bispo na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro e nomeado para a diocese de Jardim, em Mato Grosso do Sul. Tornava-se, assim, o primeiro bispo nascido na Baixada Fluminense*.

BEZERRA, Luís Barbalho (1600-44). Militar e poeta brasileiro nascido em Olinda, PE, e falecido no Rio de Janeiro. Comandante das tropas que resistiram à invasão holandesa, em 1635 foi enviado, como escravo, para a Holanda. Fugindo do cativeiro, distinguiu-se na defesa da cidade de Salvador (1638-39) e faleceu no cargo de governador do Rio de Janeiro. Escreveu *Poesias líricas* e *Itaé* e é referido como *black hero* (herói negro) por Benjamin Nuñez (1980), com base em Nelson de Senna (1938).

BEZERRA, Maria José (1885-1958). Enfermeira brasileira nascida em Limeira, SP. Em 1932, integrando a Legião Negra do Brasil*, prestou serviços médicos e combateu na Revolução Constitucionalista, o que lhe valeu o apelido de "Maria Soldado". No final da vida, vendia doces e salgados na porta do Hospital das Clínicas, em São Paulo.

BIAFADA. Povo da Guiné-Bissau localizado às margens do rio Geba e na região de Bolama.

BIAFRA. *Ver IBOS.*

BIANKOMÉ. Tambor *abakuá**; um dos quatro tambores da percussão dos *ñáñigos* em Cuba. *Ver ÑÁÑIGO.*

BIASSOU (século XVIII). Sobrenome comum a Georges e Jean-François Biassou, líderes revolucionários do Haiti. *Ver REVOLUÇÃO HAITIANA.*

BIBB, Henry Walton (1815-54). Escritor abolicionista americano nascido no Kentucky e falecido no Canadá. Filho de uma escrava com um político, nasceu na escravidão e, com 27 anos de idade, tornou-se fugitivo. Em 1850 publicou em Detroit a autobiografia *Narrative of the life and adventures of Henry Bibb, an American slave*, e, nesse mesmo ano, com a promulgação pelo Congresso de uma lei contra escravos fugidos, radicou-se no Canadá. Tornou-se um dos líderes da comunidade negra naquele país e, em 1851, fundou o *Voice of Fugitive*, o primeiro jornal canadense dirigido ao povo negro.

BIBÍ. Denominação cubana de certo povo africano natural da região do Calabar. *Ver IBIBIO*.

BIBIANO. *Ver IGREJA CATÓLICA MILITANTE E TRIUNFANTE*.

BÍBLIA. *Ver ANTIGO TESTAMENTO, Presença africana no*.

BICHO NOVO (1909-95). Nome pelo qual se tornou conhecido Acelino dos Santos, sambista nascido no Rio de Janeiro. Foi o mestre-sala* da Deixa Falar*, pioneira escola de samba carioca.

BICHO-MONGONGO. Personagem mitológico afro-brasileiro.

BICHO-PONGUÊ. Personagem mitológico afro-brasileiro.

BICO-DE-PATO (*Machaerium angustifolium*). Planta da família das leguminosas usada, na umbanda, em defumações para a limpeza espiritual de pessoas e ambientes.

BICUNGO. Termo de origem tapa (*bikumghi*) que, na Bahia de outrora, designava o bode preto usado em sacrifícios rituais.

BIDE (1902-75). Nome artístico do compositor e percussionista brasileiro Alcebíades Maia Barcelos, nascido em Niterói, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Sambista pioneiro, morador do Estácio* e fundador da Deixa Falar*, estabeleceu com Armando Marçal* famosa parceria, autora de sambas imortais, como *Agora é cinza*. Entretanto, sua importância deve-se mais ao fato de ter sido, ao que consta, o introdutor do surdo (de início um tambor de fabricação caseira feito de barrica e uma só pele) como instrumento de marcação na percussão do samba, e também por ter sido um dos primeiros sambistas a se profissionalizar como percussionista.

BIDONVILLE. Termo do francês antilhano correspondente ao brasileiro favela*, que designa um conjunto de habitações de populações carentes.

Literalmente, significa “bairro de lata”, em razão do material usado na construção das moradias, geralmente cobertas com restos de embalagens metálicas, a exemplo dos antigos “barracões de zinco” das favelas cariocas, celebrizados na música popular.

BIÉ. Nome pelo qual era chamado, no Brasil, o escravo proveniente de Bié, região planáltica no Centro-Sul de Angola.

BIELA [de Souza]**, Luiz.** Músico e professor brasileiro nascido em Sorocaba, SP, em 1910. Diplomado em Canto Orfeônico pelo Conservatório Paulista, foi diretor de escolas de música e maestro de corais na cidade de Campinas. Em 1950, foi condecorado, por decreto presidencial, como comendador da Ordem de Rui Barbosa.

BIG DRUM. Culto de origem africana de Carriacou, com ritos “de nação” ou crioulos marcadamente divididos em atenção a uma suposta origem étnica. O nome designa, também, um tipo de orquestra do carnaval de São Cristóvão.

BIGAUD, Wibon. Artista plástico haitiano nascido em 1931, em Porto Príncipe. Discípulo de Hector Hyppolite, tornou-se um dos mais destacados artistas de seu país nas décadas de 1940 e 1950, principalmente pelos afrescos pintados na catedral Saint Trinité. No final dos anos de 1950, interrompeu sua brilhante carreira por motivos de saúde.

BIGI POKU. Variedade do *kaseko**.

BIGODE (1922-2003). Pseudônimo de João Ferreira, jogador de futebol brasileiro nascido e falecido em Belo Horizonte, MG. Integrou a linha média da seleção nacional na Copa de 1950. Marcador de jogadas viris mas também talentoso, foi titular absoluto da grande equipe vice-campeã do mundo e escolhido como o melhor em sua posição no decorrer do certame. Contudo, como Barbosa*, amargou até o fim da carreira o injusto estigma da culpa pela derrota perante o Uruguai, tornando-se um dos personagens mais marcantes da história do futebol brasileiro.

BIGODE, Constantino Luís Xavier (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. Participou da Guerra do Paraguai como integrante dos Zuavos Baianos*. Depois de tomar parte em várias batalhas e permanecer preso no território paraguaio por quase três anos, foi promovido a tenente e

condecorado com o Hábito da Ordem da Rosa. Era filho de Francisco Xavier Bigode*.

BIGODE, Francisco Xavier (?-1838). Militar brasileiro baseado na Bahia. Tenente-coronel e comandante de batalhão, participou da Guerra da Independência e da repressão à Revolta dos Malês*. Durante a Sabinada*, foi comandante da Segunda Brigada dos revoltosos, tendo sido assassinado em sua própria casa pelas forças legalistas.

BIGUÁ. *Ver BUFÕES NEGROS*.

BIGUÁ PRETO. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Juquiá, SP.

BIGUINE. Gênero de música popular nascido na Martinica na década de 1920, executado por grupos com formação instrumental semelhante à dos antigos conjuntos de jazz de Nova Orleans. *Ver STELLIO, Alexandre*.

BIJA. *Ver URUCUNZEIRO*.

BIJAGÓS. Grupo étnico africano. Senhores das ilhas situadas na costa da atual Guiné-Bissau, seu território teve grande importância no suprimento de escravos para o Brasil e para as Antilhas.

BIKO, [Stephen Bantu, dito] **Steve** (1946-77). Ativista político sul-africano nascido em Tarkastad e falecido em Port Elizabeth. Fundador da Organização dos Estudantes Sul-Africanos e líder do Movimento de Consciência Negra em seu país, foi responsabilizado pela rebelião de Soweto* em agosto de 1977, tendo sido preso e assassinado sob tortura na prisão. Seu nome tornou-se um símbolo internacional na luta contra o apartheid* sul-africano e contra todas as formas de racismo.

BILAC, Olavo (1865-1918). Nome abreviado de Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, poeta brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. O maior poeta da fase parnasiana, foi eleito "o príncipe dos poetas brasileiros". Está incluído na relação de "pretos e mulatos" ilustres elaborada por José Honório Rodrigues (1964).

BILAD-ES-SUDAN. Uma das formas do nome pelo qual os árabes se referiam à África abaixo do Saara, desde o século VII. Significa, aproximadamente, "país dos negros" e deu origem ao topônimo Sudão*.

BILAL IBN RABAH (século VII). Escravo negro escolhido por Maomé para ser o muezim da mesquita onde ele próprio era o imame; os dois

dignitários dessa mesquita eram, portanto, o profeta em pessoa e o negro Bilal. Para coroar sua obra de unificação e igualitarismo, o profeta mandou proclamar que mesmo um negro podia assumir posição de autoridade superior à de um árabe (conforme Mohammed Ali, *ver Bibliografia*).

BILALÁ. Chicote de Ibualama* feito de tiras de couro trançadas. Do iorubá *bílalà*.

BILINA, Mãe (*c.* 1887-1974). Nome pelo qual foi conhecida Umbelina de Araújo, ialorixá nascida e falecida em Laranjeiras, SE. Neta de africanos, chefiou por muitos anos o terreiro de Santa Bárbara Virgem, um dos mais tradicionais de seu estado.

BILL ABERDEEN. Lei promulgada pelo Parlamento britânico em 8 de agosto de 1845. Autorizava a Marinha inglesa a perseguir, apreender e até afundar navios de bandeira brasileira que transportassem escravos, mesmo em águas do Brasil. O nome da lei se deve a George H. Gordon, conde de Aberdeen, então o ministro britânico das Relações Exteriores. A restrição, baseada não em motivos humanitários mas de ordem econômica, fez nascer um rendoso comércio clandestino. Além disso, baseada na lei abusiva, a Marinha inglesa voltou sua sanha repressiva inclusive contra navios simplesmente transportadores de cargas e passageiros, destruindo assim as conexões legítimas que se tinham estabelecido e que garantiam o contato não só entre parceiros comerciais como entre grupos familiares residentes de um e do outro lado do Atlântico. Esse fato fez que alguns políticos da época, como mostra A. Costa e Silva (2003), denunciassem o que seria a estratégia inglesa de destruir as conexões Brasil-África para mais facilmente exercer seu imperialismo no continente africano.

BILONGO. Em Cuba, feitiço, muamba, objeto ritualisticamente preparado para causar malefício a alguém. Entre os negros cubanos, a expressão *bilongo chino* é usada para designar qualquer prática sobrenatural dos ritualistas chineses no país. Segundo a tradição, o "feitiço" chinês, muito forte e secreto, é o único contra o qual as práticas dos negros não têm eficácia. Vale notar que o célebre relato do viajante veneziano Marco Polo (1254-1323) dá notícia de práticas ritualísticas na China bastante semelhantes às africanas, com transe, cânticos, danças e sacrifícios de animais. O termo corresponde

ao afro-brasileiro milongo*, significando “bruxedo”, “sortilégio”, e provém do quimbundo *milongo*, “remédio”.

BILREIRO (*Guarea trichilioides*). Planta da família das meliáceas também conhecida como camboatá, carrapeta, cedro-branco, marinheiro etc. Segundo a tradição religiosa afro-brasileira, pertence a Xangô.

BIMBA, Mestre (1900-74). Nome de guerra do capoeirista brasileiro Manoel dos Reis Machado, nascido em Salvador, BA, e falecido em Goiânia, GO. Ao introduzir na capoeira tradicional diversas inovações, criou, na década de 1930, a modalidade conhecida como “capoeira regional baiana” e fundou a primeira escola especializada. Em 1935, conseguiu registro como professor de educação física, dando o passo decisivo para que a capoeira, antes reprimida, ganhasse status de desporto. Homenageado pela Universidade Federal da Bahia com a concessão póstuma do título de doutor *honoris causa*, seus restos mortais, depois de missa solene na Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, foram sepultados na Igreja do Carmo, em Salvador.

BIMBE FESTIVAL. Evento anual de arte e cultura negras realizado em Durham, Carolina do Norte, nos Estados Unidos, desde 1968.

BINI. Subgrupo étnico dos edos, da atual Nigéria; no Brasil são conhecidos como benins. *Ver BENIN*.

BIOHO, Domingo. *Ver BENKO, Rei*.

BIRD, Vere Canwal. Líder político de Antígua e Barbuda nascido em 1909. Com carreira iniciada em 1939 na política sindical, em 1945 foi eleito para o Conselho Legislativo de seu país. Partidário da independência, em 1967 elegeu-se chefe do Parlamento, ocupando o cargo até 1971. Dez anos depois, e proclamada a independência, foi primeiro-ministro até aposentar-se, em 1994.

BIRI. Escravo favorito de Xangô que, segundo a tradição iorubana, o abandonou e depois se suicidou ao saber de sua morte.

BIRINAM. Qualidade de Exu em certos cultos amazônicos.

***BIRTH OF A NATION, The* (*O nascimento de uma nação*).** Filme do diretor D. W. Griffith lançado em março de 1915. Primeiro longa-metragem americano, considerado a pedra fundamental da indústria cinematográfica naquele país, conta a história de cordatos e ordeiros

brancos sulistas em confronto com habitantes do Norte. No filme, no qual os negros são retratados sempre como maus, um membro da Ku Klux Klan* salva uma moça branca das mãos de celerados negros e se casa com ela. O casamento simboliza o nascimento de uma nova nação, como preconiza o título da obra.

BISCOITO DE XANGÔ. Guloseima da culinária afro-baiana à base de polvilho.

BISHOP, Maurice (1944-83). Líder revolucionário granadino nascido em Aruba e falecido em Saint George. Filho de nativos de Granada então residentes em Aruba, com 6 anos de idade chegou à ilha natal de seus pais. Em 1963 foi estudar na Inglaterra, onde sofreu influência das ideias do nacionalismo negro americano e do pan-africanismo. De volta a Granada, em 1970 dedicou-se à advocacia e à política, fundando o Movimento por Assembleias Populares e depois o New Jewel, ampliação do Joint Endeavour for Welfare, Education and Libertation – Jewel (Esforço Conjunto para o Bem-Estar, Educação e Libertação). Em 1979, graças a um golpe de Estado, Bishop assumiu o poder no comando de um governo revolucionário provisório, com grande apoio popular. Em 1983 foi deposto e, após uma semana, era libertado por uma multidão de adeptos, para morrer fuzilado horas depois ao lado de vários outros dirigentes. As tropas americanas acabaram ocupando Granada dias mais tarde.

BISONSO. Espécie de amuleto feito com pregos, preparado pelos *paleros** cubanos, para defesa ou malefício.

BISPO [dos Santos]**, Edson.** Jogador de basquete brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1935. Com carreira iniciada aos 17 anos no Clube de Regatas Vasco da Gama, foi várias vezes campeão integrando a seleção brasileira, na qual se consagrou como um dos maiores pivôs das décadas de 1950 e 1960. Em 1966, tornou-se técnico da seleção, função que exerceu até 1975.

BISPO DA IGREJA, João (1801-81). Músico brasileiro nascido na Bahia. Professor de piano e trompetista exímio, foi músico da Câmara Imperial e mestre de capela da Catedral Metropolitana. Fez excursões artísticas de grande êxito, do Rio de Janeiro a Pernambuco.

BISPO DO ROSÁRIO, Arthur (1909-89). Artista plástico brasileiro nascido em Japaratuba, SE. Chegou ao Rio de Janeiro em 1926, na condição de marinheiro, desempenhando, depois, várias atividades subalternas. Em 1938, durante um surto psicótico, foi internado no Hospital Nacional dos Alienados, de onde foi transferido, no ano seguinte, para a Colônia Juliano Moreira, onde residiu até a morte, lá construindo uma reputação de artista refinado, confeccionando, entre o delírio e a realidade, estandartes bordados e outros tipos de peças de fino lavor. Sua obra foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1992 e, no ano seguinte, o Museu de Arte Moderna (MAM) carioca realizou uma grande exposição de seus trabalhos. Em 1996 foi lançado o livro *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto* (de Luciana Hidalgo, publicado pela editora Rocco).

BISPO, Marcelino (século XIX). Militar brasileiro executor de um atentado, em novembro de 1897, contra o presidente da República Prudente de Morais, no qual morreu o marechal Carlos Machado Bittencourt, ministro da Guerra. Apontado como instrumento de uma conspiração, segundo a versão oficial, teria se suicidado na prisão.

BISSIMILAI. Interjeição usada pelos malês antes do início de qualquer ato, significando “Em nome de Deus”.

BITA DO BARÃO. Nome pelo qual se tornou conhecido Wilson Nonato de Souza, pai de santo em Codó*, MA, nascido em 1913. O mais influente líder do terecô* maranhense, manteve estreito contato com o poder local. Em 1988, ano do centenário da abolição, foi agraciado com medalha conferida pelo governo federal, na gestão do conterrâneo José Sarney. Seu principal guia espiritual é o encantado Barão de Guaré, daí seu pseudônimo.

BITEIÊ. Uma das denominações de Omolu* nos batuques gaúchos.

BITTENCOURT, Aurélio [Viríssimo de] (1849-1919). Jornalista e escritor brasileiro nascido em Jaguarão, RS, e falecido em Porto Alegre, no mesmo estado. Secretário da presidência nos governos provinciais de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, foi redator de vários jornais importantes do Rio Grande do Sul, tendo deixado publicada a biografia *Vigário José Inácio de Carvalho Freitas* (1877). É mencionado em *A mão afro-brasileira*, livro organizado por Emanoel Araújo (1988).

BITUCA (1930-96). Pseudônimo do músico brasileiro Edgard Nunes Rocca, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Percussionista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro durante 35 anos e um dos mais completos músicos em sua especialidade, foi o único brasileiro a integrar a Filarmônica Mundial, na qual permaneceu durante onze anos. Na música popular, foi o criador de uma escola de bateristas com fortes raízes no samba, que se evidenciou com a bossa nova. Professor, formou grande parte dos músicos atuantes em orquestras e conjuntos do Rio de Janeiro, implantou revolucionários métodos de ensino e deixou publicados quatro livros sobre percussão.

BIZANGO. Entre os praticantes do vodu, sociedade secreta supostamente dedicada a ritos de zumbificação.

BLACK ATHENA. Livro de autoria do linguista e cientista social Martin Bernal, publicado em 1987 pela Rutgers University Press, com o subtítulo *The Afroasiatic roots of classical civilization*. Documenta com riqueza de detalhes os fundamentos não europeus da civilização greco-romana, tendo se tornado um clássico do afrocentrismo*.

BLACK, BROWN AND BEIGE. Suíte orquestral composta por Duke Ellington* com o objetivo de descrever a evolução do jazz ao longo de quatro movimentos: 1) "Work song"; 2) "Come Sunday (Spiritual)"; 3) "The blues"; 4) "West Indian dance, Emancipation celebration, Sugar Hill penthouse". A primeira parte – *Black* – mergulha fundo no passado, traçando as ligações entre as canções de trabalho e os cânticos religiosos; a segunda – *Brown* – enfatiza a contribuição dada pelos negros aos respectivos países, representada pelo sangue e pela heroica liderança de Toussaint L'Ouverture*, por exemplo. A terceira parte – *Beige* – remete às realizações dos negros nos campos científico, artístico e educacional e na luta por liberdade e dignidade.

BLACK BOURGEOISIE **(Burguesia Negra).** Expressão usada nos Estados Unidos, geralmente de modo pejorativo, para identificar o conjunto de indivíduos e famílias negras, de classe média ou aspirantes a essa condição social, que, preocupados apenas com seus status e ascensão, não se engajam nas lutas pela inserção social da comunidade negra como um todo. O fenômeno é observado em toda a Diáspora, inclusive no Brasil.

BLACK CARIBS. *Ver GARÍFUNAS.*

***BLACK CHURCH, The* (Igreja Negra).** Denominação sob a qual é mencionado, nos Estados Unidos, o conjunto das diversas congregações cristãs protestantes inteiramente mantidas, controladas e frequentadas por fiéis afro-americanos. Sua gênese remontaria ao ano de 1794, com a fundação, na Filadélfia, do embrião da African Methodist Episcopal Church (AME, Igreja Episcopal Metodista Africana, denominação oficializada em 1816), por Richard Allen*, como reação à discriminação sofrida no templo que frequentava. Entretanto, a história registra a anterior criação da First African Baptist Church, de George Liele*, por volta de 1780. No início do século XIX, outros líderes, como Peter Spencer, no Delaware, e James Varick, em Nova York, incentivaram negros discriminados a abandonarem suas igrejas originais a fim de se reunirem em congregações próprias. Nasciam, então, numa sequência, as pioneiras African Methodist Episcopal Zion Church (1821), dissidente de uma seção da AME, controlada por brancos em Nova York; Christian Methodist Episcopal Church (1870); Church of God in Christ (1895); National Baptist Convention, USA, Inc. (1895); Apostolic Overcoming Holy Church of God (1919); African Orthodox Church (1921), braço religioso do movimento pan-africanista de Marcus Garvey*. Em 1906, com a fundação da Pentecostal Assemblies of the World, Inc., William Seymour* lança os fundamentos de um novo pentecostalismo, com base naquele criado por Charles Parham. Partindo da tradição hebraica mas pertencendo, de acordo com algumas correntes, a um universo filosófico tipicamente africano, expresso sobretudo por intermédio da música, parte da *Black Church* reivindica, desde a década de 1960, uma teologia negra, segundo a qual Jeová e Cristo são vistos por uma perspectiva africana. Da mesma forma, a partir dos anos de 1980, difundia-se, no seio dessas igrejas, um pensamento teológico feminista, visando combater, pela fé, discriminações não só de raça, mas também de classe e sexo. *Ver PROTESTANTISMO NEGRO.*

BLACK CODES. Denominação que receberam as normas comportamentais e de relações de trabalho impostas pelos donos das plantations do Sul dos Estados Unidos aos escravos sob seu domínio. O nome abrange, também, os textos legislativos por meio dos quais oito

estados sulistas tentaram, mesmo depois da emancipação, negar o acesso dos trabalhadores negros a empregos dignos e bem remunerados.

BLACK DAVIDSON. *Ver DAVIDSON, William.*

BLACK ENGLISH. Denominação do crioulo ou semicrioulo inglês falado por negros norte-americanos.

BLACK ENTERTAINMENT TELEVISION (BET). Rede de televisão a cabo fundada nos Estados Unidos em 1980 e inteiramente dedicada à cultura negra. Destacando os propósitos de educar, enriquecer, fortalecer e entreter os afro- americanos, seu criador, o empresário Robert L. Johnson, foi o primeiro afrodescendente a figurar na lista das maiores fortunas de seu país.

BLACK FAMILY REUNION. Reunião da Família Negra. *Ver PAN-AFRICANISMO.*

BLACK FARMERS. Expressão que identifica, na literatura histórica norte-americana, os ex-escravos que, após a abolição da escravatura, tiveram formalmente reconhecida a titularidade das propriedades rurais que ocupavam.

***BLACK FREEMASONRY* (Maçonaria Negra).** *Ver HALL, Prince.*

BLACK INDIANS. *Ver MARDI GRAS INDIANS.*

***BLACK IRISH* (irlandeses negros).** Qualificação pejorativa aplicada aos negros jamaicanos portadores de sobrenomes de origem irlandesa, como McKay, McKeen, Collins, McCormack, Kennedy, McDermott, Walsh, Burke etc. A origem desses nomes, alguns dos quais foram levados para os Estados Unidos por imigrantes jamaicanos, remontaria à segunda metade do século XVII, quando os ingleses, ao conquistar a Jamaica, enviaram para lá contingentes de irlandeses “indesejáveis” (conforme Charles L. Blockson e Ron Fry, 1991).

BLACK IS BEAUTIFUL. Espécie de divisa ou slogan do Black Power*, movimento de afirmação política e cultural dos negros norte-americanos na década de 1960.

BLACK JEWS. Denominação pela qual são conhecidos grupos político-religiosos existentes nos Estados Unidos desde a década de 1880. Os “judeus negros” combinam em sua prática elementos do nacionalismo negro* com

princípios e símbolos judaicos. Embora se identifiquem com os falachas*, representam, segundo a enciclopédia *Africana*, um fenômeno diferente.

BLACK MUSLIMS. Movimento político-religioso americano que originou a Nação do Islã*.

BLACK NEWS. Jornal quinzenal, de curta duração, fundado no Rio de Janeiro em abril de 1998, sob a responsabilidade editorial da jornalista Luiza Félix.

BLACK PANTHER PARTY FOR SELF DEFENSE. *Ver PANTERAS NEGRAS.*

BLACK PATTI. *Ver JONES, M. Sissieretta.*

BLACK PEOPLE. Revista mensal dedicada à comunidade negra, fundada no Rio de Janeiro em junho de 1995. Também de curta duração, sua fundadora foi a empresária afro-brasileira Cátia Lopes de Souza.

BLACK POWER. *Ver PODER NEGRO.*

BLACK RENAISSANCE. Movimento literário e político surgido nos Estados Unidos em 1918, no rastro das ideias de W. E. B. Du Bois* e Booker T. Washington*, com o objetivo, segundo seu programa, de "afirmar a dignidade do homem negro, não mais em função de sua maior ou menor semelhança com o mundo branco, mas como Negro; afirmar a liberdade de o Negro se expressar tal como é e sempre foi; defender seu direito ao trabalho, ao amor, à igualdade e ao respeito; assumir sua cultura, seu passado de sofrimento e sua origem africana". O movimento se nutria de ideologias como a do pacifismo de Gandhi, da justiça cristã e da revolução do proletariado, expressa no comunismo. Foi a primeira iniciativa política negra a atrair a atenção mundial e teve como impulsionadores, entre outros, os poetas Langston Hughes*, Countee Cullen*, Claude MacKay, Sterling Brown* e Jean Toomer.

BLACK RIO. Movimento sociocultural que eclodiu nos subúrbios do Rio de Janeiro na década de 1970. Surgiu no rastro dos movimentos de afirmação dos negros norte-americanos e da moda da soul music*, tendo sido contestado como imitação colonizada; depois, estruturou-se como aglutinador da juventude negra e serviu como base para a politização e a conscientização que se seguiram. *Ver MOVIMENTO NEGRO.*

BLACK SOUSA, The (O Sousa Negro). Epíteto com que foi distinguido Egbert Thompson, compositor e regente da Johnson's Military Band, banda militar americana atuante em Nova York, por volta de 1890. A qualificação tem como referência John Philip Sousa (1854-1932), célebre por suas marchas militares, entre as quais *Stars and strips forever* e *Semper fidelis*.

BLACK STAR LINE. Denominação da marinha mercante criada por Marcus Garvey* com o propósito de promover a ligação marítima entre a África e a América, e efetivar seu ideário pan-africanista.

BLACK THEATRE COOPERATIVE. Companhia teatral criada em 1979 em Brixton, bairro negro de Londres, por filhos de imigrantes caribenhos e africanos. Realizou temporadas em Londres, New Castle, Cambridge, Liverpool, Oxford e Edimburgo (Escócia).

BLACK UHURU. Grupo vocal-instrumental de reggae criado em 1975, na Jamaica, por Derrick "Duckie" Simpson, Rudolph "Garth" Dennis e Don Mc Carlos. Em 1990, depois de várias modificações, o grupo retomou a formação original para ocupar um importante lugar na cena pop internacional.

BLACK WORLD. *Ver NEGRO DIGEST*.

BLACK WRITER IN AFRICA AND THE AMERICAS, The. Obra publicada em Los Angeles, EUA, em 1973, pela editora Hennessey & Ingalls e sob organização de Lloyd W. Brown. Inclui um texto de Frederic Litto sobre o teatro afro-brasileiro intitulado "Some notes on Brazil's black theatre".

BLACKAMOOR. Termo da língua inglesa, outrora usado com a acepção de "negro". Sua origem é a mesma da palavra "mouro", em português, e dos antropônimos Murray, Morris, Morel, Morelli, Moreel, Morrison, Moreau etc., todos resultantes da influência mourisca na Europa medieval. *Ver MOUROS*.

BLAKE, [James Hubert, dito] **Eubie** (1883-1983). Músico americano nascido em Baltimore, Maryland. Filho de ex-escravos, começou a tomar lições de piano aos 6 anos de idade e, mais tarde, estudou composição. A partir de 1915, quase sempre em dupla com Noble Sissle*, passou a trabalhar como compositor e pianista de espetáculos musicais, como os

célebres *Shuffle along* e *Chocolate dandies*. Nos anos de 1930, em bem-sucedida dupla com Andy Razaf*, compôs o sucesso *Memories of you*. Considerado um dos mestres do ragtime*, foi também autor de *You were meant for me*, um clássico do cancioneiro popular internacional, e apreciado pianista de temas eruditos. Em 1978, com o musical *Eubie!*, foi celebrado na Broadway.

BLAKEY, Art (1919-90). Baterista americano, um dos grandes nomes do jazz de todos os tempos. Integrou as bandas de Fletcher Henderson* e Billy Eckstine* e em 1954 criou seu próprio grupo, The Jazz Messengers, de papel marcante na história do estilo conhecido como bebop.

BLANCO, Andrés Eloy (1897-1955). Poeta e político venezuelano nascido em Cumaná e falecido no México, país onde se exilara. Universitário, liderou ações estudantis contra as ditaduras de Cipriano Castro e Juan Vicente Gómez, permanecendo preso de 1928 a 1936. Com a subida ao poder de Rómulo Gallegos, participou da redação da Constituição venezuelana de 1947. Sua obra poética, de forte cunho nacionalista, inclui os livros *Tierras que me oyeron* (1921), *Poda* (1934) e *Malvina recobrada* (1937). É autor da letra do célebre bolero *Angelitos negros**, cujo texto é uma adaptação de seu poema “Píntame angelitos negros”, antologizado por Emilio Ballagas (1946).

BLAND, [Robert Calvin, dito] **Bobby.** Cantor americano nascido em Rosemark, Tennessee, em 1930, e criado em Memphis. Lançado no início dos anos de 1950, foi, no pós-guerra, com sua voz suave e bem timbrada, juntamente com B. B. King* e Junior Parker, o cantor de blues preferido do público negro de sua geração.

BLANTON, Jimmy (1921-42). Músico americano nascido em Saint Louis, Missouri. Contrabaixista da orquestra de Duke Ellington*, seu prodigioso talento, como acompanhante e solista, revolucionou as técnicas de execução do contrabaixo, ampliando suas possibilidades harmônicas e melódicas.

BLAXPLOITATION. Denominação depreciativa criada pela união dos vocábulos *black* (“negro”) e *exploitation* (“exploração”) para designar um subgênero cinematográfico, à base de violência e sexo, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, produzido por negros e dirigido à própria

comunidade afrodescendente. Seu primeiro exemplar foi *Shaft*, de 1971, dirigido por Gordon Parks Jr. (*ver PARKS, Gordon*) e estrelado pelo ator Richard Roundtree.

BLECAUTE (1919-83). Nome artístico de Otávio Henrique de Oliveira, cantor e compositor popular brasileiro nascido em Espírito Santo do Pinhal, SP, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. A partir de 1949, na Rádio Nacional, tornou-se um campeão de sucessos carnavalescos. Em 1950, incorporou o personagem "General da Banda", título de um samba de inspiração umbandista, de autoria de Tancredo Silva* e outros, tornando-se figura marcante do carnaval carioca.

BLEDSOE, [Julius C., dito] **Jules** (1898-1943). Cantor lírico americano nascido em Waco, Texas, e falecido em Hollywood, Califórnia. Formado em História e Música (composição e piano) em 1918, deu início à sua carreira profissional em 1924. Barítono, tornou-se conhecido pelo papel de "Joe" no famoso musical *Show boat*, de Jerome Kern, em 1927. Contratado do Roxy Theater, foi o primeiro artista negro a atuar na Broadway em caráter permanente.

BLIND LEMON JEFFERSON (1897-1930). Músico americano nascido em Freestone County, Texas, e falecido em Chicago, Illinois. O mais antigo cantor e guitarrista do blues a ter a voz registrada em disco, entre 1922 e 1927 gravou cerca de quarenta obras do gênero. Sua influência se faz presente na obra de inúmeros artistas do blues.

BLOCO AFRO. Tipo de agremiação carnavalesca surgida em Salvador, BA, nos anos de 1980, com o objetivo de reafricanizar o carnaval de rua da capital baiana. Por meio de temas que buscam uma conexão direta com a África, bem como a afirmação da negritude, foram responsáveis pela criação de uma nova estética. Como acentua João J. Reis (1993), os blocos afro reinventaram as ricas tradições da cultura negra local, "para exaltar publicamente a beleza da cor, celebrar os heróis afro-brasileiros e africanos, para contar a história dos países da África e das lutas negras no Brasil, para denunciar a discriminação, a pobreza, a violência no dia a dia do negro". Além disso, estruturaram uma nova linguagem musical, que se expressa na chamada axé-music*, um gênero musical que se tornou de domínio nacional. A atuação de vários deles, transcendendo o âmbito do carnaval,

estendeu-se ao trabalho de recuperação, preservação e valorização da cultura de origem africana e de desenvolvimento comunitário. Nesse sentido, o trabalho do Olodum*, por exemplo, ganhou dimensão e reconhecimento internacionais. *Ver ILÊ AIYÊ*; *PÂNDEGOS D'ÁFRICA*.

BLONDY, Alpha. Nome artístico de Seydou Koné, músico nascido na Costa do Marfim, em 1953. Depois de estudar e trabalhar na França e nos Estados Unidos, tornou-se um dos grandes nomes do reggae em âmbito internacional. Em 1986, no Festival de Marrakech, cantou em hebraico para uma plateia de muçulmanos e, logo em seguida, em Israel, gravou um clipe cantando em árabe. Unindo os princípios do rastafarianismo* à sua cultura ancestral mandinga, sua obra prega a paz, a justiça social e a harmonia entre todas as culturas e religiões.

BLOOD ON THE FIELDS. Peça jazz-operística para catorze instrumentistas e três cantores composta por Wynton Marsalis*, cuja estreia ocorreu em fevereiro de 1997, no Lincoln Center, em Nova York. Considerada uma obra inovadora, a peça conta a trajetória dos africanos Jesse e Leona, personagens fictícios, ele um nobre e ela uma mulher do povo, vindos como escravos da África para as plantações de algodão no Sul dos Estados Unidos.

BLUE BEAT. Nome dado ao ska jamaicano na Inglaterra.

BLUE NOTE. Acorde pianístico que caracteriza a música negra norte-americana obtido por meio das teclas natural e bemol da terça e da sétima soando simultaneamente.

BLUEFIELDS. Região do litoral caribenho na Nicarágua habitada por vasta população *garífuna**.

BLUES. Expressão musical, vocal e instrumental, dos negros do Sul dos Estados Unidos, caracterizada em geral pelo andamento lento e pelo uso de acordes abemolados. Também, estilo de interpretação jazzística oriundo dessa expressão. O termo é redução da expressão *blue devils*, que dá nome a um sentimento de depressão e tristeza. **Estrutura:** No sentido mais ortodoxo, o tipo de canção que se conhece como blues é um poema musicado à base de versos de doze sílabas, divididos em tercetos, segundo o esquema AAB, em que o último verso rima com o primeiro, que é repetido em seguida. Após cada frase cantada, o intérprete, comumente um

instrumentista, responde e sublinha com seu instrumento o que acabou de dizer, utilizando uma sequência harmônica frequente, com base em três acordes, primeira, quarta e quinta. As letras são quase sempre na primeira pessoa do singular, comentando, por meio de um olhar irônico ou melancólico, fatos da vida cotidiana, desilusões amorosas etc. **Estilos:** Nascido provavelmente no fim do século XIX na região chamada "do Delta", entre os rios Mississippi e Yazoo, ao sul da cidade de Memphis, no Tennessee, seus primeiros registros fonográficos foram realizados na década de 1920. O blues floresceu em vários locais do vale do Mississippi e acompanhou os deslocamentos do povo negro do Sul dos Estados Unidos em busca de melhores condições; nessa caminhada, por força da interação com tradições musicais dos diversos lugares, inúmeros estilos surgiram. Então, ao lado do blues do Delta, rítmico, lancinante, hipnótico, às vezes sustentado por um só acorde e uma marcação obsessiva do baixo, como nas interpretações de Big Joe Turner*, há o blues da costa atlântica, impregnado de informações do ragtime*, como o de Blind Blake, Blind Boy Fuller, entre outros, bem como os estilos de Atlanta (Blind Willie McTell etc.), o do Texas (Blind Lemon Jefferson*), o de Memphis (Memphis Minnie* e Joe McCoy), o de Saint Louis (Lonnie Johnson*), o de Kansas City, definidor do swing*, e finalmente o estilo sofisticado e urbano do blues de Chicago. **Chicago blues:** Em Chicago, os estilos nascidos no vale do Mississippi se fundem num estilo-síntese, moldado à medida que as vagas migratórias, iniciadas comedidamente nas décadas de 1920 e 1930 e tornadas maciças após a Segunda Guerra Mundial, fazem nascer os bairros negros da grande cidade industrial. A busca de ascensão social e a modernização tornam incômodas as evocações da dura vida agrícola do Sul. Com Muddy Waters*, Howlin' Wolf* e outros artistas, o blues do Delta ganha uma forma basicamente orquestral, com a utilização de guitarras elétricas e outros recursos. E, na segunda metade da década de 1950, B. B. King* e T-Bone Walker*, por exemplo, fazem que o velho estilo alcance também as plateias não negras, por intermédio de músicos como os Rolling Stones e Eric Clapton (conforme *La chanson mondiale*, 1998).

BLUESMAN. Cantor, instrumentista ou compositor de blues*.

BLUEST EYE, The. Romance de estreia da escritora Toni Morrison*, publicado em 1969 e lançado no Brasil sob o título *O olho mais azul* (Companhia das Letras, 2003). Nele, a autora questiona o papel das bonecas brancas de olhos azuis na formação psicológica das meninas negras. De objeto de sonho elas se tornariam um pesadelo, atormentando essas meninas após a constatação de que só com olhos azuis poderiam exercer magia e fascínio, obtendo, em troca, carinho e meiguice. No Brasil, no final do século XX, a indústria de brinquedos – talvez sensibilizada, mercadologicamente, por esse tipo de questionamento – começava timidamente a fabricar bonecas negras. *Ver LOURO, Idealização do tipo*.

BLUFORD JR., [Guion Stewart, dito] **Guy.** Astronauta americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, em 1942. Ingressou na National Aeronautics and Space Administration (Nasa) em 1978, depois de graduar-se em Engenharia Aeroespacial e lutar no Vietnã como piloto. Em 1985, a bordo do ônibus espacial Challenger, tornava-se o primeiro negro a viajar pelo espaço sideral.

BLYDEN, Edward Wilmot (1832-1912). Líder pan-africanista nascido em Saint Thomas, nas Pequenas Antilhas. Aos 19 anos emigrou para a Libéria tornando-se, primeiro, professor no Liberia College, depois explorador e mais tarde ministro e representante diplomático na Inglaterra e na França. Foi também superintendente de educação islâmica do governo de Serra Leoa. Profundo conhecedor do árabe, do hebraico, do grego e do latim, entre suas inúmeras obras figura um famoso livro intitulado *Christianity, Islam and the negro race*, de 1887. Uma das mais extraordinárias figuras de seu tempo, foi também abolicionista influente nos Estados Unidos, país onde viveu por alguns anos e com o qual manteve estreita ligação.

BOA MORTE, Irmandade da. Tradicional confraria religiosa da cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Integrada basicamente por mulheres negras de idade avançada, a irmandade remonta ao século XIX. Sua grande festa realiza-se em 15 de agosto, dia em que as irmãs envergam seu traje de gala, composto de saia e xale pretos, forrados de roxo, em tecido semelhante ao das becas dos doutores (*ver BAIANA DE BECA*), blusas brancas de linho ricamente bordadas, chinelinhas brancas, grandes colares e brincos de ouro. Na Bahia antiga, a festa era realizada também em Salvador,

na capela da Barroquinha, com muito samba, batucada, comilanças e bebidas, além de rituais católicos.

BOAMORTE, Elpídio (séculos XIX-XX). Financista brasileiro. Diretor-geral do Tesouro Nacional e depois diretor da Fazenda do Distrito Federal, foi figura conhecida e estimada no bairro de Vila Isabel, nos anos de 1930. Seu nome batizou uma rua carioca, nas proximidades da Praça da Bandeira.

BOATENG, Paul. Político inglês nascido em Londres, em 1951, filho de pai ganense e mãe escocesa. Formado em Direito pela Universidade de Bristol, de 1977 a 1981 trabalhou como assessor jurídico no Greater London Council, órgão governamental da cidade de Londres. Em 1987 foi eleito para o Parlamento pelo Labour Party e, dez anos mais tarde, nomeado ministro da Saúde, tornava-se o primeiro negro a integrar o conselho de ministros na Inglaterra.

BOBBIN. Na Jamaica, coro de cantores de um *diggin' match**.

BOBINJIRA. Variante de Bombonjira*.

BOBÓ [1]. Iguaria da culinária afro-brasileira; espécie de purê de aipim ou inhame. A origem do vocábulo está em *mbombo*, "mandioca amolecida", com ou sem casca, termo encontrado igualmente no quicongo e no quimbundo. Em Angola, o pirão de farinha de mandioca é justamente chamado de "funje* de bombó".

BOBÓ [2]. Prato à base de feijão-mulatinho, banana-da-terra ou fruta-pão, azeite de dendê e pimenta. O termo origina-se, provavelmente, no fulâni *bovo*, como proposto por Renato Mendonça (1948). *Ver BOBÓ [1].*

BOBÓ, Seu. Nome pelo qual se fez conhecido José Bispo dos Santos, babalorixá baiano nascido em 1916. Radicado no Rio de Janeiro de 1950 a 1958, transferiu-se, em seguida, para a cidade de Santos, no litoral paulista, onde fundou aquele que é considerado o mais antigo terreiro de candomblé do estado de São Paulo.

BOBOQUETE. Cachimbo com canudo longo de taquari fumado pelos voduns. Pessoa de Castro (1976) consigna origem no fongbé. Considere-se, nesse idioma: *gblô-gblô*, "amplo"; *titê*, "inflado", "crescido", "cheio".

BOÇA. Vodum mocinha da Casa das Minas*, alegre e brincalhona.

BOCABAJO. Nome que se dava, em Cuba, à pena de flagelação de escravos que consistia em colocá-los no solo, em decúbito ventral, para

serem chicoteados nas costas.

BOCA-DE-CALÇA. Golpe da capoeira em que o atacante se abaixa e segura a perna do adversário para derrubá-lo.

BOÇAL. Qualificativo aplicado no Brasil ao negro escravo recém-chegado da África que se expressava somente por meio da língua materna, por não entender nem falar a língua portuguesa. Nas Antilhas e no Sul dos Estados Unidos, o termo correspondente é *bossal*, e nas colônias espanholas, *bozal*.

BOÇALABE. O mesmo que Boça*.

BOCOR. Título sacerdotal do vodu haitiano. O nome parece se relacionar a *bokonon*, título dos sacerdotes de Fa (divindade da adivinhação) entre o povo fon do antigo Daomé.

BOCÚ. Tambor congo usado nas *comparsas** de Santiago de Cuba. Ostenta uma só pele, pregada sobre uma barrica ou tonel de madeira e tensionada a fogo.

BOÇU. Elemento que compõe o nome de várias entidades integrantes do sistema nagô, da jurema e suas variantes, como Boçu Memeia e Boçu Temeia. O termo parece ter origem no fongbé *bôtchio*, "ídolo", "vodum", correspondente ao twi *obosom*.

BOÇU RUNDOLEME. Nome privado de dona Rita de Bedigá, noviche da Casa das Minas*.

BOÇUCÓ. Vodum masculino da Casa das Minas* que tem a propriedade de transformar-se em cobra e ocultar-se em cupinzeiros. O termo, certamente do fongbé, parece se originar nos vocábulos *bôtchio*, "vodum", e *ko*, "terra", "argila", para significar algo como "espírito da terra".

BODE. Termo altamente difamatório com que no Brasil pré-republicano se designava o mestiço de africano.

BOFÓ. Inhame-bravo. Palavra de origem africana introduzida no português do Brasil (conforme *Grande enciclopédia Delta-Larousse*, 1970).

BOGLE, Paul (c. 1822-65). Líder revolucionário jamaicano. Ex-escravo e analfabeto, trabalhou incansavelmente pelos direitos civis do povo afro-jamaicano. Enérgico e hábil, foi um dos líderes da Rebelião de Morant Bay* em outubro de 1865, tendo sido preso e enforcado. Em 1969 foi proclamado herói nacional de seu país.

BOGOYANA, VIGOYANA e SAMEDONA. Trindade de entidades espirituais presente em alguns cultos africanos de Trinidad e Tobago. Não são recebidas nas casas mais ortodoxas e, quando aparecem, são acalmadas ou afastadas pela aposição de azeite na cabeça do médium. São representadas como pigmeus de olhos vermelhos e correspondem, provavelmente, pela aparência descrita, às entidades conhecidas como surrupiras, na mina maranhense (conforme Mundicarmo Ferretti, 2000).

BOGUM. *Ver ZOOGODÔ-BOGUM-MALÊ-RUNDÓ.*

BOHÍO. Na América colonial espanhola, espécie de aldeia-dormitório dos escravos das fazendas com cabanas de barro e palha.

BOIADEIRO. Entidade dos candomblés de caboclo, na umbanda também referida como Caboclo Boiadeiro, Seu Boiadeiro e Navizala. Veste, em geral, traje de vaqueiro nordestino, com gibão, chapéu e outros acessórios e apetrechos de couro.

BOIS D'ÉBÈNE. Denominação aplicada aos escravos nas Antilhas Francesas. Literalmente, "ébano*".

BOIS-CAÏMAN. Localidade, no Haiti, próxima a Morne Rouge. Na noite de 14 de agosto de 1791 foi palco de uma cerimônia de vodu que precedeu a Revolução Haitiana. Segundo a tradição, durante sua realização o líder revolucionário Dutty Boukman* teria pronunciado uma oração de grande força e impacto que ficou conhecida como o "Sermão de Bois-Caïman".

BOISROND-TONNERRE (1776-1806). Escritor haitiano, é o autor de *Mémoires pour servir à l'histoire d'Haïti*, precioso documento histórico sobre a guerra da independência. Secretário de Toussaint L'Ouverture*, foi redator dos projetos do Ato de Independência e da Constituição haitiana.

BOJANGLES. *Ver ROBINSON, Bill "Bojangles".*

BOKONO. Entre os *ararás* cubanos, o mesmo que babalaô*. Do fongbé *bokonon*, "adivinho".

BOKOR. Variante de *bocor**.

BOLA DE NIEVE (1911-71). Nome artístico de Ignacio Jacinto Villa y Fernández, pianista, cantor e compositor cubano nascido em Guanabacoa e falecido na Cidade do México. Admirado por artistas e intelectuais como Pablo Neruda, Ernesto Lecuona e Nicolás Guillén*, foi um dos maiores autores e intérpretes da canção popular cubana. Cançonetista refinado, suas

interpretações, principalmente das canções sobre temas negros, são magistrais.

BOLA SETE (1923-87). Nome pelo qual se tornou conhecido o guitarrista brasileiro Djalma de Andrade, nascido na cidade do Rio de Janeiro e falecido na Califórnia, Estados Unidos. Com carreira iniciada nos anos de 1940 e intensa atuação na noite carioca, em 1959 radicou-se nos Estados Unidos, onde atuou ao lado de nomes como Dizzy Gillespie* e se firmou como grande instrumentista, gravando cerca de dez discos solo, nos quais demonstrou o ecletismo de seu talento, ao interpretar obras de Bach aos Beatles, passando pelo repertório do jazz e da bossa nova.

BOLDEN, Buddy (1868-1931). Nome artístico de Charles Bolden, trompetista americano nascido provavelmente em Nova Orleans. Integrante da primeira orquestra de jazz conhecida, foi o precursor e influenciador de instrumentistas como King Oliver* e Louis Armstrong*. Entretanto, internado num sanatório para doentes mentais de 1907 até a morte, não deixou nenhum registro de suas performances.

BOLDO (*Peltodon tormentosa*). Planta da família das labiadas, votiva de Oxalá na tradição dos orixás. Também conhecida, por suas folhas suavemente aveludadas, como "tapete-de-oxalá", é uma das folhas que integram o omi-eró* nos rituais de iniciação. Em iorubá recebe o nome de *ewé bàba* ("folha de papai"), em homenagem ao importante orixá a que pertence.

BOLERO CUBANO. Gênero de canto e dança surgido do amálgama do bolero espanhol com o *son** afro-cubano, em Santiago de Cuba, no final do século XIX, por obra principalmente do pioneiro José "Pepe" Sánchez*, considerado o pai do gênero. Chegado ao Brasil, por intermédio do México, nos anos de 1940, incorporou-se definitivamente à música popular brasileira, inclusive influenciando alguns gêneros nativos. Alguns de seus grandes nomes são os afrodescendentes Benny Moré*, Bienvenido Granda*, Bola de Nieve*, César Portillo de la Luz* e José António Méndez*.

BOLINHOS DE IANSÃ. Iguaria doce da culinária da Bahia à base de fubá de milho e ovos.

BOLÍVAR, Simón (1783-1830). Nome abreviado de Simón José Antonio de la Santíssima Trinidad Bolívar y Palácios, general e político nascido em

Caracas, na atual Venezuela, e falecido em Santa Marta, na atual Colômbia. Líder da luta de independência dos países sul-americanos contra o domínio espanhol no século XIX, recebeu o epíteto de "O Libertador". Filho de família patriarcal, teve contudo suas origens étnicas assim traçadas pelo insuspeito escritor colombiano Gabriel García Márquez, no livro *O general em seu labirinto* (Record, 1989, p. 184): "Tinha uma linha de sangue africana, de parte de um tataravô paterno que fez um filho numa escrava, e isso era tão evidente em seus traços que os aristocratas de Lima o chamavam El Zambo. Mas à medida que sua glória aumentava, os pintores o idealizavam, lavavam-lhe o sangue, o mitificavam, até que o implantaram na memória oficial com o perfil romano de suas estátuas". *Ver HIPÓLITA; ZAMBO.*

Simón Bolívar

BOLÍVIA, República da. Localizada no Centro-Oeste da América do Sul, os números atuais de sua demografia não registram afrodescendentes. Entretanto, durante a colonização, o país também recebeu escravos negros. O nome atual, "Bolívia", foi dado apenas em 1825; antes, o território havia sido chamado sucessivamente de Nueva Toledo, Los Charcas (ou Audiencia de la Plata) e Alto Perú. Sob essas denominações, recebeu consideráveis influxos de trabalhadores africanos, destinados a trabalhos nas minas de Potosí e nas plantations de Yungas, Mururata etc. **Rebeliões:** A história boliviana igualmente registra rebeliões de negros, como a ocorrida em La Paz em 1805, e mesmo a participação de negros em movimentos sediciosos indígenas, como o de Tupac Catari, em 1785. Em 1825 uma lei declarou livres todos os indivíduos nascidos na Bolívia a partir de 6 de agosto. Mas a abolição total da escravidão só veio com a Constituição de 1851, e, a partir de então, o elemento negro diluiu-se na população geral. *Ver GONZÁLEZ, Gregorio*; *QUITACAPAS, El*; *YUNGAS*.

BOMA. Porto no baixo rio Zaire que, à época do tráfico negreiro, sediou um grande mercado de escravos.
BOM BOM. Trompa de bambu de Dominica e Young Island, nas Antilhas.
BOM JESUS DE PIRAPORA, Festa de. *Ver PIRAPORA DO BOM JESUS.*
BOMBA. Gênero musical de Porto Rico e da República Dominicana à base de coro e solo, acompanhado de tambores, *claves* e maracas. Tradicionalmente, era música e dança praticada por *cimarrones*, e hoje é, sobretudo, típica das festas de Santiago Apóstol, na cidade porto-riquenha de Loíza, de forte cultura africana. Formas variantes do gênero são: *cuembé*, *mariandá*, *cucalambé*, *curiquinqué*, *guateque*, *bambulé* (*bamboula**), *calindé* (*calinda**), *cunyá*, *guasimé*, *leró*, *sicá*, *candungué* (candongueiro*), *mendé*, *holandés*, *mariangola*. O nome (provavelmente do quicongo *mbombo*, "tamanho") advém de um antigo tambor de origem africana que conduzia canto e dança primitivos.
BOMBA LARGA. Ritmo de base da *bomba** porto-riquenha.
BOMBA, Quilombo do. Reduto quilombola existente entre os antigos municípios de Iguaçu e Estrela, na Baixada Fluminense, e destruído em 1878. A denominação deve-se, certamente, ao nome ou apelido do líder. Observe-se a ocorrência, no quicongo, do antropônimo masculino Mboma. *Ver BOMA.*
BOMBAS. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Juquiá, SP.
BOMBÓN CORONADO (século XX). Nome pelo qual foi conhecido Alex Rey, pugilista peruano nascido em Icá. Glória do esporte em seu país, foi o maior boxeador peruano em seu tempo. Algumas fontes mencionam seu nome como José "Bombón" Coronado.
BOMBONJIRA. Em terreiros bantos do Rio de Janeiro e da Bahia, entidade correspondente ao Exu* iorubano.
BOMBÚ, Ignacio (1914-73). Cantor e guitarrista cubano, um dos mais populares de seu tempo, também foi conhecido, nos anos de 1930, como "Pucho, el Pollero", pelo fato de vender, nas ruas de Santiago de Cuba, frangos (*pollos*), apregoando a mercadoria com sua voz bem timbrada.
BOMMA. Cantor solista de um *diggin' match**.

BONAIRE. Ilha do arquipélago de Barlavento, nas Antilhas Holandesas*.

BOND, Julian. Político norte-americano nascido em 1940. Ativista dos direitos civis, dirigente do NAACP* e congressista, foi um dos principais colaboradores de Martin Luther King*.

BONECA DE ALODÊ. Expressão usada, ironicamente, pelo povo do candomblé para designar qualquer pessoa afetada, presunçosa, pernóstica, em suposta remissão ao babalotim*, o boneco ou boneca do afoxé. *Ver IALODÊ.*

BONECAS LOURAS. *Ver BLUEST EYE, The.*

BONFIM, Festa do. Celebração do calendário afrocatólico realizada na primeira quinzena de janeiro, em Salvador, BA. Na segunda quinta-feira do mês, um cortejo de milhares de pessoas sai da igreja da Conceição da Praia e percorre cerca de oito quilômetros até as escadarias da igreja do Bonfim. Lá, as baianas procedem à lavagem dos degraus e do adro, ponto alto da festa, numa cerimônia que se relaciona com o ritual das Águas de Oxalá*. Paralelamente, ocorre a festa de largo*, com muita música e diversão. Na cidade do Rio de Janeiro, desde 1992, uma réplica da lavagem é realizada na igreja do Bonfim, no bairro de São Cristóvão, por iniciativa da ialorixá baiana Edelzuíta de Lourdes S. de Oliveira, a Mãe Idelzuíta.

BONFIM, Joaquim Soares do (século XX). Militar brasileiro nascido na Bahia. Após a Guerra do Paraguai*, embora condecorado como herói nacional por seus feitos no conflito, alegou-se que era propriedade de um certo major Vieira Machado, sendo, por isso, detido e mantido encarcerado em Três Rios, RJ, até a decisão da contenda, resolvida a seu favor por intervenção direta do então ministro da Guerra, o barão de Muritiba. Conhecido também como “José Maria”, é igualmente mencionado como Joaquim Soares de Assunção.

BONFIM, Martiniano Eliseu do (1858-1943). Babalaô nascido na Bahia, de nome africano Ajimudá. Nascido livre, com 14 anos acompanhou seu pai, ex-escravo, no retorno a Lagos, Nigéria, onde trabalhou como marceneiro. Por volta de 1883, retorna à Bahia portando altos títulos sacerdotais da tradição dos orixás e torna-se uma das personalidades mais respeitadas da comunidade afro-baiana. Em 1935, no Ilê Axé Opô Afonjá*, sugere a Mãe Aninha* a criação do corpo dos obás de Xangô, integrado por

amigos e protetores do terreiro. Em 1938, após o Segundo Congresso Afro-Brasileiro, foi eleito presidente da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia*.

BONGA. Nome artístico de Barcelo de Carvalho, músico angolano nascido em Kipiri, próximo a Luanda, em 1943. No ano de 1972, obrigado a deixar seu país, fixou-se na Europa, onde se tornou um dos pioneiros da difusão do som africano no Velho Continente. Sua música, fincada nas tradições angolanas e pugnadora pelos direitos civis, tem lhe rendido, principalmente em Portugal, inúmeras premiações.

BONGA, Pierre. *Ver ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Negros na conquista do Oeste].*

BONGO. Culto jamaicano aos ancestrais; nome pelo qual é também conhecido o *Convince cult**.

BONGÔ. Instrumento musical afro-cubano. Compõe-se de dois pequenos tambores, de caixas tubulares de madeira, em forma de cones invertidos, unidos pelas laterais mas com total independência acústica. O menor é chamado *hembra* (fêmea) e o maior, *macho*. Quanto ao som, é obtido por golpe direto dos dedos ou das palmas das mãos sobre as membranas. A partir da década de 1940, ganhou difusão internacional por intermédio dos Estados Unidos e do México.

BONI. Comunidade *maroon** do Suriname localizada às margens francesas do rio Maroni. Seus membros são descendentes dos *bush negroes* ou *bonni negroes* que, por volta de 1763, seguiram os líderes boni e aluku por discordarem do tratado assinado entre os djukas* e os holandeses com o propósito de pôr fim à *marronage* e sua repressão: os colonos concordaram em não perseguir mais os *maroons*, que, por sua vez, concordaram em não aceitar mais fugitivos em suas hostes. Os bonis preferiram partir para a guerra total no planalto das Guianas, proclamando a necessidade de liberar esse território de todos os imperialismos – espanhol, inglês, holandês, francês e português –, do Orenoco à Amazônia.

BONIATO. Nome cubano da batata-doce*.

BONIFÁCIO, Haroldo (1924-98). Jornalista brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Com carreira profissional iniciada em 1946 e profundamente

ligado às escolas de samba, foi um dos fundadores da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Rio de Janeiro.

BONIFÁCIO, Príncipe. Personagem lendário da história da escravidão no Equador. Segundo a tradição, teria nascido no Congo e chegado ao país em 1600, como escravo da fazenda Mururata. Reconhecido como príncipe pela escravaria, e por eles afastado do trabalho, recebeu uma casa para que vivesse comodamente com sua família. Com a morte de seu pai, em terra africana, teria recebido, de lá, coroa, cetro e capa, que conservou até sua morte, já octogenário.

BONINA (*Mirabilis jalapa*). Planta da família das solanáceas. Nos cultos afro-brasileiros, é votiva de Oyá-Iansã.

BONKÓ ENCHEMYIÁ. O maior dos tambores *abakuá**. Com quase um metro de altura, seu tocador, o *monibonkó*, senta-se sobre ele para percuti-lo. Nos cortejos, é preso ao corpo do músico por uma correia a tiracolo.

BONNEVILLE, René (1870-1902). Escritor e jornalista martinicano nascido e falecido em Saint-Pierre. Por vezes acusado de traidor da causa negra, deixou, não obstante, vasta obra literária publicada, entre poemas românticos e crônicas, numa carreira literária iniciada em 1899 e precocemente interrompida pela erupção do vulcão Mont Pelée*.

BONOCÔ, Vale do. Região de Salvador, BA; antiga denominação da avenida Mário Leal Ferreira. Segundo Miguel Santana* (Castro, 1996), o nome é alteração de Gunocô*, pois nesse local é que se realizavam as cerimônias dedicadas a essa importante divindade.

BONSU. Termo corrente da Casa de Fânti-Axânti* para designar cada uma das entidades correspondentes aos orixás ou voduns. Certamente, por alteração de bozum*: o twi *bonsu*, presente no nome do líder axânti Osei Bonsu*, tem o significado de "baleia".

BOOGALOO. Estilo musical afro surgido nos guetos hispânicos de Nova York, entre 1963 e 1968, por influência do soul e no bojo da luta pelos direitos civis dos negros. Seu disseminador foi o músico Joe Cuba.

BOOGIE-WOOGIE. Estilo de interpretação pianística que consiste na repetição, nos baixos, de desenhos harmônico-melódicos do blues*, em ostinato e com ritmo acelerado. Popular desde os anos de 1920, desenvolveu-se a partir de Chicago, fazendo surgir uma dança de mesmo

nome. O termo foi, ao que consta, usado pela primeira vez no título de uma gravação de Clarence Smith, *Pinetop's boogie-woogie*, de 1928, mas o estilo já se esboçava em antigas composições do gênero ragtime*.

BOOM 'N CHIME. Tipo de orquestra de Belize à base de tambor e sineta.

BOOM PIPE. Tromba de tambor da Jamaica, o mesmo que *bamboo bass**.

BOP. Forma abreviada de bebop*.

BORGES, Pedro Alexandrino (1864-1942). Pintor brasileiro nascido e falecido em São Paulo. Ingressou na Academia Imperial de Belas-Artes em 1887, tendo se dedicado ao gênero natureza-morta. Foi agraciado com as medalhas de ouro (1922) e de honra (1939) no Salão Nacional. É mencionado em *A mão afro-brasileira*, livro organizado por Emanoel Araújo (1988).

BORGU. Região do norte do Benin* habitada principalmente pelo povo bariba*. Na época pré-colonial, era ponto de parada na importante rota de caravanas entre as cidades-estado hauçás e o Axânti.

BORI [1]. Importante cerimônia ritual da tradição dos orixás na qual se cultua a cabeça do indivíduo, sede da razão e da inteligência, fazendo-lhe oferendas e sacrifícios. Em Cuba, os seguidores dos cultos bantos também dão de comer à cabeça (*ntu*) em ritual semelhante ao da tradição sudanesa. Do iorubá *borí*, "prestar culto à cabeça de alguém".

BORI [2]. Cerimônia religiosa praticada pelos negros hauçás na Bahia. Do hauçá *bori*, "possessão espiritual", "transe".

BORIDO. No batuque gaúcho, o mesmo que bori [1]*.

BORNO, Louis (1865-1942). Nome abreviado de Louis Eustache Antoine François Joseph Borno, poeta parnasiano, jurista e homem público haitiano nascido e falecido em Porto Príncipe. Escreveu *Code civil annoté* (1892) e *Code de commerce annoté* (1910), além da coletânea *Poèmes a Marie*. Foi presidente da República do Haiti de 1922 a 1930.

BORNO, Marc (século XVIII). Líder revolucionário haitiano.

BORNU. Nome dado no Brasil aos escravos, provavelmente das etnias kanembu, kanuri ou sao, oriundos da região do antigo Império do Bornu, próximo ao lago Chade, nos atuais territórios da Nigéria, Níger e Camarões.

BORỌ̀. No Brasil, termo de gíria que dá nome ao dinheiro e, por extensão, ao dinheiro conseguido desonestamente, ou mesmo ao dinheiro falso. Provavelmente, do iorubá *gbòrò*, "brotos de abóbora".

BOROCÔ, São. No jogo da castanha, antigo brinquedo infantil afro-baiano, fruto simbólico, velho e ressequido, colocado verticalmente junto ao buraco onde se marcam os pontos, presidindo a sorte no jogo.

BORORÓ (1898-1986). Nome artístico de Alberto de Castro Simões da Silva, compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Em 1939 estreou no disco com *Da cor do pecado*, grande sucesso na voz de Sílvio Caldas*. No ano seguinte, repetiu o feito com *Curare*, clássico do repertório de Orlando Silva*. Na década de 1950 integrou o grupo de artistas e intelectuais frequentadores das proximidades do prédio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio, convivendo inclusive com ativistas da militância negra da época. Em 1982 publicou o livro *Gente da madrugada: flagrantes da vida noturna* (Guavira Editores).

BORUTOI. Vodum masculino, velho, da Casa das Minas*.

BOSH. O mesmo que *bush negroes**.

BOSQUÍMANOS. Forma popular, em língua portuguesa, do termo "boxímanes", originário do holandês *bosjesman*, "homem da floresta". Os bosquímanos são vistos pela moderna ciência como os mais antigos habitantes do planeta e os parentes mais próximos do primeiro ancestral da humanidade. Localizados hoje na Namíbia, em Botsuana e no Norte da África do Sul, são provavelmente originários do centro do continente, de onde teriam partido para atravessar a região subsaariana, ao curso de seguidas migrações, e se estabelecer na África austral. Lá, no século XIX, sofreram o impacto da chegada dos invasores bantos vindos do Norte e dos colonos brancos vindos do Sul. Os sobreviventes refugiaram-se nas extensões desérticas do Kalahari, onde, graças ao isolamento, facilitado pela natureza inóspita da região, vivem dentro de padrões culturais semelhantes aos da Era Neolítica. Embora violentamente discriminados, os bosquímanos parecem ter experimentado alguma miscigenação com as populações bantas. Apresentando baixa estatura, pele amarelada, traços mongoloides e cabelos lanosos, rentes ao crânio, são também referidos como san, sarwa e twa. Contudo, apesar da aparência distinta, a separação dos chamados

"bosquímanos" dos demais povos negros, segundo Diop, Moore e outros, representaria uma estratégia, criada pelo "racismo científico" do século XIX, para separá-los do contexto geral e colocar contra eles as demais populações africanas. *Ver HUMANIDADE, Origens da*; *KHOIKHOI*.

BOSSA NOVA. Estilo musical desenvolvido, a partir do Rio de Janeiro, desde o final da década de 1950. Fortemente enraizado no samba mas propondo sua modernização com a inserção de padrões internacionais, seu movimento deflagrador repudiou explicitamente a africanidade do ritmo nacional brasileiro. Na década de 1960, entretanto, era gerado em seu seio o repertório rotulado como "afrossambas". E, paradoxalmente, a vertente instrumental na qual o estilo sempre se baseou, conhecida como *sambop* ou samba-jazz, revelou ou destacou o talento de inúmeros músicos afro-brasileiros.

BOSSAL. Na linguagem do vodu haitiano, o iniciado no primeiro patamar da iniciação; o mesmo que abiã*, no candomblé.

BOSSO JARA. Em São Paulo, vodum da mina maranhense visto como correspondente a Logun-Edé*.

BOTÃO-DE-SANTO-ANTÔNIO (*Eclipta alba*). Planta da família das compostas, também conhecida como surucuína. Na tradição brasileira dos orixás, pertence a Ogum.

BOTI, Regino (1878-1958). Poeta e jornalista cubano nascido e falecido em Guantánamo, na província de Oriente. Com José Manuel Poveda e Agustín Acosta, formou o trio de poetas que produziu o primeiro renascimento da poesia cubana pós-colonial. Publicou, entre outros livros, *Rumbo a junco* (1910), *Arabescos mentales* (1913) e *La torre del silencio* (1926).

BOTSUANA, República da. País localizado no Sul do continente africano, limita-se ao norte com Zâmbia e Angola, ao sul e sudeste com a África do Sul, a leste com o Zimbábue e a oeste com a Namíbia. Com capital em Gaborone, seus principais grupos étnicos são os xonas e os ndebeles, além de bosquímanos e hotentotes. A história pré-colonial de seu povo reflete os choques causados pelas migrações bantas em direção ao sul do continente e, depois, pelas incursões dos bôeres do Transvaal.

BOTTARO, Marcelino (século XX). Escritor uruguaio que se dedicou especialmente a retratar os costumes do povo negro em seu país. Seu ensaio *Rituales y candombes* figura na *Negro anthology* de Nancy Cunard, publicada em Londres em 1934.

BOUBA. Dermatose eruptiva causada pelo *Treponema pertenue* e transmitida por contágio direto. Sua ocorrência era frequente entre os escravos recém-chegados às Américas.

BOUKAN. Fogueira acesa durante as cerimônias do vodu. Provavelmente do francês *volcan*, "vulcão".

BOUKMAN EKSPERYANS. Grupo musical formado no Haiti, no final da década de 1980, sob a liderança de Theodore "Lôlô" Beaubrun Jr. e de Michel-Melthon Lynch, falecido em 1994. Nos anos de 1990, tornou-se um dos mais prestigiados conjuntos na vertente rotulada como "world music".

BOUKMAN, Daniel. Pseudônimo de Daniel Bleial, poeta nascido na Martinica, em 1936, e educado em Paris. Em 1961, durante a Guerra da Argélia, desertou do Exército francês, junto com outros jovens intelectuais antilhanos, para incorporar-se às tropas de libertação argelianas. Seus pontos de vista a respeito da negritude e do colonialismo estão claros em sua poesia, como por exemplo em *Chants pour hâter la mort du temps des Orphées*, de 1967.

BOUKMAN, Dutty (?-1791). Líder revolucionário haitiano. Nascido escravo na Jamaica, foi para o atual Haiti antes de 1791. Sacerdote do vodu, unificou no mesmo panteão todos os loás então cultuados pelos diversos grupos étnicos. Com essa unificação, aglutinou os negros de Saint Domingue em direção à luta comum. Foi o primeiro líder da Revolução Haitiana, antes de Toussaint L'Ouverture*. *Ver BOIS-CAÏMAN.*

BOULA. Tambor menor do vodu haitiano, conhecido também em Carriacou, Martinica e Saint Thomas. O nome designa também o ritmo tocado pelo tambor no *biguine**. *Ver BULÁ.*

BOULA GYEL. Técnica vocal da Martinica imitando o tambor *boula**.

BOULE ZEN. Cerimônia do vodu em que um vasilhame contendo o *ti bon ange** de uma pessoa é queimado para despachar a alma para o seu destino final.

BOURIAN. Folguedo da comunidade agudá* do Benin. O nome é transformação do português “burrinha”, que designa uma antiga brincadeira baiana, do gênero do bumba meu boi.

BOURIKI. O mesmo que *Banana English**.

BOVIANDER. Qualificativo com que, na antiga Guiana Inglesa, se designava o mestiço de negro, com índio ou com branco.

BOWE, Riddick. Pugilista americano nascido no Brooklyn, Nova York, em 1967. Campeão mundial dos pesos-pesados, conquistou o título em março de 1995 ao derrotar o inglês Herbie Hide.

BOX DRUM. Em Trinidad, o mesmo que *cajón**.

BOXE. Esporte de combate em que dois lutadores se esmurram, com luvas acolchoadas e sem dedos. Como atividade profissional, principalmente nos Estados Unidos, é importante veículo de ascensão social para os jovens negros, tendo acirrado, do ponto de vista político, a disputa entre negros e brancos. Mas, ao mesmo tempo que possibilita fama e riqueza aos pugilistas negros, o boxe comumente os estigmatiza, dando-lhes a reputação de verdadeiros brutamontes sem raciocínio, ou de personagens burlescos, sem seriedade.

BOXOJUM. O mesmo que chossum* (conforme Lody, 2003).

BOYER, Jean-Pierre (1776-1850). Político haitiano nascido em Porto Príncipe e falecido em Paris. Inicialmente, combateu a revolução de Toussaint L'Ouverture* mas, depois da proclamação da República, alinhou-se ao presidente Pétion, ao qual sucedeu. Governou o Haiti de 1822 a 1843, unificando-o, num dos governos mais longos e bem-sucedidos da história do país.

BOYZ II MEN. Grupo americano de soul e *new jack**, formado em 1988 na Filadélfia, Pensilvânia, por Michael “Bass” McCary, Wanya “Squirt” Morris, Nathan “Alex Vanderpool” Morris e Shawn “Slim” Stockman. Seus discos, lançados internacionalmente a partir de 1991, ficaram marcados pelo sucesso de vendas, rendendo ao grupo inúmeras premiações.

BOZA, Família. Família de músicos cubanos originária de Camagüey e radicada em Santiago de Cuba. O pai, Pedro Nolasco Boza, foi diretor de orquestra. Dos filhos, Antonio Boza foi compositor e violinista e Lino Boza (nascido em 1840), chefe de orquestra e clarinetista virtuoso, dirigiu a

Banda do Corpo de Bombeiros de Havana a partir de 1860, viveu por três anos no Haiti, desde 1879, e depois se mudou para o Panamá, onde fundou a Academia Musical.

BOZÓ. No Nordeste brasileiro, antiga denominação dada ao feitiço, muamba ou despacho. *Ver BOZUM*.

BOZUM. Forma brasileira para *obosom*, termo que, nas línguas do grupo acã, designa qualquer entidade espiritual ou divindade. Por extensão, passou a designar genericamente qualquer forma de encantamento ou feitiço.

BR'ER RABBIT. *Ver TÍO CONEJO*.

BRADAMUNDO (*Amomum cardamomum*). Planta da família das zingiberáceas, também conhecida pelos nomes de alevante e cardamomo, usada como aromatizante em banhos rituais. É planta de Oxalá e de Xangô, sendo, no Rio Grande do Sul, também consagrada a Exu.

BRADLEY, [Edward R., dito] **Ed.** Jornalista americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, em 1941. No ano de 1963, iniciou sua carreira no rádio, como disc jockey, tornando-se, mais tarde, correspondente internacional e um dos grandes nomes do telejornalismo investigativo em seu país.

BRADLEY, [Thomas, dito] **Tom** (1917-98). Político americano nascido em Calvert, Texas, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Neto de escravos, nasceu em uma fazenda de algodão. Em 1973, depois de ter sido tenente da polícia e membro do Conselho Municipal de Los Angeles, tornou-se o primeiro prefeito negro dessa cidade, a segunda maior dos Estados Unidos, a qual administrou por vinte anos. Sua gestão foi marcada por grandes obras que mudaram a face da cidade e por êxitos como os Jogos Olímpicos de 1984. Em contrapartida, em 1992, Los Angeles foi abalada pelo episódio envolvendo Rodney King, um caminhoneiro negro que foi espancado por policiais brancos. Nos conflitos de rua que se seguiram, morreram cinquenta pessoas, o que afetou profundamente a vida política de Bradley.

BRAGA, Evaldo (1947-72). Cantor brasileiro nascido em Campos, RJ. Menor desvalido, alcançou sucesso como cantor profissional, no gênero de canção popular rotulado como "brega". Sua morte prematura, num acidente automobilístico, aos 25 anos, o transformou em mito: até o final dos anos de

1990, seu túmulo, no Rio de Janeiro, era um dos mais visitados por fãs anônimos, no Dia de Finados.

Francisco Braga

BRAGA, [Antônio] **Francisco** (1868-1945). Compositor, regente e professor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Ingressou em 1876 no Asilo de Meninos Desvalidos, atual Colégio João Alfredo, no Rio, onde concluiu o curso de clarineta em 1886. No ano seguinte, estreou sua primeira composição orquestral e, em 1888, foi nomeado professor de música do Asilo. Em 1890, classificou-se entre os quatro primeiros no concurso por meio do qual foi escolhido o *Hino nacional*, tendo sido premiado com uma bolsa de estudos na Europa. Em Paris, onde se classificou em primeiro lugar no concurso de admissão ao Conservatório de Música, foi aluno de Jules Massenet e deu vários concertos. Entre 1895 e 1900 viveu na Alemanha, voltando ao país para as festividades do quarto centenário do Descobrimento do Brasil, das quais participou encenando sua ópera *Jupira*. Em 1906 compôs o *Hino à bandeira*, que recebeu letra de Olavo Bilac. Daí até 1933, quando problemas de saúde o limitaram à atuação como compositor e professor, teve intensa vida artística e social, tendo sido condecorado com a Legião de Honra, pelo governo francês. Catedrático de composição do Instituto Nacional de Música, deixou para a posteridade vastíssima obra, que inclui música dramática, sacra, de câmara, orquestral, para solos instrumentais e vocal.

BRAGA, Júlio [Santana] (século XX). Babalorixá e antropólogo baiano. Chefe do terreiro Axeloiá, em Salvador, era, à época desta obra, professor na Universidade Estadual de Feira de Santana e coordenador do Centro de Estudos do Recôncavo, na mesma universidade. Publicou, entre outras obras, *O jogo de búzios: um estudo da adivinhação no candomblé* (1988), *Contos afro- brasileiros* (1989) e *A cadeira de Ogã e outros ensaios* (1999).

BRAGANÇA, Manuel (século XVIII). Entalhador brasileiro atuante em Minas Gerais. É o autor da portada da igreja das Mercês de Cima, dos Crioulos, em Ouro Preto.

BRAJÁS. O mesmo que barajás*.

BRANCO DA BAHIA. Expressão outrora usada, no Brasil, para qualificar o afromestiço, de aparência pouco ou nada negroide, integrado à classe dominante ou em processo de ascensão social.

BRANCO, Joaquim Devodê (século XIX). Comerciante afro-brasileiro, dono de uma das maiores fortunas de Lagos, Nigéria, na segunda metade do século referido.

BRANCO, Waltel. Músico brasileiro nascido em Paranaguá, PR, em 1929. Diplomado em violoncelo e violão pela antiga Escola Nacional de Música e discípulo do mestre espanhol Andrés Segóvia (conforme a *Grande enciclopédia Delta-Larousse*, 1970), na década de 1950 viveu nos Estados Unidos, onde trabalhou com o prestigiado violonista Laurindo de Almeida. De volta ao Brasil, destacou-se como guitarrista de jazz, compositor de trilhas para cinema e TV, e como arranjador e regente na Rede Globo de Televisão.

BRANCURA (?-*c.* 1935). Nome pelo qual foi conhecido o sambista Sílvio Fernandes, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Um dos fundadores da sociedade carnavalesca Deixa Falar*, teve sambas gravados por Mário Reis e Francisco Alves.

BRAND, Dionne. Escritora nascida em Trinidad e Tobago, em 1953. Autora de poemas e narrativas curtas, destacou-se no combate à discriminação racial e de sexo, em obras como *Primitive offense* (1980), *Chronicles of a hostile sun* (1984) e *Sans Souci and other stories* (1988).

BRANDÃO, Francisco Gomes. *Ver JEQUITINHONHA, Visconde de.*

BRANDÃO [da Silva]**, Leci.** Compositora e cantora brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1944. Com carreira discográfica iniciada em 1974, ingressou nesse mesmo ano na ala de compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, tornando-se, na época, uma das poucas mulheres a integrar esse círculo, então fechado, do samba carioca. Destacou-se, também, por seu posicionamento firme em relação à questão negra no Brasil.

BRANDÃOZINHO (1925-2000). Nome pelo qual foi conhecido Antenor Lucas, jogador brasileiro de futebol nascido em Campinas, SP, e falecido na capital do mesmo estado. Centromédio, integrou várias vezes a seleção nacional nos anos de 1950, tornando-se depois técnico de futebol.

BRANDINA (século XIX). Abolicionista brasileira atuante em Santos, SP. Proprietária de uma pensão no centro da cidade, apoiou, inclusive monetariamente, escravos que buscavam refúgio na Baixada Santista e quilombolas como Santos Garrafão, líder, na segunda metade do século XIX, de um dos maiores redutos da região.

BRANQUEAMENTO. *Ver BRASIL, República Federativa do [População negra]*.

BRASIL HOLANDÊS. Nome pelo qual passou à história o período de 1630 a 1654, no qual parte do território do Nordeste brasileiro esteve sob o domínio comercial e militar da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais*. Esse domínio teve como consequência a multiplicação do número de fugas de escravos, motivadas principalmente pelo cruel tratamento recebido. Segundo alguns historiadores, os holandeses utilizavam manuais de tortura e importavam cães para perseguir os negros. Em busca de mais escravos, em 1637 a Companhia investe sobre El Mina, atual Gana, e em 1641 toma Angola dos portugueses. O objetivo de Maurício de Nassau, preposto da Companhia no Brasil entre 1637 e 1644, era, ao que consta, fazer de Recife, capital de seu governo, o principal polo distribuidor de escravos para as plantations das três Américas e para as minas do Peru. A Companhia enviou várias expedições a Palmares, e a última teria sido a de João Blaer, no ano do retorno de Nassau à Holanda. Depois deste administrador, o acirramento da exploração exercida pela Companhia Holandesa sobre a burguesia e o comércio locais levou à chamada Insurreição Pernambucana, que culminou com a capitulação e expulsão dos holandeses em 1654.

BRASIL, João (1874-1940). Educador brasileiro nascido em Friburgo, RJ. Em 1902, fundou, em Itaocara, no mesmo estado, o Colégio Brasil, o qual, transferido para Cordeiro e depois para Niterói, funcionou até 1985. Foi também fundador do Conservatório de Música de Niterói, em 1932, e da Rádio Sociedade Fluminense, em 1935.

BRASIL, República Federativa do. Maior país da América Latina, localizado na parte Centro-Leste da América do Sul. Limita-se ao norte com Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Venezuela; ao sul com o Uruguai; a leste com o oceano Atlântico; a oeste com Peru e Bolívia; a noroeste com a Colômbia; e a sudoeste com Paraguai e Argentina. Está divido em cinco regiões: Norte (estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins); Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia); Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal); Sudeste (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo); e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). **Relações com a África:** No século XVI, iniciado o processo de colonização do Brasil, as atividades econômicas passaram a exigir cada vez mais trabalhadores, sendo que os colonizadores foram buscar essa mão de obra na África. O comércio negreiro criava e estreitava laços não só econômicos como políticos. Vem daí a influência do Brasil em determinadas partes do território africano, notadamente em Angola. Em 1648, por exemplo, forças brasileiras desempenharam importante papel na libertação daquele país do domínio holandês. E em 1822, quando da independência brasileira, considerou-se a possibilidade de manter Angola e Brasil unidos. Além de Angola, o Brasil manteve fortes ligações com Moçambique, Congo e diversos países do golfo da Guiné. Dessas relações, resultou a vinda, na época colonial, de diversas embaixadas africanas* ao Brasil. No sentido inverso, veja-se o episódio dos *brésilien** e dos retornados* em geral. **Escravidão africana:** O tráfico de escravos africanos trouxe para o Brasil, entre 1525 e 1851, provavelmente, quase 5 milhões de indivíduos provenientes de diversos mercados africanos, uns mais movimentados que outros em determinados períodos. A tradição historiográfica divide o tráfico de escravos para o Brasil em ciclos – da Guiné*, da Costa da Mina*, de Angola*, da Contracosta*. Observe-se, entretanto, que esses ciclos enfatizam apenas o predomínio de uma ou outra dessas regiões em determinado momento histórico. Nos séculos XVI e XVII, por exemplo, alguns dos principais portos de embarque de escravos para as Américas eram Gorée, no Senegal; Cacheu, na atual Guiné-Bissau; Ajudá, no atual Benin; Old Calabar, na Nigéria; Loango e Luanda, em Angola

(conforme Costa e Silva, 2002). Assim, ao tentar estabelecer as origens dos africanos do Brasil, mais produtivo será examinar as áreas de influência portuguesa, como as ilhas de Cabo Verde* e São Tomé*, as fortalezas e entrepostos de Arguim* (de onde certamente vieram mandingas, uolofes, fulânis etc.), São Jorge da Mina* e Ajudá* (axântis, fântis, iorubás, ewes, fons etc.); além de Cabinda*, Luanda*, Benguela* e Moçambique*, de onde proveio a massa de escravos bantos predominante em boa parte do território nacional. No fim do século XVI, as primeiras iniciativas de colonização portuguesa no Brasil alavancaram a imigração africana, ao ponto de, já no início do século seguinte, o Brasil ostentar a posição de maior mercado consumidor de escravos negros nas Américas, absorvendo, durante toda a centúria, mais de 40% de todo o efetivo de escravos vendidos para o continente. Segundo Herbert S. Klein (2002), entre 1701 e 1810, período em que se efetiva quase metade do total de entradas de africanos no país, cerca de 68% teriam vindo de Angola e 32% da Costa da Mina. No início do século XIX, a Grã-Bretanha começou a forçar Portugal a inibir o tráfico, o qual, entretanto, transcorreu num clima de relativa ilegalidade entre 1810 e 1830, quando, aí sim, tornou-se absolutamente ilícito. Mas as importações de trabalhadores africanos continuavam, agora sob a forma de contrabando, até que em 1851 a Grã-Bretanha finalmente obrigou o Brasil a respeitar as leis e tratados internacionais que impunham o fim dessas importações – e de tal forma que, quando da abolição, em 1888, já eram muito poucos os africanos escravizados no Brasil. A extinção do tráfico atlântico (*ver TRÁFICO NEGREIRO*), porém, fez surgir o tráfico interno. E então, em pouco mais de trinta anos, cerca de 300 mil indivíduos são transferidos das regiões mais pobres do país para as mais prósperas, principalmente para as plantações de café do Centro-Sul. Porém, como acentua R. E. Conrad (1985), o tráfico interno, ironicamente, ajudou a precipitar o fim da escravidão, pois as províncias empobrecidas, à medida que iam perdendo seus escravos, iam se voltando para o trabalho livre, como foi o caso do Ceará e outras províncias nordestinas, que aboliram a escravidão antes de 1888 muito mais por falta de objeto do que por supostas ações humanitárias. Na década de 2000, o projeto The Transatlantic Slave Trade Database atualizava as cifras do escravismo, como consignado no verbete *TRÁFICO*

NEGREIRO [Efeitos e consequências]. **População negra:** A classificação étnica dos indivíduos no Brasil dá margem a desencontros e divergências. O poder público, por intermédio do IBGE, usa as categorias "branco", "preto", "pardo" e "amarelo"; os movimentos negros usam as categorias "branco" e "negro"; e o senso comum usa um leque de classificações que vai do "branco" ao "preto", as quais, contabilizadas no recenseamento de 1980, somaram 137 termos. Essas divergências, de certa forma, reproduzem os critérios "raciais" de há muito vigentes no Brasil. E, por força delas, os adeptos da "teoria do branqueamento" tendem a minimizar a participação do negro na composição da população brasileira, enquanto a militância negra valoriza o lado africano dos mestiços, pleiteando o reconhecimento dos descendentes de africanos, em todos os graus, como a maioria da população brasileira. Para esta *Enciclopédia*, que tem por objetivo tornar visível a participação da matriz africana na formação da sociedade brasileira e na civilização universal, "negro" é todo descendente de africano, em qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada fenotipicamente. Segundo esse critério, a população afro-brasileira, aí compreendidos negros *stricto sensu* e mestiços, apresenta, da colonização até nossos dias, a evolução numérica, absoluta e relativa, mostrada nas tabelas da página 143. **Distribuição por unidades da Federação:** Em 2000, o recenseamento levado a efeito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) assim distribuía, percentualmente, a população negra (com base em autodeclarações de "pretos" e "pardos") pelas 27 unidades da Federação brasileira: Bahia (73%), Piauí (72,3%), Maranhão (71,9%), Pará (71,9%), Amazonas (70%), Amapá (70%), Sergipe (69%), Acre (68%), Tocantins (67,6%), Roraima (65,8%), Alagoas (64%), Ceará (61,6%), Pernambuco (57,8%), Rio Grande do Norte (56,9%), Paraíba (56,2%), Rondônia (55,2%), Mato Grosso (53,6%), Espírito Santo (50%), Distrito Federal (49,6%), Goiás (48%), Minas Gerais (45,4%), Rio de Janeiro (44,1%), Mato Grosso do Sul (41,4%), São Paulo (27,2%), Paraná (21,1%), Rio Grande do Sul (12,6%) e Santa Catarina (9,7%). Em 2006, nas cinco regiões geográficas, encontrava-se a seguinte distribuição: Norte, 75,4%; Nordeste, 70,4%; Centro-Oeste, 56,2%; Sudeste, 40,2%; Sul, 19,7%. **O ideal do branqueamento:** No Brasil, assim como em quase todo o

continente americano, as raízes negras da população sempre se constituíram em potencial ameaça para as classes dominantes. Antes, havia os senhores temendo aquilombamentos e insurreições, principalmente depois do exemplo da Revolução Haitiana. Depois, houve o pesadelo da perda do status e dos privilégios senhoriais, algo que dura até hoje. Para lidar com esse perigo iminente, as classes dominantes estruturaram e puseram em prática toda uma estratégia racista, com base no pressuposto de que o mestiçamento da população brasileira fatalmente a levaria a um desejado "embranquecimento". Essa estratégia, difundida pela propaganda oficial, teve como seu ponto principal o favorecimento à imigração europeia e a restrição à entrada no país de africanos e, até certo momento, de asiáticos. Com a imigração europeia, procurava-se arianizar a população brasileira, consolidando-se, assim, um branqueamento já iniciado com o processo de mestiçagem. Muitos cientistas e intelectuais, como Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Sílvio Romero, esposando as ideias do conde de Gobineau, o famigerado autor do *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1853-55), deram sustentação a essa estratégia. Em 1911, por exemplo, no I Congresso Universal de Raças, realizado em Londres, o delegado brasileiro João Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional, apresentava oficialmente a versão brasileira da teoria do branqueamento – a do mestiçamento que levaria, até o ano de 2011, ao embranquecimento total da população. Avalizado, então, pela "ciência", o projeto tomou foros de ideologia e, desse modo, contaminando até a mentalidade popular, consolidou-se em forma de política pública. Foi assim que, em 1921, os deputados Andrade Bezerra e Cincinato Braga apresentaram ao Congresso Nacional um projeto proibindo no Brasil a imigração "de indivíduos humanos das raças de cor preta". Logo em seguida, outro deputado, Fidélis Reis, propunha em projeto a mesma proibição da "entrada de colonos da raça preta", além da limitação da porcentagem de "amarelos". Consultado sobre o projeto, Oliveira Vianna o endossou. Em 1928, em conferência na Faculdade de Direito de São Paulo, Batista Pereira citava a arianização da população brasileira como "fenômeno fatal e inevitável". Cinco anos depois, Artur Neiva, Miguel Couto e Xavier de Oliveira apresentavam, à Constituição que se elaborava, emendas no mesmo sentido. E em 1946, finalmente, por meio do decreto-lei n. 7.967, a

teoria alcançava a prática num dispositivo que estatuía: “Os imigrantes serão admitidos de conformidade com a necessidade de preservar e desenvolver o Brasil na composição de sua ascendência europeia”. Paralelamente, nos anos de 1930, popularizava-se entre as crianças das classes mais favorecidas certa literatura infantil que reforçava alguns estereótipos*, como o da negra velha tão adorável e trabalhadora quanto medrosa, supersticiosa e ignorante. Da mesma forma, os livros didáticos também se evidenciavam como difusores da ideia da inferioridade dos afrodescendentes. Todavia, a teoria do branqueamento não se confirmou. Chegado o terceiro milênio, a população negra continua existindo e se multiplicando no Brasil, com os afromestiços cada vez mais assumindo com prazer sua porção africana. Mas as marcas dos procedimentos de exclusão e “invisibilização”, que perpetuaram o quadro de dominação política e econômica dos tempos escravistas, ainda são bem visíveis no corpo e na alma dos afro-brasileiros. *Ver REDENÇÃO DE CAM*. **Exclusão social:** O modelo de colonização imposto ao Brasil plasmou a exclusão que caracteriza a sociedade brasileira até hoje, punindo cruelmente os africanos e seus descendentes. Na Colônia e no Império, os miseráveis eram os escravos, juridicamente considerados como coisas e, portanto, fora do alcance da justiça social. Por ocasião da independência, africanos e crioulos, em geral, posicionaram-se contra os portugueses, chegando a pegar em armas, como ocorreu na Bahia*. E isso porque certamente enxergaram a libertação do jugo colonial como real possibilidade de extinção do escravismo e do rompimento das barreiras raciais. Entretanto, as elites brasileiras, embora os tenha aceitado como soldados na luta pela autonomia, não lhes reconheceu como cidadãos do Império que se estabelecia, condição essa plenamente concedida aos portugueses que ficaram do lado de Pedro I. Na República, com a desorganização da produção agrícola após a abolição e a falta de uma política fundiária, os negros foram para as cidades, engrossando a massa de miseráveis. E o imigrante, que aqui chegara a partir de 1824, depois de substituir o escravo na lavoura passou também a ocupar, nos centros urbanos, espaços de trabalho antes próprios dos negros. A estes, então, restaram as ocupações mais pesadas e de menor remuneração. Segundo Abdias Nascimento*, os números oficiais mostram que em 1998 os

afrodescendentes ganhavam, em média, salário 50% inferior ao dos brancos, mantendo-se essas diferenças em todas as categorias profissionais, mesmo entre trabalhadores com o mesmo nível de instrução e experiência profissional. Parte dessa subalternidade, no início do século XXI, pode ser debitada ao modelo educacional. Em geral sem acesso, desde o curso elementar, aos melhores estabelecimentos de ensino, o jovem negro se vê alijado de redes de amizade e parcerias importantes para a vida adulta, o que o afasta, e a seus descendentes, do poder decisório, mantendo-se, assim, o círculo vicioso da exclusão. **Representatividade:** Ao contrário dos Estados Unidos, onde a democracia racial – efetivamente estruturada a partir de 1954 com a histórica decisão da Suprema Corte de condenar a segregação nas escolas – consolidou-se por meio de várias medidas governamentais de ação afirmativa*, no Brasil a igualdade entre brancos e negros ainda é incompleta à época desta edição. Embora formalmente estabelecida, ela esbarra em práticas sutis e insidiosas que ao criar, por meios indiretos, uma enorme disparidade, em termos de riqueza, tratamento e representação, perpetuam a histórica desigualdade. Um claro exemplo foi a negação do direito de voto aos analfabetos, mantida até 1988, afetando grande parte da população negra de um país que não mantém políticas eficazes para a erradicação do analfabetismo. Práticas como essa trouxeram como consequência a baixíssima ou nula representatividade do povo negro nos primeiros escalões dos três Poderes, nos altos postos da oficialidade nas três Forças Armadas e entre os governadores das 27 unidades da federação. Segundo Paixão e Carvano (2008, pp. 191-2), desde a transição do regime militar para o civil, foram bem poucas "as pessoas de visível ascendência africana" que ocuparam, no governo federal, cargos de primeiro escalão, sendo uma no governo Sarney, nenhuma nos governos Collor e Itamar Franco, uma sob Fernando Henrique e cinco nos dois governos de Lula da Silva. De acordo com a mesma fonte, entre os 513 deputados federais eleitos em 2006, havia apenas onze pretos e 35 pardos; e, no início de 2007, entre os 81 senadores da República, havia apenas quatro pardos e um preto. À época desta edição, os afrodescendentes continuavam, também, com mínima ou nenhuma representatividade no corpo diplomático e na direção de influentes instituições da sociedade civil, como a Ordem dos Advogados

do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa, a Federação das Indústrias (em São Paulo e no Rio de Janeiro) e a Confederação Nacional do Comércio. **Qualidade de vida:** Em 2006, segundo, ainda, Paixão e Carvano (2008, pp. 189-90), 18,8% dos pretos e pardos encontravam-se abaixo da linha de indigência, contra 8% da população branca na mesma situação. No ano anterior, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos pretos e pardos no Brasil ficava entre o do Irã e o do Paraguai, na 95ª posição no ranking mundial, enquanto o dos brancos correspondia ao de Cuba, na 51ª posição. Todos esses dados se refletiam, à época desta edição, por exemplo, na baixíssima frequência de afro-brasileiros a teatros e salas de concertos, museus, leilões e exposições de arte, desfiles de moda, restaurantes e aeroportos, nas grandes capitais do país, mesmo em Salvador, cidade de grande concentração negra. *Ver ARIANIZAÇÃO*; *LOURO, Idealização do tipo*; *MESTIÇAGEM*; *RACISMO*; *RETRATO AMERICANO*. **Cultura afro-brasileira:** As expressões culturais de origem africana desenvolvidas no Brasil provêm de duas grandes matrizes: a da civilização kongo*, florescida em parte dos atuais territórios de Congo-Kinshasa, Congo-Brazzaville, Gabão e Norte de Angola; e a das civilizações desenvolvidas na região do golfo da Guiné, principalmente na atual Nigéria e no Benin, antigo Daomé. Esses traços constitutivos é que se costumam classificar como bantos, no primeiro caso, e sudaneses, no segundo. O tráfico de escravos africanos trouxe para o Brasil trabalhadores bantos, do Centro-Oeste africano, e sudaneses, da África ocidental. Os primeiros foram, de modo geral, espalhados, durante a Colônia e o Império, pelos polos irradiadores dos ciclos econômicos; e os segundos se concentraram primordialmente no Nordeste e, notadamente, no atual estado da Bahia. Foram esses influxos civilizatórios, então, que moldaram a cultura africana no Brasil, a qual se manifesta em variadas formas de conhecimento, religiosidade, arte e lazer, e que, sob o impacto da globalização ("expansão sem limites das corporações transnacionais na economia mundial", conforme *Enciclopédia do mundo contemporâneo*, 2000), vem perdendo muitos elementos de sua identidade. *Ver CAPOEIRA*; *CARNAVAL*; *CONGADA*; *CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA*; *FUTEBOL*; *MÚSICA AFRICANA*; *RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*.

POPULAÇÃO BRASILEIRA

ANO	TOTAL	AFRICANOS E DESCENDENTES	%
1583	57.000	14.000	24,5
1660	184.000	110.000	59,8
1798	3.248.000	1.988.000	60,4
1850	8.020.000	5.232.000	65,2

Fonte: IBGE

População residente por cor/raça segundo todos os censos 1872-2000

Ano	Total	Cor/Raça					
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Ignorada
1872	9.930.478	3.787.289	1.954.452	3.801.782	–	386.955	–
1890	14.334.215	6.302.198	2.097.426	4.638.795	–	1.295.796	–
1900	17.438.434	–	–	–	–	–	–
1920	30.635.605	–	–	–	–	–	–
1940	41.236.315	26.171.778	6.035.869	8.744.365	242.320	–	41.983
1950	51.944.397	32.027.661	5.692.657	13.786.742	329.082	–	108.255
1960	70.191.370	42.838.639	6.116.848	20.706.431	482.848	–	46.604
1970	93.139.070	–	–	–	–	–	–
1980	119.011.052	64.540.467	7.046.906	46.233.531	672.251	–	517.897
1991	146.815.791	75.704.924	7.335.139	62.316.060	630.659	294.131	534.878
2000	169.799.170	90.647.461	10.402.450	66.016.783	866.972	701.462	1.164.042

Fonte: IBGE

População residente por cor/raça segundo todos os censos 1872-2000 (em %)

Ano	Total	Cor/Raça					
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Ignorada
1872	100,0	38,1	19,7	38,3	–	3,9	–
1890	100,0	44,1	14,6	32,4	–	9,0	–
1900	100,0	–	–	–	–	–	–
1920	100,0	–	–	–	–	–	–
1940	100,0	63,5	14,6	21,2	0,6	–	0,1
1950	100,0	61,7	11,0	26,5	0,6	–	0,2
1960	100,0	61,1	8,7	29,5	0,7	–	0,1
1970	100,0	–	–	–	–	–	–
1980	100,0	54,2	5,9	38,8	0,6	–	0,4
1991	100,0	51,6	5,0	42,4	0,4	0,2	0,4
2000	100,0	53,4	6,1	38,9	0,5	0,4	0,7

Fonte: IBGE

Observação: Segundo o Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil, que traz dados mais bem apurados que os das tabelas acima, de 1995 a 2006 o peso relativo da população branca declinou de 55,4% para 49,7%, com um decréscimo de 5,7 pontos percentuais, enquanto o contingente de pretos e pardos (negros, portanto) cresceu de 45% para 49,5% da população total, fazendo-nos acreditar que poderá, nos próximos anos, tornar-se maioria (conforme Paixão e Carvano, 2008, p. 179).

BRASILIANA. Companhia afro-brasileira de dança fundada no Rio de Janeiro em 1949 e originária do Grupo dos Novos, dissidência do Teatro Experimental do Negro*, liderada por Haroldo Costa*. Sua primeira apresentação pública deu-se em 25 de maio de 1950, no Teatro Ginástico. Pouco depois, cumprindo temporada de dez dias, tornava-se o primeiro grupo negro a apresentar-se no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A partir daí, excursionou pela América do Sul e, a seguir, pela Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália, tornando-se muito mais conhecida no exterior que no Brasil. Liderado musicalmente pelo maestro José Prates e tendo como esteios os percussionistas Mateus e Valdemar Bastos, além do cantor Nelson Ferraz, entre 1955 e 1958 o grupo participou, inclusive, de três filmes europeus, realizados em Roma, Berlim e Hamburgo. Em 1968, em Paris, a crítica já acusava sua decadência (conforme J. R. Tinhorão, 1969); em 1972, remanescentes do grupo apresentaram-se na Olimpíada de Munique.

BRATHWAITE, Edward Kamau. Nome literário do escritor e historiador barbadiano Lawson Edward Brathwaite, nascido em Bridgetown, em 1930. No ano de 1949 ingressou na Universidade de Cambridge, na qual se formou em História e Educação. De 1955 a 1962 trabalhou no Ministério da Cultura de Gana e, de volta ao Caribe, lecionou em Santa Lúcia e na Jamaica. Considerado por muitos o mais importante poeta do Caribe anglófono, é autor de *Rights of passage* (1967), *Masks* (1968), *Islands* (1969), *The arrivants* (1973), *Other exiles* (1975), *Mother poem* (1977), *Sun poem* (1982), *X/self* (1987) e *Middle passages* (1992), além de *Roots* (1986), uma história da literatura e da cultura do Caribe, laureada com o Prêmio Casa de Las Américas.

BRAVUM. Toque de atabaque no ritmo próprio de Oxumarê*. Provavelmente, do fongbé *gba*, "barrica", "tonel" + *houn*, "tambor".

BRAZ, Francisco José. Militar brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1948. Bacharel em Direito e professor, assumiu em 2002, depois de 35 anos na corporação, o comando geral da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro, no governo de Benedita da Silva*.

BRAZ, Júlio Emílio. Escritor brasileiro nascido em Manhumirim, MG, em 1959. Ficcionista, depois de escrever centenas de livros de bolso, com histórias de aventuras, usando diferentes pseudônimos, recebeu em 1989 o prestigioso Prêmio Jabuti, como autor-revelação, por *Saguairu*, romance dirigido ao público infanto-juvenil. Em 1997, foi laureado com o Austrian Children Book Award e o Blue Cobra Award por *Crianças na escuridão*. Tem também publicados, entre outros livros, *Enquanto houver vida viverei* (1992), *Felicidade não tem cor* (1994) e *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999).

BRAZILIAN DRAMATIC COMPANY. Companhia de teatro formada em 1880 em Lagos, Nigéria, por um grupo de retornados do Brasil. No ano de sua fundação, a companhia promoveu no Phoenix Hall apresentações em celebração ao aniversário do imperador do Brasil e, dois anos depois, em homenagem à rainha Vitória. O repertório do grupo incluía dramas, comédias ligeiras, números de canto e solos de violão e violino (conforme Cunha, 1985).

BRAZILIAN QUARTER (Bairro Brasileiro). Denominação do conjunto de edifícios e logradouros construído pela comunidade de

retornados* do Brasil em Lagos, Nigéria. Nele, a exemplo de outros existentes na região do golfo de Benin, as fachadas dos prédios e a divisão dos cômodos reproduzem padrões arquitetônicos marcadamente luso-brasileiros.

BRAZO FUERTE. Entre os congos cubanos, entidade espiritual correspondente ao Aggayú (Aganju*) iorubá e identificado com são Cristóvão, porque carrega o mundo sobre os ombros e atravessa rios de águas bravias. É também referido com o nome de Cabo de Guerra.

BREAK. Gênero de dança ou performance de rua praticado nos bairros negros norte-americanos com vigorosos movimentos acrobáticos, popularizado internacionalmente na segunda metade da década de 1980. De acordo com algumas correntes, esse tipo de performance já existia nos Estados Unidos desde o início do século XX, tendo sido implementado por descendentes de africanos. Em 1969, os movimentos coreográficos realizados por James Brown* ao entoar a canção *Good foot* prenunciavam o break dos anos de 1980. Nessa década, videoclipes de artistas como Michael Jackson* e Lionel Richie* e filmes como *Flashdance* (1983) disseminaram o estilo pelo mundo, chegando inclusive ao Brasil, onde, sobretudo em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Salvador, a dança gozou de grande prestígio entre a juventude negra até o fim da década de 1980, ressurgindo, na década seguinte, associada à cultura hip-hop*.

BREDO. Nome comum a três espécies de ervas: o caruru-do-mato ou bredo-rabaça (*Amaranthus flavus*), o caruru-verdadeiro ou bredo-verdadeiro (*Amaranthus blitum*, da família das amarantáceas) e a erva-tostão ou pega-pinto (*Boerhavia hirsuta*, da família das nictagináceas), todas usadas em rituais da tradição afro-brasileira. A última, planta de Xangô, em iorubá, *tètè*, tem suas folhas utilizadas no preparo do omi-eró*. Em Cuba, o *bledo* (*Amarantus viridis*) pertence a Obatalá.

BREÑA, Juana (século XIX). Personagem da história popular de Lima, Peru. Também conhecida como "La Marimacho" ("A Virago"), pois vestia-se como homem e fumava charutos, apesar de ser descrita como mulata de grande beleza, tornou-se célebre como toureira a cavalo e é destacada por Ricardo Palma (1968) entre as melhores em seu ofício. Por volta de 1825, sofrendo, na arena, um revés quase fatal, abandona a atividade na qual

fizera fama. A década de 1840 vai encontrá-la trabalhando como açougueira na Praça do Mercado, depois Praça de Bolívar, na capital peruana.

BRER NANCY. Personagem de contos populares jamaicanos; o mesmo que Anansi*. O elemento inicial, às vezes também grafado "Br'er", consiste em crioulização do inglês *brother*.

BRER RABBIT. Personagem do folclore africano nas Américas. É o "irmão (*brother* > *br'er* > *brer*) coelho", símbolo de sagacidade e esperteza.

BRÉSILIEN. Nome dado, nos atuais Togo e Benin, a cada um dos libertos e seus descendentes retornados* do Brasil, a partir de 1830. Chegados à África ocidental, esses retornados encontraram forte presença da cultura brasileira, resultado da influência dos comerciantes baianos que dominavam a vida comercial local e, principalmente, o tráfico de escravos. Contudo, por suas "maneiras de branco" eram, em geral, considerados uma espécie de vanguarda, abastada e portadora de cultura superior. Essas maneiras incluíam traços do patriarcalismo luso-brasileiro, de uma religiosidade sincrética e de certos hábitos alimentares, como o consumo da mandioca e o gosto pela feijoada, além da adoção de novos estilos arquitetônicos e novas técnicas de construção civil. Foram eles o veículo da introdução, na vida local, de tradições como o carnaval vibrante e colorido na cidade de Porto Novo, do bumba meu boi (lá chamado *bourian*, do termo brasileiro "burrinha") e das festas afrocatólicas de Cosme e Damião e do Senhor do Bonfim. Tais costumes, bem como a adoção de sobrenomes brasileiros e o uso de expressões linguísticas aqui correntes, estenderam-se inclusive a famílias sem nenhum vínculo com o Brasil. Foi o caso, por exemplo, de descendentes de europeus que, influenciados pela cultura brasileira, chegaram a abrasileirar seus nomes de família. A suposta superioridade dos retornados do Brasil, ainda no contexto do tráfico, parece ter levado muitos pais a entregarem seus filhos a traficantes de escravos, na esperança de que eles retornassem prósperos e "civilizados". No final do século XIX, o número desses imigrados somava mais de 3 mil e sua influência cultural já era visível, também, nas atuais Nigéria e Gana. *Ver NIGÉRIA, República Federal da [Os retornados do Brasil].*

BREY, [Ricardo] **Rodrigues.** Artista plástico cubano nascido em Havana, em 1955. Professor da Escola Elementar de Arte e membro da

União dos Escritores e Artistas Cubanos. Pintor, com obras expostas desde 1980 em galerias europeias e americanas, em 1987 participou da Segunda Bienal de Arte Bantu Contemporânea, promovida pelo Centre International des Civilisations Bantu (Ciciba), no Gabão.

BRÍCAMO. Denominação cubana de certo povo africano natural da região do Calabar. Também *bríkamo*, *brícam* e *bricma*.

BRICHIE. Em Cuba, "nação" africana oriunda da região do Calabar.

BRIDGETOWER, George Frederick Polgreen (1780-1860). Músico inglês nascido na Polônia e falecido em Londres. Filho de pai africano e mãe europeia, cresceu na Inglaterra e, aos 10 anos de idade, estreou como violinista em Paris. Logo depois exibiu-se na capital inglesa, no Drury Lane Theater. Cognominado "o Príncipe Abissínio", seu talento musical impressionou o príncipe de Gales, mais tarde rei Jorge IV, que o incorporou à sua corte. Em 1802, excursionou pela Europa, tornando-se amigo de Beethoven, com quem tocou em um concerto no Augarten Theater, de Viena, e do qual recebeu grandes elogios. Em 1811, bacharelou-se em Música pela Universidade de Cambridge. Músico da London Philharmonic Society Orchestra, foi considerado um dos maiores violinistas de seu tempo.

BRIÈRRE, Jean-François (1909-92). Poeta e dramaturgo haitiano nascido em Jérémie e falecido em Porto Príncipe. Publicou *Chansons secrètes* (1933), *Nous garderons le Dieu* (1943), *Dessalines nous parle* (1954) e o romance *Les horizons sans ciel*, entre outras obras. Escreveu em 1966 o texto *Spectacle féerique de Gorée*, ópera popular em oito quadros encenada por ocasião do Primeiro Festival Mundial de Arte Negra*, realizado em Dacar, Senegal, cidade onde se radicara durante o governo de François Duvalier. Após a morte deste, regressou ao país natal, tendo publicado, em Paris, as coletâneas de poemas *Un Noël pour Gorée* (1980) e *Sculpture de proue* (1983).

BRIGADEIRO OSVALDO. Nome de guerra de Osvaldo José de Oliveira, nascido por volta de 1945. Em 2006, no posto de major-brigadeiro da Aeronáutica, e assumindo o Primeiro Comando Aéreo Regional, era um dos raros negros de alta patente nas Forças Armadas (conforme a revista *Raça Brasil*, n. 97, abr. 2006).

BRILLUMBA. *Ver PALO MONTE, Regla de*.

BRINCO-DE-PRINCESA. Nome comum a várias espécies de plantas da família das onagráceas, todas, na tradição brasileira dos orixás, consagradas a Oxóssi.

BRINDIS DE SALAS, Cláudio (1800-72). Violinista, contrabaixista e chefe de orquestra cubano. Sua orquestra, La Concha de Oro, foi a mais popular dos salões de Havana no século XX. Tenente do Batallón de Morenos Leales, em 1844 envolveu-se na Conspiração de La Escalera*, tendo sido preso e sentenciado; em consequência, viveu uma velhice de pobreza, doença e abandono. Era pai do célebre Cláudio José Domingo Brindis de Salas*, o "Paganini Negro".

BRINDIS DE SALAS, Cláudio José Domingo (1852-1911). Violinista cubano nascido em Havana e falecido em Buenos Aires, Argentina. Cognominado "o Paganini Negro", completou seus estudos com grande destaque em Paris e foi distinguido na Europa com inúmeras honrarias e condecorações, tais como a de tornar-se músico de câmara do imperador Guilherme II da Alemanha, cavaleiro da Legião de Honra e cidadão alemão. Entretanto, morreu na miséria, antes de completar 60 anos.

BRINDIS DE SALAS, Virginia (1908-58). Poetisa uruguaia nascida e falecida em Montevidéu. Ativa colaboradora do jornal *Nuestra Raza*, é autora de *Pregón de Marimorena* (1946), *Cien cárceles de amor* (1949) e do inédito *Cantos de lejanía*. É saudada como o primeiro nome feminino da literatura afro-uruguaia e como a primeira mulher negra na América do Sul a publicar dois livros de poesia com ampla distribuição.

BRITO. Nome pelo qual foi conhecido Hércules de Brito Ruas, jogador brasileiro de futebol nascido no Rio de Janeiro, em 1939. Zagueiro central do Clube de Regatas Vasco da Gama, integrou a seleção brasileira nas Copas de 1966 e 1970.

BRITO, Dom Luís Raimundo da Silva (1840-1915). Prelado católico e político brasileiro nascido em São Bento, MA, e falecido em Recife, PE. Deputado provincial pelo Maranhão, foi cônego da capital imperial, vice-reitor e reitor do Colégio Pedro II, professor do Colégio Militar e da Escola Normal e, em 1901, bispo de Olinda e Recife. José

Honório Rodrigues (1964) o inclui em sua relação de "pretos e mulatos" ilustres. Gilberto Freyre o descreve como um "mulatão gordo e cor-de-rosa".

BRITO, Edson Vianna de (1957-99). Tributarista brasileiro nascido em Mogi das Cruzes, SP, e falecido em Brasília, DF. Auditor, com carreira iniciada na Superintendência Regional da Receita Federal em São Paulo, faleceu no exercício do cargo de secretário adjunto na Secretaria da Receita Federal, que acumulava com o de coordenador-geral do Sistema de Tributação.

BRITO, Edvaldo [Pereira]. Jurista e político brasileiro nascido em Muritiba, BA, em 1937. Doutor e mestre em Direito, pós-graduado em Direito Econômico pela Universidade Federal da Bahia, da qual é professor, e em Direito Tributário pela Universidade de São Paulo, foi prefeito da cidade de Salvador e secretário estadual em várias gestões. No final da década de 1990 era secretário de Negócios Jurídicos da prefeitura de São Paulo.

BRITO, Luís Raimundo da Silva (1840-1915). Bispo católico e político brasileiro nascido no Maranhão e falecido em Recife, PE. No Rio de Janeiro, foi deputado provincial por seu estado; reitor do Colégio Pedro II, além de professor do Colégio Militar e da Escola Normal. Em 1901, foi sagrado bispo de Olinda e Recife. É citado em nominata de "pretos e mulatos" ilustres elaborada por José Honório Rodrigues (1964).

BRITO, Martinho Pereira de (*c.* 1730-1830). Artesão brasileiro radicado e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Discípulo de Mestre Valentim*, foi um dos maiores toreutas (cinzeladores em metal, marfim e madeira) do Brasil. É o criador de inúmeros lampadários que até hoje adornam igrejas coloniais do Rio de Janeiro, como a do Mosteiro de São Bento. Também militar, foi comandante do Regimento dos Pardos (Quarto Regimento de Milicianos), pelo qual foi reformado como sargento-mor. Era avô materno do editor e escritor Paula Brito*, em quem instilou o gosto pelos livros.

BRITO, [Francisco de] **Paula.** *Ver PAULA BRITO, Francisco de*.

BRITO, Valdemar de (1913-79). Futebolista brasileiro nascido e falecido em São Paulo. Atuou pelo São Paulo Futebol Clube, pelo Clube de Regatas do Flamengo e pela seleção brasileira, tendo se firmado como meio-

campista de características inovadoras. Dedicando-se, depois, à atividade de treinador, teve o mérito de ser o descobridor de Pelé*.

BRIXTON. Bairro londrino de forte concentração de população negra, principalmente originária da África e do Caribe, tido como a "capital africana na Europa". A presença de jamaicanos e outros antilhanos começou a tornar-se maciça na capital inglesa a partir da década de 1940.

BRIYUMBA. Variante de *brillumba**.

BRODBER, Erna. Escritora e socióloga jamaicana nascida em Saint Mary, em 1940. Estudou em Trinidad, no Canadá e nos Estados Unidos, onde sofreu forte influência dos movimentos feministas e do Black Power*. É autora de *Jane and Louisa will soon come home* (1981), *Myal* (1988) e *Louisiana* (1994), novelas versando sobre a questão feminista e a identidade jamaicana.

BRONCO JIM (século XIX). Legendário caubói do Texas, famoso por sua grande habilidade como domador de cavalos selvagens.

BRONX. Distrito de Nova York, na parte mais ocidental de Long Island. Surgiu como bairro residencial burguês até proletarizar-se com a expansão do Harlem* e a chegada de imigrantes pobres a partir da década de 1970. Concentrando numerosa população afrodescendente, é um dos polos irradiadores da moderna cultura negra urbana nos Estados Unidos.

BROOKLYN. Bairro da cidade de Nova York, sede do condado de Kings. Separado da ilha de Manhattan pelo East River, com área residencial fortemente industrializada, é reduto de numerosa população de negros pobres.

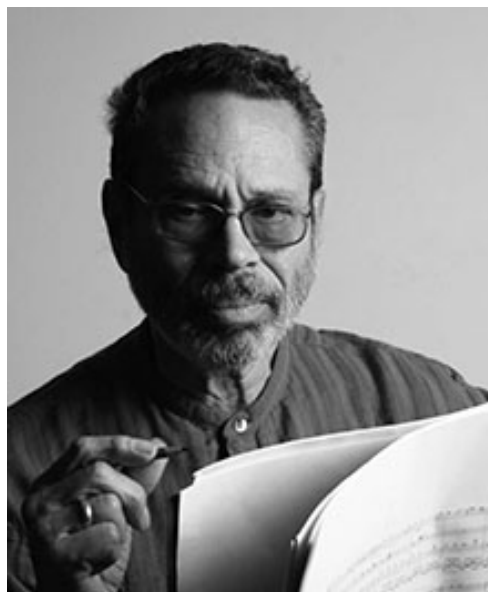
BROOKS, Gwendolyn [Elizabeth] (1917-2000). Escritora americana nascida em Topeka, Kansas, e falecida em Chicago, onde foi criada. Em 1950 recebeu o Prêmio Pullitzer por *Annie Allen*, volume de poemas publicado um ano antes. Sua extensa obra, que inclui inúmeros livros de poesia e ficção, destaca-a como uma das mais importantes figuras das letras e artes americanas nos anos de 1960 e 1970.

BROONZY, Big Bill (1893-1958). Nome artístico de William Lee Conley Broonzy, cantor e guitarrista norte-americano nascido em Scott, Mississippi. Criou um estilo único de cantar o blues e acompanhar-se à

guitarra, além de escrever letras muito admiradas pela poesia e pela expressão de uma vivência pessoal riquíssima.

BROTHERHOOD OF SLEEPING CAR PORTERS. Associação profissional de ferroviários e cabineiros de vagões-dormitórios, fundada em 1925 nos Estados Unidos por iniciativa de A. Philip Randolph*. Foi, na história trabalhista americana, o primeiro sindicato bem-sucedido de negros, tendo exercido grande influência no movimento pelos direitos civis.

BROUARD, Carl (1902-65). Escritor haitiano. Após estudar em Paris, em 1927 regressa a Porto Príncipe para tornar-se um dos líderes do movimento de retomada da cultura negra no país. Em seu livro de poemas *Le tam-tam* (1927), cunhou a frase que seria um dos lemas do nacionalismo haitiano: "É um absurdo tocar flauta num país cujo instrumento nacional é o poderoso *assôtor**". No mesmo ano, publica *Nostalgie*, tocante evocação da Mãe África, e discute a estética negra em *La doctrine de l'école nouvelle*.

BROUWER, Leo. Nome artístico de Juan Leovigildo Brouwer Mezquida, compositor, regente e violonista clássico cubano nascido em Havana, em 1939, de origem euro-africana. Um dos mais relevantes violonistas do mundo, iniciou carreira profissional aos 17 anos de idade. Segundo o site AfriClassical.com (African Heritage in Classical Music), sua enorme influência internacional demonstra-se tanto nas centenas de registros de que participou, como executante, compositor ou regente, como também nos importantes cargos que exerceu em instituições musicais de seu país.

Leo Brouwer

BROWN GEORGE. Prato da culinária afro-jamaicana à base de milho frito.

BROWN, [Henry, dito] **Box.** Abolicionista americano nascido em Richmond, Virgínia, em 1815. Escravo em uma plantation e depois em uma indústria de fumo, em 1848, tendo sido separado à força de sua mulher e

filhos, vendidos para outra localidade, empreendeu uma fuga engenhosa: pediu ao abolicionista Samuel Smith que o embalasse em uma caixa de madeira (daí seu apelido, "Box") e o "despachasse" para um grupo emancipacionista na Filadélfia, Pensilvânia, onde foi recebido. A partir de então, tornou-se apreciado orador, pregando o fim da escravidão inclusive na Inglaterra.

BROWN, Carlinhos. *Ver CARLINHOS BROWN*.

BROWN, Charles (1922-99). Pianista e cantor americano falecido em Oakland, Califórnia. Precursor do rhythm-and-blues, viveu sua fase de ouro nas décadas de 1940 e 1950. Retornou ao noticiário em 1986, quando foi agraciado com o Prêmio Emmy por seu disco *One more for the road*. Em 1998 recebeu, das mãos da então primeira-dama americana Hillary Clinton, o Prêmio da Fundação da Cultura Nacional.

BROWN, Charlotte Hawkins. *Ver HAWKINS [Brown], Charlotte*.

BROWN, Clifford (1930-56). Trompetista, compositor e chefe de orquestra americano. Considerado o maior trompetista de sua geração, morreu aos 25 anos de idade, em um acidente automobilístico, constituindo uma das grandes tragédias do jazz.

BROWN, Everald. Pintor e escultor jamaicano nascido em 1917. Altamente festejado em seu país, sua arte encontrou inspiração no rastafarianismo* e nas religiões da Etiópia*.

BROWN, H. Rap. Nome artístico de Hubert G. Brown, escritor e ativista americano nascido em Baton Rouge, Louisiana, em 1943. Integrando a corrente pacifista da luta pelos direitos civis dos negros, foi, na década de 1960, seguidamente, diretor do Grupo de Ação Não Violenta (NAG) e do Comitê Coordenador Estudantil pela Ação Não Violenta (SNCC). Convertido ao islamismo na prisão, adotou o nome de Jamil Al-Amin, tornando-se, mais tarde, líder de uma comunidade muçulmana em Atlanta, Geórgia.

BROWN, Henry (século XIX). Dramaturgo e diretor de teatro americano mais conhecido como "Mister Brown". Em 1821 construiu, em Manhattan, o African Grove Theatre, um teatro de trezentos lugares, para alojar a African Company, com a qual encenou vários textos de Shakespeare e outros de sua própria autoria, como *The drama of king Sothaway*, de 1823.

Criado em sua memória, o Mister Brown Award é, hoje, o maior prêmio do teatro afro-americano.

BROWN, James [Joseph] (1933-2006). Cantor americano nascido em Barnwell, Carolina do Sul, criado em Augusta, Geórgia, desde os 4 anos de idade, e falecido em Atlanta, capital do mesmo estado. Criador de um estilo único de dança e canto, sua chegada às paradas, no final dos anos de 1950, teve, segundo os críticos, o impacto de um abalo sísmico. Chamado "The Godfather of Soul" ("O Padrinho do Soul*"), nos anos de 1960 foi o único artista afro-americano a fazer frente à reversão provocada pela entrada dos Beatles no mercado fonográfico. Considerado o fundador da música pop americana, atingiu o auge de sua carreira na metade da década de 1960, tornando-se rico e poderoso e sendo considerado um símbolo da emancipação dos negros. Não obstante, foi questionado por alguns setores da militância pelos direitos civis, já que se opunha ao pacifismo pregado por Martin Luther King. Entretanto, com a morte deste, a qual lamentou publicamente, desempenhou importante papel, atendendo aos apelos dos prefeitos de Boston e Washington para que ajudasse a acalmar os negros revoltados.

BROWN, Jesse L. (1926-50). Militar americano nascido em Hattiesburg, Mississippi. Foi o primeiro negro a formar-se em Aviação Naval nos Estados Unidos e o primeiro aviador negro a morrer em ação na Guerra da Coreia.

BROWN, Jim. Nome artístico de James Nathaniel Brown, multiatleta e ator americano nascido na Geórgia, em 1936, e criado em Long Island, Nova Jersey. Em 1966, depois de brilhante trajetória desportiva, principalmente como jogador de futebol americano, iniciou carreira cinematográfica de relativo sucesso, desenvolvendo também importante trabalho comunitário.

BROWN, Ray (1926-2002). Nome artístico de Raymond Matthews Brown, contrabaixista americano nascido em Pittsburgh, Pensilvânia, e falecido em Indianápolis, Indiana. Trabalhou com Dizzy Gillespie*, Charlie Parker* e Oscar Peterson*, além de integrar uma das formações do Modern Jazz Quartet*. Produtor de discos e agente artístico, é considerado um dos mais versáteis e criativos jazzistas e referência no bebop*.

BROWN, Sterling (1901-89). Poeta norte-americano nascido em Washington, DC, e falecido em Takoma Park, Maryland. Um dos líderes da Black Renaissance* nos Estados Unidos, publicou, em 1937, *Negro poetry and drama*.

BROWN, William Wells (1815-84). Novelista e dramaturgo americano nascido em Lexington, Kentucky. Escravo fugido, viveu em Londres e foi o primeiro afro-americano a publicar um livro de viagens, *Three years in Europe* (1852); um drama, *Clotel, or The president's daughter* (1853); e uma novela, *A leap to freedom* (1858).

BRUCE, Blanche Kelso (1841-89). Político americano nascido escravo em Farmville, Prince Edward County, Virgínia. Depois de trabalhar no campo e amealhar considerável fortuna, em 1870 ingressou na política, tendo sido eleito senador pelo Mississippi em 1874, constituindo-se no primeiro afro-americano a cumprir integralmente um mandato no Senado.

BRUCKIN PARTY. Festa tradicional da Jamaica, com desfile de reis e rainhas, seguido de danças. Diz-se também *bruckin* ou *manchioneal*.

BRUCU. Voz afro-cubana correspondente ao afro-brasileiro burucu*.

BRUMMEL NEGRO. *Ver SOARES DIAS, José*.

BRUNO, Isaura (1916-77). Atriz brasileira nascida em São Paulo e falecida em Campinas, SP. Estreando no cinema em *Simão, o Caolho*, em 1952, e participando de outras produções, destacou-se, entretanto, em âmbito nacional, na década de 1970, granjeando grande popularidade ao viver a personagem Mamãe Dolores na célebre telenovela *O direito de nascer*. Faleceu, contudo, na mais completa indigência.

BUÁ. Antiga dança afro-indígena de Alagoas, com a formação de duas alas de homens e mulheres, de mãos dadas, avançando e recuando (conforme Mário de Andrade, 1989).

BUBBA. Nos Estados Unidos, termo da linguagem coloquial significando "pai". Sua origem está no vocábulo multilinguístico africano *baba*, presente em línguas como o iorubá e o hauçá. *Ver BABÁ*.

BUBU. Espécie de túnica comprida usada na região da antiga Senegâmbia.

BUCK AND BUBBLES. Dupla formada nos Estados Unidos pelo pianista Ford Lee Washington (1906-55), o "Buck", e pelo sapateador John William Sublett (1902-86), o "Bubbles". Com carreira iniciada em 1912, na infância,

em Indianápolis, revolucionaram a modalidade de performance conhecida como *tap dance** e foram os primeiros artistas negros a se apresentar no Radio City Music Hall. Atuaram também no cinema, nos célebres filmes *Cabin in the sky* (1943) e *A song is born* (1948), entre outros.

BUCKRA. O mesmo que *bakkra**.

BUDDOE. *Ver GOTTLIEB, Moses*.

BUDENCOCHÔ. Entre os crioulos do Amapá, falantes do lanc-patuá*, chouriço de sangue talhado.

BUDU. O mesmo que terecô*. A origem do termo parece estar numa corrupção de vodum ou vodu.

BUDUGURA. Casco de tartaruga usado como instrumento musical pelos *garífunas** de Honduras e da Guatemala.

BUDUM. No Maranhão, antiga denominação do terecô*. De vodum*.

BUELTA Y FLORES, Tomás (1798-1851). Compositor e líder de orquestra cubano nascido e falecido em Havana. Sua orquestra típica experimentou grande popularidade na primeira metade do século XIX, notadamente em virtude da execução de peças populares de sua autoria. Músico da Real Casa de Beneficencia e do Batallón de Morenos Leales, em 1844 foi preso e torturado por suposta participação na chamada "Conspiração de La Escalera*". Não obstante, faleceu em situação econômica confortável, deixando bens e escravos.

BUENA, La. Dança afro-uruguaia em que os bailarinos executam, ao som de tambores, movimentos de luta, com volteios e negaças. R. Carámbula (1995) acredita que essa dança, que se expressa também no duelo entre os *escoberos* das *comparsas* carnavalescas, tenha origem na capoeira brasileira. *Ver ESCOBILLERO*.

BUENA VISTA SOCIAL CLUB. *Ver COMPAY SEGUNDO*.

BUENO [de Godoy]**, Aldo.** Ator e cantor brasileiro nascido em São Paulo, SP, em 1950. Como ator, participou de montagens históricas, como as de *Equus*, *Arena conta Zumbi*, *Gota d'água*, *Ópera do malandro* e *O país dos elefantes*, peça na qual teve premiado seu desempenho como coadjuvante. No cinema, fez *Eles não usam black tie*, *O homem que virou suco*, *Anjos da noite* e *O cangaceiro*, conquistando prêmios no Festival de Gramado e na escolha anual da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

BUENOS AIRES. Capital da República Argentina, situada à margem direita do rio da Prata. *Ver ARGENTINA, República*; *CIDADES NEGRAS*.

BUFFALO SOLDIERS. Denominação pela qual foram genericamente conhecidos, nos Estados Unidos, os vários regimentos militares constituídos exclusivamente por soldados negros, após a Guerra Civil. Criados em 1866, sua atuação foi proeminente na guerra que envolveu Cuba, Espanha e Estados Unidos em 1898. Destacando-se também em conflitos contra os índios, uma dessas unidades, o Décimo Regimento de Cavalaria, foi comandada pelo tenente Henry Ossian Flipper*, que se notabilizou nas campanhas contra os índios apaches liderados pelo legendário chefe Victorio.

BUFÕES NEGROS. A linguagem corrente não faz distinção entre o bufão e o bobo. Antenor Nascentes, porém, em seu *Dicionário de sinônimos* (1981), estabelece a diferença histórica: *bufão* era o vendedor ambulante que dizia graçolas ao apregoar sua mercadoria; *bobo* "era o indivíduo que, nas antigas cortes, divertia o soberano com ditos engraçados, esgares, gestos cômicos". Como para tudo se prestaram os negros na época escravista, muitos, nas Américas, também serviram como bobos da corte, notadamente alguns escravos do caudilho argentino Juan Manuel Rosas, moradores no palácio de Palermo. Entre estes, tristemente celebrizados, contam-se: **Biguá** (nascido em 1819), registrado no inventário de bens de Rosas como Juan Bautista Rosas Viguá, idiotizado, aleijado e contando apenas 16 anos em 1835, era utilizado pelo tirano em pantomimas grotescas, tendo, ao que consta, morrido em consequência de uma delas; **Maria Rosa** (nascida em 1806), cozinheira do ditador, usada também em suas pantomimas, que, em 1844, esteve recolhida ao cárcere durante dezessete dias por ter preparado uma comida que não agradou a Rosas; **Don Eusebio** (nascido por volta de 1800), usado por Rosas para ridicularizar as instituições, costumava sair às ruas em traje de general, todo vermelho, com chapéu emplumado de três bicos, espada à cinta e uma escolta de doze soldados, igualmente vestidos de vermelho. Amedrontava a população, mas, depois da queda de Rosas, pôs-se a mendigar nas mesmas ruas pelas quais passeara triunfante, até ser recolhido a um asilo, onde repetia cenas das pantomimas que o ditador lhe determinava. Também referido como Don Eusebio de la Santa Federación,

segundo Eduardo Gutiérrez, citado em J. L. Lanuza (1946), fazia-se de louco por pura conveniência.

BUGABOO. Fantasma ou bicho-papão da tradição afro-jamaicana.

BUGH-JARGAL. Romance do francês Victor Hugo sobre negros do Haiti publicado em 1883. O fio condutor é a história de um legendário príncipe vendido como escravo por ter matado o próprio pai.

BUGURIDALA. Forma brasileira para o bambara *bougouridala*, “feiticeiro”.

BULÁ. Tambor usado na tumba francesa*, o menor de todo o conjunto da percussão.

BULAYER. Tocador de *bulá**.

BULBUL, Zózimo. *Ver ZÓZIMO BULBUL.*

BULLAS. Iguaria da culinária jamaicana; são parecidas com as broas, achatadas, salgadas e temperadas.

BULLERENGUE. Gênero de dança dos negros de Darién, Panamá. É bailado em pares, com a mulher executando meneios sensuais, ao mesmo tempo que negaceia diante da abordagem do parceiro. É praticado também em comunidades negras da Colômbia.

BULULÚ. Ator ambulante que no passado se apresentava sozinho nos vilarejos espanhóis. Na moderna língua espanhola, o vocábulo é usado com as acepções de “farsante”, “ator ambulante” e “imitador”. A provável origem é o quicongo *bululu*, “deformidade”, “feiura”. *Ver ESPANHA.*

Bumba meu boi

BUMBA MEU BOI. Dança dramática típica do Maranhão mas difundida por todo o Brasil, com nomes e variantes locais. O enredo básico do bumba meu boi maranhense pode ser assim resumido: Mãe Catirina, negra escrava, mulher de Pai Francisco, grávida, sente desejo de comer língua de boi. Mas não de um boi qualquer, e, sim, do mais gordo e bonito da fazenda, preferido do patrão. Pai Francisco mata o boi, arranca-lhe a língua e, descoberto, vai para o tronco, para morrer. Entretanto, ante o apelo de Mãe Catirina, um ritualista, usando

de seus poderes, faz reviver o boi, cuja ressurreição é comemorada em uma grande festa.

BUMBOO. Mistura de rum, água, noz-moscada e açúcar, bastante apreciada como bebida no Caribe, principalmente nos séculos XVII e XVIII.

BUMBÚN (1884-1929). Pseudônimo de Joselino Oppenheimer, negro porto-riquenho, camponês, vaqueiro e tocador de *pandereta*, considerado o "rei" da *plena**, um dos ritmos nacionais de Porto Rico. O apelido que recebeu evoca o som de seu instrumento; o sobrenome Oppenheimer deve-se certamente ao patrão europeu de algum de seus ascendentes escravos.

BUNCHE, Ralph Johnson (1904-71). Diplomata e sociólogo americano nascido em Detroit, Michigan, e falecido em Nova York. Ex-secretário das Nações Unidas para assuntos políticos especiais, por seus esforços visando solucionar o conflito árabe-israelense, tornou-se, em 1950, o primeiro afro-americano a ganhar um Prêmio Nobel da Paz.

BUNDE. Antiga espécie de canto, ritmo e dança afro-panamenhos das regiões de Darién e Colón, nas proximidades da Colômbia. Antecessor do *tamborito**, é uma dança de roda em cujo centro se exibem pares alternados.

BUNDO, Príncipe de. *Ver PRÍNCIPE DE BUNDO.*

BUNDOS. Nome genérico pelo qual, à época escravista, se denominavam, indistintamente, os ambundos (falantes do quimbundo*) e os ovimbundos (falantes do umbundo*), grupos étnicos da atual República de Angola*. Mais especificamente, o nome "bundo" designa um grupo etnolinguístico da região Centro-Norte angolana, cuja Diáspora se estende por várias regiões vizinhas, por intermédio de povos como os ndongos, songos, libolos etc. *Ver AMBUNDO.*

BUNGA. Nome primitivo da *botija*, antigo instrumento improvisado da música afro-cubana. Tratava-se de uma espécie de moringa de barro, soprada de modo a produzir um som cavo que substituía rudimentarmente algumas notas do contrabaixo.

BURACO DO TATU. Quilombo existente na Bahia, no século XVIII. Durou cerca de vinte anos, até 1764. Sua população adulta somava, então, 65 pessoas.

BURGOS, Julia de (1914-53). Escritora porto-riquenha nascida em Carolina e falecida em East Harlem, Nova York. Poetisa de grande prestígio

e firme lutadora pela independência de seu país, publicou, entre outros livros, *Poemas exactos a mí misma* (1937), *Poema en veinte surcos* (1938), *Canción de la verdad sencilla* (1939) e *El mar y tú* (1954). Em 1997 uma coletânea de seus poemas, traduzidos para o inglês, foi publicada nos Estados Unidos sob o título *Song of the simple truth: the complete poems*.

BURGUESIA NEGRA. *Ver BLACK BOURGEOISIE.*

BURIAN. O mesmo que *bourian**.

BURKE, Elena. *Ver ELENA BURKE.*

BURKINA FASSO. República localizada no centro da África ocidental, à beira do Saara. Limita-se a norte e oeste com o Mali, a nordeste com Níger, com o Benin a sudeste e com Togo, Gana e Costa do Marfim ao sul. Os principais grupos étnicos que a compõem são: mossis e bobos. Sua história pré-colonial está centrada, basicamente, na do Império Mossi, florescido entre os séculos XI e XIII por intermédio de três reinos independentes. O nome de sua capital, Uagadugu, evoca esse tempo glorioso.

BURLADOR. Tambor de base da *bomba** porto-riquenha.

BURNHAM, [Lindon] **Forbes** [Sampson] (1923-85). Político guianense nascido em Kitty e falecido em Georgetown. Formado em Direito pela Universidade de Londres, em 1949 retornou ao país natal, onde se dedicou à advocacia e à política. Ex-líder estudantil e líder trabalhista desde o início dos anos de 1950, fundou em 1955 o Congresso Nacional do Povo (PNC). Em 1966, com a independência, tornou-se primeiro-ministro de seu país, tendo sido chefe de Estado por dezenove anos.

BURNING SPEAR. Nome artístico de Winston Rodney, músico jamaicano nascido em 1948. Estrela internacional do reggae, seu estilo interpretativo, além dos arranjos de suas músicas e dos textos engajados de suas canções, tornou-o um dos mais influentes músicos de seu universo artístico.

BURRINHA. *Ver BOURIAN.*

BURU. Culto afro-jamaicano semelhante ao *kumina**. Por extensão, o local onde se realizam os rituais e a dança executada por seus participantes. Também referido como *burru*.

BURUCU. Entre os antigos nagôs baianos, adjetivo aplicado a qualquer pessoa ou coisa má, perversa, maligna. Do iorubá *wuruku*, “mau”. *Ver OJU-*

BURUCU.

BURUNDI, República do. País localizado no Centro-Leste africano, com capital em Bujumbura. Limita-se ao norte com Ruanda, a oeste com o Congo-Kinshasa, a leste e sul com a Tanzânia e com o lago Tanganica, também ao sul. Durante algum tempo, constituiu com Ruanda um único país. Daí o entrelaçamento das duas experiências históricas, envolvendo, inclusive, a secular divergência entre hutus e tútsis.

BUSH. Nas Antilhas de fala inglesa, elemento de composição presente em várias expressões, com o sentido de "folhas", "ervas", "mato". Por exemplo: *bush bath* ("banho de ervas"); *bush doctor* ("ervateiro"; "raizeiro") etc.

BUSH NEGROES. Literalmente, "negros do mato". A expressão designa, na atualidade, os descendentes de negros que, fugindo da escravidão, internaram-se nas florestas das Guianas, lá conservando sua cultura. Os *bush negroes* da Guiana e do Suriname têm origem histórica comum, mas se dividem em povos por vezes antagônicos. A história dessas comunidades remonta a 1663, quando portugueses do atual Suriname esconderam seus negros na floresta para evitar o pagamento de impostos que incidiam sobre a propriedade de plantéis de escravos. Aproveitando-se da inesperada liberdade, os negros se embrenharam fundo na mata e nela se aquilombaram. Em 1712, com a invasão da região por tropas navais da França, os proprietários locais transferiram-se em debandada para Paramaribo, a capital da então Guiana Holandesa. A partir daí, os aquilombados fortaleceram-se, formando, em 1749, sob a liderança de Adoc, a primeira comunidade *maroon* independente da região: a do povo djuka* ou aúka, cuja autonomia, entretanto, só foi reconhecida pelas autoridades holandesas em 1761, após violentos confrontos. Um ano depois, a comunidade do povo saramaka também se tornava independente, com algumas concessões feitas aos holandeses, devido às quais se formou um grupo dissidente. Tal grupo, conhecido como boni* ou aluku*, foi repelido para o alto Maroni e, após a morte de seu líder, colocou-se sob a proteção da França. Além desses, integram o conjunto dos *bush negroes* os povos conhecidos como paramaka, matawai e kwinti.

BUSH, George (século XIX). Aventureiro e explorador afro-americano, um dos pioneiros da conquista do Oeste, foi o primeiro proprietário a

construir uma serraria e um moinho em Puget Sound, Oregon.

BUSHISANMAN. O mesmo que *businenge**.

BUSINENGE. Na Guiana Francesa, qualificativo do descendente de *bush negroes** vindos do Suriname.

BUSSA, Insurreição de. Rebelião eclodida em Barbados, em 14 de abril de 1816, assim chamada por causa de seu líder, o africano Bussa. Considerada a primeira revolta escrava de grandes proporções no Caribe, envolveu quase mil insurretos, dos quais 140 foram executados e 123 deportados. É também referida como "Easter Rebellion" (Rebelião da Páscoa).

BUSTAMANTE, Sir Alexander (1884-1977). Político jamaicano nascido em Blenheim e falecido em Kingston. Nascido William Alexander Clarke, era filho de pai irlandês e mãe afro-indígena. Líder de grande carisma e inflamado orador, presidiu o Partido dos Trabalhadores por 34 anos, a partir de 1977, e foi primeiro-ministro após a independência de seu país, em 1962.

BUTÁN KEYE. Entidade espiritual dos congos ou *ñáñigos* cubanos correspondente ao Ossãim iorubá. É também referido simplesmente como Bután.

BUTLER, Kim. Cientista política e brasilianista americana nascida em 1961. Professora da Universidade de Rutgers, em Nova Jersey, é autora de *Freedoms given, freedoms won* (1998), livro sobre a situação social e política do negro no Brasil, da abolição até a década de 1930.

BUTLER, Tubal Uriah (1897-1997). Político nascido em Granada e falecido em Fyzabad, Trinidad e Tobago. Radicado em Trinidad desde 1921, foi líder sindical e, graças principalmente à sua oratória, exerceu grande influência no Trinidad Labour Party (TLP), o qual deixou para formar o British Empire Workers and Citizens Home Rule Party (BEW). De 1939 a 1945 esteve preso, acusado de subversão, mas em 1961 já integrava a delegação oficial que, na Inglaterra, discutia a reforma da Constituição de Trinidad e Tobago. Em 1975, foi condecorado com a Trinity Cross, a mais alta honraria concedida pelo governo do país que adotou.

BÚZIO. Concha de molusco, largamente utilizada na tradição religiosa afro-brasileira em oferendas, na composição dos assentamentos dos orixás,

na confecção de paramentos rituais e, principalmente, na técnica divinatória conhecida como jogo de búzios. *Ver DILOGGÚN*; *ODU*.

BÚZIOS, Armação dos. Município litorâneo do estado do Rio de Janeiro, entre Cabo Frio e o oceano Atlântico. Polo turístico requintado, famoso internacionalmente a partir do final da década de 1950, no fim do século XIX concentrava grande população negra. Segundo a tradição, escravos importados de Angola para trabalhar em uma enorme plantação de banana, então existente no local, foram os primeiros povoadores da região, a partir da Ponta do Pai Vitório, na Praia Rasa, onde hoje se reconhece uma comunidade remanescente de quilombo. *Ver CONTRABANDO DE ESCRAVOS*.

BÚZIOS, Conspiração dos. Nome pelo qual foi também conhecida a Revolução dos Alfaiates*. Foi assim chamada pelo fato de os envolvidos se reconhecerem pelo uso de um búzio pendurado em um colar ou pulseira.

BWABWA. Cada um dos bonecos de madeira que são levados às ruas no carnaval da Martinica.

C

CABAÇA. Fruto do cabaceiro (*Lagenaria vulgaris*; *Cucurbita lagenaria*), árvore da família das cucurbitáceas. É usada no fabrico de vários utensílios das culturas africanas, como instrumentos musicais (berimbau, *güiro*, marimbas, xequeré etc.) e vasilhames de uso doméstico e ritual.

***CABANA DO PAI TOMÁS, A* (*Uncle Tom's cabin*).** Romance abolicionista da escritora americana Harriet Beecher Stowe. Publicado em 1852, traduzido para mais de vinte idiomas e adaptado para o teatro, influenciou consideravelmente a formação da opinião pública contra a escravidão nos Estados Unidos.

CABANGA (século XVII). Líder do Quilombo de Una, em Palmares*, objeto de uma investida de tropas comandadas por Luís Silveira Pimentel, em 1694.

CABANOS, Guerra dos. *Ver PAPA-MEL.*

CABAXI, Engenho. *Ver CASSARANGONGO, Engenho.*

CABEÇA DE NEGRO. Espécie de produto pirotécnico explosivo usado como divertimento; espécie de arbusto (*Anona coriacea*); elemento de composição, em heráldica.

CABEÇA-FEITA. No Brasil, seguidor de culto africano, principalmente do candomblé*, que passou pelo rito de iniciação. O mesmo que "feito(a)" ou "raspado(a)".

CABEÇAS SECAS. Alcunha pela qual eram tratados os escravos negros em alguns lugares do Brasil. Esse apodo, zombeteiro e depreciativo, visa comparar o aspecto geral dos negros com o da ave cabeça-seca ou jaburu-moleque.

CABELO-DE-NEGRO. Um dos nomes da árvore batã (*Tapaciriba amarella*).

CABELOS E IDENTIDADE NEGRA. Denominado, derrogatoriamente, "carapinha" ou adjetivado como "pixaim" ou "ruim", diante do "cabelo bom" dos não negros, o cabelo crespo e lanoso de africanos e descendentes é o principal elemento definidor de sua etnicidade. Por isso, na Diáspora, nas tentativas de fugir a essa marca, imposta pelo eurocentrismo, quase sempre se empregaram expedientes como o de rapar ou alisar os cabelos. O pioneirismo na indústria de produtos e técnicas para o alisamento de cabelos coube à empresária afro-americana Madame C. J. Walker*, na década de 1910. A prática disseminou-se, não sem a condenação das lideranças negras, inclusive chegando à África colonial e às grandes cidades brasileiras por intermédio do cinema americano. Até os anos de 1960, os cabelos "esticados a frio" foram moda entre os homens sambistas e frequentadores das gafieiras cariocas e paulistanas, e às mulheres eram oferecidas opções e técnicas de alisamento as mais variadas. Com o advento do Black Power*, na década de 1970, veio o orgulho dos cabelos encarapinhados e cheios. A difusão do rastafarianismo*, por sua vez, trouxe os *dreadlocks**, usados como afirmação de africanidade. E, nos anos de 1990, outras técnicas de alisamento passaram a ser empregadas, já não motivadas apenas por sentimentos de inferioridade estética, mas também como afirmação da diferença.

CABILDO. Espécie de sociedade de auxílio mútuo, recreio e diversão existente, na época colonial, em vários países hispano-americanos. Constituídos por negros de mesma origem étnica, os *cabildos* procuravam

reconstruir antigas tradições africanas. Organizados em *comparsas**, saíam às ruas cantando e dançando nas datas festivas. Em certos países, onde eram chamados também “reinos” ou “nações”, alguns resistiram até os primeiros anos do século XX. **Cabildos em Cuba:** Em Cuba, já em 1796, havia na capital um “Cabildo de Congos Reales”. Depois, surgiram outros, como os dos *ararás*, *apapás*, mandingas, *lucumís*, além dos denominados “Mina Popó de la Costa de Oro”, “Carabalí”, “Ungrí” etc. Desses, os de origem bantu, localizados principalmente nas províncias de Las Villas e Matanzas, rejeitavam a denominação genérica de “congos”, adotando nomes mais definidores de sua origem étnica. Na primeira província destacaram-se os kunalungo ou kunalumbu e, em Matanzas, houve *cabildos* loango e musundi. Já em Havana, essa preocupação de certa forma se diluiu, tanto que, lá, o mais importante e famoso *cabildo* foi o dos “Congos Reales”, cuja presença, no Dia de Reis, constituía sempre uma marca de brilhantismo.

CABINDA. Divisão territorial da República de Angola, formando enclave entre o Congo*, ex-Zaire, e a República do Congo*. Até o século XIX, a região foi um dos principais entrepostos portugueses de escravos. Os habitantes da região, no Brasil chamados cabindas ou cambindas, se autodenominam *Ba-vili* e constituem um subgrupo dos bacongos. *Ver CAMBINDA.*

CABO DE GUERRA. O mesmo que Brazo Fuerte*.

CABO VERDE, República de. País da África ocidental localizado num arquipélago, no oceano Atlântico, a 540 quilômetros de Dacar, Senegal, com capital em Praia, na ilha de São Tiago. Sua composição étnica compreende maioria de mestiços de africanos e portugueses. Em 1466, pioneiros lusos receberam o monopólio do tráfico de escravos da Guiné, atividade essa que se tornou a razão da prosperidade da colônia nas primeiras décadas do século XVI.

CABOCLA INHANÇÃ. Na umbanda amazônica, entidade ligada à legião de Exu Marê, na vibração de Iemanjá.

CABOCLA NANAMBURUCU. Na umbanda amazônica, entidade ligada à legião de Exu Gererê, na vibração de Iemanjá.

CABOCLA OXUM. Na umbanda amazônica, entidade ligada à linha cruzada de Exu-Pombagira, na vibração de Iemanjá.

CABOCLINHO (1934-2000). Nome artístico de Ilton Ribeiro Vaz, músico percussionista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Atabaqueiro egresso dos terreiros de candomblé, tornou-se um dos grandes executantes cariocas de ritmos africanos, sendo, por isso, requisitado para integrar grupos, como o balé de Mercedes Baptista*, e participar de concertos e gravações. Viajou várias vezes à Europa, inclusive para workshops, e nos anos de 1990 foi músico do Departamento de Educação Física da Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro.

CABOCLO(A). Na umbanda, designação de cada uma das entidades ameríndias da linha de Oxóssi*. No candomblé de caboclo, cada uma das entidades principais, reverenciadas como ancestrais dos primeiros habitantes da terra brasileira. **Caboclos e negros:** No extenso capítulo das trocas e alianças entre indígenas e negros nas Américas, a figura do caboclo assume dimensão simbólica extremamente importante. Assim, nos antigos cordões carnavalescos, eram negros personificando índios que vinham à frente do cortejo, num costume que se fez presente nos primeiros tempos das escolas de samba cariocas, cada qual abrindo seu desfile, tradicionalmente, até quase os anos de 1950, com uma ala de "caboclos", com cocares, saiotes de penas e réplicas empalhadas de animais, como cobras e jacarés. **Nos terreiros de mina:** Na mina* maranhense, as entidades tidas como "caboclos" não são consideradas nem índios nem eguns, embora tenham tido vida terrena e ligação com grupos indígenas. *Ver ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças*.

CABOCLO BOIADEIRO. *Ver BOIADEIRO*.

CABOCLO MALEMBÁ. Entidade que, em candomblés de caboclo, representa Oxalá.

CABOCLO PEMBA. Entidade da linha da jurema integrante do sistema de cultos afro-amazônicos.

CABORÉ. No Norte do Brasil, o mesmo que cafuzo*.

CABO-VERDE. Em algumas regiões do Brasil, denominação do mulato de cabelos lisos.

CABRA. No Brasil, uma das denominações do afromestiço, quando de pele clara.

CABRAL, Cristina Rodríguez. Escritora uruguaia nascida em Montevidéu, em 1959. No ano de 1986, obteve o prêmio cubano Casa de Las Américas por seu livro *Bahia, mágica Bahia*. Publicou *Pájaros sueltos* (poemas) e *De par en par* (1989).

CABRAL, Guedes (século XIX). Sobrenome pelo qual foram conhecidos dois escritores brasileiros: Domingos Guedes Cabral (1811-71) e Domingos Guedes Cabral Filho (1852-83). O pai, nascido em São Pedro do Sul, RS, e falecido na Bahia, foi jornalista republicano e positivista, tendo deixado importantes textos políticos. O filho, nascido e falecido na Bahia, dedicou-se à filosofia e à medicina, legando à posteridade obras científicas como *Funções do cérebro* (1876) e *Manhãs do ermo*, coletânea de poemas e obras traduzidas. Um deles é citado entre os negros ilustres por Sílvio Romero (1953).

CABRAL, Hélio (1926-97). Sambista nascido em Duque de Caxias, RJ. Ligado à extinta escola de samba Cartolinha de Caxias e membro da ala de compositores da Mangueira*, é autor do antológico samba-enredo *Benfeitores do universo*, gravado por Martinho da Vila* no LP *Sambas-enredo*, e de *Semente do samba*, um dos hinos informais da Mangueira, gravado por Clementina de Jesus*.

CABRAL, Osvaldo. Compositor erudito brasileiro nascido em Itaperoá, BA, em 1900. No Rio de Janeiro, estudou teoria musical com João Otaviano e composição com Francisco Braga. Regente da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais durante 37 anos, é autor de 160 marchas militares, do poema sinfônico *Riachuelo*, das óperas *Glória* e *Siloé*, além de obras referentes à ancestralidade africana, como a cantata *Lamento de Castro Alves* e as peças para orquestra *Samba de rico* e *Dança brasileira*.

CABRAL, Sady [Souza Leite] (1906-85). Ator e diretor teatral brasileiro nascido em Maceió, AL, e falecido em São Paulo. Estreou no teatro em 1923, ingressando, mais tarde, no rádio. Em 1935 ajudou a fundar o grupo teatral Os Independentes. Fez parte do Teatro Brasileiro de Comédia, da Companhia Maria Della Costa e do Teatro de Arena. Atuou em dezenas de filmes e telenovelas, numa longa carreira artística. Foi também inspirado letrista, compondo, com Custódio Mesquita, canções de sucesso como *O velho realejo*.

CABROCHA. Termo que, no Brasil, designou, primeiro, no masculino, o mestiço escuro. Mais tarde, e no feminino, passou a qualificar a mulata jovem. No Rio de Janeiro, por extensão, designou, até perto do fim dos anos de 1950, as figurantes das escolas de samba, também conhecidas como "pastoras".

CABROUET. Nas Antilhas Francesas, nome do carro de boi.

CABUGÁ (?-1833). Nome pelo qual foi conhecido Antônio Gonçalves da Cruz, revolucionário e diplomata brasileiro nascido em Recife, na segunda metade do século XVIII, e falecido na Bolívia. Rico comerciante, viajou à Europa, onde abraçou os ideais da Revolução Francesa. Participante da Revolução Pernambucana de 1817, foi nomeado representante dos revolucionários nos Estados Unidos. Na sequência desses acontecimentos, participou de um plano de seguidores de Napoleão, com o objetivo de auxiliar na fuga do ex-imperador, preso em Santa Helena, trazendo-o para o Brasil. Em 1831 foi nomeado encarregado de negócios e cônsul-geral do Brasil na Bolívia, país onde faleceu.

CABULA. Antiga seita religiosa afro-brasileira. Observada no século XIX na província do Espírito Santo, seus membros realizavam rituais ao ar livre, no meio do mato, evocando espíritos dos antepassados e utilizando vocabulário de nítida origem bantu. O termo designa, atualmente, um toque de atabaques executado em candomblés de nação angola e congo. *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS [A matriz bantu].*

CABULISTA. Relativo à cabula*.

CABUNDÁ. Nos registros do tráfico negreiro, o mesmo que bundo*. No Brasil, o termo designava, ainda, o escravo fugido, que vivia em estado de cimarronagem*.

CABUNGUEIRO. Denominação dada ao escravo encarregado de limpar ou despejar o cabungo, receptáculo de matérias fecais. Por extensão, o termo passou a nomear o indivíduo que só se presta a ofícios considerados aviltantes.

CABURETÊ. O mesmo que zambo*.

CAÇANJE. Português mal falado ou mal escrito. Do etnônimo *kisanji*, denominação de um subgrupo dos ovimbundos*. Consta que os antigos

membros desse grupo étnico tinham dificuldade de ou se recusavam a aprender o português.

CACHAÇA. Bebida alcoólica brasileira resultante da destilação do caldo da cana-de-açúcar. O início de sua produção remonta aos primeiros tempos da colonização e, apesar de proibida, já no século XVII era exportada para a África, servindo, mais tarde, como moeda forte no comércio de escravos. Seu uso pelos trabalhadores escravizados foi, ao mesmo tempo, cerceado, por causar embriaguez, e estimulado, por iludir a sensação de fome. Desse estímulo resultou o vício no álcool, contraído principalmente pelos escravos rurais e que motivou um dos estereótipos racistas associados aos negros no Brasil: o de amantes inveterados de bebidas alcoólicas. *Ver ALCOOLISMO*.

CACHAMBÁ. Qualificativo de negro usado no interior do Brasil. Certamente originário de um nome étnico. *Ver XAMBÁ*.

CACHAO (1918-2008). Nome artístico de Israel López, contrabaixista, compositor e regente cubano nascido em Havana e radicado nos Estados Unidos, onde faleceu após trinta anos no país. É tido como um dos inventores do mambo* e da *descarga*, espécie de jam session praticada pelos cultores do *latin-jazz**.

CACHEU. Localidade na atual Guiné-Bissau. À época colonial, sediou importante feitoria, de onde grandes contingentes de escravos embarcaram para as Américas.

CACHICA. Um dos nomes do diabo entre os antigos negros cubanos.

CACHIMBO [1]. Aparelho para fumar composto de um fornilho onde se coloca o tabaco. Nas Antilhas Francesas, o objeto é conhecido pelo mesmo nome. Foi na época imperial que o hábito de fumar se disseminou no Brasil. Mas a moda, segundo L. F. de Alencastro (1997), restringia-se ao charuto, já que o uso do cachimbo, embora da preferência dos europeus, era também um costume ancestral africano, difundido por todo o continente negro, não sendo, portanto, de bom-tom.

CACHIMBO [2]. Em Cuba, o maior dos três tambores de fundamento do culto *arará*.

CACHINÊ (?-1963). Nome pelo qual foi conhecido Eden Silva, sambista falecido na cidade do Rio de Janeiro. Compositor ligado às escolas de samba

do morro do Salgueiro*, é coautor de dois clássicos do repertório carnavalesco, os sambas *Rosa Maria* e *Falam de mim* (1948).

CACHUMBA-CACHUMBAMBÉ. Expressão de alegria dos negros rio-platenses.

CACHUMBAMBÉ. Em Cuba, antiga espécie de gangorra na qual as crianças brincavam cantando este refrão: "*Cachumbambé, señora Inés, tuerce tabaco para vender*".

CACO VELHO (1919-71). Pseudônimo do cantor, instrumentista e compositor brasileiro Mateus Nunes, nascido em Porto Alegre, RS, e falecido na cidade de São Paulo. Com carreira profissional iniciada nos anos de 1930, no começo da década seguinte radicava-se na capital paulista, onde atuou no rádio, em casas noturnas e gravando discos. Nos anos de 1950, sua toada *Mãe Preta*, criada em parceria com Piratini ("Enquanto a chibata batia no seu amor/ Mãe Preta embalava o filho branco do senhor"), fez sucesso em Portugal na voz de Amália Rodrigues (embora com outra letra e intitulada *Barco negro*), tornando-o conhecido, inclusive no Rio de Janeiro. Nessa capital, atuou igualmente no cinema, no ambiente das chanchadas, sendo talvez o primeiro sambista a aparecer como tal, e com destaque, nas telas brasileiras. Trabalhando mais tarde na Europa, granjeou relativa fama internacional e, retornando a São Paulo, chegou a ser proprietário de uma conhecida casa noturna. Estilista do samba, na vertente conhecida como "sincopado", abordou, em sua obra, as várias faces do racismo brasileiro, do qual, encarnando no palco o estereótipo do "negro caricatural", foi também uma vítima. Em aparente contradição, criou letras nas quais, à maneira sexista da época, caricaturava algumas mulheres negras.

CACOS. Nome pelo qual foram conhecidos os rebeldes haitianos que, liderados por Charlemagne Péralte*, Benoti Batraville* e Ismael Codio, lutaram contra a ocupação americana em seu país. Em 16 de janeiro de 1920 empreenderam um grande ataque a Porto Príncipe, tendo sido, entretanto, rechaçados, com a consequente perda de 176 de seus combatentes.

CACULUCAJE. O mesmo que quitoco*.

CACUMBI. O mesmo que cucumbi*.

CACUMBU. Em antiga tradição afro-brasileira, metade do dia santificado que vai da quinta-feira à sexta-feira da Semana Santa. Possivelmente, do umbundo *ochikumbu*, "coto", "resto de qualquer coisa".

CACURIÁ. Dança popular afro-maranhense.

CACURUCAIO. Do quimbundo *kikulakaji*, "ancião", designação que, na umbanda, se dá aos pretos velhos. O feminino é "cacurucaia".

CADANCE. Estilo musical afro-caribenho, das Antilhas Francesas. O mesmo que *cadence*.

CADERNOS NEGROS. *Ver LITERATURA AFRO-BRASILEIRA*.

CAETANO, Antônio [da Silva] (1900-82). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Artista plástico autodidata e administrador, foi um dos três principais fundadores da escola de samba Portela*, pela qual se elegeu cidadão-samba* em 1937 e da qual foi o cérebro, ao tempo de Paulo da Portela*.

CAETANO [da Silva]**, Robson.** Atleta brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1964. Tido como um dos homens mais rápidos do mundo, era, em 1996, recordista sul-americano nos cem e duzentos metros e recordista mundial nos trezentos metros rasos.

CAFÉ (*Coffea arabica*). Fruto do cafeeiro, arbusto da família das rubiáceas. Suas folhas recebem diversos usos em cultos afro-brasileiros. Em Cuba, costuma-se derramar pó de café no caixão e nas partes íntimas do cadáver, às vezes com folhas de goiabeira, para evitar que se deteriorem muito rapidamente. Também, nas oferendas aos mortos nunca pode faltar uma xícara ou caneca de café.

CAFÉ, Ciclo do. Conjuntura em que a economia brasileira se sustentou por meio da cafeicultura. Apesar de introduzida no Brasil já no início do século XVIII, essa cultura só se tornou o sustentáculo da economia brasileira após a independência, nas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo, notadamente nas cidades do Vale do Paraíba. Nesse contexto, e até a hegemonia mundial como país produtor de café, conquistada pelo Brasil em 1890, a mão de obra negra foi fundamental, como comprova todo o repertório cultural ligado ao ciclo, que perdurou até cerca de 1929, muito embora o produto tenha permanecido ainda por longo tempo como um dos suportes da economia nacional.

CAFELEMPANGO. Divindade de cultos bantos brasileiros associada a Xangô.
CAFIOTO. Adepto ou frequentador da macumba.
CAFOFA. Prato preparado com pedacinhos de carne-seca frita e farinha de mandioca, que difere da paçoca por não ser socado no pilão. Provavelmente, do quioco *fwafwa*, onomatopeia que exprime o som de fervura lenta ou de algo que se desenvolve ou evola em flatos sucessivos; ou, do iaca *fufo*, "farinha", "fubá".
CAFRARIA. Região habitada pelos cafres*.
CAFRES. Antigo e aleatório nome atribuído a todos os nativos da região Sudeste africana compreendida entre as províncias do Cabo e Natal, na atual República da África do Sul*. O nome abrangia grupos étnicos diversos e parece originar-se do árabe *kaffir*, "infiel", "não muçulmano".
CAFRE-TETENSE. Denominação outrora aplicada ao povo nhungue de Moçambique e à sua língua, o xinhungue. O nome remete à região de Tete, no Zambeze.
CAFU [1]. Redução de cafuringa*.
CAFU [2]. Apelido de Marcos Evangelista de Moraes, jogador brasileiro de futebol nascido em São Paulo, em 1970. Lateral-direito revelado no São Paulo Futebol Clube, atuou na Espanha e na Itália e integrou várias vezes a seleção brasileira. Único jogador brasileiro a participar de três decisões do campeonato mundial, destacou-se na conquista da Copa do Mundo de 1994, foi vice-campeão na de 1998 e capitão da equipe brasileira no pentacampeonato de 2002.
CAFÚ. Termo do folclore afro-cubano usado nas expressões "*murió cafú*" ou "*murió como cafú*", embora seu significado exato não seja conhecido. Também não se sabe se ele se refere a um personagem real ou mitológico. *Ver* CAFUA.
CAFUA. Cela solitária para castigo de escravos. O nome está certamente associado ao quicongo *kufua*, "morte".
CAFUA DAS MERCÊS. Antigo armazém de escravos em São Luís do Maranhão, hoje tombado como bem do patrimônio histórico daquele estado.

CAFUNDÓ. Comunidade remanescente de quilombo* situada no município de Salto de Pirapora, próximo a Sorocaba, SP. Descoberta por antropólogos em 1978, seus habitantes expressam-se em português e na cupópia, falar cujo vocabulário se apoia em vocábulos de línguas bantas, como o umbundo, o quimbundo e o quicongo.
CAFUNÉ. Estalido que se faz com as unhas na cabeça de outrem, como para matar piolhos; ato de coçar levemente a cabeça de alguém para fazê-lo adormecer. Do quimbundo *kifune*, singular de *ifune*, "estalido produzido com os dedos na cabeça".
CAFURINGA. Coisa miúda, insignificante; criança pequena; qualificativo de pessoa mexeriqueira. No Uruguai, o termo é tratamento depreciativo dirigido a um negro.
CAFUXI, Serra do. Elevação localizada cerca de 180 quilômetros a noroeste da capital de Alagoas, onde se erguia a cidadela de Andalaquituxe*, líder de Palmares. Na Angola pré-colonial, Kafuxi era o nome de uma região ao sul do rio Cuanza, governada por um soba de igual nome.
CAFUZO. No Brasil, mestiço de negro e índio, em geral de cabelos lisos mas grossos e de pele escura.
CÁGADO. Nome comum a diversos répteis da ordem dos quelônios, família dos quelídeos. Chamado ajapá* na tradição dos orixás, é animal votivo de Xangô.
CAIAMBOLA. O mesmo que quilombola*.
CAIAMBURA. Pó branco usado nos rituais da cabula*.
CAIANA DOS CRIOULOS. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Alagoa Grande, PB. Seus membros são tidos como descendentes diretos de escravos africanos lá instalados entre os séculos XVIII e XIX, possivelmente rebelados quando do desembarque de um navio negreiro na baía da Traição.
CAIANGO. Um dos nomes de Iansã nos candomblés de nação angola.
CAIAPÓS. Antiga dança dramática de negros na cidade de São Paulo. Narrava a história da morte e ressurreição de um menino índio assassinado por um homem branco, o que, segundo algumas interpretações,

representaria uma denúncia dos negros contra a opressão colonial portuguesa. *Ver ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças*.

CAIÇARA, Mestre (1924-97). Nome pelo qual foi conhecido Antônio Conceição Morais, mestre de capoeira nascido em Cachoeiro de São Félix, BA, e falecido em Salvador, no mesmo estado. Discípulo do legendário Aberrê*, era membro do Conselho de Mestres da Associação Brasileira de Capoeira Angola.

CAIME. Tubérculo adocicado abundante na região cubana de Sagua, outrora muito usado como alimento pelos negros *cimarrones*.

CAIRO, Simpósio do. Evento científico pioneiro realizado na capital egípcia em 1974, sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Reuniu os vinte maiores egiptólogos do mundo, com o objetivo de promover o debate acerca das origens raciais dos antigos habitantes do país. No conclave, os africanos Cheikh Anta Diop* e Theophile Obenga mostraram evidências de que aqueles habitantes constituíram, de fato, uma civilização negro-africana.

CAITI-QUINDIMBANDA. Inquice dos candomblés angola; o mesmo que Tempo Diambanganga*.

CAIXEIRAS. Mulheres tocadoras de caixa nas folias do Divino da tradição maranhense.

CAJA. Um dos três tambores de fundamento do culto *arará* em Cuba, intermediário entre o *cachimbo* e o *mula*. O nome designa, também, um instrumento de percussão do *tamborito** panamenho.

CAJÁ, Bernardino de Sena (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. No posto de tenente, destacou-se na Guerra do Paraguai*.

CAJADO FILHO, José Rodrigues (1912-66). Cineasta brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro, RJ. Cenógrafo formado na Escola de Belas-Artes, foi colaborador dos principais diretores do gênero "chanchada". Roteirista, assinou *O petróleo é nosso* (1954), *De vento em popa* e *Garotas e samba* (1956), além do magistral *O homem do Sputnik* (1959). Destacou-se também como diretor de cinco longas-metragens produzidos entre 1949 e 1959: *Estou aí*, *Todos por um*, *Falso detetive*, *De conversa em conversa* e *O espetáculo continua*.

CAJANJÁ. Inquice dos candomblés angolo-congueses correspondente ao Obaluaiê nagô.

CAJAZEIRA (*Spondias lutea*). Árvore da família das anacardiáceas. De grande fundamento nos cultos jejes do Maranhão, é a seus pés que, na Casa das Minas*, são colocados os assentamentos e as oferendas do vodum Zomadônu*. Nos cultos nagôs, é planta votiva de Ogum e, em alguns casos, de Iroco, certamente por influência jeje. *Ver JOBO*.

CAJÓN. Instrumento da percussão musical afro-hispano-americana criado pela adaptação de um trivial caixote de madeira. Percutido com as mãos, substitui o tambor, principalmente na *rumba* e na *rumba brava* cubanas e na *marinera* peruana. *Ver BOX DRUM*.

CAJU, Paulo César. *Ver PAULO CÉSAR Lima*.

CAKE-WALK. Dança originária dos negros do Sul dos Estados Unidos que esteve em voga entre 1890 e 1920. Consistia em uma espécie de quadrilha dançada, ou melhor, "passeada" (*walk*) ao ar livre, ao final da qual, segundo se conta, o melhor par recebia um bolo (*cake*) como prêmio.

CALABAR. Cidade do Sudeste da República Federal da Nigéria*, capital do estado de Cross River, principal núcleo do povo efik*. O nome foi dado no Brasil a todos os africanos procedentes da região, tanto efiks como ibos, edos etc. *Ver CARABALÍ*.

CALABAR, Domingos Fernandes (*c*. 1600-35). Militar brasileiro nascido em Porto Calvo, AL. Mulato de educação jesuítica, foi próspero senhor de engenho, chegando a tornar-se proprietário de três desses estabelecimentos. Durante a invasão holandesa no Brasil, lutou no exército batavo, chegando ao posto de major. Preso pelos portugueses, foi enforcado e estigmatizado pela historiografia oficial como traidor.

CALABAZA. Nome cubano da abóbora-menina ou abóbora-de-guiné (*Cucurbita maxima*). Na tradição religiosa afro-cubana, é vegetal de Oxum e constitui um dos maiores tabus da *santería*, por ser "filha ilegítima" de Xangô. O mito que dá origem a essa interdição parece ser o mesmo que proíbe, no Brasil, a ingestão de abóbora a todos os praticantes do culto nagô. Eis o mito: um dia Iemanjá surpreendeu Oxum dentro de um poço rodeado de abóboras, pecando com Orumilá, que era o marido de Iemanjá. Todos os orixás souberam e, assim, a pecadora, envergonhada, repudiou a abóbora, só

usando uma delas para, em seu interior, esconder seus feitiços e encantamentos. Após o pecaminoso incidente, Oxum, depois de ter dado à luz várias vezes, viu que seu corpo estava se deformando. Saiu chorando pelo mato, pedindo ajuda a várias plantas. A primeira a atender suas súplicas foi a cabaceira, mas, quando a cabaça secou, as sementes chocalhavam, e isso a incomodou. Oxum encontrou uma abóbora-moranga e, ao passá-la pelo ventre, recobrou a boa forma. Desde então, Oxum faz milagres, curando mulheres, no rio, com abóbora e milho. Porém, como a abóbora representa o ventre, não se deve comê-la.

CALABOUÇO DO CASTELO. Principal prisão de escravos na cidade do Rio de Janeiro. Localizava-se ao pé do morro do Castelo, nas atuais proximidades do Museu de Arte Moderna (MAM), e abrigava, em péssimas condições carcerárias, sobretudo escravos fugitivos recapturados. Após 1835, quando foi inaugurada a Casa de Correção, na rua de Matacavalos, atual Riachuelo, foi desativado, talvez como consequência de medidas de segurança adotadas após a Revolta dos Malês*, na Bahia.

CALAFATE, Francisco (?-1853). Escravo rebelde falecido em Campos, RJ. Foi enforcado em 12 de agosto de 1853, com os também escravos José e Miguel, pelo assassinato, na região do Alto Muriaé, do fazendeiro José Lanes Dantas Brandão, desbravador das terras dos atuais municípios de Natividade de Carangola e Porciúncula.

CALAFÚ. Prato da culinária afro-rio-platense.

CALALOU. Guisado da culinária das Antilhas Francesas, consiste na mistura de várias espécies de carne com legumes, frutos e raízes. Em Cuba, diz-se *calalú*. *Ver* CARURU [2].

CALALÚ. *Ver* CALALOU.

CALANGO. Cantoria em forma de desafio praticada na região Sudeste do Brasil. Mário de Andrade (1989) registra também, para o termo, o significado de "dança de origem africana com rodopios, requebros e desengonços". O nome deriva, certamente, dos movimentos coleantes do réptil calango, como ocorre com outras danças rurais cujas denominações se originam no reino animal, pelo quimbundo *kalanga*. Em hauçá, no entanto, o nome *kalango* designa um tambor feito de madeira ou de cabaça.

CALÇA LARGA (1908-64). Nome pelo qual foi conhecido Joaquim Casemiro, sambista nascido em Miracema, RJ, e falecido na capital desse estado. Radicado no morro do Salgueiro* desde 1932, foi uma das grandes lideranças do samba local, à frente da Unidos do Salgueiro, única escola refratária à fusão que, em 1953, resultou na criação da atual representante da comunidade. Mais tarde, integrou-se à nova agremiação criada, também como líder. Faleceu, às vésperas do carnaval do quarto centenário da cidade, no cargo de diretor de harmonia da Acadêmicos do Salgueiro*, que, naquele ano, mesmo desfilando de luto por sua morte, sagrou-se campeã.

CALDAS BARBOSA, Domingos (1740-1800). Poeta e músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Filho de uma negra de Angola e de um proprietário abastado, recebeu instrução regular. Aos 23 anos foi viver em Lisboa, onde, na corte de dona Maria I, tornou-se tão famoso a ponto de despertar a inveja de personalidades como Bocage. Seus lundus e modinhas, bem como a temática e o vocabulário brasileiro por ele utilizados, prenunciaram o romantismo literário e o tornaram o grande precursor da música popular brasileira. É autor do volume de versos *Viola de Lereno* (referência ao seu nome árcade, Lereno Selinuntino).

CALDAS, Jonas. Luthier (profissional especializado na construção e no reparo de instrumentos de corda com caixa de ressonância) brasileiro nascido em Caxambu, MG, em 1963, e radicado em Niterói, RJ. Dos 6 aos 18 anos foi aluno interno da antiga Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), onde aprendeu marcenaria e deu os primeiros passos em sua arte. Praticante de uma técnica artesanal considerada primorosa pelos especialistas, conquistou o reconhecimento de grandes músicos, no Brasil e no exterior. Especializado na fabricação de instrumentos antigos como a viola da gamba e a viela de roda, além de violinos e violoncelos, em 1994 fez curso de especialização em Stuttgart, Alemanha, como aluno convidado de H. Hegger, conhecido luthier alemão.

CALDAS, Sílvio (1908-98). Nome artístico de Sílvio Narciso de Figueiredo Caldas, cantor e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em Atibaia, SP. Com carreira profissional iniciada em 1929, passou à história como intérprete e autor de obras imortais do cancioneiro

popular brasileiro, como *Chão de estrelas*, *Arranha-céu*, *Faceira*, entre outras. Foi saudado como “O Caboclinho Querido” e “O Seresteiro do Brasil”.

CALÉ. Divindade dos cultos mina-jejes correspondente a Iansã.

CALENDA. Antiga dança dos negros do Uruguai. Nas Antilhas, o termo é variação regional de *calinda**.

CALHEIROS, Augusto (1891-1956). Cantor e compositor brasileiro nascido em Maceió, AL. Radicado desde 1927 no Rio de Janeiro, onde recebeu o cognome de “A Patativa do Norte”, foi o intérprete original da famosa canção *Chuá, chuá*, de Sá Pereira e Ary Pavão, obtendo grande sucesso no rádio brasileiro nos anos de 1940.

CALIBAN. Personagem de *A tempestade*, texto teatral de William Shakespeare, escrito em 1611. Monstruoso e feroz habitante da ilha onde se desenvolve a trama, é filho da feiticeira Sycorax, que atormenta Ariel, anjo protetor do personagem principal, Próspero. Feito escravo por este e forçado a aprender a falar, personifica a força bruta obrigada a obedecer a um poder superior, mantendo-se, entretanto, em constante revolta. Visto como uma negativa representação do homem natural e como um exemplo do sofrimento dos povos que foram objeto da opressão colonial europeia, sobretudo os negros, o personagem tem alimentado as literaturas caribenha e africana. Fortes exemplos são o romance *Caliban’s curse* (1996), sobre o barbadiano George Lamming*; os ensaios caribenhos *Daughters of Caliban* (1997), de Consuelo López Springfield, e *Calibán* (1971), de Roberto Fernández Retamar; a antologia de poetas africanos *No Reino de Caliban* (1975), de Manuel Ferreira, e o volume *Highlife for Caliban* (1995), de Lemuel A. Johnson, escritor de Serra Leoa.

CALIMBA. Ferro com que, em Cuba, se marcavam os escravos e que consistia numa lâmina de metal com cabo de madeira. Para marcar, deixava-se o ferro em brasa e esfregava-se a parte do corpo que levaria a marca, geralmente o ombro, com gordura; aplicava-se sobre ela um papel também engordurado e impunha-se a *calimba*. Quando os efeitos da queimadura passavam, ficava na pele uma cicatriz indelével. Tal procedimento foi igualmente adotado em terras brasileiras. O termo corresponde ao português “carimbo”, do quimbundo *ki-dimbu*, “marca”, “sinete”.

CALINDA. Antiga dança dos negros da Louisiana, no Sul dos Estados Unidos, e do Caribe. *Ver CALENDA*.

CALIPSO. Dança e ritmo de compasso binário originários de Trinidad e Tobago. As letras das canções, entoadas pelos próprios compositores, são quase sempre jocosas e de forte conteúdo crítico ou reivindicatório. Verdadeiras cascatas de jogos de palavras, num ritmo marcado e buliçoso, os calipsos mais tradicionais são cantados numa linguagem de difícil acesso e compreensão aos ouvintes não acostumados. Nos anos de 1950, o gênero ganhou projeção internacional graças a registros de Harry Belafonte* como *Matilda*, *Mama look at bubu* etc. *Ver CHANTWELLS*; *PAN*; *ROAD MARCH*; *SOCA*; *STEEL BANDS*.

CALISTO, Espiridião. *Ver IMPRENSA NEGRA no Brasil*.

CALL AND RESPONSE. Alternância entre solista e coro, comum na música de origem africana.

CALLADO [Jr.]**, Joaquim Antônio da Silva** (1848-80). Flautista e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Filho de mestre de banda, foi professor do Imperial Conservatório de Música e do Liceu de Artes e Ofícios. Virtuose da flauta, em 1879 foi agraciado pelo imperador dom Pedro II com o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa. Legou à posteridade inúmeras composições, tendo influenciado toda uma geração de alunos e seguidores. É tido como o criador do formato tradicional dos grupos de choro: flauta, cavaquinho e dois violões.

CALLALOO. Na Jamaica, vegetal comestível semelhante ao espinafre. *Ver CALALOU*; *CALALÚ*; *CARURU [2]*.

CALLALOU. Prato tradicional da culinária de Trinidad e Tobago, em que se misturam coco, abóbora, carne salgada, caranguejo etc. *Ver CALALÚ*.

CALLAO. Dança tradicional da República Dominicana.

CALLOWAY, Cab (1907-94). Cantor e chefe de orquestra americano nascido Cabell Calloway III, em Rochester, Nova York, e falecido em Hockessin, Delaware. Filho de um advogado e uma professora, abandonou a faculdade de Direito para iniciar carreira musical. Por volta de 1930, montou uma grande orquestra de jazz que se tornou sucesso no Savoy Ballroom e no legendário Cotton Club, a qual, durante anos, contou com a participação de músicos e cantores como Dizzy Gillespie*, Pearl Bailey* e

Lena Horne*. Como ator, interpretou o personagem Sportin' Life numa montagem da ópera *Porgy and Bess* na Broadway. Alcançou maior popularidade, porém, com suas performances como *showman*, dançando e cantando, e principalmente criando scats* como o "*Hi-de-hi-de-hi-de-ho*", do sucesso *Minnie the Moocher*, de 1931. No cinema, participou em 1980 de *The Blues brothers*, no Brasil intitulado *Os irmãos Cara de Pau*.

CALOFÉ. Título de alguns ogãs na umbanda.

CALPA MULATO. Denominação dada, no México, ao mestiço de um indivíduo *zambaigo** com um *lobo**.

CALUMBÁ. Espécie de gamela da tradição afro-brasileira.

CALUNDU. Denominação reduzida da expressão "quilombo-de-calundu", usada, no Brasil colonial e imperial, para designar certa modalidade religiosa afro-brasileira e cada um dos locais onde se realizava. Designa, mais especificamente, o primeiro tipo de manifestação de culto organizado em comunidade, em congregação criada pela ação isolada dos ritualistas (curadores e adivinhos) coloniais. Entrado no léxico do português do Brasil entre 1596 e 1659, o termo parece originar-se no quimbundo *kilundu*, "ancestral", "espírito de pessoa que viveu em época remota", ligado ao radical quimbundo *lundula*, "herdar". Na língua do povo bunda, do grupo lunda-tchokwé, o termo *okalundu* traduz-se por "cemitério" (Alves, 1951).

CALUNGA. Termo usado no Brasil em várias acepções. Na umbanda, nomeia cada um dos integrantes da falange de seres espirituais que vibram na linha de Iemanjá. Em linguagem mais geral, designa: qualquer boneco pequeno; camundongo; pessoa de pouca estatura principalmente por ser aleijada da coluna vertebral; indivíduo de cor preta; cada um dos habitantes da comunidade dos calungas, em Goiás; falar banto da região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba; cada uma das duas bonecas que fazem parte do cortejo de maracatu; o mar; o céu; a morte. **Etimologia:** A origem etimológica do vocábulo está no multilinguístico banto *kalunga*, que encerra a ideia de grandeza, imensidão, designando Deus, o mar, a morte. Segundo Alberto da Costa e Silva (2002), entre alguns povos bantos, a *kalunga*, representada por uma boneca sempre guardada em um curso d'água, é símbolo de força e fonte de poder político. No Brasil, o ícone antropomorfo (o iteque*, estatueta representativa de qualquer entidade divinizada) passou

a se chamar "calunga". Considere-se, por exemplo, a "calunga do maracatu". O termo portanto se estendeu, formando outras acepções.

CALUNGANGOMBE. Personagem mitológico afro-brasileiro; divindade das profundezas da terra. Do quimbundo *Kalungangombe*, um dos nomes do Deus supremo; Zâmbi.

CALUNGUINHA. Na umbanda amazônica, entidade-chefe da legião dos calunguinhas da linha de Iemanjá.

CAM. Personagem bíblico, um dos filhos de Noé, talvez o segundo, também mencionado como "Cão". De acordo com a mitologia hebraica, foi amaldiçoado e condenado a ser escravo por ter visto o corpo nu do pai, que dormia embriagado. Essa passagem bíblica serviu, durante anos, como justificativa para a escravização dos negros, tidos como portadores da "maldição de Cam". Entretanto, consoante modernas interpretações, a associação de Cam ao povo negro constitui uma falácia histórica, empregada apenas como uma justificativa teológica para a escravidão e a inferiorização dos africanos. *Ver REDENÇÃO DE CAM*.

CAMAFEU DE OXÓSSI (?-1994). Nome pelo qual foi conhecido Ápio Patrocínio da Conceição, músico nascido e falecido em Salvador, BA. Em 1967 registrou cantigas de capoeira e toques de berimbau no LP *Berimbaus da Bahia*, para o selo paulista Musicolor. Um dos doze obás do Axé Opô Afonjá*, presidente do afoxé Filhos de Gandhy* e dono de famoso restaurante no Mercado Modelo, foi uma das grandes figuras da comunidade negra e da vida popular da capital baiana.

CAMARÃO. Nome comum a diversas espécies de crustáceos marinhos ou fluviais. Muito apreciados como alimento, depois de salgados e dessecados, entram na composição de vários pratos da culinária afro-baiana, como o vatapá*, o caruru*, o efó etc. São também muito utilizados na culinária das Antilhas e da Louisiana, no Sul dos Estados Unidos.

CAMARGO, Adalberto (1923-2008). Político e empresário brasileiro nascido em Araraquara, SP, e falecido na capital paulista. Órfão de mãe aos 5 anos de idade e só conhecendo o pai aos 15, a partir de 1939 exerceu várias ocupações subalternas, até chegar ao ramo de venda de automóveis usados. Vinte anos depois, tornava-se proprietário da Auto-Drive, então a maior frota de carros de aluguel do Brasil. Com base nesse negócio, criou

outros, granjeando prestígio no meio empresarial. Em seguida, foi eleito para o Conselho da Câmara de Comércio Estrangeiro, dirigiu a Federação do Comércio e o Centro do Comércio do Estado de São Paulo. Em 1966 iniciava carreira política, sendo deputado federal em quatro legislaturas, até 1982. Durante esses mandatos, foi vice-presidente das comissões de Relações Exteriores e de Transportes, bem como membro da Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados, enquanto, no âmbito empresarial, fundava, em 1968, a Câmara de Comércio Afro-Brasileira, da qual foi presidente. De orientação política conservadora e tendo iniciado carreira política na vigência da ditadura militar, foi muitas vezes mal visto pela militância negra. Contudo, segundo outros juízos, defendeu o que hoje se conhece como "empreendedorismo", tendo aberto caminho para outras lideranças políticas negras, como a deputada estadual Theodosina Ribeiro*.

CAMARGO [de Oliveira]**, Aguinaldo** (*c.* 1918-52). Ator brasileiro nascido em Campinas, SP. Em 1938, participou, com Abdias do Nascimento* e Geraldo Campos de Oliveira, da organização do Primeiro Congresso Afro-Campineiro. No Rio de Janeiro, embora exercesse a atividade profissional de comissário de polícia, tornou-se o mais destacado integrante do elenco do Teatro Experimental do Negro*. Sua atuação como Brutus Jones, protagonista do drama *O imperador Jones*, de Eugene O'Neill, representado no Teatro Municipal carioca em maio de 1945, arrancou entusiásticos aplausos da crítica. Dele se disse que, apesar da baixa estatura, se agigantava no palco. Haroldo Costa* afirmou que ele foi um dos maiores atores que viu atuar. Segundo o crítico Paulo Francis, era o único ator negro no Brasil com qualidades para o papel shakespeariano de Otelo. No cinema, fez *Terra violenta* e *Também somos irmãos*, produções cariocas de 1948 e 1949, respectivamente. Teve sua fulgurante trajetória prematuramente interrompida, morrendo vítima de atropelamento.

CAMARGO, Edmur Péricles. *Ver GAÚCHO.*

CAMARGO, João de (1861-1944). Líder religioso brasileiro nascido e falecido em Sorocaba, SP. Nascido escravo, filho de uma curandeira, escrava da família Camargo de Barros, aos 43 anos de idade, depois de passar longo tempo entregue ao alcoolismo, recebeu sua "revelação" e reconheceu-se profeta, conselheiro e médico dos pobres. Fundou a Igreja Negra e

Misteriosa da Água Vermelha, que, apesar das perseguições sofridas por seu líder, várias vezes preso sob acusação de charlatanismo, cresceu e tornou-se centro de peregrinações. No templo, ao redor do qual surgiu uma vila, nascida para abrigar os peregrinos, praticava-se um culto no qual tinham grande importância santos católicos negros, como santa Ifigênia, santo Elesbão e são Benedito, lá chamado Rongondongo, nome de evidente origem ou inspiração banta. Cada um desses santos era, segundo Roger Bastide (1971), associado a uma pedra polida, depositada aos pés de sua imagem, no altar, o que remete aos assentamentos dos orixás no candomblé. *Ver MESSIANISMO NEGRO*.

CAMARGO, Oswaldo de. Escritor brasileiro nascido em 1936, em Bragança Paulista, SP. Publicou, entre outros livros, *Um homem tenta ser anjo* (poemas, 1959), *Quinze poemas negros* (1961), *O carro do êxito* (contos, 1972) e *A descoberta do frio* (novela, 1979). Tem poemas incluídos na *Nova reunião da poesia do mundo negro* (Paris, 1967) e é focalizado na *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira*, de 1982, organizada por Paulo Colina.

CAMARÕES, República de. País localizado na costa oeste africana cuja capital é a cidade de Iaundê. Limita-se a nordeste com o Chade, a oeste e noroeste com a Nigéria, a leste com a República Centro-Africana, ao sul com Congo, Gabão e Guiné Equatorial, e a sudoeste com o golfo da Guiné. País onde se cruzam e confundem as vertentes culturais sudanesas e bantas, sua população compreende indivíduos de ambos os troncos. A imaginária linha sinuosa que divide o país ao meio, saindo de Duala, no Atlântico, para se estender em direção ao oceano Índico, marca a fronteira entre o domínio das línguas e povos bantos (abaixo dela) e o das línguas sudanesas. Cenário de ondas migratórias de várias procedências, o território começou a ser explorado já em 1472, quando o português Fernando Pó ocupou a ilha que leva seu nome.

CAMATE. Gorro circular achatado usado pelos adeptos da cabula*.

CAMBA. Nome genérico dado aos iniciados na cabula*. Do quimbundo *kamba*, “companheiro”.

CAMBÁ. Termo usado pelos soldados do Paraguai para designar os negros do Brasil durante a guerra entre os dois países. Possivelmente, do

quimbundo *kamba*, “companheiro”, pelo guarani *kambá*, “negro”, por contato interétnico.

CAMBACUAN. Comunidade negra a cerca de dez quilômetros de Assunção, no Paraguai. Seus habitantes, que cultivam um tipo especial de candombe*, têm nacionalidade paraguaia mas se dizem uruguaios.

CAMBAQUERÊ. Dança praticada durante as festas das senzalas (conforme Mário de Andrade, 1989). Provavelmente, do quicongo *mbèkele*, “galinha de pernas curtas”, com aposição do prefixo diminutivo *ka*. Relaciona-se com as diversas outras danças afro-brasileiras que se referem ao passo da galinha.

CAMBARANGÜANJE. Divindade dos candomblés angolo-congueses associada ao Xangô dos iorubás. De origem banta, mas de étimo não exatamente determinado. Cambarangüanjê-genti-de-Cacurucaia é o nome de Xangô em alguns candomblés de caboclo; Cambaranganja era o nome de um soba do conselho de Bié, na Angola colonial (conforme Galvão e Selvagem, 1950/1953).

CAMBARISÚ. Instrumento da percussão africana e indígena nas Américas constante de um tronco oco vazado, com uma fenda longitudinal.

CAMBIÁ. Panela de feitiço usada nos rituais da cabula*. Do quimbundo *imbia*, “panela”, “pote”, “caldeirão”, com a adição do prefixo diminutivo *ka*. “Plantar o cambiá” é enterrar, junto à porteira de uma casa ou de um terreiro, objetos rituais para defesa contra maus espíritos ou maus fluidos.

CAMBINDA. Indivíduo dos cabindas. O termo designa também a tradição de cultos afro-maranhenses difundida principalmente na região de Codó e chamada “Caxias” ou “Cachéu”, na qual os cânticos são entoados em português. Cambinda é, ainda, a antiga denominação dos maracatus pernambucanos. *Ver CABINDA.*

CAMBOJA. *Ver EXTREMO ORIENTE, Negros no.*

CAMBONO. Auxiliar de pai de santo na umbanda.

CAMBOULAY. Antiga procissão de tochas do carnaval de Trinidad na qual os participantes se apresentavam com os rostos pintados.

CAMBUJO. Em Oaxaca, México, denominação dada ao mestiço de negro com índio.

CAMBUMBIA. Jogo infantil afro-cubano. Consiste em golpear com um bastão um toco de madeira, colocado em pé no chão, dentro de um quadrado, para arremessá-lo a distância. Também dito *cambumba*.

CAMERINO [de Azevedo]**, Francisco** (*c*. 1842-66). Herói da Guerra do Paraguai* nascido em Estância, SE. Modesto guarda-livros na Bahia, assim que se decretou a mobilização para a guerra, alistou-se e partiu para morrer heroicamente em Curupaiti. Era o filho mais novo do cônego Antônio Luís d'Azevedo, senhor de engenho falecido em 1848, e de Jacinta Clotildes do Amor Divino, ex-escrava reconhecida como esposa e tornada grande proprietária com o falecimento do cônego.

CAMIÑO. Em Cuba, o mesmo que odu*, isto é, resposta do oráculo Ifá a uma consulta ou signo correspondente ao destino de uma pessoa. O vocábulo corresponde, também, ao termo brasileiro "qualidade", quando empregado como uma das várias manifestações de um mesmo orixá. Por exemplo: Airá e Afonjá são duas qualidades de Xangô; "*Ochún Kolé es uno de los camiños de Ochún*".

CAMISU. Bata do traje de baiana.

CAMITAS. Populações supostamente descendentes de Cam*, ancestral bíblico dos povos negros e filho de Noé. Opõem-se aos semitas e jafetitas, mitologicamente descendentes de Sem e Jafet, também filhos do patriarca, e compreenderiam, segundo antigas classificações, egípcios, etíopes, berberes e massais, entre outros povos africanos.

CAMOANGA (século XVII). Um dos últimos líderes de Palmares*, sucessor de Zumbi. Esse era, também, o nome de um sobado* (e naturalmente de um soba*) em Icolo e Bengo, na Angola colonial.

CAMOLELE. Gorro usado pelos cabulistas. Do quimbundo *mulele*, "pano", pela forma diminutiva *ka-mulele*.

CAMPANA. Nome cubano da trombeteira-branca (*Datura suaveolens*), planta da família das solanáceas. É planta de Obatalá e compõe o omi-eró* desse orixá.

CAMPBELL, Robert. Escritor jamaicano nascido em Kingston, de pai irlandês e mãe mulata, em 1829. Destacou-se no âmbito das ideias pan-africanistas por seu livro *A pilgrim to my motherland: an account of a journey*

among the Egbas and Yorubas of Central Africa, in 1859-60, publicado em 1961, sobre sua vivência na Mãe África.

CAMPECHE, José (1751-1809). Pintor porto-riquenho nascido e falecido em San Juan. Filho de um negro livre com uma espanhola, desenvolveu, como autodidata, pintura minuciosa e detalhista comparável à do rococó europeu. Entre suas obras encontram-se algumas das primeiras representações artísticas de negros no contexto colonial e escravista de seu país.

CAMPO GRANDE, Quilombo do. Aldeamento organizado no mesmo local que sediou o Quilombo do Ambrósio*, algum tempo após a destruição deste, e liderado por Zundu*.

CAMPOS DOS GOITACAZES. Município do estado do Rio de Janeiro, constituiu-se em um dos maiores centros escravistas brasileiros no século XIX. Abrigando 35 mil escravos na década de 1880, foi palco de alguns dos mais violentos confrontos entre abolicionistas e escravocratas no período final da escravidão. *Ver SÃO JOÃO DA BARRA*.

CAMPOS, Astério [Barbosa Gomes] **de.** Poeta, crítico teatral e professor brasileiro nascido em Amargosa, BA, em 1891. Introduzido na imprensa por Rui Barbosa, deixou publicados diversos volumes de poemas, tendo sido incluído na antologia *Os mais belos sonetos brasileiros*, de Edgard Rezende (1947).

CAMPOS, Bernardino de (1841-1915). Político brasileiro nascido em Minas Gerais e falecido em São Paulo. A partir de 1890, foi deputado à Constituinte, governador de São Paulo em dois mandatos e senador em duas legislaturas, além de ministro da Fazenda e um dos chefes da campanha civilista que opunha Rui Barbosa a Hermes da Fonseca na disputa pela presidência da República. É mencionado na nominata de pretos e mulatos proeminentes elaborada por José Honório Rodrigues (1964).

CAMPOS, Erotides de (1896-1945). Compositor e instrumentista brasileiro nascido em Cabreúva, SP, e falecido em Piracicaba, no mesmo estado. Pianista e executante de outros instrumentos, é autor da pungente melodia da conhecida canção *Ave Maria*, de 1924 (cuja letra, de Jonas Neves, inicia-se com o verso "Cai a tarde, tristonha e serena"), inspirada, segundo consta, por um amor tornado impossível por força do racismo e da

discriminação social. Foi também professor de química, diretor da Escola Normal de Piracicaba e orientador de cultura artística da cidade.

CAMPOS, Jacinto [Barbosa] **de.** Poeta brasileiro nascido em Canavieiras, BA, em 1900. Publicou, em 1956, *Penumbras e clarões*.

CAMPOS, Juan Morel (1857-96). Músico erudito porto-riquenho nascido e falecido em Ponce. Compositor e pianista, criou sinfonias e zarzuelas e incursionou por outros gêneros, da música de concerto à popular. O mais festejado dos compositores porto-riquenhos de seu tempo, é figura basilar no desenvolvimento da *danza*, estilo que incorpora elementos musicais caribenhos e europeus.

CAMPOS, Marieta. *Ver DAMAS, Leon.*

CAMPOS, Olímpio [de Souza] (1853-1906). Prelado e político brasileiro nascido em Itabaianinha, SE, e falecido provavelmente no Rio de Janeiro. Presidente de Sergipe de 1899 a 1902 e, em seguida, senador da República, depois de se notabilizar como monarquista e conservador ferrenho, morreu assassinado por questões políticas. Em 1896, segundo Ariosvaldo Figueiredo (1977), foi referido pelo jornal *Gazeta de Sergipe* como "mulato sem-vergonha".

CAMPOS, Pedro Albizu (*c.* 1892-1965). Político e advogado porto-riquenho nascido em Ponce. Partidário da independência de seu país do domínio norte-americano, sendo líder e primeiro presidente do Partido Nacionalista de Porto Rico, de 1930 até sua morte, no exílio, depois de prisão prolongada nos Estados Unidos, em represália por sua ação anticolonialista. Admirado por sua oratória brilhante, era também referido como *El Maestro*, ou seja, "O Mestre". *Ver PORTO RICO.*

CAMPOS, Sabino [Barbosa] **de.** Poeta, romancista e folclorista brasileiro nascido em Amargosa, BA, no ano de 1893. Publicou, entre outras obras, os livros de poemas *Jardim de silêncio* (1919) e *Sinfonia bárbara* (1932), e *Catimbó* (1946), romance folclórico enriquecido por um dicionário de expressões e tradições populares nordestinas.

CAMPOS, Túlio Teodoro de (1868-*c.* 1915). Escritor brasileiro nascido em Franca, SP. Promotor público e jornalista, escreveu e publicou biografias e ensaios críticos. Foi também colaborador da *Revista do Instituto*

Histórico e Geográfico de São Paulo e de *A Federação*, quinzenário da Federação dos Homens de Cor lançado na capital paulista em 1911.

CAMPOS-PONS, María Magdalena. Artista multimídia e professora de pintura cubana nascida em Matanzas, em 1959. Seu trabalho, expresso em painéis fotográficos, instalações e performances, explora as relações entre sua memória pessoal e a herança africana.

CAMUCANDO. Ritual fúnebre nas nações angola e congo. Do quicongo *kamuka*, "morrer, principalmente de morte súbita, repentina".

CAMUCITE. Templo, peji ou altar na seita cabulista. Do quicongo *mu-situ*, "floresta" – as cerimônias eram realizadas no mato.

CAMUNDÁ. Designativo, no Brasil, de um dos grupos étnicos africanos aqui escravizados. Variante de cabundá*.

CAMUNDONGO. Designativo de uma nação africana no Brasil. Provavelmente, do quicongo *mundongo*, "escravo".

CAMUNGA. Na linguagem cifrada dos jongueiros, uma das designações do tambor.

CAMUTI. Pote de barro usado em rituais da mina maranhense (conforme Lody, 2003).

CAMUTUÊ. No linguajar da umbanda, denominação da cabeça. Do quimbundo *kamutue*, "cabecinha".

CANABRAVA, Manoel Inácio (?-1838). Revolucionário brasileiro participante da Sabinada*, foi morto pelo Exército imperial, tendo seu corpo vilipendiado pelos soldados legalistas.

CANADÁ. País da América do Norte limitado ao sul pelos Estados Unidos. A presença africana e afrodescendente no Canadá remonta ao século XVII, quando muitos negros rumaram para lá como escravos, como exploradores ou mesmo fugindo à escravidão nos Estados Unidos, graças ao trabalho desenvolvido pela chamada Underground Railroad*, de 1783 a 1865. No século XX, o mais importante movimento migratório deu-se entre 1909 e 1911, quando cerca de 1.500 agricultores negros de Oklahoma estabeleceram-se na região de Manitoba, criando várias comunidades. Entre 1960 e 1995, o país recebeu cerca de 300 mil imigrantes caribenhos e mais de 150 mil africanos. Segundo o Censo de 1996, as maiores concentrações de população negra estão em Toronto, Montreal e Ottawa.

CAÑADA DE LOS NEGROS. Revolta de escravos ocorrida no México no século XVI, ao tempo do vice-rei Martín Enrique de Almansa, a que se seguiu violenta repressão, com a castração sumária de todos os negros capturados.

CANA-DE-AÇÚCAR. *Ver* AÇÚCAR.

CANA-DO-BREJO (*Costus spicatus*; *Costus arabicus*; *Alpinia spicata*; *Sagitaria tuberosa*). Erva da família das zingiberáceas, também conhecida como cana-de-macaco, paco-caatinga, sangolovô, ubacaia etc. Planta de Oxalá, seu nome iorubano é *tètèrègún*. No omi-eró*, em que tem papel preponderante, suas folhas constituem elemento indutor do transe. Em Cuba, conhecida como *caña santa* ou *cañuela santa*, é planta de Ogum.

CAÑANDONGA. Em Cuba, aguardente de má qualidade.

CANARINHO. Nome artístico de Aluísio Ferreira Gomes, ator e cantor brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1927. Mais conhecido pelos programas humorísticos de televisão de que participou, a partir dos anos de 1950 atuou como cantor de dancings e boates no Rio de Janeiro e em São Paulo.

CÁNCAMO FUMANTÍSIO. Entre os antigos negros peruanos, um dos nomes do cigarro.

CANÇÕES DE GESTA Africanas. Presente em várias culturas, a canção de gesta é um canto de louvor. Na tradição dos povos da África ocidental, em especial entre os mandingas, um governante, um grande guerreiro ou um renomado caçador nunca seriam realmente afamados se não tivessem uma canção composta em sua honra a celebrar seus feitos. Essa música, quando ouvida, mesmo sem os versos, era logo identificada pelo povo como, por exemplo, "a canção de Sundiata*", "a canção de Sira Magan Nyoro" etc.

CANDÁ. O mesmo que canção em dialeto crioulo do Suriname. Provavelmente, do português "cantar".

CANDACE. Título monárquico conferido a algumas rainhas cuxitas de Méroe*, que governaram, principalmente, no século I a.C.

CANDANGO. Personagem mitológico afro-brasileiro; também, qualificativo que alguns africanos aplicavam aos portugueses. Em Cuba, o

termo *candanga* significa "bobalhão", "mentecapto", "doentio", "enfraquecido".

Candeia, com Cartola à esquerda

CANDEIA (1935-78). Nome pelo qual foi conhecido o sambista, militante negro e animador cultural Antônio Candeia Filho, nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Ainda bem jovem, com 17 anos, em parceria com Altair Prego, venceu o concurso para a escolha do samba-enredo com que a Portela* se apresentaria no carnaval de 1953, com *Seis datas magnas*. Venceria também os de 1955, 1956, 1957, 1959 e 1965 – todos em parceria com Waldir 59; o do ano de 1959 contou também com a parceria de Casquinha*. Em 1975, afastado da Portela, funda o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, núcleo de resistência contra a colonização cultural e de irradiação de conteúdos afro-brasileiros, criado com o objetivo expresso de se opor às novas concepções vigentes nas escolas nos anos de 1970. Pouco depois, em 1977, publica o livro *Escola de samba, árvore que esqueceu a raiz*, em coautoria com Isnard Araújo. Sempre articulado com outras entidades do movimento negro, produziu e gravou discos de samba, jongo e cânticos rituais, organizou shows e, sobretudo, compôs e interpretou sambas hoje antológicos, afirmando, em todas essas iniciativas, a força e a clareza de suas posições.

CÁNDIDO [Camero]. Músico cubano nascido em Havana, em 1921. Com carreira profissional iniciada aos 14 anos de idade, celebrizou-se como executante de bongô e congas, além de ser solista de *tres*, guitarra cubana de três cordas duplas. Nos Estados Unidos desde 1953, sucedeu a Chano Pozo* e ombreou-se com Mongo Santamaría* no pódio percussivo do *latin-jazz**. A peculiaridade de seu trabalho reside no fato de que foi, em 1950, o primeiro percussionista a executar, simultaneamente, três congas, numa forma de interpretação percussiva hoje internacionalmente consagrada.

CÄNDIDO [Felisberto]**, João** (1880-1969). Líder rebelde brasileiro nascido em Rio Pardo, RS, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Filho de ex-escravo, alistou-se como aprendiz de marinheiro aos 14 anos de idade, levado pelo almirante Alexandrino de Alencar, futuro ministro da Marinha. Aos 20 anos, já instrutor de aprendizes, viaja pelo país e pelo exterior. Em 1909 vai à Europa para acompanhar a construção do encouraçado Minas Gerais, encomendado pelo Brasil a um fabricante inglês. Nos estaleiros da empresa New Castle, na Inglaterra, assiste, com outros companheiros, a uma reunião sindical cujo conteúdo é traduzido por um intérprete. Nessa viagem, toma conhecimento da revolta do encouraçado Potemkim, ocorrida na Rússia em 1905, e entusiasma-se com as conquistas dos marinheiros britânicos, no campo da justiça trabalhista e social. Em janeiro de 1910, já como marinheiro de primeira classe e assumindo o comando do Minas Gerais, lidera o movimento conhecido como Revolta da Chibata ou Revolta dos Marinheiros, que pretendia abolir os castigos corporais na Marinha, prática que evocava as torturas da época escravista. Em consequência, e depois de ter sido preso, torturado e expulso da Marinha, torna-se subempregado e miserável, o que contudo não o privou de ser consagrado como o "Almirante Negro", herói do povo brasileiro. Sua saga foi tema do famoso samba *O mestre-sala dos mares*, de João Bosco e Aldir Blanc, tendo sido também focalizada no filme *João Cândido, o Almirante Negro*, de Emiliano Ribeiro, concluído em 1987, bem como em vários livros e teses universitárias. Em 2008, o governo brasileiro inaugurava, na Praça Quinze carioca, durante as comemorações da Semana da Consciência Negra*, um monumento em sua honra. *Ver CHIBATA, Revolta da*.

CÂNDIDO, Raimundo (século XX). Jurista brasileiro, professor de direito e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Minas Gerais (OAB-MG). Seu filho Raimundo Cândido Jr., além de presidente da mesma seção, era, em 1995, procurador da República no estado.

CANDINHO TROMBONE. *Ver SILVA, Candinho*.

CANDIO. Entre os antigos negros do Sul dos Estados Unidos, termo que designava o líder, o chefe.

CANDOCA DA ANUNCIAÇÃO. *Ver DORNELAS, Homero*.

CANDOMBE [1]. Dança de rua de origem africana, típica da bacia do Prata, executada pelas *comparsas** de negros, ao som de seis ou mais tambores, com coreografia e cerimonial definidos, sendo o cortejo de cada agremiação presidido por seus respectivos rei e rainha. Segundo R. Carámbula (1995), o candombe, representante remanescente do acervo ancestral africano de raiz bantu, era originalmente uma dança dramática, encenada na coroação dos "reis congos", mas imitando costumes da aristocracia dominante. Do ponto de vista religioso, traduzia o entrelaçamento da religiosidade bantu com a católica, expressa nas devoções a são Benedito, são Baltazar e santo Antônio. À época desta obra, apesar da perda de alguns de seus elementos originais, continuava sendo a mais importante manifestação cultural negro-africana no Prata, principalmente no Uruguai – tanto que o nome se generalizou, passando a compreender quase todas as danças dos negros, até mesmo aquelas sem nenhum compromisso religioso aparente, como as do carnaval. Por essa razão, a denominação "candombe" estendeu-se a toda e qualquer espécie de música popular baseada nos riquíssimos motivos executados pelos *tamboriles*. **Coreografia:** Na tradição do candombe, o cortejo adentra o lugar em que a cerimônia vai se desenrolar ao compasso de uma marcha *candombera*. À frente, num andor, vai a imagem de são Benedito, seguida pelo rei, a rainha, os príncipes e, depois deles, o séquito, batendo palmas cadenciadas. Fechando o cortejo aparecem os instrumentistas, e, acompanhando o séquito mas circulando, livremente e sem solenidade entre os participantes, vão os personagens da pantomima: o *gramillero**, a *mama vieja** e o *escobero** ou *escobillero*, que, com uma vassoura (*escoba*), faz malabarismos. Chegados ao lugar da cerimônia, deposita-se o santo no altar, com rei, rainha e príncipes ocupando seus tronos; os instrumentistas, sem parar de tocar, colocam-se à direita do rei, e os figurantes, ainda batendo palmas ritmadas, se dividem em duas filas, uma de homens, outra de mulheres. O *escobillero*, que é o "diretor do candombe", levanta a vassoura, gesto com que manda parar a marcha *candombera*, e dirige-se ao rei, pedindo autorização para iniciar a dança. Autorizado, emite o brado: "Calunga, güé!". A um novo ritmo, o coro responde: "*Oyé, oyé, yum bam bé/ Calunga, mussunga é*", e a dança começa. As duas filas de homens e mulheres insinuam um choque

(*encontrazo*), indo à frente e voltando várias vezes, e em seguida trocam de lugar, sem parar de dançar. Desenvolvem-se então várias figurações coreográficas: os malabarismos do *escobillero* na "*calle*" (rua) entre as duas alas; a *conquista*, em que os pares, a partir do casal da extremidade, simulam uma conquista amorosa, com gestos de aceitação e rejeição; o *paseo*, em que cada cavalheiro dá o braço à sua dama; a *contramarcha* (retorno) executada a um grito do *escobillero*; e, finalmente, a *baraunda* (barafunda), a grande e alegre confusão final. **Reis e rainhas:** Em Montevidéu, na segunda metade do século XIX, conforme Lino Suárez Peña (citado por Carvalho-Neto, 1965), os principais candombes eram os *Congos Africanos*, com sede em Ibicuy, esquina de Soriano, sendo reis José e Catalina Gomez; *Minas Magi*, Maldonado, esquina de Ibicuy, tendo como reis Benjamin Irigoyen e Catalina Vidal de Irigoyen; *Minas Nagó*, Joaquín Requema com Durazno, sendo os reis Manuel Barbosa e María Rosco de Barbosa; *Banguela*, Ibicuy com Durazno; *Lubolos*, cujos reis eram José Casoso e Margarita Sarari; *Murema*, Rio Negro, entre Durazno e Islas de Flores. Além desses, havia o *Anjunja* e o *Minas Carabarí*. Nessa época tornaram-se famosos nas funções de rei ou rainha de candombe os *tíos* Francisco Sienra, José Vidal, Antonio Pagola e as *tías* Felipa Artigas, Petrona Durán e María del Rosario. **Na Argentina:** Em Buenos Aires, após a forte repressão antinegro que se seguiu à queda do ditador Rosas, em 1870, o candombe passou a ser praticado, como reminiscência, por jovens brancos pintados de preto, e assim permanece no Nordeste argentino, experimentando algum renascimento, como "folclore", na capital do país. *Ver ARGENTINA, República [Africanos e afrodescendentes]*; *CABILDO*; *COMPARSAS*; *URUGUAI*, *República Oriental do*.

CANDOMBE [2]. Em Minas Gerais, uma das guardas da fraternidade de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos Pretos, que só toca em casa de reis congos em grandes ocasiões.

CANDOMBE-SERÊ. Personagem mitológica afro-brasileira.

CANDOMBLÉ. Nome genérico com que, no Brasil, a partir da Bahia e desde o início do século XIX, se designa o culto aos orixás jejes-nagôs bem como algumas formas dele derivadas, manifestas em diversas "nações". Por extensão, o nome designa também a celebração, a festa dessa tradição, o

xirê* e o local onde se realizam essas festas. *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*.

CANDOMBLÉ DO ACU. Denominação sob a qual passou à história a comunidade-terreiro baiana, de nação jeje, que, no século XIX, se localizava no atual bairro de Acupe de Brotas. No ano de 1829, foi objeto de violenta repressão policial, marcada por invasão e sequestro de objetos litúrgicos e outros bens. A ação, ordenada pelo juiz de paz da freguesia de Nossa Senhora de Brotas, foi denunciada pela comunidade, cujo líder era o liberto africano Joaquim Baptista, sendo integrada também por negros crioulos, ao presidente da província, o qual mandou investigar a ocorrência. Esse fato estudado pelo historiador João José Reis (1986) é o marco inicial na luta das religiões afro-brasileiras por reconhecimento e legitimidade.

CANDONGA (1921-97). Apelido de José Geraldo de Jesus, personagem do samba carioca nascido em Santo Estêvão, BA, e falecido no Rio de Janeiro. No desfile principal das escolas de samba cariocas foi, durante muitos anos, o responsável pelo posicionamento das baterias na área de recuo do sambódromo. Ex-marinheiro e ex-guarda-costas, de físico avantajado, era pessoa de trato agradável, sendo, por isso, unanimemente benquisto por todo o mundo do samba.

CANDONGUEIRO. Pequeno tambor de jongo. Esse tipo de tambor, por ter som agudo e muito alto, denunciava o local secreto onde o jongo se realizava; assim, faria "candonga", isto é, intriga, mexerico.

CANDUNGA. Folguedo de negros do Equador semelhante ao candombe* rio-platense.

CANE RIVER. *Ver ISLE BREVELLE*.

CANEGAL, [Arnaud, dito] **Arnô** (1915-86). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Ligado às primeiras escolas de samba cariocas, foi percussionista de estúdio e autor do famoso samba *Não põe a mão*, em parceria com Mutt e Bucy Moreira, de 1951.

CANELA. Denominação genérica de várias árvores da família das lauráceas, em especial a canela-verdadeira ou caneleira-da-índia (*Cinnamomum zeylanicum*). De casca muito aromática, essa variedade é empregada, em cultos afro-brasileiros, no preparo de defumações e banhos de descarga, sendo consagrada a Ogum.

CANGÁ. Espécie de antiga flauta de bambu usada por negros em Pernambuco (conforme Mário de Andrade, 1989).

CANGOMA. Pequeno tambor; denominação carinhosa do tambor no jongo. Do quimbundo *ngoma*, "tambor", na forma diminutiva *kangoma*.

CANGUME. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Itaoca, SP.

CANHONGO (século XVII). Rebelde palmarino* degolado por liderar uma rebelião contra Ganga Zona*.

CANINHA (1883-1961). Nome pelo qual foi conhecido Oscar José Luís de Morais, compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Ligado ao núcleo de pioneiros do samba carioca, foi um dos fundadores do rancho Dois de Ouro e integrou o grupo da velha-guarda, com Donga*, João da Baiana* e Pixinguinha*. Sobre ele, escreveu Francisco Guimarães, o Vagalume*: "É um trabalhador, um incansável batalhador e defensor extremado e talvez o único nos dias que correm que cultive o 'samba de partido-alto' e conserve o seu ritmo" (*Na roda do samba*, 1933).

CANIQUÍ (século XIX). Negro *cimarrón* que, segundo Fernando Ortiz (2001), foi o terror da localidade de Villaclara, em Cuba, entre os anos de 1834 e 1838. Era tido como feiticeiro, possuidor de poderes que lhe permitiam estar em dois pontos diferentes ao mesmo tempo, e ainda voar, atravessar paredes etc. Morreu próximo ao rio Ay, na jurisdição de Trinidad.

CANJÁ. Instrumento musical do terno de moçambique da festa do Rosário de Patos de Minas.

CANJERÊ. Antiga denominação das reuniões religiosas dos negros no Brasil; feitiço, mandinga.

CANJICA. Prato da culinária afro-brasileira; espécie de mingau de milho branco servido especialmente na Sexta-Feira Santa, num costume que parece remontar ao da "mukunza de óbito", mingau servido em funerais angolanos. (Observe-se que o termo "mungunzá", que designa uma espécie de mingau ou papa de milho, é derivado do quimbundo *mukunza*.) Também, papa de milho verde. Do quimbundo *kandjika*, "papa", correspondente ao quicongo *kanjika*, "papa de milho grosso cozido". *Ver MAÍZ DE FINADOS*.

CANJINJIM. Bebida tradicional brasileira, espécie de licor dos negros de Vila Bela da Santíssima Trindade, MT. O nome parece ser adaptação bantu

de “ginjinha”, aguardente à base de ginja, pela aposição do prefixo diminutivo *ka*. *Ver CAXIXI [2]*.

CANJIQUINHA (1925-94). Apelido de Washington Bruno da Silva, mestre de capoeira nascido e falecido em Salvador, BA. Discípulo do legendário Aberrê*, destacou-se como tocador de berimbau e tirador de chulas.

CANJIRA. Na umbanda e em terreiros angolo-congueses, conjunto de danças rituais, girando em círculo. Do umbundo *tjiila* ou *chila*, “dançar”, “bailar”, provavelmente associado ao quicongo *nkengila*, “vigília”.

CANJIRA MUNGONGO. Divindade cultuada em antigas macumbas do Leste brasileiro.

CANNAMIRIM, Nicolau Tolentino (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia; capitão do Exército, revoltou-se em 1837, por ocasião da Sabinada*.

CAÑO DEL CARACOL. Sítio na região de Calabozo, Venezuela, onde, por volta de 1787, se localizava um quilombo.

CANOÍTA. Bastão de madeira percutido na música conga da República Dominicana.

CANTADORES NEGROS. A arte poética da cantoria nordestina, com seus desafios e pelejas, sempre refletiu o meio onde se desenvolve e nele se viu refletida: as alegrias e tristezas, as preferências e idiossincrasias do nordestino se fazem presentes nessa admirável forma de arte. Assim, as expressões do preconceito antinegro são recorrentes em toda essa produção, sobretudo na que remonta ao século XIX e aos primeiros anos do século XX, dada a proximidade, ainda, dos tempos do escravismo e do apogeu da ordem patriarcal. Foi nesse contexto que surgiram os cantadores negros, hoje legendários, de tempos em tempos desafiados a defender, com versos improvisados, sua ultrajada condição étnica. Pertencem a esse tempo, entre outros, os seguintes cantores-instrumentistas do repente nordestino: Inácio da Catingueira*; Azulão*; Fabião das Queimadas*; Romano da Mãe d’Água e seu irmão Veríssimo, cantador e cangaceiro; Preto Limão, de Natal, RN; Zé Pretinho [2]*; Pedro Nonato da Cunha, octogenário na década de 1920; Manuel Caetano; Severino Perigo (*c*. 1870-1930), de Patos, PB etc. A partir da década de 1970, destacou-se o cantador baiano Antonio Ribeiro da

Conceição, conhecido como Bule-Bule. Interessante registrar que uma das modalidades da cantoria nordestina é a "louvação", por meio da qual o cantador, em festas familiares, saúda os donos da casa, exaltando-lhes as virtudes. Essa modalidade, em geral remunerada, e na qual se destacou Fabião das Queimadas, aproxima a função do cantador daquela desempenhada pelo *griot** oeste-africano.

CANTAGALO. Município da região serrana do estado do Rio de Janeiro e localidade em que, em 1887, segundo registros da história da escravidão, ocorreu uma tentativa, logo abortada, de formação de quilombo.

CANTINA DA LUA. Restaurante e espaço cultural localizado no Terreiro de Jesus, no centro histórico da cidade de Salvador, BA. De propriedade de Clarindo Silva de Jesus, animador cultural nascido em Conceição do Almeida, BA, em 1942, o espaço tornou-se altamente prestigiado como polo de difusão da cultura afro-brasileira.

CANTO. Nas cidades do Brasil colonial e imperial, denominação que se dava a cada um dos pontos onde os negros de ganho, reunidos em geral em "nações", podiam ser contratados para a prestação de serviços remunerados. Nesses cantos, nos intervalos entre os serviços, os trabalhadores dedicavam-se a pequenas tarefas, como consertos e confecção de artefatos de sua tradição, bem como a atividades de lazer, como o jogo do aiú*. Nesses locais também recebiam mercadores e prestadores de outros serviços, como as vendedoras de mingau e quitutes, que lhes serviam as refeições, e os barbeiros, que lhes cortavam os cabelos. Com o tempo, e por extensão de sentido, o termo passou a designar não só o local de reunião, como o próprio grupo. Por exemplo: "O canto da Praça da Sé comunica sua mudança para a rua do Hospício".

CANTO LÍRICO. Gênero de interpretação cantada de óperas e outras peças correlatas, distintas da música popular. Nascida na Itália, no século XVII, a ópera e seu universo viram surgir, entre os afrodescendentes, grandes talentos artísticos, como os dos americanos Paul Robeson*, Marian Anderson*, Jessye Norman*, Kathleen Battle* etc., além dos reunidos em torno de iniciativas como a Original Colored American Opera Troupe*, National Negro Opera Company e Harlem Opera Company. Em Cuba, sobressaem Zoila Gálvez* e Alina Sánchez*, entre outros. E, no Brasil,

apesar dos obstáculos, conseguiram destacar-se nomes como Zaíra de Oliveira*, Áurea Gomes, Aída Batista*, Maurício Luz*, Ivonete Rigot-Muller* e Elizeth Gomes. Entre esses e outros nomes, ressaltamos os nomes das pioneiras Joaquina Maria da Conceição Lapa, a Lapinha*, e Camila Maria da Conceição*, cujas trajetórias foram reveladas em livro por Sérgio Bittencourt-Sampaio (2008). *Ver SANTA CRUZ, Fazenda de*.

CANTORES DE ÉBANO. Conjunto vocal atuante no Rio de Janeiro nas décadas de 1950 e 1960. Liderado pelo cantor e compositor Nilo Amaro, era integrado exclusivamente por artistas negros, com vozes cuja classificação chegava até o baixo profundo. De seu repertório constavam canções de grande sucesso, no rádio e no disco, como *Uirapuru* e *Leva eu, sodade*. Nos anos de 1990, grupo com o mesmo nome e com características e repertório semelhantes apresentava-se na cidade de São Paulo.

CANTOS DE TRABALHO. Cânticos que acompanham o trabalho entoados em coordenação com o movimento do corpo. Ao enfrentar a dureza de suas tarefas braçais, o escravo cantava para revigorar-se ao som da própria voz. No transporte de cargas pesadas, por exemplo, quando um escravo via as pernas do companheiro fraquejarem, punha-se ao seu lado e cantava, marcando o ritmo da caminhada. Então, o que estava a ponto de cair respondia, primeiro com voz débil, e, quando o companheiro retrucava mais forte, clareava a voz, firmava o passo e os dois seguiam sem mais demonstrar cansaço. Da época da escravidão até os primeiros anos do século XX, foram famosos, por exemplo, os cânticos dos carregadores de piano no Recife antigo e os vissungos* dos trabalhadores da região de Diamantina, MG. *Ver BANANA BOAT SONG*; *XARÉU, Puxada da rede do*.

CANTU, Mãe. *Ver TIA CANTU*.

CANUDOS, Guerra de. Movimento popular de cunho messiânico concentrado no arraial de Canudos, no sertão baiano, entre 1896 e 1897. Cerca de 8 mil pobres sem-terra, negros em sua maioria, sob a liderança de Antônio Conselheiro, formaram, no arraial de Canudos, o “Império de Belo Monte”, contrário à República e a toda a nova ordem que se anunciava. Acreditavam na redenção da humanidade com a vinda de um novo messias, talvez o dom Sebastião português, cuja memória persistia no Brasil por intermédio da literatura popular. Alguns de seus líderes negros, como

Pajeú*, João Grande*, Pedrão* e outros, têm participação registrada na crônica do movimento, desarticulado, depois de resistir a três expedições federais, por uma tropa de 6 mil soldados, em outubro de 1897.

CANUTO, C. (1903-32). Pseudônimo do sambista Deocleciano da Silva Paranhos, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Morador do morro do Salgueiro*, foi parceiro de Noel Rosa em várias composições, participando, como tamborineiro, da célebre gravação de *Na pavuna*, de Almirante, a primeira em que se incluíram instrumentos da percussão tradicional do samba*.

CANYENGUE. Na Argentina, estilo de dança do tango repleto de cortes e quebraduras, tido como grosseiro e vulgar. Também, atitude, postura de corpo afetada, como era habitual entre os antigos malandros portenhos. Por extensão, o termo passou a designar qualquer dança de negros. Sua origem está provavelmente ligada ao quicongo *kinnyénge*, "terreno arenoso", e ao quimbundo *nyenge*, "queimado", "torrado", no mesmo nível de relação do angolanismo *musseque*, "bairro pobre", "favela" (conforme *Dicionário Houaiss*, 2001), com o quimbundo *museke*, "terreno árido", "areal", "deserto".

CANZÁ. Reco-reco de bambu da tradição musical afro-brasileira. Do quimbundo *dikanza*, designação dos ambundos para o reco-reco.

CANZAMBÊ. Instrumento de origem africana que acompanhava danças de antigas festas de são João (conforme Mário de Andrade, 1989).

CANZO. Prova de fogo a que são submetidos os iniciandos no vodu haitiano.

CANZUÁ. Nas comunidades religiosas de origem banta, local, terreiro ou salão onde se realizam as cerimônias; a casa, no linguajar desses terreiros. Do quimbundo *ka-nzua*, "pequena cabana".

CANZUÁ-DE-QUIMBE. Na linguagem das antigas macumbas, designação do cemitério, a morada dos mortos. De canzuá*, mais o quimbundo *kimbi*, "morto", "cadáver".

CAÓ. Nome pelo qual se tornou conhecido o político e jornalista brasileiro Carlos Alberto Oliveira dos Santos, nascido em 1941, em Salvador, BA, e radicado no Rio de Janeiro. Nas décadas de 1980 e 1990, como deputado federal, fez que a lei antirracismo que leva seu nome fosse aprovada (*ver*

LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO [Lei Caó]); no Executivo fluminense, por duas vezes foi secretário estadual do Trabalho e da Ação Social.

CAPADÓCIO. No Rio de Janeiro antigo, nome que significava "homem da plebe que se dá ares de importância, aparentando, nos modos e nas falas, uma superioridade que lhe cabe mal" (Nascentes, 1981). Passou a designar mais tarde um tipo de indivíduo de atitudes e comportamento semelhantes aos dos *curros** da Havana colonial. O capadócio é sempre descrito como mulato, com lenço no pescoço, calças abombachadas, chapéu caído nos olhos e versado na capoeiragem.

CAPATAZ. O mesmo que feitor*.

CAPÉCIA, Mayotte (1916-55). Pseudônimo de Lucette Céranus, escritora martinicana nascida em Carbet e falecida em Paris, França. Autora das novelas *Je suis martiniquaise* (1948) e *La négresse blanche* (1950), em seus escritos há personagens que escolhem a França em detrimento do país natal. Por essa razão, foi denunciada por Frantz Fanon* como exemplo de mulher negra acumpliciada com o colonialismo europeu, afirmação que mereceu contestação de outros estudiosos.

CAP-HAÏTIEN. Cidade portuária do Norte do Haiti, fundada em 1670.

CAPINAN, José Carlos. Compositor e poeta brasileiro nascido em Esplanada, BA, em 1941. Em 1966 publicou *Inquisitorial* e, em 1975, *Ciclo de navegação*, volumes de poemas. Participante do movimento tropicalista surgido na música popular brasileira dos anos de 1970, é letrista de composições de grande sucesso como *Ponteio*, *Soy loco por ti, América* e *Papel machê*.

CAPITÃES DE NAVIOS, Escravos. *Ver GRAY, Simon*.

CAPITANO. Dança de negros da República Dominicana.

CAPITÃO-DO-MATO. Indivíduo empregado pelos senhores de escravos com o propósito de capturar negros fugidos.

CAPITEIN, Jacobus Elisa Joannes (c. 1718-47). Líder religioso nascido e falecido em Elmina, na Costa do Ouro, atual Gana. Um dos poucos africanos, no século XVIII, a receber instrução formal na Europa, em 1728 chegava à Holanda como escravo. Aprendeu holandês, latim, hebraico, grego e aramaico, tendo sido batizado em 1735. Dois anos mais

tarde, dava início aos estudos de teologia na Universidade de Leiden. Foi ordenado em 1742, tornando-se o primeiro africano a ser ministro de uma igreja protestante; porém, enviado para seu país de origem, morreu sem alcançar sucesso em seu trabalho missionário.

CAPIVARI, Êxodo de. Forma como foi referida por José do Patrocínio* a fuga em massa de escravos de várias fazendas de Capivari, SP, em outubro de 1887. O fato, que resultou na morte do líder dos escravos e de um oficial integrante das forças de repressão, apressou a decisão do Exército de não mais perseguir escravos fugitivos.

CAPÓ, [Félix Manuel Rodríguez, dito] **Bobby** (1922-89). Cantor e compositor porto-riquenho nascido em Coamo. Emigrado para a cidade de Nova York no início dos anos de 1940, integrou a orquestra de Xavier Cugat e tornou-se um dos maiores ídolos da canção latina em seu tempo. Combinando elementos musicais de várias origens, inclusive afro-caribenhas, seus boleros, mambos e rumbas, como o famoso *Piel canela*, fizeram grande sucesso internacional, até mesmo no Brasil.

CAPOEIRA. Técnica corporal de ataque e defesa desenvolvida no Brasil com base em fundamentos introduzidos por escravos bantos. Expressa-se por meio de uma simulação de dança, executada ao som de cânticos tradicionais conduzidos pelo berimbau de barriga e outros instrumentos de percussão. Seus inúmeros golpes e movimentos são executados com os pés, as pernas, as mãos e a cabeça. As modalidades principais de capoeira são: a **angola**, a mais tradicional, e a **regional**, variante criada na Bahia, na década de 1930, por Mestre Bimba*, que mescla elementos das artes marciais japonesas. Nessa modalidade, em vez da malícia, da calma e da ritualística presentes na capoeira angola, estimula-se a competitividade, o que a torna efetivamente uma luta, um desporto, uma arte marcial. **Toques de berimbau:** Sempre acompanhado por coro e conjunto de berimbaus e pandeiros, o jogo da capoeira obedece a ritmos específicos, ora em andamento lento, ora acelerado, nos quais os berimbaus executam os seguintes toques principais: "angola", "benguela", "cavalaria", "idalina", "iúna", "santa-maria", "são-bento-grande" e "são-bento-pequeno". **Estilos de jogo:** Antes de ter originado a modalidade conhecida como "regional", a capoeira – tradicionalmente conhecida como "jogo de angola" – já se desenvolvia por

meio de estilos de luta diversos, em geral em atenção ao ritmo determinado pelo berimbau e pela percussão acompanhante. Assim, criaram-se as formas "angolinha", "assalva-senhor-do-bonfim", "conceição-da-praia", "jogo de dentro", "jogo de fora", "santa-maria", "são-bento-grande", "são-bento-pequeno" etc. **Ritualística:** A tradição da capoeira manda que o jogo só se desenvolva depois de cumpridos alguns preceitos. O primeiro é a "reza", na qual os jogadores se agacham diante dos tocadores para ouvir, contritamente, o "hino" ou a "ladainha", cantados pelo mestre e secundados pelo coro. A essa reza, que, a exemplo das intervenções dos antigos músicos de corte africanos (*ver GRIOT*), é sempre a louvação dos feitos ou das qualidades de capoeiristas famosos, segue-se o "canto de entrada". Encerrado o canto, os jogadores se benzem e iniciam o jogo. **Golpes:** Os golpes mais conhecidos são: "aú*", "banda*", "bênção", "cabeçada", "chibata", "escora", "martelo", "meia-lua" e "rabo de arraia", os quais comportam número infinito de variações, como as enumeradas por Mestre Bimba* no livro de Waldeloir Rego (1968). **História:** Chegada ao Brasil, talvez, com os primeiros escravos bantos que aqui desembarcaram, a capoeira brasileira parece descender da *ba-sula* e da *n'golo*, modalidades de lutas-danças da atual República de Angola. Antiga forma de lazer dos negros nos engenhos e nas praças públicas do Brasil colonial e imperial, era, também, já naquela época, empregada como forma de defesa e ataque. E sua história, como a de outras expressões da cultura afro-brasileira, mostra períodos de repressão, cooptação e apropriação pela cultura hegemônica. Com efeito, já nos tempos imperiais, sobretudo no Rio de Janeiro, o poder dominante muitas vezes se utilizou da força guerreira dos capoeiristas, empregando-os como capangas e guarda-costas, numa situação que perdurou até o fim do século XIX, com os famigerados cabos eleitorais da República então nascente. Entretanto, a capoeira não tardaria a ser reprimida e, por fim, proibida, com o advento do Código Penal da República, segundo o qual, a partir de 11 de outubro de 1890, todo aquele que fosse flagrado na prática do "exercício de agilidade e destreza corporal conhecido pela denominação de capoeiragem" estaria sujeito a pena de dois a seis meses, agravada caso o infrator pertencesse a algum bando ou malta, a ser cumprida em colônia correcional. Todavia, em 1937, passados 47 anos

dessa proibição, o capoeirista baiano Mestre Bimba conseguia, depois de uma exibição primorosa, que o presidente Getúlio Vargas descriminalizasse a luta e a oficializasse como prática de educação física. A partir daí, e graças à atuação de mestres famosos, a capoeira foi rompendo barreiras e conquistando cada vez mais adeptos. **Grandes mestres:** Entre os mais afamados mestres baianos, além de Pastinha* e Bimba*, contam-se também Antônio Conceição Moraes, o Caiçara (1923-); Washington Bruno da Silva, o Canjiquinha (1925-94); Rafael Alves França, o Cobrinha Verde (1917-83); João Pereira dos Santos, o João Pequeno (1917-); Daniel Coutinho, o Noronha (1909-77); José Ramos do Nascimento, o Traíra (?-*c.* 1970); Waldemar Rodrigues da Paixão, o Valdemar da Pero Vaz (1916-90); Francisco de Assis, o Bigodinho (1922-); Milton Santos, o Bobó (1929-94), e João Oliveira dos Santos, o João Grande (1933-), este um dos principais responsáveis pela difusão da capoeira nos Estados Unidos, país onde se radicou e recebeu, em 1994, o título de *Doctor of Human Letters*, pela Upsala College, de Nova Jersey. **Mudanças:** Com as adaptações introduzidas por Mestre Bimba, a capoeira, segundo seus críticos, teria dado o passo inicial em direção à perda da essência de sua brasilidade: saindo do ar livre para o recinto fechado das academias, seduzida pelos órgãos governamentais e pelas empresas, a antiga luta-dança teria se afastado de suas raízes populares e libertárias. Em abono a essa constatação, a prática da capoeira hoje é regulamentada e protegida pelo Conselho Nacional de Desportos e pela Confederação Brasileira de Desportos Universitários, mas a grande maioria dos que a exploram comercialmente não são negros nem egressos das camadas populares. **Difusão internacional:** Em 1988 fundava-se na Inglaterra a London School of Capoeira, depois, ao que consta, da criação, nos Estados Unidos, da Capoeira Foundation, hoje com sede em Manhattan e filial no Brooklyn, integrando, em 2002, um conjunto de quinze academias na cidade de Nova York e de cerca de cinquenta espalhadas por todos os estados americanos. Há ainda outros núcleos que funcionam na Europa, na Austrália, no Japão e na África do Sul, sendo a capoeira esporte praticado, inclusive, em Eton, a mais tradicional das escolas britânicas. *Ver BESOURO CORDÃO DE OURO*; *CAPADÓCIO*; *SAMUEL QUERIDO DE DEUS*.

CARA PRETA. *Ver GOMES [Jutaí], Raimundo*.

CARABALÍ. Indivíduo dos *carabalíes*, gentílico com que, em Cuba, eram designados os negros africanos da região do Calabar, no Sul da Nigéria e no Noroeste de Camarões, entre eles indivíduos oriundos dos grupos ibibio, ekoi e efik.

CARABALÍ IZUAMÁ. Associação musical e de auxílio mútuo constituída em Santiago de Cuba na época colonial. De início um *cabildo** dos negros de nação *carabalí**, nos anos de 1990 existia como grupo folclórico.

CARABELA. Na América hispânica, à época da escravidão, termo correspondente ao brasileiro "malungo*", significando "companheiro de viagem no mesmo navio".

CARABIÑÉ. Dança crioula haitiana originária de uma antiga dança da corte francesa.

CARACAS. Capital da Venezuela, a doze quilômetros de La Guaíra, seu porto no mar do Caribe. *Ver CIDADES NEGRAS*; *VENEZUELA, República Bolivariana da*.

CARACAXÁ. Espécie de chocalho ou reco-reco. Segundo A. Valente de Matos (conforme Lopes, 2003), o povo chirima, subgrupo dos macuas* de Moçambique, chama a um de seus chocalhos *karakasha*.

CARACOCI. Um dos nomes de Exu* na nação angola.

CARACOL. Nome comum a vários moluscos gastrópodes com concha enrolada em espiral. São animais votivos de Oxalá* e constituem elemento de forte simbologia em toda a tradição dos orixás. Na *santería* cubana, denominação do búzio.

CARAMOCÊ. Inquice da nação angola correspondente à Euá* dos iorubanos.

CARAMUNJOLA. Denominação de uma das nações do candomblé* baiano.

CARAMUTANJE. Termo que designava, no Brasil, o negro novo, recém-chegado da África.

CARANGÁ. Cada um dos negros libertos integrantes da guarda do famigerado Vidigal, chefe da polícia do Rio de Janeiro à época de dom João VI.

CARAPINHA. *Ver CABELOS E IDENTIDADE NEGRA*.

CARAPUNGO. Bairro popular no Norte de Quito, capital do Equador, onde vive boa parte dos 40 mil negros radicados na capital equatoriana. Provenientes, na maior parte dos casos, do vale de Chota, ao norte, os negros de Carapungo descendem em sua maioria de um lote de 1.700 escravos comprados, no Sul da Colômbia, no século XVII, por padres jesuítas, então proprietários das terras do vale. Em 1851 esses escravos ganharam a liberdade, tornando-se civilmente livres mas sem direito às terras em que trabalhavam.

CARAS QUEIMADAS. *Ver EFÃ.*

CARBATTI, Ana. Atriz brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1971. Com carreira iniciada no teatro aos 13 anos de idade, foi indicada em 1997 para o Prêmio Mambembe de melhor atriz por seu trabalho em *A capital federal*; em 1999 destacava-se na Rede Globo de Televisão no papel da escrava Zulmira, na telenovela *Força de um desejo*.

CARBONELL, Walterio. Sociólogo cubano nascido em 1925, autor de *Como surgió la cultura nacional* (1961), análise de uma alegada concepção racista da história e da cultura corrente em Cuba desde a independência e, segundo o livro, não revista pela Revolução de 1959. Expulso do Partido Comunista cubano, em 1969 foi condenado a trabalhos forçados por tentar organizar um movimento negro em seu país. *Ver CUBA, República de*.

CARDOSO [Valdez]**, Elisete** (1918-90). Cantora brasileira nascida e falecida no Rio de Janeiro. Crooner de orquestra de danças, iniciou carreira radiofônica em 1937 e discográfica em 1949. Em 1958 registrou canções de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, prenunciando o movimento da bossa nova. Depois de incursionar por todos os gêneros da canção popular, em 1964 apresentou-se no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, cantando as *Bachianas nº* 5 de Villa-Lobos, e rompeu uma barreira entre a música do povo e a erudita. Foi cantora de carisma e dotes excepcionais, recebendo por isso os epítetos de "Divina" e "Enluarada". A *Enciclopédia da música brasileira* (1977), diferentemente da *Grande enciclopédia Delta-Larousse* (1970), consigna seu nascimento em 1920.

CARDOSO, Gentil [Alves] (1901-70). Técnico de futebol brasileiro, pioneiro na implantação de métodos científicos na preparação física e tática dos jogadores, nasceu em Recife, PE, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1925, em estada na Inglaterra como marinheiro do encouraçado Minas Gerais, acompanhou de perto algumas importantes transformações sofridas pelo futebol. No Brasil, abraçando a carreira de técnico, depois de ter sido jogador, comandou a partir de 1930 os principais times cariocas, tornando-se, no Fluminense Futebol Clube, o primeiro técnico negro de um grande clube. Escolarizado e letrado (foi estudante de Medicina e formou-se em Educação Física, além de graduar-se como oficial da Aeronáutica), foi duramente combatido, e até ridicularizado, por seus métodos e declarações polêmicas. Em 1958, depois da recusa de Zezé Moreira em assumir o cargo de técnico da seleção nacional e do impedimento do paraguaio Fleitas Solich, foi preterido no comando, embora, por ter-se sagrado inúmeras vezes campeão, fosse naquele momento o terceiro mais bem credenciado. De atitudes controversas e frasista emérito, à sua verve são atribuídas máximas e expressões que entraram para o jargão do futebol e acabaram extrapolando esse âmbito, como "cobra", "zebra", "cartola" etc. Por evidenciar sempre sua condição de negro, também pode ser lembrado como um militante, ao seu modo, da causa afro-brasileira.

Gentil Cardoso

CARDOSO, Hamilton [Bernardes] (1953-99). Jornalista e ativista político brasileiro, tendo estudado na faculdade Cásper Líbero e na hoje Universidade Metodista, nasceu em Catanduva, SP, e faleceu na cidade de São Paulo. Em 1978, participou da criação do Movimento Negro Unificado (MNU; *ver MOVIMENTO NEGRO*) como um de seus principais articuladores. Deixou publicados, entre outros trabalhos, textos em *Movimentos sociais na transição democrática* (1987), livro organizado por Emir Sader, e *10 coisas sobre os direitos dos trabalhadores* (1985), escrito com José Álvaro Moisés e com ilustrações de Claudius Ceccon, além de matérias nos jornais *Diário Popular* e *Folha de S.Paulo*, dos quais foi repórter.

CARDOZO, Eusebio (século XX). Poeta e jornalista argentino, dirigiu, em Buenos Aires, a revista *Luz y Sombra*. É focalizado na *Antología de la poesía negra americana*, de I. Pereda Valdés (1953).

CARDOZO, Jorge Emilio. Poeta uruguaio nascido em Montevidéu em 1938. A partir de *Los cantos de Canaán y otros poemas*, publicado em 1987, abraça a cultura africana como uma missão. Em 1988 escreve uma peça de teatro sobre o negro na epopeia artiguista. Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

CARGA D'ÁGUA, João (século XIX). Apelido de João Vieira, líder da Revolta dos Quebra-Quilos, movimento contra a adoção do sistema métrico decimal, ocorrido na Paraíba, em 1874, ao qual se seguiram violentas represálias, com torturas e execuções. Está incluído na nominata de *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

CARGAMELA. Entidade correspondente a Omulu em macumbas do Rio de Janeiro antigo. Certamente, do ronga *karjamela*, "abaixar-se", "curvar-se", "inclinar-se", já que Omulu normalmente se apresenta e dança curvado, trôpego.

CARIÁ. Demônio doméstico que perturba as pessoas, sendo necessário benzer a casa para que vá embora. *Ver CARIAPEMBA*.

CARIAPEMBA. Força ao mesmo tempo protetora e destruidora, tida, por incompreensão de seu exato significado, como entidade maléfica dos negros angolas, correspondente ao Diabo dos cristãos. Em Cuba, diz-se *Kandiempembe*, o diabo, o feiticeiro mau, o espírito dos bruxos, assassinos e suicidas. Do quimbundo *Kádia-pemba*, correspondente ao quicongo *Nkadi-a-mpemba*.

CARIBBEAN. Forma inglesa para Caribe*.

CARIBE. Redução de "mar do Caribe", expressão que nomeia a porção de mar situada entre a parte continental da América Central e o arquipélago das Antilhas. O mesmo que mar das Antilhas ou mar das Caraíbas. Por extensão, o nome passou a designar as ilhas e, assim, o adjetivo "caribenho" (do espanhol) ganhou significado de "antilhano". *Ver ANTILHAS*.

CARIBES NEGROS. *Ver BLACK CARIBS*; *GARÍFUNAS*.

CARIDAD DEL COBRE, Nuestra Señora de la. Santa católica cultuada em associação com *Ochún*, é a "padroeira mulata" de Cuba e

certamente a mais venerada de todas as figuras da *santería** cubana.

CARIGÉ [Baraúna]**, Eduardo** (século XIX). Abolicionista brasileiro nascido e falecido na Bahia. Jornalista, dedicou boa parte de sua carreira à campanha pela libertação dos escravos. Em 1885 foi homenageado com a criação, na cidade baiana de Cachoeira, da entidade abolicionista denominada Club Carigé.

CARIMBA. Na América hispânica, marca de identificação feita a ferro quente no corpo do escravo. *Ver* CALIMBA.

CARIMBAMBA. Ritualista; curandeiro.

CARIMBÓ. Espécie de samba de roda típico da ilha de Marajó, PA, acompanhado pelo tambor de mesmo nome. Nos anos de 1970 chegou ao rádio e ao disco, em dimensão nacional, como nova moda dançante.

CARIMBU. Espécie de arco musical de Honduras. Antiga dança afro-cubana muito popular na província de Las Villas. O mesmo que *calinda**, ela é assim descrita na literatura de seu tempo: os dançarinos se colocam uns diante dos outros, em duas linhas, uma de homens e outra de mulheres. Os espectadores formam um círculo ao redor dos bailarinos e do tocador de tambor. O solista puxa uma toada, improvisada sobre algum assunto, sendo secundado por um coro, que responde com um refrão, acompanhando-o com palmas. Os dançarinos levantam os braços como se tocassem castanholas, pulam, giram e tornam a girar, aproximam-se uns dos outros, recuando em seguida, até que, a uma batida do tambor, os casais se tocam com umbigadas. Em seguida, afastam-se, em rodopios, para começar novamente, entrelaçando-se e beijando-se de tempos em tempos.

CARIOCA (1910-91). Nome artístico de Ivan Paulo da Silva, chefe de orquestra, compositor, arranjador e instrumentista brasileiro nascido em Taubaté, SP, e falecido no Rio de Janeiro. Trombonista, integrou a geração de músicos que, na década de 1940, traçou os caminhos da música popular orquestral do Brasil. É de sua autoria o famoso prefixo do antigo noticiário radiofônico *Repórter Esso*. Seu filho, o também músico Ivanovich P. da Silva, conhecido como Ivan Paulo, destacou-se igualmente como regente e arranjador.

CARIONGO. Rei mítico da tradição afro-brasileira personificado nas congadas. Cariongo era o nome de dois sobados* na Angola colonial.

CARIOSO KEG. Tambor do *cariso** de Saint Croix.

CARISO. Dança do *big drum** de Carriacou. O nome designa também um antigo gênero de dança e canto de Saint Croix, bem como um antigo tipo de canção de Trinidad, em patuá [1]* francês.

CARLÃO ELEGANTE (*c.* 1935-94). Nome artístico de Carlos Alberto de Oliveira, sambista e ator nascido e falecido no Rio de Janeiro. Compositor, foi autor, entre outros, do samba-enredo de 1976 de sua escola, a Unidos de Lucas, pela qual foi eleito cidadão-samba*. Ator, interpretou um dos personagens centrais do filme *A força de Xangô*, de Iberê Cavalcanti, em 1977, e foi coadjuvante destacado na telenovela *Pai herói*, na Rede Globo, no final dos mesmos anos de 1970, década em que também gravou, como cantor, um LP solo pelo selo CBS. Não obstante, faleceu em extrema pobreza.

CARLINHOS BROWN. Nome artístico de Antônio Carlos Santos de Freitas, compositor, percussionista e cantor brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1964. Em 1993, criou a Timbalada, conjunto de percussão com cerca de duzentos integrantes e impulsionador de diversos projetos sociais ligados à educação musical na comunidade do Candeal, na capital baiana. Iniciou carreira internacional em 1992, participando de um disco de Wayne Shorter e Herbie Hancock.

CARLINHOS SETE CORDAS. Nome artístico de Carlos Eduardo Morais dos Santos, violonista brasileiro nascido em Providência, MG, em 1966. Exímio instrumentista revelado nos anos de 1980, logo se tornou um dos artistas mais requisitados para participar em gravações e acompanhar intérpretes, principalmente envolvendo os gêneros samba e choro. Em 1996, passou a integrar, também, o grupo vocal-instrumental Toque de Prima; em 2000, gravou, com o pianista Guilherme Vergueiro, o CD *Spiritu*, lançado nos Estados Unidos e na Inglaterra.

CARLOS ALBERTO Torres. Futebolista brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1944. Lateral-direito no Fluminense, no Santos, no Flamengo e no Botafogo, foi o capitão da seleção brasileira tricampeã do mundo em 1970. Após encerrar a carreira como jogador, cumpriu mandato de vereador no município do Rio de Janeiro e, mais tarde, tornou-se técnico do esporte que o consagrou.

CARLOS CACHAÇA (1902-99). Nome pelo qual se fez conhecido o sambista Carlos Moreira de Castro, nascido no Rio de Janeiro. Um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira*, além de concunhado e parceiro de Cartola*, deixou obra pouco extensa mas em que se evidencia como poeta de fina sensibilidade e letrista rebuscado.

CARLOS DAFÉ. Nome artístico de José Carlos de Souza, cantor e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1947. Revelado nos festivais de música popular dos anos de 1970, é um dos pioneiros do soul brasileiro, com vários discos gravados até 1997 e diversos registros de canções suas na voz de outros intérpretes, como Tim Maia*, Alcione* e Elza Soares*.

CARLOS, John. *Ver SMITH, Tommie*.

CARLOS XIV. *Ver BERNADOTTE, Charles Jean-Baptiste*.

CARLOTA, Quilombo da. Aldeamento quilombola formado no século XVIII na serra dos Parecis, em MT. Inicialmente chamado Quilombo do Piolho, em referência ao rio próximo ao qual se localizava, foi atacado em 1770, reconstruído e por fim subjugado em 1795, quando recebeu o nome oficial de Nova Aldeia Carlota, em suposta homenagem à mulher de dom João VI.

CARMEM, Dona (?-1998). Nome pelo qual foi conhecida Carmem Dias Campos, camareira do Teatro Municipal do Rio de Janeiro desde 1962. Requisitada pelos maiores astros internacionais, faleceu em Salvador, BA, para onde fora levada pelo bailarino russo Mikhail Baryshnikov, para servi-lo com exclusividade, em sua temporada na capital baiana.

CARMEN COSTA (1920-2007). Nome artístico da cantora brasileira Carmelita Madriaga Koeller, nascida em Trajano de Morais, RJ, e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Intérprete do maior sucesso do carnaval de 1942, o clássico *Está chegando a hora* (de Henricão* e Rubens Campos), e de outros posteriores, além de conhecidos sambas românticos, dedicou-se também à interpretação de canções da tradição católica popular, na linha dos spirituals* americanos. Em 1996 lançou o CD *Tantos caminhos* pela gravadora Som Livre.

CARMEN JONES. Filme americano de 1954 estrelado por elenco composto somente de atores negros, entre os quais Dorothy Dandridge*, no

papel-título, Harry Belafonte*, Brock Peters e outros. Trata-se de uma adaptação da ópera *Carmen*, de G. Bizet, ambientada nos Estados Unidos.

CARMICHAEL, Stokely (1941-98). Ativista político americano nascido em Trinidad e falecido na Guiné-Conacri. Radicado nos Estados Unidos desde os 11 anos de idade, foi um dos mais influentes líderes estudantis americanos, tendo sido presidente do Student Nonviolent Coordinating Committee. Asilado na África desde 1969, e devotado à causa pan-africana, mudou seu nome para Kwame Ture, em homenagem aos pan-africanistas Kwame Nkrumah e Sékou Touré. É o criador da expressão "Black Power*".

CARMO, Manuel do (século XIX). Líder escravo em Campina Grande, PB. Em 1874, foi um dos chefes da Revolta dos Quebra-Quilos, movimento de desobediência civil contra a adoção do sistema métrico decimal.

CARNAVAL. Festa profana ligada ao calendário católico, o carnaval encontra similares em várias culturas africanas. Na acã, por exemplo, é comum a realização de um grande festival anual, o *odwira*, seguido de um longo período de recolhimento e abstinência, como na quaresma. Devido a essa similitude, as celebrações carnavalescas nas Américas com certeza devem sua alegria e seu brilho, fundamentalmente, à música dos afrodescendentes. Assim foi e é, no Brasil, nos ranchos* carnavalescos, nas escolas de samba*, nos afoxés*, blocos afro* etc.; no candombe* platino; nas *comparsas** cubanas; e no *mardi gras** das Antilhas e de Nova Orleans. **Carnaval no Caribe:** O carnaval foi introduzido nessa região pelos católicos franceses, que costumavam estendê-lo por um bom tempo antes de enfrentar os rigores da quaresma. Isolados pela sociedade dominante, os escravos uniam-se para celebrar o carnaval à sua moda, com a música e a dança de sua tradição, introduzindo, na festa europeia, além dos instrumentos característicos, suas crenças e seu modo de ser. Na Martinica, o costume foi adotado por volta de 1640, e as festividades do *kannaval*, como é denominado o carnaval martinicano, expressam-se em um estado de espírito peculiar, transmitido de geração para geração. Durante muito tempo, a festa realizada na cidade de Saint-Pierre foi o ponto culminante da comemoração na ilha; com sua fama espalhada pelo Caribe, passou a atrair anualmente milhares de visitantes de todo o mundo. Depois da devastadora erupção vulcânica de 1808, a tradição carnavalesca reviveu em Fort-de-

France, a nova capital da Martinica, onde, nos dias de hoje, os preparativos começam na epifania, em meados de janeiro, e se estendem até a quarta-feira de cinzas. Durante esse período e no carnaval propriamente dito, a cada domingo, grupos fantasiados saem às ruas, em trajes variados: casacos velhos, roupas fora de moda, chapéus rasgados, fantasias brilhantes e coloridas de arlequins, pierrôs e diabos. As máscaras também são importantes acessórios da festa: além das que homenageiam ou criticam personalidades do momento, há aquelas relacionadas à morte, repletas de simbologias africanas, cujo significado Aimé Césaire encontrou em rituais da região de Casamance, no Norte do Senegal (conforme Alain Eloise, 1996). No Haiti, de modo geral, o carnaval é celebrado seguindo esse mesmo espírito e com traços semelhantes aos festejos que se realizam no Brasil, em Trinidad e na Louisiana, Estados Unidos. Em Porto Príncipe, o visitante encontra desfiles, festas e fantasias criativas, como os que se veem nos lugares citados. **Carnaval e resistência negra:** Pelo menos desde o início do século XIX, a participação do povo negro nos folguedos carnavalescos brasileiros sempre foi marcada por uma atitude de resistência, passiva ou ativa, à opressão das classes dominantes. Proibidos por lei de revidar aos ataques dos brancos, africanos e crioulos procuravam outras maneiras de brincar no Entrudo. Tanto assim que Debret, entre 1816 e 1831, período em que viveu no Brasil, flagrou cenas interessantes de carnaval, como, por exemplo, um grupo de negros que, fantasiados de velhos europeus e caricaturando-lhes os gestos, zombava dos opressores, criando, sem saber, os cordões de velhos, de imenso sucesso no início do século XX. Entre 1892 e 1900 surgiram no carnaval baiano, pela ordem, a "Embaixada Africana*", os "Pândegos d'África*", a "Chegada Africana" e os "Guerreiros d'África", apresentando-se em préstitos constituídos única e exclusivamente de negros. Essa modalidade carnavalesca – "a exibição de costumes africanos com batuques" – seria proibida em 1905 na Bahia. Exatos dois anos depois, surge no Rio de Janeiro o rancho carnavalesco "Ameno Resedá*", que, pretendendo "sair do africanismo orientador dos cordões" (conforme Jota Efegê, 1965), conquista, com seus enredos operísticos, importante espaço para os negros no carnaval carioca, preparando o caminho para as escolas de samba, que surgiriam um pouco mais tarde. Estruturadas no final dos anos

de 1920, de 1932, ano do primeiro desfile realmente organizado, até os dias de hoje, as escolas de samba cariocas viveram várias fases de um instigante processo dialético. Nunca deixaram de ser, no entanto, pelo menos em tese, núcleos de resistência negra – a rica simbologia das alas de baianas e das velhas-guardas constitui exemplo emblemático. Enquanto as escolas cariocas iam se transformando, na Bahia eram fundadas agremiações como o afoxé "Filhos de Gandhy", em 1948, "para divulgação do culto nagô, como forma de afirmação étnica", segundo seus estatutos; o bloco afro "Ilê aiyê", em 1974, "por um grupo de jovens conscientes da necessidade de manter viva a luta dos seus ancestrais pela completa integração social da população negra no Brasil", também conforme seus objetivos estatutários; e o afoxé "Badauê", em 1978, tornando, segundo o escritor Antônio Risério (1981), "irreversível o processo de reafricanização do carnaval da Bahia".

CARNAVALIZAÇÃO. Processo pelo qual se imprime caráter carnavalesco, exótico e, em geral, sem muita seriedade a uma manifestação cultural. Grande parte das expressões religiosas de africanos e descendentes na Diáspora, que a princípio utilizavam o espaço temporal das datas festivas católicas, como o ciclo do Natal, foi deslocada para o carnaval. Foi assim, no Rio de Janeiro, com as festas de coroação dos reis congos, deslocadas das festas do Rosário e transformadas em cucumbis; na Bahia, com os ranchos de Reis, transformados em ranchos carnavalescos; e, no Prata, com o candombe*. *Ver CUCUMBI*; *ROSÁRIO, Festas do*.

CARNEIRO, Domingos Rodrigues (séculos XVII-XVIII). Militar brasileiro nascido e falecido em Pernambuco. Foi alferes, capitão, sargento-mor e, em 1694, comandante do Terço dos Henriques* com a patente de mestre de campo. Em 1681 tomou parte num dos ataques ao reduto palmarino da serra da Barriga. Em 1707, iniciou as obras da nova capela imperial de Nossa Senhora das Fronteiras, na estância de Henrique Dias*, concretizando um antigo sonho do "governador dos pretos".

CARNEIRO, Édison [de Souza] (1912-72). Etnógrafo e historiador brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Diplomado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), exerceu o jornalismo e legou à posteridade vasta obra, em que se incluem: *Religiões negras* (1936), *Negros bantos* (1937), *O quilombo dos Palmares*

(1947), *Candomblés da Bahia* (1948), *Antologia do negro brasileiro* (1950), *A linguagem popular da Bahia* (1951), *Samba de umbigada* (1961) e *Ladinos e crioulos* (1964).

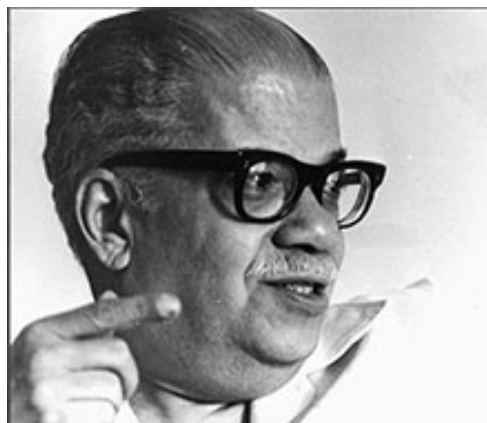
CARNEIRO, Laura. *Ver CARNEIRO, Nelson.*

CARNEIRO, Nelson [de Souza] (1910-96). Político brasileiro nascido em Salvador, BA. Com carreira iniciada em 1945, foi, por quase cinquenta anos, um dos parlamentares mais atuantes do país. É de sua autoria a lei que, em 1977, instituiu, no Brasil, o divórcio conjugal, uma conquista alcançada depois de trinta anos de embate com a Igreja Católica. Em 1990, como senador e presidente do Congresso Nacional, assumiu, por dois dias, a presidência da República em substituição ao então presidente José Sarney. Nessa mesma década, sua filha **Laura Carneiro**, nascida no Rio de Janeiro em 1963 e graduada em Direito, exerceria sucessivos mandatos como deputada federal por seu estado.

Édison Carneiro

CARNEIRO, [Antônio Joaquim de] **Souza** (séculos XIX-XX). Escritor brasileiro nascido na Bahia, pai de Édison Carneiro* e Nelson Carneiro*. Romancista e etnógrafo, foi professor da Escola Politécnica e autor, entre outras obras, de *Furundungo* (1935) e *Os mitos africanos no Brasil* (1937).

CARNEIRO, Sueli. Advogada, militante negra e líder feminista nascida em São Paulo, em 1950. Cofundadora e dirigente do Geledés – Instituto da Mulher Negra*, integrou a comissão executiva do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher e foi coordenadora do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Em 1982, atuou como delegada do Terceiro Congresso de Cultura Negra nas Américas. Em 1998 recebeu o Prêmio dos Direitos do Homem, do governo francês, ao lado de personalidades internacionais como o Dalai Lama, Rigoberta Menchú e Adolfo Pérez Esquivel, agraciados com o Prêmio Nobel da Paz. Em 2003 assumia cadeira no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, criado pelo governo Lula da Silva.

CARNEIRO, [Francisco] **Xavier** (1765-1840). Pintor brasileiro nascido em Mariana, MG, filho de escrava. Suas obras encontram-se principalmente

nas abóbadas e altares das igrejas mineiras de Nossa Senhora do Rosário, em Itabirito; Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto; e na Ordem Terceira do Carmo, em sua cidade natal. Seu corpo foi sepultado na capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, da Confraria dos Pardos do Cordão de São Francisco de Assis.

CAROLINO CÓDIGO NEGRO. Lei promulgada em 1789 nas colônias espanholas das Américas, a exemplo do Code Noir francês (*ver CÓDIGOS NEGROS*), para aplacar as pressões dos escravos empolgados com ideias de liberdade.

CARRAMPEMPE. Um dos nomes do Diabo no Peru colonial. *Ver CARIAPEMBA*.

CARRANCAS, Revolta de. Sublevação de escravos ocorrida em maio de 1833, na freguesia de Carrancas, curato de São Tomé das Letras, em Minas Gerais. Seu principal líder foi o africano Ventura Mina, escravo tropeiro, com grande ascendência sobre sua comunidade, da qual recebia, ao que consta, honras de rei, como nobre que teria sido em sua terra natal. Assassinado o líder em confronto com milícias organizadas por proprietários da região, a revolta foi debelada, não sem deixar um rastro de dezenas de mortos, inclusive dezessete insurgentes condenados à forca, mais do que na Revolta dos Malês*, dois anos depois.

CARRIACOU. A maior das ilhas Granadinas, nas Pequenas Antilhas.

CARRILLO (século XIX). Personagem popular de Montevidéu, Uruguai. Ex-sargento do Quinto Regimento de Caçadores, quase cego, em 1900 era um dos principais organizadores e animadores de candombe* da capital uruguaia.

CARRILLO, Isolina (1907-96). Compositora e pianista cubana nascida e falecida em Havana. Suas canções alcançaram grande popularidade nos anos de 1940, notadamente o bolero *Dos gardenias*, um clássico do gênero.

CARRIZO, Agapito José. Escritor e compositor uruguaio nascido em Montevidéu, em 1938. Integrante de grupos de candombe*, atuou em diversos países. Em 1978 criou o programa radiofônico *Candombe Uno*. No ano seguinte, fundou o Instituto Uruguayo de Investigaciones Afro-Americanas. Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

CARRUMBA. Antiga dança afro-colombiana usada para encerrar os bailes (conforme Mário de Andrade, 1989).

CARTA DE LIBERDADE. O mesmo que carta de alforria. *Ver ALFORRIA.*

CARTA DO SAMBA. *Ver DIA NACIONAL DO SAMBA.*

CARTAGENA (Cartagena das Índias). Cidade e porto da Colômbia, no mar das Antilhas. *Ver CIDADES NEGRAS.*

CARTAGENA [Portalatín]**, Aída** (1918-94). Escritora, editora e educadora dominicana nascida em Moca e falecida em Santo Domingo. É autora de *Otoño negro* (1967), *Memorias negras* (1984) e *Culturas africanas: rebeldes con causa* (1986), entre outras obras.

CARTAYA, Agustín Díaz. Revolucionário e músico cubano nascido em Marianao, em 1933. Participou do assalto ao quartel Carlos Manuel de Céspedes, em Bayamo. Compositor, é o criador do *Himno del 26 de Julio* e da *Marcha de América Latina*, entre outras obras.

CARTER, Benny (1907-2003). Nome artístico de Bennett Lester Carter, músico americano nascido em Nova York e falecido em Los Angeles. Exímio executante de sax-alto, clarinete e trompete, integrou, sucessivamente, as orquestras de Duke Ellington*, Fletcher Henderson* e Chick Webb*, entre outras, até que, na década de 1930, organizou seu próprio grupo orquestral. A partir dos anos de 1940, compôs trilhas sonoras para vários filmes de Hollywood, tornando-se o primeiro compositor negro a romper essa barreira. Instrumentista, compositor, arranjador e chefe de orquestra, é um dos maiores nomes da história do jazz, formando com Henderson e Ellington o tripé sobre o qual se assenta o jazz orquestral. Em 1974 recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Princeton, e em 1988 visitou o Brasil.

CARTER, Ron. Contrabaixista e chefe de orquestra americano nascido em Michigan, em 1937, e radicado em Nova York. Com carreira profissional iniciada na segunda metade dos anos de 1950, bacharelou-se em Artes em 1959. Integrou o grupo de Miles Davis* entre 1963 e 1968. Professor de música na Universidade de Nova York, é o inventor do *piccolo bass*, um contrabaixo de dimensões reduzidas.

CARTOLA (1908-80). Nome pelo qual se tornou conhecido o sambista Angenor de Oliveira, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira*, experimentou duas fases em sua trajetória artística. Na primeira, até o início dos anos de 1940, notabilizou-se como um dos maiores dentre os "sambistas de morro", ao lado de Paulo da Portela* e Heitor dos Prazeres*, entre outros, apesar de ter chegado ao meio radiofônico mediante parcerias e interpretações como as de Noel Rosa e Francisco Alves. A segunda fase de sua carreira se inicia nos anos de 1960, quando é redescoberto pela intelectualidade de esquerda e alçado à condição de um dos mitos da música popular brasileira. Nessa fase, foi principalmente um refinado compositor de antológicos sambas-canções, como *As rosas não falam* e *O mundo é um moinho*, tendo gravado três LPs individuais.

CARUMBA. Torresmo prensado, iguaria da culinária mineira. *Ver ESCARUMBA.*

CARUNGA. Variante de calunga*.

CARURU [1]. Designação comum a várias plantas alimentares da família das amarantáceas, usadas na culinária afro-brasileira. *Ver BREDO.*

CARURU [2]. Prato da culinária afro-baiana. No início do século XX, Manuel Querino descrevia: "Em seu preparo observa-se o mesmo processo do efó, podendo ser feito de quiabos, mostarda ou de taioba, ou de oió, ou de outras gramíneas que a isto se prestem, como sejam as folhas dos arbustos conhecidos nesta capital [Bahia], por unha-de-gato, bertália [*sic*], bredo-de-santo-antônio, capeba etc., às quais se adicionam a garoupa, o peixe assado ou a carne de charque e um pouco d'água que se não deixa secar ao fogo. O caruru é ingerido com acaçá ou farinha de mandioca" – Édison Carneiro (org.), *Antologia do negro brasileiro*, s/d. Nos dias de hoje, esse nome designa uma iguaria, ou melhor, um guisado feito basicamente com quiabos e camarões secos. A presença do quiabo (*Hibiscus esculentus*), que Cândido de Figueiredo (1925) dicionariza também com o nome de "calalu", nos faz pensar numa origem banta. Com efeito, em Angola, o termo *calulú* é corrente, significando um prato da culinária local. Entre os bacongos de Angola, *kululu* é a porção de comida que as mulheres, ao fim da feitura da refeição, separam para o marido. Em Cuba, tido como comida de origem

iorubana, *kalulú* ou *calalú* é um guisado de ervas no qual a inclusão do quiabo (*quimbombó*) é facultativa. Ainda em Cuba, Miguel Barnet (1986) distingue o *calalú*, "guisado", do *quimbombó*, "quiabo", quando rememora antigos costumes afro-cubanos: "Faziam *calalú*, que se comia do mesmo jeito que o *yonyó*. O *yonyó* ('erva comestível') era como um *quimbombó*".

CARURU-BRANCO. *Ver AJABÓ.*

CARURU-DE-COSME. O mesmo que caruru-de-são-cosme, festa da tradição afro-baiana, dedicada aos Ibêjis. *Ver COSME E DAMIÃO.*

CARVALHO, Adson. Empresário brasileiro nascido numa favela em Belém do Pará, em 1937. Ex-auxiliar de escritório da extinta Panair do Brasil e ex-funcionário da IBM, em 1975 criou a Internacional de Tecnologia, empresa de informática com sede em Recife e filiais em São Paulo, Santiago do Chile e Atlanta, nos Estados Unidos. Atualmente especializada em serviços de transmissão de imagem digitalizada, a empresa faturou cerca de 100 milhões de dólares em 1995 (conforme matéria publicada no caderno especial da *Folha de S.Paulo* em 25 jul. 1995).

CARVALHO, Délcio. Compositor e cantor brasileiro nascido em Campos, RJ, em 1939, e radicado na capital do mesmo estado. Com episódicas passagens por algumas escolas de samba cariocas, tornou-se conhecido como parceiro de dona Ivone Lara* em composições de sucesso como *Sonho meu*, *Acreditar* e *Alvorecer*.

CARVALHO, Hermínio Bello de. Poeta, compositor e produtor cultural brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1935. Autor de vasta obra publicada em livro, sua estreia literária deu-se em 1961, com a coletânea de poemas *Chove azul em teus cabelos*. Um dos intelectuais mais ativos e prolíficos na defesa da música popular brasileira, tem a seu crédito a criação e a implementação de projetos históricos de monografias, como o "Pixinguinha" e o "Lúcio Rangel", ambos na Funarte. Descobridor e lançador de Clementina de Jesus*, além de produtor de discos históricos de intérpretes como Elisete Cardoso*, Alaíde Costa* e outros, é autor de canções clássicas, em parceria, principalmente, com Pixinguinha*, Paulinho da Viola*, Elton Medeiros*, Maurício Tapajós e Chico Buarque. Sua mãe, filha de um negro violeiro, foi doméstica em casa de uma conhecida família da alta burguesia carioca, em Angra dos Reis.

CARVALHO, J. B. de (1901-79). Nome artístico de João Paulo Batista de Carvalho, compositor e cantor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Com carreira iniciada em 1931, tornou-se famoso como intérprete de canções rituais afro-brasileiras, principalmente os chamados "pontos de macumba", deixando-os registrados em dezenas de LPs. Por causa da interpretação dessas canções em programas de auditório, foi preso algumas vezes, na década de 1930, pelas autoridades policiais responsáveis pela manutenção da ordem e dos "bons costumes".

CARVALHO, Jehová de. Jornalista e escritor brasileiro nascido em Santa Maria da Vitória, BA, em 1930. Autor de *Reinvenção do reino dos voduns* (1991) e *Memória da Cantina da Lua* (1995), tem sua vida intimamente ligada ao largo do Pelourinho, centro de difusão da cultura afro-baiana.

CARVALHO, Jorge Alves de. Militar brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1944. Formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, concluiu, entre outros, o curso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme) no Rio de Janeiro. Ex-comandante do 1º Batalhão de Infantaria Motorizado (Regimento Sampaio), exerceu, entre outras funções, o cargo de adido do Exército à Embaixada do Brasil no Paraguai. Em 2002, exercendo a função de subchefe militar do gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, era o único afrodescendente no posto de general de brigada combatente do Exército brasileiro.

CARVALHO [Silva]**, Justo de** (1934-2006). Jornalista e militante negro nascido em Bacabal, MA, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Um dos fundadores do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN*), entre 1986 e 1992, na condição de assessor do Ministério da Cultura para assuntos afro-brasileiros, teve atuação destacada na criação da Fundação Cultural Palmares*.

CARVALHO, Manuel Feliciano Pereira de (1806-67). Médico brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Catedrático da Faculdade de Medicina, foi presidente da Academia Imperial de Medicina, criador do montepio médico e o primeiro cirurgião brasileiro a fazer uso da anestesia moderna, surgida por volta de 1840, nos Estados Unidos. Foi também general de brigada e cirurgião-mor do Exército. Segundo Francisco de Assis

Barbosa (1975), “era de ascendência lusitana, apesar dos traços acentuadamente negroides de sua fisionomia”, e guardava grande semelhança física com o escritor Lima Barreto, de quem se supõe ter sido bisavô, como resultado de união com a africana Maria da Conceição, escrava de sua família.

CARVALHO, Miguel Moreira de (século XIX). Educador baiano, foi professor de latim na cidade de Maragojipe e, mais tarde, exerceu o magistério primário em Salvador.

CARVALHO, Nilze. Nome artístico de Albenise de Carvalho Ricardo, musicista brasileira nascida em Nova Iguaçu, RJ, em 1969. Descoberta aos 6 anos de idade como executante de cavaquinho no gênero choro, logo passou a se apresentar em programas de rádio e televisão, inclusive na Rede Globo. Aos 11, já como bandolinista, iniciava carreira discográfica, realizando, três anos mais tarde, sua primeira turnê internacional, tendo se exibido em teatros na Itália, Espanha, França e Suíça. Apresentou-se também em Los Angeles, Nova York e Las Vegas, além de cumprir temporadas no Japão, de 1991 a 1997. Nos anos seguintes tocou profissionalmente na China, Austrália e Argentina. No Brasil, tem gravada a série *Choro de menina*, em quatro volumes, e o CD *Chorinhos de ouro, volume 4*. Em 2002 criou e passou a liderar o grupo vocal e instrumental Sururu na Roda.

CARVALHO, [José] **Rodrigues de** (1867-1935). Escritor brasileiro nascido em Alagoinha, PB, e falecido em Recife, PE. Poeta, jurista, folclorista e membro da Academia Paraibana de Letras, é autor de *Cancioneiro do Norte* (1903), entre outras obras. Em 1934 apresentou no Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, em Recife, a alentada comunicação *Influência africana na formação social do Brasil*. É referido como “mulato” por Alberto Rangel, segundo Gilberto Freyre (1951), em *Sobrados e mucambos*.

CARVER, George Washington (1864-1943). Professor e cientista americano nascido escravo no Missouri. Notabilizou-se como grande botânico e, em seu laboratório, desenvolveu mais de trezentos produtos à base de amendoim, como pastas alimentícias, papel, creme de barbear, material de revestimento, sabão etc. Graças a suas descobertas, novas indústrias foram criadas no Sul dos Estados Unidos, gerando empregos para milhares de trabalhadores.

CASA BRANCA DO ENGENHO VELHO. *Ver ILÊ AXÉ IÁ NASSÔ OKÁ.*

CASA DA FLOR. Habitação cuja obra de edificação teve início em 1912, em São Pedro da Aldeia, RJ, sendo realizada por Gabriel Joaquim dos Santos (1892-1985), trabalhador negro e semianalfabeto. Inteiramente decorada com cacos coloridos de louça e vidro, conchas, ossos e pedrinhas, nela incrustados, gradativa e pacientemente, durante quase setenta anos, a casa transformou-se numa escultura singular tombada como patrimônio histórico e artístico nacional.

CASA DA GUINÉ E MINA. Instituição criada pela Coroa portuguesa, no século XV, com a finalidade de administrar o comércio de Portugal com a África. Inicialmente se chamava apenas "Casa da Guiné".

CASA DANDARA. Entidade do movimento negro fundada em 1987, em Belo Horizonte, MG, sob a direção de Diva Moreira, militante negra feminista nascida em Bocaiúva, MG, em 1946. Dedica-se a pesquisas e iniciativas no campo dos direitos de cidadania.

CASA DAS MINAS (Casa Grande das Minas). Casa de culto afro-brasileiro assentada em São Luís do Maranhão desde meados do século XIX (conforme Mundicarmo Ferretti, 2000). Funciona na rua Senador Costa Rodrigues, antiga rua de São Pantaleão, número 857. *Ver MINA.*

CASA DE FÂNTI-AXÂNTI. Comunidade de culto afro-maranhense. Apesar de a denominação remeter à cultura acã*, os rituais da Casa e as divindades lá cultuadas guardam traços de origem jeje, nagô e até mesmo algumas expressões culturais bantas e ameríndias. A explicação está no fato de que, embora o terreiro tenha nascido como sucessor do Terreiro do Egito*, seu sacerdote-chefe, Pai Euclides Talabiã*, mais tarde passou a dedicar-se a outras vertentes de culto, tendo a comunidade guardado, das antigas tradições, pouco mais que a denominação de sua origem étnica.

CASA DE NAGÔ. Nome pelo qual se tornou conhecida a comunidade religiosa Nagon Abioton, fundada em São Luís do Maranhão em meados do século XIX. Segundo a tradição, foi concebida e criada por duas irmãs, Josefa e Joana, originárias de Angola, com a colaboração de Maria Jesuína, de nação jeje, fundadora da Casa das Minas*; teve como primeira mãe de

santo uma filha de Badé*, considerada um vodum nagô, amigo dos jejes (conforme Mundicarmo Ferretti, 2000).

CASA DE OCHA. Em Cuba, o mesmo que casa de santo*. *Ver OCHA, Regla de*.

CASA DE SANTO. Denominação genérica de qualquer templo religioso afro-brasileiro; casa de candomblé; terreiro de umbanda.

CASA DE SOPAPO. Habitação cujas paredes são feitas de barro que se atira com as mãos. João Pereira Bastos (1964) sugere a origem africana desse modo de edificação, descrevendo-o tal como ocorre em Angola: "Primeiro coloca-se a plataforma de terra, sobre-elevada [*sic*] para evitar as infiltrações de humidade [*sic*]. Sobre ela são espetadas varas e madeira, na vertical. Prendem-se a estas, com fibras, as varas horizontais. O mesmo sistema para o tecto. [...] Vem em seguida o cimento simples de terra argilosa, atirado 'de sopapo'". Um reforço à probabilidade de origem banta nessa técnica de construção pode estar na etimologia do vocábulo "sopapo", possivelmente do ronga *xipapa*, "palma da mão", relacionado ao umbundo *papu*, "bofetada", correspondente ao quimbundo *kipapa*.

CASACA-DE-COURO. Modalidade de tortura usada principalmente nas zonas de criação de gado no tempo da escravidão. Envolvia uma espécie de colete de couro cru molhado que se costurava ao corpo do escravo e que, com o ressecamento, apertava a vítima, provocando-lhe dores lancinantes.

CASADINHA (*Mikania officinalis*). Planta da família das compostas conhecida como erva-de-cobra e coração-de-jesus. Também referida como "omolu", na tradição brasileira dos orixás é planta votiva de Obaluaiê, divindade igualmente cultuada sob esse nome.

CASA-GRANDE. Sede dos estabelecimentos rurais do Brasil colonial. Servia de residência à família patriarcal, contrapondo-se à senzala*.

CASAL VINTE. Antonomásia pela qual, na década de 1980, foi conhecida, no futebol carioca, a dupla de atacantes formada por Benedito Assis da Silva, o "Assis" (nascido em São Paulo, SP, em 1952), e Washington César Santos (Valença, BA, 1960). Ídolos da torcida do Fluminense Futebol Clube, a dupla era tão entrosada que motivou o apelido, evocativo de um casal de detetives protagonistas de um seriado então exibido na tevê, em

rede nacional. As marcas dos pés de ambos os atletas estão apostas na “calçada da fama”, inaugurada no Estádio do Maracanã em junho de 2000.

CASAMENTOS INTERÉTNICOS. Expressão que designa as uniões matrimoniais ou maritais entre pessoas de origens etnorraciais diferentes. No Brasil, do ponto de vista das relações envolvendo afrodescendentes, até meados do século XX, ao que parece, as mulheres negras constituíram maioria nessas uniões. A partir, provavelmente, da década de 1970, muitos casais mistos começaram a ser formados, também, por homens negros. Mas essa circunstância é objeto de críticas, as quais procuram difundir a ideia de que homens negros em processo de ascensão social prefeririam mulheres brancas como parceiras. Entretanto, essa suposta preferência, que, quando existe, não elimina os fatores psicológicos e afetivos, parece advir, mais, da desvantagem social da mulher negra em relação ao seu correspondente masculino. No ambiente frequentado por negros em ascensão ou que ascenderam socialmente, a porcentagem de mulheres negras é sempre muito inferior. E isso se deduz, claramente, das estatísticas sobre índices de desenvolvimento da população brasileira.

CASAS DE MINA. Designação das casas de culto afro-brasileiro de raízes jeje e daomeana, principalmente a tradicional Casa das Minas* ou Casa Grande das Minas, localizada no centro da capital maranhense.

CASAS ROMERO, Luís (1922-50). Mestre de banda e compositor cubano nascido em Camagüey e falecido em Havana. Em 1904, depois de ter participado da Guerra da Independência como soldado, fixou-se na capital cubana, onde dirigiu a orquestra do Teatro Martí e integrou, como primeiro flautista, quase todas as orquestras de teatro da cidade. A partir de 1913, foi subdiretor da banda do Estado-Maior do Exército, cuja direção assumiu em 1933. Como compositor, deixou inúmeras obras no gênero conhecido como *criolla*.

CASCATA, Jota. *Ver JOTA CASCATA.*

CASCATINHA E INHANA. Dupla de cantores brasileiros procedentes do interior paulista, formada pelo casal Francisco dos Santos, o Cascatinha (1919-96), e Ana Eufrosina da Silva Santos, a Inhana (1923-81). Nos anos de 1950 a dupla fez estrondoso sucesso nacional com a gravação de versões de guarânias paraguaias, como *Índia* e *Meu primeiro amor*. Durante algum

tempo, Cascatinha foi diretor artístico da gravadora Todamérica. O nome "Inhana" é aglutinação de "Nhá Ana". *Ver NHÁ.*

CASEMIRO, Roberto [Expedito]. Músico brasileiro nascido na cidade de São Paulo, em 1954. Formado em Composição e Regência, é professor de teoria musical e maestro, sendo o primeiro afrodescendente a dirigir o coro do Teatro Municipal de São Paulo.

CASINO DE LOS CONGOS (Casino Congo). Associação recreativa e religiosa sediada no povoado cubano de Santa Isabel de las Lajas, na atual província de Cienfuegos. Remanescente de um *cabildo** da época colonial, o núcleo conservava, até o início do século XXI, dois tambores trazidos da África por escravos congos. Segundo a tradição, foi nessa comunidade que floresceu o talento artístico do legendário cantor Benny Moré*, descendente direto de Ta Ramón Gundo Moré, tido como o primeiro rei do *cabildo*.

CASQUINHA. Pseudônimo do sambista Oto Henrique Trepte, nascido no Rio de Janeiro em 1922. Compositor e membro fundador do tradicional conjunto da velha-guarda da Portela*, é parceiro de Paulinho da Viola* no samba *Recado*, de 1965.

CASSARANGONGO, Engenho. Sítio histórico do Recôncavo Baiano onde, em 1816, se desenrolou a batalha final de um dos mais sérios levantes de negros na Bahia, incluído por alguns historiadores na série de insurreições impropriamente conhecidas como "Revolta dos Malês*". Outro cenário desse levante foram os engenhos Cabaxi e Quibaca, igualmente localizados no Recôncavo. O nome "Cassarangongo" remete a um personagem mitológico afro-brasileiro.

CASSE-CÓ. Dança da comunidade crioula do Amapá.

CASSIANO. Nome artístico de Genival Cassiano dos Santos, compositor e cantor brasileiro nascido em Campina Grande, PB, em 1943. Considerado um dos pais da soul music* brasileira, tornou-se autor, a partir de 1971, de sucessos do repertório de Tim Maia*, como *Primavera*, e outros cantores do gênero. A música mais conhecida de seu repertório autoral é *A lua e eu*, de 1976.

CASSUETÉ. Inquice da nação angola correspondente a Oxalá. *Ver CASSULEMBÁ.*

CASSUETO. No culto omolocô, denominação do filho de santo. Do quicongo *sweta*, "miúdo", "franzino".

CASSULEMBÁ. Inquice banto. Entidade dos cultos bantos correspondente ao Oxalá iorubano. Do nome da divindade "Lemba", entidade da procriação tanto entre bacongos como entre ambundos, talvez precedido do quicongo *nkasu*, qualidade de quem é "grande", "gordo", "forte", "vigoroso".

CASSUMBECÁ. Um dos nomes de Oxalá nos candomblés de origem banta. *Ver CASSULEMBÁ*.

CASTA. Camada social hereditária constituída por membros de um mesmo grupo étnico, religioso ou profissional. As sociedades tradicionais do antigo Sudão francês (Mali, Senegal etc.), herdeiras de grandes impérios florescidos na Idade Média, até o século XX ainda se organizavam em castas. Contudo, bem mais do que se constituir em fonte de desigualdade social e opressão econômica, o sistema servia para definir e direcionar vocações. Cada casta era formada por pessoas excepcionalmente dotadas para determinados ofícios, artes ou quaisquer outras atividades. Assim, havia castas de guerreiros, ferreiros, tecelões, músicos etc. *Ver GRIOT*.

CASTANHEIRA-DO-PARÁ (*Bertholletia excelsa*). Árvore da família das lecitidáceas. Segundo a tradição brasileira do orixás, é planta de Xangô.

CASTELLANOS, Tania (1920-98). Compositora e revolucionária cubana nascida em Regla e falecida em Havana. Fundadora da União de Escritores e Artistas de Cuba (Uneac), é autora de grandes sucessos românticos e obras de conteúdo social famosas em Cuba e no exterior.

CASTELO DE ÉBANO. Sociedade civil existente em Salvador, BA, entre 1929 e 1930, com sede na avenida Sete, num sobrado em frente ao Relógio de São Pedro. Incentivada por membros da Sociedade Protetora dos Desvalidos* e por remanescentes da comunidade malê, tinha, segundo consta, objetivos não integracionistas.

CASTERA, Georges. Poeta e pintor haitiano nascido em Porto Príncipe, em 1936. Um dos artistas mais conhecidos de seu país, além de membro ativo da comunidade intelectual haitiana, é autor de *Le retour à l'arbre* (1974), *Konbèlann* (1976), *Biswit Leta* (1978), *Zèb Atè* (1980), *Ratures d'un miroir* (1992), *Voix de tête* (1996), entre outras obras.

CASTIGOS DE ESCRAVOS. *Ver TORTURA, Instrumentos de*.

CASTILHOS, Billy. Publicitário brasileiro atuante em São Paulo nascido em 1960. Ex-estudante de arquitetura, destacou-se como prestigiado diretor de arte no mercado paulistano, o maior do Brasil. Em 1995 dirigiu seu primeiro filme, para a grife Canal 27.

CASTRICIANO [de Souza]**, Henrique** (1874-1947). Educador, poeta e jornalista brasileiro nascido no Rio Grande do Norte. Destacou-se ao projetar uma rede de estabelecimentos para instrução feminina, seguindo modelo adotado na Suíça, e fomentou, a partir de 1911, a criação da Liga de Ensino de Natal, com o objetivo de estimular a fundação de escolas, tendo sido também o pioneiro do escotismo em seu estado. Mentor intelectual do folclorista Câmara Cascudo, incentivou o respeito à tradição e à preservação da cultura popular. Irmão de Auta de Souza* e Elói Castriciano de Souza*, deixou publicadas coletâneas de poemas nas quais se incluem *Ruínas* (1899) e *Vibrações* (1903), além de numerosos ensaios, como *Teoria orgânica das sociedades* (1902) e *Os mortos* (1922), este sobre aspectos da condição feminina.

CASTRO ALVES, Antônio Frederico de (1847-71). Poeta brasileiro nascido em Muritiba, BA, e falecido em Salvador, capital do mesmo estado. Destacou-se, ao lado de Gonçalves Dias, como um dos maiores representantes da poesia romântica no Brasil. Abolicionista exaltado, é autor dos célebres versos de *Vozes d'África*, *Navio negreiro* e *Os escravos*, incluídos em seu único volume de poemas publicado em vida, *Espumas flutuantes*, de 1870. Em 1867, encenou em Salvador seu drama épico G*onzaga* ou *A revolução de Minas*. Faleceu aos 24 anos, deixando uma aura de romance em torno de sua vida, de seus amores e de sua figura, na qual quase nunca se faz referência ao afrodescendente que era.

CASTRO, Galdino [Pereira] **de** (1882-1939). Escritor e jornalista brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em São Paulo. Formado em Letras e em Medicina, clinicou durante algum tempo e, mais tarde, dedicou-se ao magistério, fundando um ginásio. Também fundou vários jornais e revistas, como a simbolista *Nova Cruzada*, e atuou como colaborador em periódicos como a revista carioca *Renascença*. Considerado grande poeta

simbolista, reuniu seus poemas em volumes mas não os publicou em livro, estando sua obra dispersa pelos jornais e revistas com os quais colaborou.

CASTRO, Osório [Alves] **de** (1901-78). Escritor brasileiro nascido em Santa Maria da Vitória, BA, e falecido em Itapecerica da Serra, SP. Em 1923 emigrou para São Paulo e participou do núcleo inicial da cidade de Marília, onde residiu até 1964, quando se fixou na capital paulista. Obras publicadas: *Porto Calendário* (romance, ganhador do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 1961); *Uma nova dimensão no romance brasileiro* (conferência, 1963). Era de ascendência negra, segundo Oliveira (1998).

CASTRO, Tito Lívio de (1864-90). Médico e escritor científico brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Menor abandonado, foi criado pelo português Manuel da Costa Pais. Escreveu *A mulher e a sociogenia* (1887), alentado estudo antropológico, e *As alucinações e ilusões*, na área da psiquiatria, ambos publicados postumamente. Sílvio Romero (1953), em sua *História da literatura brasileira*, dedica todo um capítulo à análise de sua obra.

CASTRO [de Araújo]**, Ubiratan.** Escritor e professor nascido em Salvador, BA, em 1949. Graduado em Direito e História, foi presidente da Fundação Cultural Palmares na década de 2000. Membro da Academia Baiana de Letras, é autor de *A guerra da Bahia* (2001), *Viagens e observações de um brasileiro* (2002) e *Sete histórias de negros* (2006), um volume de contos.

CATÁ. Antiga dança dos negros da Louisiana, nos Estados Unidos. No Haiti, o nome designa o menor dos tambores *rada*; o mesmo que *boula**, *bulá** ou *petit*. Entre antigos negros brasileiros, notadamente na Bahia, empregava-se a expressão "piti-catá", que designa "o pequeno feitiço", ou seja, a prática propiciatória e de autodefesa, individual e discreta.

CATALAMBÔ-GUNZA. Entidade correspondente a Oxóssi nos terreiros de nação angola. Do quimbundo *Mutakalombo*, entidade protetora dos animais aquáticos, acrescido de *ngunza*, "deus", "herói".

CATAMBÁ. Espécie de bailado da tradição afro-brasileira.

CATARINA. Na Bahia antiga, qualquer menina negra dada ou emprestada pela mãe para servir em casa alheia. Seus cabelos eram obrigatoriamente raspados, por alegada medida de higiene.

CATARINA MINA (século XIX). Personagem do populário maranhense. Ex-escrava de ganho, alforriou-se e, estabelecendo-se como negociante de farinha na rua do Trapiche, em São Luís, acabou por se tornar abastada capitalista. Segundo a tradição, casou-se com um cafuzo, para quem comprou a patente de alferes da Guarda Nacional, e educou os filhos na Europa. Proprietária de vários imóveis, costumava sair à rua ricamente vestida e acompanhada de um séquito de mucamas. Seu nome está perpetuado num logradouro do centro histórico da capital maranhense, o Beco de Catarina Mina.

CATEDRÁTICO. Em Cuba, antigo qualificativo do negro pernóstico, de vocabulário empolado e pretensa erudição.

CATEGERÓ, Santo Antônio de. *Ver* ANTÔNIO DE NOTO.

CATENDE. Inquice banto que ora corresponde a Iroco, ora a Ossãim. Do quicongo *katendi*, "título de nobreza". Variante: Catendê.

CATENDENGANGA. O mesmo que Catende. De Catende, reforçado pelo termo multilinguístico banto *nganga*, que transmite as ideias de "força" e "poder sobrenatural".

CATERETÊ. O mesmo que catira*.

CATETÊ. Restos comestíveis da borra do azeite de dendê*.

CATIMBÓ. Prática espírita afro-indígena, de finalidade terapêutica, originada da fusão de elementos da pajelança e de cultos bantos. É conduzida por um "mestre" e resume-se, basicamente, em sessões de passes, defumações e banhos lustrais, com cânticos propiciatórios.

CATINGA-DE-MULATA. Designação de várias plantas ornamentais da família das compostas. *Ver* MACAÇÁ.

CATIRA. Dança sapateada brasileira de origem afro-ameríndia que se executa sempre em fileiras que se defrontam. O acompanhamento é feito especialmente por violas, em geral duas. Os violeiros, os únicos que cantam, também fazem parte da dança e dirigem a coreografia. Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais são os estados onde a dança ocorre com maior vitalidade.

CATIVEIRO. Condição de cativo; escravidão*. Na terminologia do tráfico, "cativo" era o indivíduo capturado que só passava à condição de "escravo"

quando entregue ao traficante ou ao comprador – distinção que, por questão de estilo, não é observada no corpo desta obra.

CATONE (1930-99). Nome pelo qual se fez conhecido o sambista Sebastião Vitorino Teixeira dos Santos, nascido em Ouro Preto, MG. Radicou-se no Rio de Janeiro em 1943, sendo o autor principal de *Lendas e mistérios da Amazônia*, samba-enredo da escola de samba Portela* no carnaval carioca de 1970.

CATONGA. O mesmo que *ronda catonga**.

CATOPÊ. Dança mineira em cortejo, espécie de congada*; cada um dos participantes dessa dança.

CATULADEIRA, José Quirino (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. No posto de alferes, destacou-se na Guerra do Paraguai*.

CATULADO. Diz-se do indivíduo iniciado, "feito no santo". Catular (do verbo *katula*, "privar", "tirar", "remover", ocorrente no quimbundo e no quicongo) é o ato de raspar a cabeça para fazer o santo.

CATUPÉ-CACUNDA. Uma das modalidades de terno na congada da cidade de Catalão, GO. *Ver CATOPÊ.*

CAUBÓIS NEGROS. Abrasileiramento do inglês *cowboy*, o vocábulo "caubói" designa o vaqueiro do Oeste americano, ícone na história da ocupação dessa região no século XIX. Na saga do chamado "faroeste", muitos negros se tornaram famosos como caubóis, entre eles Nat Love*, Cherokee Bill*, Bronco Jim* etc. *Ver ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Negros na conquista do Oeste].*

CAUÍZA. Palavra de significado não esclarecido que aparece com frequência em cânticos da umbanda e de candomblés bantos; talvez um dos nomes de Oxóssi. Na Angola colonial, *Kawiza* era o nome de um sobado* na antiga circunscrição de Alto Zambeze; naquela época os sobados recebiam o nome ou a alcunha de seus sobas*.

CAURI. Búzio; espécie de molusco univalve outrora usado como moeda em várias regiões do continente africano. Do híndi *kauri*. Também, caurim.

CAVALCANTE E SOUZA, Agostinho Bezerra (1788-1825). Militar brasileiro nascido e falecido em Recife, PE. Major do Regimento dos Henriques*, participou da Revolução de 1817 e da Confederação do

Equador, tendo sido, nesse movimento, responsável pelo policiamento da capital pernambucana. Derrotado o movimento, foi executado.

CAVALCANTI, Aurélio (1874-1915). Nome artístico de Aurélio Bezerra Cavalcanti de Sá, pianista e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Celebrizou-se por suas valsas em estilo espanhol, em voga no Rio de Janeiro na virada do século. Músico revolucionário e inovador, escreveu inúmeras obras próprias para acompanhar, de forma sincronizada, filmes mudos, como a polca *O piano irresistível*, de grande sucesso. Orestes Barbosa (1978) o descreve como um “mulato alto”.

CAVALCANTI, Zaíra. Cantora brasileira nascida em 1914. A partir de 1935, realizou temporadas na Argentina, Uruguai, Chile, Peru e Bolívia, tendo protagonizado em 1940 o filme argentino *Lua-de-mel no Rio.* É referida por J. R. Tinhorão (1969) como “uma bela mulata” e por Orestes Barbosa (1978), no livro *Samba*, de 1933, como “um bago de jaca, doce e moreno, tipo de ave pernalta, com o olhar de corça mansa”.

CAVALLO, Juan ou John. *Ver HORSE, John.*

CAVALO. Designação do médium que, na umbanda, incorpora um guia ou entidade espiritual. Veja-se o quimbundo *mukuavalu*, ou *kavalu*, “cônjuge”, e estabeleça-se comparação com a palavra “iaô*” (do iorubá *iyawo*, “esposa”): a incorporação, posse do corpo pela entidade, talvez seja comparada com a posse sexual.

CAVALO-MARINHO. Peixe tropical da subordem dos lofobrânquios. É animal votivo e um dos símbolos de Logun-Edé*.

CAVAQUINHO. Segundo a tradição, instrumento musical originário da ilha da Madeira, território português no Atlântico. Muito utilizado na música brasileira urbana e rural, e indispensável aos conjuntos de choro, tornou-se um dos símbolos do samba carioca. Corresponde ao instrumento típico havaiano denominado *ukulele* ou *ukelele* (uquelele), também usado em antigas formações da música negra norte-americana e cujo nome evoca a etimologia africana do vocábulo “maculelê*”.

CAVEIRA. Comunidade remanescente de quilombo* localizada em São Pedro d’Aldeia, RJ.

CAXAMBU. Um dos nomes regionais do jongo*, tomado, provavelmente, da denominação de um de seus tambores.

CAXIXI [1]. Pequeno chocalho de palha usado pelos tocadores de berimbau de barriga.

CAXIXI [2]. Aguardente ordinária, de má qualidade. Do umbundo *okasisi*, "malafaia", "aguardente ordinária".

CAYMAN, Ilhas. Dependência inglesa no Caribe, com capital em Georgetown, constante de três ilhas localizadas ao sul de Cuba e a noroeste da Jamaica. A população, segundo dados oficiais, compreende 20% de descendentes dos africanos para lá levados como escravos a partir de 1734, além de mestiços de várias origens.

CAYMMI, Dorival (1914-2008). Compositor, violonista e cantor brasileiro nascido em Salvador, BA, e radicado no Rio de Janeiro nos anos de 1940, permanecendo na cidade até sua morte. "Cantor das graças da Bahia", como o definiu o romancista Jorge Amado, sua obra, desdobrada principalmente em canções marinhas e criações sobre motivos do folclore afro-baiano, representa um dos pilares sobre os quais se apoia a moderna música popular brasileira.

CAZEMBE. Antigo império da África central, às margens do rio Luapula. Fundado entre os séculos XVII e XVIII por imigrantes da Lunda*, na atual Angola, tornou-se o centro de três diferentes sistemas comerciais: o tráfico atlântico de escravos, pela Lunda; o comércio de marfim para Zanzibar; e o comércio com a costa moçambicana.

CAZUMBÁ. Máscara de procedência africana encontrada em alguns autos populares.

CAZUMBÁ, José Gomes do Rego (século XIX). Revolucionário brasileiro que, em 1824, foi uma das lideranças da chamada Confederação do Equador, em Pernambuco.

CEAP. Sigla do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas, entidade do movimento negro fundada no Rio de Janeiro em 1989, sob a liderança de Ivanir dos Santos*.

CEARÁ. Estado do Nordeste brasileiro. Capitania a partir de 1535, esteve sob o domínio holandês no século XVII e sob a autoridade de Pernambuco na centúria seguinte. Com sua economia baseada na pecuária, esteve entre as províncias que mais se destacaram na campanha abolicionista. Em 2000, o governo federal havia identificado, em todo o estado do Ceará, cinco

comunidades remanescentes de quilombos*, entre as quais a de Conceição dos Caetanos, no município de Tururu, titulada em 1997. *Ver CONCEIÇÃO DOS CAETANOS*; *DRAGÃO DO MAR*.

CEBOLA (*Allium cepa*). Planta da família das aliáceas. Na tradição brasileira dos orixás, pertence a Oxum. *Ver ALUBAÇA*.

CEBRECO, Agustín. General cubano, participou com destaque da chamada "Guerra Grande" pela independência de seu país, entre 1895 e 1898.

CECÍLIA DO BONOCÔ, Mãe (1895-1965). Ialorixá nascida em São Gonçalo dos Campos, BA, e falecida em Salvador, no mesmo estado. É referida por Édison Carneiro*, no livro *Candomblés da Bahia*, como "a negra Cecília da Liberdade", de "sólida reputação como ledora do futuro".

CEDRO. Antigo bairro de negros no município goiano de Mineiros. Foi tema dos livros *Sombra dos quilombos*, de Martiniano J. Silva (1974), e *Negros de Cedro*, de M. N. Baiocchi (1983).

CEIBA. Nome espanhol da sumaúma (*Ceiba pentandra*) e de outras árvores da família das bombacáceas, entre elas as classificadas como *Chorisia speciosa* e *Bombax ceiba*. Nos cultos afro-cubanos, como árvore de Xangô, envolve grande fundamento e é objeto de culto, a exemplo da gameleira-branca* no Brasil. Entre o povo djuka* do Suriname, recebe a denominação de *con con dree* e é igualmente sacralizada. Seu nome iorubano é *àràbà*.

CELIBATO. Estado de uma pessoa que se mantém solteira. Nas sociedades tradicionais africanas, o celibato, tanto masculino como feminino, é inadmissível, pois, nelas, entende-se que o ser humano só morre totalmente se não tiver deixado descendentes que cultuem sua memória e alimentem, com oferendas, sua alma, a qual continuaria ligada aos lugares que amou em vida.

CELLO. Nome de um dos tambores das *steel bands* de Trinidad.

CEMITÉRIOS DE ESCRAVOS no Rio de Janeiro. No Rio do século XVI, o atual Largo da Carioca abrigava um cemitério de escravos dos padres franciscanos. No século seguinte, foi criado, na cidade, o Cemitério dos Mulatos, no Largo do Capim, localizado nas imediações da atual esquina da avenida Presidente Vargas com a rua dos Andradas. Em 1694, a Irmandade da Misericórdia foi incumbida de proceder aos sepultamentos de

todos os escravos falecidos no território carioca. Para essa finalidade, utilizou-se o terreno localizado atrás de seu hospital, na base do morro do Castelo, próximo hoje ao Museu da Imagem e do Som (MIS). Em 1722 criou-se o Cemitério dos Pretos Novos, no atual Largo de Santa Rita, transferido depois para o Valongo, na atual rua Pedro Ernesto, na Gamboa, cujo nome primitivo era rua do Cemitério. Lá, nos séculos XVIII e XIX, eram sepultados, em cova rasa, os escravos que desembarcavam mortos ou morriam nos primeiros dias de estada no Brasil. Em 1996 foram descobertas no local dezenas de ossadas, indicando que escavações arqueológicas em todos esses sítios, a exemplo do que ocorreu nos Estados Unidos, poderão revelar muito sobre o passado dos africanos no Brasil. *Ver AFRICAN BURIAL GROUND.*

CENCERRO. Instrumento da percussão afro-cubana criado por imitação do *ekón* dos *ñáñigos* e popularizado nas orquestras de mambo. É a sineta das tropas bovinas sem o badalo e percutida, em geral, com uma baqueta de madeira. Corresponde ao português "cincerro".

CENTELLA ENDOQUI. Entre os congos cubanos, entidade espiritual correspondente à Oyá* iorubana e à Virgen de la Candelaria católica. Referida, também, apenas como Centella, é conhecida como Yaya Kéngue entre os *mayomberos*.

CENTER FOR BLACK MUSIC RESEARCH. Centro de preservação da música erudita africano-americana, talvez o mais importante do mundo em sua especialidade. Criado pelo doutor Samuel Floyd A. Jr., funciona em um anexo da Columbia College, em Chicago. Reúne considerável acervo de partituras, gravações, manuscritos, programas de récitas e tudo mais que diga respeito à música de concerto americana composta e executada por negros. Além disso, publica um jornal, uma revista e um boletim, e mantém o Black Music Repertory Ensemble, pequena orquestra dedicada exclusivamente à interpretação de obras de autores afro-americanos.

CENTRO CULTURAL JOSÉ BONIFÁCIO. Órgão da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro instalado na Gamboa, ocupando as dependências do antigo Colégio José Bonifácio, na zona portuária, próximo aos sítios históricos do Valongo* e da Pedra do Sal*. Criado em 1983 com o objetivo de preservar e divulgar a memória do povo negro no Brasil, no ano de 1995

cada uma de suas dependências, remodeladas, recebeu o nome de uma figura expressiva da cultura afro-brasileira: “Cinevídeo Grande Otelo”, “Galeria de Arte Heitor dos Prazeres”, “Sala de Dança Mercedes Baptista”, “Sala de Teatro Aguinaldo Camargo”, “Restaurante Tia Ciata”, “Núcleo Solano Trindade”, “Sala Bispo do Rosário” etc.

CENTRO-AFRICANA, República. País que se limita com o Congo e o antigo Zaire (Congo-Kinshasa) ao sul; a oeste, com Camarões; ao norte, com o Chade; e a leste, com o Sudão. Sua história pré-colonial foi basicamente moldada sob a influência dos povos da bacia do Congo e do vizinho Sudão, tendo sido seu território um dos mais violentamente despovoados pelo tráfico de escravos.

CERA PERDIDA. Método de modelagem de objetos em metal, especialmente em bronze e latão. Nesse sistema, o objeto desejado é primeiro moldado em cera e depois coberto por uma mistura de argila e carvão vegetal. Dissolvida a cera por aquecimento, despeja-se o metal liquefeito no vazio por ela deixado e obtém-se o produto final. No século IX, esse método foi empregado na produção das famosas cabeças de bronze e latão de Ifé e Benin.

CEREZO, [Antônio, dito] **Toninho.** Jogador brasileiro de futebol nascido em Belo Horizonte, MG, em 1956. Armador revelado no Clube Atlético Mineiro, nas décadas de 1970 e 1980 jogou no São Paulo Futebol Clube, no Cruzeiro Esporte Clube e nos italianos Roma e Sampdoria. Integrou várias vezes a seleção brasileira e, no final dos anos de 1990, tornou-se técnico prestigiado no futebol baiano. Em 2002, passou a treinar o Kashima Antlers, no Japão.

CERQUEIRA, Carlos Magno Nazaré (1938-99). Policial militar brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Criado no subúrbio, fez carreira na Polícia Militar do Estado, chegando a comandante de sua corporação. Formado em Psicologia, foi um dos primeiros oficiais a levantar a bandeira da democratização da tropa. Como secretário de Estado em duas gestões, nas décadas de 1980 e 1990, trabalhou para afastar dos quartéis a truculência e a corrupção, propiciando aos oficiais sob seu comando aulas de sociologia, direitos humanos e cidadania, além de agir firmemente no combate a policiais envolvidos com grupos de extermínio e

abalar os alicerces do jogo do bicho no Rio de Janeiro. Afastado dos quartéis, trabalhava em um projeto de combate à violência urbana, quando tombou vítima de execução sumária no centro da cidade onde nasceu e trabalhou.

CERQUEIRA LEITE, Francisco Glicério de (1846-1916). Político e general honorário do Exército brasileiro, nasceu em Campinas, SP, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro. Professor primário e advogado provisionado, ajudou a fundar o Partido Republicano, e no governo provisório foi ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. De 1902 a 1916, foi senador por São Paulo. Foi incluído na relação de "mulatos proeminentes" em *O negro da Quinta da Boa Vista*, de Múcio Teixeira, editado no Rio de Janeiro em 1927.

Francisco Glicério de Cerqueira Leite

CERVANTES, Sérgio. Diplomata cubano nascido em 1937. Na década de 1980, residindo em São Paulo, foi o principal articulador de seu país no reatamento das relações diplomáticas entre Cuba e Brasil, concretizado em 1986.

CÉSAIRE, Aimé [Fernand] (1913-2008). Poeta e homem público martinicano nascido em Basse-Pointe. Deputado pelo Partido Comunista e prefeito de Fort-de-France em mais de um mandato, foi um dos grandes teóricos e ativistas do movimento da *négritude**. Sua poesia, altamente elaborada, em que faz uso de símbolos muito pessoais e de um vocabulário pouco comum, dentro de uma sintaxe complexa, é de um lirismo transcendente, que o coloca entre os maiores poetas de língua francesa. São de sua autoria "Cahier d'un retour au pays natal" (1939), longo poema considerado uma espécie de hino da Diáspora Africana em todo o mundo, *Coups de pilon* (1956, poemas) e *La tragédie du roi Christophe* (1963, teatro).

CÉSAR, Júlio. *Ver SOUZA, Júlio César Ribeiro de.*

CESARINO JÚNIOR, Antônio Ferreira (1906-92). Jurista brasileiro nascido em Campinas, SP, e falecido na cidade de São Paulo. Doutor em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, de onde foi professor catedrático, tendo também concluído o curso de Medicina em 1952, tem vasta obra publicada, na qual se incluem os seguintes títulos: *Sociedades anônimas estrangeiras* (1934), *O regime das sociedades anônimas no Brasil e sua evolução histórica* (1935), *Direito corporativo e direito do trabalho* (1940-42), *Direito processual do trabalho* (1942) e *A consolidação das leis do trabalho anotada* (1943-45).
CESÁRIO [da Silva e Oliveira]**, Antônio** (séculos XIX-XX). Jurista e filantropo brasileiro nascido e falecido em Uberaba, MG. Foi homenageado na página de rosto do jornal *Getulino*, de Campinas, na edição de 24 de agosto de 1924.
CETEWAYO ou Cetshwayo (c. 1826-84). Líder africano, último rei do povo zulu*, entronizado em 1873. Resistindo aos colonizadores ingleses e bôeres no Transvaal, foi deposto e preso em 1879, tendo sua saga criado a mítica do "rei Zulu" – guerreiro altivo e indomável para a Diáspora Africana, potentado gordo e imbecil para o racismo antinegro. *Ver KING ZULU*; *REI ZULU*; *ZULU SOCIAL AID & PLEASURE CLUB*.
CÉU DAS CARNAÍBAS (ou Alma das Carnaíbas ou, ainda, Céu ao Vivo). Heresia ou seita religiosa de base cristã florescida na comunidade negra do município sergipano de Riachão do Dantas, antes de 1888. Seus integrantes consideravam-se representações de santos da Igreja Católica e intitulavam-se "Nossa Senhora", "Santa Ana", "Santa Ifigênia" etc. Violentamente reprimidos pelas autoridades provinciais, seus líderes foram todos presos. *Ver MESSIANISMO NEGRO*.
CÉZAR, Eliseu [Elias] (1871-1923). Político e escritor brasileiro nascido na capital da Paraíba e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Formado em Direito em Recife, com extrema dificuldade financeira, foi promotor público em Vitória, ES, e jornalista em Belém do Pará, onde se tornou conhecido pelo pseudônimo "Guajarino". Eleito deputado provincial nesse Estado, destacou-se como excepcional orador, tendo sido cognominado "O Nabuco Negro da Eloquência", numa comparação com o abolicionista Joaquim Nabuco. Entretanto, por questões políticas, teve seu jornal empastelado e

buscou asilo no Rio de Janeiro, onde foi redator do *Jornal do Brasil*. Apesar de seus dotes como jornalista e advogado, faleceu em extrema penúria. Obra publicada: *Algas* (1894, poesias), além de poemas divulgados em jornais e nas revistas da Academia Paraibana de Letras.

CHACHÁ. Espécie de chocalho cilíndrico, metálico e com cabo, ornado de fitas coloridas, que em Cuba é usado nas sociedades de tumba francesa* (em Guantánamo, Santiago etc.) como instrumento musical e como cetro. Na Martinica, corresponde ao que no Brasil se conhece como ganzá*; no Haiti, é o nome que se dá à maraca cubana.

CHÁ-CHÁ-CHÁ. Gênero de canção dançante afro-cubano criado por Enrique Jorrín* no início dos anos de 1950.

CHACTA. O mesmo que *catá**.

CHACÓN, José Oviedo (1902-49). Líder sindical cubano atuante na província de Camagüey. Trabalhou na Central San Francisco, onde liderou bem-sucedidas campanhas em favor dos trabalhadores das usinas de açúcar. Filiado ao Partido Socialista Popular, morreu assassinado por motivos políticos.

CHADE, República do. País localizado no centro do continente africano cuja capital é a cidade de N'Djamena (para os europeus, Fort-Lamy, seu antigo nome). Limita-se ao norte com a Líbia, a oeste com Níger, Nigéria e Camarões, a leste com o Sudão e ao sul com a República Centro-Africana. Sua história pré-colonial está ligada sobretudo ao Kanem-Bornu*, reino que atingiu seu apogeu no século XII. Foi o principal centro do tráfico árabe de escravos na África.

CHAGAS, Cosme Bento das (?-1840). Líder quilombola falecido em Tocanguira, MA. Após a morte de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, liderou a revolta conhecida como Balaiada*. Intitulou-se "Tutor das Liberdades Bem-te-vis" ("bem-te-vi" era o nome popular da facção dos liberais maranhenses), cercou-se de aparatos de realeza e, no comando de 3 mil liderados, conferiu títulos nobiliárquicos e distribuiu postos militares. Morreu em combate com as tropas do duque de Caxias.

CHAGAS, Nilo (1917-73). Cantor brasileiro nascido em Barra do Piraí, RJ, e falecido na capital desse estado. A partir de 1935, integrou, com Herivelto Martins, a dupla Preto e Branco, depois transformada, com a

entrada de Dalva de Oliveira*, no famoso Trio de Ouro, de grande sucesso nacional nos anos de 1940 e 1950.

CHAGAS, O CABRA (século XVIII). Cognome de Francisco Manoel das Chagas, escultor brasileiro ativo na Bahia setecentista. Suas obras podem ser admiradas principalmente no Museu do Convento do Carmo e na Ordem Terceira do Carmo, na capital baiana.

CHAKA. *Ver TCHAKA.*

CHALÁ, Família. Família de mulheres desportistas equatorianas originária de La Carolina, Carchi. Dela fazem parte as fundistas Mónica e Liliana e a judoca Carmen Chalá (1966-), medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, no Canadá, em 1999.

CHAMA-DE-PUÍTA. Atabaque pequeno da dança do bambelô*.

***CHAMBA* [1].** Dança de origem axânti do *big drum** de Carriacou. *Ver XAMBÁ.*

***CHAMBA* [2].** Na *santería* cubana, beberagem sacramental com que se borrifa o assentamento e se dá de beber ao iniciado. Nos cultos congos, nos quais é conhecida por *kimbisa* ou *kimbisi*, consiste em geral numa mistura de aguardente, pimenta, canela, gengibre, alho e pólvora.

CHAMBELONA. No linguajar afro-rio-platense, termo que qualifica a mulher atraente, correspondente ao cubano *sandunguera*.

CHAMBERLAIN, Wilt (1936-99). Jogador de basquetebol americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Um dos maiores cestinhas da história do basquete, chegou a marcar cem pontos em uma só partida e a fazer uma média de cinquenta pontos por jogo em uma temporada, recordes da National Basketball Association (NBA).

CHAMICO. Nome espanhol do estramônio (*Datura stramonium*), planta herbácea da família das solanáceas. Perigosa por possuir propriedades tóxicas, em Cuba pertence a Exu. No Prata, era fumado pelos negros como narcótico.

CHAMOISEAUX, Patrick. Escritor martinicano nascido em Fort-de-France em 1953. No ano de 1992 foi vencedor do Goncourt, o maior prêmio literário da França, com o romance *Texaco*, em que narra a história do surgimento e da resistência de uma comunidade urbana de descendentes de escravos na Martinica.

CHAMPETA. Gênero de música popular mestiça do litoral atlântico da Colômbia.

CHAMPOLA. Em Cuba, antiga bebida refrescante tida como de origem africana.

CHAN CHARI. Espécie de aboio dos vaqueiros da Martinica.

CHANCHADA. Gênero cinematográfico popular, de grande voga na década de 1950 e difundido em especial a partir do Rio de Janeiro. Tendo como público-alvo as massas das grandes cidades, a produção do gênero contribuiu decisivamente para a fixação e a disseminação de estereótipos do negro – o "crioulo doido", a "mulata boa", o "crioulo malandro", o sambista etc. –, em particular em relação aos papéis rotineiramente entregues a atores como Grande Otelo*, Chocolate*, Pato Preto, Vera Regina*, entre outros. *Ver ESTEREÓTIPO.*

CHANCHAMELÉ. Antiga dança afro-cubana.

CHANGÜÍ. Antiga dança afro-cubana, variante do *son**, própria da região de Guantánamo. Segundo Fernando Ortiz (1991), o vocábulo é de origem conga, do quicongo *kisangüi*, "certa dança com cântico".

CHANLATTE, Juste. *Ver ROSIERS, Comte de.*

CHANO POZO. *Ver POZO, Chano.*

CHANTÉ MAS. Espécie de canção carnavalesca de Dominica.

CHANTWELLS. Antigos bufões cantores da época colonial em Trinidad. De grande influência até cerca de 1880, seu canto de improviso era tido como dotado de poderes sobrenaturais, e os desafios, que muitas vezes terminavam em conflitos entre seus adeptos, determinavam a superioridade de uns sobre outros. Os *chantwells* são tidos como os ancestrais dos atuais compositores-cantores do calipso, e os nomes altissonantes que estes se atribuem – como "Mighty ('Poderoso') Sparrow", "Lord Protector" etc. – evocam tempos antigos.

CHÃO. Na linguagem dos terreiros de candomblé, importância em dinheiro que se paga ao sacerdote para que realize um trabalho ritual, principalmente se envolver a clausura do beneficiado.

CHAPÉU-DE-INLÊ. Alimento votivo de Oxóssi. Espécie de axoxó*, com um coco verde, aberto, colocado no alguidar* para enfeitar o prato. *Ver INLÊ.*

CHAPMAN, Tracy. Cantora americana nascida em Cleveland, Ohio, em 1964. Revelada em 1988 num show pela libertação de Nelson Mandela*, suas canções clamam, em geral, por justiça e fraternidade e pelo fim da pobreza, do racismo e da discriminação contra as mulheres.

CHAPPOTÍN, Félix (1907-83). Trompetista e diretor de orquestra cubano nascido em Havana. Nos anos de 1940, ingressou no conjunto de Arsenio Rodríguez*, o qual, em 1950, ganhou seu nome e sua direção. Dono de um estilo único, é o trompetista mais festejado do gênero *son*. Em 1992 participou de uma gravação para o selo Egrem, lançada em CD no Brasil.

CHARLES, Mary Eugenia (1919-2005). Estadista nascida e falecida em Dominica. Fundadora, no fim da década de 1960, do Dominica Freedom Party, em 1980 tornou-se primeira-ministra, cargo que ocupou por quinze anos, tendo, inclusive, como líder da Organização dos Estados do Caribe Oriental, oposto tenaz resistência à invasão de Granada pelos Estados Unidos em 1983.

CHARLES [Robinson]**, Ray** (1932-2004). Cantor americano nascido em Albany, Geórgia, e falecido em Beverly Hills, Califórnia. Cego desde os 6 anos, iniciou carreira profissional, mal saído de um orfanato, aos 15, como pianista de pequenos conjuntos, na Flórida. Dono de um estilo vocal original, tornou-se conhecido nos anos de 1950, na voga do rhythm-and-blues que precedeu o rock-and-roll. Superando, entretanto, qualquer modismo, firmou-se, a partir dos anos de 1960, como um dos maiores cantores contemporâneos do blues. Ao fundir rhythm-and-blues, jazz e gospel, lançou as bases da chamada soul music*. Referência para inúmeros cantores em todos os gêneros, figura entre os mais influentes intérpretes da música popular americana, constituindo uma das provas da perenidade das raízes musicais negras. Em 2005 teve sua biografia contada pelo filme *Ray*, no qual foi magistralmente personificado pelo ator Jamie Foxx*, ganhador do Oscar de melhor ator naquele ano.

CHARLESTON [1]. Dança norte-americana de origem negra que, surgida nos anos de 1920, alcançou sucesso mundial. O nome evoca a cidade da Carolina do Sul onde a dança teria se originado.

CHARLESTON [2]. Cidade portuária, no oceano Atlântico, pertencente ao estado norte-americano da Carolina do Sul. Outra cidade norte-

americana de mesmo nome, não litorânea, é capital da Virgínia Ocidental. *Ver CIDADES NEGRAS*.

CHARM. Estilo de baile popular surgido em meio à juventude negra e de classe média baixa dos subúrbios cariocas, no começo da década de 1980. Irradiado principalmente dos clubes Vera Cruz e Mackenzie, na região do Méier, tem como sustentáculo de seu repertório canções românticas nos gêneros soul e rhythm-and-blues, em oposição à agressividade do funk e seus derivados, preferidos pela juventude das áreas mais carentes. *Ver BAILES NEGROS*.

CHARQUEADAS. Estabelecimentos de fabrico de charque que surgiram no século XIX, no Rio Grande do Sul*, e marcaram um ciclo na economia gaúcha, empregando grandes contingentes de mão de obra escrava. *Ver PELOTAS*.

CHARRUAS. Denominação de um dos grupos indígenas que habitavam o extremo sul do Brasil, à época de seu povoamento, tido como belicoso, por nunca ter se submetido ao colonizador. Segundo M. Hamidullah (1958), com base em Donally, esses indígenas constituiriam, assim como os *garífunas** de São Vicente e os *jamassis* da Flórida, populações negras de origem africana estabelecidas nas Américas antes de Colombo. A *Enciclopédia brasileira Globo* (1984) descreve os charruas como indivíduos de "cabeça grande" e "pele bem escura". *Ver AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA, Negros na*.

CHAT'OU. Espécie de luta ritual de Guadalupe.

CHATOYÉ (?-1796). Líder militar e chefe supremo dos *garífunas** de São Vicente, nas Antilhas, lançou em 1795 uma proclamação de adesão à Revolução Francesa. Foi morto em luta contra tropas inglesas, na guerra que culminou com o exílio de seu povo na ilha de Roatán.

CHATTAM. Dança do *big drum** de Carriacou.

CHAUVET, Marie (1916-73). Escritora haitiana nascida em Porto Príncipe e falecida em Nova York, EUA. É autora das novelas *Fille d'Haiti* (1954), *La danse sur le volcan* (1957), *Fonds des nègres* (1960) e *Amour, colère et folie* (1968). Para o teatro, escreveu *La légende des fleurs*, encenada em 1946, e *Samba*, no ano seguinte.

CHAVANNES, Jean-Baptiste (?-1791). Mártir da independência do Haiti. Morreu executado com extrema brutalidade pelos franceses.

CHAVE-DE-VANGULÔ. No catimbó*, objeto mítico e mágico capaz de abrir todos os portões encantados do espaço.

CHAVES, Erlon [Vieira] (1933-74). Regente, arranjador e compositor brasileiro nascido em São Paulo e falecido no Rio de Janeiro. Nos anos de 1960 e 1970 obteve grande sucesso popular na televisão e no disco, principalmente durante os periódicos festivais internacionais da canção, então realizados no Rio de Janeiro.

CHAVES, Moacyr Pacheco. Agente ambiental brasileiro nascido em 1913. Operário têxtil aposentado e membro do antigo Partido Comunista Brasileiro, em 1998 era encarregado do Mutirão Reflorestamento, projeto ligado à Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro e desenvolvido na floresta da Tijuca.

CHEATAM, Doc (1906-97). Nome pelo qual foi conhecido Adolphus Cheatam, trompetista americano nascido em Nashville, Tennessee. Nos anos de 1920 tocou com Bessie Smith* e, na década de 1930, foi o primeiro trompete da orquestra de Cab Calloway*. No entanto, só despontou como grande solista depois dos 60 anos, tendo alcançado sucesso de vendagem nos anos de 1990 e permanecendo em atividade até ser surpreendido por um derrame cerebral, aos 91 anos.

CHECHE. O mesmo que *chévere**.

CHECKER, Chubby. Nome artístico de Ernest Evans, cantor americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, em 1941. Ex-vendedor de aves, conheceu fama internacional entre 1960 e 1962 como o “rei” do twist, subproduto comercial do rock-and-roll, lançado, como gênero de música e dança, nos Estados Unidos. Alguns estudiosos atribuem a esse ritmo a abolição da ideia de par na moderna dança popular de salão: após o twist, as pessoas passam a dançar soltas, por si e para si.

CHEGA-NEGO. Praia no litoral da cidade de Salvador, BA, no atual bairro da Pituba. Seu nome deve-se, segundo consta, a ter sido local de desembarque clandestino de escravos, após a proibição do tráfico.

CHENCHÉ MATRICULADO. Dança dominicana do século XIX.

CHEQUETEQUE. No Uruguai, bebida ritual à base de ervas. *Ver XEQUETÉ*.

CHEROKEE BILL (1876-*c*. 1896). Famoso caubói americano nascido em Fort Concho, Texas. Galante com as mulheres, tornou-se legenda no Oeste; porém, tido como impiedoso assassino, terminou seus breves dias na forca.

CHERRY, Neneh. Cantora sueca nascida em Estocolmo, em 1964. Filha do trompetista de jazz Don Cherry, destacou-se no cenário pop internacional a partir de 1989. Seu disco de 1992, *Homebrew*, conta com a participação de Youssou N'Dour*.

CHESNUTT, Charles Waddell (1858-1932). Novelista americano nascido em Cleveland, Ohio, e radicado na Carolina do Norte desde os 8 anos de idade. Em 1887 publicou seu famoso conto "The gophered grapevine*" na revista *Atlantic Monthly* e em 1900 publicou sua primeira novela, *The house behind the cedars*. Em *The marrow of tradition*, de 1901, enfoca a violência racial no período que se seguiu à Reconstrução. É autor, também, de uma biografia de Frederick Douglass*, publicada em 1899.

CHEVALIER DE SAINT-GEORGES (1745-99). Nome artístico de Joseph de Boulogne, compositor erudito e violinista nascido em Basse Terre, Guadalupe, e falecido em Paris, França. Filho de mãe escrava e pai francês, revelou-se criança prodígio, com raros dotes musicais, sendo considerado o primeiro músico de ascendência africana a chamar a atenção de mestres europeus. Compôs óperas, sinfonias concertantes, quartetos para cordas, peças corais etc. Realizou também intensa atividade política e militar, tendo integrado, em 1792, um batalhão de negros com a missão de defender Paris contra o ataque das forças austríacas e prussianas.

CHÉVERE. Nome pelo qual, em Cuba, se chamava o negro *curro**. O mesmo que *cheche**; o termo significa "elegante", "bem trajado", "janota".

CHIBÁ. Um dos cantos da congada de Caraguatatuba, SP.

CHIBAMBA. Ente fantástico da tradição popular mineira. Do nhungue *chi-bamba*, "velho".

CHIBARRO. Cabrito castrado usado em rituais da mina maranhense. O termo designa, também, pejorativamente, o indivíduo mestiço, o cabra, o bode*.

CHIBATA, Revolta da. Insurreição ocorrida no Rio de Janeiro, em 1910, sob a liderança do marinheiro negro João Cândido*, em que se reivindicava o fim da prática de torturas, que remontava aos tempos da escravidão, e dos maus-tratos infligidos aos subalternos pela oficialidade nos navios da Marinha de Guerra brasileira. Os revoltosos tomaram os principais navios da frota, fundeados na baía de Guanabara, e lançaram um ultimato ao governo federal para que decretasse o fim das torturas. Com a concordância manifesta das autoridades e a promessa de anistia para os sediciosos, estes devolveram o comando das belonaves. Entretanto, foram todos presos e encarcerados em masmorras, cujo chão era diariamente "lavado" com uma solução de cal virgem. Depois de dezoito meses de cárcere, poucos sobreviveram, entre eles João Cândido. A Revolta da Chibata se inscreve entre os movimentos em prol da afirmação da cidadania afro-brasileira, já que, à época de sua ocorrência, segundo números extraídos da obra *Ordem e progresso*, de Gilberto Freyre (1974), as guarnições dos navios de guerra brasileiros tinham a seguinte composição: 50%, pretos; 30%, mulatos; 10%, caboclos; e 10%, "brancos ou quase brancos". Em 1999, o historiador Álvaro Pereira do Nascimento*, no livro *A ressaca da marujada*, chamava a atenção para o fato de que a Revolta não foi a primeira nem a última a ocorrer no seio da Marinha nacional, já que os choques de valores e costumes entre marinheiros e oficiais inquietaram os navios de guerra brasileiros durante todo o século XIX, e de que só com o advento das ideias abolicionistas a prática dos castigos físicos começou a ser efetivamente criticada e combatida.

CHIBIRICO. Em Cuba, espécie de confeito à base de farinha, açúcar e manteiga. O vocábulo, segundo Fernando Ortiz (1991) , tem origem no hauçá.

CHIC SHOW. *Ver BAILES NEGROS.*

CHICA. Antiga dança brasileira de origem africana marcada por sapateados fortes e pelo requebrar dos quadris. A mesma denominação era dada a uma dança afro-antilhana, de acentuado erotismo, e a uma dança afro-uruguaia, o *candombe amoroso*, também chamado *semba* ou *baile de nación* (conforme R. Carámbula, 1995). O nome veio provavelmente do quicongo, do verbo *sika*, "produzir um ruído, um som", "tocar um instrumento", que deu origem

à designação do instrumento *sika*, espécie de tambor mais estreito numa das extremidades, exatamente aquela que é revestida de pele. *Ver XICARANGOMO*.

CHICAGO. Capital do estado americano de Illinois. Fundada em virtude da fixação no local do afro-americano Pointe du Sable*, tornou-se, a partir do início do século XX, foco de atração para os negros vindos do Sul em busca de melhores oportunidades. Sua população negra é das mais expressivas, e em face disso a cidade é um dos maiores focos da questão racial nos Estados Unidos. *Ver ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Migrações e direitos civis]*.

CHICAGO DEFENDER. Jornal fundado em Chicago, Illinois, em 1905, por Robert S. Abbot (1870-1940). Durante muitos anos, foi o maior porta-voz dos negros americanos na luta pelos seus direitos civis.

CHICHA. Bebida alcoólica dos negros do Uruguai feita de vinagre branco, água, farinha e açúcar postos em infusão por cerca de uma semana.

CHICHEREKÚ. Em Cuba, boneco preparado por um feiticeiro que serve para causar dano ou conceder defesa. Segundo a tradição, dotado de vida, uma vez que lhe é dada uma alma, ele corre atrás das pessoas, como uma espécie de duende brincalhão mas extremamente perigoso.

CHICO. Coreografia do fandango executada por uma roda de quatro dançarinos. *Ver* CHICA.

CHICO BOIA. Nome pelo qual se tornou conhecido Francisco Carvalho, diretor de fotografia brasileiro nascido em Campos, RJ, por volta de 1945. Ex-cortador de cana, auxiliar de iluminação e depois iluminador no núcleo de teledramaturgia da Rede Globo, revelou-se em 1986 na telenovela *Sinhá Moça*. No final da década de 1990, era considerado o maior profissional brasileiro em sua especialidade.

CHICO CÉSAR. Nome artístico de Francisco César Gonçalves, compositor, cantor e instrumentista brasileiro nascido em Catolé do Rocha, PB, em 1964. Ex-publicitário e letrista bastante original, foi um dos artífices da chamada “neo-MPB” dos anos de 1990.

CHICO DA USINA. *Ver SANTOS, Zacarias dos*.

CHICO DIABO (*c.* 1843-1917). Alcunha de Francisco Fernandes de Souza, personagem da história do Brasil falecido em Salvador, BA. Cabo do

Chico César

24º Corpo de Voluntários da Pátria – o célebre batalhão dos Zuavos Baianos* –, em 1870, na Guerra do Paraguai, em Aquidabã, teria ferido de morte, com um golpe de lança, o chefe da nação e comandante das tropas paraguaias, Francisco Solano Lopez. Uma tela do pintor Domingos Teodoro de Ramos*, também voluntário na guerra, intitulada *O cabo Chico Diabo do diabo Chico deu cabo* e reproduzida no livro *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988), o retrata como um negro. Entretanto, fotografia estampada no livro *Guerra do Paraguai: memórias & imagens*, de Ricardo Salles (Biblioteca Nacional, 2003), mostra o militar assim alcunhado como um homem branco, com bigode e cavanhaque, atribuindo-lhe na legenda o nome de Francisco Lacerda.

CHICO FRANCISCO DE SÃO FRANCISCO. *Ver NASCIMENTO, Francisco do.*

CHICO REI (1709-81). Personagem da história de Minas Gerais. Segundo alguns relatos que mesclam realidade e fantasia, entre eles o do historiador mineiro Agripa de Vasconcelos, nasceu no Congo, onde teria sido, ainda com o nome de Galanga, um misto de monarca e sacerdote. Tendo sido vendido para o Brasil, na primeira metade do século XVIII, junto com toda a sua corte, chegou a Ouro Preto, no atual estado de Minas Gerais, em 1740, acompanhado somente do filho Muzinga, pois a mulher e uma filha teriam morrido durante a viagem. Em terras brasileiras, teria recebido o nome de Francisco e, em decorrência, o hipocorístico "Chico", com o qual passou à história. Depois de cinco anos como escravo de certo major Augusto de Andrade Góis, teria conseguido sua alforria e a do filho e comprado a mina de ouro da Encardideira, supostamente esgotada, onde trabalhara. O capital para a compra da alforria fora conseguido mediante uma estratégia que consistia em esconder restos do ouro retirado da mina entre os fios da carapinha e ir entregando as porções a certo padre Figueiredo, depositário da inusitada poupança. Com o trabalho na mina que

comprou, Chico teria conseguido alforriar mais quatrocentos cativos, que se tornariam seus súditos, num reino em que, de acordo com a tradição, não faltaram palácio, trono, cetro e coroa de ouro, além da construção das igrejas de Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia dos Pretos e da fundação de uma irmandade católica. Chico Rei teria falecido em 1781, aos 72 anos de idade. Em 1998 o pesquisador Antônio Barbosa Mascarenhas anunciava a presença de descendentes de Chico Rei a cem quilômetros de Ouro Preto, na localidade de Pontinha, próxima a Paraopeba, MG. Eles teriam ido para lá depois do esgotamento total da mina da Encardideira, cujas ruínas são hoje atração turística, assim como as igrejas antes mencionadas, construídas graças à legendária poupança do líder, que, como um Zumbi às avessas, preferiu a astúcia e a negociação ao confronto com o establishment escravagista.

CHICO TABIBUIA (1936-2007). Nome com o qual se fez conhecido Francisco Morais da Silva, escultor brasileiro nascido e falecido em Casimiro de Abreu, RJ. Lenhador até 1988, quando foi selecionado para a Primeira Bienal de Escultura do Rio de Janeiro, destacou-se por seu trabalho em madeira, construindo uma obra altamente original e de grande valor artístico, impregnada de símbolos eróticos e mitológicos afro-brasileiros.

CHIFFONÉ. Dança crioulizada do *big drum**.

CHIFUNGA. Entre os aúkas da Guiana, o mesmo que *azang pau** entre os saramakas.

CHIGGERFOOT BOY. Personagem da literatura tradicional afro-caribenha de língua inglesa. É um "velho-menino-feiticeiro" cujo pé apresenta-se cronicamente doente ou deformado. Descrito sempre como "sujo", "fedorento", "coberto de cinzas", é visto como agente perturbador da ordem. Também, Jiggerfoot Boy.

CHILE, República do. País localizado no Oeste da América do Sul. Embora os números de sua demografia atual não consignem a presença do elemento negro, o país também recebeu o aporte do tráfico de escravos africanos. Segundo Rolando Mellafe (1959), é indiscutível a presença de negros escravos nos primeiros navios que chegaram ao Chile, no século XVI. De 1540 em diante, com a intensificação da imigração forçada promovida pela Espanha, notícias oficiais passaram a dar conta de reuniões dançantes

de negros em Santiago (em 1577). Uma ordenança de 1605 estabelecia recompensa para a captura de negros foragidos. Em 1615 havia, em Santiago do Chile, negros artífices, exercendo as atividades de pedreiro, ferreiro, chapeleiro e sapateiro. A abolição do trabalho servil foi decretada em 1823. Em 1940, como remanescentes dos 20 mil africanos registrados no Chile em 1590, havia apenas cerca de mil negros e 3 mil mulatos. Em 1971, em uma população total de 9,7 milhões de pessoas, os afrodescendentes representavam ínfimos 0,017%. Contudo, segundo a enciclopédia *Africana*, pesquisas mais detalhadas poderiam contribuir para a ampliação desses números. *Ver VALIENTE, Juan*.

CHIMBA. Entre africanos e descendentes no Peru, antiga denominação da cabeça. Do quicongo *ntima*, "o interior, o que está dentro"; "a consciência".

CHIMBANGUELEROS. Tocadores de *chimbangueles*, tambores da festa venezuelana de san Benito, nos estados de Zulia e Trujillo.

CHINA (1890-1927). Pseudônimo de Otávio Liplecpow da Rocha Viana, músico brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Irmão de Pixinguinha*, integrou como cantor, pianista e violonista o grupo que deu origem ao célebre conjunto Os Oito Batutas, com o qual viajou a Paris em 1922. Afastou-se do grupo por motivos de saúde e faleceu, longe de Pixinguinha, quando os Batutas cumpriam compromisso profissional em Florianópolis, SC.

CHINA, Presença negra na. A presença negro-africana na China vem de tempos imemoráveis. A mitologia chinesa menciona um povo original, de nariz largo e chato e cabelos encarapinhados, chamado "ainu". Essa palavra, cujo significado é "ser humano", teria se originado no Egito e de lá se disseminado pela Mesopotâmia, Pérsia e Índia, onde ganhou a acepção de "negro". Os ainus, caracterizados como anãos, aparecem em toda a história chinesa, como, por exemplo, na dinastia de Fu-Hsi (2953-2838 a.C.). Tido como negro e de cabelo lanudo, esse rei foi o responsável pela criação das instituições políticas, sociais e religiosas, bem como da escrita, que perdurariam até nossos dias. Foi sucedido por Shen-Nung (2838-2806 a.C.), ao qual se atribui a introdução da agricultura no país, soberano que também pertencia ao povo ainu (conforme Larkin Nascimento, 1994a). **Era Cristã:** No ano de 614, embaixadores de Java

presentearam o imperador da China com dois escravos provenientes de Zanzibar*. Por volta de 1119, segundo Alberto da Costa e Silva (1996), a maioria das pessoas abastadas de Cantão possuía escravos negros, oriundos da África índica*, os quais, apesar de fortes, empregados em obras submarinas de reparos navais, morriam facilmente, em geral de diarreia, por estranharem a alimentação. *Ver EXTREMO ORIENTE, Negros no*.

CHINCHINES. Soalhas empregadas na percussão da música dos *garífunas** de Honduras e Guatemala.

CHINGONGO. O mesmo que gonguê*. De *xigongo*, "duplo sino", espécie de agogô, em uma das línguas de Angola.

CHINO. Denominação que se dá no Peru e em Puebla, no México, ao mestiço de negro e índio.

CHINOCHINOS. Chocalhos outrora usados nas festas e cerimônias dos negros na Argentina (conforme N. Oderigo, 1962).

CHIPANA. Antigo instrumento de sopro de origem africana. De *xipanana*, "trompas de chifre de antílope", ou "pequenas pontas de marfim", usadas na região angolana da Lunda*.

CHIRIMINI, Tomás Olivera. Músico uruguaio nascido em Montevidéu, em 1937. Divulgador das tradições africanas de seu país, em 1965 ligou-se ao Teatro Negro Independiente, do qual surgiu, em 1971, o Conjunto Bantú, grupo artístico dedicado à difusão do candombe tradicional, do qual se tornou diretor. Produziu vídeos e publicou livros sobre o tema e participou, com seu conjunto, de vários festivais internacionais.

CHIRINOS, José Leonardo (?-1795). Revolucionário venezuelano. Escravo e descrito como zambo*, comandou, com José Caridad González, uma rebelião de grandes proporções nas proximidades da cidade de Coro. Após tomarem fazendas, matarem alguns proprietários, decretarem a redução dos impostos e a abolição da escravidão, os rebeldes foram vencidos pelas tropas coloniais, e Chirinos foi executado em Caracas, depois de cruéis torturas.

CHIRRUP. Dança crioulizada do *big drum**.

CHISHOLM, Shirley (1924-2005). Educadora e cientista política americana nascida na cidade de Nova York e falecida na Flórida. Em 1968,

tornou-se a primeira mulher negra congressista nos Estados Unidos. Retirando-se da cena política, dedicou-se ao ensino universitário e à pesquisa. Seu pensamento político está nos livros *Unbought and unbossed* (1970) e *The good fight* (1973).

CHOCALHO. Instrumento de percussão cujo som é obtido pela agitação de partículas de natureza variada, no interior de um recipiente sonoro ou presas à sua superfície. A música da Diáspora Africana conhece várias espécies de chocalhos, como o ganzá*, o patangoma*, o xeré*, o xequeré* etc.

CHOCÓ. Região colombiana de floresta tropical, na fronteira com o Panamá, com população afrodescendente estimada em 90%.

CHOCOLÂTE (século XIX). Dançarino radicado na França. É retratado pelo pintor francês Toulouse-Lautrec (1864-1901) em um sugestivo quadro intitulado *Chocolâte dançando*.

CHOCOLATE. *Ver ARMENTEROS, Alfredo*.

CHOCOLATE [1] (1923-89). Pseudônimo do ator e compositor brasileiro Dorival Silva, nascido e falecido no Rio de Janeiro. No cinema e na televisão, notabilizou-se como intérprete cômico do negro estereotipado, do "crioulo", tendo, durante boa parte dos anos de 1940, trabalhado em filmes da empresa cinematográfica Cinédia como êmulo de Grande Otelo*, contratado da Atlântida. Como compositor, são de sua autoria, com Elano de Paula, a *Canção de amor* e o *Hino do músico brasileiro*, imortalizados como prefixos, respectivamente, nas apresentações da cantora Elisete Cardoso* e do comediante Chico Anysio.

CHOCOLATE [2] (século XX). Nome artístico de Carlos de Oliveira, palhaço e acrobata brasileiro que, nos anos de 1950, trabalhou com grande sucesso no circo-teatro Olimecha.

CHOCOLATE, Kid (1910-88). Pseudônimo de Elígio Sardiñas Montalvo, boxeador cubano nascido e falecido em Havana. Campeão mundial nas categorias médio-ligeiro (1931) e pluma (1932), em dez anos de carreira profissional disputou 136 combates, tendo vencido 49 por nocaute e perdido apenas dez. Nicolás Guillén* dedicou-lhe um poema, incluído em *Sóngoro cosongo* (1930). Em 1988 teve publicada sua biografia.

CHOLA AWENGUE. Entre os congos cubanos, entidade espiritual identificada com Oxum. É também referida como Madre Chola ou simplesmente Chola.

CHORÍ (1900-74). Pseudônimo de Silvano Shueg Hechevarría, músico cubano nascido em Santiago de Cuba e falecido em Havana. Percussionista e *showman*, atuou em diversas orquestras. É considerado o maior executante de timbales ou *paila criolla* de seu tempo.

CHOROPÓN; CHOROPONCITO. Quilombos venezuelanos, alvo de ações militares em abril de 1799.

CHOSSUM. Na Casa das Minas*, alimento ritual preparado com carne de chibarro*, camarão, dendê, sal e pimenta, cozidos a vapor e envoltos em folha de bananeira.

CHOUWAL-BWA. Na Martinica, nome dado à música que outrora acompanhava os deslocamentos de carros de boi, resgatada e dignificada pelo músico Dédé Saint-Prix*.

CHRISTIAN, Charlie (1916-42). Guitarrista norte-americano nascido em Oklahoma e falecido em Nova York. De vida curta, em apenas quatro ou cinco anos de carreira profissional criou a escola moderna de execução da guitarra. Segundo seus biógrafos, é ele o verdadeiro autor de *Flying home*, um clássico do jazz cuja autoria é atribuída ao clarinetista Benny Goodman.

CHRISTIE, Lonford. Atleta inglês, descendente de jamaicanos, nascido em 1960. Especialista na modalidade de cem metros rasos, durante toda a carreira, encerrada em 1996, conquistou onze medalhas de ouro e 23 outros grandes títulos.

CHRISTOPHE, Henri (1767-1820). Governante do Haiti* nascido em Granada e falecido em Porto Príncipe. Ex-escravo, participou da Guerra da Independência dos Estados Unidos e, na insurreição que culminou na Revolução Haitiana*, foi um dos auxiliares diretos de Toussaint L'Ouverture*. Mais tarde, uniu-se primeiro a Dessalines* e depois a Pétion*. Com a morte do primeiro, foi chamado para ser seu sucessor. Proclamado rei, criou uma corte faustosa e resistiu à tentativa de recolonização levada a efeito por Luís XVIII; conseguiu alguns anos de tranquilidade, mas acabou se suicidando durante um levante popular. Seu drama pessoal motivou uma

conhecida obra teatral de autoria de Aimé Césaire*, *La tragédie du roi Christophe*, de 1963.

CHUGUDU. Espírito maligno dos rituais da quimbanda*.

CHULA. Espécie de samba* baiano à base de solo e coro, porém de melodia mais completa e extensa que a do samba rural comum. O termo designa, também, a parte solada desse samba, bem como diversas espécies de cânticos tradicionais, como as cantigas de capoeira. A origem do vocábulo parece estar no quicongo *tiula*, "sapo", a exemplo de vários nomes de danças afro-brasileiras relacionadas ao mundo animal.

CHULA-RAIADA. Espécie de samba*, à base de solo e coro, no qual se entremeiam versos da tradição popular.

CHURCH JAMMING. Estilo de interpretação vocal dos negros americanos, com falsetes lancinantes e emissões rascantes, saído das igrejas, como expressão de fervor ou transporte emocional, para a música popular.

CHURCH OF THE LUKUMÍ BABALÚ AYÉ (CLBA). Congregação religiosa fundada em 1974 na cidade de Hialeah, na Flórida, EUA. Primeira entidade de culto aos orixás iorubanos criada no país, pugna pela pureza da tradição em relação à matriz afro-cubana, sem nenhuma variação sincrética, sendo a grande referência da *regla de ocha** fora do Caribe. Congregando membros de cerca de 35 nacionalidades, segundo sua página na internet, em 1993 deu prova de sua força quando conseguiu, na Suprema Corte, vencer uma demanda assim resumida, conforme a decisão do alto tribunal: a CLBA alugou em Hialeah, Flórida, uma propriedade onde pretende estabelecer um complexo de igreja, escola, centro cultural e museu. Sua religião é a *santería*, que surgiu no século XIX em Cuba e adota o sacrifício de animais, além da cura de doenças, entre outras práticas rituais. Contrariando seu propósito de realizar seus rituais a céu aberto, a cidade de Hialeah promulgou vários decretos no sentido de coibir tais práticas, proibindo expressamente, em junho de 1987, o sacrifício de animais de qualquer espécie. Entretanto, em 1993, a Suprema Corte, em decisão unânime, anulou esses decretos. A decisão baseou-se em princípio constitucional que garante a todos os indivíduos a liberdade de exercer sua religião. Embora o sacrifício de animais possa parecer abominável a algumas pessoas – assim entendeu o juiz relator –, crenças religiosas não precisam ser aceitas, lógicas, consistentes ou

compreensíveis a olhos alheios, nos termos da proteção concedida pela Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América. *Ver RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*; *SANTERÍA*.

CIAD. Sigla em português para Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora. O primeiro desses encontros, referido como 1ª Ciad, realizou-se em Dacar, Senegal, em outubro de 2004, com o tema geral "A África no século XXI: integração e renascimento". A 2ª Ciad ocorreu no Brasil, na capital baiana, em julho de 2006, com o tema "A Diáspora e o renascimento africano".

CIATA, Tia. *Ver TIA CIATA*.

CIÇA. Pseudônimo de Maria Cecília Maia, carateca brasileira nascida no Rio de Janeiro, RJ, em 1969. Criada em uma instituição para menores carentes, aos 20 anos, favelada, iniciou-se na prática do caratê. Em 1992, tornou-se, nessa modalidade de arte marcial, a primeira ocidental a ganhar um título mundial dentro do Japão. Em 2003, ostentava os títulos de bicampeã mundial e campeã sul-americana, além de ter sido dez vezes campeã carioca e seis vezes campeã brasileira.

CÍCERO dos Santos (1923-94). Sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Membro da ala de compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, da qual foi presidente em 1956, é autor dos sambas-enredo com que a escola foi campeã em 1954 e em 1961.

CICIBA. Sigla do Centre International des Civilisations Bantu, entidade com sede em Libreville, Gabão. Apoiado pelo governo gabonês, enfatiza, por meio de pesquisa acadêmica, conclaves, conferências, mostras de arte etc., a participação dos povos bantos na construção da civilização universal, inclusive na Diáspora. Em 1987, na Segunda Bienal de Arte Bantu Contemporânea, que organizou em Libreville, foram expostos trabalhos de artistas afro-cubanos.

CIDADÃO-SAMBA. Título concedido em eleição anual, pelas escolas de samba do Rio de Janeiro, ao sambista que tenha se destacado nas artes características do samba, como na dança, canto, composição, execução de instrumentos etc. Tempos atrás, para fazer jus ao título, o candidato tinha de se exibir perante uma banca examinadora, que lhe exigia, inclusive, dons de

oratória. Entre os mais famosos cidadãos-samba estão Amor*, Mano Elói*, Cartola*, Paulo da Portela* e Zé Kéti*.

CIDADE NEGRA. Grupo musical inicialmente especializado em reggae*, que mais tarde incursionou por outros caminhos da música pop. Surgido na Baixada Fluminense* em 1986, era integrado pelos músicos Rás Bernardo (vocais), Da Gama (contrabaixo), Bino (guitarra) e Lazão (bateria). Pouco mais tarde, com Rás Bernardo substituído pelo cantor Toni Garrido*, o grupo desfrutou de grande prestígio no cenário da música popular e da indústria fonográfica, o que se verificava ainda à época desta edição. Em 2008, com a saída do cantor Toni Garrido, o posto de vocalista foi ocupado por Alexandre Massau.

CIDADE, Francisco. *Ver LEVANTE DE 1814.*

CIDADES NEGRAS. Expressão usada pela moderna historiografia brasileira para designar, na América escravista, territórios urbanos onde se concentraram, desde a época colonial, africanos e descendentes, criando, neles, organizações assistenciais, religiosas, recreativas etc. Em Farias *et al.* (2006), são listadas, como exemplos de cidades onde ocorreu esse tipo de concentração, as seguintes: Buenos Aires, Caracas, Charleston, Cidade do México, Guayaquil, Havana, Lima, Montevidéu, Nova Orleans, Nova York, Olinda, Porto Alegre, Porto Príncipe, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, San Juan, Santo Domingo, São Luís, Veracruz etc. A estas, podemos acrescentar, por exemplo, Cartagena e a região do Darién*. *Ver PELOTAS.*

CIDADES-ESTADO. Comunidades políticas independentes florescidas na Grécia clássica, em outras civilizações antigas e também na África medieval. Oyó*, Gao*, Abomé*, entre outras, foram cidades-estado.

CIDAN, Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro. Organização fundada em 1984, no Rio de Janeiro, pela atriz Zezé Motta*. Visa promover artistas negros e inseri-los no mercado de trabalho. Para tanto, mantém um catálogo na internet, além de promover cursos de iniciação e reciclagem profissional.

CIMARRÓN. Na América hispânica, qualificativo aplicado ao negro fugido, embrenhado no mato. O termo, que não tem correspondente exato na língua portuguesa, originou o francês *marron* e o inglês *maroon*. No Brasil, seu mais próximo correspondente seria a forma banta “quilombola”, apesar

de haver algumas diferenças na organização social dos negros aquilombados em relação aos simples fugitivos. Segundo A. Hochschild (2007, p. 357), o termo provém do etnônimo *symarón*, povo indígena do Panamá que opôs forte resistência ao domínio espanhol.

CIMARRONAGEM. Neologismo brasileiro significando ação ou ato de *cimarrón**.

CIMARRONAGEM CULTURAL. Termo cunhado por René Depestre* para definir a atitude, nas letras, artes, religião e tradições, do negro que, por intermédio de visão e comportamento africanos, se adapta às condições do meio em que vive, colocando os esquemas da cultura ocidental a serviço dos sentimentos que o ligam à sua ancestralidade.

CIMBALLING. Técnica vocal do culto jamaicano Zion Revival*.

CINDA. Entidade do culto omolocô* correspondente a Oxum. Do quicongo *Nsinda*, inquice das mulheres.

CINGALESES. Povo do Sri Lanka, do ramo dos drávidas*.

CINQUE, Joseph (1814-76). Personagem histórico também referido como Joseph Singbe nascido na aldeia de Mani, distrito de Dzhopoa, em Mende, atual Serra Leoa. Líder do célebre motim do navio Amistad*, em novembro de 1841 retornou à África com seus liderados e acompanhado de alguns missionários. Quando chegou, sua aldeia estava destruída e sua família desaparecida, provavelmente vítima de traficantes. Segundo Benjamin Nuñez (1980), teria, então, se dedicado, sem sucesso, ao tráfico de escravos, tornando-se, mais tarde, intérprete, a serviço de negociantes americanos e europeus.

CIPÓ, Maestro (1922-92). Nome pelo qual foi conhecido o músico brasileiro Orlando Costa, nascido em São Paulo e falecido no Rio de Janeiro. Saxofonista virtuoso, foi também compositor, arranjador e chefe de orquestra dos mais prestigiados. Para o cinema, compôs a trilha de *Sherlock de araque*, produção carioca de 1958; na televisão, teve atuação destacada no Programa Flávio Cavalcanti, exibido nos anos de 1970. É autor de melodias e orquestrações de jingles e trilhas publicitárias que marcaram época.

CIPRESTE (*Cupressus pyramidalis*; *Cupressus sempervirens*). Árvore da família das cupressáceas. No Brasil, é planta de Nanã, orixá que, por sua

idade avançada, se relaciona com a morte. Em Cuba, onde é árvore de todos os orixás, também se relaciona com a morte, sendo, por isso, empregada pelos *mayomberos* como veículo de pactos estabelecidos com espíritos maléficos.

CIPRIANO, José Pinto. Líder religioso na Vila de São Francisco do Conde, atual Paramerim, BA, nascido em 1825. Liberto, de origem hauçá, chefiou uma casa de culto, objeto de repressão policial em 1853. Nela foram encontrados escritos em caracteres árabes, como os utilizados no culto malê*, além de búzios, miçangas, azeite de dendê e outros acessórios e ingredientes de uso ritual. Sua casa é historicamente referida como o "Candomblé de Paramerim".

CIRCO NEGRO. *Ver UNIVERSOUL BIG TOP CIRCUS*.

CIRIACO [de Jesus]**, Manuel** (?-1965). Pai de santo baiano, de nome iniciático Tata Ludiamungongo, líder do terreiro conhecido como Tumba Junçara, de nação congo, em Salvador, BA.

CIRÍACO, Francisco da Silva (séculos XIX-XX). Lutador brasileiro nascido em Campos, RJ. Em 1º de maio de 1909, em uma competição de luta livre na antiga capital federal, venceu, com um golpe de capoeira, o campeão mundial de jiu-jítsu Sada Miako, atleta japonês contratado para lecionar artes marciais na Marinha brasileira. Era também conhecido pelo apelido de "Macaco Velho".

CIRINO, Sebastião (1902-68). Instrumentista e compositor brasileiro nascido em Juiz de Fora, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Em 1913, preso por vadiagem, foi mandado para um estabelecimento correcional onde aprendeu a tocar trompete, repetindo, curiosamente, no mesmo ano, a trajetória de Louis Armstrong*. Na década de 1920 integra vários conjuntos orquestrais, entre eles o Oito Cutubas, fundado por Donga* após a dissolução dos Oito Batutas. Em 1926 compõe para a revista *Tudo Preto*, encenada pela Companhia Negra de Revistas, o maxixe *Cristo nasceu na Bahia*. De 1926 a 1939 viveu e trabalhou em Paris, onde deu aulas de violão à princesa Maria Tereza de Orléans e Bragança, tendo sido agraciado com a Cruz de Honra de Educação Cívica, no grau de cavaleiro, por participar de espetáculos oficiais de caridade, e com o diploma de membro da Sociedade de Compositores da França. De volta ao Brasil, organizou uma orquestra

integrada exclusivamente por músicos negros, contratada pelo Cassino Atlântico, além de trabalhar como “tradutor de melodias para a pauta”, a fim de ajudar colegas que não sabiam fazê-lo.

CIRUELO, El. Povoado mexicano, de população afrodescendente, no litoral do Pacífico. Em 1997 foi sede da primeira Convenção dos Povoados Negros. O encontro, que teve como temática os direitos humanos, foi coordenado pelo padre Glyn Gemot (1947-), nascido em Trinidad. *Ver AFRO-MEXICANOS; MÉXICO.*

CIRURGIA CARDIOVASCULAR, Primeira. *Ver WILLIAMS, Daniel Hale*.

CIVIL RIGHTS MOVEMENT (Movimento pelos Direitos Civis). Mobilização política organizada nos Estados Unidos na década de 1960, em defesa dos direitos de cidadania dos negros e de outros grupos sociais.

CIVILIZAÇÕES AFRICANAS. O termo “civilização”, em uma primeira acepção, define o conjunto de traços identificadores da vida intelectual, artística, moral e material de determinado grupo social, como instituições, símbolos etc. Outra acepção define o ato ou o efeito de civilizar, tirar do estado de selvageria. Assim, até a primeira metade do século XX, o conceito de “civilização” com referência à África correspondia pura e simplesmente à ação de levar ao continente negro modos europeus de pensar e viver. Sabe-se hoje, contrariamente à velha formulação em que durante muito tempo se assentaram as pretensões hegemônicas da cultura ocidental, que a África não só foi o palco em que, pela primeira vez, se encenou o drama da existência humana como também foi berço de portentosas e estimulantes civilizações. Daí a motivação de Moore (2008, p. 180) para apresentar uma lista de quinze “espaços civilizatórios”, ou seja, quinze núcleos principais de difusão de cultura, existentes na África a partir do período compreendido, aproximadamente, entre os anos 10000 e 4000 a.C. Antes de Moore, entretanto, viu-se, por exemplo, com Cheikh Anta Diop*, o antigo Egito emergir do cenário “asiático” que o conhecimento anterior lhe impusera e assumir sua face africana. Segundo Heródoto, a antiga civilização egípcia foi fertilizada pelo húmus cultural do Nilo, um rio que nasce no coração do continente africano e atravessa regiões nas quais nasceram e brilharam,

antes do e durante o esplendor egípcio, Cuxe*, Napata*, Méroe*, Axum* e outros núcleos civilizatórios. Igualmente, escritos árabes medievais permitem reconstituir todo um rico passado na África ocidental. Lá, do século IX em diante, um islamismo permeado de conteúdos tradicionais negro-africanos gerou os Estados de Gana, Mali, Sonrai, Takrur, Kanem, Bornu, Kasson, Djolof etc., que se transformaram em verdadeiras legendas e cujas realizações até hoje são transmitidas e repassadas pelos *griots* e *djelis*, depositários de tradições imemoriais. Do outro lado do continente, na costa do Índico, e na mesma época, a civilização zandj exibia a rica diversidade de Zanzibar, Kilwa, Madagáscar e arredores. E, do interior, o Reino do Monomotapa irradiava riqueza e uma aura de lenda, que persiste, até nossos dias, nas ruínas do Grande Zimbábue. A costa atlântica africana e sua hinterlândia, com os reinos Kongo, Luba, Lunda etc., representarão o grande ponto de interseção, o grande local de encontro, ao mesmo tempo maravilhoso e devastador, entre duas concepções de universo, entre dois modos radicalmente opostos de sentir e estar no mundo. E, a partir do século XV, Estados como o Kongo, por exemplo, e seus reinos vassalos, mais Abomé, Axânti, Oyó e inúmeros outros, numa triste sequência, serão desestruturados, passo a passo, até a total destruição. *Ver ÁFRICA*; *HISTÓRIA DA ÁFRICA*; *SUBDESENVOLVIMENTO AFRICANO*.

CLARA MARIA (século XIX). Heroína brasileira das lutas populares pela libertação dos escravos em São Mateus, ES. Também conhecida como Clara Maria do Rosário dos Pretos.

CLARIM DA ALVORADA, O. *Ver IMPRENSA NEGRA no Brasil*.

CLARK, Dugald (?-1798). Inventor jamaicano. Autodidata em mecânica e matemática, em 1771 aplicou a força de uma máquina a vapor a seu engenho de açúcar. Também inventou vários métodos para a tração a vapor de barcos e navios, fazendo jus a uma compensação monetária do governo por seus inventos. Não obstante, preso por dívidas não pagas, morreu na cadeia em Kingston.

CLARK, Kenneth [Bancroft] (1914-2005). Psicólogo e educador americano nascido na zona do canal do Panamá e falecido em Nova York, EUA. Obteve o grau de Ph.D. na Universidade de Colúmbia e tornou-se conhecido por suas pesquisas no campo da psicologia educacional, em

especial por uma que abordava a preferência que as crianças negras têm por bonecas brancas, decisiva na luta pela integração racial nas escolas públicas americanas. É autor, entre outros livros, de *Prejudice and your child* (1953), *Dark ghetto: dilemmas of social power* (1965), *The Negro American* (1966) e *Crisis in urban education* (1971).

CLARKE, Kenny (1914-85). Nome artístico de Kenneth Spearman, baterista americano nascido em Pittsburgh, Pensilvânia, e falecido em Montreuil-sous-Bois, França. Estudou trombone, vibrafone, piano e bateria ainda no colégio, em Pittsburgh. Um dos pais do bebop, depois de atuar com Benny Carter*, Coleman Hawkins* e Dizzy Gillespie*, participou da fundação do Modern Jazz Quartet*, integrando-o até 1955, um ano antes de radicar-se na França. Após converter-se ao islamismo, passou a se chamar Liaqat Ali Salaam.

CLAUDIANO FILHO. Nome artístico de Claudiano Zani Filho, ator brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1926. Integrante do Teatro Experimental do Negro*, participou dos filmes *Mãos sangrentas* (1955), *Leonora dos sete mares* (1955) e *Canjerê*, produção carioca de 1957. Posteriormente, transfere-se para Paris, onde estuda mímica com Marcel Marceau, e se apresenta em várias capitais europeias. Depois, radicado na Itália, trabalha com Giulietta Masina, Bruno Bozzetto e Giuseppe Bertolucci.

CLÁUDIO JORGE [de Barros]. Violonista, guitarrista, compositor e cantor nascido em 1949 no Rio de Janeiro. Instrumentista de sotaque acentuadamente brasileiro, é bastante requisitado para gravações e espetáculos no Brasil e no exterior. Compositor, é parceiro de Martinho da Vila*, Cartola*, João Nogueira* e Nei Lopes, entre outros, em canções gravadas por vários intérpretes da MPB. A partir do final da década de 1990, tornou-se também conhecido e respeitado como arranjador e produtor musical.

CLAVE. Gênero de canção popular cubana de raízes africanas e hispânicas. *Ver CORO DE CLAVES*.

CLAVES. Instrumento básico da música afro-cubana, de raiz universal, constituído por dois cilindros de madeira, percutidos por entrechoque, com os quais se marca o compasso.

CLAY, Cassius. *Ver ALI, Muhammad.*
CLAYTON, [Wilbur, dito] **Buck** (1911-91). Músico americano nascido no Kansas e falecido em Nova York. Trompetista virtuoso, atuou de 1934 a 1936 em Xangai, com sua própria orquestra. De volta aos Estados Unidos, integrou a orquestra de Count Basie* e o célebre grupo Jazz at the Philarmonic. De 1949 em diante, realizou importantes turnês pela Europa, destacando-se como intérprete de solos delicados e desenhos melódicos graciosos e originais.
CLEAVER, [Leroy] **Eldridge** (1915-98). Ativista político americano nascido em Little Rock, Arkansas, e falecido na Califórnia. Ex-ministro de Informações do Black Panther Party*, escreveu o best-seller *Soul on ice* (publicado em 1968), livro autobiográfico em que faz um retrato crítico da sociedade americana e que se tornaria obra de referência para os movimentos negros. Um dos mais radicais e violentos militantes dos Estados Unidos, rompeu com os Panteras Negras, reconverteu-se ao cristianismo e foi trabalhar como assessor na Universidade de La Verne, em Pomona, subúrbio de Los Angeles, onde faleceu.
CLEMENTE, Roberto (1934-72). Jogador de beisebol porto-riquenho nascido em Carolina e falecido em um acidente aéreo entre Porto Rico e Nicarágua. A partir de 1961, destacou-se nos Estados Unidos como uma das maiores estrelas do seu esporte. Em 1973, postumamente, tornou-se o primeiro latino-americano a entrar para o Baseball Hall of Fame, e, em 1984, sua imagem foi estampada em um selo postal emitido nos Estados Unidos.
CLEMENTINO, Rogério. Desportista brasileiro nascido em Mato Grosso do Sul em 1981. Órfão de pai e filho de uma trabalhadora humilde, era peão de fazenda quando foi convidado a trabalhar num haras em São Paulo. Primeiro afrodescendente a tornar-se profissional no hipismo, modalidade esportiva restrita aos membros da elite econômica do país, em 2007 conquistava medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Em 2008, em Pequim, com 26 anos de idade, seria o primeiro “cavaleiro negro” a representar o Brasil nos Jogos Olímpicos; porém, não pôde participar da competição, juntamente com outros membros da equipe

brasileira, porque um dos cavalos foi vetado pelos juízes responsáveis pela prova.

CLERMEIL, Général. Entidade espiritual do vodu haitiano; protetor dos filhos de pais negros nascidos com pele clara. Também, Président Clermeil.

CLERY, Pierre. Poeta martinicano nascido em Rivière-Pilate em 1930. Também músico e pintor, publicou seus primeiros versos em 1951.

CLIFF, Jimmy. Nome artístico de James Chambers, cantor e compositor jamaicano nascido em Sainte Catherine, em 1948. Com carreira profissional iniciada aos 14 anos de idade, no começo da década de 1960 obteve seus primeiros sucessos, no gênero ska*. Transferiu-se para Londres em 1965, onde deu grande impulso à sua carreira, tendo sido convidado para participar, no Brasil, de uma edição do Festival Internacional da Canção. Em 1983, sua canção *Reggae Night* foi executada em escala mundial. Apesar de ter sido acusado de "americanizar" o reggae, é um dos grandes nomes do gênero.

CLIFF, Michelle. Escritora nascida em Kingston, Jamaica, em 1946, e naturalizada americana. É autora dos romances *Abeng* (1984), *No telephone to heaven* (1988), *Free enterprise* (1993). Autodefine-se como escritora de origem afro-caribenha com educação ocidental.

CLINTON, George. Cantor americano nascido em Kannapolis, Carolina do Norte, em 1941. Conhecido desde 1955, quando participava do grupo Parliament, a partir de 1977, à frente do grupo Funkadelic, com seus trajes delirantemente futuristas e provocantes, tornou-se um superastro do funk e de toda a cena pop internacional.

CLOISE, Peter (século XVII). Bucaneiro americano de origem africana. Tornado escravo de Edward Davis em 1679, ficou amigo íntimo de seu amo, acompanhando-o, em suas expedições de caça e pirataria, até a prisão deste, na Filadélfia, em 1688. *Ver PIRATAS NEGROS.*

CLORINDY, THE ORIGIN OF THE CAKE-WALK. Comédia musicada, com libreto de Paul Laurence Dunbar* e música de Will Marion Cook*, foi encenada em 1898, nos Estados Unidos, por um elenco composto somente de artistas negros.

CLOTEL. Primeira novela escrita e publicada por um afro-americano. De autoria de William Wells Brown*, apareceu em livro em 1853.

CLUB ABOLICIONISTA. Associação fundada em Pelotas, RS, em 25 de março de 1881 por Manuel da Silva Santos, que, segundo a tradição, teria sido um negro africano espontaneamente emigrado para o Brasil.

CLUB ATENAS. Sociedade cultural e recreativa fundada em Havana, Cuba, em 21 de setembro de 1917. Exclusiva de negros e mulatos, promovia eventos como concertos, conferências, atos cívicos e recepções, mas era avessa às manifestações da cultura afro-cubana, por considerá-las depreciativas. Em contrapartida, seus membros eram objeto de escárnio por boa parte da população da cidade, sendo qualificados como "*negritos catedráticos*". *Ver CATEDRÁTICO.*

CLUBE DOS LIBERTOS CONTRA A ESCRAVIDÃO. Associação criada em Niterói, RJ, pelo abolicionista João Clapp. Em 1881, inaugurava escolas noturnas para escravos e ex-escravos, tanto em Niterói como no Rio de Janeiro, apesar da proibição legal de que negros fossem admitidos em escolas públicas.

CLUBE ELO. Associação recreativa e cultural de negros inaugurada em São Paulo, em 13 de maio de 1953. Integravam-na, entre outros, Francisco Lucrécio* e Raul Joviano do Amaral*, militantes da Frente Negra Brasileira*. A solenidade de inauguração foi simbolicamente realizada no hotel Esplanada, em cujas dependências a presença dos negros era tabu.

CLUBE NEGRO DE CULTURA SOCIAL. Entidade do movimento negro, dissidente da Frente Negra Brasileira*, fundada em São Paulo por José Correia Leite*.

COACHMAN, Alice. Atleta americana nascida na Geórgia em 1924. Em 1948, em Londres, brilhando no salto em altura, tornou-se a primeira mulher negra a ganhar uma medalha de ouro olímpica.

COARTADO. Em Cuba, escravo que tinha seu preço tabelado e limitado para efeito de venda ou alforria.

COBA-COBA. Entre os antigos negros peruanos, denominação da tarimba, espécie de cama rústica.

COBRA, Hilton. Pseudônimo de Hilton Almeida, ator e diretor teatral brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1956. Atuando em teatro, tevê e cinema desde 1979, destacou-se com participações em montagens teatrais como a de *Sonho de uma noite de verão*, sob a direção de Werner Herzog, e

Navalha na carne. No cinema, atuou em *Ópera do malandro* (1986) e *Não quero falar sobre isso agora* (1991), de Mauro Farias. Diretor, por oito anos, do Centro Cultural Municipal José Bonifácio, espaço dedicado ao fomento da cultura afrodescendente na cidade do Rio de Janeiro, em 2001 fundou a Companhia dos Comuns*.

COCHO. Denominação dada em Michoacán, México, ao mestiço de negro com índio.

COCHON ROUGE. Ente fantástico da mitologia afro-haitiana que vive nas florestas e se alimenta de carne humana.

COCHONS GRIS. Sociedade secreta afro-haitiana de organização complexa, com imperador, rainha, ministros e oficiais. É conhecida por supostas práticas de canibalismo.

COCHONS SANS POILS. Sociedade secreta haitiana. De organização menos complexa que a similar Cochons Gris*, é, entretanto, profundamente temida pelos poderes mágicos de seus membros.

COCHRAN JR., John L. Advogado americano nascido na Louisiana, em 1938. Tornou-se conhecido nos anos de 1990 ao defender com sucesso causas de clientes famosos como o ex-atleta e ator O. J. Simpson* e o cantor Michael Jackson*.

COCO [1]. Designação comum aos frutos de numerosas espécies de palmeiras, em especial o do coqueiro-da-baía (*Cocos nucifera*), planta da família das palmas. De largo uso culinário em toda a Diáspora, inclusive em situações ritualísticas, é imprescindível nos cultos afro-cubanos, por ser alimento ritual dos orixás e dos antepassados. É com uma oferenda de coco que se iniciam todos os ritos e cerimônias, depois de uma consulta, nas mesmas bases do jogo do obi*.

COCO [2]. Gênero de dança e canção da tradição afro-nordestina. É dançado em roda de homens e mulheres, tendo no centro um solista, e cantado sob a forma de interpelação e resposta, frequentemente com solos no estilo da embolada. A roda gira da direita para a esquerda, e os dançarinos marcam com uma pisada forte de ambos os pés a sílaba tônica do final do verso, enquanto balançam o corpo para um lado e para o outro. No centro da roda, os solistas, em geral casais, trocam umbigadas. Quase sempre acompanhado por pandeiro* e ganzá*, algumas de suas variantes são o

coco-de-zambê, no Rio Grande do Norte, e o coco-peneruê, no Piauí. Com relação ao coco-praieiro ou de roda, modalidade cultivada na região litorânea da Paraíba, alguns estudiosos advogam sua origem nos quilombos de Palmares, inicialmente como canto de trabalho ligado à extração do fruto de certo coqueiro abundante na região.

COCOA-LUTE. Arco musical de Granada.

COCOFÍO (século XVIII). Alcunha de um curandeiro itinerante que, na Venezuela, pregava que o Carolino Código Negro*, de 1789, abolira a escravatura, promovendo, com isso, grande agitação na massa de cativos. Outras versões o dão como líder de um quilombo na região de Coro, no litoral norte da Venezuela. *Ver SANTA MARÍA DE LA CHAPA*.

COCOITABA. Denominação do cachimbo de cano longo usado pelos voduns da mina* maranhense (conforme Lody, 2003).

COCOLO. Em Porto Rico, denominação dada ao escravo originário das Pequenas Antilhas.

COCORÍCAMO. Fantasia de carnaval com que, no passado, se disfarçavam os negros cubanos. O termo passou a designar tanto qualquer figura monstruosa, feia, terrível, como algo incompreensível, misterioso, inexplicável. Por exemplo: têm *cocorícamo* uma mulher extremamente atraente, um herói muito valoroso, um doente gravemente enfermo, um automóvel que desenvolve grande velocidade etc.

COCOYÉ. Antiga forma de música e dança afro-cubana originária do Haiti e ambientada na região oriental da ilha. Em 1849, o músico espanhol Julian Reinó apresentou, em Santiago de Cuba, uma peça intitulada *El cocoyé*, que consistia em arranjos de cânticos tradicionais do gênero.

COCUYO. Denominação afro-hispânica do pirilampo ou vaga-lume.

CÓDIGOS NEGROS. Regulamentos jurídicos concebidos e postos em prática pelos governos coloniais francês e espanhol nas Américas, a partir do século XVII. Consistiam em um conjunto de leis reguladoras da vida dos negros, muitas vezes legitimando usos e costumes escravistas, como pena de morte, tortura etc., com o objetivo de impedir o surgimento de uma classe social intermediária entre a dos senhores e a dos escravos. O mais antigo foi o Code Noir francês, promulgado em 1685, e o último deles, o de Cuba, em

1842. Nos Estados Unidos, durante o período da Reconstrução*, também vigoraram, em vários estados, leis de cunho semelhante.

CODÓ [1]. Cidade brasileira situada no estado do Maranhão, à margem do rio Itapecuru, a 216 quilômetros da capital, na direção sudeste. É famosa pela grande concentração de terreiros de mina* e outras modalidades de cultos afro-brasileiros. À época do Império, abrigou um grande núcleo de negros aquilombados.

CODÓ [2]. Nome pelo qual foi conhecido Clodoaldo Brito, violonista e compositor brasileiro nascido em Cairu, BA, em 1913, e falecido em Niterói, RJ, em 1984. Nos anos de 1960 conseguiu relativo sucesso, tendo gravado, a partir de 1963, seis LPs com solos de violão e canções de sua autoria.

COELHO, Antônio Vaz (século XVIII). Mercador de escravos. Negro livre, egresso do Brasil, dominou, na segunda metade dos Setecentos, com homens armados de fuzis e canoas de guerra, boa parte das lagunas próximas aos domínios de João de Oliveira*, seu concorrente, nos arredores da futura Porto Novo (no atual Benin).

COELHO, Jerônimo Francisco (1806-60). Militar, político e jornalista brasileiro nascido em Laguna, SC, e falecido em Nova Friburgo, RJ. Foi membro do Conselho do Imperador, brigadeiro do Exército, deputado, ministro da Guerra e presidente da província do Pará. Em 1831 fundou *O Catarinense*, primeiro jornal publicado em sua província natal. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

COELHO NETO, Henrique Maximiano (1864-1934). Escritor brasileiro nascido em Caxias, MA, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Participante das campanhas abolicionista e republicana, foi professor de literatura, jornalista e deputado federal. Tido como um dos maiores prosadores brasileiros, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e é autor, entre vários outros, dos romances *Banzo* (1913) e *Rei negro* (1914). Desportista, foi praticante de capoeira e incentivador do futebol, além de entusiasta do rancho carnavalesco Ameno Resedá, cuja sede visitou, com sua família, pelo menos uma vez, em 1919, como documentou o memorialista Jota Efegê* (1965). É citado por Antônio Torres* (conforme João Carlos Rodrigues, 1996) como “mulato de destaque” na vida carioca de seu tempo.

COELHO NETO, *Marcos*. Nome comum a dois músicos do barroco mineiro, pai e filho, nascidos e falecidos em Vila Rica, atual Ouro Preto, MG. O primeiro (*c*. 1735-1806), ex-escravo, foi executante de trompa e clarim e autor de uma *Ladainha das trompas*. O segundo (*c*. 1760-1823), compositor, regente e instrumentista, foi membro da Irmandade de São José dos Homens Pardos e é o provável autor do hino *Maria, mater gratiae*, de 1789. Um dos mestres da música colonial mineira, Marcos Coelho Neto, o filho, foi chamado em 1785 para reger as três óperas e os dois dramas reais apresentados por ocasião do casamento de dom João VI com dona Carlota Joaquina.

COFFY (século XVIII). Líder rebelde que, em 1763, em Berbice, na Guiana, região então pertencente à Holanda, liderou uma revolta de cerca de 3 mil escravos. Alfabetizado, redigiu um ultimato ordenando a todos os senhores que abandonassem Berbice. Mas, diante da intervenção armada das forças coloniais, os rebeldes foram derrotados em Dageraad. Não obstante, Coffy é hoje herói nacional da Guiana. Seu nome parece originar-se do twi *Kofi* ("nascido numa sexta-feira").

COFO. Espécie de cesto de palha trançada da tradição afro-maranhense feito de folhas de pindoba. Do quimbundo *kofu*, "saquinho tecido de palha".

***COFRADÍA*.** Termo do espanhol correspondente ao português "confraria"; irmandade. Estabelecidas em algumas colônias espanholas desde o século XVI, as *cofradías* de negros ajudaram a perpetuar muitas das tradições africanas trazidas para a América hispânica, mantendo-as em estado relativamente puro ou sincretizando-as com manifestações europeias, principalmente as da tradição católica. *Ver IRMANDADES CATÓLICAS*; *PERU, República do*.

COGRÊ. Gargantilha ritual usada nos candomblés jejes correspondente ao quelê [1]* nagô. Do fongbé *kodjê*, "colar", "gargantilha", "coleira".

COICINACABA. O mesmo que Abeju*.

COICOU, Massilon (1867-1908). Poeta e dramaturgo haitiano. Envolvido numa conspiração a favor de Anténor Firmin*, candidato derrotado nas eleições de 1902, foi executado por ordem do presidente Nord Alexis. Suas obras publicadas são *L'oracle* (teatro, 1901), *Passions* (poesia,

1903), *L'empereur Dessalines* (teatro, 1906), *Féfé candidat*, *Féfé ministre* (teatro, 1907).

COIN-COIN, Marie Thérèze. *Ver ISLE BREVELLE.*

COIOIÔ. No Maranhão, o mesmo que feitiço, mandinga*.

COISA-FEITA. Feitiço, bruxedo, encantamento.

COLA ou NOZ-DE-COLA. Fruto da coleira, o mesmo que obi*. O vocábulo tem origem na África ocidental e ocorre entre os mandingas como *ko lo* e entre os temnes como *ko la*. O hábito de mascar noz-de-cola na África ocidental antecede o uso do tabaco, amplamente difundido só a partir do século XVII. Produzido especialmente na parte central da atual Gana, no passado o fruto foi exportado em larga escala, tanto para o Norte como para o Sul do continente africano. Mesmo com a difusão do tabaco, o comércio da noz-de-cola manteve-se sempre em alta, constituindo importante item entre as moedas usadas no tráfico de escravos.

COLAÇO, Felipe Nery. Personagem histórico, nasceu em Pernambuco no ano de 1813. Formado pela Faculdade de Direito do Recife, foi lente de língua inglesa no Ginásio Pernambucano e, curiosamente, estabeleceu-se na capital de sua província com um "gabinete técnico de engenharia", possivelmente nos moldes dos atuais escritórios de legalização de obras de construção civil. É autor de um livro de higiene doméstica intitulado *O conselheiro da família brasileira*, publicado no Rio de Janeiro, em 1883.

COLE, Nat "King" (1919-65). Nome artístico de Nathaniel Adams Cole, cantor e pianista americano nascido em Montgomery, Alabama, e falecido em Santa Mônica, Califórnia. Iniciou sua carreira como pianista de jazz, gênero em que brilhou com seu King Cole Trio, e nos anos de 1940, como cantor romântico, alcançou grande sucesso internacional. Reverenciado como um dos maiores baladistas da história da música popular americana, nunca deixou, contudo, de ser um grande pianista de jazz. Foi o primeiro negro a ter um programa de televisão no horário nobre e com seu nome, condição que perdeu em virtude da pressão racista feita pelas empresas anunciantes sobre seus patrocinadores. O grande êxito artístico e financeiro que alcançou na década de 1950 gerou questionamentos acerca de seu suposto alheamento da luta pelos direitos civis dos negros, o que não é correto, já que, no ano de sua morte, Cole musicava uma peça do escritor

e ativista James Baldwin*. Além disso, ao seu modo, com calma, sabedoria e elegância, abriu espaço no show business para grandes cantores negros, como Billy Eckstine*, Sammy Davis Jr.* e Charles Brown*. Sua filha Natalie Cole (1950-), nascida em Los Angeles, Califórnia, tornou-se, também, um grande nome da cena musical internacional.

COLEMAN, Ornette. Músico americano nascido no Texas, em 1930. Saxofonista e compositor, foi um dos criadores do estilo denominado free jazz. É autor de composições famosas, como *Congeniality*, *Lonely woman* e *Ramblin'*.

COLERIDGE-TAYLOR, Samuel (1875-1912). Compositor erudito nascido na Inglaterra, filho de pai africano e mãe inglesa. Amigo dos americanos James Weldon Johnson* e Booker T. Washington*, foi recebido na Casa Branca pelo presidente Theodore Roosevelt, tendo sido honrado, em 1901, com a fundação, em Washington, da Coleridge-Taylor Society, sociedade musical dedicada ao estudo e à interpretação de sua obra.

COLETTE (1873-1954). Pseudônimo da escritora francesa Sidonie Gabrielle Claudine, nascida em Saint-Sauveur-en-Puysage, Yone, e falecida em Paris. Ex-artista do teatro musicado, publicou inúmeros livros entre 1900 e 1933 e teve vários outros editados postumamente. Eleita, em 1945, para a Académie Goncourt, era, segundo Silva Mello (1958), neta de um mulato.

COLINA, Paulo. Nome literário de Paulo Eduardo de Oliveira, escritor brasileiro nascido em Colina, SP, em 1950. Publicou, entre outros livros, *Fogo cruzado* (contos, 1980), participou das coletâneas Cadernos Negros (1979 e 1980) e é organizador e participante da *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira*, publicada em 1982 e premiada pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor livro de poesia daquele ano.

COLLARES, Alceu. Político brasileiro nascido em Bajé, RS, em 1927. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi, sucessivamente, a partir de 1963, vereador em Porto Alegre, deputado federal por três legislaturas, prefeito da capital gaúcha e governador do estado do Rio Grande do Sul.

COLLAZO, Julito. *Ver DUNHAM, Katherine*.

COLLINS, Albert (1932-93). Cantor e guitarrista americano nascido em Leona, Texas, e falecido em Las Vegas, Nevada. Gravou seus primeiros discos em 1958 e, vinte anos depois, despontou para o sucesso, projetando-se de Chicago para uma bem-sucedida carreira internacional como um dos grandes nomes do blues. No final da vida, aproximando-se do rock, conheceu sucesso comercial ainda maior.

COLLYMORE, Frank. Poeta e educador nascido em Barbados em 1893. Formado na ilha e pós-graduado na Inglaterra, escreveu *Thirty poems* (1944), *Beneath the casuarinas* (1945), *Flotsam* (1948), *A dozen short poems* (1952) e *Collected poems* (1959).

COLÔMBIA, República da. País localizado no Noroeste da América do Sul, com capital em Bogotá. A colonização europeia inicia-se, na então Nova Granada, na década de 1520, datando dessa época a introdução de escravos africanos na região. A população colombiana declarada compreende cerca de 18% de afrodescendentes. *Ver NOVA GRANADA, Vice-reino de*.

COLOMBO. Na culinária das Antilhas Francesas, mistura de ervas e raízes para acompanhar carne de cabrito, porco e aves.

COLÓN, Jesús (1901-74). Escritor porto-riquenho nascido em Cayey e falecido em Nova York, EUA. Colaborador de jornais comunitários e de trabalhadores desde a adolescência, em 1918 fundou o comitê porto-riquenho do Partido Socialista em Nova York, destacando-se por suas posições em favor da justiça social. Seus escritos figuram entre as primeiras obras da literatura hispânica a descrever a experiência dos imigrantes nos Estados Unidos, tendo influenciado decisivamente os escritores congregados em torno do movimento “nuyorican”. *Ver ALGARÍN, Miguel*.

COLONIA. Um dos nomes cubanos do *cojate* (*Alpinia aromatica*), planta da família das zingiberáceas, conhecida no Brasil como vindecaá, paco-seroca ou cardamomo-da-terra e pacova. É planta de Obatalá e, na província de Matanzas, de Oxum.

COLÔNIA AFRICANA. Bairro de negros da cidade de Porto Alegre, RS, existente desde o fim da escravatura até os últimos anos da década de 1940. Urbanizado e abrigando uma maioria de proprietários, foi, em sua época, o mais importante núcleo irradiador da cultura de origem africana na capital

gaúcha. Localizava-se no atual bairro do Rio Branco, no trecho entre as ruas Casimiro de Abreu, Giordano Bruno, Francisco Ferrer, Castro Alves e Vasco da Gama.

COLONIALISMO. Sistema de governo caracterizado pelo domínio político, econômico e cultural de um país sobre outro ou sobre uma comunidade ou nação menos desenvolvida. A Conferência de Berlim (1884-85), ao fixar as regras da ocupação e disciplinar o jogo de interesses, organizou o colonialismo europeu na África, estabelecendo, apesar da heroica resistência das populações nativas, uma espécie de "condomínio" no continente. Antes dele, entretanto, o rei belga Leopoldo II começou, por sua particular iniciativa, a exploração do Congo, depois entregue ao Estado belga, exaurindo o país pela extração de suas riquezas naturais e causando a morte de milhões de trabalhadores escravizados, tendo, no entanto, passado à história como um rei "civilizador" (conforme Hochschild, 1999). **Colonialismo europeu na África:** Por volta de 1900, quase todo o continente estava dividido em colônias de potências europeias, sendo implacavelmente explorado por elas. Assim, Alto Volta, Daomé, Costa do Marfim, Guiné, Mauritânia, Níger, Senegal e Sudão (hoje Mali) constituíram, de 1895 a 1958, a África ocidental francesa; Chade, Congo, Gabão e Ubangui-Chari integraram a África equatorial francesa, de 1910 a 1959; Niassalândia, Quênia e Rodésia compuseram a África oriental inglesa; Angola e Moçambique, por sua vez, constituíram domínios portugueses respectivamente no Ocidente e na parte oriental do continente africano. Da mesma forma, Bélgica (em 1908, Leopoldo II cedeu ao país o "Estado Livre do Congo", vasto território de sua propriedade pessoal), Alemanha, Espanha e Itália também mantinham territórios sob seu domínio. A partir da década de 1950, desde a independência de Gana, em 1957, até a de Angola e Moçambique, em 1975, quase toda a África libertou-se da dominação colonial direta. **Consequências:** No início de 1983, a reunião sobre o colonialismo europeu na África realizada no Alto Volta pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) concluía: "A manutenção de certas estruturas políticas e administrativas, a persistência do mimetismo, a introdução de instituições e de ideologias inadaptadas às realidades africanas puseram obstáculos a uma tomada

verdadeira, pelos povos africanos, dos encargos do seu destino. O direito importado, excluindo o direito costumeiro, desordenou as relações humanas, econômicas e sociais. Foi assim que as relações econômicas, tanto no seio das comunidades como com o exterior, operaram-se sobretudo na óptica do lucro apenas, quebrando a coesão social anterior e as solidariedades. A educação amplamente inspirada nos modelos estrangeiros contribuiu para os reproduzir e para multiplicar os seus efeitos, provocando uma ruptura total em relação à educação tradicional. A modernização que recorreu exclusivamente à ciência e à técnica ocidentais ocultou e desvalorizou o patrimônio científico e tecnológico africano, principalmente nos domínios em que é especialmente rico, como os da arte, da agronomia, do habitat, da medicina e da farmacopeia" (conforme *O Correio da Unesco*, ano 12, n. 1, jan. 1984). Além disso, a pilhagem do patrimônio histórico africano, com obras de arte indo enriquecer os acervos de museus e colecionadores europeus, também representou uma perda altamente significativa. **Educação colonial:** Levada à África pelos colonizadores, até o século XX a educação ocidental repercutia na formação de elites quase sempre mais versadas em conhecimentos humanísticos que científico-tecnológicos. As línguas nacionais em geral não tinham espaço no sistema educacional e, em alguns países, o simples uso delas era tido como incentivo ao divisionismo tribal. Da mesma forma, as religiões tradicionais são ainda muitas vezes enxergadas apenas como crendices arcaicas. Massacrados pelo colonialismo, os africanos, segundo Fay Chung (1996), educadora zimbabuana, não teriam conseguido, ainda, construir nenhum sistema sociopolítico capaz de preservar seu passado e preparar o continente para assimilar os valores civilizatórios universais do terceiro milênio. *Ver ÁFRICA [Partilha da África]; BERLIM, Conferência de*.

COLOR LINE. *Ver LINHA DE COR*.

COLORED. Denominação aplicada, nos Estados Unidos, ao indivíduo pertencente a qualquer grupo étnico não visto como caucasiano e, em especial, ao negro* (conforme *The American heritage dictionary*, 1991). No Brasil, foi usado, com pronúncia abrasileirada, e de forma eufemística e supostamente glamourosa, em substituição a "negro" ou "preto".

CÓLQUIDA. Antiga região da Ásia Menor correspondente à parte ocidental da atual Geórgia, próximo às fronteiras com a Rússia e a Turquia. Segundo Heródoto, o célebre historiador grego, seus habitantes eram negros de cabelos crespos e tinham origem egípcia.

COLTRANE, John [William] (1926-67). Saxofonista, compositor e chefe de orquestra americano nascido em Hamlet, Carolina do Norte, e falecido em Long Island, Nova York. Ultrapassando os limites do seu instrumento, o sax-tenor, tornou-se um dos últimos grandes inovadores do jazz nos anos de 1950-60, influenciando decisivamente o curso que o gênero tomaria, inclusive em direção ao experimentalismo de vanguarda. De seu repertório autoral, sobressai *My favorite things*, de 1960.

COLUMBIA. Espécie de *rumba brava* cubana, da província de Matanzas, dançada por homens em movimentos acrobáticos.

COLUNA. Sobrenome pelo qual foi conhecido Mário Esteves Coluna, futebolista moçambicano nascido em Lourenço Marques, atual Maputo, em 1935. Armador, foi ídolo do Benfica de Portugal, no qual atuou de 1955 a 1970, e também jogador da seleção portuguesa. Ao lado de Eusébio*, com o qual formou um duo imbatível, foi um dos primeiros jogadores africanos a brilhar em âmbito internacional.

COMACUÍBE. Uma das toboces* da Casa das Minas*.

COMBO. Entre os músicos negros dos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940, abreviação de *combination*, forma com que se designava qualquer grupo musical pequeno, em oposição a big band. Corresponde ao termo brasileiro “conjunto”.

COMER TERRA, Hábito de. *Ver GEOFAGIA*.

COMHAIRE-SYLVAIN, Suzanne (1898-1975). Filóloga e crítica literária haitiana. No início dos anos de 1930, publicou *Le créole haïtien: morphologie et syntaxe* e, em 1937, o ensaio crítico *Les contes haïtiens*.

COMIDA DE ONÇA. Epíteto racista aplicado aos negros em algumas localidades interioranas do Brasil. A explicação é a crença – maliciosamente difundida e incorporada ao folclore dos caçadores – de que as onças teriam predileção pela “carne sadia” e pelo “sangue doce” dos negros, os quais, por isso, não deveriam ser levados a caçadas.

COMIDA SECA. Oferenda menor feita às divindades, a qual não inclui sangue de animal sacrificado, constando apenas de iguarias, frutas etc.

COMORES, República Federal Islâmica das. País da África oriental, com sede no arquipélago de mesmo nome, localizado no canal de Moçambique, entre Madagáscar e o continente. Independente desde 1976, sua capital é Moroni, na ilha de Njazidja. Fortemente influenciado pela civilização zandj*, o país conta em sua população com grande percentual de negros bantos.

COMPADRE. No Rio de Janeiro, forma de tratamento ainda corrente entre antigos sambistas. O tratamento e sua variante feminina, “comadre”, incluem o uso das formas pronominais “senhor” e “senhora”, mesmo entre íntimos.

COMPAGNIE DE GUINÉE (Companhia da Guiné). Empresa organizada na França depois de 1685 para promover o comércio entre aquele país e a África ocidental e, consequentemente, transportar escravos para as Antilhas. Foi sucessora da Compagnie du Sénégal, que funcionou de 1674 a 1685.

COMPAGNIE DES CHASSEURS DE GENS DE COULEUR. Unidade militar organizada pelo governo de Saint Domingue, atual Haiti, em 1762, para defesa da colônia. Integrada por negros e mulatos livres, foi sistematicamente empregada na perseguição de escravos fugidos.

COMPAGNIE DES CHASSEURS ROYAUX. Unidade militar organizada pelo governo francês em Saint Domingue, em 1779, às vésperas da Revolução Haitiana*. Todos os negros e mulatos livres de 15 a 60 anos eram alistados compulsoriamente.

COMPAGNIE DU SÉNÉGAL. *Ver COMPAGNIE DE GUINÉE.*

COMPANHIA CORRECIONAL. Unidade da Marinha de Guerra brasileira criada em abril de 1890. Constituída por marinheiros tidos como “de conduta irregular e mau procedimento habitual”, tinha o objetivo de segregá-los do restante da marujada. Seus efetivos contavam com cerca de 90% de negros. *Ver CHIBATA, Revolta da.*

COMPANHIA DE PRETOS. *Ver RESISTÊNCIA.*

COMPANHIA DOS COMUNS. Grupo teatral brasileiro criado no Rio de Janeiro, em 2001, por iniciativa do ator e diretor Hilton Cobra*. Com

elenco formado exclusivamente por atores e atrizes afrodescendentes e voltado, a exemplo do Teatro Experimental do Negro*, para a investigação e a singularidade da cultura negra, depois de ter apresentado, dois anos antes, o aplaudido espetáculo *A roda do mundo*, em 2003 conquistava o aplauso unânime da crítica com *Candaces, a reconstrução do fogo*, enfocando a problemática da mulher negra no Brasil. Encenação alegórica, o espetáculo baseou-se na epopeia das rainhas guerreiras de Méroe*, tornadas legendárias pela resistência ao Império Romano.

COMPANHIA ÉTNICA DE DANÇA E TEATRO. Grupo artístico brasileiro criado no Rio de Janeiro em 1994, por iniciativa da atriz e coreógrafa carioca Carmen Luz (1960-). Tendo como objetivos principais a criação e a produção de espetáculos baseados na vida da população negra, destacou-se por promover, com o apoio de instituições e empresas como a Petrobras e o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), pesquisas de linguagem em dança contemporânea e experimentação teatral, visando ao desenvolvimento social e artístico de jovens de favelas cariocas.

COMPANHIA HOLANDESA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS. Sociedade comercial militarizada, organizada em 1621 com o propósito de fazer frente ao império colonial espanhol. Para atingir tal objetivo, promoveu a invasão de Salvador, então capital do Brasil, de 1624 a 1625, e a fundação da atual Nova York, em 1626. De 1630 a 1654, a Companhia governou, de Recife, parte do território brasileiro. Dissolvida em 1674, logo se reorganizou para dedicar-se exclusivamente ao comércio negreiro. *Ver BRASIL HOLANDÊS*.

COMPANHIA MULATA BRASILEIRA. Companhia teatral fundada em São Paulo em 1930. No dia 21 de novembro daquele ano, com a atriz Rosa Negra como estrela, iniciou temporada no Cassino Antarctica, em São Paulo, encenando a revista *Batuque, cateretê e maxixe*, com libreto de K. Boclo e música de Vadico. Em dezembro o grupo cumpriu temporada no Teatro República, no Rio de Janeiro, seguindo mais tarde para Portugal. Na Europa, destacou-se o talento de Bartira Guarany, que, segundo a crônica da época, teria feito grande sucesso em Paris.

COMPANHIA NEGRA DE REVISTAS. Elenco teatral reunido no Rio de Janeiro, em 1926, pelo ator e comediógrafo De Chocolat*. A criação da

Companhia representa o primeiro gesto de artistas negros buscando integrar o mundo das artes cênicas brasileiras. Estreou no Teatro Rialto com a encenação de *Tudo preto*, contando com 32 artistas e utilizando 32 cenários. O espetáculo, sucesso de público e crítica, foi dirigido por De Chocolat, que também participava como ator, e por Alexandre Montenegro. A música ficou a cargo de Sebastião Cirino*, tendo sido conduzida por Pixinguinha*. Dele participaram os atores e atrizes Jandyra Aymoré*, Djanira Flora, Benedito de Jesus, Alice Gonçalves, Roberto de Souza, Waldemar Palmier, Guilherme Flores, Rosa Negra, Abelar Ribeiro, Soledade Moreira, Alfredo Martins, Demócrito Santo, Oscar Ribeiro e outros. Dois meses após essa estreia, a Companhia lançou, com igual sucesso, *Preto e branco*, revista de Wladimiro Roma, com os mesmos cenários, direção e elenco, mas sem a participação de Sebastião Cirino. O grupo encenou, ainda, *Café torrado*.

COMPARSAS. Na América hispânica, préstitos de negros que saíam às ruas no Dia de Reis e no carnaval, representando os respectivos *cabildos**. Eram verdadeiros balés ambulantes, desenvolvendo, em termos musicais e coreográficos, um tema específico. Atualmente, alguns traços das antigas *comparsas* sobrevivem nos carnavais de Cuba, Panamá e Montevidéu (Uruguai). No Brasil, os antigos ternos e ranchos de reis seriam formas análogas a essas representações, assim como, no Panamá, os *bailes de congos*; no Haiti, as *societés des congos*; e, na Louisiana, *shout* e *cake-walk**.

COMPARSAS DE NEGROS LUBOLOS. Em Montevidéu, Uruguai, denominação de agrupamentos participantes dos atuais desfiles carnavalescos realizados no Teatro de Verão, no Parque Rodó. Evocação das antigas *comparsas**, são em geral constituídas por grupos de pessoas não negras, com os rostos pintados de preto.

COMPAS DIRECT. Gênero musical dançante do Haiti criado nos anos de 1950 pelo diretor de orquestra Nemours Jean-Baptiste*. Evolução do merengue*, na década de 1980 tornou-se a forma dominante da música haitiana. É também chamado simplificadamente de *compas*.

COMPAY SEGUNDO (1907-2003). Nome artístico de Máximo Francisco Repilado Muñoz, músico cubano nascido em Siboney e falecido em Havana. Neto de ex-escrava, radicou-se primeiro em Santiago de Cuba, entre 1916 e 1937, e mais tarde fixou-se na capital de seu país. Executante

de *tres**, violão e clarinete, além de cantor e compositor, atuou em bandas de música, orquestras e pequenos conjuntos e compôs várias canções de sucesso, celebrizando-se pela criação do *armónico*, instrumento que funde o violão ao *tres*. Depois de integrar a dupla vocal e instrumental Los Compadres, na qual fazia a segunda voz – daí seu nome artístico –, ao lado de Lorenzo Hierrezuelo, e o Compay Segundo y Su Grupo, experimentou, a partir da década de 1960, injustificado ostracismo. Contudo, três décadas depois, sua carreira ganhava dimensão internacional, com a gravação do CD coletivo *Buena Vista Social Club*, ganhador do Prêmio Grammy de 1997, o qual resultou, em 1999, em filme homônimo, dirigido por Wim Wenders; seguiram-se viagens à Europa, aos Estados Unidos e ao Brasil. Assim, nonagenário, tornou-se artista exclusivo da Warner, uma das maiores companhias fonográficas do mundo.

COMPOSÉ. Cantor solista das sociedades de tumba francesa*.

COMPRIDO (1928-2005). Apelido de Anésio dos Santos, sambista nascido na cidade do Rio de Janeiro. Destacado componente da ala de compositores da Mangueira*, foi coautor dos sambas-enredo mangueirenses de 1958, 1962, 1963, 1964, 1965, 1981, 1984 e 1985. Distinguiu-se também em trabalho de preservação da memória da escola e, em especial, da ala de compositores.

COMUNIDADES NEGRAS RURAIS. *Ver QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS. *Ver QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

COMUNIDADE-TERREIRO. Espaço físico ocupado por um templo da religião afro-brasileira e pelas residências, permanentes ou eventuais, dos sacerdotes e fiéis. A expressão difundiu-se com Juana Elbein dos Santos (1976).

CON CON DREE. *Ver CEIBA*.

CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS. Comunidade em Pernambuco situada a cerca de cinquenta quilômetros da cidade de Salgueiro. Segundo a tradição, teria sido fundada em 1802 por um grupo de forasteiras liderado pelas irmãs Francisca e Mendecha Oliveira, que afirmavam sua condição de negras livres. A comunidade teria recebido esse nome em razão de uma

promessa: dedicadas ao trabalho de fiação de algodão, as “crioulas” prometeram, caso prosperassem, erguer uma capela em louvor de Nossa Senhora da Conceição, o que enfim se concretizou.

CONCEIÇÃO DOS CAETANOS. Vilarejo localizado no estado brasileiro do Ceará, distante cerca de duas léguas de Uruburetama. Fundado em maio de 1891 pelo ex-escravo Caetano José da Costa, foi, até os anos de 1950, reduto de uma comunidade fechada, absolutamente avessa à miscigenação com pessoas de origem não africana, conforme o desejo expresso de seu fundador. Em 1981 o povoado tinha uma população aproximada de 5 mil habitantes, mas já com sinais evidentes de mestiçagem.

CONCEIÇÃO LAPA, Joaquina Maria da. *Ver LAPINHA.*

CONCEIÇÃO, Arnol (1934-99). Cineasta brasileiro nascido em Cachoeira, BA. Depois de participar como ator nos filmes *Barravento* (1962), *O pagador de promessas* (1962) e *Tenda dos milagres* (1977), escreveu roteiros e dirigiu documentários como *Resistência e fé*, *Paraguaçu*, *Rio da vida* e *Massapé*.

CONCEIÇÃO, Camila [Maria] **da** (1873-1936). Cantora lírica e professora nascida e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Afrodescendente, de pais desconhecidos, provavelmente escravos, foi criada em um ramo da família do filólogo Carlos de Laet. Em 1890 ingressou no Instituto Nacional de Música, onde, aluna do francês Louis Gilland, graduou-se em Canto com distinção. Na década seguinte, tornou-se substituta do mestre, sendo efetivada no cargo em 1904. Entre 1892 e 1908, apresentou-se, como solista, em vários concertos no Instituto Nacional de Música, nos Teatro Lírico e São Pedro, bem como em outros palcos. A partir de então, dedicou-se mais ao ensino, integrando a congregação do Instituto, germe da futura Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil. Em 1925, foi a idealizadora da criação da Academia Brasileira de Música, em cuja direção permaneceu nos três primeiros anos, ajudando mais tarde a criar também a Casa do Músico, entidade assistencial. No início de 1936, participando, a contragosto, da banca examinadora do concurso para livre-docência em Canto do Instituto, foi alvo de intrigas. Deprimida, faleceu logo depois, vítima de problemas circulatórios, não sem antes doar, à Casa do Músico, a quantia de 200 mil réis. Esquecida por muitos anos, o resgate de sua

memória só ocorreu em 2008, com a publicação do livro *Negras líricas*, de Sérgio Bittencourt-Sampaio (2008). *Ver CANTO LÍRICO.*

CONCEIÇÃO, Fernando [Costa da]. Jornalista e ativista político nascido na Bahia por volta de 1960. Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), é autor de vasta obra ensaística, além de peças teatrais, sempre tendo como foco as questões da etnicidade afrodescendente. Pesquisador visitante das universidades de Nova York e da Califórnia, no final da década de 1990 foi fundador e editor do jornal *Província da Bahia* (1996-2005), e também chefe do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, entre 2003 e 2006. À época deste texto, destacava-se como um dos mais respeitados intelectuais da militância afro-brasileira.

CONCEIÇÃO, José Teles da (1931-74). Atleta brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Campeão brasileiro e sul-americano na modalidade de salto em altura, classificou-se em terceiro lugar na Olimpíada de Helsinque, na Finlândia, em 1952. Em Melbourne, na Austrália, em 1956, chegou em sexto lugar na prova de duzentos metros rasos.

CONCEIÇÃO [Chantre]**, Manuel da** (1930-96). Violonista brasileiro, também conhecido como "Mão de Vaca", nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou carreira em 1952, na Rádio Nacional. Hábil harmonizador, foi acompanhante de grandes cantores brasileiros, no país e no exterior. Gravou discos como solista e estrelou um programa radiofônico, no qual tocava violão e contava histórias de sua vida. Seu sobrenome "Chantre" parece evocar a denominação dos funcionários eclesiásticos que na época colonial comandavam o coro nas igrejas, muitos deles de origem africana.

CONCEIÇÃO, Pedro Paulo da. Personagem popular nascido em 1894 em Santo André, SP, e radicado no Rio de Janeiro desde 1902. Ex-funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, eletricista, servente, motorista de ônibus e sargento do Exército, em 1998, com 104 anos de idade e 68 de profissão como instrutor de autoescola, em plena atividade, contabilizava em seus arquivos 10 mil ex-alunos, entre eles o ex-presidente da Academia Brasileira de Letras Josué Montello.

CONCEIÇÃO, Sidney da. Nome artístico de Sidney Eduardo da Conceição, sambista nascido no Rio de Janeiro em 1938. Um dos fundadores da escola de samba Unidos de São Carlos, atual Estácio de Sá, para ela criou o samba-enredo *Terra de Caruaru*, do carnaval de 1970.

CONCEPCIÓN. Antigo bairro de negros em Buenos Aires, Argentina, classificado como um dos *barrios del tambor** em razão da música ruidosa de seus candombes*.

CONDE NEGRO, El (século XV). Nome pelo qual foi conhecido Juan de Valladolid, porteiro de câmara dos reis católicos Fernando e Isabel de Espanha. Em 8 de novembro de 1745, em Dueñas, foi nomeado "juiz e maioral dos negros", e sua memória permanecia, na década de 1930, no nome de uma das ruas da localidade. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na.*

CONDÉ, Maryse. Escritora nascida em Pointe-à-Pitre, Guadalupe, em 1937, e radicada nos Estados Unidos desde 1978. Novelista e teatróloga, além de professora, viveu na Guiné-Conacri, em Gana, no Senegal e na França. É autora de vários livros, entre os quais se destacam *Segu* (1987), *I, Tituba, Black whitch of Salem* (1992) e *Tree of life* (1992), todos sobre sua ancestralidade africana.

CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA O RACISMO. Evento realizado em Durban, África do Sul, em agosto de 2001, por iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU). A delegação brasileira teve a participação de diversos segmentos. *Ver RACISMO.*

CONFETE, Rubem. Pseudônimo de Rubem dos Santos, radiojornalista e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1936. Deficiente visual, destacou-se como um dos mais completos repórteres do samba e do carnaval carioca e, desde os anos de 1980, também como apresentador do programa *Rio de toda a gente* na Rádio Nacional AM, do Rio de Janeiro. No carnaval de 2000 viveu o príncipe Obá II*, personagem central do enredo apresentado pela escola de samba Estação Primeira de Mangueira*.

CONFIANT, Raphaël. Escritor martinicano nascido em Lorrain, em 1951. Romancista e ensaísta, foi, com Patrick Chamoiseaux*, um dos líderes do movimento literário e político conhecido como *creolité*. Em 1989, depois

de cinco romances em crioulo, publicou seu primeiro romance em francês, *Le nègre et l'amiral*.

CONGA. Tambor da percussão afro-cubana. De forma abarrilada e encourado com pele bovina, apenas de um lado, pode ser tocado com o executante sentado, de pé ou em marcha. Seu nome, que se estendeu a um tipo de conjunto musical carnavalesco à base de tambores (conga, *tumbador*, *quinto*) e outros instrumentos, inclusive metais, batizou também um gênero musical, que saiu dos carnavais cubanos para o cinema e deste para os salões internacionais na década de 1940. Por volta de 1867, um tipo de dança muito popular em Lima, Peru, era igualmente chamado de "conga".

CONGADA. Folguedo e ritual da tradição afro-brasileira disseminado por várias regiões brasileiras e ligado aos festejos coloniais de coroação dos "reis do Congo", mas acolhendo, no seu entrecho, elementos de origem europeia. Também conhecido pelos nomes de "congado", "congos", "bailes de congo" etc., seu motivo básico é a evocação de lutas entre grupos hostis pela dramatização de embaixadas de guerra e paz. Entretanto, em alguns locais o folguedo apresenta apenas danças e cantorias, ao som de instrumentos de percussão. O toque ritualístico é dado pelo compromisso da homenagem a santos católicos como Nossa Senhora do Rosário, são Benedito, santa Ifigênia, Nossa Senhora Aparecida e o Divino Espírito Santo. As variações em sua estrutura e apresentação decorrem muitas vezes da concepção de quem o organiza. Na dramatização, personificam-se histórias como a da rainha Jinga*; porém, em algumas cidades mineiras, por exemplo, ao contrário do que ocorre no Nordeste, ela não aparece como inimiga do rei congo, mas como sua mulher. Além desses personagens, há figuras da realeza personificadas, por exemplo, por duas crianças brancas, representando dom Pedro I e a princesa Isabel, como símbolos da liberdade. De modo geral, o folguedo se desenvolve em dois momentos: o da marcha até o local da apresentação, quando os cânticos são entoados por todos os participantes, ao som de instrumentos como a marimba*, a patangoma*, os tambores etc.; e a parte dramática ritualística, conhecida como embaixada, em que dois grupos se opõem: os congos e a família real. Durante a marcha, os congos desfilam com duas alas à frente, seguidos por seu embaixador e, mais atrás, pela família real. No momento da embaixada, os dois grupos ficam frente a

frente, e somente o rei permanece sentado. Desenvolvem-se então as sequências de desafio, luta e conciliação entre os grupos. Carlos Rodrigues Brandão (1977) assim resumiu, fundamentado no estudo dos congos* em Goiás, as três formas básicas de desenvolvimento do entrecho das congadas nas várias partes do Brasil onde o folguedo é executado: a) confronto entre invasores e invadidos, em que ambas as facções são identificadas como "africanos", ou africanos invadidos e mouros ou turcos invasores – sempre com a vitória dos invadidos e a conciliação final; b) confronto entre os invasores comandados pela rainha Jinga e as forças resistentes do rei congo, com a derrota dos invadidos e a submissão ou morte do rei e sua família; c) confronto de forças invasoras e invadidas fora de um contexto africano, como em algumas localidades mineiras onde se enfrentam o exército dos cristãos, comandado por Carlos Magno, e o dos mouros invasores, que são vencidos e ao final perdoados. O texto de algumas congadas mineiras é literalmente extraído da *História de Carlos Magno e os doze pares de França*, peça clássica da literatura popular ibero-brasileira.

CONGADO. O mesmo que congada*.

CONGO. Nome genericamente atribuído, no Brasil, a cada um dos indivíduos pertencentes aos vários subgrupos étnicos dos bacongos (*ba-Kongo*), falantes do quicongo e seus dialetos, localizados nos territórios das atuais repúblicas do Congo, ex-Zaire, e de Angola, na porção setentrional do país; relativo aos congos ou bacongos. Em Cuba, o vocábulo *congo* é arbitrariamente usado como sinônimo de "banto". No Haiti, a denominação estendeu-se a um dos ritos do vodu. **O Reino do Congo:** A povoação da bacia do rio Zaire ou Congo remonta ao século XIII. Por essa época, em um dos sucessivos deslocamentos de contingentes bantos, uma leva de migrantes aí se instala, dando à região o nome de Kongo dia Ntotila, expressão que parece remeter ao tributo (*kongo*) devido ao seu comandante (*ntòtila*, líder aglutinador). Segundo algumas tradições, no final do século XIV, Nimi-a-Lukeni, nobre dissidente do Império Luba, desce da região de Catanga para, celebrando uma aliança com os bacongos, fundar Mbanza Kongo, a capital do reino, recebendo, então, o título de *muene-e-Kongo* (senhor do Congo), expressão que está na origem do termo "manicongo". A partir desse momento, o líder inicia um bem-sucedido movimento de

conquistas em várias direções, entregando o governo de cada uma das regiões conquistadas a um membro de seu clã. Formam-se, então, os vários subgrupos bacongos: vilis, iombes, cacongos, oios, sorongos, muxicongos, sossos, zombos, iacas, sucos, pombos, luangos, guenzes, pacas, batas, sundis e cojes. No princípio do século XV, o manicongo tinha sob sua autoridade, entre outros, os reinos de Ngoyo, Kakongo, Luango etc., do atual Gabão até o presente território de Angola. **Portugal no Congo:** Em 1482, o português Diogo Cão chega ao estuário do rio Congo. Poucos anos depois, com a devolução recíproca de reféns capturados tanto por portugueses quanto por forças locais, inauguram-se relações diplomáticas entre o Congo e Portugal. Em 1491, depois de a primeira embaixada conguesa ter sido enviada à Europa, o manicongo Nzinga Nkuyu é batizado na fé católica e Mbanza Kongo recebe, dos portugueses, o nome de São Salvador. Esse fim de século assinala o apogeu do reino, que, estendendo-se para o norte até o rio Ogué (no Gabão atual), para o sul até o rio Cuanza e para o leste até o rio Cuango, se subdividia em cinco províncias principais (Mbamba, Mbata, Mpangu, Nsundi e Soyo ou Sonio), cada qual com seu governante, e estendia seu poder aos reinos vassalos de Ndongo, Matamba, Luango, Ngoio e Cacongo. A monarquia era eletiva e a organização sociopolítica baseava-se nos *kanda* (clãs), cujos chefes eram os responsáveis pela escolha do manicongo. O soberano tinha ministros para guerra, relações exteriores etc., um exército numeroso e bem organizado, bem como funcionários encarregados da coleta de tributos. Em 1508 é entronizado um novo manicongo, Nzinga Mbemba, cujo filho se torna, dez anos depois, o primeiro bispo africano. Sob esse rei, Portugal aprofunda sua influência, o tráfico de escravos se generaliza, aumentam as guerras com os reinos vassalos e a produtividade decresce assustadoramente. Em 1555, o *ngola* ("rei") do Ndongo rompe a relação de vassalagem e a guerra é declarada. Os governadores das províncias passam a capturar prisioneiros e vendê-los, por conta própria, como escravos, incentivados, principalmente, pelos mercadores portugueses estabelecidos em São Tomé. A partir daí, o reino experimenta uma rápida decadência, o que é ainda mais acelerado pela invasão dos jagas* em 1568. Essa incursão predatória dos jagas só é estancada com a intervenção portuguesa. No fim do século XVI os

portugueses, exercendo domínio sobre o manicongo, consideravam-se já senhores do reino. Mas as revoltas populares espoucavam, o que acabou levando à deposição do rei e à retirada dos portugueses para a vizinha região da futura Angola. Independente ainda por cerca de duzentos anos, no século XIX o Reino do Congo finalmente sucumbe às investidas colonialistas, tendo suas terras repartidas entre França, Bélgica e Portugal. **Religiosidade:** Em Cuba, como acentua Miguel Barnet (1995), o arbitrário qualificativo de "congo" aplicou-se à maior parte dos indivíduos e expressões culturais de origem bantu. Apesar disso, algumas denominações étnicas permaneceram nas principais nomenclaturas definidoras dessas manifestações, como Bryumba (ou Brillumba), Kimbisa e Mayombe, três fortes matrizes de cultura e religiosidade. Outras, como Loango, Ngola, Benguela, Musundi, Kunalungo, Kabinda, Bakongo, Basuba e Bushongo, também denominam "nações" e expressões, mas de forma às vezes imprecisa. À época dos *cabildos** – lembra também Barnet –, a estrutura dos cultos congos se organizava de forma mais coerente. Desaparecidos estes, ficaram apenas as casas-templo, onde as diferentes linhas e correntes se misturaram, tornando imprecisa a sua identidade. Assim, nenhum dos elementos culturais congos que sobreviveram em Cuba pode definir-se por sua origem étnica precisa: as diferenças rituais e as tendências de cada praticante se baseiam em sincretismos elaborados já em território cubano, e nenhum deles conserva a pureza de sua origem geográfica por não terem podido resistir aos efeitos dos fatores externos. Lembremo-nos de que a presença portuguesa no antigo Congo, como visto, foi avassaladora: já no século XV o processo de cristianização das classes dirigentes do reino atingia a estrutura das crenças tradicionais, e em menos de um século o reino era aniquilado. Então, e devido, talvez, à perda de alguns fundamentos mitológicos, as tradições religiosas dos congos difundiram-se com menor grau de estruturação que as dos iorubanos e daomeanos, em Cuba e no Brasil. Mas, ao mesmo tempo que assimilavam elementos de tradições jejes-iorubanas, por exemplo, elas conservavam divindades com propriedades legítimas e um corpo de histórias e mitos que nos remetem ao Congo, seus rios, suas montanhas, suas árvores e seus animais. *Ver COLONIALISMO*;

CONGO, República Democrática do; *CONGO, República do*; *KONGO [1]*; *RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*; *RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*.

CONGO BURTRI. Entre os djuka* do Suriname, espírito maléfico que causa a dor.

CONGO DANCE. Ritual de origem bantu de Trinidad.

CONGO DE OURO. Denominação de uma das nações do candomblé baiano. A expressão é provável referência a Likongo de Oiro, local onde, em 1680, no antigo Reino do Congo, situava-se a guarnição militar, ou presídio, de Mbaka (conforme Adriano Parreira, 1990a).

CONGO DYE. Nos Estados Unidos, tintura à base de nitrogênio, derivada da benzina. A expressão significa literalmente "tintura do Congo". O nome parece ser mais um sinal evocativo da presença africana no país.

CONGO JACK (?-1807). Personagem da história de São Cristóvão*. Escravo fugitivo de uma plantation de açúcar, após ter sido capturado, foi supliciado até a morte. Seu dono e assassino foi condenado pelo crime, numa decisão sem precedentes na época. Porém, a sentença foi de apenas três meses de prisão mais multa pecuniária.

CONGO MUNJOLA. Denominação de uma das nações do candomblé da Bahia.

CONGO PEAS. Espécie de ervilha usada na culinária jamaicana.

CONGO RED. Nos Estados Unidos, pó marrom avermelhado com que se produz uma tintura usada na medicina. Literalmente, "vermelho do Congo".

CONGO SNAKE. Nos Estados Unidos, o mesmo que *congo eel*, espécie de enguia. O nome significa, literalmente, "serpente do Congo" ou "enguia do Congo".

CONGO SQUARE. Antigo nome da Beauregard Square, praça em Nova Orleans, Louisiana, que, no século XIX, se constituía no maior centro irradiador da cultura afro-americana no Sul dos Estados Unidos. Era nesse lugar que os negros, sobretudo os congos, se reuniam para conviver socialmente, tocando seus instrumentos e executando as danças e rituais próprios de sua tradição. Assim, foi lá que se tornaram conhecidas danças como a *bamboula*, a *calinda* e o *counjaille*, além de alguns ritos não secretos do vodu.

CONGO TONY. No Caribe, nome que os pescadores negros dão a vários peixes em alusão à sua cor escura. *Ver MARIA-NAGÔ.*

CONGO, El (século XX). Nome pelo qual foi conhecido Guillermo Armenteros, personagem popular cubano. Na localidade de Catalina de Guines, próximo a Havana, notabilizou-se como cozinheiro de pratos típicos da cozinha local, principalmente a *butifarra*, espécie de linguiça ou chouriço de carne de porco. Seu pequeno negócio prosperou e o restaurante El Congo, cujo nome derivou do apelido de seu proprietário, passou a ser frequentado por turistas e artistas. De uma expressão que usava na hora de apregoar seus quitutes ou encomendar sua feitura aos cozinheiros, nasceu um famoso *son* cubano, de 1933, de autoria de Ignácio Piñeiro: *Échale salsita!*.

CONGO, República Democrática do. Denominação oficial do antigo Congo Belga, mais tarde Congo-Leopoldville e Zaire, com capital em Kinshasa e, por isso, também referido como Congo-Kinshasa. Localizado no Centro-Sul do continente africano, limita-se ao norte com a República Centro-Africana, a nordeste com o Sudão, a oeste com a República do Congo, a leste com Uganda, Ruanda, Burundi e Tanzânia, a sudoeste com Angola e a sul com a Zâmbia. A história do país está intimamente relacionada à do Reino do Congo, bem como à da "Associação Internacional para Exploração e Civilização da África", por meio da qual o rei belga Leopoldo II tornou sua propriedade privada a vasta extensão de terras à margem oeste da bacia do rio Congo. Ocultando os objetivos da Associação sob a capa da civilização e da filantropia, entre 1815 e 1908, o rei, por intermédio de prepostos, teria retirado da região algo em torno de 1 bilhão de dólares atuais em látex, marfim e minérios, utilizando métodos de trabalho escravo extremamente cruéis e ceifando cerca de 10 milhões de vidas humanas (conforme Hochschild, 1999). *Ver COLONIALISMO.*

CONGO, República do. País localizado no Centro-Oeste africano, antigo Congo Francês, cuja capital é Brazzaville. Limita-se ao norte com Camarões e a República Centro-Africana, a oeste com o Gabão e a leste e sul com a República Democrática do Congo, ex-Zaire. Os principais grupos étnicos que o compõem são os bacongos, bateques, mbochis e sangas. Habitado originalmente por pigmeus e bosquímanos, o território onde hoje

se localiza o país foi, no século XVI, sede dos reinos de Luango e Cacongo, vassalos do grande Reino do Congo, cuja capital então se localizava no território da atual Angola. Tais reinos, bem como o dos bateques ou anzicos, resistiram às tentativas de colonização portuguesa e associaram-se a ingleses e franceses, de quem foram os grandes fornecedores de escravos até o século XIX. Com o fim do tráfico, dedicaram-se ao comércio de látex e dendê, até a chegada das tropas coloniais francesas, em 1880.

CONGO, Rio. O rio Congo, Zaire ou Nzaidi nasce na região dos Grandes Lagos, sendo formado pelos rios Lualaba e Luapula. Corre descrevendo um imenso arco e recebe, à direita, o Ubangui e o Sanga, e, à esquerda, o Cassai. Banha Kinshasa e Brazzaville; atravessa, formando numerosas corredeiras, os montes de Cristal e deságua no Atlântico, num vasto estuário, próximo a Boma. É o segundo maior rio do continente africano, com 4.600 quilômetros de extensão.

CONGOBILA. Divindade caçadora dos terreiros bantos correspondente ao Oxóssi nagô ou, mais especificamente, ao Logun-Edé ijexá. Do quicongo *Ngòbila*, nome de um inquice*, precedido do nome *nkongo*, "caçador", significando, portanto, "o caçador Ngòbila". No Congo do século XIX, Gobila (ou Ngòbila) era o nome de um chefe (conforme Henry M. Stanley, em *The Congo and the founding of its free state*, de 1886). Variante: Congobira.

CONGOLÔ. Espécie de chocalho grande. Provavelmente, do quicongo *nkongolo*, "jarro", "cântaro".

CONGOPOP. Moderno estilo de música popular desenvolvido, na década de 2000, a partir da cidade de Vitória, ES, pela junção dos congos ou congada* com informações da música internacional globalizada. É visto por alguns teóricos como signo de identificação para a juventude capixaba, embora desvinculado, ao que consta, de qualquer filiação ideológica etnorracial. *Ver AFRICAN POP*.

CONGORÔ. Correspondente congo de Oxumarê, orixá do arco-íris. Do quicongo *nkóngolò*, "arco-íris". *Ver ANGORÔ*.

CONGREGAÇÃO DOS PRETOS MINAS MAHI. Sociedade de auxílio mútuo constituída no Rio de Janeiro, no século XVIII. Seus

estatutos, datados de 31 de janeiro de 1786, estão depositados no Arquivo Nacional.

CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO. Evento realizado em 1950, no Rio de Janeiro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa. Organizado por intelectuais ligados ao Teatro Experimental do Negro*, denunciou, por meio de exposições e debates, a posição dos cientistas sociais da época em face da questão racial no Brasil; na ocasião foram igualmente criticados os congressos afro-brasileiros* que, na década de 1930, tiveram lugar em Recife e em Salvador.

CONGRESSOS AFRO-BRASILEIROS. Conclaves realizados em 1934 e em 1937, respectivamente em Recife, PE, e em Salvador, BA, com a presença de intelectuais e artistas, visando, de forma pioneira, promover debates sobre a cultura afro-brasileira e abrindo caminho para os modernos estudos sobre o tema. O primeiro congresso foi presidido por Gilberto Freyre; o segundo, organizado por Édison Carneiro*, Aydano do Couto Ferraz e Reginaldo Guimarães, revestiu-se de caráter menos acadêmico, tendo recebido a contribuição de agentes da cultura afro-brasileira como Mãe Aninha*, Martiniano do Bonfim* e Bernardino do Bate-Folha*, por meio, inclusive, de comunicações escritas. Segundo Guerreiro Ramos (1957), apesar da participação de negros, foram congressos "brancos", tanto pela posição assumida diante dos temas abordados – a cultura negra vista como algo exótico e pitoresco – como pela ausência de resultados práticos. Em 1997 realizou-se, em Salvador, o Terceiro Congresso Afro-Brasileiro, mas já sem a repercussão dos anteriores.

CONGRESSOS DE CULTURA NEGRA NAS AMÉRICAS. *Ver PAN-AFRICANISMO.*

CONGRÍ. Iguaria da culinária afro-cubana, consiste em uma mistura de arroz branco com feijão-vermelho, cozidos com cebolas. É servida com toucinho frito. Segundo alguns autores, não se deve confundi-la com *moros y cristianos*, de preparação mais simples. Fernando Ortiz (1991) acentua que *congrí* é a denominação do mesmo prato na região ocidental da ilha, por influência haitiana. Com efeito, o vocábulo parece ter origem francesa, vindo de *congru*, "parcimonioso", "na medida exata", talvez relacionado,

ainda, a *congregé*, “acumulado”, “amontoado”. O nome designa, também, uma dança afro-dominicana.

CONGUINHO. Pequeno chocalho de lata que os dançarinos de moçambique* prendem na barra da calça. Do quimbundo *ngonge*, “sino”, certamente contaminado pelo etnônimo congo.

CONGUISTA. Tocador de reco-reco nas bandas de congos.

CONJURAÇÃO BAIANA. Um dos nomes pelos quais é conhecida a Revolução dos Alfaiates*, ocorrida em Salvador, BA, em 1798.

CONQUE LAMBÍ. Espécie de trompa de búzio soprada pelos negros do Haiti.

CONQUÉM. Denominação da galinha-d’angola em alguns terreiros brasileiros. O termo correspondente em iorubá é *etu*.

CONSCIÊNCIA NEGRA. Ideologia que se expressa, na África e na Diáspora, mediante a aquisição, pelo indivíduo negro, de autoconhecimento e de autoestima em relação à sua originalidade étnica e cultural. A aplicação desse conhecimento na condução do destino, para a resolução de questões específicas, é que caracteriza a consciência negra. Na África do Sul, ela foi fundamental na luta contra o apartheid, assim como nos Estados Unidos e no Brasil é decisiva na luta pelos direitos civis da população negra. *Ver DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA*.

CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NEGRA. Órgão do governo do estado de São Paulo criado por decreto em 13 de maio de 1984 e regulamentado pela lei n. 5.466, de dezembro de 1986.

CONSELHO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS. Antiga entidade do movimento negro fundada no Rio de Janeiro em 18 de maio de 1950.

CONSERVACIÓN, La. Jornal da comunidade negra do Uruguai. Circulou a partir de Montevidéu, entre 4 de agosto e 17 de novembro de 1872. Seus redatores eram Marcos Padín García e Andrés Seco. Foi a princípio dirigido por Timóteo Olivera, que foi sucedido por Marcos Padín. O jornal tinha cunho literário e, segundo I. Pereda Valdés (1953), pouco se ocupava dos problemas sociais e econômicos da comunidade negra, talvez por temer a repressão.

CONSPIRAÇÃO DE LA ESCALERA. *Ver ESCALERA, Conspiração de La.*

CONSTÂNCIA DE ANGOLA (século XIX). Mártir da resistência à escravidão, na região brasileira de Cricaré, ES.

CONSTANTINE, Lord (1901-71). Nome pelo qual foi conhecido Learie Nicholas Constantine, jogador de críquete nascido em Diego Martin, Trinidad, e falecido em Londres, Inglaterra, país em que se radicara em 1928. Um dos maiores atletas do mundo em sua especialidade, foi agraciado com o título de lorde pelo governo britânico.

CONTEH, John. Pugilista inglês nascido em 1951, conquistou os títulos britânico e europeu. Em 1974 tornou-se campeão dos pesos-pesados da World Boxing Association (WBA), perdendo, mais tarde, o título por questões burocráticas.

CONTRABANDO DE ESCRAVOS. Contrabandear é introduzir clandestinamente em um país mercadorias ou bens com o fito de burlar a legislação alfandegária. No Brasil do século XIX, o comércio de escravos era uma das atividades mais lucrativas, acabando por se constituir em um dos fatores que fizeram do país o último a abolir a escravidão nas Américas. Em 19 de fevereiro de 1810, num tratado firmado com a Inglaterra, os portugueses se comprometeram a não mais fazer entrar africanos no Brasil. Mas, ao diminuir a oferta, o acordo fez que o preço da "mercadoria" duplicasse, o que incentivou uma nova prática – o contrabando. Com a conivência das autoridades, o tráfico ilegal expandiu-se, atraindo principalmente navios de bandeira americana, que não precisavam submeter-se ao controle inglês, enquanto os de outras nacionalidades despachavam sua carga em alto-mar, em pequenos botes, para praias afastadas, fugindo da vistoria. Esses incidentes provocaram a promulgação de novas leis, que, contudo, continuaram a não ser cumpridas, destacando-se, no Rio de Janeiro, as localidades de Campos, Armação dos Búzios*, Jurujuba e Ilha Grande como locais de desembarques maciços – em 1848, por exemplo, o porto da capital registrava a entrada de 40 mil africanos. Em setembro de 1850, por pressão britânica, foi promulgada uma lei brasileira que definia o comércio de escravos como pirataria. Porém, a prática do contrabando perdurou até a abolição, porque, conforme acentua José

Meirelles Passos (1988), dos cerca de 40 mil comerciantes de escravos estabelecidos no Brasil no século XIX, a maior parte era de credores hipotecários de grandes proprietários e autoridades, ou capitalistas financiadores de várias obras e empresas no país. *Ver TRÁFICO NEGREIRO.*

CONTRACOSTA. Antiga denominação dada pelos portugueses à costa oriental africana, banhada pelo oceano Índico e, por isso, também chamada de África índica.

CONTRA-EGUM. *Ver* MOCÃ.

CONTRA-MAYORAL. Nos antigos engenhos cubanos, escravo que, sob as ordens do *mayoral* (capataz), inspecionava o trabalho dos outros escravos.

CONTRERAS, Pedro (século XVIII). Músico afro-platense. Mulato livre, destacou-se na década de 1780 como violinista da orquestra da catedral de Buenos Aires, Argentina.

CONUCO. Na América espanhola, porção de terra destacada da plantação que os senhores concediam a seus escravos, a fim de que a cultivassem para seu proveito. No Brasil, o termo correspondente seria quinguingu*.

CONVENÇÃO INTERNACIONAL SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL. Tratado de direito internacional assinado pelo Brasil e ratificado pelo decreto n. 65.810, de 8 de dezembro de 1969. *Ver RACISMO.*

CONVENTILLO. Na bacia do Prata, termo correspondente ao português "cortiço" e ao cubano *solar*. Habitações coletivas de gente humilde, abrigavam, sobretudo, famílias negras.

CONVINCE CULT. Seita messiânica e profética da Jamaica, envolvendo transe, glossolalia e cura dos enfermos pelo Espírito Santo. *Ver PENTECOSTALISMO.*

CONVOI. Espécie de mutirão de trabalhadores negros de Marie Galante, nas Antilhas.

COOK, Will Marion (1869-1944). Violinista, compositor e maestro americano. Transitando com desenvoltura tanto no campo da música popular como no da música de concerto, dirigiu a New York Sincopated Orchestra, com a qual viajou à Europa. Um dos mais requisitados diretores

de espetáculos musicais em sua época, escreveu peças sinfônicas e óperas e musicou a comédia *Clorindy**.

COOL JAZZ. Estilo de interpretação jazzística desenvolvido na costa oeste dos Estados Unidos. De sonoridades suaves, em que os uníssonos predominam sobre os solos, é às vezes visto como música excessivamente intelectualizada, pelo uso da polifonia e do contraponto entre os timbres graves e agudos. Seu marco inaugural é, segundo alguns especialistas, o disco *The birth of the cool*, do trompetista Miles Davis*.

COON SONGS. Canções entoadas, à moda dos negros, nos *minstrel shows**. *Coon* ("guaxinim"; "mão-pelada"; "mico") é, nos Estados Unidos, tratamento racista dirigido ao negro.

CORALINA (século XX). Atriz brasileira, participou do filme *Três vagabundos*, produção carioca de 1952, e da primeira remontagem de *Orfeu da Conceição*, no Renascença Clube* (Rio de Janeiro), nos anos de 1970, interpretando Clio, a mãe do personagem-título.

CORÃO. O mesmo que Alcorão*.

CORCOVADO, Quilombo do. Aldeamento de escravos fugidos localizado no alto do morro do Corcovado, no Rio de Janeiro. Esses escravos realizavam incursões predatórias no atual bairro de Laranjeiras e adjacências, razão pela qual o reduto foi destruído por tropas imperiais, em 1829.

CORDÃO. Folguedo em préstito do antigo carnaval carioca surgido por volta de 1885, como forma crioulizada dos cucumbis*. Os primeiros cordões, que ostentavam nomes como "Flor de São Lourenço", "Estrela da Aurora", "Teimosos Carnavalescos", "Teimosos da Chama", "Dália de Ouro", "Papoula do Japão", "Chuva de Prata" etc., constituíram-se em vetores dos ranchos* carnavalescos. Apresentando-se como uma massa mais ou menos compacta de fantasiados, entre os quais se contavam "diabos", "caveiras", "morcegos", "velhos" etc., seguiam dançando pelas ruas, ao som de instrumentos de percussão. Foi assim com o "Flor de São Lourenço", que em 1885 saía às ruas do Rio de Janeiro com propósito e intenção que em tudo lembram as *comparsas** da América hispânica. Ao lado do rancho carnavalesco, o cordão é uma das manifestações antecessoras da escola de samba*.

CORDERO, Rafael (1790-1868). Educador porto-riquenho nascido e falecido em San Juan. Filho de negros livres e autodidata, em 1810 fundou, em San Germán, uma escola para crianças negras e mestiças. Devotando toda a sua vida ao ensino, ficou conhecido em seu país como “Maestro (‘mestre’, ‘professor’) Rafael”.

CORDERO, Roque (1917-2008). Compositor erudito, maestro e instrumentista panamenho nascido na Cidade do Panamá e radicado nos Estados Unidos, onde se destacou como professor da Illinois State University. Ex-violista da Orquestra Sinfônica do Panamá, conquistou prestígio como um dos maiores talentos criativos da América Latina, principalmente por ter incorporado elementos do populário de seu país à música de concerto.

CORE. Sigla de Congress of Racial Equality. *Ver FARMER, James*.

CORES – simbologia e energia. A cosmogonia africana no continente e na Diáspora distingue três cores principais, das quais as outras seriam simples decorrência: a cor branca, a que afasta os maus espíritos, é caracterizadora da energia do sêmen, do plasma, da seiva vegetal, do álcool, da prata, do chumbo etc., sendo também a cor dos mortos e dos ancestrais ilustres; a cor preta, portadora da energia do ferro, do carvão, do sumo escuro de determinados vegetais, das cinzas da madeira calcinada, é vista, igualmente, como a cor do mistério e do sofrimento; a cor vermelha (mais o amarelo e seus resultantes), ligada à realeza, vibra no sangue, no mênstruo, no azeite de dendê, no ouro, no cobre e no bronze, metais nobres entre os africanos.

CORIMÁ. Dança semelhante ao jongo; caxambu. Do quimbundo – ou de *kuimba*, “cantar”, ou de *kurimba*, “confusão”, ou ainda de *kudima*, “cultivar”; “arar”.

CORN SONGS. Cantigas entoadas pelos negros do Sul dos Estados Unidos durante o trabalho nos milharais.

CORO DE CLAVES. Tipo de conjunto musical surgido em Cuba, no século XIX, que interpretava canções do gênero conhecido como *clave*, em que inicialmente se usavam, além das vozes, violões, *claves* e instrumentos de percussão improvisados. Os *coros de claves*, ligados aos diversos grupos étnicos ou religiosos, costumavam interpretar canções em suas línguas “de

nação", como ocorria com os *ñáñigos*, que cantavam em línguas ou dialetos do Calabar.

COROJO. Nome cubano da palmeira cientificamente classificada como *Acrocomia crispa*. É árvore de Xangô e de todos os orixás, à exceção de Obatalá, Oxum e Iemanjá, para os quais constitui tabu. *Ver MANTECA DE COROJO*.

COROMANTEE. Nome que na Jamaica designa os negros de origem axânti ou twi. *Ver COROMANTIS*.

COROMANTIS. Nome pelo qual eram genericamente conhecidos nas Américas os africanos provenientes da região da Costa do Ouro, na atual República de Gana. O nome parece não designar um grupo étnico específico, e sim constituir-se em derivação da denominação do forte holandês Koromantim ou Coromantyn. Os escravos assim denominados eram tidos como diferentes por sua belicosidade, coragem e rebeldia, provadas em várias revoltas ocorridas nas Antilhas nos séculos XVII e XVIII.

CORONA, Manuel (1880-1950). Compositor e guitarrista cubano nascido em Caibarién e falecido em Havana. Em 1908, com a canção *Mercedes*, tornou-se conhecido em todo o país. Não obstante ter construído uma carreira de grandes êxitos, na qual avulta a famosa *La habanera*, morreu pobre e esquecido.

COROSSOL. Nome francês da árvore da graviola (*Annona muricata*), reconhecida nas Antilhas por seus poderes medicinais e mágicos.

CORPO DE BOMBEIROS do Rio de Janeiro. Corporação fundada na capital do Império brasileiro, em 2 de julho de 1856, com o nome de Corpo Provisório de Bombeiros da Corte. Constituído, nos primeiros tempos, por trabalhadores dos arsenais de Guerra e da Marinha, da repartição de Obras Públicas e da Casa de Correção, seus integrantes eram majoritariamente negros. Além disso, durante a época escravista, nos incêndios em que intervinha, os moradores do quarteirão onde o sinistro ocorria eram obrigados, sob pena de multa, a enviar escravos com barris de água para auxiliar nos trabalhos. Sua tradicional banda de música foi organizada pelo regente, compositor e instrumentista afro-brasileiro Anacleto de Medeiros*.

CORPS CADAVRE. No sistema filosófico do vodu haitiano, o corpo propriamente dito, carne e sangue.

CORRÊA, Djalma [Novaes]. Músico brasileiro nascido em Ouro Preto, MG, em 1942, e formado musicalmente em Salvador, BA, para onde se transferiu aos 17 anos de idade. Estudou percussão e composição nos seminários da Universidade Federal da Bahia (UFBA), frequentados por figuras que se tornariam seminais nas futuras mudanças da MPB, como o erudito suíço Walter Smetak e o alemão Hans Joachim Koellreuter (com quem trabalharia na Sinfônica da Bahia). Em 1964, engajou-se no movimento tropicalista. Depois, na área da música eletrônica, participou de festivais, fez trilhas sonoras para cinema, teatro e, em 1970, criou o grupo de música e dança Baiafro. Em 1995, depois de inúmeras apresentações e de vários discos lançados, montou a Banda Mineira de Percussão para o Festival Internacional de Arte Negra realizado em Belo Horizonte.

CORREDEIRA (*Euphorbia pilulifera*). Planta da família das euforbiáceas. Na tradição brasileira dos orixás, pertence a Exu.

CORREIA, André Vitor (1888-1948). Compositor e clarinetista brasileiro, nasceu em Rio Bonito, RJ, e faleceu na capital do mesmo estado. É o autor do conhecido choro *André de sapato novo*, peça indispensável no repertório brasileiro de flauta.

CORREIA, Apolo. Nome artístico de Manuel Tibúrcio Corrêa de Araújo, ator brasileiro nascido em Recife, PE, em 1901. Com trajetória iniciada no circo, estreou no rádio em 1940. Nos anos de 1950, na Rádio Nacional, alcançou enorme popularidade ao encarnar, ao lado de Brandão Filho, o personagem cômico Trancado, da dupla "Tancredo e Trancado". No cinema, atuou nos filmes *A voz do carnaval* (1933), *Está tudo aí* (1939), *Caídos do céu* (1946), *O malandro e a grã-fina* (1947), *Balança mas não cai* (1953) e *Rico ri à toa* (1957). Atuou, também, em telenovelas na Rede Globo.

CORREIA, Horacina. Atriz e cantora brasileira nascida provavelmente no Rio Grande do Sul em 1915. Entre 1935 e 1936, em Porto Alegre, era cantora da orquestra de Paulo Coelho, na qual também atuava, como baterista, seu marido Oscarino Corrêa. Nos anos de 1940 e 1950 fez carreira no Rio de Janeiro, personificando em 1945, no filme *O cortiço*, Rita Baiana;

em *Este mundo é um pandeiro*, de 1946, cantou *Os quindins de iaiá*. Participou também de *Caídos do céu* (1946), *É com este que eu vou* (1948), *E o mundo se diverte* (1948), *Não é nada disso* (1950) e *Malandros em quarta dimensão* (1954). Segundo H. Vedana (1987), obteve sucesso em Paris e, na década de 1980, era proprietária de um hotel no Cairo, capital do Egito. É também mencionada como Oracina Corrêa.

CORREIA, João Vital (século XIX). Pintor e dourador brasileiro ativo em Recife, PE. Até por volta de 1868 executou trabalhos nas igrejas do Corpo Santo, da Madre de Deus e de Bom Jesus das Portas.

CORREIA, Viriato (1884-1967). Nome literário de Manuel Viriato Correia Baima Filho, escritor brasileiro nascido em Pirapemas, MA, e falecido no Rio de Janeiro. Cronista histórico admirável, de sua bibliografia constam títulos como *Terra de Santa Cruz* (1921) e *História da liberdade no Brasil* (1962), além de peças teatrais e obras em outros gêneros. Foi deputado estadual e federal pelo Maranhão e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Segundo Rodrigues de Carvalho e Abdias do Nascimento*, era afrodescendente.

Viriato Correia

CORREIA LEITE, José. *Ver LEITE, José [Benedito] Correia.*

CORTA A JACA. Um dos três passos fundamentais do samba rural baiano. Os outros são o “apanha o bago” e o “separa o visgo”.

CORTADOR. Na bateria das escolas de samba, um dos nomes do surdo de terceira, centrador ou de corte, responsável pelas variações rítmicas em frequência mais grave que a dos repinicadores. *Ver CUTTER.*

CORTEJO. Grupo de pessoas que, em uma cerimônia, acompanha altos personagens, ou mesmo os restos mortais de uma pessoa querida, com a intenção de render-lhe homenagem. A tradição africana enfatiza a arte em movimento por meio da comunidade, daí a recorrência, na Diáspora, a vários folguedos desenvolvidos em cortejo, como o maracatu*, as antigas

escolas de samba, os *mardi gras indians**, os candombes* e os vários tipos de *comparsas**.

CORTES, Araci (1906-85). Nome artístico de Zilda de Carvalho Espíndola, cantora e atriz brasileira nascida e falecida no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira em 1922 e, por cerca de vinte anos, foi um dos maiores nomes do teatro musicado brasileiro, tendo lançado canções imortais como *Jura*, de Sinhô*, e *Ai, ioiô*, de Luís Peixoto e H. Vogeler. Sua vida e sua carreira estão contadas no livro *Araci Cortes, linda flor*, de Roberto Ruiz, publicado pela Funarte, em 1984.

CORTES, Getúlio [Francisco]. Compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1938. Um dos poucos negros atuantes no estilo de música popular conhecido como "jovem guarda", é autor de canções gravadas pelo cantor Roberto Carlos, como *Negro gato*, *Quase fui lhe procurar*, *Uma palavra amiga*.

CORTIÇO, O. Romance naturalista de Aluísio de Azevedo, lançado em 1880. Tendo como cenário a cidade do Rio de Janeiro às vésperas da abolição, denuncia, por intermédio da magistralmente construída personagem Bertoleza, o drama da mulher negra vilmente explorada em relação à sua força de trabalho, iludida e considerada objeto sexual.

CORTIJO Y SU COMBO. Grupo instrumental e vocal liderado pelo músico porto-riquenho Rafael Cortijo (1928-82). Intérprete e inovador da *plena**, gênero tradicional afro-porto-riquenho, fez grande sucesso em seu país, nos anos de 1950, atuando no programa radiofônico *El show del mediodía*. Apresentou-se também nos Estados Unidos, na Colômbia, no Panamá e na Venezuela e gravou vários discos de grande repercussão. Em 1962, com a prisão do cantor Ismael Rivera*, o grupo se desfez.

COSILLEREMÁ. Variante de *kuchi-yeremá**.

COSME E DAMIÃO. Santos gêmeos católicos comemorados em 27 de setembro. No Brasil, associados aos Ibêjis*, são efusivamente festejados pelo povo negro, sobretudo na Bahia e no Rio de Janeiro, onde receberam como companheiro um terceiro santo, chamado Doum*. No dia em que se celebram esses santos, os fiéis fluminenses oferecem doces e brinquedos às crianças, tradição que, na Bahia, se expressa no caruru-de-cosme*.

COSME, Preto. *Ver CHAGAS, COSME BENTO DAS.*

COSTA, Adão da Conceição (1851-1935). Empresário afro-baiano falecido em Salvador, BA. De família nigeriana, chegada à Bahia no século XIX, foi chefe da estiva de vapores e, mais tarde, proprietário de várias embarcações comerciais, exercendo forte liderança na área portuária da capital baiana. Legou a seus herdeiros inúmeros prédios e uma fazenda de cacau em Belmonte, no sul do estado. Seu filho João Conceição Costa, o João de Adão, o sucedeu em 1912, tendo sido assassinado em setembro de 1914, ano em que seus matadores foram a júri, em julgamento de grande repercussão.

COSTA [Silveira Mondin Gomide]**, Alaíde.** Cantora brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1935. De timbre extremamente delicado e doce, foi a primeira voz negra chamada a integrar, na década de 1950, o elenco de intérpretes da nascente bossa nova, tendo lançado seu primeiro LP em 1959. Em 1965 apresentou, no Teatro Municipal de São Paulo, o recital *Alaíde, alaúde*, de feição semierudita. Porém, problemas de audição a afastaram da cena artística, até reaparecer, timidamente, em 1972. Em 2001, depois de outros importantes registros, lançou um refinado CD, produzido por Hermínio Bello de Carvalho*.

COSTA, Antônio da (século XVII). Militar brasileiro nascido e falecido em Pernambuco. Soldado, cabo de esquadra, alferes e capitão do terço dos homens pretos sob o comando de Henrique Dias*, figurou em todas as jornadas da Guerra da Restauração de Pernambuco, destacando-se nas duas batalhas de Guararapes, entre outras. Morreu já idoso, por volta de 1685, no posto de coronel, depois de participar de expedição a Palmares.

COSTA [de Almeida]**, Araci** (1932-76). Cantora nascida e falecida no Rio de Janeiro. Nos anos de 1950-60 obteve expressivo reconhecimento popular no rádio e no disco como intérprete especialmente de sambas carnavalescos.

COSTA, Benedito dos Santos. Escritor e jornalista brasileiro nascido em 1889 e falecido no Rio de Janeiro. Cronista social, mister em que usava o pseudônimo "Paulo de Gardênia", manteve durante vários anos a seção "Binóculo" na *Gazeta de Notícias* e notabilizou-se pela elegância no trajar. Romancista, publicou *Letícia* e *A conquista de Helena* (1932).

COSTA, Carmen. *Ver CARMEN COSTA.*

COSTA, Cesário Àlvaro da (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. Participou da Guerra do Paraguai*, conflito que, além de medalhas de campanha, lhe proporcionou a Medalha do Mérito Militar e o Hábito de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Segundo Arthur Ramos (*ver Bibliografia*), que o nomeia Cesário Alves da Costa, era capoeira e cabo, depois promovido a sargento, do Sétimo Batalhão de Infantaria.

COSTA, Eduardo Frutuoso da (*c*. 1850-95). Educador e jornalista brasileiro nascido em Minas Gerais. Professor de latim e francês no Liceu Popular Niteroiense, teve como aluno, entre outros futuros luminares, o escritor Lima Barreto*, que o retrataria em dois de seus livros, *Bagatelas* (1956) e *Coisas do Reino de Jambon* (1956), como mestre severo e implacável.

COSTA, Haroldo. Diretor de espetáculos, escritor, cineasta e ator nascido no Rio de Janeiro em 1930. Após participar do Teatro Experimental do Negro* como ator em *O filho pródigo* e outras montagens, integrou o Grupo dos Novos, que deu origem ao Teatro Folclórico Brasileiro e mais tarde ao Brasiliana*, com o qual excursionou por países hispano-americanos e europeus. Em 1958 protagonizou *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, na montagem encenada no Teatro Municipal, mesmo palco em que dirigiria, quase quarenta anos depois, a remontagem comemorativa do Tricentenário de Zumbi dos Palmares, em 1995. Na primeira montagem carioca do *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, interpretou Emanuel (Jesus Cristo), e no final dos anos de 1980 integrou, com destaque, o elenco da telenovela *Kananga do Japão*, na extinta Rede Manchete de Televisão. Também cineasta, foi o primeiro afro-brasileiro a dirigir um longa-metragem, intitulado *Pista de grama ou Um desconhecido bate à sua porta*, de 1958. Jornalista profundamente ligado ao carnaval, publicou, entre outros títulos, *É hoje* (1978); *Fala, crioulo* (1982); e *Salgueiro, academia de samba* (1984).

COSTA, Josefina da Fonseca (século XIX). Dama de honra de dona Teresa Cristina, segunda imperatriz do Brasil (de 1843 a 1889). Com outras duas damas do mesmo status, foi descrita como "mulata" pelo conde de Gobineau, embaixador francês no Brasil.

COSTA, Luís Antônio Pereira da (1749-?). Militar e poeta brasileiro nascido em Sabará, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Em 1769 foi nomeado

capitão de cavalaria e, por volta de 1777, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde serviu. Requisitado como poeta para várias solenidades oficiais, é autor do poema heroico “Britânica”. Raimundo de Menezes (1978) o tipifica como “homem de cor”.

COSTA, Malaquias Felipe da. Babalorixá pernambucano nascido em 1910, filho carnal de Pai Adão*. A partir de 1972 chefiou a comunidade-terreiro do Sítio de Água Fria, em Recife, PE.

COSTA, Paulinho da. Percussionista brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1948. Ritmista da escola de samba Portela*, em 1972 deixou o Brasil, acompanhando o grupo de Sérgio Mendes, e radicou-se nos Estados Unidos. Até o final dos anos de 1990, tendo sido introduzido no mercado fonográfico por Dizzy Gillespie*, havia participado de cerca de quinhentos discos, do pop ao jazz, quase sempre ao lado de astros de primeiríssima grandeza, como Quincy Jones*, Ella Fitzgerald*, Michael Jackson*, Lionel Richie*, entre outros. Além disso, realizou interpretações solo em discos do selo jazzístico Pablo. Presente em importantes momentos da cena pop, são suas as percussões de *La isla bonita*, um dos primeiros sucessos da *popstar* Madonna, e de *Thriller*, famosa canção do auge da carreira de Michael Jackson.

COSTA, Ronaldo da. Maratonista brasileiro nascido em Descoberto, MG, em 1970. Campeão da corrida de São Silvestre em 1994, quatro anos depois, na maratona de Berlim, na Alemanha, tornou-se o recordista mundial nessa prova ao correr 42.195 metros em duas horas, seis minutos e cinco segundos.

COSTA, Timóteo da. *Ver TIMÓTEO DA COSTA.*

COSTA DA MALAGUETA. *Ver COSTA DA PIMENTA.*

COSTA DA MINA. Antiga denominação da extensa faixa litorânea que vai do cabo de Palmas, na atual fronteira da Costa do Marfim com a Libéria, até o cabo Lopes, no Gabão. O nome provém do Forte de São Jorge da Mina, também chamado de Castelo da Mina ou El Mina, na atual República de Gana. Por volta de 1750 intensifica-se o comércio do Brasil com a região, principalmente por força do tabaco produzido no Recôncavo Baiano, em Pernambuco e em Alagoas. Essa é uma das razões que justificam a maior

concentração de escravos sudaneses na Bahia a partir do século XVIII. *Ver TABACO.*

COSTA DA PIMENTA. Antigo nome da região litorânea da atual República da Libéria*. Também, Costa da Malagueta.

COSTA DO MARFIM, República da. País localizado no Oeste africano, com capital em Yamoussoukro, cidade que sucedeu a Abidjan nessa condição. Limita-se ao norte com Guiné, Mali e Burkina Fasso, com a Libéria a oeste, Gana a leste e o golfo da Guiné ao sul. Sua população engloba principalmente indivíduos dos grupos étnicos axânti, agni e baúle, aos quais se associa a história pré-colonial do país, ativo centro de comércio de escravos, à época da rainha Aura Poka*.

COSTA DO OURO. Antigo nome da região litorânea da atual República de Gana*.

COSTA DOS ESCRAVOS. Antigo nome da região litorânea da atual República de Benin*.

COSTA E SILVA, Raimundo da (século XVIII). Pintor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Suas principais obras integram o acervo das igrejas cariocas da Ordem Terceira do Carmo e de Nossa Senhora da Boa Morte.

COSTA RICA, República da. País da América Central localizado entre o Panamá e a Nicarágua, com capital em San José. Os negros, de origem jamaicana, constituem cerca de 2% da população e habitam, principalmente, a província de Limón, na costa leste.

COTA. Cargo auxiliar feminino nos candomblés bantos correspondente à ekéde* dos candomblés nagôs. Do quimbundo *kota*, “pessoa respeitável”.

COTA SORORÓ. Mãe-pequena ou mãe-criadeira nos candomblés de nação angola ou congo.

COTAS, Política de. *Ver AÇÃO AFIRMATIVA.*

COTEGIPE, Barão de (1815-89). Título de José Maurício Wanderley, político e magistrado brasileiro nascido em Vila da Barra do Rio Grande, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Presidente de sua província e várias vezes ministro do Império, foi um dos brasileiros mais influentes de seu tempo. Entretanto, senhor de engenho que era, apesar de sabidamente mulato e de ter seu nome ligado à Lei dos Sexagenários (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E*

DE COMBATE AO RACISMO), foi inimigo da causa abolicionista até o fim da vida.

COTTA. Na Jamaica, o mesmo que o afro-cubano *babunuco**.

COTTON CLUB. Luxuoso cabaré inaugurado no ano de 1922, em Nova York, no bairro negro do Harlem*, só para clientes brancos. A casa, que era mantida por gângsteres, empregava orquestras, bailarinos e cantores exclusivamente negros. Criado para ser apenas uma atração turística, tornou-se o centro irradiador do swing*, após a comunidade local conseguir acesso ao clube. Em suas dependências brilharam Duke Ellington* e outros grandes nomes do jazz.

COUMBITE. O mesmo que *konbit**.

COUNJAILLE. Antiga dança dos negros da Louisiana, no Sul dos Estados Unidos. Também, *counjai*.

COUNTRY. Gênero de cantos do *kumina**, culto afro-jamaicano.

COUNTRY MUSIC. Estilo de música popular rural baseado no folclore do Sul e do Sudoeste dos Estados Unidos. Como várias outras formas culturais dessa região, da alimentação à moda, a country music resume e concentra um rico legado multiétnico. Muito antes de surgir como gênero, já havia músicos negros em cena, tocando em festas e salões de baile seus banjos*, rabecas (*ver FIDDLE*) e gaitas de boca. Na década de 1930, o grupo Grand Ole Pry, integrado por músicos negros, fazia grande sucesso nas rádios de Nashville, o moderno núcleo irradiador do estilo. E o papa do gênero, Hank Williams Sr., sempre se declarou seguidor do músico negro Rufe "Tee-Tot" Payne. Segundo estudiosos, a divisão segregacionista da música do Sul dos Estados Unidos em country e rhythm-and-blues* foi na verdade uma estratégia mercadológica, já que, antes da Segunda Guerra Mundial, a música de negros e brancos coexistia na região dentro de um mesmo cadinho, onde as categorias de estilo sonoro "branco" e "negro" não eram tão rígidas quanto hoje. Na atualidade, entre os prestigiados músicos negros cultores do estilo country estão Charley Pride, Stoney Edwards, Aaron Neville (também *bluesman* e ex-integrante dos Neville Brothers*, grupo referencial em Nova Orleans), Etta James*, Dobie Gray e Big Al Downing (conforme M. Longino, 1998).

COUP D'MAIN. Uma das denominações, nas Antilhas Francesas, do trabalho coletivo em regime de mutirão. *Ver COUMBITE*.

COURAMA. *Ver COURANA*.

COURANA. Denominação brasileira da nação africana da qual seria originária a beata Rosa Maria Egipcíaca*. O nome parece ser abrasileiramento de "kourama", povo do Norte da Nigéria localizado na região do Benue, entre os rios Baoutchi e Loko; ou, menos provavelmente, de "korana", subgrupo hotentote, numeroso nas vizinhanças da antiga Bechuanalândia, entre os rios Mulopo e Modder. Pierre Verger (1987) registra o etnônimo "courama", dando-o como referente a Curamo, lagoa nas proximidades da cidade nigeriana de Lagos.

COUSCOUS. *Ver CUSCUZ*.

COUSIN FUSCO. *Ver FIGUEIREDO, Antônio Pedro de*.

COUSIN ZAKA. Divindade afro-haitiana, protetor dos camponeses e do povo das montanhas.

COUTINHO. Nome pelo qual se tornou conhecido Antônio Wilson Honório, jogador de futebol brasileiro nascido em 1942 na cidade de São Paulo. Centroavante, fez, no Santos Futebol Clube, memorável dupla com Pelé*. Integrou a seleção brasileira bicampeã do mundo em 1962.

COUTINHO, Jorge. Ator brasileiro nascido em 1934 no Rio de Janeiro. No cinema, participou, entre outros filmes, de *Assalto ao trem pagador* (1962), *Cinco vezes favela* (1962), *Ganga Zumba* (1964), *Chuvas de verão* (1978), *Quilombo* (1984) e *Memórias do cárcere* (1984). Na televisão, integrou o elenco das telenovelas *Roque Santeiro*, *A escalada*, *Dona Beija*, *Irmãos Coragem*, *Abolição* e *Partido alto*, entre outras. De 1971 a 1983 foi um dos idealizadores e organizadores da célebre "Noitada de Samba" do Teatro Opinião, a qual lançou ou consagrou grandes nomes do gênero, como Clara Nunes*, Roberto Ribeiro*, João Nogueira*, Clementina de Jesus*, Xangô da Mangueira* e Nelson Cavaquinho*.

COUTINHO, José Lino (1784-1836). Médico e político brasileiro nascido em Salvador, BA. Professor da Faculdade de Medicina da Bahia, foi ministro do Império após a abdicação de dom Pedro II. Em 1859, a condessa de Barral, em texto sobre a aristocracia baiana, citado por Kátia Mattoso (1992), refere-se a ele como "o célebre mulato Lino Coutinho". Segundo

José Honório Rodrigues (1964), era partidário da superioridade intelectual dos povos “brancos”.

COUTINHO, José Maria. Educador brasileiro nascido em Barra do Riacho, ES, em 1946, filho de pai português e mãe negra. Radicado no Rio de Janeiro, é professor da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e autor da tese *Por uma educação multicultural*, na qual defende um projeto educacional de conquista da cidadania pelo reconhecimento da herança cultural dos segmentos sociais marginalizados.

COUTO [dos Santos]**, Vera Lúcia.** *Ver RENASCENÇA CLUBE.*

COUVER SEC. No Haiti, expressão correspondente à brasileira “comida seca*”.

COVELLO, Antônio [Augusto] (1886-1942). Advogado, jornalista, político e escritor brasileiro nascido em Rio Claro, SP, e falecido em São Paulo. Fundou o ginásio de Sorocaba, foi diretor e redator de jornais, exerceu mandatos como deputado estadual (1926-30) e foi membro da Assembleia Nacional Constituinte. Segundo José Correia Leite e Cuti (1992), era “filho de um calabrês com uma mulata”.

COYOTE. Na América colonial espanhola, termo pejorativo com que se designava o mestiço de negro e índio. No México, o termo dá nome ao produto do cruzamento de dois indivíduos já mestiços.

COZINHA. Compartimento, em qualquer edificação, onde se preparam os alimentos. Local tradicionalmente reservado aos negros, compõe a expressão “pé na cozinha”, aplicada a pessoas de origem africana longínqua (seu uso pode ser exemplificado por esta frase: “Fulano tem um pé na cozinha”). A expressão foi, reiteradas vezes, empregada publicamente pelo ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso, em referência à sua autoproclamada condição de mestiço.

COZZA [dos Santos]**, Fabiana.** Cantora nascida em São Paulo, SP, em 1976. Filha de mãe italiana e pai negro, compositor e cantor da escola de samba Camisa Verde, estreou em disco com o CD *O samba é meu dom*, de 2004, destacando-se pela voz encorpada, pela dramaticidade de suas interpretações e por seu assumido compromisso com a tradição do samba. Em 2007, abordando o universo das canções litúrgicas afro-brasileiras sem se

afastar do gênero-mãe, lançava o CD *Quando o céu clarear*, saudado como um dos melhores lançamentos do ano.

CREOLE MAMA. Na Guiana Holandesa, atual Suriname, expressão correspondente à cubana *ma criollera**.

CRÉOLE. Nos primórdios da colonização do Novo Continente, o termo francês *créole* (crioulo em português; *criollo* em espanhol) designava, com exclusividade, os filhos de europeus nascidos nas Américas. Mas, logo depois, a denominação se estendeu aos descendentes dos escravos africanos e, por fim, em especial em lugares como a Guiana Francesa e alguns países antilhanos, passou a denominar, também, os descendentes de imigrantes de todas as origens que adotaram a cultura *créole*. Hoje, portanto, o termo não mais indica uma origem étnica específica, e sim um vínculo com determinada cultura, qualificando também os produtos dessa cultura, sobretudo no domínio linguístico. *Ver* CRIOULO.

CRÉOLE DU COULEUR. Antiga denominação aplicada, na América de fala francesa, a cada um dos mestiços de negros com descendentes de europeus. Os *créoles* da Louisiana e especialmente os de Nova Orleans formavam um grupo orgulhoso de descendentes dos primeiros colonos franceses e espanhóis. Um *créole du couleur* pertencia ao que fora, até a década de 1890, uma camada relativamente privilegiada da população negra, descendente em parte de franceses ou espanhóis e em parte de africanos. De acordo com as antigas leis e costumes franceses dessas cidades, o *créole du couleur* e todos os seus descendentes podiam usar o nome da família branca da qual descendiam. A origem da denominação remonta ao Black Code, legislação que, em 1724, cimentando o caminho para a futura abolição da escravatura, estabeleceu que a condição jurídica da mãe deveria se estender aos filhos. Assim, quando um rico proprietário branco morria, sua escrava e eventual amante ganhava a liberdade, devendo o mesmo direito estender-se aos filhos gerados dessa união. Por essa razão, muitas vezes os filhos de mães negras com fazendeiros brancos recebiam todo o conforto que o dinheiro podia proporcionar. Por volta de 1830, alguns dos *créoles du couleur* possuíam escravos, educavam os filhos na Europa e, em Nova Orleans, formavam uma classe em que se destacavam os comerciantes, corretores de imóveis e de valores, bem como os músicos,

caso de Sidney Bechet* e Jelly Roll Morton*, entre outros. *Ver GENS DE COULEUR.*

CREOLE SOCIETIES (Sociedades Crioulas). No Caribe de fala inglesa, denominação das sociedades nas quais houve contato e mistura entre negros, índios e europeus.

CRESPO, Gonçalves. *Ver GONÇALVES CRESPO, Antônio Cândido.*

CRIA DA CASA. Denominação do escravo doméstico nascido e criado na casa de seus senhores, tendo, por isso, gozado de alguns privilégios em relação aos outros cativos.

CRIADA DE RAZÓN. No Uruguai colonial, denominação da escrava de confiança encarregada, entre outras tarefas, de levar e trazer recados.

CRIADOUROS. Criadouro ou criatório é o viveiro onde se criam animais. Em diversos momentos e lugares – inclusive no Brasil –, a escravidão negra nas Américas desenvolveu-se sob um sistema em que a fortuna dos proprietários tinha por base a proliferação de seus escravos reprodutores. Criavam-se escravos para a venda, como se cria o gado, e esse sistema engendrava, por vezes, situações abjetas em que, em nome do lucro, senhores vendiam os próprios filhos, tidos com escravas, ou, de forma ainda menos escrupulosa, mantinham relações sexuais com cativas já objetivando o aumento do "plantel". *Ver CRIOLLERO.*

CRIANÇAS ESCRAVAS. O tráfico transatlântico de escravos teve como vítimas sobretudo adultos do sexo masculino. No entanto, muitas crianças foram igualmente atingidas por esse comércio, numa porcentagem que girou em torno de 20%, tomando-se por base estatísticas de desembarque no Valongo* carioca, entre 1789 e 1830. A escravidão privava as crianças negras dos ritos tradicionais, característicos de cada etapa do desenvolvimento – o que era preservado, em alguma medida, ao que consta, nas comunidades quilombolas –, e as adestrava, brutalmente, na rotina do trabalho e da obediência servil. No Brasil, algumas crianças escravas eram incumbidas de pequenos trabalhos domésticos já aos 4 anos de idade; aos 8 cuidavam, por exemplo, do pastoreio de rebanhos; aos 11 eram empregadas em ofícios como o de costureira; e, como regra geral, aos 12 anos já estavam prontas para o trabalho adulto. Durante a Guerra do Paraguai*, muitos meninos filhos de escravos, classificados como "aprendizes marinheiros",

foram enviados para as frentes de batalha. Das crianças africanas aqui desembarcadas, poucas chegavam à idade adulta. E, entre as que conseguiam tal feito, poucas conviviam com os pais, dos quais, quase sempre, eram separadas por força de transações comerciais de que uns e outros eram objeto. As condições gerais da vida em cativeiro faziam delas as maiores vítimas de doenças infectocontagiosas causadas pela miséria e pela promiscuidade, ensejando altos índices tanto de mortalidade infantil como de orfandade. No segundo caso, porém, uma rede de relações sociais mantida entre os escravos compensava a ausência da família, devendo-se destacar, em situações dessa natureza, a importância do batismo católico, que estabelecia vínculos entre padrinhos e afilhados. Muitas crianças escravas eram requisitadas para participar de atividades artísticas, principalmente nas festas cívicas e religiosas, como músicos e atores em encenações teatrais. Mas a regra geral era o adestramento à base de castigos e humilhações, como no clássico exemplo da criança negra usada como montaria pelo filho do senhor. Todas essas circunstâncias, mascaradas por uma suposta igualdade familiar, moldavam o caráter do futuro adulto e projetavam sentimentos de inferioridade ou de revolta através de gerações.

CRIAS, Ilha das. Nome pelo qual foi conhecida a parte mais oriental da restinga da Marambaia, no Rio de Janeiro. Por volta de 1850, teria servido como ativo centro de reprodução e criação de escravos – mantido pelo rico proprietário fluminense Joaquim José de Souza Breves –, daí sua denominação (conforme José Sérgio Rocha, 2003).

CRIME CONTRA A HUMANIDADE. Figura jurídica de direito internacional privado caracterizada pela negação peremptória da condição humana da vítima. Em 1999, a Assembleia Nacional francesa propôs o enquadramento do tráfico negreiro e da escravidão africana nessa tipificação, sugerindo, igualmente, medidas de conscientização voltadas ao tema, por intermédio da educação e dos meios de comunicação; medidas de reparação dos danos causados pelo escravismo; e a instituição de uma data comemorativa do fim da escravidão, em âmbito internacional (conforme M. L. Teodoro, 1988).

CRIMES SEXUAIS. O escravismo, legitimando a propriedade física de alguns indivíduos sobre outros, legalizou, também, a prática de crimes

sexuais de toda espécie, principalmente por senhores contra escravas. Assim, do estupro* à sedução e à posse sexual mediante fraude, passando pelo que hoje se denomina "assédio sexual", toda a gama de delitos foi praticada, inclusive por personagens célebres, gerando, em consequência, considerável prole mestiça. No Brasil, essa prática pode ser exemplificada pelo evento que vitimou a órfã Andreza dos Santos, negra de 17 anos, abrigada no Convento da Ajuda. Vendedora de doces no Paço Imperial, foi, segundo a tradição, seduzida por dom Pedro I e dele teve um filho (conforme Adalzira Bittencourt, 1970). A crônica do Primeiro Império também faz menção a "uma jovem africana, filha da preta Joana, a dedicada cozinheira de dom João", deflorada pelo imperador no palácio de São Cristóvão (conforme Múcio Teixeira, 1927).

CRIMINALIDADE. Fenômeno pelo qual se observa a incidência de crimes, no tempo e no espaço, em função de causas diversas. Os primeiros estudos sobre o negro no Brasil concentraram-se em aspectos criminológicos. A propósito, o sociólogo Guerreiro Ramos*, nos anos de 1950, perguntava se teriam os afrodescendentes, no Brasil, inclinações delituosas específicas, assim como tendências peculiares essenciais à vida associativa, conjugal, profissional, moral, econômica, política etc. A maior frequência de negros, segundo esse autor, na estatística de determinados delitos resultava de sua predominância em certas camadas sociais. Atualizando o raciocínio de Ramos, veremos, por exemplo, que, se nas favelas cariocas, à época da finalização desta obra, os negros eram maioria entre os envolvidos com o narcotráfico, isso não ocorria por uma tendência natural dos negros a se envolverem com o crime, mas por serem eles maioria entre as populações faveladas.

CRIOLA. Organização não governamental fundada no Rio de Janeiro em 2 de setembro de 1992. Criada e dirigida pela médica carioca Jurema Werneck (1962-), tem por objetivo instrumentalizar mulheres, adolescentes e meninas negras para o desenvolvimento de ações de combate ao racismo e ao sexismo, visando à melhoria das condições de vida da população negra em geral. Com o apoio de instituições estrangeiras – como, por exemplo, a alemã Fundação Heinrich Böll, a americana Public Welfare Foundation e a Fundação Ashoka –, desenvolve programas de saúde, educação, geração de

emprego e renda, bem como de defesa dos direitos humanos, voltados principalmente para a mulher afrodescendente. Em 1998, a organização editou a antologia *Oro Obìnrin*, resultado do Prêmio Literário e Ensaístico Lélia Gonzalez, sobre a condição da mulher negra. *Ver GONZALEZ, Lélia*.

CRIOLLERO. Na Cuba colonial, lugar do engenho onde ficavam as crianças negras durante as horas de trabalho das mães escravas. A prática surgiu por volta de 1840, quando o elevado preço dos escravos tornou o desenvolvimento das crias um negócio altamente lucrativo. Graças a ela, por exemplo, o Trinidad, próspero engenho cubano, conseguia, por ano, um incremento de cerca de trinta escravos em seus efetivos.

CRIOULADA. Conjunto ou grupo de negros.

CRIOULÉU. Crioulada; antiga denominação depreciativa de reunião ou baile popular frequentados predominantemente por negros.

CRIOULICE. No Rio de Janeiro, termo usado para designar coisa malfeita; ação desastrada ou vergonhosa.

CRIOULO. Vocábulo empregado em várias acepções. Quando se refere a pessoas, seu significado remete ao indivíduo de ascendência europeia nascido nas Américas (conforme Cândido de Figueiredo, 1922). No Brasil, em geral, usado tanto de forma pejorativa (*ver ESTEREÓTIPO*) como carinhosamente, o termo, na atualidade, designa genericamente o negro, de qualquer pigmentação, enquanto no passado designava exclusivamente o brasileiro filho de pai e mãe negro-africanos. No Amapá, estado do Norte brasileiro, o termo denomina o integrante da comunidade de origem antilhana e guianesa, falante do lanc-patuá*. Mas a conceituação, nesse caso, é estritamente cultural, pois a nacionalidade desses indivíduos se define pelo gentílico *buezilien* ("brasileiro"). Quando empregado com referência a línguas, o termo nomeia um falar de vocabulário basicamente europeu mas com sistema gramatical de base africana. O desenvolvimento dessas línguas obedeceu a uma lógica curiosa: como a linguagem europeia infantilizada que os patrões lhes ensinavam se mostrava insuficiente para se comunicarem, os escravos das plantations e fazendas americanas a incrementaram com novos vocábulos e com a sintaxe de suas línguas de origem, criando, assim, novos idiomas. **Falares crioulos:** O encontro de dois grupos linguisticamente diferenciados acarreta a necessidade de achar um

meio de comunicação que não raro se traduz numa língua franca, provisória, de emergência, chamada “pidgin”. Transmitido de pai para filho, esse falar, aos poucos, assume o status de língua natural e, quando isso se concretiza, o pidgin torna-se um falar crioulo, ou “crioulo simples”. As comunidades da Diáspora Africana contribuíram decisivamente para a formação dos seguintes falares: o crioulo francês da Louisiana, do Haiti e das Pequenas Antilhas; o papiamento, crioulo espanhol das ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçau; o crioulo espanhol da Venezuela; o crioulo inglês da Jamaica; o crioulo inglês do Suriname e das Pequenas Antilhas (conforme Tarallo e Alkmin, 1987). *Ver CRÉOLE*; *CRÉOLE DU COULEUR*; *EBONICS*; *GENS DE COULEUR*.

CRISPIM E CRISPINIANO. Santos católicos celebrados no dia 25 de outubro. Associados pelo povo brasileiro aos santos Cosme e Damião*, são também relacionados com os Ibêjis*.

CRIS-SANTO, Quilombo do. Reduto quilombola próximo ao rio Maracaçumé, no Maranhão. Formado por volta de 1810, foi destruído em 1853.

CRISTA-DE-GALO (*Heliotropium indicum*). Planta da família das amarantáceas, também conhecida como borragem-brava e fedegoso, diversa porém da leguminosa cesalpiniácea de mesmo nome. É planta de Xangô, conhecida entre os iorubás como *àkùko*, “galo”.

CROIX-CROIX. Em Trinidad, tubo de bambu colocado sobre um cavalete e percutido com varetas em funerais do culto *bongo**.

CROMANTI. Entre os djuka* do Suriname, nome de uma divindade maléfica, um espírito selvagem da floresta. *Ver COROMANTIS*.

CROMBET [Tejera]**, Flor** (1851-95). Militar cubano nascido em Oriente e falecido nas proximidades de Maisí. Engajado nas lutas pela independência já aos 17 anos, logo se destacou por atos de bravura. Promovido a general de brigada, em 1878, com a derrota nacionalista, refugiou-se na Jamaica, retornando a Cuba no ano seguinte a fim de retomar a luta. Preso e deportado para a Espanha, conseguiu fugir, na sequência, para Paris, Nova York, Honduras e Costa Rica, onde se radicou e constituiu família. Em 1895, entretanto, uniu-se a José e Antônio Maceo* e voltou à ilha, onde foi morto. *Ver CUBA, República de*.

CROOKIE. Personagem dos contos populares afro-jamaicanos, mulher de Anansi*.

CROP-OVER. Festas de fim de colheita celebradas pelos trabalhadores negros das Antilhas Britânicas.

CROWTHER, Samuel Ajayi (1806-91). Prelado africano nascido próximo a Iseyin, no Oeste da Nigéria. Em 1821, feito prisioneiro de guerra pelos fons do Daomé (*ver DAOMÉ [As guerras iorubás]*) e vendido como escravo, foi libertado pela Marinha britânica, empenhada no combate ao tráfico. Educado em Serra Leoa, tornou-se padre e trabalhou pela expansão do cristianismo na África, tendo traduzido a Bíblia para o iorubá e escrito, em inglês, o primeiro método de sua língua natal. Em 1864, nomeado o primeiro bispo africano da África ocidental, teve de renunciar ao cargo por motivos raciais, o que não lhe tirou o mérito de ter sido uma das maiores figuras da Igreja Anglicana no continente. *Ver AJAYI*.

CRUMMEL, Alexander (1819-98). Pastor americano nascido em Nova York. Descendente de africanos proeminentes, ordenou-se na Episcopal Church em 1844 e, três anos mais tarde, foi para a Inglaterra, formando-se em Cambridge. Depois de uma temporada de vinte anos na Libéria*, onde lecionou e predicou, volta aos Estados Unidos em 1873 para fundar a Saint Luke's Protestant Episcopal Church e lá passar os últimos anos de sua vida. Fundador da American Negro Academy*, deixou publicadas várias coleções de sermões e ensaios.

CRUSOÉ, Romeu. Escritor brasileiro nascido em Petrolina, PE, em 1915. Romancista e dramaturgo ligado ao Teatro Experimental do Negro*, é autor de *A maldição de Canaã*, romance de 1951, e de *O castigo de Oxalá*, peça teatral estreada em janeiro de 1961 no palco da Escola de Teatro Martins Pena, no Rio de Janeiro. Escreveu também para rádio e televisão.

CRUZ, Antônio Gonçalves da. *Ver CABUGÁ*.

CRUZ, Arlindo. Nome artístico de Arlindo Domingos da Cruz Filho, compositor, cantor e instrumentista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1958, também conhecido como "Arlindinho". Com carreira iniciada, como cavaquinista, em 1975, sete anos depois ingressou no grupo Fundo de Quintal*, de onde saiu, em 1992, para seguir carreira em dupla com Sombrinha. É autor de inúmeros sucessos do movimento dos pagodes de

fundo de quintal, principalmente nas vozes de Beth Carvalho e Zeca Pagodinho*, além de coautor de alguns sambas-enredo da escola de samba Império Serrano*. *Ver PAGODE*.

CRUZ, Celia (1925-2003). Nome artístico de Celia Caridad Cruz Alfonso, cantora cubana nascida em Havana e falecida em Miami, EUA. No início da década de 1950, depois de ter estudado no Conservatório de Havana, tornou-se famosa como cantora da Sonora Matancera, com a qual saiu de Cuba após a Revolução de 1959. Radicada nos Estados Unidos, destacou-se como o maior nome feminino da música afro-cubana arbitrariamente rotulada como salsa*.

CRUZ, Claudionor [José da] (1910-95). Compositor e instrumentista nascido em Paraibuna, SP, e falecido no Rio de Janeiro. Cavaquinista e primoroso executante de violão tenor, integrou, na época áurea do rádio, vários conjuntos regionais e liderou um que levava seu nome. Compositor, é autor de choros antológicos e de canções de sucesso em parceria com Ataulfo Alves*, Pedro Caetano e Wilson Batista, entre outros.

CRUZ, Darcy da. Músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1935. Trompetista, com carreira profissional iniciada em 1955, integrou as orquestras de Osvaldo Borba, Cipó*, Erlon Chaves* e o Paulo Moura* Hepteto. Em 1968 ingressou na Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, sem, entretanto, deixar de atuar em bailes como instrumentista, arranjador e líder de grupos como Os Sete de Ouro, ao lado de Cipó, e a Banda da Idade Média.

CRUZ, Eustáquio Rebouças da (1837-81). Instrumentista e compositor brasileiro nascido em Maragojipe, BA, e falecido em Salvador, no mesmo estado. Executante também de oboé e flauta, é considerado um dos maiores clarinetistas de sua época. É autor do *Hino ao conde d'Eu* e de inúmeras outras peças para bandas militares. *Ver REBOUÇAS*.

CRUZ, Isabelo Zenón. Escritor porto-riquenho nascido em 1939 em Humacao. Intelectual de renome, é autor de *Narciso descubre su trasero: el negro en la cultura puertorriqueña* (1975), considerado o primeiro estudo aprofundado sobre as relações raciais em Porto Rico.

CRUZ, Joaquim. Atleta brasileiro nascido em 1963 em Taguatinga, Brasília, DF. Meio-fundista, dono de cinco das dez melhores marcas de todos

os tempos nos oitocentos metros, foi homenageado no Hall of Fame em Portland, Estados Unidos. Ganhador do ouro olímpico em 1984 e em 1988, na Olimpíada de Atlanta, realizada em 1996, foi o porta-bandeira da delegação brasileira.

CRUZ, Matheus (1853-1939). Mestre mecânico brasileiro nascido em Santo Amaro da Purificação e falecido em Salvador, BA. Decano dos mecânicos da Bahia e um dos vanguardeiros da classe operária, iniciou sua vida profissional aos 8 anos de idade. Mais tarde, de posse de atestado de capacitação assinado por John Hopkins – provavelmente o banqueiro e filantropo americano fundador da universidade que leva seu nome –, viajou a Glasgow, Escócia, como maquinista do vapor inglês Sandgrigham. De volta, projetou e montou engenhos de açúcar e destilação, além de oficinas para reformas de locomotivas, em várias cidades. Em Salvador, entre outras tarefas, foi o responsável pela montagem das caldeiras dos antigos Elevador Lacerda e Plano Inclinado Gonçalves. Em 1931 foi indicado para o Conselho Consultivo do Estado e, oito anos depois, falecia, repentinamente, aos 86 anos e em plena atividade.

CRUZ, Salvador de La (século XVIII). Religioso espanhol. Batizado em 1729, tornou-se *mayordomo* da confraria de Nuestra Señora de los Angeles, cargo que exerceu com destaque durante quarenta anos, período em que a congregação conheceu seu maior esplendor. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

CRUZ DEL NEGRO. Cruzeiro outrora existente na *calle* de Catalanes, Sevilha, Espanha. Seu nome deriva de um fato histórico ocorrido em 1656: um negro liberto, não tendo dinheiro para participar dos festejos realizados por sua confraria na capela de São Roque, em honra da Virgem Maria, colocou a si mesmo à venda, junto à referida cruz, para conseguir o numerário.

CRUZ E SOUZA [João da] (1862-98). Poeta brasileiro nascido em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, SC, e falecido em Sítio, MG. Filho de escravos, foi educado a expensas da família dos patrões de seu pai, da qual recebeu o sobrenome. Em 1881 percorreu o Brasil em campanha abolicionista e, após a abolição, publicou os livros que o consagrariam como a maior voz do simbolismo brasileiro: *Missal* (1893), *Broquéis* (1893), *Faróis*

(1900) e *Últimos sonetos* (1905), além de dois volumes em prosa. Com sólida educação eurocêntrica, experimentou, de forma trágica, o conflito entre essa educação e suas origens africanas: ora era visto como negro "de alma branca", ora como alguém "que não conhecia o seu lugar". Esse dilema, porém, permitiu-lhe criar uma obra poética singular, uma poesia "noturna", na qual o negro é sinônimo de vida, fertilidade, poder criativo e mesmo de dor, ideia que antecede àquelas disseminadas pelo movimento da *négritude**.

Cruz e Souza

CRUZAMBÊ. No culto omolocô, casinhola onde se assentam e adoram os espíritos dos mortos.

CUABA. Vocábulo encontrado na locução *punta de cuaba*, que designava as lanças feitas de varas pontiagudas com que se armaram os grupos de escravos libertos participantes da luta pela independência de Cuba. Segundo Pichardo (1985), *cuaba* é uma árvore silvestre de pequena altura.

CUAGRO. Na comunidade colombiana de Palenque de San Basilio, alteração de "quadro", grupo de pessoas associadas desde a puberdade e que assim permanecem, unidas por dever de amizade e solidariedade, até o fim da vida. A estrutura parece remontar à instituição angolana do *kisoko*, aliança familiar ou clânica estabelecendo uma relação de fraternidade.

CUAJINICUILAPA. Antiga plantation mexicana que abrigou, no século XIX, uma comunidade de negros livres, servindo também de abrigo temporário para escravos fugidos de outros estabelecimentos.

CUANHAMAS. Povo do Sul da atual República de Angola*.

CUANZA. Rio da Angola central, com cerca de 1.500 quilômetros de extensão. Nasce na região do Cuíto e separa Luanda* e Benguela*, desembocando no Atlântico.

CUBA, República de. País localizado na extremidade norte do mar das Antilhas. Sua população, segundo o *Almanaque Abril*, edição de 2003, compreende 51% de "eurafricanos" e 11% de "afro-americanos", o que

corrige dados oficiais antes emitidos. **Os africanos:** Em meados do século XVI, chegaram ao país os primeiros africanos, para servir principalmente nas lavouras de café. A grande maioria provinha da região do golfo da Guiné e do interior do Congo. No auge da indústria açucareira – do final do século XVIII ao início do XIX –, a imigração forçada se intensificou, durando até a suspensão do tráfico. Por essa razão, as tradições iorubanas, daomeanas e bantas do povo cubano caracterizam o país como um dos mais importantes núcleos culturais da Diáspora Africana. **Cimarrones e rancheadores:** Na primeira metade do século XVI, a população negra, chamada para substituir a mão de obra indígena, ainda era escassa, mas se ampliava gradativamente. Na segunda metade, o número de negros aumentou, mais pela reprodução do que pela importação, e a população se apresentava dividida em forros ou livres – negros autorizados a conviver com os brancos, mas considerados inferiores –, escravos e *cimarrones*. Estes, refugiados em paragens montanhosas, constituíam um constante pesadelo para a população da ilha, sendo perseguidos até mesmo por cães amestrados. No século XVII, devido à importação legal, o número de negros continuou aumentando, contudo o mesmo se dava com os *cimarrones*; em decorrência, formaram-se bandos de *rancheadores* ("capitães do mato"), encarregados de persegui-los. Na primeira metade do século seguinte, os negros viviam na cidade ou no campo e a quase totalidade dos ofícios manuais era por eles desempenhada. No reinado de Carlos IV, iniciado em 1748, estabeleceu-se a livre introdução de escravos no país, o que resultou no progresso acentuado da região oriental. Com o advento da Revolução Haitiana*, porém, foi proibida a entrada de negros em Cuba, como meio de impedir a difusão de ideias revolucionárias. As condições da sociedade, entretanto, geravam um caldo de cultura que preparou as revoluções que teriam lugar no século seguinte, prenunciadas pelo movimento de Nicolás Morales*, em 1795. **Da abolição à revolução:** A partir de 1855, os movimentos pela libertação do domínio colonial espanhol intensificaram-se, e a opinião pública dividiu-se em três correntes: 1) os que desejavam a anexação da ilha pelos Estados Unidos; 2) os que pretendiam promover apenas algumas reformas, como a abolição da escravatura; e, finalmente, 3) aqueles que ansiavam pela libertação total. A luta entre os patriotas e as forças coloniais – a chamada Guerra Grande –

começou em 1868 e durou dez anos, até a assinatura do tratado de El Zanjón, que instituiu a abolição gradual da escravidão, completada em 1886. Em 1895, no entanto, a luta recomeçou: os comandantes da Guerra Grande, entre eles António Maceo*, retornam, elaboram uma Constituição republicana e instituem uma junta governamental. Em meio às hostilidades, os Estados Unidos, apresentando-se como mediadores, são recusados pela Espanha. Deu-se, então, a explosão do navio Maine (1898), pretexto para a entrada dos americanos na guerra: Cuba foi invadida, os *marines* derrotaram fragorosamente os espanhóis e estabeleceram seu domínio. Seguiram-se períodos de domínio militar americano e governos favoráveis aos Estados Unidos até a Revolução de 1959, na qual alguns negros tiveram participação destacada. Apesar da persistência da mentalidade racista em certos setores da sociedade, Cuba atingiu um grau de igualdade entre negros e brancos, principalmente nas áreas de saúde e educação, muito mais amplo que o de qualquer outro país americano com grande população negra. Em 1997, dos 24 integrantes do comitê central do Partido Comunista Cubano, seis eram negros, a saber: Juan Almeida Bosque, Juan Carlos Robinson Agramonte, Pedro Sáez Montejo, Misael Enamorado Dager, Esteban Lazo Hernández e Pedro Ross Leal. *Ver ABOLICIONISMO*; *AÇÚCAR*; *ALMEIDA [Bosque], Juan*; *CABILDO*; *CARBONELL, Walterio*; *CARTAYA, Agustín Díaz*; *MESTRE [Martínez], Armando*; *MOORE, Carlos*; *MÚSICA AFRICANA [A música da Diáspora]*; *PARTIDO INDEPENDIENTE DE COLOR*; *RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*.

CUBAN OUVERTURE. Peça orquestral de autoria de George Gershwin, compositor americano de origem judaica, baseada em motivos afro-cubanos e inspirada em uma composição de Ignacio Piñeiro*.

CUBANGO. O equivalente ao Exu nagô entre os antigos negros cabindas do Brasil. Do quimbundo *kubanga*, “briga”, “luta”, “diabrura”.

CUBILLAS, Teófilo. Jogador de futebol peruano nascido em Lima em 1949. Chamado carinhosamente “Nene”, iniciou carreira aos 16 anos de idade no Alianza, clube de sua cidade natal. Meio-campista virtuoso e de grande personalidade, atuou na Suíça, em Portugal e nos Estados Unidos. Considerado o maior futebolista de seu país de todos os tempos, integrou a seleção peruana nos campeonatos mundiais de 1970, 1978 e 1982,

marcando treze gols neste último. Em 1972 foi escolhido o jogador sul-americano do ano e em 1999 recebeu, nos Estados Unidos, o Prêmio Colosos del Fútbol.

CUBO DI SÚ (Cubo del Sur). Na Montevidéu colonial, região onde se concentrava a população negra, com suas sociedades, festas e candombes*.

CUBOP. Estilo musical resultante da fusão de ritmos afro-cubanos com o bebop*. *Ver LATIN-JAZZ.*

CUCALAMBÉ. Nome de um folguedo afro-cubano.

CUCOO. Iguaria da culinária jamaicana à base de quiabo e peixe.

CUCUANA. Refeição comunal; banquete semelhante ao olubajé* iorubano realizado nos candomblés da tradição angolo-conguesa. Provavelmente, do ronga *kokwana*, "avô", "avó" (alusão ao "velho", a Omulu ou Caviungo, o "dono" do olubajé).

CUCUETE. Inquice angolo-conguês correspondente a Omulu. Do quicongo *nkwete*, "feiticeiro". *Ver CUQUETE*; *CUQUETO.*

CUCUFO. No Peru colonial, um dos nomes do diabo.

CUCUMBE. Banquete ou prato da tradição africana no Brasil (conforme Melo Morais Filho, 1946). *Ver CUCUMBI.*

CUCUMBI. Antigo folguedo popular afro-brasileiro. Melo Morais Filho (1946), no livro *Festas e tradições populares do Brasil*, dedica um capítulo aos cucumbis realizados no Rio de Janeiro imperial. Afirma ele que essa era a denominação dada na Bahia às "hordas de negros de várias tribos" que se organizavam em "ranchos" de canto e dança, notadamente por ocasião do Entrudo e do Natal, recebendo nas demais províncias o nome de "congos". Segundo o mesmo historiador, o folguedo representaria o cortejo dos negros congos para a apresentação dos mametos* ("crianças") recém-circuncidados à sua rainha, realizado após a "refeição lauta do *cucumbe*", comida de que se serviam congos e munhambanas* no dia da circuncisão de seus filhos. A figura do mameto, bem como a do quimboto*, outro personagem dos cucumbis, aparece, igualmente, em uma evocação das congadas no Rio de Janeiro ao tempo do Vice-Reinado feita pelo memorialista Luiz Edmundo (*ver Bibliografia*). No estado do Espírito Santo, uma variante desse folguedo é o ticumbi*, auto cujo enredo envolve a luta do rei do Congo contra o rei de Bamba para decidir quem terá o privilégio de louvar são Benedito. A

disputa remontaria a um litígio ocorrido no século XVI entre o poder central do Reino do Congo* e um de seus reinos vassalos. Nas últimas décadas do século XIX, no Rio de Janeiro, os cucumbis representavam uma das expressões do carnaval de rua, desaparecendo no século seguinte para dar lugar aos cordões (*ver CORDÃO*). O vocábulo "cucumbi" tem como étimo o quimbundo *kikumbi*, "puberdade", "festa da puberdade", além de ligar-se a um rito propiciatório de bom parto, e o folguedo é, certamente, em sua forma original, a recriação de ritos de passagem para a adolescência da África banta.

CUCUYÉ. Dança de origem africana da costa do Peru (conforme Mário de Andrade, 1989). *Ver COCOYÉ*.

CUDJOE (séculos XVII-XVIII). Líder *maroon* da Jamaica. Em 1690 fugiu de uma plantation chamada Suttons e iniciou a resistência à escravidão. Em 1739, depois de quase cinquenta anos de guerrilha contra o domínio inglês, o movimento, então sob seu comando, optou por um tratado de paz. Esse armistício, contudo, não foi acatado por sua irmã Nanny*, o que dividiu a liderança dos *maroons* jamaicanos. Sua memória é reverenciada, anualmente, em 6 de janeiro, quando se comemora o *Cudjoe Day*. Nesse dia, *maroons* de várias localidades vão à aldeia Cudjoe Town, na região conhecida como Cockpit Country, para participar das celebrações festivas. Seu nome parece ser a forma inglesa para o acã *Kojo*, que significa "nascido numa segunda-feira".

CUFFE, Paul (1759-1817). Empresário e abolicionista americano nascido em Cuttyhunk Island, próximo a New Bedford, Massachusetts. Filho de um africano liberto com uma índia, tinha 16 anos quando, engajado como marinheiro, foi capturado por ingleses. Libertado, estudou aritmética e navegação e, em 1795, já era dono de seu próprio navio, tornando-se, em pouco mais de dez anos, proprietário de numerosa frota. Além de dedicar-se ao comércio marítimo, foi um ativista na luta pelos direitos humanos e entusiasta do retorno dos negros à África. Em 1811, a bordo de seu navio Traveler, viajou para Serra Leoa, onde fundou a Friendly Society, que ajudou a levar muitos negros de volta ao continente de origem. Seu sobrenome parece remeter ao antropônimo acã *Kofi*.

CUFFY. *Ver BERBICE*; *GUIANA, República Cooperativa da*.

CUGILA. Comunidade de *cimarrones* no estado de Oaxaca, México, no litoral do Pacífico. Inclui mestiços de negros e índios, tendo sido estudada por Gonzalo Aguirre Beltrán no *livro Cujila, esbozo etnográfico de un pueblo negro*, publicado em 1958. *Ver AFRO-MEXICANOS*; *ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças*.

CUGOANO, Quobna Ottobah. Abolicionista africano nascido no ano de 1757 em Adjumako, na Costa do Ouro, atual Gana. Vendido como escravo em 1770, foi enviado para as Antilhas e mais tarde para a Inglaterra, onde aprendeu a ler e a escrever. Em 1787, teve editado o livro *Thoughts and sentiments on the evil and wicked traffic of the slavery and commerce of the human species*, contundente libelo contra as abomináveis práticas do tráfico de escravos e a crueldade da escravidão. Sua experiência de vida é incrivelmente semelhante à do também africano e contemporâneo Olaudah Equiano*. Seu primeiro nome remete ao antropônimo *Kwabena*, atribuído, entre os povos acãs*, aos meninos nascidos em uma terça-feira.

CUIBA. Antigo jogo infantil da tradição afro-brasileira em que é considerado vencedor aquele que primeiro quebrar o sabugo de milho que está nas mãos do contendor, batendo nele com outro sabugo.

CUÍCA. Tambor de fricção da percussão afro-brasileira que, em suas formas mais primitivas, recebe também os nomes de fungador-onça*, puíta* e tambor-onça. Na África banta, o tambor de fricção que deu origem ao instrumento brasileiro chama-se *mpwita* no quimbundo e *khwíta* no quioco. Na língua do povo bemba*, o vocábulo *kwika* prende-se à ideia de manuseio, manipulação, de ferramentas etc. *Ver KINFUÍTE*.

CUÍCA DE SANTO AMARO (1904-64). Nome pelo qual foi conhecido José Gomes, cordelista nascido e falecido em Salvador, BA. Espécie de repórter-poeta, por meio de suas declamações em praça pública, nos mercados e feiras, satirizava os políticos, revelava escândalos e denunciava os problemas sociais. Semialfabetizado, sobreviveu graças à venda dos milhões de exemplares dos folhetos que publicou.

CUIGANGA. O mesmo que Caramocê*.

CUIJLA. Redução de Cuajinicuilapa*.

CUITÉ. Fruto da cuitezeira ou cuieira (*Crescentia cujete*), árvore da família das bignoniáceas, com o qual se fabricam cuias utilizadas como recipientes

para bebidas em rituais afro-brasileiros.

CULERO. Espécie de tanga de couro, enfeitada com guizos, fitas e espelhos, usada pelo *escobillero** nas *comparsas** carnavalescas uruguaias.

CULINÁRIA AFRICANA. Os padrões culinários negro-africanos, bem como os modos de preparar os alimentos, variam de cultura para cultura. Todavia, algumas constantes podem ser observadas, como a ampla utilização de sementes, folhas e molhos picantes, além de elementos introduzidos pelos europeus, como o milho, a mandioca e o tomate. Esses usos se reproduzem também na culinária da Diáspora, rica em pratos à base de feijão, como o acarajé*; de legumes, como o caruru [2]*; de pimentas etc. *Ver CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA*; *SOUL [Soul food]*.

CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA. A influência negro-africana na culinária brasileira foi fundamental, talvez maior que a indígena. Tanto que Arthur Ramos (1977) não hesitou em afirmar que "foi pela cozinha que o africano penetrou de modo decisivo na vida social e de família no Brasil". Responsável pela introdução, na culinária brasileira, de ingredientes como o azeite de dendê, o camarão seco, a pimenta-malagueta, o inhame, bem como de folhas diversas, utilizadas no preparo de iguarias, molhos e condimentos, o negro africano não só trouxe para o Brasil pratos de sua tradição como introduziu novos e saborosos elementos nas cozinhas nativa e portuguesa. Nos pratos, por exemplo, em que o português usava o azeite de oliva, o negro empregou o dendê e, a outros, acrescentou o leite de coco, o amendoim e a castanha-de-caju. A tradição culinária africana mais influente no Brasil tem suas origens na região do golfo de Benin (Nigéria, Benin etc.) e se faz mais acentuadamente presente no litoral nordestino, sobretudo na Bahia – fato comprovado pelos nomes da maioria dos pratos, quase todos originários do iorubá ou do fongbé. A entrada da culinária negra no Brasil se fez principalmente por intermédio dos alimentos votivos da tradição dos orixás e voduns. Depois, a cozinha sudanesa ganhou as casas das famílias abastadas, chegou às ruas com as baianas vendedoras de acarajés e doces, atingindo por fim os restaurantes especializados nas chamadas "comidas típicas". Ao lado dessa cozinha, entretanto, no Sudeste brasileiro, alguns preparados, crioulos ou não, como a feijoada, o angu à

baiana, a couve à mineira, o mungunzá, o aluá, a jacuba etc., parecem revelar traços de costumes de povos bantos da África austral.

CULIOU. O mesmo que *punta**.

CULLEN, Countee (1903-46). Poeta americano nascido em Nova York. Graduado em Arte pela Universidade de Nova York e doutorado em Harvard, foi um dos mais destacados integrantes do movimento Black Renaissance*. Nostálgico e místico, ao contrário de alguns outros escritores do movimento, seus poemas apontam mais para a prece do que para a reivindicação – e aí reside a singularidade de sua obra. Publicou os títulos *Color* (1925), *Copper sun* (1927), *The ballad of the brown girl* (1927), *The black Christ* (1929) e *The Medea* (1935), além de *One way to heaven* (romance, 1932).

CULONA, La. Nome grotesco dado, na antiga Havana, a um personagem das *comparsas* de *diablitos** que dançava com uma saia de fibras vegetais armada por um aro largo, preso na cintura. Segundo Fernando Ortiz (1991), o nome derivaria do mandinga *kulona*, "sábio, instruído", e o personagem representava algo como um sacerdote ou curandeiro. Os afro-cubanos, porém, nele enxergaram o parônimo espanhol (*culona*, "bunduda") e o feminizaram, com a aposição do artigo *la*.

CULTURA. Conjunto de padrões de comportamento, tanto mentais como físicos, aprendidos e ensinados por membros de um grupo social, através de gerações. Com relação à Diáspora Africana, esse acervo, ao recriar formas ancestrais e procurar visibilizar seus agentes, constitui o que genericamente se conhece como "cultura negra". *Ver BRASIL, República Federativa do [Cultura afro-brasileira]*.

CULTURA DA FESTA. Expressão de ironia usada no Brasil para definir a suposta capacidade do negro de "rir da própria desgraça", fazendo festas em meio a uma vida de privações materiais. Esse traço de caráter – evidente estereótipo* – seria um dos empecilhos à inserção dos afrodescendentes na sociedade de classes e causa de sua baixa mobilidade social ascendente.

CUMACO. Grande tambor da tradição afro-venezuelana. Às vezes com mais de dois metros de comprimento, é tocado com o executante montado sobre ele.

CUMANANA. Quadra de versos octossílabos da poesia popular afro-peruana.

CUMBA. No linguajar dos jongueiros, indivíduo forte, ágil, dotado de poderes extraordinários. Do quicongo *kumba*, "rugir", e *kúmba*, "fato miraculoso", "prodígio".

CUMBAMBÁ. Reduplicação de cumba*, o termo designa o jongueiro experiente. *Ver BAMBAMBÃ.*

CUMBANCHA. Em Cuba, farra, orgia, diversão desordenada e ruidosa. Um indivíduo *cumbanchero* é um farrista, folgazão.

CUMBE. No espanhol caribenho, termo usado com o sentido de "comunidade de *cimarrones*", "quilombo"; provavelmente, originado no quicongo *nkumbi*, "enxame de formigas aladas".

CUMBÉ. Gênero de música e dança afro-cubana. O termo parece se originar no quicongo *kumba*, "fazer ruído", "gritar". Vocábulo com a mesma grafia dá nome a antiga dança da tradição afro-brasileira e portuguesa.

CUMBE, Quilombo do. Reduto quilombola localizado nas matas próximas ao atual município de Santa Rita, PB, entre a segunda metade do século XVI e a primeira do século XVII. Foi destruído pelas forças de João Tavares de Castro e em seu território floresceu, mais tarde, a Usina Santa Rita. *Ver CUMBE.*

CUMBIA. Música típica da Colômbia, de base africana, em compasso binário.

CUMBIAMBA PALENQUERA. Antiga dança afro-colombiana da região do Madalena executada em roda, ao redor de uma fogueira. *Ver PALENQUE.*

CUMBIANGA. No Peru, coisa confusa, imprecisa; circunlóquio manhoso; lengalenga.

CUMUNJARIM-GOMBÊ. Personagem mitológico afro-brasileiro.

CUNDIM. Na umbanda, farofa feita com cebola, vinagre e azeite, para oferenda a Exu.

CUNGA. Termo de origem africana outrora usado no Brasil para designar qualquer tipo de canção ou dança (conforme Mário de Andrade, 1989). Provavelmente, do quicongo *kunga*, "gemer".

CUNGU. Antiga dança baiana (conforme Mário de Andrade, 1989).

CUNHA, Cornélio Vidal da (1821-83). Músico brasileiro nascido e falecido na Bahia. Flautista, foi também regente da orquestra do Teatro São João, em Salvador.

CUNHA, Gaspar da Silva (século XIX). Rebelde brasileiro. Forro, foi uma das lideranças da Revolta dos Malês*, ocorrida na Bahia em 1835. Condenado à forca, teve sua pena comutada.

CUNHA, Henrique [Antunes]. Militante da causa afro-brasileira nascido em 1908 e atuante em São Paulo. Membro, nas décadas de 1920 e 1930, do Círculo Palmares e da equipe do jornal *O Clarim da Alvorada*, foi presidente da Associação Cultural do Negro, nos anos de 1960.

CUNHA, Isabel Mendes da. Escultora brasileira nascida em Caraí, MG, em 1936. Tornou-se conhecida por seus trabalhos em cerâmica policromada, nos quais retrata figuras humanas com bastante expressividade.

CUNHA, Manuel da (1737-1809). Pintor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Escravo alforriado, estudou em Lisboa e, ao regressar ao Rio de Janeiro, dedicou-se à pintura religiosa, ao retratismo e à escultura, além de manter em casa uma concorrida classe de pintura. É autor de obras murais conservadas em várias igrejas cariocas, principalmente na de Nossa Senhora da Boa Morte, onde seu corpo foi sepultado.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Professor, escritor e militante negro brasileiro nascido em São Paulo, em 1952. Formado e pós-graduado na área de Ciências Sociais, tem profícua vivência acadêmica. Em 1987 publicou a coletânea de contos *Negros na noite*.

CUNHEMA. Denominação brasileira, à época escravista, do indivíduo dos cuanhamas (*kwanyama*), subdivisão dos ovambos, grupo étnico do Sudoeste africano.

CUNÍ, Miguelito (1920-84). Cantor e compositor cubano nascido em Pinar del Rio e falecido em Havana. Foi solista de algumas das principais orquestras cubanas nos anos de 1950, como as de Benny Moré*, Arsenio Rodríguez e Bebo Valdés, além de viajar por vários países e realizar inúmeras gravações de sucesso.

CUPIM, José Soares (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. Integrante da primeira companhia dos Zuavos Baianos*, participou da

Guerra do Paraguai*, tendo recebido várias condecorações e sido promovido, por bravura, ao posto de capitão do Exército brasileiro.

CUPÓPIA. Falar banto dos remanescentes de quilombolas na comunidade do Cafundó*. Do umbundo *okupopya*, "falar".

CUQUETE. O mesmo que Cucuete*.

CUQUETO. Inquice da nação angola; o mesmo que Tempo Diambanganga*. Provavelmente, da expressão *kukui'etu*, "nosso velho", do quimbundo; também pode ser corruptela de Cucuete*.

CURA. Cada um dos pequenos cortes rituais feitos na cabeça e em outras partes do corpo do iniciando nos candomblés; por extensão, ritual de "fechamento do corpo" realizado na Sexta-Feira Santa. O termo, que circula sobretudo nos candomblés de influência banta, deriva provavelmente de *nkula*, ritual de fecundidade associado ao sangue entre o povo dembo (*ndembu*) de Luanda*.

CURAÇAU. Ilha do arquipélago de Barlavento, nas Antilhas Holandesas. Em 1641, a Companhia das Índias Ocidentais criou, na ilha, um entreposto para vender escravos aos colonos espanhóis, os quais, de lá, os contrabandeavam para o continente.

CURACOA. Antiga dança de Saint Thomas e Saint Croix, nas Antilhas.

CURANDEIRO. Pessoa que procura tratar e curar doentes sem habilitação médica oficial, geralmente por meio de magia e ministração de beberagens. Na América colonial, curandeiros negros gozaram de grande prestígio, não sendo raro, inclusive, europeus os consultarem em casos de doença e mesmo incentivarem os convertidos ao cristianismo a retomar o exercício de sua medicina ritualística tradicional, como observou Van Lier, no Suriname (conforme Mintz e Price, 2003).

CURIADOR. Em alguns terreiros de umbanda, bebida alcoólica preferida de certas entidades. Do verbo "curiar", corrente no linguajar umbandista, com o significado de "beber", e originário do quimbundo *ku-dia*, "comer", correspondente ao umbundo *kulya*.

CURIAU. Despacho para Exu.

CURIAÚ. Comunidade remanescente de quilombo* localizada em Macapá, AP.

CURIBOCA. No Brasil, indivíduo resultante da união de negro e índia, ou vice-versa, especialmente o iletrado e habitante do interior.

CURIMBA. Cântico religioso da tradição banta no Brasil. Por extensão, sessão de macumba. No Uruguai, o termo é empregado como sinônimo derrogatório de "negro". Do quimbundo *kuimba*, correspondente ao umbundo *okuimba*, "cantar".

CURIMBÁ. Antiga dança negra do Uruguai. *Ver CURIMBA.*

CURIMBEIRO. Em alguns terreiros de umbanda*, designação do ogã* responsável pelos cânticos rituais ou curimbas*.

CURRO. Em Cuba, antiga denominação do indivíduo natural da Andaluzia. *Negros curros* ou *curros del Manglar* foram, na Cuba colonial, negros e mulatos originários de Sevilha e típicos da cidade de Havana. Distinguiam-se da população negra em geral pelo linguajar, vestimentas e adornos espalhafatosos, bem como pelo jeito de andar e pela vida de delinquência que levavam. Com o tempo, no entanto, passaram de bandidos a figuras populares ligadas ao carnaval e ao folclore da capital cubana. Segundo descrições de contemporâneos, *curro* era o negro ou mulato jovem, oriundo do bairro conhecido como Manglar e de outros dois ou três de Havana. Criado na rua, tornava-se vadio, rixento e punguista. Optava por modos e trajes à andaluza, com chapéu de aba larga caído nos olhos, colete, lenço no pescoço e na cintura, calças exageradamente apertadas, com a boca de sino caindo sobre os chinelos de salto, considerando-se, por suas origens, um aristocrata entre os negros locais. *Ver CAPADÓCIO.*

CURRULAO. Dança, ao som de marimba, popular entre os negros colombianos da costa do Pacífico.

CURRUMBÁ. Sambongo*, doce de coco ou mamão verde ralado e mel de furo.

CURU. Prato da culinária afro-baiana à base de carne-seca cortada em pedacinhos.

CURUNCANGO (séculos XVIII-XIX). Líder de quilombo localizado na serra do Deitado, distrito de Crubixais, na divisa entre os municípios de Macaé, Conceição de Macabu e Trajano de Morais, RJ. Escravo de certo Antônio Pinto – por ele chacinado com quase toda a sua família –, após fugir do cativeiro, organizou seu reduto, que chegou a ter cerca de duzentos

habitantes. No início do século XIX, já envolto em aura de lenda e misticismo, foi trucidado depois de, em uma perseguição, simular render-se e assassinar outro filho de seu antigo proprietário. Morto e decapitado, teve vilipendiado seu cadáver, à moda colonial. Seu nome é também referido como Carukango e Carunkango.

CURUPIRO. O mesmo que cambono*.

CURURU. Dança e canto em desafio, de origem luso-afro-brasileira, praticados sobretudo em ambientes rurais do estado de São Paulo.

CUSAME. Personagem de congadas paulistas.

CUSCUZ. Iguaria de origem africana, doce ou salgada, presente, com variações de ingredientes e preparo, em diversas regiões brasileiras. No Nordeste e no Rio de Janeiro, é um doce branco à base de tapioca e leite de coco; em Minas Gerais também é doce, mas feito com farinha de milho; em São Paulo, igualmente preparado à base de farinha de milho, é salgado, como o *couscous* argeliano, enriquecido com peixe, camarões, galinha, azeitonas, palmito etc. Nas Antilhas Francesas, *couscous* designa uma espécie de mingau de milho picado ou uma pasta de banana frita, elementos básicos na alimentação dos escravos no período colonial.

CUTACOO. Na Jamaica, bolsa de fibras vegetais usada a tiracolo pelos camponeses. É geralmente associada ao *obeah man*, que nela carrega seus objetos rituais. *Ver OBEAH*.

CUTI. Pseudônimo de Luiz Silva, nascido em Ourinhos, SP, em 1951. Um dos mais ativos escritores da militância negra no Brasil, fundou o movimento Quilombhoje* e tem participado de várias antologias, como os Cadernos Negros* e Terras de Palavras. Teve o texto teatral *Dois nós na noite* analisado por John Rex Amuzu Gadzepo, da Awolowo University, de Ilê-Ifé, Nigéria, no manuscrito *Individualidade e coletividade em Dois nós na noite* (conforme Augel, 2000). Obra individual publicada: *Poemas da carapinha* (1978); *Batuque de tocaia* (poemas, 1982); *Suspensão* (teatro, 1983); *Flash crioulo sobre o sangue e o sonho* (poesia, 1987); *Quizila* (contos, 1987); *A pelada peluda no Largo da Bola* (novela juvenil, 1988); *Dois nós na noite e outras peças de teatro negro-brasileiro* (1991); *Negros em contos* (1996); *Um desafio submerso: Evocações, de Cruz e Souza, e seus aspectos de construção poética* (ensaio, 1999); *Sanga* (poemas, 2002).

CUTTER. Em algumas localidades das Antilhas Britânicas, nome dado ao tambor que improvisa, em meio ao conjunto. *Ver CORTADOR*.

CUTUCÚ. Espécie de bolsa de pele animal usada pelos *cimarrones* cubanos. *Ver CUTACOO*.

CUXÁ. Molho da culinária afro-maranhense feito com folhas de vinagreira. É o ingrediente básico do arroz de cuxá, um dos acompanhamentos mais típicos da cozinha do Maranhão. Do mandinga *kutchá*, planta cujas folhas verdes se aproveitam para o preparo de esparregado.

CUXE. Antigo reino africano na Núbia*. Seu nome remete ao personagem bíblico homônimo, filho de Cam*, tido como o pai da "raça" negra. Os faraós negros da 25ª dinastia egípcia eram reis de Cuxe, sendo o primeiro deles Pianki ou Peye, responsável pela conquista do Egito no século VIII a.C. *Ver TAHARKA*.

CUXITA. Relativo a Cuxe*; habitante da região.

CYRINO, Sebastião. *Ver CIRINO, Sebastião*.

D

D’ALMEIDA, Joaquim (século XIX). Personagem da história dos africanos no Brasil. Pierre Verger (1987) o cita como daomeano “da aldeia de Hoko, no país Mahi, membro da família Azima”. Permaneceu muito tempo na Bahia a serviço do traficante de escravos Manuel Joaquim d’Almeida e, tornando-se livre, dedicou-se também ao tráfico, viajando, segundo Verger, muitas vezes entre a Bahia e a costa da África, entre 1835 e 1845, para, depois, fixar-se definitivamente em Aguê. Segundo A. da Costa e Silva (2003), em Salvador, casou-se com uma das mulheres do rei Adandozan*, vendida como escrava por Ghezo*, entre 1818 e 1858, e foi o fundador da cidade de Taouetá, no atual Benin.

D’APARECIDA, Maria. Nome artístico de Maria Aparecida Marques, cantora lírica brasileira nascida no Rio de Janeiro, por volta de 1930. Em 1948, ainda professora primária e locutora radiofônica, foi eleita “Rainha das Mulatas”, em concurso de beleza promovido pelo Teatro Experimental do Negro*. Mais tarde radicou-se em Paris, aprimorando os conhecimentos

adquiridos no Conservatório Brasileiro de Música e encetando carreira como cantora lírica. Em 1955, gravou disco com canções do compositor Waldemar Henrique, que a acompanhou ao piano; entre 1967 e 1968, gravou canções do mesmo compositor, além de outras de Heckel Tavares, Villa-Lobos e Jaime Ovalle; e, nas décadas seguintes, fez significativa carreira na cena lírica francesa, incursionando também pela música popular e pelo jazz. Em 1972 atuou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em uma récita da ópera *Carmen*, de Bizet. Ativa até a década de 1990, foi distinguida, na França, com homenagens e láureas oficiais.

D'LEÓN, Oscar. Nome artístico de Oscar Emilio León Somoza, cantor e instrumentista venezuelano nascido em Caracas, em 1943. Tido como o sucessor de Benny Moré*, forma, com Celia Cruz* e Tito Puente, a grande trindade da música afro-latina que se irradia dos Estados Unidos para o mundo.

D'OLIVEIRA PERYLO (*c.* 1900-*c.* 1926). Poeta brasileiro nascido em Araruna, PB. Considerado por vários críticos um dos grandes poetas brasileiros da primeira geração modernista, morreu aos 26 anos, vítima de tuberculose. É autor de *Canções que a vida me ensinou* (1925) e *Caminho cheio de sol* (1928).

D'OLIVEIRA, Francisco Barbosa (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. Organizou a terceira companhia de Zuavos Baianos* e morreu no Paraguai, no posto de capitão.

D'OU, Lino. Político e combatente cubano nascido em 1876. O mais querido dentre os auxiliares do general Antonio Maceo*, foi, segundo contemporâneos, um mulato orgulhoso de sua africanidade, conversador inesgotável, culto, fino, mordaz e leitor obsessivo, que fez do negro cubano sua preocupação principal. Era *ñáñigo** e foi deputado depois da Guerra da Independência.

D'RIVERA, Paquito. Músico cubano nascido em Havana, em 1948, e radicado nos Estados Unidos desde 1980. Clarinetista, saxofonista e chefe de orquestra, é um dos fundadores do grupo Irakere e um dos maiores nomes do chamado *latin-jazz**.

DA. Nas Antilhas Francesas, termo correspondente ao brasileiro "babá", "ama-seca".

DÃ. Serpente sagrada do antigo Daomé, cujo culto foi trazido para o Brasil pelos jejes. É cultuada no Maranhão e na Bahia, correspondendo ao Oxumarê* nagô. Do fongbé *dan*, “serpente”.

DA ALUWA. Divindade dos negros de Trinidad. Todas as suas características, quanto a cores, preferências, dia de culto etc., coincidem com as do Xangô iorubano. Entretanto, é cultuado como um rei que vive no mar.

DA COSTA E SILVA. *Ver SILVA, Da Costa e*.

DA COSTA, Mathieu (?-1606). Explorador americano. Membro da expedição chefiada pelo francês Pierre du Gria, foi o primeiro afrodescendente a visitar o Canadá, lá servindo como intérprete entre os franceses e os índios micmacs.

DA COSTA, Paulinho. *Ver COSTA, Paulinho da*.

DA GUIA, Domingos e Ademir. *Ver DOMINGOS [Antônio] DA GUIA; ADEMIR DA GUIA*.

DA PENHA, José Antônio Alves. Artista plástico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1949. Pintor autodidata, usando mais frequentemente a técnica do óleo sobre tela, desenvolve temática vinculada a manifestações populares dos subúrbios cariocas, costumes e personagens oriundos dos cortiços, morros, vilas e favelas da cidade.

DABÁ. Antigo tambor da percussão afro-cubana que fica preso à cintura do tocador (conforme Mário de Andrade, 1989). Provavelmente, do iorubá *daba*, “mover”, “movimento”, por ser instrumento usado por músicos ambulantes, em cortejos ou desfiles.

DACO. Vodum masculino da família de Davice*, filho de Sepazin e Daco-Donu*.

DACO-DONU. Vodum masculino da família de Davice*. É, certamente, divinização de Dakodonú (ou Ahò), rei que governou Abomé entre 1620 e *c.* 1645 (conforme Segurola e Rassinoux, 2000). *Ver DAOMÉ*.

DADÁ [1]. Nome que identifica, ao mesmo tempo, uma forma velha de Xangô, uma divindade feminina dos xangôs pernambucanos e um orixá patrono dos vegetais. Em Cuba, serve também a um orixá masculino e outro feminino, protetor dos recém-nascidos, ambos celebrados como irmãos de Xangô. Segundo Abraham (1981), Dàda é o nome de um rei mítico de Oyó,

que abdicou em favor de seu irmão Sòngó. É o protetor dos recém-nascidos, sobretudo daqueles que vêm com cabelos cacheados, como os seus. No antigo Daomé, o título *dadá*, correspondente a "rei" ou "pai", era atribuído ao soberano.

DADÁ [2]. Nome pelo qual se tornou conhecida Aldaci dos Santos, chefe de cozinha e empresária nascida em Salvador, BA, em 1961. Ex-baiana de tabuleiro, nos anos de 1990 notabilizou-se como proprietária do "Tempero de Dadá", restaurante típico afro-baiano com estabelecimentos em Salvador e São Paulo.

DADARRÔ. Um dos mais velhos voduns, da família de Davice*. O nome significa algo como "pai velho".

DAFÉ. *Ver CARLOS DAFÉ.*

DAGÃ. A mais antiga das duas filhas de santo que realizam o padê* de Exu.

DAGEBE. Uma das toboces da Casa das Minas.

DAGOMBA. Indivíduo dos dagombas, povo do Norte da República de Gana. No século XIX eram vassalos do rei dos axântis, ao qual pagavam tributo em escravos.

DAGOWE. Divindade masculina dos *bush negroes* das Guianas, de origem daomeana. Vive nas margens dos rios, onde recebe oferendas dos pescadores.

DAHOMEY. Denominação inglesa para Daomé*. Na Diáspora, aldeia sagrada, acima do rio Suriname, onde se realizam as cerimônias religiosas e curativas mais importantes e secretas do povo djuka*. Seu chefe é um dignitário e ritualista conhecido como songai [2]*. Até a década de 1930, pelo menos, a entrada e a presença de estrangeiros eram rigorosamente proibidas. Era lá que o chefe do povo saramaca* se submetia aos rituais propiciatórios que precediam sua visita anual a Paramaribo, capital do Suriname.

DAI. Pseudônimo de Idalice Moreira Bastos, esteticista brasileira nascida em Feira de Santana, BA, em 1950, e radicada na cidade do Rio de Janeiro. Tornou-se uma das estrelas da estética afro no Rio de Janeiro ao desenvolver técnicas aprendidas principalmente no Harlem*. Frequentado por celebridades do mundo negro carioca, em 1997 seu centro de estética "Afro

Dai", no tradicional bairro da Lapa, transformou-se em "núcleo de geração de rendimento, dignidade e cidadania", com patrocínio do Programa de Capacitação Solidária.

DALÔ. O mesmo que adalu* (conforme Lody, 2003).

DALSA. Pulseira de búzios, dada pelas toboces* às gonjaís*.

DALUÁ. Entre os antigos malês baianos, título de um dos nove assumânios* da "Mesa dos Nove".

DAMAS, Léon [-Gontran] (1912-77). Poeta guianense nascido em Caiena e falecido em Washington, EUA. Um dos líderes do movimento da *négritude**, sua obra é um libelo contra a escravidão, o racismo e o colonialismo; do ponto de vista estilístico, propugna uma estética afro-caribenha. Publicou *Pigments* (1937), *Retour de Guyane* (1938), *Poèmes nègres* (1941), *Graffiti* (1952), *Black label* (1956) e *Névralgies* (1966), além da importante antologia *Poètes d'expression française* (Paris, 1947). Foi casado com a intelectual e militante afro-brasileira Marieta Campos Damas.

DAMATÁ. Insígnia de Oxóssi*; o mesmo que ofá*. Consiste em uma miniatura, em ferro ou outro metal em branco, de um conjunto de arco e flecha.

DAMBALLAH. Serpente-arco-íris do vodu haitiano.

DAMBALLAH-OUEDDO. O mesmo que Damballah*. Também, Damballá-Queddo.

DAMBIRÁ. Nome de uma família de divindades, do panteão da terra, cultuada na Casa das Minas. O termo parece ser corruptela de Damballah*.

DAMBIRÁ AGONÇO. O mesmo que Agonço*.

DAMBRABANGA. Quilombo brasileiro situado no atual município alagoano de Viçosa, integrante da confederação de Palmares*. *Ver QUILOMBO [1] [Denominações]*.

DAMIÉ. Luta da Martinica, praticada ao som de cânticos ritmados por tambores.

DAMURIXÁ. O mesmo que Adamorixá*.

DAN DARÁ (séculos XVIII-XIX). Líder malê na Bahia. De origem hauçá* e tendo recebido o nome cristão de Elesbão do Carmo, era alufá*, liberto e comerciante de fumo. Foi um dos mais proeminentes muçulmanos na Bahia do seu tempo. Desconhece-se a pena que recebeu após o julgamento dos

insurretos de 1835, mas, considerando-se que era liberto, presume-se que tenha sido deportado para a África. Em hauçá, o elemento *Dan*, anteposto a um nome, corresponde ao árabe *Ibn* e ao escocês *Mac*, significando "filho de".

DAN FODIO, Usman. *Ver USMAN DAN FODIO.*

DANÇA. Arte do movimento corporal rítmico, ao som de uma execução musical. Os povos da Diáspora recriaram tradições coreográficas africanas, desenvolvendo, principalmente nas Américas, grande variedade de danças profanas, como por exemplo o samba*, a rumba*, o mambo*, o calipso*, a conga* etc. No âmbito religioso, são extremamente ricas as danças dos orixás no candomblé, bem como aquelas realizadas em honra de outros tipos de divindade, nos diversos cultos afro-americanos. *Ver BAILES NEGROS*; *REGGAE NIGHTS*.

DANÇA AFRO. No Brasil, modalidade de balé contemporâneo com movimentos coreográficos inspirados em danças afro-brasileiras, notadamente as dos orixás do candomblé*. O primeiro grupo de dança afro de que se tem notícia nasceu no Rio de Janeiro, no final da década de 1940, sob a denominação "Grupo dos Novos". Foi formado sob a liderança dos irmãos Láudio José e Waldomiro Machado, por artistas egressos do Teatro Experimental do Negro, entre os quais Haroldo Costa*, Solano Trindade* e outros. Em 1951 o grupo passou a chamar-se "Teatro Folclórico Brasileiro". Com Mercedes Baptista* e o grupo Brasiliana*, o balé afro-brasileiro ganhou status internacional.

DANÇA DE VELHOS. Antiga diversão popular carioca, das festas do Divino coloniais e dos carnavais da Primeira República, na qual foliões mascarados, com cabeçorras caricaturando feições de negros velhos e vestindo casacas e calções, caminhavam trêmulos e vacilantes, fingindo cair, a fim de, assim, provocar o riso do público.

DANÇA DO SAPO. Antiga manifestação dos negros de Capoeira Grande do Turi, MA, dançada ao som de tambores.

DANCEHALL. Forma de reggae* popular na Jamaica a partir da década de 1980.

DANDÁ (*Cyperus esculentus*). Erva da família das ciperáceas, também conhecida como junça e chufa. Planta de Exu, como a tiririca*; segundo a

tradição afro-brasileira, sua raiz tuberosa, colocada na boca, abranda a vontade de pessoa com quem se trata negócio. Seu nome brasileiro deriva do quimbundo *ndanda*, "junça".

DANDALUNDA. Inquice correspondente a Iemanjá* em terreiros bantos. Também, espécie de sobrenome dado aos orixás que vêm do fundo do mar.

DANDALUNGA. Variante de Dandalunda*.

DANDARA (?-1694). Personagem lendária da história de Palmares*. Celebrada como a grande liderança feminina da epopeia quilombola, teria morrido quando da destruição da cidadela de Macaco*. Contudo, sua real existência está ainda envolta em uma aura de lenda.

DANDAZUMBA. Divindade das águas (conforme Yeda Pessoa de Castro, 1976).

DANDRIDGE, Dorothy (1922-65). Atriz cinematográfica nascida em Cleveland, Ohio. Filha da atriz Ruby Dandridge, é considerada o primeiro sex symbol afro-americano de Hollywood, a meca do cinema. Indicada para o Oscar de melhor atriz por sua atuação como a personagem-título do filme *Carmen Jones**, tornou-se a primeira negra a receber tal distinção.

DANGIBÉ. O mesmo que adajibé*.

DÂNI. Em certos candomblés jejes, parte feminina de Dã*.

***DANISH BLACKS* (Negros dinamarqueses).** Expressão usada por W. E. B. Du Bois* para qualificar negros resistentes à escravidão, no mesmo contexto dos *maroons*. A origem da denominação está nas fugas em massa, para Porto Rico, de escravos de plantations mantidas pela Danish West Indies Company, em Saint Croix*, por volta de 1745.

DANKÔ. Orixá jeje cultuado no terreiro baiano da Casa Branca. Provavelmente, o mesmo que Daco*.

DANMYÉ. Espécie de canto tradicional da Martinica*.

DANTAS [do Amorim Torres]**, Lucas** (1774-99). Revolucionário brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Soldado do Regimento de Artilharia e marceneiro, filho de branco e negra, tornou-se, com apenas 16 anos de idade, o principal líder da conjuração baiana de 1798, a chamada Revolução dos Alfaiates*. Enforcado no largo da Piedade, seu corpo foi esquartejado e espalhado por vários locais da capital baiana.

DANTAS, Nataniel. Nome abreviado de Nataniel Osmar Marcelino Dantas, escritor nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1926. Formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, foi professor de geografia e história, além de chefe da biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Obras publicadas: *Velas desatadas* (contos, 1960 – prêmio Fábio Prado, São Paulo); *Ifigênia está no fundo do corredor* (1969). Participa da *Antologia do novo conto brasileiro* (organizador: Esdras do Nascimento, 1964), com o texto *Avenca, a de olhos ambulantes*. Está incluído em Kennedy (1988). Em algumas fontes é citado como "Netaniel Dantas", e seu nome civil como Osmar Marcelino Fortes, informando o seu nascimento ora em 1924, ora em 1930. As informações deste verbete baseiam-se em Menezes (1978) e Kennedy (1988).

DANTAS, Raimundo Souza (1923-2002). Diplomata, jornalista e escritor brasileiro nascido em Estância, SE, e falecido no Rio de Janeiro. Aos 19 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como contínuo no jornal *A Noite*; mais tarde, atuou como redator nos jornais *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*. Escritor, publicou, entre outros livros, *África difícil* (1964), além de obras de ficção como os romances *Sete palmos de terra* (1944) e *Solidão nos campos* (1945). Entre 1961 e 1964, por designação do presidente Jânio Quadros, de quem fora oficial de gabinete, serviu como embaixador do Brasil na República de Gana, tornando-se o primeiro negro brasileiro a ocupar tão destacada posição.

DANTICAT, Edwidge. Escritora haitiana nascida em Porto Príncipe, em 1969, e radicada nos Estados Unidos desde os 4 anos de idade. A principal voz literária dos imigrantes haitianos no país, publicou, entre outras obras, *Breath, eyes, memory* (1994), *Krik? Krak!* (1995) e *The farming of bones* (1998).

DANZA DE LOS NEGRITOS. Dança dramática mexicana da região de Vera Cruz.

DANZÓN. Gênero musical cubano originário da *danza*, de ritmo mais lento que a rumba*, surgido em Matanzas no fim do século XIX, por criação do músico Miguel Faílde*. É uma das raízes do bolero cubano, de tanto sucesso no Brasil na década de 1950.

DAOMÉ. Antigo nome da República de Benin*. Seu passado conta-se, basicamente, segundo a história de dois reinos: Allada ou Arda, com sede em Porto Novo, e Daomé com capital em Abomé, nome pelo qual o reino é, por vezes, também referido. Os reis conhecidos de Allada ou Porto Novo, de acordo com Cornevin (1982), são: Dé Misé (1752-57); Dé Gbéyon (1761-75); Dé Ayikpé (1775-83); Dé Toyon (1828-38) e Toffa (1874-1908). Os do Daomé ou Abomé foram: Dako-Donu (1620-c. 1640); Uebadja (1645-85); Akaba (1685-1708); Agadja (1708-32); Tegbessu (1732-74); Kpengla (1774-89); Agonglo (1789-97); Adandozan (1797-1818), Ghezo* (1818-58), Glelé (1858-89) e Béhanzin (1889-94). **Abomé:** Florescido no século XVII na porção territorial hoje correspondente à quase totalidade das repúblicas de Benin e Togo, o Reino do Daomé ou de Abomé foi fundado, ao que consta, por uma família de nobres originária do reino litorâneo de Allada, criado pelos ajas, povo aparentado e intimamente relacionado com os ewes*. Por volta de 1620, expulsa de seu território por questões sucessórias e pela intervenção dos holandeses, essa família, liderada por Do-Aklin, estabelece-se pacificamente no planalto de Abomé, a cerca de 108 quilômetros da costa. Com a morte do líder já em 1620, seu filho Dako-Donu toma o poder aos chefes locais, poder este que seus sucessores Uebadja e Akaba conseguiram manter, além de conquistar territórios vizinhos, principalmente a sul e sudeste. No início do século XVIII, embora fosse um reino interiorano integrado por apenas quarenta pequenas cidades, o Daomé era firmemente estruturado. E sua consolidação como Estado ocorre pelas mãos de Agadja – sob cujo reinado, apoiado num competente serviço de inteligência e espionagem, o Daomé se expande, a princípio para o noroeste e, depois, em direção ao sul. Em 1727 já tem anexados os reinos de Uidá e Savê, no território conhecido pelos portugueses como Ajudá. Dois anos depois, Agadja toma Allada e ocupa as feitorias de Jakin e Offra, dominando completamente a zona litorânea e possibilitando que seu reino se tornasse, no final do século XVIII, um dos principais exportadores do gado humano na chamada "Costa dos Escravos". Os sucessores de Agadja – Tegbessu, Kpengla e Agonglo – continuaram a expansão. **As guerras iorubás:** O expansionismo de Abomé, no entanto, provoca a reação do poderoso reino iorubá de Oyó, o qual, a partir de 1726, hostiliza fortemente

o Daomé. Em 1738, sob Tegbessu, Abomé é ocupada pelos iorubás, que exigem o pagamento de um tributo anual. Entretanto, com o enfraquecimento de Oyó – motivado pelas guerras com os fulânis –, Adandozan suspende o pagamento do tributo e, em 1821, Ghezo, após esmagadora vitória, consegue a independência total. Não satisfeito, Ghezo anexa Oyó, vindo a morrer de varíola em meio a uma das guerras, durante o cerco de Keto. Seus sucessores, Glelé e Béhanzin, prosseguem nas hostilidades aos iorubás, até a derrota diante dos franceses em 1894. **A Diáspora Daomeana:** Durante seu apogeu, o Daomé exportava anualmente, por Ajudá, cerca de 10 mil escravos, os quais integravam numerosos contingentes de povos vizinhos, como iorubás e mahis, estes conhecidos no Brasil como jeje-marrins e em Cuba como *ararás mahinos*. Durante a época em que esteve sob o domínio de Oyó, para fazer face aos pesados encargos tributários, o reino intensificou sua atividade de venda de escravos. Mesmo com a proibição do tráfico e apesar da vigilância inglesa, a crescente demanda de mão de obra para as plantations do Sul dos Estados Unidos e os engenhos brasileiros e cubanos alimentava o comércio. A partir de 1818, sob o reinado de Ghezo, a economia do reino – embora dependente do tráfico até os anos de 1860, quando o eixo do comércio de escravos se desloca para a costa oriental africana – se diversifica, principalmente por meio da exportação de azeite de dendê, até cair sob o domínio total da França. Os vendidos como escravos no Daomé eram predominantemente ewes e fons, vítimas de um processo de submissão que convertia uns em súditos de outros e que possibilitava, aos dominantes, a venda de indivíduos de seu próprio grupo étnico. O sistema institucional vigente permitia escravizar súditos, de forma temporária ou permanente, por diversos motivos, e apenas os escravizados por dívidas não podiam ser vendidos. Um dos países que mais usaram, em suas colônias, escravos procedentes do Daomé foi a França, o que explica a predominância de tradições jejes, como o vodu, no Haiti e na Louisiana, não obstante esse legado seja igualmente notório no Brasil, na República Dominicana e em Trinidad.

DAR ES-SALAAM. Capital e principal porto da Tanzânia, no oceano Índico. Fundada antes do século XIX, é um dos mais importantes núcleos

comerciais da África centro-oriental.

DAR PRO SANTO. Expressão que designa o hábito brasileiro de não ingerir o primeiro gole de aguardente ou qualquer bebida alcoólica sem antes derramar um pouco do conteúdo do copo no chão. Reproduz, inconscientemente, o ato da libação* em honra dos antepassados, comum em toda a África negra.

DARCI DA MANGUEIRA (1932-2008). Nome artístico do sambista Darci Fernandes Monteiro, nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Coautor de vários sambas-enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, entre os quais os de 1968, 1969, 1971 e o conhecido *O mundo encantado de Monteiro Lobato*, de 1967.

DARCY DO JONGO, Mestre (1932-2001). Nome artístico de Darcy Monteiro, músico brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Membro de tradicional família do morro da Serrinha, reduto da escola de samba Império Serrano*, destacou-se como percussionista em desfiles, gravações e espetáculos, inclusive no exterior. Mais do que isso, entretanto, dedicou grande parte de sua vida à difusão do jongo*, não hesitando em apresentá-lo com instrumentos usados na música urbana, em busca de sua "desfolclorização". O grupo que criou, o "Jongo da Serrinha", era, à época desta obra, uma organização dotada de boa visibilidade, tanto do ponto de vista musical quando do projeto social a que se dedicou.

DARIÉN. Região no golfo de mesmo nome, no mar das Antilhas, na faixa litorânea que vai da Colômbia ao Panamá. Segundo M. Hamidullah (1958), a região era habitada por negros antes de 1513, ou seja, antes que qualquer homem branco tivesse lá se estabelecido em caráter permanente, o que constituiria um dos indícios da presença africana na América pré-colombiana. *Ver AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA, Negros na.*

DARÍO, Rubén (1876-1916). Pseudônimo de Félix Rubén García Sarmiento, poeta nascido em Metapa, Nicarágua. Considerado o principal representante do modernismo hispano-americano, publicou, entre outras obras, *Azul* (1905), *Cantos de vida y esperanza* (1905) e *Poema del otoño* (1910). Segundo A. da Silva Mello (1958), "era mulato, tinha lábios grossos e olhos sonhadores". Em Cabrera Infante (1996), é mencionado, mais de uma vez, como "índio".

DAROMAIN. Para os praticantes do vodu, lugar mítico na África que serve de morada para os loás*. É corruptela de "Daomé". *Ver ARUANDA; DAHOMEY.*

DARSA. O mesmo que dalsa*.

DAS DORES, Mãe. *Ver TALABY.*

DAÚDE. Nome artístico de Maria Waldelurdes Costa de Santana Dutillieux, cantora brasileira nascida em Salvador, BA, em 1961. Surgida nos anos de 1990, seu estilo combina elementos de *black music*, *dance* e MPB.

DAVICE. Família de divindades dos reis do antigo Daomé, chefiada por Dadarrô* e constituída por voduns considerados nobres, reis ou príncipes.

DAVIDSON, William (1786-1820). Rebelde jamaicano, também mencionado como "Black Davidson". Filho de um proeminente advogado branco com uma mulher negra, foi educado na Inglaterra para seguir carreira jurídica. Entretanto, engajou-se na marinha mercante, estabelecendo, mais tarde, uma pequena fábrica em Birmingham. Mudando-se para Londres, tornou-se ativista político radical, e, em 1820, depois de chefiar o movimento insurrecional de cunho antiescravista conhecido como "Conspiração de Cato Street", contra o governo inglês, foi enforcado e decapitado.

DÁVILA [Malavé]**, Angelamaría.** Poetisa, jornalista e ativista porto-riquenha nascida em 1944. É, com Ana Lydia Vega* e Julia de Burgos*, uma das maiores vozes femininas da literatura em seu país. Publicou, entre outros livros, *Homenaje al ombligo* (1966) e *Animal fiero y tierno* (1977).

DAVINA, Mãe (1880-1964). Ialorixá nascida em Salvador, BA. Primeira filha de santo de Procópio de Ogunjá*, transferiu-se para o Rio de Janeiro na década de 1920, integrando-se ao axé de João Alabá*. Em 1997 foi inaugurado, em sua honra, o Memorial Iyá Davina, em São João de Meriti, RJ.

DAVIS, Angela [Yvonne]. Ativista política americana nascida no Alabama, em 1944. Nos anos de 1960, como destacada militante pelos direitos civis nos Estados Unidos, foi alvo de pesada repressão, praticada inclusive por parte do FBI. Escritora e filósofa, publicou *Women, race and class* (1983) e *Women, culture and politics* (1989).

DAVIS, Benjamin O. (1877-1970). Militar americano nascido em Washington, DC. Durante a Segunda Guerra Mundial, tornou-se o primeiro negro a alcançar o posto de general (*brigadier general*) no Exército americano, feito mais tarde repetido por seu filho Benjamin O. Davis Jr. (1912-2002), também herói de guerra e o primeiro general (*lieutenant general*) negro da Força Aérea dos Estados Unidos, cuja carreira militar se encerrou no ano da morte do pai.

DAVIS, Miles [Dewey] (1926-91). Trompetista americano nascido em Alton, Illinois, e falecido em Santa Mônica, Califórnia. Iniciou sua carreira nos anos de 1940, em conjuntos liderados por Benny Carter*, Billy Eckstine* e Charlie Parker. Um dos mais legítimos representantes do estilo denominado cool jazz, sua arte significou a transição da extroversão do bebop para um jazz mais sutil e intimista. Inovador e experimentalista, agregou sons elétricos às suas interpretações, aproximando o jazz do rock e do rap.

DAVIS JR., Sammy (1925-90). Cantor, ator, instrumentista e dançarino americano, nascido na cidade de Nova York. Filho de artistas, estreou nos palcos aos 2 anos de idade. Em meados da década de 1950, atuava em casas noturnas e gravava discos solo. Perdeu uma das vistas em um acidente de carro e, após superar o problema, abraçou com afinco a carreira cinematográfica, dançando em *The Benny Goodman story* (1956) e outros filmes. Suas melhores atuações foram em musicais, como *Porgy and Bess* (1959) e *Charity, meu amor* (1969). Considerado o maior *showman* americano de todos os tempos, dado o seu talento cênico multifacetado, alcançou reconhecimento unânime quanto à grandeza de sua arte, o que, porém, não ocorreu com suas posições políticas e sua conflituosa vida pessoal. Um ano antes de morrer de câncer na laringe, teve seu canto do cisne em *Toque de recolher* (1989), um filme sobre a dança, arte na qual foi incomparável.

DAWES, Dominique. Ginasta americana, nascida em 1975, integrante da seleção olímpica de ginástica artística de seu país. Nos Jogos de Atlanta, em 1996, tornou-se a primeira negra a conquistar medalha olímpica em sua especialidade.

DAY WORK. Na Jamaica, denominação do trabalho cooperativo entre vizinhos. No meio rural brasileiro é conhecido como “mutirão”. *Ver* GAYAP.
DAY, Thomas (1801-61). Artesão e empresário americano nascido na Virgínia. Pioneiro na fabricação de móveis de estilo e entalhador de fino gosto, foi autor das obras que deram fama à igreja presbiteriana e à Union Tavern, ambas em Milton, Carolina do Norte, nos Estados Unidos.
DÉ AGUIDÁ. Um dos nomes privados de Aconcone*. A denominação parece estar ligada a Agudá, uma das formas para o topônimo Ajudá.
DÉ AYIKPÉ (século XVIII). Rei de Ardra, Porto Novo, no antigo Daomé, entre 1775 e 1783. Teve grande importância no comércio de cativos do golfo da Guiné para a Bahia.
DÉ BONDA. Tambor utilizado na música *chouwal-bwa** da Martinica.
DE CHOCOLAT (1887-1956). Nome artístico do autor teatral, compositor e cantor brasileiro João Cândido Ferreira, nascido em Salvador, BA, e que também assinou trabalhos com o pseudônimo Jocanfer. Vivendo no Rio de Janeiro a partir de 1910, tornou-se cançonetista de sucesso, tendo excursionado à Europa em 1920. No ano de 1926, fundou a Companhia Negra de Revistas, que estreou no teatro Rialto com a encenação de *Tudo preto* e, a seguir, *Café torrado*, ambas de sua autoria, afirmando-se como o pioneiro do teatro de autores e intérpretes negros no Brasil. Ativo compositor e autor teatral, teve várias revistas e burletas encenadas, bem como composições gravadas por grandes intérpretes de seu tempo, como Sílvio Caldas, Augusto Calheiros e Gastão Formenti. No cinema, participou de *Fogo na canjica*, produção carioca de 1947.
DE LA PEÑA, Hélio. *Ver HÉLIO DE LA PEÑA.*
DE LOS SANTOS, Alejandro (século XX). Futebolista argentino. Atacante do El Porvenir, integrou a seleção de seu país que foi campeã sul-americana em 1925. Foi um dos raros negros a vestir a camisa do selecionado argentino de futebol.
DEADWOOD, DICK. *Ver LOVE, Nat.*
DÉBOIS. Boneco que vai à frente de certos cortejos no carnaval haitiano. Sua presença remete, no Brasil, ao babalotim* do afoxé e à calunga* do maracatu.

DECÀ, Recebimento do. No candomblé e em alguns terreiros de umbanda, investidura de um filho ou filha no cargo de pai ou mãe de santo, com a entrega ao novo sacerdote da cuia, contendo navalha, faca e tesoura, simbólica do poder de "raspar" novos filhos. Segundo Costa Lima (1984), o termo *decá* deriva do nome da cerimônia *dô non dé ka me*, de cunho semelhante, realizada no Benin. Nessa expressão, os elementos *dé* e *ka* traduzem-se, em português, respectivamente como "fruto, noz de dendezeiro" e "cabaça", "cuia".
DECAMERÓN NEGRO, El. Versão espanhola da compilação feita pelo africanista alemão Leo Frobenius (1873-1938) de gestas de amor e cavalaria de povos das estepes oeste-africanas, notadamente peúles e mandingas. O livro foi publicado em Buenos Aires, Argentina (Editorial Losada), em 1938.
DECISA. Variante de adicissa*.
DEFIFÃ. Amuleto mágico que era o principal símbolo do poder dos reis de Abomé*.
DEGREDO DAS BEXIGAS. Denominação antiga da ilha de Villegaignon, na baía de Guanabara, RJ, por abrigar um lazareto construído para quarentena dos escravos que chegavam da África infectados pela varíola.
DEGUESINA. O mesmo que Anaité*.
DEIRÓ, Eunápio (1829-1910). Político e escritor brasileiro natural da Bahia. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, foi várias vezes deputado provincial. Escreveu, entre outras obras, *Estadistas e parlamentares brasileiros* (1885) e *Um estadista do Império* (1899). Exerceu a crítica literária, com destaque, após 1870 e é relacionado por Sílvio Romero e Manuel Querino entre os negros e mestiços ilustres de sua época.
DEIXA FALAR. Sociedade carnavalesca fundada no bairro carioca do Estácio* em 1927, por sambistas liderados por Ismael Silva*. Historicamente considerada a primeira agremiação carnavalesca do gênero "escola de samba", tem, entretanto, como fator contrário a essa alegada primazia, a fundação do núcleo que originou a Portela, em abril de 1923.
DEL CASTILLO, Hermanos (século XVI). Nome com o qual passaram à história do Chile os irmãos Dionísio e Sebastián. Filhos mulatos de um certo Del Castillo e da negra Elena, escrava de Martín de Algaraya, fugiram

dos domínios de seus senhores e viveram durante cerca de três anos com os índios da região de Coyuncos, em guerra contra os espanhóis, até serem capturados, e certamente mortos, em dezembro de 1593.

DEL OCIO, José de Jesus (século XIX). Poeta cubano nascido na província de Matanzas. Seu único livro de poesias publicado é *El francés* (1835).

DELANY, Irmãs. Nome pelo qual foram conhecidas Sarah (1889-1999) e Elizabeth (1891-1995) Delany, escritoras americanas nascidas em Raleigh, Carolina do Norte. Filhas de um ex-escravo, em 1916 mudaram-se para Nova York, indo residir no Harlem, onde Elizabeth trabalhou como dentista e Sarah como professora, inclusive em escolas de brancos, além de ser proprietária de uma loja refinada. Em 1993 publicaram *The Delany sisters' first 100 years* [Os primeiros 100 anos das irmãs Delany], livro autobiográfico que, dois anos mais tarde, serviu de base para a comédia *The Delany sisters' book of everyday wisdom*, encenada na Broadway. Em 1997 Sarah publicou, ainda, *On my own at 107*.

DELANY, Martin Robins (1812-85). Abolicionista americano nascido em Charleston, Virgínia Ocidental. Recebeu as primeiras noções de leitura de um vendedor ambulante de livros que também atuava como professor itinerante, num contexto em que os negros eram proibidos de ler e escrever. Adulto, fundou um pequeno jornal abolicionista, tornando-se, depois, coeditor do *North Star*, o jornal de Frederick Douglass*. Iniciou estudos de medicina, mas foi impedido de prossegui-los por causa do racismo*. Não obstante, por seus conhecimentos, em 1850 salvou centenas de vidas durante uma epidemia de cólera em Pittsburgh. Após a Proclamação da Emancipação, foi comissionado pelo presidente Lincoln como o primeiro major negro do Exército dos Estados Unidos. Em 1879, partidário da volta dos negros para a África, publicou *Principia of ethnology: the origin of races and color* [Princípios de etnologia: a origem das raças e da cor], no qual discute o papel do povo negro na civilização universal.

DELEGADO. Nome pelo qual se tornou conhecido Égio Laurindo da Silva, sambista nascido no Rio de Janeiro, em 1921. Mestre-sala* muitas vezes premiado, tornou-se um dos símbolos da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*.

DELGADO, Martín Morúa. *Ver MORÚA DELGADO, Martín.*

DELGRÈS, Louis (1772-1802). Líder rebelde martinicano nascido em Saint-Pierre e falecido em Matouba, Guadalupe. Filho de pai negro e mãe branca, chegou a Guadalupe em 1795, como militar, e em 1802 liderou a maior rebelião de escravos registrada naquele país, provocada pela tentativa napoleônica de restabelecer a escravidão.

DELMIRO [de Souza]**, Hélio.** Músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1947. Violonista e guitarrista, com carreira profissional iniciada nos primeiros anos da década de 1960, destacou-se como músico acompanhante de grandes nomes da música popular, como Clara Nunes* e Elisete Cardoso*, tendo realizado elogiados trabalhos também como solista e arranjador. Com refinados registros em disco, como os álbuns *Emotiva* (1980), *Samambaia* (1981), *Chama* (1984), *Romã* (1992) e *Symbiosis* (1999), ao lado do pianista americano Clare Fischer, é considerado um dos maiores guitarristas brasileiros de jazz. Nos anos de 1980 e 1990 foi diretor artístico da Line Records, impondo um padrão de alta qualidade artística e técnica às produções dessa gravadora.

DELORME, Demesvar (1831-1901). Escritor haitiano, pioneiro do romantismo em seu país e mestre de toda uma geração. Sua obra, profundamente influenciada por Goethe, Hugo e Dumas, inclui *Les théoriciens au pouvoir: causeries historiques* (1870); *Francesca: les jeux du sort* (1873) e *Le damné* (1877).

DEMERARA. Localidade no Norte da antiga Guiana Inglesa. Importante centro produtor de açúcar, em 1823 foi palco de um grande levante de escravos, que mobilizou cerca de 12 mil revoltosos.

DEMOCRACIA RACIAL. Expressão sob a qual se aninha a falsa ideia da inexistência de racismo na sociedade brasileira. Construída com base na ideologia do luso-tropicalismo*, procura fazer crer que, graças a um escravismo brando que teria sido praticado pelos portugueses, as relações entre brancos e negros, no Brasil, seriam, em regra, cordiais. Essa falsa ideia tem se revelado o grande obstáculo à conscientização do povo negro e ao enfrentamento do preconceito etnorracial no país. *Ver MESTIÇAGEM*; *PRECONCEITO*; *RACISMO*.

DENDÊ. Denominação do fruto do dendezeiro e, por extensão, do óleo extraído desse fruto, também chamado azeite de dendê*.

DENDÊ DE CHEIRO. O mesmo que azeite de dendê ou azeite de cheiro.

DENDEZEIRO (*Elaeis guineensis*). Palmeira africana aclimatada no Brasil. Seu fruto, o coco-de-dendê, tem larga aplicação na ritualística da Diáspora Africana (*ver AZEITE DE DENDÊ*), assim como suas folhas, usadas principalmente na confecção do mariuô*. No Brasil, é árvore de Oxalá e se relaciona, também, ao culto dos antepassados. A ligação com Oxalá remete a um mito iorubano segundo o qual o orixá teria, em certo momento, se embriagado com o chamado "vinho de palma", dela extraído. Seu nome iorubano é *igí ópè*, mas a denominação brasileira tem raiz no quimbundo *ndende*.

Dendezeiro

DENG. Idiofone do Suriname, batido com uma vareta e utilizado em músicas rituais.

DENGUÉ. Na culinária afro-baiana, nome iorubano do mungunzá*. Do iorubá *dèngé*.

DENÍLSON Custódio Machado. Jogador brasileiro de futebol nascido em Campos, RJ, em 1943. Conhecido por suas atuações no Fluminense carioca, integrou a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966. Volante, é tido como o primeiro jogador brasileiro a atuar como cabeça de área.

DENIS, Lorimer (século XX). Etnólogo haitiano. Professor de história e diretor do birô de etnologia do Haiti, publicou, em 1944, *Évolution stadiale du vodou*, em parceria com François Duvalier*.

DEODORO DA FONSECA, Manuel (1827-92). Marechal e político brasileiro, primeiro presidente da República do Brasil. Segundo J. da Silva Campos *et al.* (1928), Sílvio Romero o tinha como "de origem etíope". A. da Silva Mello (1958) confirma sua ancestralidade africana, bem como Abdias do Nascimento*, em seu primeiro discurso no Senado, em 1991. O nome de

solteira de sua mãe era apenas Rosa Maria Paulina, sem sobrenome de família, o que fortalece a hipótese. *Ver SOBRENOME*.

DEPESTRE, René. Escritor haitiano nascido em Jacmel, em 1926, e educado em Porto Príncipe. Forçado, por motivos políticos, a deixar o Haiti, em 1946 radicou-se em Paris, França, onde permaneceu até 1958. Depois disso, viveu em Cuba e outros países socialistas. Pertencente à segunda geração do movimento da *négritude*, dedicou sua linguagem rutilante e sua sensibilidade poética, altamente influenciadas por Jaques Roumain* e Aimé Césaire*, à militância comunista. Autor de coletâneas de poemas, contos e ensaios, escreveu *Étincelles* (1945), *Gerbe de sang* (1946), *Végétations de clartés* (1951), *Traduit du grand large* (1952), *Minerai noir* (1956), *Journal d'un animal marin* (1964), *Un arc-en-ciel pour l'Occident chrétien* (1967), além de *Alélluia pour une femme-jardin* (1973) e *Bonjour et adieu à la négritude* (1980).

DERECHO. Tributo; na *santería* cubana, importância em dinheiro que se paga ao babalaô* ou a outro sacerdote pela consulta ou realização de uma obrigação ritual. No Brasil, diz-se "chão".

DERRON. Nome genérico dos voduns velhos na Casa das Minas. Do fongbé *dé*, "pai" + *hohô*, "velho".

DESAFRICANIZAÇÃO. Processo por meio do qual se tiram ou se procura tirar de um tema ou de um indivíduo os conteúdos que o identificam como de origem africana. **Desafricanização da Diáspora:** Processo psicológico e cultural de desconstrução da identidade dos africanos e seus descendentes dispersos. A principal estratégia do escravismo nas Américas era fazer que os cativos esquecessem o mais rapidamente sua condição de africanos e assumissem a de "negros", marca de subalternidade, a fim de prevenir o banzo* e o desejo de rebelião ou fuga, reações frequentes, posto que antagônicas. O processo de desafricanização começava no continente de origem, com conversões forçadas ao cristianismo, antes do embarque. Seguia-se a adoção compulsória do nome cristão, bem como do sobrenome do dono, o que representava, para o africano, verdadeira e trágica amputação (*ver NOMES AFRICANOS*). Posteriormente, vinham as distinções clássicas entre "da costa" e "crioulo*", entre "boçal*" e "ladino". João José Reis (1986a) alinha vários exemplos da rivalidade entre crioulos e africanos, apreciada e incentivada pelos

escravocratas. Cita o caso do engenho Santana em Ilhéus, BA, palco de um levante de escravos no século XIX. Os rebelados, em sua maioria crioulos, apresentaram, por escrito, uma proposta de paz ao proprietário, reivindicando, entre outros pontos, que as tarefas mais árduas e sujas fossem delegadas aos africanos. Menciona também a rebelião de africanos ocorrida em 1828 no engenho do Tanque, em Santo Amaro, BA, combatida por escravos crioulos que, inclusive, defenderam a proprietária, salvando-a e conduzindo-a para um engenho vizinho. Lembra ainda a não participação de crioulos na série de levantes conhecida como “Revolta dos Malês*”. De qualquer forma, a desafricanização da Diáspora era e continua sendo um processo altamente desagregador, que se estende, também, a manifestações culturais de toda ordem, por exemplo, a religiosidade e a música. *Ver BOSSA NOVA*; *ESCOLA DE SAMBA*; *UMBANDA*.

DESCARGA. No jazz afro-cubano, consolidado por músicos como Mario Bauzá*, o mesmo que jam session*.

DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS. Eventos ocorridos entre o começo do século XVI e fins do XVIII, caracterizadores da expansão marítima europeia. Entre eles incluem-se o descobrimento da América (1492), do caminho das Índias (1498) e do Brasil (1500), além de expedições às Antilhas e Américas no século XVII. Esses acontecimentos são marcos da Diáspora Africana: a partir deles iniciou-se o tráfico transoceânico de escravos. **Navegadores africanos:** Do século XII ao século XV de nossa era, relatos de geógrafos, navegadores e comerciantes falam de precursores africanos dos descobridores europeus. Al-Idrisi (1100-66), árabe-africano nascido em Ceuta, descreve expedições marítimas de compatriotas, contemporâneos e mesmo de antecessores. Na mesma linha, o príncipe geógrafo Abu’l Fidá (1273-1332) relata viagens de navegadores muçulmanos ao redor da Terra. Ibn Fadalla al-Umary (falecido em 1348) reproduz declaração do *mansa* Kanku Mussá* segundo a qual seu antecessor, Abubakar II*, teria perecido por volta de 1303 em expedição marítima a local que se acredita próximo à foz do rio Amazonas (conforme M. Hamidullah, 1958). Ivan Sertima (1977) afirma que o rei de Portugal dom João II tinha conhecimento da existência de uma “rota da Guiné” que levava ao continente americano; tanto que, em 1496, voltando à América

por essa rota, Cristóvão Colombo ouviu dos nativos de Hispaniola a notícia de que já havia algum tempo comerciavam com negros que, inclusive, lhes ensinaram a fabricar lanças metálicas. Em sua terceira viagem, em 1498, Colombo, conforme relatado em seu diário, recebeu dos indígenas tecidos de algodão feitos segundo técnicas africanas. *Ver SERTIMA, Ivan Van.*

DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL, Relatório Anual das. Publicação organizada pelos pesquisadores sociais Marcelo Paixão* e Luiz M. Carvano e editada, em conjunto, pelo Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser) e pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua primeira edição, focalizando o período 2007-2008, analisa a "evolução social dos distintos grupos de cor ou raça e sexo" em todo o território brasileiro, com base em dados produzidos por órgãos governamentais. Essa análise contempla: evolução demográfica recente da população nacional; perfil de mortalidade dessa população; desigualdades no acesso ao sistema de ensino; desigualdades na dinâmica do mercado de trabalho; condições materiais de vida; acesso ao poder institucional, políticas públicas e marcos legais. Uma das conclusões do *Relatório*, em sua primeira edição, é a de que, no Brasil do início de 2009, a tarefa de redução das iniquidades de raça e de sexo ainda está longe de ser concluída.

DESPACHO. O mesmo que ebó*. Por extensão, embrulho contendo restos de oferendas, colocado no mato, nos rios e em outros lugares apropriados.

DESPAIGNE, Joel. Jogador de voleibol nascido em Santiago de Cuba, em 1966. Um dos melhores atacantes do mundo, destacou-se por atingir marcas de mais de três metros de altura nas cortadas e nos bloqueios. Graças a esses e outros predicados, na década de 1990 conquistou, pela seleção de seu país, vários títulos internacionais.

DESPORTES, Georges. Poeta martinicano nascido em Balata, em 1921, e educado em Fort-de-France. Militante antirracista e anticolonialista, além de engajado na estética da *négritude*, publicou *Marches souveraines* (1956), *Soliloques pour mauvais rêves* (1958), *Sous l'oeil fixe du soleil; poèmes masqués* (1961).

DESQUALIFICAÇÃO, Ideologia da. Denominação sob a qual, após ter sido usada pela antropóloga brasileira Mônica Pimenta Velloso, enfatiza-

se o conjunto de procedimentos postos em prática pelas classes dominantes, no Rio de Janeiro do século XIX, para caracterizar como incivilizadas, retrógradas, arcaicas e até nocivas as práticas culturais dos afrodescendentes e mesmo sua presença na sociedade brasileira. Assim, a música negra foi vista como "monótona" e "lasciva"; a religiosidade, como um conjunto de "crendices e superstições"; a medicina tradicional, como "anti-higiênica" e "inócua" etc. Parte integrante da estratégia do branqueamento*, essa ideologia até hoje sustenta as bases do racismo antinegro no Brasil. *Ver RACISMO.*

DESSALINES, Jean-Jacques (1758-1806). Consolidador da independência do Haiti*. Em 1803, após tomar parte na revolta contra os proprietários franceses, tornou-se governador-geral e expulsou da ilha as tropas de Napoleão Bonaparte. No ano seguinte, proclamou a independência do país e autoproclamou-se imperador, com o título de Jacques I, talvez num gesto de provocação aos franceses, que insistiam em manter um governador-geral na ilha. Em 1806, foi morto em uma rebelião conduzida pela minoria de mulatos, os quais proclamaram a República no ano seguinte.

DESSOUNÉ. No Haiti, ritual de retirada do vodum da cabeça de um iniciado, após seu falecimento, semelhante ao que se chama, no Brasil, de "tirar a mão de vumbe". *Ver VUMBE.*

DESTERRADOS POLÍTICOS. *Ver NOBRES ESCRAVIZADOS.*

DETROIT. Cidade norte-americana no estado de Michigan. Uma das cidades mais prósperas dos Estados Unidos, centro da indústria automobilística e berço da Motown Records*, tornou-se também, na década de 1960, uma das mais tristemente afetadas por conflitos raciais. Em 1967, o maior deles deixou um saldo de 43 mortos e marcou o início de sua degradação, com a fuga de negócios e da classe média branca para os subúrbios e a consequente proliferação de guetos negros no centro urbano.

DEUS [do Rego]**, João de** (1867-1902). Escritor e jornalista brasileiro nascido em Caxias, MA, e falecido em Belém, PA. Na capital paraense, foi secretário da *Gazeta do Povo*, chefe de redação do *Diário de Notícias*, além de ter colaborado no *Diário de Belém* e no *Diário do Grão-Pará*. Membro da

Academia Maranhense de Letras, está incluído na relação de ilustres "homens de cor" elaborada por Rodrigues de Carvalho (1988).

DIA DE REIS. Desde os primeiros tempos da escravidão e até muito tempo depois dela, o dia 6 de janeiro, que o calendário católico consagra à Epifania ou Adoração dos Reis Magos, sempre foi o grande dia do carnaval dos negros, escravos e libertos. Nessa data, em boa parte das Américas, notadamente em Cuba e no Brasil, os negros saíam às ruas para dançar e cantar livremente, envergando máscaras e fantasias e representando pantomimas. *Ver TERNO DE REIS*.

DIA DO NOME. Na tradição dos orixás, etapa do ritual de iniciação em que, numa festa pública, o orixá, incorporado, anuncia seu nome privado.

DIA INTERNACIONAL DE LUTA PELA ELIMINAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL. *Ver SHARPEVILLE, Massacre de*.

DIA INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS. Efeméride celebrada em 10 de dezembro e instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948.

DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA. Efeméride celebrada em todo o território brasileiro em 20 de novembro, em lembrança da morte de Zumbi dos Palmares*, ocorrida em 1695. Sua criação foi resultado do trabalho da militância negra, a partir de campanha deflagrada em 1971 no Rio Grande do Sul, pelo Grupo Palmares, sob a liderança do poeta Oliveira Silveira*. A data foi estabelecida por assembleia nacional do Movimento Negro Unificado (MNU) realizada em Salvador, BA, em 4 de novembro de 1975.

DIA NACIONAL DO SAMBA. Efeméride comemorada principalmente no Rio de Janeiro e em Salvador em 2 de dezembro. A data evoca o dia em que o etnógrafo Édison Carneiro*, ao final do Primeiro Congresso Nacional do Samba, realizado no Rio de Janeiro em 1962, foi incumbido de redigir a "Carta do Samba", documento que propunha a preservação das características do samba, dentro de uma perspectiva de progresso, e que foi publicado pelo então Ministério da Educação e Cultura, por intermédio da Campanha de Defesa do Folclore. No Rio de Janeiro, a efeméride foi oficializada pela lei estadual n. 554, de 28 de julho de 1964.

DIABLESSE. Personagem mítica dos negros da Martinica, representada por uma mulher branca, de cabelos longos, com uma pata de cavalo e outra de burro no lugar dos pés.

DIABLITOS. Em Cuba, grupos de mascarados que, principalmente no Dia de Reis*, saíam às ruas dançando e brincando à moda africana.

DIAGO [Izquierdo]**, Raul.** Jogador de voleibol cubano nascido em Matanzas, em 1965, integrou a seleção de seu país a partir dos anos de 1980. Um dos maiores levantadores do mundo, foi responsável por inúmeras jogadas que garantiram diversos títulos internacionais à seleção cubana.

DIAGO, Virgílio (1904-41). Violinista cubano nascido e falecido em Havana. Primeiro violino da Orquestra Sinfônica de Havana, é considerado um dos maiores executantes do instrumento, de todos os tempos, em seu país.

DIALETO. Variante de uma língua, falada em uma região que não a de sua origem com peculiaridades fonéticas, léxicas e gramaticais. O hábito de tratar todos os falares africanos como "dialetos" reflete um preconceito. Na África falam-se idiomas complexos, como o hauçá*, o suaíle*, o iorubá*, o quicongo* etc., com suas variantes regionais, algumas destas, sim, caracterizadas como formas dialetais em relação à língua da qual se originaram. O português do Brasil já foi definido por alguns filólogos como um dialeto em relação à língua falada em Portugal.

DIAMANTE NEGRO. *Ver LEÔNIDAS da Silva.*

DIAMANTINA. Município brasileiro do estado de Minas Gerais, na região do Alto Jequitinhonha. O núcleo pioneiro, denominado Arraial do Tijuco, foi fundado no século XVIII, quando da descoberta de diamantes na região, elevada à condição de vila em 1831. Seu esplendor, refletido na riqueza de seus monumentos arquitetônicos, deveu-se fundamentalmente ao trabalho de escravos africanos e seus descendentes. *Ver ISIDORO.*

DIAMBA. O mesmo que maconha*. O nome deriva do quimbundo *diamba*, correspondente ao quicongo *dy-amba*.

DIAS JÚNIOR (séculos XIX-XX). Pintor brasileiro. Ganhador de prêmio de viagem à Europa em 1914, morreu na Córsega, durante a Primeira Guerra Mundial. É autor da tela *Abel e Caim*.

DIAS, Gonçalves. *Ver GONÇALVES DIAS, Antônio.*

DIAS, Henrique (?-1662). Comandante militar brasileiro nascido e falecido em Pernambuco. Herói das Guerras Holandesas, foi decisivo para a vitória em Porto Calvo (1637), na qual perdeu a mão esquerda; lutou na defesa da Bahia (1638), nas batalhas de Guararapes (1648-49) e na retomada de Recife (1654). De 1630 a 1649, participou de inúmeras batalhas relacionadas com as guerras contra os holandeses, tendo sido gravemente ferido sete vezes. Organizador do primeiro batalhão de negros nas Américas, após as guerras contra os batavos conseguiu que sua tropa não fosse desmobilizada. Com isso, deu origem às inúmeras milícias negras que mais tarde se instituiriam e representariam um dos possíveis canais de ascensão social dos negros na Diáspora. Entretanto, sua fidelidade às autoridades coloniais portuguesas, das quais recebeu o título de "cabo e governador dos crioulos, negros e mulatos da Guerra de Pernambuco", o colocou na ambígua posição de capitão-do-mato*, combatente que foi contra redutos quilombolas, como os de Palmares*. Em 1656 foi a Lisboa, para reivindicar seus direitos pela longa participação nas guerras e a libertação de muitos de seus soldados, que continuavam cativos, lá permanecendo por cerca de dois anos, tendo recebido algumas terras mas nenhum título de nobreza. Morreu quatro anos depois de seu retorno a Pernambuco, em estado de extrema pobreza. *Ver HENRIQUES, Regimento dos*; *UNIDADES MILITARES ÉTNICAS*.
DIAS, Marcílio (1838-65). Marinheiro brasileiro nascido em Rio Grande, RS, e falecido no rio Paraná. Combatente da Guerra do Paraguai*, morreu a bordo da corveta Parnaíba durante a Batalha Naval do Riachuelo. Por sua bravura, é considerado herói da Marinha nacional, e seu busto em bronze pode ser visto em várias cidades do Brasil.
DIÁSPORA. Palavra de origem grega que significa "dispersão". Designando, de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje aplica-se também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes. A Diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio escravo, ocasionou a dispersão de povos africanos tanto pelo Atlântico quanto pelo oceano Índico e mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV – quando

talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levados, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a emigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo "diáspora" serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram. *Ver DESAFRICANIZAÇÃO.*

DÍAZ, José del Carmen (século XIX). Poeta cubano nascido na África ocidental. Escravo em Havana, alfabetizou-se e começou a escrever poemas, tornando-se popular por volta de 1867, apesar de enfrentar a repressão das leis coloniais, que proibiam os cativos de ler e escrever. Em 1879, com os direitos autorais recebidos pela publicação de alguns poemas na célebre antologia *Los poetas de color*, organizada por Francisco Calcagno e publicada em 1868, conseguiu comprar sua alforria (conforme Benjamin Nuñez, 1980).

DÍAZ, Marcos Sánchez (séculos XVIII-XIX). Povoador e líder comunitário na Guatemala. Em 11 de março de 1806, lançou as bases do povoamento da localidade de Livingston, naquele país.

DÍAZ, Ramón (1901-76). Compositor dominicano nascido em Puerto Plata e falecido em San Cristóbal. Juntamente com Juan Francisco García*, é um dos dois únicos artistas negros mostrados em fotografia na importante enciclopédia *Música y músicos de Latinoamerica*, de Otto Mayer-Serra (Cidade do México, Atlante, 1947).

DÍAZ, Raúl. Músico ritual cubano nascido em 1915, em Havana, de nome iniciático Omó Ologun. Introduzido nos segredos das linguagens e dos tambores africanos por Pablo Roche*, foi um dos principais informantes do etnólogo Fernando Ortiz. Nos anos de 1950 era líder de um trio de tambores batá*, no qual executava o *iyá*, o maior dos três, e com o qual, integrando o Conjunto Folclórico Nacional, viajou a vários países.

DÍAZ CARTAYA, Agustín. *Ver CARTAYA, Agustín Díaz.*

DIBANGO, Manu. Nome artístico de Emmanuel Dibango N'Djocké, músico camaronês nascido em Duala, em 1933. Na década de 1940, estudante em Paris e em Bruxelas, tomou contato com a música afro-antilhana. Nos anos de 1960, integrou, como saxofonista, o grupo African

Jazz. Na década seguinte, fundindo os sons do *makossa*, ritmo tradicional de seu país, com o soul americano, alcançou sucesso mundial com o disco *Soul makossa*. Desde então, tornou-se, na condição de pioneiro e influenciador de toda uma geração de músicos africanos, um ícone do *African pop**.

DICRÓ. Nome artístico de Carlos Roberto de Oliveira, sambista nascido em Nova Iguaçu, RJ, em 1946. Notabilizou-se pelos sambas anedóticos e satíricos, de humor escrachado mas inteligente, focalizando principalmente o cotidiano da Baixada Fluminense. Incursionou também pelo samba-enredo, defendendo as cores da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis.

DIDA [1]. Nome artístico do sambista Edel Ferreira Lima, nascido no Rio de Janeiro, em 1940. Ligado ao bloco carnavalesco Cacique de Ramos, é autor de grandes sucessos de carnaval, entre os quais *Vou festejar*, de 1982, interpretado pela cantora Beth Carvalho.

DIDA [2]. Pseudônimo de Nelson de Jesus, jogador de futebol brasileiro nascido em Irerê, BA, em 1974, e criado em Lagoa da Canoa, AL. Goleiro da seleção brasileira de juniores, foi campeão mundial da categoria em 1993. Três anos depois, passou a integrar, como titular, a seleção principal brasileira, sendo o primeiro negro a assumir plenamente esse posto desde os anos de 1950. A partir do final da década de 1990, destacou-se pela elasticidade, pela técnica e pelo controle emocional demonstrados na defesa de penalidades máximas. No ano de 2002, sagrou-se pentacampeão, na Copa do Mundo realizada simultaneamente na Coreia do Sul e no Japão. *Ver BARBOSA*.

DIDDLEY, Bo (1928-2008). Nome artístico de Elias McDaniel, músico americano nascido em McComb, Mississippi, e falecido em Archer, Flórida. Cantor, guitarrista e compositor, destacou-se, ao lado de seu contemporâneo e amigo Chuck Berry*, como um dos pioneiros do rock-and-roll*.

DIDÊ! Nos rituais da tradição dos orixás, ordem para alguém se levantar. Do iorubá *dìde*.

DIDI (1928-2001). Nome pelo qual se tornou célebre Waldir Pereira, jogador de futebol brasileiro nascido em Campos, RJ. Com carreira profissional iniciada na cidade natal, em 1949, depois de uma passagem pelo Madureira Esporte Clube, ingressa no Fluminense Futebol Clube. Em 1957, no Botafogo carioca, consagrou a “folha-seca”, um chute em que a bola sobe

e quase sai para, então, descair e entrar no ângulo do gol adversário. Bicampeão mundial em 1958-62, foi um dos maiores estilistas do futebol brasileiro. Meio-campista virtuoso e cerebral, em 1959 transferiu-se para o Real Madrid, permanecendo na Espanha até 1961. No ano seguinte, após a Copa do Mundo, foi atuar no Peru, onde, de 1966 a 1970, cumpriu brilhante trajetória como técnico, dirigindo inclusive a seleção nacional daquele país.

DIDI, Mestre. Nome pelo qual se fez conhecido Deoscóredes Maximiliano dos Santos, chefe religioso e artista plástico nascido em Salvador, BA, em 1917. Filho biológico da ialorixá Mãe Senhora* e descendente direto de africanos de Ketu*, destacou-se como açobá* e alto dignitário do culto aos ancestrais nagôs na Bahia. É também autor de importantes livros sobre a tradição de seus antepassados iorubás em terra brasileira, como *Contos negros da Bahia* (1961) e *O iorubá tal qual se fala* (1950); este último vem a ser o primeiro manual com vocabulário dessa língua editado no Brasil. A partir da década de 1960, fez diversas viagens à Nigéria e ao Benin para cumprir obrigações religiosas. Em 1998 recebeu da Presidência da República a medalha "Direitos Humanos, um Novo Nome da Liberdade".

DÍEZ, Barbarito (1909-95). Cantor tradicional cubano, nascido em Bolondrón, Matanzas, no dia 4 de dezembro, dia de santa Bárbara, e falecido em Havana. Radicado na capital cubana a partir de 1931, em 1937 passou a integrar a orquestra de Antonio María Romeu, firmando-se como o maior intérprete do *danzón*, tradicional gênero musical cubano. Por sua contribuição à cultura nacional do seu país, recebeu, em 1989, do governo cubano, a comenda da Orden Félix Varela de Primer Grado.

DIGGIN' MATCH. Na Jamaica, grupo de pessoas empregadas em trabalho coletivo; mutirão.

DIJINA. Nos candomblés bantos e na umbanda, nome iniciático pelo qual o filho ou filha de santo será conhecido(a) depois da feitura. Do quimbundo *dijina*, "nome".

DILÊ. Na umbanda, um dos epítetos de Ogum: Ogum Dilê*.

DILLARD, Harrison. Atleta americano nascido em Cleveland, Ohio, em 1923. Um dos maiores especialistas em corridas com obstáculos, conquistou o ouro olímpico em Londres (1948) e em Helsinque (1952).

DILOGGÚN. Em Cuba, sistema de adivinhação por meio de búzios, o qual não é privativo do babalaô. Interpreta-se o *diloggún* segundo a quantidade de búzios com a abertura voltada para cima, após serem jogados. Por exemplo: um búzio, signo – Ocana; dois, Eyoko; três, Oggundá; quatro, Irósun; cinco, Oché; seis, Obbara; sete, Oddí; oito, Eyonilé; nove, Osá; dez, Ofún; onze, Ojuaní; doze, Eyinlá. São jogados dezesseis búzios. No caso de caírem mais de doze com a abertura para cima, o *santero** remete o consulente a um babalaô*.

DILOGUM. No Brasil, o mesmo que o *diloggún** cubano. Também delogum, dologum, edilogum. No Rio Grande do Sul, o termo designa uma festa do batuque na qual se come carne de peixe.

DILONGA. Designação, em alguns terreiros, de cada um dos pratos de louça ou de barro usados para compor os assentamentos dos orixás ou para o uso convencional. Do quimbundo *dilonga*, "prato".

DIMINUTIVOS AFETIVOS. Na linguagem popular tanto do Brasil quanto da América hispânica, as formas reduzidas de antropônimos, usadas familiar ou afetivamente, são quase sempre resultado da adaptação de características fonéticas africanas, notadamente bantas. É o caso de Zeca (para José, possivelmente influenciado pelo quimbundo *mukua-zeka*, "dorminhoco"); Chico (Francisco); Juca (João; José); Quinca (Joaquim); Tonho (Antônio); Zuza (José) etc. Vicente Rossi (2001) afirma que, no espanhol, muitos desses diminutivos, tidos como criações de Madri ou da Andaluzia, são de indubitável origem negro-africana, como Charo (Carlos), Chucho (Jesús), Lola (Dolores), Toño (Antonio), Paco e Pancho (Francisco) etc.

DINA (1945-73). Codinome de Dinalva Oliveira Teixeira, combatente revolucionária brasileira nascida em Castro Alves, BA, e falecida em combate na região do rio Araguaia, entre o sudeste do Pará e o noroeste do atual estado de Tocantins. Conhecida como exímia atiradora, destacou-se como vice-comandante de um dos destacamentos rebeldes na chamada "Guerrilha do Araguaia", sendo, entretanto, morta na terceira e última campanha do Exército, quando as tropas federais teriam se servido dos métodos mais cruéis e violentos, inclusive contra a população civil (conforme Ribeiro, 2007).

DINIZ, Fernando (1918-99). Pintor brasileiro nascido na Bahia e falecido no Rio de Janeiro. Criado na antiga capital federal, em ambiente de família abastada – para a qual sua mãe trabalhava –, aos 16 anos sofreu o primeiro surto esquizofrênico, causado por uma desilusão amorosa. Em 1949, internado no hospital psiquiátrico Pedro II, iniciou, com a médica Nise da Silveira, a terapia ocupacional que revelaria seus dotes artísticos. Por meio da pintura, conquistou fama internacional, participando de mostras em vários países. Em 1994, suas obras ganharam vida no filme de animação *A estrela de oito pontas*, premiado no Festival de Cinema de Gramado, RS.

DINIZ, Mauro. *Ver MONARCO.*

DINKIE-MINNY**.** Velório da tradição jamaicana ou, mais especificamente, a celebração festiva de encerramento de um funeral, no nono dia após o falecimento.

DINKINS, David. Político americano nascido em Trenton, Nova Jersey, em 1927. Em 1989, tornou-se o primeiro negro a eleger-se prefeito da cidade de Nova York, cargo que ocupou até 1993; depois, dedicou-se ao magistério, dando aulas de *urban affairs* [negócios urbanos] na Universidade de Colúmbia.

DINORAH (1931-2006). Nome artístico de Affonsina Pires, cantora e dirigente comunitária brasileira nascida em Pitangui, MG, e radicada na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu. Líder do grupo vocal As Gatas, especializado em repertório carnavalesco, distinguiu-se como coralista em inúmeras gravações de música popular desde os anos de 1950, depois de ter atuado nas principais emissoras de rádio e televisão cariocas e em espetáculos teatrais e de clubes noturnos. Fundadora da escola de samba infantil Herdeiros da Vila, nela desenvolveu notável trabalho comunitário, tendo recebido, por isso, importantes premiações, como a medalha Pedro Ernesto, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

DIOLA. Povo da África ocidental, pertencente ao grande grupo mandinga. *Ver MANDINGAS.*

DIONÍSIO, Manoel [dos Anjos]. Sambista e educador comunitário nascido em Além-Paraíba, MG, em 1936, e radicado no Rio de Janeiro. Dançarino, em 1990 criou o projeto “Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira

e Porta-Estandarte", desenvolvido no sambódromo carioca. Trabalhando principalmente com crianças dos morros, a iniciativa revelou-se excelente veículo de sociabilização pela dança e de elevação da autoestima.

DIOP, Cheikh Anta (1923-86). Antropólogo e físico senegalês, foi um dos principais artífices do renascimento da historiografia africana. Professor de egiptologia da Universidade de Dacar e fundador e diretor do Laboratório de Radiocarbono e Medição de Radioatividades Fracas do Instituto Fundamental da África Negra, foi um dos membros mais atuantes do Comitê Científico Internacional no que diz respeito à redação, em oito volumes, da *História geral da África* (1980-99), publicada sob os auspícios da Unesco. Cheikh Anta Diop é unanimemente considerado o maior cientista e sábio africano do século XX.

DIPINI, Carmen Délia (1927-98). Cantora porto-riquenha nascida em Naguabo e falecida em Bayamón. Com carreira iniciada em 1941, desfrutou de grande prestígio internacional, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, com a interpretação de boleros e mambos. Em 2002 foi postumamente entronizada no International Latin Hall of Fame, em Nova York, EUA.

DIPLOMACIA, Negros na. *Ver ITAMARATY.*

DIREITO INSURGENTE. Conjunto de normas consuetudinárias geradas em comunidades em que o direito estatal se mostra inócuo em sua tarefa de ordenamento social, tais como favelas, mocambos, regiões de palafitas, áreas de conflito rural etc.

DIREITOS CIVIS, Movimento pelos. *Ver CIVIL RIGHTS MOVEMENT.*

DIREITOS HUMANOS, Declaração dos. Documento votado na Assembleia Geral da ONU, em 1948, no qual se afirmam os direitos fundamentais da pessoa humana e a igualdade de todos os indivíduos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, origens sociais, religião ou convicções político-ideológicas.

DIRÍGIO. Um dos nomes da maconha. Variante: dirijo.

DIRTY DOZENS. Entre os negros dos Estados Unidos, tradicional jogo de rapazes no qual os participantes se insultam reciprocamente, xingando pais e mães. O objetivo do jogo é testar a força emocional dos envolvidos, e o primeiro que se aborrecer será o perdedor.

DIRTY MOTHER. Na Jamaica, o mesmo que *dirty dozens**.

DISCRIMINAÇÃO. Tratamento desfavorável dispensado arbitrariamente a certas categorias de seres humanos. A discriminação racial tem sua forma mais radical na segregação*. *Ver RACISMO*.

DITADURA DE 1964, Resistência à. A luta armada de resistência ao regime militar instalado no Brasil em abril de 1964 contou também com a participação destacada de diversos militantes afrodescendentes, como por exemplo Edmur Péricles Camargo, o Gaúcho*, e Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão*, ambos verbetes desta obra. *Ver ARAGUAIA, Guerrilha do*.

DIVINATÓRIAS, Práticas. Técnicas de adivinhação do futuro. Na tradição afro-brasileira, as mais difundidas são o jogo de búzios*, o jogo de Ifá*, a consulta por meio do obi* partido e o jogo da alubaça*. *Ver ODU*.

DIVINE SPIRITUAL CHURCHES. Grupo de igrejas afro-americanas, principalmente na região de Nova Orleans, que fundem elementos de cultos africanos, crenças indígenas, fundamentalismo cristão, judaísmo e catolicismo medieval. Seus templos, onde os fiéis vão buscar conforto espiritual e cura para males físicos, possuem, em geral, altares elaborados e tanques para batismo, decorados com efígies de "espíritos guias", como santos católicos e antigos líderes indígenas, o que estabelece uma relação entre elas e os *mardi gras indians** do carnaval nova-orleanês. A primeira delas foi a First Spiritual Church of South, fundada em 1920, em Nova Orleans, por Leaf Anderson.

DIVINO MESTRE (século XIX). Epíteto pelo qual foi conhecido Agostinho José Pereira, líder religioso em Recife, PE. Chefe de uma seita protestante, pregando com base em uma interpretação pessoal da Bíblia, provavelmente nos moldes da teologia negra*, foi preso em 1846, acusado de incitação à revolta e, principalmente, haitianismo*.

DIXON, Graciela. Advogada e líder política panamenha nascida em Colón, em 1956. Líder do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), em 1993 foi nomeada para a presidência da Suprema Corte de Justiça de seu país, sendo a primeira mulher a ocupar tal posição em toda a América Latina.

DIXON, [William James, dito] **Willie** (1915-92). Músico americano nascido em Vicksburg, Mississippi, e falecido em Los Angeles, Califórnia.

Um dos primeiros músicos de blues a excursionar pela Europa, foi um expoente da vertente conhecida como *Chicago blues*.

DJ. Abreviação de disc jockey, designando, modernamente, o animador de bailes populares que utiliza a fala superposta à gravação que está sendo reproduzida e alterada por sua interferência. Popularizada na Jamaica a partir dos anos de 1960, a técnica dos DJs ganhou dimensão mundial principalmente por intermédio do músico americano Grandmaster Flash (nascido Joseph Saddler, em Barbados, em 1958), na década seguinte. Pronuncia-se "didjei".

DJALMA DO ALEGRETE (1931-94). Pseudônimo de Djalma Cunha dos Santos, artista plástico brasileiro nascido em Alegrete, RS, e falecido em Porto Alegre, no mesmo estado. Pintor, desenhista, cenógrafo e figurinista, destacou-se na capital gaúcha e no Rio de Janeiro, onde foi professor nos cursos profissionalizantes do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem).

DJALMA SABIÁ. Apelido de Djalma de Oliveira Costa, sambista nascido no Rio de Janeiro, em 1925. Fundador, dirigente e compositor da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, foi autor ou coautor dos sambas-enredo com que a agremiação desfilou nos carnavais de 1956 (*Brasil, fonte das artes*), 1957 (*Navio negreiro*), 1964 (*Chico-Rei*) e 1966 (*Valongo*).

DJALMA SANTOS. Jogador brasileiro de futebol nascido em São Paulo, em 1929. Integrante da seleção brasileira a partir da Copa do Mundo de 1954, sagrou-se bicampeão mundial em 1962 e atuou até 1966. Segundo os especialistas, foi o maior lateral-direito brasileiro do século XX.

DJALMA SAPO. Nome pelo qual foi conhecido o sambista Djalma Fernandes da Silveira, nascido no Rio de Janeiro, em 1931, e falecido nos anos de 1980. Integrante da Unidos de Vila Isabel, fundada por seu pai, Antônio Fernandes de Oliveira, o "Seu China", e cuja ala de compositores presidiu, para ela compôs, com parceiros, os sambas-enredo de 1956 (*Três épocas*), 1965 (*Epopeia do Teatro Municipal*) e 1971 (*Ouro mascavo*).

DJAVAN [Caetano Viana]. Compositor e cantor brasileiro nascido em Maceió, AL, em 1949. De expressão musical pop, destacou-se, não obstante, nos anos de 1970, pelos sambas de divisão complexa e rico fraseado

melódico. Na década seguinte, encetou carreira internacional, tornando-se um dos grandes nomes da moderna música popular brasileira.

DJELLABAH. Túnica tradicional muçulmana.

DJÉVO. Nos templos do vodu, camarinha onde se preparam os iniciandos.

DJIBUTI, República do. País situado no Nordeste do continente africano, no litoral do golfo de Áden; outrora conhecido como Somália Francesa.

DJUKA. Povo do Suriname; o mesmo que aúca. *Ver BUSH NEGROES*.

DJUMBAY. Entidade de cultura e direitos humanos criada em Recife, PE, em 1992, sob a denominação completa de Djumbay – Organização pelo Desenvolvimento da Arte e da Cultura Negra. Seu nome provém de um dialeto crioulo da Guiné-Bissau no qual significaria "acontecimento".

DOBALE. Cumprimento ritual da tradição dos orixás que consiste em deitar-se de bruços no chão, prosternado diante de quem ou daquilo que se quer saudar, com a cabeça tocando o solo e o corpo virando-se ligeiramente para um e outro lado, sobre cada um dos braços estendidos. Do iorubá *ìdòbálè*, "ato de prostrar-se em submissão". Olga Cacciatore (1988) observa ter havido no Brasil uma troca de nomes entre o *ìdòbálè* e o *ìikà* africanos. *Ver IKÁ*.

DOBURU. Na tradição dos orixás, pipoca, alimento votivo de Omulu-Obaluaiê. Provavelmente, corruptela de guguru*.

DOCÓ. Nome de um Oxóssi velho, em batuques do Rio Grande do Sul.

DOCTOR JOHN. Nome artístico de Malcolm John "Mac" Rebennack, músico americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, em 1940. Pianista, guitarrista e cantor, é um dos maiores símbolos da riqueza e da diversidade musicais em sua cidade natal.

DOCTOR JOSHUA SWEET. Personagem de desenho animado lançado em meados de 2001 nos Estados Unidos, no longa-metragem *Atlantis: o reino perdido*, da Disney. Trata-se da primeira personagem humana e afrodescendente criada pela corporação: até então, os negros só apareciam representando figuras do reino animal, como é o caso de Mickey Mouse*.

DOCTOR STELL. Em cultos africanos de Trinidad e Tobago, espírito malfazejo e chefe de legião, por isso tratado com extrema deferência.

DOÇU. Vodum masculino, filho de Dadarrô*. Dossou é antropônimo da área fon.

DOÇUPÉ. Vodum masculino, filho de Doçu*.

DODDS, Alfred Amédée (1842-1922). Militar nascido no Senegal, de mãe nativa e pai francês. General do Exército da França, em 1892, depois de destacar-se em outras campanhas, comandou a conquista do Benin, pondo fim à resistência de Béhanzin*, finalmente derrotado em 1894.

DODGE, Diego (?-1844). Dentista cubano. Acusado de participar da Conspiração de La Escalera*, foi executado em Matanzas.

DODÔ (?-1979). Nome artístico de Alfredo Antônio do Nascimento, músico brasileiro nascido e falecido na Bahia. Violonista, na década de 1950 criou, com Osmar Macedo e Temístocles Aragão, o Trio Elétrico, que saía às ruas, no carnaval de Salvador, tocando em cima de um automóvel conversível. Aos poucos, o nome do grupo passou a denominar uma nova modalidade de folguedo carnavalesco e um tipo de equipamento volante de som, usado em espetáculos e outros eventos.

DOENÇA DO SONO. Nome popular da tripanossomíase africana, doença parasitária da África tropical, causada por um protozoário transmitido pela picada da mosca tsé-tsé.

DOFONA. Nome que se dá à primeira confirmada que raspou a cabeça em cada barco de iaôs. Provavelmente, do fongbé *dokponon*, “único”, “sozinho”.

DOFONITINA. Segunda inicianda a raspar a cabeça em cada barco de iaôs. *Ver DOFONA*.

DOFONO. Masculinização de dofona*.

DOG MUMA. O mesmo que *dirty mother**.

DOIS-DOIS. Uma das denominações com que são chamados os Ibêjis* no Brasil.

DOJUBOLÉ. Curvatura reverente, na tradição dos orixás. Do iorubá *dojúbolè*.

DOKUNU. Espécie de bolo da culinária afro-jamaicana, feito de milho, batata ou inhame, cozido em folha de bananeira. Também, *duckanoo* e *duckunu*.

DOLORES, José (século XIX). Líder escravo cubano. Em 1843 comandou um levante destinado a libertar os negros do engenho Alcancía.

Sua saga inspirou, em parte, o filme *Queimada* (*Burn!*), de Gillo Pontecorvo, estrelado por Marlon Brando, em 1969.

DOLORES, Ma. *Ver MA DOLORES*.

DOM. Forma de tratamento corrente entre jovens homens negros, no ambiente do Black Rio*, nas décadas de 1970 e 1980. A expressão recuperava, com altiva ironia e como expressão de orgulho étnico, o título que antecede os nomes de membros da alta nobreza. Compare-se esse tratamento ao "*man*" (homem), usado entre os negros americanos, a partir da década de 1960, como reação a "*boy*" (moleque), tratamento que lhes era reservado pelo racismo branco.

DOM HELVÉCIO Gomes de Oliveira. *Ver OLIVEIRA, Dom Helvécio Gomes de*. Ao longo desta obra, os prelados, portadores do título "dom", são indicados, nos verbetes, a partir do último sobrenome.

DOM OBÁ. *Ver PRÍNCIPE OBÁ II*.

DOM SALVADOR. Nome artístico do pianista brasileiro Salvador da Silva Filho, nascido em Rio Claro, SP, em 1938. No final dos anos de 1950, tornou-se conhecido como músico de jazz e bossa nova, tendo inclusive realizado algumas viagens aos Estados Unidos, onde se radicou definitivamente após o fim do grupo Abolição, formado em 1970 e integrado exclusivamente por músicos negros.

DOME, José de (1921-82). Nome artístico de José Antônio dos Santos, pintor brasileiro nascido em Estância, SE, e falecido em Cabo Frio, RJ. Firmou-se a partir de sua primeira exposição individual, em 1955, como figurativista intuitivo e lírico, fixando paisagens e tipos populares. Sua memória e sua obra são reverenciadas na cidade de Cabo Frio, onde o prédio em que funciona a Secretaria de Cultura é conhecido como "Casa José de Dome".

DOMINGADA. Termo da gíria futebolística brasileira para designar uma jogada brilhante. Deriva do nome de Domingos da Guia*, jogador de estilo único.

DOMINGOS [Antônio] **DA GUIA** (1912-2000). Jogador de futebol brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Com trajetória iniciada em 1929 no Bangu Atlético Clube e encerrada vinte anos depois na mesma agremiação, de seu primeiro clube transferiu-se para o Vasco da Gama e

chegou à seleção brasileira, com a qual disputou a Copa Rio Branco, em 1932. Contratado pelo Nacional, do Uruguai, lá sagrou-se campeão em 1933, voltando no ano seguinte para mais uma vez ser campeão, agora pelo Vasco da Gama, feito que repetiu em 1935 no argentino Boca Juniors. A partir de 1936 viveu, no Flamengo, a sua melhor fase, sendo campeão em 1939, 1942 e 1943. Ídolo nos clubes sul-americanos de maior torcida, inclusive no Corinthians paulista, onde atuou até 1947, foi campeão da América do Sul pela seleção brasileira em 1945, depois de ter participado da Copa do Mundo de 1938. Jogador legendário, tão virtuoso e elegante quanto cerebral, foi o mais clássico dos zagueiros da história do futebol brasileiro, merecendo da imprensa a antonomásia de "divino mestre".

DOMINGOS MOÇAMBIQUE (?-1837). Personagem do populário carioca. Escravo e cego, foi acusado da morte de um caixeiro e de ter ateado fogo à casa de comércio onde este trabalhava. Sentenciado à morte e enforcado, num episódio de grande repercussão popular, mais tarde teve provada sua inocência, com a confissão *in extremis* do verdadeiro culpado.

DOMÍNGUEZ, Benito (século XIX). Militar uruguaio. Tenente do Batalhão de Libertos, em 1837 foi elogiado por atos de bravura no Combate de India Muerta, contra as tropas de Buenos Aires.

DOMINICA, Comunidade de. País localizado em uma das ilhas de Sotavento, nas Antilhas, com capital em Roseau. Fica entre Guadalupe (ao norte) e a Martinica (ao sul). Os africanos foram para lá levados a partir de 1632, e hoje seus descendentes representam mais de 97% da população.

DOMINICANA, República. *Ver REPÚBLICA DOMINICANA.*

DOMINO, [Antoine, dito] **Fats.** Cantor, pianista e compositor americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, em 1928. Quando o rock-and-roll* explodiu, em meados da década de 1950, Domino já era um consagrado artista de rhythm-and-blues*, com interpretações personalíssimas como a de *Blueberry hill*. Com mais de 60 milhões de cópias vendidas – de trinta LPs e cem compactos – desde 1950, conquistou 22 discos de ouro e inspirou os Beatles quando da composição de *Lady Madonna*, canção gravada em 1968. No ano de 1987 ganhou um Grammy especial pelo conjunto de sua obra, em face do seu desempenho como elo fundamental entre o rhythm-and-blues e o rock-and-roll e por abrir

caminho, com seu canto e seu estilo pianístico, para várias gerações de intérpretes.

DOMUTINHA DE OIÁ (1884-1955). Nome pelo qual foi conhecida Adelaide dos Santos, sacerdotisa, de nome iniciático Mejitó, nascida na Bahia. Filha de santo e sucessora de Rozena de Bessém*, transferiu a comunidade Podabá para Coelho da Rocha, na Baixada Fluminense, e lá se destacou como um dos baluartes da nação jeje no Rio de Janeiro (conforme José Beniste, 2001). O título "domutinha" distingue, pela ordem de saída, a oitava sacerdotisa em um conjunto de recém-iniciadas.

DON PEDRO. Modalidade do vodu introduzida em Guadalupe por volta de 1720 e proibida em 1750. Exteriorizava-se, segundo consta, por meio de transes violentos, com danças e ingestão de beberagens estranhas, como rum com pólvora etc. O nome remete a *petro**, uma das linhas do vodu haitiano.

DONA INA. Entidade da falange dos botos, em cultos afro-amazônicos. *Ver INAÊ.*

DONA IVONE Lara. *Ver LARA, Dona Ivone.*

DONÉ. Nos candomblés jejes, termo correspondente ao iorubano "ialorixá". O vocábulo parece ter se formado no Brasil. *Ver DOTÉ; NOCHÊ.*

DONGA (1889-1974). Nome pelo qual foi conhecido o violonista e compositor brasileiro Ernesto Joaquim Maria dos Santos, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Instrumentista de talento, ligado à colônia baiana que ajudou a plantar, no Rio, as bases da música urbana brasileira, integrou, com Pixinguinha, o famoso grupo Oito Batutas e celebrizou-se como um dos autores de *Pelo telefone**. Nesse particular, seu grande mérito, além do inegável valor artístico, foi o de, motivado pelo advento da indústria fonográfica e visando à ampliação das possibilidades de uma música antes restrita a um ambiente específico – o da comunidade negra –, ter dado ao samba o status indiscutível de gênero musical brasileiro.

DONGO. *Ver NDONGO.*

DONNAY, *Maurice* (1859-1945). Escritor francês nascido e falecido em Paris. Eleito para a Academia Francesa em 1907, era dado como afrodescendente (conforme A. da Silva Mello, 1958).

DONUN. Nos candomblés jejes, modo de oferecer comida à divindade durante a iniciação.

DOO DOOP. Em Trinidad, espécie de tambor metálico de som grave, emitindo duas notas, precursor do *steel drum*.

DOO-WOP. Estilo musical surgido entre a juventude negra dos Estados Unidos, na década de 1950. Seu nome deriva de uma onomatopeia representando o som emitido pelos coros de conjuntos vocais como The Ink Spots*, The Platters* etc. (formados em geral por um tenor solista apoiado por quatro vozes com registros diferentes), os quais, utilizando técnicas harmônicas do gospel*, conseguiam belíssimos desenhos vocais.

DORES, Firmino José das (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. No posto de tenente, distinguiu-se na Guerra do Paraguai*.

DÓRIA, Franklin. *Ver LORETO, Barão de.*

DÓRIA, João Agripino da Costa (1843-1902). Político e médico baiano. Catedrático de clínica médica em Salvador, foi vereador em 1892 e em seguida prefeito dessa cidade. Era filho de Antônio Joaquim da Costa Dória com Eleutéria Sofia de Menezes, de "sangue africano" (segundo Francisco Antônio Dória *et al.*, 1995).

DORNELAS, Homero (1901-90). Compositor, violoncelista e professor de teoria musical brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Em 1926, dedicando-se também à música popular, adotou o pseudônimo de Candoca da Anunciação, com o qual assinou o célebre samba *Na pavuna*, de 1929, em parceria com Almirante. Era filho de Sofonias Dornelas*.

DORNELAS, Sofonias (1870-1941). Nome abreviado de Sofonias Galvão Dornelas Pessoa, maestro, compositor e letrista brasileiro nascido em Recife, PE, e falecido no Rio de Janeiro. Escreveu para o teatro musicado e regeu orquestras de companhias de revistas, podendo ser credenciado como um dos edificadores da música popular brasileira.

DOS REIS, Maria Brandão (1900-74). Ativista política brasileira nascida em Rio das Contas, MG, e falecida em Salvador, BA. Na década de 1920, influenciada pela saga da Coluna Prestes, transferiu residência para Salvador, de onde irradiou sua militância, oferecendo apoio material a todos os necessitados, organizando suas reivindicações e conseguindo, inclusive, intermediar a concessão de bolsas de estudo e material escolar. Em 1950,

obteve do Partido Comunista Brasileiro (PCB) o prêmio Campeã da Paz; entretanto, preterida, por suposto racismo, em uma viagem a Moscou, acabou rompendo com a organização. Após abril de 1964, foi alvo de repressão por parte da ditadura militar que tomou o poder no Brasil.

DOSU. Entre os afro-haitianos, nome de origem daomeana que se dá à primeira criança do sexo masculino nascida depois de um parto de gêmeos. *Ver DOUM*.

DOTA. Em cultos afro-paraenses, denominação do cântico ritual.

DOTACIÓN. Na América espanhola, conjunto de escravos de uma fazenda.

DOTÉ. Denominação do pai de santo em terreiros jejes cariocas. Do fongbé *to*, "pai" + *tche*, "meu".

DOUBLE SECOND. Nome de um dos tambores das *steel bands** de Trinidad.

DOUGLAS, Aaron (1899-1988). Pintor americano nascido em Topeka, Kansas. Estudou nas universidades de Nebraska e Colúmbia e na Academie Scandinave, em Paris. Muralista e ilustrador, pintou grandes murais, como os da Fisk University e da Biblioteca Pública de Nova York, e ilustrou livros de Countee Cullen*, James Weldon Johnson*, Alain Locke* e Langston Hughes*. É considerado o mais importante pintor da Harlem Renaissance*.

DOUGLAS, Desmond. Jogador de tênis de mesa nascido na Jamaica, em 1955. Canhoto, era, até a finalização desta obra, o único jogador negro a ter figurado entre os dez melhores do esporte.

DOUGLASS, Frederick (1817-95). Abolicionista americano nascido escravo em Maryland e registrado com o nome de Frederick Augustus Washington Bailey. Aos 21 anos, fugiu para a liberdade, e em 1845, já como representante da American Anti-Slavery Society, viajou à Inglaterra em campanha abolicionista. De volta, fundou o jornal *The North Star*, cujo lema era: "O direito não tem sexo, a verdade não tem cor; Deus é o pai de todos e todos somos irmãos". A esse periódico, seguiu-se o *Frederick Douglass' Paper*, com um novo lema: "Todos os direitos para todos". Durante o período da Reconstrução, Douglass desenvolveu intensa militância pelos direitos civis, e, após 1890, foi embaixador dos Estados Unidos ao governo do Haiti. Seu discurso "West Indies emancipation speech", pronunciado em 1857, é o

retrato de sua filosofia política. Nele, o líder afirmava: “Esta luta [pela liberdade] pode ser uma luta moral ou física, e pode ser ambas. Mas tem de ser uma luta!”.

DOUM. Na umbanda*, a terceira “criança”, companheira dos gêmeos Cosme e Damião. Também, Doú. Do iorubá *Idòwú*, nome que se dá ao filho nascido após gêmeos, o qual relaciona-se ao fongbé *dohoun*, “parecido com”, “semelhante ou igual a”. *Ver DOSU*.

DOUM ROMÃO. *Ver ROMÃO, Dom Um*.

DOURADINHA-DO-CAMPO (*Lindernia crustacea*; *Vandelia crustacea*). Erva rasteira da família das escrofulariáceas, de flores azul-purpúreas. Na tradição afro-brasileira, é consagrada a Obaluaiê*.

DOVRÓ. Iguaria da culinária ritual afro-maranhense, preparada com feijão-branco, cozido no vapor, envolto em folha de bananeira.

DRACENA. Denominação comum a várias espécies de plantas da família das dracenáceas. Por suas folhas lanceoladas são, em geral, consagradas, na tradição religiosa afro-brasileira, aos orixás guerreiros como Ogum* e Oxóssi*. *Ver PEREGUM*.

DRAGÃO DO MAR. *Ver NASCIMENTO, Francisco José do*.

DRAG QUEEN. Expressão surgida nos anos de 1990 para designar, internacionalmente, artistas do show business, em geral homossexuais masculinos, que se apresentam, caricaturalmente, com trajes e adereços femininos. É resultado da junção de dois termos da gíria dos negros norte-americanos, a saber: *drag* – nos anos de 1940, qualquer traje feminino usado por homossexual, sobretudo em festas; *queen* – nos anos de 1950, designação genérica de qualquer homossexual masculino (conforme Clarence Major, 1987).

DRÁVIDAS. *Ver AFRO-INDIANOS*.

DREADLOCKS. Penteado caracterizado por tranças finas, usado pelos adeptos do rastafarianismo*.

DREAM TEAM. Expressão pela qual ficou conhecida a equipe de basquetebol que representou os Estados Unidos e se sagrou campeã na Olimpíada de Barcelona, em 1992. Integrada por apenas dois atletas não negros, teve entre seus astros Magic Johnson*, Patrick Ewing, Michael

Jordan* e Scott Pippen. A expressão traduz-se em português como “equipe dos sonhos”, isto é, fantástica, irreal.

DREW, Charles Richard (1904-50). Médico e pesquisador americano nascido em Washington, DC. Formado pela McGill University em 1933, pesquisou e desenvolveu técnicas de separação e preservação do plasma sanguíneo. Em 1940 foi convidado pelo governo britânico a implantar o primeiro banco de sangue da Inglaterra, tornando-se, assim, o “pai” dos bancos de sangue atuais.

DRUMMOND, Don (?-1969). Trombonista jamaicano. Líder do grupo The Skatalites, sua música, segundo alguns críticos, tem, para o gênero ska*, a mesma importância que a de Bob Marley para o reggae*. Faleceu em um manicômio, onde fora internado após ter cometido um homicídio passional.

***DRUM'N'BASS* (*Drum and bass*).** Estilo de execução musical surgido em guetos negros de Londres na década de 1990. Inicialmente conhecido como *jungle*, caracteriza-se pela marcação funk* da bateria (*drum*), conjugada com batidas vigorosas e obstinadas do baixo (*bass*), como no *dub** jamaicano.

DRUM SET. *Ver BATERIA.*

DU BOIS, W. E. B. (1868-1963). Assinatura de William Edward Burghardt Du Bois, líder pan-africano nascido em Great Barrington, Massachusetts. Um dos homens mais influentes de seu tempo, foi o primeiro negro a receber o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Harvard. Em 1896 publicou o clássico *The suppression of the African slave-trade to the United States of America* e, sete anos depois, *The souls of black folk*, no qual consolida sua oposição às ideias de Booker T. Washington*, o fundador da Tuskegee University*. Em 1905, como consequência dessa oposição, Du Bois lidera o Niagara Movement, reivindicando igualdade de direitos para os negros em todos os níveis. Durante mais de cinquenta anos, até sua morte em Gana – para onde emigrara em 1961, atormentado pelos segregacionistas brancos de seu país, que o forçaram a exilar-se e abdicar da cidadania norte-americana –, Du Bois escreveu mais de quinze livros e engajou-se em vários movimentos, inclusive a favor dos direitos das mulheres, afirmando-se como um dos líderes negros mais notáveis e progressistas.

DUARTE, Mauro [de Oliveira] (1930-89). Compositor brasileiro nascido em Matias Barbosa, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Carinhosamente conhecido como "Mauro Bolacha", pelo rosto largo e o jeito bonachão, foi autor, principalmente em parceria com Paulo César Pinheiro, de sambas que alcançaram grande sucesso nos anos de 1970-80, na voz da cantora Clara Nunes*.

DUB. Estilo de música popular da Jamaica baseado em gravações vocais ou instrumentais de reggae* alteradas pela interferência de efeitos de estúdio. Também, o estilo de interpretação no qual o intérprete diz frases ritmadas, como no rap*, sobre um fundo instrumental de reggae.

DUB POETRY. *Ver JOHNSON, Linton Kwesi.*

DUBOY, Pierre (?-1822). Revolucionário porto-riquenho. Envolvido na chamada Conspiração de Guayama, que tinha como objetivo promover a morte de todos os senhores locais e a proclamação da "República de Boricua", foi sentenciado e executado em 12 de outubro de 1822. Descrito como um "negro francês residente em Daguao", é também mencionado como Pedro Duboy.

DUCOUDRAY, Hyacinthe (século XVIII). Líder revolucionário haitiano. Bravo e inteligente, comandou 15 mil escravos no ataque de Croix-des-Bouquets.

DUDU, Mãe. Nome pelo qual foi conhecida Vitorina Tobias Santos, mãe de santo maranhense nascida em Viana, no ano de 1887. Foi a dirigente máxima da Casa de Nagô*, a partir de 1967.

DUDUCA (1926-78). Pseudônimo do sambista Eduardo de Oliveira, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Integrante da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, na qual foi presidente da ala de compositores na década de 1970, para ela criou, em parcerias, os sambas-enredo de 1954, 1955 e 1961.

DUDU-CALUNGA. Mito afro-baiano do folclore do Recôncavo Baiano*.

DUGU. Culto dos ancestrais *garífunas**.

DUM'BREAD. Nas Ilhas Virgens Americanas, espécie de *johnnycake** cozido.

DUMARI. Entre os *garífunas** de Honduras, molho semelhante ao tucupi.

DUMAS, Alexandre. Nome de dois escritores franceses, pai e filho, de origem afro-antilhana. O pai (1802-70), célebre autor de *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo*, era filho do general de la Pailleterie*, herói do exército de Napoleão, que, por sua vez, era filho do marquês de la Pailleterie com Louise-Cessette Dumas, negra de Saint Domingue. Um dos autores mais famosos de seu tempo, a popularidade também sorriu para Alexandre Dumas Filho (1824-95), consagrado autor de *A dama das camélias* (1848).

Alexandre Dumas

DUMAS, Thomas-Alexandre. *Ver PAILLETERIE, General de la.*

DUMBA. Na terminologia do culto omolocô*, mulher. Do quicongo *ndúmba*, "moça", "mulher jovem".

DUNBAR, Paul Laurence (1872-1906). Poeta americano, filho de ex-escravos, nascido em Dayton, Ohio. Primeiro poeta negro a ganhar reputação literária nos Estados Unidos, foi também o primeiro a usar a fala dos negros americanos como parte da estrutura formal de seu trabalho. Em 1895 escreveu *We wear the mask*, texto em que a frase "Nós usamos a máscara que sorri e mente" expressava poeticamente a estratégia de sobrevivência dos negros americanos em face da crueldade da escravidão. Obras publicadas: *Oak and ivy* (1893); *Majors and minors* (1895); *Lyrics of sunshine and shadow* (1905); *Li'l' gal* (1904); *Howdy, honey, howdy* (1905); *A plantation portrait* (1905); *Joggin'erlong* (1906), além de quatro novelas e quatro volumes de contos.

DUNBAR, Rudolph (1917-88). Compositor erudito, maestro e clarinetista nascido na Guiana Inglesa. Educado em Nova York, Paris e Leipzig, é autor de peças como *A treatise on clarinet playing* e *Dance of the 20th century*.

DUNCAN, Quince. Escritor costarriquenho nascido em San José, em 1940. Famoso pelos contos e romances em que retrata as experiências dos

negros que migraram das Antilhas para a América Central, é autor, entre outras obras, de *Una canción en la madrugada* (1970), *Los quatro espejos* (1973), *Los cuentos del Hermano Araña* (1975) e *La rebelión pocomía y otros relatos* (1976).

DUNCAN, Todd (1903-98). Cantor lírico e professor americano nascido em Kentucky e falecido em Washington, DC. Barítono com carreira iniciada em 1934, foi o criador do principal personagem masculino da ópera *Porgy and Bess* e o primeiro cantor negro a integrar, em 1945, a Ópera de Nova York, tendo também participado dos filmes *Syncopation* (1942) e *Fuga desesperada* (*Unchained*, 1955). Formado pela Universidade de Colúmbia, foi professor universitário de música até os 90 anos de idade.

DUNGA (1907-92). Nome artístico do compositor Valdemar de Abreu, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Com carreira profissional iniciada nos anos de 1930, é autor, entre outros, do samba-canção *Conceição*, grande sucesso do cantor Cauby Peixoto, lançado em 1956.

DUNGA [1]. Denominação dada outrora pelos negros no Brasil a um homem de vulto, um chefe, um maioral. Do quicongo *ndunga*, "pessoa de grande porte". Entre os bacongos de Angola, o termo *ndunga* designa cada um dos *zindunga*, homens pertencentes a uma importante sociedade secreta.

DUNGA [2]. O mesmo que umbigada, traço distintivo de várias danças rurais afro-brasileiras.

DUNGLES. Denominação pejorativa dada aos guetos de Kingston, Jamaica. De *dung*, "lixo" + *jungle*, "selva".

DUNHAM, Katherine (1909-2006). Coreógrafa e bailarina americana nascida em Joliet, Illinois, e falecida em Nova York. Por meio de um trabalho baseado em séria pesquisa etnográfica, fez o mundo reconhecer a beleza e o valor da dança de origem africana, abrindo caminho para a consolidação de uma tradição coreográfica e o surgimento de uma dança negra contemporânea. Em 1938, visitando Cuba, iniciou-se na religião dos orixás. Para manter em sua companhia de dança um polo irradiador da Diáspora Africana, incorporou às suas produções o saber de pesquisadores como Fernando Ortiz e Lydia Cabrera, os escritos do poeta afro-cubano Nicolás Guillén e a música do compositor Ernesto Lecuona. Em 1952, não encontrando atabaqueiros para sua companhia, voltou a Cuba e recrutou os

santeros Julito Collazo e Francisco Aguabella. Collazo viria a se tornar um dos membros pioneiros de uma pequena comunidade de adeptos que se transformou em veículo da introdução do culto aos orixás na cidade de Nova York. Na década de 1950, em visita ao Brasil, Katherine Dunham foi objeto de discriminação racial em um hotel de São Paulo, fato que motivou a promulgação da Lei Afonso Arinos (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*). Nessa visita, conheceu a bailarina afro-brasileira Mercedes Baptista*, em cuja carreira teve decisiva influência. Sob o pseudônimo Kaye Dunn, assinou importantes textos sobre a dança de origem africana.

DUNKLEY, John. Pintor jamaicano nascido em Kingston em 1881. Humilde barbeiro sem instrução, foi bem jovem para a América Central tentar a sorte. Ao regressar, na década de 1930, começou a pintar, decorando os objetos de sua loja, inclusive as cadeiras de barbeiro, com motivos da natureza. Hoje, sua pintura é altamente valorizada e seus trabalhos de difícil aquisição.

DUNN, Kaye. *Ver DUNHAM, Katherine*.

DUPRÉ, Antoine (?-1818). Escritor haitiano. Autor de *La mort du général Lamarre* e de *La jeune fille*, é, cronologicamente, o primeiro poeta publicado em seu país.

DUPREE, Jack "Champion" (1909-92). Pianista americano nascido em Nova Orleans. Órfão aos 5 anos, foi interno do mesmo estabelecimento que acolheu Louis Armstrong*. Aprendeu piano ouvindo um músico de blues conhecido como Drive'em Down. Depois de ser pugilista no Sul (daí o cognome *Champion*, "Campeão"), mudou-se para Chicago, onde se tornou um dos grandes intérpretes do jazz. Em 1958, radicou-se na Alemanha, vindo a falecer na cidade de Hanôver.

DURÁN, Alejo (1919-89). Nome artístico de Gilberto Alejandro Durán Díaz, músico colombiano nascido em El Paso. Acordeonista renomado, foi um dos mais célebres cultores do gênero conhecido como *vallenato*. Em sua longa carreira artística, gravou inúmeros discos.

DURAN, Dolores (1930-59). Nome artístico da compositora e cantora Adileia Silva da Rocha, nascida e falecida no Rio de Janeiro. Com carreira iniciada em 1951 e prematuramente interrompida por sua morte súbita, oito

anos depois, destacou-se, na fase que precedeu o advento da bossa nova, entre os maiores autores e intérpretes do gênero samba-canção, o qual se irradiou do ambiente das casas noturnas da Zona Sul carioca para os auditórios das emissoras de rádio. De escolaridade básica, foi, não obstante, um dos maiores talentos poéticos da música popular brasileira. Sem estudos formais de línguas, cantava em vários idiomas, com pronúncia impecável. Dominava apenas alguns acordes no violão, mas compôs melodias admiráveis e envolventes, além de ter sido cantora de méritos e intérprete de vários gêneros musicais. Ao lado de Chiquinha Gonzaga* e Maysa, foi, até a década de 1970, plenamente reconhecida como grande compositora da música popular brasileira. Entre suas obras principais, contam-se grandes clássicos do samba-canção, como *Por causa de você*, *A noite do meu bem*, *Fim de caso* etc., registrados nos cinco LPs que gravou.

Dolores Duran

DURÁN, Roberto. Pugilista nascido em Guararé, Panamá, em 1951. Com carreira iniciada em 1967, depois de uma infância favelada, tornou-se campeão dos pesos-leves em 1971, chegando a conquistar o título da categoria meio-médio, logo retomado por Sugar Ray Leonard*. Conhecido como *Manos de Piedra* (Mãos de Pedra), por uma ferocidade que, em combate, chegava às raias da crueldade, protagonizou, no entanto, um episódio comovente: tendo notícia de que Esteban de Jesús, o primeiro boxeador a derrotá-lo depois de mais de sessenta lutas, morria de Aids em um hospital penitenciário, foi correndo visitá-lo e, lá, o abraçou, chorando. Em 1996, ainda estava em plena atividade.

DURAND, Louis Henri. Poeta haitiano nascido em Cap Haïtien em 1897 e graduado na França. De estilo romântico e delicado, sua obra inclui: *Poésies* (1916); *Cléopâtre* (1919); *Roses rouges* (1930); *Trois poèmes* (1930).

DURAND, Oswald (1840-1906). Poeta haitiano nascido em Cap-Haïtien e falecido em Porto Príncipe. Influenciado pelo romantismo francês e considerado um dos maiores poetas de seu país, publicou *Rires et pleurs* (1896); *Quatre nouveaux poèmes* (1899). É autor, também, de *Udaline*, paráfrase de *Sarah, la baigneuse*, de Victor Hugo.

DURIMBAMBA. Entidade de umbanda da linha das almas; preto velho.

DUTRA, Mestre (século XIX). Músico-barbeiro com ponto na rua da Alfândega, no centro do Rio de Janeiro colonial. Foi líder da mais famosa música de barbeiros* carioca no seu tempo.

DUVALIER, François (1907-71). Político haitiano nascido e falecido em Porto Príncipe. Formado em Medicina, dedicou-se ao combate ao *pion*, variedade de bouba frequente entre a população haitiana. Por sua dedicação à causa, recebeu do povo a alcunha de Papa Doc ("Papai Doutor"). Na política, engajou-se na luta armada contra o poder da minoria euromestiça que até o fim dos anos de 1940 dominou o país. Perseguido, refugiou-se nas montanhas e de lá transferiu-se para a Jamaica. Com a queda do presidente Magloire, regressou à pátria, tornando-se ministro da Saúde e do Trabalho em 1949; no ano de 1957, foi eleito presidente da República. A partir de então tornou-se o "chefe-todo-poderoso", e, para fazer face à instabilidade política e econômica insuflada pelo capitalismo internacional, estruturou-se ditatorialmente, mantendo-se no poder graças à violência dos *tonton macoutes*, sua truculenta polícia pessoal. Morto, foi sucedido no poder por seu filho Jean-Claude, o Baby Doc*.

DUVALLE (século XVIII). Líder dos caribes negros* de São Vicente, nas Antilhas.

DYALI. Denominação do *griot* nas Antilhas Francesas. O vocábulo tem origem em uma das línguas do grupo mandinga. *Ver GRIOT*.

DZIDZIENYO, Anani. Historiador ganense, nascido em 1941 e radicado nos Estados Unidos. Formado pela Universidade de Essex, Inglaterra, veio ao Brasil pela primeira vez em 1970, estabelecendo-se em Salvador, BA, durante um ano. A partir daí, e da publicação do opúsculo *The position of blacks in Brazilian society* (1971), foi reconhecido como um dos maiores conhecedores da questão afro-brasileira e uma referência para os brasilianistas nos Estados Unidos. Distinguiu-se como professor da

Universidade de Brown, ministrando, a partir de 1979, aulas sobre a história dos negros no Brasil e na América Latina.

E

Ê MAJÔ RO A! Na Casa das Minas*, expressão usada pelos voduns quando se irritam, correspondente ao português “Não quero mais saber disso!”. A frase parece iniciar-se com a construção verbal *eô mon*, do fongbé, significando “Não quero”.

EARTH-BOW. Nome dado, nos Estados Unidos, ao *tingotalango** ou *tumbandera*.

***EASTER REBELLION* (Rebelião da Páscoa).** *Ver BUSSA, Insurreição de*.

EASTON, William (século XIX). Dramaturgo americano. Nos anos de 1890 escreveu e encenou os épicos *Dessalines* e *Christophe*, textos teatrais em verso sobre os dois heróis haitianos que deram nome às obras (*ver DESSALINES, Jean-Jacques*; *CHRISTOPHE, Henri*). Seu objetivo declarado era combater a onda de caricaturizações de negros então em voga no teatro americano.

EBAME DILA. *Ver PODABÁ.*

EBÃMI. Filha de santo que tem sete anos ou mais de iniciação. Do iorubá *ègbón mi*, "meu mais velho".

ÉBANO. Madeira de cor quase preta fornecida por duas espécies de árvores de mesmo nome, da família das ebenáceas. Sua cor e sua resistência fizeram dela um símbolo do povo negro, na África e na Diáspora.

EBÊ. O mesmo que ipeté*.

EBEDE-MELEK. Personagem do Antigo Testamento. Foi o eunuco etíope que salvou o profeta Jeremias de morrer atolado no lodo de uma cisterna.

EBÔ. Alimento votivo de Oxalá, feito com milho branco. Do iorubá *ègbo*, "papa", "pudim de milho".

EBÓ. Oferenda ritual, especialmente a Exu ou aos eguns. Do iorubá *ebo*, "sacrifício".

EBONICS. Forma simplificada da língua inglesa, falada principalmente pela comunidade negra dos Estados Unidos, com supressão de sílabas e redução das flexões verbais. Reconhecida como idioma, seu ensino regular foi recomendado pelas autoridades da cidade de Oakland, Califórnia, no final de 1996. O termo surgiu nos anos de 1970, da fusão dos vocábulos *ebony*, "ébano*", e *phonics*, "fonética". **Formação:** Os primeiros negros de diferentes etnias escravizados na América do Norte comunicavam-se com os brancos em uma espécie de *pidgin English*, e, entre si, talvez, numa mistura desse pidgin com expressões linguísticas do continente de origem. O vocabulário dessa língua provisória era constantemente renovado com a chegada de novos grupos, surgindo, assim, uma nova língua, expressa também na fala dos negros crioulos. Muitos escravos, porém, aprenderam e assimilaram a língua inglesa e, em decorrência, no século XVIII a comunidade servil americana utilizava uma variedade linguística tão grande que ia de uma mistura de línguas africanas ao inglês quase escorreito. Os donos das plantações e seus filhos não ficaram imunes a essa influência, e daí surgiu o falar crioulo das plantations (de base francesa na Louisiana e de base inglesa nos outros estados), cuja vitalidade já se apresentava antes da Guerra de Secessão*. A fala dos negros americanos efetivamente criou uma oralidade e uma literatura distintas daquelas da cultura dominante (conforme Balmir, 1983).

EBONY. Revista norte-americana lançada em novembro de 1945 com o objetivo declarado de “projetar todas as dimensões da personalidade negra em um mundo saturado de estereótipos”. Seu fundador foi o empresário John H. Johnson, nascido no Arkansas em 1918 e falecido em 2005, em Chicago, Illinois, cidade-sede da empresa.

EBORÁ. Na tradição iorubá, cada um dos egunguns do início dos tempos, extremamente violentos e perigosos. Do iorubá *egbora*. *Ver EGUNGUM*.

EBOUÉ, Félix (1884-1944). Político guianense nascido em Caiena e falecido no Cairo, Egito. Formado na França, foi administrador colonial em Madagáscar, no Congo e no Chade, tornando-se o primeiro funcionário francês a ocupar tão altos postos. Além disso, foi amigo íntimo do general De Gaulle e seu aliado durante a Segunda Guerra Mundial.

ECHEMENDÍA, Ambrosio (1843-*c*. 1880). Poeta cubano nascido escravo num canavial da província de Trinidad. Educado, a expensas de seu proprietário, em Cienfuegos, lá tornou-se conhecido como poeta. Em 1865, um grupo de admiradores arrecadou fundos e comprou sua alforria; quatro anos depois, Echemendía casava-se com Dolores Suzanne. Seus versos foram publicados apenas em periódicos, mas seus dados biográficos foram registrados por Francisco Calcagno no livro *Los poetas de color*, em 1878.

ECKSTINE, Billy (1914-93). Nome artístico de William Clarence Eckstine, cantor e compositor americano nascido em Pittsburgh, Pensilvânia. Famoso a partir dos anos de 1930, foi crooner da orquestra de Earl Hines, onde tocavam Charlie Parker e Dizzy Gillespie. Em 1942 formou sua própria orquestra, na qual brilharam, entre outros, Art Blakey, Kenny Clarke, Miles Davis*, Gillespie, Dexter Gordon, Charlie Parker e Sarah Vaughan*. Em 1947, dissolvendo o grupo, iniciou brilhante carreira como cantor romântico, e, valendo-se de seu físico privilegiado e de uma bela voz de barítono, tornou-se uma espécie de “símbolo sexual”, apesar de todas as barreiras impostas pelo racismo americano. Essa imagem elegante e fortemente marcante fez que a mídia lhe atribuísse o sofisticado cognome de “Mister B.”.

ECÔ! Interjeição de incitamento. Do iorubá *ekò*, “força”, “vigor”.

ECÓBIO. Tratamento corrente entre os *náñigos* de Cuba, com o significado de “amigo”, “companheiro”.

ECODIDẸ. Pena vermelha que as iniciandas usam na testa em sua saída para Oxalá. Do iorubá *ìkódíde*, "pena de papagaio".

ECÓN. Espécie de grande agogô*, de uma só campânula, utilizado nas cerimônias rituais dos *ñáñigos**.

ECRÚ. Iguaria da culinária afro-cubana, feita com massa de feijão-fradinho, frita em *manteca de corojo**. *Ver ECURU*.

ECRU-CU. Oferenda alimentar feita no axexê*.

ECU. Antiga dança dos candomblés baianos.

ẸÇU. Na Bahia antiga, um dos nomes de Omulu. Do iorubá *esú*, "pústula", "erupção da pele"; Omulu é o orixá da varíola. *Ver XAPANÃ*.

ECUÉ. Entre os *ñáñigos* cubanos, um dos filhos de Abasí, o espírito supremo. Segundo a tradição, Mberi e Ecué foram os primeiros seres humanos, quando da criação, por Abasí, de todas as coisas do mundo, partindo de uma árvore. Do ibibio-efik *ekpe*, "leopardo".

ECURU. Alimento votivo de Baiâni*, feito de pasta de feijão-fradinho ou branco cozido com mel.

EDAN. Bastão antropomórfico da sociedade Ogboni, atuante no Brasil durante o período da escravidão.

EDGELL, Zee. Pseudônimo de Zelma Inez Tucker, escritora belizenha nascida em Cidade de Belize, em 1940. Ex-jornalista em Londres e na Jamaica, além de ativista do movimento pela independência de seu país, é autora, entre outras obras, de *Beka Lamb* (1982), um dos primeiros romances sobre a vida em Belize, e *In times like these* (1991). Nos anos de 1980 e 1990, trabalhou como professora de inglês em seu país e nos Estados Unidos.

EDIFÁ. Feitiço com fins de união amorosa, usado nas antigas macumbas cariocas. Do iorubá *edì Ifá*, "encantamento de Ifá". João do Rio (2006) registra "efifá", por confusão com defifã*.

EDMONSON, William (1882-1951). Escultor americano nascido em Nashville, Tennessee. Autodidata, sustentava-se com ocupações humildes, como a de servente de hospital. Em 1937, tornou-se o primeiro artista negro a ter uma exposição individual no Museu de Arte Moderna de Nova York.

ÉDOUARD, Emmanuel (1860-95). Poeta haitiano nascido em Anse-à-Veau. Formado em leis pela Sorbonne, publicou *Rîmes haïtiennes* (1881) e *Le*

panthéon haïtien (1885).

EDU. Nome com o qual fez-se conhecido Jonas Eduardo Américo, jogador de futebol brasileiro nascido em Jaú, SP, em 1949. Ponta-esquerda habilidoso, jogou pelo Santos e integrou a seleção brasileira nas Copas de 1966 e 1970, nesta última sagrando-se campeão mundial.

EDUARDO DE IJEXÁ. *Ver MANGABEIRA, Eduardo Antônio.*

EDUCAÇÃO COLONIAL. *Ver COLONIALISMO.*

EDUCAFRO. Sigla do programa Educação e Cidadania de Afrodescendentes, criado na Baixada Fluminense, por frei Davi*, em 1994.

EFÃ. Designação de um grupo étnico escravizado no Brasil e, por extensão, de uma nação do candomblé e do maracatu. Os africanos dessa procedência foram conhecidos, no Brasil, como "caras queimadas", porque os ilás (marcas tribais) em seu rosto são até hoje feitos com riscos horizontais tão próximos que dão a impressão de uma mancha preta em cada face. O nome é abrasileiramento de *Èfòn*, um dos reinos do povo ekiti, subdivisão dos iorubás*. O orixá Logum Edé* carrega o epíteto de "Príncipe de Efã".

EFÍ. Um dos ritmos dos tambores nas cerimônias da sociedade *abakuá**.

EFIK. Grupo étnico africano, localizado no Sudeste da Nigéria e no Oeste de Camarões. Sua cultura originou, em Cuba, expressões como a sociedade secreta *abakuá**.

EFÓ [1]. Iguaria da culinária afro-baiana, feita à base de língua de vaca, taioba ou outras verduras maceradas. Em Cuba, é o mesmo que *acelga*. Do iorubá *èfó*, "folha comestível".

EFÓ **[2].** Um dos ritmos tocados nas cerimônias da sociedade *abakuá**.

EFUM. Na tradição dos orixás, o mesmo que pemba [2]* branca. Por extensão, cerimônia ritual em que se completa o encantamento da inicianda pela pintura de sua cabeça raspada e de seu corpo com desenhos feitos com esse material. Do iorubá *efun*, "giz", provavelmente com interferência de *èfún*, "feitiço", "encantamento", "fascínio".

EFUM-OGUEDÉ. Farinha de banana da culinária afro-baiana. Do iorubá *iyèfun ògede*.

ÈGBÁ. Subgrupo étnico iorubá, hoje localizado, na Nigéria, na província de Abeokuta e no Distrito Federal. João do Rio (2006) refere um *eubá*, que parece ser o nome que esse povo recebeu no Brasil. *Ver IORUBÁS.*

EGBANO. Indivíduo dos ègbás.

EGÍDIO [dos Santos]**, Francisco.** Cantor brasileiro nascido em São Paulo, em 1927. Com carreira profissional iniciada em 1951 e marcante presença negra, foi um dos grandes nomes do cenário artístico paulistano, inclusive participando como ator no filme *A marcha*, de 1972.

EGITO ANTIGO. Complexo civilizatório iniciado há mais de 5 mil anos no vale do rio Nilo, no Norte da África. Já nos séculos XVIII e XIX, intelectuais como Constantin-François Volney (1757-1820), membro da Academia Francesa, e o historiador escocês Randall McIver, fazendo eco a Heródoto, o "pai da história", afirmavam que os egípcios antigos eram negros com o mesmo tipo físico dos atuais negros africanos, e que tudo que de mais característico houve na cultura egípcia pré-dinástica se deveu ao intercâmbio com o interior da África e à influência direta e permanente do elemento negro, presente na população do Egito meridional desde os tempos mais remotos. Em 1974, um grupo de cientistas, reunido no Cairo, atestava esse fato histórico. E, três anos depois, a conclusão das análises do material coletado em 1962 no sítio arqueológico de Qustul, na antiga Núbia, ao sul do Egito, revelou a existência de um reino, Ta-Seti, cuja cerâmica, datada de cerca de 4600 (antes da unificação do Egito e da constituição de suas dinastias), já estampava as imagens dos deuses Osíris, Ísis e Hórus. A descoberta desse reino, cujo povo era chamado anu-seti – o que significaria "povo negro do reino de Seti" –, confirmaria as pesquisas de Cheikh Anta Diop* sobre a existência de uma civilização negro-africana anterior à egípcia e sobre ela influente. *Ver ASSUÃ*; *CAIRO, Simpósio do*; *FARAÓ*.

EGITO, Terreiro do. Antiga comunidade-terreiro de São Luís do Maranhão, de proclamada origem fânti-axânti. Fundado em 1864, encerrou suas atividades no fim da década de 1970.

EGUM. Espírito, alma de morto. Do iorubá *égun*, "osso", "esqueleto".

EGUNGUM. Espírito de morto ilustre, de ancestral masculino que retorna à terra em cerimônias rituais. *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS [O culto aos egunguns]*.

EGUNITÁ. Um dos nomes pelos quais Iansã é invocada na umbanda.

EGUSSI. Semente de abóbora ou melancia, usada como condimento na cozinha afro-baiana. Do iorubá *ègúsi*.

EIELË. Na terminologia dos candomblés, o pombo ou pomba usados em sacudimentos ou outros rituais. Do iorubá *eiyele*.

EIRU. O mesmo que iruquerê*.

EITO. Denominação genérica de terreno cultivado ou roça em que os escravos trabalhavam em carreira, em linha. Por extensão, qualquer trabalho agrícola, na época da escravidão.

EJÁ. Na terminologia dos candomblés, peixe. Do iorubá *eja*.

EJAGHAM. Povo africano, aparentado aos ekois, localizado na região correspondente ao Sudoeste da República dos Camarões e ao Sudeste da Nigéria. Sua cultura deixou traços nas Antilhas.

EJÉ. Na terminologia dos candomblés, sangue. Do iorubá *eje*.

ÊJI. Forma brasileira para *èji*, vocábulo da língua iorubá correspondente ao numeral dois, que entra na composição dos nomes de vários odus*, como Ejiokô, Ejiologbon, Ejionilé, Ejiogbe* etc.

EJIOGBE. Nome do primeiro dos dezesseis discípulos iniciais de Orumilá e, consequentemente, do odu que o representa.

EJILÁ. Numeral iorubá, correspondente ao doze, que entra na composição do nome de vários odus, como Ejilá-Bobô-Malê, Ejilá-Seborá etc.

EKÊ. Na gíria dos candomblés, pai ou mãe de santo que dirige um terreiro sem ter passado pelos rituais de iniciação. Do iorubá *èké*, "mentira", "falsidade".

EKÉDE. Nos candomblés, cargo sacerdotal feminino correspondente ao do ogã*. Nas festas públicas, a ekéde é quem recepciona os orixás incorporados, cuidando de suas vestes, enxugando o suor do rosto da iaô etc. Do iorubá *èkejì*, "acompanhante".

EKO. Antigo nome da cidade de Lagos, na atual Nigéria.

EKÓ. O mesmo que acaçá*.

EKOI. Grupo étnico africano aparentado ao efik*. Recriações de sua cultura são notórias em Cuba, na Guiana e no Suriname. Seu complexo sistema de escrita, chamado *nsibidi*, sobreviveu, ao que consta, entre os *bush negroes* dos dois últimos países.

EKÓN. Instrumento da percussão dos *ñáñigos* cubanos. Trata-se de uma campânula feita com duas chapas côncavas e quase cônicas, de cerca de

trinta centímetros, soldadas uma na outra, à qual se acrescenta um cabo. É percutido com uma baqueta.

EKUÉ. Tambor que acompanha as cerimônias mais secretas da sociedade *abakuá**, constituindo-se em seu símbolo maior. Segundo A. León, citado por H. Orovio (1981), é um tambor de fricção e produz um som rouco.

EKUELE. Em Cuba, o mesmo que o brasileiro opelê*.

EKUIKUI II (século XIX). Governante da região do Bailundo, em Angola, no período de 1876 a 1893. Segundo a tradição, na época de seu governo a região viveu o apogeu econômico e político, e sua figura é valorizada por ter conseguido evitar guerras internas e impedir o domínio português. Segundo os historiadores, foi um estadista notável e empenhou-se em fazer do Bailundo um grande império comercial.

EKWÉ. O mesmo que *ekué**.

EL CUBANITO. Nome artístico de Álvaro Francisco de Paula, chefe de orquestra e cantor brasileiro, radicado no Rio de Janeiro. De grande popularidade e sucesso na década de 1950, na voga dos ritmos afro-cubanos no Brasil, atuou no rádio, animou bailes e gravou, com sua Orquestra Panamericana, da qual participaram músicos que mais tarde se tornariam famosos, como o pianista João Donato, diversos LPs. Em 1953, entrava na paradas de sucesso com a gravação de *Cao, cao, mani picao*, guaracha de José Carbo Menéndez, lançada internacionalmente por Celia Cruz*. Cinco anos mais tarde, integrava, com sua orquestra, o elenco musical da chanchada* *Minha sogra é da polícia*, estrelada por Violeta Ferraz.

EL HADJ. Título que designa os muçulmanos que, cumprindo uma determinação da lei corânica, fizeram, pelo menos uma vez na vida, a sagrada peregrinação a Meca. É termo da língua árabe, significando "o peregrino".

EL SALVADOR, República de. País da América Central em que os negros representam 5% da população total. Sua capital é San Salvador.

ELDRIDGE, [David] **Roy** (1911-89). Músico americano de jazz nascido em Pittsburgh e falecido em Nova York. Baterista já aos 7 anos de idade e, depois, trompetista, chefe de orquestra e cantor, nos anos de 1940 ganhou o apelido de "Little Jazz", muito menos por sua pequena estatura que por encerrar em sua música e sua personalidade – nas palavras de Kenneth

Estell (1994) – a essência do jazz, como música que, saindo da alma e do coração, toca profundamente. Em 1941, atuando com Gene Krupa, tornou-se o primeiro músico negro a participar de uma orquestra de brancos não apenas como "atração convidada", mas integrando efetivamente o grupo. Estrela de primeira grandeza e elo estilístico entre Louis Armstrong* e Dizzy Gillespie*, de quem foi professor, atuou como solista em orquestras famosas, como as de Fletcher Henderson*, de Artie Shaw e a célebre Jazz at the Philharmonic (JATP).

ÉLE SEMOG. Pseudônimo de Luiz Carlos Amaral Gomes, escritor brasileiro nascido em Nova Iguaçu, RJ, em 1952. Militante da causa negra, com vasta obra publicada, a partir de 1978, principalmente no gênero poesia, fundou em 1984 o grupo Negrícia, Poesia e Arte de Crioulo. Foi também cofundador do jornal *Maioria Falante*. Figura em várias antologias de poesia negra contemporânea publicadas no Brasil e no exterior, como as organizadas por Zila Bernd (*Poesia negra brasileira*, 1992) e Moema Augel (*Poesia negra*, 1988).

ELEBARÁ. Variante de Elegbara*.

ELEBÓ. Um dos nomes de Exu. Do iorubá *Elé ebo*, "o dono das oferendas". *Elé* é a forma que a palavra *olu*, "senhor, dono", assume quando a primeira vogal da palavra seguinte começa com "e".

ELEDÁ. Cada um dos orixás que velam individualmente por cada ser humano; dono da cabeça, anjo da guarda.

ELEDÊ. Na terminologia dos candomblés, denominação do porco, animal votivo de Oxóssi. Do iorubá *elédè*.

ELEGBARA. No Brasil, um dos títulos de Exu; o mesmo que o cubano Eleguá. Do iorubá *Elégbára*, "o dono da força".

ELEGUÁ. Em Cuba, orixá dono dos caminhos e dos destinos, mensageiro de Olofi*. Difere um pouco de Exu, seu irmão, por possuir características menos agressivas e perigosas, podendo ser, inclusive, assentado dentro de casa, atrás da porta de entrada. Segundo a tradição afro-cubana, enquanto Eleguá desliza em silêncio, Exu abre caminho à força. Entre as manifestações desse orixá ou entidades a ele associadas, encontramos Akefun, Aleshujade, Arabobo, Awanjonu, Lalafán, Obasín, Oparicocha e Osokere. Seu nome grafa-se, também, com dois "gês": Elegguá. *Ver ELEGBARA*.

ELEMI. O mesmo que eledá*.

ELENA BURKE (1928-2002). Pseudônimo de Romana Elena Búrguez González, cantora cubana nascida e falecida em Havana. Iniciou sua carreira nos anos de 1940; tendo formado, juntamente com Moraima Secada, Omara e Haydée Portuondo, o prestigioso Cuarteto D'Aida. Estrela, a partir de 1962, de um programa de rádio de grande audiência, destacou-se como uma das mais importantes intérpretes da música popular de seu país. Em 1964, representou Cuba no Festival de Cannes.

ELERIM. Entre os antigos malês baianos, título do assumânio* encarregado da circuncisão das crianças.

ELERU. Um dos nomes de Exu*. *Ver ELEBÓ*; *ERU*.

ELI do Amparo (1921-91). Jogador brasileiro de futebol nascido em Paracambi, RJ, e falecido na capital desse estado. Médio-direito de estilo vigoroso, atuou no Clube de Regatas Vasco da Gama de 1943 a 1954 e integrou várias vezes a seleção brasileira, pela qual se sagrou campeão sul-americano em 1949.

ELIMINAÇÃO DE ESCRAVOS. *Ver ESCRAVOS IMPRESTÁVEIS*.

ELLINGTON, Duke (1899-1974). Nome artístico de Edward Kennedy Ellington, chefe de orquestra, compositor, arranjador e pianista americano nascido em Washington, DC. Filho de uma família de classe média, desde criança orgulhava-se de falar e vestir-se bem, daí o apelido *Duke*, "Duque". Estudou piano desde os 7 anos de idade, e aos 17 já tocava em um café, executando peças de ragtime*. Em 1922, formou seu primeiro quinteto e transferiu-se para Nova York, onde, de 1926 a 1931, atuou no legendário Cotton Club*. Arranjador e líder inovador, foi o pioneiro no uso da voz como instrumento do conjunto, na obtenção de efeitos de surdina e no destaque dado a instrumentos antes secundários, como o contrabaixo. Em 1935, notabilizou-se com a suíte orquestral *Black, brown and beige**, sua obra mais densa e extensa. Em 1960, compôs, para Hollywood, as trilhas dos filmes *Anatomia de um crime* e *Paris vive à noite*. Em 1968 e 1971, realizou bem-sucedidas turnês pela América Latina, visitando o Brasil e apresentando-se com sua orquestra no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. De 1926 a 1974, gravou mais de duzentos álbuns e realizou inúmeros shows e concertos. Com seu estilo elegante de vestir-se e suas maneiras polidas,

muito mais que um grande jazzista e pianista brilhante, Ellington, autor de *Satin doll*, *Sophisticated lady*, *Mood indigo* e de outras obras famosas, foi um dos maiores compositores do século XX.

ELLISON, Ralph (1914-94). Escritor americano nascido em Oklahoma City, Oklahoma, e radicado na cidade de Nova York desde o início da década de 1930. Em 1952, publicou *Invisible man* [O homem invisível], romance que descreve a trágica luta de um jovem em busca do reconhecimento como ser humano numa sociedade que se recusa a enxergar além de sua pele. O livro foi saudado como obra-prima, dando a Ellison o prêmio da Academia Americana de Artes, em 1955. Professor universitário, ensaísta e crítico, tornou-se respeitado e reconhecido como um dos grandes intelectuais de seu país, o que lhe valeu, entre outras láureas, a Medalha da Liberdade, recebida em 1969, durante o governo Nixon. Em contrapartida, por se opor firmemente ao separatismo entre negros e brancos, foi criticado com severidade por lideranças negras. A partir do final dos anos de 1980, a paixão e o brilho de *Invisible man* motivaram uma espécie de "renascença" entre os ficcionistas negros. Mas, alheio a esse renascimento, Ellison dedicava-se sobretudo a ensinar literatura e escrever ensaios, como *Shadow and act*, de 1964, e *Going to the territory*, de 1986. Postumamente, vieram à luz uma coletânea de seus ensaios, um volume de contos e a edição de seu segundo romance.

ELMINA, Fortaleza de. Um dos nomes do forte de São Jorge da Mina, estabelecimento militar e comercial português, erguido entre 1481 e 1482 na Costa do Ouro, atual Gana. Ativo entreposto de escravos, foi conquistado pelos holandeses em 1637, só voltando ao domínio português em 1872.

EL-SHABAZZ, El-Hadj Malik. *Ver MALCOLM X.*

ELUÔ. Corruptela de oluô*.

EMANCIPADO. Condição jurídica do ex-escravo alforriado, liberto, livre de tutela. Em Cuba, o Tratado de 1817 decretou a ilegalidade do tráfico de escravos, por isso os africanos chegados ao país em navios negreiros apreendidos eram considerados emancipados. O governo colonial era obrigado a propiciar seu regresso à África e, enquanto isso não ocorresse, devia entregá-los à guarda de famílias tidas como honradas. Após cinco

anos, eram considerados absolutamente livres. Tais disposições, entretanto, eram objeto de todo tipo de burlas e descumprimentos: esses africanos eram escravizados ou então se registrava sua morte, atribuindo-se-lhes a identidade de escravos falecidos. No Brasil, recebiam a denominação de "emancipados" (ou "africanos livres") os nativos da África que, embora não fossem legalmente escravos, viviam em estado de servidão de fato. Sua peculiar condição era resultado de um tratado firmado entre Portugal e Inglaterra, na primeira metade do século XIX, que, como no caso cubano, obrigava à libertação de todos os africanos encontrados em navios negreiros apreendidos. *Ver AFFRANCHIS*; *AFRICANOS LIVRES*.

EMANUEL, Williams George (séculos XIX-XX). Pan-africanista cubano, fundador da Unión Africana y sus Descendientes*, em 1892.

EMBA. Pó mágico usado outrora nos rituais da cabula*. Do umbundo *uemba*, "feitiço", "sortilégio", "veneno", "remédio".

EMBAIXADA AFRICANA. Clube carnavalesco ativo em Salvador, BA, no final do século XIX.

EMBAIXADA DA FAVELA. Denominação da delegação de sambistas cariocas que, em 1938, de forma pioneira, exibiu-se em São Paulo. Era integrada, entre outros, por Bide*, Marçal*, Heitor dos Prazeres*, Paulo da Portela* e Carmen Costa*.

EMBAIXADAS AFRICANAS ao Brasil Escravista. Entre 1750 e 1823, diversas embaixadas, por várias razões ligadas ao comércio de escravos, foram enviadas ao Brasil por soberanos do golfo de Benin. Em 1750, em nome do rei Tegbessu; em 1795, em nome de Agonglo; em 1805, em nome de Adandozan; e, acompanhados do intérprete Inocêncio Marques de Santana, vieram os emissários de Abomé. Em 1770, 1807 e 1823, o soberano de Onim ou Eko, cidade-estado que deu origem à atual Lagos, na Nigéria, envia seus representantes; e em 1810 seria a vez do soberano daomeano de Aladá, Ardra ou Porto Novo. Essas missões tinham como principal objetivo a negociação de privilégios e monopólios no fornecimento de escravos. A embaixada de 1823 trazia mensagens de reconhecimento da independência do Brasil enviadas pelo obá Osemwede, do antigo Benin, e pelo obá Osinlokun ou Ajan, de Lagos, seu vassalo.

EMBALA. Senzala; cubata de soba africano. Do quimbundo *mbala*, "aldeia".

EMBANDA. Sacerdote da cabula*. Do quimbundo *imbanda*, plural de *kimbanda*, "curandeiro", "sacerdote", "líder espiritual".

EMBARABÔ. O mesmo que Barabô*.

EMBÉ. Em terreiros brasileiros de origem banta, sacrifício ritual de animais.

EMBÓ. Na América afro-hispânica, o mesmo que ebó*.

EMBONDEIRO. O mesmo que baobá*. O vocábulo é aportuguesamento do quimbundo *mbondo*, "baobá", "resultante de *kubônda*, 'matar', em alusão à preferência dada pelos feiticeiros a essa árvore, para seus exercícios macabros" (conforme Óscar Ribas, 1989).

EMI. Na tradição dos orixás, denominação da essência vital, do eu espiritual do indivíduo. Do iorubá *èmí*, "sopro vital", "alma", "vida".

EMILIANA DO BOGUM (*c.* 1859-*c.* 1951). Nome pelo qual foi conhecida Emiliana Piedade dos Reis, mãe de santo baiana, nascida provavelmente na África e falecida em Salvador. Foi a primeira líder da comunidade jeje Zoogodô-Bogum-Malê-Rundó*, popularmente conhecida como terreiro do Bogum.

EMIRIMI. No Rio Grande do Sul, forma jovem de Iemanjá*.

EMPEGÓ. Tambor ritual dos *ñáñigos* cubanos (conforme Mário de Andrade, 1989). *Ver* ÑÁÑIGO.

EMUM. Vinho de palma. Do iorubá *emu*.

ENCANTADO. Designação de cada uma das entidades nos candomblés de caboclo.

ENCARNAÇÃO, Aurelino Gervásio da (*c.* 1915-80). Animador cultural e líder religioso nascido na Bahia e falecido no Rio de Janeiro. Um dos fundadores, em 1951, da versão carioca do afoxé Filhos de Gandhy, foi uma das grandes figuras do candomblé no Rio, destacando-se como alabê* e intérprete de cânticos rituais.

ENCARNACIÓN (?-1818). Nome pelo qual foi conhecido Francisco Encarnación Benítez, chefe militar uruguaio. Um dos líderes das forças leais ao general Artigas nas regiões de Soriano e Colônia, tornou-se *ayudante mayor* do herói nacional uruguaio, lutando ao seu lado até a morte, em combate com tropas luso-brasileiras no episódio da invasão da Banda

Oriental, ordenada por dom João VI. É descrito como um mulato grandalhão, cuja figura impunha respeito e infundia temor. *Ver ARTIGAS-CUÉ*.

ENCORIOCO. Designação do sapato, entre os *ñáñigos* cubanos.

ENDÁ. Na umbanda*, termo de significado nebuloso, podendo significar tanto a coroa, a proteção do médium, como o próprio terreiro ou abaçá*. Cacciatore (1988) dá, também, esta significação: "Denominação dada a iniciado de alta posição, conhecimentos e envergadura moral dentro do terreiro". Certamente, do quicongo *ndaa*, "ancestral".

ENDOQUE. Personagem que representava o feiticeiro nos folguedos de coroação dos "reis" negros no Rio de Janeiro do século XVIII. Do quicongo *ndoki*, "feiticeiro" ou "ancestral mau que se transformou num vampiro" (conforme Gromiko, 1987).

ENGAMBELO. Oferenda de menor valor que se faz ao orixá, até que se possa fazer outra de maior valor ou força; paliativo. De origem banta. Considerem-se o umbundo *uyambelo*, "presente que se dá ao curandeiro"; o soto (sotho) *kabelo*, "oferta", "contribuição"; o ganguela *ndambelo*, "porção que se dá além da medida".

ENGANA. Variante do termo angana*, usada em diálogos da congada de Caraguatatuba, SP.

ENGANA-COLOMIM. Um dos quilombos de Palmares. *Ngana* é termo do quimbundo, correspondente ao português "senhor", e *nkulumbi* é vocábulo do quicongo*, significando "pessoa mais velha", "pessoa sábia". O nome do quilombo se deve, certamente, a um qualificativo do líder, talvez um ancião venerando. *Ver QUILOMBO [Denominações]*.

ENGENHO DE AÇÚCAR. Unidade agroindustrial destinada ao fabrico do açúcar de cana. O primeiro engenho de açúcar edificado no Brasil, em 1534, foi o engenho dos Erasmos, em Santos, SP, que passou a ser conhecido por esse nome depois de vendido por Martim Afonso ao flamengo Erasmo Scheltz. No Brasil e em Cuba, os engenhos de açúcar têm sua história indelevelmente ligada à escravidão negra.

ENGENHO VELHO. *Ver ILÊ AXÉ IÁ NASSÔ OKÁ*.

ENGIRA. Conjunto, reunião dos adeptos da cabula*.

ENGOIAIA. Variante de anguaia ou guaiá*.

ENGOIAIAMA. Termo ocorrente numa invocação da reza de embaixada, na congada de Caraguatatuba, SP. Do quimbundo *ngola-ia-mi*, “meu soberano”, “meu rei poderoso”.

ENGOMA. Atabaque dos candomblés bantos. Do termo multilinguístco *ngoma*, “tambor”. *Ver ANGOMA.*

ENINODÔ. Mão de pilão, em metal branco, que constitui um dos emblemas de Oxaguiã*.

ENKOMO. Nome genérico dos tambores da sociedade *abakuá**. *Ver ENGOMA.*

ENTAME. Velório, funeral, axexê da tradição banta do Brasil. Do quicongo *ntambi*, “funeral”. *Ver TÂMBI.*

ENTRADAS E BANDEIRAS. *Ver BANDEIRAS.*

ENTREGA. Em algumas regiões do Brasil, o mesmo que despacho*.

ENTÚ. Entre os antigos congos cubanos, designação do atributo que conferia ao indivíduo capacidade para se eleger rei de um *cabildo**. *Ver MUNTU.*

ENVILACAN. Contas escuras e amarelas usadas pelas vodunces identificadas com Dambirá.

ENZENZA. Raiz do timbó, usada na confecção de vassouras, chapéus, balaios e outros artefatos da tradição afro-brasileira. Termo relacionado ao quicongo *nsensa*, “balaio de pescador feito de nervuras de folha de palmeira”.

EOFUPÁ. Papa de inhame com azeite de dendê. Câmara Cascudo, talvez com base em uma referência de Arthur Ramos (1977), registra *eofufá*, o que não nos parece correto dada a presença do dendê (*epô pupá*) na preparação da iguaria. Ainda assim, a forma aqui incluída (conforme Lody, 1979) parece ser corruptela.

EPA, BABÁ! Expressão de saudação a Oxalá*, em qualquer de suas formas. *Ver BABÁ.*

EPARREI! Saudação a Iansã*.

EPÔ. Na terminologia dos candomblés, azeite doce, em oposição ao azeite de dendê, dito *epô pupá*. Do iorubá *epo*, “azeite de dendê”, “óleo de palma”.

EQUADOR, República do. País da América do Sul limitado pela Colômbia (norte), Peru (sul e leste) e pelo oceano Pacífico (oeste). Por volta de 1810, segundo Franklin e Moss Jr. (1989), os pretos e mulatos somavam 50 mil pessoas numa população geral de 600 mil (cerca de 8%). A abolição da escravatura ocorreu na década de 1840, e, segundo o *Almanaque Abril* (2009), os afro-americanos representam 10% da população nacional, localizando-se, de acordo com outras fontes, principalmente na província de Esmeraldas*. Em 1988, era fundada em Quito a Asone*, uma entidade de cunho etnopolítico. *Ver CARAPUNGO*; *NOVA GRANADA, Vice-Reino de*.

EQUEDE. Forma abrasileirada do termo "ekéde*" (conforme *Dicionário Houaiss*, 2001).

EQUIANO, Olaudah (1745-97). Aventureiro e escritor africano, nascido no território da atual Nigéria. Capturado e vendido como escravo aos 10 anos de idade, foi, sucessivamente, trabalhador em uma plantation nas Antilhas e moço de convés de um navio negreiro, aprendendo a falar e ler inglês fluentemente e economizando o dinheiro que ganhava. Nessa época, recebeu o nome de Gustavus Vassa, que a princípio repeliu e depois assumiu, inclusive como pseudônimo literário. Aos 19 anos de idade comprou sua alforria e, uma vez livre, empreendeu uma série de viagens e exerceu diversos ofícios, tendo tomado parte, em 1773, na expedição do explorador Phipps ao Polo Norte. Abolicionista ferrenho, foi também chefe dos armazéns de víveres destinados aos ex-escravos retornados a Serra Leoa. Em 1789, na Inglaterra, publicou um relato de sua incrível experiência de vida: *The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African*. *Ver CUGOANO, Quobna Ottobah*.

ERAN PATERÊ. Nacos de carne cozida, ligeiramente, no azeite de dendê, oferecidos ao orixá. Do iorubá *eran pétéré*, "carne em fatia", "bife".

ERÊ. Nome genérico dos espíritos que, no candomblé, se manifestam como crianças, falando uma linguagem infantil e fazendo traquinagens. Toda iaô, além do orixá, incorpora um erê, cujo transe se dá, em geral, quando termina o xirê*, após a subida do orixá.

EREFUÊ. Na umbanda, fluido negativo, emanado de espírito sem luz.

ERIBÓ. Tambor sagrado da sociedade *abakuá**.

ERIKUNDÌ. Em Cuba, chocalho usado nas festas e rituais da sociedade *abakuá*.

ERINLÊ. Orixá iorubano da caça e dos caçadores; o mesmo que Inlê*. Mora num riacho perto de Ijebu*. Seus símbolos são seixos de rio colocados num pote com água, ráfia e uma haste de ferro com um pássaro na ponta, como a de Ossãim, a quem é muito ligado. Seu principal tabu é a carne de elefante e seu sacrifício inclui cachorros, bodes, galos, pombos, além de feijão-branco e inhame. Seus "filhos" usam uma pulseira de ferro no pulso direito e um espanta-moscas na mão. Outros orixás caçadores são Oxóssi, Oré ou Oréluere, Ibualama e Logun-Edé. *Ver INLÊ*.

ERITREIA. País do Nordeste africano. Limita-se a norte e nordeste com o mar Vermelho, a sul e sudeste com a Etiópia* (da qual se separou em 1993), e a oeste com o Sudão. Sua capital é Asmara.

ERMOLD, o Negro (*c*. 790-após 838). Clérigo do palácio de Pepino I, rei da Aquitânia. Autor de um poema em latim, escrito em honra do rei Luís I, o Piedoso, seu epíteto parece indicar origem ou ascendência africana.

ERÓ. Na tradição dos orixás, conjunto de ensinamentos ritualísticos secretos; fundamento. Do iorubá *èro*, "experiência", "sagacidade".

ERU. No axexê*, grande pacote que se faz com os pertences do morto e os objetos usados na cerimônia para ser despachado em lugar apropriado. Do iorubá *èru*, "carrego", "carga".

ERUQUERÊ. Variante de iruquerê*.

ERVAS – Uso ritual. *Ver PLANTAS VOTIVAS*.

ERZULIE. Loá* feminino do vodu* haitiano também referido como Maîtresse Erzulie, Erzilie e Ezilie. É o arquétipo da mulher desejada, misto de musa e amante, muito rica e sempre coberta de joias e roupas luxuosas. O panteão haitiano compreende várias qualidades ou manifestações desse loá, como Ezilie Danto, Ezilie Daromain, Ezilie Doba, Ezilie Fréda, Ezilie Jeroude, Ezilie Wédo etc.

ESCALERA, Conspiração de La. Revolta de escravos e negros livres ocorrida em Cuba no ano de 1844. A organização da insurreição desenvolveu-se demorada e minuciosamente, sendo tramada nas reuniões religiosas dos negros, por intermédio dos reis e rainhas dos *cabildos*. Programada para estourar em março, a partir de Matanzas, num levante

simultâneo em engenhos de toda a ilha, a sedição foi denunciada e abortou, dando sequência a um dos mais sérios processos repressivos da história: os revoltosos capturados foram amarrados em uma escada (*escalera*) e supliciados. A repressão motivou também um grande movimento forçado de retorno de ex-escravos à África, além de um esforço intenso com intuito de desqualificar a imagem dos africanos. Na literatura, por exemplo, após a Escalera, o negro desapareceu como protagonista para dar lugar à figura do indígena.

ESCALERA, Nicolás de la (século XIX). Pintor cubano. Pardo e livre, foi um dos primeiros artesãos a ser reconhecido como artista em seu país.

ESCARUMBA. Antiga denominação brasileira para o indivíduo negro. Provavelmente, do umbundo *okalumba*, diminutivo de *lumba*, "escravo", "aprendiz de curandeiro", "ajudante de feiticeiro".

ESCOBAR, León (século XIX). Célebre bandoleiro peruano, protagonista de um curioso episódio. Em fevereiro de 1835, estando o general José Luís de Orbegoso na chefia do Executivo, invadiu o palácio do governo, dando vivas ao presidente ausente, e sentou-se na cadeira presidencial. Parlamentando com alguns vereadores, solicitou-lhes, com elegância e civilidade, 5 mil pesos para despesas com pessoal, no que foi atendido, retirando-se a seguir.

ESCOBAR, Vicente (século XVII). Importante pintor cubano. Segundo alguns críticos, sua vida se desenrolou como um dramático esforço para romper as fronteiras raciais e ser aceito socialmente. E seus registros de nascimento e morte parecem dar conta do "sucesso" desse esforço: no primeiro é dado como "negro" e, no derradeiro, como "branco".

ESCOBERO. Terceiro personagem das *comparsas** uruguaias. Sua dança consiste em malabarismos com uma pequena vassoura. *Ver ESCOBILLERO.*

ESCOBILLERO. O mesmo que *escobero**. Observe-se que, no espanhol cubano, segundo Pichardo (1985), o verbo *escobillar* traduz-se por "sapatear".

ESCOLA DE SAMBA. Espécie de sociedade musical e recreativa que participa dos desfiles do carnaval brasileiro cantando e dançando o samba. As primeiras escolas, integradas basicamente por negros, desciam dos morros próximos ao centro do Rio de Janeiro e dos subúrbios para a Praça

Onze*. Em 1932 acontecia, nessa cidade, o que se considera o primeiro desfile "oficial", incentivado que foi pelo governo de Getúlio Vargas, interessado na integração do elemento negro ou em difundir o mito da democracia racial. Os primeiros enredos baseavam-se em temas de exaltação aos heróis consagrados pela classe dirigente e de motivação do ufanismo nacional. Do primeiro desfile, participaram 25 das 28 filiadas à União das Escolas de Samba, e o regulamento apresentava algumas características ainda preservadas à época da publicação desta obra, como a proibição de instrumentos de sopro e a obrigatoriedade de apresentação da ala das baianas, além de enredos sobre motivos nacionais, expressamente obrigatórios até os anos de 1970. Por volta do final dessa década, no Rio de Janeiro, as escolas começaram a perder o caráter de arte negra para se transformarem em expressão artística mais eclética e universal, em que apenas alguns poucos elementos remetem ao seu significado original.

ESCRAVIDÃO. Forma extrema de trabalho forçado, na qual os direitos da pessoa e sua força de trabalho são propriedade de outrem. **Escravidão e cativeiro:** A diferença entre o tipo clássico de escravidão, vigente, no passado, na Europa e na África, e o instituído depois da descoberta da América repousa, primeiro, na revisão da falsa sinonímia existente entre os conceitos de "cativo" e "servo". *Cativo*, segundo Nascentes (1981), é o indivíduo que foi capturado, perdeu sua liberdade e ficou retido. *Servo* é a pessoa apenas sem liberdade própria, obrigada à prestação de serviços, ficando sua pessoa e bens dependentes de um senhor. Na África, até os Grandes Descobrimentos, eram considerados servos permanentes aqueles que, por alguma razão, tinham perdido a faculdade de ser tratados como indivíduos livres. Essas pessoas trabalhavam sem receber salário; podiam ser compradas, vendidas ou dadas de presente; tinham de fazer o que lhes era ordenado, mas possuíam alguns direitos. Podiam, por exemplo, casar-se no seio da família de seu amo, ter propriedades, exercer comércio por conta própria e adquirir influência, poder e até mesmo a liberdade pessoal. Muitos monarcas africanos tomaram pessoas com tal status jurídico a seu serviço. Embora sem direitos de nascimento, por não serem filhos das famílias tidas como mais importantes, eram absolutamente leais e auxiliares prestimosos de seus senhores. Um antigo provérbio axânti dizia que "o escravo que sabe

servir bem herdará a propriedade do amo”. E foi assim que, na África, muitos deles se tornaram comandantes e até reis. Era esse o tipo de escravidão que, em geral, vigorava na África antes da descoberta da América; e também na Arábia, onde os escravos africanos, levados pelo oceano Índico, pelo mar Vermelho e pelas rotas do Saara, gozavam, pelo menos em tese, da proteção das leis islâmicas, devendo ser tratados com justiça e bondade. Entretanto, os diversos períodos de dominação estrangeira no continente, da Antiguidade até o fim da Idade Média, foram transformando essa realidade. **Escravidão nas Américas:** Descoberto o Novo Continente, alteraram-se as relações entre amo e escravo. Em busca de ouro e prata, os espanhóis aniquilaram as ricas civilizações do México e do Peru e escravizaram os nativos remanescentes. Mas os tempos exigiam mão de obra adicional, e recorreu-se, então, ao braço africano, pelo sequestro puro e simples ou pela corrupção de africanos poderosos que passaram a vender seus servos para as Américas. Registre-se, porém, que muitos líderes e governantes resistiram a esse tipo de colaboração, como os do povo bacuba*, do Congo, que permaneceu isolado, evitando contatos externos, até 1890. Todavia, com a demanda pelo açúcar e, depois, pelo fumo e o algodão, principalmente – sem falar no ouro do Brasil –, a mão de obra africana tornou-se indispensável no Novo Continente, sendo que as formas de obtê-la e torná-la rentável eram cada vez mais truculentas. O deplorável comércio de escravos transformou-se num grande negócio, enriquecendo traficantes e demais intermediários. E foi em virtude do cativeiro cruel e desumano e da escravidão de africanos e seus descendentes nas Américas que Grã-Bretanha e França se constituíram nas nações mais poderosas do mundo. A acumulação de capital daí proveniente foi o principal fator propiciador, a partir de 1750, da Revolução Industrial*. No Brasil, basicamente o sistema escravista assentou-se, até o fim, no tráfico – primeiro africano (só extinto após 1850) e depois interprovincial. Nos Estados Unidos, o cativeiro foi fortemente sustentado pela reprodução escrava. Essa política fez que, aqui, o número de escravos de nação, isto é, africanos, fosse sempre muito superior ao dos demais países sustentados por essa mão de obra. Mas fez também que os escravistas, temendo a rebeldia e a desforra, estimulassem as rivalidades entre os diversos grupos étnicos e

reprimissem qualquer tentativa de aglutinação. Nos Estados Unidos, após o fim da escravatura (1862) e da Guerra de Secessão* (1865), ex-escravos do Sul – muitos deles analfabetos mas dotados de grande inteligência e sentido democrático –, eleitos por suas comunidades, foram chamados a participar da elaboração das novas Constituições de 1867 e 1868, as mais progressistas que o Sul já conhecera. Assim estabeleceu-se o sufrágio universal masculino; garantiu-se o exercício de cargos públicos a todos os homens, independentemente da raça ou de posses; criaram-se sistemas de ensino público; dinamizaram-se as instituições governamentais. E, apesar dos retrocessos posteriores, todas essas conquistas ainda são muito importantes. No Brasil, o que se viu logo após a Lei Áurea (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*) foi a primeira Constituição da recém-instaurada República nada mais fazer do que garantir e consagrar os privilégios das antigas oligarquias escravistas. *Ver TRÁFICO NEGREIRO*.

ESCRAVO AFRICANO, Perfil do. Em seu livro *Como a Europa subdesenvolveu a África*, Walter Rodney* (1975) faz uma análise detalhada das circunstâncias em que se deu o tráfico europeu de escravos para as Américas. Com base nessa análise, pode-se traçar um perfil aproximado do africano objeto desse tráfico, que é basicamente o seguinte: idade entre 15 e 35 anos, majoritariamente próximo dos 20; prisioneiro de guerra ou vítima de sequestro; sobrevivente à travessia do Atlântico, numa viagem em que morriam de 15% a 20% dos embarcados; integrante de um contingente de pessoas em que dois terços eram do sexo masculino.

ESCRAVO CUNHA. *Ver CUNHA, Manuel da*.

ESCRAVO DA NAÇÃO. Denominação dada, no Brasil, ao cativo pertencente a um dos poderes do Império. A expressão não se confunde com "escravo de nação", aplicada ao cativo de origem africana em oposição ao crioulo*. *Ver NAÇÃO*.

***ESCRAVO, O* (*Lo schiavo*).** Ópera de Carlos Gomes*, exibida pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1889, um ano após a abolição da escravidão negra no Brasil e nela inspirada. Por supostas intenções comerciais e de acordo, ao que consta, com a orientação dos empresários italianos, que tencionavam repetir o sucesso alcançado por *O guarani* em 1870, o heroico e honrado personagem central, ao contrário do que

pretendia o autor do argumento, Alfredo d'Escragnolle Taunay, foi corporificado em um índio, e não em um negro. Segundo Bittencourt-Sampaio (2008, pp. 11-12), a ideia de substituir o negro pelo índio teria partido do próprio Carlos Gomes, tendo o fato motivado a publicação, na imprensa, de uma nota de protesto de Taunay.

ESCRAVOCRATA, O. Drama em três atos de Artur Azevedo, escrito em 1882, com a colaboração de Urbano Duarte. Submetido à aprovação do Conservatório Dramático Brasileiro, sob o título *A família Salazar*, foi censurado. A trama gira em torno da relação amorosa de um mulato escravo, cria de estimação de uma família burguesa, com sua senhora. Dessa relação nasce um filho que, até a maioridade, por força da dissimulação dos pais verdadeiros, é considerado legítimo. Descoberta, entretanto, a verdade, desencadeia-se uma tragédia. No prefácio da obra, não encenada mas publicada em 1884, no contexto da campanha abolicionista, os autores justificam: "As relações amorosas entre senhores e escravos foram e são, desgraçadamente, fatos comuns no nosso odioso regime social; só se surpreenderá deles quem tiver olhos para não ver e ouvidos para não ouvir".

ESCRAVO-DE-INQUICE. Uma das denominações de Exu nos candomblés bantos. *Ver INQUICE.*

ESCRAVOS AFRICANOS no Brasil. *Ver BRASIL, República Federativa do [Escravidão africana].*

ESCRAVOS "BRANCOS". Ao contrário do que ocorreu, por exemplo, na Grécia ou na Roma antiga, o escravismo moderno, nas Américas, baseado que foi na exploração da mão de obra africana, só admitiu escravos pretos ou pardos. Mas, no Brasil, as leis imperiais anteriores à Lei do Ventre Livre – segundo as quais o filho da escrava nascia escravo –, aliadas às leis genéticas, deram ensejo à surpreendente existência de cativos de cabelos louros, olhos azuis e pele clara, em geral, filhos, netos ou bisnetos de escravas negras mestiças com homens brancos. Tal foi o caso de um deles que, em 1858, apresentou-se na Praça do Comércio, no Rio de Janeiro, estarrecendo a opinião pública e conseguindo, pelo inusitado de sua condição, auxílio pecuniário para a compra de sua alforria (conforme Luiz Felipe de Alencastro, 1997). O mito dos escravos "brancos", na verdade negros, porque afrodescendentes (*ver BRASIL, República Federativa do*

[População negra]), alimentou a fantasia popular e gerou obras como o famoso romance *A escrava Isaura*, de 1875, escrito por Bernardo Guimarães.

ESCRAVOS DE ÍNDIOS. O livro *Historia de la fundación de Lima*, de Bernabé Cobo (citado por Crespo, 1977), dá conta da existência, no século XVII, nos atuais territórios de Peru e Bolívia, de escravos negros que pertenciam a índios. Num dos casos, cerca de duzentas famílias indígenas utilizavam-se, segundo o livro, da força de trabalho de oitenta africanos. *Ver ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças*.

ESCRAVOS IMPRESTÁVEIS. Prática não rara à época da escravidão era o assassinato puro e simples de escravos inválidos, por velhice ou doença. Tornando-se imprestável, o trabalhador negro era considerado uma sobrecarga no orçamento do dono, o qual, muitas vezes, não hesitava em eliminá-lo, como um animal qualquer (conforme José Alípio Goulart, 1972). Outra situação que comumente ocorria era o abandono, em prisões públicas, de escravos infratores cujo resgate, mediante pagamento de multa pecuniária, significava prejuízo financeiro para o proprietário.

ESCRAVOS, Origens e procedências dos. *Ver TRÁFICO NEGREIRO.*

ESCRAVOS RURAIS, Regime alimentar. Tomando por base uma descrição de Eduardo Frieiro (1966) sobre a alimentação de escravos numa fazenda típica do centro de Minas Gerais em meados do século XIX, podemos estabelecer a seguinte rotina alimentar diária para a média dos escravos de eito no Brasil: despertos antes do sol, recebiam a primeira ração do dia e partiam para a roça; às oito horas almoçavam, invariavelmente, feijão cozido com gordura, misturado com farinha, descansando meia hora em seguida; às catorze horas jantavam feijão, angu e couve, ração à qual, duas vezes por semana, era adicionado um pedaço de carne; ao anoitecer, de volta à sede da fazenda, tomavam canjica adoçada com rapadura. No Rio de Janeiro, em 1847, o barão de Pati do Alferes recomendava: “O preto trabalhador de roça deve comer três vezes ao dia, almoçar às oito horas, jantar à uma hora e cear às oito até nove. Sua comida deve ser simples e sadia. Em serra acima, em geral, não se lhe dá carne; comem feijão temperado com sal e gordura, e angu de milho, que é comida muito substancial. A farinha de mandioca é fraca e de pouca nutrição. Quando por

necessidade me vejo obrigado a dar-lhes seguidamente dela com feijão, começam a sentir-se fracos e tristonhos e vêm requerer o angu: por isso o mais que faço é intermear uma comida com duas de angu" (conforme Werneck, 1985).

ESCULTURA. Arte de esculpir; estatuária. Nas culturas negro-africanas tradicionais, com o largo uso de objetos esculpidos em rituais, comemorações ou mesmo com finalidades puramente decorativas, a escultura é um fazer que remonta aos tempos antigos e que se destaca como uma das principais expressões artísticas do continente. Nas regiões centrais, é mais difundida a escultura em madeira, enquanto trabalhos em metal e terracota são mais comumente encontrados no Ocidente africano. A escultura em pedra ocorre, também, em várias regiões. *Ver ANCESTRAL*; *ARTE NEGRA*.

ESCURINHO. Apelido de Benedito Custódio Ferreira, jogador de futebol brasileiro nascido em Nova Lima, MG, em 1930. Ponta-esquerda veloz, projetou-se no Fluminense Futebol Clube e integrou a seleção brasileira nos anos de 1950.

ESIGIE (*c.* 1516-*c.* 1550). Obá* de Benin*. Tido como batizado e educado por missionários portugueses ainda criança, empreendeu várias guerras expansionistas. Em seu reinado, a arte da fundição em metal conheceu significante progresso.

ESMERALDAS. Província do litoral norte do Equador. É núcleo de uma comunidade de descendentes de *palenqueros* (quilombolas) e concentra significativa população de origem africana.

ESPADA-DE-IANSÃ (*Rhoeo discolor*). Planta da família das comelináceas, consagrada, na tradição afro-brasileira, ao orixá que lhe dá nome.

ESPADA-DE-SÃO-JORGE (*Sansevieria zeylanica*). Planta da família das agaváceas. Largamente empregada em rituais da umbanda e do catolicismo popular, é consagrada a Ogum, sendo eficiente protetora contra forças negativas.

ESPANHA. País do Sudoeste da Europa, entre o Mediterrâneo e o Atlântico. Dominada, em grande parte, por conquistadores mouros do século VIII ao século XV, recebeu influxos de população negra africana,

principalmente na região da Andaluzia*. *Ver MOUROS*; *PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

ESPANTA-MOSCAS. Acessório usado na África como símbolo de realeza. Na tradição jeje-iorubana do Brasil, recebe o nome de irukerê ou iruquerê. *Ver IRUQUERÊ*.

ESPARTA NEGRA. Expressão usada por viajantes europeus dos séculos XVIII e XIX em relação ao Daomé*, o qual, após a derrocada de Oyó*, governado por monarcas despóticos que encorajavam crianças e mulheres a aprenderem as artes da guerra, tornou-se o Estado mais fortemente militarizado da África ocidental. Não obstante, e até mesmo por razões guerreiras, seus governantes desenvolveram uma diplomacia hábil e eficaz; criaram eficientes sistemas de inteligência e segurança e realizaram os primeiros censos populacionais de que se tem notícia na África. *Ver AMAZONAS DO DAOMÉ*; *GHEZO*.

ESPERANÇA RITA (século XX). Líder religiosa em Porto Velho, atual estado de Rondônia. Imigrante de Barbados, na década de 1910 manteve pioneira casa de culto africano na capital do antigo território de Guaporé, frequentada inclusive por membros da elite dirigente local. *Ver BARBADIANOS*.

ESPINGUELA, Zé. *Ver ZÉ ESPINGUELA*.

ESPINOSA, Maestro (século XIX). Pianista, regente e compositor argentino. Segundo historiadores, foi um "mulato genial", que deixou rica obra musical, hoje dispersa.

ESPINOSA, Manuel (?-1749). Líder escravo na Venezuela. Chefiou uma revolta em Caracas, objetivando, ao que consta, matar todos os brancos e dominar a cidade. Derrotado, foi sumariamente executado com seus seguidores.

ESPÍRITO SANTO. Estado brasileiro, na região Sudeste, situado entre Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. À época da escravidão, com numerosa população servil, a província foi palco de sérias revoltas, como a ocorrida no distrito de Queimado*, em 1849. Alguns negros envolvidos nesses movimentos, como Benedito Meia Légua, Zacimba Gaba, Constância de Angola e Preto Bongo, são hoje envoltos em aura de lenda. Em 2000, o governo federal tinha identificadas, no estado, quinze comunidades

remanescentes de quilombos*, localizadas principalmente no município de Conceição da Barra.

ESPÍRITO SANTO, Francisco Quirino do (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. Veterano da Guerra da Independência, organizou a primeira companhia de Zuavos Baianos*, com a qual marchou para o Paraguai, no posto de capitão.

ESPÍRITO SANTO, Major (?-1838). Militar brasileiro participante da Sabinada*. Comandante de tropas rebeladas na localidade conhecida como Gervásio, no interior baiano, lá foi morto em choque com o Exército imperial.

ESPÍRITO SANTO, Manuel Florêncio do (século XIX). Educador baiano, escreveu *Rudimentos gramaticais da língua portuguesa* e um compêndio de aritmética elementar e sistema métrico decimal. É mencionado por Afrânio Peixoto (1980) como um "preto admirável".

ESPÍRITO SANTO, Venâncio José do (c. 1800-78). Pintor brasileiro atuante em Minas Gerais. É autor da pintura do forro da nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei.

ESPORTES, Aptidão para. A aptidão dos negros para certos esportes parece não depender de características etnobiológicas. Segundo a opinião dominante, se os negros sempre foram bons corredores, isso ocorre porque a corrida é um esporte barato, que não requer equipamentos e a que todos têm acesso; e se antes de Anthony Nesty* as comunidades negras ainda não tinham produzido nenhum campeão de natação, foi tão somente porque os possíveis nadadores negros raramente, ou nunca, tinham acesso a piscinas. Entretanto, no livro *Taboo: why black athletes dominate sports and why we're afraid to talk about it* (2000), o norte-americano Jon Entine discute a questão da superioridade dos negros em várias modalidades esportivas, concluindo que, de fato, essa superioridade é flagrante nos esportes em que as barreiras econômicas e sociais são menores, como atletismo, futebol americano, basquetebol e futebol. Contudo, segundo esse autor, a exemplo de doenças que atingem majoritariamente certos grupos étnicos, fatores biológicos não devem ser desprezados nessas conclusões.

ESPOSITO, Giancarlo. Ator americano nascido em Copenhague, Dinamarca, em 1958, e criado em Nova York, filho de uma cantora lírica

afro-americana e um professor italiano. Um dos atores preferidos do diretor Spike Lee*, tornou-se, por suas atuações em *Lute pela coisa certa*, *Faça a coisa certa* e *Malcolm X* – no qual personifica Thomas Hayer, um dos assassinos do líder –, um dos mais requisitados coadjuvantes do cinema americano.

ESSÁ. Cada um dos ancestrais fundadores de um terreiro, invocados no padê*. De *É sà*, título honorífico iorubá.

ESSÁ OBITIKÔ. Nome iniciático de Rodolfo Martins de Andrade, também conhecido como Bamboxê ou Bamboxê Obitikô*.

ESSÁ OBURÔ. Nome iniciático de Joaquim Vieira da Silva, também referido como Obá Sanyá*.

ÉSSÃ. Nos antigos candomblés baianos, denominação do filho que nascia depois de um parto de gêmeos.

ESSENCE. Revista mensal americana, fundada em 1970. Voltada para a mulher negra, focaliza assuntos como saúde, autocrescimento, beleza, moda, literatura e atualidades.

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. *Ver MANGUEIRA*.

ESTÁCIO. Forma reduzida pela qual é mais conhecido o bairro de Estácio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro. Localizado próximo à Praça Onze* e abrigando o morro de São Carlos, é tido como um dos berços do samba carioca. *Ver DEIXA FALAR*.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. País localizado no centro da América do Norte, com capital em Washington, limita-se ao norte com o Canadá, a oeste com o oceano Pacífico, a leste com o Atlântico e ao sul com o México e o golfo do México. Sua história se inicia com as treze colônias inglesas (New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut, no Norte, constituindo a Nova Inglaterra; Nova York, Nova Jersey, Delaware e Pensilvânia, no Centro; Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia, no Sul), às quais se somaram, após a independência, as outras unidades que viriam a constituir a federação americana. **A saga negra:** Procedentes das Antilhas, os primeiros escravos negros desembarcaram na Virgínia* em 1619, e hoje seus descendentes somam cerca de 12% da população total. A mão de obra escrava serviu principalmente às grandes fazendas do Sul, nas quais, em 1760, trabalhavam aproximadamente 90 mil

negros, o dobro da população branca. Quinze anos depois, estourava a guerra pela independência, declarada em 1776 e reconhecida pela Inglaterra na década seguinte. Com esse evento, cresceu a população escrava que vivia nas fazendas sulistas; e, nos estados do Norte e do Nordeste, o avanço da industrialização motivou um grande surto de progresso. A burguesia industrial desses estados, no entanto, posicionou-se contra o modelo escravista do Sul, o qual não favorecia o consumo dos bens por ela produzidos. Mas alguns setores temiam romper definitivamente com o Sul, fonte da matéria-prima fundamental – o algodão –, sem a qual os teares parariam. Não sendo possível, contudo, conciliar os interesses de ambos os lados, deflagrou-se a guerra civil conhecida como Guerra de Secessão*, ao fim da qual, em 1865, os escravos foram emancipados (*ver ABOLICIONISMO*). À vitória dos nortistas no conflito e à abolição formal da escravatura seguiu-se o período conhecido como Reconstrução*, em que se acumularam mais fracassos do que êxitos: por exemplo, assistiu-se à cristalização do racismo antinegro e ao crescimento do ódio racial no país. No início do século XX, em busca de melhores oportunidades, levas sucessivas de negros migraram para o Norte, notadamente para a cidade de Chicago*, o que acarretou consequências sociais e econômicas importantes. Na década de 1960, líderes como Martin Luther King* e Malcom X*, em sua luta pelos direitos civis da população negra, escreviam páginas definidoras da história contemporânea dos Estados Unidos. Sobre a importância da mão de obra escrava na vida dos Estados Unidos, escreveu Karl Marx (2002): “Sem escravidão, os Estados Unidos, o mais progressista dos países, seriam transformados numa terra patriarcal. Sem escravidão, não somente se iria riscar os Estados Unidos do mapa das nações, como se atingiria a anarquia, a total decadência do comércio e da civilização moderna”. **Migrações e direitos civis:** A partir de 1793, com o deslocamento em massa da mão de obra escrava em direção às plantações de algodão do Sul do país, as condições de vida dos negros no Norte dos Estados Unidos foram de paz e progresso relativos durante parte do século XIX. Após a emancipação, e principalmente a partir do começo do século XX, a chegada em massa de negros rurais, não aculturados e não instruídos formalmente, vindos do Sul provocou a quebra da estabilidade anterior,

desencadeando ações e reações violentas. Durante a década de 1930, com a Grande Depressão e a onda de desemprego por ela acarretada, esse movimento se interrompeu e ressurgiu com força ainda maior nos anos de 1940, quando, dessa década à seguinte, o número de afro-americanos que migraram do Sul para o Norte foi maior que 1 milhão. De 1940 a 1970, essa cifra, uma das maiores em toda a história, quadruplicou, constituindo-se no elemento gerador dos movimentos pelos direitos civis e dos avanços conseguidos pelo povo negro nos Estados Unidos. Em 2002, cerca de 50% dos afro-americanos viviam dentro de padrões econômicos de classe média, num grande avanço em relação a 1945, quando apenas 10% dos negros desfrutavam dessa condição (conforme a revista *Veja*, n. 51, 25 dez. 2002). **Levantes de escravos:** A história do país registra inúmeras insurreições de escravos, como as de Prosser Gabriel*, Nat Turner* e Denmark Vesey*. As rebeliões ocorreram em quase todo o território americano e se iniciaram já na época das Treze Colônias. Em 1663 e 1687, houve levantes na Virgínia, onde, no século seguinte, se verificariam seis rebeliões, às quais se somariam outras oito no século XIX (1802, 1821, 1831, 1845, 1859). Em Nova York, em 1712 e 1741, dois movimentos armados têm lugar, e, em proporção maior, na Carolina do Sul, ocorrem insurreições nos anos de 1720, 1723, 1738, 1739-40, 1797 e 1816. Na Geórgia ocorrem levantes em 1810, 1819, 1831, 1834-35, 1851, 1856 e 1860. Na Flórida, em 1820 (em Talbot Island) e 1856 (em Jacksonville); no Alabama em 1837; no Mississippi em 1835; na Louisiana em 1804 (em Nova Orleans), 1805, 1811, 1829, 1835, 1837, 1840, 1841, 1842 e 1856 (nas plantações de cana-de-açúcar); no Tennessee em 1831; no Kentucky em 1856; e no Texas em 1857. **Negros na conquista do Oeste:** A grande epopeia da conquista dessa parte do território americano no século XIX também contou com a participação ativa de negros, escravos e livres. A partir de 1803, teve grande influência na exploração do território da Louisiana, recém-comprado da França, o legendário York, escravo de confiança do explorador William Clark. Depois de emancipado, em reconhecimento aos serviços que prestou, York teria retornado ao interior do território para se integrar a uma comunidade indígena. Na década de 1820, Edward Rose destacou-se como guia, caçador e intérprete para a Missouri Fur Company. Nas incursões ao território do

atual estado de Minnesota, destacaram-se Pierre Bonga e seu filho George, ambos falantes de várias línguas indígenas. Outros exploradores importantes foram John Marsant e John Stewart, que atuaram como missionários perante os índios. Porém, o mais intrépido de todos foi James P. Beckwourth*, o descobridor da passagem de Sierra Nevada. **Booker Washington e Du Bois:** No final do século XIX, com o surgimento de Booker T. Washington* e W. E. B. Du Bois* como líderes nacionais, duas correntes ou escolas de pensamento se desenvolveram com intuito de solucionar os problemas da massa negra. Washington entendia que os negros só alcançariam o reconhecimento de seus direitos mediante a igualdade econômica e que o futuro dependia exclusivamente da habilidade profissional. Du Bois achava que o programa de Washington, ao destacar apenas a formação de profissionais, levava à perpetuação do status de inferioridade do povo negro; então, preocupou-se com o desenvolvimento de uma minoria inteligente, saída das universidades, à qual caberia conduzir e elevar a população de cor. **Cultura afro-americana:** A dura separação entre negros e brancos vigente até a década de 1960 fez que a comunidade afro-americana se organizasse em torno dos próprios valores. Dessa experiência nasceram expressões culturais que marcaram definitivamente a vida americana e que, a partir de núcleos como o Harlem* nova-iorquino, extrapolaram as fronteiras dos Estados Unidos. É o caso, por exemplo, do jazz* e da soul music* – que está na base da música popular globalizada no amplo espectro do pop –, do pentecostalismo* etc. A Diáspora Africana nos Estados Unidos tem revelado ao mundo personalidades ímpares em quase todas as áreas, das artes e dos esportes ao pensamento filosófico e ao conhecimento científico. **Poder de compra:** Segundo o estudo *The Buying Power of Black America*, o poder de compra dos consumidores afrodescendentes nos Estados Unidos chegou a US$ 631 bilhões em 2002, superando o do ano anterior em quase 5%, o que leva a concluir que esse contingente de consumidores ocupa o 11º lugar na economia mundial, superando inclusive o mercado brasileiro como um todo (conforme Rubens Barbosa, *O Globo*, 14 set. 2004). *Ver BLACK BOURGEOISIE.*

ESTATUÁRIA. *Ver ESCULTURA.*

ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL. Nome pelo qual se tornou conhecido o projeto de lei federal n. 3.198, de autoria do senador Paulo Paim*, proposto ao Congresso Nacional no ano 2000. Tem por objetivo a erradicação do racismo e a real integração dos segmentos da população historicamente desfavorecidos, como o dos afrodescendentes, ao todo da sociedade nacional, por meio de políticas públicas específicas. Seu texto original estabelecia a titulação de terras reconhecidas como de antigos quilombos, a adoção de políticas de cotas para negros nas universidades públicas, em empresas, em concursos públicos, nos partidos políticos, nos elencos de produções cinematográficas e de televisão e em campanhas publicitárias, além da obrigatoriedade do ensino de história da África e de cultura afro-brasileira nos currículos de educação fundamental. Em setembro de 2009, depois de inúmeras protelações e sob forte oposição, a Câmara aprovava uma versão esvaziada do texto, sendo suprimidas principalmente as disposições referentes a cotas e a reivindicações de comunidades remanescentes de quilombos, a qual foi, assim, encaminhada à sanção presidencial.
ESTEBANICO. Forma espanhola para "Estevãozinho". *Ver ESTÊVÃO*.
ESTEFÂNIA (séculos XIX-XX). Vidente e ritualista estabelecida no Largo da Batalha, no centro da cidade do Rio de Janeiro, na primeira década do século XX. Mulata e quarentona, segundo Luiz Edmundo (1957) em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, era responsável por uma casa frequentada por gente abastada: "Grossões da política, banqueiros, pessoas de responsabilidade na administração do país".
ESTENOZ, Evaristo (1875-1912). Nome abreviado de Evaristo Emílio Estenoz de las Corominas, militar cubano, veterano da Guerra da Independência. Em 1911, liderou uma revolta antirracista iniciada em Oriente e que se espalhou por todo o país. Seu objetivo era a queda do governo racista e corrupto do presidente José Miguel Gómez, que, para conter a insurreição, valeu-se da Emenda Platt, solicitando o auxílio das tropas americanas. Os revoltosos foram vencidos pelas forças governistas, sendo Estenoz caçado, preso e linchado em praça pública, juntamente com Pedro Ivonnet, seu companheiro de liderança. *Ver CUBA, República de*.

ESTEREÓTIPO. Em sociologia, opinião ou preconceito resultante não de uma avaliação espontânea mas de julgamentos repetidos rotineiramente; resultado da atribuição, por suposição, de invariáveis características pessoais e de comportamento a todos os membros de determinado grupo étnico, nacional, religioso etc. Através dos tempos, cunharam-se várias impressões estereotipadas, positivas e negativas, sobre os negros. O estereótipo do negro horrendo e animalesco começa a ser cunhado no século XVI, por cronistas como Gomes Eanes de Azurara, João de Barros etc. Mesmo depois de Rousseau, o negro africano não vai ter, como o ameríndio, esse estereótipo atenuado pela imagem do "bom selvagem". "Hábeis dançarinos", "amantes insaciáveis", "malcheirosos" são outras dessas impressões. No Brasil, baseado em personagens popularizados pela literatura, João Carlos Rodrigues (1988) construiu uma galeria de tipos, entre os quais sobressaem a "mãe preta" – sofredora, bondosa, abnegada; o "negão" – violento, bandido, estuprador; o "crioulo malandro" – sagaz, esperto, vigarista, simpático; a "mulata boa" – sensual, equivalente feminino do malandro; o "crioulo doido" – cachaceiro, engraçado, meio infantil; o "preto de alma branca" – subserviente, dócil, conformado etc. Alguns dos focos "favoráveis" sob os quais os negros são vistos se revestem de uma positividade falsa, porque estereotipada. É o caso daquela visão que generaliza em relação aos africanos e seus descendentes traços como afetividade, doçura, fidelidade, imaginação fantasiosa, resistência física, resignação etc. *Ver CULTURA DA FESTA*.

ESTES, Simon [Lamont]. Cantor lírico americano nascido em Centerville, Iowa, em 1938. No ano de 1978, atuando no papel principal da ópera *O navio-fantasma*, tornou-se o primeiro negro a cantar no Festival de Bayreuth, no teatro erguido em 1876 para abrigar exclusivamente montagens de obras de Richard Wagner. Em 2003, ano em que se apresentou no Brasil, contabilizava em seu currículo 101 atuações em óperas, em palcos como o do Metropolitan nova-iorquino e o do Scala de Milão, além de mais de trinta discos gravados.

ESTÊVÃO (?-1539). Explorador nascido no Marrocos, também conhecido como "Estevãozinho". Participou, em 1527, da expedição espanhola às Américas chefiada por Pánfilo de Narváez e, radicado no México, guiou outras duas, em 1534 e 1539. Por isso é lembrado como o condutor das

primeiras expedições que exploraram os desertos do Sudoeste da América do Norte, possibilitando o conhecimento das terras que depois constituiriam o Arizona e o Novo México. Foi morto por indígenas, às margens do rio Grande, quando guiava a expedição de Marcos de Niza.

ESTIMÉ, Dumarsais (1900-53). Estadista haitiano nascido em Verrettes, Artibonite, e falecido em Nova York. Deputado e depois ministro da Educação, foi presidente de seu país, de 1946 a 1950. Seu governo foi marcado por importantes reformas nos campos da legislação trabalhista, educação, saúde e saneamento.

ESTIVA. Classe profissional dos estivadores, trabalhadores marítimos empregados no trabalho de carga e descarga dos navios mercantes. Ocupação prestigiosa e lucrativa, o trabalho no porto rendia, ao escravo de ganho, em época e local propícios, seis ou sete vezes mais que a diária exigida pelo proprietário, o que permitia a compra de alforria em curto espaço de tempo. No Brasil, portanto, a profissão de estivador é, historicamente, desde o século XVII, ocupação de negros, e, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro e em Salvador, BA, esses trabalhadores tiveram papel significativo nas manifestações festivas da tradição afro-brasileira. No Rio, foi entre trabalhadores da estiva que nasceu a ideia de fundar a escola de samba Império Serrano*; e, na Bahia, o afoxé Filhos de Gandhy* foi, no carnaval, o grande aglutinador dessa categoria profissional. *Ver RIO DE JANEIRO [Escravismo colonial]*.

ESTORAQUE. *Ver BENJOIM*.

ESTRADA, Ulpiano (1777-1847). Diretor de orquestra, violinista e professor de música cubano nascido e falecido em Havana. Com sua orquestra, foi o principal animador dos bailes da aristocracia na capital cubana. Em 1824 estreou a obra *La matancera*, com coreografia de Andrés Pautret, no Teatro Principal de Havana.

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS. Vertente da pesquisa histórica, sociológica ou antropológica voltada para a análise da presença africana no Brasil e das questões relativas à população afrodescendente no país. Sob essa denominação temos desde os relatos dos viajantes que visitaram o Brasil no século XIX até os primeiros trabalhos escritos no século XX. Como salientam alguns autores, o viajante estrangeiro, mesmo reconhecendo no

negro habilidades e técnicas diferenciadas e mais avançadas que a dos europeus de então, como no caso da metalurgia e da mineração, sempre o enxergava como um ser diferente, exótico. Assim foi com Debret, Koster, Saint-Hilaire, o casal Agassiz, Spix e Martius, Ribeyrolles e outros, que "fotografaram" os negros no Brasil, quase sempre sem compreender-lhes ou entender-lhes a essência humana. No século XX, com a publicação dos estudos de Nina Rodrigues, os conhecimentos sobre a escravidão negra e as relações raciais começam a adquirir faceta científica, notadamente no que toca às áreas da antropologia, ciência política, história e sociologia, apesar de seu caráter eurocêntrico, caráter esse contrapontado pelos estudos de Manuel Querino*, negro e autodidata. Em 1933, vem à luz *Casa-grande & senzala*, a polêmica obra de Gilberto Freyre. Mais tarde, destacam-se os estudos de Arthur Ramos, continuador de Nina Rodrigues; Édison Carneiro, Oracy Nogueira e René Ribeiro; Roger Bastide, Donald Pierson e Pierre Verger; além de Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, no campo específico das relações raciais. A partir de 1992, Alberto da Costa e Silva firma-se com um dos maiores estudiosos da africanidade no Brasil. Mas já em 1991, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) tornava público um cadastro de toda a produção intelectual sobre ao assunto, em âmbito nacional, abrangendo o período de 1970 a 1990. O alentado cadastro, organizado por Luiz Cláudio Barcelos, Olívia Maria Gomes da Cunha e Tereza Cristina Nascimento Araújo, compreende: produção de cursos de doutorado e mestrado; produção de autores; publicações de encontros, seminários e simpósios; e relação de obras consultadas (periódicos e catálogos de teses). Após 1990, essa produção cresceu ainda mais, ampliando sempre o seu espectro de abordagens. E, com a aprovação da lei n. 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história da África e cultura afro-brasileira nos currículos de ensino médio e fundamental, cresceu também, além das teses universitárias locais e das pesquisas de brasilianistas, a produção de literatura essencialmente didática sobre vários aspectos da saga dos africanos e dos negros no Brasil.

ESTUDOS SOBRE O NEGRO. Título de um livro publicado pelo médico e humanista Antônio da Silva Mello, da Academia Brasileira de Letras, em 1958. Nele, o autor estuda a questão negra nos Estados Unidos,

no Brasil e no mundo, propondo soluções, entre elas modelos de estatutos para uma "Associação Brasileira para Reabilitação do Homem de Cor", a ser criada no Rio de Janeiro. E afirma a remota ou próxima origem africana dos seguintes personagens históricos, entre outros: Anita Garibaldi; Beethoven; dom João VI; general Osório; padre Anchieta; Rivadávia, presidente argentino; Santos Dumont; Schweninger, médico de Bismarck; e Thomas Mann.

ESTUPIÑAN BASS, Nelson. Escritor equatoriano nascido em Esmeraldas, em 1912. Poeta e romancista, é autor, entre outras obras, de *Audición para el negro*, *Canto negro por la luz* (1954), *Cuando los guayacanes florecían* (1954). É considerado uma das mais altas vozes da poesia negra na América do Sul.

ESTUPRO. Posse sexual não consentida, mediante violência ou ameaça grave. A ordem escravista, conferindo ao senhor a propriedade sobre o corpo da escrava, legitimou, mesmo que tacitamente, essa prática. *Ver CRIMES SEXUAIS*; *MISCIGENAÇÃO*; *MULHER NEGRA*.

ESUSU. Instituição financeira iorubana, espécie de caixa de pecúlio, vigente entre africanos no Brasil escravista e amplamente utilizada no subsídio à compra de alforrias. Do iorubá *esu su*.

ETÉ. Praga, maldição. Do iorubá *èté*, "desgraça", "vergonha".

ETHÉART, Liautaud (1826-88). Dramaturgo e educador haitiano. Fundador do colégio Willeforce, escreveu *La fille de l'empereur* (1860) e *Un duel sous Blanchelande* (1860), textos que o credenciam como o maior autor teatral do romantismo em seu país.

ÉTIENNE, Franck. *Ver FRANKÉTIENNE*.

ETÍOPE. Gentílico outrora aplicado a todo e qualquer africano, independentemente da região de origem.

ETÍOPE RESGATADO, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e liberado. Pioneiro texto abolicionista escrito em 1758 pelo padre Manuel Ribeiro da Rocha*.

ETIÓPIA, República Federal Democrática da. País localizado no Nordeste do continente africano. Limitado ao norte pela Eritreia, a leste por Djibuti e Somália, ao sul pelo Quênia e a oeste pelo Sudão, sua capital é Adis-Abeba. Um dos únicos países africanos não atingidos pelo tráfico

europeu de escravos, a região, outrora chamada Abissínia, tem sua história pré-colonial ligada, na Era Cristã, ao reino de Axum*. De seu passado mais remoto, alguns relatos estão transcritos em livros bíblicos do Antigo Testamento. *Ver CUXE*; *ERITREIA*; *SOMÁLIA*.

ETIOPIANISMO. Movimento político-cristão surgido no Centro-Sul africano no século XIX. Seu nome evoca o fato de que os negros são, no Antigo Testamento, sempre referidos como "etíopes", e sua proposta se assenta em texto do Salmo 68: "[...] os etíopes, com as mãos levantadas, orarão a ti, ó Deus". Com a vitória do etíope Menelik sobre os italianos, na batalha de Ádua, em 1896, o movimento ganhou força e se difundiu, inclusive, até os Estados Unidos.

ETIÓPICO. Adjetivo outrora usado para qualificar algo ou alguém relacionado à Etiópia e, genericamente, à África; africano; o mesmo que "negro".

ETIQUETA. Forma cerimoniosa do relacionamento entre pessoas. No Brasil, mesmo abolida a escravatura, o relacionamento entre negros e brancos ainda se pautou, durante muito tempo, por certas regras de conduta que procuravam acentuar e manter o binômio dominador-dominado da ordem jurídica anterior. Assim, por exemplo, um negro, mesmo doente, não devia sentar-se diante de um branco. E, em casa de branco, logo após a saudação de entrada e depois de ter tirado os sapatos – era falta de respeito permanecer de pés calçados diante de pessoas de status mais elevado –, devia dirigir-se à cozinha e de lá só sair se fosse chamado ou para ir embora. Finalmente, ao cumprimentar um branco, mesmo amigo, nunca devia abraçá-lo normalmente, e sim cingir-lhe as pernas ou, no máximo, a cintura. Eram regras tácitas mas seu cumprimento foi observado durante muito tempo. *Ver SAPATOS e condição servil*.

ETNIA. Coletividade de indivíduos humanos com características somáticas semelhantes, que compartilham a mesma cultura e a mesma língua, além de identificarem-se como grupo distinto dos demais. O conceito difere daquele de "tribo", termo com o qual se costuma, popular e erroneamente, designar qualquer sociedade africana. Numa conceituação mais abrangente, Jean-Jacques Chalifoux (citado por Mam-Lam-Fouck, 1997) escreve: "Um grupo social torna-se uma etnia quando os definidores de situação (migrantes,

intelectuais, agentes etc.) assim o classificam e o impulsionam na cena pública sob essa denominação” [tradução do autor]. Dois ramos da antropologia, ciência que estuda a diversidade humana, se ocupam do estudo das etnias: a etnografia, que coleta e descreve informações; e a etnologia, que analisa esses dados, buscando uma conclusão explicativa.

ETNOCENTRISMO. Visão de mundo na qual o indivíduo escalona e avalia outros indivíduos ou grupos sociais tomando como parâmetro o grupo a que pertence. O etnocentrismo pode ser um dos componentes do racismo*.

ETNOMATEMÁTICA. Moderna forma de ensino das ciências matemáticas, que se fundamenta na evidência de que povos de várias partes do mundo desenvolveram métodos próprios de contar, medir e marcar o tempo. No Brasil, à época deste texto, alguns estudos matemáticos vinham sendo feitos com base em tradições e experiências de africanos e descendentes, principalmente no Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

ETNORRACIAL. Neologismo cunhado para qualificar indivíduos, ou formulações a eles relacionadas, tanto do ponto de vista sociocultural (étnico) quanto biológico (racial). Exemplo: a origem etnorracial dos grupos que vivem no Brasil é diversificada.

ETRA, Manuel José da (século XIX). Músico e barbeiro na cidade de Salvador. Foi o organizador do mais importante terno de barbeiros de seu tempo. *Ver BARBEIROS*, *música de*.

ETU [1]. Nos cultos iorubanos do Brasil e de Cuba, nome com que se designa a galinha-d’angola. Do iorubá *etù*.

ETU [2]. Culto jamaicano de origem iorubana. Nas antigas macumbas cariocas, o nome designava certo feitiço preparado com terra de cemitério. Do iorubá *ètù*, “pó medicinal” ou “pólvora”.

ÉTUDIANT NOIRE, L’. Jornal fundado em 1934, em Paris, por Léopold Senghor*, Aimé Césaire* e Léon G. Damas*. Foi o deflagrador e porta-voz do movimento da *négritude*.

ETUTU. Oração recitada durante o preparo de determinados amuletos protetores. Do iorubá *ètutu*, “propiciação”.

EUÀ. Na Casa das Minas*, vodum feminino da família de Dambirá*, filha de Azowe. Na tradição jeje-nagô, é uma das iabás*, bela orixá das águas doces, por alguns considerada uma qualidade de Iemanjá. Para alguns estudiosos, os nomes de Euá e Obá [1]*, uma das mulheres de Xangô, se confundem, parecendo tratar-se do mesmo orixá. Em iorubá, o vocábulo que se traduz por "beleza" é *ewà*. No Haiti, segundo Aróstegui (1990), seu nome estaria ligado a loás* de cemitério, como Baronesa Brigitte ou Grande Brigitte, esposa do Baron Samedi e mãe de todos os guedés*; ou seria o próprio Baron Cimitière, Simbi Cimitière ou Maître Cimitière, responsável pela guarda dos campos-santos, evitando roubos de cadáveres e ajudando os mortos a pagarem suas penas. *Ver NANÃ IEUÁ*.

EUBÁ. Corruptela de "iorubá" ou "egbá", anotada por João do Rio (2006).

EUBANK, Chris. Pugilista britânico nascido em 1966. Tornou-se conhecido pela arrogância estudada com que conduziu sua carreira, insuflando, assim, o público, que ia aos estádios na esperança de vê-lo perder. Talentoso e corajoso, disputou 21 vezes o título mundial na categoria meio-médio, marca não igualada por nenhum boxeador inglês, e conquistou o título da Organização Mundial de Boxe em 1990. Cinco anos depois, famoso e rico, abandonou o esporte que dizia abominar, por considerá-lo "um jogo duro e sujo".

EUCLIDES TALABIÃ, Pai. Nome pelo qual se fez conhecido Euclides Menezes Ferreira, sacerdote nascido em São Luís do Maranhão em 1937. Tendo, segundo seu próprio relato (citado por Ferreira, 1984), "bolado" em 1944, nesse mesmo ano começou a dançar no Terreiro do Egito*, cumprindo os ritos de iniciação em dezembro de 1950. Em 1958, devidamente autorizado, fundou a Casa de Fânti-Axânti, comunidade de culto caracterizada como uma casa de mina*. Entretanto, em 1978, após dois anos de preparação, incorporava aos rituais de sua comunidade práticas jejes e nagôs, por meio de acréscimos de fundamento que recebeu. De forte presença na mídia, em 1990, seis anos depois de publicar o livro *O candomblé no Maranhão*, Pai Euclides foi focalizado no documentário cinematográfico *Atlântico Negro*, no qual interpretou uma cantiga ritual jeje, compreendida e respondida por sacerdotes no Benin. Nos anos 2000 teve participação destacada em vários importantes registros sonoros e

audiovisuais feitos em sua comunidade, produzidos principalmente pelo grupo cultural A Barca, de São Paulo.

EUÊ-O! Expressão de saudação a Ossãim. Do iorubá *ewé*, "folhas", "folhagem".

EUÓ. Tabu, proibição, quizila. Do iorubá *ewò*.

EUREPEPÊ. *Ver OREPEPÊ.*

EUROCENTRISMO. Atitude que toma a Europa como referencial de avaliação e julgamento dos outros continentes. *Ver ETNOCENTRISMO.*

EUROPE, James Reese (1881-1919). Chefe de orquestra americano nascido em Mobile, Alabama. Em 1910, formou a famosa Clef Club Orchestra, e durante a Primeira Guerra Mundial dirigiu a banda do 369º Regimento de Infantaria. Ambos os grupos desempenharam importante papel no desenvolvimento do jazz*. Morreu apunhalado por um dos músicos da banda militar.

EUSÉBIO da Silva Ferreira. Jogador de futebol moçambicano, nascido em Lourenço Marques, atual Maputo, em 1942. Radicado em Portugal, integrou o Benfica e a seleção lusa, pela qual se consagrou artilheiro da Copa do Mundo de 1966. É por vezes referido como Eusébio Ferreira da Silva.

EUSEBIO, Don. *Ver BUFÕES NEGROS.*

EUTÍQUIO, Padre. *Ver ROCHA, Padre Eutychio Pereira da.*

EVA, Mãe (?-1930). Cozinheira baiana celebrizada por Manuel Bandeira e citada por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*. Era perita na feitura de efó* e galinha de xinxim.

EVANGELHO. *Ver PROTESTANTISMO NEGRO.*

EVARISTA (século XIX). Personagem do populário de São Luís do Maranhão. Herdeira do capitalista Malaquias Gonçalves, vivia com extrema ostentação.

EVARISTO, Conceição. Nome literário de Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora nascida em Belo Horizonte, em 1946. Obra publicada: *Ponciá Vicêncio* (romance, 2003); *Becos da memória* (romance, 2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); e textos antologizados, entre outras, nas edições 13, 15, 19, 21 e 25 (poemas) e 14, 16, 18 e 22 (contos) dos Cadernos Negros*. Assina, também, textos críticos sobre a literatura

negra no Brasil, sendo, à época deste texto, uma das mais conceituadas escritoras afro-brasileiras.

EVARISTO [Cabral]**, Romeu.** Ator brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1956. Com carreira iniciada em 1973 na telenovela educativa *João da Silva*, três anos depois personificou o Saci-Pererê na histórica série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*, baseada na obra de Monteiro Lobato e veiculada nacionalmente por vários anos. Na década de 1990, atuou em telenovelas e programas humorísticos, além de participar do elenco de filmes como o elogiado *Carlota Joaquina*, de 1995.

EVERALDO Marques da Silva (1944-74). Jogador de futebol nascido em Porto Alegre e falecido em acidente automobilístico no interior gaúcho. Lateral-esquerdo do Grêmio porto-alegrense, foi titular da seleção brasileira campeã do mundo em 1970.

EVERS, Medgar (1925-63). Líder afro-americano nascido em Decatur, Mississippi, e falecido no mesmo estado. Militar reformado, graduou-se em Administração, foi presidente do Conselho Regional das Lideranças Negras (RCNL) e integrou a Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor (NACCP). Morreu em consequência de um ataque terrorista, quando uma bomba, do tipo coquetel-molotov, incendiou sua residência. Foi enterrado com honras militares no Cemitério Nacional de Arlington, reservado aos heróis da pátria norte-americana. Na cidade do Rio de Janeiro, é nome de uma rua de periferia, no subúrbio da Pavuna.

EVINHA. Nome artístico de Eva Correia José Maria, cantora nascida no Rio de Janeiro, em 1951, e radicada em Paris. Após integrar o Trio Esperança*, desenvolveu brilhante carreira solo, na qual registrou sucessos como as canções *Cantiga por Luciana*, vencedora do IV Festival Internacional da Canção, em 1969, e *Casaco marrom*, do mesmo ano. Nos anos de 1980, radicou-se em Paris, onde reaglutinou o Trio Esperança.

EVONO. Forma de tratamento usada pelas toboces em relação aos voduns e a Avievodum*.

ÉVORA, Cesária. Cantora cabo-verdiana nascida em Mindelo, São Vicente, em 1941. Depois de longos anos de semiamadorismo e pobreza, profissionalizou-se, efetivamente, em 1975. Com o disco *Miss perfumado*, de 1992, tornou-se a segunda mulher africana, depois de Miriam Makeba*, a

receber o disco de ouro por mais de 100 mil exemplares vendidos, o que a projetou para uma fulgurante carreira internacional. Seu repertório consta, basicamente, de mornas e coladeiras, gêneros de canção típicos de seu país, cantadas em dialeto crioulo.

EVOVODUM. Variante de Avievodum*.

EWE. Cada um dos integrantes de um grande conjunto de povos da África ocidental, localizados nas porções meridionais dos atuais Togo e Benin. Entre esses povos encontram-se os marrins, fons, savalunos, cavionos etc., falantes de dialetos da língua referida como "fongbé" ou "ewe-fon". No Brasil, o mesmo que jeje; em Cuba, o mesmo que *arará*. *Ver FON*.

EWUARE (século XV). Obá* de Benin*. Reinando, aproximadamente, de 1440 a 1481, foi o primeiro grande governante de seu povo. Guerreiro, tido como dotado de poderes mágicos, empreendeu grandes reformas e várias guerras de conquista, tendo submetido os vizinhos iorubás. Segundo a *African Encyclopaedia* (1974), chamava-se originalmente Ogun, adotando o nome Ewuare, como um epíteto. Foi quem deu ao seu reino o nome Edo, pelo qual é também conhecido. *Ver BENIN*; *OGUM*.

EXÊ Ê BABÁ! Expressão de saudação a Oxalufã.

EXÉS. No candomblé jeje-nagô, partes dos animais sacrificados que são portadoras de axé* e que, por isso, são colocadas junto ao assentamento do orixá a quem foi dedicado o sacrifício. Do iorubá *èsé*, "fragmento", "pedaço".

EXIM. Lança de ferro usada por Omolu-Obaluaiê. Do iorubá *èsín*, "lança".

EXTREMO ORIENTE, Negros no. *Ver ÁSIA, Negros africanos na*.

EXU. Orixá da tradição iorubana. Exu ou Elegbara* (etimologicamente, o "dono da força") é a síntese do princípio dinâmico que rege o universo e possibilita a existência, sendo, também, a mais polêmica entre as forças invisíveis que regem as concepções filosóficas jejes-iorubanas na África e na Diáspora. Porta-voz dos orixás, é quem leva as oferendas dos fiéis e, na condição de mandatário, protege os cumpridores de seus deveres e pune os que ofendem os orixás ou falham no cumprimento das obrigações. Nas palavras do antropólogo Ordep Serra (1995), é o grande mensageiro e intérprete, um viajante de todos os caminhos, que "anda por quanto mundo existe" e "troca língua" como quer. Quando os orixás querem dar algo de bom a uma pessoa, tanto material como espiritualmente, é a Exu que

encarregam de levar essa dádiva. Mas o papel de agente punitivo, de causador de transtornos, e a característica eminentemente amoral desse fiel mandatário dos orixás têm levado muitas pessoas, em especial antigos missionários católicos europeus, a confundi-lo com o Diabo dos cristãos ou com o Shaitan dos muçulmanos. Na África e na Diáspora, independentemente do orixá a que pertença, todo fiel sempre invoca Exu para que ele não lhe cause problemas. Em cada oferenda feita a um orixá, uma parte é separada para ele. Seus alimentos preferidos são o azeite de dendê; milho (em forma de pipoca ou de fubá); farofas; feijão; animais de quatro patas e aves, sempre machos; bebidas alcoólicas etc. Seu santuário fica fora da casa principal do terreiro, próximo ao portão de entrada, e seu assentamento é, em geral, uma cara de barro bruto ou um simples montinho de barro vermelho, como os existentes em todos os quintais da cidade sagrada de Ilê-Ifé. No Brasil, no candomblé e na umbanda, Exu é invocado sob várias formas ou qualidades. Pierre Verger (1981) registrou, na Bahia, as seguintes: Elegbá ou Elegbará, Bará (Ibará), Alaketo, Lalu, Jelu, Akessan, Lonã, Agbô, Laroiê, Inan, Odara, Tiriri. Roger Bastide (1978), também na Bahia, registrou estas outras: Ajikanoro, Alafiá, Lon Bií, Vira (uma forma feminina), Tamentau, Etamitá, Olodé. Mas todas essas formas, em vez de manifestações diferentes, parecem ser títulos presentes nos oriquis* com que Exu é louvado, como os seguintes: Exu-Agbo, o Exu da casa, protetor e guardião da comunidade-terreiro; Exu-Elepô, o dono do azeite de dendê; Exu Inã, o dono do fogo; Exu Ojixé, o mensageiro. Observe-se também a tradução nagô de certas invocações como Tiriri (certamente de *tiiri*, "estar em guarda"); Lalu (*laàlu*, "o mais famoso da cidade"); Lonã (*olo oná*, "dono do caminho") etc. Em Cuba, na *Regla Kimbisa del Santo Cristo del Buen Viaje*, Exu é conhecido pelo nome de Sarabanda; na de *Palo Mayombe* é Enkuyo ou Lucero; na *Brillumba* é Mañunga e Lubamba; entre os *abakuás**, de acordo com a *poténcia* (linha ou ritual), é Obiná e Efisá; no culto *arará* é Tocoyo Yohó, Makeno Ogguiri, Elu e Kenene; para os mandingas é Geguá; e no *cabildo* gangá se chama Gewá. No Haiti, é genericamente conhecido como Legbá e Legbá Petró, Maître Carrefour (dono da encruzilhada) e também como Simbipetro, Saint-Pierre e Papa Paié. Na República Dominicana é Legba; em Trinidad e Tobago é conhecido como Eshu. Ainda em Cuba,

entre os *lucumís*, outras manifestações desse orixá ou entidades a ele associadas são: Adagua, Adaguema, Afra, Ahico, Ayelú, Baco, Betima, Buruku, Modubela e Shakuruma. *Ver ELEGUÁ*.

EXUS. Na umbanda* e na quimbanda*, por influência do catimbó* e de outras formas de culto, o Exu-Elegbara jeje-nagô se transmutou em várias entidades, as quais, mais próximas do conceito cristão de demônio (embora os chamados "Exus batizados" dediquem-se ao bem e à caridade), agrupam-se em legiões ou falanges, conhecendo-se, entre outras, as seguintes (segundo Renato Ortiz, 1978): Alebá, Bauru, Calunga, Carangola, Ganga, Gererê, Lalu, Lonã, Macanjira, Marabô, Marê, Nanguê, Pemba, Sete Pembas, Tiriri. A estes, Napoleão Figueiredo (1983), pesquisando especificamente a umbanda amazônica, acrescenta os seguintes: Mirim, Toquinho, Veludinho da Meia-Noite, Manguinho, Gira-Mundo, Pedreira, Corcunda, Ventania, Meia-Noite, Mangueira, Tranca-Ruas, Tranca-Gira, Tira-Toco, Tira-Teima, Limpa-Trilho, Veludo, Porteira, das Matas, Campina, Capa Preta, Pinga-Fogo, Brasa, Come-Fogo, Lodo, Caveira, Sete Encruzilhadas, Sete Ventanias, Sete Poeiras, Sete Chaves, Sete Capas, Sete Cruzes, Pomba-Gira (forma feminina), do Mar, Maria Padilha, Naguê, Cabeira, Caveira, Zé Pilintra, dos Ventos, Pedra Preta, Pimenta, Malê, Molambo, das Almas, Pagão, Vira Mundo, Tronqueira, dos Cemitérios, Caminaloá, Tatá-Caveira, da Lama, Quebra-Barreira, Julico, Perneta, Cuera. Os Exus da umbanda e da quimbanda são quase sempre representados como homens e mulheres brancos.

EZEIZA, Gabino (1858-1916). Poeta, músico e jornalista argentino nascido em Buenos Aires. Filho de ex-escravo, foi um dos mais famosos *payadores* (cantores de desafios) de seu tempo, notabilizando-se pela inteligência e rapidez com que replicava os ataques racistas de seus oponentes. Em 1891 disputou, por três noites seguidas, uma peleja com o rival Pablo Vasques, no Teatro Florida. É autor de cerca de quinhentas canções do repertório *gaucho*, entre elas *El remate*, *Heroica*, *Libertador*, *Paysandu* e *Salve*.

EZILIE. Variante de Erzulie*.

F

FABIÃO DAS QUEIMADAS (1848-1928). Nome pelo qual foi conhecido Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha, rabequista e cantador nordestino nascido e falecido no lugarejo denominado Queimadas, em Santa Cruz, RN. Escravo da família Ferreira da Rocha, da qual usava o sobrenome, comprou a própria liberdade e a de sua mãe com o dinheiro ganho nas festas para as quais era contratado como músico e "poeta-glosador", como se autodenominava. Mais tarde, graças a um pecúlio constituído também com seu trabalho de cantador, alforriou uma sobrinha, Joaquina Ferreira da Silva, com quem se casou. Admirado e estimado, foi famoso em todo o Nordeste e chegou a merecer, ainda em vida, referências em publicações, bem como citações em conferências de estudiosos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Segundo Câmara Cascudo (1984), "analfabeto de imensa memória, fazia o poema e o repetia mecanicamente, sem tropeço".

FABULÉ, Francisque (século XVII). Líder quilombola de Guadalupe, por vários anos contestou a ordem escravista, comandando de trezentos a

quatrocentos escravos fugidos. Em 2 de março de 1665, as autoridades coloniais foram forçadas a assinar um acordo de paz, concedendo liberdade, anistia e terras a Fabulé e seus liderados.

FADISTAS. Segundo as acepções dicionarizadas por Cândido de Figueiredo (1922) em fins do século XIX, fadista, em Portugal, é o indivíduo que canta ou dança fado e, por extensão, "aquele que frequenta bordéis e convive com a escória das meretrizes". J. R. Tinhorão (1988) destaca e documenta o importante papel desempenhado pelos negros na origem do fado-canção em Lisboa. Comprovando suas afirmações, o historiador lista os seguintes nomes, todos referidos nos dois primeiros livros publicados em Portugal sobre o assunto, na primeira década do século XX: Roque Mulato, Joaquim Preto, o Preto da Tia Leocádia, o mulato Pau Real (cuja mãe era "rainha do congo nas festas do Rosário"), o preto Martinho, Epifânio Mulato, Gertrudes Preta (prostituta da rua dos Capelões ao tempo da legendária Severa e também conhecida como "a preta da pala", por usar uma venda sobre um olho cego) e o guitarrista João da Preta. *Ver PORTUGAL.*

FAENA. Nas antigas fazendas cubanas, trabalho agrícola feito após o horário normal ou em horários festivos, antes do almoço. Corresponde ao brasileiro quinguingu*.

FAÍLDE, Miguel (1852-1921). Compositor, tocador de corneta e diretor de orquestra cubano, nascido e falecido em Matanzas. Multi-instrumentista e professor, além de alfaiate de profissão, em 1871 fundou sua orquestra típica, de renome nacional. Compositor, é autor de *Las alturas de Simpson*, primeiro exemplar do *danzón*, gênero de música e dança de salão, lançado na Sociedade Liceo de Matanzas na noite de 12 de agosto de 1879.

FAINE, Jules (1880-1958). Filólogo haitiano, é autor de um *Dictionnaire créole*, publicado postumamente no Canadá, em 1974.

FAIRBANKS, Mabel (1916-2001). Patinadora americana nascida em Florida Everglades (região de pantanais), mestiça descendente de negros e índios seminoles*, e falecida em Burbank, Califórnia. Na década de 1930, tornou-se a primeira afro-americana a entrar no ranking da U.S. Figure Skating Association e, a partir daí, foi por várias vezes campeã em sua especialidade.

FALACHAS. Judeus etíopes emigrados para Israel a partir de 1970, movidos por perseguição religiosa em seu país. De origem obscura, são supostamente descendentes da legendária rainha de Sabá e de Salomão, rei dos hebreus. Também conhecidos como "judeus negros", são etíopes seguidores do judaísmo, e, segundo suas tradições, seus ancestrais teriam vindo do Oriente Médio na Antiguidade. Depois da Segunda Guerra, muitos deles estreitaram laços com as comunidades judaicas vizinhas, inclusive viajando a Israel para estudos ou por motivos religiosos a partir de 1948. Esse intercâmbio resultou, também, na adoção do hebraico como língua ritual entre eles. E, finalmente, motivou um grande movimento migratório em direção a Israel, sem boa receptividade por parte da maioria da população israelense. O núcleo dos falachas na Etiópia localiza-se na província de Bagemder, nas montanhas próximas a Gondar.

FALEFÁ, Manuel (?-1987). Nome pelo qual foi conhecido Manuel Vitorino da Costa, pai de santo baiano, de nação jeje, chefe do candomblé Boçu Betá, em Salvador, BA. Foi mencionado por Édison Carneiro em 1948, na primeira edição do livro *Candomblés da Bahia*. O nome "Falefá" parece ligá-lo ao culto de Ifá, dito Fá entre os jejes.

FALOIÁ. Na Bahia antiga, posto feminino na hierarquia dos candomblés de nação tapa.

FALUCHO, Negro (?-1824). Nome pelo qual foi conhecido o herói militar argentino Antonio Ruiz, nascido em Buenos Aires e falecido no Peru. Servindo no porto de Callao, próximo a Lima, destacou-se nas lutas de 1810, que propiciaram a criação das Províncias Unidas do Rio da Prata e prepararam a independência. Veterano do exército dos Andes, integrava a guarnição da fortaleza de Callao, juntamente com outros soldados de Buenos Aires que haviam acompanhado o general San Martín e lá tinham sido por ele abandonados. Sem dinheiro, desejosos de voltar à pátria e com o moral baixo, esses soldados sublevaram-se e foram dominados por prisioneiros espanhóis. Quando estes, porém, em 6 de fevereiro, hastearam a bandeira espanhola na fortaleza, Falucho recusou-se a saudá-la, sendo colocado de joelhos na amurada, fuzilado e atirado na água com o impacto dos tiros. Mas não sem antes dar o seu grito de "Viva Buenos Aires!" (conforme J. L. Lanuza, 1946). Seu cognome, *falucho*, deriva da

denominação do chapéu militar, com bicos, que usava sempre com muito capricho.

FAMBÁ. Espécie de sacrário ou quarto sagrado onde se guardam os objetos de culto entre os *ñáñigos*. *Ver ABAKUÁ; ÑÁÑIGO.*

FAMBALLÉN. Guardião do *fambá**.

FAMÍLIA ALCÂNTARA CORAL. Grupo de canto coral de João Monlevade, MG. Organizado em 1966 e integrado por 38 pessoas pertencentes a quatro gerações de uma mesma família negra, destacou-se ao desenvolver um trabalho de pesquisa musical e interpretar cantos afro-mineiros e spirituals. Em 1995, o grupo participou do Concerto Negro, realizado no Palácio das Artes em Belo Horizonte, ao lado do cantor Martinho da Vila*, e no ano seguinte registrou seu repertório básico em CD patrocinado pela Companhia Belgo-Mineira.

FAMÍLIA DE SANTO. "A religião dos orixás", conforme observou Miguel Barnet (1995) a respeito de Cuba, em uma reflexão que encontra eco também nos costumes do povo de santo no Brasil, está extremamente ligada à noção de família extensa, originada de um mesmo antepassado, englobando os vivos e os mortos. Com o rompimento do sistema de linhagens tribais ou familiares, criou-se uma irmandade religiosa que abarca os pais e mães de santo (em Cuba, *padriños* e *madriñas*) e seus filhos (*ahijados*), em um parentesco que vai além da ligação sanguínea para converter-se em uma linha horizontal abrangente e compacta na qual o orixá é, em princípio, o ancestral, divinizado ou mítico.

FAMÍLIA EXTENSA. Conjunto de dois ou mais núcleos familiares (pai, mãe, filhos), ligados por meio de laços verticais (bisavós, avós, netos, bisnetos etc.) e/ou horizontais (irmãos, primos) de parentesco. Entre os negro-africanos, na África e na Diáspora, a família extensa é altamente prestigiada, o que se reflete principalmente nos parentescos simbólicos das comunidades-terreiro e das antigas comunidades do samba. *Ver TIO [1].*

FAMÍLIAS ESCRAVAS. No Brasil e nas Américas, contrariando a ideia de que a escravidão estaria sempre associada a promiscuidade, muitos escravos, principalmente crioulos, constituíram família. E esses laços familiares eram, em alguns casos, estimulados pelos senhores, pois se constituíam também em um vínculo do escravo com a casa patriarcal. Por

outro lado, a separação dramática de membros de uma família escrava foi também comum na Diáspora, gerando situações trágicas e comoventes. Em 1640, no Peru, Antón Brán, escravo de José Nuñez del Prado, apelou ao tribunal episcopal (era casado pela Igreja) solicitando que o reunissem à sua esposa no Panamá. Seu anterior proprietário o havia levado a Callao para um trabalho de curta duração e o havia vendido, sem informar o comprador sobre seu estado civil. A corte ordenou a devolução de Brán ao Panamá (conforme Frederick P. Bowser, 1977).

FANDANG. Dança dos venezuelanos de Trinidad, originária do fandango*.

FANDANGO. Antiga dança espanhola de origem africana trazida para as Américas. J. Corominas (1983) data a entrada do termo no espanhol em 1705, afirmando que sua origem é incerta e não ameríndia. O étimo remoto é certamente banto: veja-se o quimbundo *fundanga*, "pólvora" (provável alusão ao "fogo", à explosão de alegria na festa), comparado à expressão "em polvorosa".

FANGUI. Nas Antilhas de fala francesa, prato preparado com farinha de milho. *Ver FUNCHI*.

FANON, Frantz (1925-61). Psiquiatra nascido na Martinica e falecido nos Estados Unidos. Formado em Paris, foi médico do Exército francês e viveu, na Argélia, os horrores da guerra de libertação daquele país. Radicou-se, depois, seguidamente, em Gana e no Zaire, onde foi também conselheiro de Patrice Lumumba. Escreveu, em 1954, *Pele negra, máscaras brancas*, um estudo sobre a psicologia dos negros antilhanos, e, em 1961, *Os condenados da terra*, um libelo contra o colonialismo. Seus escritos, em especial este último, influenciaram profundamente as ações revolucionárias desenvolvidas em todo o Terceiro Mundo nos anos de 1960.

FÂNTI. Povo do grupo akan*, localizado na região litorânea central da atual República de Gana. Vindos do norte para o seu sítio atual a partir do século XIV, seus diversos clãs, unificados, aí fundaram Mankessim, "a grande cidade". Desempenhando, desde então, um papel importante nas rotas de comércio que demandavam as minas de ouro do interior, em 1481 seu soberano Kwamina Ansa autorizou os portugueses a construírem a fortaleza de Elmina*, à qual se seguiram, mais tarde, outros estabelecimentos

similares. Aliados primeiramente dos portugueses, de quem receberam influência católica, e depois dos holandeses, por fim os fântis foram estimulados pelos ingleses a guerrear contra os axântis. As guerras ocorreram na segunda metade do século XVIII, dando margem ao incremento do tráfico escravo, até a derrota dos axântis em 1897, com a consequente instalação do domínio britânico. *Ver AXÂNTI*.

FÂNTI-AXÂNTI. Gentílico com que no Brasil se denominavam os integrantes do complexo etnocultural akan*.

FARAÓ. Denominação usada para designar os soberanos do antigo Egito. Segundo Heródoto, citado por Pedrals (1949, p. 43), o Egito teve, entre seus 333 faraós, dezoito soberanos núbios ou etíopes. Com base em reproduções fotográficas de estátuas e esculturas, listam-se, entre os de suposta ou comprovada aparência negro-africana, além dos cuxitas da 25ª dinastia, originários de Cuxe*, os seguintes: Adjib; Aí; Amenemat III; Amenhotep I e sua mãe Nefertare; Amósis ou Ahmés; Den; Djer; Intef; Kaa; Narmer; Semerkhet; Senusret III; Tutmés II; Uadji. Além desses, Martin Bernal (1987, p. 1.991) aponta, como negros, todos os faraós da 11ª e da 12ª dinastia.

FARIA, Angélica [da Silva]. Compositora brasileira de música clássica contemporânea e regente nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1957. Foi premiada na VI Bienal de Música Brasileira Contemporânea, em 1985, com *Três tempos com insistência para flauta e fagote*, obra que, no mesmo ano, representou o Brasil na Tribuna de Música da América Latina/ Caribe, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Em 1989, regeu a Orquestra de Câmara do Brasil, na VIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, no Rio de Janeiro.

FARIA, Anna. Educadora brasileira radicada na cidade do Rio de Janeiro, em 1937. Professora primária, em 1983 criou no morro do Macaco, no bairro de Vila Isabel, o Centro Comunitário Lídia dos Santos, para atender cerca de trezentos jovens das redondezas, oferecendo cursos profissionalizantes e de educação artística, os quais mereceram apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

FARIA, João Batista de (século XIX). Militar brasileiro, nascido na África e falecido na cidade de Cachoeira, BA, onde foi procurador do foro. Na Guerra da Independência, no posto de tenente-coronel, foi comandante de um dos batalhões incorporados ao Regimento dos Henriques*. Em 1859, fez parte da guarda de honra de dom Pedro II em sua visita à Bahia.

FARIAS, Cosme de (1872-1972). Político baiano nascido e falecido em Salvador, BA. Major da Guarda Nacional e advogando como provisionado, mesmo antes de ser vereador e deputado em vários mandatos já era um grande defensor das causas populares. Fundador, no início do século XX, da Liga contra o Analfabetismo, publicou cartilhas, além de fundar e manter escolas, trabalhando por mais de sessenta anos em favor do bem-estar dos pobres de seu estado. Foi uma das maiores figuras da vida pública baiana.

FARIAS [Alves]**, Uelinton.** Escritor, jornalista e pesquisador brasileiro, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1961. Especialista na vida e na obra de Cruz e Souza, tem publicadas, entre outras obras, *O abolicionista Cruz e Souza*, de 1986, *Reencontro com Cruz e Souza*, de 1991, e *Cruz e Souza – poemas inéditos*, de 1996.

FARIAS BRITO, Raimundo (1862-1917). Filósofo brasileiro nascido em São Benedito, CE, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Com toda uma vida consagrada à filosofia e ao magistério, reagiu contra o positivismo, o materialismo e o neocientificismo. Foi professor de lógica no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e publicou *Finalidade do mundo*, em 1895, e *Ensaios sobre a filosofia do espírito*, em 1905. Segundo Rodrigues de Carvalho (1988), era filho de pai "preto" e mãe "cabocla".

FARINA (*c*. 1908). Pseudônimo de Allen Clayton Hoskins, ator americano. Na década de 1920, representando o personagem que lhe valeu o nome artístico na série cinematográfica *Our gang* (no Brasil, *Os Batutinhas*), tornou-se um dos mais populares astros infantis de Hollywood, e isto sem ter de viver papel estereotipado ou depreciativo de sua condição de negro.

FARINE GUINÉE. No Haiti, nome pelo qual é conhecida a pemba [2]*, lá utilizada para desenhar *vévés* nos rituais do vodu. *Ver VÉVÉ*.

FARMACOPEIA TRADICIONAL. O conhecimento sobre a ação terapêutica de plantas cujos princípios ativos foram, mais tarde, sintetizados

pela indústria farmacêutica internacional é parte importante da cultura tradicional africana, no continente de origem e na Diáspora. Apesar de sua comprovada eficiência, muitas vezes esse saber foi desqualificado, numa situação que hoje se reverte, principalmente com a difusão de terapias e medicamentos alternativos. *Ver MEDICINA TRADICIONAL*; *PLANTAS VOTIVAS*.

FARMER, James (1920-99). Professor e militante pelos direitos civis, nascido em Marshall, Texas, EUA, e falecido em Fredericksburg, Virgínia. Apóstolo da não violência, em 1942 fundou o Congress of Racial Equality – Core (Congresso de Igualdade Social), entidade de importante atuação até os anos de 1960. Em 1966, com o aumento da violência e o consequente crescimento das organizações não pacifistas, renunciou à direção do Core e voltou ao magistério. É autor de vários ensaios na área de ciências políticas.

FAROFA. Mistura de farinha com gordura e às vezes com outros alimentos da tradição culinária africana no Brasil. Sobre a origem do termo, J. Raymundo (1933, p. 130) escreve, citando Capello e Ivens: "Estamos certos de que é palavra africana; entre os negros de Angola há a palavra *falofa* ou *farofia*, para designar a mistura de farinha, azeite ou água, a que se junta *jindungo*". Óscar Ribas, citado por Câmara Cascudo (1965, p. 100), dá *falofa* como termo vernáculo do quimbundo.

FARRAKHAN, Louis. Político e religioso norte-americano, nascido Louis Eugene Walcott, em Nova York, em 1933. Ex-segurança de Malcolm X, assumiu a liderança da Nação do Islã*, renovando a organização e dando um novo direcionamento à doutrina de Elijah Muhammad. Em 1995, organizou uma gigantesca marcha pelos direitos civis.

FARRAPOS, Guerra dos. Movimento insurrecional, também mencionado como Revolução Farroupilha, ocorrido no Sul do Brasil, no período da Regência, entre 1835 e 1845. Os rebeldes, cognominados "farrapos", pretendiam estabelecer uma república confederada a outras que seriam proclamadas em diferentes pontos do país. Segundo alguns historiadores, um dos pontos do programa revolucionário era a extinção do escravismo. E assim, por prometer alforria a muitos escravos que se alistaram nas fileiras de seus exércitos, o movimento arrebanhou grande número de adeptos entre a população negra. Quando foram finalmente derrotados pelas

forças imperiais, os farroupilhas exigiram, no documento de rendição, uma cláusula declarando livres os escravos que tinham lutado ao seu lado. Entretanto, segundo Sandra J. Pesavento (2003), em 14 de novembro de 1844, no combate de Porongos, com a derrota iminente dos farrapos e a necessidade de estabelecer quem deveria morrer para que a paz fosse selada, os escolhidos foram os lanceiros negros, escravos que lutavam do lado farroupilha em troca da liberdade. *Ver PORONGOS*; *RAFAEL, Nascimento*.

FARUSCA (séculos XIX-XX). Dançarina e cantora atuante em cafés-concerto do Rio de Janeiro no início do século XX. Apresentava-se vestida à moda das "pretas da Costa da Mina" e é também referida por Luiz Edmundo (1957) como "Mulata Farusca".

FAT FAMILY. Grupo vocal brasileiro, formado pelos irmãos Célio (1962-), Sidney (1965-), Célia (1970-), Simone (1973-), Suzete (1974-), Kátia (1977-) e Deise Cipriano (1980-). Lançado na década de 1990, destacou-se, apesar da proposta assumidamente norte-americana, como um dos grupos mais originais e talentosos na cena da música pop no Brasil.

FATÊ. No jogo de Ifá*, tábua circular de madeira onde se escrevem os odus.

FATHER DIVINE (1877-1965). Nome pelo qual se tornou conhecido o líder religioso americano George Baker, nascido em Hutchinson Island, Geórgia. Nas décadas de 1930-40, por meio de uma seita que incorporava elementos africanos a práticas religiosas convencionais, arrebanhou milhões de fiéis em todos os Estados Unidos. Seu poder de mobilização e a proposta de igualdade racial de sua seita valeram-lhe inclusive forte repressão por parte das autoridades governamentais.

FATS DOMINO. *Ver DOMINO, [Antoine, dito] Fats*.

FAUBERT, Pierre (1806-68). Poeta e dramaturgo haitiano nascido em Cayes e falecido em Vances, próximo a Paris. Formado na França, de 1837 a 1842 foi, em seu país, diretor do Lycée National. Sua obra inclui o drama *Ogé, ou Le préjugé de couleur*, de 1842, e *Poésies fugitives*, de 1856.

FAUSTIN I, Imperador do Haiti. *Ver SOULOUQUE, Faustin-Élie*.

FAUSTINO, Manuel. *Ver LIRA, Manuel Faustino dos Santos*.

FAUSTINO, Tio (séculos XIX-XX). Nome pelo qual foi conhecido Faustino Pedro da Conceição, músico e pai de santo baiano radicado na cidade do Rio de Janeiro. Reconhecido no seu tempo como um dos grandes

vultos da religiosidade africana na antiga capital federal, tornou-se famoso por introduzir no samba, na década de 1930, um tambor conhecido como "omelê", que pretendia usar como substituto da cuíca e de outros instrumentos do samba. Diferentemente do omelê iorubano, seu instrumento era afinado com chaves e todo niquelado. *Ver OMELÊ*.

FAUSTO dos Santos (1905-39). Jogador de futebol brasileiro nascido em Codó, MA, e falecido em Santos Dumont, MG. Integrando a equipe carioca do Vasco da Gama e a seleção brasileira na Copa de 1930, foi o mais famoso centromédio de seu tempo no Brasil.

Favela

FAVELA. Núcleo habitacional erigido desordenadamente, em terrenos públicos, de domínio não definido ou mesmo alheio, localizado em área sem urbanização ou melhoramentos. O termo foi cunhado no século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, para denominar parte do morro da Providência, por semelhança com um "morro da Favela", existente no interior da Bahia e de onde vieram, após a Guerra de Canudos, em 1897, alguns dos primeiros povoadores. Esse núcleo pioneiro tornou-se um forte polo irradiador da cultura negra, da mesma forma que outras "favelas" formadas no Rio de Janeiro, no maciço da Tijuca, em direção aos subúrbios, à Baixada Fluminense e à Zona Oeste da cidade, com famílias emigradas, principalmente, do norte do estado e do Vale do Paraíba. À época da conclusão desta obra, a predominância de famílias negras parecia verificar-se apenas nos núcleos mais antigos, como os morros de Mangueira, Salgueiro, Formiga, Turano, Borel, Serrinha etc. Variações regionais do fenômeno da favela são os mocambos de Recife, os alagados de Salvador e as vilas de malocas em Porto Alegre.

FAZER SANTO. Expressão usada entre os praticantes do candomblé. Significa realizar completamente os ritos de iniciação como iaô*. A iaô que completa esses ritos é dita "feita no santo" ou simplesmente "feita".

FEDERAÇÃO BAIANA DO CULTO AFRO-BRASILEIRO. Entidade criada em 1946, em Salvador, sucedendo à União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia*, com o objetivo básico de coordenar, amparar e fiscalizar as casas de culto africano no estado.

FEDON, Julien (século XVIII). Líder rebelde em Granada. Proprietário de terras, entre 1795 e 1796 comandou um movimento pela abolição da escravatura e pelo ingresso de Granada na comunidade francesa como Estado livre. O movimento congregou milhares de escravos, negros livres e cidadãos franceses.

FEIJÃO. Semente do feijoeiro (*Phaseolus vulgaris*), trepadeira da família das leguminosas, da qual há diversas variedades. Base da alimentação popular no Brasil e em outros países da Diáspora Africana, sua espécie mais cultivada é o feijão-preto. De uso largamente difundido também no âmbito religioso, em que é alimento da preferência de vários orixás, no Brasil o feijão-preto é alimento votivo de Ogum e, em Cuba, de Babalú Ayé – Obaluaiê. *Ver FEIJOADA*.

FEIJÃO-FRADINHO (*Vigna sineensis*). Tipo de feijão miúdo, branco e com uma pequena mancha preta, o feijão-fradinho é largamente usado na culinária afro-baiana e afro-cubana, na qual é conhecido como *frijol de carita*. Entra na feitura de diversas iguarias, como abará, acarajé, mulucum etc.

FEIJOADA. Prato típico da culinária brasileira, feito com feijão-preto, carne-seca, linguiças, pés, orelhas e rabo de porco, além de carne bovina. Consta ter nascido na época da escravidão, do aproveitamento de sobras das casas-grandes, graças à inventiva das cozinheiras das senzalas. **Feijoada de Ogum:** Banquete comunal, realizado em alguns pontos do Brasil, em honra do orixá Ogum. Na Bahia, encerra o ciclo de festas anuais; no Rio de Janeiro, onde Ogum é, em geral, associado a são Jorge, realiza-se, regada a muita cerveja, no primeiro domingo após 23 de abril, dia consagrado ao santo, mobilizando terreiros, escolas de samba, clubes recreativos, bares e casas de família.

FEITIÇARIA. Manipulação de forças sobrenaturais objetivando, geralmente, causar malefícios a outrem. Na África tradicional, há uma clara distinção entre o manipulador de forças maléficas e o sacerdote ou

curandeiro, responsáveis pelo equilíbrio físico e espiritual do grupo. Entre alguns povos bantos, por exemplo, aquele é o *ndoki*, o *muloji*, malfeitor e proscrito, enquanto estes são o *nganga* e o *kimbanda,* merecedores de respeito e consideração.

FEITOR. Capataz; à época da escravidão, empregado responsável, entre outros serviços, pela disciplina entre os escravos de uma fazenda. Segundo observação de Debret, eram em geral portugueses, de tendência sádica na aplicação de castigos. Mas havia também negros e mestiços. E sobre estes Vieira Fazenda (1921-27) anota: "Em muitas fazendas, os negros preferiam feitores brancos a serem mandados pelos de sua raça".

FEITORIA. Entreposto de comércio no período colonial. Durante a época escravista, os portugueses mantiveram diversos desses estabelecimentos em vários pontos do litoral africano.

FEITOSA, Nascimento (século XIX). Advogado brasileiro atuante em Recife, PE. De tendências políticas socialistas e ligado a Antônio Pedro de Figueiredo*, em 1856, com uma declaração polêmica difundida por meio da imprensa, defendeu a intervenção direta do Estado na vida econômica brasileira. Segundo Gilberto Freyre (1951), era um "mestiço aristocratizado pela inteligência e pelo saber".

FELICIANO, [José, dito] **Cheo.** Cantor porto-riquenho nascido em Ponce, em 1935, e radicado em Nova York, Estados Unidos. A partir de 1957, atuando com o sexteto de Joe Cuba e o Fania All Stars, tornou-se um dos grandes nomes do gênero conhecido como salsa.

FELÍCIO, Dom Gílio. Bispo católico brasileiro nascido no atual município de Sério, RS, em 1950. Ex-vigário da cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, onde introduziu elementos africanos em suas celebrações, em 1998 assumiu a diocese de Santa Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano, e o cargo de bispo auxiliar de Salvador.

FELINTO, Marilene. Escritora, jornalista e tradutora nascida em Recife, PE, em 1958, e radicada na cidade de São Paulo desde os 12 anos de idade. Graduada em Letras, foi professora de inglês e português, em nível universitário. Destacando-se, inicialmente, por sua independência em textos publicados no jornal *Folha de S.Paulo*, mais tarde ganhou notoriedade e reconhecimento também como ficcionista, tendo alguns de seus livros

traduzidos para vários idiomas. É autora, entre outras obras, de *As mulheres de Tijucopapo* (1982); *O lago encantado de Grongozo* (1987); *Postcard* (1991); *Jornalisticamente incorreto* (2001); e *Obsceno abandono* (2002).

FELIPA MARIA (século XIX). Líder quilombola em Alcobaça, às margens do rio Trombetas, no Pará. Segundo Roger Bastide (1971), era tão poderosa que os portugueses preferiram aliar-se a ela em vez de combatê-la, tendo alguns de seus seguidores se tornado guias dos viajantes que queriam descer as corredeiras do rio Tocantins. É às vezes também referida como Felipa Maria Aranha.

FELIPE MINA (século XIX). Nome pelo qual foi conhecido Felipe Néri de Souza, pioneiro na povoação de São João da Chapada*, na atual Diamantina, MG. Um dos maiores proprietários de terras de seu tempo e senhor de numerosa escravaria, ergueu a primitiva capela do arraial do Tijuco, da qual seus filhos foram os primeiros sacristãos.

FELU-KON-FELU. Barra de ferro percutida, usada na música dos *maroons* do Suriname.

FELUPES. O mesmo que fulas*.

FEMINISMO NEGRO. Expressão que designa o movimento pelos direitos civis dos negros quando exercido segundo uma perspectiva feminina e afrocêntrica. Para alguns teóricos desse movimento, a condição da mulher negra, submetida a uma experiência histórica única, desde a escravidão, e oprimida em vários níveis, extrapola a questão das diferenças entre os sexos para constituir-se em algo específico.

FENÓTIPO. Conjunto de caracteres que determinam a aparência visível de um indivíduo, em contraste com o genótipo, que é a constituição íntima e não visível, determinada pela herança genética. Um indivíduo fenotipicamente “branco” pode ser, geneticamente, negro.

FERNANDES, Gilberto. Magistrado nascido em Niterói, RJ, em 1933. Ex-operário gráfico, formou-se em Direito, tendo frequentado o curso durante a noite. Em 1974, aprovado em concurso, tornou-se juiz no fórum da capital fluminense. Em 1998 tornava-se o primeiro negro a ser desembargador no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, aposentando-se em 2004.

FERNANDES, João (século XVII). Marceneiro natural da Ilha da Madeira. Por volta de 1649, na cidade do Rio de Janeiro, projetou e construiu, nas proximidades da atual esquina das ruas da Assembleia e São José, a Capela de Nossa Senhora do Bom Parto, uma das primeiras igrejas cariocas, hoje já não mais existente. É referido como "pardo" por Vivaldo Coaracy (1965b).

FERNANDES, Roque José (c. 1783-1853). Artífice brasileiro, ativo em Salvador, BA. Entalhador, descrito como "pardo forro", executou vários trabalhos em madeira na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Foi também sineiro da Igreja de Santana.

FERNANDEZ, Joseíto (1908-79). Cantor e compositor cubano nascido e falecido em Havana. Expoente do gênero *danzonete*, é autor da *guajira-son Guantanamera*, conhecida internacionalmente depois de lhe adicionarem alguns trechos de versos de José Martí, o pai da independência cubana.

FERNANDO PÓ. Ilha na costa ocidental africana, a maior e mais importante do golfo da Guiné, pertencente à Guiné Equatorial.

FERRAMENTA. Conjunto de objetos simbólicos representativos do orixá Ogum e, por extensão, de outros orixás guerreiros, como Exu e Oxóssi.

FERRAZ DO ANDARAÍ. Nome pelo qual foi conhecido Joaquim José Ferraz, líder espírita no Rio de Janeiro, nascido em 1850. No ano de 1897, foi acusado de feitiçaria em rumoroso processo, no qual atuou como defensor o célebre advogado Evaristo de Moraes*. Dirigente do Centro União Espírita, de orientação kardecista, promovia sessões de cura. Em 1904, foi novamente acusado de exercício ilegal da medicina, e seu processo provocou vivas discussões sobre o direito à prática do espiritismo.

FERRAZ, Caio. Pianista brasileiro nascido em 1943. Professor de canto e ex-integrante do coro do Teatro Municipal, em 1997 participou da montagem carioca de *Master class*, sobre a vida de Maria Callas, personificando o pianista Manu Weinstock.

FERRAZ, Geraldo (1905-79). Nome literário de Benedito Geraldo Ferraz Gonçalves, jornalista, crítico de arte e escritor nascido em Campos Novos, SP. Fundou e dirigiu o semanário *Homem Livre* (São Paulo, 1935) e participou da criação do jornal *Vanguarda Socialista* (Rio de Janeiro, 1945). Marido de Patrícia Galvão, a célebre Pagu, com sua parceria escreveu, em

1945, o romance *A famosa revista*, e além desse publicou também o romance *Doramundo*, em 1956, e vários ensaios sobre arte moderna. É relacionado na nominata de *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

FERRAZ, Nelson. Cantor lírico brasileiro. Com portentosa voz, de registro "baixo-cantante", foi um dos destaques da companhia de dança Brasiliana*. Tem gravados, entre outros registros, os LPs *Brasiliana – teatro folclórico brasileiro* (Columbia, 1955) e *Lamento negro* (Continental, 1956), com arranjos do renomado maestro Radamés Gnattali.

FERREIRA, Carlos Cardozo (século XX). Poeta uruguaio nascido em Florida e falecido em Montevidéu. Integrou o grupo reunido em torno da revista *Nuestra Raza*. Tem nove poemas presentes na *Antología de poetas negros uruguayos*, de Alberto Britos Serrat (1996), e figura na pioneira *Antología de la poesía negra americana*, de Pereda Valdés, publicada em 1953.

FERREIRA [Monteiro]**, Edgar** (1922-95). Compositor brasileiro nascido e falecido em Recife, PE. Ligado a terreiros de xangô em sua cidade, destacou-se pelo uso de temas e ritmos de origem africana em seu trabalho. Entretanto, tornou-se mais conhecido por meio de composições gravadas por Jackson do Pandeiro*, como *Forró em Limoeiro*, *Um a um*, *Dezessete na corrente*, *Vou gargalhar* (samba de sucesso no carnaval de 1955) e *Ele disse*, baseado na carta-testamento do presidente Getúlio Vargas.

FERREIRA [da Silva]**, Levino** (1890-1970). Compositor, regente e instrumentista brasileiro, nascido em Bom Jardim, PE, e falecido em Recife. Mestre de várias bandas e um dos maiores compositores do frevo pernambucano, foi também autor do poema sinfônico *Cavalo-marinho*, apresentado na França e Inglaterra, além de exímio executante de saxofone, clarineta, trompete e trombone.

FERREIRA, Manuel. Sambista nascido, em 1913, e falecido na capital do Rio de Janeiro. Parceiro de Noel Rosa no samba *Só pra contrariar*, gravado em 1932, foi um dos autores do clássico *Heróis da liberdade* (com Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola), samba-enredo da escola de samba Império Serrano em 1969.

FERREIRA, Maria Júlia Barbosa. Designer brasileira nascida em 1967 e radicada no Rio de Janeiro. Programadora visual da marca Smuggler,

é colaboradora de Art Simms, diretor de arte dos filmes de Spike Lee, na criação de cartazes e logomarcas.

FERREIRA [Alves]**, Nelson** (1902-76). Músico brasileiro nascido em Bonito, PE, e falecido em Recife. Pianista, compositor e chefe de orquestra, iniciou carreira em 1917 como músico de cinema na capital pernambucana, acompanhando filmes mudos. Em 1921, viajou à Alemanha como músico da orquestra do navio Caxias. De volta a Recife, foi diretor da orquestra do Cine-Teatro Moderno e, em 1928, compondo frevos, iniciou sua trajetória de campeão de sucessos carnavalescos. Na década de 1930, depois de trabalhar no Rio de Janeiro, consolidou seu prestígio no rádio pernambucano, como autor, pianista e regente. Em 1957, alcançou sucesso nacional com o frevo *Evocação*, sendo depois alçado ao posto de diretor artístico da gravadora Rozenblit. Autor de frevos antológicos e músico por várias vezes laureado, é considerado, ao lado do legendário Capiba, um dos dois maiores compositores carnavalescos do Nordeste.

FERREIRA, Vicente. Orador da militância negra, radicado no Rio de Janeiro e falecido em Petrópolis, por volta de 1935. Tornou-se conhecido em 1927, quando, no enterro do político Carlos de Campos, presidente do estado de São Paulo, pediu a palavra e fez um discurso inflamado em nome do povo negro. A partir de então esteve sempre envolto em uma aura de lenda. Intelectual de poucas letras, participou de várias organizações de militância, como a Frente Negra Brasileira, imprimindo uma nova mentalidade ao movimento negro em São Paulo. Referido por algumas fontes como analfabeto, publicou, entretanto, artigos no jornal *O Clarim da Alvorada* na década de 1930. É mencionado, no livro-depoimento *E disse o velho militante José Correia Leite* (Correia Leite e Cuti, 1992, p. 68), como "um dos maiores negros que houve em nosso tempo"; também é tido como o introdutor, na fala da militância, da palavra "negro" em substituição a "homem (ou pessoa) de cor", termo usual em sua época.

FERREIRA DE MENEZES, José (1845-81). Promotor público e jornalista abolicionista brasileiro falecido na cidade do Rio de Janeiro. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi redator, na capital paulista, do jornal *O Ipiranga* e, no Rio de Janeiro, colaborador do *Jornal do Commercio*. Por meio da *Gazeta de Notícias*, tornou-se famoso ao combater

tenazmente os desmandos do gabinete liberal de 1878 e em especial a atuação do ministro da Guerra, general Osório, herói da Guerra do Paraguai. Em 1880, fundou seu próprio jornal, *A Gazeta da Tarde*, o órgão abolicionista mais radical e descomprometido da capital do Império. Por intermédio desse órgão e do *Jornal do Commercio*, lutou ardorosa e demoradamente pela abolição da escravatura, falecendo, entretanto, no ano seguinte ao da fundação, quando o jornal ainda se consolidava. Publicações informam seu nascimento ora em Niterói, ora em Angra dos Reis, na então província do Rio de Janeiro.

FERRER [Planas]**, Ibrahim** (1927-2005). Músico cubano nascido em Santiago de Cuba e falecido em Havana. Cantor de estilo romântico, em 1996, depois de mais de quinze anos afastado da vida artística e sobrevivendo como engraxate, retomou a carreira artística em nível internacional, com o grupo conhecido como Buena Vista Social Club. Três anos depois, lançava seu primeiro CD solo, a partir dos Estados Unidos. *Ver COMPAY SEGUNDO*.

FESTAS DE LARGO. Denominação dada na Bahia às festividades populares ao ar livre ("largo": pequena praça), como as do Bonfim, da Ribeira, da Conceição, da Praia etc. As festas de largo sempre significaram para o povo negro a oportunidade de afirmar sua cultura, utilizando um momento de permissividade para fazer da alegria um veículo de subversão da ordem opressora.

FESTIVAL MUNDIAL DE ARTE NEGRA. Grande evento artístico-cultural criado para que a contribuição da *négritude** fosse conhecida pela civilização ocidental; para permitir que os artistas negros de fora da África realizassem periodicamente uma volta às origens; para ressaltar todas as contribuições da *négritude* às grandes correntes universais de pensamento e às inúmeras formas de arte; para proporcionar aos artistas africanos a oportunidade de encontrar editores, produtores de cinema, membros da elite internacional, a fim de lhes permitir a divulgação de seu talento. A primeira versão do projeto – Festival Mondial des Arts Nègres – realizou-se em Dacar, Senegal, em abril de 1966, e a segunda – Second World Black and African Festival of Arts and Culture – aconteceu na Nigéria, nas

cidades de Lagos e Kaduna, em janeiro e fevereiro de 1977. Em ambas as oportunidades o Brasil se fez representar.

FÊTE DES CUISINIÈRES (Festa das Cozinheiras). Festa anual de Guadalupe* em que as cozinheiras, vestidas segundo a tradição e enfeitadas com joias, desfilam pelas ruas de Point-à-Pitre exibindo e oferecendo aos circunstantes os melhores quitutes de sua cozinha.

FETICHE. Designação europeia e ocidental para qualquer objeto material, trabalhado ou não, em que se deposita a força vital de um ser espiritual. *Ver NGANGA*.

FETICHISMO. Antiga classificação indiscriminadamente atribuída às religiões tradicionais africanas, na suposição de que elas envolvem adoração a seres inanimados tidos como dotados de espírito sobrenatural. Veja-se, entretanto, que as religiões africanas, no continente de origem e na Diáspora, apenas elegem determinados objetos como morada simbólica de seres espirituais. Uma estatueta de um ancestral é um símbolo que evoca sua presença e seus atos, da mesma forma que uma ferramenta* ou otá* de um orixá são representações simbólicas desses espíritos ou forças, signos que manifestam a presença espiritual deles entre os vivos, e não dos objetos em si mesmos. E mesmo admitindo-se o uso eventual de objetos-fetiche em algumas vertentes religiosas, observe-se que, para o africano, eles são apenas um suporte material onde a força do espírito foi fixada. Esse objeto pode ser abandonado pelo espírito que representa e, consequentemente, perder a força; caso isso ocorra, ele deve ser imediatamente descartado, por ter perdido seu cunho sagrado, sendo que outro espírito, talvez maléfico, pode nele se alojar.

FETO (*Cyathea arborea*). Planta da família das compostas, também conhecida como folha-da-felicidade. Na tradição brasileira dos orixás, é planta de Nanã, e seu nome iorubano é *idé*. Outra planta que a literatura botânica refere como “feto” é a samambaia-guaçu (*Polypodium filix*).

FIDALGO, Ubirajara (1946-82). Ator, autor e diretor teatral brasileiro nascido no Maranhão e falecido no Rio de Janeiro. Foi o fundador do Teatro Profissional do Negro (Tepron), tentativa de reeditar, cerca de vinte anos depois, a experiência realizada pelo Teatro Experimental do Negro na década de 1950.

FIDDLE. Nos Estados Unidos, denominação da rabeca, espécie de violino tosco, de origem irlandesa, em cuja execução muitos negros rurais se notabilizaram, nos tempos da escravidão. A figura do *fiddler*, isto é, do tocador de rabeca, é típica dos relatos da época. *Ver MORRISON, George*.

FIDÉLIS. Nome pelo qual foi conhecido José Maria Fidélis, jogador de futebol brasileiro nascido em São José dos Campos, SP, em 1944. Lateral-direito, integrou a seleção nacional na Copa do Mundo de 1966.

FIERRO, [Francisco, dito] **Pancho** (1803-79). Pintor e desenhista peruano nascido em Rimac. Sua obra retrata, em tom caricatural, costumes da sociedade peruana. Pintou também, na cidade de Lima, grandes murais, lamentavelmente perdidos.

FIESTAS DEL SOLAR. Festas populares caribenhas associadas a gêneros de música popular negra como o *guaguancó**, em Cuba, e a *plena**, em Porto Rico. Correspondem aos pagodes do samba carioca, presentes na vida da cidade desde, pelo menos, o século XIX. *Ver PAGODE*.

FIFETO. Na *santería* cubana, cerimônia final dos sacrifícios, dedicada a Ogum, quando há matança de animais de quatro patas.

FIGA. Amuleto da tradição afro-brasileira. O nome "figa de guiné" não é atributivo de procedência e sim do material de que esse tipo de amuleto é feito, isto é, o talo da planta guiné [2]*. Entretanto, embora de origem europeia e remota, sua fabricação foi, durante a época colonial, uma ocupação dos negros.

FIGARO (século XVIII). Escravo haitiano que, segundo a tradição, teria sido o fundador do primeiro templo do vodu. Estabelecido na localidade de Pogaudin, próximo à vila de Gonaïves, em terras que lhe foram dadas em retribuição à cura da filha de seu senhor pelo loá* Noc-Loufiatou-Canga. É invocado e reverenciado, nos rituais congos, como Figaro Pogaudin.

FIGUEIRA. Nome de diversas árvores da família das moráceas, como a frutífera *Ficus carica* e outras do gênero *Ficus*. Na tradição religiosa afro-brasileira, suas várias espécies pertencem ora a Exu, ora a Obaluaiê.

FIGUEIREDO, Antônio Pedro de (1814-59). Filósofo e jornalista brasileiro nascido e falecido em Igaraçu, PE. Menino pobre, foi acolhido e instruído no Convento do Carmo, no Recife. Formado, foi professor de geometria, língua nacional, geografia e história. Traduziu, em 1843, o *Curso*

de história da filosofia do filósofo francês Victor Cousin, o pai da escola espiritualista eclética. Por isso e por sua cor, foi apodado "o Cousin fusco". Fundador, em 1846, da revista *Progresso*, por meio dela e usando o pseudônimo Abdalah-el-Kratif, defendeu as ideias de Owens, Fourier e outros socialistas, despertando polêmicas acirradas. Gilberto Freyre (1951), em *Sobrados e mucambos*, refere-se a ele como "mestiço admiravelmente lúcido".

FIGUEROA, Francisco (século XVI). Personagem da história colonial do Chile. Em 1559, era o pregoeiro oficial do Cabildo de Santiago, encarregado de, em praça pública, anunciar as decisões judiciais. É citado em vários documentos como "*el negro* Francisco Figueroa".

FILÁ. Espécie de gorro da tradição iorubana.

FILHO DE CRIAÇÃO. *Ver ADOÇÃO.*

FILHO DE SANTO. No candomblé e na umbanda, designação genérica do iniciado. Outrora, nos terreiros mais ortodoxos, a expressão era usada apenas no feminino (filha de santo), uma vez que a iniciação como iaô* era privilégio das mulheres. Em Cuba, o termo correspondente, e mais apropriado, é *ahijado* (afilhado).

FILHOS DE GANDHY. Afoxé* fundado na cidade de Salvador em 18 de fevereiro de 1948. Segundo algumas versões, teria se originado de uma brincadeira carnavalesca, inspirada no famoso filme *Gunga Din* (1939). Entretanto, segundo seus estatutos, foi criado "para divulgação do culto nagô, como forma de afirmação étnica". Originalmente constituído por estivadores, no final da década de 1980, gozando do respaldo oficial, reunia cerca de 4 mil associados, entre os quais um grande número de pais de santo. Em 12 de agosto de 1951, era fundado no Rio de Janeiro, no bairro da Saúde, seu homônimo carioca.

Filhos de Gandhy

FILIPE MULEXÊ. Nome pelo qual foi conhecido Filipe Néry Conceição, também chamado Filipe Xangô de Ouro, músico ritual dos candomblés baianos, nascido em 1878. Primo do babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim*, além de estivador muito querido e respeitado, foi o grande animador do Rancho do Robalo, atração das festas de Reis da Bahia até 1940.

FILIPE XANGÔ DE OURO. *Ver FILIPE MULEXÊ.*

FILLARDIS, Isabel [Cristina Teodoro]. Atriz de televisão, modelo e cantora brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1973. Com carreira iniciada em 1993, tornou-se rapidamente um positivo símbolo da beleza e do talento afro-brasileiros.

FILME [de Souza]**, Geraldo** (1927-95). Sambista nascido em São João da Boa Vista, SP, e falecido na capital desse estado. Ligado aos núcleos de fundação do batuque paulista, na Barra Funda e no extinto Largo da Banana, e frequentador das festas de Bom Jesus de Pirapora*, um dos polos de difusão do samba rural paulista, ajudou a organizar os cordões e blocos dos quais surgiriam as escolas de samba paulistanas. Compositor e cantor de méritos, foi fundador das escolas de samba Unidos do Peruche, Colorado do Brás e Paulistano da Glória, bem como o primeiro presidente da União das Escolas de Samba de São Paulo. Espécie de memória viva das tradições afro-paulistanas, como as rodas de tiririca [2]* na Praça da Sé, foi um dos grandes baluartes do samba em sua cidade, embora com escassas incursões no mercado do disco e pouco visibilizado pelos meios de comunicação. Seu curioso sobrenome, "Filme", parece ter ligação com o vocábulo italiano *fiume*, também nome de família em São Paulo.

FILÓ. Nome pelo qual se tornou conhecido Asfilófio de Oliveira Filho, produtor cultural e militante negro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1949. Formado em Engenharia e Administração e pós-graduado em Marketing, na década de 1970 foi o principal mentor do movimento Black Rio*, de grande repercussão na cultura carioca. Na década seguinte, na extinta TV Rio, foi produtor e apresentador do programa de variedades *Radial Filó*, voltado para a comunidade negra. Nos anos de 1990, com Pelé* no Ministério dos Esportes, foi presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento Esportivo (Indesp), e, em 2002, no governo de Benedita da Silva* assumia,

com status de secretário de Estado, o cargo de presidente da Superintendência de Esportes do Estado do Rio de Janeiro (Suderj).

FILOMENA, Santa. Santa católica de existência controversa, cujo culto foi suspenso em 1961. No século XVIII, sua imagem, expressa na figura de uma mulher negra, era um forte símbolo da religiosidade popular, presente em muitas igrejas e capelas da Bahia.

FILOSOFIA AFRICANA. As concepções africanas sobre o universo, sobre as relações com o mundo invisível e a ancestralidade, sempre centradas na noção de "força vital", configuram, sem sombra de dúvida, uma filosofia. Em 1950, o antropólogo francês Marcel Griaule (*ver Bibliografia*) chegava a essa conclusão. Mas um ano antes, em um livro escrito com base em pesquisas envolvendo um povo da bacia do rio Congo, o missionário belga Placide Tempels já chegara a conclusão semelhante. *Ver PHILOSOPHIE BANTOUE, La.*

FINADOS, Dia de. Feriado católico em memória dos mortos do purgatório, celebrado em 2 de novembro. Em algumas comunidades da Diáspora Africana, é comemorado com festas e banquetes oferecidos aos espíritos dos ancestrais. *Ver MAÍZ DE FINADOS*.

FIO MARAVILHA. Nome pelo qual se tornou conhecido João Batista de Sales, jogador brasileiro de futebol nascido em Conselheiro Pena, MG, em 1945. Polêmico por alternar jogadas geniais com lances às vezes ridículos, foi, não obstante, um dos grandes ídolos da numerosa torcida do Clube de Regatas do Flamengo, sendo inclusive homenageado por Jorge Benjor numa canção que leva seu nome. Na década de 1970, emigrou para os Estados Unidos e, fracassando como jogador de futebol, tornou-se entregador de pizzas.

FIOTE. O mesmo que cabinda ou cambinda. No Brasil, o termo tem também, como adjetivo, as acepções de elegante, janota; dengoso, namorador. E a explicação é sugerida por Câmara Cascudo (1965, p. 131): "Diz-se no Brasil, notadamente no Nordeste e na linguagem popular, fióta ou fióte, valendo casquilho, elegante, janota. Está todo fiote! Será do peralvilho cabinda, o negro fiote, pisa-flores, airoso e peralta, o vocábulo, na ironia dos velhos escravos nos eitos pernambucanos?".

FIRMA. Nos cultos congos cubanos, grafismo correspondente ao ponto riscado* brasileiro, à *anaforuana** dos *ñáñigos* e ao *vévé* haitiano e que identifica a ganga [2]* e a posição do indivíduo em sua comunidade religiosa. No Brasil, vocábulo idêntico designa uma espécie de conta cilíndrica que fecha o fio de miçangas usado pelos fiéis do candomblé e da umbanda.

FIRMIN, Anténor (1850-1911). Escritor haitiano. Motivado pela onda progressista estimulada pelo governo do presidente Geffrard, em 1885 publicou *De l'égalité des races humaines*, obra que o credencia como o precursor haitiano do movimento da *négritude* e do pan-africanismo; no ano de seu falecimento veio à luz seu ensaio *L'effort dans le mal*.

FIRMINA [dos Reis]**, Maria** (1825-1917). Escritora e educadora brasileira nascida em São Luís, MA. Radicada em Guimarães desde os 5 anos de idade, ingressou, em 1847, por concurso, no magistério público e lecionou até 1881. Com *Úrsula*, livro de 1859, tornou-se, cronologicamente, a primeira mulher brasileira a ter um romance publicado. Considerada um exemplo de erudição, deu origem à expressão "é uma Maria Firmina", outrora aplicada no Maranhão a toda mulher inteligente e bem informada. Morreu cega, aos 92 anos.

FIRMO [Guimarães da Silva]**, Walter.** Fotógrafo brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1937. Com carreira profissional iniciada em 1957, é vencedor do Prêmio Esso de Reportagem, de sete Prêmios Internacionais Nikkon e do Prêmio Icatu de Artes, versão 1999. Ex-diretor do Instituto Nacional de Fotografia, desde 1968 seu trabalho é voltado, principalmente, para a dignificação do povo afro-brasileiro. Um dos mais importantes profissionais brasileiros em sua especialidade, integrou o extinto Conselho Nacional de Direito Autoral; foi curador, entre inúmeras outras, da mostra de fotografia "Negro de Corpo e Alma", da exposição comemorativa dos quinhentos anos do Brasil; é

Walter Firmo

mencionado no verbete “Fotografia” da *Enciclopédia britânica* desde a edição de 1971.

FISK JUBILEE SINGERS. Grupo coral americano criado em 1867 na Fisk University, uma das mais antigas universidades negras* americanas, fundada no século XIX. Atuando nos Estados Unidos e na Europa, é o grande responsável pela preservação e difusão mundial do conhecimento dos escravos americanos, repertório esse expresso em spirituals e canções de trabalho conhecidos em quase todo o mundo.

FITZGERALD, Ella (1918-96). Cantora americana nascida em Newport News e falecida na Califórnia. Criada em um orfanato de Nova York, foi descoberta por Chick Webb em 1934 e logo cognominada “a primeira dama da canção”. Dona de técnica brilhante, incrível capacidade de improvisação e comunicabilidade, deu voz ao bebop*, façanha tida até então como impossível. Destacou-se em todos os gêneros e foi, por mais de cinquenta anos, a maior intérprete da canção popular americana no gênero jazz.

FLACK, Roberta. Cantora americana nascida em Asheville, Carolina do Norte, em 1937. Lançada em 1969, tornou-se um dos grandes nomes no cenário da soul music, principalmente a partir de 1973, com a suave e doce canção *Killing me softly with his song*.

FLAMENGO, Clube de Regatas do. Associação desportiva fundada na cidade do Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1895. Uma das grandes expressões do futebol brasileiro, é, segundo as estatísticas, o clube carioca que congrega maior número de adeptos, principalmente entre os afrodescendentes. Em alusão a essa circunstância, sua personificação, desde a década de 1960, é um urubu, criado derrogatoriamente por torcedores adversários, mas assumido como símbolo por sua torcida.

FLAVIANA, Mãe (1848-1938). Nome pelo qual foi conhecida Flaviana Bianchi, ialorixá do candomblé de Vila Flaviana, no Engenho Velho de Cima, em Salvador, BA.

FLEMING, Bob. *Ver SILVA, MOACIR [Pinto da]*.

FLEURY BATTIER, Alcibiade (1841-83). Poeta haitiano, notabilizou-se por meio de poemas épicos exaltando os fundadores da República Haitiana: Dessalines, Pétion e Toussaint L’Ouverture. Entre suas obras, contam-se *La journée d’adieux* (1869), *Lumena ou Le génie de la liberté* (1869), *Le génie de la*

patrie (1877), *Sous les bambous* (1881) e *Par mornes et par savanes; Rimes Glanées*.

FLIPPER, Henry Ossian (*c*. 1856-1940). Militar americano nascido escravo em Thomasville, Geórgia. Com a alforria comprada pelo pai para toda a família, ingressou em 1873 na Atlanta University e em 1877 tornou-se o primeiro negro a graduar-se pela Academia Militar dos Estados Unidos. *Ver BUFFALO SOLDIERS*.

FLOR DE CUBA, La. Orquestra de danças fundada em Havana em meados do século XIX por Juan de Diós Alfonso*. Conforme fotografia publicada no *Diccionario de la música cubana*, de H. Orovio (1981), dos seus dez integrantes, músicos executantes de instrumentos de sopro, violinos e percussão, pelo menos seis eram nitidamente negros.

FLORES, Antonio (séculos XVII-XVIII). Militar cubano. Alistando-se no Exército colonial como voluntário em 1708, levou nove anos para ser promovido a sargento e cerca de trinta até chegar a capitão. Nesse vasto lapso de tempo, lutou contra piratas ingleses e franceses e contra as forças coloniais inglesas dos futuros Estados Unidos da América, além de cumprir pena na França.

FLORES, Pedro (1894-1979). Compositor porto-riquenho. É autor de clássicos do repertório do bolero cubano*, como *Obsesión* e *Amor perdido*.

FLORESTA AURORA, Sociedade Beneficente e Cultural. Clube social fundado em Porto Alegre, RS, em 31 de dezembro de 1872. É considerada a mais antiga agremiação de negros do Brasil.

FLORESTA DA TIJUCA. Monumento público natural na cidade do Rio de Janeiro, integrante do Parque Nacional da Tijuca, de propriedade da União. Área antes ocupada por plantações de cana-de-açúcar e café; a partir de janeiro de 1862 foi replantada artificialmente pelas mãos de um pequeno grupo de escravos da nação – Constantino, Eleutério, Leopoldo, Manuel, Mateus e Maria, orientados pelo major Manuel Gomes Archer, fazendeiro em Campo Grande. Graças a esse trabalho, é hoje sítio exuberante, abrigando flora e fauna extremamente diversificadas, sendo considerada a maior floresta urbana do mundo.

FLORIDA, Batallón. Unidade do Exército uruguaio atuante na Guerra do Paraguai* e constituída exclusivamente por negros e mulatos livres. *Ver*

UNIDADES MILITARES ÉTNICAS.

FODÚ. Nome utilizado em Cuba, principalmente na província de Matanzas, para designar cada uma das divindades *ararás*, correspondendo ao brasileiro "vodum". Diz-se também *foddún* e *fodún*, plural *fodúnes*, sendo alguns deles: Sechemé, a divindade suprema, o mesmo que Majou (Mawu), Dada Legbo ou Bobbadé; Dasoyi, o mesmo que Sakpata; Aferequete, dona do mar, correspondente a Iemanjá e relacionada com Nan-Nú; Mase, correspondente à Oxum iorubá; Hebioso, correspondente ao Xangô iorubano; Saborissá, pai de Hebioso, o mesmo que Argayú; Acutorio, o dono do mato, relacionado a Ogum; Dañé, correspondente a Oyá-Iansã; Yebú, que reina sobre todo o verde existente sobre a terra, correspondente a Ossãim; Loko; Agró; Tocoyo Yonó; Aggidai e Tokuno. Na localidade cubana de Jovellanos são também conhecidos os *fodúnes* Afrá, Jurajó, Arggué, Ajuangún, Gebbioso, Foddún Masen, Ferequeté, Addañó, Dalluá, Ajosi, Osaen Sobola, Nana Buruku, Oddan. *Ver VODU.*

FOGAÇA, Maria Patrícia (1838-1913). Enfermeira obstetriz brasileira nascida em Santos, SP. Filha de negros forros e afilhada de José Bonifácio, o "Patriarca da Independência", foi figura popular e extremamente querida na Baixada Santista, região onde nasceu e exerceu seu ofício.

FOIÉ. Iguaria da culinária afro-maranhense.

FOLCLORE. Conjunto de costumes, crenças e técnicas tradicionais de um povo, transmitidas através de gerações por meio de relatos mitológicos, provérbios, enigmas, canções e da experiência cotidiana. Com relação aos produtos culturais de origem africana, o termo é muitas vezes mal-empregado, com utilização quase sempre servindo a um recalcamento dessa produção em função de uma suposta superioridade da chamada "cultura erudita", de base europeia. A esse tipo de recalcamento dá-se o nome de *folclorização*. Com relação às expressões culturais negras, a folclorização costuma, segundo uma perspectiva eurocêntrica, ressaltar seus aspectos exteriores, "pitorescos", para mascarar as condições em que essas manifestações são produzidas, sempre à margem da produção cultural dominante, e, assim, ocultar seu papel de agente transformador.

FÔLEGO VIVO. Nos assentamentos da escravidão, expressão despersonalizante usada para designar o cativo.

FOLHA-DA-COSTA. Nome pelo qual são conhecidos, no Brasil, tanto a folha-da-fortuna* quanto o saião*.

FOLHA-DA-FORTUNA (*Bryophyllum pinnatum*; *Bryophyllum calcynum*). Planta da família das crassuláceas. Seu nome popular deve-se ao fato de que brota com facilidade nos mais diversos ambientes, alastrando-se inclusive por muros e paredes. É também conhecida como folha-da-costa, nome que também designa o saião*. Na tradição brasileira dos orixás, é planta de Nanã; seu nome iorubano é *ìbámodá*.

FOLHAS, Uso ritual de. *Ver PLANTAS VOTIVAS.*

FOLHA-SECA. *Ver DIDI.*

FOLIAS DE REIS. Variante dos ranchos* de Reis da tradição do Sudeste brasileiro. Seu traço mais marcantemente africano é a presença do palhaço que, vestido à moda do *diablito* da tradição cubana, executa pantomimas e canta-declama versos cômicos e picarescos.

FON. Subdivisão do povo ewe*. Ditos "ewes orientais", habitam o Benin, onde, na fronteira com a Nigéria, se misturam aos iorubás. Os "ewes ocidentais" se localizam no Togo. O subgrupo principal dos fons é o fon-mahi, "jeje-marrim" no Brasil. Tradicionalmente agricultores, comerciantes e pescadores, nos séculos XVII e XVIII o povo fon foi senhor de um Estado poderoso e muito bem organizado, cuja capital era Abomé. *Ver DAOMÉ*; *EWE*; *JEJE*.

FONGBÉ. Língua guineo-sudanesa do grupo ebúrneo-daomeano, falada pelo povo fon, da República do Benin, ex-Daomé.

FONSECA, Deodoro da. *Ver DEODORO DA FONSECA, Manuel.*

FONSECA, Hilva. Sindicalista brasileira nascida em Minas Gerais, em 1949, e radicada em São Paulo. Em 1988, foi a primeira mulher negra a integrar a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o mais importante da América Latina.

FONTES, Hermes [Floro Bartolomeu Martins de Araújo] (1888-1930). Poeta brasileiro nascido em Boquim, SE, e falecido no Rio de Janeiro. Protegido do governador de seu estado, Martinho Garcez, radicou-se no Rio de Janeiro, onde exerceu o jornalismo, formou-se em Direito e se consagrou como um dos maiores poetas do seu tempo. Autor de dez volumes de poemas, publicados entre 1908 e 1930, e da letra da famosa canção *Luar de*

Paquetá, é mencionado como "mestiço" por Arthur Ramos (1956) em *O negro na civilização brasileira*, como mulato na enciclopédia *Africana** e focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

FORÇA VITAL. *Ver AXÉ; FILOSOFIA AFRICANA.*

FORD, Barney (1822-1902). Empresário americano nascido escravo na Virgínia. Depois de ser garçom nas barcaças do Mississippi, em 1850 foi para a Nicarágua, onde construiu e dirigiu dois hotéis. Em 1860 voltou aos Estados Unidos para procurar ouro em Denver, onde mais tarde se tornou banqueiro e dono de estabelecimentos hoteleiros, entre eles o famoso hotel Inter-Ocean. Além de empresário bem-sucedido, trabalhou pela melhoria das condições de vida dos negros e pelo desenvolvimento do Colorado.

FOREMAN, George [Edward]. Pugilista americano nascido em Marshall, Texas, em 1948. No ano de 1973, conquistou o título de campeão mundial da categoria peso-pesado, após derrotar Joe Frazier*, perdendo-o, entretanto, no ano seguinte, para Muhammad Ali*.

FORIBALE. Rufar dos tambores com que, nas festas do candomblé, se distinguem os convidados ilustres. Em Cuba, o mesmo vocábulo designa uma saudação ritual – da expressão iorubana *Mo foribale*, "Eu me prostro em saudação". *Ver DOBALE.*

FORMIGA. Pseudônimo do trompetista brasileiro José Pinto, nascido em Nova Friburgo, RJ, em 1929. Primeiro trompete da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e um dos maiores virtuoses brasileiros em seu instrumento, gravou, nos anos de 1960, três LPs como solista principal.

FORRAS. Povoado sergipano no município de Riachão do Dantas, surgido no fim do século XVIII. Foi fundado por escravos fugidos das fazendas e engenhos das redondezas, incentivados e auxiliados por frades carmelitas que haviam, quase concomitantemente, dado origem ao vizinho povoado de Palmares. Segundo Ariosvaldo Figueiredo (1977), sua fundação foi planejada para que servisse de celeiro de mão de obra gratuita para os carmelitas. Assim, em acordo com frades e contando com a proteção do principal chefe local, Forras nunca foi objeto de expedições punitivas como os demais núcleos quilombolas, evidenciando-se, dessa forma, como um "quilombo consentido".

FORT-DE-FRANCE. Cidade e porto da Martinica. Fundada no século XVII, tornou-se capital do país em 1902.

FORTUNATO, Gregório (1900-62). Militar brasileiro nascido em São Borja, RS. Tenente da Brigada Militar Gaúcha, foi o todo-poderoso chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas de 1938 a 1945 e de 1951 a 1954. Acusado de mandante após um atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, ferrenho opositor de Vargas, foi condenado a 25 anos de reclusão (pena depois reduzida para quinze anos), sendo, entretanto, assassinado na penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro, em outubro de 1962.

FORTUNE, T. Thomas (1856-1928). Jornalista americano nascido na Flórida. Fundador do *New York Age*, em 1883, foi a mais proeminente figura da imprensa negra surgida logo após o fim da Guerra Civil. Em 1900, aliou-se a Booker T. Washington* na fundação da National Negro Business League.

FORY. Pseudônimo de Carlos Alberto Dias do Nascimento, escultor brasileiro nascido em Cachoeira, BA, em 1960. Trabalhando com toras, velhos caibros e material de demolição, revive formas que retratam a atmosfera africana de sua cidade natal.

FOTOGRAFIAS, Branqueamento em. *Ver RETRATO AMERICANO.*

FOTUTO. Na República Dominicana, o mesmo que *conque lambí**.

FOUCHÉ, Frank (1915-78). Poeta haitiano nascido em Saint-Marc e educado em Porto Príncipe. Sua principal obra é *Message*, de 1946.

FOUR TOPS, The. Grupo vocal americano formado em Detroit, no início da década de 1960, por Levi Stubbs, Renaldo "Obie" Benson, Lawrence Peyton e Abdul "Duke" Fakir. Voltado para o soul e o rhythm-and-blues, a partir de 1967 foi o grupo principal do elenco da poderosa gravadora Motown Records*.

FOXX, Jamie. *Ver JAMIE FOXX.*

FRAGOSO, Arlindo [Coelho] (1865-1926). Político e jornalista brasileiro nascido em Santo Amaro, BA, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, foi fundador da Escola Politécnica da Bahia e membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico de seu estado. Na política, foi intendente de seu município natal

(1889-91) e secretário particular do conselheiro Luiz Viana no governo da Bahia. Deixou uma dezena de obras publicadas, a maior parte sobre assuntos técnicos. É relacionado por Nelson de Senna (1938) como um dos "ilustres homens de cor" brasileiros.

FRAMBOYÁN. Nome cubano do flamboaiã (*Poinciana regia*; *Delonix regia*), árvore da família das leguminosas e subfamília cesalpinioídea. Pertence a Xangô e Oyá e, segundo a tradição afro-cubana, quando floresce muito pressagia mortalidade infantil. De suas favas fazem-se chocalhos usados ritualisticamente para invocar Oyá.

FRANÇA. País da Europa ocidental. A presença de negros no país data de 1571, quando um traficante pioneiro levou escravos para serem vendidos em Bordeaux e a administração da cidade forçou-o a libertá-los. Com o estabelecimento de colônias nas Antilhas, a partir de 1635 a França recorreu à mão de obra africana. O comércio escravista, então, propiciou a ida para a França inclusive de potentados africanos – uns impostores, como o célebre Aniaba*, que na Paris do século XVII se dizia herdeiro do trono de um dos povos da Costa do Marfim, e outros verdadeiros, como Abraão Aníbal*, avô de Pushkin*, no século XVIII. Muitos negros participaram dos eventos políticos e militares da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas, como Julieu Raimond*, negro livre de Saint Domingue, Chevalier de Saint-Georges* e o general De la Pailleterie*. No século XIX, muitos nativos das colônias africanas vão estudar na França, lá se radicando. E da Primeira Guerra Mundial até a década de 1960, primeiro com a voga da *négrophilie** e depois com a independência das colônias francesas na África, os negros ganham um período de visibilidade no país.

FRANÇA, Luís de (1901-97). Líder religioso e animador cultural pernambucano nascido e falecido em Recife, PE. Sacerdote de Ifá, tornou-se conhecido como comandante do maracatu* Leão Coroado, fundado em 1863.

FRANÇAIS NÈGRE. Denominação do crioulo francês da Louisiana, falado também em parte do Texas e em uma comunidade negra de Sacramento, Califórnia.

FRANCISCO DE SANTO ANTÔNIO, Frei (1609-95). Sacerdote católico brasileiro nascido e falecido em Pernambuco. Ex-soldado do Terço

dos Henriques*, entrou para a Ordem Franciscana do Convento de Olinda e lutou por toda a vida até conseguir ser o primeiro homem negro admitido como frade professo no Brasil. Entretanto, morreu 24 dias depois de celebrar sua primeira missa.

FRANKÉTIENNE. Pseudônimo de Franck Étienne, escritor e político haitiano nascido em Porto Príncipe, em 1936. Suas obras em crioulo e em francês, entre as quais *Chevaux de l'avant-jour* (1967), *Mur à crever* (1968) e *Fleurs d'insomnie* (1986), destacam-no como uma das grandes figuras da literatura haitiana.

FRANKLIN, Aretha [Louise]. Cantora, compositora e pianista americana nascida em Memphis, Tennessee, em 1942. Filha de pastor, aos 14 anos incorporou-se à sua caravana gospel, com a qual viajou por várias cidades, fixando-se finalmente em Nova York, no início da década de 1960. Desde então, construiu sólida carreira artística, gravando seis discos pela Columbia e decolando para o sucesso na Atlantic, a partir de 1967. Cognominada "*The Queen of Soul*", é, ao lado de James Brown, um dos dois maiores nomes da música negra produzida nos Estados Unidos na década de 1970.

FRANKLIN, John Hope (1915-2009). Historiador americano nascido em Rentiesville, Oklahoma, e falecido em Durham, Carolina do Norte. Entre suas inúmeras obras, contam-se *From slavery to freedom: a history of American Negroes* (1947), *Reconstruction: after the Civil War* (1961), *The Emancipation proclamation* (1963) e *Race and history: selected essays 1938-1988* (1989).

FRATERNIDADES NEGRAS NOS ESTADOS UNIDOS. Organizações fechadas, estruturadas para prestar serviço social e ajuda mútua, as fraternidades negras remontam, nos Estados Unidos, ao início do século XX. A primeira delas foi fundada em 1904, na Filadélfia, no mesmo estilo das fraternidades brancas, surgidas no século XVIII e identificadas por letras gregas. Era a Sigma Pi Phi, à qual se seguiram muitas outras, congregando nomes estelares e desempenhando papel importante na coesão da população afro-americana em direção à conquista da cidadania plena e de sua ascensão social e econômica.

FRAZIER, Edward Franklin (1894-1962). Sociólogo americano nascido em Baltimore e falecido em Washington, DC. Um dos fundadores, em 1911, da Negro Society for Historical Research, é autor, entre outras obras, de *The Negro family in the United States*, livro publicado em 1939, no qual afirma que, salvo exceções, o comportamento das famílias afro-americanas é reflexo das experiências vividas no país, e não de heranças culturais africanas.

FRAZIER, Joe. Pugilista americano nascido na Carolina do Sul, em 1944. No ano de 1971, foi o primeiro a derrotar Muhammad Ali*, então Cassius Clay, mantendo o título até 1973, quando foi derrotado por George Foreman*.

FRECHAL. Comunidade remanescente de quilombo, localizada nos municípios de Mirinzal e Turiaçu, no Maranhão. *Ver QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

FREDERICO, Rafael (1865-1934). Pintor brasileiro. Em 1893, conquistou prêmio de viagem a Paris. Tem obras no acervo do Museu Nacional de Belas-Artes.

FREE AFRICAN SOCIETY. *Ver JONES, Absalom*.

FREEDOM'S JOURNAL. Jornal editado em Nova York por John Russwurn e Samuel Cornish, a partir de 1827. Antecedendo em seis anos *O Homem de Cor**, do brasileiro Paula Brito*, foi o primeiro jornal feito por e para negros em todo o mundo.

FREEMAN, Morgan. Ator cinematográfico americano nascido em Memphis, Tennessee, em 1937. Ganhador de vários prêmios de teatro, em 1989, com *Conduzindo Miss Daisy*, conquistou o prêmio de interpretação no Festival de Berlim; em 1994, brilhou em *Um sonho de liberdade*; e em 2005, após três indicações, ganhou o Oscar de melhor ator coadjuvante por sua interpretação em *Menina de ouro*. Também atuou no filme *Invictus* (2009), de Clint Eastwood, no qual interpreta Nelson Mandela.

FREETOWN. Capital de Serra Leoa, na África ocidental. Fundada em 1792, recebeu grande contingente populacional de ex-escravos retornados* dos Estados Unidos.

FREE-VILLAGE SYSTEM. Na Jamaica e em Trinidad, sistema posto em prática após a abolição da escravatura e que consistia em fixar ex-escravos

em pequenos estabelecimentos rurais independentes sob a supervisão de missionários.

FREI DAVI. Nome pelo qual se fez conhecido Davi Raimundo dos Santos, sacerdote nascido em Minas Gerais, em 1951. Frade franciscano, em 1981 concelebrou, no porão do convento Sagrado Coração, em Petrópolis, RJ, a primeira missa afro* no Brasil. Desde então, tornou-se uma das lideranças mais importantes do movimento negro na Baixada Fluminense*. Em 1993, criou o Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes), curso pré-vestibular para negros e população carente que, à época desta edição, atuava com grande sucesso, conseguindo altos índices de aprovação em alguns dos principais concursos no Rio de Janeiro.

FREIRE, Floriano da Anunciação. Músico brasileiro nascido na Vila de Parnaíba, atual Santana de Parnaíba, SP, em 1778. Ex-escravo, foi mestre de capela da matriz de sua vila natal. Em 1816, residia na cidade de São Paulo, vivendo profissionalmente da música.

FREIRE JÚNIOR, Francisco José (1881-1956). Compositor e autor teatral brasileiro nascido em Santa Maria Madalena, RJ, e falecido na capital desse estado. Estreou profissionalmente em 1917 com a partitura da revista *Tudo dança*, encenada no teatro carioca Carlos Gomes. Foi também autor da marchinha *Ai, seu Mé*, de 1922, estrondoso sucesso que, entretanto, por ser considerada ofensiva ao candidato presidencial Artur Bernardes, custou a Freire Júnior, entre outros dissabores, algumas semanas de prisão. Quatro anos depois, tornou-se diretor da gravadora Odeon, sem desligar-se, contudo, do mundo teatral, no qual foi diretor de companhias e empresário. É autor, entre outros clássicos da música brasileira, da canção *Luar de Paquetá*, em parceria com Hermes Fontes*. A seu respeito, o contemporâneo cronista Vagalume* escreveu exclamativamente: "O mulato é bom mesmo!".

FREITAS, Laércio de. Músico brasileiro nascido em Campinas, SP, em 1941. Pianista, compositor e arranjador, ficou também conhecido como "Tio". Despontou como músico de casas noturnas, na década de 1960, indo depois trabalhar nas emissoras de televisão Cultura e Tupi. No fim daquela década, cumpriu temporadas na Europa e no México, retornando ao Brasil no decênio seguinte. Nos anos de 1990, dedicava-se, entre outras atividades

musicais, a escrever arranjos de obras clássicas do repertório do choro, principalmente de autores como Pixinguinha* e Esmeraldino Sales, para a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, e a apresentações, com músicos dessa banda, em festivais de música instrumental.

FREITAS, Luiz de. Designer e empresário de moda brasileiro nascido em Piabetá, Magé, RJ, em 1941. Ex-mecânico de automóveis, em 1981 inaugurou e lançou em Ipanema a loja e a marca Mr. Wonderful, na vanguarda da moda masculina. No final da década de 1990 era o estilista preferido dos astros milionários da música popular brasileira.

FREITAS, Orêncio de (1891-1940). Militante operário brasileiro nascido em Niterói, RJ. Fundador do Partido Proletário do Rio de Janeiro, foi o idealizador do Hospital Operário do Barreto, em Niterói, inaugurado sem sua presença, pois já se encontrava em seu leito de morte, em maio de 1940.

FREITAS, Veríssimo de [Souza] (séculos XVIII-XIX). Pintor brasileiro radicado em Salvador, BA, onde ainda trabalhava em 1819. Aluno de José Joaquim da Rocha, foi pintor mural e de cavalete, deixando obras que podem ser admiradas no Mosteiro de São Bento e na Igreja do Convento da Lapa, na capital baiana.

FRENTE NEGRA BRASILEIRA. Entidade fundada em 16 de setembro de 1931 em São Paulo, com o objetivo declarado de “unir a gente negra para afirmar seus direitos históricos e reivindicar seus direitos atuais”. Seus principais líderes foram Arlindo Veiga, simpatizante do ideário integralista então em voga, e José Correia Leite, de tendências socialistas. Depois de atrair bom contingente de adeptos em vários estados brasileiros, editar um jornal, *A Voz da Raça**, e ter seus representantes recebidos em audiência especial, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, por Getúlio Vargas, então chefe do governo provisório, a Frente Negra foi se enfraquecendo, até ser extinta em 1937. Observe-se, conforme salientado em Castro (2008), que, muito mais que uma simples entidade da militância negra, a Frente representava uma “articulação”, criada com a finalidade de fornecer aos negros instrumentos para que efetivamente se inserissem na sociedade dominante, e isso por meio de educação e treinamento profissional, instrução sobre normas de comportamento e, ainda, cotização para

aquisição de propriedades imobiliárias em bairros periféricos. A sede da Frente Negra Brasileira localizava-se no número 196 da rua da Liberdade, no centro da capital paulista. *Ver BARBOSA, Márcio*; *LEGIÃO NEGRA DO BRASIL*; *LEITE, José [Benedito] Correia*; *LUCRÉCIO, Francisco*.

FRENTE PARLAMENTAR BRASIL-ÁFRICA. Bancada formada no Congresso Nacional Brasileiro, em 1999, por iniciativa do deputado afrodescendente Ben-Hur Ferreira, do PT (Partido dos Trabalhadores) do Mato Grosso do Sul, e com o apoio dos parlamentares negros petistas Carlos Santana (do Rio de Janeiro), João Grandão (do Mato Grosso do Sul), Gilmar Machado (de Minas Gerais) e Paulo Paim* (do Rio Grande do Sul), com o objetivo declarado de buscar a superação dos efeitos da desigualdade e da pobreza nos países africanos e no Brasil.

FREQUETÊ. O mesmo que Afrequetê*.

FREVO. Dança acrobática de Pernambuco. Sua origem parece estar ligada às figurações de capoeira* executadas por populares, ao som das bandas militares, nas ruas do Recife antigo. Alberto da Costa e Silva (2003), baseado na observação de uma dança de máscaras ao som de tambores e pífaros na Costa do Marfim, levanta a interessante hipótese de o ritmo e dança do frevo terem origem na África ocidental, mais especificamente entre o povo senufo.

Frevo

FRIANDES, Manuel (1823-1904). Mestre arquiteto brasileiro ativo na Bahia. Integrante da comunidade malê* de Salvador, era homem de grandes recursos econômicos, tendo, inclusive, viajado à Europa. Foi responsável por projetos e pela execução, na capital baiana, de obras como a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco e a Igreja da Lapinha, além das construções do hospital da Beneficência Portuguesa, da estação da Companhia Carris Elétricos, do

mercado da Praça do Ouro, do viaduto Bandeira de Melo e da ponte da Conceição, na cidade de Nazaré. Foi também capitão da Guarda Nacional, vereador e membro de diversas irmandades e instituições beneficentes.

FRIAS, [Marlene Ferreira, dita] **Lena** (1943-2004). Jornalista brasileira nascida em Niterói, RJ, e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Formada em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialista em cultura brasileira, integrou o Conselho de Carnaval da Cidade do Rio de Janeiro e o Conselho Estadual de Cultura. Com carreira iniciada na sucursal carioca do jornal *O Estado de S. Paulo*, destacou-se, a partir da década de 1970, pela produção de densas matérias de denúncia e comportamento, tornando-se especialmente conhecida pela série de reportagens sobre o fenômeno Black Rio*, publicada no *Jornal do Brasil* em 1976.

FRIEDENREICH, Arthur (1892-1969). Jogador de futebol brasileiro nascido e falecido na cidade de São Paulo. Centroavante, várias vezes campeão brasileiro e sul-americano, evidenciou-se como a primeira celebridade do futebol no Brasil. Filho de mãe negra e pai alemão, serviu-se dessa última circunstância para integrar a equipe do Germânia, seu primeiro clube, e ingressar em outros, sem problemas de discriminação. Em 1933, já no São Paulo da Floresta, marcou o primeiro gol do futebol profissional do Brasil, em uma goleada sobre o Santos Futebol Clube. Oito anos antes, em excursão com o Paulistano, consagrou-se na Europa, recebendo na França os epítetos de *Le Roi du Football*, "O Rei do Futebol", e *Le Danger*, "O Perigo". A mitologia a seu respeito diz ter sido Friedenreich o maior artilheiro da história do futebol brasileiro, com mais gols que os 1.284 marcados por Pelé*, e que em cerca de quinhentas cobranças o craque jamais perdeu um pênalti.

FRIJOL DE CARITA. Nome cubano do feijão-fradinho*. Na ilha, é cereal votivo de Babalú Ayé e entra na feitura do *lolé*, alimento de Oxum, e do *ekrú* (ecuru*), que se oferece a Obatalá.

FRIJOL, El. Reduto cubano de escravos fugidos, localizado na Sierra del Cristal, nas montanhas de Oriente.

FRUKU, Príncipe (século XVIII). Personagem da história da escravidão no Brasil. Vendido como escravo pelo rei daomeano Tegbessu (1732-74),

passou 24 anos na Bahia, onde recebeu o nome de Jerônimo, e retornou ao seu país em 1774, por ordem do rei Kpengla, que assumia o governo. Após a morte deste, em 1789, habilitou-se ao trono de Abomé, mas foi preterido, em favor de Agonglo. *Ver DAOMÉ*.

FRUTABOMBA. Nome cubano do mamão, fruto do mamoeiro (*Carica papaya*), que é planta de Oyá. Em Cuba, uma das receitas para apaziguar o anjo da guarda é dormir dezesseis noites seguidas com folhas de mamoeiro e mamona sob o travesseiro.

FRUTA-PÃO (*Artocarpus incisa*; *Artocarpus communis*). Árvore da família das moráceas, de fruto comestível. Nos cultos jejes do Brasil, é a árvore sagrada de Dã (Oxumarê).

FRY BREAD. Nas Ilhas Virgens Americanas, espécie de *dum'bread** frito.

FUBÁ. Farinha de milho ou de arroz da tradição culinária afro-brasileira. Do quimbundo *fuba* (correspondente ao quicongo *mfuba*), "fécula", "farinha".

FUFÚ. Prato da culinária afro-cubana, feito com inhame e banana, cozidos e amassados. Em Bayamo é conhecido como *mogo*, talvez corruptela de *mofongo*, que é um outro nome seu. Na Jamaica, o termo designa uma espécie de guisado com quiabo, carne-seca, camarões etc.

FUGAS DE ESCRAVOS. A história da escravidão negra contempla relatos de fugas de escravos, individuais e coletivas, com diversas motivações e por meio de estratégias as mais variadas. Em artigo publicado na revista *Nossa História*, o historiador Geraldo Antônio Soares (2004) relata o caso de um escravo que, em 1886, no Espírito Santo, sentou praça na polícia para esconder sua condição de fugitivo. No mesmo texto, o autor menciona a situação, no Rio Grande do Sul, de soldados negros que desertavam das tropas regulares para se homiziarem em quilombos. O autor faz referência, ainda, a fugitivos que retornavam ao domínio de seus proprietários porém acompanhados de protetores ou padrinhos, incumbidos de negociar as condições do retorno. Em alguns desses casos, contudo, segundo Soares, os fugitivos não ambicionavam mudar de condição, como era regra geral, mas apenas de senhor.

FU-HSI (*c*. 2900 a.C.). Monarca chinês iniciador das chamadas "dinastias divinas". Tido como negro e de cabelo lanudo, foi o criador das primeiras

instituições políticas, sociais e religiosas chinesas, bem como de sua primeira escrita. *Ver EXTREMO ORIENTE, Negros no*.

FULANI. Designação, na literatura de língua inglesa, do indivíduo dos fulas* ou fulânis (forma não preferível).

FULAS. Povo da África ocidental, falante do fulfulde ou pular e autodenominado fulbe ou haal-pular. Na literatura de língua inglesa, é designado como *fulani*; na de língua francesa, como *peul* (plural: *peules* ou *peuls*). A variante "fula", corrente na Guiné Bissau, país falante do português, é a preferível para o Brasil (conforme nota do tradutor em Bâ, 2003). Tradicionalmente pastores, esses povos levavam uma vida nômade desde pelo menos o início do século XI. No século XV, instalam-se na região do Macina, próximo a Tombuctu, na curva norte do rio Níger, e fundam principados na margem direita do rio Senegal. Entre os séculos XVI e XVII, constituem um Estado nas montanhas do Futa Djalon, na atual Guiné-Conacri. No século XVIII, um grupo migra do Futa Toro, na margem leste do rio Senegal, para se fixar no Gobir, um dos sete Estados hauçás. Etnia dispersa por todos os países da África ocidental e até por alguns da África central, sua Diáspora originou numerosas mestiçagens. A língua por eles falada cobre um território de cerca de 4 mil quilômetros, da Mauritânia ao Chade, sendo igualmente corrente entre outras etnias. *Ver HOMMES ROUGES*; *ISLÃ NEGRO*.

FULEIRO, *Mestre* (1912-97). Nome pelo qual foi conhecido Antônio dos Santos, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos grandes nomes do carnaval carioca, participou da fundação e foi diretor de harmonia da escola de samba Império Serrano*, cargo no qual ganhou o Estandarte de Ouro (uma espécie de "Oscar" do samba) como "personalidade masculina", no desfile de 1977.

FULUPA. Qualificativo étnico de alguns terreiros da mina* maranhense. Provavelmente, de felupe*.

FUMO. *Ver TABACO*.

FUMO DE ANGOLA. Um dos nomes brasileiros da maconha.

FUNAMBUCA. Na congada*, interjeição de assentimento contrariado do rei, concedendo licença para entrar ao embaixador inimigo. Do quicongo

fumbuka, “curvado”, “dobrado”, “submisso” (“Entre, mas curvando-se ante o rei!”).

FUNCHI. Prato à base de farinha de milho da culinária de Saint Martin, nas Pequenas Antilhas. *Ver FUNJE*.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Instituição governamental brasileira, vinculada ao Ministério da Cultura, criada por meio da lei n. 7.668, de 1988, com o objetivo de promover e apoiar iniciativas que objetivem “a integração econômica, política e cultural do negro no contexto social do país”. Um dos trabalhos mais importantes a que a Fundação se dedica desde a sua criação é o de sistematização nacional das comunidades remanescentes de quilombos. *Ver QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

FUNDAMENTO. No Brasil e em Cuba, palavra que, em princípio, designa o recipiente ou local onde se colocam ou plantam os objetos que simbolizam e contêm a força do orixá. Por extensão, o termo designa também a própria força mágica e o conhecimento sobre essa força. Exemplos: “Este terreiro é uma casa de fundamento”; “Fulano tem fundamento”.

FUNDEH. Tambor do *buru** jamaicano.

FUNDO DE QUINTAL, Grupo. Conjunto vocal e instrumental de samba surgido profissionalmente no Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1980. Integrado inicialmente pelos sambistas Bira, Ubirani, Sereno, Neoci*, Jorge Aragão* e Almir Guineto*, todos ligados ao bloco carnavalesco Cacique de Ramos, o grupo vestiu o samba tradicional com uma nova roupagem rítmica, introduzindo, na execução, instrumentos como banjo, tantã e repique de mão (tipos de tambores) em lugar dos instrumentos convencionais. A nova instrumentação trouxe dinâmica diferente ao velho ritmo. E o tipo de reunião musical informal que deu origem e nome ao grupo (nos fundos de um velho quintal suburbano) passou a designar uma forma muito procurada de diversão popular, os “pagodes de fundo de quintal”, ou, simplesmente, os “fundos de quintal”. Daí até a apropriação pela indústria do lazer foi um pulo. Logo, o termo “pagode” passou a rotular um suposto novo gênero musical, sujeito a todo tipo de diluição – à qual o Grupo, passando por várias formações, mas mantendo a estrutura básica, procurava, à época da finalização desta obra, resistir.

FUNDUMUCA. Na congada*, ordem dada pelo rei ao secretário para que vá correndo levar uma mensagem. Do congo *fundumuka*, "pular", "subir", "voar", "evolar-se", "saltar" ("Voe!"), ou do quioco *fundumuka*, "retirar-se", "afastar-se" ou "partir de rompante, irado, indignado".

FUNERÁRIOS, Costumes. Práticas adotadas por todas as sociedades em relação aos mortos. Na África, a celebração festiva da morte natural, principalmente dos idosos, com danças, comidas, bebidas e alegria, é regra geral. Na Diáspora Africana, os rituais do axexê* e do sirrum*, bem como as práticas do gurufim* e dos *jazz funerals**, são mostras de costumes funerários herdados da tradição africana. **Funerais africanos no Brasil antigo:** Residindo e trabalhando no Rio de Janeiro entre 1816 e 1831, o pintor e cronista francês J. B. Debret retratou, em tela e texto, funerais de africanos na cidade, inclusive o do filho de um soberano. Do velório, conforme o artista, participaram dignitários de outras nações que não a do defunto. E o cortejo fúnebre foi conduzido por um mestre de cerimônias que, solene e vigorosamente, abria passagem em meio ao público (*ver GRAND MARSHAL*). Depois dele, vieram um fogueteiro, soltando bombas e rojões, e três ou quatro acrobatas executando saltos e cabriolas. Durante o enterro, foguetes estrondavam e soavam palmas, enquanto cânticos eram entoados em língua africana, acompanhados por instrumentos de percussão. Na Bahia, em 1836 e 1843, segundo João José Reis (1997), jornais davam conta de funerais de africanos proeminentes, acompanhados animadamente por milhares de negros, assustando a população branca, ainda bastante traumatizada com os recentes levantes dos malês. Mas esses funerais estrepitosos, acentua Reis, eram privilégio apenas de africanos ilustres. Os comuns, caso quisessem solenizar suas mortes, tinham de se associar a alguma irmandade católica, caso contrário eram enterrados sem nenhuma pompa, o que sempre constituía presságio de uma atormentada vida além-túmulo. *Ver GURUFIM*.

FUNGADOR-ONÇA. O mesmo que cuíca.

FÚNGI. Variante de funje*.

FUNGI BAND. Orquestra de violões, flauta e triângulo das ilhas Cayman e de Saint Thomas.

FUNGU. Bruxaria, feitiço. Provavelmente de *Fungu*, nome de um inquice* dos bacongos.

FUNJE. Espécie de pirão de farinha de milho ou mandioca, presente em várias culturas da Diáspora Africana. Do quimbundo *funji*, "pirão" ou "massa cozida de farinha" que compõe vários alimentos. *Ver FUNCHI*.

FUNK. Estilo musical oriundo de comunidades negras americanas e difundido internacionalmente, graças ao trabalho de músicos como James Brown* e os integrantes da banda Sly and The Family Stone*. Caracteriza-se pelo diálogo, num clima extremamente dançante, entre baixo e bateria, com uma dinâmica seção de metais pontuando, em contraponto, a melodia principal. Inicialmente designando a característica intrínseca de toda música verdadeiramente afro-americana, isto é, a sua "autenticidade negra", o termo passou depois a intitular um gênero musical, de batida rítmica fortemente acentuada. No Brasil, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, o fenômeno funk, surgido no começo da década de 1970, ganhou grande importância. Inicialmente identificado com o soul* norte-americano e representando a face "festiva" do processo de ressurgimento das organizações políticas negras, o funk, associado à cultura do hip-hop*, passa a tomar caráter de movimento, transformando-se em um dos principais veículos da cultura popular urbana e aglutinando a grande maioria dos jovens negros das cidades. Nesse momento os funkeiros, vitimados por acirrada campanha negativa desencadeada pela mídia, começam a ser vistos como delinquentes perigosos. **Etimologia:** Originalmente, o termo *funk* se traduzia como "catinga", "bodum", e sua origem parece estar no quicongo *lu-fuki*, com o mesmo sentido, o qual é igualmente termo elogioso, aplicado a pessoas que se esforçam, trabalham bem, "suam a camisa". O adjetivo *funky* também ganhou essa extensão de sentido entre os antigos jazzistas americanos: "*He is a funky person*", isto é, "Ele arrebenta, bota pra quebrar".

FUNK CARIOCA. Denominação de uma modalidade musical, variante do funk, surgida no Rio de Janeiro e popularizada a partir da década de 1990. Com letras pretensamente transgressoras porém ingênuas, a base rítmica de suas gravações – ao que consta, oriunda do estilo *Miami bass*, dos músicos latinos da Flórida – deixa a modalidade mais próxima da antiga marchinha carnavalesca do que propriamente do funk ou do rap.

FURÀ. Bebida ritual preparada com arroz ou milho fermentados em água, em terreiros maranhenses. *Ver AFURÁ*.

FURÉ, Rogelio Martínez. Escritor cubano, nascido em Matanzas, em 1937. Folclorista, professor, tradutor e compositor, desempenhou importante tarefa no Instituto de Etnologia e Folclore da Academia de Ciências de Cuba, onde se especializou no estudo da contribuição africana nas Américas. Fundador do Conjunto Folclórico Nacional, no qual desenvolveu um profundo trabalho de recompilação da música tradicional cubana, escreveu e publicou, entre outros livros, *Poesia yoruba* (1963); *Poesia anónima africana* (1968); *Ibeyi Añá, teatro infantil* (1969); *Diálogos imaginarios* (1979-97); *Diwan africano: poetas de expresión francesa* (1988).

FURUNDANGO. Um dos nomes afro-brasileiros do Diabo.

FUSCO, Rosário (1910-77). Escritor brasileiro, nascido em Rio Branco, MG, e falecido em Cataguases, MG. De infância paupérrima, filho de uma lavadeira com um vendedor italiano que jamais conheceu, nem por fotografia, participou do grupo modernista reunido em torno da revista mineira *Verde*. Na década de 1930, no Rio de Janeiro, trocou a poesia pela ficção, destacando-se pelo estilo incomum de sua narrativa, ora comparado ao de Franz Kafka ora ao de James Joyce. Publicou, entre outros livros, os romances *O agressor* (1943), com versão traduzida publicada na Itália e cujos direitos de filmagem foram adquiridos pelo cineasta americano Orson Welles; *O livro de João* (1944); *Carta à noiva* (1954); *O Dia do Juízo* (1961). Em 2003, veio à luz seu romance inédito *A-S-A, Associação dos Solitários Anônimos*.

FUTA DJALON. Região da África ocidental, na porção norte da atual Guiné-Conacri, onde se localizou um célebre reino constituído pelos antigos fulas*. O Futa Toro, outra região importante, localiza-se no atual Senegal.

FUTE. Um dos nomes do diabo na fala dos antigos negros brasileiros.

FUTEBOL. Esporte introduzido no Brasil por imigrantes ingleses em 1894, o qual logo ganhou popularidade entre as massas. A participação de afro-brasileiros nessa modalidade começa a se dar, com restrições, ainda nos tempos do amadorismo. Tal foi o caso do Bangu Atlético Clube*, fundado no Rio de Janeiro em 1904, na comunidade de uma fábrica de tecidos, e no qual atuou, já no primeiro campeonato carioca, em 1906, o goleiro Manoel

Maia, o primeiro afrodescendente a integrar uma equipe de futebol no Brasil. Incomodada, a Liga Metropolitana, no ano seguinte, proibiu o registro de atletas negros, numa decisão depois revogada. Mas, em fevereiro de 1924, em represália a clubes, como o Vasco da Gama, que acolhiam "jogadores negros e mulatos, sem emprego fixo", Fluminense, Flamengo, Botafogo e outros abandonaram a Liga de Futebol e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos. Tal tipo de ação, e consequente reação, verificava-se em várias partes do país. No Rio Grande do Sul, por exemplo, na capital em 1915 e quatro anos depois em Pelotas, surgiam, como reação à discriminação, respectivamente, a chamada Liga da Canela Preta e a Liga José do Patrocínio, para congregar os clubes de futebolistas negros. Com a instituição gradual do profissionalismo, a partir de 1933, pretos, mulatos e pobres em geral começaram a ser admitidos nos clubes burgueses, mas ainda dentro de uma hierarquização que distinguia claramente os atletas (sócios dos clubes) dos jogadores (empregados). Completamente profissionalizado, o futebol enfim tornou-se um dos mais significativos veículos de mobilidade social dos negros. Reconhecido mundialmente, durante muito tempo, como uma espécie de arte, permeada de movimentos inconscientemente herdados do samba e da capoeira, o futebol brasileiro revelou o talento de incontáveis jogadores afrodescendentes, boa parte deles presente em verbetes ao longo desta obra. Em julho de 1999, na Copa das Confederações, ocorrida no México, o Brasil apresentava, pela primeira vez, uma seleção integrada exclusivamente por jogadores negros. Em 2008, entretanto, discutia-se a europeização do estilo brasileiro de jogar futebol, em função da exportação em massa de jogadores profissionais ainda adolescentes, em especial para países da União Europeia.

Futebol

G

G'A SEMBI. Conselho de anciãos dos *bush negroes* da Guiana e do Suriname.

GA. Povo africano localizado no atual Togo. Originário da antiga Costa do Ouro, lá constituiu, próximo a Acra, o Reino de Guenygbo, cujo apogeu se deu entre 1610 e 1660.

GÃ. Nome jeje do agogô*. Do fongbé *gan*, "sino".

GÁ, Luiz Carlos [Gonçalves de Almeida, dito]. Designer gráfico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1945. Formado pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual foi também professor, tornou-se, por sua militância, o artista mais requisitado pelas organizações do movimento negro no Rio de Janeiro. Assim, o conjunto de sua obra, envolvendo folhetos, cartazes, revistas, livros etc., constitui um registro vivo da produção política e cultural desse universo, desde a década de 1970.

GABÃO. Nome pelo qual é conhecida a República Gabonesa, país localizado no Centro-Oeste africano, limitado ao norte por Camarões, a noroeste pela Guiné Equatorial, a oeste pelo oceano Atlântico e a leste e sul pelo Congo-Brazzaville. Sua capital é Libreville e seus principais grupos étnicos são fangs, kweles, punus e nzabis. A região permaneceu quase sem nenhum contato com os europeus até o século XIX, quando os franceses começaram, a partir de alianças com chefes do litoral, a penetrar no interior e a colocar em prática sua obra de colonização. No Brasil, o nome "gabão" foi usado, como gentílico, para designar os escravos provenientes do território da atual República Gabonesa e adjacências, e também como qualificativo, significando "falso, ilegítimo, não verdadeiro", por uma crença preconceituosa de que os escravos gabões, pela notória resistência à escravidão, seriam dissimulados e traiçoeiros.
GABRIEL, Davi (século XIX). Personagem da história judiciária do Brasil. Escravo da Casa Imperial acusado de um crime, foi absolvido em 1854. Não obstante, foi recolhido à Ilha das Cobras, depois à fortaleza de Santa Cruz e, mais tarde, à Casa de Correção, como condenado perpétuo às galés, lá permanecendo até 1869. Seu caso foi largamente utilizado pela imprensa opositora ao governo imperial.
GABRIEL, Prosser (c. 1775-1800). Líder rebelde americano. Escravo em Henrico County, Virgínia, organizou, com o apoio de alguns índios e brancos, uma revolta com o fim de estabelecer um governo popular. Em agosto de 1800, após vários meses de conspiração, mais de mil escravos das plantations, sob as ordens de Gabriel, rumaram para Cleveland, de onde partiriam para tomar Richmond, a capital do estado. O plano era matar todos os brancos do condado (os negros representavam três quartos da população), exceto franceses e quakers, simpáticos ao movimento, além de mulheres idosas e crianças. Entretanto, delatado o levante, o líder e mais cerca de trinta seguidores foram enforcados. Segundo a tradição, mesmo duramente torturado, em nenhum momento Gabriel confessou seus objetivos.
GAFIEIRA. Espécie de clube recreativo aberto, dedicado essencialmente à promoção de bailes populares com entrada paga. Segundo a tradição, as gafieiras começaram a se instalar no centro da cidade do Rio de Janeiro por

volta de 1847, a primeira delas tendo funcionado no número 327 da rua da Alfândega. Propagando-se pela região da Pequena África*, elas passaram a ser frequentadas predominantemente por negros, proibidos de dançar nos clubes sociais. Eis algumas famosas gafieiras cariocas: Ameno Resedá, Amantes da Arte, Cachopa, Dancing Vitória (Irajá) e Kananga do Japão (que existiu no número 44 da rua Senador Eusébio, perto da Praça Onze*, de 1914 a 1929), além de Elite Club, na Praça da República, e Estudantina Musical, na Praça Tiradentes, ainda existentes à época deste texto. Um dos principais símbolos do recreativismo afro-carioca até os anos de 1960, elas foram, com suas rígidas normas de comportamento e formalidade no trajar, centros irradiadores de uma moda característica, muitas vezes inspirada nos figurinos do Harlem*. Meios de expressão da fé popular, quase todas elas tiveram seus santos protetores entronizados nos salões. Redutos da melhor música popular, em seus palcos brilharam músicos e cantores negros como Raul de Barros*, Cipó*, Jamelão* e Elisete Cardoso*, entre outros. *Ver BAILES NEGROS*.

GAGA. Espécie de religião de base africana das Antilhas Francesas. O nome designa, ainda, a versão dominicana do carnaval *rara** do Haiti.

GAIMPÊ. Em terreiros jejes-nagôs cariocas, substituto do baji-gã.

GAIRY, Eric (1922-97). Político granadino. Egresso do movimento sindical, em 1951 fundou o primeiro partido político de seu país, o Partido Trabalhista Unido de Granada (Gulp), sendo eleito para o Parlamento local, o qual dirigiu de 1951 a 1957, entre 1961 e 1962 e de 1967 a 1974. Na sequência, tornou-se o primeiro-ministro de Granada, tendo sido deposto por um golpe militar em 1979.

GALANGA. Em Cuba, espécie de *malanga**; erva comestível semelhante ao espinafre.

GALINHA-D'ANGOLA. Denominação comum a três espécies de aves galináceas da família dos numidídeos, a saber: *Numida meleagris* (a mais comum); *Numida vulturina* (pintada, abutre ou real) e *Numida cristata* (pintada, com crista). Originárias das estepes da África e de Madagáscar, hoje estão aclimatadas às regiões quentes das Américas, da Índia etc. Quanto aos sacrifícios rituais, é a ave preferida pela maioria dos orixás. No candomblé, suas penas são colocadas na cabeça e no corpo da iaô*, após o

sundidé*. Um dos mitos iorubanos sobre a origem do mundo conta que foi a galinha-d'angola que, sobre as águas iniciais, ciscou uma porção de terra e a espalhou por todas as direções, fazendo nascer a terra firme. Por essa e outras razões, é considerada a primeira entre as aves, a primeira iaô*, o animal mais importante dentro da tradição dos orixás. Diz-se também "conquém" e "etu".

GALINHA TONTA. Alcunha de Edwalson Bispo dos Santos, tipo popular da cidade de São Francisco, MG, nascido por volta de 1965. Cozinheiro de profissão, demonstrou incrível aptidão para línguas, tornando-se fluente em idiomas difíceis como japonês e alemão, além de outros mais familiares, como inglês, francês, espanhol e italiano. Tal habilidade lhe valeu, em setembro de 1997, uma reportagem no programa *Via Brasil*, do canal Globo News.

GALINHAS. *Ver GURUNSIS*; *VAI*.

GALIZA, André Fernandes (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. No posto de alferes, destacou-se na Guerra do Paraguai*.

GALLOZA, Rubén (1926-2002). Pintor, poeta e músico uruguaio nascido em Montevidéu e radicado em Buenos Aires, Argentina. Famoso desenhista e pintor de estampas do candombe*, dedicou-se a realizações de promoção da cultura negra, como a de um grande espetáculo intitulado *Negro Kan*. Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

GALVÃO. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Eldorado, SP.

GALVÃO [de Carvalho]**, Trajano** (1830-64). Poeta brasileiro nascido em Mearim e falecido em São Luís, MA. Um dos precursores da literatura abolicionista, sua obra completa está enfeixada em *Sertanejas*, livro póstumo, lançado em 1898. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

GÁLVEZ, Zoila (1902-85). Cantora lírica cubana nascida em Guanajay. Iniciou sua carreira de soprano em Milão; em 1924, estreou em Roma como primeira figura da ópera *Rigoletto*, de Verdi, e, no ano seguinte, apresentou-se na Sala Pleyel em Paris. Entre 1927 e 1928, foi a primeira soprano da Companhia Miller & Lyles, em Nova York. Em 1951, deu um memorável concerto no Town Hall, também em Nova York, apresentando-se, dois anos depois, com sucesso ainda maior, no Carnegie Hall. Tendo sido professora de

canto no Conservatório Musical de Havana, atividade iniciada em 1927, recebeu inúmeras homenagens e honrarias dentro e fora de seu país.

GAMA, Almerinda Farias (1899-*c*. 1992). Líder sindical e feminista brasileira nascida em Maceió, AL, e falecida no Rio de Janeiro. Em Belém do Pará, cidade em que foi morar ainda menina, tornou-se datilógrafa profissional, além de colaborar como escritora em jornais locais. Em 1929, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi presidente do Sindicato dos Datilógrafos e Taquígrafos, atuando também na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Cinco anos mais tarde, candidatou-se à Câmara Federal, não conseguindo se eleger porém destacando-se por suas ideias e propostas. Em 1943, atuava como advogada e líder na Associação dos Escreventes da Justiça do Distrito Federal.

GAMA, [José] **Basílio da** (1741-95). Poeta nascido em São José do Rio das Mortes, MG, e falecido em Lisboa. Um dos expoentes do arcadismo, autor do célebre poema *O Uraguay*, de 1769, é referido como filho legítimo e descendente de fidalgos no *Dicionário literário brasileiro* (Menezes, 1978). Entretanto, Arthur Ramos (1956, p. 155), em *O negro na civilização brasileira*, classifica-o como "'trigueirão', portanto mulato claro".

Basílio da Gama

GAMA, Domício da (1862-1925). Diplomata e escritor brasileiro nascido em Maricá, RJ, e falecido na capital desse estado. Embaixador nos Estados Unidos, no período de 1914 a 1918, e na Inglaterra, em 1920-21; ministro das Relações Exteriores, em 1919, e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, é referido como "mulato" por José Honório Rodrigues (1964). Segundo Gilberto Freyre (1974), em *Ordem e progresso*, era muito bem-apessoado, "um mestiço eugênico". Eça de Queirós o chamava "o mulato cor-de-rosa".

GAMA, Luiz [Gonzaga Pinto da] (1830-82). Advogado, poeta e jornalista brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em São Paulo. Filho da

legendária Luiza Mahim* com um fidalgo brasileiro, aos 10 anos de idade foi vendido como escravo pelo pai. Integrou o corpo de redatores do *Radical Paulistano*, distinguindo-se como um dos maiores líderes abolicionistas brasileiros. Poeta, escreveu poemas satíricos entre os quais o célebre "A bodarrada", em que questiona o suposto percentual majoritariamente branco da sociedade nacional. Com esse poema, publicado em 1859, tornou-se o primeiro escritor brasileiro a assumir explicitamente sua identidade negra, sendo, portanto, o fundador da literatura de militância negra no Brasil. Advogado, especializou-se na libertação de pessoas que eram mantidas em escravidão ilegal, conseguindo alforria para mais de quinhentos indivíduos. Sua posição a respeito da presunção de legítima defesa nos assassinatos de senhores por escravos conferiu-lhe posição ímpar no seio do movimento abolicionista.

GAMARRA, Francisco de (séculos XVI-XVII). Mestre de obras peruano. Filho de escravos, adquiriu sua liberdade e sua especialização profissional na Espanha, tendo chegado a Lima em 1576. Destacou-se como o mais requisitado construtor civil da capital peruana entre as décadas de 1570 e 1590, tendo planejado e executado, para a municipalidade, inúmeros projetos de edifícios e melhoramentos.

GAMA-ZUMBIGANAIME. Nome africano do Rei do Congo ou Rei Congo*, personagem das congadas. Origina-se da fusão de vários termos do quimbundo e do quicongo ligados à ideia de realeza, talvez formando uma expressão como "*Ngana Nzumbi, Ngana ia mi*", "Rei Zumbi, meu senhor".

GAMBA. Adepto do culto omolocô. *Ver CAMBA.*

GAMBÁ. Tambor da tradição afro-brasileira que conduz a dança de mesmo nome, aparentada com o lundu*.

GÂMBIA, República da. País localizado no extremo oeste africano. Estreita faixa de terra limitada a norte, leste e sul pelo Senegal e a oeste pelo oceano Atlântico, sua capital é Banjul, ex-Bathurst. Sua história pré-colonial se associa à dos impérios de Gana, Mali e Sonrai e à da República do Senegal, com a qual constituiu durante algum tempo a Confederação da Senegâmbia.

GAMBOA, María. *Ver MALIBRÁN NEGRA, La.*

GAMELA. Recipiente de refeição comum dos escravos dos engenhos brasileiros. A expressão popular "Não sou da sua gamela", com que no Nordeste brasileiro outrora se rejeitava a igualdade ou o comunitarismo por outrem pretendido, remete a esse hábito imposto.

GAMELEIRA-BRANCA (*Ficus doliaria*). Árvore da família das moráceas, de grande importância na tradição dos orixás. É a morada do orixá Iroco* e, por isso, recebe culto especial. No Brasil, recebeu essa consagração em substituição à árvore africana *Chlorophora excelsa*, chamada *ìrókò* pelos iorubás.

GANA, Antigo. Estado constituído na África ocidental, entre os anos 700 e 1240, aproximadamente onde hoje se situam a porção oeste do território da República do Mali e o Sudeste da Mauritânia. Também referido pelo nome de Uagadu, teria sido fundado por povos mandingas do subgrupo soninkê. No século IX, o Gana controlava toda a região do Wangara, entre o Alto Níger e o rio Senegal, produtora de grandes quantidades de ouro, as quais eram comercializadas pelo Saara. Por volta de 1076, sua capital, Kumbi Saleh, era conquistada por berberes almorávidas, com o império entrando em rápida decadência, até ser anexado por Sundiata*. *Ver ISLÃ NEGRO.*

GANA, República de. País da África ocidental. Limitado ao norte por Burkina Fasso, a oeste pela Costa do Marfim, a leste pelo Togo e ao sul pelo golfo da Guiné, tem como capital a cidade de Acra. Região outrora chamada Costa do Ouro, sua história pré-colonial está intimamente relacionada com a do povo axânti*, que constitui, juntamente com o povo fânti, um de seus grupos étnicos majoritários. Em 1957, quando da independência, seus líderes rebatizaram o país com o nome de um dos grandes impérios da Idade Média africana. *Ver GANA, Antigo.*

GANANZAMBI. Designação do Deus supremo em algumas antigas macumbas cariocas. Do quimbundo *Ngana Nzambi*, "Senhor Deus".

GANATURIZA. Personagem de algumas congadas paulistas.

GANCHURIME. Entre os antigos negros peruanos, termo correspondente ao português "meu amigo".

GANDA. Denominação dada nos livros de registro do tráfico de escravos no Brasil ao indivíduo dos gandas da atual República de Uganda ou aos

ngandas, subgrupo dos ovimbundos.

GANDINGA. Espécie de guisado da culinária afro-cubana, outrora preparado com fígado ou bofe cortados em pequenos pedaços e cozinhados em molho denso.

GANDU. Toada sertaneja antiga, executada na viola. O termo é referido por Gregório de Matos e a acepção parece ser a de instrumento musical: "[...] se vos não hão de emendar/ estas lições de gandu [...]" (*As obras poéticas do dr. Gregório de Matos e Guerra*, 1775). No quicongo, *ngandu* é uma corneta feita de presa de elefante e que emite a nota sol ou o acorde que lhe corresponde, isto é, a quinta (conforme Laman, 1936).

GANGA [1]. *Ver NGANGA.*

GANGA [2]. Chefe dos antigos terreiros cambindas*. O termo designa também um Exu muito pesado e sombrio (*ver EXU*). Do termo multilinguístico banto *nganga*, "feiticeiro". Entre os mbochis, da bacia do Congo, *nganga* é o mestre, o técnico, alguém competente em uma atividade, e a qualificação expressa uma função social.

***GANGA* [3].** Bailado de Trinidad e Tobago, ligado ao culto de divindades africanas.

GANGÁ [1]. Tambor de grandes proporções, da tradição afro-brasileira. Do hauçá *ganga*, "grande tambor militar".

***GANGÁ* [2].** Em Cuba, segundo Pichardo (1985), denominação étnica dos escravos provenientes da província de mesmo nome, situada na região das atuais repúblicas de Guiné-Conacri e Serra Leoa, incluindo os subgrupos *longobá*, *maní* e *quisí*.

GANGA NSUMBA. Entidade espiritual de origem angolana cultuada em Matanzas, Cuba, no século XIX. *Ver GANGA ZUMBA*.

GANGA ZONA (século XVII). Ex-líder palmarino* que, a mando do governador dom Pedro de Souza Castro, propôs rendição a Zumbi, sem conseguir convencê-lo. Suas ligações com Souza Castro eram tão fortes que foi batizado por ele, recebendo o mesmo nome cristão. Seu nome banto parece estar relacionado ao verbo quicongo *zona*, "ser prudente, moderado, calmo" (e, certamente, conciliador).

GANGA ZUMBA (?-1680). Principal líder dos quilombos de Palmares antes de Zumbi. *Ver PALMARES*.

GANGALANFULA. Entre os congos cubanos, espírito da natureza, dono da vegetação, comparável ao Ossãim iorubano. Por extensão, a cabaça mágica pertencente a esse espírito, também chamada *gurunfinda**.

GANGA-MUÍÇA (século XVII). Comandante em chefe das forças palmarinas em 1677, considerado, em relatos de contemporâneos de Palmares*, "um corsário muito soberbo".

GANGAN. *Ver GUINGUEN.*

GANGARUMBANDA. Inquice da nação angola correspondente a Oxalufã.

GANGAZÂMBI. Um dos nomes afro-brasileiros do Deus supremo.

GANGSTA RAP. Variante do rap* em que as letras retratam, de maneira acintosa, o cotidiano de violência das gangues de jovens negros americanos. A expressão se traduz, literalmente, como "rap de gângsteres". Entre os principais nomes dessa corrente contam-se: Dr. Dre (Andre Young, nascido em Los Angeles, em 1965); Ice Cube (O'Shea Jackson, nascido em Los Angeles, em 1969); e Ice-T (Tracy Marrow, nascido em Nova Jersey, em 1958). Alguns desses rappers, como Ice Cube, por trás da postura extremamente agressiva, engajaram-se também na luta pela promoção do povo negro em seu país.

GANGU MUSSÁ. *Ver KANKU MUSSÁ.*

GANGUELA. Indivíduo de um dos grupos étnicos bantos atingidos pelo tráfico escravista; a língua dos ganguelas. De *ngangela*, "povo do Leste de Angola".

GANGULERO. Uma das denominações do principal ritualista nos cultos congos cubanos.

GANHADEIRA. Feminino de ganhador. *Ver GANHADORES.*

GANHADORES (Negros de ganho). Denominação dada no Brasil aos escravos urbanos cuja modalidade de trabalho consistia, geralmente, em oferecer seus serviços de forma remunerada, repassando a seus senhores parte de seus ganhos. Tais escravos buscavam, por conta própria, atividades que lhes garantissem a sobrevivência. Para tanto, gozavam de autonomia e liberdade de locomoção, e muitos deles só iam à casa de seus senhores para pagar, diária ou semanalmente, a remuneração estipulada, executando, até mesmo, em algumas situações, trabalho assalariado. A escravidão de ganho

incluía, principalmente, transportadores de cargas e carregadores de cadeirinhas e palanquins, mas também vendedores ambulantes, quitandeiros, barbeiros, marinheiros, pescadores, trabalhadores na indústria, na construção civil etc. Quanto às mulheres ganhadeiras, eram elas que dominavam o pequeno comércio de rua de cidades como Rio de Janeiro e Salvador. Depois de alforriados, a tendência dos antigos escravos de ganho era se estabelecerem em seus pequenos negócios, trabalhando autonomamente, sem procurar emprego. E essa tendência permaneceu até as primeiras décadas do século XX, quando se encontravam, entre os compositores do samba, por exemplo, muitos trabalhadores por conta própria, como lustradores de móveis, empalhadores de cadeira etc.

GANJA. Denominação da maconha, fumada ritualisticamente, entre os adeptos do rastafarianismo*.

GANTOIS, Terreiro do. Nome pelo qual é popularmente conhecido o "Egbé Oxóssi Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê", de nome civil "Sociedade Beneficente São Jorge do Gantois", comunidade religiosa sediada no Alto do Gantois, em Salvador, BA. Suas raízes estariam, segundo algumas versões, no chamado "candomblé do Moinho", fundado na década de 1880 pela ialorixá Maria Júlia da Conceição Nazaré, às vezes referida como "Júlia Maria". Em 1910, assume a liderança, do Moinho e depois do Ilê Iyamassê, a ialorixá Pulquéria, falecida em 1918. Então, o terreiro experimenta um recesso que vai até a entronização de Mãe Menininha, a qual lidera o Gantois de 1922 a 1986, para ser sucedida por Mãe Cleusa, sua filha biológica, que comanda o terreiro de 1986 até sua morte, em 1998. Em dezembro de 2002, depois de novo recesso, assume a chefia Mãe Carmem, também filha biológica de Mãe Menininha do Gantois*.

GANZÁ. Espécie de chocalho cilíndrico da tradição afro-brasileira. Do quimbundo *nganza*, "cabaça". O termo também ocorre como corruptela de canzá (reco-reco).

GAO. Cidade-estado da Idade Média africana, centro do poder do Império Sonrai.

GARANGUE. Nos livros do tráfico de escravos para o Brasil, designação de um grupo étnico banto. De galangue, subgrupo dos ovimbundos*.

GARAỌN. Tambor sagrado dos *garífunas**, utilizado no culto dos ancestrais.

GARCIA D'ÁVILA. *Ver SADISMO.*

GARCÍA, Juan Francisco (1892-1974). Compositor dominicano nascido em Santiago de los Caballeros e falecido em Santo Domingo. Juntamente com Ramón Díaz*, é um dos dois únicos artistas negros mostrados em fotografia na importante enciclopédia *Música y músicos de Latinoamerica*, de Otto Mayer-Serra (Cidade do México, Atlante, 1947).

GARCIA, Léa. Atriz nascida no Rio de Janeiro, em 1935. Com carreira iniciada no Teatro Experimental do Negro, participou das montagens de *O imperador Jones* (1953); *O filho pródigo* (1953); *Onde está marcada a cruz* e *Todos os filhos de Deus têm asas*, no Festival Eugene O'Neil (1954); *Perdoa-me por me traíres* (Teatro Municipal, 1957); *Sortilégio* (Teatro Municipal, 1957); e da remontagem de *Orfeu da Conceição* (1995). No cinema, integrou, entre outros, o elenco de *Orfeu do Carnaval* (1958), do francês Marcel Camus, e *A deusa negra* (1979), do nigeriano Ola Balogun. Em 1997-98 fez parte do elenco da telenovela *Anjo mau*, na Rede Globo, tendo participado de várias outras novelas televisivas.

GARCÍA, Ño Filomeno (século XIX). Nome cubano de Atandá, escravo escultor *lucumí**, fabricante dos primeiros conjuntos de tambores batá* construídos e batizados segundo os fundamentos rituais iorubás em Cuba, por volta de 1830. Foi também fundador do *cabildo** Yemayá, em Regla.

GARCIA, Nunes. *Ver NUNES GARCIA JR., José Maurício.*

GARCIA, Padre José Maurício Nunes. *Ver PADRE JOSÉ MAURÍCIO.*

GARCIA JR., José Maurício Nunes. *Ver NUNES GARCIA JR., José Maurício.*

GARES, Isabelino José (?-1936). Poeta, dramaturgo e jornalista uruguaio falecido em Montevidéu. Ativo militante da causa negra, colaborou na revista *Nuestra Raza* e fez parte do Partido Autónomo Negro. É focalizado na *Antología de poetas negros uruguayos*, de A. B. Serrat (1996).

GARIBALDI, O mouro de. *Ver AGUIAR, Andrés.*

GARÍFUNAS. Denominação popularmente usada para designar o povo garinagu, originário da ilha de São Vicente, nas Pequenas Antilhas, hoje habitando região que se estende do Caribe até o litoral estadunidense. Observe-se que, para maior correção etnolinguística, o termo *garífuna* se aplica ao indivíduo, enquanto "garinagu" nomeia a comunidade. Nos séculos XVII e XVIII, escravos fugidos misturaram-se aos indígenas *karaib* (caribes), originando um povo de características peculiares o qual os europeus chamaram de *black caribs* (caribes negros). No final do século XVIII, os caribes negros revoltaram-se contra o governo britânico, que, temendo a repetição dos episódios revolucionários que sacudiam o Haiti, os derrotou em 1797, deportando cerca de 4 mil indivíduos para a ilha de Roatán. Dessa ilha, apesar de reduzidos a menos da metade em consequência de uma epidemia de varíola, eles conseguiram chegar ao continente. E, no século XIX, migrando pelos litorais de Guatemala, Honduras e Nicarágua, misturaram-se aos povos nativos e até europeus, dando origem aos *black caribs* centro-americanos, basicamente ameríndios na cultura mas africanos na religiosidade e na aparência. Na década de 1990, havia de 20 a 30 mil desses indivíduos na América Central; nos Estados Unidos, seus parentes e descendentes somam cerca de 250 mil pessoas.

GARIMPEIROS. Trabalhadores em garimpo, local de exploração rudimentar de jazidas minerais. No século XVIII, na região diamantina de Minas Gerais, a exploração de diamantes, legalmente permitida somente aos contratadores, por meio de seus escravos, fez surgirem os garimpeiros, em geral escravos fugidos que faziam mineração clandestina nas grimpas (daí "grimpeiros", e depois "garimpeiros") dos morros, sendo duramente perseguidos pelas autoridades coloniais. *Ver ISIDORO*.

GARINAGU. *Ver GARÍFUNAS*.

GARNER, Erroll (1921-77). Pianista e compositor americano nascido em Pittsburgh e falecido em Los Angeles. Criador de um estilo jazzístico romântico e bastante popular, é autor, entre outras obras, de *Misty*, um clássico da música popular americana.

GARNET, Henry Highland (1815-82). Abolicionista americano nascido em New Market, Maryland, e falecido em Monróvia, Libéria. Neto de um chefe africano e nascido escravo em uma plantation, em 1824 foi

para Nova York, com a família, em fuga planejada e executada pelo pai. A partir de então, estudando e progredindo, formou-se pastor presbiteriano e foi um dos mais veementes defensores da causa abolicionista. Em 1864, já radicado em Washington, DC, no aniversário da emenda constitucional que aboliu a escravatura, tornou-se o primeiro negro a discursar perante o Congresso americano. Em 1881, foi nomeado embaixador na Libéria, onde faleceu no ano seguinte.

GARRIDO, Juan de (século XVI). Personagem da história da América hispânica. Militar de origem africana, por volta de 1510 participou, sob o comando de Diego Velázquez, da conquista e pacificação de Cuba; depois, acompanhou Ponce de León a Porto Rico e Flórida. Em 1519, integrou o exército de Cortez e participou da tomada de Tenochtitlán. Mais tarde, em Cloacán, onde possuía uma pequena propriedade, semeou os primeiros grãos de trigo em solo mexicano. Segundo algumas versões, embora nascido na África, teria ido voluntariamente para a Europa, na condição de homem livre. Em 1550 era já falecido.

GARRIDO, Toni. Pseudônimo de Antônio Bento da Silva Filho, cantor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1967. Ex-integrante do grupo baiano Banda Bel, em 1993 ingressou no grupo de reggae e pop Cidade Negra*. Em 1999, interpretou o papel-título de *Orfeu*, nova versão cinematográfica da peça *Orfeu da Conceição**, dirigida por Cacá Diegues; em 2008 deixava o Cidade Negra para seguir carreira musical individual.

GARRINCHA (1933-83). Alcunha de Manuel Francisco dos Santos, jogador de futebol brasileiro nascido em Magé, RJ, e falecido no Rio de Janeiro. Nos anos de 1950, depois de ter sido rejeitado por vários clubes por ter pernas defeituosas, ingressou no Botafogo carioca. Dono de um drible desconcertante, cumpriu uma trajetória de raro brilhantismo, tendo sido campeão mundial em 1958 e 1962. Celebrado por Vinicius de Moraes no poema “O anjo das pernas tortas” e pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade no filme *Garrincha, alegria do povo*, é considerado, segundo muitas opiniões abalizadas, o maior jogador de futebol do mundo em todos os tempos. Após seu falecimento, vitimado pelo alcoolismo, teve sua vida focalizada no livro *Estrela solitária* (Companhia das Letras, 1995), de Ruy Castro, autor que lhe atribui origem ameríndia.

GARVEY, Amy Jacques (1896-1973). Ativista e jornalista jamaicana. Esposa de Marcus Garvey*, escreveu e publicou uma biografia de seu marido, além de dois livros contendo o substrato do pensamento desse líder pan-africanista.

GARVEY, Marcus [Mosiah] (1887-1940). Líder pan-africanista nascido na Jamaica e falecido no exílio, em Londres. Grande orador, firme e inteligente, foi o primeiro a formalizar a ideia pan-africanista de soberania política das nações negras e de retorno da Diáspora ao continente de origem. De acordo com esse propósito, em 1914 fundou a Universal Negro Improvement Association (Unia, Associação Universal para o Progresso do Negro), entidade que chegou a ter entre 4 e 6 milhões de membros distribuídos por vários países. Em 1916, transferiu a sede da associação para os Estados Unidos, onde passou a publicar, a partir de 1918, o semanário *The Negro World*, órgão precursor na divulgação das ideias do afrocentrismo*. Em agosto de 1920, a Unia realizava seu primeiro congresso de âmbito nacional. Perseguindo o objetivo de criar um Estado negro na África e ante a constatada impossibilidade de os descendentes de africanos gozarem de direitos plenos nos Estados Unidos, Garvey criou a Black Star Shipping Line, uma companhia de marinha mercante que faria a rota Estados Unidos-África, integrada por navios velhos comprados a armadores brancos e que, ao que consta, não chegaram a sair do estaleiro. Em 1928, o líder voltava à Jamaica, deportado, acusado de "fraude fiscal". Derrotado e humilhado por seus adversários, exilou-se em Londres, de onde, em 1935, condenou a fraqueza de Hailé Selassié diante da invasão da Etiópia pelo fascismo italiano, o que afastou muitos de seus antigos seguidores (*ver RASTAFARIANISMO*). Em 1964, seus restos mortais foram trasladados para a Jamaica e sua memória reabilitada como a de um grande herói nacional.

GASOLINA (?-1996). Pseudônimo de Antônio Monte Lima, cantor brasileiro que desfrutou relativo prestígio nas décadas de 1950 e 1960, no rádio, cantando sambas bem-humorados, e no cinema, tendo participado do filme *O cantor e o milionário*, produção paulista de 1958. Nos últimos tempos, foi apresentador e produtor de espetáculos para turistas, em casas noturnas da Zona Sul carioca.

GATAS, AS. Conjunto vocal feminino fundado em 1967, no Rio de Janeiro, sob a liderança da cantora Dinorah*. Integrado também pelas vocalistas Zélia, Zenilda e Nara (substituta de Eurídice, não afrodescendente e participante da formação inicial), embora especializado em repertório carnavalesco, destacou-se pela constante presença em shows e pelas gravações de intérpretes de várias tendências, do samba ao pop dominante na cena musical brasileira à época da finalização desta obra.

GATATUMBA. Antiga dança de negros em Cuba.

GATES JR., Henry Louis. Escritor norte-americano nascido em 1947. Professor de inglês e estudos afro-americanos na Harvard University, é um dos organizadores, juntamente com Kwame Anthony Appiah, da *Africana: The encyclopedia of the African and African American experience*, publicada em 1999.

GAÚCHO (1914-75?). Nome pelo qual foi conhecido Edmur Péricles Camargo, revolucionário brasileiro nascido em São Paulo. Jornalista e de compleição bastante forte, militou em vários movimentos de esquerda desde a década de 1950. Banido do país em 1971, exilou-se no Chile juntamente com outros companheiros. Após a derrubada de Salvador Allende, foi para a Argentina, desaparecendo quando tentava entrar clandestinamente no Brasil com outros banidos. Segundo relatórios oficiais, teria sido preso por autoridades brasileiras e argentinas em junho de 1975, no aeroporto de Buenos Aires, em trânsito do Chile para o Uruguai, usando o nome falso de Henrique Vilaça.

GAÚCHOS NEGROS. A denominação "gaúcho" é originalmente étnica, criada para nomear o resultado do cruzamento de indivíduos brancos com indígenas. Entretanto, o termo teve seu uso alargado para distinguir o homem dos pampas, independentemente de sua origem. Nos pampas brasileiros, uruguaios ou argentinos sempre houve, nas estâncias, escravos ocupados em tarefas rurais, hábeis nas artes gauchescas de laçar e marcar o gado. Além destes, havia os negros fugidos, *cimarrones*, vivendo sua liberdade em meio à vida nômade dos gaúchos. Esses personagens frequentam a literatura gauchesca, principalmente o célebre poema épico *Martín Fierro*, em geral na figura do negro *payador*, hábil na *vihuela* (precursor do violão atual), no desafio, e que, expresso no arquétipo do

Moreno, muitas vezes atinge dimensões diabólicas. Célebre gaúcho negro foi Melitón, escravo de um certo don Santos Ugarte, por volta de 1807, na localidade de Chascomús, nos pampas argentinos. Extremamente fiel a seu amo, porém amante da liberdade, juntou dinheiro e propôs a compra de sua alforria, oferecendo-se, entretanto, para permanecer ao lado do patrão, trabalhando de graça. Don Ugarte, ofendido com a oferta, expulsou o negro de sua estância, ordenando-lhe que nunca mais voltasse, sob pena de ser assassinado. Melitón, chorando, deixou o lugar e passou dois anos comprando e vendendo gado, com bons resultados financeiros. Premido, contudo, pela saudade da velha estância, um dia voltou e acabou sendo morto pelo antigo amo, com um tiro no peito. Don Ugarte fugiu e acabou, de acordo com o que se conta, enlouquecendo de remorso e saudade, repetindo que matara um "pobre moço", a quem considerava como um filho (conforme J. L. Lanuza, 1946).

GAUGUIN, Paul (1848-1903). Pintor francês nascido em Paris e falecido nas ilhas Marquesas. Um dos iniciadores da pintura moderna, segundo A. da Silva Mello (1958), "era mulato".

GAVILÁN. Antigo gênero de *rumba brava*. *Ver RUMBA*.

GAY. Segundo Clarence Major (1987), termo nascido na gíria dos negros norte-americanos, para designar o homossexual masculino, e que ganhou circulação internacional. O antropólogo Luiz Mott (1999) associa a origem do termo ao "catalão-provençal" do século XIII.

GAY, Tenente (século XIX). Chefe militar uruguaio. Partidário do general Artigas, adquiriu fama, segundo relatos históricos que o dão como "mulato de origem", por supostamente torturar prisioneiros de guerra montando neles e acicatando-os com suas esporas.

GAYAKU. Elemento presente em título sacerdotal ou nome iniciático do candomblé jeje na Bahia. Provavelmente, ligado ao fongbé *yakpo*, "filho", "discípulo".

GAYAKU AGÚESSI (1908-98). Nome pelo qual foi conhecida Elisa Gonzaga de Souza, sacerdotisa do Sejá Hundé ou "Roça do Ventura", centenário terreiro de nação jeje*, em Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Em maio de 1992, em viagem ao Rio de Janeiro, foi objeto de grande homenagem promovida pela Associação Cultural Jeje-Marrim (Terreiro da

Boa Viagem), em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense*, apoiada pela Fundação Cultural Palmares*. Na oportunidade, um texto de divulgação de sua viagem mencionava seu nascimento como tendo ocorrido no ano de 1877. *Ver JEJE DE CACHOEIRA*.

GAYAP. Sistema de ajuda mútua desenvolvido em Trinidad, após a abolição da escravatura, pelos negros que, substituídos nas plantations por trabalhadores indianos, se radicaram na selva.

GAYE, Marvin (1939-84). Nome artístico do cantor e compositor americano Marvin Pentz Gay Jr., nascido em Washington, DC, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Nos anos de 1960, tornou-se o maior nome masculino da gravadora Motown Records* e da soul music, experimentando uma carreira estelar e uma vida pessoal conflituosa de dependente de drogas, até morrer assassinado pelo próprio pai.

GAYTÁN, Tata (século XIX). Famoso *santero* cubano, estabelecido na localidade de Regla. Era *ahijado* (filho de santo) de Eulogio Gutiérrez*.

GEDÔ. Nos batuques gaúchos, forma velha de Xangô.

GEECHEE. Uma das denominações da língua do povo gullah*.

GEEDGEE. O mesmo que *geechee**.

GEFFRARD, Nicholas Fabre (1806-79). Estadista haitiano. Chefe do Exército no governo de Faustin I*, em 1858 liderou uma rebelião e tomou o poder, restaurando a república e exercendo a Presidência, de 1859 a 1867. Legitimado internacionalmente pela Santa Sé e pelos Estados Unidos, foi, não obstante, apeado do poder, tendo de se exilar na Jamaica, onde faleceu.

GELÁSIO I (século V). Papa da Igreja Católica (492-96), de origem africana. Conhecido por sua generosidade e preocupação com a pobreza, foi também autor de vários ensaios teológicos e hinos sacros.

GÈLÈDÉ. *Ver GUELEDÉS*.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. Entidade do movimento negro brasileiro fundada em São Paulo, em 1988, com o objetivo estatutário de "denunciar o machismo e o racismo presentes nas relações sociais", e atuando por meio de três frentes programáticas: saúde, direitos humanos e comunicação. O nome é referência a uma sociedade secreta africana. *Ver GUELEDÉS*.

GENARO Vieira Soalheiro (1939-97). Produtor de discos, cantor e instrumentista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Integrando o conjunto Nosso Samba, acompanhante da cantora Clara Nunes*, viajou pelo Brasil e pelo exterior, incluindo Angola. Depois, dedicou-se prioritariamente à produção de discos, sobretudo os dos sambas-enredo das escolas de samba cariocas do chamado grupo especial.

GENERAL DA BANDA. *Ver BLECAUTE*.

GENGIBRE (*Zingiber officinale*). Erva da família das zingiberáceas. Seu rizoma tuberoso é empregado no preparo de comidas e bebidas da tradição africana no Brasil, notadamente no aluá*. Na *santería** cubana, é planta de Ogum, sendo uma das responsáveis pela excitação do axé desse orixá, e em iorubá recebe o nome de *atalè*.

GENOCÍDIO. Segundo a Convenção das Nações Unidas para Punição e Prevenção do Crime de Genocídio, considera-se como tal o delito cometido com a intenção de destruir, parcial ou totalmente, um grupo nacional, étnico ou religioso, mediante a prática de qualquer um dos seguintes atos: matar membros do grupo; causar-lhes danos físicos ou mentais graves; impor-lhes deliberadamente condições de vida que levem à sua destruição física, total ou parcial; empregar medidas com o objetivo de evitar nascimentos no seio do grupo; transferir à força crianças do grupo para outra comunidade. Com relação ao êxito de alguns procedimentos de extermínio de comunidades indígenas, contraposto ao insucesso de iniciativas semelhantes referentes aos negros, autores como Alexis de Tocqueville creditam a permanência do afrodescendente nas Américas à sua proximidade com o branco, descrevendo processos como os de osmose e catálise: "As duas raças" – escreveu Tocqueville – "acham-se ligadas uma à outra, sem que se confundam com isso. Para elas, é tão difícil viver completamente separadas quanto completamente unidas" (conforme Wilson Martins, 1999).

GENOMA. Denominação da constituição genética total de um indivíduo. A partir de 1985, com o Projeto Genoma Humano, os estudos sobre esse ramo da ciência biológica ganharam amplitude, contribuindo, inclusive, para a discussão sobre a questão racial. Em abril de 2001, depois de analisar trezentos cromossomos de pessoas da Suécia, Europa central e Nigéria e

observar semelhanças entre eles, uma equipe de cientistas norte-americanos apresentava, em congresso da Organização do Genoma Humano, conclusão de pesquisa segundo a qual os europeus modernos descendem de cerca de uma centena de africanos que há 25 mil anos deixaram seu sítio de origem. Essa conclusão derrubaria a tese de que os humanos evoluíram, em grupos de origem distinta, simultaneamente na África, Europa e Ásia.

GENÓTIPO. *Ver FENÓTIPO.*

GENS. Sigla do Grupo de Escritores Negros de Salvador, movimento literário e editorial fundado na capital baiana em 1985.

GENS DE COULEUR. Antiga denominação dos pardos livres nas Antilhas Francesas. Literalmente, "pessoas de cor". *Ver REVOLUÇÃO HAITIANA.*

GEOFAGIA. Hábito de comer terra, atribuído, como suposto traço de comportamento primitivo, ou mesmo como ato de rebeldia, a certos escravos recém-chegados ao Brasil. Alguns estudos mostram que a geofagia consiste não no hábito de ingerir indiscriminadamente qualquer qualidade de terra, e, sim, classes minerais específicas, em atenção a algumas carências orgânicas. As terras usadas à guisa de alimento em algumas sociedades, como a argila dos leitos de aluvião dos rios, a dos formigueiros de saúvas e a dos barrancos ribeirinhos, por exemplo, contêm alto teor de sais minerais essenciais à saúde corporal, sendo, por isso, geralmente do gosto de gestantes e crianças em idade tenra. A prática da geofagia por africanos no Brasil poderia indicar, na realidade, a pobreza e a inadequação da alimentação aqui recebida por eles em relação ao seu ambiente natural.

GEÓRGIA. Estado americano, limitado por Tennessee (noroeste), Carolina do Norte (nordeste), Carolina do Sul (leste), Alabama (oeste) e Flórida (sul). Tornou-se célebre como reduto do mais intolerante racismo antinegro.

GEOVANA. Nome artístico de Maria Tereza Gomes, compositora brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1947. De forte personalidade e compondo em estilo marcadamente afro, experimentou algum sucesso também como intérprete, na década de 1970, tendo gravado um LP.

GERALDÃO (1923-2006). Pseudônimo de Geraldo Rodrigues dos Santos, líder comunista nascido em São José do Rio Pardo, SP, e falecido no Rio de

Janeiro, RJ. Ingressando no Partido Comunista Brasileiro em 1945, participou intensamente de todas as ações dessa organização, principalmente nos períodos de ilegalidade, como dirigente. Em setembro de 1996, recebeu a Medalha Tiradentes, a mais alta honraria conferida pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

GERALDO BABÃO (1926-88). Nome pelo qual foi conhecido o sambista Geraldo Soares de Carvalho, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Partideiro legendário, foi também o inspirado autor principal dos sambas-enredo da Acadêmicos do Salgueiro, sua escola de samba, nos carnavais de 1962, 1964 (*Chico-Rei*), 1972 e 1977.

GERALDO FILME. *Ver FILME [de Souza], Geraldo.*

GERALDO JOSÉ de Paula. Sonoplasta brasileiro nascido em Mimoso do Sul, ES, em 1931. Com carreira iniciada na Rádio Nacional na década de 1940, é autor da sonorização, com efeitos e ruídos, de mais de quinhentos filmes nacionais. Considerado o maior profissional do ramo no país, tendo sido diversas vezes laureado, inclusive com o prêmio Estácio de Sá, oferecido pelo governo do Rio de Janeiro em 1988, é também um dos criadores da sonoplastia de efeitos na tevê brasileira.

Geraldo José de Paula

GERALDOS, Os. *Ver MAGALHÃES, Geraldo.*

GERMANO (1942-97). Nome pelo qual foi conhecido o jogador de futebol brasileiro José Germano de Sales, nascido e falecido em Conselheiro Pena, MG. Ponta-esquerda com carreira iniciada no Clube de Regatas do Flamengo, contratado pelo Milan, no início dos anos de 1960, foi um dos primeiros jogadores brasileiros a atuar na Itália. Lá, protagonizou uma história de amor e racismo ao casar-se com a filha de um conde italiano e ter de separar-se três anos depois. De volta ao Brasil, tornou-se fazendeiro.

GERSON Vitalino. Jogador brasileiro de basquetebol, nascido em 1961. Por doze anos, entre os anos de 1980 e 1990, atuou em todas as disputas de que a seleção nacional de basquete participou.

GESTEIRA, [Joaquim] **Martagão** (1884-1954). Médico brasileiro nascido em Conceição de Almeida, BA. Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1908, foi diretor, no Rio de Janeiro, do Instituto de Puericultura e do Departamento Nacional da Criança, destacando-se por sua administração humanitária e inovadora. Em seu estado natal, fundou a Liga Baiana contra a Mortalidade Infantil. Verdadeiro benemérito da humanidade, sua memória está perpetuada na denominação de hospitais e logradouros públicos.

GETULINO. Jornal fundado em São Paulo, em 1923, por Lino Guedes e Gervásio Moraes, "para defesa dos homens pretos".

GHEZO (século XIX). Rei do Daomé, na atual República do Benin, de 1818 a 1858. Destacou-se como um dos grandes administradores da história africana. Comerciou com a França, exportou azeite de dendê, criou culturas de milho, amendoim, fumo, banana, tomate e organizou um eficiente corpo de funcionários, além de um exército feminino. No plano jurídico, humanizou consideravelmente as leis daomeanas relativas à escravidão.

GIBARO. No México, denominação dada ao mestiço de um indivíduo *lobo** com um *chino**.

GIBIRILO (séculos XIX-XX). Antropônimo pelo qual foi conhecido Manuel do Nascimento Santos Silva ou Manuel Nascimento de Santo Silva, um dos últimos integrantes da comunidade malê da Bahia. O nome, às vezes grafado "Gibirilu", é abrasileiramento de "Djibril", correspondente islâmico de "Gabriel", o anjo anunciador.

GIBONGOS. Designação de um bando de malfeitores que agia em Recife, PE, no século XIX. O nome se deve ao chefe do bando, Chico Gibongo.

GIBSON, Althea (1927-2003). Tenista americana nascida em Silver, Carolina do Sul, e falecida em Nova Jersey. Em 1951, tornou-se o primeiro membro da comunidade afrodescendente a jogar em Wimbledon, aristocrático estádio no qual se sagrou campeã mundial de tênis em 1957 e 1958, anos em que foi eleita a principal atleta de seu país. Deixou para a posteridade a autobiografia intitulada *I always wanted to be somebody* (1958).

GIL, Gilberto. Nome abreviado de Gilberto Passos Gil Moreira, compositor, cantor e político brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1942. Projetou-se nacionalmente a partir de 1967 em festivais de música popular transmitidos pela televisão. Em 1969, depois de ter sido preso pela ditadura militar, transferiu-se para a Inglaterra, lá permanecendo até 1972. Em 1977, participou do Festival Mundial de Arte Negra* na Nigéria, trabalhando, a partir de então, de maneira mais constante a temática afro em suas canções. Em 1987, tornou-se presidente da Fundação Gregório de Matos, em Salvador, BA, voltada, entre outros objetivos, para a revitalização da cultura afro-baiana. Em 1988, foi eleito vereador em sua cidade natal, e, mais tarde, assumiu outros cargos e missões na área da administração cultural, inclusive em nível internacional, em função dos quais viajou várias vezes à África ocidental. Em 2003 assumiu o Ministério da Cultura, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, permanecendo no cargo até 2008.

GILAFO, Pedro (século XVI). Líder rebelde costarriquenho. Fugitivo da escravidão, em 1540 comandou uma revolta de escravos na cidade de Orisco. Preso e condenado à morte, foi literalmente cozinhado vivo.

GILLESPIE, [John Birks, dito] **Dizzy** (1917-93). Trompetista e chefe de orquestra norte-americano nascido na Carolina do Sul e falecido em Englewood, Nova Jersey. Com carreira profissional iniciada na Filadélfia em 1935, nos anos de 1940, juntamente com Charlie Parker*, foi o criador do revolucionário estilo de composição e interpretação jazzística conhecido como bebop*.

GINEN. No vodu haitiano, termo correspondente ao afro-brasileiro Aruanda*. Corrupção do topônimo "Guiné", é a morada mítica dos loás e dos ancestrais. Diz-se também Ginin e Ian Guinée.

GINÉS, Micaela & Teodora (século XIX). Musicistas negras livres, tocadoras de flautim, nascidas em Santiago de los Caballeros, na atual República Dominicana. Em 1850 formaram, em Cuba, um grupo musical que se apresentava em festas religiosas e profanas, o qual foi o responsável pelo lançamento de *La Ma Teodora*, considerada, historicamente, a composição fundadora da música afro-cubana.

GINGA. Meneio de corpo que constitui o movimento inicial e principal do jogo da capoeira.

GINGA-MBANGI. Denominação regional da personagem Rainha Ginga* nos congos da Paraíba.

GININ. O mesmo que Ginen*.

GINJA. Sacerdotisa do culto omolocô.

GIRA. Sessão umbandista; roda ritual para o culto das entidades.

GIRASSOL (*Helianthus annuus*). Arbusto da família das compostas. Destacando-se pela beleza e força magnética de sua flor, é usado (suas sementes inclusive) em processos divinatórios e iniciáticos da tradição afro-brasileira. No Brasil, pertence a Oxalá, e, em Cuba, a Oxum, que gosta muito de vê-lo nas casas de seus filhos, atraindo sempre boas influências.

GÍRIA. Repertório vocabular distintivo e identificador de determinado grupo ou categoria social. Em toda a Diáspora Africana, a gíria criada nos guetos negros vem muitas vezes fornecendo elementos à língua nacional.

GLICÉRIO, General. *Ver CERQUEIRA LEITE, Francisco Glicério de*.

GLISSANT, Édouard. Escritor martinicano nascido em Sainte-Marie, em 1928. Autor de obras de poesia, romances e ensaios, entre os quais *La lézarde* (1958), *L'intention poétique* (1969) e *Le discours antillais* (1981), além da peça teatral *Monsieur Toussaint* (1961). Em 1967 fundou, em Fort-de-France, o Instituto de Estudos Martinicanos.

GLÓRIA MARIA Matta da Silva. Telejornalista brasileira nascida no Rio de Janeiro, RJ. Repórter com carreira iniciada nos anos de 1970, tornou-se, por meio da poderosa Rede Globo, um dos maiores nomes do telejornalismo no país, com vasta experiência internacional. Em 1998 assumiu o posto de apresentadora do programa dominical *Fantástico*, rompendo padrões da emissora, que jamais havia colocado um negro para apresentar programas jornalísticos. Em 22 de agosto de 1998, o suplemento SuperTV, do *Jornal do Brasil* (matéria "Eu sou é crioula!"), datava o início de sua carreira em 1979, aos "19 anos", ao mesmo tempo que lhe creditava 25 anos de trabalho como repórter na Rede Globo.

GLÓRIA, Festa da. Celebração católica realizada anualmente no Rio de Janeiro, na Igreja de Nossa Senhora da Glória, na Zona Sul carioca, no dia da padroeira: 15 de agosto. Até os anos de 1960, era festa importante da comunidade negra, com características semelhantes às da Festa da Penha*.

GLÓRIA, Oto [Martins] (1917-86). Técnico brasileiro de futebol nascido e falecido no Rio de Janeiro. Depois de dirigir as equipes do Vasco da Gama carioca e da Portuguesa de Desportos, em São Paulo, atuou na Espanha e em Portugal, tendo comandado a seleção portuguesa na Copa do Mundo de 1966. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

GLOVER, Danny. Ator cinematográfico norte-americano, nascido em São Francisco, Califórnia, em 1947. Tornou-se conhecido com a série de filmes *Máquina mortífera* (1987-98). Antes, já tivera atuação destacada em *A cor púrpura* (1985), filme no qual interpretou o marido violento da personagem principal, vivida por Whoopi Goldberg*. Destacou-se, ainda, pela atuação em prol dos direitos humanos e contra o racismo, em âmbito internacional.

GLOVER, Savion. Bailarino, coreógrafo e ator americano, nascido em Newark, Nova Jersey, em 1973. Especialista na modalidade conhecida como *tap dance**, é considerado um dos maiores sapateadores de todos os tempos. Em 1996, protagonizou um tributo a Gene Kelly na festa de entrega do Oscar e ganhou o prêmio Tony pela coreografia de *Bring in'da noise, bring in'da funk*, espetáculo sobre a importância da música na expressão artística dos negros nos Estados Unidos.

GÔ. Cabaça-tambor; instrumento ritual da Casa das Minas. O nome designa também uma qualidade de Ogum de origem fânti-axânti que baixa no Terreiro do Egito, no Maranhão.

GOBÁ (?-c. 1955). Apelido de Arnaldo Lourenço Batista, músico ritual brasileiro, nascido e falecido em Recife, PE. Líder do Maracatu Elefante e figura destacada nos círculos religiosos afro-pernambucanos, residiu durante algum tempo no Rio de Janeiro. Dessa cidade, levou e introduziu em seu estado inúmeros cânticos rituais da umbanda. Foi também colaborador decisivo do maestro Guerra-Peixe (1981) na elaboração do importante livro *Maracatus do Recife*.

GOBO. Berimbau de barriga. *Ver BERIMBAU*.

GOD-BUSH. Nome jamaicano da erva-de-passarinho (planta de Obaluaiê).

GOD-OKRO. Nome pelo qual é conhecido na Jamaica o cardo-ananás (*Cereus triangularis*), tido pelos afro-jamaicanos como planta dotada de

grandes poderes sobrenaturais.

GODREAU, Miguel (1947-96). Bailarino nascido em Porto Rico e falecido em Nova York. Astro do Alvin Ailey American Dance Theater, foi cognominado “o Nureyev Negro”. Seu carro-chefe era *Prodigal prince*, coreografia criada para ele por Geoffrey Holder em 1967. Dançou também no cinema, em *Viagens alucinantes* (*Altered states*), filme de 1980, em que interpreta o *alter ego* do personagem vivido por William Hurt.

GOIABEIRA (*Psidium guajava*). Árvore da família das mirtáceas. Apresenta as variedades *pyrifera* (goiaba-branca) e *pomifera* (goiaba-vermelha). Na *santería* cubana, é planta de Elegguá, e seu fruto é uma das oferendas preferidas desse guerreiro.

GOIÁS. Estado do Centro-Oeste brasileiro, situado entre Mato Grosso (oeste), Mato Grosso do Sul (sudoeste), Tocantins (norte), Bahia (nordeste) e Minas Gerais (leste e sudeste). Sua história liga-se, sobretudo, ao Ciclo do Ouro* e ao episódio da penetração do interior pelas bandeiras*. Na primeira metade do século XVIII, a porcentagem de escravos na população da província era de três para cada homem branco, numa população total de cerca de 11 mil almas. Em 1940, os “pretos”, excluídos aí os “mestiços”, eram contabilizados em 140 mil, numa população total de 826.414 habitantes (conforme Carlos R. Brandão, 1977). O estado mantém ricas tradições de origem africana, como a “dança de congos”, auto em cujos textos se evidenciam sobrevivências linguísticas bantas. Em 2000, o governo federal tinha identificadas, no estado, sete comunidades remanescentes de quilombos*, sendo a conhecida como Kalunga, nos municípios de Teresina de Goiás, Monte Alegre e Cavalcante, titulada naquele mesmo ano. *Ver CEDRO*.

GÓIS, Fernando [Ferreira de] (1915-79). Escritor e jornalista brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em São Paulo. Foi professor da Escola de Jornalismo Cásper Líbero, além de membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e de seu similar baiano. Em 1970 foi eleito para a Academia Santista de Letras.

GOLDBERG, Whoopi. Pseudônimo de Caryn E. Johnson, atriz americana nascida na cidade de Nova York, em 1955. Tornou-se uma das mais destacadas atrizes do cinema americano desde *A cor púrpura* (*The color

purple), de 1985, quando foi indicada para o Oscar de melhor atriz. Mais tarde, com *Ghost* (1990), ganhou o Oscar de melhor atriz coadjuvante, tendo estrelado, a partir de então, várias séries televisivas, como a *Whoopi Goldberg on Broadway*. Distinguiu-se também por seu trabalho filantrópico e de defesa do meio ambiente.

GOLDEN BOYS. Conjunto vocal brasileiro formado em 1958, no Rio de Janeiro, pelos irmãos Renato, Roberto e Ronaldo Correia, e mais Valdir Anunciação, falecido em 2004. De repertório calcado no rock e nas baladas da época, foi um dos elementos mais importantes para o sucesso popular da tendência musical conhecida como jovem-guarda.

GOLFO (*Nymphaea alba*). Planta herbácea, aquática, da família das ninfeáceas, também conhecida como nenúfar, que dá flores brancas, ao contrário das variedades de nenúfares *Nymphaea rudgeana*, de flores vermelhas, e *Nymphaea lutea*, de flores amarelas. É planta de Oxum e em iorubá tem o nome de *òsibàtà*.

GOLOMÓN, Salvador (séculos XVI-XVII). Herói cubano da região de Bayamo. Destacou-se na luta dos cubanos contra o pirata francês Gilbert Girós, no início do século XVII.

GOMAN, Jean-Baptiste (séculos XVIII-XIX). Líder quilombola haitiano. De 1807 a 1819 manteve, na aldeia de Grand-Doco, na região de Grande Anse, um quilombo organizado nos moldes dos brasileiros do século XVII, tendo sido derrotado em 1840.

GOMBA. Tambor da percussão afro-uruguaia. *Ver ANGOMBA*.

GOMBAY. Nas Bermudas, folguedo tradicional da noite de Natal, em que os participantes dançam com máscaras de animais.

GOMBÔ. O mesmo que quingombô*.

GOMEIA. Topônimo que identifica uma antiga localidade na cidade de Salvador, BA, onde um dia, segundo a tradição, uma negra de nome Pascoalina transformou-se em Dã, a serpente dos negros jejes. O nome, que remete a Dagomé (forma antiga de Daomé*), foi incorporado ao pseudônimo do babalorixá João Torres Filho, o Joãozinho da Gomeia*.

GOMES, [Antônio] **Carlos** (1836-96). Compositor erudito brasileiro nascido na Vila de São Carlos, atual Campinas, SP, neto de uma ex-escrava, e falecido em Belém, PA. Graças, principalmente, à amizade de André

Rebouças*, estudou em Milão, Itália, onde, em 1870 encenou a ópera *O guarani*, seu trabalho mais conhecido. É autor também, entre outras peças, das óperas *Salvador Rosa* (1874), *Maria Tudor* (1879) e *O escravo* (1889), a qual, embora de cunho abolicionista, teve seu personagem central mostrado como um ameríndio. *Ver GOMES, Manuel José*; *ESCRAVO, O*.

GOMES [de Oliveira]**, Carlos.** Músico brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1932, e radicado no Rio de Janeiro. Trompista, iniciou trajetória na Orquestra Sinfônica da Bahia, em 1947. No Rio, integrou a Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros, a Orquestra Sinfônica Nacional e a Orquestra Sinfônica Brasileira, entre outros conjuntos de prestígio. Pesquisador e professor, é autor de publicações didáticas sobre a história e a evolução de seu instrumento, entre as quais *História da trompa e a trompa no Brasil* (2002).

GOMES, Eliezer (1920-79). Ator brasileiro nascido em Santo Antônio de Pádua, RJ, e falecido na capital desse estado. Ex-lavrador, ajudante de caminhão, eletricista, cozinheiro e motorista, estreou no cinema em 1962, interpretando o personagem central do premiado filme *Assalto ao trem pagador*. Participou com destaque de *Ganga Zumba, rei dos Palmares* (1963) e de mais de quinze filmes, até 1974. Sem nunca ter estudado interpretação, é definido pela *Enciclopédia do cinema brasileiro* (Ramos e Miranda, 2000) como "um dos mais brilhantes atores negros do cinema brasileiro", dono "de uma extraordinária gama de expressões faciais".

GOMES, Flávio dos Santos. Historiador brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1964. Com sólida formação acadêmica, mas também com intensa vivência pessoal em comunidades negras cariocas e fluminenses, é autor de *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*, publicado pelo Arquivo Nacional em 1995, e organizador, com João José Reis, de *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil* (Companhia das Letras, 1996). Em 1997, apresentou à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sua tese de doutorado *A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil, séculos XVII a XIX*, e em 1999 publicou *Nas terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira, séculos XVIII e XIX* (Editora Universitária da UFPA).

Realizou, também, o documentário *O que remanesceu* (1997), sobre comunidades remanescentes de quilombos nos estados do Amapá e Pará.
GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. *Ver BARBOSA, Joaquim.*
GOMES, Joaquim de Sant'Anna (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia, exerceu o cargo de capitão ajudante de ordens do general Labatut na guerra pela independência do Brasil. Também músico, foi organista da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, na capital baiana.
GOMES, Manuel José (1792-1868). Músico brasileiro nascido no atual município de Santana do Parnaíba, SP, e falecido em Campinas, no mesmo estado. Filho da liberta Antônia Maria e de pai desconhecido, era, por sua vez, genitor do compositor Carlos Gomes* e do violinista Santana Gomes*, tendo exercido decisiva influência na instrução musical de ambos. Deixou vasta obra, principalmente na área de música sacra, escrita a partir de 1810.
GOMES [Jutaí]**, Raimundo** (?-1841). Revolucionário brasileiro nascido no Piauí. Vaqueiro, em 1838, comandando um assalto à cadeia pública de Manga de Iguará, MA, para libertar um irmão, provocou a fuga de todos os presos. Apoiado pela população humilde, o grupo se dirigiu à capital da província para protestar contra os desmandos e privilégios da aristocracia rural da região, o que serviu de estopim para o movimento conhecido como Balaiada*. Em 1840, Raimundo enviou proposta de cessação das hostilidades ao futuro duque de Caxias, impondo algumas condições. Estas não foram aceitas e, derrotadas as suas tropas, foi juntar-se ao Preto Cosme*. Capitulando, finalmente, depois de cerca de três anos de guerra, morreu a caminho da prisão. Era mais conhecido pela alcunha de Cara Preta.
GOMES, [José Pedro de] **Santana** (1834-1908). Músico brasileiro nascido e falecido na Vila de São Carlos, atual Campinas, SP. Irmão de Carlos Gomes*, foi grande violinista e sucessor do pai na regência da banda de sua região natal, além de compositor fértil, autor de polcas, valsas, quadrilhas e de duas óperas, *Alda* e *Semira*, esta inacabada.
GÓMEZ [y Ferrer]**, Juan Gualberto** (1854-1933). Jornalista, escritor e político cubano, nascido em Matanzas, de pais escravos, e falecido em Havana. Juntamente com Guillermo Moncada e outros patriotas, foi uma das figuras principais da conspiração de 1879. Preso e deportado para a

Espanha, voltou ao seu país em 1890, retomando a publicação do jornal *La Fraternidad*, importante órgão revolucionário. Delegado de José Martí em Cuba, coube a ele organizar a guerra libertadora de 1895; instaurada a República, combateu a Emenda Platt, que atrelava seu país aos interesses americanos. Quando da intervenção dos Estados Unidos naquele país, impediu a segregação racial nas escolas públicas e em toda a vida civil cubana, liderando vigorosa oposição à tentativa ianque de tornar a língua inglesa o idioma oficial de Cuba. Defensor da independência, ferrenho opositor do anexionismo americano e paladino dos direitos do povo negro, trabalhou em outros importantes jornais cubanos e, ao término da dominação espanhola, destacou-se como político em vários mandatos legislativos. É considerado um dos pais da pátria cubana.

GÓMEZ, Juan Vicente (1864-1925). Caudilho venezuelano, chamado "*el tirano de los Andes*", foi ditador de seu país por mais de 25 anos, morrendo no poder. Segundo A. da Silva Mello (1958), era "tão de cor que um parente seu, indo aos Estados Unidos em 1922, foi morar no Harlem, para evitar aborrecimento".

GÓMEZ, [Horácio] **Maximiliano** (1943-71). Líder revolucionário dominicano nascido em San Pedro de Macorés e falecido em Bruxelas, Bélgica. Chefe da ala esquerda do Movimento Popular Dominicano, participou da revolta armada que pôs fim à invasão americana em 1965. Preso em 1970 pelo governo de Joaquín Balaguer, morreu no exílio em circunstâncias nebulosas.

GÓMEZ, Myriam Tammara la Cruz. Poetisa uruguaia nascida em Montevidéu, em 1951. Está incluída, com nove poemas, na antologia de A. B. Serrat (1996).

GÓMEZ, Sara (1943-74). Cineasta cubana. Formada pelo Instituto Cubano da Arte e Indústria Cinematográfica, tornou-se internacionalmente conhecida a partir de 1975 por seu filme *Cierta manera*, que apresenta os problemas relacionados a diferenças de sexo e raça na sociedade cubana, vistos por uma óptica feminina. É também autora de *I'll go to Santiago* (1964) e do documentário *We've got rhythm* (1967).

GÓMEZ, Sebastián (século XVII). Pintor espanhol de origem africana. Escravo, foi aprendiz e pupilo do pintor Esteban Murillo (1618-82),

tornando-se famoso por telas e murais expostos em Sevilha. Foi quase sempre referido como o “mulato de Murillo”.

GONÇALO GARCIA, São. Santo da tradição católica, padroeiro dos violeiros e referido como “pardo”. Em 1745, sua imagem, trazida de Portugal pelo devoto Antônio Ferreira, foi entronizada na Igreja dos Pardos de Nossa Senhora do Livramento, em Recife, PE.

GONÇALVES, Benedito. Magistrado nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1952. Bacharelado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo também no currículo uma especialização em Direito Processual Civil e um mestrado, ingressou na magistratura em 1988. Dez anos depois, chegou ao cargo de juiz do Tribunal Regional Federal. Antes, trabalhou na Polícia Federal e também como delegado da Polícia Civil. Em 2008, nomeado para o Superior Tribunal de Justiça (STJ), tornava-se o primeiro ministro negro na história dessa corte.

GONÇALVES, Milton. Ator nascido em Monte Santo, MG, em 1934. Conhecido desde o final dos anos de 1950, participou, no Teatro de Arena de São Paulo, de importantes montagens, como as de *A mandrágora* (1962) e *Arena conta Zumbi* (1965). Ator de múltiplos recursos, e certamente um dos maiores do Brasil em sua arte, foi várias vezes premiado em cinema, como, por exemplo, por sua interpretação em *A rainha diaba*, de 1974. Na televisão distinguiu-se na Rede Globo nas funções de ator e diretor de telenovelas e programas especiais. Em 2002, por seu desempenho na montagem de *Conduzindo Miss Daisy*, dividia o Prêmio Shell de Teatro, na categoria de melhor ator, com o veterano Paulo Autran.

GONÇALVES, Paulo (1897-1927). Pseudônimo de Francisco de Paula Gonçalves, dramaturgo, poeta e jornalista brasileiro nascido e falecido em Santos, SP. Graças à peça *1830*, encenada pela primeira vez em 1923 no Teatro Apolo, em São Paulo, pela Companhia Abigail Maia, foi considerado o precursor do teatro histórico no Brasil. Sua obra compõe-se, entre outros textos, de *Iara* (1922); *Lírica de frei Angélico* (poesia); *1830* (comédia em versos, 1924); *Comédia do coração*, uma das peças mais representativas do simbolismo brasileiro; *Núpcias de dom João Tenório*; *O juramento*; *As noivas*; *Quando as fogueiras se apagam*. Era filho de pai português e de dona

Benvinda Fogaça Gonçalves, “senhora de cor” (conforme Raimundo de Menezes, 1978).

GONÇALVES, Petronilha. Nome abreviado de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, educadora brasileira nascida em Porto Alegre, RS, em 1942. Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pós-graduou-se em Teoria da Educação na África do Sul e fez especialização em Paris, no Instituto de Planejamento de Educação da Unesco. Coordenadora de estudos afro-brasileiros da Universidade Federal de São Carlos, em 2002 tornou-se membro do Conselho Nacional de Educação, na condição de representante da comunidade negra.

GONÇALVES, Sebastião. Músico brasileiro nascido em Duas Barras, RJ, em 1939. Após aulas inicialmente ministradas por seu pai, Sebastião Santos, professor de música e mestre de banda, integrou, como trompetista, diversos grupos nos arredores de sua cidade natal. Em 1960, já na cidade do Rio de Janeiro, iniciou carreira profissional, trabalhando em rádio, tevê, dancings e atuando em gravações. Em 1965 ingressou na banda da Polícia Militar do antigo estado da Guanabara, sendo seu primeiro trompetista durante longos anos. Mais tarde, primeiro colocado no respectivo concurso, foi um dos maestros da banda sinfônica da corporação. Em 1967 ingressou na Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi o primeiro trompetista durante 25 anos. Participou da fundação do Quinteto Brasileiro de Metais, do qual produziu e dirigiu três discos, e da Rio Dixieland Band. Idealizou e produziu com os colegas da Rio Dixieland Band o primeiro festival de jazz tradicional do Brasil, em 1993. Graduado pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) nos cursos de Trompete, Composição e Regência, é autor, ao que consta, do primeiro método completo para trompete escrito na América Latina.

GONÇALVES CRESPO, Antônio Cândido (1846-83). Poeta brasileiro nascido no Rio de Janeiro e falecido em Lisboa. Foi deputado em Goa, na Índia, e publicou vários volumes de poesia em Portugal, a partir de 1871. Segundo Raimundo de Menezes (1978), era filho do português Antônio José Gonçalves Crespo com a mestiça Francisca Rosa.

GONÇALVES DIAS, Antônio (1823-64). Poeta brasileiro nascido em Caxias, MA, e falecido em um naufrágio, próximo à costa maranhense. Criador da imagem épica do índio brasileiro, é autor de obras imortais da literatura de língua portuguesa, quase todas centradas na temática indigenista, bem como de um dicionário da língua tupi e um vocabulário da língua geral falada na Amazônia. Patrono da cadeira número 15 da Academia Brasileira de Letras, era, segundo Rodrigues de Carvalho (1988), "filho de uma mulata quase preta, ama em São Luís" e, de acordo com Gilberto Freyre (1951), "filho de um português com uma escrava cafuza".

GONE (século XVII). Dirigente palmarino, morto na segunda investida contra o reduto de Amaro.

GONGA. Personagem mitológica afro-brasileira.

GONGÁ. Altar de umbanda; recinto onde fica esse altar. No antigo Reino de Ndongo, a palavra *ngonga* designava uma espécie de sacrário onde se guardavam as relíquias da pátria.

GONGAPEMBA. Inquice dos candomblés bantos.

GONGOBIRA. O mesmo que Congobila*.

GONGOM. Instrumento musical da percussão afro-brasileira. Segundo Jacques Raymundo (1933), o nome vem do fulâni *gongon*, espécie de grande caneco de folha.

GONGORO. Denominação de um quilombo palmarino* e provavelmente de um chefe. O termo multilinguístico banto *ngongolo*, que gerou o brasileiro "gongolo", um miriápode, é, em quicongo, também um antropônimo masculino.

GONGUÊ. Espécie de agogô de uma só campânula da percussão dos maracatus. Do quimbundo *ngonge*, "sino".

GONGUINHA. Forma brasileira para *ngongoenha*, bebida tradicional angolana feita de farinha de mandioca, açúcar e água.

GONJAÍ. Na Casa das Minas, filha de santo completamente feita, que se submeteu a todas as obrigações periódicas, como a ebâmi* dos terreiros nagôs.

GONJEVA. *Ver RUNJEVE.*

GONLO. Um dos nomes brasileiros da maconha*.

GONZAGA, Chiquinha (1847-1935). Nome artístico de Francisca Edwiges Neves Gonzaga, compositora, pianista e regente brasileira nascida e falecida no Rio de Janeiro. Filha de mãe mulata e solteira, foi ativa colaboradora da causa abolicionista e enfrentou os preconceitos machistas de sua época. Criou músicas para 77 peças teatrais, regeu orquestras e assinou cerca de 2 mil composições em quase todos os gêneros então em voga. Pioneira da música popular brasileira, é autora do primeiro sucesso carnavalesco, a marcha *Ô abre alas*, composta para o cordão carnavalesco Rosa de Ouro, do bairro do Andaraí, na Zona Norte carioca, em 1899.

Chiquinha Gonzaga

GONZAGA [do Nascimento]**, Luiz** (1912-89). Cantor, compositor e instrumentista brasileiro nascido em Exu, PE, e falecido em Recife, no mesmo estado. Radicado no Rio de Janeiro a partir do final da década de 1930, tornou-se, com sua sanfona e sua voz personalíssima, artista de grande sucesso popular sem descaracterizar suas origens musicais, sendo, por isso, cognominado “Rei do Baião” e visto sempre como um símbolo positivo do Nordeste. Segundo o crítico João Máximo (1998), a Rádio Nacional o teria contratado, na condição de “sanfoneiro nordestino”, para realizar um projeto político, idealizado pelo governo de Getúlio Vargas, de integração nacional por meio da música. Mas, apesar de todo o componente comercial que essa contratação conteria, Gonzaga saiu-se muito bem por ser um grande artista, um criador excepcional, transformando o baião*, gênero antigo e local, em um produto contemporâneo, de ampla aceitação popular. Dono de obra vastíssima, deixou registros fonográficos com inúmeras composições e interpretações que se tornaram clássicos, não só do repertório regional como da música popular brasileira em geral. É o caso de *Asa branca*, *Assum preto* etc. Com o sucesso do filho Gonzaguinha*, passou a ser referido como “Gonzagão”.

GONZAGA, Zezé (1926-2008). Nome artístico de Maria José Gonzaga, cantora brasileira nascida em Manhuaçu, MG, e falecida no Rio de Janeiro, RJ. Profissional desde os anos de 1940 e integrante do elenco fixo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro na Era de Ouro do rádio brasileiro, foi considerada dona de uma das vozes mais privilegiadas da música popular brasileira em todos os tempos.

GONZAGA DAS VIRGENS, Luiz (?-1798). Revolucionário brasileiro nascido em Salvador, BA. Um dos líderes da abortada Revolução dos Alfaiates*, foi enforcado no Largo da Piedade, na capital baiana.

GONZAGUINHA (1945-91). Nome pelo qual foi mais conhecido Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, compositor e cantor brasileiro nascido no Rio de Janeiro e falecido em Minas Gerais, em um acidente automobilístico. Filho de Luiz Gonzaga*, o "Rei do Baião", surgiu para o estrelato nos anos de 1970, e em curta mas sólida carreira legou à posteridade uma obra em que canções eivadas de inconformismo social e reivindicações políticas se mesclam a outras de grande lirismo e alegria de viver. No início da carreira usou o nome artístico "Luiz Gonzaga Júnior".

GONZÁLEZ, Feliciano (1820-1901). Militar uruguaio nascido em Montevidéu. Filho de pais africanos, integrou o exército do general Rivera, participando, como simples soldado, das batalhas de Yucutujá (1837) e do Palmar (1838). Na Batalha de Cagancha, já sargento, destacou-se pela bravura e pelo discernimento. Em 1853, depois de participar de várias outras ações, foi promovido a capitão. Em 1894, depois de cumprir prisão em Buenos Aires e lutar na Guerra do Paraguai, foi graduado como coronel do Exército nacional.

GONZÁLEZ, Gregorio (século XVIII). Escravo afro-boliviano da região de Arequipa. Acredita-se que tenha se envolvido na sedição de Tupac Catari, em 1781, tendo por isso sido preso em La Paz.

GONZÁLEZ, José Caridad (século XVIII). Líder rebelde, que, em 25 de junho de 1770, comandou, com José Leonardo Chirinos*, uma revolta de escravos na atual Venezuela.

GONZÁLEZ, José Luis (1926-96). Escritor porto-riquenho nascido em Santo Domingo, República Dominicana, e falecido em San Juan, Porto Rico, onde se radicara desde os 4 anos de idade. Formado em Ciências

Sociais, tornou-se um dos autores mais influentes de seu país na segunda metade do século XX. Tematizando a contribuição africana à cultura e à identidade porto-riquenha, publicou, entre outros ensaios e coletâneas de contos, *En la sombra* (1943), *Cinco cuentos de sangre* (1945), *El país de cuatro pisos* (1979) e *Las caricias del tigre* (1984).

GONZALEZ, Lélia [de Almeida] (1935-94). Antropóloga e escritora brasileira nascida em Minas Gerais e falecida no Rio de Janeiro. Professora de antropologia, graduada em Filosofia e História e mestre em Comunicação Social, foi destacada militante dos movimentos negro e de mulheres, com participação em conferências e seminários no Brasil e no exterior, tendo integrado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, criado pela Presidência da República em 1985. Foi suplente de deputado federal e de deputado estadual, ajudou na criação do grupo Olodum* e participou ativamente do Grêmio de Arte Negra Quilombo, fundado pelo sambista Candeia*. Publicou, entre outros textos, "A mulher negra na sociedade brasileira" (em *O lugar da mulher*, organizado por Madel T. Luz, em 1982); "O movimento negro na última década" (em *Lugar de negro*, obra que organizou com Carlos Hasenbalg, em 1982); "Racismo e sexismo na cultura brasileira" (em *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*, organizado por Luiz Antônio Machado Silva *et al.*, em 1983); "La femme noire dans la société brésilienne" (*Recherche: Pédagogie et Culture*, Paris, n. 64, out.-dez. 1983); "The Unified Black Movement: a new stage in black political mobilization" (em *Race, class, and power in Brazil*, Los Angeles, 1985, organizado por P.-M. Fontaine); *Festas populares no Brasil* (livro, 1987); "A categoria político-cultural da amefricanidade" (*Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92-93, jan.-jun. 1988); e "Nanny" (*Humanidades*, Brasília, n. 17, 1988).

GONZÁLEZ [Fontanillas]**, Rubén** (1919-2003). Pianista cubano nascido em Santa Clara e falecido em Havana. Músico de formação universitária e ex-estudante de medicina, em 1940 iniciou carreira profissional em Havana, onde tocou nas orquestras Siboney, Jorrín, de Arsenio Rodríguez e de Mongo Santamaría, entre outras. Entre 1957 e 1961, trabalhou na Venezuela e viajou por outros países da América Latina.

No final da década de 1990 integrava o grupo reunido sob o nome Buena Vista Social Club, de grande sucesso internacional no disco e no cinema.

GONZEMO. Denominação antiga do santuário nos candomblés bantos.

GOOFER. Vocábulo da terminologia ritual de grupos negros americanos. É redução de *goofer dust*, "terra de cemitério", e teria origem no quicongo *kufwa*, "morrer" (conforme R. F. Thompson, 1984), que por sua vez originou o afro-brasileiro "cufar".

GOOLAH. Variante de gullah*.

GOOMBAY. Tambor de tronco de árvore dos negros da Jamaica. *Ver* GOMBA.

GOPHERED GRAPEVINE, The. Conto de autoria de Charles Waddell Chesnutt*, publicado nos Estados Unidos, em 1887, na revista *Atlantic Monthly*. Foi o primeiro texto impresso da literatura americana escrito no dialeto dos negros.

GORDINHO. Apelido de Antenor Marques Filho, percussionista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1946. Tocador de surdo oriundo do extinto Conjunto Nosso Samba, liderado por Genaro* Soalheiro, destacou-se como um dos músicos de estúdio mais requisitados do Brasil. Sua marcação firme e segura, quase como um metrônomo, está na base de praticamente todos os registros de samba gravados no Rio de Janeiro desde os anos de 1970, até a edição desta obra.

GORDON, Dexter [Keith] (1923-90). Saxofonista americano nascido em Los Angeles, Califórnia, e falecido na Filadélfia. O primeiro grande estilista do sax-tenor no estilo bebop*, tendo exercido decisiva influência sobre o inovador John Coltrane*, suas interpretações representaram uma síntese das de Charlie Parker* e Lester Young*. Em 1986, foi indicado ao Oscar de melhor ator por seu trabalho no filme *'Round midnight*, no qual interpretava um saxofonista, personagem baseado na vida de Lester Young e de Bud Powell*.

GORDON, George William (1820-65). Líder revolucionário jamaicano. Filho ilegítimo de uma escrava e seu jovem proprietário, conseguiu estudar e constituir família. Quando seu pai, já casado com uma mulher branca, perdeu fortuna e saúde, socorreu-o com ajuda financeira. Diácono da Igreja Batista e jornalista, acusado de ser um dos líderes da

rebelião de Morant Bay foi enforcado em 7 de outubro de 1865. Em 1969, foi reconhecido pelo governo jamaicano como herói nacional.

GORDURINHA (1922-69). Nome artístico de Waldeck Artur de Macedo, compositor e cantor brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em Nova Iguaçu, RJ. Um dos responsáveis pelo sucesso nacional do estilo de canção nordestina conhecido como "forró", é autor de clássicos como *Vendedor de caranguejo* (1958), *Baiano burro nasce morto* (1959), *Súplica cearense* (1960), além do samba *Chiclete com banana*, de 1959.

GORDY JR., Berry. *Ver MOTOWN RECORDS*.

GORÉE. *Ver MEMORIAL GORÉE-ALMADIES*.

GOREIA. Antiga forma portuguesa para o nome Gorée*.

GOROGORO. Em terreiros de tambor de mina, em São Luís do Maranhão, nome pejorativo com que são referidas as negras velhas.

GOSPEL. Palavra inglesa que significa "evangelho". Dá nome à forma mais moderna e conhecida da expressão musical do *negro spiritual*, surgida da adaptação de hinos evangélicos às concepções africanas de canto coral, nos Estados Unidos do século XVIII. Até a Guerra de Secessão* (1861-65), pouco se conhecia dos cantos dos negros americanos; mas, durante o conflito e depois dele, esses cantos, e principalmente os spirituals, despertaram interesse e mereceram a atenção geral. O primeiro negro spiritual impresso em partitura que se conhece é o célebre *Roll, Jordan, roll*, editado em 1862. O segundo foi, provavelmente, *Done wid driber's dribin'* ("Acabou-se a tirania do feitor"), publicado em *The Continental Monthly*, em agosto de 1863, sendo que a canção apresenta o conhecido refrão "Roll, Jordan, roll". A primeira coletânea de negro spirituals americana foi publicada em 1867, sob o título *Slave songs of the United States*. Um dos mais característicos, tanto musical como poeticamente, é o intitulado *Over the crossing*, apesar de as melodias aparecerem sem a harmonização. Na história do negro spiritual após a Guerra de Secessão existem duas correntes: uma procurava associar o gênero, técnica e formalmente, à música europeia, e a outra tendia a preservar-lhe o caráter tradicional, mantendo os traços primitivos. A primeira difundiu-se rapidamente, graças à edição de partituras harmonizadas; às turnês de corais negros pelos Estados Unidos e pelo exterior; aos concertos de artistas famosos, que começaram a incluir

canções do gênero em seu repertório; à moda dos arranjos corais cantados etc. Já a segunda teve uma espécie de existência subterrânea, sendo cultivada apenas pela população negra mais carente, sobretudo nas áreas rurais e nos guetos urbanos, atraindo pouca atenção do mundo exterior, até que um pesquisador ouviu um coro de trabalhadores negros em uma fábrica e se impressionou com a maneira espetacular com que juntavam acordes, entrelaçavam modos maiores e menores que não tinham nada a ver entre si, ou, ainda, transgrediam, sem saber, todas as leis que regem as progressões vocais. A transição do uníssono para o canto a várias vozes ocorreu nas décadas seguintes à Guerra de Secessão, devido, certamente, ao maior contato com os brancos e, em especial, à influência das escolas. Instituições como a Fisk University e o Tuskegee Institute, fundadas com o propósito de oferecer educação e aprimoramento social aos negros, procuravam aperfeiçoar a qualidade musical do canto afro-americano tradicional, adequando-o aos padrões clássicos europeus. Notas e harmonias tidas como erradas ou incorretas tiveram de ser ajustadas em nome desse "refinamento". Entretanto, a tradição folclórica se manteve, com seu estilo inconfundível, com suas harmonias e progressões "tortas", "sujas", africanas. Alguns historiadores levantaram a seguinte questão: "O spiritual nasceu com o negro ou ele o teria aprendido com os protestantes brancos que colonizaram os Estados Unidos?". A existência de formas convergentes amalgamando-se em uma espécie de sincretismo para dar origem a um gênero bastante peculiar parece corresponder à hipótese correta. Mas há um dado a considerar quando se advoga a africanidade do spiritual e consequentemente do gospel: o *shout*, marcado pela expressão corporal, pelo balanço de corpo que é parte inseparável da interpretação. A ligação do *shout* com o spiritual é orgânica: o ritmo exige um movimento físico; os pés insistem em ficar batendo no chão, e as mãos são possuídas por uma agitação incontrolável. Tudo isso relaciona estreitamente os spirituals não apenas à música africana como a uma tradição musical afro-americana proveniente dos *minstrels* de rosto pintado, passando pelo ragtime e chegando ao jazz moderno (conforme Gilbert Chase, 1957). No Brasil, desde pelo menos a década de 1990, o termo "gospel" vem sendo usado

arbitrariamente por seitas neopentecostais para designar qualquer tipo de canção produzida em seu ambiente.

GOSSETT JR., Louis. Ator norte-americano de cinema e televisão nascido em Nova York, em 1936. Tornou-se famoso em 1976, com a minissérie *Roots* (*Raízes*), conquistando o Emmy, o prêmio máximo da televisão, por sua interpretação do escravo Fiddler, o violinista. No cinema, destacou-se a partir de 1982, com *A força do destino*.

GOTTLIEB, Moses (século XIX). Nome europeu do líder escravo também conhecido como Buddoe. Em 1848, comandou revoltas em Saint Croix, nas Antilhas Britânicas, e em Frederikstad, nas Antilhas Holandesas, as quais resultaram na declaração de emancipação, proclamada pelo governador holandês Von Scholten. Com a destituição deste, Buddoe foi julgado e deportado para Trinidad.

GOTTSCHALK, Louis Moureau (1829-69). Compositor e pianista americano nascido em Nova Orleans e falecido no Rio de Janeiro. Considerado um dos maiores músicos de seu tempo, apresentou-se em vários países, inclusive no Brasil, em homenagem ao qual compôs a *Grande fantasia triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro* e onde viria a falecer, vítima de grave enfermidade. Foi o primeiro músico de formação europeia a observar a riqueza dos ritmos afro-caribenhos e afro-americanos em geral. Sua obra é repleta de referências à música negra da Louisiana e das Antilhas. Filho de pai europeu e, ao que consta, de mãe mestiça, Kenneth Estell (1994) o inclui em seu *African America: portrait of a people* como um dos grandes músicos afro-americanos.

GOVERNADOR DOS PRETOS. Patente delegada, pelas autoridades coloniais em Pernambuco, a alguns líderes negros, com o fito de controlar suas comunidades étnicas ou profissionais, sem interferência direta. Em setembro de 1776, Manoel Nunes da Costa foi nomeado “governador dos pretos marcadores de caixas de açúcar”; em maio de 1791, Narciso Correia ganhava a patente de “governador dos pretos ardas do Botão da Costa da Mina”, e, no ano seguinte, Domingos da Fonseca era nomeado “governador dos pretos canoeiros de Recife”.

GOVI. Espécie de quartinha; pequeno pote, usado na mina maranhense (conforme Lody, 2003).

GOZIM. Nos candomblés jejes, jarra contendo água do mar, usada no culto do vodum Agbê. Do fongbé *gô*, "garrafa" + *sin*, "água".

GRA. Em algumas tradições africanas nas Américas, cada um dos espíritos elementais que vivem nas matas. Provavelmente de *kra* (*okra*), "a alma", "o sopro vital", entre os fânti-axântis.

GRAÇA, Manuel Rodrigues (século XVIII). Mestre-carpinteiro ativo no contexto setecentista de Minas Gerais. É autor de obras de arte realizadas nas igrejas de São José dos Pardos, Mercês e Perdões, em Ouro Preto. Em 1773, ocupava o cargo de mestre de obras da Casa da Junta e Real Fazenda.

GRACIA DO SALGUEIRO (1927-90). Nome pelo qual foi conhecido o sambista Graciano Campos, nascido em Além-Paraíba, MG, e falecido no Rio de Janeiro. É autor, entre outros, do samba-enredo de 1958 da Acadêmicos do Salgueiro, sua escola, feito em parceria com Pindonga*, e de *1.800 colinas*, sucesso do repertório da cantora Beth Carvalho.

GRADIM. Apelido comum a vários futebolistas afro-brasileiros, após o sucesso de Isabelino Gradim, meia-esquerda negro do Peñarol de Montevidéu e da seleção uruguaia de 1919. O apelido estendeu-se a Lauro dos Santos, futebolista e sambista de Mangueira*, considerado, ao lado de Cartola*, um dos maiores compositores do famoso morro; a João de Oliveira, um dos fundadores da escola de samba Império Serrano*; e, principalmente, a Francisco Ferreira de Souza, jogador e técnico de futebol brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, em 1905, que, como jogador, integrou a seleção brasileira que conquistou a Copa Rio Branco de 1932, e, como técnico, foi um dos primeiros afro-brasileiros a assumir tal condição profissional.

GRAGE. Ralador; espécie de reco-reco das Antilhas Francesas e da Guiana. Também, *graj*.

GRAGÉ. Dança das Antilhas Francesas e da Guiana. Do francês *grager*, "ralar".

GRAJALES COELLO, *Mariana* (1808-93). Heroína cubana nascida em Santiago de Cuba e falecida em Kingston, Jamaica. Exemplo de mulher forte e mãe extremosa, participou das lutas pela independência de Cuba ao

lado do marido e dos filhos José e António Maceo*, tendo sido oficialmente proclamada "a Mãe de Cuba".

GRAMACHO, Diomedes (séculos XIX-XX). Cineasta brasileiro nascido na Bahia. Pioneiro do cinema, em 1910 realizou os documentários *Segunda-feira do Bonfim* e *Regatas da Bahia*.

GRAMILLERO. Personagem das *comparsas** em Montevidéu. Vestido de fraque e cartola, usa barba branca e dança apoiado em uma bengala, simulando os movimentos trêmulos e vacilantes de um velho decrépito. Originalmente representava um médico rural, dos que curam com *gramillas* (sementes), daí o nome.

GRAN GADU. Entre os djukas* do Suriname, uma das denominações do Ser Supremo. Também, Gran Tata e Old Nengre.

GRAN MAN. Chefe político e sacerdote supremo dos *bush negroes* do Suriname e da Guiana. O termo parece ser um híbrido do francês *grand* ("grande") com o inglês *man* ("homem").

GRAN TATA. O mesmo que Gran Gadu*.

GRANADA [1]. País localizado no mar das Antilhas, ao norte de Trinidad e Tobago. Sua capital é Saint George's, e a introdução de negros na ilha data da segunda metade do século XVII. Hoje, a parcela de negros na composição da população é de 84%. *Ver BISHOP, Maurice*; *BUTLER, Tubal Uriah*.

***GRANADA* [2].** Nome cubano da romã (*Punica granatum*). Pertence a Oyá e Xangô, a quem se oferecem seus frutos. Os galhos afastam os maus espíritos que impedem o repouso tranquilo.

GRANADINAS. Conjunto de seiscentas ilhas situadas entre Granada e São Vicente, nas Pequenas Antilhas.

GRAND MARSHAL. Em Nova Orleans, nos Estados Unidos, nome que designa o personagem que, solene e pomposamente, vai à frente das bandas de música nos funerais da comunidade negra. Sua função é, atuando como uma espécie de mestre de cerimônias, "esticar" o percurso do cortejo, para atrair mais gente. Membro da banda ou da sociedade a que pertence o falecido, caminha ereto, com expressão solene, vestido de preto, chapéu-coco, luvas brancas, falando baixo, numa atitude que é crucial para a

dignidade do cortejo fúnebre e a disciplina do alegre cortejo de volta. *Ver JAZZ FUNERALS*.

GRANDA, Bienvenido (1915-83). Cantor cubano nascido em Havana e falecido no México. Conhecido como solista da Orquestra Sonora Matancera, empreendeu, mais tarde, bem-sucedida carreira solo, alcançando grande sucesso discográfico, inclusive no Brasil, onde sua voz, de timbre característico, foi imensamente familiar, nos anos de 1950 e 1960, na interpretação de boleros.

GRANDE OTELO (1915-93). Nome artístico de Sebastião Bernardes de Souza Prata, ator brasileiro de teatro, cinema e televisão, nascido em Uberlândia, MG, e falecido na França. Depois de atuar em cassinos e outros tipos de casas noturnas, a partir de 1935 fez do cinema sua principal atividade, tendo aparecido na tela pela primeira vez em *Noites cariocas*. Em 1943 protagonizou o primeiro filme produzido pelos estúdios Atlântida, *Moleque Tião*. Alcançou grande sucesso quando fez dupla com Oscarito: juntos, participaram de mais de dez chanchadas, como *Carnaval no fogo* (1949) e *Matar ou correr* (1954). Teve também participações memoráveis em filmes de outros gêneros, como *Rio, Zona Norte* (1957) e *Macunaíma* (1969), além de marcante atuação na televisão. Em 1986, foi tema do enredo da escola de samba carioca Unidos de São Carlos, e, em 1993, lançou, pela Topbooks, o livro *Bom dia, manhã*. Foi o primeiro artista negro homenageado por seu trabalho no Congresso Nacional brasileiro; morreu de enfarte a caminho de Nantes, onde seria homenageado no Festival dos Três Continentes.

GRANDMASTER FLASH. Pseudônimo de Joseph Saddler, DJ nascido em Barbados, em 1958. Pioneiro do rap e do hip-hop*, nos anos de 1970 introduziu as técnicas de manipulação de discos de 33 rotações para obter efeitos sonoros que hoje são utilizadas em todo o mundo.

GRANDY, Moses (?-c. 1787). Escravo americano nascido no condado de Camden, Carolina do Norte. Teve sua vida relatada no livro *Narrative of the life of Moses Grandy; late a slave in the United States of America*, publicado em Londres, por C. Gilpin, em 1843.

GRANT, Eddy. Músico nascido em Plaisance, Guiana, em 1948, e radicado na Inglaterra. Cantor e guitarrista de reggae, projetou-se como um

dos artistas anglo-caribenhos mais populares do seu tempo.

GRATIANT, Gilbert (1895-1985). Escritor martinicano nascido em Saint-Pierre e falecido em Paris, França. Poeta, novelista e crítico, foi precursor do movimento da *négritude* e um dos primeiros a usar o crioulo como língua literária. Teve publicadas, entre outras obras, *Credo des sang-mêlé* (1950) e *Fab' compè Zicaque* (1958).

GRAU SAN MARTÍN, Ramón (1889-1969). Político e médico cubano, governante de seu país em dois mandatos, de setembro de 1933 a janeiro de 1934 e de 1944 a 1952. No primeiro, foi presidente provisório após a queda do ditador Gerardo Machado, sendo deposto por Fulgencio Batista*. No outro, foi regularmente eleito mas governou sob fortes acusações de corrupção, as quais, consoante algumas opiniões, não envolviam sua pessoa. Segundo Guillermo Cabrera Infante (1996), era afrodescendente.

GRAVIOLA. *Ver GUANÁBANO.*

GRAY, Simon (século XIX). Personagem da história da escravidão nos Estados Unidos. Escravo de ganho (*ver GANHADORES*), foi capitão de uma embarcação mercante, pertencente ao seu dono, atuante no rio Mississippi. Tinha a seu serviço uma tripulação que incluía marinheiros brancos, andava com uma pistola na cinta e comerciava livremente em nome de seu senhor. Também nos Estados Unidos, foram capitães de navios os escravos Moses Grandy* e George Henry.

GREAT MOOR, The (século XVII). Epíteto, significando “o Grande Mouro”, pelo qual foi conhecido célebre pirata argelino. Em 1635, no Mediterrâneo, capturou uma embarcação napolitana, levando dela um precioso carregamento de ouro, sedas e armamento, inclusive canhões (conforme Rogozinski, 1995). *Ver PIRATAS NEGROS.*

GREEGREE. Nos Estados Unidos, o mesmo que *gris-gris**.

GREEN PASTURES, The. Filme norte-americano de 1936, realizado por W. Keighley e M. Connely, com base na peça teatral homônima de autoria do segundo. O argumento envolve uma passagem bíblica, e todos os personagens, incluindo Deus, o anjo Gabriel, Adão e Eva, são representados por atores negros, entre os quais Rex Ingram, Oscar Polk e Myrtle Anderson.

GREEN, Al [Greene, dito]. Cantor e pastor evangélico americano nascido em Forrest City, Arkansas, em 1946. Atuante nas áreas do gospel, soul e rhythm-and-blues, tem discos gravados ao lado de Ray Charles* e Aretha Franklin*.

GREENER, Richard (século XIX). Educador americano, foi o primeiro negro a diplomar-se pela prestigiosa Universidade de Harvard, em 1870. Nove anos depois, tornava-se diretor da Faculdade de Direito da Howard University.

GREFFA. Um dos nomes da maconha*, entre os músicos de Nova Orleans, no início do século XX.

GREGÓRIO MAQÜENDE. *Ver MAQÜENDE, Gregório.*

GREGÓRIO, Alcides (1919-91). Sambista carioca. Foi um dos fundadores da escola de samba Império Serrano*, onde, na condição de exímio ritmista, exerceu o cargo de diretor de bateria dos anos de 1960 até o fim da vida.

GRENADA. O mesmo que Granada*.

GRIFFE. Nas Antilhas Francesas, denominação dada ao resultado da mestiçagem de um indivíduo negro com um *marabou**.

GRIFFIN, Johnny (1928-2008). Saxofonista americano nascido em Chicago e falecido em Mauprévoir, França. Nos anos de 1950, tocou com Lionel Hampton*, Art Blakey*, Thelonious Monk* e outros grandes nomes. Na década de 1960 viveu em Paris e depois na Holanda; na década seguinte, retornou aos Estados Unidos, trabalhando, a partir de então, com seu amigo Dexter Gordon*. Ficou conhecido por cultivar um estilo de improviso em velocidade vertiginosa e com grande criatividade.

GRIGRI. Forma aportuguesada de *gris-gris**.

GRIJÓ, João Fernandes de Oliveira (1756-*c.* 1821). Personagem da história colonial brasileira nascido no Tejuco, atual Diamantina, MG, e falecido em Lisboa, Portugal. Filho primogênito da legendária Chica da Silva* com o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, foi o principal herdeiro do pai. Riquíssimo proprietário, viveu em Portugal como administrador do morgado de Grijó, um conjunto de bens que incluía a Quinta de Grijó e outros imóveis em Portugal, nas Minas Gerais e no Rio de

Janeiro. Era senhor, ao que consta, da chácara no atual bairro carioca de Botafogo cedida para moradia da rainha Carlota Joaquina.

GRILLO, Diego (?-1673). Pirata espanhol de origem africana. Cognominado "El Mulato" e fugitivo de Havana, Cuba, em 1671, quando Henry Morgan saqueou o Panamá, era o comandante de um dos navios da expedição. Logo depois, recusando o perdão oferecido pelo governador da Jamaica aos piratas que abandonassem sua atividade ilegal, continuou sua vida de saques no mar do Caribe, até ser preso e enforcado. *Ver PIRATAS NEGROS.*

GRILO. Nome dado por escravos a guardas que os vigiavam. J. Raymundo (1933) vê a origem no quimbundo *g'irilu*, abreviação ou mutilação do ambundo *mulang'irilu*, "guarda".

GRIMARD, Luc (1886-1954). Escritor e educador haitiano nascido e falecido em Cap-Haïtien. Reitor da Universidade do Haiti, publicou as coletâneas de poemas *Sur ma flûte de bambou* (1926), *Ritournelles* (1927) e o romance *Du sable entre les doigts* (1941).

GRINGUELÉ. Nome cubano da *Guiera senegalensis*, planta africana cujas folhas são consumidas em substituição ao quiabo.

GRIOT. Termo do vocabulário franco-africano, criado na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes das quais, em geral, está a serviço. Presente sobretudo na África ocidental, notadamente onde se desenvolveram os faustosos impérios medievais africanos (Gana, Mali, Songai etc.), recebe denominações variadas: *dyéli* ou *diali*, entre os bambaras e mandingas; *guésséré*, entre os saracolês; *wambabé*, entre os peúles; *aouloubé*, entre os tucolores; e *guéwel* (do árabe *qawwal*), entre os uolofes. *Ver CANTADORES NEGROS.*

GRIS-GRIS. Amuleto protetor. *Ver OGUIRI.*

GROGA. Bebida para caboclos, oferecida em certos terreiros paraibanos.

GROOVY. Termo da gíria dos negros americanos, surgido nos anos de 1930, para designar algo muito bom, excelente.

GROS BON ANGE. No sistema filosófico do vodu haitiano, a força vital que garante a existência do corpo e a sua faculdade de agir. Também chamada *Ba* e *Gwo-bon-anj*. *Ver TI BON ANGE.*

GROUNATION. Reunião ou convenção de membros da comunidade rastafári.
GRUMPLI. Na Casa das Minas, nome que designa o tambor médio (conforme Lody, 2003). *Ver RUMPI.*
GRÚNCIS. *Ver GURUNSIS.*
GRUPO DE TRABALHO DE VALORIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA. Grupo interministerial criado em 1996 no Brasil para propor ações contra o racismo e implementar políticas públicas de ação compensatória*.
GTO (1913-90). Assinatura e nome artístico de Geraldo Teles de Oliveira, escultor brasileiro nascido em Itapecerica, MG, e falecido em Divinópolis, no mesmo estado. Artista prestigiado, participou de várias exposições no exterior, como a Brasil Expo-73, em Bruxelas e Paris, e a representativa do Brasil no Festival Mundial de Arte Negra* de 1977, em Lagos, Nigéria. Tem peças de sua lavra expostas no Museu da Pampulha, em Belo Horizonte, MG.
GUABIYÚ. Nome pelo qual se fez conhecido Ulises García, compositor e instrumentista uruguaio nascido em Montevidéu, em 1937. Militante operário, em 1974 exilou-se na Argentina e, em 1978, na Inglaterra. No exílio, fundou, em 1983, o grupo Barricada, por meio do qual se posicionou contra ações imperialistas, como a invasão de Granada. Mais tarde, integrou o grupo Surazo, dirigido pelo chileno Nano Rivas. Em 1993, recebeu o Hispanic Achievement Award, pelos seus projetos artísticos e comunitários, e o diploma de honra da London Hispanic Foundation.
GUADALUPE. Departamento ultramarino da França, localizado no mar do Caribe e com capital em Basse-Terre. Com história e cultura muito semelhantes às da Martinica, o país, ocupado pelos franceses em 1635, vivenciou entre 1789 e 1801 uma série de revoltas de escravos, até a abolição em 1848.
GUADALUPE, Julio. Poeta uruguaio nascido em 1912, em Montevidéu. Seu trabalho literário começa em 1935, já abordando as temáticas negra e camponesa. Em 1936, ajuda a fundar El Teatro del Pueblo, a primeira companhia de teatro popular e independente do Uruguai. Escreveu um balé e uma ópera negra, além de diversos ensaios sobre os negros nas Américas e,

especialmente, em seu país. Integrado ao movimento internacional da *négritude*, era considerado no final dos anos de 1980, ainda em franca atividade, o maior poeta afro-uruguaio vivo. Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

GUAGUA. Em Cuba, designação do ônibus ou caminhonete para transporte coletivo. Segundo Fernando Ortiz (1991), o vocábulo, que originalmente dá nome a uma espécie de inseto, seria proveniente de uma das línguas do Calabar*: *awawa*, "rápido".

GUAGUANCÓ. Variedade da *rumba brava* cubana. *Ver RUMBA*.

GUAIÁ. Espécie de chocalho de palha da tradição afro-brasileira, também chamado inguaiá, angoiá e anguaiá. Usado na dança do jongo e em outros folguedos, pode apresentar várias formas. Alguns se constituem de uma pequena cesta de taquara tecida em torno de uma chapa de folha de flandres com pedrinhas; outros consistem em latas de goiabada fechadas e com alça; outros de um cone truncado com cabo; outros, ainda, de dois cones ligados pela base; outros, finalmente, se constituem em simples cilindro de lata. Do umbundo *nguaia* (*ngwaya*), "cabaça de pedúnculo comprido", para servir de empunhadura, com seixos ou sementes duras introduzidos no interior, como elementos estridulantes (conforme Redinha, 1984).

GUAIAQUIL. Cidade e principal porto do Equador, no oceano Pacífico. *Ver CIDADES NEGRAS*; *EQUADOR, República do*.

GUAJARINO. *Ver CÉZAR, Eliseu*.

GUANÁBANO. Nome cubano da graviola (*Annona muricata*), planta da família das anonáceas, pertencente a Obatalá na tradição ritual da *santería*.

GUANAIAME. Uma das denominações do Deus supremo entre os negros bantos do Brasil. Do quimbundo *Ngana ia mi*, "meu Senhor".

GUANAZAMBA. O mesmo que Angana-Zâmbi*.

GUA-NIN. Espécie de liga metálica à base de ouro usada na fabricação de lanças por nativos da ilha Hispaniola, à época do descobrimento da América. Segundo o diário de Cristóvão Colombo, a técnica de fabricação dessas lanças teria sido transmitida aos indígenas por navegadores vindos da África ocidental (conforme Ivan Van Sertima, 1977). *Ver DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS*.

GUANO. Nome cubano da carnaúba (*Copernicia cerifera*), árvore da família das palmáceas. Pertence a Xangô, e a seus pés, principalmente da variedade conhecida como *guano prieto*, se depositam oferendas e ebós* para o importante orixá.

GUANTANAMERA. *Ver FERNANDEZ, Joseíto.*

GUARACHA. Gênero cubano de canção dançante de origens afro-hispânicas. Durante o século XIX, foi basicamente um gênero ligado ao teatro de variedades, passando, depois, aos salões de baile. As letras de suas canções são, em geral, picarescas ou satíricas.

GUARACIABA, Barão de (século XIX). Título de nobreza de Francisco Paulo de Almeida, negociante brasileiro nascido em Santa Fé, MG, titulado por decreto de 16 de setembro de 1887 e conhecido como "o Barão Negro". Dono de grande fortuna, foi provedor da Santa Casa de Valença, no Rio de Janeiro, entre 1882 e 1884. Em 1891, adquiriu, em Petrópolis, o Palácio Amarelo, prédio construído em 1850 e hoje sede da Câmara Municipal, sendo uma atração turística da cidade serrana fluminense.

GUARANY, Francisco Biquiba de Lafuente (1882-1985). Escultor brasileiro nascido e falecido em Santa Maria da Vitória, BA. O mais famoso entre os escultores das carrancas que adornaram a proa das barcas no rio São Francisco até os anos de 1950, trabalhou na produção desses objetos, depois valorizados no mercado de arte, dos 19 aos 97 anos de idade. No seu centenário, entre outras homenagens, recebeu um poema especialmente escrito pelo célebre Carlos Drummond de Andrade.

GUARAPO. Dança tradicional da República Dominicana. O vocábulo, de origem quíchua, designa, em toda a América hispânica, o caldo de cana.

GUARDA NEGRA. Organização de negros libertos criada no Rio de Janeiro, em setembro de 1888. Frequentemente envolvido em conflitos, o grupo era visto por seus adversários republicanos como um bando de capangas a serviço da monarquia. Para seus simpatizantes, era uma facção política como outra qualquer, simbolizando em suas ações a gratidão dos ex-escravos à princesa Isabel. Em 1889, André Rebouças* (citado por Veríssimo, 1939) recomendava ao líder da organização, Manuel Pinto

Peixoto, “evitar a violência, constituir sociedades e clubes para a educação, instrução e aperfeiçoamento da raça negra”.

GUARDIERO. Nas antigas fazendas cubanas, negro velho ou inutilizado empregado como sentinela para dar alarme ou impedir eventuais furtos, assaltos, incêndios etc.

GUAREÍ. Cidade e município do estado de São Paulo, na zona dos Campos Gerais. Após a abolição, cerca de cem ex-escravos ocuparam terras de uma fazenda local. Na execução do despejo pelas forças policiais, travou-se violento combate, no qual morreram dois dos ocupantes.

GUATACA. Enxada empregada como instrumento de percussão na *rumba brava* cubana. *Ver RUMBA*.

GUATEMALA, República da. País da América Central. Limitado a leste por Belize, Honduras e golfo de Honduras, a norte e a oeste pelo México e ao sul por El Salvador e pelo oceano Pacífico, tem considerável população *garífuna**, localizada no golfo de Honduras, no litoral caribenho.

GUATINI, Francisco. Poeta, ator e pintor uruguaio nascido em Montevidéu, em 1951. Integrou o Teatro Negro Independiente e tem poemas publicados nas revistas *Mundo Afro*, *Galeón* e *Afro-Hispanic Review*. Está incluído no segundo volume da antologia de A. B. Serrat (1996).

GUAYABERO, El (1911-2007). Nome artístico de Faustino Oramas, músico cubano, compositor, trovador e executante de *tres*, espécie de violão tenor com três cordas duplas. O termo *guayabero* tem o significado de “contador de lorotas” e é referência às histórias cantadas que marcam seu repertório.

GUAYO. Um dos nomes do *güiro**.

GUBA. Um dos nomes do amendoim entre os congos cubanos. Conferir o brasileiro jinguba* e o inglês *goober*.

GUBIDA. Entre os *garífunas**, designação do espírito do ancestral.

GUEDÉ. Uma das categorias de entidades espirituais do vodu haitiano; cada um dos loás considerados ancestrais ou mortos ilustres, ou que os simbolizam. O mesmo que loá*.

GUEDÉ MAKANDAL. No vodu haitiano, nome de um dos espíritos da terra, o qual parece ser uma espécie de divinização do herói François Makandal*. Makandal dizia que os brancos não podiam matá-lo, pois, para

escapar deles, tinha o último recurso de transformar-se em melga, uma espécie de mosquito. Ao ser queimado vivo, em 20 de janeiro de 1758, pronunciando palavras rituais, seu corpo teria sido projetado para fora da fogueira, o que espalhou o pânico entre os assistentes e difundiu a crença em sua imortalidade, tendo como consequência a sua divinização.

GUEDES, Lino (1897-1951). Escritor nascido em Socorro, SP, filho de ex-escravos. Órfão de pai ainda recém-nascido, foi educado sob a proteção de Olympio Gonçalves dos Reis, líder político de sua cidade natal. Em 1912, mudou-se para Campinas, onde se formou como professor e, mais tarde, dedicou-se ao jornalismo. Trabalhou em vários jornais da capital paulista, sendo chefe de revisão do *Diário de São Paulo*. Em 1928, fundou o jornal *Progresso*, da militância negra. Membro da Sociedade Paulista de Escritores, segundo Brookshaw (1983), foi o "primeiro poeta negro do Brasil a experimentar e expressar conscientemente a alma de seu povo". Sua obra publicada compreende os seguintes livros: *O canto do cisne preto* (1926); *Ressurreição negra* (1928); *Negro preto cor da noite* (1936); *Urucungo* (1936); *Mestre Domingos* (1937); *O pequeno bandeirante* (1937); *Ditinha* (1938); *Sorrisos de cativeiro* (1938); *Vigília de Pai João* (1938); *Nova inquilina do céu* (1943); *Suncristo* (1951).

GUEDEVI. Cada uma das entidades caboclas do extinto Terreiro do Egito* . *Ver* GUEDÉ.

GUELÊ. Variação de oguelê*.

GUELEDÉS. Máscaras outrora usadas no candomblé do Engenho Velho*, por ocasião da Festa dos Gueledés, em 8 de dezembro. O nome deriva do iorubá *Gèlèdé*, sociedade secreta feminina que promove cerimônias e rituais semelhantes aos da sociedade Egungum, mas não ligados a ritos funerários, como os da segunda. Por extensão, passou a designar as cerimônias e as máscaras antropomorfas esculpidas em madeira. No Brasil, a sociedade funcionou nos mesmos moldes iorubanos e sua última sacerdotisa foi Omoniké, de nome cristão Maria Júlia Figueiredo. Com sua morte, encerraram-se as festas anuais, bem como a procissão, que se realizava no bairro da Boa Viagem. *Ver* GELEDÉS.

GÜEMILERE. O mesmo que *bembé**. Variante: *wemilere*.

GUENE. Espécie de língua secreta usada pelos negros de Curaçau. De "Guiné".

GUERÊ. Oxum que trabalha com o Exu Laboré Fumen.

GUERRA CIVIL NORTE-AMERICANA. *Ver SECESSÃO, Guerra de*.

GUERRA DO PARAGUAI. Conflito travado de 1864 a 1870 entre o Paraguai, de um lado, e Brasil, Argentina e Uruguai, de outro. Também chamado de Guerra da Tríplice Aliança, em razão da aliança formada pelos vencedores, o confronto deveu-se principalmente a uma disputa pelo controle da bacia do Prata – saída para o mar e entrada para o continente –, motivada pela crescente autonomia do Paraguai em relação ao domínio britânico. O Exército paraguaio, segundo J. J. Chiavenato (1980), apresentava a proporção de um negro ou mestiço para cada cinco soldados brancos, enquanto, entre as forças aliadas, para cada soldado branco havia 25 mulatos ou negros (no contingente brasileiro essa proporção era de 45 negros para cada branco). Os batalhões de linha uruguaios eram formados exclusivamente por negros, africanos e crioulos: em 1850, o Terceiro Batalhão de Infantaria era constituído por um efetivo de 240 escravos; o Quarto por 200; e o Quinto por 250. **Abolição e genocídio:** Antes da Guerra do Paraguai, o Brasil não tinha Exército regularmente organizado. Deflagrado o conflito, os escravos, atraídos pela promessa de alforria ou enviados por seus donos, constituíram o Exército. Terminada a conflagração, os escravos não se dispuseram a regredir à situação anterior. Foi a partir de então que se organizou e consolidou a luta abolicionista no Brasil. Por outro lado, a guerra funcionou, em relação ao Brasil, como uma tentativa, bem-sucedida, de branqueamento da população: os escravos seguiam como combatentes em troca de alforria e acabavam dizimados. Assim, dois anos após o término do conflito, a parcela branca do povo brasileiro havia experimentado um crescimento de 64%, enquanto a população negra diminuíra em 60%. Com relação aos países aliados, de população negra menor que a brasileira, o processo de branqueamento conheceu ainda maior êxito. *Ver VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA*.

GUERRA, Digna. Maestrina cubana nascida em 1945. Dirigente do Coro Nacional de Cuba e professora do Instituto Superior de Arte, destacou-se

por seu importante trabalho de valorização e divulgação da música coral de seu país.

GUERRA MUNDIAL, Primeira. Conflito deflagrado em 1914 e findado em 1918, a Primeira Guerra Mundial contou com a participação de milhares de soldados africanos. A França, por exemplo, para lutar na Europa, criou um grande Exército colonial, constituído em sua maioria por senegaleses. Dezenas de milhares de africanos pereceram nessa guerra, da qual participaram mais de 850 mil soldados "de cor", muitos deles sucumbindo ao frio e à doença (conforme R. M. Fure, 1997). Quanto aos afrodescendentes, página de grande heroísmo foi escrita pelo regimento americano conhecido como Harlem Hell Fighters*.

GUERRE NÈGRE. Nome pelo qual ficou conhecido o levante de escravos ocorrido em Dominica, no Caribe, em 1844.

GUERREIRO RAMOS. *Ver RAMOS, [Alberto] Guerreiro.*

GUERRERO, Vicente (1783-1831). Militar e estadista mexicano, libertou seu país do domínio espanhol, aboliu a escravatura e foi presidente da República. Segundo A. da Silva Mello (1958), teria sido escravo.

GUERRITA DE MAYO. *Ver PARTIDO INDEPENDIENTE DE COLOR.*

GUETOS NEGROS. O gueto é a concentração de determinados grupos desfavorecidos, identificados cultural ou etnicamente, em setores específicos de uma cidade. Famosos guetos negros localizam-se, por exemplo, no Harlem* e no Bronx*, em Nova York; em Watts, Los Angeles; no Candeal, em Salvador; e em vários dos antigos morros cariocas.

GUEZO. *Ver GHEZO.*

GUGURU. Denominação das pipocas, no linguajar dos candomblés. Do iorubá *gúgúrú*, "milho seco frito".

GUIA. Na umbanda, termo masculino que denomina genericamente cada uma das entidades espirituais protetoras de um indivíduo. No feminino, designa o colar de contas ou cordão metálico usado pelos adeptos, e que identifica seu orixá protetor. Nessa acepção, o termo é, certamente, forma reduzida da expressão "colar de guia", cujo uso é atestado na canção *Capital do samba*, de 1942, de autoria do compositor carioca José Ramos: "Nossas baianas com seus colares de guia" – diz a letra.

GUIANA, República Cooperativa da. País localizado no Norte da América do Sul, com capital em Georgetown. Colonizado a partir do final do século XVII, primeiro pela Holanda, depois pela Inglaterra, o país tem uma população de cerca de 35% de descendentes de africanos. Essa população originou-se, em grande parte, dos escravos introduzidos pelos ingleses já no século XVIII, um dos quais, Cuffy, liderou em 1763, na região de Berbice*, uma rebelião de amplas proporções, sendo, por isso, hoje considerado herói nacional.

GUIANA FRANCESA. Departamento ultramarino da França, localizado no Norte da América do Sul, com capital em Caiena. Sua população é quase inteiramente composta de negros e mestiços. O tráfico de escravos alimentou a lavoura e outras atividades de meados do século XVII até 1831. Após a abolição, trabalhadores africanos continuaram sendo introduzidos no país, como contratados, de 1854 a 1859. Grupos de *maroons**, vindos do Suriname, tentaram se estabelecer na região, porém foram fortemente reprimidos entre 1837 e 1841, até que, na segunda metade do século XIX, as autoridades francesas passaram a tolerar sua presença no território da colônia. *Ver BONI*; *BUSH NEGROES*.

GUIDELA (séculos XV-XVI). Tocador de tambor de Diego Velázquez. Trazido da Espanha pelo conquistador de Cuba, passou à história por seus gracejos atrevidos durante as controvérsias de Velázquez com Hernán Cortez.

GÜIJE. Duende dos rios cubanos. Trata-se de anõezinhos negros de orelhas e barriga grandes que se divertem pregando peças e fazendo travessuras.

GUILBAUT, Tertulian [Marcelin] (1856-99). Escritor, educador e diplomata haitiano nascido em Port-de-Paix. Formado em Leis pela Sorbonne, fundou uma faculdade de direito em sua cidade. Mais tarde, foi secretário de Educação e embaixador em Paris. Um dos responsáveis pela renovação literária ocorrida no Haiti no fim do século XIX, escreveu e publicou poemas e textos teatrais.

GUILLÉN, Nicolás (1902-89). Poeta cubano nascido em Camagüey. Estreou na literatura em 1930, com *Motivos de son*, coletânea inspirada no gênero musical cubano por excelência (*ver SON*). Mais tarde, dedicou-se a uma poesia de combate, primeiro demonstrando solidariedade aos

republicanos espanhóis e, depois, revelando engajamento total na revolução castrista. Artista e militante, foi membro do comitê central do Partido Comunista de Cuba e deixou mais de uma dezena de livros de poesia publicados.

GUILLERMO Ribas (século XVIII). Líder quilombola venezuelano, chefe do Cumbe* de Ocoyta*, até 1771.

GUILLOT, Olga (1922-2010). Cantora nascida em Santiago de Cuba, criada em Havana e falecida em Miami, nos Estados Unidos. Com carreira iniciada aos 9 anos de idade, logo se tornou uma das grandes expressões da música popular cubana. Em sua bem-sucedida carreira internacional, gravou mais de setenta LPs, conquistando inúmeros prêmios. Residiu muitos anos no México e depois se fixou nos Estados Unidos.

GUIMARÃES, Adelaide de Castro Alves (1854-1940). Escritora brasileira nascida em Salvador, BA, e falecida no Rio de Janeiro. Irmã do poeta Castro Alves*, dedicou-se principalmente à poesia e deixou publicado o livro *O imortal*, de 1933. É mencionada em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

GUIMARÃES, Geni [Mariano]. Escritora brasileira nascida em São Manoel, SP, em 1947. Professora, militou na imprensa interiorana, nos jornais *Debate Regional* e *Jornal da Barra*, em Barra Bonita, município paulista. Publicou, entre outros livros, *Terceiro filho* (poemas, 1979), *Da flor o afeto* (1981) e *Leite do peito* (1988). É autora de um livro infantil pioneiro, *A cor da ternura* (1989), cuja personagem central é uma menina negra.

GUIMARÃES [Botelho]**, Ruth.** Escritora e jornalista nascida em Cachoeira Paulista, SP, em 1920. Formada pela Escola Normal Padre Anchieta, de São Paulo, mais tarde cursou faculdade de filosofia e exerceu o magistério. Tem publicados, entre outros, os livros *Água funda* (romance, 1946); *Os filhos do medo* (romance folclórico, 1950); *O diabo no folclore* (ensaio, s/d); *Mulheres célebres* (1960); *Lendas e fábulas do Brasil* (1972). É biografada como afrodescendente em Oliveira (1998), com base em *Escritoras negras: resgatando a nossa história* (Mott, 1989).

GUINÉ [1]. Nome dado outrora, no continente africano, à parte do Sudão* que se estendia da fronteira da Senegâmbia* com Serra Leoa até o Congo*. Nessa classificação, a Guiné Superior ou Setentrional abrangia as

terras entre Serra Leoa e o cabo Lopez, no Gabão; e a Guiné Inferior ou Meridional ia desse ponto até o Sul da atual Angola (região no passado integrada pelos Estados de Luango, Cacongo, N'Goyo, Congo, N'Gola e Benguela), seguindo-se, na faixa litorânea, as regiões então conhecidas como Hotentote e Cabo, já na atual África do Sul. A origem da palavra, segundo o *Dictionnaire des civilisations africaines* (1968), estaria no berbere *Akal-n-Iguinawen*, expressão correspondente ao árabe *Bilad-es-Sudan*, isto é, "país dos negros".

GUINÉ [2] (*Petiveria tetrandra*; *Petiveria alliacea*; *Petiveria hexaglochin*). Subarbusto da família das fitolacáceas de largo uso nos cultos afro-brasileiros, na feitura de amuletos e nos rituais de limpeza e fixação do axé*. Uma das "folhas fixas" (*ver PLANTAS VOTIVAS*) do omi-eró*, é igualmente conhecida como erva-de-guiné, guiné-de-caboclo, guiné-piupiu e guiné-pipi. Sua raiz, altamente tóxica, ministrada em pó e em doses gradativas, provoca reações patológicas que vão da superexcitação, passando pelo "amolecimento" cerebral, à morte, depois de mudez por paralisia da laringe (conforme Balbach, s/d). Por isso, sua decocção foi conhecida, à época da escravidão, como "amansa-sinhô", lendário veneno com que escravos humilhados se vingavam de senhores excessivamente rigorosos ou cruéis. *Ver ANAMÚ*.

GUINÉ [3]. Antigo culto africano disseminado no Sudeste brasileiro, principalmente nos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro (segundo Cacciatore, 1988). Utilizava vocabulário em que se mesclavam palavras de origem banta e iorubana.

GUINÉ, Costa da. Antigo nome da porção da costa ocidental da África que fica entre Senegal e Angola. Durante algum tempo, essa faixa litorânea foi dividida em regiões cujo nome derivava do produto ou bem econômico local de maior procura: Costa do Ouro, Costa do Marfim, Costa dos Escravos etc. A expressão "da costa", em voga durante a época da escravidão, era uma referência a esse litoral; alguns exemplos: negros da costa, pano da costa*, sabão da costa* etc.

GUINÉ, República da. País da África ocidental com capital em Conacri. É limitada ao norte por Senegal e Mali, a leste pela Costa do Marfim, ao sul pela Libéria e Serra Leoa, a oeste pelo oceano Atlântico e a

noroeste pela Guiné-Bissau. Habitada por fulas, mandingas, bussoros e quissis, entre outros povos, o país tem história relacionada com a dos grandes impérios medievais da região.

GUINÉ-BISSAU, República da. País da África ocidental, limitado por Senegal (ao norte), Guiné (a leste e ao sul) e pelo oceano Atlântico (a oeste). Sua capital é Bissau e os principais grupos étnicos são os balantas, fulas, mandingas, manjacos e papéis. Sua história, até a chegada dos portugueses e o início da colonização por cabo-verdianos em 1558, inscreve-se no contexto da história dos grandes impérios medievais do antigo Sudão.

GUINÉ EQUATORIAL, República da. País localizado no Centro-Oeste africano, entre Camarões (ao norte), Gabão (a leste e ao sul) e o oceano Atlântico (a oeste). Seus principais grupos étnicos são os fangs e bubis, e sua história até a cessão, pelos portugueses, da ilha de Fernando Pó aos espanhóis, em 1778, se desenrola no mesmo cenário que envolve Gabão e Camarões. Sua capital é Malabo, cidade situada na ilha de Bioko.

GUINEA. Denominação cubana da galinha-d'angola*.

GUINEO. No Peru, à época colonial, termo usado como sinônimo de negro ou africano.

GUINETO, Almir. Nome artístico de Almir de Souza Serra, sambista nascido no Rio de Janeiro, em 1946. Compositor, instrumentista e cantor pertencente à tradicional família do morro do Salgueiro*, tendo sido diretor de bateria dos Acadêmicos, integrou a primeira formação do Grupo Fundo de Quintal*, sendo responsável pela reintrodução do banjo norte-americano na formação instrumental dos conjuntos de samba e por sua utilização, ao mesmo tempo, como instrumento de harmonia e quase de percussão. Cantor personalíssimo, incluiu em vários de seus registros fonográficos, entre 1986 e 1996, legítimos exemplares do samba de partido-alto*, revigorando esse subgênero.

GUINÉU. Dança de origem africana popularizada no Sul de Portugal, no século XVIII.

GUINGUEN (século XVIII). Nome pelo qual foi conhecido alto dignitário africano escravizado no Brasil. Principal chefe de Badagri, na Costa dos Escravos, residiu no Brasil em duas ocasiões: primeiro como estudante e mais tarde, a partir de 1782, como exilado político em Salvador, BA. É

também referido como “Gangan”, sendo ambos os nomes pelos quais foi conhecido corruptelas de seu título de chefe, *jengen* (conforme A. Costa e Silva, 2003).

GUININ. No vodu haitiano, gentílico dos loás* procedentes da Guiné. *Ver GINEN*.

GUIOMAR (século XVI). Quilombola venezuelana, mulher do legendário Rei Miguel*.

GÜIRA. Espécie de *güiro** metálico usado no merengue* dominicano.

GÜIRO. Espécie de reco-reco usado na música afro-cubana, feito de uma cabaça alongada. Sua origem remontaria, segundo alguns autores, aos taínos, antigo povo indígena das Antilhas. O modo de sua execução, entretanto, o enquadra perfeitamente entre os idiófonos de fricção da percussão africana.

GUITA. Antigo tambor de negros no Brasil.

GULARTE, Martha (1919-2002). Nome pelo qual se tornou conhecida Fermina Gularte Bautista, poetisa e dançarina uruguaia nascida em Paso de los Novillos, departamento de Tacuarembó. Com apenas 10 anos de idade, foi felicitada pela célebre poetisa Juana de Ibarborou pela qualidade de sua poesia. Aos 21, atuando como empregada doméstica, iniciou estudos de teatro, passando a ganhar a vida como intérprete de danças populares, profissão com que teve a oportunidade de exibir-se em vários países. Figura exponencial dos carnavais de Montevidéu e da cena sul-americana, está incluída na antologia de A. B. Serrat (1996), assim como seu filho, o músico Jorge Gularte, conhecido pelo pseudônimo “Jorginho”. Em 1998, ela publicou *El barquero del río Jordán – canto a la Biblia*.

GULLAH. Indivíduo dos gullahs, comunidade negra que habita as Sea Islands, próximo ao litoral de Carolina do Sul, Geórgia, e Norte da Flórida, Estados Unidos. Seu dialeto, o *gullah*, amplamente estudado por Lorenzo Dow Turner*, incorporou vocábulos das principais línguas africanas influentes na Diáspora, do uolofe ao quimbundo.

GUM. Exército composto de africanos, recrutados pelos Aliados para combater na Segunda Guerra Mundial. Foram aproximadamente 22 mil soldados, distribuídos por batalhões denominados *tabors*, de grande atuação na Itália e na França.

GUMA. Na linguagem dos cultos afro-amazônicos, uma espécie de pátio ou terreiro onde se dança ou se praticam outros atos rituais. *Ver* GUME.

GUMBE. Tambor e dança da Jamaica e de Saint-Thomas. O nome designa também uma espécie de mascarada tradicional das Bermudas. Variantes: *gumbée*, *gumbay*, *gumbey*.

GUMBO **[1].** O mesmo que *français nègre**.

GUMBO **[2].** Espécie de guisado da tradição culinária dos negros do Sul dos Estados Unidos, à base de quiabo e milho. Em Nova Orleans, o termo designa o próprio quiabo, tendo, portanto, a mesma origem etimológica do afro-brasileiro "gombô", aférese de "quingombô*".

GUMBO FILÉ. Em Nova Orleans, Estados Unidos, condimento feito de folhas machucadas e pulverizadas.

GUMBO ZHÈBES. *Gumbo* [2]* feito com ervas no lugar do quiabo. O segundo elemento da expressão é crioulização do francês *aux herbes*, "feito com ervas".

GUME. Designação do pátio interno, na Casa das Minas. *Ver* GUMA.

GUMPLI. Na Casa das Minas, nome dado ao tambor médio. *Ver* RUMPI.

GUNA. Poste central do barracão em terreiros de candomblé no Piauí. *Ver* GUMA.

GUNCHEY. Tipo de dança dos povos *garífunas**.

GUNDA (*Dioscorea bulbifera*). Espécie de inhame da América e das Antilhas. Também, *gunda pea* nas Antilhas Britânicas.

GUNDU. Doença tropical caracterizada por excrescências ósseas que se desenvolvem sobre os ossos do nariz e do rosto. É mencionada como uma das doenças africanas que afetavam os negros no Brasil.

GUNGA [1]. Berimbau de barriga. Do quimbundo *ngonga*, "arco musical" (conforme Redinha, 1984). *Ver* BERIMBAU.

GUNGA [2]. Personagem mitológico afro-brasileiro.

GUNGA-MUQUIXE. Entre os antigos negros bantos no Brasil, maioral, chefe, magnata. Do quicongo *nganga-mukixe*, "feiticeiro".

GUNGA-MUXIQUE. Variante de gunga-muquixe*.

GUNGAS. Guizos usados aos pares, amarrados nas pernas dos dançarinos do moçambique.

GUNGEON. Espécie de maconha* de forte conteúdo tóxico, também conhecida nos Estados Unidos como *Jamaican ganga* (conforme Clarence Major, 1987).

GUNGO. Espécie de ervilha, de largo uso na culinária jamaicana. Do quicongo, dialeto vili, *ngungu*.

GUNGO PEAS. O mesmo que *congo peas**.

GUNGUM. Conjunto de objetos usados em práticas da antiga tradição religiosa afro-brasileira. Do quicongo *ngungu*, "tabu", "proibição".

GUNGUNHANA. No Brasil, antigo qualificativo derrogatório de indivíduo negro. Do antropônimo Gungunhana, nome de um chefe moçambicano que, por volta de 1894, resistiu à dominação portuguesa, sendo atualmente considerado herói nacional (conforme Joseph Ki-Zerbo, s/d).

GUNOCÔ. Na Bahia antiga, divindade dos negros tapas, correspondente ao Orixá-Oko dos iorubanos. Segundo os antigos, suas manifestações, que só ocorriam uma vez por ano, em geral na noite de são João (salvo invocações para consultas especiais), provocavam medo: ocorriam em um bambual, onde Gunocô aparecia aumentando e diminuindo de tamanho, e apenas diante de fiéis do sexo masculino. A ele consagravam-se, como oferendas, cebolas, galos, galinhas, moedas de prata, níquel ou cobre, envoltos em morim branco, e as seguintes comidas rituais: canjica de milho verde, pamonha e caruru.

GURUFIM. Vigília fúnebre observada nas comunidades negras do Rio de Janeiro e de São Paulo. Consta de troca de adivinhas e outros passatempos, no curso dos quais são servidos pães, bolos, café, bebidas alcoólicas, sendo que, muitas vezes, se o defunto era sambista, cantam-se sambas em sua homenagem. *Ver FUNERÁRIOS, Costumes*.

GURUJÚ. Dança africana conhecida, segundo Ortiz (1991), na Espanha, no começo do século XVII.

GURUNFINDA. Em Cuba, cabaça mágica preparada pelos *mayomberos* com restos de vegetais e aves, a qual, convenientemente sacralizada, pode adivinhar e falar ao ouvido de seu dono. Por extensão, o espírito nela fixado, também chamado Gangalanfula*.

GURUNSIS. Povo localizado no centro do Togo, no leste de Gana e no sul de Burkina Fasso. Seus membros foram, no Brasil, ao que parece, muitas vezes confundidos com os do povo vai*, sendo, por isso, referidos também como "galinhas". Variantes: grúncis, grusi, grunxi, gurunxis, gurensi, guren etc.

GUSMÁN, Theodoro Hipolito (século XVIII). Músico afro-platense. Mulato livre, na década de 1770 destacava-se como violinista da orquestra da catedral de Buenos Aires.

GUSMÃO, Jesuíno Francisco de Paula. *Ver MONTE-CARMELO, Frei Jesuíno do.*

GUSMÃO, Mário (1928-96). Ator brasileiro nascido em Cachoeira, BA, e falecido na capital Salvador. Em fins da década de 1950, após enfrentar o preconceito e obter resultados brilhantes nos exames, tornou-se o primeiro estudante negro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA). No cinema, um dos atores favoritos de Gláuber Rocha, participou de *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964), *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), além de *Dona Flor e seus dois maridos* (1976), de Bruno Barreto, e *Chico Rei* (1985), de Walter Lima Jr. No teatro, atuou em 26 montagens, e, na televisão, embora nunca tenha residido fora da Bahia, participou de novelas e seriados em emissoras do eixo Rio-São Paulo.

GUTIÉRREZ, Eulogio (século XIX). Babalaô* cubano. Escravo em Calimete, Matanzas, em 1880, com a abolição da escravatura, retornou à África. Lá, em contato com suas origens, tornou-se um babalaô respeitado. Um dia, contudo, Orula* ordenou que regressasse a Cuba para lançar os fundamentos do culto de Ifá* e a ciência ritual da adivinhação por meio do opelê* Ifá. Gutiérrez voltou a Calimete, onde, segundo a tradição, tornou-se dono do mesmo engenho em que havia sido escravo. Depois, mudou-se para a localidade de Regla, na capital cubana, e abriu uma casa de culto a Ifá, tendo iniciado Bernabé Menocal, Bernardo Rojas e Tata Gaytán, que constituem a primeira geração de babalaôs cubanos.

GUY, [George, dito] **Buddy.** Guitarrista e cantor de blues americano nascido em Lettsworth, Louisiana, em 1936. Mudou-se para Chicago em 1957 e de lá encetou fulgurante carreira, inclusive ao lado de músicos do

rock, como os Rolling Stones e Eric Clapton. É considerado um dos maiores nomes do blues ao estilo de Chicago.

GUY'S TOWN. Grande aldeamento *maroon* na Jamaica. Seu nome é homenagem ao líder Guy, que desempenhou importante papel na guerra travada contra as autoridades coloniais entre 1730 e 1739.

GUZO. Termo banto correspondente ao iorubano axé*. Do quimbundo *nguzu*, "força".

GUZUNGA. Tambor de jongo que o tocador sustém debaixo da axila e preso ao ombro por uma correia.

GWAN BÉLE. Dança crioula do *big drum** de Carriacou.

GWO KOU. Nome de um tambor tradicional da Martinica.

GWO-BON-ANJ. O mesmo que G*ros bon ange**.

GWOKA. Música e dança de Guadalupe, tradicionalmente acompanhadas por tambores de barricas, presentes em celebrações de vários tipos, inclusive em eventos esportivos.

H

HABANERA. Antigo gênero musical cubano, derivado da *danza criolla* e cuja presença era registrada já na década de 1830. Segundo H. Orovio (1981), tem raízes no chamado *tango congo**, com influência de elementos de origem hispânica. Algumas de suas células estruturais aparecem em peças de compositores europeus, como por exemplo Albéniz, Bizet, Debussy, Faure, Ravel e Saint-Säens.

HABLA BOZAL. Denominação do pidgin* ou crioulo espanhol falado por negros cubanos.

HABSHIS. Povo afro-indiano. O mesmo que siddis*.

HADJ. Peregrinação a Meca feita no último mês do calendário islâmico, em caráter obrigatório e pelo menos uma vez na vida, por todo muçulmano. O crente que cumpre essa obrigação faz jus ao título de *hadji*, "peregrino". A história negro-africana registra várias dessas peregrinações, como a de Kanku Mussá*, cumprida no século XIV.

HAFNER, Dorinda. Escritora ganense nascida em Kumasi, em 1949, e radicada na Austrália. Em seus livros, a exemplo de *I was never here and this never happened* (1996) e *A taste of Africa* (*Sabores da África*, 2000), mescla receitas da culinária africana a relatos da tradição axânti*, tendo se tornado conhecida pela série de televisão que leva o nome deste último livro. Veiculada internacionalmente, inclusive no Brasil, a série, apresentada com alegria e bom humor, focaliza a cozinha e os costumes de diversos países africanos.

HAGLER, Marvin. Pugilista americano nascido em 1954. Peso-médio, conquistou o título mundial em 1980 e perdeu-o, sete anos depois, para Sugar Ray Leonard*, encetando, a partir de então, carreira cinematográfica.

HAILÉ SELASSIÉ I (1892-1975). Nome pelo qual foi conhecido o *ras* Tafari Makonnen, governante da Etiópia de 1917 a 1974. Subindo ao trono como regente, inscreveu seu país na Liga das Nações em 1923, aboliu a escravatura no ano seguinte, recebeu o título de *negus* em 1928 e tornou-se imperador em 1930. Promulgou uma Constituição e defendeu a independência do país contra o domínio italiano. Em 1961, foi um dos idealizadores da organização Unidade Africana. Destituído, faleceu em prisão domiciliar. *Ver RASTAFARIANISMO.*

HAITI ESPANHOL. Unidade política independente da República do Haiti*, constituída no território da atual República Dominicana* no período compreendido entre 1822 e 1844.

HAITI, República do. País localizado no mar das Antilhas, ocupando a parte ocidental da ilha de Hispaniola, com capital em Porto Príncipe. Com uma população declarada de 95% de negros e 4,9% de mulatos, sua história é uma das mais eloquentes da Diáspora Africana. **Antecedentes:** Primeira colônia espanhola na América, em 1697, já ocupada por colonos franceses, Hispaniola teve a parte ocidental de seu território formalmente cedida à França, constituindo-se, ali, a colônia de Saint Domingue, a qual, transformada em centro de trabalho escravo, acabou por experimentar maior prosperidade que todas as treze colônias que deram origem aos Estados Unidos. A partir de 1791, foi palco de uma série de eventos, inspirados pela Revolução Francesa, os quais, culminando com a tomada do poder pelos ex-escravos, constituem o marco inicial da extinção da

escravidão negra nas Américas. Entretanto, tornando-se a única nação da história a ser criada por uma revolta de escravos, num episódio que chocou a Europa, o país, já chamado Haiti, atraiu o ódio das grandes potências; e o mundo, literalmente, lhe virou as costas. **A Revolução Haitiana:** Como acentua M. R. Trouillot (1991), embora criada por motivações econômicas e mantida por meio da violência, a escravidão também se revestia de uma mística. E a Revolução Haitiana seria responsável por quebrar esse encanto, provando que a cadeia de dominação podia ser rompida. A partir dela, em todo o continente americano, os escravos se tornaram mais ousados em suas reivindicações e os senhores mais temerosos; graças ao seu exemplo, as revoltas começaram a explodir por todas as Américas. **Gênese da revolução:** Na primeira metade do século XVII, as Antilhas eram disputadas por ingleses, franceses e espanhóis. Em 1625, um cavalheiro normando, Monsieur d'Enambuc, havia concebido um plano para a colonização da ilha de São Cristóvão*, pertencente ao grupo das Pequenas Antilhas. Como, coincidentemente, um certo Mr. Waenard chegara da Inglaterra com o mesmo propósito, os dois uniram-se contra os nativos e repartiram a ilha conquistada, sendo, contudo, logo expulsos pela grande armada espanhola de dom Fradique de Toledo. Vagando pelas Antilhas após a expulsão, os franceses de São Cristóvão chegaram até a parte ocidental da ilha de Hispaniola, onde ninguém se lhes opôs, e lá se estabeleceram, vivendo da exploração do gado selvagem. E foi em Hispaniola que se desenrolaram as primeiras lutas dos franceses pela posse das Grandes Antilhas, de início contra os espanhóis e, mais tarde, contra os ingleses. Em luta com os britânicos, os colonizadores franceses nas Antilhas iam buscar na Jamaica grandes contingentes de escravos negros e os traziam para Hispaniola. Ironicamente – como frisa o historiador Carlos Pereyra (1959) –, foi o crescimento da população negra no futuro Haiti, e não os espanhóis nem os ingleses, o responsável pela primeira e maior perda sofrida pelo colonialismo francês no Caribe. Os colonos daqueles tempos, homens rudes e insociáveis, tinham ambições muito simples e de fácil satisfação. Assim, a utilização crescente de negros acabou por fundir todos os brancos numa mesma massa comum. Como a presença de mulheres europeias era mínima, as relações amorosas entre brancos e negras se intensificaram, produzindo

um grande contingente de mulatos. O preconceito quanto à cor foi perdendo a força, pois a mulher negra fecundada por um branco não só se tornava emancipada como também socialmente dignificada por sua maternidade. Essas uniões de negras com brancos e, depois, os casamentos entre cônjuges mulatos ou de mulatos com negros fizeram que uma considerável porção de riqueza fosse para as mãos das *gens de couleur* (pessoas "de cor"). Diante disso, a elite branca isolou-se completamente, numa atitude reforçada pelos recém-chegados da Europa, e, assim, a sociedade haitiana segmentou-se em três grupos bem definidos: cerca de 30 mil brancos, perto de 40 mil emancipados (*affranchis*) e a massa de escravos. Entre os emancipados contavam-se muitos mulatos endinheirados, os quais, em determinado momento, tiveram em suas mãos a porção mais significativa da produção econômica haitiana. Os escravos, por sua vez, viviam, como em todas as Américas, em condições sub-humanas. A luta política, então, se iniciou entre os brancos e os emancipados, os primeiros gozando de todos os privilégios legais e os últimos possuindo alguns privilégios econômicos mas muito pouco em termos de cidadania, numa fogueira açulada pelos sopros da Revolução Francesa e independência norte-americana. E o curioso é que o estopim se acendeu por ação dos brancos, que se insurgiram contra a Declaração dos Direitos do Homem, considerando-a, no dizer de Pereyra, apenas uma carta dos "direitos dos mulatos". Em 1791 a Convenção Nacional outorgou os direitos reclamados pelos emancipados; nesse mesmo ano iniciou-se a violenta insurreição dos escravos, os quais, recebendo o apoio dos mulatos livres, dois anos depois conseguiriam a extinção legal da ordem escravista. Finalmente, em 1795 a Espanha cedeu a parte oriental da ilha à França e isso aumentou a força e o poder dos negros. É a partir daí que se desenvolve a epopeia de Toussaint L'Ouverture* e a independência do Haiti, entre 1803 e 1804, pelas mãos de Jean-Jacques Dessalines – o que, no entanto, não elimina as rivalidades entre os emancipados de outrora e os ex-escravos de então. **A guerra de libertação:** A reunião da Assembleia Nacional Francesa, em 1789, e a criação, em Paris, da Société des Amis des Noirs* constituíram o grande elemento propulsor da Revolução Haitiana. Motivados pela metrópole, os mulatos apresentaram à Assembleia Nacional um requerimento no qual

reivindicavam seus direitos, ao mesmo tempo que os colonos brancos elegiam a Assembleia Geral de Saint Domingue, que aprovou uma Constituição para a colônia sem levar em conta a situação de negros e mulatos. Estes, então, liderados por Jacques Vincent Ogé*, rebelaram-se, sendo, todavia, vencidos pelos franceses e seu líder executado com requintes de perversidade. A morte de Ogé acirrou os ânimos dos negros. E, em agosto de 1791, após a célebre reunião de Bois-Caïman*, os líderes Dutty Boukman* e Jean-François organizaram um exército de negros que, marchando sobre a cidade de Cap-Français, iniciou a guerra civil. No começo da guerra, os mulatos tentaram unir-se aos brancos, mas, rechaçados, aliaram-se aos negros, resultando daí a grande vitória de Coix-des-Bouquets, em 21 de março de 1792. Nesse ínterim, a Assembleia Francesa confirmava a legitimidade da escravidão, porém enviava para Saint Domingue novos dirigentes coloniais, mais sensíveis às reivindicações dos negros. Essa nova posição da administração colonial desgostou os colonos brancos, os quais se insurgiram contra o governo. As autoridades francesas, então, chamaram para si a força guerreira dos negros, os quais, chefiados por Macaya e Pierrot, atacaram Cap-Haïtien, matando e destruindo. Diante da desordem reinante, Inglaterra e Espanha resolveram tirar proveito do conflito, invadindo a ilha e aliciando para seu lado os líderes negros, entre eles o emergente Toussaint L'Ouverture, que lutava ao lado de Jean-François e Georges Biassou*. Estes últimos eram partidários da preservação da escravidão. Toussaint, ao contrário, participava da luta visando à independência e à abolição da escravatura, intuitos que o fizeram passar-se para o lado dos franceses. Vencendo seus antigos companheiros, Toussaint foi nomeado general de brigada e tenente-governador de Saint Domingue. Então, proclamou a liberdade total, tomou medidas administrativas de grande impacto e, em 1801, deu ao seu povo uma nova Constituição, redigida por Boisrond-Tonnerre. Mas o seu crescente poder, aliado a um grande carisma, preocuparam Napoleão, que engendrou um ardil para tirá-lo da ilha e mantê-lo preso na França. Foi assim que em 7 de junho de 1802 Toussaint L'Ouverture, sem talvez saber que estava preso, foi embarcado com toda a sua família no navio Les Héros e conduzido à França, onde morreu no ano seguinte. Mas Pétion e Dessalines prosseguiram na luta. E

com o apoio inglês e norte-americano dominaram todo o território e expulsaram os franceses. Em 1º de janeiro de 1804, Dessalines proclamou a independência do Haiti, que foi, depois dos Estados Unidos, a primeira colônia americana a libertar-se do jugo colonial europeu. Por essa independência, entretanto, a França exigiu uma alta indenização, e seu reconhecimento não foi feito nem por Bolívar*, a quem o Haiti tanto ajudara, com a condição de que promovesse a abolição da escravatura nos territórios que libertou. Nos Estados Unidos, Thomas Jefferson, por sua vez, advertia que era preciso confinar o "perigo" na ilha Hispaniola, para que ele não se espalhasse por toda a América (conforme Galeano, 2008). **A derrocada:** Assumindo o poder com o título de imperador, Dessalines só governa por dois anos, morrendo assassinado. Então, o país se divide em dois, com uma república ao sul, presidida por Alexandre Pétion*, e um reino ao norte, governado por Henri Christophe*. Em 1822, Jean-Pierre Boyer* unifica o território e reincorpora Saint Domingue (metade oriental da ilha Hispaniola), verificando-se, duas décadas mais tarde, a cisão definitiva, com a criação da República Dominicana e da República do Haiti. Seguem-se, então, os governos de Faustin-Élie Soulouque (1849-59) e Nicholas Fabre Geffard (1859); depois, inicia-se uma fase de grande instabilidade política, que abre caminho para a intervenção dos Estados Unidos (1915-34), motivada por uma dívida econômica e visando ao domínio sobre a zona do recém-construído canal do Panamá. Em 1957, assume o poder François Duvalier*, que em 1971 é sucedido por seu filho Jean-Claude (Baby Doc*), governante até 1986. Em 1990, após outro período turbulento, Jean-Bertrand Aristide é eleito presidente, mas sua posse só se verifica em 1994. **A revolução na cultura:** Após a declaração de independência, a intelectualidade haitiana passou a produzir literatura de forma maciça, em prosa, versos e livros didáticos, lançando milhares de títulos. Mas essa literatura era ainda quase toda calcada no modelo francês, até o surgimento, em 1928, de *Ainsi parla l'oncle*, o clássico de Jean Price-Mars*, concebido e publicado no contexto da *Revue Indigène*, momento em que os intelectuais haitianos começaram a buscar inspiração em suas raízes africanas e na sua própria realidade. O orgulho desse descobrimento expandiu-se pelas Antilhas e recebeu, do poeta e estadista martinicano Aimé Césaire, o nome

de *négritude**. E, no caminho dessa descoberta, valorizou-se a pintura de artistas anônimos do povo, como Hector Hyppolite*, Rigaud Benoit, Castera Bazile, Jasmin Joseph, Peterson Laurent e outros. **A miséria haitiana:** No século XIX, o Haiti recebeu grandes investimentos estrangeiros, principalmente em transportes e comunicação. Esses aportes, entretanto, tinham como único objetivo facilitar a exploração das riquezas da ilha e seu carregamento para os países industrializados, o que se traduziu num falso intercâmbio comercial, levando o país a um endividamento progressivo e à dependência total, em especial do capital norte-americano (conforme *Enciclopédia do mundo contemporâneo*, 2000). Além disso, desde o século XIX, a exploração desordenada da terra, primeiro pelos espanhóis, depois pelos franceses (sendo que a madeira extraída durante o período colonial equivaleria a 90 milhões de francos), levou o solo haitiano à exaustão. À época deste texto, restavam menos de 4% das antigas florestas do país, e o solo, de tão cansado, já não conseguia produzir nenhum tipo de alimento (conforme Bournet Jr. *et al.*, 2008). Assim, o Haiti amargava a triste condição de país mais pobre do hemisfério ocidental. Em janeiro de 2010, o país foi vítima de uma série de terremotos que destruiu sua capital, ocasionando um número incalculável de vítimas fatais. *Ver VODU*.

HAITIANISMO. Na terminologia dos estudos de história, vocábulo usado para caracterizar estado ou intenção de insurgência sob inspiração da Revolução Haitiana*.

HALAOU (século XVIII). Líder revolucionário haitiano. Em 1792, em Cul-de-Sac, reuniu 12 mil escravos para atacar os colonialistas. Autoproclamado profeta, era sempre seguido por um grupo de adeptos tocando tambores e cantando. Como símbolo de seu poder místico, levava um galo branco empoleirado no braço, o que reforçava a impressão causada por seu porte gigantesco.

HALEY, [Alexander Palmer, dito] **Alex** (1921-92). Escritor e jornalista americano nascido em Ithaca, Nova York, e criado em Henning, Tennessee. É o autor do best-seller *Raízes* (1976), que conta a saga de sua família, iniciada com um suposto ancestral que, no século XVIII, teria saído da Senegâmbia rumo aos Estados Unidos. Tornou-se uma celebridade mundial com a transformação desse livro em série de tevê, que foi exibida em 1977,

um ano depois de seu sucesso literário. Em 1988 publicou *A different kind of Christmas*, romance sobre uma fuga de escravos ocorrida em 1850.

HALL, Prince (*c*. 1735-1807). Líder maçônico americano nascido talvez em Bridgetown, Barbados. Segundo algumas versões, teria sido escravo em Boston, Massachusetts, sendo alforriado em 1770. Em 1775, com outros catorze negros, iniciou-se na maçonaria e fundou a Black Freemasonry, a primeira loja maçônica de negros, oficialmente reconhecida em 1784. Além disso, foi abolicionista de grande atuação, tendo trabalhado pela criação de uma escola para crianças negras em Boston.

HALL, Stuart. Filósofo e escritor jamaicano nascido em Kingston, em 1932. Vindo de uma família de baixa classe média afromestiça, tornou-se estudante de literatura em Oxford, Inglaterra, e, na década de 1950, integrou a primeira geração de intelectuais anticolonialistas da Diáspora. Em 1964 participou da fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, núcleo criador da ciência hoje denominada "estudos culturais". Profundo estudioso da Diáspora pós-colonial e das dimensões político-culturais da globalização, é um dos mais proeminentes pensadores de seu tempo, tendo vários títulos publicados, entre os quais *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, lançado no Brasil em 2003.

HALLECORD. Dança crioula do *big drum**.

HALLELUJAH! Filme americano de 1929, dirigido por King Vidor. Foi o primeiro inteiramente interpretado por atores negros, entre os quais William Fountaine, Nina Mae McKinney e Daniel Haynes. Na França, é considerado a primeira obra histórica do cinema falado.

HAM BONE SOUP. Prato da *soul food* americana, preparado com pernil, cebolas, batatas, tomates, pimentões e outros ingredientes. *Ver SOUL*.

HAMIDA BEN NEGRO (século XVII). Corsário berbere. Em 1656, vindo da Argélia, capturou, no Mediterrâneo, uma galera espanhola, conseguindo um butim de cerca de 800 mil *reales* e extorquindo, mediante sequestro, vários membros da aristocracia europeia (conforme J. Rogozinski, 1995). *Ver PIRATAS NEGROS*.

HAMILTON, Lewis. Automobilista nascido em Stevenage, Inglaterra, em 1985, filho de pai antilhano. Corredor de kart já aos 8 anos de idade, em

2007, já na categoria Fórmula 1, integrando a equipe McLaren, venceu suas primeiras provas, respectivamente em Montreal, Canadá, e Indianápolis, Estados Unidos. Tornava-se, então, o mais jovem campeão em sua categoria e o primeiro afrodescendente a alcançar tal posição nessa elitizada modalidade desportiva. Em 2008, na cidade de São Paulo, sagrava-se campeão mundial.

HAMILTON, Roy (1929-69). Cantor americano nascido em New Rochelle, no estado de Nova York. Mudando-se com a família para Jersey City, aos 14 anos de idade, estudou arte e técnica vocal. Antes, entretanto, de dedicar-se inteiramente à musica foi pugilista, na categoria peso-pesado. Na década de 1950 fez grande sucesso internacional, inclusive no Brasil, com a interpretação das canções *Ebb tide* e *Unchained melody*. Seu último registro, com uma carreira já em declínio, foi o álbum *Mr. Rock and Soul*, de 1962.

HAMMON, Jupiter (século XVIII). Escritor americano, poeta e prosador. Escreveu *An evening thought: salvation by Christ, with penitential cries* (1760); o poema "A dialogue entitled The kind master and the dutiful servant", publicado em ***An evening's improvement*** (1783), e *An address to the negroes in the state of New York* (1787).

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *Ver BÂ, Amadou Hampâté.*

HAMPTON INSTITUTE. Instituição educacional para negros, fundada nos Estados Unidos no século XIX, constituindo a célula inicial da Tuskegee University*. Em 1871, foi inaugurada a Hampton Institute Press, pioneira editora de livros didáticos.

HAMPTON, Lionel [Leo] (1908-2002). Vibrafonista, baterista, pianista e chefe de orquestra americano nascido em Louisville, Kentucky, e falecido em Nova York. Iniciou sua carreira em 1920, como baterista, e dez anos depois passou a tocar vibrafone, tornando-se o introdutor desse instrumento no jazz. Aprofundou seus estudos musicais na Califórnia e em 1936 formou sua primeira orquestra. Logo depois, notado por Benny Goodman, juntou-se ao grupo desse famoso chefe de orquestra e, com ele, participou, em 16 de janeiro de 1938, de um histórico concerto no Carnegie Hall, no qual pela primeira vez aquela casa exibiu uma orquestra formada por músicos brancos e negros (Hampton, Charlie Christian e Teddy Wilson). Além de

desenvolver uma duradoura e exitosa carreira, também fazendo sucesso internacionalmente, Lionel Hampton ajudou a impulsionar a vida artística de muitos músicos conhecidos, dezenas deles saídos de sua orquestra, a partir de 1940. Filiado ao Partido Republicano e membro da Comissão de Direitos Humanos de Nova York, colocou também seu prestígio a serviço da luta contra o racismo na sociedade americana.

HANCOCK, [Herbert Jeffrey, dito] **Herbie.** Músico americano nascido em Chicago, Illinois, em 1940. Pianista de formação clássica, tecladista, chefe de orquestra e autor de trilhas cinematográficas, em 1974 foi eleito pela revista *Downbeat* o jazzista do ano. Em 1986, por seu trabalho no filme *'Round midnight*, tornava-se o primeiro músico negro a ganhar o Oscar* como autor de trilha sonora.

HANDY, W. C. (1873-1958). Forma com que se popularizou o nome de William Christopher Handy, compositor, trompetista, chefe de orquestra e editor americano nascido no Alabama. Considerado "o pai do blues", é autor de obras como o célebre *St. Louis blues*, que extrapolaram o âmbito do jazz para se tornarem verdadeiros clássicos da música popular internacional.

HANLEY, Ellery. Jogador de rúgbi inglês nascido em Leeds, em 1961. Tido como o mais completo da Inglaterra, em 1988, no time Wigan, destacou-se como o primeiro negro a capitanear uma equipe britânica. Mais tarde, tornou-se treinador em sua terra natal.

HANSBERRY, Lorraine (1930-65). Dramaturga americana nascida em Chicago e falecida em Nova York. Em 1958 obteve reconhecimento internacional graças a sua peça *A raisin in the sun*, na qual descreve com detalhes realísticos a vida de uma família afro-americana. Autora de vários outros textos importantes, sua obra foi precocemente interrompida por um câncer que ceifou sua vida aos 35 anos de idade.

HARDIN, Lil (1898-1971). Nome artístico de Lilian Hardin Armstrong, pianista, compositora e cantora americana nascida em Memphis e falecida em Chicago. Integrou, entre outras, a orquestra de King Oliver*, na qual conheceu Louis Armstrong*, com quem foi casada de 1924 a 1938. Formada em música pela Fisk University, uma das mais antigas universidades negras dos Estados Unidos, participou de diversos grupos (após o divórcio), gravou vários discos e teve duas canções de sua autoria, *Bad boy* e *Just for a thrill*,

bastante executadas na década de 1960. Teve uma morte súbita, durante um concerto em homenagem ao ex-marido.

HARI KAWINA. Tambor utilizado na música ritual *kawina**, do litoral do Suriname.

HARLEM. Bairro de Nova York localizado na ilha de Manhattan, a norte do Central Park, entre os rios Hudson e Harlem. Tradicional centro irradiador da cultura afro-americana, em 2002 sediava a redação de quatro revistas – *Class*, *Ebony*, *Essence* e *Jet* –, dois jornais – *Black America* e *Amsterdam News* – e uma estação de rádio, a WBLS. Aos domingos, é um dos mais vibrantes centros religiosos de Nova York, com mais de cem igrejas, nas quais, num espetáculo de fé e musicalidade, corais entoam spirituals e outros tipos de canção do repertório cristão. Caracterizando-se como bairro negro a partir de 1904, nos anos de 1930-40 destacou-se como o grande foco da política e das atividades culturais dos afro-americanos, herdeiro que foi do legado dos ideais de Marcus Garvey* e da Harlem Renaissance*. Ali floresceram as grandes lideranças religiosas e trabalhistas, bem como as mais significativas expressões da intelectualidade negra. Recebendo, também, contribuições culturais do Caribe e da África, tornou-se a mais importante dentre as comunidades da Diáspora Africana: tudo que ocorreu lá, a partir da década de 1930, causou impacto não só nos Estados Unidos como em todo o mundo.

HARLEM GLOBETROTTERS, The Original. Time americano de basquetebol fundado em Chicago, em 1926, cuja estreia se deu em janeiro do ano seguinte em Hincley, Illinois. Integrado sempre por jogadores extremamente bem-dotados, a partir de 1942, e em especial por parte do astro Reese “Goose” Tatum, incorporou às suas exibições gags e malabarismos, tornando-se mais um elenco de artistas “performáticos”, uma espécie de companhia de teatro musicado, do que uma equipe de competição. Em 1951, o grupo teve, em Berlim, Alemanha, a maior plateia jamais vista num jogo de basquete: 75 mil espectadores. Em 1970, os estúdios Hanna-Barbera criaram um desenho animado que tinha como personagens os Globetrotters; em 1982, tornaram-se a primeira equipe esportiva a se perpetuar na Calçada da Fama de Hollywood; três anos depois, o grupo foi reconhecido pela Smithsonian Institution, instituição do

governo estadunidense ligada a um complexo de museus, como "uma parte importante da história social americana". Em 1993, Mannie Jackson, um antigo membro da família HG, comprou o time, tornando-se o primeiro afro-americano a ser dono de uma empresa do gênero. Viajando por todo o mundo desde sua fundação, os Harlem Globetrotters só tiveram um não negro em sua equipe: Bob Karstens, incorporado ao grupo em 1942.

HARLEM HELL FIGHTERS. Nome pelo qual foi conhecido o 369º Regimento de Infantaria do Exército Americano, sediado em Nova York, durante a Primeira Guerra Mundial. Formado exclusivamente por negros, lutou na frente europeia durante 191 dias consecutivos, sem perder uma só batalha. Um de seus integrantes, o sargento Henry Johnson, tornou-se, na ocasião, o primeiro soldado americano a receber a Cruz de Guerra, a mais alta condecoração militar concedida pelo governo francês.

HARLEM RENAISSANCE. Movimento artístico e literário de afirmação dos valores negros e de luta contra o racismo que floresceu nos Estados Unidos, a partir do Harlem*, entre 1918 e 1940. Sua proposta básica era pensar a vida dos negros utilizando uma perspectiva própria, ou seja, negra. Inspirados pelas ideias de W. E. B. Du Bois* e Booker T. Washington*, seus principais líderes foram os poetas Langston Hughes*, Claude McKay*, Countee Cullen* e Sterling Brown*.

HARLEM YORUBA TEMPLE. Casa de culto aos orixás fundada no Harlem* pelo babalorixá e artista plástico conhecido como Adefunmi, nascido em Detroit, nos Estados Unidos, e iniciado em Matanzas, Cuba. Além de chefe de culto, Adefunmi distinguiu-se como artesão de objetos rituais. *Ver SANTERÍA.*

HARLEM, Boys Choir of. Grupo coral masculino integrado por jovens negros, com sede no Harlem nova-iorquino. Foi fundado em 1968 pelo maestro Walter Turnbull, como departamento da Choir Academy of Harlem. Ocupa lugar destacado entre grupos similares de todo o mundo.

HARLEM, Dance Theatre of. Companhia de balé clássico fundada em 1969 no Harlem por Arthur Mitchell* e Karel Shook, com a finalidade declarada de dar a jovens negros a oportunidade de vencer a exclusão social por meio da arte. É integrada exclusivamente por bailarinos afrodescendentes.

HARMATÃ. Vento que sopra do Sul do Saara para as direções oeste e sudoeste. É referido em poemas abolicionistas, como os de Castro Alves.

HARMONIA. Nas escolas de samba, quesito de julgamento herdado dos antigos ranchos carnavalescos, significando o entrosamento entre o ritmo da bateria, o canto coral e a dança do conjunto da escola. O responsável por esse item é o diretor de harmonia, sucessor do "ensaiador" dos ranchos.

HARPER, Frances Ellen Watkins (1825-1911). Escritora e abolicionista americana nascida em Baltimore, Maryland, e falecida na Filadélfia, Pensilvânia. Pertencente a uma família de negros livres, começou a escrever ainda adolescente e publicou seu primeiro livro, *Forest leaves*, em 1845. Lutadora ferrenha pela abolição da escravidão e pelos direitos civis dos negros e das mulheres, publicou, ainda, *Poems on miscellaneous subjects* (1854). Quando de sua morte, foi chamada "Imperatriz da Paz e Poetisa Laureada".

HARRIS, Barbara Clementine. Líder religiosa americana nascida na Filadélfia, em 1930. Em fevereiro de 1989, na catedral de Saint-Paul, em cerimônia marcada por protestos racistas, foi sagrada episcopisa da Igreja Anglicana, tornando-se a primeira mulher negra nessa condição.

HARRIS, Theodore Wilson. Escritor guianense nascido em New Amsterdam, em 1921. Um dos mais conhecidos e prestigiados escritores de sua região, é autor de mais de vinte livros de ficção, poesia e crítica literária, entre os quais se destacam o volume de poemas *Eternity season* (1954), as novelas de *The Guyana quartet* (1960) e a coletânea de ensaios *The radical imagination* (1992).

HASTIE, William H. (1904-76). Magistrado americano nascido em Knoxville, Tennessee, e falecido na Filadélfia, Pensilvânia. Foi o primeiro juiz negro na Corte de Apelação dos Estados Unidos, cargo que ocupou de 1949 a 1971.

HAUÇÁS. Conjunto de povos de origens e composição distintas, falantes do hauçá, língua do grupo chadiano, que hoje constitui uma espécie de língua franca em grande parte da África subsaariana. Islamizados a partir do século XIII, os hauçás tornaram-se parceiros comerciais dos mercadores árabes, fornecendo sobretudo escravos altamente cotados, muitos deles empregados, ao que consta, como eunucos nos antigos haréns do mundo

árabe. O chamado "País Hauçá", que floresceu amplamente no século XIV, compreendia as cidades-estado de Kano, Katsina, Daura, Biram, Rano, Gobir e Zaria (ou Zauzau) e os reinos menores de Nupé, Kebbi, Yelwa, Gwari, Ilorin, Zamfara e Kwarafar (ou Kororofa). Maciçamente islamizados desde o século XIV e dominados pelos fulânis no século XVIII, no Brasil os hauçás notabilizaram-se pela resistência sistemática à escravidão e pela participação em sedições como as revoltas ocorridas na Bahia no período da Regência. *Ver MALÊ*.

HAVANA. Nome aportuguesado e abreviado da cidade de San Cristóbal de La Habana, capital da República de Cuba*. *Ver CIDADES NEGRAS*; *CUBA, República de*.

HAVENS, Richie. Cantor e violonista americano nascido no Brooklyn, Nova York, em 1941. Dedicado ao gênero folk, tornou-se mundialmente conhecido em 1969, no célebre Festival de Woodstock, em que fez grande sucesso, repetido no ano seguinte, no Festival da Ilha de Wight, na Inglaterra.

HAWKINS [Brown]**, Charlotte** (1883-1961). Educadora americana que fundou, em 1901, em Sedalia, na Carolina do Norte, o Palmer Memorial Institute, uma das primeiras escolas preparatórias para negros nos Estados Unidos.

HAWKINS, Coleman [Randolph] (1904-69). Saxofonista americano nascido em Saint Joseph, Missouri. Iniciou sua carreira aos 15 anos como acompanhador da cantora Mamie Smith. Até sua entrada no cenário musical, o sax não era reconhecido como instrumento de jazz. Criador de um estilo original de interpretação, que influenciou gerações de músicos, é considerado o pai do saxofone jazzístico e uma das maiores personalidades do jazz moderno. Era também conhecido como *Bean*, "feijão".

HAWKINS, [Jalacy, dito] **Screamin' Jay** (1929-2000). Cantor e compositor americano nascido em Cleveland, Ohio, e falecido em Paris, França. Ex-pugilista, de voz grave e rouca e atitudes provocadoras, em 1956 tornou-se conhecido pela magistral interpretação de sua canção mais famosa, *I put a spell on you*, cantando como se estivesse bêbado. Em 1990 lançou o disco *Black music for white people*.

HAYES, Bob (1942-2002). Atleta americano nascido e falecido em Jacksonville, Flórida. Fundista, em 1964, na Olimpíada de Tóquio, destacou-se como um dos corredores mais velozes de todos os tempos, dedicando-se mais tarde a outros esportes. Foi preso por narcotráfico e, em 1996, trabalhava com jovens, em campanhas contra o álcool e as drogas.

HAYES, Isaac (1942-2008). Cantor, compositor e instrumentista americano nascido em Covington, Tennessee, e radicado desce criança em Memphis, onde faleceu. Com trajetória profissional iniciada em 1964, tornou-se famoso nos anos de 1970, com a trilha sonora do filme *Shaft*, um ícone da soul music*.

HAYES, Roland (1887-1977). Cantor lírico americano nascido em Curryville, Geórgia, filho de ex-escravos. Tenor e solista do famoso grupo Fisk Jubilee Singers*, em 1917 tornou-se o primeiro negro a dar um recital no Boston Symphony Hall, quebrando a barreira da cor nos palcos da música de concerto.

HEARNS, Thomas. Pugilista americano nascido em Memphis, em 1958. Entre 1980 e 1982, conquistou títulos mundiais em cinco categorias, do peso meio-médio ao meio-pesado, tornando-se o primeiro boxeador a realizar tal feito.

HEATH, Percy. *Ver MODERN JAZZ QUARTET*.

HELECHO. Nome cubano do feto-real (*Osmunda regalis*), uma das principais ervas do omi-eró* dos assentamentos, pertencente a Oxum.

HELGARD, Anne (1790-1859). Personagem da história de Saint Croix, a maior das Ilhas Virgens. Afromestiça livre, foi amante de Peter von Scholten, governador holandês da ilha, entre 1827 e 1848. Sua atuação sobre ele foi decisiva para várias conquistas legais dos negros e para a declaração de emancipação, em julho de 1848.

HÉLIO DE LA PEÑA. Nome artístico de Hélio Antônio do Couto Filho, humorista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1959. Formado em Economia, destacou-se como redator e ator no grupo Casseta & Planeta, que, à época desta obra, produzia, coletivamente, shows, discos, livros, revistas e programas de televisão transmitidos pela Rede Globo, com grande repercussão e sucesso financeiro.

HEMACALUNGA. Divindade de cultos bantos correspondente ao Oxalá iorubano.

HEMINGS, Sally (1773-1836). Personagem da história afro-americana. Conhecida popularmente como Black Sal, foi concubina de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos, por muitos anos, e com ele teve extensa prole de filhos mulatos, como os irmãos Eston, John e Madison Hemings.

HEMP. Espécie de maconha cultivada principalmente nas Antilhas. Em 1989, o governo de São Cristóvão e Névis* iniciou campanha contra seu cultivo e comércio.

HENDERSON, Fletcher (1897-1952). Nome artístico de Fletcher Hamilton Henderson Jr., chefe de orquestra, arranjador e pianista americano nascido em Cuthbert, Geórgia. Chegou a Nova York em 1920, para realizar pós-graduação em Química, e acabou por tornar-se diretor musical da Black Swan, a primeira gravadora americana de proprietários e técnicos negros. Criador de uma orquestra que dominaria a cena nova-iorquina a partir de 1924, ficou famoso como descobridor de talentos do jazz, lançando músicos como Benny Carter* e Coleman Hawkins*. Arranjador criativo e dotado de poderoso senso rítmico, seus trabalhos nesse campo foram decisivos para o sucesso da orquestra de Benny Goodman.

HENDERSON, Joe (1937-2001). Músico americano de jazz nascido em Lima, Ohio. Formado pela Wayne State University, em Detroit, iniciou carreira profissional em 1960, para tornar-se, mais tarde, um dos maiores estilistas do saxofone tenor depois de John Coltrane*. Foi também compositor de importantes peças do repertório jazzístico, sendo que, como intérprete, foi laureado com um Grammy em 1993.

HENDRICKS, Barbara. Cantora lírica americana nascida no Arkansas, em 1948. Soprano, com carreira iniciada aos 19 anos de idade, consagrou-se como uma das mais destacadas solistas de sua geração. Suas interpretações, como a de Mimi de *La bohème* e Susana de *Bodas de Fígaro*, projetaram e destacaram seu nome no cenário operístico internacional.

HENDRIX, Jimi (1942-70). Nome artístico de James Marshall Hendrix (antes batizado com o nome de Johnny Allen Hendrix), guitarrista e compositor americano nascido em Seattle, Washington, e falecido em

Londres, Inglaterra. Filho de um negro com uma descendente de índios cherokees, nos anos de 1950-60, com o pseudônimo de Jimi James, tocou com Little Richard, Ike & Tina Turner, entre outros artistas. Em 1966, na Inglaterra, criou o Jimi Hendrix Experience, grupo extinto três anos depois. Nesse ano de 1969, foi uma das grandes atrações do festival de Woodstock, e, em 1970, ano de sua morte num quarto de hotel em Londres, brilhou no Festival da Ilha de Wight, quando, inapelavelmente, firmou-se como o músico que redefiniu o som da guitarra elétrica, a qual transformou em uma usina de experiências sonoras, com harmonias dissonantes e improvisações absolutamente livres, legando às gerações posteriores uma música instrumental feita de inconformismo e rebeldia e apontando os novos caminhos depois trilhados pelo rock em todo o mundo.

HENRICÃO (1903-87). Nome artístico de Henrique Felipe da Costa, cantor, compositor e ator brasileiro nascido em Itapira, SP. Tornou-se conhecido em virtude da dupla que formou com a cantora Carmen Costa*, atuante no rádio brasileiro de 1937 a 1942. É autor, em parceria com Rubem Campos, da famosa canção *Está chegando a hora*, versão brasileira da valsa mexicana *Cielito lindo*, tão popular que por vezes é tida como de domínio público. Foi também o primeiro Rei Momo negro do carnaval paulistano e participou dos filmes *Sinhá Moça* (1953), *Vou te contá* (1958) e *A marcha* (1972).

HENRIQUE, Dom (1495-*c.* 1535). Nome cristão do príncipe do Congo, filho do rei Afonso (Nzinga Mpemba). Educado em Portugal, chefiou em 1513 uma missão diplomática a Roma e cinco anos depois, em 1518, foi sagrado bispo pelo papa Leão X, retornando a seu país em 1521.

HENRIQUES, Regimento dos. Designação de unidades militares do Exército brasileiro existentes na época pré-republicana em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e integradas exclusivamente por negros crioulos livres – também referidos como Caçadores Henriques, em homenagem a Henrique Dias*, herói das Guerras Holandesas. Esses regimentos de caçadores a pé e usando regularmente fardas brancas adornadas com elementos em vermelho constituíam corpos militares admirados por seu garbo e elegância.

HENSON, Josiah (1789-1883). Abolicionista americano nascido em Charles County, Maryland, e falecido em Ontário, Canadá. Escravo, desde o nascimento, de um cruel proprietário, em 1825 foi transferido, com a família, para o Kentucky, onde, em condições ainda mais adversas, tornou-se pastor metodista. Cinco anos depois, conseguiu fugir para Ohio com a mulher e os filhos, indo de lá para o Canadá. Nesse país, tornou-se um dos mais ativos "condutores" da Underground Railroad*, conseguindo ajudar na fuga de inúmeros irmãos de infortúnio. Reconhecido como grande personalidade, publicou sua autobiografia em 1849, reeditando-a, em versão melhorada, em 1858 e em 1879. Sua história pessoal teria, ao que consta, inspirado partes do romance *A cabana do Pai Tomás** (*Uncle Tom's cabin*), de 1852.

HENSON, Matthew Alexander (1866-1955). Explorador americano nascido em Charles County, Maryland, e falecido em Nova York. Membro da expedição do almirante Robert Peary, explorador americano das regiões árticas, tornou-se, em 6 de abril de 1909, o primeiro negro a pisar no Polo Norte, experiência relatada em seu livro *A negro at the North Pole*, de 1912. Em 1988, seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério Nacional de Arlington, para serem inumados próximo ao túmulo de Peary.

HERERO. Grupo étnico do Sudoeste africano. Distribui-se pelo planalto árido da Namíbia, Sudoeste de Angola e Norte da África do Sul. Compreende os subgrupos dimbas, chimbas, chavicuas, cuanhocas, cuvales e nguendelengos.

HERMANOS DE LA CARIDAD Y DE LA FE. Antiga irmandade religiosa cubana, composta exclusivamente de mestiços livres. Dedicava-se a prestar assistência aos enfermos e moribundos e a enterrar os mortos, principalmente os cadáveres dos sentenciados à morte.

HERMOSO, Andrés (século XVIII). Líder escravo na Colômbia. Em outubro de 1771, com alguns companheiros, fugiu de Capaxa, nas proximidades de Cartagena das Índias, e organizou eficiente estrutura em quilombo em Ocoyta. Nesse mesmo ano, as milícias atacaram e destruíram o reduto.

HERNÁNDEZ, Esteban Lazo. Político cubano nascido em 1944. Formado em Economia e com carreira no campo da educação, à época deste

texto era membro do comitê central do Partido Comunista e ocupava o cargo de vice-presidente do Conselho de Estado.

HERNÁNDEZ, Gaspar Octavio (1893-1918). Escritor panamenho nascido e falecido na Cidade do Panamá. Poeta identificado com a estética modernista, é autor de *Melodías del pasado* (poemas, 1915) e *Iconografía* (prosa, 1916).

HERRERA, José (?-1877). Militar afro-cubano. Destacou-se na repressão aos *cimarrones* de 1868 até sua morte, tendo sido assassinado por um escravo fugido.

HERRERA, Miguel Angel. Cantor, compositor e instrumentista uruguaio nascido em Montevidéu, em 1951. Iniciou sua carreira nos anos de 1960 e exibiu-se na Argentina, no Chile e no Brasil. Gravou vários discos como solista ou acompanhante. Em 1988 passou a atuar também como jornalista, escrevendo sobre temas do povo negro. Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

HEUREAUX, Ulíses (1845-99). Militar e político dominicano nascido em Puerto Plata e falecido em Moca. Também conhecido como "Lilís", foi uma das principais figuras da Guerra da Restauração (1863-65), que envolveu grande número de afro-dominicanos na luta pela soberania do país e contra o restabelecimento do escravismo. Presidente da República de 1882 a 1887 e ditador por mais quinze anos, morreu assassinado por seus oponentes.

HEURTELOU, Daniel. Dramaturgo haitiano nascido em 1906. Ligado ao grupo da *Revue Indigène,* escreveu, entre outras obras, *La montée*, texto teatral de 1939.

HEVIOÇÔ. Entre o povo fon*, do antigo Daomé, nome genérico usado para designar cada uma dentre as várias qualidades de voduns patronos dos raios e do trovão. Do fongbé *Xevioso*.

HEWLET, James (século XIX). Ator caribenho atuante nos Estados Unidos. Nos primeiros anos da década de 1820, ainda na vigência da escravidão, destacava-se em Nova York à frente do elenco do African Grove Theatre*, interpretando os papéis principais nas montagens de *Otelo* e *Ricardo III*, de William Shakespeare.

HIBBERT, Fernand (1873-1929). Escritor e historiador haitiano. Publicou os romances de costumes *Sena* (1905), *Les Thazar* (1907) e *Romulus* (1908).

HIGH-LIFE. Gênero de música popular africana disseminado a partir de Gana, Nigéria e Serra Leoa. É um dos pilares sobre os quais se assenta o *afrobeat**.

HIGUERETA. Nome cubano da mamona*, planta pertencente, em Cuba, a Obatalá.

HILÁRIO JOVINO. *Ver JOVINO [Ferreira], Hilário.*

HILÁRIO OJUOBÁ (1884-1970). Nome pelo qual foi conhecido Hilário Remídio das Virgens, babalorixá nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Segundo a tradição, nascido de pais escravos, foi consagrado a Xangô Airá aos 7 anos de idade e teve destacada atuação na comunidade do Gantois entre 1928 e 1940. Ainda conforme a tradição, foi funcionário da Faculdade de Medicina da Bahia e inspirador do personagem Pedro Arcanjo, do romance *Tenda dos milagres* (1969), escrito por Jorge Amado. Mais tarde, radicado na antiga capital federal, onde também foi conhecido como Lalu de Ouro*, gozou de grande prestígio perante o povo do santo.

HILL, Lauryn. Cantora, compositora e arranjadora americana nascida em South Orange, Nova Jersey, em 1975, e revelada nos anos de 1990. Por seu ecletismo, talento e competência profissional, inclusive como produtora de discos e clipes, bem como por seu engajamento nas causas sociais, foi considerada por alguns críticos a cantora da década.

HIMBA. Espécie de inhame selvagem comestível, encontrado nas Antilhas.

HIMES, Chester (1909-84). Escritor americano nascido em Jefferson City, Missouri, e falecido, depois de um derrame cerebral, em Alicante, Espanha, onde vivia preso a uma cadeira de rodas. Lançado em 1945, com a novela *If he hollers let him go*, publicou em 1947 *The lonely crusade*. Seus retratos da sociedade negra do Harlem, com seus problemas reais e comportamentos espetaculosos, são verdadeiras obras-primas, nas quais afloram personagens inesquecíveis. Publicou também *The third generation* (1954), *Pinktoes* (1961), *The quality of hurt – the early years: the autobiography of Chester Hime* (1990) e *Cotton comes to Harlem* (1965), que inspirou o

filme homônimo, de 1970 (no Brasil intitulado *Rififi no Harlem*). Entre seus romances lançados em território brasileiro contam-se *A louca matança* (*The crazy kill*, 1968), *O Harlem é escuro* (*Blind man with a pistol*, 1969) e *A maldição do dinheiro* (*For love of Imabelle*, 1973).

HINES, Earl [Kenneth] (1903-83). Pianista americano de Pittsburgh. Criador de um estilo que revolucionou a execução pianística no jazz, influenciou, a partir de 1928, alguns dos mais importantes intérpretes desse instrumento, como Teddy Wilson*, Nat King Cole* etc. Foi também conhecido como Earl "Fatha" Hines.

HINES, Gregory [Oliver] (1946-2003). Ator e bailarino americano nascido em Nova York e falecido em Los Angeles, Califórnia. Criado no Harlem* e no Brooklyn, estreou no teatro, como sapateador, aos 5 anos de idade, formando dupla com o irmão Maurice Hines, e, mais tarde, atuou em importantes musicais da Broadway, como *Eubie!* (1978), *Sophisticated lady* (1981) e *Comin' uptown* (1990). Um dos mais versáteis *showmen* de sua geração, em 1984 destacou-se no filme *Cotton Club*, de Francis Ford Coppola. Em 1992 ganhou o prêmio Tony de melhor ator teatral, por sua performance como Jelly Roll Morton* no musical *Jelly's last jam*.

HINTON, William A. (1883-1959). Médico e pesquisador americano nascido em Chicago e falecido em Canton, Massachusetts. Formado e pós-graduado pela Universidade de Harvard, tornou-se uma das maiores autoridades mundiais em doenças venéreas, tendo desenvolvido, juntamente com seu colega J. A. V. Davies, o conhecido método Davies-Hinton de diagnóstico da sífilis. Em 1949, tornou-se o primeiro professor negro da prestigiosa universidade na qual se formou.

HIP-HOP. Gênero urbano de música e dança surgido nos Estados Unidos, na década de 1980, dentro do contexto do funk*. Por extensão, estilo comportamental adotado pelos cultores desse tipo de música e difundido, como movimento cultural, por outros países de população negra, inclusive o Brasil, a partir das ruas de Nova York. Segundo algumas concepções, esse movimento se assentaria sobre uma base constituída pela poesia ritmada do rap*, pela atuação dos MCs, pela break dancing e pelo tipo de pintura mural conhecida como "grafite", mais aceitável que a simples pichação de paredes. No Brasil, essa manifestação era vista, à época deste texto, com abrangência

ainda maior, pois abrigaria, além dessas expressões, a literatura, certas formas de competição esportiva e investimento em algumas formas de "aquisição e produção de conhecimento" (conforme Veloso, 2008, p. 7). A expressão tem origem nos termos *hip*, "na moda", e *hop*, "dançar", da gíria dos negros americanos. *Ver BREAK*; MC.

HIPISMO. *Ver CLEMENTINO, Rogério.*

HIPÓLITA (séculos XVIII-XIX). Negra escrava, mãe de criação de Simón Bolívar*, pela qual o "Libertador", que bem cedo perdeu os pais, conservou sempre o amor filial e o reconhecimento (conforme I. Grigulévich, 1988).

HIPPIE. Termo surgido entre os negros americanos, na década de 1940, para designar ironicamente a pessoa que quer ser "desligada", "superior", blasé, sem o conseguir (conforme Clarence Major, 1987). Nos anos de 1960, o vocábulo passou a nomear os continuadores da *beat generation* de Nova York e São Francisco, ganhando circulação mundial.

HIRATA, Isabel. Pseudônimo de Maria Isabel dos Santos, poetisa e militante negra nascida em Carmo do Rio Claro, MG, em 1942. Pertencente ao grupo de fundadores do Movimento Negro Unificado (*ver MOVIMENTO NEGRO*), é autora de *Cicatrizes*, premiado livro de poemas lançado em 1982.

HISPANIOLA. Ilha do grupo das Grandes Antilhas, situada no mar das Caraíbas, entre Cuba e Porto Rico. É a base territorial de dois países: República Dominicana, na parte oriental, e Haiti, na parte ocidental.

HISTÓRIA DA ÁFRICA. Publicado em 1972, o livro Histoire de l'Afrique noire, do historiador burquinense Joseph Ki-Zerbo, foi o passo inicial para a edição, em oito volumes, da *General history of Africa* (1980-1993), coordenada pelo próprio Ki-Zerbo e elaborada com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Nesse contexto, em janeiro de 2003 entrava em vigor, no Brasil, a lei n. 10.639, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileiras", aí inserida a história da África e dos povos africanos. Provocando grande impacto, essa determinação legal vinha sendo, à época deste texto, objeto de muita discussão, inclusive pela alegada carência de referenciais metodológicos para o ensino desse conteúdo. Não obstante, vasta produção sobre o tema vem

sendo trazida à luz, o que, no âmbito da luta contra o racismo e a exclusão dos afrodescendentes, significa um importante resgate.

HOBO. Nos Estados Unidos, trabalhador migrante ou apenas vagabundo, vadio. O termo, de provável origem africana, foi indistintamente aplicado aos negros que, desde o princípio do século, emigraram das plantations sulinas em busca de melhores oportunidades no Norte do país.

HODGE, Merle. Escritora e crítica literária nascida em Curepe, Trinidad, em 1944. Pós-graduada, em 1967, com uma tese de mestrado sobre León-Gontran Damas*, é autora de *Crick crack, monkey* (1970) e *For the life of Laetitia* (1993).

HOHOVI. Denominação dos espíritos gêmeos na tradição africana de Trinidad. Do fongbé *hôhôvi*, "gêmeo".

HOLANDA. Nome pelo qual é mais conhecido, no Brasil, o Reino dos Países Baixos. A presença negra na população nacional ocorre desde, pelo menos, o século XVII, quando o reino se torna uma grande potência marítima e comercial. Liderando o tráfico de escravos ao longo desse século, a Holanda dominou parte do Nordeste do Brasil, o atual Suriname, parte da atual Gana e algumas ilhas do Caribe. Esse poderio colonial resultou na ida, para os Países Baixos, de grandes contingentes de africanos, muitos se destacando como soldados ou marinheiros e alguns até mesmo por seus dotes intelectuais, como foi o caso do líder religioso Jacobus Elisa Capitein*. Aos descendentes dos antigos africanos, somaram-se, mais tarde, os emigrados de antigas colônias, como o Suriname*, tornado independente em 1975.

HOLIDAY, Billie (1915-59). Nome artístico de Eleonora Gaugh Fagan, cantora americana nascida em Baltimore e falecida em Nova York. Iniciou sua carreira profissional em 1931, em nightclubs do Harlem, e constituiu, segundo Frank Sinatra, a mais importante influência do canto popular americano em sua geração. Cognominada "Lady Day", a intensidade dramática de seu canto criou novo padrão de interpretação vocal no jazz. Teve, entretanto, uma vida trágica, sucumbindo ao álcool e às drogas.

HOLLAR, Constance (1880-1945). Poetisa jamaicana nascida em Port Royal e educada na Inglaterra. Sua principal obra é *Flaming June*, publicada em 1941.

HOLLYWOOD. Distrito de Los Angeles, Califórnia, que, a partir de 1913, se tornou o grande centro da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Um dos símbolos maiores da indústria do entretenimento, suas produções excluíram sistematicamente os diretores e atores negros ou relegaram a participação destes, salvo algumas exceções, a papéis fenotipicamente definidos, estereotipados ou secundários, só passando a integrá-los, efetivamente, a partir da vitoriosa luta pelos direitos civis, na década de 1960. Essa trajetória é minuciosamente desenhada no livro *Black Hollywood: the negro in motion pictures*, de Gary Null, publicado em 1975. *Ver BIRTH OF A NATION, The*; *HORNE, Lena [*Mary Calhoun]; *HOUSTON, Whitney*; *OSCAR*; *ROBESON, Paul*.

HOLMES, Larry. Pugilista americano nascido em Cuthbert, Geórgia, em 1949. Ex-sparring de Muhammad Ali* e Joe Frazier*, foi campeão na categoria peso-pesado em 1978. Mais tarde, mesmo depois dos 40 anos, ainda disputou títulos com Mike Tyson* (1988) e Evander Holyfield (1992).

HOMACUÍBE. O mesmo que Comacuíbe*.

HOMEM DE COR, O. Jornal editado no Rio de Janeiro pelo célebre editor e livreiro Francisco de Paula Brito*. Circulou de 14 de setembro a 4 de novembro de 1833, tendo sido o primeiro jornal brasileiro dedicado à luta contra o racismo antinegro. *Ver IMPRENSA NEGRA no Brasil*.

HOMENS AZUIS. Denominação dada, na Irlanda, no século IX, a escravos, provavelmente negros, que navegadores viquingues iam buscar nos portos do mar Negro e do mar Cáspio.

***HOMMES ROUGES* (Homens Vermelhos).** Expressão francesa outrora usada para, em razão da cor acobreada da pele, distinguir os fulas* da grande massa dos negros de Senegâmbia, Mali e Guiné.

HONDURAS BRITÂNICAS. Antigo nome de Belize*.

HONDURAS, República de. País da América Central, com capital em Tegucigalpa, limítrofe com o mar das Antilhas e o golfo de Honduras (norte), Guatemala (noroeste), Nicarágua (leste e sudeste), golfo de Fonseca e El Salvador (sudoeste). Sua população, segundo o *Almanaque Abril* (2009), compreende 2% de afro-americanos. Em 1542, proibida a escravidão dos índios, chegaram os primeiros escravos, destinados ao trabalho nas minas e nos engenhos de açúcar das regiões de Gracias a Dios,

Comayagua e San Pedro. A abolição da escravatura deu-se por decreto promulgado em 17 de abril de 1824. *Ver GARÍFUNAS*.

HONGOLOSONGO. Localidade cubana na antiga província de Oriente. Seu nome parece derivar dos topônimos africanos Angola e Songo.

HONORATO, Carlos. Atleta brasileiro nascido em São Paulo, em 1974. Morador de periferia, iniciou-se na prática do judô com 8 anos de idade. Em 2000, na Olimpíada de Sydney, Austrália, ao conquistar a medalha de prata, tornou-se o primeiro judoca afro-brasileiro a subir ao pódio em uma competição desse tipo.

HONÓRIO, Joaquim (1857-1904). Músico brasileiro nascido em São Cristóvão, SE. Virtuose da clarineta, foi também autor de dobrados, polcas, hinos, peças sacras etc.

HOOCHY-CHOOCHY. Nos Estados Unidos, homem ou mulher praticante do vodu.

HOOKER, John Lee (1917-2001). Guitarrista e cantor americano nascido em Clarksdale, Mississippi, e radicado em Detroit a partir de 1943. Uma das figuras mais destacadas do renascimento experimentado pelo blues* após a Segunda Guerra Mundial, sua obra representa um dos elos entre esse gênero e o rock. Eternizado no Rock and Roll Hall of Fame e ganhador de um Grammy em 2001, deixou uma discografia de 55 títulos, além de participações em discos de outros artistas.

HORA, Horácio (1853-90). Pintor brasileiro nascido em Laranjeiras, SE, e falecido em Paris, França, para onde viajara a estudos, graças a subsídio oferecido pelo governo imperial. Suas obras encontram-se principalmente no Museu Histórico de Sergipe, na cidade de São Cristóvão.

HORA, João [Batista Tavares] **da** (1905-66). Educador brasileiro nascido em Campos, RJ. Engenheiro agrônomo e bacharel em Direito, foi professor e diretor do Liceu de Humanidades de Campos, onde, de professor de latim que era, desdobrava-se em "explicador" de quase todas as matérias, das ciências exatas às naturais.

HORNE, Lena [Mary Calhoun] (1917-2010). Cantora e atriz americana nascida e falecida em Nova York. Foi a primeira afro-americana a assinar um contrato de longo prazo com a Metro Goldwyn Meyer, após ter iniciado sua carreira no legendário Cotton Club*. Embora seus papéis fossem sempre de

"cantora convidada", com cenas que podiam ser cortadas segundo as conveniências da filmagem, foi a primeira estrela negra realmente importante de Hollywood e destacada militante contra o racismo.

HORSE, John (1812-82). Líder afro-indígena americano nascido na Flórida e falecido na Cidade do México, também referido como John ou Juan Cavallo. Filho de um índio seminole com uma negra, destacou-se nas guerras que envolveram tropas do Exército americano e indígenas de sua nação entre 1835 e 1842. Falava, além de sua língua nativa, inglês e espanhol; possuidor de grande inteligência e bravura, foi um dos grandes líderes dos seminoles, considerado o "pai" do seu povo. *Ver SEMINOLES*.

HORTELÃ. Denominação genérica de diversas plantas da família das labiadas (*Mentha viridis*; *Mentha sativa*; *Mentha sylvestris*). Na tradição brasileira dos orixás, pertence a Oxalá.

HÓRUS. Divindade dos antigos egípcios, filho de Osíris*, "o deus negro".

HOSE, Sam (?-1889). Mártir norte-americano. Lavrador em Palmetto, Geórgia, em 1889, depois de assassinar o patrão em uma briga por questões salariais, fugiu e em seguida foi acusado de estuprar a patroa. Capturado, confessou o assassinato mas negou a violência sexual, sendo, não obstante, linchado, queimado vivo e mutilado, na presença de mais de 2 mil pessoas.

HOT JAZZ. Estilo musical estridente, não comportado, fortemente ritmado, de características opostas às do cool jazz*.

HOTENTOTES. Nome pejorativo criado por exploradores europeus para designar um povo de pastores da África austral estreitamente relacionado aos bosquímanos*. Também chamados coicóis, os hotentotes vêm sendo submetidos a um processo gradativo de genocídio. Em 1510, nas proximidades do cabo da Boa Esperança, na atual África do Sul, indivíduos desse povo revidaram uma investida portuguesa e mataram o vice-rei das Índias, dom Francisco de Almeida, que regressava a Portugal. Fato semelhante teria ocorrido em 1554, no célebre naufrágio de Manuel de Sousa Sepúlveda. Segundo uma visão moderna, a exemplo do que ocorre com os "bosquímanos", a separação dos hotentotes do contexto geral dos povos africanos representaria uma estratégia divisionista criada pelo racismo científico europeu (conforme Moore, 2008).

HOUGAN. Sacerdote masculino do vodu* haitiano; iniciado em grau mais elevado. Também, *gangan*, *hungan* e *oungan*. O nome tem a mesma origem do *ogan* da tradição afro-brasileira: vem do fongbé* *hougan*, “acima de”, “superior”.

HOUMFÔ. Variante de *houmfort**.

HOUMFORT. Nos templos do vodu haitiano, o mesmo que roncó* nos candomblés e macumbas do Brasil. Por extensão, o termo designa o templo em si, em geral uma construção simples, com dois cômodos e uma espécie de pátio. Também, *hounfor*, *hunfor*, *ounfó*.

HOUNGÉNIKON. Na tradição do vodu haitiano, sacerdotisa assistente do *hougan**.

HOUNSI. No vodu haitiano, iniciada em primeiro grau. *Ver VODUNCE*.

HOUNTOR. No vodu haitiano, o espírito dos tambores. O nome também designa o músico que toca os tambores rituais, da mesma forma que o vocábulo runtó* no Brasil.

HOUSE MOVING SONG. Espécie de canção de Aruba, cantada durante o transporte dos utensílios de uma casa, numa mudança. *Ver MUDANÇA DO GARCIA*.

HOUSTON, Elsie (1902-43). Cantora lírica brasileira nascida no Rio de Janeiro e falecida em Nova York, Estados Unidos. Depois de estudar no Rio de Janeiro, na Alemanha e na Argentina, estreou em Paris em 1924. Reconhecida como grande intérprete do lied brasileiro e especializada em canções tradicionais, recolhidas por pesquisadores como Luciano Gallet e Mário de Andrade, participou do primeiro concerto francês de Heitor Villa-Lobos e escreveu o ensaio “La musique, la danse et les cérémonies populaires du Brésil”, publicado nos anais do Primeiro Congresso Internacional de Artes Populares, realizado em Praga, no ano de 1928. Casada com o poeta francês Benjamin Péret, companheiro fiel de André Breton, passou a assinar como Elsie Houston-Péret.

HOUSTON, Whitney. Cantora, atriz e modelo americana nascida em East Orange, Nova Jersey, em 1963. Com carreira iniciada, numa família de artistas, aos 11 anos de idade, tornou-se, a partir da década de 1990, uma das mais bem-sucedidas estrelas do show business internacional. Em 1997, coproduziu, com o grupo Walt Disney, o filme *Cinderella*, baseado no

tradicional conto homônimo, nele interpretando a Fada Madrinha. Na película, em meio a um elenco etnicamente diversificado, a personagem central é vivida pela atriz negra Brandy; o príncipe encantado, pelo ator filipino Paolo Montalban; o rei, por um ator de aparência caucasóide (Victor Garber); e a rainha, pela premiada Whoopi Goldberg*. Produção extremamente bem cuidada, *Cinderella* demonstra, assim, o envolvimento de Whitney Houston na luta pela derrubada de barreiras raciais em Hollywood*.

HOWLIN' WOLF (1910-76). Nome pelo qual se tornou conhecido Chester Arthur Burnett, cantor e gaitista americano nascido em West Point, Mississippi, e falecido em Hines, Illinois. Discípulo do *bluesman* Sonny Boy Williamson* (Rice Miller), seu estilo lancinante de cantar lhe valeu o apelido que, em português, significa, literalmente, "lobo uivante".

HOZANA, Mãe (séculos XIX-XX). Sacerdotisa maranhense. Foi a líder da Casa das Minas* no período de 1905 a 1914.

HUARA. Localidade no Peru, próxima a Lima, sede de um reduto quilombola no século XVI. Instalado em região pantanosa, de difícil acesso, e muito bem fortificado, o *palenque* abrigou cerca de duzentos negros, trucidados, em luta sangrenta, pelas tropas de Lorenzo de Aldana, governador de Lima, em 1545. Nesse episódio, contudo, morreram onze espanhóis, entre eles o chefe da expedição, Juan de Barbarán.

HUBBARD, William de Hart (século XX). Atleta americano, foi o primeiro negro a conquistar o ouro olímpico individual no salto em distância, em Paris, no ano de 1924.

HUGHES, Langston (1902-67). Pseudônimo de James Mercer Langston, escritor americano nascido em Joplin, Missouri, e falecido em Nova York. Nos anos de 1920, foi uma das figuras mais destacadas da Harlem Renaissance*. Sua obra inclui poemas, novelas, peças teatrais, contos e textos para televisão, e se desenrola no ritmo e no clima jazzístico de seu tempo. Por meio dela, cujo conteúdo é essencialmente de denúncia contra as injustiças raciais, afirmou-se como um dos grandes militantes pelos direitos civis nos Estados Unidos. De sua autoria é o célebre poema "I, too, sing America", uma espécie de manifesto reivindicando a participação efetiva dos negros na sociedade americana.

HULLY-GULLY. Nos Estados Unidos, jogo infantil de origem africana que consiste em adivinhar quantas nozes ou pedrinhas o contendor tem escondidas na mão fechada. Corresponde ao brasileiro nai-ou-nente ("bate-bate carambola"). Na década de 1960, a indústria cultural batizou com esse nome um estilo de dança baseado no rock-and-roll.

HUMANIDADE, Origens da. De simples intuição de Charles Darwin, a tese da origem africana da humanidade passou a realidade incontestável. Segundo as teorias mais recentes, os primeiros ancestrais do ser humano teriam surgido na porção oriental do atual continente africano, há cerca de 100 mil anos. Aproximadamente 50 mil anos mais tarde, espécimes resultantes da evolução desses primitivos seres teriam começado a se dispersar, em ondas sucessivas, chegando a outros continentes e sofrendo inevitáveis mutações biológicas. Milênios depois, num tempo tido como cerca de 25 mil anos distante do nosso, um grupo proveniente dessas populações iniciais teria se deslocado na direção norte, e, sempre se reproduzindo e dividindo, teria alcançado a Austrália, a Ásia central, depois o Oeste da Europa e, finalmente, a América. Assim, segundo o que hoje afirma a ciência, os europeus modernos têm origem no mencionado grupo de africanos de 25 milênios atrás; vale também mencionar que, conforme dados divulgados em congresso da Organização do Genoma Humano, em 2001, todo o DNA humano provém de um único ancestral, que viveu na África há cerca de 60 mil anos. *Ver ÁFRICA*; *GENOMA*.

HUMBO. Berimbau de barriga.

HUMOR ÉTNICO. Expressão que busca designar a hilaridade provocada por meio do realce de características específicas de determinada etnia. Quando autorreferente, esse tipo de humor funciona, muitas vezes, como resistência contra o racismo*, como é o caso do bastante conhecido humor judaico. Entre os grupos afro-brasileiros, provavelmente devido à baixa autoestima, essa maneira de resistência, embora existente, parece ainda não se ter estruturado de forma acabada.

HUNGU. Tambor usado no acompanhamento do jongo* (conforme Mário de Andrade, 1989).

HUNTER, Alberta (1895-1984). Cantora americana de jazz nascida em Memphis, Tennessee, e falecida em Chicago, Illinois. Com carreira iniciada

na década de 1920, abandonou a cena artística em 1955 para retornar quase duas décadas depois, perto dos 80 anos de idade, e lançar vários discos de sucesso.

HUNTER, Clementine (século XX). Artista plástica americana radicada na fazenda Melrose, em Cane River, no Norte da Louisiana. Ativa entre as décadas de 1950 e 1970, criou uma apreciada obra naïf, à base de retalhos de pano, recortes de revistas etc.

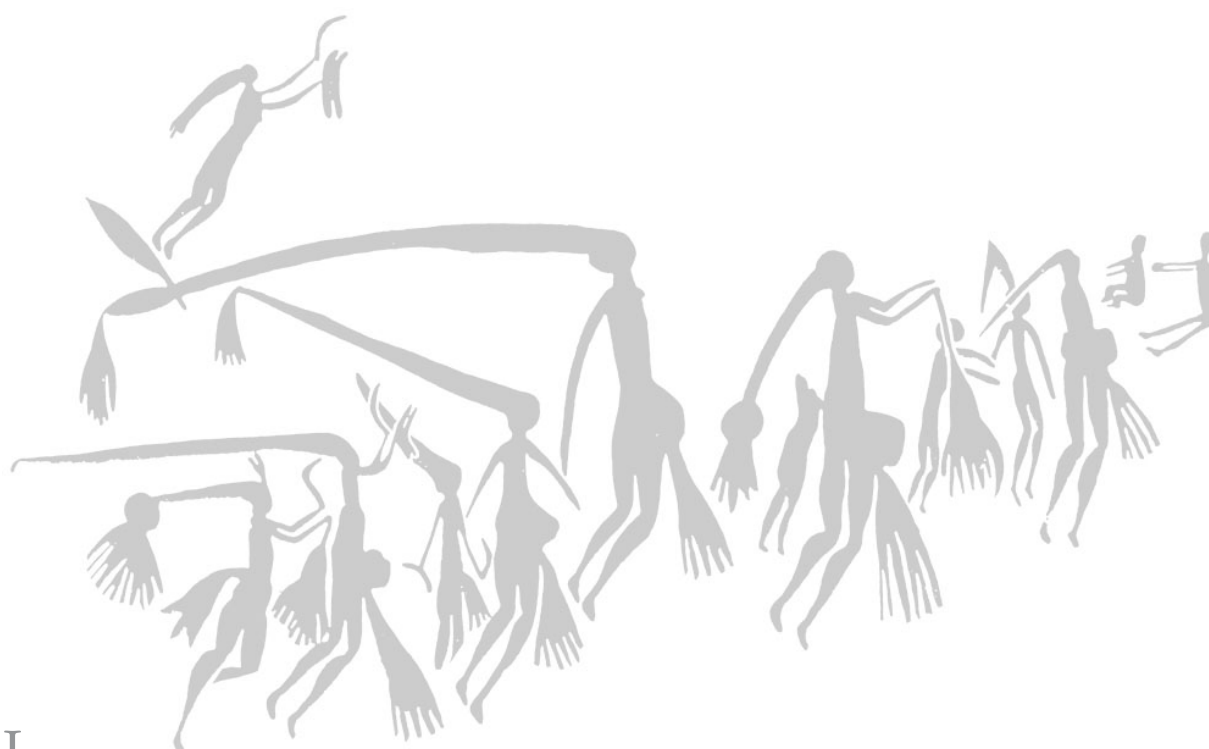
HURSTON, Zora Neale (1903-60). Etnógrafa e escritora americana nascida no Alabama e falecida na Flórida. Empregada como camareira, viajou por seu país e adquiriu instrução formal, chegando à universidade. Dedicada a pesquisas sobre a vida rural dos negros sulistas, em 1935 publicou *Mules and men*, o primeiro livro sobre tradições populares americanas escrito por pesquisador afrodescendente. Estudou igualmente as comunidades afro-jamaicanas, sobre as quais escreveu o livro *Tell my horse* (1938). Participante da Harlem Renaissance*, seu trabalho forneceu o suporte para outros, como o de Katherine Dunham*. Morreu na miséria, deixando seis livros, todos reeditados postumamente.

HURT, Mississippi John (1893-1966). Nome artístico de John Smith Hurt, cantor e instrumentista americano de blues, nascido em Teoc, Mississippi, e falecido em Avalon, no mesmo estado. Coqueluche dos cantores e aficionados da música folk na década de 1960, influenciou toda uma geração de jovens músicos.

HUTU. Povo banto de Ruanda e Burundi, inimigo tradicional dos tútsis, que constituíam a parcela dominante da região. Na década de 1950, seus membros foram instrumentalizados pelos colonialistas belgas com intuito de desestabilizar esse domínio. Nos anos de 1990, essa rivalidade entre as duas etnias atingiu proporções catastróficas.

HYACINTHE (1770-?). Comandante na Revolução Haitiana de 1791. Segundo a tradição, lutava com uma espécie de iruquerê* em uma das mãos.

HYPPOLITE, [Louis Modestin] **Florvil** (1827-96). Militar e político haitiano. Presidente da República de 1889 a 1896, com a colaboração de Anténor Firmin*, excepcional ministro das Finanças, procurou expandir a cafeicultura e incrementar obras públicas, passando à história como um dos melhores governantes de seu país.

HYPPOLITE, Hector (1894-1948). Pintor haitiano nascido em Saint Marc e falecido em Porto Príncipe. Um dos artistas mais famosos de seu país, foi também sacerdote do vodu, e sua obra, que muito contribuiu para dar visibilidade internacional à arte haitiana, reflete toda essa vivência religiosa e humana.

I

IÁ. *Ver IYÁ.*

IÁ EFUM. Sacerdotisa encarregada de executar a pintura ritual na futura iaô*, em suas saídas do roncó*, durante a iniciação. *Ver EFUM.*

IÁ NASSÔ (Iyá Nassô). Título da sacerdotisa fundadora do candomblé da Casa Branca do Engenho Velho*, de nome brasileiro Maria Júlia. Foi, provavelmente, a primeira ialorixá* do candomblé da Barroquinha*, ativa talvez da segunda metade da década de 1830 (quando teria chegado livre à Bahia, acompanhada de Bamboxê Obitikô* e Marcelina Obá Tossi) até cerca de 1860. A expressão "Iá Nassô" é transcrição do iorubá *Iyá Nàsó*, título dado a uma das oito sacerdotisas de Xangô, damas da mais alta posição na corte do alafim ("rei") de Oyó. *Ver ADETÁ; ILÊ AXÉ IÁ NASSÔ OKÁ.*

IABÁ. O mesmo que aiabá*.

IABAIM. Suposta entidade espiritual dos antigos nagôs da Bahia, associada à varíola. Conhecida como a "mãe da bexiga", seu nome foi ligado à vacina

por Nina Rodrigues*.

IABÁ-OMIM. Um dos títulos de Oxum. Do iorubá *ìyáàgba omi*, “senhora da água”.

IABÁS. Nome que designa o conjunto dos orixás femininos das águas. Do iorubá *ìyáàgba*, “matrona”, “senhora”, “mulher idosa”, ou “avó paterna ou materna”. *Ver AIABÁ*.

IABASSÊ. Na hierarquia dos candomblés, título da sacerdotisa encarregada do preparo dos alimentos rituais. Do iorubá *ìyáàgbasè*, “senhora da cozinha”.

IABOSSÉ. Nos sacrifícios rituais, nome dado ao conjunto integrado por um animal quadrúpede, por exemplo, e as quatro aves que o acompanham (conforme R. Lody, 1979).

IABOSSI. Forma velha de Iemanjá que se manifesta em batuques do Rio Grande do Sul.

IABU. O mesmo que ijebu*.

IACA. Língua dos maiacas ou iacas, um dos subgrupos dos bacongos.

IADAGÃ. O mesmo que dagã*.

IADINQUICE. Grau feminino mais elevado na hierarquia da Casa de Fânti-Axânti*, no Maranhão. O termo é um híbrido de iorubá (iyá*) e quicongo (inquice*), e, curiosamente, é registrado em uma comunidade-terreiro que se autoproclama de origem akan* (fânti-axânti).

IAIÁ. Tratamento dado às moças e meninas na época da escravidão. Observe-se que *yaya* é termo do quicongo, significando “mãe”.

IAIÁ-DE-OURO. Espécie de tecido vermelho enfeitado com rodelas douradas. O nome vem, segundo Câmara Cascudo (1980), da alcunha de uma “famosa feiticeira do Recife”, na virada do século XIX para o XX.

IALÊ. Termo outrora corrente entre os nagôs no Brasil para designar a mulher preferida. Do iorubá *ìyá lé*, a esposa mais antiga, em contraposição a *ìyàwó*, a mais recente.

IALODÊ. Antigo título honorífico feminino da tradição dos orixás. Do iorubá *iyálode*, primeira-dama de uma vila ou cidade, senhora de alta hierarquia; dama que preside a sociedade das *Ìyá óòde*, existente em todas as cidades do país Ègbá.

IALORIXÁ. Denominação que no Brasil se dá à sacerdotisa-chefe de uma comunidade-terreiro. O mesmo que mãe de santo*. Do iorubá *ìyálorìsa*.

IAMESSÃ. Um dos nomes de Iansã em terreiros pernambucanos e paraenses. Também, Iemessã e Xamessã. *Ver IANSÃ*.

IÂMI. Na tradição dos orixás, nome que representa coletivamente todas as genitoras ancestrais míticas, como Nanã, Iemanjá etc. Do iorubá *ìyá mi*, "minha mãe".

IÂMI-OXORONGÁ. Cada uma das entidades espirituais da tradição iorubá tidas como expressão maior da ancestralidade feminina. Velhas mães, donas do pássaro da noite, poderosas e implacáveis, constituem o princípio de tudo, estando acima do bem e do mal. Em alguns relatos míticos, o nome aparece associado ao orixá Oxum. Do iorubá *Ìyámi Osòròngà*.

IÁ-MORÔ. Sacerdotisa auxiliar da ialorixá*. Do iorubá *ìyá mòró*, título nobiliárquico do palácio de Oyó, dado a pessoas da família do *basòrun*, ministro do rei.

IANGUI. Qualidade de Exu*, associada ao princípio da criação. Do iorubá *yangí*, laterita ferruginosa, minério de ferro.

IANLÃ. Um dos títulos de Nanã*, considerada, segundo alguns mitos, a mãe de todos os orixás. Do iorubá *ìyánla*, "avó".

IANLÉ. Comida sagrada, que é ofertada ao orixá depois da celebração do padê*.

IANSÃ. Orixá feminino do panteão iorubano; esposa de Xangô. Segundo Verger (1981), do iorubá *Ìyámésàn* ("a mãe transformada em nove"), nome que Oyá* ganhou depois de, em uma luta, esquartejar Ogum em sete partes, sendo esquartejada em nove por ele. Segundo outros, proveniente da locução *ìyá mésàn òrun*, "senhora dos nove espaços do Orum*". *Ver IAMESSÃ*.

IAÔ. No candomblé, título adquirido pela inicianda após o sundidé*, quando ultrapassa a condição de abiã*. Do iorubá *ìyàwó*, "esposa mais jovem", "recém-casada".

IÁ-POPÔ. No culto omolocô, um dos nomes de Iansã.

IÁ-QUEQUERÊ. Auxiliar imediata e substituta eventual da ialorixá ou do babalorixá. Do iorubá *ìyá kékeré*, "pequena mãe", irmã mais nova do pai ou

da mãe. No palácio real de Oyó, a grande sacerdotisa, responsável pela coroação do alafim (“rei”), era chamada *ìyá keré*.

IÁ-TEBEXÊ. Sacerdotisa encarregada de iniciar os cânticos rituais, solando-os para a resposta do coro de fiéis.

IÁ-TEMIM. Ialorixá com mais de dez anos de comando em uma comunidade-terreiro.

IAXAQUÉ. No terreiro do Gantois*, boneca que representa Euá* e que é reverenciada em procissão no dia consagrado a Oxum*. Provavelmente, do iorubá *Asake*, “a que foi escolhida para ser mimada”.

IBÁ [1]. Denominação de cada um dos recipientes, como cabaças, cuias, terrinas, gamelas e tigelas, usados ritualisticamente no culto aos orixás. Do iorubá *igbá*, “cabaça”; cabaça cortada em duas metades, para servir como utensílio doméstico.

IBÁ [2]. Colar de balangandãs que integra as vestes rituais de Iemanjá, Iansã e Oxum. Provavelmente, do iorubá *ìgbá*, espécie de corda torcida.

IBADAN. Cidade da República Federal da Nigéria, capital do estado de Oyó (*ver OYÓ*). Seu governante tradicional recebe o nome de Olubadan.

IBÁ-ORI. Meia cabaça pintada e enfeitada com búzios, usada no bori [1]*. *Ver IBÁ [1]*; *ORI [1]*.

IBARABÔ. Cântico inicial do tambor de mina*. Na Casa de Fânti-Axânti*, é uma qualidade de Exu, guardião da comunidade. *Ver BARABÔ*.

IBEIJADA. Na umbanda, falange de espíritos infantis. De Ibêji*.

IBÊJIS. Orixás menores da tradição nagô, protetores dos gêmeos, no Brasil identificados com os santos católicos Cosme e Damião. Em Cuba são tidos como macho e fêmea, filhos de Xangô e Oxum, criados por Iemanjá. Segundo a tradição brasileira, não baixam nem têm otá (a pedra do assentamento), e muitas vezes se confundem com os erês (*ver ERÊ*). Entre os iorubás, acredita-se que os gêmeos, reverenciados quase como deuses, constituem uma unidade de corpo e alma e que a morte de um deles significa o fim do outro, a menos que o sobrevivente incorpore sua outra metade. Para evitar esse perigo, os iorubás criaram rituais específicos. Um deles envolve a opção por certos nomes. Assim, o primeiro gêmeo a nascer recebe sempre o nome de Taiwo (“aquele que sentiu primeiro o gosto da vida”); o segundo Kainde ou Kehinde (“o que demorou a sair”). Mas a

família dos gêmeos só estará livre da ameaça de perda quando nascer o filho seguinte e lhe for colocado o nome de Idowu. Em Trinidad e Tobago, as divindades gêmeas são conhecidas como Beji e Belelé. Na República Dominicana e no Haiti, como Marassa (*ver MABAÇA*). O nome Ibêji, referido tanto no singular quanto no plural, provém do iorubá *ìbéjì*, "gêmeos", cuja raiz é *éjì*, "dois".

IBI. Toque ritual de atabaques em homenagem a Oxalufá, lento e marcado por batidas alternadamente fracas e fortes. Do iorubá *ìgbìn*, espécie de tambor, privativo de Obatalá. *Ver IGBIM*.

IBIBIO. Grupo étnico africano localizado no Sudeste da Nigéria. Sua cultura integra o complexo *carabalí**, de grande importância no universo afro-cubano.

IBIQUEJIOBÁ. Vice-rei; primeiro cargo depois do obá (rei) na hierarquia de um afoxé fundado pela comunidade baiana no Rio de Janeiro, na primeira década do século XX. Do iorubá *ibìkejì*, "segundo em comando".

IBIRI. Espécie de cetro ou insígnia, semelhante ao xaxará*, mas com a ponta virada, enrolada ao corpo, que Nanã* carrega nos braços como se fosse uma criança de colo.

IBO. Elemento de definição étnica presente nos nomes de várias entidades espirituais dos cultos afro-haitianos, como Ibo Foula, protetor da família; Ibo Hequioké; Ibo Jerougé, entidade feminina de olhos vermelhos e tendências maléficas; Ibo Kama; Ibo Lazile. Também, rito do vodu, de origem nigeriana. O nome designa, ainda, uma das danças do *big drum**. *Ver IBOS*.

IBORU-BOYA! Saudação usada pelos adeptos do culto de Ifá, ao desejarem saúde, prosperidade e triunfo, sendo respondida com a expressão "Iboxixé!". Origina-se provavelmente dos termos *Igbóró*, "aquele que vê" (Ifá); *igbóiyà*, "coragem", "fortaleza"; e *igbóse*, "futuro". Ou de um pedido ("*Aboruboye bo síse*") para que o sacrifício feito seja aceito por Orumilá.

IBOS. Grupo étnico localizado no Sudeste da República Federal da Nigéria. À época do tráfico negreiro, os nomes ibo, igbo ou eboe aplicavam-se a qualquer escravo embarcado na região da baía de Biafra. Comumente confundidos com seus vizinhos ekoi, tiv, bini etc., tiveram papel importante entre os africanos que ajudaram a construir as Américas. Considerados leais e eficientes como escravos domésticos, abominavam o trabalho no eito e nas

plantations, a ponto de frequentemente cometerem suicídio quando forçados a esse tipo de atividade – tanto que, no Haiti, corre até hoje um ditado sobre a propensão dos ibos ao autoenforcamento. Nos séculos XVIII e XIX, pelo menos três indivíduos desse povo – Olaudah Equiano*, James Africanus Horton (1835-83), líder anticolonialista e um dos pais da independência africana, e Jaja de Opobo* (1821-91), líder da resistência aos ingleses no delta do Níger – ganharam projeção internacional. Entre julho de 1967 e janeiro de 1970, os ibos constituíram a efêmera República de Biafra, em oposição aos iorubanos e hauçás. Desse movimento separatista resultou a Guerra de Biafra, na qual foram vencidos e que redundou na morte de mais de 1 milhão de indivíduos.

IBUALAMA. Qualidade de Oxóssi, também chamado Inlê, pai de Logun-Edé. Do iorubá *ibùalámo*, nome de um dos lugares profundos (*ibù*) do rio Erinlè, em Ijexá. *Ver INLÊ*.

IÇABA. Vasilha para conservar a água de uso ritual nos terreiros.

IDÃ [1]. Ferramenta de Oxumarê, mostrando duas cobras moldadas em ferro. Corruptela de Dã*.

IDÃ [2]. Entre os antigos malês baianos, mágica, truque, sortilégio. Também, idana. Do iorubá *idán*, "mágica", "talismã".

IDACÔ. O mesmo que Gunocô*, estando associado a Dankô*.

IDEFÁ. *Ver AWÓ FAKA*.

IDENTIDADE NEGRA. Identidade, em termos psicossociais, é a convicção que um indivíduo tem de pertencer a determinado grupo social, convicção essa adquirida graças a afinidades culturais, históricas, linguísticas etc. Uma das mais árduas tarefas dos movimentos negros na Diáspora, em todos os tempos, tem sido a busca de uma coesão entre as populações negras para o encaminhamento de suas questões. E a dificuldade maior parece se centrar na definição e no desenho dessa identidade negra nos dias atuais. Ao tempo da escravidão, a produção da identidade negra nas Américas deu-se por meio de processos paralelos: pela via da desafricanização* e pela da racialização*. Os africanos aqui escravizados foram forçados a esquecer suas origens, para assumirem a sua condição subalterna de "negros". Num segundo momento, o movimento pan-africanista na Diáspora pôs em curso uma reafricanização. No início do século XXI, no Brasil, a mobilização

coletiva dos negros relativa às suas reivindicações específicas ainda esbarrava na falta de uma definição inquestionável sobre quem é efetivamente "negro" no país.

IDÉS. Conjunto de pulseiras de latão, insígnia de Oxum. Do iorubá *ide*.

IDI. Na gíria dos candomblés, as nádegas ou o ânus. Do iorubá *ìdí*.

IEBAÇÁ. Tempero feito de pimentas secas, reduzidas a pó.

IEBEGU. Comida votiva de Exu; espécie de papa preparada com fubá, à qual se juntam farofa de dendê e partes cruas da carne dos animais sacrificados.

IEIÊ PANDÁ. Uma das qualidades de Oxum, guerreira, mulher de Inlê e mãe de Logun-Edé. Do iorubá *Yéyé Ipondá*, sendo que Ipondá é o nome de uma cidade: "a mãe [*yéyé*] da cidade de Ipondá".

IEMANJÁ. Grande orixá feminino das águas; é reverenciada, no Brasil, como mãe de todos os orixás. **Iemanjá na África:** Filha de Olókun, divindade do mar, Yemójá é o nume tutelar do rio Ògún, que passa pela cidade de Abeokutá e desemboca próximo à cidade de Lagos, na Nigéria. Segundo os mitos, nasceu perto da cidade de Bidá, no território do povo nupê, e se mudou para Oyó, onde casou com Óranían e deu à luz Xangô. Seu símbolo é um colar de continhas de vidro, cristalinas "como água". Sobre ela, escreve Pierre F. Verger (1981): "Iemanjá, cujo nome deriva de *Yèyé omo ejá* ('Mãe cujos filhos são peixes'), é o orixá dos Egbás, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemoja. As guerras entre nações iorubás levaram os Egbás a emigrar na direção oeste, para Abeokutá, no início do século XIX. Evidentemente não lhes foi possível levar o rio, mas em contrapartida transportaram consigo os objetos sagrados, suportes do axé da divindade, e o rio Ógún, que atravessa a região, tornou-se, a partir de então, a nova morada de Iemanjá". **Iemanjá nas Américas:** No Brasil, segundo Verger, são conhecidas as seguintes qualidades de Iemanjá: Assabá, que é manca e está sempre fiando algodão; Assessu, muito voluntariosa e respeitável; Euá*; Iamassê, mãe de Xangô; Iemouô, mulher de Oxalá; Olossá, que é o nome de uma lagoa africana; e Oguntê, casada com Ogum Alabedé. No Haiti, associam-se a esse grande orixá feminino os loás Grande Erzili, Maîtresse Erzili, Agoué, Grand Erzilié, Erzilié Freda. Na República Dominicana, Metre Silí e Agué Toroyo. Em

Trinidad e Tobago, recebe o nome de Emanjah ou Amanjah e tem como correspondentes Ajajá e Mahadoo. **Festa de Iemanjá:** Nos candomblés da Bahia, bem como em suas ramificações cariocas e fluminenses, a Festa de Iemanjá ocorre em 2 de fevereiro, dia da Purificação de Nossa Senhora, com o chamado "presente das águas". Mas para os fiéis da umbanda, principalmente no Rio de Janeiro, ela acontece entre a noite de 31 de dezembro e a madrugada de 1º de janeiro, nas praias. A princípio as oferendas cariocas e fluminenses a "Dona Janaína" – um de seus muitos nomes – eram feitas no dia de Nossa Senhora da Glória, em agosto. Nessa data, principalmente na prainha então existente em frente à igreja do Outeiro, sob o comando de uma legendária Maria Rainha, os adeptos da religião afro-brasileira faziam discreta e disfarçadamente suas oferendas, temerosos da repressão. A partir do início da década de 1950, com a gradativa aceitação dos costumes de origem africana pela sociedade dominante, as celebrações passaram a ser feitas de maneira ostensiva e entusiástica, por gente de todas as origens e camadas sociais. E desde 1957, certamente como um símbolo de renovação, de renascimento, elas vem sendo realizadas na passagem do ano. Seu modelo atual vem de um 31 de dezembro em que, ainda segundo Pierre Verger, um padre católico organizou uma procissão noturna de Nossa Senhora, ao longo das praias do Rio de Janeiro. O intuito do sacerdote seria atrair os devotos de Iemanjá para uma missa em sua igreja. Porém, os resultados foram diferentes: as pessoas reunidas nas praias voltaram-se respeitosamente para o mar, continuando sua devoção a Iemanjá, persuadidos, no entender de Verger, de terem assistido à prova da integração entre ela e Nossa Senhora, no momento em que a chamavam, por seu nome africano, em suas orações. A festa, cada vez mais descaracterizada por espetáculos pirotécnicos e shows musicais, consta basicamente de oferendas (levadas até dentro do mar em barquinhos enfeitados) de flores, perfumes, bebidas, bem como artigos e utensílios femininos de toucador. E as entidades da umbanda, como caboclos, pretos-velhos e orixás, também vêm às praias, montados em seus "cavalos", para saudar o orixá e participar da festa. As celebrações de Iemanjá, no Brasil, assemelham-se formalmente às festas em louvor da Kianda, sereia das águas

marítimas de Luanda, capital da República de Angola, que ocorrem anualmente, no mês de agosto ou setembro.

IEMANJÁ, Presente de. Oferenda ritual feita na Bahia, em mar aberto, a Iemanjá, em sua festa anual, ocorrida em 2 de fevereiro. Diz-se, também, "presente das águas".

IERÊ. Semente usada como tempero na culinária afro-baiana. Do iorubá *ìyèré*.

IERODAN. Um dos nomes da família Dambirá*.

IEROFÁ. O mesmo que ierossum*.

IEROSSUM. Pó sacralizado, utilizado nas consultas ao oráculo Ifá. É obtido pela mistura de diversas substâncias com a serragem triturada de uma espécie de madeira.

IFÁ. Na teogonia iorubana, grande divindade, considerada, juntamente com Odudua e Obatalá, um dos orixás da Criação. Entretanto, alguns relatos querem fazer crer que seu culto, supostamente originário do Egito, teria sido introduzido entre os iorubás após aqueles dedicados aos outros orixás. O nome designa, também, o oráculo pelo qual fala Orumilá*, seu principal representante na Terra; e, ainda, o conjunto de escrituras em que se baseia o complexo sistema de adivinhação por meio dos *ikines* e do opelê*. **O oráculo:** A consulta ao oráculo Ifá é feita principalmente por meio da manipulação de dezesseis caroços de dendê, os *ikines*. O babalaô* segura todos na mão esquerda e tenta pegá-los com a direita. Sobrando um caroço na esquerda, será feita uma marca dupla no ierossum, o pó de madeira que recobre o opanifá. Sobrando dois, uma única marca será feita, abaixo da anterior. Com quatro marcações, o babalaô completará uma coluna e passará para a outra, que também se completará com quatro marcações. O desenho resultante representará o signo ou odu pelo qual Orumilá se comunica com o consulente. Outra forma de consulta, mais simples, é a que utiliza o opelê*. Seguro no meio e lançado sobre a esteira, a posição em que caírem seus oito componentes (a concavidade para cima corresponde a uma única marca; para baixo, a duas) também representará o odu revelado na ocasião. **Regla de Ifá:** Em Cuba, conjunto de conhecimentos rituais divinatórios ligados ao oráculo Ifá. Alguns autores

não distinguem o oráculo da divindade, definindo Ifá como um dos nomes de Orumilá. *Ver ODU*; *ORULA*; *RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*.

IFÉ. Nome aportuguesado da cidade de Ilê-Ifé, tradicional centro religioso do povo iorubá, localizada no Sudoeste da República Federal da Nigéria, no estado de Oshun. É o núcleo de onde emana, mesmo para as Américas (incluindo o Brasil), o poder espiritual do oni*. Entre os séculos VI e XI, vindos do Nordeste em levas sucessivas, os iorubás se estabeleceram em seu atual sítio, que compreende parte do Sudoeste da Nigéria e partes de Benin e Togo. Nesse local fundaram Ifé e Oyó, duas cidades-estado harmoniosamente relacionadas entre si. Por volta do século XII, Ifé se caracterizava como um Estado onde o soberano (oni) era reconhecido como chefe religioso pelas outras cidades iorubás. E isso pelo fato de que Ifé, segundo a tradição, seria o lugar a partir de onde as terras se teriam espalhado sobre as águas originais para fazerem nascer o mundo. Fundada por Oduduwa, filho do próprio Olodumarê, o Deus Supremo, no século XVI a cidade teria, entretanto, sido conquistada por povos estrangeiros, dos quais os atuais iorubanos seriam descendentes. *Ver BENIN*; *IORUBÁS*; *OYÓ*.

IFIGÊNIA, Santa. Santa da tradição católica. Representada como negra, protege o lar e a casa.

IGARAPÉ PRETO. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município paraense de Mocajuba, na região do rio Tocantins. *Ver AMAZÔNIA, Quilombos na*.

IGBIM. Caracol comestível; alimento votivo de Oxalá. Do iorubá *ìgbin*. *Ver IBI*.

IGLESIAS, Aracelio (1902-48). Líder operário cubano. Portuário, conduziu seus liderados em bem-sucedidas jornadas pelos direitos trabalhistas. Era *ñáñigo**, o que contribuiu para o respeito que despertava entre os trabalhadores de sua categoria, constituída em grande parte de *ñáñigos* e *abakuás*. Filiado ao Partido Socialista Popular, morreu assassinado pela repressão política.

IGNACE, Joseph (1769-1802). Líder rebelde nascido em Guadalupe, Antilhas. Carpinteiro de profissão, ainda bem jovem escapou do jugo escravista, indo viver na floresta, com um grupo organizado. Em 1792, participou da revolta de Point-with-Clown, contra o domínio colonial e a

escravidão. Alistado no exército republicano, em 1802 lutou sob o comando de Delgrès* contra as tropas napoleônicas que, no mesmo contexto da Revolução Haitiana*, procuravam garantir o restabelecimento da escravidão em Guadalupe. Morreu quando defendia o forte de Baimbrigde contra as tropas do general francês Richepanse; é cultuado como um dos grandes heróis de seu país.

IGREJA CATÓLICA e escravidão. Um dos argumentos usados pela Igreja Católica para justificar a escravidão africana foi a salvação das almas dos cativos pela cristianização. Assim, durante a época colonial, como lembra Kátia M. de Queirós Mattoso (1992), a sociedade escravocrata pôde contar com o apoio da Igreja, que pregava aos cativos as virtudes da resignação e da obediência à ordem estabelecida. Esse apoio começava já em terra africana: no porto de embarque, os escravos eram, como regra geral, batizados coletivamente (*ver BATISMO DE ESCRAVOS*). Na cidade de Salvador, primeira capital colonial brasileira, as relações entre a Igreja e os traficantes de escravos eram também bastante amistosas. Lá, esses traficantes tinham sua própria irmandade católica, que se reunia na igreja de Santo Antônio da Barra, invocando são José como seu patrono e protetor de seus navios nas viagens ao continente africano e de volta ao Brasil (conforme Luiz Viana Filho, *apud* Conrad, 1985). Uma das poucas exceções a esse comportamento da Igreja Católica parece ter sido o do padre Antônio Vieira, o qual, em seu famoso "Sermão vigésimo sétimo", de 1635, exprobrou o aviltante comércio.

IGREJA CATÓLICA MILITANTE E TRIUNFANTE. Organização religiosa fundada em São Paulo pelo líder negro conhecido como Bibiano, preso em 1912 sob acusação de atentado ao pudor e falecido na prisão, provavelmente envenenado, em 1914. Continuando a funcionar, sob a direção de Benedito Leite, até 1938 e, mais tarde, chefiada pelo líder negro referido apenas como Narciso, o culto, em que os oradores pregavam como que em transe, glorificando o sofrimento e condenando os poderosos, utilizava a leitura da Bíblia e a interpretação de cânticos de origem norte-americana. Segundo Roger Bastide (1971), trata-se da primeira igreja cristã brasileira fundada por um negro, e suas práticas talvez configurassem uma reação à imitação servil do cristianismo europeu.

IGREJA NEGRA E MISTERIOSA DA ÀGUA VERMELHA. *Ver CAMARGO, João de.*

IJEBU. Indivíduo dos ijebus (subdivisão do povo iorubá), localizados no Reino de Ijebu, na atual Nigéria. Do iorubá *Ìjèbu*, "povo descendente de Oba-níta". Em 15 de novembro de 1864, o jornal *O Alabama*, de Salvador, BA, denunciava a existência, no Maciel Debaixo, na região do Pelourinho*, centro da cidade, de um candomblé chefiado por um preto conhecido como Jebu, certamente pertencente a essa etnia.

IJELU. O mesmo que Ajelu*.

IJEXÁ. Uma das "nações" da tradição brasileira dos orixás. Por extensão, ritmo das danças de Oxum e Logun-Edé, orixás ijexás, e dos cortejos dos afoxés e do presente das águas*. Em Cuba, a tradição ijexá (*iyesa*) se faz presente de forma bastante expressiva na música ritual. Nesta, a orquestra de tambores, à qual se agregam dois agogôs e um *güiro**, compõe-se de quatro instrumentos sagrados, conhecidos genericamente por *añá*. São de forma cilíndrica e feitos de troncos de cedro ocados a mão. Bimembranófonos e encourados com pele de cabrito, são tensionados por meio de cordões de fibra vegetal enlaçados em movimento de ziguezague, como ocorre com os ilus brasileiros (*ver ILU*). Denominam-se *caja*, *segundo*, *tercero* e *bajo* e se percutem, em geral, com baquetas de pau de goiabeira. Os vocábulos *ijexá* e *iyesa* originam-se do etnônimo Ijèsà, subdivisão da etnia iorubá, que tem por capital a cidade nigeriana de Ilésà e cujo ancestral é Óbokún.

IJIKÁ. Toque especial dos atabaques, reverenciando todos os orixás. *Ver JIKÁ.*

IJOIÊ. No culto dos egunguns, denominação de qualquer pessoa detentora de um título ou cargo hierárquico. Do iorubá *ìjoyè*, "chefe".

IKA. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Os dezesseis odus principais, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados, no jogo de Ifá, juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Ika Meji.

IKÁ. Saudação ritual, de reverência, feita por pessoa que tem orixá masculino, em contraposição ao dobale, que deve ser feito por quem carrega orixá feminino. Consiste em prosternar-se, ao comprido, no chão, diante do

orixá ou do dignitário saudado ou reverenciado. Do iorubá *ììká*. *Ver DOBALE*.

IKINES. Em Cuba, termo corrente para designar os coquinhos de dendê usados em uma das formas de consulta a Ifá. Também, *ikinifá*. *Ver IFÁ; ODU*.

IKÔ. Palha da costa. Do iorubá *ìko*.

IKU. Entre os iorubás, a Morte, divindade superior, encarregada de privar da vida as pessoas, arrebatando seu espírito.

ILÁ [1]. Brado de presença do orixá, definidor de sua identidade. Do iorubá *ìlà*, "marca". O vocábulo designa também as incisões faciais que identificam cada um dos vários subgrupos iorubás.

ILÁ [2]. Denominação do quiabo nos terreiros de candomblé. Do iorubá *ilá*.

ILAÍS. Nos xangôs do Recife, o mesmo que ekéde*.

ILÊ. Elemento que, significando "casa", antecede denominações de várias comunidades-terreiro dedicadas ao culto dos orixás, bem como, genericamente, nomeia diversos compartimentos das casas de culto. Do iorubá *ilé*, "casa", "lar".

ILÊ AGBOULÁ. Comunidade-terreiro no Alto da Bela Vista, na ilha de Itaparica, BA. Consagrado ao egungum Babá Agboulá, em 2002 era um dos poucos terreiros, no Brasil, ainda dedicados exclusivamente ao culto dos ancestrais nagôs. *Ver EGUNGUM*.

ILÊ AIYÊ. Bloco afro fundado na Liberdade, Salvador, BA, em 10 de novembro de 1974. Surgido em um cenário no qual a juventude negra de Salvador assumia um novo comportamento, sintonizado com o movimento Black Power americano, a entidade materializou-se dentro de um projeto estético-político que valoriza o negro e afirma a sua identidade.

ILÊ AXÉ IÁ NASSÔ OKÁ. Comunidade de culto fundada na primeira metade do século XIX, em Salvador, BA, por um grupo de africanos livres – dentre os quais Iá Nassô, filha de uma ex-escrava retornada à África –, como desdobramento do legendário candomblé da Barroquinha*. Mais tarde, porém antes de 1849, transferiu-se para a localidade de Engenho Velho, onde passou a ser conhecido como "Candomblé da Casa Branca", "Casa Branca do Engenho Velho", ou ainda simplesmente "Casa Branca" ou

"Engenho Velho". Dele se originou, em 1849, o candomblé do Gantois* e, depois, o Ilê Axé Opô Afonjá*. Suas ialorixás, após a fundadora Iá Nassô, foram: Marcelina da Silva, Obá Tossi, falecida em 1885; Maria Júlia Figueiredo, Omoniké, falecida provavelmente em 1894; Ursulina de Figueiredo, Mãe Sussu ou Tia Sussu, neta de Marcelina Obá Tossi, falecida provavelmente em 1925; Maximiana Maria da Conceição, Tia Massi, Iwin Funké, falecida em 1962; Maria Deolinda Gomes dos Santos, Okê, após 1962; Marieta Vitória Cardoso, Oxum Niquê, falecida em 1984; Altamira Cecília dos Santos, Mãe Tatá, Oxum Tominwá; e Zaildes Iracema de Melo, a Mãe Índia, líder do terreiro à época desta obra. Em 1943, a comunidade ganhava personalidade jurídica pelo registro da "Sociedade Beneficente e Recreativa São Jorge do Engenho Velho", denominação sob a qual ainda se ocultam os objetivos religiosos. Porém, em 1987 o conjunto material e imaterial do Engenho Velho era tombado como patrimônio histórico nacional, sendo a primeira comunidade-terreiro a merecer tal distinção.

ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ. Comunidade de culto em Salvador, BA, fundada em 1910 por Mãe Aninha* e registrada sob a denominação civil de "Sociedade Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá". Localizado em São Gonçalo do Retiro, sendo um dos quatro terreiros mais tradicionais da Bahia, teve como ialorixás, após a fundadora: Mãe Senhora; Mãe Ondina; e Mãe Stella de Oxoce. Em fins de 1999, durante as comemorações dos sessenta anos de iniciação da ialorixá Stella, o terreiro foi tombado como bem do patrimônio histórico e cultural nacional. *Ver AFONJÁ.*

ILÊ AXIPÁ, Sociedade Cultural e Religiosa. Comunidade-terreiro fundada em Salvador, BA, em 1980, por Mestre Didi*. Axipá (*Àsípa*) é o nome iorubano da linhagem do fundador; no Reino de Ketu, designava o chefe do corpo de caçadores e batedores que saíam à frente do grupo procurando lugares apropriados para a fundação dos povoados e aldeias.

ILÊ-AXÉ. Peça da casa de culto onde se encontram os axés, os assentamentos dos orixás.

ILÊ-BARÁ-ILÊ. Peça da casa de culto onde ficam os assentamentos de Exu. *Ver BARÁ.*

ILĔ-IBȮ-AKU. Compartimento da casa de culto onde estão assentados os espíritos dos mortos da comunidade-terreiro. Também, ilê-aku; ilê-ibó. Do iorubá *ilé*, “casa” + *ìbo*, “adora”, “cultua” + *aku*, “morto”: “casa onde se cultuam os mortos”.

ILÊ-IFÉ. *Ver IFÉ.*

ILEKÊ. Colar ritual, fio de contas. Do iorubá *ìlekè*.

ILÊ-ORIXÁ. Casa de candomblé; templo de culto aos orixás.

ILÊ-SAIM. Casa das almas; quarto secreto dos candomblés onde ficam, provisoriamente, os espíritos dos mortos, antes de partirem para o orum*.

ILHA DAS CRIAS. Nome pelo qual foi conhecida a parte mais oriental da restinga da Marambaia, no Rio de Janeiro. Por volta de 1850, teria servido como ativo centro de reprodução e criação de escravos, mantido pelo rico proprietário fluminense Joaquim José de Souza Breves, daí sua denominação.

ILHAS CAYMAN. Dependência do Reino Unido localizada no mar do Caribe, a sudoeste de Cuba e a noroeste da Jamaica, a qual administrou as ilhas de 1863 a 1962. Sua população afrodescendente é estimada em 20% do total.

ILHAS VIRGENS AMERICANAS. Território não incorporado dos Estados Unidos, localizado no mar do Caribe, a leste de Porto Rico, e integrado pelas ilhas de Saint Thomas, Saint Croix e Saint John. Controlado sucessivamente por ingleses, franceses, holandeses, dinamarqueses e franceses novamente, em 1917 o arquipélago foi comprado pelos Estados Unidos; sua capital é Charlotte Amalie. A ilha de Saint John foi, em 1733, palco de uma violenta rebelião de escravos. A maioria da população anglófona do país é de origem africana.

ILHAS VIRGENS BRITÂNICAS. Dependência do Reino Unido no mar do Caribe. Depois de ocupadas por piratas, foram colonizadas pelos holandeses e anexadas pelos ingleses no século XVII. Sua capital é Road Town e a maioria de sua população descende de escravos africanos.

ILLESCAS, Sebastián Alonso de (1528-85). Herói equatoriano nascido na África. Aos 7 anos de idade foi levado para a Espanha como cativo e, em 1553, veio escravizado para o Novo Mundo. Conseguindo fugir, foi um dos 23 africanos que deixaram o Panamá para fundar uma

importante comunidade quilombola na província de Esmeraldas, no território equatoriano. Respeitado por negros e índios, resistiu a todas as expedições espanholas, recusando até mesmo propostas para ser governador da província e transmitindo aos descendentes seu espírito de independência.

ILU. Denominação do tambor de dois couros, usado nos candomblés de nação ijexá e tocado sobre cavaletes na Casa de Fânti-Axânti*. O vocábulo designa, igualmente, um ritmo vigoroso, específico de Oiá. Do iorubá *ilù*, "tambor".

ILU ABADEMIN. Nome pelo qual é conhecido um tipo de atabaque no Recôncavo Baiano (conforme Lody, 2003).

ILU-AIÊ. Entre os antigos nagôs da Bahia, evocação da terra dos ancestrais, da África como morada mítica dos orixás. De *ìlú*, "cidade", "país", "nação" + *ihà*, "região" + *ìyè*, "vida". *Ver ARUANDA.*

IMBALANGÂNZI. Divindade da varíola, em alguns cultos bantos do Brasil.

IMBANGALA. Grupo étnico banto. *Ver JAGAS.*

IMBERIQUITI. Um dos nomes de Exu em terreiros bantos do Brasil.

IMELÊ. Orixá feminino, tido por alguns como mãe de Xangô (conforme Araújo, 1967).

IMIGRAÇÃO EUROPEIA, Impacto da. *Ver BRASIL, República Federativa do [Exclusão social].*

IMOBILIZAÇÃO, Técnica de. Estratégia consistente na acusação de racismo* reativo ou "às avessas" feita aos negros que reagem à subordinação de que são objeto defendendo iniciativas como as de ação compensatória*.

IMPANZO. Inquice dos candomblés bantos do Brasil. Do quicongo *Mpanzu*, "inquice que causa úlceras grandes, corrosivas".

IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE. Escola de samba carioca fundada em 1959 no subúrbio de Ramos. Embora reduto de grandes sambistas, sua ascensão ao grupo das escolas principais só se concretizou a partir de 1980, quando os desfiles do samba já perdiam representatividade como expressão de arte negra. *Ver ESCOLA DE SAMBA.*

IMPÉRIO SERRANO. Escola de samba carioca fundada, por iniciativa de trabalhadores da estiva*, na comunidade da Serrinha, na divisa entre os bairros de Madureira e Vaz Lobo, em 23 de março de 1947. É fruto da fusão

das antigas Unidos da Tamarineira, Independentes da Serra (ex-Prazer da Serrinha) e Unidos da Congonha. Entre seus fundadores contam-se os sambistas Mano Elói, Mano Décio e Antônio Fuleiro.

IMPRENSA NEGRA no Brasil. Após *O Homem de Cor* (1833), de Paula Brito*, o primeiro jornal editado por negros de que se tem notícia no Brasil é *O Exemplo*, que circulou em Porto Alegre, RS, entre 1892 e 1930, tendo entre seus principais fundadores o barbeiro Espiridião Calisto, nascido em 1864, em cujo estabelecimento, no número 247 da rua dos Andradas, no centro da cidade, funcionava o "escritório da redação". Em 1905, em Pelotas, é fundado o jornal *A Cruzada*, e, em 1907, na mesma cidade, surge o semanário *A Alvorada*, publicado até 1965. Entre 1915, ano da fundação de *O Menelik*, e 1963, a comunidade afro-brasileira, principalmente em São Paulo, expressou-se por meio de diversos veículos de imprensa. Mesmo com jornais de pequena tiragem e curta duração, essa imprensa exerceu papel significativo como porta-voz dos anseios e reivindicações do povo negro. Assim, foram surgindo, entre outros, o já mencionado *O Menelik*, fundado por Deocleciano Nascimento; *A Rua* (1916), jornal literário, crítico e humorístico, dirigido por Oliveira Paula e José Fernandes; *A Hora* (1917), em Rio Grande, RS, publicado até 1934; *Jornal Cruz e Souza* (1918), em Lajes, Santa Catarina; *A Liberdade* (1919), fundado por Frederico S. de Souza e Joaquim Domingos; *Elite* (1924), órgão oficial do grêmio Elite da Liberdade; *O Clarim da Alvorada* (1924), fundado por José Correia Leite* e Jayme de Aguiar, primeiro jornal negro a assumir a militância ideológica, extrapolando a orientação editorial meramente social ou beletrista de seus antecessores; *A Revolta* (1925), em Bajé, RS; *A Navalha* (1931), em Santana do Livramento, RS; *A Voz da Raça* (1933), órgão da Frente Negra Brasileira*; *A Raça* (1935), órgão da Legião Negra de Uberlândia, MG; *Tribuna Negra* (1935); *Senzala* (1946); *Quilombo* (1948), revista do Teatro Experimental do Negro*; *União* (1948), da União dos Homens de Cor, em Curitiba, PR; *O Mutirão* (1958); *Correio d'Ébano* (1963). Nos anos de 1990, com *Black People*, no Rio de Janeiro, e principalmente *Raça Brasil**, em São Paulo – e depois de *Maioria Falante** –, a imprensa negra brasileira ressurge em novos modelos. *Ver IROHÍN*.

INÁCIO DA CATINGUEIRA (1845-79). Nome pelo qual se celebrizou Inácio de Siqueira Patriota, cantador nordestino, nascido e falecido na Paraíba, o mais famoso de todos os violeiros assumidamente negros. Ex-escravo, seu talento o fizera, antes da emancipação, um cativo muito especial, avaliado no inventário de seu antigo senhor em um preço três vezes maior que o "de mercado". Esse talento lhe valeu sua primeira consagração póstuma: ao contrário do comum para escravos e ex-escravos, seu corpo não foi sepultado onde vivia como agregado, e sim no cemitério do povoado de Teixeira, no sertão paraibano, para onde foi levado em rede e em cortejo, em comovente demonstração de carinho e admiração. Seus versos, em fragmentos de desafios famosos, integram hoje várias antologias da poesia dos repentistas-violeiros nordestinos.
INAÊ. Um dos nomes de Iemanjá. Provavelmente, variação de Naé*.
INAFREQUÊTE. O mesmo que Aniflaquete*.
IÑÁÑABA. Entre os congos cubanos, entidade equivalente a Obatalá*.
INCENSO (*Boswellia serrata*). Árvore da família das burseráceas, produtora da resina de mesmo nome utilizada em defumações. Na tradição religiosa afro-brasileira, suas folhas são consagradas a Oxalá. Em Cuba, a planta *Artemisia abrotanum*, que recebe o nome de *incenso*, pertence, além de Obatalá, a Babalú Ayé.
INCOCE. Forma reduzida de Incôssi-Mucumbe*.
INCOIAMAMBO. Divindade banta do raio e do fogo.
INCONFIDÊNCIA BAIANA. *Ver REVOLUÇÃO DOS ALFAIATES*.
INCÔSSI-MUCUMBE. Inquice dos candomblés bantos correspondente a Ogum. Do quicongo *Nkosi*, nome de um inquice, anteposto a um qualificativo como o quicongo *mukumbi*, "velho", o quimbundo *mukumbi*, "cantor", ou o ronga *mu-kombi*, "guia".
INDACA. Termo do vocabulário afronegro do Brasil usado nas acepções de discussão, litígio, confusão, barulho, tumulto. Do quicongo *ndaka*, "língua", "garganta", "voz", "linguagem" ou "maldição".
INDACOM-DE-JEGUM. Um dos nomes de Jesus Cristo entre os antigos negros baianos (conforme W. Valente, 1977).
INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES AFRICANOS. A partir de 1960, até 1975, quase todos os países africanos conseguiram libertar-se da dominação

política colonial. Mas esse processo de libertação não se fez sem uma forte reação, inclusive armada, das potências dominadoras desde o início da década de 1950. Assim, a luta forjou e revelou líderes, heróis e mártires como Patrice Lumumba (Congo-Kinshasa, independente em 1960); Kwame Nkrumah (Gana, 1960); Jomo Keniatta (Quênia, 1963); Julius Nyerere (que liderou, em 1961, o processo de independência de Tanganica, país que, mais tarde, une-se a Zanzibar, independente em 1963, para formar a Tanzânia, em 1964); Amílcar Cabral (Guiné-Bissau, 1973); Agostinho Neto (Angola, 1975); Samora Machel (Moçambique, 1975) etc.

ÍNDIA, República da. País da Ásia central, com capital em Nova Délhi. Sua população, de mais de 1 bilhão de indivíduos, inclui uma minoria de descendentes de africanos. *Ver AFRO-INDIANOS*.

ÍNDIAS OCIDENTAIS. Antigo nome de toda a região do mar das Antilhas. A denominação se deve a um equívoco de Cristóvão Colombo, que assim chamou a região por acreditar ter atingido a Ásia. *Ver WEST INDIES*.

ÍNDIAS OCIDENTAIS, Companhia das. Sociedade mercantil militarizada, criada em 1621 com o objetivo de fazer frente ao império colonial espanhol. Depois de ser o cerne do domínio holandês no Brasil (1630-44) e em Angola, e de ter fundado a cidade de Nova York, então Nova Amsterdã, o que era uma empresa colonizadora tornou-se uma sociedade inteiramente voltada para o tráfico de escravos.

ÍNDIO [1]. *Ver NEVES, Cândido das*.

ÍNDIO [2]. Apelido de Aluísio Francisco da Luz, jogador brasileiro de futebol nascido em Cabedelo, PB, em 1931. Centroavante ágil e oportunista, atuou no Flamengo carioca de 1949 a 1957, destacando-se no tricampeonato de 1953-1954-1955. Ídolo da torcida rubro-negra, pela garra que demonstrava em campo, em 1954 fez parte da equipe brasileira na Copa do Mundo realizada na Suíça. Em 2003, juntamente com outros dezoito jogadores, foi alvo de homenagem prestada pela diretoria do Clube de Regatas do Flamengo.

ÍNDIO DO BRASIL [e Silva]**, Alfredo** (1853-83). Engenheiro brasileiro nascido no Rio Grande do Sul e falecido no Amazonas. Membro da Comissão de Estudos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, faleceu em

serviço, entre Santo Antônio e Manaus. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

ÍNDIO DO CAVAQUINHO (1924-2003). Pseudônimo de Edinaldo Vieira Lima, cavaquinista e compositor brasileiro nascido em Mata Grande, AL, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Iniciando carreira profissional aos 15 anos de idade, radicou-se na antiga capital da República em 1945. Um dos mais completos entre os solistas e acompanhantes de cavaquinho, integrou diversos conjuntos de choro e gravou vários discos solo; em 1966 fez parte da delegação brasileira que foi ao Festival Mundial de Arte Negra*, em Dacar, Senegal.

ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças. O encontro, nas Américas, entre as culturas locais e as de origem africana foi um momento de trocas imensamente ricas que até hoje repercutem no campo religioso, nas manifestações carnavalescas e em outros aspectos. No Brasil, essa repercussão é evidente na umbanda*, no candomblé de caboclo* e em diversos folguedos populares. À época da escravidão, no século XVIII, os índios malalis da região de Peçanha, em Minas Gerais, abrigavam em sua comunidade vários negros fugidos da escravidão. Segundo Saint-Hilaire (conforme Roger Bastide, 1971), esses índios chegaram a ter como seus chefes uma mulher negra e, mais tarde, um homem negro, talvez descendente dela. Nos Estados Unidos, os líderes políticos e espirituais, unidos na luta comum contra o "demônio branco", trocaram experiências de toda sorte, com a semelhança de suas práticas espirituais facilitando esse intercâmbio. Na Louisiana, por exemplo, os índios natchezes muitas vezes integraram escravos fugitivos à sua comunidade, da mesma forma que os seminoles da Flórida, os quais tiveram um de seus chefes casado com uma mulher negra. As guerras entre o Exército americano e os seminoles originaram-se, em parte, de expedições de recaptura de escravos fugidos. Vale mencionar que os traços dessas alianças se fazem sentir, ainda hoje, também na religiosidade dos negros americanos e até mesmo no famoso carnaval de Nova Orleans. *Ver BECKWOURTH, James Pierson*; *BELTRÁN, Juan*; *DEL CASTILLO, Hermanos*; *DIVINE SPIRITUAL CHURCHES*; *ESCRAVOS DE ÍNDIOS*; *ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Negros na conquista do Oeste]*; *MARDI GRAS INDIANS*; *SEMINOLES*.

INDOCÔ. Iguaria feita com feijão-mulatinho, ovos e dendê.

INDUNDO. Divindade de cultos angolo-congueses correspondente a Omulu. Do quicongo *Ndundu tadi*, nome de um inquice e de uma doença.

INFAM. O mesmo que Efã*.

INFERIORIDADE, Complexo de. *Ver AUTOESTIMA.*

INFÚNDI. Papa de milho verde ralado da culinária afro-brasileira. Variação de funje*.

INGAMBEIRO. Um dos nomes de Exu em alguns candomblés de origem angolo-conguesa.

INGÊNUO. Denominação jurídica da criança nascida escrava, antes da Lei do Ventre Livre.

INGLATERRA. Parte meridional da Grã-Bretanha; nome que por extensão designa o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Uma das potências que mais se beneficiaram do tráfico negreiro, a Inglaterra, com o advento da Revolução Industrial, sentiu-se incomodada com a ordem escravista. Escravos não ganhavam salários, logo não compravam os bens gerados pela industrialização. Além disso, não era mais a Inglaterra que traficava escravos, e o despovoamento da África prejudicava o trabalho nas terras e nas minas que a grande potência lá possuía. Daí a posição inglesa de combate ao comércio de escravos, expressa em documentos como o chamado Bill Aberdeen*. **A Inglaterra contemporânea:** O processo de descolonização na África e as condições econômicas no Terceiro Mundo como um todo atraíram grandes fluxos migratórios de negros para o país. Consequência disso é que, na atualidade, embora os negros representem apenas 2% da população total, sua cultura tem dado o tom na moda urbana e no comportamento da juventude, principalmente em Londres.

INGOME. Variação de angoma*.

INGONO. Nos xangôs pernambucanos, tambor grande, encourado de um só lado e batido com as duas mãos.

INGOROSSI. Reza coletiva, espécie de ladainha dos candomblés bantos. Do umbundo *ongolosi*, “reunir-se”.

INGUAIÁ. O mesmo que guaiá*.

INHÃ [1]. Colar ritual, com um simples fio de contas.

INHÃ [2]. Espécie de tambor do batuque gaúcho (conforme Lody, 2003).

INHACA. Antiga designação do senhor supremo ou rei entre os negros do Brasil. De *yaka* (jaga), título de soberano em uma das línguas de Angola. *Ver JAGAS*.

INHAMBANE. Divisão administrativa da República de Moçambique, onde se localiza a cidade portuária de mesmo nome; nos registros do tráfico negreiro no Brasil, denominação de uma "nação" da contracosta*, provavelmente constituída por indivíduos do grupo linguístico nguni*. Nas duas primeiras décadas do século XIX, um período de violenta convulsão social, referido como o *Mfecane* (destruição de povos), motivou a vinda de grandes contingentes de inhambanes escravizados para o Rio de Janeiro.

INHAME (*Dioscorea dodecaneura*; *Dioscorea trifida*). Erva trepadeira da família das dioscoreáceas. Seu tubérculo tem largo emprego na culinária profana e ritual da Diáspora Africana. Na tradição religiosa brasileira é consagrado a Oxaguiã, o orixá dos inhames novos*, e aos egunguns, mas é também alimento da preferência de Ogum. Em Cuba, da mesma forma que o coco e o milho, pertence a todos os orixás e a todos é oferecido.

INHAMES NOVOS, Festa dos. *Ver PILÃO DE OXALÁ*.

INHOMIRIM, Visconde de. *Ver TORRES HOMEM, Francisco de Sales*.

INITIATIVE SCHWARZE DEUTSCHE und Schwarze in Deutschland. Organização do movimento negro fundada em Berlim, Alemanha, em 1986. Com sucursais na maioria das grandes cidades alemãs, promove eventos e outras atividades visando à difusão da história e da cultura negra na África e na Diáspora.

INJUNS. Em Nova Orleans, forma carinhosa pela qual são referidos os *mardi gras indians**. É corruptela de *indians*.

INK SPOTS, The. Quarteto vocal americano formado em 1937. Inicialmente integrado pelos cantores Orville "Hoppy" Jones (baixo), Ivory "Deek" Watson (barítono), Slim Greene e Charlie Fuqua (tenores), o grupo atuou com grande sucesso e com várias formações, principalmente na década de 1940. Suas harmonias ajudaram a estruturar o estilo de interpretação vocal conhecido como *doo-wop**.

INLÊ. Qualidade de Oxóssi; o mesmo que Ibualama*. Do iorubá *Erinlè*, "orixá-caçador", nume tutelar do rio Inlê. Em Cuba, é geralmente associado

a são Rafael e, em algumas províncias, a são João Batista. É, às vezes, um adolescente, quase um menino, travesso. Outras vezes, é um caçador forte e misterioso, casto e exigente quanto à moral de seus filhos e devotos. Entretanto, e talvez por causa de certa tradição que o tem como andrógino (*ver LOGUN-EDÉ*), isso não impediu que, outrora, em Havana, fosse o orixá preferido dos homossexuais masculinos (*addodis*) e femininos (*alacuattás*), que o festejavam em 24 de outubro, no famoso bairro Loma del Angel.

INNER CIRCLE. Grupo instrumental e vocal jamaicano formado em Kingston, em 1968, por iniciativa dos irmãos Roger “Fatman” Lewis e Ian “Munty” Lewis. A partir de 1974, com a entrada do cantor Jacob Miller, tornou-se um dos mais importantes conjuntos da cena do reggae*, em nível internacional. Em 1980, contudo, Miller faleceria em um acidente automobilístico, o que abalou sensivelmente a estrutura do grupo.

INNIS, Roy. Nome abreviado de Roy Emile Alfredo Innis, ativista da militância negra nascido em Saint Croix, Ilhas Virgens, em 1934, e radicado nos Estados Unidos desde os 12 anos de idade. Graduado em Química pela City College of New York, em 1963 ingressou no Core*, tornando-se o presidente nacional da entidade em 1981.

INNOCENT, Antoine (1873-1960). Escritor haitiano. Inspirado pelo movimento naturalista, foi provavelmente o primeiro literato a focalizar as tradições africanas em seu país. Entre suas obras, conta-se a novela *Mimola, ou L’histoire d’une cassette: petit tableu des mœurs locales*, de 1906, história de uma menina, filha de uma sacerdotisa do vodu, que sucede à mãe como mambo [2]*.

INNOCENT BLOOD, Temple of. Organização espiritualista fundada, em 1922, em Nova Orleans, Los Angeles, Estados Unidos, por *Mother* (“Mãe”) Catherine Seals, falecida em 1930. Associa elementos de cultos africanos, práticas e invocações do Velho Testamento, como as feitas a Jeová, o Deus Supremo, e adoração de santos católicos, como são Benedito e são Miguel Arcanjo. A sucessora de *Mother* Catherine foi *Mother* Rita, ainda ativa nos anos de 1980.

INQUICE. Cada uma das divindades dos cultos de origem banta, correspondentes aos orixás iorubanos. O termo é aportuguesamento do

quicongo *nkisi*, “força sobrenatural” e, por extensão, o receptáculo ou objeto em que se fixa a energia de um espírito ou de um morto. No Brasil, passou a significar o próprio espírito e ser usado, nos cultos bantos, como sinônimo de orixá.

INQUITA. Castigo que o orixá inflige ao filho, incorporando nele e se internando no mato, provocando-lhe ferimentos dolorosos. Do quicongo *nkita*, qualquer coisa que provoque dores nos membros, dentes e pernas. O nome *nkita* (plural *ba-nkita*) se aplica, ainda, aos seres do começo da Criação, aos ancestrais das origens.

INSABA. Nos terreiros bantos, folha, erva; conjunto de folhas de utilização ritual. Do quimbundo *isaba*, plural de *kisaba*, “folha”.

INSANCIO. Entre os congos cubanos, divindade do raio, correspondente ao brasileiro Zaze*.

INSTITUTO PALMARES DE DIREITOS HUMANOS (IPDH). Organização não governamental fundada em 1989 na cidade do Rio de Janeiro. Criado para defesa e ampliação da cidadania dos afro-brasileiros, o IPDH, entre outras linhas de atuação, destacou-se por prestar assistência jurídica geral e capacitar pequenos e microempresários por meio do Centro de Estudos e Assessoramento de Empreendedores (CEM).

INSTRUMENTOS MUSICAIS. A música africana na Diáspora utiliza principalmente instrumentos de percussão, com uma vasta gama de timbres e formas. **Instrumentos afro-cubanos:** Em Cuba, os tambores mereceram de Alejo Carpentier (1983) a seguinte classificação: a) *encomos* ou tambores *ñáñigos*, tensionados por cordas e cunhas, com uma só pele, tocada com uma das mãos, e subdivididos nos tipos *bencomo*, *cosilleremá*, *llaibillembi* e *boncó enchimillá*; b) tambores *batá*, bimembranófonos, ambipercussivos, de caixa de madeira em forma de ampulheta, fechados e tensionados permanentemente por um cordame de pele, e que se denominam *okonkolo*, o menor; *itótele*, o médio; e *iyá*, o maior – a “mãe” dos tambores. Além desses, devem citar-se a *tumba* e a *tahona*, que se destinam a diversos usos profanos e religiosos. A todos esses tambores podem, ainda, somar-se o *cajón*, a *marímbula*, o *güiro* (reco-reco), os *ekones* (campânulas de ferro), para completar a percussão. Também se usam duas espécies de chocalhos: um feito de dois cones de folhas de flandres, soldados pela base e cheios de pedrinhas; e outro que

consiste em um cone de fibras trançadas, cheio de sementes. **Instrumentos afro-brasileiros:** Oneyda Alvarenga (1960) lista como de "origem negra" os seguintes instrumentos musicais usados no Brasil: adufe, agogô, atabaque, berimbau, carimbó, caxambu, cucumbi, fungador, ganzá, gongon, marimba, mulungu, pandeiro, pererenga, piano de cuia, puíta, quissanje, roncador, socador, tambu, triângulo, ubatá, vu, vuvu e xequerê (xeguedê). **Outros instrumentos:** No corpo desta obra encontram-se, como verbetes, instrumentos musicais usados em outros países receptores da Diáspora Africana.

INSULTOS RACISTAS. Insulto é o ataque pessoal feito com insolência, para causar escândalo. Veja-se que, no Brasil, muitas vezes, imputa-se a uma pessoa ilustre a condição de afrodescendente com o fito de ofender sua reputação, destruir sua fama. Agiu, assim, por exemplo, Zeca Patrocínio*, em sua célebre polêmica com o escritor Henrique Coelho Neto*, chamando-o de "mulatinho envergonhado e sarará". E também o conhecido playboy Baby Pignatari, num episódio em que, em 1959, chamou o cronista e compositor Antônio Maria de "crioulo". Da mesma forma, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, em artigo de imprensa, referiu o também empresário e jornalista Roberto Marinho, líder das organizações Globo, como "Roberto Africano", "homem de cor" e "crioulo alugado e regiamente pago para destruir o rádio e a televisão como instituição [*sic*] nacional" (conforme Morais, 1994).

INSUMBO. Inquice correspondente a Obaluaiê. De *Nsumbu*, nome de um inquice congo.

INSURREIÇÕES ESCRAVAS. *Ver LEVANTES DE ESCRAVOS*.

INTEGRAÇÃO RACIAL. Efetivação do direito de acesso a todos os bens sociais, em iguais condições, para todos os indivíduos, independentemente de aparência ou origens étnicas. No Brasil, é garantida pela Constituição, mas, com relação aos afrodescendentes, esbarra principalmente em injunções de ordem econômica para sua realização de fato. Nos Estados Unidos, mesmo depois das conquistas do movimento pelos direitos civis, foi motivo de polêmica entre os negros, com partidários da integração opondo-se aos que advogam a adoção de uma vivência segregada, com a construção e o fortalecimento de uma cultura própria.*Ver RACISMO*; *SEPPIR*.

INTERVALEIROS. *Ver* TOURADAS EM PORTUGAL – intervaleiros.

INTOTO. Inquice correspondente a Omulu. Do quicongo *ntooto*, "terra".

INVENTORES NEGROS. Desde os tempos da escravidão, nos Estados Unidos, no Brasil e certamente em toda a Diáspora, o povo negro também teve seus expoentes no campo da pesquisa científica e das invenções. Nos Estados Unidos, entretanto, até 1996, só dois deles, George Washington Carver* e Percy Lavon Julian, tinham conseguido ingresso no National Inventors Hall of Fame. E, no Brasil, como a origem etnorracial dos grandes homens tem sido sistematicamente omitida, e a despeito da atuação de luminares como os irmãos Rebouças*, Teodoro Sampaio*, Juliano Moreira* etc., nenhum invento famoso se conhece cuja patente seja publicamente atribuída a um cientista negro. Quanto aos norte-americanos, em mostra seletiva, podemos enumerar os citados professor Carver e Percy Lavon Julian (1899-1975), que sintetizou a cortisona a partir do óleo de soja; Charles Richard Drew*, hematologista; Lewis Howard Latimer (1848-1928), criador da lâmpada incandescente de filamento de carbono; Jan Matzeliger (1852-89), que revolucionou a indústria de calçados, inventando a máquina que automaticamente costura a sola ao corpo do sapato; Garret A. Morgan (1877-1963), inventor do semáforo, sinaleira automática de trânsito; Norbert Rillieux (1806-94), inventor do método de evaporação a vácuo que revolucionou a indústria de refino do açúcar; madame C. J. Walker (1867-1919), inventora de equipamentos e produtos para a beleza feminina, pioneira da indústria de cosméticos; Granville Woods (1856-1910), gênio das invenções eletromagnéticas, que vendeu várias de suas patentes a empresas como General Electric e Westinghouse. Também nos Estados Unidos, em 1831, Jo Anderson inventava uma máquina para ceifar o trigo; e, em 1872, Thomas J. Martin registrava a patente de um aparelho extintor de incêndio. Não menos notáveis são os inventores Charles B. Brooks (máquina de varrer rua, 1890); Thomas W. Stewart (enceradeira de assoalhos, 1893); John C. Love (apontador de lápis, 1897); Isaac R. Johnson (aprimoramentos na bicicleta, 1899); John Albert Burr (cortador de grama, 1899) etc., inventos aparentemente simplórios, mas fundamentais para a vida moderna.

INVISIBILIZAÇÃO DO NEGRO. *Ver RACISMO.*

IOIÔ. Tratamento que os escravos davam aos senhores.
IOIÔ-MANDU. Antiga fantasia carnavalesca improvisada com objetos caseiros para tornar o folião irreconhecível.
IORUBÁ. A língua dos iorubás ou iorubas; de origem iorubana.
IORUBALÂNDIA. Forma brasileira para o inglês Yorubaland, locativo que nomeava, à época colonial, a região onde habitam os iorubás.
IORUBANO. Indivíduo dos iorubás; referente a esse povo.
IORUBÁS. Povo da África ocidental. Os iorubás, que constituem um dos três maiores grupos étnicos da República Federal da Nigéria, vivem no Oeste do país, espraiando-se pelos territórios de Benin e do Togo e, no Sudoeste, até a cidade de Lagos. O etnônimo "iorubá" originalmente designava apenas o povo de Oyó, mas hoje ele nomeia vários subgrupos populacionais, como os seguintes: ana ou ifé e isha, na fronteira Togo-Benin; idasha, em um enclave no Benin; shabe, ketu e ifonyin ou efà, ao longo da fronteira Benin-Nigéria; awori, egbado e egba, na antiga província de Abeokutá e no Distrito Federal; ijebu, na província de Ijebu e no Distrito Federal; oyó, em Oyó; ondo e owo, na província de Ibadan; ifé e ijexá, na província de Oyó; ondo, owo, iiaje e eekiti, na província de Ondo; igbomina, em Ilorin; yagba, bunu e aworo, em Kabba etc. **Origens:** Antes da colonização inglesa, a nação iorubá constituía uma federação de cidades-estado tendo como centro Ilê-Ifé. Segundo a tradição, os iorubás migraram para Ilê-Ifé, vindos do leste, sob a liderança de um chefe guerreiro chamado Oduduwa (Odudua*). É difícil estabelecer com exatidão a época dessa migração, mas a arqueologia estima que ela tenha ocorrido entre os anos 500 a.C. e 400 de nossa era (conforme A. F. Fatunmbi, 1992). É provável que esse deslocamento tenha acontecido paulatinamente, durante várias gerações. E cada nova cidade-estado que passava a integrar a federação iorubana recebia como chefe um *oba* (obá), cujo cargo representa uma forma de monarquia hereditária. Cada dignitário nomeado obá passa por um processo iniciático que o torna um descendente espiritual de Odudua, já que as instituições políticas da tradição iorubana são intimamente ligadas às instituições religiosas tradicionais de seu povo. Ambas sobreviveram sob o governo colonial inglês na Nigéria e continuam a funcionar até nossos dias. **Guerras e Diáspora:** Os conflitos ocorridos na África, entre 1810 e 1886,

envolvendo o povo iorubá, podem ser uma das chaves para a compreensão das circunstâncias em que esse povo veio maciçamente para as Américas e de fatos históricos como as revoltas ocorridas na capital baiana na primeira metade do século XIX, além da estruturação de manifestações como o candomblé da Bahia e a *santería* cubana; eis a explicação para tais conflitos: por volta de 1810, Abiodun, o alafim ("rei") de Oyó perde o trono para Arogangan. Cerca de sete anos depois, entretanto, Afonjá, *kakanfó* ("comandante militar") de Ilorin, rebela-se contra o novo alafim e proclama a independência de sua província. Arogangan se mata e o palácio de Oyó é tomado por Afonjá, que assume o poder. Porém, de Bariba – onde estava refugiado desde a época de Abiodun –, Ojo-agum Bambaru, velho inimigo de Afonjá, empreende uma expedição contra Oyó e Ilorin, e só não toma esta cidade por força de uma traição ocorrida à última hora. Os soldados de Afonjá, então, resolvem submeter o país iorubá de ponta a ponta, mas esbarram na força e na organização do exército do povo èpò, que resiste e o mata. Por volta de 1820, os fulânis, vindos do norte, conquistam Ilorin e dão margem a uma guerra que dura cerca de setenta anos. Com essa conquista, Ilorin se islamiza e ganha seu primeiro emir, o fulâni Abdul Salam; as províncias deixam de pagar tributos a Oyó e o alafim passa a ser uma figura quase que simbólica; finalmente, sob o alafim Amodô, a outrora poderosa cidade-estado de Oyó cai diante do poder dos fulânis de Ilorin; então, Abdul Salam parte para conquistar o povo ijexá. Durante toda a década de 1820, o país iorubá é sacudido por violentos conflitos interétnicos, até que, por volta de 1830, Atibá assume o poder como alafim e funda a nova cidade de Oyó, onde se erguera a antiga Agô Ojá. Seu primeiro-ministro é Olu Yole, que resolve retomar Ilorin aos fulânis e consegue uma vitória parcial na batalha de Eléduwé. Essa vitória salva os iorubás da total absorção pelos fulânis, mas os conflitos prosseguem até a intervenção britânica em 1886. **A Diáspora Iorubana no Brasil:** Com a vinda maciça de iorubanos para o Brasil, do fim do século XVIII aos primeiros anos da centúria seguinte, a língua desse povo se transformou numa espécie de língua geral dos africanos na Bahia, o que também se deu com seus costumes, que passaram a gozar de franca hegemonia. Esses fatos, aliados, posteriormente, ao trabalho de reorganização das comunidades jejes-nagôs empreendido principalmente por

Mãe Aninha*, na Bahia e no Rio de Janeiro, fizeram que os iorubás se tornassem o vetor mais visível no processo civilizatório da Diáspora Africana no Brasil. *Ver IFÉ*; *NIGÉRIA, República Federal da*; *OYÓ*.

IORUBO. Vocábulo empregado, no gênero masculino, pelo historiador Alberto da Costa e Silva (*ver Bibliografia*), para designar o domínio territorial dos povos iorubás, mencionado em inglês como Yorubaland.

IPCN. Sigla pela qual é conhecido o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, entidade do movimento negro fundada na cidade do Rio de Janeiro, em 1975. Entre seus fundadores, contam-se os militantes Amauri Mendes Pereira, Januário Garcia e Paulo Roberto dos Santos. *Ver MOVIMENTO NEGRO*.

IPEAFRO. *Ver SANKOFA – Matrizes Africanas da Cultura Brasileira*.

IPETÉ. Iguaria à base de inhame, alimento votivo de Oxum. Do iorubá *ìpete*.

IPOJUCAN Lins de Araújo (1926-78). Jogador brasileiro de futebol nascido em Maceió, AL, e falecido na cidade de São Paulo. Meia-esquerda virtuoso, foi um dos grandes destaques do Vasco da Gama carioca nos anos de 1940-50.

IPORI. No jogo de Ifá, saquinho de pano branco contendo o pó que serviu para inscrição do odu do consulente.

IRÉ. *Ver OSOBO*.

IREME. Espécie de pequeno diabo, entre os *ñáñigos* cubanos. Segundo alguns, simboliza um ancestral.

IRETE. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Na tradição de Ifá, os dezesseis odus principais, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Irete Meji. Também, Iroto.

IRINEU BATINA (1873-1916). Nome pelo qual ficou conhecido Irineu de Almeida, músico brasileiro nascido provavelmente na cidade do Rio de Janeiro. Compositor, oficleidista, trombonista e executante de bombardino, foi um dos professores de Pixinguinha*, quando este era ainda menino. Sua alcunha se devia ao uso constante de uma comprida sobrecasaca.

IRINEU, Mestre (1892-1971). Nome pelo qual foi conhecido Raimundo Irineu Serra, místico e líder religioso brasileiro nascido no Maranhão. Analfabeto e de condição social extremamente desfavorecida, foi o fundador, no século XX, em plena floresta (na Amazônia brasileira), da religião conhecida como santo-daime.

IRLANDA, Negros na. *Ver HOMENS AZUIS.*

IRLANDESES, Sobrenomes. *Ver BLACK IRISH.*

IRMANDADES CATÓLICAS. Associações de leigos, tendo por objeto principal o culto do Santíssimo, da Virgem Maria ou de um santo específico. **Irmandades e nações africanas:** Durante a época escravista, africanos e descendentes constituíram, no Brasil e em outros países, incentivados pela Igreja, inúmeras irmandades católicas, algumas ainda hoje existentes. A mais conhecida de todas é a de Nossa Senhora do Rosário*, cuja devoção remonta a Portugal. Grande e prestigiosa, essa confraria chegou a abrigar, em várias localidades brasileiras, outras menores, como a de São Benedito, Santa Ifigênia etc., sendo esses santos entronizados nos altares laterais da igreja da irmandade. O traço mais marcante dessas antigas confrarias era a sua autonomia na condução de seus negócios e de suas questões internas e externas, cujo âmbito extrapolava o simplesmente religioso, abarcando o recreativo e social. Dedicando-se à ajuda aos carentes, assistência aos enfermos e encarcerados, organização de funerais e garantia de sepultamento honroso, defesa contra maus-tratos, ajuda na obtenção de alforria etc., as irmandades desempenhavam papel fundamental na vida dos negros. É preciso ter em mente que, embora quase sempre entregassem as funções de escrivão e tesoureiro a pessoas não negras, em razão do índice de analfabetismo de seus integrantes, conseguiram manter fortes traços de sua identidade africana, expressos, principalmente, em festas e folguedos, como os da congada* e do maracatu*. Sua coesão deveu-se, crucialmente, à organização dos grupos segundo sua origem. Assim, no Rio de Janeiro, por exemplo, a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios era integrada exclusivamente por africanos da Costa da Mina; na capital baiana, essa forma de organização observou-se com rigor ainda maior. **Irmandades baianas:** Na Bahia, os negros das diferentes “nações” africanas agrupavam-se, também, em irmandades católicas. Uma das mais antigas dessas

confrarias era a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, no Pelourinho, integrada, principalmente, por negros angolas. Da mesma forma, os negros jejes aglutinavam-se na Irmandade do Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos, da igreja do Corpo Santo, na Cidade Baixa. Já a confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, da igreja da Barroquinha, era constituída apenas de mulheres, todas nagôs, de nação Queto, com os homens dessa origem participando da Irmandade de Nossa Senhora dos Martírios. Essas irmandades imprimiram fortes traços africanos ao catolicismo popular baiano. Tanto que, já em 1786, os negros angolas pediam permissão à rainha de Portugal para festejarem a Virgem do Rosário com cantos, danças e vestimentas de sua tradição.

IROCO. Orixá fitomorfo da tradição jeje-iorubana. No Brasil, tem como assentamento a gameleira-branca (*Ficus doliaria*), e, em Cuba, a *ceiba**, também consagrada a Xangô. Na África, *Ìrokò* é o nome iorubano da teca africana (*Chlorofora excelsa*, morácea), árvore de madeira escura, rija, extremamente durável, muito apreciada na confecção de peças de mobiliário. Para os iorubás, as árvores dessa espécie servem de morada para entidades sobrenaturais, travessas e brincalhonas, chamadas *òro*. No Brasil, ante a não ocorrência da teca africana, Iroco é personificado pela gameleira. Segundo H. Deschamps (1965), o *ìrokò*, símbolo da fecundidade, é sagrado em toda a antiga Costa da Guiné. Entre o povo fon, do antigo Daomé, por exemplo, é chamado *loko* e é morada do vodum de mesmo nome, gerado pelo casal primevo Mawu-Lissá. Nessa região, conforme G. Parrinder (1980), alguns povos depositam oferendas de comida em sua base; outros levantam templos ao seu lado e o protegem, erguendo uma cerca ao seu redor – e, caso seja necessário derrubá-lo, é preciso antes pacificá-lo com oferendas. Nos terreiros, depois de consagrada a raiz, a árvore recebe um ojá* branco, como na África, e em sua base são depositadas as oferendas rituais, como suas comidas prediletas – o ajabó, comida feita com quiabo picado e batido com mel, e ainda o milho branco e o feijão-fradinho. É visto como um orixá velho, com uma bengala de madeira numa das mãos e espanta-moscas de palha da costa na outra; na cabeça usa um gorro de palha e dança passos complicados, quase de joelhos. Nos terreiros que admitem sincretismo, é associado com o são Francisco de Assis da tradição católica. E

nos de raiz predominantemente banta, como os do candomblé angola ou congo, é associado ao inquice Tempo, sincretizado com são Lourenço. Em Cuba, é também conhecido como Arabá, nos cultos de origem iorubana, e como Munanso Nsambi, nos de origem conga. No Haiti, onde é chamado Papa Loko, é o loá* das árvores e das florestas, humanizado como um velhinho simpático, que se veste pomposamente e exerce grande influência sobre os curandeiros e ervanários. *Ver ÁRVORES SAGRADAS*.

IROHÍN. Jornal da militância negra editado em Brasília. Fundado em 1997, à época deste texto tinha a coordenação editorial de Edson Lopes Cardoso e destacava-se pela tiragem de 20 mil exemplares e pela publicação de artigos analíticos, assinados principalmente por militantes portadores de títulos de graduação e pós-graduação acadêmica.

IROKO. *Ver IROCO*.

IROSUN. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. No sistema divinatório de Ifá, os dezesseis odus principais, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Irosun Meji.

IRU. Fava usada como condimento na culinária afro-baiana. Do iorubá *irú*, "semente". *Irúgbá* é a semente de alfarroba, usada como tempero.

IRUEXIM. Chicote de Iansã, feito de rabo de cavalo, com o qual ela fustiga os eguns. Do iorubá *irù esin*, "rabo de cavalo".

IRUQUERÊ. Um dos símbolos da realeza de Oxóssi, espécie de espanta-moscas, feito de tufos de rabo de boi, com um cabo de madeira ou metal. Do iorubá *ìrùkèrè*, insígnia de poder dos reis e sacerdotes.

ISAACS, Gregory. Cantor e compositor jamaicano nascido em Kingston, em 1951. Ex-vocalista do grupo The Concordes, conheceu grande sucesso internacional nos anos de 1970. Na década de 1990, entretanto, estava definitivamente aniquilado pelo abuso de drogas.

ISAURA, Mãe (1894-1978). Mãe de santo maranhense da Casa de Fânti-Axânti*. Tinha o nome iniciático de Lufan-Lewi.

ISIDORO (?-1809). Líder garimpeiro do Distrito Diamantino das Minas Gerais. Escravo da Coroa portuguesa, rebelou-se e passou a lutar pela liberdade, à frente de um grupo de escravos das catas de diamantes. Em 1809 foi preso, torturado e morto, ganhando a aura de herói popular.

ISLÃ NEGRO. Denominação que compreende o conjunto de práticas da religião muçulmana, na ambientação que sofreu em contato com as crenças tradicionais da África negra. Segundo a maioria dos historiadores, existiriam duas expressões desse fenômeno: uma que chegou ao continente africano pelo mar e se espalhou pela costa oriental até Moçambique; e outra que entrou por terra, vinda do Norte, no século VII, e se espalhou por quase toda a África subsaariana, numa caminhada de mais de novecentos anos, em fases sucessivas. Dirigida, nessa caminhada, respectivamente por conquistadores berberes (séculos XI-XIV), mandingas (XIV-XVI), sonrais (XVI-XVIII) e fulânis (XVIII), foi a segunda expressão do islã negro que fez nascerem e florescerem os antigos ganas, malis, sonrais etc., com um esplendor que a costa oriental, embora comercialmente desenvolvida, não chegou a conhecer. No Brasil, o islã negro materializou-se na saga dos negros malês. **Expansão islâmica na África subsaariana:** As relações entre africanos e árabes datam de muitos séculos. Mas é com o advento do islamismo que os árabes efetivamente começam a se estabelecer na África com ânimo colonizador e de dominação religiosa, iniciando, já em 639 d.C., a partir do Egito, o processo de islamização do continente. Essa expansão islâmica pelo Norte da África é distinta da anterior penetração, pelo litoral oriental e atingindo a costa moçambicana (*ver TRÁFICO NEGREIRO [O tráfico índico]*). Ela chegou por terra, partindo da Palestina, cruzando o Sinai, chegando ao vale do Nilo e caminhando, para o sul, até as portas da Núbia. Com o pretexto de levar a palavra de Maomé até o ponto mais extremo do Bilad-es-Sudan (o "país dos negros"), ela chega à Tripolitânia, à Cirenaica e, finalmente, ao Magrebe, em 681. Pouco a pouco, entretanto, o furor da conquista vai arrefecendo, culminando em um estado de quase anarquia. Mas, cerca de três séculos depois, desponta no Marrocos uma dinastia berbere de muçulmanos rigorosos, os almorávidas, responsáveis não só pela reconquista do Norte da África como pela conquista moura (*ver MOUROS*) da Península Ibérica. A partir daí, o expansionismo muçulmano vai se dirigir para a parte ocidental do continente, experimentando uma caminhada que os especialistas costumam dividir em quatro fases, cada uma liderada por grupos etnoculturais específicos. **A hegemonia berbere:** A partir de 1042 os almorávidas empreendem um bem-sucedido jihad (guerra santa),

conquistando várias cidades importantes, como Audaghost e Kumbi Saleh, capital do antigo Gana, assumindo o controle do Marrocos, atravessando Gibraltar e expandindo o seu domínio até a Espanha. Com a conquista da capital do Gana e de Estados vizinhos, como Sonrai, Mali e Kanem, os soberanos e suas famílias, em geral mais por razões políticas do que religiosas, vão se convertendo à nova fé. E alguns povos, como os diulas, por sua vocação de comerciantes itinerantes, passam a desempenhar o papel de propagandistas do novo credo, levando-o até os limites da floresta equatorial. Com a morte de Yusuf Ben Tachfin, em 1106, o poderio dos almorávidas começa a declinar. Em 1203, o Gana é conquistado pelo povo sosso, que o perde em 1240 para os guerreiros mandingas de Sundiata*. Então, a hegemonia do processo de islamização do Sudão passa às mãos dos chefes do povo mandinga. **O domínio mandinga:** O Império Mandinga, que unificou grande parte da África ocidental e atingiu o seu mais alto grau de desenvolvimento com o *mansa* Kanku Mussá* (1312-37), durou cerca de trezentos anos, até a morte de Sunni Ali, em 1492. Durante esse período, Sundiata vive sua epopeia, anexando o antigo Gana; Mussá faz sua legendária peregrinação a Meca, afirmando o poderio de seu império; a cidade de Tombuctu atinge seu apogeu como centro comercial e intelectual; Abu Bakr I conquista a capital sonrai de Gao e Abu Bakr II morre, segundo a tradição, em expedição às Américas. Até que, com a morte de Sunni Ali, que levara o islã até o Daomé, seu filho assume o poder, para entregar a direção do processo de guerras de conquista e de conversão religiosa ao povo sonrai. **A fase sonrai:** Em 1496, Muhamad Turê, da dinastia chamada Askia (nome que se tornou título real), soberano dos sonrais, empreende uma aparatosa peregrinação a Meca. De volta, empenha-se em grande jihad, por meio do qual amplia as fronteiras de seu reino pela conquista, principalmente, dos Estados hauçás de Gobir, Kano e Katsina, no Norte da atual Nigéria, e do Reino Mossi, no Burkina Fasso de hoje. Data do seu reinado o grande apogeu da cidade de Tombuctu, visitada em 1510 pelo geógrafo Leão, o Africano*. Entretanto, alguns anos depois, já com o *askia* Ishaq I (1539-49), começam as investidas das forças marroquinas – reflexo da reconquista da Península Ibérica pelos espanhóis em 1492 e do consequente fim do domínio mouro na região –, as quais acabam por tomar

Gao, a capital do Império Songai, e todas as províncias tributárias, em 1591. A partir de então, e depois de um intervalo no processo de islamização, por força de uma breve hegemonia do povo bambara, firme adepto das crenças tradicionais e refratário ao credo muçulmano, chega-se à fase final do processo de islamização maciça da África ocidental. **A liderança peúle:** Os peúles ou fulânis, povo seminômade, chegam, no século XV, em grandes contingentes à curva norte do rio Níger e, nas centúrias seguintes, vão se espraiando até as cidades-estado dos hauçás, povo cuja conversão ao islamismo começara no século XIV, sob o domínio mandinga. Das alianças e inter-relacionamentos que se verificam entre peúles e hauçás nasce Usman Dan Fodio (1754-1817), líder letrado, político e sobretudo ardoroso muçulmano, que completa a epopeia da imposição do credo muçulmano ao Oeste africano. Essa epopeia fez que as palavras do Alcorão fossem adotadas como verdade por mais de 80% da população de Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Níger e Somália; por cerca de 70% em Mali, Sudão e Guiné-Conacri; cerca de 50% em Nigéria, Chade, Serra Leoa e Etiópia; cerca de 30% em Costa do Marfim, Burkina Fasso e Tanzânia; cerca de 20% em Libéria, Quênia e Camarões; e cerca de 10% em Gana, Benin, Togo, Zaire, Moçambique e Madagáscar. **Malês – o islã negro no Brasil:** O processo de islamização da África, como foi visto, realizou-se em várias fases, e no curso das últimas é que ocorreu o tráfico de escravos africanos para o Brasil. Em terra brasileira, esses muçulmanos escravizados completaram o processo, iniciado na África, de sincretização de sua religião com práticas das religiões tradicionais e desenvolveram a modalidade religiosa que aqui recebeu os nomes de "religião dos alufás" e culto "mussurumim", "muçulmi" ou "malê". *Musulmi* é o termo hauçá que designa o indivíduo islamizado, e "mussurumim" é sua corruptela. Já o vocábulo "malê" tem origem no árabe *mu'allim'* ("professor"), que levou ao hauçá *mállàmi* ("letrado", "escriba", "professor"), e que chegou ao iorubá nas formas *imonle* e *ímale* ("muçulmano"). Sabe-se, todavia, que "malê" é um termo que os próprios negros islamizados não usavam para se autodenominar. E é certo também que ele não designava uma etnia em especial ("malinkê", por exemplo), como muitos autores erroneamente afirmaram. "Malê" quer dizer tão somente negro islamizado, qualquer que seja sua origem. No Brasil, o

islamismo criou a mítica do negro altivo, insolente, insubmisso e revoltoso, que tão bem se enquadra na seguinte descrição, citada em Agassiz e Cary (1975, p. 69), de um grupo de negros "minas" (*ver MINA*) no Rio de Janeiro de 1865: "Os homens dessa raça são maometanos e conservam, segundo se diz, sua crença no profeta, no meio das práticas da Igreja Católica. Não me parecem tão afáveis e comunicativos como os negros congos: são, pelo contrário, bastante altivos". Intransigentes em seus princípios religiosos, os malês em geral não eram vistos com simpatia pelos outros negros, notadamente na Bahia, onde escreveram sua página mais notória. Mas o culto malê não floresceu apenas na Bahia. René Ribeiro (1978) inclui os malês entre os grupos de culto em atividade na segunda metade do século XIX na capital pernambucana; Abelardo Duarte publica em 1958 importante estudo sobre os malês em Alagoas (*Negros muçulmanos nas Alagoas – os malês*); João do Rio, em sua famosa obra *As religiões no Rio* (1904), fala exaustivamente deles no Rio de Janeiro do princípio do século XX. Tanto as descrições de João do Rio quanto as de Manuel Querino sobre os malês têm estrita correspondência com o que escreve o português Manuel Belchior (*ver Bibliografia*) sobre as práticas islâmicas na África ocidental. Segundo este escritor, os mandingas da Guiné-Bissau praticavam, pelo menos até 1968, um islamismo mesclado com práticas "animistas". **As revoltas:** A partir do século XVIII, os contingentes mais expressivos de escravos embarcados da África para Salvador provêm do golfo da Guiné (*ver TRÁFICO NEGREIRO [Tráfico triangular]*). Na segunda metade do século XVIII, as convulsões ocorridas no Oeste africano resultaram na vinda para a Bahia de enormes contingentes de hauçás, fulânis, mandingas, nupês (tapas) etc. Chegando a Salvador, esses africanos, em geral islamizados e portadores, ao que consta, de certo grau de instrução e consciência política, procuravam transmitir a outros negros, juntamente com as informações sobre o que se passava na África, o germe da revolta e da insubmissão. Então, provavelmente inspirados pelos jihads de Othman Dan Fodio (1786) na atual Nigéria, de Abd El Kader (1796) e Cheik Amadu (1805) na Senegâmbia, ou pela chegada do islã ao território iorubano, em 1817, e quem sabe apoiados por interesses internacionais empenhados no fim da escravidão, esses negros lideraram na Bahia, de 1807 a 1835, uma série de

sublevações de graves consequências. Contando com a participação de africanos não islamizados, mas excluindo, de modo geral, a participação de crioulos e mestiços, essas revoltas de africanos, conhecidas como Revoltas dos Malês, culminaram com a insurreição de 1835. **A Grande Insurreição:** Em Salvador, na madrugada de 25 de janeiro de 1835, dia de Nossa Senhora da Guia, um grupo de escravos muçulmanos traçava os últimos planos de uma rebelião que eclodiria ao amanhecer. A ocasião era propícia, pois, com o grosso da população voltado para as celebrações católicas, a cidade estaria vulnerável. E o momento tornava-se ainda mais oportuno porque, para os muçulmanos, tratava-se do fim do Ramadã*, o mês sagrado islâmico, próximo à festa do Lailat-al-Qadr, a "Noite do Poder", que o encerra. Reunidas na casa de Manoel Calafate*, na Ladeira da Praça, cerca de sessenta pessoas discutiam os detalhes da rebelião. Planejavam, ao que consta, uma revolta para tomada do poder pelos negros muçulmanos, que mobilizariam primeiramente os escravos da capital e, depois, os do Recôncavo. Contudo, o levante foi abortado por suposta delação; assim, após a invasão de algumas casas por patrulhas militares, a luta se precipitou. Após o primeiro embate, os malês partiram para as ruas, onde as escaramuças se sucederam. Um grupo de revoltosos atacou, em vão, a cadeia para libertar o líder Pacífico Licutan*, que se encontrava preso; outro grupo seguiu para o bairro da Vitória; outro atacou o quartel de polícia do Largo da Lapa. Em Água de Meninos aconteceu o último confronto, findo o qual os sediciosos remanescentes rumaram para Itapagipe, onde foram finalmente derrotados pelos cavalarianos (conforme João J. Reis, 1986a). A essa insurreição, que deixou um saldo de dezenas de mortos e feridos, seguiu-se violenta repressão, semeando o terror e o pânico entre os negros da Bahia. Escoladas pelo recente exemplo dos negros do Haiti*, as autoridades imperiais puniram os insurretos com pena capital, açoitamento, prisão e degredo, fazendo com o islã negro, no Brasil, sobrevivesse apenas em vagas práticas mescladas às de outras matrizes religiosas. **O novo islã:** À época deste texto, registrava-se, em algumas cidades brasileiras, o surgimento de um novo islã, influenciado pela luta dos negros norte-americanos e brasileiros em prol de seus direitos civis, pela cultura hip-hop*, e talvez impulsionado pelo episódio do ataque terrorista às torres gêmeas de

Nova York, em setembro de 2001. Assim, a revista carioca *Época*, em edição de 2 de fevereiro de 2009, noticiava, em extensa reportagem, o fato de que jovens negros nas periferias de cidades como São Paulo, em números expressivos mas não exatamente quantificados, tornavam-se ativistas islâmicos "como resposta à desigualdade racial". *Ver ADRIANO*; *DAN DARÁ*; *LEVANTE DE 1814*; *LICUTAN, Pacífico*; *LUIZA MAHIM*; *MALÊ*; *MANOEL CALAFATE*; *MUHAMMAD KABA*.

ISLAM, Nation of. *Ver NAÇÃO DO ISLÃ*.

ISLE BREVELLE. Localidade em Cane River, Louisiana, Estados Unidos. Abriga a mais antiga comunidade de *créoles du couleur** do país, fundada pela ex-escrava Marie Thérèze Coin-Coin, juntamente com o francês Claude-Thomas-Pierre Mettoyer, e consolidada pelos descendentes do casal. No final do século XVIII, Marie Thérèze comprou sua alforria e a de seus filhos e adquiriu vastas extensões de terras devolutas onde hoje fica Natchitoches Parish. Transformando a terra em uma enorme e produtiva plantation, a família cresceu e prosperou, atingindo uma condição social raramente conquistada pela gente de cor naquele tempo. Em 1803, Nicolas Augustin, filho mais velho de Marie Thérèze, fundou na comunidade a Saint Augustine Church, igreja católica que vem congregando várias gerações de habitantes de Cane River. Em torno dessa igreja, a comunidade desenvolveu uma cultura única, baseada na fé católica, no orgulho étnico e na coesão familiar, que a distingue dos demais grupos sociais da Louisiana.

ITÁ. Um dos nomes de Xangô em Pernambuco. Do iorubá *eta*, "rocha com minério de ferro".

ITÃ. Cada um dos relatos míticos da tradição iorubana. Do iorubá *ìtan*.

ITABA. Em alguns terreiros, voz que designa o charuto e o tabaco em geral. Do iorubá *tábà*, "tabaco".

ITAJUBÁ, [Manuel Virgílio] **Ferreira** (1876-1912). Escritor brasileiro nascido em Natal, RN, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Poeta, autor de *Terra natal* e *Harmonias do Norte*, está incluído na nominata de ilustres homens de cor elaborada por Rodrigues de Carvalho (1988).

ITÁLIA, Negros na. Ilha italiana localizada no mar Mediterrâneo, a Sicília conheceu, desde pelo menos o século XV, principalmente na cidade antiga de Noto, a prática da compra e venda de escravos negros, levados da

costa africana, e de descendentes destes, nascidos na própria ilha. Salvatore Guastella (1986) informa que, no século XVI, mais de 500 mil escravos negros lá viviam, provenientes principalmente da região da Cirenaica, na atual Líbia, mas certamente oriundos, também, de outros pontos da África ocidental: na Cirenaica, a cidade de Barca (Barqah) integrava uma complexa rota de comércio que se estendia para além do Saara. **A moderna Diáspora:** No século XX, grandes fluxos migratórios africanos atingiram a Itália: após a Segunda Guerra, chegavam somalianos e etíopes; a partir de 1960, com o processo de descolonização, outros grupos nacionais imigravam, principalmente em direção a Roma e outras grandes cidades, sendo que os números desse contingente, em 1990, segundo a enciclopédia *Africana**, giravam em torno de 2 milhões de pessoas.

ITAMARATY. Nome pelo qual é popularmente referido o Ministério das Relações Exteriores do governo brasileiro, por ter tido sua sede, de 1899 a 1967, no Rio de Janeiro, no palácio que ostenta esse nome. Em 2002 era criado, pelo Instituto Rio Branco, na escola de formação de diplomatas do Itamaraty, um programa de bolsas para afrodescendentes, com o objetivo de preparar jovens negros para a carreira, reparando uma distorção histórica. Até então, o único negro a exercer o cargo de embaixador fora o jornalista Raimundo Souza Dantas*. Segundo reportagem do *Jornal do Brasil* publicada em 7 de julho de 2002, naquele momento, dos 962 diplomatas do quadro especial do Itamaraty, apenas cerca de vinte poderiam ser incluídos na categoria de afrodescendentes. *Ver BRASIL, República Federativa do [Representatividade].*

ITÂMBI. Conjunto de ritos funerários dos candomblés de origem banta, no Brasil. *Ver TÂMBI.*

ITEQUE. Escultura antropomórfica representando um inquice* ou um antepassado. Do quimbundo *iteque*, plural de *kiteke*, “boneco”, “ídolo”, “fetiche”.

ITÓN. Bastões da percussão musical dos *ñáñigos* cubanos. Com eles, o músico percute a parte inferior da caixa do *bonkó enchemyiá**.

ITONES. Bastonetes de madeira usados na percussão da música *abakuá**, em Cuba.

ITÓTELE. Tambor batá* de porte médio.

ITUTO. Conjunto de cerimônias fúnebres realizadas, em Cuba, quando da morte de um fiel da *santería**.

IVAPORUNDUVA. Comunidade remanescente de quilombo localizada em Eldorado, SP.

IVO, Ismael. Bailarino brasileiro nascido na cidade de São Paulo, por volta do ano de 1955. Menino pobre da periferia, foi descoberto por Alvin Ailey*, com quem trabalhou em Nova York, nos anos de 1980. Em 1996, passou a dirigir o Teatro Estatal de Weimar, na Alemanha.

IVONNET, Pedro [Echevarría] (1863-1912). Militar cubano nascido em Caney, Oriente. Nascido escravo, chegou ao posto de general e destacou-se na Guerra de Independência de seu país. Mais tarde, paralelamente ao exercício da profissão de veterinário, liderou o Partido Independiente de la Gente de Color e, no governo do presidente José Miguel Gómez, ao lado de Evaristo Estenoz*, comandou uma revolta antirracista eclodida na antiga província de Oriente, sendo linchado em praça pública.

IWORI. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Os dezesseis odus principais, no jogo de Ifá, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Iwori Meji. *Ver* OJUÁNI.

IXÃ. Vara de galho de árvore usada pelo amuixan* nas cerimônias de invocação dos egunguns. Do iorubá *ìson*.

IXÉ. Poste central do barracão da casa de candomblé, símbolo da ligação entre o aiê, o mundo dos vivos, e o orum*. O nome também designa o mastro que sustenta a bandeira da comunidade-terreiro.

IXÉS. Vísceras e outras partes dos animais sacrificados que, depois de preparadas, são colocadas junto ao otá do orixá. Do iorubá *ìje*, "alimento ligeiro", "merenda durante uma viagem".

IYÁ. Termo que, significando "mãe", e às vezes usado na forma abrasileirada –"Iá" –, antecede vários outros designando cargos hierárquicos das comunidades-terreiro. Em Cuba, designa também o maior dos tambores do tipo batá*, que comanda os diversos ritmos. Do iorubá *ìyá*, "mãe". *Ver IALORIXÁ*.

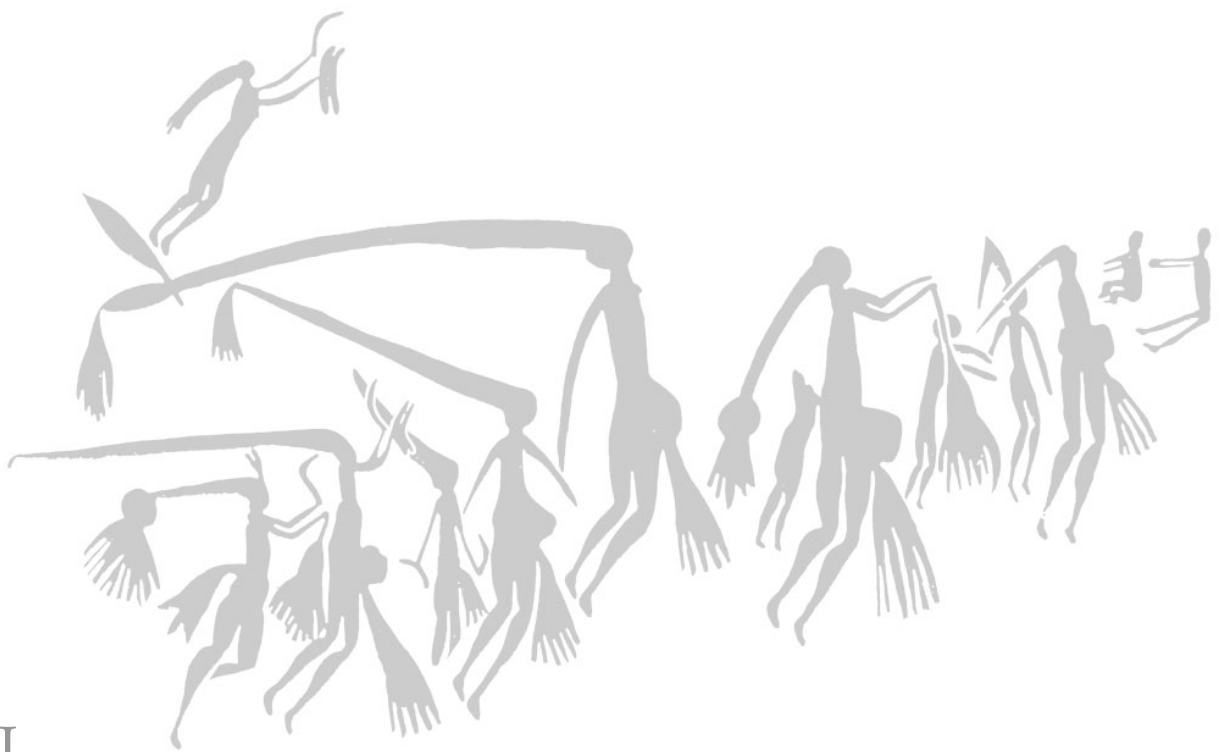
IYÁ ADETÁ. *Ver ADETÁ [1]*.

IYÁ AKALÁ (século XIX). Antropônimo ou título que a tradição afro-baiana registra como sendo de uma das fundadoras do Ilê Axé Iá Nassô Oká*. *Ver ADETÁ [1]*.

IYÁ NASSÔ. *Ver IÁ NASSÔ.*

IYAMBA. No jargão dos *ñáñigos* cubanos, “comandante”, “líder”. O vocábulo passou à gíria das ruas de Havana com o significado de maioral, bambambã.

IYESA. Forma cubana para ijexá*.

IZADINCOE. Na Casa das Minas, iá-quequerê*, “pequena mãe”.

J

JABAQUARA, Quilombo do. Reduto de escravos fugidos existente nos arredores da cidade de São Paulo, na segunda metade do século XIX. Organizado em 1886 e contando, já no ano seguinte, com cerca de 10 mil habitantes, teve como chefe Quintino de Lacerda*. *Ver QUILOMBO ABOLICIONISTA.*

JACANA. Dança tradicional afro-dominicana.

JACARANDÁ, Doutor (1873-1948). Nome pelo qual foi conhecido Manuel Vicente Alves Palmeira, personagem popular carioca nascido em Palmeira dos Índios, AL, e radicado em 1904 no Rio de Janeiro, onde faleceu. Rábula militante no foro da então capital da República, notabilizou-se pela indumentária aristocrática (fraque preto, cravo vermelho na lapela e polainas), além do uso de monóculo, o que, somado ao seu linguajar "de preto," conferia-lhe, segundo os cronistas do tempo, um ar ao menos bizarro.

JACK MANDORA. Na Jamaica, personagem negro das histórias da aranha Anansi*.

JACKO (século XVIII). Líder *maroon* de Dominica, nas Antilhas.

JACKSON DO PANDEIRO (1919-82). Nome artístico do cantor, instrumentista e compositor José Gomes Filho, nascido em Alagoa Grande, PB, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Com carreira profissional de percussionista iniciada no Nordeste, na década de 1930, cerca de vinte anos depois, em Recife, lançava-se como cantor de cocos e rojões, conseguindo sucesso nacional. Influência declarada de vários grandes nomes da música brasileira, pelo senso rítmico e fraseado exato, foi, como Luiz Gonzaga*, intérprete excepcional dos gêneros que popularizou. Portador de uma grande agilidade vocal, de um sentido de divisão rítmica inigualável e de um domínio absoluto da técnica da síncope, fez escola na música popular brasileira. Como autor, foi malicioso sem ser grosseiro, usando habilmente o duplo sentido, e incursionou também pela música urbana, com um excelente repertório carnavalesco.

JACKSON, Daniel Hamilton (1884-1946). Líder de Saint Croix, Ilhas Virgens. Ex-ativista do movimento dos trabalhadores, editor e advogado, terminou sua trajetória como um respeitado juiz. Em seu país, foi homenageado com um monumento no qual é identificado como "o Moisés negro" da ilha, por ter encaminhado seu povo em direção a uma simbólica "terra prometida".

JACKSON, Jesse [Louis]. Político americano nascido em Greenville, Carolina do Sul, em 1941. Filho de mãe solteira e criado em condições humildes, estudou teologia em Chicago, ordenando-se ministro da Igreja Batista em 1968. A partir de então, tornou-se um destacado lutador pelos direitos civis dos negros, sendo auxiliar de Martin Luther King*, cujo assassinato presenciou. Principal líder negro dos Estados Unidos depois da morte de King e de Malcolm X*, em 1971 criou a Operação PUSH – People United to Save Humanity. Nos anos de 1980, tornou-se internacionalmente conhecido como o primeiro negro a candidatar-se à Presidência dos Estados Unidos.

JACKSON, Mahalia (1912-72). Cantora americana nascida em Nova Orleans, Louisiana, e falecida em Chicago. Foi a maior intérprete mundial do gospel*, colaborando extraordinariamente para que esse gênero musical se tornasse parte destacada da cultura de seu país; por isso, foi considerada

um “tesouro nacional”. Na década de 1960, teve participação importante no movimento pelos direitos civis em seu país.

JACKSON, Michael [Joseph] (1958-2009). Cantor americano, nascido em Gary, Indiana, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Nos anos de 1980, revolucionou o conceito de pop music, transformando-a em um negócio de cifras incalculáveis. Para tanto, incorporou ao seu trabalho elementos cênicos de vídeo, coreografia etc., apresentados com a mais avançada tecnologia. Ao mesmo tempo, provocava grande polêmica por conta de um espantoso processo de embranquecimento físico, talvez de natureza patológica. Sobre esse assunto, o filósofo Cornel West* (1994), no livro *Questão de raça*, diz que Michael Jackson pode ter razão em querer ser visto “como uma pessoa e não como uma cor”, mas sustenta que o afinamento de seu nariz e o alisamento de seus cabelos denunciam uma autoavaliação baseada em padrões estéticos brancos, o que desvalorizaria algumas das importantes características africanas expressas na sua arte. Ostentando no currículo a venda de 750 milhões de discos e a conquista de 25 prêmios Grammy, sendo, assim, um dos artistas mais bem-sucedidos de todos os tempos, não obstante, no início da década de 2000, sua fisionomia estava desfigurada pelas sucessivas cirurgias plásticas a que se submeteu e seu comportamento era descrito como patológico. Morreu subitamente, quando se preparava para retornar aos palcos, após alguns anos de relativo ostracismo; seu funeral transcorreu na forma de um grande espetáculo.

JACKSON, Milt (1923-99). Músico americano nascido em Detroit e falecido em Manhattan. Um dos grandes vibrafonistas do jazz, considerado um mestre na arte da improvisação, foi também pianista, baterista, guitarrista e violinista. Descoberto por Dizzy Gillespie*, tornou-se conhecido a partir de 1945. Trabalhou com Thelonious Monk* e outros músicos do bebop*; em 1952 ajudou a criar o Modern Jazz Quartet*.

JACKSON FIVE, The. Grupo vocal formado, nos Estados Unidos, no início dos anos de 1960, pelos irmãos Jackie, Tito, Jermaine, Marlon e Michael Jackson*. Após sua saída da Motown Records, em 1975, o conjunto fica sem Jermaine, mudando o nome para The Jacksons. Mais tarde, Michael alça voo para sua fulgurante carreira solo. Na órbita do grupo, gravitaram, também, as irmãs **Janet** e **La Toya Jackson**, nascidas em

Gary, Indiana, respectivamente em 1966 e 1956, ambas donas de bem-sucedidas trajetórias como cantoras no cenário pop internacional.

JACOBINOS NEGROS. Jacobino é o qualificativo aplicado ao nacionalista radical, ao indivíduo xenófobo. O termo remonta ao Clube dos Jacobinos, instituição política influente à época da Revolução Francesa. Por extensão, a expressão "jacobinos negros" aplicou-se, nas Américas, aos partidários da Revolução Haitiana*.

JÁCOME, Manuel Ferreira (séculos XVI-XVII). Artífice brasileiro ativo em Recife, PE. Mestre-pedreiro, é autor, entre outras obras, da fachada e da portada da igreja de São Pedro dos Clérigos, na capital pernambucana, executadas por volta de 1728.

JACQUET, [Jean-Baptiste] **Illinois.** Saxofonista e chefe de orquestra americano nascido na Louisiana, em 1922, e criado no Texas. Tornando-se conhecido a partir de 1941, na orquestra de Dizzy Gillespie, depois de tocar bateria, sax-alto e soprano, destacou-se como virtuose do sax-tenor, sendo considerado um dos músicos que mais contribuíram para a popularidade desse instrumento no contexto do jazz. Seu estilo de interpretação, entremeado de guinchos e grasnidos, foi decisivo na formatação do rhythm-and-blues* e do rock-and-roll*.

JACUNDÊ. Figuração coreográfica do moçambique* (conforme Mário de Andrade, 1989).

JAGAS. Denominação dada pelos portugueses aos imbangalas. O nome "jaga" designa, mais apropriadamente, grupos multiétnicos de guerreiros itinerantes que, durante o século XVII, opondo-se aos escravistas portugueses, ou, como entendem alguns, beneficiando-se do tráfico de escravos, levaram o terror ao Reino do Congo e Estados vizinhos, forjando, assim, alianças entre eles contra o inimigo comum. Os jagas foram referidos através dos tempos por muitos nomes diferentes, entre eles agags, aicas, cembas, gallas, giavas, guingas, iages, imbangalas, jacas, muzimbos, ngajacas, njudos, nsidos, quimbagalas, yakas, zimbas etc. (conforme Adriano Parreira, 1990a). Entre os ganguelas ou imbangalas, "jaga" é um título real, e com essa acepção deu origem ao português "jaca" e ao afro-brasileiro inhaca*.

JAGGABOO. Palavra depreciativa com que nos Estados Unidos se designa o negro servil, o pai-joão. Deriva do vocábulo africano *tshikabo*,

ligado à ideia de servilismo, docilidade. Também, *ziggaboo*.

JAGUA. Nome do jenipapeiro, em Cuba. Lá, é árvore de Iemanjá, e tanto pode curar a cegueira como nublar a visão de alguém que se queira cegar temporariamente.

JAGUARÉ, Bezerra de Vasconcelos (1900-40). Jogador brasileiro de futebol nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Goleiro do Clube de Regatas Vasco da Gama e da seleção nacional de 1930 a 1935, foi um dos primeiros profissionais do esporte a fazer carreira internacional, atuando em Portugal, França e Espanha.

JAGÜEY. Nome cubano de várias árvores da família das moráceas, principalmente a *Ficus membranacea*, aparentada com a gameleira e a guaxindiba brasileiras. Árvores de Ogum, gigantescas, infundindo respeito e medo, são extremamente poderosas e usadas principalmente nos rituais da *regla de palo mayombe* (*ver MAYOMBE [2]*). Segundo os mais velhos, Babalú Ayé gosta de repousar à sua sombra.

JAH. Um dos nomes do Deus Supremo, entre os adeptos do rastafarianismo. Provavelmente, uma redução de Javeh (Javé), Jeovah (Jeová), ou de Jasrah*.

JAH MUSIC. Na Jamaica, nome às vezes dado ao reggae*. De Jah (Jeová), Deus Supremo do rastafarianismo.

JAIR [Rosa Pinto] (1921-2005). Jogador brasileiro de futebol nascido em Quatis, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Meia-esquerda avançado, habilidoso e de chute potente, despontou no Vasco da Gama, passou pelo Flamengo e pelo Palmeiras e encerrou a carreira no Santos Futebol Clube. Integrou várias vezes a seleção brasileira, pela qual foi campeão sul-americano de 1949 e um dos destaques da Copa do Mundo de 1950. Permaneceu em atuação até 1963.

JAIR DO CAVAQUINHO (1922-2006). Nome artístico do sambista Jair de Araújo Costa, nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Ligado à escola de samba Portela*, para a qual compôs o samba-enredo de 1969, tornou-se conhecido em 1965 ao participar do espetáculo *Rosa de ouro*, estrelado por Clementina de Jesus* e Araci Cortes*. Parceiro de Nelson Cavaquinho* em sambas como *Vou partir*, após a morte de Manaceia*

passou a integrar o grupo da Velha-Guarda* da Portela; em 2002 lançou, como intérprete solo, um CD entusiasticamente elogiado pela crítica.

JAIRZINHO. Nome pelo qual se fez conhecido Jair Ventura Filho, jogador de futebol brasileiro nascido em Duque de Caxias, RJ, em 1944. Atacante com carreira iniciada em 1960, consagrou-se como artilheiro da Copa do Mundo de 1970, marcando gols em todos os jogos (sete ao todo), o que lhe valeu o cognome de "Furacão da Copa".

JAJA DE OPOBO (1821-91). Líder do povo ana, localizado na atual Nigéria. Ex-escravo, na década de 1870 controlava o comércio de azeite e outros subprodutos do dendê na região do delta do Níger, sendo reconhecido como rei de Opobo. Na década seguinte, opôs-se bravamente à crescente influência britânica na região, sendo, entretanto, preso e deportado para as Antilhas. Morreu, já velho, durante a viagem de volta à sua terra.

JALOFO. Forma antiga para uolofe*.

JAM AND WINE SOCA. Em Trinidad, Santa Lúcia e outras ilhas de fala inglesa no Caribe, variedade da *soca**, particularmente dançante.

JAM SESSION. Entre os músicos de jazz, especialmente os cultores do bebop*, reunião musical em que se privilegiam os solos de improviso em peças executadas por longos períodos. Nascidas como diversão espontânea dos músicos, as jam sessions, que ocorriam após exaustivos compromissos profissionais, tornaram-se, mais tarde, espetáculos montados por empresários do show business, acabando por cair em desuso.

JAMAICA. País situado no mar das Antilhas, ao sul de Cuba e a oeste do Haiti. Sua população compreende cerca de 77% de negros, descendentes dos africanos para lá levados como escravos no século XVIII; sua capital é Kingston. **Influência:** A Diáspora Africana na Jamaica é rica em elementos, fatos e personagens exemplares; alguns exemplos: a luta dos *maroons*, liderados por Nanny, Accompong, Cudjoe, Cuffee, Quao etc., vitoriosa em 1739; os ideais de Marcus Garvey*, a mais alta voz no século XX em prol da autodeterminação do povo negro em todo o mundo; a poesia de Claude McKay*, alma da Harlem Renaissance*; e, mais recentemente, Bob Marley*, disseminador do reggae* e da cultura rastafári* por todo o continente americano. **Maroons:** Na Jamaica, desde os primeiros tempos da

colonização inglesa (no século XVII), comunidades de escravos fugidos já se organizavam nas montanhas. E à medida que a ilha tornava-se mais densamente povoada, essas comunidades intensificavam suas incursões às plantations, roubando gado, incendiando roças e aliciando novos companheiros. Gozando já de relativa autossuficiência, em 1663 os *maroons* das montanhas jamaicanas ignoraram uma oferta de terras e liberdade plena em troca da cessação de suas hostilidades, da mesma forma que ocorreria no Brasil, em 1678, no episódio que contrapôs Zumbi a Ganga Zumba na liderança de Palmares*. Durante os 76 anos seguintes, os *maroons* foram se estabelecendo, preferencialmente, no Leste e no Nordeste do país. Entretanto, em 1690, um grupo de escravos, principalmente *coromantis**, de Clarendon, na região central da ilha, rebela-se e foge para a floresta. Liderados por um chefe chamado Cudjoe, eles se juntam aos *maroons* e deflagram uma campanha que passa à história com o nome de **Primeira Guerra dos Maroons**. Os irmãos de Cudjoe*, Accompong e Johnny levam a guerra para o Oeste, enquanto os subcomandantes Quao e Cuffee controlam as ações no Leste. Concentrados na encosta norte das Blue Mountains e nas florestas do interior, os *maroons* puseram em prática sofisticadas táticas de guerrilha, desnorteando as tropas coloniais. Entretanto, a cada dia, as tropas aumentavam seus efetivos, contando até com companhias de mestiços e negros livres, e equipavam seus arsenais. Até que, entre 1730 e 1739, tomaram e destruíram o reduto ocupado pela rainha Nanny*, outra liderança. Com a derrota de Nanny e a destruição de sua cidadela, os *maroons*, liderados por Cudjoe, aceitam finalmente o tratado de paz proposto pelos ingleses 76 anos antes, cujos termos garantiam aos ex-escravos plena liberdade e 1.500 acres de terra. Descontente com o acordo, Nanny teria se insurgido, sendo então assassinada. Cudjoe foi apontado como chefe, tendo como imediatos Accompong e Johnny; porém, esse líder teve seus passos controlados por dois emissários ingleses, destacados pelas autoridades coloniais para viverem no seio da comunidade. Outro tratado semelhante foi assinado por Quao, chefe de outra facção, e relativa paz perdurou por cinquenta anos, até a deflagração da **Segunda Guerra dos Maroons**, em 1795, 35 anos depois da revolta de Tacky*. A Revolução Haitiana* e os ventos antiescravistas soprados da Inglaterra foram as causas

remotas dessa nova guerra. Mas o móvel real foi a prisão e o açoitamento, sem culpa formada, de dois *maroons* de Trelawny, acusados de roubar porcos em Montego Bay. Ofendida, a comunidade partiu para a retaliação. Mas a reação das autoridades coloniais foi cruel, incluindo até a ameaça de utilização de uma centena de ferozes cães de caça especialmente trazidos de Cuba, o que, decisivamente, forçou a rendição, inclusive com a deportação de seiscentos rebeldes para Serra Leoa. **Cultos afro-jamaicanos:** A Jamaica conhece manifestações religiosas de várias modalidades. Umas preservaram as expressões próprias das religiões trazidas da África, como a dança, o tambor e a possessão pelos espíritos, sem conservar, entretanto, os nomes africanos de suas divindades, como é o caso da *kumina**. Outras são cultos fundamentalistas protestantes com pinceladas africanas, politeístas e com a intervenção dos espíritos nos problemas cotidianos dos crentes, como a Jamaican Baptist Free Church*. Ocupando um espaço todo peculiar no universo da religiosidade afro-jamaicana encontra-se o rastafarianismo*. *Ver MYAL*; *POCOMANÍA*.

JAMAICAN BAPTIST FREE CHURCH. Comunidade religiosa fundada na Jamaica em 1894 por Alexander Bedward*. Assim como a seita dos *shouters** de Trinidad e a do Father Divine* nos Estados Unidos, seus ritos incorporavam elementos africanos a tradicionais práticas das igrejas protestantes.

JAMBALAIA. Prato da culinária do Sul dos Estados Unidos, espécie de guisado à base de camarões, tomates, cebolas etc.

JAMBANJURIM. Um dos nomes de Xangô no culto omolocô.

JAMBES COUPÉES, Colas (?-1743). Líder rebelde de Saint Domingue, atual Haiti. Oficialmente acusado de feiticeiro, escapou várias vezes da prisão. Refugiando-se na parte espanhola da ilha, aliciou seguidores e liderou um bando armado que semeou o terror entre os brancos locais, até ser preso, torturado e executado em 4 de junho de 1743.

JAMELÃO (1913-2008). Pseudônimo de José Bispo Clementino dos Santos, cantor e compositor brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Com carreira iniciada em gafieiras e dancings, estreou no disco em 1947. Crooner da orquestra de Severino Araújo, a partir do final da década de 1950 projetou-se como o grande intérprete da obra de Lupicínio

Rodrigues, bem como de sambas de compositores “do morro”. Sambista emérito, é um dos baluartes da Estação Primeira de Mangueira, escola que teve sua voz, de timbre único e inconfundível, ainda conduzindo os sambas-enredo nos desfiles carnavalescos do início do século XXI, mais de cinquenta anos após sua estreia.

JAMES, [Cyrill Richard Lionel, dito] **C. R. L.** (1901-89). Pensador e escritor nascido em Trinidad. Historiador, ficcionista, dramaturgo e ativista político, foi um dos mais importantes intelectuais da Diáspora Africana. Suas ideias pan-africanistas inspiraram movimentos nos Estados Unidos, Inglaterra, África e Caribe. Além disso, foi teórico e prático do críquete, esporte no qual se destacou e sobre o qual escreveu. Publicou, entre outras obras, a novela *Minty Alley* (1936), o ensaio *The black jacobins* (1938), sobre a Revolução Haitiana, e *Beyond a boundary* (1963). Boa parte de seu pensamento está reunida em *The C. R. L. James reader*, volume organizado por Anna Grinshaw e publicado em 1992.

JAMES, Elmore [Brooks] (1918-63). Músico americano nascido em Richland, Mississippi, e falecido em Chicago. Cantor e guitarrista de blues, tornou-se famoso pelo estilo de interpretação fortemente emotivo, na linha de Robert Johnson*.

JAMES, Etta. Nome artístico de Jamesetta Hawkins, cantora americana nascida em Los Angeles, Califórnia, em 1938. Alternando fases de sucesso com outras de obscuridade nos anos de 1960-80, é reconhecida, entretanto, como uma das grandes damas da soul music*.

JAMES, Norberto. Escritor dominicano nascido em San Pedro de Macorís, em 1945. É autor dos volumes de poemas *Sobre la marcha* (1969), *La provincia sublevada* (1972), *Vivir* (1982) e *Hago constar* (1983), além de dois romances e *Denuncia y complicidad* (1997), contendo textos de crítica literária.

JAMES JR., [Daniel, dito] **Chappie** (1929-78). Militar americano nascido em Pensacola, Flórida, e falecido em Colorado Springs, Colorado. Egresso do Tuskegee Institute, participou da Segunda Guerra Mundial e das guerras da Coreia e do Vietnã. Em 1975, tornou-se o primeiro negro a alcançar o posto de general de quatro estrelas nos Estados Unidos.

JAMIE FOXX. Nome artístico de Eric Marlon Bishop, ator cinematográfico americano nascido em Terrell, Texas, em 1967. Também músico, roteirista e produtor, além de astro do programa de TV *The Jamie Foxx Show*, em 2005, por sua magistral personificação de Ray Charles* no filme *Ray*, tornou-se o terceiro artista negro a ganhar um Oscar de melhor ator.

JAMISON, Judith. Bailarina americana nascida na Filadélfia, em 1943. Estrela do Alvin Ailey American Dance Theater desde os anos de 1960, em 1988 fundou The Jamison Project, seu próprio grupo, mas um ano depois assumiria a direção artística da companhia que a projetou. É doutora *honoris causa* das universidades de Harvard e Yale.

JAMMA. Antiga espécie de canto de trabalho dos negros da Jamaica.

JA-MUTUM. Nome de uma dança pura dos bailados de congos (conforme Mário de Andrade, 1989).

JANAÚBA (*Plumeria drastica*). Árvore da família das apocináceas, também conhecida como jasmim-manga. Na tradição brasileira dos orixás, é planta de Oxóssi.

JANETH dos Santos Arcain. Jogadora brasileira de basquete nascida em Carapicuíba, SP, em 1970. Integrando a seleção brasileira, foi presença decisiva na conquista dos títulos pan-americano de 1991, mundial de 1994, quando foi eleita uma das cinco melhores jogadoras do mundo, e da medalha de prata na Olimpíada de Atlanta, em 1996. Transferindo-se para os Estados Unidos, sagrou-se tetracampeã pelo Houston Comets, da liga profissional daquele país – a WNBA –, destacando-se como uma peça importante para sua equipe. Como maior atleta brasileira em sua modalidade, em fevereiro de 2002 inaugurava em Santo André, SP, o Centro de Formação Esportiva Janeth Arcain.

JANINQUENDA. Em algumas congadas, ordem dada pelo rei congo ao secretário para que ande depressa ao levar uma mensagem. De uma locução do quimbundo terminada com o verbo *ku-enda*, "andar".

JANUÁRIO, Sebastião. Artista plástico brasileiro nascido em Dores de Guanhães, MG, em 1939. Copeiro de uma família abastada e influente, conseguiu acesso, graças a essa relação, a um curso no Instituto de Belas-Artes, onde foi aluno de Oswaldo Teixeira. Com a transferência dessa

família para a França, nos anos de 1960, acompanhou-a, ainda como serviçal, e aproveitou a oportunidade para aprimorar-se em Paris. Pintor, ilustrador e cenógrafo, tem exposto seus trabalhos em inúmeras mostras coletivas e individuais no Brasil e no exterior.

JANVIER, Louis-Joseph (1855-1911). Escritor haitiano. Autor do romance *Une chercheuse* (1889), obra influenciada pelos ventos progressistas e patrióticos soprados a partir do governo do presidente Geffrard*.

JAQUEIRA (*Artocarpus integrifolia*). Árvore da família das moráceas. Na tradição brasileira dos Orixás, pertence a Oxumarê.

JARÁ-OLUÁ. Antiga denominação do santuário principal dos terreiros jejes-nagôs. Do iorubá *yàrá*, "compartimento da casa" + *olúwa*, "senhor", "dono", "patrão" ("compartimento do dono da casa").

JARDIM DO NEGO. Museu a céu aberto na cidade de Nova Friburgo, RJ. Erguido na década de 1970 em área de propriedade do escultor Geraldo Simplício, o Nego (nascido no Ceará, *c.* 1942), mantém em exposição permanente um acervo de obras monumentais modeladas pelo artista na própria terra. Revestidas e conservadas contra a erosão pelo musgo do ambiente, as obras, representando figuras humanas, de animais e até um presépio, impressionam por seu realismo e imponência.

JARDIM, Vicente Gomes (1841-1905). Artífice brasileiro nascido na Paraíba. Mestre-pedreiro afamado, considerado verdadeiro artista na área de construção civil, em 1891 publicou, em Recife, o *Manual do arquiteto brasileiro*. Outro trabalho seu, *Monografia da cidade da Paraíba do Norte* (1889), foi reproduzido na revista do Instituto dos Arquitetos do Brasil.

JARÊ. Antiga dança ritual da tradição dos orixás (conforme Cacciatore, 1988). O nome designa também uma espécie de candomblé de caboclo*, característica da região baiana da Chapada Diamantina.

JAROCHO. Denominação dada em Veracruz, México, ao mestiço de negro com índio.

JARREAU, Al. Cantor norte-americano nascido em Milwaukee, Wisconsin, em 1940. Aos 28 anos abandonou a profissão de psicólogo para abraçar a carreira artística, tornando-se conhecido, a partir de meados dos anos de 1970, pelos malabarismos vocais imitativos dos sons dos

instrumentos e afirmando-se como um dos maiores cantores de jazz de todos os tempos.

JARRINHA (*Aristolochia brasiliensis*). Planta trepadeira da família das aristoloquiáceas, também conhecida como papo-de-peru, mil-homens e jiboinha. É planta de Oxum e suas folhas são parte importante do omi-eró*, constituindo-se em um dos elementos de exaltação e provocação do transe. *Ver BEJUCO*.

JASRAH. Outro dos nomes do Deus Supremo entre os adeptos do rastafarianismo*. Provavelmente, da expressão "Jah Ras Tafari", título dado pelos rastas a Hailé Selassié, tido como a personificação do Todo-Poderoso.

JAÚ (1909-88). Nome pelo qual foi conhecido Euclides Barbosa, jogador brasileiro de futebol nascido e falecido na cidade de São Paulo. Zagueiro vigoroso, integrou a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938. Destacou-se também como líder religioso na umbanda*, mantendo concorrida comunidade de culto na capital paulista.

JAWBONE. Nome inglês da queixada (de equinos ou bovinos), presente como primitivo instrumento musical de percussão em várias comunidades da Diáspora Africana.

JAZZ. Forma de expressão musical criada pelos negros norte-americanos. Tradicionalmente, caracteriza-se por uma sólida e ao mesmo tempo flexível infraestrutura rítmica, com solo e improvisações do conjunto sobre melodias e acordes determinados. Mais recentemente, entretanto, adquiriu uma linguagem harmônica altamente sofisticada. Nascido em Nova Orleans, do amálgama de spirituals*, blues*, canções de trabalho e marchas militares, o jazz, levado pelos negros em suas migrações para Chicago, Nova York e outros centros, disseminou-se por todo o mundo. E passou por várias transformações, mudando de forma com o swing*, o bebop* etc., até receber o impacto da música afro-cubana e, mais tarde, da bossa nova brasileira. **Linha evolutiva:** Num esquemático traçado da linha evolutiva do jazz, observar-se-á, na virada do século XX, um estilo ainda bem próximo ao das bandas militares; já nas décadas de 1920 e 1930, o que se vê é a afloração do característico som das grandes orquestras de swing. Nos anos de 1940, surge o bebop, marco inicial do jazz moderno, e a partir de então aparecem: o cool jazz de Miles Davis* (anos de 1950); o free jazz de Ornette Coleman* e

John Coltrane* (anos de 1960); o estilo *fusion*, utilizando guitarras e sintetizadores (anos de 1970); o *acid jazz*, misturando vários ritmos dançantes (anos de 1980 e 1990); e o *tecno jazz*, baseado em sons eletrônicos. O vocábulo "jazz" tem origem provável no uolofe *dzis* ou no temne (língua falada na Costa do Marfim) *dzas*, significando "vigoroso"; ou, ainda, no quicongo *dinza*, "ejacular", "gozar", por meio do afro-americanismo *jizz*, sêmen (conforme R. F. Thompson, 1984). Em várias comunidades da Diáspora, inclusive no Brasil, durante algum tempo o termo foi também usado como redução de jazz-band*.

JAZZ FUNERALS. Expressão que, nos Estados Unidos, designa os pomposos funerais dos membros de irmandades negras em Nova Orleans, Louisiana. **Histórico:** No século XIX, Nova Orleans apresentava riscos consideráveis – guerra, febre amarela, cólera etc. –, ensejando a formação de sociedades beneficentes, em geral de caráter étnico, as quais desenvolveram, mediante pequenas contribuições mensais, formas primitivas de seguro-saúde e auxílio-funeral. Depois da Guerra Civil, ex-escravos fundaram seus clubes de assistência social, os quais contratavam bandas para tocar em suas reuniões festivas, seus casamentos e funerais. Esse procedimento foi comum no período de 1880 a 1920, até que a Grande Depressão o tornou impraticável. Porém, mesmo depois da quebra das companhias de seguro e do declínio das sociedades beneficentes, os *jazz funerals* permaneceram como uma manifestação vital da comunidade negra de Nova Orleans. **Ritualística:** Em um funeral tradicional, a banda, em geral ligada à mesma associação (SA & PC*) a que pertencia o falecido, reúne-se na igreja ou capela mortuária onde ocorre o velório. Depois da encomenda do corpo, ela, com o *grand marshal** à frente, conduz o cortejo, vagarosamente, pelas ruas da vizinhança, passando pela casa ou local de trabalho do falecido, onde uma grinalda ou coroa negra estará pendurada na porta. A música executada é solene, pesada, geralmente tirada do hinário das igrejas protestantes. Caso o sepultamento seja nas redondezas, como em geral ocorre, a banda acompanha todo o funeral. No cemitério, iniciado o sepultamento, a banda silencia, permanecendo assim até a saída do local. Porém, depois, na rua, observada uma distância respeitosa, o primeiro trompetista executa um riff preparatório de duas notas, alertando os demais

músicos. Nesse ponto, os percussionistas começam a marcar o que se tornou conhecido como "ritmo da *second line*". Então, a banda rompe a solenidade, em geral com a execução da contagiante *When the saints go marchin' in*, e o grupo de acompanhantes, da *second line**, composto principalmente de crianças, surge com suas sombrinhas, muitas delas enfeitadas, executando sua coreografia livre e espontânea. Dá-se, então, a festiva celebração, com gente chegando de todas as partes para dançar, num verdadeiro carnaval de rua. *Ver FUNERÁRIOS, Costumes*.

JAZZ-BAND. Tipo de formação orquestral surgida na primeira metade do século XX em vários países, como Brasil e Cuba, por influência afro-norte-americana. Integram-no, principalmente, piano, baixo, bateria, palhetas, metais, percussão e vocalista. Em Cuba, segundo H. Orovio (1981), esse tipo de formação, ensejando incorporar novas sonoridades, representou uma nova forma de expressão para os gêneros típicos locais. No Brasil, da mesma forma, a *jazz-band*, principalmente a partir de Pixinguinha*, representou um alargamento das potencialidades do samba e de outros gêneros de origem africana.

JEACÓ. O mesmo que jeavó*.

JEAN-BAPTISTE, Nemours (século XX). Chefe de orquestra haitiano. Na década de 1950 criou o *compas direct*, gênero musical influenciado pelo merengue dominicano.

JEAN-LOUIS, Victor (1910-94). Poeta nascido em Saint-Anne, Guadalupe, e falecido em Paris, França. Autorreferido como descendente de um sultão de Tumbuctu, visitou a África e lá escreveu poemas de inspiração islâmica. Publicou, entre outros livros, *Issandre le mulâtre* (1949) e *Les jeux du soleil* (1960), sob o pseudônimo Jean-Louis Baghio'o.

JEAVÓ. Um dos nomes da bengala empunhada por alguns voduns.

JÉCI-JÉCI. Interjeição que integra a saudação a Ogum* em alguns terreiros de umbanda. Origina-se no iorubá *yési*, "honrar", "respeitar", "cumprimentar com respeito".

JEÇUÇU. Designação do açúcar no jargão da Casa das Minas.

JEFFERSON, Blind Lemon. *Ver BLIND LEMON JEFFERSON*.

JEFFERSON, Thomas – prole mestiça. *Ver HEMINGS, Sally*.

JEGUEDË. Antiga expressão coreográfica de origem africana, ora descrita como um simples passo, ora como uma dança de orixá, presente no candomblé jeje-nagô. O nome parece remeter ao iorubá *jegede*, "bochechas inchadas", o que faz supor uma natureza mais profana que religiosa.

JEJE. Termo genérico que, no Brasil, designava cada um dos africanos oriundos da antiga Costa dos Escravos, atual Benin, falantes das várias formas dialetais da língua fon* ou ewe-fon. Hoje, adjetiva tudo que se relaciona à sua cultura, notadamente o complexo sistema religioso ramificado a partir das cidades de Salvador e Cachoeira, na Bahia, e também de São Luís do Maranhão. *Ver BOGUM*; *CASA DAS MINAS*; *SEJÁ HUNDÉ*.

JEJE DE CACHOEIRA. Expressão que designa a vertente de culto desenvolvida a partir dos terreiros conhecidos como Bogum* e Sejá Hundé*.

JEJE-NAGÔ. Qualificação aplicada, no Brasil, a cada um dos produtos resultantes da interação entre jejes e iorubanos em território brasileiro, como o chamado "candomblé da Bahia". Enquanto em Cuba, por exemplo, as fronteiras entre o que é *arará* (jeje) e o que é *lucumí* (nagô) são bastante definidas, o candomblé da Bahia cultua, sem distinção, orixás jejes e nagôs e até mesmo usa, de modo amplo, palavras nitidamente originárias do fongbé*, como aguidavi, amaci, gan, rum, rumpi etc. A diversa procedência dos iorubás de Cuba e do Brasil (estes, basicamente originários de Ketu*, região próxima ao antigo Daomé) certamente explica esse fato.

JELU. O mesmo que Ajelu*.

JEMBÊ. Guisado de quiabo e outras ervas com lombo de porco e angu.

JEMISON, Mae Carol. Astronauta e médica americana nascida em Decatur, Alabama, em 1956. Ingressou na Nasa, a agência aeroespacial americana, em 1987, e em 1992, como integrante da missão Endeavour, tornou-se a primeira mulher negra a tripular uma nave espacial.

JENIPAPO [1] (*Genipa americana*). Árvore da família das rubiáceas. Conhecida entre os iorubás como *bujè*, na tradição brasileira dos orixás é planta de Obaluaiê.

JENIPAPO [2]. Denominação popular da mancha escura na região glútea de crianças recém-nascidas, considerada como sinal de mestiçagem e origem

africana.
JENKOVING. Instrumento musical dos negros da Jamaica consistente em duas moringas percutidas, na boca, com a palma das mãos do executante (conforme B. Nuñez, 1980).
JEQUIRITI (*Abrus precatorius*). Planta trepadeira da família das leguminosas, também conhecida, entre outros nomes, como olho-de-pombo e tento-pequeno. Com suas sementes se fabricam rosários e colares. Na tradição brasileira dos orixás, é planta de Ossãim, poderosa e indispensável nos ritos iniciáticos.
JEQUITAÍ, Barão de (século XIX). Título de nobreza de Cipriano de Medeiros Lima, tenente-coronel da Guarda Nacional e barão por decreto de 25 de setembro de 1889. Seu nome está incluído na nominata de "ilustres homens de cor" organizada por Nelson de Senna (1938).
JEQUITINHONHA, Visconde de (1794-1870). Político, jurisconsulto, diplomata e jornalista brasileiro, nascido na Bahia. Filho de um comandante português e uma mulher negra, foi uma das maiores figuras do Império brasileiro. Batizado como Francisco Gomes Brandão, trocou seu nome, por espírito de nativismo, pelo de Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, com que se tornou conhecido. Formado em Direito em Coimbra, depois de se ter graduado em Cirurgia na Bahia, foi um dos fundadores da Ordem dos Advogados do Brasil. Homem de Estado, foi deputado à Assembleia Constituinte, conselheiro do Império e presidente do Banco do Brasil, entre outros cargos. Recebeu de dom Pedro II o título de visconde (com grandeza) de Jequitinhonha.
JERK PORK. Espécie de churrasco de carne de porco, com temperos picantes, tradicional da culinária jamaicana. O método de preparo, provavelmente aprendido com os indígenas, assim como o do *jerk chicken* ("frango assado"), foi difundido pelos *maroons* e seus descendentes.
JESUS [da Silva]**, Clementina de** (1901-87). Cantora brasileira nascida em Valença, RJ, e falecida no Rio de Janeiro, RJ. Descoberta para a vida artística já sexagenária, estreou em 1965, no musical *Rosa de ouro*, afirmando-se como uma espécie de "elo perdido" entre a ancestralidade musical africana e o samba urbano. Sambista altamente expressiva, ligada principalmente à escola de samba de Mangueira*, seu trabalho de maior

profundidade se fez, entretanto, por meio da recriação de jongos, corimás, lundus e sambas da tradição rural. Em 1966, em sua única viagem ao exterior, integrou a delegação brasileira presente ao Festival Mundial de Arte Negra*, em Dacar, Senegal, e ao Festival de Cinema de Cannes, na França. Entre 1965 e 1983, fez vários registros fonográficos, em LPs individuais ou com outros intérpretes. Mesmo debilitada por um acidente vascular cerebral de que fora vítima em 1973, e sem o vigor e a alegria que caracterizaram o início de sua trajetória profissional, atuou até quase o fim da vida.

JESUS, Carolina Maria de (1914-77). Escritora brasileira, nascida em Sacramento, MG, e falecida em Parelheiros, na cidade de São Paulo. Favelada, residindo na capital de São Paulo, surpreendeu o meio literário com a publicação, em 1960, de seu diário íntimo com o título de *Quarto de despejo*, livro traduzido para 29 idiomas e que vendeu mais de 100 mil exemplares. A esse livro seguiram-se *Casa de alvenaria* (crônicas, 1961), *Pedaços da fome* (romance, 1963) e *Diário de Bitita*, publicado postumamente, primeiro na França, em 1982, e no Brasil em 1986. Ao lado de Maria de Lourdes Teodoro*, é uma das duas brasileiras incluídas na antologia de escritoras negras *Daughters of Africa*, publicada em Nova York, em 1992, com a organização de Margaret Busby. Está também incluída no *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, de Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana, publicado no Porto, em 1967. O sucesso, entretanto, não significou tranquilidade nem realização financeira para a escritora, que morreu pobre e esquecida, tendo sido até mesmo alvo de calúnia por parte de críticos que atribuíram a criação de seu primeiro livro ao jornalista que a descobriu.

Carolina Maria de Jesus (à esquerda)

JESUS, Clarindo Silva de. *Ver CANTINA DA LUA.*

JESUS, José Teóphilo de (c. 1758-1847). Pintor brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Pardo forro, foi aluno e protegido de José Joaquim da Rocha, que lhe propiciou estudos em Portugal. De volta à Bahia, executou trabalhos para a Ordem Terceira de São Francisco e para a Santa Casa de Misericórdia. Em 1808, casou-se com Vicência Rosa, "natural da Costa da Mina", e sete anos depois foi contratado para realizar obras de pintura e douramento na Igreja do Carmo. Suas pinturas, inclusive duas em que retrata alegoricamente o continente africano, encontram-se principalmente no Museu de Arte da Bahia e em várias igrejas da capital baiana, como a do Bonfim. Artista de técnica e criatividade admiradas, além de senhor de grande capacidade de trabalho, é considerado o maior pintor da Bahia no século XIX.

JESUS, Manoel Victor de (?-1828). Pintor e arquiteto brasileiro ativo em São José del-Rei, hoje Tiradentes, MG. Membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em cuja capela foi sepultado, é autor das pinturas das abóbadas da Matriz de Vitoriano Veloso e da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, ambas em Minas Gerais.

JESUS, Sidneya de (1954-2000). Agente penitenciária e advogada brasileira nascida e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Em 1996, tornou-se a primeira mulher no Brasil a dirigir um presídio de segurança máxima, o Bangu I carioca, no qual exerceu administração impecável. Entretanto, ao combater a corrupção que permitia que perigosos delinquentes, mesmo encarcerados, continuassem comandando o narcotráfico na área metropolitana do Rio de Janeiro, foi executada à entrada de sua residência.

JESUS, Vera Teresa de. Líder comunitária brasileira nascida em Tupã, SP, por volta de 1934. Menor abandonada, nos anos de 1940 foi presa por furto, sendo torturada, a pretexto de tratamento psiquiátrico, e mais tarde posta em liberdade. Novamente presa, viveu cerca de dez anos em prisões paulistas e cariocas. Finalmente liberta, escreveu o livro *Ela e a reclusão* (1965), em que denuncia o sistema penitenciário. Tornou-se líder e encaminhadora de ex-detentas, sendo habitualmente convidada a proferir palestras sobre o papel do Estado na ressocialização de delinquentes.

JESÚS MARIA. Bairro negro na parte antiga da cidade de Havana, Cuba.

JETA. No Uruguai, o mesmo que *bemba*, "beiçola". *Ver BEMBÓN*.

JEVIVI. No jargão da Casa das Minas, designação do sal usado em práticas rituais.

JICOTEA. Tartaruga do folclore afro-cubano, personagem de todo um ciclo de histórias simbolizando a sabedoria.

JIGABOO. Nos Estados Unidos, tratamento ofensivo dirigido a um negro, significando algo como "macaco".

JIGGA NANNY. Na Jamaica, denominação aplicada ao dançarino que saracoteia no meio da roda. *Ver JIGGER*.

JIGGER. Nome jamaicano do bicho-de-pé (*Tunga penetrans*).

JIGGEY. Saquinho com ervas sagradas usado, como amuleto, pelos ritualistas jamaicanos.

JIGÜE. Cada um dos duendes brincalhões e zombeteiros que, segundo a crença popular, habitam certos rios e lagoas cubanos. Na região de Bayamo são tidos como negrinhos feiticeiros que andam completamente nus, fazendo diabruras.

JIHAD. Guerra santa muçulmana, outrora empreendida contra os povos tidos como pagãos e heréticos, pela expansão do islamismo. A história da África ocidental é pontuada de guerras desse feitio. *Ver ISLÃ NEGRO*.

JIKÁ. Gestual característico do orixá, quando incorporado na iaô, que consiste em uma quebradura do corpo aliada a um acentuado tremor dos ombros. Do iorubá *ejika*, "ombro".

JILGUERO DE CIENFUEGOS, El. Nome pelo qual se fez conhecido Inocente Iznaga, compositor e cantor cubano nascido em Cienfuegos, em 1930. Devotado ao estilo poético-musical conhecido como *punto guajiro* e contando com inúmeros registros em disco, é considerado um dos grandes nomes do canto e da lírica camponesa em seu país.

JIM CROW. Personagem de grande sucesso nos palcos norte-americanos no século XIX, o qual, dançando, cantando e tocando rabeca, personificava um negro velho. Criado pelo ator-cantor Thomas Darmouth Rice (1808-60), seu nome (*crow*, "corvo") transformou-se em tratamento pejorativo aplicado aos negros. Adjetivada, a expressão significa tudo aquilo que promove ou favorece a segregação dos negros: "leis *jim crow*"; "banheiros *jim crow*" etc.

JIMÀGUAS. Forma com que, em Cuba, são também referidos os Ibeyi (Ibêjis*) e as entidades gêmeas Ntala e Nsamba.
JIMBELÊ. Canjica*. O nome tem provável origem no quimbundo *mundele*, branco, por intermédio de uma possível forma ou flexão de *jindele*, como ocorre com o termo, também do quimbundo, *nguba*, originando "jinguba", amendoim.
JIMÉNEZ. Família de ilustres músicos cubanos naturais de Trinidad, entre os quais destacam-se: **José Julián Jiménez** (1823-80), falecido em Havana, pianista, violinista, compositor, chefe de orquestra e autor de numerosas *danzas* e guarachas; **Lico Jiménez***, filho do precedente; e **Nicasio Jiménez** (1847-?), também filho de José Julián, violonista e violoncelista de expressão internacional.
JIMÉNEZ, Blas. Escritor dominicano nascido em Santo Domingo, em 1950. Sua obra publicada inclui as coletâneas de poemas *Aquí... otro español* (1980), *Caribe africano en despertar* (1984), *Exigencias de un cimarrón (en sueños)* (1987) e *El nativo – versos en cuentos para espantar zombies* (1996).
JIMÉNEZ, Lico (1851-1917). Pseudônimo de José Manuel Jiménez, pianista e compositor cubano nascido em Trinidad e falecido em Hamburgo, Alemanha. Começou seus estudos com seu pai, José Julián Jiménez, violinista e compositor. Muito jovem, partiu para a Europa, estudando primeiro no Conservatório de Leipzig, Alemanha, e, depois, em Paris, França; recebeu elogios de Richard Wagner e Franz Liszt por suas interpretações ao piano. Em 1890, depois de uma estada de cerca de dez anos em Cuba, voltou à Alemanha, estabelecendo-se em Hamburgo, onde foi professor do conservatório local. Primeiro compositor cubano a cultivar o lied, deixou inúmeras obras sinfônicas, além de canções e peças para piano.
JIMÉNEZ, Pablo (século XIX). Herói militar argentino. Escravo, destacou-se na defesa de Buenos Aires contra os ingleses em 1807. Como recompensa, foi alforriado e teve sua bravura contada no *Romance de la defensa*, do capelão Pantaleón Rivarola (conforme J. L. Lanuza, 1946).
JING PING BAND. Espécie de orquestra tradicional da Dominica, com tambor, acordeons, flauta ou trompa de bambu.
JINGA, Rainha. *Ver RAINHA GINGA.*

JINGUBA. Antiga denominação do amendoim, entre negros bantos, no Brasil. Do quimbundo *nguba*.

JINJÉ. Designação genérica dos alimentos votivos dos orixás. Do iorubá *jije*, “alimento”.

JINU, Mãe (1883-1987). Nome pelo qual foi conhecida a ekéde* Januária Maria da Conceição, nascida e falecida em Salvador, BA. Iniciada no culto aos orixás ainda na infância, foi confirmada aos 12 anos de idade, servindo, a partir de então, a três gerações de ialorixás do terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, Ilê Axé Iá Nassô Oká*, o mais antigo da Bahia.

JIQUITAIA, Dança da. Folguedo dos negros de Natividade, ex-Natividade de Carangola, município do Norte fluminense na zona de Muriaé, próximo a Minas Gerais. Na dança, acompanhada por três tambores, entre eles um tambor-onça, e em ritmo semelhante ao do tambor de crioula*, os executantes se coçam, como se acometidos de alergia provocada pela pimenta que dá nome à brincadeira.

JIRAJARAS. Quilombolas venezuelanos que, na província de Nírgua, durante cerca de 75 anos, entre 1560 e 1635, opuseram encarniçada resistência às tropas coloniais, organizados no que se chamou “República dos Jirajaras”.

JIRUFT. Localidade iraniana onde vive até hoje uma comunidade de origem africana bem acentuada e característica. *Ver ÁSIA, Negros africanos na*.

JITIRANA (*Ipomoea bona-nox*). Planta trepadeira da família das convolvuláceas, também conhecida como boa-noite, cipó-café e erva-trombeta. Chamada em iorubá de *àlùkerésé*, na tradição brasileira dos orixás é planta de Oxalá.

JITTERBUG. Estilo de dança de salão americana, característica da era do swing*, também conhecida como *lindy hop*.

JOÃO ALABÁ (?-1926). Líder religioso africano, forro, atuante em Salvador, aproximadamente entre 1875 e 1897, conforme Silva Campos, em texto de 1943 (citado por Édison Carneiro, s/d, p. 160), e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Descrito por João do Rio (em *As religiões no Rio*, de 1904) como um “negro rico e sabichão da rua Barão de São Félix, 76”, no bairro da Saúde, praticava, ao que consta, rituais do culto malê ou muçurumim* e

gozava de grande prestígio perante a comunidade baiana. Segundo a crônica carnavalesca, em 1906 formou um afoxé*, que só saiu naquele ano. Seus assentamentos foram herdados por Tia Pequena de Oxum e seu marido Vicente Bankolê, passando, mais tarde, às mãos da ialorixá Mãe Davina*.

JOÃO BARBEIRO (século XIX). Líder de duas revoltas antiescravistas na região de Campinas, SP, em 1830 e 1832. Tido como elemento perigosamente aliciador, as autoridades municipais, para afastar a ameaça que sua simples presença representava, recomendaram seu emprego "a bordo de qualquer embarcação de guerra" (conforme Queiroz, 1977).

JOÃO BEMOL (*c.* 1846-?). Batuqueiro* ativo no Rio de Janeiro, com presença destacada na primeira metade do século XX. Homem de confiança e guarda-costas de um certo "comendador Casemiro", destacou-se, alto e corpulento, nas rodas de pernada da Cidade Nova e da Festa da Penha*. Segundo o cronista Vagalume*, era ainda espantosamente ágil aos 82 anos de idade.

JOÃO CARLOS NEGÃO. Nome pelo qual se tornou conhecido João Carlos Araújo Santos, sindicalista brasileiro nascido em 1945 e radicado na cidade do Rio de Janeiro. Formado em Física, foi secretário do Sindicato dos Petroleiros de Duque de Caxias, RJ, e secretário-geral da Confederação Geral dos Trabalhadores daquele estado.

JOÃO DA BAIANA (1887-1974). Nome artístico de João Machado Guedes, músico brasileiro, nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho de integrantes da comunidade baiana da Pequena África*, desempenhou, como percussionista, compositor e cantor, importante papel na transmissão e difusão da tradição musical afro-brasileira. Entre 1923 e 1968, compôs e participou de gravações, shows e programas radiofônicos, deixando vários registros.

JOÃO DA HARMÔNICA (século XIX). Músico brasileiro, morador no Rio de Janeiro em 1880. Frequentador das rodas de choro cariocas, era exímio executante do instrumento que foi incorporado ao seu nome, sendo certamente um precursor dos acordeonistas que se notabilizaram como intérpretes de choro, a partir da década de 1950.

JOÃO DE ADÃO. *Ver COSTA, Adão da Conceição.*

JOÃO DE DEUS do Nascimento. *Ver NASCIMENTO, João de Deus do.*

JOÃO DO PULO (1954-99). Nome pelo qual ficou conhecido João Carlos de Oliveira, atleta nascido em Pindamonhangaba, SP. Especialista na modalidade de salto triplo, teve seu apogeu em 1975, no México, conseguindo a marca de 17,89 metros, só superada dez anos depois. Em 1976, na Olimpíada de Montreal, e, em 1980, nos Jogos de Moscou, conquistou a medalha de bronze. Entretanto, em 1981, amputando uma perna depois de um acidente automobilístico, encerrou uma carreira iniciada em 1971, em que se consagrou como o continuador de uma dinastia de grandes triplistas fundada por Adhemar Ferreira da Silva*. Afastado das pistas, exerceu dois mandatos como vereador no município de São Paulo, falecendo, todavia, vitimado por depressão psíquica.

JOÃO DO RIO (1881-1921). Nome literário de João Paulo Alberto Coelho Barreto, jornalista e escritor brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Assinando seus textos também com outros pseudônimos e como Paulo Barreto, foi um dos maiores cronistas da vida carioca, além de romancista e autor teatral, e o responsável por uma das maiores expressões da cultura brasileira em seu tempo. Transitando, profissional e socialmente, com igual desenvoltura, tanto pelos candomblés e sambas da Pequena África* quanto pelo ambiente das altas esferas do poder, foi visto, muitas vezes e erroneamente, apenas como jornalista mundano e superficial. Entretanto, paladino de novas ideias políticas e sociais, entrou muitas vezes em choque com o sistema então dominante. Em 1910, foi admitido na Academia Brasileira de Letras, tendo sido o primeiro membro da instituição a vestir o fardão acadêmico. Autor de mais de quarenta livros, suas obras mais

João do Rio

conhecidas são *As religiões no Rio* (1904) e *A alma encantadora das ruas* (1908). Segundo João Carlos Rodrigues (1996), sua mãe, Florência, mulata, nasceu após um relacionamento de sua avó Gabriela Amália Caldeira, negra nascida no Rio Grande do Sul, com o médico Joaquim Cristóvão dos Santos, que a abandonou para casar-se com a filha de um coronel da Guarda Nacional; e seu pai, Alfredo Coelho Barreto, branco, foi professor no Colégio Pedro II. Curiosamente, a *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* (1970) consigna seu nome civil como "João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Barreto", o qual remete ao do mencionado avô.

JOÃO DOIS METROS (séculos XIX-XX). Sacerdote do culto dos egunguns na Bahia. Filho de Tio Serafim*, foi o fundador do terreiro de Encarnação, em Itaparica, onde pela primeira vez teria aparecido o ancestral Babá Agboulá, um dos patriarcas dos nagôs baianos. *Ver EGUNGUM*.

JOÃO GRANDE (?-1897). Nome pelo qual foi conhecido um dos chefes dos revoltosos na chamada Guerra de Canudos*. Segundo Euclides da Cunha, em *Os sertões* (1902), era "um negro corpulento e ágil".

JOÃO JORGE do Olodum. *Ver RODRIGUES, João Jorge*.

JOÃO LESSENGUE (?-1970). Pai de santo da sucursal carioca do Candomblé do Bate-Folha*, no subúrbio de Anchieta, por ele fundada entre 1938 e 1941.

JOÃO MULUNGU (c. 1850-76). Líder do quilombo de Divina Pastora, em Sergipe, derrotado em 13 de janeiro de 1876. Segundo os autos de seu processo, tinha cerca de 25 anos e preferiu ser enforcado em praça pública a voltar para o domínio de seu proprietário.

JOÃO PACÍFICO (1909-98). Nome artístico do compositor brasileiro João Batista da Silva, nascido em Cordeirópolis, SP. Foi um dos grandes nomes da música brasileira de origem rural, chamada "sertaneja". Entre as obras de sua autoria contam-se *Pingo d'água* e *Mourão da porteira*.

JOÃO PAULO (1960-97). Nome artístico de José Henrique dos Reis, cantor brasileiro nascido em Brotas, SP. Lavrador, em 1981 formou, com o filho do patrão fazendeiro, a dupla João Paulo e Daniel, de sucesso milionário no gênero sertanejo, com discos sempre batendo a marca de 250 mil cópias vendidas, a partir de 1992. Sua morte, por acidente

automobilístico, causou grande comoção em todo o país; depois dela, Daniel tornou-se um bem-sucedido artista pop.

JOÃO PEDRO, O MULATO (século XIX). Pintor brasileiro ativo na primeira metade dos anos de 1800, no eixo Curitiba-Florianópolis. Aquarelas de sua autoria integram o acervo do Centro de Cultura Newton e Elza Carneiro, na capital paranaense.

JOÃO SURRÁ. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Iporanga, SP.

JOÃOZINHO DA GOMEIA (1914-71). Nome pelo qual foi conhecido João Alves Torres Filho, babalorixá nascido em Inhambupe, BA, radicado em Duque de Caxias, RJ, para onde se transferira em 1946, e falecido na Policlínica de São Paulo. Inteligente, carismático e internacionalmente conhecido, percorreu, entretanto, trajetória polêmica, principalmente pelo fato de ter sido o primeiro a levar para o palco dos teatros as danças e os paramentos dos orixás.

JOAQUIM, Leandro (?-1798). Nome pelo qual foi conhecido José Leandro Joaquim de Carvalho, pintor e arquiteto nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Descrito como "pardo, baixo e gordo", é autor de diversas pinturas executadas na Igreja de São Sebastião do Morro do Castelo e hoje preservadas na Igreja dos Capuchinhos, além de ter produzido painéis ovais com vistas do Rio de Janeiro, pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional. Foi também cenógrafo do Teatro de Manuel Luís ou Casa de Ópera de Manuel Luís, na Praça do Carmo, atual Praça Quinze de Novembro, e colaborador do escultor conhecido como Mestre Valentim*.

JOBÁ PAKUTUTÓ. Espécie de tambor mortuário dos *ararás* cubanos. *Ver ARARÁ.*

JOBABO, Rebeliões de. Levante de escravos ocorrido nas minas de cobre de Jobabo, em Cuba, em 1553, após o qual vários líderes foram enforcados e esquartejados. Em 1713, novo levante ocorreu no mesmo local, sendo que, em 1798, as autoridades coloniais decretaram a libertação dos escravos da região.

JOBO. Nome cubano da cajazeira*. Na tradição religiosa afro-cubana, é árvore de Xangô e, às vezes, como na província de Matanzas, de Eleggúá.

JOCANFER. *Ver DE CHOCOLAT.*

JOCOTÔ. Passo do capoeira na exibição; gingação.
JOGO DE ALUBAÇA. *Ver ALUBAÇA.*
JOGOROBOÇU. Vodum masculino, toquém* ou menino, filho de Zomadônu.
JOGOS OLÍMPICOS. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna são um conjunto de provas esportivas realizadas a cada quatro anos, desde 1886, em cidades escolhidas pelo Comitê Olímpico Internacional. De origem nitidamente elitista, os Jogos só viram a primeira participação de atletas negros em 1904, nos Estados Unidos, mas ainda como demonstração exótica. Integrantes de um desfile "antropológico", os zulus Lentauw e Yamasani foram inscritos na maratona, mas não chegaram a completar os 42 quilômetros do percurso. Somente em 1924, em Paris, com José Leandro Andrade*, jogador de futebol uruguaio, e William de Hart Hubbard*, saltador americano, iniciar-se-ia a trajetória gloriosa que tem levado ao pódio dos Jogos Olímpicos tantos africanos e descendentes, em performances muitas vezes exemplares, trajetória esta de luta contra o racismo e a discriminação, como a de Jesse Owens*, em 1936. *Ver ESPORTES, Aptidão para*.
JOHN CANOE ou CONNU DANCE. Folguedo dos negros da Jamaica e de outros países do Caribe por ocasião do Natal. O personagem central sai às ruas levando na cabeça um arranjo em forma de barco, reproduzindo a Arca de Noé, e uma espada de madeira na mão. Seguem-no músicos e brincantes tocando instrumentos e cantando canções da tradição africana. Sua origem remonta ao século XVIII. É também conhecido como Jonkonnu, Yunkunnu, Waránamo e Waranagua.
JOHN DE CONQUEROR. No Sul dos Estados Unidos, raiz usada com finalidades medicinais e de limpeza espiritual. O nome é corrupção de uma expressão em língua africana, em processo semelhante ao do brasileiro "major-gomes" (de *manjongome*, "bredo").
JOHNNY (séculos XVII-XVIII). Líder *maroon* jamaicano, referido como irmão de Cudjoe* e Accompong*. *Ver JAMAICA*.
JOHNNY ALF (1929-2010). Nome artístico de Alfredo José da Silva, pianista, cantor e compositor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro e falecido em Santo André, SP. Estilista do piano, utilizou seu conhecimento

de música clássica e jazz para criar uma nova forma de interpretar o samba e o samba-canção. Vocalista personalíssimo e criador de harmonias ousadas em obras como *Eu e a brisa*, *Seu Chopin, desculpe* e *Rapaz de bem*, é considerado um dos pioneiros da escola musical conhecida como bossa nova. Em novembro de 1999 foi agraciado com o Prêmio Shell de Música, pelo conjunto de sua obra.

Johnny Alf

JOHNNYCAKE. Espécie de bolinho de fubá ou farinha de mandioca conhecido, na tradição afro-caribenha e afro-americana, em múltiplas versões. O nome parece ter surgido do popular costume de, no Caribe anglófono, chamar-se "johnny" a qualquer pessoa de identidade incerta, da mesma forma que o "zé" é usado em certas localidades brasileiras.

JOHNSON. Pseudônimo de Ovídio Dionísio, massagista brasileiro nascido em Barra Mansa, RJ, em 1897. Radicado na capital daquele estado desde os 8 anos de idade, iniciou carreira no Fluminense Futebol Clube em 1917, transferindo-se para o Clube de Regatas do Flamengo em 1926. Uma das figuras mais populares do esporte brasileiro em seu tempo, foi massagista da seleção brasileira de futebol entre as décadas de 1930 e 1950.

JOHNSON, Ben. Atleta canadense nascido na Jamaica, em 1961. Velocista, considerado o homem mais rápido do mundo, na Olimpíada de Seul, em 1988, depois de uma inacreditável vitória nos cem metros rasos, com o tempo recorde de 9,79 segundos, foi reprovado no exame antidoping, o que novamente ocorreu em 1993, quando foi definitivamente banido das pistas. Dessa forma, passou à história como o triste símbolo dos superatletas forjados em laboratório, à custa de drogas anabolizantes.

JOHNSON, Henry. *Ver HARLEM HELL FIGHTERS*.

JOHNSON, Jack (1878-1946). Nome com o qual se popularizou John Arthur Johnson, pugilista americano nascido em Galveston, Texas, e

falecido em Raleigh, Carolina do Norte. Em dezembro de 1908, em Sydney, Austrália, ao nocautear o branco Tommy Burns, tornava-se o primeiro negro campeão mundial de boxe na categoria peso-pesado. A partir de então, teve de enfrentar a fúria racista que, inclusive, lançou contra ele o lutador Jim Jeffries, instigado a desafiá-lo "em nome da supremacia branca", mas também derrotado. Em 1912, quase sempre ao lado de mulheres brancas e exibindo riqueza, foi condenado por ter infringido uma lei segregacionista, sendo obrigado a refugiar-se no Canadá, onde viveu por sete anos. Em 1945, em Cuba, foi finalmente nocauteado por um lutador branco, Jess Willard, no vigésimo sexto assalto de uma luta em que, segundo alguns observadores, ter-se-ia deixado derrotar em troca da permissão para voltar ao seu país. No ano seguinte, morreu em um acidente de automóvel.

JOHNSON, James P. (1894-1955). Pianista e compositor americano nascido em New Brunswick, Nova Jersey. Considerado o pai dos pianistas *stride** do Harlem, foi o mentor de Fats Waller*. Compositor erudito, criou importantes obras inspiradas na cultura de seu povo, como a *Symphony Harlem* e o poema sinfônico *African drums*. O "P" de sua assinatura artística é abreviatura de "Price".

JOHNSON, James Weldon (1871-1938). Escritor, educador e diplomata americano nascido em Jacksonville, Flórida, e falecido em Wiscasset, Maine. Fundador e editor do *Daily American*, o primeiro jornal negro dos Estados Unidos de circulação diária, foi cônsul na Venezuela e na Nicarágua e, além de uma das maiores autoridades mundiais em música folclórica afro-americana, foi autor de libretos de ópera e letras de canções; também organizou importantes antologias, como *The book of American negro poetry*, de 1922.

JOHNSON, Jay Jay (1924-2001). Trombonista, chefe de orquestra e compositor americano. Músico virtuoso, adaptando pioneiramente seu instrumento às novas técnicas surgidas com o bebop*, tornou-se um mestre da execução moderna do trombone no jazz.

JOHNSON, John H. *Ver EBONY.*

JOHNSON, John Rosamond (1873-1954). Maestro, compositor e educador americano nascido em Jacksonville, Flórida. Irmão de James Weldon Johnson, escreveu, produziu e dirigiu vários musicais, e publicou

diversas coleções de negro spirituals. Dirigiu a orquestra da Hammerstein Opera House de Londres e foi diretor do Music School Settlement, do Harlem, a partir de 1914. É autor de obras famosas do repertório jazzístico, como *Oh, didn't he ramble*, e canções como *Under the bamboo tree* e *Congo love song*.

JOHNSON, Linton Kwesi. Poeta inglês nascido em Clarendon, Jamaica, em 1952. Também conhecido como LKJ, é o pioneiro da chamada *dub poetry* (poesia dub), escrita e declamada em inglês crioulizado, com fundo musical de reggae, tematizando sempre as injustiças sociais e a resistência dos negros. É autor dos livros *Voices of the living and the dead* (1974), *Dread, beat and blood* (1975), *Inglan is a bitch* (1980) e *Tings an' times* (1991), entre outros.

JOHNSON, [Alonzo, dito] **Lonnie** (1894-1970). Cantor, instrumentista e compositor americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, e falecido no Canadá. Atuante desde a época do legendário bairro boêmio de Storyville*, foi o primeiro músico a utilizar a guitarra como solista, contribuindo decisivamente para que o instrumento adquirisse respeitabilidade. Também pianista e violinista, atuou ao lado de Louis Armstrong e Duke Ellington. Um dos mais influentes e celebrados artistas do blues em todos os tempos, morreu como porteiro em um hotel de Toronto.

JOHNSON, Magic. Nome com o qual se popularizou o jogador de basquete americano Earvin Johnson Jr., nascido em Lansing, Michigan, em 1959. Integrou, como estrela maior, o chamado Dream Team*, que conquistou para os Estados Unidos a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona.

JOHNSON, Michael. Atleta americano nascido no Texas, em 1967. Recordista mundial dos quatrocentos metros, em Atlanta (1996), tornou-se o primeiro homem a vencer os duzentos e os quatrocentos metros em uma mesma Olimpíada.

JOHNSON, Robert (*c.* 1911-38). Guitarrista e cantor americano nascido em Hazelhurst, Mississippi, e falecido em Greenwood, no mesmo estado. Tido como mestre de Muddy Waters*, foi um dos grandes intérpretes do blues* em sua forma mais rural e primitiva. De vida aventureira, morreu assassinado por razões passionais e envolvido em uma

aura de lenda. Alguns autores mencionam 1900 como o ano de seu nascimento.

JOLICOEUR (século XVIII). Nome pelo qual passou à história um dos mais temidos líderes guerrilheiros dos *maroons* do Suriname; era chefe da aldeia de Aroukou, no Alto Cottica.

JOLLIFICATION. Denominação do mutirão entre os trabalhadores rurais de Névis, nas Antilhas.

JOMBEE (ou JOMBI). Variação de *zoombie**.

JOMBEE DANCE. Dança ritual de Tobago e de Montserrat, ligada ao culto dos ancestrais.

JONES, Absalom (1746-1818). Abolicionista e pastor evangélico americano nascido em Sussex County, Delaware, e falecido na Filadélfia, Pensilvânia. Em 1787 fundou, na Filadélfia, juntamente com Richard Allen, a Free African Society. Primeira organização formal da comunidade negra nos Estados Unidos, ela oferecia auxílio econômico e médico aos negros pobres e financiava a causa abolicionista, expandindo rapidamente suas atividades na direção de Boston, Nova York e outros centros.

JONES, Bill T. Bailarino e coreógrafo americano nascido em Bunnell, Flórida, em 1952. No ano de 1982, quando criou, em Nova York, a Bill T. Jones & Arnie Zane Company, cuja direção geral assumiu seis anos depois, alcançou repercussão internacional com o espetáculo *Intuitive momentum*, que contou com a participação em cena do baterista Max Roach*. Apresentando sempre questões sociais, como o racismo e a exclusão, no cerne de seu trabalho, imprimiu sua marca no cenário da dança moderna, tornando-se uma das maiores referências mundiais em sua especialidade. Em 1995 lançou o livro *Last night on Earth*, um relato autobiográfico.

JONES, Elvin (1927-2004). Músico americano nascido em Pontiac, Michigan, e falecido em Englewood, New Jersey. Um dos grandes bateristas do jazz, destacou-se, a partir de 1960, no quarteto de John Coltrane*.

JONES, Grace. Modelo, atriz e cantora nascida em Spanishtown, Jamaica, em 1952, e radicada nos Estados Unidos desde meados dos anos de 1960. Em 1984, estreou no cinema, formando dupla com Arnold Schwarzenegger, em *Conan, o destruidor*. Dona de "visual" absolutamente

peculiar e acentuadamente africano, logo se tornou um grande nome do show business internacional.

JONES, Hank. Pianista americano nascido em Detroit, Michigan, em 1918, e radicado em Nova York a partir de 1944. Trabalhando inicialmente com o trompetista e cantor Hot Lips Page, sua brilhante técnica logo o aproximou de gigantes como Coleman Hawkins* e Charlie Parker*. Um dos músicos de jazz com maior acervo de interpretações registradas, liderando o grupo The Great Jazz Trio (com várias formações), dedicou-se mais a apresentações ao vivo e turnês, inclusive internacionais, a partir da década de 1970.

JONES, James Earl. Ator cinematográfico americano nascido em Arkabutla, Mississippi, em 1931. Em 1968, quatro anos depois de sua estreia no cinema, recebeu uma indicação para o Oscar de melhor ator, por sua interpretação como o boxeador de *A grande esperança branca*; a partir da década de 1970, participou de filmes de grande bilheteria. Além de um dos mais completos atores afro-americanos, projetou-se como cidadão engajado na luta pela libertação do povo negro.

JONES, [Jonathan, dito] **Jo** (1911-85). Baterista americano falecido em Nova York. Integrou a orquestra de Count Basie*, o famoso grupo Jazz at the Philharmonic e grupos formados por Illinois Jacquet e Lester Young*, entre outros grandes nomes do jazz, destacando-se como um dos músicos mais completos no que diz respeito a seu instrumento.

JONES, Jonah (1909-2000). Músico americano nascido em Louisville, Kentucky. Trompetista festejado, integrou algumas das maiores big bands da era do swing*, como as de Benny Carter, Fletcher Henderson e Cab Calloway. Nos anos de 1950, fez grande sucesso comercial com gravações solo em que interpretava, de forma personalíssima, alguns clássicos do repertório jazzístico e da música popular americana.

JONES, LeRoi. *Ver BARAKA, Imamu Amiri.*

JONES, M. Sissieretta (1869-1933). Cantora lírica americana nascida em Portsmouth, Virgínia, e falecida em Providence, Rhode Island. Também conhecida como “Black Patti”, foi festejada soprano, ganhando fama como solista e líder de seu grupo. Seu cognome é referência à soprano italiana Adelina Patti.

JONES, Quincy [Delight]. Compositor, instrumentista, maestro e arranjador americano nascido em Chicago, em 1933. Como trompetista, com apenas 18 anos já integrava a orquestra de Lionel Hampton, com quem viajou à Europa em 1953. Três anos depois, passou a atuar como diretor musical da orquestra de Dizzy Gillespie*. A partir de então, em carreira sempre ascendente como produtor de discos e trilhas sonoras de filmes, ligado a profissionais como Michael Jackson* e Steven Spielberg, tornou-se um dos nomes mais importantes do show business internacional, conquistando prêmios em várias categorias. É também empresário bem-sucedido em outras áreas artísticas e da comunicação.

JONES, Roy. Pugilista americano nascido em Pensacola, Flórida, em 1969. No ano de 1995, depois de trinta lutas vitoriosas como profissional, tornou-se o melhor lutador do mundo nas categorias médio e supermédio.

JONGA. Pequeno crustáceo de uso bastante difundido na culinária jamaicana.

JONGO. Dança afro-brasileira de motivação religiosa e caráter iniciático, praticada em roda por par solto ou por homens e mulheres indistintamente, ao som de tambores e chocalhos. Seus cânticos, chamados "pontos", como na umbanda, constroem-se sobre letras metafóricas de sentido enigmático ou em linguagem cifrada. Conhecido principalmente em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e originário talvez da região de Benguela, na atual Angola, seu nome origina-se, provavelmente, do umbundo *onjongo*, nome de uma dança dos ovimbundos. **A dança:** A dinâmica do desenvolvimento da dança em geral é a seguinte: preparada e acesa a fogueira no terreiro, chegam o responsável pela função e os instrumentistas, que se posicionam quase sempre na direção da igreja ou da capela. Os dançantes, por sua vez, organizam-se em roda, alternando-se homens e mulheres. O jongueiro-chefe tira o chapéu, ajoelha-se, faz o sinal da cruz, cavalga seu tambu, o tambor maior, e nele dá alguns toques, secundado pelo tocador do tambor menor. Feito isso, cede o lugar a outro tocador; segurando o chapéu com a mão direita, olha para o céu, e em meio a absoluto silêncio, apenas entrecortado de "vivas", saúda as almas, os santos padroeiros, as autoridades e o povo do lugar. Inicia-se a dança, com a roda girando em sentido inverso ao horário; os dançantes, em balancê de

dois ou três passos simulando abraços, mas sem se tocar, viram-se à direita e à esquerda. Essa primeira dança é o acompanhamento do ponto inicial, de louvação, cantado pelo jongueiro-chefe e respondido pelo coro. A seguinte, já menos solene, acompanha um ponto de desafio, lançado para que outro jongueiro o "desamarre", e também respondido pelo coro dos dançantes. Encontrada a solução para o enigma musicalmente proposto, o decifrador vai até o tambu, dá-lhe uma pancada e grita "Cachoeira!". No chamado "jongo carioca", mais movimentado e de coreografia mais rica, formada a roda, um jongueiro vai ao centro dançando, escolhe uma mulher e com ela dança, permanecendo o par solto, com as aproximações e negaças características. Quando outro quer mostrar mais agilidade e virtuosismo, "corta-o", colocando as mãos em suas costas e tomando-lhe a dama. Na modalidade conhecida como "jongo paulista", a roda se forma normalmente, com homens e mulheres dançando em pares soltos. **Instrumentos:** No jongo é usado, em geral, o seguinte instrumental: tambores, em número de três ou quatro, puíta e guaiá. Os tambores recebem os nomes de tambu (o maior de todos), também chamado pai-toco, pai-joão, joão e guanazamba; candongueiro médio, igualmente conhecido como goana e angona; e guzunga, o menor de todos, também chamado cadete. Outros nomes regionais dos tambores do jongo são: caçununga, caxambu, maria, papai, angoma, trovador, papai-velho e chibante, para o maior; estrelinho para o pequeno; e viajante para o médio. Em Iguape, SP, o instrumental se compõe de dois atabaques, do "boi" (nome que lá recebe a puíta), de cabaças recobertas com um trançado de taquara (chamadas quaxaquaios) e de uma baqueta que é percutida no corpo de um dos atabaques. **Magia:** Também conhecido como "dança das almas", o jongo é sempre revestido de uma aura sobrenatural, e seus praticantes gozam de fama de mágicos e feiticeiros. A mitologia do jongo, que só deve ser dançado à noite, é repleta de casos de encantamentos e prodígios. A linguagem cifrada utilizada nos pontos, segundo o que se conta, muitas vezes possibilitou conspirações e atos de rebeldia de escravos, sendo que nos dias atuais serve para críticas, debiques e malícias veladas só compreendidas pelos afeitos à linguagem dos jongueiros. *Ver QUIMBUMBIA*.

JONGUEIRO. Dançador ou cantador de jongo*.

JONU. Repetição privada de alguns rituais, feita na Casa das Minas, após o encerramento de uma festa.

JOPLIN, Scott (1868-1917). Pianista e compositor americano nascido em Texarkana, Texas, e falecido em Nova York. De formação erudita, foi o consolidador do ragtime, a primeira forma pianística do jazz. Autor da célebre *Maple leaf rag*, de 1899, seu estilo voltou a ser apreciado na década de 1970, com o sucesso de sua composição *The entertainer*, tema musical do filme *Golpe de mestre* (1973).

JORDAN da Costa. Futebolista brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, em 1932. Lateral-esquerdo, destacou-se no Clube de Regatas do Flamengo, onde atuou de 1952 a 1964. Combativo mas leal, em todo esse tempo jamais foi expulso de campo, sendo considerado o melhor marcador do legendário Garrincha*.

JORDAN, Louis (1908-75). Cantor, instrumentista e chefe de orquestra americano nascido em Brinkley, Arkansas, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Revelado como clarinetista da orquestra de Chick Webb*, em 1938 formou seu próprio grupo, com o qual desenvolveu bem-sucedida carreira fonográfica e nos palcos. Apontado pelo guitarrista Chuck Berry* como definidor de seu estilo, é tido como um dos artistas negros mais influentes do pós-guerra.

JORDAN, Michael. Jogador americano de basquetebol nascido no Brooklyn, Nova York, em 1963. No ano de 1981, ingressou na equipe da Universidade da Carolina do Norte para alçar voo em direção a uma carreira fulgurante. Estrela da equipe do Chicago Bulls desde 1987 e campeão olímpico em 1984, 1992 e 1996, é considerado o maior jogador da história do basquete e um dos maiores nomes do esporte mundial em todos os tempos. É também fundador de uma instituição de apoio a programas de educação para negros. Já milionário, graças aos inúmeros contratos de publicidade que sua imagem proporcionou, em 1994 tornou-se astro de cinema, protagonizando o filme-desenho *Space Jam*, em que contracena com conhecidos personagens dos quadrinhos e do cinema de animação.

JORDAN, Stanley. Guitarrista americano nascido em Chicago, Illinois, em 1959. Ex-músico de rua em Nova York, a partir da década de 1980 deslumbrou as plateias do mundo com sua espantosa técnica de solo e

harmonização. Nos anos de 1990, dedicou-se à criação de sofisticados softwares para aplicação musical.

JORDON, Edward (1800-69). Abolicionista jamaicano nascido em Kingston. Filho de pai barbadiano e mãe jamaicana, nasceu livre e trabalhou primeiramente como aprendiz de alfaiate e, mais tarde, como operário gráfico. Com Robert Osborn, editou o pequeno semanário abolicionista *The Watchman*. Em 1835, foi eleito membro do Parlamento da ilha, e em 1860 foi condecorado pela rainha Vitória (conforme Benjamin Nuñez, 1980).

JORGE Dias Sacramento (1927-98). Jogador de futebol brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Lateral-esquerdo do Vasco da Gama, pelo qual foi várias vezes campeão, formou com Eli e Danilo, nos anos de 1940-50, uma das mais famosas linhas médias do futebol brasileiro. Embora fosse atleta eficiente e marcador implacável, jamais foi convocado para a seleção brasileira, encerrando sua carreira em 1955.

JORGE, São. Santo da tradição católica, festejado em 23 de abril. Por sua associação com Ogum e Oxóssi, orixás da umbanda e do candomblé, é muito cultuado pelos negros do Brasil, notadamente no Rio de Janeiro e na Bahia. *Ver FEIJOADA [Feijoada de Ogum]*.

JORGINHO DO SAX. Nome artístico de Jorge Ferreira da Silva, músico brasileiro também mencionado como "Jorginho da Flauta", nascido na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu após 1978. Tido como o equivalente brasileiro do saxofonista norte-americano Paul Desmond, destacou-se como fino executante de sax-alto e flauta, participando de importantes registros nas décadas de 1960 e 1970, principalmente no âmbito da bossa nova. Em 2001, foi postumamente homenageado com a gravação de *Excerto nº 1*, composto por Moacir Santos* em sua memória, no CD *Brasil: um século de saxofone*, do grupo paraibano JP Sax.

JORK. Nas Antilhas coloniais britânicas, carne de porco defumada, que era alimento de substância dos escravos das plantations. Também chamada *jork hog*. *Ver JERK PORK*.

JOROPO. Dança nacional da Venezuela, de origem africana.

JORRÍN, Enrique (1926-87). Compositor, violinista e maestro cubano nascido em Candelária e falecido em Havana, foi inicialmente violinista da

orquestra do Instituto Nacional de Música, dedicando-se depois aos ritmos populares. Autor de inúmeras canções, na década de 1950 criou o chá-chá-chá*, forma musical dançante de sucesso internacional. Em 1964, com sua própria orquestra, empreendeu uma turnê por países africanos e europeus.

JORUBA. Forma antiga para iorubá ou iorubano.

JOSÉ, Anastásio (séculos XVIII-XIX). Explorador africano. Também referido como Amaro José e Atanásio José. *Ver BATISTA, Pedro João*.

JOSÉ MAURÍCIO, Padre. *Ver PADRE JOSÉ MAURÍCIO.*

JOSEFA, Santa. Santa de devoção popular da cidade de Cachoeira do Sul, RS. Segundo a tradição, foi, em vida, uma escrava muito bonita, de nome Maria José, que morreu sob tortura próximo à sanga da Micaela e a cuja morte se sucederam alguns prodígios.

JOSESITO (século XVIII). Músico afro-platense. Escravo, chegou a Buenos Aires aproximadamente em 1745, em um navio negreiro, sendo comprado por uma família da cidade. Violinista, já demonstrou ao chegar, segundo a crônica da época, sólidos conhecimentos musicais e grande talento. Levado a mostrar seus dotes ao governador Andonaegui, executou com grande maestria um prelúdio, uma gavota e um concerto de Corelli (conforme Isabel Aretz, 1977).

JOSHUA SWEET, Dr. *Ver DOCTOR JOSHUA SWEET.*

JOTA CASCATA (1912-61). Pseudônimo de Álvaro Nunes Filho, compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Jogador de futebol e cantor, desde os 16 anos de idade, foi coautor de algumas famosas canções da música popular brasileira, como *Lábios que beijei*, *Juramento falso* e *Minha palhoça*, esta última uma das primeiras representantes do estilo samba de breque. Carioca típico, foi também dirigente de uma gafieira no subúrbio de Irajá.

JOTA EFEGÊ (1902-87). Pseudônimo de João Ferreira Gomes, jornalista e escritor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Cronista e historiador dos ranchos carnavalescos, das escolas de samba, do carnaval e da música popular em geral, foi um escritor carioca por excelência. Entre suas obras, contam-se os fundamentais *Ameno Resedá: o rancho que foi escola* (1965) e *Maxixe, a dança excomungada* (1974).

JOTA PIEDADE. *Ver PIEDADE, J.*

JOTIM. Na Casa das Minas, vodum masculino da família Savaluno, filho de Agongono. É um toquém* ou menino, que leva e traz recados. Também, Joti.

JOUCOUJOU. Conjunto de chocalhos de cabaça preso em uma vara, usado nos folguedos de rua do Haiti.

JOUVAY. Dia de abertura do carnaval de Trinidad e Dominica. Do francês *jour ouvert*.

JOVELINA PÉROLA NEGRA (1944-98). Nome artístico de Jovelina Farias Belfort, sambista nascida e falecida no Rio de Janeiro. Cantora e compositora com carreira profissional iniciada em 1985, obteve grande sucesso, no disco e nos palcos, como uma das mais legítimas representantes da tradição do samba. Ligada à escola de samba Império Serrano* e exímia partideira (*ver PARTIDEIRO*), foi um dos grandes nomes do estilo pagode nos anos de 1980 e 1990.

JOVINO [Ferreira]**, Hilário** (*c*. 1855-1933). Músico e animador cultural nascido em Pernambuco, criado na Bahia e radicado no Rio de Janeiro em 1872. Grande impulsionador do carnaval carioca, foi o responsável pela transformação dos ranchos de Reis em ranchos carnavalescos, deslocando-lhes a época de saída às ruas do ciclo natalino para o tríduo de Momo. Compartilhou com a legendária Tia Ciata*, nem sempre amistosamente, a liderança da comunidade baiana da Pequena África*, no Rio de Janeiro.

JOYNER, [Delorez] **Florence Griffith** (1959-98). Atleta americana nascida e falecida em Los Angeles, Califórnia. Velocista, conquistou uma medalha de prata e três de ouro na Olimpíada de Seul em 1988, quando, correndo cem metros em 10s49, estabeleceu um recorde não superado até sua morte. Faleceu vítima de problemas cardíacos, já fora das pistas, aos 39 anos de idade incompletos.

JOYNER-KERSEE, Jackie. Atleta americana nascida em East Saint Louis, Illinois, em 1962. Detentora de quatro recordes mundiais, dois ouros olímpicos, dois títulos mundiais e da primeira marca de 7 mil pontos no heptatlo, além de recordes, medalhas e títulos em outras provas, distinguiu-se como uma das atletas mais completas de todos os tempos. Seu irmão Al Joyner foi marido e descobridor de Florence Griffith Joyner*.

JUAN DE DIOSO. Folguedo dramático afro-panamenho que evoca uma sublevação de negros congos ocorrida na época de Simón Bolívar. Na dramatização, o diabo, que simboliza o senhor branco, é ao final capturado, batizado e vendido em leilão.

JUAN VELORIO. Nome pelo qual se fez conhecido Bienvenido Martínez, artesão uruguaio nascido em Rivera, em 1929. O mais famoso fabricante de tambores de candombe [1]* em seu país, na década de 1990, em atividade havia mais de três décadas, tinha inscrita, em uma das paredes de seu local de trabalho, a frase "El Templo del Tambor".

JUAN, General (século XVI). Comandante negro envolvido nas guerras civis do Peru. Escravo carpinteiro de um amigo de Diego Almagro, em 1553, na revolta provocada por Francisco Hernandes Girón, lutou ao lado deste contra o poder colonial, chefiando um batalhão de trezentos escravos.

JUAN "EL COJO", Ño (século XIX). Nome pelo qual foi conhecido Añabí, *olubatá** cubano que, por volta de 1830, em Havana, encomendou ao escultor Atandá* a confecção do primeiro conjunto de tambores do tipo batá* construídos em Cuba de acordo com os preceitos rituais da tradição iorubá.

JUAREZ Araújo. *Ver ARAÚJO, Juarez [Assis de].*

JUBA [1] (século XIX). Nome pelo qual foi conhecido John J. Clark, famoso tocador de tambor, ativo nos Estados Unidos na primeira metade dos oitocentos. O nome "juba" designa um tambor haitiano e uma dança do Haiti, de Cariacou e das Antilhas Francesas. Na Jamaica é também o nome africano dado à criança nascida em uma segunda-feira.

JUBA [2] (século XIX). Nome pelo qual se fez conhecido William Henry Lane, bailarino americano que, por volta de 1804, teria lançado as bases do que hoje se conhece como *tap dance** ou sapateado americano.

JUBIABÁ. Personagem-título de um romance do escritor baiano Jorge Amado, lançado em 1935, sendo uma personificação do negro velho, "feiticeiro" respeitado e temido. O personagem tomou o nome emprestado ao babalorixá Severino Manuel de Abreu, nascido por volta de 1885 e iniciador do famoso Joãozinho da Gomeia*. Abreu é descrito por seus contemporâneos, ao contrário do Jubiabá amadiano, como um "mulato de traços finos", com cerca de 50 anos de idade à época do romance.

JUBILEE SONGS. Antigas canções de júbilo e exaltação do repertório dos negros americanos evangelizados segundo o protestantismo.

JUCA (*c.* 1920-*c.* 1980). Apelido de José Ernesto Aguiar, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Integrante da ala de compositores da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, foi coautor dos sambas-enredo ao som dos quais a agremiação desfilou nos carnavais de 1954, 1955 e 1961.

JUCÁ (*Caesalpinia ferrea*). Árvore da família das leguminosas; pau-ferro. Em cultos afro-amazônicos, é a morada do espírito invocado pelo nome de Mestre Jucá.

JUDEUS NEGROS. *Ver BLACK JEWS*.

JUEGO. Ritual *abakuá** equivalente aos *plays* (sainetes rituais) dos *maroons* da Jamaica e do Suriname.

JUJU. Vocábulo usado na África ocidental para designar um ser ou força sobrenatural e também qualquer objeto dotado de poderes mágicos. Por extensão, o termo designa ainda o controle dessas forças mediante formas estabelecidas. Nas Antilhas, nomeia uma sociedade secreta muito influente, principalmente na Jamaica. Seus membros vestem roupas rituais e se autoproclamam mortos que ressuscitaram pelo poder de alta magia.

JUJU MUSIC. Gênero de música popular de raízes iorubanas que se disseminou da Nigéria para a Europa e o mundo por meio de artistas como King Sunny Ade*. É um dos pilares sobre os quais se sustenta o *afrobeat**.

JUKE JOINTS. No Sul dos Estados Unidos, estabelecimentos comerciais improvisados, ao modo das "tendinhas" das favelas cariocas, onde trabalhadores negros costumavam passar algumas de suas horas de lazer dançando e ouvindo blues*, comendo carne e peixe fritos e bebendo uísque de milho.

JÚLIA, Mãe. Nome pelo qual foi conhecida Maria Júlia da Conceição Nazaré, ialorixá baiana, falecida em 1910. Fundadora da linhagem de sacerdotisas líderes do candomblé do Gantois*, é assim mencionada pelo médico Nina Rodrigues, em *O animismo fetichista dos negros baianos*, livro de 1896: "A mãe de terreiro Júlia, velha africana [...]. Assiste-a imediatamente sua filha Pulcheria". Por seu nome, é frequentemente confundida com a ialorixá africana Maria Júlia Figueiredo (Omoniké), falecida por volta de 1894. *Ver BARROQUINHA, Candomblé da*.

JULIÃO, Família. Grupo familiar de escultores e entalhadores brasileiros que se tornou conhecido nos anos de 1980 em Prados, MG. Liderado por José de Pádua Lisboa, o Zezinho Julião, destacou-se por produzir apreciadas esculturas em madeira, em geral representando animais, com fortes traços de africanidade.

JULINHO DO PISTOM. *Ver BARBOSA, Júlio.*

JUMBEBA, Marinho da Costa. *Ver MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA.*

JUMBEES. Entre os djukas* do Suriname, nome pelo qual são genericamente referidos os espíritos malfazejos. Conforme *zoombie**.

JUMBIE. Variação de *zoombie**.

JUMBY. O mesmo que *zoombie**; termo genericamente usado nas Antilhas de fala inglesa que está associado a práticas religiosas de origem africana.

JUMBY BEADS. Colar de contas vermelhas e pretas da tradição religiosa afro-jamaicana.

JUMINER, Bertène (1927-2003). Escritor, médico e militante político nascido em Caiena, Guiana Francesa, e falecido em Guadalupe. Formado em Medicina na Universidade de Montpellier, França, trabalhou na Tunísia, no Irã e em outros países. Em 1958, uniu-se a Frantz Fanon* na luta contra o colonialismo francês e pela independência da Guiana. Em 1967, foi nomeado professor de medicina da Universidade de Dacar, Senegal. Principais obras publicadas: *Les bâtards* (1961); *Au seuil d'un nouveau cri* (1963); *La revanche de Bozambo* (1968).

JUMPING-UP. Antiga dança dos negros da Jamaica, mais tarde adotada como dança de salão (conforme Nuñez, 1980). Na forma *jump-up*, designa a dança espontânea de rua nos carnavais de Trinidad, Belize etc. O termo equivaleria ao "pula-pula" dos antigos carnavais no Rio de Janeiro.

JUNGLE. *Ver DRUM'N'BASS.*

JUNGLE MUSIC. Estilo de arranjo e interpretação musical popularizado pela banda de Duke Ellington* na década de 1920. Caracterizava-se pela imitação de sons de animais selvagens, feita especialmente pelo naipe de metais.

JUNGUJUNGU. Dança sagrada dos *garífunas**, em Honduras, Guatemala e Belize.

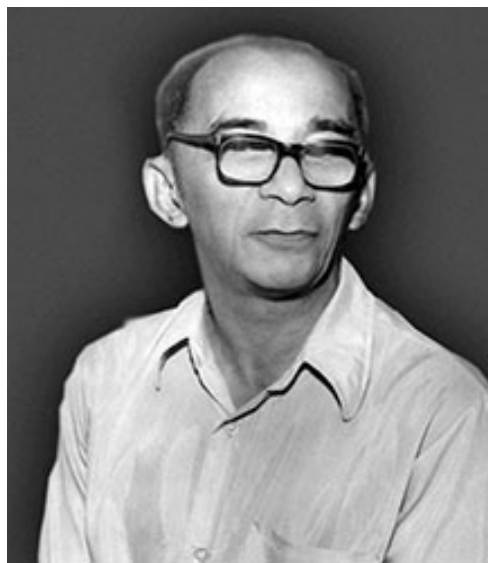
JÚNIOR. Nome pelo qual se fez conhecido Leovegildo Lins Gama Jr., jogador de futebol nascido em João Pessoa, PB, em 1954. Dono de uma das carreiras mais longas entre os futebolistas do Brasil, integrou várias vezes a seleção nacional e cumpriu bem-sucedida carreira internacional, atuando na Itália. Habilidoso no ataque e na defesa, foi um dos grandes craques do futebol brasileiro. Em 1999, ainda atuava na seleção brasileira de futebol de praia.

JUNTAS DE ALFORRIA. Sociedades civis de fato, existentes à época da escravidão. Antes da criação das "caixas econômicas", só instituídas no país em 1834, das caixas de emancipação e das sociedades abolicionistas, os escravos do Brasil já organizavam suas caixas de empréstimo, denominadas "juntas". Com o fim específico de reunir capital para financiar alforrias de seus associados, essas juntas eram dirigidas por um membro que gozava do mais irrestrito respeito e confiança, o qual "escriturava" as cotas recebidas por meio de incisões feitas no bastão que cada um dos sócios tinha para esse fim específico. As juntas, que possuíam inclusive cobradores, funcionavam como modernas sociedades de mútuo socorro, com concessão, em caso de necessidade, de adiantamentos em dinheiro, sujeitos a juros, e distribuição de dividendos periodicamente. Mas a finalidade de cada pecúlio era, exclusivamente, a compra da alforria de cada depositante. *Ver ESUSU*.

JUNTÓ. Na umbanda, denominação genérica do orixá secundário de cada pessoa.

JUPIRA E SUAS CABROCHAS. Conjunto de coristas e dançarinas de samba, liderado por Jupira Brasil (pseudônimo de Francelina Xavier Pereira, ex-integrante do grupo de Herivelto Martins), bastante popular no rádio e no teatro cariocas nas décadas de 1940 e 1950. Participou dos filmes *Berlim na batucada* (1944) e *Com água na boca* (1956), entre outros.

JURANDIR DA MANGUEIRA (1939-2007). Nome artístico de Jurandir Pereira da Silva, sambista nascido em Campos dos Goitacazes, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Membro da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira* e cantor de voz privilegiada, foi coautor dos sambas-enredo mangueirenses de 1969, 1971, 1978, 1984 e 1988, este último o antológico *Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão?*, tematizando a exclusão do negro na sociedade brasileira.

JURANDIR [Ramos Pereira]**, Dalcídio** (1909-79). Escritor brasileiro nascido na ilha de Marajó, PA – filho de mãe negra, descendente de escravos –, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Estreou em 1931, com a coletânea de contos *Rés do chão*. Depois, publicou os romances *Chove nos campos de Cachoeira* (1940); *Marajó* (1947); *Linha do parque* (1958, publicado em Moscou em 1963); *Três casas e um rio* (1958); *Belém do Grão-Pará* (1960); *Passagem dos inocentes* (1963); *Primeira manhã* (1967) e *Ponte do Galo* (1971). Na década de 1940, militante de esquerda, exerceu intensa atividade jornalística no Rio de Janeiro, colaborando em órgãos como *Imprensa Popular*, *Radical*, *Diretrizes*, *Voz Operária* e *Para Todos*. Destacando-se como um dos grandes nomes do romance regionalista, sendo comparado a Graciliano Ramos e Jorge Amado, em 2006 foi postumamente homenageado com a publicação de um requintado livro, biográfico e crítico, intitulado *Dalcídio Jurandir, romancista da Amazônia*.

Dalcídio Jurandir

JUREMA (*Pithecellobium tortum*). Planta da família das leguminosas, também conhecida pelos nomes de angico-branco, jacaré e vinhático-de-espinho. É utilizada, em cultos afro-ameríndios do Brasil, no preparo de uma beberagem indutora do transe.

JUREMA-BRANCA (*Pithecellobium diversifolium*). Variedade da jurema*, também usada em cultos afro-amazônicos.

JUREMINHA (*Mimosa malacocentra*). Planta da família das leguminosas, pertencente, na tradição brasileira dos orixás, a Oxóssi.

JUTAÍ, Raimundo Gomes. *Ver GOMES [Jutaí], Raimundo*.

JUTÍA**.** Vocábulo cubano correspondente ao brasileiro "cutia". Em Cuba, várias espécies desse animal foram outrora identificadas por gentílicos africanos, como a *jutía conga*, a maior e mais domesticável; a *carabalí*, de corpo menor e mais comprido, porém mais arisca e difícil de domesticar; *a mandinga*, toda negra; a *ará*, toda branca; e a *baribá*.

JUVENAL Amarijo (1923-2009). Jogador brasileiro de futebol nascido em Santa Vitória do Palmar, RS, e falecido em Camaçari, BA. Zagueiro-direito, integrou a seleção nacional na Copa do Mundo de 1950.
JUVENAL DA MANGUEIRA. *Ver LOPES, Juvenal.*

K

K. LIXTO (1877-1957). Assinatura artística do caricaturista brasileiro Calixto Cordeiro, nascido em Niterói, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Colaborador de publicações como *A Semana Ilustrada*, *O Malho*, *O Riso*, *D. Quixote*, *Fon-Fon* e *Careta*, juntamente com J. Carlos e Raul Pederneiras constituiu a trindade de caricaturistas que nacionalizou essa arte no Brasil. Foi também gravador, pintor, escultor, cenógrafo, professor e, durante muitos anos, foi o criador dos anúncios humorísticos da Loteria Federal, popularizados pelo slogan "Insista, não desista".

***KA* [1].** O mesmo que *ti bon ange**.

***KA* [2].** Tambor de Guadalupe, outrora utilizado pelos negros aquilombados e hoje integrante da orquestra do gênero de música e dança chamado *gwoka**.

KABAKA. Título de soberano entre os gandas. Parece relacionar-se ao nome Shabaka, referente a um dos soberanos de Cuxe*.

KABANGA. O mesmo que Kisimba*.

KABENGELE, Munanga. Antropólogo nascido na atual República Democrática do Congo*, em 1942, e naturalizado brasileiro em 1985. Professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é autor, entre outras obras, de *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (1999) e organizador de *Superando o racismo na escola* (2001), livro publicado pelo Ministério da Educação. "Kabengele", seu nome de família, é, segundo a tradição banta, enunciado antes do prenome.

KABINDA. Em Trinidad, gênero de música e dança cuja execução ocorre nas ruas durante as noites de carnaval, em cortejos iluminados por archotes (de acordo com Nuñez, 1980). *Ver CABINDA*; *CAMBINDA*.

KAFUR, Abdul-Misk (século X). Eunuco núbio, foi governante do Egito.

KAISO. Antigo nome do calipso*.

KAKAKA-UMBÓ. Toque ritual de atabaques, vigoroso, que acompanha cantos e danças em louvor de Xangô ou Oxaguiã. É também conhecido como batacotô*.

KALAHARI. Deserto do Sudoeste africano, nos territórios de Namíbia e Botsuana; habitat dos povos bosquímanos*.

KALAJA. Um dos ritmos do *gwoka**.

KALIMBA. Instrumento musical africano formado por uma pequena prancha de madeira em cuja superfície se enfileiram, à maneira de teclas, lâminas metálicas de tamanhos variáveis, as quais, vibradas pelos polegares do músico, emitem um som suave e agradável.

KALINDA. Luta de bastões de Trinidad e Carriacou, ritmada por cânticos e tambores. *Ver CALENDA*.

KANEM-BORNU. Antigo Estado localizado a oeste do lago Chade, no Norte da atual Nigéria. Foi fundado pelo povo kanuri, sob a liderança de Saïf, por volta do ano 800, e no século XII atingiu seu apogeu. Sua capital era a cidade de Njimi.

KANKU MUSSÁ (século XIV). Imperador do antigo Mali, também referido como Mansa Kanku Mussá (*mansa* é título real, significando "soberano", "chefe supremo"), Gangu Mussá, Mansa Mussá ou Mussá I. Governou o Mali de 1312 a 1332, sendo que em 1324 realizou uma

legendária peregrinação a Meca, acompanhado, segundo a tradição, de 60 mil súditos, transportando mais de dez toneladas de ouro. No Cairo, quando por lá passou, teria distribuído generosamente esse ouro, exatamente para impressionar os soberanos árabes do Egito, provocando, com isso, sérios danos à economia local e atraindo para a África a cobiça de europeus e asiáticos. De volta, levou para o Mali sábios e arquitetos, como o célebre Es-Saheli, mandando construir em Tombuctu* a grande mesquita de Djinger-Ber.

KANNAVAL. Denominação do carnaval, na grafia dos negros antilhanos de fala francesa.

KANO. Cidade do Norte da Nigéria, capital do estado de Kano. Fundada no século XI, era já a sede de um próspero reino hauçá quando islamizou-se, na segunda metade do século XVI. Ainda conserva em sua arquitetura o aspecto geral das cidades medievais de sua região, quase todas desaparecidas.

KANSAS CITY. Denominação de duas cidades gêmeas americanas, às margens do rio Kansas, uma no estado de mesmo nome, outra no Missouri. Berço do swing* de Count Basie* e outros expoentes, a região onde se localizam é considerada uma das capitais do jazz.

KANSÔ. Prova de fogo a que são submetidos os postulantes à iniciação no vodu haitiano. O candidato tem de ser capaz de manter em suas mãos, sem se queimar, matéria incandescente ou em brasa. Resistindo, acredita-se que estará apto a enfrentar as duras provas da vida.

KANTÉ, Mory. Cantor e instrumentista nascido em Kissidougou, Guiné-Conacri, em 1950, e radicado na França em 1984. Fundindo a música tradicional mandinga com rock e funk, e sendo, por isso, rotulado como um "*griot electro-funk*", é um dos grandes nomes do show business franco-africano.

KANZA, Lokua. Nome artístico de Pascal Kanza Lokua, cantor zairense nascido em Bukaviu, em 1958, e radicado na França desde 1984. Ao lado, principalmente, de Mory Kanté e Salif Keita, é um dos grandes nomes da música africana no cenário musical francês.

KAÔ KABIECILÊ! Interjeição de saudação a Xangô.

KARENGA, Maulana [Ndabezitha]. Filósofo, pesquisador e líder político nascido nos Estados Unidos em 1941. Instituidor do *kwanzaa** – não só uma celebração como também uma organização político-social engajada na redenção do povo africano –, tem influenciado milhões de contemporâneos. Professor do Departamento de Estudos Negros da Universidade do Estado da Califórnia e autoridade no tema da filosofia ética do Egito antigo, escreveu e publicou, entre outros livros, *Introduction to black studies* (1982); *Kwanzaa, a celebration of family, community and culture* (1997); *Odu Ifa: the ethical teachings* (1999); *Kawaida theory: an African communitarian philosophy* (2004).

KASANJI (Caçange). À época colonial, região de Angola situada entre os rios Kamba, Lutoa e Kwango. Foi, juntamente com Matamba, um dos maiores mercados mundiais de escravos no século XVII.

KASEKO. Gênero de música popular do Suriname, à base de tambores e metais. Também, *kasséko*.

KASKAWI. No Suriname, ritmo resultante da fusão dos gêneros musicais *kawina** e *kaseko**.

KASSAV'. Grupo musical formado em 1979 em Paris, por iniciativa dos músicos antilhanos Pierre-Édouard Décimus, George Décimus e Jacob Desvarieux. Cantando geralmente no dialeto crioulo de Martinica e Guadalupe, é o responsável pela difusão do *zouk** na Europa.

KASSÉKO. *Ver KASEKO.*

KATSINA. Cidade do Norte da Nigéria, próxima à fronteira com a República do Níger. Durante o século XVII, foi o centro comercial mais importante da região. *Ver HAUÇÁS.*

KAWINA. Música ritual das regiões rurais do litoral do Suriname. Também, nome do principal tambor usado nessa música.

KAWNADROM. Um dos nomes do tambor *kawina**.

KAZEMBE. Título de soberano, entre os lundas.

KBANDU. Tambor do *kumina**, culto afro-jamaicano.

KEITA, Salif. Cantor e instrumentista malinês nascido em Djoliba, em 1949, e radicado em Paris desde 1984. Conhecido como "o *griot* albino", sua música parte das tradições do povo mandinga para chegar ao funk e ao jazz-

rock. É um dos mais prestigiados músicos da cena da world music na Europa.

KEITA, Sundiata. *Ver SUNDIATA.*

KELÊ. *Ver QUELÊ [1].*

KÈLÉ. O mesmo que *kutumba**.

KENDÉ. Nome pelo qual era conhecido o conjunto de dois anéis de prata ou ferro usado pelos malês na Bahia. Na África, entre os iorubás, o *ke-n-de*, com um anel usado no polegar e o outro no dedo médio ou anular, era, segundo Abraham (1981), o distintivo usado pelos soldados do exército de Afonjá*.

KENTE. Espécie de tecelagem colorida tradicional de Gana. Os diferentes padrões de seus produtos indicam a origem ou o status das pessoas que os usam. Difundida na Diáspora a partir dos Estados Unidos, vem sendo usada como símbolo de orgulho étnico em barretes, estolas, becas e até mesmo em almofadas de móveis domésticos.

KENYA. *Ver QUÊNIA, República do.*

KEPPARD, Freddie (1890-1933). Músico e chefe de orquestra americano nascido em Nova Orleans e falecido em Chicago. É considerado, juntamente com Buddy Bolden* e King Oliver*, um dos três maiores trompetistas de sua cidade em seu tempo. Exageradamente cauteloso com relação a possíveis imitadores, costumava tocar com um lenço cobrindo os dedos. Por essa razão, recusou-se a registrar suas interpretações, perdendo, assim, a oportunidade de ser o primeiro jazzista a ter seu trabalho gravado, privilégio que coube ao grupo de músicos brancos Original Dixieland Jazz Band, em 1917.

KERMA. Localidade que foi o centro de uma cultura nativa da Núbia*, no período de 2000 a 1500 a.C. Era estreitamente relacionada ao Egito faraônico.

KETU. Antigo reino da África ocidental cujo território foi cortado em dois pela fronteira Nigéria-Benin, estabelecida pelo colonialismo europeu. Não obstante, a região de Mèko, no lado nigeriano, ainda é vista como parte dele, e o *alákétu* (governante tradicional) ainda a visita em sua cerimônia de posse. O povo ketu é um subgrupo dos iorubás*, e seu ancestral, segundo a tradição, é o segundo filho de Odudua*. O Reino de Ketu era um dos seis

reinos que constituíam a confederação chamada pelos hauçás de *Bansa bokoï*, em contraposição aos seus *Hausa bokoï* (os sete Estados hauçás). A tradição relata que esses reinos foram fundados por seis irmãos, numa lenda análoga à da criação dos Estados hauçás. *Ver ALAKETO, Candomblé do*.

KHAN, Chaka. Nome artístico de Yvette Marie Stevens, cantora americana nascida em Great Lakes, Illinois, em 1953. Com carreira profissional iniciada em 1973, é o maior nome feminino no universo funk* dos Estados Unidos.

KHEUOL. O mesmo que lanc-patuá*; do francês *créole*. *Ver CRIOULO*.

KHOIKHOI. Povo da África austral; o mesmo que hotentotes. Seus membros são intimamente aparentados com os sans (ou bosquímanos*), sendo que a moderna etnografia costuma reunir os dois sob uma só denominação: khoi-san.

KHOI-SAN. *Ver KHOIKHOI*; *SAN*.

KIKUMBI. Entre os ambundos de Angola, nome dado às mulheres submetidas antes do parto a um rito propiciatório para que não tenham filhos doentes nem defeituosos.

KILIMANJARO, Monte. Elevação no Nordeste da Tanzânia, próximo à fronteira com o Quênia. Com 5.963 metros de altitude e o topo permanentemente coberto de neve, é a montanha mais alta de toda a África.

KILKERRY, Pedro (1885-1917). Nome literário de Pedro Militão Kuilkuery, poeta brasileiro, nascido e falecido em Salvador, BA. Filho de pai irlandês e mãe negra, obteve formação clássica, passando a realizar traduções do grego e do latim. Sua poesia, publicada apenas em jornais e revistas, é, segundo os críticos, bastante avançada em relação ao contexto literário de seu tempo, o que o credencia como um dos precursores do surrealismo e do modernismo no Brasil.

KIMBISA. *Ver PALO MONTE, Regla de*; *RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*.

KINCAID, Jamaica. Escritora nascida em Saint Johns, Antígua, em 1949. Escrevendo narrativas ficcionais principalmente sobre a experiência da colonização e da imigração e sobre as relações entre mães e filhos, é autora de *At the bottom of the river* (1983), *Annie John* (1985), *The autobiography of my mother* (1996) e *My brother* (1997), entre outras obras.

KINFUÌTE. Espécie de cuíca* dos antigos congos cubanos, usada em cerimônias religiosas de cunho secreto. Do quimbundo *kipwita*.

KING GEORGE'S ARMY. Jogo infantil do Sul dos Estados Unidos, de origem africana, no qual dois grupos de crianças competem, cada um representando, totemicamente, determinada planta ou animal.

KING ZULU. Personagem tradicional do carnaval de Nova Orleans, Estados Unidos. De feição burlesca, representa o "rei dos africanos", com um entourage de selvagens e animais, e seu "reinado" dura apenas um dia: o do *mardi gras* – a terça-feira gorda. *Ver REI ZULU*.

KING, Albert [Nelson] (1923-92). *Bluesman* americano nascido em Indianola, Mississippi, e falecido em Memphis, Tennessee. Cantor e guitarrista, nos anos de 1960 foi um dos raros artistas do blues a impor-se nas paradas da música negra. A partir de então, e atingindo, inclusive, um público jovem ligado a outras tendências musicais, construiu sua reputação como um dos gigantes do blues moderno.

KING, B. B. Nome artístico de Riley Ben King, cantor, guitarrista e chefe de orquestra americano nascido em Indianola, Mississippi, em 1925. Com carreira iniciada em 1949, a partir de 1969 passa a participar de longas turnês internacionais ao lado de nomes como os Rolling Stones, ganhando fama entre o público jovem e tornando-se um dos mais bem-sucedidos artistas da história do blues*.

KING, Don. Empresário de boxe americano nascido em Cleveland, Ohio, em 1932. Por mais de vinte anos teve controle absoluto sobre o título mundial dos pesos-pesados, lidando com o maior e mais rentável negócio do pugilismo internacional.

KING [Jr.]**, Martin Luther** (1929-68). Líder do movimento pelos direitos civis, nascido em Atlanta, Geórgia, e falecido em Memphis, Tennessee. Pastor da Igreja Batista, seus ideais e métodos baseavam-se no amor cristão e na ação não violenta. Tornou-se famoso em 1955, ao liderar o movimento de protesto contra a segregação racial nos ônibus em Montgomery, Alabama. Mais tarde, formou o Southern Christian Leadership Congress (Congresso das Lideranças Cristãs do Sul), condutor da ala pacifista do movimento pelos direitos civis. Nos anos de 1960 esteve à frente de várias importantes iniciativas, recebendo, por isso, em 1964, o

Prêmio Nobel da Paz. Posicionando-se contra a Guerra do Vietnã e associando as vultosas somas despendidas com ela a um pernicioso controle da economia americana e ao crescimento da pobreza entre negros, índios e brancos dos Apalaches, King entrou em rota de colisão com o governo americano e a indústria bélica, além de ter desagradado a alguns setores do movimento pelos direitos civis, morrendo assassinado em 26 de agosto de 1968. Sua morte, embora tenha demonstrado a não eficácia dos métodos pacifistas, contestados pelos Panteras Negras* (Black Panther Party) e Black Muslims* (pregadores da ação violenta), granjeou grande simpatia e apoio aos seus ideais. Tanto que hoje, em todos os Estados Unidos da América, o dia 15 de janeiro, data de seu aniversário natalício, é feriado nacional.

KIRDIS. Povo oeste-africano, localizado ao sul do lago Chade, entre o Saara e a floresta densa, nos atuais territórios de Camarões (ao norte), Chade (a sudoeste) e Nigéria.

KIRWAL. Na fala dos indianos de Trinidad, o mesmo que *creole*, mais especificamente com relação ao descendente de africano. Equivale ao termo "crioulo" da linguagem popular brasileira.

KISHEE, Capitão (século XVIII). Líder *maroon* da Jamaica, comandante dos rebeldes nas lutas de 1730 a 1739. Segundo a tradição, morreu assassinado por um traidor.

KISIMBA. Entidade espiritual dos congos cubanos correspondente ao Orula* iorubano e relacionada ao são Francisco de Assis dos católicos. É também referido como Mpungo e Kabanga.

KITCHEN GARDEN. Nas Antilhas de fala inglesa, estrutura correspondente ao cubano *conuco** e ao brasileiro quinguingu*.

KITT, Eartha (1927-2008). Nome artístico de Eartha Mae Keith, cantora e atriz americana nascida em Colúmbia, Carolina do Sul, e falecida em Nova York. Ex-integrante da companhia de dança de Katherine Dunham*, foi cantora de cabaré, atuou no cinema ao lado de Nat King Cole, Sammy Davis Jr. e Eddie Murphy, e personificou a Mulher-Gato na série televisiva *Batman*. Na década de 1960, manifestando-se contra a Guerra do Vietnã em um evento na Casa Branca, foi alvo de repressão por parte do governo de seu país. Em 1989, lançou a autobiografia *Confessions of a sex kitten*.

KNIGHT, Gladys. Cantora americana nascida em Atlanta, Geórgia, em 1944. Egressa do coro da Igreja Batista Mount Moriah, iniciou a carreira aos 7 anos de idade, tornando-se mais tarde um dos maiores nomes femininos da gravadora Motown Records e uma legenda no cenário do rhythm-and-blues.

KOENDUS, J. A. G. (século XX). Educador surinamês. Em 1940, publicou uma brochura com o objetivo de normatizar o inglês falado pelos negros no Suriname.

KOFFI. Entre o povo fon do Benin, nome que se dá à criança do sexo masculino nascida em uma sexta-feira, da mesma forma que Kofi, para os povos falantes de línguas do grupo akan*.

KOFUTU. Dança tradicional dos *maroons* do Suriname.

KOLABÁ. Título da hierarquia dos candomblés de Queto, na Bahia. Do iorubá *ikó làbà*, título de sacerdote da casa de Xangô.

KOLOBÔ. Pequena vasilha de barro, de boca larga e com tampa, contendo 21 búzios e que representa o Bará* de seu possuidor. Do iorubá *kòlòbó*, "vaso", "frasco", "jarro".

KOLORI. Na gíria dos candomblés, termo que designa o louco, a pessoa mentalmente desequilibrada. Do iorubá *kólo*, "levar embora" + *orí*, "cabeça".

KONBIT. No Haiti, o mesmo que a instituição jamaicana do *day work**. Também, *coumbite*.

KONGO [1]. Forma preferida pelos especialistas para grafar o adjetivo "congo" quando se refere à civilização dos povos bacongos (*ba-Kongo*). A distinção se faz com relação aos modernos Estados denominados Congo, nos quais habitam indivíduos classificados genericamente como "congoleses" ou "congueses", mas não pertencentes àquela importante vertente civilizatória. A civilização kongo engloba parte dos atuais territórios de Congo-Kinshasa, Congo-Brazzaville, Gabão e Norte de Angola. *Ver* CONGO.

KONGO **[2].** Em Trinidad, dança cerimonial em geral praticada em casamentos e batizados.

KOOL & THE GANG. Conjunto musical formado em 1969, em Nova Jersey, Estados Unidos, em torno dos músicos Ronald "Kool" Bell e Ronald Bell. Atingindo o auge do sucesso no final dos anos de 1970 e início dos

anos de 1980, logo após a chegada do vocalista James "J. T." Taylor, o grupo inclui-se entre os construtores do funk* americano.

KORA. Espécie de harpa de 16 a 32 cordas da tradição mandinga, muito comum na região da antiga Senegâmbia e no Mali e outrora presente também na música antilhana.

KORIN-EUÊ. Toque ritual de atabaques que acompanha cânticos e danças de Ossãim. Do iorubá *korin*, "cântico" + *ewe*, "folha": "cântico das folhas".

KOROMANTI. *Ver COROMANTIS.*

KOSOKO (século XIX). Soberano africano que viveu em território correspondente à atual Nigéria. Sócio do mercador de escravos Manuel Joaquim d'Almeida, por volta de 1850 enviou os filhos ao Brasil, para que estudassem em Salvador, BA.

KOTTO, Yaphet. Ator cinematográfico americano, nascido no Harlem, Nova York, em 1937, filho de pai africano e mãe panamenha. Com *A libertação de L. B. Jones* (1970), tornou-se o primeiro ator a viver na tela um personagem negro matando um branco. Daí em diante, emprestou seu talento a vários filmes de sucesso, como *Resgate fantástico* (*Raid on Entebbe*, 1977), *Alien, o oitavo passageiro* (1979), *Um grito de liberdade* (1987) e *Um peixe chamado Wanda* (1988).

KOUMBA, Amadou (séculos XIX-XX). Célebre *griot** senegalês, genealogista da família Diop. Seus relatos inspiraram o escritor Birago Diop (1906-89), seu discípulo, a escrever e publicar *Les contes d'Amadou Koumba* (1947), e *Les nouveaux contes d'Amadou Koumba* (1958), importantes obras da literatura africana de expressão francesa.

KPOSDZIEM. Na Jamaica, ritual africano realizado no oitavo dia após o nascimento de uma criança: duas mulheres da família levam o recém-nascido ao quintal e o colocam deitado em um leito de folhas; lá, o padrinho o batiza e lhe impõe o nome.

KRENG KRENG. Recipiente; espécie de caçamba de palha ou vime usada na culinária afro-jamaicana para a defumação de carnes e peixes.

KRIORO. O mesmo que sranan tongo*.

KRISHNA. Herói divinizado hindu, referido como "o Negro". Avatar humano do deus Vishnu, suas palavras constituem o corpo do poema místico-filosófico *Bhagavad-Gita*. *Ver AFRO-INDIANOS.*

KROMANTI. Dança "de nação", tipicamente africana, do *big drum**.

KROMANTI PLAY. Denominação das práticas religiosas dos *maroons* da Jamaica.

KRU. Língua do povo krumanti.

KUBA. Reino africano fundado no início do século XVIII no Sudeste do atual Congo-Kinshasa, ex-Zaire, e desaparecido no século XIX. Sua civilização tornou-se notável, principalmente pela rica estatuária que produziu e pela sabedoria de alguns de seus governantes. *Ver BACUBA*.

KU-BHA-SAH. *Ver LA PLACE*.

KUCHI-YEREMÁ. O menor dos quatro tambores da percussão *abakuá* em Cuba, tocado sob o braço do músico, com apenas uma das mãos.

KU KLUX KLAN. Organização terrorista de extrema direita, hoje clandestina, criada em Pulaski, Tennessee, Estados Unidos, em 1865, com o objetivo de, por meio de violência e intimidação covardes, impedir que os negros exercessem seus direitos políticos naquele país. Sua atuação estendeu-se também a Cuba. No Brasil, se não um braço, pelo menos métodos da organização chegaram à região da atual cidade de Itapira, SP. Nessa cidade, em fevereiro de 1888, o médico americano James Warne, o "Boi", emigrado do Sul dos Estados Unidos em 1865, após a Guerra Civil, comandou cerca de duzentas pessoas em um linchamento de motivação racista. A vítima foi Joaquim Firmino de Araújo Cunha, delegado da cidade (então denominada Penha do Rio do Peixe), acusado de proteger escravos fugidos. Em 2002, nos Estados Unidos, a organização, que chegara a reunir 4 milhões de membros na década de 1920, contava com apenas cerca de 5 mil integrantes.

KUMANTI. Variação surinamesa para *coromantee**.

KUMANTI PLAY. No Suriname, o mesmo que *kromanti play**.

KUMASI. Cidade da República de Gana, a noroeste de Accra. Fundada no século XVII, é a capital da civilização axânti*.

KUMINA. Modalidade de culto de origem banta existente na Jamaica desde meados do século XIX. Conta com tambores, cânticos em língua africana, aguardente e sacrifícios rituais; sua denominação provavelmente se relaciona ao quimbundo *tumina*, "mandar", "ordenar", "legislar", conforme a

relação de *mbanda*, "mandamento", "regra", "lei", com o brasileiro "umbanda". *Ver MYAL*.

KUSH. *Ver CUXE*.

KUTI, Fela Anikulapo (1938-97). Nome artístico de Hildegart Ransome-Kuti, músico nigeriano nascido e falecido em Abeokutá. Líder pan-africano e ferrenho opositor dos regimes militares que se sucederam no poder em seu país desde os anos de 1960, tem também a seu crédito a circunstância de, como saxofonista, compositor e chefe de orquestra, ser o criador do *afrobeat**.

KUTUMBA. Cerimônia religiosa dos habitantes de Santa Lúcia, nas Pequenas Antilhas.

KUTUTÓ. Nome que na localidade cubana de Jovellanos se dá aos cânticos funerários em rito *arará**. O nome ocorre também em Trinidad.

KWA-KWA. No Suriname, pedaço de madeira usado como instrumento de percussão.

KWANZAA. Celebração natalina afro-americana, instituída em 1966 pelo pesquisador e ativista Maulana Karenga*. Com duração de sete dias, de 26 de dezembro a 1º de janeiro, conta com cerimônias esotéricas, libações, música, dança e confraternização, e estrutura-se em torno de valores morais e éticos como verdade, justiça e respeito à natureza. Tem seu foco simbólico nas sete velas do candelabro *mishumaa* – acesas uma a uma, a cada dia da celebração, para representar os princípios de unidade, autodeterminação, trabalho e responsabilidade coletivos, cooperação econômica, propósito, criatividade e fé – e é caracterizada pelo uso das cores simbólicas do pan-africanismo: preto, vermelho e verde. Na decoração dos ambientes, seu objetivo é o fortalecimento da autoestima dos negros por meio da reafirmação de sua herança africana. O termo origina-se no verbo suaíle *ku-anza*, "começar", por intermédio da expressão *matunda ya kwanza*, "frutos do começo", ou melhor, "primeiros frutos".

KWINTI. Crioulo inglês do Suriname, aparentado ao saramacca tongo*.

L

L'OUVERTURE, Toussaint. *Ver TOUSSAINT L'OUVERTURE.*

LA CITADELLE. Nome pelo qual é também conhecida a Cidadela Laferrière*.

LA LUPE (1936-92). Nome artístico de Guadalupe Victoria Yolí Raymond, cantora nascida em Santiago de Cuba e falecida em Nova York. Radicada, com a família, em Havana, iniciou carreira profissional nos anos de 1950, depois de ter sido professora, cantando em casas noturnas e mais tarde gravando discos – o primeiro chamou-se, sugestivamente, *Con el diablo en el cuerpo* (1960). Com performances exuberantes e histriônicas, conquistou a admiração de personalidades célebres, como os escritores Ernest Hemingway e Tennessee Williams. Em 1962, exilou-se voluntariamente nos Estados Unidos, onde, apoiada pelo músico Mongo Santamaría, empreendeu carreira de sucesso. Entretanto, em 1984, um acidente a prostrou numa cadeira de rodas, e, em seguida, um incêndio destruiu sua casa. Então, de

adepta da *santería** tornou-se evangélica, professando essa fé até o fim de sua existência.

LA PLACE. No vodu, o mestre de cerimônias que empunha o *ku-bha-sah*, a espada de Ogum. É também chamado *commandant la place* ou *laplas*.

LABÁ. Sacola onde se guardam objetos ligados ao culto de Xangô. Do iorubá *làbà*, "sacola".

LABELLE, Patti. Nome artístico de Patricia Holte, cantora americana nascida na Filadélfia, Pensilvânia, em 1944. Com carreira solo iniciada em 1977, depois de integrar os grupos vocais Blue Belles e La Belle foi focalizada em *La chanson mondiale – depuis 1945* (1998).

LABORÉ FUMEN. Na umbanda, Exu que trabalha com a Oxum chamada Guerê*.

LABOUR SONG. O mesmo que *work song**.

LABRA, Rafael Maria (1840-1945). Abolicionista espanhol nascido em Cuba. Educado na Espanha, terra de seu pai (sua mãe era uma mulata cubana), integrou a Sociedad Abolicionista Española, fundada em 1864 em Madri. Atuando como jornalista, foi considerado, por sua inteligência e retidão de caráter, a réplica espanhola de William Wilberforce, ilustre abolicionista inglês.

LACERDA, Anselmo Pereira de (século XIX). Magistrado brasileiro. Formado pela Faculdade de Direito da Bahia, foi juiz de direito no estado do Amazonas.

LACERDA, Quintino de (1839-98). Líder abolicionista brasileiro nascido em Sergipe e falecido em São Paulo. Ex-escravo, chefiou a comunidade do quilombo abolicionista do Jabaquara* antes e depois da abolição. Bem relacionado com a elite dominante, foi vereador, inspetor de quarteirão e inspetor sanitário. Em 1893, durante a Revolta da Armada, comandou seu povo na defesa da cidade de Santos contra o ataque a ela dirigido pelo almirante Custódio de Melo, tendo sido, por seu feito, agraciado pelo presidente Floriano Peixoto com o título de major. Foi também líder de movimentos antigrevistas no porto de Santos, cuja massa trabalhadora era, na época, constituída basicamente por trabalhadores portugueses e espanhóis. Sua casa, no morro do Jabaquara, foi o núcleo

principal da comunidade até sua morte, realizando-se em seu terreiro as festividades e celebrações de sua gente.

LACOUR. No Haiti, família extensa ou espécie de comunidade rural (em geral formada por pessoas unidas por laços de parentesco) em que os residentes compartilham trabalho e vida social. O termo se origina da expressão francesa *la cour*, "a corte". Também, *laku*.

LADANE. Acólito do culto malê; o mesmo que muezim*. Do hauçá *ladani*, "aquele que chama os fiéis para a prece".

LADINO. Qualificativo brasileiro para o escravo africano já versado na língua portuguesa, em oposição ao boçal*. Nas Antilhas hispânicas, o vocábulo designava, mais especificamente, o escravo negro recém-chegado da Península Ibérica.

LADJIA. Dança pugilística da Martinica, espetacular, que encena um combate violento entre dois dançarinos, ao som de cânticos e ritmada por tambores. Sua origem parece estar relacionada com o ambiente da cimarronagem*.

LAFERRIÈRE, Cidadela. Fortificação construída entre 1804 e 1817, no topo do monte Bonnet-à-l'Evêque, em Porto Príncipe, cujo nome se origina do sobrenome do autor do projeto. Foi erguida com o propósito de defender o Haiti, que acabara de conquistar sua independência, contra as ofensivas coloniais. A construção e o transporte de seus 360 canhões foram fruto do trabalho de 20 mil homens. Em 1980, a Unesco lançou um apelo mundial em prol da salvaguarda desse grande símbolo da libertação do Haiti.

LAFOND, Jorge (1952-2003). Nome artístico de Jorge Luiz Souza Lima, ator e bailarino nascido e falecido em São Paulo, SP. Iniciou carreira em 1980, no balé da Rede Globo de Televisão. Mais tarde, com uma atuação próxima ao estilo drag queen*, participou de programas humorísticos e telenovelas na Globo e no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), emissora em que alcançou grande popularidade. Foi também figura marcante, como destaque, nos desfiles das escolas de samba cariocas.

LAFOREST, Edmond (1876-1915). Poeta haitiano nascido em Jérémie. Pertencente a uma geração fortemente marcada pela opressão norte-americana, suicidou-se em protesto contra a ocupação militar de seu país. Em 1909, publicou *Sonnets-médaillons du dix-neuvième siècle*.

LAFRAQUËTE. O mesmo que Aniflaquete*.

LAGGIA. Variante de *ladjia**. Também, *laghia*.

LAGOS. Estado e cidade da República Federal da Nigéria. Ex-capital do país, sua arquitetura concentra elementos em estilo colonial brasileiro do século XVIII, influência dos descendentes de escravos que para lá retornaram (*ver RETORNADOS*). Na época escravista, a região abrigava um reino, sendo chamada Onim ou Ekô.

LAGUIDIBÁ. Colar ritual de Obaluaiê-Omulu, composto de pequenos discos pretos enfiados em linha, barbante etc. Do iorubá *lágídígba*, fieira de contas pretas, feitas de chifre de búfalo ou casca de coco, usada pelas mulheres na cintura.

LAÍLA. Pseudônimo de Luís Fernando Ribeiro do Carmo, sambista nascido no Rio de Janeiro em 1943. Compositor dos Acadêmicos do Salgueiro*, destacou-se na função de diretor de harmonia. Em 1976, transferiu-se para a escola de samba Beija-Flor de Nilópolis*, sendo um dos grandes responsáveis pela fulgurante ascensão da até então obscura agremiação. De 1998 em diante, passou a liderar uma experiência pioneira, que consiste em ter uma equipe de criação concebendo e executando toda a apresentação carnavalesca da escola.

LAILAT AL-MIRAJ. Celebrada pelos antigos malês baianos, trata-se da noite do 26º dia do rajabe, sétimo mês do calendário muçulmano, na qual se comemora a subida de Maomé aos céus.

LAILAT AL-QADR. Entre os malês, noite da glória ou do poder, quando se dá a festa de encerramento do ramadã. É uma celebração do calendário muçulmano que ocorre em todo o mundo.

LAKA. Dança dos *maroons** do Suriname.

LAKOU. O mesmo que *lacour**.

LALEAU, Léon (1892-1979). Escritor haitiano nascido em Porto Príncipe. É autor de *Amitiés impossibles* (teatro, 1916) e *Jusqu'au bord* (contos, 1916), bem como das coletâneas de poemas *A voix basses* (1919), *La fléche au coeur* (1922), *Abrèviations* (1929), *Musique nègre* (1931), *Ondes courtes* (1933) e *Apothéoses* (1953). Seu romance *Le choc*, de 1932, contesta a intervenção estrangeira no Haiti.

LALU. Forma sincopada de “Laalu”, uma das manifestações ou qualidades de Exu*. Em Cuba, é o guardião das encruzilhadas, e, em outra manifestação, denominada Lalú Okirioké, vive na *ceiba*, a paineira, e se expressa por intermédio do odu* Owarin Oxé (conforme Aróstegui, 1990).

LALU DE OURO. Antonomásia pela qual foi conhecido o babalorixá Hilário Ojuobá* e também, segundo historiadores da música popular brasileira, Hilário Jovino*, pioneiro do carnaval carioca. Ambos ligados à comunidade baiana no Rio de Janeiro, a expressão que lhes substituiu os nomes lança uma dúvida: referir-se-ia a uma qualidade de orixá (Lalu*, como em “Djalma de Lalu”, famoso babalorixá fluminense) ou viria de “Lálu”, redução deturpada de “Hilário”?

LAM, Wifredo (1902-92). Pintor cubano nascido em Sagua la Grande. Filho de mãe negra e pai chinês, viveu e estudou em Havana, Madri e Paris, onde trabalhou com Picasso e ilustrou livros como *Fata Morgana* (1940), de André Breton. Transportando os valores da arte tradicional africana para uma linguagem europeia moderna e fixando temas de inspiração social, consagrou-se como um dos grandes mestres do surrealismo. Em 1987, o Centro de Pesquisa Artística Wifredo Lam, de Havana, participou com destaque da Segunda Bienal de Arte Bantu Contemporânea, promovida pelo Ciciba*, no Gabão.

LAMBADA. Dança de salão de origem afro-amazônica, influenciada por ritmos afro-caribenhos e popularizada internacionalmente no final da década de 1980.

LAMBE-SUJO. Festa tradicional da cidade de Laranjeiras, SE. Ligada à história dos quilombos nordestinos, nela, durante um dia inteiro, no mês de outubro, brincantes figurando negros, usando barretes vermelhos e tendo os corpos seminus untados com melaço de cana, arrancam donativos dos circunstantes, sob a ameaça de sujá-los caso não colaborem com a brincadeira.

LAMBÍ. No Haiti, espécie de concha ou grande búzio, usada como instrumento de percussão. *Ver CONQUE LAMBÍ.*

LAMMING, George. Escritor barbadiano nascido em 1927, é autor dos romances *In the castle of my skin* (1953) e *The emigrants* (1954), entre outros,

tendo, também, poemas de sua autoria publicados na revista *Présence Africaine**.

LAMPADOSA, Igreja da. Templo católico erguido em 1742 na região central da cidade do Rio de Janeiro, próximo à atual esquina da avenida Passos com a rua Luís de Camões. Na primeira metade do século XIX, pertencia a uma irmandade de mulatos, era servida por clero negro e se evidenciava, segundo Melo Morais Filho (1946), por abrigar o cemitério dos africanos abastados, cujos rituais funerários incluíam danças e cânticos ao som de tambores. Quando os escravos coroavam seus reis e rainhas, era na Lampadosa e cercanias que aconteciam as festas.

LANÇA-DE-OGUM. Planta de folhas verdes, com pontas aguçadas, usada em rituais da tradição afro-brasilera.

LANÇATÉ DE VOVÔ. Na Bahia, antiga denominação dada pelo povo dos candomblés ao templo de Nosso Senhor do Bonfim.

LANCEIROS NEGROS, Corpo de. Unidade militar criada em 1836 na cidade de Pelotas, RS, a qual atuou com destaque na Guerra do Paraguai*. *Ver PORONGOS*.

LANCEIROS NEGROS, Memorial dos. *Ver PORONGOS*.

LANCHAGIRA. Entre os antigos negros peruanos, denominação de um tipo de aguardente.

LANC-PATUÁ. Falar crioulo corrente no Norte do Brasil, originário do francês mas escrito com a fonética da língua portuguesa. Imigrantes das Antilhas e da Guiana o levaram para o Amapá, Acre e Rondônia no fim da década 1930 e início da de 1940.

LANDIM. Indivíduo dos landins ou rongas, povo de Moçambique.

LANDÓ. Antiga dança dos negros do Peru, também conhecida como *samba-landó*.

LANGA. Conjunto de doze rodas de dançarinos que, na dança de são gonçalo, trocam de lugar ao ritmo da música de acompanhamento. Provavelmente do quioco *langa*, "rebolar", ou "rodar em torno de si mesmo".

LANGADROM. Tambor ritual dos *maroons* do Suriname.

LAPINHA (séculos XVIII-XIX). Nome pelo qual foi popularmente conhecida a cantora lírica e atriz brasileira Joaquina Maria da Conceição

Lapa. Sendo revelada no Rio de Janeiro, viveu parte de sua trajetória artística em Lisboa, regressando ao Rio na primeira década do século XIX. Na capital portuguesa gozou de grande prestígio, tendo, ao que consta, encenado uma obra especialmente traduzida pelo poeta Bocage (1765-1805); em Coimbra, foi alvo de homenagens feitas pelos estudantes daquele tradicional centro. No Brasil, onde se exibiu várias vezes para a corte de dom João VI, participando também dos festejos reais, interpretou duas peças musicais especialmente criadas pelo padre José Maurício. Consagrada como "a primeira atriz do Teatro de Manuel Luís", o melhor do Rio de Janeiro em sua época, foi, entre todas as artistas, a legítima pioneira da atividade musical feminina no Brasil. Ainda em Lisboa, foi descrita pelo sueco Carl Israel Ruders (citado por Bittencourt-Sampaio, 2008) como "filha de uma mulata", tendo "a pele bastante escura", embora disfarçada com cosméticos.

LARA, Domingo (século XIX). Músico nascido provavelmente na África e falecido em Buenos Aires, Argentina. Corneteiro do general San Martín, participou das campanhas de Chacabuco e Maipu (1818), além de acompanhar o libertador no Equador e no Peru.

Dona Ivone Lara

LARA, Dona Ivone. Nome artístico de Ivone Lara da Costa, sambista nascida no Rio de Janeiro, RJ, em 1922. Compositora e cantora ligada à escola de samba Império Serrano, na qual integrou a ala das baianas, para ela compôs, em parceria com Silas de Oliveira e Mano Décio, o samba-enredo de 1965 *Cinco bailes da história do Rio*. Tornou-se conhecida a partir de 1974, após a gravação de um de seus sambas pela cantora Cristina Buarque. Em parceria com Délcio Carvalho, compôs sambas de sucesso como *Sonho meu*, gravado por Maria Bethânia; *Alvorecer*, por Clara Nunes; *Acreditar*, por Roberto Ribeiro etc. É a grande dama do samba, sendo, por isso, referida como "Dona" Ivone Lara, a exemplo de Ma Rainey*, nos Estados Unidos. Em 2002, pelo conjunto de sua obra, era distinguida com o Prêmio Shell,

então a mais respeitada láurea da música popular brasileira; no mesmo ano, teve parte de seu repertório arranjada e gravada, em versão instrumental, pelo pianista Leandro Braga.

LARA, Oruno (1879-1924). Escritor nascido em Pointe-à-Pitre, Guadalupe. Órfão em tenra idade, abandonou forçadamente os estudos regulares aos 11 anos, tornando-se autodidata. Brilhante jornalista, além de respeitado crítico literário e historiador, foi um dos líderes da renascença literária antilhana em seu país. Sempre procurou conciliar os reclamos de sua ancestralidade negra com a influência francesa dominante, sem abdicar de sua identidade antilhana. Escreveu *L'année fleurie* (1901), *Guadeloupe et Martinique* (1903), *L'idylle rose* (1907), *Fleurs tropicales* (1908), *Les emblèmes* (1909), *L'art des vers* (1911), *Essai sur la littérature antillaise* (1912), *Sous le ciel bleu de la Guadeloupe* (1912) e *Histoire de Guadeloupe* (1923).

LARA, Oruno Denis (século XX). Historiador natural de Guadalupe, foi diretor do Centro de Pesquisas Caribe-América da Universidade Paris X. Tem publicados *Les Caraïbes* (1986), *Caraïbes en construction: espace, colonisation, résistance* (1992) e *Les abolitions de l'esclavage: une longue marche* (1993).

LARANJA (*Citrus vulgaris*). Fruto da laranjeira comum. Na tradição afro-cubana, é tida como o fruto predileto de Oxum. Segundo Lydia Cabrera (1986), ofertar-lhe uma cesta de laranjas, maduras e bonitas, à margem de um rio é oferenda das mais recomendáveis.

LAROIÊ! Interjeição de saudação a Exu. Do iorubá *Laróyè*, um dos nomes de Exu.

LAST POETS, The. Grupo formado em 1968, no Harlem* nova-iorquino, pelos poetas Gylan Kain, David Nelson, Abiodun Oyewole e o percussionista Nilijah, e integrado, tempos depois, por outros componentes. Muçulmanos e ligados ao Black Panther Party*, criaram e gravaram em disco, a partir de 1970, virulentos textos engajados na causa negra, sempre vigiados pelo Federal Bureau of Investigation (FBI), pela Central Intelligence Agency (CIA) e por outros órgãos de investigação e repressão. Por seu trabalho pioneiro, são reconhecidos como a raiz da qual brotou o rap*.

LATAMBLÉ, Atina (século XIX). Escrava da fazenda cubana San Miguel, nas proximidades do atual município de Jamaica, tida como a precursora do *changüí**, gênero de canto e dança de origem haitiana.

LATIMER, Lewis Howard (1848-1928). Engenheiro e inventor americano nascido em Chelsea, Massachusetts. Colaborador de Graham Bell, para quem estruturou o projeto do primeiro telefone, em 1881 patenteou a primeira lâmpada elétrica incandescente com filamento de carbono.

LATIN-JAZZ. Expressão que designa o estilo musical também chamado de *cuban-jazz*, nascido nos Estados Unidos, na década de 1940, resultante da incorporação de ritmos afro-cubanos pelas orquestras de jazz. Por volta de 1920, quando o jazz se consolidou em Nova Orleans, os tambores africanos já haviam desaparecido quase que totalmente. A percussão jazzística limitava-se a bombo, caixa e pratos, trazidos das bandas militares. Entretanto, em Cuba as tradições africanas permaneceram bastante fiéis às suas matrizes – como o são até hoje –, com seus batás*, congas*, bongôs*, timbales* etc. No fim dessa década, Storyville, o bairro boêmio de Nova Orleans, berço do jazz, teve suas casas noturnas fechadas pela polícia, o que levou boa parte dos músicos a migrar para Nova York. Nessa mesma época, a cidade começa a receber grandes contingentes de porto-riquenhos que obtiveram a nacionalidade americana em 1917. Na leva de cubanos que também chega a Nova York está o flautista Alberto Socarrás, que integrou a orquestra do Harlem Opera House e é tido como o autor do primeiro solo de flauta na história do jazz. Tocando no legendário Cotton Club e enturmando-se com músicos renomados, como Sidney Bechet* e Louis Armstrong*, Socarrás firma sua reputação e forma uma grande orquestra; em seu repertório, mistura música clássica, música cubana e jazz. O sucesso da orquestra é estrondoso, e a "intensidade selvagem de sua seção rítmica", como afirmou um texto da época, rompe barreiras não só musicais como raciais. Depois chega a vez de Juan Tizol, trombonista porto-riquenho que escreve para *Caravan* e *Perdido*, peças antológicas da autoria de Duke Ellington*, as primeiras partituras de *latin-jazz*. Em 1933, em viagem para Havana, numa espécie de "missão de reconhecimento", Tizol constata a influência que ele próprio vinha exercendo nas grandes orquestras lá

formadas. Mas é no final dos anos de 1940, em Nova York, que se dá a grande fusão entre a música afro-cubana e o jazz, por intermédio do bebop* – de início, essa fusão recebeu o nome de *cubop* e, mais tarde, foi definitivamente batizada como *afro-cuban-jazz* ou *latin-jazz*. Nesse contexto, teve também papel destacado Mario Bauzá*, ex-trompetista de Cab Calloway*, criador, com o cunhado Machito*, recém-chegado de Cuba, da orquestra Afro-Cubans, cuja estreia ocorre em 1940. As congas e os bongôs usados por Bauzá surpreendem os músicos norte-americanos, que não estavam acostumados a ver tambores sendo percutidos diretamente com as mãos. E a peça *Tanga*, número principal do repertório da orquestra, logo se torna um clássico. Dois dos músicos que rapidamente assimilaram o jazz latino foram Charlie Parker* e Dizzy Gillespie*, e coube a este, com a recomendação de Bauzá, colocar em cena, em 1946, Chano Pozo*, o músico responsável pela introdução do grande traço distintivo do gênero – a percussão ritual da *santería*, do culto aos orixás cubanos. Depois desse legendário músico afro-cubano, outros, como Pérez Prado*, contribuíram para a consolidação do *latin-jazz* como estilo e quase um gênero musical.

LATINO, Juan (1516-1606). Poeta espanhol nascido na África negra. Escravizado (juntamente com sua mãe) em Córdoba, foi alfabetizado e desenvolveu estudos na área de humanidades, tornando-se profundo conhecedor de grego e latim, daí tirando o nome pelo qual ficou conhecido. Graduou-se pela Universidade de Granada, onde mais tarde foi professor. Sua principal obra é *Austrias carmen* (1573), uma série de poemas em latim louvando o herói espanhol dom João da Áustria, filho de Carlos V. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

LATIPÁ. Iguaria da culinária afro-baiana, à base de mostarda, alimento votivo de Obaluaiê.

LATORRE, Adão (*c.* 1835-?). Personagem da Revolução Federalista de 1893 no Rio Grande do Sul. Carrasco a serviço dos federalistas ou "maragatos", destacou-se no episódio conhecido como "Massacre do Rio Negro", quando foram executados trezentos prisioneiros das tropas governistas. Nesse episódio, teria utilizado várias técnicas de degola, forma de execução em que era exímio.

LATOUR, Malvina (c. 1836-?). Sacerdotisa do vodu em Nova Orleans, sucessora da célebre Marie Laveau*. Segundo G. W. Cable (1974), um assistente de uma cerimônia de vodu por ela presidida em 24 de junho de 1884, noite de são João, a descreveu como uma vibrante mulata de aproximadamente 48 anos, figura extremamente elegante e digna, com uma aparência que transmitia organização e inteligência.

LATUÁN. *Ver SAMÁ, Lorenzo.*

LAUAR, Tufic. *Ver MORENO, Raul.*

LAURA SEGUNDA, Motim da. Movimento sedicioso ocorrido em 10 de julho de 1839, no Ceará. Vinte e três tripulantes da barca Laura Segunda, todos escravos, amotinaram-se, desesperados com os maus-tratos sofridos a bordo. Liderados pelo escravo de nome Constantino, os amotinados lançaram ao mar todos os tripulantes brancos, à exceção de um que havia aderido ao motim. Em seguida, fugiram em direção a Aracati, tendo sido presos antes de alcançarem a cidade. Constantino e mais cinco de seus seguidores foram enforcados no dia 22 de outubro daquele ano na Praça dos Mártires, em Fortaleza.

LAURO, Paulo (1907-83). Político brasileiro nascido em Descalvado, SP, e falecido na capital do estado. Bacharel em Direito, foi prefeito de São Paulo no biênio 1947-48 e deputado federal em três legislaturas, nos anos de 1950 e 1960. De orientação conservadora, participou da criação do Partido Republicano Progressista (PRP) e filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena).

LAVAGEM DAS CONTAS. Ritual da tradição dos orixás jejes-nagôs no Brasil. Consiste na purificação dos colares rituais que já estão sendo ou serão usados pelo iniciando ou iniciado, por meio de um omi-eró* feito com as folhas do orixá a quem é consagrado, e antes de receber o sangue do sacrifício.

LAVAGEM DO BONFIM. *Ver BONFIM, Festa do.*

LAVEAU, Marie (1794-1881). Nome pelo qual foi conhecida a mais famosa dentre as “rainhas” do vodu em Nova Orleans, Estados Unidos. Segundo Jerah Johnson (1995), sob esse mesmo nome ficaram conhecidas mãe e filha. Ainda de acordo com esse autor, o túmulo no cemitério Saint Louis I – local em que os adeptos do vodu sempre renderam homenagens a

Marie Laveau – não seria o dela, que foi inumada no Saint Louis II. Nesse sepulcrário, há uma lápide que registra: “Família da viúva Paris, nascida Laveau. Aqui jaz Marie Philome Glapion, falecida em 2 de junho de 1897 aos 62 anos de idade”. Entretanto, a controvérsia parece terminar com o livro de Raymond J. Martinez, *Mysterious Marie Laveau* (1956). Segundo ele, Marie Laveau, mulata livre, nasceu em Nova Orleans em 1794; em 1819 casou-se com o carpinteiro Jacques Paris e, por volta de 1826, uniu-se ao capitão Christophe Duminy Glapion, homem de cor livre, com o qual teve quinze filhos. Por volta de 1829 trabalhava como cabeleireira para senhoras da elite de Nova Orleans, tornando-se popular entre elas por possuir poderes paranormais. Em 1855 ficou viúva de Glapion, tendo falecido em 1881. Conclui-se, então, que quem faleceu em 1897, aos 62 anos, foi a segunda Marie Laveau, a filha, nascida em 1835, do segundo matrimônio da “rainha”, e que se chamava na realidade Marie Philome Glapion. Controvérsias à parte, o nome Marie Laveau pertence a uma das maiores personalidades da vida de Nova Orleans e dos Estados Unidos em seu tempo.

LAVWAY. Em Dominica e em Trinidad, espécie de canção carnavalesca.

LAWA BEF. Espécie de aboio dos vaqueiros da Martinica.

LAWRENCE, Jacob [Armstead] (1917-2000). Pintor americano nascido em Atlantic City, Nova Jersey, e falecido em Seattle. Autor de quadros essencialmente narrativos, com figurações simples mas de intenso colorido, foi o mais aplaudido de todos os pintores afro-americanos do final do século XX. A partir da década de 1960, sua obra esteve profundamente envolvida com a militância pelos direitos civis.

LÉ. O menor dos três atabaques da orquestra ritual dos candomblés jejes-nagôs.

LE BLANC, Jean (?-1656). Líder rebelde dos escravos de Guadalupe. Nascido em Angola e trazido para as Américas em 1650, seis anos depois liderou um violento levante que visava massacrar todos os brancos, raptar suas mulheres e constituir dois reinos, um em Basse-Terre e outro em Capterre. Após doze dias de pilhagens e assassinatos, Le Blanc e seus seguidores foram finalmente dominados e executados.

LEADBELLY, Hudie (1885-1949). Pseudônimo de Hudson Leadbetter, cantor e guitarrista norte-americano nascido em Mooringsport, Louisiana, e falecido em Nova York. Discípulo de Blind Lemon Jefferson*, notabilizou-se pela versatilidade com que transitava por vários gêneros musicais, do blues aos spirituals e *work songs**. Sua vida foi turbulenta, tendo sido redescoberto, para o êxito artístico na prisão, na década de 1930.

LEAL, Libório Lázaro (século XVIII). Pintor e dourador brasileiro ativo em Pernambuco e Alagoas nos Setecentos. É o autor das pinturas nas abóbadas das igrejas de Nossa Senhora das Correntes e da Ordem Primeira do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, ambas em Penedo, AL, datadas de 1784.

LEAL, Manuel Faria. Pintor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1938, e radicado em Coelho da Rocha, município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense*. Filho de Paulo P. L.*, seu eixo temático gira em torno de cenas rurais nordestinas, ferroviárias e de guerra, bem como de estruturas de pontes e galpões fabris, executadas com o emprego acurado da perspectiva.

LEÃO, O AFRICANO (*c.* 1465-1550). Tradução portuguesa do nome latinizado Leo Africanus, pelo qual foi conhecido o viajante mouro Al-Hassan ibn Muhammad. Em uma de suas viagens, foi capturado e levado como escravo para Roma, onde se converteu ao catolicismo. É o autor de *Descrição da África* (1526), por muito tempo a principal fonte de conhecimento dos europeus sobre esse continente.

LEBÁ. O mesmo que Legbá*.

LEBÁ-COXÉ. No terreiro maranhense Casa de Fânti-Axânti*, nome do Exu que recebe o padê*.

LEBLON, Quilombo do. Reduto de escravos fugidos, mantido na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, pelo industrial português José de Seixas Magalhães, na parte alta do atual bairro da Gávea. Era um quilombo do tipo abolicionista. *Ver QUILOMBO ABOLICIONISTA.*

LEBLOND, Fabien (século XIX). Político nascido na Guiana Francesa. Mulato livre, engajou-se na luta pela derrubada das discriminações legais que separaram a *gens de couleur** dos brancos até 1830.

LECESNE, Louis Celeste (século XIX). Personagem histórico jamaicano. Filho de um francês fugitivo do Haiti com uma negra livre, em 1823, tendo sido acusado de fomentar uma rebelião de escravos e tido como estrangeiro, foi deportado para o Haiti. Em 1828 conseguiu anular o ato de deportação e retornar à Jamaica, além de obter indenização pelo erro judiciário.

LEE, [Shelton Jackson, dito] **Spike.** Diretor cinematográfico norte-americano, nascido em 1957 em Atlanta, Geórgia, filho do músico de jazz Bill Lee. Em 1985, com limitados recursos, escreveu, produziu, dirigiu e estrelou o filme (*Ela quer tudo – She's gotta have it*), premiado no Festival de Cannes. Em 1988, lançou *Lute pela coisa certa* (*School daze*); em 1989, *Faça a coisa certa* (*Do the right thing*); em 1990, *Mais e melhores blues* (*Mo' better blues*); em 1991, *Febre da selva* (*Jungle fever*), e em 1992, *Malcolm X*, cinebiografia do líder negro, protagonizada por Denzel Washington*. Todos esses filmes discutem problemas e contradições da comunidade afro-americana.

LEGAWU. Ente fantástico, espécie de lobisomem da tradição afro-jamaicana.

LEGBÁ. Entidade dos cultos de origem jeje, correspondente, em alguns aspectos, ao Exu nagô. Na mina maranhense, não intercede nos ritos de abertura, recebendo apenas água na porta da rua. Evita-se pronunciar seu nome e é saudado apenas com um cântico, entoado com a boca quase fechada, no início e no fim das cerimônias. Na mina, o papel de intermediário entre os vivos e os voduns é desempenhado não por ele, mas pelos toquéns*. No Haiti, alguns de seus aspectos ou qualidades são Legba Avardra, Legba Pié Cassé, descrito como tendo as pernas paralisadas, Legba Sé ou Attibon Legba. Do fongbé *Lêgba*. *Ver ELEGUÁ*.

LEGGAWUS. Em Trinidad e Tobago, correspondente masculino da *sukuyana**.

LEGIÃO DOS HENRIQUES. Unidade militar criada durante a Guerra da Independência na Bahia e constituído exclusivamente por negros crioulos. Seu nome é uma homenagem a Henrique Dias*. *Ver HENRIQUES, Regimento dos*.

LEGIÃO NEGRA DO BRASIL. Entidade dissidente da Frente Negra Brasileira*, criada por Joaquim Guaraná de Santana. Participou da Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, com um corpo misto de voluntários denominado Batalhão Henrique Dias.

LEGIÕES ROMANAS. Unidades de combate dos exércitos na Roma antiga, formadas por 3 mil a 6 mil soldados e divididas em grupos de cerca de quinhentos homens. Por incluírem número significativo de africanos, constituíram-se em um dos fatores responsáveis pela presença afronegra em toda a Europa.

LEGÍTIMA DEFESA. Emprego de meios disponíveis para resistir a agressão atual ou iminente, dentro dos limites da razão e da justiça natural. Luiz Gama* sustentava a tese de que o escravo que matasse seu senhor estaria cometendo um ato de legítima defesa.

LÉGITIMUS, Hégésippe (1868-1944). Político guadalupense nascido em Pointe-à-Pitre e falecido em L'Angle-sur-Lánglin, França. Filho de um pescador morto no mar, foi o fundador e líder do Partido dos Trabalhadores de Guadalupe, de orientação socialista. Em 1894 deu ao povo negro de sua terra a primeira vitória no processo eleitoral, elegendo-se para o Parlamento. Na tribuna ou escrevendo artigos para jornais, foi uma das grandes lideranças dos trabalhadores, até transferir-se para a França, em 1936.

LEGO-XAPANÃ. Orixá cultuado na Casa de Nagô*, em São Luís do Maranhão.

LÉGUA. Em cultos afro-amazônicos, elemento que compõe o nome de várias entidades integrantes do sistema nagô, da jurema e suas variantes, como, por exemplo, Légua-Buji-Buá* ou Légua-Buji-Buá-da-Trindade. De Legbá*. *Ver ELEGUÁ.*

LÉGUA-BUJI-BUÁ. Encantado dos terecôs* de Codó e dos cultos afro-amazônicos, filho de Pedro-Angaço e da rainha Rosa. Na Casa das Minas, é tido como um vodum cambinda e, nos terreiros-da-mata* maranhenses, é um Exu. Também, Légua-Buji-Buá-da-Trindade.

LEI-DE-PEMBA. Na umbanda, conjunto de pontos riscados com pemba [2]*.

LEILÃO DE ESCRAVOS. Venda em hasta pública, pelo maior lance, de indivíduos isolados ou de lotes de indivíduos escravizados. Um dos aspectos

mais horripilantes do tráfico de escravos, essa prática nefanda reduzia seres humanos a simples objetos; em todas as Américas, famílias eram desagregadas à força e crianças de colo eram arrancadas dos braços de seus pais.

LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO. A campanha abolicionista e, depois, a luta contra o racismo no Brasil produziram, além dos âmbitos provinciais, estaduais e municipais, um amplo repertório de leis federais, expresso resumidamente nos textos a seguir enunciados, em ordem alfabética. **Lei Afonso Arinos:** Nome pelo qual é conhecida a lei n. 1.390 de 3 de julho de 1951, incluindo entre as contravenções penais "os atos resultantes de preconceito de raça ou de cor". Sua promulgação deveu-se à grande repercussão de um ato de discriminação racial cometido, em 1950, em um hotel de São Paulo, contra as artistas norte-americanas Katherine Dunham* e Marian Anderson*. Seu texto foi modificado pela lei n. 7.437 de 20 de dezembro de 1985, sendo revogada pela Lei Caó. **Lei Áurea:** Nome pelo qual passou à posteridade a lei n. 3.353 de 13 de maio de 1888, que, com apenas um artigo, declarou extinta a escravidão no Brasil. **Lei Caó:** Nome pelo qual é conhecida a lei federal n. 7.716 de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor (*ver* CAÓ). **Lei Diogo Feijó:** Nome pelo qual é conhecida a lei brasileira de 7 de novembro de 1831, que declarou livres todos os escravos vindos de fora do Império e impôs penas aos seus importadores. Diogo Antônio Feijó era o ministro da Justiça do Império à época de sua promulgação. **Lei do Ventre Livre:** Nome pelo qual é conhecida a lei federal brasileira de 28 de setembro de 1871, que declarou livres os filhos nascidos, a partir daquela data, de mulheres escravas. É também referida como Lei Rio Branco. **Lei dos Sexagenários:** Nome pelo qual é conhecida a lei n. 3.270 de 28 de setembro de 1885, que determinou que se procedesse à matrícula dos escravos existentes em todo o Império do Brasil, excluindo-se os de mais de 60 anos. **Lei Eusébio de Queirós:** Nome pelo qual se tornou conhecida a lei n. 581 de 4 de setembro de 1850, que proibiu o tráfico de africanos para o Brasil. Durante sua vigência, entretanto, o tráfico interno de escravos permaneceu legal, até a Lei Áurea. Seu nome faz referência ao ministro da Justiça da época da promulgação.

Lei Rio Branco: Nome pelo qual também foi conhecida a Lei do Ventre Livre, em homenagem ao barão do Rio Branco, então na chefia do Poder Executivo. **Lei Saraiva-Cotegipe:** Nome pelo qual também foi referida a Lei dos Sexagenários. José Antônio Saraiva e o barão de Cotegipe foram conselheiros do Império que estiveram envolvidos em sua promulgação.

LEISDERDORF, William Alexander (1810-48). Financista e empresário natural de Saint Croix, Ilhas Virgens. Nascido livre, porém pobre, emigrou para o Sul dos Estados Unidos, onde se tornou um próspero comerciante de algodão na Louisiana. Em 1841, estabeleceu-se em São Francisco, consolidou sua posição financeira e adotou a cidadania mexicana. Quando de sua morte, era proprietário da maior fazenda da Califórnia.

LEITE, Francisco Glicério de Cerqueira. *Ver CERQUEIRA LEITE, Francisco Glicério de*.

LEITE, José [Benedito] **Correia** (1900-89). Militante negro brasileiro nascido e falecido em São Paulo, SP. Em 1924 fundou, com Jayme Aguiar, o jornal *O Clarim*, depois chamado *O Clarim da Alvorada*, que circulou até 1932 e do qual foi diretor responsável, redator, repórter e gráfico. Em 1931 integrou o conselho da Frente Negra Brasileira*, da qual logo se desligou, por divergências ideológicas. No ano seguinte, fundou o Clube Negro de Cultura Social*, entidade que funcionou até 1937 e para a qual editou a revista *Cultura*. Em 1945 participou da fundação da Associação dos Negros Brasileiros, pela qual editou, até 1948, o jornal *Alvorada*. Em 1956 assumiu a presidência do conselho da Associação Cultural do Negro*, exercida até 1965; em 1960, ajudou a fundar a revista *Níger*. Figura referencial do movimento negro brasileiro, colaborou em vários trabalhos científicos, como as pesquisas realizadas por Roger Bastide e Florestan Fernandes. No final da vida foi dedicado pintor de aquarelas.

LEITE, [Malaquias] **Permínio** (século XIX). Educador brasileiro nascido na Bahia. Foi, segundo Manuel Querino (1955), mestre-escola* de reconhecido valor e desenhista premiado.

LELÊ. Iguaria doce da culinária afro-baiana, alimento votivo de Iemanjá. Do iorubá *òlèlè*, espécie de pudim.

LELECUM. Condimento da culinária afro-brasileira. Do fongbé *lenlenkoun*, “pimenta”.

LELÊO. Pseudônimo de Sebastião Santana, sambista nascido no Rio de Janeiro em 1931. Membro da ala de compositores da Mangueira*, é coautor do antológico samba-enredo *Casa-grande e senzala*, de 1962.

LEMA, Ray. Músico zairense nascido em Lufu-Toto, em 1946, e radicado em Paris, França, desde 1983. Ex-diretor musical do balé nacional de seu país, é tecladista, guitarrista, compositor e arranjador de expressão vanguardista, sendo considerado um dos músicos mais inovadores da cena contemporânea.

LEMANE. Variante de limane*.

LEMBÁ. Representação de Oxalá nos candomblés bantos. De *Lemba*, divindade ambunda da procriação; inquice congo ligado à paz, à tranquilidade.

LEMBA-DILÊ. O mesmo que Lembá*.

LEMBARENGANGA. O mesmo que Lembá*.

LEMINSKI [Filho]**, Paulo** (1945-89). Escritor brasileiro nascido e falecido em Curitiba, PR. Poeta ligado ao grupo concretista de São Paulo, é autor de *Catatau* (romance, 1976), *Caprichos e relaxos* (1983), *Agora é que são elas* (romance, 1984) e *Distraídos venceremos* (1987). Publicou também poemas traduzidos e biografias, além de destacar-se como letrista da música popular. Com ancestrais poloneses e negros, considerava-se afrodescendente.

LÊMURES. Primatas da família dos lemurídeos, habitantes da ilha de Madagáscar e de ilhas próximas. Os nativos locais acreditam que os lêmures sejam a reencarnação de espíritos de ancestrais, razão pela qual são extremamente temidos.

LEMÚRIA. Continente legendário supostamente localizado, em tempos remotos, no oceano Índico, unindo a África oriental ao arquipélago indonésio. Teria sido o berço de uma grande civilização.

LEND-LAND. Em Tobago, o mesmo que o *day work** jamaicano.

LENOIR, J. B. (1929-67). *Bluesman* americano nascido em Monticello, Mississippi, e falecido em Champaign, Illinois. Registrado civilmente apenas com as iniciais "J. B.", segundo *La chanson mondiale* (1998), foi, na história do blues, um dos poucos músicos politicamente engajados. Seus registros

mais importantes são os instigantes *Alabama blues* e *Down in Mississippi*, gravados em 1965.

LEO AFRICANUS. *Ver LEÃO, O AFRICANO.*

LEÓN, Tania J. Musicista erudita cubana nascida em Havana, em 1943. Maestrina, compositora e pianista, foi uma das primeiras mulheres em todo o mundo a alcançar sucesso internacional como regente no campo da música de concerto.

LEONARD, "Sugar" Ray. Pugilista americano nascido em Wilmington, Carolina do Norte, em 1956. Dono de técnica e velocidade raras, foi, na categoria peso-médio, um dos grandes campeões (nas décadas de 1970 e 1980) da história do boxe americano.

LEÔNIDAS da Silva (1913-2004). Jogador de futebol brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em São Paulo, SP. Um dos maiores centroavantes brasileiros em todos os tempos, iniciou carreira no Bonsucesso Futebol Clube e atuou sucessivamente no Peñarol uruguaio, no Clube de Regatas Vasco da Gama, no Botafogo de Futebol e Regatas, no Clube de Regatas do Flamengo e no São Paulo Futebol Clube. Foi campeão carioca pelo Vasco, pelo Botafogo e pelo Flamengo e várias vezes campeão paulista, na década de 1940, além de artilheiro da Copa do Mundo de 1938, da qual foi a maior estrela. Veloz, técnico e elástico, tendo inclusive recebido o epíteto de "Homem de Borracha", foi o popularizador da "bicicleta", bela jogada acrobática do futebol. Também cognominado "Diamante Negro" (nome logo apropriado por uma famosa marca de chocolates, numa pioneira estratégia mercadológica), foi um dos primeiros grandes craques do futebol mundial e um símbolo desse esporte como arte e espetáculo. Fora dos gramados, foi comentarista esportivo até recolher-se a uma clínica geriátrica na capital de São Paulo, onde faleceu.

LEPON. Vodum masculino da família Dambirá*, filho mais velho de Acoci. Nas festas, fuma e usa bengala.

LÉRO, Etiénne (1910-39). Poeta nascido em Lamentin, Martinica, e falecido em Paris, França. Estudante na Sorbonne, fundou com outros compatriotas o jornal *Légitime Défense*, que logo se tornou o porta-voz do movimento da *négritude**. Como escritor, rejeitou violentamente o "humanitarismo hipócrita" imposto pela sociedade branca à sua ilha natal,

tentando resgatar os padrões da literatura tradicional e as tradições negras. Seus poemas foram publicados no seu jornal e em várias revistas literárias da época.

LES ÉTOILES. Dupla de cantores performáticos formada, em Barcelona, pelo carioca Rolando Faria e o paulista Luiz Antônio, em 1974. Estreou em Paris, no ano seguinte, com repertório acentuadamente brasileiro, e, em 1976, lançou seu primeiro LP, *Meu coração é um pandeiro*. Ao ganhar destaque pelo visual ousado, muitas vezes travestindo-se, a dupla apresentou-se em diversos espaços franceses, exibindo-se também nos Estados Unidos e no Brasil, com participação em uma das trupes itinerantes do Projeto Pixinguinha. Com vários discos lançados na década de 1980, o duo atuou até 2002, ano do falecimento de Luiz Antônio.

LESOTO, Reino de. Ex-Basutolândia, país encravado no centro-leste da África do Sul, com capital em Maseru, etnicamente composto, sobretudo, de basutos e ngunis. Sua história inscreve-se no cenário das migrações bantas em direção ao extremo sul do continente e dos confrontos daí resultantes, bem como das invasões bôeres no século XIX.

LESPÈS, Anthony (1907-78). Escritor haitiano. Profundamente interessado nas condições sociais e econômicas dos camponeses de seu país e defendendo o vigor das religiões africanas, escreveu *Les semences de la colère* (1949), *Compère general Soleil* (1955), *Les arbres musiciens* (1957), *L'espace d'un cillement* (1959) e *Romancero aux étoiles* (1960).

LESPRI. O mesmo que *ti bon ange**.

LESSA, Pedro [Augusto Carneiro] (1859-1921). Jurista e político brasileiro nascido em Serro, MG, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, onde mais tarde se tornou professor, foi chefe de polícia e deputado constituinte no estado. Nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal em 1907 e membro da Academia Brasileira de Letras três anos depois, destacou-se no campo da filosofia do direito, legando à posteridade vasta obra escrita. É referido como "mulato claro" em reportagem de Policarpo Júnior (2003) para a revista *Veja*.

LESSENGUE, João. *Ver JOÃO LESSENGUE*.

LEVANTE DE 1814. Rebelião escrava ocorrida em Salvador, BA, e incluída no rol das Revoltas dos Malês*. Entre seus líderes, contam-se o

escravo Francisco Cidade (inicialmente condenado à morte, depois a degredo na África) e sua companheira Francisca, tidos como "rei" e "rainha" do grupo sublevado. Em poder de Francisca, foram encontrados escritos em caracteres árabes. *Ver ISLÃ NEGRO [Malês – o islã negro no Brasil]*.

LEVANTES DE ESCRAVOS. O período escravista, em toda a Diáspora, foi pontilhado por uma infinidade de movimentos insurrecionais promovidos pela população escrava. No Haiti*, a rebeldia culminou em um movimento revolucionário de grandes proporções que levou à independência do país; em Cuba, foi particularmente famosa a Conspiração de La Escalera*; e, na Jamaica, a insurgência da comunidade *maroon** imprimiu novos rumos à história local. No Brasil, são particularmente notáveis os episódios que envolveram a confederação de Palmares*, em Pernambuco e Alagoas; a Revolta dos Malês*, na Bahia; o movimento do Preto Cosme*, no Maranhão; a insurreição de Manuel Congo*, no Rio de Janeiro; a Insurreição do Queimado*, no Espírito Santo etc. Ao longo desta obra, nas entradas referentes aos vários países e às unidades da federação brasileira, encontram-se registrados outros exemplos da atuação de escravos no que se refere à negação e à contestação da ordem escravista.

LEVÉ-FESSÉ. Luta ritual dos negros da Martinica.

LEWIN, Olive. Etnomusicóloga e pianista jamaicana, nascida em 1937. Formada no Reino Unido e, não obstante, pesquisadora sistemática das tradições de seu povo, foi diretora de arte e cultura do governo jamaicano e fundadora da Jamaica Orchestra for Youth.

LEWIS, Arthur (1915-91). Economista caribenho nascido em Castries, Santa Lúcia, e falecido em Bridgeport, Barbados. Ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1979, juntamente com o americano Theodore Schultz, foi o primeiro negro a receber a premiação fora da categoria "Paz", por mérito científico.

LEWIS, [Carlton McHinley, dito] **Carl.** Atleta americano nascido em Birmingham, Alabama, em 1961. Na Olimpíada de Los Angeles, em 1984, conquistou quatro medalhas de ouro. Na de Atlanta, em 1996, venceu a prova de salto em distância pela quarta vez consecutiva. Em 1997, depois de dezoito anos de carreira profissional, despediu-se das pistas, ostentando as

marcas históricas de onze recordes mundiais, nove medalhas de ouro em Olimpíadas e oito em campeonatos mundiais.

LEWIS, Edmonia (1845-90). Escultora americana nascida no estado de Nova York. Filha de uma índia com um negro livre, instruiu-se sob a proteção de militantes abolicionistas, tornando-se a primeira mulher negra reconhecida como artista plástica e escultora de méritos em seu país.

LEWIS, John [Aaron] (1920-2001). Músico americano nascido em La Grange, Illinois, criado em Albuquerque, Novo México, e falecido em Manhattan, Nova York. Pianista e arranjador da primeira banda de Dizzy Gillespie* na segunda metade dos anos de 1940, foi o fundador e líder do Modern Jazz Quartet*.

LÉWOZ. Em Guadalupe, conjunto de danças e cantos do *gwoka**, ritmados por tambores.

LEYVA, Pío (1917-2006). Nome artístico de Wilfredo Pascual, compositor e cantor cubano nascido em Morón e falecido em Havana. Autor de clássicos da música de seu país, tornou-se conhecido como “El Montunero de Cuba”, por sua grande e alegre capacidade de improvisar versos na tradição do *son montuno*. Cantor de voz personalíssima, integrou as orquestras de Benny Moré* e Noro Morales, entre outras, tendo viajado pelas Américas, Europa e África. Na década de 1990, foi um dos veteranos redescobertos pelo projeto Buena Vista Social Club*. *Ver MONTUNERO.*

LHÉRISSON, Justin (1872-1907). Escritor haitiano nascido e falecido em Porto Príncipe. Pertencente a uma geração de autores profundamente influenciada pelo terror da ocupação americana no Haiti, escreveu “La dessalinienne” (1903), poema que, musicado, se tornou o hino nacional de seu país. Publicou as novelas *La famille des Pitite-Caille* (1905) e *Zoune chez sa ninnaine* (1906).

LIAMBA. Variante de diamba*. Do quicongo *ly-amba*, “cânhamo indiano”.

LIAUTAUD, André (1906-51). Escritor haitiano, integrante do movimento literário criado em torno da *Revue Indigène*. *Ver HAITI, República do [A revolução na cultura].*

LIBAÇÃO. Ato de aspergir um líquido em honra de um antepassado ou divindade. Na África negra e na Diáspora, todos os atos litúrgicos se iniciam com esse tipo de rito propiciatório, derramando-se o líquido no chão ou

aspergindo-o, muitas vezes com um sopro, sobre a representação física ou os objetos simbólicos da entidade homenageada. *Ver DAR PRO SANTO.*

LIBAMBO. Cadeia de ferro à qual se atava, pelo pescoço, um grupo de escravos; por extensão, grupo de escravos. Do quimbundo *libambu*, "cadeia", "corrente de ferro". Variante: lubambu.

LIBERATOR, The. Jornal abolicionista, editado a partir de 1831 em Boston, Massachusetts, nos Estados Unidos, pelo escritor William Lloyd Garrison.

LIBERDADE [1]. Bairro da cidade de Salvador, BA, assim denominado na década de 1930. Com população predominantemente negra, num total de cerca de 130 mil habitantes em 1998, distinguiu-se por sediar, além de outras expressões, os blocos afro* Ilê Aiyê* e Muzenza*, bem como a representação do Movimento Negro Unificado*, constituindo-se, assim, em um símbolo positivo da cultura e da luta do povo afro-baiano.

LIBERDADE [2]. Conceito filosófico, social e político aplicado em várias acepções. Para os africanos e sua Diáspora, significa, antes de tudo, o oposto à escravidão, ou seja, a condição do indivíduo senhor de si mesmo, livre para se locomover e autodeterminar.

LIBERDADE CONDICIONAL. *Ver ALFORRIA.*

LIBERDADE, A. Jornal fundado em São Paulo em 1919. *Ver IMPRENSA NEGRA no Brasil.*

LIBÉRIA, República da. País da África ocidental, limitado ao norte pela Guiné, a leste pela Costa do Marfim, ao sul e a oeste pelo oceano Atlântico e a noroeste por Serra Leoa; sua capital é Monróvia. Os principais grupos étnicos africanos autóctones que compõem a população liberiana são os kpeles, bassas, krus e vais. Cerca de 3% da população descende dos fundadores da República, proclamada em 1847 após a imigração, iniciada na primeira metade do século XIX, de negros de diversas origens libertos nos Estados Unidos, por força da atuação das sociedades filantrópicas emancipadoras. Os descendentes desses colonizadores, fixados no litoral, teriam constituído a elite dirigente do país.

LIBERTÉ DE SAVANE **(Liberdade de savana).** Na América colonial francesa, denominação da condição em que ficavam os libertos que,

embora pudessem trabalhar fora, continuavam residindo na propriedade patriarcal, sob a autoridade do antigo proprietário.

LIBERTO. Escravo que passou à condição de livre. *Ver AFRICANOS LIVRES*; *ALFORRIA*.

LIBERTOS ENRIQUECIDOS NO MERCADO DE ESCRAVOS. *Ver D'ALMEIDA, Joaquim*; *OLIVEIRA, João de*.

LÍBIA, Grande Jamahiriya Árabe Popular Socialista da. País do Norte da África cuja população inclui grande número de berberes com fortes traços negroides. Limita-se ao sul por Chade e Níger, a sudeste pelo Sudão, a leste pelo Egito, a oeste pela Argélia, a noroeste pela Tunísia e ao norte pelo mar Mediterrâneo; sua capital é Trípoli.

LIBOLO. Variante de *lubolo**. Entre os congos cubanos, Libolo é o nome de um anãozinho fantástico que aparece à noite nas estradas e trilhas do mato.

LIBORISMO. *Ver MATEO, Liborio*.

LIÇÁ. Vodum masculino da família Quevioçô. No panteão das divindades daomeanas e nos cultos afro-americanos, é complemento e desdobramento de Mawu, criador de todas as coisas. Embora não sendo propriamente uma divindade andrógina, ora é visto como esposa, ora como filho de Mawu.

LICONGO. Nas antigas macumbas cariocas, entidade dos negros cambindas, associada a são Benedito. *Ver LIKONGO DE OIRO*.

LICUTAN, Pacífico (séculos XVIII-XIX). Líder malê na Bahia. Escravo de origem nagô, enrolador de fumo e alufá*, na ocasião do Levante de 1835 encontrava-se na prisão, arrestado em razão de dívidas contraídas por seu dono. Forte e audacioso, portou-se com altivez durante os interrogatórios, mas foi tomado de profunda depressão devido ao insucesso do movimento. Foi condenado a mil chibatadas em praça pública.

LIELE, George (*c.* 1750-1820). Líder religioso na Jamaica. Nascido escravo na Virgínia, Estados Unidos, ainda criança foi levado para a Geórgia. Já adulto, converteu-se ao cristianismo batista, sendo encorajado por seu patrão, um certo Sharp (daí ser também mencionado como "George Sharp"), a se tornar pregador. Com a morte do Sharp, por volta de 1780, Liele fundou, em Savannah, Geórgia, a First African Baptist Church (Primeira Igreja Batista Africana). Com a eclosão da Guerra da Independência dos Estados Unidos, emigrou em 1783 para a Jamaica, onde

construiu uma igreja e fundou o Native Baptist Movement, mencionado, hoje, como inspirador do rastafarianismo*. Entretanto, acusado de sedição, foi preso em 1794. Após ser libertado, mas com sua igreja desmantelada, tornou-se pregador itinerante. Em algumas fontes, que registram a ocorrência de sua morte em 1822, diz-se que nesse ano Liele teria visitado a Inglaterra, a convite da Baptist Mission.

LIKONGO DE OIRO. Localidade angolana onde, no século XVII, estava situado o presídio de Mbaka, estabelecimento militar português.

LILÍS. *Ver HEUREAUX, Ulíses*.

LIMA. Capital da República do Peru*, às margens do rio Rimac. *Ver CIDADES NEGRAS*.

LIMA, Clemente Estêvão de (século XIX). Revolucionário paraibano, participante do movimento de 1817 pela independência. Ex-escravo, foi anistiado em 1820, depois de cumprir pena em Salvador, BA.

LIMA, Ellen de. Nome artístico de Helenice Terezinha de Lima, cantora brasileira nascida em Salvador, BA, em 1938. Com carreira profissional iniciada em 1954, na rádio Mayrink Veiga, três anos depois foi contratada pela Nacional, onde se destacou como intérprete romântica.

LIMA, Jorge [Mateus] **de** (1895-1953). Poeta brasileiro nascido em União dos Palmares, AL, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Autor de alentada obra poética, na qual se incluem diversos poemas de inspiração afro-brasileira, como o famoso "Essa negra Fulô", é descrito como mulato por Arthur Ramos (1956) em *O negro na civilização brasileira*. Sobre o contexto histórico e étnico de seu nascimento e sua infância, o crítico Léo Schlafman, no posfácio da edição de relançamento do romance *Guerra dentro do beco* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997), assim escreveu: "O mulato Jorge de Lima era católico, cantor da negritude, poeta, prosador, crítico, pintor, escultor, médico e político. Foi educado [...] no clima multirracial do Nordeste, entre mães negras, feitiçaria [...]. A poucos quilômetros do sobrado onde nasceu [...] fica a serra da Barriga, onde Zumbi fundou o histórico quilombo. Jorge de Lima admirava e temia a serra, tantas as lendas, assombrações, histórias terrificantes que a respeito se contavam". Segundo Nascimento (1980), em determinada oportunidade, teria solicitado a um editor argentino (provavelmente Emilio Ballagas, organizador de *Mapa de la*

poesía negra americana, de 1946, antologia na qual figura com o poema "Essa negra Fulô") que não o qualificasse como "poeta negro". Aderindo em 1925 ao modernismo, sua poesia começa a destacar-se, entre outras características, pela recorrente abordagem da temática afronegra, expressa em textos permeados de africanismos, como em "Serra da Barriga", "Comidas", "Madorna de Iaiá", e nos *Poemas negros*, de 1947 ("Quichímbi, sereia negra"; "Benedito Calunga"; "Passarinho cantando"; "Exu comeu tarubá"; "Ancila negra"; "Obambá é batizado"; "Quando ele vem"; "Xangô").

LIMA, Symphronio Olympio dos Santos (século XIX). Capitão-médico baiano mencionado por Manuel Querino em *A raça africana e os seus costumes* (1955). Integrante do Corpo de Saúde do Exército, faleceu servindo na guarnição de Mato Grosso, durante a Guerra do Paraguai*.

LIMA, Téo. Nome artístico de Teófilo Pereira de Lima, baterista brasileiro nascido em Maceió, AL, em 1943. Músico com experiência internacional, acompanha importantes intérpretes da música popular brasileira, como Djavan*, Martinho da Vila*, Ivan Lins e outros. Em 1991 fundou o conjunto vocal e instrumental Batacotô, de proposta afrocêntrica, com estilo próximo ao dos grupos do *African pop**.

LIMA, [José] **Vicente** (século XX). Escritor e militante negro radicado em Recife, PE. Um dos fundadores, em 1937, da Frente Negra de Pernambuco e do Centro Cultural Afro-Brasileiro, escreveu, entre outras obras, *Xangô* (1937), um bem documentado estudo sobre a cultura africana, e um ensaio sobre a poesia de Solano Trindade, publicado em 1941.

LIMA, Vitória Brasília de Souza. Comandante militar brasileira nascida por volta de 1947, em São Paulo. Com carreira iniciada em 1969, formou-se em Direito e, no final dos anos de 1990, no posto de coronela, assumiu o comando do regimento feminino da Polícia Militar do estado de São Paulo.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de (1881-1922). Escritor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Considerado um dos mais representativos escritores brasileiros da crítica social urbana, retratou em seus romances, contos e crônicas a sociedade da época, denunciando o racismo e as injustiças sociais e captando com ironia e amargura, mas

sempre magistralmente, a vida carioca. Fiel às suas origens étnicas e de classe e contrário ao colonialismo cultural, foi rejeitado pelo mundo literário, alcançando reconhecimento somente após sua morte. Suas obras principais são *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (romance, 1909), *Numa e a ninfa* (romance satírico, 1915), *O triste fim de Policarpo Quaresma* (sua obra-prima, 1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (romance, 1919) e *Clara dos Anjos* (novela inacabada, 1922). Deixou, ainda, artigos e crônicas enfeixados em coletâneas, além de um *Diário íntimo*, escrito entre 1903 e 1921, e sua *Correspondência*, publicada em dois volumes (1956).

Lima Barreto

LIMA E SILVA, Francisco de (1785-1853). Político e militar brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Pai do duque de Caxias, foi marechal de campo e integrou a regência trina provisória formada em 1831, após a abdicação de dom Pedro I. Foi mencionado como "homem de cor" pelo conde de Saint-Priest, ministro francês, citado por Mary Karash (1987). Alberto Rangel, citado por Gilberto Freyre (1951) em *Sobrados e mucambos*, o tipifica como "mulatão de chapéu armado e esporas de estribeiro, revoltado e exagerado".

LIMANE. Alto dignitário do culto malê. Do hauçá *liman*, "sacerdote". Também, limano.

LIMBO. Dança de Trinidad e da Jamaica, talvez originária do *masumba*, jogo outrora praticado pelos *maroons* jamaicanos. Alcançou certa popularidade internacional no final da década de 1950, na voga do calipso*. Em crenças tradicionais de alguns povos congos, registra-se uma dança guerreira na qual os praticantes, em fila, tinham de passar sob um fio esticado a trinta centímetros do solo sem tocá-lo. Aquele que o roçasse não

deveria ir para o combate, pois essa circunstância encerraria um presságio negativo.

LIMEIRA, José Carlos [Marinho]. Poeta brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1951. Publicou, entre outros livros, *Arco-íris negro* (1979) e *Atabaques e quilombos* (1980), em parceria com Éle Semog*. É mencionado no livro *Axé: antologia contemporânea da poesia negra brasileira*, organizado por Paulo Colina (1982).

LIMEIRA, (José, dito) **Zé** (1886-1954). Cantador nordestino nascido em Teixeira, PB. Conhecido como "o poeta do absurdo", notabilizou-se pelos versos irreverentes, iconoclastas e aparentemente sem sentido que entoava com sua originalidade surrealista. Retratado no livro *Limeira, o poeta do absurdo*, de Orlando Tejo (1978), é descrito pelo antropólogo Marco Aurélio Luz (em *Do tronco ao Opa Exim*, 2002, p. 137) como "poeta negro, íntegro, ciente de sua identidade".

LIMO DA COSTA. O mesmo que ori [2]*, elemento que integra o assentamento de Oxalá*. O vocábulo "limo", nessa acepção, parece ter origem no fongbé *limu*, "manteiga de carité".

LIMOEIRO. Quilombo maranhense, destruído por volta de 1878.

LIMÓN. Província litorânea da Costa Rica, onde se concentra a população negra. Sem ligação com a capital, San José, até 1968, permaneceu geográfica e socialmente isolada do resto do país durante longo tempo.

LIMPAR O SANGUE. *Ver MESTIÇAGEM [Mestiçagem programada].*

LINCOLN UNIVERSITY. *Ver ASHMUN INSTITUTE.*

LINCOLN, Abbey. Nome artístico de Anna Marie Wooldridge, cantora americana nascida em Chicago, Illinois, em 1940. Com carreira profissional iniciada na infância, chegou a trabalhar também como atriz cinematográfica. Como cantora de jazz, foi elogiada por músicos como Coleman Hawkins*, Benny Carter* e Charlie Mingus*; este último a colocava no mesmo patamar de Billie Holiday*.

LINDY HOP. O mesmo que jitterbug*.

LINGALA. Língua do grupo banto falada no Congo-Kinshasa (ex-Zaire) e que serve como língua veicular em diversas áreas da África central.

LÍNGUA DE PRETO. No Brasil, expressão que significa "falar engrolado", "algaravia", usada em referência ao português estropiado falado pelos negros

africanos. A forma foi utilizada como recurso literário e dramático em textos antigos, como o do famoso "Lundu de Pai João"; também serviu de motivo para a composição de um conhecido choro do repertório do bandolim, de execução complexa, composto por Honorino Lopes e justamente denominado *Língua de preto*.

LÍNGUA GERAL DE MINA. Denominação atribuída pelos portugueses ao fongbé* (ou ewe-fon), língua falada pelos escravos daomeanos em Minas Gerais no século XVIII. As observações no que concerne a essa língua foram feitas na antiga freguesia de São Bartolomeu, próximo a Vila Rica, e seus estudos foram objeto do livro *Obra nova da língua geral de Mina*, escrito em 1741 por António da Costa Peixoto.

LÍNGUA-DE-GALINHA (*Sida linifolia*). Planta da família das malváceas, usada em rituais de religiões afro-brasileiras.

LÍNGUA-DE-MULATA. Doce de pasta de abóbora e açúcar; biscoito de farinha de trigo e coco; peixe da família dos cinoglossídeos, espécie de linguado.

LÍNGUAS AFRICANAS. As línguas africanas são em geral classificadas segundo fatores geográficos ou estritamente linguísticos. Ao primeiro tipo pertence a categorização de J. H. Greenberg, que as divide em quatro famílias: congo-cordofaniana; nilo-saariana; afro-asiática e khoisan. Na primeira família incluem-se as línguas faladas de Dacar, no Senegal, a Mombaça, no Quênia, e Cidade do Cabo, na África do Sul – que são as que nos interessam ao âmbito desta obra. Albert Drexel estabeleceu outra classificação das línguas da África negra, dividindo-as em três grandes famílias: sudanesa, banta e bantuídea. **Nas Américas:** As línguas africanas de maior impacto nos falares negros das Américas foram sobretudo o quicongo, o quimbundo, o umbundo, o quioco, o lunda (Congo, Angola); o iorubá, o ewe, o fongbé, o hauçá, o tapa, o canúri (Nigéria, Benin, Togo); o suaíle, o macua, o xona (Tanzânia, Moçambique); o mandinga, o bambara, o uolofe (Senegal, Gâmbia, Mali); as do grupo acã (Gana). No entanto, de acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss *et al.*, 2001), a mistura de línguas africanas começava já no continente de origem, nos entrepostos de escravos, e se completava nas Américas, onde os cativos de mesma origem eram, em geral, separados para não formar grupos

etnolinguísticos homogêneos e definidos. Essa estratégia foi utilizada até a primeira metade do século XIX, tornando-se impraticável com a decretação da ilegalidade do tráfico, o que talvez explique a dificuldade em determinar a exata origem etimológica de incontáveis africanismos incorporados ao português e a outras línguas europeias nas Américas, à exceção daqueles empréstimos de ocorrência mais recente e localizada, como os do iorubá na Bahia. **No Brasil:** Uma das formas de racismo antinegro mais arraigadas na alma brasileira é aquela que procura reduzir todas as línguas africanas à condição de "dialetos", o que não corresponde à realidade. Foram, com efeito, línguas africanas, e não apenas variantes dialetais, um dos principais elementos responsáveis por alterar, de forma intensa, o português falado no Brasil, tornando-o, aí sim, uma variante do que se fala em Portugal. No contexto da presença afronegra em terras brasileiras, verifica-se a ascendência das culturas bantas, sobretudo por intermédio de falantes do quicongo, do umbundo e do quimbundo. Essa predominância linguística se faz notar pelos milhares de bantuísmos introduzidos no português do Brasil, nem todos dicionarizados, com grande parcela deles sendo detectada nos vocabulários regionais ou da linguagem popular de alguns pontos do país. No final da década de 1920, o filólogo Aires da Mata Machado Filho tomou contato, em São João da Chapada, município de Diamantina, MG, com a "língua de Benguela", e elaborou um vocabulário composto de cerca de 150 palavras. João Dornas Filho, cerca de dez anos depois, faria o mesmo com a "undaca de quimbundo", no povoado de Catumba, município de Itaúna, MG, arrolando em torno de duzentas palavras e expressões. No mesmo estado, em Patrocínio, no final da década de 1970, fez-se o registro do "calunga", e, nas proximidades da cidade de São Paulo, os antropólogos Peter Fry e Carlos Voigt realizaram um levantamento da "cucópia", língua da comunidade de Cafundó*. Todos os conjuntos de palavras registrados denunciam forte presença de étimos do grande grupo linguístico banto. No ano de 1996, o autor desta *Enciclopédia* publicava o *Dicionário banto do Brasil*, vasto repertório etimológico de vocábulos de comprovada ou suposta procedência banta, revisto, ampliado e publicado com o título *Novo dicionário banto do Brasil*, em 2003. Com relação aos africanismos originários de línguas sudanesas, pode-se dizer que no Brasil, de modo geral,

restringem-se aos de procedência iorubana ou jeje, cuja presença é bem menos significativa que a dos bantuísmos, apesar da grande visibilidade que a cultura afro-baiana lhes confere. No vocabulário do português falado no Brasil, os termos da origem sudanesa estão mais restritos às práticas e utensílios ligados à tradição dos orixás, como a música, a descrição dos trajes e a culinária. Observe-se, finalmente, como destaca Mazrui (1986), que, durante o escravismo, na falta de uma língua comum, para melhor organizar o trabalho escravo, os senhores impuseram as suas. Mas os africanos, utilizando essas línguas como instrumento de reforço da solidariedade e da identidade de seu grupo, acabaram por colocar nelas sua marca. Assim foi que nasceram os vários falares, pidgins e dialetos africanos nas Américas. *Ver AFRICANISMO*; *BANTO*; *BANTUÍSMO*; *CRIOULO*; *DESAFRICANIZAÇÃO*; *DIALETO*; *GULLAH*; *IORUBÁS [A Diáspora Iorubana no Brasil]*; *SUDANÊS*.

LINHA DE COR. Barreira social, criada em face de costumes, leis ou diferenças econômicas para separar os brancos dos não brancos. A expressão corresponde ao inglês *color line*.

LINS, Paulo. Escritor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1958. Informante da antropóloga Alba Zaluar no projeto "Crime e criminalidade nas classes populares", escreveu, motivado por esse trabalho e baseado em sua vivência de favelado, o aplaudido romance *Cidade de Deus*, publicado em 1997 e transformado em filme em 2002 com grande sucesso de crítica e público. Em 1998, colaborou com o cineasta Cacá Diegues na elaboração dos diálogos do filme *Orfeu*, baseado no *Orfeu da Conceição** de Vinicius de Moraes.

Paulo Lins

LIQUÁQUA. Na cabula*, designação do ato de bater palmas. Do quimbundo *lukuaku*, "mão".

LIRA, Manuel Faustino dos Santos (1782-99). Revolucionário brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Alfaiate, ex-escravo, vivendo na casa da madrinha, Maria Francisca da Conceição e Aragão, foi, com apenas 16 anos de idade, um dos principais envolvidos na Conjuração Baiana de 1798, ou Revolução dos Alfaiates*. Enforcado em praça pública, seu corpo foi esquartejado e exposto em vários pontos da capital baiana.

LISBOA, Irmãos (século XIX). Nome pelo qual são mencionados por Gilberto Freyre (1974), em *Ordem e progresso*, os irmãos Cândido, violonista, e Joaquim, flautista, famosos músicos amadores no Recife do final dos Oitocentos. Além de músicos, ambos eram, segundo o mesmo autor, bacharéis em Direito e "bem escuros".

LISTON, Melba (1926-99). Trombonista e arranjadora americana nascida em Kansas City, Missouri, mas radicada desde o primeiro ano de vida na Califórnia, onde faleceu. Uma das poucas mulheres trombonistas da história do jazz, iniciou seus estudos aos 11 anos de idade, tendo tocado com grandes nomes do gênero, como Dizzy Gillespie*, Count Basie*, Duke Ellington*, Charlie Parker* etc.

LISTON, Sonny (1927-70). Nome pelo qual foi conhecido Charles Liston, pugilista americano. Ex-presidiário e analfabeto, em 1962 conquistou o título mundial dos pesos-pesados, ao derrotar Floyd Patterson*, perdendo-o, mais tarde, para Cassius Clay (que passaria a se chamar Muhammad Ali*). Envolvido com a máfia e desprezado pelas organizações negras, morreu em circunstâncias nebulosas, talvez assassinado pelo crime organizado.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA. Para alguns teóricos, a literatura é uma expressão que usa necessariamente códigos ocidentais, sendo que, para ser vista como tal, necessitaria do reconhecimento de instituições como a escola e os círculos de leitura. Por essa razão, para que a literatura contemporaneamente produzida por escritores negros no Brasil pudesse ser de fato considerada uma literatura específica, diferenciada, seria necessário propor uma nova estética, capaz de romper os limites "ocidentalizantes", qualificados como essenciais segundo esses teóricos. Em contrapartida, há aqueles que acreditam que tal rompimento residiria na denúncia e no enfrentamento do racismo, consubstanciando, pelo uso dessa temática, uma

proposta estética em si. **Atitudes literárias:** Em seu clássico estudo sobre a poesia afro-brasileira, Roger Bastide (1943) chama a atenção para o fato de que, nos Estados Unidos, alguns poetas agregaram à literatura erudita formas e conteúdos tradicionais, originados dos cantos rituais e de trabalho dos negros; no Brasil, pela ausência de separatismo explícito entre negros e brancos, tal fato não teria ocorrido. Mesmo assim, lembra o autor, pretos e mulatos não deixaram de enriquecer a literatura feita no Brasil, imprimindo-lhe "a marca de seus desejos, de suas aspirações ou de seus sofrimentos, cantando sua alma, suas paixões e seus amores" (p. 17). As diversas atitudes que os literatos afrodescendentes assumiram através dos tempos no Brasil enquadram-se nas estratégias, listadas por C. L. Innes (conforme David Brookshaw, 1983), que foram adotadas pelos intelectuais nas colônias diante da opressão colonizadora: 1) a dos que ocultam sua identidade e procuram fazer valer sua aptidão na arte da escrita; 2) a dos que escrevem como nativos que são, utilizando as formas de sua tradição, mas com humor e simpática ternura; 3) a dos que protestam abertamente contra a opressão, por meio do emprego das formas de expressão do próprio colonizador. No primeiro caso, o crítico inglês David Brookshaw inclui Machado de Assis* ("criador de uma obra literária totalmente divorciada de suas origens raciais"), Cruz e Souza* (cujas referências às origens africanas seriam "camufladas por uma floresta de símbolos") e Tobias Barreto* ("cujo escape intelectual das origens raciais era manifestado por seu grande interesse pela filosofia e cultura alemã"). O segundo caso seria exemplificado por Caldas Barbosa*, e o último, por Luiz Gama*. **Literatura de militância:** Dois marcos desse tipo de literatura seriam a carta escrita em 1650 por Henrique Dias* ao rei de Portugal, em que reivindicava melhor tratamento do que aquele que recebia dos brancos no Brasil, e os lundus de Caldas Barbosa. Mas o grande pioneiro da literatura produzida por autores negros e explicitamente engajada na luta contra o racismo foi Luiz Gama, autor do célebre poema satírico "A bodarrada" ou "Quem sou eu?". Depois de sua obra, alguns romances de Lima Barreto* – principalmente *Clara dos Anjos*, de 1922 – também podem ser vistos dentro dessa perspectiva. No século XX, contudo, o posicionamento realmente contestador do racismo por um autor negro deu-se de fato com a publicação de *O canto do cisne preto*,

primeiro livro do poeta paulista Lino Guedes*, de 1926. A partir daí, paralelamente aos textos sobretudo teatrais produzidos por Abdias do Nascimento* e pelos autores ligados ao Teatro Experimental do Negro*, surgiram Solano Trindade* (*Poemas de uma vida simples*, 1944), Oswaldo de Camargo* (*Um homem tenta ser anjo*, 1959) e Eduardo de Oliveira* (*Além do pó*, 1958). Além desses nomes, Oliveira Silveira*, Adão Ventura*, Geni Guimarães*, Paulo Colina*, Cuti*, José Carlos Limeira*, Éle Semog*, Salgado Maranhão*, Arnaldo Xavier*, Lepê Correia e Elisa Lucinda*, assim como os escritores ligados aos movimentos Quilombhoje*, em São Paulo, Negrícia*, no Rio de Janeiro, e Gens*, em Salvador, compõem parte do grande painel da literatura afro-brasileira no início do século XXI. **Os Cadernos Negros:** Publicados desde 1978, em São Paulo, os Cadernos Negros, uma criação da entidade Quilombhoje*, constituem uma série de antologias de poemas e contos, contemplando autores de várias partes do país. No primeiro volume da série, oito poetas dividiram os custos da edição, tendo contra si as naturais dificuldades de distribuição; mesmo assim, no ano seguinte, lançava-se outro volume, até que se estabelecesse a média de um lançamento por ano, com a publicação alternada de um volume de prosa e um de poesia. Com o tempo, o esquema de distribuição foi-se aprimorando, o que fez dos Cadernos, iniciativa única no mercado nacional, importante veículo de visibilização da literatura afro-brasileira.

LITERATURA TRADICIONAL NEGRO-AFRICANA. Define-se como literatura oral o conjunto de manifestações literárias de uma sociedade ou civilização preservado por meio da palavra falada ou cantada. Na literatura produzida na vasta área subsaariana do continente africano, distingue-se da literatura escrita em línguas europeias uma outra, de tradição oral, feita em línguas nativas. Esta é, evidentemente, a mais antiga, a mais completa e a mais importante. Transmitida fielmente através dos séculos, por gerações de intérpretes, como os *griots** e *djelis* da África ocidental, compreende todos os gêneros e aborda todos os assuntos, envolvendo, por exemplo, mitos cosmogônicos; romances de aventuras; cantos rituais; poesia épica, cortesã, fúnebre e guerreira; gestas de amor e cavalaria; provérbios e adivinhas. **Fábulas e contos:** Além dos vários gêneros que abrange, a literatura tradicional africana compreende também fábulas e contos permeados de

humor e sutileza. Leo Frobenius (em *El Decamerón negro**), sábio alemão amigo da África, chama a atenção para o fato de que os personagens das fábulas europeias são maniqueístas, representando invariavelmente a astúcia ou a estupidez. Nas fábulas africanas, segundo ele, isso não ocorre; nelas, os animais se revestem de todas as qualidades e instintos humanos, chegando a exercer atividades peculiares ao homem: fumam, trabalham a terra, fazem cerveja, transportam cargas, mostrando-se, em suma, tal qual os representantes da espécie humana.

LITTLE JAZZ. Apelido pelo qual foi conhecido o trompetista americano Roy Eldridge*.

LITTLE RICHARD. Nome artístico de Richard Wayne Penniman, pianista, compositor e cantor americano nascido em Macon, Geórgia, em 1932. Como inúmeros outros músicos afro-americanos, iniciou sua trajetória na igreja de sua comunidade e com apenas 16 anos já estava gravando blues para o selo Peacock, do grupo RCA. Seu ingresso definitivo no mercado fonográfico veio, porém, em 1955, com a canção *Tutti frutti*. Criador de sucessos como *Good Golly, Miss Molly*, *Long Tall Sally*, *Lucille* e *She's got it*, sua explosão representou o ponto mais alto do rock-and-roll, e com seu frenético estilo de interpretar o rhythm-and-blues, como ele realmente é, não fez nenhuma concessão ao comercialismo. Em 1957, abandonou o show business, voltou à igreja e dedicou-se ao gospel, mas em 1962 já estava de volta aos palcos, para colher os frutos que ele próprio semeara, ao lado agora de ídolos como Elvis Presley, Beatles e Rolling Stones, para os quais representou, juntamente com Chuck Berry*, a grande influência e o ponto de partida. Algumas fontes datam seu nascimento em 1935.

LITTLE ROCK. Cidade americana, capital do estado de Arkansas. Em 1957 e 1958 foi palco de graves distúrbios, motivados pela política federal de segregação nas escolas. Em 25 de setembro de 1957, nove estudantes negros (Jefferson Thomas, Ernest Green, Melba Patillo Beals, Elizabeth Eckford, Minnijean Brown Trickey, Carlotta Walls LaNier, Terence Roberts, Gloria Ray Karlmark e Thelma Mothershed-Wair), após obterem na Justiça o direito de frequentar a Central High School, atravessaram o pátio de entrada da escola, protegidos pela polícia, mas receberam insultos violentos de estudantes inconformados, contrários à integração. O incidente

constituiu-se num marco da luta dos negros pelos seus direitos civis. A partir desse episódio, esses jovens ficaram conhecidos como “Os Nove de Little Rock”.

LITTLE STEPHEN. Forma pela qual é também mencionado o explorador Estêvão*.

LITTLE WALTER (1930-68). Nome artístico de Marion Walter Jacobs, músico americano nascido em Marksville, Louisiana, e falecido em Chicago, Illinois. Gaitista refinado e um dos definidores do blues ao estilo Chicago, alçou seu instrumento, eletricamente amplificado, à nobre altura dos saxofones e clarinetes. Entretanto, com trajetória marcada por alcoolismo e violência, morreu assassinado antes de completar 38 anos de idade.

LOÁ. Denominação de cada uma das principais entidades espirituais do vodu haitiano e do *Shango cult** de Trinidad e Tobago.

LOBO. Em Chiapas, México, denominação dada ao mestiço de negro com índio.

LOBO, [Gabriel Eusébio dos Santos, dito] **Ari** (1930-80). Compositor e cantor brasileiro nascido em Belém, PA, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos maiores criadores da música regional nordestina, é coautor de clássicos do gênero, como *Último pau de arara*, *Vendedor de caranguejo* e *Paulo Afonso*, estas últimas em parceria com Gordurinha*.

LOBO DE MESQUITA, José Joaquim Emérico (1756-1805). Músico brasileiro nascido em Serro Frio, MG, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. À época da Inconfidência Mineira, era alferes e organista da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Diamantina, função que exercia também na Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio. Autor de uma famosa *Antífona de Nossa Senhora*, entre outras obras, segundo Nelson Werneck Sodré (1977) sua desenvoltura técnica de composição e a familiaridade com os mestres europeus, principalmente os sinfonistas italianos, até hoje surpreendem os estudiosos. *Ver BARROCO MINEIRO.*

LOCKE, Alain [Leroy] (1886-1954). Pensador e educador americano nascido na Filadélfia e falecido em Nova York. Formou-se em Filosofia pela Universidade de Oxford e pós-graduou-se nas universidades de Berlim e Harvard. Na Universidade Howard, atuou como professor e pesquisador. Em 1934 fundou a Associates in Negro Folk Education. Autor de vasta obra

publicada, escreveu, entre outros livros, *Race contacts and inter-racial relations* (1916) e *The new negro: an interpretation* (1925), obra que celebra a transformação inicial da vida dos negros norte-americanos ("florescimento dramático de um novo espírito racial") e que apresentou à América as bases do movimento conhecido como Harlem Renaissance*.

LOCO. Vodum masculino da família de Quevioçô*, correspondente ao Iroco* dos nagôs. No Haiti, alguns de seus aspectos ou qualidades são: Loko Atisso, Loko Bassiyé, Loko Dahomé, Loko Daï Pré, Loko Dainzo, Loko Tokamiwezo. Do fongbé *Lôkô*, nome da árvore *Chlorophora excelsa* (iroco).

LOGOZOÉ. Denominação da tartaruga entre os antigos jejes da Bahia. Do fongbé *lôgôzô*.

LOGUM. Interjeição de saudação a Logum Edé*; forma reduzida do nome desse orixá.

LOGUM EDÉ. Orixá da tradição ijexá*, ligado aos elementos terra e água e cujo domínio são os rios, as cachoeiras e as matas. Filho de Inlê*, ou Ibualama, e Ieiê Pandá*, uma qualidade de Oxum*, Logum Edé reúne as naturezas do pai e da mãe, sendo, segundo a mitologia mais difundida, um jovem caçador durante seis meses, e, nos outros seis, uma bela ninfa dos rios. Há ainda outros mitos, de acordo com os quais sua natureza dupla não envolveria divisão sexual, e sim a particularidade de viver seis meses sobre a terra, obtendo seu alimento por meio da caça, e, nos seis meses restantes, sob as águas de um rio, alimentando-se de peixes. Para alguns iorubanos, Logum Edé ora é filho de Oxum, ora é seu mensageiro, pois há grande ligação entre ambos. Em alguns locais de culto africano, é tido como a complementação de Oxum, o que mostra a intensidade da relação entre ele e seu princípio genitor feminino – outra evidência está na existência de uma qualidade de Oxum chamada *Osun Logun*. As insígnias e ferramentas que o simbolizam são, principalmente, o ofá* e o iruquerê*, e suas cores simbólicas, o amarelo-ouro e o azul-turquesa. Na Nigéria, segundo Pierre Verger (1981), *Lógunède* é o orixá patrono da localidade de Ilexá, onde seu culto, por volta dos anos de 1930, parecia já em decadência, em contraste com o Brasil, onde experimentou significativo incremento desde pelo menos a década de 1970. Seu nome pode estar ligado a Ede, cidade nigeriana a sudoeste de Oshogbo*, numa provável construção "Ológun Ede", com o

significado de "o feiticeiro de Ede". Observe-se que, em iorubá, o vocábulo *ologun* é também usado como título de soberania. Quanto à grafia do nome, a forma "Logunedé" é a proposta por Verger (1981). Entretanto, adotamos a aqui consignada em atenção às normas ortográficas vigentes no Brasil para os nomes de origem africana, como expresso na grafia consagrada, primeiro, do nome "Ogum*". *Ver MANGABEIRA, Eduardo Antônio*.

LOGUN-EDÉ. O mesmo que Logum Edé*. Também, Logunedé.

LOKO. O mesmo que Loco*.

LOKO PADÊ. Orixá cultuado no terreiro da Casa Branca do Engenho Velho*, em Salvador, BA.

LOLO. Antigo tratamento afetuoso, correspondente ao brasileiro "ioiô*", com que, em Cuba, as mulheres negras costumavam dirigir-se aos homens.

LOMAX, Louis (1922-70). Jornalista, escritor e militante pelos direitos civis nos Estados Unidos, falecido próximo a Santa Rosa, Novo México. Segundo algumas versões, foi, em 1959, o primeiro jornalista negro a aparecer (em frente às câmeras) na tevê americana. Colaborador dos jornais *Freedom Ways* e *The Liberator*, é autor, entre outros trabalhos, de *When the word is given* (1963), biografia de Malcolm X*, e do ensaio jornalístico e histórico "Road to Mississippi", incluído no volume *Mississippi eyewitness*, edição especial da *Ramparts Magazine*, datada de 1964. Sua morte deu-se em um suspeito acidente automobilístico.

LÓMBALO. Entre os congos cubanos, divindade do mar, mais forte que Kalunga; é a tormenta que agiganta as ondas e provoca as ressacas. *Ver CALUNGA*.

LOMBARD, Juan (séculos XIX-XX). Líder rebelde cubano, chefiou o levante ocorrido em Sagua la Grande em 20 de maio de 1912, em protesto contra a extinção do Partido Independiente de Color.

LOMBOAMUÍLA. Entre os congos cubanos, divindade dos quatro ventos e da tormenta, comparável ao Orula* dos iorubanos e associada a são Francisco. *Ver LÓMBALO*.

LONÃ. Um dos nomes de Exu. Do iorubá *oló*, "dono" + *ona*, "caminho", "estrada".

LONGA. Tambor africano, outrora usado em Portugal, equivalente a um pequeno tantã (conforme Mário de Andrade, 1989). Provavelmente do

quicongo *longa*, “bacia”.

LONGOBÁ. Denominação cubana de certo povo africano aparentado aos *gangás*. *Ver* GANGÁ *[2]*.

LOPES (1911-96). Nome pelo qual foi conhecido José dos Santos Lopes, jogador brasileiro de futebol nascido em Ribeirão Preto, SP. Ponta-direita, integrou a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938.

LOPES, B. (1859-1916). Nome literário de Bernardino da Costa Lopes, poeta brasileiro nascido em Rio Bonito, RJ, e falecido na capital desse estado. Parnasiano, pré-simbolista, destacou-se pelo requinte formal e pela imaginação delirante. Suas obras principais são *Cromos* (1881); *Brasões* (1895); *Sinhá Flor – pela época dos crisântemos* (1899); *Val de lírios* (1900) e *Plumário* (1905). Em *Cromos*, uma das obras mais importantes da transição do romantismo para o parnasianismo no Brasil, retrata ambientes de negros e proletários, utilizando-se de africanismos coloquiais, ao contrário de sua obra posterior, na qual a crítica viu expansões de uma “índole desregrada”.

LOPES, [Antônio de] **Castro** (1827-1901). Escritor nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Filólogo e gramático de renome, foi professor do Colégio Pedro II. Entre 1847 e 1894 escreveu e publicou inúmeras peças teatrais e poemas. É referido como afro-brasileiro por alguns pesquisadores, entre eles Ironides Rodrigues* (1994).

LOPES, Chica. Atriz de teatro e televisão nascida em São Carlos, SP, em 1925, e radicada na capital do mesmo estado. Na década de 1990 atuou na telenovela *Sangue do meu sangue*, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

LOPES, Edson. Cantor brasileiro nascido por volta de 1930, com atuação no rádio, no disco e no teatro de revista. Com registro vocal de baixo profundo, iniciou carreira discográfica em 1951, destacando-se na interpretação de peças inspiradas na tradição afro-brasileira, como a canção *Pai José* (1951), de R. Braga e O. Bittencourt, as toadas *Mãe Preta* (1955), de Caco Velho* e Piratini, e *Pai João* (1959), de Luiz Peixoto e Almirante, o samba *Xangô* (1956), de Raul do Vale, entre outras, lançando dez discos, nove deles pela gravadora Odeon. No cinema, participou dos musicais *É com esse que eu vou* (1948) e *Quebra-cabeças* (1950), além de *Casinha pequenina* (1963), entre outros filmes. Em 1954, tornou-se mais conhecido pela gravação de *Creio em ti*, versão da canção americana *I believe* – sucesso

internacional na voz de Roy Hamilton* –, tornada, então, obrigatória no repertório de cantores com grande extensão vocal.

LOPES, Goya. Nome artístico de Maria Auxiliadora dos Santos Goya Lopes, designer têxtil nascida na Bahia, em 1954, e premiada no Brasil e no exterior. Formada pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com especialização na Università Internazionale dell'Arte di Firenze, na Itália, criou a grife "Didara", difundida internacionalmente. Tanto na moda como na decoração, faz uso de uma linguagem inspirada na cultura afro-brasileira.

LOPES [de Souza]**, João** (1896-1988). Revolucionário brasileiro nascido em São João da Barra, RJ, e falecido na capital do mesmo estado. Filho de ex-escravos, foi padeiro e metalúrgico, além de músico amador, tendo participado de várias entidades de classe. Em 1935, juntamente com camaradas do Partido Comunista Brasileiro, implantou um governo popular revolucionário no Rio Grande do Norte, sendo aclamado seu presidente. Foi preso, com encarceramento em Recife, Fernando de Noronha e na Ilha Grande (RJ). Mais tarde, viajou em missão do partido pelos Estados Unidos, Alemanha e União Soviética, onde, segundo seus relatos, teria executado o hino nacional brasileiro no túmulo de Lênin. Sendo um dos fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, na clandestinidade usou o codinome "Santa".

LOPES, José (século XVIII). Líder quilombola brasileiro, foi chefe do famoso quilombo baiano Buraco do Tatu*, vencido e destruído em 2 de setembro de 1763.

LOPES, Juvenal (1901-81). Sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Conhecido como Juvenal da Mangueira, desempenhou várias funções nessa escola de samba até chegar a presidente, em 1962, recebendo, mais tarde, o título de presidente de honra.

LOPES, Mateus (século XVII). Personagem da história da Inquisição na Bahia. Mulato e de pequena estatura, por volta de 1646 apresentava-se em atos cômicos, com seu senhor, caracterizado como um macaco e dançando com um pote na cabeça. Segundo Luiz Mott (1999), foi provavelmente o primeiro ator cômico conhecido no Brasil ou nas Américas.

LOPES, Max. Cenógrafo e figurinista brasileiro nascido por volta de 1950, no Rio de Janeiro. Como carnavalesco de algumas das principais escolas de samba cariocas, conquistou o campeonato de 1984 pela Mangueira*, com *Yes, nós temos Braguinha*, e o de 1989 pela Imperatriz Leopoldinense*, com *Liberdade, liberdade*.

LOPES, [Manuel da Mota] **Monteiro** (*c.* 1870-1916). Parlamentar brasileiro, nascido provavelmente em Recife, PE, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro para a 28ª legislatura (1909-12), depois de ter cumprido mandato no Conselho Municipal da capital da República, destacou-se pela visão social do trabalho, defendendo a criação de uma legislação trabalhista para o Brasil. Dando especial atenção aos marinheiros e servidores públicos subalternos, votou favoravelmente à anistia aos envolvidos na Revolta da Chibata*, demonstrando em sua fala, segundo observadores da época, um considerável conhecimento de história e de teoria do direito. Figura bastante popular na vida carioca do princípio do século XX, é descrito por Luiz Edmundo (1957, vol. 3, p. 522) como "líder da raça negra, suando reivindicações, a falar, sempre, muito alto, a gesticular como se estivesse discursando...". Em um episódio narrado pelo mesmo Edmundo (p. 654), teria sido, na gestão do prefeito Pereira Passos, impedido, por racismo, de entrar, com sua "senhora", no luxuoso Pavilhão de Regatas, um bar ou restaurante recém-inaugurado em Botafogo. Presenciando a afronta, Maria de Bragança e Melo, famosa frequentadora da boêmia literária da cidade, teria rumado, com rapidez, para o cais do porto, de onde teria voltado com cerca de trinta estivadores negros, promovendo uma espécie de ocupação do estabelecimento, sem que ninguém esboçasse um só gesto de protesto. Tal passagem, na qual Edmundo não refere a participação direta do injuriado, talvez sirva para exemplificar o grau de consideração de que Monteiro Lopes gozava entre as massas trabalhadoras. Outro episódio, ainda, teria sido o da recusa do Parlamento em lhe conceder a posse, em 1909, por motivos que ignoramos. Em referência a esse caso, protestos teriam ocorrido em várias partes do Brasil, e, em Pelotas (RS), a discriminação efetivamente levou à criação da entidade de defesa denominada "Centro Etiópico Monteiro Lopes". *Ver ETIÓPICO*; *XAVIER, Rodolpho*.

LOPES, Silvestre de Almeida (século XVIII). Pintor brasileiro ativo no Arraial do Tijuco, atual Diamantina, MG, entre 1764 e 1796. Membro da Irmandade dos Pardos de Nossa Senhora do Amparo, é autor das pinturas sobre madeira existentes na capela-mor da Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, concluída em 1797, além de ter realizado trabalhos de decoração na Igreja de Nossa Senhora do Amparo e na Matriz de Conceição do Mato Dentro, todas em Minas Gerais. Segundo especialistas, sua pintura encarna o verdadeiro espírito do rococó e o consagra como um dos grandes expoentes do estilo.

LOPES, Tim (1950-2002). Pseudônimo de Arcanjo Antônio Lopes do Nascimento, jornalista brasileiro nascido em Pelotas, RS, e criado na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu. Destacado repórter na área policial, com carreira dedicada à denúncia das injustiças sociais, morreu barbaramente assassinado, sob tortura, por uma quadrilha de narcotraficantes que investigava, em um morro carioca. Sua morte desencadeou forte clamor da sociedade contra a violência urbana e o chamado "crime organizado".

LOPES, [Renato] **Toledo** (séculos XIX-XX). Jornalista brasileiro nascido na Bahia, fundou, em 1919, no Rio de Janeiro, o periódico *O Jornal*, vendido em 1924 a Assis Chateaubriand, por quem foi descrito como "um ágil mulato, de nariz chato" e "mulato aça, com fumaças de inglês".

LOPES, Zé. Nome artístico de José Lopes da Silva Filho, mamulengueiro nascido no sítio Cortesia, em Glória do Goitá, PE, em 1951. Um dos mais importantes artistas em sua especialidade, criou o *Mamulengo Teatro do Riso*, espetáculo de fantoches o qual apresentou em 1977 na Bienal Internacional de Marionetes de Évora, em Portugal, e no Teatro de Títeres em Segóvia, na Espanha. Em 1998 exibiu seu trabalho no Rio de Janeiro, no Museu do Folclore Édison Carneiro.

LÓPEZ, Minerva. Pintora cubana nascida em Matanzas, em 1934. Membro do Centro de Pesquisa Wifredo Lam, tornou-se conhecida a partir de 1981. No ano de 1987 participou da Segunda Bienal de Arte Bantu Contemporânea, promovida pelo Ciciba* em Libreville, Gabão.

LÓPEZ, Narciso (1798-1851). Militar venezuelano nascido em Costa Firme e radicado em Cuba. Líder de uma insurreição contra o domínio

espanhol e pela anexação de Cuba aos Estados Unidos, morreu em Havana, executado pelo governo colonial.

LOPEZ, Odilon (século XX). Cineasta gaúcho que se tornou conhecido como diretor, roteirista e ator do filme *Um é pouco, dois é bom* (1970), comédia urbana em dois episódios, com diálogos de Luis Fernando Verissimo.

LÓPEZ, Orestes (1908-91). Compositor, contrabaixista e violoncelista cubano nascido e falecido em Havana. Integrante da Orquestra Filarmônica de Havana e da Orquestra Sinfônica Nacional, em 1938 provocou verdadeira revolução na música popular cubana com o *danzón* Mambo*, composição que se constituiu na gênese do estilo musical de mesmo nome, popularizado por seu irmão Cachao* e por Pérez Prado*, e que influenciou quase todos os gêneros posteriores.

LORA. Dança crioula do *big drum** de Carriacou.

LORD KITCHENER (1922-2000). Pseudônimo de Aldwin Roberts, cantor e compositor nascido em Trinidad. Atuando por mais de sessenta anos, venceu os concursos de *road march** do carnaval de Trinidad de 1946 a 1976, quando se retirou da competição. É tido como o principal responsável pela difusão internacional do calipso*, a partir de Londres, onde estreou em 1948. Criou temas que se tornaram internacionalmente conhecidos no gênero que abraçou, como *Mama dis is mas* (1964), *Pan in harmony* (1976) e *Pan birthday* (2000), entre outros.

LORD TAYLOR OF WARWICK. *Ver TAYLOR, Lord David Beckett.*

LORETO, Barão de (1836-1906). Título nobiliárquico de Franklin Américo de Menezes Dória, político, magistrado e poeta brasileiro nascido em Itaparica, BA. Foi, sucessivamente, promotor, deputado provincial pela Bahia, deputado geral pelo Piauí, presidente de Pernambuco e do Maranhão, ministro da Guerra, fundador da Biblioteca do Exército e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Segundo o historiador Francisco Antônio Dória *et al.* (1995), tinha entre seus ascendentes Maria Rosa da Piedade, esposa de Antônio Pereira de Menezes Dória, e Maria Josefa Joaquina, esposa de Francisco Pereira de Menezes Dória, ambas de "sangue africano".

LOROGUM. Cerimônia ritual do candomblé, em geral realizada no primeiro domingo após o carnaval, em que se despacham os orixás, que

partem, simbolicamente, para a África, onde permanecerão em guerra, resolvendo suas questões pessoais, até o fim da Quaresma. O termo, no jargão dos candomblés, significa, por extensão, "briga", "desentendimento".

LOS RANCHOS. Quilombo existente na Venezuela na década de 1750. Segundo os historiadores, era muito bem estruturado, contando com polícia, campos cultivados, rebanho, santo padroeiro e cemitério.

LOSNA (*Artemisia absinthium*). Erva da família das compostas, também conhecida como absinto ou absíntio, usada na umbanda para afastar maus espíritos.

LOTHAR. Personagem de histórias em quadrinhos criado em 1934, nos Estados Unidos, por Lee Falk (texto) e Phil Davis (desenho). Figura estereotipada do negro africano, brutamontes, de físico avantajado, vestindo calção e camiseta, sendo capaz apenas de praticar ações violentas, é fiel servidor do mágico Mandrake, branco, inteligente, refinado, sempre de fraque e cartola, capaz de encontrar soluções fantásticas. *Ver ESTEREÓTIPO.*

LOUCO (1932-92). Nome artístico de Boaventura da Silva Filho, escultor brasileiro nascido e falecido em Cachoeira, BA. Sua obra, talhada em madeiras como a do jacarandá, da jaqueira e da sucupira, enfileira uma galeria de personagens sobrenaturais, saídos da tradição católica popular e das religiões afro-brasileiras.

LOUIS, Joe (1914-81). Nome pelo qual foi conhecido Joseph Louis Barrow, pugilista americano nascido em Lexington, Alabama, criado em Detroit, Michigan, e falecido em Las Vegas, Nevada. Em 1937 conquistou o título mundial dos pesos-pesados. No ano seguinte, ao nocautear o alemão Max Schmeling, derrubou o mito da "superioridade ariana" e deu importante passo para a reafirmação da autoestima dos descendentes de africanos. Em 1949, invicto por onze anos e oito meses, aposentou-se como o maior dos campeões de sua categoria.

LOUISIANA. Um dos estados americanos, situado no golfo do México e abrigando a foz do rio Mississippi, recebeu esse nome em homenagem ao rei francês Luís XIV. Comprada em 1803 a uma França endividada pelo combate frustrado à Revolução Haitiana*, guarda importantes traços da cultura afro-antilhana de expressão francesa. Sua capital é Baton Rouge,

mas a cidade mais conhecida é Nova Orleans*.

LOUP GAROU. Lobisomem da tradição haitiana.

LOURENÇO, [José, dito] **Beato Zé** (1872-1946). Líder religioso brasileiro nascido em Pilões de Dentro, PB, e falecido em Exu, PE. Aos 22 anos de idade radicou-se em Juazeiro, CE, onde se tornou um dos "penitentes do Cariri", integrando a legião de seguidores do legendário padre Cícero. Mais tarde, foi incumbido pelo padre de fundar, no sítio Baixa Danta, nas vizinhanças do Crato, um novo núcleo de fiéis, que acabou sendo invadido e saqueado em 1914 por tropas governamentais e arrasado sete anos depois. Em 1937, com sua comunidade instalada em Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, cerca de setecentos seguidores foram massacrados; o beato, porém, acusado de falcatruas, conseguiu escapar. Sua saga foi contada no livro *Beato José Lourenço*, de Xico Sá, publicado em 2000.

Louisiana, rio Mississippi

LOURO (*Laurus nobilis*). Árvore da família das lauráceas cujas folhas são usadas em rituais da tradição afro-brasileira com a finalidade de atrair fortuna e auxiliar em certas práticas divinatórias.

LOURO, Aldacir [Evangelista de Mendonça, dito] (1926-96). Compositor e cantor brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Autor do samba *Recordar é viver (eu ontem sonhei com você)*, sucesso do carnaval de 1955, teve atuação destacada no rádio e na noite cariocas, apresentando-se de acordo com o estilo elegante de Ataulfo Alves*.

LOURO, Idealização do tipo. A idealização e a angelização do indivíduo branco de cabelos louros parecem ser, segundo Gilberto Freyre (1975), reações à supervalorização da beleza "moura" na Europa medieval. Assim, ao mito e às lendas da Moura Encantada, que se dizia possuir beleza perturbadora, seguiram-se os da Moura Torta, esta aleijada e feia, com a associação dos não brancos a anjos maus, traidores e decaídos, e do tipo louro a personagens divinos e angelicais. Entretanto, segundo o historiador grego Heródoto (s/d), os antigos egípcios evitavam a companhia de pessoas

de rosto claro e cabelos ruivos, por considerá-las maléficas, e, no tempo em que os sacrifícios humanos eram usuais, indivíduos louros eram estrangulados no túmulo de Osíris* ou queimados vivos. *Ver BLUEST EYE, The*.

LOVE, Nat (1854-*c*. 1921). Legendário caubói americano. Nascido escravo no Tennessee, aos 15 anos fugiu da casa de seus senhores para trabalhar como vaqueiro em Deadwood City, no território de Dakota, ganhando o apelido de Deadwood Dick depois de um duelo. Em 1907, após uma série de histórias fantasiosas escritas por terceiros sobre o personagem Deadwood Dick, Nat Love publicou um livro com as verdadeiras aventuras por ele vividas (*The life and adventures of Nat Love*).

LOZI. Grupo étnico banto, também chamado barotse. Seus membros vivem no oeste da Zâmbia e vivem predominantemente da pesca. A dinastia que comandou a vida dos lozis até pelo menos a década de 1970 iniciou-se no século XVII, como resultado da união de cerca de vinte grupos aparentados.

LUANDA. Capital da República de Angola. Fundada em 1756 com o nome de São Paulo de Luanda, foi importante porto de embarque do tráfico português de escravos. O nome designa, também, um dos toques da orquestra do maracatu*. Ademais, uma das falanges da umbanda – a da "linha africana", cujo chefe é Pai Cambinda – tem o nome de "Povo de Luanda".

LUANDA, Quilombo de. Reduto quilombola localizado nas imediações da cidade de Campos, RJ. Em 1880, seus habitantes teriam abandonado o núcleo e se entregado espontaneamente ao delegado Carlos de Lacerda, mais tarde um abolicionista exaltado (conforme João Oscar, 1985).

LUANGO. Divindade de cultos bantos do Brasil. Do quicongo *Lw-àngu*, nome de um inquice.

LUBA. Grupo étnico banto, também conhecido como baluba*, que habita principalmente a província de Catanga (Shaba), no Congo-Kinshasa. Sua civilização teria florescido antes do século VIII, conforme parecem atestar finos artefatos de cobre descobertos em escavações arqueológicas. Enriquecidos à custa do comércio de marfim, metais e escravos praticado com os portugueses, os lubas desenvolveram, do século XVI ao XIX, em

vasta região de savana, ao sul da floresta equatorial e a igual distância dos dois oceanos, reinos que, em certos períodos, dominaram toda a grande área entre o rio Kasai e o lago Tanganica.

LUBOLA, Juan (1635-64). Líder *maroon* da Jamaica. Em 1656, rendeu-se aos ingleses invasores em troca de perdão e liberdade. Em retribuição foi feito coronel de um regimento de negros e usado no combate aos *maroons* remanescentes.

LUBOLAS, Sociedades. Grupos carnavalescos de Montevidéu que, a exemplo das escolas de samba cariocas, representam o ponto alto e um dos símbolos contemporâneos do carnaval uruguaio. Originam-se do grupo "Negros Lubolos", surgido em 1874 e integrado por foliões brancos com os rostos pintados, fantasiados de escravos negros. *Ver LUBOLO*.

LUBOLO. No rio da Prata, etnônimo correspondente ao brasileiro "rebolo*". A forma é corrente também em Angola.

LUCAS DA FEIRA (1807-49). Alcunha de Lucas Evangelista, personagem popular nascido em Feira de Santana, BA. Escravo do padre José Alves Franco, vigário da cidade, marcou época como salteador e bandoleiro, aterrorizando o sertão baiano nas décadas de 1830 e 1840. Por outro lado, era visto como justiceiro pelos oprimidos. Foi imortalizado em *ABC de Lucas da Feira* (1879), de Souza Velho, e no romance *Lucas, o demônio negro* (1957), de Sabino de Campos, entre outras obras.

LUCAS, Padre José Joaquim (século XX). Inventor brasileiro. Na década de 1930, atuando como vigário de Inhaúma, no Rio de Janeiro, inventou uma máquina de escrever partituras musicais. A história eclesiástica registra, nos anos de 1950, um "monsenhor José Joaquim Lucas", procurador da Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro. É mostrado em foto constante do livro *A mão afro-brasileira*, organizado por Emanoel Araújo (1988).

LUCAS, Sam (1839-1916). Ator americano nascido em Washington, DC, e falecido em Nova York. Em 1914, ao viver o personagem-título de *A cabana do pai Tomás*, tornava-se o primeiro ator negro a interpretar, no cinema americano, um personagem da mesma origem étnica. Antes dele, os negros eram personificados por atores brancos pintados de preto.

LUCERO MUNDO. Também chamado de Nkhuyu, é uma entidade espiritual dos congos cubanos, correspondente, de certa forma, ao Eleguá* dos *lucumís*. Capaz de abrir e fechar os caminhos, é o dono das encruzilhadas; mora no portão dos cemitérios e é o guardião da Lua.

LUCIANO (?-1844). Líder escravo cubano de origem mandinga*. Um dos comandantes da Conspiração de La Escalera*, foi descrito como homem de influência, dotado de inteligência privilegiada.

LUCINDA, Elisa. Atriz e escritora nascida em Vitória, ES, em 1957, e radicada no Rio de Janeiro desde 1986. Além de participar, desde 1989, do elenco de importantes montagens teatrais e filmes, criou um espetáculo de interpretação poética que se transformou em livro – *O semelhante* (1994) – e escreveu um volume de poemas transposto para o palco, *Euteamo e suas estreias* (1999). É autora também de *Aviso da lua que menstrua* (1990), *Sócia dos sonhos* (1994), *A menina transparente* (2000) e *A fúria da beleza* (2006).

Elisa Lucinda

LUCINDO FILHO (1847-96). Nome literário de Lucindo Pereira dos Passos Filho, escritor brasileiro nascido em Diamantina, MG, e falecido em Vassouras, RJ. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi combativo abolicionista. Deixou vasta obra, na qual se incluem trabalhos médico-científicos, poemas, ensaios históricos e estudos gramaticais. Seu nome integra a nominata de negros e mestiços proeminentes elaborada por Nelson de Senna (1938).

LUCRÉCIO, Francisco (1909-2001). Ativista do movimento negro nascido em Campinas, SP, e falecido na cidade de São Paulo. Filho de um marceneiro e uma lavadeira, formou-se em Odontologia e exerceu a profissão até idade avançada. Integrou a Frente Negra Brasileira, na qual teve destacada participação.

LUCUMÍ. Gentílico com que, em Cuba, se designam os negros iorubás ou nagôs. Conforme Miguel Barnet (1995), também é uma denominação arbitrária que se dá a negros de outras etnias provenientes principalmente do golfo da Guiné.

LUFO KUYO. Entidade espiritual dos congos cubanos identificada com Oxóssi* e com o são Norberto católico. Segundo seus cultores, tem o poder de levar uma pessoa ao cárcere e também de livrá-la dele.

LUINDIMBANDA. Um dos nomes do orixá Tempo*.

LUÍS ANSELMO da Fonseca (1853-1929). Médico e historiador brasileiro nascido em Santo Amaro da Purificação, BA. Foi lente de física médica da Faculdade de Medicina da Bahia e autor de livros científicos.

LUÍS CARLOS DA VILA (1949-2008). Nome artístico de Luís Carlos Baptista, compositor e cantor nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Com carreira profissional iniciada no fim da década de 1970, consagrou-se, pela poesia refinada e melodia fluente, como um dos grandes nomes do samba. Ligado ao tradicional bloco carnavalesco Cacique de Ramos, foi parceiro, entre outros, dos brilhantes compositores Arlindo Cruz* e Sombrinha, tendo, além de registros em sua própria voz, obras gravadas por intérpretes do porte de Martinho da Vila*, Beth Carvalho, Simone, Grupo Fundo de Quintal*, Zeca Pagodinho etc. É coautor do antológico samba-enredo *Kizomba, a festa da raça*, com que sua escola de samba, a Unidos de Vila Isabel*, sagrou-se campeã em 1988, no carnaval do centenário da abolição. Em 1999 lançou um CD inteiramente dedicado à obra de Candeia*, e à época de seu falecimento gozava de alta reputação em todos os setores da música popular brasileira.

LUÍS CLÁUDIO [de Castro]. Cantor brasileiro nascido em Curvelo, MG, em 1935. Com carreira iniciada em 1949, tornou-se conhecido como intérprete refinado e autor de canções dolentes, em parceria com Fernando César e Nazareno de Brito, entre outros, gravadas por cantores de prestígio, nas décadas de 1950 e 1960, como Tito Madi, Elisete Cardoso*, Marisa Gata Mansa*, Dick Farney etc.

LUÍS DA MURIÇOCA. Nome pelo qual se tornou conhecido Luís Alves de Assis, nascido em 1920. Babalorixá do Ilê Axé Ibá Ogum, em Salvador, BA, em 1963 participou, como solista, do importante disco *Candomblé da*

Bahia, com cânticos registrados pela gravadora Continental *in loco*, no terreiro da localidade conhecida como Muriçoca, que originou seu cognome.

LUÍS PEREIRA. Jogador brasileiro de futebol nascido na Bahia, em 1949. Zagueiro, viveu o auge do Palmeiras paulistano, na década de 1970, e foi titular da seleção nacional na Copa de 1974.

LUIS, Mireya. Nome pelo qual é conhecida Alejandrina Mireya Luis Hernandes, jogadora de vôlei nascida em Camagüey, Cuba, em 1967. Várias vezes eleita a melhor jogadora do mundo, foi capitã da seleção cubana, tendo vencido os campeonatos mundiais de 1989, 1991 e 1995, além de ter se sagrado campeã olímpica em 1992 e em 1996.

LUIZ MELODIA. Nome artístico de Luís Carlos dos Santos, cantor e compositor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1951. Criado no morro de São Carlos, no bairro do Estácio*, foi descoberto na década de 1970 por compositores ligados ao grupo baiano da Tropicália e estreou no mercado fonográfico em 1972, com *Pérola negra*. A partir de então, suas composições foram gravadas por Gal Costa, Maria Bethânia e outros intérpretes de prestígio, cativados por sua música personalíssima, estruturada com base em referências que vão do choro ao pop internacional.

LUIZA DE ZOMADÔNU. *Ver AZOUACE SACOREBABOI.*

LUIZA MAHIM (século XIX). Revolucionária baiana de origem daomeana. Tornou-se livre por volta de 1812 e, trabalhando como quituteira e quitandeira, apoiou várias revoltas de escravos, auxiliando principalmente na circulação de mensagens entre os revoltosos. Durante a repressão à Grande Revolta dos Malês, em 1835, teria conseguido fugir para o Rio de Janeiro, onde foi presa e provavelmente deportada para a África. Mãe do poeta Luiz Gama*, que a celebra em um poema, sua história é envolta em aura de lenda; ela é muitas vezes descrita como combatente de rua. Seu nome étnico, pronunciado “marrim”, refere-se a um povo jeje do antigo Daomé, em meio ao qual teria nascido. *Ver MARRIM.*

LUKUMAN. Na Jamaica, termo usado para designar o olhador ou adivinho. Do inglês *look*, “olhar” + *man*, “homem”: “homem que olha”.

LULENO. Entre os congos cubanos, divindade catolizada como são Lázaro e correspondente a Obaluaiê. O mesmo que Tata-Pansúa*.

LULLA NEGRO TALK. Nos Estados Unidos, antigo modo de falar dos negros, notável pela profusão de africanismos.

LUMBALÚ. Ritual funerário da comunidade colombiana de El Palenque de San Basilio, com cânticos, danças e transe; o cântico e a dança interpretados nesse ritual. O vocábulo origina-se do quicongo *mbalu*, "pensamento", "lembrança", "memória".

LUMBO. Subdivisão do grupo étnico ovimbundo*.

LUNA, Rosa [Amélia] (*c*. 1940-93). Vedete uruguaia nascida e falecida em Montevidéu. Uma das mulheres mais famosas de seu país e a mais fiel representante das tradições afro-platenses, seu nome esteve sempre associado ao candombe*, ao povo negro e ao carnaval montevideano, do qual foi um dos símbolos mais fortes. Exibiu-se em vários países e conquistou muitos prêmios. Nos anos de 1970, enfrentou problemas políticos com o governo uruguaio e em 1987 publicou *Sin tanga y sin tongo*, livro autobiográfico. Em 1995 era mencionada por Rubén Carámbula (*ver Bibliografia*) como *malograda*, certamente em razão de alguma circunstância envolvendo sua morte.

LUNCEFORD, [James Elvin, dito] **Jimmy** (1902-47). Chefe de orquestra e instrumentista americano nascido em Fulton, Missouri. Depois de tocar guitarra, flauta, sax e clarinete, formou em Memphis, em 1926, sua primeira orquestra, com a qual viajou para Nova York em 1934 para substituir Cab Calloway* no Cotton Club*; em 1937, engajou-se no movimento Harlem Renaissance*. De Fats Waller* recebeu o título de "New King of Syncopation" ("Novo Rei do Sincopado"), firmando-se como um dos grandes maestros do jazz, até morrer vítima de enfarte.

LUNDA. Nome de um povo e de uma região da África central. O povo constituiu um dos mais famosos Estados africanos antes da chegada dos europeus. Seu rei, que levava o título de *mwata yamwo*, detinha poderes tanto administrativos como religiosos e governava por intermédio de um conselho de governadores provinciais. O Estado se desenvolveu nos séculos XVI e XVII, e seus primeiros soberanos descendiam de uma rainha chamada Lueji e de um chefe luba. Ampliando seus domínios em direção a partes da atual província de Catanga, a noroeste da Zâmbia e a leste de Angola, enriqueceu com o tráfico português de escravos, marfim e metais, tendo

entrado em declínio no século XIX. Suas tradições são encontradas, ainda hoje, em vasta extensão territorial.

LUNDU. Antigo gênero afro-brasileiro de música e dança. Nas origens, era dança de pares soltos, cuja coreografia apresentava certas características de danças ibéricas, com alteamento dos braços e estalar de dedos, acompanhadas da umbigada típica dos bailados africanos. Mais tarde, surgiu o lundu-canção, correspondente à velocidade inicial de vários outros gêneros, como a chula, o tango brasileiro e o próprio samba*. Migrando do Brasil para Portugal no século XVIII e sendo cantado sob a forma de lundu chorado (mais lento e dengoso), ao som de violas como a de Domingos Caldas Barbosa*, acabou por originar o fado-canção português (*ver FADISTAS*). **Lundu baiano:** Em algumas comunidades rurais brasileiras, notadamente na Bahia, o lundu sobrevive como uma forma de samba solto ou batucada, cantado com o acompanhamento de viola e pandeiro e dançado individualmente, com passos bastante elaborados. Também chamado de "enfusado", expressa-se como uma espécie de desafio coreográfico, no qual cada dançarino, ao substituir outro, procura superá-lo. A principal característica da dança é o movimento de vaivém dos pés, em que os calcanhares se batem. O nome da dança deriva, provavelmente, do gentílico "lundo" – lundês, da região da Lunda. No quicongo, o significado seria "nome de um país, próximo a Kingoyi" (conforme Laman, 1936).

LUNDU DAS CRIOULAS. Em algumas igrejas da Bahia, repique de sinos, bonito, alegre e saltitante.

LUNDUM. Variante de lundu*.

LUNG-FOU, Marie-Thérèse Julien (1909-80). Escritora e artista plástica nascida em Rivière Salée, Martinica. Educada na ilha e em Paris, em 1938 teve seu trabalho de escultura premiado no grande salão de artistas franceses da Exposição Internacional de Paris. Na área da literatura, suas principais obras de poesia publicadas são: *Fables créoles transposées et illustrées* (1958); *Nouvelles fables créoles* (1968); *3 bonnes fortunes: trois comédies* (1969); *Contes créoles* (1979).

LUPERÓN, Gregorie (1839-97). Político e militar nascido e falecido em Puerto Plata, República Dominicana. Ex-lenhador, foi figura destacada na Guerra da Restauração (1863-65): ajudou seu país a recuperar a soberania

diante do colonizador espanhol e assumiu a Vice-Presidência do governo local.

LUSOTROPICALISMO. Ideologia que enfatiza a suposta capacidade inerente aos portugueses de conviver cordialmente com seus colonizados e criar sociedades multirraciais abaixo dos trópicos. Formulada na época dos Grandes Descobrimentos e retomada de forma ampliada pelo brasileiro Gilberto Freyre, essa ideologia serviu para justificar a continuada (e muitas vezes truculenta) presença colonial portuguesa na África e para embasar o mito brasileiro da democracia racial*.

LUZ, Carmen. *Ver COMPANHIA ÉTNICA DE DANÇA E TEATRO.*

LUZ, Edson Benício da. Artista plástico brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1942. Graduado pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e dedicando-se principalmente à gravura, participou, entre outros eventos, da Nona Bienal de São Paulo, em 1967.

LUZ, Maurício. Cantor lírico brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1966. Iniciou seus estudos musicais em 1983, graduando-se em Canto pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1986, estreou como solista no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na ópera *Porgy and Bess*. Desde então, tem atuado em vários espetáculos no Rio e em São Paulo. Por suas atuações como Bartolo em *As bodas de Fígaro*, de Mozart, e Zuniga na *Carmen* de Bizet, foi eleito pela crítica especializada como a "revelação lírica de 1994". Em 1996 destacou-se como o Rei na *Aída* de Verdi. Além da carreira operística, desenvolveu extenso repertório de câmera e atuou, com seu registro vocal de baixo, na dublagem de *A bela e a fera* (1991) e *Pocahontas* (1995), filmes da Walt Disney Company.

LUZIA. Nome pelo qual ficou conhecida a reconstituição, em laboratório, do crânio de um ancestral feminino do homem moderno, localizado, depois de cerca de 11,5 mil anos, nos arredores da cidade de Belo Horizonte, MG, e considerado o mais antigo fóssil descoberto no continente americano. A reconstituição teve como resultado um rosto de feições nitidamente negroides, com olhos arredondados, nariz largo e lábios grossos, o que revoluciona as teses sobre a origem do homem americano.

LYBBA. Entre os djukas* do Suriname, nome de uma das entidades espirituais tidas como malfazejas. *Ver LEGBÁ*.

M

MA. Tratamento respeitoso e carinhoso anteposto ao nome, com que se distinguem as negras velhas. No inglês, é apócope de *mammy*, "mamãe", e, no espanhol, de *mamá*.

MA CRIOLLERA. Em Cuba, o mesmo que *mamá criollera*: escrava, em geral idosa ou inapta para o trabalho do engenho, encarregada de tomar conta dos negrinhos no *criollero**.

MA DOLORES (século XIX). Escrava curandeira que viveu na localidade de Trinidad, na província cubana de Las Villas. De origem *gangá**, tornou-se famosa pelas curas que realizava, supostamente usando apenas saliva e água de um poço que, muito tempo depois, ainda era chamado de "o poço de Ma Dolores". Seu grande poder de mobilização popular atraiu a atenção das autoridades coloniais espanholas, que a prenderam e condenaram à morte por incitamento à rebelião. Colaboradora dos nacionalistas cubanos que lutavam pela independência, em 1876 foi conduzida a Cuba para ser executada. Salva no último momento por um indulto, sua figura tornou-se

mitológica, suscitando o nascimento de várias lendas. Até hoje é considerada, em Las Villas, responsável por prodígios.

MA RAINEY. *Ver RAINEY, [Gertrude Pridgett, dita] Ma.*

MABAÇA. Termo banto do Brasil correspondente ao português "gêmeo". Do quimbundo *mabasa*, plural de *kabasa*, gêmeo.

MABI. Bebida fermentada preparada pelos negros nas Antilhas Francesas.

MABINGA. Vocábulo empregado em Cuba como sinônimo de excremento animal, designando por extensão qualquer coisa ou pessoa consideradas de má qualidade, e também uma espécie de sopa em que se misturavam vários ingredientes.

MABOBA. Dança afro-dominicana.

MAÇA. Prato da culinária afro-baiana servido nas cerimônias dos antigos malês. Eram bolinhos de arroz envoltos em polvilho ou dissolvidos em água com açúcar; ou, ainda, fritados em mel ou azeite. Do hauçá *masa*, "bolo ou pequeno pedaço de pão feito com arroz".

MACACA [1]. Chicote com cabo curto e grosso. Do quicongo *mu-kaka*, "marca de golpe de chicote", "contusão", "machucadura".

MACACA [2]. Elemento usado na expressão "estar com a macaca", indicando um estado de histerismo, superexcitação. Do quicongo *ma-káaka* ou *maka'aka*, "ataque de riso".

MACAÇÁ (*Tanacetum vulgare*). Erva da família das compostas, também conhecida como catinga-de-mulata. Pertencente a Oxum e de odor agradável, é comumente usada nos banhos lustrais da tradição religiosa afro-brasileira. Provavelmente do quicongo *mbakasa*, "cheiro forte".

MACACO [1]. Termo ofensivo usado no Brasil para injuriar o indivíduo com ascendência africana. Eduardo Silva (1997) chama a atenção para o fato de ser comum, em culturas africanas e da Diáspora, que homens se refiram a si mesmos como "macacos" ou "macacos velhos", em face da imagem de esperteza e inteligência atribuída aos símios na consciência popular.

MACACO [2]. Denominação do quilombo principal de Palmares*. Construído à maneira de cidade, diferenciava-se por isso dos demais, em geral simples aldeamentos móveis e de pequenas dimensões.

MACACO BELEZA (século XIX). Apelido de Manuel Benício dos Passos, personagem da história da Bahia. Em 1889, em Salvador, na localidade conhecida como Taboão, liderou uma manifestação de libertos monarquistas contra o republicano Silva Jardim, a qual culminou em conflito de graves proporções. *Ver GUARDA NEGRA*.

MACACO VELHO. *Ver CIRÍACO, Francisco da Silva*.

MACACOS. Antiga dança do fandango gaúcho.

MACAÉ. Nome artístico de Dulcilando Pereira, músico brasileiro nascido em Macaé, RJ, em 1938. Saxofonista, arranjador, pesquisador e professor, é autor de cerca de quatrocentos arranjos do repertório marcial e sinfônico da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Na música popular, sendo considerado um dos maiores músicos brasileiros em seu instrumento, o sax-tenor, destacou-se como intérprete e arranjador em grandes formações orquestrais, como a Orquestra Tabajara, a Banda Veneno, liderada por Erlon Chaves*, a do Maestro Cipó* e a Rio Jazz Orchestra, além de ter participado de inúmeras e importantes gravações. No campo da pesquisa, criou o Laboratório de Sons Musicais, experiência que permitiu a extração de variados timbres de instrumentos de sopro com efeitos sonoros idênticos aos sons de cordas de uma orquestra sinfônica.

MACAIA. Na umbanda e nos candomblés bantos, designação do conjunto das folhas sagradas, usadas ritualisticamente, ou da mata ou floresta onde se realizam as oferendas rituais. O termo tem, ainda, a acepção de "tabaco", e se origina do quimbundo* *makaya*, plural de *ekaya*, "folha", ou, mais especificamente, "folha de fumo".

MA-ÇA-LA-SI. Oratório ou capela dos antigos malês baianos. Do hauçá *masallachi*, "mesquita", "local de culto".

MACALÉ. Alcunha atribuída a vários negros no Rio de Janeiro, a partir dos anos de 1940, derivada do nome da cidade etíope Maqale, tomada pelo Exército italiano em 1936. Tornou popular um personagem do rádio, Oscarino Gonçalves (1920-48), o "homem do gongo" no programa de calouros de Ary Barroso, na Rádio Nacional; batizou, depois, o ator cômico Tião Macalé, que ficou famoso na Rede Globo e faleceu em 1993; e compôs o nome artístico do compositor e violonista Jards Macalé*, além de ter nomeado mais de um jogador profissional de futebol no Rio de Janeiro.

MACALÉ, Jards. Nome artístico de Jards Anet da Silva, músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1943. Com estudos regulares de orquestração, composição e execução de violão, iniciou sua carreira profissional em 1965, em São Paulo, onde participou, como instrumentista e diretor musical, de montagens nos teatros Ruth Escobar e Arena. Ligado ao movimento tropicalista, provocou polêmica no Festival Internacional da Canção realizado no Rio de Janeiro em 1969 e gravou discos experimentalistas bem recebidos pela crítica na década de 1970. Com passagem pelo cinema, compôs trilhas sonoras e também participou, como ator, de filmes importantes como *O amuleto de Ogum* (1974) e *Tenda dos milagres* (1977), de Nelson Pereira dos Santos. Rompeu com o tropicalismo e, diferentemente de quase todos os artistas brasileiros de sua geração, optou por um caminho inverso ao do grande consumo, sendo, então, rotulado como "maldito" e, de certo modo, marginalizado.

MACAMA. Em alguns terreiros de umbanda, mãe-pequena.

MACAMÃ. Escravo fugido, quilombola*.

MACAMBA. Termo com que os escravos bantos denominavam seus pares e pelo qual, no Rio de Janeiro antigo, as quitandeiras chamavam seus fregueses. Na cabula*, antiga seita, o termo era utilizado para designar os adeptos do sexo feminino. Do quimbundo *makamba*, plural aumentativo de *kamba*, "amigo", "camarada".

MAÇAMBIQUE. Variante de moçambique*.

MAÇAMBIQUES. De moçambique*; dança cultivada em Osório, RS, durante os festejos de Reis.

MACANDAL. Amuleto de boa sorte, no Haiti. *Ver GUEDÉ MAKANDAL.*

MACANHA. O mesmo que maconha*. É a forma mais próxima do étimo do vocábulo, o quimbundo *makanya*, plural de *dikanya*.

MAÇAQUAIA. O mesmo que machacá*.

MACAQUITOS. Alcunha depreciativa usada, na região do Prata, para qualificar os brasileiros. Decorre da forte presença de negros na população brasileira, ao contrário do que ocorreu nessa região, onde o elemento de origem africana desapareceu quase totalmente. *Ver ARGENTINA, República.*

MACEO, Antonio (1845-96). Nome abreviado de Antonio de la Caridad Maceo y Grajales, herói da independência cubana, nascido em Santiago de Cuba e falecido em Punta Brava. Negro e moço de estrebaria, sentou praça no Exército em 1866 e, dez anos depois, seria major-general, comandando todas as forças da região oriental da ilha. Inconformado com o Tratado de San Luis, firmado com os espanhóis em meio às lutas pela independência, deixou o país com alguns compatriotas. Em 1895, reiniciada a guerra, volta a Cuba com uma coluna de guerrilheiros e, depois de importantes vitórias, é morto em circunstâncias obscuras, provavelmente assassinado após uma conspiração racista. Conta-se que, durante a guerra, após ouvir a sugestão de que negros e brancos se organizassem em regimentos separados, Maceo teria respondido: "Se vocês não fossem brancos, eu os mandava fuzilar. Mas, como não quero ser acusado de racismo, vou deixá-los em liberdade. Entretanto, da próxima vez não vou ter tanta paciência: a revolução não tem cor!". Segundo algumas versões históricas, teria sido morto pelo filho de Máximo Gómez (o general que compunha com ele e Calixto García o triunvirato revolucionário dirigente), numa troca de tiros que também atingiu mortalmente seu assassino. Após esse episódio, vários líderes negros, como Quintín Banderas*, teriam desaparecido ou morrido em circunstâncias misteriosas (conforme More, 1964). *Ver CUBA, República de*.

Antonio Maceo

MACHACÁ. Pequeno chocalho de palha que, em algumas danças afro-brasileiras, se amarra no tornozelo. *Ver MAZACALLA*.

MACHADO! Expressão interjetiva usada em certas comunidades de jongueiros para, com a ideia de "cortar", interromper a execução do ponto. *Ver JONGO*.

MACHADO, [Alcides] **Aluísio.** Sambista nascido em Campos, RJ, em 1939, e radicado na capital do estado. Compositor da escola de samba

Império Serrano*, é autor de sete sambas-enredo da agremiação, presentes em desfiles nas décadas de 1980 e 1990, entre os quais o antológico *Bumbum praticumbum prugurundum*, campeão do carnaval de 1982, composto em parceria com Beto sem Braço.

MACHADO, Dirce [do Nascimento] (1940-97). Participante de certames de beleza, nascida e falecida no Rio de Janeiro. Eleita a primeira "miss" do Renascença Clube e classificada em quarto lugar no concurso para a escolha da "miss Distrito Federal" em 1960, sua consagração atraiu a atenção da mídia para a agremiação que a lançou e para a incipiente classe média negra, fato que abriu as portas dos clubes sociais para esse segmento da sociedade carioca. Após o sucesso, recusando o estrelato, continuou sua vida, trabalhando como funcionária municipal.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria(1839-1908). Escritor nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro, fundador e patrono da Academia Brasileira de Letras, tido, quase à unanimidade, como o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Bisneto de libertos e filho de um trabalhador mulato e de uma portuguesa dos Açores, agregados numa chácara no morro do Livramento, na zona portuária carioca, perdeu a mãe aos 10 anos de idade. A partir de então, resolveu tomar as rédeas do próprio destino, no que contou com o apoio e o carinho da mulher negra com quem o pai, depois de enviuvar, se casou. Cinco anos depois, já fora do ambiente de origem, começou, por intermédio do livreiro e editor Paula Brito*, também afrodescendente, a conviver com as letras, vindo daí sua carreira jornalística, depois de ter sido aprendiz de tipógrafo e ter publicado, já aos 15 anos de idade, seus primeiros escritos em pequenos jornais. A partir de 1870, já com alguns livros editados, firmou sua reputação literária. Não obstante, seu aparente distanciamento em relação à questão racial e ao escravismo no Brasil suscitou algumas críticas. Segundo Roger Bastide (1973), por exemplo, em sua obra "o negro só aparece como uma sombra que acompanha o branco através dos dramas da vida, mas nos quais fica de lado", argumento de certa forma contestado no livro *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo*, antologia organizada e comentada por Eduardo de Assis Duarte e lançada em 2007. Em sua vasta obra publicada, destacam-se: *Contos fluminenses* (1870); *Ressurreição* (romance, 1872); *A*

mão e a luva (romance, 1874); *Helena* (romance, 1876); *Iaiá Garcia* (romance, 1878); *Memórias póstumas de Brás Cubas* (romance, 1881); *Quincas Borba* (romance, 1891); *Dom Casmurro* (romance, 1899); *Poesias completas* (1901, incluindo *Ocidentais*, poemas escritos entre 1879 e 1880); *Esaú e Jacó* (romance, 1904); *Relíquias de casa velha* (contos, 1906); e *Memorial de Aires* (romance, 1908).

MACHAMBA. No interior do Brasil, roça, roçado, plantação. Do changana, língua de Moçambique.

MACHANGO. Em Cuba, espécie de macaco de origem africana e, por alegada semelhança, denominação pejorativa de certos negros.

MACHÍN, Antonio (1900-77). Cantor cubano nascido em Sagua la Grande, Las Villas, e falecido em Madri, Espanha. Popularizador da célebre canção *Angelitos negros**, cuja letra questiona a eleição do tipo humano louro como símbolo e ideal de pureza, foi o primeiro artista afro-cubano a apresentar-se como atração no cassino La Habana, nos anos de 1920. Radicado na Espanha desde 1936, fez carreira internacional, tendo se apresentado em Nova York e Paris.

MACHITO (1909-84). Nome artístico de Frank Grillo, chefe de orquestra, percussionista, trompetista, clarinetista, saxofonista e arranjador cubano nascido em Marianao e falecido em Londres, Inglaterra. Dirigiu por mais de quarenta anos a melhor e mais importante orquestra de música afro-cubana nos Estados Unidos, tendo sido o mais influente nome dessa música e o que mais contribuiu para sua difusão mundial. Um dos responsáveis pela fusão do jazz com os ritmos negros de Cuba, é considerado o pai do *latin-jazz** e da salsa*.

MACIEL, Ed. Pseudônimo de Edmundo Maciel Palmeira, músico brasileiro nascido em Belo Horizonte, MG, em 1927. De uma família de trombonistas (seu irmão, Edson Maciel, foi um dos destaques internacionais da banda do pianista Sérgio Mendes), radicou-se no Rio de Janeiro em 1948, depois de curta temporada em São Paulo. Fazendo o habitual circuito de rádio, bailes e televisão, excursionou à América Central e aos Estados Unidos, participando de grupos liderados por Ary Barroso e Carlos Machado. Na década de 1960, juntamente com Cipó*, Júlio Barbosa* e outros grandes instrumentistas, formou o Conjunto 7 de Ouros, um marco na história da

música instrumental brasileira. No campo da música de concerto, foi o primeiro trombonista solista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a qual se apresentou em várias partes do mundo, principalmente na Europa. E, na área da música popular, participou, como arranjador ou solista, de gravações dos mais importantes intérpretes nacionais, sendo, por isso, considerado um músico referencial em seu instrumento e em sua especialidade.

MACIEL, Enrique (1897-1962). Músico argentino. Violonista e compositor, iniciou carreira na década de 1910, tendo sido acompanhante do legendário cantor Carlos Gardel e parceiro de famosos letristas do tango, como Celedonio Flores e Héctor Pedro Blomberg.

MACKRON. Nas Antilhas Britânicas, denominação conferida ao escravo cujas condições físicas, após exame médico, eram declaradas ruins. Por volta de 1676, segundo as leis britânicas, nessas condições estavam aqueles escravos com mais de 35 anos, portadores de qualquer defeito físico ou de doenças, inclusive venéreas. *Ver MACUENCO.*

MACKSHUN. Antiga dança de Saint Thomas e Saint Croix, nas Antilhas.

MAÇONARIA NEGRA. *Ver HALL, Prince.*

MACONDE. Povo banto que habita os territórios de Tanzânia e Moçambique. Tradicionais escultores em madeira, suas máscaras e objetos entalhados são admirados e valorizados internacionalmente.

MACONDO. Na Colômbia, antiga plantation bananeira, cujo nome inspirou o da localidade imaginária onde se ambienta o célebre romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Sua origem está certamente no maiaca (variação regional do quicongo*) *makondo*, “bananal”.

MACONHA (*Cannabis sativa*). Espécie de cânhamo cuja folha, de uso medicinal, ao ser fumada, pode produzir alterações de consciência. **História:** Assim como os portugueses foram os responsáveis pela introdução do tabaco brasileiro em Angola, os escravos angolanos são tidos como os introdutores das primeiras mudas da maconha no Brasil. A planta, fumada entre alguns povos bantos principalmente em situações rituais, era usada nas Américas, notadamente no Sul dos Estados Unidos, no México e no Caribe, certamente para amenizar a desumanidade do trabalho escravo, em especial

no campo. A primeira lei brasileira contra o uso do chamado "fumo de Angola" foi promulgada em 1830. Não obstante, até pelo menos a década de 1960, era habitual em algumas comunidades negras sua utilização em clima respeitoso e em ambientes reservados, vedados a mulheres e crianças, com o mesmo cigarro ou cachimbo passando de um para outro fumante, numa roda de homens que conversavam, quase sempre agachados. **Fitoterapia:** Em 1999 uma comissão do governo americano divulgava um relatório aconselhando o uso de suas folhas para fins medicinais, principalmente em casos de dor, náusea, vômito e falta de apetite, enfatizando, entretanto, que seu fumo é considerado prejudicial. **Religião:** Na tradição religiosa afro-brasileira, a maconha é planta votiva de Exu, mas não há registros de que seja usada, na atualidade, em situações rituais. **Sinonímia:** Bengue, diamba, dirígio, fumo, fumo de Angola, *ganja*, gonlo, *hemp*, *kaya* (Caribe), liamba, macanha, marica, *marihuana* (América hispânica), marijuana, maruamba, *mary ann*, *mary jane* (Estados Unidos), muta, nadiamba, namba, pango, pito de pango, tabanagira etc. *Ver AJUÊ MARICA!*.

MACOTA. Homem de prestígio e influência, o maior ou o mais importante de todos; chefe de um grupo de maculelê*; ajudante do ganga [2]*, sacerdote do culto omolocô*; nos candomblés bantos, equede* mais velha. Do quimbundo *makota*, plural de *dikota*, "mais velho, maioral"; "conselheiro de soba*"; "indivíduo de respeitabilidade, pela idade, saber ou riqueza".

MACOUBA. Variedade de fumo da Martinica que cheira a rosa. *Ver MACUBÁ*.

MAÇU, Seu (1899-1973). Apelido de Marcelino José Claudino, sambista e líder comunitário nascido e falecido no Rio de Janeiro. Um dos fundadores e o primeiro mestre-sala* da famosa escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, foi, segundo Jota Efegê*, o responsável pela transplantação da figura do baliza, depois mestre-sala, do rancho carnavalesco para a escola de samba.

MACUA. Indivíduo dos macuas, grupo étnico de Moçambique* que também forneceu escravos para o Brasil; a língua falada pelos macuas.

MACUÁ. Denominação cubana do indivíduo dos macuas*.

MACUBÁ. Aportuguesamento de *macouba**.

MACUENCO. Em Cuba, qualificativo dado ao escravo velho ou doente e, em consequência, impossibilitado de trabalhar. *Ver MACKRON*.

MACUÍTO. Nome depreciativo atribuído aos negros no Peru.

MACULA. Apelido de Elso Gomes, sambista nascido no Rio de Janeiro em 1940. Ligado à escola de samba Acadêmicos do Salgueiro*, foi, em 1973, o primeiro negro a ser eleito Rei Momo, personagem-símbolo do carnaval carioca.

MACULELÊ. Folguedo popular do Recôncavo Baiano, misto de dança guerreira e jogo de bastões ou grimas, remanescente dos antigos cucumbis*. O nome deriva, provavelmente, do quicongo *makélelè*, "barulho", "algazarra", "vozearia", "tumulto". Auto de origem africana levado para a zona dos canaviais baianos, o maculelê existiria, em Santo Amaro, segundo a tradição, pelo menos desde 1757, ano da inauguração da Igreja da Purificação. A ritualística do folguedo tem início com a "marcha de Angola", na qual os participantes percorrem as ruas e praças em marcha gingada. Ao chegarem ao local principal da representação, trava-se a dança-luta: os figurantes batem os bastões uns contra os outros em compasso binário, executando passos de capoeira e samba, e entoam canções cujos textos fazem referência expressa a localidades históricas do contexto angolano, como Cabinda*, Quibala, Luanda* etc. "Nós somos pretos da Cabinda de Luanda/ nós somos pretos do soba de Quibala", diz uma delas. Suas características são, efetivamente, as de um auto dramático, em uma encenação na qual um dos comparsas, por ordem do chefe, simula estar embriagado, cai ao chão, estertora e "morre", para ser "ressuscitado" por um mestre de função (conforme Plínio de Almeida, 1966). Cena semelhante integrava o repertório histriônico de antigos cucumbis observados no Rio de Janeiro.

MACULO. Diarreia com relaxamento do esfíncter anal que, em consequência de verminose, acometia os escravos recém-chegados às Américas. Do quimbundo *makulu*, "disenteria", "proctite"; correspondente ao umbundo *omakulu*, derivado de *kulula*, *kululula*, "minar".

MACUMA. Escrava que acompanhava a senhora em saídas à rua. *Ver MACUMBA [2]*.

MACUMBA [1]. Nome genérico, popularesco e de cunho às vezes pejorativo com que se designam as religiões afro-brasileiras, notadamente a umbanda* e o candomblé*. O vocábulo é de origem banta mas o étimo é controverso. Antenor Nascentes (1981), talvez fazendo eco a Raymundo (1933), remete ao quimbundo *makumba*, plural de *dikumba*, "cadeado", "fechadura", em função das "cerimônias de fechamento de corpos" que se realizam nesses rituais. No entanto, a origem parece estar no quicongo *makumba*, plural de *kúmba*, "prodígios", "fatos miraculosos", ligado a cumba*, "feiticeiro". O termo, provavelmente com outras origens etimológicas, designou também, no Brasil, uma espécie de reco-reco e um tipo de jogo de azar. *Ver MAYOMBE [2]*. **Umbanda e candomblé:** No livro *O segredo da macumba*, de 1972, os intelectuais não negros G. Lapassade e M. A. Luz criticam a supervalorização do candomblé* em prejuízo da "macumba" por entenderem que, nessa vertente, o culto africano aos antepassados teria se convertido em um culto a heróis negros e caboclos brasileiros; que as figuras dos Exus representariam os heróis da libertação dos negros no Brasil; e que a quimbanda* expressaria uma contracultura, já que permite a inversão de comportamento, ao adotar ritualisticamente práticas condenadas pela sociedade, como a ingestão de bebidas alcoólicas, o emprego de palavras e gestos obscenos etc. (conforme Sérgio F. Ferretti, 1986). *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*.

MACUMBA [2]. Cada uma das filhas de santo da nação cabinda*. Do umbundo *kumba*, "conjunto de domésticos, serviçais, escravos"; "família que mora dentro do mesmo cercado".

MACUMBAMBÉ. Na bacia do Prata, um dos apodos pelos quais se tratam os negros.

MACUMBIQUE. Antiga dança afro-brasileira. Possivelmente, do quioco *makumbi*, "gafanhotos" (boa parte das danças afro-brasileiras leva nomes de animais), ou corruptela de moçambique*.

MACUNAÍMA. Nome pelo qual se fez conhecido o músico e poeta uruguaio Atílio Perez da Cunha, nascido em 1951. Entre suas obras contam-se *Derrumbado, nocturno y desván* (1980), *Los caballos perdidos* (1980) e *Fantasmas en la máquina* (1985). Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

MACUNDÊ. Comida votiva de Oxumarê. Do quimbundo *makunde*, plural de *dikunde*, "feijão-fradinho".

MACUNGO. Berimbau. De *makungu*, plural de *lukungu*, arco sonoro dos bangalas, lundas e quiocos. *Ver URUCUNGO.*

MACUTA. Antiga dança dos cultos cubanos da *regla de palo monte**.

MADA. Forma jamaicana para *mother*, título de respeito com que, nas comunidades negras, se nomeia uma mulher velha ou de meia-idade, especialmente quando detentora de posição de destaque, como a ritualista, por exemplo.

MADAGÁSCAR, República de. País situado no oceano Índico, na grande ilha de mesmo nome, a cerca de quatrocentos quilômetros da costa oriental africana, separado do continente pelo canal de Moçambique e com capital em Antananarivo. Sua população é predominantemente malaio-polinésia, mas, na origem de seu povo, cientistas como Hubert Deschamps apontam mestiçagem com antigos povos africanos. Atualmente, as populações negras se concentram sobretudo nas regiões costeiras.

MADAGASS. Termo genérico com que, nas Antilhas, se denominava o escravo originário de Madagáscar*.

MADAME SARA. No Haiti, nome dado a cada uma das vendedoras ambulantes que, em lombo de burro, vão de casa em casa, percorrendo longas distâncias, para comercializar produtos hortigranjeiros e de outros gêneros.

MADAME SATÃ (1900-76). Nome pelo qual se tornou conhecido João Francisco dos Santos, personagem lendário da vida boêmia carioca, nascido em Glória do Goitá, PE. Após despontar como um dos primeiros travestis dos palcos brasileiros, ganhou fama de valente em escaramuças na Lapa, principal reduto da boêmia e da malandragem cariocas nos anos de 1930, por frequentemente resistir à prisão por autoridades policiais. Boa parte de sua vida, entretanto, transcorreu no presídio de Ilha Grande, no Sul do estado do Rio de Janeiro. Em 1972 foi publicado o livro *Memórias de Madame Satã*, baseado em relatos feitos ao jornalista Sylvan Paezzo. E em 2002 foi revivido no cinema, em um filme que levou seu cognome e foi protagonizado pelo jovem ator Lázaro Ramos*.

MADEIRA, Manuel (c. 1635-83). Militar brasileiro nascido e falecido em Pernambuco. Soldado do Terço dos Henriques*, destacou-se nas guerras contra os holandeses.
MADERA DE ÉBANO. Em Cuba, o mesmo que *bois d'ébène**.
MADI GRA. No Haiti, nome com que se designa qualquer mascarado de carnaval. Corruptela de *Mardi Gras**.
MADJOUMBÉ. Gênero de música (ritmo, canto e dança) tradicional da Martinica. *Ver MAYOMBE [2].*
MADRAS. Nas Antilhas Francesas, turbante colorido, feito de tecido de mesmo nome, usado pelas mulheres negras em obediência a um costume da África ocidental. A forma, o número de laços e a combinação de cores indicam o estado civil e o lugar de nascimento daquela que o está usando.
MADRE JOANINA da Sagrada Face (1902-82). Nome de claustro de Maria José de Sampaio, religiosa brasileira nascida em Diamantina, MG. Desenvolveu importante obra social em Niterói, RJ, tendo sido a responsável pela criação do Orfanato Santo Antônio, inaugurado em 1951, e por sua ampliação.
MADRINHA EUNICE (1907-95). Nome pelo qual foi conhecida a sambista Deolinda Madre, fundadora da escola de samba Lavapés e uma das grandes personalidades do samba na cidade de São Paulo.
MADRUGA, Elberto (1921-85). Político brasileiro nascido em Rio Grande, RS, e falecido em Pelotas, no mesmo estado. Radicado desde a infância no antigo distrito pelotense de Capão do Leão, a partir de 1951 exerceu no município vários mandatos legislativos, tendo ocupado o cargo de secretário de Administração e prefeito substituto. Em 1982, com a emancipação de Capão do Leão, foi seu primeiro prefeito.
MADUREIRA. Bairro da zona suburbana da cidade do Rio de Janeiro, no ramal principal da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Ponto de confluência das populações da Baixada Fluminense*, da Zona Oeste e de outros pontos da cidade, concentra forte contingente populacional de afrodescendentes. É o reduto das escolas de samba Portela* e Império Serrano*, e sedia, desde a década de 1960, o "Mercadão de Madureira", provavelmente o maior ponto de venda de artigos religiosos afro-brasileiros em todo o país. *Ver MERCADO.*

MÃE DE SANTO. No Brasil, sacerdotisa-chefe de um terreiro de umbanda ou candomblé. Como em “pai de santo*”, a denominação decorre de uma tradução inexata do termo iorubano correspondente. *Ver IALORIXÁ*.

MÃE JOANA (séculos XVIII-XIX). Personagem do Rio de Janeiro colonial. Segundo Múcio Teixeira (1927), morava nas proximidades da Quinta da Boa Vista, à margem do rio que lhe deve o nome, o rio Joana, outrora “rio da Joana”, hoje, em parte, subterrâneo. Fornecia pensão a dom João VI, levando-lhe todos os dias tachos contendo as refeições reais, preparadas em sua casa desde que o monarca sofrera duas tentativas de assassinato por envenenamento. A expressão “casa da mãe joana”, que até hoje designa, na linguagem popular, um ambiente desorganizado, parece ser referência à sua casa, provavelmente sempre desarrumada em virtude da necessidade de atender às exigências palacianas.

MÃE LUZIA (1854-1954). Nome pelo qual ficou conhecida Francisca Luzia da Silva, parteira e líder comunitária nascida e falecida em Macapá, AP. Nascida escrava, por seus conhecimentos tradicionais tornou-se figura legendária na região, sendo sua casa frequentada por artistas, intelectuais e políticos. Seu prestígio ajudou a eleger o marido, Francisco Secundino da Silva, filho de escravos, vereador no município da capital amapaense. Responsável pelo parto de gerações de conterrâneos de todas as classes sociais, seu nome foi dado à maternidade principal e à Rede de Parteiras Tradicionais do Amapá, criada em 1996.

MÃE MARIA. Personagem da tradição brasileira, estereótipo* da negra velha, dócil e boa, e mulher de Pai João. *Ver MAMÁ INÉS*.

MÃE PRETA. No Brasil colonial e imperial, escrava encarregada de cuidar dos filhos da família patriarcal; o nome se deve à proximidade e ao papel maternal que desempenhava. Era, em geral, muito respeitada e querida pelas crianças e jovens da família. Na República, a figura da “mãe preta” subsistiu por meio da criada doméstica. *Ver AMA DE LEITE*; *MAMMY*; *MULHER NEGRA*.

MÃE-BENTA. Confeito da tradição brasileira, feito com farinha de trigo, coco e ovos e servido em forminha de papel. Seu nome é referência a Benta Maria da Conceição Torres, famosa doceira da época da Regência, mãe do

sacerdote e político Geraldo Leite Bastos, amigo e biógrafo do regente Diogo Antônio Feijó. Com os doces que fazia e vendia, Mãe Benta, falecida em 1851, educou e instruiu o filho ilustre e construiu vida respeitável e admirada.

MÃE-BOA (*Ruellia geminiflora*). Planta da família das vitáceas. Na tradição brasileira dos orixás, pertence a Nanã.

MÃE-D'ÁGUA. Personagem mitológica universal, associada, entre os afro-brasileiros, a Iemanjá*.

MÃE-DANDÁ. Um dos nomes de Iemanjá.

MÃE-DO-OURO. Mito sideral afro-brasileiro surgido, segundo a tradição, em Jaraguá, SP, tendo migrado para todos os lugares onde foram descobertas e exploradas jazidas auríferas. Consoante algumas lendas, é um ser feminino que tem por função guardar as minas de ouro, razão pela qual habitaria as entranhas dos morros e serras onde elas se localizam.

MÃE-SOBÔ. O mesmo que Nochê-Sobô*.

MAFOFO. Nas Antilhas Hispânicas, denominação de uma espécie de banana, também conhecida como *chamaluco*, *fotico* e *malango*, muito usada, na época da escravidão, como alimento pelos trabalhadores cativos (conforme B. Nuñez, 1980).

MAFUA. Fogareiro da tradição africana no Brasil. Provavelmente, do nhungue *mafua*, "fogão".

MAFUCA. Camareiro ou camareira do casal real nas antigas congadas*. Do quicongo *mafuka*, plural de *fuka*, "forte", "vigoroso", "robusto", com o sentido de "protetor", "guarda-costas".

MAGALHÃES, Geraldo (1878-1970). Cantor brasileiro, nascido em São Gabriel, RS, e falecido em Portugal. Cançonetista, foi imensamente popular no Rio de Janeiro do início do século XX. Em 1907 formou com Nina Teixeira, também afro-gaúcha, a dupla Os Geraldos, que viajou para a Europa por várias temporadas seguidas, alcançando grande sucesso em Paris. Radicado em Portugal desde 1915 mas afastado da vida artística desde 1926, ao falecer, aos 92 anos de idade, o jornal *O Século* dedicou-lhe um necrológio no qual o qualificava como "extraordinário cançonetista".

MAGALHÃES NETO, José Vieira Couto de (1910-47). Jornalista, poeta e orador nascido e falecido em São Paulo. Redator, por volta de 1936,

da página “O Ferroviário” do jornal *Correio Paulistano*, publicou ensaios literários em periódicos de grande prestígio, como *A Cigarra*, *Revista da Semana*, *Dom Casmurro* etc. É mencionado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

MAGBÁ. Variante de mangbá*.

MAGIA. Ato ou conjunto de ações em geral ritualizadas, praticados com o objetivo de controlar ou influenciar os processos naturais do universo.

MAGINO. Uma das subdivisões dos *ararás** cubanos. Do fongbé *mahi-nou*, “habitante do país Mahi”.

MAGÍSES. Antiga seita de negros existente em Montevidéu. Seus integrantes eram tidos como feiticeiros praticantes de cultos maléficos, sobre os quais se contavam lendas aterrorizantes. O nome provém do plural de *magí*, nome étnico correspondente ao brasileiro “marrim*”.

MAGLOIRE SAINT-AUDE, Clément (1912-71). Poeta e jornalista haitiano nascido em Porto Príncipe. Em 1931, conquistou um prêmio de literatura instituído na França pelo duque de Bauffremont. Tornou-se colaborador de revistas e jornais franceses e haitianos, além de ter publicado *Dialogue de mes lampes* (1941), *Tabou* (1941), *Parias* (1949), *Ombres et reflets* (1952), *Déchu* (1956), *Veillée* (1956), entre outras obras.

MAGONGUINHO. Capitão das matas; entidade de culto afro-indígena nordestino.

MAGUILA. Pseudônimo do pugilista brasileiro Adílson Rodrigues dos Santos, nascido em Aracaju, SE, em 1959. Campeão brasileiro em 1983 e sul-americano no ano seguinte, em 1996 contabilizava 66 lutas e apenas cinco derrotas, o que o credencia como o mais expressivo peso-pesado do boxe brasileiro, sendo o primeiro a figurar entre os cinco melhores do ranking mundial.

MAHI. O mesmo que marrim*. Também, uma das danças do vodu.

MAÍ. O mesmo que mahi*, mahim ou marrim*.

MAIA, Déo. Cantora, atriz e vedete brasileira nascida por volta de 1915 e atuante no Rio de Janeiro da década de 1930 à de 1950, algumas vezes em dupla com Grande Otelo*. Em 1933 lançou, com Luís Barbosa, em temporada no Teatro Carlos Gomes, o samba *No tabuleiro da baiana*, que obteve grande sucesso e mais tarde foi gravado por Carmen Miranda.

Participou, entre outros, dos filmes *Astros em desfile* (1943); *Poeira de estrelas* (1948); *Estou aí* (1949); *Eu quero é movimento* (1949) e *Carnaval em Marte* (1954).

MAIA, Manoel. *Ver BANGU ATLÉTICO CLUBE.*

MAIA, Tim (1942-98). Nome artístico de Sebastião Rodrigues Maia, cantor e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro e falecido em Niterói, no mesmo estado. Apesar das atitudes polêmicas, foi o maior intérprete da soul music no Brasil. Algumas fontes registram seu nascimento como ocorrido em 1938.

MAIOIO (século XVII). Um dos líderes de Palmares*. O nome parece ter relação com *mayoyo*, termo do quicongo que significa "pequenos guizos".

MAIOMBE. Subgrupo étnico dos bacongos*.

MAIONGA. Banho ritual de folhas. Do quimbundo *maiunga*, plural de *iunga*, "banho", correspondente ao quicongo *ma-yungu*. Também, maiongá.

MAIORIA FALANTE. Jornal fundado no Rio de Janeiro em 1988, voltado para a comunidade afro-brasileira. Inicialmente ligado ao Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap), teve sua circulação interrompida por um curto período para retornar, independente e reformulado, em 1995, tendo, porém, vida breve.

MAIS, Roger (1905-55). Escritor e político jamaicano nascido e falecido em Kingston. Depois de trabalhar como operário, balconista, fotógrafo, repórter e editor, ingressou na militância política por intermédio de um editorial de jornal – intitulado "Now we know" ("Agora nós sabemos") – que lhe valeu dezoito meses de prisão. Ligado ao Partido Nacional do Povo (PNP) e um dos pioneiros da tradição literária contemporânea no Caribe, é autor, entre outras obras, de *Face and other stories* (1942), *And most of all man* (poemas e contos, 1943), *The hills were joyful together* (1953), *Brother man* (1954) e *Black lightning* (1955).

MAISON DE LA NÉGRITUDE ET DES DROITS DE L'HOMME. Museu fundado em 1971 na cidade francesa de Champagney, no departamento de Haute Saône. A localidade abrigou um núcleo abolicionista pioneiro que, sob a liderança de Antoine Priquelet e por meio de um livro de reclamações enviado ao rei Luís XVI em 1789, propugnava o fim da escravidão negra.

MAISON DE SERVITUDE. Entre os negros haitianos, choupana erguida próximo à moradia para servir como local de culto às divindades. Sua elaboração varia de acordo com o status dos membros na hierarquia do culto e suas portas estão sempre fechadas, protegidas por galhos espinhosos de acácia.

MAISON DES ESCLAVES. *Ver MEMORIAL GORÉE-ALMADIES*.

MAÎT. No Haiti, vocábulo oriundo do francês *maître*, “mestre”, que integra epítetos de algumas divindades a fim de enfatizar seus atributos ou poderes, ou simplesmente para reverenciá-los. Exemplos do primeiro uso são Maît Bitation, “senhor da casa”; e Maît Carrefour, “senhor das encruzilhadas”; do segundo, Maît Ogun.

MAÎTRESSE ERZULIE. *Ver ERZULIE*.

MAÍZ DE FINADOS. Prato servido em Cuba no dia 2 de novembro. Remete ao hábito brasileiro de consumir canjica na Sexta-Feira Santa e parece decorrer da “mukunza de óbito” angolana. *Ver CANJICA*.

MAJAGUA. Nome cubano da guaxima-do-mangue ou pau-cortiça-da-índia (*Hisbiscus tiliaceus*; *Paritium tiliaceum*), planta da família das malváceas, de grande importância nos rituais da *santería*. Pertence a Ogum e a Iemanjá e as tiras de sua casca são muito usadas em encantamentos para “amarrar” pessoas.

MAJAGÜERO. Em Cuba, nos engenhos coloniais, escravo encarregado de preparar a cortiça da *majagua** para a fabricação de cordas.

MAJESTADE (1924-71). Cognome pelo qual foi conhecido Jorge da Silva, radialista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Locutor de voz possante e aveludada, além de dicção exemplar, no início da década de 1960, depois de atuar nas principais rádios cariocas, tornou-se, na TV Excelsior, o primeiro negro apresentador de jornalismo na televisão brasileira. Formado pela Faculdade Nacional de Filosofia, foi, em 1969, um dos primeiros jornalistas contratados pela TV Globo. No rádio, apresentou o famoso programa *Pergunte ao João*, além de comandar, com grande audiência, o noticiário *Jornal do Brasil Informa*. Ao seu funeral, no cemitério carioca de Inhaúma, afluiu uma multidão de aproximadamente 5 mil pessoas.

MAJEUR. Tambor congo do vodu.

MAKAGUA. Espécie de canto profano dos congos cubanos, incidental e improvisado, de fundo satírico ou jactancioso, expresso quase sempre por meio de enigmas; antigo canto de trabalho em forma de desafio das cortadoras de cana em Cuba. Também, *makaguadia* e *managua*.

MAKANDAL, François (c. 1715-58). Herói e mártir da independência do Haiti, também conhecido como "o Espártaco negro". Escravo originário da África ocidental, em 1751 organizou uma importante rebelião em Saint Domingue. Embora malsucedido, foi o primeiro levante de negros cuidadosamente planejado na ilha, constituindo-se no germe da grande revolução de 1791. Resistiu durante vários anos às tropas coloniais, até ser capturado e queimado vivo, no adro da catedral de Cap-Haïtien*. Segundo a tradição, era muçulmano e dominava a língua árabe. *Ver GUEDÉ MAKANDAL.*

MAKÈ. Tambor antilhano cujo nome deriva do francês *marqueur*, "marcador".

MAKEBA, [Zenzile, dita] **Miriam** (1932-2008). Cantora e ativista política sul-africana nascida em Prospect, próximo a Joanesburgo, e falecida em Castel Volturno, Itália. Pertencente à etnia xosa*, muito cedo conheceu os rigores do apartheid. Trabalhando para sustentar a família, antes dos 20 anos percorreu todo o país como crooner de orquestra. Em 1959 aparece cantando no filme *Come back, Africa*, apresentado no Festival de Veneza, e consegue um visto para ir até a Itália. O sucesso do filme, que denuncia o apartheid, fez que Makeba perdesse sua nacionalidade, mas a projetou para uma fulgurante carreira internacional, no mesmo ano em que perdeu uma tia e três primos no Massacre de Sharpeville*. Radicada nos Estados Unidos e casada com o ativista americano Stokely Carmichael*, sempre atrelou a militância política à carreira artística, granjeando fãs, adeptos e adversários, e incorporando ao seu nome epítetos como "Mama África", "Imperatriz da música africana" e "A voz das libertações". Em 1990, 23 anos depois da explosão internacional de sua interpretação da canção *Pata pata*, pôde retornar ao país natal. Mas não interrompeu sua militância internacional, vindo a falecer na Itália, após um concerto contra o racismo e a máfia.

MAKEDA. *Ver RAINHA DE SABÁ.*

MAKISÀ MIÌI. Personagem folclórico do povo saramaca*, cujo nome significa, literalmente, "garotinho esquelético" e cujos traços constitutivos o aproximam do Chiggerfoot Boy* dos negros caribenhos.

MAKUTA. Em Cuba, tambor dos antigos *cabildos** congos.

MAKUTO. Pequeno amuleto usado pelos congos cubanos.

MALAFA. Bebida alcoólica distribuída aos assistentes nos candomblés de caboclo. *Ver MARAFO.*

MALAGUETA, Costa da. À época da escravidão, denominação da faixa costeira hoje correspondente aos litorais da Libéria e de Serra Leoa. Também, Costa da Pimenta ou Costa dos Grãos.

MALAMBÁ. Localidade mítica mencionada em certos textos de congos*. De Malemba, nome de uma montanha e de uma aldeia na terra dos bacongos*.

MALAMBO. Antiga dança de negros na região do Prata.

MALANDRAGEM e samba. Uma das várias acepções da palavra "malandro" é a de indivíduo astuto e matreiro. E foi essa apregoada esperteza que plasmou, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da década de 1920, o estereótipo* do negro sambista subempregado ou desempregado, situado entre a marginalidade artística e a perspectiva de integração social. Atitude e rótulo, a malandragem é explícita na obra de compositores e intérpretes como Geraldo Pereira*, Heitor dos Prazeres*, Ismael Silva*, Jorge Veiga*, Moreira da Silva*, Wilson Batista*. Segundo Câmara Cascudo (1965), a origem da figura do malandro estaria relacionada aos filhos dos escravos urbanos alforriados, os quais, rejeitando o trabalho formal, com horários rígidos e obrigações definidas, procuravam representar, finda a ordem escravista, o papel do dominador branco e perpetuar um dos axiomas daquela ordem: "Branco não trabalha, manda o preto". No início do século XXI, a malandragem, em termos musicais, sobrevive apenas como atitude estética e cultural.

MALANGA (1885-1923). Pseudônimo de José Rosario Oviedo, legendário personagem da vida musical cubana. Nasceu em Alacraves, Matanzas, foi criado em Unión de Reyes e faleceu em Morón. Dançarino, percussionista e cantor, foi a figura mais importante da rumba* cubana, na modalidade conhecida como *columbia**.

MALANGA (*Xanthosoma sagittifolium*). Nome cubano de uma espécie de taioba, denominação comum no Brasil a diversas plantas da família das aráceas, de tubérculo e folhas comestíveis. Em uma folha de *malanga* é que se guarda o *derecho*, isto é, o pagamento em dinheiro que o ritualista recebe por seu trabalho na cerimônia de assentamento do orixá. As folhas de *malanga*, além de vários outros usos, servem como instrumento de trabalho de Iemanjá. A *malanga* amarela, apesar de aplicações idênticas, pertence a Oxum. O nome tem origem no quicongo *ma-langa*.

MALAUÍ, República do. País localizado no Leste africano, entre a Tanzânia (norte), Moçambique (leste e sul) e Zâmbia (oeste), com capital em Lilongue. Os principais grupos étnicos que o compõem são os nianjas, iaos e angonis, e sua história pré-colonial repete a de todos os povos bantos em sua secular migração em direção ao sul. *Ver NIANJAS*.

MALAVÉ, Angelamaría Dávila. *Ver DÁVILA [Malavé], Angelamaría*.

MALAVO. Denominação da cachaça em antigas comunidades negras de Minas Gerais. Do quicongo *malavu*, “vinho”. *Ver MALAWA*.

MALAVOI. Conjunto musical, vocal-instrumental, formado na Martinica, no início dos anos de 1970, em torno de Emmanuel “Mano” Césaire e Jean-Paul Soïme. Por vezes influenciado pela música brasileira (conforme *La chanson mondiale*, 1998), o grupo é um símbolo da moderna música popular de seu país.

MALAWA. Na Jamaica, um dos nomes do rum. Também, *malava*. *Ver MALAVO; MARAFO*.

MALCASSÁ. Espécie de beiju de tapioca, ou mandioca, que é envolto em folha de bananeira para que seja assado.

MALCOLM X (1925-65). Cognome de Malcolm Little, político americano nascido em Omaha, Nebraska, e falecido em Nova York. Filho de um ministro batista militante da Unia*, torturado e assassinado pela Ku Klux Klan*, passou de rufião, assaltante e traficante de drogas a líder político dos Black Muslims*, pregadores da luta armada. Nos anos de 1960, escrevendo seguidos artigos para a imprensa e participando de inúmeros comícios e palestras, inclusive no exterior, defendia o nacionalismo negro*, baseado no orgulho étnico dos afrodescendentes. Por seu próprio exemplo, tornava-se a

prova de que era possível a um negro pobre e envolvido com o crime sair da marginalidade e assumir lugar de destaque na vida nacional. Em abril de 1964 fez sua *hadj* (peregrinação) a Meca e impressionou-se com a união de todas as etnias promovida pelo credo islâmico. De volta aos Estados Unidos, incorporou o título "El-Hadj" (peregrino) ao seu nome muçulmano, Malik El-Shabazz; afastou-se da Nação do Islã*, que advogava a separação entre negros e brancos, e criou a Organização da Unidade Afro-Americana, o que pode ter levado ao seu assassinato, ocorrido durante uma palestra. Um dos personagens mais polêmicos da história recente dos Estados Unidos, sua autobiografia, escrita com a colaboração de Alex Haley, foi publicada no Brasil em 1964.

MAL DE BICHO. O mesmo que maculo*.

MAL DE LUANDA. Escorbuto.

MALÊ. Nome derivado do iorubá *ìmale*, "muçulmano", pelo qual eram conhecidos no Brasil os negros islamizados, principalmente os hauçás e nagôs. Após uma sucessão de guerras interétnicas ocorridas no território correspondente ao da atual Nigéria, no final do século XVIII, esses muçulmanos chegaram ao Brasil em massa e aqui imprimiram sua marca, notabilizando-se como insubmissos e sediciosos representantes do Islã Negro*. *Ver ADRIANO.*

MALÊ DEBALÊ. Bloco afro* fundado em Itapuã, Salvador, BA, em 6 de outubro de 1978. Sua fundação representou a difusão do movimento cultural afro em direção aos bairros mais distantes da capital baiana.

MALEMBA. Correspondente angolo-conguês de Oxalá. De Lemba, divindade angolana da procriação, em associação, talvez, com o quimbundo *malembe*, "suave". Em quicongo, Malemba é o nome de uma montanha.

MALEMBÁ. Entidade do candomblé de caboclo e derivados. De Malemba, com agudização. Provavelmente se trata de um caboclo da falange de Oxalá.

MALEMBE. Nos candomblés bantos, cântico de misericórdia, pedido de perdão às divindades. Do quicongo *ma-lembe*, "saudação", desejando paz, saúde etc. Relacionado ao quimbundo *malembe*, "suave".

MALEME. Variante de malembe*.

MALÊS, Revoltas dos. *Ver ISLÃ NEGRO.*

MALGAXE. Denominação aplicada aos nacionais de Madagáscar e a tudo que diz respeito à cultura do país. Por exemplo, “literatura negro-africana e malgaxe”.

MALHEIROS, [Joaquim] **Mendes** (1830-1905). Educador brasileiro nascido em Cuiabá, MT. Professor do Colégio Pedro II, do Mosteiro de São Bento e das escolas Militar e Naval, no Rio de Janeiro, fez parte do Conselho Provincial de Instrução Pública e dirigiu a Escola Normal de Niterói. Foi eleito deputado geral pela província de Mato Grosso em 1878, cumprindo o mandato discretamente e retornando ao magistério; aposentou-se em 1889.

MALI. Ritual dos *garífunas** de Belize em benefício de um doente. Realiza-se com cânticos e danças, dura em geral três dias e requer a presença de todos os parentes do enfermo.

MALI, Antigo. Grande império da Idade Média africana localizado entre o Alto Níger e o Alto Senegal. Resultado da conquista e anexação do antigo Gana* em 1240, compreendia, no início, dois reinos distintos: um ao norte, onde reinaram sucessivamente os clãs Traorê, Konatê e Keita, e um ao sul, próximo à moderna República do Mali, na fronteira com a Guiné-Conacri, compreendendo as cidades de Djenné (a antiga, distante três quilômetros da atual), Tombuctu* e Gao*. Conquistando o que restara do antigo Gana, em 1240, Sundiata*, o grande líder mandinga, expandiu seu império, muçulmano desde o século anterior. O Mali torna-se legendário principalmente sob a administração do *mansa* Kanku Mussá*, e só perdeu a hegemonia do rico comércio sudanês em 1468, para os antigos vassalos do reino songai de Gao. *Ver ISLÃ NEGRO.*

MALI, República do. País da África ocidental, com capital em Bamako, é no seu território que se localiza a legendária cidade de Tombuctu*. Limita-se ao norte com a Argélia, a leste com Burkina Fasso e Níger, ao sul com a Guiné e a Costa do Marfim e a oeste com a Mauritânia e o Senegal. Os principais grupos étnicos que compõem sua população são os bambaras, os peúles e os senufos. Sua história até a chegada dos europeus é a dos grandes impérios da curva do Níger.

MALIBRÁN NEGRA, La (século XIX). Epíteto dado a María Gamboa, cantora cubana (depois María Gamboa Martínez), em referência à célebre

cantora franco-hispânica María de la Felicidad García (1808-36), cujo nome artístico era Malibrán. Filha de negros livres e protegida da família de um ex-intendente de Havana, foi aplaudida em Madri, Paris e Londres. Por volta de 1845 foi cantora de câmara da rainha da Espanha, tendo-se casado nesse país, em Sevilha, com Mariano Martínez de Morena, oficial do Exército espanhol (conforme Carpentier, 1983). Seu retrato, com a legenda "A Malibrán Preta", foi publicado na edição número 321 do jornal *A Marmota Fluminense*, de 1852.

MALIMBA. O mesmo que marimba* (conforme Mário de Andrade, 1989). *Ver KALIMBA*.

MALINKÉ. O mesmo que mandê*, mandinga* ou *mandingo*.

MALONEY, Gerardo. Poeta e sociólogo panamenho nascido em 1945. Professor na Universidade do Panamá, onde foi diretor do Departamento de Sociologia e diretor-geral da emissora de rádio e televisão Educativa, canal onze, presidiu o Segundo Congresso de Culturas Negras das Américas. É autor de *¡Juega vivo!* (poemas, 1984) e *En tiempo de crisis* (poemas, 1991); participou do livro *Este país, un canal: encuentro de culturas* (Raúl Leis *et al.*, 1999), com o ensaio "Los afroantillanos en Panamá".

MALONGUE. Em Trinidad, termo correspondente ao brasileiro malungo*.

MALUATA. Argola de ferro com que os escravos eram presos pelo tornozelo.

MALULU. Um dos nomes de Exu.

MALUNGA. Manilha usada como distintivo de nobreza. Do quimbundo *mulunga*, "manilha".

MALUNGO. Companheiro, camarada; nome com que os escravos africanos tratavam seus companheiros de infortúnio no navio negreiro; irmão de criação. A etimologia tradicionalmente aceita prende-se a vocábulos bantos correspondentes ao português "barco": o quicongo *lungu*, o quimbundo *ulungu* etc. Também, o quioco *malunga*, plural de *lunga*, "homem", "marido", "macho". Interessante analisar, ainda, no quicongo, as palavras *ma-lùngu*, plural de *lùngu*, "sofrimento", "pena", "morte", "dificuldade"; *na-lùngu*, "aquele que sofre"; e *madungu*, "estrangeiro", "pessoa desconhecida".

MALUNGUINHO (século XIX). Líder de quilombo existente nas matas pernambucanas do Catucá, nas proximidades de Recife, entre 1828 e 1836. O nome era extensivo a cada um dos liderados, e hoje nomeia uma entidade sobrenatural do toré, culto brasileiro de origem ameríndia.

MALUVO. Bebida fermentada da tradição afro-brasileira; vinho de palmeira. Do quimbundo *maluvu*, plural de *diluvu*, "vinho".

MALVA. Denominação comum a várias espécies de plantas da família das malváceas (*Althaea rosea*; *Sida macrodon*; *Sida cordifolia*; *Sida linifolia*), todas utilizadas em rituais da tradição afro-brasileira.

MAMA. Entre os djukas* do Suriname, termo que compõe o nome dos espíritos ou entidades benfazejos. Por exemplo, Mama Watra, "entidade das águas, do rio".

MAMÁ CACHÉ. Nome carinhoso pelo qual Oxum é também chamada na *santería* cubana.

MAMÁ CANATA. Entre os congos cubanos, entidade correspondente a Nanã Burucu e identificada com a Virgen del Carmen.

MAMÁ CHOLI. Entre os congos cubanos, divindade correspondente a Oxum.

MAMÁ INÉS. Personagem da tradição cubana e rio-platense, estereótipo* da negra velha, correspondente à Aunt Gemmima* americana e à Mãe Maria* brasileira.

MAMÁ KENGUE. Divindade dos congos cubanos; o mesmo que Tiembla Tierra*.

MAMÁ TINGÓ. *Ver SORIANO, Florinda Muñoz.*

MAMA VIEJA. Personagem feminina das *comparsas** rio-platenses. Representa uma mulher velha, geralmente gorda, que dança empunhando um leque, simulando seduzir o *gramillero**.

MAMÃE DE LUANDA. Cachaça.

MAMALOCHA. Em Cuba, o mesmo que ialorixá*. *Ver OCHA, Regla de*.

MAMALOI. No Sul dos Estados Unidos, nome que se dá à sacerdotisa do vodu. Do francês *maman* unido ao haitiano *lois*, "espírito", numa construção semelhante ao vocábulo "mãe de santo*". *Ver LOÁ*.

MAMAN. O maior dos três tambores *rada**.

MAMAN DE L'EAU. Espírito das águas, presente na mitologia de povos afro-antilhanos de fala francesa.

MAMBA. Nome dado a várias espécies de serpentes africanas, classificadas entre as mais perigosas do mundo.

MAMBÍ. Nas Antilhas, termo originalmente aplicado ao animal asselvajado e aos escravos *cimarrones**. Na Cuba do século XIX, a denominação (com plural *mambíses*) estendeu-se aos patriotas revolucionários em luta contra a dominação espanhola. O vocábulo origina-se do quicongo *mbi*, "má ação"; "pessoa malvada".

MAMBO [1]. Gênero musical afro-cubano que alcançou popularidade internacional durante a década de 1950, a partir dos Estados Unidos e do México. Compreende duas variantes: uma mais lenta, caudatária do *son**, denominada *mambo caén*, e outra mais acelerada, conhecida como *mambo batiri*, originária da rumba* ou por ela influenciada. Sua popularização internacional deveu-se sobretudo aos músicos Dámaso Pérez Prado* e Israel López, o Cachao*. Chama-se *mambo* a cada um dos cânticos rituais dos cultos bantos cubanos; o termo vem do quicongo *màmbu*, "palavras", "discurso", "discussão", correspondente ao quimbundo *milonga*, que deu origem ao nome da música-dança afro-platina. *Ver* MILONGA.

MAMBO **[2].** Sacerdotisa do vodu; o mesmo que *mamaloi**. Pronuncia-se "mambô".

MAMETO. Personagem dos antigos cucumbis* do Rio de Janeiro que representava uma criança, o filho do rei. Do quimbundo *mam'etu*, interjeição correspondente a "Ai, mamãe!".

MAMETO-DE-INQUICE. Mãe de santo* nos candomblés bantos. Do quimbundo *mama etu*, *mam'etu*, "nossa mãe" + inquice*.

MAMETO-INQUICIANE. O mesmo que mameto-de-inquice*, significando "minha mãe de santo". Provavelmente de formação erudita, criada por intelectuais ligados às comunidades-terreiro, o termo é redundante: a locução *ia mi* quer dizer "minha"; entretanto, *mam'etu* já significa "nossa mãe".

MAMEY. Nome cubano do abricó ou abricó-do-pará (*Mammea americana*), árvore da família das gutíferas. Na *santería*, é fruto de Xangô, e suas sementes às vezes são usadas com finalidades maléficas.

MAMMY. Nos Estados Unidos, termo correspondente ao brasileiro "mãe", anteposto na época da escravidão ao prenome das velhas escravas domésticas. No Sul dos Estados Unidos, a lealdade dessas *mammies* era inquestionável, e, colocadas em posição hierarquicamente superior à dos outros escravos, elas praticamente governavam as casas-grandes. Mais do que competentes cozinheiras ou arrumadeiras, eram mães substitutas para os filhos da família patriarcal. Em muitos casos, estavam afetivamente bem mais próximas dos mais jovens do que as mães biológicas. No contexto religioso, porém, o termo em inglês aplicado às sacerdotisas ("mães", no Brasil) é *mother*. *Ver MÃE PRETA*; *MULHER NEGRA*.

MAMOEIRO (*Carica papaya*). Planta da família das caricáceas que, na tradição brasileira dos orixás, pertence a Oxalá. Em Cuba, seu fruto é o preferido de Oyá. *Ver FRUTABOMBA*.

MAMONA (*Ricinus communis*). Planta da família das euforbiáceas, da qual se extrai o óleo de rícino. Associada a Exu e Obaluaiê, suas largas folhas são utilizadas como recipientes para as refeições comunais no olubajé*. Do quioco *mamono*, plural de *limono*, também relacionado ao quimbundo *mumono*, significando "rícino".

MAMONINHO-BRAVO. O mesmo que estramônio ou *chamico**.

MAMPULORIO. Entre comunidades negras da Venezuela, canto de velório de criança.

MAN. Forma de tratamento, significando "homem", usada entre os negros americanos a partir da década de 1960 como reação ao tratamento *boy* (moleque), com que eram desqualificados pelo racismo branco. *Ver DOM*.

MAN BONGO. Dança "de nação" do *big drum**. *Ver NAÇÃO*.

MAN DROM. Tambor dos negros do Suriname. Provavelmente do inglês *main drum*, "tambor principal".

MANACEIA (1921-95). Nome artístico de Manassés José de Andrade, compositor brasileiro de música popular nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Estreitamente ligado à escola de samba Portela*, para a qual criou os sambas-enredo de 1946, 1948, 1949 e 1952, tornou-se nacionalmente prestigiado fora do universo do samba com a gravação de *Quantas lágrimas*, em 1970, na voz da cantora Cristina Buarque. Foi o líder do grupo musical Velha-Guarda da Portela*.

MANA-CHICA. Dança afro-brasileira da região de Campos, RJ.

MANAFUNDO. Nos folguedos de coroação dos reis negros, no Rio de Janeiro antigo, personagem que representava o príncipe. Do quicongo *mwana-a-mfumu*, "filho do rei".

MANAGUA. O mesmo que *makagua**.

MANAMBÁ. O mesmo que Malambá*.

MANAMPANÇA. Espécie de beiju espesso, feito de mandioca e tostado no forno. Da raiz *mpa* (quicongo), "pão", provavelmente associada a *mpanza*, "disco", talvez pela forma.

MANANGANA. Um dos títulos do rei, na congada de Caraguatatuba, SP. Do quimbundo *muene*, "rei", "senhor" + *ngana*, "senhor", "rei".

MANATI (*Trichechus manatus*). Mamífero sirênio, semelhante ao peixe-boi da Amazônia, utilizado em rituais da tradição afro-cubana. O nome se estendeu ao bastão ou chicote feito com sua pele, de ação tão contundente que teve seu uso proibido nas Antilhas na época da escravidão. Tal proibição, contudo, não se deveu a razões humanitárias, e sim ao fato de que deixava cicatrizes indeléveis no corpo da vítima, dificultando a venda do escravo: o pretenso comprador, ao ver as marcas do castigo, supunha que o escravo tivesse caráter turbulento.

MANAUÊ. Espécie de bolo de fubá da tradição afro-brasileira. Do fongbé *mawe*, segundo Pessoa de Castro (1976).

MANCUCE. Um dos nomes de Exu em candomblés bantos. *Ver INCOCE*.

MANDACARU, Emiliano (século XIX). Líder de uma revolta de escravos ocorrida em Recife, PE, em 1824. Durante a sedição, editou manifesto em versos, no qual dizia imitar o rei Henri Christophe*, "esse imortal haitiano" (segundo Abdias do Nascimento, 1980).

MANDÊ. Grupo de línguas faladas pelos povos mandingas*. Por extensão, o mesmo que mandinga.

MANDELA, Nelson [Rolihlahla]. Político sul-africano nascido em 1918. Pertencente ao grupo étnico dos xosas, após a morte de seu pai foi criado e educado por um importante chefe de seu povo. Aos 18 anos, em Fort Hare, ingressa na universidade, sendo expulso por envolver-se em atividades políticas. Muda-se para Joanesburgo, onde se forma em Direito aos 23 anos. Em seguida, ingressa no Congresso Nacional Africano (CNA) e já em 1952

é eleito presidente do partido na província onde abrira o primeiro escritório de advogados negros do país. Após participar de vários movimentos políticos, é preso em 1962 e condenado à prisão perpétua em 1964, tornando-se o preso político mais famoso do mundo. Em 1990 é libertado, no ano seguinte assume a presidência do CNA e, em 1994, é eleito para a Presidência da República da África do Sul, governando até 1999. Embora não integre a Diáspora Africana, seu nome e sua figura constituem referência altamente positiva para os afrodescendentes em todo o mundo.

MANDINGA. Bruxaria, feitiço; talismã; qualidade de jogo de capoeira. Na bacia do Prata, um dos nomes do diabo. A origem do vocábulo relaciona-se, provavelmente, ao quicongo *ndinga*, "praga", "maldição".

MANDINGA, Antón (século XVI). Líder escravo no Panamá. Em 1553, como uma espécie de lugar-tenente de Luis de Mozambique*, ajudou a comandar uma revolta de escravos nas montanhas de San Blas, no istmo do Panamá. Ambos foram presos mas perdoados pelas autoridades espanholas.

MANDINGAS. Nome étnico que inclui um extenso grupo de povos da África ocidental, falantes de línguas aparentadas, pertencentes ao grande grupo linguístico mandê, como os bambaras, da República do Mali; os mandinkas, da Gâmbia e países vizinhos; os diúlas ou diolas, de Burkina Fasso e Costa do Marfim (em várias das línguas do grupo, a palavra *dyula* significa "mercador itinerante"); bem como os kurankos, konos e os povos vai, de Serra Leoa e Libéria. Segundo sua tradição, os povos mandingas, construtores do grande império do antigo Mali, são originários da região do Manden, próxima à fronteira ocidental do Mali, no curso superior do rio Níger. A denominação "mandinga" provém da forma *mandingo*, com a qual os ingleses, certamente após contato com os mandinkas, nomearam todos os povos do grupo linguístico mandê, que compreende cerca de 10 milhões de pessoas distribuídas por área de aproximadamente 2 mil quilômetros quadrados. A Diáspora desses povos, fortemente atingidos pelo tráfico, se localiza, ao que consta, principalmente nas Antilhas e nos Estados Unidos.

MANDINGUE. Dança "de nação" do *big drum**; na França, gênero de world music, baseado nas tradições musicais dos povos mandingas.

MANDIOCA (*Manihot utilissima*). Planta da família das euforbiáceas, cultivada principalmente em função do fato de que suas raízes constituem

preciosa fonte de amido. Por isso, tornou-se alimento de substância dos escravos rurais nas regiões tropicais das Américas. Também, aipim e macaxeira.

MANDIRA. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Cananeia, SP.

MANDU-ZAMBÊ. Personagem mitológico afro-brasileiro. *Ver* ZAMBÊ.

MANÉ DO CAVACO. Nome pelo qual se tornou conhecido Manoel Ferreira de Carvalho, cavaquinista brasileiro nascido em 1936 e radicado no Rio de Janeiro. Exímio instrumentista, tornou-se conhecido a partir da década de 1970, especialmente após atuar ao lado do cantor-compositor Martinho da Vila*.

MANECO (*c*. 1925-56). Apelido de Manuel Anselmo da Silva, jogador brasileiro de futebol nascido e falecido no Rio de Janeiro. Atacante do América Futebol Clube carioca nos anos de 1940 e 1950, granjeou fama pelo virtuosismo de seu futebol, altamente elogiado por especialistas como Mário Filho. Entretanto, por estar contundido, não foi convocado para a Copa do Mundo de 1950. Terminou a vida tragicamente, suicidando-se em razão de dificuldades financeiras.

MANENGUE (1881-1967). Pseudônimo de Antonio Orta Ferrol, músico cubano nascido em Regla. Percussionista, foi o introdutor do *cencerro** na música popular afro-cubana, tornando-o elemento identificador de gêneros como o *son** e seus derivados.

MANEZINHO DA FLAUTA (1924-90). Nome artístico de Manuel Gomes, músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Profissional desde os 15 anos, em 1952 concluiu um curso regular de música. Em 1967, depois de atuar em casas noturnas como o Zicartola carioca, gravou, como solista principal, um LP para a gravadora CBS. No final da década de 1960 tornou-se um dos mais conhecidos flautistas do choro em São Paulo e, em 1974, gravou, para o selo Marcus Pereira, *Brasil, flauta, bandolim e violão*, com o Regional do Evandro.

MANGA. Apelido de Hailton Correia de Arruda, jogador brasileiro de futebol nascido em Recife, PE, em 1937. Goleiro campeão pelo Botafogo do Rio de Janeiro, integrou a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966.

MANGABEIRA, Eduardo Antônio (1881-1988). Nome civil de Eduardo de Ijexá (Odé Baybi), babalorixá nascido e falecido na Bahia. Fundador do Ilê Logunedé, no bairro de Brotas, foi um dos maiores expoentes da nação ijexá em seu tempo. Rigoroso, inteligente e tradicionalista, sabendo comunicar-se em iorubá, inclusive por escrito, manteve, por intermédio do etnólogo Pierre Verger, correspondência epistolar com altas autoridades do culto em Ilexá, Nigéria, região de origem do orixá Logum Edé*, patrono de sua casa, talvez o mais importante terreiro dedicado ao culto dessa relevante divindade. Segundo voz corrente, era meio-irmão do ex-governador baiano Otávio Mangabeira*.

MANGABEIRA, Francisco [Cavalcanti] (1879-1904). Poeta brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em Gurupi, MA. Sua obra, ainda ligada à estética romântica, inclui *Hostiário* (1898) e *Tragédia épica* (1900), além de *As visões de santa Teresa* e *Últimas poesias*, ambas editadas postumamente em 1906. É mencionado na nominata de *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

MANGABEIRA, João (1880-1964). Político brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Deputado federal, senador e ministro, participou da fundação do Partido Socialista Brasileiro. É descrito como "mulato" por Arthur Ramos (1956) em *O negro na civilização brasileira*.

MANGABEIRA, Otávio (1886-1960). Político brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Vereador em 1912, deputado federal em várias legislaturas e falecido no exercício do mandato de senador, foi ministro das Relações Exteriores de 1926 a 1930 e governador de seu estado natal na década de 1940. É mencionado por Arthur Ramos (1956) como mestiço de origem africana, como seu irmão João Mangabeira*.

MANGACHE, Andrés (século XVI). Escravo trazido da Espanha para as Américas em 1541. Fugitivo de um navio no Equador, organizou, em companhia de uma índia nicaraguense, uma das primeiras comunidades de quilombolas* no continente. A povoação foi destruída em 1584, mas os descendentes dos primeiros habitantes, conhecidos como *mangaches*, mantiveram sua influência na região por várias gerações.

MANGALÔ. Dança brasileira da família da mana-chica*.

MANGBÁ. Título de cada um dos doze ministros de Xangô no Ilê Axé Opô Afonjá*. Do iorubá *magbà*, "sacerdote de Xangô", e *móngbà*, "chefe dos

sacerdotes”.

MANGÉ GINEN. No vodu haitiano, ritual de oferendas aos espíritos dos mortos. *Ver GINEN*.

MANGÉ LOÁ. No vodu haitiano, cerimônia de sacrifícios e oferendas aos loás*.

MANGLAR. Na Havana colonial, bairro periférico, habitado basicamente por negros *curros**, correspondente a toda a área entre o Hospital Militar e a ponte de Chávez, incluindo o bairro Jesús María. O nome corresponde ao português “manguezal”.

MANGONÉS, Victor Michel Raphael (1880-1949). Poeta haitiano nascido em Jérémie. Estudou em sua cidade natal e em Porto Príncipe, onde se formou em Administração e trabalhou como funcionário público. Em sua obra, cujo tema principal é o amor, destacam-se *Menuailles d’or et d’argent* (1933) e *Contes vrais; chroniques parlées* (1934).

MANGONGUÊ. Tambor cilíndrico, coberto com pele em uma das extremidades, utilizado na dança da punga*; pererenga*.

MANGUARA-GUIALÊ. Bastão usado como amuleto no antigo culto conhecido como guiné. *Ver GUINÉ [3]*.

MANGUEIRA. Comunidade carioca integrada pelos morros de Mangueira, Telégrafo e adjacências. Em seu seio nasceu a escola de samba Estação Primeira de Mangueira e, nos anos de 1980, um bem-sucedido projeto de educação pelo esporte, patrocinado por empresas estrangeiras. Em 1997, Bill Clinton, então presidente dos Estados Unidos, conheceu esse projeto em visita à Vila Olímpica da Mangueira. **Estação Primeira de Mangueira:** Escola de samba carioca fundada na comunidade de Mangueira em 29 de abril de 1928 por Cartola*, Carlos Cachaça* e Seu Maçu*, entre outros. Caracterizada pelas cores verde e rosa, é considerada a mais tradicionalista das agremiações do samba, o que, entretanto, não a impediu de desenvolver estratégias mercadológicas de grande eficácia nos anos de 1990.

MANGUEIRA (*Mangifera indica*). Árvore da família das anacardiáceas. Na tradição religiosa afro-brasileira, é planta de Ogum e tem participação importante nos rituais de feitura dos iniciandos do candomblé jeje-nagô. Em

Cuba, é fruto do gosto de todos os orixás e, em especial, de Oxum. Diz-se lá, contudo, que quando a mangueira frutifica demais pressagia miséria.

MANHÃES, Maria [da Paz]. Psicanalista e escritora brasileira nascida em São Carlos, SP, em 1917. Diplomada em Medicina pela antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi bolsista do British Council na Tavistock Clinic de Londres, onde se especializou em psicoterapia infantil. Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, da qual foi presidente, destacou-se pela publicação de grande número de artigos na revista da Sociedade e também na da Academia Brasileira de Médicos Escritores. É autora, entre outros livros, de *Psicologia da mulher* (1977); *Kaleidoscópio: ensaios de psicanálise* (1985); *O enigma do suicídio* (1990); *O ódio mortal* (1991); *O prisma da psicanálise na cultura* (1996); e *Manhãs de Manhães* (memórias, 1997).

MANHANGOMBE. Personagem mitológico afro-brasileiro.

MANÍ. Nome cubano do amendoim (*Arachis hypogaea*). Na *santería*, é planta votiva de Obaluaiê, mas suas sementes, tostadas e passadas em calda de açúcar, são oferecidas a Oxum, que as aprecia muito.

MANÍ, Juego de. Dança-luta da tradição afro-cubana na qual o dançarino solista procura abater com um soco um dos participantes que estão dançando e cantando à sua volta. Sua origem étnica é atribuída aos negros *gangás* [2]*, e mais especificamente aos chamados *gangás manís*. No século XIX, muitos senhores ganhavam dinheiro apostando nas habilidades de seus escravos como *maniseros*. Fernando Ortíz, em *Los bailes y el teatro de los negros en el folklore de Cuba* (1951), menciona Indalecio Esponda, escravo de um engenho na província de Spiritu Sancto que, como praticante do jogo, ganhou tanto dinheiro para seu dono que este o emancipou, em um dia em que derrubou vários de seus contendores, mais fortes e mais cotados. Também, *baile de maní*.

MANICONGO. Denominação dada pelos portugueses a cada um dos reis do Congo. Do quicongo ou quimbundo *muene*, "rei" (aportuguesado para "mani" ou "mono" desde o século XV) + Kongo, resultando em "rei do Congo".

MANIFESTO DA LEGÍTIMA DEFESA. Documento deflagrador do movimento da *négritude**, publicado em Paris em 1932 e assinado por Aimé

Césaire*, Léopold Senghor* e Léon Damas*, entre outros. Denunciava agressivamente a exploração do proletariado negro no mundo e a dominação intelectual dos negros colonizados, na África e na Diáspora, responsável pelo aniquilamento de sua autoestima*.

MANIPANSO. Ícone representativo de ancestral africano; indivíduo obeso. Do quicongo *muene*, "senhor" + Mpanzu, nome de um clã que reinou muitos anos no antigo Congo. *Ver* MANICONGO.

MANISERO. Praticante do *juego de maní**. Também, "vendedor de amendoins".

MANJERICÃO (*Ocimum basilicum*). Planta aromática da família das labiadas, também conhecida como alfavaca-de-horta, alfavaca-cheirosa e manjericão-de-molho. Na tradição religiosa afro-brasileira, é planta de Oxum.

MANMAN. No vodu haitiano, grande tambor do rito *rada**.

MANO. Tratamento respeitoso entre os antigos sambistas cariocas, usado também na forma "mano velho". Exemplos de uso seriam "Mano Elói", "Mano Décio", e assim por diante. Foi retomado na década de 1990 pelos rappers* brasileiros, inicialmente na cidade de São Paulo.

MANO DÉCIO DA VIOLA (1909-84). Nome pelo qual foi conhecido Décio Antônio Carlos, sambista nascido em Santo Amaro da Purificação, BA, registrado em Juiz de Fora, MG, e radicado com 1 ano de idade no Rio de Janeiro, cidade onde faleceu. Um dos fundadores da escola de samba Império Serrano*, notabilizou-se como coautor de antológicos sambas-enredo, de *Tiradentes* (1949) a *Heróis da liberdade* (1969).

MANO ELÓI (1888-1971). Nome pelo qual se fez conhecido Elói Antero Dias, sambista nascido em Engenheiro Passos, RJ, e falecido na capital do estado, na qual havia se radicado aos 15 anos de idade. Pai de santo, jongueiro respeitado, ritmista completo e grande dirigente do samba, fundou a Deixa Malhar, importante escola, desaparecida em 1945. Em 1930 tornou-se o pioneiro do registro em disco de cânticos rituais afro-brasileiros. Seis anos depois foi eleito cidadão-samba* em concurso promovido pela União Geral das Escolas de Samba do Brasil, da qual se tornou presidente em 1937. Líder portuário, foi presidente da Resistência* e, em 1947, um dos artífices

da fundação da escola de samba Império Serrano*, da qual foi presidente executivo e depois presidente de honra.

MANO RUBEM (1904-27). Nome pelo qual foi conhecido Rubem Barcelos, pioneiro do samba carioca, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Autor de sambas antológicos, foi um dos bambas* do Estácio*, fundadores da legendária Deixa Falar*. Era irmão de Alcebíades Maia Barcelos, o Bide*.

MANOEL CALAFATE (?-1835). Líder malê na Bahia. De origem nagô, liberto e calafate de profissão, era alufá*, tendo falecido provavelmente devido a ferimento recebido logo no início do levante de 1835. Já idoso, era chamado por seus seguidores de "Pai Manoel".

MANOEL [da Câmara]**, Joaquim** (*c.* 1780-*c.* 1840). Músico brasileiro famoso no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Violonista e cavaquinista, é autor de várias melodias publicadas em Paris, em 1824, pelo músico Sigismund von Neukomm, que o conheceu no Rio de Janeiro. Segundo algumas versões, teria sido o precursor, no Brasil, da utilização do cavaquinho como instrumento solista.

***MANSA*.** Título dos soberanos do antigo Mali.

MANSA MUSSÁ. *Ver KANKU MUSSÁ.*

MANSO, [José Patrício] **Silva** (*c.* 1750-1801). Pintor brasileiro nascido provavelmente em Santos, SP, e falecido em Campinas, no mesmo estado. Foi, ao lado do frei Jesuíno do Monte Carmelo*, um dos dois mais notáveis pintores paulistas do século XVIII. Suas obras podem ser vistas principalmente na Igreja de Nossa Senhora do Carmo e na Igreja da Matriz, em Itu, SP.

MANSONG, Jack (?-1781). Líder escravo jamaicano, mais conhecido como Three-Fingered Jack ("Jack Três Dedos"). Após liderar uma fracassada revolta de escravos na plantation a que pertencia, conseguiu fugir para as montanhas na região de Saint Thomas-in-the-East, de onde aterrorizou a ilha com suas investidas espetaculares e audaciosas. Foi capturado e morto por tropas coloniais em 1781. Sua história atualmente faz parte do folclore jamaicano.

MANSU-BANDUNQUENQUE. Nome africano da comunidade-terreiro de nação congo popularmente conhecida como Candomblé do

Bate-Folha, em Salvador, BA. “Bate-folha” é uma antiga expressão usada para nomear o artífice também conhecido como “funileiro”. *Ver BERNARDINO DO BATE-FOLHA*; *JOÃO LESSENGUE*.

MANTECA DE COROJO. Em Cuba, produto extraído da palmeira *corojo** e usado nos rituais da *santería*.

MANTÔ. Na Martinica, ancestral divinizado, preto velho*. Do francês *mentor*, “guia”.

MANTUCA. Feitiço preparado com excremento de animais. Possivelmente, do quicongo *mantuka*, “amendoins cozidos no azeite de dendê”.

MANUÊ. Variante de manauê*.

MANUEL CONGO (?-1839). Líder de um quilombo organizado antes de 1838 nas matas de Santa Catarina, no município de Vassouras, RJ. O reduto foi destruído em 1839 por tropas federais e o líder, enforcado em 6 de setembro daquele ano.

MANUEL PADEIRO (século XIX). Líder de quilombo erguido na serra dos Tapes, no atual município de Pelotas, RS, e destruído em 1835.

MANZANARES, [Pedro, dito] **Perico** (século XIX). Personagem da história peruana; criado da família Luna Pizarro e descrito como cantador, guitarrista e brigador de rua. Por meio de um artifício inteligente – que consistia em, ao tratar com um vendedor ambulante, fingir adquirir e trocar, por inservíveis, com grande alvoroço, panelas de barro –, conseguiu estabelecer uma rede de informações que auxiliou decisivamente na independência do Peru, em 1821 (conforme Ricardo Palma, 1968).

MANZANO, Juan Francisco (*c.* 1797-*c.* 1857). Poeta cubano. Nascido escravo, filho da escrava María del Pilar Manzano e do mulato Toríbio Castro, entrou para a escola aos 6 anos de idade sob a proteção de seu senhor. Aos 11 anos, com a morte de sua proprietária, teve de se subordinar a diferentes senhores. Por volta de 1818 fugiu de uma plantation na província de Matanzas para Havana, onde logo foi recapturado. Começou a escrever poesia e, após obter permissão de seu senhor (de acordo com a lei, escravos não tinham autorização para efetuar nenhum tipo de publicação), editou, em 1821, *Poesías líricas*, ou *Cantos a Lesbia*, como também ficaram conhecidas. Seus poemas foram recitados pelo escritor

Domingo del Monte e por outros intelectuais, os quais angariaram quinhentos pesos para que comprasse sua alforria. Manzano foi libertado em 1835 e no ano seguinte publicou o soneto "Mis treinta años", hoje famoso. A pedido do grande amigo Del Monte, escreveu *Apuntes biográficos*, em 1834. Em 1838, publicou "Illusiones", no periódico *El Álbum*, no qual o editor informa que o poeta se encontra em estado de total pobreza. No *El Aguinaldo Habanero*, publicou "Una hora de tristeza", "El reloj adelantado", "La cucuyera", "A Matanzas" e "Un sueño". Sua última obra publicada foi *Zafira*, de 1842, peça em cinco atos. Sua autobiografia foi traduzida por R. R. Madden e publicada em Londres em 1840. Benjamin Nuñez (1980), diversamente de Portuondo *et al.* (1983), situa seu período de vida entre 1804 e 1854. E a enciclopédia *Africana* (Appiah e Gates Jr., 1999) consigna seu falecimento como ocorrido no ano de 1853.

MÃO DE VACA. *Ver CONCEIÇÃO* [*Chantre*], *Manuel da.*

MÃO-DE-OFÁ. Na tradição dos orixás, conjunto de conhecimentos necessários para proceder à coleta das ervas sagradas, conforme os preceitos rituais. Por extensão, pessoa que detém esses conhecimentos. *Ver OFÁ.*

MÃOZINHA PRETA. Ente fantástico que, segundo antiga crença do Sudeste brasileiro, tinha a forma de uma pequena mão humana negra, capaz de executar ordens, tanto referentes a serviços como a castigos, exceto contra os escravos, entre os quais, por isso, gozava de grande prestígio.

MAPALÉ. Gênero de música e dança afro-colombianas, ritmadas por tambores e palmas.

MAQUENDE, Gregório. Célebre pai de santo de nação congo, referido por Édison Carneiro no livro *Candomblés da Bahia*, lançado em 1948, quando já era falecido. Tendo o auge de sua trajetória provavelmente na década de 1930, foi o grande líder da nação congo* em Salvador, sendo, segundo Édison Carneiro, muito admirado pelo célebre babalaô Martiniano do Bonfim*. Em época recente, seu nome foi dado a uma rua no bairro litorâneo de Armação, na capital baiana.

MAR ETIÓPICO. Antiga denominação do oceano Atlântico (conforme Adriano Parreira, 1990a).

MARABAIXO. Espécie de folguedo e dança popular surgida entre os negros do Amapá, supostamente influenciada pela capoeira*. Alguns

autores veem a manifestação como uma modalidade de culto afro-brasileiro. Também, marabaxo e marabacho.

MARABÔ. Variante de Barabô*.

MARABOU. Nas Antilhas Francesas, denominação dada ao mestiço de um indivíduo negro com um quadrarão*.

MARABU. Muçulmano que se dedica ao ensino da prática religiosa; asceta.

MARACAS. Par de chocalhos com cabo da tradição afro-cubana. Seu uso, entretanto, já se observava entre os tainos, antigo povo indígena das Antilhas.

MARACATU. Folguedo afro-pernambucano. Expressa-se num cortejo que dança e canta, ao ritmo de pequena orquestra de percussão, toadas tradicionais, tendo à frente personagens fixos, como rei, rainha, príncipes, damas, embaixadores, dançarinos e índios. Antiga dança dramática e vestígio dos séquitos dos "reis de congos" da época imperial, o maracatu é sempre denominado, por seus integrantes, como "nação", segundo uma ideia étnica ou de grupo homogêneo. Assim, como exemplos, podem-se citar a Nação Elefante, Nação do Leão Coroado, Nação de Cambinda Velha, Nação de Porto Rico etc. Tais cortejos originaram um gênero de música popular também chamado de maracatu, além de uma variante menos ortodoxa conhecida como maracatu-de-orquestra, na qual intervêm instrumentos de sopro e palheta, como trombones e saxofones. Informa César Guerra-Peixe (1981) que, segundo o Museu do Dundo, em Angola, o nome "maracatu" designa uma dança praticada pelos bondos, grupo étnico localizado entre os rios Cuango, Lui e Camba. **A Noite dos Tambores Silenciosos:** Em Pernambuco, no carnaval, os maracatus recifenses cumprem um ritual carregado de simbologia. À meia-noite de segunda-feira, reúnem-se no local conhecido como Pátio do Terço a fim de reverenciar seus antepassados e santos. Nessa ocasião, denominada "Noite dos Tambores Silenciosos", entoando cânticos sagrados de sua tradição religiosa, eles realizam uma espécie de padê*, também sem o toque de tambores. Esse ritual atraía, à época desta obra, multidões de espectadores, constituindo um dos momentos mágicos do carnaval pernambucano.

MARACUJÁ (*Passiflora quadrangularis*). Planta trepadeira da família das passifloráceas. Na tradição brasileira dos orixás, pertence a Oyá-Iansã.

MARAFA. Variante de marafo*.

MARAFO. Variante de malavo*; cachaça. Seu uso é corrente nos terreiros de umbanda cariocas.

MARAN, René (1887-1960). Poeta e escritor nascido em Fort-de-France, Martinica. Em seus romances, escritos em crioulo, buscou revelar as condições sociais dos camponeses negros. Seus poemas seguem a tradição parnasiana francesa e retratam a paisagem da ilha por meio da descrição de imagens maravilhosas e tocantes. Em sua obra destacam-se *La maison de bonheur* (1909); *La vie intérieure* (1921); *Le visage calme* (1922); *Le petit roi de Chimérie* (1924); *Djouma, chien de brousse* (1927); *Bêtes de la brousse* (1941); *Mbala, l'éléphant* (1943); *Bacouya, le cynocéphale* (1953); e *Le livre de souvenir* (1959).

MARANGUAPE, Visconde de (1795-1864). Título nobiliárquico de Caetano Maria Lopes Gama, político e magistrado brasileiro nascido em Recife, PE, e falecido no Rio de Janeiro. Várias vezes deputado, senador e ministro do Império, exerceu diversos cargos importantes na esfera judiciária, tendo encerrado sua vida pública como ministro do Supremo Tribunal de Justiça. É mencionado na relação de "ilustres homens de cor" apresentada por Nelson de Senna (1938).

MARANHÃO. Estado brasileiro localizado na parte ocidental da região Nordeste. Após a criação, durante a administração do marquês de Pombal (1750-77), da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, os portos africanos de Santiago, Bissau e Cacheu, na antiga Guiné Portuguesa, constituíram-se nos principais fornecedores de escravos para a antiga província, notadamente balantas, felupes e mandingas. Tendo recebido, igualmente, contingentes de outras procedências, o Maranhão é um dos mais importantes e tradicionais redutos da cultura daomeana nas Américas. Na primeira metade do século XIX, a província, que concentrava em sua população cerca de 65% de escravos (conforme Pedro Ramos de Almeida, 1978-79), viu eclodir a sedição conhecida como Balaiada*, em que foi marcante a participação do segmento negro da população. Em 2000, o governo federal havia identificado 172 comunidades remanescentes de

quilombos* no território maranhense, entre as quais as de Eira dos Coqueiros, Santa Rita dos Matões e Santo Antônio dos Pretos, todas no município de Codó*, reconhecidas e tituladas pelo governo estadual. Concentrando expressiva população negra, sobretudo na capital, o estado conserva fortes e diversificados traços civilizatórios africanos, em especial na religiosidade de seu povo. *Ver AXUÍ, Quilombo do*; *CAMBINDA*; *CASA DAS MINAS*; *CASA DE NAGÔ*; *MINA*; *REGGAE NIGHTS*; *TAMBOR DE CRIOULA*; *TAMBOR DE MINA*.

MARANHÃO, Luiza. Atriz e cantora brasileira nascida em Porto Alegre, RS, em 1940. No cinema, estreia em *Barravento* (1961), sob a direção de Glauber Rocha, participando em seguida de *A grande feira* (1961), de Roberto Pires, e *O assalto ao trem pagador* (1962), de Roberto Farias. Projeta-se então como um dos grandes nomes do Cinema Novo, sendo escolhida para protagonizar a Dandara* de *Ganga Zumba, rei dos Palmares* (1964), de Carlos Diegues. No final dos anos de 1960, depois de participar do Festival Internacional da Canção de 1967, fixa residência na Itália, retornando ao Brasil em 1977 para residir em Cuiabá, MT, afastada porém da vida artística.

MARANHÃO, Salgado. Nome literário de José Salgado Santos, poeta brasileiro nascido em 1953, em Caxias, MA, e radicado no Rio de Janeiro. Em 1978 organizou e publicou a antologia *Ebulição da escrivatura*, que inclui poemas de sua lavra. Mais tarde, publicou as coletâneas *Punhos da serpente* (1989), *Palávora* (1995) e *Beijo da fera* (1996), sendo premiado pela União Brasileira de Escritores (UBE). Em 1999, seu livro *Mural de ventos*, lançado no ano anterior, recebeu o Prêmio Jabuti, conferido pela Câmara Brasileira do Livro; e em 2002 lançou *Sol sanguíneo*. Paralelamente à carreira de escritor, destacou-se como letrista de música popular, em parcerias com Paulinho da Viola*, Elton Medeiros* e outros.

MARAÑON. Nome cubano do cajueiro (*Anacardium occidentale*). Na *santería*, é planta de Oxum, Inlê e Xangô e possui vários usos rituais e medicinais.

MARASSA. Nome haitiano dos gêmeos Ibêjis. O termo é correspondente ao afro-brasileiro mabaça*.

MARAVILHA (*Mirabilis jalapa*). Planta herbácea da família das nictagináceas, também conhecida como bonina e bela-morte. Na *santería* cubana, é planta de Obatalá, Euá e Oyá (*maravilla*), e, quando os olhos de um cadáver permanecem abertos, eles são cobertos com suas folhas, possuidoras da propriedade de fechá-los lenta e suavemente.

MARAVILHA, Quilombo da. Reduto quilombola na Amazônia, destruído em 1855.

MARÇAL, Armando [Vieira] (1903-47). Compositor e percussionista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Sambista pioneiro, fundador da escola de samba Recreio de Ramos e ligado à turma do Estácio*, foi o mais constante parceiro de Bide*, com quem compôs a imortal canção *Agora é cinza* (1933).

MARÇAL, Mestre (1930-94). Nome pelo qual foi conhecido Nilton Delfino Marçal, percussionista e cantor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Em mais de quarenta anos como músico de rádio, televisão e estúdios, fez parte da orquestra da Rede Globo, tendo participado de centenas de gravações e constituindo com Luna e Eliseu Félix, percussionistas como ele, um trio histórico. Foi, também, diretor de bateria da escola de samba Portela*, depois de integrar a do Império Serrano*, introduzindo os tímpanos de orquestra sinfônica na marcação. Como cantor, destacou-se por sua interpretação personalíssima de sambas de variados estilos, tendo lançado sete discos. Seu filho Armando, o Marçalzinho, percussionista de projeção internacional, sendo ex-integrante dos grupos de Paul Simon e de Paul Metheny, dá continuidade a uma dinastia que se iniciou com o avô Armando Marçal*, coautor de *Agora é cinza*.

MARÇALINA, Santa. Santa popular brasileira, cultuada principalmente em Pedreiras, MA. Conhecida em vida como Mãe Marçalina, conta-se que pouco tempo depois de sua morte, no fim do século XIX, seu túmulo iluminou-se à noite e, pela manhã, entreaberto, emanou agradável perfume. Com a divulgação do ocorrido, começou-se a atribuir à sua intercessão diversos milagres.

MARCAS DE ESCRAVOS. Uma das mais odientas práticas da escravidão era marcar a ferro quente o corpo dos cativos com sinais indicativos de pertencimento a determinado proprietário. Essas marcas eram

feitas em partes visíveis do corpo – no ombro, nos braços e até no rosto. Com a evolução da luta abolicionista na Europa e nas Américas, a prática gradativamente tornou-se ilegal. *Ver CALIMBA*.

MARCELIN, Frédéric (1848-1917). Poeta haitiano, seguidor do movimento naturalista. Defensor de uma literatura nacional inspirada nos temas locais e nos costumes e tradições dos camponeses negros, seus escritos retratam a realidade social de ex-escravos, suas virtudes e arcaísmos com exatidão fotográfica. Em sua obra destacam-se *Thémistocle-Épaminondas Labasterre: petit récit haïtien* (1901); *La vengeance de Mama: roman haïtien* (1903); *Autour de deux romans* (1903); *Marilisse: roman haïtien* (1904); e *Au gré du souvenir* (1913).

MARCELIN, Philippe [Thoby-] (1904-75). Romancista haitiano nascido em Porto Príncipe. Escreveu quase sempre em colaboração com o irmão Pierre Marcelin*.

MARCELIN, Pierre. Poeta haitiano nascido em Porto Príncipe em 1908. Um dos líderes do movimento nacional a princípio denominado "indigenismo" e mais tarde "negritude", frequentou as escolas de sua cidade e completou os estudos em Paris. Em 1927, quando estava na Sorbonne, fundou, com o irmão Philippe Thoby-Marcelin* e outros jovens intelectuais, *La Revue Indigène*, que circulou de julho de 1927 a fevereiro de 1928 e se tornou porta-voz do renascimento literário negro ao qual deu nome. Em suas obras descreve em detalhes a vida dos negros no Haiti, as crenças e tradições profundamente enraizadas na origem africana dos escravos, tentando manter um equilíbrio entre os elementos cristãos e afro-haitianos. Destacam-se *Canapé-vert* (Nova York, 1944); *La bête de Musseau* (Nova York, 1946); *Le crayon de Dieu* (Paris, 1952), escritos em parceria com o irmão.

MARCELINHO CARIOCA. Pseudônimo de Marcelo Pereira Surcin, jogador de futebol brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1971. Com carreira iniciada no Madureira, no subúrbio carioca, e projetado pelo Sport Club Corinthians Paulista, tornou-se um dos maiores ídolos do futebol paulista nos anos de 1990. Atacante hábil e notório goleador, poucas vezes, entretanto, foi convocado para a seleção brasileira.

MARCHA CONTRA A FARSA DA ABOLIÇÃO. Nome que recebeu a passeata parcialmente realizada no dia 11 de maio de 1988, na avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, pelo transcurso dos cem anos da Lei Áurea (ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO). Programada pelas lideranças do movimento negro para começar na Candelária e terminar no monumento a Zumbi dos Palmares, na Praça Onze*, a marcha foi em parte frustrada. Para evitar um propalado ato em frente ao monumento ao duque de Caxias (patrono do Exército brasileiro), em protesto pela utilização dos negros na Guerra do Paraguai*, o Comando Militar do Leste montou um aparato repressivo, com seiscentos soldados fortemente armados, o que inibiu o movimento dos cerca de 5 mil manifestantes reunidos na área de concentração.

MARCHA-DE-ANGOLA. Caminhada que os participantes do maculelê* empreendem, cantando pelas ruas e praças, em suas exibições.

MARCHING BAND. Cada um dos grupos musicais, ligados aos clubes de diversão e ajuda mútua, que em Nova Orleans* saem às ruas nos funerais e no carnaval. *Ver JAZZ FUNERALS*.

MARCIANO [de Queirós]**, Walter** (1935-61). Jogador brasileiro de futebol nascido na cidade de São Paulo e falecido na Espanha. Armador e ponta de lança projetado no Clube de Regatas Vasco da Gama, em 1955 transferiu-se para o Valencia, da Espanha, vindo a falecer naquele país, em um acidente automobilístico. É considerado um dos maiores craques vascaínos de todos os tempos.

MARCO ANTÔNIO Feliciano. Jogador brasileiro de futebol nascido em Santos, SP, em 1951. Lateral-esquerdo, iniciou carreira nos anos de 1960, tendo-se destacado no Fluminense Futebol Clube carioca, na década seguinte, integrando também a seleção brasileira, pela qual atuou em 52 partidas.

MARCOS, O VELHO (séculos XIX-XX). Nome pelo qual foi conhecido o africano Marcos Pimentel, sacerdote-chefe do terreiro de Mocambo, na ilha de Itaparica, BA, dedicado ao culto dos egunguns*. Segundo a tradição, após comprar sua alforria foi à África, de onde trouxe os assentamentos do ancestral Babá Olukotum. Com seu filho, fundou o Terreiro de Tuntun, Ilê

Olukotun. Seu próprio egungum é cultuado, hoje, sob o nome de Babá Soadê.

MARCOS, Orlando. Cantor lírico brasileiro nascido em 1968. Barítono, em novembro de 1992 interpretou o papel-título da ópera *Don Giovanni*, encenada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

MARDI GRAS. Terça-Feira Gorda, dia principal do carnaval na Louisiana, Estados Unidos, e nas Antilhas Francesas. Por extensão, o próprio carnaval.

MARDI GRAS INDIANS. Grupos de homens que saem às ruas no carnaval de Nova Orleans, Louisiana, ricamente fantasiados de índio, com vestes de plumas, bordadas e enfeitadas com pedras coloridas. Representam a face externa de entidades socioculturais de base comunitária florescidas nessa cidade americana no final do século XIX e constituem aspectos da integração entre índios e negros na Diáspora. Segundo a tradição, em um carnaval da década de 1880 um mestiço de indígena com africano fantasiou-se de índio, fazendo surgir um costume que chegou ao seu sobrinho-neto Allison Marcel Montana, o Tootie Montana, nascido em 1922 e ainda ativo em 1997 como o grande chefe da "tribo" Yellow Pocahontas, um dos grupos mais populares da cidade. A tradição carnavalesca dos *mardi gras indians* assenta-se na fantasia sempre ricamente confeccionada, na execução de peculiar coreografia da dança em cortejo, ao som de pandeiros, bem como em uma ritualística que compreende funções desempenhadas segundo uma hierarquia de personagens. Entre as "tribos" mais famosas estão Wild Tchoupitoulas, Yellow Pocahontas e Wild Magnolias, ligadas aos guias indígenas cultuados nas Divine Spiritual Churches*. A manifestação encontra paralelo nos *black indians* de Trinidad, assim como em grupos do carnaval haitiano. No Brasil, seus similares são os "caboclos" da linha de frente dos antigos cordões e escolas de samba cariocas, ao mesmo tempo foliões e defensores dos grupos contra os ataques dos adversários. *Ver CABOCLO*; *ÍNDIOS E NEGROS – Trocas e alianças*.

MARGETSON, George Reginald (séculos XIX-XX). Poeta nascido em São Cristóvão, nas Antilhas. Inspirando-se nos temas afro-caribenhos, em especial os relacionados a problemas raciais, escreveu *England in the West Indies: a neglected and degenerating empire* (Cambridge, 1906); *Ethiopia's flight:*

the negro question, or, The white man's fear (Cambridge, 1907); *Songs of life* (Boston, 1910); e *The fledgling bard and the poetry society* (Boston, 1916).

MARI WANGA. Divindade dos congos cubanos correspondente a Oyá.

MARIA AUXILIADORA da Silva (1938-74). Pintora brasileira nascida em Campo Belo, MG, e falecida em São Paulo. Sua pintura caracteriza-se pela colagem de cabelo natural nas figuras humanas e pelo uso de massa plástica para obter relevo, o que, para alguns críticos, revelaria sua aproximação com a chamada pop art.

MARIA CEIÇA. Atriz brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1965. Na década de 1990, destacou-se no cinema, em *Orfeu* (1999), e em telenovelas da Rede Globo, como *Por amor* (1997-98) e *Fera ferida* (1993-94).

MARIA CLÁUDIA. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Iporanga, SP.

MARIA DE SÃO PEDRO (século XX). Cozinheira baiana falecida em Salvador, BA. Durante pelo menos doze anos, até o final da década de 1950, reinou absoluta como a mais prestigiada das quituteiras da Bahia. Dona de um modesto mas afamado restaurante no Mercado Modelo, era requisitada por políticos, intelectuais, artistas e empresários, tendo sido contratada em inúmeras ocasiões para comandar banquetes em capitais do Sudeste brasileiro. Seu nome ou cognome, às vezes citado como "Maria São Pedro", sem a preposição, é lembrado em uma canção do sambista Martinho da Vila*.

MARIA DO EGITO, Beata. *Ver ARAÚJO, Maria [Madalena do Espírito Santo].*

MARIA FIRMINA. *Ver FIRMINA [dos Reis], Maria.*

MARIA JESUÍNA, Mãe (século XIX). Nochê da Casa das Minas*, sob cuja liderança foi construído o prédio da rua de São Pantaleão, em 1847.

MARIA JOAQUINA (séculos XVIII-XIX). Intérprete do papel de rainha da congada* em um espetáculo de rua apresentado com grande sucesso no Rio de Janeiro, em 1811. Por isso, pode ser considerada, ao lado do "rei congo" Caetano Lopes dos Santos*, atriz pioneira da cena brasileira.

MARÍA LA O (século XIX). Personagem popular da Havana colonial, moradora no bairro de El Tivolí. Conta-se que, no carnaval de 1836, Juan

Casamitjana, regente de uma banda militar, impressionou-se vivamente com os cânticos de uma *comparsa** por ela dirigida. Quase uma personagem folclórica, ela deu nome a uma famosa rumba de 1931, de autoria de Ernesto Lecuona.

MARÍA LIONZA. Denominação de uma forma sincrética de culto religioso, originária da Venezuela, a qual conjuga elementos africanos, ameríndios e do espiritismo europeu. Uma das *cortes* (falanges) cultuadas é constituída de espíritos de africanos, como o do Negro Felipe, lembrado como combatente nas guerras de libertação, e o da ama de leite de Simón Bolívar*, invocada sob o nome "Matea". *Ver HIPÓLITA.*

MARIA ROSA. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Iporanga, SP.

MARIA SOLDADO. *Ver BEZERRA, Maria José.*

MARIA "VOCÊ ME MATA" (1783-?). Apelido de Maria Patrícia, personagem da história da cidade do Rio de Janeiro. Mulata forra e quitandeira, era, segundo um pasquim de 1848, neta da escrava Eva da Serra, natural de Taubaté, SP, e filha da mestiça Ana, "de cor escuríssima". De sua união com um certo padre Apolinário, de acordo com o mesmo pasquim, teria nascido Francisco de Sales Torres Homem*, visconde de Inhomirim.

MARIA, Tânia. *Ver TÂNIA MARIA [Reis].*

MARIA-CAMUNDÁ. Personagem indeterminada, mencionada em certas cantigas de congada*.

MARIANA CRIOULA (século XIX). Líder escrava em Vassouras, RJ. Fugitiva de uma fazenda na localidade de Pati do Alferes, uniu-se ao grupo de insurretos liderados por Manuel Congo*, tornando-se, segundo a tradição, "rainha" do quilombo por ele chefiado. No processo que culminou com o enforcamento do quilombola*, Mariana foi absolvida.

MARIA-NAGÔ (*Equetus lanceolatus*). Peixe cienídeo de cor amarela, ornado de faixas pretas e brancas. Seu nome foi inspirado pelos desenhos que formam tais faixas, que se parecem com as marcas faciais dos antigos nagôs da Bahia. *Ver ILÁ [1].*

MARIANDÁ. Variante de *mariyandá**.

MARIANGOLA. Dança de negros na Cuba colonial. Também, *mariandá** (conforme B. Nuñez, 1980).

MARIANGOMBE (*Talinum patens*). Erva da família das portulacáceas, cuja folhagem é usada na culinária afro-brasileira. Do quimbundo *dimi dia ngombe*, "língua-de-vaca". Também, maria-gomes.

MARICA. Um dos nomes da maconha*. A denominação parece originar-se do instrumento outrora usado, em comunidades rurais brasileiras, para fumar a erva: um cachimbo de barro, com um fino canudo de bambu, o qual atravessava uma cabacinha com água, onde o jato de fumo se resfriava antes de ser absorvido pelo fumador. Em quimbundo, língua de Angola, o vocábulo *dika* (plural e aumentativo: *madika*) é usado com o sentido de "taça", "cálice".

MARIE-GALANTE. Ilha do arquipélago das Pequenas Antilhas, pertencente a Guadalupe.

MARIGHELLA, Carlos (1911-69). Revolucionário brasileiro nascido em Salvador, BA, filho de um italiano e de uma negra baiana, supostamente descendente de africanos da etnia hauçá*. Engenheiro e membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), elegeu-se deputado constituinte em 1946, depois de uma série de prisões políticas iniciadas aos 21 anos de idade. Com o PCB na ilegalidade, desenvolveu intensa atividade revolucionária no exterior, fundando a Ação Libertadora Nacional, um dos braços da luta armada contra o regime militar instaurado no Brasil em 1964. Em 1969, cinco anos depois de ter sido preso, baleado e libertado por um *habeas corpus*, foi abatido em confronto com as forças da repressão.

MARIGONGA. O mesmo que maconha*.

MARIMBA. Espécie de xilofone da tradição africana nas Américas; antiga dança negra do Uruguai, apresentada em duas modalidades: *marimba galopa* e *marimba guerrilla*. O nome designa, também, um dos passos do quicumbi*. Do quimbundo *madimba* e *marimba*, "música" e "xilofone", formas plurais de *dimba* e *rimba*, com a mesma raiz de *imba*, "cantar", *ngimbi*, "cantor" etc.

MARIMBA DE CUIA. O mesmo que sansa*.

MARIMBA DE GUERRA. No Brasil, cabaça recortada que é raspada com uma vareta ao ser tocada. *Ver GÜIRO*.

***MARIMBA GALOPA* e *MARIMBA GUERRILLA*.** Antigas danças de negros no Uruguai.

MARIMBAU. Denominação de um antigo instrumento musical da tradição africana no Brasil; provavelmente o mesmo que berimbau*.

***MARIMBOLA*.** Na Jamaica, espécie de caixote usado como instrumento de percussão. *Ver MARÍMBULA*.

***MARÍMBULA*.** Instrumento musical afro-cubano, derivado do quiçanje*. Consta basicamente de uma caixa fechada sobre cuja tampa é produzida uma abertura, instalando-se cinco ou sete lâminas metálicas que vibram, sendo que, ao contato dos dedos, soam as notas. Usa-se em substituição ao contrabaixo, com o executante sentado sobre ela.

***MARINERA*.** Nome com o qual foi rebatizada, no século XIX, a *zamacueca**, dança afro-peruana.

MARINHEIROS ESCRAVOS. Certamente, durante toda a época escravista e em toda a Diáspora, escravos empregados em serviços de bordo, em embarcações fluviais ou marítimas, de navegação costeira ou oceânica, usaram o objeto de seu trabalho como instrumento para a tentativa de fuga, às vezes consumada, do domínio senhorial. Muitos relatos escritos dão conta de eventos dessa natureza, narrando casos de escravos fugitivos brasileiros que foram capturados em cidades distantes, até mesmo no exterior, o mesmo ocorrendo com escravos estrangeiros. Alguns equívocos também se verificavam, como o caso de um certo Mister Gray, "capturado" em Serra Leoa, em 1803: reivindicado como "escravo fugido" por um proprietário de Belém do Pará, ele foi localizado na casa do cônsul da Inglaterra naquela cidade, supostamente escondido; tratava-se, entretanto, de um oficial da Marinha britânica, confundido com um escravo, por ser negro (conforme Farias *et al.*, 2006, p. 48). Nas chamadas "cidades negras*", quase sempre litorâneas, as fugas em navios ocorriam com frequência, muitas vezes por meio de redes de solidariedade, inclusive com a participação de marujos libertos, sendo que os portos funcionavam tanto como locais de escape quanto de embarque de escravos urbanos em fuga para outros locais.

MARINHO DA MUDA (1928-87). Nome artístico de Mário Pereira, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos fundadores da escola de samba carioca Império da Tijuca, foi autor de diversos sambas-

enredo apresentados pela agremiação. Em 1973, seu samba *Ninguém tasca*, composto em parceria com João Quadrado, foi um dos maiores sucessos carnavalescos do ano.

MARINHO, Getúlio. *Ver* AMOR.

MARINHO, Irineu (1876-1925). Jornalista brasileiro nascido em Niterói, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Iniciando carreira como revisor com cerca de 15 anos de idade, foi repórter policial, chefe de reportagem e, mais tarde, diretor do jornal *Diário de Notícias*. Em 1911, fundou *A Noite*, o primeiro vespertino carioca, e pouco antes de falecer criou o jornal *O Globo*, empreendimento de grande êxito sob a administração de seus filhos e herdeiros. Sua propalada origem afro-mestiça é afirmada pelo escritor João Carlos Rodrigues (1996, p. 143), que, em *João do Rio, uma biografia*, escreveu: "[...] Irineu Marinho, do qual as fotografias não deixam a menor dúvida sobre a mulatice". Na mesma direção, na página 68 da biografia *Roberto Marinho* (2004), o jornalista Pedro Bial, em um parêntese de sua narrativa, assim refere Irineu Marinho: "a propósito, bem mulato".

MARINHO, Irmãs. Trio formado nos anos de 1950 pelas bailarinas Maria Luiza, cognominada "Mary" (1932-), Olívia (1934-) e Norma Marinho (1938-), nascidas no Rio de Janeiro. De formação clássica, integraram o elenco da companhia Brasiliana* e estrelaram espetáculos como *Banzo-Ayê*, na boate Night and Day, tornando-se conhecidas internacionalmente. Em 1961, o grupo estreou no carnaval, no desfile da escola de samba Portela*; em 1965, o trio passou a desfilar pelo Salgueiro, escola da qual se tornou uma das marcas, até 1980.

MARINHO, Luís Hugo Correia. Militar brasileiro nascido em 1932. Capitão da Aeronáutica, piloto de caça, de bombardeio e de transportes, professor de voo, meteorologia e navegação radiogoniométrica, foi focalizado em reportagem fotográfica da revista *Manchete* (número 617, de 1964) sobre afrodescendentes de destaque na vida brasileira.

MARINHO, [Joaquim] **Saldanha** (1816-95). Político brasileiro nascido em Olinda, PE, e falecido no Rio de Janeiro. Bacharel pela Faculdade de Direito de Olinda, foi promotor público e secretário de governo, tendo cumprido vários mandatos legislativos, inclusive como senador. Foi ainda

presidente das províncias de São Paulo e Minas Gerais. Segundo Gilberto Freyre (1951) em *Sobrados e mucambos*, foi “menino pobre e escuro” e considerava-se “caboclo”.

MARINO, Eugene A. (1934-2000). Líder religioso americano falecido em Nova York. O primeiro arcebispo negro da Igreja Católica nos Estados Unidos, renunciou em 1990 ao arcebispado de Atlanta em virtude de um relacionamento amoroso. A partir de 1995, trabalhou no Saint Vincent’s Medical Center, em Manhattan, como diretor de um programa de assistência a padres portadores de doenças mentais ou de desvios de ordem sexual.

MÁRIO LÚCIO. Radialista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1950. Locutor de voz privilegiada, trabalhou na TV Educativa por mais de duas décadas, e, no Brasil, até 2000, era o único profissional negro a ancorar um telejornal em rede nacional.

MARISA GATA MANSA (1933-2003). Nome artístico de Marisa Vértulo Brandão, cantora brasileira nascida e falecida no Rio de Janeiro. Crooner de boates no começo dos anos de 1950, iniciou carreira no disco e no rádio por intermédio da amiga Dolores Duran*. Inserida no ambiente da bossa nova, gravou vários discos até 1977, experimentando, a partir de então, relativo ostracismo, por problemas de saúde; reapareceu em 1997 com um CD em homenagem ao compositor Antônio Maria. Intérprete de voz suave, foi uma das grandes estilistas do samba-canção.

MARIÚ, Dona (1898-2003). Nome pelo qual se fez conhecida Maria Sérgia de Santana, personagem do carnaval pernambucano nascida na cidade de Igaraçu. Ex-rainha do maracatu Estrela Brilhante, fundado em 1824, e uma das últimas grandes matriarcas das comunidades negras recifenses, em fevereiro de 1999 concedeu entrevista ao jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro.

MARIUÔ. Franja de folhas de dendezeiro, finamente desfiadas, que se coloca na parte superior de portas e janelas para afastar os eguns*. Em forma de saiote, é uma das vestimentas rituais de Ogum. Sua ligação com o orixá explica-se por meio de um mito: Ogum persegue um adversário que o contrariara em proveito de Egum; ao ver o opositor refugiando-se em um dendezeiro, Ogum golpeia a árvore, cujas folhas caem em seu corpo

ensanguentado, colando-se nele e formando a vestimenta. Do iorubá *màriwó*, “folhas tenras do cimo da palmeira”. *Ver AZANG PAU*.

MARIYANDÁ. Gênero de dança afro-porto-riquenha; o mesmo que *mariangola**.

MARLEY, Bob (1945-81). Nome artístico de Robert Nesta Marley, cantor e compositor nascido em Rhoden Hall, Jamaica, e falecido na Flórida, Estados Unidos. Com carreira iniciada em 1962, ano da independência de seu país, sua música falava basicamente das questões sociais jamaicanas. Adepto do rastafarianismo*, do pan-africanismo* e responsável pela popularização do reggae*, tornou-se um dos músicos mais influentes de todos os tempos, vindo a morrer de câncer aos 36 anos de idade.

MAROMBA. Entidade do candomblé de caboclo*. A origem do nome está, provavelmente, no nhungue *marombo*, “espírito inoportuno que possui as mulheres e as faz dançar como loucas”.

MARONGA. Nome de um caboclo de seita nordestina.

MARONGO. Palhaço de folia de Reis.

MAROON. Designação genérica, em língua inglesa, de cada um dos escravos fugidos que, negando a escravidão, fundaram, em todas as Américas, suas próprias comunidades, livres e independentes. O termo, originário do francês *marron*, que por sua vez vem do espanhol *cimarrón*, “gado selvagem”, designa, hoje, também, os habitantes das comunidades remanescentes desses antigos núcleos, como as de Saramaka e Djuka (Suriname), Aluku ou Boni (Guiana Francesa), Windward e Leeward (Jamaica), Palenqueros (Colômbia), Costa Chica (México), entre outras. Durante toda a época escravista, comunidades de escravos fugitivos organizaram-se, em *palenques*, quilombos e mocambos, do Brasil ao Sudeste dos Estados Unidos, do Peru ao Chile. Variando de pequenos bandos, sem condição de resistir por muito tempo, a poderosos Estados militarizados, essas organizações de negros deixaram comunidades remanescentes em várias partes do continente, muitas delas conservando tradições herdadas dos primeiros tempos. *Ver BUSH NEGROES*; *JAMAICA*; *PALMARES*; *QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

MARQUES, [Raul] **Astolfo** (1876-1918). Escritor brasileiro nascido em São Luís, MA. Jornalista, cronista, novelista e tradutor, foi membro da

Academia Maranhense de Letras. É autor de *A nova aurora* (1912), entre outras obras (anteriores), sobre a vida e o ambiente maranhenses.

MARQUES, Enedina Alves (1913-81). Engenheira brasileira nascida e falecida em Curitiba, PR. Órfã e filha de lavadeira, exerceu o magistério até tornar-se, em 1945, a primeira mulher a formar-se em Engenharia em seu estado. Pertenceu aos quadros da Secretaria de Viação e Obras Públicas, exercendo com destaque a profissão e ocupando diversos cargos de chefia. Em 2010, já integrando a galeria de paranaenses ilustres, foi uma das figuras imortalizadas no Memorial à Mulher, erguido em Curitiba.

MARQUES [dos Santos]**, Olímpio** (1919-81). Militante negro brasileiro falecido no Rio de Janeiro. De formação marxista-leninista, foi companheiro de Solano Trindade* no Centro Afro-Brasileiro, nos anos de 1950. Trabalhou em vários jornais cariocas como revisor. Nos anos de 1970 foi um dos mais destacados membros do movimento negro brasileiro.

MARQUES, Raul [Gonçalves] (1913-91). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Fundador da escola de samba Unidos da Saúde e ligado à Recreio de Ramos e à Império Serrano*, notabilizou-se como percussionista e compositor. Ao lado de Bucy Moreira*, foi um dos ritmistas mais requisitados nos estúdios cariocas nos anos de 1940 e 1950. Em 1942, participou de uma roda de batucada no filme *That's all true*, de Orson Welles, que não foi concluído. Como compositor, seu samba de maior sucesso é *Risoleta*, de 1937, em parceria com Moacir Bernardino.

MARQUES, [José de] **Souza** (1894-1974). Educador e líder religioso e político brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Formado em Direito e Teologia, foi pastor da Igreja Batista e presidente da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil. Professor, fundou, no subúrbio carioca de Cascadura, o Colégio Souza Marques, germe da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, estabelecimento de ensino universitário. Na década de 1960 foi deputado estadual no Rio de Janeiro em várias legislaturas. Segundo Abdias do Nascimento* (1968) em *O negro revoltado*, em certa ocasião denunciou em sessão pública na Associação Brasileira de Imprensa o fato de ter sido preterido na ocupação de um cargo de secretário de Estado pelo fato de ser negro.

MARRÀ-PAIÀ. Designação dos grupos de moçambique* em Parati, RJ. *Ver PAIÁ.*
MARRIM. Povo do antigo Daomé*. Também, maí, mahi e mahim. Do fongbé *Mahi*.
MARRON. *Ver MAROON.*
MARRONAGE. Na literatura de língua francesa sobre a escravidão, nome da instituição criada pelos escravos fugitivos ou de seu próprio estado ou condição. Viver em *marronage* significava viver aquilombado, em confronto com a ordem jurídica vigente. *Ver CIMARRONAGEM.*
MARROQUIM. *Ver TÉCNICAS.*
MARRUÍNO. Subdivisão dos cultos de origem jeje no Brasil. O termo é corruptela de marrim*.
MARS, Jean Price. *Ver PRICE-MARS, Jean.*
MARSALIS, Wynton. Trompetista americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, em 1961. Segundo filho do pianista Ellis e irmão caçula do saxofonista Branford Marsalis (1960-), recebeu educação musical erudita, iniciando carreira aos 14 anos de idade. Mais tarde transferiu-se para Nova York, para cursar a Juilliard School of Music. Nos anos de 1980, enquanto integrava a Orquestra Filarmônica do Brooklyn, tocou com os Jazz Messengers, grupo liderado por Art Blakey*. Transitando com facilidade entre o jazz e a chamada música erudita, em 1997 presenciou a estreia, com grande sucesso, da peça jazz-operística *Blood on the fields**, de sua autoria, êxito que se somou às muitas láureas conquistadas, entre as quais se incluem nove prêmios Grammy. Com sua obra e seu posicionamento político e estético, vem rejuvenescendo o jazz tradicional e liderando, em nível nacional, um amplo questionamento sobre as bases e as dimensões da música americana.
MARSANT, John. *Ver ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Negros na conquista do Oeste].*
MARSHALL, Thurgood (1908-93). Jurista americano nascido em Baltimore, Maryland. Diretor do Fundo de Educação e Defesa da NAACP* por cerca de vinte anos, travou incontáveis batalhas em favor dos direitos dos negros americanos. Juiz da Suprema Corte de 1967 a 1991 e uma das

figuras públicas mais proeminentes do país, seu nome foi sempre, nos Estados Unidos, sinônimo de direitos civis e "justiça para todos".

MARSON, Una Maud (1905-65). Escritora jamaicana nascida em Sharon Village e falecida em Kingston. Além de distinguir-se como poetisa, dramaturga, jornalista e conferencista, foi considerada a primeira feminista negra na Inglaterra. Entre 1933 e 1935, residiu em Londres, onde militou na League of Colored Peoples (Liga dos Povos de Cor). Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou como jornalista e radialista nos programas das Índias Ocidentais na BBC de Londres, além de ter apresentado inúmeras conferências por toda a Inglaterra, retornando ao seu país após o término do conflito. Em sua obra destacam-se *Tropic reveries* e *Heights and depths* (ambas publicadas em Kingston, 1931); *The moth and the star* (Kingston, 1937); *Towards the stars* (Londres, 1945). Suas peças foram produzidas tanto em Londres como em Kingston.

MART'NÁLIA [Mendonça Ferreira]. Cantora nascida no Rio de Janeiro, RJ, em 1965. Filha de Martinho da Vila*, atuou como vocalista em espetáculos e gravações do pai. Lançou o primeiro disco em 1987; depois de outras tentativas não muito bem-sucedidas na carreira, com o aval de cantoras como Maria Bethânia e Zélia Duncan e interpretando canções mais ligadas ao universo pop, começou a receber, a partir de 2002, bastante atenção dos meios de comunicação.

MARTA, Mãe (século XVII). Personagem da história dos negros em Portugal. Escrava negra do padre Sebastião de Carvalho na primeira metade dos Seiscentos, teve com ele um filho, Belchior de Carvalho, que viria a ser o pai de um abade da localidade de Foscoa, conhecido, por sua aparência física, como o "Abade Negro". Esse religioso foi avô ou tio-avô de Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal (1699-1782), célebre estadista português cujas origens africanas, embora distantes, foram muitas vezes alardeadas por seus adversários e inimigos (conforme Tinhorão, 1988, p. 370).

MARTA, Tia (1886-1963). Nome pelo qual foi conhecida Marta Ferreira da Silva, sambista e mãe de santo* nascida e falecida no estado do Rio de Janeiro. Uma das mais antigas moradoras do morro da Serrinha, era tida

como mãe espiritual da escola de samba Império Serrano*, na qual desfilava como baiana.

MARTIM-BANGOLÁ. O mesmo que Martim-Pescador*.

MARTIM-PESCADOR. Entidade dos candomblés de caboclo. Divindade das águas, atua como mensageiro entre os mortais e as entidades do mar. Também conhecido como Martim-Bangolá, Martim-Quimbanda e Marujo, tem por função guiar as embarcações.

MARTIM-QUIMBANDA. O mesmo que Martim-Pescador*.

MARTÍN DE PORRES, São (1579-1639). Santo católico nascido em Lima, Peru, filho natural do espanhol Juan de Porres com uma escrava panamenha. Alfabetizado em Guaiaquil, Equador, quando retornou a Lima aprendeu o ofício de barbeiro sangrador. Em 1601 foi aceito pela Ordem Dominicana como laico, morrendo pouco antes de completar 60 anos. Foi beatificado pela Igreja Católica conforme bula papal de 8 de agosto de 1837.

MARTÍNEZ, Gregorio. Escritor, jornalista e professor universitário peruano nascido em Nazca, em 1942. De origem afro-indígena, é autor de *Tierra de caléndula* (1975), *Canto de sirena* (1977), *Dale golpe a ese cajón* (1979), *Como matar al lobo* (1983), *Candico* (1985), *La gloria del piturrín y otros embrujos de amor* (1986) e *Crónica de músicos y diablos* (1991).

MARTÍNEZ, Negro (?-1851). Criado uruguaio do general José Gervasio Artigas, chefe do primeiro governo nacional do Uruguai, de quem foi companheiro e confidente no exílio no Paraguai, a partir de 1817, após a ocupação de Montevidéu por tropas luso-brasileiras. Faleceu no ano seguinte ao da morte do chefe, deixando descendentes.

MARTINHO DA VILA. Nome artístico de Martinho José Ferreira, compositor e cantor brasileiro nascido em Duas Barras, RJ, em 1938. Oriundo da pequena escola de samba carioca Aprendizes da Boca do Mato, passou a integrar, no final dos anos de 1960, a Unidos de Vila Isabel*, ganhando fama como um dos grandes autores de sambas-enredo em todos os tempos. Lançando discos de sucesso desde 1969, ano de estreia do samba *Pequeno burguês*, construiu uma sólida carreira profissional e conquistou o respeito da comunidade afro-brasileira graças ao seu posicionamento quanto à questão negra e principalmente pelas ligações que estabeleceu entre a cultura brasileira e as africanas de expressão portuguesa. É autor de

Kizombas, *andanças e festanças* (1992), livro autobiográfico em que relata, entre outros assuntos, sua experiência africana.

MARTINHO, Mestre (1835-1922). Personagem da vida popular paraense que, de 1848 a 1916, se destacou como organizador da Festa do Divino, realizada em Belém do Pará.

MARTINICA. Departamento ultramarino da França, localizado a leste do mar do Caribe, no arquipélago das Antilhas, com capital em Fort-de-France. Um recenseamento de meados do século XIX dava conta de uma população de 93 mil escravos negros para apenas 12 mil brancos, dos quais 9 mil eram militares. Em 2000, sua população afrodescendente somava cerca de 90% do total.

MARTINIQUE. No vodu haitiano, tambor do rito *petro**.

MARTINS, Áurea. Cantora nascida no Rio de Janeiro, RJ, em 1940. Surgida no ambiente radiofônico na década de 1960, em 1969 tornava-se vitoriosa no concurso desenvolvido no programa *A grande chance* na TV Tupi, tendo como prêmio a gravação de um disco e uma viagem a Portugal. De carreira não muito regular, apesar dos grandes dotes artísticos, foi redescoberta na década de 2000, por conta da efervescência musical da noite carioca, a partir do bairro da Lapa. Em 2009 era laureada com o Prêmio da Música Popular Brasileira (antigo Prêmio Tim), na categoria "melhor cantora de MPB".

MARTINS, Jorge Roberto. Jornalista e músico nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1942. Destacou-se, a partir da década de 1980, como crítico musical na revista *Isto É* e no jornal *O Dia*, e como produtor e apresentador de programas nas rádios MEC e Roquette Pinto. De 1995 a 1997 presidiu a Fundação Museu da Imagem e do Som (MIS), no Rio de Janeiro.

MARTINS, Lena. *Ver ABAYOMI.*

MARUAMBA. Um dos nomes da maconha*.

MARUGA. Denominação cubana de uma espécie de chocalho formado por dois cones ocos de lata ou outro metal, soldados por sua base e aos quais se fixa um cabo também metálico. Nos anos de 1950, esse tipo de chocalho, tocado aos pares, era muito frequente na bateria das escolas de samba cariocas.

MARUNGO. Variante de malungo*.

MARVELETTES, The. Grupo vocal americano formado, no final dos anos de 1950, em Inkster, Michigan, pelas cantoras Gladys Horton (1944-), Georgeanna Marie Tillman (1943-80), Wanda Young (1944-), Katherine Anderson (1944-) e Juanita Cowart (1944-). Em 1961, com a gravação de *Please, Mr. postman*, colocaram a gravadora Motown Records* pela primeira vez no topo das paradas de sucessos. Mais tarde, entretanto, o grupo foi obscurecido por The Supremes*.

MARY ANN. Termo eufemístico com que os negros norte-americanos e caribenhos de língua inglesa se referem à marijuana (maconha*).

MARY JANE. Entre os negros norte-americanos, nos anos de 1950, o mesmo que *mary ann**.

MAS BAND. Tipo de sociedade carnavalesca que sai às ruas no carnaval de Trinidad, com carros de som semelhantes aos modernos trios elétricos da folia baiana.

MASACALHA. Chocalho da percussão afro-uruguaia (conforme Mário de Andrade, 1989). *Ver MAÇAQUAIA.*

MASAMBA. Antigo termo corrente entre os negros cubanos para designar a mulher homossexual. Também, *masambera*.

MÁSCARA NEGRA. *Ver MINSTREL SHOWS.*

MASCARENHAS, Manuel de Assis (1805-1867). Político e diplomata brasileiro nascido provavelmente em Goiás e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Filho legitimado do marquês de São João de Palma, fidalgo vindo para o Brasil na comitiva de dom João VI, bacharelou-se em Leis em Coimbra e foi, seguidamente, encarregado de negócios em Berlim, desembargador da Relação do Rio de Janeiro e presidente das províncias de Rio Grande do Norte e Sergipe. Embora conservador, defendeu a anistia aos implicados na Revolução Liberal de 1842.

MASCATES DE ESCRAVOS. *Ver TRÁFICO INTERPROVINCIAL.*

MASÓN. Em Cuba, espécie de minueto das sociedades de tumba francesa*.

MASS LAN MÔ. Fantasia do carnaval da Martinica, representativa da morte.

MASSA. Forma crioula para o vocábulo inglês *master* (“patrão”, “senhor”) usada pelos negros norte-americanos e antilhanos.

MASSAMBULA. Termo de significado não determinado presente em um diálogo de congada*: “Perpara tamburins e maracá p’a festa do Rusáro, nóis vamo festejá Massambula!”. Provavelmente, do quicongo *sambula*, “receber com muito respeito”; “abençoar”. *Ver MAXAMBULA*.

MASSANGO. O mesmo que sorgo, e às vezes arroz, na linguagem de algumas antigas comunidades negras brasileiras. Do quimbundo *masangu*, “milho”, correspondente ao quicongo *nsangu*, “pequenos grãos”.

MASSI, Tia. *Ver TIA MASSI*.

MASSINOKO ALAPONG. *Ver BASÍLIA SOFIA*.

MASTUERZO (*Lepidium virginicum*). Nome cubano de uma variedade de mastruço, erva da família das crucíferas. Utilizado em rituais da *santería*, pertence a Eleggua.

MASUCAMBA. Antiga dança de negros em Cuba.

MATA DO TIÇÃO. Comunidade remanescente de quilombo* em Jaboticatubas, MG.

MATA, João da (século XIX). Compositor brasileiro de música sacra e ligeira nascido em Lavras, MG. É descrito por Eduardo Frieiro (1966) como “preto de notáveis merecimentos”.

MATALUMBÔ. Variante de Mutalambô*.

MATAMBA [1]. Região de Angola, entre os rios Kwale, Kwango, Kambo e Lukala, onde floresceu, no século XVII, o reino de mesmo nome. Celebrizada pela resistência de Nzinga Mbandi*, a rainha Jinga, a região desempenhou papel importante no sistema comercial centrado no Cazembe*, constituindo-se num dos maiores mercados de escravos em toda a África.

MATAMBA [2]. Nos candomblés bantos e de caboclo, entidade correspondente à Iansã iorubana. Do quicongo *Ma-támba*, nome de um inquice.

***MATAMBA* [3].** Pompas fúnebres, velório, entre os negros do Uruguai. *Ver* MATANGA; *TÂMBI*.

MATAME. Barragem nos garimpos, feita de paus e ramos, para diminuir a correnteza fluvial e facilitar os mergulhos que dependem do fôlego. Do

quicongo *ntambu*, “barragem”.

MATAMOROS, Miguel (1894-1971). Compositor, guitarrista e cantor nascido e falecido em Santiago de Cuba. Líder do famoso Trío Matamoros, grupo fundamental na história do *son** cubano, com ele gravou vários discos nos Estados Unidos e se apresentou em diversos países europeus e hispano-americanos. É autor de sucessos como *Mientes* e *Mamá, son de la loma*.

MATANÇA DE OXUMARÊ. Antigo rito de purificação dos candomblés jejes-nagôs, geralmente realizado por ocasião do ano-novo.

MATA-NEGO. Espécie de bebida tradicional da Bahia; mistura de cachaça, pó de café, conhaque, vermute e outros ingredientes.

MATANEGRO. Nome cubano da *Rourea glabra*, árvore de Iemanjá, largamente usada na *regla de palo mayombe* (*ver MAYOMBE [2]*) e no Brasil conhecida como pau-de-porco; espécie de cipó outrora usado em Cuba para surrar os negros escravos.

MATANGA. Nos cucumbis* do Rio de Janeiro antigo, velório, ritual funerário à moda africana. Do quicongo *matanga*, “funeral”, “festa de luto”; “festa para alguém que voltou para casa”.

MATA-PASTO (*Cassia sericea*). Árvore pequena da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, também conhecida como fedegoso-do-pará. Na tradição religiosa afro-brasileira, é planta de Oyá.

MATEO, Liborio (?-1922). Líder religioso dominicano nascido em San Juan de la Maguana e falecido em Bánica. Por volta de 1908 fundou, em sua cidade natal, uma comunidade religiosa, lançando as bases do movimento messiânico conhecido como “liborismo”. Desagradando à Igreja e ao Estado, o movimento foi violentamente combatido, tendo sido afinal derrotado, o que resultou em muitos mortos, incluindo o líder.

MATETÊ. Caldo grosso, muito temperado, da culinária afro-brasileira. Do quimbundo *matete*, “papa”.

MATHIAS NETO, Ignácio Giraldo (1848- 1909). Educador e escritor brasileiro nascido e falecido em Macaé, RJ. Por volta de 1880, em Barra de São João, foi professor de primeiras letras do futuro presidente da República Washington Luís. Escreveu versos inspirados, de fino humor, publicados em jornais de sua cidade natal.

MATHIS, [John Royce, dito] **Johnny.** Cantor americano nascido em 1935 em São Francisco, Califórnia. A partir de 1956, com *Wonderful, wonderful*, gravada com a orquestra de Ray Conniff, tornou-se um dos grandes nomes da canção internacional, lançando, entre 1957 e 1994, mais de setenta álbuns.

MATIABOS. Denominação aplicada aos negros *cimarrones** das montanhas cubanas, considerados malfeitores e feiticeiros.

MATIAS DOMBI (século XVII). Combatente palmarino* aprisionado e solto em seguida, em 1678, pelas autoridades coloniais, para que transmitisse a Ganga Zumba* um ultimato do governador de Pernambuco. Seu sobrenome parece derivar do quicongo Ndombe, antropônimo que significa "alguém de pele muito escura", com a mesma raiz de *kiandombe*, "negro".

MATO GROSSO e MATO GROSSO DO SUL. Estados do Centro-Oeste brasileiro. Com sua história intimamente ligada ao Ciclo do Ouro* e ao episódio da penetração do interior pelas bandeiras*, o atual território mato-grossense (do qual foi desmembrada, em 1979, a parte que hoje constitui o estado do Mato Grosso do Sul) atraiu, no século XVIII, várias levas de mineradores, entre os quais, certamente, trabalhadores negros. Em 2000, o governo federal havia identificado em Mato Grosso, nos municípios de Vila Bela e Nossa Senhora do Livramento, duas comunidades remanescentes de quilombos*, e em Mato Grosso do Sul, mais seis delas, nos municípios de Jaguari, Corguinho, Camapuã, Maracaju e na capital, Campo Grande.

MATOMBÔ. Denominação da mandioca em algumas antigas comunidades negras no Brasil. Da raiz banta *tombo* (umbundo: *utombo*; quimbundo: *mutombo*), "mandioca", por meio de uma forma plural ou aumentativa (*omatombo*; *matombo*).

MATOS, João Batista de (1900-69). Militar brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Filho de um modesto funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, percorreu no Exército brasileiro a hierarquia das mais altas posições, até alcançar o posto de marechal, sendo o único afro-brasileiro nessa condição em seu tempo. Foi, também, membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico

da Cidade do Rio de Janeiro e detentor de importantes condecorações. Teve artigos publicados em *A Defesa Nacional* e escreveu a série *Os monumentos nacionais* (1947).

João Batista de Matos

MATOS, Joaquim de (século XIX). Escravo, líder e herói da fracassada Revolta dos Malês*, ocorrida em 1835 na Bahia. Sua lealdade aos companheiros era tamanha que durante o julgamento negou conhecer até mesmo aqueles que lhe eram mais próximos. Como todos os rebelados, era muçulmano convicto (conforme B. Nuñez, 1980).

MATOZINHOS, Paulo (século XX). Ator brasileiro atuante no teatro e na televisão cariocas nas décadas de 1950 e 1960. Estrelou o filme *O saci*, produção paulista de 1953.

MATUEY. Dança dos *maroons* do Suriname.

MATUMBO. No Brasil, denominação do terreno preparado para o plantio de tubérculos. Do quimbundo *matumbu*, plural de *ditumbu*, "montículo".

MATUNGO [1]. Urucungo*, berimbau; espécie de marimba de cuia*. *Ver MACUNGO; MUTUNGO.*

***MATUNGO* [2].** Em Cuba, antigo qualificativo do negro enfraquecido, debilitado, a exemplo do cavalo já sem serventia, que se julgava melhor abater.

MATZELIGER, Jan (1852-89). Inventor nascido em Paramaribo, na antiga Guiana Holandesa. Aos 18 anos de idade, emigrou para os Estados Unidos, estabelecendo-se na Filadélfia, Pensilvânia, onde se empregou em uma fábrica de calçados. Mais tarde, fixou-se definitivamente em Lynn, Massachusetts. Entre 1883 e 1889, inventou, aperfeiçoou e patenteou um engenho que cortava, moldava e costurava sapatos, além de colocar neles a sola – a primeira máquina industrial para esse tipo de confecção. Seu invento contribuiu significativamente para o barateamento do calçado; entretanto, Matzeliger faleceu com 37 anos incompletos, sem usufruir os lucros que sua criação proporcionou.

MAURÍCIO. País insular, localizado no oceano Índico, oitocentos quilômetros a leste de Madagáscar, com capital em Port Louis. Com a abolição da escravatura em 1834, o país importou trabalhadores indianos, cujos descendentes são hoje a maioria da população, a qual, não obstante, registra significativa presença negra.

MAURÍCIO, Padre José. *Ver PADRE JOSÉ MAURÍCIO.*

MAURÍCIO, São. Santo católico festejado em 22 de setembro. Chefe da legião tebana com a qual o imperador Maximiano invadiu as terras germânicas, ao recusar-se a participar de uma chacina foi martirizado, no território correspondente ao da atual Suíça, no fim do século III. O local onde se deu o massacre chama-se, hoje, em sua homenagem, Sankt-Moritz. É representado como um negro retinto, de armadura e empunhando uma lança; porém, alguns teólogos consideram essa representação um equívoco, derivado da confusão de são Maurício com são Mauro, este, sim, segundo eles, um negro africano. É o patrono dos exércitos germânicos.

MAURINHO (1933-95). Nome pelo qual foi conhecido Mauro Raphael, jogador brasileiro de futebol nascido em Araraquara, SP, e falecido na capital do mesmo estado. Ponta-direita, integrou a seleção nacional nos anos de 1950.

MAURITÂNIA, República Islâmica da. País da África ocidental, com capital em Nouakchott. Limitada ao norte pelo Saara Ocidental e pela Argélia, a leste e sudeste pelo Mali, ao sul pelo Senegal e a oeste pelo oceano Atlântico, sua população negra inclui, principalmente, uolofes, tucolores, soninqueses e peúles. Sua história pré-colonial é a do antigo Gana, cuja capital se localizava no sítio de Kumbi Saleh. O primeiro sequestro com fins escravistas de negros africanos por europeus teria ocorrido na atual costa mauritana, por volta de 1442.

MAURO, São (*c.* 512-84). Abade, foi discípulo de são Benedito. *Ver MAURÍCIO, SÃO.*

MAVU. Divindade suprema dos jejes, contraparte de Liçá*. Do fongbé *Mahou*.

MAXAMBULA. Carroça puxada por burros, usada para o transporte de escravos nas fazendas de café.

MAXIMIN, Daniel. Escritor guadalupense nascido em Saint-Claude, em 1947. Romancista cuja obra apresenta temática fortemente centrada na cultura caribenha, e na de seu país em particular, é autor de *Soufrières* (1987) e *L'île et une nuit* (1995), entre outras obras.

MAXIXE. Antiga dança brasileira com pares enlaçados, nascida na segunda metade do século XIX, por derivação do lundu*. Na época, considerada licenciosa, era dançada apenas nos bailes de carnaval. Mais tarde, praticada ao mesmo tempo como dança e canção, passou dos palcos para os salões, tornando-se bastante popular no Rio de Janeiro até a Primeira Guerra Mundial, quando estendeu sua influência até Paris, França. Segundo Antenor Nascentes* (1981), o nome da dança viria da alcunha de um antigo dançarino. Jota Efegê* (1965) contesta, porém, essa origem e informa que, por volta de 1886, o vocábulo era empregado para designar qualquer coisa ruim, de má qualidade, certamente em alusão ao fruto do maxixeiro, planta originária da África, cujo nome, por sua vez, provém do quimbundo *maxixi* (*Cucumis ficifolius*).

MAXWELL-HALL, Agnes. Poetisa jamaicana nascida em 1894, em Montego Bay, no seio de uma família importante. Após estudar em seu país natal, frequentou escolas de Nova York e Boston, nos Estados Unidos, e Londres, na Inglaterra. Seu pai, Maxwell-Hall, era proprietário de um observatório na região das montanhas de Kemshot, onde, por muitos anos, a escritora manteve e administrou uma fazenda de produção de laticínios. Seus poemas, tais como "Jamaica Market" e "Lizard", bem como seus contos, foram publicados em revistas americanas e inglesas.

MAYA-MAYA, Estêvão. Músico brasileiro nascido em Viana, MA, em 1943, e radicado em São Paulo. Regente, fundou e dirigiu o Coral da Sabesp e o Cantafro. Como cantor, cuja voz de baixo profundo atinge extensão de três oitavas, destacou-se em prestigiosos conjuntos vocais.

MAYAMBA, Jeu de. No Haiti, jogo semelhante ao de dados, praticado com quatro fichas, todas com uma face branca e uma geralmente azul, arremessadas por um "banqueiro" (conforme B. Nuñez, 1980).

MAYFIELD, Curtis (1942-99). Cantor, compositor e produtor americano nascido em Chicago, Illinois. Com carreira iniciada em 1957, fez grande sucesso em 1972 com a trilha sonora do filme *Superfly*, um marco da soul

music. Seu grande destaque, entretanto, deve-se às letras de suas canções de cunho político, transformadas em verdadeiros hinos do movimento pelos direitos civis. Em 1990, após um acidente durante um show, ficou tetraplégico, mas seguiu trabalhando como ativista pelos direitos civis da comunidade negra.

MAYOCOMBÍ. Dança sobre pernas de pau levada para a República Dominicana por imigrantes das Antilhas Britânicas.

MAYOMBA. Termo afro-cubano correspondente ao afro-brasileiro "macumba". Variante de *mayombe* [2]*.

MAYOMBE [1]. Região litorânea ao norte do Luango, na atual República do Congo. Na época colonial, foi grande exportadora de gêneros, madeira, marfim, cobre, prata e também de escravos.

***MAYOMBE* [2].** Nome que designa a linha ritual afro-cubana também conhecida como *regla de palo monte** ou *regla de palo mayombe*, na qual se rende culto aos mortos e aos espíritos da natureza. Divide-se em *mayombe cristiano*, que pratica o bem, e *mayombe judío*, que trabalha com espíritos malévolos.

MAYOMBERO. Em Cuba, ritualista da tradição conga, praticante da *regla de palo mayombe* ou *regla de palo monte*, linha ritual cubana de tradição bantu. *Ver MAYOMBE [2].*

MAYORAL. Na América espanhola, termo correspondente ao português "feitor".

MAYOUMBA FOLKLORICA THEATRE. Grupo musical de Anguilla*. Moderno, trabalha com material extraído da história da ilha.

MAYS, Willie. Jogador de beisebol americano nascido em Fairfield, Alabama, em 1931. Com carreira profissional iniciada em 1948, tornou-se, ao integrar a equipe do San Francisco Giants, um dos mais completos atletas do mundo em sua especialidade, tendo sido eleito em 1979 para o Baseball Hall of Fame.

MAZA. Nos candomblés bantos, água potável ou de uso ritual. Do quicongo *maza*, "água".

MAZACALLA. Espécie de chocalho metálico dos negros do Uruguai, feito com dois cones de folha de flandres, soldados pela base. *Ver MAÇAQUAIA.*

MAZAMORRA. Na América hispânica, notadamente no Peru e na região do Prata, espécie de mungunzá* de milho cozido que se come com leite e açúcar ou mel.

MAZINHO. Apelido de Iomar do Nascimento, jogador de futebol brasileiro nascido em Santa Rita, PB, em 1966. Lateral projetado pelo Vasco da Gama carioca, atuou também na Itália e no Palmeiras paulistano. Foi reserva da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1990 e titular da equipe tetracampeã em 1994.

MAZOMBO. Antigo qualificativo aplicado ao filho de português nascido no Brasil e, por extensão, ao indivíduo sorumbático, macambúzio, mal-humorado. A origem é o quimbundo *mazombo*, “grosseiro”, “rude”, e o vocábulo parece revelar um caso incomum de adjetivação derrogatória criada pelo negro contra o branco, contrariando a regra geral.

MAZRUI, Ali A. Cientista político, educador e escritor queniano nascido em 1933, em Mombaça, e radicado nos Estados Unidos. Autor e apresentador da série televisiva *Africans: a triple heritage*, produzida para a BBC, e do livro de mesmo nome (1986), publicou importantes obras, entre as quais a novela *The trial of Christopher Okigbo* (1971) e *The African condition* (1980).

MAZZARELO [Rodrigues]**, Maria.** Editora e livreira brasileira nascida em Ponte Nova, MG, em 1940. Fundadora e proprietária da Mazza Edições e da Oficina de Livros Mestre Edgard, empresas de prestígio em Belo Horizonte, tornou-se personalidade respeitada nos círculos culturais da capital mineira.

MBALAX. Gênero musical africano desenvolvido na Europa. *Ver N’DOUR, Youssou*.

MC. No universo do hip-hop*, pessoa que, com as funções de animador, tocador de discos e cantor, anima eventos festivos como os bailes funk. A sigla, pronunciada “eme ci”, é abreviação do inglês *master of ceremonies*, “mestre de cerimônias”.

McCOY, Elijah (1844-1929). Engenheiro mecânico e inventor nascido em Ontário, Canadá, e criado na cidade americana de Ypsilanti, Michigan. Em 1872 patenteou um sistema de autolubrificação para locomotivas e

outras máquinas, até hoje em uso, tendo registrado durante sua vida cerca de cinquenta patentes. *Ver INVENTORES NEGROS.*

McDANIEL, Hattie (1898-1952). Atriz americana nascida em Wichita, Kansas, e criada em Denver, Colorado. Atuando a princípio como cantora, mais tarde se firmou como atriz profissional do gênero de variedades. Mudando-se para Hollywood em 1931, após três anos iniciou uma carreira que culminou com o Oscar de atriz coadjuvante, recebido em 1940, por sua atuação como a Mammy* de *...E o vento levou*. Primeiro membro da comunidade afro-americana a receber o prêmio da Academia, atuou no cinema até 1949 e trabalhou com grande sucesso também no rádio, interpretando o papel-título da série *Beulah**.

McFARLANE, Basil. Poeta jamaicano nascido em Saint Andrew Parish, em 1922. Filho de John Ebenezer Claire McFarlane*, em 1944 engajou-se na Royal Air Force (RAF), a Força Aérea britânica, tendo servido por dois anos. Retornando ao seu país após a Segunda Guerra, publicou *Jacob and the angel and other poems* (1952), além de poemas esparsos nas revistas *London Mercury* e *Life and Letters*.

McFARLANE, John Ebenezer Clare (1894-1962). Poeta e pensador jamaicano nascido em Spanish Town e falecido em Kingston. Educado na Inglaterra, ocupou altos postos no governo de seu país e, como intelectual, prestou grande contribuição à vida cultural da Jamaica e das Antilhas em geral, tendo sido honrado com importantes condecorações pelo Império Britânico. Fundou a Liga dos Poetas da Jamaica e foi editor de *Voices from Summerland* (1929), a primeira antologia da poesia jamaicana. Entre suas obras publicadas estão *Beatrice, narrative poems* (Kingston, 1918); *Poems* (Kingston, 1924); *Daphne* (Londres, 1931); *The challenge of our time* (Kingston, 1954); e *The Magdalen* (Kingston, 1957).

McFARLANE, R. L. Clare. Poeta jamaicano nascido em Kingston, em 1925. Um dos líderes de sua geração, publicou, entre outras obras, *Selected poems: 1943-1952* (1953) e *Hunting the bright stream* (1960).

McFERRIN, Bobby. Nome artístico de Robert Keith McFerrin, músico americano nascido em Nova York, em 1950. Maestro, compositor, arranjador, instrumentista e professor, tornou-se famoso como cantor de

espantosos recursos vocais, capaz de, atingindo quatro oitavas na escala musical, produzir os sons mais diversos.

McFERRIN, Robert (1921-2006). Cantor e professor de canto lírico americano nascido em Marianna, Arkansas. Barítono, interpretou em 1950 o papel-título da ópera *Rigoletto*, com a New England Opera Company, e em 1955 o personagem Amonasro, da *Aída* de Verdi, no Metropolitan Opera House. Deu aulas de canto na Roosevelt University, de Chicago, e em universidades na Finlândia e no Canadá. É o pai de Bobby McFerrin*.

McKAY, Claude (1890-1948). Poeta jamaicano, foi uma das figuras mais importantes da Black Renaissance*. Nos Estados Unidos, onde foi o primeiro escritor negro detentor de um best-seller, estudou na Tuskegee University*, morou no Harlem* e militou no jornal progressista *Liberator*. Em Paris, frequentou o meio intelectual em que germinaram as ideias do movimento da *négritude**. Suas apaixonadas e poderosas imagens fizeram dele um dos mais destacados nomes da literatura antilhana. Sua obra compõe-se dos seguintes títulos: *Songs of Jamaica* (1912); *Constab ballads* (1912); *Spring in New Hampshire* (1920); *Harlem shadows* (1922); *Home to Harlem* (1928); *Banjo: a story without a plot* (1929); *Gingertown* (1932); *Banana bottom* (1933); *A long way from home* (1937); e *Selected poems* (1953), publicado postumamente.

McPHATTER, Clyde (1932-72). Cantor americano nascido e falecido em Durham, Carolina do Norte. Intérprete excepcional, influenciou nomes como Otis Redding* e Elvis Presley, entre outros. Conheceu grande sucesso por volta de 1956, mas sucumbiu ao alcoolismo, morrendo antes dos 40 anos.

McRAE, Carmen (1922-94). Cantora americana nascida em Nova York e falecida em Beverly Hills, Califórnia. Iniciou sua carreira em 1943, como pianista e cantora de casas noturnas. No ano seguinte casou-se com o baterista Kenny Clarke*. Fortemente influenciada por Billie Holiday*, logo se tornou, ao lado de Ella Fitzgerald* e Sarah Vaughan*, uma das três maiores cantoras de jazz do seu tempo.

McSHANN, Jay (1916-2006). Pianista e chefe de orquestra americano nascido em Muskogee, Oklahoma. Instrumentista virtuoso, de estilo comparado ao de Count Basie*, em 1937 foi líder do grupo em que o

celebrado saxofonista Charlie Parker* iniciou sua carreira. Em 1999 ainda se encontrava em atividade.

McTELL, Blind Willie (1898-1959). Cantor, compositor e instrumentista americano nascido em McDuffie, Geórgia, e falecido em Almon, no mesmo estado. Cego de nascença, ganhava a vida cantando e tocando sua guitarra de doze cordas nas ruas de Atlanta, até iniciar carreira discográfica, em 1927. Algumas de suas canções tornaram-se clássicos, tendo sido regravadas por músicos de blues, country e rock, mesmo nos anos de 1990.

MEDEIROS, Anacleto [Augusto] **de** (1866-1907). Compositor, instrumentista e regente brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Nascido em Paquetá, em 13 de julho, dia de santo Anacleto, era filho natural de Isabel de Medeiros, crioula liberta, e afilhado de João da Silva Pinheiro Freire, filantropo e médico dos pobres na bucólica ilha carioca. Em 1875, com 9 anos de idade, foi internado no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Alistado na Companhia de Menores lá existente, instruiu-se em ofícios e aprendeu música, tendo como primeiro mestre Antônio dos Santos Bocot e como primeiro instrumento o flautim. Transferido para a Imprensa Nacional, ainda aprendiz, por força da extinção do internato em que vivia, funda, em seu novo ambiente de trabalho, o Clube Musical Guttemberg e passa a integrar, em Paquetá, a banda da Sociedade Musical Paquetaense. Ao completar 18 anos, ingressa no Conservatório de Música, onde, embora dominasse todos os instrumentos de sopro, apresenta predileção pelo sax-soprano. Aluno de Antônio Luís de Moura e colega de Francisco Braga*, em 1886 obtém o certificado de professor de clarineta. No início da última década do século XIX, já é reconhecido como compositor e regente de raro talento. Considerado o criador do xote brasileiro, é autor de extensa obra, de grande brasilidade, além de ter sido, em 1896, o organizador da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (*ver* BANDAS MILITARES), um dos melhores conjuntos orquestrais brasileiros no gênero.

MEDEIROS, Carlos Alberto. Jornalista, tradutor e militante negro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1947. Graduado em Comunicação e Editoração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), exerceu, entre outros cargos públicos, o de subsecretário adjunto de Integração Racial na Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania do Rio

de Janeiro e integrou o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, no Ministério da Justiça. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), era, à época deste texto, o principal tradutor brasileiro da obra do sociólogo Zygmunt Bauman, em livros publicados por Jorge Zahar Editor. Coautor, com Jacques D'Adesky e Edson Borges, de *Racismo, preconceito e intolerância* (2002), em 2004 publicava *Na lei e na raça: legislação e relações raciais, Brasil-Estados Unidos*, de sua autoria exclusiva.

MEDEIROS, [Elto Antônio, dito] **Elton** [de]. Sambista nascido no Rio de Janeiro, em 1930. Compositor, cantor e ritmista egresso da escola de samba Aprendizes de Lucas, ganhou visibilidade em 1965, no espetáculo *Rosa de ouro*, que revelou Clementina de Jesus*. Com formação teórica e ligado ao choro, firmou-se em parcerias com Cartola*, Zé Kéti* e outros, além de ser um dos parceiros mais constantes de Paulinho da Viola*. Em 2001 foi agraciado com o prestigioso Prêmio Shell de Música Popular, pelo conjunto de sua obra.

MEDICI, Alessandro de' (*c.* 1510-37). Primeiro duque de Florença. Seu cognome era "o Mouro" e, segundo A. da Silva Mello (1958), teria sido filho de um papa com uma escrava de rara beleza. Em seu retrato, nas primeiras edições da *Enciclopédia britânica*, vê-se um jovem de pele parda, lábios grossos e cabelos crespos, o que suscitou investigação do pesquisador Mario Valdés, natural de Belize (conforme Ramsey, 1997), concluída com a afirmação da africanidade desse e de outros personagens históricos.

MEDICINA TRADICIONAL. Segundo o pensamento tradicional africano, indissoluvelmente ligado à ideia do ser humano como um elo na cadeia das forças vitais, um doente espera do remédio não um efeito terapêutico localizado, e sim o reforço de sua essência vital, expressa na unidade corpo-espírito. Daí a importância, na África e na Diáspora, do curandeiro, médico e ritualista, o qual, conhecedor das propriedades medicinais das plantas, dos minerais, dos extratos de animais etc., os utiliza em contextos rituais, em que a palavra falada ou cantada tem papel fundamental. A medicina tradicional africana desenvolveu também, ao longo dos séculos, ações terapêuticas eficazes, que incluem o uso de antídotos, cataplasmas, cauterizações, dietas alimentares, emplastos,

fricções, fumigações, inalações, infusões, loções, sangrias etc., métodos de cura bastante difundidos nas "rezas" e "benzeduras" da Diáspora.

MEDINA, Manuel (século XIX). Militar cubano nascido em Havana. Escravo, lutou bravamente ao lado do governo contra os revolucionários empenhados em conquistar a independência da ilha. Em 9 de agosto de 1862, as autoridades coloniais lhe concederam a alforria, como recompensa por seu heroísmo.

MEDINA Y CÉSPEDES, Antonio (1824-86). Poeta nascido em Havana, Cuba. Aos 15 anos, órfão de pai, tornou-se alfaiate para sustentar as duas irmãs. Impossibilitado de frequentar a escola, aprendeu a ler e a escrever sozinho. Por sua determinação e ambição intelectual, alcançou fama como escritor, sendo chamado de "a Luz da Raça". Amigo e aluno do poeta escravo Juan Francisco Manzano*, em 1861 colou grau de professor e no ano seguinte tornou-se diretor de uma escola aberta por um benfeitor. Entre os alunos estavam seus nove filhos e doze negros pobres. Escreveu para vários periódicos, como *El Faro* e *El Avisador Comercial*. Em sua obra destacam-se *Lodoiska, o La maldición* (1849); *Don Canuto Ceibamocha, o El guajiro generoso* (teatro, 1854); *Jacobi Girondi*, peça encenada em Madri em 1880. Deixou inacabada a peça *La maldición y la hija del pueblo*.

MEGANGA. Tratamento usado, no Brasil, por escravos ao se dirigirem aos seus senhores. Do termo multilinguístico banto *nganga*, referente a pessoas e entidades sobrenaturais ou de grande poder.

MEIÃ. Denominação da água em candomblés bantos. Do quimbundo *menha*, "água".

MEIA-LUA. No jogo da capoeira*, golpe semelhante à bênção*, mas desferido em movimento semicircular e com o lado de dentro do pé.

MEIRA (1909-82). Nome artístico de Jaime Tomás Florence, violonista e compositor brasileiro nascido em Pau d'Alho, PE, e falecido no Rio de Janeiro. Radicado desde 1928 na antiga capital da República, para a qual se deslocara integrando um grupo liderado pelo bandolinista Luperce Miranda, estreou no disco em 1935, com a composição *Falando ao teu retrato*, em parceria com De Chocolat* e interpretada por Augusto Calheiros*. Nos anos de 1950 fez grande sucesso com o samba-canção *Molambo*, interpretado pelo cantor Roberto Luna. Como violonista, integrou vários

grupos importantes, formou com Dino Sete Cordas uma dupla imbatível e participou de gravações antológicas, como a do LP de estreia de Clementina de Jesus*, em 1965, sendo professor de uma geração inteira de grandes violonistas brasileiros. É referido por alguns contemporâneos como "caboclo", o que pode indicar, também, ancestralidade ameríndia.

MEIRELES, Saturnino de (1878-1906). Nome literário de Saturnino Soares de Meireles Filho, escritor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Fundador e diretor da *Rosa-Cruz*, revista do movimento simbolista no Rio, foi, como editor, um dos impulsionadores da carreira literária do poeta Cruz e Souza*. Sua obra publicada consta de *Astros mortos* (poesia, 1903) e *Intuições* (ensaios, 1906), este último lançado postumamente. Filho do médico Saturnino Soares de Meireles, é, a exemplo do pai, citado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

MEIRELES, Soares de. Sobrenome pelo qual foram conhecidos dois médicos brasileiros. O primeiro, Joaquim Cândido Soares de Meireles, médico e político, nasceu em Sabará, MG, em 1777, e faleceu em 1868. Doutor pela Faculdade de Medicina de Paris, foi médico da Imperial Câmara, fundador da Imperial Academia de Medicina, instalada no Rio de Janeiro em 1831, e cirurgião-mor da Armada, na Guerra do Paraguai. Sobre ele, observe-se que seu retrato a óleo, exposto na Academia Brasileira de Medicina, exibe traços caucasoides e cabelos lisos, em desacordo com a litografia de L.A. Boularger, que se encontra na Biblioteca Nacional, a qual o retrata como o afromestiço que efetivamente foi. O segundo indivíduo de mesmo sobrenome, Saturnino Soares de Meireles, nascido no Rio de Janeiro em 1828 e falecido em 1910, foi membro do Conselho do Imperador, professor da cadeira de Física da Escola de Marinha e fundador do Instituto

Joaquim Cândido Soares de Meireles

Hahnemanniano do Brasil. Seu filho, de mesmo nome e falecido antes do pai, é focalizado no verbete anterior.

MEJÍA, Francisco (século XVI). Personagem da história de Porto Rico. Criado negro de Nicolás Ovando (1460-1511), governador da ilha Hispaniola, casou-se com uma chefe indígena, tornando-se, após essa união, um dos pioneiros na povoação da antiga colônia espanhola.

MEJÍA, Sebastián Ramos (séculos XIX-XX). Músico argentino. Um dos primeiros bandoneonistas do tango, tornou-se figura legendária. É constantemente referido como “el pardo Sebastián”.

MEJITÓ. *Ver DOMUTINHA DE OIÁ.*

MEL DE ABELHA. Substância doce que as abelhas elaboram com matérias encontradas em flores e folhas. Na tradição dos orixás, na qual possui vários usos rituais, é substância transmissora do axé*, da feminilidade e da doçura, que fecunda e acalma, emanando principalmente de Oxum.

MELANCIA (*Citrullus vulgaris*). Planta da família das cucurbitáceas, originária da África. Nos Estados Unidos, por ser do agrado dos negros, tornou-se um símbolo racista, associado a eles, que por essa razão eram derrogatoriamente chamados *the watermelon men* (“os homens melancia”). Na *santería* cubana, onde é conhecida como *melón de agua*, é uma das frutas prediletas de Iemanjá. A oferenda é feita com uma fruta inteira ou com sete pedaços que, ao fim de sete dias, são entregues ao mar.

MELANGUÊ. Em alguns terreiros bantos, mistura de mel com velame usada como bebida.

MELANINA. Pigmento responsável pela cor da epiderme, dos pelos e dos olhos de pessoas e animais. A concentração ou a dispersão desse pigmento nas células é que determina a cor mais escura ou mais clara dos grupos humanos. Assim, a rigor, em vez de se dividir esses grupos em “negros” e “brancos”, talvez mais apropriado, do ponto de vista científico, fosse classificá-los como “melanodermos” (os negros, em suas várias tonalidades de pele) e “leucodermos”.

MELÃO (*Cucumis melo*). Planta da família das cucurbitáceas e, por extensão, seu fruto. Na tradição dos orixás, é fruto da especial predileção de Oxum e Logun-Edé.

MELÃO-DE-SÃO-CAETANO (*Momordica charantia*). Trepadeira da família das cucurbitáceas que, segundo a tradição religiosa afro-brasileira, pertence a Nanã.

MELÉNDEZ, Lorenzo (séculos XVIII-XIX). Educador cubano, foi um famoso mestre-escola* da Havana oitocentista. Tenente de granadeiros da milícia de homens de cor, manteve uma escola nas proximidades da *calle* de los Corrales, na capital colonial de Cuba.

MELENGUE. No Uruguai, doce feito com clara de ovo e açúcar; o mesmo que merengue.

MELITÓN. *Ver GAÚCHOS NEGROS.*

MELO, Antônio Francisco de (século XIX). Militar brasileiro nascido em Pernambuco. Lutou na Guerra do Paraguai* como cadete do Nono Batalhão de Infantaria, tendo sido promovido a sargento por atos de bravura – naquela época, a hierarquia dos postos era diferente da atual –, chegando, por sua coragem e intrepidez, ao posto de capitão.

MELO, Domingos Alves de (1851-97). Médico e professor brasileiro nascido na Bahia e falecido em Salvador, no mesmo estado. Irmão de José Alves de Melo*, foi, como ele, docente na Faculdade de Medicina da Bahia.

MELO, José Alves de (1847-1901). Médico e professor brasileiro nascido na Bahia e falecido em Salvador, capital do estado. Foi lente de Física na Faculdade de Medicina da Bahia.

MELO VIANA, Fernando de (1878-1954). Político brasileiro nascido em Sabará, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Governador de Minas Gerais, foi eleito vice-presidente da República, senador e presidente da Assembleia Nacional Constituinte. Conforme Abdias Nascimento* (1991), em seu primeiro pronunciamento no Senado, seria um afrodescendente que escondia sua origem.

MELODIA, Luiz. *Ver LUIZ MELODIA.*

MELODY JACKSON. *Ver ARMSTRONG, Henry.*

MELOMBE. O mesmo que mil-homens ou jarrinha*.

MELÓN DE AGUA. *Ver MELANCIA.*

MELUNGUÊ. Variante de melanguê*.

MÊMNON, O ETÍOPE (c. 1250 a.C.). Legendário rei de Susa, filho de Titono. Aliando-se a Troia, liderou uma força de 20 mil guerreiros susianos

e etíopes contra os gregos. Morto em combate por Aquiles, foi louvado por Homero, Ovídio, Virgílio e Diodoro da Sicília. Segundo a tradição, era negro "como ébano", extremamente belo e muito valente.

MEMORIAL GORÉE-ALMADIES. Monumento em memória das vítimas do tráfico de escravos erguido no Senegal. Gorée é uma pequena cidade insular em frente a Dacar e pertence à República do Senegal, país do qual foi capital de 1902 a 1905. Fundada em 1588 e ocupada pelos franceses em 1677, a cidade foi o centro do tráfico de escravos na região. Tanto que lá ainda se ergue a Maison des Esclaves, entreposto onde eram armazenados os africanos que seriam embarcados para as Américas. Em 1988, por iniciativa de intelectuais e artistas negros de todo o mundo, o governo senegalês resolveu erigir, no local, um memorial dedicado à África e sua Diáspora. Por razões ambientais, a ideia original evoluiu para a da construção de um monumento em Almadies, o ponto mais extremo do continente africano no Atlântico, em frente a Gorée, com uma réplica de menores proporções na ilha. A ideia foi apresentada à Organização das Nações Unidas por Moussa Traoré, na época presidente da República do Mali e da Organização da Unidade Africana. Esse memorial constitui um monumento-símbolo, com o qual se pretendeu: honrar a memória dos africanos e de seus descendentes vitimados pelo tráfico de escravos; evocar esse momento trágico e, em razão de todos os acontecimentos que o envolveram, defender a identidade africana; perdoar os algozes, dar início a uma nova era de diálogo entre os povos e escrever uma nova página do renascimento africano.

MEMORIAL ZUMBI. Conjunto monumental projetado em 1981 para ser erguido no sítio histórico da serra da Barriga, em Alagoas, local onde foi construído o principal quilombo de Palmares*. O conjunto foi concebido para que fosse ao mesmo tempo ponto de encontro dos movimentos negros, centro de pesquisa e museu da contribuição do negro à ação civilizatória e formação social, política e econômica do Brasil. Entretanto, até a edição deste livro a iniciativa só tinha sido parcialmente concretizada.

MEMPHIS MINNIE (1897-1973). Nome artístico de Lizzie Douglas, compositora, cantora e guitarrista de blues americana nascida em Algiers, Louisiana, e falecida em Memphis, Tennessee. Com carreira iniciada aos 13 anos de idade, seu estilo, que modernizava o blues rural com a utilização

pioneira da guitarra elétrica no acompanhamento, constituiu o germe do chamado *Chicago blues*. Letrista de metáforas ousadas cantadas com voz lânguida, em contraste com o físico avantajado, foi artista extremamente avançada para seu tempo. Tudo isso fez dela a rainha inconteste do blues ao estilo de Memphis. Na década de 1930 mudou-se para Chicago e, cerca de trinta nos depois, doente, retirava-se da vida artística, deixando, entretanto, vasta obra gravada.

MENDANHA, Joaquim de (*c.* 1800-85). Músico brasileiro nascido em Itabira do Campo, MG, e falecido em Porto Alegre, RS. Após mudar-se, na adolescência, de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, alistou-se no Exército e assumiu a função de mestre da banda do Segundo Batalhão de Caçadores, com o qual marchou, em 1838, para o Rio Grande do Sul, a fim de empreender combate aos rebeldes farroupilhas. Em 1845, radicou-se definitivamente em Porto Alegre, onde compôs o *Hino farroupilha*, hoje o hino oficial daquele estado. Fundador da Sociedade Musical de Porto Alegre e mestre de capela da Catedral Metropolitana da cidade, em 1877 recebeu, por proposta do duque de Caxias, a comenda imperial da Ordem da Rosa.

MENDÉ**.** Em Guadalupe, um dos ritmos do *gwoka**. O nome corresponde ao etnônimo mandê*.

MENDES [Ferreira]**, José.** Babalorixá nascido em Alagoas, em 1936, e radicado em São Paulo. Realizou viagens de cunho religioso à Nigéria, onde teria recebido ordens sacerdotais, e fundou a Federação de Candomblé do Estado de São Paulo.

MENDES, Lui. Ator brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1971.Tornou-se nacionalmente conhecido em 1995, por sua atuação na telenovela *A próxima vítima*, da Rede Globo, em que personificou, pela primeira vez na televisão, um negro envolvido numa relação homossexual socialmente tolerada.

MENDEZ, Denny. *Ver BELEZA, Concursos de*.

MÉNDEZ, José Antonio (1927-88). Compositor, violonista e cantor cubano nascido em Havana. É autor de canções românticas de grande sucesso popular, como os boleros *La gloria eres tú* e *Tú, mi adoración*.

MENDIETA, Ana (1948-85). Artista multimídia cubana nascida em Havana e falecida em Nova York, Estados Unidos, país onde se radicara em

1961. Explorando em seu trabalho temas como a identidade étnica e o exílio, construiu, com suas telas e vídeos, sólida reputação no meio intelectual e artístico americano, tendo morrido em circunstâncias suspeitas, após uma queda do apartamento em que vivia, no 34º andar.

MENDIGOS ESCRAVOS. Mendigo é o indivíduo que vive da caridade pública. Durante a escravidão, era comum que escravos fisicamente incapazes – mutilados, cegos ou pestilentos – fossem adquiridos e então explorados como mendigos. Em 1883, em um leilão de escravos em Valença, RJ, um negro leproso, destruído pela doença, era cotado em 300 mil réis, enquanto outro, cego, em 50 mil (conforme J. J. Chiavenato, 1980). A lógica dessa avaliação era que o primeiro, pela aparência mais deplorável, seria mais "rentável" para o proprietário no exercício da mendicância.

MENDIVE, Manuel. Pintor e escultor cubano nascido em Luyanó, em 1944. Após ter sido premiado no salão anual do Círculo de Belas-Artes, em 1962, tornou-se artista renomado, merecendo, em 1970, premiação no Festival Internacional de Pintura de Cagnes-sur-Mer, na França. Seu trabalho conjuga técnicas antigas e modernas, utilizadas com base em sua vivência como descendente de tradicional família de origem iorubana.

MENDIZÁBAL, Horacio (1847-71). Poeta argentino nascido e falecido em Buenos Aires. Lançou-se literariamente ainda na adolescência, com *Primeros versos*, de 1865; em 1869 publica *Horas de meditación*, livro em que abandona a temática lírica para abordar a presença negra na Argentina e a luta pela igualdade racial. Morto muito jovem, durante a legendária epidemia que vitimou grande parte dos negros no país, é considerado o primeiro poeta afro-argentino.

MENDIZÁBAL, Rozendo (1868-1913). Nome artístico de Anselmo Rozendo Cayetano Mendizábal, músico argentino nascido e falecido em Buenos Aires. Descrito como neto de escravos africanos, trabalhou a maior parte da vida como pianista de prostíbulos em sua cidade natal e destacou-se como um dos grandes precursores do tango. Como compositor, sua obra mais conhecida é o tango *El entrerriano*, escrito em homenagem a um cliente importante de um dos bordéis em que trabalhava, em troco de recompensa financeira. Considerado o maior pianista de seu ambiente e seu tempo, foi também professor de piano e solfejo formado em conservatório, tendo,

entretanto, um fim de vida miserável: morreu cego e paralítico em um cortiço de última categoria.

MENÉ, Héctor Raúl. Poeta uruguaio nascido em Montevidéu, em 1934. Integrante do Teatro Negro Independiente, em 1963 teve encenada no Teatro Sala Verdi sua obra *Evocación del candombe*. Está incluído no segundo volume da antologia de A. B. Serrat (1996).

MENELICK, O. Jornal mensal "noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor", fundado em 1915, em São Paulo, pelo poeta Deocleciano Nascimento, redator-chefe da publicação. O redator-secretário era Geralcino de Souza e o presidente, Reginaldo Máximo Gonçalves. Seu nome é uma homenagem a Menelik II*, imperador da Etiópia.

MENELIK II (1844-1913). Imperador da Etiópia, nascido e falecido em Adis-Abeba. Seu governo se estendeu de 1899 a 1906, tendo derrotado, em 1896, em Adua, os italianos invasores, assegurando, assim, a independência de seu país. Por esse feito, tornou-se referência altamente positiva em toda a Diáspora.

MENÉNDEZ, Jesús [Larrondo] (1911-48). Líder sindical cubano. Com atuação esquerdista e anti-imperialista na Federación Nacional Obrera Azucarera, foi assassinado pelo capitão Joaquín Casillas em Manzanillo, Oriente, no dia 22 de janeiro de 1948. Nicolás Guillén* dedicou-lhe a "Elegía a Jesús Menéndez".

MENEZES, Cristóbal de (século XVI). Frade católico de Granada, na Espanha quinhentista. Filho de negra e branco, destacou-se como chefe de cozinha, a serviço de dom João da Áustria, irmão de Felipe II. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na.*

MENEZES, Margareth. Cantora brasileira nascida em Salvador, BA, em 1962. Lançada no disco em 1989, depois de seis anos cantando em casas noturnas, obteve sucesso internacional com a canção *Elegibô*, liderando o ranking da world music apresentado pela revista *Billboard*. Em 1989 e 1990, acompanhou o cantor americano David Byrne em mais de cinquenta shows na Europa e nos Estados Unidos.

MENEZES, Zé. *Ver ZÉ MENEZES.*

MENGA. Nos terreiros bantos, o sangue dos sacrifícios rituais. Do quicongo *menga*, "sangue".

MENGÁLVIO. Pseudônimo de Pedro Figueiró, jogador brasileiro de futebol nascido em Laguna, SC, em 1939. Atacante, integrou a seleção brasileira campeã do mundo em 1962.

MENININHA DO GANTOIS, Mãe (1894-1986). Nome pelo qual foi conhecida Maria Escolástica da Conceição Nazaré, ialorixá brasileira nascida e falecida em Salvador, BA. Iniciada aos 8 anos de idade e assumindo a chefia do Terreiro do Gantois* em 1922, permaneceu no posto durante 64 anos, granjeando, por seu carisma e popularidade, admiração e respeito para si e para a religião dos orixás. Uma das figuras mais importantes do candomblé baiano, conjugando a conciliação com a resistência, contribuiu decisivamente para a aceitação e a dignificação dessa vertente religiosa no Brasil.

MENINO-AGUDUI. Em cultos afro-amazônicos, entidade da família de dom João Sueira.

MENOCAL, Yeya (século XIX). Sacerdotisa cubana, muito famosa em Havana nos anos de 1890.

MENTO. Música tradicional da Jamaica, criada pelos escravos das plantations com o objetivo de aglutinar e fortalecer a massa negra contra o escravista opressor. Experimentando interessante renascimento na década de 1950, tornou-se uma das vertentes que deram origem ao reggae*.

MEÔNCIA. Na Casa das Minas*, forma de tratamento respeitosa dirigida a mulheres idosas. O termo se origina do fongbé *mehô*, "pessoa idosa".

MERCADO. Local público, em recinto fechado ou ao ar livre, onde se vendem ou trocam bens e mercadorias. Ponto de reunião e permuta, além de elemento de aglutinação comunitária, o mercado tem grande importância nas civilizações da África e da Diáspora. No Brasil, lugares como o Mercado Modelo, o Mercado das Sete Portas e a Feira de Água de Meninos, em Salvador, BA, assim como o Mercadão de Madureira, na zona suburbana da cidade do Rio de Janeiro, revestem-se de significado para a população negra. Neste último, à época da finalização desta *Enciclopédia*, a concentração de estabelecimentos comerciais criados para atender à demanda dos cultos de origem africana era espantosa, com algumas lojas oferecendo, além de artesanato sofisticado, artigos importados da África.

MERECUMBÉ. Gênero musical afro-caribenho criado pelo músico Pacho Galán; consiste em uma mistura de merengue* e *cumbia**.

MEREDITH, James [Howard]. Político americano nascido em 1933. No ano de 1962, tornou-se o primeiro negro a ingressar na segregacionista Universidade do Mississippi, apesar da forte rejeição que sofreu. Quatro anos depois, foi um dos líderes da chamada "Marcha contra o Medo", passeata pelos direitos civis que levou manifestantes do Tennessee ao Mississippi e durante a qual foi baleado. Em 1972 integrou-se à equipe de um senador ultraconservador, provocando grande controvérsia. Cinco anos mais tarde, entretanto, ao doar seus arquivos pessoais à universidade em que estudou, prestou importante serviço à história de seu país.

MERENCÓ. Denominação do ilu* médio em terreiros do xangô pernambucano (conforme Lody, 2003).

MERENGUE. Gênero de música e dança da República Dominicana. Por volta de 1850, a dança típica da região era a *tumba*, de suposta origem europeia e diferente da *tumba* de Curaçau. Nela, as mulheres colocavam-se de um lado e os homens do outro; mas, mesmo assim, executavam-se bamboleios e requebros tão sensuais que chegavam a chocar alguns observadores estrangeiros. No fim do século XIX, a *tumba* dava lugar ao *merengue*, dança de pares enlaçados, provavelmente originada da *upa habanera*, levada por soldados cubanos para Santo Domingo e também para Porto Rico. Nesta ilha, onde foi proibido em nome da "moralidade", o merengue constituía a última (e a mais arrebatada) parte da *danza*, forma crioulizada da contradança europeia. Em Santo Domingo, porém, apesar da repressão, o gênero acabou por se impor, e, ainda no século em questão, alguns exemplares tornaram-se famosos, sobretudo os compostos por Juan Batista Alfonseca. Por volta de 1915, estabelecia-se no Norte do país, região hoje considerada o mais forte reduto do merengue tradicional, a forma conhecida como *perico ripiao*. Durante a ocupação promovida pelos Estados Unidos, desenvolveram-se o *pambiche* – do inglês *palm beach*, expressão que dava nome ao tecido estampado das camisas de passeio dos soldados americanos e, por extensão, ao seu modo desajeitado de dançar – e o *merengue apambichao*. Sob o governo de Trujillo, político dominicano que, eleito em 1930, estabeleceu uma ditadura, o merengue humorístico se

tornaria importante instrumento político, pois o ditador o utilizou para mascarar as atrocidades de seu regime. A morte de Trujillo, em 1961, coincide com o advento dos *combos* de merengue (*ver COMBO*), os quais faziam uso de instrumentos eletrificados em substituição aos de outrora. A princípio executado basicamente por violão, *tumbadora* e *güiro*, entre 1874 e 1880, o merengue passou a contar com o acordeão, mais tarde substituído pelo saxofone (conforme Leymarie, 1996).

MERIENDA DE NEGROS. Na América colonial espanhola, expressão usada para designar qualquer falatório, algazarra, tumulto, coisa confusa, ou mesmo a algaravia, a fala arrevesada. Trata-se de alusão à refeição coletiva feita na metade do dia (*merienda*) pelos trabalhadores escravos, vista como momento de grande balbúrdia e confusão.

MERIKINS. Denominação dada em Trinidad aos negros para lá emigrados depois de lutarem, ao lado dos ingleses, nas guerras pela independência americana. O termo é corruptela de *Americans*, "americanos".

MÉRINGUE. Variante haitiana do merengue, tida por alguns como sua matriz. Empregada sempre no feminino, tem como antecedente a *bamboula** afro-antilhana e como influência os cânticos e toques do vodu.

MÉROE. Reino da Núbia*, sede do poder do povo de Cuxe* após a queda de Napata*, no século VII a.C. *Ver CANDACE*.

MESA DOS NOVE. *Ver ASSUMÂNIOS, Conselho dos*.

MESOPOTÂMIA, Negros na. *Ver ORIENTE MÉDIO*.

MESQUITA. Templo muçulmano. Na África, as mesquitas constituem, como na Arábia, o centro da vida social e política das comunidades islâmicas. *Ver ISLÃ NEGRO*.

MESQUITA, Henrique [Alves de] (1836-1906). Compositor e maestro brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Professor do antigo Instituto Nacional de Música, organista da capela de São Pedro e regente da orquestra do Teatro Fênix, é autor de vasta obra na qual se incluem óperas, operetas e música religiosa. No campo da música popular, é considerado o criador do tango brasileiro*, graças a *Olhos matadores*, composição de 1871. Ary Vasconcelos (1977b) consigna seu nascimento como ocorrido em 1830.

MESSIANISMO NEGRO. Messianismo vem a ser a crença profética na vinda de um messias, de um regenerador e salvador da humanidade ou de

um povo. Roger Bastide (1971), no livro *As religiões africanas no Brasil*, dedica-se ao estudo de alguns fatos que considera evidências da existência de crenças messiânicas entre os negros brasileiros, e cita como líderes: **José da Silva Oliveira**, religioso que tentou introduzir normas do metodismo entre os negros de São Paulo, com o objetivo de combater o racismo por meio da ascensão econômica e social da comunidade; **beato Zé Lourenço***, que, depois da morte do legendário padre Cícero Romão Batista, tornou-se chefe de um grupo de fiéis, terminando, entretanto, sua trajetória perseguido pela polícia e acusado de falcatruas contra os seguidores de sua seita; **Antônio Resende**, que, no início do século XX, na serra do Salitre, MG, se considerava a encarnação de santo Antônio; e **João de Camargo***, fundador de uma igreja em Sorocaba, SP, em 1904.

Henrique Mesquita

MESSIAS, Manuel. Artista plástico brasileiro nascido em Aracaju, SE, em 1945, e radicado no Rio de Janeiro. Aos 16 anos iniciou um curso livre no Museu de Arte Moderna (MAM) e, por sugestão de Ivan Serpa, resolveu especializar-se em xilogravura. Em 1966, depois de realizar várias exposições no Brasil, suas obras foram premiadas no Festival de Wagner, em Bayreuth, Alemanha, e na Segunda Bienal Ibero-Americana de Arte, no México. Em 1990, porém, foi encontrado mendigando nas ruas do Rio de Janeiro.

MESTIÇAGEM. Resultado da miscigenação*. Na Diáspora Africana nas Américas, os mestiços recebem, em atenção a seu fenótipo e suposta porcentagem de sangue africano, denominações como mulato, zambo, cafuzo etc., boa parte delas mencionada nesta obra. **Mestiçagem programada:** Nas cidades interioranas do Brasil pré-republicano, era prática corrente entre os negros e mestiços ricos mandar buscar, nos grandes centros, homens brancos e alfabetizados para que se casassem com suas filhas e, assim, o sangue da futura descendência fosse "limpo". Essa prática é relatada por Henry Koster (1942) e também por Von Martius, cujo criado

francês teria recusado uma proposta dessa natureza, segundo comentário de Câmara Cascudo em Koster (*op. cit.*, p. 491). O mesmo Câmara Cascudo (*ibidem*) reporta uma dessas "encomendas", feita por um certo Feliciano José da Rocha, ex-escravo que se tornou um rico proprietário em Acari, RN. **Mestiçagem e exclusão:** O mito da democracia racial disseminou a ideia de que, no Brasil, a discussão da identidade negra careceria de sentido, por ser este um país essencialmente mestiço. Essa ideia, conforme salienta Sueli Carneiro* (2002), vem, historicamente, anuviando a percepção social quanto ao racismo brasileiro, dificultando políticas públicas que resgatem os afrodescendentes dos bolsões de miséria e barrando seu acesso às esferas privilegiadas da sociedade. *Ver BRASIL,* República Federativa do *[Exclusão social]*.

MESTRE. Homem dotado de grande saber; líder ou iniciador de um movimento cultural; no Rio de Janeiro, título usado, a partir de Mestre André*, para nomear os dirigentes das baterias das escolas de samba. Nesta obra, no caso dos cognomes assim iniciados, deve-se procurar pelo prenome, apelido ou sobrenome. Por exemplo, *BIMBA, Mestre*; *DIDI, Mestre*; *PASTINHA, Mestre* etc.

MESTRE [Martínez]**, Armando** (?-1956). Revolucionário cubano, participou do assalto ao quartel Moncada e da expedição do iate Granma. Foi morto em dezembro de 1956, em Macagual, depois do desembarque em Las Coloradas.

MESTRE-ESCOLA. Professor de primeiras letras. No Brasil do século XIX, muitos desses professores eram de origem africana. Nessa época, o preparo de um moço era julgado pelo nome do mestre com o qual se dera o seu aprendizado. Na Bahia, segundo Manuel Querino (1955), os mais reputados mestres-escolas foram João Pereira da Conceição, André Gomes de Brito, Maximiano Soares Lopes, Manuel Luís Gomes Vinhas, André Avelino de Sousa e Francisco de Assis Trinchão, entre outros. O mesmo ocorreu em Havana, Cuba, onde, segundo Cirilo Villaverde (1996), os mestres-escolas eram, na maioria, negros, com destaque para Lorenzo Meléndez*, Mariano Moya* e Juana Pastor*. Em 2008 era publicado no Brasil o livro *A cor da escola: imagens da Primeira República*, de Maria Lúcia Rodrigues Müller, no qual a autora denuncia, no âmbito da tentativa de branqueamento* da

sociedade brasileira, o esforço deliberado, a partir de 1920, para excluir os negros de espaços estratégicos, entre eles o do magistério.

MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA. Casal de dançarinos que na escola de samba é encarregado de conduzir o pavilhão que a simboliza. A instituição tem origem nos antigos ranchos carnavalescos, e, desde que o samba a adotou, muitos casais se destacaram na função e se tornaram quase legendários. É o caso de Delegado* e Neide da Mangueira*; Benício e Wilma Nascimento, na Portela; e Élcio PV e Dóris, mais recentemente, em várias escolas. O primeiro mestre-sala famoso foi Getúlio Marinho, o "Amor*", ainda no tempo dos ranchos, seguido de Marinho da Costa Jumbeba (?-1978), neto de Tia Ciata*, e de Bicho Novo*, nos primórdios das escolas de samba. Mestres-salas altamente expressivos, pela criatividade de sua dança, foram também, nos anos de 1960-70, Noel Canelinha* e José Gomes Vieira, o Zequinha (1940-88), ambos ligados, em certo momento, à Império Serrano.

METALURGIA. *Ver TÉCNICAS*.

METAMETÁ. Qualificativo dos orixás de natureza múltipla, como Logun-Edé*. Do iorubá *métaméta*, "três ao mesmo tempo". Logun-Edé é assim qualificado porque congrega em si três naturezas: a da mãe, Oxum; a do pai, Inlê; e a sua própria.

MÉXICO. República localizada na porção meridional da América do Norte, entre os Estados Unidos (norte) e Guatemala e Belize (sudeste). Seu nome oficial é Estados Unidos Mexicanos e sua capital, a Cidade do México. Inclui-se no panorama da Diáspora Negra, com expressiva população de origem africana. *Ver AFRO-MEXICANOS*.

MÉXICO, Cidade do. Capital dos Estados Unidos Mexicanos, no Distrito Federal. *Ver AFRO-MEXICANOS*; *CIDADES NEGRAS*.

MEZUZAH. De acordo com o lanc-patuá*, denominação de uma espécie de amuleto, constante de um machado de pedra envolto em um papel contendo orações e colocado dentro da casa familiar, sobre a porta (conforme Lody, 2003).

MFECANE. *Ver INHAMBANE*.

MIANGANA. Em Minas Gerais, antiga forma de invocação da Virgem Maria na fala dos negros. Do termo multilinguístico banto *ngana*, "senhor",

“senhora”.

MICAIA. Entre os antigos negros congos, divindade correspondente a Oxum. Provavelmente, do quicongo *nkaya*, “avó”.

MICAIARÊ. Divindade dos cultos angolo-congueses correspondente a Iemanjá. Provavelmente, do quicongo *nkaya*, “avó”, acrescido do pronome *riê*, “seu”, “sua”, do quimbundo, resultando em “sua avó”.

MIÇAMBIQUE. O mesmo que moçambique*; folguedo popular afro-brasileiro.

MIÇANGA. Conta de vidro, miúda, usada na feitura de colares e outros ornamentos rituais. Do quimbundo *misanga*, “contas de vidro”, “rosário”, “colar”, plural de *musanga*, “conta”.

MICHEAUX, Oscar [Deveraux] (1884-1951). Cineasta e escritor americano nascido em Metropolis, Illinois, e falecido na Carolina do Norte. Em 1913, publicou, independentemente, a novela *The conquest: the story of a negro pioneer*, livro ao qual se seguiram outros dois, em 1915 e 1917. Dedicando-se ao cinema, produziu cerca de trinta filmes entre 1919 e 1937, inclusive *Body and soul*, que lançou Paul Robeson*, em 1925. O primeiro diretor negro a ter um filme distribuído mundialmente, era um trabalhador incansável e de hábitos frugais. Apesar disso, perdeu todo o dinheiro que ganhou e morreu na miséria.

MICHEL, Pierre (?-1799). Militar nascido na África e trazido, como escravo, para Saint Domingue, atual Haiti, ainda jovem. Após ser libertado na rebelião escrava de 1791, tornou-se general e ajudante de Toussaint L’Ouverture*. Mais tarde, em 4 de agosto de 1799, foi executado por ordem de Toussaint, após ter sido acusado de traição.

MICIÊ. O mesmo que munchê*.

MICKEY MOUSE. Personagem de desenhos animados, criado por Walt Disney em 1928. Ícone da cultura de massa, sua imagem é a de uma figura dos *minstrel shows**. E, sobre ela, John Updike, escritor americano, escreveu: “Como a América, Mickey tem sangue negro em suas veias” (conforme Sérgio Augusto, 1998).

MIDDLE PASSAGE. Denominação dada na literatura sobre o tráfico de escravos à longa e tenebrosa viagem dos navios negreiros da África para as Américas.

MIDUBIM. Linha de voduns mudos, da família de Quevioçô*, os quais, segundo a tradição, não falam para não revelar aos jejes os segredos dos nagôs, etnia a que pertenceriam. *Ver MUNDUBI*.

MIGAN. Nas Antilhas de fala francesa, espécie de papa de banana e fruta-pão.

MIGHTY SPARROW. Nome artístico de Francisco Slinger, cantor e compositor de calipso nascido em Granada, em 1935, e radicado em Trinidad. Iniciou sua carreira em 1955 e conquistou o título de monarca do carnaval de Trinidad em oito ocasiões e o de campeão de *road march** pelo mesmo número de vezes. Em 1985 e 1988 foi coroado "o rei dos reis" em competições envolvendo cantores e compositores de calipso de todo o Caribe.

MIGUEL, Emiliano José (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. No posto de alferes, destacou-se na Guerra do Paraguai*.

MIGUEL, José (1932-2001). Político brasileiro nascido em Além Paraíba, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Modesto funcionário público, pregador evangélico e militante da causa negra, cumpriu dois mandatos como deputado estadual, foi presidente da Fundação Leão XIII, entidade de assistência social ligada ao governo do estado do Rio de Janeiro, nos anos de 1980 e, em 1996, baseado em seu trabalho na Zona Oeste, concorreu à prefeitura do Rio de Janeiro. Como deputado, foi autor da lei que fez erigir o Monumento a Zumbi dos Palmares na antiga Praça Onze*, próximo ao centro da cidade.

MIGUEL, Rei (?-1555). Líder escravo, possivelmente nascido na África. Em 1552 comandou uma rebelião de oitocentos africanos, mulatos e zambos contra os espanhóis em Buría, região de mineração próxima à atual cidade de Barquisimeto, na Venezuela. Autoproclamou-se rei e criou sua própria corte. Durante dois anos, em uma campanha inteligente contra os assentamentos espanhóis da área, roubou gado, libertou escravos e fez reféns em troca de resgates, a fim de expandir seu controle sobre o território. Liderou ataques até 1555, ano em que foi morto num desastroso assalto a Barquisimeto. Entretanto, seu movimento rendeu frutos como a chamada "República dos Jirajaras*".

MIJINHA (?-1984). Apelido de Bonifácio de Andrade, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos irmãos de Manaceia*, tornou-se conhecido como compositor com o samba *Sentimentos*, gravado no LP *Velha-Guarda da Portela*, que foi produzido por Paulinho da Viola*.

MILANÉS, Pablo. Cantor, violonista e compositor cubano nascido em Bayamo, em 1943. Aluno de Leo Brouwer*, na década de 1960 introduziu na canção cubana elementos da música internacional com grande sucesso de público e crítica. No início dos anos de 1990, foi autorizado pelo governo cubano a criar uma fundação cultural financiada pelo produto da venda de seus discos no exterior, iniciativa pioneira dentro do regime então vigente na ilha. A fundação, contudo, teve vida efêmera, tendo sido dissolvida em 1995. É autor da canção *Yolanda*, que ganhou versão em português do brasileiro Chico Buarque, em 1984.

MILHO (*Zea mays*). Erva da família das gramíneas. Planta de Oxóssi na tradição brasileira, em Cuba o milho é do gosto de todos os orixás. As espigas assadas se oferecem a Babalú Ayé; os grãos tostados, a Elegguá, Ogum e Oxóssi; a Oxum e Iemanjá, as espigas cortadas em pedaços; moído, a Iemanjá; e as pipocas, a todos os orixás, principalmente a Obatalá e Ibêji. Do milho fazem-se também, nesse país, bebidas como o *cheketé*, que vem a ser uma espécie de aluá*, assim como bolos e pães. Além disso, é com sua folha que se realiza a amarração mágica para cativar alguém ou assegurar a posse de algum objeto.

MILINDÓ. Dança de roda da tradição do Nordeste brasileiro; espécie de coco [2]* dançado só por mulheres.

MILLO. Nome cubano do sorgo (*Hulcus sorghum*), painço ou milhete (*Panicum miliaceum*), pertencente a Babalú Ayé e usado para proteger as casas contra enfermidades e epidemias. Para tanto, deve ser colocado atrás da porta um tufo de seu “cabelo” enfeitado com uma fita vermelha, com um sabugo de milho untado com *manteca de corojo**, além de uma estampa ou oração impressa de são Lázaro.

MILLS, Cheryl. Advogada americana nascida em 1965. Segunda pessoa na hierarquia do escritório jurídico da Casa Branca, em 1999 tornou-se conhecida pela combativa e vitoriosa defesa no processo de impeachment que havia sido impetrado contra o presidente Bill Clinton.

MILLS, Florence (1895-1927). Bailarina e cantora americana nascida em Washington, DC, e falecida em Nova York. Com carreira iniciada aos 5 anos de idade e radicada no Harlem* desde 1903, foi um dos grandes nomes do teatro musicado em seu país. Em 1921 participou da histórica montagem de *Shuffle along* e três anos mais tarde estrelou *From Dixie to Broadway*, empreendendo, com sua própria companhia, longas e bem-sucedidas turnês europeias. Em 1927 retornou aos Estados Unidos e, exaurida pelo frenético ritmo de trabalho, faleceu de morte súbita.

MILLS BROTHERS, The. Quarteto vocal americano formado em 1921 pelos irmãos John Jr. (1910-36), Herbert (1912-89), Harry (1913-82) e Donald (1915-99) Mills, nascidos em Piqua, Ohio. Em 1936, com a morte de John Jr., o pai o substituiu, e, com a nova formação, o conjunto foi, durante os anos de 1940 e 1950, um dos mais importantes da música americana, tendo gravado cerca de 2 mil canções. A influência dos Mills Brothers foi decisiva na formatação estilística dos grupos vocais de rhythm-and-blues a partir da década de 1950.

MILOMBE. Mil-homens; planta usada em banhos e defumações. O nome deriva provavelmente do quicongo *mi-lombe*, nome de um curso d'água e de uma erva que cresce às suas margens; ou de *mu-lombo*, variedade de planta trepadeira.

MILONGA. Música e dança de origem afro-platina, do universo do tango [1]*. O nome parece originar-se do quimbundo *milonga*, "exposição", "queixa", "calúnia", "injúria", "demanda".

MILONGO. Feitiço, sortilégio, bruxedo. Do quimbundo *milongo*, "remédio".

MINA. Nome atribuído, no Brasil, a cada um dos escravos sudaneses de várias etnias embarcados na costa situada a leste do Castelo de São Jorge da Mina, ou seja, na Costa dos Escravos* (conforme Verger, 1987). Assim, quase sempre associado ao etnônimo específico, o vocábulo passou a designar todo negro não banto, como em "mina-jeje", "mina-nagô", "mina-fânti" etc. Por extensão, o termo qualifica, no Maranhão, os cultos de origem africana praticados nas casas de mina. Derivado do nome de um dos mais antigos estabelecimentos portugueses na África ocidental – a Fortaleza de São Jorge da Mina (ou El Mina) –, na antiga Costa do Ouro, atual

República de Gana, o vocábulo designa também um grupo étnico da região. Em 28 de junho de 1990, o jornal carioca *O Dia* noticiava o falecimento, na cidade do Rio de Janeiro, da senhora Tereza de Jesus Gonçalves Mina, maranhense, com 82 anos de idade, caso que parece evidenciar a incorporação do etnônimo africano ao nome familiar. *Ver CASA DAS MINAS*.

MINA-JEJE. Denominação aplicada ao conjunto de línguas africanas do grupo ewe-fon e a cada um de seus falantes, distribuídos pelos atuais territórios de Benin, Togo e Gana. *Ver LÍNGUA GERAL DE MINA*.

MINAS GERAIS. Estado do Sudeste brasileiro, situado, sem contato com o mar, entre Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás. A descoberta do ouro no final do século XVII e a consequente criação, em 1709, da capitania de São Paulo e Minas de Ouro levaram à região avultada mão de obra escrava. Traços da cultura desses trabalhadores, sobretudo originários do segmento civilizatório banto (muito embora no Ciclo do Ouro* a região tenha igualmente recebido um influxo da cultura daomeana, conforme observação de Antônio da Costa Peixoto, autor da *Obra nova de língua geral de mina*, livro publicado em 1741), estão ainda hoje vivos em todo o estado e são expressos em tradições e folguedos de africanidade indiscutível, como a congada*, o moçambique* etc. A história da escravidão registra a presença, na província, de cerca de 120 núcleos quilombolas*, como os dos líderes Ambrósio* e Careca; os de São Gonçalo, Santos Fortes, Um dos Braços da Perdição e Sambabaia, estudados pelo historiador Flávio dos Santos Gomes* (2005); além dos localizados em Andaial, Bambuí, Campo Grande, Ibituruna, Morro de Angola, Parnaíba e Sapucaí. Em 2000, o governo federal identificou neste estado 66 comunidades remanescentes de quilombos*. A de Porto Coris, no município de Leme do Prado, foi oficialmente reconhecida em 1998. *Ver LÍNGUA GERAL DE MINA*; *MULATISMO*.

MINAXÉ. Recente manifestação do carnaval maranhense, semelhante aos blocos afro* da Bahia.

MINEUR. Pequeno tambor congo do vodu.

MINGA. Sistema de trabalho comunal, espécie de mutirão, característico do povo negro do Equador.

MINGUS, [Charles, dito] **Charlie** (1922-79). Contrabaixista, compositor, arranjador e chefe de orquestra nascido no Arizona, filho de pai negro e mãe sino-americana. Radicado desde a infância em Los Angeles, Califórnia, inicialmente tocou trombone e violoncelo. Mais tarde, dedicou-se ao contrabaixo, instrumento com o qual, ao lado de músicos de tendências tão diversas como Louis Armstrong* e Charlie Parker*, pesquisou novos timbres e sonoridades. Combinando influências que vão do blues à música contemporânea, construiu uma legenda, tornando-se uma das mais importantes figuras do jazz.

MINI-JAZZ. Gênero de música popular contemporânea do Haiti, baseado no *compas direct** e fortemente influenciado pela música negra norte-americana.

MINORIA. Conceito sociológico que designa, dentro de um grupo social, cada um dos subgrupos considerados diferentes do majoritário e dominante, em razão de características étnicas, culturais etc. No Brasil, pela pouca representatividade política – geradora de desvantagens e de exclusão –, os afrodescendentes são considerados "minoria", embora constituam cerca de metade da população nacional.

MINSTREL SHOWS. Nos Estados Unidos, antiga forma de espetáculo de variedades em que os artistas (*minstrels*, "menestréis"), com o rosto pintado de preto, cantavam, dançavam e representavam, caricaturando as expressões gestuais, a fala e a música dos negros. Essa modalidade, embora de cunho depreciativo, tornou-se muito popular e foi importante na difusão da cultura negra e principalmente do jazz, tendo repercutido inclusive no Brasil, em famosos quadros do teatro de revista – como o da "boneca de piche", por meio do qual Ary Barroso e Luís Iglesias lançaram seu samba, em 1938. De acordo com modernas interpretações a respeito do tema, a essência desse tipo de espetáculo era a apropriação da "máscara negra", por meio da qual os escravos escondiam seus reais sentimentos: fingindo ser dóceis, obedientes, sem inteligência e tudo mais que seus senhores desejassem, conseguiam fugir da opressão.

MINUET CONGÓ. Em Cuba, antiga dança de origem haitiana, semelhante ao minueto mas dançada em compasso dois por quatro.

MIQUIMBA. No Rio de Janeiro, tratamento depreciativo e alcunha aplicados a meninos e jovens negros. O termo origina-se, provavelmente, do umbundo *nikimbwa*, "pedacinho", "bocadinho", talvez ligado ao quimbundo *kima*, "coisa"; ou, ainda, ao quicongo *nkima*, "pequeno símio".

MIRANDA [Rocha]**, Agenor** (1907-2004). Babalaô nascido em Luanda, Angola, de pais brasileiros, e falecido em Niterói, RJ. Feito por Mãe Aninha* em Salvador, BA, aos 5 anos de idade, e, mais tarde, já radicado no Rio de Janeiro, iniciado no culto de Ifá por Cipriano Abedé*, distinguiu-se como depositário de valiosíssima herança religiosa e titular de importantes cargos sacerdotais nas três principais comunidades nagôs da Bahia – Engenho Velho*, Gantois* e Axé Opô Afonjá*. Na vida secular, foi professor do Colégio Pedro II.

MIRANDA, Marina. Atriz brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1930. Comediante de méritos, além de cantora, mímica e dançarina, tornou-se conhecida na televisão em papéis calcados no estereótipo do negro caricatural*, como o da "crioula difícil", que interpretou em dupla com Tião Macalé.

MIRIATU. Ente fantástico da tradição afro-brasileira.

MIRONGA. Mistério, segredo. Do quimbundo *milonga*, plural de *mulonga*, "mistério".

MIRONGUEIRO. Feiticeiro.

MISCIGENAÇÃO. Contato sexual fecundo entre indivíduos de origens étnicas diferentes. A maior miscigenação entre brancos e negros ocorrida no Brasil em relação, por exemplo, aos Estados Unidos explicar-se-ia, de início, pelo fato de que os primeiros portugueses aqui aportados na época colonial vieram sem mulheres, enquanto, na América do Norte, os colonizadores ingleses estabeleceram-se em grupos familiares estruturados. No caso brasileiro, o contato sexual ter-se-ia verificado, sem maiores impedimentos, entre colonizadores lusitanos e índias, e, depois, entre senhores brancos e escravas negras. No caso americano, a miscigenação parece ter sido sempre proibida, com a legalização dos casamentos interétnicos só se verificando nos anos de 1960. Observe-se, ainda, que, com a popularização do vocábulo "miscigenação", adotado como uma das palavras-chave do mito da "democracia racial" brasileira, procurou-se, talvez, edulcorar a violência

sexual a que a mulher negra foi submetida durante o período escravista, tendo sido transformada em simples animal de carga e objeto de prazer. *Ver ESTUPRO*; *MULHER NEGRA*.

MISIOMA. Forma de tratamento, correspondente ao pronome pessoal "eu", empregada por africanos e descendentes no Peru colonial. *Ver SUSIOMA*.

MISS ANN. Expressão irônica dos negros do Sul dos Estados Unidos para designar qualquer mulher branca.

MISS LOU. *Ver BENNETT, Louise*.

MISSÃ. Na Casa das Minas*, vodum feminino da família de Quevioçô*, irmã de Sobô; é a mais velha entre os voduns de origem nagô. Também, Vó Miçã.

MISSA AFRO. Missa católica em cuja celebração se utilizam elementos da herança cultural africana. Desde a 25ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e com o reforço dos concílios de Medellín e Puebla, as missas celebradas em algumas igrejas católicas brasileiras têm procurado motivar as populações afrodescendentes por intermédio de cantos, gestos, ritmos, instrumentos musicais, trajes e oferendas da tradição africana incorporados aos rituais. Tal prática segue uma orientação do papa João Paulo II segundo a qual a verdadeira evangelização deve refletir a história, a cultura e o cotidiano do povo, para ajudá-lo a se reconhecer, aceitar e valorizar, deixando-o livre de qualquer sentimento de inferioridade racial.

MISSAS DE ÓBITO. *Ver TÂMBI*.

MISSISSIPPI. Rio dos Estados Unidos, que nasce no estado de Minnesota, atravessa o território americano de Norte a Sul e deságua, num grande delta, no golfo do México, abaixo de Nova Orleans*. Uma das principais vias de comunicação do Sul do território americano, esteve sempre presente na história e no imaginário dos negros que lá viviam, desempenhando papel fundamental na sua música e religiosidade – era o "rio Jordão" em terras americanas.

MISSOURI COMPROMISE. Conjunto de leis promulgadas em 1820, nos Estados Unidos, com o objetivo de manter o equilíbrio socioeconômico entre os estados que utilizavam o trabalho escravo e aqueles em que os

negros gozavam de liberdade. Por força dessas leis, os estados do Missouri e do Maine foram admitidos na União, o primeiro na condição de estado escravocrata e o segundo não, proibindo-se a expansão da ordem escravista ao norte do paralelo 36°33'.

MISTER JONES (séculos XIX-XX). Nome artístico de Deusdeu de Oliveira, artista popular brasileiro, natural de Curitiba, PR. Conhecido como *le nègre joyeux du cake-walk* ("o negro alegre do cake-walk"), tornou-se modelo de cartões-postais confeccionados em Paris e de grande circulação na Europa, na década de 1910.

MITÁN. Poste central do pátio das cerimônias públicas do vodu. Indo do piso ao teto, representa a ligação entre as profundezas da terra e o céu infinito, simbolizando a própria existência. No Brasil, os terreiros da tradição dos orixás jejes-nagôs têm representação semelhante.

MITCHELL, Arthur. Bailarino e coreógrafo norte-americano nascido em Nova York, no Harlem*, em 1934. No ano de 1951, formado pela High School of Performing Arts, foi o primeiro artista negro do sexo masculino a obter grau universitário em Dança. Quatro anos depois, ao ingressar no New York City Ballet, tornou-se o primeiro negro contratado por uma companhia de dança clássica. Em 1969 fundou o Dance Theatre of Harlem*.

MITCHELL, José Miguel (século XIX). Abolicionista cubano. Mulato livre, por volta de 1840 envolveu-se, com o cônsul inglês David Turnbull, em uma conspiração libertária. Preso e condenado à morte, teve sua pena comutada.

MITCHELL, Leona. Cantora lírica americana nascida em Enid, Oklahoma, em 1949. Internacionalmente reconhecida como uma das maiores sopranos da história da ópera nos Estados Unidos, começou a cantar na igreja batista onde seu pai era pastor. Em 1973 estreou com a Ópera de São Francisco como Micaela na *Carmen* de Bizet. A partir de então, encetou vitoriosa carreira, na qual um dos pontos mais altos foi sua atuação em *Turandot*, no Metropolitan Opera House, acompanhada por orquestra dirigida pelo maestro James Levine, em 1988.

MITO. Narrativa em geral de fundo sagrado que procura explicar as origens ou as transformações da natureza, dos seres humanos ou de uma sociedade. A cultura africana é rica nesse tipo de narrativa, sendo que alguns mitos

constituem a base de sistemas religiosos, como os itãs da tradição iorubá*. *Ver ITÃ*.

MITOS RACISTAS. Uma das definições do termo "mito" é a de "representação deformada de fatos ou personagens históricos" (conforme Houaiss *et al.*, 2001), e essa definição se enquadra perfeitamente na visão geral difundida sobre a África, seus povos e sua história. Nessa mitologia, construída e mantida através dos tempos, o Egito antigo*, embora integrando o continente, não teria constituído um núcleo civilizatório efetivamente africano. Dentro da mesma construção mitológica, as antigas civilizações florescidas na porção centro-oriental da África seriam obra de "raças camíticas"; assim como os povos localizados abaixo do deserto do Saara seriam desprovidos de um passado relevante, do ponto de vista histórico. Assim, criou-se toda uma terminologia depreciativa dentro do campo semântico da africanidade, com a qual se procura diminuir e nivelar como inferiores os africanos, inclusive isolando uma suposta "África negra" do restante do continente. Contra isso, entretanto, insurge-se, desde a década de 1960, um pensamento que vem sendo construído com base nas descobertas e lições de Cheikh Anta Diop* e outros sábios. *Ver CIVILIZAÇÕES AFRICANAS*; *HISTÓRIA DA ÁFRICA*.

MITTELHOLZER, Edgard Austin (1909-65). Escritor guianense nascido em New Amsterdam e falecido em Surrey, Inglaterra. O primeiro escritor afro-caribenho, segundo consta, a viver unicamente da literatura, radicou-se em Londres em 1947. Apesar disso, seu trabalho é totalmente voltado para as tradições do Caribe, desde *Corentyne thunder* (1941), seu primeiro romance, até a trilogia *Kaywana* (1952-58), sua obra mais celebrada.

MIUDINHO. Um dos passos do samba. Mário de Andrade (1989) consigna o termo, também, como dança individual, muito executada nas salas burguesas do Brasil oitocentista.

MIZIC FOUYÉ TÉ. Espécie de canto de trabalho dos negros da Martinica.

MIZIK RASIN. Movimento e estilo de música popular contemporânea do Haiti, surgido nos anos de 1970 da combinação de ritmos de vodu com letras de forte conteúdo político. O grande porta-voz do movimento foi o

grupo Boukman Eksperyans*, e a expressão que o nomeia pode ser traduzida como "música de raiz".

MIZIK TWOUBADOU. Estilo de música popular haitiana, de forte influência cubana, surgido na década de 1940. O segundo elemento da expressão é crioulização do francês *troubadour*, "trovador", "trovadoresco".

MOACIR, Primitivo (1869-1942). Historiador brasileiro da área da educação, nascido na Bahia e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Professor primário, bacharelou-se em Direito e, na Câmara Federal, foi redator de debates. No governo de Rodrigues Alves (1902-1906), atuou como procurador dos Feitos da Saúde e colaborador de Osvaldo Cruz na defesa do saneamento urbano. Escreveu e publicou uma dezena de obras sobre o ensino público, entre as quais se destacam *O ensino público no Congresso Nacional* (1916) e *A instrução pública no estado de São Paulo* (1941). Segundo A. da Silva Mello (1958), em *Estudos sobre o negro*, é um dos ilustres "homens de cor" do Brasil.

MOBEMBE. Nos apontamentos do tráfico de escravos no Brasil, denominação de indivíduos dos bembes ou bembês, subgrupo étnico dos tequeses ou angicos*.

MOBICA. Escravo já alforriado. Do quimbundo *mubika*, "escravo".

MOBILIDADE SOCIAL. Movimento de um indivíduo ou grupo em meio à hierarquia de uma sociedade, caracterizado pelo maior ou menor acesso a ocupações, educação, prosperidade e poder. A luta dos movimentos negros na Diáspora caracteriza-se pela busca de mobilidade social ascendente para todo o povo negro, independentemente da ascensão individual.

MOCÃ. Colar de palha trançada, enfeitado de búzios, com as duas pontas unidas por um segmento desfiado, por meio do qual a iaô é puxada, ao sair do roncó*. Pelo mesmo nome conhece-se o fio trançado de palha da costa, em geral amarrado no alto do braço ou como pulseira e usado como proteção contra os espíritos maléficos e negativos. Também, contraegum.

MOCAMAU. Escravo fugido e amocambado.

MOCAMBEIRO. Esconderijo de escravos. Por extensão, o escravo fugido.

MOÇAMBIQUE. Dança dramática afro-brasileira em que bastões de madeira são golpeados entre si.

MOÇAMBIQUE, República de. País da África oriental, com capital em Maputo. Limita-se ao norte com a Tanzânia, a leste com o oceano Índico, ao sul com Suazilândia e África do Sul e a oeste com Zimbábue, Zâmbia e Malauí. Os principais grupos étnicos que compõem sua população são os xonas*, os xanganes, os senas, os nianjas, os macuas* e os macondes. A história do país remonta ao Império do Monomotapa* e à civilização construtora do Grande Zimbábue. Segundo algumas versões, o nome do país tem origem no do antigo governante da pequena ilha que corresponde à atual cidade insular de Moçambique: o sultão Mussa-ibn-Mbiki, submetido pelo rei de Quíloa*, à época de Vasco da Gama. **Tráfico de escravos:** Na época da escravidão, a viagem de um navio negreiro de Moçambique para o Brasil durava mais de sessenta dias, enquanto as iniciadas no litoral atlântico do continente levavam, em média, 35 dias até Recife e cinquenta até o Rio de Janeiro. Como a possibilidade de mortes era muito maior, dava-se preferência aos escravos dessas outras regiões de influência portuguesa. No entanto, durante o período da dominação holandesa em Angola, no século XVII, o Brasil, principalmente o Rio de Janeiro, recebeu contingentes significativos de trabalhadores procedentes da chamada Contracosta*. **Povo de Moçambique:** Na umbanda, falange da linha africana cujo guia-chefe é a entidade Pai José.

MOÇAMBIQUEIRO. Dançarino ou músico do moçambique*.

MOÇAMBIQUES. Contas de vidro, miçangas. Do topônimo Moçambique, certamente pela procedência.

MOCAMBO [1]. Na historiografia brasileira, o mesmo que quilombo*, esconderijo de escravos, no meio do mato. O termo deriva, certamente, do quicongo *mukambu*, "cumeeira", "telhado", sendo que a acepção de "quilombo" relaciona-se com os conceitos de "cabana", "palhoça", "habitação miserável". Como a palhoça primitiva era apenas uma cobertura, um teto, uma cumeeira com palhas e sem paredes, o vocábulo africano foi, certamente, aplicado em alusão à característica mais visível desse tipo de construção: o telhado.

MOCAMBO [2]. Povoado sergipano, localizado no município de Porto da Folha, a 190 quilômetros de Aracaju, à margem do rio São Francisco. Habitado por cerca de cem famílias, em 1997 teve seus 2.100 hectares de

terra reconhecidos pelo governo federal como área remanescente de antigo quilombo.

MOCAMBO [3]. Festa de pagamento dos músicos rituais realizada em terreiros de várias tradições e na qual se distribuem moedas aos presentes. *Ver MUCAMBOS*.

MOÇÂMEDES. Antigo nome do Namibe, porto do Sul de Angola. *Ver ANGOLA, República de [Os retornados]*.

MOCIDADE INDEPENDENTE de Padre Miguel. Escola de samba fundada em 1955 em Padre Miguel, na Zona Oeste carioca. Inicialmente famosa apenas por sua bateria, habilmente dirigida pelo lendário Mestre André (José Pereira da Silva, 1931-81), na década de 1980 ascendeu ao nível das chamadas "superescolas", tornando-se, a partir de então, várias vezes campeã do desfile principal.

MOCKO JUMBIE. Caracterização de mascarado da tradição das Antilhas de fala inglesa. Seu traje multicolorido inclui um espanta-moscas* e um longo barrete em estilo africano, e sua performance é executada sobre pernas de pau. A expressão *mocko jumbie* significa algo como "espírito elevado". *Ver JUMBIE*; *ZOOMBIE*; *ZUMBI [1]*.

MOCOIÚ. Nos terreiros de origem banta, pedido de bênção. Do quicongo *mu-kuyu*, "espírito", pela expressão *mokoyu Zâmbi*, "saudação ritual".

MOCORONGO. Mulato quase escuro; caipira; palhaço da folia de Reis.

MOCOTÓ. Pata de bovino usada como alimento na tradição afro-brasileira. Do quimbundo *mukoto*, "pata de animal", "mão de vaca", correspondente ao umbundo *omu-koto* ou *amu-koto*, "pata de boi, cabra, suíno" etc.

MOÇURUNGA. *Ver MUSSURUNGA, Domingos da Rocha*.

MODELOS NEGRAS. Desde a segunda metade da década de 1960, com a crescente utilização de modelos e manequins negras em desfiles de moda, muitas mulheres de origem africana, como a inglesa Naomi Campbell (1970-) e a sudanesa Alek Wek*, vêm contribuindo para a desestigmatização do padrão africano de beleza feminina. Em 2002, a modelo e escritora somaliana Iman (1955-), já afastada das passarelas, organizou um ensaio fotográfico histórico, reunindo as top models Adia, Beverly Johnson, Clara Benjamin, Cynthia Bailey, Gail O'Neil, Kadra, Kara

Young, Karen Alexander, Katouché, Liya, Naomi Campbell, Noemie, Oluchi, Shakara e Tyra Banks. *Ver NIXON*; *WEK, Alek*.

MODERN JAZZ QUARTET. Conjunto musical instrumental americano fundado em 1952 e ativo até 1974. Surgiu em Nova York, sob a liderança do pianista John Lewis*, ex-músico da banda de Dizzy Gillespie*. De sua primeira formação faziam parte Milt Jackson*, vibrafone; Alvin Jackson, contrabaixo; Kenny Clarke*, bateria, e Lewis ao piano. O segundo baixista foi Ray Brown*, depois substituído por Percy Heath (1923-2005); na bateria, Kenny Clarke deu lugar a Connie Kay (1927-94). Famoso por suas interpretações frias e cerebrais, resultantes de uma atitude política mas que em geral desagradavam aos jazzistas mais ortodoxos, o grupo promoveu uma polêmica fusão do jazz com a música erudita, tendo gravado com orquestras sinfônicas em vários países.

MOFONGO. O mesmo que *fufú**.

MOGADÍSCIO. Capital e porto marítimo da Somália*, na costa do oceano Índico. Fundada pelos árabes no século X, desempenhou papel de destaque no tráfico árabe de escravos.

MOHAMMAD ABDULLAH (século XIX). Líder religioso na Bahia. De origem fulâni e chegado ao Brasil cativo na década de 1820, cerca de trinta anos depois impressionaria o naturalista Francis Castelnau, em missão científica no Brasil, pelos argumentos de sua pregação islâmica, em cujos fundamentos e doutrina era tido como grande sábio.

MOJAU. Nome dado aos indivíduos do povo ajaua ou yao de Moçambique nos registros do tráfico brasileiro de escravos.

MOJUBÁ. Forma de saudação e reverência, dirigida pelos fiéis aos orixás. Do iorubá *mo júbà*, “eu [te] reconheço como superior”.

MOKA JUMBIA. Em São Cristóvão, nas Antilhas, folguedos de rua outrora realizados pelos negros, do Natal ao ano-novo. O mesmo que *mocko jumbie**. Também, *moko jumbie*.

MOKO. Dança de nação do *big drum**.

MOLEQUE. Negrinho; por extensão, menino de pouca idade. Do quimbundo *muleke*, “garoto”, “filho”, correspondente ao quicongo *mu-léeke*, “criança”, e com a mesma raiz de *nléeke* (plural *mileke*), “jovem”, “irmão mais novo”.

MOLEQUE DIABO (?-1938). Nome pelo qual foi conhecido Aristides Júlio de Oliveira, músico brasileiro. Executante de diversos instrumentos, destacou-se como banjoísta da primeira jazz-band organizada no Batalhão Naval, na década de 1920. No Rio de Janeiro exibiu-se com grande sucesso para o rei Alberto da Bélgica, e em 1927 realizou uma turnê em Buenos Aires, Argentina, com malabarismos que eletrizavam e cativavam as plateias. Anos depois, entretanto, suicidava-se em uma repartição do Departamento de Correios e Telégrafos, no Rio de Janeiro, onde ingressara como servente, depois de ter dado baixa do Batalhão Naval.

MOLEQUE-D'ÁGUA. Ente fantástico da tradição popular brasileira; o mesmo que caboclo-d'água.

MOLHO DE NAGÔ. Molho da culinária afro-baiana, preparado com quiabo, jiló, caldo de limão, pimenta ralada e camarões secos.

MOLINA, Antonio. Cineasta cubano nascido em 1956. Diretor do Instituto Cubano de Rádio e Televisão, realizou, entre 1988 e 1997, mais de sessenta projetos, entre eles *Oxigênio*, *O bom, o mau, o belo e o feio* e *Ernesto*, um seriado sobre a vida de Che Guevara. Em 1998 ministrou um curso de roteiro para documentários na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

MOLUMBO. Indivíduo dos lumbus, pertencentes ao grande grupo étnico dos balubas*, conforme registros brasileiros do tráfico.

MOMBAÇA. Cidade do Quênia, situada na costa do oceano Índico. Fundada pelos árabes no século XI, foi ativo entreposto do tráfico de escravos para o Oriente.

MONA. Termo usado nos terreiros de origem banta para designar meninas e mocinhas. Do quimbundo *mona*, "criança", "filho", "filha".

MONA, Eugène (1953-91). Nome artístico de Georges Nilecam, músico martinicano nascido e falecido em Vauclin. Com discos como *Bwa brilé*, de 1970, e *Blan manjé*, de 1990, deu visibilidade à música tradicional de seu país, influenciando artistas importantes, como seu conterrâneo e seguidor Dédé Saint-Prix*.

MONA-INQUICE. Filho ou filha de santo, nos candomblés bantos. Do quimbundo *mona*, "filho" + inquice*.

MONA-INQUICIANE. Filha de santo na nação angola. Do quimbundo *mona nkisi ia mi*, expressão de formação erudita que significa literalmente "minha filha de santo". *Ver TATA-INQUICIANE*.

MONARCO. Apelido de Hildemar Diniz, sambista nascido no Rio de Janeiro em 1933. Compositor, cantor, cavaquinista e autor de enredo sobre Geraldo Pereira* para a escola de samba Unidos do Jacarezinho, foi, durante algum tempo, o mais jovem integrante do conjunto musical da Velha-Guarda da Portela*, do qual se tornou líder após a morte de Manaceia*. Com obra gravada em disco a partir dos anos de 1960, é autor de sambas registrados por Martinho da Vila*, Clara Nunes*, Beth Carvalho, Zeca Pagodinho* e outros intérpretes de renome. Com sua grave e aveludada voz, fez vários registros solo, em LP e CD, alguns lançados no Japão. É pai do cantor, compositor e instrumentista **Mauro Diniz**, artista altamente conceituado, surgido em meados da década de 1980.

MONCADA, Guillermo (1848-95). Militar nascido em Santiago de Cuba e falecido em Alto Songo. Patriota fervoroso e valente, conhecido, em razão de sua compleição física, como "Guillermón, *el Gigante de Ébano*", participou de todas as ações importantes da Guerra Grande (1868-78) pela independência de seu país, com façanhas espetaculares e legendárias. Em 1895 foi escolhido por José Martí para liderar a revolução em Oriente, mas, já minado pela tuberculose, pouco conseguiu fazer, morrendo na selva.

MONCORVO E LIMA, Álvaro Tibério de (1816-68). Político brasileiro nascido em Vila de Cachoeira, BA, e falecido em Salvador, capital do estado. Formado em Direito pela Faculdade de Olinda, foi presidente da província da Bahia, interina e efetivamente, entre 1855 e 1856. Em 1861 e 1867 elegeu-se deputado geral.

***MONDONGO* [1].** Zona de população negra, periférica e marginal, existente em Buenos Aires, capital da Argentina, até o princípio do século XX, também conhecida como um dos *barrios del tambor**. O nome, conotando imundície, designa originariamente, em espanhol e português, as tripas, os intestinos e miúdos de alguns animais.

MONDONGO [2]. Boneco de pano, sem governo. Do quicongo *mundongo*, "escravo" (*mundongo* era o antigo designativo dos naturais de Angola).

MONDONGO, El. Espécie de sopa da culinária venezuelana, preparada com tripas e miúdos de boi, pés de porco, verduras e hortaliças.

MONDONGUEIRA. No Brasil, criada ou serviçal de baixa categoria. Em espanhol, *mondonga*.

MONDONGUERA. Em Cuba, mulher, geralmente negra, que limpava, cozinhava e vendia *mondongo* [1]*, isto é, tripas de porco ou de boi.

MÔ-NEGO (1910-77). Pseudônimo de Paulino Antônio Mathias, músico brasileiro nascido em Santo Antônio da Patrulha, RS, e falecido em Porto Alegre, capital do estado. Executante de vários instrumentos, do saxofone ao violino, integrou alguns grupos instrumentais e liderou seu próprio conjunto. Inteligente e original, criou um estilo de vida e de arte que o caracterizou como uma das maiores figuras da música popular de seu estado, dos anos de 1920 até o fim da vida.

MONGO [1]. Grupo étnico africano, localizado no ex-Zaire (atual República Democrática do Congo), ao sul do curso médio do rio Congo*. Famosos como ferreiros, donos de uma rica literatura oral e cultores da arte da oratória, os membros desse grupo dividem-se em subgrupos como os tetelas, mboles e ntombas.

MONGO [2]. Nos cultos bantos do Brasil, denominação do sal de cozinha ou do sal grosso, sendo usado com diversos propósitos, inclusive em banhos de descarga. Do quimbundo *mongua*, correspondente ao umbundo *omongwa*, "sal".

MONGO JOHN. *Ver ORMOND, John.*

MONIZ, Eugênio (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. No posto de tenente, destacou-se na Guerra do Paraguai*.

MONJOLO. Denominação de certo contingente de negros escravizados no Brasil. Trata-se de um dos nomes por que foram conhecidos os batequeses ou tios, grupo étnico localizado na atual República do Congo*, próximo a Stanley Pool. No Brasil colonial, o termo empregado para designá-los era preferencialmente angicos* ou anjicos, mas no século XIX passaram a ser conhecidos como monjolos (conforme Mary Karasch, 1987). Segundo o *Dictionnaire des civilisations africaines* (1968), os tequeses ou batequeses se autodenominam tyos, sendo que em nenhum trecho do verbete a respeito desse grupo a publicação menciona a palavra "monjolo"

ou outra semelhante. Monjolo parece ser um apelido criado na Diáspora: veja-se, por exemplo, que, no contexto botânico, as denominações "monjolo" e "angico" referem-se, ambas, a árvores da família das leguminosas mimosáceas.

MONK, Thelonious [Sphere] (1917-82). Pianista e compositor americano nascido na Carolina do Norte e falecido em Nova Jersey. Um dos criadores do bebop*, foi, a partir dos anos de 1940, um dos mais importantes inovadores do gênero a que se dedicou. Entre suas composições mais famosas consta *'Round midnight*, um clássico do jazz instrumental. De temperamento estranho, calado, ensimesmado e imprevisível, foi um músico absolutamente original. Como intérprete, desenvolveu um estilo pianístico inconfundível, construindo frases complexas e dissonantes, variações rítmico-melódicas envolventes, instigantes e imprevisíveis, como seu temperamento. Como autor, notabilizou-se pela criação de uma obra singular, com estruturas harmônicas difíceis, como prova a composição citada, sua obra mais famosa. Em 1986 foi fundado em Washington, DC, o Thelonious Monk Institute of Jazz, escola de música criada pela família do pianista e impulsionada pela cantora lírica Maria Fisher. O estabelecimento, reconhecido como instituição modelar no ensino do jazz, tem por objetivo oferecer aos jovens músicos mais promissores de todo o mundo treinamento em nível colegial ministrado por mestres do estilo que consagrou seu patrono.

MONOMOTAPA. Denominação dada pelos portugueses ao soberano de um antigo império da África oriental, no atual Zimbábue, e, por extensão, ao próprio império. O termo, proveniente de uma língua dessa região (talvez do xona), derivando da locução *muene mutapa*, significa "senhor das minas" ou "senhor das terras sagradas".

MONSUETO Campos Menezes (1924-73). Compositor e ator brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Dono de uma poética originalíssima, tornou-se, a partir de 1952, autor de alguns dos mais belos sambas do carnaval carioca, como *Me deixa em paz* (1951), *A fonte secou* (1953) e *Mora na filosofia* (1955), hoje verdadeiros clássicos. Depois de 1965 dedicou-se também à pintura, alcançando prestígio entre os artistas chamados *naïfs* ou "primitivos", além de trabalhar como ator no cinema e na televisão.

MONTALVO, Canuto (?-1913). Personagem popular cubano. Rei congo* de Havana, seu funeral, muito concorrido e acompanhado de cantos e danças africanos, foi noticiado pelo jornal *La Discusión*, em edição de 11 de fevereiro de 1913.

MONTANER, Rita (1900-58). Cantora cubana nascida e falecida em Guanabacoa. Em 1927, no início da carreira, lançou no teatro o *tango congo Mamá Inés*, um ícone da canção afro-cubana. No ano seguinte, apresentou-se em Paris, França, no Olympia e no Palace; e, em 1931, atuou nos Estados Unidos, contratada por Al Jolson. Em 1948 filma *Maria La O* e, de 1949 em diante, passa a atuar acompanhada de Bola de Nieve* ao piano. Uma das mais importantes figuras da música cubana, quase sempre seu repertório esteve calcado na tradição africana, interpretando canções de nomes sugestivos como *Bembé*, *Öggeré*, *Tambó*, *Sangre africana* etc. Além disso, foi a criadora de canções internacionalmente famosas como *Siboney*, *El manisero*, *Aquellos ojos verdes* e *Babalú*.

MONTE. Termo que, no espanhol cubano, tem significado correspondente ao brasileiro "mato". Do *monte*, domínio de Ossãim e outros espíritos da natureza, é que se extraem os caules, folhas, frutos e raízes usados nos rituais da *santería** e das *reglas de ocha**, *de Ifá** e de *palo monte** (literalmente, "linha do pau do mato").

MONTE CARMELO, Frei Jesuíno do (1764-1819). Nome sacerdotal e artístico de Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, pintor, arquiteto e músico brasileiro nascido em Santos, SP. Aluno de Silva Manso*, com quem forma a dupla dos pintores paulistas mais admirados do século XVIII, deixou obras hoje expostas principalmente nas igrejas de Nossa Senhora do Carmo, em Itu, SP, e na Ordem Terceira do Carmo, na capital paulista. Além disso, projetou e dirigiu a construção da Igreja do Patrocínio, também em Itu, para cuja inauguração compôs hinos e salmos. Ingressou na vida sacerdotal em 1797, depois de enviuvar, adotando então o nome com que se tornou conhecido.

MONTE GRANDE, Rebelião de. Nome pelo qual foi conhecida a mais importante insurreição negra na região do Prata. Em maio de 1803, certamente influenciados pelos acontecimentos ocorridos no Haiti*, escravos de Montevidéu rebelaram-se e empreenderam fuga em direção à

localidade de Monte Grande, onde pretendiam aquilombar-se. Descoberta a ação, foi ela duramente reprimida, com muitos mortos e feridos.

MONTEAGUDO, Bernardo de (1785-1825). Revolucionário, intelectual, líder político e advogado de ascendência africana nascido em Tucumán, na atual Argentina. Estudou na Universidade de Chuquisaca, Bolívia, e foi colaborador de San Martín e Simón Bolívar nas guerras de independência. Atuando como diplomata, foi alçado a ministro da Guerra e da Marinha peruana em 1822, tendo sido assassinado três anos depois, em Lima.

MONTEIRO, Antônio Firmino (1855-88). Pintor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, RJ, e falecido em Niterói, no mesmo estado. Grande paisagista, por sua participação na 26ª Exposição Geral de Belas-Artes, a última do Império, foi agraciado com a Ordem da Rosa. É autor da famosa tela *Fundação da cidade do Rio de Janeiro*, de 1882, e de outras, integrantes do acervo do Museu Nacional de Belas-Artes.

MONTEIRO, Ciro (1913-73). Cantor e compositor brasileiro, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Com carreira iniciada em 1933, firmou-se como um dos maiores intérpretes do samba, notadamente na modalidade conhecida como "samba sincopado". Entre suas grandes interpretações, contam-se o clássico *Se acaso você chegasse*, de Lupicínio Rodrigues*, obras imortais de Wilson Batista, como *O bonde São Januário*, e, principalmente, criações de Geraldo Pereira*, como *Falsa baiana*, *Escurinho* etc.

MONTEIRO, José Maria. Ator e diretor teatral brasileiro nascido em Campos, RJ, em 1923. Estreou como ator em 1947, na montagem de *O filho pródigo*, levada a cabo pelo Teatro Experimental do Negro*. Como diretor, adquiriu prestígio e realizou montagens importantes, como *A falecida* (1953), de Nelson Rodrigues, considerada a primeira encenação verdadeiramente brasileira de uma peça desse grande dramaturgo. Nas décadas de 1960 e 1970, exerceu intensa atividade artística no Rio de Janeiro, sobretudo na televisão.

MONTEIRO FILHO, Agílio. Policial brasileiro nascido em 1946. Ingressou na Polícia Federal em 1973, como superintendente, na Bahia. À frente da superintendência de Minas Gerais desde 1993, contornou com habilidade uma das maiores greves da instituição, ganhando a simpatia de

seus subordinados ao liberalizar algumas regras de conduta que persistiam desde a ditadura militar. Em 1999, foi escolhido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso como diretor-geral da Polícia Federal, tornando-se, ao que consta, o primeiro afro-brasileiro a ocupar essa importante posição.

MONTEIRO LOPES. *Ver LOPES, [Manuel da Mota] Monteiro.*

MONTEJO, Esteban (1860-1973). Ex-escravo cubano. Em 1966, tornou-se mundialmente famoso pela publicação de suas memórias de escravo fugido sob o título *Memorias de un cimarrón*, narradas ao escritor Miguel Barnet.

MONTENEGRO, Fábio (1891-1920). Poeta brasileiro nascido e falecido em Santos, SP. Elogiado como grande bardo por Osório Duque Estrada e Galeão Coutinho, publicou *Jornada lírica* (1920) e *Flâmulas* (1925), editado postumamente. É mencionado no *Dicionário de autores paulistas* (Melo, 1954) e em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

MONTERO, Papá. *Ver RUMBA.*

MONTEVIDÉU. Capital da República Oriental do Uruguai*, à margem do rio da Prata. *Ver CIDADES NEGRAS.*

MONTEZUMA, Francisco Gê Acaiaba de. *Ver JEQUITINHONHA, Visconde de.*

MONTGOMERY, Wes (1923-68). Nome artístico de John Leslie Montgomery, guitarrista americano nascido em Indianápolis, Indiana. Seguidor da escola de Charlie Christian* e considerado um dos maiores talentos da música instrumental em seu país, criou um novo som para a guitarra no jazz, com solos em blocos de oitavas, extraindo do instrumento um som cantante em harmonias altamente inventivas. Integrou a orquestra de Lionel Hampton* em 1948 e, onze anos depois, em 1959, gravou seu primeiro álbum, alcançando sucesso de público e crítica. Trabalhando em ritmo estafante a partir de 1965, quando passou a gravar discos de apelo mais comercial, inclusive com peças da bossa nova brasileira, morreu de ataque cardíaco aos 45 anos de idade.

MONTÓN-POLO. Nos antigos carnavais de Havana e Santiago de Cuba, episódio culminante da exibição anual das *comparsas**. Na última noite do carnaval, todos os grupos se reuniam, na Plaza de Armas e na Plaza de Marte, para cantar juntos a canção de que mais haviam gostado, numa

espécie de premiação espontânea e afirmação étnica coletiva. Também, *montompolo*.

MONTSERRAT. Colônia ultramarina da Grã-Bretanha localizada no mar do Caribe, a sudoeste de Antígua e Barbuda e noroeste de Guadalupe, com capital em Plymouth e população composta basicamente de negros e mulatos. O nome designa, também, um antigo bairro de negros em Buenos Aires, Argentina.

MONTUNERO. Em Cuba, cantor ou criador de *montunos**; improvisador. O termo corresponde, de certa forma, ao brasileiro "partideiro*".

MONTUNO. Na tradição do *son** cubano, refrão, estribilho, sobre o qual se cantam estrofes de improviso; por extensão, o improviso cantado.

MONUMENTO A ZUMBI DOS PALMARES. Memorial inaugurado na cidade do Rio de Janeiro em 1986. Localiza-se na avenida Presidente Vargas, na área da antiga Praça Onze*. Sua construção se deu durante o primeiro governo estadual de Leonel Brizola, em cumprimento à lei n. 698 de 13 de dezembro de 1983, de autoria do deputado José Miguel*. Consiste em uma reprodução em bronze, com três metros de altura, de uma escultura iorubana representando a cabeça de um rei ou divindade de Ilê-Ifé* – o que, apesar do positivo conteúdo simbólico, representa uma incongruência do ponto de vista histórico. *Ver QUILOMBO [1]*; *ZUMBI DOS PALMARES*.

MOONWALK. Denominação do passo de dança nascido no contexto do break* e popularizado pelo cantor Michael Jackson*, no qual o dançarino cria a ilusão de estar andando para trás.

MOORE, [Archibald Lee Wright, dito] **Archie** (1913-98). Pugilista americano nascido em Benoit, Mississippi. Campeão mundial dos meios-pesados aos 39 anos, manteve o título até os 48 e conservou-se em atividade por quase três décadas, numa das carreiras mais longas e bem-sucedidas da história do boxe. Consultor e treinador de George Foreman*, Muhammad Ali* e outros, com mais de 80 anos ainda era ativo no mundo do esporte. Atuou também no cinema em filmes como *As aventuras de Huckleberry Finn* (1960), no qual personificou um escravo fugitivo.

MOORE [Wedderburn]**, Carlos.** Cientista político, etnólogo e sociólogo de nacionalidade jamaicana nascido em Cuba, em 1942. Doutorado pela Universidade de Paris VII, foi professor titular de relações internacionais da

University of the West Indies (UWI, Trinidad). Militante do pan-africanismo* e colaborador próximo de Cheikh Anta Diop*, coordenou, entre outros eventos, o colóquio "*Négritude* e culturas africanas nas Américas" (Miami, 1987). Sua carreira, de 1986 a 2002, inclui cargos como os de professor titular de assuntos da América Latina no Instituto de Relações Internacionais da University of the West Indies (Trinidad e Tobago) e professor visitante na Florida International University, além de consultorias a instituições como a Organização da Unidade Africana (OUA) e a Organização da Comunidade do Caribe (Caricom). É autor, entre outros textos, de *Castro, the blacks and Africa* (1988) e *A África que incomoda* (2008). Em 1964, no número 52 da revista *Présence Africaine*, que estampa seu texto "Le peuple noir a-t-il sa place dans la Révolution Cubaine?", seu nome foi apresentado como "Carlos More".

MOORETOWN. Sítio histórico na Jamaica, na região de Blue Mountains. Reduto de uma comunidade de *maroons**, localiza-se onde outrora foi Nanny Town, "a cidade de Nanny*", destruída no século XVIII.

MOORISH SCIENCE TEMPLE OF AMERICA. *Ver ALI, Noble Drew*.

MO-OYO. No quicongo, vocábulo usado com o sentido de "vida", "energia vital". No mesmo universo linguístico, *muntu* ("homem", "indivíduo") é a força vital realizada, existente, pulsando; é o ser, enfim.

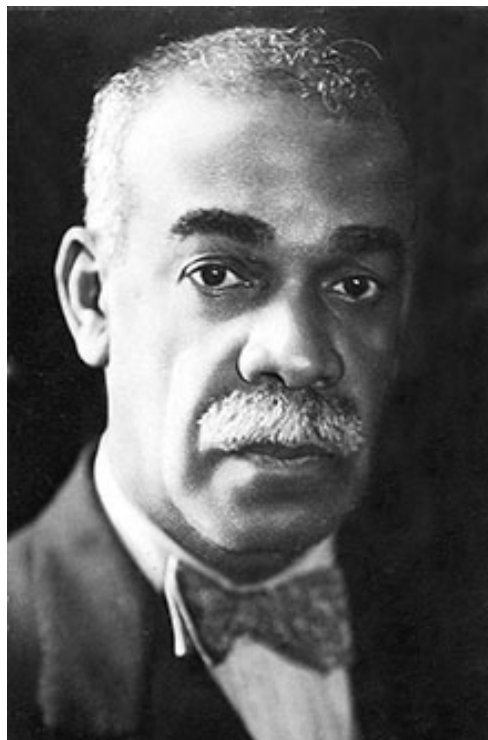
MOQUECA. Guisado da culinária afro-brasileira. A origem do vocábulo está no quimbundo *mukeka*, "guisado de carne ou peixe"; "caldeirada de peixe". A "moqueca" ameríndia consiste em peixe cozido no moquém, o qual, após ser transformado numa pasta homogênea, é envolto em folha de bananeira, derivando, segundo Manuel Nunes Pereira* (1967), do nheengatu *poké*, "embrulhado", "abafado", "coberto".

MORA. Em Cuba, qualificativo da mulata de cabelo liso.

MORA, Joaquín Mauricio (1905-79). Músico argentino. Bandoneonista, pianista e compositor, é autor, entre outros, dos tangos *Divina*, de 1934, e *Margarida Gauthier*, de 1935. Foi popularmente conhecido como "El Negro Mora".

MORA, Pancho (século XX). Babalaô cubano; foi iniciado como alto sacerdote de Ifá em 1944, pelas mãos de Quintín Lecón, com o nome iniciático de Ifá Morote. Após se radicar em Nova York (em 1946), fundou a

primeira casa de culto aos orixás e introduziu o jogo de Ifá naquela importante cidade norte-americana.

MORAES, [Antônio] **Evaristo de** (1871-1939). Advogado e jornalista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Notabilizou-se por defender as causas do povo humilde, tanto no foro como por meio da imprensa. Participando da fundação do Partido Operário (1890), da Associação Brasileira de Imprensa (ABI, 1908) e do Partido Socialista (1920), após a Revolução de 1930 colaborou na redação das primeiras leis trabalhistas brasileiras como consultor jurídico do Ministério do Trabalho. Presidente da Sociedade Brasileira de Criminologia e professor, deixou vasta obra publicada, na qual se inserem *A Lei do Ventre Livre* (1917), *A campanha abolicionista* (1924) e *A escravidão africana no Brasil* (1933), além de livros técnicos de direito. Dois de seus filhos, ambos conhecidos pelo nome **Evaristo de Moraes Filho**, distinguiram-se como juristas: um, nascido em 1914, como catedrático de direito do trabalho da Faculdade Nacional de Direito e membro da Academia Brasileira de Letras; o outro, nascido em 1933 e falecido em 1997, como brilhante advogado criminalista.

Evaristo de Moraes

MORAES, Mário de. Jornalista e escritor nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1925. Filho do célebre advogado Evaristo de Moraes*, em 1955 foi agraciado com o Prêmio Esso de Reportagem por "Uma tragédia brasileira: os paus de arara". Foi também diretor de jornalismo da TV Globo. Em 1966, reuniu suas reportagens no volume *Luz de vela*.

MORAIS, José Manuel de (?-1848). Militar brasileiro falecido no Rio de Janeiro. Nas lutas baianas pela independência, substituiu o general Labatut, e em 1831 foi ministro da Guerra. É descrito como "homem de cor" pelo ministro francês conde de Saint-Priest, citado por Mary Karasch

(1987). Alberto Rangel, citado em *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre (1951), o define como "mulataço de dragonas".

MORAIS, Nascimento (1882-1958). Escritor maranhense. É autor do romance *Vencidos e degenerados* (1915), ambientado no contexto escravista e de cunho abolicionista.

MORALES, Calixta (séculos XIX-XX). Ialorixá cubana do *cabildo* Santa Bárbara, em Havana, de nome iniciático Oddedeí. É considerada a última grande chamadora de santos (iá-tebexê*) dos *lucumís* cubanos.

MORALES, José María (1818-94). Militar, político, músico e poeta argentino nascido e falecido em Buenos Aires. Tendo-se destacado como comandante e estrategista na Guerra do Paraguai*, alcançou o posto de coronel no Exército de seu país. Em 1874 foi deputado, participando da reforma da Constituição de Buenos Aires; pouco antes de sua morte, foi nomeado diretor da Penitenciária Nacional. Jorge Miguel Ford, no livro *Beneméritos de mi estirpe* (1899), o inclui entre os mais destacados militares, artistas e intelectuais afro-argentinos.

MORALES, Nicolás (*c*. 1739-95?). Revolucionário cubano que, em 1795, percorria os campos da região de Bayamo, insuflando negros e brancos pobres a se levantarem pela igualdade de direitos, contra o latifúndio e a escravidão, em acordo com os ideais da Revolução Francesa. Em agosto daquele ano, foi preso e provavelmente executado. É descrito como um negro retinto, alto e espadaúdo.

MORAND, Florette. Poetisa nascida em Guadalupe, em 1926. No ano de 1947, foi homenageada com um prêmio de poesia pela Association des Étudiants Guadeloupéens, em Paris. Dois anos depois, em seu país, foi premiada na categoria literatura em prosa em língua francesa. Em sua obra destacam-se *Mon coeur est un oiseau des îles* (1955); *Biguines* (1956); *Chanson pour ma savane* (1958); *Il Tam-Tam e altre poesie delle Isole della Guadalupa* (1962, em italiano); e *Feux de brousse* (1967).

MORANT BAY, Rebelião de. Revolta ocorrida na Jamaica em outubro de 1865. Iniciada na localidade que lhe deu nome e estendendo-se para outros locais, durou doze dias, sendo, afinal, controlada pela polícia e por unidades do Exército colonial. Fortemente reprimida, deixou um saldo aproximado de seiscentos mortos.

MORAVIA, Charles (1875-1938). Poeta, jornalista e diplomata haitiano nascido em Jérémie. Pertencente ao grupo da revista *Ronde*, lançada em 1898, fundou os jornais *La Plume* e *Le Temps*. Em sua obra destacam-se *Ode à la mémoire de Toussaint L'Overture* (1903); *Roses et camélias* (1903); *Le Crête-à-Pierrot: poème dramatique en trois tableaux et en vers* (1923); e *L'Amiral Killick* (1943, publicação póstuma).

MORÉ, Benny (1919-63). Nome artístico de Bartolomé Maximiliano Moré Gutiérrez, cantor, compositor e chefe de orquestra cubano nascido em Santa Isabel de las Lajas e falecido em Havana. Cognominado "El bárbaro del ritmo" e "El sonero mayor", é lembrado como uma figura-síntese, que concentra em si toda a trajetória da música de seu país. Ardoroso defensor da Revolução Cubana e do regime de Fidel Castro, em 1959, quando quase todos os profissionais do show business resolveram abandonar o país, Moré permaneceu trabalhando em Cuba, onde foi verdadeiramente idolatrado como o artista popular mais querido de todos os tempos. Dentre as muitas homenagens que recebeu em vida e após a morte, destaca-se um entusiástico poema escrito por Marcelino Arozarena*. *Ver CASINO DE LOS CONGOS.*

MOREHEAD, Scipio (século XVIII). Pintor americano nascido na África, criador de paisagens alegóricas inspiradas em temas clássicos. Foi elogiado em um poema de Phillis Wheatley*.

MOREIRA DA SILVA (1902-2000). Cantor e compositor brasileiro cujo nome completo é Antônio Moreira da Silva, nascido e falecido no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira discográfica em 1931, com a gravação de dois cânticos rituais da umbanda, e tornou-se o grande consolidador do samba de breque, modalidade que ficou indissoluvelmente ligada ao seu nome. Atuante até o final dos anos de 1990, cumpriu uma das mais longas trajetórias da música popular brasileira.

MOREIRA, Bucy (1909-82). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Neto da legendária Tia Ciata*, foi exímio percussionista, requisitado para inúmeras gravações, e compositor de pelo menos um samba antológico (*Não põe a mão*, de 1951, em parceria com Arnô Canegal* e Mutt). Na década de 1930, fundou uma das escolas de samba do morro de

São Carlos que deram origem à atual Estácio de Sá. *Ver ESTÁCIO*; *PRAÇA ONZE*.

MOREIRA, Diva. *Ver CASA DANDARA*.

MOREIRA, Juliano (1873-1933). Cientista e médico brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, onde, mais tarde, foi professor de clínica médica. Psiquiatra inovador, em 1902 assumiu a diretoria do Hospital Nacional de Alienados. De sua iniciativa foi a lei de assistência aos alienados, promulgada em 1903 e regulamentada no ano seguinte. Nela amparado, promoveu importante obra de reforma e aparelhamento no hospital sob sua direção e aprimorou a Assistência a Psicopatas, instituição pública de que foi diretor-geral por 28 anos. No campo da literatura médica, escreveu e publicou obras de grande valor. Sua atuação como cientista e homem público motivou a homenagem expressa no nome de um dos maiores sanatórios para doentes mentais no país, o Hospital-Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Em 1895, com os companheiros da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, criada por sua inspiração, apresentava uma descrição do botão endêmico ou botão de Biskra, doença endêmica crônica, de tipo granulomatoso e ulcerativo, observada principalmente no Norte da África – daí seu segundo nome, alusão a uma cidade da Argélia. E, numa assertiva surpreendente, mais tarde comprovada, afirmava a ocorrência dessa moléstia no Brasil. Segundo Afrânio Peixoto (1980), devem-se a Juliano Moreira os primeiros exames microscópicos de casos de micetoma, tumor inflamatório causado por um fungo; de gundu, doença caracterizada pelo aparecimento de excrescências ósseas no nariz; e de ainhum, espécie de doença degenerativa que corrói em geral o artelho menor, o "dedinho" do pé. As duas últimas, moléstias de origem africana, afetavam sobretudo a população escrava. Um dos cientistas brasileiros de maior renome, foi membro de inúmeras

Juliano Moreira

instituições científicas, como a Antropologische Gesellschaft de Munique, a Société de Médecine de Paris, a Medico-Legal Society de Nova York e a Medico-Psychological Association de Londres. Sua obra publicada reúne mais de cem títulos, entre trabalhos científicos e de outra natureza, destacando-se "Assistência aos alienados no Brasil" (1906), "Les maladies mentales au Brésil" (1907) e "A evolução da medicina brasileira" (1908).

MOREIRA, [Judith] **Maura.** Cantora lírica brasileira nascida em Belo Horizonte, MG, em 1933. Criada por família abastada, estudou no Conservatório Mineiro de Música, onde aperfeiçoou seus dotes naturais de soprano. Em 1957, em concurso realizado pela Pro-Arte de Teresópolis, RJ, obteve bolsa para estudar em Viena, Áustria, lá se diplomando pela Academia de Música e Arte Dramática. Em 1959 foi contratada pela Ópera de Ulm, na Alemanha, e, após concluir o curso em Viena, apresentou-se em óperas, recitais e concertos em vários países europeus e também em Washington, DC, nos Estados Unidos. Em 1961 passou a integrar o elenco permanente da Ópera de Colônia, na Alemanha, tendo gravado vários discos, inclusive com obras de compositores alemães, e se apresentado em turnês pela América do Sul. Encerrou sua brilhante carreira profissional na década de 1980.

MOREIRA, Rui. Bailarino brasileiro nascido em São Paulo, em 1963. Ex-integrante do Balé da Cidade de São Paulo, nos anos de 1980 participou de espetáculos na Europa, com os coreógrafos Márcia Haydée e Jiri Kylian. Na década de 1990, com o prestigioso Grupo Corpo, de Belo Horizonte, brilhou na Bienal de Dança de Lyon e firmou-se como um dos melhores bailarinos brasileiros. Em 1999, já desligado do grupo mineiro, assinou, na França, a coreografia do espetáculo *D'une rive a l'autre*, no qual dançou ao lado de três outros bailarinos de origem africana. À época desta obra, dedicava-se à sua própria companhia.

MOREIRA, Tânia Maria Sales. Promotora pública nascida no Rio de Janeiro, em 1956. Tornou-se conhecida por suas corajosas acusações contra policiais e políticos envolvidos em atividades de extermínio na Baixada Fluminense* e no episódio conhecido como "Massacre de Vigário Geral".

MOREIRA [Serra]**, Wilson.** Sambista nascido no Rio de Janeiro, em 1936. Compositor ligado à escola de samba Mocidade Independente de

Padre Miguel* e, depois, à Portela*, integrou, com Nei Lopes, a partir de 1975, uma das mais importantes duplas de compositores do samba, responsável por êxitos como *Gostoso veneno*, na voz de Alcione*, *Senhora liberdade*, com Zezé Motta*, *Coisa da antiga*, com Clara Nunes*, *Goiabada cascão*, com Beth Carvalho, entre outros.

MOREJÓN, Nancy. Escritora cubana nascida em Havana, em 1944. Sua obra publicada inclui os livros de poemas *Mutismos* (1962), *Richard trajo su flauta y otros argumentos* (1967), *Elogio de la danza* (1982), *Piedra pulida* (1986), bem como os ensaios *Nación y mestizaje en la obra de Nicolás Guillén* (1980) e *Fundación de la imagen* (1988). Em 1993, com *Elogio y paisaje*, foi laureada pelo Concurso Internacional de Poesia Pérez Bonalde, na Venezuela.

MOREL CAMPOS, Juan. *Ver CAMPOS, Juan Morel.*

MORELOS Y PAVÓN, José María (1765-1815). Herói da independência do México, nascido em Valladolid, atual Morelia, e falecido em San Cristóbal de Ecatepec, hoje Ecatepec-Morelos. Sacerdote católico, militar e político, foi executado pelas autoridades coloniais depois de cinco anos de lutas. Era, segundo Gonzalo Aguirre Beltrán (1946), um afromestiço, filho de "mulatos pardos", embora tivesse sido registrado como "espanhol". Além das cidades em que nasceu e morreu, um dos estados do México tem o seu nome: Morelos.

MOREMI. Forma abrasileirada do nome *Mónremí*, de uma personagem da tradição histórica iorubana. Mulher de Oraniã*, ela teria se destacado na guerra do povo de Ifé contra os ibos.

MORENO, Jorge Bastos. Jornalista brasileiro nascido em Cuiabá, MT, em 1954. Filho de um motorista de táxi, sua família é oriunda de Vila-Bela da Santíssima Trindade, primeira capital do Mato Grosso, habitada, na época, por população majoritariamente negra. Formado pela Universidade de Brasília (UnB), trabalhou no *Jornal de Brasília* e nas sucursais brasilienses de *O Globo* e do *Jornal do Brasil*. Em 1989, foi assessor de imprensa do então candidato à Presidência da República Ulysses Guimarães; a partir do ano seguinte, passou a atuar como repórter de política do jornal *O Globo*, assinando uma coluna semanal de grande repercussão.

MORENO, Raul (1923-95). Pseudônimo de Tufic Lauar, cantor e compositor brasileiro nascido em Carangola, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Sambista ligado à escola de samba Acadêmicos do Salgueiro*, é autor de pelo menos dois clássicos do samba: *A fonte secou* (com Monsueto*) e *Tudo é ilusão* (com Caxinê). Como cantor, depois de longa carreira radiofônica e na noite carioca, foi coralista requisitado, com centenas de participações em discos.

MORENOS. Em Cuba, qualificação pela qual, no passado, se chamavam indistintamente negros e ciganos, estes últimos tidos também como possuidores "de sangue negro". Na região do rio da Prata, o termo é aplicado a negros e mulatos.

MORGAN, Clyde. Bailarino e coreógrafo americano nascido em 1940. No Brasil, a partir de 1972, integrou o Balé do Recife e, em 1976, tornou-se diretor do Grupo de Dança Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, com o qual apresentou, no ano seguinte, o espetáculo *Oxóssi n'Aruanda*, no Segundo Festival Mundial de Arte Negra, em Lagos, Nigéria.

MORGAN, Garret A. *Ver INVENTORES NEGROS*.

MORINGA. Na tradição afro-cubana, ente fantástico do ciclo do terror infantil.

MORISCO. Denominação aplicada, no México colonial, ao mestiço de espanhol e negro.

MORISSEAU-LEROY, Félix (1912-98). Poeta e romancista haitiano nascido em Grand Gosier. Integrado ao movimento conhecido como *nouvelle école indigéniste*, em sua obra destacam-se *Plénitudes* (1940) e *Récolte* (1946).

MÓRMON, Igreja. Organização protestante fundada nos Estados Unidos em 1827 por Joseph Smith, no Brasil também conhecida como Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Segundo a enciclopédia *Africana* (Appiah e Gates Jr., 1999), essa igreja tem uma longa história de radical discriminação contra africanos e afrodescendentes. Tal radicalismo motivou inclusive, na década de 1960, a proibição da instalação da igreja na Nigéria, sendo abrandado somente no final da década seguinte, com as primeiras ordenações de ministros negros nos Estados Unidos.

MORO, El (séculos XIX-XX). Denominação pela qual foi conhecido José de Calazán Herrera, de nome iniciático Bangoché, babalorixá cubano radicado em Havana. Filho de Obá Koso (uma qualidade de Xangô), foi um dos principais informantes da etnógrafa Lydia Cabrera.

MOROCHO. Moreno; tratamento com que se distinguem os negros na Argentina.

MORON, Alonzo Graseano (1909-71). Educador e administrador nascido nas Ilhas Virgens. Ocupou importantes postos de governo em seu país natal e foi o primeiro presidente negro do Hampton Institute, na Virgínia, Estados Unidos.

MORPEAU, Louis (1895-1926). Escritor, educador e diplomata nascido em Aux Cayes, Haiti. Colaborador em vários periódicos franceses, em sua obra destacam-se *Pages de jeunesse et de foi* (1919); *Anthologie haïtienne des poètes contemporains, 1904-1920* (Porto Príncipe, 1920); *L'enterrement de la merlasse* (Paris, 1924); *Anthologie d'un siècle de poésie haïtienne, 1817-1925* (Paris, 1925).

MORRIS, [Francis Gregory Alan, dito] **Greg** (1933-96). Ator americano. Conhecido por seu desempenho nos anos de 1960-70 na série *Missão impossível*, em que interpretava o especialista em eletrônica Barney Collier, foi um dos primeiros negros a viver um herói na televisão americana.

MORRIS, Samuel (1872-93). Místico cristão nascido na Costa do Marfim e falecido em Fort Wayne, Indiana, nos Estados Unidos. Filho de um chefe de etnia *coromanti*, refugiou-se na Libéria depois de ter sido sequestrado e submetido a maus-tratos, como refém de um chefe inimigo. Da Libéria, onde abraçou o cristianismo e assumiu o nome europeu (entre os seus, chamava-se Kaboo), embarcou como tripulante em um navio mercante e chegou aos Estados Unidos, indo estudar, embora fosse iletrado, na Universidade Taylor, da Igreja Metodista Episcopal Africana. Nessa escola, como dedicado missionário, responsável por inúmeras conversões, exerceu grande influência espiritual, até falecer, vítima de grave doença, aos 21 anos de idade. Em 1928, seu nome foi perpetuado pela universidade em um monumento em que é assim lembrado: "Famoso místico cristão; apóstolo da fé simples".

MORRISON, George (1891-1974). Violinista e chefe de orquestra americano nascido em Fayette, Missouri. Filho de tradicional família de rabequistas (*fiddlers*, em inglês), entre eles o pai Clark e os tios Jack e Alfred, estudou teoria, composição e harmonia no Conservatório de Colúmbia, mas destacou-se como músico de jazz*. Não obstante, em 1934, em um concurso de âmbito nacional, ganhou o primeiro prêmio de violino clássico da Exposição de Chicago. Sua trajetória, baseada em entrevista concedida em 1962, é contada no longo apêndice do livro *Early jazz* (1968), de Gunther Schuller. *Ver FIDDLE*.

MORRISON, Toni. Escritora americana nascida em Lorain, Ohio, em 1931. Filha de um operário naval, formou-se pela Universidade Howard, tornou-se professora universitária e foi editora da Random House por vinte anos, entre 1965 e 1985. Seus livros enfocam o universo do povo negro com vigor narrativo e intensidade emocional. De sua obra publicada constam *The bluest eye** [*O olho mais azul*] (novela, 1969); *Song of Solomon* [*A canção de Solomon*] (novela vencedora do National Book Critics Award, 1977); *Beloved* [*Amada*] (romance ganhador do Prêmio Pulitzer, 1987); *Jazz* (romance, 1991); *Playing in the dark* (ensaio, 1992); *Paradise* [*Paraíso*] (1998). Em 1993 ganhou o Prêmio Nobel de Literatura e, em 2008, depois de mais um romance publicado, lançava *A mercy*, no Brasil intitulado *Compaixão*, sobre a saga de uma escrava na Virgínia do século XVII.

MORRO ALTO. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Osório, próximo a Capão da Canoa, RS.

MORRO SECO. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Juquiá, SP.

MORTE. Cessação da vida. Para o vitalismo que orienta grande parte da vida negro-africana, a morte é um estado de diminuição do ser. Aqueles que se distinguiram em vida passam, depois de mortos, à condição de ancestrais ilustres, sendo objeto de culto. *Ver ANCESTRAL*; *EGUNGUM*; *PHILOSOPHIE BANTOUE, La*.

MORTON, Jelly Roll (1885-1941). Nome pelo qual foi conhecido Ferdinand Joseph La Menthe Morton, pianista e compositor afro-americano de ascendência francesa (*ver CRÉOLE DU COULEUR*) nascido em Nova

Orleans, Louisiana, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Foi um dos pioneiros do jazz, à época da efervescência de Storyville*.

MORÚA DELGADO, Martín (1856-1910). Pensador e escritor cubano, nascido escravo na província de Matanzas e falecido em Havana. Era filho de Francisco Morúa, espanhol imigrado, e de mãe africana – Inés Delgado, escrava. Impossibilitado de frequentar a escola, trabalhava numa plantation fazendo barris. Autodidata, tornou-se poliglota, tendo fundado e editado vários periódicos. Por causa de suas ideias revolucionárias, foi exilado duas vezes, indo para os Estados Unidos. Em 1900, foi eleito senador e, em 1908, indicado para presidente do Senado, tornando-se o primeiro negro em Cuba a alcançar essa posição. Além de escrever ensaios como *Cuba y la raza de color* (1881) e traduzir várias obras, entre as quais uma biografia de Toussaint L'Ouverture*, publicou dois romances: *Sofía* (1890) e *La família Unzúazu* (1901), ambos abordando o aspecto desumano da ordem escravista. Segundo More (1964), foi um intelectual negro a serviço da burguesia no poder, tendo acusado de racista a revolução de Pedro Ivonnet* e Evaristo Estenoz*.

MOSELEY, John (1909-96). Cientista americano nascido e falecido em Manhattan, Nova York. Pioneiro da radiologia, desenvolveu pesquisas sobre anormalidades e alterações nos ossos de portadores de anemia falciforme*. Em 1963, por esse trabalho, ganhou dois prêmios de importantes entidades científicas. Em 1980 aposentou-se como professor emérito de radiologia da Escola de Medicina Monte Sinai e até 1989 foi diretor do Washington Heights Medical Group.

MOSSANGUE. Nome dado aos indivíduos do povo songwe, subgrupo dos lubas*, nos registros brasileiros do tráfico escravista.

MOSSORÓ (1916-94). Nome pelo qual se tornou célebre Benedito Alves dos Santos, personagem popular de Maceió, AL, também conhecido como "Pai Velho". Durante longos anos, até o fim de sua vida, foi dono do mais famoso bordel e cabaré de sua cidade, celebrado, inclusive, em uma canção do sambista Martinho da Vila*, *Só em Maceió*.

MOSSUNDE. Forma de registro de membros do povo sundi, da grande nação dos bacongos*, nos livros do tráfico brasileiro de escravos.

MOTA, Luís da (século XIX). Nome literário de José Luís da Silva Mota Filho, escritor brasileiro nascido no Rio Grande do Sul. Pertenceu à Sociedade Partenon Literário, fundada na capital gaúcha em 1868, e publicou poemas e textos teatrais no jornal *O Exemplo*, editado por negros em Porto Alegre, entre 1892 e 1930.

MOTOWN RECORDS. Empresa americana do ramo fonográfico fundada em 1958 por Berry Gordy Jr., em Detroit, centro da indústria automobilística americana, chamada *The motor town* ("A cidade-motor"), daí o nome da gravadora. Trabalhando exclusivamente com músicos negros, mudou a cor e o ritmo da música popular dos Estados Unidos ao lançar astros como The Supremes*, The Jackson Five*, Diana Ross*, Stevie Wonder*, Michael Jackson*, Marvin Gaye*, Lionel Richie*, The Commodores e Smokey Robinson*, entre outros, alguns dos quais disputaram os primeiros lugares das paradas de sucesso com os Beatles, no auge do avassalador sucesso do grupo inglês. O êxito da Motown deveu-se ao bom planejamento proporcionado pela estratégia do *artist development*, por meio da qual se cuidava com esmero da apresentação dos artistas, expressa nos vestidos longos e ternos bem cortados, nos penteados caprichados, na atitude elegante no palco e nas coreografias exaustivamente ensaiadas. A empresa exerceu séria influência sobre os próprios Beatles e sobre a geração de músicos ingleses que viria a promover mudanças na música pop em todo o mundo. Em 1988 Gordy Jr. vendeu a companhia para a gravadora MCA, que, cinco anos depois, a revendeu para a PolyGram.

MOTTA, Ed. Nome artístico de Eduardo Motta, cantor e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1971. Fortemente influenciado pela música negra americana, muitas vezes compondo e cantando em inglês, destacou-se como um dos grandes nomes do universo pop-jazz brasileiro. À época deste texto, a sofisticação de sua obra, liberta de rótulos, de certa forma dificultava sua absorção pela indústria cultural; entretanto, esse fato não prejudicou a circulação de seu trabalho, com bastante prestígio, nos meios jazzísticos. Na década de 2000 destacou-se por alguns experimentos sonoros, em CDs como *Poptical* (2003) e *Aystelum* (2005).

MOTTA, Valdo. Poeta brasileiro nascido no Espírito Santo, em 1959. Militante da causa negra e do movimento dos homossexuais, é autor de

Bundo, coletânea de poemas publicada em 1997.

MOTTA, Zezé. Nome artístico de Maria José Motta de Oliveira, atriz e cantora brasileira nascida em Campos, RJ, em 1944. Com carreira profissional iniciada em 1966, no elenco da peça *Roda-viva*, atuou, com destaque, em telenovelas, importantes montagens teatrais e em filmes como *Cordão de ouro* (1977), *A força de Xangô* (1977), *Águia na cabeça* (1983), *Quilombo* (1984), *Jubiabá* (1986) e *Anjos da noite* (1987). Porém, o filme que a tornou popularmente conhecida foi *Xica da Silva*, de 1976, no qual viveu a personagem principal. Em 1979, paralelamente, deu início à carreira discográfica como intérprete de música popular. Integrante do elenco de teledramaturgia da Rede Globo de Televisão, distinguiu-se também como idealizadora e fundadora do Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan*), em 1984.

MOTUMBÁ. Saudação respeitosa dirigida aos altos dignitários da tradição dos orixás. Do iorubá *mo túmba*, "eu o saúdo humildemente" (o verbo *túmba* tem o sentido de "ceder", "capitular", "render-se").

MOTUNGO. Variante de mutungo*.

MOUNT MORIAH MASS CHOIR. Coral gospel americano da Igreja Mount Moriah, localizada no Harlem*, Nova York. Liderado por Edward Earl Johnson e regido pelo reverendo Paul Smith, o conjunto ganhou projeção na década de 1990, com a volta de derivados do gospel às paradas de sucesso americanas.

MOURA, Abigail [Cecílio de] (1904-70). Compositor, arranjador e regente brasileiro nascido em Eugenópolis, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Em 1942, criou a Orquestra Afro-Brasileira*, instigante experimento de fusão de harmonias da música ocidental com ritmos da tradição africana. Foi também poeta de grande sensibilidade, tendo um poema, "Sombras que sofrem", incluído na *Antología de la poesía negra americana* de Ildefonso Pereda Valdés (1953).

MOURA, Caetano Lopes de (1780-1860). Médico e escritor brasileiro, nascido em Salvador, BA, e falecido em Paris, França. Era professor em sua cidade natal quando se viu envolvido na Revolução dos Alfaiates*, em 1798. Mudou-se então para Portugal, onde se diplomou em Medicina na Universidade de Coimbra e integrou o Corpo de Saúde do

Exército, durante a Guerra da Península (1807-14). Depois, doutorou-se na França, em cujo Exército se alistou. Foi médico de Napoleão Bonaparte, de quem escreveu alentada biografia, publicada em 1846. São também de sua autoria um *Dicionário histórico, descritivo e geográfico do Império do Brasil* (1845) e mais 34 livros, incluindo traduções de Fenimore Cooper, La Rochefoucauld e Sir Walter Scott, todos relacionados por Manuel Querino (1955) em um resumo biográfico que faz parte de sua lista de ilustres baianos "de cor".

MOURA, Clóvis (1925-2003). Nome autoral de Clóvis Steiger de Assis Moura, historiador e sociólogo nascido em Amarante, PI, e falecido em São Paulo. Filho de mãe branca e pai mulato, sua avó paterna era escrava do senhor de engenho que a engravidou. Veemente acusador do racismo brasileiro, é autor de vasta obra escrita a partir do pioneiro livro *Rebeliões na senzala*, de 1959. Também poeta, publicou *O espantalho na feira* (1966); *Manequins corcundas* (1977); e *Argila da memória* (1982), tendo igualmente prefaciado vários livros de poetas afro-brasileiros. Postumamente, teve editado, em 2004, seu *Dicionário da escravidão negra no Brasil*.

MOURA, Jonas (século XX). Bailarino brasileiro que, após ter sido um integrante de destaque do elenco da companhia Brasiliana*, desenvolveu carreira internacional (a partir da década de 1950).

MOURA, Paulo [Gonçalves de] (1932-2010). Músico brasileiro nascido em São José do Rio Preto, SP, e radicado no Rio de Janeiro, onde faleceu. Clarinetista, começou a tocar com o pai, carpinteiro e mestre de banda, aos 12 anos de idade, nos clubes da comunidade negra de sua cidade natal. Aos 18 anos, já no Rio de Janeiro, tornou-se o primeiro saxofonista da requisitada orquestra de Osvaldo Borba e, logo depois, viajou para o México, com uma orquestra liderada por Ary Barroso. Em 1953, em Nova York, conheceu Dizzy Gillespie*, de quem foi amigo. Em 1957 tornou-se nacionalmente conhecido com a gravação do *Moto perpetuo* de Paganini, na primeira vez em

Paulo Moura

que essa dificílima peça foi interpretada por um instrumento de sopro. Quatro anos depois, obteve o primeiro lugar como solista de clarineta no concurso para admissão à Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na qual permaneceu até 1977. Com uma (brilhante) carreira marcada pela alternância do erudito com o popular, destacou-se pela participação em espetáculos e concertos, gravando discos e criando arranjos e trilhas sonoras, tendo-se tornado, em cerca de quarenta anos de trabalho e estudo, um dos músicos mais respeitados do Brasil. Entre 1997 e 1998 ocupou a presidência do Museu da Imagem e do Som (MIS), fundação ligada ao governo do estado do Rio de Janeiro.

MOUROS. Nome dado pelos romanos aos habitantes do Norte-Noroeste africano. Do século VIII ao XV, dominaram boa parte da Espanha, estabelecendo, na região da Andaluzia, os califados de Granada e Córdoba, até a Reconquista Cristã em 1492. O latim *maurus*, *i*, que deu origem a nomes como "Mauro", "Maurício", "Mauritânia", "Mouraria" etc., bem como os adjetivos "moreno" e "mourisco", remete à cor escura da pele desse povo. *Ver BLACKAMOOR*; *PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

MOUROS NEGROS. Antiga denominação dada, genericamente, pelos portugueses, aos negros africanos islamizados.

MOUVEMENT RASIN. No Haiti e em outros países das Antilhas, movimento cultural de retorno às raízes africanas.

MOVIMENTO DA NEGRITUDE. *Ver NÉGRITUDE*.

MOVIMENTO NEGRO. Nome genérico dado, no Brasil, ao conjunto de entidades privadas integradas por afrodescendentes e empenhadas na luta pelos seus direitos de cidadania. Numa visão mais restrita, a expressão diz respeito às organizações nascidas a partir do final da década de 1960 e que se incluem nessa definição. As diferenças entre estas e as organizações anteriores seriam, entre outras, sua continuidade temporal e o fato de compartilharem uma agenda internacional, graças à atual popularização das viagens aéreas e ao progresso dos meios de comunicação, particularmente da internet. **Das confrarias à era getuliana:** Alguns do marcos iniciais do movimento negro brasileiro estão nas confrarias e sociedades de auxílio mútuo constituídas, ainda na época escravista, com a finalidade de propiciar a alforria de seus membros. Após a abolição, talvez a mais importante entre

todas essas entidades tenha sido a Frente Negra Brasileira*, fundada em São Paulo em 1931. Depois dela fundaram-se no Brasil, entre 1935 e 1950, as seguintes organizações negras (entre outras): Movimento Brasileiro contra o Preconceito Racial (Rio de Janeiro, RJ, 1935); Associação dos Brasileiros de Cor (Santos, SP, 1938); Congresso Brasileiro do Negro (Rio de Janeiro, RJ, 1940); Teatro Experimental do Negro (Rio de Janeiro, RJ, 1944); Cruzada Social e Cultural do Preto Brasileiro (São Paulo, SP, 1948); União dos Homens de Cor (Rio de Janeiro, RJ, 1948); Justiça Social Cristã (Rio de Janeiro, RJ, 1950). **Reestruturação:** Na segunda metade dos anos de 1970, livre do Estado Novo mas ainda na vigência da ditadura instaurada em 1964, o movimento negro começa a se reestruturar, de forma contínua, em algumas das principais cidades brasileiras. E se reorganiza certamente inspirado pelos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos e pela independência dos países africanos*. Surgem, então, o Grupo Evolução (Campinas, SP, 1971) e, no Rio de Janeiro, a partir de fóruns promovidos na Universidade Cândido Mendes, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), ambos em 1975. O final da década vê nascerem, na cidade de São Paulo, o Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan) e a Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira (Acacab), fundados em 1977. E, no ano seguinte, em que a cidade paulista de Araraquara sedia o Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu), nasce o Movimento Negro Unificado (MNU). A partir de então surgem, em todo o Brasil, inúmeras entidades, de vida efêmera ou não, algumas delas constando como verbetes desta obra. Em fins do século XX, o movimento congregava, segundo John Burdick ("Black consciousness in Brazil", em Appiah e Gates Jr., 1999), cerca de seiscentas entidades, em quase todos os estados da federação brasileira. Com o objetivo principal de recuperar uma história que teria sido escamoteada e distorcida pelo ensino convencional, e buscando difundir um novo tipo de autoconhecimento, essas entidades eram, à época deste texto, de várias naturezas. Havia tanto associações leigas criadas pela Igreja Católica, como a Pastoral do Negro*, e centros de pesquisa em universidades quanto grupos reunidos por outros interesses principais, além de ativistas e militantes de atuação individual. Algumas organizações apresentam o racismo como, antes de tudo, um

problema cultural a ser resolvido pela construção ou reconstrução de uma identidade negra, com base na redescoberta das raízes africanas. Outras buscam consolidar uma "consciência negra", mas sem deixar de lado a necessidade de inserção dos negros nas altas estruturas econômicas, sociais e políticas do país. Nesse contexto, a entidade de ação cujos objetivos são mais explícitos é o Movimento Negro Unificado (MNU). **O Movimento Negro Unificado (MNU):** Congregando cerca de 6 mil membros à época deste texto, o MNU prioriza, como área de atuação, a política etnorracial contemporânea, combatendo a violência policial e defendendo as populações de rua, além de lutar nos tribunais contra a discriminação no mercado de trabalho e dar suporte logístico à luta feminista em todos os níveis. Durante a elaboração da Constituição brasileira, entre 1986 e 1988, o MNU organizou uma convenção nacional, que debateu o assunto, em centenas de cidades brasileiras. Sua atuação, bem como a de outras entidades, fez que, mesmo antes desse momento, diversos partidos políticos incluíssem em seus programas plataformas antirracistas, criassem comissões sobre o assunto e indicassem candidatos negros aos pleitos eleitorais. **Participação política:** No rastro dessas ações, em 1982 o governo do estado de São Paulo criou o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra. No governo seguinte, vários afrodescendentes foram alçados a altos cargos governamentais. Visto por alguns como cooptação, esse ato – que se multiplicou, a partir de então, em várias unidades da federação –, entretanto, deve primeiro ser interpretado como um reconhecimento, pelo Estado brasileiro, de que, no Brasil, a decantada "democracia racial" é, efetivamente, um mito. **Movimento negro e pesquisa acadêmica:** No final de 2002, Carlos Alberto Medeiros* e Ivanir dos Santos*, em artigo jornalístico (*O Globo*, 31 dez. 2002), chamavam a atenção para o fato de que as denúncias do movimento negro já se apoiavam numa nova vertente da pesquisa acadêmica sobre as relações raciais no Brasil; assim, graças à atuação de indivíduos qualificados do ponto de vista acadêmico, os negros já se assumiriam como agentes do discurso antirracista, não mais necessitando de intérpretes ou intermediários. *Ver MARCHA CONTRA A FARSA DA ABOLIÇÃO.*

MOYA, Mariano (século XVIII). Educador cubano; célebre mestre-escola* na Havana colonial, foi citado por José Luciano Franco (1974).

MOYEN. Tambor congo do vodu haitiano.

MOYSE (?-1801). Líder haitiano, participou da grande rebelião de escravos de 1791 em Saint Domingue. Tido como sobrinho de Toussaint L'Ouverture*, tornou-se o segundo homem no comando. Depois de tramar uma fracassada revolta contra seu chefe, foi julgado e executado em 3 de novembro de 1801.

MOZAMBIQUE, Luis de (século XVI). Escravo, provavelmente nascido na África, líder, em 1553, de um quilombo* localizado nas montanhas de San Blas, no Panamá. Por muitos anos ele e seus liderados atormentaram os colonialistas, até que o governo de Madri lhes concedeu o perdão. Mais tarde, os ex-quilombolas foram assentados nas cidades de Santiago del Príncipe (1579) e Santa Cruz de la Real (1582).

MPUNGO. O mesmo que Pandilanga*.

MUAMBA. Cesto ou canastra para o transporte de mercadorias; feitiço numa cesta que se põe no lugar em que vai estar ou pelo qual vai passar a pessoa que se deseja atingir. Do quimbundo *muhamba*, "cesto comprido para a condução de cargas em viagem"; "carreto". A moderna acepção de "mercadoria contrabandeada" encontra origem no mesmo étimo.

MUANA. No século XVIII, nos folguedos de coroação dos reis negros no Rio de Janeiro, cada um dos negrinhos que integravam os cortejos. Do quicongo *muana*, "criança".

MUANGA. Em terreiros maranhenses, expressão que significa "feitiço", "coisa-feita". Do quimbundo *mauanga*, plural de *uanga*, "feitiço".

MUBUNDO. Negro africano. Do quimbundo *mumbundu*, "negro".

MUCAMA. Escrava doméstica. Em espanhol, o vocábulo tem o moderno sentido de "criada", "arrumadeira de hotel". Do quimbundo *mukama*, "concubina", "escrava amante do seu senhor".

MUCAMBA. Iniciada na seita da cabula*; auxiliar do sexo feminino, em certos terreiros bantos. Do termo macamba*, certamente contaminado por mucama*.

MUCAMBOS. Termo usado na cabula* para designar os homens em geral. De macamba*.

MUCAXIXI. O mesmo que caxixi [1]*, pequeno chocalho de palha.

MUCOMBO. Na nação angola, divindade correspondente ao Ogum nagô. Provavelmente, do quicongo *Mukómo*, nome de um inquice.

MUCONGO. Em certos terreiros baianos, divindade da caça. Do quimbundo *mukongo*, "caçador".

MUCUA-QUÍRIA. Bicho-homem, personagem mitológico afro-brasileiro. Do quimbundo *mukua*, elemento de composição de várias expressões, significando "pessoa", acrescido do quicongo *kidie*, "comilão", resultando em "bicho-papão".

MUCUIÚ. Variante de mocoiú*.

MUÇULMANOS NEGROS. *Ver BLACK MUSLIMS*.

MUCUMBU. Parte sem pelos da cauda do boi. Do quicongo *mu-kumbu-kumbu*, "espinha dorsal".

MUCUNGA. Mistura de feijão e arroz da culinária afro-brasileira, também chamada de "maria-isabel".

MUCUNZÁ. Forma antiga para mungunzá*.

MUÇURUMIM. O mesmo que malê*. Do hauçá *musulmi*, "muçulmano". Também, muçulmi.

MUCUTA. Embornal, bolsa para levar a tiracolo. Do quicongo *mukuta*, "cesta que se carrega nas costas".

MUD MASS. Bloco de foliões cobertos de lama do carnaval de Trinidad, lembrando os antigos "blocos de sujos" do carnaval carioca.

MUDA DE ABÔ. Pequena porção de abô dos axés* que a ialorixá transmite à ebâmi* para que esta plante os fundamentos de seu próprio terreiro. *Ver ABÔ [1]*; DECÁ, Recebimento do.

MUDANÇA DO GARCIA. Espécie de troça do carnaval de Salvador, BA, na qual um grupo de foliões sai às ruas encenando uma mudança doméstica. *Ver HOUSE MOVING SONG*.

MUDDY WATERS (1915-83). Nome artístico de McKinley Morganfield, cantor, compositor e guitarrista americano nascido em Rolling Fork, Mississippi, e falecido em Westmont, Illinois. Com carreira profissional iniciada em 1941 e inúmeros discos gravados, foi um dos remanescentes da geração que adotou instrumentos amplificados eletricamente na execução

do blues, fazendo nascer o rhythm-and-blues e propiciando o surgimento do rock-and-roll. Ocupando lugar central na definição do blues de Chicago após a guerra, nos anos de 1960 sua influência sobre os grupos ingleses de rock, principalmente os Rolling Stones, desempenhou papel determinante no reconhecimento internacional do gênero que abraçou.

MUEZIM. Nas mesquitas, o arauto que, do alto do minarete, anuncia as horas e convoca os fiéis muçulmanos para as orações. Também, almuadem.

MUFÉ. Árvore de grande porte, originária da África, cujos elementos são empregados em diversos rituais da tradição afro-brasileira.

MUHAMMAD KABA (século XIX). Líder escravo na Jamaica. Africano, por volta de 1825 foi levado para uma plantation em Manchester Parish. Como chefe de um grupo islâmico da região, foi, segundo a tradição, destinatário de correspondência enviada da África ocidental, a qual exortava a comunidade muçulmana a ser leal e fiel à crença para, assim, alcançar o paraíso. Esse fato demonstraria a articulação, na primeira metade do século XIX, entre os negros muçulmanos em todo o mundo, o que certamente levou às insurreições ocorridas na Bahia. *Ver ISLÃ NEGRO*.

MUIACA. Indivíduo dos maiacas, subgrupo da nação dos bacongos*, segundo os registros brasileiros do tráfico.

MUJINGA. Na umbanda, espécie de sacudimento* que consiste em bater no corpo do paciente utilizando alimentos e aves que, depois, serão convenientemente despachados. De muxinga*, "surra".

MUKENGA, Filipe. Nome artístico de Filipe Francisco da Conceição Gumbe, cantor e compositor angolano nascido em Luanda, em 1949. Admirado em seu país desde os anos de 1960, em 1991 lançou-se internacionalmente com o álbum *Novo som*, seguido de *Kianda-Kianda*, de 1995.

MULATA-SHOW. Expressão criada na indústria brasileira de espetáculos para designar as dançarinas participantes dos shows turísticos de samba, de função semelhante à das coristas do teatro de revista. Diz-se, também, simplesmente "mulata". Em toda a Diáspora, o uso da mulher afromestiça, ou de sua imagem, como símbolo e objeto de desejo sexual, tal como expressa na literatura e nas artes visuais, é bastante questionado. *Ver ESTEREÓTIPO*; *MULHER NEGRA*.

MULATISMO. Termo usado por Sérgio Buarque de Holanda (citado por Wagner Ribeiro, 1966) para definir a importância da presença dos afromestiços na formação social mineira, notadamente no período barroco. Sobre esse tema, Ribeiro transcreve a seguinte afirmação de Augusto de Lima Júnior: "Causa notável de assinalar é a geração de artesãos que se constituiu nesses primeiros cruzamentos, cuja obra se reconhece, mesmo no anonimato em que quase todos jazem, nos traços negroides que apresentam as figuras dos santos nos painéis que pintaram". *Ver MÚSICA SETECENTISTA MINEIRA*.

MULATO. Mestiço de branco e negro, em qualquer grau de mestiçagem. Nas Antilhas e na Guiana Francesa, a classificação de *mulâtres* ("mulatos") se aplicava, outrora, especificamente às *gens de couleur** livres. Ao contrário do que ocorreu nos tempos coloniais, quando, em geral, os mulatos eram portadores de reivindicações específicas, o século XX assistiu, em todas as Américas, à reversão dessa tendência, com parcela significativa desse segmento incorporando-se, na luta contra o preconceito e a discriminação, à grande comunidade dos afrodescendentes. No Brasil, parte da militância negra rejeita o termo "mulato", por suas supostas origens etimológicas, tidas como ligadas a "mulo", em comparação com as origens híbridas desse animal. Entretanto, alguns estudos apontam como étimo do vocábulo o latim *mullo*, *as*, *avi*, *atum*, *are*, "coser", "unir costurando".

MULATO, O. Romance de Aluísio Azevedo, publicado em 1881. Marco do naturalismo na literatura brasileira, o livro, ambientado em São Luís do Maranhão, denuncia o racismo antinegro na sociedade brasileira da época.

MULEMBA. Denominação dada ao quinjengue* em certas regiões paulistas. Do quimbundo *mulemba*, "figueira-brava", certamente em alusão à madeira de que é feito o tambor.

MULEMBA WAXA N'GOLA. Sítio histórico e religioso em Luanda, capital da República de Angola*. Marcado por uma mulemba ou por um baobá*, é local de culto à memória de Ngola Kiluanji kia Samba, venerando ancestral dos ambundos de Angola. *Ver NDONGO*; *NGOLA-A-KILWANGI*.

MULENSE. *Ver RUMBA*.

MULETA DE XANGÔ. Denominação pernambucana do oxê [1]*, machado duplo de Xangô.
MULHER DE SAIA. Antigo epíteto com que designava a negra vestida em trajes de "baiana".
MULHER NEGRA. Durante a escravidão africana nas Américas, o papel desempenhado pelas mulheres negras foi de suma importância. Na África, em geral cabia a elas a tarefa de cultivar a terra, o que lhes conferia a dura responsabilidade de garantir a manutenção e sobrevivência do grupo, tanto no tocante à obtenção de alimentos como em relação aos cuidados maternos. Nas Américas, muito menos numerosas que os homens, com suas canções de ninar, histórias e danças, como salienta Joseph Ki-Zerbo (s/d), elas foram durante séculos o único elo entre a realidade da escravidão e o continente de origem. Sem esse elo, a herança negro-africana, sustentáculo cultural de toda a Diáspora, estaria irremediavelmente perdida. Trabalhadoras, elas desempenharam, entre outras funções, as de amas de leite*, mucamas*, criadas para todo serviço e ganhadeiras*, modalidade em que muitas se destacaram por seu tino empresarial, chegando a amealhar fortuna como negociantes e constituir famílias numerosas. **Organizações de militância:** No Brasil, desde a década de 1950, as organizações de mulheres negras são ativas participantes dos movimentos políticos. Assim, nessa época o país assiste à fundação do Conselho Nacional de Mulheres Negras* (18 de maio de 1950) e da Associação de Empregadas Domésticas (1950), surgidos no contexto militante do Teatro Experimental do Negro*. Mais tarde, surgem: em Minas Gerais, a Casa Dandara* (Belo Horizonte, 9 de maio de 1987); no Rio de Janeiro, as organizações Aqualtune* (1979) e Luiza Mahim* (1980), o Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (1982) e o Centro de Mulheres de Favelas e Periferia; em São Paulo, o Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo (1984) e, no litoral paulista, o Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista (1986), entre outras; na Bahia, o Grupo de Mulheres do Movimento Negro Unificado, o Grupo de Mulheres do Cabara etc.; no Maranhão, o Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa (1986).
MÜLLER. Pseudônimo do jogador de futebol brasileiro Luís Antônio Corrêa das Costa, nascido em Campo Grande, MS, em 1966, e radicado em

São Paulo. Veloz e de toques precisos, foi um dos melhores jogadores de sua geração, sagrando-se campeão paulista em 1985, 1987, 1991 e 1992; campeão brasileiro em 1986 e 1991; e bicampeão mundial de clubes em 1992 e 1993, sempre pelo São Paulo Futebol Clube. Atuou na Itália e no Japão e integrou a seleção brasileira em 1986, 1990 e 1994.

MULUCUM. Variante de omolocum*.

MULUNDU. Certa dança de negros. Possivelmente, variante de lundu*.

MULUNGU. Espécie de ingome*, tambor de origem africana. O vocábulo *Mulungu* designa, em várias línguas da África oriental, o Ser Supremo, correspondente ao Nzambi dos ambundos e bacongos, sendo que o caráter sagrado que os africanos emprestam a muitos de seus tambores pode ter determinado essa relação. Vale mencionar também o ronga *mulungu*, "patrão" – o tambor aqui referido "produz sons retumbantes", segundo Aurélio Buarque de Holanda (1986), e essa característica talvez o coloque na condição de "principal", "maioral", "patrão".

MUMBANDA. Escrava moça, de estimação, que, decentemente vestida mas descalça, acompanhava seus senhores em passeios e visitas, mantendo-se sempre atrás do grupo (conforme Pereira da Costa, 1937). Do quicongo *mumbanda*, "mulher ligada a um inquice", "assistente de feiticeiro".

MUMBO JUMBO. Nos Estados Unidos, expressão, de origem africana, que designa um amuleto ou objeto tido como possuidor de poderes sobrenaturais, ou, ainda, qualquer tipo de ritual misterioso. Por extensão, qualquer linguagem incompreensível, ininteligível.

MUMUM. Iguaria feita com milho branco, feijão-fradinho e temperos.

MUNALUNGO. Denominação da entidade Siete Rayos* na *regla de palo mayombe*.

MUNANGA. Na umbanda, túnica masculina usada durante as cerimônias rituais. Do umbundo *onanga*, "roupa", talvez com influência do quicongo *munanga*, "apóstolo".

MUNANGA, Kabengele. *Ver KABENGELE, Munanga.*

MUNANSO BELA. Quarto sagrado, nos cultos cubanos da *regla de palo monte**, e, por extensão, o templo ou a casa que sediam o culto.

MUNANZENZA. Masculino de muzenza*. Do termo "muzenza", talvez influenciado pelo quicongo *muana* ou pelo quimbundo *mona*, "filho".

MUNCHĔ. Entre a comunidade dos crioulos do Amapá*, termo com que se designa o ritualista, ervanário, rezador e conselheiro, ao mesmo tempo "médico" e sacerdote, ponto axial da religião sincrética de seu povo. Essa religião conjuga elementos da cultura dos povos acãs* e da Igreja Anglicana. *Ver LANC-PATUÁ*.

MUNDERO. Designação do homem branco em antigos falares africanos do Brasil. Do quimbundo e quicongo *mundele*, "homem branco", "europeu".

MUNDRUNGA. Feitiçaria.

MUNDUBI. Indivíduo pertencente ao grupo étnico dos mundubis, escravizados no Brasil.

MUNDURUCU, Emiliano Felipe Benício (século XIX). Militar e revolucionário brasileiro. Major do Batalhão de Pardos de Recife, em 1824, por ocasião da Confederação do Equador e inspirado na Revolução Haitiana*, liderou sedição reprimida pelo Regimento dos Henriques*, então sob o comando do também major Agostinho Bezerra*. Perseguido, Mundurucu buscou asilo seguidamente nos Estados Unidos, na Colômbia e no Haiti.

MUÑEQUITOS DE MATANZAS, Los. Grupo musical cubano fundado em 1956 em Matanzas e originariamente integrado pelos músicos Florencio Calle (Catalino), Esteban Lantrí (Saldiguera), Pabo Mesa (Juan Bosco), Hortensio Alfonso (Virulilla), Esteban Vega Bacallao (Chachá), Ángel Pellado (Chácata) e Gregorio Díaz (Goyito) e Juan Mesa. Especializado em música afro-cubana tradicional, no âmbito da rumba* e do *guaguancó** – à base de percussão e vozes –, gravou vários discos e viajou para diversos países.

MUNGANGA. Na nação angola, conjunto dos instrumentos representativos das divindades. Corresponde ao afro-cubano *nganga**.

MUNGANGUÊ. Espécie de tambor, pererenga*. Provavelmente, de *ngoma wa munganga*, nome que se dá na região de Luanda, Angola, a um tipo de tambor privativo do soba* e que termina por um pé torneado.

MUNGUÊ. Elemento interjetivo, contido na expressão "Eh, munguê", de significado não determinado, com que o secretário, em certas congadas*, inicia as cantigas.

MUNGUELENDŎ. Elemento interjetivo de significado não determinado usado em certas cantigas de congos.

MUNGUNJÊ. Elemento substantivo presente em uma cantiga de capoeira, mas com sentido não determinado.

MUNGUNZÁ. Mingau de milho da tradição afro-brasileira; canjica. Do quimbundo *mukunza*, "milho cozido"; "cozido de feijão macunde, milho e jinguba" (Ribas, 1951). Em Angola, é comida ritual, servida em velórios e também conhecida como "mukunza de óbito". *Ver CANJICA.*

MUNHAMBANA. O mesmo que inhambane* ou munhambano.

MUNIZ [do Nascimento]**, Benedito.** Médico brasileiro nascido em 1948, radicado no Rio de Janeiro. Administrador hospitalar, de 1989 a 1991 foi diretor do Hospital Rocha Maia, da rede estadual fluminense. Foi também subsecretário de estado do Trabalho e Ação Social no segundo governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro.

MUNIZ JÚNIOR, José. Jornalista e escritor brasileiro nascido em Penedo, AL, em 1933, e radicado em Santos, SP, desde 1939. Sambista ativo, ex-ritmista, passista, mestre-sala*, carnavalesco e dirigente, dedicou-se, a partir de 1957, à promoção do intercâmbio entre o samba de sua cidade e o do Rio de Janeiro. Assim, participou de congressos e articulações que levaram à realização, em Santos, de eventos como o Primeiro Simpósio Nacional do Samba (1966) e o Primeiro Festival de Samba (1970). Ex-conselheiro da antiga União das Escolas de Samba do Estado de São Paulo, publicou, assinando como J. Muniz Jr., vários livros sobre o universo dos sambistas, entre os quais *Do batuque à escola de samba* e *Sambistas imortais*, ambos de 1976.

MUNTU. Termo multilinguístico banto cujo significado é "ser humano" (*mu-ntu*, plural *ba-ntu*), e, na acepção filosófica, "a força dotada de vontade e inteligência". O pensamento africano em geral percebe o ser humano como força em atividade, integrada em um conjunto de forças que corresponde ao universo. Assim, o conceito banto designado por esse termo aproxima-se da concepção iorubana de axé* e da noção de baraka* dos africanos islamizados. *Ver PHILOSOPHIE BANTOUE, La.*

MUQUILA. Um dos passos de dança no reisado de Viçosa, AL, expresso em um pequeno salto, seguido do entrecruzamento de pernas e do

balanceamento do corpo. Do quimbundo *mukila*, “cauda”, “rabo”, provavelmente em referência ao movimento da cauda de algum animal, em razão do balanceamento do corpo.

MUQUINO-RIÁ-CONGO. O mesmo que rei do congo*. Da expressão, em quicongo, *ntinu-dia-Nkongo*, “imperador”, “rei do Congo”.

MUQUIXE. Redução de gunga-muquixe*.

MURGA. Na Argentina, antiga espécie de *comparsa** carnavalesca; grupo de pessoas fantasiadas que cantavam e dançavam no carnaval. Tendo como instrumento essencial o bombo, encimado por um pequeno par de pratos, e entoando canções características, as antigas *murgas* de Buenos Aires ostentavam nomes como “Negros Candomberos”, “Milongueros de Caballito”, “Africanos Unidos”, “Los Negros de la Cortada” etc. Segundo entendimento geral, elas representavam uma das muitas expressões herdadas dos milhares de negros que viveram na capital argentina até o século XIX. Nos anos de 1990 essa manifestação experimentava um processo de renascimento.

MURICI, [João da] **Veiga** (1806-90). Filólogo brasileiro nascido na Bahia. É citado na nominata de notáveis de *O negro na Bahia*, escrito por Luiz Viana Filho (1976).

MUROJI. Feiticeiro, quimbandeiro. Do quimbundo *muloji*, “feiticeiro”. *Ver FEITIÇARIA*.

MURPHY, [Edward Regan, dito] **Eddie.** Ator cinematográfico americano, nascido no Brooklyn, Nova York, em 1961. Órfão aos 3 anos de idade, aos 19 iniciou sua carreira artística como comediante. Com os filmes *48 horas* (1982), *Trocando as bolas* (1983), *Um tira da pesada 1* e *2* (1984 e 1987) e *O professor aloprado* (1996), firmou-se como um dos mais bem-sucedidos profissionais do show business internacional. Segundo alguns críticos, Murphy contraria o estereótipo* do comediante que, em busca de empatia, apela para a indulgência do público: na vida real ou na tela, ele nunca se coloca como vítima.

MURREL CAMPOS, Juan (1857-96). Compositor e regente de orquestra nascido em Porto Rico. Chefiando seu próprio grupo orquestral, realizou concertos em diversos países do mundo.

MURUMBI. Antiga dança de negros no Brasil. Do nhungue *murumbi*, "batuque".

MUSALLAH. Entre os Black Muslims*, denominação da casa de oração, da mesquita. *Ver MA-ÇA-LA-SI.*

MÚSICA AFRICANA. Uma antiga definição ocidental conceituava como música "a arte de combinar os sons de modo a agradar o ouvido". O reconhecimento, como música, de outras categorias sonoras, não necessariamente artísticas nem resultantes de combinações buscadas, tornou obsoleta essa definição. Não obstante, o senso comum continua a compartimentar o que conhece por música (erudita, popular, folclórica, profana, religiosa, litúrgica etc.), em atenção principalmente a três fatores: criador, apreciador e finalidade. A música africana tradicional não se distingue por compartimentos ou categorias, pois é feita para marcar o dia a dia e cada momento da existência coletiva. É por meio da música que a tradição africana, como acentua Solomon Mbabi-Katana (1977), celebra sua alegria de viver, seu refinamento nas ocasiões solenes, sua religiosidade, seu vigor no trabalho, sua coragem na guerra etc. Transmitida oralmente ao longo de muitas gerações, essa música resume toda uma vivência coletiva e não pode ser isolada do seu contexto. Mediante, por exemplo, a invocação dos espíritos ancestrais, a música africana tradicional estabelece um elo entre os vivos e os mortos. Da mesma forma, ela acompanha a história oral e as várias formas de expressão poética dos diversos grupos. Presente em todas as fases do trabalho agrícola – na caça, na pesca, na agricultura, no preparo de alimentos –, a cada etapa da vida humana – nascimento, puberdade, maioridade, casamento, morte e sucessão – corresponde, também, um tipo de música. Na tradição africana, antes de uma criança nascer entoam-se cânticos propiciatórios, para que a mãe tenha um parto feliz. Durante a infância, muitas cantigas acompanhadas de danças, brincadeiras e histórias fazem parte da educação e socialização. Na África, como também lembra Mbabi-Katana, antes do advento da escola moderna, as crianças aprendiam quase tudo por meio de passatempos musicais como as "cantigas de contar". Porém, ainda hoje, nos ritos de iniciação à puberdade, a música tem papel fundamental. E entre inúmeros povos africanos os rituais de casamento continuam a ser verdadeiras óperas populares, com conselhos maternos,

elogios à beleza da noiva e seu traje nupcial e à própria instituição do casamento (*ver GRIOT*). Modernamente, entretanto, sobretudo no ambiente urbano, marcado pelo predomínio do chamado *African pop**, esses laços tradicionais vão cada vez mais se afrouxando. **A música da Diáspora:** Na época colonial, a maior ou menor permissividade dos senhores em relação à prática de folguedos da tradição de seus escravos foi decisiva na criação de uma música menos ou mais africana, nas diferentes partes do continente americano. Daí a menor presença de tambores na música negra dos Estados Unidos, talvez mais rica em soluções harmônicas, se comparada com a do Brasil, do Caribe e da região do Prata, por exemplo. Certamente, as primeiras e principais expressões musicais dos africanos nas Américas foram os cânticos religiosos e de trabalho, além das canções de ninar. Esses cantos, tendo certo contato com a música dos ameríndios e sob a influência das variadas formas musicais europeias, sacras ou profanas, foram dando origem a diversos gêneros musicais, depois disseminados por várias partes do mundo, até se tornarem, graças à indústria do entretenimento, marcas dominantes na música do século XX. O impacto, nesse século, da música de origem africana no segmento popular internacional, e mesmo na música de concerto, foi decisivo. Considerando-se as matrizes norte-americanas, com o blues*, o jazz* e as múltiplas variantes deles oriundas; cubanas, com o *son** e seus derivados; e brasileiras, com o samba* e a bossa nova, é possível afirmar que a partir da década de 1960 a música popular de quase todo o mundo tornou-se caudatária do influxo da Diáspora Africana. Quanto à música popular afro-cubana, é interessante notar seu permanente direcionamento, principalmente a partir da década de 1990, para repertórios ligados à tradição da *santería**, sendo raros os discos ou álbuns sem nenhuma faixa de louvor a um ou vários orixás. *Ver AFRICAN POP*; *CALIPSO*; *CHÁ-CHÁ-CHÁ*; *MAMBO [1]*; *REGGAE*; *RHYTHM-AND-BLUES*; *ROCK-AND-ROLL*; *RUMBA*; *SANTERÍA*; *SOUL MUSIC*.

MÚSICA DE SENZALA. Denominação usual da música instrumental outrora produzida pelas pequenas bandas formadas, no meio rural, por escravos das fazendas e, nas cidades, principalmente por negros escravos ou libertos, em geral trabalhando como barbeiros-sangradores. Também, “ritmo de senzala”. *Ver BARBEIROS, Música de*.

MÚSICA NEGRA no Brasil. Embora definida poeticamente por Olavo Bilac como “flor amorosa de três raças tristes”, a música do povo brasileiro é mais explicitamente caudatária da contribuição africana que da ameríndia, tendo, entretanto, se desenvolvido com base nos cânones europeus. Mas, antes desse desenvolvimento, efetivamente ocorrido a partir da metade do século XIX, já era comum, nas cidades brasileiras, por ocasião das procissões e festas católicas, os negros saírem às ruas com seus urucungos*, quiçanjes* e marimbas*, trazidos da África ou aqui fabricados. No ambiente rural, da mesma forma, faziam música, principalmente ritual, em todas as oportunidades. Vem daí o amplo espectro africano da música folclórica brasileira, com seus sambas, batuques, cocos, corimás, jongos etc., que compõem trilhas sonoras de folguedos, cerimônias religiosas, trabalhos, do cotidiano, enfim. **A base europeia:** Já no século XVII, alguns proprietários, percebendo o potencial musical de seus escravos, procuravam encaminhá-los no conhecimento da teoria musical europeia, objetivando não só lucro como prestígio. O escritor J. R. Tinhorão (1974), por exemplo, informa que, já no ano de 1610, o viajante francês Pirard de Laval surpreendeu-se, no Recôncavo Baiano, com a audição de uma banda musical composta de trinta negros escravos, regidos por um maestro francês. Algum tempo depois, no Rio de Janeiro, padres jesuítas criaram, na Fazenda de Santa Cruz*, uma escola de música para que trabalhadores escravizados aprendessem noções elementares de teoria musical e execução de instrumentos, como mostramos em verbete específico. No Recife, no ano de 1745, o frei Manuel da Madre de Deus, participando de uma novena de são Gonçalo, encantava-se com um solo de marimba executado por um negro, experiência posteriormente relatada em texto publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Naquele mesmo ano, frei Manuel assistiu à exibição de um grupo, na Capela da Sé, em que músicos negros se esmeravam na execução de instrumentos europeus. Outro religioso, o padre francês Courte de la Branchardière, em 1748, no Rio de Janeiro, expressava sua curiosidade com relação aos sons das rabecas tocadas por negros, que dizia ouvir em quase todas as casas da cidade. Nessa época, cada casa de refeições nas ruas centrais da cidade tinha obrigatoriamente à porta, como chamariz, um tocador de rabeca, não raro um escravo cego. Na virada do

século XVIII para o XIX, de acordo com Tinhorão, os membros da família de João Alves Feitosa – rico proprietário agrícola do Ceará –, em suas visitas à capital, faziam-se sempre acompanhar de uma banda musical integrada por escravos. O imperador dom Pedro I manteve, por sua vez, na Quinta da Boa Vista, uma banda conhecida como "Orquestra dos Pretos de São Cristóvão". Em Feira de Santana, na Bahia, por volta de 1865, a fazendeira Raimunda de Jesus mantinha – ainda segundo Tinhorão –, com fins lucrativos, uma banda composta só de escravos, inclusive o mestre. Em paralelo, surgiam espontaneamente nas cidades, sobretudo no Rio de Janeiro e em Salvador, as legendárias músicas de barbeiros*. Na história musical do Rio de Janeiro imperial, a mencionada Orquestra dos Pretos de São Cristóvão tem papel essencial. **A música popular instrumental:** A Orquestra de São Cristóvão parece ter sido a fecunda semente da qual se originaram as bandas militares, de tão grata tradição na música brasileira, entre as quais a mais célebre e duradoura é a Banda do Corpo de Bombeiros, em plena atividade desde 1896. Organizador e primeiro mestre desse importante grupo orquestral, Anacleto de Medeiros* foi o criador do xote brasileiro – antes *schottisch*, "escocês". Quinze anos mais moço que ele, outro expoente da música instrumental brasileira na virada do século foi Patápio Silva*, tido, quase por unanimidade, como o maior flautista brasileiro. Curiosamente, também exerceu o ofício de barbeiro, e integrou várias bandas de música em cidades mineiras e fluminenses. Além de Patápio Silva e Anacleto de Medeiros, devem ser mencionados como ilustres representantes da música instrumental brasileira no início do século: Cândido Pereira da Silva, o Candinho Trombone*; Irineu de Almeida, o Irineu Batina*, oficleidista; Malaquias, requintista e líder da Banda da Casa Edison; João da Harmônica; e Bonfiglio de Oliveira, virtuose do trompete. Contudo, o músico-símbolo dos instrumentistas negros brasileiros, talvez o mais completo de todos, é Pixinguinha*, intérprete, orquestrador e regente a cuja volta brilharam, no cenário artístico brasileiro, músicos como Donga*, Alfredinho Flautim*, Tute, tido como o inventor do violão de sete cordas, Sebastião Cirino*, que, na década de 1940, organizou no Cassino Atlântico uma orquestra só de negros, entre outros. Nos anos de 1930, com o Estado Novo, o ensino de música é incrementado nas escolas da rede pública de ensino. Formam-se,

então, na antiga capital da República, bandas escolares famosas, como as das escolas técnicas Visconde de Mauá, Ferreira Viana e João Alfredo, e afirma-se a da legendária "Escola Quinze" (Instituto Profissional Quinze de Novembro), criada no século XIX. Constituídos em internatos profissionalizantes, destinados a menores necessitados, esses conjuntos, assim como as bandas de corporações militares, sempre contaram com percentual significativo de aprendizes e músicos negros, e formaram instrumentistas como o legendário maestro Paulo Silva*, fecundo compositor erudito e catedrático do Instituto Nacional de Música; o maestro Moacir Santos*, sargento-músico nascido em Pernambuco; o maestro Ivan Paulo da Silva, o Carioca*, ex-trombonista da Força Pública do Estado de São Paulo; Astor Silva*, trombonista, arranjador e regente; e os saxofonistas Juarez Araújo* e Oberdan*, entre outros. Por outro lado, alguns dos maiores instrumentistas negros do país, embora pobres, desenvolveram seu talento no ambiente familiar ou como autodidatas. Foi o caso de Paulo Moura* e do saxofonista Moacir Silva*, ambos filhos de mestre de banda; dos virtuoses do trombone Norato* e Raul de Barros*; do guitarrista Bola Sete*, falecido nos Estados Unidos; do saxofonista Cipó*, considerado um dos maiores improvisadores do jazz; do baterista Wilson das Neves* etc. Esses instrumentistas, arranjadores, regentes e chefes de orquestra afrodescendentes foram os responsáveis pela linguagem que dominou a vida musical brasileira da década de 1930 à de 1960, no disco, no rádio, no cinema, nos bailes, nos shows e na nascente televisão. **A canção popular:** O impacto do encontro, no Brasil, entre as expressões musicais de origem europeia, africana e ameríndia gerou um dos conjuntos mais significativos da música universal, revelando formas, estilos e talentos exemplares, principalmente no campo da canção popular. Fundamentado sobretudo no lundu* e na modinha, na época imperial, esse conjunto é que vai, no ambiente urbano, gerar o samba e, no ambiente rural (assimilando outras influências), tudo que se convencionou chamar "música regional". Sobre o samba*, focalizado no respectivo verbete, é interessante observar que, depois de se multiplicar em diversas formas e estilos, desde pelo menos a década de 1960 experimentou fusões interessantes, como, por exemplo, com o jazz*, o rock-and-roll* e a soul music* dos afro- americanos. Registre-

se, ainda, que, nos anos de 1980, a Bahia difundiu um tipo de canção popular que tem por substrato o ritmo dos candomblés, mesclado, por vezes, a informações da música caribenha, notadamente de Cuba e da Jamaica. *Ver BANDAS MILITARES*; *CANTO LÍRICO*; *ORQUESTRA DOS PRETOS DE SÃO CRISTÓVÃO*; *SAMBA [1]*; *SANTA CRUZ, Fazenda de*.

MÚSICA SETECENTISTA MINEIRA. O Ciclo do Ouro* e a criação da capitania das Minas Gerais motivaram os mulatos locais a buscar posições independentes na nova sociedade, provocando sua ascensão por meio da prática de várias atividades e, notadamente, pela música. Vários desses afrodescendentes, sobretudo entre os anos de 1787 e 1790, conduziram a música mineira a um destaque sem precedentes. Chegavam, segundo Curt Lange (1966), a mais de mil, e só em Vila Rica atuavam 250 músicos profissionais, entre compositores e executantes. Graças ao ouro e aos diamantes, músicos mulatos, como Lobo de Mesquita*, Marcos Coelho Neto* e Francisco Gomes da Rocha*, levavam uma vida digna, que lhes proporcionava a oportunidade e o conforto necessários para aperfeiçoar sua técnica e elaborar um conjunto de obras musicais de altíssimo nível.

MUSINGA (século XVIII). Chefe dos becu-musingas ou negros matuaris, *maroons** da Guiana. Em 1767, depois de encarniçada resistência, concluiu um acordo de paz com os holandeses, após os armistícios por eles firmados com os djukas* (1761) e os saramacas* (1762).

MUSSÁ I. *Ver KANKU MUSSÁ*.

MUSSUM (1941-94). Nome artístico de Antônio Carlos Bernardes Gomes, sambista e ator humorístico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em São Paulo, SP. Depois de fazer parte do grupo musical Os Originais do Samba*, iniciou carreira na televisão como comediante, integrando o grupo Os Trapalhões, com o qual estrelou durante vários anos um programa semanal na principal emissora brasileira e fez cerca de quarenta filmes dirigidos ao público infantil, todos de grande bilheteria.

MUSSUMBA. Palácio real; residência de governante africano. O termo é empregado por Rocha Pombo, em sua *História do Brasil*, de 1958, no contexto dos quilombos de Palmares*. Provavelmente, do quioco *mu-sumba*, "acampamento de campanha".

MUSSURUNGA, Domingos da Rocha (1807-56). Nome pelo qual passou à posteridade Domingos da Rocha Viana, compositor e poeta nascido e falecido em Salvador, BA. Participou das lutas pela independência e da Sabinada*, em 1837. Adotou a denominação "Mussurunga" em alusão aos ferimentos sofridos no engenho de mesmo nome, durante as lutas de 1822. Compositor, deixou um te-déum, escrito para a coroação de dom Pedro II, extensa produção em música sacra e inúmeras criações em música popular, entre modinhas, quadrilhas, valsas, o famoso lundu *Onde vai, senhor Pereira de Moraes?* e o dueto *A negra do mungunzá*, encenado com grande êxito, inúmeras vezes, na capital baiana. Publicou também um *Compêndio de música* (1834), popularmente conhecido como *Artinha Mussurunga*, além de poesias satíricas. Algumas publicações grafam seu nome como "Moçurunga".

MUTABARUKA. Nome adotado por Allan Hope, poeta jamaicano nascido em Kingston, em 1952. Adepto do rastafarianismo* desde a década de 1970 e fortemente influenciado pela ideologia do Black Power*, tornou-se conhecido em 1982 por seu trabalho no gênero de poesia conhecido como *dub poetry**. Sua produção pode ser apreciada com base, principalmente, nos LPs *Revolutionary poets*, *Back to Africa* e *Back to nature*, bem como no CD retrospectivo *Mutabaruka: the ultimate collection* (1996).

MUTACALOMBO. Nos candomblés bantos, entidade correspondente ao Oxóssi iorubano. Do quimbundo *Mutakalombu*, entidade dos ambundos ligada aos animais aquáticos. Segundo Redinha (1984), o elemento *muta* é usado pelos quiocos para designar um amuleto de caça.

MUTALAMBÔ. Variante de Mutacalombo*.

MUTAMBA, Rufino José (século XIX). Médico militar brasileiro nascido e falecido na Bahia. Quando de sua morte, era primeiro-tenente médico do Corpo de Saúde do Exército.

MUTA. Entre os músicos de Nova Orleans* no início do século XX, um dos nomes da maconha*.

MUTEQUE. Indivíduo de um grupo étnico africano mencionado nos registros do tráfico escravo. De *teke* (tequê): plural *bateke* (batequê), singular *muteke*, grande grupo étnico banto. *Ver ANGICO.*

MUTETO. Na umbanda, balanceio de cabeça do médium em transe. Do quimbundo *mútue*, "cabeça", provavelmente pela locução *mútue'etu*, "nossa

cabeça”. *Ver* CAMUTUÊ.

MUTUNGO. Berimbau, urucungo*. O termo é provável alteração de mucungo, o mesmo que mutamba, árvore da família das tiliáceas, em alusão à vara do instrumento.

MUXACÁ. Uma das três partes ou subdivisões do ingorossi*.

MUXAXA. Árvore originária de Angola, da qual alguns elementos são usados em rituais de cultos afro-brasileiros.

MUXINGA. Chicote; surra. Do quimbundo *muxinga*, “açoite”. Em Cuba, nas casas de culto da *regla kimbisa**, denomina-se *musinga* o chicote com que o fiel se flagela em penitência. Nessa linha ritual, as *ngangas** (“assentamentos”) recebem duas *musingas* cruzadas.

MUXINGUEIRO. Carrasco, algoz; homem encarregado de açoitar escravos. De muxinga*.

MUXOXO. Som brando, espécie de estalido que se produz com a língua para demonstrar enfado ou desdém. Segundo Câmara Cascudo (1976), o termo veio de Angola, onde, até a independência, era forma de expressão comum entre os nativos, principalmente entre as mulheres, e nunca entre os portugueses. Do quimbundo *muxoxo*, “som de escárnio”; de *ku-xoxa*, “escarnecer”.

MUZAMBÊ. Em terreiros paraibanos, resposta do pai de santo* à bênção que lhe foi pedida pelo filho.

MUZANZEIRO. Epíteto aplicado aos jovens negros de Salvador, BA, no final dos anos de 1980. De Muzenza*, nome de uma das principais agremiações do carnaval afro-baiano, certamente como variante de “muzenzeiro”.

MUZENZA. Em candomblés de nação angola, filha de santo*; primeira dança pública das recém-iniciadas. O vocábulo também dá nome a um bloco afro* fundado no bairro da Liberdade*, em Salvador, BA, em 1981. Do quimbundo *munzenza*, “ignorante”; ou do quicongo *muzenze*, “pronto”, “preparado”.

MUZUNGUÊ. Caldo, canjica. Do quiconco *muzóngi*, “sopa”, “caldo”.

MUZUNGU. Qualificativo outrora aplicado, pelos negros, no Brasil, ao indivíduo europeu.

MV BILL. Nome artístico de Alex Pereira Barbosa, rapper brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1974. Favelado do bairro Cidade de Deus, na década de 1990, ao procurar denunciar a opressão dos moradores das favelas e da periferia, tornou-se o mais conhecido rapper carioca, tendo sido inclusive absorvido pela indústria do entretenimento. Não obstante, em 2001 permanecia coerente com sua linha de atuação, sendo um dos fundadores do anunciado Partido Popular Poder para a Maioria (PPPOMAR), gerado no seio do movimento negro*.

MV Bill

MYAL. Antigo culto afro-jamaicano, tido como de origem fânti-axânti, também conhecido como *myalism*. Seu sacerdote, exorcista e ervanário, é chamado *myalman*. O culto, cuja influência decaiu na metade do século XIX, provavelmente se tornou o que hoje se conhece como *kumina**.

MYALISMO. Forma aportuguesada de *myalism*. *Ver* MYAL.

N

N'ÂME. No sistema filosófico do vodu haitiano, o "espírito da carne", que possibilita o funcionamento de cada célula do corpo e que, após a morte e o enterro, vai-se transferindo para os organismos do solo, em um processo que se completa ao final de, aproximadamente, dezoito meses.

N'DIAYE ROSE, Doudou. Percussionista senegalês nascido por volta de 1930 e radicado em Paris. Virtuose da percussão *sabar*, típica da etnia uolofe, é considerado um dos maiores músicos de seu tempo em todo o mundo. Reconhecido como uma espécie de embaixador cultural de seu país, atuou ao lado de Dizzy Gillespie*, Miles Davis*, Rolling Stones, Peter Gabriel e outros astros da cena musical internacional.

N'DOUR, Youssou. Cantor senegalês nascido em Dacar, em 1959, e radicado em Paris. Cantando em sua língua natal, o uolofe, e divulgando as canções tanto de uolofes quanto de sereres, bambaras e tucolores, é o mestre inconteste do *mbalax*, gênero musical desenvolvido com base em ritmos

tradicionais senegaleses, e um dos maiores nomes da música africana na Europa.

N'GOLO. Dança-luta do Sul de Angola, ligada a ritos de iniciação masculina. Caracteriza-se por embate de mãos abertas, com exibição de habilidade no ataque e defesa. Tida como matriz da capoeira brasileira, é igualmente executada ao som de um arco sonoro. O nome está relacionado ao quicongo *ngolo*, "violência", "força", "energia". Em Luanda, manifestação semelhante recebe o nome de "bassula".

NÃ ETÊ. *Ver NAETE.*

ÑA TEGUÉ. *Ver ZULUETA, Ma Florentina.*

NAACP. Sigla da National Association for the Advancement of Colored People (Associação Nacional para o Progresso da Gente de Cor), entidade fundada nos Estados Unidos em 1909. No ano de 1999, contando com cerca de meio milhão de associados, abria um processo contra a indústria de armas nos Estados Unidos, incluindo distribuidores e importadores, com o objetivo de mudar os procedimentos desse setor. O principal argumento foi o de que tal indústria produz mais do que a demanda, criando, dessa forma, um nicho de mercado para o qual não importam possíveis antecedentes criminais dos compradores. Segundo estatísticas da NAACP, crimes cometidos com armas ilegalmente compradas são a principal causa de morte entre negros americanos, notadamente jovens na faixa de 15 a 24 anos de idade.

NABURU. Em Cuba, um dos caminhos ou qualidades do orixá Ossum*.

NAÇÃO. Designação arbitrária da origem dos africanos trazidos para as Américas como escravos. Estabelecida, geralmente, com base no nome da região de onde provinham ou do porto onde eram embarcados, ela quase nunca esclarece a real identidade étnica desses africanos. Assim, por exemplo, sob a simples denominação "angola" podemos encontrar indivíduos dos ambundos, luandas, luangos, dembos, jingas, bangalas, songos, libolos (rebolos) etc. O vocábulo designa também as unidades de culto, caracterizadas pelo conjunto de rituais peculiares aos indivíduos de cada uma das divisões étnicas que compunham, real ou idealizadamente, a massa dos africanos vindos para as Américas. Exemplos: a nação ketu; a nação angola etc. "De nação" é expressão usada para designar determinada linha de culto tida como africana em relação a outra já abrasileirada ou

crioulizada. O termo nomeia, ainda, cada uma das confrarias ou irmandades de negros que, no Brasil e na América hispânica (*nación*), se reuniam e organizavam politicamente, em função de laços étnicos reais ou idealizados.

NAÇÃO DO ISLÃ. Organização político-religiosa de muçulmanos negros nos Estados Unidos, criada como seita por Wallace Fard ou Fard Muhammad, em 1930. Com o nome de Black Muslims e sob o comando de Elijah Muhammad, tornou-se um dos redutos da luta pelos direitos civis da população negra. Em 1964, um de seus líderes, Malcolm X*, retirou-se da organização, provocando uma cisão e sendo assassinado no ano seguinte. Após esses acontecimentos, Louis Farrakhan* assumiria a liderança da entidade. *Ver MOORISH SCIENCE TEMPLE OF AMERICA.*

NACIONALISMO NEGRO (*Black nationalism*). Expressão usada, nos Estados Unidos, para nomear o movimento político-social da população afrodescendente compreendendo desde as iniciativas de volta à África, do início do século XX, até as modernas expressões de afirmação da identidade afro-americana. O vocábulo “nacionalismo” tem como uma de suas acepções a de movimento social impulsionado por um grupo que, por seus elos étnicos, linguísticos e culturais, toma consciência da necessidade de formar uma comunidade diferenciada.

NACÔ. Fórmula de tratamento de vodum masculino para vodum feminino, significando “senhora”. O termo está ligado ao fongbé *non*, “mãe”.

NADIAMBA. Um dos nomes da maconha*.

NADINHO DA ILHA (1934-2009). Nome artístico de Aguinaldo Caldeira, cantor, compositor e ator nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Ligado, por laços familiares, ao núcleo fundador da tradicional escola de samba Unidos da Tijuca*, iniciou carreira profissional na década de 1940, pelas mãos de Geraldo Pereira*, atuando como ritmista. Cantor de voz encorpada, na década de 1970 gravou discos e, por conta de seu talento histriônico e do tipo marcante, participou de programas humorísticos na televisão. Em 1978 integrou o elenco da montagem carioca da *Ópera do malandro*, de Chico Buarque. Sua voz pode ser ouvida, entre outros registros, no CD *O Samba bem-humorado de Nadinho da Ilha* e em parte da trilha sonora do livro-CD *Mestre Pixinguinha para crianças*, organizado por Carlos Alberto Rabaça, ambos lançados em 1999.

NADOPÊ. Cerimônia privada de agradecimento e despedida, no encerramento das festas da Casa das Minas*. Também, anadopé.

NADYLAM, William. Ator francês nascido em Montpellier, em 1967. Filho de pai camaronês e mãe indiana, passou boa parte de sua infância na África. Ex-estudante de medicina em Paris, em 1993 iniciou carreira no teatro, tornando-se, seis anos depois, o primeiro negro a viver, na França, o papel de Rodrigo Díaz de Vivar em *El Cid*, texto clássico de Pierre Corneille. Em 2002, interpretaria o papel principal de *Hamlet*, de Shakespeare, na montagem do diretor inglês Peter Brook.

NAÉ. Vodum feminino da família Davice, considerado ancestral da família real de Abomé e mãe de todos os voduns. Do fongbé *naié*, "mulher do rei".

NAEDONA. Vodum feminino da família Davice, mulher de Dadarrô. Provavelmente, do fongbé *non mê ton non*, "avó materna".

NAEGONGON. O mesmo que Naedona*.

NAETE. Vodum marinho do povo fon*. Sua atuação se manifesta por meio das chuvas que caem nas vastidões oceânicas. É irmã gêmea de Agbe e filha de Sogbo, divindade suprema do panteão So.

NAFREQUETE. O mesmo que Aniflaquete*.

NAGO CULT. Na Jamaica, denominação do culto aos orixás iorubanos.

NAGÔ. Nome pelo qual se tornaram conhecidos no Brasil os africanos provenientes da Iorubalândia*. Segundo R. C. Abraham (1981), o nome *nàgó* designa os iorubás de Ìpó Kìyà, localidade na província de Abeokutá, entre os quais vivem, também, alguns representantes do povo popo, do antigo Daomé. O termo proviria do fon *anago*, usado outrora com o significado pejorativo de "piolhento". Isso porque, segundo a tradição, os iorubás, ao chegarem à fronteira do antigo Daomé, fugindo de conflitos interétnicos, vinham famintos, esfarrapados e cheios de piolhos. Segundo W. Bascom (1969), o nome *nàgó* ou *nago* se refere ao subgrupo iorubá *Ifonyin*. Na Jamaica, o nome *nago* designa o culto de origem iorubá. *Ver IORUBÁS*; *LUCUMÍ*; *QUETO*.

NAGOAS. Denominação de uma malta de capoeiras que dominou a periferia do centro velho da cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas da monarquia. Sua denominação parece estar relacionada à forte presença de

praticantes de tradições iorubanas (nagôs) na área mais tarde conhecida como Pequena África*.

NAGÔ-GENTIL. Uma das nações da mina* maranhense. O segundo elemento da expressão parece ser corruptela de "gentio" – indígena –, denunciando uma forma sincrética.

NAGÔ-MALÊ. Negro iorubano islamizado.

NAGONO. Termo que precede os nomes dos voduns gêmeos Toçá e Tocê. Provavelmente, do fongbé *anagonu*, "nagô", "iorubano".

NAGÔS, Levante dos. *Ver BAHIA [Levantes de escravos].*

NAGÔ-TEDÔ. Antigo lugar na cidade de Salvador, BA, no alto da subida do Alvo, onde se concentravam os negros nagôs. Do iorubá *tèdó*, "formar um estabelecimento", "construir uma nova cidade", "ser o fundador de uma nova cidade".

NAGÔ-VODÚNSI. Denominação de uma das nações do candomblé baiano, que combina práticas rituais nagôs e jejes. Também, nagô-vodum. *Ver VODUNCE.*

NAI TARANDÊ. Expressão ritualística repetida pelos voduns que se arrastam na esteira ou no chão quando têm de se desincorporar.

NAIADONA. Variação de Naedona*. Também, Naiadono.

NAITÉ. O mesmo que Anaité*.

NAJAC, Paul E. Poeta haitiano nascido em Porto Príncipe, em 1928. É autor de um único livro de poesias publicado, *Amour, délices et orgues* (1949).

NAJÉ. Tipo de cerâmica nordestina ligada a rituais de determinados orixás. O otá* de Logun-Edé fica, tradicionalmente, em um prato najé.

NAMBA. Um dos nomes da maconha*.

NAMÍBIA, República da. País localizado no Sudoeste africano, com capital em Windhoek. Suas populações autóctones compreendem bosquímanos, hotentotes e namas. Os povos bantos (ovambos, damaras, hereros, kavangos etc.) chegaram à região em sucessivas ondas migratórias, vindos da região dos Grandes Lagos, em direção ao Sul do continente.

ÑAMIÑAMI. Em Cuba, à época escravista, voz expressiva usada para com os negros boçais significando a comida ou o ato de comer.

NAN AGOTIMÉ. Uma das formas pelas quais é mencionada a rainha daomeana Agotimé*. O termo *nan* é corruptela do fongbé *non*, correspondente ao português "mãe", "senhora". Vale considerar também a forma *Na*, presente em vários nomes de origem daomeana nesta obra.
NANÃ. Redução de Nanã Borocô*.
NANÃ BOROCÔ. Variação de Nanã Burucu*.
NANÃ BORUTU. Variação de Nanã Burucu*.
NANÃ BURUCU. Orixá de origem jeje ou vodum, cultuado na mina, no candomblé e na umbanda. Na África, é divindade cultuada da antiga Iorubalândia até a região dos tapas, além do rio Volta, na região dos guangs, até o território dos axântis. Entre estes, *nana* é termo de deferência para pessoas idosas e respeitáveis. O povo bambara, do Mali, cultua uma entidade chamada Nan-Woloko, nome de sonoridade semelhante a Nanã Borocô*. Para os iorubás de Ketu, Nanã Buruku é a mãe mais antiga, representada pelas águas paradas dos lagos e pela lama dos pântanos, de onde tudo se originou; é o princípio da fertilidade, enfim.
NANÃ BURUQUÊ. Variação de Nanã Burucu*.
NANÃ GIÊ. Entidade do catimbó*; espírito feminino das águas, a qual, trabalhando no fundo do mar, protege especialmente as mulheres. *Ver NANÃ.*
NANÃ IEUÁ. Orixá cultuado na Casa de Nagô, em São Luís do Maranhão. *Ver NANA*; *EUÁ*.
NANÁ VASCONCELOS. *Ver VASCONCELOS, [Juvenal de Holanda, dito] Naná.*
NANAMBIOCO. Variação de Nanã Borocô*.
NANDA. Tambor médio do povo djuka do Suriname.
NANGALÉ. Em Cuba, cerimônia ritual realizada ao amanhecer, após um grande ebó*. Nela, os fiéis, dançando em torno de uma grande vasilha contendo dengué*, enchem uma pequena tigela, elevam-na na direção do sol, pedem as bênçãos de Olorum* e, depois, ingerem o alimento. Diz-se, também, *nangaré* ou *nangareo*.
ÑANGUÉ. Em Cuba, espécie de *chamico**.
ÑÁÑIGO. Em Cuba, denominação de cada um dos membros da sociedade *abakuá**. Pronuncia-se "nhânhigo".

NANIM. O mesmo que Ananim*.

NANNY (séculos XVII-XVIII). Líder *maroon* da Jamaica*. Negra livre, de origem axânti, era mencionada como irmã de Cudjoe*, também importante chefe *maroon*, e casada com um homem de prestígio em sua comunidade, mas que não participava das atividades bélicas de seu povo. Essa comunidade teria sido fundada nos anos de 1690, e, quando os ingleses a localizaram, na década de 1730, era um núcleo muito bem organizado onde, sob a liderança de Nanny, mulheres e crianças eram enormemente respeitadas, recebendo atendimento prioritário nas ocasiões de guerra. Depois da primeira investida inglesa contra a vila conhecida como Nanny Town, em 1730, crianças e mulheres foram mandadas para as então organizadas cidades das mulheres e das crianças, nas montanhas John Crown, em terras que depois se denominaram Moore Town. E, enquanto Nanny liderava a batalha contra a escravidão na parte oriental do território jamaicano, Cudjoe e Accompong lutavam na parte ocidental. Segundo versão esposada por Benjamin Nuñez (1980), Nanny teria sido morta em 1733, a mando dos ingleses, por um certo "escravo Cuffee", sendo o assassino recompensado pelo seu feito. De acordo com outra versão, em 1739 Cudjoe teria assinado um tratado de paz com os ingleses, em troca de 1.500 acres de terra e liberdade total. Conta-se que esse acordo teria desagrado a Nanny, mas, quatro meses depois, ela era levada a fazer o mesmo, garantindo para seu povo seiscentos acres e a promessa de liberdade. A comunidade de Nanny, Moore Town, sobrevive até os dias atuais, juntamente com outros núcleos, como Charles Town e Accompong, todos habitados por *maroons* descendentes. Os ligados a Nanny são os *maroons* de Winward, estabelecidos cem milhas a leste da região de Cockpit Country. Líder política e religiosa de seu povo, além de um dos símbolos mais eloquentes do matriarcado africano nas Américas, Nanny, a Grande Mãe jamaicana, é celebrada, hoje, como a heroína nacional de seu país e reverenciada sob o epíteto *the Right Excellent Nanny*, ou seja, "a Excelentíssima Nanny".

NANOMBEBE. Uma das toboces* da Casa das Minas. Provavelmente, da expressão em fongbé *nounon gbêgbê*, "dona da melancia". Os nomes das toboces, como dos erês, são sempre infantilmente cômicos ou poéticos.

NANTES. Cidade portuária da França, sede do departamento de Loire-Atlantique. Foi o mais movimentado e próspero dos portos franceses envolvidos no tráfico de africanos para as Américas.

NAPATA. Antiga cidade da Núbia*, situada na jusante da quarta catarata do rio Nilo. No oitavo século antes de Cristo, tornou-se a capital do Estado constituído pelo povo de Cuxe*.

NAPOLEÃO, José (século XIX). Herói da abolição no Ceará; jangadeiro e ex-escravo, participou do célebre episódio do Dragão do Mar*, em 1884, e tornou-se famoso por ter conseguido alforria para si e toda a sua família.

NÁPOLES [Baracoa]**, Simón** (século XIX). Militar cubano, comandante de tropa do Exército Libertador e grande colaborador do general Guillermo Moncada* durante a guerra de 1895. Foi, também, dirigente do importante *cabildo* Izuama.

NARBONA (século XIX). Militar argentino, comandante, depois de 1835, do batalhão Restaurador de las Leyes, tropa de negros do ditador Juan Manuel de Rosas.

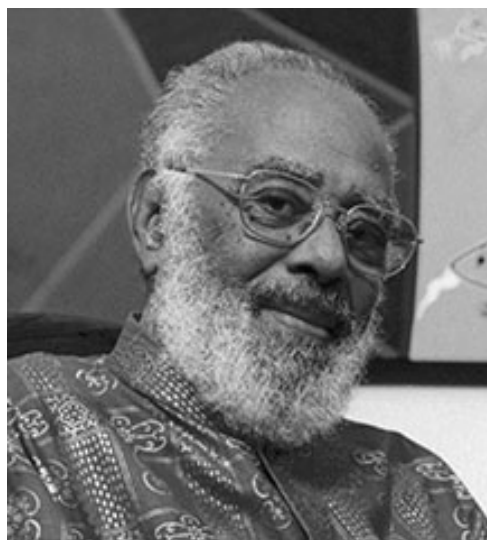
NARRATIVAS DE ESCRAVOS. Em 1760, na cidade de Boston, capital do estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, Britton Hampton publicava o primeiro livro sobre as experiências de um escravo no cativeiro. A partir de então, outros escravizados em território americano passaram a registrar em livro sua experiência, quase sempre incentivados por militantes abolicionistas. Assim ocorreu com James Albert, em 1770; John Marrant, na década seguinte; Olaudah Equiano*, Quobna Ottobah Cugoano*, Josiah Henson*, William Wells Brown*, Mahommah Gardo Baquaqua*, escravo no Brasil, entre outros. Em 1999, foi publicado, nos Estados Unidos, o livro *I was born a slave*, uma antologia dessas narrativas (organizada por Yuval Taylor), compreendendo o período entre 1770 e 1849.

NARRUNÓ. Sacrifício cerimonial e privado de animais dados em oferenda aos voduns. Termo ligado ao fongbé *hou* (pronuncia-se "ru"), "matar".

NASCENTES, Antenor [de Veras] (1886-1972). Filólogo e lexicógrafo brasileiro, nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Autor de vasta obra publicada, trabalhou pela afirmação da língua brasileira como elemento constitutivo da personalidade nacional, escrevendo, entre outros livros, *O*

linguajar carioca (1922), *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (1932/1952), *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional* (1944) e *Dicionário da língua portuguesa* (1961/1967).

Antenor Nascentes

NASCIMENTO, Abdias [do]. Político, artista e escritor brasileiro nascido em Franca, SP, em 1914. No ano de 1944, fundou, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro (TEN), o qual formou a primeira geração de atores dramáticos negros no Brasil e propiciou a criação de uma literatura dramática afro-brasileira. Dando sequência a essa iniciativa, instituiu, no ano seguinte, o Comitê Democrático Afro-Brasileiro; organizou no Rio de Janeiro e em São Paulo a Conferência Nacional do Negro e o 10º Congresso do Negro Brasileiro (1948-50); fundou e dirigiu o jornal *Quilombo* (1949-50) e o Museu de Arte Negra (1968). Agitador incansável, realizou, em 1955, um concurso de artes plásticas tendo como tema a personificação de um "Cristo negro", enquanto teve censurada, por sete anos, sua peça *Sortilégio*. No exílio, nos anos de 1970, foi professor na Universidade do Estado de Nova York (Suny) em Buffalo, onde inaugurou a cadeira de cultura africana no Novo Mundo, e diretor do Programa de

Abdias Nascimento

Estudos Porto-Riquenhos. Também, foi professor visitante nas universidades de Yale e Wesleyan, bem como no Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade de Ifé, na Nigéria, de 1976 a 1977. A partir dessa década, tornou-se presença constante em congressos e fóruns antirracistas nos Estados Unidos, na África e no Caribe, constituindo-se na primeira voz brasileira a ecoar no cenário do pan-africanismo. Em 1980 fundou o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro); em 1982 coordenou e presidiu, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o Terceiro Congresso de Cultura Negra das Américas; em 1983 elegeu-se deputado federal pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). Nesse mandato, apresentou o primeiro projeto de política pública de ação afirmativa e cotas para a população afro-brasileira, e, em 1991, assumiu temporariamente o Senado na condição de suplente de Darcy Ribeiro. Com a criação, no Rio de Janeiro, naquele mesmo ano, da Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras (que mais tarde teve o termo "Negras" substituído por "Afro-Brasileiras"), foi chamado a chefiá-la como seu primeiro titular. Em 1997, com o falecimento de Darcy Ribeiro, assumiu efetivamente sua cadeira no Senado, lá permanecendo, com a combatividade de sempre, até 1998, além de editar a importante revista *Toth*. No ano seguinte, foi o primeiro titular da recém-criada Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Além de representar a mais longeva e importante liderança negra no Brasil, destacou-se também como ator, autor teatral, poeta e artista plástico. Autor de *Sortilégio – mistério negro*, drama encenado em 1957 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e no de São Paulo, participou, como ator, das montagens de *Todos os filhos de Deus têm asas*, de Eugene O'Neill (1946); *O filho pródigo*, de Lúcio Cardoso (1947); *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro (1948); *Calígula*, de Albert Camus (1949); *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes (Teatro Municipal do Rio de Janeiro, 1956); *Perdoa-me por me traíres*, de Nelson Rodrigues (Teatro Municipal e Teatro Carlos Gomes, Rio de Janeiro, 1957); *Sortilégio* (Teatro Municipal, 1957) etc., além de protagonizar o *Otelo* de Shakespeare (1946), com Cacilda Becker e sob a direção de Willy Keller. No TEN dirigiu, entre outras montagens, as de *O imperador Jones*, de Eugene O'Neill (1945, 1946 e 1953); *Aruanda* (1948) e

Filhos de santo, de José de Morais Pinho (1949). Como pintor, tem realizado mostras de sua arte no Brasil e no exterior. E sua obra publicada inclui, entre outros textos, os ensaios *O negro revoltado* (1968), *O genocídio do negro brasileiro* (1978), *O quilombismo* (1980) e *Sitiado em Lagos* (1981). Professor emérito da Universidade do Estado de Nova York e doutor *honoris causa* pelas universidades Federal da Bahia (UFBA) e do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), na década de 2000 recebeu diversas láureas da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) por sua atuação na defesa dos direitos humanos, culminando com o prêmio Toussaint L'Ouverture, no encerramento do Ano Internacional Comemorativo da Luta contra a Escravidão e sua Abolição, em 2004.

NASCIMENTO, Adelelmo (1852-98). Músico brasileiro nascido em Feira de Santana, BA, e falecido em Paris, França. Violinista, sucedeu o pai, José Francisco do Nascimento, como mestre de capela da Sé de Salvador, e foi, mais tarde, regente da orquestra do Teatro São João. Em 1883, radicado em Manaus, foi regente da cadeira de música e canto coral do Instituto Normal e Superior e, em 1897, fixou residência em Paris. Entre as poucas composições que deixou publicadas está uma missa dedicada a Nossa Senhora da Boa Esperança. Na área da teoria musical, publicou dois livros, editados em Manaus, em 1904, e no Rio de Janeiro, em 1916.

NASCIMENTO, Álvaro [Pereira do]. Historiador brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1965. Filho de família humilde do subúrbio carioca, fez um curso profissionalizante e foi operário de construção civil. Formado pela Universidade Federal Fluminense aos 30 anos de idade, é autor da tese de mestrado *Marinheiros em revolta: recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra (1880-1910)*, defendida em 1997 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e do livro *A ressaca da marujada* (2001), sobre o mesmo assunto (a Revolta da Chibata*), cujo conteúdo obteve o segundo lugar no Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa em 1999. Em 2002, conquistou o título de doutor, com a tese *Do convés ao porto: a experiência dos marinheiros e a revolta de 1910*.

NASCIMENTO, [Maria] **Beatriz** (1941-95). Historiadora e professora nascida em Aracaju, SE, e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Participou

do processo de fundação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Faculdade Cândido Mendes e de várias organizações do movimento negro. Foi professora do Instituto Superior de Estudos Brasileiros e Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e roteirista e narradora do documentário de longa-metragem *Ôrí* (1989), dirigido por Raquel Gerber. *Ver ORI [1].*

NASCIMENTO, Deusdeth [Gomes do]. Médico brasileiro nascido na Bahia, em 1949, e radicado na cidade do Rio de Janeiro. Filho de humildes trabalhadores rurais do interior baiano, formou-se pela Universidade Católica de Salvador (UCSal). Ortopedista renomado, é pós-graduado pela Université Pierre et Marie Curie, em Paris, França.

NASCIMENTO, Francisco do (séculos XIX-XX). Ator brasileiro ativo no Rio de Janeiro. Conhecido como "Chico Francisco de São Francisco", foi um aplaudido palhaço nos picadeiros cariocas, rivalizando com Eduardo das Neves*, que, embora mais jovem, foi seu contemporâneo.

NASCIMENTO, Francisco José do (século XIX). Herói da abolição no Ceará. Ex-escravo, estabeleceu-se transportando, em uma jangada, mercadorias entre os litorais cearense e pernambucano. Em 1884, recusando-se a transportar escravos e liderando um movimento com o objetivo de extinguir essa modalidade de tráfico, tornou-se um símbolo da abolição da escravatura em seu estado, passando a ser conhecido como "Dragão do Mar". Em 1884, homenageado solenemente no Rio de Janeiro pelo comandante da Escola de Tiro de Campo Grande, foi um dos pivôs da chamada "Questão Militar". Mas seus dias de glória pouco duraram, como mostra o seguinte registro de seu diário íntimo: "Nunca pensei passar por uma vergonha como a de hoje. Fardado de oficial superior da gloriosa Guarda Nacional, ao passar pela Praça do Ferreira, um grupo de senhores mangou de mim" (conforme Edmar Morel *apud* Gilberto Freyre, 1951, vol. 2, p. 543).

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Professor brasileiro nascido em São Paulo, em 1946. Atuou como diretor do Centro de Ciências Humanas e Saúde da Universidade Braz Cubas (UBC), em Mogi das Cruzes, SP, e é professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

NASCIMENTO, João de Deus do (1771-99). Revolucionário brasileiro nascido na Vila de Cachoeira e falecido em Salvador, BA. Alfaiate, filho de um homem branco com uma parda forra, participou da Conjuração Baiana de 1798 – a Revolução dos Alfaiates*. Foi enforcado em praça pública e teve partes de seu corpo espalhadas pelas ruas de Salvador.

NASCIMENTO, Milton [Silva Campos do]. Cantor e compositor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1942, e radicado, desde a infância, em Minas Gerais. Seu estilo incorpora elementos da cultura mineira ao pop internacional, o que lhe valeu reconhecimento por parte da crítica internacional e de prestigiosos músicos norte-americanos como Wayne Shorter e Sarah Vaughan, entre outros, que gravaram composições de sua autoria.

NASCIMENTO, Norton (1962-2007). Ator brasileiro nascido em Belém do Pará. Com carreira televisiva iniciada em 1981 na TV Bandeirantes, em São Paulo, conseguiu grande destaque na Rede Globo, em atrações como a novela *A próxima vítima* (1995), na qual personificou um dos filhos de uma família negra de classe média, bem como as minisséries *Agosto* (1993) e *Chiquinha Gonzaga* (1999). Integrou também o elenco do filme *Carlota Joaquina* (1995), de Carla Camurati. Submetido a transplante de coração em 2003, quatro anos depois veio a falecer.

NASCIMENTO, Sebastião [José Florentino do] (1897-1996). Professor, jornalista, economista e contador brasileiro nascido em Pernambuco e falecido na cidade do Rio de Janeiro, onde se radicara em 1930. Fundador e diretor de um colégio no subúrbio carioca, foi também diretor do jornal *O Radical*, e ocupou cargos de direção no antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETC), no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Teatro Municipal e no Ministério do Trabalho. Nos anos de 1980, depois de formar-se em Direito com 84 anos, foi presidente da Fundação Estadual do Menor (Feem), no Rio de Janeiro. Por esse trabalho, recebeu Medalha de Honra ao Mérito e homenagem especial do Segundo Congresso Nacional de Direito do Menor.

NASCIMENTO, Wagner do (1936-2007). Político brasileiro nascido em Uberaba, MG. Formado em Engenharia, foi o primeiro prefeito

afrodescendente de sua cidade natal (1983-88), a qual sediou, em sua gestão, importantes encontros de entidades do movimento negro.

NAT TURNER, Rebelião de. Revolta de escravos ocorrida nos Estados Unidos em 1831. É considerada a mais importante sedição dessa natureza ocorrida no país. *Ver TURNER, Nat*.

NATAÇÃO. Esporte aquático de competição. Sobre a propalada inaptidão física dos negros para esse esporte, ver *ESPORTES, Aptidão para*.

NATAL DA PORTELA (1905-75). Nome pelo qual foi conhecido Natalino José do Nascimento, sambista dirigente nascido em Queluz, SP, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Comandante da Portela* dos anos de 1950 até a morte, foi o introdutor da figura do patrono nas escolas de samba. Contraventor do jogo do bicho, foi figura legendária da vida carioca, sendo, por isso, homenageado em sambas de vários compositores portelenses.

NATCHEZ. Antiga nação indígena da América do Norte. Em 1730, quando conflitos de terra entre colonos franceses e o povo natchez fizeram eclodir uma guerra sangrenta, um grande número de escravos fugitivos lutou ao lado desses indígenas em uma malfadada resistência visando salvar as terras sagradas das montanhas de sua nação, no atual Mississippi. Mas os donos da terra foram aniquilados e reduzidos à escravidão, junto com seus aliados negros.

NATERA, Ramón (?-1923). Militar dominicano falecido em San Pedro de Macorís. Comandante da guerrilha que ocorreu em meio à guerra travada por seu país contra os Estados Unidos, entre 1917 e 1922, dedicou sua vida à independência da República Dominicana, morrendo assassinado por uma tropa oficial no ano seguinte à rendição de seu exército.

NATIONAL ASSOCIATION OF COLORED WOMEN (NACW). Organização de mulheres negras fundada em Boston, em 1895. Foi a primeira entidade negra de âmbito nacional criada nos Estados Unidos.

NATIONAL BLACK THEATRE FESTIVAL. Evento realizado bianualmente, desde 1989, em Winston-Salem, Carolina do Norte, Estados Unidos. Idealizado e organizado por Larry Leo Hamlin, é um festival que celebra a energia e a criatividade das artes cênicas afro-americanas.

NATIONAL PANTOMIME. Expressão teatral típica dos negros jamaicanos. Florescida a partir da década de 1850 como recriação de pantomimas do teatro popular inglês, incorporou elementos e personagens do folclore, como Anansi*, Brer Rabbit* etc. As encenações, que mesclam números musicais com cenas cômicas, são interpretadas em linguajar crioulo.

NATIONAL URBAN LEAGUE. Entidade formada em 1910 nos Estados Unidos para apoiar a migração de negros do Sul rural para as cidades do Norte. Seu trabalho, financiado por empresários e filantropos brancos, criou oportunidades profissionais e de moradia. Na década de 1960, principalmente sob a direção executiva de Whitney M. Young, a entidade engajou-se diretamente no combate à discriminação racial.

NATIVIDADE, Joaquim José da (séculos XVIII-XIX). Pintor brasileiro natural de São João del Rei, MG, ativo principalmente entre 1785 e 1830. Suas obras encontram-se nas abóbadas da Matriz de São Tomé das Letras, MG, e na Igreja de São Miguel do Cajuru, em sua cidade natal.

NATIVO. O mesmo que peregum*.

NATURALISTAS, Escravos. Naturalista é o indivíduo habitualmente dedicado ao estudo de plantas, animais ou minerais. Os primeiros naturalistas do Brasil foram cativos e libertos que, no século XIX, em geral a serviço de cientistas estrangeiros, trabalharam na classificação da flora e da fauna brasileiras. De volta a seus países, muitos desses cientistas alforriaram os escravos assim ocupados, os quais, livres, prosseguiram nesse trabalho especializado (conforme Mary Karasch, 1987).

NAU, Família (século XIX). Família de escritores haitianos constituída pelos irmãos Ignace Nau*, poeta; Eugène, dramaturgo e economista; e Émile (1812-60), historiador. Eles representam a primeira geração do romantismo no Haiti.

NAU, Ignace (1812-45). Escritor nascido em Porto Príncipe, Haiti. Frequentou a instituição Jonathan Granville, em sua cidade natal, continuando os estudos em Paris e Nova York. Orador popular e autoridade em história colonial, residiu por algum tempo na França. De volta ao Haiti, recolheu-se ao interior do país. Participou da publicação da *Revue des Colonies*.

NAVAL (1909-96). Pseudônimo de Alcides Santos Coelho, pintor brasileiro nascido em Belém do Pará e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Uma das figuras populares da vida carioca, participava dos desfiles de carnaval registrando em tela os foliões e sambistas em pleno movimento. Alguns de seus trabalhos estão em painéis na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro, e no Palácio do Governo de Belém do Pará.

NAVARRO, Fats (1923-50). Nome artístico de Theodore Navarro, músico americano. Destacado trompetista da orquestra de Billy Eckstine e participante do Jazz at the Philharmonic, foi um dos grandes expoentes do estilo conhecido como bebop*.

NAVARRO, Remígio (século XIX). Professor de piano na atual Argentina, de origem africana. Foi um dos mais prestigiados da cidade de Buenos Aires em sua época.

NAVEGADORES AFRICANOS. *Ver SERTIMA, Ivan Van.*

NAVIO NEGREIRO. Embarcação usada no transporte de escravos negros. A viagem marítima dos africanos escravizados em direção às Américas foi sempre um trágico acontecimento. Em busca de maiores lucros, traficantes e transportadores quase sempre traziam a carga humana em excesso, com alimentação e água insuficientes, em um ambiente quase sem ventilação. Os espaços em que os grupos de escravos se amontoavam, nos porões dos navios, contavam com "prateleiras" cujos compartimentos mediam menos de um metro de altura. Deitados lado a lado, nus e acorrentados, ali mesmo recebiam sua parca alimentação e satisfaziam suas necessidades fisiológicas, sendo vez por outra levados ao convés superior para respirar ar puro e desentorpecer os músculos. A alimentação era, segundo relatos da época, composta em geral de feijão, farinha ou fubá e peixe ou carne, muitas vezes estragados. E a água, quente, suja e racionada, pouco servia para matar a sede. Em face dessas condições, as mortes eram mais que frequentes e a degenerescência física era regra geral. Robert E. Conrad (1985) menciona um navio português que em 1829, capturado no meio do Atlântico depois de dezessete dias de viagem da África para o Brasil, levava a bordo 562 escravos de um total inicial de 617. De um outro, chegado à Bahia em 1735, proveniente de Benguela, e também referido por Conrad, cerca de 12% dos africanos transportados morreram logo após o

desembarque. As causas, varíola, oftalmia, desidratação, infecções de toda ordem, desnutrição, perda do tônus muscular, contraídas a bordo de tumbeiros (*ver TUMBEIRO*) com nomes irônicos como Prazeres, São Joãozinho, Destino, Bom Sucesso, Triunfo Africano, Milagroso, Esperança, Bom Caminho, Gratidão, Bom Fim, Feliz Ventura etc. Para que se tenha melhor ideia dessas trágicas viagens, deve-se considerar que o trajeto de um navio negreiro de Angola até Pernambuco demorava em média 35 dias, e até o Rio de Janeiro, cinquenta dias. Após a proibição do tráfico, sociedades abolicionistas europeias denunciaram o fato de que o policiamento realizado pela Inglaterra, em pleno oceano, fazia que muitos comandantes de navios, ao serem abordados, procurassem se livrar da carga comprometedora jogando-a ao mar. *Ver MIDDLE PASSAGE*.

NAVIZALA. Uma das formas com que se autodenomina, na umbanda, a entidade Caboclo Boiadeiro.

NAZARETH, Elias de Figueiredo (século XIX). Educador brasileiro radicado na Bahia. Diretor da Escola Normal, publicou um compêndio sobre desenho linear e outros trabalhos. Foi comissionado pelo Império para estudar os progressos do ensino primário nas repúblicas do Prata. Representou seu estado em um congresso de geografia realizado em São Paulo.

NDONGO. Na Angola pré-colonial, Estado limitado ao norte pelo Reino do Congo, a leste pela Matamba, ao sul pelos Estados ovimbundos e pela Kisama e a oeste pelo oceano Atlântico. Também designado como Dongo, representa uma das bases territoriais da atual República de Angola*. *Ver NGOLA-A-KILWANGI*.

NECA DA BAIANA (1899-1977). Apelido de Manuel Laurindo da Conceição, sambista nascido em Valença, RJ, e radicado desde os 10 anos de idade no Rio de Janeiro, onde faleceu. Renomado batuqueiro* salgueirense, participou da fundação dos Acadêmicos do Salgueiro*, escola da qual foi figura emblemática, representando, seguidamente, os personagens principais dos enredos de 1960 (*Quilombo dos Palmares*), 1964 (*Chico-Rei*) e 1971 (*Festa para um Rei Negro*).

NECO (1932-2009). Nome artístico de Daudeth de Azevedo, músico nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Exímio executante de violão,

guitarra e cavaquinho, integrou importantes formações orquestrais, principalmente no contexto da bossa nova e do samba-jazz, ao lado de Tenório Júnior, Astor Silva* e outros, tendo também participado de inúmeras gravações e espetáculos como músico acompanhante de cantores como Beth Carvalho. Na década de 2000, reativou, juntamente com Wilson das Neves*, o grupo Os Ipanemas, gravando uma série de discos voltados para o mercado externo.

***NEEDLE MEN* (Homens-agulha).** Crendice de base espírita dos negros de Nova Orleans, Louisiana, nos Estados Unidos. Segundo voz corrente, no outono, os *needle men* se manifestam em todos os lugares. Acredita-se que sejam estudantes de medicina do "Hospital da Caridade", no plano astral, tentando atingir o corpo das pessoas para fazer experiências. As crises de epilepsia e as mortes súbitas, ocorridas nas ruas, são a eles atribuídas.

NEGA DIABA (1938-2001). Nome pelo qual se fez conhecida Teresa Franco, líder comunitária em Porto Alegre, RS, nascida em Rio Pardo, no mesmo estado. Ex-prostituta e ex-presidiária, tornou-se radialista e conquistou, nos anos de 1990, com expressiva votação, mandato popular como vereadora na Câmara Municipal da capital gaúcha.

NEGA MALUCA. Antiga fantasia mascarada do carnaval carioca. Baseada no samba homônimo, sucesso de 1950, caricaturava uma mulher negra, vestida exuberantemente e de comportamento sensualmente escandaloso.

NEGA-MINA. *Ver NEGRA-MINA.*

NEGATIVA. No jogo da capoeira, denominação de qualquer movimento defensivo feito a partir do apoio de mãos ou pés no solo. Não se confunde com a negaça, que é o movimento de defesa feito pelo jogador em pé.

NEGERHOLLANDS. Denominação do crioulo* holandês falado nas Ilhas Virgens Americanas: Saint Thomas, Saint Croix e Saint John.

NEGO (Geraldo Simplício). *Ver JARDIM DO NEGO.*

NEGO FUGIDO. Folguedo dramático do Recôncavo Baiano, evocativo da guerra de Palmares*. No desenvolvimento da trama, os brancos atacam o reduto dos negros, aprisionam o rei e sua filha e incendeiam seu mocambo, obrigando os quilombolas a fugirem para o mato, onde se disfarçam com

folhas secas. Selada a paz, o rei e sua filha são libertados, com muita festa, e os negros que andavam pelo mato aparecem pedindo perdão e esmolas para se manterem (conforme Zilda Paim, 1999, p. 69). *Ver QUILOMBO [2]*.

NEGO QUERIDO (século XX). Apelido de Juventino João dos Santos, sambista atuante em Florianópolis, SC, onde faleceu. Fundador da escola de samba Embaixada Copa Lord, em 1954, exímio tocador de cuíca e também jogador de futebol, foi um dos tipos populares mais famosos da cidade onde viveu. "Nego Querido" era, nos anos de 1990, o nome oficial da passarela de desfiles de samba na capital catarinense.

NEGO TIÃO. Nome pelo qual se fez conhecido Sebastião Francisco, inventor brasileiro nascido no interior de São Paulo, por volta de 1930. Em 1971, na cidade paulista de Arujá, construiu, usando sucata e um velho motor Franklin, um pequeno avião, batizado como "aeroscópolo", em homenagem à nave espacial Apolo 13 (conforme Chimanovitch, 1971).

NEGRA DE ALUÁ. Antiga fantasia do carnaval baiano, por meio da qual se caricaturavam as negras vendedoras da popular bebida (aluá). O personagem era representado por homens vestidos com ampla saia, dentro da qual um grande balaio procurava reproduzir a protuberância relacionada à característica calipígia atribuída às mulheres negras. Levava também, na mão, uma colher de pau, e na cabeça uma lata velha; exibia um caminhar claudicante, metendo medo às crianças. *Ver ALUÁ*.

NEGRA-MINA. Corcoroca, peixe marítimo do Brasil. Também denominação de uma árvore silvestre, usada em banhos e defumações (na tradição religiosa afro-brasileira é planta de Xangô), e de uma espécie de formiga. Todas as acepções parecem criadas com base na designação étnica mina*, por comparação irônica, diante da aparência dos seres e da planta nomeados.

NEGREIROS, Carlos. Nome artístico de Carlos Augusto de Negreiros Ferreira, músico brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1942. Cantor e percussionista – discípulo do maestro Abigail Moura*, com quem trabalhou na Orquestra Afro-Brasileira, em 1975, juntamente com a bailarina e coreógrafa Isaura de Assis, sua mulher –, fundou o grupo Olorum Baba Mim e, em 1982, teve seu projeto pedagógico Educação pela Dança posto em prática no Rio de Janeiro sob os auspícios da Ford Foundation.

Empenhado, também, na sistematização da linguagem polirrítmica afro-brasileira, influenciou toda uma geração de jovens percussionistas da música popular brasileira.

NEGRÍCIA, Grupo. Movimento literário e editorial surgido no Rio de Janeiro em 1979 e muito ativo até 1984. Sob o nome, por extenso, de "Negrícia, Poesia e Arte de Crioulo" e sob a liderança de Éle Semog*, empreendeu algumas realizações significativas.

NEGRINHO DO PASTOREIO. Mito religioso da região Sul do Brasil e dos pampas uruguaios. Sua lenda conta que um menino escravo perdeu a tropa que pastoreava e, por isso, foi torturado até a morte. Santificado por Nossa Senhora, ajuda a encontrar objetos perdidos, recebendo, em troca, oferendas de velas.

NEGRITA, La. Representação icônica de Nossa Senhora como uma Virgem negra, adotada como padroeira da Costa Rica, a exemplo de Nossa Senhora Aparecida* no Brasil.

NEGRITOS. Denominação pela qual são conhecidos indivíduos de certos povos habitantes de regiões do Pacífico, entre os quais se contam os aetas, das Filipinas. De pequena estatura, assemelham-se aos pigmeus da África central.

NÉGRITUDE. Neologismo surgido na língua francesa, na década de 1930, para significar: a circunstância de se pertencer à grande coletividade dos africanos e afrodescendentes; a consciência da pertença a essa coletividade e a atitude de reivindicar-se como tal; a estética projetada pelos artistas e intelectuais negros baseados nessa consciência; o conjunto de valores civilizatórios africanos no continente de origem e na Diáspora. O termo aparece impresso pela primeira vez no poema "Cahier d'un retour au pays natal", de Aimé Césaire*, publicado em 1939. Com os ecos da Harlem Renaissance* americana, um grupo de intelectuais africanos e caribenhos radicados em Paris, estudantes em sua maioria, se organiza, promovendo, primeiro, a publicação da revista *Légitime Défense* (1932) e, depois, do jornal *L'Étudiant Noir* (1934-40), num movimento literário de afirmação de uma estética negro-africana e de combate ao neocolonialismo. Tendo como líderes principais o martinicano Aimé Césaire*, o guianense Léon Damas* e o senegalês Léopold Senghor*, a iniciativa, que a partir do poema de

Césaire ficou conhecida como "movimento da negritude", reunia pensadores identificados pela herança africana comum, os quais, constatando a dimensão internacional desse legado, estruturaram o movimento nas direções social, política e estética. O ideário da *négritude* assentava-se na afirmação da identidade africana, pregando o entendimento de que os negros do continente africano e da Diáspora deveriam lutar por seus direitos fundamentais e de que os negros do mundo inteiro teriam um compromisso ideológico uns com os outros. Responsável por um sopro de renovação na literatura de língua francesa, o movimento teve também um papel de grande significado cultural e político no processo de descolonização da África, ocorrido a partir dos anos de 1960. *Ver HAITI, República do [A revolução na cultura]*.

NEGRO. Denominação genérica do indivíduo de pele escura e cabelo encarapinhado e em especial dos habitantes da África e seus descendentes nas Américas e na Ásia meridional; descendente de africano, em qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada fenotipicamente. No Brasil, o vocábulo, que durante muitos anos foi sinônimo de "escravo", passou, com o tempo, a ser um termo étnico e político, usado como autodenominação até pelos afrodescendentes de pele clara. Sua introdução no discurso da militância, em substituição à expressão "de cor", é creditada ao ativista Vicente Ferreira*. Nos Estados Unidos, a conotação negativa ainda acompanha o qualificativo *negro* e sua variante *nigger*, altamente ofensiva. Assim, lá os afrodescendentes reivindicam para si o tratamento de *African-Americans* (afro-americanos), a exemplo de outros grupos, como os judeo-americanos, ítalo-americanos, hispano-americanos etc., cujas origens étnicas foram agregadas às respectivas definições de nacionalidade. No espanhol platino, o vocábulo *negro* designa o habitante do interior ou o trabalhador braçal, sendo que, no feminino, refere-se à "mulher de baixa condição" (conforme José Gobello, 1978). *Ver AFRO-INDIANOS*; *AFRO-MEXICANOS*; *BOLÍVIA, República da*; *BRASIL, República Federativa do [População negra]*; *COLORED*; *PRETO*.

NEGRO ANGOLA. Antigo qualificativo do negro de pele muito pigmentada.

NEGRO CARICATURAL. Personagem da indústria do entretenimento nas Américas, comum no rádio, na televisão e no cinema brasileiros até meados da década de 1990. Criado com base na visão negativa frequentemente difundida sobre a vida do indivíduo negro e seu ambiente, sua essência são os estereótipos racistas que cercam os afrodescendentes. Nos Estados Unidos, o movimento pelos direitos civis baniu de cena esse tipo de personagem desde, pelo menos, os anos de 1950. *Ver ESTEREÓTIPO*.

NEGRO D'ÁGUA. Ente fantástico das tradições afro-brasileira e afro-uruguaia.

NEGRO DE GANHO. *Ver GANHADORES*.

NEGRO DE NAÇÃO. Designação do escravo nascido na África, em oposição ao crioulo, nascido no Brasil. *Ver NAÇÃO*.

NEGRO DE OFÍCIO. Escravo que, por habilidades demonstradas, era destinado por seu dono a aprender e desempenhar ofício de interesse do engenho ou da fazenda. O mesmo que "negro oficial" ou "negro de partes".

NEGRO DIGEST. Revista semanal publicada nos Estados Unidos de 1942 a 1970, pela Johnson Publishing Company. De formato semelhante ao da famosa *Reader's Digest* e com uma circulação de 50 mil exemplares em 1943, foi a primeira revista negra de sucesso. Em 1970, com outra orientação editorial, foi rebatizada como *Black World*, sendo publicada até 1976.

NEGRO FELIPE. *Ver MARÍA LIONZA*.

NEGRO GUILLERMO. *Ver GUILLERMO Ribas*.

NEGRO JOBS. Na terminologia escravista, em inglês, trabalhos tidos como degradantes, de baixo conceito, próprios de africanos e descendentes. A eles se contrapõem os trabalhos dignificantes, interditos aos negros, os quais, numa explicável estratégia de imobilização, eram tidos como indignos de os exercer. *Ver OFÍCIOS DE NEGROS*.

NEGRO MINSTRELS. *Ver MINSTREL SHOWS*.

NEGRO RENAISSANCE. O mesmo que Harlem Renaissance*.

NEGRO REVIVAL. Espécie de reunião ou série de reuniões públicas, com pregações apaixonadas e arrebatadas profissões de fé, realizadas por negros protestantes, nos Estados Unidos, desde o século XIX. Pontuados por vibrantes execuções de hinos evangélicos, esses encontros têm por principal

objetivo reavivar a fé religiosa, sendo que seu espírito cunhou a expressão "revivalismo", característica de algumas igrejas protestantes na Diáspora. *Ver SHOUT*.

NEGRO SOCIETY FOR HISTORICAL RESEARCH. Pioneira sociedade de pesquisa histórica fundada nos Estados Unidos, em 1911, por E. Franklin Frazier, George Washington Williams, John Edward Bruce e Arthur Schomburg, com o objetivo de recuperar e estudar a memória afro-americana.

NEGRO SPIRITUAL. *Ver SPIRITUAL.*

NEGRO-AÇO. Indivíduo negro portador de albinismo, moléstia devida a uma anormalidade na metabolização da melanina. Entre os iorubás, os albinos são reverenciados como emanação de Oxalá*, em alusão à passagem do mito da Criação em que Obatalá (Oxalá), embriagado, criou indivíduos defeituosos e sem cor. Também, negro-aça. A expressão origina-se do quimbundo *hasa*, "albino".

NEGRO-AFRICANO. Expressão usada para adjetivar as populações da África subsaariana e tudo que lhes seja referente. À época deste texto, era rejeitada pela corrente afrocentrista da história, por ser considerada como divisionista. *Ver AFROCENTRISMO.*

NEGROIDE. Que tem aparência de negro; aparentado com ou semelhante a negro. A aplicação do termo a algumas populações não africanas é rejeitada pelo afrocentrismo*, já que, para essa corrente científica, essas populações seriam igualmente "negras", como as da África.

***NÉGROPHILIE* (*Negrofilia*).** Termo cunhado por James Clifford para denominar o sentimento que gerou, nos anos de 1910 e 1920, o prestígio parisiense de expressões da arte africana, manifesta no trabalho de artistas como Picasso, Léger e Apollinaire, bem como o prestígio de músicos de jazz, pugilistas e artistas do show business, como Josephine Baker. Nesse contexto é que surge a *Antologia negra* de Blaise Cendrars, publicada em 1921 e que seria um dos detonadores ou balizadores da Semana de Arte Moderna no Brasil. Aqui, aonde chegou em 1924, Cendrars teria sido o grande responsável por desvendar, aos olhos da intelectualidade da época, até então cega, a importância da cultura africana produzida no país.

NEGROS COLONIALES. No Panamá, denominação pela qual são conhecidos os descendentes dos africanos chegados à América Central até a metade do século XIX, em contraposição aos descendentes de negros caribenhos, vindos depois. Pouco identificados com suas origens africanas, em geral entendem as relações raciais em seu país segundo a ideia de "democracia racial*", tal como difundida no Brasil (conforme Michael L. Conniff, 1995).

NEGROS DO MATO. *Ver BUSH NEGROES.*

NEGROS E NAZISMO. O colonialismo alemão na África, em países como Togo, Camarões, Tanganica (hoje Tanzânia), a partir de meados do século XIX, propiciou uniões maritais entre pessoas alemãs e africanas e, consequentemente, o nascimento de filhos mestiços. Da mesma forma, no final da Primeira Guerra Mundial, soldados africanos que integravam as tropas coloniais francesas ocupantes do Sudoeste alemão geraram filhos com mulheres da região da Renânia. Sob o nazismo, entre 1933 e 1945, coube a essa população mestiça um duplo papel: alguns foram utilizados pelos alemães como soldados, mas a maioria foi duramente reprimida pelo nazismo, principalmente a partir de 1937, quando a Gestapo, a polícia de Adolph Hitler, iniciou uma operação de captura dos alemães negros para esterilizá-los. No livro *Destined to witness*, publicado em 2000, o jornalista afro-alemão Hans-Jürgen Massaquoi, nascido em 1926, narra sua experiência nesse contexto histórico.

NEGROS FEDERALES. Em Buenos Aires, denominação dada aos negros ligados ao Partido Federal, do governador Juan Manuel de Rosas. Usavam sempre, em seus trajes de rua, a cor vermelha, simbólica do partido de Rosas, e durante o período rosista tiveram efetiva participação nos acontecimentos políticos e sociais, saindo das sombras da repressão para o primeiro plano da cena platina, começando a existir e individualizar-se, embora por via de um engenhoso esquema de manipulação. Em oposição a esses negros libertos, embora em condição jurídica um tanto indefinida, estavam em geral os mulatos, aspirantes à ascensão social e intelectual supostamente favorecida pelo processo de desafricanização. *Ver ARGENTINA, República.*

NEGROS MATUARIS. *Ver MUSINGA.*

NEGRO-VELHO. Prato da culinária popular constituído de carne-seca desfiada e tutu de feijão-preto; o mesmo que roupa-velha.
NÈGUE. O mesmo que *français nègre**.
NEGUINHO DA BEIJA-FLOR. Nome artístico de Luiz Antônio Feliciano Marcondes, sambista nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1949. Cantor e compositor, a partir de 1975 tornou-se conhecido como puxador da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, incursionando também pelo repertório de sambas não carnavalescos.
NÉGUS. Forma abrasileirada para o título outrora atribuído ao soberano da Etiópia.
NEIDE DA MANGUEIRA (1940-80). Nome pelo qual foi conhecida Neide Gomes Santana, porta-bandeira da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*. *Ver MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA*.
NELSON CAVAQUINHO (1911-86). Nome artístico do compositor e instrumentista Nelson Antônio da Silva, nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Sua primeira obra conhecida foi *Rugas*, samba gravado por Ciro Monteiro em 1946. Outras peças destacadas de sua obra são *A flor e o espinho* (em parceria com Guilherme de Brito e Alcides Caminha), *Folhas secas* (com Guilherme de Brito) e *Degraus da vida*. Criador e intérprete personalíssimo, só revelado ao grande público na década de 1960 (sua voz áspera e a execução única de seu violão identificaram-no como uma espécie de poeta e filósofo dos botequins e das madrugadas), constituiu, juntamente com Cartola* e Zé Kéti*, a primeira linha dos autores oriundos dos morros e comunidades pobres cariocas que vieram impor, com o samba tradicional, a partir de 1965, novos caminhos à música popular brasileira.
NELSON SARGENTO. Pseudônimo de Nelson Mattos, sambista nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1924. Integrante da ala de compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, é coautor do samba-enredo *Cântico à natureza*, que fez parte do desfile da agremiação em 1955. No ano de 1965 integrou, com Paulinho da Viola*, Elton Medeiros* e outros, o grupo vocal-instrumental acompanhante de Clementina de Jesus* e Araci Cortes* no espetáculo *Rosa de ouro*. A partir de 1980, tornou-se um dos sambistas mais prestigiados pela mídia, principalmente por meio da

participação em filmes, do curta-metragem sobre sua vida lançado em 1997 e também de seu trabalho como pintor naïf.

NEMBANDA. Nos folguedos de coroação dos "reis" negros no Brasil colonial, personagem que representa a rainha. Do quicongo *nembanda*, "a mulher principal", "a mulher do casamento civil".

NENA. Nome pelo qual foi conhecido Olavo Rodrigues Barbosa, jogador brasileiro de futebol nascido em Porto Alegre, RS, em 1923. Integrou, como reserva, a seleção nacional na Copa do Mundo de 1950.

NENÊ DE VILA MATILDE. Escola de samba da cidade de São Paulo, fundada em 1949 por Alberto Alves da Silva, o Seu Nenê, sambista nascido em Santos Dumont, MG, em 1924. É uma das mais tradicionais escolas paulistanas.

NENÉM QUEVIOÇÔ. Um dos nomes do vodum Badé, da família de Quevioçô*.

NÊNGUA. Cargo hierárquico dos cultos de origem angolo-conguesa, correspondente ao da ialorixá iorubana. Do quicongo *némgwa*, "mãe", "mamãe". Também, nêngua de inquice.

NENÚFAR. *Ver GOLFO.*

NEOCI DO CACIQUE (1936-*c.* 1988). Nome artístico de Neoci Dias de Andrade, compositor, cantor e instrumentista brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Integrante da primeira formação do Grupo Fundo de Quintal*, foi, como percussionista, um dos responsáveis pela profunda renovação rítmica experimentada pelo samba nos anos de 1980.

NEPTUNE, Louis. Escritor haitiano nascido em Jacmel, em 1927, e educado em Porto Príncipe. Ativo colaborador do jornal *La Nouvelle Ruche* e frequentador dos círculos políticos, depois da revolução de 1946 partiu para a Venezuela, onde se tornou professor. Escreveu um único livro de poesias, *Gouttes de fiel* (Porto Príncipe, 1947).

ÑEQUE. Personagem mitológico afro-cubano, responsável, entre outros malefícios, pela concepção e geração de crianças aleijadas.

NESCARZINHO DO SALGUEIRO (1929-2000). Apelido de Anescar Pereira Filho, sambista nascido na cidade do Rio de Janeiro. Compositor dos Acadêmicos do Salgueiro, foi cocriador dos sambas-enredo *Quilombo dos Palmares* (1960) e *Xica da Silva* (1963), peças antológicas do repertório das

escolas de samba. Em 1965, fez parte do elenco do histórico show *Rosa de ouro*, que lançou Clementina de Jesus*. Na sequência, integrou os grupos Cinco Crioulos, com Paulinho da Viola*, Nelson Sargento*, Elton Medeiros* e Jair do Cavaquinho*; e A Voz do Morro, organizado por Zé Kéti*, ambos de curta duração.

NESTY, Anthony. Nadador surinamês nascido em 1968. No ano de 1988, em Seul, tornou-se o primeiro negro da história esportiva a conquistar uma medalha de ouro e sagrar-se campeão olímpico de natação, derrubando um antigo axioma racista segundo o qual os negros, por razões anatômicas, não teriam condições de ser bons nadadores.

NETINHO DE PAULA. Nome artístico de José de Paula Neto, cantor brasileiro nascido na cidade de São Paulo, em 1970. Solista principal e líder do grupo de samba Negritude Júnior, de grande sucesso comercial na década de 1990, destacou-se também no campo da assistência social. Em um conjunto residencial de Carapicuíba, na Grande São Paulo, implantou o programa educacional Família Negritude, para atender a uma população projetada de 1.500 crianças carentes. Em 2001, desligava-se do conjunto musical e iniciava carreira como apresentador de tevê. No ano seguinte estrelaria, na Rede Record, à frente de um elenco majoritariamente negro, o seriado *Turma do gueto*.

NETO, Ismael (1925-56). Nome artístico de Ismael de Araújo Silva Neto, cantor, compositor e arranjador brasileiro nascido em Belém, PA, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Em 1946, organizou o conjunto vocal Os Cariocas, um dos mais importantes do país até o final dos anos de 1960 e ainda ativo em 2002, sob a direção de seu irmão **Severino Filho**, nascido em Belém do Pará, em 1928. Embora sem escrever música, criou arranjos vocais complexos, usando artifícios e técnicas americanas, mas com fraseado e nuances tipicamente brasileiras, como se vê na gravação de *Adeus, América*, realizada em 1948. Esses arranjos anteciparam, de certa forma, a estética do movimento da bossa nova.

NETTLEFORD, Rex. Educador, artista e escritor jamaicano nascido em 1933. Vice-reitor da University of the West Indies, destacou-se como um dos mais proeminentes intelectuais caribenhos. No campo artístico, foi fundador, diretor e principal coreógrafo da National Dance Theatre

Company of Jamaica. Publicou, entre outras obras, *Race, discourse and the origins of the Americas* (1995, com Vera Lawrence Hyatt), numa edição da Smithsonian Institution.

NEUMA [Gonçalves da Silva]**, Dona** (1922-2000). Sambista nascida e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Filha de Saturnino Gonçalves, o Satu*, fundador da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, em 1940 participou, como corista, da célebre sessão de gravação de música popular brasileira dirigida pelo maestro Leopoldo Stokowski a bordo do navio Uruguai e de espetáculos no Cassino Atlântico. Juntamente com Dona Zica*, foi uma das principais figuras femininas de sua escola.

NEUVANGUE. Personagem das festas de coroação dos "reis" negros, no Rio de Janeiro antigo. Provavelmente relacionado a *neuanje*, título do príncipe herdeiro do antigo Reino do Monomotapa, no atual Zimbábue.

NEVES, Cândido das (1899-1934). Compositor e cantor brasileiro, também conhecido como "Índio", nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Filho de Eduardo das Neves*, é autor de dezenas de canções de inspiração nitidamente brasileira, algumas delas, como *Noite cheia de estrelas*, *Cinzas*, *Última estrofe* e *Lágrimas*, peças clássicas do repertório seresteiro.

NEVES, Dom Lucas Moreira (1925-2002). Prelado católico brasileiro nascido em São João del Rei, MG, e falecido no Vaticano. Em 1950, na França, ordenado padre, trocou o nome de batismo, Luís, pelo religioso, Lucas. Na década de 1970, ainda como bispo auxiliar de São Paulo, passou a exercer cargos no Vaticano. Em 1987, já cardeal, assumiu a secretaria da Comissão para Doutrina e Fé, uma das mais importantes da Igreja, e, durante dois anos, foi prefeito da Congregação dos Bispos. Em 1995, foi eleito presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e no ano seguinte ingressou na Academia Brasileira de Letras, ocupando a

Dom Lucas Moreira Neves

cadeira de número doze. Em Roma, foi um dos mais íntimos colaboradores do papa João Paulo II.

NEVES, Eduardo [Sebastião] **das** (1874-1919). Cantor, compositor e ator brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro. Famoso por cançonetas em que glosava os fatos do momento, compôs, entre inúmeras outras obras, *Homenagem a Santos Dumont* (ou *A Europa curvou-se ante o Brasil*) e a letra original de *Oh! Minas Gerais*, sobre a melodia de uma canção italiana – letra essa que, de exaltação a um navio da Marinha brasileira passou a louvação ao estado de mesmo nome. Um dos mais populares artistas brasileiros do início do século XX, atuando inclusive como palhaço em espetáculos circenses, deixou para a posteridade as coletâneas de versos *O cantor de modinhas* (1900), *O trovador da malandragem* (c. 1903) e *Ministério do violão* (1905). Era pai de Cândido das Neves*, o Índio.

NEVES, Geraldo das (1929-83). Sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Integrante da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira*, foi autor de pelo menos um samba de terreiro antológico, *Pisa, pisa* ("Mangueira quando chega na avenida, é um tal de pisa, pisa..."), e do samba-enredo mangueirense de 1983. Nos anos de 1960, apresentava-se no célebre restaurante Zicartola, acompanhando-se ao cavaquinho.

NEVES, Inácio Parreiras (*c.* 1730-*c.* 1791). Músico brasileiro ativo em Vila Rica, atual Ouro Preto, MG. Membro da Irmandade de São José dos Homens Pardos, foi regente, cantor e compositor. De sua lavra conhecem-se, entre outras obras, um *Credo*, uma *Oratória ao menino Deus para a noite de Natal*, uma *Ladainha* e uma composição fúnebre escrita por ocasião da morte de dom Pedro III, rei de Portugal, e apresentada em 1787.

NEVES, José Jacinto das (1860-1930). Pintor brasileiro nascido e falecido em Ouro Preto, MG. Tem obras no Museu Mineiro, em Belo Horizonte.

NEVES, José Maria (1943-2002). Musicólogo, compositor e regente brasileiro nascido em São João del Rei, MG, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Formado no Brasil, em 1960 transferiu-se para a França e doutorou-se em Musicologia na Sorbonne, tendo concluído cursos de pós-graduação também na Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos, e na Nova de Lisboa, em Portugal. A partir de 1977, como regente da centenária

Orquestra Ribeiro Bastos, de sua cidade natal, fez diversas turnês pelo Brasil e gravou seis discos. Especializado em música eletroacústica, sua obra inclui dezenas de títulos, entre livros, artigos e edições críticas de partituras. Professor universitário no Rio de Janeiro, foi presidente da Sociedade Brasileira de Educação Musical e faleceu no exercício da presidência da Academia Brasileira de Música. Era filho do violinista Telêmaco Vitor Neves, sapateiro de profissão, e irmão do cardeal dom Lucas Moreira Neves*.

NEVES, Wilson das. Músico brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1936. Baterista com carreira profissional iniciada, nos anos de 1950, em nightclubs cariocas, em pouco tempo tornava-se um dos mais requisitados músicos, inclusive internacionalmente, para shows e gravações. Sua ligação com a escola de samba Império Serrano desde a infância fez que desenvolvesse um estilo único de expressar, em seu instrumento, as difíceis nuances do samba em suas várias modalidades. Em 1997 iniciava surpreendente trajetória como cantor e compositor, lançando um CD com sambas de sua autoria e algumas parcerias, laureado com o prestigioso Prêmio Sharp. Na década de 2000, era o principal responsável pela reativação, juntamente com o violonista Neco*, do grupo instrumental e vocal Os Ipanemas, gravando discos especialmente para o mercado externo e fazendo, com grande sucesso, inúmeras apresentações, sobretudo na Europa. *Ver ASTOR Silva*.

NEVILLE BROTHERS, The. Grupo vocal e instrumental formado em 1977, em Nova Orleans, pelos músicos Aaron (1941-), Art (1937-), Charles (1938-) e Cyril (1948-) Neville. Sua música, mesclando soul e rhythm-and-blues com elementos da diversificada tradição de sua cidade, é reconhecida como de grande riqueza artística e espiritual.

NEW EDITION. Grupo vocal formado em 1983, em Boston, e integrado pelos cantores Ralph Tresvant (1968-), Bobby Brown (1969-), Ricky Bell (1967-), Michael Bivins (1968-), Ronnie DeVoe (1967-) e, mais tarde, Johnny Gill (1966-). Pioneiro na cena do soul, glamouroso e sofisticado, depois de grande sucesso o grupo foi se transformando, a partir de 1987, com a saída de vários integrantes para trilharem carreira solo.

NEW JACK. Estilo musical surgido na década de 1980, nos Estados Unidos, graças à fusão de elementos do funk, do rhythm-and-blues e do rap. Entre seus cultores, conta-se o grupo Boyz II Men*.

NEW NEGRO. Expressão usada para definir o objetivo central do movimento conhecido como Harlem Renaissance*, que era a construção de um "novo indivíduo negro".

NEW ORLEANS. *Ver NOVA ORLEANS.*

NEWTON, Huey P. Ativista político americano nascido em Monroe, Louisiana, em 1942. No ano de 1966, junto com Bobby Seale*, fundou o Black Panther Party for Self Defense. *Ver PANTERAS NEGRAS.*

***NGANGA* (GANGA).** Termo multilinguístico banto, aportuguesado como "ganga", ligado à ideia de poder, às vezes sobrenatural. Assim, tem-se o quimbundo *nganga*, designando o ritualista que, com a ajuda dos espíritos protetores, devolve o equilíbrio às pessoas e ao grupo social, da mesma forma que, em mbochi, língua da bacia do Congo, *nganga* é o mestre, o técnico, alguém competente em uma atividade e dentro de uma função social. Na Angola pré-colonial, os *ngangas* eram classificados por especialidade; por exemplo: *nganga-ia-ita*, ritualista encarregado de propiciar o sucesso na guerra; *nganga-ia-nvula*, responsável pela invocação das chuvas; *nganga-ia-muloko*, encarregado da proteção contra os raios etc. No contexto brasileiro de Palmares*, o título parece ter uma aplicação ao mesmo tempo ritualística e militar. Em Cuba, *nganga* é o fundamento, eixo, centro focal sobre o qual se assenta a religião dos congos*. É um espírito, uma força sobrenatural, mas também é a *prenda**, o recipiente (caldeirão de ferro, panela de barro ou saco de pano) onde se acondicionaram objetos representativos e catalisadores da força desse espírito, como ossos de animais, paus, ervas, terra etc., numa espécie de microcosmo que concentra todas as forças naturais. Cada tata* tem sua *nganga*, a qual, quanto mais antiga, mais fundamento terá. Miguel Barnet (1995), dando a medida da importância desses conjuntos de objetos, diz que "sem *nganga* não há *regla de palo*, não há *mayombe*, 'não há nada'" (p. 129). *Ver GANGA ZONA; GANGA ZUMBA.*

NGOLA-A-KILWANGI. Importante título nobiliárquico e guerreiro na Angola pré-colonial, atribuído ao detentor da principal posição política no

Reino do Ndongo e passível de ser reivindicado ou conquistado. Antigos historiadores pensaram tratar-se de nome próprio de alguns dos primeiros soberanos do Ndongo, no século XVI, como Ngola Kilwangi Inene, Ngola Kilwangi Samba e Ngola Kilwangi kia Ndambi.

NGUNI. Grupo linguístico banto, localizado na África austral, que compreende principalmente os grupos étnicos dos zulus, xosas, suazis e ndebeles. *Ver INHAMBANE*.

NHÁ. Forma aferética de sinhá*. Há, no quimbundo, a forma *nga*, redução de *ngana*, "senhora", corrente em Angola.

NHÁ CHICA (?-1895). Religiosa brasileira. Analfabeta, mas dedicada à evangelização, em 1999, juntamente com mais 34 casos oriundos do Brasil, o Vaticano estudava seu processo de canonização pela Igreja Católica.

NHÁ-CHÊ. Tratamento usado entre voduns, significando "meu irmão". Do fongbé *gnan*, "pessoa", "indivíduo" + *tchê*, "meu".

NHANHÃ. Tratamento que escravos davam às suas senhoras, principalmente às meninas e moças. Forma nasalada e redobrada de nhá*, provavelmente resultante do quimbundo *nga*, "senhora".

NHAPANGO. O mesmo que mestiço.

NHÔ. Forma aferética de sinhô, "bantuização" do português "senhor". *Ver SINHÁ*.

NHÔ CABOCLO (*c*. 1910-76). Nome pelo qual foi conhecido Manuel Fontoura, escultor brasileiro nascido em Águas Belas, PE, e falecido na capital Recife. Criador de peças móveis em madeira e folha de flandres, suas esculturas retratam cenas de lutas e de trabalho nas quais se empenham negros e índios, em uma evocação de suas origens étnicas e de seu ambiente nativo.

NHÔ-CHICO. Modalidade do fandango.

NHONHÔ. Tratamento familiar dado pelos escravos aos meninos brancos.

NHUNGUARA. Comunidade remanescente de quilombo localizada em Eldorado, SP.

NI. Nome pelo qual é também referida a heroína jamaicana Nanny*. O elemento *Na*, que compõe o seu nome mais conhecido, poderia ser um título ou tratamento. *Ver NAN AGOTIMÉ*.

NIAGARA MOVEMENT, The. Movimento político surgido em 1905 nos Estados Unidos como parte da luta pelos direitos dos negros. Congregando um grupo de intelectuais liderados por W. E. B. Du Bois*, foi a semente da NAACP*. Ponto crucial da história afro-americana, representou o repúdio formal ao programa de educação prioritariamente técnica, industrial e agrícola, de Booker T. Washington*, como meio de os negros atingirem segurança econômica e igualdade social.

NIAME. Forma aportuguesada do nome da divindade suprema entre os povos fânti-axântis. Do vernáculo *Nyame*.

NIANCOMPON. *Ver NYAN KOMPON*.

NIANJAS. Grupo étnico da atual República do Malauí. Segundo sua tradição, os nianjas teriam vindo de Tombuctu, na curva do Níger, em época remota, para se estabelecerem na região do lago Niassa.

NIASSALÂNDIA. Antigo nome da atual República do Malauí.

NIÇACÊ. Nome da divindade suprema em alguns candomblés jejes. Provavelmente, do fongbé *Lisa*, "Deus Supremo" + *tche*, "meu".

NICARÁGUA, República da. País da América Central. Sua população inclui cerca de 9% de descendentes de africanos, concentrados basicamente no Sudeste do país, na região conhecida como Costa do Mosquito.

NICHOLAS BROTHERS. Dupla de bailarinos acrobatas formada pelos irmãos Fayard (1914-2006) e Harold Nicholas (1921-2000). Com carreira iniciada em 1931, em pouco tempo, graças às suas extraordinárias criatividade e forma física, tornaram-se as maiores expressões de sua época no gênero conhecido como *tap dance**, no qual já se notabilizara, com estilo diferente, Bill "Bojangles" Robinson*. A dupla atuou no famoso Cotton Club*, lançou-se no cinema com o filme *Pie, pie blackbird*, de 1932, e em 1936 estreava na Broadway, no espetáculo *Ziegfeld Follies*. Seu grande sucesso, como o do pugilista Joe Louis*, contribuiu decisivamente para o fortalecimento da autoestima dos negros americanos nas décadas de 1930 e 1940. Em 1989 participaram do filme *Tap*, ao lado de outras estrelas do gênero, como Sammy Davis Jr.* e Gregory Hines*, e em 1992 foram homenageados pelo Kennedy Center.

NICOBÉ (século XIX). Líder malê na Bahia. Também conhecido como Sule, era escravo e alufá*. Supõe-se que tenha morrido em combate no levante de 1835.
NICURIZEIRO (*Cocos coronata*). Palmeira também conhecida pelos nomes de nicuri, ouricuri e uricuri. Na tradição religiosa afro-brasileira, é árvore de Oxóssi.
NÍGER. Rio da África ocidental. Nasce a poucos quilômetros do Atlântico, na fronteira entre Serra Leoa e Guiné, com o nome de Djolibá. De lá, não encontrando passagem para o oceano, encaminha-se para o deserto, a nordeste, e depois para o sudeste, atravessando o Mali e o Níger e servindo de fronteira natural entre Níger e Benin. Atraído pelas terras baixas da Nigéria, deságua no golfo da Guiné, no maior delta do continente africano.
NIGER, Paul (1917-62). Nome literário de Albert Béville, escritor nascido em Guadalupe. Aguerrido seguidor da *négritude** e violento opositor do cristianismo e dos valores tradicionais estabelecidos, em seu poema "Je n'aime pas l'Afrique" usa linguagem pesadamente sarcástica e vulgar todas as vezes que dá voz ao Deus cristão. Em sua obra destacam-se: *Initiation* (Paris, 1954); *Les puissants* (Paris, 1958); *Les grenouilles du mont Kimbo* (Lausane, 1964). Faleceu em um acidente aéreo.
NÍGER, República do. País situado no Noroeste do continente africano, limitado ao norte por Argélia e Líbia; a leste pelo Chade; ao sul por Nigéria e Benin; a sudoeste por Burkina Fasso; e a oeste pelo Mali. Sua capital é Niamei e os principais povos que habitam o seu território são hauçás, songais e peúles. Sua história pré-colonial integra-se ao contexto histórico dos povos do Norte da atual Nigéria.
NIGÉRIA, República Federal da. País da África ocidental, com capital em Abuja. Faz fronteira ao norte e noroeste com a República do Níger; a nordeste com o lago Chade; a leste com Camarões; ao sul com o golfo da Guiné; e a oeste com Benin. É o mais populoso país da África, e os principais grupos étnicos que compõem essa enorme população são hauçás, iorubás, ibos, peúles, ibibios, canuris, edos e twis. De seu passado, a arqueologia revelou ao mundo a civilização de Nok*, e a arte do tríptico Ifé-Oyó-Benin atesta a grandeza de outras importantes civilizações outrora florescidas na região. **Os retornados do Brasil:** Os conflitos ocorridos na

atual Nigéria a partir do século XVIII trouxeram para o Nordeste brasileiro, notadamente para a Bahia, grandes levas de escravos procedentes da região (*ver IORUBÁS*). Após a grande revolta baiana de 1835 (*ver ISLÃ NEGRO [A Grande Insurreição]*), o governo imperial brasileiro, temendo a repetição dos fatos, ordenou a deportação de todos os africanos livres e libertos envolvidos no movimento. A repatriação dessas pessoas – assim como a que se seguiu, em Cuba, à Conspiração de La Escalera* – desencadeou todo um movimento de retorno ao continente negro, tanto por parte de africanos como de descendentes de antigos escravos, em um refluxo que só cessou nos primeiros anos do século XX. A maior parte desses retornados voltou para o território da atual Nigéria, e lá as comunidades que criaram ainda hoje se autodenominam "brasileiras", nutrindo pelo Brasil uma afetuosa reverência. Operários, artesãos e artífices, esses africanos e descendentes ergueram em Lagos o seu Brazilian Quarter, um bairro exclusivo, onde a arquitetura em estilo colonial brasileiro, como a da catedral de Lagos, contrasta com as edificações tipicamente africanas da cidade. Além disso, criaram associações de várias naturezas – religiosas, políticas e de lazer –, nas quais avultam expressões tipicamente brasileiras, como o folguedo do bumba meu boi e a devoção ao Senhor do Bonfim. Atento à importância desse refluxo migratório, Alfred Maloney, governador inglês de Lagos, promoveu a criação de uma linha regular de navegação ligando aquela cidade a Salvador. Graças a essa ligação, os laços entre a baía de Todos os Santos e a baía de Benin, no golfo da Guiné, permaneceram estreitos durante muito tempo, o que pode explicar, por exemplo, a permanência de tão vivos traços das culturas locais, principalmente iorubá e fon, na cultura litorânea da Bahia. E essa proximidade teve também, é claro, consequências econômicas significativas, propiciando a alguns retornados o acúmulo de grandes fortunas, como a de Cândido da Rocha, o fundador da Water House, a "Casa da Água", empreendimento baseado na exploração de um poço artesiano para obtenção de água potável, segundo técnica desenvolvida no Brasil. Hoje, nomes de família luso-brasileiros, como Almeida, Marques, Silva, Sousa, Xavier etc., são normalmente vistos em logradouros públicos da capital nigeriana. Uma dessas famílias, a Assunção, protagoniza uma história ainda mais singular quando assume o nome africano Alakija e vê alguns de seus

membros, tempos depois, retornarem à Bahia, definitivamente, portando esse novo nome e o incorporando à vida brasileira. *Ver BRÉSILIEN*.

NIGGER. Nos Estados Unidos, vocábulo correspondente ao brasileiro "crioulo". Usado por brancos em relação a negros é altamente ofensivo; de um negro para outro é, em geral, ironicamente amistoso.

NIGHT, Joaquín (século XIX). Rebelde cubano acusado de envolvimento na Conspiração de La Escalera*, em 1844. Escravo e *santero*, foi julgado e condenado por vender encantamentos mágicos aos escravos rebeldes.

NILO. Rio africano, sendo um dos mais longos do mundo, com cerca de 6.700 quilômetros de extensão. Tem como fontes o Nilo Branco e o Nilo Azul. O primeiro nasce no lago Vitória, em Uganda, e o segundo no lago Tana, na Etiópia. Em Cartum, no Sudão, os dois se encontram, e o rio prossegue na direção norte através do Egito, até desembocar no Mediterrâneo, por um grande delta, com cerca de 185 quilômetros de largura.

NILTINHO TRISTEZA. Nome artístico de Nilton de Souza, sambista nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1936. Seu nome artístico deve-se ao seu samba *Tristeza*, de 1966, uma das músicas brasileiras mais regravadas e conhecidas em todo o mundo, composta em parceria com Haroldo Lobo. Integrante da ala de compositores da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, é autor do samba-enredo *Liberdade, liberdade*, campeão de 1989.

NÍMBU. Cântico ritual da cabula*. Do quimbundo *muímbu*, "cântico".

NIMROD. Personagem bíblico, filho de Cuxe* e neto de Cam. Segundo algumas versões míticas, seria o mesmo que Odudua*, herói fundador do povo iorubá.

NINA (1904-91). Cognome de Laudelina de Campos Melo, líder sindical brasileira nascida em Poços de Caldas, MG, e falecida em Campinas, SP. Neta e sobrinha de escravos, aos 20 anos mudou-se para a cidade paulista de Santos, onde mais tarde integrou uma facção da Frente Negra Brasileira* e foi presidente da Associação das Empregadas Domésticas. Nos anos de 1950, radicou-se em Campinas, onde, lutando contra o racismo no mercado de trabalho, organizou a associação beneficente de sua categoria profissional

e participou de outras iniciativas relevantes. Em 1988, a associação foi elevada à categoria de Sindicato dos Trabalhadores Domésticos, sendo que Nina permaneceu à sua frente até o fim da vida.

NINA RODRIGUES. *Ver RODRIGUES, [Raimundo] Nina.*

NINGRE TONGO. O mesmo que sranan tongo*.

NIÑO, Pedro Alonzo. *Ver ALONZO NIÑO, Pedro.*

NIRONGA. Personagem mitológico afro-brasileiro (conforme Souza Carneiro, 1937).

NIX [Jr.]**, Robert** [Nelson Cornelius] (1928-2003). Magistrado americano. Em 1984 tomou posse como presidente da Corte Suprema do estado da Pensilvânia, tornando-se o primeiro negro a assumir tal função.

NIXON. Nome artístico de Nadir José Tolentim, manequim brasileira nascida em Santo Ângelo, RS, em 1942, e criada na capital Porto Alegre. Ex-cabeleireira, em 1966, no Rio de Janeiro, iniciou carreira de modelo, sendo que, até 1978, foi uma das mais requisitadas e bem pagas profissionais brasileiras em sua atividade.

NKITA. Em Cuba, nome pelo qual é conhecida a entidade Siete Rayos* entre os praticantes da *regla kimbisa**.

NKRUMAH, Kwame (1901-72). Político ganense, líder da independência de seu país e um dos expoentes do pan-africanismo. Foi presidente da República de Gana de 1960 a 1966.

ÑO. Forma cubana para o português "nhô", africanização de "senhor".

NO TE ENTIENDO. No México, denominação dada ao produto da mestiçagem de um indivíduo mulato com um *tente en el aire**.

NOBLES, Melissa. Cientista política e brasilianista americana nascida em 1964. Professora do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), é autora de *Shades of citizenship: race and the census in modern politics* (2000), livro sobre a questão racial no Brasil, em que analisa a atuação dos censos demográficos como agentes mistificadores da real face da população brasileira.

NOBRES ESCRAVIZADOS. A ficção literária sobre a escravidão cunhou o personagem do nobre escravo, que, rei, príncipe ou fidalgo na África, veio para as Américas na ultrajante condição servil. Esse tipo de personagem, entretanto, tem base histórica, especialmente em casos de

potentados africanos que aportaram no Brasil como desterrados políticos. No século XVI, por exemplo, nas campanhas portuguesas em Angola, muitos régulos e altos dignitários foram trazidos para cá nessa condição, e houve casos em que, como politicamente não convinha escravizá-los, doaram-se terras para que se estabelecessem. Um dos nobres africanos desterrados para o Brasil nos Seiscentos foi o jaga* Kabuku ka Ndonga, prisioneiro da rainha Jinga* e por ela entregue aos portugueses (conforme Alberto da Costa e Silva, 2002). *Ver PRÍNCIPE DE ANNAMABOE*.

NOCA DA PORTELA. Pseudônimo do sambista Osvaldo Alves Pereira, nascido em Juiz de Fora, MG, em 1932. Compositor egresso da escola de samba Paraíso do Tuiuti, nos anos de 1960 ingressou na escola que lhe empresta o sobrenome artístico e para a qual compôs, com diversos parceiros, os sambas-enredo de 1976, 1995, 1998 e 1999. Autor de sambas de forte apelo comercial, tem repertório gravado por alguns dos grandes intérpretes do samba e vários registros em sua própria voz.

NOCHÊ. Termo correspondente, na mina* maranhense, ao iorubano "ialorixá". Do fongbé *non*, "mãe" + *tche*, "minha".

NOCHÊ-SOBÔ. Um dos nomes pelos quais é conhecido Mavu, a divindade suprema dos jejes.

NOC-LOUFIATOU-CANGA. Loá protetor de Figaro*, tido como o fundador do vodu haitiano.

NOEL CANELINHA (*c.* 1930-85). Nome pelo qual foi conhecido Noel Manuel Pinto, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos mais criativos mestres-salas das escolas de samba cariocas, desfilou por várias delas, mas ganhou fama na Império Serrano, onde permaneceu de 1951 a 1970. Na década de 1960, dividiu com o mangueirense Delegado* e o portelense Benício a preferência do público e dos jurados dos desfiles.

NOGUEIRA, João (1941-2000). Nome artístico de João Batista Nogueira Júnior, cantor e compositor brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Autor inspirado, foi um dos grandes nomes do samba surgidos na década de 1970. Intérprete refinado, mestre na sincopação e de timbre inconfundível, além de registros de sua própria obra gravou também canções de outros autores, como no primoroso CD, de 1995, exclusivamente dedicado à obra de Chico Buarque.

NOITE ILUSTRADA (1928-2003). Pseudônimo do cantor brasileiro Mário Souza Marques Filho, nascido em Pirapetinga, MG, e falecido em Atibaia, SP. Radicado em São Paulo desde 1955, para onde foi integrando uma delegação da escola de samba Portela, depois de ter residido e atuado por alguns anos no Rio de Janeiro, tornou-se nacionalmente conhecido a partir de 1963 com a gravação do samba *Volta por cima*, de Paulo Vanzolini. Com sólida carreira discográfica, atuando em selos como Continental, Odeon e Warner, foi também, em 1965, quem lançou *O neguinho e a senhorita*, de Noel Rosa de Oliveira* e Abelardo Silva, clássico do repertório da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro*.

NOK, Civilização de. Complexo civilizatório africano florescido, na atual Nigéria, entre o lago Chade e o curso médio do rio Benué, de 900 a.C. ao século II da Era Cristã. O atestado de sua existência são esculturas em terracota encontradas em escavações arqueológicas e que, analisadas, foram consideradas produto da mais antiga civilização africana conhecida até o século XX.

NOME INICIÁTICO. Nome sacerdotal, recebido quando da iniciação; no Brasil, o mesmo que oruncó* ou dijina*. É, em regra geral, um nome secreto, que não deve ser revelado a pessoas estranhas à comunidade a que o iniciado pertence. Entre os antigos egípcios, descobrir o nome secreto de alguém era conseguir o domínio sobre essa pessoa. *Ver NOMES AFRICANOS*.

NOMES AFRICANOS. Embora o ato e a arte de dar nome a uma criança sejam universais, nem todas as sociedades dão a mesma importância ao evento, ao procedimento e à significação da aposição de um nome a um recém-nascido. No Ocidente, em geral as pessoas recebem três nomes, sendo um o prenome e os outros dois os representativos das ascendências materna e paterna. Na tradição africana, as pessoas recebem, em geral, também mais de um nome, porém dentro de uma lógica diferente, sendo um familiar e um segundo ou terceiro recebidos por ocasião de um acréscimo de força, como, por exemplo, o nome de circunciso, o nome de chefe (recebido quando da investidura) ou o nome iniciático*. Um grande número de fatores influencia a escolha do nome de um recém-nascido, como o momento do dia em que ocorreu o nascimento; o dia da semana ou dia de

feira; os acontecimentos e circunstâncias ligados à criança, aos seus pais, à sua família extensa ou mesmo à sua comunidade nacional no momento do nascimento; se é primogênito ou o primeiro de seu sexo; se é gêmeo e, assim sendo, se nasceu primeiro ou por último; e, ainda, em caso de gêmeos, se são ambos do mesmo sexo ou não etc. Durante o período escravista, em todas as Américas, uma das preocupações mais constantes dos senhores de escravos era impedir que se criassem laços familiares que interferissem no processo de dominação. Assim, era regra proibir-se aos escravos o uso de seus nomes familiares originais e até mesmo expressões como "meu pai" ou "meu irmão". **Nomes afro-americanos:** O repúdio, por parte de negros norte-americanos, de seus nomes "cristãos" com a consequente adoção de nomes da tradição africana é, pelo menos, coerente com uma prática ancestral. Na África é comum abandonar um nome e assumir outro considerado mais significativo. E isso é feito, legitimamente, quando o indivíduo adquiriu outra característica, física, intelectual ou moral, ou ganhou outro status pessoal. Então, como para o africano o indivíduo é seu nome, os afro-americanos que trocam de nome não só estariam buscando e expressando um direito à autodeterminação intelectual, cultural e política como também agindo de acordo com uma prática tradicional de sua ancestralidade africana.

NONATO [da Cunha]**, Pedro** (séculos XIX-XX). Cantador e repentista nordestino. Ex-escravo, tocador de berimbau, notabilizou-se pela humildade resignada com que participava das rodas de desafio, numa antítese de Azulão*, violento e gabola.

NONÔ (1901-54). Nome artístico de Romualdo Peixoto, pianista e compositor popular brasileiro nascido e falecido em Niterói, RJ. Cognominado "O Chopin do Samba", foi considerado um dos melhores intérpretes de Ernesto Nazareth, tendo deixado para a posteridade diversos registros fonográficos. Grande improvisador, foi, com seus sincopados e breques, um dos maiores estilistas do piano popular brasileiro. Compositor, foi parceiro ocasional de Noel Rosa e Orestes Barbosa.

NONUFON. Alimento da cozinha ritual afro-maranhense, preparado com quiabo, dendê, sal e servido com galinha e amió*.

NORATO. Nome artístico de Antônio José da Silva, músico brasileiro nascido em Mar de Espanha, MG, em 1924, criado em Bicas, no mesmo

estado, e radicado na cidade do Rio de Janeiro. Trombonista com carreira profissional iniciada aos 21 anos, integrou as orquestras Carioca, Marajoara e Tabajara, de jazz e música popular. No campo sinfônico, integrou a Orquestra Sinfônica Brasileira e a Orquestra Sinfônica Nacional. Um dos maiores músicos brasileiros em seu instrumento, apresentou-se em vários países da Europa e gravou vários discos de música popular, nos quais atua como solista e arranjador.

NORBERTO, Pai (séculos XIX-XX). Pai de santo pernambucano tido como nascido na África. Em 1934, era chefe de um terreiro no bairro de Miramar, em Recife.

ÑORINGO. Em Cuba, tira de papel que é enrolada e usada para fazer tranças nos cabelos das mulheres e meninas negras. Segundo Fernando Ortiz (1985), a técnica e o nome são de origem africana.

NORMAN, Jessye. Cantora lírica americana nascida em Augusta, Geórgia, em 1945. Graduada com louvor na Universidade Howard em 1968, mais tarde recebeu o grau de mestre na Universidade de Michigan. Soprano de grande extensão vocal, destacou-se na década de 1960 na Deutsch Opera de Berlim, tendo estreado na Itália em 1970. Com seu trabalho inúmeras vezes premiado, recebeu títulos honorários em várias universidades e é membro da Royal Academy of Music.

NORTH STAR, The. Jornal fundado por Frederick Douglass* em 1847.

NOSSA SENHORA APARECIDA. Santa católica padroeira do Brasil, representada como uma madona negra. O início do seu culto data de 1717, ano em que foi encontrada, no rio Paraíba do Sul, no atual estado de São Paulo, uma imagem escurecida da santa, de cerca de quarenta centímetros. O fato de a imagem ter aparecido com essa cor escura em pleno domínio da ordem escravista foi certamente interpretado pela população como um sinal profético, uma espécie de revelação.

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. Santa católica, objeto de devoção de comunidades negras em todo o Brasil. Geralmente associada, desde a época colonial, a são Benedito*, seu culto fez surgirem tradições expressas em folguedos ritualizados, como congadas, taieiras* etc. A devoção aos dois santos remonta a Angola, já que os habitantes de Luanda tinham, desde o século XVII, uma igreja do Rosário, com uma famosa e discutida estátua de

são Benedito*, muito antes de sua canonização, ocorrida em 1807 (conforme João Pereira Bastos, 1964).

NOTTING HILL, Carnaval de. Evento anual realizado em Londres desde 1965. Constando de desfiles e reuniões musicais, organizados principalmente por imigrantes da Diáspora, é um amálgama do carnaval caribenho e do brasileiro, inclusive com a apresentação de escolas de samba.

NOVA GRANADA, Vice-Reino de. Na América colonial espanhola, unidade política constituída pela Audiência de Santa Fé (atuais Panamá e Colômbia), Capitania Geral de Caracas (Venezuela) e Presidência de Quito (Equador). O mercado de escravos dos portos de Panamá, Caracas e Cartagena era um dos maiores do Novo Mundo, sendo que o Vice-Reino concentrava a maior população negra de todo o império espanhol nas Américas.

NOVA ORLEANS. Cidade norte-americana do estado de Louisiana, às margens do rio Mississippi. Abrigando um dos principais portos dos Estados Unidos, é historicamente importante como berço do jazz e de outras expressões da cultura negra, sendo que seu nome designa, ainda, um estilo jazzístico tradicional. A história de Nova Orleans e a da Louisiana registram, também, repetidos levantes de escravos, ocorridos nos canaviais em 1804, 1805, 1811, 1829, 1835, 1837, 1840, 1841, 1842 e 1856. *Ver CIDADES NEGRAS*; *CONGO SQUARE*; *JAZZ*; *JAZZ FUNERALS*; *STORYVILLE*; *VODU [Vodu em Nova Orleans]*.

NOVA YORK. Cidade norte-americana do estado de mesmo nome, na foz do rio Hudson. Maior cidade do hemisfério ocidental, é dividida em cinco distritos: Manhattan (ilha que constitui o centro econômico e cultural da cidade e onde se localiza o Harlem*), Bronx, Brooklyn, Queens e Richmond. Sua população inclui grande concentração de negros. *Ver CIDADES NEGRAS*.

NOVICHE. Denominação da filha de santo na mina maranhense. Por extensão, fórmula de tratamento usada entre elas. Do fongbé *novi*, "irmã" + *tche*, "minha".

NOZ-DE-COLA. *Ver OBI*.

NSASI. Entre os congos cubanos, divindade correspondente a Xangô.

NTALA e NSAMBA. Entre os congos cubanos, entidades espirituais *jimaguas* (gêmeas) correspondentes aos Ibêjis iorubás; são tidos como filhos de Siete Rayos* e Centella Endoqui*.

NÚBIA. Região da África, ao sul do Egito*, no território do atual Sudão*. Na Antiguidade, foi sede de importantes Estados africanos, em permanente contraponto com o Egito. *Ver FARAÓ*.

NUBIEDUTE. Toquém* masculino em terreiros fânti-axântis do Maranhão.

NÚCLEO DE CONSCIÊNCIA NEGRA DA USP. Entidade do movimento negro fundada em 1987 por funcionários, alunos e professores da Universidade de São Paulo (USP), a maior da América Latina, com o objetivo de discutir o espaço do negro na universidade, em particular, e na sociedade, em geral.

NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS. Entidade do movimento negro, fundada em Florianópolis, SC, em 6 de novembro de 1986. Destacou-se por atuar em várias áreas da luta antirracista, priorizando as da educação e da justiça.

NUEZ, René de la. Artista plástico cubano nascido em San Antonio de los Baños, em 1937. Membro do Comitê Nacional e diretor da seção de artes plásticas da União de Escritores e Artistas Cubanos, foi distinguido com a medalha de Herói do Trabalho, conferida pelo governo de seu país, e com outras premiações, inclusive internacionais. Em 1987, participou da Segunda Bienal de Arte Bantu Contemporânea, promovida pelo Centre International des Civilisations Bantu (Ciciba*), no Gabão.

NUFÉ. Na Casa de Nagô*, denominação da camarinha ou roncó.

NUFLO DE OLANO (século XVI). Explorador. Integrante da expedição que descobriu o oceano Pacífico, chefiada por Balboa.

NUNES, Clara (1943-83). Nome artístico de Clara Francisca Nunes Pinheiro, cantora brasileira nascida em Paraopeba, MG, e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Gravando basicamente sambas e estilizando cantos rituais e da tradição afro-brasileira em geral, nos anos de 1970 tornou-se, como intérprete, a primeira mulher campeã de vendagem de discos no Brasil.

NUNES, Osvaldo (1930-91). Sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Cantor e compositor ligado ao bloco carnavalesco Bafo da

Onça, foi autor e intérprete de estrondosos sucessos carnavalescos dos anos de 1960, como *Oba*, *Na onda do berimbau* e *Levanta a cabeça*.

NUNES, Otacílio [Ascânio] (1887-1915). Educador brasileiro nascido em Embu, SP. Professor de música e português (além de álgebra, desenho, física, química, história natural e história universal) no Colégio Salesiano de Santa Rosa, em Niterói, RJ, morreu heroicamente em um naufrágio na baía de Guanabara, depois de conseguir salvar vários alunos do colégio, quando voltavam da festa do jubileu sacerdotal do cardeal Arcoverde, em 26 de outubro de 1915.

NUNES, Teixeira (século XIX). Militar brasileiro. Comandante do esquadrão de lanceiros negros que se destacou na Guerra dos Farrapos, conflito civil ocorrido no Sul do Brasil entre 1835 e 1845.

NUNES, [Sebastião, dito] **Tião.** Artista gráfico e escritor brasileiro nascido em Bocaiuva, MG, em 1938, e radicado em Sabará, no mesmo estado. Poeta da "geração mimeógrafo" no Rio de Janeiro dos anos de 1970, atuou, mais tarde, no campo das artes visuais e da criação, sob o pseudônimo Sebastião Nuvens, de histórias ilustradas para crianças. Artista de vanguarda, em 2000 teve sua trajetória reavaliada no documentário *Tião Nunes in Provocaçam* e sua obra literária relançada pela editora Altana.

NUNES GARCIA, Antônio José (século XIX). Dramaturgo brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, sobrinho de José Maurício Nunes Garcia Jr.*. Obra: *A tia Gabriela ou O pão de ló no quarto do estudante* (comédia, 1859); *A época de Jordão e de Fabrício* (drama, 1861); *A condessa Maultasche do castelo de Auga* (drama, 1863); e *Jorge ou um mistério* (drama). Além de homem de teatro, foi poeta, tipógrafo e ourives. É focalizado no *Dicionário biobibliográfico de escritores cariocas* (Ribeiro, 1965), embora seus versos tenham sido objeto de escárnio por parte de Mário de Andrade*.

NUNES GARCIA JR., José Maurício (1808-84). Médico-cirurgião, artista plástico e professor nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Filho do célebre padre José Maurício*, até 1828 usou o nome de batismo, José Apolinário Nunes Garcia, adotando, depois, legalmente, o nome paterno. Também músico e compositor (estudou música com o pai e desenho com Jean-Baptiste Debret), dedicou-se a estudos sobre a fisiologia da voz e foi o primeiro brasileiro nato a conquistar, por concurso, a cátedra

de anatomia da Academia Imperial de Medicina. Deixou publicadas obras técnicas de medicina e *Mauricianas, coleção de músicas* (reunindo 65 peças musicais em dois volumes), trabalho dedicado ao pai e editado por Paula Brito em 1851. É, às vezes, mencionado como José Maria Nunes Garcia.

NUNES PEREIRA, Manuel (1893-1985). Etnólogo brasileiro nascido no Maranhão e falecido na cidade do Rio de Janeiro. É autor de *Moronguêtá: um Decameron indígena* (1967) e *A Casa das Minas: culto dos voduns jeje no Maranhão* (1947), obra clássica sobre a secular comunidade religiosa maranhense.

NUNUFO. Variação de nonufon*.

NUPÊ. Indivíduo dos nupês ou tapas, povo da África ocidental escravizado no Brasil; a língua dos nupês. O Reino Nupê, anexado pela Nigéria em 1885, localizava-se entre os rios Níger e Kaduna.

NUREYEV NEGRO. *Ver GODREAU, Miguel.*

NYABINGHI. Entre os seguidores do rastafarianismo*, vocábulo usado em várias acepções. Designa uma grande reunião com propósitos espirituais e a música cerimonial aí executada, além de dar nome a uma espécie de tambor e à própria ortodoxia rastafári, traduzindo-se em um brado de revolta contra a opressão. A origem do termo estaria no nome de um exército de guerreiros da África oriental, célebre pela resistência à dominação colonial.

NYAME ASSOPONG. Na Casa de Fânti-Axânti*, bonsu* da família de Tap-Beicile.

NYAN KOMPON. Um dos nomes do Deus Supremo, entre os *bush negroes** da Guiana e do Suriname. O termo é o mesmo usado pelos povos acãs da República de Gana para designar a Divindade Criadora, o "Grande Nyame". Também, Niancompon.

NYERERE, Julius [Kambarage] (1922-99). Estadista tanzaniano nascido em Butiama e falecido em Londres. Foi um dos líderes da independência de seu país, sendo eleito para a Presidência da República por vários mandatos. É, também, figura representativa do pan-africanismo*.

NYONYÓ. Um dos nomes cubanos do quiabo. *Ver OIÓ [2].*

NZINGA A NKUYU (?-1506). Soberano do Reino do Congo. O primeiro monarca africano a travar relações com europeus, em maio de 1491

aceitou o batismo, adotando o nome de João I. Mais tarde, decepcionou-se com os portugueses quando estes começaram a exigir trabalho escravo para a lavoura em Portugal.
NZINGA MBANDI. *Ver NZINGA, Rainha*.
NZINGA MBEMBA. Nome africano do rei Afonso I do Congo, governante de 1506 a 1545.
NZINGA, Rainha (*c.* 1582-1663). Nome pelo qual foi conhecida Nzinga Mbandi, soberana dos reinos de Ndongo e Matamba, na atual Angola*. Sucedendo seu irmão, a partir de 1624, na liderança dos ambundos, durante longo tempo resistiu às investidas dos portugueses ao Ndongo, resistência essa que partia das terras altas de Matamba. Em 1640, recebeu ajuda dos holandeses, que ocuparam Luanda, e, na década seguinte, com a retomada da importante cidade por uma expedição enviada do Rio de Janeiro, assinou sua rendição, em 1656. Governante firme e hábil na negociação política, sua luta incessante contra os conquistadores europeus consagrou-a como a grande heroína do povo angolano, símbolo da resistência daquele país ao colonialismo. O nome "Nzinga" é um etnônimo, atribuído pelos chefes do Libolo e da Kisama aos indivíduos dos bangalas, subgrupo dos ambundos. *Ver AMBUNDO*; *RAINHA GINGA*.

O

Ô. Na mina maranhense, lugar de assentamento dos voduns. Do fongbé *ho*, “quarto”, “camarinha”.

O’NEALE, Charles Duncan (1879-1936). Político barbadiano. Foi o primeiro líder da Liga Democrática, partido político pioneiro em seu país, fundado em 1924.

OBÁ [1]. Orixá feminino dos iorubás; representa uma guerreira, muito forte. É a terceira e menos amada das mulheres de Xangô, já que Oiá e Oxum são, respectivamente, a primeira e a segunda. Deusa do rio Obá (que nasce em Ogbomosho), considerada um dos filhos que nasceram da união incestuosa de Orungã* e Iemanjá*, é cortejada por Erinlê e tradicional inimiga de Oxum. Diz-se, inclusive, que na Nigéria, no local onde se encontram os rios Obá e Oxum, as águas são muito agitadas, em consequência dessa rivalidade. Na República Dominicana é conhecida como Filomena e em Trinidad e Tobago, como Emanjan. *Ver EUÁ*.

OBÀ [2]. No Axé Opô Afonjá*, cada um dos doze ogãs honoríficos, considerados ministros de Xangô. Também, nome que identifica um personagem dos antigos afoxés baianos. Na África e em Cuba, o termo designa o sacerdote de um orixá, especialmente encarregado de perpetuar seu culto. Do iorubá *ògbà*, "irmão", "confrade", "companheiro de confraria".
OBÁ II, Príncipe. *Ver PRÍNCIPE OBÁ II.*
OBÁ BIYI, Minicomunidade. Experiência pedagógica desenvolvida em Salvador, BA, no Ilê Axé Opô Afonjá*, a partir de 1977. Gerenciada, em sua criação, pela Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (Secneb), teve como mentores o sacerdote Mestre Didi* e a antropóloga Juana Elbein dos Santos. Contando com o apoio de órgãos oficiais da área da educação e reunindo, harmonicamente, profissionais com formação acadêmica e educadores leigos, o programa nasceu com o objetivo de despertar nos jovens do Opô Afonjá e arredores uma consciência crítica dos valores culturais de sua comunidade. Por meio de cânticos, ritmos e danças dos orixás, da dramatização de relatos da tradição e da confecção de artefatos, instrumentos e utensílios, o programa buscou educar as crianças tendo em vista a preservação de suas raízes culturais e o apreço pela própria história, sem renegar os ensinamentos da educação formal, e sim procurando interagir com eles.
OBÁ SANYÁ (séculos XIX-XX). Nome iniciático de Joaquim Vieira da Silva, líder religioso brasileiro radicado em Recife e depois na Bahia. Um dos fundadores do Ilê Axé Opô Afonjá*, é saudado no padê* como Essá Oburô. *Ver ESSÁ.*
OBÁ TOSSI (?-1885). Nome africano de Marcelina da Silva, ialorixá falecida em Salvador, BA. Nascida na África e liberta, era filha de santo e parente carnal da legendária Iá Nassô*, sendo bisavó de Mãe Senhora*. Foi uma das fundadoras do Axé Ilê Iá Nassô Oká*, a mais antiga comunidade-terreiro da tradição dos orixás no Brasil. Com sua morte houve a dissidência que levou ao nascimento das comunidades do Ilê Axé Opô Afonjá e do Gantois.
OBADIMEYI. *Ver SAMÁ, Lorenzo.*
OBALUAIÊ. Orixá da varíola; forma jovem de Xapanã* (cujo nome não deve ser pronunciado), em contraposição a Omolu*. Entre os *lucumís*

cubanos, é invocado como Babalú Ayé* e tem como qualidades ou entidades a si associadas: Afrosán, Agoi, Agronica, Azonwano, Chakuana, Chapkuana ou Chapkuata, Houla Shomafo e Keleje Kuto. O nome Obaluaiê tem origem no iorubá *oba olú ayé*, "rei", "dono do mundo". *Ver SAKPATA.*

OBALUFÃ. Orixá iorubano, inventor da tecelagem e das roupas, protetor dos tecelões. Do iorubá *Obàlufòn*.

OBAMA [II]**, Barack** [Hussein]. Político norte-americano nascido em Honolulu, Havaí, em 1961, filho de mãe americana e pai queniano. Formou-se em Ciências Políticas e Direito, respectivamente, pelas universidades de Colúmbia e Harvard. Na década de 1980, mudando-se para Chicago, destacou-se na defesa dos direitos civis da comunidade negra local, o que o impulsionou a cursar Direito, formando-se em 1991. Dois anos depois, torna-se professor da Universidade de Direito de Chicago e membro do Senado estadual de Illinois, eleito principalmente pelo voto dos negros, sendo reeleito para o mandato seguinte. Em 2004, eleito para o Senado americano, passa a ser o quinto senador negro da história de seu país e o único no mandato em questão. Autor dos livros *A origem dos meus sonhos* (2008) e *A audácia da esperança: reflexões sobre a reconquista do sonho americano* (2007), em 2008, como candidato do Partido Democrata, derrotou o republicano John McCain e tornou-se o primeiro afrodescendente eleito presidente dos Estados Unidos. Sua posse, em janeiro de 2009, converteu-se em um grande acontecimento internacional.

OBÁ-OBÁ. Pequena palmeira de folhas verde-escuras; planta votiva de todos os orixás (conforme Cacciatore, 1988).

OBARA. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. No culto de Ifá, os dezesseis odus principais, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Obara Meji.

OBARA-XEQUE. Nos xangôs do Recife, odu em que quem responde é Oxóssi.

OBAS, Bethova. Cantor e guitarrista haitiano nascido em 1964. Tornando-se conhecido em 1987, permaneceu fiel à música tradicional de seu país, sem contudo prender-se ao folclore, em um gênero que é considerado uma espécie de blues caribenho.

OBATÀ. Cabaça sonora, usada como instrumento musical ritual da Casa de Nagô, no Maranhão. *Ver BATÁ.*

OBATALÁ. Orixá superior iorubano, criador, por delegação de Olofim*, da Terra e dos seres humanos, tendo participado como modelador de seu corpo físico. Do iorubá *Obàtálá*, "o senhor das vestes brancas". No Haiti, os equivalentes de Obatalá são: Mawu, Mambò, Mambò Lasalle, Mambò Sacà, Gran Mambò, Maîtresse Mambò e Mambò Ayisán (*ver MAMBO [2]*). Na República Dominicana, aproximam-se de suas características: Mamita Mambò, Ana Mambò e Vieja Mambò. Em Trinidad, Adoweh, Ahmeeoh, Airecahsan e Aireelay são seus correspondentes, conhecendo-se também as formas Abalophon e Elephon. Em Cuba, outras manifestações de Obatalá ou entidades a ele associadas são: Agbala, Ajala, Alalinyamo, Arishogún, Yalumo Arishogún, Allaguna, Baba Achó, Biñose, Fore, Mola Mola, Obalufón, Ochagriñan, Ochanile, Ocha Oloru Ayé, Olufandei, Orishaye, Unle Oguera e Yeku Yeku. *Ver OXALÁ.*

OBÁ-XIRÉ! Interjeição de saudação ao orixá Obá*.

OBÉ. Na tradição brasileira dos orixás, a faca empregada nos sacrifícios rituais e em outros usos. Do iorubá *òbe*.

OBÉ ILÁ. Iguaria da culinária brasileira à base de quiabo. Do iorubá *obè*, "molho", "sopa" + *ilá*, "quiabo".

OBEAH. Espécie de religião de base africana oriunda da Jamaica e disseminada pelas Antilhas e parte das Américas, cujo oficiante é o *obeah man*, *obiaman* ou *obiama*. Segundo algumas fontes, teria principalmente finalidades maléficas, contrapondo-se, assim, ao myalismo*. O termo designa, também, o objeto feito ou preparado com propósitos maléficos. No folclore caribenho, *obeah* ou *obia* é, ainda, um animal gigantesco que ronda as aldeias, raptando meninas para enfeitiçá-las.

OBENGA, Théophile. *Ver AFROCENTRISMO.*

OBERDAN Magalhães (1945-84). Músico brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Saxofonista, flautista e compositor com carreira iniciada em bailes, ainda adolescente, fez parte do grupo Abolição, no início dos anos de 1970, liderado pelo pianista Dom Salvador*. Entre 1976 e 1980, integrou a Banda Black Rio, grupo instrumental pioneiro, dedicado a uma espécie de fusão entre o samba de salão e o funk*, com o qual gravou os LPs *Maria*

fumaça (1977), *Gafieira universal* (1978) e *Saci-pererê* (1980). Carioca suburbano, ligado à escola de samba Império Serrano* e com formação erudita e de jazz, foi um dos mais inovadores músicos brasileiros. Faleceu prematuramente em um acidente automobilístico.

OBERÓ. Nome africano do alguidar*.

OBESO, Candelario (1849-84). Poeta colombiano nascido em Monpox e falecido em Santa Fé de Bogotá. Foi o precursor da poesia negra em seu país e um dos primeiros escritores latino-americanos a fugir dos padrões literários europeus. É autor do romance *La familia Pigmalión* (1871), do volume de poemas *Cantos populares de mi tierra* (1877) e da peça teatral *Secundino el zapatero* (1880). Acredita-se que se tenha suicidado aos 35 anos.

OBEYES. Variante cubana para Ibeyi (Ibêji*).

OBI. Denominação iorubana da coleira, planta da família das esterculiáceas, produtora do fruto de mesmo nome (noz-de-cola), largamente usado na tradição religiosa afro-brasileira, tanto como objeto de oferenda como em processos divinatórios (*ver ODU*). No Brasil, conhecem-se duas espécies: o obi-abatá (*Cola acuminata*), também chamado obi-de-quatro-bandas, e o obi-banjá (*Cola nitida*), de duas. Ao ato de confirmação de um iniciado, mediante a colocação de um obi partido sobre sua cabeça, chama-se “plantar o obi”.

OBIA. Variante de *obeah**.

OBIN, Philomé (1892-1986). Pintor haitiano. Retratando motivos populares, festas, cerimônias do vodu e cenas de multidão, criou um estilo rotulado como “escola de Cap-Haïtien”.

OBÓ (*Periploca nigrescens*). Planta africana da família das asclepiadáceas aclimatada ao Brasil, da mesma família da espécie aqui conhecida como oficial-de-sala (*Asclepias curassavica*). Na tradição dos orixás é consagrada a Ossãim, e suas folhas têm participação importante no omi-eró* dos ritos iniciáticos, constituindo um dos elementos indutores do transe (conforme J. F. Pessoa de Barros, 1993). Do iorubá *ogbo*.

OBO ZUIN. Divindade de cultos africanos de Trinidad sincretizada com santo Humberto, tal como Oxóssi na *santería* cubana.

OBOTÔ. Em candomblés de nação jeje, vodum correspondente a Iemanjá.

OCASSEÔ. Alimento votivo de Xangô à base de carne de cágado e ofertado dentro do próprio casco do animal.

OCHA LELE. Em Cuba, um dos caminhos ou qualidades do orixá Oyá*.

OCHA, Regla de. Em Cuba, expressão que designa o conjunto unificado de conhecimentos da tradição dos orixás iorubanos e o próprio universo do culto. O termo *ocha*, forma sincopada de *oricha*, é usado, sozinho, no feminino, como redução de *regla de ocha*. Exemplo: "*Inlé es el médico de la ocha*". *Ver RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*; *SAMÁ, Lorenzo*.

OCOLOLÔ. Palavrada, conversa fiada. Termo usado, outrora, na expressão "ocololô de negra mina".

OCOYTA. Localidade montanhosa na jurisdição de Panaquire, Venezuela, onde floresceu o célebre quilombo de Guillermo Ribas (Negro Guillermo*), por volta de 1770.

OCRÁ. Espécie de abará* da culinária afro-cubana. O mesmo que *akará*.

OCTORUM (OCTORUNO). *Ver OITAVÃO.*

OCU BABÁ! Antiga fórmula de saudação entre negros iorubanos, nas ruas brasileiras. Do iorubá *o kú*, saudação desejando vida longa + *baba*, "chefe", "maioral", "patrão".

OCU JELÊ! Fórmula de cumprimento usada pelos antigos nagôs do Brasil. De *o kú*, saudação desejando vida longa + *ajélè*, "cônsul", "governador", "deputado".

OCU JINIÔ! Saudação usada entre os antigos nagôs da Bahia. Do iorubá *oku ji nio*, "espero que tenha despertado bem" (conforme Pierre Verger, 1987).

OCUNJIMUM. Um dos nomes antigamente dados, no Brasil, a Iemanjá.

OCUNRIN. Nos xangôs nordestinos, homem que desempenha o mesmo papel da equede* dos candomblés jejes-nagôs, acolitando os orixás e protegendo as iaôs, quando do transe. Do iorubá *okùnrin*, "homem".

ODÁ. Bode castrado, animal preferencial nos sacrifícios a Logun-Edé*.

ODAM. Variante de Dã*. Na mina maranhense, nome dado à família Dambirá, panteão da terra e das doenças.

ODAN-MERILÁ. Nos xangôs do Recife, odu em que quem responde é Oxumarê. O nome está ligado ao numero catorze – em iorubá, *mérìnlá*.

ODARA. Palavra usada em expressões e cânticos afro-brasileiros para qualificar tudo que é bom, bonito e positivo. Do iorubá *dára*, "belo".

ODÉ. Nome pelo qual o orixá Oxóssi é invocado e com o qual é cultuado principalmente nos xangôs pernambucanos. Também, nome genérico pelo qual são referidos todos os orixás caçadores, como Logun-Edé*. Do iorubá *ode*, "caçador".

ODÉ MATÁ. Em Cuba, um dos nomes de Oxóssi. No Brasil, variante de damatá*, o conjunto de arco e flecha de Odé ou Oxóssi.

ODÉ-OMI. No Rio Grande do Sul, manifestação jovem de Oxóssi, ligada a uma forma também jovem de Oxum, sendo, provavelmente, uma qualidade de Logun-Edé*. De *Odé*, certamente relacionado ao iorubá *omi*, "água", que é o elemento de Oxum.

ODI. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Os dezesseis odus principais da tradição de Ifá, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Odi Meji.

ODOFIABA! Uma das saudações a Iemanjá.

ODOIÁ! Uma das saudações a Iemanjá. Provavelmente, do iorubá *odò ìyá*, "mãe do rio" (no país iorubá, Yemoja é o nume tutelar do rio Ogun). Considere-se, entretanto, que o rio Níger, cujo nume tutelar, para os iorubanos, é Oya, é vernaculamente chamado *Odò Oya* (de *odò*, "rio").

ODU. Denominação de cada um dos elementos que constituem o sistema oracular de Ifá*, representados por sinais gráficos característicos; resultado de uma jogada feita no processo da adivinhação, por meio dos *iki ni Ifá* (*ikines*, "coquinhos de dendê") ou do opelê*, e que encerra uma resposta ou indicação dada pelo oráculo Ifá*. Esse processo conta com um corpo de dezesseis elementos principais ("mêjis") e 256 secundários, além de outros, sendo que cada pessoa tem seu destino ligado a um deles. Entretanto, o odu que se manifesta durante uma consulta ao oráculo não é necessariamente o da trajetória pessoal do indivíduo, e sim o da circunstância por ele atravessada naquele momento. Os nomes dos odus principais – Ejiogbe, Oyekun, Iwori, Odi, Irosun, Oworin, Obara, Okanran, Ogundá, Osa, Ika, Oturupon, Otura, Irete, Oxê e Ofun – identificam, segundo a tradição, os primeiros discípulos iniciados por Orumilá* na arte da adivinhação. O jogo

de búzios, no qual quem responde é Exu, e não Ifá, corresponde a uma simplificação da consulta ao oráculo de Ifá. Outro processo simplificado de adivinhação usado na tradição iorubana é aquele feito por meio do obi* partido (em Cuba, quatro pedaços da casca de um coco-da-baía), no qual quem responde é o próprio orixá a quem se dirige a pergunta. *Ver IFÁ; IKINES*.

ODUDUA. Grande orixá iorubano, representado ora em sua natureza masculina ora na feminina e ligado à Criação. Segundo a tradição, é o herói fundador do povo iorubá, tendo sido enviado por Olodumarê*, o Deus Supremo, para completar, em Ifé*, de onde foi o primeiro governante, a obra de criação do mundo, da qual participou como instrutor dos espíritos em sua missões na Terra. Segundo, ainda, as fontes tradicionais, os descendentes de Odudua tornaram-se os governantes das cidades-estado de Ifé, Oyó e Benin. No candomblé da Bahia, Odudua é tido, em geral, apenas como uma qualidade de Oxalá. Entretanto, na *santería** cubana, é objeto de um culto específico, sendo um orixá ligado à saúde e à morte e o representante de Olofim* na Terra. Seu assentamento e a entrega de seus objetos rituais ao iniciado envolvem cerimônias secretas, de grande complexidade. Ainda segundo a tradição *lucumí* cubana, os orixás relacionados a Odudua são: Oggué, seu bisneto; Adanu Orichá; Abatá e Inlê, seus netos; Oraniyán, seu filho; e Yewá, sua filha. Do iorubá *Odùdúwá*. Também, Odua.

ODUNDUN. Nome africano do saião*.

OFÁ. Insígnia dos orixás caçadores Oxóssi, Odé, Inlê, Ibualama e Logum Edé, representada por arco e flecha unidos e confeccionada em metal. Do iorubá *ofà*, “flecha”.

OFAORO. No xangô pernambucano, espécie de ojá* com que os devotos de Oxum protegem o ventre, em caso de doenças internas (conforme Lody, 2003).

OFFIAH, Martin. Jogador de rúgbi inglês nascido em Londres, em 1966. Extremamente veloz, foi o primeiro atleta a obter, em seu esporte, amplo reconhecimento em toda a Grã-Bretanha.

OFÍCIOS DE NEGROS. Durante a escravidão e após a abolição, além das ocupações pesadas como as de carregadores, estivadores, lavadeiras, cocheiros, barqueiros, remadores, marinheiros etc., ocupadas por negros nas

principais cidades, outros ofícios e artes, alguns requerendo especialização, foram típicos de africanos e descendentes. Entre esses ofícios contam-se os de confeccionadores e vendedores ambulantes de doces e iguarias, barbeiros, fabricantes e vendedores de vassouras e espanadores, fabricantes de fogareiros de barro e destruidores de formigueiros – no último caso, requerendo algum conhecimento científico, embora empírico. Em Buenos Aires, professores de piano e músicos em geral quase sempre eram de origem africana, da mesma forma que, no Brasil e em Cuba, os professores de primeiras letras. *Ver MESTRE-ESCOLA*.

OFRANEH. Sigla da Organización Fraternal Negra Hondureña, fundada em 2 de setembro de 1973 em Puerto Cortés, Colón (Honduras), sob a liderança de Erasmo Zuñiga Zambolá.

OFUN. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Os dezesseis odus principais, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados, no jogo de Ifá, juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Ofun Meji.

OGÃ. Título da hierarquia masculina dos candomblés, conferido a pessoas prestadoras de relevantes serviços à comunidade-terreiro ou mesmo a especialistas rituais, como músicos, sacrificadores de animais etc., ou, ainda, a outras de status social ou financeiro elevado. Categorias: Escolhido pelo chefe do candomblé ou por um orixá incorporado, o ogã é "suspenso" ou "levantado" (alusão à forma pela qual se manifesta a escolha, com o eleito sendo literalmente erguido no ar). Depois de suspenso, o novo ogã submete-se a alguns ritos de iniciação para, então, ser "confirmado" e assumir, ao lado de seus pares, a condição de conselheiro e protetor do terreiro e da comunidade. Ogã suspenso, levantado ou apontado é aquele que foi indicado como possível candidato ao efetivo cargo de ogã; o confirmado é o ogã que, depois de suspenso, realizou a totalidade de sua obrigações para fazer jus ao assento em sua cadeira ritual. Os ogãs especializados recebem várias denominações, como axogum* ou ogã de faca; alabê*; ogã nilu ou ogã de atabaque etc. O vocábulo tem origem etimológica no iorubá *ògá*, "pessoa proeminente", "chefe", "superior", "patrão"; possui a mesma raiz do fongbé *hougan*, "superior", "acima de". *Ver HOUGAN*.

OGÃ COLOFÉ. Em alguns terreiros de umbanda, alto grau da hierarquia sacerdotal, imediatamente abaixo do pai de santo.

OGBONI. Sociedade secreta da tradição iorubana no Brasil. Na África, a sociedade (*Ògbó ni*), na qual os membros se identificam pelo uso de pulseiras de metal ou de couro, é sempre dirigida por uma mulher, a *erelu*, a qual é secundada por outra, a *olori erelu*, ou outras mais. Nas reuniões dos titulares da sociedade, discutem-se os negócios políticos e julgam-se tanto questões civis quanto criminais.

OGÉ, Jacques Vincent (1755-91). Revolucionário haitiano nascido em Saint Domingue. Mulato rico, estudou em seu país e em Paris, França, onde se integrou ao influente grupo abolicionista Les Amis des Noirs. Em 1789, pediu à Assembleia Nacional Francesa, durante sua estada em Paris, que libertasse todos os escravos de Saint Domingue. O indeferimento de sua petição o convenceu de que o único recurso que restava era a força. Antes de deixar a França, encontrou-se secretamente com lideranças abolicionistas em Londres. A caminho do Haiti, comprou armas em Charleston, Carolina do Sul, Estados Unidos. Em 1790, à frente de um exército de mestiços, disposto a abolir a escravidão e proclamar a independência de seu país, atacou Le Cap Français, mas foi derrotado, fugindo então para o lado espanhol da ilha. Extraditado, julgado e executado em 9 de março de 1791, sua morte precipitou os acontecimentos que culminaram na Revolução Haitiana*, da qual é considerado um dos grandes heróis e mártires.

OGÓ. Bastão de Exu, constituindo uma espécie de cetro mágico com que ele se transporta aos lugares mais longínquos. Do iorubá *ògo*, porrete usado para defesa pessoal.

OGODÔ. Uma das manifestações ou qualidades de Xangô. Em Cuba, Ogodô é um Xangô oriundo da nação tapa. Do iorubá *Ògòdò*, nome de uma cidade dos tapas.

OGUELÊ. Variante de oquelê*.

OGUIDAVI. Variante de aguidavi*.

OGUIRI. Amuleto, breve. Saquinho de couro ou de pano contendo substâncias sacralizadas. Do iorubá *ogiri*, “parede”, “proteção”; ou *ògíri*, “forte”, “ativo”.

OGUM. Orixá iorubano do ferro, patrono de todos aqueles que habitualmente usam instrumentos ou ferramentas feitos desse metal, como ferreiros, caçadores, guerreiros, barbeiros, entalhadores etc.; dos que trabalham com o couro, porque usam facas; dos que fazem circuncisões; e, mais recentemente, dos maquinistas de trem, cujo domínio é a ferrovia. Segundo alguns relatos tradicionais, é uma divindade superior, tendo participado da Criação como o originador dos minerais e das montanhas. Simboliza, segundo alguns teóricos, o desenvolvimento da tecnologia, o segredo da transformação do minério em metal, a passagem da Idade da Pedra para a Idade dos Metais. Com sua espada (agadá*), ele abre os caminhos do desconhecido, concorrendo para o bem-estar da comunidade e o avanço da humanidade. Ogum nas Américas: No Brasil, é um dos orixás mais cultuados, tendo, porém, mais ressaltado o seu aspecto guerreiro. Em Cuba, é genericamente conhecido como Oggún, mas recebe o nome de Pungo Dibudi na *regla kimbisa del Santo Cristo del Buen Viaje*; o de Sarabanda na *brillumba* e na *regla de palo mayombe*, em que também é conhecido como Viento Malo e Cabo en Guerra; o de Acutorio Orgullé no culto *arará*; de Noy, Nou e Ajuaggún no *cabildo gangá*; e de Iboru e Boku nos ritos de origem ijexá. Ainda em Cuba, outras manifestações de Ogum ou entidades a ele associadas são: Abo Ichokún, Alagwede Soude, Corona Apanada e Oguedai. No Haiti, é conhecido como Linglessou, no Norte do país, além de Ogou Ferraille, Ogou Badagrí e Ogou Balindjo – este associado a são Jorge, como na umbanda brasileira. Na República Dominicana, é invocado principalmente sob os nomes de Linglesú, Jiyán Petró e Pier Basicó. Também se conhecem Oggun Balendyó, Badagri, Fegai (alteração do francês *ferraille*, “ferragem”), Panamá, Onsú, Negue, Batalá e Belié Belcánascido. Em Trinidad, os Oguns se chamam Ologba, Olopelophon, Oromelay, Olomené e Oloremay.

OGUM ALABEDÉ. *Ver ALABEDÉ.*

OGUM AVAGÃ. No batuque gaúcho, orixá guardião do templo e relacionado ao que ocorre na rua.

OGUM BEIRA-MAR. Na umbanda, entidade que é chefe de falange, na linha de Ogum, relacionada a Iemanjá.

OGUM DE MALË. Na umbanda, entidade que é chefe de falange, na linha de Ogum.
OGUM DE NAGÔ. Na umbanda, entidade-guia, chefe de falange, na linha de Ogum.
OGUM DILÊ. Entidade da umbanda. O termo parece relacionar-se ao afro-cubano *Oggun Nile*, uma das manifestações do poderoso orixá Ogum. Considere-se, entretanto que *Ògun-délé* é, entre os iorubanos, antropônimo masculino e topônimo na localidade de Ilarô e que Ogum foi, segundo a tradição, rei de Irê.
OGUM IARA. Entidade da umbanda, chefe de legião. O nome parece se relacionar ao adjetivo iorubá *yára*, "rápido", "ativo", talvez presente em algum antigo cântico de louvação a Ogum.
OGUM MARINHO. O mesmo que Ogum Beira-Mar*. O nome parece estar ligado a mariuô*, pela mesma razão apontada no verbete Ogum Iara.
OGUM MATINADA. Entidade da umbanda, chefe de legião.
OGUM MEJÊ. Entidade da umbanda, chefe de falange. O nome evoca o numeral iorubá *méje*, "sete", número ritual de Ogum.
OGUM METÁ. O mesmo que Ogum Beira-Mar*. Liga-se a Iemanjá, Oxum e Nanã. Do iorubá *méta*, "três".
OGUM NARUÊ. Entidade da linha de Ogum, integrante do sistema de cultos da Amazônia e da umbanda.
OGUM OIÁ. Entidade da linha de Ogum, integrante do sistema de cultos da Amazônia.
OGUM ROMPE-MATO. Na umbanda, entidade cabocla, chefe de falange, na linha de Ogum.
OGUM XOROQUÊ. Orixá de provável origem jeje ou jeje-nagô, cultuado no Brasil. Durante seis meses do ano assume as características de Exu, e, nos outros seis, as de Ogum.
OGUN. Estado da República Federal da Nigéria, com capital em Abeokutá*. É conhecido por seus grandes festivais, como os de Egungun, Yemoja (Iemanjá) e Obatala, realizados anualmente, após consulta ao oráculo Ifá.
OGUNDÁ. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Os dezesseis odus principais

da tradição de Ifá, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, “duplo”. Exemplo: Ogundá Meji.

OGUNHÊ! Grito de saudação a Ogum. Do iorubá *yè*, “está vivo”, certamente correspondendo ao português “Viva!”.

OGUNJÁ. Qualidade ou manifestação de Ogum que mora no mato com Oxóssi ou nas encruzilhadas com Exu. Segundo Pierre Verger (1981), o nome é contração da expressão iorubá *Ògún je ajá* (“Ogum come cachorro”), presente em um oriqui*.

OGUNTÉ. Qualidade de Ogum cultuada na umbanda. Na Bahia, qualidade de Iemanjá, casada com Ogum Alabedé*.

OGUXÓ. Na Bahia antiga, tocha para acender fogão. O nome designava, também, pela aparência, um modelo de penteado feminino. Do iorubá *ogùsò*, “tocha”, “archote”, “facho”. Também, aguxó.

OH, QUE DELÍCIA DE NEGRAS! Revista musical brasileira, encenada em temporada no Teatro Rival, no Rio de Janeiro, em 1989. Com libreto de Nei Lopes, música de Cláudio Jorge* e direção de Haroldo de Oliveira*, a obra, interpretada por um elenco de negros, representou uma tentativa de retomada da Companhia Negra de Revistas*.

OHENE-FREMPONG, Kwaku. Cientista médico nascido em Kumasi, Gana, em 1946, e radicado nos Estados Unidos. Ex-desportista e atleta olímpico, tendo integrado a seleção nacional de seu país, abandonou a carreira em 1972 para formar-se na Universidade de Yale três anos mais tarde. Sabendo-se portador do gene da anemia falciforme* e tendo um filho portador da mesma doença, dedicou-se, à frente do Comprehensive Sickle Cell Center do Children’s Hospital da Filadélfia (EUA), a incansáveis pesquisas sobre o mal, tornando seu trabalho uma das principais referências no assunto. Em 1992, ao estabelecer uma parceria entre o centro que dirige e um hospital-escola de sua cidade natal, deu importante passo para a melhoria do tratamento e a futura cura definitiva da enfermidade.

OIÁ-FUNXÓ. Posto feminino da hierarquia de antigos candomblés de nação tapa.

OIÊ. Sinal corporal secreto por meio do qual o orixá marca a pessoa que deve herdar um cargo de direção numa comunidade-terreiro. Por extensão,

o nome designa também a obrigação que o assinalado deverá cumprir para assumir o cargo.

OIM. Na tradição dos orixás, denominação ritualística do mel, também chamado oroim.

OIÓ [1]. Nome de uma "nação" do batuque gaúcho. Remonta a Oyó*, região e cidade da Nigéria.

OIÓ [2]. Nome nagô-brasileiro do quiabo. Em Cuba, *nyonyó*. Do iorubá *ôyó*.

OITAVÃO. Qualificativo do mestiço que supostamente apresenta, em sua constituição biológica, um oitavo de sangue negro. Também, octorum e octoruno.

OITO BATUTAS, Os. Conjunto orquestral brasileiro, atuante entre 1919 e 1928. Criado especialmente para tocar na sala de espera do cinema Palais, na atual avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, em 1922 o grupo excursionou com sucesso a Paris, apesar dos protestos racistas de parte da imprensa brasileira. De volta, participou dos festejos da Exposição do Centenário da Independência do Brasil e apresentou-se em 1927 em Buenos Aires, onde gravou alguns discos na fábrica Victor argentina. Seus principais músicos, nas várias formações que ostentou, foram os afrodescendentes Pixinguinha*, Donga*, China* e Nelson Alves (1895-1960).

OJÁ. Faixa larga de pano usada, na tradição dos orixás, com diversas finalidades: ora como turbante, ora como cinta, ora, finalizada com um grande laço, envolvendo o corpo dos atabaques, o tronco de árvores sagradas etc. Do iorubá *òjà*, "faixa", "xale", "cinta" etc.

OJÉ. Sacerdote do culto de Egungum. Do iorubá *òjè*.

OJIJI. Poderoso bruxedo de Iâmi-Oxorongá*, feito com a sombra da pessoa que se deseja atingir.

OJIXÉ. Um dos nomes com os quais Exu é invocado no padê*. Do iorubá *òjíse*, "mensageiro", "criado".

OJÔ-COCORÔ. Antiga expressão dos negros nagôs no Brasil significando "olho grande", "olho mau", "inveja", "mau-olhado". Do iorubá *ojúkòkoro*, "cobiça", "avareza".

OJÓ-ODÔ. Na tradição dos orixás, festa dos inhames novos, dedicada a Oxaguiã.

OJUÀNI. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Os dezesseis odus principais da tradição de Ifá, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Ojuáni Meji. A forma, usada principalmente em Cuba, é deturpação do iorubá *Owonrin*.

OJU-BURUCU. O mesmo que ojô-cocorô*. Do iorubá *oju burúkú*, "olho mau".

OJUM. Oração do axexê*, pedindo paz para o espírito do defunto.

OJUOBÁ. Cargo sacerdotal do culto de Xangô, que confere ao titular o direito de agitar o xeré*.

OKAMBI. Orixá iorubano, filho mais velho de Odudua. Antigos escritos brasileiros usam a forma "Ochambi" para grafar o seu nome. Do iorubá *Òkònbi*.

OKANRAN. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. Os dezesseis odus principais da tradição de Ifá, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplo: Okanran Meji. Diz-se, também, Okana.

OKÉ. Orixá da *ocha** cubana, senhor das colinas, montes e de tudo que é alto. Atua como guardião de todos os outros orixás e é associado a são Tiago Apóstolo, patrono da Espanha. No Brasil, no passado foi cultuado sob o mesmo nome, grafado, porém, com acento circunflexo: Okê.

OKÊ ARÔ! Saudação ritual de Oxóssi. Também, "Okê!".

OKILÁKPUÁ. *Ver ROCHE, Pablo*.

OKÓNKOLO. Na percussão afro-cubana, o menor dos três tambores do tipo batá*.

OKRA. Nome jamaicano e inglês do quiabo. Do twi *nkruma*, segundo *The American heritage dictionary* (1991).

OLANO, Nuflo de (século XVI). Navegador europeu. Escravo negro, possivelmente nascido na África, participou, em 1513, da expedição de Vasco Nuñez Balboa ao istmo do Panamá.

OLD BONGO. Dança "de nação" do *big drum**.

OLD KALENDA. Dança crioula do *big drum** simulando uma luta com bastões. *Ver KALINDA*.

OLD NENGRE. O mesmo que Gran Gadu*.
OLELÉ**.** Iguaria da culinária ritual afro-cubana. *Ver LELÊ*.
OLELÊ. Bolo de feijão ralado que é cozinhado no vapor, sem nenhum condimento ou azeite, e integra a cozinha ritual dos xangôs pernambucanos.
ÓLEO DE LIAMBA. Óleo misturado com maconha usado em rituais do catimbó*.
OLGA DO ALAKETO (1925-2005). Nome pelo qual se fez conhecida Olga Francisca Régis, ialorixá nascida e falecida em Salvador, BA, de nome iniciático Oyá Funmi. Descendente dos africanos fundadores do Candomblé do Alaketo, era filha biológica da mãe-pequena Etelvina e filha de santo de sua tia-avó carnal Dionísia Francisca Régis, a quem sucedeu na chefia do terreiro. Além dos orixás de sua nação, cultuava fervorosamente o caboclo Jundiara, que associava a Oxumarê. Essa parece ter sido a razão de certo descaso que alguns setores votavam às práticas, tidas como sincréticas, de sua casa, muito embora seja o Alaketo, por sua antiguidade e por seus fundamentos, uma das mais importantes comunidades do candomblé* baiano. Em 1966, a convite do Ministério das Relações Exteriores, integrou a delegação brasileira participante do Festival Mundial das Artes Negras, em Dacar, Senegal, oportunidade em que apresentou pratos da culinária afro-baiana e interpretou, com um grupo de sua comunidade-terreiro, cânticos e danças rituais.
OLHO DE BOI. Semente usada como amuleto na tradição afro-brasileira.
OLHOS-DE-LOGUN. Alimento votivo de Logun-Edé – metade omolocum*, metade axoxó*.
OLIÇAÇÁ. Vodum jeje correspondente ao Oxalá dos nagôs. *Ver LIÇÁ*.
OLIMPÍADAS. *Ver JOGOS OLÍMPICOS*.
OLINDA. Cidade brasileira, na microrregião de Recife*, PE. *Ver CIDADES NEGRAS*.
OLIVEIRA [Filho]**, Asfilófio de.** *Ver FILÓ*.
OLIVEIRA, Benjamin [Malaquias] **de** (1870-1954). Artista circense, ator, cantor e autor teatral brasileiro nascido em Pará de Minas, MG, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Filho de uma escrava com um ex-peão de fazenda, foi mais conhecido como palhaço e compositor popular. Destacando-se como um dos grandes pioneiros do teatro popular no Brasil,

consagrou-se como o primeiro grande palhaço negro do país, embora com o rosto pintado de branco, para tentar iludir o racismo. Amigo pessoal do presidente Floriano Peixoto, que, segundo consta, frequentava o circo, disfarçado, para aplaudi-lo, foi um talento criativo e inovador em sua especialidade, parodiando operetas e dramas famosos, além de compor e interpretar lundus, chulas e modinhas. Mais do que um palhaço completo, Benjamin de Oliveira foi também um impecável galã nas peças encenadas como complemento do espetáculo circense. Assim, acabou por tornar-se um grande ator shakespeariano, admirado por homens de teatro como Artur Azevedo e Procópio Ferreira. Aclamado como o "rei dos palhaços brasileiros", tem, também, a seu crédito, além de pantomimas, farsas, cenas cômicas, revistas, burletas e adaptações, a autoria das seguintes peças teatrais efetivamente encenadas: *A escrava Martha* (peça de costumes, 1908); *Os filhos de Leandra* (drama, 1909); *O Diabo entre as freiras* (opereta, 1910); *O Cupido no Oriente* (opereta fantástica, 1910, em parceria com David Carlos); *A vingança do operário* (drama, 1910); *À procura de uma noiva* (opereta, 1911); *Culpa de mãe* (melodrama, 1912); e *O lobo da fazenda ou A filha do colono* (1912) – conforme Ermínia Silva (2007).

OLIVEIRA, Bonfiglio de (1894-1940). Trompetista, chefe de orquestra e compositor brasileiro nascido em Mar de Espanha, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Fundador e diretor de harmonia do rancho Ameno Resedá, é coautor, entre outras composições, da marcha *Carolina*, sucesso do carnaval de 1934, e do famoso choro *Flamengo*.

OLIVEIRA, [Manoel Bezerra] **Correia de** (1881-1920). Magistrado e poeta brasileiro nascido em União dos Palmares, AL. Formado pela Faculdade de Direito do Recife, exerceu a magistratura e dedicou-se à poesia. Membro da Academia Alagoana de Letras, publicou, entre outras obras, *Troia negra*, sobre os quilombos de Palmares.

OLIVEIRA, Dalva de (1917-72). Cantora brasileira nascida em Rio Claro, SP, e falecida no Rio de Janeiro, RJ. Com carreira profissional iniciada em 1938, tornou-se, a partir do final da década de 1940, quando deixou o Trio de Ouro para empreender carreira solo, uma das maiores referências do canto popular feminino no Brasil. Era filha de pai mulato e mãe portuguesa.

OLIVEIRA, Dom Helvécio Gomes de (1876-1960). Arcebispo brasileiro nascido em Anchieta, ES. Formado pela Universidade Gregoriana de Roma, foi titular da arquidiocese de Mariana, MG, onde criou o Museu Arquidiocesano, inaugurado em 1926 e desmontado em 1940, quando seu acervo foi doado para a criação do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto. Foi também o mentor, em Mariana, das obras de recuperação da Casa Capitular, importante monumento histórico setecentista, onde se instalou a cúria, em 1926. Além disso, desenvolveu relevante obra educacional também no estado do Maranhão. É mencionado como afrodescendente por Araújo (1988).

OLIVEIRA, Eduardo [Ferreira] **de.** Poeta e professor brasileiro nascido em São Paulo, SP, em 1926. Militante pelos direitos do negro, foi vereador na sua cidade natal de 1959 a 1963. Publicou *Banzo* (1965), *Gestas líricas da negritude* (1967) e *Evangelho da solidão* (1969) e é autor da letra do *Hino à negritude*. Em 1995 liderou a fundação da entidade denominada Congresso Nacional Afro-Brasileiro, da qual se tornou presidente.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e (1923-80). Cientista social brasileiro, falecido em São Paulo. Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), SP, desenvolveu intensa atividade acadêmica. Publicou, entre outros textos, os ensaios e comunicações "Mulato, um obstáculo epistemológico" (1974); "Movimentos políticos negros no início do século XX no Brasil e nos Estados Unidos" (1976); "Etnia e compromisso cultural" (1977).

OLIVEIRA [da Fraga]**, Flávia.** Jornalista brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1969. Com formação técnica em Estatística e graduada em Comunicação Social, destacou-se como repórter na editoria de economia do jornal *O Globo*, assinando eventualmente a coluna "Panorama Econômico". Em 2001, cursando pós-graduação em Políticas Públicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), editou uma importante série de cadernos intitulada "Retratos do Rio", nos quais, inclusive, focalizava a exclusão dos negros na antiga capital federal. A série conquistou o Prêmio Esso e o Prêmio Ayrton Senna na categoria "jornalismo", e os cadernos foram agraciados, separadamente, com vários prêmios jornalísticos, como o CNT, o Fiat Allis e o Firjan. Em 2009 a jornalista era titular da

coluna “Negócios e Cia.”, do jornal *O Globo*, e comentarista do canal Globo News.

Flávia Oliveira

OLIVEIRA, Gilvan de. Violonista e compositor brasileiro nascido em Minas Gerais, em 1956. Formado pela Faculdade de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), iniciou carreira profissional em 1983, firmando-se, a partir de seu ingresso no mercado fonográfico seis anos depois, como um dos grandes solistas brasileiros de seu instrumento e, talvez, como o único negro a se projetar nessa condição.

OLIVEIRA, Haroldo de (1942-2003). Ator e diretor teatral brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Iniciou carreira no cinema em *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos, filmado em 1955 e lançado dois anos depois – interpretou um dos meninos vendedores de amendoim ao redor dos quais girava a trama. Na televisão, destacou-se na novela *Escrava Isaura* (1976-77) e participou de outras produções de ambientação semelhante. No teatro participou de *Pedro Mico* (1957), dirigido por Paulo Francis, e incursionou pela direção em montagem de *Orfeu da Conceição*, com Zózimo Bulbul* e Zezé Motta*, na década de 1970, e em *Oh, que delícia de negras!**, nos anos de 1980.

OLIVEIRA, Hélio de Souza (1929-62). Gravador brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Sua obra em xilogravura, pequena mas expressivamente africana, foi mostrada em 1977 no Festival Mundial das Artes Negras, em Lagos, Nigéria. Era neto carnal de Procópio de Ogunjá*, recusando-se, entretanto, a sucedê-lo na liderança espiritual da comunidade-terreiro da qual foi fundador. Sucumbiu, vítima de doença, quatro anos após a morte do avô.

OLIVEIRA, Izaías Ignácio de (1882-1946). Armador brasileiro nascido na fazenda Santa Teresa, em Marquês de Valença, RJ, e falecido em Duque de Caxias, no mesmo estado. Filho da escrava Maria Ignácia, aos 9

anos foi para o Rio de Janeiro, levado pelo empresário Irineu Evangelista de Souza, o visconde de Mauá, que o acolheu, batizou e ajudou a se tornar um profissional da indústria naval. Autodidata, além do português, aprendeu francês e espanhol. Casou quatro vezes e teve nove filhos, um deles, Venceslau, afilhado do então presidente da República, Venceslau Brás. Estreitamente ligado ao armador, industrial e político Henrique Lage (1881-1941), foi proprietário do estaleiro Prado Peixoto, que mais tarde seria denominado "Estrela do Sul", no bairro da Ponta da Areia, em Niterói, RJ, credenciando-se, assim, como o primeiro armador brasileiro de indiscutível origem africana.

OLIVEIRA, João de (século XVIII). Personagem da história da escravidão, de origem iorubá. Trazido para Pernambuco quando menino, retornou ao golfo de Benin em 1733, ainda escravo e provavelmente a serviço de seu senhor. Dedicando-se ao comércio negreiro, obteve grande êxito, abrindo, com seus próprios recursos, os armazéns e embarcadouros que teriam originado as cidades de Porto Novo e Lagos. Segundo Costa e Silva (2004), sua prosperidade levou-o a enviar auxílio, em moeda e escravos, à viúva de seu antigo senhor pernambucano, e a contribuir para a construção da capela maior da igreja da Conceição dos Militares, em Pernambuco. Em 1770 retornava a Salvador, onde mais tarde faleceria. Nesse retorno, foi preso por contrabando de escravos. Entretanto, dos 79 negros que trouxera, quatro não seriam cativos, e sim enviados do oni (rei) de Lagos em missão diplomática e comercial. A trajetória de João de Oliveira é um retrato da alta complexidade e das sutilezas de que se revestiu a vida de escravos e libertos no eixo Brasil-África.

OLIVEIRA, Manoel Dias de [1] (1735-1803). Compositor e regente brasileiro nascido e falecido em São José del Rei, atual Tiradentes, MG. Um dos mestres da música colonial mineira, é autor de vasta e apreciada obra na área de música sacra, com soluções bastante ousadas do ponto de vista técnico. Algumas de suas composições foram registradas em CD pelo Ars Nova, coral da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

OLIVEIRA, Manoel Dias de [2] (1763-1837). Pintor brasileiro nascido em Santana do Macacu, RJ, e falecido em Campos, RJ. Ex-escravo e ourives de profissão, estudou, a expensas de protetores, em Portugal e,

depois, na Itália. Voltando a Portugal, depois de obter o reconhecimento dos grandes mestres italianos, lá ficou ironicamente conhecido como o "Brasiliense" ou "Romano". Em 1800, após retornar definitivamente ao Brasil, foi nomeado mestre de desenho e figura, tornando-se, assim, o primeiro professor público de artes em nosso país. Retratista e pintor religioso, suas inúmeras obras estão principalmente nas igrejas de Nossa Senhora Mãe dos Homens e Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e no Museu Nacional de Belas-Artes.

OLIVEIRA, Manuel de (?-1916). Personagem da história literária do Rio de Janeiro, natural de Cabinda, na atual Angola. Criado da família de Lima Barreto*, viveu mais de vinte anos na casa do escritor, que o descreve como um africano que "tinha de sua nação um orgulho inglês".

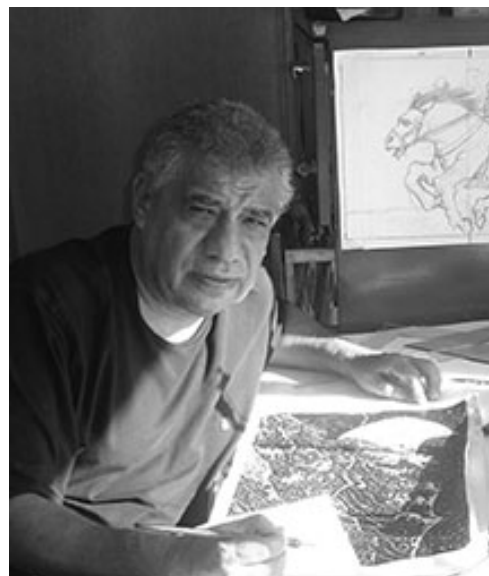
OLIVEIRA, Maria Tereza Joaquina de (?-1980). Personagem popular de Ramalhete, distrito de Osório, RS. Tornou-se conhecida personificando a rainha Jinga* do maçambique* de sua cidade. Em 1988, foi homenageada no calendário "Vultos negros do Rio Grande do Sul", publicado pela Secretaria de Estado de Educação.

OLIVEIRA, Nilton Santos. Magistrado brasileiro nascido em Prado, BA, em 1958. No ano de 1995, era o único negro entre os onze juízes do Primeiro Tribunal do Júri do Estado de São Paulo.

OLIVEIRA, Noel Rosa de (1920-88). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Fundador, compositor e puxador da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, foi coautor dos sambas-enredo salgueirenses de 1960 (*Quilombo dos Palmares*), 1962 (*O descobrimento do Brasil*) e 1963 (*Xica da Silva*). Deixou extensa obra gravada, na qual se incluem os clássicos do samba de terreiro *Falam de mim*, *O neguinho e a senhorita* e *Vem chegando a madrugada*, alguns registrados por sua forte e bem timbrada voz.

OLIVEIRA, Osvaldo José de. *Ver BRIGADEIRO OSVALDO.*

OLIVEIRA, Rui de. Desenhista, artista gráfico e escritor nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1942. Com sólida formação em Design Gráfico, Ilustração e Desenho Animado adquirida em Budapeste, Hungria (onde estudou por seis anos), a partir da década de 1970, de volta ao Brasil, desenvolveu importante carreira, tornando-se já nos anos de 1990 um dos

maiores e mais premiados artistas brasileiros em sua especialidade. Além de ter em seu currículo ilustrações de grandes obras da literatura publicadas no país e no estrangeiro, dedica-se à produção de livros infantis, escrevendo-os e ilustrando-os ao mesmo tempo, e já conta com vastíssimo cartel autoral. Obra escrita publicada: *Carmem Rita* (Budapeste, 1973); *O geniozinho faz de conta* (1979); *A Bela e a Fera* (1994); *O cachorro amarelo* (1996); *O peixinho azul* (1996); *Os três porquinhos pobres* (1997); *A lenda do dia e da noite* (2001); *Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem* (2002); *Cartas lunares* (2005); *Magnólia* (2005); *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens* (2008).

Rui de Oliveira

OLIVEIRA, Sebastião José de (1918-2005). Entomologista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, é professor de zoologia, parasitologia e entomologia. Autor de mais de sessenta trabalhos nas áreas científica e de divulgação, é responsável pela descrição de várias espécies novas de insetos. Em sua homenagem, vários espécimes, descritos por outros pesquisadores, receberam o nome *oliveirae*. Membro de diversas sociedades internacionais, foi, nos anos de 1990, subsecretário adjunto de Ciência e Tecnologia do governo do estado do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Sebastião Luís de. Líder sindical brasileiro nascido em Bicas, MG, no ano de 1896. No Rio de Janeiro, foi presidente da Sociedade de Resistência* dos Trabalhadores em Trapiche e Café e secretário-geral da "Federal", entidade aglutinadora de expressiva parcela dos trabalhadores da antiga capital da república. Em 1933 foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte, tendo participado com destaque dos debates sobre salário mínimo e regulamentação das profissões.

OLIVEIRA, Servílio [Sebastião] **de.** Pugilista brasileiro nascido em 1948. Peso-mosca, destacou-se, a partir de 1965, como o maior boxeador brasileiro em sua categoria. Em 1967, representou o Brasil no Pan-Americano do Canadá; no ano seguinte, foi campeão latino-americano em Santiago do Chile e conquistou medalha de bronze na Olimpíada da Cidade do México. Em 1969, iniciou carreira profissional e prosseguiu em sua trajetória vitoriosa, interrompida, entretanto, em 1971, por um descolamento de retina. Quatro anos depois, retornou ao ringue disposto a conquistar o título sul-americano, só não o disputando por determinação médica do Conselho Mundial de Boxe.

OLIVEIRA [Assunção]**, Silas de** (1916-72). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Compositor da escola de samba Império Serrano, para a qual criou, só ou com parceiros, dezesseis sambas-enredo (1951, 1953 a 1960, 1964 a 1969 e 1971), entre os quais os antológicos *Os cinco bailes da história do Rio* (1965) e *Heróis da liberdade* (1969), é considerado o autor que mais contribuiu para a consolidação e a estruturação desse gênero de samba.

OLIVEIRA, Vitorino Eduardo de (?-1912). Artífice brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Dourador, realizou obras de douramento e restauração em várias igrejas baianas. Quando das reformas internas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em 1890, foi o responsável pela nova decoração da capela-mor. Em 1892, executou douramento e pinturas na Igreja da Sé.

OLIVEIRA [Santos]**, Zaíra de** (1891-1952). Cantora lírica brasileira nascida e falecida no Rio de Janeiro. Em 1921 conquistou medalha de ouro no concurso do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), perante uma banca de sete professores, e só não recebeu o prêmio de viagem, ao que consta, por questões de racismo. Quatro anos depois interpretaria, em concerto no Teatro Municipal de Niterói, árias da *Tosca* de Puccini, do *Schiavo* de Carlos Gomes e a *Berceuse* de Alberto Nepomuceno. Tida por Paschoal Carlos Magno como "a Marian Anderson brasileira", foi coordenadora dos orfeões escolares criados pelo maestro Heitor Villa-Lobos nas décadas de 1930-40. Dedicou-se também ao repertório popular, gravando em discos Parlophon canções dessa modalidade, inclusive na voga dos foxtrotes, ao lado de

Ernesto dos Santos, o Donga*, com quem foi casada, e atuando como cantora do regional de Rogério Guimarães em apresentações radiofônicas.

OLIVEIRA VIANA, Francisco José de (1883-1951). Sociólogo brasileiro nascido em Saquarema, RJ, e falecido em Niterói, no mesmo estado. Um dos teóricos do racismo brasileiro, é autor de *Populações meridionais do Brasil* (1920) e *Raça e assimilação* (1932), livros em que destitui negros e indígenas de aptidões positivas, reservando esses atributos apenas aos europeus que vieram constituir a nação brasileira. Segundo Darcy Ribeiro (1985), era "mulato carregado na cor".

OLIVELLA, Manuel Zapata (1920-2004). Escritor colombiano nascido em Lorica. Ensaísta, além de médico, antropólogo e diplomata, inclui-se entre os mais conceituados intelectuais da Diáspora e um dos mais admirados escritores afro-hispânicos. É autor de *Tierra mojada* (1947), *He visto la noche: las raíces de la furia negra* (1949), *Chambacú: corral de negros* (1963), *Changó, el gran putas* (1983) e *¡Levántate, mulato!: por mi raza hablará el espiritu* (1990), entre outras obras.

OLIVER, King (1885-1938). Nome artístico de Joseph Oliver, também referido como Joe Oliver ou Joe "King" Oliver, cornetista, trompetista, compositor e chefe de orquestra americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, e falecido em Savannah, Geórgia. Pioneiro do jazz e um dos criadores do estilo Nova Orleans, durante a época de Storyville* foi uma espécie de pai adotivo de Louis Armstrong*. Graças a Oliver, e a sua Creole Jazz Band, foi que, a partir de 1922, Chicago entrou no mapa da música afro-americana.

OLLER, Francisco (1833-1917). Pintor porto-riquenho nascido em Bayamón. Nos anos de 1850, viajou para a Europa, sendo grandemente influenciado pela escola impressionista. Sua obra mais conhecida é a tela intitulada *El velorio* (1893), pertencente ao acervo do Museu de Arte, Antropologia e História da Universidade de Porto Rico.

OLMECAS. Povo do Sudeste do antigo México. Sua cultura floresceu do último milênio antes de Cristo até o fim do primeiro milênio da Era Cristã. Sua arte, bastante apreciada, inclui gigantescas cabeças de basalto com feições negroides cuja existência é indício, segundo cientistas do porte de

Ivan Van Sertima*, da presença de africanos nas Américas antes de Colombo. *Ver VOTAN*.

OLOBÁ. Orixá que, em certos relatos míticos, surge como a mulher velha e desprezada de Xangô. *Ver OBÁ [1]*.

OLODÉ. Exu guardião da rua, do espaço externo em frente ao terreiro.

OLODUM. Grupo cultural fundado na comunidade do Pelourinho, em Salvador, BA, em 25 de abril de 1979. Criado como simples agremiação carnavalesca, transformou-se numa organização múltipla, envolvida em diversas áreas da cultura e desenvolvendo grandes e bem-sucedidos projetos políticos e sociais em benefício da comunidade afro-baiana. O grupo musical que o representa, criado e dirigido pelo percussionista Neguinho do Samba (1955-2009), conquistou forte representatividade internacional na categoria world music, tendo participado, em 1996, de um videoclipe do cantor Michael Jackson*. *Ver BANDO DE TEATRO OLODUM*.

OLODUMARÊ. Divindade iorubana da Criação, representação material e espiritual do universo. Uma das expressões do Deus Supremo, seu nome significa algo como "senhor todo-poderoso". *Ver OLOFI, OLORDUMARE E OLORUN*.

OLOFI, OLORDUMARE E OLORUN. Espécie de Santíssima Trindade dos *lucumís* cubanos. Trata-se de diferentes manifestações do mesmo Deus Supremo: Olofi é o aspecto criador por excelência, causa e razão de todas as coisas, a personificação da Divindade, aquele que se relaciona diretamente com os orixás e os homens; já Olordumare é o universo com todos os seus elementos, a manifestação material e espiritual de tudo quanto existe na natureza; Olorun, finalmente, é o Ser Supremo, força vital e energia impulsionadora do universo, manifestada por intermédio do Sol que aquece e ilumina. Segundo a teogonia iorubana em Cuba, como ato preliminar da Criação, Olofi criou Olordumare para dominar os espaços e Olorun para dominar a energia. Ao contrário dos orixás propriamente ditos, Olofi, Olordumare e Olorun não têm culto ou filhos específicos; as pessoas podem rezar para eles, mas nenhum sacrifício lhes é oferecido diretamente, tampouco têm templos ou assentamentos que lhes sejam especialmente dedicados. *Ver OLODUMARÊ*; *OLOFIM*; *OLORUM*.

OLOFIM. Ser incriado da tradição iorubana, personificação de tudo que é divino, causa e razão de todas as coisas. Em Cuba (*Olofi*) é, entre as divindades da Criação, a de mais fácil associação ao Deus judaico-cristão. *Ver OLOFI, OLORDUMARE E OLORUN*.

OLOKUM. Orixá iorubano do oceano, cultuado na África e em Cuba, mas já esquecido no Brasil. Entre os *lucumís* de Cuba, outras manifestações desse orixá ou entidades, algumas monstruosas, a ele associadas são: Abegue, Kole Mosha, Ladurán, Mayeleo, Okún Molorun e Olorí Merín.

OLORIXÁ. Na tradição religiosa afro-brasileira, denominação genérica que se dá ao iniciado, ao filho de santo, àquele que tem sob sua responsabilidade o culto pessoal de um orixá. Do iorubá *olórisa*, "possuidor de um orixá", "aquele que tem orixá", formado pelo prefixo *oló*, "possuidor de" + orixá*. O termo iaô* é mais indicado em relação às pessoas do sexo feminino.

OLORUM. Uma das divindades iorubanas da Criação. É a Divindade na sua manifestação visível, concretização sensível e material de Olofim e Olodumarê. O "Senhor do Orum*", como se traduz seu nome, é, no Brasil, constantemente associado ao Deus judaico-cristão. *Ver OLOFI, OLORDUMARE E OLORUN*.

OLOXÁ. Orixá dos lagos, outrora cultuado no Brasil.

OLOXUM. Nome sob o qual Oxum é cultuada em alguns xangôs nordestinos. Também, denominação do sacerdote de Oxum, especialmente qualificado para jogar o dilogum*.

OLUBAJÉ. Banquete ritual, realizado em honra de Omolu-Obaluaiê, geralmente no mês de agosto. Seu fundamento é um mito segundo o qual todos os orixás, depois de terem ofendido Omolu e temerosos da peste que ele lhes enviara, resolveram desagravá-lo com um banquete faustoso e festivo. O nome parece derivar de um título de Obaluaiê (*olùbàje*, "destruidor", "desfigurador"), com que se inicia a cantiga principal do banquete: "*Olubajé ajeum bó*", isto é, "Come a comida, Destruidor!".

OLUBATÁ. Em Cuba, músico ritual responsável pela execução do tambor batá*, sendo o único que pode tocá-lo. O termo é de origem iorubá, significando literalmente "senhor ou dono do tambor batá".

OLUBỌ̀. Pirão de mandioca, funje. Do iorubá *olùbó*, "aquilo que mantém, que alimenta alguém".
OLUMAM. O mesmo que alumã*.
OLUÔ. Adivinho, babalaô, jogador de búzios; sacerdote de Ifá. Entre os iorubás, é título designativo do chefe dos babalaôs de determinada área ou região.
OLUOPOPO. Na tradição *lucumí* de Cuba, rei mítico *arará*, aliado de Nanã Burucu. A ele estão ligados, também, Adetolu, o adivinho; Ibako, o bruxo; Lanle, o guerreiro; Olugbabo, o bruxo que traz a varíola; e Olueshiwishi. Seu nome remete a Popo, região do antigo Daomé. *Ver POPÔ PEQUENO.*
OLYMPIO, Sylvanus (1902-63). Político e economista togolês, nascido e falecido em Lomé. Artífice da independência e primeiro presidente de seu país, eleito em 1961, morreu assassinado em um golpe militar. Era descendente de brasileiros retornados*.
OMÃ, Sultanato de. País localizado no Leste da península Arábica, com capital em Mascate. A partir do século VIII, o comércio com a África proporcionou grande riqueza à região. No século XVII, os omanianos expulsaram os portugueses da costa oriental africana e conquistaram Mombaça, Quíloa, Pemba e Zanzibar, dominando a região até quase o fim dos Oitocentos. Em consequência, a população de origem africana no país é numericamente significativa.
OMACUÍBE. Uma das toboces da Casa das Minas*. Também, Comacuíbe.
OMELÊ. Antigo instrumento da percussão afro-brasileira. Entre os iorubás, o nome designa um tambor macho (*omele abo*) ou fêmea (*omele ako*). *Ver FAUSTINO, Tio.*
OMI-ERÓ. O mesmo que abô ou abô dos axés*. Do iorubá *omi*, "água" + *èró*, "calma", "tranquilidade". *Ver PLANTAS VOTIVAS.*
OMINI. Uma das qualidades de Ogum, na Bahia.
OMI-TOMÍ (séculos XIX-XX). Nome iniciático de Teresa M., também conhecida como Teresa la Negrita, *santera* cubana, moradora no bairro de Pogolotti, em Havana. Filha de africanos e alforriada ao nascer, era membro do *cabildo* Nagó Teddún. Costureira de profissão, foi a pessoa que apresentou

a etnógrafa cubana Lydia Cabrera (1899-1992) aos segredos dos cultos afro-cubanos.

OMÓ ORIXÁ. Na tradição religiosa iorubana, denominação genérica que se dá ao iniciado, ao filho de santo, seja ele iaô* ou não. Do iorubá *omo*, "filho".

OMOLOCÔ. Antigo culto provavelmente banto, de origens e práticas obscuras, cuja expansão se verificou no Rio de Janeiro em especial, na primeira metade do século XX. Desenvolvido principalmente por intermédio da liderança de Tancredo da Silva Pinto*, sua difusão foi fruto de uma reação reafricanizante à chamada "umbanda branca", expandida a partir do Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em 1941. Reivindicando uma remota origem angolana, no âmbito da cultura dita "lunda-quioco", o omolocô, já pouco conhecido à época deste texto, parece ter sido apenas uma linha ritual da umbanda* que procurou reviver em parte a antiga cabula*. O nome "omolocô" liga-se provavelmente ao quimbundo *muloko*, "juramento", ou ao quicongo *loko*, "enfeitiçar", originador de *buloko*, "feitiçaria". Observe-se que, na Angola pré-colonial, entre os ambundos, falantes do quimbundo, *Ngana-ia-Muloko* era o título do sacerdote encarregado da proteção contra os raios (conforme Parreira, 1990a).

OMOLOCUM. Comida ritual de Oxum, feita com feijão-fradinho e ovos cozidos.

OMOLU. Forma velha de Xapanã, de caráter assombroso. *Ver OBALUAIÊ*.

OMULU. O mesmo que Omolu*.

ONAMINHÃ. Orixá cultuado em xangôs recifenses como "pai de Xangô". Provavelmente, corruptela de Oraniã*.

ONÇA-PRETA. Nome pelo qual foi conhecido Cícero Navarro, capoeirista baiano nascido por volta de 1900, êmulo de Samuel Querido de Deus*.

ONDO. Estado da República Federal da Nigéria, com capital em Akure. É um dos centros do culto do orixá Ogun (Ogum*), em honra do qual é realizado um grande festival anual.

ONDU. Antiga dança da tradição afro-peruana.

ONI. Título do rei de Ifé, às vezes atribuído a Xangô. Do iorubá *óòni*.
ONI-BEJADA! Na umbanda, uma das saudações a Ibêji*.
ONIM. *Ver LAGOS*.
ONIRA. Qualidade de Iansã relacionada a Oxum. Na Nigéria, *Yèyé Oníra*, valente e belicosa, é uma das dezesseis manifestações de Oxum cultuadas na região entre Ijexá e Ijebu.
ONIRÊ. Uma das qualidades de Ogum, na Bahia. Do iorubá *Ògún Onîiré*, "rei de Irê".
ONKLE BOUKI. Personagem do folclore haitiano, ridículo, grosseiro, tolo e ganancioso, que se contrapõe a Ti Malice*.
ONOCUM. Na Bahia antiga, nome popular da oftalmia. Do fongbé *noukoun*, "olhos".
ONOFRE, Waldir [Couto]. Cineasta brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1934. Trabalhou como ator, a partir da época do cinema novo, em filmes como *Canalha em crise* (1965); *Jesuíno Brilhante, o cangaceiro* (1972); *Sagarana, o duelo* (1973); *O amuleto de Ogum* (1974) e *Memórias do cárcere* (1984). Em 1975 escreveu e dirigiu o longa-metragem *As aventuras amorosas de um padeiro*, comédia de costumes populares cariocas na qual também atuou, exibida em 1999 no Festival Pan-Africano de Cinema, em Genebra, Paris e Milão. Na década de 1990 dedicava-se a programas de formação de atores na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e à produção de um novo longa-metragem, *A noite do alô*.
OPÁ ERINLÉ. Espécie de bastão ou cetro do orixá Inlê*, semelhante ao de Ossãim.
OPANIFÁ. Espécie de bandeja ou tabuleiro redondo em que os babalaôs riscam, sobre um pó especial, os signos dos odus revelados no jogo de Ifá. É também conhecido como "atê" e simboliza o mundo. Do iorubá *opón Ifá*, ou *opónfá*.
OPANIJÉ. Ritmo especial para as danças de Omolu-Obaluaiê. O nome deriva, provavelmente, do texto de uma cantiga que diz: "Opanijé, opanijé, atotô!", e que parece traduzir um pedido para que o orixá abrande sua ferocidade – em iorubá, o vocábulo *apanije* significa literalmente "antropófago", "canibal". *Ver ATOTÔ!*; *OLUBAJÉ*.

OPÀ-SUMA. Antiga cerimônia dos malês, ligada à iniciação de novos alufás. *Ver MALÊ*.

OPÉ, Tio (séculos XIX-XX). Sacerdote-chefe do antigo Terreiro do Corta-Braço, no bairro da Liberdade, em Salvador, BA, dedicado ao culto dos eguns. Juntamente com os descendentes de Tio Serafim* e Marcos, o Velho*, fundou, nos anos de 1920, o Ilê Agboulá, na ilha de Itaparica, BA, um dos poucos locais hoje, no Brasil, dedicados exclusivamente ao culto dos antepassados iorubanos. *Ver EGUNGUM*.

OPELÊ. Instrumento de consulta ao oráculo Ifá*. Consta de uma fina corrente dividida em duas, cada uma das partes contendo, de espaço a espaço, quatro metades de caroços de dendê. Atirada a corrente aleatoriamente sobre a esteira, a configuração surgida (tantas faces côncavas ou convexas à mostra) determinará o odu pelo qual Orumilá está se manifestando. Diz-se, também, "opelê Ifá". Do iorubá *opele*.

OPETITI. Em cultos afro-brasileiros do Recife, espírito de morto causador de transtornos e confusão.

OPO POKU. Gênero musical surinamês que deu origem ao *kaseko**.

OQUELÊ. Toque ritual de atabaques que acompanha danças e cânticos de Obá e Euá. Provavelmente, ligado ao iorubá *kélé*, "sussurrar". Também, guelê, oquelê e quelê.

ORA-IEIÊ-Ô! Forma brasileira da interjeição de saudação a Oxum. A forma em iorubá é *ore Yèyé o!*, expressão com que se invocam as bênçãos e a benevolência da "Mãe" (*Yèyé*).

ORAMAS, Faustino (1911-2007). Guitarrista e compositor cubano nascido em Holguín. Espécie de trovador ou jogral, percorria seu país cantando, com sua *tres**, as coisas do cotidiano. Também conhecido como "El Guayabero", apresentava-se sob os auspícios do Ministério da Cultura.

ORANIÃ. Forma abrasileirada do nome *Òron Míyòn*, do fundador mítico da cidade de Oyó*, filho mais novo de Odudua, tido, em alguns mitos, como avô do primeiro *alaké* (rei de Abeokutá*) e do primeiro *aláààfin* (rei de Oyó). Em Cuba, referido como *Oraniyán*, foi orixá cultuado no século XIX, mas na Bahia parece ter sobrevivido apenas em alguns relatos míticos. No Recife, entretanto, registram-se algumas referências a Onaminhã ou Oramiã, orixá relacionado a Ogum.

ORA-PRO-NÒBIS (*Portulaca oleracea*). Erva da família das portulacáceas, muito usada na culinária afro-mineira, como acompanhamento.

ORDEM DA ROSA. Honraria instituída pelo governo imperial brasileiro e utilizada por dom Pedro II para incentivar a libertação dos escravos. Muitos libertadores voluntários receberam-na, no grau de cavaleiros.

ORECO (1932-85). Nome pelo qual foi conhecido Valdemar Rodrigues Martins, jogador brasileiro de futebol nascido em Santa Maria, RS. Integrou várias vezes a linha média da seleção nacional nos anos de 1950.

OREPEPÊ (*Spilanthes acmella*; *Acmella oleracea*). Erva da família das compostas, também conhecida como pimentinha-d'água, jambuaçu e agrião-do-brasil. É planta votiva de Oxum e seu nome se origina do iorubá *wèrèpèpe*.

ORFEU DA CONCEIÇÃO. Peça teatral em versos de autoria do poeta carioca Vinicius de Moraes. Trata-se de versão do mito grego de Orfeu ambientada no universo afro-carioca, tendo sido encenada pela primeira vez em 1956, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com elenco composto exclusivamente de atores negros. Em 1959, a obra serviu de base ao filme *Orfeu negro*, do diretor francês Marcel Camus, premiado no Festival de Cannes e com o Oscar de melhor filme estrangeiro, com elenco centrado nos atores Breno Mello (1931-2008), Marpessa Dawn (1934-2008) e Lourdes de Oliveira (1938-). Em 1995 o texto foi remontado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, como parte das comemorações do tricentenário de Zumbi dos Palmares, sob a direção de Haroldo Costa* e com os atores Norton Nascimento* e Camila Pitanga* nos papéis principais, sendo reencenado em 1997 na cidade de São Paulo. No carnaval de 1998, uma adaptação do texto foi levada à avenida pela escola de samba Viradouro; durante o desfile foram captadas cenas que integrariam o filme, sobre o mesmo tema, dirigido pelo cineasta Cacá Diegues e lançado em 1999 com o título *Orfeu*.

ORI [1]. Na tradição dos orixás, denominação da cabeça humana como sede do conhecimento e do espírito. Também, forma de consciência presente em toda a natureza, inclusive em animais e plantas, guiada por uma força específica que é o orixá*.

ORI [2]. Manteiga vegetal de cor branca extraída da árvore *emi* (*Butyrospermum parkii*) e usada em oferendas a Oxalá, em substituição ao azeite de dendê; manteiga de carité.

ORIBOBÓ. Ritual do batuque gaúcho em que se verte sangue de pombo sobre a cabeça de uma criança.

ORIENTE. Antiga província cubana do extremo sudeste do país, com capital em Santiago de Cuba. Corresponde à mais populosa região do país, onde se concentram os maiores núcleos irradiadores da cultura afro-cubana. Em 1938, a chamada "Faixa Negra de Oriente", compreendendo os municípios de Alto Songo, Baracoa, Caney, Cobre, Guantánamo, Palma Soriano, San Luis e Santiago de Cuba, abrigava mais de 58% da população negra do país.

ORIENTE MÉDIO. Região que compreende essencialmente os atuais Estados de Israel, Jordânia, Líbano, Síria, Iraque, Irã e a Península Arábica. Ao longo de séculos, desde a Antiguidade, a região recebeu grande influxo de migrantes negro-africanos, principalmente pelo oceano Índico. Na antiga Pérsia, hoje Irã, as tropas de Xerxes (*c.* 519-465 a.C.) já abrigavam pelotões de soldados núbios, cujo território de origem foi conquistado pelos persas no final do século VI a.C. Durante a época sassânida, no século VI d.C., importaram-se sistematicamente escravos da Etiópia e da costa oriental africana, em geral utilizados como soldados e trabalhadores braçais. Entre os séculos VII e IX, escravos oriundos da África oriental promoveram diversas insurreições na Mesopotâmia. Em 869, empreenderam uma guerra que se estendeu por quase quinze anos, a qual teria se constituído, mais do que em uma revolta de escravos, em guerra civil entre muçulmanos de orientações diversas (conforme Alberto da Costa e Silva, 2002). *Ver TRÁFICO NEGREIRO [O tráfico índico]*.

ORIGINAIS DO SAMBA, Os. Conjunto vocal-instrumental formado no Rio de Janeiro na década de 1960. Alcançou grande sucesso no disco, na televisão e em shows, inclusive no exterior, e nos anos de 1960 e 1970 serviu de inspiração para a criação de vários grupos semelhantes. Sua primeira formação incluía os sambistas cariocas Mussum*, depois famoso ator cômico; Arlindo Vaz Gemino, o Bigode (1942-); Rubens Fernandes, o Rubão (1933-77); Murilo da Penha Aparecida e Silva, o Bidi (1932-);

Francisco de Souza Serra, o Chiquinho (1943-96), irmão de Almir Guineto*; e Wanderley Duarte, o Lelei (1946-). No final dos anos de 1990, o grupo permanecia em atividade, restando, da primitiva formação, apenas o líder Bigode.

ORIGINAL COLORED AMERICAN OPERA TROUPE, The. Denominação de uma das duas primeiras companhias negras de ópera dos Estados Unidos, fundada na segunda metade do século XIX em Washington, DC. A outra foi a Theodore Drury Colored Opera Company.

ORIN-ORIXÁ. Designação genérica de cada um dos cânticos dos orixás.

ORIQUI. Espécie de salmo ou cântico de louvor da tradição iorubá usualmente declamado ao ritmo de um tambor, composto para ressaltar atributos e realizações de um orixá, um indivíduo, uma família ou uma cidade.

ORISHA OKO. Em Cuba, orixá maior, divindade da fecundidade da terra, nume tutelar da agricultura e das colheitas, patrono dos lavradores. Segundo alguns relatos tradicionais, é divindade superior, tendo participado da Criação como o guardião do solo e suas profundezas. Assim, por dominar o seio da terra, nutre-se de tudo que ela recebe, inclusive os corpos dos seres mortos, entregues por Iku*. Por ser o juiz que preside os julgamentos dos pleitos entre os outros orixás, é o árbitro das disputas humanas, principalmente das que ocorrem entre mulheres. Catolizado, é *san* Isidro Labrador. *Ver GUNOCÔ; ORIXAKÔ.*

ORIXÁ. Na tradição iorubana, cada uma das entidades sobrenaturais – forças da natureza emanadas de Olorum ou Olofim – que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. Algumas vezes representando ancestrais divinizados, os orixás manifestam-se por meio daquilo que o povo de santo denomina "qualidades". Assim, Oxum Pandá e Oxum Abalô são "qualidades" do orixá Oxum, essas especificações indicando uma passagem da mitologia do orixá em que determinada característica se revelou ou fazendo referência a um local onde ele teria vivido ou por onde teria passado. No continente de origem, segundo a tradição, existem duzentos orixás malévolos, cujos nomes não podem nem ser pronunciados, e 401 benévolos e protetores. Destes, os mais cultuados entre os iorubás, segundo Ademola Adesoji (1991) , são, em

ordem meramente alfabética: Aajá, Aguemã, Ainã, Ajaí, Ajé, Akokô, Awum, Burupu, Dadá, Egbeji, Egungum (árvore), Egungum (espírito dos mortos), Eluku, Erimi, Erinlê, Euá, Exu, Iaberinjó, Ibêji, Iemanjá, Iguê, Ijás, Ijilá, Iroko, Ixedalê, Kori, Logum, Obalufã, Obanitá, Obi, Odé, Ogum, Oiá, Oirô, Okê, Olá, Olokum, Olossá, Oluori Mabojô, Oni, Onilê Oxugbô, Oraniã, Ori, Orixá-Oko, Orixá-Otum, Oro, Orum, Ossãim, Ossé, Ossi, Ossum, Ossum-Ifá, Otá, Oxalá, Oxóssi, Oxum, Pepê, Peregum, Salakô, Talabi, Xangô e Xapanã. Em Cuba, diz-se *orisha* ou *oricha*, paroxítonos. No Brasil, as religiões que cultuam primordialmente os orixás jejes-iorubanos recebem, regionalmente, os nomes de candomblé, xangô e batuque, e em Cuba os de *regla de ocha* ou *santería*. *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS [A matriz sudanesa – vertente jeje-nagô].*

ORIXÁ OKO. Divindade iorubana cujo culto é tido como extinto no Brasil. *Ver ORISHA OKO*; *ORIXAKÔ.*

ORIXAKÔ. Orixá da agricultura, ainda cultuado em terreiro afro-ameríndio de Sergipe. Parece ser o mesmo que Orisha Oko*, do panteão cubano.

ORIXALÁ. Um dos títulos de Obatalá*. Do iorubá *Òrìsà nlá*, "o grande orixá".

ORMOND, John (1790-1828). Comerciante de escravos nascido na Guiné, apelidado de "Mongo John". Filho de um capitão inglês com uma africana que era filha de um chefe local, foi levado para a Inglaterra por seu pai. Após a morte deste, abandonou os estudos e retornou à Guiné, tornando-se um próspero comerciante de escravos às margens do rio Pongo, onde estabeleceu uma rede de armazéns, com exército particular. Morreu vítima de suicídio.

ORMSBY, Barbara Stephanie. Poetisa nascida em Savanna-la-Mar, Jamaica, em 1899. Estudou em Kingston e na Whiteland College, em Putney, Inglaterra, e desde a infância escrevia poesias.

ORÔ. Parte mais importante do xirê*, com toques mais intensos e cânticos especiais para propiciar a descida dos orixás. O termo designa, por extensão, a própria festa, o conjunto de rituais de fundamento, em honra de determinado orixá: o "orô de Oxóssi", por exemplo. Do iorubá *orò*, "ritual sagrado".

OROBÔ. Cada uma das nozes da planta G*arcinia gnetoides*, originária da África, adaptada ao Brasil e usada em rituais da tradição dos orixás. Do iorubá *orogbo*.

OROIM. O mesmo que oim*.

ORONGANJE. Denominação da cachaça em alguns falares bantos do Brasil. Provavelmente, do umbundo *olongandja*, "cabaça de boca larga" (o continente pelo conteúdo).

OROSSANJE. Designação da galinha em certos falares bantos do Brasil. Do umbundo *osanji* ou *olosandji*, "galinha".

ORQUESTRA AFRO-BRASILEIRA. Conjunto orquestral e vocal fundado em 1942, no Rio de Janeiro, pelo músico Abigail Moura*. Surgida no mesmo contexto histórico que levou à criação do Teatro Experimental do Negro* e da companhia de dança Brasiliana*, a partir de 1945 passou a ser integrada somente por músicos negros. Com uma estrutura à base de percussão, sopros, coral e, ocasionalmente, piano, dedicava-se a um repertório de cânticos rituais e outros tipos de música da tradição afro-brasileira ou nela inspirada. Utilizando trajes e instrumentos sacralizados, a orquestra executava, antes de cada récita, rituais de purificação e propiciação, sendo que sua proposta de trabalho foi vista por Abdias do Nascimento* (1980, p. 131) como uma tentativa de abrir caminho a outra etapa da música afro-brasileira, com a integração e a assimilação dos recursos sonoros fornecidos por instrumentos "até então estranhos à África, mas não ao Brasil". Apresentando-se em espaços públicos como os auditórios da Associação Brasileira de Imprensa e do Ministério da Educação, em 1964 a orquestra realizava, no Palácio da Cultura, o seu centésimo concerto. A partir daí e por força das novas diretrizes que se impunham à sociedade brasileira, as apresentações foram ficando mais esporádicas até o falecimento de seu criador e líder, em 1970, após o qual algumas poucas exibições ocorreram até que se desse o encerramento total das atividades. Entretanto, o grupo chegou a fazer dois registros em disco: *Obaluayiê – Orquestra Afro-Brasileira* (Todamérica, 1957) e *Orquestra Afro-Brasileira* (CBS, 1968), perpetuando interpretações que mereceram elogios de músicos e intelectuais como Paulo Silva*, Eleazar de Carvalho, José Siqueira, Camargo Guarnieri, Câmara Cascudo, Joaquim Ribeiro, Alceu

Maynard e LeVern Hutcherson, cantor integrante do elenco da ópera *Porgy and Bess**.

ORQUESTRA DOS PRETOS DE SÃO CRISTÓVÃO. Banda de música integrada por escravos, mantida por dom Pedro I para animação das festas na Quinta Imperial. *Ver SANTA CRUZ, Fazenda de*.

ORTIZ, Adalberto (1914-2003). Poeta e romancista equatoriano nascido em Esmeraldas. Seus escritos são centrados na vida e nos problemas da população negra de seu país. Suas principais obras publicadas são: *Juyungo*, romance de 1943, *Tierra, son y tambor: cantares negros y mulatos*, de 1945, e *El animal herido*, coletânea de poemas, de 1961.

ORTIZ, Licenciado (século XVI). Nome pelo qual foi conhecido um famoso advogado em Granada, na Espanha quinhentista. Era filho bastardo de um cavaleiro da Ordem de Santiago com uma negra. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

ORTIZ, Rafael (1908-94). Compositor e guitarrista cubano nascido em Cienfuegos. Autor de vasta obra, em 1988 recebeu o Prêmio Anual de Reconhecimento à Obra Criadora instituído pela Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Uneac).

ORULA. Em Cuba, forma contrata do nome Orúmbila (Orumilá*). Também, Orunla.

ORUM. Na mitologia iorubana, compartimento do universo onde moram as divindades, em oposição ao aiê*, o mundo físico, terreno, material. Segundo Pierre Verger (1981), ao contrário do que normalmente se pretende, o orum, para os iorubás, não estaria situado no céu, mas sim debaixo da terra. Essa ideia poderia comprovar-se considerando-se as oferendas aos orixás, já que o sangue dos sacrifícios, dentro da tradição mais ortodoxa, é derramado em um buraco cavado no chão, ao pé do assentamento, e os olhares se voltam para ele e não para o alto.

ORÚMBILA. Forma cubana para Orumilá*.

ORUMILÁ. Também conhecido como Élá ou Agbomiregun, é o orixá iorubano da adivinhação, representante de Ifá* na Terra. Dono da escrita (visto que "escreve" pelos outros orixás) e sendo o mestre que ensinou os babalaôs a "escreverem" os textos nas suas bandejas de adivinhação (*ver OPANIFÁ*), é tido como um erudito, um sábio. Orumilá detém todo o

conhecimento e toda a sabedoria dos odus*, que são os textos de Ifá (nome que designa tanto o orixá como a técnica de adivinhação por ele presidida), sendo, assim, o grande intérprete entre as divindades e os seres humanos. Então, quando qualquer orixá deseja um sacrifício, um alimento especial, é por intermédio de Orumilá que ele envia sua mensagem aos humanos. Também é esse orixá quem transmite e interpreta para a humanidade os desejos de Olorum, assim como prescreve os sacrifícios levados por Exu ao orum*. Orumilá e Exu: Segundo a tradição, Orumilá, arauto de Olofim, e Exu, mensageiro dos orixás e dos homens, se complementam. O primeiro, como adivinho e porta-voz, revela e esclarece, em suas verdades e significados, a ordem natural das coisas estabelecida pelo Ser Supremo, com suas causas e efeitos. O segundo, personificando o devir, o inesperado, as aberrações da natureza, expressa a força de tudo que é contrário à ordem estabelecida. Um é o destino, o outro é o acidente; um é a lógica, o outro é o paradoxo.

ORUNCÓ, Dia do. Cerimônia do candomblé em que o orixá pessoal do recém-iniciado, possuindo-o, revela publicamente seu nome privado. O mesmo que "dia de dar o nome" ou "dia do nome". Do iorubá *orúko*, "nome".

ORUNGÃ. Orixá iorubano, filho de Iemanjá e Aganju. Segundo alguns relatos tradicionais, trata-se de divindade superior que participou da Criação como o formador do núcleo da Terra, sendo, consequentemente, o dono dos vulcões e terremotos. Não há registro de sua presença nos cultos afro-brasileiros, a não ser nas invocações de antigos babalaôs. Em Cuba, é também mencionado como Orainã e, na forma feminina, como mulher de Orisha Oko e mãe de Aganju. Outros entendimentos o têm como andrógino, tendo gerado Aganju sozinho.

ORY, [Edward dito] **Kid** (1886-1973). Trombonista, compositor e chefe de orquestra americano nascido em Nova Orleans e falecido no Havaí. Aos 11 anos de idade formou, com outros meninos, a Ory's String Band, com instrumentos de corda feitos de caixas de charutos. Em 1911, já trombonista, estreou profissionalmente em Nova Orleans e dirigiu, até 1917, a orquestra na qual se lançaram King Oliver* e Louis Armstrong*, com os quais depois se transferiu para a Califórnia e Chicago. Em 1929 afastou-se

da cena artística para retornar, com grande sucesso, em 1943 e fazer, três anos mais tarde, estrondosa excursão à Europa. Depois de idas e vindas, terminou a vida confortavelmente no Havaí. Músico pioneiro e referencial, é autor de obras clássicas do repertório jazzístico tradicional, como *Didn't he ramble* e *Maple leaf rag*. Sua história é contada no livro *African America: portrait of a people* (1994), de Kenneth Estell.

OSA. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa. No culto de Ifá, os dezesseis odus principais, à exceção de Eji Ogbe, são enumerados juntamente com o vocábulo *meji*, "duplo". Exemplos: Osa Meji; Otura* Meji; Oturupon* Meji; Oxê* Meji; Oyekun* Meji etc.

OSÁI. No Haiti, o mesmo que *atcheré**.

OSCAR. Prêmio anual oferecido pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, desde 1928, a produções, intérpretes, diretores e roteiristas de filmes americanos e "estrangeiros". Na história da premiação, até a finalização desta obra, poucos profissionais afrodescendentes tinham sido agraciados com o Oscar, a saber: Hattie McDaniel*, melhor atriz coadjuvante, pelo filme *...E o vento levou*, em 1940; Louis Gossett Jr.*, melhor ator coadjuvante por *A força do destino*, em 1983; Denzel Washington*, melhor ator coadjuvante por *Tempo de glória*, em 1990; Whoopi Goldberg*, melhor atriz coadjuvante por *Ghost*, em 1991; Cuba Gooding Jr. (1968-), melhor ator coadjuvante por *Jerry Maguire*, em 1997; Morgan Freeman*, melhor ator coadjuvante por *Menina de ouro*, em 2005; Jennifer Hudson (1981-), melhor atriz coadjuvante por *Dreamgirls: em busca de um sonho*, em 2007; Mo'Nique (1967-), melhor atriz coadjuvante por *Preciosa: uma história de esperança*, em 2010. O prêmio de interpretação mais importante fora conquistado apenas por Sidney Poitier*, melhor ator por *Uma voz nas sombras*, em 1964. Na premiação de 2002, entretanto, Denzel Washington recebeu o troféu de melhor ator por seu trabalho em *Dia de treinamento*, repetindo o feito de Poitier, na ocasião agraciado com um prêmio especial pelo conjunto de sua obra; Jamie Foxx* seria o terceiro ator afrodescendente a conquistar essa distinção, em 2005, por encarnar Ray Charles* no filme *Ray*. O quarto foi Forest Whitaker*, como o ditador Idi Amin Dada em *O último rei da Escócia* (2006). Halle Berry*, estrela de *A*

última ceia, tornava-se, em 2002, a primeira atriz negra na história do Oscar a arrebatar o prêmio principal.

OSEI BONSU (séculos XVIII-XIX). Líder do povo axânti. Em 1824, seus exércitos infligiram fragorosa derrota aos colonialistas ingleses.

OSEI TUTU (c. 1650-1717). Líder africano nascido e falecido na Costa do Ouro, atual República de Gana. Foi o fundador, primeiro rei e o grande unificador da nação axânti. Grande administrador e guerreiro, morreu em combate contra as forças de Akyem Kotoku, líder do povo denkyira.

OSENGA. Um dos quilombos de Palmares*.

OSHOGBO. Cidade do Sudoeste da Nigéria, centro irradiador do culto ao orixá Oxum.

OSHUN. Estado da República Federal da Nigéria, com capital em Oshogbo. Lá se localizam o palácio do oni* de Ifé, o santuário de Oshun e a cachoeira Erin Ijesha. *Ver ILÊ-IFÉ*; *OXUM*.

OSIBISA. Grupo musical formado em Londres, em 1968, pelos ganenses Teddy Osei, Mac Tontoh e Sol Amarfio, jovens exilados na Inglaterra depois do golpe de Estado que derrubou Kwame Nkrumah. O grupo alcançou grande sucesso internacional nos anos de 1970. Unanimemente considerado o criador do *African pop**, dissolveu-se, no entanto, no final da década.

OSI-OBÁ. *Ver OTUM-OBÁ.*

OSÍRIS. Deus do antigo Egito, irmão e marido de Ísis e pai de Hórus. Enfocando seu papel de herói civilizador, o historiador romano Diodoro da Sicília revela que Osíris foi, pela Etiópia, para a Arábia e depois à Índia, onde construiu muitas cidades, entre as quais Nysa, em lembrança da cidade egípcia em que teria sido criado. Os hierofantes egípcios, e depois os iniciados herméticos, referiam-se a ele como “o deus negro”. Segundo o egiptólogo Charles S. Finch (1990), o epíteto era, ao mesmo tempo, simbólico e indicativo de origem étnica, pois, além de representar o solo negro de Cam, fonte de toda a vida e fertilidade, Osíris era um deus originário da região ao sul do Egito, sendo, por isso, comumente representado como negro-africano.

OSMAR DO CAVACO (1935-99). Nome artístico de Osmar Procópio, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Cavaquinista emérito, foi, durante muitos anos, o acompanhante preferido de Candeia*. Influenciador

de várias gerações de executantes de cavaquinho, integrou, até o fim da vida, o conjunto musical da Velha-Guarda da Portela*.

OSMONY BANDELLE (?-1913). Nome pelo qual é referido um personagem da história do negro no Pará. Tido como filho de um potentado nigeriano, homem de letras e jornalista, além de formado em Engenharia de Minas pela Universidade de Cambridge, viveu por cerca de dois anos na capital paraense, onde foi por várias vezes preso, sob suspeitas infundadas, de fundo racista, tendo morrido em consequência de maus-tratos em uma dessas detenções. Sua morte foi noticiada na edição de 6 de janeiro de 1913 do jornal *O Imparcial* e seu nome (Osmony), de larga ocorrência no Norte da Nigéria, parece relacionar-se ao do líder fulâni Usman Dan Fodio*.

OSOBO. Na tradição cubana de Ifá, conjuntura desfavorável, má sorte, contrariedade, desgraça. É o contrário de *iré*, que concentra tudo de bom e positivo.

OSSÃIM. Orixá iorubano das folhas litúrgicas e medicinais. Segundo alguns relatos tradicionais, é divindade superior, tendo participado da Criação como formador e organizador do reino vegetal. É uma divindade muito importante, já que sem plantas e, principalmente, sem folhas nenhum ritual pode se realizar. De acordo com os iorubás, Ossãim vive na mata cerrada junto com Arôni, negrinho de uma perna só. Os sacerdotes de seu culto (também curandeiros, porque conhecem as plantas medicinais), quando vão à floresta colher plantas, devem sempre levar uma oferenda em dinheiro. Na tradição afro-cubana, Ossãim é absolutamente solitário, não tendo irmãos, pai nem mãe. Tem a boca torta, cabeça grande, apenas uma perna e um braço, por força de um castigo que recebeu de Olofim*, por desobedecer à recomendação de não caçar o veado, animal sagrado e votivo da Divindade Suprema. Em Cuba, outras qualidades de Ossãim ou orixás a ele associados são: Adibare, Aroni, Aseglo, Buruku, Elewejada, Igbo Bere, Ogamán, Ombowa, Osasa Kewereye, Roblo e Yuánascido. Do iorubá *Ò̀sonyìn*.

OSSÉ. Oferenda periódica de alimentos ao orixá no dia da semana que lhe é consagrado. Por extensão, limpeza ritual periódica dos assentamentos do orixá.

OSSIE, [Oswald Williams, dito] **Count** (1928-76). Músico jamaicano nascido em Saint Thomas e falecido em Kingston. Percussionista e compositor, foi líder do grupo Mystic Revelation of Rastafari, especializado na combinação da música ritual *nyabinghi** com sons contemporâneos.

OSSUM [1]. Orixá da tradição iorubana, mensageiro de Obatalá e Olofim. É nele que Orumilá se apoia para ter os poderes da adivinhação e do conhecimento real e transcendente. Por isso, e pela forma do objeto que o representa (uma espécie de cetro de prata ou metal branco, fixado em uma base e encimado por um galo), é também referido como "o bastão de Ifá". Não sendo orixá de possessão mas de irradiação, é quem toma conta da cabeça dos fiéis, representando a vida de cada um. O cetro que o simboliza deve ficar sempre na posição vertical, e nunca repousar horizontalmente. Em Cuba (*Ósun*), cultua-se juntamente com *Eleggúá*, *Oggún* e *Ochósi*.

OSSUM [2]. Pó vermelho, extraído do urucum, usado em rituais da tradição dos orixás. Nos xangôs pernambucanos, é associado ao orixá de mesmo nome.

OSVALDÃO (*c.* 1942-74). Nome pelo qual foi conhecido Osvaldo Orlando da Costa, líder guerrilheiro brasileiro nascido em Passa Quatro, MG. Formado em Engenharia de Máquinas na antiga Tchecoslováquia, para onde fora como bolsista nos anos de 1960, ao retornar ao Brasil ingressou na luta armada contra a ditadura militar. Com um suposto curso de guerrilha na China, aliado a uma compleição física invejável – era um negro de quase dois metros de altura – e a um preparo de atleta, foi envolvido por uma aura de lenda, segundo a qual teria o dom da imortalidade. Após sua execução, em São Domingos, MT, num episódio da chamada "Guerrilha do Araguaia" (1972-75), sua cabeça – em prática que remonta ao Brasil colonial – foi decepada a fim de ser exibida à população, para que o mito fosse definitivamente enterrado.

OSVALDO BALIZA (1923-*c.* 1998). Nome pelo qual foi conhecido Osvaldo Alfredo da Silva, jogador de futebol brasileiro nascido em Itaboraí, RJ. Goleiro de estilo sóbrio e bastante alto para os padrões da época, destacou-se no Botafogo carioca, time em que atuou de 1943 a 1952. Integrou a seleção brasileira campeã sul-americana em 1949 e encerrou sua carreira em 1958.

OSVALDO CRUZ. Bairro carioca integrante do conjunto dos chamados subúrbios da Central, entre Madureira e Bento Ribeiro. É a base territorial da escola de samba Portela*.

OTÁ. Pedra onde se assenta a força mística, o axé do orixá.

OTAMENDI, Juan (século XIX). General equatoriano, ativo em 1845. É comumente descrito como um negro arrogante e violento.

OTAVIANO, Francisco. *Ver ROSA, Francisco Otaviano de Almeida.*

***OTELO* ou *O MOURO DE VENEZA*.** Drama escrito em 1604 por William Shakeaspeare, em que se descreve a tragédia de um general mouro que, na Veneza setecentista, se torna o assassino de sua amada branca. O personagem, tradicionalmente representado por atores pintados de preto e, mais recentemente, por atores negros (como Laurence Fishburne, em filme de 1995, dirigido por Oliver Parker), evidencia a negro-africanidade dos mouros e sua expansão pela Europa, a partir da Península Ibérica. *Ver MOUROS.*

OTI. Na gíria dos candomblés, cachaça. Também, oti-funfum e otim. Do iorubá *otí*, "bebida alcoólica".

OTIM. Uma das qualidades ou manifestações de Oxóssi.

OTUM-AXOGUM. Auxiliar do axogum*.

OTUM-OBÁ. Entre os obás de Xangô, título que identifica cada um dos que se sentam à direita, em oposição aos osi-obás. *Ver OBÁ [2].*

OTURA. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, consequentemente, do odu* que o representa.

OTURUPON. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e do odu* que o representa.

OU-ORIQUI-OLUAÔ! Uma das interjeições de saudação a Logun-Edé*.

OURO PRETO, Levante de. Expressão pela qual é mencionada a revolta de escravos organizada em Vila Rica, atual Ouro Preto, MG, em 1821, sob a chefia do negro conhecido como Agoínos, trabalhador nas lavras de ouro. Inspirados, segundo algumas versões, na Revolução Haitiana, os insurretos pretendiam exterminar a população branca da cidade. Envolveram-se no movimento cerca de 15 mil escravos e libertos, que criaram uma bandeira e usavam distintivos. A repressão à tentativa de levante teria custado a morte de cerca de mil revoltosos.

OURO, Ciclo do. Período da história brasileira, entre o final do século XVII e o do século seguinte, em que a extração aurífera, principalmente na região do atual estado de Minas Gerais, foi o centro da economia da colônia. Nesse período, a importação de escravos africanos triplicou em relação aos séculos anteriores, e o fausto que então se verificou fez florescerem manifestações culturais, como o barroco mineiro*, nas quais se destacaram muitos afrodescendentes. Ouro e tráfico de escravos: Na África ocidental, cenário de relatos legendários sobre a ostentação de reis como Mansa Mussá* ou Tunka Manin, até o século XVII o comércio de ouro foi certamente mais importante, em termos econômicos, do que o tráfico de escravos. Com o Ciclo do Ouro no Brasil, entretanto, o Oeste africano tornou-se, para os europeus, valioso como fornecedor de mão de obra para as minas brasileiras. De 1700 a 1710, a região da Costa do Ouro* teria fornecido ao Brasil cerca de 6 mil escravos por ano.

OUTÃO. O mesmo que oitavão*.

OVAMBO. Grupo étnico africano localizado no Norte da Namíbia, na fronteira com Angola. Compreende, entre outros, o subgrupo cuanhama.

OVERO. Em Cuba, negro ou mulato apresentando manchas brancas no corpo, principalmente no rosto e nas mãos.

OVÍDIO [Moreira] **Brito.** Percussionista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1945. Atuando ao lado de cantores como Beth Carvalho, Martinho da Vila*, Ivan Lins e Marisa Monte, notabilizou-se, a partir dos anos de 1970, como um dos grandes músicos de sua especialidade, sobretudo na execução da cuíca. À época desta obra, integrava o grupo vocal-instrumental Toque de Prima.

OVIMBUNDOS. Grupo étnico banto disseminado ao sul do rio Cuanza, ocupando a zona meridional e central de Angola e cujo idioma é o umbundo*. Constitui o mais numeroso grupo étnico angolano, compreendendo quinze subgrupos principais: bienos, bailundos, seles, sumbes, ambuins, quissanjes, lumbos, dombes, hanhas, gandas, huambos, sambos, cacondas, xicumas e quiacas. Nas Américas, os ovimbundos eram geralmente conhecidos como “benguelas”, em alusão ao porto de seu embarque como escravos. *Ver BENGUELA.*

OWENS, Jesse (1913-80). Nome pelo qual foi conhecido James Cleveland Owens, atleta americano nascido em Danville, Alabama. Recordista mundial de corrida e salto, em 1936, na Olimpíada de Berlim, conquistou quatro medalhas de ouro que Adolph Hitler, frustrado em sua exaltação da superioridade "ariana", recusou-se a entregar-lhe pessoalmente.

OWORIN. *Ver OJUÁNI.*

OXAGUIÃ. Manifestação jovem e guerreira de Oxalá. Também, Oxodinhã.

OXALÁ. Nome pelo qual é mais conhecido, no Brasil, o orixá iorubano Obatalá, emanação direta de Olorum*. É o criador da humanidade, pois fez o primeiro homem e a primeira mulher, e sua tarefa é dar forma aos seres humanos ainda no útero, antes de nascerem. Seu nome deriva do fato de ser considerado "o grande orixá" (*orisa-nla*). É também conhecido como "o rei das vestes brancas" (*Óbatalá*), por ser o mais importante dos orixás da cor branca ou orixás *funfun*, que são cerca de cinquenta. Seus filhos podem usar roupas de outras cores, apesar de as brancas serem as mais apropriadas.

OXALÁ-FALAKÊ. Nos batuques gaúchos, forma velha de Oxalá.

OXALUFÃ. Manifestação velha e sábia de Oxalá. Do iorubá *orisa olúfón*, "orixá senhor de Ifón (Ifan)", localidade próxima a Oshogbo.

OXÉ. Nome africano do sabão da costa*. Do iorubá *òse*, "sabão".

OXÊ [1]. Machado duplo, símbolo de Xangô. Do iorubá *osé* (com "e" fechado). O iorubá *ose* (com "e" aberto) significa "crânio".

OXÊ [2]. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e, em consequência, do odu* que o representa.

OXÓSSI. Orixá iorubano da caça e dos caçadores. Consoante alguns relatos, é divindade superior, tendo participado da Criação como o instrutor dos homens nas artes da caça e da pesca. Na tradição de Ifá, personificando o espírito do desbravador de caminhos, é o guia de Ogum no trabalho de remoção dos obstáculos que se opõem ao crescimento espiritual e na indicação dos atalhos para que os objetivos sejam atingidos. A importância do caçador, em sociedades tradicionais como a dos povos iorubás, deve-se, primeiro, a uma razão de ordem econômica, já que ele é o provedor da alimentação do grupo. A segunda razão é de ordem médica e mágica, visto que, por viver no mato, o caçador é necessária e naturalmente um

conhecedor das plantas que curam e matam – daí a ligação entre, por exemplo, Oxóssi e Ossãim*. Enfim, o caçador é relevante em termos sociais porque, sendo desbravador por definição, é ele quem descobre o lugar ideal para a instalação da aldeia que seu povo vai habitar. Também, caminhando à frente, ele é, inevitavelmente, um guerreiro, originando a associação estreita de Odé*, em todas as suas qualidades, com Ogum, ligação que se reflete até nos objetos simbólicos: o ofá* ou damatá* de Oxóssi sustenta sempre as sete ou 21 ferramentas do orixá do ferro e da guerra, e o alabedé*, ferramenta tradicional de Ogum, é sempre encimado por um ofá. Oxóssi, segundo Pierre Verger (1981), tem como verdadeiro nome Oxotokanxoxó. É igualmente cultuado como Ibualama, Inlê (seu nome em Cuba) e Odé. No Haiti, seu correspondente seria Sobo, divindade de características militares. Em Trinidad e Tobago, Ajajá ou Ayakbea.

OXU. Espécie de pequeno cone, feito de cera e ervas maceradas, que é colocado sobre a incisão feita no alto da cabeça da iaô*. Também, adôxu.

OXUM. Orixá iorubano das águas doces, da riqueza, da beleza e do amor. Segundo alguns relatos tradicionais, é divindade superior, tendo participado da Criação como provedora das fontes de água doce. É o nume tutelar do rio Óshun, que nasce em Ekití, no Oeste da Nigéria, e passa pela cidade de Oshogbo, onde se localiza seu primeiro santuário. Seus principais símbolos são seixos rolados e pequenos bastões que a distinguem das demais divindades. Seu assentamento inclui potes com água (que seus seguidores podem beber) e dezesseis búzios, utilizados na adivinhação. Por ser a dona do metal amarelo, do latão, seus "filhos" usam braceletes desse metal como insígnia e dançam segurando um leque ou uma espada, também de latão. É a Vênus dos iorubás, famosa por sua beleza e por seu grande cuidado com a aparência. Alta, com seios belíssimos, é descrita como divindade que gosta muito de se banhar, que está sempre se mirando num espelho e que usa braceletes de latão, do pulso até o cotovelo. Por causa de sua beleza, Oxum foi desejada por todos os orixás, e de muitos fez seus maridos ou amantes. Suas aventuras amorosas complicam a genealogia dos orixás iorubanos, mas seus "filhos" se orgulham delas porque alimentam sua reputação de pessoas belas e desejadas. No candomblé baiano, é cultuada sob as seguintes denominações ou qualidades: Oxum-Pandá, Iabá-Omi, Oxum-Abaé,

Oxum-Abotô, Oxum-Apará (a mais jovem de todas), Oxum-Ioni, Oxum-Abalô (a mais velha), Oxum-Timi, Oxum-Akidã, Oxum-Ninsim, Oxum-Lobá. No Haiti, é conhecida como Mademoiselle Anaisé; na República Dominicana, como Anaísa, Anaísa Pié e Anaísa Pié Dantó. Em Trinidad e Tobago seus equivalentes seriam as entidades conhecidas como Girebete e Demorlé. Em Cuba, outras manifestações de Oxum ou entidades a ela associadas são: Alle, Ijumo, Logoún (Logun-Edé), Oloponda, Olueri, Onilaba, Suni, Tobochimeife e Yumí.

OXUMARÊ. Orixá jeje-nagô do arco-íris. Assim como Xapanã e Nanã Burucu, é uma divindade jeje* que os iorubás incorporaram ao seu panteão. É o orixá que representa a continuidade, a sequência das coisas, o ciclo da vida, a atividade, o movimento, o nascer e o renascer. É a união entre este mundo e o outro, entre a vida e a morte. É a serpente Dã do povo fon. É também o arco-íris, reunião de todas as cores e todos os axés.

OXUM-DACÔ. Nos batuques gaúchos, forma velha de Oxum.

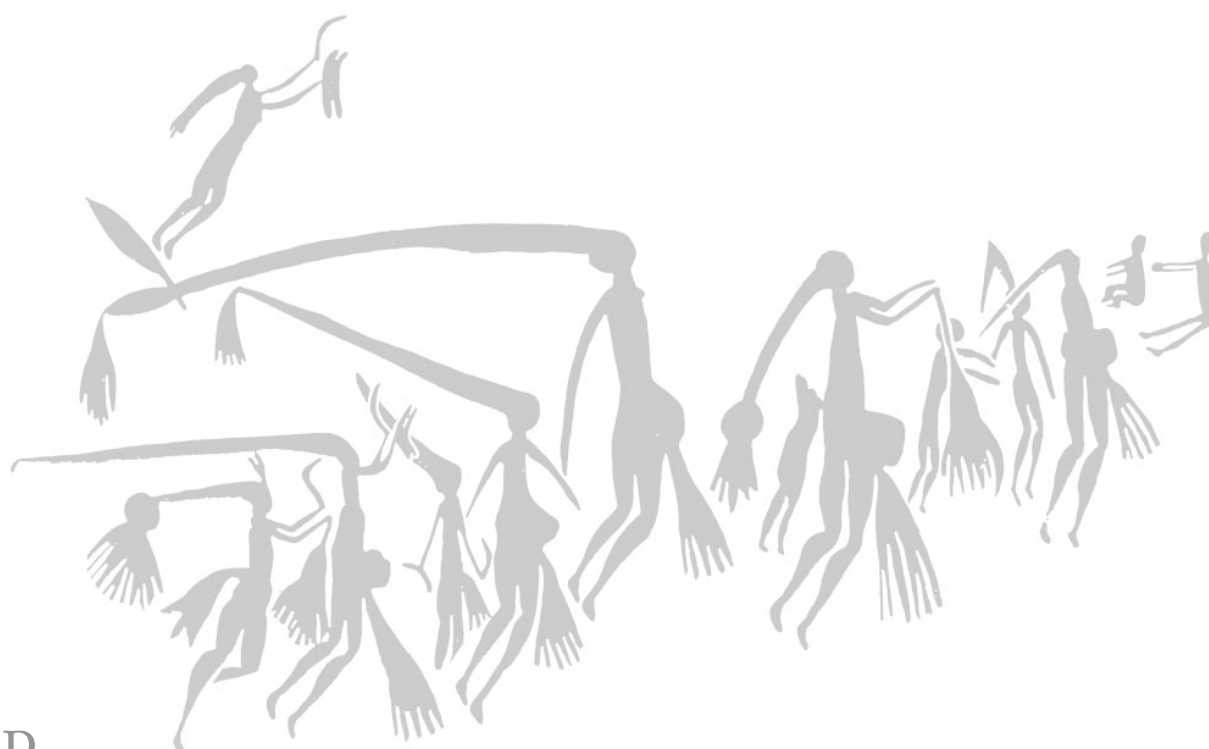
OXUM-DA-MINA. Na umbanda, entidade feminina da falange de Oxum.

OYÁ. Orixá iorubano, nume tutelar do rio Níger. No Brasil é mais conhecida pelo nome de Iansã, esposa predileta de Xangô. Sua chegada anuncia que Xangô está por perto. Quando ele quer usar seus raios, manda sua mulher na frente com o vento, já que ela é o próprio vento que antecede as tempestades, destelhando casas, derrubando grandes árvores e soprando para atiçar o incêndio provocado pelos raios. Sem ela, Xangô não pode lutar. No Haiti é conhecida também como Yansán; na República Dominicana como Feribundda e Oyá, nome com o qual é cultuada em Trinidad e Tobago.

OYEKUN. Nome de um dos dezesseis primeiros discípulos de Orumilá e do odu* que o representa.

OYÓ. Fundada, segundo a tradição, por Òron Míyòn (Oraniã*), filho de Odudua*, a antiga cidade-estado de Oyó foi a capital política dos iorubás (sendo Ifé* a capital religiosa), todos submetidos ao alafim, rei de Oyó. Ainda segundo a tradição, um de seus soberanos foi Songo (Xangô [1]*), neto de Odudua. Em termos históricos, a fundação do Estado, cuja capital situava-se no interior da atual Nigéria, a 324 quilômetros da costa, teria ocorrido no fim do século XIV ou no início do século seguinte, entre 1388 e

1431. O poder municipal era exercido em Oyó por duas instâncias: a assembleia Ogboni* e o bale, um administrador nomeado por ela para um mandato de duração limitada. No auge do seu poder, a cidade-estado constituiu a maior e mais avançada civilização da África ocidental, mas no século XVI os iorubás foram expulsos da antiga Oyó pelos nupês (tapas), estabelecendo-se no território que corresponde à Oyó atual, cujo nome se estendeu, modernamente, a um estado da federação nigeriana, com capital em Ibadan. *Ver BENIN*; *IFÉ*; *IORUBÁS*.

OYÚBONNA. Em Cuba, o mesmo que ajibonã* ou jibonã.

P

PAANZA (século XVIII). Heroína lendária do povo saramaca*, do Suriname. Mulher extremamente bela, foi rejeitada pelos escravos de sua plantation por ser filha de um senhor branco que violara sua mãe africana. Em 1989, na enciclopédia *Hommage à la femme noire*, da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart, sua figura foi alçada à condição de símbolo da mulher negra.

PACHANGA. Música dançante afro-latino-americana muito popular nas décadas de 1940 e de 1950.

PACHECO, Ignacio. Pianista erudito cubano nascido em Camagüey, em 1952. Laureado internacionalmente, em 1987 recebeu o Gran Premio Egrem, pelo disco de música de câmara gravado com a violista russa Viera Borisova, no qual interpreta obras de Hindemith, Shostakovitch e Jorge López Marín, compositor cubano.

PACHECO, Johnny. Músico dominicano nascido em Santiago de los Caballeros, em 1935, e radicado em Nova York, Estados Unidos, desde os 5

anos de idade. Compositor, flautista, percussionista e chefe de orquestra, foi, durante as décadas de 1960 e 1970, um dos principais definidores do estilo musical internacionalmente conhecido como salsa [1]*.

PADÊ. Rito preliminar das cerimônias da tradição iorubana para invocação de todos os orixás e ancestrais, por intermédio de Exu. Nos terreiros antigos, quando realizado apenas para invocação dos ancestrais, chamava-se "padê de cuia" (alusão ao recipiente usado na libação*). Do iorubá *pàdé*, "reunião".

PADEIRINHO (1927-87). Pseudônimo de Oswaldo Vitalino de Oliveira, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Compositor radicado no morro de Mangueira, foi um dos grandes estilistas do samba e exímio partideiro. Autor de antológicos sambas sincopados sobre o cotidiano do morro, na linha de Geraldo Pereira*, é de sua autoria o samba-enredo mangueirense de 1956, *O grande presidente*, um dos marcos do gênero, bem como *Rio, carnaval dos carnavais*, de 1972.

PADMORE, George (*c.* 1902-59). Pseudônimo de Malcolm Ivan Meredith Nurse, líder pan-africanista nascido em Tacarigua, Trinidad, e falecido em Londres, Inglaterra. Militante comunista e anticolonialista, dedicou sua vida à libertação africana, escrevendo livros, fundando partidos e prestando assessoria política na África, na Europa e nas Américas. É autor, entre outras obras, de *How Russia transformed her colonial empire: a challenge to the imperialist powers* (1946).

PADOLY, Yves. Poeta e professor nascido em Fort-de-France, Martinica, em 1937. Inspirado pelas aspirações e preocupações da população negra de seu país, escreveu alguns de seus poemas em crioulo*. Em sua obra destacam-se *Le missel noir* (Fort-de-France, 1961) e *Poèmes pour adultes* (Paris, 1971).

PADRE BATISTA (1952-91). Nome pelo qual foi conhecido Benedito Jesus Batista Laurindo, sacerdote brasileiro. Primeiro negro a tornar-se pároco na capital paulista, foi fundador das entidades Agentes de Pastoral Negros*, Centro Comunitário do Menor, Casa da Menina Mãe e Instituto do Negro, renomeado como Instituto Padre Batista, após sua morte.

PADRE EUTÍQUIO. *Ver ROCHA, Padre Eutychio Pereira da.*

PADRE JOSÉ MAURÍCIO (1767-1830). Nome com o qual passou à história o compositor e instrumentista brasileiro José Maurício Nunes Garcia, nascido em Cachoeira do Campo, MG, e criado no Rio de Janeiro, onde faleceu. Primeiro mestre de capela nomeado por dom João VI, impôs-se por suas qualidades pessoais de artista e organizador. Uma de suas funções era compor missas e outros ofícios religiosos, o que realizou com maestria e abundantemente. Numa época em que a vida musical gravitava em torno da igreja e do teatro, firmou-se como o maior vulto da música religiosa brasileira em todos os tempos. Autodidata que estudava febrilmente partituras de mestres como Haydn e outros, compôs cerca de quarenta obras, sobretudo religiosas, entre as quais a notável *Missa de réquiem*, encomendada para os funerais de dona Maria I, rainha de Portugal, em 1816. Também compôs óperas, aberturas etc.; como mestre, procurando desligar-se do ensino europeu para poder trabalhar com liberdade, criou seu próprio método para *pianoforte*, nome pelo qual era conhecido o piano à sua época.

PADRE QUELÉ. Expressão que, no século XIX, no Rio de Janeiro, designava a falsa identidade de alguém (sendo em geral empregada da seguinte forma: "Fulano é um padre quelé"). Originou-se da corrupção da invocação *kyrie eleison*, resultando em "quelé", a qual teria saído da boca de um certo Preto Claudino, tipo popular, coxo e idiotizado, antigo sacristão e com mania de padre.

PADRE TONINHO. Apelido de Antônio Aparecido da Silva, sacerdote católico brasileiro nascido em Lupércio, SP, em 1948. Pároco, desde 1990, da Igreja de Nossa Senhora Achiropita, na capital paulista, nela tornou-se conhecido pela celebração de missas afro (*ver MISSA AFRO*). Notabilizou-se também como líder da Pastoral Negra na cidade de São Paulo, sendo, ainda, fundador e presidente da entidade denominada Atabaque, Cultura Negra e Teologia.

PADRE VENTURA (século XVIII). Autor e diretor teatral pioneiro, ativo no Rio de Janeiro. Por volta de 1765, criou, nessa cidade, a Casa da Ópera, na qual eram encenados autos e espetáculos de variedades com elenco composto de intérpretes negros e mestiços, destruída por um incêndio em 1767. Segundo registros, era "mulato e corcunda".

PADRE VICTOR (1827-1905). Nome pelo qual foi conhecido o religioso brasileiro Francisco de Paula Victor, nascido em Campanha, MG, e falecido em Três Pontas, no mesmo estado. Filho de escrava, foi, em 1851, o primeiro negro a ser ordenado padre no Brasil. Fundador de um dos mais prestigiados colégios do Sul de Minas Gerais, granjeou fama de grande educador. Popular e querido pela obra de caridade que realizou, o processo de sua canonização está sendo estudado pelo Vaticano.
PADREJEAN (século XVII). Líder escravo nascido na ilha Tortuga, por volta de 1679. Radicou-se em Saint Domingue, atual Haiti, onde organizou uma rebelião contra os brancos colonialistas, incendiando várias plantations. Destruído seu reduto, Padrejean e seus companheiros negros foram mortos pelo governo.
PADRIÑO. "Padrinho", termo com que, em Cuba, o filho de santo (*ahijado*) se refere ao seu pai espiritual.
PADRÕES ESTÉTICOS. Parâmetros segundo os quais um indivíduo ou um grupo avaliam alguém ou alguma coisa em termos de beleza física ou da impressão, agradável ou não, causada aos sentidos. O racismo* antinegro, em geral elaborado segundo uma perspectiva eurocêntrica, costuma avaliar esteticamente os africanos e seus descendentes como desprovidos de beleza física e até mesmo desagradáveis na aparência. Daí a proliferação, na Diáspora, de antigos procedimentos "embelezadores", que vão do alisamento dos cabelos e do clareamento da pele até cirurgias de "correção" do chamado nariz negroide, como as relatadas em uma das edições do boletim do Centro de Estudos do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro, em 1970. Entretanto, a sociologia ensina, de acordo com Guerreiro Ramos* (1957), por exemplo, que "os padrões estéticos de uma cultura autêntica são estilizações elaboradas a partir da vida comunitária". Assim (os exemplos são de Ramos), a etnografia registra a aversão de indivíduos das sociedades tradicionais africanas por toda epiderme humana diferente da sua; a repugnância de certos povos antropófagos pelo gosto "salgado", de coisa "não amadurecida", da carne dos brancos; a associação, feita por alguns povos da África, da pele branca com a ideia de descoloração pela água; e a sensação, expressa por muitos africanos, de que o homem branco exala um odor fétido, desagradável ao olfato. Amadou Hampâté Bâ*,

filósofo africano (no livro *Civilizações – Entrevistas do Le Monde*, de 1989), relata que, em sua infância numa aldeia do Mali, os primeiros brancos lá chegados foram considerados feios, estranhos, com uma pele que parecia queimar. *Ver LOURO, Idealização do tipo*.

PAGANINI NEGRO, O. *Ver BRINDIS DE SALAS, Cláudio José Domingo*.

PAGODE. Termo que, originalmente designando "divertimento", "patuscada", ganhou, no Rio de Janeiro, a acepção de "reunião de sambistas" e, a partir da década de 1980, passou a denominar um estilo de interpretação do samba, um gênero de canção popular. A gênese do estilo inicia-se nas primeiras gravações do Grupo Fundo de Quintal* e se consolida a partir do lançamento, em 1985, pela gravadora carioca RGE, pertencente às Organizações Globo, do LP *Raça brasileira*. Nesse disco aparecem, para o grande público, entre outros, os nomes de Jovelina Pérola Negra*, Mauro Diniz, filho do compositor Monarco*, e Zeca Pagodinho (nascido Jessé Gomes da Silva, no Rio de Janeiro, RJ, em 1959, e afrodescendente pela linha materna). Privilegiando, também, a tradição do partido-alto*, o estilo "pagode" colocou em destaque compositores e intérpretes como Almir Guineto*, Arlindo Cruz*, Jorge Aragão* e Sombrinha (nascido Montgomery Ferreira Nunis, em Santos, SP, em 1959). Na segunda metade da década de 1990, o estilo de samba assim rotulado pela indústria fonográfica, com as inevitáveis deturpações e diluições, pôs em evidência e tornou artistas bem remunerados vários jovens negros das periferias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

PAI. Na tradição afro-brasileira, termo que antecede nomes de líderes comunitários ou religiosos, bem como de pretos velhos* da umbanda. Na época escravista, assim como "tio", era tratamento dispensado aos velhos escravos.

PAI DE SANTO. No Brasil, o principal sacerdote de um terreiro. O termo é uma tradução incorreta do iorubá *babalorisa*, "sacerdote do culto aos orixás", fusão dos vocábulos *baba*, "pai", e *oloorisa*, "seguidor do culto". A tradução mais apropriada seria, então, "padre (*pater* > padre > pai) dos fiéis dos orixás", e não "pai de santo". Na Bahia, célebres pais de santo, desde 1875, além de outros mencionados em verbetes desta obra, foram os

africanos Arabonã, Turíbio, João Alabá*, Ti Ojô, Bamboxê Obitikô*, Tito Lacerda, e também Salacó, Antônio Oxumarê ou Cobra Encantada, Roberto Jepuledê, Rufino Aganga, Guilherme Angola, Donato Jeje, João Goxê, Américo Amidê, Manuel Temiú, Longuinho de Degungo, Tio Rondão e Manuel Xangô (conforme Édison Carneiro, s/d).

PAI DE TERREIRO. O mesmo que pai de santo*.

PAI FRANCISCO. Personagem do bumba meu boi maranhense. Trata-se de um negro escravo que, para satisfazer um desejo de sua mulher, Catirina (ou Catita), grávida, mata o boi do patrão e dá a ela o fígado assado. Preso e torturado, negocia sua liberdade e é finalmente solto, entre cânticos festivos. É também personagem de uma brincadeira de roda, talvez originada do bumba meu boi, na qual surge ao vir da prisão e entrar na roda "todo requebrando", feito "um boneco desengonçado", tocando seu violão.

PAI INÁCIO, Morro do. Elevação no município de Lençóis, BA. O nome deve-se, conforme o historiador Eduardo Silva (1997), a uma lenda do tempo da escravidão segundo a qual Pai Inácio, certamente um negro velho, perseguido por ter se envolvido amorosamente com sua sinhá-dona, refugiou-se nesse local, um rochedo de cerca de 150 metros de altura. Encurralado, atirou-se no abismo e abriu o guarda-chuva que portava, símbolo de autoridade, o qual, funcionando como um paraquedas, salvou-o dos perseguidores e da morte.

Morro do Pai Inácio

PAI JOÃO. Personagem folclórico brasileiro, símbolo e estereótipo do velho escravo negro, sofredor e submisso. Corresponde ao "Uncle Tom" norte-americano, retratado no livro *A cabana do Pai Tomás*, de 1852. O personagem inspirou ao poeta Ciro Costa (nascido em 1879, em Limeira, SP, e falecido no Rio de Janeiro, em 1937) um famoso soneto, que se encerra com os seguintes versos: "Bendito sejas tu, a quem, certo, devemos/ A grandeza real de tudo quanto temos!/ Sonha em paz! Sê feliz! E que eu fique de joelhos,// Sob o fúlgido céu, a relembrar, magoado,/ Que os frutos do café

são glóbulos vermelhos/ Do sangue que escorreu do negro escravizado!". O tipo é personificado em uma antiga fantasia de carnaval, também conhecida como vovô [1]*.

PAI QUIBOMBO. *Ver ROSA, [José Sebastião da, dito] Juca.*

PAIÁ. Chocalho de guizos usado pelos moçambiqueiros, atado a um dos tornozelos. Do umbundo *paya*, "pedalar", "acionar os pés".

PAILLETERIE, General de la (1762-1806). Nome pelo qual foi também conhecido Thomas-Alexandre Dumas, militar nascido em Jérémie, no atual Haiti, e pai de Alexandre Dumas*. Era filho de Antoine-Alexandre Davy de la Pailleterie, dono de uma plantation de cana-de-açúcar e pai de mais três filhos, com a escrava negra Louise-Cessette Dumas, natural de Trou-Jéremie. Consagrou-se como herói no exército revolucionário de Napoleão Bonaparte, com o qual empreendeu a conquista do Egito. Recebendo do *Petit Caporal* a missão de restabelecer a escravidão em seu país, respondeu: "Minha mãe era uma mulher negra. Então, sou de origem negra. Não sou eu, pois, quem vai levar as correntes e a desonra aos homens de minha raça" (*Haïti*, 1968, tradução do autor).

PAIM, Paulo [Renato]. Político brasileiro nascido em Caxias do Sul, RS, em 1950. Filho de metalúrgico, formou-se em um curso profissionalizante do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e se tornou, ele também, metalúrgico. Líder sindical, elegeu-se para vários mandatos legislativos em seu estado, sendo afinal eleito deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1994 e reeleito para o período seguinte; foi considerado um dos deputados de mais expressiva atuação no Congresso Nacional. É autor de várias iniciativas legislativas em defesa dos direitos dos negros. Em 2003 tomava posse como senador da República, assumindo logo depois a vice-presidência do Senado.

PAIVA [dos Santos]**, João** (1892-1976). Sambista e jornalista nascido na cidade do Rio de Janeiro. Mestre-sala dos antigos ranchos carnavalescos Ameno Resedá* e Flor do Abacate, foi consagrado com os títulos de cidadão-samba* e "rei do samba". Foi também ator cômico na Companhia Negra de Revistas*, além de repórter dos jornais *Gazeta de Notícias* e *Última Hora*. Destacando-se igualmente como orador, foi, até o fim da vida, uma das figuras mais expressivas do carnaval carioca.

PAIVA, João Baptista Henriques de (1826-95). Músico brasileiro atuante na Bahia. Foi organista da Catedral Metropolitana, professor de piano e latim, além de funcionário da Secretaria Eclesiástica.

PAIVA, Maria de Lourdes Soares de. Modelista brasileira nascida em Santo Antônio de Pádua, RJ, por volta de 1928, e radicada na capital desse estado. Professora de modelagem industrial e funcionária das empresas Duloren, foi a criadora do primeiro modelo de sutiã feito com lycra no Brasil.

PAIVA [Ribeiro]**, Vicente** (1909-64). Compositor, arranjador, instrumentista e regente de orquestra brasileiro nascido em São Paulo e falecido no Rio de Janeiro. É coautor, entre outras obras, de *Disseram que voltei americanizada* e *Diz que tem*, canções que fizeram sucesso na voz de Carmen Miranda em 1940, além de *Mamãe, eu quero* (1937), *Exaltação à Bahia* (1943), *Olhos verdes* e *Ave Maria*, êxitos de Dalva de Oliveira em 1951. Foi importante pianista e compositor do teatro de revista e um dos grandes nomes do estilo "samba-exaltação".

PAIXÃO [Silva]**, José da** (1938-97). Artista plástico brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Desenhista, gravador e escultor, recebeu menção honrosa no Salão Nacional de Belas-Artes em 1968, destacando-se, a partir de então, como um dos mais expressivos e elogiados artistas afro-brasileiros. Foi também ativo educador artístico de crianças carentes, atuando em diversas comunidades cariocas e dirigindo a oficina de educação artística da Escola Tia Ciata, na Praça Onze*. Militante da causa negra, foi, na condição de presidente da Casa do Artista Plástico Afro-Brasileiro, curador do Primeiro Salão Nacional Zumbi dos Palmares, realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no tricentenário da morte do líder palmarino, em 1995.

PAIXÃO, Marcelo [Jorge de Paula]. Economista e professor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1966. Mestre em Engenharia de Produção pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ) e professor do Instituto de Economia da mesma universidade, destacou-se como analista da questão racial, notadamente com o texto "Desenvolvimento humano e desigualdades étnicas no Brasil:

um retrato de final de século" (*Revista Proposta*, n. 86, 2000), trabalho que pioneiramente calculou o índice de desenvolvimento humano (IDH) das populações negra e branca do Brasil, das grandes regiões e dos estados brasileiros. À época desta edição, tinha publicadas várias obras sobre sua especialidade, sendo coorganizador da primeira edição do *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil**.

Marcelo Paixão

PAJEÚ (?-1897). Revolucionário brasileiro nascido em Pernambuco e falecido em Canudos, BA. Um dos líderes militares da Guerra de Canudos*, foi hábil estrategista, derrotando várias vezes, com táticas de guerrilha, as forças federais.

PALACIOS, Arnoldo. Escritor colombiano nascido em Certeguí, Choco, em 1924. Romancista e contista, além de colecionador de arte afro-colombiana, é autor de *Las estrellas son negras* (1949) e *La selva y la lluvia* (1958), entre outras obras.

PALENQUE. O mesmo que *cumbe**.

PALENQUERAS. Em Cartagena, Colômbia, nome dado às vendedoras ambulantes de frutas. Seguindo um costume africano comum entre as negras quitandeiras – outrora também observado no Brasil –, são elas a base do sustento de seus lares, enquanto os homens se dedicam a outras atividades.

PALENQUERO. Crioulo espanhol falado em San Basilio del Palenque, no Norte da Colômbia.

PALERMO. Populoso bairro em Montevidéu, Uruguai, de grande concentração negra. Nesse local é tradicional a devoção a *san* Benito, o são Benedito dos negros brasileiros.

PALERO. Em Cuba, praticante da *regla de palo monte**. A tradição cubana registra como legendários e poderosos *paleros*: em Matanzas, Gonzalo Fernández, Julián Alfonso, Modesto Enríquez, Pascual Vera e "Pisamajá"; em Cárdenas, Ana Acosta, Concepción Sombí, Dorotea Chávez, Manuel

Mariato, Pablo Crespo e Saturnino ("Nino"); em Pedro Betancourt, Dámaso Torriente, "El Nene", Go Mayombe, José Dolores Portos, Leoncio Sotomayor, Patricio Acosta, Quirí e principalmente Saba Caraballo; em Perico, José S. Baró, Narciso Zumbá, "Rumbalesa Drake" e "Tomate"; em Jovellanos, Alejandro Caimito, Lucía Zulueta e Marcos Zulueta. A presença de *paleros*, seguidores de uma tradição marcadamente conga, entre membros das famílias Baró e Zulueta, de notória tradição *arará*, indica um possível cruzamento entre essas duas vertentes culturais. *Ver BARÓ, Família*; *RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*; *ZULUETA, Ma Florentina*.

PALHA DA COSTA. Fibra vegetal utilizada na confecção de trajes e adereços rituais do candomblé e da umbanda, como o filá* de Obaluaiê e o contra-egum*.

PALHETA. Nome popular do antigo chapéu de palha, armado e de copa chata, usado como instrumento de percussão, nas décadas de 1930 e 1940, por sambistas cariocas, e difundido como tal pelos cantores Dilermando Pinheiro* e Luiz Barbosa, entre outros.

PALISIO. Um dos nomes da guitarra, entre os antigos negros peruanos.

PALMA SOLA. Cidade da República Dominicana próxima à fronteira com o Haiti. Em 1962, foi palco de um massacre promovido pelas forças da elite dominicana, no qual morreram centenas de negros, membros de uma comunidade religiosa local.

PALMARES. Confederação de quilombos formada na capitania de Pernambuco, entre o cabo Santo Agostinho e o rio São Francisco. Origens: Em fins do século XVI, escravos de um grande engenho da capitania de Pernambuco, depois de uma rebelião sangrenta, refugiam-se na serra da Barriga, na região conhecida como Palmares, hoje pertencente ao estado de Alagoas. Lá se organizam em *kilombo* – misto de arraial militar, núcleo habitacional e comercial, supratribal e supraétnico, comum na Angola daquele tempo. Já na virada para o século XVII, o número de escravos e libertos reunidos em Palmares chegava a centenas, e, por necessidade de sobrevivência, os quilombolas desciam a fim de saltear os engenhos vizinhos. À desorganização inicial seguiu-se uma estruturação do reduto. Tanto que, por volta de 1630, Palmares já teria cerca de 3 mil aquilombados, desenvolvendo uma agricultura avançada para os padrões locais e da época,

com o plantio de cana-de-açúcar, milho, feijão, mandioca, batata e legumes; fabricando artefatos de palha, manteiga e vinho; criando galinhas e porcos; e empreendendo uma organizada atividade metalúrgica, necessária à sua subsistência e defesa. A chegada dos holandeses a Pernambuco, em 1630, e as guerras que essa presença motivou facilitaram a fuga de mais pessoas para Palmares. Como consequência, o quilombo – então, já uma confederação de aldeias – foi se fortalecendo e se transformando em uma ameaça cada vez mais real e perigosa ao poder colonial. Em face dessa situação, a repressão tomou corpo. Repressão: De 1596 a 1716, ano da destruição da resistência quilombola na região, os palmarinos suportaram investidas de 66 expedições coloniais, tanto de portugueses como de holandeses. E por 31 vezes tomaram a iniciativa do ataque. Ivan Alves Filho (1988), importante historiador contemporâneo das guerras palmarinas, divide essa história em quatro fases: na primeira, compreendida entre 1596 e 1630, os ataques coloniais se dirigem a quatro ou cinco aldeamentos; na segunda, de 1631 a 1654, fase da ocupação holandesa de Pernambuco, as investidas se concentram na cidadela de Macaco, principal reduto palmarino; na terceira, de 1655 a 1694, travam-se as batalhas mais encarniçadas, com a consequente a queda de Macaco; e, por fim, na quarta ocorrem as mortes de Zumbi (1695) e de seus sucessores Camuanga (desaparecido em 1699) e Mouza do Palmar (1716). Mas em 1725 ainda há tropas militares na serra da Barriga, antecipando a ocupação oficial do território, que se dá, afinal, no ano de 1736. Ganga Zumba e Zumbi: Durante sua longa existência, Palmares teve vários chefes. No entanto, a história até agora conhecida reservou para dois deles, Zumbi* e Ganga Zumba*, o papel de protagonistas dessa verdadeira epopeia. O ano de 1678 é o divisor de águas entre esses dois estilos de comando: depois de sérias perdas sofridas pelos palmarinos em 1677, Ganga Zumba, então o principal dirigente, negocia a paz com as autoridades coloniais e abandona a serra com seus seguidores, provocando uma séria dissensão nas hostes palmarinas e o início da liderança de Zumbi. Em 1680, no arraial de Cucaú, próximo ao litoral, onde se estabelecera, Ganga Zumba morre envenenado. E a repressão a Palmares, cada vez mais cruenta, conta com a participação de milhares de soldados, de milícias patrocinadas pelos senhores de terras e até mesmo de combatentes

mercenários. Quinze anos mais tarde, o líder Zumbi – após dezessete anos de combate, em que se destacou como um dos maiores generais da história –, atraiçoado por um de seus comandados, morre durante a expedição repressora de Domingos Jorge Velho. A experiência palmarina foi a maior e mais longa contestação à ordem escravista em todo o mundo e em todos os tempos. Por extensão – e mesmo por ter sido Palmares um reduto que abrigava negros, índios e brancos pobres –, a saga de Zumbi constitui um rico episódio da luta contra o racismo. Por essa razão, o dia de seu martírio, 20 de novembro, foi escolhido como "Dia Nacional da Consciência Negra".

PALMARINO. Qualificativo de tudo que se refira ou se relacione aos quilombos de Palmares*.

PALO. Tambor congo da República Dominicana.

PALO MONTE, Regla de. Em Cuba, conjunto de linhas rituais de origem bantu. A expressão *palo monte* significa, literalmente, "paus (raízes, cascas, folhas) do mato". *Ver RELIGIÕES AFRO-CUBANAS.*

PALOMA, La. Famoso *solar* (cortiço) da Havana antiga, habitado exclusivamente por africanos.

PALOS. Nome genérico com que se designam os tambores na música afro-dominicana. O nome qualifica, também, uma espécie de música tradicional local, de natureza ritualística.

PAMO (século XVIII). Líder *maroon* do Suriname. Juntamente com Arabi*, foi um dos dois chefes mais importantes do povo djuka*.

PAN. Vocábulo inglês correspondente ao português "panela", que dá nome ao tambor metálico das *steel bands** de Trinidad e Tobago.

PAN DE MONOS. Denominação que, na Cuba colonial, se dava ao baobá*. No Brasil, a expressão "pão-de-macaco", que aproximadamente traduz a denominação, refere-se especificamente ao fruto dessa árvore.

PAN O GAN. Espécie de *pan** eletrificado, inventado por Tweed Joseph, músico de Trinidad (conforme Leymarie, 1996).

PANÃ. Ritual de passagem da vida de claustro para a secular realizado pela iaô* uma semana após completar a feitura. Provavelmente, do iorubá *paná*, "apagar o fogo". Pessoa de Castro (2001) vê origem no fongbé *ákpanõ*.

PAN-AFRICANISMO. Ideologia nascida nos Estados Unidos no final do século XIX. Exprimindo reivindicações dos negros norte-americanos e

caribenhos, tinha como foco o continente africano, entendido como a pátria de que a escravidão os privou. Partindo do princípio de que a África e sua Diáspora compartilham o mesmo destino, os primeiros pan-africanistas, em uma militância iniciada por volta de 1860, entendiam que a emancipação de uma e de outra teria de ser construída por meio de um processo conjunto, envolvendo a luta contra o colonialismo na África e contra o racismo nas Américas e em outras partes do mundo (conforme Moore, 2008). Depois das ações altamente polemizadas do líder Marcus Garvey* e com a realização dos congressos pan-africanos (Paris, 1919; Londres, 1921 e 1923; Nova York, 1927), a doutrina consolidou-se de forma mais consequente, baseada na igualdade etnorracial e na luta contra o colonialismo. Com as ideias de W. E. B. Du Bois* e sobretudo após o quinto congresso, em Manchester (1945), a doutrina se estrutura em movimento, e isso se dá por intermédio da atuação de líderes africanos como Jomo Kenyatta, Sékou Touré, Kwame Nkrumah* e Julius Nyerere*, até a onda independentista que toma a África nos anos de 1960. Alcançadas as independências, a ideologia continua a orientar o pensamento das lideranças dos Estados recém-criados, as quais fundam, em 1963, a Organização da Unidade Africana (OUA). Enquanto isso, nos Estados Unidos, intelectuais negros – como já fizera Du Bois – colocam o pan-africanismo na pauta das discussões acerca dos direitos civis. Nas décadas de 1970 e 1980, lideranças pan-africanistas na Diáspora realizam quatro congressos de cultura negra nas Américas. O primeiro teve lugar na cidade colombiana de Cali (1977); o segundo, na Cidade do Panamá (1980); o terceiro em São Paulo (1982), sob a liderança de Abdias do Nascimento*; e o quarto em Quito, Equador (1984). Dez anos depois, seria realizado, em Montevidéu, Uruguai, o Primeiro Seminário sobre Racismo e Xenofobia. E em 1996, em San José e Limón, na Costa Rica, em nível internacional, a Reunião da Família Negra. Discutindo e propondo estratégias nos âmbitos dos direitos humanos e da questão feminina, da juventude, dos idosos e da população negra em geral, esses encontros procuram manter vivo o ideal de colaboração pan-africanista.

PANALIVIO. Dança com cantos da tradição afro-peruana.

PANAMÁ, República do. País da América Central. Inserido, outrora, no mesmo panorama escravista das Antilhas, sua população declarada inclui

14% de negros e 62% de mestiços, números que sugerem a maior população de origem africana nessa porção do continente. Na década de 1990, os afrodescendentes estavam basicamente concentrados ao longo da costa atlântica, em cidades como Portobelo, Palenque, Cuango, Playa Chiquita, Palmira, e Santa Isabel. *Ver NOVA GRANADA, Vice-Reino de*.

PANCHO MINA (?-1835). *Cimarrón* cubano, de origem daomeana. Resistindo por mais de vinte anos a *rancheadores* e tropas de repressão, foi emboscado e morto no cafezal Tereza, na região de Oriente.

PANDANGONE. O mesmo que patangoma*.

PÂNDEGOS D'ÁFRICA. Antigo clube de negros do carnaval de Salvador, BA. A partir de 1897, saía às ruas encenando temas da tradição nagô, com canto, danças e alegorias. É considerado o primeiro afoxé* baiano.

PANDEIRO. Instrumento de percussão de origem árabe consistindo em um pequeno tambor de uma só membrana, esticada sobre um aro de cerca de trinta centímetros de diâmetro e quatro centímetros de altura, com soalhas ou platinelas. Embora utilizado na música de vários povos e países, no Brasil, local em que é percutido de forma bastante peculiar, tornou-se o principal instrumento do samba e seu símbolo mais eloquente. Dos primeiros tempos até os dias atuais, projetou grandes instrumentistas de origem africana, a exemplo de João da Baiana*, Bucy Moreira*, David do Pandeiro, Marçal, Trio Pandeiro de Ouro, Ovídio Brito* etc.

PANDILANGA. Entre os congos cubanos, entidade espiritual identificada com Jesus de Nazaré. É também mencionado como Mpungo.

PANGANGA. Entre os congos cubanos, amuleto preparado com um chifre cheio de substâncias mágicas.

PANGO. O mesmo que maconha*.

PANO DA COSTA. Espécie de xale comprido que integra o antigo traje das mulheres africanas e crioulas na Bahia. Usado a tiracolo, sobre uma das espáduas, com as extremidades cruzadas na frente, ou jogado negligentemente sobre o ombro, era feito com tecido importado da África ocidental, sendo mais tarde fabricado no Brasil. O mesmo que alaká e pano de alacá. *Ver ABDIAS, Mestre*; *BAIANA*.

PANO DE ALACÁ. O mesmo que pano da costa*.

PANTAGONES. Chocalhos usados na dança do moçambique*. Variante de patangoma*.

PANTERAS NEGRAS. Tradução da expressão *Black Panthers*, nome resumido do Black Panther Party for Self Defense, partido revolucionário fundado em 1966 nos Estados Unidos, por Bobby Seale* e Huey Newton*, com o objetivo de enfrentar e superar, por meio da luta armada, a discriminação sofrida pelos negros. *Ver PODER NEGRO.*

PANYARD. Denominação da sede de cada uma das *steel bands** de Trinidad e Tobago. De *pan* + yard*, "quintal", "terreiro".

PANZU. Inquice congo cultuado no Candomblé do Bate-Folha*, em Salvador, BA. Do quicongo *Mpánzu*, inquice que causa úlceras grandes, muito corrosivas.

PAÓ. Palmas cadenciadas, usadas em alguns rituais do culto aos orixás. Também, forma de comunicação, por palmas, usada pelas iaôs proibidas de falar. Do iorubá *owó*, "mão", acrescido do elemento *pa*, ligado à ideia de "esfregar", "bater".

PAPA DOC. Nome pelo qual foi popularmente conhecido François Duvalier*, presidente do Haiti. A expressão corresponderia, em português, a algo como "papai doutor", pelo fato de Duvalier, antes da política, ter granjeado fama como médico.

PAPA GADU. O mesmo que Gran Gadu*.

PAPÁ JIMAGUAS (século XIX). Nome pelo qual foram conhecidos os importantes *santeros* cubanos Perfecto e Gumersindo, irmãos gêmeos, estabelecidos na fazenda El Palenque, em Marianao, Havana. Babalorixás com inúmeros filhos de santo, possuíam, segundo Lydia Cabrera (1993), várias casas de moradia e em cada uma, consoante o costume africano, uma mulher. Celebravam todos os anos a grandiosa festa de Baloggué-Ogún e cultuavam seus patronos, os Ibêjis*, dentro da mais estrita tradição *lucumí*.

PAPA WEMBA. Nome artístico de Shungu Wembadio Pene Kikumba, cantor nascido em Shunga Wendabio, região de Kasai, no antigo Zaire (atual República Democrática do Congo), em 1949. Astro em seu país desde os anos de 1970, em 1988 passou a gravar na França, tornando-se um dos grandes nomes do *African pop* e alçando voo para uma sólida carreira

internacional, que inclui um disco de grande sucesso gravado ao vivo no Japão.

PAPA ZACA. Divindade do vodu haitiano. Relacionado a santo Isidoro, é o nume protetor da agricultura, estabelecendo e regulando as estações do ano, presidindo o plantio e a colheita e velando pelas plantações.

PAPA-LOÁ. O mesmo que *hougan**. *Ver* MAMALOI.

PAPALOTE. Em Cuba, forma antiga de *rumba* brava*.

PAPALÚA. O mesmo que *papa-loá**.

PAPA-MEL. Em Alagoas, à época da escravidão, nome dado ao negro fugido, em estado de cimarronagem, em alusão ao fato de que, nas matas, alimentava-se basicamente de mel silvestre. A Guerra dos Cabanos, ocorrida nesse estado e em Pernambuco entre 1832 e 1835 (e que não deve ser confundida com a Cabanagem paraense, de 1835 a 1840), contou com a ativa participação de muitos desses fugitivos, os quais chegaram inclusive a organizar uma "guarda negra papa-mel".

PAPANGU. Tipo de mascarado, do carnaval e dos reisados nordestinos. Em algumas partes do Brasil, dava-se o apelido de "papa-angu" ao negro cativo, pois se alimentava quase unicamente de angu e de feijão.

PAPAS AFRICANOS. Durante os primeiros séculos de sua existência, a Igreja Católica teve três papas de origem africana, provavelmente negros. Foram eles: Vítor I (de 189 a 198); Milcíades (311-14); e Gelásio I (492-96). Todos foram canonizados como santos da Igreja.

PAPEL. Nome usado, nos registros brasileiros do tráfico de escravos, para designar o povo pepel, da África ocidental, aparentado aos uolofes, sereres e diolas. *Ver UOLOFE*.

PAPIAMENTO. Falar crioulo de Aruba, Bonaire e Curaçau, sendo um misto de vocábulos e construções de origem holandesa, portuguesa, espanhola e africana.

PAPINES, Los. Quarteto vocal e de percussão formado em Havana, em 1959, pelos irmãos Ricardo (1933-2009), Luis (1939-), Alfredo (1942-2001) e Jesús (1945-) Abreu. Cultivando um repertório marcadamente afro, atuaram e tornaram-se conhecidos em inúmeros países, como França, Japão, Canadá, Estados Unidos e Rússia.

PAPO-DE-PERU. O mesmo que jarrinha*.

PARÁ [1]. Estado da região Norte do Brasil, limitado em sua parte mais setentrional pela Guiana e pelo Suriname, tendo Roraima a noroeste, o Amazonas a oeste, o Amapá e o Atlântico a nordeste, o Maranhão e Tocantins a leste, e Mato Grosso ao sul. Antes dos portugueses, que iniciaram a conquista do território no século XVII, colonizadores holandeses e ingleses fundaram feitorias e fortes na região. Integrado à capitania do Maranhão, o Pará desenvolveu, com o auxílio do braço negro, lavouras de café, arroz, fumo, cana, cacau e algodão. No período da Regência, foi palco do movimento conhecido como Cabanagem (1835-40). Em 2000, o governo federal havia identificado no estado 57 comunidades remanescentes de quilombos*, principalmente nos municípios de Oriximiná, Óbidos e Cametá. *Ver AMAZÔNIA, Quilombos na.*

PARÁ [2]. Termo com que os membros das comunidades religiosas afro-gaúchas denominam seus centros de culto e os rituais neles desenvolvidos. O termo "batuque", ao tempo das observações de M. J. Herkovits (conforme Édison Carneiro, s/d, p. 20), era mais usado por estranhos. Talvez seja deturpação de Bará*.

PARAGUAI, República do. País localizado no Centro-Sul da América do Sul, com capital em Assunção. Algumas fontes sustentam que a população afro-paraguaia foi totalmente absorvida pela mestiçagem, perdendo todos os seus traços distintivos. Em 1925, entretanto, essa população era estimada entre 10 mil e 30 mil indivíduos, e, na década de 1990, alguns pesquisadores fixaram esse número em 3,5% da população nacional, perfazendo um grupo de cerca de 150 mil pessoas (conforme Appiah e Gates Jr., 1999). Observe-se que, na Guerra da Tríplice Aliança (1864-70), embora fizesse propaganda contra o escravismo brasileiro, o governo paraguaio mantinha em seu Exército um contingente considerável de escravos negros. *Ver ARTIGAS-CUÉ; CAMBACUAN; GUERRA DO PARAGUAI.*

PARAGUASSU [Netto], **Aleixo.** Magistrado brasileiro nascido em Belo Horizonte, MG, em 1937. Entre 1974 e 1983, exerceu o cargo de juiz de direito das comarcas de Rio Brilhante, Bataguaçu, Dourados e Campo Grande (MS). Aposentando-se, assumiu a Secretaria Estadual de Segurança Pública, sendo, em seguida, secretário de Educação por dois mandatos, além

de exercer outros cargos. Professor emérito do Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran), em 2005 recebeu o título de doutor *honoris causa*, concedido pelo Centro Universitário de Campo Grande (Unaes) como reconhecimento de sua luta em prol dos direitos humanos e por sua militância no movimento negro*, em especial. É ainda detentor da Medalha de Mérito da Magistratura Nacional, oferecida em 1982 pela Associação dos Magistrados do Brasil.

PARAÍBA. Estado do Nordeste brasileiro situado entre Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Sua história colonial desenvolve-se no mesmo contexto açucareiro de Pernambuco, e seu populário guarda (bem vivas) algumas tradições de origem africana. Em 2000, a Fundação Cultural Palmares* identificava, no estado, treze comunidades remanescentes de quilombos*, localizadas principalmente nos municípios de Alagoa Grande, Santa Luzia e Triunfo.

PARAÍSO, Juarez. Artista plástico brasileiro nascido em Arapiranga, BA, em 1934. Professor de arte, foi diretor da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia de 1992 a 1996. Suas atitudes firmes diante dos poderosos, aliadas ao trabalho audacioso que desenvolveu, fizeram dele um artista ao mesmo tempo boicotado pelas elites e amado por seus alunos. Organizou bienais e expôs no exterior; no cinema, viveu o personagem Pedro Arcanjo em *Tenda dos milagres* (1977), filme de Nelson Pereira dos Santos.

PARANÁ. Estado da federação brasileira localizado na porção norte da região Sul, tendo São Paulo e Mato Grosso do Sul ao norte, Paraguai e Argentina a oeste, o oceano Atlântico a leste, e Santa Catarina ao sul. A forte presença de imigrantes europeus na região (principalmente de origem eslava), a partir de 1853, criou a ilusão da ausência do elemento negro na formação da população paranaense. Entretanto, como referenda o *Dicionário histórico-biográfico do estado do Paraná*, editado em Curitiba, em 1991, pretos e pardos livres constituíram, pelo menos desde o século XVIII, presença marcante, somando 25,2% da população em 1798; 34,8 em 1816; e 29,8 em 1830. “Demograficamente – acentua a obra – está evidenciada a participação dos escravos e seus descendentes na formação paranaense, com todas as repercussões genéticas, sociais e econômicas”. Em 2000, o governo

federal, por intermédio da Fundação Cultural Palmares*, estudava, no município de Pinhão, a comunidade de Paiol da Telha, identificada como remanescente de um quilombo. No fim da década, um folheto oficial, transcrevendo documento assinado em 20 de novembro de 2009, informava que os afrodescendentes compunham 28,5% da população paranaense, além de relatar ações sociais em diversas "comunidades quilombolas" (Governo do Estado do Paraná, "Pacto pela promoção da igualdade racial no Paraná", 2010).

PARANGOLÉ. Malandragem, astúcia; comportamento desonesto para ludibriar alguém; negócio, principalmente ilícito etc. O termo, bastante comum no linguajar dos morros cariocas nas décadas de 1950 e 1960, estendeu-se a uma expressão de arte de vanguarda criada pelo artista multimídia Hélio Oiticica, na década de 1960. Baseado em sua vivência no morro de Mangueira*, tendo sido, inclusive, destacado passista* da Estação Primeira, Oiticica criou os "parangolés", que eram capas, tendas ou estandartes, mas principalmente capas, para serem vestidos e utilizados, individual ou coletivamente e em efusivos movimentos, como trajes e adereços da dança do samba. A criação foi publicamente mostrada pela primeira vez em 1965, quando, na abertura de uma exposição, Oiticica adentrou o Museu de Arte Moderna carioca, acompanhado de passistas e ritmistas mangueirenses, com seus parangolés, tocando e dançando samba, o que provocou grande escândalo e confusão.

PARA-RAIOS (*Melia azedarach*). Planta da família das meliáceas, também chamada amargoseira, cinamomo, jasmim-da-terra e sabonete-de-soldado. Na tradição brasileira dos orixás, é planta de Oyá-Iansã. Em Cuba, conhecida pelo nome de *paraíso* e pertencendo a Xangô, é árvore extremamente respeitada e cultuada. O dono de um *paraíso* deve cuidar muito bem dele, pois, se a planta morrer, sua vida estará fadada a sofrer um revés.

PARAÚNA, Barão de (século XIX). Título de nobreza de Antônio Moreira da Costa, capitão da Guarda Nacional que se tornou barão por decreto de 6 de julho de 1889. Seu nome é mencionado na relação de "homens de cor" ilustres organizada por Nelson de Senna (1938).

PARDO. No Brasil, antiga categorização etnorracial do mulato.

PARDOS, Regimentos (ou Terços) dos. Unidades militares existentes nos séculos XVIII e XIX em várias províncias brasileiras. Muito prestigiados pelo poder central, seus comandantes reportavam-se diretamente aos governadores das províncias. Em um desses regimentos, no Rio de Janeiro, à época do vice-rei Luís de Vasconcelos, o oficial "pardo" Alexandre Dias de Resende*, tratado com desdém, fez que um major português fosse preso pelo próprio vice-rei.

PAREJA, Juan de (século XVII). Pintor espanhol de origem africana. Escravo, foi aprendiz e pupilo de Velázquez (1599-1660). Muitas de suas obras foram erroneamente atribuídas ao mestre e incorporadas a museus e acervos particulares da Europa ocidental. Outras delas, porém, com a verdadeira autoria reconhecida, figuram em lugares de destaque, como o Museu do Prado, em Madri, a Galeria Dulwich, em Londres, e a Galeria de Munique. Em 1652, graças à sua arte, foi alforriado pelo rei Filipe IV.

PARET, Timothée (1887-1942). Poeta nascido em Jérémie, Haiti. Formado em Direito pela Universidade de Porto Príncipe, exerceu a profissão de advogado, chegando a ser ministro da Justiça. Em sua obra destacam-se: *Lueurs sereines: journal en vers* e *Jeanine*, *une nouvelle en vers* (Porto Príncipe, 1908); *Amour tragique* (Paris, 1913); *Fleurs détachées* (Porto Príncipe, 1917); *Nouvelle floraison* (Angers, 1917); *L'ame vibrante* (Paris, 1922).

PARKER, [Charles Christopher, dito] **Charlie** (1920-55). Saxofonista americano nascido em Kansas City, Kansas, e falecido em Nova York. Apelidado de "Bird" (pássaro) pela placidez de seu jeito pessoal e pela suavidade de seu sopro, foi um virtuose da improvisação e um dos criadores do bebop*. Em face das características radicalmente inovadoras de sua música, é tido como "o Stravinsky do jazz". Morreu vítima de drogas pesadas, tendo feito sua última apresentação no Birdland, clube noturno que já ostentava esse nome em sua homenagem.

PARKS, Gordon (1912-2006). Fotógrafo, escritor e músico norte-americano nascido em Fort Scott, Kansas, e falecido em Nova York. Produziu, para a revista *Life*, grandes reportagens (tanto escrevendo como fotografando), com destaque para uma sobre os Black Muslims*, de 1963. Romancista e compositor de peças musicais eruditas, executadas inclusive

internacionalmente, publicou, em 1966, *Escolho minhas armas* (*A choice of weapons*), relato autobiográfico de sua vida de negro pobre e segregado. Seu filho Gordon Parks Jr. (1934-79), cineasta, foi o pioneiro do gênero que ficou conhecido como *blaxploitation**.

PARKS, Rosa [Louise McCauley] (1913-2005). Ativista dos direitos civis norte-americana nascida em Tuskegee, Alabama, e falecida em Detroit. Em 1955, tornou-se mundialmente conhecida quando, em um ônibus, recusou-se a ceder seu assento a um homem branco, como determinava a lei de segregação racial. Presa por essa atitude, desencadeou uma reação da população negra, num boicote de mais de um ano que, vitorioso, pôs fim à discriminação nos transportes públicos em seu país.

PARQUE DE SÃO BARTOLOMEU. Sítio religioso em Salvador, BA. É oficialmente reconhecido e garantido pelo poder público como local consagrado aos orixás, inquices e santos dos cultos afro-baianos, os quais lá recebem pedidos e oferendas.

PARTIDEIRO. Sambista versado nas artes do partido-alto*.

PARTIDO AUTÓCTONO NEGRO. Partido político organizado no Uruguai pelo escritor Pilar Barrios*, em 1937, com o objetivo de fazer avançar a causa da justiça social em prol da população afro-uruguaia. Congregando intelectuais e artistas negros, participou das eleições de 1938 e foi extinto em 1944.

PARTIDO INDEPENDIENTE DE COLOR. Entidade política organizada em Cuba, em 1908, sob a liderança de veteranos da Guerra da Independência (1895-98). Posto na ilegalidade dois anos depois de sua fundação, em 1912 foi responsável pela insurreição conhecida como Guerrita de Mayo, na qual morreram mais de 3 mil pessoas.

PARTIDO-ALTO. Uma das formas do samba* carioca. No passado, era uma espécie de samba instrumental e ocasionalmente vocal (feito para dançar e cantar), constante de uma parte solada chamada “chula” (em virtude da qual era também denominado samba-chulado ou chula-raiada) e de um refrão (que o diferenciava do samba-corrido). Modernamente, o nome designa uma forma de samba cantada em desafio por dois ou mais contendores e que se compõe de uma parte coral (refrão ou “primeira”) e de uma parte solada com versos improvisados ou do repertório tradicional, os

quais podem ou não se referir ao assunto do refrão. Sob essa rubrica se incluem, hoje, várias formas de sambas rurais; as antigas chulas; os antigos sambas-corridos (aos quais se acrescenta o solo); os refrões de pernada (batucada ou samba-duro), bem como os chamados "partidos-cortados", em que a parte solada é uma quadra com o refrão intercalado (raiado) entre seus versos.

PASA. Nome pelo qual é chamado, em Cuba, o cabelo crespo dos negros.

PASA DE NEGRA. Em Cuba, planta tradicionalmente usada para limpeza e crescimento dos cabelos. O nome deriva da forma emaranhada de suas raízes, como costuma ser o cabelo crespo (*pasa*, "carapinha") dos negros.

PÁSCOA, Anselmo Sales. Físico nuclear brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1938. No final de 1989, foi um dos peritos responsáveis pelos laudos que levaram ao fechamento temporário da usina nuclear Angra 1 e, no ano seguinte, tomou posse como diretor executivo da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

PASSAPORTES DE ESCRAVOS. O passaporte é o salvo-conduto, o documento de identidade do indivíduo em trânsito. Durante a época escravista, tal espécie de documento era usada no tráfico interno, como uma nota fiscal de mercadoria, nele se especificando a nacionalidade, a ocupação e a idade do escravo, o que, no entanto, não impedia o contrabando e outros tipos de burla.

PASSARINHO, César (1949-98). Cantor e compositor nascido e falecido no Rio Grande do Sul. Símbolo do festival conhecido como "Califórnia da Canção", foi considerado um dos maiores cantores nativistas gaúchos de seu tempo.

PASSISTA. Nas escolas de samba, cada um dos dançarinos executantes de espontâneas coreografias individuais; dançarino de frevo.

PASSOS, Alexandre (século XX). Escritor e historiador brasileiro nascido na Bahia. Escreveu e publicou *O Rio no tempo do Onça* (1930), *A imprensa no período colonial* (1952), *O humanismo de Castro Alves* (1965), entre outras obras de vários gêneros.

PASSOS, Rosa [Maria Faria]. Cantora, violonista e compositora nascida em Salvador, BA, em 1952. Com carreira fonográfica iniciada em 1979, no

início da década de 1990, graças a gravações para o selo Velas, dos compositores Ivan Lins e Vitor Martins, começou a ganhar visibilidade. Destacando-se como grande intérprete da bossa nova e de sambas modernos no estilo consolidado por Djavan*, estendeu sua atuação ao universo do jazz, sendo saudada, no exterior, como virtuose do violão. Na década de 2000, participando de festivais de jazz no exterior, tornou-se mais conhecida no mercado internacional, sendo, no Brasil, apreciada por um público de perfil menos popular.

PASSOS, Samuel Florêncio de (século XIX). Educador brasileiro radicado na Bahia. Lente substituto de escola normal, publicou um compêndio de aritmética elementar e um paleógrafo, antiga espécie de livro escolar destinado ao aprendizado da escrita.

PASTINHA, Mestre (1889-1981). Nome pelo qual ficou conhecido o capoeirista brasileiro Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, nascido e falecido em Salvador, BA. Filho de espanhol e negra, ex-praticante de futebol e esgrima, além de garimpeiro e alfaiate, foi considerado o mais perfeito entre os lutadores da capoeira angola. Em 1910 criou a primeira escola de capoeira do Brasil e, em 1966, integrou a delegação brasileira presente ao primeiro Festival Mundial de Arte Negra*, em Dacar.

PASTOR, Juana (século XVIII). Educadora cubana. Famosa mestra-escola na Havana colonial, foi citada por José Luciano Franco (1974).

PASTORA. Denominação que, nas antigas escolas de samba, se dava às mulheres encarregadas de interpretar a parte coral dos sambas e executar a coreografia. Na era do rádio, era comum a seleção de algumas dessas mulheres, em geral jovens e bonitas, para participarem, como coristas e dançarinas, das apresentações de artistas do samba, como foi o caso de "Ataulfo Alves e suas pastoras".

PASTORAL DO NEGRO. Entidade do movimento negro* brasileiro criada no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense*, no seio da Igreja Católica, por iniciativa do bispo progressista dom Mauro Morelli, em 1986. Liderada por dois padres, organiza oficinas de trabalho, divulga a literatura e promove grupos de discussão. Seu objetivo principal é a conscientização do povo negro sobre sua identidade e sua importância histórica, rejeitando a ideologia do branqueamento. *Ver FREI DAVI.*

PATA Ė LLAGA. O mesmo que Tata-Pansúa*.

PATACHO. Antigo navio mercantil de dois mastros, com uma vela redonda e outra latina. Muitos desses navios, como o patacho Aliança, transportaram africanos retornados ao continente de origem após a abolição da escravatura no Brasil.

PATAKORI. Uma das saudações feitas a Ogum. De origem ligada ao adjetivo iorubá *pàtaki*, "principal".

PATANGOMA. Chocalho de lata, usado nas congadas e em outras expressões do gênero. Provavelmente, do umbundo *pata* (*epata*), "família", "parentesco" + *ngoma*, "tambor"; "parente do tambor" (seria considerado "da família" por ter a mesma destinação, por ser também um instrumento musical).

PATO PRETO (século XX). Cognome do cantor e ator cômico brasileiro Alípio Miranda. Popular no rádio carioca nos anos de 1950, no cinema participou dos filmes *Anjo do lodo* (1951), *Está com tudo* (1952) e *O barbeiro que se vira* (1958).

PATRIANOVISMO. Projeto político elaborado em São Paulo, em 1928, por Arlindo Veiga dos Santos*. De orientação monarquista, teve como base o Centro de Cultura Política Pátria Nova, núcleo da Ação Imperial Patrianovista Brasileira, estabelecida em âmbito nacional. Segundo algumas avaliações, apesar de bastante polemizado, o patrianovismo teria sido o mais importante projeto da militância negra no Brasil após a abolição da escravatura.

PATROCÍNIO, José Bonifácio do (século XIX). Médico brasileiro doutorado com brilhantismo pela Faculdade de Medicina da Bahia.

PATROCÍNIO, José [Carlos] **do** (1854-1905). Jornalista, escritor e orador abolicionista brasileiro nascido em Campos dos Goitacazes, RJ, e falecido na capital do mesmo estado. Filho de um padre com a quitandeira e ex-escrava Justina Maria do Espírito Santo, aos 15 anos mudou-se para a capital do Império, empregando-se como aprendiz de farmácia, ao mesmo tempo que empreendia seus estudos de humanidades. Em 1871, publica, no jornal *A República*, o poema "À memória de Tiradentes", sua primeira colaboração na imprensa. No ano seguinte, ingressa na Faculdade de Medicina, diplomando-se como farmacêutico no final de 1874. Publica

versos abolicionistas no jornal *O Lábaro Acadêmico* e, no último ano de curso, consegue um emprego no jornal *A Reforma*, como conferente de revisão. Três anos depois de formado, já ostenta o cargo de redator da *Gazeta de Notícias*, na qual publica, em folhetim, seu romance *Mota Coqueiro ou A pena de morte*, baseado num fato policial verídico. Em 1878 vai ao Ceará realizar a cobertura jornalística das consequências da grande seca que assola a província e circunvizinhanças. Nessa viagem colhe material para seu segundo romance, *Os retirantes*, publicado em 1879. Em agosto de 1880, no Teatro São Luís, no Rio de Janeiro, faz seu primeiro discurso abolicionista; no ano seguinte casa-se com Maria Henriqueta de Sena, a Bibi, sua companheira até o fim da vida, com quem viaja novamente ao Ceará em 1882 e à Europa em 1883. No ano de 1886 é eleito para a Câmara Municipal, fato que se repete em 1887, quando começa a circular seu jornal *A Cidade do Rio*, vibrante órgão abolicionista. No episódio do 13 de maio de 1888, Patrocínio tem atuação destacada, mas, após a proclamação da República, torna-se, por meio do seu jornal, um dos mais ferozes inimigos do novo regime. Em 1890, com a mulher e o filho Zeca (*ver PATROCÍNIO, Zeca*), viaja novamente à Europa, onde permanece em exílio voluntário por dois anos. Ao regressar, é preso, acusado de participar de um golpe contra o governo do marechal Floriano Peixoto e, logo a seguir, deportado para a Amazônia, tendo seu jornal empastelado. Mais tarde, anistiado, regressando ao Rio de Janeiro, vai morar numa modesta casa de subúrbio, ajudado por amigos. Possuidor de espírito aventureiro, dedica-se à construção de um aeróstato cujo projeto não se concretiza e, em 1901, leva ao Rio, por intermédio do filho Zeca, que o trouxera de Paris, um dos primeiros automóveis a circular no país, sendo que, em seguida, o vê espatifar-se num acidente. Um dos maiores vultos da inteligência brasileira e grande mestre da palavra escrita no Brasil do século XIX, foi membro

José do Patrocínio

fundador da Academia Brasileira de Letras, sendo patrono da cadeira de número 21.

PATROCÍNIO, Zeca (1885-1929). Nome pelo qual foi também conhecido José Carlos do Patrocínio Filho, personagem da vida boêmia e intelectual brasileira, nascido no Rio de Janeiro e falecido em Paris, França. Jornalista, poeta, cineasta e homem de teatro, levou, segundo seu biógrafo Raimundo Magalhães Júnior (1957), vida mais anedótica e dramática que edificante, resultado, talvez, da infância de mimos prodigalizada pelo pai, o célebre abolicionista José do Patrocínio*. Não obstante, foi homem de talento e de vasta produção escrita. Em 1910, com o "filme-revista" *Paz e amor*, exibido no Cine Rio Branco com grande sucesso de público e de crítica, torna-se responsável pelo primeiro script feito por um autor nacional diretamente para o cinema. Depois disso, realiza *Logo cedo* (1910), outro filme, escreve espetáculos teatrais do gênero revista e publica três livros. Dominando os idiomas francês e alemão, viveu entre o Brasil e a Europa, primeiro como estudante e depois em cargos consulares na França e na Bélgica. Em 1916, na Inglaterra, acusado de espionagem pró-Alemanha, é salvo da execução por interferência de altas autoridades brasileiras, permanecendo, entretanto, preso até 1919. Faleceu em Paris, durante o nono período de permanência na capital francesa, comissionado pelo Ministério da Viação, e seu corpo foi trasladado para o Brasil a expensas do governo de Washington Luís.

PATRONATO. Sistema econômico no qual, sob o pretexto de aprendizado ou adaptação, escravos recém-libertos continuavam trabalhando de graça para seus patrões durante certo período. O mesmo que *apprenticeship system**.

PATTAKÍ. Em Cuba, lenda ou relato da mitologia dos orixás iorubanos. Também, *patakín*.

PATTERSON, Floyd (1935-2006). Boxeador americano. Aos 21 anos, depois de obter medalha de ouro na Olimpíada de Hensinque, em 1952, tornou-se o mais jovem campeão mundial dos pesos-pesados.

PATUÁ [1]. Forma portuguesa e espanhola para o francês *patois*, designando o falar crioulo de base francesa dos negros do Haiti, da Martinica e da Guiana. *Ver LANC-PATUÁ*.

PATUÁ [2]. No Brasil, amuleto que consiste em um saquinho de couro ou tecido contendo rezas fortes e pequenos objetos ritualizados, protetores contra malefícios.

PATUCO. Na Venezuela, o mesmo que *cumbe*, quilombo. Provavelmente relacionado ao quicongo *pakuka*, "fugir".

PAU-BRASIL, Luiz Gonzaga (século XIX). Político e revolucionário brasileiro com atuação na Bahia. Eleito presidente da Câmara Municipal de Salvador em 1834, três anos depois tomou parte na Sabinada*.

PAU-D'ANGOLA. Planta cujo cerne é utilizado em banhos de purificação.

PAU-DE-GUINÉ (*Anona acutiflora*). Planta da família das anonáceas de cujo lenho se fabrica a figa de guiné. *Ver FIGA.*

PAU-DE-MUXIBA. O mesmo que pau-de-nagô*.

PAU-DE-NAGÔ. Na Bahia antiga, haste vegetal fina usada, à moda africana, na higiene dos dentes.

PAUL, Billy. Nome artístico de Paul Williams, cantor americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, em 1934. No ano de 1973, com a gravação da canção romântica *Me and Mrs. Jones*, alcançou estrondoso sucesso internacional. Na década de 1990, depois de relativo ostracismo, foi premiado com o lançamento de uma coletânea com suas canções mais conhecidas.

PAULA BRITO, Francisco de (1809-61). Editor, jornalista e escritor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, cidade em que foi o iniciador do movimento editorial. Sua tipografia e livraria (na atual Praça Tiradentes), na qual Machado de Assis* trabalhou, foi o ponto de encontro dos principais intelectuais da época, os quais, irreverentes, batizaram seu próprio grupo como "Sociedade Petalógica" (da peta, da mentira). Participou da fundação de cinco jornais, entre eles *O Homem de Cor* (1833), o primeiro jornal brasileiro

dedicado à luta contra o preconceito racial, dirigido por um certo Lafuente, talvez um pseudônimo. Sua obra publicada em livro, inclusive postumamente, compreende mais de vinte títulos, dentro dos vários gêneros com que trabalhou, escrevendo, traduzindo e adaptando. Descobridor de talentos, alavancou a carreira literária de boa parte dos escritores fluminenses de seu tempo, como Teixeira e Sousa* e o próprio Machado de Assis. Por ser piedoso com os pobres, os quais assistia com alimentos e agasalhos, sua morte comoveu a população fluminense. Foi saudado pela imprensa (*Correio Mercantil*, 16 dez. 1861) como alguém que galgou à "mais alta posição que o editor e o impressor podem alcançar entre nós".

Francisco de Paula Brito

PAULA DO SALGUEIRO (1918-2001). Nome artístico de Paula da Silva Campos, sambista nascida em Cantagalo, RJ. Passista* da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, foi, a partir de 1954, com seu talento, graça e porte majestoso, uma das traduções da imagem de elegância e negritude projetadas por sua agremiação, tendo inclusive se apresentado com uma delegação da escola em Havana, nos anos de 1950. Também modelo da Escola Nacional de Belas-Artes, viajou ao exterior com o conjunto Brasiliana*.

PAULA, Carlos Alberto Reis de. Magistrado brasileiro nascido em Pedro Leopoldo, MG, em 1945. Formado em 1970 pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi, seguidamente, funcionário do Tribunal de Contas da União, procurador da República, juiz do Tribunal Regional do Trabalho e desembargador. Em 1998, assumindo o cargo de ministro togado do Tribunal Superior do Trabalho, tornou-se o primeiro afrodescendente a galgar à mais alta magistratura trabalhista no Brasil.

PAULA, Wilson J. de. Militar e escritor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1946. No ano de 1994, no posto de tenente-coronel, publicou *2068 – O romance*, livro polêmico desmistificando a história do resgate de um avião militar caído na Amazônia em 1967.

PAULINAIRE (século XVIII). Líder escravo que viveu no território que compreende a atual Dominica. Em janeiro de 1791, chefiou uma rebelião

que reivindicava dias de descanso para os escravos. A insurreição foi reprimida e Paulinaire, julgado e executado.

PAULINHO DA VIOLA. Nome artístico de Paulo César Batista de Faria, compositor, cantor e instrumentista brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1942. Em função de sua ligação com o choro, foi, a partir dos anos de 1960, um dos grandes revitalizadores do samba tradicional, em termos melódicos e harmônicos. Em 1970, com a produção do LP *Velha-Guarda da Portela*, foi o responsável pelo lançamento desse importante conjunto de samba tradicional.

PAULO BRAZÃO (1925-94). Apelido de Paulo Gomes de Aquino, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Uma das figuras mais destacadas da escola de samba Unidos de Vila Isabel, que ajudou a fundar, foi diretor-geral, de harmonia, presidente, além de autor de treze dos sambas-enredo com que a escola desfilou entre 1947 e 1965. Foi homenageado em um samba gravado por Martinho da Vila cuja letra a certa altura proclama: "Paulo Brazão é Paulo Gomes de Aquino/ um grande homem com coração de menino".

PAULO CÉSAR [Lima]. Jogador brasileiro de futebol nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1949. Atacante de grande talento, integrou várias vezes a seleção brasileira, com a qual se sagrou campeão do mundo em 1970. Empreendeu carreira internacional, jogando principalmente na França. Porém, notabilizou-se por suas atitudes de insubmissão, sempre em confronto direto com alguns dirigentes-empresários, contra a vontade dos quais, inclusive, frequentou o chamado jet set. Na década de 1960, tingiu os cabelos, deixando-os com um tom avermelhado – data de então o apelido de "Caju", pelo qual ficou mais conhecido.

PAULO DA PORTELA (1901-49). Nome com o qual se fez conhecido Paulo Benjamin de Oliveira, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Uma das maiores personalidades do mundo do samba, foi, como compositor e dirigente, grande defensor e propagador da cultura negra em sua época. Movimentando-se entre as fronteiras que separavam as classes mais favorecidas da sua – ao levar políticos, artistas e intelectuais burgueses até o mundo do samba e aproximar as escolas ao meio detentor do poder –, foi um dos maiores motivadores do processo de aceitação dessa expressão artística

pela cultura dominante. Em 1945 engajou-se na política, participando de comícios do Partido Comunista e candidatando-se a vereador pelo Partido Trabalhista Nacional, com o apoio do jornal *Diário Trabalhista* e de entidades carnavalescas, tendo sido contudo derrotado. Não obstante, prosseguiu a trajetória artística, até sua morte súbita, em 30 de janeiro de 1949, às vésperas do carnaval. Seu enterro, no cemitério de Irajá, no subúrbio carioca, foi um dos mais impressionantes acontecimentos da época, levando para as ruas dos bairros por onde passou o cortejo cerca de 10 mil pessoas.

PAULO DE GARDÊNIA. *Ver COSTA, Benedito dos Santos*.

PAULO P. L. (1894-1968). Assinatura artística usada por Paulo Pedro Leal, também conhecido como Pintor Paulo, artista plástico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, e falecido na localidade de Coelho da Rocha, município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense*. Estivador e pai de santo, as temáticas mais frequentes de suas pinturas são cenas de naufrágios, de rituais religiosos afro-brasileiros e dos antigos *bas-fonds* cariocas.

PAU-MAIOMBÉ. Canga de madeira usada, no Brasil, como instrumento de tortura, ao tempo da escravidão. *Ver MAYOMBE [2]*.

PAU-POMBO (*Tapirira guianensis*). Árvore da família das anacardiáceas cujos galhos são usados no fabrico de berimbaus.

PAVENÃ. Qualidade de Exu; é tido como empregado de Xangô. Do fongbé *kpavinõ*, segundo Pessoa de Castro (2002, p. 211).

PAXORÔ. Cajado metálico de Oxalufã, enfeitado com discos prateados dispostos paralelamente, em cujas bordas se incrustam pingentes em forma de pequenos objetos simbólicos. Também, opaxorô. Do iorubá *òpá*, “bastão” + *òsòòrò*, “pingos de água”, “cascata”.

PÉ. O altar do vodu haitiano. O termo parece ser abreviação do fongbé *vosakpe*, “altar”, em cuja estrutura se nota o vocábulo *kpe*, “agradecimento”.

PÉ DE COELHO. Amuleto da tradição africana nos Estados Unidos. No folclore da Louisiana, a pata esquerda de um coelho morto em um cemitério, numa noite escura, é tida como objeto de grande força mágica. *Ver BRER RABBIT*.

PÉ DE MOLEQUE. Guloseima da culinária afro-brasileira, feita com rapadura e amendoim torrado. O nome se deve ao seu aspecto: escuro, seco

e achatado; lembraria, numa visão discutível, o pé de um menino negro.

PEÇA. Termo usado na contabilidade do tráfico para designar o escravo, coisificando-o. Empregado em frases do tipo: "O navio trouxe um carregamento de duzentas peças da Guiné".

PEÇANHA, Nilo [Procópio] (1867-1924). Político brasileiro nascido em Campos, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Bacharel em Direito, foi seguidamente deputado, senador e presidente da província fluminense. No governo de Afonso Pena foi eleito vice-presidente da República e, com o falecimento deste, assumiu a mais alta magistratura do país, governando de 1909 a 1910. Depois, foi novamente presidente da província do Rio de Janeiro e mais tarde ministro das Relações Exteriores do governo de Wenceslau Brás. Na campanha para a sucessão de Epitácio Pessoa, candidatou-se a presidente mas foi derrotado por Artur Bernardes. Quando jovem advogado, pugnou pela emancipação dos escravos. Frequentemente referido como afrodescendente, segundo Abdias Nascimento* (1991, p. 14), a afirmação de sua africanidade, considerada infamante, foi, de certa feita, contestada por um político, filho de um primo-irmão do focalizado.

Nilo Peçanha

PÉ-DE-LOCO. Gameleira sagrada. *Ver LOCO.*

PÉ-DE-PANZINA. Antigo golpe de capoeira, dado com um pontapé violento no ventre. De "panzina", termo da gíria nordestina que significa "gravidez" (segundo Souto Maior, 1980, p. 94) e, por extensão, o "ventre".

PEDRA BRANCA, Visconde de. *Ver BARROS, Domingos Borges de*.

PEDRA DE OGUM. Monumento natural localizado entre os engenhos d'Água e de Baixo, no município de São Francisco, BA. Com mais de dois metros de altura e três de comprimento, a pedra, ao tempo de Nina Rodrigues*, era objeto de veneração, recebendo sacrifícios e oferendas rituais.

PEDRA DE SANTA BÁRBARA. Nome com que também se designa a pedra-nefrítica ou pedra de raio. Segundo a tradição afro-brasileira, tal pedra cai das nuvens durante as tempestades, introduz-se no solo e só volta à superfície depois de sete anos. Por isso, é dotada de poderes miraculosos.

PEDRA DO SAL. Sítio histórico localizado no bairro carioca da Saúde, nas proximidades da atual Praça Mauá, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Tendo abrigado, a partir da década de 1870, o núcleo da colônia baiana na cidade, tornou-se o polo irradiador de fortes expressões como os ranchos carnavalescos, ancestrais das escolas de samba. *Ver JOVINO [Ferreira], Hilário.*

PEDRÃO (?-1897). Nome pelo qual foi conhecido um dos chefes revoltosos participantes na Guerra de Canudos*. Segundo Euclides da Cunha (*Os sertões*, 1902), era um "cafuz entroncado e bruto".

PEDREIRA UNIDA. Escola de samba fundada em 1938, em Belo Horizonte, MG, sob a liderança dos sambistas Mário Januário da Silva, o Popó, e Dionísio José de Oliveira, o Chuchu. Primeira agremiação do gênero na capital mineira, é também considerada como uma das organizações pioneiras do movimento negro* na cidade.

PEDRO AMÉRICO. *Ver AMÉRICO [de Figueiredo e Mello], Pedro.*

PEDRO CAPACAÇA (século XVII). Nome de um dos dirigentes de Palmares*, líder do quilombo a que emprestou o nome. Trata-se, ao que parece, da mesma pessoa que Pacassa, dirigente morto com Toculo*. *Mpakasa*, em quimbundo, é o nome do búfalo africano; e "capacaça" pode ser o aportuguesamento de uma forma diminutiva (pela adição do prefixo *ka*) desse nome.

PEDRO CUBAS. Comunidade remanescente de quilombo localizada no município de Eldorado, SP.

PEDRO NEGRO. Na Holanda, personagem que, nas festas de fim de ano, representado por homens pintados de preto e com grandes lábios vermelhos, ameaça de castigo as crianças travessas e faltosas. É criado de Santa Claus (Papai Noel), fala grotescamente e fica pulando à volta dele, mantendo às costas um saco no qual ameaça enfiar os faltosos para levá-los à Espanha.

PEDRO PAULO de Siqueira. Trompetista brasileiro nascido em Juiz de Fora, MG, em 1939. De grande e festejada atuação no auge do chamado

samba-jazz, tendo inclusive atuado no célebre concerto de bossa nova do Carnegie Hall, em 1962, participou de shows e gravações com os grupos Bossa Rio, de Sérgio Mendes; Copacinco; e o de Tenório Jr., ao lado de Paulo Moura*. Dedicando-se, depois, mais à medicina que à música, reapareceria em 1999, integrando a orquestra do trombonista Vittor Santos e participando da temporada nacional do cantor Milton Nascimento*.

PEDRO PORTUGUÊS (?-1550). Personagem da história da escravidão no Peru. Descrito como trapaceiro, ladrão e jogador, foi, sucessivamente, escravo de cinco proprietários, em Quito, Arequipa, Cuzco, Potosí e Lima. Apostava até mesmo as roupas do corpo, depois roubando para apostar mais. Mentindo sobre suas habilidades como alfaiate, ferreiro, cozinheiro etc. e portando documentos falsos, que o davam como livre, conseguiu, inclusive, viajar por várias regiões. Em 1550, viajando de Potosí a La Paz (Bolívia), roubou uma barra de prata, pelo que foi, finalmente, enforcado (conforme Ricardo Palma, 1968). O relato de suas aventuras o aproxima da tradição de Pedro Malasartes, personagem folclórico da Península Ibérica.

PEDRO, José (?-1930). Cozinheiro pernambucano celebrizado por Gilberto Freyre. Filho de mãe africana, foi, segundo o autor de *Casa-grande & senzala* (1933), o maior especialista de seu tempo em comidas feitas com milho e leite de coco, como mungunzá, cuscuz, pamonha, canjica etc. Trabalhou em casas de conhecidas famílias da alta burguesia recifense.

PEDRO, William [dos Santos]. Bailarino clássico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1980. Ex-favelado e devotado à dança desde os 10 anos de idade, em 1996 ganhou o Prêmio Revelação do Festival de Dança de Joinville, SC. Então, por iniciativa da bailarina Márcia Haydée, diretora do Stuttgart Ballet, foi distinguido com uma bolsa de estudos no Balé de Monte Carlo, no Principado de Mônaco.

PEDRO-ANGAÇO. Entidade dos terreiros de terecô* em Codó, MA, tida como relacionada a Xangô.

PEDROSO, Regino (1896-1983). Poeta cubano nascido em Unión de Reyes, Matanzas. Na juventude, trabalhou em plantações de cana-de-açúcar e como ferroviário, empregando-se mais tarde no Ministério da Educação. Foi violento opositor da exploração do trabalhador negro, mantido em deploráveis condições de pobreza pelas classes abastadas. Em seus escritos,

defendia os valores estéticos da tradição africana como fonte de inspiração para a poesia e para a música. Em sua obra destacam-se *Nosotros* (1933); *Antología poética: 1918-1938* (1939); *Más allá canta el mar* (1939); *Bolívar: sinfonía de libertad* (1945); *El ciruelo de Yuan Pei Fu, poemas chinos* (1955). De ancestralidade africana e chinesa, fez dessa dupla origem, aliada ao internacionalismo proletário, a tônica de sua poesia, que o credencia como um dos maiores escritores do século em seu país.

PEDROSO, [Pedro da] **Silva** (séculos XVIII-XIX). Militar brasileiro nascido em Pernambuco e falecido no Rio de Janeiro. Destacou-se na Revolução Pernambucana de 1817, devido à qual foi preso e condenado a degredo perpétuo na Índia. Anistiado, regressou a Pernambuco, participando, em 1822, do governo provisório da província e liderando, no ano seguinte, uma insurreição de pretos e pardos em Recife, a qual, segundo Gilberto Freyre (1951, p. 1.011), foi um dos mais nítidos movimentos de cunho racial ocorridos no Brasil.

PEIXOTO [Barros]**, Cauby.** Cantor brasileiro nascido em Niterói, RJ, em 1931. Sobrinho do pianista Nonô* e primo do cantor Ciro Monteiro*, iniciou carreira radiofônica em 1955. Três anos depois, preparado de acordo com avançadas técnicas de marketing artístico, tornou-se grande ídolo popular, atuando nas prestigiosas rádios Nacional e Tupi. A partir de 1956, com o samba-canção *Conceição*, e depois de ter lançado a versão do fox *Blue gardênia*, com sua voz possante, colocou sucessivamente várias canções nos primeiros lugares das paradas de sucesso, vendendo milhões de discos. Tentou carreira nos Estados Unidos, onde realizou gravações e participou de filmes, sem, entretanto, lograr o sucesso aqui alcançado. Em 1970 venceu o Festival de Sanremo, na Itália, mas, em seguida, caiu em relativo ostracismo. Ainda atuante à época desta obra, foi o maior ídolo masculino da era do rádio, com popularidade só comparável à de Orlando Silva*.

PEIXOTO, Romualdo. *Ver NONÔ.*

PEJERECUM. Tempero usado na culinária afro-brasileira e em defumações rituais. Também, bejerecum, bijiricum, bixerecum, pijerecum, pijericum, pixericum. *Ver LELECUM.*

PEJI. Espécie de santuário dos orixás, dentro do ilê-axé*.

PEJI-GÃ. Cargo hierárquico da tradição dos orixás. Designa o ogã encarregado de zelar pelo peji* e pelo barracão das festas.

PELADO (1921-80). Apelido de Jorge Alves de Oliveira, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Compositor da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, foi coautor dos sambas-enredo da escola em seis carnavais: o de 1952, 1954, 1959, 1960, 1961 e 1963.

PELÉ. Pseudônimo de Edson Arantes do Nascimento, jogador brasileiro de futebol nascido em Três Corações, MG, em 1940. Estreou no Santos Futebol Clube, do litoral paulista, em agosto de 1956, conhecendo ascensão rápida e gloriosa. No ano seguinte, fazia seu primeiro jogo pela seleção brasileira, marcando um gol contra a Argentina. A partir daí, foi campeão 32 vezes, inclusive tricampeão mundial (1958, 1962 e 1970) e bicampeão mundial de clubes, além de onze vezes artilheiro do campeonato paulista, marcando ao todo 1.284 gols numa carreira profissional encerrada no Cosmos de Nova York, em 1977. Depois de se consagrar como o maior jogador de futebol do século XX e encetar bem-sucedida carreira empresarial, foi chamado a integrar, como ministro extraordinário dos Esportes, o primeiro governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, ocupando o cargo de 1995 a 1998. Em 2004 foi homenageado com o lançamento do documentário de longa-metragem *Pelé eterno*.

PELÉ-BOJU. Expressão constante de um refrão repetido várias vezes num dos cânticos mais conhecidos do tambor de mina*.

PELÉE, Mont. Vulcão da Martinica cuja erupção de 1902 destruiu a cidade de Saint-Pierre, principal centro comercial do país, causando a morte de cerca de 30 mil pessoas. É também chamado Mont Pelé.

PELLOT, Carmen Colón (1911-2001). Poetisa porto-riquenha. Autora do livro de poemas *Ámbar mulato* (1938), é focalizada na *Antología de la poesía negra americana*, de Ildefonso Pereda Valdés (1953).

PELO TELEFONE. Composição literomusical de Donga* e Mauro de Almeida*, lançada no mercado fonográfico em 1917, pelo selo Odeon, sob o número 121.322. Baseada, ao que consta, em um tema popular, é, segundo o consenso, a primeira canção juridicamente registrada como “samba”, e seu lançamento inaugura a cronologia histórica do gênero. *Ver SAMBA [1].*

PELOTAS. Município do estado do Rio Grande do Sul. A ocupação da região vem de meados do século XVIII, com as primeiras fazendas de criação de gado. Ganhando impulso com a expansão da indústria do charque, a partir de 1779 seu desenvolvimento foi fator decisivo para retirar o extremo sul do país do isolamento. No século XIX, nos campos de criação e nas charqueadas da então Vila de São Francisco de Paula, a presença do elemento negro sobrepujava quantitativamente a do branco. Em 1848 denunciou-se, na região, o plano de uma insurreição envolvendo cerca de duzentos "negros minas". *Ver BAOBAB, Antônio*; *CHARQUEADAS*; *MANUEL PADEIRO*.

PELOURINHO. Coluna de pedra ou poste de madeira em que, na época colonial, os condenados, em geral negros e escravos, eram expostos à execração pública ou submetidos a castigos. Na cidade do Rio de Janeiro, o pelourinho esteve em vários lugares, da atual Praça Quinze à esquina de avenida Presidente Vargas com a rua dos Andradas. Em Salvador, BA, o Largo do Pelourinho, no centro histórico da cidade, considerado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) patrimônio da humanidade e ocupado basicamente pela população negra, é, atualmente, uma referência da cultura afro-baiana.

PEMBA [1]. Ilha do oceano Índico pertencente à Tanzânia e localizada ao norte de Zanzibar. Até o século XIX foi palco de atividade intensa, por força do comércio escravista ali desenvolvido.

PEMBA [2]. Espécie de giz grosso, de cores variadas, usado na umbanda para riscar no chão os pontos emblemáticos ou sinais cabalísticos que identificam as várias linhas a que pertencem as diversas entidades. Também, o pó extraído da raspa desse giz, que se salpica ou passa no corpo, como proteção. O termo se origina do quicongo *mpemba*, "giz", correspondente ao quimbundo *pemba*, "cal".

PEMBERÁ. Antiga dança afro-brasileira (Mário de Andrade, 1989, consigna "pembeirar, s.m."). Do nhungue *pembera*, "dançar", "pantomimar".

PENA BRANCA E XAVANTINHO. Dupla sertaneja formada pelos músicos brasileiros José Ramiro Sobrinho, o Pena Branca (1939-2010), e Ranulfo Ramiro da Silva, o Xavantinho (1942-99), irmãos nascidos e criados em Uberlândia, MG, e radicados em São Paulo. Ex-trabalhadores

rurais, destacaram-se, a partir de 1980, como dupla de cantores instrumentistas profundamente ligada às tradições dos violeiros do Centro-Oeste e do Leste brasileiros. Fugindo ao padrão comercial vigente no gênero a que se dedicou, a dupla conquistou respeito e acumulou premiações importantes, tendo-se exibido, inclusive, no exterior.

PEÑA, Enrique (1881-1924). Diretor de orquestra, clarinetista e compositor cubano nascido em Puerto Padre e falecido em Havana. Em 1902 fundou uma orquestra que levou seu nome, tornando-a uma das mais populares na Cuba do início do século XX.

PEÑA, Juan (século XVIII). Músico cubano. Violinista atuante nos intervalos das funções teatrais, em 1793 tornou-se o primeiro concertista a merecer citação na nascente imprensa colonial.

PEÑA [González]**, Lázaro** (1911-74). Revolucionário cubano nascido e falecido em Havana. Líder operário, ingressou nas hostes do Partido Comunista aos 18 anos. Em 1939, como secretário-geral da Confederação dos Trabalhadores Cubanos, participou da Assembleia Constituinte. Após 1955, já membro do comitê central do Partido Comunista, viveu algum tempo no exílio. Com o triunfo da Revolução Castrista, retornou a Cuba e desenvolveu importante trabalho, sendo sempre lembrado como o grande "capitão" da classe trabalhadora em seu país.

PEÑA GÓMEZ, José Francisco (1937-98). Político dominicano nascido na colina de el Flaco, em Cruce de Guayacanes, e falecido em Santo Domingo. Líder da esquerda em seu país, em 1960 liderou um levante popular sufocado por tropas americanas. Mais tarde, foi prefeito da capital do país e três vezes candidato à Presidência da República. Vencedor, em 1996, do primeiro turno das eleições presidenciais, derrotando os caudilhos Joaquín Balaguer e Juan Bosch, não logrou contudo sucesso no turno final. Foi professor universitário, formado nos Estados Unidos, líder do Partido Revolucionário Dominicano (PRD), ao qual dedicou quarenta anos de militância, e o político negro mais destacado, numa nação historicamente governada por eurodescendentes.

PENDANGO. Antigo termo da gíria dos negros cubanos usado para designar o indivíduo homossexual masculino.

PENHA, Festa da. Festejo popular carioca realizado nos domingos de outubro, no subúrbio da Penha, na antiga freguesia de Irajá, desde o século XVIII. Destacou-se como a maior festa popular religiosa da cidade do Rio de Janeiro, e, embora de origem portuguesa, boa parte de seu brilhantismo se deveu a africanos e descendentes. A primeira imagem entronizada na capelinha erguida em 1635, no alto de um penhasco, foi a de Nossa Senhora do Rosário, e isso certamente contribuiu para atrair o povo negro. Assim, já nos primórdios da festa, o arraial recebia, além dos portugueses, negros escravos, libertos e livres do Recôncavo Carioca, com sua devoção e alegria. Com a abolição e o novo século, essa presença torna-se ainda mais marcante. E aos poucos esse festejo, antes tipicamente lusitano, vai se tornando a festa dos bambas (dos "capadócios", para alguns), dos chorões, dos sambistas, dos blocos carnavalescos, dos concursos de música – e, em decorrência, transforma-se em grande polo difusor da música popular brasileira, até os anos de 1950. Na década de 1990, alguns sambistas ainda procuravam manter a tradição, comparecendo à Penha durante todos os domingos de outubro, mas a festa já experimentava franca decadência.

PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na. Antes da Era dos Descobrimentos, a Península Ibérica recebeu como escravos não só mouros capturados nas Guerras de Reconquista como também negros atingidos pelo tráfico transaariano. No entanto, a efetiva presença negro-africana em Portugal remonta ao tempo das primeiras incursões portuguesas à África, no século XV. Quanto à centúria seguinte, em 1552, em Lisboa, fontes da época, citadas por G. Aguirre Beltrán (1946), revelaram que 1.500 negras trabalhavam como lavadeiras; mil cuidavam da limpeza das ruas; outras mil abasteciam de água as residências; quatrocentas andavam pelas ruas vendendo mariscos, arroz e guloseimas; duzentos negrinhos levavam recados; e um grupo numeroso mas indeterminado de negros trabalhava na carga-descarga dos navios. A veracidade desses números é confirmada pelo censo de 1554, de acordo com o qual 10% da população lisboeta era constituída de escravos negros, havendo, ainda, outros tantos nas regiões de Alentejo, Ribatejo e Algarve. Nesta última, por volta de 1577, segundo estudiosos contemporâneos, todos os trabalhadores nos olivais e mestres de lagares de azeite, bem como os apanhadores de esparto ou junco-de-

espanha, eram negros (conforme Pedro Ramos de Almeida, 1978-79). Essa presença já era igualmente marcante na intelectualidade, graças a figuras como dom José Pereira (falecido em 1523), poeta incluído no *Cancioneiro geral* (Garcia de Resende, 1516) e filho bastardo do primeiro conde de Freiral; Antônio Ribeiro Chiado (*c.* 1520-91), poeta e continuador de Gil Vicente; e Antônio Pires Gonge (séculos XVI-XVII), o primeiro e mais festejado autor dramático português – todos mulatos. Em 1620, na população de Lisboa já se contavam cerca de 10 mil escravos negros, dando origem, segundo Ramos de Almeida (*op. cit.*), a vasta prole mestiça; e em 1645, foi considerada como de origem africana uma epidemia que assolou a região do Algarve. Abolida em 1879, a escravidão negra deixou marcas evidentes na população portuguesa. Cerca de quinze anos depois da abolição, J. Leite de Vasconcelos descobriria, em comunidades na Estremadura e no Alentejo, espécimes do que definiria como "portugueses de raça negra". Em São Romão do Sado, encontrou os chamados "pretos do Sado" ou "pretos de São Romão", grande aglomerado populacional de descendentes de africanos que emigraram dali para outras regiões (conforme J. R. Tinhorão, 1988). Muitos costumes e tradições ibéricos foram adotados pelos negros na Diáspora, como as touradas, forma de espetáculo em que se destacaram até mesmo mulheres, como a afro-peruana Juana Breña*. *Ver FADISTAS*; *TOURADAS EM PORTUGAL – intervaleiros*.

PENTECOSTALISMO. Movimento religioso segundo o qual o fenômeno de falar línguas estranhas, por interferência do Espírito Santo, tal como ocorrido com os apóstolos de Jesus no dia de Pentecostes, pode ser experimentado por seus fiéis por intermédio do batismo. Teria surgido, formalmente, em Los Angeles, nos Estados Unidos, sendo que, em 1906, ganhou incremento e difusão com as reuniões promovidas pelo pastor negro William Joseph Seymour*.

PEPELÊ. Espécie de estrado que, no Brasil, integra o peji* e sobre o qual repousam as vasilhas com os assentamentos dos orixás. Do iorubá *pèpéle*, banco ou plataforma de barro que serve como cama.

PEQUENA ÁFRICA. Expressão usada pelo escritor Roberto Moura, baseado numa afirmação de Heitor dos Prazeres* ("A Praça Onze era uma África em miniatura"), para designar a base territorial da comunidade

baiana do Rio de Janeiro, estabelecida, a partir dos anos de 1870, na região que se estendia dos arredores da antiga Praça Onze* até as proximidades da atual Praça Mauá. Compreendendo as antigas localidades e freguesias de Cidade Nova, Santana, Santo Cristo, Saúde e Gamboa e constituindo-se em importante polo concentrador de múltiplas expressões da cultura afro-brasileira, da música à religião, a Pequena África foi o berço do samba em sua forma urbana. Na mesma região se estabeleceram os primeiros candomblés cariocas. Assim, em 1886, a ialorixá baiana Mãe Aninha* funda uma casa na Saúde para, em 1925, voltar e iniciar sua primeira filha de santo carioca, no Santo Cristo. Aproximadamente nessa época, o famoso babalaô Benzinho* funda sua casa na rua Marquês de Sapucaí, próximo às casas de Cipriano Abedé*, na rua João Caetano, e de João Alabá*, na rua Barão de São Félix. O estabelecimento dessa comunidade no Rio de Janeiro se expressa, também, na divulgação, fora de seu âmbito, de elementos como a culinária de origem africana, a qual, em 1881, já era oferecida em restaurantes como o Bahiano, que servia vatapá de garoupa, moqueca de peixe, angu de mocotó e cuscuz de tapioca. *Ver JOVINO [Ferreira], Hilário*; *TIA CIATA*.

PÉRALTE, Charlemagne [Masséna] (*c.* 1885-1919). Líder guerrilheiro haitiano, comandante do exército de camponeses que resistiu à invasão do Haiti pelos marines norte-americanos em 1915. Assassinado à traição em 1919, tendo seu corpo cravado em uma cruz presa a uma porta (conforme Galeano, 2008), sua morte facilitou a ocupação americana, que pôs fim a mais de um século de governo negro e de afirmação da cultura nacional de raízes africanas, guindando ao poder a elite afrancesada, sempre submissa aos interesses coloniais, a qual lá permaneceu até o advento de Duvalier* (Papa Doc).

PERCUSSÃO, Instrumentos de. Instrumentos musicais que produzem som por meio de golpes, pancadas, fricção etc. A música africana no continente e na Diáspora apoia-se em vasta gama desses instrumentos. *Ver INSTRUMENTOS MUSICAIS*.

PEREGUM (*Dracaena fragrans*). Planta da família das agaváceas, de largo uso na tradição ritualística afro-brasileira. Pertencente a Ogum e também conhecida pelo nome de “nativo”, é parte importante do omi-eró* desse

orixá guerreiro, a cuja casa serve como cerca e proteção. Em Cuba, *peregún* é um dos nomes da *bayoneta* (*Yucca gloriosa*), planta de Obatalá, a primeira das dezesseis ervas principais de cada orixá. Lá, a açucena, planta da família das amarilidáceas pertencente a Obatalá e Odudua, é igualmente conhecida como *peregún*. Do iorubá *pèrègun*, *pòrògun*.

PEREIRA, Artur (1920-2003). Escultor brasileiro nascido em Cachoeira do Brumado, em Mariana, MG. Tornou-se conhecido por seus trabalhos em madeira, nos quais reproduz principalmente bandos de animais da fauna brasileira, como onças, macacos etc., em composições altamente expressivas.

PEREIRA, Dulce Maria. Jornalista e militante negra brasileira nascida em São José do Rio Preto, SP, em 1954. Formada em Arquitetura, atuou na área de comunicação como roteirista, produtora e apresentadora de tevê e rádio; foi também suplente de senador pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1996 foi nomeada para a presidência da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, tendo recebido, em 1997, a Medalha da Ordem do Rio Branco, no grau de grande oficial. No ano de 2000 ocupava a secretaria executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), o mais alto cargo público, em âmbito internacional, assumido por uma mulher afro-brasileira.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Escritor brasileiro nascido em Juiz de Fora, MG, em 1963, filho de uma costureira e um ferroviário. Mestre em Literatura Portuguesa e doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tornou-se, a partir dos 22 anos de idade, um dos mais prolíficos e importantes escritores brasileiros de sua geração. Eminentemente poeta, publicou, entre outras coletâneas, *Dormundo* (1985); *Livro de falas* (1987); *Árvore dos Arturos & outros poemas* (1988); *Corpo vivido: reunião poética* (1991); *A roda do mundo: poemas* (com Ricardo Aleixo, 1996). Como ensaísta tem publicados, com autoria exclusiva ou em coautoria, entre outros, *Negras raízes mineiras: os Arturos* (1988); *Arturos, olhos do Rosário* (1990); *As coisas arcas: obra poética 4* (2003). Conta também com obra publicada no campo da literatura infantil.

PEREIRA, Geraldo [Theodoro] (1918-55). Compositor e cantor brasileiro nascido em Juiz de Fora, MG, e falecido no Rio de Janeiro. Foi um dos consolidadores do chamado samba sincopado, escrevendo letras que

focalizam, com humor, o cotidiano das comunidades negras cariocas, por exemplo, em composições como *Falsa baiana* (1944), *Bolinha de papel* (1945), *Cabritada malsucedida* (1953), *Escurinho* (1954) etc.

PEREIRA, Luis. Poeta e jornalista uruguaio nascido em Paso de los Toros, departamento de Tacuarembó, em 1956. Publicou *Murallas* (1980), *Señales para una mujer* (1985) e *Memoria del mar* (1988). Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

PEREIRA, Mário (1937-2004). Músico brasileiro nascido em Muqui, ES, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Saxofonista e clarinetista dedicado principalmente ao estilo "choro", registrou para o selo CBS uma série de seis LPs como solista. Em 1984 fundou o grupo Mário Pereira e seus Chorões e em 1998 gravou o CD G*afieirando*.

PEREIRA, Padre Jerônimo de Souza (século XVIII). Músico brasileiro ativo em Recife, PE, entre 1731 e 1764. Mestre de capela da Igreja do Corpo Santo, pertenceu à Irmandade dos Homens Pardos. Sua participação em festas católicas de sua cidade é mencionada em vários documentos da época.

PEREIRA, Zeni (1925-2002). Nome artístico de Zenith Pereira de Castro, atriz brasileira de teatro, cinema e televisão nascida em Salvador, BA, e falecida no Rio de Janeiro, RJ. No teatro interpretou Clio (mãe do personagem-título) na primeira montagem de *Orfeu da Conceição**. No cinema, participou de *Samba em Brasília* (1961) e *Um morto ao telefone* (1964). Na televisão, integrou o elenco de diversas telenovelas da Rede Globo, tornando-se conhecida do grande público após *Escrava Isaura* (1976-77), na qual interpretou a escrava Januária.

PEREIRA DA SILVA, Antônio Joaquim (1876-1944). Poeta e jornalista brasileiro nascido em Araruna, PB, e falecido no Rio de Janeiro. Em 1933 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. É ironicamente referido por Agripino Grieco (conforme Magalhães Júnior, 1957, p. 337), como "filho natural de santa Teresinha com são Benedito", o que, possivelmente, aponta uma origem africana. Filho de Manuel Joaquim Pereira da Silva e Maria Ercilina da Silva, seu pai fabricava violas e as vendia.

PEREIRA DA SILVA, João (1743-1818). Poeta e orador sacro brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Ordenado padre em Roma, foi professor na ilha da Madeira, cônego da sé de Lisboa e monsenhor da capela real, no Rio de Janeiro, onde, em março de 1808, pregou o sermão no te-déum celebrado em ação de graças pela chegada da família real. De acordo com Januário da Cunha Barbosa (1999), gozou de grande prestígio em Coimbra, "apesar do acidente da cor". Deixou escritos sermões inéditos; um cântico (*Carnaval*) e um poema denominado "A estolaida".

PEREJIL. Nome espanhol da salsa (*Petroselinum sativum*; *Apium petroselinum*), planta herbácea da família das umbelíferas. Na *santería*, é erva de Oxum, usada em várias situações rituais. Entre os afro-cubanos, jogá-la, picada bem miúda, com água, mel e canela em pó, na porta de casa é um ritual para pedir dinheiro e sustento à Virgen de la Caridad del Cobre*.

PERERENGA. Tambor usado na dança da punga*.

PÉREZ [Martínez]**, Ricardo.** Compositor cubano nascido em Havana, em 1923. É autor de alguns dos maiores sucessos da carreira do célebre cantor Benny Moré*, entre os quais os boleros *Tú me sabes comprender* e *¿Qué te hace pensar?*. Em 1989, foi homenageado no Festival Internacional do Bolero, realizado em sua cidade natal.

PÉREZ Y SANTA CRUZ, Laureano (século XIX). Poeta cubano. Publicou em Paris, em 1828, o livro *Poesías líricas*, cujo prólogo é do famoso escritor espanhol Francisco Martínez de la Rosa.

PERNADA. Jogo atlético brasileiro no qual um dos jogadores, no centro de uma roda e ao som de refrões cantados em coro, tenta arredar do chão uma das pernas do adversário ao deslocar sua base de apoio para fazê-lo cair. É uma diversão dos antigos africanos procedentes de Angola, desenvolvida principalmente no Rio de Janeiro. Também chamada batuque ou batucada, é considerada, por alguns autores, uma forma derivada da capoeira*. *Ver BANDA [1].*

PERNAMBUCO. Estado da federação brasileira localizado na região Nordeste, entre os estados de Paraíba (norte), Ceará (noroeste), Piauí (oeste), Bahia (sudoeste), Alagoas (sudeste) e o oceano Atlântico (leste). Núcleo principal do ciclo da cana-de-açúcar no Brasil, a presença do trabalhador africano deixou marcas profundas na história e na cultura do

estado e de seus limítrofes, como Alagoas e Paraíba, tanto nas artes do povo quanto em seus hábitos cotidianos e sua religiosidade. Rebeldia negra: Em 1823 a cidade do Recife foi palco de insurreições de negros inspiradas, ao que consta, na Revolução Haitiana* e no exemplo do rei Christophe*, insurreições essas consideradas por Gilberto Freyre (1951) como "os menos conhecidos dos movimentos de rebeldia da gente de cor no Brasil patriarcal". Em 2002, o governo federal identificava, no território pernambucano, quinze comunidades remanescentes de quilombos*, principalmente nos municípios de Garanhuns, Salgadinho e Petrolina. *Ver MARACATU*; *PALMARES*; *XANGÔ [2]*.

PERNANGUMA. Espécie de ganzá com alças dos moçambiques paulistas. Também, pernegome e pernengome.

PERNENGOME. *Ver PERNANGUMA*.

PÉROLA NEGRA (século XX). Atriz brasileira. No cinema, participou das produções cariocas *Argila* (1940); *No trampolim da vida* (1945); *O caçula do barulho* (1949); *Anjo do lodo* (1951); e *Mulheres à vista* (1959). Em 1951, na filmagem de *O cortiço*, baseada no célebre romance de Aluísio Azevedo e dirigido por Luiz de Barros, interpretou a importante personagem "Bertoleza", a escrava ludibriada pelo português João Romão.

PERRO DE PRENDA. No *mayombe** cubano, denominação do médium; o mesmo que "cavalo" na umbanda.

PERSIMMON TREE (*Diospyros virginiana*). Diospireiro, árvore do caqui. No Sul dos Estados Unidos, segundo H. Johnston (1910), seu saboroso fruto foi, muitas vezes, o único alimento dos negros *maroons* embrenhados no mato. Além disso, por atrair gambás e outros pequenos animais comestíveis, ganhava mais importância no sustento dos fugitivos.

PERU, República do. País localizado no Oeste da América do Sul. Apesar de as estatísticas omitirem o percentual negro de sua população (os mestiços somam 32%), a cultura litorânea do país é expressamente marcada pela africanidade. Em 1529 entravam no então vice-reinado cinquenta escravos africanos. Por volta de 1619, contavam-se em Arica e no vale de Azapa cerca de mil deles e mais de cem negros livres, alguns dos quais, como o celebrado Anzures*, tinham conseguido fazer fortuna e obter a consideração dos brancos. Segundo Ricardo Palma (1968), conforme

contrato ajustado em julho de 1696 entre o Conselho das Índias e a Companhia Real de Guiné para a introdução na América espanhola de 30 mil negros, foram destinados ao Peru 12 mil escravos. Destes, apenas um sexto – os mais afortunados – foi empregado em serviços domésticos nas cidades, sendo a maioria encaminhada para as rudes tarefas do campo, ficando, assim, sujeita a toda sorte de castigos e condições indignas de trabalho e de vida. O tráfico legal de escravos perdurou até 1793, e a escravatura foi abolida em 1855. Confrarias de negros: No século XVIII, as autoridades coloniais espanholas permitiram que os escravos africanos nas Américas se associassem em confrarias. Por intermédio delas, que inclusive funcionavam como sociedades de auxílio mútuo, inúmeros escravos conseguiram alforriar-se. Constituídas como fator de aglutinação das várias etnias, muitas dessas associações, conforme Palma (*op. cit.*), conseguiram alcançar boa situação financeira. Assim, os angolas, calabares, moçambiques, congos, *chalas* e *terranovas* adquiriram, nas ruas mais afastadas da capital peruana, casarões onde instalaram suas confrarias. Nesses locais, em determinadas festividades e sempre sob a proteção de Nossa Senhora do Rosário, os grupos se reuniam para folguedos e comezainas à moda de sua terra de origem. Cada um deles tinha sua "rainha", que era sempre uma negra livre e abastada. No dia do santo de sua devoção, a confraria se integrava à procissão católica, tendo à frente a rainha, ricamente trajada de cetim branco, com rendas e bordados, cinturão e cetro de ouro, brincos e gargantilha de pérolas, acompanhada por suas damas de honra – em geral escravas jovens, a quem suas senhoras, por vaidade, enfeitavam, nesse dia, com as joias mais valiosas. O restante da comunidade seguia o cortejo, as mulheres empunhando velas acesas e os homens tocando instrumentos africanos. *Tradiciones peruanas*: Clássico repositório da história e dos costumes nacionais, a obra *Tradiciones peruanas*, escrita por Ricardo Palma e publicada em 1872, consigna inúmeros acontecimentos, práticas e nomes referentes ao povo negro no Peru. É o caso, por exemplo, de Francisco Mogollón (ativo por volta de 1747), negro velho que, acumulando um tesouro em moedas furtadas, acabou por dar nome a uma rua na província de Callao; de Grano de Oro (c. 1795), grande bebedor e guitarrista; do negrinho Valentim (c. 1798), ladrão astuto; de

Taita Otárola (*c.* 1815), negro moçambique que deu nome a uma rua em Lima; de Mama Salomé* (*c.* 1815), "rainha" de uma confraria de negros limenhos; de Lorenzo Pizi e José Beque (*c.* 1816), famosos toureiros; de Pedro Manzanares (*c.* 1821), navalhista, guitarrista e cantador citado num episódio da luta pela independência; de León Escobar* (*c.* 1835), famoso bandoleiro; de Micaela Zavala* e muitas outras mulheres negras julgadas como feiticeiras nos tribunais da Inquisição; do episódio dos "Aguadeiros de Lima" (*ver AGUADEIROS*) etc.

PERUZZI, Edmundo (1918-75). Regente, instrumentista e compositor musical brasileiro nascido em Santos, SP. Trombonista, integrou a banda do corpo de bombeiros de sua cidade natal. Radicado no Rio de Janeiro em 1951, foi o líder de uma famosa orquestra, atuante na Rádio Mayrink Veiga, em salões de baile e em gravações. Compôs trilhas sonoras para onze filmes brasileiros, excursionou por países da América Latina e escreveu arranjos para gravações dos principais intérpretes do seu tempo. Notabilizou-se, também, pela execução, com sua orquestra, de temas clássicos em ritmo de samba.

PESSANHA, [Jorge Gomes, dito] **Jorginho** (1931-81). Sambista nascido em Campos, RJ, e falecido na capital desse estado, onde residiu desde a infância. Filho de João Bonifácio Gomes, líder da tradicional escola de samba Unidos da Capela, foi um dos destacados componentes da agremiação. Em 1965, com sua escola absorvida pela nova Unidos de Lucas, passou a integrar a Império Serrano*, unindo-se à ala de compositores. Autor e intérprete elegante, gravou LPs, atuou em shows e deixou alguns sambas clássicos, como *Favela* ("Numa vasta extensão..."), em parceria com Padeirinho*; *Hora de chorar*, com Mano Décio da Viola*; *A timidez me devora*, com Walter Rosa*. Uniu-se, também, à ala de compositores do Quilombo, fundado por Candeia*, e em 1966 participou do Festival Mundial de Arte Negra* de Dacar, com o grupo de Ataulfo Alves*.

PETA. O mesmo que *repeater**.

PETERSON, Oscar [Emmanuel] (1925-2007). Pianista e compositor nascido e falecido em Montreal, Canadá. Virtuose de seu instrumento, criou um estilo personalíssimo com base em influências de Art Tatum*, Erroll

Garner* e Nat King Cole*, destacando-se como um dos grandes jazzistas do seu tempo.

PÉTION (1770-1818). Nome de guerra de Ane Alexandre Sabès, militar haitiano nascido em Porto Príncipe. Mulato livre, adotou o nome que o celebrizou em homenagem ao revolucionário francês Pétion Dilleneuve. Recebeu parte de sua educação num colégio militar na França e, quando contava cerca de 20 anos, engajou-se no Exército haitiano. Participou da Revolução de 1791 e da proclamação da República em 1807, tornando-se o primeiro presidente do Haiti e dando ao país, em 1816, uma nova Constituição. Além disso, organizou a vida administrativa da nação. Em seu governo, entendendo que só a libertação de todo o continente americano garantiria a independência do Haiti, assinou um tratado secreto com Simón Bolívar em que lhe cedia uma frota de bergantins, cujo comando foi confiado ao francês Louis Brion. Essa cessão objetivava, como contrapartida, a abolição da escravatura em todos os países libertados pelo herói pan-americano. Era chamado por seus companheiros mais próximos pelo cognome *Bon Coeur* ("Bom Coração"). *Ver HAITI, República do*.

PETIT MARRONAGE. Nas Antilhas Francesas, denominação das fugas de escravos, também comuns em outros centros, por curtos períodos, para que pudessem visitar as mulheres amadas, participar de encontros religiosos proibidos ou, simplesmente, experimentar o gosto da liberdade. Em 6 de agosto de 1847, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro publicava uma carta dando notícia de dois escravos que haviam fugido de Niterói para passear em Minas Gerais, de onde regressaram logo depois, um entregando-se ao seu amo e o outro estabelecendo-se na zona portuária da antiga capital, prestando serviços de ganho por conta própria.

PETIT, Andrés [Facundo de los Dolores] (século XIX). Líder religioso cubano de origem haitiana. Por volta de 1863, aproximando-se, mulato que era, dos jovens de "boas famílias" interessados no *ñañiguismo* com o intuito de revelar-lhes alguns segredos da seita, foi tido como traidor pelos *ñáñigos** mais ortodoxos. Provocando grandes desavenças entre os vários ramos da seita, seguidas de uma paz formalmente celebrada, seu gesto teria tido consequências mais profundas: restaurou a união e a concórdia entre lideranças tradicionalmente adversárias e conseguiu, para a sociedade e seus

adeptos – como Mãe Aninha* conseguiria anos depois, no Brasil, para o candomblé –, a solidariedade e a proteção de parcela considerável dos brancos poderosos e influentes; Fernando Ortiz o considerou líder de uma “reforma protestante” do *ñañiguismo*. A esse líder, que também cultuava os orixás e pertencia a uma irmandade católica, é atribuída a fundação da *regla kimbisa del Santo Cristo del Buen Viaje**, ramificação sincrética do *mayombe**.

PETRO. Um dos três ritos principais do vodu haitiano, de origem bantu e voltado essencialmente para a magia. Pronuncia-se “petrô”.

PETRONILHO de Brito (1904-84). Jogador brasileiro de futebol nascido em São Paulo, irmão de Valdemar de Brito*, praticante do mesmo esporte. Centroavante revelado no Esporte Clube Sírio, foi campeão brasileiro pelo selecionado paulista e integrou várias vezes a seleção nacional. Nos anos de 1930, contratado a peso de ouro pelo clube argentino San Lorenzo de Almagro (época em que recebeu o cognome, entre outros, de *El Maestro*), tornava-se um dos primeiros futebolistas brasileiros a brilhar no exterior.

PETTIFORD, Oscar (1922-60). Músico americano nascido em Okmulgee, Oklahoma. Contrabaixista e chefe de orquestra, atuou ao lado de Roy Eldridge*, Thelonious Monk* e Dizzy Gillespie*. Foi um dos primeiros músicos a utilizar o contrabaixo como instrumento solista no jazz e um dos pioneiros no estilo bebop*.

PEUL. Designação, na literatura de língua francesa, do indivíduo dos fulas*.

PHELPS, Anthony. Poeta nascido em Porto Príncipe, Haiti, em 1928. Frequentou a Seton Hall University, nos Estados Unidos, e, ao voltar para seu país natal, entrou para a militância política, tendo sido preso durante o governo de François Duvalier*. Em 1964, deixou o país e radicou-se em Montreal, Canadá. Enquanto esteve no Haiti, escreveu, publicou e veiculou textos de toda ordem, inclusive em programas radiofônicos, sendo considerado um dos escritores mais notáveis daquele país. Principais obras poéticas: *Été* (1960); *Présence* (1961); *Éclats de silence* (1962); *Points cardinaux* (1966); *Mon pays que voici* (1968).

PHILOCTÈTE, René (1932-95). Poeta nascido em Jérémie, Haiti. Completou seus estudos em Porto Príncipe, onde lecionou no Collège Fernand Prosper. É o poeta mais importante de sua geração. Em sua obra

destacam-se *Saison des hommes* (1960), *Margha* (1961), *Les tambours du soleil* (1962).

PHILOSOPHIE BANTOUE, La. Livro de autoria do missionário belga Placide Tempels, escrito com base em pesquisa de campo na bacia do rio Zaire e publicado em 1949 em Paris, pela editora Présence Africaine. Princípios: Contrariando toda uma concepção preconceituosamente negativa a respeito do pensamento dos povos bantos, o livro revela a existência, entre eles, de uma filosofia fundamentada numa metafísica dinâmica e numa espécie de vitalismo, podendo ser resumida nos seguintes princípios: a) o fundamento do universo e seu valor supremo equivalem à vida e à força que a impulsiona e dela emana; b) todos os seres devem ser entendidos como forças e não como entidades estáticas; c) em qualquer circunstância, deve-se procurar acrescentar força à vida e ao universo e evitar sua diminuição; d) ocorrendo essa diminuição, deve-se buscar a intervenção dos adivinhos e ritualistas porque eles conhecem as palavras que reforçam a vida; e) a morte é um estado de diminuição do ser, mas os descendentes vivos de um defunto podem, por meio de oferendas, transmitir a ele ainda um pouco de vida: o morto sem descendentes está condenado a uma morte definitiva; f) um indivíduo se define por seu nome: ele *é* o seu nome (*ver NOMES AFRICANOS*), o qual é algo exclusivo e íntimo, indicativo de sua individualidade dentro do grupo a que pertence; g) todo ser humano constitui um elo vivo na cadeia das forças vitais: um elo ativo e passivo, ligado em cima aos elos de sua linhagem ascendente e sustentando, abaixo de si, a linhagem de sua descendência (*ver MUNTU*). Consoante esses princípios, todos os seres, vivos ou mortos, se inter-relacionam e influenciam. E a influência da ação de forças tendentes a diminuir a energia vital se neutraliza por meio de práticas que façam interagir harmonicamente todas as forças criadas e postas à disposição do homem pelo Ser Supremo. Na África e na Diáspora: Afirmando a existência, entre os povos estudados, dessa filosofia fundamentada numa metafísica dinâmica e numa espécie de vitalismo, o livro do padre Tempels fornece a chave da concepção tradicional de mundo de boa parte dos povos negro-africanos. Nela, a noção de força toma o lugar da noção de ser e, assim, toda a vida é orientada no sentido do aumento dessa força e da luta contra a sua perda ou diminuição.

Integrado no jogo das forças concretas, o africano está permanentemente se defendendo contra as forças destrutivas, colocando a seu serviço a energia dos objetos, dos animais, dos vivos e dos mortos, a fim de se preservar e crescer como indivíduo. A noção de força vital entre os africanos envolve até os seres inanimados. Pode-se transmitir essa força a itens como um barco ou uma canoa. E é isso que fazem indivíduos do povo benga, do Gabão, para citar um exemplo, quando batizam suas canoas recém-construídas, antes de lançá-las ao mar. Para eles, uma canoa nova é um ser vivo ainda desconhecido do oceano. Então, ela é batizada numa cerimônia na qual são feitas oferendas aos espíritos dos antepassados e às entidades protetoras do mar, dos pescadores e das embarcações. A partir de então, e com a força do nome que recebeu, ela se torna também uma entidade marinha; por isso, o mar deve respeito a ela, tanto quanto os homens devem respeito ao oceano e a toda a natureza. Assim, será muito difícil que ela sofra algum dano ou, mesmo, que seja roubada. Porque "a memória do mar é imensa", dizem os bengas, e ele sabe o que pertence a cada pessoa e a cada família da aldeia, de geração a geração (conforme Allainmat-Mahine, 1985). A relação entre as forças vitais no universo, tal como expressa em *La philosophie bantoue*, é a base, também, das religiões africanas na Diáspora.

PHYLON. Revista fundada em 1940 na Universidade de Atlanta, Geórgia, por W. E. B. Du Bois*.

PIANKI (século VIII a.C.). Faraó governante do Egito, pertencente à 25ª dinastia. *Ver CUXE*; *FARAÓ*.

PIANO DE CUIA. Antiga denominação atribuída ao xequeré*. Tal denominação, entretanto, parece decorrer de erro de informação, pois o instrumento musical de origem africana que remete à ideia de piano é uma espécie de quiçanje* que utiliza uma meia cabaça como caixa de ressonância. Tal instrumento é retratado pelo pintor Jean-Baptiste Debret na mão de um escravo no Rio de Janeiro, na prancha que, em sua célebre coleção de aquarelas, leva o título *O negro trovador*. *Ver PIANO DE MÃO*.

PIANO DE MÃO. Expressão usada pelo etnólogo português José Redinha (1984) para designar o quiçanje*.

PIAR, *Manuel* (?-1817). Militar venezuelano. Destacou-se como general na guerra de independência contra a Espanha. No entanto, com outros

líderes negros, foi executado após a libertação, sob acusação de promover "guerra racial".

PIAUÍ. Estado do Nordeste brasileiro situado entre o oceano Atlântico (norte), Ceará (leste), Pernambuco (sudeste), Bahia (sul), um pequeno trecho de Tocantins (sudoeste) e Maranhão (oeste). Com povoação iniciada no interior, sua história é bastante relacionada à do Maranhão. A criação de gado, velocidade primeira da economia, valeu-se intensamente do braço negro. Segundo Herbert S. Klein (2002), em 1872 a província era a unidade do império com maior concentração de população de origem africana, à razão de 3,3 negros para cada branco. Em 2000, haviam sido identificadas no estado, pela Fundação Cultural Palmares*, 25 quilombos remanescentes*, boa parte deles nos municípios de Simplício Mendes e São Miguel dos Tapuios.

PICHINCHAT, Philippe (século XVIII). Líder revolucionário haitiano envolvido na célebre sedição iniciada em 1791. Estudou em seu país e na França, onde se filiou ao partido dos mulatos. Depois, lutou ao lado das forças negras contra os colonialistas brancos.

PICKETT, Wilson (1941-2006). Cantor americano nascido em Prattville, Alabama, e falecido em Reston, Virgínia do Sul. Com carreira lançada no início dos anos de 1960, em 1969 fez grande sucesso internacional com uma versão no estilo rhythm-and-blues da canção *Hey, Jude*, do repertório dos Beatles. Em 1983 teve problemas judiciais motivados por ter sido responsável por uma tentativa de homicídio em Nova York, o que contribuiu para o declínio de sua carreira.

PICOLINO. Pseudônimo de Claudemiro José Rodrigues, sambista nascido no Rio de Janeiro, em 1930. Integrante, desde 1950, da escola de samba Portela*, participou, na condição de compositor, do grupo vocal-instrumental Mensageiros do Samba, liderado por Candeia*. Mais tarde, formou, com Noca da Portela* e Colombo, o Trio ABC, participando de shows e festivais de televisão. É coautor do samba-enredo portelense de 1957 e de *Portela querida* (1968), um dos hinos informais da escola.

PIDGIN. *Ver CRIOULO [Falares crioulos].*

PIEDADE, J. (1920-78). Nome artístico de José da Rocha Piedade, compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Autor de *A*

mulher do padeiro (1942), *Chora, doutor* (1959), entre outros sucessos carnavalescos, compôs também as canções *Navio negreiro* (1940) e *Tudo acabado* (1950), grande sucesso da cantora Dalva de Oliveira*.

PIEDADE, Lélis (séculos XIX-XX). Deputado e jornalista baiano. Durante a Guerra de Canudos*, dirigiu o Comitê Patriótico, entidade beneficente criada para prestar assistência aos sobreviventes do conflito. É referido como "mulato" por Luiz Viana Filho (1976) em *O negro na Bahia*.

PIETRI, Pedro Juan. Escritor e educador porto-riquenho nascido em Ponce, em 1944, e radicado em Nova York, EUA, desde os 4 anos de idade. Poeta e dramaturgo, é autor de vasta obra, publicada a partir de 1971, na qual se incluem: *Puerto Rican obituary* (1974); *Traffic violations* (1983); *The masses are asses* (1984); *Mondo Mambo: a mambo rap sodi* (1990).

PIETRO, Alonzo. *Ver ALONZO NIÑO, Pedro*.

PIGMEUS. Denominação de diversos povos habitantes das florestas tropicais africanas cujos indivíduos têm altura inferior a 1,50 metro, como os bambutis da República Democrática do Congo (ex-Zaire), Camarões e República Centro-Africana. Mencionados na *Ilíada* e também em alguns mitos da Antiguidade, segundo o *Dicionário da mitologia grega e romana* (1992) de Pierre Grimal, inspiraram a arte grega de feição egípcia, que os retratou em mosaicos e afrescos, em cenários típicos das regiões do Nilo, caçando aves e animais da fauna local ou entregando-se a outras atividades humanas. Afirma-se no referido livro que, "embora figurem nas obras dos geógrafos antigos como uma raça pertencente ao domínio da fábula e da fantasia, os pigmeus são definidos por traços distintivos de populações reais da África central".

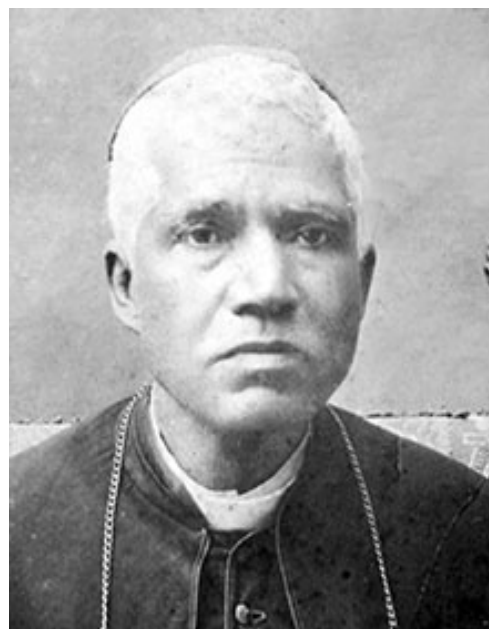
PIKÉ. Dança crioula do *big drum**.

PILÃO DE OXALÁ. Festa da tradição dos orixás que recria, no Brasil, as festas iorubanas das colheitas, em que inhames eram oferecidos ritualisticamente a Oxaguiã*, manifestação jovem de Oxalá, e aos egunguns*. Realizada geralmente no terceiro domingo de setembro, consta de um banquete ritual em que o inhame, socado no pilão de Oxalá, é, ao lado do milho branco, o alimento principal. É também referida como Festa dos Inhames Novos.

PILAR, Luiz Antônio. Nome artístico de Luiz Antônio da Silva, ator e diretor teatral brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1960. Formado em direção teatral pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), em 1996-97 foi diretor assistente da telenovela *Xica da Silva*, na Rede Manchete de Televisão, emissora em que, em seguida (1997-98), dirigiu a novela *Mandacaru*. Em 2000, depois de trabalhar como ator em filmes, telenovelas e minisséries e de dirigir, no palco, um elenco só de atrizes negras, ingressou na equipe de assistentes de direção da Rede Globo. A partir de 2001, passou a dedicar-se também à direção de cinema, realizando curtas-metragens e participando de iniciativas para maior visibilidade de atores afrodescendentes.

PILÕES. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Iporanga, SP.

PIMENTA. Condimento da culinária afro-brasileira. Suas múltiplas variedades são também usadas em práticas rituais. Em Cuba, há adivinhos congos que comem pimenta antes das consultas, por acreditarem que ela aclara o pensamento e amplia as faculdades divinatórias. *Ver ATARÊ*.

PIMENTA, Dom Silvério Gomes (1840-1922). Prelado, escritor e orador sacro brasileiro nascido em Congonhas do Campo, MG, e falecido em Mariana, no mesmo estado. Foi bispo de Mariana e de Camaco; prelado doméstico do Palácio Pontifício, no Vaticano; e camareiro do papa Leão XIII. Sua obra publicada é constituída por *O papa e a revolução* (sermões, 1873), uma biografia de dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana (1876), além de diversas pastorais. De 1873 a 1878 editou o jornal *O Bom Ladrão*. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Dom Silvério Gomes Pimenta

PIMENTA, Estêvão. *Ver PIMENTEL, Estêvão*.

PIMENTA-DA-COSTA (*Xylopia aethiopica*; *Xylopia aromatica*). Planta da família das anonáceas, também conhecida como pimenta-dos-negros ou atarê*. Pertence a Exu.

PIMENTA-MALAGUETA (*Capsicum baccatum*; *Capsicum brasilianum*; *Piper rubra*). Arbusto da família das solanáceas. No Brasil, é planta votiva de Exu e, em Cuba, de Elegguá, Ogum e Ossãim. Quando um *santero* quer tornar mais potente o axé* da aguardente que borrifa sobre os objetos rituais desses orixás, a ela mistura o fruto dessa planta.

PIMENTEL, Estêvão (século XIX). Abolicionista brasileiro. Mulato livre, ferreiro de profissão, em 1847, chefiando uma facção da sociedade secreta Tates Corongos*, liderou uma revolta escrava na região serrana do atual estado do Rio de Janeiro, após a destruição do quilombo de Manuel Congo. É, por vezes, referido como Estêvão Pimenta.

PIMENTEL, Jurandir (?-1962). Ator brasileiro. Em 1960 interpretou o personagem central do longa-metragem *Bahia de Todos os Santos*, de Trigueirinho Neto.

PIMENTINHA-D'ÁGUA. *Ver OREPEPÊ.*

PIMIENTA. Nome cubano da pimenta-da-jamaica (*Pimenta officinalis*; *Pimenta aromatica*), planta da família das mirtáceas. Pertencente a Ogum, é usada, em Cuba, principalmente na composição da *chamba*, a bebida que se oferece às *ngangas* (assentamentos dos *paleros**) para estimulá-las e tonificá-las.

PIMIENTA, Santiago (?-1844). Fazendeiro e engenheiro agrônomo cubano. Acusado de participar da Conspiração de La Escalera*, foi executado em Matanzas.

PIÑA BLANCA. Nome espanhol do abacaxi (*Ananas ananas*), usado, na tradição afro-cubana, em oferendas a Obatalá*.

PINAH. Nome artístico de Maria da Penha Ferreira, personagem do carnaval carioca nascida em 1957. No carnaval de 1983, consagrou-se como destaque da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, tendo sido homenageada pelo enredo e pelo samba *A grande constelação das estrelas negras*.

PINCHBACK, Pinckney Stewart (1837-1921). Político americano nascido em Macon, Geórgia, criado em Ohio e falecido em Washington,

DC. Filho de uma ex-escrava, foi vice-governador da Louisiana e em 1872 assumiu temporariamente a titularidade, o que o credencia como o primeiro negro governador de uma unidade da federação americana. Mais tarde, assumiu uma cadeira no Senado.

PINDLING, Lynden (1930-2000). Líder político das Bahamas. Filho de comerciante e formado em Direito na Inglaterra, iniciou carreira política em 1953. No ano de 1967, na vigência da Constituição que criou o governo ministerial, tornou-se primeiro-ministro, eleito pelo Partido Liberal Progressista, destacando-se como um dos políticos mais influentes e mais incisivos na defesa dos interesses de seu povo; governou até 1992.

PINDONGA (1912-76). Apelido de Carivaldo da Mota, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Foi autor de algumas das primeiras composições da escola de samba Azul e Branco, raiz dos Acadêmicos do Salgueiro*, e coautor do samba-enredo desta última agremiação no carnaval de 1958.

PINDUCA. Nome artístico de Aurino Quirino Gonçalves, cantor e compositor brasileiro nascido em Igarapé-Mirim, PA, em 1937. Com carreira musical iniciada aos 14 anos de idade, em 1957 formou um conjunto orquestral para animar bailes e festividades. Em 1973, gravou o primeiro disco de uma série que, em 2003, contabilizaria mais de trinta lançamentos. Com o título de "rei do carimbó*", tornou-se o principal divulgador da música popular paraense de extração folclórica, tendo-se apresentado em vários países sul-americanos e também em Angola e na Alemanha, país que visitou em 2000.

PINEAPPLE FESTIVAL (Festival do Abacaxi). Evento anual realizado na ilha de Eleuthera, no arquipélago das Bahamas. É marcado por um vibrante carnaval ao estilo afro-caribenho, inclusive com o desfile do Jonkonnu ou John Canoe*.

PIÑEIRO, Ignacio (1888-1969). Compositor cubano nascido e falecido em Havana. Um dos maiores criadores da música afro-cubana, é autor de mais de trezentas composições, entre as quais *Échale salsita*, na qual George Gershwin teria se baseado para criar a sua *Cuban overture*, depois de ouvi-la em Havana, em 1932.

PIÑEYRO, Richard. Poeta uruguaio nascido em Montevidéu, em 1956. Recolhido ao cárcere, por razões políticas, de 1973 a 1980, mais tarde

publicou *Quiero tener una muchacha que se llame Beba* (1982) e *Cartas a la vida* (1985), além de *El otoño y mis cosas* (1992). Tem poemas incluídos na antologia de A. B. Serrat (1996).

PING PONG. Nome de um dos tambores das *steel bands**.

PINHEIRO. Nome pelo qual foi conhecido João Batista Carlos Pinheiro, futebolista brasileiro nascido em Campos dos Goytacazes, RJ, em 1932. Zagueiro do Fluminense Futebol Clube, integrou várias vezes a seleção nacional nos anos de 1950. Mais tarde, fez carreira como técnico.

PINHEIRO, Adão [Odacir]. Pintor, entalhador e cenógrafo brasileiro nascido em Santa Maria, RS, em 1938. Aos 22 anos, deu início a uma trajetória vitoriosa com o prêmio de melhor cenógrafo recebido da Associação de Críticos Teatrais Pernambucanos, por seu trabalho na montagem de *A mandrágora*.

PINHEIRO, [Francisco Manuel] **Chaves** (1822-84). Escultor brasileiro. Foi professor de escultura da Academia Imperial de Belas-Artes. É autor da famosa escultura em tamanho natural do índio simbolizando a nação brasileira, concluída em 1872 e integrante do acervo permanente do Museu Nacional de Belas-Artes.

PINHEIRO, Dilermando (1917-75). Cantor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Nos anos de 1930, tornou-se conhecido como intérprete do samba sincopado, batucando no característico chapéu tipo palheta*. Em 1965, depois de longo afastamento, reapareceu ao lado do antigo companheiro Ciro Monteiro* no show *Telecoteco, opus n. 1*, registrado em apreciado LP.

PINTO, Emílio de Sant'Anna (século XIX). Religioso baiano; cônego honorário da Sé Metropolitana de Salvador.

PINTO, Fernando (1945-87). Nome artístico de Carlos Fernando Ferreira Pinto, cenógrafo brasileiro nascido em Recife, PE, e radicado desde os 11 anos de idade no Rio de Janeiro, onde faleceu. Tornou-se conhecido graças à concepção e elaboração cênica do desfile da escola de samba carioca Império Serrano, em 1972, com o enredo *Alô, alô, taí, Carmen Miranda*. Em 1985 foi campeão pela Mocidade Independente de Padre Miguel* com *Ziriguidum 2001*. Faleceu prematuramente em um acidente automobilístico.

PINTO, Luís (século XX). Jurista *brésilien** nascido no Benin. Na década de 1960 foi juiz da Corte Internacional de Justiça, em Haia, Holanda.

PINTO, Luís Álvares (1719-89). Compositor brasileiro de músicas sacras nascido e falecido em Recife, PE. Foi violoncelista da Capela Real de Lisboa entre 1740 e 1760. Compôs hinos, missas, novenas, ladainhas e sonatas, além de publicar um dicionário e livros didáticos. Entretanto, de sua obra restou para a posteridade apenas um te-déum e uma salve-rainha. Segundo Pereira da Costa (1982), que registra seu primeiro sobrenome como sendo "Alves", era filho de pais "pardos".

PINTO, Onofre (?-1974). Líder revolucionário brasileiro falecido em Foz do Iguaçu, PR. Ex-sargento do Exército, foi um dos comandantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), um dos braços da luta armada contra a ditadura militar, após 1968. Participando de ousadas ações de guerrilha urbana, morreu em uma emboscada preparada pelas forças da repressão.

PINTO, Tancredo da Silva (1904-79). Tata de inquice*, dirigente umbandista e sambista nascido em Cantagalo, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Líder religioso da linha de culto denominada "omolocô", em 1949 fundou a Confederação Umbandista do Brasil, sendo que durante sua existência publicou vários livros sobre o tema. Em 1974 realizou, na ponte Rio-Niterói, com respaldo governamental, um ritual propiciatório da fusão entre os antigos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro e, em 1976, recebeu honrarias da Câmara Municipal de Itaguaí, RJ. Quanto à música, assinando como "Tancredo Silva", foi autor de *Jogo proibido*, de 1936, tido por muitos como o primeiro samba de breque, e coautor de *General da banda*, grande sucesso do carnaval de 1949, na voz do cantor Blecaute*. Em 1947 ajudou a fundar a Federação Brasileira das Escolas de Samba. *Ver OMOLOCÔ.*

PINTO BANDEIRA, Antônio Rafael (1863-96). Pintor brasileiro nascido em Niterói, RJ. Neto de escravos, mesmo assim teve acesso a boa educação formal e conseguiu, aos 16 anos, ingressar na Academia Imperial de Belas-Artes, apresentando desempenho brilhante nos estudos. Depois de várias premiações e de ter lecionado no Liceu de Artes e Ofícios de

Salvador, BA, acabou vencido por pressões de ordem psicológica, atirando-se de uma barca na baía de Guanabara e vindo a morrer aos 33 anos.

PIOLHO, Quilombo do. *Ver CARLOTA, Quilombo da.*

PIPI. O mesmo que guiné-pipi. *Ver GUINÉ [2].*

PIQUENIQUE. Refeição comunal festiva ao ar livre. Durante muitos anos, o piquenique, com música e dança, foi uma das formas de lazer prediletas das comunidades negras na Diáspora. A ópera *Porgy and Bess**, por exemplo, retrata esse hábito nos Estados Unidos. Nas antigas sociedades recreativas dos negros cariocas, os piqueniques eram realizados em lugares aprazíveis como a ilha de Paquetá, geralmente em feriados cívicos: 7 de setembro e 15 de novembro. Segundo a tradição, foi em um desses eventos que surgiu a ideia da fundação do famoso rancho carnavalesco Ameno Resedá*. E o fato de a data de criação de diversas escolas de samba antigas ter sido 15 de novembro, dia da Proclamação da República, parece enquadrar-se no mesmo caso. Até os anos de 1960, as escolas mais tradicionais tinham datas certas para a realização de seus piqueniques, e a Festa da Penha* também sediou muitos deles.

PIQUETE. Improviso de tambor ou pandeireta na *bomba** e na *plena** porto-riquenhas.

PIRAJÁ. Sítio histórico próximo a Salvador, BA, palco de grande levante de escravos ocorrido em 8 de março de 1828. Na sedição, mais de seiscentos negros, dos engenhos próximos, foram mortos, 350 foram presos e cerca de duzentos conseguiram fugir, embrenhando-se nas matas.

PIRÃO DE NEGRO. Uma das denominações da cachaça em Pernambuco (conforme Lody, 2003).

PIRAPORA DO BOM JESUS. Município do estado de São Paulo, cinquenta quilômetros a noroeste da capital, por vezes também mencionado como Bom Jesus de Pirapora. Durante muito anos sediou uma famosa festa de largo, sendo um núcleo aglutinador e irradiador do samba rural e do batuque paulistas. De início se tratava de celebração religiosa realizada pela Igreja Católica a cada dia 6 de agosto. Porém, a exemplo do que ocorreu com a Festa da Penha* no Rio de Janeiro, a Festa do Bonfim*, na Bahia, e outras, a forte presença de romeiros negros fez surgir um lado lúdico, expresso nas rodas de batuque que o antropólogo francês Claude Lévi-

Strauss viu em 1937 e assim descreveu: “Uma multidão em que predominava o sangue negro ocupava as ruas. Grupos formavam-se ao redor de indivíduos em transe” (conforme Pedro Alexandre Sanches, 1998). *Ver FESTAS DE LARGO*; *FILME, Geraldo*.

PIRATAS NEGROS. O vocábulo “pirata” designa o simples ladrão do mar, enquanto “corsário” se aplicava, na época colonial, ao comandante de navio armado por particulares, com autorização oficial para atacar navios mercantes de nações inimigas. Caricaturada pelos filmes de Hollywood ou parodiada em desenhos animados como os de Walt Disney, a imagem popular dos piratas que infestaram os mares, principalmente no Caribe, nos séculos XVII e XVIII obedece a um estereótipo. O que pouco se sabia, e que pesquisadores de Massachusetts, Estados Unidos, descobriram em 1984, é que boa parte desses “gaviões dos mares” era constituída por negros que fugiam da escravidão – alguns deles, inclusive, comandantes de navios –, sendo muitos hoje caracterizados como combatentes antiescravistas, e não simples bandidos. Foram capitães piratas, por exemplo, Caesar, lugar-tenente do legendário Barba Negra, este a personificação do estereótipo; Diego Grillo*, também chamado Mulato Diego; Lúcifer, escravo fugido de Havana que fustigou os espanhóis por cerca de três décadas e em 1603 tomou Puerto de Cavallos, no golfo do México, juntamente com o célebre “Wooden Leg” ou “Jambe de Bois” (Perna de Pau); Francisco Fernando, de breve carreira; Laurenz de Graff, que comandou mais de cem homens num ataque a Veracruz, México, em 1683; e Abraham Samuel, ex-escravo da Martinica que teria abandonado a pirataria para assumir um reino em Madagáscar. *Ver CLOISE, Peter*; *GREAT MOOR, The*; *HAMIDA BEN NEGRO*; *SAMUEL, Abraham*.

PIRES, Alexandre. Músico brasileiro nascido em Uberlândia, MG, em 1976. Após a década de 1990, em que liderou um grupo de samba da vertente comercial então rotulada como pagode, ingressou no universo da música pop, conseguindo inserção no mercado internacional.

PIRES, Dom José Maria. Prelado brasileiro nascido em Córregos, distrito de Conceição do Mato Dentro, MG, em 1919. Com 11 anos de idade, ingressou no Seminário Provincial de Diamantina, ordenando-se padre em 1941. Sagrou-se bispo em 1957 e arcebispo em 1966. Cardeal-

arcebispo da Paraíba, por seu firme posicionamento a respeito da questão negra e suas ações em defesa dos excluídos recebeu do movimento popular o carinhoso cognome de “Dom Zumbi”.

PISTA DE GRAMA. Filme brasileiro de 1958, dirigido por Haroldo Costa*. Com o subtítulo *Um desconhecido bate à sua porta*, é o primeiro longa-metragem brasileiro assinado por um diretor negro.

PITANGA, Antônio. Nome artístico de Antônio Luiz Sampaio, ator brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1939. Um dos intérpretes preferidos do diretor Glauber Rocha e um dos artistas mais requisitados do cinema novo, integrou o elenco, entre muitos outros, de *Bahia de Todos os Santos* (1960), *A grande feira* (1961), *Barravento* (1962), *Ganga Zumba* (1963), *Em compasso de espera* (1969), *Jardim de guerra* (1970), *Câncer* (1972), *Crueldade mortal* (1976), *Cordão de ouro* (1977), *Ladrões de cinema* (1977), *A deusa negra* (1978), *Na boca do mundo* (1978), *Rio Babilônia* (1982), *Quilombo* (1984). Paralelamente à carreira de ator de cinema e televisão, foi vereador no município do Rio de Janeiro e em 1999 assumiu o cargo de secretário de Estado, na área de esporte e lazer, no governo do Rio de Janeiro.

PITANGA, Camila. Nome artístico de Camila Manhães Sampaio, atriz e modelo brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1977. Surgida nos anos de 1990, passou a integrar o elenco de telenovelas da Rede Globo, atuando em várias produções. No palco, viveu a personagem Eurídice, da montagem de *Orfeu da Conceição* dirigida por Haroldo Costa*, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1995.

PITI-CATÁ. *Ver* CATÁ.

PITITE. Tambor congo do vodu. Do francês *petit*.

PITO. Denominação outrora dada pelos negros velhos ao cachimbo e ao cigarro. Do umbundo *pito*, “tubo de cachimbo”; “buraco de passagem”.

PITO-DE-PANGO. Cigarro ou cachimbo de maconha*.

PITTA, Celso [Roberto do Nascimento] (1946-2009). Economista e político brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em São Paulo, SP. Em 1996, depois de sólida carreira na iniciativa privada e na administração pública, inclusive como diretor da Casa da Moeda e secretário municipal de Administração e Finanças, assumiu o cargo de prefeito do município de São Paulo, o maior da América do Sul, tendo sido o primeiro negro nessa

posição. Cumpriu, entretanto, gestão tumultuada por acusações de improbidade administrativa e, em 2008, passou a ser novamente investigado por supostos ilícitos penais.

PITTA, Symphronio Olympio dos Santos (século XIX). Médico militar baiano; faleceu capitão-tenente do Corpo de Saúde da Armada.

PITTMAN, Eliana. Nome artístico de Eliana Leite da Silva, cantora brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1945. Enteada do saxofonista americano Booker Pittman (1909-69), de quem herdou o nome artístico, experimentou relativo sucesso, nos anos de 1970, como propagadora da moda do carimbó* paraense.

PIXAIM. Denominação pejorativa aplicada ao cabelo dos negros. *Ver CABELOS E IDENTIDADE NEGRA.*

PIXINGUINHA (1898-1973). Nome artístico de Alfredo da Rocha Viana Filho, saxofonista, flautista, compositor e arranjador brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Instrumentista de excepcional talento, compositor inspirado (comparado a Bach na arte da polifonia e do contraponto), além de arranjador de rara criatividade, é um dos fundadores da moderna linguagem musical brasileira e um dos maiores nomes da música popular nacional no século XX. Nascido no subúrbio carioca da Piedade, Pixinguinha (cujo apelido e mais tarde nome artístico deriva, ao que parece, do ronga* *psi-di*, "comilão", em decorrência de um episódio de infância) foi criado no Catumbi, bairro originado de antigas fazendas de escravos depois loteadas em chácaras burguesas. A formação musical em ambiente propício, num lar onde as pessoas se reuniam para tocar juntas, nele moldou uma rara inventiva melódica e o hábito de utilizar processos técnicos (imitações, progressões, polifonias e contrapontos) extremamente elaborados e bem construídos, desmentindo tudo que sempre se disse sobre a criação musical popular. Sua instrução musical começara, informalmente, em casa. Aos 12 anos de idade tomou suas primeiras lições de teoria para, ainda de calças curtas, aos 14 anos estrear como músico profissional. Assim, na década de 1920 já se encontrava em plena atividade, tendo organizado uma pequena orquestra majoritariamente negra – os legendários "Oito Batutas" – para atuar no elitizado Cine Palais, na parisiense avenida Central, hoje Rio Branco. Em 1919, por iniciativa de um grupo de intelectuais e empresários

como Arnaldo Guinle e Coelho Neto, os Batutas excursionam por algumas cidades brasileiras. E três anos depois lá estão eles em Paris, sendo que, em pleno ano da Semana de Arte Moderna, os rumores de sua viagem europeia reacendem velhos preconceitos e expressões de racismo. Descendente direto de uma nobre linhagem de músicos afro-brasileiros que provém de Henrique Alves de Mesquita*, Pixinguinha, consciente ou inconscientemente, também buscou seu referencial de identidade negra. Primeiro, compondo ou gravando canções de inspiração africana – como *Caruru*; *Pé de mulata*; *Samba de nego*; *Sai, Exu*; *Foi muamba*; *Bengo*; *Patrão, prenda seu gado*; *Cadê vira-mundo*; *Que querê*; *Xô, Kuringa*; *Mamãe Isabé*; *Iaô*; *Mulata baiana*; *Benguelê*; *Caboclo do mato* etc. –, e não por puro modismo, como se pode supor. A própria "influência do jazz" que certamente sofreu após sua ida a Paris é exemplo disso. Tanto que em 1923 participou da "Bi-Orquestra Os Batutas", uma jazz-band*, e três anos depois integrou o elenco da Companhia Negra de Revistas*. Imortalizado por Mário de Andrade como um dos personagens de *Macunaíma* (1928); homenageado, em 1956, ao ter a rua em que morava rebatizada com seu nome; convidado para escrever a trilha do filme *Sol sobre a lama* em 1962 – aí nascendo uma prestigiosa parceria com o poeta Vinicius de Moraes; aclamado como um dos pais da música e da nacionalidade brasileiras, Pixinguinha morreu dentro de uma igreja, às vésperas do carnaval de 1973.

PLACE CONGO. *Ver CONGO SQUARE.*

PLÁCIDO (1809-44). Pseudônimo do poeta cubano Diego Gabriel de la Concepción Valdés. Nascido em Havana, filho de um mulato com uma dançarina espanhola, em 1834 publicou seu primeiro poema, "La siempreviva", dedicado ao poeta espanhol Francisco Martínez de la Rosa, tornando-se, em pouco tempo, o mais popular entre os poetas de origem africana em seu país. Acusado de participar da Conspiração de La Escalera*, foi julgado e executado em 1844. Em sua obra destacam-se: *Poesías de Plácido* (Matanzas, 1836); *El Veguero: poesías cubanas; dedicadas por Plácido a sus amigos de Villa Clara* (Matanzas, 1841); *El hijo de maldición: poema del tiempo de las cruzadas* (Matanzas, 1843); *Poesías* (Nova Orleans, 1847, edição póstuma).

PLANTAS VOTIVAS. A tradição africana na Diáspora inclui, entre outras práticas, o uso ritual e medicinal das plantas. Assim, folhas, caules, raízes e frutos são largamente utilizados, tanto em banhos (*ver ABÔ [1]*; *AMACI*; *OMI-ERÓ*) e defumações como em decocções. Segundo a tradição iorubá, "sem folha não existe orixá" ("*ko si ewe ko si orisa*"), recebendo, então, Ossãim, o nume tutelar desse domínio da natureza, um culto especial dirigido pelo babalossãim*. No entanto, embora Ossãim seja o dono de todo o reino vegetal, cada orixá tem suas plantas votivas, umas "quentes", excitantes, detonadoras de seu axé*, outras "frias", calmantes. Da perfeita combinação entre elas, entre outros fatores ritualísticos, é que surgirá o efeito desejado. Para o ritual principal de iniciação, por exemplo, são necessárias 21 espécies de ervas (as chamadas "folhas fixas": alfavaca, alecrim, aroeira, guiné, imbaúba, erva-tostão etc.) pertencentes a vários orixás, sendo, de cada uma, utilizadas dezesseis folhas. Já para o assentamento do orixá em seu otá* ou ferramentas, só se usam as folhas a ele pertencentes. Resumidamente, podemos mencionar os seguintes orixás patronos e suas plantas votivas mais importantes: Exu – pimenta, babosa, dandá, mamona; Ogum – peregum, mangueira, canela, cajazeira, aroeira-branca; Oxóssi – carqueja, são-gonçalinho, caiçara, brinco-de-princesa; Xangô – aroeira-vermelha, bredo; Oxum – alfavaquinha-de-cobra, jarrinha, erva-capitão, manjericão; Iansã – erva-de-santa-bárbara, balainho-de-velho; Iemanjá – água-de-alevante, aguapé, resedá; Obaluaiê – erva-de-passarinho, cordão-de-são-francisco, jenipapeiro; Nanã – avenca, cipreste, samambaia; Oxumarê – coqueiro-de-vênus; Oxalá – alecrim, colônia, boldo, cana-do-brejo. Em Cuba, a *regla de palo monte* (literalmente, "linha ritual dos paus do mato") é a parte da *santería* que trata mais especificamente das ervas e plantas rituais e medicinais. *Ver ÁRVORES SAGRADAS*.

PLANTATION. Termo técnico da língua inglesa, de uso internacional. Designa o estabelecimento agrícola que, em regime de monocultura e sob direção centralizada, combina as atividades de cultivo e beneficiamento em larga escala, com grande emprego de capitais, máquinas e pessoal. Na época escravista, essa denominação se aplicava aos engenhos e às fazendas de café, algodão etc. que, comandados por um único proprietário, exploravam a mão de obra escrava.

PLANTE. Cerimônia *abakuá** de consagração ou assentamento.

PLATTERS, The. Conjunto vocal americano formado em Los Angeles, em 1953, e de grande êxito internacional nos anos de 1950 e 1960, como representante do gênero rhythm-and-blues. Integrado por Tony Williams (1928-92), tenor solista; Zola Taylor (1938-2007), soprano; David Lynch (1929-81), segundo tenor; Herbert Reed (1931-), baixo; Alex Hodge e, depois, Paul Robi (1931-89), barítonos, criou sucessos como *Only you*, *The great pretender*, *Twilight time* e recriou outros, como *Smoke gets in your eyes*.

PLAYING CAST. Tambor do *kumina** jamaicano.

PLAZA. Em Cuba, oferenda de frutas que, depois de exposta rapidamente diante do assentamento do orixá, é repartida entre os fiéis e assistentes da festa.

PLEASANT, *Mary Ellen* (1812-1904). Empresária e abolicionista americana. De origens desconhecidas, estabeleceu-se na Califórnia durante o período da corrida para o Oeste e fez fortuna especulando na bolsa e operando uma inovadora rede de casas de pensão. Por mais de cinquenta anos, foi a personalidade mais influente de São Francisco, sendo intimamente ligada a Thomas Bell, fundador do First Bank of California. Com seu capital e sua determinação, lutou pela abolição da escravatura, patrocinando fugas de escravos e desafiando as leis racistas. Em 1892, depois da morte de Bell, foi acusada, por seus adversários, de homicídio, favorecimento à prostituição e prática de charlatanismo por meio do vodu. Entretanto, para alguns de seus admiradores, se tivesse nascido branca e do sexo masculino, "Mammy Pleasant", como também era conhecida, poderia até ter sido presidente dos Estados Unidos. De seu túmulo consta a seguinte inscrição: "Foi amiga de John Brown [abolicionista americano]" (conforme Lerone Bennet Jr., 1993).

PLENA. Gênero musical afro-porto-riquenho executado por tambores, pandeiretas, *güiros* e harmônica ou acordeão. As letras das canções, em geral, tratam de assuntos do cotidiano. Na República Dominicana, o nome designa uma espécie de canto de trabalho.

PLYMOUTH (?-1730). Líder quilombola no atual Haiti. Originário da Jamaica, estabeleceu-se na região de Grande Anse, onde resistiu por vários

anos às forças coloniais, até ser assassinado. Após sua morte, seu nome foi dado ao reduto de sua resistência, antes chamado Fond du Bourg.

POÇA. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Eldorado, SP.

POCOMANÍA. Expressão religiosa das Antilhas e da América Central, resultante da acomodação de práticas espirituais africanas ao catolicismo espanhol. Tal como na umbanda, o altar é coberto com uma toalha branca, utilizam-se hinos em suas cerimônias e suas adeptas usam turbante, também branco. Segundo algumas versões, a denominação derivaria dos vocábulos espanhóis *poco*, "pouco", e *manía*, "loucura", para expressar algo como "uma crença meio louca". Todavia, a origem pode, o que é mais provável, estar na língua quiconga, na qual existem vocábulos como *mpoko*, significando, entre outras acepções, "chifre", e *manya*, "milho". Tal crença é expressiva em território jamaicano e no Panamá, onde, na década de 1930, foi objeto de forte repressão por parte das autoridades governamentais.

PODABÁ. Comunidade-terreiro originária do Zoogodô-Bogum-Malê-Rundó* e fundada, segundo a tradição, no Rio de Janeiro, em 1874, pela sacerdotisa Rozena de Bessém*. Como membros dessa importante casa, localizada inicialmente no atual bairro da Abolição e, depois, em Coelho da Rocha, município de São João de Meriti, destacaram-se, entre outros, Mejitó*; Dila de Afomã, a célebre Ebame Dila, iniciada na nação queto por Cipriano Abedé* em 1908; e Maria Adamastor*, festejada personagem do carnaval carioca.

PODER NEGRO. Tradução portuguesa da expressão "Black Power", lema e título do movimento criado nos Estados Unidos, na década de 1960, para afirmar o orgulho de ser negro e a crença na superioridade das culturas de origem africana. Seu criador foi o ativista Stokely Carmichael* e sua manifestação pública se verificou por meio de comportamentos e atitudes desafiadores. Em 1968, no México, por exemplo, os atletas Tommie Smith* e John Carlos, que ganharam medalhas de ouro e bronze nos duzentos metros rasos, protagonizaram uma cena inédita nos Jogos Olímpicos: no pódio, após os acordes do hino americano, os dois ergueram o punho esquerdo calçado com uma luva preta, numa expressão celebrativa. Dias depois, os também corredores Vincent Matthews, Ron Freeman, Larry James

e Lee Evans, ainda na pista, levantaram o punho fechado com igual intenção, gesto repetido por Bob Beamon, campeão de salto em distância. Mas o gesto de Carlos e Smith, que lhes custou severa punição, é que entrou para a história como afirmação da excelência da Diáspora Africana no esporte mundial.

POESIA NEGRA. *Ver LITERATURA AFRO-BRASILEIRA; NÉGRITUDE.*

POGAUDIN. Localidade no Haiti onde, segundo a tradição, se fundou, no século XVIII, o primeiro templo do vodu.

POINTE DU SABLE, Jean-Baptiste (século XVIII). Pioneiro americano de fala francesa. Por volta de 1790 ergueu a primeira construção no lugar que mais tarde viria a ser a cidade de Chicago*, no estado de Illinois. O sítio histórico abriga, hoje, o DuSable Museum of African American History.

POITIER, Sidney. Ator cinematográfico americano nascido em Miami, Flórida, em 1927, e criado nas Bahamas, onde seu pai era plantador de tomates. Com carreira iniciada em 1950, catorze anos depois se tornou o primeiro negro a receber um Oscar de melhor ator, por sua atuação em *Uma voz nas sombras*. Seus maiores sucessos até hoje são dois filmes de 1967: *Adivinhe quem vem para jantar* e *Ao mestre, com carinho*, ambos sobre a questão racial nos Estados Unidos. Segundo a crítica, a marca de Poitier é a serena dignidade que sempre empresta a seus personagens.

Sidney Poitier

POLIBOJI. Vodum masculino da família Dambirá*, filho de Toi Acossi.

POLIGAMIA. Prática social que legitima a convivência conjugal de um indivíduo com mais de um parceiro ao mesmo tempo. Fundamentada em razões econômicas, a prática, principalmente na modalidade de poliginia (um homem para várias mulheres), é observada em diversas sociedades tradicionais africanas.

POLITEÍSMO. Crença simultânea em vários deuses de igual valência. Ao contrário do que em geral se supõe, as religiões da Diáspora Africana são monoteístas, por reconhecerem a existência de um único Deus Supremo – mesmo que desdobrado em vários aspectos –, abaixo do qual se situam diversas hierarquias de seres e entidades espirituais. *Ver OLOFIM*.

POLYDOR (?-1734). Líder quilombola haitiano. Chefiou um reduto situado nas montanhas de Saint Domingue, próximo à fronteira com o lado espanhol da ilha. Por volta de 1725, organizou um grupo de escravos fugitivos para que atacassem as plantations, e durante muitos anos fustigou os colonialistas, até ser morto pelas forças oficiais.

POMARROSA. Nome cubano do jambo-amarelo (*Jambosa vulgaris*; *Eugenia jambosa*), árvore da família das mirtáceas, de fruto globoso, amarelo-rosado. É planta de Oxum, muito respeitada pelos *mayomberos* cubanos.

POMBAGIRA. Nome genérico de várias entidades da umbanda brasileira, que são como Exus* em versão feminina. O nome deriva do quicongo *mpambu-a-nzila* (em quimbundo, *pambuanjila*), "encruzilhada", por intermédio da forma Bombonjira, denominação de Exu (guardião dos caminhos que se cruzam) em candomblés de origem banta. Algumas dessas entidades, a cujas denominações é quase sempre anteposto o qualificativo "Pombagira", são Pombagira Cigana, Menina, Molambo ou Maria Molambo, Maria Padilha, das Almas, das Encruzilhadas, da Praia, Malandra. Contudo, apesar da origem africana, as Pombagiras, figuras arquetípicas ligadas à ideia de sexualidade, nunca são imaginadas ou representadas como mulheres negras.

POMBAL, Marquês de. *Ver MARTA, Mãe*.

POMBEIRO. Negociante ou emissário que atravessava os sertões africanos negociando com os chefes nativos ou a serviço dos traficantes de escravos. O vocábulo tem origem no quimbundo *pombe*, "mensageiro", ou *pombo*, "espião".

POMBO. Designação do charuto nas antigas macumbas cariocas. Provavelmente, do quicongo *mbombe*, "fogo".

POMMAYRAC, Alcibiade (1844-1908). Poeta haitiano integrante da geração da revista *Ronde*, fundada por Pétion Gérome em 1898. Publicou *Ode aux soldats morts pour notre Indépendance* (1903) e *John Brown* (1904).

POMPÉE (?-1747). Líder quilombola haitiano, comandou um reduto situado na localidade hoje conhecida como Blue Mountains, no Haiti. Resistiu às forças coloniais por alguns anos, mas terminou preso e executado.

POMPEIA (1933-96). Pseudônimo de José Valentim da Silva, jogador brasileiro de futebol nascido em Itajubá, MG. Ex-acrobata circense, foi um goleiro de defesas sensacionais, que contribuíram decisivamente para o título carioca de 1960, conquistado por seu time, o América Futebol Clube. Vítima de um estigma que perseguiu os goleiros negros desde Barbosa*, integrou a seleção nacional apenas uma vez, em 1956.

POMPEO, Antônio. Ator e artista plástico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1953. Conhecido por sua atuação na televisão, participou com destaque das telenovelas *O rei do gado* (1996-97) e *Pecado capital* (remontagem, 1998-99), da minissérie *A casa das sete mulheres* (2003), entre outras produções da Rede Globo. No cinema, personificou a figura de Zumbi dos Palmares em *Quilombo*, de Cacá Diegues, lançado em 1984.

POMPÍLIO DA HORA, José. Professor universitário nascido em Salvador, BA, em 1917. Viveu de 1921 a 1943 em Nápoles, Itália, onde se formou em Direito e fez vários cursos complementares. De volta ao Brasil, fixou-se no Rio de Janeiro, onde foi professor de latim dos colégios Pedro II, La-Fayette e Souza Marques, bem como de direito civil e romano em diversas faculdades.

José Pompílio da Hora

PONGA. Dança popular brasileira; umbigada.

PONTO RISCADO. Na umbanda, desenho feito com pemba*, no chão ou em outro lugar, para chamar uma entidade ou para identificar, quando feito pelo médium incorporado, a entidade que baixou. Compõe-se de um conjunto de sinais identificadores, combinando flechas, cruzes, círculos, estrelas etc. Em Cuba recebe o nome de *firma* e é uma expressão típica dos cultos congos.

Feita com pemba branca, destina-se a fins benéficos; com carvão, tem por propósito causar o mal. *Ver ANAFORUANA*; *FIRMA*, *VÉVÉ*.

POP MUSIC. Estilo musical de tendência internacionalizante, surgido na segunda metade do século XX na Inglaterra e nos Estados Unidos. Fruto da interação de diversos estilos, sua base, entretanto, reside no blues e nos gêneros dele derivados, como o rhythm-and-blues e o rock-and-roll, todos produtos culturais da Diáspora Africana nas Américas. *Ver ROCK-AND-ROLL*.

POPÔ PEQUENO (Petit Popo). Região litorânea no antigo Daomé*, próximo à atual fronteira com o Togo. De grande importância na economia do tráfico atlântico, nela localizava-se um dos estabelecimentos do negreiro Francisco Félix de Souza, o primeiro Xaxá de Ajudá (*ver ADJIDO*).

POPÓ, Seu (1876-1968). Nome pelo qual foi conhecido Paulino Aluísio de Andrade, capoeirista e animador cultural nascido e falecido em Santo Amaro da Purificação, BA. A partir de 1924, como organizador e líder de um grupo de maculelê* em sua cidade natal, tornou-se o maior nome dentro dessa modalidade de expressão artística e atlética afro-brasileira. Em 1974, já sem o líder, o "Maculelê do Popó" apresentou-se no Rio de Janeiro, a convite da Campanha de Defesa do Folclore.

PORGY AND BESS. Ópera de George Gershwin baseada na adaptação dramatizada, feita pelo casal DuBose e Dorothy Heyward, de uma novela (*Porgy*, 1925) de autoria do primeiro. Lançada na Broadway em 1935, foi a maior produção – com elenco exclusivamente negro – encenada nos anos de 1930. A montagem original contou com Todd Duncan (1903-98) no papel de Porgy; Ann Brown (1912-2009) no papel de Bess; e o ator e bailarino John Bubbles (1902-86) personificando o malandro "Sportin' Life", apelido que corresponderia, no Brasil, à expressão coloquial "boa-vida". Edwin DuBose Heyward, um homem branco, nascido em Charleston, Carolina do Sul, era, ao que consta, fascinado pela cultura do povo gullah*, que exerceu muita influência sobre seu trabalho, em especial durante a criação da novela em questão.

PORONGO. O mesmo que cabaça*.

PORONGOS. Região dos pampas gaúchos no município de Pinheiro Machado. Nela, durante a Guerra dos Farrapos*, no episódio conhecido

como “Surpresa de Porongos”, ocorrido na noite de 14 de novembro de 1844, morreram entre seiscentos e setecentos escravos negros, pertencentes a fazendeiros interessados na independência da província, que serviam como lanceiros na linha de frente das tropas farroupilhas. O massacre teria sido ocasionado por uma ordem de desmobilização dada pelo general David Canabarro, que fez que os lanceiros fossem surpreendidos desarmados e durante o sono. A região foi tombada pelo governo federal, por iniciativa do Projeto Memorial dos Lanceiros Negros, para abrigar o Sítio Histórico dos Porongos.

PORRES, São Martín de. *Ver MARTÍN DE PORRES, São.*

PORRO. Dança do litoral caribenho da Colômbia, derivada da *cumbia**.

PORRUM. O mesmo que abô dos axés*.

PORTA-BANDEIRA. *Ver MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA.*

PORTELA, Grêmio Recreativo Escola de Samba. Escola de samba carioca fundada no bairro de Osvaldo Cruz. Sua origem está no Conjunto Osvaldo Cruz, fundado em 11 de abril de 1923 e rebatizado como Bloco Vai Como Pode, em 1928, sendo registrado com a denominação atual em 1936, um ano após a oficialização do carnaval das escolas pela Prefeitura carioca. Entre seus fundadores contam-se os sambistas Antônio Rufino* e Antônio Caetano*. *Ver VELHA-GUARDA DA PORTELA.*

PORTILLO DE LA LUZ, César. Compositor e cantor cubano nascido em Havana, em 1922. Com carreira profissional iniciada nos anos de 1940, em 1950 lança *Contigo en la distancia*, um dos maiores sucessos da música popular hispano-americana em todos os tempos. Fiel aos ideais da Revolução Cubana, no final da década de 1990 lutava pela liberação dos direitos autorais de suas músicas, retidos, segundo se dizia, por força do boicote econômico americano a Cuba.

PORTO ALEGRE. Cidade brasileira, capital do estado do Rio Grande do Sul. *Ver CIDADES NEGRAS.*

PORTO ALEGRE, Mercado Municipal de. Inaugurado em uma das gestões do governador (então, “presidente”) Antônio Augusto Borges de Medeiros, entre 1898 e 1903, teria recebido em suas fundações, segundo a tradição, um Bará* preparado por um “príncipe africano”, tido como orientador espiritual do governante, constituindo-se, desde então, no

guardião e protetor da cidade gaúcha. O líder espiritual mencionado parece tratar-se de José Custódio Joaquim de Almeida*, o Príncipe de Ajudá.

PORTO PRÍNCIPE. Nome aportuguesado da cidade de Port-au-Prince (literalmente, "porto para o príncipe" ou "porto do príncipe"), capital do Haiti*. *Ver CIDADES NEGRAS*.

PORTO RICO. Estado livre associado aos Estados Unidos, localizado no mar do Caribe, a leste da República Dominicana, com capital em San Juan. Sua população negra é de cerca de 20% da população total. Rebeliões de escravos: Segundo Díaz Soler (1981), essa ilha jamais foi cenário de uma rebelião escrava de grandes proporções, como as que ocorreram em Cuba, no Brasil ou nos Estados Unidos. Lá, as sublevações negras representaram, mais exatamente, movimentos localizados e quase sempre inspirados por rebeliões de povos vizinhos. Embora os escravos tivessem disposição para rebelar-se, nunca puderam resistir à força numérica dos brancos; à organização e à disciplina das tropas coloniais; e às traições de muitos negros livres, convertidos em aliados do poder. Em 1527 a população escrava rebelava-se contra os espanhóis num ato que, ainda de acordo com Soler, teve mais repercussão que efeitos imediatos. Três séculos depois, em 1821, as autoridades coloniais sufocavam um levante insuflado por revolucionários venezuelanos e, no ano seguinte, dominavam outro, em Guayama, que resultou na execução de Pierre Duboy* e de um mulato conhecido como Romano. Em 1825, outro projeto de rebelião foi abortado na jurisdição de Ponce, sendo sentenciados e executados 22 escravos. Em março de 1843, teve lugar mais uma rebelião frustrada, dessa vez em Toa Baja. Cinco anos depois, a chamada Conspiração de 1848, sequência de uma sangrenta sedição ocorrida na Martinica, encerrava o capítulo das revoltas negras em Porto Rico. Vanguarda negra: Entre 1954 e 1962, a vanguarda cultural porto-riquenha era constituída basicamente por afrodescendentes. Na política, Pedro Albizu Campos (1893-1965); no esporte, Roberto Clemente (1934-72) e Orlando "Peruchín" Cepeda (1937-), jogadores de beisebol que certamente só não entraram para o Hall of Fame, nos Estados Unidos, onde atuaram, por serem negros e de origem hispânica; na cultura jurídica, destacou-se o famoso advogado Romani; e, na música popular, o chefe de

orquestra Rafael Cortijo (1928-82), expoente da *plena**, e o cantor Ismael Rivera*.

PORTOBELO. Localidade do Panamá, próxima a Colón. É um dos redutos da cultura dos negros congos no país.

PORTO-NOVO. Capital da República de Benin*, no golfo da Guiné. Foi fundada no século XVI e seu crescimento econômico se deveu ao tráfico português de escravos. A cidade, que concentra o mais significativo patrimônio arquitetônico de origem luso-brasileira no golfo de Benin, é um dos exemplos marcantes da contribuição dos retornados* ao continente africano após a escravidão nas Américas.

PORTUGAL. País do Sul da Europa, na porção oeste da Península Ibérica. Com os descobrimentos marítimos* dos séculos XV e XVI, formou um grande império colonial, compreendendo o Brasil e partes dos continentes africano e asiático, baseado na exploração do trabalho escravo. Portugal na África: A presença portuguesa na África é iniciada na costa atlântica. No século XIV, expedições lusitanas chegam às ilhas Canárias, ao Marrocos e à Mauritânia, para, no século seguinte, atingirem, sucessivamente, o cabo Bojador, o rio Senegal, Serra Leoa, a Costa da Mina, a linha do equador e o rio Congo. No final do século XV, já havia estabelecimentos portugueses em Cabo Verde, São Tomé, na Costa da Mina e no Benin. Na costa oriental, aonde chegaram em 1498, os portugueses mantiveram seu domínio, com base em Moçambique, de Sofala até o arquipélago Lamu (parte do atual Quênia), por cerca de duzentos anos, impondo-se a outros pretensos conquistadores, como árabes, turcos e holandeses. **Povo mestiço:** Do ponto de vista de sua composição étnica, segundo Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 53), os portugueses são, desde antes do descobrimento do Brasil, um povo mestiço, distinguindo-se de outros povos latinos da Europa por apresentarem uma porção maior de sangue negro, em razão da mistura com "gente de cor". *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

PORTUONDO, Omara. Cantora cubana nascida em Havana, em 1930. Com trajetória profissional iniciada nos anos de 1950, tornou-se uma das mais prestigiosas artistas de seu país, apresentando-se e tendo seu talento de cantora romântica reconhecido em nações como Estados Unidos, Haiti, México, Rússia e Polônia. Na década de 1990 participou, com grande

sucesso, ao lado de Compay Segundo* e Ibrahim Ferrer*, entre outros, do projeto Buena Vista Social Club, sendo a única voz feminina do grupo. No final da década de 2000, incursionava pelo universo artístico brasileiro, com registros feitos para a gravadora carioca Biscoito Fino.

POSSESSÃO. Fenômeno que ocorre quando um espírito se apossa do corpo e da mente de um indivíduo. O transe das religiões africanas é, em geral, provocado, na busca da comunhão de um adepto especialmente preparado com uma entidade espiritual benfazeja, aspecto que o diferencia da possessão pura e simples.

POSTE CENTRAL. *Ver MITÁN.*

POTENCIA. Denominação de cada uma das facções da sociedade secreta *abakuá**.

POT-TÊTE. Cerimônia do vodu haitiano correspondente ao bori [1]* dos candomblés brasileiros.

POUJOL-ORIOL, Paulette. Escritora haitiana nascida em Porto Príncipe, em 1926. Ativista da Liga Feminista de Ação Social e membro da Sociedade Nacional de Arte Dramática, tornou-se uma das personalidades mais famosas da cena literária em seu país. Entre suas obras, conta-se o romance *Le creuset*, ganhador do prêmio Henri Deschamps em 1980.

POVO DE BENGUELA. Na umbanda, falange da linha africana cujo chefe é a entidade Pai Benguela.

POVO DE SANTO. Denominação usada, principalmente na Bahia e no Rio de Janeiro, para designar o conjunto de fiéis do candomblé.

POVO DO CONGO. Na umbanda, falange da linha africana cujo chefe é a entidade denominada Rei do Congo*.

POWELL [de Aquino]**, Baden** (1937-2000). Violonista e compositor brasileiro nascido em Varre-Sai, Itaperuna, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou carreira profissional em 1955 e, a partir de 1956, com o advento da bossa nova, apresentou fulgurante trajetória, inclusive internacional, projetando-se como um dos maiores violonistas do mundo. Como compositor foi parceiro de importantes letristas, como Billy Blanco, Paulo César Pinheiro e, principalmente, Vinicius de Moraes, com quem, em 1962, compôs os chamados “afrossambas”. *Ver AFROSSAMBA.*

POWELL, Bud (1924-66). Pseudônimo de Earl Powell, pianista e compositor americano nascido no Harlem, Nova York. O primeiro a levar para o piano as inovações harmônicas e rítmicas do bebop, é, ao lado de Charlie Parker*, Dizzy Gillespie* e Thelonious Monk*, um dos pilares sobre os quais se assentam os fundamentos do jazz moderno.

POWELL, Colin [Luther]. Militar americano nascido em Nova York, em 1937. Filho de imigrantes jamaicanos e criado no Harlem, em 1986, depois de ter sido conselheiro militar no Vietnã e assessor do presidente Ronald Reagan, foi promovido a general. Em 1990, tornou-se comandante supremo das Forças Armadas, sendo o primeiro negro a assumir essa posição no país mais poderoso do mundo. Durante a Guerra do Golfo, como comandante em chefe da operação "Tempestade no Deserto", conquistou grande popularidade por sua prudência e moderação. Encerrou a carreira militar em 1993 e dois anos mais tarde publicou a autobiografia *Minha jornada americana*. Em 2000 assumiu o cargo de secretário de Defesa do governo George W. Bush.

POWELL, [Michael Anthony, dito] **Mike.** Atleta americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, em 1963. No ano de 1991, no campeonato mundial de atletismo, em Tóquio, atingiu a marca de 8,95 metros no salto em distância, contra 8,84 metros do campeoníssimo Carl Lewis*. Dois anos depois, superou-se com a marca de 8,99 metros. Assim, tornou-se conhecido como um dos maiores recordistas do mundo em sua especialidade.

POZO, Chano (1915-48). Nome artístico de Luciano Pozo y González, percussionista, cantor e bailarino cubano nascido em Havana e falecido em Nova York. Iniciado na tradição dos orixás e pertencente à sociedade *abakuá**, foi o responsável pela introdução da percussão afro-cubana no bebop*, quando, pelas mãos de Dizzy Gillespie*, apresentou-se em Nova York num célebre concerto no Town Hall, em 1947. No ano seguinte, foi assassinado no Harlem, na véspera do dia de santa Bárbara – em Cuba, dia de Changó, seu orixá. Pérez Prado*, nos anos de 1960, gravou com sua orquestra um lamento intitulado *Memoria a Chano*, cujo arranjo começa com a tradicional invocação a Xangô "Kaô Kabiecilê!". *Ver LATIN-JAZZ.*

PRAÇA ONZE. Antigo centro do carnaval das populações negras do Rio de Janeiro, localizado na atual avenida Presidente Vargas, próximo à rua de

Santana. Lá se exibiam, dos anos de 1930 aos de 1950, as escolas de samba e os ranchos carnavalescos, bem como confraternizavam ou se confrontavam, nas rodas de batucada e pernada*, os sambistas vindos dos morros e subúrbios. Na opinião de estudiosos, a Praça Onze de Junho – nome oficial, em evocação à Batalha Naval do Riachuelo, episódio da Guerra do Paraguai – funcionava como um grande liquidificador, processando a matéria-prima da arte "selvagem" dos negros para ser consumida pelas camadas "civilizadas" da sociedade brasileira. A praça foi deixando de existir oficialmente ao longo dos anos de 1950 e 1960, mas permanece como símbolo da afro-brasilidade no Rio de Janeiro. Em seu lugar ergueu-se, na década de 1980, um monumento ao herói Zumbi, e, em suas cercanias, foi construída a pista de desfile das escolas de samba. *Ver MONUMENTO A ZUMBI DOS PALMARES*; *PEQUENA ÁFRICA*.

PRADO, [Dámaso] **Pérez** (1916-89). Pianista, compositor e chefe de orquestra cubano nascido em Matanzas e falecido no México, país em que se radicara nos anos de 1940. Em 1951 compôs seu primeiro mambo*, dando amplitude à criação de músicos pioneiros como Orestes López*. A partir do sucesso de *Rico mambo*, criou uma série ininterrupta de peças popularíssimas, como os mambos *N. 5*, *N. 8* etc., todos com excelentes gravações de sua orquestra na qual se destacava a percussão radicalmente afro-cubana; tais peças lhe propiciaram apresentações em dezenas de países, a venda de milhões de discos e o título de "Rei do Mambo".

PRAIA GRANDE. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Iporanga, SP.

PRANANGUMA. O mesmo que pernanguma*.

PRATA. Forma como usualmente é referida, no masculino ("o Prata"), a região do estuário formado pelos rios Paraná e Uruguai, fronteira entre as repúblicas do Uruguai* e da Argentina*. O quase total desaparecimento da população negra nessa região é resultado de uma política que propiciou a absorção de todo um povo pela maciça migração de europeus, ocorrida no século XIX. *Ver IMIGRAÇÃO EUROPEIA, Impacto da*.

PRATA PRETA (séculos XIX-XX). Alcunha de Horácio José da Silva, personagem da história do Rio de Janeiro. Tido como facínora e desordeiro, em 1904 foi o mais temido chefe das barricadas que se armaram contra o

poder constituído na chamada Revolta da Vacina. Segundo os relatos da época, aterrorizava a polícia lutando nos lugares mais perigosos e, na luta final, matou um soldado e feriu dois.

PRATO E FACA. Conjunto de utensílios de cozinha, outrora usado na percussão do samba. Esse uso reflete uma tendência, comum na música da Diáspora, que é a de servir-se de objetos quaisquer para produzir som ritmado. É o caso, ainda no samba, da caixa de fósforos, do chapéu palheta*, de colheres, garrafas etc., e, na música centro-americana, entre outros utensílios, de caixotes, frigideiras e latões de gasolina. *Ver PAN*; *SARTÉN*.

PRAZERES, Heitor dos (1898-1966). Compositor e pintor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Sambista pioneiro – também conhecido como "Lino do Estácio" – e ex-menino de rua, inclui-se entre os fundadores das escolas de samba Portela* e Mangueira*. Autor consagrado, compôs a conhecida marcha *Pierrô apaixonado*, em parceria com Noel Rosa, além de *Mulher de malandro* e outros êxitos. Iniciou a carreira de pintor em 1936, tendo como inspiração o samba e o cotidiano dos morros cariocas, e se tornou conhecido na prestigiosa Bienal de São Paulo, em 1951, adquirindo renome internacional nessa vertente artística e chegando a representar o Brasil, ao lado de outros artistas, no Festival Mundial de Arte Negra* em Dacar, no ano de 1966.

PRECONCEITO. Atitude desfavorável para com um grupo ou indivíduos que nele se inserem, baseada não em seus atributos reais mas em crenças estereotipadas. O preconceito racial é uma das molas propulsoras do racismo*. Preconceito "de marca": Expressão cunhada pelo sociólogo Oracy Nogueira para caracterizar o preconceito antinegro existente no Brasil em comparação com o dos Estados Unidos, que se caracterizaria pelo preconceito "de origem". Segundo Nogueira (1955), no Brasil o preconceito racial é tão mais intenso quanto mais forte a pigmentação da pele do indivíduo em questão, atingindo mesmo pessoas negras de condição social mais elevada. Isso se dá em oposição ao que ocorre nos Estados Unidos, onde uma pessoa sem nenhuma característica negroide pode ser discriminada, desde que se saiba que ela possui um ascendente negro, mesmo longínquo. Apesar de se costumar inferir que uma forma pode ser "mais branda" que a outra, ambas são brutais em sua essência.

PRENDA. Objeto que serve como amuleto para os congos cubanos. Pode apresentar a forma de um caldeirão com gravetos, de um boneco etc. As *prendas* ganham nomes, como as pessoas, bem como recebem oferendas e sacrifícios. Nelas fixam-se a energia e o fundamento que vão proteger e defender seu dono pela vida afora. *Ver INQUICE*; *NGANGA*.

PRÉSENCE AFRICAINE. Revista fundada em Paris, em 1947, por um grupo de intelectuais capitaneado por Alioune Diop (1910-80). Lançada simultaneamente na capital francesa e em Dacar, tem publicado, desde sua fundação, importantes artigos, ensaios e textos literários de autores africanos, caribenhos e americanos. É um dos maiores veículos de expressão da Diáspora Africana.

PRESENTE DAS ÁGUAS. Oferenda ritual, variante do "presente de Iemanjá", feita em honra também de Oxum, em rios e cachoeiras. *Ver IEMANJÁ*.

PRESSOIR, Charles-Fernand (1910-73). Escritor nascido no Haiti. Estudou em seu país, na Inglaterra e na França, colando grau em Paris, em 1928. Ao retornar ao Haiti, formou-se em Direito e mais tarde foi eleito presidente da Creole Academy. Estudou o folclore negro e escreveu sobre ele, usando o falar crioulo* em alguns de seus trabalhos. Em sua obra destacam-se *Au rythme des coumbites* (1933); *Débats sur le créole et le folklore* (1947); *Sè-t poè-m ki sò-t nan mo-n – Sept poèmes qui viennent de la montagne* (1954).

PRESTE JOÃO (século XII). Legendário rei cristão da Etiópia, conhecido em Roma em 1165.

PRETA-DA-MINA. Entidade espiritual integrante do sistema de cultos amazônicos.

PRETINHO. Dança folclórica portuguesa semelhante à britânica *stripping the willow* (conforme Mário de Andrade, 1989).

PRETINHOS DA GUINÉ. *Ver TOURADAS EM PORTUGAL – intervaleiros*.

PRETO. Denominação que recebe no Brasil o negro de pele mais fortemente pigmentada que o mulato*. À época da escravidão, o vocábulo era sinônimo de "escravo".

PRETO BONGO (século XIX). Mártir da resistência brasileira à escravidão na região de Cricaré, ES.

PRETO COSME. *Ver CHAGAS, Cosme Bento das*.

PRETO LIMÃO (?-1918). Cantador brasileiro nascido em Bananeiras, PB, e falecido em Riacho Fundo, RN. Celebrizou-se, embora derrotado, pela renhida peleja disputada com Bernardo Nogueira, recriada num folheto do cordelista João Martins de Ataíde.

PRETO RICO. Apelido do sambista Jorge Henrique dos Santos, nascido no Rio de Janeiro, em 1923. Integrante da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira*, é coautor dos sambas-enredo mangueirenses de 1973 (*Lendas do Abaeté*) e 1974 (*Mangueira em tempo de folclore*).

PRETO-AÇA. Albino da raça negra.

PRETOS FORROS, Serra dos. Elevação do cordão setentrional do maciço da Tijuca, no município do Rio de Janeiro. Seu nome se deve ao fato de ter abrigado, a partir de 1898, um núcleo de negros alforriados, primitivos colonizadores da região, para lá empurrados pela especulação imobiliária quando do loteamento das terras que dariam lugar ao bairro do Méier. No Brasil, os negros alforriados organizaram-se em comunidades desde o século XVIII. No século seguinte, com a gradativa decadência da ordem escravista, esses núcleos cresceram e se integraram – uns mais, outros menos – à sociedade geral.

PRETOS VELHOS. Entidades da umbanda tidas como espíritos purificados de antigos escravos. São sempre exemplos de bondade, carinho e sabedoria, agindo como ancestrais protetores, aconselhando e também admoestando, quando necessário. Fumam cachimbo, vestem roupas simples, apresentam-se descalços e são chamados de "pai", "vovô", "tio" etc.: Vovó Catarina, Vovó de Ganga, Vovó Luísa, Vovó Maria Redondo, Vovó Maria Conga, Tia Maria de Mina, Tia Maria da Serra, Tia Rosa da Bahia, Pai Joaquim de Mina, Pai Antônio, Pai Joaquim d'Angola, Pai Joaquim de Aruanda, Pai Cabinda da Guiné, Pai Caetano, Vovô Congo etc. Em Cuba, Lydia Cabrera (1993) registrou, em sessões de espiritismo, a presença de espíritos de velhos africanos referidos, como no Brasil, pelos tratamentos *taita* e *ta* (pai) ou *ña* (mãe) – Taita José, Ña Francisca, Ta Lorenzo Lucumí –,

ou ainda por denominações étnicas, tais como Juan Mandinga ou El Mina, El Gangá, El Macuá etc.

PRETO-VELHO-ANGOLA. Entidade integrante do sistema de cultos afro-ameríndios da Amazônia.

PREZ. Nome pelo qual era reverencialmente chamado o saxofonista Lester Young*. Do inglês *president*, "presidente".

PRICE, [Mary Violet] **Leontyne.** Cantora norte-americana nascida em Laurel, Mississippi, em 1927. Foi uma das primeiras mulheres negras a alcançar projeção mundial no canto lírico, na condição de *prima donna assoluta* do Metropolitan Opera House, de Nova York, a partir de 1961. Em 1982 dedicou um concerto à grande precursora Marian Anderson*.

PRICE, Lloyd. Cantor americano nascido em Kenner, Louisiana, em 1933. Com carreira iniciada em 1952, sete anos mais tarde tornou-se conhecido graças ao sucesso da canção *Personality*. Juntamente com Fats Domino* e Dave Bartholomew*, é um dos principais representantes do estilo musical de Nova Orleans que deu origem ao rock-and-roll.

PRICE-MARS, Jean (1876-1970). Escritor e diplomata haitiano nascido em Grand Rivière du Nord e falecido em Pétionville, foi um dos primeiros intelectuais do movimento *antillanité* ("antilhanidade"). Em 1900, ainda jovem estudante, tomou contato com as ideias de Gustave Lebon, um dos teóricos do racismo dito "científico". Desde então, refutar as teses sobre a inferioridade dos negros foi a tarefa de toda a sua vida, numa determinação que, a partir de 1915, com a ocupação de seu país pelos Estados Unidos, ganhou contornos mais definidos. Profundamente preocupado com os costumes, crenças, lendas e religião da população negra haitiana empobrecida, identificando neles uma magnífica fonte de inspiração para poetas e escritores, Price-Mars alavancou a renascença negra no Haiti e em outros países. Assim, em 1919 publica o ensaio *La vocation de l'élite* e, em 1928, num impressionante retorno às origens africanas e integrado ao grupo da *Revue Indigène*, lança *Ainsi parla l'oncle*, sua obra principal. A esses livros seguem-se os ensaios *Une étape de l'évolution haïtienne* (1929), *Le sentiment de la valeur personnelle chez Henry Christophe* (1933) e *Formation ethnique, folklore et culture du peuple haïtien* (1939), entre outros. Considerado o pai da

cultura haitiana, em 1959 recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Dacar.

PRIMUS, Pearl (1920-94). Bailarina e coreógrafa nascida em Trinidad e radicada na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Pesquisadora de temas africanos e afro-americanos, fez da dança negra o conteúdo exclusivo de sua arte, lançando as bases do trabalho de Alvin Ailey*, Donald McKayle (1930-) e outros.

PRINCE. Nome artístico de Prince Rogers Nelson, cantor, compositor e produtor americano nascido em Minneapolis, Minnesota, em 1958. Superastro pop, em 1993 trocou seu nome por um ícone, símbolo híbrido das condições masculina e feminina, voltando, entretanto, a usá-lo tempos depois.

PRINCE, Mary (1788-?). Personagem da história da escravidão nascida nas Bermudas e falecida na Inglaterra. É autora do relato editado sob o título *The history of Mary Prince, a West Indian slave, related by herself* (1831), a primeira entre várias narrativas de escravos publicadas na Inglaterra do ponto de vista de uma mulher.

***PRINCESA E O SAPO, A* (**The princess and the frog**).** *Ver TIANA*.

PRÍNCIPE DE AJUDÁ. *Ver ALMEIDA, José Custódio Joaquim de*.

PRÍNCIPE DE ANNAMABOE (século XVIII). Personagem da história da escravidão nas Antilhas. Filho de um soberano de Annamaboe, na Costa do Ouro, em 1740 foi mandado, com seu irmão mais novo, à Inglaterra para estudar, embarcando num navio negreiro. Os dois irmãos foram aprisionados pelo capitão, mandados para as Índias Ocidentais e vendidos como escravos. Quando a notícia do caso chegou ao seu destino inicial, os jovens foram libertados por ordem do governo britânico, que prontamente pagou as alforrias. O príncipe e seu irmão foram levados para a Inglaterra, onde ficaram sob a guarda do conde de Halifax e realizaram seus estudos. Horace Walpole faz menção a eles em seu diário, em registro datado de 23 de março de 1749. Antes de retornarem à África, ambos os jovens foram recebidos pelo rei George II.

PRÍNCIPE DE BUNDO (séculos XVIII-XIX). Personagem da história da escravidão na Jamaica. Proclamava-se neto de rei africano e livre, mas foi desmascarado como impostor. Durante seu julgamento em 1816, na

Jamaica, declarou ser inglês natural de Staines e que, em 1776, havia estudado na Universidade de Oxford, tendo-se casado em seguida com uma princesa polonesa. Entretanto, a corte descobriu que, na realidade, ele era um escravo nascido em Barbados, enviado à Inglaterra para servir a um dos filhos de seu proprietário. Foi condenado como embusteiro e exilado na Inglaterra.

PRÍNCIPE OBÁ II (?-1890). Nome pelo qual foi conhecido Cândido da Fonseca Galvão, subtenente do 3º Batalhão de Zuavos Baianos* e veterano da Guerra do Paraguai*. Reverenciado como descendente de reis africanos por boa parte dos negros seus contemporâneos, era tratado com benevolência pelo imperador Pedro II, sendo frequentador assíduo dos beija-mãos semanais do palácio da Quinta da Boa Vista. Com o fim do império, colocou-se frontalmente contra a ordem republicana, tendo cassada a patente conquistada no Paraguai. Era também comumente referido por seus desafetos como desequilibrado mental, megalomaníaco e dado ao vício da bebida. Mas publicou na imprensa textos recuperados em seu conteúdo político coerente pelo historiador Eduardo Silva (1997). Assim, e destacando-se também como um lutador pela abolição da escravatura e pela igualdade racial no Brasil, foi uma figura marcante da vida carioca no século XIX.

PRÍNCIPE PRETINHO (1903-50). Pseudônimo de José Luís da Costa, compositor nascido e falecido no Rio de Janeiro. É autor, entre outros, do famoso samba *Só pra chatear* (1944), sucesso da dupla Zé e Zilda. *Ver ZÉ DA ZILDA*.

PRÍNCIPE SUENA. Personagem das congadas, filho do rei Cariongo*. O nome liga-se, provavelmente, a *suana-mulopo*, título de nobreza na Lunda.

PRIVAT D'ANGLEMONT, Alexandre (1815-59). Escritor nascido em Sainte-Rose, Guadalupe, e falecido em Paris, França. Estudante de medicina na capital francesa, abandonou a carreira para dedicar-se à literatura, estreando em 1846. Pesquisador dos costumes das classes populares, em 1854 publicou *Paris anecdote*. No ano de 1861 teve postumamente publicada uma coletânea de seus artigos sob o título *Paris inconnu*, a qual, segundo João Carlos Rodrigues (1996), teria provavelmente

influenciado o brasileiro João do Rio* durante a criação de seu livro *A alma encantadora das ruas* (1908).

PROCEDÊNCIA DOS ESCRAVOS no Brasil. *Ver BRASIL, República Federativa do [Escravidão africana].*

PROCÓPIO DE OGUNJÁ (1868-1958). Nome pelo qual foi conhecido Procópio Xavier de Souza (Ogunjobi), babalorixá nascido e falecido em Salvador, BA. Homem de imenso saber e extremo rigor no trato das coisas religiosas, foi iniciado pelas mãos de Mãe Maiolina, famosa ialorixá do início do século XX. Durante muitos anos foi o chefe do Ilê Ogunjá, tradicional terreiro de nação queto localizado no Matatu Grande, e também proprietário de uma quitanda no Gravatá, na capital baiana.

PRODIGIOSA. Em Cuba, denominação do saião*, lá também conhecido como *siempre viva*.

PROENÇA FILHO, Domício. Professor e escritor nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1936. Doutor e livre-docente em Literatura Brasileira, destacou-se como titular da disciplina na Universidade Federal Fluminense (UFF), com inúmeros cursos ministrados em centros universitários no Brasil e no exterior. Ensaísta, crítico literário e poeta, tem publicados coletâneas de poemas e diversos ensaios sobre literatura. Em 2006 foi eleito imortal e empossado na Academia Brasileira de Letras. Entre suas obras publicadas estão: *Dionísio esfacelado* (1984); *Oratório dos inconfidentes* (1989); *Breves estórias de Vera Cruz das Almas* (1991); *Capitu: memórias póstumas* (1998); *Estórias da mitologia* (2000).

Domício Proença Filho

PROFESSOR LONGHAIR (1918-80). Nome artístico de Henry Roeland Byrd, pianista e cantor americano nascido em Bogalusa, Louisiana, e falecido em Nova Orleans. Astro do rhythm-and-blues, foi um dos criadores do estilo de piano à Nova Orleans, difundido principalmente por Fats

Domino*. É o autor de *Mardi Gras in New Orleans*, o hino extraoficial da cidade.

PROFISSÕES. *Ver OFÍCIOS DE NEGROS.*

PROGRAMA DE EVOLUÇÃO DEPOIS DE TREZE DE MAIO. Documento elaborado por André Rebouças* para a Confederação Abolicionista propondo medidas para impedir a reescravização de africanos e seus descendentes no Brasil, "assegurando a sua libertação pela independência e pelo bem-estar; promovendo a educação e a instrução dos libertos; facilitando-lhes a aquisição da propriedade da terra em que trabalham, constituindo-os lavradores proprietários" (conforme Veríssimo, 1939, pp. 214-15).

PROSTITUIÇÃO DE ESCRAVAS. Entre as atividades "de ganho" praticadas pelas escravas nas Américas incluía-se a prostituição, voluntária ou induzida pelos senhores. No Rio de Janeiro, em 1845 (conforme Mary Karasch, 1987), a atividade era exercida quase que exclusivamente por mulheres cativas.

PROTEGIDOS DA PRINCESA. Escola de samba fundada em Florianópolis, SC, em 18 de dezembro de 1948. Seu nome, embora irônico, faz referência à princesa Isabel, que, pela assinatura da Lei Áurea (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*), se tornou simbolicamente a "protetora" dos negros brasileiros. A principal figura de sua história é Nadir Vieira da Silva, a Dona Didi (nascida em 1918), que durante mais de trinta anos abrigou a escola em sua própria casa e cuja importância, reconhecida pelos sambistas da capital catarinense, seria a mesma das tias baianas no Rio de Janeiro.

PROTESTANTISMO NEGRO. Chamam-se protestantes os cristãos praticantes de religiões não católicas, à exceção dos ortodoxos e espíritas. Nas Américas, em contato com as expressões religiosas judaico-cristãs, o negro encontrou meios de adaptá-las à sua realidade. Foi assim com os santos católicos na forma mais conhecida daquilo que se convencionou chamar "sincretismo". Foi assim, também, com as religiões chamadas protestantes ou evangélicas, em cuja Bíblia o africano escravizado encontrou textos que lhe recordavam sua situação. As profecias sobre a salvação do cativeiro da Babilônia e a escravidão do povo de Israel no Egito até a

libertação por Moisés são exemplos de temas desses escritos. O negro aglutinou todos esses relatos, além de elementos como o messianismo e a crença nos anjos, por exemplo, e ainda ingredientes como a possessão e a música que a induz, e estruturou, nas Américas, nas seitas de Renovação e de descida do Espírito Santo, a sua reinterpretação do protestantismo, fazendo de sua religiosidade, às vezes inconscientemente, um forte instrumento de ação política contra o racismo e a exclusão social. Cristianismo e desafricanização: A cristianização do escravo negro por meio dos textos do Velho Testamento foi um dos vetores de sua desafricanização*, principalmente nos Estados Unidos; mas, em contrapartida, representou um elemento de consolo e revigoramento. Lá, como enfatiza LeRoi Jones (1967), a música do negro cristão tornou-se a expressão do seu desejo de "cruzar o Jordão" e "ver o Senhor". As imagens do cristianismo dos negros apoiam-se no paralelo entre suas dores e esperanças e as dos judeus dos tempos bíblicos. E muitos negro spirituals refletem essa identificação. Na mesma linha de raciocínio, vemos em Mazrui (1986), que as igrejas protestantes, a partir dos Estados Unidos, recriaram, em seus cultos, alguns aspectos exteriores africanos. Como exemplo podemos citar as reações das congregações durante os sermões e em outros momentos de celebração, com gritos, danças e movimentos corporais de grande emotividade, como no transe e nas cerimônias de limpeza espiritual características da religiosidade africana tradicional. *Ver* BLACK CHURCH, The *(Igreja Negra)*; *FATHER DIVINE*; *GOSPEL*; *PENTECOSTALISMO*; *SHOUTERS*.

PROTOBANTO. Língua-mãe em relação a todas as outras do grupo banto, reconstituída por linguistas com base em elementos comuns a várias delas. Escrevem-se as palavras que compõem seu léxico antepondo-se a elas um asterisco. Por exemplo: **N-Budy* (protobanto) > *mbuzi* (suaíle) > *mbushi* (bemba) = bode (português). Em terminologia técnica de línguística, o prefixo "proto" designa o estado de uma língua antes de se diferenciar em outras línguas ou dialetos.

PROVÉRBIO. Frase formulada em geral por meio de imagens, encerrando um pensamento importante, quase sempre uma advertência. Na África e em muitas comunidades da Diáspora, o uso de provérbios é prática indispensável no processo de educação e socialização da infância e da

juventude. Nas culturas negro-africanas tradicionais, usado inclusive para esclarecer pontos obscuros em uma discussão, o provérbio constitui-se em valioso instrumento teórico para a compreensão da realidade. A percepção dessa importância fez que o colonialismo se empenhasse em aniquilar essa forma de expressão do patrimônio cultural africano.

PRUDÊNCIO, Nelson. Atleta brasileiro nascido em Lins, SP, em 1944. Um dos grandes nomes do salto triplo, em 1968, na Olimpíada do México, bateu o recorde de Adhemar Ferreira da Silva*, saltando 17,27 metros e conquistando a medalha de prata. Naquele mesmo ano, foi eleito pela Athletics Foundation, de Los Angeles, o maior atleta da América Latina. Na Olimpíada de 1972, em Munique, saltando 17,05 metros, foi um dos dois únicos brasileiros premiados, conquistando a medalha de bronze; antes, nos Jogos Pan-Americanos de 1967 e de 1971, já havia obtido a medalha de prata. Em 2009 era vice-presidente da Confederação Brasileira de Atletismo.

PRYOR, Richard (1940-2005). Nome artístico de Richard Franklin Lennox Thomas Pryor III, ator cinematográfico americano nascido em Peoria, Illinois, e falecido em Encino, próximo a Los Angeles. Iniciou sua carreira nos anos de 1960 como comediante em casas noturnas. Seu primeiro filme foi *O cadáver ambulante*, de 1967. Em 1978 participou da versão de *O mágico de Oz* interpretada só por atores negros (*O mágico inesquecível*). Em 1989, embora já sofrendo de esclerose múltipla, atuou ao lado de Gene Wilder na comédia *Cegos, surdos e loucos*.

PUBLIC ENEMY. Grupo norte-americano de *gangsta rap** formado, em 1986, em Nova York, por Carlton "Chuck D" Ridenhour (1960-); William "Flavor Flav" Drayton Jr. (1959-); Richard Griffin (1960-), o "Professor Griff"; e Norman Rogers (1966-), o "Terminator X". Um dos grupos mais famosos da cena pop internacional, seus integrantes foram várias vezes presos por porte ilegal de armas e uso de crack.

PUCHO, EL POLLERO. *Ver BOMBÚ, Ignacio*.

PUELLO, José Joaquín (*c.* 1805-47). Líder militar e revolucionário dominicano nascido na região da atual capital Santo Domingo. Em 1844, comandando um grande batalhão, destacou-se na guerra que tornou a atual República Dominicana independente do Haiti. A exemplo do que correu

com outros líderes negros nas Américas – como Manuel Piar*, na Venezuela –, após a independência, acusado de racismo contra os brancos, foi julgado, condenado à morte e executado.

PUÍTA. Tambor-onça; cuíca*. Do quimbundo *mpwita*, "tambor vibratório ou de fricção".

PUKHUMERIANS. Antiga comunidade religiosa da Jamaica que juntava elementos do myalismo* ao protestantismo da Renovação.

PULADINHO. Forma de interpretação do samba de salão em que o par, enlaçado, executa passos saltitantes, sobre o desenho rítmico da percussão.

PULQUÉRIA, Mãe (séculos XIX-XX). Ialorixá do Terreiro do Gantois*, na Bahia. Era filha carnal de Mãe Júlia* e tia de Mãe Menininha*.

PUMBO. Denominação, nos livros brasileiros do tráfico, do indivíduo dos pombos, subgrupo dos bacongos*.

PUNGA. Umbigada da dança do tambor de crioula*.

PUNGA MAFULA. Entre os congos cubanos, divindade que abre os caminhos, equivalente a Elegguá. Também, Punga Mensu.

PUNTA. Dança dos *garífunas** de Honduras, Guatemala e Belize.

PUNTILLITA (1927-2000). Nome pelo qual se fez conhecido Manuel Licea, cantor cubano nascido em Holguín e falecido em Havana. Intérprete destacado no gênero *son**, na década de 1990 participou do célebre projeto Buena Vista Social Club, ao lado de Compay Segundo* e outros artistas veteranos.

PURURUCA. Elemento contido na expressão "leitão à pururuca", com a qual, na culinária mineira, se designa o leitão que, depois de levado ao forno, fica quase torrado, soltando a pele. O termo parece ter origem no quioco *pulumuka*, "sair (a casca)", "soltar-se", "descolar-se longamente e com facilidade".

PUSHKIN, Aleksandr Sergueievitch (1799-1837). Escritor russo nascido em Moscou e falecido em São Petersburgo. Considerado o fundador da moderna literatura russa, era bisneto de Abraão Aníbal*, escravo etíope a serviço de Pedro, o Grande, sobre quem escreveu *O negro de Pedro, o Grande* (1962).

PUXADOR. Nos desfiles das escolas de samba*, cantor que, em cada agremiação, conduz a interpretação do samba-enredo, incentivando o canto

coletivo. Nos antigos ranchos carnavalescos era chamado "mestre de canto".

PUYA, Cantos de. Desafios cantados da tradição cubana, com versos picarescos e muitas vezes alusões ofensivas ao adversário. Entre os *mayomberos*, são cantados nos *juegos de palo*, práticas de recreação e lazer que têm lugar após as obrigações rituais.

Q

QUADRARÃO. Qualificativo do mestiço que supostamente apresenta, em sua conformação biológica, um quarto de sangue negro.

QUADRAVÃO. O mesmo que quadrarão*.

QUADRUM. O mesmo que quadrarão*.

QUAMINA (?-1823). Líder escravo da antiga Guiana Inglesa. Foi o chefe de um levante ocorrido em 17 de agosto de 1823, em Demerara*. Durante a insurreição, os rebeldes incendiaram as plantations e prenderam todos os brancos, sem, entretanto, molestá-los fisicamente. Nenhum deles foi ferido ou morto. No momento em que Quamina e outros se preparavam para seguir em direção a Georgetown, a capital, deu-se um confronto no qual o líder foi morto.

QUAO, Captain (século XVIII). Líder *maroon** na Jamaica. De origem *coromanti*, depois de encarniçada resistência, assinou com as autoridades coloniais jamaicanas um tratado que assegurava a liberdade para todos os

seus seguidores e direito à posse de terras nas vizinhanças de sua cidadela. *Ver JAMAICA*.

QUARENTINHA (1933-96). Apelido de Waldir Cardoso Lebrego, jogador de futebol brasileiro nascido em Belém, PA, e falecido no Rio de Janeiro. Centroavante de chute fortíssimo, brilhou como o maior artilheiro da história do Botafogo carioca, time em que jogou de 1954 a 1964. Na seleção brasileira, nos dezessete jogos de que participou, atingiu a média de um gol por partida. No final da carreira, em 1965, atuou na Colômbia.

QUARITERÊ, Quilombo do. Aldeamento quilombola existente no século XVIII em Mato Grosso, próximo à fronteira com a Bolívia. Foi liderado, segundo a tradição, pela "rainha" Teresa do Quariterê, personagem envolta em aura de lenda, e finalmente destruído em 1770.

QUARTÃO. O mesmo que quadrarão*.

QUARTERÃO. O mesmo que quadrarão*.

QUATAN. Em antigas macumbas capixabas, designação do ato de bater palmas. *Ver LIQUÁQUA*.

QUEBRA-BUNDA. Dança popular brasileira.

QUEBRA-PEDRA (*Phyllanthus niruri*). Erva da família das euforbiáceas, também conhecida como erva-pombinha. Na tradição religiosa afro-brasileira, é associada a Xangô, notadamente na umbanda.

QUEBRA-QUILOS, Revolta do. Insurreição iniciada em 1874, no sertão da Paraíba, contra a adoção do sistema métrico decimal, a qual foi difundida para outros estados do Nordeste, prolongando-se até o ano seguinte. Contou com a participação de grande contingente de escravos, sendo que um de seus principais líderes foi o negro Manuel do Carmo*.

QUEEN. Rainha*. Denominação dada, nos Estados Unidos e nos países antilhanos de fala inglesa, à sacerdotisa-chefe dos cultos de origem africana.

QUEEN LATIFAH. Nome artístico de Dana Elaine Owens, cantora, rapper, modelo e atriz americana nascida em Newark, Nova Jersey, em 1970. Primeira voz feminina a despontar na cena do hip-hop*, em 1988, três anos depois estreava como atriz, no filme *Febre da selva*, de Spike Lee*. A partir de então, fez jus a várias premiações, sendo indicada em 2003 para o Oscar* de melhor atriz coadjuvante por sua interpretação no filme *Chicago*. Em

2007 destacou-se como a personagem Motormouth Maybelle no filme *Hairspray*: *em busca da fama*.

QUEIMADO, Insurreição do. Nome pelo qual se tornou conhecido o levante ocorrido em Queimado, no atual município de Serra, no Norte do estado do Espírito Santo, em março de 1849. Sua causa foi o não cumprimento da promessa de liberdade, feita pelo frade Gregório de Bene, aos cativos que trabalhassem na construção da igreja local. Um ano após a inobservância ao que fora prometido, cerca de duzentos cativos, liderados por Elisiário – escravo de Faustino Antônio Alvarenga Rangel – e seus auxiliares Chico Prego, João Pequeno, João da Viúva Monteiro e Carlos – pertencentes a João Clímaco de Alvarenga Rangel –, sublevaram-se, sendo contidos por tropas do governo. Recolhidos à prisão na capital da província, os sublevados foram julgados e condenados. Entretanto, meses depois, conseguiram fugir em circunstâncias não explicadas, o que foi atribuído pelo povo a um milagre de Nossa Senhora da Penha. Refugiados em matas próximas, os revoltosos teriam, mais tarde, organizado um quilombo na região de Cariacica, conhecida hoje como Piranema. Elisiário tornou-se figura lendária, sendo apresentado, por alguns historiadores, como o "Zumbi da Serra", em alusão ao herói de Palmares.

QUELÊ [1]. Espécie de gargantilha que as iaôs trazem no pescoço durante a iniciação e que continuam a usar até três meses depois, simbolizando sua sujeição aos orixás. Do iorubá *kélé*, colar de contas vermelhas e brancas que distingue os filhos de Xangô.

QUELÊ [2]. Variante de oquelê*.

QUELIMANE. Cidade portuária da atual República de Moçambique*. Nos registros do tráfico no Brasil, denominação arbitrária dos escravos lá embarcados.

QUELOIDE. Aumento do tecido cutâneo, com bordos mal definidos, resultante de queimadura, corte ou traumatismo e que muitas vezes ocorre no mesmo local após remoção cirúrgica. É mais frequente em africanos ou afrodescendentes, sendo por isso considerado uma espécie de marca étnica.

QUENDAIAME. Personagem de congadas paulistas.

QUENGA. Vasilha feita da metade de um coco; o conteúdo dela; guisado de galinha com quiabo. Do umbundo *kenga*, "ser côncavo", relacionado ao

quimbundo *kienga*, “tacho”. Na acepção de guisado, o continente parece ter nomeado o conteúdo.

QUENGUELÊ. Na umbanda, entidade-guia, chefe da falange dos Pretos Velhos, na linha de Xangô.

QUÊNIA, República do. País da África oriental, com capital em Nairóbi. Limita-se ao norte com o Sudão e a Etiópia; a leste com a Somália e o oceano Índico; ao sul com a Tanzânia; e a oeste com Uganda. O litoral do Quênia já era conhecido desde a Antiguidade, com as cidades de Mombaça e Melinde destacando-se no comércio índico.

QUEREBENTAM. Nome genérico dos terreiros de mina maranhenses e especialmente da Casa das Minas*. Também, querebetã.

QUEREQUERÊ. Inquice banto corrrespondente à Nanã* jeje-iorubana.

QUERIDO DE DEUS, Samuel. *Ver SAMUEL QUERIDO DE DEUS*.

QUERINO, Manuel [Raimundo] (1851-1923). Escritor, jornalista e historiador brasileiro nascido em Santo Amaro, BA. Órfão aos 4 anos de idade, aos 17 alistou-se no Exército, não tendo sido enviado para o campo de batalha, no Paraguai, por problema de saúde. Serviu então como cabo de esquadra no Rio de Janeiro até 1870, ano de sua baixa. De volta à Bahia, começou a trabalhar como pintor e decorador, estudando, ao mesmo tempo, francês e português. Um dos fundadores do Liceu de Artes e Ofícios de Salvador, matriculou-se na Escola de Belas-Artes, onde se diplomou como desenhista em 1882, fazendo depois o curso de arquitetura. Artista com várias medalhas em concursos e exposições, foi professor de desenho geométrico e publicou dois manuais de desenho, em 1903. Liberal e abolicionista, fez parte da Sociedade Libertadora Sete de Setembro e assinou o Manifesto Republicano de 1870. Jornalista, fundou os periódicos *A Província* e *O Trabalho*, por intermédio dos quais defendeu seus ideais políticos. Líder de sua classe, elegeu-se para a Câmara Municipal, onde lutou em vão contra a situação dominante, retirando-se após o término do mandato. Modesto funcionário da Secretaria de Agricultura, acabou por dedicar-se, baseado em sua experiência pessoal e com firme perspectiva de militância, à construção da obra que o projetou como pioneiro dos estudos africanos no Brasil. Fervoroso admirador de Booker T. Washington*, segundo o brasilianista David Brookshaw (1983), em sua obra publicada

destacam-se os livros *Artistas baianos* (1911), *A raça africana e seus costumes* (1916) e *O colono preto como fator de civilização brasileira* (1918). Em 1988, a Fundação Joaquim Nabuco, de Recife, republicou parte de sua obra, enfeixada no volume intitulado *Costumes africanos no Brasil*.

QUERO-MANA. Dança popular do Sul do Brasil. O nome parece derivar de quilumana, antiga forma para quelimane* (conforme Mary Karasch, 1987). Sílvio Romero (1954) registra um canto popular com os seguintes versos: "Adeus, quero-mana ingrata,/ Qu'inda te pretendo ver...".

QUETO. Forma abrasileirada para ketu*, designando uma das nações do candomblé baiano.

QUEVIOÇÔ, Família de. Conjunto de voduns do panteão do Céu, chefiado por Sobô* e Badé*. *Ver HEVIOÇÔ.*

QUIABEIRO (*Hibiscus esculentus*). Planta da família das malváceas cujo fruto é o *quiabo*. Na tradição dos orixás pertence a Xangô, e seu fruto, chamado, no Brasil, "ilá" pelos nagôs e "quimbombô", "quingombô" etc. pelos negros bantos, tem largo uso na culinária da Diáspora, desempenhando papel importante no preparo de comidas rituais, principalmente as votivas de Xangô* e Ibêji*, como o caruru*. No Caribe e nos Estados Unidos, o quiabo é conhecido como *okra* ou *gumbo*. Quanto à etimologia, uma das prováveis origens do vocábulo "quiabo" está no quimbundo *kiauaba*, "saboroso".

QUIABO. Herói dos contos folclóricos do Recôncavo Baiano, considerado o rei dos vagabundos. Do quimbundo *kihabu*, superlativo de *habu*, "vagabundo", "vadio", "libertino".

QUIAMBA. Feitiçaria, coisa-feita. Vocábulo provavelmente ligado ao quioco *hamba*, espírito de um morto que se instala em um parente ou em outra pessoa; objeto que se crê habitado pelo espírito de um antepassado.

QUIANSI. Aranha mitológica da tradição folclórica do Recôncavo Baiano. O mesmo que Anansi*.

QUIAROVI. Herói zoomorfo (carneiro com crina) da mitologia popular do Recôncavo Baiano. O nome parece estar ligado ao fongbé *gbo-vi*, "cabrito".

QUIBABÁ. Espécie de guisado da cozinha baiana, à base de milho branco.

QUIBACA. Engenho do Recôncavo Baiano onde, em 1816, se travou a batalha final de um dos mais sangrentos episódios da série de levantes de

negros na Bahia: a Revolta dos Malês*.

QUIBAMBA. Personagem mitológico afro-brasileiro. Do quimbundo *kimbamba*, “ente sobrenatural”, “fantasma”.

QUIBANDA. Personagem do populário afro-brasileiro, considerado “o mais fraco dos impotentes”.

QUIBANGO. Personagem folclórico do Recôncavo Baiano, descrito como o “rei dos bobos”.

QUIBEBE. Bobó de jerimum; papa de abóbora, preparada de várias formas e com acompanhamentos diversos. O nome designa, também, o prato feito com mandioca cozida, picada, refogada e servida com muito ou pouco caldo, e, ainda, a garapa de rapadura ou açúcar com farinha. O vocábulo tem origem no quimbundo *kibebe*, “caldo grosso”, “papa”, o qual, por sua vez, produziu a forma *kibeba*, “guisado”.

QUIBEBÉ. Variação de quibebe*.

QUIBOLO. Em terreiros alagoanos, espécie de amalá* servido no mesmo vasilhame das carnes da matança ritual.

QUIBOMBO. Personagem folclórico afro-baiano, tido como “o maior dos azarados”. Do quicongo *bombo* (*bombe*; *bombi*), “bufão”, “bobo”.

QUIBOMBÔ. Variante de quimbombô*.

QUIBUCO. Inquice da nação angola, correspondente a Xangô; também, uma das três partes ou subdivisões do ingorossi*. Provavelmente, ligado ao quimbundo *kibuku*, “sorte”.

QUIBUCO QUIASSUBANGA. O mesmo que quibuco*.

QUIBUNGO [1]. Ente fantástico da tradição afro-brasileira; lobisomem; feiticeiro. Do cruzamento dos seguintes termos do quimbundo: *kimbungu*, “lobo”, “mabeco”, e *kibungu*, “sábio”, “esperto”, “inteligente”.

QUIBUNGO [2]. Designação pejorativa dos antigos bailes de negros. Do quimbundo *kibungu*, “latrina”, “privada”, “sentina”, “cabungo”.

QUIBUNGO-ALAIBERU. Personagem da mitologia afro-brasileira. O nome é composição híbrida do banto quibungo [1]* com o iorubá *alaiberu*, “corajoso”, “destemido”.

QUIÇAMBA. Espécie de jacá feito de taquara. Do quimbundo *kisambu*.

QUIÇANJE. Instrumento musical idiofônico, à base de lâminas. Do quimbundo *kisanji*, nome genérico do "piano de mão", um lamelofone com ou sem caixa de ressonância.

QUICONGO. A língua dos congos* ou bacongos*. Do vernáculo *kikongo*. K. E. Laman (1936) distribui os falares dos bacongos por doze áreas linguísticas, a saber: a) zona central ou média do Baixo Congo Belga (hoje República Democrática do Congo); b) domínio linguístico do Sul; c) zona leste; d) territórios mais a leste e a sudeste; e) Nordeste; f) Norte; g) área do dialeto bembe; h) Noroeste; i) área do dialeto vili, na costa oeste (esse dialeto é falado pelos bavilis ou cabindas); j) área do dialeto kakongo; k) área do dialeto ndingi ou ndinzi; l) zona oeste. As formas faladas em cada uma dessas áreas ou zonas apresentam diferenças inclusive lexicais entre si. *Ver CABINDA*.

QUICUANGA. Beiju de mandioca, com sal e açúcar. Do quimbundo *kikuanga*, "pão de mandioca".

QUICUBI. Avestruz fantástica da mitologia afro-baiana.

QUICUMBI. Variante de cucumbi*.

QUICUME. Herói zoomorfo (boi) da mitologia popular do Recôncavo Baiano.

QUI-DANDALUNDA. Uma das três partes ou subdivisões do ingorossi*.

QUIDUNGO. Baleia fantástica da mitologia do Recôncavo Baiano.

QUIFUMBA. Designação da cozinha nas casas de candomblés de nação angola. Do quicongo *kifumba*, "família", provavelmente apresentando o mesmo nível de relação existente, em português, entre os vocábulos "lareira" e "lar".

QUIFUMBERA. Encarregada da cozinha ritual na nação angola. *Ver QUIFUMBA*.

QUIGONGO. Herói dos contos populares considerado o "mestre dos feiticeiros".

QUIJILA. Manchas brancas na pele, outrora consideradas, por alguns africanos, como indício de lepra.

QUILANGRILO. O mesmo que Aquilangrilo*.

QUILOA. Denominação dada, no Brasil, a certos negros da África oriental aqui escravizados. Do topônimo Quíloa*.

QUÍLOA. Cidade marítima erguida na ilha de Kilwa Kisimani, na atual Tanzânia. Polo irradiador da civilização suaíle, foi, do século XII ao XV, um centro mercantil de grande importância. No século XIV, era uma cidade de concepção urbanística avançada, onde abundavam construções em pedra produzidas segundo técnicas inovadoras.

QUILOANGE. Nome de um dos aldeamentos de Palmares* e, muito possivelmente, de um de seus chefes. *Ver NGOLA-A-KILWANGI*.

QUILOMBHOJE. Movimento literário e editorial surgido em São Paulo, em 1978. Seus integrantes, tendo à frente o poeta Cuti*, são responsáveis pela publicação dos Cadernos Negros*, série de coletâneas de poemas e textos em prosa que, em 1997, chegava ao vigésimo volume. Como resultado de sua atuação, criou-se a livraria Eboh, voltada exclusivamente para a comercialização de obras de autores negros.

QUILOMBISMO. Projeto de organização sociopolítica, concebido por Abdias Nascimento* (1980), "objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares" (p. 275). Seus princípios e propósitos estão descritos no livro *O quilombismo* (*ver Bibliografia*).

QUILOMBO [1]. Aldeamento de escravos fugidos. No lunfardo, espécie de gíria do submundo de Buenos Aires, o termo significa, depreciativamente, "prostíbulo", "bordel". *Etimologia:* Com origem no quimbundo *kilombo*, "acampamento", "arraial", "povoação", "povoado", "capital", "união", "exército", o vocábulo, segundo Adriano Parreira (1990a), tinha, entre os séculos XV e XVII, dupla conotação – uma toponímica e outra ideológica –, porque eram assim designados os arraiais militares mais ou menos permanentes e também as feiras e mercados de Kasanji, de Mpungo-a-Ndongo, da Matamba e do Kongo. *Conceito e características:* Em 1740, o Conselho Ultramarino definia como quilombo todo núcleo reunindo mais de cinco escravos fugidos, mesmo sem nenhum tipo de edificação. Contrapondo-se ao simplismo dessa definição, o historiador Joel Rufino dos Santos* (1992) demonstra a complexidade da instituição ao ver o quilombo como um "modelo de sociedade alternativa à sociedade colonial escravista". Com base na definição do Conselho Ultramarino, constata-se que o Brasil colonial e imperial conheceu

quilombos em praticamente todo o seu território. A existência desses núcleos comprova-se na Amazônia, inclusive na ilha de Marajó; em Mato Grosso, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. De variadas dimensões e estruturados em função do seu número de habitantes, eles iam de simples agrupamentos armados até verdadeiras cidades com população de 10 mil a 20 mil habitantes. Em princípio organizados basicamente para defesa, em muitas ocasiões, entretanto, premidos por necessidades vitais, seus componentes empreendiam expedições de ataque a vilas e povoados vizinhos. Além disso, diversos núcleos quilombolas se relacionavam com outros grupos oprimidos da sociedade colonial, muitos deles recebendo em seu seio não apenas escravos fugidos mas também outros gêneros de indivíduos marginalizados. Por essa razão, em muitos movimentos de contestação à ordem colonial era possível observar quilombolas articulados com rebeldes, inclusive urbanos, escravos ou não. *Denominações:* Os quilombos que constituíam a confederação de Palmares recebiam, em geral, o nome de seus líderes. E essa era também uma prática corrente em relação aos sobados* da Angola colonial. Exemplos: Andalaquituxe*, nome de um líder palmarino e do seu quilombo; Cangundo, nome de um soba angolano, chefe do "sobado de Cangundo". *Ver PALMARES*.

QUILOMBO [2]. Dança dramática da tradição nordestina. Consiste em um bailado em que se representa uma luta entre negros e índios na qual estes matam aqueles, apossam-se de sua rainha, fazem-nos ressuscitar e vendem-nos, simbolicamente, aos assistentes. Segundo alguns autores, trata-se de uma sobrevivência histórica das lutas palmarinas no século XVI; nesse caso, poderia ser considerado um folguedo insólito, em que os negros celebram sua própria derrota. Estranhando essa incoerência, a folclorista Oneyda Alvarenga (1960, p. 122) levantou a hipótese de que o folguedo inicialmente não tivesse tal desfecho, tendo sido, nos últimos anos do século XIX, objeto de uma "reordenação semierudita e branca". Assim, a ideologia do branqueamento* teria "reescrito" o auto primitivo para que o negro passasse à posteridade como o eterno derrotado, até mesmo na heroica resistência de Palmares*.

QUILOMBO ABOLICIONISTA. Expressão cunhada pela moderna historiografia para designar o tipo de reduto de escravos fugidos cuja criação e manutenção ocorriam graças à ação política de lideranças abolicionistas no Brasil na segunda metade do século XIX, como o Quilombo do Jabaquara, em São Paulo, o do Leblon, no Rio de Janeiro, e outros, integrantes de uma imensa rede ligada à Confederação Abolicionista, fundada em 1883 na capital do Império. Fundados por abolicionistas que não aprovavam ações radicais, esses núcleos podem ser vistos como uma forma de controle visando à não participação ativa dos escravos no processo de emancipação.

QUILOMBO CONSENTIDO. *Ver FORRAS.*

QUILOMBO DA CARLOTA. *Ver CARLOTA, Quilombo da.*

QUILOMBO DO AMBRÓSIO. *Ver AMBRÓSIO, Quilombo do.*

QUILOMBO DOS PALMARES. Forma usual de referência ao conjunto de quilombos de Palmares*.

QUILOMBO GRANDE. *Ver AMBRÓSIO, Quilombo do.*

QUILOMBO, Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba. *Ver CANDEIA.*

QUILOMBOLA. Habitante de quilombo. A base etimológica é o vocábulo "quilombo [1]*" – segundo Antenor Nascentes (1966), fundido com o tupi *canhembora*; segundo Óscar Ribas (1989), cruzado com o quimbundo *kuombolola*, "surripiar", "levar às ocultas".

QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS. Essa denominação, assim como a de quilombos remanescentes ou terras de pretos, é usada, no Brasil, para designar comunidades em que os habitantes se identificam por laços comuns de africanidade, reforçados por relações de parentesco e compadrio, e pela antiguidade na ocupação de sua base física (fundamentada em posses seculares e tradições culturais próprias), dentro de um sistema que combina apropriação privada e práticas de uso comum, em uma esfera jurídica infraestatal. Segundo a Associação Brasileira de Antropologia, a expressão define "toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos, vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado". O artigo 68 das disposições transitórias da Constituição brasileira de 1988 estabelece: "Aos remanescentes das

comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos". Essas comunidades estão espalhadas por muitos estados, mas no início do século XXI (2002) não existia ainda um levantamento completo sobre todas elas. Algumas já tinham, naquele ano, seus processos de titulação resolvidos ou em andamento, como as que formam hoje os Quilombos de Oriximiná, na região do rio Trombetas, PA; o Quilombo do Frechal, nos municípios de Mirinzal e Turiaçu, MA; a Comunidade dos Calungas ou Pretos do Cedro, na região serrana do Nordeste de Goiás (fundado por volta de 1750, o povoado manteve-se isolado até 1981); o Quilombo do Rio das Rãs, às margens do São Francisco, em Bom Jesus da Lapa, BA; a Comunidade do Cafundó, em São Paulo; a do Campinho da Independência, em Parati, RJ; a Comunidade Espírito Santo, em São Mateus, ES (cidade portuária, era um ativo centro de contrabando de escravos no século XIX); a da Fazenda do Largo, em Buena, São João da Barra, RJ etc.

QUILOMBOS REMANESCENTES. *Ver QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

QUILONGOZOÉ. O mesmo que logozoé*; herói zoomorfo (tartaruga) da tradição popular do Recôncavo Baiano. "Bantuização" do fongbé *logozoe*, "tartaruga", pela aposição do prefixo *ki*.

QUILULO. Espírito mau. Do quimbundo *kilulu*, "espectro", "fantasma". Correspondente ao umbundo *ochilulu*.

QUIMANGA. Cabaça ou vasilha em que se guardam objetos e na qual os jangadeiros levam comida para o mar. Do quimbundo *kimanga*, "cesto".

QUIMBANDA. Antiga denominação do chefe religioso (ritualista) de cultos bantos; linha ritual da umbanda. Na primeira acepção, o termo, usado no masculino, é aportuguesamento do quimbundo *kimbanda*, ritualista que, manipulando as forças vitais, restitui o equilíbrio do indivíduo e da sociedade. O vocábulo corresponde ao quicongo *nganga* e se distingue de outros como o quimbundo *muloji* e o quicongo *ndoki*, que designam o feiticeiro, agente de práticas que objetivam malefícios. Especificamente no Brasil, o termo, no feminino, denomina, desde meados do século XX, uma linha ritual de práticas semelhantes às do rito *congo**, do vodu haitiano, de

objetivos tidos como maléficos. Considere-se, então, como proposta etimológica, o fato de que, entre o povo basanga, do antigo Zaire, o vocábulo *kibanda* nomeia o conjunto de mortos maléficos e não protetores (conforme Kabengele, 1986). *Ver UMBANDA [Cristianização]*.

QUIMBANDEIRO. Praticante da quimbanda*.

QUIMBANGO. Feiticeiro. Do quicongo *kimbangu*, "habilidade", "engenhosidade", "precisão nas palavras" – *nkwa kimbangu*: "pessoa hábil, capaz".

QUIMBARE (Kimbare). Antiga denominação angolana para o escravo alforriado. *Ver BALI [1]*.

QUIMBEMBÉ. Espécie de aluá* feito de milho.

QUIMBETE. Dança popular brasileira. Do quimbundo *kimbete*, espécie de dança, certamente relacionado ao quicongo *kimbète*, "galinha de pernas curtas", "garnisé" (em alusão aos passos, certamente).

QUIMBOIS. Espécie de religião de base africana das Antilhas Francesas, notadamente da Martinica. Seu oficiante é o *quimboisier*, em geral dono de grande conhecimento sobre ervas.

QUIMBOISIER. *Ver QUIMBOIS*.

QUIMBOMBÔ. Variante de quingombô*.

QUIMBOMBO COSTERO. Prato da culinária afro-venezuelana, à base de peixe, típico do estado de Sucre.

QUIMBOTO. Nos antigos cucumbis* do Rio de Janeiro, personagem que representava o feiticeiro. Em alguns falares bantos do Brasil, o termo significa "sapo". Do umbundo *ochimboto*, "sapo".

QUIMBUA. Cadela fantástica da mitologia do Recôncavo Baiano. Do quimbundo *mbua*, "cão", "cadela" (correspondente ao quicongo *mbwa*).

QUIMBUMBIA. Jogo afro-cubano de adivinhas e desafios, cantados e dançados ao som de tambores, guardando semelhança estrutural com o jongo* brasileiro. O nome se estendeu a um brinquedo infantil.

QUIMBUNDO. A língua dos ambundos ou bundos, grupo étnico de Angola, às vezes também referido como quimbundo. *Ver AMBUNDO*.

QUÍMICO, O. *Ver REIS, João Manso Pereira dos*.

QUIMPUTO. Personagem de contos folclóricos baianos, "o mais pobre dos pobres". Do quicongo *kimputu*, "pobreza", "miséria".

QUIMUNGA. Personagem folclórico da Bahia, "o maior dos moleirões".

QUINCAS LARANJEIRAS (1873-1935). Nome artístico de Joaquim Francisco dos Santos, violonista e compositor brasileiro nascido em Olinda, PE, e falecido no Rio de Janeiro, onde havia se radicado desde 1879. Professor de virtuoses como João Pernambuco, publicou um famoso método de execução de cavaquinho. Deve seu sobrenome artístico ao bairro carioca de Laranjeiras, onde residiu por longo tempo.

QUINCONGO. Elemento contido na frase "Toma lá, quincongo!", usada, na tradição mineira, como uma espécie de esconjuro diante de algo mau ou assustador. *Ver QUINGONGO [1]*.

QUINDAMBE-SERÊ. O mesmo que Candombe-Serê*.

QUINDEMBO. Bailado afro-cubano de origem conga, que se dança ao som dos tambores *yuca*, *mula* e *caja*.

QUINDIM [1]. Doce feito com gema de ovo, coco e açúcar. Do quicongo *kénde*, "grande pudim de mandioca ou milho fresco", por intermédio de uma provável forma diminutiva aportuguesada: "quendinho". Entre os bacongos de Angola, *dikende* é uma pasta de milho fresco assada ou cozida depois de enrolada em folhas de bananeira.

QUINDIM [2]. Dança da família da mana-chica*.

QUINGANDO. Lagarto mitológico da tradição afro-brasileira. Do quimbundo *ngandu*, "jacaré", "crocodilo".

QUINGANJÉ. Na mitologia afro-baiana, ente fantástico que assume a forma de um pequeno peixe.

QUINGOMBE. Mito zoomorfo da tradição afro-brasileira. Do termo multilinguístico banto *ngombe*, "boi".

QUINGOMBÔ. Quiabo. Do quimbundo *kingombo*. Também, quimbombô, quibombô.

QUINGONGO [1]. Inquice congo correspondente ao Obaluaiê* jeje-iorubano. Do quicongo *kingongo*, "varíola".

QUINGONGO [2]. Cada um dos heróis da mitologia do Recôncavo Baiano que representam os gêmeos mais antigos. Do quimbundo *ngongo*, "gêmeo".

QUINGUANA. Forma brasileira para *kingwana*, dialeto da língua suaíle falado no antigo Zaire.
QUINGUINGU. Serviço feito pelos escravos brasileiros após o horário de trabalho habitual. O termo designava, também, a pequena cultura agrícola desenvolvida pelo escravo, às vezes em seu próprio proveito. Nessa segunda acepção, é comparável ao afro-cubano *conuco**.
QUINGUNDO. Herói da tradição afro-baiana do Recôncavo, considerado o "rei dos mariolas".
QUINHOCA. Víbora fantástica da mitologia afro-baiana. Do quimbundo *nyoka*, *nhoca*, "víbora".
QUINJENGUE. Tambor da percussão afro-brasileira. Do umbundo *enjengo* ou *ohengengo*, espécie de tambor. Provavelmente, por intermédio da forma verbal *kenjenga*, "tocar o tambor pequeno".
QUINTO. Tambor da percussão afro-cubana, menor que a conga ou *tumbadora*. De som agudo, desempenha a função de repicador. É também conhecido como *requinto*.
QUIOCO. Antiga denominação de cada um dos indivíduos dos quiocos, grupo étnico de Angola que deu escravos ao Brasil; a língua desse grupo. Outrora grandes comerciantes e ardilosos conquistadores, apossaram-se, no século XIX, de boa parte do território dos lundas, dando origem ao complexo cultural lunda-quioco. Seu nome, cuja forma vernácula é *tchokwe* (ou *cokwe*), foi já grafado de múltiplas formas, como bajoque, xiboque, makioko etc., sendo a primeira hoje mais correntemente utilizada.
QUIOIÔ. O mesmo que alfavaca*.
QUIPONGO. Sapo da mitologia do Recôncavo Baiano.
QUIPOQUÊ. Iguaria de feijão partido e cozido com temperos. Do umbundo *ochipoke*, "feijão".
QUIQUESSE. Caracol, animal mitológico do Recôncavo Baiano.
QUIQUIRIBU. Termo outrora usado entre negros africanos em Cuba com o sentido de "morrer". Segundo Daniel P. Mannix, citado por Benjamin Nuñez (1980) ao referir-se ao vocábulo *kickeraboo*, a origem estaria no grito de terror dos negros no navio negreiro durante a travessia do Atlântico, significando, em língua africana, "Estamos morrendo!".
QUIRERÉ. Tambor pequeno usado na dança do tambor de crioula*.

QUIRIBUM. No culto omolocô*, ponto ou sinal específicos da entidade. Do quimbundo *kirimbu*, "sinete", "marca".

QUIRINO *[da Silva]*, **Claudinei.** Atleta brasileiro nascido em Lençóis Paulista, SP, em 1971. Criado em orfanato até os 15 anos, aos 20, trabalhando como frentista em um posto de gasolina, descobriu o atletismo. Em 1999, destacou-se como velocista nos Jogos Pan-Americanos em Winnipeg, Canadá; pouco depois, no Grand Prix de Atletismo, em Munique, Alemanha, bateu o recorde sul-americano dos duzentos metros, com a marca de 19s89.

QUISIBU. Espécie de guisado feito com grãos de milho, quiabos picados e torresmo, geralmente servido com carne de sol assada na brasa.

QUISSAMA (século XVI). Em Palmares*, nome do dirigente do quilombo de mesmo nome, localizado na serra do Cafuxi*. Na antiga Angola, Kisama era uma região formada por jurisdições sob a autoridade de diversos líderes, todos com o título de *kisama*, sendo que o principal deles era conhecido como *kafuxi*.

QUISSAMBO. Divindade de antigos cultos bantos no Brasil. Do quicongo *Nsambu*, nome de um inquice. Também, Quissambô.

QUISSÍMBI. Divindade correspondente a Oxum em antigos cultos bantos no Brasil. Do quicongo *Simbi*, entidade marinha, relacionado ao quimbundo *kiximbi*, "poderoso", "grande senhor".

QUISSIMBIQUIA-MEIÃ. Inquice da nação angola correspondente a Oxum*. Da expressão *kiximbi kia méia*, "grande senhor(a) da água", que mistura vocábulos do quimbundo e do quicongo, talvez de criação literária.

QUISSUTO. Na quimbanda, nome dado ao bode em situações rituais. Do quimbundo *kisutu*, "bode".

QUITACAPAS, El (séculos XVIII-XIX). Cognome de Francisco Ríos, personagem da história boliviana tido como natural do Rio de Janeiro. Mulato livre, barbeiro de profissão, envolveu-se em uma sedição em La Plata, em 1809, tendo sido levado ao cárcere em Oruro e libertado dois anos depois sob a condição de integrar-se a uma companhia de pardos para dar combate ao exército de Buenos Aires. É às vezes apontado como herói do povo e, outras vezes, como simples aventureiro e mercenário.

QUITANDA. Loja ou tabuleiro em que se vendem hortaliças, legumes, ovos etc., bem como produtos da pastelaria caseira. Também, biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro. Do quimbundo *kitanda*, "feira", "mercado", por sua vez derivado de *kitânda*, estrado de madeira utilizado para a exposição de mercadorias e como cama rústica.

QUITANDA DAS IAÔS. Cerimônia pública que integra o panã*, realizada após a terceira saída pública das iaôs recém-iniciadas. Nela, cada iaô vende em leilão objetos que fabricou ou usou durante o período de reclusão. O produto das vendas se destina a cobrir os gastos da iniciação.

QUITANDÊ. Feijão-verde que, descascado, é utilizado na feitura de sopas e outras iguarias. Do quimbundo *kitande*, "feijão descascado e cozido".

QUITANDEIRA. Dona de quitanda*. Essa atividade foi, durante a época da escravidão, uma das mais praticadas entre as negras de ganho e entre as livres ou libertas em busca de ascensão econômica. Foram quitandeiras, por exemplo, Justina Maria do Espírito Santo, mãe de José do Patrocínio*, e Maria Patrícia, mãe de Francisco de Sales Torres Homem, visconde de Inhomirim*.

QUITÉRIA RITA Fernandes de Oliveira (1767-*c.* 1855). Personagem da história de Minas Gerais, nascida no Tejuco, atual Diamantina, e falecida em Macaúbas. Filha da legendária Chica da Silva*, viveu maritalmente com um dos principais envolvidos na Inconfidência Mineira, o padre José da Silva de Oliveira Rolim, com quem teve cinco filhos.

QUITINDIM. Em terreiros alagoanos, alimento votivo de Odé*, feito com amendoim cru, mel e coco picado.

QUITIPLÁS. Na Venezuela, nome que recebem os tubos de bambu usados na percussão dos negros. Um conjunto completo de *quitiplás* compreende o *pujao* ou *macho*, a *prima* ou *hembra* (fêmea) – tocados cada um por um executante – e os *quitiplás* propriamente ditos – tocados aos pares, por vários percussionistas.

QUITOCO (*Pluchea quitoc*; *Gnaphalium suaveolens*; *Lonchanthera sagittalis*). Planta herbácea da família das compostas, também conhecida como caculucaje e tabacarana. Na tradição dos orixás, é planta votiva de Oxóssi*.

Erva aromática, seu nome parece estar ligado ao quicongo *kitoko*, “ornamento”, “adorno”, “elegância”.

QUITUNGO. Na mitologia do Recôncavo Baiano, a morte, que assume todas as formas e todas as extensões. O vocábulo designa também, entre outras coisas, uma espécie de cesto da tradição afro-brasileira.

QUITUNGOS. Conjunto dos aviamentos próprios para a feitura de farinha de mandioca.

QUITUNGUEIRO. Um dos nomes de Exu* na nação angola.

QUITUTE. Vocábulo da tradição afro-brasileira que corresponde a uma iguaria delicada, a um prato bem-feito. A origem etimológica parece estar no quicongo *kituuti*, “aquele que separa e descasca o grão”. Um quitute, então, seria sempre uma “iguaria delicada”, por supor-se que tenha passado pelos processos de separação, debulha, moagem no pilão etc.

QUITUTEIRA. Cozinheira, tradicionalmente negra, especializada na feitura de iguarias finas, de quitutes*.

QUITUTO. Divindade banta da varíola. Do quicongo *kithutu*, “varicela”, “catapora”.

QUIUMBA. Espírito obsessor. Do quicongo *kiniumba*, “espírito”.

QUIVONDA. Sacrificador ritual de animais na nação angola. Do quicongo *kivonda*, “aquele que mata”. O quicongo *vonda* corresponde tanto ao português “assassinar” como a “imolar”, “sacrificar”.

QUIXIMBE. Sereia da antiga mitologia do Recôncavo Baiano (conforme A. J. Souza Carneiro, 1937). Do quimbundo *kiximbi*, “sereia”. *Ver QUISSÍMBI*.

QUIZAMBA. Elefante mitológico da tradição afro-brasileira. Do quimbundo *nzamba*, “elefante”.

QUIZARÁ. Denominação da girafa nos contos tradicionais do Recôncavo Baiano.

QUIZENÊ. Mito zoomorfo (gato-do-mato) da tradição do Recôncavo Baiano.

QUIZEZÉ. No folclore do Recôncavo Baiano, mosca que mata o gado. Do quimbundo *senze*, “mosca”. O mesmo que tsé-tsé, mosca-do-sono.

QUIZILA. Proibição ritual, tabu alimentar ou de outra natureza. Do termo multilinguístico *kijila* (do quimbundo), ou *kizila* (do quinguana), “proibição”,

"castidade", "jejum", "tabu alimentar" etc. "Para assegurar o sucesso na guerra, Temba Ndumba (heroína civilizadora dos ambundos) impôs a *kijila*, que em kimbundu quer dizer 'proibição' e que consistiu num conjunto de leis positivas, que implicavam certos tabus, como, por exemplo, a abstinência de carnes de porco, de elefante e de serpente" (conforme A. Parreira, 1990a).

QUIZOMBA. Forma brasileira para o quimbundo *kizomba*, "festa", "festejo". O vocábulo, antes em desuso, voltou a circular na década de 1980, com a grafia africana, graças à atuação do cantor e compositor Martinho da Vila*, um divulgador da cultura angolana no Brasil. Em 1988, Martinho concebeu, para a escola de samba Unidos de Vila Isabel, o enredo *Kizomba, a festa da raça*, de belo e forte conteúdo afro, com o qual a agremiação se sagrou a campeã do carnaval carioca no ano do centenário da abolição da escravatura no Brasil.

QUIZOMBAS. Localidade em Sapucaia, município fluminense da zona de Cantagalo cuja história remonta a 1809. *Ver QUIZOMBA*.

R

RABELO [de Vasconcelos]**, José** (séculos XVI-XVII). Pintor brasileiro ativo em Recife, PE. É autor, entre outras obras, das pinturas do teto do coro na igreja do Mosteiro de Santo Antônio, em Igaraçu, PE, executadas por volta de 1749.

RABELO, Laurindo [José da Silva] (1826-64). Poeta e cantor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Formado (com grandes dificuldades financeiras) em Medicina em 1846, foi médico do Exército. Misto de cantor popular e poeta renomado, é patrono, na Academia Brasileira de Letras, da cadeira número 26, criada por Guimarães Passos.

RABELO, Pedro [Carlos da Silva] (1868-1905). Escritor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Poeta e contista, membro da Academia Brasileira de Letras (na qual ocupou a cadeira de número 30), deixou publicadas as obras *Ópera lírica* (poemas, 1894), *Alma alheia* (contos, 1895) e *Filhotadas* (versos de humor, 1898 – sob o pseudônimo "Pierrot"). É

focalizado em *A mão afro-brasileira*, livro organizado por Emanoel Araújo (1988).

RABÍ, Jesús (1845-1915). General cubano. Participou destacadamente da guerra pela independência de seu país, entre 1895 e 1898.

RABO DE ARRAIA. No jogo da capoeira, golpe semelhante à rasteira*, mas no qual o capoeirista, em vez de "varrer" o adversário, procura atingi-lo com o calcanhar, na altura dos rins ou na cabeça.

RABUJO (*Stemodia viscosa*). Erva rasteira da família das labiadas, também conhecida como hortelã-do-mato. É planta de Obaluaiê.

RAÇA BRASIL. Revista mensal brasileira, lançada em São Paulo, SP, em 1996, cuja aparição provocou grande impacto na mídia. Bem cuidada e atraente, fugiu do padrão das antigas publicações dirigidas ao povo negro e demonstrou na prática a existência de um mercado consumidor afro-brasileiro nas classes média e alta. Depois dela, a visibilidade dos negros nos meios de comunicação nacionais foi sensivelmente ampliada.

RACE MUSIC. Nome usado, nos anos de 1940, para designar o rhythm-and-blues. Significa algo como "música de negros". As gravações eram referidas como *race records*.

RACIALIZAÇÃO. Processo por meio do qual um indivíduo ou um tema são vistos ou enfocados segundo a variante étnica ou a circunstância etnorracial. De acordo com Mazrui (1986), a ideologia predominante nas Américas fez que os africanos e seus descendentes se vissem e fossem vistos principalmente com base na pigmentação da pele. O dominador branco tomou a pele negra como o aspecto mais importante do cativo, impondo-lhe o esquecimento de sua condição de africano e a lembrança de sua condição de "negro". Entretanto, no Brasil contemporâneo, na luta contra a exclusão dos negros, a racialização das discussões, contra argumentos que procuram minimizar o aspecto etnorracial, diluindo-o na amplitude da questão social (e usando o adjetivo "racialista" como insulto), tem sido uma relevante arma usada pela militância afrodescendente e seus aliados. *Ver DESAFRICANIZAÇÃO.*

RACIONAIS MCs. Grupo de rap* surgido na periferia da cidade de São Paulo. Em 1998 experimentou grande sucesso de vendagem, sendo

absorvido pela mídia, apesar da postura radicalmente agressiva e da violenta denúncia contra a exclusão social contida em suas letras.

RACISMO. Doutrina que afirma a superioridade de determinados grupos étnicos, nacionais, linguísticos, religiosos etc. sobre outros. Por extensão, o termo passou a designar as ideias e práticas discriminatórias advindas dessa afirmada superioridade. A formalização do racismo como doutrina coube a Joseph-Arthur de Gobineau, em seu *Essai sur l'inégalité des races humaines*, publicado em 1853. A ele seguiram-se outros autores, consolidadores do que se passou a denominar "racismo científico". **Legislação específica:** À época desta obra, o Brasil contava com cerca de 26 textos legislativos de alcance federal, além de mais de quatrocentos em âmbitos estadual e municipal, coibindo a prática do racismo; os principais são a Constituição Federal e a lei federal n. 7.716 de 1989, conhecida como "Lei Caó", a qual, em 1999, foi exemplarmente aplicada contra um deputado federal (*ver ARQUIMEDES [Pacheco da Cruz], Sérgio*). **Superioridade racial:** O conceito de "superioridade racial" que deu origem a formulações ideológicas e iniciativas políticas como o arianismo nazista carece de base científica. O ser humano, em termos biológicos, é mais o produto do ambiente cultural em que vive do que o resultado da herança genética. O que Adolph Hitler pretendia ver como a "raça germânica" era tão somente um conjunto de indivíduos da mesma nacionalidade – assim como o conceito de "judeu" é apenas a expressão de uma realidade sociorreligiosa e o de "ariano" é puramente linguístico. Portanto, as diferenças biológicas existentes entre os diversos povos do mundo (que, ao entrarem em contato uns com os outros, sempre se miscigenaram) devem ser vistas, apenas, como variantes de uma mesma espécie ou, se o termo for inevitável, de uma mesma "raça", a grande "raça humana". *Ver APARTHEID*; *BRANQUEAMENTO*; *DESQUALIFICAÇÃO, Ideologia da*; *DISCRIMINAÇÃO*; *ESTEREÓTIPO*; *ETNOCENTRISMO*; *ETNORRACIAL*; *GENOMA*; *IMOBILIZAÇÃO, Técnica de*; *INTEGRAÇÃO RACIAL*; *PADRÕES ESTÉTICOS*; *PRECONCEITO*; *SEGREGAÇÃO*; *SEPPIR*.

RADA. Um dos ritos do vodu haitiano, de origem daomeana e considerado a parte "pura" da religião, voltada para o bem. Em Trinidad, o nome designa um culto específico. Pronuncia-se "radá". *Ver ARADÁ*.

RADA, Ruben. Músico, ator e poeta uruguaio nascido em Montevidéu, em 1943, e radicado em Buenos Aires, Argentina, desde 1978. Artista de expressão internacional, gravou mais de trinta discos e é um dos responsáveis pela renovação do candombe* uruguaio, mediante a assimilação de elementos da chamada música pop.

RAFAEL (1791-1889). Personagem da história do Brasil nascido em Porto Alegre, RS, e falecido no Rio de Janeiro. Após se distinguir no Sul do país, ao que consta, por bravura, foi chamado para a capital do império, para ser pajem de dom Pedro I. Forçado a abdicar, em 1831, o imperador confiou-lhe a guarda e a vigilância de seu filho, o futuro dom Pedro II, a quem acompanhou até o fim da vida. Segundo Múcio Teixeira (1927), "era um negro alto, robusto, de maneiras desembaraçadas e olhar vivo, a carapinha crescida e sempre muito bem penteada, o bigode de pontas torcidas para cima e a barba em ponta, só no queixo".

RAFAEL, Nascimento (século XIX). Herói da Guerra dos Farrapos*. Colaborador do revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi na epopeia gaúcha, é referido por alguns autores como "o mouro de Garibaldi", certamente por confusão com Andrés Aguiar*. Na biografia escrita por Dumas (1998), na qual o feito heroico de romper o braço do "coronel Moringue", comandante adversário, é atribuído ao personagem conhecido como "Negro Procópio", é descrito como mulato. Mencionado no texto de Dumas como "Rafael Nascimento", é também tido por alguns como o mesmo Rafael do verbete anterior, o que também parece incorreto, já que a participação de Garibaldi na guerra ocorreu a partir de 1838.

RAGGAMUFFIN. Gênero musical surgido da mistura do reggae* com o rap*. É também conhecido como *ragga* e *dancehall*.

RAGTIME. Tipo de música acentuadamente ritmada criado por músicos negros no Sul dos Estados Unidos, no século XIX. O nome, mais tarde, passou a designar um estilo pianístico e orquestral, no qual despontaram Scott Joplin* e Jelly Roll Morton*. É também chamado de *rag* ou *rag music*.

RAIMOND, Julien (século XVIII). Político e homem de negócios nascido em Saint Domingue, atual Haiti. Rico fazendeiro e proprietário de escravos, não se preocupava com a abolição da escravatura nem com a elevação do negro. Entretanto, exigia firmemente que os mulatos livres

tivessem os mesmos direitos e privilégios dos homens brancos em seu país. Em 1784 foi para a França como agente do partido das *gens de couleur**, vivendo no Sul daquele país até 1789 ou 1790, quando se estabeleceu em Paris. Seus escritos eram populares, em especial as brochuras que publicava contra os colonialistas brancos. Escreveu um livro bem documentado sobre a discriminação racial intitulado *Observations sur l'origine et les progrès du préjugé des colons blancs contre les hommes de couleur* (Paris, 1791).

RAINEY, [Gertrude Pridgett, dita] **Ma** (1886-1939). Cantora e artista de vaudevile americana nascida em Columbus, Geórgia. Filha de um casal de artistas de *minstrel shows**, iniciou carreira discográfica em 1923 e, em apenas cinco anos, gravou cerca de noventa canções. No final daquela década, contudo, seu estilo, caracterizado pelo blues clássico, foi visto como ultrapassado. Mais tarde, suas gravações passaram a ser avidamente disputadas por um enorme público de aficionados. O *ma* de seu pseudônimo é abreviação de *mammy*, na verdade um título de cortesia e respeito – como o "dona" de Ivone Lara* no Brasil –, o primeiro do gênero conferido nos Estados Unidos a uma artista negra. *Ver MA*.

RAINHA. *Ver QUEEN*; *SANTA, Dona*.

RAINHA CONGA. Personagem da congada*.

RAINHA DA GUINÉ. Em antigas macumbas cariocas, entidade ligada às águas; mãe-d'água.

RAINHA GINGA. Personagem da congada de Xiririca, em São Paulo. O nome remete à rainha Nzinga Mbandi, que viveu na região que hoje corresponde a Angola, de 1582 (ano aproximado) a 1663. *Ver NZINGA, Rainha*.

RAMA. Na mina maranhense, iniciação ou feitoria das toboces. *Ver BARCO*; *TOBOCE*.

RAMADÃ. Nono mês do calendário muçulmano. É um mês sagrado, durante o qual o fiel, segundo a lei corânica, deve observar o jejum diário, entre o alvorecer e o pôr do sol.

RAMOS, Domingos Teodoro de (século XIX). Pintor brasileiro. Escravo enviado por seu proprietário à Guerra do Paraguai*, foi o único artista negro a documentar o conflito, produzindo uma série enorme de

trabalhos. Porém, essa vasta obra foi destruída, sob a alegação de ausência de valor artístico.

RAMOS, [Alberto] **Guerreiro** (1915-82). Sociólogo brasileiro nascido em Santo Amaro da Purificação, BA, e falecido na Califórnia, Estados Unidos. Foi professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV), integrou o grupo de intelectuais que criou o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) e se elegeu deputado federal em 1962, tendo, porém, seus direitos políticos cassados em 1964; após a cassação, mudou-se para os Estados Unidos, onde faleceu. Considerado o fundador da sociologia brasileira, deixou vasta obra científica, exemplificada pelos estudos *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963), *A crise do poder no Brasil* (1961) e *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957), livro em que denunciou abertamente Nina Rodrigues* como "admirador irrestrito dos povos europeus e verdadeiro místico da raça branca", estudioso que, segundo seu julgamento, foi, "no plano da ciência social, uma nulidade, mesmo considerando-se a época em que viveu".

RAMOS, João Carlos. Coreógrafo e bailarino brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1962. Depois de concluir os cursos de Dança Contemporânea, Ginástica Harmônica, Coreografia e Dança de Salão, fundou, em 1985, a Companhia Aérea de Dança, destacado grupo profissional voltado principalmente para o estudo das raízes do samba, mostradas em linguagem contemporânea.

RAMOS, [Luís] **Lázaro** [Sacramento]. Ator brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1978. Egresso do Bando de Teatro Olodum* e depois de interpretar Shakespeare, Brecht e Cervantes, tornou-se nacionalmente conhecido em 2002, ao viver o personagem central de *Madame Satã**, filme de grande repercussão, arrebatando o prêmio de melhor ator da Academia Brasileira de Cinema. Em 2005, encarnou João de Camargo*, o líder religioso paulista, no filme *Cafundó*, de Paulo Betti, e ao fim daquele ano já contava com participações em vários longas-metragens, além de diversas atuações na televisão e no teatro.

RAMOS, [José, dito] **Zé** (1913-2001). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Compositor da escola de samba Estação Primeira de Mangueira* desde 1936, é autor de três dos mais conhecidos sambas de louvação à

escola: *Capital do samba* (1942), gravado por Gilberto Alves*; *Jequitibá* (1952), registrado pela dupla Zé e Zilda (*Ver ZÉ DA ZILDA*); e *Nasceste de uma semente* (1966), gravado por Clementina de Jesus*.

RANCHEADOR. Na América colonial espanhola, o mesmo que capitão do mato.

RANCHOS. Antiga expressão dramático-coreográfica em cortejo do ciclo do Natal. Surgidos no meio negro nordestino como "ranchos de Reis", em que se encenava a adoração dos Reis Magos, mais tarde, no Rio de Janeiro, transformaram-se em "ranchos carnavalescos", dos quais o mais famoso foi o Ameno Resedá*. A manifestação sobreviveu, em gradativo processo de decadência, até os anos de 1970. *Ver DIA DE REIS*; *TERNO DE REIS*.

RANDECHE. Na Casa das Minas*, compartimento onde se localiza o altar católico e onde se reúnem os voduns incorporados.

RANDOLPH, A. Philip (1889-1979). Abreviação do nome de Asa Philip Randolph, líder trabalhista e militante dos direitos civis americanos, nascido na Flórida, EUA. Em 1925 fundou e presidiu a Brotherhood of Sleeping Car Porters* (Fraternidade dos Cabineiros de Vagões-Dormitórios), importante força sindical da América negra, responsável, em parte, pela integração etnorracial nas Forças Armadas. Em 1963 foi um dos principais organizadores da Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade.

RANKS, Shabba. Nome artístico de Rexton Rawlston Fernando Gordon, cantor nascido na Jamaica, em 1966. Com carreira iniciada em 1987, nos anos de 1990 tornou-se a primeira estrela internacional no gênero *raggamuffin**.

RANULPHO [da Silva]**, Waldinar** (1922-85). Jornalista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Um dos maiores conhecedores do universo das escolas de samba, trabalhou como repórter policial e de assuntos da cidade em quase todas as redações cariocas, desde os anos de 1940.

RAP. Estilo musical em que um texto é declamado, rapidamente, sem melodia, sobre uma base rítmica e harmônica feita por instrumentos eletrônicos. Nascido em 1975 em festas comunitárias nos bairros nova-iorquinos do Bronx, Queens e Brooklyn, tem suas raízes nos *dozens*, jogos

verbais praticados nos guetos negros (*ver DIRTY DOZENS*) e na poesia militante de grupos como The Last Poets*.

RAPADURA. Calda de açúcar mascavo endurecida em forma de tabletes ou tijolos. Era ingrediente básico na alimentação dos escravos dos engenhos.

RAPPER. Cantor ou compositor de rap*.

RARA. Espécie de carnaval da tradição haitiana. É festejado principalmente nas zonas rurais, com danças em cortejo, ao ar livre. *Ver ARADÁ*; *ARARÁ*; *RADA*.

RASA. Comunidade remanescente de quilombo* localizada em Armação dos Búzios*, RJ.

RASPADO. Diz-se do indivíduo "feito", iniciado como iaô no candomblé. *Ver RAYADO*.

RASPALENGUA (*Casearia hirsuta*). Planta cubana semelhante à brasileira língua-de-lagarto ou língua-de-tiú (*Casearia lingua*), da família das verbenáceas. Planta de Elegguá, é usada para facilitar vitórias em pleitos judiciais, dando origem a um pó que inibiria a fala do advogado da parte contrária.

RASTA. Redução de rastafári*.

RASTAFÁRI. Adepto do rastafarianismo*; relativo a essa filosofia.

RASTAFARIANISMO. Filosofia religiosa surgida como movimento político na Jamaica, na década de 1930. Sua denominação homenageia o *ras* (príncipe) Tafari Makonnen, sagrado imperador da Etiópia com o título dinástico de Hailé Selassié I*. **O referencial etíope:** Único dentre os países africanos que, através dos tempos, se manteve inatingido pelo tráfico europeu de escravos e radicalmente resistente ao colonialismo, a Etiópia foi durante muito tempo o principal referencial positivo da Diáspora. Além disso, a tradição nacional etíope afirma com orgulho que Menelik I, fundador do Império de Axum (seu nome na Antiguidade), seria filho da rainha de Sabá (soberana dos sabeus, descendentes de Sebá, netos de Cam e bisnetos de Noé) com o rei Salomão, por sua vez filho de Davi. E mais: desenvolvendo e processando, sem ruptura, um amálgama religioso que se iniciou no século IV e ainda continua presente, os etíopes se tornaram a matriz de igrejas negras independentes chamadas "etíopes" ou "etiopistas", florescidas em várias partes do mundo, inclusive na Jamaica. **Marcus**

Garvey: O rastafarianismo tem suas raízes na Igreja Ortodoxa Etíope, o mais antigo ramo do cristianismo na África, mas ele efetivamente começa com Marcus M. Garvey*. O pan-africanismo garveísta, formulado a partir de 1925, proclamava que os etíopes eram o povo eleito de Deus e rejeitava a "Babilônia", simbolizada pelas alegadas decadência e perversão do mundo ocidental. Além disso, Garvey profetizava a vinda de um messias etíope, que salvaria o povo negro, e defendia o retorno dos negros à África. Com a coroação, em 1930, do imperador Selassié, também chamado "o Leão de Judá", os seguidores de Garvey enxergaram a consumação da profecia apocalíptica: "[...] eis aqui o Leão da Tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos" (Apocalipse 5:5). Com base nisso, os garveístas criaram um sistema filosófico e religioso de inspiração africana e, em homenagem ao imperador etíope, deram-lhe o nome *rastafari*. Mais tarde, os rastas elevaram a *ganja* (maconha) ao status de erva santa e meio de comunicação com Jah, o Deus Supremo. **Propagação:** O rastafarianismo propagou-se pelos guetos de Kingston, a capital jamaicana, e, em 1940, o líder Leonard Howell (que vivera em Gana, em contato com os axântis, no fim do século XIX) fundava na paróquia de Saint Thomas uma comunidade religiosa chamada The Pinnacle. De lá, utilizando-se dos *riddims* (ritmos) e dos cânticos do *kumina**, culto tradicional afro-jamaicano, Howell começa a expandir a nova filosofia, influenciando o próprio *kumina*, que acaba por adotar as cores verde, vermelha e ouro, simbólicas dos rastas, para a decoração de seu tambor principal. A bateria de tambores rasta, chamada *burru set* e consolidada nessa época, consiste numa grande caixa (o *rasta*) que sustenta o ritmo de base; num *fundeh*, semelhante ao *kbandu* do *kumina*, que estabelece o contraponto; e num *repeater* ou *peta*, responsável pela improvisação. Cincerro, pandeiro e reco-recos completam a orquestra. Pacíficos e ascéticos, os adeptos do rastafarianismo se abstêm de cortar os cabelos, arrumando-os em tranças (*dreadlocks*), fumam a *ganja** ou *kaya* ritualisticamente e cultivam as artes. Participam de sessões religiosas em que fazem comentários acerca da Bíblia, com músicas e cantos, e organizam as *nyabingis*, reuniões exclusivamente musicais. No fim dos anos de 1950, grande número de jovens jamaicanos se converte à filosofia e ao modo de

vida rastafariano, mas, julgados subversivos, os rastas são perseguidos pela polícia, que, em 1954, arrasa o templo The Pinnacle e destrói seus tambores e símbolos. Estreitamente ligado ao reggae*, gênero musical plasmado em seu contexto, o rastafarianismo hoje deve a ele sua difusão em escala planetária.

RASTEIRA. Golpe da capoeira em que o jogador, flexionando uma das pernas e com uma das mãos apoiada no solo, procura, com a outra perna, "varrer" o adversário, para derrubá-lo.

RATTLIN DRUM. Tambor tradicional da Jamaica.

RAULZINHO. *Ver SOUZA, Raul de.*

RAVASCO, Bernardo Vieira (1617-97). Militar brasileiro nascido e falecido na Bahia. Irmão do padre Antônio Vieira*, participou das lutas contra os holandeses.

RAWLS, [Louis Allen, dito] **Lou** (1933-2006). Cantor americano nascido em Chicago, Illinois. Sucesso de vendagem desde 1966, em 1989 abandonou o soul comercial em que se assentava sua obra para dedicar-se ao jazz-blues mais ortodoxo.

RAY. Nome pelo qual foi conhecido o jogador brasileiro de basquete Raymundo Carvalho dos Santos, nascido no Rio de Janeiro, em 1923. Com carreira iniciada em 1938, foi campeão carioca pelo Vasco da Gama (1940, 1946), cestinha do campeonato carioca de 1941, campeão brasileiro pela seleção carioca (1945) e campeão metropolitano pelo Flamengo (1951). Em 1952 integrou a seleção brasileira de basquete na Olimpíada de Helsinque.

RAYADO. Diz-se do iniciado na *regla de palo monte**. As *rayas* são incisões feitas na pele, ao modo da cura* brasileira.

RAYMUNDO, Jacques (1889-1959). Filólogo e escritor nascido na cidade do Rio de Janeiro. Foi professor do Colégio Pedro II e membro da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Carioca de Letras. Deixou publicadas, entre outras, as obras *O elemento brasileiro no português* (1934); *Vocabulários indígenas de Venezuela* (1934); *O negro brasileiro e outros escritos* (1936); *Guineanos e sudaneses no Brasil* (s/d); e *Ohun-Enia-Dudu: lendas daomeanas e Anamburucu* (s/d). Foi incluído por Arthur Ramos (1956, p. 165) numa relação de escritores mulatos e negros.

RAZAF, Andy (1895-1973). Nome artístico de Andriamanantena Paul Razafinkarefo, poeta e letrista de música popular americano nascido em Washington, DC. Autor de canções para musicais da Broadway e de clássicos da música americana, como *Ain't misbehavin'* e *Memories of you*, este último em parceria com Eubie Blake*, era sobrinho da rainha Ranavalona III, de Madagáscar.

REBATE. O mesmo que alujá*.

REBELIÃO DOS PARDOS. Nome pelo qual ficou conhecida a sedição supostamente organizada em Brejo Grande, SE, em dezembro de 1827. Divulgado o boato de que os escravos mestiços planejavam exterminar todos os brancos no dia de Natal, as autoridades se puseram em alerta e nada ocorreu.

REBELO, Bento (século XVII). Sacerdote católico, enviado pelo governador português de Luanda ao Ndongo-Matamba, por volta de 1622, em missão de catequese, a pedido da rainha Nzinga*, que no entanto o recusou. Segundo Roy Glasgow (1982), o fato de ser ele mulato foi interpretado como afronta e desprestígio pela soberana.

REBOLLAR, Juan José (?-1850). Luthier cubano, estabelecido em Santiago de Cuba. Discípulo do francês Monsieur Alexis, criou uma escola de fabricação de instrumentos de cordas, sendo o pioneiro nessa atividade em seu país. Morreu com idade avançada, tendo fabricado centenas de guitarras, contrabaixos e violinos.

REBOLO. Nome dado no Brasil ao indivíduo dos libolos, povo do grupo etnolinguístico dos ambundos, estabelecido ao sul do curso inferior do rio Cuanza. Corresponde ao espanhol platense *lubolo*. O nome, que se pronuncia com "r" brando, tem marcante presença em autos populares como os da congada*, além de, na variante *lubolo*, ser referência frequente na etnografia do rio da Prata. Na Angola pré-colonial, Libolo ou Lubolo era uma região de produção agropecuária bastante diversificada e grande produtora de vinho de palma ou maluvo.

REBOLO TUNDÁ. Nome dado no Brasil a uma nação de escravos africanos, certamente um subgrupo dos rebolos.

REBOUÇAS. Nome de uma ilustre família de músicos, natural da cidade de Maragojipe, BA, na qual se destacaram, entre outros, Manuel Maria

Rebouças (1790-1847), trompista, clarinetista e professor; Luís da França Pereira Rebouças (1832-53), pianista, professor e compositor; e Eustáquio Rebouças da Cruz (1837-81), clarinetista.

REBOUÇAS, Alípio Pereira (1815-81). Músico brasileiro nascido em Salvador, BA. Instrumentista, regente, professor e compositor, iniciou sua trajetória como flautista, tendo sido um dos primeiros músicos brasileiros executantes de saxofone.

REBOUÇAS, André [Pinto] (1838-98). Engenheiro e abolicionista brasileiro nascido em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e falecido em Funchal, na ilha da Madeira. Uma das maiores autoridades brasileiras em engenharia hidráulica, construiu as primeiras docas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão, implantou núcleos coloniais às margens dos rios Paraná e Uruguai e realizou as obras do sistema de abastecimento de água do Rio de Janeiro. Abolicionista atuante, suas preocupações levavam em conta o futuro, o que o fez propugnar pela reforma da grande propriedade, sem escravos nem latifúndios e com a instituição do imposto territorial, único meio de desenfeudar a terra e torná-la produtiva, algo que o credencia como um dos pioneiros das ideias sobre reforma agrária no Brasil. Criado numa família de músicos, foi mecenas do compositor Carlos Gomes*, cuja carreira impulsionou na Europa. **O engenheiro:** Com poucos anos de idade, André Rebouças mudou-se com a família para Salvador, BA, numa viagem forçada: o pai, Antônio Pereira Rebouças*, colocara-se contra traficantes de escravos e fabricantes de dinheiro falso remanescentes da Sabinada*. Da capital baiana, a família veio para o Rio de Janeiro, onde teve início a trajetória de André. Nessa cidade, o futuro engenheiro e abolicionista começa sua instrução regular, no Colégio Valdetaro. Com 10 anos de idade, transfere-se para o Colégio Kopke, em Petrópolis, onde tem o primeiro contato com o imperador Pedro II, num de seus exames finais. Em 1852 volta para a cidade do Rio de Janeiro, ingressando no Colégio Marinho, onde termina seus estudos de latim, grego, inglês e geografia. Com 16 anos, classifica-se em quinto lugar no vestibular de engenharia da Escola Militar. Aos 17, senta praça no Exército e, apesar de se engajar como simples soldado, continua os estudos até 1860, ano em que se forma em Engenharia, Ciências Físicas e Matemática, recebendo a carta de

engenheiro militar e a patente de primeiro-tenente. Em fevereiro do ano seguinte, após uma visita a parentes na Bahia, viaja para a França. Lá estuda, segundo seu diário, as fundações com ar comprimido da ponte sobre o rio Ródano, a construção dos diques do arsenal de Casteguneau, as obras do caminho de ferro de Tours, a engenharia dos viadutos de d'Auray, Gonet e Gonedu e a ponte sobre o rio Scorff. A partir de 1864, sua maior preocupação passou a ser o projeto dos "diques múltiplos", com os quais pretendia melhorar o abastecimento de água no Rio de Janeiro. No início desse ano, entrega ao imperador o memorial e as plantas, e a ideia é executada pelo Arsenal de Marinha, em caráter experimental. **O abolicionista:** Muitas outras iniciativas ocuparam Rebouças, desde a participação física na Guerra do Paraguai até o engajamento na campanha abolicionista e a atuação como protetor e mecenas em relação à carreira do compositor Carlos Gomes, então começando a trilhar o caminho que viria a percorrer. Professor da Escola Politécnica, lá fundou um centro abolicionista; jornalista, escreveu inúmeros artigos contra a escravidão; estudioso da questão fundiária, produziu vários trabalhos sobre os fundamentos da estrutura agrária do país no pós-abolição, tendo elaborado um projeto de legislação que previa o assentamento de ex-escravos em terras do império, bem como iniciativas educacionais para sua inserção na sociedade. O que, entretanto, mais se salienta na biografia desse gênio afro-brasileiro é a união da experiência tecnológica à atuação de abolicionista visionário e consequente. Tendo estabelecido com sucesso núcleos coloniais às margens dos rios Paraná e Uruguai, lutou ingloriamente pela divisão dos latifúndios após a abolição, com a distribuição de terras entre os ex-escravos, e também pela substituição dos anacrônicos engenhos coloniais por unidades fabris, com escolas agrícolas e outros aprimoramentos. Durante essa luta, escreveu uma série de artigos com o objetivo de fazer avançar a causa da "democracia rural". Segundo seus escritos, os grandes proprietários poderiam vender ou alugar pedaços de terra de vinte hectares a libertos, imigrantes e pequenos fazendeiros, preservando para si os núcleos de suas antigas propriedades, para equipá-los com moinhos ou máquinas de beneficiamento. Assim, as tradicionais lavouras de exportação continuariam a crescer nos pedaços menores e, após a colheita, poderiam fornecer bom retorno financeiro aos

ex-proprietários, agora industriais rurais, cujas fábricas preparariam os produtos para o consumo final: os agricultores colheriam os grãos de café que o industrial transformaria em pó; poder-se-ia proceder do mesmo modo com relação ao açúcar, passando pelo processo de refinamento, ao algodão, dando origem aos produtos têxteis, ao tabaco, transformando-se em fumo, e ao cacau, convertendo-se em chocolate – tudo transcorreria no meio rural, gerando empregos e fixando o homem na terra. Na Guerra do Paraguai, inicialmente encarregado de preparar planos que seriam pessoalmente submetidos a dom Pedro II, acabou sendo destacado para a frente de batalha. Aos 26 anos, como primeiro-tenente do corpo de engenharia, integrou o exército que ocupou o país vizinho; trabalhou nos planos e elaborou estudos sobre aspectos técnicos da campanha, chegando mesmo a inventar um torpedo para uso da Marinha. Com ideias e sugestões por vezes audaciosas, somente os seus reconhecidos méritos técnicos minimizavam a má vontade de alguns de seus comandantes, o que, no entanto, não o afastou do trabalho. Porém, em razão de uma moléstia, regressou ao Brasil, tendo redigido um diário com suas memórias da guerra. **Morte e memória:** André Rebouças morreu misteriosamente, aos 60 anos de idade, na ilha da Madeira, onde desenvolvia projetos em prol do bem-estar das populações africanas, no autoexílio que se impusera com a queda de seu amigo dom Pedro II. Deixou publicados inúmeros trabalhos técnicos, todos registrados no *Catálogo da Exposição de História do Brasil* (1881-82). No Rio de Janeiro, a denominação de um dos túneis que ligam a Zona Norte à Zona Sul é uma homenagem ao seu trabalho e ao de seu irmão Antônio* em prol da engenharia nacional. *Ver PROGRAMA DE EVOLUÇÃO DEPOIS DE TREZE DE MAIO.*

REBOUÇAS, Antônio (1839-74). Nome pelo qual foi mais conhecido Antônio Pereira Rebouças Filho, engenheiro brasileiro nascido em Salvador, BA, e radicado no Rio de Janeiro desde os 7 anos de idade. Em 1854 matriculou-se na Escola Militar, ingressando no curso de engenharia, e no ano seguinte sentou praça como cadete. Em 1861, já bacharel em Ciências Físicas e Matemática, partiu para a Europa a fim de completar os estudos de engenharia civil. De volta ao Brasil em 1862, encetou brilhante carreira profissional, contando-se, entre suas realizações, o projeto da estrada de

ferro Antonina-Curitiba, no qual se basearam os construtores do difícil trecho serrano da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba e de sua famosa ponte. São também de sua autoria os projetos da linha ferroviária de Campinas a Limeira e Rio Claro, da ponte de ferro sobre o rio Piracicaba e da avenida Beira-Mar carioca. Morreu aos 34 anos, devido a uma febre contraída no sertão paulista, interrompendo brilhante carreira. Deixou inúmeros trabalhos científicos, principalmente memórias de seus projetos de engenharia ferroviária.

REBOUÇAS, Antônio Pereira (1798-1880). Jurisconsulto e orador parlamentar brasileiro nascido em Maragojipe, BA, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Filho de pai português e mãe afromestiça, afeiçoou-se às leis ao atuar como auxiliar de cartório e mais tarde tornou-se rábula, praticando a advocacia sem diploma, o que era permitido em sua época. Sua trajetória de jurista e homem público inclui a participação em lutas nacionalistas em seu estado natal, o exercício de cargo público em Sergipe e a atuação como parlamentar na capital do império, nas décadas de 1830 e 1840. Advogado do Conselho do Estado e conselheiro do imperador, foi um dos maiores especialistas em direito civil no país, além de pai de José, Antônio e André Rebouças*.

Antônio Pereira Rebouças

REBOUÇAS, José (?-1921). Engenheiro ferroviário brasileiro nascido em Salvador, BA. Diretor da estrada de ferro Mojiana, cargo que exerceu com brilhantismo, passou a maior parte do seu tempo embrenhado nos sertões, trabalhando pela implantação de linhas férreas que hoje interligam o interior paulista. Era o irmão mais novo de André e Antônio Rebouças.

REBOUÇAS, José Pereira (1789-1843). Maestro, violinista e compositor brasileiro nascido em Maragojipe, BA, e falecido em Salvador. Primeiro músico brasileiro diplomado na Europa, foi mestre de música do Seminário Episcopal da Bahia e regente da orquestra do Teatro São João.

REBOUÇAS, Manuel Maurício (?-1866). Médico brasileiro nascido na Bahia. Irmão de Antônio Pereira Rebouças e tio do abolicionista André Rebouças, após participar da Guerra da Independência na Bahia (1822-23) foi estudar na França, onde se formou em Medicina.

REBOUÇAS DA CRUZ, Eustáquio. *Ver CRUZ, Eustáquio Rebouças da.*

RECIFE. Cidade brasileira, capital do estado de Pernambuco. *Ver CIDADES NEGRAS.*

RECÔNCAVO BAIANO. Região brasileira do estado da Bahia, ao redor da baía de Todos os Santos, onde se localizam a cidade de Salvador e mais 36 municípios, como Cachoeira, Itaparica, Maragojipe, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, São Félix etc. Desde o início da colonização, com a cana-de-açúcar e depois com o tabaco, a economia da região absorveu mão de obra escrava em larga escala, o que fez do Recôncavo importante polo irradiador da cultura afro-baiana.

RECONGO. Dança popular brasileira. O nome resulta da contração de rei do Congo* ou rei congo*.

RECONSTRUÇÃO (*Reconstruction*). Período da história dos Estados Unidos que vai de 1865 a 1877 e no qual a nação, exaurida pela guerra civil, começa a trabalhar pela reunificação. Os estados do Sul, contrários à abolição da escravatura e derrotados na guerra, são obrigados a redigir novas constituições e, para tanto, elegem delegados para a grande Convenção Constitucional. Entre eles, há muitos negros advogados, professores, pastores e até ex-escravos. Durante a Reconstrução, as forças federais permaneceram no Sul com o objetivo de fazer que as leis fossem cumpridas. Todavia, em razão de algumas práticas corruptas e oportunistas, o poderio político retornou às mãos dos antigos líderes sulistas; com isso, os ex-confederados foram anistiados e puderam voltar a ocupar cargos públicos. Em 1870 as tropas federais se retiram, dando ensejo à revitalização do racismo, por intermédio da Ku Klux Klan*, por exemplo, criada em 1865. O período acumulou mais fracassos que êxitos para uma população negra que, recém-saída da escravidão, se viu obrigada a lutar não apenas contra o racismo explícito do Sul, mas também contra o racismo sutil praticado pelos brancos nortistas. Apesar de todas as adversidades, os avanços conseguidos

com a participação de afro-americanos no processo de elaboração constitucional, aliados à nova ordem econômica que se seguiu – com a contratação de negros como agricultores meeiros, ao contrário do que se deu no Brasil, onde se recorreu à imigração europeia –, foram fundamentais no processo de integração dos descendentes de africanos na sociedade americana.

REDCAM, Tom (1870-1933). Pseudônimo de Thomas Henry MacDermot, escritor jamaicano nascido em Clarendon. Professor em seu país, trocou o magistério pelo jornalismo quando migrou para os Estados Unidos, onde trabalhou para jornais e revistas em Nova York e São Francisco. Foi correspondente durante a Primeira Guerra Mundial e, em 1922, tornou-se editor associado da *Hearst's International Magazine*. É autor de biografias, romances e trabalhos de cunho histórico e poético; entre suas obras destacam-se *Becka's buckra baby* (1903) e *Orange Valley, and other poems* (1951, edição póstuma).

REDDING [Jr.]**, Otis** [Ray] (1941-67). Cantor e compositor americano nascido em Dawson, Geórgia, e falecido em Wisconsin, num acidente aéreo. Combinando com perfeição interpretações agressivas ao estilo gospel com baladas próximas ao blues, foi o cantor por excelência da chamada soul music. Sua canção *(Sittin' on) The dock of the bay*, lançada logo após sua morte, foi um grande sucesso em nível mundial.

REDENÇÃO DE CAM. Título de tela de 1895 de Modesto Brocos – pintor espanhol radicado desde 1872 no Rio de Janeiro, onde faleceu, em 1936 –, pertencente ao acervo permanente do Museu Nacional de Belas-Artes. Alusiva à chamada "maldição de Cam" (Cham, na grafia antiga), retrata uma avó negra, sua filha mulata, um imigrante português e o produto da união destes dois – um filho de aparência caucasoide. Trata-se de uma alegoria do ideal brasileiro de branqueamento*. *Ver* CAM.

REED, Jimmy (1925-76). Nome artístico de Mathis James Reed, *bluesman* americano nascido em Leland, Mississippi, e falecido em Oakland, Califórnia. Típico músico das plantations sulinas, chegou a Chicago em 1943. Apresentava-se cantando e tocando gaita, a qual ficava em uma haste, presa ao violão. Fez muito sucesso e vendeu muitos discos até 1960, quando entrou em vertiginoso processo de decadência física. Teve canções

regravadas por Elvis Presley, Rolling Stones, Grateful Dead e outros nomes do universo pop.

REFORMA AGRÁRIA pós-abolição. *Ver REBOUÇAS, André [Pinto].*

REGGAE. Música popular de origem jamaicana, caracterizada por um ritmo simples mas sincopado e criada com base em elementos do calipso*, do rock-and-roll* e da soul music* norte-americana. Sua história liga-se ao rastafarianismo*, sistema filosófico e religioso de inspiração africana estruturado na década de 1930. A nova fé, evidentemente, necessitava de canções que a expressassem. Então, nas favelas de Kingston, capital jamaicana, os batuques das comunidades descendentes dos axântis* de Gana, mais o ritmo do boogie-woogie e do rhythm-and-blues (gêneros exportados pela indústria fonográfica norte-americana), somaram-se aos textos que correlacionavam salmos da Bíblia com a vida nos guetos. Assim nasceu o reggae. Em 1958, a percussão do novo ritmo chega ao disco com os Folkes Brothers, numa produção de Prince Buster, com a participação do baterista Count Ossie. No final dos anos de 1960, o reggae definitivamente se consolida como gênero musical com a canção *Do the reggae*, gravada pelo grupo Toots and the Maytals. Depois dessa gravação pioneira, Bob Marley*, Peter Tosh*, Burning Spear, Dennis Brown e Uptown Lewis tornam-se pontas de lança do reggae, que tem no baixista Sly Dunbar e no baterista Robbie Shakespeare os músicos de base mais solicitados. Com o sucesso e a aceitação, várias correntes se formam, sendo que uma delas, o *rasta reggae* ou *roots reggae*, reivindica maior ligação com as raízes africanas, a cultura dos guetos e a filosofia do rastafarianismo. Essa corrente ganha adeptos também em outros países do Caribe, chegando ao Brasil, notadamente no Maranhão (*ver REGGAE NIGHTS*), à África e à Europa como um dos mais fortes produtos musicais da Diáspora Africana. No decorrer das últimas décadas, o gênero incorporou influências, introduziu outras e projetou internacionalmente artistas como Bob Marley e Peter Tosh. Bem mais que música jamaicana, o reggae é hoje, interesses comerciais à parte, um meio de luta da juventude negra de todo o mundo pela justiça e pela liberdade.

REGGAE NIGHTS. Expressão que designa, em São Luís do Maranhão, os bailes de reggae* que congregam grandes contingentes da população negra

como forma de lazer e aglutinação das mais significativas. Esse gênero musical disseminou-se pelo Maranhão no início dos anos de 1970, quando programas irradiados por emissoras caribenhas começaram a ser sintonizados na capital maranhense, ao mesmo tempo que os primeiros discos chegavam, trazidos por embarcadiços. Nessa época, um popular conhecido como Carne-Seca criou, a exemplo dos *sound systems* jamaicanos, a primeira radiola, equipamento de som amplificado, para transmitir música nas ruas. A expansão do gênero por todo o estado mostrou-se tão expressiva que alguns artistas e produtores da Jamaica passaram a priorizar o mercado maranhense. À época da primeira edição desta obra, discos jamaicanos lançados na década de 1960 e fora de catálogo no país de origem eram comumente encontrados em São Luís. *Ver BAILES NEGROS*.

REGIMENTOS DOS PARDOS. *Ver UNIDADES MILITARES ÉTNICAS*.

REGLA. Termo usado no meio religioso afro-cubano para designar as diversas linhas de culto. *Ver RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*.

REGLA KIMBISA DEL SANTO CRISTO DEL BUEN VIAJE. Em Cuba, ramificação sincrética do *mayombe**, que incorpora fundamentos do espiritismo e do catolicismo, além de outros elementos. Sua fundação, no século XIX, é atribuída a Andrés Petit*.

REGÔ. Espécie de turbante outrora usado pelas mulheres negras no Brasil.

REGO, José Carlos (1935-2006). Jornalista e escritor nascido em Miracema, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro, onde se havia radicado. Profissional de jornalismo desde 1957, iniciou carreira no *Imprensa Popular*, órgão do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e no *Última Hora*. Um dos maiores conhecedores do universo do samba carioca, é autor de *Dança do samba, exercício do prazer* (1996), livro que relaciona e descreve 165 passos da coreografia do samba, em depoimentos de cerca de uma centena de passistas famosos.

REGO, Waldeloir (1930-2002). Etnólogo e artista plástico nascido e falecido em Salvador, BA. Refinado joalheiro, dedicou-se à criação de peças de inspiração africana. É autor da alentada obra *Capoeira angola: ensaio socioetnográfico*, de 1968.

REI BAMBA. O mesmo que rei de bamba*.

REI CARIJONGO. Personagem do rei do congo* de Duque de Caxias, RJ. *Ver CARIONGO.*

REI CONGO. Personagem das congadas. Os festejos de coroação dos "reis" e "rainhas" congos representam uma tradição presente tanto no Brasil como na América hispânica, e se converteram na expressão geradora de outras manifestações, como a congada*, o candombe*, o maracatu* etc. Câmara Cascudo (1965, p. 22) chama a atenção para o fato de que, embora os negros sudaneses tivessem constituído Estados monárquicos da mais alta grandeza, é entre os bantos, na África e no Brasil, que "a imagem ostensiva de majestade, severa, imperiosa, Rei coroado, supremo título subjugador" surge com mais força. Quando se quer traduzir a ideia de "rei negro" nas manifestações bantas recriadas em terras brasileiras, fala-se principalmente em "rei do Congo" ou "rei congo", numa projeção simbólica dos grandes manicongos* (*muene e-Kongo*) com que os portugueses se defrontaram em suas primeiras expedições à África negra, ainda no século XV. Inúmeros folguedos da tradição afro-brasileira, como as congadas, os reisados, os cucumbis, conservam a lembrança da grandeza da civilização kongo [1]*. Rei-congo é o nome de duas aves da fauna brasileira, também conhecidas como japuaçu e joão-congo. *Ver BANTO.*

REI DE BAMBA. Personagem do ticumbi*. De *Mbamba*, nome de um antigo país vizinho ao Reino do Congo.

REI DE NAGÔ. Entidade dos cultos afro-ameríndios da Amazônia.

REI DO CONGO. Personagem das congadas e, por extensão, uma das denominações desse folguedo; entidade da umbanda, chefe da falange do Povo do Congo. Pejorativamente, fórmula racista com que na Marinha brasileira se designava qualquer marinheiro negro.

REI MIGUEL. *Ver MIGUEL, Rei.*

REI SAMUEL. *Ver SAMUEL, Abraham.*

REI TOI ADOÇU. Entidade de cultos afro-ameríndios de Belém do Pará.

REI ZULU. Figura do imaginário brasileiro, estereótipo do potentado africano: gordo, imbecil e prepotente. Foi trazido para o Brasil, ao que parece, pelo cinema americano e, em 1950, tornou-se tema de carnaval graças a uma marchinha de autoria de Nássara e Antônio Almeida.

Corresponde ao King Zulu* do carnaval de Nova Orleans. *Ver CETEWAYO.*

REID, Victor Stafford (1913-87). Jornalista e romancista jamaicano, destacou-se como um dos mais conhecidos escritores envolvidos com temas africanos em seu país. Em sua obra destacam-se *The leopard* (Londres, 1958), extraordinária peça de ficção, e *New day* (Nova York, 1949). No volume *Jamaica*, da coleção Insight Guides (1983), é responsável pelos capítulos "The Jamaicans" e "The vibrant spiritual spectrum", este em colaboração com a escritora Heather Royes.

REINADOS. Em Cuba, fora de Havana, nome que recebiam os *cabildos**.

REINBOLT, Madalena Santos (1919-77). Tapeceira e pintora brasileira nascida em Vitória da Conquista, BA. Por volta de 1950, começou a dedicar-se à pintura, passando, a partir de 1969, a expressar-se principalmente por meio da tapeçaria. Seus trabalhos, muito valorizados no mercado de arte, evocam reminiscências rurais mescladas a informações urbanas.

REIS, Bento Sabino dos (*c.* 1760-1843). Escultor brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Foi o introdutor, na capital baiana, da devoção ao Senhor dos Passos dos Humildes e autor de esculturas para as igrejas da Ordem Terceira do Carmo e Matriz de Santana, bem como para os conventos de São Francisco e da Soledade.

REIS [Pereira]**, João dos** (séculos XVIII-XIX). Cantor sacro brasileiro. Baixo profundo, para ele o padre José Maurício* escreveu o trecho "De profundo lacuo", destinado a uma missa de réquiem. Segundo Múcio Teixeira (1927), era mulato escuro e veio de Vila Rica para cantar na Capela Real. O grave de sua voz, atingindo notas inimagináveis, inspirou vasto anedotário.

REIS, João Manso Pereira dos (1750-1820). Industrial e artesão brasileiro falecido em Angra dos Reis, RJ. Conhecido como "O Químico", implantou uma indústria de porcelana artística na ilha do Governador, no Rio de Janeiro, onde desenvolveu refinados trabalhos com charão, verniz oriental à base de laca.

REIS, Norival [Torquato] (1924-2001). Compositor e técnico de som brasileiro nascido em Angra dos Reis, RJ, e radicado na capital do mesmo

estado, onde faleceu. Com repertório principalmente carnavalesco, gravado desde os anos de 1950, integrou a ala de compositores da escola de samba Portela*, para a qual compôs, em parceria, os sambas-enredo de 1972 (*Ilu Ayê*) e 1975 (*Macunaíma, herói de nossa gente*). Profissional de estúdios de som, nos anos de 1950 e 1960 realizou experiências acústicas revolucionárias, como gravações em câmaras de eco, utilizando equipamentos improvisados.

REIS E RAINHAS NEGROS. Durante a época escravista, em todas as Américas, as diversas comunidades negras tiveram por costume escolher líderes para as representarem simbolicamente em festas e folguedos ou, efetivamente, na solução de disputas internas ou com outros grupos. Atuando à frente de quilombos, grupos de trabalho, religiosos etc., a presença dessas lideranças, embora em nível alegórico, sobreviveu até os dias atuais, como por exemplo nas figuras dos reis e rainhas do maracatu pernambucano e das *voodoo queens* no Sul dos Estados Unidos. Relegada hoje a uma dimensão meramente simbólica, essa realeza também teve, entretanto, existência real: a história da escravidão registra a presença de líderes africanos, chefes de aldeias e de cidades no continente de origem, que, nas Américas, continuaram exercendo sua liderança, à frente de comunidades insurgentes ou de grupos de trabalhadores, e receberam, por seu efetivo poder, obediência e reverência da parte de seus liderados. *Ver IRMANDADES CATÓLICAS*; *NOBRES ESCRAVIZADOS*; *REI DO CONGO*.

REISADO. Designação dada, no Brasil, a cada um dos grupos organizados que, tradicionalmente, saem às ruas para festejar o Natal e o Dia de Reis. Alguns reisados guardam reminiscências africanas, como a presença do personagem “rei do Congo*”, observada em Alagoas, por exemplo, e registrada por Abelardo Duarte (1974).

REISADO DO CALANGRO. Dança popular brasileira.

RÉJANE (1856-1920). Pseudônimo da atriz francesa Gabrielle Charlotte Réju, nascida e falecida em Paris. Foi um dos maiores nomes do teatro francês em seu tempo, além de dona do Nouveau Théâtre, depois chamado Théâtre Réjane. Era uma mulher “de cor”, segundo A. da Silva Mello (1958).

RELACIONAMENTOS SEXUAIS INTERÉTNICOS. À época da escravidão, o contato sexual entre indivíduos de origens etnorraciais diferentes parece ter sido relativamente frequente, tanto entre homens brancos e mulheres negras quanto entre senhoras e escravos. No Brasil, Artur Azevedo, em sua obra dramática *O escravocrata**, abordou esse segundo tipo de relação. E Antônio da Silva Mello (1958), nos *Estudos sobre o negro**, relacionou como mulheres envolvidas em relacionamentos sexuais com indivíduos negros Paulina Bonaparte, irmã de Napoleão, que teria sido amante do rei Christophe*, do Haiti; a duquesa de Orleans; a marquesa de Montalembert; e a condessa de Beauharnais. Em 1711, na Jamaica, segundo Mintz e Price (2003), motivado pelos casos de Maria Keijser e Judith de Castre – mulheres brancas que, em relações extraconjugais, conceberam filhos de homens negros –, o governador Johan de Hoyer promulgou um edito por força do qual toda mulher branca solteira que mantivesse relações sexuais com um negro estaria sujeita a açoitamento e expulsão da colônia, e o negro, à pena de morte. *Ver CRIMES SEXUAIS*; *ESTUPRO*; *MESTIÇAGEM [Mestiçagem programada]*. Sobre uniões matrimoniais ou maritais, *ver* CASAMENTOS INTERÉTNICOS.

RELIGIÕES AFRICANAS NAS AMÉRICAS. As religiões africanas nas Américas têm uma base comum, resultando do amálgama das várias matrizes culturais para cá trazidas pelo tráfico atlântico (*ver* TRÁFICO NEGREIRO) com práticas do catolicismo e, em alguns casos, de religiões ameríndias. Do ponto de vista estrutural, elas constituem um todo relativamente homogêneo e identificável em suas origens oeste-africanas e bantas. Fenômenos e práticas como a transmissão da força vital por meio de sacrifícios, o transe, danças dramáticas e cânticos ao som de tambores, bem como o uso de cores e adereços simbólicos, são características comuns a quase todas elas. Assim, podem-se observar: traços das antigas macumbas do Sudeste brasileiro e da umbanda* (como os pontos riscados) no vodu* haitiano e na *regla de palo monte** cubana, na qual, inclusive, se veneram espíritos de antigos escravos, como ocorre com os pretos velhos no Brasil; o culto de Xangô, Ogum e outros orixás nacionais iorubanos praticado no Brasil e também em Cuba, Trinidad, Jamaica etc.; a existência de voduns daomeanos cultuados simultaneamente no Maranhão, em Cuba e no Haiti;

e até mesmo a veneração ritual de antigos chefes indígenas, similares aos caboclos brasileiros, em cultos sincréticos no Sul dos Estados Unidos. Extremamente complexas e de difícil entendimento, as religiões afro-americanas ainda são bastante discriminadas, principalmente por conta do avanço, à época deste texto, das inúmeras confissões cristãs ditas "evangélicas", caracterizadas pela intolerância, e da difusão de vertentes desafricanizadas da umbanda. Não obstante, a disseminação da *santería** pelo mundo, a partir de Cuba, é também um dado importante a ser levado em conta.

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. As religiões de matriz africana desenvolvidas no Brasil compreendem, principalmente, as várias vertentes de culto aos orixás e ancestrais iorubanos e voduns jejes; o culto a ancestrais bantos e ameríndios; a umbanda; e outras formas sincréticas. **Origens:** Ao que parece, as manifestações religiosas trazidas da África para o Brasil chegaram aqui, mormente no ambiente urbano, primeiro pela atuação individual de ritualistas dedicados à cura física e psíquica de pessoas necessitadas, por meio de práticas simples de sua tradição, como adivinhação, limpeza espiritual, rezas, prescrição de medicamentos e outros procedimentos. Provavelmente incorporando espíritos de ancestrais ou sob sua inspiração, esses primeiros ritualistas seriam, pelo menos em sua maioria, originários da África dos povos bantos: das bacias dos rios Congo, Cuanza e também do Zambeze, incluindo as regiões vizinhas. Mais tarde, os praticantes desses rituais de cura e equilíbrio já provêm também do golfo de Benin, de onde nos chegam cultos voltados a entidades espirituais com âmbito de ação mais extenso: guardiãs de aldeias, cidades e estados específicos – umas fluviais, outras marinhas; de montanhas ou florestas; outras, ainda, madrinhas de determinadas atividades, como a caça e a pesca; ou associadas a fenômenos naturais, como os ventos e os trovões –, as quais, aqui, acabam por ser cultuadas em conjunto. Foi assim, talvez, que simples "casas de dar fortuna" (como eram chamadas no Brasil), aonde o necessitado ia em busca de saúde, sorte e bem-estar, começaram a dar lugar aos chamados "calundus", onde foram se formando congregações religiosas de organização cada vez mais complexa, tanto quanto ao panteão das divindades cultuadas quanto em relação à hierarquia sacerdotal e à

ritualística. Dessa forma, provavelmente, práticas mágicas puras e simples deram lugar à reverência respeitosa a uma divindade ou a um elemento da natureza, o que gerou subordinação e obediência de seguidores a um mestre, contexto no qual nasceram conjuntos de dogmas e práticas peculiares, reunidos em corpos de doutrina – religiões, enfim. **História:** Os primeiros registros escritos da atuação de negros como curadores, adivinhadores ou ritualistas datam da segunda metade do século XVII. Nessa época, o termo banto "calundu" já tinha ampla circulação, o que se comprova na obra do poeta baiano Gregório de Matos. Os autos da Inquisição consignam o uso do termo até o fim do século seguinte, principalmente nas antigas províncias de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Dos anos iniciais do século XIX vêm-nos os primeiros registros escritos dos termos "vodum" e "candomblé", expressando a precedência e a importância, do ponto de vista linguístico, de bantos (oriundos de Angola e Congo) e jejes (do antigo Daomé, atual Benin) na formação das religiões de matriz africana no Brasil. A primeira congregação de culto aos orixás iorubanos nasceu, segundo a tradição, na Barroquinha, em Salvador, BA, por volta de 1830. Semente do célebre Ilê Axé Iá Nassô Oká*, ela teria sido fundada por um grupo de africanos livres, entre os quais Iá (mãe) Nassô*, filha de uma liberta retornada à África. Depois, foi transferida para a localidade de Engenho Velho, onde passou a ser conhecida como "Candomblé da Casa Branca" ou simplesmente "Engenho Velho", dando origem, ainda no século XIX, ao Candomblé do Gantois e, mais tarde, ao Ilê Axé Opô Afonjá*. Em 1987 o Engenho Velho, um núcleo religioso pioneiro, foi tombado como bem do patrimônio histórico nacional, sendo o primeiro templo afro-brasileiro a merecer tal distinção. Quanto ao culto dos voduns jejes, relatos históricos dão conta de que, entre 1797 e 1818, a rainha-mãe de Abomé, Nan Agotimé*, o teria trazido para a Bahia, levando-o depois para São Luís do Maranhão. Alguns traços dessa presença daomeana teriam se conservado no Bogum, antigo terreiro da nação jeje até hoje existente em Salvador, o qual curiosamente ostenta em sua denominação o termo "malê", que qualifica o negro islamizado. Mas, antes do Bogum, a história registra, já em 1829, no atual bairro de Acupe de Brotas, a existência de um terreiro da nação jeje, referido como Candomblé do Acu*, o qual foi objeto de forte repressão

policial. **A matriz sudanesa – vertente jeje-nagô:** A tradição jeje-nagô dos orixás apoia-se numa estrutura altamente complexa construída sobre quatro pilares, cada qual com seu ritual, seus sacerdotes e sua hierarquia, mas que se entrelaçam e se completam; a saber: o culto aos orixás, dirigido pela ialorixá ou pelo babalorixá; o culto às folhas e ervas rituais e medicinais, dirigido pelo babalossãim; o culto a Ifá, dirigido pelo babalaô; o culto aos egunguns, dirigido pelo alapini. No culto aos orixás, o sacerdote supremo é a ialorixá ou o babalorixá. O restante da hierarquia compreende as sacerdotisas (ebâmis e iaôs), que são pessoas por intermédio das quais os orixás descem para serem homenageados pelos vivos; as pessoas em estágio de pré-iniciação (abiãs); os ogãs, que se enquadram em diversas categorias, de acordo com o cargo que desempenham na comunidade-terreiro. No Brasil, o culto aos orixás permanece, nas comunidades tradicionais, relativamente próximo ao modelo africano. Muitas das divindades são basicamente as mesmas cultuadas pelos africanos, apenas com a diferença de que na África determinados orixás recebem culto exclusivamente local, restrito a determinadas cidades ou aldeias. Aqui, os terreiros, mesmo os mais tradicionais, certamente pelo fato de agruparem gente de várias procedências, com a consequente aglutinação, cultuam indistintamente orixás iorubanos de várias regiões e até mesmo manifestações originárias de etnias vizinhas, os quais são normalmente invocados, nas cerimônias íntimas e nas festas, obedecendo à seguinte ordem: Exu, Ogum, Oxóssi, Ossãim e outras entidades que vivem a céu aberto, ao ar livre, como Xangô e Iansã (divindades dos raios, tempestades e ventos); Oxum, Obá, Euá, Iemanjá e outras divindades das águas; Oxumarê, Obaluaiê e Nanã (entidades da terra); por fim, Oxalá. Observe-se que todos os orixás se manifestam por meio de diversas formas ou qualidades, expressando, cada uma, mitologicamente, um momento de sua experiência terrena. Complementado pelos cultos a Ifá e às folhas e se entrelaçando com eles, o culto aos orixás compreende cerimônias íntimas – às quais só têm acesso os iniciados e de acordo com sua hierarquia – e festas públicas. Essas festas representam sempre o coroamento de uma série de rituais fechados que abrangem consulta aos oráculos, pedido de proteção aos ancestrais, coleta das folhas rituais, preparação dos assentamentos, alimentação da cabeça (bori) dos

filhos do orixá celebrado naquela oportunidade, sacrifícios e oferendas a Exu e sacrifícios e oferendas ao orixá que se homenageia. Depois disso, enquanto o orixá (ou orixás) está se alimentando do axé que lhe foi oferecido, a comunidade o recebe em seu seio, tocando, cantando e dançando com ele e para ele, ao mesmo tempo que recebe dele o seu axé, a sua energia. Após as festas, os alimentos dos orixás são repartidos entre a comunidade e os restos são despachados sob a forma de ebó. Outros rituais, que podem ser incluídos ou não nas festas, são os utilizados para o afastamento das forças malfazejas e dos espíritos dos mortos, e, consequentemente, para atrair, a quem necessita, as forças que vão restabelecer o equilíbrio desse alguém com a natureza. Além dos orixás, a tradição dos nagôs admite os erês, espíritos infantis que possuem as sacerdotisas logo após o momento em que seus orixás "sobem". **Ainda a matriz sudanesa – vertente mina-jeje:** Outro ramo importante das religiões sudanesas no Brasil é o culto dos voduns jejes. Trazido para o Brasil, segundo a tradição, pela rainha daomeana Agotimé*, esse culto tem uma de suas máximas expressões na Casa das Minas*, tradicional templo da capital maranhense. Nele, cultuam-se voduns, toquéns e toboces. Os voduns propriamente ditos correspondem aproximadamente aos orixás nagôs e se dividem em duas famílias: a das divindades da terra (Dan, Sakpata etc.) e a das divindades do raio (Badé, Sobô etc.). Os outros voduns equivalem aos egunguns dos nagôs e representam os antepassados da família real de Abomé (Agonglo, Dako, Sepazin etc). Já os toquéns são entidades que abrem caminho para a descida dos voduns, e as toboces são espíritos infantis femininos, assemelhados aos erês dos nagôs. A vertente mina-jeje compreende, ainda, cultos nordestinos em que intervêm, pelo menos na nomenclatura, elementos com outras origens sudanesas, como ocorre com a Casa de Fânti-Axânti* maranhense. Outra expressão significativa dessa orientação religiosa no Brasil é o chamado jeje de Cachoeira*. **A matriz bantu:** Toda a literatura que se ocupou de comparar as concepções religiosas dos povos bantos com as dos sudaneses, principalmente iorubanos, apontou uma falta de substância daquelas em relação a estas. Mas o que nos parece é que elas guardam entre si diferenças estruturais. E mesmo admitindo essa propalada falta de substância, nós a justificaríamos com o fato de que a presença portuguesa no

antigo Congo, desde 1498, foi avassaladora: já no século XV o processo de cristianização das classes dirigentes do portentoso reino começava a minar a pureza das crenças tradicionais, e em menos de um século o Congo foi aniquilado, completando-se a dominação total em 1671, com a queda do vizinho Ndongo-Matamba, transformado em Reino Português de Angola. As concepções religiosas dos povos bantos são estruturalmente diversas da teogonia iorubana. Para o esclarecimento dessa afirmação, analisemos o conceito de "inquice", frequentemente associado à ideia de "orixá". Os dicionários de quicongo definem o vocábulo *nkisi*, que deu origem ao afro-brasileiro "inquice", como "fetiche, feitiçaria, força mágica" etc., e nunca como entidade ou força espiritual. E isso acaba por frustrar a quem busca associar a palavra aos conceitos de "orixá" (nagô), "vodum" (jeje) ou "obosom" (axânti). Porque, na verdade, a tradição religiosa dos povos bantos parece não conhecer divindades intermediárias entre os humanos e o Incriado, e sim gênios e espíritos, engendrados por Ele. Para o pensamento tradicional dos povos bantos em geral, a vida no plano invisível – respeitando-se a correlação entre as forças vitais deste e do outro lado da existência – assenta-se numa pirâmide que tem em seu topo o Criador de todas as coisas, e, abaixo dele, por ordem decrescente de importância, ficam o fundador do primeiro clã humano; os fundadores dos grupos primitivos; os heróis civilizadores; os espíritos e gênios antes referidos; os antepassados qualificados; e os antepassados da comunidade. E essa divisão é rígida, não admitindo misturas. Os gênios tutelares, criados por Nzambi (esse nome ocorre, com pequenas variantes, em quase todas as línguas bantas) mas sem relação alguma com formas corporais humanas, estabelecem seu habitat em lugares especiais como árvores, rios, lagos, pedras, o fundo da terra etc., que guardam e vigiam. Contudo, habitam também o ar, a chuva, as tormentas, exercendo controle sobre a caça e a pesca, a agricultura, e até mesmo sobre alguns aspectos abstratos da vida humana. Entre os ambundos, por exemplo, Lemba é o gênio tutelar da procriação e Ngonga o da harmonia conjugal; entre os zulus, Inkosazana é o gênio da natureza que faz o milho crescer; e em várias comunidades bantas os gênios protetores da caça e da pesca se evidenciam, como o ambundo Mutakalombu, nume tutelar dos animais aquáticos. Mas nenhum tem forma humana. Foi, certamente, essa

circunstância que moldou a imagem de “adoradores de pedras” atribuída aos bantos, já que seus “deuses” não revestem forma humana. No entanto, a imagem é falsa: o que o suposto “adorador de pedra” objetiva, com suas oferendas e preces, não é dirigir-se à pedra em si, mas harmonizar-se com a força telúrica que nela habita em busca da total harmonia, com o todo do universo. A não existência de divindades intermediárias de forma humana, e sim gênios da natureza na tradição dos povos bantos, define alguns aspectos de sua religiosidade. “Os bantos” – assinala o padre Raúl R. de A. Altuna (1993), missionário espanhol – “não têm data fixa para celebrar cultos. Tampouco observam dias de preceito para realizar atos públicos nas aldeias. As comunidades são livres e acomodam-se às exigências que vão surgindo. Mas a espontaneidade no tempo não exclui a fidelidade aos ritos que a tradição fixou [...]. Aparece, contudo, certa coincidência de cultos em determinadas épocas do ano (início das culturas, colheita...). Também são regulares os ritos que acompanham os acontecimentos significativos da vida: nascimento, iniciação, matrimônio, morte”. Da mesma forma, os ritos tradicionais dos povos bantos prescindem de templos. “Basta-lhes” – e nesse ponto o padre Altuna nos remete de pronto à célebre descrição da cabula* feita pelo bispo dom João Correia Nery (conforme Raimundo Nina Rodrigues*, 1977) no Espírito Santo, no século XIX – “reunir-se num lugar do grande templo do Universo”. Congregando, entre 1888 e 1900, mais de 8 mil pessoas, a comunidade dos cabulistas, entretanto, e certamente em função da repressão, parecia não dispor de templo organizado em espaço físico exclusivo. Suas reuniões de culto eram secretas, realizando-se ora na casa de um adepto, ora no meio da mata, mas com práticas, vestimentas e paramentos bastante semelhantes aos da umbanda. Na África banta, ainda segundo Altuna (*op. cit.*), “é muito frequente que cada grupo se retire, quando de atos culturais importantes, para bosques sacralizados, escondidos ao profano, ou debaixo de árvores onde a presença invisível se faz permanente”. Parece-nos, então, que a tradição religiosa iorubana só foi considerada “superior” por ser de mais fácil compreensão pelo pensamento ocidental. Ao que tudo indica, até a virada do século XIX para o XX essas diferenças eram bem compreendidas, como ocorre hoje em Cuba. E as informações de que dispomos sobre a cabula nos parecem bastante

esclarecedoras a esse respeito. Com a fixação das primeiras comunidades baianas no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, começa a se estabelecer, aparentemente, a predominância jeje-nagô, como podemos observar, por exemplo, nos textos de João do Rio. Supomos que essa prevalência é que vai determinar o surgimento de formas de culto ditas “de Angola” e “de Congo”, que não exprimem o sentido original das concepções religiosas dos povos bantos, mas apenas adaptam os princípios jejes-nagôs a um suposto universo angolo-conguês. Então, entre as antigas manifestações dos bantos, a cabula, juntamente com o culto omolocô, parece ter constituído a velocidade inicial das práticas umbandistas no Brasil. **Outras vertentes:** A religiosidade tradicional afro-brasileira compreende também os ramos “angola”, “congo”, “jeje-daomé” e “omolocô”. E dentro da própria modalidade nagô, em que a nação de queto é a grande matriz, há pequenas variações, como os “candomblés” de nação ijexá e os que se autodenominam de nação efã*. Além disso, há as variações regionais, como o “xangô” em Pernambuco, o “batuque” no Rio Grande do Sul etc. **O culto aos eguns:** Os iorubanos no Brasil, além dos orixás, veneram espíritos de indivíduos que se converteram em ancestrais ilustres, em “pais” (*Babá Egun*), tratando-se aqui daqueles antepassados que tiveram o merecimento de ser preparados para sua invocação em forma corporizada, ou seja, em forma de egungum. Nos terreiros dedicados a esse culto, a invocação dos ancestrais é a própria essência e a razão maior do culto. Os nagôs, dessa forma, cultuam os espíritos dos “mais velhos” de acordo com a hierarquia a que obedeceram dentro da comunidade na tarefa de preservação e transmissão dos valores culturais. E só os espíritos especialmente preparados para ser invocados e materializados é que são objeto desse culto todo especial. Porque o objetivo principal do culto aos egunguns é, como acentua Juana Elbein dos Santos (1976), atuar como uma ponte, um veículo, um elo entre os vivos e seus antepassados. Assim, os egunguns trazem suas bênçãos e seus conselhos mas não podem ser tocados, ficando sempre isolados dos vivos. Sua presença é rigorosamente controlada pelos ojés (sacerdotes do culto) e ninguém pode se aproximar deles, que aparecem de forma espetacular, em meio a grandes cerimônias e festas, com vestes muito ricas e coloridas e símbolos característicos que permitem conhecer seu grau de

hierarquia. O segredo básico do culto (e seu aspecto mais importante) reside no fato de que ninguém pode saber nem querer saber o que exatamente há por sob aqueles panos coloridos que andam, falam, repreendem, dão conselhos e abençoam, já que a morte e os elementos que estão ligados a ela não são e nunca poderão ser realmente conhecidos. Classificados como agbás (muito antigos) ou aparakás (mais jovens), os egunguns se diferenciam pela aparência: os primeiros surgem envoltos em muitas tiras coloridas (abalás), ostentando espelhos e uma espécie de avental (bantê); os segundos distinguem-se por não terem uma indumentária nem uma forma propriamente definida. Remontando à primeira metade do século XIX, a história do culto aos egunguns na Bahia se desenvolve, segundo Elbein dos Santos (*op. cit.*), basicamente na ilha de Itaparica, a partir dos seguintes terreiros: o da aldeia de Vera Cruz, fundado por volta de 1820; o da fazenda Mocambo, no lugarejo conhecido como Tuntum; e o da Encarnação – todos ancestrais do remanescente Ilê Agboulá*, no Alto da Bela Vista. No continente, o Terreiro do Corta-Braço, na estrada das Boiadas, no atual bairro da Liberdade, também se constitui num importante núcleo do culto aos egunguns. Vale mencionar que somente os ancestrais masculinos podem materializar-se e ser cultuados como egunguns. Além disso, só os homens podem lidar com eles, embora algumas mulheres desempenhem outras funções no culto. Em contrapartida, Oiá Igbalé, entidade feminina conhecida também como Iansã Balé e cultuada junto com os ancestrais, é considerada rainha e mãe dos egunguns, sendo por isso cultuada num assentamento especial. Quanto à hierarquia dentro do culto, na base da pirâmide estão os amuixãs, noviços em processo de iniciação e que ainda não têm poderes para invocar os ancestrais. Logo acima, os ojés, sacerdotes que, num grau superior de iniciação, se tornam ojés-agbás. Depois os alabás, que são os chefes de terreiro. E, no topo da pirâmide, o alapini, sacerdote supremo do culto. Além desses, há outros títulos com suas respectivas funções, como o dos alabês, músicos rituais, e o dos ijoyes, detentores de postos honoríficos. *Ver JOÃO DOIS METROS*; *MARCOS, O VELHO*; *OPÉ, Tio*; *SERAFIM, Tio*. **O "sincretismo":** Sincretismo é a fusão aleatória de elementos de doutrinas diferentes. Com relação ao encontro das religiões africanas com o cristianismo, a moderna ciência rejeita o uso indiscriminado

da expressão “sincretismo religioso”. Isso porque o catolicismo e as religiões negro-africanas sustentam-se em fundamentos incompatíveis entre si. Então, ao associarem orixás a santos, os negros antigos não fundiram os dois sistemas, mas apenas, respeitosamente, trouxeram para o seu domínio, por meio de analogias, os santos católicos, quase da mesma forma com que os reis guerreiros da Antiguidade entronizavam em seus templos os deuses dos adversários vencidos. Considere-se também que, embora imposto de maneira quase sempre violenta, o cristianismo também sofreu, na Diáspora, fortes transformações. E o fato de certas comemorações das religiões afro-brasileiras serem realizadas em dias santificados pelo catolicismo pode ser visto como resultado de uma estratégia dos oprimidos pela escravidão: como não tinham folga em seu trabalho a não ser nos dias santificados dos brancos, eles usavam essas datas para fazer também as suas comemorações, à sua moda. Daí resulta, por exemplo, o fato de os nagôs da Bahia comemorarem Oxóssi no dia de Corpus Christi (já em Portugal havia uma procissão de são Jorge nesse dia, e são Jorge para os negros era um caçador, porque matou um dragão); Ogum no dia de santo Antônio (santo Antônio era titular de uma patente no Exército brasileiro, então era um guerreiro); Xangô Airá no dia de são João e Xangô Afonjá no de são Pedro (Xangô é o orixá do fogo, e as noites de são Pedro e são João são celebradas com fogueiras) etc. Outra estratégia de associação partiu da representação icônica dos santos católicos. Oxóssi, por exemplo, cultuado na África como uma das divindades da caça e, por conseguinte, como um orixá do mato, foi associado na Bahia a são Jorge, pelas razões já apontadas, e no Rio de Janeiro a são Sebastião (em cujas representações aparece amarrado numa árvore, dentro do mato); por sua vez, Ogum, na África o orixá do ferro e, consequentemente, da guerra, é identificado na Bahia com santo Antônio, como já vimos, e no Rio de Janeiro com são Jorge, representado de armadura e portando uma lança. Então, o que às vezes se vê como sincretismo, no sentido estrito, nem sempre o é. Em 1983 representativas lideranças da religião dos orixás divulgaram um documento condenando o sincretismo afrocatólico, com o argumento central de que ele, necessário durante a escravidão e a repressão, já não tem mais razão de ser. **Da repressão à intolerância:** No início do século XX, o pensamento higienista

começa a influenciar a sociedade brasileira. A partir da antiga capital federal, desencadeiam-se campanhas "civilizatórias" tendo a higiene como base. Desse modo, as práticas religiosas de origem africana, tidas como poluidoras e anti-higiênicas, começam a ser duramente reprimidas. Em 1927 cria-se uma comissão policial para repressão ao chamado "baixo espiritismo"; em 1934 amplia-se a repressão com o estabelecimento de uma delegacia policial especialmente voltada para a questão; e em 1937 dá-se a criação, dentro dessa delegacia, de uma "Seção de Tóxicos e Mistificações", especializada no combate às práticas de religiosidade tidas como delituosas (conforme Maggie, 1992). É certamente em resposta a essa repressão que se realizam, em 1934 e 1937, em Recife e Salvador, os congressos afro-brasileiros* presididos respectivamente por Gilberto Freyre e Édison Carneiro*. À época deste texto, a Igreja Universal do Reino de Deus, espécie de seita de confissão neopentecostal, com forte poder político, posicionava-se intolerantemente contra as religiões de matriz africana. De acordo com esse posicionamento, até mesmo algumas escolas públicas, em periferias de grandes cidades brasileiras, adotavam uma postura antiafricanista, condenando a prática da capoeira e o incentivo a outras expressões da cultura afro-brasileira. Às vésperas das eleições municipais de 2008, seu líder e fundador publicava um livro segundo o qual Deus teria "um plano político" para os fiéis de sua igreja: o de "governar o Brasil". *Ver FILOSOFIA AFRICANA*; *UMBANDA*.

RELIGIÕES AFRO-CUBANAS. Em Cuba, a palavra *regla* é popularmente empregada com o sentido de culto ou religião. Assim, os cultos de origem africana, largamente disseminados pelo país e genericamente referidos como *santería* (palavra de conotação tão imprecisa e pejorativa como a brasileira "macumba"), dividem-se em *regla de ocha* (linha de culto aos orixás iorubanos, chefiada por um oba [2]*, com cânticos acompanhados por tambores do tipo batá*) e *regla de mayombe* (subdividida em *mayombe judío*, com rituais de malefício, e *mayombe cristiano*), ou *regla de palo monte*, ou, ainda, *regla de palo*. A primeira tem procedência iorubana ou *lucumí*; a segunda, origem banta ou *conga*, como se diz naquele país. Vale destacar que a *regla de ocha* comporta um ramo à parte, a *regla de Ifá*, da mesma forma que a *regla de palo* compreende várias

subdivisões, como a *brillumba* ou *vryumba*, a *kimbisa* etc. Com essas duas vertentes principais, convive, também com grande prestígio, sobretudo na província de Matanzas, a *regla arara* ou *arara-daomey*. Considere-se agora que, logo após a Revolução Cubana (1959), o governo de Fidel Castro, por sua orientação marxista-leninista, reprimiu todas as manifestações religiosas. Entretanto, na década de 1990, Cuba (Havana em especial) já era uma espécie de "Meca" das religiões africanas, recebendo, graças ao incentivo ao turismo promovido pelo Estado, fiéis de várias partes do mundo, inclusive do Brasil. *Ver ADESHINÁ*; *ATANDÁ*; *CONGO*; *SAMÁ, Lorenzo*; *SANTERÍA*.

RELIGIOSIDADE NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. *Ver BLACK CHURCH, The*; *DIVINE SPIRITUAL CHURCHES*; *FATHER DIVINE*; *NAÇÃO DO ISLÃ*; *PENTECOSTALISMO*; *PROTESTANTISMO NEGRO*.

REMANESCENTE DE QUILOMBO. *Ver QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

RENASCENÇA CLUBE. Clube social fundado no bairro do Méier, em 17 de fevereiro de 1951, e depois transferido para o Andaraí, na Zona Norte carioca. Congregava a emergente classe média negra da época, tendo-se tornado nacionalmente conhecido pela participação em concursos de beleza feminina. Em 1964, sua representante Vera Lúcia Couto dos Santos (*c.* 1945-) foi eleita Miss Estado da Guanabara e em seguida participou de outro concurso, em nível internacional, tendo sido a primeira afro-brasileira em certames desse tipo. Os concursos de beleza do clube revelaram também os dotes físicos de Esmeralda Barros (1945-) e Aizita Nascimento (1939-), que mais tarde se tornariam famosas.

RENASCIMENTO NEGRO. *Ver HARLEM RENAISSANCE*.

REPARAÇÕES. Denominação dada a uma iniciativa dos movimentos negros em vários países com o propósito de obter, para o conjunto das populações atingidas pelo escravismo europeu, uma indenização correspondente ao montante do prejuízo sofrido. A iniciativa se inspira na chamada "questão das reparações", de que foi objeto a Alemanha, pelo Tratado de Versalhes, em 1919, tendo como sujeito o conjunto das nações atingidas pela Primeira Guerra Mundial. No Brasil, o Movimento pelas

Reparações dos Afrodescendentes (MPR), criado em 1993, apresentou, em sessão especial do Congresso Nacional no ano de 1995, uma proposta para a elaboração de um projeto de lei sobre o assunto, sendo apoiado pelo deputado Paulo Paim*. Um ano antes, um grupo que incluía a ex-escrava Maria do Carmo Gerônimo, à época com 125 anos de idade, ingressara na Justiça Federal, em São Paulo, pedindo que a União fosse declarada responsável pela ação escravista, pelas omissões da abolição e pelas consequências que tais fatos acarretaram. Em resposta, a Advocacia Geral da União declarou ser descabido o pleito, alegando que a cobrança deveria ser feita a Portugal e à Inglaterra (conforme Fernando Conceição, 1999). Nos Estados Unidos, em março de 2002, a advogada Deadria Farmer-Paellmann instaurava, na corte de Nova York, "em nome de todos os negros americanos descendentes de escravos", procedimento judicial contra a seguradora Aetna, que deu cobertura a comerciantes escravistas; contra a companhia ferroviária CSX, que utilizou mão de obra escrava na construção de linhas; e contra a financeira Fleet Boston, fundada por um mercador de escravos. A ação visava à obtenção de reparações por danos, decorrentes das atividades dessas empresas, alegadamente causados a toda a comunidade afro-americana.

REPEATER. Tambor do *buru**, do *kumina** e do reggae*.

REPICADOR. Tambor agudo, responsável pelas improvisações no *tamborito** panamenho. Observe-se que, no samba, o tambor denominado repique ou repinique cumpre a mesma função.

REPINIQUE, Surdo de. Pequeno tambor da bateria das escolas de samba, responsável pelos desenhos rítmicos mais livres e com timbres mais agudos. Também, repinicador, repique e repinique. *Ver REPICADOR.*

REPIQUE. *Ver REPICADOR.*

REPRODUTOR. Nas antigas fazendas brasileiras, escravo formalmente estimulado à prática sexual com escravas do mesmo proprietário, com a finalidade de aumentar o "rebanho".

REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA. País localizado no centro da África, limitado ao norte pelo Chade, a oeste por Camarões, a leste pelo Sudão e ao sul pela República Democrática do Congo (ex-Zaire) e pela República do Congo. Sua capital é Bangui. A maioria da população pertence

aos grupos étnicos dos bayas, bandas, bumbakas e azandes. Os primitivos ocupantes das savanas eram os pigmeus, rechaçados para a floresta por povos migrados de regiões vizinhas, como os bayas, provenientes da atual República de Camarões, e os bandas, da região do Bahr-el-Ghazal, na atual República do Sudão.

REPÚBLICA DOMINICANA. País localizado no mar das Antilhas, ocupando a parte oriental da ilha de Hispaniola, com capital em Santo Domingo. Sua população inclui 73% de mulatos e 16% de negros. Em 1523, um grupo de escravos africanos rebelava-se, fundando um quilombo, o primeiro da ilha, iniciativa que se repetiu em 1537 e 1548. Graças à exploração da mão de obra de africanos e descendentes, entre 1570 e 1630 o local foi o maior produtor de ouro das Antilhas, um dos maiores produtores de açúcar das Américas e dono de um rebanho bovino na proporção de uma cabeça de gado para cada habitante. Em 1809, após a Revolução Haitiana, a Espanha retomou parte da ilha, num domínio que perdurou até 1822, quando o governo negro do Haiti voltou a ocupar todo o território. Nesse ínterim, porém, e até o fim do governo haitiano de Jean-Piere Boyer*, constituiu-se o que se denominou "Haiti Espanhol", em contraposição à República do Haiti*, de fala francesa. Consequentemente, a burguesia crioula, em 1861, solicitou a reintegração da região à Espanha, em busca de apoio externo para manter o domínio sobre a maioria negra. Quatro anos mais tarde, como resultado de um movimento liderado por mulatos, o país declarou ainda uma vez sua independência, submetendo-se logo depois, contudo, à tutela econômica dos Estados Unidos. *Ver HAITI ESPANHOL*; *HAITI, República do*.

REPUBLICANO, Assis. *Ver ASSIS REPUBLICANO, Antônio de*.

REQUINTO. Tambor agudo da *bomba** porto-riquenha.

RESCARIANGO. Samba, baile popular. Certamente, de Cariongo* (por meio da expressão "Reis Cariongo"), personagem das antigas congadas. *Ver REI CARIJONGO.*

RESENDE, Alexandre Dias de (?-1812). Militar brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Capitão do Regimento dos Pardos*, foi reformado como sargento-mor. Recusado, por motivos raciais, pela Irmandade de São Pedro, embora fosse homem estimado e de largas posses,

ao morrer deixou para ela rico legado, que deu origem à Instituição dos Socorros aos Padres da entidade. Seu retrato foi, então, entronizado na galeria dos beneméritos da irmandade.

RESENDE [de Souza Nazareth]**, Helenira** (1944-72). Combatente revolucionária brasileira nascida em Cerqueira César, SP, e morta na região do Araguaia, entre o sudeste do Pará e o atual estado de Tocantins. Filha de Adalberto Nazareth, o primeiro médico negro da cidade paulista de Assis, engajou-se, em 1969, ainda universitária e líder estudantil, na chamada "Guerrilha do Araguaia", para combater a ditadura militar instaurada no Brasil cinco anos antes. Em 1972, emboscada, torturada e morta por um contingente do Exército, sua bravura, honra e dignidade foram exaltadas num comunicado do comando das forças guerrilheiras após sua morte (conforme Ribeiro, 2007).

RESENDE, Palimércio de (1880-1939). Militar brasileiro nascido no Rio Grande do Sul e falecido em São Paulo. Iniciou carreira militar em 1896 e, na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, completou o curso de Engenharia Militar e o de Ciências Físicas e Matemáticas. Promovido a segundo-tenente em 1907, atinge o posto de coronel em 1928, ano em que assume a chefia do Estado-Maior da 2ª Região Militar, em São Paulo. Deflagrada a Revolução Constitucionalista de 1932, destaca-se como um dos comandantes das forças revolucionárias. Derrotado o movimento, abriga-se no exílio mas, anistiado, retorna ao Brasil e volta a conspirar contra Getúlio Vargas, num movimento afinal não deflagrado.

RESGATE. O mesmo que redenção, libertação. Nos documentos do tráfico de escravos, o termo foi empregado, falaciosamente, para designar a operação de aquisição de africanos para o trabalho escravo.

RESISTÊNCIA. Nome pelo qual é conhecida a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, entidade sindical brasileira sediada na cidade do Rio de Janeiro. Fundada em 15 de abril de 1905 por iniciativa de Cândido Manuel Rodrigues, como consequência da antiga Companhia de Pretos, chamou-se inicialmente União dos Trabalhadores em Café e Trapiches, mas em maio daquele mesmo ano, durante a discussão dos estatutos, recebeu o nome que ostenta até hoje. É provavelmente a primeira organização do gênero a congregar negros, maciça e majoritariamente (cerca

de 75%), em seus quadros e em sua liderança. Seus associados pertencem à categoria dos arrumadores, que não se confunde com a dos trabalhadores da estiva. A tradicional rivalidade entre os portuários da estiva e os da Resistência parece residir no fato de a segunda ser, até hoje, uma associação de base étnica, o que não ocorre necessariamente na primeira. Tanto que a história registra uma sangrenta batalha, travada em 1908, após a eleição, impugnada, de dois trabalhadores portugueses para a diretoria da Resistência.

RESISTÊNCIA ESCRAVA, Formas de. Durante todo o tempo em que perdurou a escravidão negra nas Américas, a ordem escravista encontrou oposição por parte dos cativos, e as formas mais frequentes de demonstrá-la se constituíram em fugas, revoltas, aquilombamentos, sabotagens, suicídios, abortos*, no uso do amansa-sinhô* e no assassinato puro e simples. Mas, assim como o controle dos senhores não se exerceu apenas pela força, a resistência escrava se deu também pelo emprego de estratégias pacíficas, expressas em pequenos atos de desobediência, manipulação pessoal e afirmação cultural, bem como em atitudes dissimuladas. Mesmo alguns levantes coletivos foram planejados menos com o fim de destruir o escravismo do que para criar um ambiente propício à negociação e ao atendimento de reivindicações específicas, como melhor tratamento, alimentação, entre outras. *Ver LEVANTES DE ESCRAVOS*.

RETORNADOS. Nome dado pela historiografia da escravidão aos libertos e seus descendentes que, no século XIX, migraram em massa das Américas, sobretudo do Brasil e de Cuba, principalmente para a África ocidental. Esse retorno deveu-se, primordialmente, à forte repressão que atingiu os negros libertos depois da Revolta dos Malês* na Bahia e da Conspiração de La Escalera* em Cuba. Antes do final daquele século, o número de emigrados já passava de 3 mil. Além da África ocidental, a região de Moçâmedes*, no Sul de Angola, também recebeu retornados do Brasil. *Ver ANGOLA, República de [Os retornados]*; *BALI [1]* e *[2]*; *BRÉSILIEN*; *NIGÉRIA, República Federal da [Os retornados do Brasil]*; *TABON*.

RETRATO AMERICANO. Espécie de reprodução fotográfica executada comercialmente no Brasil, com grande procura, nas últimas décadas do século XIX. Usando pintura a óleo e creiom sobre a fotografia ampliada, o

fotógrafo "embelezava" a fisionomia do retratado, arianizando-a, se fosse o caso, mediante o clareamento da tonalidade da pele e o alisamento dos cabelos.

RETUMBÃO. Dança da festa paraense de são Benedito.

REUNIÃO. Departamento ultramarino da França, localizado no oceano Índico, a leste de Madagáscar, com capital em Saint-Denis. Sua população inclui africanos e descendentes.

REVÉ [Matos]**, Elio** (1930-97). Percussionista, compositor e diretor de orquestra cubano nascido em Guantánamo e falecido em um acidente automobilístico na saída de Jagüey Grande. Em 1955 fundou em Havana a Orquestra Revé, celeiro de grandes nomes da música cubana, com a qual visitou vários países. Especialista no gênero *changüí**, foi um virtuose dos timbales e autor de peças famosas como *Changüí campanero*, *Samá*, *Mi salsa tiene sandunga* e outras. Extremamente carismático, foi um dos maiores líderes dos músicos cubanos; seu corpo, devido a esse prestígio, foi sepultado no Panteão das Forças Armadas.

REVISTAS MUSICADAS. *Ver TEATRO NEGRO [Teatro de revista].*

REVIVALISMO. *Ver NEGRO REVIVAL.*

REVIVE. Uma das toboces que descem na Casa das Minas*. O nome vem, certamente, do fongbé *houevi*, "peixinho": as toboces, como os erês, têm sempre nomes ligados ao universo infantil.

REVOLTA DOS MALÊS. *Ver ISLÃ NEGRO.*

REVOLUÇÃO DOS ALFAIATES. Um dos nomes da revolta que teve lugar em Salvador, BA, no ano de 1798. O levante foi integrado, essencialmente, por negros e pobres, os quais, inspirados pelos ideais da Revolução Francesa, pretendiam proclamar a República e abolir a escravidão, num momento em que os ecos da Revolução Haitiana chegavam ao Brasil. Dois de seus líderes, João de Deus* e Manuel Faustino dos Santos Lira*, eram alfaiates, daí o nome dado ao movimento. Tanto estes como Lucas Dantas* e Luiz Gonzaga das Virgens*, também articuladores da revolta, foram esquartejados em praça pública. A sedição é conhecida, ainda, como Conjuração Baiana* e Revolta dos Búzios.

REVOLUÇÃO FARROUPILHA. *Ver FARRAPOS, Guerra dos.*

REVOLUÇÃO HAITIANA. Sequência de eventos históricos ocorridos na antiga colônia francesa de Saint Domingue, atual Haiti, na passagem do século XVIII para o XIX, constituindo o marco inicial da extinção da escravidão negra nas Américas. *Ver HAITI, República do*.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL. Nome pelo qual ficou conhecido o surto de desenvolvimento tecnológico verificado na Europa, tendo início na Inglaterra, a partir de meados do século XVIII. Esse fenômeno, principal responsável pelo fosso que separou a civilização africana da europeia, começou a ser gerado já na metade do século do século XVII, quando a Europa, graças ao cultivo da cana-de-açúcar com o uso da mão de obra de africanos escravizados, acumulou grandes capitais. Assim enriquecida, a Europa (em especial Inglaterra e França) alterou e aperfeiçoou seus métodos de produzir riquezas, enquanto a África, cada vez mais despovoada e empobrecida, continuou utilizando as técnicas tradicionais. O que acentuou ainda mais a diferença de capacidade produtiva entre os continentes, a partir de 1750, numa reação em cadeia, foi o fato de uma invenção europeia levar a outra, e cada melhoramento de maquinaria e equipamentos dar margem a outro maior e mais eficiente. Mas a ironia está na constatação de que todo esse desenvolvimento só foi possível com a exploração, pela Europa, dos outros três continentes conhecidos: da Ásia os europeus levaram o conhecimento científico básico; da América, o ouro e a prata; da África, a mão de obra para a exploração do novo continente – o progresso sendo alcançado mediante a obtenção dos lucros do capital originalmente acumulado, sobretudo por meio da adoção da escravidão negra. A diferença de capacidade produtiva entre a Europa e o continente africano refletiu-se na inevitável supremacia militar que levou à partilha da África entre as grandes potências. Segundo Davidson (1981), as armas e a pólvora – que apenas os europeus fabricavam – os africanos aprenderam a utilizar, e as possuíam em quantidade significativa, porém dependiam dos europeus para obtê-las. *Ver AÇÚCAR; SUBDESENVOLVIMENTO AFRICANO*.

REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817. Movimento de orientação liberal e republicana irrompido em Recife e irradiado para outros centros nordestinos. Propondo uma república independente e sem escravos, o movimento teve forte repercussão entre a população negra. Na Paraíba, 23

escravos envolvidos foram presos, julgados e condenados à morte na forca. Ironicamente, um filho do líder principal do movimento, Domingos José Martins, tornou-se, a partir de 1838, um rico mercador de escravos no golfo do Benin.

REVUE INDIGÈNE, La. Periódico lançado no Haiti em 1927. Reunindo intelectuais voltados para a valorização e a consolidação de uma identidade haitiana, foi uma das manifestações precursoras do movimento da *négritude**.

REY DE BURÍA. Cognome dado ao escravo Miguel, rebelde venezuelano do século XVI. *Ver MIGUEL, Rei*.

REY DEL MONTE. *Ver SALOMÉ, Mama*.

REZINGA. Luta de espadas entre dois embaixadores em congadas de Minas Gerais.

RHUMBA BOX. Na Jamaica, instrumento musical constituído por uma caixa de madeira provida de lâminas.

RHYTHM-AND-BLUES. Espécie de música negra que combina elementos do blues, do gospel e do jazz e se caracteriza pelo ritmo acentuado e simples, em andamento acelerado.

RIACHÃO. Nome artístico de Clementino Rodrigues, sambista nascido em Salvador, BA, em 1921. Cria do bairro do Garcia, tradicional pelo carnaval sarcástico e trocista, destacou-se, a partir de 1944, por composições irreverentes como *Cada macaco no seu galho*, registrada por Gilberto Gil*. Em 2001 estrelou o premiado longa-metragem *Samba Riachão*, sobre a música baiana porém ancorado em sua personalidade ímpar.

RIAMBA. Variante de liamba*. Pronuncia-se com “r” brando.

RIBAS, Oscar [Bento] (1909-2004). Escritor angolano nascido em Luanda e falecido no Estoril, Portugal. Apesar de ter ficado cego aos 36 anos, deixou publicados mais de trinta títulos – obras de ficção e ensaios –, entre os quais *Uanga* (1950), *Ecos da minha terra* (1952) e *Missosso* (três volumes: 1961, 1962, 1964). Membro honorário da Sociedade Brasileira de Folclore e oficial da Ordem do Infante de Portugal, foi um dos maiores nomes da literatura e da etnografia em seu país. Sua obra representa importante fonte para o conhecimento das raízes angolanas da cultura brasileira.

RIBEIRA, Festa da. Celebração que, em Salvador, BA, se segue à Festa do Bonfim*. À meia-noite do segundo domingo do mês de janeiro, todo o equipamento da festa anterior é transferido para a Ribeira, no extremo da península de Itapajipe, onde, até a terça-feira seguinte, se desenrola a folia, numa espécie de abertura tradicional do carnaval baiano.

RIBEIRO, Domingos (1863-?). Militar brasileiro. Formado na Escola Militar da Praia Vermelha em 1892, durante a Revolta da Armada comandou um batalhão na Bahia, chegando, mais tarde, depois de outras missões, ao posto de general. Ainda era vivo em 1963, ano em que uma missa de ação de graças na capela do Colégio Militar carioca marcou o seu centenário.

RIBEIRO, Eduardo [Gonçalves] (1862-1900). Militar e político nascido no Maranhão, filho de escravos, e falecido em Manaus, AM, onde buscara exílio em 1887. De novembro de 1890 a maio de 1891, foi nomeado como governador do estado do Amazonas, sendo eleito para um mandato de quatro anos em 1892. Exercendo também a função de diretor de Obras Públicas, realizou ousadas intervenções urbanísticas em Manaus, causando descontentamento em alguns setores. Morreu em circunstâncias misteriosas, vítima de alegado suicídio.

RIBEIRO, João (1860-1934). Nome literário de João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, escritor nascido em Laranjeiras, SE, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Poeta, historiador, filólogo e crítico literário, em 1898 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Publicou, entre outras obras: *Dicionário gramatical* (1889); *História Antiga I – Oriente e Grécia* (1892); *História do Brasil* (1900); *Estudos filológicos* (1902); *Compêndio de história da literatura brasileira* (com Sílvio Romero, 1906); *O folclore* (1919); *Floresta de exemplos* (1931). É citado pelo acadêmico

João Ribeiro

A. da Silva Mello (1958, p. 221) em *Estudos sobre o negro*, em uma nominata de intelectuais “de cor”.

RIBEIRO, Maria. Pseudônimo da atriz cinematográfica brasileira Maria Ramos, nascida em Juazeiro, BA, em 1923. Ex-bilheteira de sala de exibição e funcionária de laboratório de revelação de filmes, entrou para a vida artística por acaso, ao ser convidada para estrelar *Vidas secas*, em 1962. Participou, entre outros filmes, de *A hora e a vez de Augusto Matraga* (1965), *Os herdeiros* (1970) e *A terceira margem do rio* (1994).

RIBEIRO, Matilde. Militante afro-brasileira nascida em Flórida Paulista, SP, em 1960. Graduada pela Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), notabilizou-se por sua atuação no Centro de Estudos sobre Trabalho e Desigualdades (Ceert) e no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista. Depois de destacar-se em sua especialidade, ministrando aulas e publicando importantes textos sobre raça, feminismo, meio ambiente e políticas públicas, foi chamada a integrar o governo do presidente Lula da Silva, à frente da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), órgão com status de ministério, mas sem orçamento compatível. Em 2008, deixou o cargo, sob forte bombardeio da mídia, num episódio controverso, sendo substituída por Edson Santos*.

RIBEIRO, Milton (1920-72). Nome artístico de Milton de Sousa Mineiro, ator brasileiro nascido em São Paulo, SP, criado em Batatais, no mesmo estado, e falecido na capital paulista (conforme *Enciclopédia do cinema brasileiro*, 2000). Celebrizou-se no papel principal do premiado filme *O cangaceiro*, produção paulista de 1953, e atuou em vários outros filmes sobre o mesmo tema.

RIBEIRO, Roberto (1940-96). Nome artístico de Dermeval Miranda Maciel, cantor e compositor brasileiro nascido em Campos, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira discográfica em 1965, destacando-se como um dos grandes intérpretes do samba carioca. Notabilizou-se por canções como *Acreditar*, de Dona Ivone Lara* e Délcio Carvalho*, *Todo menino é um rei*, de Nelson Rufino e Zé Luiz, e *Meu drama*, de Silas de Oliveira e J. Ilarindo, alcançando altos níveis de vendagem e

execução. Integrou a escola de samba Império Serrano*, onde ganhou fama como puxador* e compositor de sambas-enredo.

RIBEIRO, Theodosina [Rosário]. Parlamentar brasileira nascida em Barretos, SP, em 1925. Formada em Ciências Jurídicas e Sociais e em Pedagogia, em 1970 foi eleita vereadora pela capital paulista e, em 1974, tornava-se a primeira deputada negra na Assembleia Legislativa do estado de São Paulo, sendo reeleita em 1978.

RIBEIRO DE SOUZA, Júlio César. *Ver SOUZA, Júlio César Ribeiro de.*

RIBIEL, El. Ente fantástico dos negros da Colômbia, semelhante ao *güije** cubano e ao *tunda* do Equador. É um pequeno duende, franzino e pobre mas cheio de malícia e astúcia. Gosta de se vestir bem, ao contrário de seu similar cubano, que anda nu, e, também ao contrário deste, odeia a luz do sol. Quando pede *aguardiente*, diz "*aguacelente*"; isso para não pronunciar o "d", que lhe é proibido porque com ele se escreve "Deus".

RICARDO [Leite]**, Cassiano** (1895-1974). Escritor brasileiro nascido em São José dos Campos, SP, e falecido no Rio de Janeiro. Poeta, crítico e ensaísta, foi um dos grandes nomes do modernismo brasileiro, destacando-se principalmente pelo volume de poemas *Martim Cererê* (1928). É autor, também, do ensaio de sociologia histórica *O negro na bandeira* (1938), que faz parte de uma vastíssima obra, abarcando diversos gêneros. Membro da Academia Brasileira de Letras, é referido na nominata de poetas afrodescendentes do livro *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988). Entretanto, sua postura diante da questão negra mereceu críticas da militância.

RICE, Condoleezza. Cientista política americana nascida em Birmingham, Alabama, em 1954. Formada pela Universidade de Notre Dame, integra o corpo docente da Universidade Stanford, onde foi reitora. Assessora do governo George Bush para assuntos soviéticos, em 2001 foi escolhida por George W. Bush, então eleito presidente, como assessora para assuntos de segurança nacional.

RICHIE [Jr.]**, Lionel** [Brockman]. Cantor, compositor e instrumentista americano nascido em Tuskegee, Alabama, em 1949. Ainda estudante do Tuskegee Institute (atual Tuskegee University*), aprendeu piano com sua mãe e cantou no coro de uma igreja episcopal. Mais tarde, integrou o grupo Commodores, formado em 1968. Com bem-sucedida carreira solo

desenvolvida a partir de 1981, tornou-se um dos grandes nomes do soul e do pop internacional.

RICONGO. Variante de urucungo*.

RIFF. Na linguagem do jazz, figura melódica rápida, em ostinato.

RIGAUD, André (1761-1811). General haitiano nascido em Los Cayos e falecido em Porto Príncipe. Filho de branco com negra, estudou em Bordeaux, França, e recebeu treinamento militar. Alistou-se como voluntário no Exército francês, que estava engajado na Guerra de Independência americana. De regresso a seu país, tornou-se comerciante de ouro, até a eclosão da revolta dos escravos. Lutou ao lado de Toussaint L'Ouverture*, porém, numa disputa de poder, perdeu sua posição. Retornando à França, de lá foi deportado para Madagáscar por Napoleão. Voltou ao país natal em 1810, incorporando-se às forças revolucionárias. Após assumir a chefia da nação haitiana, promulgou a Constituição de 1811, sendo, em seguida, derrubado por um golpe militar; morreu na prisão em consequência de uma greve de fome.

RIGOT-MULLER, Ivonete. Cantora lírica brasileira nascida no Rio de Janeiro, por volta de 1945. Soprano, em 1988 participou de uma montagem em vídeo de *O escravo**, de Carlos Gomes*, comemorativa do centenário da abolição, em que interpretou a personagem Ilara. Em maio de 2001 apresentava-se na Madeleine, famosa igreja francesa, lançando o CD *Les grands airs du baroque brésilien*, com obras mineiras dos séculos XVII e XVIII.

RIJA, Leonor (século XVI). Personagem da história do teatro na Espanha. Descrita como "mulata, dançarina, tocadora de guitarras e pandeiro", atuou no Corpus de Sevilha, no ano de 1590. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

RINCÃO DOS PANTA. Comunidade negra do município de Rio Pardo, RS, também conhecida como Rincão dos Crioulos. Foi retratada em reportagem do jornal *Correio do Povo* (de 20 de agosto de 1977) como uma das "ilhas étnicas" da zona rural gaúcha.

RIO DAS MORTES, Quilombo do. O mesmo que Quilombo do Ambrósio*.

RIO DE JANEIRO. Cidade brasileira, no estado de mesmo nome, localizada na porção leste da região Sudeste. Capital colonial do Brasil de

1763 a 1822, foi também capital do Império de 1822 a 1889 e capital da República de 1889 a 1960. **Escravismo colonial:** O ano de 1532 marca o início do escravismo português no Brasil, pois nesse período teriam desembarcado os primeiros escravos, vindos para trabalhar num pioneiro engenho de açúcar fundado por Martim Afonso na Vila de São Vicente, núcleo do estado de São Paulo. Nessa época, a futura cidade do Rio de Janeiro ainda era um projeto, constituindo parte de uma feitoria improdutiva, sujeita a ataques e tentativas de invasão. Em 1567, entretanto, dois anos após a fundação formal, São Sebastião do Rio de Janeiro recebia seus primeiros melhoramentos. A cidade foi alargada e seu governo entregue a Salvador Correia de Sá, o Velho, que mais tarde se destacaria pela atuação no contrabando de escravos do Rio de Janeiro para a região do Prata. Com o surto desenvolvimentista da cana-de-açúcar, o Brasil começa a importar maciçamente escravos de Cabo Verde, golfo da Guiné, Congo, Cabinda, Angola e Benguela. O mais importante negreiro do Rio de Janeiro, João Gutierrez Valério, assina com Salvador de Sá uma espécie de contrato de exclusividade para abastecer os proprietários fluminenses. Na década de 1580, a ilha das Cobras, na baía de Guanabara, passa a ser propriedade, segundo escritos coloniais, de um certo "João Gutierrez, oleiro", provavelmente o mesmo traficante de escravos, que parece ter adquirido a ilha para utilizá-la como depósito de carga humana. No raiar do século XVII, a cidade tinha aproximadamente 3.800 habitantes: cerca de 3 mil índios, setecentos brancos e apenas cem africanos. Em 1618, Duarte Vaz, irmão do governador Rui Vaz Pinto, ganha o privilégio de "aprontar" escravos para que trabalhassem no serviço de carga e descarga de navios no porto da cidade, fazendo nascer, assim, a estiva* do Rio de Janeiro, até hoje uma atividade predominantemente exercida por negros. A cidade e a província necessitavam cada vez mais de escravos, tanto que a municipalidade se queixava, em 1620, do fato de que os navios que saíam do

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro com farinha de mandioca, então o principal produto agrícola da província, não retornavam com escravos, preferencialmente vendidos em Pernambuco. Tal preferência, porém, era explicável: naquele tempo, uma viagem de Angola, principal território fornecedor de escravos para o Brasil, até o Rio de Janeiro demorava em regra cinquenta dias, duas semanas a mais que uma viagem Angola-Pernambuco. **Séculos XVII e XVIII:** Na primeira metade do século XVII, em decorrência do tráfico angolano, já havia vários quilombos no Rio de Janeiro, bem próximos ao núcleo da cidade, nas matas do Desterro, hoje Santa Teresa. Na periferia, essa presença pode ser avaliada pela existência, até hoje, de logradouros com denominações como "caminho do Quilombo", "morro do Quilombo" etc. Mas, na verdade, a presença de negros no Rio de Janeiro só se intensifica com a descoberta do ouro e o início da exploração desse metal na região das Minas Gerais, no final do século XVII. A partir de 1695, a Irmandade da Misericórdia reivindica e passa a receber um cruzado pelo enterro de cada escravo que sepulta; em 1698 o governador interino Martim Corrêa Vasques detecta a necessidade de criar, e de fato cria, uma entidade de controle, a Companhia de Ordenanças de Pretos Forros, certamente para policiar os pretos escravos. Durante todo o século XVII, a cidade desce o morro do Castelo e se espalha pela rua Direita (atual Primeiro de Março) até a Prainha (Praça Mauá), em direção à Gamboa. O século XVIII vai encontrar proprietários paulistas comprando numerosos lotes de cativos no Rio de Janeiro, a fim de empregá-los na mineração, e pagando por eles preço elevado. Com essa grande demanda, a economia municipal vê esboçar-se uma crise. Então, proíbe-se a venda de escravos das plantações de cana e mandioca e criam-se dispositivos legais para a importação de negros, não só de Angola como também da costa da Guiné e de Moçambique, onde se estabelece a Antônio Lopes da Costa & Cia., empresa carioca dedicada ao comércio escravista. Em 1710 a população da cidade era de 12 mil habitantes, número que, 89 anos depois, no recenseamento promovido pelo vice-rei conde da Cunha (em 1763 o Rio passara a sede do governo central), chegaria a 43.376, com 55% de pretos e mestiços, escravos ou não. Esse recenseamento, associado a dados de Karasch (1987), talvez permita concluir que, dos 3 milhões de escravos que ingressaram no Brasil naqueles últimos cem anos, um terço

teria entrado pelo porto do Rio de Janeiro. **Escravos nas ruas:** Com uma população basicamente negra desde a segunda metade do século XVII, da qual cerca de um quinto era de escravos, o Rio de Janeiro mostrava uma fisionomia bem característica. As ruas mais centrais assistiam à passagem de africanos recém-desembarcados, nus, sujos, chagados, doentes, fazendo ali mesmo as suas mais urgentes necessidades fisiológicas – e essa situação levou o marquês do Lavradio (1729-90) a concentrar o comércio de escravos em um só lugar, o Valongo, para onde os negros se dirigiam sem ter de passar pelas ruas do centro, já que o local tinha seu próprio cais. Via-se também o transporte, na cabeça dos escravos, dos "tigres" ou cabungos, recipientes respingando as fezes que seriam despejadas no mar ou em covas públicas no velho Campo de Santana, depois parque da Aclamação. A cidade via e ouvia a confusão e o alarido dos negros nos chafarizes, onde ninguém podia passar sem ser alvo de um banho indesejado. Nos ângulos das ruas ou adros das igrejas, era triste o espetáculo dos mendigos, quase todos negros e velhos, representando o rebotalho, o bagaço da implacável e terrível moenda da ordem escravista. Nos dias de grande festa, no entanto, o Senado da Câmara, com o firme propósito de poupar a aristocracia dessa deprimente visão, varria das ruas o lixo humano, frequentemente a pauladas e chibatadas, assim como não poupava ninguém de presenciar as torturas que eram infligidas a escravos criminosos no pelourinho*. Porém a cidade, apesar das circunstâncias, viu, nos dois primeiros séculos de sua história, os negros em festa: nos cortejos dos cucumbis*, que vez por outra saíam às ruas; nas coroações dos reis congos* que se realizavam no adro da Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa; e, principalmente, nas bandas de barbeiros, entre outras manifestações de arte e de prazer. Segundo o historiador Luiz Felipe de Alencastro (1997), de 1799 a 1821, o percentual de escravos na cidade cresceu de 35% para 46%: a baía de Guanabara transformara-se, no fim do século XVIII, no maior terminal negreiro das Américas. Por volta de 1840, o Rio de Janeiro, contando, entre seus habitantes, com um terço de emigrados da África e a maior população urbana de escravos registrada desde Roma, tinha, ainda de acordo com Alencastro, os ares de uma cidade africana. Após a Guerra do Paraguai*, contingentes de soldados desmobilizados, preferindo a capital ao retorno às províncias de origem,

reforçavam esse aspecto. **Quilombos:** No século XIX, as freguesias dos subúrbios cariocas abrigavam vastidões de terras incultas, com matas e serras que se apresentavam, assim, como locais propícios à formação de quilombos. Em 1826 eram capturados 76 escravos fugitivos na freguesia de Inhaúma, 56 na de Irajá e 34 na da ilha do Governador, o que indica a existência de redutos quilombolas nesses locais. **Imigrantes angolanos:** A partir da década de 1980, por causa da ligação aérea direta com Luanda, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o principal destino no Brasil de imigrantes e refugiados angolanos. Concentrada sobretudo na Vila do João, no Complexo da Maré, próximo ao aeroporto internacional, e também no bairro de Fátima, no centro da cidade, essa comunidade contava, em abril de 2002, com população estimada em 5 mil pessoas, tendo como principal ponto de referência a Segunda Igreja Batista Evangélica da Vila do João. *Ver PEQUENA ÁFRICA*; *SAMBA [1]*; *VALONGO*.

RIO DE JANEIRO, Estado do. Unidade da federação brasileira, na região Sudeste, localizada entre os estados de Minas Gerais (norte e noroeste), Espírito Santo (nordeste), São Paulo (sudoeste) e o oceano Atlântico (leste e sul). Com seu litoral frequentado por exploradores portugueses e piratas franceses já na primeira década do século XVI, a antiga capitania e província fluminense experimentou rápido desenvolvimento. De 1763 a 1960, a cidade do Rio de Janeiro*, às margens da baía de Guanabara, foi, seguidamente, a capital da Colônia, do Império e da República, o que determinou o desenvolvimento econômico da região e atraiu grandes massas de população negra, tanto para o atual município da capital como para o vale do Paraíba*, a Baixada Fluminense* e outras microrregiões. No início do século XXI, o governo federal havia identifiado catorze comunidades remanescentes de quilombos* no estado, sobretudo nos municípios de Parati, Macaé, Barra do Piraí, Mangaratiba, Campos, Cabo Frio, Vassouras, São Pedro da Aldeia, Valença e Angra dos Reis. *Ver CAFÉ, Ciclo do*.

RIO GRANDE DO NORTE. Estado do Nordeste brasileiro situado entre a Paraíba (sul), o Ceará (oeste) e o oceano Atlântico (norte e leste). Sua história econômica, também inserida no contexto do Brasil holandês, está ligada à exploração do sal e da cana-de-açúcar e à pecuária. Até 2000, a

Fundação Cultural Palmares* havia identificado no estado quinze comunidades remanescentes de quilombos*, como as de Boa Vista dos Negros, no município de Parelhas; Capoeira dos Negros, em Macaíba; Negros dos Arqueiros, em Pedro Avelino; e Negros do Riacho, em Currais Novos. Foram vultos significantes da intelectualidade potiguar a poetisa afro-brasileira Auta de Souza* e seu irmão, o educador e escritor Henrique Castriciano*.

RIO GRANDE DO SUL. Estado do extremo sul do Brasil. Com o início da prática pecuária, nas últimas décadas do século XVII, e com seu desenvolvimento na centúria seguinte, o Rio Grande do Sul abasteceu de carne e animais de tração a região das minas e, para tanto, usou exaustivamente o braço escravo. O vocabulário gauchesco, assim como algumas tradições rurais locais, refletem bem a presença negra na região. **Quilombos:** Segundo Mário Maestri Filho (1984), embora os primeiros quilombos gaúchos datem possivelmente do início da ocupação portuguesa, na primeira metade do século XVIII, a documentação a respeito só se torna abundante no século XIX. A partir de 1833, conhecem-se núcleos quilombolas na ilha dos Marinheiros (como o do chefe Lucas); nas redondezas de Pelotas; no município de Rio Pardo; na região serrana do distrito do Couto, que assistiu a uma expedição repressora em 1847; no antigo município de Triunfo e em outras regiões. **Insurreições escravas:** São poucos os dados sobre rebeliões de escravos no estado. Ainda segundo Mário Maestri Filho (*op. cit.*), foram registrados os seguintes eventos: em 1838, conspiração abortada em Porto Alegre; em 1848, rebelião reprimida em Pelotas; em 1859, insurreições em Piratini e Capivari; em 1863-65, novos movimentos. **Fugas:** No Sul do Brasil, desde a época colonial, em lugar de insurreições e aquilombamentos, a alternativa mais eficaz de resistência à escravidão era a fuga para as terras que ficavam além das fronteiras. Alcançando as regiões de colonização espanhola, os escravos fugitivos eram recebidos como homens livres, podendo empregar-se como assalariados. Muitos ex-escravos evadidos do Brasil integraram, por exemplo, os exércitos de Artigas (derrotados em 1820) durante a luta contra os luso-brasileiros que invadiram a Banda Oriental. *Ver ARTIGAS-CUÉ*. **Remanescentes:** No final do século XIX, já proibido o tráfico, a província

recebeu, pelos portos de Capão da Canoa e Tramandaí, escravos vindos do Sudeste e do Nordeste do país para trabalhar nos canaviais, engenhos e fábricas de farinha da região. Hoje, comunidades negras rurais subsistem nos municípios de Mostardas, Osório, Rio Pardo, Santa Maria, Santa Vitória do Palmar, Tapes, Tavares e provavelmente em outros. Essas comunidades cultivam tradições culturais de origem africana como o batuque*, o cucumbi* e o moçambique*.

RIONGO. Nassa, armadilha para peixes da tradição afro-brasileira, feita de lascas de bambu. Do quimbundo *diongo*, "nassa".

RÍOS, Eric López. Ginasta cubano nascido em 1972. No ano de 1999, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, Canadá, consagrou-se como o maior atleta do certame, conquistando cinco medalhas de ouro na modalidade de ginástica olímpica.

RÍOS, Lágrima (1924-2006). Cantora uruguaia nascida em Durazno e falecida em Montevidéu. De origem humilde, atuou ao lado de músicos como Aníbal Troilo, Alberto Castillo e Celia Cruz*. Reconhecida como a primeira intérprete negra no cenário do tango, destacou-se também por seu trabalho de divulgação desse gênero e do candombe* no exterior. Vivendo durante vários anos na Espanha e na África do Sul, foi veemente acusadora do racismo em seu país natal.

RI-RÓ. Saudação ritual de Euá*. Pronuncia-se com "r" brando. Do iorubá *rírò*, "doce", "suave".

RISADINHA (1921-76). Nome artístico do cantor e compositor brasileiro Francisco Ferraz Neto, nascido em São Paulo e falecido no Rio de Janeiro. Com carreira iniciada em 1935, dez anos depois se mudou para o Rio de Janeiro e se destacou como compositor (assinando como Francisco Neto) e cantor de repertório carnavalesco. Um dos melhores intérpretes do samba sincopado, durante mais de dez anos marcou presença nos carnavais, interpretando retumbantes sucessos como *Se eu errei* (1953), *Saco de papel* (1956) e *Cacareco é o maior* (1960). Em 1975 recebeu, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, o título de "cidadão carioca".

RITA MARIA (*c.* 1850-*c.* 1920). Personagem popular de Florianópolis, SC. Filha de escravos, afamada como rezadeira, residia na ilha, na Praia da Freira, próximo ao Forte de Santana. Em sua memória e no bairro onde

residiu, sempre conhecido pelo seu nome, erguia-se, em 1999, a Estação Rodoviária de Rita Maria.

RITOS FUNERÁRIOS. O culto aos mortos, remanescência da ancestralidade africana, sobrevive nas Américas negras sobretudo no que diz respeito à profusão de ritos funerários observada em várias regiões. Nos *jazz funerals** de Nova Orleans, por exemplo, isso é evidenciado pelo cuidado em assegurar ao defunto um bonito enterro. Da mesma forma, as vigílias fúnebres em Guadalupe, na Martinica, e em todo o Sul dos Estados Unidos; o gurufim* dos morros cariocas; o toque do surdo de marcação nos enterros de sambistas no Rio de Janeiro; o axexê* e o sirrum* dos candomblés brasileiros; o ato, registrado no Alabama, de colocar oferendas nas sepulturas; a dança e as brincadeiras em volta do caixão nos velórios de crianças, na Venezuela e na Colômbia, também são ritos remanescentes do culto dos africanos aos ancestrais.

RITUMBA. Aportuguesamento de *nritumba*, nome de um tambor dos lundas.

RIVALDO Vítor Borba Ferreira. Jogador brasileiro de futebol nascido em Paulista, PE, em 1972. Destacou-se como atacante na seleção brasileira, disputando os mundiais de 1998 e 2002. Em 1999, atuando na Espanha, foi eleito o melhor jogador do mundo.

RIVAS, Alberto Renilde. Pintor nascido em Santiago de Cuba por volta de 1940. Formado pela Escuela Provincial de Arte José Joaquín Tejada em 1962, realizou várias exposições em seu país e no Leste Europeu. Foi focalizado no número 6 (de 1980) da revista *América Latina*, da Academia de Ciências da então União Soviética.

RIVERA, Ismael (1931-87). Cantor e compositor porto-riquenho nascido e falecido em Santurce. Solista do grupo de Rafael Cortijo (Cortijo y Su Combo*), expoente da *plena** e o maior astro da música popular de seu país nos anos de 1950-60, em 1962, em meio à luta anticolonialista, foi detido e preso por porte de drogas, tendo sido condenado a cinco anos de prisão. Exilando-se, mais tarde, em Nova York, morreu na obscuridade. Entretanto, é unanimemente considerado um grande artista, influenciador de uma geração inteira de cantores da salsa [1]*.

RIVERA, Niño (1919-96). Pseudônimo de Andrés Echeverría, guitarrista e compositor cubano nascido em Pinar del Río e falecido em Havana. Virtuose do *tres*, guitarra da tradição afro-cubana, viajou pela Itália, Espanha e antigas Tchecoslováquia, União Soviética e Alemanha Oriental à frente de seu conjunto, formado em 1945.

RIVERO, Roque (século XIX). Professor argentino de piano, de origem africana. Um dos mais prestigiados mestres na cidade de Buenos Aires, em sua época.

RIVIÈRE, Romaine (século XVIII). Líder escrava da Martinica. Autoproclamando-se profetisa e filha da Virgem Maria, por volta de 1792, quando se iniciava a guerra civil no Haiti, reuniu numeroso grupo de escravos e atacou Léogâne, na Martinica.

ROACH, [Maxwell Lemuel, dito] **Max** (1924-2007). Músico americano nascido em Newland, na Carolina do Norte. Baterista pioneiro do estilo bebop e professor de música da Universidade de Massachusetts desde 1972, em 1988 distinguiu-se como o primeiro artista do jazz a receber o McArthur Fellowship, o maior e mais prestigioso prêmio americano no universo das artes e letras. Posicionando-se lúcida e firmemente quanto à questão racial, tornou-se um nome importante no movimento pela justiça social e igualdade racial em seu país.

ROAD MARCH. Gênero de calipso* com o propósito de animar os clubes que saem às ruas para desfilar e competir no carnaval de Trinidad e Tobago. Guardadas as devidas proporções, sua função é a mesma que a dos sambas-enredo das escolas de samba brasileiras.

ROARING LION (1908-99). Pseudônimo de Rafael de León, cantor-compositor de calipso* nascido em Trinidad. Considerado uma "enciclopédia ambulante" da história do calipso e lenda viva do gênero, em 1997, aos 89 anos, ainda cantava em shows. Naquele ano, reviveu um de seus grandes êxitos: *Papa Chunks*, estrondoso sucesso de 1938.

ROBA, Fatuma. Maratonista etíope nascida em Arsi, em 1973. Na Olimpíada de Atlanta, em 1996, depois de correr 42 quilômetros, tornou-se a primeira mulher negra a vencer uma maratona olímpica.

ROBERTINHO Silva. *Ver SILVA, [Roberto da, dito] Robertinho*.

ROBERTO CARLOS da Silva. Jogador de futebol brasileiro nascido em Garça, SP, em 1973. Lateral-esquerdo, integrou a seleção brasileira nas copas de 1998, 2002 e 2006 e empreendeu bem-sucedida carreira na Europa, como uma das estrelas do time espanhol Real Madrid. Destacou-se como um dos líderes da seleção que venceu a Copa do Mundo de 2002, com a qual o Brasil se sagrou pentacampeão da competição.

ROBESON, Paul (1898-1976). Cantor e ator americano nascido em Princeton, Nova Jersey, e falecido na Filadélfia, Pensilvânia. Filho de ex-escrava, formou-se em Direito pela Universidade de Colúmbia, tendo sido antes jogador profissional de futebol americano. Ingressou no teatro, fazendo sucesso em montagens como *Show boat* (1928) e *Othello* (1930), e estreou no cinema em *Body and soul*, filme de 1925. Entre 1935 e 1937 fez alguns filmes na Inglaterra, período em que, na versão hollywoodiana de *Show boat*, imortalizou a canção *Ol' man river*, sua interpretação mais famosa. Envolvido com a militância socialista e pelos direitos civis dos negros, foi vítima de rigorosa repressão por parte das autoridades de seu país, principalmente depois de receber, em 1952, da União Soviética, o Prêmio Stálin da Paz. Certa noite, em Kansas City, no Sul dos Estados Unidos, interrompeu o concerto que estava realizando e fez um longo discurso sobre discriminação racial para um estarrecido auditório branco, afirmando que fazia o concerto sob protesto, devido ao racismo sulista. Boicotado artisticamente, viveu seus últimos anos, a partir da década de 1960, doente e isolado no Harlem*.

ROBINHO. Apelido de Robson de Souza, jogador de futebol brasileiro nascido em São Vicente, SP, em 1984. Tendo jogado com destaque na Europa e atuando desde 2003 na seleção nacional, era, à época deste texto, um dos poucos representantes do estilo futebolístico brasileiro conhecido como "futebol-arte". *Ver FUTEBOL.*

ROBINSON, [Luther, dito] **Bill "Bojangles"** (1878-1949). Dançarino e ator cinematográfico americano nascido em Richmond, Virgínia, e falecido em Nova York. Exímio sapateador, ficando famoso como *partner* de Shirley Temple em filmes como *A mascote do regimento* e *A pequena rebelde*, ambos de 1935, participou de inúmeras outras películas e montagens da Broadway. Conhecido como "*The King of Tap Dancers*" ("O Rei dos Sapateadores"), no

auge de sua carreira foi o artista negro mais bem pago de Hollywood. Entretanto, morreu na miséria, como mostra o filme *Bojangles*, de 2001, dirigido por Joseph Sargent e estrelado por Gregory Hines*. *Ver TAP DANCE*.

ROBINSON, Smokey. Nome artístico de William Robinson Jr., músico americano nascido em Detroit, Michigan, em 1940. Cantor, arranjador, compositor, letrista, produtor e fundador do grupo vocal Miracles, tem papel preponderante na história da Motown Records*. Produtor dos Temptations* e de Marvin Gaye*, aos poucos abandonou seu trabalho de palco para dedicar-se aos bastidores, como vice-presidente da Motown. Como cantor, gravou mais cinco discos entre 1986 e 1991. Aclamado por Bob Dylan como um dos maiores poetas americanos, em 1988 publicou uma autobiografia, relatando sua nefasta experiência com as drogas. Um dos artistas mais populares dos Estados Unidos, é pouco conhecido no Brasil.

ROBINSON, Sugar Ray (1920-89). Pseudônimo de Walker Smith, pugilista americano nascido em Detroit, Michigan, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Atuando de 1940 a 1966, disputou 221 lutas, 25 delas válidas por títulos mundiais, sofrendo apenas dezenove derrotas, nenhuma por nocaute. Na categoria meio-médio, manteve o título de campeão de 1946 a 1951 e, como peso-médio, foi, entre 1951 e 1960, campeão cinco vezes.

ROCHA, Alfredo Casimiro da (1854-1933). Médico e político brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em Cunha, SP. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1878 transferiu-se para a cidade paulista de Cunha, onde se tornou uma pessoa de grande influência. Além de médico conceituado, foi vereador, deputado estadual e deputado federal; à época de seu falecimento, ocupava o cargo de prefeito nomeado do município.

ROCHA, Bruno. Bailarino clássico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1983. Criado em Belo Horizonte, MG, foi bolsista do Centro Mineiro de Danças, ligado ao Royal Ballet de Londres. No corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro desde os 16 anos, em 2003, ao desempenhar o principal papel masculino do balé *Giselle*, ao lado da consagrada Ana

Botafogo, tornou-se o primeiro bailarino afro-brasileiro a protagonizar um balé clássico no Municipal.

ROCHA, Cândido José da (*c.* 1870-1960). Empresário brasileiro nascido em Salvador, BA. Membro da comunidade brasileira em Lagos, Nigéria, fundou, no século XIX, a Water House ("Casa da Água"), empreendimento baseado na exploração de um poço artesiano, com o qual iniciou a acumulação de uma fortuna calculada em 1 milhão de libras esterlinas.

ROCHA, Clóvis Paulo da (1908-80). Jurista brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu. Advogado e magistrado, graduou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1931. Docente de direito civil na Faculdade Nacional de Direito, além de lecionar em outros estabelecimentos de ensino jurídico, deixou vasta obra escrita, na qual se incluem *Síntese histórica da legislação sobre o registro do estado civil das pessoas naturais*, *Imunidade dos agentes diplomáticos* e *Código civil e leis complementares*. À época de seu falecimento, era procurador-geral da Justiça do estado do Rio de Janeiro.

ROCHA, Francisco Gomes da (*c.* 1746-1808). Músico brasileiro atuante em Vila Rica, MG, atual Ouro Preto. Membro da Irmandade de São José dos Homens Pardos, apresentou-se como regente, instrumentista e cantor em inúmeros eventos sacros de seu tempo. Foi também fagotista e timbaleiro do Regimento de Dragões, o mesmo do qual Tiradentes era membro. Amigo de Lobo de Mesquita*, escreveu cerca de duzentas composições, entre novenas, hinos, motetes, invitatórios etc., sendo as mais conhecidas *Novena de Nossa Senhora do Pilar* e *Spiritus Domini*, hino escrito para coro, trompas, oboé e cordas.

ROCHA, Joaquim Gonçalves da (séculos XVIII-XIX). Pintor brasileiro nascido na Vila de Sabará, MG, na década de 1750. É autor das pinturas do forro, do retábulo e do coro da Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, em sua cidade natal. Em 1831 ainda estava em atividade.

ROCHA, José Joaquim da Silva (século XVIII). Pintor brasileiro cuja carreira atingiu o auge por volta de 1777, na Bahia. Mestre da pintura

de imagens policromadas, uma de suas obras mais importantes é *A visitação*, que está no altar-mor da Igreja de Santa Clara da Misericórdia, na Bahia.

ROCHA, Justiniano [José] **da** (1812-62). Jornalista abolicionista, escritor e professor de história, nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. Cursou direito em São Paulo e em 1840 fundou o jornal *O Brasil*, uma das mais bem redigidas folhas políticas do jornalismo nacional. Segundo Sílvio Romero (1953), era afromestiço, como outros intelectuais de sua época, e, consoante Raimundo de Menezes (1978), seu pai, "mestiço, fora empregado de cartório e rábula de fama".

ROCHA [Ribas]**, Lafaete** (1934-*c.* 2003). Escultor brasileiro nascido na Lapa, PR. Trabalhando com barro, cera, pedra, madeira e todo tipo de material, notabilizou-se, principalmente, pela criação de imagens de santos e de pequenos animais.

ROCHA, Lindolfo [Jacinto da] (1862-1911). Escritor e músico brasileiro nascido em Grão Mogol, MG, e falecido em Salvador, BA. De origem humilde, foi pistonista, mestre de banda e diretor de escola primária no interior baiano. Mais tarde, formado pela Faculdade de Direito do Recife (PE), foi advogado, juiz e finalmente fazendeiro. Intelectual de vários interesses, incursionou por diversos ramos do saber, como geografia, história, política, etnografia, direito, literatura e educação. Estudioso do meio sertanejo, serviu-se da ficção para veicular ideias e conhecimentos sobre paisagens, costumes e tradições desse ambiente, em obras como *Iacina* (1907), *O pequeno lavrador* (1909) e *Maria Dusá* (1910), este um romance altamente representativo do ciclo regionalista da literatura nacional. Foi também dramaturgo e poeta.

ROCHA, Manuel Ribeiro da (século XVIII). Sacerdote católico brasileiro, estudou direito eclesiástico na Universidade de Coimbra, em Portugal. Publicou *Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e liberado** (Lisboa, 1758), texto precursor do abolicionismo* no Brasil, no qual defende o fim do tráfico e a liberdade dos filhos recém-nascidos de mãe escrava.

ROCHA, Padre Eutychio Pereira da (século XIX). Sacerdote e educador baiano. Estabeleceu, em sua província natal, um colégio de instrução secundária. No Pará, foi diretor do Convento das Carmelitas e

militou no jornalismo político, destacando-se como valente polemista. Fundador, na década de 1870, de lojas maçônicas em território paraense, foi alvo de sérias represálias por parte da Igreja Católica. Considere-se que seu nome, grafado com "y" e "ch", é pronunciado como "Eutíquio".

ROCHE, Pablo (séculos XIX-XX). Músico ritual cubano nascido em Havana e falecido nos anos de 1950. Conhecido pelo nome africano Okilákpuá, foi o sucessor de seu pai, Andrés Roche, o "Andrés Sublime", na posse dos centenários tambores do tipo batá* construídos e consagrados em Cuba pelos africanos Atandá* e Añabí*. Representou, em Cuba, a terceira geração de uma importante família de *olubatás** africanos.

ROCINHA, Quilombo da. *Ver BERNARDINO, Negro.*

ROCK STEADY. Moderno estilo de música popular jamaicana, derivado do reggae*.

ROCK-AND-ROLL. Estilo musical nascido nos Estados Unidos, originário do rhythm-and-blues*. **Origens:** Após a Segunda Guerra Mundial, a música criada e consumida pelos negros americanos, chamada *race music**, passava a ter, também dentro da comunidade afro, seus próprios editores e produtores fonográficos. Nesse contexto, no início da década de 1950, músicos como Chuck Berry*, Fats Domino*, Little Richard*, Bo Diddley* e outros fundiam elementos do blues e do gospel fazendo nascer um tipo de música ainda não muito bem definido mas esteticamente preciso. O nome desse estilo musical era rock-and-roll (*rock'n'roll*, na fala dos negros), expressão que, embora convencionalmente traduzida como "balance e role", pode ter tradução menos inocente, já que, na gíria afro-americana, os verbos *rock* e *roll* significam, também, fazer sexo (segundo Clarence Major, 1987). Percebendo a aproximação entre o caráter transgressor dessa música, nascida no ambiente da luta pelos direitos civis, e a rebeldia da juventude branca, a grande indústria do entretenimento resolveu fundir as duas tendências, para lançar nacional e internacionalmente o estilo. **Apropriação:** Ainda que não se possa, efetivamente, caracterizar o rock-and-roll como porta-voz da luta antirracista, é óbvio que a explosão conjunta dessas duas realidades – inconformismo negro e rebeldia jovem – abalou a sociedade americana. Foi nesse momento que a indústria fonográfica e do espetáculo, com seu grande poder econômico e

promocional, amalgamou as duas tendências, transformando o rock-and-roll num produto mais palatável ao gosto branco, subtraindo ao estilo sua real identidade. Assim, os músicos negros, legítimos criadores do estilo, saíam do primeiro plano da cena para dar lugar a Bill Haley, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Pat Boone e muitos outros. No entanto, apesar de tudo, conforme salienta Leonardo Acosta (1993), ficaria o exemplo e o ensinamento: músicos brancos como Bob Dylan e os Beatles souberam entender a essência da música dos negros e lançaram as bases de toda a música pop internacional.

RODA DOS EXPOSTOS. Instituição assistencial nascida na Europa, trazida para o Brasil no século XVIII e que existiu em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Caracterizava-se por um cilindro de madeira, girando em torno de um eixo vertical, dentro de uma espécie de armário que se abria para a rua, como uma janela, na parede externa da casa de acolhida. Nesse cilindro, que era a "roda" propriamente dita, eram introduzidos, da rua, os abandonados (expostos) para que fossem recolhidos do lado de dentro do abrigo. No livro *Brazil*, de 1847, o viajante inglês C. C. Andrews relata que, na "roda" do Rio de Janeiro, muitas das crianças eram mulatas, sendo que negras ou mestiças eram as escravas ali empregadas como amas de leite. Segundo observação colhida por Alaôr Scisínio* (1997), a roda dos expostos teria sido utilizada também por mães escravas como forma de livrar seus filhos dos horrores do cativeiro.

RODÉSIA. Nome pelo qual foram conhecidas as atuais repúblicas de Zâmbia (Rodésia do Norte) e Zimbábue (primeiro, Rodésia do Sul; mais tarde, simplesmente Rodésia).

RODGERS, Jimmy (1924-97). Nome artístico de James A. Lane, *bluesman* americano nascido em Ruleville, Mississippi, e radicado em Chicago desde 1939. Cantor, guitarrista e gaitista, foi figura exponencial do blues de Chicago. Ligado a Muddy Waters* e Little Walter*, é autor de *That's all right*, peça indispensável no repertório do gênero que o consagrou.

RODNEY, Walter (1942-80). Político guianense. Intelectual renomado, autor do clássico *How Europe underdeveloped Africa* ["Como a Europa subdesenvolveu a África"], de 1974, foi o líder do partido Aliança do Povo Trabalhador. Morreu assassinado por razões políticas.

RODRIGUES (1925-88). Nome pelo qual foi conhecido Francisco Rodrigues, jogador brasileiro de futebol nascido em São Paulo. Ponta-esquerda, integrou várias vezes a seleção nacional nos anos de 1950.

RODRIGUES ALVES. *Ver ALVES,* [*Francisco de Paula*] *Rodrigues*.

RODRIGUES, Abelardo. Escritor brasileiro nascido em Monte Azul Paulista, SP, em 1952. No ano de 1978 publicou o volume de poemas *Memória da noite*. Participou, nos dois anos seguintes, da série Cadernos Negros* e é focalizado em *Axé: antologia contemporânea da poesia negra brasileira*, organizada por Paulo Colina (1982).

RODRIGUES, Ironides (*c.* 1920-87). Escritor nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Bacharel em Direito, foi professor de alfabetização e cultura geral em cursos promovidos pelo Teatro Experimental do Negro* (TEN) e, na década de 1980, ministrou cursos de cultura afro-brasileira oferecidos por entidades do movimento negro. É autor de *Orfeu negro*, texto teatral escrito especialmente para o TEN, de *Serões de Bento Ribeiro*, escritos de cunho autobiográfico sobre a condição afrodescendente nos subúrbios cariocas, além de contar com textos de crítica literária publicados no jornal *Quilombo*, órgão do Teatro Experimental do Negro.

RODRIGUES [de Oliveira]**, Jair.** Cantor brasileiro nascido em Igarapava, SP, em 1939. Nacionalmente conhecido a partir de 1965 pela dupla formada com a cantora Elis Regina, com quem gravou discos e apresentou um programa na TV Record, foi o intérprete vencedor (juntamente com Nara Leão, com *A banda*, de Chico Buarque) do Segundo Festival da Música Popular Brasileira na mesma emissora, em 1966, com a canção *Disparada*, de Geraldo Vandré. Cantor principalmente de sambas mas incursionando por outros gêneros, chegou a ser um dos grandes vendedores de discos no Brasil.

RODRIGUES, João Jorge. Animador cultural e militante negro brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1956. Cofundador do grupo cultural Olodum*, do qual foi diretor de cultura e presidente, dirigiu também a Fundação Gregório de Mattos, órgão responsável pela política cultural da cidade de Salvador. Fundou o Conselho de Entidades Negras da Bahia, presidiu a Federação dos Blocos Afro do Brasil e foi produtor executivo dos discos do grupo Olodum até 1997, além de ter sido o idealizador do

programa SOS Racismo. Internacionalmente, em viagens à África, à Europa e aos Estados Unidos, discorreu sobre a cultura brasileira em órgãos como o americano *The New York Times*, o francês *Le Monde*, a BBC de Londres, a NBC de Nova York etc. É autor de *Olodum, estrada da paixão*, livro de 1996.

RODRIGUES, Jorge. Escultor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1960. Com trabalhos em madeiras duras, como canela, ipê e maçaranduba, sua escultura aborda o universo religioso afro-brasileiro. Em 1992 realizou a exposição individual "Formas do Sagrado", patrocinada pelo Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (Ibac), do Ministério da Cultura.

RODRIGUES, José Maria Vianna (1918-70). Biólogo e professor brasileiro nascido e falecido em Porto Alegre, RS. Formado em Ciências Naturais, foi diretor do Museu de História Natural do Instituto Porto Alegre. Em 1960, ao assumir o cargo de assistente da cadeira de biologia educacional da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tornou-se o primeiro professor negro a lecionar naquela instituição.

RODRIGUES, Lupicínio (1914-74). Compositor brasileiro nascido e falecido em Porto Alegre, RS. Autor do buliçoso samba *Se acaso você chegasse* (1938), seu primeiro grande sucesso, consagrou-se como o grande poeta da vida boêmia, dos amores e paixões malsucedidos. Nessa linha, legou à posteridade *Nervos de aço*, *Cadeira vazia* (gravados por Francisco Alves em 1947), *Vingança* (por Linda Batista, em 1951), *Ela disse-me assim* (por Jamelão*, em 1959), entre outras obras imortais do samba-canção.

RODRIGUES, [Raimundo] **Nina** (1862-1906). Etnógrafo e patologista brasileiro nascido em Vargem Grande, MA, e falecido em Paris, França. Autor de *O animismo fetichista dos negros baianos* (1900) e *Os africanos no Brasil** (obra póstuma, 1932), é citado por Thomas Skidmore (1976) como "mulato maranhense" e está incluído na nominata de "homens de cor ilustres" do livro *Africanos no Brasil*, de Nelson de Senna (1938).

RODRIGUES, Pedrinho (1936-96). Cantor brasileiro nascido em Aracaju, SE, e falecido no Rio de Janeiro. Vocalista do conjunto de Ed Lincoln, de grande sucesso principalmente na década de 1960, foi basicamente um grande cantor "da noite", embora tenha deixado alguns registros fonográficos.

RODRIGUES, Virgínia. Cantora brasileira nascida em Salvador, BA, em 1963. Ex-manicure, em 1997, egressa do grupo Olodum* e apadrinhada pelo compositor Caetano Veloso, estreou em disco com *Sol negro*, uma coletânea de canções de forte acento africano.

RODRIGUES ALVES, Sebastião. *Ver ALVES, Sebastião Rodrigues*.

RODRÍGUEZ, Agustín Baldomero (1826-62). Poeta cubano nascido em Villa-Clara. Era filho de sapateiro e, impossibilitado de frequentar a escola, aprendeu sozinho a ler e a escrever. Seu livro de poesias *Pucha silvestre* (1857) é uma autobiografia triste sobre sua infância infeliz.

RODRÍGUEZ, Arsenio (1911-72). Pseudônimo de Ignacio Loyola Rodrigues, compositor e guitarrista cubano nascido em Güira de Macurijes, Matanzas, e falecido em Los Angeles. Conhecido como "o cego maravilhoso", na década de 1940 firmou seu nome como executante de *tres*, guitarra cubana de três cordas duplas, nos salões de baile de Havana. Nos anos de 1950, emigrou para os Estados Unidos, onde consolidou fama como um dos grandes impulsionadores da música afro-cubana naquele país.

RODRÍGUEZ, Evangelina (1879-1947). Cientista médica dominicana nascida em Higüey e falecida em San Pedro de Macorís. Filha ilegítima e órfã de mãe aos 6 anos de idade, foi criada pela avó materna, tornando-se, em 1911, a primeira mulher a formar-se em Medicina em seu país. Enfrentou bravamente o racismo e o machismo e usou seus conhecimentos na luta pela saúde dos compatriotas despossuídos, principalmente mulheres e crianças.

RODRÍGUEZ, Giraldo (século XX). Músico ritual cubano. *Ver TORREGROSA, Trinidad*.

RODRÍGUEZ, Manuel del Socorro (1758-1818). Cientista, jornalista e poeta cubano nascido em Bayamo. Aprendeu a ler e a escrever enquanto trabalhava como carpinteiro, tendo-se graduado em 1783 em Ciências e Matemática. Foi para Bogotá, Nova Granada, levado pelo vice-rei, José de Ezpeleta y Veyre, sendo nomeado bibliotecário daquela cidade. Lá colaborou na publicação de diversos jornais, como *El Semanario* (1781), *Papel Periódico* (1791), *El Correo Curioso* (1801) e *El Redactor Americano* (1807). Foi cofundador, com José Caldas, do Observatório Astronômico, onde ensinou cosmografia até sua morte. O barão Von Humboldt, em visita

ao observatório, elogiou-o por seu trabalho. Em sua obra destacam-se *Las delicias de España* (poemas, 1788) e *Elogios en honor de Carlos III* (Nova York, 1827, publicação póstuma).

ROEJU. Vodum masculino da família Dambirá*, filho de Acossi e gêmeo de Aboju.

ROGELIO, Padre. Nome pelo qual se tornou conhecido o sacerdote católico Rogelio Cruz, nascido em 1959 e ativo em Santo Domingo, República Dominicana. Coordenador, na Paróquia de Cristo Rei, de programas sociais voltados para um universo de cerca de 12 mil pessoas, em 2003, protestando contra a mercantilização e o desperdício de dinheiro, além da exclusão do povo, celebrizou-se como um dos mais firmes e contundentes críticos da realização dos Jogos Pan-Americanos em sua cidade. O protesto que liderou, disseminando-se por várias comunidades pobres, foi alvo de violenta repressão.

ROLAND, Edna [Maria Santos]. Psicóloga e militante negra brasileira nascida em Codó, MA, em 1951. Membro da organização Política Operária (Polop), durante a ditadura militar que se iniciou em 1964 viveu cinco anos na clandestinidade. Fundadora e presidente da Fala Preta! Organização de Mulheres Negras e consultora do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), foi também fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra (1988) e do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo (1984). Entre 1996 e 2001, integrou equipe reunida pela Southern Education Foundation, de Atlanta, em um estudo comparativo sobre as relações raciais na África do Sul, no Brasil e nos Estados Unidos. Em dezembro de 2000, depois de outros trabalhos em nível internacional, atuou como assessora da delegação oficial do Brasil na Conferência Regional das Américas, em Santiago do Chile. No ano seguinte, foi relatora geral da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, em Durban, África do Sul. Em junho de 2002, foi agraciada com o grau de cavaleiro da Ordem de Rio Branco.

ROLANDO, Gloria. Cineasta cubana nascida em Havana, em 1953. Diretora de documentários baseados na história e na cultura afro-cubanas, é autora dos seguintes filmes, assim nomeados em inglês: *Oggún: an eternal*

presence (1992), *My footsteps in Baragua* (1996) e *The eyes of the rainbow* (1997), este sobre a revolucionária americana Assata Shakur*.

ROLDÁN, Amadeo (1900-39). Músico erudito nascido em Paris, França, e falecido em Havana, Cuba. Filho de pai espanhol e mãe cubana, sendo referido como "afro-cubano" na enciclopédia *Africana**, foi um dos primeiros compositores a combinar a música africana da Diáspora com traços e formas da música clássica europeia. Entre suas obras mais conhecidas contam-se *Obertura sobre temas cubanos* (1925), *La rebambaramba* (1928) e *Motivos de son* (1934).

ROLLINS, Sonny. Pseudônimo de Theodore Walter Rollins, saxofonista americano nascido na cidade de Nova York, em 1930. Partindo do bebop, influenciado por Charlie Parker* e Coleman Hawkins*, criou um estilo original, tornando-se o grande mestre do moderno sax-tenor.

ROMÃ. *Ver GRANADA [2].*

ROMA ANTIGA. Nome que designa a cidade-estado localizada no centro da Itália, sede do maior e mais duradouro império da Antiguidade, o qual abrangeu, em seu momento de maior expansão, todo o Norte da África, inclusive o Egito. Nessa época, muitos africanos foram levados para Roma, onde serviam como escravos domésticos, trabalhadores agrícolas, soldados e gladiadores. Segundo Sêneca, em carta a Lucílio, mencionada por Gilberto Freyre (1951, p. 1.001), homens e mulheres negro-africanos desempenharam importante papel na vida sexual dos antigos romanos.

ROMÁN, José Miguel (?-1844). Músico cubano. Acusado de participar da Conspiração de La Escalera*, foi executado em Matanzas.

ROMANA [Lopes do Nascimento]**, Ana** (1781-?). Personagem da história baiana. Ex-escrava, costureira e analfabeta, foi arrolada nos autos da Revolução dos Alfaiates*, por força de seu envolvimento amoroso com o revolucionário João de Deus do Nascimento*.

ROMANO. *Ver OLIVEIRA, Manoel Dias de [2].*

ROMANO DA MÃE D'ÁGUA (1840-91). Nome pelo qual foi conhecido o cantador nordestino Francisco Romano Caluete, nascido em Teixeira, PB; foi um dos mais célebres cantadores de seu tempo. *Ver CANTADORES NEGROS.*

ROMÃO, [Doum, dito] **Dom Um** (1925-2005). Músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em Mesquita, no mesmo estado. Baterista e percussionista surgido no ambiente da bossa nova, em 1962 participou, no Carnegie Hall nova-iorquino, do concerto que lançou o estilo na cena internacional. Na década de 1970 fez parte do importante grupo de jazz Weather Report, e, nos anos de 1990, radicado na Suíça, atuou na Europa e nos Estados Unidos, onde manteve um estúdio localizado em Nova Jersey. *Ver DOUM*.

ROMÃO DA SILVA, Júlio. Escritor e jornalista nascido em Teresina, PI, em 1917. Formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi editorialista e secretário do *Jornal do Commercio* carioca e repórter político do *Correio da Manhã*. Principais obras: Luiz Gama e suas poesias satíricas (1954); Santa Catarina: geografia, demografia e economia (1960); Geonomásticos cariocas de procedência indígena (1961 – prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras); Denominações indígenas na toponímia carioca (1966); Evolução do estudo das línguas indígenas no Brasil (1966); A mensagem do salmo (peça teatral, 1967). Em maio de 1990, tomava posse na academia literária de seu estado natal, e em 2007, segundo seu site na internet, contabilizava 32 livros publicados.

ROMÃOZINHO. Entidade fantástica da tradição popular goiana. É um negrinho traquinas e malvado, pregador de peças e useiro e vezeiro em brincadeiras de mau gosto.

ROMÁRIO de Souza Faria. Jogador de futebol nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1966. Atacante com carreira profissional iniciada no Olaria Futebol Clube, no subúrbio carioca, atuou em grandes times da Holanda e da Espanha e se consagrou como a grande estrela da seleção brasileira e da Copa do Mundo de 1994. Afastado, por contusão, do campeonato mundial seguinte, em 2004, entretanto, tornava-se o astro da equipe do Fluminense Futebol Clube, passando depois por outros times, para encerrar carreira em 2008, aos 42 anos de idade, no Club de Regatas Vasco da Gama. Segundo algumas avaliações, Romário corresponderia ao tipo que, no Brasil, se costuma classificar como “caboclo”.

ROMERO. Nome espanhol do alecrim*, planta consagrada, nos rituais da *santería* cubana, a Iemanjá.

ROMPE-SARAGÜEY. Nome cubano da *Vernonia remotiflora*, planta da família das compostas. Na tradição religiosa afro-cubana, é uma das mais populares e importantes folhas de Xangô.

RONALDINHO GAÚCHO. Cognome de Ronaldo de Assis Moreira, jogador brasileiro de futebol nascido em Porto Alegre, RS, em 1980. Meia, iniciou sua carreira no Grêmio porto-alegrense aos 7 anos de idade, time do qual se desligou somente aos 21, após ter sido contratado pelo clube francês Paris Saint-Germain. Em 1997 foi destaque na seleção sub-17 campeã do mundo; em 1999 foi campeão da Copa América pela seleção principal; e em 2002 foi um dos artífices da conquista do pentacampeonato pela equipe brasileira.

RONALDO Luiz Nazário de Lima. Jogador de futebol nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1976. Atacante com carreira iniciada no São Cristóvão Futebol e Regatas, na Zona Norte carioca, destacou-se no Cruzeiro, de Minas Gerais, tendo sido reserva da seleção brasileira tetracampeã mundial de 1994. No ano de 1995 transferiu-se para a Europa, onde, em vez de "Ronaldinho", como era conhecido no Brasil, passou a ser chamado simplesmente "Ronaldo". Nos dois anos seguintes, foi eleito pela Fifa, a federação internacional do futebol, o melhor jogador do mundo. Na Copa da França de 1998, por alegado mal súbito, foi pivô de um obscuro episódio que culminou na derrota da seleção brasileira na partida final. Entretanto, em 2002, já cognominado de "Fenômeno" pela imprensa, foi o artilheiro e uma das maiores estrelas do certame em que o Brasil se sagrou pentacampeão mundial de futebol. Em 2008, em polêmica declaração, negava ser "negro", provavelmente por desconhecimento do moderno significado do termo.

RONCÓ. Nos terreiros brasileiros em geral, camarinha ou quarto sagrado onde se recolhem os candidatos à iniciação. O termo é aportuguesamento de *hounko*, vocábulo que entre os fons do antigo Daomé significava "quarto de reclusão". *Ver HOUMFORT*.

RONCOMI. Na Casa de Fânti-Axânti*, no Maranhão, quarto sagrado onde ficam os assentamentos; ilê-axé*. *Ver RONCÓ*.

RONDA CATONGA. Antiga brincadeira de roda das crianças negras no Uruguai.

RONDE. No Haiti, grupo de pessoas reunidas para realizar trabalho coletivo, em regime de mutirão.

RONDEME. O mesmo que roncó*.

RONDÓN, Juan J. (século XIX). Militar venezuelano. Preto retinto, era coronel e comandante da cavalaria do exército de Simón Bolívar*, tendo sido um dos seis principais assessores militares do Libertador.

RONDÔNIA. Estado da federação brasileira, situado na região Norte, entre os estados do Amazonas (norte), Mato Grosso (leste), Acre (oeste) e a Bolívia (oeste e sul). Na primeira década do século XX, a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré motivou a ida de milhares de trabalhadores provenientes das Antilhas para a região, hoje conhecidos genericamente como barbadianos* e constituindo importante núcleo comunitário. Entretanto, a povoação negra é anterior, como comprova a presença, no município de Costa Marques, da comunidade de Pedras Negras, identificada como remanescente de um antigo quilombo.

RONGA. Língua dos rongas ou landins, povo de Moçambique.

***ROOTS* (*RAÍZES*).** Série de televisão de grande sucesso levada ao ar nos Estados Unidos em janeiro de 1977 e veiculada na tevê brasileira em maio de 1979, sendo reprisada na década seguinte. Produzida com base no famoso livro homônimo de Alex Haley*, a série teve o mérito de mostrar pela primeira vez, a uma massa de milhões de espectadores, a extrema brutalidade do tráfico e da escravidão e a real importância do negro na construção da nação americana. A série, assim como o livro, conta a história dos supostos antepassados africanos de Haley no período que vai de 1767 a 1867.

ROPER, Thomas (séculos XVIII-XIX). Personagem da história militar da Jamaica. Em 1805 foi julgado e condenado à prisão pela participação em um motim na localidade de Spanish Town, em Kingston. Aos 60 anos, ocupando o posto de sargento, foi condenado a dois anos de solitária por desacato ao coronel que comandava a unidade em que servia, sendo seu gesto de rebeldia considerado, conforme sentença, uma ofensa "à população branca em geral" (conforme Benjamin Nuñez, 1980).

ROS, Lázaro (1925-95). Cantor de músicas rituais afro-cubanas nascido e falecido em Havana. Notabilizou-se como um dos maiores (e talvez o maior) intérpretes de cantigas das tradições *lucumí** e *arará** em seu tempo, tendo gravado discos para a coleção "Chants du Monde". Integrante do Conjunto Folclórico Nacional, com ele atuou em vários países.

ROSA BRANCA (1940-2008). Nome pelo qual se tornou conhecido Carmo de Souza, jogador de basquetebol nascido em Araraquara, SP, e falecido na cidade de São Paulo. Foi bicampeão mundial em 1959-63, ganhou duas medalhas olímpicas de bronze (Roma-1960 e Tóquio-1964) e duas medalhas em Jogos Pan-Americanos – bronze na Cidade do México (1955) e prata em São Paulo (1963). Durante esse período, foi o único afro-brasileiro a se projetar nessa modalidade desportiva. A partir de 1978 dedicou-se à formação de novos jogadores de basquetebol.

ROSA DO GENTIO DA COSTA (século XIX). Heroína brasileira. Escrava de nação hauçá, servindo em Alagoas, teve participação destacada na Revolução Pernambucana de 1817 (conforme Guiomar Alcides de Castro, 1984).

ROSA LUNA. *Ver LUNA, Rosa [Amélia].*

ROSA MARIA EGIPCÍACA da Vera Cruz (1719-?). Religiosa nascida na Costa da Mina e chegada ao Rio de Janeiro, como escrava, em 1725, aos 6 anos de idade. Foi para Minas Gerais oito anos depois, após ser vendida, e trabalhou como meretriz até o momento em que, experimentando visões e êxtases, foi tida como objeto de possessão demoníaca, sendo, por isso, açoitada em praça pública. Em 1754, novamente no Rio de Janeiro, ajudou a fundar o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, asilo para mulheres desvalidas, e começou a escrever um relato sobre sua experiência mística. Ainda uma vez alvo de repressão, foi presa e enviada para Lisboa, onde morreu antes de o tribunal da Inquisição concluir o julgamento de seu processo.

ROSA NEGRA (século XX). Cantora e atriz brasileira. Descoberta em um bar do bairro boêmio da Lapa, em 1926 estreou na revista *Pirão de areia*, liderando um grupo de coristas negras, com grande sucesso. No mesmo ano, passou a integrar a Companhia Negra de Revistas* e, nos dois anos seguintes, participou das gravações de *Não quero saber mais dela* (1927) e

Moleque namorador (1928), em dupla com o prestigiado cantor Francisco Alves. A última notícia que se tem dessa artista é sua presença, em 1931, à frente do elenco da revista *Com que roupa?*, de Luís Peixoto, com música de Ary Barroso, Freire Jr. e Vadico, montada, segundo Albin (2006), por certa "Companhia Mulata Índia do Brasil".

ROSA, Francisco Otaviano de Almeida (1825-89). Poeta, jornalista, político e diplomata brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Ministro plenipotenciário na Argentina e no Uruguai, assinou o Tratado da Tríplice Aliança, que engajou o Brasil na guerra contra o Paraguai. Trabalhou em favor da Lei do Ventre Livre (*ver* LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO), destacando-se como grande orador e articulista. Poeta parnasiano e patrono da cadeira número 13 da Academia Brasileira de Letras, é citado numa relação de "mulatos ilustres" pelo escritor Múcio Teixeira (1927, p. 129).

ROSA, José Valentim (1914-99). Escultor brasileiro nascido em Carandaí, MG, e falecido na capital do estado. Utilizando a madeira como matéria-prima, sua obra materializa entidades espirituais, do catolicismo e da umbanda, além de animais terrestres e peixes, e representa, segundo algumas avaliações críticas, um profundo mergulho no inconsciente individual e coletivo.

ROSA, [José Sebastião da, dito] **Juca** (1834-?). Líder religioso brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ. Filho de mãe africana e conhecido como "Pai Quibombo", na década de 1860 liderou, na Praia Grande, atual Niterói (RJ), uma comunidade religiosa caracterizada por práticas de provável origem banta, sincretizadas com outras do catolicismo popular. Tendo como consulentes pessoas influentes na corte, trajava-se com apuro e, segundo consta, chegou a constituir fortuna. Em 1870, suspeito de envolvimento sexual com mulheres brancas e casadas, foi preso sob acusação de estelionato. Julgado no ano seguinte, foi condenado a seis anos de prisão. O epíteto "Pai Quibombo" parece estar ligado ao quicongo *kibombo*, "consolar", "tranquilizar".

ROSA, Laura (1884-1976). Poetisa brasileira nascida em São Luís, MA, e falecida em Caxias, no mesmo estado. Na década de 1930, tornou-se a

segunda mulher a ingressar na Academia Maranhense de Letras. É autora de *Promessas* (contos) e *Castelo no ar* (poemas inéditos), entre outras obras.

ROSA, Seu (1927-2005). Nome pelo qual se tornou conhecido Rosental Ramos da Silva, banqueteiro brasileiro nascido em Muriaé, MG. Tornado *chef de cuisine* depois de trabalhar em importantes restaurantes e navios turísticos brasileiros, serviu durante muitos anos ao presidente Juscelino Kubitschek. Embora não fosse o cozinheiro oficial da Presidência, era sempre chamado para atuar nos principais eventos palacianos. Após o governo Kubitschek, tornou-se proprietário de um restaurante em Brasília, DF.

ROSA, Walter (1925-2002). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Compositor da escola de samba Portela*, para a qual criou, em parceria com Antônio Alves, o samba-enredo de 1961 (*Joias das lendas do Brasil*), foi também um dos fundadores da escola de samba Acadêmicos do Engenho da Rainha. Letrista de textos rebuscados, teve sambas gravados por Martinho da Vila*, Beth Carvalho, Clara Nunes* e outros intérpretes.

ROSA-MAXUMBEMBE. Em antigas macumbas cariocas, entidade ligada às águas (conforme Arthur Ramos, 1954).

ROSÁRIO DE IFÁ. O mesmo que opelê*.

ROSÁRIO, Capitão (1881-1965). Nome pelo qual foi conhecido José Ignácio do Rosário, militar brasileiro nascido na Bahia e criado em Guaratinguetá, SP. De origem extremamente humilde, foi capitão da antiga Força Pública do Estado de São Paulo, hoje Polícia Militar, tendo-se destacado em ações ligadas aos movimentos revolucionários de 1924, 1930 e 1932. Pertenceu à Frente Negra Brasileira* e a outras organizações do movimento negro.

ROSÁRIO, Festas do. Celebrações em honra de Nossa Senhora do Rosário* disseminadas por comunidades negras de origem banta em todo o Brasil, desde a época colonial. *Ver CONGADA.*

ROSE, Edward. *Ver ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Negros na conquista do Oeste].*

ROSETTA, Pedra de. Laje de basalto descoberta em 1799 nas proximidades da localidade de Rosetta, no Egito, contendo inscrições hieroglíficas. A decifração dessas inscrições, iniciada em 1818 e concluída

quatro anos depois, indica que grande parte do conhecimento científico, religioso e filosófico da Grécia antiga teve origem no Egito. *Ver EGITO ANTIGO.*

ROSIERS, Comte de (1766-1828). Poeta e político nascido em Jacmel, Haiti, também conhecido como Juste Chanlatte. Fiel seguidor do rei Christophe*, em louvor de quem escreveu três peças teatrais, depois de morto o rei passou para o lado inimigo e filiou-se ao Partido Republicano. Mais tarde, tornou-se editor do *Télégraphe*, periódico oficial do país. Em sua obra destacam-se *Recueil de chants et de couplets* (1816) e *Poèmes patriotiques*.

ROSS, Diana. Cantora e atriz americana nascida em Detroit, Michigan, em 1944. Tornando-se conhecida, a partir de 1961, como líder do trio The Supremes* (depois Diana Ross and The Supremes), em 1968 deixou o grupo para seguir carreira solo. Em 1972, interpretou Billie Holiday* no filme biográfico *O ocaso de uma estrela*. Na década de 1990, permanecia como um dos maiores nomes da soul music*.

ROUBO DE ESCRAVOS. O direito penal distingue o furto, que é a simples subtração de coisa alheia móvel, do roubo, subtração mediante violência ou grave ameaça. Durante a época escravista, era prática comum o sequestro de escravos (referido como "roubo", pois o cativo não tinha status de pessoa), em geral vendidos para outras províncias. Mary Karasch (1987) historia o envolvimento principalmente de ciganos nesse tipo de delito; um deles foi acusado de ter roubado mais de mil escravos em Minas Gerais e em São Paulo por volta de 1822.

ROUMAIN, Jacques (1907-44). Escritor, diplomata e militante comunista haitiano nascido em Porto Príncipe e falecido no México. Em 1927, depois de graduar-se na Universidade de Paris, retornou ao Haiti, onde foi cofundador de *La Revue Indigène*, jornal literário que emprestou seu nome ao movimento conhecido como *indigénisme*. Seu trabalho objetivava reabilitar a tradição negra, tanto na África como no Novo Mundo, como base para uma perspectiva construtiva direcionada ao futuro. Fundador do Instituto de Etnologia do Haiti, publicou, além de valiosos estudos etnográficos, as coletâneas de poemas *Appel* (1928) e *Bois d'ébène* (1945, edição póstuma) e os romances *La montagne ensorcelée* (1931), *Les fantoches* (1931) e *Gouverneurs de la rosée* (1944, edição póstuma). Um dos maiores

escritores negros do século XX, seu poema "Bois d'ébène", cuja agressiva beleza marcou profundamente Aimé Césaire*, Léon Damas* e outros poetas, tornou-se um clássico da *négritude**.

ROUMER, Émile (1903-88). Poeta haitiano nascido em Jérémie. Utilizando em seus escritos uma linguagem bem próxima da fala de seu povo, publicou *Poèmes d'Haiti et de France*, em 1925, e integrou o grupo da *Revue Indigène**.

ROUPA BRANCA na sexta-feira. O costume de trajar vestes brancas às sextas-feiras, observado, no Brasil, pelos praticantes das religiões de origem africana e geralmente associado ao culto de Oxalá*, vem da África mas parece ter origem numa tradição islâmica. Segundo Al-Omari, historiador árabe da Idade Média (citado por J. Ki-Zerbo, s/d), nas sextas-feiras os negros muçulmanos se dirigiam bem cedo às mesquitas, cobertos com "belas vestes brancas".

ROXO-MUCUMBE. Um dos nomes de Ogum* na nação angola. *Ver INCÔSSI-MUCUMBE.*

ROY, Charlotte E. (século XIX). Advogada americana. Em 1872, ao graduar-se pela Howard University, tornou-se a primeira mulher negra a formar-se em Direito nos Estados Unidos.

ROZENA DE BESSÉM. *Ver ZOOGODÔ-BOGUM-MALÊ-RUNDÓ.*

RUANDA, República de. País localizado no Centro-Leste da África, com capital em Kigali. Faz fronteira com Uganda (norte), Congo-Kinshasa (oeste), Tanzânia (leste) e Burundi (sul). Seus principais grupos étnicos são os hutus, os tútsis e os pigmeus tuas. Entre os séculos XV e XVI, os tútsis, vindos provavelmente da Etiópia, subjugaram os hutus, constituíram o Reino de Ruanda e, até o fim do século XIX, resistiram às investidas dos colonizadores europeus.

RUBALCABA, Gonzalo. Pianista e compositor cubano nascido em Havana, em 1963. Filho e neto, respectivamente, dos consagrados músicos Guillermo e Jacobo Rubalcaba, construiu sólida carreira internacional. Um dos mais prestigiados pianistas de jazz de sua época, destacou-se por realizar uma obra bastante avançada, porém baseada nas tradições musicais do povo cubano.

RUBENS & BARBOT. Companhia brasileira de dança fundada no Rio de Janeiro, em 1991. Integrada basicamente pelos bailarinos negros Rubem Barbot e Rubens Rocha, dedica-se à dança afro-brasileira contemporânea, tendo estreado internacionalmente em 1996, na Bienal de Dança de Lyon, França.

RUBENS Josué da Costa (1928-87). Jogador brasileiro de futebol nascido em São Paulo, SP. Com carreira profissional iniciada em 1945, consagrou-se no Clube de Regatas do Flamengo, onde ingressou em 1951 como substituto de Zizinho*, recebendo o cognome de "Dr. Rubens", pelas jogadas geniais que construía. Graças a sua habilidade como meia-armador, integrou várias vezes a seleção brasileira nos anos de 1950.

RUCUMBO. Forma aportuguesada para *nrukumbu*, arco sonoro de lundas, xinjes e bangalas.

RUDOLPH, Wilma (1940-94). Atleta americana nascida em Clarksville, Tennessee. Criada em uma família de dezenove irmãos e acossada pelo mais intransigente racismo, teve poliomielite, pneumonia e teve de usar um aparelho ortopédico até os 11 anos. Em 1960, em Roma, participando das corridas de cem, duzentos e quatrocentos metros, consagrou-se como a primeira mulher a ganhar três medalhas de ouro numa mesma Olimpíada. Após retirar-se das pistas, criou a Fundação Wilma Rudolph, de amparo a crianças carentes.

RUEÇÁ. Na Casa das Minas*, alimento ritual, espécie de sarapatel à base de sangue e vísceras de chibarro, o qual, segundo se crê, previne doenças e más influências.

RUEDA. Antiga dança dos negros no Uruguai.

RUFINO [dos Reis]**, Antônio** (1907-82). Sambista nascido na localidade de São José das Três Ilhas, em Juiz de Fora, MG, e radicado, desde 1920, no Rio de Janeiro, onde faleceu. Foi um dos principais fundadores da escola de samba Portela*.

RUFINO DOS SANTOS, Joel. Escritor e docente universitário nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1941. Tornando-se conhecido a partir dos anos de 1960, quando participou da elaboração da revolucionária coleção de livros didáticos conhecida como História Nova, foi, por esse trabalho e por sua atuação política, várias vezes recolhido aos cárceres da ditadura militar

instituída no Brasil em 1964. Mais tarde, fluente em várias formas de expressão escrita, do conteúdo didático ao romance histórico, incursionou pelo teatro, pelos roteiros de televisão e pela literatura infantil. Professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi também subtitular da Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras do Estado do Rio de Janeiro (1991-92), presidente da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura (onde implantou as bases do trabalho de legalização dos quilombos remanescentes em todo o Brasil), e subsecretário de Direitos Humanos e Sistema Penitenciário do governo do estado do Rio de Janeiro, no início da década de 2000. É autor de vasta e premiada obra no terreno da literatura infantil e juvenil, em boa parte traduzida para o espanhol. Vários desses títulos foram publicados também na forma de audiolivro e muitos de seus textos figuraram em revistas, no Brasil e no exterior. No campo dos livros paradidáticos e didáticos, editou: *O que é racismo* (1980); *Zumbi dos Palmares* (1985); *Constituições de ontem, constituinte de hoje* (1987); *Quem fez a República?* (1989); *História do Brasil* (segundo grau, 1991); *Histórias, história* (primeiro grau, quatro volumes, 1992); *Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson* (2000). Além desses títulos, sua vasta obra compreende ainda trabalhos em coautoria, como *História nova do Brasil* (sete volumes, 1963), ensaios, como *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres* (2004), e textos de ficção para adultos, como *Crônica de indomáveis delírios* (1991), além de análises históricas e políticas, traduções, livros técnicos de educação, participações em coletâneas e até mesmo obras assinadas sob o pseudônimo "Pedro Ivo dos Santos", como forma de burlar a repressão policial durante a ditadura. É merecidamente qualificado por Oswaldo Camargo (*apud* Araújo, 1988) como um "polígrafo notável".

Joel Rufino dos Santos

RUI Campos (1922-2002). Jogador brasileiro de futebol nascido em São Paulo. Médio egresso do São Paulo Futebol Clube, integrou, como reserva, a seleção nacional na Copa do Mundo de 1950.

RUI CHAPÉU. Nome pelo qual se tornou conhecido Rui Matos de Amorim, jogador brasileiro de sinuca nascido em Itabuna, BA, em 1949, e radicado em São Paulo. Distinguiu-se como um dos maiores praticantes de sua especialidade.

RUINHÓ. Subdivisão da nação jeje em alguns candomblés da Bahia e do Rio de Janeiro.

RUINHÓ, Mãe (1877-1975). Nome pelo qual foi conhecida Maria Valentina dos Anjos Costa, sacerdotisa nascida e falecida em Salvador, BA. Destacando-se como líder do Bogum*, o mais antigo candomblé baiano de nação jeje, sua memória está preservada em um busto erigido pela municipalidade no bairro de Engenho Velho de Brotas. *Ver RUINHÓ*.

RUIZ, Rosendo (1885-1983). Compositor nascido em Santiago de Cuba, autor de canções célebres como *Falso juramento* e *Confesión*. Um dos grandes nomes da canção trovadoresca cubana, em 1917 compôs o hino operário *Redención*, provavelmente o primeiro do gênero. Em 1927, na Exposição de Sevilha, ganhou o Diploma de Honra por suas canções. É pai de Rosendo Ruiz Quevedo (1918-2009), autor de *Rico vacilón*, grande sucesso do gênero chá-chá-chá*.

RUM [1]. Bebida alcoólica típica das Antilhas, produzida pela fermentação e destilação do melaço. Tem larga aplicação nos cultos religiosos afro-cubanos.

RUM [2]. Nos candomblés jejes-nagôs, o maior e mais grave dos três tambores da orquestra ritual, responsável, ao contrário do que se supõe, pelas variações rítmicas, já que o tempo é estabelecido pelo agogô* ou gã*. O termo vem do fongbé *houn*, "tambor", vocábulo que forma o radical de diversas palavras do mesmo contexto, como roncó*, runtó* etc. É também usado na tradicional expressão "dar rum para o santo", que significa tocar para o orixá dançar. *Ver ADARRUM*.

RUMACO. Na mina maranhense, cerimônia periódica de limpeza ritual dos terreiros, realizada anualmente.

RUMBA. Gênero de dança e canção afro-cubana; forma musical na qual se unem canto, poesia, dança e pantomima. É interpretada pela percussão de tambores ou simplesmente caixotes, em reuniões festivas, sem nenhuma vinculação ritual, em que o canto precede a dança, executada aos pares. As duas formas mais antigas são a chamada *yambú*, de ritmo mais lento, na qual os dançarinos imitam, entre outros, movimentos de velhos alquebrados; e uma mais rápida e vivaz, chamada *guaguancó*, em que os pares apresentam gestos de atração e rejeição, por vezes executando o *vacunao* (umbigada). Outra modalidade é a *columbia*, na qual um solista masculino executa, diante dos tambores, gestos acrobáticos semelhantes aos dos *diablitos* da tradição *abakuá*. Vale mencionar que a denominação *rumba brava* abrange várias das formas antigas, executadas apenas com tambores e outros instrumentos de percussão. Nos anos de 1930, a rumba chegou ao teatro, estilizou-se e cumpriu trajetória internacional. Legendários rumbeiros cubanos foram, entre outros, Malanga*, Mulense e Papá Montero, eternizado em um poema de Nicolás Guillén*.

RUMBANTELA. Na antiga Havana, forma de serenata realizada por pessoas reunidas geralmente na rua, até altas horas da noite.

RUMBONA. Nome que se dá à primeira filha de santo iniciada em cada barco* de iaôs*.

RUMPI. Na orquestra ritual dos candomblés, atabaque médio, entre o rum* e o lé*.

RUMPLI. Na mina maranhense, tambor pequeno, tocado entre as pernas, com dois aguidavis*.

RUNÇOGÔ. Cabaça com rede que integra a orquestra ritual em alguns terreiros da mina maranhense (conforme Lody, 2003).

RUNDEMBO. Designação do terreiro em alguns candomblés bantos da Bahia.

RUN-DMC. Grupo de rap formado em 1983, no Queens (Nova York), por Joseph “Run” Simmons (1964-), Darryl “DMC” McDaniels (1964-) e Jason “Jam-Master Jay” Mizell (1965-2002). Seus integrantes foram os primeiros artistas do rap a ganhar status de superestrelas da cena artística internacional.

RUNJEVE. Colar ritual de pequenas contas de cor marrom ou coral, considerado um dos símbolos da nação jeje. Também gonjeva, ronjeva, ronjévi, runjebe e runjefe. Do fongbé, língua que conta com os vocábulos *djê*, “colar”, “pérola”, e *vi*, “filho”, “pequeno”.

RUNSÓ. Entidade suprema dos cultos jejes-minas, correspondente ao Olorum nagô.

RUNTÓ. Nome que, no Brasil, nas casas de culto de origem jeje (notadamente na Casa das Minas, no Maranhão), recebe cada um dos músicos executantes dos tambores rituais. Por extensão, toque ritual de atabaques específico de Oxumarê, orixá de alegada origem daomeana. O termo se origina da união dos vocábulos fongbés *houn*, “tambor”, e *tó*, “pai”, resultando em “pai do tambor”. *Ver HOUNTOR*.

RuPAUL Andre Charles. Ator, apresentador, cantor e compositor americano nascido em San Diego, Califórnia, em 1960. Apoiado em seus dois metros de altura, foi o primeiro transformista negro a tornar-se celebridade internacional. Em 1996 passou a comandar um talk show em uma das principais redes de televisão americanas.

RUSHING, [James Andrew, dito] **Jimmy** (1903-72). Pianista e cantor americano nascido em Oklahoma City e falecido em Nova York. Companheiro de Jelly Roll Morton*, sucessor de Count Basie* na orquestra de Benny Motten, vocalista da orquestra de Basie juntamente com Billie Holiday* e finalmente líder de seu próprio grupo, a partir de 1950, foi um dos maiores cantores do jazz e do blues. Tinha o apelido de “Five by Five” (“Cinco por Cinco”), em alusão à sua corpulência.

RÚSSIA. Nome pelo qual é tradicionalmente referida a Federação Russa ou Federação da Rússia, república principal entre as integrantes da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Localizada em parte no Leste Europeu e em parte no Norte da Ásia, durante séculos recebeu migrantes africanos e afrodescendentes. Os primeiros trabalhadores negros, servos ou escravos, foram introduzidos no reinado de Pedro, o Grande (1682-1725), entre eles o bisavô do célebre escritor Pushkin*. A partir da Revolução de 1917, milhões de estudantes e profissionais negros, em geral comunistas ou simpatizantes, que migraram para o país em busca de melhores oportunidades, bem como famílias de funcionários africanos credenciados

pelo governo, formaram uma expressiva comunidade negra. À época desta edição, noticiavam-se ações violentas contra negros na Rússia, praticadas principalmente por grupos neonazistas, florescidos com o fim da União Soviética, em 1991.

RUSTÁN, Policarpo Pineda (século XIX). Revolucionário cubano, lutou ao lado do caudilho *mambí** dom Donato Mármol. Morto este, proclamou a liberdade e a soberania dos escravos, nomeando como imperador de Cuba o mulato Doroteo, numa quase repetição do episódio haitiano protagonizado por Faustin Soulouque*, autoproclamado imperador do Haiti.

RUY [Barbosa]**, Evaldo** (1913-54). Radialista e compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Exerceu, entre outros, os cargos de diretor artístico da rádio Mauá e diretor nas tevês Tupi e Record. No campo da música, compôs obras antológicas, como *Promessa* (1943), *Rosa de maio* (1944) e *Saia do meu caminho* (1946), todas estas em parceria com Custódio Mesquita.

S

SA & PC. Sigla usada nos Estados Unidos para nomear os *social aid and pleasure clubs**.

SABÁ, Rainha de (*c.* 1005-950 a.C.). Título pelo qual foi conhecida Makeda, soberana do Reino de Sabá, no atual Iêmen, porém intimamente relacionado ao reino etíope de Axum. É célebre o relato bíblico da visita de Makeda a Salomão, rei dos hebreus, visita essa que teria dado origem ao soberano etíope Menelik I, por meio do qual seus descendentes reivindicam origem judaica. *Ver FALACHAS*.

SABAJI. Nos candomblés jejes-nagôs, compartimento sagrado do terreiro, com entrada proibida aos filhos, onde ficam os assentamentos dos orixás ou voduns do chefe do terreiro.

SABANGAGE. O mesmo que sarapatel*.

SABÃO DA COSTA. Sabão preto, de origem africana, mas também fabricado no Brasil, usado nos rituais de purificação do candomblé e da umbanda.

SABÃO, Rua do. À época pré-republicana, logradouro no centro da cidade do Rio de Janeiro, mais tarde denominado General Câmara e desaparecido na década de 1940 para dar lugar à avenida Presidente Vargas. No início do século XX, seus quarteirões finais, próximos ao Campo de Santana, abrigavam diversas lojas que vendiam ervas medicinais (e provavelmente artigos religiosos), pertencentes a negros africanos tidos como feiticeiros.

SABARÁ (1931-97). Nome pelo qual foi conhecido Onofre Anacleto de Souza, jogador de futebol brasileiro nascido em Atibaia, SP. Ponta-direita do Vasco da Gama carioca de 1952 a 1964, foi um dos símbolos do clube e da negritude brasileira. Tanto que, nos anos de 1950-60, o cognome "Sabará", assim como "Pelé" mais tarde, era comumente aplicado aos jovens negros, principalmente no Rio de Janeiro. Seu apelido refere-se a uma espécie de jabuticaba, negra e brilhosa.

SABELECCIÓN. Nome cubano do mastruço (Lepidium bonariense), erva da família das crucíferas. Planta pertencente a todos os orixás, com ela, pilada, se fazem encantamentos de amor, e suas folhas, colocadas na cabeça de uma pessoa, servem para conservar-lhe a memória fresca.

SABICU. Nome cubano do barbatimão (Mimosa virginalis; *Acacia virginalis*), planta da família das leguminosas. Pertencente a Babalú Ayé, espargindo-se as cinzas de seu lenho pela casa de um doente evitar-se-á que a moléstia contagie outras pessoas.

SABINA da Cruz (século XIX). Personagem da história baiana. Negra de ganho* na cidade de Salvador, tornou-se conhecida por participar da delação dos envolvidos na grande Revolta dos Malês*, em 1835.

SABINADA. Revolta separatista ocorrida na Bahia entre 1837 e 1838. Teve participação de significativa parcela da população afro-baiana, já que seu líder, Sabino Vieira*, um afrodescendente mestiço, chamou para a causa vários "homens de cor", dando-lhes postos e convidando-os a colaborarem na defesa da revolução.

SABORISSÁ. *Ver SEGBO-LISÁ.*

SACA. Exorcismo com folhas, sacudimento*. Do quicongo *saka*, "sacudir", "agitar", "bater as ervas com uma vara".

SACAANGA. Na umbanda, cada um dos espíritos que trabalham na linha das almas, destruindo trabalhos de magia negra, ajudando espíritos atrasados e incorporando, porém sem falar.

SAÇABOÇAM. Entidade associada a Exu*, reverenciada na Casa de Fânti-Axânti*, no Maranhão.

SACATEE. Dança guerreira dos djukas* do Suriname, acompanhada de cânticos de rebelião.

SACATRA. Nas Antilhas Francesas, denominação dada ao mestiço de um indivíduo negro com um *griffe**.

SACI. Ser mitológico antropomórfico brasileiro. É personificado na figura de um negrinho de uma perna só que fuma cachimbo, usa um barrete vermelho e é dado a traquinagens e estripulias. Embora tido como mito de origem ameríndia, várias de suas características o aproximam de figuras da cultura mítica iorubana: a forma do barrete e as traquinagens remetem a Exu; sua constituição física, marcada pela perna única, e seu domínio preferencial, as matas, o identificam com Arôni*, duende iorubano ligado a Ossãim. A língua iorubá registra o vocábulo *ásasí*, pertencente ao campo semântico da magia e do sortilégio.

SACI (Sociedade Afro-Sergipana de Estudos e Cidadania). Entidade do movimento negro com sede em Aracaju, SE. Organização não governamental, suprapartidária e ecumênica, foi criada para desenvolver ações na área das relações de raça, cidadania e entre homens e mulheres. Em 1996 fazia circular o primeiro número da revista *Gbàlà*, voltada basicamente para a pesquisa histórica.

SACOREBABOI (séculos XIX-XX). Nome iniciático de Mãe Luíza Ferreira, de Zomadônu, nochê* da Casa das Minas, falecida na primeira década do século XX.

SACRAMENTO, Ivete [Alves] **do.** Professora universitária nascida em Salvador, BA, em 1952. Com ampla formação acadêmica nas áreas de letras e educação, a qual inclui mestrado na Universidade de Quebec, no Canadá, em 2000 ocupava o importante cargo de reitora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), sendo a primeira mulher afro-brasileira eleita para tão significativa função. Em sua gestão, a Uneb foi pioneira, no Nordeste e no

Norte brasileiros, na implementação de políticas de ação afirmativa para afrodescendentes.

Ivete do Sacramento

SACRAMENTO, Paulino [Pinto do] (1880-1926). Pistonista, compositor e regente brasileiro nascido em Niterói, RJ, e falecido na capital do mesmo estado. Produziu partituras para revistas, operetas e burletas, sendo parceiro de Artur Azevedo, Bastos Tigre e outros comediógrafos. Foi regente da Companhia Nacional de Operetas e Melodramas, no Teatro São Pedro, e da orquestra e coro do Teatro Carlos Gomes, entre outros trabalhos, consagrando-se, ao lado de Chiquinha Gonzaga, como um dos regentes mais atuantes no teatro de revista carioca na década de 1920. Figurando entre os músicos mais destacados do seu tempo, é autor do famoso dobrado *Tupi*, presente no repertório de várias bandas militares, e dos tangos brasileiros *Vatapá* e *Pierrô*, este uma obra cuja execução se tornaria uma verdadeira prova de fogo para os solistas de trompete.

SACRIFÍCIO RITUAL. Ato em que se oferece algo a uma divindade. É uma exteriorização do culto religioso, um dos meios utilizados para se estabelecer contato com o mundo extraterreno. Parte importante de muitas religiões, o sacrifício pode ser simbólico (como na missa católica) ou concreto. Nas religiões africanas é sempre material, podendo consistir em oferendas de alimentos, bebidas, animais etc. A lógica do sacrifício de animais reside no fato de que, ao expirar, todo ser vivo libera energia vital, energia essa que vai se juntar à da divindade homenageada para voltar acrescida ao ofertante. Os animais sacrificados, depois que sua energia, por meio do sangue e de partes específicas, é absorvida pela divindade, são sempre utilizados como alimento pela comunidade religiosa. Em junho de 1993, a Suprema Corte dos Estados Unidos garantiu aos praticantes de cultos africanos no país o direito de sacrificar animais em suas cerimônias religiosas. *Ver SANTERÍA.*

SACUDIMENTO. Ritual de limpeza espiritual para expulsão das energias negativas de um ambiente ou de uma pessoa. Realiza-se por meio de uma espécie de surra dada com folhas fortes, de queima de pólvora no lugar do ritual e do estabelecimento de contato do ambiente ou do corpo da pessoa com aves e alimentos que serão, depois, oferecidos aos eguns. Completam o ritual um banho de folhas, no caso do indivíduo, e a defumação do corpo ou do local em questão.

SACUÊ. Galinha-d'angola.

SACURU. Exorcismo com folhas da tradição bantu do Brasil. *Ver* SACA.

SADE. Nome artístico de Helen Folasade Adu, cantora nascida em Ibadan, Nigéria, em 1959, e radicada na Europa desde os 4 anos de idade. Fortemente influenciada por Billie Holiday* e Nina Simone*, em 1986, com cinco anos de carreira, obteve o Grammy de artista revelação, tendo vendido milhões de discos em todo o mundo.

SADISMO. Sensação de prazer proporcionada pelo sofrimento alheio. Os castigos infligidos aos escravos negros na Diáspora muitas vezes se revestiam de fortes características sádicas. A história registra a existência de proprietários de escravos que se excediam, atuando com requintes de crueldade, como, entre outros: a chilena Catalina de los Ríos, conhecida como Quintrala, que em seus acessos de raiva torturava escravos até a morte; a argentina Lorenza de la Cámara, que passava o ferro de engomar altamente aquecido nas nádegas de seus negros; o brasileiro Garcia d'Ávila Pereira de Aragão, tido como o homem mais rico da Bahia e de todo o Brasil na segunda metade do século XVIII e também como autor de incríveis atrocidades pormenorizadamente descritas em documento dos autos da Inquisição de Lisboa, divulgados no Brasil pelo antropólogo Luiz Mott (conforme João J. Reis, 1988).

SAEL. Zona fitogeográfica de transição entre o deserto do Saara e a zona subtropical ao sul da África ocidental.

SAI BABA. Nome pelo qual se fez conhecido Sathya Narayana Raju, líder espiritual nascido na aldeia de Puttaparthi, no Centro-Sul da Índia, em 1926. Com cerca de 14 anos de idade, proclamando ser a reencarnação de Shirdi Sai Baba, santo muçulmano que viveu na localidade de Shirdi, abandonou a família e dedicou-se ao seu mister de propagar não uma nova

religião ou seita, mas a união de todas as crenças em torno do autoconhecimento e do autoaprimoramento. Com essa mensagem, arrebanhou milhões de adeptos em todo o mundo, inclusive no Brasil. Sua aparência física, na qual sobressai uma vasta cabeleira ao estilo *black power*, e a região onde nasceu fazem supor componentes africanos em sua ancestralidade. *Ver AFRO-INDIANOS*.

SAIÃO (*Kalanchoe brasiliensis*). Planta da família das crassuláceas, também conhecida como folha-da-costa, folha-grossa, erva-da-costa e paratudo. Na tradição brasileira dos orixás, é folha de Oxalá e Iemanjá. Seu nome em iorubá é *odundun* e em Cuba é conhecida como *prodigiosa*.

SAÍDA DE IAÔ. Na tradição dos orixás, cerimônia pública de apresentação das iaôs recém-iniciadas. Diz-se também, simplificadamente, "saída".

SAINT CROIX. Ilha no mar das Antilhas, fazendo parte das Ilhas Virgens Americanas. Em outubro de 1878, exatos trinta anos após a abolição da escravatura, foi palco de importante insurreição: trabalhadores negros, revoltando-se contra as normas de trabalho vigentes, que apenas mascaravam uma escravidão de fato, rebelaram-se, atacando várias plantations e conseguindo, afinal, a revogação do *labor act* (lei trabalhista) que os oprimia.

SAINT DOMINGUE. Antigo nome da atual República do Haiti*.

SAINT KITTS. *Ver SÃO CRISTÓVÃO E NÉVIS*.

SAINT-GEORGES, Chevalier de. *Ver CHEVALIER DE SAINT-GEORGES*.

SAINT-PRIX, Dédé. Cantor e instrumentista martinicano nascido em Le François, em 1952. Um dos criadores do grupo Malavoi*, no fim dos anos de 1970 lançou-se em carreira solo. Excelente flautista e percussionista refinado, distinguiu-se como um dos grandes nomes da música antilhana na Europa e o responsável pela difusão do gênero nativo *chouwal-bwa**.

SAINVILLE, Léonard (1910-77). Historiador martinicano nascido em Lorraine. Estudou em seu país, foi professor e depois, em 1931, partiu para a França. Após formar-se pela Universidade de Sorbonne, em Paris, foi convocado pelo Exército (1939). Lecionou durante 21 anos em Paris e seguiu para o Senegal a fim de pesquisar a história africana, tendo escrito

uma dissertação sobre a condição social dos negros de língua francesa nas Antilhas. Em sua obra destacam-se: *Victor Schoelcher* (1950); *Dominique, nègre esclave* (1951); *Anthologie de la littérature négro-africaine* (1963/1968).

SAKPATA. Vodum da varíola, chefe do panteão da terra, entre o povo fon do antigo Daomé. É o "rei da terra", o "senhor do solo", representando tudo que está no chão, sobre e sob a crosta terrestre. No Maranhão, considerado o chefe da família Dambirá, corresponde ao Xapanã* ou Omolu* jeje-iorubano e é também reverenciado sob os nomes de Tói-Acoci e Acoci-Sapatá.

SAL. Cloreto de sódio. Entre os anos 800 e 1600, o sal de cozinha foi, depois do ouro, o mais importante item na economia da África ocidental. Provindo de três pontos principais do Saara, notadamente das minas de Taghaza, no Mali, era transportado por caravanas que atravessavam o grande deserto, em direção ao Norte da África. Nas religiões da Diáspora, o sal é comumente usado em situações rituais. Na tradição dos orixás, é considerado transmissor de axé*, excitante e forte.

SALÁ. Oração rezada pelos malês cinco vezes ao dia. Do hauçá *salla*, "oração".

SALABANGÁ, Serra do. Sítio histórico brasileiro (na região do atual estado de Alagoas) onde, em 1684, ocorreu um confronto armado entre quilombolas de Palmares* e forças comandadas por Jerônimo Melo Albuquerque.

SALAKÓ, Eduardo (?-1914). Nome pelo qual foi conhecido Eduardo Ricard, músico ritual cubano nascido em Havana. Filho de iorubanos, segundo seus contemporâneos "falava" por meio de toques no tambor *iyá*, pedindo água, tabaco etc., e era compreendido e atendido por velhos *lucumís*. Fernando Ortiz (1950), no livro *La africanía de la música folklórica de Cuba*, narra um episódio em que Ñá Mesé, uma africana centenária e inválida, provocada pelo batá* de Salakó, saiu de seu cochilo e, incorporando Iemanjá, o que havia muito não acontecia, dançou como nos velhos tempos. *Sàlàkó* é o antropônimo iorubano dado à criança do sexo masculino que nasce envolta na placenta rompida. *Ver TALABI*.

SALATI. Compartimento dentro do roncó* onde se dá banho nas iniciandas do candomblé (segundo Cacciatore, 1988).

SALCEDO, Florencio (século XIX). General cubano que participou destacadamente da Guerra de Independência Cubana, entre 1895 e 1898.

SALDAÑA, Excilia (1946-99). Escritora cubana nascida em Havana. Poetisa identificada com o estilo negrista de Nicolás Guillén*, celebrou sua ancestralidade africana em escritos permeados de referências aos orixás iorubanos. Foi também ensaísta, tradutora e editora de livros infantis.

SALDANHA MARINHO. *Ver MARINHO, [Joaquim] Saldanha.*

SALDANHA, [José da] **Natividade** (1796-1830). Poeta brasileiro nascido em Santo Amaro de Jaboatão, PE, filho do vigário João José Saldanha Marinho com a "parda" Lourença da Cruz (conforme F. A. Pereira da Costa, 1982). Bacharel pela Universidade de Coimbra, participa do movimento revolucionário conhecido como Confederação do Equador, em 1824. Fracassado o movimento, busca exílio em vários países, para ser finalmente acolhido na Colômbia, onde viveu seus últimos dias. Publicou *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil* (Coimbra, 1822) e, postumamente, teve editado, em 1875, um volume de sua poesia, precedido de um estudo histórico-geográfico feito por Pereira da Costa.

Natividade Saldanha

SALGUEIRO. Comunidade localizada no morro de mesmo nome, no bairro carioca da Tijuca. Formada a partir dos primeiros anos após a abolição da escravatura, congrega muitas famílias negras oriundas do vale do Paraíba e adjacências, sendo, pelo menos até os anos de 1980, forte polo irradiador de tradições culturais de origem africana. *Ver ACADÊMICOS DO SALGUEIRO.*

SALÍ. Título ligado aos reis dos antigos *cabildos** cubanos.

SALLES, Arthur de (1879-1952). Nome literário de Arthur Gonçalves de Salles, escritor nascido e falecido em Salvador, BA. Professor primário e bibliotecário, participou na fundação da revista simbolista *Nova Cruzada*. Publicou poemas em jornais baianos e cariocas, sendo considerado o

"príncipe da poesia baiana". Livros editados: *Poesias, 1901-1915* (1920); *Sangue mau* (poema dramático, 1920); *Poemas regionais* (1948); *Macbeth* (tradução, Clássicos Jackson, 1949); *Lampiões da minha cidade*.

SALLES, Lauro (*c.* 1896-?). Professor, advogado e jornalista brasileiro. Formado pela antiga Faculdade Nacional de Direito, na mesma turma em que se formou o político Osvaldo Aranha, foi superintendente do ensino do antigo estado da Guanabara na década de 1960. Autor de ensaios nas áreas de sociologia e pedagogia, em maio de 1968 dava interessante testemunho sobre a questão racial aos *Cadernos Brasileiros*.

SALÔ (SARÔ). Denominação que recebiam, na região da baía de Benin, os retornados* de Serra Leoa. *Ver SAROS*.

SALOMÉ PARÍSIO. Nome artístico de Dulce de Jesus Lira, cantora e atriz nascida em Bonito, PE, em 1921. Com carreira iniciada aos 15 anos na Rádio Clube de Recife, em 1947 figura como grande atração do Cassino Tabaris em Salvador, BA. No Rio de Janeiro, a partir de 1949, estrela musicais como *Um milhão de mulheres*, estendendo sua atuação aos palcos da Pauliceia. Em 1950 vai para Portugal, apresentando-se no Cassino do Estoril, e cinco anos depois para a Argentina. Em 1962, chega a Nova York, atuando no Radio City Music Hall. De volta ao Brasil, faz trabalhos no cinema, rádio e TV, destacando-se como uma das últimas "vedetes" da era de ouro do teatro de variedades no Brasil. Em 2003, foi homenageada em São Paulo, no Teatro Itália, com a montagem do musical *Sonhos de uma vedete*, de Jefferson Cardoso.

SALOMÉ, Mama (séculos XVIII-XIX). "Rainha" da comunidade de negros *terranovas* em Lima, Peru, por volta de 1799. Comprando sua alforria, montou um pequeno estabelecimento doméstico para a venda de *mazamorra**, espécie de mungunzá* da culinária afro-hispânica, com o qual conquistou dinheiro e poder. Despertando inveja, foi acusada de bruxaria por alguns de seus liderados e, assim, exposta à execração pública pelos tribunais da Inquisição. Seu filho, que contava 15 anos de idade quando de sua morte, tornou-se mais tarde um famoso bandoleiro, celebrado em versos populares como *Rey del Monte* ("Rei do Mato"), tendo sido enforcado em 1815.

SALOMON, Lysius Felicité (1815-88). Político haitiano nascido em Les Cayes e falecido em Paris, França. De 1879 a 1888, foi presidente do Haiti, desafiando e enfrentando a aristocracia racial imposta pela burguesia mestiça de seu país.

SALSA [1]. Nome genérico cunhado pela indústria fonográfica para englobar várias formas de música dançante, originadas principalmente do *son** afro-cubano e difundidas mundialmente a partir dos Estados Unidos, México e Porto Rico. *Ver PACHECO, Johnny*.

SALSA [2]. *Ver PEREJIL*.

SALSA-DA-PRAIA (*Ipomoea asarifolia*; *Ipomoea maritima*; *Convolvulus brasiliensis*). Planta rasteira da família das convolvuláceas. Pertencente a todas as iabás*, suas folhas têm grande importância no omi-eró*, constituindo-se, aí, em um dos elementos de calma.

SALUBA! Saudação ritual a Nanã. Do iorubá *sáàlùba ríkà*, "muito obrigado".

SALVADOR. Cidade brasileira, capital do estado da Bahia*. *Ver CIDADES NEGRAS*.

SALVADOR JOSÉ de Almeida e Faria (?-1799). Professor de música no Rio de Janeiro. Proprietário de uma escola, fabricante de instrumentos musicais e dono de um acervo de partituras comparável ao do Conservatório de Lisboa, foi o mestre do célebre padre José Maurício*.

SALVADOR, Henri (1917-2007). Cantor e compositor francês nascido em Caiena, Guiana Francesa, e falecido em Paris. Cançonetista ícone da era dos cassinos e cabarés, atuou no Rio de Janeiro entre 1942 e 1946. De volta à França, consolidou seu prestígio como autor (em legendária parceria com Boris Vian) e intérprete bem-humorado, crítico e mobilizado contra o totalitarismo. É reconhecido como um dos maiores artistas dos palcos franceses em todos os tempos.

SALVATTI [Garcia]**, Ideli.** Parlamentar brasileira nascida em São Paulo, SP, em 1952. Licenciada em Física pela Universidade do Paraná, destacou-se como militante do Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado de Santa Catarina. Deputada estadual a partir de 1994, em 2004 era eleita para o Senado, pela seção catarinense do Partido dos Trabalhadores (PT).

SAMÀ, Lorenzo (séculos XIX-XX). Babalorixá cubano, considerado o unificador dos cultos *lucumís* em Cuba e, consequentemente, o criador da *regla de ocha**. No princípio do século XX, transferindo-se de Matanzas, onde vivia, para Regla, ali conheceu os famosos Tata Gaitán e Obalufadei, que não legitimaram seus assentamentos. Diante disso, constatando as diferenças rituais dentro da mesma religião, uniu-se a Latuán, sacerdotisa africana do culto de Xangô, e juntos conceberam a ideia de unificar as diferentes formas iorubanas de culto em um único corpo litúrgico, o qual denominaram *regla de ocha*, ou seja, "lei (religião) dos orixás". Nessa nova etapa de sua vida sacerdotal, Samá adotou o nome nagô Obadimeyi, significando "rei coroado duas vezes".

SAMANÁ. Província localizada no Nordeste da República Dominicana*. Concentra expressiva população descendente de negros livres provenientes dos Estados Unidos e ali estabelecidos como colonos em 1825, ao tempo do domínio haitiano, a convite do presidente Jean-Pierre Boyer*. Essa população utiliza um falar crioulo ou pidgin, de base inglesa, também chamado "samaná".

SAMBA [1]. Nome genérico de várias danças brasileiras e da música que acompanha cada uma dessas danças; modernamente, expressão musical que constitui a espinha dorsal e a corrente principal da música popular brasileira. **Etimologia:** O léxico da língua cokwe, do povo quioco (de Angola), registra o verbo *samba*, com a acepção de "cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito" (conforme Adriano Barbosa, 1989). No quicongo, vocábulo de igual feição designa uma espécie de dança em que um dançarino bate contra o peito de outro. E essas duas formas se originam da raiz multilinguística *semba*, "rejeitar", "separar", remetendo ao movimento físico produzido na umbigada, que é a característica principal das danças dos povos bantos, na África e na Diáspora. Observe-se que o termo foi, outrora, usado também no Prata, nas formas *samba* e *semba*, para designar o candombe*. **Canto e dança:** No Rio de Janeiro, a modalidade mais tradicional do samba cantado é o partido-alto*, forma constante de uma parte coral e outra solada. Essa estrutura é típica das canções do batuque tradicional angolano, no qual as letras, geralmente narrando episódios amorosos, sobrenaturais ou envolvendo façanhas guerreiras, são sempre improvisadas sobre uma linha

melódica pouco variável, reforçada por um estribilho em coro e complementada por palmas cadenciadas e gritos estridentes e animados. A estrofe improvisada a solo e acompanhada de refrão coral fixo, ocorrente no partido-alto, constitui característica estrutural da música de origem africana na Diáspora. E tanto esse traço quanto a coreografia revelam, no antigo samba dos morros do Rio de Janeiro, a permanência de afinidades básicas com o samba rural disseminado por boa parte do território nacional. Os batuques à moda de Angola e do Congo certamente já se achavam no Brasil muito tempo atrás, moldando a fisionomia do samba sertanejo e gerando novas formas, como o lundu chorado, em voga nos salões setecentistas, principalmente por intermédio do poeta e cantor Caldas Barbosa*. Cantado ao som de viola, sendo também dançado, esse lundu, herdeiro mestiço das canções improvisadas do batuque africano, certamente é ancestral do samba cantado. Com a estruturação da comunidade baiana na Pequena África* carioca, o samba sertanejo e outras formas aparentadas, já amalgamados, vão ganhando nova feição, até originarem o samba urbano carioca, cujo protótipo é *Pelo telefone*, registrado por Donga* em 1916. Esse samba, dança e canção popular parece ter adquirido seu aspecto atual, principalmente, em redutos negros como os de Mangueira*, Estácio*, Salgueiro*, Osvaldo Cruz* etc., constituídos no século anterior porém mais densamente povoados a partir das radicais intervenções urbanísticas da prefeitura de Pereira Passos, na década de 1900. Nesses núcleos, então, foi que, organizando sua principal manifestação musical, legitimando-a e tornando-a uma expressão de poder, as comunidades negras cariocas criaram as escolas de samba*. Com a criação das primeiras escolas, o samba chega aos meios de divulgação de massa. Observe-se, entretanto, que, após seu alçamento, entre 1916 e 1945 – graças ao advento do rádio e do disco, pela gestação de uma indústria cultural e pela adoção de estratégias políticas de difusão –, à condição de um dos símbolos da identidade brasileira, o gênero, apropriado pelas camadas médias da população, vai paulatinamente se desafricanizando. Ao disputar espaço, como gênero de canção popular, com outros gêneros musicais, nacionais ou estrangeiros, e muitas vezes amalgamando-se com eles, o samba vai-se diversificando. Nessa diversificação, surgem novos estilos (como o samba-jazz, o pagode*, o

samba-rock etc.) e modalidades, mais ou menos enraizados nas tradições musicais da Diáspora. **Modalidades:** Dentre as diversas modalidades de samba conhecidas estão as seguintes: **samba-amarrado**, uma das formas do samba do Recôncavo Baiano*; **samba-batido**, denominação baiana do antigo batuque; **samba-canção**, samba com andamento lento, de melodia romântica e letras sentimentais; **samba-choro**, samba de andamento médio, que se caracteriza como um choro com letra, para ser cantado; **samba-chulado**, espécie de samba baiano de melodia mais complexa e extensa que a do samba-de-roda comum, no qual se entremeiam versos da tradição popular; **samba-corrido**, o mesmo que samba-de-primeira; **samba-de-breque**, samba de caráter humorístico, sincopado, com paradas repentinas, nas quais o cantor introduz comentários falados; **samba-de-caboclo**, cântico ritual dos candomblés de caboclo; **samba-de-chave**, variação coreográfica do samba baiano em que os dançarinos solistas simulam procurar uma chave perdida; **samba-de-chula**, samba-chulado; **samba-de-embolada**, samba cantado de improviso, como na embolada; **samba-de-matuto**, forma de samba originada do maracatu, dançada e cantada nos sertões nordestinos; **samba-de-partido-alto**, antiga modalidade de samba instrumental ou espécie de samba cantada em forma de desafio por dois ou mais solistas e que se compõe de um refrão e de partes soladas; **samba-de-primeira**, samba antigo, sem segunda parte, cronologicamente intermediário entre o primitivo samba rural e o moderno samba urbano; **samba-de-roda**, protótipo do samba rural e, especialmente, do samba baiano; **samba-de-velho**, modalidade de samba típica de Juazeiro, BA, tida, estranhamente, como de origem indígena; **samba-duro**, uma das denominações da batucada* ou pernada carioca; **samba-exaltação**, samba de caráter grandioso, com letra patriótico-ufanista e arranjo orquestral pomposo; **samba-lenço**, forma de samba dançada em filas, em que homens e mulheres, com um lenço na mão, acenam para aqueles com quem desejam sambar; **samba-reggae**, estilo moderno de samba baiano surgido nos blocos afro; **samba-roda**, modalidade de fandango; **samba-trançado**, antiga forma de samba, dançada em Pernambuco. **Samba-enredo:** Modalidade de samba que consiste em letra e melodia criadas com base no resumo do enredo que for escolhido por uma escola de samba. Os primeiros exemplares dessa modalidade eram de livre

criação: falavam do meio ambiente, do próprio samba, da realidade dos sambistas. Com a instituição das disputas entre as escolas, por meio de concursos, na década de 1930, esses sambas, comprometidos com os temas apresentados, passaram a narrar episódios e exaltar personagens da história nacional, segundo o ponto de vista da historiografia dominante. A mudança nessas abordagens, entretanto, começou em 1959, quando os Acadêmicos do Salgueiro, com um enredo sobre a obra do desenhista francês Jean-Baptiste Debret, apresentaram – com grande efeito visual – o cotidiano dos negros no Brasil na transição entre a Colônia e o Império, o que motivou uma sequência de enredos (tratando de Palmares*, Chica da Silva*, Aleijadinho*, Chico Rei*, entre outros temas) descomprometidos, tanto quanto possível, com a louvação dos heróis da classe dominante. A partir de então, as escolas começariam a sofrer forte influência dos cenógrafos e figurinistas de formação erudita ou oriundos do teatro musicado, criadores desses enredos – prescindindo da colaboração dos antigos artistas "carnavalescos" das respectivas comunidades. Esses novos colaboradores, dentre os quais se destacam, já como parte da segunda geração, os afrodescendentes Fernando Pinto* e Max Lopes*, imprimiram ao carnaval das escolas a feição com que ele chegou ao século XXI, a qual exigiu um novo tipo de samba-enredo, gênero que, à época da conclusão desta obra, apresentava, em termos de originalidade musical, salvo honrosas exceções, sinais de franca decadência. *Ver AFROSSAMBA*; *BOSSA NOVA*; *CIDADÃO-SAMBA*; *DIA NACIONAL DO SAMBA*; *ESCOLA DE SAMBA*.

SAMBA [2]. Saquinho de pano, ou cestinho de bambu, que se coloca à boca dos bezerros ou cabritos para desmamá-los. Do quimbundo *samba*, "cesta".

SAMBA [3]. Em antigos terreiros bantos, sacerdotisa com as mesmas funções da equede dos terreiros nagôs; em terreiros bantos atuais, filha de santo, iaô; em alguns terreiros de umbanda, auxiliar de mãe de santo ou da mãe-pequena. Do quimbundo *samba*, pessoa que tem convívio íntimo com alguém ou faz parte de sua família; "cortesã", "dama da corte".

SAMBA DE CACETE. Tipo de folguedo e de dança afro-amazônicos semelhante ao jongo.

SAMBA DIAMONGO (?-1979). Nome iniciático de Edith Apolinária de Santana, mãe de santo baiana. Feita aos 20 anos de idade por Bernardino do Bate-Folha*, foi um dos grandes nomes da nação angola na Bahia.

SAMBA-DURO. O mesmo que batucada*.

SAMBA-LANDÓ. O mesmo que *landó**, antiga dança dos negros peruanos.

SAMBANGOLA. Nos candomblés de caboclo e na umbanda, ritmo e dança do Caboclo Boiadeiro*.

SAMBAYO. Na América oitocentista, filho de índio com mulata clara ou vice-versa.

SAMBIA. Redução de Sambiampango, nome da Entidade Suprema entre os congos cubanos. Foi ele, segundo o mito da Criação, que preparou o sangue que corre nas veias e move os corpos, dando-lhes vida, e que soprou pelos ouvidos das pessoas o entendimento e a inteligência. Também, Nsambi e Nzambi.

SAMBISTA. Cantor, compositor ou dançarino cuja atuação e/ou notoriedade se dão graças a uma agremiação ou núcleo difusor de samba. Outra categoria, cujos integrantes não necessariamente são artistas, é a dos chamados "sambistas dirigentes".

SAMBO. Nos Estados Unidos, qualificativo que se aplica ao negro que aceita humildemente a opressão racista. O termo se origina da expressão *little black Sambo*, título de uma antiga história, pretensamente educativa. *Ver UNCLE SAMBO.*

SAMBOJÔ. O mesmo que São Borocô*.

SAMBONGO. Doce feito de coco-ralado ou mamão verde e melado.

SAMBOP. *Ver BOSSA NOVA.*

SAMBUMBIA. Bebida fermentada da tradição afro-cubana.

SAMONGO. Um dos toques de berimbau no jogo da capoeira.

SAMORI TURÊ (c. 1830-1900). Líder do povo mandinga. Criador de um vasto império ao longo do curso superior do rio Níger, lutou contra a ocupação francesa, de 1882 a 1898, quando foi derrotado e expatriado, falecendo no exílio.

SAMPAIO, Jacyra (1922-98). Atriz brasileira nascida em Santa Cruz do Rio Pardo, SP, e falecida em São Paulo, SP. Com carreira iniciada, em 1959, no Teatro Experimental do Negro de São Paulo, tornou-se nacionalmente conhecida interpretando, na televisão, a personagem Tia Nastácia, da série *Sítio do Picapau Amarelo*, baseada em criações do escritor Monteiro Lobato.

SAMPAIO, Teodoro [Fernandes] (1855-1937). Engenheiro, geógrafo e historiador brasileiro nascido em Santo Amaro, BA, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Um dos maiores vultos da intelectualidade brasileira em todos os tempos, nasceu na fazenda Canabrava, no Recôncavo Baiano, filho, segundo Kátia M. de Queirós Mattoso (1992), da escrava Domingas da Paixão com o senhor de engenho Francisco Antônio da Costa Pinto, fidalgo-cavaleiro da Casa Imperial, que viveu solteiro toda a vida, gerando uma vasta prole de filhos naturais. Na ausência do pai, a instrução do menino Teodoro é assumida pelo tio, que o manda, aos 9 anos de idade, para São Paulo e, depois, para um colégio interno no Rio de Janeiro. Em 1877, com 22 anos, Sampaio forma-se na recém-criada Escola Politécnica Fluminense e torna-se sócio do Instituto Politécnico Brasileiro, retornando a Salvador para comprar a alforria da mãe escrava. Tomada essa providência, radica-se em São Paulo, onde inicia carreira profissional de engenheiro civil. Participante de uma comissão governamental encarregada de buscar melhoramentos para os portos brasileiros e estudar a navegação interior dos rios que desembocam no litoral, viaja pela região do São Francisco – baseado nas observações aí feitas, escreve *O rio São Francisco e a chapada Diamantina* (1906), inicialmente publicado na revista paulista *Santa Cruz* e só editado em forma de livro postumamente. Em 1904, volta à Bahia, onde, a serviço da municipalidade de Salvador, realiza grandes obras de engenharia, entre elas a reconstrução do velho prédio da Faculdade de

Teodoro Sampaio

Medicina, no Terreiro de Jesus. Anos depois, com seu nome já também consolidado como geógrafo e historiador, elege-se deputado federal e ingressa como sócio no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Dono de vasta produção intelectual, é autor do estudo crítico "A posse do Brasil meridional" (1895) e dos livros *O tupi na geografia nacional* (1901) e *Atlas dos Estados Unidos do Brasil* (1908), entre outros.

SAM-SAM (século XVIII). Líder dos *bush negroes** do atual Suriname, que entre as décadas de 1720 e 1750 infligiram várias derrotas aos holandeses.

SAMUEL QUERIDO DE DEUS (séculos XIX-XX). Capoeirista baiano, referido por Édison Carneiro como o maior de seu tempo. Pescador de profissão, foi imortalizado por Jorge Amado no livro *Bahia de Todos os Santos* (1945). Tinha já mais de 60 anos em 1944.

SAMUEL, Abraham (séculos XVII-XVIII). Pirata francês de origem africana. Contramestre do navio John and Rebecca, do pirata inglês John Hoar, sobreviveu, em 1697, a um ataque de nativos da ilha de Santa Maria, próximo a Madagáscar, no qual sucumbiram seu patrão e trinta membros da tripulação. Mais tarde, tido pela rainha de Madagáscar como seu filho – tendo sido levado como escravo, provavelmente para a Martinica, vinte anos antes –, foi aclamado como "Rei Samuel", governando por período não exatamente conhecido, antes de dezembro de 1706 (conforme J. Rogozinski, 1995). *Ver PIRATAS NEGROS*.

SAN. Denominação referente a cada um dos bosquímanos* da África austral.

SAN BASILIO, Palenque de. Comunidade remanescente de quilombo localizada perto de Cartagena, Colômbia. *Ver BENKO, Rei*; *LUMBALÚ*.

***SAN* BENITO.** Nome pelo qual é invocado são Benedito entre os negros da América hispânica.

SAN JUAN. Capital de Porto Rico*, nas Antilhas. *Ver CIDADES NEGRAS*.

SAN JUAN CONGO. Entidade espiritual cultuada em Curiepe, Venezuela, tida como um santo* mulato.

SAN MARTÍN, Ignacio (século XVIII). Músico afro-platense. Mulato livre, na década de 1770 destacava-se como regente da orquestra da

catedral de Buenos Aires, Argentina.

SAN TELMO. Antigo bairro de negros em Buenos Aires, Argentina.

SÁNCHEZ, Alina. Cantora lírica cubana nascida em Havana, em 1946. Destacou-se no papel principal da zarzuela *Cecilia Valdés*, de Gonzalo Roig. Seu repertório inclui óperas, spirituals e peças do folclore cubano e latino-americano.

SÁNCHEZ, José (século XVII). Militar cubano. Em 1660, distinguiu-se como soldado voluntário do Exército. Serviu no forte de Havana, defendendo Matanzas contra as forças europeias, e participou da captura de escravos fugitivos nas montanhas. Sánchez, tal como outros soldados mulatos, integrou expedições à Flórida em defesa de Saint Augustine. Deu baixa no Exército com a patente de capitão.

SÁNCHEZ, [José, dito] **Pepe** (1856-1918). Compositor, cantor e guitarrista cubano nascido e falecido em Santiago de Cuba. Cantor dotado de apreciada voz de barítono e exímio instrumentista, criou melodias e estruturas rítmicas admiráveis, mesmo sem conhecer a escrita musical. Autor de inúmeras boleros, guarachas e canções, além de um hino em homenagem a Antonio Maceo*, a maior parte de seu repertório se perdeu. Do que se conservou, sobressaem *Cuba, mi patria querida*; *Elvira*; *Caridad*; *Esperanza*; e *De profundis*, entre outras obras que o distinguem como o criador do primeiro bolero e pai da canção trovadoresca cubana.

SANCHEZ, Sonia. Pseudônimo de Wilsonia Benita Driver, escritora, educadora e ativista americana nascida em Birmingham, Alabama, em 1934, e criada no Harlem nova-iorquino. Ex-membro da Nação do Islã*, é autora das coletâneas de poemas *A blues book for blue black magical women* (1974) e *Homegirls & handgrenades* (1984), vencedora do American Book Award, em 1985.

SÁNCHEZ, Ventura (?-1819). Líder quilombola cubano. Chefe de um reduto próximo a Santiago de Cuba, morreu resistindo a uma investida de capitães do mato. Sua cabeça foi levada para Baracoa e exposta em uma jaula de ferro, na entrada da cidade.

SANCHO, Ignatius (1729-80). Personagem da história da escravidão na Inglaterra. Nascido escravo a bordo de um navio negreiro a caminho das Antilhas, seus pais não resistiram à viagem. Assim, foi educado na Inglaterra

e protegido por um casal de nobres, o duque e a duquesa de Montague, de quem se tornaria herdeiro, tendo recebido fina formação. Em 1782, após sua morte, foi publicado o livro *Letters of the late Ignatius Sancho, an African* [“Cartas do falecido Ignatius Sancho, um africano”], com o apêndice “Memoirs of his life” [“Memórias de sua vida”], escrito por Joseph Jekyll. O volume consta de cartas que escreveu, entre 1768 e 1780, a personalidades como a duquesa de Kent, as quais, defendendo princípios liberais, revelam, segundo a crítica, erudição e discernimento.

SANCOCHO. Guisado da culinária antilhana, feito com carne bovina, de porco, de galinha, banana e aipim.

SANDERSON, Tessa. Atleta inglesa nascida na Jamaica, em 1956. Especialista em lançamento de dardo, foi a primeira mulher britânica e a primeira atleta negra a conquistar um título olímpico (Los Angeles, 1984) na sua especialidade.

SANDOLEBE. Toboce da Casa das Minas*.

SANGA. Planta medicinal usada em práticas rituais dos candomblés bantos.

SANGAVIRA. Antigo tambor da percussão musical afro-brasileira.

SANG-MÊLÉ. Expressão francesa que designa o indivíduo mulato ou mestiço.

SANGOLOVÔ. Planta da família das zingiberáceas, usada ritualisticamente em cerimônias da tradição dos orixás; também conhecida como cana-de-macaco e cana-do-brejo. Do quicongo *nsanga-lavu*, “cana-da-índia”.

SANGORONGÓ. Forma reduzida de *sangorongomes*, um dos toques de tambor da música afro-venezuelana.

SANGORORÔ. Espécie de chocalho usado nas antigas macumbas cariocas.

SANGUE, Limpar o. *Ver MESTIÇAGEM [Mestiçagem programada].*

SANGUIOSSANHE. No culto omolocô, entidade correspondente ao Ossanhe dos nagôs. Também, Sangneossanha.

SANGUISAO. Na Cuba colonial, toque de tambores para saudar os reis dos *cabildos* de congos.

SANIM, Luís (séculos XVIII-XIX). Líder malê na Bahia. Escravo de suposta origem tapa, era um alufá* culto, que falava, além da língua de seu povo, hauçá e iorubá. Versátil e prático, organizou, entre seus pares e liderados, uma caixa de poupança para, entre outros objetivos, comprar cartas de alforria. Trabalhou como enrolador de fumo e era já idoso em 1835. Um dos chefes da grande Revolta dos Malês*, foi julgado, condenado à morte e, depois, com a atenuação de sua sentença, a seiscentas chibatadas. Sanim (Sani) é o nome mandinga ou balanta para nobres e guerreiros.

SANKEY. Gênero de canção religiosa da Jamaica, de tom lúgubre. Seu nome deve-se a Ira David Sankey, autor de hinos evangélicos.

SANKOFA – Matrizes Africanas da Cultura Brasileira. Coleção de livros, em quatro volumes, publicada entre 2008 e 2009 (Selo Negro Edições), reunindo textos de intelectuais brasileiros e estrangeiros. Coordenada pela cientista social Elisa Larkin Nascimento, tem por objetivo resgatar e atualizar o conteúdo de pesquisas e reflexões produzidas no contexto das atividades do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), criado pela organizadora juntamente com Abdias Nascimento*, seu marido, no Rio de Janeiro, na década de 1980. Integram a coleção os volumes *A matriz africana no mundo* (2008); *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil* (2008); *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente* (2008); e *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora* (2009). O nome "Sankofa" identifica um adinkra* da cultura dos povos akan*, cujo significado se traduz na afirmação de que "nunca é tarde para voltar e recolher o que ficou para trás".

SANLEVIVI. Uma das toboces que descem na Casa das Minas*.

SANMARTÍN. Instrumento da percussão ijexá (iyesá) em Cuba. Trata-se de um cano de ferro com abertura lateral, percutido com uma barrinha também metálica.

SANSA. Forma aportuguesada do quicongo *sanza*, nome de um instrumento musical de origem africana, no Brasil também conhecido como quiçanje*.

SANT'ANNA, Jean da Matha (?-1926). Jornalista *brésilien**, proprietário do jornal *La Voix du Dahomey*. Um dos primeiros repórteres e editores a se dedicar, na África, ao jornalismo de investigação, morreu

misteriosamente depois de denunciar irregularidades e desmandos da administração colonial francesa na atual República de Benin.

SANT'ANNA, Joaquim Manuel de (século XIX). Farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Cavaleiro da Ordem da Rosa, foi secretário do Ginásio da Bahia e primeiro oficial da Biblioteca Pública de Salvador.

SANT'ANNA, Manoel Joaquim de (século XIX). Empresário brasileiro nascido na Bahia. Foi o mais bem-sucedido dos comerciantes afro-brasileiros no golfo de Benin. Possuía navios a vela e a vapor que faziam a linha Salvador-Lagos.

SANT'ANNA, Umbelina de Matos Lorena. Educadora brasileira nascida em Salvador, BA, por volta de 1930. Formada em História, Geografia e Francês, desenvolveu inúmeros projetos educacionais no Brasil e no exterior, como o que envolveu a Embaixada do Brasil em Paris, por exemplo. Em 1994 recebeu das mãos do presidente da República Itamar Franco a Ordem Nacional do Mérito Educativo.

SANTA. *Ver LOPES [de Souza], João.*

SANTA, Dona (1877-1962). Nome pelo qual foi conhecida Maria Júlia do Nascimento, ialorixá* e personagem do carnaval pernambucano nascida e falecida em Recife. Ex-rainha do Maracatu Leão Coroado, transferiu-se para o Maracatu Elefante, que a coroou em 1947, destacando-se a partir de então por seu porte e sua liderança. Em 1974, a escola de samba Império Serrano* apresentou no carnaval carioca, com grande sucesso, o enredo *Dona Santa, rainha do maracatu*. O termo "rainha", que designa a líder do grupo e figura principal do cortejo, tem, no maracatu, o mesmo peso que apresenta nas congadas e moçambiques, também expressões da cultura africana na Diáspora. *Ver QUEEN*.

SANTA CATARINA. Estado da região Sul do Brasil. Por causa de um modo peculiar de ocupação e colonização, é historicamente visto como um estado de escassa população negra. Entretanto, o número de afro-catarinenses é expressivo, inclusive em algumas comunidades isoladas, nos municípios de Araguari (Itapocu), Tijucas (Valões), Paulo Lopes (Toca e Macaco), Jaraguá do Sul (Quilombo), São Francisco do Sul, e mesmo na

capital, na localidade de Ribeirão da Ilha. Acrescente-se que o maior vulto da história literária de Santa Catarina foi o poeta Cruz e Souza*.

SANTA CLARA, Francisco de (século XVII). Personagem-chave da sublevação ocorrida em Cartagena, Colômbia, em 1693. Era membro do *cabildo** dos negros *ararás*, liderado por Manuel Arará, escravo da Companhia de Jesus. *Ver SAN BASILIO, Palenque de*.

SANTA COLOMBA (século XIX). Nome pelo qual foi conhecido Félix Laserna, líder rebelde dos escravos do Uruguai. Em 1832, com seus comandados, incendiou a Casa de Comédias durante uma função de gala, assaltou a sede do governo e tentou apoderar-se de um estabelecimento militar de Montevidéu. Inicialmente condenado à morte, teve, mais tarde, sua pena abrandada, sendo sentenciado à deportação.

SANTA CRUZ, Domingo (1884-1931). Músico argentino nascido e falecido em Buenos Aires. Descrito como descendente de escravos africanos, iniciou-se no bandoneon ainda menino, com seu pai, o qual teria sido um dos introdutores do instrumento no ambiente do tango. Aos 16 anos, trabalhando como operário ferroviário, sofreu um acidente que o aleijou e lhe rendeu o apelido de "O Manco". Incapacitado para o trabalho na ferrovia, passou a ganhar a vida como músico e professor, atuando em confeitarias e salões elegantes. É autor, entre outros, do conhecido tango *Unión Cívica* (1904). Não obstante, morreu tuberculoso e indigente em um hospital público.

SANTA CRUZ, Fazenda de. Localizada a cerca de sessenta quilômetros do centro da cidade do Rio de Janeiro, a Real Fazenda de Santa Cruz (depois "Imperial"), antes pertencente aos padres da Companhia de Jesus, abrigou, no século XIX, a residência rural da realeza brasileira. Contando com um efetivo de 1.600 escravos à época da expulsão dos jesuítas, ainda no século XVIII, e cerca de 2.200 em meados do século seguinte (conforme Schwarcz, 1998), sediou uma experiência única: nela foi criada, ainda ao tempo dos padres, um estabelecimento de ensino musical para escravos, o Conservatório de Santa Cruz, o qual preparou e revelou um grande número de talentosos instrumentistas e cantores, inclusive no campo da música de concerto e do canto lírico*. Do conservatório saíram, ainda segundo Schwarcz, os primeiros professores de música da cidade, como

Salvador José*, mestre do Padre José Maurício*. Egressos dele foram, também, o modinheiro Joaquim Manuel e as cantoras líricas Maria da Exaltação, Sebastiana e Matildes, integrantes do coro da capela da Quinta da Boa Vista. Entretanto, como escravos não tinham reconhecida a sua individualidade, a maioria desses músicos raramente era citada nominalmente nas críticas e resenhas. Assim, quase nenhum passou à história. *Ver MÚSICA NEGRA no Brasil*.

SANTA CRUZ, Nicomedes (1925-92). Nome abreviado de Rafael Nicomedes Santa Cruz Gamarra, poeta, músico, jornalista e publicitário nascido em Lima, Peru, e falecido em Madri, Espanha. Nono filho do dramaturgo Nicomedes Santa Cruz Aparicio (1870-1957), foi um dos maiores estudiosos e divulgadores da tradição afro-peruana. Publicou, entre outros, os livros *Décimas* (1960), *Cumanana* (1964) e *Canto a mi Perú* (1966). Com seu conjunto Cumanana gravou, cantando, coletâneas de músicas de sua autoria e poemas da tradição negra em seu país, tendo sido, também, toureiro e mestre ferrador.

SANTA CRUZ Y ESPEJO, Francisco Javier Eugenio (1740 ou 1747-96). Erudito e literato nascido em Quito, Equador. Seu pai era índio e sua mãe uma mulata, filha de escrava. Aos 24 anos de idade formou-se em Medicina. Morreu na prisão, para onde havia sido mandado por seus escritos revolucionários.

SANTA EUFRÁSIA, Major (século XIX). Militar brasileiro, participante da Sabinada*. É citado por Manuel Querino (1955) como um dos baianos proeminentes de seu tempo.

SANTA HELENA. Colônia da Grã-Bretanha localizada no oceano Atlântico, a oeste da costa angolana, com capital em Jamestown.

SANTA LÚCIA. País das Antilhas, ao sul da Martinica e ao norte de São Vicente e Granadinas, com capital em Castries. A população é composta quase exclusivamente de pretos e mulatos. Disputado por França e Inglaterra, tornou-se possessão britânica em 1814 e, em 1979, conquistou a independência. Por causa dessa disputa, o país desenvolveu uma cultura bilíngue, mas os anciãos falam, ainda, um patuá [1]* permeado de vocábulos africanos.

SANTA MARÌA DE LA CHAPA. Localidade na atual Venezuela, próxima a Coro. Sediou, na segunda metade do século XVIII, uma comunidade constituída principalmente por escravos fugidos de Curaçau. Em 1770 já preocupava as autoridades coloniais, tendo sido a base física da rebelião envolvendo José Leonardo Chirinos*, em 1795.

SANTA RITA DO BRACUÍ. Comunidade remanescente de quilombo* localizada em Angra dos Reis, RJ.

SANTA ROSA. Comunidade negra localizada no município de Itapecuru-Mirim, a 150 quilômetros de São Luís do Maranhão. É constituída por 98 famílias descendentes de escravos da antiga fazenda do barão de Santa Rosa, as quais receberam as terras por doação do proprietário.

Tomás Santa Rosa

SANTA ROSA [Júnior]**, Tomás** (1909-56). Pintor, cenógrafo, ilustrador, professor e crítico de arte brasileiro nascido em João Pessoa, PB, e falecido em Nova Délhi, Índia. Radicado desde a década de 1930 no Rio de Janeiro, onde, inclusive, compartilhou um quarto de pensão com o romancista José Lins do Rego, foi aluno de Cândido Portinari e amigo de Pablo Picasso (conforme José Casado, 2003). Destacando-se primeiro como desenhista, ao ilustrar obras de grandes escritores nacionais contemporâneos, mais tarde projetou e construiu cenários para importantes montagens, tanto de peças teatrais quanto de balés, além de assinar a decoração carnavalesca do Teatro Municipal do Rio de Janeiro no carnaval de 1951. Como pintor, participou dos salões nacionais de Belas-Artes (1941) e Arte Moderna (1954). Também lecionou, como professor de arte, na Fundação Getúlio Vargas, na Escola Nacional de Belas-Artes e no Museu de Arte Moderna. Ativista de movimentos culturais, participou efetivamente do Teatro Experimental do Negro desde sua fundação. Faleceu de morte súbita na Índia, quando representava o Brasil numa conferência internacional de teatro promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

SANTA ROSA DOS PRETOS. Comunidade remanescente de quilombo* em Itapecuru-Mirim, MA.

SANTA TERESA, Quilombo de. Reduto quilombola, na localidade de mesmo nome (na cidade do Rio de Janeiro), destruído pelo brigadeiro Vidigal em 1823. Na ocasião, foram presos cerca de duzentos aquilombados.

SANTAMARÍA, Juan (século XIX). Herói nacional da Costa Rica, em 1821 participou com destaque da guerra pela independência do seu país.

SANTAMARÍA, Mongo (1927-2003). Nome artístico de Ramón Santamaría Rodríguez, percussionista cubano nascido em Havana e falecido na Flórida, Estados Unidos. Radicado em Nova York desde 1949, integrou as orquestras de Pérez Prado* e Tito Puente. Mais tarde, criou seu próprio grupo de *latin-jazz**, do qual participaram músicos notáveis como Chick Corea e Hubert Laws. Foi um importante continuador do trabalho de Chano Pozo* no sentido de fundir o jazz com os ritmos afro-cubanos.

SANTANA. Comunidade remanescente de quilombo* localizada em Quatis, RJ.

SANTANA, Chico (1911-88). Nome pelo qual foi conhecido Francisco Felisberto Santana, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Integrante da escola de samba Portela*, foi autor dos principais sambas de exaltação à agremiação, inclusive do *Hino da velha-guarda*. No final dos anos de 1970, seu samba *Saco de feijão* foi sucesso nacional na voz da cantora Beth Carvalho.

SANTANA, Edgar [Teotônio] (século XX). Médico brasileiro. Cardiologista renomado, dedicou-se também à escrita de obras de combate ao racismo, como *A contribuição do negro nos quatrocentos anos de vida de São Paulo* (1954). Em 1950, participou do 1º Congresso do Negro Brasileiro.

SANTANA, Miguel [Arcanjo Barradas Santiago de] (1896-1974). Empresário brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Neto de avós africanas, uma de nação tapa e outra originária da atual República de Gana, já na adolescência detinha altos cargos da hierarquia religiosa afro-baiana. Foi ogã da Casa Branca, obá de Xangô do Axé Opô Afonjá (Obá Aré), além de membro de irmandades católicas e integrante da comunidade malê. Na vida profissional, depois de ter sido estivador e líder sindical, dedicou-se ao comércio marítimo, inclusive em âmbito internacional, como sucessor de

João de Adão, filho de seu tio e padrinho Adão da Conceição Costa*. O grande prestígio de que gozava fez dele uma das personalidades mais importantes da sociedade baiana em seu tempo. Em 1996, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) publicou um depoimento autobiográfico, em livro organizado por José Guilherme da Cunha Castro (*ver Bibliografia*).

SANTANA, Valdemar. Desportista brasileiro nascido na Bahia, em 1928. Lutador, destacando-se na modalidade conhecida como luta livre, em 1954 tornou-se campeão nacional. Em maio do ano seguinte, desafiou e, em um combate feroz, violento e emocionante realizado no Rio de Janeiro, derrotou seu ex-professor de jiu-jítsu Hélio Gracie, o maior nome das artes marciais no país, depois de três horas e 45 minutos. Em 1970, radicou-se em Brasília, DF, dedicando-se exclusivamente à sua academia de defesa pessoal, luta livre, jiu-jítsu e judô; em 1982, vítima de um acidente vascular cerebral, lutava desesperadamente pela vida.

SANTERÍA. Denominação genérica e não ortodoxa das práticas religiosas resultantes da aproximação de algumas vertentes de culto afro-cubanas com o catolicismo. Compreende, principalmente, a *regla de ocha** e a *regla arará**, não incluindo, entretanto, a *regla de palo monte**, o vodu* e os ritos da sociedade *abakuá**. A *santería*, em plena expansão internacional à época deste texto, com ramificações inclusive nos Estados Unidos e no Brasil, em geral não ocupa templos ou terreiros, com seus iniciados recebendo os assentamentos dos orixás para cultuá-los em âmbito privado, em casa. Não obstante, a tendência inaugurada com a Church of the Lukumí Babalú Ayé*, nos Estados Unidos – a qual se propunha, quando de sua fundação, na década de 1970, ter sede, escola, centro cultural e museu –, parece ser agora a dominante. *Ver RELIGIÕES AFRO-CUBANAS*.

SANTERO. Praticante da *santería**.

SANTIAGO, Emílio [Vitalino]. Cantor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1946. Ainda estudante de direito, participou de festivais de música, iniciando carreira profissional em 1971. Quatro anos depois, estreou no mercado fonográfico, e logo se afirmaria como um dos maiores cantores brasileiros de seu tempo, incursionando por todos os gêneros, com seu timbre aveludado e original. Campeão de vendagens, em 1998

contabilizava seis discos de ouro e seis de platina, além de outras premiações.

SANTO. No Brasil e na América hispânica, denominação genérica aplicada a cada um dos orixás, inquices ou encantados das religiões de origem africana. *Ver SANTERÍA*.

SANTO ANTÔNIO DA MOURARIA. Santo negro cultuado no Brasil à época da escravidão. Era padroeiro de uma irmandade de "homens pretos" no Rio de Janeiro.

SANTO ANTÔNIO DE CATEGERÓ. *Ver ANTÔNIO DE NOTO*.

SANTO ANTÔNIO PRETO. O mesmo que Santo Antônio de Categeró*.

SANTO DOMINGO. Capital e maior cidade da República Dominicana*, fundada em 1496.

SANTO ELESBÃO. Santo católico festejado em 27 de outubro. Chamado Caleb, foi rei da Abissínia e conquistou o Iêmen em 525. Abdicando do trono, dedicou-se à vida monástica e adotou o nome de Elesbão, morrendo em 563. No centro da cidade do Rio de Janeiro, na rua da Alfândega, próximo à avenida Passos, localiza-se uma igreja erguida em seu louvor e de santa Ifigênia. Construída por escravos em 1754 e abrigando uma irmandade negra, foi importante centro de eventos da comunidade africana desde a época colonial.

SANTO-DAIME. *Ver IRINEU, Mestre*.

SANTOS, Adauto (1940-99). Músico brasileiro radicado e falecido na cidade de São Paulo. Com carreira de violonista e cantor iniciada na noite paulistana, tornou-se conhecido na boate Jogral, no final dos anos de 1960. Em 1974, gravou pelo selo Marcus Pereira o LP *Nau Catarineta* e, em 1980, o intitulado *Raízes e frutos*. Violeiro, cantor e compositor, parceiro de João Pacífico, Paulo Vanzolini, Theo de Barros e Luiz Carlos Paraná, entre outros, e atuando inúmeras vezes ao lado da cantora Inezita Barroso, destacou-se como um dos mais expressivos intérpretes da canção sertaneja fincada nas legítimas tradições rurais. A canção *Triste berrante*, de sua autoria, é um dos clássicos desse repertório.

SANTOS, Agnaldo [Manoel] **dos** (1926-62). Escultor brasileiro nascido em Itaparica, BA, e falecido na capital Salvador. Destacou-se na IV

Bienal de São Paulo (1957) e no Salão Nacional de Arte Moderna (Rio de Janeiro, 1956, 1961). Em 1966, já falecido, suas obras integraram o acervo brasileiro exibido no Festival Mundial das Artes Negras, em Dacar, Senegal, evento em que a escultura *Rei* obteve o grande prêmio internacional nessa categoria. Aluno de Mário Cravo Júnior e Francisco Biquiba Guarany, sua obra, incluindo representações de orixás, máscaras etc., fez dele, segundo o crítico Clarival do Prado Valladares (1977), "o mais brasileiro dos artistas genuinamente afro-brasileiros".

SANTOS, [Augustinho, dito] **Agostinho dos** (1932-73). Cantor e compositor brasileiro nascido na cidade de São Paulo e falecido em Paris, França. Com carreira radiofônica iniciada em 1951, quatro anos depois faria grande sucesso no disco, com a versão da balada americana *My little one* (*Meu benzinho*). A partir de então, firmando-se como um dos maiores cantores românticos brasileiros de sua geração, foi premiado com vários discos de ouro; interpretou as canções da trilha sonora do filme *Orfeu Negro* (1959), de Marcel Camus; criou interpretações imortais como as de *Balada triste*, *Manhã de carnaval* e *A felicidade*; encetou promissora carreira internacional; integrou o elenco do célebre espetáculo da bossa nova no Carnegie Hall nova-iorquino (1962); participou de festivais de música pela televisão. Morreu prematuramente, em um acidente aéreo, próximo ao aeroporto de Orly, em Paris.

SANTOS, Aída [Menezes] **dos.** Atleta brasileira nascida em Niterói, RJ, em 1937. No ano de 1964, integrando a delegação brasileira presente na Olimpíada de Tóquio, conquistou o quarto lugar na modalidade de salto em altura, apesar de ter sofrido uma série de privações, inclusive a falta de calçados adequados, que lhe foram emprestados por um colega cubano. Conquistou a medalha de bronze ao disputar o pentatlo nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, Canadá (1967), e de Cáli, Colômbia (1971), abandonando as pistas em 1973. Já formada em Geografia, em 1970 diplomou-se em Educação Física, concluindo depois o curso de Pedagogia. Em 1987 voltou a competir em certames para atletas veteranos.

SANTOS, Antônio Martins (1911-37). Militante brasileiro pelos direitos civis nascido em Bom Sucesso, MG, e falecido na cidade de São Paulo. Engenheiro, formou-se em 1936 pela hoje denominada Universidade

Presbiteriana Mackenzie, onde, conhecido como "Jaspe", destacou-se também como futebolista. Foi conselheiro da Frente Negra Brasileira, professor do curso de formação social mantido por essa entidade e redator-chefe do jornal *A Voz da Raça*.

SANTOS, Armando [Antônio dos] (1915-2001). Sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Integrante da escola de samba Portela, que presidiu com destaque na década de 1950, integrou o grupo da Velha-Guarda da Portela*, como compositor e intérprete.

SANTOS, Aroldo (1940-85). Sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Compositor e puxador ligado à escola de samba Estácio de Sá, em 1975 lançava seu primeiro LP, fazendo grande sucesso com o samba *Batida de limão*. Depois de mais dois discos (1976 e 1979), amargou o ostracismo, morrendo pobre e esquecido.

SANTOS, Ascendina (século XX). Atriz, cantora e bailarina brasileira. Estreou em 1926 na burleta carnavalesca *Ai, Zizinha!*, apresentada no Teatro Carlos Gomes (Rio de Janeiro), brilhando em todos os quadros de que participou. Com o êxito da estreia e graças a um cognome racista cunhado por um colunista do jornal *O Globo*, passou a ser também conhecida como "Branca das Neves". Impressionado com seu sucesso, o empresário Manuel Pinto contratou-a, para que trabalhasse no Teatro Recreio, por 1 conto e 500 mil-réis, soma vultosíssima à época. Com carreira tão fulgurante quanto meteórica, exibiu-se também fora do Rio de Janeiro, mas acabou no esquecimento.

SANTOS, Caetano Lopes dos (séculos XVIII-XIX). Escravo de nação cabundá, destacou-se no papel de rei congo em um espetáculo de rua apresentado com grande sucesso no Rio de Janeiro, em 1811, conforme referência de Luiz Edmundo (1957) em *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Pode ser considerado, por isso, um dos primeiros atores do teatro brasileiro.

SANTOS, Carlos [da Silva] (1904-89). Político brasileiro nascido em Rio Grande, RS, e falecido na capital Porto Alegre. Operário metalúrgico e líder sindical, formou-se em Direito em 1950, sendo seguidamente deputado estadual e presidente da Assembleia Legislativa de seu estado. Foi também deputado federal em vários mandatos, entre 1975 e 1982, destacando-se por

importantes iniciativas no campo social. É focalizado no livro *Vultos do Rio Grande do Sul*, de Décio Vignoli das Neves (1981).

SANTOS, Daiane [Garcia] **dos.** Ginasta brasileira nascida em Porto Alegre, RS, em 1983. Com suas potencialidades atléticas descobertas ao acaso, aos 11 anos de idade, enquanto brincava na rua, iniciou sua trajetória no Grêmio Náutico União, logo se destacando, primeiro em nível local e mais tarde em âmbito nacional. Em agosto de 2003, em Anaheim, Estados Unidos, tornava-se a primeira brasileira campeã mundial de ginástica artística, conquistando, meses depois, a medalha de ouro na Copa do Mundo de Ginástica, realizada em Stuttgart, Alemanha. Nesses certames, executou o "duplo *twist* carpado", que mais tarde se desdobrou no "duplo *twist* esticado", ambos exercícios com grau máximo de dificuldade, segundo a Federação Internacional de Ginástica (FIG). A partir de então, o primeiro deles passou a fazer parte do código de pontuação da FIG com o nome de "Dos Santos", em sua homenagem, e o segundo fez que a entidade mudasse o sistema de pontuação das competições de ginástica artística.

SANTOS, Djalma. *Ver DJALMA SANTOS.*

SANTOS [de Souza]**, Edson.** Político brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1954. Filho de um jardineiro, começou a trabalhar na adolescência como ajudante do pai, sendo, depois, porteiro em hotéis e clubes na Zona Sul carioca. Formado em Ciências Sociais, iniciou a militância política em uma associação de moradores. Eleito para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 1988, destacou-se em mais de dois mandatos como uma das respeitadas vozes do órgão. Eleito senador em 2005, três anos depois foi chamado a substituir Matilde Ribeiro* no cargo de ministro da Seppir*.

SANTOS, Elmo [José] **dos.** Sambista nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1955. Ex-ritmista e compositor da escola de samba Estação Primeira de Mangueira* (sendo um dos autores, sob o apelido de Rato do Tamborim, do samba-enredo de 1979, *Avatar... e a selva transformou-se em ouro*), no final dos anos de 1990 tornou-se presidente da agremiação, conquistando o campeonato de 1998 e consolidando seus projetos na área social. Ainda em 1998, recebeu na Vila Olímpica da comunidade o então presidente americano Bill Clinton e participou, oficialmente, das exéquias

do ministro das Comunicações Sérgio Motta, sobre cujo esquife depôs a bandeira da Mangueira.

SANTOS, [Livino] **Faustino dos** (*c.* 1830-89). Músico e compositor brasileiro, nascido em Cachoeira, BA, e falecido na capital Salvador. Autor de duas missas consideradas primorosas, foi um dos maiores executantes brasileiros de clarineta, além de requisitado afinador de pianos.

SANTOS, Gabriel Joaquim dos. *Ver CASA DA FLOR.*

SANTOS, Helio. Professor e militante negro brasileiro nascido em Belo Horizonte, MG, em 1945. Mestre em Finanças e doutor em Administração pela Universidade de São Paulo (USP), exerceu o magistério superior e destacou-se pela participação em inúmeras iniciativas, tanto da sociedade civil quanto governamentais, em prol da cidadania do povo negro. Em 1999, como coordenador do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (instituído em 1995 pelo governo federal), foi admitido no quadro suplementar da Ordem do Rio Branco, no grau de oficial; em 2001 publicava, pela Editora Senac São Paulo, *A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso*, livro em que propõe alternativas para superar o fosso existente entre brancos e negros na sociedade brasileira.

SANTOS, Hemetério José dos (1858-1939). Gramático, filólogo e escritor brasileiro nascido em Codó, Maranhão, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Com cerca de 20 anos de idade já era professor do Colégio Pedro II, na capital do Império; em 1890 foi nomeado professor adjunto do Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde, mais tarde, viria a tornar-se professor vitalício. Cursando a Escola de Artilharia e Engenharia, conquistou a patente de major, obtendo, depois, o galardão de tenente-coronel honorário. Foi também professor da Escola Normal do Distrito Federal, granjeando fama de grande mestre. Na opinião de Sílvio Romero (1953, p. 1.987), ombreava com Olavo Bilac, Graça Aranha, Aluísio e Artur Azevedo no uso da palavra escrita. Entretanto, após a morte de Machado de Assis*, acusou-o de ter traído o povo negro, sendo que essa posição parece ter determinado uma espécie de boicote à sua obra e à sua memória. Emílio de Menezes, chamando-o "Hemetério de Souza", dedicou-lhe dois sonetos satíricos eivados de racismo. Já Luiz Edmundo (1957) traça-lhe um perfil de "filólogo profundo", mas "um tanto discutidor". Em 2008, o livro *A cor da escola*, de

Maria Lúcia Rodrigues Müller, resgatava parte de sua memória, trazendo inclusive fotografias que ressaltam a harmonia de seus traços físicos e sua elegância, além de sua condição de único negro entre os docentes do Colégio Militar em seu tempo. Obra publicada: *Gramática elementar da língua portuguesa, extraída dos melhores autores* (1879); *O livro dos meninos* (1881, conto); *Carta aos maranhenses* (1906); "Etimologias: 'preto'" (1907, artigo); *Pretidão de amor* (1909, conferências literárias); *Gramática portuguesa: adotada na Escola Normal do Distrito Federal* (1913); *Gramática portuguesa, segundo grau primário* (1913); *Frutos cadivos* (1919, poesia); *Da construção vernacular* (s/d).

SANTOS, Ivanir dos. Político brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1954. Após uma infância trágica, vivida entre a favela e a zona do baixo meretrício, tornou-se interno do antigo e famigerado Serviço de Assistência ao Menor (SAM), de onde saiu para, mais tarde, formar-se em Pedagogia. Fundador da Associação dos Ex-Alunos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) e secretário executivo do Ceap*, destacou-se como um dos mais aguerridos militantes pelos direitos civis no Brasil, sendo, por isso, homenageado publicamente pela primeira-dama da França, Danielle Mitterrand, em 1998. No ano seguinte, foi nomeado subsecretário de Direitos Humanos e Cidadania do estado do Rio de Janeiro.

SANTOS, Jackson dos. Nome pelo qual ficou conhecido Jackson João Bosco Moreira dos Santos, jogador brasileiro de futebol de salão nascido em Santa Bárbara, MG, em 1956. Integrando a seleção brasileira a partir de 1979, em 1990 foi eleito o jogador da década. É considerado o Pelé do futsal.

SANTOS, João Júlio dos (1844-72). Escritor brasileiro nascido e falecido em Diamantina, MG. "Mulato e paupérrimo", além de poeta e intelectual brilhante, de acordo com Raimundo de Menezes (1978, p. 614), morreu aos 28 anos, sem que se concretizassem as expectativas dos críticos segundo as quais seria um dos grandes nomes da poesia brasileira. Publicou *Auroras de Diamantina e outros poemas* (1944), além de textos esparsos em jornais e revistas.

SANTOS, Johnson (1936-2000). Jornalista brasileiro nascido em Aratuípe, BA, e falecido na capital Salvador. Formado em Biologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), iniciou carreira em 1968, no Rio de

Janeiro, onde trabalhou nos principais jornais, geralmente como repórter de economia. Nos anos de 1980, foi editor e repórter especial na Rede Globo de Televisão e, a partir de 1984, ocupou importante cargo de assessoria na Construtora Norberto Odebrecht, por meio do qual viabilizou vários projetos culturais, muitos deles voltados para a população negra, inclusive na África.

SANTOS, Luiz Alberto [Silva]. Político brasileiro nascido em Maragojipe, BA, em 1953. Petroleiro, em 1997 elegeu-se deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e na Câmara tornou-se titular das comissões de Ciência e Tecnologia e de Direitos Humanos. Ao mesmo tempo deputado e coordenador nacional do Movimento Negro Unificado – MNU (*ver MOVIMENTO NEGRO*), foi o primeiro representante dessa entidade a chegar ao Congresso Nacional.

SANTOS, Manuel Augusto dos (1886-1970). Maestro brasileiro. Sua efígie foi reproduzida na seção histórica – de personagens célebres – da exposição "O Impacto da Cultura Africana no Brasil", levada pelo governo brasileiro ao Festac '77 (The Second World Black and African Festival of Arts and Culture), em Lagos, Nigéria, em 1977.

SANTOS, Márcio [Roberto dos]. Jogador brasileiro de futebol nascido em São Paulo, SP, em 1969. Depois de atuar no Novorizontino (SP), no Internacional (RS), no Botafogo (RJ) e no Bordeaux (França), foi titular da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994.

SANTOS, Marcolino José Dias dos (século XIX). Militar baiano. Oficial de cavalaria da companhia dos Zuavos Baianos* e um dos raros comandantes negros na Guerra do Paraguai*, em setembro de 1866 teve a honrosa incumbência de fincar a bandeira brasileira quando da tomada do forte de Curuzú. Recebeu a patente de capitão e o título de cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, a mais alta do Império.

SANTOS, Marcos Rodrigues dos (século XX). Líder da militância negra nascido em Santo Antônio de Jesus, BA. Portuário, mestre-escola e ativista católico, em 1932, depois de exercer militância em Santos e São Paulo, foi o principal organizador da seção baiana da Frente Negra Brasileira*.

SANTOS, Maria Salomé da Silva (1873-1951). Musicista e educadora brasileira nascida e falecida em Pelotas, RS. Filha de Manuel da Silva Santos ou Manuel Conceição, fundador do Club Abolicionista*, na década de 1930 tornou-se a primeira mulher e a única negra, até o presente, a tocar o órgão da catedral de sua importante cidade. Além disso, desenvolveu trabalho voluntário no Asilo São Benedito, fundado por Luciana Araújo*, dedicando-se à educação de meninas lá abrigadas, quase todas negras.

SANTOS, Milton [Almeida dos] (1926-2001). Geógrafo brasileiro nascido em Brotas de Macaúbas, BA, criado na capital Salvador e falecido na cidade de São Paulo. Foi professor da Sorbonne e da Universidade de Colúmbia, em Nova York, professor emérito de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP), professor visitante da Universidade de Stanford e professor das universidades de Paris, Toronto e Dar es Salaam. Em 1994, recebeu o Prêmio Vautrin Lud, o Nobel da geografia. Em 1996, já detentor de doze títulos de doutor *honoris causa* oferecidos por importantes universidades estrangeiras e com mais de quarenta livros publicados, foi homenageado na USP com o seminário “A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção em Milton Santos”. Em sua obra, serviu-se da geografia para analisar, de um ponto de vista multidisciplinar, todos os aspectos da relação do homem com o mundo.

SANTOS, Moacir [José dos] (1926-2006). Maestro, arranjador, compositor e saxofonista brasileiro nascido em Flores do Pajeú, PE, e falecido em Pasadena, Califórnia, EUA. Órfão antes dos 3 anos de idade, foi criado por uma família branca remediada, que lhe propiciou instrução ginasial. Aos 14 anos, já era músico de banda em sua localidade natal, e aos 18, depois de ter atuado no Rádio Clube de Pernambuco, mudou-se para João Pessoa, PB, onde chegou a sargento-músico da Polícia Militar. Em 1948,

Moacir Santos

transferiu-se para o Rio de Janeiro, ingressando na Rádio Nacional como saxofonista e sendo, três anos depois, promovido a arranjador e regente, tendo trabalhado ao lado de nomes como Radamés Gnattali, Leo Peracchi, Lírio Panicalli etc., quase todos de origem italiana. Paralelamente ao trabalho no rádio, compôs trilhas sonoras para filmes como *Ganga Zumba* (1963), *Os fuzis* (1964), *Seara vermelha* (1964) e *O beijo* (1965), representantes do chamado cinema novo brasileiro. Depois de aperfeiçoar-se com os mestres Cláudio Santoro, Guerra Peixe e Hans-Joachim Koellreutter e de ter sido professor de músicos do porte de Paulo Moura* e Baden Powell*, entre muitos outros, em 1967 radicou-se nos Estados Unidos. Nesse país, gravou discos solo, um deles indicado para o Grammy, deu aulas e compôs trilhas para cinema, construindo uma sólida reputação como compositor, arranjador e professor. Segundo a crítica, produziu, nos anos de 1960-70, a música popular mais sofisticada e ao mesmo tempo mais enraizada nas tradições afro-brasileiras. É autor de *Nanã*, um clássico do repertório bossa-novista, além de *Coisas*, *April child*, *Senzala* etc. Em 2001 foi homenageado, no Brasil, com o lançamento do CD duplo *Ouro negro*, que contempla boa parte de sua obra. Nesse registro, cinco canções receberam letras, em português, criadas pelo compositor Nei Lopes, autor desta *Enciclopédia*, sendo interpretadas, respectivamente, pelos cantores Djavan*, Ed Motta*, Gilberto Gil*, João Bosco e Milton Nascimento*.

SANTOS, Nelson dos. Artesão metalúrgico brasileiro nascido em 1943. Na primeira metade dos anos de 1990 era, segundo consta, o único brasileiro a forjar espadas de acordo com a tradição japonesa. Além disso, ganhava a vida como tradutor de japonês e professor de artes marciais.

SANTOS, Oscar (1905-76). Músico e professor brasileiro nascido na atual cidade de Abaetetuba, PA. Radicado no Amapá, fundou uma escola de música responsável pela formação de inúmeros artistas e foi um dos primeiros docentes do Conservatório de Música Amapaense, além de um dos músicos mais populares do antigo território.

SANTOS, Pedro Vieira dos (século XIX). Religioso baiano, cônego e vigário da freguesia da cidade de Itaparica e cavaleiro da Ordem de Cristo.

SANTOS, Plácida dos (1863-1940). Atriz brasileira de variedades. Em fins do século XIX e princípios do século XX, atuou no Jardim da Guarda

Velha e no Alcazar Parque, na Lapa carioca. Entre 1898 e 1901, exibiu-se em Paris, inclusive no Folies Bergère, vestida de baiana, dançando e cantando maxixes e lundus, credenciando-se como a primeira entre os artistas brasileiros, depois de Caldas Barbosa*, a levar a música popular brasileira à Europa.

SANTOS, Thereza. Pseudônimo de Jaci dos Santos, atriz, publicitária e militante negra nascida na cidade do Rio de Janeiro, por volta de 1940, e radicada em São Paulo, SP. No início dos anos de 1970, depois de intensa atividade artística e política no Rio de Janeiro, assumiu a direção do setor de teatro do Ministério da Educação e Cultura da Guiné-Bissau. A partir de 1976, exerceu função idêntica em Angola, tendo chefiado a delegação angolana participante do 2º Festival de Arte Negra, na Nigéria, em 1977. De volta ao Brasil, em 1979, trabalhou em publicidade, escreveu enredos para escolas de samba, ajudou a fundar o Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, fundou e dirigiu a Associação Cultural Agostinho Neto e foi assessora da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, entre 1984 e 1985.

SANTOS, Tomaz Aroldo da Mota. Cientista e professor brasileiro nascido em 1944, doutorado em Farmácia e Bioquímica e pós-doutorado em Imunologia pelo Instituto Pasteur, de Paris. Em 1995 era, como reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o único negro a dirigir uma universidade federal no Brasil. Era também vice-presidente da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior.

SANTOS, Valdino Pedro dos (1930-78). Líder sindical brasileiro nascido em Alagoas. Foi presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, Fluviais e Aéreos, cargo que exerceu de 1968 até seu falecimento.

SANTOS, Zacarias dos. Cineasta brasileiro nascido em Córrego da Água Limpa, município de Guanhães, MG, em 1925, e radicado na capital do estado desde os 20 anos. Em 1967 conclui, com parcos recursos, depois de dez anos, o filme *Chico da Usina*, longa-metragem em preto e branco. Em 1980, após outro longo período de trabalho e busca de financiamento, conclui *O campônio do Rio Comprido*, longa-metragem em cores no qual conta a história de duas crianças, retratando as diferenças sociais no meio

rural. Em novembro de 2003 foi homenageado, por sua obra, no Festival de Arte Negra, promovido pelo governo de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

SANTOS CATÓLICOS. *Procurar pelo nome. Por exemplo: BENEDITO, São; IFIGÊNIA, Santa; MARTÍN DE PORRES, São.*

SANTOS GARRAFÃO. *Ver BRANDINA.*

SANTOS LIRA, Manuel Faustino dos. *Ver LIRA, Manuel Faustino dos Santos.*

SANTOS SILVESTRES. No vodu cubano, loás tidos como não domesticados, que vivem na natureza.

SANTOS-FEBRES, Mayra. Escritora porto-riquenha nascida em 1966. Romancista e crítica literária, além de professora de literatura, pós-graduada pela Cornell University, conta com obras traduzidas para o francês, inglês, alemão e italiano. Entre suas obras contam-se *Anamú y manigua* (1991); *Pez de vidrio* (1995, ganhadora do Prêmio Juan Rulfo); *Sirena Selena vestida de pena* (2000); *Cualquier miércoles soy tuya* (2002); *Sobre piel y papel* (2005); *Nuestra Señora de la Noche* (2006).

Mayra Santos-Febres

SANTYAGUE (século XVIII). Líder quilombola haitiano. Chefe de uma comunidade de cerca de 130 indivíduos, em 1785, depois de encarniçada resistência, forçou o governador de Bellecombe a um acordo segundo o qual receberia perdão, liberdade e víveres durante oito meses, até a próxima colheita.

SÃO BENEDITO DO CÉU, Quilombo de. Núcleo quilombola existente, no século XIX, nas matas de Turiaçu, MA. Abrigando cerca de uma centena de amocambados, levou grande inquietação a toda a comarca e ao povoado de Vila Nova d'Anadia, até ser destruído em 1867.

SÃO BOROCÔ. No jogo da castanha, praticado outrora na Bahia, exemplar simbólico do fruto, seco e mirrado, que presidia a atividade, propiciando boa sorte.

SÃO CRISTÓVÃO E NÉVIS. País também conhecido como Saint Kitts and Nevis, integrado por duas ilhas situadas na porção norte da região ocupada pelas Pequenas Antilhas, com capital em Basseterre. Os negros constituem cerca de 90% de sua população. A colonização inglesa da ilha iniciou-se na década de 1620, com o país tornando-se independente em 1983.

SÃO DOMINGOS. Nome em português para Santo Domingo, cidade portuária nas Antilhas e capital da República Dominicana*. *Ver CIDADES NEGRAS.*

SÃO JOÃO DA BARRA. Município e cidade do Norte do estado do Rio de Janeiro, vizinho a Campos. O município foi criado no século XVII e sua sede elevada a cidade em 1850. Segundo o historiador João Oscar (1985), foi uma das poucas localidades brasileiras que se beneficiaram com a Lei Eusébio de Queirós, que, em 1850, tornou ilegal o tráfico de escravos: burlando a proibição, os portos de Manguinhos e da Fazenda do Largo, no litoral norte, passaram a receber, às escondidas e em grande escala, negros contrabandeados, resultando daí vultoso movimento de capitais aplicados na própria cidade e um grande surto de progresso. Isso se refletiu, também, no desenvolvimento de toda a região de Campos dos Goitacazes*, cidade que, em 1852, entre outros avanços, fabricava o seu primeiro navio a vapor.

SÃO JOÃO DA CHAPADA. Sítio histórico na região de Diamantina, MG, formado, no século XIX, a partir de quilombos como os denominados Caiambolas, Maquemba, Antônio Moange, entre outros. Lá, o etnógrafo Aires da Mata Machado Filho desenvolveu as pesquisas que culminaram no importante livro *O negro e o garimpo em Minas Gerais* (1943).

SÃO JORGE. Santo católico festejado em 23 de abril, associado a Ogum, na umbanda, e a Oxóssi, no candomblé. No Rio de Janeiro, no domingo seguinte ao 23 de abril, realiza-se a procissão anual organizada pela escola de samba Império Serrano, complementada por uma grande feijoada comunal. Essa tradição, seguida também por outras agremiações do samba, é uma recriação da feijoada* de Ogum, que ocorre em alguns terreiros, sendo que a ela já se acrescentam outros banquetes festivos, de origem umbandista, como churrascos de carne vermelha, regados a cerveja, em que, além da

abundância, os fiéis (entre eles policiais e delinquentes) buscam a segurança do corpo fechado.

SÃO JORGE DA MINA, Forte de. Fortificação construída em Elmina, no litoral da atual República de Gana, em 1471, pelos portugueses, primeiros europeus a se estabelecerem na região, que deles recebeu o nome de Costa do Ouro. É um dos marcos históricos do holocausto africano.

SÃO JOSÉ DA SERRA. Comunidade remanescente de quilombo* situada em Valença, RJ.

SÃO LUÍS. Cidade brasileira, capital do estado do Maranhão. *Ver CIDADES NEGRAS.*

SÃO MATEUS. Município e cidade portuária do estado do Espírito Santo. Sua história está intimamente ligada ao tráfico de escravos, do qual foi referência importante desde o início do século XVIII, e até mesmo depois de essa atividade ter-se tornado clandestina. Segundo versão corrente, o último navio negreiro afundado em costas brasileiras estaria submerso a poucos metros do porto.

SÃO PAULO. Estado brasileiro da região Sudeste, situado entre o Rio de Janeiro (leste), Minas Gerais (norte e nordeste), Mato Grosso do Sul (oeste), Paraná (sudoeste) e o oceano Atlântico (sudeste). Tendo como capital a cidade de mesmo nome (São Paulo), sua história econômica, em relação à época colonial, liga-se principalmente ao Ciclo do Ouro e ao movimento das bandeiras, eventos que empregaram grande massa de mão de obra escrava. **Quilombos:** A história registra, em São Paulo, a ocorrência dos seguintes quilombos: da Aldeia Pinheiros; do Morro de Araraquara; de Campinas; da Fazenda Monjolinho; de Itapetininga; do Jabaquara; de Jundiaí; de Mogi-Guaçu; de Piracicaba e de Santos. Em 2000, o governo federal identificava, no estado, 33 comunidades remanescentes de quilombos*, principalmente nos municípios de Eldorado, no vale do Ribeira, e de Iporanga. **População escrava:** Nos anos próximos à abolição, as cidades paulistas de maior população cativa eram: Campinas (13.412 indivíduos); Bananal (8.141); Jundiaí (6.302); Constituição (5.339); Limeira (5.233); Mogi-Mirim (4.864); Rio Claro (4.073); Pindamonhangaba (3.736); e Amparo (3.527). A partir do início do século XX, com a expansão da cultura cafeeira, da industrialização e da imigração, São Paulo tornou-se o

mais desenvolvido estado da federação. Esses e outros fatores, entretanto, fizeram dele o estado onde a marginalização dos afrodescendentes revestiu-se dos aspectos mais cruéis. Em contrapartida, aí floresceram as iniciativas mais consequentes de resistência ao racismo. **A capital:** Após a Abolição, a cidade de São Paulo atraiu grandes contingentes de população negra, oriundos do interior da província. Proclamada a República, as oportunidades de trabalho continuaram atraindo negros, não só do próprio estado como de regiões vizinhas, em ondas migratórias contínuas. Por conta disso, em 2000, o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) qualificava, surpreendentemente, a cidade de São Paulo como a concentradora da maior população negra, entre todas as cidades do país (conforme Castro, 2008, pp. 41-42). A partir do nascimento da República, tornaram-se os três maiores redutos negros na cidade de São Paulo os bairros da Barra Funda e do Bexiga e a localidade conhecida como Baixada do Glicério. Eram zonas de difícil ocupação urbana em razão da presença de encostas muito escarpadas e de problemas ocasionados por enchentes frequentes, abrigando, assim, a população mais pobre, notadamente, no caso do Bexiga, nos cortiços em que se transformaram as velhas mansões senhoriais. **Movimento negro:** Em São Paulo, a dureza da discriminação fez que os afrodescendentes buscassem a afirmação de sua identidade étnica mais por meio da participação política do que pelas expressões culturais, como, por exemplo, na Bahia. Cidade em que o racismo antinegro revestiu, até os primeiros anos da República, o caráter de um verdadeiro apartheid, a capital paulista foi o local de onde o movimento pela igualdade de direitos, principalmente por meio de uma persistente imprensa negra e da Frente Negra Brasileira, se expandiu para todo o Brasil. Foi em São Paulo, também, que, nos anos de 1970, se estruturou o Movimento Negro Unificado (MNU). **A Barra Funda:** No início do século XX, o bairro da Barra Funda, por constituir uma espécie de entroncamento entre as linhas das estradas de ferro Sorocabana e Paulista, concentrava importante parcela da população negra, em sua maioria deslocada das cidades do interior, em busca de melhores condições de trabalho. Já em 1914, o bairro tinha no Largo da Banana (similar da Praça Onze carioca) um expressivo núcleo de cultura africana, local que, mais tarde, passou a abrigar a estação de metrô Palmeiras-Barra Funda e o

Memorial da América Latina. **O Bexiga:** Tradicionalmente destacado como núcleo preferencial dos imigrantes italianos, em 2008 o livro *Bexiga, um bairro afro-italiano*, de Márcio Sampaio de Castro, lançava novas luzes sobre a identidade do bairro que faz parte do distrito da Bela Vista. Tendo como principal fator de aglutinação a proximidade das ricas mansões da avenida Paulista, onde a mão de obra negra era indispensável, a região, que já abrigava redutos de população negra desde o século XVIII, tornou-se, após a abolição da escravatura, um dos territórios negros da capital paulista. À época deste texto, esse traço era acentuado pela presença, no Bexiga, de núcleos de religião africana, bem como de uma ativa pastoral afro, com sede no principal templo católico local, a Igreja de Nossa Senhora Achiropita. **Samba:** Em 1914, surgiu na Barra Funda o cordão Camisa Verde, semente da atual escola de samba Camisa Verde e Branco; em 1930, era fundado no Bexiga o cordão Vai-Vai, hoje escola de samba; e, em 1937, nascia a Lavapés, na Baixada do Glicério. *Ver ARISTOCRATA CLUBE*; *FRENTE NEGRA BRASILEIRA*; *IMPRENSA NEGRA no Brasil*; *MOVIMENTO NEGRO [O Movimento Negro Unificado (MNU)]*.

SÃO PEDRO. Comunidade remanescente de quilombo* situada no município de Eldorado, SP.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, República Democrática de. País constituído por duas ilhas (e alguns ilhéus) no golfo da Guiné, situando-se na primeira a capital do país (São Tomé), a duzentos quilômetros da costa do Gabão. A maioria da população é composta de angolares*, descendentes de escravos oriundos de Angola. Descoberta em 1470, a ilha de São Tomé foi inicialmente uma colônia penal e, mais tarde, um importante entreposto escravista. Na primeira metade do século XVI, o governador santomense Fernando Melo, arrogando-se o direito de controlar o comércio do Reino do Congo*, bloqueou sistematicamente seu contato com a Europa, inclusive retendo escravos jovens mandados a Lisboa, para que lá estudassem, pelo manicongo Afonso I, bem como presentes enviados por este ao rei de Portugal. Na Páscoa de 1539, com São Tomé já na condição de centro diocesano, com jurisdição sobre o Congo, brancos santomenses promoveram um atentado contra a vida do rei, durante uma missa católica. Esses fatos foram decisivos para a decadência do reino e sua submissão a Portugal.

SÃO VICENTE E GRANADINAS. País situado no mar das Antilhas, ao sul de Santa Lúcia e ao norte de Granada, com capital em Kingstown. Sua população compreende, segundos dados oficiais, 65,5% de negros e 19% de mulatos. Em 1979, o país se tornou independente da Grã-Bretanha.

SÃO-GONÇALINHO (*Cassiaria sylvestris*). Planta da família das flacourtiáceas. Na tradição brasileira dos orixás, na qual é consagrada a Oxóssi, é utilizada sob as esteiras das iaôs durante a iniciação e como cobertura do piso do barracão nas festas. Além disso, é uma das folhas que entram na composição do omi-eró* dos ritos iniciáticos.

SÃO-SALAVÁ. Espírito do mato; entidade da tradição afro-ameríndia do Brasil.

SAPATÁ. *Ver SAKPATA.*

SAPATOS e condição servil. Em várias regiões das Américas, nos tempos escravistas, os cativos demonstravam sua condição pelos pés descalços. Assim, os sapatos eram, para o negro, o símbolo de sua libertação e seu nivelamento com os brancos. Tanto que, quando um escravo era alforriado, sua primeira preocupação era comprar um par de sapatos. Embora muitas vezes não aguentasse calçá-los, trazia-os sempre consigo e, em casa, os depunha em lugar de destaque, bem à vista. Roger Bastide (1978, pp. 23-24), escrevendo sobre o gesto de tirar, nos candomblés, os sapatos do filho de santo que entra em transe, explica esse procedimento como uma volta simbólica desse filho à sua condição de africano. Na mesma linha, Hildegardes Vianna (1979) anota que, na Bahia antiga, constituía falta de respeito o escravo permanecer de pés calçados diante de pessoas "de consideração". Um escravo de ganho podia, graças aos seus recursos, como mostram fotografias do século XIX, andar bem trajado, com chapéu-coco, anel no dedo, relógio de bolso etc.; mas era obrigado a ficar descalço, para atestar sua condição servil. Daí a estratégia adotada por alguns fujões de calçar sapatos para passar por livres e ludibriar seus possíveis captores. *Ver ETIQUETA.*

SAPATOS, Indústria de. *Ver MATZELIGER, Jan.*

SAPATU. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Eldorado, SP.

SAPEJÈ. Tabuleiro contendo alimentos e utensílios ligados a Omolu* (conforme Lody, 2003).

SAPO-SUNGA. Ente fantástico da mitologia afro-nordestina.

SAPOTI. *Ver ÂNGELA MARIA.*

SARÁ. Cerimônia malê realizada, em geral, duas vezes por ano. Nela, a comunidade comemorava uma efeméride ou rezava pelos correligionários falecidos. Do hauçá *sara*, "canto", "sermão", "discurso"; "verso corânico entoado ritualisticamente".

SARA KALI. Santa da tradição cigana, cultuada principalmente na localidade de Saintes-Maries-de-la-Mer, região de Camarga, Sul da França. Vista ora como uma sacerdotisa oriental, ora como uma serva das santas Maria Jacobé e Maria Salomé, supostas irmãs da Virgem Maria, é representada como uma negra. Seu nome, em sânscrito, indicaria sua dupla condição de negra e cigana.

SARABANDA [1]. Entre os congos cubanos, divindade correspondente a Ogum e, por aproximação, aos outros orixás guerreiros (Eleguá e Oxóssi). Uma das entidades mais fortes dos cultos *mayomberos*, está presente em todos os ritos e não pode faltar na *nganga**. Também, Salabanda.

SARABANDA [2]. Antiga dança de origem espanhola. Segundo Cândido de Figueiredo (1922), era "dança antiga, popular e desenvolta", que P. Perestrelo da Câmara, citado em Mário de Andrade (1989, p. 464), classifica como "dança saracoteada e indecente". O vocábulo é provavelmente originário do quicongo, pela junção dos termos *sala*, espécie de dança em que se movem rapidamente as ancas, e *mbanda*, dança ao redor do tambor *mbandu*. Nessa mesma língua, o vocábulo *nsala-banda* dá nome a uma espécie de tecido largo. *Ver SARABANDA [1].*

SARABANTAN. Na mina maranhense, pátio ou varanda onde dançam os voduns.

SARACANGA. Entidade da umbanda, criada com as energias espirituais do terreiro para proteger uma cerimônia, sendo dissolvida ao seu final. Certamente, da raiz do quicongo *salakana*, "feito", "moldado", e do quioco *salakana*, "ficar em vez ou no lugar de outrem": "substituir", "suceder".

SARACOLÊ. Povo da África ocidental, também mencionado como soninke e aparentado aos mandingas*.

SARACURA. Antiga localidade no bairro do Bexiga, em São Paulo, SP, entre as ruas Rocha, Una e Almirante Marques de Leão. Foi, segundo a tradição, local de forte concentração negra, abrigando uma espécie de gueto de descendentes de escravos.

SARAIVA, Canuto José (1854-1919). Magistrado brasileiro nascido em Areias, SP, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Foi desembargador no Tribunal de Justiça de São Paulo e ministro do Supremo Tribunal Federal. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

SARAMACA. Comunidade *maroon** da República do Suriname, também referida como saramaka. *Ver BUSH NEGROES*.

SARAMACCA TONGO. Denominação vernácula da língua falada pelo povo saramaca*.

SARAMBEQUE. Dança popular brasileira. O nhungue, língua de Moçambique, conta com o vocábulo *ntsaramba*, significando "guizo", "chocalho".

SARAMBO. Dança tradicional da República Dominicana.

SARAMBU. Dança da tradição popular brasileira.

SARANDUNGA. Espécie de dança afro-dominicana.

SARAPANGO. Antiga dança afro-brasileira, entremeada de cânticos. O umbundo, língua de Angola, registra o verbo *panga*, "saltar", "oscilar", "agitar-se". *Ochilyapanga* é o nome de uma dança dos ovimbundos.

SARAPATEL. Guisado da tradição afro-baiana, feito com sangue e miúdos de certos animais, especialmente o porco. O vocábulo tem origem na Península Ibérica.

SARAPOCÃ. Primeira saída da iaô, após a raspagem do couro cabeludo e feitura, nele, das incisões rituais.

SARARÁ. Mulato alourado, arruivado.

SARAVÁ! Saudação dos umbandistas, significando "Salve!". Corresponde a "bantuização" do português "salvar", "saudar".

SARDINHA, Cipriano Pires (?-1797). Sacerdote católico brasileiro. Viajou à África como enviado apostólico de dona Maria I. De grande inteligência e muita erudição, segundo seus contemporâneos, faleceu no antigo Reino do Daomé. Era filho de Manuel Pires Sardinha com sua

escrava Francisca Pires, sendo meio-irmão de Simão Pires Sardinha*, filho primogênito de Chica da Silva* (conforme Júnia Furtado, 2003).

SARDINHA, Simão Pires (1751-1808). Personagem da história mineira, nascido no Tejuco, atual Diamantina, e falecido em Lisboa, Portugal. Sargento-mor das Ordenanças de Minas Novas, foi, no exercício da função de distribuidor, inquiridor e contador do Arraial do Tejuco, um dos homens mais influentes de sua província na segunda metade dos Setecentos. Sócio correspondente da Real Academia de Ciências de Lisboa e reconhecido como um dos maiores naturalistas brasileiros do século XVIII, destacou-se como mineralogista e arqueólogo, tendo sido encarregado, em 1784, do estudo do primeiro achado fóssil na região das Minas. Amigo e protegido do governador Luís da Cunha Menezes, teve seu nome envolvido na Inconfidência Mineira, sendo inocentado mas mantendo, de Portugal, contato com outros envolvidos na conjura, como o médico naturalista José Vieira Couto, a quem enviava livros de conteúdo científico e revolucionário. Era o filho primogênito da célebre Chica da Silva*, nascido da união da então escrava com Manuel Pires Sardinha.

SARMIENTO, Domingo Faustino (1811-88). Presidente argentino, tendo governado de 1868 a 1874, tido como progressista. Sobre seu ódio ao general Artigas – herói uruguaio que lutou juntamente com negros, índios e mestiços pela independência de seu país –, a quem acusava de traidor da pátria, Galeano (2008, p. 185) escreveu: “Sarmiento também era um traidor de sua raça. Basta ver seus retratos. Em guerra contra o espelho, pregou e praticou o extermínio dos argentinos de pele escura, para substituí-los por europeus brancos e de olhos claros”.

SAROS. Na Nigéria colonial, denominação dos ex-escravos repatriados procedentes de Serra Leoa. Saro é o nome iorubá que identifica esse país.

SARTÉN. Instrumento da percussão das *congas** (conjuntos musicais) cubanas. Consta de duas frigideiras de cozinha, de tamanhos diferentes, fixadas a uma prancha que o tocador leva pendurada ao pescoço. As frigideiras são percutidas com duas baquetas. Nos anos de 1950 a frigideira, em tamanho pequeno, foi também um instrumento utilizado nas escolas de samba cariocas, com função semelhante à do tamborim.

SATCHMO. Alcunha pela qual era também conhecido o trompetista Louis Armstrong*. O termo provém da expressão *satchel mouth*, literalmente "boca de sacola", "boca grande".

SATÓ. Um dos toques ou ritmos rituais nos candomblés da nação jeje. É específico de Nanã e Oxumarê, e sua denominação provém de *sato*, nome de um grande tambor do povo fon.

SATU (1897-1935). Nome pelo qual foi conhecido o sambista Saturnino Gonçalves, nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Filho de um carpinteiro alemão com uma negra carioca, foi um dos fundadores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*, da qual foi o grande líder e presidente até falecer.

SAVAGE, Augusta (1892-1962). Escultora americana nascida na Flórida. Destacou-se, no contexto da Harlem Renaissance, pela criação de notáveis bustos de grandes líderes negros, como Du Bois*, Douglass* e Garvey*. Foi a primeira artista negra a ser aceita na Associação Nacional de Mulheres Pintoras e Escultoras. O ano de seu nascimento é aqui informado com base na enciclopédia *Africana**. Segundo K. Estell (1994), ela nasceu em 1900.

SAVALU. Designativo de um grupo étnico africano que forneceu escravos ao Brasil. Também, nome de um vodum jeje, companheiro de caçadas de Torroçu Azacá. De Savalou, nome de uma região do antigo Daomé.

SAVALUNO. Família de voduns, amiga do povo de Davice*. Do fongbé *Savalou-nou*, "habitante de Savalou".

SAVÔ. Na mina maranhense, sacrifício ritual de animais para afastar epidemias. Do fongbé *savo*, "sacrificar um animal".

SAVÓN, Félix. Boxeador cubano nascido em Guantánamo, em 1969. Hexacampeão mundial amador na categoria peso-pesado, em 2000, em Sydney, Austrália, sagrou-se tricampeão olímpico.

SAX. Forma reduzida para *saxophone* (saxofone), instituída e popularizada por músicos afro-americanos.

SAYA AFROBOLIVIANO, Movimiento Cultural. Entidade de mulheres, integrante do movimento negro, criada em 1988 em La Paz. A denominação associa o nome da veste feminina à *saya* (provavelmente do

quicongo *saaya*, “alegria”, “divertimento”), dança do complexo coreográfico afro-boliviano, o qual compreende também a *semba*, o *tundiqui*, o *huayño* etc.

SCAT. No jazz, canto sem palavras, no qual a voz, balbuciando sílabas ininteligíveis, faz as vezes de instrumento. Foi a especialidade de Ella Fitzgerald*, cognominada “a rainha do scat”. Contudo, segundo a tradição, foi criação de Louis Armstrong*, nos anos de 1920, numa apresentação em que esquecera a letra da canção que interpretava. Diz-se, também, *scat singing*.

SCHOMBURG, Arturo Alfonso (1874-1938). Advogado porto-riquenho radicado nos Estados Unidos. Filho de um comerciante alemão e uma negra natural das Ilhas Virgens, em 1891, com 17 anos, emigrou para os Estados Unidos. Por volta de 1910, participou do movimento literário e artístico conhecido como Harlem Renaissance*. Com toda uma vida dedicada à preservação e à divulgação dos traços culturais dos povos afrodescendentes, deixou um acervo de cerca de 5 mil livros e 3 mil manuscritos, além de panfletos e fotos, os quais vieram a constituir o cerne do famoso Schomburg Center for Research in Black Culture, localizado em Nova York.

SCHUYLER, Philippa [Duke] (1931-67). Pianista, compositora clássica e escritora nascida na cidade de Nova York, EUA, e falecida em Da Nang, Vietnã. Dona de precocidade espantosa, começou a compor aos 3 anos de idade. Aos 7, apresentava-se no auditório da Feira Mundial realizada em sua cidade, interpretando suas próprias composições. Aos 12, teve a obra *Manhattan nocturne* interpretada, com grande sucesso, no prestigioso Carnegie Hall. Aos 13, teve seu scherzo *Rumpelstiltskin* executado pelas orquestras Filarmônica de Nova York, Boston Pops, Sinfônica de New Haven e pela American Youth Orchestra, de Dean Dixon (1915-76). Em 1953 estreou no Town Hall como intérprete e a partir de então exibiu-se em cerca de cinquenta países sob os auspícios do Departamento de Estado americano, deixando registradas em cinco livros as impressões dessas viagens. Sua brilhante carreira foi interrompida aos 35 anos de idade, na Guerra do Vietnã, com a queda do helicóptero em que se encontrava, durante uma missão de resgate de crianças.

SCHWARZ-BART, Simone. Escritora guadalupense nascida em Charente-Maritime, França, em 1938. Conhecida por seus fortes personagens femininos e pela incorporação estilística da fala crioula no francês escrito, é autora de *Un plat de porc aux bananes vertes* (1967), escrito em parceria com André Schwarz-Bart, seu marido; *A ilha da chuva e do vento* (*Pluie et vent sur Télumée Miracle*, 1972); *Joãozinho no além* (*Ti-Jean l'horizon*, 1979); *Ton beau capitaine* (1987).

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo (1927-99) Jurista brasileiro nascido em Cordeiro, RJ, e falecido em Niterói, no mesmo estado. Professor universitário, membro do Instituto dos Advogados Brasileiros e ex-procurador-geral do município de Niterói, foi um dos mais conceituados advogados fluminenses na área do direito comercial. Integrante de bancas examinadoras de vários concursos para os cargos de procurador e magistrado e conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ) em nove mandatos consecutivos, em 1997 foi nomeado diretor da Escola Superior de Advocacia do Rio de Janeiro. É autor de obras históricas como *A escravidão & a saga de Manuel Congo*, livro de 1988, sobre o legendário quilombola do vale do Paraíba, do *Dicionário da escravidão* (1997) e de volumes de discursos, conferências, poemas e outros escritos.

SCOTT, Dred (1795?-1858). Personagem da história judiciária americana nascido em Southampton, Virgínia. Escravo, sustentou na Justiça uma querela sem precedentes, reivindicando seu direito à liberdade após a morte de seu proprietário.

SEA ISLAND CREOLE. Uma das denominações da língua do povo gullah*.

SEACOLE, Mary (1805-81). Enfermeira jamaicana nascida em Kingston. Filha de um ervanário e curandeiro, viveu em Cuba, Haiti, Panamá e Colômbia, desenvolvendo seus conhecimentos de medicina tradicional e fitoterapia e trocando experiências com médicos e cirurgiões. Em 1854, radicou-se em Londres, trabalhando na rede hospitalar e conquistando a admiração da célebre enfermeira Florence Nightingale. Destacou-se na Guerra da Crimeia, sendo condecorada pelo governo britânico em 1857.

SEALE, Bobby. Nome pelo qual se fez conhecido Robert George Seale, ativista político americano nascido em Dallas, Texas, em 1936. Foi o

fundador, junto com Huey Newton*, do Black Panther Party for Self Defense, em 1966. *Ver PANTERAS NEGRAS*.

SEBASTIAN. Nome artístico de Sebastião Aparecido Fonseca, bailarino brasileiro nascido em Belo Horizonte, MG, em 1966. Ex-integrante do corpo de baile do Teatro Guaíra, em Curitiba, PR, tornou sua figura e sua expressão corporal extremamente conhecidas, desde os anos de 1990, a partir do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, ao ser a principal estrela dos anúncios de televisão da cadeia de lojas C&A.

SEBASTIÃO, São. Santo católico festejado em 20 de janeiro. Na umbanda, é associado ao Oxóssi* dos iorubanos.

SECESSÃO, Guerra de. Confronto militar ocorrido nos Estados Unidos, de 1861 a 1865, entre os estados do Sul (partidários da escravatura e separatistas) e os do Norte (abolicionistas e defensores da federação). A guerra foi vencida pelos estados do Norte, sob o comando supremo do presidente Abraham Lincoln. A ela, seguiu-se o período conhecido como Reconstrução*.

SECNEB. Sigla da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, entidade criada em 1974, em Salvador, BA. Reunindo intelectuais de expressão, sob a liderança do alapini* Mestre Didi* e da antropóloga Juana Elbein dos Santos, a Secneb distinguiu-se por realizar importantes encontros, inclusive em nível internacional, produzindo filmes e registros fonográficos, além de publicar diversos livros em sua especialidade.

SECOND. No vodu haitiano, tambor médio do rito *rada**.

SECOND LINE. Originalmente, ala de crianças que seguiam, dançando alegremente, as bandas de música nas paradas e funerais de Nova Orleans. Atualmente, a *second line* congrega também adultos, dançando com sombrinhas e guarda-chuvas abertos. *Ver JAZZ FUNERALS*.

SECULO. Forma portuguesa para o quimbundo *sekulu*, nome que identifica cada um dos anciãos que, em comunidades tradicionais angolanas, constituem o estado-maior do soba.

SECUNDINO (?-1951). Pseudônimo do compositor brasileiro Constantino Silva, coautor do famoso samba *Helena, Helena*, sucesso do carnaval de 1941, e de uma canção intitulada *Lamento negro*.

SEGBO-LISÀ. Divindade dos *ararás* cubanos, correspondente a Obatalá*. Vive no espaço e ocupa tanto o Oriente quanto o Ocidente, tomando conta do mundo. Por vezes, entretanto, invocado sob o nome de Saborissá, é associado a Argayú (Aganju), pai de Hebioso, divindade equiparada a Xangô pelos *ararás*. *Ver LIÇÁ*; *SOBÔ*.

SEGREGAÇÃO. Separação física ou geográfica imposta a determinados grupos em virtude de lei, acordo tácito ou costume. Por extensão, o termo passou a ter quase o mesmo significado que discriminação*. *Ver APARTHEID*; *JIM CROW*.

SEGUI. Cada uma das contas azuis, em forma de pequenas manilhas, dos colares rituais consagrados a Oxaguiã. Do iorubá *sègi*. À época do tráfico de escravos, sendo enormemente valorizadas, eram conhecidas, pela procedência, como "contas azuis de Ifé".

SEGURO DE ESCRAVOS TRANSPORTADOS. *Ver ZONG*.

SEITA. Termo empregado pelos antigos praticantes do candomblé* em substituição a este vocábulo, considerado pejorativo, para designar o conjunto de suas práticas religiosas. Observe-se que a palavra "seita", em sua principal acepção, designa uma comunidade fechada de indivíduos que professam uma doutrina diversa da normalmente seguida.

SEITA POTENTIOSA. Casa de culto malê que em 1934 ainda funcionava na estrada da Liberdade, em Salvador, BA.

SEIXAS, Basílio (1884-1903). Poeta brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Criado por sua avó quitandeira, foi tipógrafo, impressor e colaborador da revista *Tagarela*, fazendo parte do círculo de amigos de Emílio de Menezes. Em 1902, com 18 anos de idade, publicou *Ópera*, seu livro de versos, falecendo, entretanto, no ano seguinte, quando cursava o segundo ano do curso de direito.

SEJÁ HUNDÉ. Comunidade de culto jeje* fundada na cidade de Cachoeira, BA, por volta de 1896. Também conhecida como "Roça do Ventura", suas principais líderes foram as sacerdotisas Maria Agorênsi, Sinhá Abalhe, Pararasi e Gayaku Aguéssi*. *Ver JEJE DE CACHOEIRA*.

SÉJOUR, Victor (1817-74). Escritor americano de fala francesa, nascido em Nova Orleans, Louisiana. Radicado em Paris desde os 19 anos, escreveu e publicou contos como "Le mulâtre" (1837), poemas como "Le retour de

Napoléon" (1841) e peças teatrais como *La Madone des roses*, cuja estreia foi em 1869. Ligado ao imperador Napoleão III, após sua queda, em 1870, caiu no ostracismo e morreu esquecido. Não obstante, é considerado o primeiro "escritor étnico" americano.

SEKETI. Dança dos *maroons** do Suriname.

SEK-SEKI. Chocalho usado na música tradicional afro-surinamesa.

SELASSIÉ, Hailé. *Ver HAILÉ SELASSIÉ I.*

SELMA, Marcha de. *Ver ALABAMA.*

SELMA DO COCO. Cantora nascida em Recife, PE, em 1935, e radicada em Olinda, no mesmo estado, desde a década de 1960. Ex-vendedora de tapioca, popularizou-se como intérprete de coco-de-roda, modalidade de cantoria afro-nordestina. Nos anos de 1990, ganhou relativo prestígio e fama, decorrentes da valorização da música tradicional no que diz respeito à corrente cultural batizada como "manguebeat".

SELVON, Samuel (1923-94). Escritor caribenho nascido e falecido em Trinidad. Emigrado para Londres em 1950 e radicado em 1978 no Canadá, é autor de *A brighter sun* (1952) e mais uma dezena de romances, volumes de ensaios e uma coletânea de textos teatrais, entre os quais se incluem obras escritas para a cadeia de rádio BBC. Em 1969, recebeu a Medalha Hummingbird do governo de Trinidad e Tobago. Morreu devido a um ataque cardíaco, durante uma visita a seu país natal.

SEMÁFORO – Invenção. *Ver MORGAN, Garret A.*

SEMANA DE ARTE MODERNA. *Ver NÉGROPHILIE (Negrofilia).*

SEMBA. Antiga espécie de dança de origem bantu. Modernamente, o termo designa um gênero de música popular angolana difundido desde a década de 1950, principalmente por Liceu Vieira Dias (1919-94) e seu grupo Ngola Ritmos. Nos anos de 1970-80, o gênero internacionalizou-se, por intermédio, sobretudo, do trabalho do músico angolano Bonga*, chegando ao Brasil em gravações de Martinho da Vila*. No Uruguai, *semba* é um dos nomes designadores do candombe e, também, uma expressão interjetiva usada pelos antigos *candomberos* no auge da animação. Do quimbundo *semba*, "umbigada". *Ver SAMBA [1].*

SEMINOLES. Nação indígena da América do Norte. Constituiu-se na Flórida, no início do século XVIII, com a união de índios, vindos da

Geórgia, e escravos negros fugidos. Na década de 1830, um de seus chefes, Osceola, em busca de sua mulher negra, recapturada para servir como escrava, organizou um batalhão de mais de 2 mil guerreiros e tocaiou um destacamento do Exército dos Estados Unidos. Esse fato foi um dos geradores da guerra entre o governo americano e os seminoles que durou de 1835 a 1842.

SENA. Antigo estabelecimento português no curso inferior do rio Zambeze, em Moçambique. Inaugurado no século XVI, desempenhou papel importante no âmbito do tráfico da contracosta.

SENEGAL, República do. País da África ocidental, com capital em Dacar. Limitado por Mauritânia (norte), Mali (leste), oceano Atlântico (oeste), Guiné-Bissau (sudoeste) e Guiné (sudeste), em seu território está encravada a República da Gâmbia. Os principais grupos étnicos responsáveis pela formação do país são os uolofes, peúles, sereres, mandingas, diolas e tucolores. A história pré-colonial do Senegal liga-se, principalmente, à dos impérios Kasson e Djolof.

SENEGAMBIA (século XVIII). Nome pelo qual foi conhecida, em Narragansett, Rhode Island, EUA, uma escrava que se celebrizou como notável contadora de histórias, na melhor tradição dos narradores africanos.

SENEGÂMBIA. Antigo nome dado à faixa litorânea do Sudão* compreendendo os limites atuais de Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau e parte de Guiné-Conacri.

SENGHOR, Léopold [Sédar] (1906-2001). Poeta e estadista senegalês nascido na aldeia de Yoal. Um dos líderes do movimento da *négritude** (em Paris, nos anos de 1930) e uma das mais altas vozes da poesia africana de expressão francesa, foi o primeiro presidente da República do Senegal, cuja independência ajudou a proclamar, em 1960, permanecendo no poder, por meio de sucessivas reeleições, até 1981.

SENHORA, Mãe (1900-67). Nome pelo qual foi conhecida a ialorixá Maria Bibiana do Espírito Santo, de nome iniciático Oxum Muiuá, nascida e falecida em Salvador, BA. De 1939 até sua morte, exerceu com grande sabedoria e autoridade o cargo de sacerdotisa-chefe do Ilê Axé Opô Afonjá*. Em 1952 recebeu, do alafim* de Oyó, o título de *ìyá-nàsó* (primeira sacerdotisa da corte) como reconhecimento pelo brilho com que manteve o

culto de Xangô na Diáspora; em 13 de maio de 1965, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, diante de milhares de fiéis da religião dos orixás, foi agraciada com o título de "mãe preta do Brasil".

SENSERIBÓ. Em Cuba, elemento usado na expressão *tiempo de senseribó*, em referência à época colonial, ao tempo antigo. O termo provém do nome de um tambor sagrado da sociedade *abakuá**: *sese eribó*.

SENSITIVA (*Mimosa pudica*). Subarbusto da família das leguminosas, também conhecido como dormideira e vergonhosa. Na tradição religiosa afro-brasileira, pertence a Oyá-Iansã. Em Cuba, consagrada a Euá, é usada para trabalhos envolvendo a sensibilidade de uma pessoa, notadamente encantamentos amorosos, mas apenas a variedade sem espinhos.

SENZALA [1]. Alojamento de escravos nos engenhos e fazendas brasileiras. Constando, geralmente, de um conjunto de toscas habitações sem janelas, sendo trancadas por fora à noite para evitar fugas, as senzalas abrigavam os escravos de acordo com o sexo, o que, entretanto, não excluía, em alguns casos, a existência de habitações familiares. Essas habitações eram, comumente, construídas e organizadas, pelos próprios moradores, à moda africana: casas baixas, sem janelas e tendo em seu interior, entre pedras, um fogo permanentemente aceso. Nos casarões assobradados das grandes cidades brasileiras, as senzalas localizavam-se nas lojas, ou primeiro piso. O vocábulo tem origem no quimbundo *sanzala*, "lugar de habitação dos indivíduos de uma família". **Síndrome da senzala:** Expressão jocosa usada para designar o sentimento de inferioridade e timidez experimentado por alguns negros em ambientes da classe dominante.

SENZALA [2]. Espécie de bracelete, feito de palha da costa e enfeitado com búzios, que as iaôs usam após a iniciação. Provavelmente do quicongo *senzala*, "juramento".

SEPARA O VISGO. Um dos três passos fundamentais do samba rural baiano. Os outros são o "corta a jaca" e o "apanha o bago".

SEPAZIM. Vodum feminino da família Davice*, filha de Dadarrô e mulher de Daco-Donu.

SEPPIR. Sigla da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, órgão do Poder Executivo brasileiro criado em 2003, pelo governo Lula da Silva, com estatuto de ministério. A criação da Seppir representou o

reconhecimento, pelo Estado, da desigualdade econômico-social existente entre os segmentos étnicos que constituem a nação brasileira.

SERAFIM, Tio (*c.* 1805-*c.* 1908). Sacerdote africano, fundador, no século XIX, do Terreiro de Vera Cruz, na freguesia de mesmo nome, na ilha de Itaparica, BA. Esse terreiro é considerado o mais antigo dentre os dedicados ao culto dos egunguns. Somente depois dele é que teriam sido fundados os terreiros de Mocambo, Tuntum, Encarnação e Corta-Braço, todos ancestrais do Ilê Agboulá*, em Ponta da Areia, Itaparica. Segundo a tradição, o sacerdote invocava e fazia desaparecer o egungum que, em vida, fora seu próprio pai e que até hoje é cultuado no Ilê Agboulá sob o nome de Babá Okulele. *Ver EGUNGUM*.

SEREIAS. Seres mitológicos de natureza feminina, habitantes de mares, rios ou lagos e presentes na mítica de vários povos do mundo. Na umbanda, as sereias integram uma falange da linha de Iemanjá* chefiada por Oxum*.

SERENGA. Canto de procissão de canoeiros do interior paulista.

SERERE. Povo da África ocidental, aparentado aos uolofes, papéis e diolas.

SERGIPE. Estado do Nordeste brasileiro. Separado de Alagoas pelo rio São Francisco e, até 1823, unido à Bahia, tem sua história e sua cultura bastante relacionadas às deste estado. Até 2000 haviam sido identificadas, em Sergipe, 23 comunidades remanescentes de quilombos*, com sugestivos nomes, como: Assungué, no município de Estância; Bonguê, em Ilha das Flores; Cabeça de Negro e Cambazé, em Pacatuba; Cachimbo, em Buquim; Cafumba, em Capela; Campo do Crioulo e Matembé, em Lagarto; Capunga, em Nossa Senhora das Dores; Caruzá, em Aruá; Crioulas e Poço da Mulata, em Iporanga D'Ajuda; Forras, em Riachão dos Dantas; Gongungi, em Tobias Barreto; Maria Preta, em Frei Paulo; Massombo, em Barra dos Coqueiros; Matamba, em Japoatã; Mocambo, em Porto da Folha; Mocambinho, em Aquidabã; Mutumbo, em Pedrinhas; Negro, em Gararu; Quibonga, em São Cristóvão; Zanguê, em Itabaiana. *Ver JOÃO MULUNGU*; *SACI*.

SERRA, Iraci [Antônio] (1917-94). Sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Violonista emérito, além de integrante da ala de compositores da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro*, integrou, na década de 1940, o conjunto Caídos do Céu, do compositor Valdemar Ressurreição, autor do samba *Que rei sou eu?* (com Herivelto Martins) e seu aluno de violão. Pai

dos salgueirenses Almir Guineto*, Mestre Louro (1950-2008) e Chiquinho (1943-96), que fora integrante do grupo Os Originais do Samba*, foi um dos maiores violonistas acompanhantes do samba carioca.

SERRA LEOA, República da. País da África ocidental, limitado a norte e nordeste pela Guiné, a leste e sul pela Libéria e a oeste pelo oceano Atlântico. Seus principais grupos étnicos são os mendés e os temnés. Até o século XVIII, a região onde hoje se localiza foi um dos grandes centros do comércio escravista. Em 1787, com o estabelecimento no local dos primeiros colonizadores britânicos, chegava um grande contingente de ex-escravos provenientes das possessões inglesas nas Antilhas; nessa população se apoiaria a dominação britânica ali exercida. Sua capital, Freetown (literalmente "cidade livre"), fundada no mesmo ano de 1787, tem esse nome em alusão a essa população de libertos.

SERRINHA. Morro no subúrbio de Madureira, na cidade do Rio de Janeiro. Habitado inicialmente por levas de migrantes do vale do Paraíba*, tornou-se importante núcleo difusor de cultura negra, sendo a base territorial da escola de samba Império Serrano* e do grupo "Jongo da Serrinha". *Ver DARCY DO JONGO, Mestre*.

SERTIMA, Ivan Van (1935-2009). Antropólogo e linguista nascido na antiga Guiana Inglesa. Sua principal obra, *They came before Columbus* (1977), documenta a presença africana na América pré-colombiana e demonstra como esses africanos teriam chegado ao novo continente. Baseado nos diários de Cristóvão Colombo, ele procura provar que o navegante genovês e seus homens tinham conhecimento desse pioneirismo africano. E, mencionando ícones, imagens míticas, totens religiosos, referências discursivas e formulações matemáticas da África antiga que encontram correspondência nas culturas pré-colombianas, constrói o argumento da anterioridade da presença africana nas Américas. *Ver OLMECAS*.

SERVIAT, Pedro. Político e intelectual cubano nascido em 1914. Militante do antigo Partido Socialista Popular, antecessor pré-revolucionário do Partido Comunista Cubano, destacou-se na luta contra a discriminação e as desigualdades raciais. É autor de *El problema negro en Cuba y su solución definitiva*, publicado em 1986.

SERVÌLIO (1928-2001). Apelido de José Lucas, jogador brasileiro de futebol nascido em Vargem Grande do Sul, SP, e falecido na cidade de São Paulo. Tendo recebido o apelido em razão de sua semelhança com Servílio de Jesus*, destacou-se no Flamengo carioca, na década de 1950, integrando a linha média, ao lado de Dequinha e Jordan*. Atuou também no Botafogo carioca, no São Paulo Futebol Clube e no Sport Club do Recife.

SERVÍLIO de Jesus (1915-84). Jogador brasileiro de futebol nascido em São Félix, BA, e falecido em São Paulo, SP. Centroavante, integrando a equipe do Corinthians, aonde chegou em 1938 e consagrou-se sob o cognome "O Bailarino", foi, de 1945 a 1947, o maior goleador do futebol paulista. Campeão brasileiro, pela seleção de São Paulo, em 1941 e 1942, integrou várias vezes a seleção brasileira na década de 1940. Seu filho, também chamado Servílio de Jesus, nascido na capital paulista em 1939, atuou com o mesmo brilho no futebol paulistano e carioca, nos anos de 1960, tendo, igualmente, integrado a seleção brasileira.

SETE COROAS (século XX). Alcunha de Carlos José Pinheiro, personagem da crônica policial carioca, ativo na década de 1920. Ladrão e facínora célebre pela audácia e pelo sangue-frio, referido, inclusive, num samba de Sinhô*, ganhou seu famoso apodo depois de furtar enfeites de sepulturas de um cemitério carioca. Antes, era conhecido como "Carlos Mulatinho".

SETE-GANZA. Na umbanda, o espírito de mortos que ainda não têm consciência de sua condição.

SETE-SANGRIAS (*Cuphea balsamona*). Erva da família das litráceas. Nos cultos afro-brasileiros, é uma das folhas de Obaluaiê.

SETI. Dança *garífuna* de Honduras, Guatemala e Belize.

SEÚ. Em Curaçau, festa de celebração da colheita do milho.

SEU CAUÍZA. Entidade da linha da jurema, integrante do sistema de cultos afro-amazônicos.

SEU JORGE. Nome artístico de Jorge Mário da Silva, cantor, compositor e ator nascido em Belford Roxo, RJ, em 1970. Com carreira musical iniciada em 1997, no grupo Farofa Carioca, cinco anos depois despontou como ator (vocação aprimorada no Teatro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Tuerj) no filme *Cidade de Deus*, marco da cinematografia brasileira

na década de 2000. No plano internacional, ganhou visibilidade ao participar, como ator e cantor, do filme *A vida marinha com Steve Zissou* (2004), do diretor norte-americano Wes Anderson. Em 2005, atuou em *Casa de Areia*, de Andrucha Waddington.

SEU LÉGUA. Espécie de exu, em alguns cultos amazônicos. *Ver LÉGUA*.

SEU NENÊ. *Ver NENÊ DE VILA MATILDE.*

SEVERINO FILHO. Nome artístico de Severino de Araújo Silva Filho, músico brasileiro nascido em Belém, PA, em 1928. Cantor, instrumentista, arranjador e compositor, tornou-se o líder do prestigioso conjunto vocal Os Cariocas após a morte de seu irmão Ismael Neto*.

SEVILHA. Cidade do Sudoeste da Espanha, capital da província de mesmo nome. Nos séculos XVI e XVII, foi reduto de expressiva população negra. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

SEXAGENÁRIOS, Lei dos. *Ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO [Lei dos Sexagenários]*.

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO. Dia da Semana Santa cristã reservado à memória da crucificação de Jesus Cristo. Na tradição afro-brasileira é, em geral, dia de "fechar o corpo" com as incisões rituais conhecidas como curas. E é também dia de comer canjica, o que remete ao costume angolano da "mukunza do óbito". *Ver CANJICA*; *CURA*.

SEXTETO HABANERO. Grupo musical, vocal e instrumental, formado em Havana, Cuba, em 1920. Integrado somente por músicos afrodescendentes, foi um dos grandes destaques da música popular em seu país e ainda permanecia ativo na década de 1980. Um de seus integrantes foi o trompetista Félix Chappotín*.

SEYCHELLES, República de. País insular localizado no oceano Índico, com capital em Vitória. Sua principal ilha, Mahé, está localizada a 1.600 quilômetros do Quênia e a 1.200 quilômetros de Madagáscar. A população local compreende 90% de afromestiços.

SEYMOUR, Arthur James. (1914-89). Escritor nascido na antiga Guiana Inglesa. Foi editor da *Kyk-Over-Al*, uma revista literária semestral, e presidente da Associação de Escritores da Guiana Inglesa. Em sua obra destacam-se: *Verse* (1937); *More poems* (1940); *Over Guiana, clouds* (1944); *Sun's in my blood* (1944); *Six songs* (1946).

SEYMOUR, William Joseph (1870-1922). Líder pentecostal americano nascido em Centerville, Louisiana, filho de ex-escravos. Em 1900, tornou-se discípulo de Martin Knapp, divulgador da doutrina conhecida como *holiness*, e, mais tarde, estudou com Charles Pahram, sendo por ele ordenado ministro. Em 1906, mudou-se para Los Angeles, Califórnia, onde dirigiu uma pequena comunidade de sua facção religiosa, composta de trabalhadores negros. Durante uma reunião ocorrida em 6 de abril daquele ano, um menino falou línguas estranhas, o que logo depois ocorreu também com outras pessoas. Anunciando o acontecimento de um novo Pentecostes, Seymour fez crescer sua Apostolic Faith Gospel Mission (Missão Evangélica da Fé Apostólica), à qual acorreram também brancos, mexicanos e asiáticos. Com o apocalíptico terremoto que destruiu São Francisco, cidade vizinha a Los Angeles, em abril de 1906, a igreja de Seymour, com seus cultos que beiravam a histeria, ganhou ainda mais força. Mas a discriminação racial quebrou a unidade da igreja, o que, entretanto, não tirou o mérito de Seymour como o precursor do moderno pentecostalismo* nos Estados Unidos e em todo o mundo.

SHAFT. *Ver BLAXPLOITATION.*

SHAKA. *Ver TCHAKA.*

SHAKUR, Assata. Nome pelo qual se fez conhecida Joanne Deborah Byron, revolucionária americana nascida em Nova York, em 1947. Ligada à organização dos Panteras Negras*, em 1979 foi condenada pelo assassinato de um policial, num conflito ocorrido seis anos antes, em Nova Jersey. Em 1984, escapando da prisão, buscou asilo político em Cuba. Sua saga foi contada no documentário *The eyes of the rainbow* (1997), da cineasta cubana Gloria Rolando*.

SHANGO BAPTISTS. Uma das denominações dos fiéis das igrejas espirituais africanas na Jamaica. *Ver SHOUTERS.*

SHANGO CULT. Sistema religioso de Trinidad e Tobago fundamentado nas tradições iorubanas, agregando elementos católicos e batistas. O nome revela, em sua origem, um culto específico a Xangô*, a exemplo dos xangôs pernambucanos.

SHARPE, Samuel (?-1831). Líder rebelde da Jamaica, também conhecido como "Daddy Sam Sharpe". Pastor batista e ex-escravo, foi o

principal líder da chamada "Guerra Batista" ou "Rebelião do Natal", ocorrida em Montego Bay, Jamaica, em 1831. Envolvendo mais de 20 mil escravos, o levante chocou a opinião pública mundial e levou o governo britânico, temeroso de que os acontecimentos que resultaram na independência do Haiti* se repetissem, a rever sua política colonial. Sharpe, chamado de *Daddy* ("Papai") por seus seguidores, foi enforcado na praça que hoje leva seu nome. Mas a rebelião que liderou levou à abolição do escravismo, proclamada em agosto de 1833 e efetivamente consolidada cinco anos depois.

SHARPEVILLE, Massacre de. Nome com que ficou conhecido o trágico evento ocorrido em 1960, na República da África do Sul. Em 1959, setores do Congresso Nacional Africano que discordavam da política multiétnica do movimento criaram, na África do Sul, o Congresso Pan-Africanista. Um ano após a criação do partido, seus militantes organizaram na cidade de Sharpeville uma manifestação contra a "Lei do Passe", que limitava o movimento dos trabalhadores negros dentro das áreas reservadas aos brancos. Porém, a manifestação foi duramente reprimida pela polícia, deixando um saldo de setenta mortos. A tragédia, ocorrida em 21 de março de 1960, ficou conhecida como o "Massacre de Sharpeville". E, por força de sua triste simbologia, a data foi escolhida como o "Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial".

SHEPPARD, William Henry (1865-1927). Missionário presbiteriano, colecionador de arte e africanista nascido em Waynesboro, na Virgínia, EUA. Em 1890, formado pelo Hampton Institute e pela Stillman College, chegou ao Congo em missão religiosa. Dois anos depois, viajou para o interior do país, trabalhando por dezoito anos junto ao povo kuba, o qual até então permanecera isolado, como defesa contra a escravidão e o colonialismo. Granjeando a amizade do governante local, adquiriu um profundo conhecimento da cultura dos bacubas e teve acesso privilegiado a obras de arte e ao artesanato desse requintado povo, amealhando de joias da corte a utensílios do dia a dia. Tornou-se, então, um colecionador, acrescentando a esse valioso acervo minuciosas e importantes notas sobre seus usos e significados. Em 1910, regressando à América, possibilitou a incorporação de cerca de quatrocentas peças representantes da arte dos

bacubas ao Hampton University Museum, o primeiro museu afro-americano instalado nos Estados Unidos.

SHIMMY. Dança de sucesso internacional entre os anos de 1920 e 1940, divulgada a partir do Cotton Club*, no Harlem. Segundo relatos da época, as bailarinas da famosa casa noturna dançavam mexendo os ombros e balançando os seios, fazendo farfalhar o tecido das blusas. Daí teria surgido o nome da dança, redução de *shimmy-shake*, "balançar a roupa (ao dançar)"; o termo *shimmy* refere-se a "blusa fina de mulher", "chemise".

SHIPMATE. Vocábulo da língua inglesa significando "companheiro de bordo". Na Jamaica colonial, foi usado pelos negros escravos com a mesma acepção do brasileiro "malungo*".

SHORTER, Wayne. Saxofonista, compositor e arranjador americano nascido em Newark, Nova Jersey, em 1933. Integrou o grupo The Jazz Messengers, de Art Blakey*, assim como uma das formações do quinteto de Miles Davis*, e esteve na vanguarda do movimento de fusão do jazz com o rock no final dos anos de 1960, sendo um dos fundadores do grupo Weather Report, marco desse movimento.

SHOUT. Conjunto de expressões corporais, numa espécie de "dança sagrada", que faz parte da interpretação dos negro spirituals* nos cultos evangélicos norte-americanos. Consiste em uma espécie de transe coletivo e em progressão, durante o qual os participantes, cantando o coro do spiritual e batendo palmas, são tomados por sacudidelas e puxões involuntários que agitam todo o corpo.

SHOUTERS. Seita de Renovação protestante de Trinidad e Tobago. Proibida a partir de 1917 mas atuante na clandestinidade, é um vivo exemplo da reinterpretação africana do protestantismo. Mesclando práticas evangélicas com elementos da tradição negro-africana, os cultos dos *shouters* incluem o transe, no qual os médiuns incorporam os atributos das divindades de seu panteão e adotam comportamentos peculiares. Quando a entidade se manifesta, a cabeça do médium é ungida com azeite doce, para que permaneçam nela o poder e a graça da divindade que se manifestou. Após essa etapa, o médium em transe dançará, ao som dos cânticos especiais da entidade (conforme Aróstegui e Potts, 1996).

SHUFFLE ALONG. Espetáculo musical apresentado na Broadway em 1921. Primeiro grande êxito afro-americano em palcos dos Estados Unidos, foi escrito por Flournoy E. Miller (1887-1971) e Aubrey Lyles (1884-1932), com músicas compostas por Eubie Blake* em parceria com Noble Sissle*. Tendo no elenco Florence Mills (1896-1927), Adelaide Hall (1901-93), Paul Robeson*, Josephine Baker* e outros, foi encenado em 504 apresentações, a partir de 23 de maio de 1921.

SHULALAY. Celebração do dia da independência americana, criada pelos negros de Charleston, na Carolina do Sul.

SIÁ. Variação de sinhá*.

SICÍLIA. *Ver ITÁLIA, Negros na.*

SICKLE CELL ANEMIA CONTROL ACT. *Ver ANEMIA FALCIFORME.*

SIDAGÃ. Iaô que auxilia a dagã* no padê*. Do iorubá *òsi*, "lado esquerdo"; "aquela que fica à esquerda da dagã", "a auxiliar". *Ver OSI-OBÁ.*

SIDDIS. Povo de origem africana, habitante da Índia. Remanescentes do escravismo e também conhecidos como "habshis", os indivíduos desse povo estão, na atualidade, dispersos por várias regiões do país, como Gujarat, Punjab, Karnakata, Mumbai, Kerala etc. (conforme Moore, 2008). *Ver AFRO-INDIANOS.*

SIETE RAYOS. Entre os congos cubanos, entidade correspondente ao Changó *lucumí*.

SIETE SAYAS. Entidade espiritual dos congos cubanos relacionada à Virgen de Regla e a Iemanjá. É também referida como Baluande e Madre de Agua.

SILVA. Sobrenome pelo qual foi conhecido Walter Machado da Silva, jogador de futebol brasileiro nascido em Ribeirão Preto, SP, em 1940. Ponta de lança driblador e dotado de grande impulsão, sendo chamado de "Batuta" por sua capacidade de liderança, destacou-se principalmente no Flamengo e no Vasco da Gama, jogou na Espanha e na França e participou da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966.

SILVA ALVARENGA. *Ver ALVARENGA, [Manuel Inácio da] Silva.*

SILVA, Adhemar Ferreira da (1927-2001). Atleta brasileiro nascido e falecido na cidade de São Paulo. Especializado na modalidade de salto

tríplice, em 1948 participa dos Jogos de Londres e, em 1949, estabelece o recorde sul-americano, saltando 15,51 metros. A partir de então, foi campeão pan-americano em 1951, sul-americano em 1952, medalha de ouro nas Olimpíadas de Helsinque (1952) e Melbourne (1956). Em Helsinque, em seis tentativas, suplantou quatro vezes o recorde mundial e, ao comemorar correndo e saudando o público, teria criado o procedimento que ficou conhecido como "volta olímpica". Em Melbourne, estabeleceu o recorde olímpico de 16,35 metros e, em 1960, em Roma, foi o porta-bandeira no desfile de abertura. Filho de um ferroviário e uma lavadeira, concluiu cursos de jornalismo, artes plásticas, direito, educação física e relações públicas e falava fluentemente inglês, alemão, italiano e espanhol. O primeiro atleta a dar ao Brasil duas medalhas de ouro em Olimpíadas, foi o maior campeão olímpico brasileiro no século XX.

SILVA, Benedita da. Nome abreviado de Benedita Souza da Silva Sampaio, ativista política e parlamentar nascida no Rio de Janeiro, em 1942. Egressa de uma comunidade favelada carioca, ex-carregadora de feira livre e empregada doméstica, conseguiu formar-se em Serviço Social, sendo depois, sucessivamente, vereadora e deputada federal. Em 1986 tornou-se a primeira mulher negra a assumir uma cadeira no Congresso Nacional. Em 1994, depois de ter concorrido, com grandes possibilidades de vitória, à prefeitura de sua cidade, elegeu-se senadora com 2 milhões de votos, sendo a primeira afro-brasileira a atingir essa alta condição; quatro anos depois, elegeu-se vice-governadora do estado do Rio de Janeiro. Em 2002, assumindo o governo fluminense, tornou-se a primeira liderança afrodescendente a alcançar tal posição e a primeira mulher a comandar o estado do Rio de Janeiro. Em 2003 tomava posse na Secretaria de Assistência e Promoção Social, órgão que recebeu status de ministério no governo do presidente Lula da Silva, exonerando-se, entretanto, no curso

Benedita da Silva

do mandato. Em janeiro de 2007, assumia a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, do governo do estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Candinho (1879-1960). Nome artístico de Cândido Pereira da Silva, trombonista e compositor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, também conhecido como "Candinho Trombone". Autor de *O nó* e *Soluçando*, dois clássicos do repertório do choro, legou à posteridade um vasto repertório de composições do gênero, quase todas de feitura elaborada e difícil execução.

SILVA, Carmen. Cantora brasileira nascida em Veríssimo, MG, em 1945. Profissional do disco desde 1963, fez sucesso a partir de 1969, vendendo uma expressiva quantidade de cópias de seus lançamentos e tornando-se a única estrela negra no gênero da canção romântica ao gosto das camadas populares.

SILVA, Carolina da. Educadora brasileira nascida na Bahia, em 1931, e radicada na cidade do Rio de Janeiro. Em 1994, em avaliação feita pelo Ministério da Educação, seus alunos da escola Prudente de Moraes (na maioria favelados) alcançaram a média mais alta entre todos os do ensino básico no município do Rio de Janeiro.

SILVA, Cayetano Alberto (1868-1929). Músico uruguaio nascido em San Carlos e radicado em Buenos Aires, Argentina. Foi diretor de diversas bandas locais e, em 1902, compôs a famosa *Marcha de San Lorenzo*.

SILVA, Chica da (*c.* 1734-96). Nome pelo qual foi conhecida Francisca da Silva de Oliveira, personagem do Ciclo do Ouro no Brasil, nascida no arraial do Milho Verde (no atual distrito de Milho Verde, MG) e falecida no Tijuco, hoje Diamantina, MG. Ex-escrava, adquiriu fortuna e poder graças à união marital com o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira. Protetora das artes, ajudou a projetar o compositor Lobo de Mesquita*; fundou uma importante escola de pintura em seu arraial; ajudou a consolidar o Convento de Macaúbas, onde nove filhas suas foram educadas. Teve, além de uma filha freira, um filho padre e outro desembargador, seu primogênito, Simão Pires Sardinha*, reconhecido como um dos maiores naturalistas brasileiros do século XVIII.

SILVA, Claudino José da (1902-85). Líder operário brasileiro natural de Natividade, MG. Filho de lavradores, ficando órfão ainda adolescente, mudou-se para Niterói, RJ, onde trabalhou como carpinteiro. Em 1928, ingressou no movimento sindical e filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB), indo trabalhar, no ano seguinte, na estrada de ferro Leopoldina. Em 1931, delegado da Conferência Geral dos Trabalhadores do Brasil a um congresso operário realizado em Pernambuco, foi preso pela primeira vez. Depois de amargar o cárcere em várias outras ocasiões, em 1943 foi eleito membro do comitê nacional responsável pela organização da conferência do PCB e, em 1945, com a volta das liberdades democráticas, elegeu-se deputado à Constituinte. Permanecendo nesse cargo até o início de 1948, quando teve seu mandato cassado, por força da suspensão do registro de seu partido, foi, durante esse período, o único deputado negro na Câmara Federal.

SILVA, Cláudio Elias da. Físico nuclear brasileiro nascido em São João de Meriti, RJ, em 1961. Professor do Departamento de Eletrônica Quântica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), de 1994 a 1996 fez um curso sobre partículas magnéticas do Sol na Agência Espacial Americana (Nasa).

SILVA, Da Costa e (1885-1950). Nome literário de Antônio Francisco da Costa e Silva, poeta brasileiro nascido em Amarante, PI, e falecido no Rio de Janeiro. Publicou, entre outros volumes, *Sangue* (1908), *Zodíaco* (1917), *Pandora* (1919) e *Verônica* (1927). É citado em uma relação de ilustres descendentes de africanos por Rodrigues de Carvalho (1988).

SILVA, Diogo. Lutador brasileiro nascido em São Sebastião, SP, em 1982, e radicado em Campinas, SP. Praticante de tae kwon do, no início de 2004, no México, depois de conquistar medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003), destacou-se nas classificatórias para a Olimpíada de Atenas. Em 2007, foi o primeiro medalhista de ouro do Brasil no Pan-Americano do Rio de Janeiro.

SILVA, Domingos Carlos da (século XIX). Abolicionista baiano. Em 1884, foi eleito à Câmara dos Deputados como representante de seu estado. É citado por Gilberto Freyre (1974) no livro *Ordem e progresso*.

SILVA, Eduardo. Ator brasileiro nascido em São Paulo, em 1964. Apareceu para o grande público nos anos de 1990 na telenovela *A história de Ana Raio e Zé Trovão*, da Rede Manchete, e, mais tarde, destacou-se em programas educativos da TV Cultura. No cinema, atuou no épico *Quilombo* (1984), dirigido por Cacá Diegues, tendo igualmente participado de importantes montagens teatrais na capital paulista. Formado em Biologia pela Universidade de São Paulo (USP), é também professor.

SILVA, Erasmo [Cardoso e] (1911-85). Compositor brasileiro nascido em Salvador, BA. Foi parceiro de Wilson Batista*, com o qual integrou a Dupla Verde-Amarelo, de algum sucesso no rádio carioca nos anos de 1940. Foi, igualmente, ativo divulgador de discos em várias companhias estabelecidas no Rio de Janeiro.

SILVA, Estanislau (?-1969). Compositor brasileiro falecido na cidade do Rio de Janeiro. É coautor de pelo menos dois clássicos do repertório carnavalesco: *O trem atrasou* (1941) e *Exaltação a Tiradentes*, samba-enredo da escola de samba Império Serrano no carnaval de 1949.

SILVA, Estêvão [Roberto da] (1851-91). Pintor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro. Em 1864, matricula-se na Academia Imperial de Belas-Artes, conquistando, a partir de então, diversas premiações. Em 1880, por rebelar-se contra uma preterição, é suspenso da academia por um ano, o que motiva seu afastamento definitivo. Dessa época em diante, firma-se como o maior pintor de naturezas-mortas da arte brasileira no século XIX, embora abandonado pela sociedade dominante.

SILVA, Felipe Alexandre (séculos XVIII-XIX). Entalhador brasileiro ativo em Recife, PE, entre 1790 e 1840. É autor, entre outras obras, da decoração (madeira entalhada com pintura a ouro) do altar-mor e do púlpito da Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, executada por volta de 1816.

SILVA, Galdino (1878-1958). Poeta de cordel e cantador nascido em Salvador, BA. Autor de folhetos famosos, como *A mulher que pediu um filho ao Diabo* e *O jegue misterioso*, compôs também cantigas de evocação religiosa, como *Meu pai Xangô* e *Saravá, Oxóssi*.

SILVA, Gilberto (1927-87). Compositor e escritor uruguaio nascido e falecido em Montevidéu. Em 1986 participou, como expositor, do "Segundo

Perfil da Literatura Negra", em São Paulo, Brasil, representando, juntamente com Cristina Rodríguez Cabral*, os escritores afro-uruguaios. Está incluído no segundo volume da antologia de A. B. Serrat (1996).

SILVA [Júnior]**, Hédio.** Advogado e militante negro nascido em Três Corações, MG, em 1961. Consultor do Departamento de Direitos Humanos do Ministério da Justiça e do escritório da Organização Internacional do Trabalho no Brasil, em 1999 era, também, diretor do Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades (Ceert), entidade do movimento negro brasileiro.

SILVA, Ícaro. Escritor brasileiro nascido em Diadema, SP, em 1987. Menino de periferia, estreou na literatura com apenas 8 anos de idade, apresentando um conjunto de três histórias ilustradas por sua irmã, com publicação patrocinada pela empresa fabril onde sua mãe trabalhava como operária. Causando espanto nos meios literários por seu talento precoce, em 1996 participava da Bienal do Livro com o lançamento de *O peixe dourado*, sua segunda obra publicada.

SILVA, Ismael [da] (1905-91). Compositor brasileiro nascido em Niterói, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Integrante do célebre grupo dos "bambas" do Largo do Estácio, teve participação decisiva na fundação, em 1927, da Deixa Falar*, historicamente considerada como a primeira agremiação carnavalesca do gênero "escola de samba". Compositor inspirado, é um dos responsáveis pela nova rítmica do samba, surgida nos anos de 1920 em contraposição ao samba ainda "amaxixado" de Sinhô e da Pequena África*. É autor de vasta obra, na qual se contam sambas antológicos como *Se você jurar* e *Nem é bom falar*, em parceria com Francisco Alves e Nilton Bastos (1931), *Para me livrar do mal*, com Noel Rosa (1932), e *Antonico* (1950), entre muitos outros.

SILVA, Jacyra (1941-95). Atriz brasileira nascida em São Paulo e radicada na cidade do Rio de Janeiro. Em 1962, depois de ter sido a primeira miss negra eleita em seu estado, foi contratada como cantora pela TV Excelsior. Passando a trabalhar como atriz, ingressou depois na Rede Globo de Televisão, onde participou de telenovelas e casos especiais. Formada em Psicologia, foi uma das primeiras atrizes negras a interpretar papéis fora do

estereótipo da empregada doméstica. Faleceu durante a temporada paulista da peça *Anjo negro*, de Nelson Rodrigues, de cujo elenco fazia parte.

SILVA, João Nepomuceno da (?-1879). Poeta brasileiro nascido na Bahia e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Cognominado "o poeta graxeiro", foi, com seu estilo sarcástico e linguagem ousada, um dos mais populares bardos de seu tempo. Publicou vários livros, incluindo, em *A província de São Paulo* (1876), um poema dedicado a Luiz Gama*, de quem, segundo Raimundo de Menezes (1978), foi seguidor, principalmente em relação ao ataque ao preconceito racial.

SILVA, Jorge da [1]. *Ver MAJESTADE.*

SILVA, Jorge da [2]. Cientista político brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1944. Menino pobre do subúrbio carioca de Ramos, na Zona da Leopoldina, fez carreira na escola de oficiais da Polícia Militar fluminense, até atingir o posto de coronel e ocupar os cargos de chefe do Estado-Maior e subsecretário de Estado, nos anos de 1990. Formado em Direito, pós-graduado em Literatura Inglesa e Ciência Política e professor universitário, é autor de diversas monografias sobre violência urbana, bem como dos livros *Controle da criminalidade e segurança pública na nova ordem constitucional* (1990) e *Direitos civis e relações raciais no Brasil* (1994). Em abril de 2000, em meio a grave crise na cúpula do governo, motivada pela violência urbana, foi nomeado coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do estado do Rio de Janeiro. Em 2004, assumia o cargo de secretário estadual de Direitos Humanos do Rio de Janeiro.

SILVA, José Raimundo da (século XIX). Professor de teoria musical do antigo Instituto Nacional de Música, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

SILVA, Júlio Martins da (1893-1978). Pintor brasileiro nascido em Niterói, RJ, e falecido na capital carioca. Suas pinturas, retratando quase sempre elementos bucólicos, como a casa, o jardim, a fonte etc., concentram grande dose de espiritualidade e lirismo.

SILVA, Lídio [Cirilo da]. Ator brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1919. Atuou em vários filmes de Glauber Rocha, notabilizando-se pela personificação do beato Sebastião no clássico *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964).

SILVA, Luís Bruno da. Pintor brasileiro nascido em Monte Azul Paulista, SP, em 1906. É referido no livro *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

SILVA, Manuel Gonçalves da (século XIX). Militar brasileiro. Tenente-coronel, foi comandante do Regimento dos Henriques* nas lutas pela independência na Bahia. Segundo Damasceno Vieira (1903), era "um bravo que pedia sempre colocação nos mais arriscados pontos".

SILVA, Marina. Nome parlamentar de Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima, militante política brasileira nascida no Seringal Bagaço, em Rio Branco, AC, em 1958, sendo neta de dois casais mistos, constituídos por descendentes de portugueses e de escravos. Professora formada pela Universidade Federal do Acre (Ufac) e militante do Partido dos Trabalhadores (PT), foi, a partir de 1989, seguidamente vereadora, deputada estadual e senadora da República, eleita em 1995 para um mandato de oito anos. Em 2003 assumia o Ministério do Meio Ambiente no governo Lula da Silva, cumprindo o mandato até maio de 2008.

Marina Silva

SILVA [Gomes]**, Mauro** [da]. Jogador brasileiro de futebol nascido em São Bernardo do Campo, SP, em 1968. Médio-volante com carreira iniciada no Guarani, em Campinas, SP, atuou no Bragantino, no Deportivo La Coruña (Espanha) e foi titular da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994.

SILVA, Moacir [Pinto da] (1918-2002). Saxofonista e compositor brasileiro nascido em Conselheiro Lafaiete, MG, e radicado na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu, desde os 17 anos de idade. Filho de regente de banda, iniciou-se tocando flautim na organização dirigida por seu pai. No Rio de Janeiro, foi saxofonista na banda do regimento em que prestou serviço militar e tocou em bailes e gafieiras, até ingressar na prestigiosa

orquestra do maestro Fon-Fon. A partir de 1947, integrou as orquestras dos maestros Zacarias e Peruzzi, tocando em emissoras de rádio e boates de hotéis. Em 1953, estreou no disco como solista, tornando-se mais tarde acompanhante exclusivo das cantoras Elisete Cardoso* e Marisa Gata Mansa* e assumindo o cargo de produtor da gravadora Copacabana. Nas décadas de 1950 e 1960, gravou vários discos sob o pseudônimo Bob Fleming, com grande sucesso comercial. Ativo até ser atingido por um derrame cerebral nos anos de 1980, foi um dos maiores músicos brasileiros em seu instrumento, o sax-tenor, do qual extraía uma sonoridade inimitável, além de grande compositor de choros e outros gêneros de música popular.

SILVA, Moreira da. *Ver MOREIRA DA SILVA.*

SILVA [de Jesus Júnior]**, Orlando.** Político brasileiro nascido em 1971, em Salvador, BA. Filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), destacou-se como líder estudantil. Ainda estudante de Direito da Universidade Católica de Salvador (UCSal), tornou-se, em 1995, o primeiro presidente afrodescendente da União Nacional do Estudantes (UNE), cumprindo mandato até 1997. Em março de 2006 assumiu o Ministério do Esporte do governo Lula da Silva, sendo realizados, durante sua gestão, os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro (2007).

SILVA, Orlando [Garcia da] (1915-78). Cantor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Cognominado “o cantor das multidões”, foi, no Brasil, o primeiro artista a atrair grandes massas às suas apresentações. E foi também um pioneiro na técnica de emissão vocal, na época em que o sistema de gravação fonográfica, ainda mecânico, exigia dos cantores vozes muito possantes ou grande esforço no cantar.

SILVA, Patápio (1880-1907). Músico brasileiro nascido em Itaocara, RJ. Criado em Cataguases, MG, onde se iniciou como flautista, por volta de 1898 vai para Campos, RJ, tornando-se mestre de banda. Em 1901, já na cidade do Rio de Janeiro, mas ainda acumulando a atividade musical com as profissões de barbeiro e tipógrafo, é aprovado em concurso para o Instituto Nacional de Música (INM), atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concluindo o curso em apenas dois anos (sendo que a duração normal era de seis anos), afirma-se como o maior virtuose brasileiro da flauta. Em 1907, depois de injustamente preterido na ocupação

da cátedra de flauta do INM, Patápio, que foi também um dos pioneiros da música gravada no Brasil, morre em Florianópolis, SC.

SILVA, Paulo (1892-1967). Nome artístico de José Paulo da Silva, professor de música e compositor erudito nascido em Niterói, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Na antiga Escola Profissional XV de Novembro, fez todo o curso primário e aprendeu os rudimentos de sua arte – como executante de bombardino –, sendo promovido a mestre-aluno da banda de música e depois efetivado na regência do conjunto, com apenas 16 anos de idade. Anos depois, ingressa no Instituto Nacional de Música, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde, após estudar trombone, além de teoria, solfejo, harmonia, contraponto e fuga, diplomando-se, em 1921 conquista, por concurso de provas, o cargo de livre-docente. Também estudante de medicina, é forçado a abandonar o curso por razões de saúde e, em 1929, ingressa na Faculdade de Direito, onde, depois de bacharelar-se, doutora-se em 1935, mesmo ano em que, no Instituto de Música, conquista a cátedra de contraponto e fuga, em memorável concurso de provas e títulos, com nota dez. Responsável pela formação de alguns dos melhores músicos brasileiros, é autor de importantes livros de teoria musical, como *Manual de harmonia* (1932), *Curso de contraponto* (1933), *Manual de fuga* (1935) e *Linguagem da música* (1954). Legou à posteridade, igualmente, vasta obra como compositor, incursionando pela música orquestral, de câmara, instrumental e vocal.

SILVA, Pereira da. *Ver PEREIRA DA SILVA, João.*

SILVA, Raimundo da Costa e. *Ver COSTA E SILVA, Raimundo da.*

SILVA, [Roberto da, dito] **Robertinho.** Músico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1943. Baterista, com carreira iniciada no final da década de 1960, sua discografia inclui participações em gravações de Milton Nascimento*, Antonio Carlos Jobim, Wayne Shorter*, Sarah Vaughan*, Paulo Moura* e outros grandes nomes da música nacional e internacional. A partir do LP *Música popular brasileira*, de 1981, fez vários registros solo. Nos anos de 1990 criou o grupo Robertinho Silva e Família, atuando ao lado dos filhos percussionistas Ronaldo e Wanderley.

SILVA, Roberto [Napoleão da]. Cantor brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1920. Com carreira radiofônica iniciada em 1938,

tornou-se, juntamente com Ciro Monteiro*, um dos grandes intérpretes do samba no estilo sincopado. A partir de 1958, gravou uma série de LPs sugestivamente intitulada "Descendo o morro", registrando alguns clássicos do gênero que o consagrou, como *Escurinho*, de Geraldo Pereira*.

SILVA, Rubens (1922-82). Sambista e dirigente carnavalesco nascido e falecido em Porto Alegre, RS. Em 1945 fundou a tribo (cordão de índios) "Os Caetés", entre 1953 e 1969 atuou nos Bambas da Orgia e, em seguida, integrou-se à escola de samba Acadêmicos da Orgia. Foi presidente da Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre e consultor da empresa de turismo porto-alegrense Epatur. Militante da causa afro-brasileira, trabalhou como profissional de enfermagem atendendo a população carente e fundou a sucursal gaúcha do Teatro Experimental do Negro*.

SILVA, Synval [Machado da] (1911-94). Compositor e violonista brasileiro nascido em Juiz de Fora, MG, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Ingressando no ambiente radiofônico em 1931, ano seguinte à sua chegada ao Rio de Janeiro, destacou-se como autor de sambas gravados pela cantora Carmen Miranda, como *Alvorada* (1933), *Ao voltar do samba* (1934), *Coração* (1934) e o conhecidíssimo *Adeus, batucada* (1935), entre outros. Em 1949, na então capital da República, era responsável por um dos núcleos da União dos Homens de Cor do Distrito Federal. Um dos fundadores da escola de samba Império da Tijuca, foi coautor do samba-enredo ao som do qual a agremiação desfilou no carnaval de 1974 (*As minas de prata*).

SILVA, Tancredo. *Ver PINTO, Tancredo da Silva.*

SILVA, Valfrido [Pereira da] (1904-72). Baterista e compositor brasileiro nascido na capital carioca e falecido em Niterói, RJ. Nos anos de 1920, já atuava como baterista de orquestra, inclusive no teatro e fazendo fundos musicais para filmes mudos. Em 1932 iniciou, paralelamente, carreira de compositor, logo conseguindo sucesso com o samba *Vai haver barulho no chatô*, em parceria com Noel Rosa, e, em 1935, com *Estão batendo*, feito com Gadé, seu parceiro mais constante. Nesse mesmo ano, compôs, com Alcir Pires Vermelho, *O tique-taque do meu coração*, samba mais tarde gravado por Carmen Miranda e interpretado por ela no filme hollywoodiano *Minha secretária brasileira* (1942). Como baterista, integrando grandes orquestras,

viajando pelo Brasil e pelo exterior, atuando no rádio, no teatro e em gravações, foi um dos grandes instrumentistas do seu tempo.

SILVEIRA, Nicolau da (século XIX). Militar brasileiro baseado na Bahia. No posto de tenente, distinguiu-se na Guerra do Paraguai*.

SILVEIRA, Oliveira [Ferreira da] (1942-2009). Poeta e militante negro brasileiro nascido em Rosário do Sul, RS, e falecido na capital Porto Alegre. Fez sua estreia literária em 1962, com a coletânea de poemas *Germinou*, e, a partir de então, publicou, entre outras coletâneas, *Poemas regionais* (1968), *Banzo, saudade negra* (1970), *Décima do negro peão* (1974), *Praça da palavra* (1976), *Pelo escuro* (1977), *Roteiro dos tantãs* (1981) e *Poema sobre Palmares* (1988), além de ter participado de diversas antologias, inclusive editadas na Europa. Em 1971, liderou o estabelecimento do Grupo Palmares, que reuniu expressivos nomes da literatura negra e que, sob seu comando, foi o principal responsável pela instituição do Dia Nacional da Consciência Negra*.

SILVEIRA [de Oliveira Silva]**, Orlando** (*c.* 1922-93). Instrumentista e arranjador brasileiro nascido em Rincão, SP, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Tornando-se conhecido a partir de 1950 como acordeonista do Regional do Canhoto, famoso conjunto instrumental do rádio carioca, notabilizou-se, mais tarde, como um dos mais competentes e requisitados arranjadores da música popular brasileira.

SILVEIRA, Vicente (1841-1924). Poeta cubano nascido em Guanajay, publicou *Flores y espinas* (Havana, 1873).

SILVER, Horace. Nome artístico de Horace Ward Martins Tavares Silva, pianista e compositor americano nascido em Norwalk, Connecticut, em 1928. Filho de pai cabo-verdiano, de cuja memória musical recebeu grande influência, sendo responsável por boa parte de sua formação artística, em 1951 mudou-se para Nova York. Nessa cidade, iniciando carreira profissional, atuou ao lado de Coleman Hawkins*, Lester Young* e outros músicos já estabelecidos e famosos. Mais tarde, integrado ao grupo The Jazz Messengers, de Art Blakey*, e combinando elementos do rhythm-and-blues, gospel e jazz tradicional, tornou-se um dos pioneiros do estilo conhecido como *hard bop*, corrente que se opunha à europeização latente do cool jazz.

É autor de vasta obra, na qual se destacam alguns clássicos do estilo que ajudou a difundir.

SILVERA, Makeda. Editora e escritora jamaicana nascida em Kingston, em 1955, e radicada em Toronto, Canadá. Em 1985, fundou a Sister Vision Press, editora voltada principalmente para o público homossexual feminino. É também autora dos volumes de contos *Remembering* G (1991) e *Her head, a village* (1993).

SILVINHO DA PORTELA (1935-2001). Nome artístico de Sílvio Pereira da Silva, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Conhecido inicialmente por sua participação em conjuntos de ritmistas, sob o cognome de "Silvinho do Pandeiro", a partir de 1970 ganhou reconhecimento como um dos grandes cantores do samba, principalmente por suas interpretações, nos desfiles de carnaval, dos sambas-enredo da Portela, escola da qual foi o puxador* oficial durante dezessete anos.

SIMÃO, O CIRENEU. Personagem bíblico que teria ajudado Jesus, no caminho do Calvário, a carregar a cruz de seu suplício: "Saindo, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, a quem obrigaram a levar a cruz de Jesus" (Mateus, 27:32). Cireneu é, pois, o natural de Cirene, antiga cidade da região chamada Cirenaica, na Líbia, no Norte da África. Diversos autores referem o personagem como um homem negro.

SIMEÃO, O NEGRO (século I). Personagem do Novo Testamento, mestre e profeta da Igreja de Antióquia: "Havia então na Igreja de Antióquia profetas e doutores, entre eles Barnabé, Simão, apelidado o Negro [...]" (Atos dos Apóstolos, 13:1).

SIMIDOR. No Haiti, nome dado ao cantor solista de um *coumbite**, também chamado *samba*.

SIMÕES, Cléa (1927-2006). Atriz brasileira nascida em Belém do Pará e falecida no Hospital de Clínicas de Niterói, RJ. Mudando-se para a antiga capital federal em 1949, atuou em teatro e televisão durante mais de quarenta anos. Marcada pelo tipo físico, foi quase sempre escalada para papéis de "preta velha", como no caso das personagens Mamãe Dolores e Tia Nastácia. Não obstante, demonstrou sempre grande talento e expressividade.

SIMONAL [de Castro]**, Wilson** (1939-2000). Cantor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em São Paulo, SP. Com carreira profissional iniciada em 1961 e destacando-se desde logo como um *showman* de talento indiscutível, alcançou grande sucesso a partir de 1963, atingindo status de superastro no limiar dos anos de 1970. Nesse período, vendendo milhões de discos e apresentando-se para plateias multitudinárias, as quais seduzia com seu estilo todo peculiar, tornou-se o primeiro artista negro a atingir o ponto mais alto do show business no país. Dotado de grande carisma, emprestou sua imagem à publicidade de produtos da empresa multinacional Shell, tornando-se também o primeiro afro-brasileiro nessa condição, antes inclusive de Pelé*. Como bem-sucedido artista de massas, criou gírias e ditos logo absorvidos pelo povo das ruas, ao mesmo tempo que projetava uma imagem de vaidade e autossuficiência muitas vezes interpretada como arrogância. No final da década de 1970, foi, sem provas concretas, acusado de colaborador da ditadura militar, amargando, a partir de então, um ostracismo demolidor. Meses antes de sua morte, sua mulher e agente conseguia documentos oficiais da Presidência da República, do Ministério da Justiça e do Exército negando a existência de registros das supostas atividades colaboracionistas do cantor durante a vigência da ditadura instituída no Brasil em 1964. Em 2009 estreou, com grande divulgação, o documentário *Simonal – ninguém sabe o duro que dei*, de Calvito Leal, Claudio Manoel e Micael Langer, apresentando a trajetória do cantor, acompanhado de lançamentos relacionados em livro, CD e DVD.

SIMONE, Nina (1933-2003). Pseudônimo de Eunice Kathleen Waymon, cantora, compositora e pianista americana nascida em Tyron, Carolina do Norte, e falecida em Carry-le-Rouet França. Virtuose do piano clássico aos 6 anos de idade, aos 16 teve suas pretensões de tornar-se concertista barradas por motivos raciais. A partir de então, tornou-se amarga e de difícil trato, mas conseguiu empreender fulgurante carreira como cantora. Em 1958 ganhou as paradas com a gravação de *I loves you, Porgy*, da ópera *Porgy and Bess**, e nos anos de 1960 distinguiu-se como uma das grandes vozes na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, compondo e interpretando dezenas de canções sobre o tema. Viveu alguns anos na Libéria e na Guiné e depois se fixou na Europa, numa espécie de autoexílio.

SIMPSON, Louis. Poeta nascido em Kingston, Jamaica, em 1923. Aluno da Universidade de Colúmbia, em Nova York, durante a Segunda Guerra Mundial interrompeu os estudos para servir na Inglaterra, retomando os estudos em Paris, ao final do conflito. Sua obra mais importante publicada é *The arrivistes: poems, 1940-1949* (1949).

SIMPSON, O. J. Nome com o qual se tornou famoso o astro de futebol americano e ator cinematográfico Orenthal James Simpson, nascido em São Francisco, Califórnia, em 1947. Com infância pobre e conturbada, encaminhou-se para o sucesso a partir da obtenção de uma bolsa de estudos na Universidade do Sul da Califórnia. Em 1995, foi absolvido da acusação de duplo homicídio, num caso de grande repercussão.

SIMUM. Vento quente que sopra do Centro para o Norte do continente africano.

SÍNCOPA. Desenho rítmico característico da música africana no continente de origem e na Diáspora. É conseguido com o deslocamento da acentuação regular de um compasso por meio da supressão do tempo fraco. No Brasil, a denominação "samba sincopado" é dada a um tipo de samba em que esse deslocamento é levado às últimas consequências e na execução do qual se destacaram intérpretes como Vassourinha*, Dilermando Pinheiro*, Ciro Monteiro*, Roberto Silva*, João Nogueira* e outros.

SINCRETISMO. Combinação, em um só sistema, de elementos de crenças e práticas culturais de diversas fontes. O vodu*, a umbanda* e seus assemelhados seriam, segundo algumas opiniões, religiões sincréticas. O termo, na acepção aqui apresentada, é rejeitado por alguns autores contemporâneos. *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*.

SINDAULA-ANDÚNDU. Divindade dos congos cubanos equivalente ao Ossãim iorubá. Também, Sindaula.

SINGLETON, John [Daniel]. Diretor cinematográfico americano nascido em Los Angeles, Califórnia, em 1967. No ano de 1992, com *Os donos da rua*, tornou-se o primeiro afro-americano a ser indicado para o Oscar de melhor diretor e também o mais jovem profissional de cinema a merecer tal distinção.

SINGLETON, [Arthur James, dito] **Zutty** (1898-1975). Músico americano nascido em Bunkie, Louisiana, e falecido em Nova York.

Baterista e chefe de orquestra com carreira musical iniciada aos 15 anos de idade, atuou ao lado de Louis Armstrong*, Jelly Roll Morton*, Fats Waller*, Dizzy Gillespie* e Charlie Parker*. É considerado o primeiro grande inovador no que tange ao acompanhamento percussivo do jazz.

SINHA. Na Bahia antiga, empregada doméstica de idade relativamente avançada.

SINHÁ. Tratamento empregado por negros escravos em relação às suas senhoras. Masculino: sinhô.

SINHÁ-RENGA. Entidade das antigas macumbas cariocas.

SINHÁ-SAMBA. Nas antigas macumbas cariocas, entidade sincretizada com Nossa Senhora das Dores.

SINHÔ (1888-1930). Pseudônimo de José Barbosa da Silva, compositor, violonista e pianista brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Uma das maiores figuras dos primórdios da música popular brasileira, teve estreita ligação com a comunidade baiana responsável pela gestação do samba em sua cidade e, principalmente, com o alufá Assumano*, seu líder espiritual. Sua obra, exemplificada por canções como *Jura*, *Gosto que me enrosco* e inúmeras outras, representa um dos pilares sobre os quais se sustenta o samba urbano.

SIPPI. No Suriname, termo correspondente ao brasileiro malungo*, originário, certamente, do inglês *ship*, "navio". *Ver SHIPMATE.*

SIQUEIRA, Luanda. Cantora lírica brasileira nascida em São João de Meriti, RJ, em 1975. Começando a estudar piano aos 12 anos de idade, participou de um coral estudantil e mais tarde graduou-se em Canto Lírico, com louvor acadêmico, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Soprano, ingressou, em 2000, no curso de especialização em música barroca oferecido pelo Conservatório Superior de Paris e, no ano seguinte, no Brasil, integrou o elenco de *Barroco!*, espetáculo sobre obras operísticas desse estilo.

SIRI (1931-97). Pseudônimo de Agnaldo Antonio Azevedo, cineasta brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Iniciando carreira como diretor de produção do filme *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964), realizou mais de vinte documentários, como *O Boca do Inferno* (1974), *Xique-Xique*

de Andaraí (1976) e *Memória de Deus e do Diabo em Monte Santo e Cocorobó* (1984).

SIROCO. Vento africano que sopra do Saara em direção ao Mediterrâneo.

SIRRUM. Cerimônia fúnebre, pela morte de um filho ou dignitário, realizada durante vários dias, em terreiros de origem jeje. Nela, os atabaques são substituídos por porrões percutidos com abanos de palha. Descrevendo o Museu de Abomé, no atual Benin, Alberto da Costa e Silva (2003, pp. 116-17) observou: "Ali estão as velhas lembranças do Dangomé [...]. E jarrões de faiança, usados para marcar o ritmo, para produzir um som semelhante ao do contrabaixo, pois os daomeanos batiam em suas bocas com leques de plumas ou ventarolas de palha".

SÍSIRA. Chocalho usado na música tradicional dos *garífunas**.

SISSLE, Noble (1889-1975). Músico, letrista e ator americano nascido em Indianápolis, Indiana, e falecido em Tampa, Flórida. Integrou a banda de James Reese Europe*, da qual se tornou regente, e foi parceiro de Eubie Blake* nas revistas musicais *Shuffle along** e *Chocolate dandies* (1924). Além disso, foi militante pelos direitos civis, tendo sido o primeiro presidente da Negro Actors Guild of America, associação profissional de atores negros.

SISTREN THEATER COLLECTIVE. Companhia teatral feminina fundada em 1977, na cidade de Kingston, capital da Jamaica. Criada por iniciativa de mulheres da classe operária, caracterizou-se por encenar textos de autoria de suas próprias integrantes. O nome *sistren* é crioulização do inglês *sisters*, "irmãs".

SIVAJU. Variação de axuaju*.

SIWEL. Gênero de canção haitiana com acompanhamento de guitarra.

SKA. ***Ritmo contemporâneo, originário da Jamaica, que combina influências do mento*, do reggae* e do rhythm-and-blues*. Seus consolidadores foram os músicos do grupo The Skatalites, na década de 1960.***

SKEPI. Crioulo holandês falado na Guiana. Seu nome relaciona-se ao do rio Essequibo, dito "Iskepe" em holandês.

SLEDGE, Percy. Cantor americano nascido em Leighton, Alabama, em 1941. Um dos grandes nomes da soul music*, é o intérprete original de

When a man loves a woman (1966), uma das mais célebres canções do século XX.

SLY AND THE FAMILY STONE. Conjunto musical americano formado em 1967, em São Francisco, Califórnia, em torno de Sylvester "Sly" Stewart. No fim dos anos de 1960, embora não fosse integrado apenas por afro-americanos, era o mais inovador dentre os grupos de música negra. Participante do Festival de Woodstock, representou a mais completa ligação do soul, do rhythm-and-blues e do funk com o sonho psicodélico da geração hippie.

SMITH, Bessie (1894-1937). Nome artístico de Elizabeth Smith, cantora americana nascida em Chattanooga, Tennessee, e falecida em Clarksdale, Mississippi. Conhecida como a "Imperatriz do Blues", seu estilo exerceu forte influência sobre vários cantores e instrumentistas do jazz. Sua morte prematura em um acidente automobilístico ocorreu, segundo alguns, principalmente por racismo, expresso na omissão de socorro de que teria sido vítima.

SMITH, Chelsi. *Ver BELEZA, Concursos de*.

SMITH, [James Oscar, dito] **Jimmy** (1925-2005). Pianista e organista americano nascido em Norristown, Pensilvânia, e falecido em Scottsdale, Arizona. Considerado o "Charlie Parker do órgão", desenvolveu, por meio das mãos e dos pés, todas as potencialidades do órgão elétrico, instrumento comum nas igrejas evangélicas afro-americanas, numa linguagem de fusão das harmonias do bebop com outros ritmos negros.

SMITH, Mamie (1883-1946). Cantora americana nascida e falecida em Cincinnati, Ohio. Aos 10 anos de idade, deixou sua cidade natal após tornar-se dançarina de um grupo chamado The Four Dancing Mitchels e, cinco anos depois, radicou-se em Nova York. Em 1920, com a gravação de *That thing called love* e *You can't keep a good man down*, pelo selo Okeh, entrou para a história como a primeira cantora de jazz a gravar um disco, ganhando muito dinheiro entre 1921 e 1923 e permanecendo em atividade até os anos de 1940. Segundo perfis da época, era uma mulata clara, de cadeiras largas, cabelos castanhos ondulados e voz grave.

SMITH, Tommie. Atleta americano nascido em Clarksville, Texas, em 1944. Em 1968, na Olimpíada do México, ao receber a medalha de ouro

pela vitória com recorde mundial nos duzentos metros, em pleno pódio, juntamente com seu colega John Carlos, ergueu o punho fechado, a mão calçada com uma luva negra, no gesto típico de afirmação do Black Power*, sendo, por isso expulso da Vila Olímpica. Mais tarde, tornou-se professor e diretor de atletismo em uma universidade californiana.

SMITH, Will. Nome artístico de Willard Christopher Smith Jr., ator americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, em 1968. Iniciando sua carreira artística como rapper, destacou-se como ator a partir dos anos de 1990, na série televisiva *Um maluco no pedaço* (*The Fresh Prince of Bel-Air*, 1990-96) e em filmes como *Os bad boys* (1995), *Independence Day* (1996), *Homens de preto* (1997) e *Ali* (2001), no qual interpretou o pugilista Muhammad Ali*, sendo indicado ao Oscar de melhor ator.

SOARES DE MEIRELES. *Ver MEIRELES, Soares de.*

SOARES, Elza. Nome artístico de Elza Conceição de Oliveira, cantora brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1937. Ex-favelada, iniciou carreira como cantora de bailes e, em 1958, viajou à Argentina com um elenco de variedades. De volta ao Brasil, atuou no rádio e em boates, gravando seu primeiro LP, *Se acaso você chegasse*, em 1960, com grande sucesso, seguindo-se *A bossa negra de Elza Soares*. Nesses discos iniciais, interpretando o samba com a utilização de recursos jazzísticos, como o scat* e a emissão de voz com timbre enrouquecido, como Louis Armstrong, demonstrava já o destacado lugar que teria no samba e na música popular brasileira. A partir da década de 1960, quando se ligou conjugalmente ao futebolista Garrincha*, experimentou períodos de sucesso e de ostracismo e até mesmo a violência da repressão política, que a fez deixar temporariamente o país. Entretanto, gravando inúmeros discos, fazendo shows e até mesmo como puxadora de samba-enredo em desfiles de escola de samba, nunca deixou de ser a estrela versátil e carismática considerada, unanimemente, uma das mais singulares intérpretes da canção brasileira. Sua trajetória está contada no livro autobiográfico *Cantando para não enlouquecer*, de 1977, assinado pelo escritor José Louzeiro e que, no início de 2000, serviu de base ao musical *Crioula*, de Stella Miranda, que estreou com temporada de três meses no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de

Janeiro. Em 2002 experimentava grande exposição na mídia por conta do lançamento do CD *Do cóccix até o pescoço*, de forte acento pop.

SOARES DIAS, José (1864-1928). Educador e médico brasileiro nascido em Vassouras, RJ, e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Ex-tipógrafo, foi uma das figuras mais expressivas do magistério municipal carioca. Aos 50 anos, decidiu estudar medicina, tornando-se famoso médico homeopata. Foi também poeta, assinando, com o anagrama Rosaes Sadi, variados textos em jornais de seu tempo. Porém, foi sobretudo conhecido pela elegância no trajar, o que lhe valeu o epíteto de "Brummel Negro".

SOBA. Na Angola colonial, chefe de aldeia; autoridade principal detentora de poder político e administrativo sobre pessoas e bens dentro de uma área determinada. Na atualidade, chefe principal de um povoado ou grupo étnico. Do quimbundo *soba*.

SOBADO. Área geográfica que está sob a jurisdição de um soba.

SOBERANO, Luís (1920-81). Pseudônimo do sambista Ednésio Luís da Silva, nascido na cidade do Rio de Janeiro. Ligado à extinta escola de samba Paz e Amor, do subúrbio de Bento Ribeiro, tornou-se conhecido como pandeirista de orquestras e compositor. É autor de sambas imortais, como *Não me diga adeus* e *Enlouqueci*, sucessos do carnaval de 1948, além de vários cânticos rituais da umbanda.

SOBÔ. Vodum feminino, mãe dos voduns da família de Quevioçô*. *Ver SOGBO.*

SOBRENOME. Nome hereditário, de família, que se acrescenta ao principal ou de batismo. Durante a escravidão, o escravo em geral usava o sobrenome da família de que era propriedade, daí a dificuldade, para o afrodescendente, de pesquisar a genealogia com base nesse dado inicial. Em contrapartida, podem-se buscar sinais de origem africana por meio de alguns sobrenomes brasileiros. E isso porque outra prática da época escravista consistia em, na ocasião do batismo católico, dar às crianças sem nome de família ou nascidas de ligações ilegítimas sobrenomes que as vinculassem à Igreja, como "de Jesus", "do Sacramento", "dos Reis", "dos Santos", "da Natividade", "do Nascimento" etc. ou atribuir outro prenome, à guisa de sobrenome. Assim, possíveis indícios de origem africana podem ser encontrados, por exemplo, em nomes de antepassados de brasileiros ilustres

como: **barão de Macaúbas** (1824-91), baiano, filho de Miguel Borges de Carvalho e Mafalda Maria da Paixão; **barão de São Félix** (1812-92), filho do cirurgião-mor José Antônio Martins e de Rita Angélica de Jesus; **Bernardo Pereira de Vasconcelos** (1795-1850), político e magistrado brasileiro nascido em Ouro Preto, MG, e falecido na cidade do Rio de Janeiro, neto paterno de Ana Jacinta da Natividade; **Clóvis Beviláqua** (1859-1944), filho do padre José Beviláqua e de Martiniana Maria de Jesus; **cônego Januário da Cunha Barbosa** (1780-1846), político e historiador, filho de um português com a carioca Bernarda Maria de Jesus; **Domingos Vidal Barbosa** (1761-93), inconfidente mineiro, filho do capitão Antônio Vidal de Barbosa e de Teresa Maria de Jesus; **Francisco de Paula Cândido** (?-1884), médico e político, filho do capitão Antônio Gomes Cândido e de Ana Rosa Umbelina; **frei Francisco de Monte Alverne** (1784-1859), filho do ourives João Antônio da Silveira e de Ana Francisca da Conceição; **frei Francisco de Sampaio** (1778-1830), político e orador carioca, filho do negociante Manuel José de Sampaio e de Teresa da Conceição; **J. M. Pereira da Silva** (1817-98), político e historiador, filho do português Miguel Joaquim Pereira da Silva e de Joaquina Rosa de Jesus; **João Caetano** (1808-63), ator, filho natural do capitão João Caetano dos Santos e de Joaquina Maria Rosa; **Joaquim Manuel de Macedo** (1820-82), romancista, filho de Severiano de Macedo Carvalho e Benigna Catarina da Conceição; **Josino do Nascimento Silva** (1811-86), político e jornalista, filho de Manuel do Nascimento Silva e Margarida Rosa de São José; **marquês de Caravelas** (1768-1836), político brasileiro nascido na Bahia e falecido na cidade do Rio de Janeiro, filho de um português com a baiana Custódia Maria do Sacramento; **marquês de Maricá** (1773-1848), político e escritor brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro, filho de um português com a carioca Teresa Maria de Jesus; **visconde de Araxá** (1812-81), filho do padre João Ferreira Leite Ribeiro e de Maria Efigênia de Santa Rita. Indício, também, de origens africanas é a presença de prenomes masculinos como sobrenomes (Calixto, Theodoro, Evaristo etc.), o que pode significar referência ao nome de um ancestral sem sobrenome de família.

SOCA. Gênero contemporâneo de música popular originário de Trinidad e Tobago; espécie de calipso com andamento mais rápido. O nome é formado

pela junção das sílabas iniciais dos vocábulos “soul” e “calipso”.

SOCARRÁS, Alberto. *Ver LATIN-JAZZ.*

SOCARRAS, Fermin Naní (1936-2007). Músico cubano nascido em Havana. Percussionista, cantor e profundo conhecedor da música ritual afro-cubana, em meados da década de 1960 tornou-se professor e músico da Escola Nacional de Artes, em seu país. Em 1976, foi um dos fundadores do Conjunto Folclórico Nacional de Cuba, com o qual viajou a inúmeros países. Dez anos depois, passou a integrar o grupo hoje conhecido como Danza Contemporánea de Cuba. Em 1999, trazido pelo músico Leo Leobons e recebido pelo percussionista Zero*, fez soar, em Coelho da Rocha, na Baixada Fluminense, o primeiro tambor *añá** tocado ritualisticamente no Brasil.

SOCIAL AID AND PLEASURE CLUBS. Associações recreativas e de ajuda mútua existentes na comunidade negra de Nova Orleans, Estados Unidos, desde o século XIX. *Ver JAZZ FUNERALS.*

SOCIEDAD DE ESTUDIOS AFROCUBANOS. Entidade fundada em Cuba, em 1936, por iniciativa de Fernando Ortiz, seu primeiro presidente. Entre 1937 e 1940 e entre 1945 e 1946, editou a revista *Estudos Afrocubanos.* Foram seus membros, entre outros, Nicolás Guillén*, Regino Pedroso*, Marcelino Arozarena* e Regino Boti*.

SOCIEDAD FRATERNAL. *Ver THOMPSON, Casildo.*

SOCIEDADE BENEFICENTE CRUZ SANTA OPÔ AFONJÁ. Nome civil da comunidade-terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá*.

SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO. Organização abolicionista fundada em 1880 e sediada no Rio de Janeiro, sendo dirigida por André Rebouças*. Editou *O Abolicionista*, jornal de grande circulação e repercussão.

SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS. Associação assistencial e beneficente fundada por negros libertos em Salvador, BA, em 16 de setembro de 1832. Seu primitivo nome era Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, e seu principal articulador foi Manoel Victor Serra, membro da comunidade malê baiana. Permanece ativa até os dias atuais.

SOCIEDADES DE NEGROS Y LUBOLOS. Nome oficial (ou categoria) sob o qual concorrem, no carnaval de Montevidéu, as *comparsas* de negros *lubolos**.

SOCIEDADES SECRETAS. Uma das características das organizações sociais dos negros na África e nas Américas, ao tempo da escravidão, foi a constituição de sociedades secretas. Desempenhando importantes funções econômicas e políticas, elas foram instrumentos de coesão e fortalecimento dos grupos. No Brasil, conheceram-se, entre outras, as sociedades Ogboni* e Tates Corongos*. Em Cuba, claro exemplo é a seita dos *ñáñigos* ou sociedade *abakuá*, até hoje em atividade. Entretanto, as sociedades secretas africanas que povoam o imaginário ocidental, envoltas em uma aura de mistério, muitas vezes constituem única e exclusivamente corporações profissionais ou associações de mútuo benefício. Por meio delas, os mais ricos partilham suas riquezas com os mais pobres; os mais velhos cuidam da iniciação dos meninos e meninas; regulam-se as atividades produtivas; e se estabelecem as regras do convívio social.

SOCIÉTÉ CONGO. O mesmo que *coumbite**.

SOCIÉTÉ DE SOUCRI. No jargão do vodu haitiano, designação genérica de cada uma das comunidades ou confrarias de uma mesma casa de culto. *Soucri* é deformação crioula da palavra *sucrerie*, em referência ao primeiro templo do vodu, fundado por Figaro*, na localidade de Pogaudin, onde outrora funcionara um estabelecimento de fabricação de açúcar.

SOCIÉTÉ DES AMIS DES NOIRS (Sociedade dos Amigos dos Negros). Associação fundada em Paris, em 1788, em defesa da causa dos negros de Saint Domingue, atual Haiti. Seu presidente foi Condorcet, e entre seus membros estavam Mirabeau, Lafayette e Robespierre.

SOCO. Forma de registro em referência ao povo suco, subgrupo dos bacongos, nos livros do tráfico brasileiro de escravos.

SOCÓ, Posição do. Posição de repouso em que o indivíduo descansa com a planta do pé direito na face lateral do joelho esquerdo ou vice-versa, equilibrando-se sem outro apoio, como a referida ave pernalta. Segundo Câmara Cascudo (1965), veio da África nilótica (local em que até hoje se observa, como no caso de pastores ou caçadores apoiados em cajados ou lanças), passando pela África banta e chegando ao Brasil, onde se tornou

comum entre afrodescendentes do meio rural, principalmente crianças e adolescentes do sexo masculino.

SOCOTOCO. Jogo valendo dinheiro, espécie de búraca ou gude da tradição afro-brasileira. Do quicongo *sòko-sòko*, "pontaria".

SODRÉ, Muniz. Nome abreviado de Muniz Sodré de Araújo Cabral, teórico da comunicação e escritor nascido em São Gonçalo dos Campos, BA, em 1942. Mestre em Sociologia da Informação e da Comunicação pela Sorbonne, é doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde se tornou professor titular e, mais tarde, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Uma das maiores autoridades brasileiras em teoria da comunicação e um dos mais respeitados pensadores brasileiros contemporâneos, desde 1977 é um dos obás de Xangô do Ilê Axé Opô Afonjá*, com o título de Ossi Obá Aressá. Em 2003 tomava posse como membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, instituído pelo governo Lula da Silva; em 2005, assumia a presidência da Fundação Biblioteca Nacional. É autor, entre inúmeras outras obras, de *Comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa no Brasil* (1971); *A ficção do tempo: análise da narrativa de ficção científica* (1973); *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil* (1977); *Teoria da literatura de massa* (1978); *Samba, o dono do corpo* (1979); .*A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil* (1983); *A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil* (1984); *Best-seller: a literatura de mercado* (1985); *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira* (1988); *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos* (1997); *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil* (1999); *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede* (2002). Algumas dessas obras foram lançadas no exterior, traduzidas.

Muniz Sodré

SOFALA. Antiga cidade marítima de Moçambique, ao sul da Beira (hoje conhecida como Nova Sofala). Nascida de um pequeno estabelecimento

árabe no século IX, abrigou, no século XVI, após a chegada dos portugueses, um reduto fortificado, mais tarde desativado.

SOGABAMO. Sacerdote do culto malê. Do hauçá *shugaban-mu*, "nosso líder".

SOGBO. Entre o povo fon, do antigo Daomé, vodum-chefe do panteão So.

SOJO, Juan Pablo (1908-48). Escritor venezuelano nascido em Curiepe e falecido em Caracas. Romancista, poeta, dramaturgo e jornalista, era filho do músico e intelectual Juan Pablo B. Sojo (1865-1929), pioneiro dos estudos africanos na Venezuela. É autor de vasta obra, na qual se incluem os livros *Tierras del estado Miranda*, *sobre la ruta de los cacahuales* (1938); *Nochebuena negra* (1943); e *Temas y apuntes afro-venezolanos* (1943).

SOJOURNER TRUTH (*c.* 1797-1883). Abolicionista e pregadora religiosa americana nascida Isabella Baumfree no condado de Ulster, no estado de Nova York, e falecida em Battle Creek, Michigan. Libertada em 1827, fixou-se na cidade de Nova York, de onde, dizendo-se impulsionada pela palavra de Deus, de quem teria recebido o novo nome e a missão de pregar a Verdade (*Truth*), partiu em viagem em defesa da abolição da escravatura e da adoção dos direitos civis por todo o país. Oradora carismática e convincente, além de prática e objetiva em suas ações, foi uma das grandes figuras dos primórdios da luta negra nos Estados Unidos.

SOKOTO. Cidade do Noroeste da Nigéria, capital da província de mesmo nome. No século XIX, sediou o Império Fulâni. *Ver FULAS*.

SOLAR DE GUINEA. Na Havana antiga, famoso cortiço habitado somente por africanos.

SOLDADOS NEGROS. *Ver UNIDADES MILITARES ÉTNICAS*.

SOLITUDE (*c.* 1772-1802). Personagem da história da escravidão em Guadalupe*. Filha de uma escrava originária da África ocidental, que a abandonou para viver em cimarronagem*, manifestou dons paranormais desde a primeira infância. Voluntariosa e insubordinada, foi vendida várias vezes e acabou sendo executada por tropas coloniais francesas. A saga de Solitude inspirou o romance *La mulâtresse Solitude* (1972), de André Schwarz-Bart. *Ver SCHWARZ-BART, Simone*.

SOLÔ. Caldo de feijão engrossado com farinha fina, temperado e apimentado.

SOLOMON GUNDY. Espécie de tira-gosto ou aperitivo da culinária jamaicana, à base de picles, pimenta e cebola.

SOMÁLIA. País localizado no chamado "Chifre da África", no Nordeste do continente, entre o Quênia (sudoeste), a Etiópia (oeste), Djibuti (noroeste), o golfo de Áden (norte) e o oceano Índico (leste). Referido em antigos textos egípcios e no Antigo Testamento como país exportador de mirra e incenso, sofreu forte influência árabe a partir do século VIII. Do século X ao XIX, os somalis, seu grupo étnico principal, expandiram-se pelo Quênia e pela Etiópia, constituindo importantes contingentes populacionais naqueles dois países.

SOMBRINHA. *Ver PAGODE.*

SON. Gênero vocal e instrumental dançante que constitui uma das modalidades básicas da música afro-cubana. A dança conta com pares enlaçados e sua música pode ser interpretada por ampla gama instrumental, envolvendo desde uma simples guitarra até uma grande orquestra, mediante suas inúmeras variantes, algumas com personalidade quase independente, como o *changüí**, o mambo* e o chá-chá-chá*. Sua estrutura consiste na repetição de um refrão de até quatro compassos (o *montuno*) e em um motivo de contraste para voz solista, que não costuma exceder oito compassos. A base rítmico-harmônica é conseguida por um desenho constante do contrabaixo executado em pizicato. Nascido, segundo a tradição, em Oriente e chegando a Havana na primeira década do século XX, tornou-se o gênero que melhor definia o sincretismo na identidade cultural cubana; depois, transitou triunfalmente pelo Caribe, América Latina, América do Norte, Europa e outras áreas do mundo. A enciclopédia *Africana** acentua a importância do *son* como elemento definidor da consciência nacional cubana e como o alicerce sobre o qual se edificou boa parte da música latina no século XX. *Ver CHÁ-CHÁ-CHÁ*; *LATIN-JAZZ*; *MAMBO [1]*; *MORÉ, Benny*.

SONEOS. Improvisações vocais finais, feitas pelos cantores solistas, na salsa [1]* ou no *son**, em resposta às repetições do coro. Semelhante recurso

é observado também nas modernas gravações de partido-alto, como as do Grupo Fundo de Quintal* e do cantor Zeca Pagodinho*.

SONERO. Cantor de *son**, em especial aquele que é hábil em *soneos**.

SONGAI [1]. *Ver SONRAI.*

SONGAI [2]. Título do sacerdote-chefe da aldeia de Dahomey*, no Suriname, e também de uma dança do povo djuka*.

SONGHAI. Antiga forma para sonrai*.

SONGO. Indivíduo dos songos, da nação bembe, segundo os registros brasileiros do tráfico. Em Cuba, o nome estendeu-se a uma localidade na antiga província de Oriente.

SONLEVIVI. Uma das toboces da Casa das Minas*.

SONORA. Em Cuba e Porto Rico, nome que designa os grupos orquestrais de tamanho médio, dos quais talvez o mais famoso tenha sido a Sonora Matancera, conjunto formado em Matanzas, Cuba, em 1924, e de grande sucesso nos anos de 1950-60, sendo integrado, entre outros, pelos cantores Bienvenido Granda* e Celia Cruz*.

SONRAI. Grupo étnico da África ocidental, localizado principalmente na curva do rio Níger, na República do Mali, e ao longo do curso desse rio, até a República do Níger. Sua história está ligada ao Império Sonrai de Gao. Império Sonrai: Último dos grandes Estados negros da Idade Média africana. Teve como capital a cidade-estado de Gao, e sua estruturação foi decorrência da expansão do antigo Mali*, em meados do século XV. Atingindo o apogeu entre 1493 e 1528, graças à expansão iniciada pelo *sunni* Ali, sua decadência foi consequência da invasão marroquina, em 1591. A grafia “sonrai” parece atender melhor ao som vernáculo da palavra.

SOPIPA. Tambor usado nos antigos candombes da região do Prata.

SORIANO, Florinda Muñoz (1921-74). Líder camponesa dominicana nascida e falecida em Villamella. Também conhecida como “Mamá Tingó” ou “Doña Tingó” (tingó, entre os dominicanos, significa alguém ou algo que traz felicidade), atuou na Federação das Ligas Agrárias Cristãs, até ser assassinada, durante o governo de Joaquín Balaguer, por forças a serviço de grandes proprietários de terras. Sua memória era, á época deste texto, sempre evocada nos aniversários de sua morte, ocorrida em 1º de novembro de 1974.

SORONGO. Dança semelhante ao batuque, de origem africana. Sorongo é também o nome de um subgrupo dos bacongos.
SOS RACISMO. Serviço de assistência jurídica para vítimas de discriminação racial, difundido por todo o Brasil a partir de uma iniciativa do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), no Rio de Janeiro, na década de 1980.
SOSA, Domingo (1788-1866). Militar argentino nascido e falecido em Buenos Aires. Promovido a coronel por Juan Manuel Rosas – depois de ter-se destacado em vários eventos militares –, comandou um regimento com mais de 1.800 praças, permanecendo na ativa após a queda do ditador. Mais tarde, foi representante da Assembleia Legislativa de Buenos Aires, na qual permaneceu de 1856 a 1862. Em sua homenagem, a unidade do Exército argentino que comandou tem o nome de "Batalhão Sosa".
SOTHO. Grupo étnico africano, também mencionado como bassuto ou soto, localizado no Sul do continente, onde, depois de migrações sucessivas durante cerca de setecentos anos, se estabeleceu no século XVII para constituir um Estado, o Lesoto*, o que ocorreu no início do século XIX, sob o comando do grande líder Moshweshwe; a língua falada por esse grupo.
SOTO, Aristides. *Ver TATA GÜINES*.
SOTOMAYOR, Javier. Atleta cubano nascido em 1967. Saltador em altura e detentor de diversos títulos e recordes mundiais, além de uma medalha de ouro olímpica, foi o primeiro e único homem, no século XX, a saltar 2,45 metros. Em 1999, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, um exame antidoping teria detectado cocaína em seu organismo, o que, segundo algumas fontes, seria resultado de uma manobra política anticastrista.
SOUL. Nos Estados Unidos, sentimento de ligação com as origens africanas e de participação na herança negra, expresso na música, na literatura e na cultura em geral. Nesse sentido, o vocábulo entra na formação de diversas expressões, exemplificadas a seguir. *Soul brother*: Designa um negro em relação a outro. Soul City**:** Na linguagem dos negros nova-iorquinos, o bairro do Harlem*. *Soul cooking***:** Epíteto que serve para nomear a culinária dos negros do Sul. *Soul food***:** Qualquer comida típica da culinária dos negros sulinos.

SOUL MUSIC. Nome criado para designar o gênero norte-americano de música resultante da transformação do rhythm-and-blues*, no final dos anos de 1960 e início dos de 1970, em um produto supostamente mais sofisticado e ao gosto da emergente classe média negra, principalmente por meio do trabalho do produtor Berry Gordy Jr.*. *Ver BAILES NEGROS*; *MOTOWN RECORDS*.

SOULOUQUE, Faustin-Élie (*c.* 1782-1867). Político e revolucionário haitiano nascido e falecido em Petit-Goâve. Nascido escravo e emancipado em 1793, distinguiu-se na revolta que expulsou os franceses do Haiti. Presidente da República de seu país em 1847 e autoproclamado imperador em 1849, sob o nome de Faustin I, governou até 1859, quando foi deposto.

SOUNDS OF BLACKNESS. Grupo coral-instrumental especializado em música tradicional afro-americana. Surgido nos Estados Unidos nos anos de 1970 com o nome de Macalester College Black Choir e sob a direção do maestro Gary Hines, foi ganhador do Grammy, em 1991, com o disco *Evolution of gospel* e se consagrou na abertura da Copa do Mundo de 1994, interpretando o hino *Gloryland*.

SOUSA, Álvaro [Francisco] **de.** Revolucionário brasileiro nascido em 1903. Ingressando na Escola Militar de Realengo em 1923 e tornando-se capitão em 1935, tomou parte na Ação Nacional Libertadora. Ainda em 1935, foi um dos líderes da chamada Intentona Comunista, juntamente com Agildo Barata e José Leite Brasil. Derrotado o movimento, foi preso, expulso do Exército, sentenciado à prisão, encarcerado e finalmente anistiado em 1945. Uma foto sua, datada de 1937, quando conduzido para depoimento, ao lado de Agildo Barata, e pertencente ao arquivo do *Jornal do Commercio* carioca, faz crer que se tratava de um afrodescendente.

SOUSA, [Antônio Gonçalves] **Teixeira e.** *Ver TEIXEIRA E SOUSA, Antônio Gonçalves*.

SOUTH SIDE. Gueto negro da cidade de Chicago, nos Estados Unidos.

SOUTHERN CHRISTIAN LEADERSHIP CONFERENCE (Congresso das Lideranças Cristãs do Sul). Organização de defesa dos direitos humanos, fundada nos Estados Unidos por Martin Luther King* e outros líderes, em 1957. Com importante papel na organização da

Marcha sobre Washington (1963), após a morte de King passou a ser dirigida por Ralph Abernathy*.

SOUTO, Salustiano Ferreira (1814-87). Médico e político brasileiro nascido em Vila Nova da Rainha, BA, e falecido na capital Salvador. Professor da Faculdade de Medicina da Bahia – onde foi catedrático de química orgânica e medicina legal –, foi deputado geral e provincial entre 1862 e 1879, além de conselheiro do império. Criador do primeiro jardim botânico de Salvador, foi também um dos líderes da comunidade malê baiana e um dos mestres mais queridos por seus correligionários e alunos.

SOUVENANCE. Localidade haitiana, em Porto Príncipe, onde se situa o templo mais conhecido do vodu.

SOUZA CARNEIRO. *Ver CARNEIRO, [Antônio Joaquim de] Souza*.

SOUZA, Auta de (1876-1901). Poetisa brasileira nascida em Macaíba, RN, e falecida em Natal, no mesmo estado. Escreveu elogiados poemas de conteúdo místico, aproximando-se da estética simbolista. Com *Horto*, de 1900, tornou-se a primeira poetisa negra da literatura brasileira, ombreando em pioneirismo com a romancista maranhense Maria Firmina*.

Auta de Sou

SOUZA, Elói [Castriciano] **de** (1873-1959). Político brasileiro nascido em Recife, PE. Formado em 1894 pela Faculdade de Direito de Recife, foi delegado de polícia em Macaíba, RN, cidade natal de sua irmã, a escritora Auta de Souza*. Em 1895, foi eleito deputado à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte e, em 1897, tornou-se deputado federal pelo mesmo estado, exercendo vários mandatos até 1914, quando se elegeu senador. Reeleito, renunciou ao segundo mandato em 1927, ano em que retornou à Câmara. Em 1930 voltou ao Senado, tendo seu mandato interrompido pela revolução que empossou Getúlio Vargas. Depois de enfrentar ainda outros problemas políticos, foi novamente eleito senador em 1935, cumprindo mandato até 1937. Foi

também homem de letras, além de diretor da Caixa Econômica norte-rio-grandense.

SOUZA, Izaías dos Anjos (século XX). Militar brasileiro. Foi, em 1998, designado para servir em Roma como adido aeronáutico do Brasil, tornando-se o primeiro negro a ocupar esse tipo de posto no exterior.

SOUZA, José Gervásio de (século XVIII). Pintor brasileiro atuante em Ouro Preto, MG. É autor de toda a obra de pintura da Igreja de Santa Ifigênia (ou de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz), sendo também responsável pela pintura e pelo douramento de altares e imagens na Matriz do Pilar.

SOUZA, Júlio César Ribeiro de (1843-87). Inventor e aeronauta brasileiro nascido em São José de Acará, PA, e falecido na capital Belém. Pioneiro da aviação no Brasil e no mundo, em 1865 abandonou o curso da Escola Militar, no Rio de Janeiro, e foi lutar no Paraguai. Terminada a guerra, dedicou-se a pesquisas aeronáuticas e, em 1881, apresentou ao Instituto Politécnico, na capital do império, um documento intitulado "Memória sobre a navegação aérea", com o qual conseguiu, em seu estado, apoio financeiro para a construção de um balão. Viajando para Paris, lá providenciou a construção, sucessivamente, dos aeróstatos Vitória, Santa Maria de Belém e Cruzeiro, experimentando-os e, no caso deste último, sobrevoando a cidade, com pleno êxito. Em sua homenagem, a rua do Carmo, no centro da cidade do Rio de Janeiro, chamou-se, de 1898 a 1917, rua Júlio César.

SOUZA, Neusa Santos (1951-2008). Psiquiatra e psicanalista brasileira nascida em Salvador, BA, e falecida no Rio de Janeiro, RJ. Notabilizou-se pelo pioneiro texto *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, tese de mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e publicada em 1983. Publicou ainda, na área de sua especialidade, *A psicose: um estudo lacaniano* (1991) e *O objeto da angústia* (2005), este escrito com colaboradores.

SOUZA, Raul de. Pseudônimo de João José Pereira de Souza, trombonista brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1934, também conhecido como Raulzinho. Em 1969, excursionou pelo México e de lá, no ano seguinte, foi para os Estados Unidos, onde permaneceu por

cerca de vinte anos, atuando ao lado de músicos como Sonny Rollins, George Duke e Carlos Santana. Nesse país gravou quatro discos individuais e inventou o "souzabone", um trombone com som amplificado, afinado na clave de fá e implementado com uma válvula cromática, além das três convencionais. Seu pseudônimo lhe foi dado pelo radialista Ary Barroso, em alusão ao trombonista Raul de Barros*.

SOUZA, Ruth [Pinto] **de.** Atriz brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1921, e radicada em Minas Gerais até os 9 anos de idade. Com carreira iniciada em 1945 no Teatro Experimental do Negro (TEN) e em 1948 no cinema, participou de mais de 25 filmes, trinta telenovelas e vinte peças teatrais, além de seriados e especiais de tevê. Primeira atriz negra brasileira a representar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, estudou teatro e foi assistente de direção nos Estados Unidos. Em 1954, concorreu ao prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza, por sua atuação no filme *Sinhá Moça* (1953), perdendo por apenas dois pontos para Lilli Palmer. Em 1987, retornou ao cinema em *Jubiabá*, de Nelson Pereira dos Santos, depois de uma ausência de quase vinte anos (sua última aparição fora em *O homem nu*, de 1968). Em 1988, recebeu do governo brasileiro diploma e insígnias como comendadora da Ordem do Rio Branco, por sua contribuição à arte brasileira, e em 1999 era distinguida, pelo Ministério da Cultura, com o Prêmio Dulcina de Moraes, pelo conjunto de sua obra em teatro.

SOUZA, Telma [Sandra Augusto] **de.** Advogada e professora nascida em Santos, SP, em 1944. A partir de 1982, encetando carreira política, foi seguidamente vereadora, deputada estadual e prefeita de sua cidade natal, cargo que exerceu entre 1989 e 1992.

SOUZA, Waldomiro de Deus. Pintor brasileiro nascido em Itajibá, BA, em 1944, e radicado na cidade de São Paulo. Sua obra, mostrada na Europa, no Japão e nos Estados Unidos, tem grande aceitação internacional. De cunho espiritualista, tem como eixo a luta do bem contra o mal, com o elemento humano em sua eterna procura de paz e harmonia.

SOUZA DANTAS, Raimundo. *Ver DANTAS, Raimundo Souza.*

SOUZA MARQUES, Professor. *Ver MARQUES, [José de] Souza.*

SOUZABONE. *Ver SOUZA, Raul de.*

SOVARAMBA. Um dos nomes da maconha.

SOWETO. Bairro na cidade de Joanesburgo, África do Sul. Em 16 de junho de 1976 foi palco do episódio da luta contra o apartheid* que deu origem ao "Massacre de Soweto", no qual milhares de jovens estudantes foram mortos ou feridos.

SOYINKA, [Akinwande Oluwole, dito] **Wole.** Escritor nigeriano nascido em Abeokutá, em 1934. Autor de teatro, poesia, romances e ensaios, com vasta obra ancorada principalmente na cultura iorubana, na qual avultam referências aos orixás, em 1986 tornou-se o primeiro escritor africano e o primeiro negro a receber o Prêmio Nobel de Literatura.

SPANN, Otis (1930-70). Pianista americano nascido em Jackson, Mississippi, e falecido em Chicago, Illinois. Integrante do grupo de Muddy Waters*, de 1952 ao fim da vida foi considerado o pianista mais importante do estilo conhecido como *Chicago blues*.

SPARROW, Mighty. *Ver MIGHTY SPARROW.*

SPELMAN COLLEGE. Estabelecimento americano de ensino em Atlanta, Geórgia. Com fundação em 1882, é a mais antiga escola para meninas e moças negras nos Estados Unidos.

SPIKE LEE. *Ver LEE, [Shelton Jackson, dito] Spike.*

SPIRITUAL. O mesmo que "negro spiritual", espécie de música vocal de cunho religioso desenvolvida pelos negros do Sul dos Estados Unidos desde os tempos da escravidão. *Ver GOSPEL.*

SPIRITUAL CHURCHES. *Ver DIVINE SPIRITUAL CHURCHES.*

SPIVEY, Victoria [Regina] (1906-76). Cantora e empresária americana nascida em Houston, Texas, e falecida em Nova York. Personalíssima intérprete do blues, tendo, inclusive, incursionado pelo cinema com participação no legendário filme *Hallelujah!**, de King Vidor, fundou em 1962, em Nova York, seu próprio selo fonográfico, por meio do qual se lançaram jovens músicos como o cantor Bob Dylan. É reconhecida como a primeira personalidade do meio musical afro-americano a ter sua própria gravadora.

SRANAN TONGO. Crioulo* inglês falado no Suriname, onde é língua franca entre grande parte da população. É também conhecido como sranan, taki-taki, krioro e ningre tongo.

ST. CHRISTOPHER AND NEVIS. *Ver SÃO CRISTÓVÃO E NÉVIS.*

ST. CYR, Johnny (1890-1966). Músico americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Exímio executante de banjo, é reconhecido como o grande suporte harmônico do legendário grupo Hot Five, de Louis Armstrong*. No final da vida, trabalhava na Disneylândia, como líder do grupo musical que animava os passeios na réplica da barca Mark Twain.

ST. JOHN EWE. Em Nova Orleans, a noite de 23 para 24 de junho, véspera do dia de São João, data importante no calendário do vodu, quando, em volta da tradicional fogueira europeia, se realizavam cerimônias com sacrifícios e danças.

ST. KITTS. Forma abreviada para Saint Kitts*.

ST. LUCIE. *Ver SANTA LÚCIA.*

STAMP AND GO. Espécie de tira-gosto ou aperitivo da culinária jamaicana, à base de iscas de bacalhau.

STAX RECORDS. Gravadora independente americana com sede em Memphis, Tennessee. Fundada em 1959 e dedicada exclusivamente ao rhythm-and-blues*, foi a grande difusora da música soul, servindo para lançar ou apoiar artistas como Rufus Thomas* e sua filha Carla, Albert King*, Otis Redding* e Isaac Hayes*, entre outros.

STEEL BANDS. Gênero de conjunto musical surgido em Trinidad do aproveitamento de tambores de óleo e gasolina como instrumentos de percussão. Cortados em vários tamanhos e tecnicamente preparados (as bases são marteladas até que fiquem côncavas, sendo que depois cada área é trabalhada de modo especial), cada um desses tambores, chamados *pans*, emite uma gama de notas da escala musical. Os de tamanho normal alcançam duas oitavas e servem para conduzir a linha melódica das canções; aos médios se reserva a harmonização; e aos maiores cabe a pulsação, são os baixos. A riqueza de timbres desses tambores, que representam o único instrumento musical não elétrico inventado no século XX, permite ao conjunto, como uma orquestra de xilofones, executar peças elaboradas, com uma sonoridade deslumbrantemente única. A invenção desses instrumentos deve-se a Ellie Mannette (1926-), que, por volta de 1939, temperando um latão de óleo e preparando-o com talhadeira e martelo, fabricou um tambor capaz de emitir várias notas. Logo depois, Winston "Spree" Simon (1930-

76) e Neville Jules (1927-) construíram outros, de afinação mais aprimorada. Hoje, o instrumento incorporou inclusive amplificação elétrica, o que se deve ao músico Twed Joseph. Surgidas nas favelas de Port of Spain, as *steel bands* têm, cada uma, seus *panyards*, outrora redutos inexpugnáveis, funcionando como clubes secretos e de admissão restrita, aos quais só tinham acesso os membros do grupo. E as denominações das bandas mais antigas, como Desperadoes, Invaders, Renegades etc., refletiam a condição de marginalidade de seus integrantes. *Ver PAN*.

STELLA DE OXÓSSI, Mãe. Nome pelo qual se tornou conhecida Maria Stella de Azevedo Santos (Odé Kaiodê), ialorixá nascida em Salvador, BA, em 1925. À frente do Ilê Axé Opô Afonjá desde 1975, destacou-se como uma das grandes mães de santo baianas, alcançando a dimensão de Mãe Aninha* e de Mãe Senhora*. Esclarecida, enérgica e assumindo posições firmes, em 1983, durante a 2ª Conferência Internacional da Tradição dos Orixás, manifestou-se contra os desvios da ortodoxia da tradição jeje-nagô, notadamente contra o chamado "sincretismo afrocatólico", num pronunciamento de grande repercussão. Em 1993 publicou o livro *Meu tempo é agora* e, em fins de 1999, durante as comemorações pelos seus sessenta anos de iniciação, recebeu das mãos do ministro da Cultura a Medalha da Ordem do Mérito Cultural, conferida pela Presidência da República, como reconhecimento por sua luta em defesa da identidade negra do Brasil.

STELLIO, Alexandre (1885-1939). Nome artístico de Fructueux Alexandre, clarinetista e chefe de orquestra martinicano que, nos anos de 1930, foi um dos responsáveis pela popularização do *biguine** na Europa.

STEPIN FETCHIT (1902-85). Nome artístico do ator cinematográfico americano Lincoln Theodore Monroe Andrew Perry, nascido em Key West, Flórida. Representando o estereótipo do negro atoleimado e subserviente, seu nome entrou para a gíria dos negros americanos exatamente com esse sentido: ser um *stepin fetchit* é ser um "pai tomás", um *sambo**. Assim, seu lugar na história é controverso, pois, ao mesmo tempo que abriu portas para outros atores negros, todos os filmes que fez, nos anos de 1920 e 1930, teriam servido apenas para reforçar o preconceito contra os negros em geral.

STEVENSON, Teófilo. Pugilista cubano nascido em Puerto Padre, em 1952, campeão olímpico (ganhador de três medalhas de ouro, em 1972, 1976 e 1980) e campeão mundial amador (em 1974, 1978 e 1986). Por coerência com o regime político de seu país, recusou profissionalizar-se no boxe, mesmo diante de uma oferta de US$ 2 milhões.

STEWART, Ellen. Diretora e produtora teatral americana nascida em Alexandria, Louisiana, por volta de 1920, e radicada em Nova York. Nos anos de 1950, ainda trabalhando com moda, resolveu viabilizar espetáculos de vanguarda e abriu o Café La MaMa, sala nova-iorquina especializada nessa vertente teatral. Daí em diante, visitou diversos países, encenou vários espetáculos, fez palestras, realizou workshops e foi tema de um documentário produzido na Coreia.

STEWART, John. *Ver ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Negros na conquista do Oeste].*

STICK-KNOCKER. Denominação aplicada, nos Estados Unidos, ao percussionista que acompanhava o *fiddler* (rabequista; *ver FIDDLE*), marcando o ritmo com um par de tubos de bambu, batidos alternadamente no chão. *Ver QUITIPLÁS*.

STOMP. No jazz, espécie de competição entre instrumentistas; estilo de blues instrumental no qual estaria a origem da forma jazzística conhecida como swing*.

STONE FEAST. Cerimônia funerária dos negros de Carriacou*.

STORMY WEATHER. Filme musical americano lançado em 1943, com a participação, entre outros, de Lena Horne*, Bill "Bojangles" Robinson*, Nicholas Brothers* e Cab Calloway*. Exibido no Brasil com o nome de *Tempestade de ritmos*, disseminou, principalmente entre os negros das escolas de samba cariocas, o tipo de indumentária masculina denominado *zoot suit**, então em voga no Harlem*.

STORYVILLE. Bairro de Nova Orleans*, tido como o berço do jazz. Foi uma área em que, de 1896 a 1917, os bordéis funcionavam legalmente e onde os músicos negros facilmente encontravam o trabalho que lhes era proibido em outros locais. Com seu fechamento, ocorreu o êxodo do jazz para outros centros, principalmente Chicago. No bairro, que se estendia por cerca de 38 quarteirões, destacava-se o Mahogany Hall, célebre bordel da

cafetina afromestiça **Lulu White**, com quatro andares em mármore, cinco salões e quinze quartos, especializado em mulheres octorunas (*ver OCTORUM*), no qual clientes negros não eram admitidos.

STRAYHORN, [William Thomas, dito] **Billy** (1915-67). Pianista, compositor e arranjador americano nascido em Dayton, Ohio, e radicado em Pittsburgh, Pensilvânia. De formação clássica, a partir de 1939, começando como letrista, tornou-se o braço direito de Duke Ellington*, de quem foi o mais próximo colaborador. A parceria musical entre os dois foi de tal forma integrada que, às vezes, é difícil saber em que ponto termina a criação de um e começa a do outro. Sozinho, compôs, entre outras obras, *Take the "A" train*, *Clementine* e *Ouverture to a jam session*.

STRIDE. Redução de *stride piano*, denominação de um estilo pianístico desenvolvido por antigos músicos do Harlem, como James P. Johnson*. Nele, a mão direita expõe o tema enquanto a esquerda vai intercalando baixos, nos tempos fortes, com acordes uma oitava acima, nos tempos fracos. Do inglês *stride*, "passo largo".

STRONG, Jonathan (século XVIII). Personagem da história da escravidão na Inglaterra. Escravo, foi levado para Londres por seu senhor, David Lisle, dono de uma plantation em Barbados. Lisle costumava maltratá-lo, e por fim o abandonou na rua. Certo dia, o abolicionista Granville Sharp, ao encontrá-lo doente, mandou-o para um hospital, onde foi curado. Tempos mais tarde, Lisle reencontrou Strong e o reclamou como sua propriedade, vendendo-o em seguida para John Kerr por trinta libras. Ao saber disso, Sharp pediu ajuda ao prefeito de Londres, o qual interveio e assegurou uma audiência que resultou na libertação do escravo em 1765.

STYLISTICS, The. Grupo vocal americano formado em 1966, na Filadélfia, por Russell Thompkins Jr. (1951-), Airrion Love (1949-), James Smith (1950-), Herbie Murrell (1947-) e James Dunn (1950-). Em 1974, o grupo fez grande sucesso, em âmbito internacional, com a canção *You make me feel brand new*.

SU MERCÉ. Tratamento respeitoso que, na América hispânica, os escravos reservavam a seus senhores.

SUAÍLE (swahili). Língua banta, fortemente permeada de elementos árabes e até mesmo ingleses, que se constitui no idioma comum de boa parte

das populações da costa oriental africana. O termo designa também as populações nativas falantes desse idioma, que alguns linguistas reconhecem como um pidgin*, resultante do contato banto-árabe. Graças ao cinema americano e à indústria do lazer em geral, muitos vocábulos do suaíle são conhecidos do brasileiro comum, como, por exemplo, *daktari*, médico; *hatari*, perigo, risco; *safari*, viagem; *sahib*, senhor, patrão; *simba*, leão etc. **Civilização suaíle:** Expressão usada para distinguir a civilização florescida na costa oriental africana entre os séculos XII e XV, a partir da cidade de Quíloa*. Tomado do ponto de vista linguístico, o conceito se confunde com o de "cultura zandj*", embora nesse caso o núcleo irradiador seja Zanzibar.

SUÁREZ, José Roberto (1902-64). Poeta uruguaio nascido e falecido em Montevidéu. Publicou seus versos nas revistas *Nuestra Raza* e *Ansina* e foi ativo dirigente do Círculo de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores Negros. Está incluído na antologia de A. B. Serrat (1996).

SUAZILÂNDIA, Reino da. País localizado no Sul da África, limitado a leste por Moçambique e a norte, oeste e sul pela África do Sul, com capital administrativa em Mbabane. Data de 1820 o estabelecimento dos suázis na região, após terem sido expulsos pelos zulus de seu habitat anterior, ao norte do rio Pongola, na África do Sul.

SUBDESENVOLVIMENTO AFRICANO. Subdesenvolvimento é o estado econômico de um país ou região caracterizados por baixo nível de vida. Os povos subdesenvolvidos constituem o que se conhece por Terceiro Mundo* e, no continente africano, o único país fora dessa classificação é a África do Sul. No final do século XV, quando, por conta dos chamados "Grandes Descobrimentos", Europa, Ásia, África e América se encontraram, poucos elementos materiais apontavam para a supremacia da Europa sobre os outros três continentes. Os respectivos programas e instituições sociais e políticos eram semelhantes. Mas foram, como acentua o historiador Joel Rufino dos Santos* (1992), exatamente causas de ordem material, e não qualquer superioridade intrínseca – como o fator etnorracial, por exemplo –, que levaram ao triunfo político, militar e econômico do continente europeu sobre os demais, fazendo que, na África, Estados aparentemente sólidos e civilizações brilhantes caíssem no mais irremediável subdesenvolvimento. À época dos descobrimentos, a maior parte dos povos europeus já utilizava o

arado e se servia de veículos de tração animal para o transporte de cargas e pessoas, enquanto na África apenas os reinos muçulmanos do Níger, como Gana, Mali e Sonrai, além dos abissínios, tinham chegado a estágio cultural semelhante. E, dentre os meios técnicos com que os europeus contaram em seu avanço sobre a África, a arte da navegação, com a utilização de avançados instrumentos náuticos, como o astrolábio e o leme axial, foi certamente o fator decisivo. Mas a razão inicial do fosso que se estabeleceu entre o processo de desenvolvimento tecnológico do continente africano e o da Europa, mais tarde aprofundado pela Revolução Industrial, foi o intercâmbio desigual que se estabeleceu a partir do final do século XV. Os europeus colocavam no mercado africano produtos manufaturados, como armas de fogo, tecidos, bebidas, fumo etc.; em pagamento, recebiam ouro, marfim e, sobretudo, trabalhadores escravos, de preferência homens e, depois, mulheres entre 16 e 30 anos. Comercializando armas de fogo, os europeus estimulavam as guerras para a captura de mais escravos, guerras que demandavam cada vez mais armas, em um trágico círculo vicioso que despovoou e subdesenvolveu o continente africano. *Ver TRÁFICO NEGREIRO.*

SUBUPIRA. Denominação da praça de guerra dos quilombolas de Palmares*.

SUÇU. Ave mitológica da tradição afro-brasileira, ligada ao ciclo do terror infantil. Do quicongo *nsusu*, "galinha", certamente com influência também de *susu*, "qualquer coisa que mete medo", "visão aterrorizante".

SUCU-SUCU. Variante do *son** cubano surgida na ilha de Pinos no final do século XIX.

SUDANÊS. Qualificativo do grupo de línguas africanas faladas da Etiópia ao Chade, do Sul do Egito a Uganda e no Norte da Tanzânia, no qual se incluem, entre outras, as línguas iorubá, fon, hauçá e as dos povos acãs*.

SUDANESES. Designação arbitrária dada aos povos localizados na África ocidental, entre o Saara e Camarões (*ver SUDÃO*). **Diáspora nas Américas:** Entre 1680 e 1786, cerca de 2 milhões de escravos referidos como "sudaneses" foram trazidos para as Américas pelos traficantes europeus. Vendidos em entrepostos como os de Ajudá, na Costa dos Escravos, e Elmina, na Costa do Ouro, eles integravam diferentes povos

oeste-africanos, como, por exemplo, iorubás (cujas tradições são até hoje mantidas em Cuba e no Brasil), efiks, ibibios (que em Cuba recriaram sociedades, como a Ekpe, nos mesmos moldes das africanas), hauçás e mandingas. No Sul dos Estados Unidos, as histórias de Anansi*, trazidas pelos povos de cultura acã da atual República de Gana, são extremamente populares.

SUDÃO. O vocábulo Sudão designa, hoje, o país africano localizado no alto Nilo (*ver adiante*). Entretanto, o termo já teve uma aplicação mais ampla: derivado do árabe *sudan*, "negros", por meio da expressão *Bilad es Sudan*, "país dos negros", ele designava a região do continente africano, ao sul do Saara, que se estende do Nilo superior, a leste, até o Atlântico. Essa extensão de terras, que os nativos chamavam de Takrur, foi denominada pelos europeus simplesmente de "Negrícia". E, nesse Sudão (ou Negrícia), uma parte constituía a Senegâmbia* e outra, mais abaixo, era genericamente chamada Guiné*. Mais recentemente, a atual República do Mali chamou-se Sudão Francês, em oposição ao Sudão Anglo-Egípcio, que constituía o país que abordaremos a seguir. **República do Sudão:** País situado no Nordeste da África, limitado ao norte pelo Egito; a leste pelo mar Vermelho, Eritreia e Etiópia; ao sul pelo Quênia, Uganda e Congo-Kinshasa; e a oeste pela República Centro-Africana, Chade e Líbia. Entre os povos negros e negroides que habitam seu território contam-se indivíduos dos dincas, nubas, nuers e zandes, entre outros. Sua capital é Cartum e sua história se liga à da Núbia e à do legendário Reino de Cuxe*.

SUECA. Um dos nomes de guerra pelos quais foi conhecido Zumbi dos Palmares*. A palavra é aportuguesamento do quicongo Swèka, nome de um inquice* (amuleto ou entidade espiritual) que pode tornar uma pessoa invisível durante a guerra, relacionado ao quimbundo *sueka*, "esconder".

SUINGUE. Forma brasileira para swing*, com o sentido de "ritmo", "balanço", "ginga", "bossa", "manemolência".

SUKUYANA. Na tradição africana de Trinidad e Tobago, denominação de cada um dos espíritos malfazejos femininos que, tal qual as bruxas europeias, se despojam da pele à meia-noite, a põem em um barril de água para que permaneça fria e voam em busca de vítimas, das quais chupam o sangue. Ao amanhecer, segundo a crença geral, essas mulheres voltam a

adotar a aparência humana. *Ver BOGOYANA, VIGOYANA e SAMEDONA*.

SULE. Nome muçulmano. Deturpação de Sulei, corrente na Guiné-Bissau e originário de Sulayman. *Ver NICOBÉ*.

SUMA. Batismo dos malês. Do hauçá *soma*, "começar".

SUMAORO KANTE (?-*c.* 1240). Soberano do antigo Gana. Chefe do povo sosso, foi derrotado e morto por Sundiata*, que incorporou seu território ao Império do Mali.

SUMI. Na Casa das Minas*, beberagem preparada com plantas maceradas.

SUMMER, Donna. Nome artístico de LaDonna Adrian Gaines, cantora americana nascida em Boston, Massachusetts, em 1948. Desde 1975 é considerada a "rainha" entre as cantoras do estilo de música dançante internacional conhecido como *disco*.

SUNDIATA (*c.* 1220-55). Nome pelo qual é mais conhecido Sundiata Keita, Sogolon Djata ou Mari Djata, imperador do antigo Mali. Cognominado "O Príncipe-Leão", é o grande herói do povo mandinga, sendo seus feitos até hoje celebrados pelos *dyéli* (*ver GRIOT*) de sua etnia. Conta a tradição que foi aleijado até os 7 anos, quando, sozinho, ficou de pé, apoiado em duas barras de ferro que se vergaram com seu peso. Subindo ao poder (com cerca de 20 anos) em 1240, depois de um longo exílio, anexou ao Império Mandinga o antigo Gana e reorganizou seu Estado, criando um novo sistema de governo, com muito sucesso. A tradição mandinga diz que Alexandre Magno, referido como Djulu Kara Naini, foi o penúltimo conquistador do mundo, e Sundiata, o sétimo e último conquistador.

SUNDIDÉ. Aspersão de sangue animal feita na cabeça e nos ombros da futura iaô durante a iniciação. Entre o povo fon*, o *sundidé* é uma cerimônia realizada três meses após um nascimento, principalmente de gêmeos, contando também com aspersão de sangue, mas em quartinhas, depois envoltas em panos brancos. O termo parece estar ligado aos vocábulos *soun*, "lua", "mês", e *didé*, "arrumação".

SUNGA-NENÉM. Bicho-papão da tradição afro-alagoana; dança maranhense muito voluptuosa. De sungar, "puxar para cima", derivado do quimbundo *sunga*.

SUNITAS. Designação dos integrantes da facção majoritária dos seguidores do islamismo, oposta aos xiitas e predominante na África.

SUPERIORIDADE RACIAL. *Ver RACISMO.*

SUPREMES, The. Trio vocal formado no fim da década de 1950, pelas cantoras Diana Ross*, Florence Ballard (1943-76) e Mary Wilson (1944-). Um dos maiores nomes da Motown Records*, a partir de 1967 o trio foi se enfraquecendo, primeiro com a saída de Florence, três anos depois com o desligamento de Diana Ross e, finalmente, com a saída de Mary Wilson, em 1977. *Ver ROSS, Diana.*

SURINAME, República do. País da América do Sul limitado por Guiana (oeste), oceano Atlântico (norte), Guiana Francesa (leste) e Brasil (sul), com capital em Paramaribo. Colonizado por holandeses, importou trabalhadores africanos a partir de 1815 e manteve a escravidão negra até 1863. A nação, cuja população compreende 10% de negros, além de mestiços de várias origens, abriga, segundo Richard Price (1973), o ambiente típico das comunidades *maroons* das Américas. Em 1992, essas comunidades, politicamente organizadas e somando cerca de 60 mil indivíduos, subdividiam-se, no país, em seis grupos, entre os quais o dos djukas e o dos saramacas. A conquista de sua liberdade deu-se ainda no século XVIII, depois de sangrenta guerra de guerrilhas. *Ver MAROON.*

SURUPANGO. Jogo em que crianças dançam em roda e cantam; uma das partes do pagode (conforme Mário de Andrade, 1989). Provável alteração de sarapango*.

SUSA. Dança dos *maroons* do Suriname.

SUSIOMA. Forma de tratamento, correspondente ao pronome pessoal "tu", usada por africanos e descendentes no Peru colonial. *Ver MISIOMA.*

SUSSU. Personagem do "baile da vizinha", antigo folguedo natalino da Bahia. Do mandê *susu*, "ardiloso", "arteiro", "astuto", "manhoso".

SUSSUME. O mesmo que chossum*.

SUTA. Trabalho em mutirão da tradição afro-brasileira. Do quicongo *sùuta*, "reunir", "juntar".

SWEET, Joshua. *Ver DOCTOR JOSHUA SWEET.*

SWING. Modalidade de jazz dançante, típica da década de 1930, executada por orquestras de grande porte, como as de Count Basie*, Duke

Ellington* e Fletcher Henderson*. Irradiou-se principalmente a partir de Kansas City, no Missouri, que, assim, ao lado de Nova York e Chicago, se tornou uma das capitais do jazz.

SYLVAIN, Georges (1866-1925). Escritor haitiano. Integrante da geração da revista *Ronde*, fundada em 1898, publicou *Confidences et mélancolies* (poesia, 1901); *Cric? Crac!* (fábulas em francês crioulizado, 1901); *Morceaux choisis d'auteurs haïtiens* (crítica, 1904).

SYLVAIN, Normil (1901-29). Escritor haitiano nascido em Porto Príncipe. Formado em Medicina, em 1927, associado a outros jovens escritores, participou da fundação de *La Revue Indigène*, que deu início à "renascença negra" no Caribe. Ao mesmo tempo, promoveu a melhoria do atendimento médico no país, tendo sido um dos fundadores da Associação Médica do Haiti e trabalhado como editor dos *Anais de Medicina*.

T

T'ÒGÚN. Nome iniciático de Altair Bento de Oliveira, babalorixá e escritor nascido no Rio de Janeiro, em 1948. Um dos maiores conhecedores da língua iorubá no Brasil, é autor de *Cantando para os orixás* (1993) e *Elégùn: a iniciação no candomblé* (1995), livros que contêm centenas de cânticos rituais em iorubá, acompanhados da transcrição fonética e da tradução para o português.

TABACO (*Nicotiana tabacum*). Planta herbácea da família das solanáceas, cujas folhas, devidamente preparadas, dão origem ao fumo, usado na fabricação de charutos, na mistura para cachimbo e cigarros, rapé etc. Largamente utilizada na tradição religiosa afro-brasileira, notadamente na umbanda e em candomblés de caboclo, tem a propriedade de neutralizar influências negativas. É, no Brasil, planta votiva de Exu e, em Cuba, de Ossãim, Eleguá, Ogum e Oxóssi. Nas Antilhas, a cultura do tabaco está historicamente ligada à escravidão: as plantations coloniais dedicavam-se em sua maioria ao cultivo e beneficiamento da cana e do tabaco. **Tabaco e**

economia escravista: Durante muito tempo o tabaco do Brasil, cultivado sobretudo no Recôncavo Baiano* (nas cidades de Maragojipe, Cachoeira, Muritiba e Cruz das Almas), foi considerado produto essencial ao tráfico de escravos, constituindo-se na moeda preferencial para a compra de cativos africanos. E a cidade de Salvador, por isso, tornou-se, na última fase do tráfico, a maior praça brasileira desse comércio. Muitíssimo apreciado pelos europeus, que o fumavam, mascavam e com ele faziam rapé, um rolo de pouco mais de duas arrobas valia uma onça de ouro, num contexto econômico em que o maior preço alcançado por um escravo da Costa da Mina era de seis rolos de tabaco; além disso, podia ser trocado por fazendas e outras mercadorias. O tabaco do Brasil era tão importante para o "resgate" dos negros quanto os negros eram importantes para a economia colonial brasileira.

TABACO-DE-CÃO. O mesmo que axá*.

TABANAGIRA. Um dos nomes da maconha*.

TABAROAS, Festa das. Festividade popular realizada anualmente, no dia 1º de novembro, em Salvador, BA, até o início dos anos de 1940, sendo promovida pelas mulheres feirantes que vinham da ilha de Itaparica para mercar no largo dos Tamarineiros, na Barra. Vestidas de saias rodadas e com enormes chapéus de palha, as "tabaroas" (feirantes) chegavam em saveiros enfeitados. A festa contava com uma missa realizada na Igreja de Santo Antônio da Barra e, depois, samba, capoeira, comilança e muita alegria.

TABAS. Antiga denominação dos pés entre africanos e descendentes no Peru. Provavelmente, do quicongo *tamba* ou *tama*, "dar um passo", "andar", com a mesma raiz que "tamanco".

TABON. Denominação dada aos retornados* brasileiros e seus descendentes na atual República de Gana, antiga Costa do Ouro. Anualmente, em Acra, participam de um festival ga*, com canções que, combinando o ga, o inglês e o português, contam episódios do seu retorno. Os tambores soam num ritmo identificado como "brasileiro", completamente diferente da batida dos outros grupos participantes do festival.

TABOU COMBO. Grupo musical haitiano formado em Porto Príncipe, em 1968, sob a liderança de Adolphe Chancy, e radicado nos Estados

Unidos em 1971. É o divulgador, no plano internacional, do *compas**, ritmo nacional haitiano. *Ver COMBO*.

TABU. Crença em consequências sobrenaturais negativas sobrevindas à prática de certos atos ou à violação de certos objetos ou lugares. *Ver EUÓ*; *QUIZILA*.

TACARÁ. Espécie de lança dupla, de duas pontas, símbolo de Oxumarê (conforme Lody, 2003).

TACKY (?-1760). Líder escravo na Jamaica. De nação *coromanti*, da qual fora, segundo consta, um rei sem muita importância, chefiou uma rebelião ocorrida em 1760. Arquitetou seus planos cuidadosamente e em segredo, reuniu um pequeno grupo de leais seguidores, a maioria *coromanti* como ele, e atacou, roubou e incendiou diversas plantations. A revolta foi sufocada pelas forças oficiais, com o auxílio de *maroons*, chamados por força do tratado assinado em 1739 (*ver JAMAICA*). Foi morto durante a fuga e muitos de seus seguidores suicidaram-se para não se render. A história da escravidão no Caribe registra também um personagem conhecido como Tackey, que, em 1736, teria comandado, ao lado de outra figura histórica, conhecida como Tomboy, uma rebelião com o objetivo de exterminar todos os brancos e implantar, em Antígua, um reino baseado no modelo axânti.

TACUMAH e TICUMA. Personagens de histórias da tradição afro-jamaicana. São filhos gêmeos de Anansi*.

TAFIÁ. Cachaça; no Haiti (*tafia*), aguardente fabricada com bagaço de cana-de-açúcar.

TAHARKA. Faraó* do Egito, integrante da 25ª dinastia. Reinando no século VII a.C., é o soberano mencionado na Bíblia (2 Reis, 19:9) como "Tiraca, rei da Etiópia", responsável por conter o avanço dos assírios de Senaqueribe contra Ezequias, rei de Judá. No episódio, segundo a Bíblia, teriam morrido 185 mil assírios e seu rei teria voltado para Nínive, capital do Império Assírio; porém, a derrota dos invasores é atribuída a um "anjo do Senhor" (2 Reis, 19:35). *Ver CUXE*.

TAHONA. Manifestação musical-coreográfica praticada em Santiago de Cuba e arredores, levada para a região por escravos emigrados do Haiti. Espécie de rumba* de rua, tornou-se famosa em Cuba à época da independência, pela integração de seus participantes no movimento de

libertação. Tem pontos de contato com a tumba francesa* e seu nome designa também um pequeno tambor usado na dança.

TAIEIRAS. Rancho feminino das antigas festas do Rosário nordestinas, notadamente em Lagarto, SE, onde ocorria todo 6 de janeiro, Dia de Reis*. Suas integrantes, vestidas à moda baiana, acompanhavam a procissão católica, cantando, dançando e levando sobre o ombro talhas com água de cheiro. Da corrupção do vocábulo "talha" em *taia* parece ter nascido a primitiva expressão que denominava o grupo: "Rancho das *Taieiras*".

TAITA. Tratamento reverente com que, em Cuba, se distinguem os negros velhos. A origem do termo estaria no quéchua ou quíchua, língua ameríndia, pois o vocábulo circula no Peru, no Equador e em outros países com a acepção de "pai". Conhecendo, entretanto, o quimbundo *tata*, "pai", admitimos um cruzamento entre as duas formas.

TAITABUICO. Antiga iguaria da culinária afro-cubana, à base de bananas-verdes fritas e carne de porco.

TAJ MAHAL. Nome artístico de Henry Saint Clair Fredericks, músico americano nascido em Nova York, em 1942. Multi-instrumentista apaixonado pelo blues, sua música explora desde as sonoridades de Muddy Waters* até as do reggae e das *steel bands**. Realizando gravações desde 1969, destacou-se como um dos músicos mais completos de seu tempo.

TAKI-TAKI [1]. O mesmo que sranan tongo*.

***TAKI-TAKI* [2].** Termo popular que designa, na região do rio Maroni, na Guiana Francesa, a variante local do falar crioulo do Suriname.

TAKRUR. Antigo e importante Estado da África ocidental localizado no curso inferior do rio Senegal. Fundado, no século XI, pelo povo tucolor*, foi mais tarde assimilado pelo antigo Gana*.

TALABI. Espírito infantil, conhecido na Bahia como "irmão" de Cosme, Damião, Doum, Alabá, Crispim e Crispiniano. Do iorubá *Tàlàbi*, nome próprio que, segundo a tradição iorubá, se dá à menina que nasce envolta na placenta rompida.

TALABY (1903-95). Nome iniciático de Maria das Dores da Silva, ialorixá nascida em Alagoas e falecida em Recife, PE, também conhecida como Mãe das Dores. Iniciada na nação xambá, na década de 1930, pelo babalorixá

Artur Rosendo (?-1950), foi uma das mulheres pioneiras do xangô [2]* em Pernambuco. *Ver TALABI*.

***TALENTED TENTH* (Décima Parte Talentosa).** Expressão usada por W. E. B. Du Bois* para, polemicamente, afirmar a existência, no seio da população negra, de uma elite intelectual bem-dotada e com capacidade de comando, a qual deveria receber, desde a juventude, educação formal aprimorada, de modo a mais tarde assumir seu destino de liderança.

***TAMANGO*.** Primitivo calçado dos negros rio-platenses, feito de couro cru. O vocábulo liga-se ao nhungue *thamanga*, "correr", e tem a mesma etimologia do português "tamanco".

TAMARINEIRA (*Tamarindus indica*). Árvore da família das leguminosas, também referida como tamarindo. Na tradição religiosa afro-brasileira, é planta de Xangô. Em Cuba (*tamarindo*), pertence a Obatalá.

TAMBACÊ. Nome pelo qual se conhece uma espécie ou qualidade de Ogum, em alguns terreiros de orientação sincrética. Provavelmente relacionado ao quicongo *ntamba*, "força", "vigor". Variante: Tambancê.

***TAMBÉM SOMOS IRMÃOS*.** Filme brasileiro de 1949, dirigido por José Carlos Burle, baseado em argumento de Alinor Azevedo. Tem como enredo a história de dois irmãos negros adotados por uma família branca, cada um reagindo diferentemente ao paternalismo: um deles, vivido por Grande Otelo*, revolta-se e cai na marginalidade; o outro, interpretado por Aguinaldo Camargo*, aceita-o, torna-se bacharel e reivindica o amor da filha da família, por quem se apaixonara, sendo por fim repelido. A tese do filme é que, rompido o desnível social, com o negro saindo do "seu lugar", o questionamento racial inevitavelmente aparece.

TÂMBI. Conjunto de ritos funerários tradicionais angolanos, da região de Luanda. Durante o velório há sempre a imolação de um animal – boi, carneiro, cabra ou galinha, conforme as posses do grupo –, o qual é assado e servido aos presentes. Após o enterro, realizam-se as "missas de óbito", festividades alegres e ruidosas, com danças, comidas e bebidas, que duram no mínimo três dias. *Ver ITÂMBI*.

***TAMBO*.** Denominação que, no século XIX, no território da atual Argentina, se dava a cada um dos aldeamentos de negros que circundavam Buenos Aires. Neles, os habitantes se agrupavam por afinidades étnicas,

formando, assim, o Tambo Congo, o Tambo Mina, o Tambo Angola etc. Nos domingos e dias festivos, esses *tambos* realizavam suas celebrações com cânticos, danças e libações. O caudilho Juan Manuel Rosas (governador da província de Buenos Aires), habilmente, a eles comparecia com sua família, em busca de apoio político e adesões a suas pretensões militares. Em 1836 chegou a promover uma grande reunião festiva, com a presença de todos os grupos, em uma ampla praça da cidade. Dos *tambos*, pois, é que saíam os integrantes de corpos como o Cuarto Batallón, formado por oitocentos praças e cujos oficiais, exceto o comandante, eram todos negros. *Ver ARGENTINA, República*.

TAMBOO. Tambor rural jamaicano, em vias de desaparecer (conforme Leymarie, 1996).

TAMBOO-BAMBOO. Gomo de bambu usado como instrumento de percussão no carnaval de Trinidad. Na época colonial, batido no chão, marcava o compasso das danças-lutas do tipo *kalinda**. Foi proibido pelas autoridades inglesas, que o relacionavam a levantes e insurreições de escravos.

TAMBOR. Nome genérico de todo instrumento de percussão membranófono. A música africana, na origem e na Diáspora, compreende enorme variedade de tambores, e em geral seus nomes se estendem às danças que geram e acompanham; por exemplo: *bamboula*, carimbó, conga, tumba etc. Quando usados ritualisticamente, tornam-se sagrados, já que o som que emitem é portador de energia vital, de axé*, servindo como veículo de contato entre o mundo dos vivos e o das entidades sobrenaturais. Por isso, eles recebem sacrifícios e oferendas e são tratados com o respeito que merecem as divindades. *Ver INSTRUMENTOS MUSICAIS*.

TAMBOR DE CHORO. Ritual funerário das casas de mina* maranhenses; o mesmo que sirrum*.

TAMBOR DE CRIOULA. Dança dos negros do Maranhão. Praticada ao som de três tambores (grande, meião e crivador) e outros instrumentos de percussão, seu elemento característico é a punga* ou umbigada*. Geralmente é realizada em louvor a são Benedito, mas pode ser apresentada em qualquer festejo, público ou particular, e até mesmo nas festas juninas e no carnaval.

TAMBOR DE MINA. Modalidade de culto afro-brasileiro, de origem jeje, difundida a partir do Maranhão. Ritual de chamada e louvação de entidades espirituais africanas e ameríndias realizado nas casas de mina do Maranhão, é também referido, no feminino, apenas como "mina*": "A mina maranhense é rica em simbologias". *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*.

TAMBOR DE NAGÔ. No Maranhão, designação genérica dos cultos originários da tradição iorubá, em oposição ao tambor de mina, de tradição jeje. Na gíria dos candomblés baianos, a expressão se refere à "boca do povo", ligada à exposição do nome de alguém como alvo de intrigas e maledicências: "Não quero meu nome no tambor de nagô!".

TAMBOR DE PAGAMENTO. Na mina* maranhense, cerimônia com presentes e homenagens dedicada aos tocadores de atabaque.

TAMBORA. Tambor bimembranófono da República Dominicana, usado principalmente no merengue.

TAMBORIM. Pequeno tambor, tocado com baqueta, próprio do samba carioca. No passado, sua forma era sempre retangular ou hexagonal; hoje, mais comumente, tem a forma circular, com cerca de quinze centímetros de diâmetro e cinco centímetros de altura.

TAMBORITO. Dança nacional do Panamá, de origem conga.

TAMBOUR MARINGOUIN. Antigo arco musical da tradição haitiana, em vias de desaparecer (conforme Leymarie, 1996).

TAMBRAN SWITCH. Na Jamaica, açoite feito com vara de tamarineira*, comumente usado em torturas de escravos à época colonial.

TAMBU. No Sudeste brasileiro, denominação do maior dos tambores do jongo*; dança ao som de tambus.

TAMBÚ. Espécie de festa de negros camponeses em Curaçau; gênero de música executado nesse tipo de festa; dança de Curaçau e da Jamaica. O nome designa, no Brasil (grafado sem acento), um dos tambores do jongo*. *Ver TAMBOO*.

TAMINA. Ração diária de alimentos distribuída aos escravos; fornecimento periódico de roupas a esses escravos; vaso com que se media a ração que lhes era destinada; porção de água que outrora cada pessoa podia retirar das fontes públicas; recipiente usado nos terreiros para oferenda de alimentos e bebidas aos orixás. Do quicongo *tamina*, "medida",

correspondente ao quimbundo *ditamina*, “medida para secos”; “tigela”, “escudela”.

TAMUNANGO. Grande tambor feito de tronco escavado, da tradição afro-venezuelana. De seu nome derivou a dança conhecida como *tamunangue*.

TANDÁ. Espírito de mestre que comanda uma das sete cidades da jurema, em cultos paraibanos.

TANGA. Peça do vestuário de alguns escravos recém-chegados às Américas; espécie de calção primitivo. Do quimbundo *tanga*, “roupa”, “pano”, “capa”.

TANGANICA. Antigo território da África oriental inglesa, hoje integrante da República Unida da Tanzânia.

TANGO [1]. Antigo bailado de negros ao som de tambores e outros instrumentos (conforme Pichardo, 1985); dança popular argentina de remota origem africana. De início, a palavra *tango* designava, em diversos países americanos, as reuniões em que os negros dançavam ao som de seus tambores. Na forma atual – dança de pares enlaçados –, o tango surge, segundo José Gobello (1978), nos anos de 1860, como produto da convivência do *orillero* (o branco das ruas, da beira do rio da Prata) com a gente de cor. Em 1867, de acordo com R. Carámbula (1995), o grupo carnavalesco La Raza Africana teria apresentado o primeiro tango. O processo espontâneo de formação e transformação se estende até a década de 1890, quando músicos profissionais começam a moldar as características da nova dança. Considere-se, contudo, a permanência de algumas referências às origens, como no estilo e no título do clássico *La cumparsita*, que evoca as antigas *comparsas**, em cujo seio o tango se originou. *Ver ARGENTINA, República [Africanos e afrodescendentes]*; *CANDOMBE [1]*; *CANYENGUE*; *MILONGA*; *TANGO CONGO*.

***TANGO* [2].** Em Antígua, palavra que designa a carne comestível de animal morto por causas naturais ou por acidente.

TANGO BRASILEIRO. Variante do maxixe*, música e dança brasileira de salão, originária do lundu*. Alguns compositores do início do século XX chamavam seus maxixes de “tangos” para garantir a circulação de suas

partituras nas casas das famílias burguesas. Isso porque a sociedade da época desconhecia as origens africanas do tango* argentino.

TANGO CONGO. Gênero de canção afro-cubana, surgido na década de 1920. Seu modelo clássico é a conhecida peça *Mamá Inés*, da zarzuela *Niña Rita*, escrita por Ernesto Lecuona.

TANGOLOMANGO. Doença atribuída a feitiçaria, bruxedo, caiporismo, azar, infelicidade. Variantes: tangomanglo; tangromangro; tangoromângoro; tango-surumango; tangue-mangue.

TÂNIA MARIA [Reis]. Pianista e cantora brasileira nascida no Piauí, em 1949, e radicada em Nova York, EUA. Em 1966, no ambiente da bossa nova, gravou seu primeiro disco, e em 1974 iniciou carreira em Paris, fixando-se, seis anos depois, nos Estados Unidos, onde se tornou respeitada intérprete de jazz. Em 1983 seu álbum *Come with me* vendeu mais de 60 mil cópias, número significativo para o gênero. Em 1984 lançou *Love explosion* e, em 1986, *The lady from Brazil*, alcançando igual sucesso.

TANZÂNIA, República Unida da. País da África oriental limitado ao norte por Uganda e Quênia, a oeste por Ruanda, Burundi e Congo-Kinshasa, a leste pelo oceano Índico, a sudoeste por Zâmbia e Malauí, e ao sul por Moçambique, com capital em Dar es Salaam. Sua população compreende indivíduos dos sucumas, chagas, macondes, haias e massais. A colônia árabe de Zanzibar (porção insular do país), onde floresceu a admirável civilização zandj*, dominou a costa leste africana do século VIII até a chegada dos portugueses, no século XVI.

TAP DANCE. Sapateado, bailado típico americano. Combinando traços europeus com africanos, originou-se, certamente, da imitação que os negros faziam da *jig* irlandesa, por meio da fusão de seu gestual com o de danças africanas em que a batida dos pés no chão se alia à percussão dos instrumentos. Define-se pelo ruído característico produzido por sapatos especiais, com chapas metálicas na sola, essenciais à sua execução. Suas bases foram estabelecidas no início do século XIX, pelo dançarino conhecido como Juba [2]*. O maior nome do gênero foi Bill "Bojangles" Robinson*, seguindo-se a ele, entre muitos outros, Cholly Atkins*, os Nicholas Brothers*, Sammy Davis Jr.*, Gregory Hines* e Savion Glover*.

TAPA. Termo que, na Bahia, designava o africano de etnia nupê*. Do iorubá *tapka*.

TAPANHUNO. Nome com o qual os índios de fala tupi designavam o negro escravo. Era a denominação dada ao negro nas bandeiras*. Variantes: tapaiuna, tapanhaúna, tapanhuna.

TAPETE-DE-OXALÁ. O mesmo que boldo*.

TAPI-TAPI. Bolo de arroz da culinária afro-cubana, comido com quiabo ou caldo de galinha; alimento votivo do vodum Hebioso.

TAP-KROMANTI. Na Casa de Fânti-Axânti*, bonsu*-chefe da família de Tap-Beicile. *Ver COROMANTIS*.

TAP-TAP. Transporte popular do Haiti, espécie de caminhão com bancos, ricamente decorado com coloridas pinturas sobre motivos bíblicos, do vodu etc.

TAQUARIL (*Merostachys donax*). Planta da família das gramíneas, pertencente a Oyá-Iansã.

TARACA. O mesmo que Taharka*.

TARAMESSO. Mesa sobre a qual é realizado o jogo da adivinhação por meio dos búzios ou de outro processo. Do quimbundo *mutala*, "mesa" + *mesu*, "olhos" = "mesa de olhar"; ou *tala*, "ver" + *mesu* = "ver com os olhos", com contaminação pelo português "mesa".

TARDON, Raphaël (1911-61). Escritor nascido em Fort-de-France, Martinica, no seio de uma família rica. Formado em História pela Universidade de Paris, trabalhou para o governo francês na África e nas Antilhas e, mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, no serviço secreto. De atitudes polêmicas, fazia oposição a todas as iniciativas de cunho etnorracial, inclusive ao movimento da *négritude**. Recusou-se a colaborar na revista *Présence Africaine*, argumentando que as Antilhas não eram ilhas africanas e que todos os esforços para estabelecer uma relação entre aquela região e a África eram um retrocesso. Em sua obra destacam-se *Bleu des îles* (1946); *La caldeira* (1948); *Le combat de Schoelcher* (1948); *Christ au poing* (1950); *Toussaint L'Ouverture, le Napoléon noir* (1951); *Noirs et blancs* (1961).

TARIAZAZI. Entidade dos cultos bantos correspondente a Xangô. Segundo A. Parreira (1990a), na Angola seiscentista *tari-ya-Nzazi* eram

pedras semipreciosas encontradas na região da Xela, certamente consagradas a Nzazi, divindade do trovão. *Ver ZAZE*.

TARIK AL FATAH. *Ver TARIK ES SUDAN*.

TARIK ES SUDAN. Livro escrito em 1655 por Es-Sa'Di ou Abderraman As Saadi. Tendo seu título às vezes traduzido como *Crônica do Sudão*, constitui o primeiro grande e abrangente relato escrito sobre a história da África ocidental e seus vastos impérios medievais. A ele se seguiu, na mesma linha, o *Tarik Al Fatah* ou *El Fettach*, cujo título traduzido é *Crônica do descobridor*, escrito por Mohammed Kati e seus filhos.

TARIMBA. Cama rude, desconfortável, usada para repouso de negros escravos.

TARQUÍNIO, Esmeraldo (1927-82). Nome abreviado de Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho, político brasileiro nascido em São Vicente, SP. Foi deputado estadual e prefeito da cidade de Santos, no litoral paulista.

TATA. Nos cultos de origem banta, grande sacerdote, chefe de terreiro; na linguagem familiar gaúcha, o mesmo que papai, papá. Do termo multilinguístico (quimbundo, quicongo etc.) *tata*, "pai".

TATA DE INQUICE. Tata, pai de santo. A expressão é também usada para designar o grau máximo da hierarquia da Casa de Fânti-Axânti*, no Maranhão. É curioso observar, no vocabulário de um terreiro de tradição acã, a presença de uma expressão de origem bantu, sendo certamente cunhada no Brasil.

TATA GÜINES (1930-2008). Nome artístico de Federico Aristides Soto Alejo, percussionista cubano nascido em Güines e falecido em Havana. Um dos mais notáveis tocadores de congas da música cubana, iniciou carreira aos 12 anos de idade e, a partir de 1952, encetou trajetória, inclusive internacional, que o credencia como um dos sucessores do legendário Chano Pozo*.

TATA QUINSABA. Em candomblés bantos, homem encarregado da coleta das folhas rituais. De tata* + insaba* = "pai das folhas".

TATÁ, Mãe. *Ver ILÊ AXÉ IÁ NASSÔ OKÁ*.

TATA-ANQUICIANE. Pai de santo. Da locução *tata nkisi ia mi* ("meu pai de santo"), composta de termos do quimbundo, mas de formação literária.

TATA-CAMBONO. Em terreiros bantos, ogã encarregado de dirigir a orquestra e puxar os cânticos.

TATAFACA. Sacrificador ritual, axogum*, em terreiros paraibanos.

TATA-FUNDE. O mesmo que Tata-Pansúa*.

TATA-INQUICIANE. Variante de tata-anquiciane*.

TATA-LUBUÍSA. Um dos nomes usados pelos congos cubanos para designar o Diabo dos cristãos.

TATA-MASSÂMBI. Cada um dos espíritos de velhos negros, antigos sacerdotes, que hoje descem nos terreiros do culto guiné.

TATA-MUÍLO. Uma das formas utilizadas para invocação do Deus Supremo em cultos bantos do Brasil. Do quimbundo *tata** + *mwelu* (variação dialetal de *maúlu*, "céu") = "papai do céu".

TATA-NÉ. No culto omolocô, o mestre de cerimônias dos grandes rituais.

TATA-PANSÚA. Entidade espiritual dos congos cubanos equiparada ao Babalú Ayé* iorubano. Muito cultuado em todo o território cubano (o antropônimo Lázaro, a ele relacionado, é muito comum na ilha), é também referido como Pata é Llaga, Tata-Funde, Luleno e Asuano.

TATA-QUIVONDA. Sacrificador ritual em terreiros de tradição angolo-conguesa. De tata* + quivonda*.

TATA-ZAMBURA. Nos candomblés de nação angola, sacerdote que consulta os búzios. De tata* + o quimbundo *zambula*, "adivinhar". *Ver ZAMBURAR.*

TATAZINGUÊ. Filho de santo com mais de 60 anos.

TATES CORONGOS. Sociedade secreta fundada no século XIX, no Brasil, com a finalidade de arregimentar escravos para rebeliões libertárias. Dela participou Estêvão Pimentel* ou Pimenta, mulato, líder de uma revolta que deveria explodir em Vassouras, RJ, em 24 de junho de 1847, a qual, porém, foi delatada e abortada. A denominação se origina, provavelmente, do quinguana *tate*, "avô" + *kolongo*, "macaco ruço", menor que o cinocéfalo. Considerem-se as sociedades de homens-leopardos, homens-leões etc., comuns na África subsaariana.

TATETO. Chefe de culto. Do quimbundo *tata etu* > *tat'etu*, "nosso pai". *Ver MAMETO.*

TATETO-DE-INQUICE. O mesmo que tata de inquice*.

TATUM, [Arthur, dito] **Art** (1909-56). Pianista americano nascido em Toledo, Ohio, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Cego de nascença, iniciou carreira profissional na década de 1920 e logo se tornou mestre em seu instrumento. Considerado o maior pianista do jazz em sua época, de 1953 até o fim da vida gravou diversos discos para o selo Verve.

TAVARES, Josimo Moraes (*c.* 1953-86). Sacerdote brasileiro. Pároco de São Sebastião do Tocantins, diocese de Imperatriz, MA, foi assassinado em 10 de maio de 1986, segundo algumas correntes da Igreja Católica, por motivos políticos, ao contrariar interesses da elite local.

TÁVORA, [Manuel do Nascimento] **Fernandes** (1877-1973). Político brasileiro nascido em Jaguaribe-Mirim, CE, e falecido na capital Fortaleza. Fundou a Aliança Liberal no Ceará, estado onde foi interventor federal em 1930, e pelo qual foi deputado constituinte e senador em dois mandatos.

TAYLOR, Koko (1928-2009). Nome artístico de Cora Walton, cantora americana nascida em Memphis, Tennessee, e falecida em Chicago, Illinois. Lançada por Willie Dixon*, fez grande sucesso nos anos de 1960 com a canção *Wang dang doodle* e é reconhecida como um dos maiores nomes femininos do blues ao estilo de Chicago.

TAYLOR, John David Beckett. Político inglês nascido em Birmingham, em 1952. Filho de imigrantes jamaicanos, seu pai era jogador de críquete e sua mãe, enfermeira. Em outubro de 1996 foi nomeado pela rainha Elizabeth II para a Casa dos Lordes, a Câmara Alta do Parlamento inglês, com o título de Lord Taylor of Warwick, tornando-se o primeiro negro a receber tal distinção.

TAYLOR, Major (1878-1932). Nome pelo qual foi conhecido Marshall W. Taylor, ciclista americano nascido em Indianápolis, Indiana. Enfrentando e vencendo desafios tanto físicos quanto raciais, tornou-se campeão mundial de sua especialidade em 1899. Competiu por cerca de dezesseis anos na Europa, na Austrália e na Nova Zelândia, conquistando diversos campeonatos e a admiração de pessoas proeminentes, como o presidente Theodore Roosevelt.

TCHAD. *Ver CHADE, República do.*

TCHAKA (1787-1828). General africano, líder do povo zulu. Ainda jovem, deixou a família e foi servir um chefe (embora seu pai também fosse um), o que lhe deu sólida formação militar. Ao suceder a esse chefe, criou um dos mais bem equipados exércitos de sua época, formado por regimentos distintos, inclusive femininos, com insígnias, cores de uniforme e penteados diferentes entre si, e, em pouco mais de dez anos, de 1815 a 1828, submeteu e anexou inúmeros Estados poderosos. Sob seu comando, os zulus tornaram-se uma potência militar cujos guerreiros, além de se organizarem, aprenderam modernas estratégias de luta. O exército de Tchaka contava com serviços de intendência, correio e informação, e seu armamento, modernizado, incluía lanças de cabo curto e lâmina larga, que eram empregadas em combates corpo a corpo, no lugar das lanças de arremessar, de cabo comprido, que quase sempre se perdiam. Em busca de maior mobilidade para seus combatentes, Tchaka aboliu o uso de sandálias, descalçando os soldados e modificando totalmente a estratégia de ataque e defesa. Sob o comando desse gênio militar, que pretendia restabelecer o equilíbrio social, enfraquecido por lideranças anteriores, os zulus expandiram seu território e se tornaram poderosos. A liderança de Tchaka baseava-se na ideia de que o chefe tem de assumir os mesmos riscos que seu povo; assim, ele instituiu o mérito como critério para a seleção de seus dirigentes, em todos os níveis. Com a morte desse grande comandante e estrategista, os ingleses começam a cobiçar as terras dos zulus.
TCHANCY. Chocalho da percussão tradicional haitiana.
TCHOKWE. *Ver QUIOCO.*
TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO (TEN). *Ver TEATRO NEGRO.*
TEATRO NEGRO. No Brasil, a arte teatral produzida por autores e/ou atores negros, com repertório refletindo a identidade negra desses criadores e/ou intérpretes, ainda é constituída por iniciativas descontínuas e, de certa forma, isoladas. Assim foi, por exemplo, o importante trabalho do Teatro Experimental do Negro (TEN) na década de 1950, além de outros poucos empreendimentos. Em 1990 era criado, na Bahia, o Bando de Teatro Olodum*, com forte atuação à época deste texto. E, ao longo da década de 2000, destacaram-se, também, as iniciativas da Companhia dos Comuns*,

do grupo Nós do Morro e do Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan*), entre outras. **Teatro de revista:** Gênero de espetáculo teatral que reúne diálogos falados, canto, dança, humor e até mesmo números circenses. Em toda a Diáspora, muitos negros sobressaíram nessa forma de expressão, valendo ressaltar, no Brasil, a Companhia Negra de Revistas*, a Companhia Mulata Brasileira*, a encenação de *Oh, que delícia de negras!** e a trajetória de personalidades como De Chocolat* e Grande Otelo*. Nos Estados Unidos, nos anos de 1920, os espetáculos musicais com elenco negro, como *Shuffle along**, *Running wild* (1923), *Chocolate dandies* (1924), *Blackbirds* (1928), *Hot chocolates* (1929) etc., saíam do Harlem para deslumbrar a Broadway e a Europa. Essas revistas tiveram grande influência no jazz feito em Nova York durante toda a década de 1920. O Teatro Experimental do Negro: O TEN foi uma entidade do movimento negro brasileiro fundada no Rio de Janeiro, em 1944, sob a liderança de Abdias Nascimento*. Seus criadores, acreditando que o elemento negro deixou a senzala despreparado para a vida livre de cidadão, objetivavam, segundo Guerreiro Ramos (1957, p. 162) , "estabelecer um ponto de partida para a conquista da identidade étnica do negro numa sociedade onde ele é desprezado; acelerar o processo de integração do povo negro na sociedade brasileira; e restabelecer o papel do negro no teatro como herói, como agente de sua própria condição e não apenas como vítima passiva de um destino que não pode mudar". No Brasil, foi entidade pioneira na denúncia da óptica alienada por meio da qual a antropologia nacional focalizava o povo negro, sempre à luz do pitoresco ou do puramente histórico, como elemento estático e mumificado (ainda conforme Guerreiro Ramos, *op. cit.*). Essa denúncia é o móvel de todas as realizações do Teatro Experimental do Negro, entre as quais o jornal *Quilombo*, a Conferência Nacional do Negro, em 1949, e o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, realizado no ano seguinte. **O** Teatro Folclórico Brasileiro: Já o TFB, criado no Rio de Janeiro em 1949, foi uma companhia teatral com origem no Grupo dos Novos, dissidente do Teatro Experimental do Negro. Sob a liderança dos irmãos Láudio José e Waldomiro Machado, escritores e compositores, e com a participação do mais tarde ator e produtor Haroldo Costa*, o TFB (mais uma companhia de

dança do que efetivamente um grupo teatral) exibiu-se inclusive em Buenos Aires, Argentina. Num outro momento de dissidência, Waldomiro e Láudio fundaram, em 1955, o Grupo Brasileiro de Arte Popular. Nessa mesma linha (de transposição para o palco de danças e cânticos do chamado "folclore" afro-brasileiro) e na esteira das experiências mencionadas, surgiram outros grupos e companhias, entre os quais a internacionalmente conhecida Brasiliana* e o Balé Folclórico da Bahia*. *Ver ATORES NEGROS no Brasil*; *BANDO DE TEATRO OLODUM*; *COMPANHIA DOS COMUNS*; *COMPANHIA ÉTNICA DE DANÇA E TEATRO*; *COMPANHIA MULATA BRASILEIRA*; *COMPANHIA NEGRA DE REVISTAS*; *DANÇA AFRO*; *NASCIMENTO, Abdias [do]*; *OLIVEIRA, Benjamin [Malaquias] de*; *VITORIANO*.

TECELAGEM. *Ver TÉCNICAS*.

TECLA. Vocábulo com que os antigos negros peruanos denominavam a mulher muito velha, anciã. Provavelmente, ligado ao termo multilinguístico banto *teka*, "estatueta", "ídolo".

TÉCNICAS. Frequentemente minimizada e limitada ao âmbito da culinária, da cestaria, da olaria etc., a chamada "contribuição" africana à cultura material das Américas é, não obstante, muito mais ampla. Experientes, conforme os respectivos graus de desenvolvimento, em procedimentos ligados a várias artes e ciências, os diferentes grupos africanos recriaram, na Diáspora, muitas de suas técnicas de trabalho. Tal foi o caso, por exemplo, do tipo de edificação rural popularmente conhecido no Brasil como "casa de sopapo", cujas paredes são feitas de barro atirado com as mãos. A própria etimologia do termo "sopapo" nos remete ao universo dos povos bantos, por intermédio do ronga *xipapa*, "palma da mão"; do bundo *papu*, "bofetada"; e do quimbundo *kipapa*, "bofetada" ou "parede" (conforme Lopes, 2003, p. 205). Observemos que no livro *Casa-grande & senzala* (edição de 1975, p. 307), Gilberto Freyre, citando uma observação feita pelo naturalista alemão Wilhelm Eschwege, informa que "a mineração do ferro no Brasil foi aprendida dos africanos". Da mesma forma, o historiador Pandiá Calógeras, também mencionado por Freyre (*op. cit.*), afirma ser de africanos o mérito da primeira indústria de preparo direto do ferro em Minas Gerais. E ainda segundo o escritor pernambucano, além da

metalurgia, também na criação de gado o elemento africano demonstrou superioridade de conhecimentos em relação ao índio e ao branco no Brasil. Costa e Silva (2008), por sua vez, destaca o avanço africano nas técnicas agrícolas, inclusive com a introdução de novos plantios (dendê, quiabo, maxixe, jiló, inhame etc.); na criação de gado; e na tecelagem, sendo que a África exportava desde o século XII para a Europa, e desde o século XVI para o Brasil, o apreciado produto conhecido entre nós como "pano da costa*". Considere-se, ainda, que antigos africanos destacavam-se, além da tecelagem, em outras técnicas, como a da preparação do tipo de couro conhecido como "marroquim", erroneamente atribuída a habitantes do Marrocos, que foi apenas a região mercantil a partir da qual o produto se fez conhecido. O marroquim é, na verdade, uma criação de povos negros do Mali, Senegal e Norte da Nigéria, que o exportavam para a Europa através do Saara e do Mediterrâneo. Assim, os exemplos citados mostram que a contribuição da África para a cultura material das Américas foi muito além do que é convencionalmente declarado, inclusive pelo trabalho de ilustres afrodescendentes que atuaram como inventores, construtores, engenheiros etc. *Ver INVENTORES NEGROS*.

TEFILIM. Colar de contas que serve como símbolo dos casamentos modernamente realizados em algumas casas de culto afro-brasileiro e cuja ruptura antes do tempo ritual acarreta o rompimento da união.

TEIXEIRA, Jorge do Prado (1925-60). Militante negro brasileiro nascido em Ribeirão Preto, SP. Radicado na capital paulista, em 1950 participou com destaque do Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, organizado no Rio de Janeiro por iniciativa do Teatro Experimental do Negro (*ver TEATRO NEGRO*). Foi o fundador da Associação José do Patrocínio, entidade do movimento negro destinada à educação e à afirmação da cidadania dos afrodescendentes em São Paulo.

TEIXEIRA, Newton [Carlos] (1916-90). Compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ. É coautor de alguns clássicos da canção popular brasileira, como *A deusa da minha rua* (1939), com Jorge Faraj, e *Malmequer* (1940), com Cristóvão de Alencar*.

TEIXEIRA, Nicanor [de Araújo]. Violonista e compositor brasileiro nascido em Barra do Mendes, no sertão da Bahia, em 1928. Radicado no

Rio de Janeiro em 1948, foi aluno de Dilermando Reis, tendo a partir de então construído vasta obra autoral, registrada por grandes intérpretes, como Turibio Santos, Jodacil Damaceno e outros, e focalizada em tese de mestrado defendida pela concertista Maria Haro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).

TEIXEIRA [Chaves]**, Patrício** (1893-1972). Cantor e violonista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Nascido na Praça Onze*, sem conhecer pai nem mãe, iniciou carreira fonográfica por volta de 1918, construindo, a partir de então, extensa discografia. Criador de *Casinha pequenina* (1927) e *Não tenho lágrimas* (1937), entre outros sucessos, de 1926 em diante dedicou-se ao ensino do violão, tendo sido professor de várias gerações de filhos das elites cariocas, como a cantora Nara Leão.

TEIXEIRA E SOUSA, Antônio Gonçalves (1812-61). Escritor brasileiro nascido em Cabo Frio, RJ, filho de pai português e mãe negra. Foi carpinteiro e chegou, após enfrentar grandes dificuldades, a ser professor primário, tornando-se, no final da vida, escrivão de justiça. É autor de *O filho do pescador*, romance de 1843 credenciado como a primeira obra de ficção da literatura brasileira, além de mais cinco romances: *Tardes de um pintor ou As intrigas de um jesuíta* (1847); *Gonzaga ou A conspiração de Tiradentes* (1848-51); *A providência* (1854); *As fatalidades de dois jovens* (1856); e *Maria ou A menina roubada* (1859). Incursionando pela poesia, escreveu e publicou *Cânticos líricos* (1841-42), *Os três dias de um noivado* (1844) e *A independência do Brasil* (1847-55). Para o teatro, escreveu as tragédias *Cornélia* (1840) e *O cavaleiro teutônico ou A freira de Marienburg* (1855). Precedendo, inclusive, William Wells Brown*, pioneiro escritor americano, Teixeira e Sousa foi, provavelmente, em termos cronológicos, o primeiro romancista da Diáspora Africana.

TEKROUR. Forma francesa para Takrur*.

TELEBÊ. Cântico às vezes introduzido pelo chefe de terreiro num xirê* com o intuito de provocar um transe violento e punitivo – uma verdadeira surra –, em algum filho de santo faltoso. Do iorubá *pèlé bè*, "peça perdão".

TELEMAQUE, Harold Milton (1909-82). Poeta nascido em Plymouth, Tobago. Filho de um velejador e capitão de escuna, formou-se professor na Government Training College, prosseguiu no magistério e tornou-se diretor

da Fyzabad Intermediate E. C. School. Em sua obra destacam-se *Burn bush* (Trinidad, 1947) e *Scarlet* (Georgetown, Guiana, 1953).

TELEVISÃO BRASILEIRA, Negros na. A televisão brasileira tem sido, pelo menos até o início do século XXI, um dos fatores responsáveis pela difusão da imagem desfavorável e estereotipada dos descendentes de africanos no Brasil. Com seu alto poder de convencimento, ao massificar padrões estéticos que parecem reproduzir os anseios da velha estratégia do branqueamento*, ela, então, segundo algumas avaliações, utilizaria estrategicamente os serviços de alguns profissionais, sobretudo na área jornalística e ocasionalmente em telenovelas, para se proteger contra a acusação de menosprezar os negros. A discussão sobre o papel da televisão brasileira como possível sustentáculo de um projeto ideológico dirigido pelo capitalismo transnacional foi objeto de estudos do escritor Muniz Sodré*, principalmente nos livros *O monopólio da fala*, de 1977, e *A máquina de Narciso*, de 1984. *Ver ARAÚJO, Joel Zito [de]*; *ATORES NEGROS no Brasil*.

TEMBA. Um dos nomes do Demônio entre os negros do Brasil. Do quicongo *tema* ou *ntema*, "pessoa perversa, malvada".

TEMBA-NDUMBA (século XVII). Personagem da história africana, tendo sido rainha dos jagas, cuja memória, como a da Rainha Ginga* no Brasil, permanece em algumas tradições da Diáspora, notadamente em Cuba. Consoante algumas versões, teria sido mulher e lugar-tenente do jaga Zimbo, a mando de quem teria chefiado uma expedição guerreira até Serra Leoa. Segundo os exploradores portugueses Capello e Ivens (1886), era filha de Mussassa, mulher igualmente notável, esposa do guerreiro Donji, rei de Matamba, e "cruel, ardente e apaixonada, que, mal desprendia os amantes dos braços, os sacrificava, no meio das maiores torturas" (p. 216). Também, Tembandumba, Ntemba Ndumba ou Ndumba Ntemba.

***TEMNE*.** Dança "de nação" do *big drum**.

TEMNÉS. Grupo étnico africano, majoritário na República da Serra Leoa*. A história da escravidão registra sua presença nas Américas, notadamente em algumas regiões do Caribe.

TEMPO. Divindade angolo-conguesa correspondente ao Iroco* jeje-nagô. Do quicongo *Témbo* (*Tembwa*), nome de um inquice, derivado de *témbo*, "vento violento". A forma *Tempo* é encontrada no quioco, no nome de um

antigo chefe, talvez do sexo feminino, chamado *Ndumba Tempo* ou *Ndumba wa Tembwé*. *Ver TEMBA-NDUMBA*.

TEMPO DIAMBANGANGA. Inquice da nação angola.

TEMPO QUIAMUILO. Divindade de árvore sagrada em alguns cultos bantos do Brasil. *Ver TATA-MUÍLO*.

TEMPTATIONS, The. Grupo vocal americano formado em Detroit, Michigan, em 1961, por Eddie Kendricks (1939-92), Paul Williams (1939-73), Melvin Franklin (1942-95), Otis Williams (1941-) e Elbridge Bryant (1939-75), este substituído em 1963 por David Ruffin (1941-91). Com maior destaque dentre os grupos vocais masculinos da Motown Records*, a qual os considerou "os imperadores do soul", o grupo conheceu várias formações e sofreu diversos reveses, como o suicídio de Paul Williams em 1973, mas permanecia ativo no final dos anos de 1990.

TENTE EN EL AIRE. No México, denominação do mestiço resultante do cruzamento de um *calpa mulato** com um *cambujo**.

TEOBALDO, Délcio. Jornalista e escritor brasileiro nascido em Ponte Nova, MG, por volta de 1955. Professor no Centro Universitário da Cidade (UniverCidade), no Rio de Janeiro, é autor de *Teleintérprete: o jornalismo entre o poder e o público*, de 1995.

TEODORO, Maria de Lourdes. Escritora brasileira nascida em Formosa, GO, em 1946. Doutora em Literatura Comparada pela Sorbonne, à época da finalização deste livro integrava o corpo docente da Universidade de Brasília (UnB). Colaborou com poemas e crítica literária na revista *Présence Africaine* e no volume *Images d'Haiti*, publicado pelo Centro de Pesquisas e Estudos Comparados Ibero-Francófonos da Sorbonne, Paris III. É autora de *Fricote: swing – ensaio socioantropológico em ritmo de jazz* (1986), além de vários livros de poemas, como *Água-marinha ou Tempo sem palavra* (1978) e *Canções do mais belo incesto* (1996). Está incluída na antologia *Daughters of Africa*, organizada por Margaret Busby e publicada em Nova York, em 1992.

TEOLOGIA NEGRA. Moderna corrente do pensamento cristão que reivindica o reconhecimento do protagonismo das civilizações africanas e seus desdobramentos asiáticos nos eventos bíblicos narrados nos livros do

Antigo Testamento. Segundo seus argumentos, aceitáveis apenas em parte, todos os personagens bíblicos, de Adão a Jesus Cristo, teriam sido negros.

TERCEIRO MUNDO. Expressão usada no sistema de classificação da Organização das Nações Unidas (ONU) para distinguir os países subdesenvolvidos (pertencentes ao Terceiro Mundo) dos desenvolvidos (que integram o Primeiro Mundo); essa classificação surgiu após o processo de descolonização da África e da Ásia, nas décadas de 1950 e 1960. O continente africano está incluído nessa categoria, exceto a África do Sul, que passou a ser considerada como um país recentemente industrializado. A experiência histórica dos países que constituem o Terceiro Mundo, consubstanciada na exploração e caracterizada por problemas comuns, levou-os a atuar, na ONU e em outros foros internacionais, como um bloco, unidos pelas mesmas reivindicações.

TERÇO DOS HENRIQUES. *Ver HENRIQUES, Regimento dos*.

TERECÔ. No Maranhão, especialmente na cidade de Codó e arredores, designação genérica dos cultos de origem africana; mais especificamente, variante sincrética do tambor de mina*, em que, além de voduns africanos, se cultuam entidades caboclas e ameríndias.

TERESA CRISTINA Macedo Gomes. Cantora e compositora nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1968. Surgida no final na década de 1990, no âmbito do movimento de revitalização do samba tradicional, e atuando principalmente nas casas noturnas do bairro da Lapa (no Rio de Janeiro), logo ganhou grande visibilidade nos meios de comunicação, com o aval de artistas como Paulinho da Viola* e Hermínio Bello de Carvalho*.

TERESA DO QUARITERÊ. *Ver QUARITERÊ, Quilombo do*.

TERESA LA NEGRITA. *Ver OMI-TOMÍ*.

TERESA RAINHA (*c.* 1790-?). Personagem do populário pernambucano. Dizia-se rainha em Cabinda, tendo sido vendida como escrava por um delito de amor. Recusava-se a trabalhar e recebia vassalagem de seus companheiros de cativeiro. Mais tarde, abrandadas a altivez e a rebeldia, rendeu-se ao trabalho, em meio ao qual teve um braço mutilado.

TERNO DE CONGADA. Grupo de instrumentistas, cantores e dançarinos da congada*.

TERNO DE REIS. Grupo festeiro que, do Natal até o Dia de Reis*, cantando e dançando, percorria as ruas, visitando famílias amigas. A prática foi muito comum, principalmente entre as comunidades negras da Bahia. *Ver ARIGOFE*; *RANCHOS*.

TERNO DE ZABUMBA. Conjunto instrumental constante de pífaros, caixa e zabumba.

TERRA FIRME (*Tierra Firme*). Na época colonial, denominação da faixa territorial que se estendia da América Central à Venezuela, compreendendo parte do Vice-Reino de Nova Granada* e abrigando significativa população escrava. O nome designou também, mais especificamente, o que é hoje a Venezuela.

TERRAS DE PRETOS. *Ver QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS*.

TERREIRO. Designação genérica do espaço físico que sedia cada uma das comunidades religiosas afro-brasileiras. Outrora, no Rio de Janeiro, o termo designava também o que hoje se conhece como "quadra" de escola de samba. As regras de comportamento nesses locais – como, por exemplo, a participação exclusivamente feminina nas rodas de dança – obedeciam aos mesmos padrões daquelas estabelecidas nas casas de culto mais antigas ou tradicionais. *Ver RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*.

TERREIROS DA MATA. Nome maranhense dos candomblés de caboclo.

TERRENA-CALUNGA. Divindade das águas em alguns cultos bantos do Brasil.

TERRY, Lucy (1730-1821). Poetisa americana. Escrava em Deerfield, Massachusetts, celebrizou-se como contadora de histórias, na melhor tradição dos narradores africanos. Semiletrada, é autora da balada "Bars Fight", em que narra um massacre de índios ocorrido em Deerfield, em 1746. É considerada, em termos cronológicos, a responsável pela primeira expressão da poesia negra nos Estados Unidos.

TERRY, Sonny (1911-86). Nome artístico de Saunders Terrell, músico americano nascido em Greensboro, Carolina do Norte, e falecido em Nova York. Cego de nascença e hábil gaitista, formou com Blind Boy Fuller (1907-41) uma das mais festejadas duplas do blues. Reconhecido como um dos músicos referenciais em seu instrumento, exerceu influência inclusive sobre conceituados artistas europeus.

TESOURINHA (1921-79). Apelido de Osmar Fortes Barcelos, jogador brasileiro de futebol nascido e falecido em Porto Alegre, RS. Ponta-direita com passagem marcante pelo Vasco da Gama e pela seleção nacional, foi o primeiro negro a ser contratado oficialmente pela equipe do Grêmio porto-alegrense.

TESSUBÁ. Espécie de rosário usado pelos alufás*, sacerdotes malês. Do iorubá *tèsuba* ou *tèsùbáà*.

TETE. Antigo empório comercial português no curso inferior do rio Zambeze, em Moçambique. Erigido no século XVI, desempenhou importante papel no tráfico da Contracosta.

TETEREGUM. O mesmo que sangolovô*.

THAMAR, Ralph. Cantor martinicano nascido em Fort-de-France, em 1952. Egresso do grupo Malavoi*, no qual foi cantor solista por dez anos, e tendo também integrado o grupo Kassav'*, desenvolveu, a partir de 1987, bem-sucedida carreira solo, tornando-se uma das figuras exponenciais do moderno jazz caribenho.

THARPE, Sister Rosetta (1915-73). Nome artístico de Rosetta Nubin, cantora e guitarrista americana nascida em Cotton Plant, Arkansas, e falecida na Filadélfia, Pensilvânia. Tornou-se famosa cantando, com sua voz veemente, hinos religiosos da tradição do gospel* e superando alegremente a barreira que separa o sacro do profano. Sua execução da guitarra, fincada na tradição do blues urbano, fez dela figura influente na formatação do rock-and-roll. Em 1994 foi lançada uma coletânea de sua obra gravada.

THEBAS, Joaquim Pinto de Oliveira (1733-?). Mestre-pedreiro nascido escravo e depois alforriado, originário de Santos, SP, e ativo em São Paulo até o início do século XIX. Artista proeminente, desenvolvendo-se ainda na condição de escravo, conquistou a alforria graças ao próprio talento. Entre 1746 e 1808, construiu a torre da antiga Sé de São Paulo, a fachada e a porta de pedra do Mosteiro de São Bento, entre outras realizações, tendo sido chamado para participar de julgamentos e peritagens de obras de engenharia e para examinar candidatos à profissão. Enfrentando e resolvendo sérios problemas de engenharia numa cidade sem engenheiros, seu nome passou a ser sinônimo de homem inteligente, empreendedor e capaz de resolver qualquer questão complicada. Assim, é possível encontrar

nos dicionários a seguinte definição: "Tebas (adj.): Diz-se de indivíduo hábil, adestrado".

THEBI-TIO. No lanc-patuá* do Amapá, merenda matinal, desjejum.

THEODORE DRURY COLORED OPERA COMPANY. Denominação de uma das duas primeiras companhias negras de ópera dos Estados Unidos, fundada na segunda metade do século XIX. A outra foi The Original Colored American Opera Troupe.

THEODORO [Lopes]**, Helena.** Educadora e produtora de programas radiofônicos nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 1943. Ingressou na Rádio MEC, do governo federal, ainda adolescente, tendo sido redatora e apresentadora de programas estudantis. Nos anos de 1970, coordenou produções do Projeto Minerva, de educação pelo rádio, e, na década seguinte, criou e produziu *Origens*, programa voltado para as tradições afro-brasileiras. Também publicou livros sobre religiosidade e condição feminina.

THEY CAME BEFORE COLUMBUS. *Ver SERTIMA, Ivan Van.*

THIRTEENTH AMENDMENT (Décima Terceira Emenda). Dispositivo constitucional promulgado nos Estados Unidos em 1865, proibindo a escravidão. Foi complementada em 1868 pela Fourteenth Amendment (Décima Quarta Emenda), que estendeu aos libertos os direitos ligados à cidadania, e pela Fifteenth (Décima Quinta), de 1870, protegendo os direitos eleitorais dos negros.

THOBY-MARCELIN, Philippe (1904-75). Escritor haitiano nascido em Porto Príncipe. Ligado ao grupo da *Revue Indigène**, era formado em Direito. Escreveu vários romances e, durante muitos anos, foi tradutor da Organização dos Estados Americanos (OEA) em Washington, DC, Estados Unidos. Em sua obra destacam-se *La négresse adolescente* (1932); *Dialogue avec la femme endormie* (1941); *Lago-Lago* (1944); *À fonds perdu* (1953).

THOMAREL, André (1893-?). Poeta nascido em Saint Claude, Guadalupe, e radicado em Fort-de-France, Martinica, para onde sua família se mudou em 1904. Lutou na Primeira Guerra Mundial e, ao retornar, tornou-se diretor de escola. Ativista político, pouco antes da Segunda Guerra Mundial foi ministro das Colônias em Paris. Depois da guerra foi à África para estudar as fontes da civilização afro-antilhana. Em sua obra destacam-se *Coeurs meurtris* (1922); *Amours et esquisses* (1927); *Parfums et*

saveurs des Antilles (1935); *Regrets et tendresses* (1936); *Naïma, fleur du Maghreb* (1949); *Les mille et un contes antillais* (1951); *Nuits tropicales* (1960).

THOMAS, Hiram S. (século XIX). Industrial americano. Tendo sido proprietário de uma mansão às margens do rio Saratoga, é tido como o inventor de um produto que se tornaria uma das pedras fundamentais da cultura popular americana. Thomas chamou esse produto de *Saratoga chips*, nome pelo qual foram conhecidas, até bem depois do princípio do século XX, as batatas fritas industrializadas.

THOMAS, J. J. (1841?-89). Nome abreviado de John Jacob Thomas, historiador jamaicano. Seu livro *Froudacity: West Indians fables by James Anthony Froude explained by J. J. Thomas*, de 1889, escrito em resposta a um livro inglês publicado nove anos antes, lançou as bases para a constituição de uma autêntica história do Caribe.

THOMAS [Jr.]**, Rufus** (1917-2001). Cantor americano nascido em Cayce, Mississippi, e falecido no Saint Francis Hospital, em Memphis, Tennessee. Com carreira iniciada na década de 1940, integrando um conjunto musical cômico, vinte anos depois, em carreira solo, era um dos grandes nomes da gravadora Stax Records*. Seu maior sucesso veio com *Cause I love you*, canção gravada em 1960 em dueto com sua filha **Carla Thomas** (nascida em Memphis, em 1942), a qual foi, durante alguns anos, a única cantora negra a ameaçar a hegemonia de Aretha Franklin*.

THOMPSON, Casildo [Gervasio] (1856-1928). Músico erudito e poeta argentino nascido e falecido em Buenos Aires. Filho de um veterano da Guerra do Paraguai e fundador da Sociedad Fraternal, a mais duradoura e bem-sucedida entidade de ajuda mútua afro-argentina, foi autor e intérprete de canções famosas em seu tempo. Por volta de 1875, era o primeiro aluno de harmonia e composição do conservatório da província de Buenos Aires; anos depois, entre 1905 e 1907, obteve o primeiro prêmio em três concursos de música sacra realizados em sua cidade. Talentoso pianista e violonista, foi mestre do inseparável amigo Gabino Ezeiza*. Seu poema "Canto al África", de 1878, figura na antologia de poesia negra de Ildefonso Pereda Valdés (1953), que contempla a poesia escrita por afrodescendentes, excluindo a produção apenas de temática negra.

THOMPSON, Egbert. *Ver BLACK SOUSA, The.*

TI BON ANGE. No sistema filosófico do vodu haitiano, aspecto da alma humana que determina a individualidade, a força de vontade e o caráter. A expressão pode traduzir-se como "pequeno anjo bom" – a partícula "ti" é redução de *petit*. *Ver GROS BON ANGE*.

TI MALICE. Personagem do folclore haitiano, símbolo da esperteza.

TIA. Redução de "tia da costa". *Ver TIO DA COSTA*.

TIA ALICE da Mangueira. Nome pelo qual se fez conhecida Alice de Jesus Gomes Coelho, educadora informal brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1928. No ano de 1986 viabilizou o projeto conhecido como Vamos Tirar as Crianças da Rua Correndo, que resultou na Vila Olímpica da Mangueira, vitoriosa iniciativa de educação esportiva em benefício de adolescentes e crianças carentes. Atleta veterana, em 1996 ainda participava de competições internacionais, na modalidade de arremesso de peso. *Ver MANGUEIRA*.

TIA ANA (século XIX). Líder escrava no Ceará. Em 1835, na serra do Ibiapaba, comandou uma sublevação de escravos na fazenda de propriedade de Francisco Antônio de Carvalho, conhecido como Marinheiro Chico. O episódio resultou na morte de Carvalho e na fuga de diversos escravos para Pernambuco.

TIA BADA (século XIX-1941). Nome pelo qual foi mais conhecida Maria da Purificação Lopes (Badá Olufã Deiyi), ialorixá nascida e falecida em Salvador, BA. Após a morte de Mãe Aninha*, em 1938, codirigiu o Axé Opô Afonjá, ao lado de Mãe Senhora*, até 1940. Era filha de africanos.

TIA CANTU (1900-2004). Nome pelo qual se fez conhecer Cantulina Garcia Pacheco, ialorixá nascida em Salvador, BA. Durante muitos anos foi a sacerdotisa-chefe do templo fluminense do Ilê Axé Opô Afonjá*, situado em Coelho da Rocha, São João de Meriti. Também conhecida como Mãe Cantu, em 2000, por ocasião de seu centenário de nascimento, foi objeto de honrosas homenagens.

TIA CIATA (1854-1924) Nome pelo qual foi conhecida Hilária Batista de Almeida, personagem do samba carioca nascida provavelmente em Salvador, BA, e falecida na cidade do Rio de Janeiro. Radicada na antiga capital do Império e, mais tarde, da República, desde cerca de 1876 atuou como uma das lideranças da chamada "Pequena África*" carioca. Referida

como mãe-pequena do terreiro de João Alabá* e sambista pioneira, sua casa na rua Visconde de Itaúna, na Cidade Nova, é tradicionalmente considerada o local onde teria sido composto o samba *Pelo telefone**, o primeiro a receber registro autoral. O nome com que passou à história, Ciata, variante de Aycha, antropônimo feminino de origem árabe e corrente na antiga Guiné Portuguesa, é vestígio da existência de uma comunidade islâmica em meio à comunidade baiana no Rio de Janeiro.

TIA EVA (?-1926). Personagem popular de Mato Grosso do Sul nascida em Mineiros, GO. Parteira e benzedeira afamada, segundo a tradição, em retribuição a uma graça alcançada, teria erguido, em 1912, a pequena Igreja de São Benedito, em Campo Grande, a qual deu origem ao bairro de São Benedito, tendo sido tombada como patrimônio histórico estadual.

TIA FÉ (*c.* 1850-*c.* 1930). Nome pelo qual foi conhecida Fé Benedita de Oliveira, personagem do samba carioca nascida na Bahia. Radicada no morro da Mangueira desde a década de 1910, foi, como mãe de santo e festeira, uma espécie de matriarca daquela comunidade. Ligada ao legendário Hilário Jovino*, fundou o rancho carnavalesco Pérolas do Egito e o Bloco da Tia Fé, embriões da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*.

TIA MASSI (1860-1962). Nome pelo qual foi conhecida Maximiana Maria da Conceição (Iwin Funké), ialorixá nascida e falecida em Salvador, BA. Foi líder do Candomblé da Casa Branca do Engenho Velho* de 1925 até o fim da vida.

TIA NENÉM. Nome pelo qual se fez conhecida Olívia Marinho de Lima, sambista nascida no morro do Salgueiro, na cidade do Rio de Janeiro, em 1921. Por mais de trinta anos, até o fim dos anos de 1980, foi, com Tia Zezé*, figura emblemática da ala das baianas dos Acadêmicos do Salgueiro*.

TIA ZEZÉ (1923-2000). Nome pelo qual se fez conhecida Maria José Costa Alves, sambista nascida em Três Rios, RJ, e falecida na capital desse estado. Ex-componente das escolas de samba Unidos da Tijuca* e Floresta do Andaraí, dos anos de 1950 ao fim dos anos de 1980 foi uma das mais destacadas integrantes da ala das baianas dos Acadêmicos do Salgueiro*.

TIANA. Personagem de animação, figura central do filme *A princesa e o sapo* (*The princess and the frog*). Ganhou destaque como a primeira princesa

negra apresentada pelos estúdios Walt Disney. Lançado em 2009, o filme é uma recriação de um conhecido conto de fadas, ambientada no universo da cultura afro-americana. A divulgação do produto salienta o fato de que embora Tiana não seja a primeira heroína diferente, ela é, no mundo Disney, a primeira não caucasiana vivendo nos Estados Unidos.

TIÃO CARREIRO (1934-96). Pseudônimo de José Dias Nunes, cantor e compositor brasileiro nascido em Montes Claros, MG. Integrante de diversas duplas sertanejas, foi coautor de *Rio de lágrimas* (*Rio de Piracicaba*), um dos maiores clássicos do gênero que o consagrou.

TIÃO MOTORISTA (1927-96). Pseudônimo de Raimundo Cleto do Espírito Santo, compositor, cantor e instrumentista brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Ex-pandeirista de orquestra, tornou-se conhecido após a gravação de *Quem samba, fica*, por Jamelão*, em 1965. Figura popular na Bahia, foi personagem do escritor Jorge Amado no romance *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e autor de sucessos nas vozes de expressivos intérpretes, como Elisete Cardoso*, Wilson Simonal*, Martinho da Vila* e Maria Bethânia. À época de seu falecimento, estava radicado no Rio de Janeiro, no bairro de Vila Isabel.

TIAS BAIANAS. Denominação pela qual foram conhecidas as líderes, em geral ialorixás, da comunidade baiana estabelecida no centro da cidade do Rio de Janeiro, a partir da segunda metade do século XIX, no espaço mais tarde referido como "Pequena África*". Foram famosas, além da arquetípica Tia Ciata*, as "tias" Sadata, em cuja casa foi fundado o rancho Rei de Ouros; Bebiana, moradora no largo de São Domingos, numa casa que os ranchos de Reis visitavam obrigatoriamente para saudar a lapinha onde ficava o presépio; Presciliana, mãe de João da Baiana*; Amélia, mãe de Donga*; Gracinda; e Tia Fé*, do morro de Mangueira. A última dessas matriarcas, dona Carmem Teixeira da Conceição, a Tia Carmem do Xibuca (1879-1988), faleceu centenária e ainda morando nas imediações da Praça Onze*.

***TI-BOIS* (*TI-BWA*).** Nas Antilhas Francesas, bambu percutido com duas baquetas. Também, *tiboi*.

TIBÚRCIO, General (1837-85). Nome pelo qual foi popularmente conhecido Antônio Ferreira de Souza Tibúrcio, militar brasileiro nascido em

Viçosa, CE, e falecido na capital do seu estado natal. Herói da Guerra do Paraguai, participou das batalhas do Riachuelo e do Tuiuti, destacando-se especialmente na frente de Humaitá. Após a guerra, foi efetivado como coronel, tendo sido promovido a brigadeiro em 1880. Está incluído na relação de ilustres homens de cor elaborada por Rodrigues de Carvalho (1988).

TICUMBI. Dança dramática de origem africana que conta com um cortejo real, ao qual se segue uma embaixada de guerra com episódios de combates. *Ver CUCUMBI*.

TIÉ TIÉ. Em Cuba, passarinho semelhante ao *tomeguín* da Guiné e à *bijirita*, considerado muito poderoso em questões de encantamento. No Brasil, tié ou tiê é denominação comum a várias aves passeriformes da família dos emberizídeos subfamília dos traupíneos.

TIEMBLA TIERRA. Entidade espiritual dos congos cubanos. Irascível e perigoso, é o dono da Terra, do universo; controla os quatro pontos cardeais e executa os desígnios de Sambia* ou Nzambi, de quem é advogado e secretário. Também chamado Mama Kengue.

TI-GAMBO. No Haiti, o mesmo que *ti-bois**.

TIGNON. Xale de madras que, nas Antilhas Francesas e no Sul dos Estados Unidos, no século XIX, as mulheres negras costumavam usar como turbante.

TIJOLO (1931-2001). Apelido de Alexandre de Jesus, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Integrante da escola de samba Portela*, no final da década de 1950, pelos passos criativos e acrobáticos que executava em seus solos, tornou-se o primeiro artista do samba a receber o qualificativo de "passista". Uma das grandes atrações do desfile das superescolas cariocas entre 1959 e 1970, integrou também o elenco de algumas montagens de Carlos Machado na famosa boate Night and Day.

TIM (1916-84). Nome pelo qual foi conhecido Elba de Pádua Lima, jogador e depois técnico de futebol brasileiro nascido em Rifaina, SP, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Como jogador integrou a seleção nacional de 1938 e como técnico sagrou-se campeão em vários clubes brasileiros.

TIMBAL. Pequeno tambor congo do vodu.

TIMBALADA. Grupo orquestral, com base na percussão, criado no início da década de 1990, pelo músico Carlinhos Brown*, na comunidade do Candeal, na capital baiana, e integrado quase exclusivamente por músicos negros.

TIMBALES. Instrumento da percussão afro-cubana consistente em duas espécies de caixas-claras montadas sobre um tripé e tocadas com baquetas. Também chamado *pailas* (caldeiras), deriva da *paila criolla*, designação de certos tímpanos usados nas antigas orquestras cubanas.

TIMBUCA. Um dos nomes da cachaça entre os negros no Rio de Janeiro.

TIMBUCTU. O mesmo que Tombuctu*.

TIMÓTEO DA COSTA. Sobrenome pelo qual foram conhecidos os pintores afro-brasileiros João (1879-1932) e Artur (1882-1922), nascidos e falecidos no Rio de Janeiro. Artistas renomados, ambos estão entre os maiores pintores acadêmicos do Brasil. Suas obras podem ser vistas principalmente no Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, RJ, e na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

TIN PAN ALLEY. Gênero musical teatral surgido por influência dos antigos *minstrel shows**, espetáculos em que, nos Estados Unidos, artistas brancos utilizavam, com pretextos caricaturais, expressões da cultura negra. A denominação vem do apelido ("Beco das Panelas de Lata") dado à área de Nova York na qual se concentravam os editores de música e, consequentemente, os compositores e músicos populares que, na visão da elite, usavam tais artefatos como instrumentos musicais. Canções memoráveis como *Old man river* pertencem ao gênero.

TINCOÃS, Os. Importante grupo vocal criado em 1960 pelos cantores baianos Dadinho, Erivaldo e Heraldo. Mais tarde, com a substituição de Erivaldo por Mateus Aleluia e de Heraldo por Badu, o grupo destacou-se, com grande sucesso, nas décadas de 1970 e 1980, interpretando um repertório com profundas raízes ancestrais, primorosos arranjos vocais e, por vezes, cantado em língua africana. Desse repertório, tornaram-se bastante conhecidas as canções *Sou de Nanã* e *No azul do mar*, esta regravada por Carlinhos Brown* e seu grupo Timbalada*. Em 2007, com Dadinho já falecido (em Angola, onde se radicara), Mateus Aleluia fazia apresentações em casas noturnas de Salvador, BA.

TINGONGO. Variante de Quingongo [1]*.

TINGOTALANGO. Primitivo arco musical afro-cubano. Consiste em uma vara flexível, cravada no chão, cuja ponta se liga, por um arame, a uma lata enterrada a alguns palmos dela. O executante, de pé ou sentado, de acordo com o tamanho do instrumento, vibra o arame com uma baqueta e, com a outra mão na vara flexível, vai modificando a tensão para obter o som desejado. O instrumento, de origem banta, recebe também o nome de *tumbadera*.

TINGUARA. Cachaça. *Ver ANGUARA*.

TIO [1]. Tratamento reverente que, na América hispânica (*tío*) e no Brasil, se dava aos negros velhos. Sua origem está no fato de que, nas sociedades patrilineares africanas, o jovem deve respeito e obediência filiais ao irmão do seu pai: se ele se tornar órfão, seu tio paterno substituirá o pai e exercerá sobre ele a autoridade de sua linhagem. No Rio de Janeiro, o uso desse tratamento em relação a pessoas mais velhas, corrente entre a população negra, foi, a partir dos anos de 1980, reabilitado na linguagem popular geral.

TIO [2]. *Ver FREITAS, Laércio de*.

TÍO CONEJO. Personagem folclórico da tradição afro-latino-americana, esperto e cheio de artimanhas, correspondente ao Ti Malice* haitiano, ao Br'er Rabbit americano e ao B'Rabby das Bahamas.

TIO DA COSTA. Denominação outrora dada, na Bahia, a qualquer negro velho. O feminino é "tia da costa". A expressão "da costa" é redução de "da costa d'África".

TIPI. Um dos nomes da erva conhecida como guiné [2]*.

TIPOIA. Forma aportuguesada do quimbundo *kipoia* ou *tipoia*, "padiola", "rede para transportar pessoas" (correspondente ao quicongo *tipóoyu*), significando uma espécie de palanquim, meio de transporte de tração humana usado na época escravista.

TIPOQUE. Denominação do feijão em alguns falares bantos do Brasil. Do umbundo *ochipoke*, "feijão".

TIPU-TIP (*c.* 1837-1905). Nome pelo qual foi conhecido Hamed bin Muhammad el Murjebi, chefe africano nascido e falecido em Zanzibar. O maior comerciante da costa oriental africana no século XIX e pioneiro das rotas de comércio no centro do continente, constituiu um império na região

que seria mais tarde o Congo Belga (atual República Democrática do Congo). De origem suaíle, era neto, pelo lado materno, de Fundikira, chefe dos nyamwezis, da Tanzânia*.

TIRÁ. Amuleto que os malês usavam preso ao cinto. Do hauçá *tira*.

TIRIRICA [1] (*Fuirena umbellata*). Capim rasteiro da família das ciperáceas, também conhecido como navalha-de-macaco. Planta de Exu, com seu bulbo, transformado em pó ou mascado, afastam-se os espíritos dos mortos. No departamento uruguaio de Rivera, é utilizada pelos negros para a confecção de chapéus, com os quais, a exemplo dos "palhetas" brasileiros nos anos de 1930 e 1940, se marca o ritmo da música popular local.

TIRIRICA [2]. Forma rudimentar de capoeira*, jogada ao rés do chão, outrora praticada na cidade de São Paulo e no interior de Minas Gerais.

TIROLIEN, Guy (1917-88). Poeta nascido em Guadalupe. Herdeiro literário de Léon Damas* e Aimé Césaire*, foi um dos mais destacados impulsionadores do movimento da *négritude** nas Antilhas. Seu poema "Prière d'un petit enfant nègre", do livro *Balles d'or*, é um dos textos clássicos do movimento. Radicado na África, foi funcionário da administração do governo francês em Camarões e no Sudão. Após o surto independentista dos países africanos, trabalhou para o governo da Nigéria e como representante da Organização das Nações Unidas (ONU) no Mali.

TITARA, Santos (1801-61). Nome abreviado de Ladislau Espírito-Santo Melo dos Santos Titara, militar, historiador e poeta brasileiro nascido em Capuame, BA, e falecido no Rio de Janeiro. Tendo sido combatente da Guerra da Independência do Brasil, é autor de *Memórias do grande exército aliado, libertador do Sul da América, na guerra de 1851 a 1852, contra os tiranos do Prata* (1952), além de obras técnicas e didáticas, sendo considerado um dos maiores escritores militares brasileiros. É autor da letra do *Hino ao 2 de Julho* e de oito volumes de poesia, enfeixados sob o título *Obra poética* e publicados entre 1827 e 1852.

TOBIAS, Benedito José. (1894-1970). Pintor brasileiro nascido e falecido em São Paulo, SP. Dedicado à pintura de retratos, paisagens e naturezas-mortas, participou diversas vezes, entre 1934 e 1962, do Salão Paulista de Belas-Artes, sendo premiado em várias ocasiões.

TOBIAS [de Santana]**, José.** Cantor brasileiro nascido em Recife, PE, em 1928, e radicado em Niterói, RJ. Com carreira iniciada na rádio Jornal do Comércio do Recife no início dos anos de 1950, tornou-se conhecido pela voz grave e aveludada com que interpretou peças do cancioneiro regional nordestino, criadas por autores como Dorival Caymmi* e Capiba, além de outras de acentuado conteúdo nacionalista. Segundo o crítico Tárik de Souza *et al.* (1988), destacou-se como um raro exemplo de baixo cantante a serviço da música popular.
TOBOCE. Na Casa Grande das Minas, cada um dos espíritos de princesas africanas recebidos por pessoas que passaram por iniciação completa. Em outros terreiros da mina* maranhense, entidades infantis femininas, equivalentes aos erês do candomblé, mas geralmente de família nobre, incorporadas por vodunces que ainda não completaram sua iniciação (conforme Mundicarmo Ferretti). O nome "toboce" parece estar ligado ao fongbé *togbo*, "ancestral". *Ver TORROSSU*.
TOÇÁ e TOCÉ. Na Casa das Minas*, voduns masculinos gêmeos, toquéns da família de Davice. *Ver TOQUÉM*; *VODUM*.
TOCANTINS. Estado brasileiro da região Norte. Criado em 1988 pelo desmembramento da parte norte de Goiás, em 2000 o governo federal identificou, em seu território, a comunidade de Quilombo Lagoa da Pedra, no município de Arraias, como remanescente de quilombo*.
TOCANTINS, José do Patrocínio Marques (1851-91). Músico e jornalista brasileiro nascido em Goiás. Viveu no Rio de Janeiro, tendo-se dedicado ao jornalismo abolicionista. De volta à sua terra natal, em 1870 era regente da filarmônica local. Estabelecendo-se, mais uma vez, na capital do império, organizou o coro da Igreja da Boa Morte e participou de um festival abolicionista em 1887, no Teatro São Joaquim, solando, com sua voz de barítono, A *marselhesa*, acompanhado por um coro de oito vozes masculinas. Atuou também como regente de orquestra e compositor, deixando para a posteridade várias obras sacras.
TOCHÊ. Na mina* maranhense, fórmula de tratamento correspondente à expressão "meu pai". Do fongbé *tó*, "pai" + *tche*, "meu".
TOCO (1936-2006). Apelido pelo qual foi conhecido Antonio Correia do Espírito Santo, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro.

Estreitamente ligado à escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, para ela compôs, em parceria, alguns dos melhores e mais famosos sambas-enredo de sua história, entre os quais os de 1971 (*Rapsódia de saudades*), 1979 (*O descobrimento do Brasil*), 1990 (*Vira, virou, a Mocidade chegou*), 1991 (*Chuê, chuá, as águas vão rolar*) e 2007 (*O futuro no pretérito – uma história feita à mão*). Além de excelente compositor, era cantor refinado, com experiência em casas noturnas, sendo constante a referência ao fato de que "cantava em inglês".

TOCO PRETO. Pseudônimo de Ormindo Fontes de Melo, músico brasileiro nascido em São João de Meriti, RJ, em 1932. Cavaquinista virtuoso, iniciou carreira radiofônica aos 19 anos de idade, na rádio Tupi carioca. Nos anos de 1970, integrou, ao lado do trombonista Zé da Velha e do violonista Valdir Sete Cordas, o Grupo Chapéu de Palha. Radicando-se em São Paulo nessa mesma década, excursionou à Europa em 1979. Além de participar, como músico acompanhante, de gravações de grandes intérpretes da música popular, como Jackson do Pandeiro*, Jorge Veiga*, Roberto Ribeiro* e Roberto Silva*, teve sua obra como solista principal registrada, até 2002, em onze LPs e sete CDs.

TOCULO (?-1677). Filho de Ganga Zumba*, tido pelos historiadores como grande corsário e morto pela coluna liderada por Estêvão Cardoso e Manuel da Silva Cardoso.

TOÉ, Nicolau. *Ver AXUÍ, Quilombo do*.

TOGO. País da África ocidental, oficialmente denominado República Togolesa. Situado entre Gana (oeste) e Benin (leste), e limitado ao norte por Burkina Fasso e ao sul pelo golfo da Guiné, sua capital é Lomé e sua população inclui, principalmente, indivíduos dos euês ou ewés, cabiês, uatis, cotocolis, lambas etc. Supõe-se que os cabiês e os lambas tenham sido, entre os séculos VII e XII, os primeiros grupos a se fixar no território. No século XVI, a aldeia de Tado, às margens do rio Mono, foi o centro de uma importante cultura, a qual estendia sua influência para além das atuais fronteiras do país. A história do Togo também está ligada à dos países limítrofes (Benin, Burkina e Gana), de onde provieram algumas das etnias que compõem sua população.

TOGO IORUBA. Nome artístico de Gerson Miranda Theodoro, desenhista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1948. Bacharel em Artes Cênicas e Educação Artística pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fundou e dirigiu o jornal *Maioria Falante**.

TÓI. Do fongbé *tó*, "pai". Na mina* maranhense, elemento anteposto ao nome dos voduns como demonstração de respeito. Por exemplo, Tói Zamadone.

TOIA. Feminilização de tói* corrente em cultos amazônicos com influência jeje. Por exemplo, Toia Naveorina*.

TOIA DOÇU-CAJÁ-BOBEÇÁ. Entidade espiritual integrante do sistema de cultos afro-amazônicos.

TOIA NAVEORINA. Entidade espiritual da família da rainha Eowá, integrante do sistema nagô, da jurema e de suas variantes, em cultos afro-amazônicos.

TOLITO (1917-97). Pseudônimo do sambista Erlito Machado Fonseca, nascido em Recife, PE, e radicado no Rio de Janeiro desde os 2 anos de idade. Foi compositor da antiga escola de samba Unidos da Capela e, mais tarde, da Unidos de Lucas, para a qual compôs o samba-enredo de 1969 (*Rapsódia folclórica*). Em 1975, já na Mangueira*, foi coautor do samba-enredo mangueirense daquele ano, *Imagens poéticas de Jorge de Lima*.

TOMÁS, Negro (?-1868). Personagem da história da escravidão no Brasil falecido em Olinda, PE. Condenado à pena de morte por ter assassinado o proprietário que mandara açoitá-lo e um homem que impedira sua fuga, teve a defendê-lo o jovem estudante de direito Joaquim Nabuco (1849-1910), membro da elite pernambucana que, a partir desse episódio, se tornaria conhecido como um dos maiores abolicionistas brasileiros.

TOMBA. Entre os antigos negros peruanos, termo correspondente ao português "estômago".

TOMBAH. Instrumento de cordas dos *maroons** da Jamaica.

TOMBALASSI. Orixá cultuado na Casa de Nagô, em São Luís do Maranhão.

TOMBOY. *Ver TACKY.*

TOMBUCTU. Cidade da República do Mali, na África ocidental. Fundada no século XI, foi uma das maiores cidades do Império Sonrai. Ponto de cruzamento de rotas comerciais saarianas, foi também importante centro irradiador da cultura afroislâmica. Conta-se que lá, no apogeu do antigo Mali, o comércio de textos escritos (os livros da época) superava diversas outras modalidades comerciais. Tomada pelos berberes em 1591, passou por gradual declínio, até a ocupação francesa, em 1893.

TOMO (século XVIII). Personagem da história da escravidão nas Antilhas. Por volta de 1727, foi enviado pelo rei do Daomé, Agadja Trudo, juntamente com o capitão inglês Bullfinch Lambe, até então seu prisioneiro, à Inglaterra, para que aprendesse tudo sobre aquele país e em seguida apresentasse um relatório ao rei. O capitão levou Tomo para Barbados, onde o vendeu para um americano de Maryland (conforme B. Nuñez, 1980).

TOÑA LA NEGRA (1912-82). Nome artístico de María Antonia del Carmen Peregrino Álvarez, cantora afro-mexicana. Celebrizou-se principalmente pela interpretação de canções de autoria do compositor Agustín Lara, em especial no estilo bolero. *Ver BOLERO CUBANO*.

TONDA. Dança semelhante ao lundu (conforme Mário de Andrade, 1989).

TONDÁ (século XIX). Militar cubano, auxiliar do capitão-general Francisco Dionisio Vives, governador de Cuba nos anos de 1820. Capitão da milícia de homens de cor encarregada de reprimir os delitos de assemelhados na Havana colonial, era, segundo seus contemporâneos, sereno, educado e valente. Por isso, tornou-se uma figura legendária, com seus feitos sendo celebrados em cantos e danças pelo povo afro-cubano.

TONGA. Povo africano localizado no Sul da Zâmbia e também no Zimbábue. Possuem literatura oral e música bastante ricas.

TONGO. Na América hispânica, "trapaça", "fraude". Provavelmente, ligado ao quicongo *tongo*, "qualquer coisa apetitosa".

TONIBOBÉ. Ritmo de atabaques para os cânticos e danças de Xangô.

TONINHO (1948-99). Apelido de Antônio Dias dos Santos, jogador brasileiro de futebol nascido em Vera Cruz, BA, e falecido na capital Salvador. Lateral-direito, foi, no Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 e 1980, três vezes campeão pelo Fluminense e também tricampeão pelo Flamengo.

Em 1978, integrou a seleção brasileira que disputou o campeonato mundial na Argentina.

TONTON DAVID. Nome artístico de David Grammont, músico nascido nas ilhas Reunião, em 1967. Com carreira iniciada em 1988, é um dos grandes nomes do estilo conhecido como *raggamuffin**.

TONTON MACOUTE. Nome popular dos Voluntários da Segurança Nacional, polícia política de François Duvalier* e de seu filho Jean-Claude, que detiveram o poder no Haiti entre 1957 e 1986. A expressão significa, literalmente, "bicho-papão", "espírito mau", "demônio".

TOPÁ. Vodum masculino da família Savaluno*.

TOQUE. No candomblé, ritmo especial de cada orixá, impresso pelos atabaques e demais instrumentos que compõem a orquestra ritual. *Ver ADARRUM*; *AGABI*; *AGUERÊ*; *ALUJÁ*; *AVAMUNHA*; *AVANIA*; *AVANINHA*; *BATÁ*; *BRAVUM*; *FORIBALE*; *GUELÊ*; *IBI*; *IJIKÁ*; *ILU*; *KAKAKA-UMBÓ*; *KORIN-EUÊ*; *OGUELÊ*; *OPANIJÉ*; *OQUELÊ*; *QUELÊ [2]*; *RUNTÓ*; *SATÓ*; *TONIBOBÉ*.

TOQUÉM. Cada um dos voduns mais novos, que abrem o caminho aos mais velhos e trabalham levando e trazendo recados. Também, toqueno, toqueni.

TORNA ATRÁS. Denominação dada no México ao produto da mestiçagem de um indivíduo *no te entiendo** com um índio.

TORNADO, Tony. Nome artístico do ator e cantor brasileiro Antônio Viana Gomes, nascido em Mirante do Paranapanema, SP, em 1930. No final dos anos de 1950, já no Rio de Janeiro, inicia carreira artística na cena do rock-and-roll, com o pseudônimo de Tony Checker. Pouco depois, ingressa no grupo de danças folclóricas Brasiliana*, com o qual viaja à Europa. De volta do Brasil, em fins dos anos de 1960, ganha popularidade como intérprete da chamada soul music, participando do Quinto Festival Internacional da Canção e causando forte impacto. Em 1972 participa, já como ator, da minissérie *Jerônimo, o Herói do Sertão*, na extinta TV Tupi, e, após cursar arte dramática, passa a atuar em programas humorísticos e, depois, em telenovelas e minisséries. Suas interpretações no cinema, como a de Ganga Zumba no filme *Quilombo* (1984), de Cacá Diegues, e na Rede Globo de Televisão, como a do Rodésio da novela *Roque Santeiro* (1985-86)

e de Gregório Fortunato* na minissérie *Agosto* (1993), guindaram-no, definitivamente, ao patamar dos grandes atores brasileiros.

TORORÓ, Dique do. Sítio histórico em Salvador, BA. Tradicional e lendário reservatório da capital baiana, é considerado morada de Oxum*. Por isso, há muito tempo, as oferendas à deusa são feitas em suas águas, justamente no lugar chamado "Bacia de Oxum".

TORREGROSA, Trinidad (1893-1977). Nome pelo qual foi conhecido José del Carmen de la Trinidad Torregrosa y Hernández, músico ritual cubano nascido e falecido em Havana, de nomes iniciáticos Omí Osaindé e E Metá Lokán. Executante de *okónkolo*, o menor dos tambores da família batá, juntamente com Raúl Díaz*, no *iyá*, e Giraldo Rodríguez (Obanilú), no *itótele*, integrou o Conjunto Folclórico Nacional, com o qual viajou para vários países. Foi um dos informantes do etnólogo Fernando Ortiz.

TORRES, Antônio [dos Santos] (1885-1934). Escritor e jornalista brasileiro nascido em Diamantina, MG, e falecido na Alemanha. Depois de abandonar a carreira eclesiástica, iniciada na cidade natal, fixou-se no Rio de Janeiro, onde se distinguiu, na imprensa, como temido polemista. Em 1920 ingressou na diplomacia, falecendo como cônsul adjunto do Brasil em Hamburgo. Sua obra literária inclui coletâneas de artigos publicados nos anos de 1920 e também *As razões da Inconfidência*, de 1925. Segundo Gilberto Freyre (1974), era "quase negro".

TORRES, [José] **Ferreira** (1874-1932). Pianista e compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Intérprete elogiado e autor de vasta obra, incluindo valsas, polcas e mazurcas, deixou para a posteridade poucos títulos, entre os quais a polca *Juramento* e a valsa *Vi teus olhos*, que receberam letras do poeta Catulo da Paixão Cearense.

TORRES, Lucas Dantas do Amorim. *Ver DANTAS [do Amorim Torres], Lucas.*

TORRES, Miguel [dos Anjos Santana] (1837-1907). Músico brasileiro nascido e falecido na Bahia. Compositor principalmente de marchas militares, mestre de banda e oficleidista, foi um dos mais respeitados músicos baianos de seu tempo. Manuel Querino, em *A Bahia de outrora* (3ª ed., 1955, p. 290), assim se refere à sua obra: "[...] bonitos dobrados ou

brilhantes marchas, como as sabia compor o inolvidável maestro Miguel Torres".

TORRES [Herrera]**, Regla.** Jogadora cubana de voleibol nascida em Havana, em 1975. Com apenas 16 anos já integrava a seleção feminina de seu país, com a qual foi três vezes campeã olímpica (1992, 1996 e 2000) e duas vezes campeã mundial (1994 e 1998); além disso, ganhou dois títulos pan-americanos (1991 e 1995) e dois centro-americanos (1993 e 1998). Em 2000 foi eleita, pela Federação Internacional de Voleibol, a melhor jogadora de vôlei do século XX.

TORRES HOMEM, Francisco de Sales (1812-76). Político e escritor brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ. Um dos mais eloquentes oradores e mais perfeitos estilistas românticos, abandonou os estudos de medicina para seguir carreira jornalística e política. Entre 1853 e 1876, foi deputado geral em dois mandatos, chefe de uma das diretorias do Tesouro Nacional, ministro da Fazenda, diretor do Banco do Brasil, senador do Império e encarregado de negócios em Paris. Detentor do título de visconde de Inhomirim, faleceu na capital francesa. Segundo Hélio Vianna (1968, p. 115), era filho "da mulata forra Maria Patrícia, quitandeira no largo do Rosário, alcunhada 'Você me Mata'".

Francisco de Sales Torres Homem

TORRES HOMEM, João Vicente (1837-87). Médico brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Médico da Imperial Câmara e professor da Faculdade de Medicina, legou à posteridade vasta obra técnico-científica, inclusive o pioneiro escrito "O abuso do tabaco como causa da angina do peito", de 1863. Faleceu em posse do título de barão de Torres Homem. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

TORROSSU. Cada um dos espíritos infantis dos príncipes anormais do Reino de Abomé, considerados reis das águas. O nome parece ser grafia francesa do vocábulo correspondente ao brasileiro toboce*.

TORTOLA. Uma das Ilhas Virgens Britânicas, que sedia sua capital, Road Town. Localiza-se próximo a Porto Rico.

TORTURA, Instrumentos de. A tortura física foi um recurso comumente empregado pelos proprietários de escravos na imposição violenta de seu domínio sobre os cativos. No Brasil, os instrumentos dessas ações, dos mais simples aos mais elaborados, eram principalmente os descritos a seguir. **Tronco:** Tábua de madeira composta de duas partes, com buracos maiores para a cabeça e menores para os pés e mãos; abertas as duas metades, enfiavam-se a cabeça, as mãos e os pés nos buracos respectivos e encaixavam-se novamente as metades da tábua que, por fim, eram presas com cadeado. **Vira-mundo:** Instrumento de ferro de dimensões menores que o tronco mas com os mesmos mecanismos e finalidade. **Cepo:** Grosso tronco que o supliciado carregava na cabeça, preso por uma corrente atada ao tornozelo. **Gargalheira, golilha ou gonilha:** Espécie de colar de ferro do qual pendia uma corrente que, presa a alguma parte do corpo, tolhia o movimento do escravo. **Peia:** Espécie de algema que prendia o escravo por uma das pernas. **Anjinhos:** Instrumento composto de dois anéis que prendiam os polegares, sendo gradualmente comprimidos por meio de chave ou parafuso. **Máscara:** Feita em geral de folha de flandres, tapava a boca da vítima, impedindo-a de comer ou beber. **Roda-d'água:** Engenho produtor de energia em que o torturado era mantido preso no aro da roda, com mergulhos de cabeça intermitentes. **Libambo:** Cadeia de ferro com a qual se prendia, pelo pescoço, um grupo de escravos em trânsito. Outros instrumentos de tortura eram utilizados, ficando por conta da imaginação dos algozes. Uma famosa gravura de Jean-Baptiste Debret mostra um escravo sendo supliciado, no Rio de Janeiro, pelo método hoje conhecido como "pau de arara". Em 13 de março de 1741, um alvará estabeleceu que todo quilombola aprisionado, antes de ser restituído ao proprietário, deveria receber na espádua a marca "F", de "fujão", feita com ferro em brasa. Em 1886, em Paraíba do Sul, RJ, a condenação à pena de trezentos golpes de açoite dos escravos Laurindo, Tadeu, Alfredo e Benedito, com a consequente morte dos dois últimos, resultou na aprovação de lei que proibiu o açoitamento de escravos.

TOSH, Peter (1944-87). Nome artístico de Winston Hubert McIntosh, cantor, compositor e instrumentista jamaicano falecido em Kingston. Radical seguidor dos princípios do rastafarianismo*, foi, ao lado de Bob Marley*, um dos maiores nomes do universo do reggae*. Autor da polêmica canção *Legalize it*, que em 1974 já propunha abertamente a legalização da maconha, morreu assassinado em condições obscuras, provavelmente vítima de assalto em sua residência.

TOTEMISMO. Associação simbólica de certos grupos sociais com plantas, animais e objetos, em geral representativos de ancestrais mitológicos. O povo fon, do antigo Daomé, por exemplo, diz-se descendente de uma grande pantera. A recriação de relações totêmicas como essa podia ser vista, por exemplo, segundo alguns teóricos, nos antigos ranchos carnavalescos cariocas, que usualmente recebiam nomes de flores, como Ameno Resedá*, Mimosas Cravinas etc.

TOTÓ LA MOMPOSINA. Nome artístico da cantora e dançarina colombiana Sonia Bazanta Vides, nascida em Talaigua, povoado na ilha de Mompox, no rio Magdalena, no Norte da Colômbia, em 1946. Com carreira profissional iniciada em 1968, é considerada uma das mais importantes representantes da rica tradição musical de seu país e, em especial, da costa atlântica colombiana, estreitamente vinculada ao universo cultural afro-caribenho.

TOTOES. Iguaria doce da culinária jamaicana, em forma de bolinhos.

TOUMBLACK. Um dos ritmos do *gwoka** em Guadalupe.

TOURADAS EM PORTUGAL – intervaleiros. Em Portugal, o termo "intervaleiro" é aplicado ao leigo que toureia sem conhecimento das regras básicas do esporte, atuando comicamente para provocar o riso da plateia nos intervalos (daí o nome) entre as atuações dos verdadeiros toureiros. J. R. Tinhorão (1988) registra, no Portugal do início do século XIX, a presença de vários intervaleiros de origem africana: Pai Maranhão, brasileiro radicado em Lisboa desde os 3 anos de idade; Pai Paulino Velho e Pai Paulino Novo; Pai Manique; Domingos, cego de um olho; Campos, membro da Irmandade do Rosário; Cartuxa, "destemida preta" citada na *História do toureio em Portugal* (António Rodovalho Duro, 1907); Fernanda, que toureava a cavalo e foi assim retratada pelo pintor Alberto de Sousa. Suas intervenções

davam-se em geral com a companhia dos chamados "pretinhos da Guiné", grupos de rapazolas negros que, após algum tempo, se constituiriam em peça cômica obrigatória nos intervalos das touradas lisboetas. *Ver PENÍNSULA IBÉRICA, Negros na*.

TOURÉ KUNDA. Grupo musical formado em Paris, em 1978, pelo senegalês Ismaïla Touré (1950-) e seus irmãos Amadou Touré (1943-) e Sixu Tidiane Touré (1950-) – com a adição de Ousmane Touré (1955-) alguns anos depois –, nascidos na cidade de Ziguinchor, na região de Casamance. Cantando em línguas nativas do Senegal sobre arranjos *funky*, a partir de 1985 o grupo celebrizou-se como um dos grandes nomes da cena mundial do *African pop**.

TOURÉ, Samori (*c.* 1830-1900). Líder da resistência africana nascido na atual Guiné-Conacri. Entre 1870 e 1875 unificou grande parte do chamado "país mandeu" e constituiu um Estado organizado que ocupava quase todo o planalto mandinga. Lutou contra os ingleses e depois resistiu bravamente aos franceses, morrendo no cárcere, no Gabão.

TOUSSAINT L'OUVERTURE (1743-1803). Forma abreviada do nome do militar haitiano François-Dominique Toussaint L'Ouverture, ou Toussaint Bréda, líder da abolição da escravatura em seu país. Apelidado de "o Napoleão negro", e a quem o próprio Bonaparte, seu inimigo, classificava como "africano iluminado", nasceu escravo mas nunca se conformou com o cativeiro e a ignorância; foragido, capturado e revendido, aprendeu a ler e escrever. Na guerra de libertação deflagrada em 1791, combateu ora ao lado de espanhóis e ingleses, ora ao lado dos franceses, no momento em que Espanha e Inglaterra tentavam se apossar de Saint Domingue – como então se chamava o atual Haiti*. Em 1796, nomeado pelos franceses general de brigada e tenente-governador, decreta a abolição da escravatura e promulga uma Constituição, o que provoca reação imediata de Napoleão. Este decide liquidá-lo e encarrega o general Charles Leclerc da tarefa. Toussaint chega a vencer os franceses, mas, traído, rende-se e recolhe-se à vida privada. Porém, acusado de fomentar guerrilhas, é apanhado em uma cilada e deportado para a França, onde morre. Seu filho Issac (1782-1854), educado em Paris, foi um brilhante escritor; é de sua autoria "L'Haitiade", poema épico publicado em Paris em 1828. *Ver REVOLUÇÃO HAITIANA*.

TRAFICANTES NEGROS. Durante a época escravista, muitos negros, africanos ou descendentes, beneficiaram-se do tráfico de escravos (*ver TRÁFICO NEGREIRO [Responsabilidades]*). Entre eles, podem ser mencionados Mongo John*, Joaquim d'Almeida*, Joseph Cinque*, herói do episódio envolvendo o navio Amistad* etc.

TRÁFICO INTERPROVINCIAL. No Brasil, com a proibição, em 1850, da importação de escravos africanos, intensificou-se o tráfico entre as diversas províncias, às vezes exercido por mascates que se deslocavam pelos sertões com sua mercadoria humana. No caso do Sudeste, principalmente em relação às lavouras de café, resolveram-se assim as dificuldades de obtenção de mão de obra; nas outras regiões, contudo, o problema se agravava. Essa situação durou até 1885, quando a Lei dos Sexagenários (*ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*), regulamentando a questão do domicílio dos escravos, estabeleceu que estes só poderiam ser transferidos de província se estivessem acompanhando seus senhores. Nos Estados Unidos, entre 1830 e 1850, durante a expansão da cotonicultura, os estados da Virgínia e da Carolina do Norte foram fornecedores de mão de obra escrava para o Alabama, Louisiana, Mississippi e Texas.

TRÁFICO NEGREIRO. Nome genérico com que se designa o comércio internacional de escravos africanos incrementado a partir do descobrimento, pelos europeus, da América e só legalmente proibido na segunda metade do século XIX. O vocábulo "tráfico" conota comércio ilegal e clandestino. **O tráfico transaariano:** O comércio, através do Saara, entre a África ocidental e a região do Mediterrâneo estabeleceu-se, provavelmente, nas primeiras décadas após a hégira muçulmana. A principal mercadoria desse comércio foi, inicialmente, o ouro do antigo Gana, mas entre os itens comerciais contavam-se, também, marfim, pedras preciosas, sal, produtos agrícolas e escravos. O comércio transaariano de escravos, que perdurou, amparado em costumes ancestrais, após a proibição do tráfico de escravos para as Américas, foi uma das principais justificativas para o colonialismo europeu, defendido como obra de redenção, pacificação e civilização da África. **O tráfico índico:** O comércio de escravos através do oceano Índico, entre a costa oriental africana e a Ásia, vem, também, de tempos remotos. Desde a

Antiguidade escravos somalianos já eram levados à Mesopotâmia para servir como soldados, sendo que, desde pelo menos o século VII, houve importação de escravos da África oriental, do litoral da Somália até Moçambique: os homens eram levados para trabalhar como pescadores de pérolas, soldados, estivadores, marinheiros e domésticos; as mulheres, como concubinas, nas comunidades muçulmanas espalhadas por toda a Ásia. Um texto árabe do século X, por exemplo, revela que todo ano, por aquela época, cerca de duzentos escravos eram levados da África oriental para Omã. Da mesma forma, um documento chinês de 1119 indica que, em Cantão, na China, a maior parte das famílias ricas possuía escravos negros. Entre os séculos X e XII, países do golfo Pérsico, em especial o Bahrein, importavam escravos leste-africanos; na Idade Média, diversos viajantes informaram sobre a presença africana nas regiões de Guzerat e Deccan, na atual Índia; e, entre 1459 e 1474, Barbouk, rei de Bengala, possuía um efetivo de 8 mil escravos, ao que consta oriundos, em sua maior parte, da atual Tanzânia. Afora isso, outros registros dão conta de que, em 1631, quatrocentos africanos de Mombaça foram vendidos como escravos no mercado de Meca. As principais rotas de penetração dos mercadores árabes responsáveis por esse tráfico iam de Quíloa até além do lago Niassa; de Zanzibar até o interior do Congo; e de Mombaça até o lago Vitória. A partir do século XVII, entretanto, europeus começam a subtrair a esses árabes a hegemonia do chamado "tráfico índico", arrebanhando, também na costa oriental, escravos africanos para o trabalho nas Américas. *Ver AFRO-INDIANOS*; *ÁRABES [Árabes e tráfico de escravos]*; *ÁSIA, Negros africanos na*; *BENGALA (BANGLADESH), Negros em*. **O tráfico atlântico:** Durante cerca de quatro séculos, a África Negra sofreu o impacto do tráfico de escravos através do oceano Atlântico, em direção às Américas; primeiro, a partir, especialmente, da alta Guiné e, depois, da Costa da Mina, de Angola e da Contracosta*. Ao longo desse período, mais de dez gerações de africanos viveram em sobressalto, temendo pela liberdade e pela vida, suas e de seus próximos. Essa situação atingiu populações litorâneas e dos sertões; na costa, as principais afetadas foram as áreas hoje pertencentes às repúblicas de Senegal, Gâmbia, Serra Leoa, Libéria, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Congo-Brazzaville e Angola.

De toda essa vasta região, então, foi que veio a maior parte dos escravos africanos para as Américas. Segundo alguns estudos, de meados do século XVII até o fim do tráfico, os índices demográficos relativos à África não acusaram nenhum crescimento. Sem que houvesse nenhuma catástrofe natural, nenhum cataclismo, o continente perdia tantos filhos que, um século depois, sua densidade populacional permanecia inalterada. O tráfico atlântico trouxe da África Negra para o Novo Mundo milhões de indivíduos e matou outros tantos milhões, graças às guerras que incentivou e à resistência que teve de enfrentar. Esse holocausto não tem precedentes nem comparação, e suas consequências se fazem sentir até hoje em todo o mundo, pois, além de comprometer decisivamente o desenvolvimento do continente africano, o escravismo engendrou outro monstro não menos terrível: o racismo antinegro. **Tráfico triangular:** A expressão "tráfico triangular" denomina uma modalidade específica do tráfico de escravos, vigente principalmente no século XVIII. Nela, o navio saía da Europa com armas, roupas, bebidas e outras mercadorias, para desembarcá-las na África ocidental. Lá, recebia um carregamento de escravos e o transportava para as Américas, de onde, completando a triangulação, levava produtos coloniais como açúcar, algodão etc., para abastecer a Europa. Mas, a rigor, a denominação pode estender-se ao comércio de escravos através do Atlântico no geral, já que este configurava, sempre, um triplo jogo comercial entre a Europa, a África e as Américas. **Responsabilidades:** Tanto o tráfico europeu de escravos, pelo vulto econômico que adquiriu, quanto o tráfico árabe contaram, a partir de certo momento, com a efetiva colaboração de africanos de vários segmentos sociais, desde monarcas a simples transportadores. Havia mercados de aldeias que poupavam os traficantes estrangeiros das perigosas incursões continente adentro. E a evidência de que a resistência negra não era o que mais preocupava os europeus está no fato de que as fortificações por eles construídas no litoral africano nunca assestavam suas baterias para dentro do território, e sim para o mar, de onde poderiam chegar possíveis invasores. Mas a participação africana no tráfico de escravos não diminui a responsabilidade dos europeus. Foram eles que corromperam soberanos e súditos, tornando esse tipo de comércio humano altamente rentável e tentador; e se não houvesse procura é evidente que

não haveria a abjeta oferta da mercadoria humana. Dentro dessa linha de pensamento, Marina de Mello e Souza (2004, p. 80), escreveu: “A existência anterior de escravos na África facilitou o sucesso do tráfico. Mas foram as ações dos europeus para obter mais escravos que provocaram o aumento dos conflitos”. Entre 1580 e 1680, período em que duraram as chamadas Guerras Angolanas, envolvendo, principalmente, Portugal, Holanda e os ambundos, liderados pela legendária rainha Nzinga Mbandi, estima-se que cerca de 1 milhão de cativos de Angola foram vendidos para as Américas. Da mesma forma, as guerras entre axântis e fântis (na atual República de Gana), no início do século XIX, com participação inglesa, e as refregas entre iorubanos e daomeanos, a partir do século anterior, foram eventos motivadores de migrações forçadas de grandes contingentes de africanos para o Novo Mundo. **Resistência africana:** A aceitação passiva do tráfico de escravos e a participação nele não foi, como muitas vezes se quer mostrar, regra geral entre os governantes africanos, notadamente entre os do Daomé, tidos como grandes aliados e beneficiários dos traficantes europeus. Na década de 1730, por exemplo, o rei daomeano Agaja Trudô, entendendo que o tráfico era um obstáculo ao desenvolvimento de seu país, saqueou e queimou os fortes e armazéns de escravos e bloqueou o acesso às fontes do interior. Esse fato deu ensejo a uma retaliação por parte dos europeus, concretizada por uma espécie de bloqueio econômico, o que fez que a atividade se restabelecesse. **Efeitos e consequências:** O tráfico produziu efeitos devastadores, decisivos no processo de empobrecimento e desestruturação social do continente africano. Esses efeitos foram, principalmente: extermínio da população ativa (pela ordem, dava-se preferência a homens e, depois, a mulheres entre 16 e 30 anos); miséria, fome e destruição, com aldeias inteiras queimadas e inúmeras pessoas mortas; incremento das guerras civis e entre nações, já frequentes mas, com o tráfico, tornadas mais sanguinárias pela introdução das armas de fogo. Ademais, as guerras, outrora motivadas, em geral, por ambições expansionistas ou por defesa, eram agora movidas por simples ganância. E todo esse quadro levou, paulatinamente, ao abandono de atividades profissionais como manufatura, fundição, artesanato etc.; à ruptura do desenvolvimento agrícola e industrial, por ser prejudicial aos interesses

coloniais; e ao sufocamento da evolução das instituições, em especial no terreno jurídico, como no caso do povo axânti*, que se notabilizara por criar legislações exemplares. Entre os séculos XVI e XIX, segundo números do projeto The Trans-Atlantic Slave Trade Database (conforme Florentino, 2009), cerca de 12,5 milhões de indivíduos foram exportados da África na condição de escravos, sendo que mais de 1,8 milhão teria morrido durante a travessia do Atlântico. Dos sobreviventes, 45,41% teriam desembarcado no Brasil; 21,64% nas Antilhas britânicas; 12,07% na América espanhola; 10,46% no Caribe francês; 4,15% na América holandesa; 3,63% na América do Norte; 1,02% no Caribe dinamarquês; e 0,16% na Europa. Além desses, 1,46% dos escravizados teriam sido levados para outros países no próprio continente africano. Mas, juntando-se a esse contingente de emigrados à força os que morreram nas lutas de resistência, além dos exterminados por epidemias e pela fome (resultantes da destruição de colheitas e armazéns e do rompimento do equilíbrio ecológico), tem-se um quadro muito mais devastador do tráfico negreiro ocorrido entre os séculos XVI e XIX. *Ver ABOLICIONISMO*; *ATLÂNTICO NEGRO*; *BILL ABERDEEN*.

TRAJANO Bernardes Marreiros (1930-2003). Bailarino brasileiro nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Com carreira profissional iniciada em 1960, atuou em bailes populares, ficou conhecido no mundo do samba e, em seguida, especializou-se na interpretação do tango argentino, a partir de uma viagem a Buenos Aires. Mais tarde, estudou dança clássica com a bailarina ucraniana (radicada no Brasil) Eugênia Feodorova e, com base nesse aprendizado, tornou-se um dos maiores nomes brasileiros nos diversos gêneros da dança de salão.

TRANCINHAS DE NAGÔ. Espécie de penteado usado por mulheres negras na Bahia antiga, o qual, por ser de difícil feitura, era em geral executado por especialistas africanos. Consistia num emaranhado de tranças finas, artisticamente dispostas. A partir dos anos de 1970, com os movimentos de afirmação da identidade negra, o penteado voltou a fazer parte da moda, nas grandes cidades brasileiras.

TRANSCULTURAÇÃO. Transferência de elementos culturais de um grupo social para outro. O termo, empregado em substituição a "aculturação", define o fenômeno ocorrido em larga escala no contato de

africanos e seus descendentes na Diáspora com a cultura das sociedades receptoras de mão de obra escrava. *Ver ATLÂNTICO NEGRO*.

TRANSE. Estado psicossomático em que, nos cultos afro-americanos, entram os médiuns e os filhos de santo quando recebem e incorporam as divindades e entidades de que são veículos. *Ver POSSESSÃO*.

TRES. Guitarra cubana de três cordas duplas, fundamental para os conjuntos de *son**. *Ver RODRÍGUEZ, Arsenio*.

TRÊS BICOS, Quilombo dos. Reduto quilombola localizado nas proximidades da estrada Macaé-Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro. Foi destruído em 1836.

TRIBO. Grupo de indivíduos de mesma etnia, cultura e língua, que têm história e especificidades comuns, mas sem nenhum ou com mínimo poder centralizado. Jocelyn Murray (1997) chama a atenção para o uso indiscriminado do termo em relação aos povos africanos. O povo ibo, da Nigéria, com seus 17 milhões de componentes, é classificado como "tribo", enquanto outros grupos étnicos europeus, muito menores, são dignificados como "nacionalidades". No século XIX – lembra a autora – a nação-estado zulu, governada por um rei, tinha tanto de tribo quanto a Inglaterra de Henrique VIII. Walter Rodney (1975) ensina que, no século XIX, todos os grandes Estados africanos eram já multiétnicos.

TRIBUFU. Qualificativo ofensivo do indivíduo negro.

TRIBUNA NEGRA. Jornal fundado na capital do estado de São Paulo em 1935. Dirigido por José Correia Leite* e Fernando Góis*, propugnava pela "união social e política dos descendentes da raça negra".

TRIGUEIRO. Qualificativo aplicado, em Portugal e no Brasil, a alguns afromestiços, ditos "morenos carregados", em alusão à cor escura do trigo maduro.

TRINDADE, [Francisco] **Solano** (1908-74). Poeta, militante político e homem de teatro brasileiro nascido em Recife, PE, e falecido em São Paulo. Participou dos históricos congressos afro-brasileiros realizados em 1934 e 1937 em Recife e Salvador, BA. Criador da Frente Negra de Pernambuco e do Centro de Cultura Afro-Brasileira, estruturou, em Pelotas, RS, um grupo de arte popular já existente, transformando-o, em 1943, no Teatro Popular Brasileiro. No Rio de Janeiro participou da fundação da Orquestra Afro-

Brasileira* e do Teatro Experimental do Negro*. Ao mesmo tempo, firmou-se como o primeiro grande nome da poesia de temática e vivência negras no Brasil, deixando publicados *Poemas de uma vida simples* (1944), *Seis tempos de poesia* (1958) e *Cantares ao meu povo* (1961). Além disso, fundou em Embu, SP, um importante centro de arte popular. Possuidor de uma visão perfeita do potencial do negro como agente transformador da realidade brasileira, inseriu as reivindicações específicas dos negros no amplo universo da luta de classes.

TRINIDAD E TOBAGO, República de. País no mar das Antilhas, próximo ao litoral da Venezuela, com capital em Port of Spain. As duas ilhas que compõem o território foram colonizadas a partir do século XVIII, sendo que data dessa época a introdução de escravos africanos. Os negros representam cerca de 43% da população. **Religiões de origem africana:** As crenças iorubanas em Trinidad e Tobago recebem o nome genérico de *Shango cult**. Mas sob esse nome tão específico abrigam-se cultos impregnados de elementos católicos e batistas, embora ricos em música, danças e comidas. Já a manifestação conhecida como *shouters** é a sincretização dos cultos batistas com o espiritismo, sendo muito semelhante aos cultos jamaicanos, nos quais também se mesclam elementos do protestantismo e práticas de origem iorubana. Alguns pesquisadores têm visto semelhanças entre o transe observado em casas de culto de Trinidad e Tobago e o das toboces maranhenses e erês no candomblé. Outra semelhança estaria na presença, lá, em terreiros menos ortodoxos, de entidades aproximadas, em concepção e atributos, a outras da mina maranhense (segundo Mundicarmo Ferretti, 2000).

TRINIDAD KALENDA. Dança crioula do *big drum**.

TRIO ELÉTRICO. *Ver DODÔ.*

TRIO ESPERANÇA. Grupo vocal formado no Rio de Janeiro, em 1958, pelos irmãos Mário (1948-), Regina (1946-) e Eva (Evinha*) Correia José Maria. Estreando em 1961, fez sucesso principalmente na tevê e com seus discos, tendo participado da era dos festivais. Dissolvido e depois reagrupado em Paris – em 1988, em torno de Evinha e com a irmã Marizinha (1957-) no lugar de Mário –, passou a trabalhar junto aos cantores Bernard Lavilliers e Patrick Bruel, consagrando-se com o disco *A capela do Brasil*, de 1992.

TRIO MARTINS. Grupo musical infantil formado pelos irmãos Alfredo e Roberto, violinistas, e Marta, violoncelista (nascidos respectivamente em 1914, 1918 e 1915), filhos do também violoncelista Alfredo Martins. Músicos de concerto, na década de 1920 participaram de espetáculos da Companhia Negra de Revistas*, interpretando peças como *Moto perpetuo*, de Ries, e *Thaïs*, de Massenet.

TROMBETA (*Datura fastuosa*). Planta da família das solanáceas. No universo dos cultos afro-brasileiros, pertence a Oyá-Iansã.

TROMBETAS, Quilombo do. Nome pelo qual ficou conhecido o aldeamento de quilombolas fundado às margens do rio Trombetas, no Pará, em 1821, pelo líder de nome Anastácio. O núcleo resistiu até 1858.

TROPIQUES. Revista cultural fundada em Fort-de-France, Martinica, por Aimé Césaire*, sua mulher, Suzanne (1915-66), René Ménil (1907-2004) e Aristide Maugée, entre outros. Foi publicada de abril de 1941 a outubro de 1945.

TROTROBE. Uma das toboces da Casa das Minas*.

TRUJILLO, Rafael (1891-1962). Nome abreviado de Rafael Leónidas Trujillo y Molina, político dominicano nascido em San Cristóbal e falecido em Santo Domingo. Ditador de seu país por mais de trinta anos, de 1930 até sua morte por assassinato, era neto materno de uma negra do Haiti. Entretanto, durante seu longo e autoritário governo, manifestou grande desprezo pelos haitianos e pelos negros em geral. Em 1937, foi responsável pela chacina, às margens do rio Massacre, que separa a República Dominicana do Haiti, de milhares de haitianos, cujo número foi por ele mesmo calculado, para efeito de indenização, em 18 mil indivíduos (conforme Galeano, 2008).

TRUQUE, Carlos Arturo (1927-70). Escritor colombiano. Contista e dramaturgo festejado, é autor de *Granizada y otros cuentos* (1953) e do póstumo *El día que terminó el verano y otros cuentos* (1973).

TRUTH, Sojourner. *Ver SOJOURNER TRUTH.*

TU. Qualificativo do negro tido como bruto, boçal, grosseiro. Provável redução preconceituosa de bantu*.

TUAREGUES. Povo nômade do Saara, habitante de parte dos territórios das repúblicas do Mali e do Níger. Mestiços de berberes com negros, seus

integrantes estruturaram uma sociedade rigidamente dividida em três classes de indivíduos: nobres (*ihaggaren*), vassalos (*imgad*) e escravos (*ikelan*).

TUBMAN, Harriet [Ross] (*c.* 1823-1913). Militante antiescravista americana. Desde 1849, ano em que fugiu de uma fazenda de Maryland, onde era cativa, participou ativamente da Underground Railroad*, conseguindo fazer que mais de trezentos fugitivos da escravidão encontrassem refúgio nos estados do Norte e no Canadá. Durante a Guerra de Secessão, serviu como espiã da União em meio ao exército da Confederação.

TUCKER, William (1624-?). Nome do primeiro afrodescendente nascido nas terras que viriam a constituir os Estados Unidos da América.

TUCOLOR. Grupo étnico da África ocidental. Seu nome deriva do árabe ou berbere *Tekrou ou Tekrur* (às vezes aportuguesado como "Tacrur"), que outrora designava toda a região do Futa Toro senegalês. Deformado, na fala dos uolofes, e resultando no termo *tokoror* ou *tokolor*, acabou sendo transformado, no francês, em *toucouleur*. Entretanto, como se lê em Bâ (2003), o nome não tem nenhuma relação com "cor", como faz supor a forma francesa.

TUK BAND. Espécie de conjunto musical das áreas rurais de Barbados, à base de tambor e flauta de bambu.

TULANGA. Espécie de torta da culinária afro-cubana, feita com milho, leite e açúcar.

TUMBA. Tambor afro-cubano, de uso muito difundido na região oriental da ilha de origem. Em Curaçau, o nome designa um tipo de tambor e uma dança.

TUMBA FRANCESA. Manifestação musical-coreográfica da tradição afro-cubana, mistura de festa ao som de tambores com evocações dos bailes da aristocracia parisiense. No final do século XVIII, a Revolução Haitiana provocou amplo movimento migratório em direção ao litoral oriental cubano, distante apenas 77 quilômetros. Aportando principalmente em Santiago de Cuba e Guantánamo, essa onda de imigrantes incluía o espectro geral da sociedade haitiana da época, de senhores a escravos, uns admiradores das danças da corte francesa, com seus minuetos e quadrilhas, outros imitadores dessas danças, às quais acrescentavam sua herança

musical, com cânticos e tambores. Pouco a pouco, os grupos de dançantes negros foram se agrupando em associações, logo chamadas de "sociedades de tumba francesa" (o nome "tumba*" evoca o tambor), cujo apogeu se verificou entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, com estrutura de comando semelhante à dos *cabildos** (com rainha, rei etc.). Hoje, as sociedades existentes ainda conservam os mesmos fundamentos, conjugando trajes, adereços e passos de nítida origem europeia com cantos em *créole* haitiano e percussão africana.

TUMBADERA. O mesmo que *tingotalango**.

TUMBADERO. Em Cuba, lugar onde se deitava o escravo para que fosse castigado com açoite.

TUMBADORA. Tambor da percussão afro-cubana; espécie de conga* tocada, em geral, entre as pernas do executante.

TUMBANDERA. Antiga dança afro-cubana semelhante à rumba. Muito movimentada, era dançada sempre por um homem e uma mulher, ao som de dois pequenos tambores e maracas. Mário de Andrade (1989) consigna o termo na acepção de instrumento de percussão de origem cubana, consistente em uma botija de barro coberta por uma pele, como num tambor.

TUMBEIRO. O mesmo que navio negreiro*. A denominação alude às condições em que eram transportados os africanos escravizados para as Américas. Resulta de adjetivação do substantivo "tumbeiro" – transportador de cadáveres, indivíduo responsável pela condução de mortos à tumba ou sepultura.

TUNCO. O mesmo que muxoxo*.

TUNDA. Entre os negros do Equador, notadamente na província de Esmeraldas, ente fantástico feminino do ciclo do terror infantil, semelhante ao *güije** cubano.

TUNDA-CUMBÉS. Grupamento de supostos facínoras que participou da Guerra dos Mascates, chefiado por um certo Tunda-Cumbé. Esse conflito ocorreu em Pernambuco, no início do século XVIII, entre habitantes das cidades de Olinda e Recife.

TUNKA MANIN (século XI). Imperador do antigo Gana. Subiu ao trono em 1063, comandando, segundo o historiador árabe Al-Bakri (conforme Ki-

Zerbo, s/d), um exército de 200 mil guerreiros. Quando concedia audiências ao povo, mantinha à sua volta pajens com espadas e escudos de ouro, príncipes luxuosamente vestidos, com enfeites dourados nos cabelos, e cães de raça com coleiras de ouro e adornos de ouro e prata.

TURE, Kwame. *Ver CARMICHAEL, Stokely*.

TURKS E CAICOS, Ilhas. Colônia britânica localizada em um arquipélago a sudeste das Bahamas, com capital em Grand Turk. Sua população é majoritariamente africana, constituída por descendentes dos escravos que lá chegaram a partir do século XVII para trabalhar nas lavouras, principalmente nas plantações de algodão.

TURNBULL, Walter. *Ver HARLEM, Boys Choir of*.

TURNER, Big Joe (1911-85). Nome artístico de Joseph Vernon Turner, cantor americano nascido em Kansas City, Missouri, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Uma das grandes vozes da era do boogie-woogie*, voltou à cena na década de 1970, apoiado na orquestra de Count Basie*, como expoente do blues no estilo identificado como de Kansas City.

TURNER, Lorenzo Dow (1895-1972). Filólogo e etnólogo americano nascido em Elizabeth City, Carolina do Norte, e falecido em Chicago, Illinois. Formado na Universidade Howard e pós-graduado em Harvard e na Universidade de Chicago, destacou-se como pioneiro no estudo da contribuição africana para a cultura global. Professor de inglês, foi o primeiro afrodescendente a lecionar em horário integral na Roosevelt College, em Chicago. Em 1931, por suas pesquisas sobre o dialeto *gullah** e línguas africanas, tornou-se o primeiro afro-americano membro da Linguistics Society of America. É autor, entre outras obras, de *Africanisms in the Gullah dialect* (1949).

TURNER, [Nathaniel, dito] **Nat** (1800-31). Líder de uma revolta de escravos no condado de Southampton, Virgínia, nos Estados Unidos. Em fevereiro de 1831, Turner começou a planejar sua revolta e, em 22 de agosto, com seus seguidores, matou seu patrão e toda a família. Nas 24 horas seguintes, cerca de sessenta brancos foram mortos no condado. Capturado em 30 de outubro, Turner foi enforcado em 11 de novembro, após sumaríssimo julgamento. A repressão que se seguiu vitimou mais de cem escravos.

TURNER, Tina. Nome artístico da cantora americana Anna Mae Bullock, nascida em Nutbush, Tennessee, em 1939. Tendo começado a cantar em coros de igreja, aos 16 anos mudou-se para Saint Louis, Missouri, onde conheceu o músico Ike Turner (1931-2007), líder do grupo de rhythm-and-blues Kings of Rhythm, com quem formou, de 1960 a 1976, uma bem-sucedida dupla no gênero soul music*. Após o fim da dupla, empreendeu fulgurante carreira solo, ganhando vários prêmios Grammy e trabalhando também como atriz, com destacada participação no filme *Mad Max: além da Cúpula do Trovão* (1985). Com sua imagem sensualmente vibrante, consagrou-se como uma das mais renomadas cantoras da cena pop internacional.

TURQUIA, Terreiro da. *Ver ANASTÁCIA, Mãe*.

TURUNDU. Dança folclórica, semelhante à folia de reis, registrada por Mário de Andrade (1989) entre negros de Contagem, MG.

TUSKEGEE UNIVERSITY. Instituição de ensino fundada nos Estados Unidos em 1881. Localizada em Tuskegee, Alabama, foi inicialmente denominada The Tuskegee Normal and Industrial Institute (Instituto Normal e Industrial Tuskegee) e tinha como missão o treinamento de jovens homens e mulheres "de cor", contando com um programa voltado não apenas para as matérias acadêmicas como também para a formação moral e a preparação de seus alunos para o mercado de trabalho nas áreas industrial e agrícola. Seu fundador foi Booker T. Washington* e sua filosofia foi contestada, principalmente, por W. E. B. Du Bois*, que a considerava conservadora e subserviente. Mais tarde, entretanto, foi reconhecida como importante universidade, sendo, na década de 1960, oficialmente considerada um marco histórico nacional. *Ver UNIVERSIDADES NEGRAS (Estados Unidos)*.

TUTO. Armadilha para caçar preás, constante de uma vara com um laço na ponta, da tradição afro-brasileira. Do quicongo *e tutu*, "cana", "caniço".

TUTU [1]. Bicho-papão da tradição afro-brasileira; maioral, mandachuva; indivíduo valente, brigão. Do quimbundo *tutu* ou *kitutu*, "bicho", "bicho-papão". Variantes: Tutu-babá; tutu-cambê; tutu-gombê; tutu-marambaia; tutu-moringa; tutu-quiba; tutu-zambê; tutu-zambeta; tutu-zerê. O nome "tutu", conforme Silva Campos *et al.* (1928), tanto significa "bicho-papão"

como “mandão” ou “valentão”. Na Bahia, deu nome ao porco-do-mato, talvez por influência de “caititu”, e recebeu, aí e em outros lugares do Brasil, novos acréscimos, passando a ser tutu-zambê, tutu-cambê, tutu-marambaia, tutu-do-mato ou bicho do mato, pois “bicho” é efetivamente sinônimo de “tutu”.

TUTU [2]. Feijão cozido e refogado ao qual, com a adição de farinha de mandioca ou de milho, se dá a consistência de pirão.

TUTU, Desmond [Mpilo]. Bispo anglicano nascido na África do Sul, em 1931. Foi o primeiro negro a ocupar o cargo de secretário-geral do Conselho Sul-Africano das Igrejas. Em 1984, por sua luta contra o apartheid, recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Em 1996, aposentou-se da carreira de arcebispo da Cidade do Cabo.

TUTUNENE. Mandachuva. Do quimbundo *tutu inene*, “bicho grande”.

TUTUNQUÉ. Senhor poderoso e insolente. Do quimbundo *tutu*, “bicho” + o quicongo *nke*, “pequeno”.

TWELVE TRIBES (Doze Tribos). Nome pelo qual se tornou mais conhecida a Israelite School of Universal Practical Knowledge (Escola Israelita do Saber Prático Universal), seita religiosa criada no Harlem* na década de 1970. Seu curioso credo sustenta que os primeiros e verdadeiros israelitas eram negros que foram dominados pelos brancos por terem desobedecido aos mandamentos de Deus; mas, como os dominadores são amaldiçoados, sendo vítimas de uma espécie de lepra representada pela “ausência de melanina”, a situação será revertida quando os “verdadeiros israelitas” reencontrarem o caminho da verdade divina (conforme J. Ximenes Braga, 1998).

TWI. Grupo étnico da África ocidental, que constitui uma das subdivisões dos povos acãs*; a língua desse povo.

TWIST. *Ver CHECKER, Chubby*.

TYSON, Cicely. Atriz americana nascida em Nova York, em 1933. Cofundadora do Dance Theatre of Harlem, foi, dentre as atrizes afro-americanas, a que alcançou maior número de premiações no século XX. Em 1974 ganhou o Emmy (maior prêmio da tevê americana) por dar vida a uma escrava de 110 anos em *The autobiography of Miss Jane Pittman*.

TYSON, [Michael Gerard, dito] **Mike.** Pugilista americano nascido no Brooklyn, Nova York, em 1966. Extremamente vigoroso, em 1986 tornou-se o mais jovem campeão mundial na categoria dos pesos-pesados. Permaneceu invicto por quatro anos e, até 1996, venceu por nocaute quarenta dos 46 combates de que participou, construindo uma legenda. Vindo de uma infância problemática, mesmo depois de rico e famoso envolveu-se em várias ocorrências policiais, chegando a cumprir pena por estupro. Em 1997, foi afastado das competições por comportamento desleal em luta com Evander Holyfield (1962-), voltando à cena do boxe dois anos mais tarde, porém ainda em meio a polêmicas. *Ver BOXE*.

U

UADÔ. Alimento votivo de Oxum, à base de pipocas reduzidas a pó, com mel, açúcar e azeite de dendê. *Ver ADÔ [1].*

UAGADUGU. Capital e principal cidade de Burkina Fasso*, república da África ocidental.

UANGA. Forma brasileira para o umbundo *owanga* e seu correspondente quimbundo *uanga*, significando “feitiço”, “bruxedo”.

UANTUAFUNO. Cada um dos personagens que representavam escravos e vassalos nas antigas festas de coroação dos “reis” negros. Do quimbundo *atafunu*, plural de *mutafunu*, “escravo”, “moço companheiro”.

UBANGUI (ou Ubangi). Rio da África central, principal afluente da margem direita do rio Congo. Serve de limite entre o Congo-Brazzaville e o Congo-Kinshsa (antigo Zaire).

UBANGUI-CHARI. Antigo nome da República Centro-Africana*.

UCUETO. Em alguns falares bantos do Brasil, vocábulo que significa “companheiro”. Do umbundo *ukwetu*.

UCUMÍ. O mesmo que *lucumí**.

UEPEPÊ. Variante de eurepepê*.

UGANDA, República de. País da África oriental; limita-se ao norte com o Sudão, a oeste com o Congo-Kinshsa (ex-Zaire), a leste com o Quênia e ao sul com Tanzânia e Ruanda. Sua capital é Kampala e os principais grupos étnicos que compõem a população do país são: gandas, tesos, sogas, niancoles, acholis, nioros, ruandas. A história pré-colonial de Uganda, até tornar-se protetorado britânico em 1894, é a dos reinos de Buganda, Bunyoro e Kitara.

ULOLEBE. Uma das toboces da Casa das Minas*. Também, Ulolobe.

UMARIZAL. Comunidade remanescente de quilombo* localizada no município de Oeiras do Pará, PA, na região do rio Tocantins. *Ver AMAZÔNIA, Quilombos na*.

UMBANDA. Religião brasileira de base africana, resultante da assimilação de diversos elementos, fundamentando-se em cultos bantos aos ancestrais e na religião dos orixás jejes-iorubanos. Segundo alguns de seus teóricos, sincretizou-se com o hinduísmo, dele aceitando as leis que envolvem carma, evolução e reencarnação; com o cristianismo, seguindo principalmente suas normas de fraternidade e caridade; além de receber influências da religiosidade ameríndia. Em seus templos são realizadas sessões, em geral semanais, nas quais o transe mediúnico é provocado por cânticos e toques de tambor. Incorporados, os espíritos dos pretos velhos, caboclos e crianças, bem como os exus, dão consultas aos fiéis. **Etimologia:** O vocábulo *umbanda* ocorre no umbundo e no quimbundo significando "arte de curandeiro", "ciência médica", "medicina". Em umbundo, o termo que designa o curandeiro, o médico tradicional, é *mbanda*, e seu plural (uma das formas) é *imbanda*. Em quimbundo, o singular é *kimbanda* e seu plural, também, *imbanda*. A medicina tradicional africana é ritualística; daí o *mbanda* ou *kimbanda* ser comumente confundido com o feiticeiro, o que não é correto, já que os papéis são bem distintos: o *mbanda* cura, o feiticeiro (*ndoki* em quicongo; *ver ENDOQUE*) perpetra malefícios (*ver QUIMBANDA*). **Os pretos velhos:** Incorporando práticas de outras origens, pouco a pouco a umbanda tem reduzidos os traços de sua africanidade. Tais traços, não obstante, sobrevivem na figura dos pretos velhos, divinização de negros

bantos tomados como ancestrais. Essas entidades representariam uma tentativa de recriar, em terra brasileira, a ancestralidade que a escravidão destruiu. Atraídos pelo espiritismo de Allan Kardec, chegado ao Brasil em meados do século XIX, os primeiros umbandistas teriam evocado, após a abolição, tais entidades, que, assim como algumas das que são cultuadas na cabula* e no omolocô*, representariam espíritos de antepassados, e antepassados bantos, como expressamente indica a maioria de seus nomes – Vovó Cambinda, Vovô Congo, Pai Joaquim de Angola, Vovó Maria Conga etc. – e como indica também a sua morada mítica, Aruanda*, cujo nome remeteria ao continente africano, simbolizado pela cidade de Luanda, capital da República de Angola. Para certas correntes do kardecismo, porém, a escravidão do negro no Brasil justificar-se-ia pelo fato de que, com o sofrimento, as almas dos cativos teriam evoluído e se aprimorado. Então, enquanto a face africana da umbanda canta, dança, come, bebe e toca tambor, seu lado cristão faz o elogio da dor e do sofrimento por intermédio especialmente dos pretos velhos. **Cristianização:** Embora tenha como base o culto a orixás e ancestrais africanos, somado à divinização dos índios (na forma idealizada pela estética do romantismo brasileiro no século XIX), hoje, sem dúvida, a umbanda é um ramo brasileiro do cristianismo que se transforma ao incorporar novas influências. Da religiosidade tradicional negro-africana permaneceram o culto a alguns orixás iorubanos, algumas práticas litúrgicas, alguns símbolos – como os colares de contas –, bem como algumas formas de sacrifícios e oferendas, além dos tambores, em alguns casos. Essa cristianização progressiva, aliada a uma espantosa globalização, a qual levou a umbanda a vários países, inclusive europeus, caminhava, à época deste texto, no sentido de um branqueamento*, mediante iniciativas que procuravam mostrar essa religião como algo mais "científico" e menos "primitivo". E isso contrariando os princípios que teriam norteado o advento dessa vertente religiosa. Segundo uma versão histórica, a umbanda teria nascido exatamente no dia 15 de novembro de 1908, em Niterói, RJ. Nesse dia, o médium Zélio Fernandino de Moraes (1891-1975) teria incorporado, numa mesa kardecista, a entidade chamada Caboclo das Sete Encruzilhadas, a qual teria se expressado veementemente contra a discriminação de que, ali, eram objeto os espíritos de negros escravos, índios e crianças, tachados

de “atrasados”. Durante sua manifestação, a entidade teria resolvido fundar um culto que abrigasse todos esses espíritos discriminados. Entretanto, a partir do Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em 1941, a própria umbanda, por meio de uma vertente conhecida como “umbanda branca” ou “de mesa”, cada vez mais se reaproximou do kardecismo, indo daí até o orientalismo e condenando “fetiches, seitas ou crenças”, conforme proclamação transcrita nos anais do encontro (conforme Renato Ortiz, 1978, p. 172). Nascia, então, segundo Ligiéro e Dandara (1998, p. 120), o “oposto diametral” da umbanda cristã: a vertente denominada “quimbanda”. Em 2008, escritos supostamente psicografados, atribuídos ao espírito denominado “Ramatis”, celebravam o centenário da umbanda dentro dessa perspectiva desafricanizante. *Ver MACUMBA [1]*; *OMOLOCÔ*; *QUIMBANDA*.

UMBANDA-JIRA. Pedido de licença, em certos terreiros de tradição banta no Brasil.

UMBANDISTA. Adepto da umbanda*.

UMBANDOMBLÉ. Termo pejorativo usado para designar os terreiros pouco ortodoxos da tradição dos orixás. De umbanda* + candomblé*.

UMBIÁ. Em alguns falares bantos do Brasil, designação do cachimbo. Do umbundo *ombya*, “pote”, “panela”.

UMBIGADA. Expressão coreográfica presente em várias danças tradicionais afro-brasileiras, como simples passo ou como gesto de escolha do solista substituto. É uma constante nas danças dos povos bantos de Angola e arredores; por isso, o vocábulo quimbundo *semba*, “umbigada”, está na raiz do termo samba [1]*.

UMBUNDO. Língua dos ovimbundos*.

UMPANZO. O mesmo que Impanzo*.

UNCLE SAMBO. Personagem de contos folclóricos norte-americanos, correspondente, como o Uncle Tom*, ao brasileiro Pai João*.

UNCLE TOM. Nos Estados Unidos, arquétipo do velho negro escravo, bom e submisso, criado com base no romance *Uncle Tom's cabin*, de 1852. No Brasil, onde o romance recebeu o título de *A cabana do Pai Tomás*, o personagem corresponde ao Pai João*. *Ver CABANA DO PAI TOMÁS, A.*

UNDERGROUND RAILROAD (Ferrovia Clandestina). Rede secreta de cooperação, atuante nos Estados Unidos até 1861, com o objetivo de ajudar trabalhadores escravos a escapar do cativeiro e buscar refúgio nos estados livres do Norte ou no Canadá. Seus integrantes mantinham "estações", esconderijos temporários onde os fugitivos dispunham de alimentação e ajuda financeira, enquanto experientes "condutores", quase sempre também escravos fugidos, encaminhavam os "passageiros" para a liberdade. Os dois mais famosos condutores foram Josiah Henson* e Harriet Tubman*.

UNESCO. Sigla da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), órgão fundado em 1945, com sede em Paris, cuja finalidade é promover o desenvolvimento da educação, da ciência e da cultura em todo o mundo. Entre 1951 e 1952, patrocinou um amplo estudo sobre as relações raciais no Brasil, com a participação de cientistas sociais brasileiros, franceses e americanos, entre os quais Florestan Fernandes, Roger Bastide e Charles Wagley.

UNGUI. Tutu de feijão. Do quimbundo *ungui*, feijão guisado com azeite e farinha de mandioca.

UNGUNDO. Pó; rolão, a parte mais grossa da farinha de trigo. Do umbundo *ngundo*, "remédio em pó", "veneno em pó"; "funcho ou fiolho de que se extrai pó medicinal".

UNIA. Sigla da Universal Negro Improvement Association (Associação Universal para o Progresso do Negro), entidade fundada em 1914 por Marcus Garvey*.

UNIÃO DAS SEITAS AFRO-BRASILEIRAS DA BAHIA. Entidade criada em 1937, após o Segundo Congresso Afro-Brasileiro, por iniciativa de Édison Carneiro*, com o objetivo expresso de, reunindo numa federação todos os terreiros do estado, lutar pela legitimação dos cultos afro-baianos. *Ver CONGRESSOS AFRO-BRASILEIROS*; *FEDERAÇÃO BAIANA DO CULTO AFRO-BRASILEIRO*.

UNIÃO DOS HOMENS DE COR. Associação fundada em Porto Alegre, RS, em 3 de janeiro de 1943.

UNIÃO GERAL DAS ESCOLAS DE SAMBA DO BRASIL. Primeira organização do gênero, a entidade foi fundada no Rio de Janeiro, em 1933, sob a liderança de Flávio de Paula Costa, sambista do morro do Salgueiro*, que se tornou seu primeiro presidente. Dois anos depois de sua fundação, o carnaval das escolas cariocas era oficializado pela prefeitura municipal.

UNIÃO NEGRA DO BRASIL. Entidade fundada em São Paulo, na década de 1930. Em 13 de maio de 1938, seus membros reuniram-se em sessão solene no Teatro Municipal, dando início a um ciclo de conferências sob o patrocínio do Departamento de Cultura do município. Na oportunidade, foi reafirmado o propósito de trabalhar pela emancipação econômica e social do povo negro.

UNIDADES MILITARES ÉTNICAS. Durante a época escravista, as autoridades coloniais na América Latina organizaram unidades militares compostas de negros, livres e escravos. Essas unidades tinham por objetivo não só engrossar os exércitos coloniais como também atuar como elemento de controle das massas nas quais seus componentes eram recrutados. Assim, conheceram-se, por exemplo: no atual Haiti, o Corps de Chasseurs Volontaires de Gens de Couleur de Saint Domingue (1779); na Argentina, o Tercer Tercio Cívico Defensores de Buenos Aires (1830) e o Libertos de Buenos Aires (1831); e, no Brasil, o Batalhão dos Libertos do Imperador (1823) e os Zuavos Baianos (1865), entre muitos outros.

UNIDOS DA TIJUCA. Escola de samba carioca fundada na comunidade do morro do Borel, em 31 de dezembro de 1931. É a mais antiga das escolas de samba de porte médio e a quarta mais velha entre todas as que desfilam no carnaval do Rio de Janeiro.

UNIÓN AFRICANA Y SUS DESCENDIENTES. Associação pan-africanista fundada em Havana, Cuba, em 1892, com o objetivo de unir todas as pessoas de origem africana por meio de um programa educacional e assistencial. No ano seguinte ao de sua fundação, seus dirigentes solicitaram permissão ao governador espanhol para usarem uma bandeira “africana”, azul com uma estrela dourada no centro. A permissão foi energicamente negada, sob o argumento de que os africanos de Cuba não eram estrangeiros, e sim espanhóis. Entre seus projetos, contava-se o de implantar

uma linha marítima entre Cuba e a África, ideia cuja essência foi, depois, retomada por Marcus Garvey*.

UNION BAND SOCIETY. Associação fundada em Nova Orleans, Louisiana, em 1860, com finalidades análogas às dos *cabildos* afro-hispânicos. *Ver CABILDO*.

UNIPALMARES. Acrônimo de "Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares", entidade de ensino superior fundada por meio do Instituto Afro-Brasileiro de Ensino Superior, na cidade de São Paulo, em 2003. Criada por iniciativa de José Vicente (1959-), sociólogo formado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, por intermédio da Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sociocultural (Afrobrás), entidade que visa à inserção socioeconômica, cultural e educacional dos jovens negros brasileiros, destacou-se como a primeira instituição de ensino superior brasileira voltada para afro-brasileiros, reservando pelo menos 50% de suas vagas para a população negra. Mantendo parceria com grandes empresas, patrocinadoras de cursos e comprometidas com a inserção de formados no mercado de trabalho, em 2007 graduou sua primeira turma de administração de empresas e iniciou curso de direito, recomendado pela seção paulista da Ordem dos Advogados do Brasil, chancela essa só recebida antes por quatro universidades: Pontifícia Universidade Católica (PUC), Universidade de São Paulo (USP), Mackenzie e São Judas Tadeu.

UNIVERSIDADES NEGRAS (Estados Unidos). A mais antiga instituição de ensino superior para negros ainda em funcionamento no território americano é a atual Cheyney University, fundada na Pensilvânia em 1837. Entre 1865 e 1871, o número de estabelecimentos do gênero aumentou consideravelmente, com a fundação dos seguintes: Shaw University, Virginia Union University, Fisk University, Lincoln Institute (hoje Lincoln University), Talladega College, Augusta Institute (hoje Morehouse College), Biddle University (hoje Johnson C. Smith University), Howard University, Scotia Seminary (hoje Barber-Scotia College), Tougaloo College, Alcorn College (hoje Alcorn State University) e Benedict College. Ao longo do século XIX, segundo levantamentos recentes, inclusive do professor brasileiro José Luiz Pereira da Costa (*ver Bibliografia*), foram criadas nos Estados Unidos mais de cinquenta universidades negras, entre elas a

Tuskegee University*, de 1881, hoje considerada um marco histórico nacional.

UNIVERSOUL BIG TOP CIRCUS. Empresa circense criada em 1994, em Atlanta, Geórgia, Estados Unidos, pelos empresários Cedric Walker, do ramo de entretenimento, e Carl Dupree, ex-radialista. Única companhia em seu gênero com elenco negro e presidida por um afrodescendente, tem como objetivo declarado construir e fortalecer, por meio da diversão e da educação, a autoestima das comunidades para as quais se apresenta. Em 1999, protagonizou um programa especial para o canal HBO, o qual, atingindo altos índices de audiência, foi indicado para o Emmy, o mais importante prêmio da tevê americana. Em 2001, o UniverSoul fazia, em Joanesburgo, África do Sul, em benefício do Fundo Nelson Mandela, sua primeira apresentação internacional.

UOLOFE. Forma, em língua portuguesa, correspondente a wollof*.

URBINA, Antonio (século XVIII). Pioneiro hondurenho nascido em Yoro. Foi capataz do colono inglês Pitt, na localidade de Mosquitia, próxima ao rio Mistieri, sendo um dos primeiros povoadores da região.

URFÉ, Família. Família de ilustres músicos afro-cubanos. **José Urfé** (1879-1957): Compositor, clarinetista, professor e diretor de orquestra nascido em Madruga e falecido em Havana, responsável pela introdução, no *danzón** cubano, de elementos procedentes do *son**, os quais definiram as atuais formas daquele gênero. Como autor, deixou para a posteridade destacadas obras, incluindo habaneras, *criollas*, caprichos, *danzones*, além de músicas religiosas. **José Esteban Urfé** (1910-79): Compositor e diretor de orquestra, compôs música para balé, canções corais e peças para clarinete e piano. Era também doutor em Pedagogia. **Odilio Urfé** (1921-88): Musicólogo, pianista e diretor de orquestra nascido em Madruga e falecido em Havana. Aprendeu as primeiras noções de música com o pai, José Urfé*, e com a mãe, Leonor González. Nos anos de 1940, já pianista da Orquestra de Câmara do Conservatório Municipal de Música de Havana, fundou o Instituto de Investigación Folclórica. A partir de então, dirigiu várias instituições musicais em seu país. Quando faleceu, ocupava o cargo de diretor do Seminario de Música Popular. **Orestes Urfé** (1922-90): Contrabaixista e professor de música nascido em Madruga. Filho de José e

irmão de Odilio Urfé*, integrou a Orquestra Sinfônica de Boston e a Orquestra Filarmônica de Havana. Também foi professor da Escuela Nacional de Música de Cubanacán.

URTIGA-BRANCA (*Lamium album*). Planta da família das labiadas. Na tradição religiosa afro-brasileira, pertence a Exu.

URTIGA-VERMELHA (*Urera caracasana*; *Urera baccifera*). Planta da família das urticáceas, também chamada de urtiga-brava e cansanção. No culto brasileiro dos orixás, é planta de Exu.

URUBÁ. Reino mítico do catimbó*. Provável referência, como em Aruanda*, ao território do povo iorubá*.

URUBU. *Ver AURA TIÑOSA.*

URUBU, Quilombo do. Aldeamento quilombola localizado no Cabula, hoje bairro da periferia da cidade de Salvador, BA. Protagonizando uma revolta em 1826, destacou-se na luta a líder Zeferina*, que enfrentou, com arco e flecha, as tropas da repressão e, presa, foi condenada a trabalhos forçados.

URUCUNGO. Berimbau de barriga; cavalo ruim. Do nome africano para o arco sonoro: *lukungu*, entre os bangalas e quiocos; *nrukumbu*, entre os lundas. No segundo caso, o cavalo certamente recebe essa denominação porque, quando velho, tem a coluna vertebral arqueada, como o pau do berimbau. O nome designa também uma espécie de rabeca da tradição nordestina, com caixa de ressonância em forma de cuia.

URUCUZEIRO (*Bixa orellana*). Planta da família das bixáceas, também referida como urucum e urucuuba. No âmbito das religiões afro-brasileiras, pertence a Xangô. Em Cuba, onde é conhecida como *bija*, pertence cumulativamente a Xangô e a Eleguá.

URUGUAI, República Oriental do. País da América do Sul – limitado pela Argentina a oeste, pelo Brasil ao norte e a leste, e ao sul pelo estuário do rio da Prata (sudoeste) e pelo oceano Atlântico (sudeste) – em que, segundo estatísticas oficiais, 10% da população é formada por negros e mestiços, presença que se evidencia em alguns traços da cultura nacional. A capital uruguaia é Montevidéu. **Antecedentes históricos:** O atual Uruguai, antigo objeto de disputa entre espanhóis e portugueses, chamou-se inicialmente Banda Oriental e fez parte do Vice-Reinado do Prata, de 1776

a 1828, quando teve reconhecida sua independência e adotou a denominação atual (*ver ARGENTINA*, República). Em 1803, segundo Franklin e Moss Jr. (1989), a população negra da capital somava 1.040 pessoas, sendo que a população geral totalizava 4.726 habitantes. Durante a Guerra do Paraguai*, o Exército uruguaio contou com expressiva participação negra. Por outro lado, alguns historiadores justificam a inferioridade numérica do negro na população uruguaia em virtude de o emprego do trabalho escravo não ter atingido, na região do Prata, a mesma dimensão que em regiões de minas e de cultivo intenso da terra. E isso porque, segundo eles, o sistema pastoril extensivo, lá desenvolvido, exigia destreza, habilidade pessoal e iniciativa individual em vez de numerosa mão de obra. **Imprensa negra:** A propalada inferioridade numérica e a efetiva repressão não desestimularam as tentativas de organização da população afro-uruguaia após a abolição da escravatura, ocorrida em 1846. Ainda no século XIX, a capital do país viu surgir uma aguerrida imprensa negra, lutando pelos direitos de seu povo, por meio de iniciativas que persistem ainda hoje. Nesse contexto destacam-se: *La Conservación* (1872), jornal dirigido por Timoteo Olivera, tendo como redatores Marcos Padín García e Andrés Seco; *La Propaganda* (1893-95), de redação anônima; *Ecos del Porvenir* (1901), fundado por Guillermo Céspedes e Brígido Anaya; *La Verdad* (1911-14), cujo secretário de redação era Victoriano Rivero; *La Vanguardia* (1928-29), dirigido por Salvador Betervide, um dos poucos advogados negros no foro de Montevidéu na década de 1930, e tendo entre seus colaboradores Isabelino José Gares, C. Cardozo Ferreira, Julián Acosta, Cecilio Díaz e Vito Pereyra Pérez. Além dos já citados, é notável a atuação do jornal *Nuestra Raza*, fundado em San Carlos em 1917 por María Esperanza y Ventura Barrios e reaparecido em Montevidéu em 1933 – por iniciativa de sua fundadora e dos escritores Pilar E. Barrios e Elemo Cabral –, onde circulou até 1948. Esse jornal seria o órgão de imprensa a dar sustentação ao Partido Autóctono Negro, participante das eleições de 1937, a exemplo do que já ocorrera em 1872, quando o *La Conservación* lançou a candidatura de José M. Rodríguez. **Exclusão do negro:** Em 1965, I. Pereda Valdés (*ver Bibliografia*) constatava a situação de exclusão do negro no país e informava: “No Uruguai não existe negro rico” (p. 191, tradução do autor).

Segundo ele, os cerca de 40 mil negros então existentes em todo o território uruguaio ocupavam cargos inferiores: auxiliares ou porteiros da administração pública, engraxates, carregadores, criadas, lavadeiras, soldados, peões de obra, vendedores de jornais etc. "Em Montevidéu", afirmou Valdés, "priva-se o negro até de ocupar empregos modestos como os de balconista de loja, motorista de ônibus, empregado de hotel etc. [...]" (*op. cit.*, p. 192, tradução do autor). Até o início do século XXI, as informações disponíveis não mostravam avanços significativos.

URUNDUNGO. Em alguns falares bantos do Brasil, aportuguesamento do umbundo *olundungu*, "pimenta".

USMAN DAN FODIO (1754-1817). Líder do povo fulâni, da atual Nigéria. Sábio muçulmano prodigiosamente dotado para as línguas e para os estudos em geral, destacou-se como um dos mais inteligentes governantes africanos. Cumprindo um avançado programa de desenvolvimento social, operou verdadeira revolução em seu Estado a partir de 1786. Entretanto, seu grande jihad* causou sérias perdas a povos "infiéis" vizinhos, como os iorubás.

USSÁ. Variante de hauçá*.

V

VACCINE. Trombeta de bambu do Haiti, soprada e ao mesmo tempo percutida com uma baqueta.

VACUNAO. Espécie de umbigada do *guaguancó** cubano. Após sua aplicação, o dançarino estaria *vacunado*, isto é, vacinado, imunizado.

VAGALUME (*c.* 1875-1946 ou 47). Pseudônimo de Francisco Guimarães, jornalista e escritor nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. No final da década de 1880, provavelmente, iniciava-se no jornalismo. Em 1893, segundo consta, teria participado da revolta chefiada por Custódio de Melo, em defesa da legalidade constitucional, ganhando então o título de alferes honorário do Exército e, mais tarde, o posto de capitão da Guarda Nacional. Em 1923 foi um dos recepcionistas do jornalista afro-americano Robert Abbott (1870-1940), que veio ao Brasil em campanha contra a segregação racial em seu país. Nos anos de 1930, foi um dos maiores incentivadores do carnaval carioca e das nascentes escolas de samba, sobre cujo universo escreveu o livro *Na roda do samba* (1933), obra fundamental para o

conhecimento dos morros cariocas na primeira metade do século. Decano entre os cronistas carnavalescos, foi também frequentador e profundo conhecedor das comunidades religiosas afro-cariocas, tendo publicado no jornal *A Crítica*, também na década de 1930, uma série de reportagens sobre o assunto, intitulada "Mistérios da Mandinga".

VAI. Indivíduo dos vais, povo localizado nos atuais territórios de Serra Leoa e Libéria; a língua desse povo. Também citados como vay, vehie, vei, vu, gallina ou galinha (segundo Costa e Silva, 2002). *Ver MANDINGAS.*

VALDENCÓ. Na Casa de Nagô, em São Luís do Maranhão, o mesmo que peji* ou comé. Também, valdencorne, vandecórni, valdencômi, vardencó.

VALDÉS, Chucho. Nome artístico de Dionisio Jesús Valdés Rodríguez, pianista e compositor cubano nascido em Quivicán, em 1941. Integrante da Orquestra Cubana de Música Moderna, fundou mais tarde o grupo Irakere, que se distinguiu por atuar numa linha de resgate das raízes da música afro-cubana utilizando novos elementos expressivos. É considerado pela crítica um dos maiores pianistas de jazz em todo o mundo.

VALDÉS, Gabriel de la Concepción. *Ver PLÁCIDO.*

VALDÉS, José Manuel (1767-1843). Cientista médico peruano nascido e falecido em Lima. Professor da Universidade de Lima, em 1815 foi eleito membro da Real Academia de Medicina de Madri. Era zambo*, mestiço de negro e índio.

VALDÉS, Merceditas (1928-96). Cantora cubana nascida e falecida em Havana. Cognominada *La Pequeña Aché* ("A Menina Axé*"), é considerada a grande matriarca da música afro-cubana. Especialista em música tradicional, ilustrou com sua voz importantes conferências do etnomusicólogo Fernando Ortiz. Viajou ao exterior com Ernesto Lecuona e dividiu a cena com figuras como Nat King Cole*, Sarah Vaughan*, Chano Pozo*, Miguelito Valdés etc. Seu talento e sua personalidade lhe valeram inúmeras premiações, como a Medalha de Ouro Pablo Picasso e o diploma de mérito artístico concedidos pela Unesco* e o Prêmio Egrem, conferido pela gravadora estatal cubana, todos em 1996.

VALDIR e VALTER SETE CORDAS. Nomes pelos quais se tornaram conhecidos os gêmeos idênticos Valdir e Valter de Paula e Silva, instrumentistas brasileiros nascidos no Rio de Janeiro, RJ, em 1940. Músicos

versáteis, executando tanto o violão de sete cordas, que compôs o nome artístico de ambos, como o cavaquinho e a guitarra elétrica, a partir de 1960 integraram, juntos ou separados, vários conjuntos importantes, como o regional Chapéu de Palha e o Grupo Fundo de Quintal*, além de acompanharem intérpretes de renome como Martinho da Vila*, Elza Soares* e Clara Nunes*.

VALE DO PARAÍBA. Região no Sudeste brasileiro onde se localizou, no século XIX, a maior área de produção de café no país, concentrando, por conseguinte, grandes contingentes de população negra. Seu nome deve-se ao rio Paraíba do Sul, formado pelos rios Paraibuna e Paraitinga, que nascem na serra da Bocaina. Atravessando várias cidades dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, além de um pequeno trecho de Minas Gerais, o Paraíba do Sul deságua no litoral fluminense, próximo a Campos.

VALE, João [Batista] **do** (1934-97). Compositor e cantor brasileiro nascido em Pedreiras, MA, e falecido na capital São Luís. Tornando-se conhecido do grande público a partir dos anos de 1960, foi, ao lado de Luiz Gonzaga*, um dos maiores criadores musicais de temática nordestina da música brasileira. Sua obra, carregada de denúncias contra as injustiças sociais mas também cheia de malícia e fina ironia, inclui canções famosas, como *Carcará*, *Pisa na fulô*, *O canto da ema*, *Peba na pimenta* etc.

VALENÇA, Isabel (1927-90). Personagem do carnaval carioca. Figura de destaque da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, em 1963 encarnou Chica da Silva*, consagrando-se como um mito de dimensão nacional. No ano seguinte, tornou-se a primeira mulher negra a participar do concurso de fantasias do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na categoria "luxo".

VALENSSA, Valéria. Nome artístico de Valéria Conceição dos Santos, modelo brasileira nascida no Rio de Janeiro, em 1971. Nos anos de 1990, tornou-se nacionalmente famosa dando vida – com o corpo desnudo, coberto apenas com grafismos coloridos – à "Mulata Globeleza", símbolo das transmissões carnavalescas da principal rede brasileira de televisão.

VALENTIM, Edmilson. Político brasileiro nascido em São João de Meriti, RJ, em 1963. Formado em Engenharia, iniciou carreira como militante no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. Filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e elegeu-se deputado federal em 1986.

Membro titular da Comissão da Ordem Social na Assembleia Nacional Constituinte, mais tarde foi deputado estadual no Rio de Janeiro.

VALENTIM, Mestre (1750-1813). Nome pelo qual foi conhecido o escultor e arquiteto brasileiro Valentim da Fonseca e Silva, nascido em Serro Frio, MG, e falecido no Rio de Janeiro. O maior em sua arte no Brasil colonial, depois de Aleijadinho*, era filho de um português e uma negra brasileira. Toda a sua produção de talhas e imagens de santos encontra-se na cidade do Rio de Janeiro, em igrejas como as da Boa Morte, do Mosteiro de São Bento, da Ordem Terceira do Carmo e de São Francisco de Paula. E toda a arquitetura e decoração do Passeio Público do Rio de Janeiro, do portão às esculturas, são obra do seu talento.

VALENTIM, Rubem (1922-91). Artista plástico brasileiro nascido em Salvador, BA. Dedicando-se à pintura a partir de 1947, dois anos depois, no Salão Baiano de Belas-Artes, expôs o que se considera o primeiro quadro abstrato feito na Bahia. Pintor e escultor, participou de diversas versões da Bienal de São Paulo, entre 1955 e 1977, e da Exposição de Arte Contemporânea nas duas oportunidades em que ocorreu o Festival Mundial de Arte Negra, com obras inspiradas na geometria de símbolos dos cultos afro-brasileiros.

VALENTÍN (século XIX). Líder escravo cubano. Lutou no engenho Nueva Vizcaya e em outras localidades do distrito de Yumurí durante a Conspiração de La Escalera*, em março de 1844. Foi, simbolicamente, eleito rei pelos cerca de 6 mil negros sob seu comando.

VALENTINE, [Alfred Louis, dito] **Alf** (1930-2004). Jogador de críquete nascido em Kingston, Jamaica. Em 1950, hipnotizou o mundo do críquete inglês, sendo celebrado por seus feitos esportivos, inclusive em letras de canções do gênero calipso*.

VALENZUELA, Raimundo (1848-1905). Diretor de orquestra, compositor e trombonista cubano nascido em San Antonio de los Baños e falecido em Havana. Compôs obras populares e de aspecto clássico, incursionando pela música religiosa e de câmara. Escreveu arranjos em ritmo de *danzón** para trechos de óperas italianas como *Rigoletto*, *Tosca* e *Madame Butterfly*. Sua Orquesta Típica de Raimundo Valenzuela foi uma

das mais populares de Cuba na passagem do século XIX para o XX. Foi também colaborador decisivo na luta pela independência de seu país.

VALÉRIO [Silva Filho]**, Edvaldo.** Nadador brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1978. Conhecido como "Bala", graças à sua rapidez, iniciou-se em sua modalidade esportiva aos 3 anos de idade. Em junho de 2000, ao superar o índice exigido pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, tornou-se o primeiro nadador negro convocado para defender o Brasil em uma Olimpíada. *Ver NATAÇÃO.*

VALICA. Instrumento musical de origem africana (conforme Mário de Andrade, 1989).

VALIENTE, Juan (?-1553). Militar latino-americano; escravo, possivelmente africano, de um certo Alonso Valiente em Los Angeles, Nova Espanha, hoje território dos Estados Unidos. Em 1535, fugindo do domínio de seu senhor e tido como soldado livre, acompanhou Diego de Almagro, conquistador do Peru, até o Chile, onde trabalhou e lutou sob o comando do conquistador Pedro de Valdivia. Em 1548 casou-se com uma escrava negra de seu comandante e dois anos depois, por seu comportamento de chefe de família honrado, foi elevado por ele à condição de líder da comunidade dos índios toquíguas. Próspero e estruturado, tentou legalizar sua situação civil em relação a Alonso Valiente. Este, entretanto, mandou capturá-lo no Chile, o que não ocorreu pois, quando os captores chegaram, ele já havia morrido. A história de Juan Valiente é o espelho da situação legal dos negros nas Américas: podiam acumular fama e fortuna, mas jamais se livrariam do estigma da origem.

VALLENATO. Gênero de música popular caribenha do litoral da Colômbia. Mais conhecida a partir dos anos de 1970, combina traços africanos com elementos europeus, como o uso do acordeão.

VALONGO. Sítio histórico na cidade do Rio de Janeiro, onde se localizaram os armazéns de compra e venda de escravos, quando essas atividades deixaram de ser realizadas na rua Direita, atual Primeiro de Março, no fim do século XVIII. A escolha do local, à beira-mar e com cais próprio, obedeceu a razões estéticas e sanitárias, em virtude do aspecto deprimente e pouco higiênico que o nefando comércio dava ao centro da cidade. O sítio, que em 2002 ainda abrigava um logradouro chamado

"escadaria do Valongo", ocupava parte da atual rua Sacadura Cabral, nas proximidades do início da rua Camerino. *Ver CEMITÉRIOS DE ESCRAVOS no Rio de Janeiro*.

VALZINHO (1914-80). Nome artístico de Norival Carlos Teixeira, violonista e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Com carreira radiofônica iniciada em 1933, integrou importantes grupos instrumentais do gênero "regional". Tido como um antecipador do estilo de harmonização da bossa nova, é coautor, entre outras obras, de *Doce veneno* (1945) e *Óculos escuros*, samba-choro de 1955, relançado em 1971 por Paulinho da Viola*. Também artista plástico, foi gravador artístico na Casa da Moeda e, nos anos de 1940 e 1950, conquistou premiações nas áreas de gravura e escultura no Salão Nacional de Belas-Artes (conforme *Enciclopédia da música brasileira*, 1977).

VAN DER ZEE, James Augustus (1886-1983). Fotógrafo americano nascido em Lenox, Massachusetts, e falecido em Nova York. Por cerca de cinquenta anos foi o fotógrafo "oficial" do Harlem*, retratando tipos populares e cenas do cotidiano e realizando trabalhos que iam de retratos de família ao registro de funerais, paradas e festivais.

VANDEREGIR. O mesmo que Banderegir*.

VANTOEN Pereira Jr. Fotógrafo brasileiro nascido no Rio de Janeiro, em 1960. Repórter fotográfico desde 1978 e técnico de cinema com carreira iniciada em 1980, vários de seus trabalhos já foram publicados nos principais jornais e revistas brasileiros. É focalizado na *Antologia da fotografia africana e do oceano Índico* (Paris, Revue Noire, 1998), resultante da mostra de igual nome realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo na gestão de Emanoel Araújo*, na década de 1990.

VARELA, Obdulio (1917-96). Jogador uruguaio de futebol nascido e falecido em Montevidéu. Atleta aguerrido e líder nato, foi o capitão e herói da seleção uruguaia que derrotou o Brasil no estádio do Maracanã, na final da Copa do Mundo de 1950. Era chamado pela imprensa uruguaia de *El Negro Chefe*.

VARGAS (?-1844). Revolucionário cubano nascido em Matanzas. Barbeiro de profissão, após envolver-se na Conspiração de La Escalera* foi fuzilado no Paseo de Versailles, em sua cidade natal.

VARÍOLA. Moléstia infectocontagiosa; o mesmo que bexiga. As péssimas condições de viagem nos navios negreiros faziam que muitos escravos fossem vitimados pela varíola. Na baía de Guanabara, a ilha de Villegaignon foi, durante algum tempo, conhecida como "Degredo das Bexigas", pelo fato de ali permanecerem, em isolamento, os africanos que chegavam contaminados ao Rio de Janeiro. Na tradição jeje-nagô, Xapanã* é o orixá que dissemina e cura essa enfermidade, sendo que seu nome se confunde com o da doença: *sòpponá* (iorubá); *sakpata* (fongbé).

VARJÃO, Valdon (1926-2008). Político brasileiro nascido em Cariús, CE. Ex-garimpeiro e tabelião em Barra do Garças, MT, foi senador por seu estado entre 1983 e 1985.

VASCONCELOS, José (*c.* 1722-*c.* 1760). Poeta mexicano. Famoso por seus versos alegres e bem-humorados, foi resgatado por Nicolás León em 1912, com a publicação de *El Negrito Poeta Mexicano y sus populares versos*.

VASCONCELOS, [Juvenal de Holanda, dito] **Naná.** Percussionista brasileiro nascido em Recife, PE, em 1944. Tornando-se conhecido em 1967, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, atuou ao lado de Milton Nascimento*, Gilberto Gil* e outros grandes nomes. A partir de 1970, desenvolveu intenso trabalho nos Estados Unidos e na Europa, e viajou para a África para realizar pesquisas de campo. Na década de 1990 passou a organizar o Panorama Percussivo Mundial – PercPan, festival internacional de percussão realizado anualmente (cuja primeira edição foi em Salvador, BA, em 1994), e a desenvolver trabalhos musicais com menores desassistidos.

VASCONCELOS, Zacharias de Góis e (1815-77). Político e magistrado brasileiro nascido em Valença, RJ, e falecido no Rio de Janeiro. Foi presidente de várias províncias, diversas vezes ministro de Estado e presidente do Gabinete do Império, além de deputado e senador em vários mandatos. É referido como mulato no livro *Ordem e progresso*, de Gilberto Freyre (1974), e foi citado, no primeiro pronunciamento de Abdias Nascimento* no Senado, em 1991, como um afrodescendente que escondia sua origem.

VASQUES, Francisco Correia (1839-92). Ator brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro e frequentemente mencionado como "o ator

Vasques". O maior ator cômico de sua época e um dos maiores artistas da cena brasileira em todos os tempos, sua importância, em comparação, por exemplo, com o mitológico João Caetano, é assim enfatizada por seu biógrafo Procópio Ferreira (1979, p. 37) : "Se João Caetano, em um meio tão hostil [o teatro brasileiro da época, absolutamente dependente do europeu], alcançou a perfeição de suas criações, rivalizando com os mais notáveis artistas do seu tempo, Vasques não lhe fica a distância. Sintetizando o tipo do perfeito comediante, reunia qualidades até então desconhecidas para a perfeição do artista cênico. A obra do grande cômico é maior e mais significativa. João Caetano foi, isoladamente, um grande ator criando assombrosamente os seus papéis; Vasques foi igualmente grande intérprete criando uma escola". Além disso, Vasques escreveu cerca de cinquenta textos teatrais – muitos deles caracterizados como comédias de costumes, nas quais se delineiam os traços de um teatro brasileiro em processo de independência em relação à cultura européia –, publicados ou encenados a partir de 1859. Amigo íntimo de José do Patrocínio*, dedicou-se entusiasticamente à causa abolicionista e, motivado por ela, improvisava rápidas cenas, em cafés, nas ruas, enfim, onde houvesse concentração popular, para, despertada a atenção do público, fazer pequenos discursos de proselitismo. Fisicamente, é descrito por seu biógrafo como "um tipo de caboclo" de "pele amorenada de mestiço".

VASQUES, Martinho Correia (1822-90). Ator brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Comediante admirado, atuou no Teatro Fluminense nas encenações, entre outras, de *O chapéu de palha da Itália*, de Labiche, e *O senhor de Pourceaugnac*, de Molière, tendo recebido, por ocasião desta montagem, expressiva manifestação de carinho da colônia francesa no Rio. Era irmão do célebre "ator Vasques*".

VASSA, Gustavus. *Ver EQUIANO, Olaudah.*

VASSOURINHA (1923-42). Cognome do cantor brasileiro Mário Ramos, nascido e falecido em São Paulo, SP. De existência curtíssima, teve uma passagem avassaladora pelo cenário artístico do país, sendo consagrado como um dos maiores estilistas do samba em sua época, principalmente em interpretações como as dos clássicos *Emília* (Wilson Batista* e Haroldo Lobo) e *Seu Libório* (Haroldo Lobo e Milton de Oliveira).

VASTEY, Valentin (1735-1820). Escritor haitiano. Parente de Alexandre Dumas*, secretário do rei Henri Christophe* e titulado como barão, publicou, entre outras obras, *Essai sur les causes de la révolution et des guerres civiles en Haïti* (1819). É considerado por Robert Cornevin como uma espécie de ancestral do movimento da *négritude**.

VATAPÁ. Iguaria da culinária afro-baiana, consiste em uma espécie de pirão feito com peixe, camarões etc. Na forma mais tradicional de preparo, faz-se um refogado e juntam-se a ele peixe, camarões frescos e tomates; depois, retiram-se esses ingredientes principais e adicionam-se amendoim, miolo de pão e leite de coco ao molho que ficou. Então, adicionando-se mais leite de coco, faz-se uma espécie de mingau, ao qual se acrescentam o peixe, os camarões e o tomate. Após a fervura, adiciona-se azeite de dendê, finalizando o prato. Consoante Jacques Raymundo* (1933), o nome se origina da expressão iorubá *èba-tàpà*, que designa o pirão feito à moda do povo tapa*. Segundo Antenor Nascentes* (1966), o prato e o nome foram criados no Brasil.

VATUA. Indivíduo dos watwas, povo pigmoide da região dos Grandes Lagos, na África central, que teve representantes escravizados no Rio de Janeiro (conforme Luiz Edmundo, s/d).

VAUGHAN, H. A. (1901-85). Político e escritor nascido em Barbados cujo nome completo é Hilton Augustus Vaughan. Formado em Direito na Inglaterra, ao voltar ao seu país entrou para a política e foi eleito para a Casa da Assembleia. Mais tarde tornou-se magistrado. Em 1945, publicou *Sandy land and other poems*.

VAUGHAN, Sarah [Lois] (1924-90). Cantora americana nascida em Newark, Nova Jersey, e falecida em Los Angeles, Califórnia. Com carreira iniciada em 1943, foi, graças a uma técnica ímpar e tessitura vocal de raro alcance, uma das maiores intérpretes mundiais do jazz e da música popular de seu país, tendo também incursionado pela música brasileira.

VAVAL. Na Martinica, espécie de alegoria, simbolizando o carnaval, que sai às ruas durante as folias carnavalescas, para ser queimada ao fim da festa.

VAVAL, Duraciné (1879-1952). Poeta natural de Aux Cayes (atual Les Cayes), Haiti. Formado em Direito em Paris, ao voltar a Porto Príncipe lecionou e depois exerceu a advocacia, sendo, por fim, indicado juiz. Por

algum tempo foi chefe da legação haitiana em Londres. Em sua obra destacam-se: *L'art dans la vie* (1900); *Conférences historiques* (Porto Príncipe, 1906); *Coup d'oeil sur l'état financier de la République* (1907); *La littérature haïtienne* (Paris, 1911); *Les stances haïtiennes* (Paris, 1912); *L'âme noire* (Paris, 1933).

VEGA, Ana Lydia. Escritora e professora porto-riquenha nascida em Santurce, em 1946. Especialista em literatura francesa e caribenha, em 1978 defendeu tese sobre o famoso texto teatral em que Aimé Césaire* evoca a tragédia do rei haitiano Henri Christophe* (*La tragédie du roi Christophe*). Profunda conhecedora do espanhol e da tradição oral africana, sua obra recebeu diversas premiações, inclusive internacionais. É autora, entre outros livros, de *Vírgenes y mártires* (1981, com Carmen Lugo Filippi) e *Falsas crónicas del sur* (1991), e da história que deu origem ao filme *La gran fiesta* (1985).

VEGA, Maria de Córdoba y de la. *Ver AMARILIS.*

VEIGA, Bernardo Jacinto da (1802-45). Político brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Foi deputado provincial, diretor-geral dos Correios e presidente da província de Minas Gerais. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

VEIGA, Evaristo da (1799-1837). Nome abreviado de Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, jornalista, político e escritor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Fundador da *Aurora Fluminense*, o primeiro jornal respeitado e influente da capital do Império, foi um dos impulsionadores da independência do Brasil. Depois de atuar como deputado por três mandatos consecutivos, retirou-se da vida pública para dedicar-se à literatura. Pioneiro do romantismo, é patrono da cadeira número 10 da Academia Brasileira de Letras. É focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988) e na *Galeria dos brasileiros ilustres* de S. A. Sisson (1948), onde se lê que era filho de Francisco Luís Saturnino, sendo que, ao contrário de quase todos os demais perfilados, o nome de sua mãe não é mencionado.

VEIGA, Jorge [de Oliveira] (1910-79). Cantor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Especializando-se no samba malandro e anedótico, de estilo tipicamente carioca, foi o único cantor de sambas-de-breque a ombrear com Moreira da Silva*. Na década de 1950, alcançou

grande sucesso interpretando, principalmente, sambas escritos pelo compositor Miguel Gustavo.

VEIGA DOS SANTOS, Arlindo (1902-78). Nome abreviado de Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos, professor, escritor, jornalista e militante negro nascido em Itu, SP. Educador, foi, em seu estado, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC), catedrático da Faculdade de Filosofia de Lorena, professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Sagrado Coração de Jesus e da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas (UCC). Foi, igualmente, sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro do Instituto de Direito Social da Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas, entre outras entidades. Um dos líderes da Frente Negra Brasileira*, foi também fundador do jornal *A Voz da Raça* e criador do patrianovismo*. Deixou vasta obra, publicada a partir de 1923, na qual se incluem *A lírica de Luiz Gama* (1943), *As raízes históricas do patrianovismo* (1946), *O problema operário e a justiça social* (1953) e diversas traduções.

VEIQUOIX. Canto religioso da comunidade venezuelana de Trinidad.

VELASCO, [Antônio Joaquim] **Franco** (1780-1833). Pintor brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Retratista festejado, realizou retratos de dom Pedro I e do conde dos Arcos, entre outros. Foi professor substituto da Aula Pública de Desenho, em Salvador, a partir de 1821. Suas obras encontram-se, principalmente, no Museu de Arte da Bahia e na Igreja do Bonfim.

VELASCO, Manuel José (século XVIII). Mestre-carpinteiro brasileiro nascido no Rio de Janeiro, filho de mãe africana de nação mina*. A partir de 1784, executou as obras dos novos altares da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Ouro Preto, MG.

VELHA-GUARDA. Denominação de cada uma das alas de veteranos das escolas de samba. Formadas principalmente por fundadores, ex-dirigentes e outros destacados componentes, eram, até alguns anos atrás, as responsáveis pelas comissões de frente. No final do século XX, no carnaval carioca, elas constituíam, simplesmente, o bloco de encerramento das apresentações das escolas, mas já dispunham de uma estrutura organizacional,

consubstanciada na Associação das Velhas-Guardas das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

VELHA-GUARDA DA PORTELA. Grupo vocal-instrumental organizado em 1970 e integrado inicialmente pelos sambistas Manaceia*, Chico Santana*, Ventura*, Alcides Lopes (1909-87), Aniceto (1912-82), Alberto Lonato (1909-98), Monarco*, Mijinha*, Vicentina*, Iara, Armando Santos*, Cláudio, Antônio Caetano* e João da Gente. Criado graças à intenção do compositor Paulinho da Viola* de reunir em disco o belíssimo repertório da escola, o grupo gravou dois LPs, atuou em shows, inclusive fora do país, e conheceu o sucesso, mantendo-se ativo, embora reduzido e modificado pelo falecimento de vários de seus componentes, até a finalização desta obra.

VELHICE – concepção africana. Nas sociedades tradicionais africanas, de um modo geral, chama-se "grande", e nunca "velha", à pessoa idosa. No Ocidente, o conceito de "velho" está quase sempre ligado à ideia de desgaste físico, a uma perda de qualidade, enquanto na África tradicional a pessoa, com a idade, torna-se "grande" e adquire direitos, como o de não mais realizar tarefas braçais. Seu valor e poder crescem ao tornar-se líder e conselheira, o que perdura após a morte, na qualidade de ancestral. *Ver ANCESTRAIS, Culto aos*.

VELOSO [da Silva]**, Altay.** Cantor, compositor e instrumentista nascido em São Gonçalo, RJ, em 1951. Surgido nos anos de 1980, na década seguinte fez grande sucesso como autor de inúmeras canções de fácil assimilação popular. Entretanto, em 2003, entregava-se de corpo e alma ao projeto da ópera negra *O alabê de Jerusalém*, que resultou numa superprodução, envolvendo importantes intérpretes como Alcione*, Leny Andrade* e Zezé Motta*, lançada em DVD em 2005.

VELUDO (1930-79). Alcunha do jogador brasileiro de futebol Caetano da Silva, nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Goleiro de dotes excepcionais, permaneceu, no Fluminense Futebol Clube, sempre como reserva do legendário Castilho. Não obstante, integrou várias vezes a seleção brasileira nos anos de 1950.

VELUMA. Nome artístico de Vera Lúcia Maria, manequim e atriz brasileira nascida no estado de São Paulo, em 1953. Desfilando desde os 17 anos de

idade, foi uma das primeiras modelos negras nas passarelas brasileiras. No teatro, participou da montagem de *O homem e o cavalo* (1991), de Oswald de Andrade, e no cinema atuou em *O testamento do senhor Nepomuceno* (1997), ao lado de Nelson Xavier*.

VENEZUELA, República Bolivariana da. País da América do Sul, situado em zona de influência cultural do Caribe. Limita-se a oeste pela Colômbia, ao sul pelo Brasil, a leste pela Guiana e ao norte pelo mar do Caribe; a capital é Caracas. Em 1810, segundo Franklin e Moss Jr. (1989), os negros e mulatos somavam, na região, 493 mil indivíduos, com a população geral totalizando 900 mil pessoas. Em fins do século XX, as estatísticas informavam que os negros constituíam apenas 8% da população, enquanto os mestiços, de várias origens, somavam 65%. *Ver NOVA GRANADA, Vice-Reino de*.

VENTRE LIVRE, Lei do. *Ver LEIS ABOLICIONISTAS E DE COMBATE AO RACISMO*.

VENTURA (1908-74). Nome pelo qual foi conhecido Boaventura dos Santos, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Compositor e improvisador, foi autor dos sambas-enredo ao som dos quais a Portela se apresentou nos carnavais de 1932 (*Carnaval moderno*), 1945 (*Motivos patrióticos*), 1946 (*Alvorada do novo mundo*) e 1947 (*Honra ao mérito*). Cantor de voz privilegiada, participou do primeiro disco e das primeiras apresentações públicas do elogiado grupo Velha-Guarda da Portela*.

VENTURA [Ferreira Reis]**, Adão** (1946-2004). Escritor brasileiro nascido em Serro, MG. Advogado formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi um dos primeiros presidentes da Fundação Cultural Palmares*, vinculada ao Ministério da Cultura. Também poeta, é autor, entre outros livros, de *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1970), *As musculaturas do Arco do Triunfo* (1976), *A cor da pele* (1980) e *Jequitinhonha: poemas do vale* (1980). Conta com poemas publicados em antologias em Portugal, México, Espanha e Estados Unidos.

VENTURA, Johnny. Nome artístico de Juan de Dios Ventura Soriano, músico e político dominicano nascido em Santo Domingo, em 1940. Mais conhecido na década de 1960, tornou-se um dos grandes nomes do merengue*, incorporando ao gênero, antes cooptado e alienado pela

ditadura de Trujillo*, letras abordando temas como racismo e desigualdade social. Seu engajamento o levou ao Parlamento de seu país e, depois, à Prefeitura da capital dominicana. Em 1998 publicou o livro autobiográfico *Un poco de mí*.

VENTURA, Negro (século XIX). Personagem da história argentina. Escravo de uma certa Valentina Feijó, em 1812, em Buenos Aires, denunciou e fez que fosse abortada uma conspiração antigovernista liderada pelo ex-alcaide e traficante de negros Martín de Álzaga. Como recompensa, ganhou a alforria, um prêmio em dinheiro e o direito de usar por toda a vida o uniforme do Exército (com a divisa "*Por fiel a la patria*") e um sabre, fornecidos pelo Estado.

VENTURA, Padre. *Ver PADRE VENTURA*.

VENTURA MINA. *Ver CARRANCAS, Revolta de*.

VÊNUS HOTENTOTE. Epíteto pejorativo atribuído a Saartjie Baartman (1789-1815), mulher bosquímana que, por sua acentuada esteatopigia, foi levada para exibições na Europa, em espetáculos de aberrações. Depois de morrer alcoólatra e prostituída, seu esqueleto e o molde do seu corpo foram preservados e expostos no Museu do Homem, em Paris. Em 1996, o Ministério da Cultura da África do Sul pediu à França a devolução de seus restos mortais. *Ver ZOOS HUMANOS*.

VERA REGINA. Atriz brasileira nascida no Rio de Janeiro, RJ, em 1925. Tornando-se popular graças à dupla cômica que formou com Grande Otelo*, participou, no cinema, de *Espírito de porco* (1957), *Pé na tábua* (1957), *Minha sogra é da polícia* (1958), *Pintando o sete* (1960), *Quanto mais samba melhor* (1960), *O dono da bola* (1961) e *Um candango na Belacap* (1961).

VERA, María Teresa (1895-1965). Cantora, guitarrista e compositora cubana nascida em Guanajay e falecida em Havana. Autora de obra vasta e conhecida em seu país e no exterior, na qual se inclui a canção *Veinte años*, recebeu, por seu trabalho, diplomas e medalhas de várias importantes instituições.

VERACRUZ. Cidade que sedia o principal porto do México, no estado de Veracruz de Ignacio de la Llave. *Ver CIDADES NEGRAS*.

VERDUGOS NEGROS. O ofício de verdugo, que é o do indivíduo encarregado de executar penas de morte, foi, muitas vezes, à época da escravidão, exercido também por africanos ou descendentes. Ricardo Palma (1968), em *Tradiciones peruanas*, consigna o caso de Pancho Sales, escravo que, condenado à forca pelo assassinato de seu proprietário, aceitou a opção de tornar-se verdugo, ocupação que exerceu, em Lima, entre 1795 e 1824. Leal aos espanhóis, Pancho perdeu o emprego quando da independência, passando a viver do aluguel de cães para participações em touradas e da fabricação de cestos. Entretanto, durante o governo do ditador Salaverry, "por amor à arte", como ironiza Palma, participava das execuções vendando piedosamente os olhos dos condenados. Em Lima, à época de Pancho Sales, outro conhecido verdugo foi o negro apelidado "Grano de Oro", que se embriagava para poder exercer seu ofício e acabou morrendo, bêbado, em pleno cadafalso, em meio a uma execução.

VEREEN, Ben. Nome artístico de Benjamin Augustus Middleton, ator e bailarino americano nascido em Miami, Flórida, em 1946. Iniciando carreira teatral em 1965, atuou em *Sweet Charity* (1966), *Golden boy* (1968) e *Hair* (1968), entre outras montagens. Indicado para o Prêmio Tony, por seu desempenho em *Jesus Christ superstar*, em 1971, tornou-se conhecido nacionalmente no ano seguinte por sua atuação em *Pippin*. Em 1977 ganhou projeção internacional pelo papel de Chicken George na série televisiva *Roots* (*Raízes*), adaptada do romance homônimo de Alex Haley*.

VEREMUNDA (séculos XVII-XVIII). Personagem do populário afro-peruano. Florista de grande beleza, em 1717 liderou, em Lima, um movimento pela permanência das mulheres vendedoras de camarão na porta do Palácio Real, o que motivou escaramuças de rua às quais se seguiu um decreto episcopal liberatório.

VEREQUETE. O mesmo que Averequete*, vodum masculino da família Quevioçô. Às vezes apresenta-se como velho, mas na maior parte do tempo é um menino, um pajem, tido como o mais jovem dos voduns que integram o panteão do mar.

VEREQUETINHO. Entidade dos cultos afro-ameríndios da Amazônia.

VERÍSSIMO [Dias de Matos]**, José** (1857-1916). Crítico e historiador literário brasileiro nascido em Óbidos, PA, e falecido no Rio de Janeiro, RJ.

Membro fundador da Academia Brasileira de Letras e autor de importante obra, “reconhecia-se” – segundo Gilberto Freyre (1974, p. 351) em *Ordem e progresso* – “mestiço luso-ameríndio com um toque de sangue africano”.

VESEY, Denmark (1767-1822). Líder de uma conjuração antiescravista em Charleston, Carolina do Sul, EUA. Vendido pelo patrão com tenra idade e depois devolvido por ser epilético, foi embarcado num navio mercante, onde trabalhou por cerca de vinte anos. Em 1800, após ganhar na loteria, comprou sua liberdade, tornando-se, mais tarde, pastor metodista. Do púlpito, arrebanhou prosélitos para a supracitada revolta, programada para o dia 14 de julho de 1822. Traído o movimento, Vesey e seguidores foram presos. Após rápido julgamento, 45 sediciosos foram expulsos dos Estados Unidos e 35 enforcados, entres eles o líder, aos 55 anos de idade.

VÉVÉ. No vodu haitiano, desenho feito no chão, durante uma cerimônia, com uma espécie de giz, reproduzindo formas astrais – estrelas, por exemplo. Cada grande espírito possui um *vévé* (pronuncia-se “vevê”) específico como sua marca, seu brasão. *Ver ANAFORUANA*; *FIRMA*; *PONTO RISCADO*.

VEVEU. Líquido preparado com diversas folhas e utilizado em rituais na Casa de Nagô, em São Luís do Maranhão.

VIANA, Alfredo da Rocha (*c.* 1860-1917). Músico brasileiro radicado e falecido no Rio de Janeiro. Flautista, contemporâneo e companheiro de Candinho Trombone*, Irineu Batina*, Quincas Laranjeiras* e outros expoentes da música brasileira no início do século XX, era pai, sendo seu primeiro mestre, do celebrado Pixinguinha*.

VIBE. Revista fundada em 1992, em Nova York, pelo grupo empresarial de Quincy Jones*, com o objetivo de se tornar o grande veículo da cultura hip-hop*.

VICENTE, José. *Ver UNIPALMARES*.

VICENTINA [do Nascimento] (1914-87). Sambista nascida e falecida no Rio de Janeiro. Irmã de Natal da Portela* e figura proeminente em sua comunidade, destacou-se como pastora*, integrando a ala das baianas de sua agremiação e a formação inicial do grupo da Velha-Guarda da Portela*. Mas sua fama veio mesmo dos quitutes que preparava, inclusive profissionalmente, na nova sede portelense, a partir da década de 1970. Paulinho da Viola* a homenageou em um samba, no qual, a certa altura,

comenta: “Provei o famoso feijão da Vicentina/ Só quem é da Portela é que sabe que a coisa é divina”.

VICENTINHO. Nome pelo qual se fez conhecido Vicente Paulo da Silva, líder sindical nascido em Santa Cruz de Inharé, hoje Campo Redondo, RN, em 1956, e radicado em São Paulo desde 1976. Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), tornou-se uma das figuras mais influentes do cenário político nacional. Em 2003, após ser eleito deputado federal, integrava a bancada petista no Congresso Nacional. Altamente instruído mas possuindo, durante parte significativa de sua vida, apenas escolaridade elementar, em 1998 iniciava o curso de Direito, concluído em 2004.

VICHÊ. Denominação da filha ou do filho de santo em certos terreiros de origem jeje. Do fongbé *vi*, “filho” + *che*, “meu”.

VICTALINO, Gerson. Jogador brasileiro de basquetebol nascido em Belo Horizonte, MG, em 1959. Com carreira iniciada em 1979, destacou-se, de 1981 a 1992, como pivô da seleção brasileira, com a qual foi duas vezes campeão sul-americano, além de disputar os campeonatos mundiais de 1986 e 1990 e as Olimpíadas de 1984, 1988 e 1992.

VICTORIA, Francisco Javier de Luna y (?-1777). Prelado e educador panamenho. Em 1749 fundou a Universidade do Panamá e em 1759 tornou-se bispo de Trujillo, no Peru.

VIDAL [da Rocha]**, Sérgio.** Artista plástico brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1945. Operário metalúrgico, iniciou carreira em 1964 influenciado por Heitor dos Prazeres*. A partir de 1971, dedicando-se só à pintura, firmou-se como grande pintor figurativo, retratando, de forma colorida e realista, o cotidiano dos trabalhadores e dos negros, no trabalho e no lazer.

VIDÉ. Carnaval das Antilhas Francesas.

VIDELA, Antonio (?-1812). Herói militar argentino. Ex-escravo, tornou-se capitão do 6º Regimento, composto de “pardos” e “morenos” e conhecido como “Los Negros de Soler”. Foi morto no Paraguai, na localidade de Cerrito, ao recusar a rendição às tropas inimigas (conforme J. L. Lanuza, 1946).

VIEGAS DE MENEZES, Padre Joaquim (1778-1841). Editor e tipógrafo nascido em Vila Rica (atual Ouro Preto), MG. Tido como o pai da

imprensa mineira, fabricou um dos primeiros prelos conhecidos no Brasil. Com ele, em 1806, imprimiu um opúsculo de catorze páginas, ilustrado, contendo um poema de Diogo Vasconcelos. Em 1823 imprimiu *O Compilador Mineiro*, o primeiro jornal de Minas Gerais. Doutorado em Coimbra, seu nome consta da nominata de "ilustres homens de cor" elaborada por Nelson de Senna (1938).

VIEIRA FAZENDA (1847-1917). Assinatura literária de José Vieira Fazenda, escritor nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Bibliotecário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, escreveu um monumental conjunto de crônicas sobre o passado de sua cidade, mais tarde reunidas e publicadas postumamente sob o título *Antiqualhas e memória do Rio de Janeiro* (1921-27). É referido como afro-brasileiro por alguns pesquisadores, entre eles Ironides Rodrigues* (1994).

VIEIRA, [Manuel Pedro] **Cardoso** (1848-80). Jurista, filólogo e político brasileiro nascido em Conde, PB, e falecido no Rio de Janeiro. Dado como homem de vasta cultura e de grande eloquência, representou sua província na Câmara dos Deputados.

VIEIRA, João Fernandes (1613-81). Herói brasileiro da guerra contra os holandeses nascido em Funchal, ilha da Madeira, e falecido em Recife, PE. Rico senhor de engenho em Pernambuco, foi, mais tarde, governador da Paraíba, capitão-general de Angola e administrador superintendente das fortificações portuguesas de Pernambuco até o Ceará. Benjamin Nuñez (1980, p. 190) se refere a ele como "*a Brazilian mulatto hero*" ("um herói mulato do Brasil"), filho de um homem branco com uma afrodescendente. Segundo Gilberto Freyre (1951, p. 125), era "mulato e homem de formação social baixa".

VIEIRA, Leôncio da Costa (1852-81). Pintor brasileiro. Foi titular da cadeira de Paisagem, Flores e Animais na Academia Imperial de Belas-Artes.

VIEIRA, Padre Antônio (1608-97). Orador sacro luso-brasileiro nascido em Lisboa e radicado, desde os 6 anos de idade, na Bahia, onde faleceu. Um dos maiores nomes da literatura brasileira em todos os tempos, sua avó, segundo Ivan Lins (s/d), era "uma mulata, serviçal na casa dos

condes de Unhão", supondo-se que nascera na África e fora levada a Portugal como escrava.

Padre Antônio Vieira

VIEIRA, Sabino (?-1846). Nome abreviado de Sabino Álvares da Rocha Vieira, médico e revolucionário brasileiro nascido na Bahia e falecido em Mato Grosso. Líder da revolta que, por sua causa, ganhou o nome de Sabinada*, alternou em sua vida momentos de desgraça e de prestígio político e social. Acusado de sodomita e sentenciado por homicídio, foi indultado, novamente condenado à morte e outra vez indultado. Em 1840, após ser deportado para Goiás, aí se torna chefe do Partido Liberal; em 1844 é expulso da província e vai, preso, para Mato Grosso, onde em seguida presta, como médico, relevantes serviços à população e lança um jornal de grande repercussão. Faleceu no gozo de pleno prestígio. Segundo Braz do Amaral (1941), foi "uma figura de alto relevo, inconfundível, tanto no bem como no mal". Em 1896, no cinquentenário de sua morte, seus restos foram trazidos solenemente de volta para a Bahia.

VIEIRA, Severino dos Santos (1849-1917). Político brasileiro nascido em Vila do Conde, BA. Promotor público em sua terra natal, foi deputado e senador pela Bahia durante nove anos, nos primeiros tempos da República. Mais tarde, foi ministro da Viação e governador de seu estado. É referido como afrodescendente por Abdias Nascimento* e focalizado em *A mão afro-brasileira* (Araújo, 1988).

VIERA, Mulato (século XIX). Forma utilizada em citações a um famoso ator e cantor atuante em Buenos Aires na primeira metade dos Oitocentos. Seu grande êxito foi no papel do dom Bartolo da ópera *O barbeiro de Sevilha*, várias vezes encenada no Teatro Argentino (conforme J. L. Lanuza, 1946).

VILA ISABEL, Unidos de. *Ver QUIZOMBA.*

VILA RICA, Revolta de. *Ver AGOÍNOS.*

VILAIRE, Etzer (1872-1951). Poeta haitiano. Integrante do grupo da revista *La Ronde*, fundada por Pétion Gérôme (1876-1902) em 1898, publicou *Pages d'amour* (1901) e *Poésies complètes* (1919), entre outras obras.
VILLA, Ignacio. *Ver BOLA DE NIEVE.*
VILLALONGA (século XIX). Nome pelo qual foi conhecido em Cuba um famoso babalaô, divulgador de uma modalidade de culto a Ifá diferente da trazida da África por Eulogio Gutiérrez*.
VILLATTE (século XVIII). Rebelde haitiano. Em 20 de março de 1796 liderou um movimento armado que derrotou as forças colonialistas e aprisionou o governador francês. Entretanto, opositor de Toussaint L'Ouverture*, foi por este derrotado e teve de deixar Saint Domingue (conforme B. Nuñez, 1980).
VILLE-DE-BONHEUR. Sítio religioso na localidade de Port-de-Paix, no Noroeste do Haiti, destino de peregrinações dos adeptos do vodu. É tido como morada dos loás, recebendo sacrifícios e oferendas.
VILLEVALIEX, Charles Séguy (1835-1923). Poeta haitiano. Fortemente influenciado pelo romantismo francês, publicou *Les primavères* (Paris, 1866).
VIMBUNDE. Em antigos falares bantos do Brasil, o mesmo que "escravo". De ovimbundo*.
VINHO DE DENDÊ. Bebida servida como acompanhamento do abará, do acarajé e de outros quitutes; também dito "vinho de palma".
VIOLA DE ANGOLA. Espécie de lira de quatro cordas utilizada pelos negros benguelas no Brasil, segundo observação de Debret (s/d).
VIOLÊNCIA SEXUAL. *Ver ESTUPRO.*
VIOLÍN. Em Cuba, festa propiciatória, de louvor ou de agradecimento, em honra de um orixá, especialmente Oxum. Abrindo a festa, um pequeno conjunto musical, constituído por violino, violão e percussão, executa valsas e trechos de operetas popularmente conhecidos. Em seguida, entoam-se hinos religiosos tradicionais, na região oriental do país, para que, então, num crescendo, canções do repertório comercial dedicado aos orixás sejam cantadas e tocadas. Finalmente, dançam-se e entoam-se em iorubá, e sempre com acompanhamento de violino e violão, os orin-orixás* pertencentes às divindades homenageadas. Curioso exemplo de

transculturação, a festa, em que não devem ocorrer possessões nem transes, termina com comezaina, envolvendo doces, salgados e bebidas leves, como champanhe (conforme I. M. Martiatu, 1998).

VIONGA. Concha empregada na confecção de pulseiras e colares rituais. Provavelmente, do quicongo *vyonga*, "ser feito cuidadosamente"; "ser belo, brilhante, reluzente".

VIRGEN DE LA CARIDAD DEL COBRE. Santa católica africanizada em Cuba pela associação com o orixá Oxum. Entre os congos, é chamada Chola Wengue ou Chola Nkengue.

VIRGEN DE REGLA. Santa católica cultuada na *santería** cubana em associação com Iemanjá. Regla é uma pequena cidade marítima na baía de Havana, próxima da capital.

VIRGENS, Hilário Remídio das. *Ver HILÁRIO OJUOBÁ.*

VIRGENS [e Veiga]**, Luiz Gonzaga das** (1761-99). Revolucionário brasileiro nascido e falecido em Salvador, BA. Soldado e neto de uma escrava, com conhecimento em latim e cirurgia, participou da Conjuração Baiana de 1798 (Revolução dos Alfaiates*). Conhecido pelo temperamento insubmisso e permanente inconformismo com relação ao racismo vigente na sociedade baiana de seu tempo, é tido como o provável redator dos manifestos da insurreição. Foi enforcado e esquartejado.

VIRGILE, François (século XIX). Político nascido na Guiana Francesa. Mulato livre, lutou pelos direitos civis de sua comunidade contra os privilégios exclusivos dos brancos, que perduraram até 1830.

VIRGIN GORDA. Uma das Ilhas Virgens Britânicas, localizadas próximo a Porto Rico.

VIRGÍNIA. Um dos Estados Unidos da América*, localizado na costa atlântica. Localidade mais rica, do século XVII ao XVIII, entre as antigas colônias inglesas, ali desembarcou de um navio holandês, no porto de Jamestown, em 1619, o primeiro carregamento de escravos negros, contando com um contingente de vinte trabalhadores procedentes das Antilhas, os quais, segundo Franklin e Moss Jr. (1989), não eram juridicamente escravos, e sim servos contratados.

VIRIATO Figueira da Silva (1851-83). Flautista e compositor brasileiro nascido em Macaé, RJ. Exímio instrumentista e amigo inseparável

do grande flautista Callado*, foi um dos pioneiros do choro, estilo musical tipicamente carioca.

VISITATION OF THE SPIRIT. Nas Divine Spiritual Churches*, expressão usada para nomear a possessão por espíritos, o transe mediúnico.

VISSUNGO. Canto de trabalho dos negros benguelas de Minas Gerais. Do umbundo *ovisungu*, plural de *ochisungu*, "cantiga", "cântico".

VÍTOR I (século II). Papa da Igreja Católica (189-198 d.C.), de origem africana, retratado em algumas antigas imagens com feições negroides. Décimo terceiro papa depois de são Pedro, foi o responsável pela fixação da festa da Páscoa no domingo e o primeiro a celebrar as missas em latim.

VITORIANO (século XVIII). Ator brasileiro, ex-escravo. Em 1790, durante os festejos promovidos por um certo Toledo Rendon, em Cuiabá, MT, destacou-se na encenação de *Tamerlão na Pérsia*, sendo, assim, considerado um dos primeiros atores do teatro brasileiro.

VITORINO [Pereira]**, Manuel** (1853-1902). Político brasileiro nascido na Bahia e falecido no Rio de Janeiro. Formado em Medicina, após a proclamação da República foi o primeiro governador de seu estado natal. Em 1892 foi senador e, em 1894, vice-presidente, assumindo a Presidência quando da enfermidade de Prudente de Morais, de novembro de 1896 até março seguinte, período em que adquiriu, para a República, o Palácio do Catete. É referido como afro-brasileiro no livro *Ordem e progresso*, de Gilberto Freyre (1974). Como há informações distintas acerca das datas de seu nascimento e morte – algumas publicações registram seu nascimento como ocorrido em 1854 ou 1855 e seu falecimento em 1903 –, baseamo-nos aqui na *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* (1970).

VÓ MIÇÃ. Vodum feminino da família Quevioçô. É velha e tida como líder do povo nagô.

VÔ TIO CHICO (1892-1978). Apelido de Francisco Bernardo da Cruz, músico e líder comunitário nascido e falecido em Passo Fundo, RS. Foi clarinetista da banda do 8º Regimento de Infantaria de Cruz Alta e organizador de festejos, sendo pessoa muito respeitada e estimada em seu meio. Em 1988 foi focalizado no calendário *Vultos negros do Rio Grande do Sul*, publicado pela Secretaria de Estado de Educação.

VODU. Religião de origem africana difundida a partir do Haiti. Superficialmente definido por boa parte dos dicionários como um conjunto de superstições e práticas de feitiçaria, o vodu é nada menos que uma sofisticada síntese de religiões tradicionais do antigo Daomé, dos iorubás e da cultura kongo, com influência do catolicismo romano. O culto se dá seguindo três ritos principais: *rada**, *congo** e *petro**. O principal sacerdote masculino é chamado *hougan**, e a sacerdotisa, *mambo**. **O Gran Met e os loás:** Segundo a tradição voduísta, o mundo foi criado pelo Gran Met ("Grande Mestre"), pai de todas as coisas, o qual, cansado após completar sua obra, retirou-se para bem longe. Distante e inacessível, ele entregou o controle do mundo aos loás, os mestres, os senhores. Os loás ou são *guinins* (africanos) ou crioulos nascidos no Haiti. Têm como seu domínio, conforme sua natureza, a água, o ar, o fogo ou a terra, o chão onde pisamos. E podem trabalhar, de acordo com sua preferência, nas linhas rituais africanas *rada* (*aradá*) e *congo* ou na *petro*, de ritos crioulos. **Famílias espirituais:** Independentemente das linhas em que trabalhem, os loás compõem famílias, como a dos Ogus, a dos Ibôs, a dos Loás das Águas, a dos Guedês, constituída pelos ancestrais e mortos ilustres, e outras. Na família dos Ibôs encontram-se, por exemplo, Ibô-buá, Ibô-cai e Ibô-la-fami. Os Guedês são loás ao mesmo tempo ligados à morte e à sexualidade, sendo por isso os mais fortes e respeitados. Entre eles, encontram-se: Lacruá, que representa o espírito da primeira pessoa enterrada em um cemitério, Zumbi e Cemichê. **Outras entidades:** Além dos principais loás, voduns ou mistés, a corte dos seres espirituais compreende: os marassás ou massás, espíritos gêmeos, que se distinguem em marassá *guinin* e marassá crioulo; os santos silvestres, que não trabalham mas vêm às festas para se divertir; e os man-festés, que vêm para atrapalhar e criar confusão. Afora os de índole maligna, perturbadora ou simplesmente zombeteira, esses seres espirituais comandam o destino do praticante do vodu, desde a época pré-natal até sua vida além da morte, protegendo-o na infância, curando suas doenças, ajudando-o no trabalho. E, em contrapartida, o voduísta deve-lhes obediência e oferendas, num compromisso que não cessa com a morte, já que as obrigações são herdadas pelos descendentes. Assim, o vodu une gerações, estabelecendo um elo entre os que morreram e os que vivem, e entre estes e os que ainda vão

nascer. **Vodu em Nova Orleans:** Em Nova Orleans, o vodu parece ter sido introduzido por escravos dos brancos fugidos do Haiti à época da independência, sob a forma arcaica de simples culto à serpente Damballah. O culto era presidido por um rei ou uma rainha (como a célebre Marie Laveau*) que, possuídos pelo espírito da serpente, prediziam o futuro e respondiam às consultas dos fiéis. Os demais membros do clero eram escolhidos e iniciados segundo sua capacidade de entrar em transe. **Vodu em Cuba:** A integração dos grupos haitianos chegados à zona oriental de Cuba no princípio do século XX, à época da intervenção norte-americana no Haiti, teve, entre outros resultados, a cristalização do vodu, o qual constitui hoje um dos traços significativos da cultura cubana (conforme James *et al.*, 1988). **Vodu na África:** Como diversas outras expressões culturais reelaboradas na Diáspora, algumas modalidades da religião tradicional africana voltaram com os retornados* ao continente de origem, principalmente à África ocidental, bastante alteradas, talvez por interpretações errôneas, mas ainda vivas. No continente de origem encontraram, por sua vez, as crenças tradicionais já atingidas por influências islâmicas, cristãs e hinduístas. Foi o caso do vodu, que, já sendo uma religião miscigenada, incorporou, na sua volta à África, divindades e práticas de crenças estrangeiras, dando origem a uma forma religiosa sem paralelo, observada principalmente no Togo (conforme Gert Chesi, 1982).

VODUM. Designação genérica de cada uma das divindades de origem daomeana – assemelhadas aos orixás, inquices e encantados – cultuadas no Brasil. Em Cuba, o termo correspondente, *vodún* ou *fodún*, designa as entidades cultuadas na *regla arará*.

VODUNCE. Termo dos candomblés jejes correspondente ao nagô “iaô*”. Também, vodúnsi.

VODUNÓ. Chefe feminino de terreiro de candomblé jeje. Do fongbé *vôdoun-non*.

VOGELER, Henrique [Gypson] (1888-1944). Maestro, compositor e pianista brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro. Filho de pai alemão e mãe mulata, compôs músicas populares e eruditas. Celebrizou-se como autor da melodia do samba-canção *Linda flor* (*Ai, ioiô*), que recebeu letras de Freire Júnior*, Cândido Costa e, final e definitiva, de Luiz Peixoto.

VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA. Denominação dos corpos militares especiais criados no Brasil por dom Pedro II, em 1865, durante a Guerra do Paraguai*. Eram formados em grande parte por escravos alistados em troca de alforria, os quais rumavam para o campo de batalha sem nenhum treinamento bélico. A historiografia conservadora mitifica esses corpos, retratando-os como unidades sem diferenças étnicas ou sociais, compostas de heróis dispostos a morrer pela nação brasileira. Mas, na segunda metade do século XX, alguns historiadores passam a combater o mito, mostrando os soldados negros em luta, no Paraguai, por uma pátria que os oprimia e contra um inimigo que não era exatamente seu apenas para se libertarem da escravidão.

VOODOO. Forma em inglês para vodu*.

VOROTO-HERVAS. Grande boneca de pano usada, no século XIX, em práticas divinatórias dos negros catarinenses, a qual, no dizer dos praticantes, lhes transmitia as respostas referentes às suas consultas.

VOTAN. Fundador mítico da civilização maia. Seria um sacerdote negro, oriundo da região correspondente à atual Líbia, de onde teria vindo para fundar cidades e erguer templos em vários locais da porção setentrional da América Latina de hoje, como México e Cuba. *Ver OLMECAS.*

VOULZY, Laurent. Cantor francês de origem guadalupense, nascido em Paris, em 1948. A partir de 1974, altamente influenciado pelo rock inglês, tornou-se um dos grandes nomes da canção popular em língua francesa.

VOVÓ. Termo que, na umbanda, antecede o nome de algumas pretas velhas (e, no masculino, de alguns pretos velhos), como Vovó Cambinda, Vovô Congo, Vovó Maria Conga, Vovó Maria Redondo etc.

VOVÔ [1]. Antiga fantasia de carnaval representando um negro velho e andrajoso. *Ver PAI JOÃO.*

VOVÔ [2]. Apelido de Antônio Carlos dos Santos, líder comunitário e animador cultural brasileiro nascido em Salvador, BA, em 1952. Idealizador, fundador e dirigente do bloco afro* Ilê Aiyê*, foi responsável por importantes iniciativas no campo da cultura, da educação e dos direitos civis da população afro-baiana.

VOVÓ MARIA JOANA REZADEIRA (1902-86). Nome pelo qual foi conhecida Maria Joana Monteiro, líder religiosa e sambista nascida em

Valença, RJ, e falecida no Rio de Janeiro. Participante do núcleo fundador da escola de samba Império Serrano*, foi mãe de santo da Tenda Espírita Cabana de Xangô e a matriarca do grupo Jongo da Serrinha, nacionalmente projetado por seu filho, Mestre Darcy do Jongo*.

VOVÓ TEREZA. Nome pelo qual se tornou conhecida Conceição de Maria Matias de Souza, líder comunitária nascida em Campos, RJ, em 1929. Ex-empregada de famílias abastadas do Rio de Janeiro, por volta de 1959, em sua cidade natal, criou, com o marido, João de Deus de Souza, o que mais tarde seria a Fundação Vovó Tereza, importante obra assistencial.

VOX POPULI. Nome pelo qual ficou conhecido o levante de negros ocorrido em São Vicente, nas Antilhas, em 1862.

VOZ DA RAÇA, A. Jornal semanal fundado em São Paulo, SP, em 18 de março de 1933. Órgão oficial da Frente Negra Brasileira*, teve inicialmente como redator-chefe Deocleciano Nascimento, o mesmo de *O Menelick**, e como secretário Pedro Paulo Barbosa.

VROMAN, Mary Elizabeth (*c.* 1924-67). Escritora nascida em Buffalo, Nova York, EUA, e criada no Caribe. Com o objetivo de formar-se professora, foi para o Alabama, Estados Unidos, para cursar a faculdade. Em 1951, dois contos de sua autoria, "See how they run" e "And have not charity", foram publicados no *Ladies' Home Journal*, o primeiro tendo inspirado o filme *Bright road*, de 1953. Em seguida, tornou-se a primeira mulher negra membro da Screen Writers Guild. Em sua obra destacam-se, ainda, *Esther* (romance, 1963) e *Shaped to its purpose* (1965), história baseada na Irmandade Delta Sigma Theta.

VU. O mesmo que puíta*; tambor-onça.

VUELTA Y FLORES, Tomás (?-1844). Revolucionário cubano nascido e falecido em Matanzas. Violinista e compositor, foi executado por envolvimento na Conspiração de La Escalera*.

VUMBE. Nos cultos brasileiros de origem banta, termo que designa o morto e principalmente o chefe de terreiro falecido. Tirar a mão de vumbe: Realizar rituais para libertar uma pessoa ou terreiro da tutela espiritual de um pai ou mãe de santo falecidos. Do quicongo *evumbi*, "morto". Também, vume.

VUME. Variante de vumbe* ou vumbi.

VUNGO-VUNGO. Certo brinquedo infantil que consiste em um pedaço de madeira ou de cuia enfiado num cordel. Provavelmente, do umbundo *vungo* ou *ndjuvungo*, “rumor grave”, “som baixo” (que é o produzido pela vibração do cordel).

VUNJE. Em terreiros bantos, cada uma das divindades que se situam no mesmo plano dos Ibêjis ou erês nagôs. Em quimbundo, *Vúnji* é a divindade da justiça (conforme Óscar Ribas, 1951) e *mvunji* é a criança nascida de gravidez em que a menstruação não cessou.

VUVU. O mesmo que vu*.

W

WAILER, Bunny. Nome artístico de Neville O'Reilly Livingstone, músico jamaicano nascido em Livingston, em 1947. Fervoroso praticante do rastafarianismo* e último sobrevivente do trio nuclear do grupo The Wailers*, abandonou o conjunto em 1973 para desenvolver discreta carreira solo.

WAILERS, The. Grupo de reggae* formado em 1963, na Jamaica, por Bob Marley*, Bunny Wailer*, Peter Tosh*, Junior Braithwaite (1949-99), Beverley Kelso (1948-) e Cherry Smith (1943-2008). Depois da morte de Marley, em 1981, o grupo deu seguimento à carreira, mas já sem os antigos carisma e encantamento.

WALCOTT, Derek [Alton]. Escritor antilhano nascido em Castries, Santa Lúcia, em 1930, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1992. Em sua obra destacam-se: *The sea at Dauphin* (teatro; Mona, Jamaica, 1954); *Ione* (teatro; Mona, Jamaica, 1957); *Drums and colours* (teatro; Port of Spain, Trinidad, 1958); *Malcauchon, or, The six in the rain* (teatro; Port of

Spain, Trinidad, 1966); *In a green night* (poesia; Londres, Inglaterra, 1969); *Ti-Jean and his brothers* (teatro; em *Dream on Monkey Mountain, and other plays*, Nova York, EUA, 1970).

WALCOTT, Jersey Joe (1914-94). Pseudônimo de Arnold Raymond Cream, pugilista americano nascido em Merchantville, Nova Jersey, e falecido em Camden, no mesmo estado. Em 1951, ao nocautear Ezzard Charles (1921-75), tornou-se, aos 37 anos de idade, o mais velho campeão mundial dos pesos-pesados.

WALDEMAR, Mestre (1916-90). Nome pelo qual ficou conhecido Waldemar da Paixão, capoeirista baiano nascido em Ilha de Maré e falecido na capital Salvador. Um dos grandes mestres de sua arte, famoso pelo vasto repertório de cantigas, foi o pioneiro na fabricação de berimbaus para venda e na comercialização desses instrumentos.

WALDEMIRO, Mestre (1901-83). Nome pelo qual ficou conhecido Waldemiro Thomé Pimenta, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro. Diretor de bateria da escola de samba Estação Primeira de Mangueira desde 1935 até o fim da vida, foi o criador da cadência rítmica absolutamente original da famosa escola, tendo, além disso, formado várias gerações de ritmistas.

WALDO Machado da Silva. Jogador brasileiro de futebol nascido em Niterói, RJ, em 1934. Centroavante de grande vigor físico, iniciou carreira no Madureira Esporte Clube e distinguiu-se no Fluminense Futebol Clube, no qual jogou de 1954 a 1961, sagrando-se campeão carioca em 1959. No ano de 1962, depois de algumas atuações pela seleção brasileira, transferiu-se para o Valencia, da Espanha, onde jogou com destaque.

WALKER, Alice [Malsenior]. Escritora americana nascida em Eatonton, Geórgia, em 1944, e radicada em São Francisco, Califórnia. Poeta e novelista com vasta obra publicada, em 1983 teve sua terceira novela, *A cor púrpura* (*The color purple*, 1982), laureada com o American Book Award e o Prêmio Pulitzer. Campeão de vendagem, três anos após a publicação o livro teve seu argumento transformado em filme homônimo, detentor de vários prêmios.

WALKER, George. *Ver WILLIAMS, Bert.*

WALKER, Madam C. J. (1867-1919). Nome pelo qual foi conhecida Sarah Breedlove, empresária americana nascida nos arredores de Delta, Louisiana. Órfã, casada aos 14 anos e tornando-se viúva seis anos depois, por volta de 1905, em Saint Louis, Missouri, começou a trabalhar com produtos e artefatos de beleza para mulheres negras. Em 1910, em Indianápolis, Indiana, contando com um laboratório e uma fábrica e à frente de uma rede de mais de 5 mil representantes em todo o país, já se posicionava entre os maiores empresários da indústria de cosméticos nos Estados Unidos, graças a um eficiente trabalho de marketing, promoção e vendas pelo correio. Indo além de seu sucesso profissional, dedicou-se a iniciativas de beneficência e educação em favor do povo negro.

WALKER, Maggie Lena (1867-1934). Financista americana nascida em Richmond, Virgínia, filha de uma ex-escrava com um jornalista de origem irlandesa. Em 1899 alcançou o cargo de tesoureira-secretária de uma sociedade afro-americana de seguros e auxílio mútuo e em 1903 tornou-se a cabeça do Saint Luke Penny Savings Bank, que originou a empresa Consolidated Bank and Trust Company. Além de atuar no setor bancário, foi ativista de várias entidades de mulheres negras, bem como fundadora da Negro Organization Society e membro da direção da NAACP*.

WALKER, [Aaron Thibault, dito] **T-Bone** (1910-75). Cantor e guitarrista americano nascido em Linden, Texas, e falecido em Los Angeles, Califórnia. Guia, quando menino, de Blind Lemon Jefferson*, iniciou carreira em 1929 com o nome de Oak Cliff T-Bone. Radicado em Los Angeles em 1934, foi um dos primeiros guitarristas a conectar seu instrumento a um amplificador. Uma das personalidades mais proeminentes da história do blues*, foi o grande inspirador de B. B. King*, Buddy Guy*, Eric Clapton e outros grandes nomes.

WALL OF RESPECT, The (O Muro do Respeito). Mural de rua no bairro de South Side, em Chicago, Illinois, pintado em homenagem a grandes personalidades da história negra contemporânea. Foi iniciado em 1967 pelo pintor William Walker (1927-).

WALLER, Fats (1904-43). Nome artístico de Thomas Waller, compositor, pianista, cantor e chefe de orquestra americano nascido em Greenwich Village, Nova York. Alegre, comunicativo, extrovertido e dono de um senso

rítmico admirável, foi um dos maiores estilistas mundiais do piano e um dos artistas mais populares dos Estados Unidos. É autor de canções como *Ain't misbehavin'* e *Honeysuckle rose*, clássicos do repertório jazzístico.

WALROND, Eric (1895-1966). Poeta nascido na Guiana (então Guiana Inglesa). Cursou a City College e a Universidade de Colúmbia, ambas em Nova York, EUA, e viveu por algum tempo na França e na Inglaterra. Seus contos sobre as Antilhas foram reunidos no livro *Tropic death* (1926), editado durante a Harlem Renaissance*, quando morava em Nova York.

WALTER ALFAIATE (1930-2010). Nome artístico de Walter Nunes de Abreu, sambista nascido e falecido na cidade do Rio de Janeiro. Egresso do bloco Foliões de Botafogo e ligado à Portela, surgiu para o grande público no final dos anos de 1990, como cantor e compositor.

WANGARA. Região africana entre o alto rio Níger e o rio Senegal, produtora, na Idade Média, de grandes quantidades do ouro que era comercializado através do Saara.

WARI. Uma das qualidades de Ogum, na Bahia. Provavelmente, de "Warri", cidade nigeriana próxima ao delta do Níger.

WARIN. Dançarino paramentado do Jonkonnu de Belize. *Ver JOHN CANOE ou CONNU Dance*.

WARWICK, [Marie] **Dionne.** Cantora americana nascida em East Orange, Nova Jersey, em 1940. Com trajetória iniciada na igreja batista de sua comunidade e tendo cursado a Hartt School of Music em Connecticut, é considerada uma das grandes cantoras da vertente mais sofisticada do soul e do rhythm-and-blues. Tornou-se conhecida interpretando principalmente canções do compositor Burt Bacharach.

WARWICK, Lord Taylor of. *Ver TAYLOR, John David Beckett*.

WASHBOARD. Tábua para esfregar roupas, de superfície estriada, usada na percussão do jazz tradicional, como uma espécie de reco-reco. Vale salientar que o uso de objetos cotidianos como instrumentos de percussão é comum na Diáspora Negra. Considere-se, por exemplo, o prato e faca* da tradição do samba.

WASHINGTON César Santos. *Ver CASAL VINTE*.

WASHINGTON, Booker T. (1856-1915). Educador americano, nascido escravo na Virgínia. Aos 16 anos iniciou seus estudos no Hampton

Institute*, onde se tornou professor. Com base nessa experiência, fundou o Tuskegee Institute (mais tarde Tuskegee University*) – mais que um educandário, um grande centro comunal, com cursos especiais para profissionais como pastores, professores, fazendeiros, empreiteiros, e, na sua concepção, um núcleo de aprimoramento e melhoria do povo negro. Booker Taliaferro Washington (cujo primeiro sobrenome é o do patrão de sua família) escreveu e publicou *The future of the American negro* (1899), *Up from slavery* (1901) e *Tuskegee and its people* (1905). Um dos afro-americanos mais proeminentes de sua época, suas ideias, baseadas no tripé "propriedade material, respeitabilidade social e instrução industrial", foram, entretanto, contestadas, principalmente por W. E. B. Du Bois*, que considerava a "filosofia Tuskegee" conservadora e subserviente. Em contrapartida, seus partidários viam a NAACP* de Du Bois apenas como uma tentativa de preservar a elite negra e, por isso, ironizavam o significado de sua sigla, traduzindo o CP final, em vez de *Colored People*, como *Certain People*: Associação Nacional para o Progresso de "Certas Pessoas".

WASHINGTON [Jr.]**, Denzel** [Hayes]. Ator cinematográfico americano nascido em Mount Vernon, Nova York, em 1954. Depois de tornar-se conhecido por seu trabalho em produções televisivas, estreou no cinema em 1981, atuando em *A cara do pai*. Em 1990 ganhou o Oscar de melhor ator coadjuvante por *Tempo de glória* (1989). Em 1993 foi indicado para o prêmio de melhor ator por sua performance no papel-título de *Malcolm X* (1992), filme de Spike Lee*, o que ocorreu novamente em 2000, com *Hurricane – o Furacão* (1999). E em 2002 efetivamente ganhou o prêmio por sua atuação em *Dia de treinamento* (2001). *Ver OSCAR*.

WASHINGTON, Dinah (1924-63). Nome artístico de Ruth Lee Jones, cantora americana nascida em Tuscaloosa, Alabama, e falecida em Detroit, Michigan. Egressa de um grupo gospel, opta pelo blues e pelo jazz e, em 1943, ingressa na orquestra de Lionel Hampton*, na qual permanece durante três anos. A partir de 1949, com gravações no gênero rhythm-and-blues, mantém-se por três anos no topo das paradas de sucesso da música negra. Nos anos de 1950 grava com Max Roach*, Clifford Brown* e Quincy Jones*. Em 1959, a gravação de *What a diff'rence a day makes* e depois a de *Unforgettable* lhe valem o retorno às paradas e o reconhecimento do público

branco, até que, em fins de 1963, sucumbe a uma overdose de soníferos e álcool. Venerada por grandes músicos de seu tempo, foi a modernizadora do blues e do gospel, influenciando toda uma geração de cantores.

WASH-TUB. Variante do *earth-bow**.

WATER HOUSE, The (A Casa da Água). Sobrado erguido em Lagos, Nigéria, por João Esan da Rocha no século XIX e hoje tombado pelo serviço de patrimônio histórico local. A casa é um marco da presença de retornados* brasileiros naquele país e recebeu esse nome por ter um poço artesiano no quintal, numa época em que água potável era um elemento difícil e precioso na região.

WATERS, Ethel (1896-1977). Cantora e atriz americana nascida em Chester, Pensilvânia, e falecida em Chatsworth, Califórnia. Com carreira iniciada em 1920, como intérprete de blues, foi a segunda atriz negra indicada para o Oscar*. Destacou-se não só pela intensa dramaticidade de suas interpretações como também pela consciência e pelo orgulho de suas origens étnicas.

WATERS, Muddy. *Ver MUDDY WATERS.*

WATRA PEKEIN. Entre os indivíduos do povo djuka* do Suriname, expressão, significando "filhos da água", usada em referência aos albinos, idiotizados e leprosos, que são objeto de tratamento especial após a morte.

WATTS. Bairro em Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos. Concentrando numerosa população negra em situação de miserabilidade, em 1965 foi palco de graves distúrbios motivados pela questão racial.

WATUSI. Nome artístico de Maria Alice Conceição, cantora e bailarina nascida em Niterói, RJ, em 1952. Com carreira iniciada em 1969, foi, de 1978 a 1982, a principal estrela do cabaré Moulin Rouge, em Paris, sendo mencionada, em algumas fontes, como a vedete mais bem paga da Europa. De volta ao Brasil, atuou, de 1983 a 1995, no Scala, prestigiosa casa de espetáculos carioca. Desde então experimentou um longo período de ostracismo, e, à época deste texto, tentava retomar a carreira como cantora.

WAWANKÓ. Variante de *guaguancó**.

WE ARE THE WORLD. Nome da canção-tema de uma campanha internacional, encetada nos anos de 1980, para minorar o sofrimento das crianças atingidas pela fome, em consequência de uma grande seca ocorrida

na Etiópia. Em referência às crianças, a primeira parte do refrão diz: "*We are the world, we are the children*".

WEAH, George [Tawlon Manneh Oppong Ousman]. Jogador de futebol nascido em Monróvia, na Libéria, em 1966. Atacante do Milan italiano, em 1996 foi eleito pela Fédération Internationale de Football Association (Fifa) como o melhor jogador do mundo na temporada de 1995.

WEBB, [William Henry, dito] **Chick** (1909-39). Músico e chefe de orquestra americano nascido em Baltimore, Maryland. Pobre e aleijado de nascença, inspirado pelo estilo dos bateristas de Nova Orleans e mediante o uso magistral dos pratos chamados *high hats*, tornou-se um dos maiores em seu instrumento. No auge da "era do swing", conseguiu, num embate público contra a orquestra de Benny Goodman, superar o elogiado baterista Gene Krupa.

WEBSTER, [Benjamin Francis, dito] **Ben** (1909-73). Músico americano nascido em Kansas City*, Missouri. Iniciando carreira nos anos de 1920, na banda dirigida pelo pai de Lester Young*, em 1931 mudou-se para Nova York e, a partir de então, tornando-se discípulo de Coleman Hawkins*, participou das orquestras de Fletcher Henderson*, Cab Calloway* e Teddy Wilson*, entre outras. Foi homenageado com os epítetos de "o Ravel do saxofone" e "o mestre supremo da balada".

WEGA DI PALU. Espécie de luta com bastões dos negros de Curaçau. A expressão é, certamente, forma dialetal correspondente ao espanhol *juego de palo* ("jogo de pau").

WEK, Alek. Manequim sudanesa nascida em Bahr al Ghazal, em 1977, e radicada em Londres. Aos 14 anos asilou-se na Inglaterra e, algum tempo depois, chegou às passarelas, para tornar-se uma das profissionais mais disputadas e bem pagas do mundo em seu campo de trabalho. Requisitada por marcas famosas, como Chanel e Gucci, foi eleita a modelo do século pela imprensa especializada. No final dos anos de 1990, destacou-se pela denúncia, em escala mundial, das más condições de vida em seu país. *Ver MODELOS NEGRAS*.

WELLS, [Amos Blackmore, dito] **Junior** (1934-98). Cantor e gaitista americano nascido em Memphis, Tennessee. Com apenas 10 anos de idade, já trabalhava como músico de rua em sua cidade natal. Nos anos de 1960,

associado a Buddy Guy*, excursionou com os Rolling Stones e Eric Clapton. Em 1995 lançou o álbum *Everybody's gettin' some*.

WELLS-BARNETT, Ida Bell (1862-1931). Educadora, jornalista e editora americana nascida no Mississippi. Coproprietária do jornal *Free Speech and Headlight*, de Memphis, Tennessee, destacou-se na luta contra os linchamentos de negros no Sul dos Estados Unidos no fim do século XIX. Em 1895, três anos depois da destruição da sede de seu jornal por adeptos da violência contra negros, compilou estatísticas sobre esses justiçamentos ilegais e publicou-as no folheto *The red record*. Radicou-se mais tarde em Chicago, Illinois, de onde prosseguiu na luta, atuando na Liga Nacional de Igualdade de Direitos e no Bureau Antilinchamento do Conselho Nacional Afro-Norte-Americano, sempre ao lado do marido, Ferdinand Lee Barnett (*c.* 1864-1932).

WEMBA. Ritmo sagrado da música *abakuá**, executado no interior do santuário quando da preparação dos objetos rituais.

WEMILERE. Variante de *güemilere**.

WERLEIGH, Christian (1895-1945). Poeta nascido em Cap-Haïtien, Haiti. Também professor de retórica, em sua obra destacam-se *Le palmiste dans l'ouragan* (1933) e *Le palmiste dans la lumière* (1938).

WERNECK, Jurema. *Ver* CRIOLA.

WEST INDIES. O mesmo que Índias Ocidentais* ou Antilhas*. Para alguns autores, a expressão em inglês designaria especialmente as ilhas do Caribe não latino, distinção não acolhida por Appiah e Gates Jr. (2005) na enciclopédia *Africana*.

WEST, Cornel [Ronald]. Filósofo, teólogo e ativista político americano nascido em Tulsa, Oklahoma, em 1953. Um dos maiores intelectuais de sua geração, na década de 1990 era professor da Universidade Harvard e diretor do Programa de Estudos Afro-Americanos na Universidade Princeton. É autor do livro *Questão de raça* (*Race matters*, 1994), entre outros.

WHEATLEY, Phillis (1753-84). Poetisa americana. Escrava nascida no Senegal, aprendeu a ler, interessou-se pelos textos bíblicos e publicou seu primeiro poema aos 18 anos. Em 1773, seu livro *Poems on various subjects, religious and moral* [Poemas sobre vários temas, religiosos e morais] foi

publicado em Londres. Em 1784, pouco antes de sua morte, teve publicado o poema “Liberty and peace” [Liberdade e paz].

WHITAKER, Forest [Steven]. Ator americano nascido em Longview, Texas, em 1961. Em seu currículo constam, entre outros, os filmes *A cor do dinheiro* (1986), *Platoon* (1986) e *Bom-dia, Vietnã* (1987). Em 1988, estrelou *Bird*, biografia do célebre saxofonista Charlie Parker*. Em 2007, ganhou o Oscar de melhor ator por sua performance no filme *O último rei da Escócia* (2006), em que encarnou o ditador de Uganda Idi Amin Dada.

WHITE, Barry (1944-2003). Nome artístico de Barrence Eugene Carter, cantor americano nascido em Galveston, Texas, e radicado em Los Angeles, Califórnia, desde a infância. Com carreira profissional iniciada nos anos de 1960, sob influência do estilo criado por Isaac Hayes*, tornou-se um dos grandes nomes do universo pop. De voz cálida e profunda, é às vezes citado como “o Caruso do soul”, em referência ao grande tenor italiano.

WHITE, José (1836-1918). Nome artístico de José Silvestre White Lafitte, compositor, violinista e professor cubano nascido em Matanzas, neto de um inglês e filho de pai francês e mãe cubana. Aos 19 anos deu seu primeiro concerto, acompanhado por Gottschalk* ao piano. Em 1855 viajou para a França, onde realizou seus estudos superiores de música. Residiu por dez anos na cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhou como maestro e diretor do Conservatório Imperial. Protegido da família imperial brasileira, acompanhou-a ao exílio em 1889, radicando-se definitivamente em Paris, onde faleceu. Amigo de Rossini, Saint-Saëns e outros expoentes da música, foi um dos grandes virtuoses mundiais em seu instrumento. Entre suas obras contam-se várias peças para violino e orquestra e a internacionalmente conhecida *La bella cubana*. É altamente reverenciado em seu país, onde, anualmente, é realizado um festival de música em honra de sua memória, no Museo Nacional de la Música.

WHITE, Walter [Francis] (1893-1955). Ativista pelos direitos civis nos Estados Unidos, nascido em Atlanta, Geórgia, e falecido em Nova York. Secretário executivo da NAACP*, de 1931 até sua morte foi um dos grandes artífices da luta contra a segregação racial, a discriminação e a violência contra a população negra.

WIDEMAN, John Edgar. Escritor americano nascido em Washington, DC, em 1941, e criado no gueto negro de Pittsburgh, Pensilvânia. Único escritor a receber duas vezes o Prêmio PEN/Faulkner, é autor dos romances *Acaso sou o guarda de meu irmão?* (*Brothers and keepers*, 1984), *Rubem* (*Reuben*, 1987), *Fatheralong* (1994). Professor de literatura na Universidade de Massachusetts, foi o segundo afro-americano a ganhar uma bolsa de estudos Rhodes, ingressando na Universidade de Oxford, na Inglaterra, onde se graduou em Filosofia.

WILDER, [Lawrence] **Douglas.** Político americano nascido em Richmond, Virgínia, em 1931. Em novembro de 1989, tornou-se o primeiro afrodescendente a ser eleito governador de um estado da federação americana (Virgínia).

WILKINS, Roy (1901-81). Militante americano pelos direitos civis nascido em Saint Louis, Missouri. Ligado à NAACP* desde os anos de 1930, em 1955 assumiu a direção da associação. Após a morte do presidente John F. Kennedy, foi uma das lideranças negras chamadas a opinar sobre o programa de direitos civis do governo. Em 1977, por motivo de saúde, acabou se afastando da luta, depois de cinco décadas de militância.

WILLIAMS, [Egbert Austin, dito] **Bert** (*c.* 1875-1922). Comediante, compositor e dançarino norte-americano nascido nas Bahamas. Indo para Nova York ainda menino, antes dos 20 anos já estava no palco, tendo criado em 1895, com o parceiro George Walker (1873-1911), uma companhia de variedades. Cinco anos depois, a dupla faria grande sucesso com *Sons of Ham*, espetáculo em que Walker representava o homem bem-educado e Williams o negro boçal, expressando-se em "língua de preto*". Em 1902 encenaram *Dahomey* e em 1906 *Abyssinia*, musicais inspirados em temas africanos. Após a morte de Walker, Williams viajou pelas Américas com a trupe Ziegfeld Follies. Considerado por muitos o maior artista de variedades dos Estados Unidos, foi, com um humor que fazia rir e refletir, o pioneiro na abordagem em cena dos problemas do povo afro-americano.

WILLIAMS, [Joseph Lee, dito] **Big Joe** (1903-82). *Bluesman* americano nascido em Crawford, Mississippi, e falecido em Macon, no mesmo estado. Também conhecido como "Poor Joe", é um dos músicos mais importantes da história do blues, sendo um dos responsáveis pela transformação do gênero

de rural em urbano. Seu trabalho está ligado a grandes nomes da música, como John Lee Hooker*, Sonny Boy Williamson* (1914-48) e Bob Dylan, com quem trabalhou nos anos de 1960.

WILLIAMS, [William December, dito] **Billy Dee.** Ator americano. Nascido em 1937 no Harlem, Nova York, numa família de músicos, distinguiu-se como um dos atores mais completos de seu país. No teatro, viveu Martin Luther King* em *I have a dream* (1976) e no cinema participou, entre outros filmes, de *O Império contra-ataca* (1980) e *O retorno de Jedi* (1983), da série *Guerra nas estrelas*, *Os falcões da noite* (1981) e *Batman* (1989).

WILLIAMS, Charles D. (1849-95). Poeta nascido no Haiti. Romântico, tomou Victor Hugo como modelo. Publicou *Les voix du coeur: pages de la vingtième année* (1886) e *Paris-Souvenirs* (1886).

WILLIAMS, Daniel Hale (1856-1931). Cirurgião americano nascido em Hollidaysburg, Pensilvânia. Em 1893 realizou no Provident Hospital, em Chicago, Illinois, a primeira cirurgia cardiovascular bem-sucedida, abrindo a caixa torácica do paciente James Cornish e estancando uma hemorragia.

WILLIAMS, Eric [Eustace] (1911-81). Político nascido e falecido em Port of Spain, na ilha de Trinidad. Graduado em Ciências Políticas em Oxford e professor na Universidade Howard, exerceu vários cargos no Poder Executivo de seu país até tornar-se, em 1962, primeiro-ministro do Estado independente de Trinidad e Tobago. Intelectual respeitado e orador fluente, publicou vários livros sobre o povo negro, a escravidão e o colonialismo no Caribe, como *History of the people of Trinidad and Tobago*, de 1964.

WILLIAMS, Francis (1700-?). Personagem da história colonial jamaicana. Neto de africanos e protegido do duque de Montagne, foi escolhido para ser objeto de uma experiência cujo objetivo era descobrir se, com educação e formação adequadas, após frequentar a escola e a universidade, um negro poderia ser tão capaz para a literatura quanto uma pessoa branca. Estudou em escolas na Inglaterra e depois na Universidade de Cambridge. Quando George Haldane se tornou governador da Jamaica, Williams escreveu um panegírico em latim em seu louvor, intitulado *Integerrimus et fortissimus vires, Giorgius Haldane* [George Haldane, um homem muito íntegro e muito forte].

WILLIAMS, George Washington (1849-91). Historiador afro-americano nascido em Bedford Springs, Pensilvânia, e falecido em Blackpool, Inglaterra. De temperamento inquieto, foi, seguidamente, soldado do exército da União, na Guerra Civil Americana; soldado do exército revolucionário do México, contra o imperador Maximiliano; novamente soldado nos Estados Unidos; e estudante da Universidade Howard. Formado pelo Instituto Teológico Newton, aos 25 anos tornou-se pastor da Igreja Batista de Boston. Interessando-se pela questão dos direitos civis do povo negro, mudou-se para Washington, DC, onde fundou o jornal *The Commoner*. Em seguida, abandonou o púlpito para trabalhar como advogado. Aos 30 anos, foi o primeiro negro eleito para o Legislativo estadual em Ohio, sendo que após um ano renunciou ao mandato. Entre 1882 e 1883, publicou *History of the negro race in America from 1619 to 1880*, em dois volumes, ganhando notoriedade. Em 1890 foi ao Congo para realizar um trabalho de pesquisa e, de volta, publicou uma carta aberta ao rei belga Leopoldo II, então dono de toda a bacia do rio Congo, na qual denuncia as atrocidades cometidas em território africano por seus prepostos, atrocidades essas que mais tarde seriam amplamente confirmadas. Objeto de campanha de descrédito, morreu tuberculoso, pobre e endividado. Enterrado em cova simples, em 1975 o historiador John Hope Franklin* o homenageou com uma lápide então colocada em seu túmulo. *Ver COLONIALISMO*; *CONGO, República Democrática do*.

WILLIAMS, James (século XIX). Escritor nascido na Jamaica. Operário aprendiz, publicou *A narrative of events, since the first of August, 1834* (1834).

WILLIAMS, Joe (1918-99). Nome artístico de Joseph Goreed, cantor americano nascido em Cordele, Geórgia, e falecido em Las Vegas. Em 1954, como vocalista da orquestra de Count Basie*, foi o responsável pelo lançamento e sucesso da canção *Every day I have the blues*, um ícone do blues ao estilo de Kansas City.

WILLIAMS, Mary Lou (1910-81). Musicista americana nascida em Atlanta, Geórgia, e falecida em Durham, Carolina do Norte. Pianista, compositora, arranjadora e professora, cognominada "A Primeira Dama do Jazz", foi a mais importante instrumentista feminina da história do gênero

que abraçou, tendo contribuído decisivamente para a consolidação do swing* e do bebop*.

WILLIAMS, Serena [Jameka Ross Evelyn] **e Venus** [Ebony Starr]. Tenistas americanas. Irmãs, Serena nasceu em Saginaw, Michigan, em 1981, e Venus em Lynwood, Califórnia, em 1980. Ainda adolescentes e treinadas pelo pai, tornaram-se grandes nomes da história do tênis. Em 2002 Venus chegava ao topo do ranking mundial feminino, sendo a primeira entre os atletas negros a atingir a liderança do tênis mundial depois de Arthur Ashe*. Em julho do mesmo ano, no Torneio de Wimbledon, Serena venceria a irmã, ficando com o título feminino.

WILLIAMS, Vanessa. *Ver BELEZA, Concursos de*.

WILLIAMSON, Sonny Boy. Nome artístico de dois cantores e gaitistas americanos, dos primeiros tempos do blues. O primeiro, de nome civil John Lee Williamson, nasceu no Tennessee, em 1914, e morreu assassinado em Chicago, Illinois, em 1948. O segundo, de nome Aleck "Rice" Miller, nasceu por volta de 1900 no Mississippi e faleceu em Helena, Arkansas, em 1965. Ambos foram inigualáveis na arte de cantar blues alternando as frases cantadas com rápidos solos de harmônica de boca.

WILSON, [Theodore Shaw, dito] **Teddy** (1912-86). Pianista americano nascido em Austin, Texas, e falecido em New Britain, Connecticut. Jazzista com formação em violão clássico, destacou-se por seu toque delicado, aliado à grande inventiva. Tocou com Louis Armstrong* e Benny Carter*, entre outros, tornando-se, entretanto, mais conhecido como acompanhante de Billie Holiday* e como integrante do trio liderado pelo clarinetista Benny Goodman.

WINFREY, Oprah [Gail]. Apresentadora de televisão americana nascida em Kosciusko, Mississippi, em 1954. Primeira mulher negra a apresentar um programa diário de tevê transmitido para todos os Estados Unidos, tornou-se presidente da empresa produtora e veiculadora de seu programa. Em 1996 foi considerada uma das pessoas mais influentes do país e, em 1998, esteve presente no noticiário internacional por um fato insólito: ao afirmar em seu programa, durante uma entrevista com um militante da proteção aos animais, que não mais comeria hambúrgueres, foi processada, sem sucesso, por líderes da indústria pecuária. Alegavam eles que a afirmação da

apresentadora, considerada a mulher mais influente dos Estados Unidos, havia determinado uma queda violenta no preço da carne bovina. Também atriz, em 1985 interpretou um dos principais papéis femininos do filme *A cor púrpura*.

WINTI. Ritual dos *maroons** do Suriname.

WOLLOF. Grupo étnico oeste-africano, localizado nos atuais territórios de Gâmbia, Mali e Senegal. O Império Wollof teve seu apogeu entre os séculos XIV e XVI. E nesta última centúria, por imaginar-se serem os wollofs belicosos e dados a insurreições, a importação de negros dessa etnia foi proibida nas Índias Ocidentais. No Brasil, foram também conhecidos como jalofos.

WONDER, Stevie. Nome artístico de Steveland Hardaway Judkins (sendo o último sobrenome mais tarde substituído por Morris), cantor, instrumentista e compositor americano nascido em Saginaw, Michigan, em 1950. Cego desde logo após o nascimento e egresso da Igreja Batista Whitestone, iniciou, aos 10 anos de idade, uma fulgurante carreira artística, que redundou em fama e reconhecimento mundiais. Artista generoso, frequentemente envolvido em campanhas humanitárias, destacou-se como um dos músicos mais influentes e respeitados de seu tempo.

WOO WOO. Trombeta de bambu de Montserrat.

WOODS, Granville. *Ver INVENTORES NEGROS.*

WOODS, [Eldrick Tont, dito] **Tiger.** Jogador de golfe americano nascido em Cypress, Califórnia, em 1975. No ano de 1997, em Augusta, Estados Unidos, foi o campeão do Masters Tournament, quebrando todos os recordes anteriores e tornando-se o primeiro não branco a ocupar o primeiro lugar no ranking mundial do golfe.

WOODSON, Carter Godwin (1875-1950). Intelectual americano nascido em New Canton, Virgínia. Historiador, editor e professor universitário, Ph.D. pela Universidade Harvard, em 1915 fundou a Association for the Study of Negro Life and History, que se tornou a editora do *Journal of Negro History*, e, seis anos depois, instituiu o *Negro History Bulletin*. Justamente considerado o pai da moderna história negra nos Estados Unidos, escreveu e publicou *The education of the negro prior to 1861*

(1915), *A century of negro migration* (1918), *The negro in our history* (1922) e *The mis-education of the negro* (1933).

WORK SONG. Nas Américas de fala inglesa, canção de trabalho, entoada ritmada e coletivamente para suavizar a dureza da faina. Nas plantations do Sul dos Estados Unidos, foi uma das modalidades musicais que deram origem ao blues*.

WORK SPORT. O mesmo que *day work**.

WRIGHT, Richard [Nathaniel] (1908-60). Romancista e contista americano nascido em Roxie, Mississippi, e falecido em Paris, França. Foi um dos primeiros escritores a romper com a imagem estereotipada de docilidade e conformismo presente na literatura no que dizia respeito ao negro nos Estados Unidos. Obras principais: *Native son* (1940), *Twelve million black voices* (1941) e *Black boy* (1945), livro em que relata os percalços de sua conturbada infância no Sul do país.

X

XAMBÁ. Uma das nações do xangô [2]* pernambucano. Seu culto mescla elementos bantos e ameríndios.

XANÃ. Na linguagem dos candomblés, fósforo ou caixa de fósforos. Do iorubá *isaná*.

XANGÔ [1]. Grande e poderoso orixá iorubano, senhor do raio e do trovão. Segundo alguns relatos tradicionais, é uma divindade superior, tendo participado da Criação como controlador da atmosfera. Xangô (*Sòngó*), filho de Oraniã e neto de Ogum, nasceu na cidade de Oyó, da qual foi rei (alafim*). Deificado, depois de morto, como o orixá do trovão, ele passou a atirar pedras de raio do céu em direção à terra, incendiando as casas daqueles que o ofendem ou até matando-os. Seus raios (*edun ará*) são pedras que as pessoas recolhem para ser guardadas em seus assentamentos, como símbolos que indicam a presença do orixá. **Xangô nas Américas:** No Brasil são conhecidas as seguintes qualidades de Xangô: Dadá ou Xangô-Dadá (*ver DADÁ [1]*), Obá-Afonjá ou Xangô-Afonjá (*ver AFONJÁ*), Obalubé, Ogodô

ou Xangô-Agodô, Obá-Cossô (do iorubá *Oba Kòso*, um dos títulos de Xangô, fazendo parte de seus oriquis*), Jacutá (de *jaku ta*, "lutar com pedras"), Aganju*, Baru, Airá-Intilê ou Xangô-Airá (*ver AIRÁ*), Airá-Igbonan (de *Igbóònòn*, região do país iorubá), Airá-Adjaosi, Xangô-Alafim (*ver ALAFIM*), Xango-Alufã, Xangô-Abomi, Xango-de-Aquiçá e Xangô de Ouro. No Haiti, Xangô é cultuado sob os nomes de Nago Changó, Ruá Degondé, Sobo e Guedé Nibó. Na República Dominicana, recebe as denominações Guedé Nibó, Rafeló, Jinyo Alane e Agué Toroyo. Em Trinidad, Abakuso, Guroon e Saja. Em Cuba, outras manifestações desse orixá (Changó) ou entidades a ele associadas são: Adelawo, Ayalúa, Ewegbomi, Obara Kekute Olúo, Olufala e Olúfina Kabamasia.

XANGÔ [2]. Denominação genérica dos cultos africanos de origem sudanesa em Pernambuco.

XANGÔ DA MANGUEIRA (1923-2009). Nome com o qual se tornou conhecido Olivério Ferreira, sambista nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Ex-integrante das escolas de samba Unidos de Rocha Miranda e Portela*, em 1939 ingressou na Estação Primeira de Mangueira, onde granjeou fama como partideiro* e, depois, puxador*. Em 1951, sucedeu Cartola* como diretor de harmonia da escola, cargo em que permaneceu até os anos de 1980. Na década de 1970, participou, como cantor, das famosas rodas de samba do Teatro Opinião, gravando, a partir de então, dois LPs, inclusive com sambas de sua autoria. Em 2005, ano em que foi lançada a autobiografia *Xangô da Mangueira: recordações de um velho batuqueiro*, com textos de apoio de Nei Lopes, o artista era agraciado com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo governo Lula da Silva.

XANGÔ DE CABOCLO. Modalidade de culto afro-brasileiro, com influência ameríndia e mistura com outras religiões.

XANGÔ DE OURO. Na umbanda*, Xangô menino, relacionado com são João Batista.

XANGÔ DEÍ. Forma jovem de Xangô, cultuada em batuques gaúchos.

XAORÔ. Espécie de tornozeleira de palha da costa com guizos que a iaô* usa durante a iniciação, como um dos símbolos de sua sujeição. Sua utilização está relacionada a um mito que descreve o momento em que Iemanjá, cuidando de Omolu* – então doente – e para não perdê-lo de

vista, amarra em seu tornozelo um guizo metálico que recebera de Ogum. Do iorubá *sáworo*, “guizo”.

XAPANÃ. Nome tabu de Omolu* e Obaluaiê*, que nunca deve ser pronunciado. Do iorubá *Sòponná*, o orixá que espalha e cura a varíola, muito temido por sua severidade. Por causa desse temor, os iorubanos evitam chamá-lo pelo verdadeiro nome. Assim, ele é denominado Babá (Pai), Oluá (Senhor), Obalibô (Rei e Senhor do Mundo) ou Babaluaiê (Pai e Senhor do Mundo). Se o leitor recordar uma antiga canção cubana (no Brasil popularizada pela cantora Ângela Maria*) cujo refrão dizia “Babalu, Babaluaiê”, talvez fique surpreso ao descobrir que ela trata exatamente do orixá iorubano que dissemina e cura a varíola, informação mencionada por William Bascom (1969).

XARÉU, Puxada da rede do. Manifestação popular afro-baiana expressa em um mutirão de pesca, com movimentos sincronizados e cantos de trabalho, remontando à época da escravidão. Realiza-se, principalmente, nas praias de Armação, Chega-Nego e Carimbamba, em Salvador, BA, no verão e no outono. A rede é jogada ao mar com alguns dias de antecedência e, no dia da pesca, sob o comando de um mestre, realiza-se a puxada, ao som ritmado de cânticos da tradição africana, entoados segundo o padrão de interpelação e resposta.

XAVIER, Arnaldo (1947-2004). Poeta nascido em Campina Grande, PB, e falecido em São Paulo, SP. Obras publicadas: *Pablo* (1975); poemas nas antologias *Vento novo* (1976), *Contramão* (1978) e *Axé: antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (1982), organizada por Paulo Colina; poemas na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (1979); *A rosa da recusa* (1982). Figura, ainda, em *Doks (1): antologia da poesia de vanguarda no Brasil*, obra organizada pelo poeta francês Julien Blaine, em 1977.

XAVIER, Chica. Nome artístico de Francisca Xavier, atriz brasileira nascida em Salvador, BA, em 1932, e radicada no Rio de Janeiro desde 1953. Iniciou sua carreira profissional em 1956, atuando na primeira encenação teatral de *Orfeu da Conceição**, e participou de mais de quarenta produções, no teatro e na televisão, principalmente na Rede Globo. Nascida dentro de um terreiro de candomblé, distinguiu-se, também, na liderança de

uma comunidade religiosa denominada Cercado de Boiadeiro, na Zona Oeste carioca, ao lado do marido, o também ator Clementino Kelé (1928-).

XAVIER, Chico (1910-2002). Nome pelo qual se tornou conhecido Francisco Cândido Xavier (cujo nome de batismo era Francisco de Paula Cândido), médium espírita brasileiro nascido em Pedro Leopoldo, MG, e falecido em Uberaba, no mesmo estado. Em 1927 descobriu-se médium escrevente e, a partir de 1931, psicografou inúmeros textos atribuídos a escritores falecidos e publicados pela Federação Espírita Brasileira. Em 1959 radicou-se em Uberaba, onde ampliou sua obra espírita e de assistência social, com repercussão internacional. Em 1965, nos Estados Unidos, ajudou a fundar o Christian Spirit Center, na Carolina do Norte. No ano de 2010, em comemoração ao centenário de seu nascimento, foi lançado o filme biográfico *Chico Xavier*, no qual é interpretado pelo ator Nelson Xavier*.

XAVIER, Nelson [Agostini]. Ator brasileiro de cinema e televisão nascido em São Paulo, SP, em 1941. Iniciou sua carreira no teatro, tendo sido um dos líderes do Teatro de Arena, em São Paulo, e do Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, importantes iniciativas artísticas surgidas nos anos de 1950 e 1960, respectivamente, em meio ao movimento nacionalista de produção cultural, empenhado na criação de uma arte comprometida com as transformações sociais. No cinema, participou, entre outros filmes, de *Os fuzis* (1964), *A Rainha Diaba* (1974), *Dona Flor e seus dois maridos* (1976) e *Eles não usam black tie* (1981). Na dramaturgia televisiva, tornou-se conhecido pela composição de tipos regionais, como sertanejos, pescadores, cangaceiros, malandros etc., expressos em personagens de grande densidade, como o cangaceiro Lampião, na famosa minissérie *Lampião e Maria Bonita* (1982), e o Pedro Arcanjo de *Tenda dos milagres* (1985), ambas produções da Rede Globo.

XAVIER, Rodolpho (1874-?). Líder operário nascido em Pelotas, RS, filho de escravos. Aos 10 anos de idade, alfabetizou-se juntamente com seu irmão Antônio Baobab*, com quem aprendeu o ofício de chapeleiro. Mais tarde, depois de exercer vários trabalhos subalternos, firmou-se como artífice-pedreiro, além de líder operário e combatente antirracista. Participou das diretorias da União Operária Internacional, do Centro Operário 1º de Maio, da União Operária de Pelotas, da Liga Operária, do

Sindicato dos Pedreiros e de outras associações. Membro do Conselho Consultivo da Frente Negra Pelotense, ajudou na fundação do Centro Etiópico Monteiro Lopes, como parte de uma luta que mobilizou várias outras cidades da região contra os argumentos dos que se recusavam a empossar, como deputado federal, o negro Monteiro Lopes*, eleito em 1909. Foi, ainda, redator do jornal *O Proletário*, da Liga Operária, e, em 1925, delegado ao 3º Congresso Operário Rio-Grandense, em Porto Alegre.

XAVIER, Valentim Benedito (1882-1918). Poeta brasileiro nascido em São Paulo, SP. Colaborou em diversas revistas de seu tempo e deixou publicado um volume de poemas, *Vigília*.

XAXADO. Gênero de música e dança do Nordeste brasileiro, originário do coco [2]* e difundido pelo músico Luiz Gonzaga*. De início, era executado apenas por vozes e acompanhamento de palmas, sapateado e arrastar de pés. Absorvido pela indústria cultural, incorporou o trio sanfona/ zabumba/ triângulo.

XAXARÁ. Símbolo de Omolu-Obaluaiê, constituído por um feixe de piaçavas ou um maço de palhas da costa, enfeitado com búzios e miçangas. Do iorubá *sasara-owò*, espécie de vassoura.

XEPA. Denominação referente às últimas mercadorias vendidas nas feiras livres, por preço mais baixo e com qualidade inferior, ou às sobras de verduras e outros alimentos perecíveis que são recolhidas nas feiras e mercados. Provavelmente, do nhungue *chepa*, "ser inferior", com a mesma raiz que *chepsa*, "diminuir", "fazer pouco", e relacionado ao ronga *txipa*, "ser barato".

XEQUERÉ. Instrumento musical da tradição nagô brasileira e *lucumí* cubana (*shekeré*). Trata-se de um chocalho feito com uma cabaça coberta por uma rede frouxa de fios de algodão com búzios. Do iorubá *sekèrè*.

XEQUETÉ. Bebida ritual preparada com gengibre, açúcar e suco de fruta. Do iorubá *sèkèté*, "cerveja de milho".

XERÉ. Chocalho metálico, geralmente de cobre, com cabo comprido, usado no culto de Xangô. Do iorubá *séré*, "cabaça com pescoço longo". Ao chocalho feito dessa cabaça e utilizado no culto de Xangô os iorubanos chamam de *sérée Sòngó*.

XERENGUE. Faca velha, imprestável. Do quimbundo *selenge*, "faca".

XERERÊ. Variante de xeré*.
XEVIOÇÔ. O mesmo que Quevioçô*.
XEXÉ. Mascarado dos antigos carnavais baianos que representava um velho grotesco, vestindo casaca, calções e meias e brandindo uma grande faca de madeira. Do iorubá *sésé*, "com pequenos passos ou movimentos", numa alusão à dança executada por essa espécie de mascarado, conhecida como "dança dos velhos".
XIBA. Dança popular brasileira.
XICACA. Balaio com tampa; caixa onde se carregam utensílios da cozinha sertaneja. Do quimbundo *xikaku*, cada um dos pequenos cestos onde eram acondicionadas as *mabanga*, conchas com que se fabricava a cal.
XICAMÃ. Ordem para sentar, em alguns terreiros de tradição angolo-conguesa. Do quimbundo *xikama*, "sentar".
XICARANGOMO. Título da hierarquia de candomblés bantos, correspondente ao ogã* jeje-nagô. Do quicongo *nsika*, "tocador" + *dia*, "de" + *ngoma*, "tambor". De início correspondente apenas ao ogã alabê, músico ritual, a denominação se estendeu aos ogãs em geral.
XIMBA. Punição imposta pelo orixá, executada por meio de uma surra de vara que os ogãs* aplicam no iniciado em transe.
XINGUILAMENTO. Sessão de passes, feita por um médium em transe. Do quimbundo *xingila*, "dar passes".
XIPOCA. Modalidade de brinquedo infantil, envolvendo o arremesso de projéteis por meio de um tubo de taquara. Do umbundo *ochipoke*, "feijão" (em alusão ao projétil).
XIRÊ. Festa pública dos candomblés, na qual se executam os cânticos invocatórios dos orixás. Por extensão, o termo designa também o conjunto ordenado dos toques, cantigas e danças com os quais os orixás são invocados.
XODÓ. Sentimento amoroso; namoro. Pessoa de Castro (2001) vê origem no fongbé *xotõ*.
XOLO. Reunião musical de escravos nas fazendas. Segundo Jacques Raymundo (1933), o vocábulo vem do cafre *xolo* ou *txolo*.
XONA. Grupo étnico africano, localizado no Zimbábue e no centro de Moçambique. No século XVII, constituiu um poderoso Estado, que se

celebrizou pela resistência imposta aos invasores portugueses.

XORÁ. Amuleto. Do iorubá *isóra*, “precaução”, “cuidado”.

XOSA. Povo banto da África meridional. *Ver NGUNI*.

XOXÔ. Óleo ou banha extraídos da polpa do dendezeiro; azeite de dendê. Do fongbé *tchôtchô*, “óleo de palma”.

XUBETÁ. Fio trançado de palha da costa ou outra fibra, enfeitado com búzios ou miçangas e usado ritualisticamente na tradição dos orixás.

XUXUGURUXU. Encantamento maléfico dos antigos nagôs baianos, feito com um espinho vegetal besuntado de ovo e enterrado à porta da casa daquele que se pretendia atingir. Do iorubá *òsusu*, “espinho”, associado a um elemento não identificado.

Y

YAMBÚ. Em Cuba, espécie de *rumba brava* lenta, ritmada por caixas de madeira chamadas *cajones*. Ao contrário do *guaguancó**, não comporta o *vacunao**, ou umbigada. *Ver RUMBA*.

YANGA [1]. Passo do *mento** e do reggae*, executado por meio de flexão dos joelhos.

YANGA [2] (1564-1612). Líder quilombola nascido na África e chegado ao antigo Vice-Reino da Nova Espanha em 1579. Fugindo da escravidão, refugiou-se nas montanhas da zona central do atual estado de Veracruz de Ignacio de la Llave, México, onde, por volta de 1608, na localidade mais tarde conhecida como San Lorenzo de los Negros (hoje Yanga), fundou um quilombo, que logo se tornaria objeto de repressão por parte das autoridades coloniais. Em 1611, o vice-rei espanhol concedeu aos quilombolas a liberdade, contanto que permanecessem em paz, não arrebanhassem mais fugitivos e obedecessem às leis. Entretanto, no domingo de Páscoa de 1612, atacada a aldeia à traição, Yanga e seus companheiros foram chacinados.

YANVALOU. No vodu, uma das danças do rito *rada**.

YAREY. Nome cubano da carnaúba (*Copernicia cerifera*). De acordo com a tradição dos *santeros*, é planta de Xangô.

YATIBOI-KINT'O-PEM'BA-LOUVEM'BA. Nome de um loá* congo do vodu haitiano.

YAWD. Entre os adeptos do rastafarianismo*, nome usado em substituição a "Jamaica".

YAYA. Nome comum a duas espécies de árvores silvestres (*Guatteria virgata* e *Uvaria neglecta*) utilizadas pelos *mayomberos** cubanos. São plantas de Xangô e estão entre os *palos* fundamentais da *nganga**.

YAYA CIMARRONA. Nome cubano da *Mouriri myrtilloides* ou *Mouriri acuta*, árvore silvestre de muito uso na *regla* de palo mayombe*. Suas folhas são utilizadas como envoltório do *kinsénguere*, tíbia empunhada pelos *mayomberos* com o propósito de chamar os espíritos dos mortos.

YAYA KÉNGUE. Entidade espiritual dos *mayomberos* cubanos, identificada com Oyá*. *Ver CENTELLA* ENDOQUI.

YÊDAMARIA. Assinatura artística de Yêda Maria Corrêa de Oliveira, pintora brasileira nascida em Salvador, BA, em 1932. Com carreira iniciada em 1956, conta com obras em exposição permanente no Museu de Arte Moderna da Bahia; na Biblioteca Pública do Estado da Bahia; no Museu de Leningrado (atual São Petersburgo), na Rússia; e na americana Illinois State University. É professora da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

YÉGÉYÉGÉ. Uma das danças do *big drum**.

YELLOWMAN. Nome artístico de Winston Foster, cantor jamaicano nascido em Negril, em 1956. Com carreira fonográfica iniciada em 1982, é um dos grandes nomes do reggae, tendo lançado diversos discos, como *Message to the world*, de 1995. Seu nome artístico, cuja tradução literal é "Homem Amarelo", deve-se à sua condição de albino.

YERBA BUENA. Nome cubano de uma variedade de hortelã (*Mentha sativa*). Na tradição religiosa da ilha, é erva de Iemanjá.

YERBA GUINEA. Nome cubano do capim-guiné (*Panicum altissimum*). Pertencente a Babalú Ayé, é utilizada, em forma de chá e em banhos, no

tratamento do sarampo e da varíola. É usada, também, no omi-eró* de Xangô.

YERBA HEDIONDA. Nome cubano do fedegoso-verdadeiro (*Cassia occidentalis*), planta usada em rituais da *santería*. Conhecida no Brasil como estramônio ou erva-do-diabo e na América hispânica como *chamico*, era fumada por possuir efeito narcótico e estupefaciente.

YERBA MORA. Nome cubano da maria-preta ou erva-moura (*Solanum nigrum*), planta de Ogum e Iemanjá. É tida, na *santería* cubana, como transmissora de energia muito poderosa.

YKENGA. Pseudônimo de Bonifácio Rodrigues de Mattos, cartunista brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1952. Notabilizado pela crítica ferina ao racismo antinegro, em 1996, depois de publicar tiras em vários jornais cariocas, lançou a revista de humor *Casa Grande e Sem Sala*, onde se destaca o "Super Negão", representação caricatural do negro brasileiro em sua luta hercúlea por aceitação e igualdade. À época desta obra, era chargista de *O Dia*, jornal carioca de grande circulação.

YON. Par de maracas utilizado pelos grupos musicais do carnaval dominicano de origem haitiana.

YORK (século XIX). Explorador do Oeste americano. *Ver ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [Negros na conquista do Oeste]*.

YORUBALAND. Antiga designação da região, na Guiné oriental, localizada entre o Daomé e as embocaduras do rio Níger, constituindo o berço do povo iorubá*.

YOUNG, Lester [Willis] (1909-59). Saxofonista americano nascido em Woodville, Mississippi. Aos 10 anos já tocava bateria e aos 13 dedicava-se ao sax-alto. Em 1931 adotou definitivamente o sax-tenor, trazendo ao jazz uma nova concepção, um som mais leve e delicado, tornando-se a grande referência de vários músicos, principalmente os da corrente do cool jazz. Era também conhecido como "Prez" ("Presidente"), apelido carinhoso e respeitoso criado por Billie Holiday*, para quem, por sua vez, criou o cognome "Lady Day".

YOUNG JR., Andrew [Jackson]. Político americano nascido em Nova Orleans, Louisiana, em 1932. Pastor protestante, integrou o congresso de seu país entre 1973 e 1977, quando foi nomeado embaixador das Nações

Unidas, cargo que exerceu até 1979. Em 1981 foi eleito prefeito de Atlanta, Geórgia, tendo sido reeleito em 1985.

YOUNG JR., Whitney [Moore] (1921-71). Militante americano dos direitos civis nascido em Lincoln Ridge, Kentucky. Diretor executivo da National Urban League desde 1961, com a morte do presidente John Kennedy, em 1963, foi uma das lideranças convocadas para opinar sobre os programas de direitos civis do governo. Diretrizes de seu plano de bem-estar social foram incorporadas ao programa federal contra a pobreza.

***YUBÁ*.** Dança principal da tumba francesa*, de execução acrobática e acompanhada pelo toque de mesmo nome.

***YUCA* [1].** Nome cubano da mandioca (*Manihot utilissima*). Nos cultos afro-cubanos, é planta de Ogum.

***YUCA* [2].** Dança tradicional da República Dominicana. O nome, também grafado *yuka*, designa, igualmente, um gênero de ritmo e dança dos congos cubanos, cujos tambores são feitos, em geral, de troncos de abacateiro ocados e encourados apenas de um lado. O maior deles recebe o nome de *caja*, o médio chama-se *mula* e o menor, *cachimbo*. Sua execução é acompanhada pelo toque de bastões (*palos*) em uma tábua ou no próprio corpo de um dos tambores, e seus executantes usam pequenos chocalhos (*nkembi*) nos pulsos.

YUNGAS. Vales tropicais bolivianos, nas encostas orientais dos Andes, onde se concentraram, no século XVIII, os africanos fugitivos do clima e do trabalho pesado nas minas do altiplano. No carnaval de Oruro, dançarinos com o rosto pintado de preto e tocando tambores evocam, ainda hoje, a influência cultural desses africanos.

***YURUMÚ*.** Espécie de guisado da culinária afro-cubana, feito com abóbora, tomate, cebola e manteiga.

Z

Z'ÉTOILE. No sistema de crenças do vodu haitiano, a estrela do destino de um indivíduo.

ZABEL MACAU. Dança de origem africana, outrora popular em Portugal (conforme Mário de Andrade, 1989).

ZABUMBA. Tambor grande, bombo da percussão afro-nordestina. O termo se origina do verbo *mbumba*, que significa "bater", ocorrente no quicongo e no umbundo.

ZACAÍ. Inquice congo cultuado no Candomblé do Bate-Folha, em Salvador, BA.

ZACIMBA GABA (*c.* 1675-1710). Líder quilombola de São Mateus, ES. Africana da região de Cabinda, era tida como princesa em sua terra natal. Envenenou o senhor que a oprimia, liderou uma fuga de escravos e formou o primeiro quilombo do vale do Cricaré. Em 1710, no auge de sua luta contra a escravidão, foi emboscada e morta.

ZADONCOE. Variante de izadincoe*.

ZAGAIA (1922-95). Pseudônimo de Jorge Isidoro da Silva, sambista nascido em Santa Maria Madalena, RJ, e falecido na capital desse estado. Fundador da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira, juntamente com Cartola* e Carlos Cachaça*, foi também autor, com Leléo* e Comprido*, de *Casa-grande e senzala*, clássico da história dos sambas-enredo, que deu à sua agremiação o título no carnaval de 1962; antes, já havia composto, em parceria, os sambas-enredo mangueirenses de 1957 (*Rumo ao progresso*) e 1958 (*Canção do exílio*). Foi, ainda, puxador de samba de sua escola e conceituado partideiro.

ZAIRE. *Ver CONGO, República Democrática do.*

ZAKA. O mesmo que Papa Zaca*.

ZAMA, César (1837-1905). Escritor e político brasileiro nascido em Caitité, BA, e falecido nesse mesmo estado. Filho de pai italiano, ainda estudante de medicina participou da Guerra do Paraguai. A partir de 1878 foi deputado provincial, deputado geral, deputado constituinte e deputado federal, notabilizando-se pela oposição a Floriano Peixoto e por ter polemizado com Rui Barbosa. Em 1893 publicou, pela Livraria Progresso Editora, de Salvador, uma biografia de Alexandre Magno e, em 1901, o livro *Prosadores e poetas latinos*. Escreveu ainda *Os três grandes oradores da Antiguidade*, biografia de Péricles, Demóstenes e Cícero, e *Os três grandes capitães da Antiguidade*, em que traça os perfis de Alexandre, Aníbal e César. É mencionado na nominata de "ilustres homens de cor" elaborada por Nelson de Senna (1938).

ZAMACUECA. Antiga dança dos negros do Peru, semelhante ao lundu brasileiro. Estudando a origem do vocábulo, Nicomedes Santa Cruz* (1970) considerou-o uma variante de *sambacueca*, por sua vez originário do quimbundo *semba*, também presente na etimologia do brasileiro "samba [1]*".

ZAMADONE. O mesmo que Zomadônu*.

ZAMAFURAMA. Divindade de cultos bantos correspondente ao Oxaguiã iorubano.

ZAMBA. Denominação do colibri na região ocidental de Cuba.

ZAMBAIGO. No México, denominação dada ao mestiço de um indivíduo *cambujo** com um índio.

ZAMBAPALO. Dança originária das Antilhas, popular na Espanha nos séculos XVI e XVII; a música ligada a essa dança.

ZAMBÊ. Instrumento de percussão de origem africana, considerado o menor dos ingonos. Também, festa popular, baile (conforme Mário de Andrade, 1989).

ZAMBEZE. Rio africano, com cerca de 2.600 quilômetros de extensão. Nasce no Noroeste da Zâmbia, corre para o Sudeste e serve de fronteira entre Zâmbia e Zimbábue, desaguando no canal de Moçambique. Seu curso superior apresenta inúmeras corredeiras e quedas-d'água, entre as quais as cataratas Vitória.

ZÂMBI. Divindade suprema dos cultos de origem banta e da umbanda, correspondente ao Olorum iorubano e ao Deus católico. O vocábulo origina-se do termo multilinguístico banto *Nzambi*, "o Ser Supremo".

ZÂMBIA, República da. País localizado no Centro-Sul da África – limitado por Congo-Kinshasa (norte), Tanzânia (nordeste), Malauí (leste), Moçambique (sudeste), Zimbábue, Botsuana e Namíbia (sul) e Angola (oeste) –, com capital em Lusaka. Sua história pré-colonial, marcada pela expansão do Reino Lozi a partir de 1740, confunde-se com a das regiões limítrofes, sendo que, em 1891, foi submetido ao controle administrativo da Companhia Britânica da África do Sul, recebendo mais tarde o nome de Rodésia do Norte. *Ver ÁFRICA*.

ZAMBIAMPUNGO. Um dos nomes de Zâmbi*, principalmente na tradição conga. Do quicongo *Nzambi-ampungu*, "o Grande Nzambi", para o qual se exclama: "Deus é grande!".

ZAMBIAPONGO. *Ver ZAMBIAMPUNGO*.

ZAMBIAPUNGA. Antiga dança de negros no Sul da Bahia.

ZAMBO. Qualificativo que, na América hispânica em geral, se dá ao cafuzo, mestiço de negro e índio. Em Honduras, o nome designa um grupo étnico originado de um contingente de duzentos negros, vindos da Jamaica e de Saint Domingue, que sobreviveram a um naufrágio ocorrido em 1650, nas proximidades do cabo Gracias a Dios, quando estavam sendo trazidos pelo pirata português Lorenzo Gramaco. No ano seguinte, estabeleceram-se ao sul de Caratasca e de Brus Laguna, onde se miscigenaram com os índios misquitos. O nome provém do quicongo *nzambu*, macaco que vive nas

árvores, pulando de um galho a outro. Segundo Fernando Ortiz (1985), a designação étnica provém da aparência do mono. O eurocentrismo comumente leva a ilações desse tipo.

ZAMBURAR. Praticar a adivinhação por meio do jogo de búzios. Do quimbundo *zambula*, "adivinhar".

ZAMOR, Emmanuel (1840-*c.* 1917). Pintor brasileiro nascido em Salvador, BA, e falecido em Paris. Adotado por um casal formado por um africano e uma francesa, passou a maior parte de sua vida na França. Foi revelado ao Brasil em 1985, por ocasião de uma exposição no Museu de Arte de São Paulo (Masp).

ZAMORA [Díaz]**, Rafael.** Babalaô cubano nascido em Havana, em 1957. No ano de 1991 radicou-se no Rio de Janeiro e acabou se tornando um dos principais revitalizadores do culto de Ifá na antiga capital federal e na Baixada Fluminense, tendo iniciado inúmeros afilhados.

ZAMZAM (século XVIII). Líder rebelde dos djukas do Suriname.

ZANDJ, Civilização. Complexo cultural que floresceu no Leste da África. No século VII, ao chegarem à costa oriental africana, os árabes chamaram a região de *Zandj ji bar*, "Costa dos Negros", daí o topônimo Zanzibar. Nesse litoral, entre Mogadíscio e Sofala, com a contribuição civilizatória do suaíle* – a mais difundida das línguas do grupo banto – e com a estrutura econômica favorecida pelas riquezas naturais do interior, edificaram a civilização zandj, diretamente relacionada com a Arábia, a Pérsia, a Índia, a China e o Sião. Em contrapartida, levados para a Ásia como escravos através do oceano Índico, africanos de Zanzibar também exerceram sua influência, inclusive ao insurgir-se em levantes de graves consequências, como a chamada "Rebelião Zanj", que abalou o atual Iraque no século IX. *Ver TRÁFICO NEGREIRO [O tráfico índico]*; *ZANZIBAR*.

ZANGUI. Em Palmares, líder do quilombo Catingas, a 180 quilômetros de Macaco [2]*.

ZANJ, Rebelião. Insurreição ocorrida em território do atual Iraque, no século IX, envolvendo escravos negros empregados nas salinas da região de Basra. *Ver ZANDJ, Civilização*.

ZANZIBAR. Ilha do oceano Índico, a qual foi uma colônia árabe e hoje pertence à República Unida da Tanzânia*. Foi o polo irradiador da chamada

civilização zandj*.

ZAPATA, Doctor (séculos XVIII-XIX). Nome pelo qual ficou conhecido o médico de confiança do general José de San Martín (1778-1850), militar e político argentino libertador do Chile e do Peru. Nasceu, segundo J. L. Lanuza (1946), em Lima, no Peru, e radicou-se no Chile por razões políticas.

ZAPATA OLIVELLA, Manuel. *Ver OLIVELLA*, Manuel Zapata.

ZARATEMPÔ. Saudação ao inquice Tempo*.

ZAVALA, Micaela (século XVIII). Personagem popular peruana nascida em Lima, em 1730. Aos 33 anos de idade, solteira e trabalhando como vendedora de carne de porco, foi acusada de manter um pacto com o Diabo, tendo sido sentenciada pelos tribunais da Inquisição a dez anos de desterro, depois de confessar sob tortura. Segundo Ricardo Palma (1968), era uma mulata linda, alegre e espirituosa. Em Lima, até pelo menos o século XIX, toda mulher despachada e sem papas na língua era chamada de *ña Mica Zavala*.

ZAZE. Divindade banta correspondente ao Xangô dos iorubás. Do quicongo *Nzazi*, inquice que provoca o raio.

ZAZE MAMBEMBE. Raio especial de Iansã. Do quicongo *nzazi*, "raio" + *mambe-mbe*, onomatopeia referente a um choque violento.

ZAZE ZAZE. Raio de Xangô, muito forte. Do quicongo *nzazi*, "raio", com duplicação: é "o raio dos raios".

ZÉ CAPIONGO. Ente fantástico da mitologia do vale do São Francisco.

ZÉ CARLOS. Nome artístico de José Carlos Batista dos Santos, guitarrista e violonista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1943. Músico profissional desde a década de 1960, tornou-se conhecido como integrante do grupo orquestral do cantor Roberto Carlos, com quem se apresentou no Radio City Music Hall e no Madison Square Garden, tradicionais locais americanos de espetáculos. Destacou-se como um dos melhores guitarristas brasileiros.

ZÉ CATIMBA. Apelido de José Inácio dos Santos, sambista nascido na Paraíba, em 1943, e radicado no Rio de Janeiro. Campeão de sambas-enredo na escola de samba Imperatriz Leopoldinense, nele se inspirou o dramaturgo Dias Gomes para criar um personagem, com seu nome, vivido por Grande

Otelo* na telenovela *Bandeira 2*, exibida nacionalmente pela Rede Globo, entre 1971 e 1972.

ZÉ CAVAQUINHO (1884-1951). Nome artístico do violonista, flautista, cavaquinista, compositor e regente brasileiro José Rabelo da Silva, nascido em Guaratinguetá, SP, e falecido no Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores do rancho carnavalesco carioca Ameno Resedá*, em que se distinguiu como diretor de harmonia e chefe da orquestra.

ZÉ COM FOME. *Ver ZÉ DA ZILDA.*

ZÉ DA ZILDA (1908-54). Nome artístico de José Gonçalves, compositor e cantor nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Ligado ao morro de Mangueira*, em 1938 casou-se com Zilda Fernandes (1919-), com quem constituiu a famosa dupla "Zé e Zilda", cujos principais sucessos foram o samba *Só pra chatear* (1944) e as marchas carnavalescas *Saca-rolha* (1953) e *Ressaca* (1955). Como compositor, assina, entre outras, incluindo as duas marchas citadas (com Zilda do Zé e Valdir Machado), *Aos pés da cruz* (com Marino Pinto), de 1942, samba mais tarde regravado pelo bossa-novista João Gilberto. Era também conhecido como "Zé com Fome", pseudônimo humorístico usado no início da carreira.

ZÉ ESPINGUELA (c. 1890-1945). Apelido de José Gomes da Costa, personagem popular da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu e faleceu. Sambista e pai de santo (alufá*), morava no subúrbio do Engenho de Dentro e possuía um terreiro em Irajá. Uma das figuras mais expressivas da cultura afro-carioca da década de 1920 à de 1940, em 1928 foi um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira*; no ano seguinte, organizou a primeira competição entre as escolas de samba; em 1939, chefiou a comitiva que levou a estrela Josephine Baker* para uma visita ao terreiro de Mãe Adedé*, no subúrbio de Ramos; em 1940, foi encarregado pelo maestro Heitor Villa-Lobos de organizar o Sodade do Cordão, grupo carnavalesco que pretendia reviver os carnavais antigos.

ZÉ IGINO. Forma reduzida do nome de José Igino da Cruz, artista plástico brasileiro nascido em Niterói, RJ. Gravador premiado no Salão Carioca de 1984, entre outras distinções, já expôs seus trabalhos na Alemanha, no Japão e nos Estados Unidos. A partir de 1988, passou a trabalhar como professor da oficina de gravura do Museu do Ingá, em Niterói, RJ.

ZÉ KÉTI (1921-99). Pseudônimo de José Flores de Jesus, compositor brasileiro nascido e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Sambista ligado à Portela, é autor, em alguns casos em parceria, de sambas antológicos como *A voz do morro* (1955), *Malvadeza Durão* (1958), *Opinião*, *Acender as velas*, *Diz que fui por aí* e *Mascarada* (todos estes de 1964), além da marcha-rancho *Máscara negra* (1967). No cinema, atuou em filmes como *Rio 40 graus* (1955) e *Rio Zona Norte* (1957). Como diretor artístico do restaurante Zicartola, foi um dos responsáveis, nos anos de 1960, pelo lançamento de Paulinho da Viola* e pelo ressurgimento do samba tradicional. Em 1998, pelo conjunto de sua obra, foi agraciado com o Prêmio Shell. No ano de 2000, já falecido, teve sua vida e obra focalizadas no livro *Zé Kéti, o samba sem senhor*, escrito pelo autor desta enciclopédia e publicado como parte da coleção Perfis do Rio, da editora Relume Dumará, patrocinada pela RioArte.

ZÉ LUIZ. Nome artístico de José Luiz Costa Ferreira, sambista nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1944. Compositor ligado à escola de samba Império Serrano, é autor de diversos sambas gravados a partir dos anos de 1980, principalmente em parceria com Nelson Rufino e Nei Lopes.

ZÉ MARIA. Apelido de José Maria Rodrigues Alves, jogador brasileiro de futebol nascido em Botucatu, SP, em 1949. Lateral-direito, ganhou projeção no Corinthians e integrou a seleção nacional entre os anos de 1968 e 1978.

ZÉ MENEZES. Nome artístico de José Menezes de França, músico brasileiro nascido em Jardim, CE, em 1921, e radicado no Rio de Janeiro. Instrumentista, compositor e arranjador, com carreira profissional precocemente iniciada (já na década de 1930) na capital cearense, transferiu-se para o Rio na década seguinte, logo granjeando fama como um dos maiores executantes de instrumentos de cordas dedilhadas no país. Um dos precursores da bossa nova, integrou o famoso sexteto de Radamés Gnattali e compôs melodias e harmonizações inovadoras, como as de *Nova ilusão* e *Tudo azul*. Foi também reconhecido e festejado como talentoso solista e acompanhante ao violão, cavaquinho, violão tenor, bandolim etc., tendo feito vários registros solo em LPs e CDs. É visto por alguns como "caboclo", o que pode indicar, também, ancestralidade ameríndia ou mista.

ZÉ PELINTRA. Entidade espiritual da umbanda*, também chamado "Seu Zé". Segundo algumas versões, é originário do catimbó*; de acordo com

outras, seria a divinização romantizada de um personagem da malandragem carioca da década de 1930 ou 1940, assassinado por uma de suas amásias. A indumentária com que é representado em seus ícones é típica: terno branco, chapéu-panamá caído sobre a testa, gravata e lenço vermelhos, sapatos de duas cores.

ZÉ PRETINHO [1]. Pseudônimo de Manuel do Espírito Santo, sambista nascido em Capela, SE, em 1909. É autor, com Reis Saint-Clair, de *Uma dor e uma saudade*, clássico do repertório de Orlando Silva*.

ZÉ PRETINHO [2]. Apelido pelo qual foram conhecidos pelos menos dois famosos cantadores nordestinos. O primeiro, nascido em Crato, CE, tido como um dos maiores cantadores do seu tempo, ainda era vivo na década de 1930. O segundo viveu em Machados, PE, de 1915 a 1955.

ZECA DA CASA VERDE (1927-94). Nome artístico de José Francisco da Silva, sambista nascido e falecido em São Paulo, SP. Começou a apresentar-se em programas de rádio em 1945 e formou, com Geraldo Filme* e Toniquinho Batuqueiro (1929-), o grande triunvirato de compositores das escolas de samba paulistas. Foi campeão de inúmeros concursos de sambas-enredo representando as escolas Morro da Casa Verde, Camisa Verde e Branco, Rosas de Ouro, entre outras. Atuou também em espetáculos organizados pelo dramaturgo Plínio Marcos.

ZECA PAGODINHO. *Ver PAGODE.*

ZEFERINA (século XIX). Líder do Quilombo do Urubu* durante a revolta ocorrida em 1826. Por sua bravura e liderança, foi citada como “rainha” pelo presidente da então província da Bahia, Manuel Inácio da Cunha Menezes.

ZELADOR DE SANTO. O mesmo que pai de santo. Em candomblés bantos, diz-se também “zelador de inquice”.

ZEMBA. Antiga dança negra do Uruguai. *Ver SEMBA.*

ZENÓN CRUZ, Isabelo. *Ver CRUZ, Isabelo Zenón.*

ZÉPAULES. No vodu, uma das danças do rito *rada**. Do francês *épaules*, “ombros”, em alusão a um movimento da dança.

ZERÁ (século X a.C.). Comandante militar etíope. Conforme relato bíblico do Velho Testamento (II Crônicas, 14:9), marchou contra Judá com um exército de 1 milhão de homens e trezentos carros de guerra, avançando até

a cidade de Maressa, onde teria sido derrotado e morto pelos exércitos do rei Asa.

ZERO. Nome artístico de José Roberto Teles, percussionista e babalaô brasileiro nascido em São João de Meriti, RJ, em 1957. Alabê* ligado à comunidade carioca do Axé Opô Afonjá*, tornou-se um dos mais completos percussionistas brasileiros, atuando ao lado de grandes intérpretes. Integrante da bateria da Unidos de Vila Isabel, foi o introdutor do xequeré* na percussão das escolas de samba. Em 2001 sagrou-se babalaô* em Havana, tendo como padrinho o cubano Wilfredo Nelson, radicado no Rio de Janeiro.

ZICA DE BANGU. Nome pelo qual se fez conhecida Anazir Maria de Oliveira, líder comunitária nascida no Rio de Janeiro, em 1933. Fundadora, em 1964, do Clube de Mães e do Conselho de Moradores da Vila Aliança, na Zona Oeste carioca, e, em 1976, da Pastoral das Empregadas Domésticas, em 2002 era palestrante de cursos para a formação de lideranças femininas, promovidos pela Federação das Indústrias em vários municípios fluminenses.

ZICA, Dona (1913-2003). Nome pelo qual se fez conhecida Eusébia Silva de Oliveira, sambista nascida e falecida no Rio de Janeiro, RJ. Mulher do compositor Cartola* e cozinheira afamada, nos anos de 1960, ao lado do marido, comandou o restaurante Zicartola, importante reduto do samba tradicional. Juntamente com Dona Neuma*, era, nos anos de 1990, uma das principais figuras femininas da escola de samba Estação Primeira de Mangueira.

ZIMBA. O mesmo que carimbó*.

ZIMBÁBUE, Grande. Sítio histórico africano, cujas construções mais antigas remontam ao século VI. Sede de dois grandes Estados da África austral – o Império do Monomotapa*, do século XII ao XV, e o Império Changamire, entre os séculos XIV e XIX –, é hoje um conjunto de imponentes ruínas de edificações em pedra, próximo a Masvingo (antiga Fort Victoria), ao sul de Harare (antiga Salisbury). A mineração de ouro, cobre e estanho desenvolvida na região desde a Antiguidade explica a pujança dessas construções monumentais. Nos anos de 1920, uma série de pesquisas arqueológicas pôs fim ao mito de que as impressionantes ruínas

seriam restos de uma perdida civilização branca. O nome Zimbábue provém do xona *Dzimba Dzemaue* e significa "as casas de pedra".

ZIMBÁBUE, República do. País do Sudeste africano, limitado por Zâmbia (norte), Moçambique (leste), África do Sul (sul) e Botsuana (oeste), com capital em Harare. Os principais grupos étnicos que compõem sua população são o xona* e o ndebele. *Ver ÁFRICA*; *COLONIALISMO*; *MONOMOTAPA*.

ZIMBO. Concha utilizada como moeda, no território da atual Angola, à época da escravidão. Do quimbundo *njimbu*, "búzio".

ZIMIMBÚNDI. Designação genérica do povo negro no âmbito da congada de Caraguatatuba, SP. Do quimbundo *mumbundu*, "negro".

ZION. Entre os adeptos do rastafarianismo*, a Etiópia, terra sagrada, morada dos ancestrais. *Ver ARUANDA*; *GINEN*.

ZION REVIVAL. Culto revivalista jamaicano.

ZIQUIZIRA. Qualquer doença que não se quer ou não se pode nomear; azar. De origem provavelmente ligada ao termo "quizila*", com a doença sendo vista como resultado da quebra de um tabu.

ZIZINHO (1921-2002). Apelido de Thomaz Soares da Silva, jogador brasileiro de futebol nascido em São Gonçalo, RJ, e falecido em Niterói, no mesmo estado. Com carreira profissional iniciada em 1939 no Clube de Regatas do Flamengo, pelo qual foi várias vezes campeão, integrou a seleção nacional na Copa do Mundo de 1950. Atuou também no Bangu carioca, no São Paulo e no Audax Italiano, do Chile, onde encerrou a carreira, em 1962. Meia-armador de excepcionais recursos técnicos, sendo considerado o mais completo jogador brasileiro antes de Pelé*, foi um dos maiores craques do futebol mundial em todos os tempos.

Zizinho

ZOBEL, Joseph (1915-2006). Escritor nascido em Petit-Bourg, Martinica, e falecido em Alès, França. Filho de mãe pobre e trabalhadora, depois da Segunda Guerra Mundial deu início a estudos de etnologia e literatura em Paris, tornando-se, em seguida, professor; lecionou por vários anos na França. Em 1957, mudou-se para o Senegal, onde atuou como diretor artístico de rádio (em Dacar). Apesar de ter escrito alguns poemas, ficou conhecido primeiramente como romancista. Em sua obra destacam-se: *Laghia de la mort* (Fort-de-France, 1946); *Les jours immobiles* (Fort-de-France, 1946); *Diab'la* (Paris, 1947); *La fête à Paris* (Paris, 1953); *Incantation pour un retour au pays natal* (Anduze, 1964); *Le soleil partagé* (Paris, 1964). Seu romance *La rue Cases-Nègres* (Paris, 1950) inspirou o filme quase homônimo (*Rue Cases-Nègres*, 1983), sobre o cotidiano dos negros pobres da Martinica.

ZOMADÔNU. Vodum masculino, filho de Acoicinacaba*, patrono da Casa das Minas*. De acordo com o povo fon, que o chama de *Zomadonou*, foi o filho anormal do rei Akaba, divinizado ao morrer. Em Cuba, onde a grafia de seu nome é *Somaddonu*, é tido como o Obatalá* do povo *arará**. É igualmente associado a *Ochalufon* (Oxalufã) e a *Oosa Ogiyán* (Oxaguiã). De suas oferendas constam pombas brancas, arroz, algodão e suspiros. Criador dos albinos e cegos, e tendo a lagartixa ou o camaleão como mensageiros, é conhecido também pelos nomes de *Aguema*, *Elefún*, *Alayé* e *Ikalambo*. *Ver AZAODONU*.

ZOMBIE. Forma francesa e inglesa para zumbi [1]*.

ZONG. Denominação de um navio inglês envolvido em significativo episódio do tráfico negreiro. Em 1871, transportando negros da África para a Jamaica, por falta de comida e água seu comandante resolveu lançar ao mar cerca de 130 cativos. E o fez certo de que receberia a restituição do seguro pela "carga" perdida, o que, depois de longa contenda judicial, efetivamente ocorreu. O fato é narrado por Cynthia Almeida Rosa (2004) em texto sobre processos movidos por descendentes de escravos americanos contra seguradoras que lucraram com o tráfico negreiro.

ZOOGODÔ-BOGUM-MALÊ-RUNDÓ. Nome africano da Sociedade São Bartolomeu do Engenho Velho da Federação, principal comunidade-terreiro de nação jeje em Salvador, BA, popularmente conhecida como

“Terreiro do Bogum” ou simplesmente “Bogum”. Com seus fundamentos, segundo a tradição, remontando ao século XVII, teve como principais líderes as sacerdotisas Mãe Ludovina, Emiliana do Bogum*, Mãe Romaninha de Pó e Mãe Ruinhó*. Relacionado à Roça do Ventura, outra antiga comunidade religiosa, sediada em Cachoeira, no Recôncavo Baiano (daí a expressão “jeje de Cachoeira”, que designa uma vertente de culto), o Bogum constituiu-se, também, com base em casas como o Podabá*, terreiro fundado, de acordo com a tradição, por Rozena de Bessém em 1874, no Rio de Janeiro. Estudos publicados a partir de 2005 indicam essa precedência cronológica dos cultos jejes em relação aos iorubanos na Bahia.

ZOOS HUMANOS. Expressão usada para designar as mostras também conhecidas como “exposições etnológicas” ou “aldeias negras”, difundidas por vários países europeus entre as décadas de 1870 e 1910. Nelas, exibiam-se publicamente, atrás de grades ou cercados, como nos jardins zoológicos atuais, indivíduos de povos considerados selvagens e exóticos, como os das colônias europeias na África. Essas exposições contribuíram decisivamente para a consolidação e a difusão do preconceito que estigmatiza as populações negras. *Ver VÊNUS HOTENTOTE*.

ZOOT SUIT. Denominação do traje típico da moda dos negros do Harlem entre as décadas de 1930 e 1940. Era composto de paletó comprido e de ombros largos, calça folgada com boca bem estreita, chapéu de copa alta e aba larga. A moda foi adotada também no Rio de Janeiro, principalmente por componentes das escolas de samba.

ZORÔ. Iguaria feita com camarão e quiabo, a qual se come acompanhada de angu de fubá, arroz ou outro grão. Segundo Jacques Raymundo (1933), o nome se deve ao angu de arroz, complemento frequente e indispensável. Do macua *soro*, “arroz”.

ZOUK. Gênero de música popular contemporânea das Antilhas Francesas. O nome remete a uma antiga festa camponesa.

ZÓZIMO [Alves Calazans] (1932-77). Jogador brasileiro de futebol nascido em Salvador, BA, e falecido no Rio de Janeiro, RJ. Zagueiro, integrou a seleção brasileira que se sagrou bicampeã do mundo no Chile, em 1962; ao encerrar a carreira, tornou-se técnico.

ZÓZIMO BULBUL. Nome artístico de Jorge da Silva, ator e diretor cinematográfico nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1937. No cinema, atuou como roteirista, diretor e ator no curta-metragem *Alma no olho* (1976); escreveu e dirigiu o também curta *Aniceto do Império – em dia de alforria* (1981); trabalhou como ator, entre outras produções, em *Em compasso de espera* (1969) – no qual viveu o personagem principal, um poeta negro às voltas com problemas existenciais motivados pelo racismo –, *Sagarana, o duelo* (1973), *Pureza proibida* (1974) e *A deusa negra* (1978). Em 1969, na extinta TV Excelsior, foi par romântico da atriz Leila Diniz na novela *Vidas em conflito*, tornando-se o primeiro protagonista negro na televisão brasileira. No teatro, nos anos de 1970, encarnou o protagonista de *Orfeu da Conceição* em duas remontagens no Rio de Janeiro, no palco do Renascença Clube* e no Teatro Tereza Rachel. Em 1988 realizou, com apoio do Ministério da Cultura, o elogiado documentário *Abolição*, produzido no âmbito das comemorações e reflexões relacionadas ao centenário do fim da escravidão no Brasil. Em 2002, enquanto trabalhava na conclusão do documentário *Pequena África*, teve sua trajetória celebrada numa exposição patrocinada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. À época desta edição, era curador do Centro Afro-Carioca de Cinema, fundado no bairro da Lapa em fins de 2007.

ZUAVOS BAIANOS. Unidade de voluntários do Exército brasileiro formada em 1865 para lutar na Guerra do Paraguai, cujos integrantes, de oficiais a praças, eram todos negros. Sua criação foi inspirada em unidades de mesmo nome ("Zuavos da Louisiana", "Zuavos de Nova York" etc.), que, por sua vez, devem sua denominação à unidade do Exército francês integrada por membros do grupo étnico dos zuavos, localizado na Argélia. Os Zuavos Baianos distinguiram-se, no ano de sua formação, com o cerco e a consequente rendição de Uruguaiana. Seu uniforme, copiado do modelo francês, constava de calça, cinta e barrete vermelhos, jaqueta azul e colete verde com galões amarelos, como se observa no livro *Uniformes do Exército brasileiro*, de J. Wasth Rodrigues e Gustavo Barroso (1922).

ZULU. Habitante da Zululândia*; língua falada nessa região da África austral. Erguido graças às conquistas de Tchaka*, o Império Zulu foi, no

século XIX, um dos mais poderosos reinos africanos. O etnônimo *zulu*, em sua língua nativa, significa "o povo do céu".

ZULU SOCIAL AID & PLEASURE CLUB. Sociedade carnavalesca fundada em 1916 em Nova Orleans, Louisiana. Foi o primeiro clube de negros a desfilar no famoso carnaval da cidade conhecida como o berço do jazz.

ZULUETA, Ma Florentina (1828-1933). Nome cubano de Ña Tegué, africana do antigo Daomé e escrava do engenho de Arguedas, na atual localidade de Perico, na província de Matanzas. Segundo a tradição, foi vendida aos 15 anos, quando já era uma das esposas do rei Ghezo*, em Abomé. Não teve filhos biológicos, mas, por intermédio da filha de criação, Victoria Zulueta (que, após sua morte, se tornou a principal figura do *cabildo** Sociedad Africana de Perico, fundado por Ma Florentina), deixou uma "descendência" de ilustres cultores da tradição *arará** em Cuba. *Ver AGOTIMÉ*.

ZULULÂNDIA. Região situada no Norte da província de KwaZulu-Natal, na África do Sul. Anexada pelos ingleses em 1887, teve, em 1894, dois terços de suas terras confiscadas pelos colonizadores, com os nativos sendo confinados em reservas.

ZUMBI [1]. Ente imaginário que, segundo a crença popular, vagueia a horas mortas; designação dada à suposta aparição de certos animais mortos. Do quimbundo *nzumbi*, "espírito"; "espírito perturbado, perseguido, atormentado".

ZUMBI [2]. Lugar ermo, tristonho, sem meio de comunicação. O nome designa uma localidade na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro, e se origina do quicongo *nzumbi*, "lugar onde se espera que a caça apareça".

ZUMBI DOS PALMARES (*c.* 1655-95). Nome pelo qual foi conhecido o maior líder da confederação de quilombos de Palmares*, nascido provavelmente na capitania de Pernambuco, onde viveu sua epopeia e faleceu. Segundo algumas versões, nasceu em Palmares, foi levado para o meio urbano, onde recebeu educação formal, e retornou para tornar-se o protomártir da libertação dos negros brasileiros.

ZUMBO. Antigo folguedo de negros da região do Triângulo Mineiro.

ZUNDU (?-1757). Líder do Quilombo do Campo Grande*, em Minas Gerais. Resistiu bravamente à violenta expedição de Bartolomeu Bueno do Prado, mas acabou morrendo em combate.

ZUNGU. Cortiço, caloji, habitação de negros pobres. O nome designou também cada um dos estabelecimentos comerciais do Rio de Janeiro colonial com oferta de música, refeições e pousada, mantidos em geral por negros minas libertos. Do quicongo *nzungu*, "panela", "caldeirão".

ZUZÁ. Chocalho de frutos de pequi que, em certos terreiros, é atado aos tornozelos dos dançantes.

ZUZUCA. Pseudônimo de Adil de Paula, sambista nascido em Cachoeiro do Itapemirim, ES, em 1936, e radicado na cidade do Rio de Janeiro. Compositor da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, é autor de *Festa para um rei negro* (*Pega no ganzê*), de 1971, samba-enredo de repercussão internacional e referência na história do gênero. Assina também, em parceria com Noel Rosa de Oliveira*, *Vem chegando a madrugada*, de 1966, entre outras obras.

***ZYDECO*.** Música do Sul da Louisiana, Estados Unidos, que combina melodias de danças francesas, elementos de música caribenha e de blues, sendo tocada por pequenos conjuntos à base de guitarra, acordeão e *washboard**.

Bibliografia

Livros

"A ÁFRICA NEGRA". In: *EDMA – Enciclopédia do Mundo Atual*. Lisboa, Dom Quixote, 1981.

ABRAHAM, Roy Clive. *Dictionary of modern Yoruba*. Londres, Hodder & Stoughton, 1981.

ACOSTA, América Díaz *et al*. *Panorama histórico-literario de nuestra América*. Havana, Casa de las Américas, 1982 (Colección Nuestros Países, Serie Estudios, tomo I: 1900-1943).

ACOSTA, Leonardo. *Elige tú, que canto yo*. Havana, Letras Cubanas, 1993.

ADESOJI, Ademola. *Ifá: a testemunha do destino e o antigo oráculo da Terra de Yorubá*. Rio de Janeiro, Cátedra, 1991.

AFRICA SOUTH OF THE SAHARA. 5ª ed. Londres, Europa Publications, 1975.

AFRICAN ENCYCLOPEDIA. Londres, Oxford University Press, 1974.

AFRICANA: The encyclopedia of the African and African American experience. Ver APPIAH, Kwame Anthony; GATES JR., Henry Louis.

AFROPOP WORLDWIDE LISTENER'S GUIDE. Washington, DC, National Public Radio, 1990.

AGASSIZ, Louis; CARY, Elizabeth. *Viagem ao Brasil, 1865-1866*. Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/ Edusp, 1975.

AGUIAR, Maciel de. Série História dos Vencidos – 26 cadernos. São Mateus, Centro Cultural Porto de São Mateus/ Brasil-Cultura, 1995-96.

AGUILAR, Nelson (org.). *Mostra do Redescobrimento: negro de corpo e alma/ Black in body and soul*. São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo/ Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

ALBIN, Ricardo Cravo (org.). *Dicionário Houaiss ilustrado da música popular brasileira*. Rio de Janeiro, Paracatu, 2006.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 2, 1997.

ALI, Muhammad. *O pensamento de Maomé*. Rio de Janeiro, José Olympio, s/d.

ALMANAQUE ABRIL. 35ª ed. São Paulo, Abril, 2009.

ALMEIDA, Pedro Ramos de. *História do colonialismo português em África*. Lisboa, Estampa, 1978-79, 2 vols.

ALONSO, Guillermo Andreu. *Los ararás en Cuba: Florentina, la princesa dahomeyana*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1995.

ALTUNA, Raúl R. de A. *Cultura tradicional banto*. 2ª ed. Luanda, Secretariado Arquidiocesano da Pastoral, 1993.

ALVARENGA, Oneyda. *Música popular brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1960.

ALVES, P.e Albino. *Dicionário etimológico bundo-português*. Lisboa, Tipografia Silvas, 1951, 2 vols.

ALVES FILHO, Ivan. *Memorial de Palmares*. Rio de Janeiro, Xenon, 1988.

AMADOR, Paulo. *Rei branco, rainha negra*. Belo Horizonte, Lê, 1990.

AMARAL, Braz do. *Fatos da vida do Brasil*. Salvador, Tipografia Naval, 1941.

AMARAL, Manuel Gama. *O povo yao: subsídios para o estudo de um povo do Noroeste de Moçambique*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1990.

AMERICAN HERITAGE DICTIONARY of the English Language, The. Boston/ Nova York, Houghton Mifflin, 1991.

ANDRADE, Julieta. *Cultura crioula e lanc-patuá no Norte do Brasil*. São Paulo, Escola de Folclore, 1984.

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/ Edusp, 1989.

ANGOLA, TRABALHO E LUTA: panorama histórico, panorama geográfico, panorama político e social, panorama económico. Luanda, DIP, 1985.

APPIAH, Kwame Anthony; GATES JR., Henry Louis. *Africana: The encyclopedia of the African and African American experience*. Nova York, Basic Civitas Book, 1999.

_____. *Africana: The encyclopedia of the African and African American experience*. 2ª ed. Oxford/ Nova York, Oxford University Press, 2005, 5 vols.

ARAÚJO, Alceu Maynard de. *Folclore nacional*. São Paulo, Melhoramentos, 1967, 3 vols.

ARAÚJO, Emanoel (org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo, Tenenge, 1988.

ARETZ, Isabel. "Música y danza (América Latina continental, excepto Brasil)". In: FRAGINALS, Manuel Moreno (rel.). *África en América Latina*. Paris/ Cidade do México, Unesco/ Siglo Veintiuno, 1977, pp. 238-78.

ARÓSTEGUI, Natalia Bolívar. *Los orishas en Cuba*. Havana, Unión, 1990.

_____; POTTS, Valentina Porras. *Orisha ayé: unidad mítica del Caribe al Brasil*. Guadalajara (Espanha), Pontón, 1996.

_____; VILLEGAS, Carmen González Díaz de. *Ta Makuende Yaya y las reglas de palo monte: mayombe, brillumba, kimbisa, shamalongo*. Havana, Unión, 1998.

ASANTE, Molefi Kete. *The Egyptian philosophers: ancient African voices from Imhotep to Akhenaten*. Chicago, African American Images, 2000.

_____; ABARRY, Abu Shardow (orgs.). *African intellectual heritage: a book of sources*. Filadélfia, Temple University Press, 1996.

ASSIS BARBOSA, Francisco de. *A vida de Lima Barreto*. 5ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/ INL-MEC, 1975.

ASSIS JÚNIOR, Antônio de. *O segredo da morta*. 3ª ed. Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1985.

ASTROS & ESTRELAS E SEUS FILMES EM VÍDEO. 2ª ed. São Paulo, Nova Cultural, 1991 (Guias Práticos Nova Cultural).

AUGUSTO, Sérgio. *Este mundo é um pandeiro: a chanchada, de Getúlio a JK*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

AUSTREGÉSILO, A. "A mestiçagem no Brasil como fator eugênico". In: FREYRE, Gilberto *et al. Novos estudos afro-brasileiros*. Recife, Fundaj/ Massangana, 1988, pp. 325-33.

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. Trad. Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo, Palas Athena/ Casa das Áfricas, 2003.

BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro, Pallas, 2001.

BAHIANA, Henrique Paulo. *O Togo de ontem e hoje*. 2ª ed. Rio de Janeiro, CBAG, 1984.

BAIRD, Keith E. "Commentary". In: CHUKS-ORJI, Ogonna. *Names from Africa: their origin, meaning, and pronunciation*. Chicago, Johnson, 1972, pp. 75-86.

BALBACH, Alfons. *A flora medicinal na medicina doméstica*. 17ª ed. São Paulo, A Edificação do Lar, vol. 2, s/d.

BALDWIN, Lindley. *Samuel Morris*. 2ª ed. Belo Horizonte, Betânia, 1991.

BALLAGAS, Emilio. *Mapa de la poesía negra americana*. Buenos Aires, Pleamar, 1946.

BARBOSA, Adriano. *Dicionário cokwe-português*. Coimbra, Universidade de Coimbra/ Instituto de Antropologia, 1989.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas como já impressas*. Org. José Américo Miranda. Belo Horizonte, UFMG – Faculdade de Letras, 1999 (Memória Literária, 1).

BARBOSA, Orestes. *Samba*. Rio de Janeiro, Funarte, 1978.

BARNET, Miguel. *Cultos afrocubanos: la regla de ocha, la regla de palo monte*. Havana, Unión, 1995.

______. *Memórias de um cimarrón*. Trad. e notas Beatriz A. Cannabrava. São Paulo, Marco Zero, 1986.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé jeje-nagô do Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas/ Uerj, 1993.

BASCOM, William. *The Yoruba of Southwestern Nigeria*. Nova York, Holt, Rinehart and Winston, 1969.

BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo, Martins, 1943.
______. *As Américas negras*. São Paulo, Difel/ Edusp, 1974.
______. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira/ Edusp, 1971, 2 vols.
______. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
______. *O candomblé da Bahia*. São Paulo, Brasiliense, 1978.
______; VERGER, Pierre. "Contribuição ao estudo da adivinhação no Salvador (Bahia)". In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Olóòrìsà: escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo, Ágora, 1981.
BASTOS, João Pereira. *Angola e Brasil, duas terras lusíadas no Atlântico*. Lourenço Marques, Minerva Central, 1964.
BELCHIOR, Manuel. *Contos mandingas*. Porto, Portucalense, s/d.
BELTRÁN, Gonzalo Aguirre. *La población negra de México (1519-1810)*. Cidade do México, Fuente Cultural, 1946.
BENISTE, José. *Jogo de búzios: um encontro com o desconhecido*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
BERNAL, Martin. *Black Athena: the Afroasiatic roots of classical civilization*. New Brumswick, Rutgers University Press, 1987, 3 vols.
BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1970.
BITTENCOURT-SAMPAIO, Sérgio. *Negras líricas: duas intérpretes negras brasileiras na música de concerto (sécs. XVIII-XIX)*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008.
BLESH, Rudi. *Combo: oito histórias do jazz*. São Paulo, Cultrix, 1974.
BLOCKSON, Charles L.; FRY, Ron. *Black genealogy*. 2ª ed. Baltimore, Black Classic Press, 1991.
BOAHEN, Albert Adu. *Topics in West African history*. Londres, Longmans, Green and Co., 1968.
BOLA SETE, Mestre. *A capoeira angola na Bahia*. Salvador, Egba/ Fundação das Artes, 1989.
BOSQUE, Juan Almeida. *Prisão*. São Paulo, Mandacaru, 1989.
BOWSER, Frederick P. *El esclavo africano en el Perú colonial (1524-1650)*. Cidade do México, Siglo Veintiuno, 1977.
BRAGA, Júlio. *A cadeira de ogã e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Pallas, 1999.

BRANCH, William B. (org.). *Crosswinds: an anthology of black dramatists in the Diaspora*. Bloomington, Indiana University Press, 1993.

BRANDÃO, Ascânio. *São Benedito: o santo preto*. 13ª ed. Aparecida, Santuário, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás*. Goiânia, Editora UnB, 1977.

BRISSAUD, Jean-Marc. *A civilização núbia até a conquista árabe*. Rio de Janeiro, Oto Pierre, 1978.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

CABLE, George Washington. *The Dance in Place Congo & creole slave songs – containing also The Congo dance*. Nova Orleans, Faruk von Turk, 1974 (edição fac-similada da original de 1886).

CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha, vida e obra*. Rio de Janeiro, MEC/ Funarte, 1978.

CABRERA, Lydia. *Anagó, vocabulario lucumí*. Miami, Universal, 1986.

______. *El monte*. Havana, Letras Cubanas, 1993.

CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

CAMBRIDGE ENCYCLOPEDIA OF LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN, The. Orgs. Simon Collier, Harold Blakemore e Thomas E. Skidmore. Cambridge/ Nova York, Cambridge University Press, 1985.

CAMPOS, João da Silva (org.). *O folk-lore no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Quaresma, 1928.

CAMPOS, José Jorge Pompeu. *Guia do candomblé da Bahia*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Pallas, 1989.

CAPELLO, Hermenegildo Carlos de Brito; IVENS, Roberto. *De Angola à contracosta: descrição de uma viagem através do continente africano*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. 1, 1886.

CARÁMBULA, Rubén. *El candombe*. Buenos Aires, Ediciones del Sol, 1995 (Biblioteca de Cultura Popular, n. 21).

CARDOSO, Ciro Flamarion S. A *Afro-América: a escravidão no Novo Mundo*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CARDOSO, Elizabeth Dezouzart *et al*. *História dos bairros: Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro, João Fortes Engenharia/ Index, 1987.

CARIBBEAN – The Lesser Antilles. Londres, APA, 1996 (Insight Guides).

CARIBBEAN CONNECTIONS: overview of regional history – classroom resources for secondary schools. Washington, DC, Epica/ Neca, 1991.

CARNEIRO, Antônio Joaquim de Souza. *Os mitos africanos no Brasil: ciência do folclore*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

CARNEIRO, Édison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d.

CARPENTIER, Alejo. "La música de Cuba". In: PORTUONDO, José Antonio *et al. Panorama de la cultura cubana*. Havana, Política, 1983.

CARREIRA, António; QUINTINO, Fernando. *Antroponímia da Guiné Portuguesa*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1º vol., 1964.

CARVALHO, Delgado de. *Chorographia do Districto Federal*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1926.

CARVALHO, José Jorge de. *Cantos sagrados do xangô do Recife*. Brasília, MinC/ Fundação Cultural Palmares, 1993.

CARVALHO-NETO, Paulo de. *El negro uruguayo (hasta la abolición)*. Quito, Editorial Universitaria, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1980.

______. *História dos nossos gestos*. São Paulo, Melhoramentos, 1976.

______. *Made in Africa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

______. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/ Edusp, 1984.

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. Trad. Dinah Kleve. São Paulo, Selo Negro, 2000.

CASTRO, José Guilherme da Cunha. *Miguel Santana*. Salvador, Edufba, 1996.
CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga, um bairro afro-italiano*. São Paulo, Annablume, 2008.
CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. *Os grupos afro-americanos: análises e pastoral*. São Paulo, Paulinas, 1982.
CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
CHANSON MONDIALE, La: depuis 1945. Paris, Larousse, 1998.
CHARTERS, Samuel B.; KUNSTADT, Leonard. *A história do jazz nos palcos de Nova York*. Rio de Janeiro, Lidador, 1962.
CHASE, Gilbert. *Do salmo ao jazz: a música dos Estados Unidos*. Trad. Samuel Penha Reis e Lino Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1957.
CHAUNU, Pierre. *A América e as Américas*. Lisboa/ Rio de Janeiro, Cosmos, 1969.
CHESI, Gert. *Vaudou*. Paris, Fournier Diffusion, 1982.
CHIAVENATO, Júlio José. *O negro no Brasil: da senzala à Guerra do Paraguai*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1980.
CHUKS-ORJI, Ogonna. *Names from Africa: their origin, meaning, and pronunciation*. Chicago, Johnson, 1972.
COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965a.
______. *O Rio de Janeiro no século XVII*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965b.
COLINA, Paulo (org.). *Axé: antologia contemporânea da poesia negra brasileira*. São Paulo, Global, 1982.
CONCEIÇÃO, Fernando. *Negritude favelada: a questão do negro e o poder na "democracia racial brasileira"*. Salvador, edição do autor, 1988.
CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros: o tráfico escravista para o Brasil*. Trad. Elvira Serapicos. São Paulo, Brasiliense, 1985.
CONTARINO SPARTA, Luciana L. "El espacio Atlántico como escenario del proceso de formación de la comunidad caboverdeana en la Argentina". In: *A dimensão atlântica da África – Anais da II Reunião Internacional de História da África*. São Paulo, CEA-USP/ SDG-Marinha/ Capes, 1997, pp. 287-95.

CONTRERAS, Félix (org.). *Eu conheci Benny Moré*. Trad. Lúcio Lisboa, José Luiz de la Hoz e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo, Hedra, 2003.
CORNEVIN, Robert. *Haïti*. Paris, Presses Universitaires Françaises, 1982 (Coleção Qui Sais-Je?).
COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madri, Gredos, 1983.
CORREIA LEITE, José; CUTI. *E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
COSTA, Haroldo. *Fala, crioulo*. Rio de Janeiro, Record, 1982.
COSTA E SILVA, Alberto da. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro, Agir, 2008.
_____. *A enxada e a lança*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.
_____. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/ Fundação Biblioteca Nacional, 2002.
_____. *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*. Rio de Janeiro, Eduerj/ Nova Fronteira, 2004.
_____. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/ Ed. UFRJ, 2003.
COSTA LIMA, Vivaldo da. "Nações-de-candomblé". In: _____ (org.). *Encontro de nações de candomblé*. Salvador, Ianamá-Ceao, 1984, pp. 11-26.
COUTINHO, Daniel. *O ABC da capoeira angola: os manuscritos do Mestre Noronha*. Brasília, Defer/ GDF/ Centro de Documentação e Informação sobre a Capoeira, 1993.
COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília, Editora UnB, 1996.
CRESPO R., Alberto. *Esclavos negros en Bolivia*. La Paz, Academia Nacional de Ciencias de Bolivia, 1977.
CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
CUNHA, Marlene de Oliveira. *Grupo de Dança Afro: caminhos e descaminhos do negro brasileiro*. Niterói, 1987 (projeto de pesquisa,

mimeo.).

DANIEL, Neia. *Memória da negritude: calendário brasileiro da africanidade*. Brasília, MinC/ Fundação Cultural Palmares, 1994.

DAVIDSON, Basil. *À descoberta do passado de África*. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo, Círculo do Livro, vol. 1, s/d.

DESCHAMPS, Hubert. *Les religions de l'Afrique noire*. Paris, PUF, 1965.

DICCIONARIO DE LA LITERATURA CUBANA. Havana, Instituto de Literatura y Lingüística de la Academia de Ciencias de Cuba/ Editorial Letras Cubanas, 1980.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO DE HISTORIADORES, GEÓGRAFOS E ANTROPÓLOGOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro, IHGB, vol. 3, 1993.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Coord. Benedicto Silva. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1986, 2 vols.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO TUDO. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, 3 vols.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Ver HOUAISS, Antônio *et al.*

DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL. Orgs. Schuma Schumaer e Érico Vital Brazil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

DICTIONARY OF WORLD HISTORY. Org. G. M. D. Howat. Londres, Nelson, 1973.

DICTIONNAIRE DES CIVILISATIONS AFRICAINES. Paris, Fernand Hazan, 1968.

DIDI, Mestre (Deoscóredes Maximiliano dos Santos). *História de um terreiro nagô*. 2ª ed. São Paulo, Max Limonad, 1988.

DIOP, Cheikh Anta. *Nations nègres et culture: de l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui*. Paris, Présence Africaine, 1979, 2 vols.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das mitologias americanas*. São Paulo, Cultrix/ INL-MEC, 1973.

DÓRIA, Francisco Antônio *et al. Os herdeiros do poder*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Revan, 1995.

DUARTE, Abelardo. *Folclore negro das Alagoas*. Maceió, Ufal, 1974.

DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo, Abril Multimídia, 2000.

DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre, L&PM, 1998.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1957, 5 vols.

______. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Athena, s/d.

EFEGÊ, Jota. *Ameno Resedá, o rancho que foi escola – documentário do carnaval carioca*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1965.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA GLOBO. Porto Alegre, Globo, 1984, 12 vols.

ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA BRASILEIRA: erudita, folclórica e popular. São Paulo, Art, 1977, 2 vols.

ENCICLOPÉDIA DO CINEMA BRASILEIRO. Orgs. Fernão Ramos e Luiz Felipe Miranda. São Paulo, Ed. Senac, 2000.

ENCICLOPÉDIA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO. São Paulo/ Rio de Janeiro, Publifolha/ Terceiro Mundo, 2000.

ESTELL, Kenneth. *African America*: *portrait of a people*. Detroit/ Washington, DC/ Londres, Visible Ink Press, 1994.

FAKINLEDE, Kayode J. *English-Yoruba/ Yoruba-English modern practical dictionary*. Nova York, Hippocrene Books, 2006.

FARIAS, Juliana Barreto *et al. Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo, Alameda, 2006.

FATUNMBI, Awo Fa'lokun. *Ochosi: Ifá and the Spirit of the Tracker*. Nova York, Original Publications, 1992.

FEIJOO, Samuel. *Mitología cubana*. Havana, Letras Cubanas, 1986.

FERNANDES, Albino Gonçalves. *Xangôs do Nordeste: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.

FERNANDES, Hélio de Almeida. *Tango, uma possibilidade infinita*. Rio de Janeiro, Bom Texto, 2000.

FERREIRA, Euclides Menezes. *O candomblé no Maranhão*. São Luís, Alcântara, 1984.

FERREIRA, Procópio. *O ator Vasques: o homem e a obra*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1979.

FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti*. 2ª ed. São Luís, Edufma, 2000.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querebentan de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas*. São Luís, Edufma, 1986.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. *O negro e a violência do branco: o negro em Sergipe*. Rio de Janeiro, José Álvaro, 1977.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Arthur Brandão e Cia., 1925.

______. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Lisboa, Livraria Bertrand, 1922.

FIGUEIREDO, Napoleão. *Banhos de cheiro, ariachés & amacis*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.

FINCH, Charles S. "Osiris: the black god". In: CHANDLER, Wayne B. (org.). *A journey into 365 days of black history*. Petaluma, Pomegranate Calendars & Books, 1990.

FIRTH, Raymond. *Tipos humanos*. Trad. Miguel Maillet. São Paulo, Mestre Jou, 1978.

FISHER, Robert B. *West African religious traditions: focus on the Akan of Ghana*. Nova York, Orbis Books, 1998.

FONTANA, Luke. *New Orleans and her jazz funeral marching bands: a 10 year collection of photography, 1970-1980*. Nova Orleans, L. Fontana/ Jazz, 1980.

FRAGINALS, Manuel Moreno. *O engenho: complexo socioeconômico açucareiro cubano*. Trad. Sônia Rangel e Rosemary C. Abílio. São Paulo, Ed. Unesp/ Hucitec, 1989, 2 vols.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

FRANCO, José Luciano. *Ensayos históricos*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1974.

FRANKLIN, John Hope; MOSS JR., Alfred A. *Da escravidão à liberdade: a história do negro americano*. Trad. Élcio Gomes de Cerqueira. Rio de Janeiro, Nórdica, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 17ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

______. *Ordem e progresso*. 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, tomo II, 1974.

______. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951, 3 vols.

FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, angu e couve*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1966.

FROTA, Lélia Coelho. "Criação liminar na arte do povo: a presença do negro". In: ARAÚJO, Emanoel (org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo, Tenenge, 1988, pp. 217-44.

FU-KIAU, Kimbwandènde Kia Bunseki. *Self-healing power and therapy: old teachings from Africa*. Nova York, Vantage Press, 1991.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – CPDOC. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro, Forense Universitária/ FGV-CPDOC/ Finep, 1984.

FURÉ, Rogelio Martínez. *Diálogos imaginarios*. Havana, Letras Cubanas, 1997.

______. *Diwan africano: poetas de expresión francesa*. Havana, Arte y Literatura, 1988.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva: o outro lado do mito*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

GALEANO, Eduardo. *Espelhos: uma história quase universal*. Porto Alegre, L&PM, 2008.

GALVÃO, Henrique; SELVAGEM, Carlos. *Império ultramarino português*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1950/1953, 4 vols.

GERBEAU, Hubert. "O tráfico escravagista no oceano Índico". In: UNESCO. *O tráfico de escravos negros – sécs. XV-XIX*. Trad. António Luz Correia. Lisboa, Edições 70, 1979, pp. 237-65.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Livraria Brasiliana, 1965.

GLASGOW, Roy. *Nzinga*. Trad. Silvia Mazza, J. Guinsburg e Fany Kon. São Paulo, Perspectiva, 1982.

GOBELLO, José. *Diccionario lunfardo*. Buenos Aires, Peña Lillo, 1978.

GÓES, José Roberto de; FLORENTINO, Manolo. "Crianças escravas, crianças dos escravos". In: PRIORE, Mary del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2000, pp. 177-91.

GOMES, Flávio dos Santos. *A hidra e os pântanos*. São Paulo: Ed. Unesp/ Polis, 2005.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os arturos*. Juiz de Fora, Ed. UFJF, 1988.

GOULART, José Alípio. *Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro, Conquista/ INL, 1972.

GRANATO, Fernando. *O negro da chibata*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000.

GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA-LAROUSSE. Ed. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, Delta, 1970, 12 vols.

GRIGULÉVICH, Iósif. *Luchadores por la libertad de América Latina*. Trad. Ana Clavijo. Moscou, Progreso, 1988.

GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antônio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

GROMIKO, A. A. (org.). *As religiões da África: tradicionais e sincréticas*. Moscou, Progresso, 1987.

GUASTELLA, Salvatore. *Santo Antônio de Categeró: sinal profético do empenho pelos pobres*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo, Paulinas, 1986 (Santos de Ontem e de Hoje).

GUERRA-PEIXE, César. *Maracatus do Recife*. 2ª ed. Recife, Irmãos Vitale/ Fundação de Cultura de Recife, 1981.

GUERREIRO RAMOS. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro, Andes, 1957.

GUIA DO TERCEIRO MUNDO – 1989/1990. Rio de Janeiro, Terceiro Mundo, 1989.

GURAN, Milton. *Agudás: os "brasileiros" do Benin*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

HAFNER, Dorinda. *Sabores da África: receitas deliciosas e histórias apimentadas da minha vida*. Trad. Renata Cordeiro. São Paulo, Selo Negro, 2000.

HAÏTI: première république noire du Nouveau Monde – son vrai visage. Org. Raymond A. Moyse. Porto Príncipe, Haïti Visite, 1968.

HARMAN, Carter *et al. Las Antillas*. Cidade do México, Life/ Offset Multicolor, 1964.

HENRÍQUEZ-UREÑA, Pedro. *Literary currents in Hispanic America*. Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 1945.

HERÓDOTO. *História*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

HOCH, Rev. E. *Bemba-English/ English-Bemba*. Nova York, Hippocrene Books, 1960 (Hippocrene Concise Dictionary).

HOCHSCHILD, Adam. *Enterrem as correntes*. Trad. Wanda Brant. Rio de Janeiro, Record, 2007.

______. *O fantasma do rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial*. Trad. Beth Vieira. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

HOUAISS, Antônio *et al. Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia de Bolso, 2006.

IMESP – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. *Imprensa negra*. Estudo crítico de Clóvis Moura; legendas de Miriam N. Ferrara. São Paulo, Imesp, 1984 (edição fac-similar).

INMAN, Samuel Guy; CASTAÑEDA, C. E. *A history of Latin America for schools*. Nova York, Macmillan, 1944.

ISTOÉ/ THE SUNDAY TIMES. 1000 maiores esportistas do século 20. São Paulo, Três, 1996.

JAMAICA. Londres, APA, 1997 (Insight Guides).

JAMES, Joel; MILLET, José; ALARCÓN, Alexis. *El vodú en Cuba*. Santiago de Cuba, Oriente, 1988.

JOHNSON, Jerah. *Congo Square in New Orleans*. Nova Orleans, Samuel Wilson Jr. Publications Fund of the Louisiana Landmarks Society, 1995.

JOHNSTON, Sir Harry H. *The negro in the New World*. Londres, Methuen, 1910.

JONES, LeRoi. *O jazz e sua influência na cultura americana*. Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro, Record, 1967.

JOURNEY INTO 365 DAYS OF BLACK HISTORY, A. Org. Wayne B. Chandler. Petaluma, Pomegranate Calendars & Books, 1990

KABENGELE, Munanga. *Os basanga de Shaba, um grupo étnico do Zaire: ensaio de antropologia social*. São Paulo, FFLCH-USP, 1986.

KAHN, Morton C. *Djuka, the bush negroes of Dutch Guiana*. Nova York, The Viking Press, 1931.

KAKE, I. B. "O tráfico negreiro e o movimento de populações entre a África Negra, a África do Norte e o Médio Oriente". In: UNESCO. *O tráfico de escravos negros – sécs. XV-XIX*. Trad. António Luz Correia. Lisboa, Edições 70, 1979.

KARASCH, Mary. *Slave life in Rio de Janeiro (1808-1850)*. Princeton, Princeton University Press, 1987.

KESTELOOT, Lilian. *Anthologie négro-africaine: panorama critique des prosateurs, poètes et dramaturges noirs du XXe siècle*. Verviers, Gerard & Co., 1967.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. Trad. Américo de Carvalho. Lisboa, Europa-América, s/d, 2 vols.

KLEIN, Herbert S. "As origens africanas dos escravos brasileiros". In: PENA, Sérgio D. J. (org.). *Homo brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto, Funpec-RP, 2002, pp. 92-112.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Trad. e notas Luís da Câmara Cascudo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.

LAFFONT, Robert. *Les mémoires de l'Afrique: des origines à nos jours*. Paris, Robert Laffont, 1972.

LAMAN, K. E. *Dictionnaire kikongo-français*. Bruxelas, Institut Royal Colonial Belge, 1936.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

LANGE, Curt. "A organização musical durante o período colonial brasileiro". V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1966.

LANUZA, José Luis. *Los morenos*. Buenos Aires, Emecé, 1942.

_____. *Morenada*. Buenos Aires, Emecé, 1946.

LARA, Oruno D. "Resistência e escravatura: da África às Américas Negras". In: UNESCO. *O tráfico de escravos negros – sécs. XV-XIX*. Trad. António Luz Correia. Lisboa, Edições 70, 1979, pp. 129-51.

LARKIN NASCIMENTO, Elisa. "As civilizações africanas no mundo antigo". In: _____ (org.). *Sankofa, resgate da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro, Seafro/ Governo do Estado do Rio de Janeiro, vol. 1, 1994a, pp. 49-74.

_____. "Introdução às civilizações africanas". In: _____ (org.). *Sankofa, resgate da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro, Seafro/ Governo do Estado do Rio de Janeiro, vol. 1, 1994b, pp. 35-48.

_____. "Sankofa: significado e intenções". In: ____ (org.). *Sankofa, resgate da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro, Seafro/ Governo do Estado do Rio de Janeiro, vol. 1, 1994c, pp. 17-34.

_____ (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, Selo Negro, 2009.

LEVILLIER, Robert. *Les origines argentines: la formation d'un grand peuple*. Paris, Librairie Charpentier et Fasquelle, 1912.

LEYMARIE, Isabelle. *Musiques caraïbes*. Arles, Cité de la Musique/ Actes Sud, 1996.

LIGIÉRO, Zeca; DANDARA. *Umbanda: paz, liberdade e cura*. Rio de Janeiro, Nova Era, 1998.

LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais*. Salvador, Corrupio, 2003.

LINS, Ivan. *Sermões e cartas do padre Antônio Vieira*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d (Coleção Prestígio).

LIRA, Mariza. *Migalhas folklóricas*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1951.

LODY, Raul. *Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras*. Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

_____. Raul *Santo também come*. Recife, MEC-IJNPS/ Artenova, 1979.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

_____. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

_____. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical*. Rio de Janeiro, Pallas, 1992.

LYNCH, Acklyn. *Nightmare overhanging darkly: essays on black culture and resistence*. Chicago, Third World Press, 1993.

MAESTRI FILHO, Mário José. *O escravo gaúcho: resistência e trabalho*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *O fabuloso Patrocínio Filho*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1957 (Coleção Vera Cruz: Literatura Brasileira, vol. 3).

MAGGIE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre poder e magia no Brasil*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.

MAM-LAM-FOUCK, Serge (coord.). *L'identité guyanaise en question: les dynamiques interculturelles en Guyane Française*. Caiena, Ibis Rouge/ PUC/ Gerec, 1997.

MÃO AFRO-BRASILEIRA, A: significado da contribuição artística e histórica. Org. Emanoel Araújo. São Paulo, Tenenge, 1988.

MAQUET, Jacques. *Les civilisations noires*. Verviers, Gerard & Co., 1966.

MARTINEZ, Raymond J. *Mysterious Marie Laveau, voodoo queen, and folk tales along the Mississippi*. Nova Orleans, Hope, 1956.

MARX, Karl. *Marx, vida e pensamentos*. São Paulo, Martin Claret, 2002.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa: uma biografia*. Brasília, Linha Gráfica/ Editora UnB, 1990.

MAZRUI, Ali A. *The Africans: a triple heritage*. Londres, BBC Publications, 1986.

McNAMARA, Daniel I. *The ASCAP biographical dictionary*. Nova York, Thomas Crowell Co., 1948.

MELLAFE, Rolando. *La introducción de la esclavitud negra en Chile: tráfico y rutas*. Santiago, Universidad de Chile, 1959.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

MELO MORAIS FILHO, Alexandre José de. *Festas e tradições populares do Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1946.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Porto, Figueirinhas, 1948.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 1978.

MILLET, José; BREA, Rafael. *Grupos folklóricos de Santiago de Cuba*. Santiago de Cuba, Oriente, 1989.

MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Pallas/ Universidade Cândido Mendes, 2003.

MIRANDA, Luiz Felipe. *Dicionário de cineastas brasileiros*. São Paulo, Arte, 1990.

MONTAÑO, Oscar D. *Umkhonto: historia del aporte negro-africano en la formación del Uruguay*. Montevidéu, Rosebud, 1997.

MONTEIRO, Antônio. *Notas sobre negros malês na Bahia*. Salvador, Ianamá, 1987.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no quotidiano brasileiro*. Belo Horizonte, Nandyala, 2008 (Repensando África, vol. 1).

MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, Jorge. *Obi: oráculos e oferendas*. Recife, edição do autor, 1993.

MORSBACH, Mabel. *O negro na vida americana*. Trad. Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro, Record, 1969.

MOTT, Luiz. *Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico, séculos XVI-XIX*. Salvador, Ed. Grupo Gay da Bahia, 1999 (Gaia Ciência, vol. 8).

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras negras: resgatando a nossa história*. Rio de Janeiro, Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos/ UFRJ, 1989.

MOTTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Cátedra, 1976.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.

MUNIZ JR., J. *Sambistas imortais*. Santos, edição do autor, 1976.

MUÑOZ, Gori. *Toros y toreros en el río de la Plata*. Buenos Aires, Schapire, 1970.

MURRAY, Jocelyn. *África: o despertar de um continente*. Madri, Del Prado, 1997, 2 vols.

MÚSICA IBERO-AMERICANA, A. Rio de Janeiro, Século Futuro, 1996.

N'DIAYÉ, Bokar. *Groupes ethniques au Mali*. Bamako, Éditions Populaires, 1970.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

______. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro, MEC/ INL, 1966.

NASCIMENTO, Abdias. "A luta afro-brasileira no Senado". Pronunciamento feito no Senado Federal, sessão de 14 nov. 1991. Brasília, DF, 1991.

______. *O Brasil na mira do pan-africanismo*. Salvador, Edufba/ Ceao, 2002.

______. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro, GRD, 1968.

______. *O quilombismo*. Petrópolis, Vozes, 1980.

NERES, Júlio Maria *et al. Negro e negritude*. São Paulo, Loyola, 1997.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande do Sul*. Santa Maria, Pallotti, 1981.

NEW ORLEANS CITY GUIDE. Escrito e compilado pelo Federal Writers' Project of the Works Progress Administration for the City of New Orleans. Boston, Houghton Mifflin, 1938.

NOGUEIRA, Oracy. *Negro político, político negro: a vida do doutor Alfredo Casemiro da Rocha, parlamentar da República Velha*. São Paulo, Edusp, 1992.

_____. "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem". *Symposium etnossociológico sobre comunidades humanas no Brasil*, separata dos anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo, 1955, pp. 409-17.

NUNES PEREIRA, Manuel. *Moronguêtá: um Decameron indígena*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, 2 vols.

NUÑEZ, Benjamin. *Dictionary of Afro-Latin American civilization*. Com a assistência do African Bibliographic Center. Westport, Greenwood Press, 1980.

O'REILLY, Richard. *El pueblo negro de Estados Unidos: raíces históricas de su lucha actual*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1984.

OBENGA, Théophile. *L'Afrique dans l'Antiquité: Égypte pharaonique, Afrique noire*. Paris, Présence Africaine, 1973.

_____. *Les bantu: langues, peuples, civilisations*. Paris, Présence Africaine, 1985.

ODERIGO, Néstor R. Ortíz. *La música afronorteamericana*. Buenos Aires, Eudeba, 1962.

OGOT, Betwell A. "Os movimentos de população entre a África oriental, o Corno de África e os países vizinhos". In: UNESCO. *O tráfico de escravos negros – sécs. XV-XIX*. Trad. António Luz Correia. Lisboa, Edições 70, 1979, pp. 225-34.

OKPAKU, Thomas (org.). *Nigéria: um guia completo da República Federal Nigeriana*. Trad. Arnaldo Gomes, Cristina Veloso e Andrea Prado. Nova York, Chaneta International, 1992.

OLIVEIRA, Eduardo de (org.). *Quem é quem na negritude brasileira*. São Paulo/ Brasília, Congresso Nacional Afro-Brasileiro/ Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, vol. 1, 1998.

OROVIO, Helio. *Diccionario de la música cubana – biográfico y técnico*. Havana, Letras Cubanas, 1981.

_____. *Música por el Caribe*. Santiago de Cuba, Oriente, 1994.

ORTIZ, Fernando. *Glosario de afronegrismos*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1991.
_____. *La africanía de la música folklórica de Cuba*. Havana, Cárdenas y Cía., 1950.
_____. *Los negros brujos*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 2001.
_____. *Los negros curros*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1986.
_____. *Los tambores ñáñigos*. Havana, Letras Cubanas, 1994.
_____. *Nuevo catauro de cubanismos*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1985.
ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes*. Petrópolis, Vozes, 1978.
OSCAR, João. *Escravidão & engenhos*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1985.
OTTLEY, Roi. *"New World a-coming": inside black America.* Boston, Houghton Mifflin Co., 1943.
OXALÁ, Adilson de (Awofá Ogbebara). *Igbadu, a cabaça da existência: mitos nagôs revelados*. Rio de Janeiro, Pallas, 1998.

PAIM, Zilda. *Relicário popular*. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo/ Empresa Gráfica da Bahia, 1999 (Coleção Apoio, vol. 42).
PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz M. (orgs.). *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil – 2007-2008*. Rio de Janeiro, Garamond/ Laeser – Instituto de Economia da UFRJ, 2008.
PALMA, Ricardo. *Tradiciones peruanas.* 10ª ed. Buenos Aires, Troquel, 1968.
PANKHURST, Richard. *Let's visit Ethiopia*. Toronto, Burke Publishing Co., 1984.
PARADA, Antônio Alvarez. *Histórias da velha Macaé: crônicas históricas*. Macaé, edição do autor, 1980.
PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.
PARREIRA, Adriano. *Dicionário glossográfico e toponímico da documentação sobre Angola, séculos XV-XVII*. Lisboa, Estampa, 1990a.
_____. *Economia e sociedade em Angola na época da rainha Jinga*. Lisboa, Estampa, 1990b.

PARRINDER, Geoffrey. *La religión africana tradicional*. Trad. F. Setaro. Buenos Aires, Lidium, 1980.

PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira: vida e obra*. Rio de Janeiro, São José, 1975.

PATROCÍNIO, José do. *Campanha abolicionista*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional – Departamento Nacional do Livro, 1996.

PÉDRALS, D. P. de. *Manuel scientifique de l'Afrique noire*. Paris, Payot, 1949.

PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia*. Rio de Janeiro, MEC – Conselho Federal de Cultura, 1980.

PEREIRA, Osny Duarte. *Quem faz as leis no Brasil?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982 (fac-similado da 1ª ed., de 1882).

_____. *Vocabulário pernambucano*. Recife, Imprensa Oficial, 1937.

PEREYRA, Carlos. *Historia de America española: los países antillanos y la América Central*. Cidade do México, Nacional, tomo V, 1959.

PERRIN, Michel. *Histoire du jazz*. Paris, Larousse, 1967.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro/ Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002 (Coleção Mineiriana).

_____. "De l'integration des apports africains dans les parlers de Bahia, au Brésil". Lumumbashi, Faculté des Lettres, 1976 (mimeo.).

_____. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro, ABL/ Topbooks, 2001.

PICHARDO, Esteban. *Diccionario provincial casi-razonado de vozes y frases cubanas*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

PIMENTEL, Altimar de Alencar. *O coco praieiro: uma dança de umbigada*. 2ª ed. João Pessoa, Editora Universitária/ UFPB, 1978.

PINTO, Alexandre Gonçalves. *O choro: reminiscências dos chorões antigos*. Rio de Janeiro, Funarte, 1978.

POLO, Marco. *As viagens (Il milione)*. Trad. Pietro Nasset. São Paulo, Martin Claret, 2000.

POPOV, Iú. *Fundamentos da economia política: países em vias de desenvolvimento*. Trad. I. Chaláguina. Moscou, Progresso, 1984.

PORTUONDO, José Antonio *et al. Panorama de la cultura cubana*. Havana, Política, 1983.

PRICE, Richard. *Maroon societies: rebel slaves communities in the Americas*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1973.

PUCKREIN, Gary A. *O movimento dos direitos civis e o legado de Martin Luther King Jr*. Brasília, Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos (Usis), 1986.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Escravidão negra em São Paulo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

QUERINO, Manuel. *A raça africana e os seus costumes*. Salvador, Livraria Progresso, 1955.

______. *Costumes africanos no Brasil*. Recife, Fundaj/ Massangana/ Funarte, 1988.

RAMOS, Arthur. "Notas sobre a culinária negro-brasileira". In: CASCUDO, Luís da Câmara (org.). *Antologia da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro/ São Paulo, LTC, 1977, pp. 85-88.

______. *O folclore negro do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1954.

______. "O negro como soldado". In: CARNEIRO, Édison (org.). *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro, Tecnoprint/ Ediouro, s/d, pp. 163-69.

______. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1956.

RANGEL, Lúcio. *Sambistas & chorões: aspectos e figuras da música popular brasileira*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1962.

RASHIDI, Runoko. "Kingdom builders: the African presence in early Southeast Asia". In: CHANDLER, Wayne B. (org.). *A journey into 365 days of black history*. Petaluma, Pomegranate Calendars & Books, 1990, p. 4.

RATTRAY, Robert Sutherland. *The Ashanti*. Oxford, Clarendon Press, 1923.

RAYMUNDO, Jacques. *O elemento afronegro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Renascença, 1933.

REDINHA, José. *Instrumentos musicais de Angola*. Coimbra, Instituto de Antropologia, 1984.

REGO, Waldeloir. *Capoeira angola: ensaio socioetnográfico*. Ilustrações de Hector Júlio Paride Bernabó (Carybé). Salvador, Itapuã, 1968.

REIS, João José. "Aprender a raça". In: REVISTA *VEJA*. *Veja, 25 anos – reflexões para o futuro*. São Paulo, Abril, 1993, pp. 188-95.

______. "O cotidiano da morte no Brasil oitocentista". In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 2, 1997, pp. 95-142.

______. *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês (1835)*. São Paulo, Brasiliense, 1986a.

______ (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo/ Rio de Janeiro, Brasiliense/ CNPq, 1988.

RENAULT, Delso. *O dia a dia no Rio de Janeiro segundo os jornais: 1870-1889*. Rio de Janeiro/ Brasília, Civilização Brasileira/ INL, 1982.

REZENDE, Edgard. *Os mais belos sonetos brasileiros*. Rio de Janeiro, Vecchi, 1947.

RIBAS, Óscar. *Missosso, literatura tradicional angolana*. 3ª ed. Luanda, Tip. Angolana, 1979.

______. *Sunguilando: contos tradicionais angolanos*. 2ª ed. Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1989.

______. *Uanga, feitiço: romance folclórico angolano*. Luanda, Lello, 1951.

RIBEIRO, Bruno. *Helenira Resende e a guerrilha do Araguaia*. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1985.

RIBEIRO, João de Souza. *Dicionário biobibliográfico de escritores cariocas (1565-1965)*. Rio de Janeiro, Livraria Brasiliana, 1965 (Coleção Vieira Fazenda, vol. 3).

RIBEIRO, René. *Cultos afro-brasileiros do Recife*. 2ª ed. Recife, MEC/ IJNPS, 1978.

RIBEIRO, Wagner. *Noções de cultura mineira*. São Paulo, FTD, 1966.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para oeste (a influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil)*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro, José Olympio, vol. 2, 1942.
RIEDEL, Oswaldo de Oliveira. *Perspectiva antropológica do escravo no Ceará*. Fortaleza, Edições UFC, 1988.
RIGAL, Nieves Armas. *Los bailes de las sociedades de tumba francesa*. Havana, Pueblo y Educación, 1991.
RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2006.
RISÉRIO, Antônio. *Carnaval ijexá*. Salvador, Corrupio, 1981.
ROBAINA, Tomás Fernández. *El negro en Cuba: 1902-1958*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1994.
ROCHA, Agenor Miranda. *Os candomblés antigos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade/ Topbooks, 1994.
ROCHA, José Sérgio. *Roberto Silveira: a pedra e o fogo*. Niterói, Casa Jorge, 2003.
RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa, Seara Nova, 1975.
RODRIGUES, Ironides. "Introdução à literatura afro-brasileira". In: LARKIN NASCIMENTO, Elisa (org.). *Sankofa, resgate da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro, Seafro/ Governo do Estado do Rio de Janeiro, vol. 1, 1994, pp. 139-49.
RODRIGUES, J. Wasth; BARROSO, Gustavo. *Uniformes do Exército brasileiro: obra comemorativa do centenário da Independência do Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério da Guerra, 1922.
RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio, uma biografia*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996.
______. *O negro brasileiro e o cinema*. Rio de Janeiro, Globo/ MinC – Fundação do Cinema Brasileiro, 1988.
RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África, outro horizonte*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, vol. 1, 1964.
RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. 4ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.
RODRIGUES DE CARVALHO, José. "Aspectos da influência africana na formação social do Brasil". In: FREYRE, Gilberto *et al.* *Novos estudos*

afro-brasileiros. Recife, Fundaj/ Massangana, 1988, pp. 15-74.

RODRIGUES LAPA, Manuel. *As "Cartas chilenas": um problema histórico e filológico*. Rio de Janeiro, MEC/ INL, 1958.

RODRÍGUEZ, Benigno Vázquez. *Precursores y fundadores*. Havana, Lex, 1958.

RODRÍGUEZ, Enrique Sosa. *Los ñáñigos*. Havana, Casa de las Américas, 1982.

ROGOZINSKI, Jan. *Dictionary of pirates*. Londres, Wordsworth, 1995.

ROMAIN, Dr. Jean-Baptiste. "O vodu". In: CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. *Os grupos afro-americanos: análises e pastoral*. São Paulo, Paulinas, 1982.

ROMERO, Sílvio. *Folclore brasileiro 1: cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954 (Coleção Documentos Brasileiros, vol. 75A).

______. *História da literatura brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, 5 vols.

______. "O velho Rebouças". In: CARNEIRO, Édison (org.). *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro, Tecnoprint/ Ediouro, s/d.

ROSSI, Vicente. *Cosas de negros*. Buenos Aires, Taurus, 2001.

RUBE, Julio Horacio. *Hacia Caseros: 1850-1852*. Buenos Aires, La Bastilla, 1975 (Memorial de la Patria).

SAIGNES, Miguel Acosta. *Vida de los esclavos negros en Venezuela*. Caracas, Hespérides, 1967.

SAINVILLE, Léonard. *Anthologie de la littérature négro-africaine: romanciers et conteurs*. Paris, Présence Africaine, vol. 1, 1963.

SANTA CRUZ, Nicomedes. *Cumanana: antología afroperuana*. 3ª ed. Lima, Philips, 1970 (livreto e dois discos).

SANTOS, Isa Queirós. *Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil*. Rio de Janeiro, Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal/ Imprensa Nacional, 1943.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História, histórias*. São Paulo, FTD, 1992, 4 vols.

SANTOS, José Antônio dos. "Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro". In: SILVA,

Gilberto Ferreira da *et al.* (orgs.). *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre, ediPUCRS, 2008, pp. 83-99.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagôs e a morte*. Petrópolis, Vozes, 1976.

______; SANTOS, Deoscóredes M. dos. "O culto dos ancestrais na Bahia: o culto dos eguns". In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Olóòrìsà: escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo, Ágora, 1981, pp. 153-88.

SAXON, Lyle *et al.* (orgs.). *Gumbo ya-ya: a collection of Louisiana folk tales*. Nova York: Bonanza Books, 1984.

SCARANO, Julita. "Criança esquecida de Minas Gerais". In: PRIORE, Mary del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro, Léo Christiano, 1997.

SEGUROLA, Basilio; RASSINOUX, Jean. *Dictionnaire fon-français*. Madri, Selva y Sabana, 2000.

SÈNE, Alioune. *Sur le chemin de la négritude*. Beirute, Dar Al-Kitab Allubnani, 1969.

SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*. Belo Horizonte, Gráfica Queiroz, 1938.

SERRA, Ordep. *Águas do rei*. Petrópolis/ Rio de Janeiro, Vozes/ Koinonia, 1995.

SERRAT, Alberto Britos. *Antología de poetas negros uruguayos*. Montevidéu, Mundo Afro, tomo II, 1996.

SERTIMA, Ivan Van. *They came before Columbus*. Nova York, Random House, 1977.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Ermínia. *Circo-teatro: Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*. São Paulo, Altana, 2007.

SILVA, José Carlos Gomes da. "Negros em São Paulo: espaço público, imagem e cidadania (1900-1930)". In: NIEMEYER, Ana Maria de;

GODÓI, Emília P. de (orgs.). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Maria Auxiliadora Gonçalves da. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Brasília, MinC/ Fundação Cultural Palmares, 1994.

SILVA MELLO, A. da. *Estudos sobre o negro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

SILVEIRA, Renato. *O Candomblé da Barroquinha*. Salvador, Maianga, 2006.

SISAMÉRIKA BRASIL – Sistemas de Informação. *História*. S/l, Argos, s/d, 2 vols.

SISSON, Sebastião Augusto. *Galeria dos brasileiros ilustres (os contemporâneos)*. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1948.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976 (Coleção Estudos Brasileiros, vol. 9).

SMITH, Michael P. *Spirit world: pattern in the expressive folk culture of African-American New Orleans*. Nova Orleans, Urban Folklife Society, 1984.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo, Ática, 1992.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

SOLER, Luis M. Díaz. *Historia de la esclavitud negra en Puerto Rico*. San Juan, Editorial Universidad de Puerto Rico, 1981.

SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Recife, Guararapes, 1980.

SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. Salvador, Beneditina, 1973.

SOUZA, Tárik de *et al. Brasil musical/ Musical Brazil*. Rio de Janeiro, Art Bureau, 1988.

SOWELL, Thomas. *Etnias da América*. Trad. Carlos Costa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

STEARNS, Marshall W. *A história do jazz*. Trad. José Geraldo Vieira. São Paulo, Martins, 1964.

STEVENSON, Douglas K. *Vida e instituições americanas*. Stuttgart, Ernst Klett Verlag, 1989.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos: línguas em contato.* São Paulo, Ática, 1987.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da sedição intentada na Bahia em 1798: a Conspiração dos Alfaiates*. São Paulo/ Brasília, Pioneira/ INL, 1975.

TAVARES, Odorico. *Bahia: imagens da terra e do povo*. 4ª ed. rev., atual. e aum. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

TEIXEIRA, Múcio. *O negro da Quinta Imperial*. Rio de Janeiro, edição do autor, 1927.

THOMPSON, Robert Farris. *Flash of the spirit*. Nova York, Vintage Books, 1984.

TINHORÃO, José Ramos. *O samba agora vai*. Rio de Janeiro, JCM, 1969.

_____. *Os negros em Portugal: uma presença silenciosa*. Lisboa, Caminho, 1988.

_____. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. Petrópolis, Vozes, 1974.

TROUILLOT, Michel-Rolph. "The Haitian Revolution and its impact on the Americas". In: *Caribbean Connections: overview of regional history – classroom resources for secondary schools*. Washington, DC, Epica/ Neca, 1991, pp. 62-65.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil imperial*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.

VALDÉS, Ildefonso Pereda. *Antología de la poesía negra americana*. Montevidéu, Organización Medina, 1953.

_____. *El negro en el Uruguay: pasado y presente*. Montevidéu, Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, 1965.

VALDÉS, Olga Fernández. *A pura guitarra y tambor*. Santiago de Cuba, Oriente, 1984.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. 3ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

VALLADARES, Clarival do Prado. *The impact of African culture on Brazil*. Lagos, II Festac, 1977.

VASCONCELOS, Ary. *A nova música da República Velha*. Rio de Janeiro, edição do autor, 1985.

_____. *Panorama da música popular brasileira na "Belle Époque"*. Rio de Janeiro, Livraria Sant' Anna, 1977a.

_____. *Raízes da música popular brasileira (1500-1889)*. São Paulo/ Brasília, Martins Fontes/ MEC, 1977b.

VASS, Winifred Kellersberger. *The Bantu speaking heritage of the United States*. Los Angeles, Center for Afro-American Studies/ University of California, 1979.

VEDANA, Hardy. *Jazz em Porto Alegre*. Porto Alegre/ Rio de Janeiro, L&PM/ Funarte, 1987.

VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, vol. 1, 1937.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro, MEC/ Funarte, 1988.

VENÂNCIO, Renato Pinto. "Os aprendizes da guerra". In: PRIORE, Mary del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2000, pp. 192-209.

VERGER, Pierre F. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo de Benin e a baía de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Trad. Tasso Gadzanis. São Paulo/ Salvador, Corrupio, 1987.

VERGER, Pierre F. *Orixás*. São Paulo/ Salvador, Círculo do Livro/ Corrupio, 1981.

VERÍSSIMO, Ignácio José. *André Rebouças através de sua autobiografia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

VIANA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia*. São Paulo/ Brasília, Martins/ MEC, 1976.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. 12ª ed. rev. e aum. por Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Melhoramentos/ Edusp, 1975.

_____. *Vultos do Império*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/ Editora UFRJ, 1995.

VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim: crônicas de costumes*. 2ª ed. São Paulo/ Brasília, GRD/ INL, 1979.

VIEIRA, Damasceno. *Memórias históricas brasileiras (1500-1837)*. Bahia, Oficina dos Dois Mundos, tomo II, 1903.

VIEIRA FAZENDA, José. *Antiqualhas e memórias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1921-1927, 5 vols.

VILLAVERDE, Cirilo. *Cecilia Valdés, o, La loma del ángel*. Havana, Letras Cubanas, 1996.

VINUEZA, María Elena. *Presencia arará en la música folclórica de Matanzas*. Havana, Casa de las Américas, 1988.

VIVAS, Rafael Leiva. *Tráfico de esclavos negros a Honduras*. Tegucigalpa, Guaymuras, 1982.

WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda (Barão de Pati do Alferes). *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro*. Brasília, Senado Federal/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985.

WEST, Cornel. *Questão de raça*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

X, Malcolm. *Autobiografia de Malcolm X*. Com a colaboração de Alex Haley; trad. A. B. Pinheiro de Lemos. 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1992.

Periódicos/outros

"A NIGÉRIA tem também um pouco do Brasil". *Enciclopédia Bloch*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, 1968, p. 95.

"A VIDA e as mortes de Robert Johnson". *Hobo, Blues & Rhythm Magazine*, São Paulo, n. l, 1996, pp. 11-19; 48-49.

ADNET, Mário. "Maestro abençoado". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 6 nov. 1999, p. 1.

ALBUQUERQUE, Carlos. "O break volta à rua". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 26 jun. 1998, p. 1.

ALLAINMAT-MAHINE, Basile. "Technologies traditionnelles bantu: méthode et rituel de la constrution d'une pirogue et de ses apparaux au cap Santa Clara au Gabon". *Muntu: Revue Scientifique et Cultural du Ciciba*, Libreville, n. 3, 2º sem. 1985, pp. 101-19.

ALMADA, Sandra. "Dor antiga alimenta luta atual". *Raça Brasil*, São Paulo, ano 4, n. 36, ago. 1999, pp. 80-83.

ALMEIDA, Lívia. "Dignidade em nove capítulos". *Veja Rio*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 20, 17 maio 1995, pp. 6-17.

ALMEIDA, Plínio de. "Pequena história do maculelê". *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, MEC/ Campanha de Defesa do Folclore, n. 16, set./dez. 1966.

ALVES, Uelinton F. B. Lopes. "O negro no cenário dos cromos". *Maioria Falante*, Rio de Janeiro, maio/jun. 1988, p. 12.

______. "'Santa': cem anos de um operário". *Maioria Falante*, Rio de Janeiro, maio/jun. 1988, p. 13.

AMORIM, Cláudia. "Um pedaço de Angola na Vila do João". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 abr. 2002.

ANDERSON, Carter. "Uma história oficial de intolerância". *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 set. 2001.

ANDRADE, Moacyr. "Apoteose final a Paulo da Portela". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 25 jan. 1999.

______. "O tirador de coco e os outros". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 15 maio 1998.

"APELO por união de brancos e negros". *O Globo*, Rio de Janeiro, O Mundo, 26 set. 1997.

ARAÚJO, Alceu Maynard de. "Jongo". *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, ano 16, vol. 128, out. 1949, pp. 45-54.

ARAÚJO, Ari. "Inaugurado Memorial de Iyá Davina". *Orunmilá – Jornal de Cultura Negro-Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, 1997.

______. "O rei morreu! Viva o rei!" *Orunmilá – Jornal de Cultura Negro-Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, 1996.

ASSUNÇÃO, Moacir. "Os herdeiros de Chico Rei". *IstoÉ*, São Paulo, ano 20, n. 1.494, 20 maio 1998, pp. 58-62.

AUGEL, Moema Parente. "A fala identitária: teatro afro-brasileiro hoje". *Afro-Ásia*, Salvador, n. 24, 2000; pp. 291-323.

AUGUSTO, Sérgio. "*Mona Lisa* do século XX: apelo de Mickey Mouse, que faz 70 anos hoje, é comparável ao da obra-prima de Da Vinci". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 18 nov. 1998.

AYALA, Manuel. "Barbarito Díez: la voz del danzón". *Clave, Revista Cubana de Música*, Havana, n. 12, 1989, p. 24.

BAHIA NEGRA: 100 biografias. Salvador, Portfolio, 2001 (calendário).

BALMIR, Guy Claude. "O inglês negro". *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 9, set. 1983, pp. 10-11.

BARBOSA, Marcelo. "'Integrados' e 'malandros' em *Rio 40 graus*". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Atualidades, 18 e 19 maio 1997, p. E-3.

______. "Revendo a estética pop". *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 5, maio 1997.

BARROS, Jorge Antônio. "Harlem, um gueto de portas abertas". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1994, pp. 14-18.

BEIER, H. U. "Festival of images". *Nigeria*, Lagos, n. 4, 1954, p. 20.

BELIEL, Ricardo. "A Jamaica é aqui". *Ícaro* (Varig), São Paulo, n. 190, jun. 2000, pp. 98-104.

"BELMONTE, o brasileiro que irritou Hitler". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 maio 1997.

BENEDITO, Vera Lúcia. "West Indians in Brazil". *Conexões* (African Diaspora Research Project – Michigan State University), East Lansing, nov. 1990.

BENNET JR., Lerone. "O mistério de Mary Ellen Pleasant". *Ebony*, Chicago, jun. 1993.

BIANCHI, Ney *et al.* "A elite negra do Brasil". *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 617, 15 dez. 1964, pp. 47-55.

BONALUME NETO, Ricardo. "A primeira brasileira não era uma índia". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Mais!, 5 abr. 1998, p. 5.

BOURNET JR., Joe K. *et al.* "Pobre chão". *National Geographic Brasil*, São Paulo, set. 2008, pp. 78-81.

BRAGA, João Ximenes. "Sincretismo à americana". *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 set. 1998, p. 42.

CAPONE, Stefania. "A cerimônia do bori no candomblé da Bahia". *Comunicações do Iser*, Rio de Janeiro, n. 34, 1989, pp. 59-66.

CARNEIRO, Luiz Orlando. "A fantástica carreira de um mestre do jazz (Jimmy Smith)". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 15 fev. 1998, p. 4.

______. "'Hamp', 90 anos: uma festa do jazz". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 19 abr. 1998, p. 2.

CARNEIRO, Sueli. "Ideologia tortuosa". *Caros Amigos*, São Paulo, n. 64, jul. 2002, p. 30.

CASADO, José. "Caça ao tesouro: descoberto um grande acervo de obras de arte na sede do INSS em Brasília". *Época*, São Paulo, n. 283, 20 out. 2003.

CASTRO, Guiomar Alcides de. "Outras heroínas miguelenses". *Revista do IHGAL*, Maceió, vol. 39, 1984, pp. 53-56.

CHANTS et musiques négro-martiniquais, vol. II. Texto de contracapa do LP n. dir. 243. Fort-de-France, Mi Mès Manmay Matinik, 1990.

CHAPPEL, Kevin. "How black inventors changed America". *Ebony*, Chicago, vol. 52, n. 4, fev. 1997, pp. 40-50.

CHASE, Hank. "A three for all: the US Virgin Islands". *American Visions*, Washington, DC, jun./jul. 1998, pp. 44-50.

CHIMANOVITCH, Mário. "Nego Tião dá asas, corpo e motor ao sonho de sua vida". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º Caderno, ago. 1971, p. 24.

CHUNG, Fay. "África: tábula rasa". *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 6, jun. 1996.

CLAVE, Revista Cubana de Música. Havana, n. 12, 1989.

COELHO, Ruy. "Os karaib negros de Honduras". *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, São Paulo, vol. 15, 1964 (separata).

"COLÔNIA de negros na Argentina: documentário vê racismo no país". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 nov. 2002.

COMODO, Roberto. "Um popular planetário". *IstoÉ*, São Paulo, n. 1.390, 22 maio 1996, pp. 102-3.

COMOE-KROU, Barthelemy. "O lúdico e o sagrado na África". *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 19, n. 7, jul. 1991, pp. 22-25.

CONCEIÇÃO, Fernando. "A luta pelas reparações". *Ìrohìn*, Brasília, ano 4, n. 4-5, jan./jun. 1999.

CONEXÕES (African Diaspora Research Project – Michigan State University). East Lansing, vols. l a 5, jul. 1989/nov. 1994.

CONNIFF, Michael L. "Contracorrentes na Diáspora: negros coloniais e caribenhos na América Central". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 28, out. 1995, p. 141.

COSTA, Jorge Adn. "Trindade e Tobago, o tesouro escondido nas Caraíbas". *Volta ao Mundo*, Lisboa, ano 3, n. 28, fev. 1997, pp. 44-55.

COSTA LIMA, Vivaldo. "Um boicote de africanas na Bahia do século XIX". *Revista da Bahia*, Salvador, n. 15, 1989-1990, pp. 17-22.

COUTINHO, Sonia. "Letras de cor". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 13 maio 1988, p. 5.

CRISTINA, Edna *et al.* Coluna Nossa Gente. *Raça Brasil*, São Paulo, ano 1, n. 3, nov. 1996, pp. 20-21.

"CULTURA africana ganha espaço através das missas afro". *Black News*, Rio de Janeiro, 1º a 15 jun. 1998, p. 3.

DAFLON, Rogério. "A carateca que não desiste da luta". *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 abr. 2003.

DE LA FUENTE, Alejandro. "Raça e desigualdade em Cuba (1899-1981)". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 27, abr. 1995, pp. 7-43.

DONADÍO, Marisa. "Aluvión de tangos". *Documentos e Investigaciones sobre la Historia del Tango*, Buenos Aires, ano 2, n. 2, s/d.

DUARTE, Fernando. "Poeta recusa honraria britânica". *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 nov. 2003.

DUARTE, Francisco. "Gafieiras: tratado geral do ambiente que exige respeito". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Revista de Domingo, ano 4, n. 173, 12 ago. 1979, pp. 10-16.

EBONY, Incorporating Black World Magazine. Edição de aniversário – 50 anos. Chicago, vol. 51, n. l, nov. 1995.

ELOISE, Alain. "'Kannaval' en Martinique". *Carrefour*, Nova Orleans, vols. 1 e 2, mar./abr. 1996, p. 6.
ENGEL, Wanda. "O mundo funk". *Rio Funk*, Rio de Janeiro, CBIA/ SMDS – Prefeitura do Rio de Janeiro, n. 0, 1994, p. 1.
ESSED, Philomena. "Por trás da fachada holandesa: multiculturalismo e a negação do racismo nos Países Baixos". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, nov. 1995, pp. 172-83.

"FABIÃO: ex-escravo libertou a mãe". *Nordeste Oxente*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, maio 1998.
FLORENTINO, Manolo. "Diáspora Negra". *História Viva*, São Paulo, ano 6, n. 66, 2009, pp. 28-33.
FRIAS, Lena. "Magia em pau e pano". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 9 ago. 1998, p. 1.
FRIGERIO, Alejandro. "Imagens do negro no Uruguai: carnaval e reprodução de mitologias de exclusão". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 30, dez. 1996, pp. 7-40.

GASPARI, Elio. "A noite brasileira da Ku Klux Klan". *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 set. 2001.
GERCHMAN, Léo. "Estudo revela comunidade negra na Argentina". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 1º Caderno, 9 nov. 1997, p. 19.
GLOBO, O. Rio de Janeiro, Obituário (1º Caderno): edições de 26 set. 1996; 27 set. 1996; 22 nov. 1996; 30 nov. 1996; 25 dez. 1996; 4 jan. 1997; 18 jan. 1997; 7 fev. 1997; 14 maio 1997; 4 jun. 1997; 7 out. 1997; 9 out. 1997; 12 fev. 1998; 4 mar. 1998; 4 maio 1998; 14 maio 1998; 1º out. 1998; 11 dez. 1998; 26 jan. 1999; 1º fev. 1999; 9 out. 1999; 12 out. 1999; 5 maio 2000; 14 jun. 2000.
GOMES, Flávio dos Santos. "A Guarda Negra na corte". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 21, dez. 1991, pp. 75-96.
GOMES, Márcia. "Colonização brasileira na África". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 28 set. 1997, p. 2.
GORDON JR., César. "História social dos negros no futebol brasileiro". *Pesquisa de Campo: Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol – UERJ*,

Rio de Janeiro, n. 2, 1995, pp. 71-90, e n. 3-4, 1996, pp. 65-78.
GRIAULE, Marcel. “Philosophie et religions des noirs”. *Présence Africaine*, Paris, n. especial 8-9, 1950, pp. 307-21.
GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. “Cabeças cortadas”. *Nossa História*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, ano 1, n. 5, mar. 2004, pp. 76-79.
GUEDES, Cilene. “Brasil de todos os santos”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 1.040, 7 abr. 1996, pp. 19-26.
GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Qual o destino das relações raciais no Brasil do século 21?” *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ideias/ Livros, 13 jun. 1998, p. 4.

HAMIDULLAH, Muhammad. “L’Afrique découvre l’Amérique avant Christophe Colomb”. *Présence Africaine*, Paris, n. 17-18, 1958, pp. 175-80.
HARTIGAN, Royal. “The heritage of the drumset”. *African American Review*, Terre Haute, Indiana State University, vol. 29, n. 2, verão 1995, pp. 234-36.

“IDENTIDADES sociais”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Editorial, 26 abr. 1998.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, Revista de Domingo (coluna Nomes), n. 944 (5 jun. 1994); n. 951 (24 jul. 1994).
______. Rio de Janeiro, 1º Caderno (seção Registro), 27 dez. 1996; 4 maio 1998.
______. Rio de Janeiro, Obituário, 13 jun. 2000; 1º abr. 2001.
JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1º Caderno (seção Memória), 19 abr. 1997; 28 jun. 1997.
JÚNIOR, Policarpo. “Enfim, um negro chega lá: ao indicar ministro negro para o STF, Lula manda mensagem emblemática à sociedade”. *Veja*, São Paulo, n. 1.802, 14 maio 2003.

KENNEDY, James H. “Bibliografia da literatura afro-brasileira”. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 15, 1988, pp. 218-37.

KINKOR, Kenneth J. “From the seas! Black men under the black flag”. *American Visions*, Washington, DC, vol. 10, n. 2, abr./maio 1995, pp. 26-29.

KOHLI, Vandana; HAMILTON, Ruth Simms. “The African Diaspora in India: a case study”. *Conexões* (African Diaspora Research Project – Michigan State University), East Lansing, vol. 1, n. 1, jul. 1989, pp. 6-7.

“L’ESCLAVAGE: un tabou français enfin levé”. *Historia Thématique*, Paris, n. 80, nov./dez. 2002.

LECLAN, Jean. “Kush, o reino que durou mil anos”. *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 10-11, 1979, pp. 55-57.

LEON, Flavia de. “Idiomas em guerra nos Estados Unidos”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1997, p. 27.

LIMA, Roni. “Laranjeiras, o berço do carioca”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, caderno Cidade, 20 nov. 1990, p. 6.

LINDOSO, Dirceu. “Guerra de arraiais e mucambos”. *Jornal do País*, Rio de Janeiro, Suplemento Especial, 24 a 30 jan. 1985, p. 6.

LINO, Fábio. “O cozinheiro de JK”. *Hoje em Dia*, Brasília, 22 a 28 abr. 2001.

LISBOA, Luiz Carlos. “Um mestre”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 1986.

LONGINO, Miriam. “Hearing ourselves in country music”. *American Visions*, Washington, DC, jun./jul. 1998, pp. 24-25.

LOPES, Nei. “Onomástica palmarina”. *Carta*, Brasília, Senado Federal, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n. 13, nov. 1994, pp. 55-62.

LÓPEZ, Nayse. “Os 10 anos do Balé Folclórico da Bahia”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 9 ago. 1998, p. 11.

MARQUES, Mário. “Sotaque latino em mais de 500 discos, de Madonna até Michael Jackson: ex-pandeirista da Portela, o recordista Paulinho da Costa investe em CD solo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 26 maio 1998, p. 4.

MARTIATU, Inés María. “Un violín para Ochún”. *Cuba Internacional*, Havana, n. 312, 1998, p. 44.

MARTINS, Wilson. "Lição de democracia". *O Globo*, Rio de Janeiro, Prosa & Verso, 2 jan. 1999, p. 4.

MASON, William. "Mexicans from Africa". *Conexões* (African Diaspora Research Project – Michigan State University), East Lansing, maio 1992.

MASSAQUOI, Hans J. "The only black in England's House of Lords". *Ebony*, Chicago, maio 1997, pp. 96-100.

MÁXIMO, João. "A voz e o piano do cubano Bola de Nieve falam por toda a América Latina". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 13 ago. 1996, p. 5.

______. "Dez discos com sabor de sertão trazem de volta a arte maior de Luiz Gonzaga". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 12 maio 1998.

______. "Negros, uma caminhada de honra rumo ao pódio olímpico". *O Globo*, Rio de Janeiro, Esportes, 20 jun. 1992, p. 55.

MBABI-KATANA, Solomon. "Uma música para acompanhar a vida". *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 7, jul. 1977, pp. 26-28.

McGOWAN, Gavin. "A capoeira no mundo". *Ícaro* (Varig), São Paulo, n. 212, abr. 2002.

MELLO, Fernando Figueira de. "Os herdeiros de Zumbi". *Carta*, Brasília, Senado Federal, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n. 13, nov. 1994, pp. 73-90.

MENNESSON-RIGAUD, Odette. "Le Vaudou dans l'indépendance d'Haïti". *Présence Africaine*, Paris, n. 17-18, fev./maio 1958, pp. 43-67.

MORAN, Joseph. "The people and traditions of Cane River". *Louisiana Cultural Vistas*, Nova Orleans, vol. 9, n. 1, 1998, pp. 22-31.

MORE, Carlos. "Le peuple noir a-t-il sa place dans la Révolution Cubaine?" *Présence Africaine*, Paris, n. 52, 4º trimestre 1964, pp. 177-230.

MOTA, Paulo. "Vilarejo no Ceará rejeita união com brancos". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 5 abr. 1998, p. 9.

NASCIMENTO, Abdias. "Dia Nacional da Consciência Negra, aniversário de Zumbi". Pronunciamento feito na Câmara dos Deputados, sessão de 13 nov. 1985. *Thot*, Brasília, n. 6, set./dez. 1998, pp. 89-113.

NETO, Maria da Conceição. "Comércio, religião e política no sertão de Benguela: o Bailundo de Ekwikwi II". *Fontes & Estudos*, Luanda, Arquivo Histórico Nacional/ Ministério da Cultura, n. 1, nov. 1994, pp. 101-18.

NEVES, Erivaldo Fagundes. "Sampauleiros traficantes: comércio de escravos do alto sertão da Bahia para o Oeste cafeeiro paulista". *Afro-Ásia*, Salvador, Ceao, n. 24, 2000, pp. 97-128.

NINA, Cláudia. "A cor do preconceito: *O olho mais azul*, primeiro romance de Toni Morrison, chega agora ao Brasil". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ideias & Livros, 25 jan. 2003.

NOGUEIRA, Cláudio. "Maior crítico dos Jogos diz que o povo dominicano está fora do show". *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jul. 2003.

"NOVOS brasilianistas". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Mais!, 6 jun. 1999, p. 5.

"O CANTOR do país tropical". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 26 jun. 2000, p. 2.

"ONDE a África é mais Brasil: Benin, país para onde retornaram milhares de escravos da Bahia, guarda traços da cultura brasileira". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Domingo, n. 1.012, 24 set. 1995.

"ORIGEM dos europeus". *Correio Brasiliense*, Brasília, 28 abr. 2001.

PAIVA, Anabela. "O resgate dos quilombos". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 18 fev. 1997, p. 1.

PASSOS, José Meirelles. "Segredos de Washington". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 13 maio 1988, p. 3.

PAVLOVA, Adriana. "O príncipe negro: Bruno Rocha é o primeiro bailarino negro a protagonizar um balé clássico no Teatro Municipal". *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 abr. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Fibra de gaúcho, tchê!" *Nossa História*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, ano 1, n. 2, dez. 2003, pp. 42-47.

PORTO, Ângela (org.). *Doenças e escravidão*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2007 (CD-ROM).

PRANDI, Reginaldo. "Adarrum e empanadas: uma visita às religiões afro-brasileiras em Buenos Aires". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 21, dez. 1991, pp. 157-65.

PRELO, O. Suplemento de Cultura da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, edição especial "Presença Negra", Rio de Janeiro, nov. 1988.

PRICE, Richard. "Novas direções na história etnográfica". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 23, dez. 1992, pp. 191-200.

"PROFESSORA do Grajaú recebe das mãos do presidente da República a Ordem Nacional do Mérito Educativo". *Jornal do Grajaú*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 39, 1994, p. 3.

"QUILOMBOS no Brasil". *Revista Palmares*, Brasília, Fundação Palmares/MinC, n. 5, 2000.

RAÇA BRASIL. São Paulo, n. 1 ao n. 55, set. 1996 a mar. 2001.

RAFFAELLI, José Domingos. "A voz que botou alma na canção pop (Ray Charles)". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 24 jun. 1998, p. 1

______. "Coleção de CDs reedita última sessão de Monk". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 14 jul. 1998, p. 5.

RAMSEY, Deidra. "Blurred racial lines". *American Visions*, Washington, DC, ago./set. 1997, pp. 36-37.

RATCLIFFE, Justin. "Reggae rhythm: get up, stand up". *Speak Up: Audio Magazine*, São Paulo, n. 81, dez. 1993, pp. 18-23.

"REBELDES brasileiros – homens e mulheres que desafiaram o poder: Henrique Dias e Antônio Conselheiro". Coleções *Caros Amigos*, São Paulo, Casa Amarela, fasc. n. 2, 2000.

REIS, João José. "Nas malhas do poder escravista: a inovação do Candomblé do Accu na Bahia, 1829". *Religião e Sociedade*, vol. 13, n. 3, nov. 1986b, pp. 108-27.

RIBEIRO JR., Amaury. "Osvaldão: do sucesso em Praga à morte no Araguaia". *O Globo*, Rio de Janeiro, 1º Caderno, 29 abr. 1996, p. 11.

RICHARDS, Sandra L. "Uma perspectiva de análise para o teatro negro americano". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 16, mar. 1989, pp. 103-11.

ROCHA, Amara. "Luzes da ribalta". *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 13, out. 2006, pp. 46-51.
ROSA, Cynthia Almeida. "Navio negreiro: vai pagar quanto, Lloyd's?" *Aventuras na História*, São Paulo, n. 10, jun. 2004.
RUSSO, Mário. "Um breve e luminoso voo de guitarra". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Atualidades, 27-28 jul. 1997, p. E-3.

SACCOMANDI, Humberto. "A Olimpíada dos negros na terra de Martin Luther King". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Esporte, 4 ago. 1996, pp. 8-9.
SALAAM, Kalamu ya. "The mardi gras indians and Tootie Montana". *Louisiana Cultural Vistas*, Nova Orleans, vol. 9, n. 1, 1998, pp. 45-51.
SANCHES, Pedro Alexandre. "O filme e Geraldo Filme". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Ilustrada, 30 mar. 1998, p. 1.
SANTOS, Juana E. dos; LOPES, Nei. *Egungun, ancestralidade africana no Brasil*. Encarte do LP. Salvador, Secneb, 1982.
SARRACINO, Rodolfo. "Cuba-Brasil: os que voltaram à África". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 20, jun. 1991, pp. 85-100.
SEKLES, Flávia. "Negros iniciam campanha contra armas nos Estados Unidos". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1999.
SIDNEY 2000. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, suplemento especial da Revista da Folha, 25 jun. 2000.
SILVA, Dimas Salustiano da. "Direito insurgente do negro no Brasil". *Carta*, Brasília, Senado Federal, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n. 13, nov. 1994, pp. 147-62.
SILVA, Domingos Carvalho da. "A propósito da poesia afro-brasileira". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento, 21 maio 1988, p. 3.
SILVA, Maria Augusta M. da. "O mais amado dos santos no Rio de Janeiro". *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Uerj, ano 1, n. 2, 2º semestre, 1993, pp. 81-89.
SINATRA, Frank. "Meus amigos não têm cor". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Especial, 16 maio 1998.
SOARES, Cecília Moreira. "Resistência negra e religião: a repressão ao Candomblé de Paramerim, 1853". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 23, dez. 1992, pp. 133-42.

SOARES, Geraldo Antônio. "Escravos em fuga". *Nossa História*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, ano 1, n. 6, abr. 2004, pp. 62-65.

SOUZA, Marina de Mello e. "Um novo olhar sobre a África". *Nossa História*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, ano 1, n. 8, jun. 2004, pp. 80-83.

SOUZA, Tárik de. "Pantera esquiva e louca por grana: longe do disco, Nina Simone reaparece com suas cicatrizes de amor". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 28 jan. 1994, p. 6.

TEODORO, Maria de Lourdes. "Negritude e tigritude". Brasília, *Humanidades*, ano 5, n. 17, 1988, pp. 27-30.

THOMAS, David. "O verdadeiro Adão viveu na África". *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 dez. 2002.

THOMAS, Gerald. "Ellen Stewart é a alma do teatro americano". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Ilustrada, 16 maio 1998, p. 11.

TOQUENO, Glorinha. "Entrevista". *Orunmilá – Jornal de Cultura Negro-Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, 1996.

"TRAIÇÃO e chacina antes do cessar fogo nos pampas". *Nossa História*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, ano 1, n. 6, abr. 2004, p. 7.

"TROPEÇO no passado: líder republicano no Senado faz elogios à discriminação racial nos Estados Unidos". *Veja*, São Paulo, n. 1.783, 25 dez. 2002, pp. 54-56.

TURNER, J. Michael. "Cultura afro-brasileira na costa ocidental da África: um perfil". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 1, jan./abr. 1978, pp. 19-25.

______. "Identidade étnica na África ocidental: o caso especial dos afro-brasileiros no Benin, na Nigéria, no Togo e em Gana nos séculos XIX e XX". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 28, out. 1995, pp. 85-99.

VALENÇA, Suetônio Soares. *Do terreiro à passarela, três glórias do samba*. Coleção História da Música Popular Brasileira – Grandes Compositores: Bide, Marçal e Paulo da Portela. São Paulo, Abril Cultural, 1982 (disco).

VALLE, Álvaro. "Parecer do relator ao Projeto de Lei n. 10 B/95 ('Ano Zumbi dos Palmares')". Brasília, Câmara dos Deputados, Comissão de Educação, Cultura e Desporto, 24 abr. 1995.

VELASCO E CRUZ, Maria Cecília. "Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905-1930". *Afro-Ásia*, Salvador, Ceao, n. 24, 2000, pp. 243-90.

VELOSO, Mariza. "O poder da cultura na integração sul-americana", *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, n. 15, out. 2008.

VIDAL, Gore. "O motim do Amistad". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Mais!, 15 fev. 1998, pp. 3-4.

VIEIRA, Márcia. Coluna Beira-Mar, *Veja Rio*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 20, 17 maio 1995, pp. 18-21.

VULTOS NEGROS DO RIO GRANDE DO SUL. Org. Vera Regina Santos Triumpho. Porto Alegre, Secretaria de Estado de Educação, 1988 (calendário).

WRIGHT, Winthrop R. "Imagens negras num mundo branco: aspectos sociopolíticos do racismo na Venezuela". *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA, n. 28, out. 1995, pp. 155-69.

XIMENES, João. "Melhor papel do cinema nacional foi da bilheteira". *O Globo*, Rio de Janeiro, Ela, 27 jul. 1996, p. 3.

YÁBOR. "Café con leche: el candombe, hijo de dos continentes". *Música y Letra*, Buenos Aires, Sadaic, ano 1, n. 5, 1989, pp. 36-38 (com a colaboração de Silvia Canziani).

ZUMBI está vivo e continua lutando. Programa do espetáculo encenado em Salvador, Bahia. Governo do Estado/ Secretaria da Cultura e Turismo/ Fundação Cultural do Estado da Bahia, nov. 1995.

Internet

COSTA, José Luiz Pereira da. "Universidades negras", www.dacostaex.com/universidade.htm. Acesso em 16 abr. 2010.

XAVIER, Lúcio. "Rodolpho Xavier: negro, flâneur e memorialista", http://www.overmundo.com.br/overblog/rodolpho-xavier-negro-flaneur-e-memorialista, 24 jan. 2008. Acesso em 7 maio 2010.

Créditos das imagens

P. 23: Alexandre Campbell; p. 54: Biblioteca Nacional; p. 58: Wikimedia Commons; p. 64: Alexandre Campbell; p. 80: Arquivo Nacional; p. 91: Alexandre Campbell; p. 93: Alexandre Campbell; p. 103: Arquivo Nacional; p. 106a: Arquivo Nacional; p. 106b: Lula Marques/Folha Imagem; p. 117: Biblioteca Nacional; p. 120: Alexandre Campbell; p. 133: Wikimedia Commons; p. 138: Arquivo Nacional; p. 148: Patrícia Stavis/Folha Imagem; p. 151: Alexandre Campbell; p. 166: Arquivo Nacional; p. 174: Arquivo Nacional; p. 178: Arquivo Nacional; p. 188: Biblioteca Nacional; p. 193: Rafael Rupsel/Folha Imagem; p. 216: Arquivo ABL; p. 224: Biblioteca Nacional; p. 239: Alexandre Campbell; p. 251: Wikimedia Commons; p. 252: Arquivo Nacional; p. 279: Alexandre Campbell; p. 284: Alexandre Campbell; p. 286: Juan Esteves; p. 291: Alexandre Campbell; p. 295: Alexandre Campbell; p. 298: Arquivo ABL; p. 305: Arquivo Nacional; p. 311: Funarte; p. 368: Arquivo Nacional; p. 371: Arquivo Nacional; p. 372: Arquivo Nacional; p. 380: Casa de Cultura Dalcídio Jurandir; p. 390: Alexandre Campbell; p. 399: Biblioteca Nacional; p. 401: Alexandre Campbell; p. 407: Alexandre Campbell; p. 409: Alexandre Campbell; p. 415: Biblioteca Nacional; p. 441: Arquivo Nacional; p. 446: Biblioteca Nacional; p. 450: Funarte; p. 463: Arquivo Nacional; p. 464: Biblioteca Nacional; p. 469: Arquivo Nacional; p. 478: Alexandre Campbell; p. 483a: Arquivo Nacional; p. 483b: Bia Parreiras; p. 492: Jefferson Rudy/Folha Imagem; p. 509: Fábio Rossi; p. 511: Diego

Lorenzo; p. 525: Alexandre Campbell; p. 527: arquivo pessoal; p. 534: Biblioteca Nacional; p. 536: Biblioteca Nacional; p. 537: Biblioteca Nacional; p. 548: Arquivo Nacional; p. 554: Arquivo Nacional; p. 555: Arquivo Nacional; p. 562: Sergio Fonseca; p. 580: Biblioteca Nacional; p. 593: Arquivo ABL; p. 595: Alexandre Campbell; p. 608: Agência Gingafotos; p. 612: OAB-BA/Angelino de Jesus; p. 614: Biblioteca Nacional; p. 618: Biblioteca Nacional; p. 622: Arquivo Nacional; p. 627: Arquivo Nacional; p. 628: Daniel Mordzinski; p. 640: Alexandre Campbell; p. 643: Alexandre Campbell; p. 650: arquivo pessoal; p. 653: Biblioteca Nacional; p. 678: Biblioteca Nacional; p. 701: Biblioteca Nacional; p. 723: Arquivo Nacional.